

Almeida Revista e Atualizada

BÍBLIA SHEDD




VIDA NOVA

INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SÔBRE A BÍBLIA SHEDD

Apesar de o manuseio da *Bíblia Shedd* ser extremamente descomplicado, julgamos importante esclarecer alguns de seus aspectos:

Referências Paralelas

São as referências aos versículos que aparecem entre as duas colunas do texto bíblico. Elas vêm sempre em tipo itálico, em ordem alfabética (incluindo K, W e Y; por exemplo, p. 1384, v. 1, nota *a* depois da palavra Deus), e estão sempre vinculadas aos versículos da página onde aparecem. Sempre que não houve espaço suficiente para colocá-las na coluna central, elas tiveram seqüência na parte inferior da segunda coluna do texto bíblico. Essas referências apontam para outras passagens bíblicas correlatas. Milhares de referências paralelas foram acrescentadas por Edições Vida Nova e não se encontram originariamente no texto bíblico adotado.

Notas dos Revisores da ARA

Os membros da Comissão de Tradução, Revisão e Consulta (CTRC) da Sociedade Bíblica do Brasil produziram várias notas explicativas que enriquecem a interpretação das passagens em que aparecem. Tais notas encontram-se sempre no rodapé da segunda coluna do texto bíblico, alfabeticamente ordenadas e em tipo negrito (por exemplo, p. 1414, v. 36, nota **b** depois da palavra *Aba*).

Nótulas Homiléticas

Como o próprio nome já diz, são recursos que poderão ser utilizados na preparação ou no enriquecimento de sermões. Aparecem sempre nas notas de estudo (em quase todas as páginas), em tipo negrito e assim abreviadas: • **N. Hom.** (por exemplo, p. 1413, nota de estudo de 14.7).

Abreviaturas

As reduções abaixo são as mais utilizadas:

a.C.	antes de Cristo
a.v.	na palavra
ARA	Almeida Revista e Atualizada
ARC	Almeida Revista e Corrigida
AT	Antigo Testamento
c	cerca de
cap.	Capítulo
cf.	compare, conforme
cm	centímetro
d.C.	depois de Cristo
e.g.	por exemplo
g	grama
gr	grego
h	hora
heb	hebraico
i.e.	isto é
kg	quilograma
km	quilômetro
lat	latim
lit.	literalmente
LXX	Septuaginta (versão grega do AT)
m	metro

MB *Manual Bíblico* de Halley
ms manuscrito
n nota
N. Hom. Nótula Homilética
NCB *O Novo Comentário da Bíblia*
NDB *O Novo Dicionário da Bíblia*
NT Novo Testamento
p. página
s seguinte
ss seguintes
TM Texto Massorético
v. versículo
vd vide
vv. versículos

O Primeiro Livro de Moisés Chamado **Gênesis**

Análise

Gênesis pode ser descrito com exatidão como o livro dos inícios. Pode ser dividido em duas porções principais. A primeira parte diz respeito à história da humanidade primitiva (caps. 1 - 11). A segunda parte trata da história do povo específico que Deus escolheu como o Seu próprio (caps. 12 - 50), para Si.

O autor apresenta o material de forma extremamente simples. Oferece dez "histórias", que podem ser prontamente percebidas segundo o esboço do livro. Algumas dessas "histórias" são breves e muito condensadas, mas, não obstante, ajudam a completar o conteúdo. É bem possível que o autor do livro tenha empregado fontes informativas, orais e escritas, pois seus relatos remontam à história mais primitiva da raça humana. Embora muito se tenha escrito sobre o assunto das possíveis fontes literárias (J, E, D e P) do livro de Gênesis, há muitas objeções válidas que nos impedem de aceitar os resultados da análise destas "fontes".

O livro de Gênesis salienta, por todas as suas páginas, a desmerecida graça de Deus. Por ocasião da criação do mundo, a graça se exhibe na maravilhosa provisão preparada por Deus para as Suas criaturas. Na criação do homem, a graça de Deus se manifesta no fato que ao homem foi concedida até mesmo a semelhança com Deus. A graça de Deus se evidencia até mesmo no dilúvio. Abraão foi escolhido, não por merecimento, mas antes, devido ao fato de Deus ser cheio de graça. Em todos os seus contatos com os patriarcas, Deus exhibe grande misericórdia: sempre recebem muito mais favor do que qualquer deles poderia ter merecido.

Há outro importante característico do livro de Gênesis que não se pode esquecer, a saber, o modo eminentemente satisfatório pelo qual, responde nossas perguntas sobre as origens. O homem sempre haverá de querer saber como o mundo veio à existência. Além disso, sente bem dolorosamente o fato que- alguma grande desordem caiu sobre o mundo, e gostaria de saber qual a sua natureza; em suma, preocupa-se em saber como o pecado e todas as suas tremendas conseqüências sobrevieram. E, finalmente, o homem precisa saber se existe alguma esperança básica e certa de redenção para este mundo e seus habitantes, de que consiste essa esperança, e como veio a ser posse do homem.

Autor

Ninguém pode afirmar com absoluta certeza que sabe quem escreveu o livro de Gênesis. Visto que Gênesis é o alicerce necessário para os escritos de Êxodo a Deuteronomio, e

visto que a evidência disponível indica que Moisés escreveu esses quatro livros, é provável que Moisés tenha sido o autor do próprio livro de Gênesis. A evidência apresentada pelo Novo Testamento contribui para essa posição (cf. especialmente Jo 5.46, 47; Lc 16.31; 24.44). Na tradição da Igreja, o livro de Gênesis tem sido comumente designado como Primeiro Livro de Moisés. Nenhuma evidência em contrário tem sido capaz de invalidar essa tradição.

Esboço

INTRODUÇÃO: O Relato da Criação, 1.1-2.3
PRIMEIRA HISTÓRIA: O Céu e a Terra, 2.4-4.26
Esclarecimento Suplementar, 2.4-25
A Grande Crise na Relação entre o Céu e a Terra, 3.1-24
Primeiros acontecimento, 4.1-26
SEGUNDA HISTÓRIA: Adão, 5.1-6.8
TERCEIRA HISTÓRIA: Noé, 6.9-9.29
O Dilúvio, 7.1-8.22
Ordenanças Básicas que Governavam o Mundo Pós-diluviano, 9.1-17
O Futuro das Raças da Humanidade, 9.18-29
QUARTA HISTÓRIA: Os Filhos de Noé, 10.1-11.9
Tabela das Nações, 10.1-32
A Confusão das Línguas, 11.1-9
QUINTA HISTÓRIA: Os Descendentes de Sem, 11.10-26
SEXTA HISTÓRIA: Abraão, 11.27-25.11
A Chamada de Abrão e a Partida de Harã, 12.1-9
Viagem ao Egito durante o Período da Fome, 12.10-21
Separação de Ló, 13.1-18
A Vitória de Abrão sobre os Reis, 14.1-24
O pacto de Deus com Abrão, 15.1-21
O Nascimento de Ismael, 16.1-16
Um Pacto Selado por Nomes Novos e pela Circuncisão, 17.1-27
O Aparecimento de Senhor em Manre, 18.1-33
A Impiedade de Sodoma, sua Queda, Degeneração de Ló, 19.1-38
Abraão e Sara na Corte de Gerar, 20.1-18
O Nascimento de Isaque, e Expulsão de Ismael, 21.1-21
O Pacto com Abimeleque, 21.1-21
O Sacrifício de Isaque, e o Sepultamento de Sara, 22.1-23-20
O Casamento de Isaque, 24.1-67
O Segundo Casamento e a Morte de Abraão, 25.1-11
SÉTIMA HISTÓRIA: Ismael, 25.12-28
OITAVA HISTÓRIA: Isaque, 25.19-35.29
Nascimento e História dos Dois Irmãos, 25.19-34
Cenas da Vida de Isaque, 26.1-35
Isaque Abençoa a Jacó, a Partida e Visão de Jacó, 27.1-28.22
O Duplo Casamento e a Família de Jacó, 29.1-30.43
Jacó Foge de Labão, 31.1-55
Jacó e Esaú, 32.1-33.20
A Preparação para o Encontro com Esaú, 32.1-22
A Reconciliação dos Irmãos, 33.1-20
A Vingança contra a Sedução de Diná, 34.1-31
Últimos Acontecimentos da Vida de Isaque, 35.1-29
NONA HISTÓRIA: Esaú, 36.1-43

DÉCIMA HISTÓRIA: Jacó, 37.1-50-26

José e seus Irmãos, 37.2-36

Judá e Tamar, 38.1-30

Aprisionamento e Libertação de José, 39.1-40.23

Os Sonhos Interpretados, 41.1-57

José e seus Irmãos no Egito, 42.1-45.28

Israel se Estabelece no Egito, 46.1-47.26

A Preparação de Jacó para seu Fim, 47.27-49.32

Morte de Jacó e José, 49.33-50.26

1.1 O título hebraico do livro provém de suas primeiras palavras (*bereshith* - "no princípio"). Por todo o livro, nota-se que o propósito é tratar de "princípios". Nenhuma razão existe para que se estabeleça uma data para a criação do mundo ou do universo com base neste versículo. Muitos cristãos genuínos aceitam a estimativa de uma idade extremamente antiga para o universo. Bem pode ser que milhões de anos tivessem transcorrido entre os vv. 1 e 2. Cf. Hb 11.3 (gr *oiōnas*: eras), 2 Pe 3.8.

1.2 Alguns estudiosos da Bíblia admitem que a palavra "era" deveria ser traduzida "tornou-se", indicando a hipótese de que a criação original teria sido destruída por ocasião da queda de Satanás no pecado. Significaria então, que a criação descrita nos versos seguintes, tem referência à presente criação e não a uma criação anterior, da qual é possível identificarmos as evidências nos fósseis e na história geológica. É significativo que a criação seja resultado da atividade criadora de um Deus Pessoal, e não de forças cegas e destituídas de inteligência, como é o caso nas cosmogonias antigas e na teoria da Evolução, todas estranhas à Bíblia. Não obstante o fato de ser este capítulo incompleto, do ponto de vista científico, não se pode demonstrar que seja inexato cientificamente. Religiosamente, este capítulo é exato e completo.

1.5 A palavra "dia" tanto poderá significar o período de 24 horas como também (assim alguns o admitem) toda uma era geológica de extensão indefinida (cf. 2.4 onde o termo "dia" tem referência a todos os seis períodos da criação). Cf. Sl 90.4.

1.11 *Segundo a sua espécie* (ver também os vv. 12, 21, 24, 25) parece limitar a reprodução tanto de plantas como de animais e também do homem a grupos gerais ou espécies. A admissão de que as formas mais elevadas de vida se tenham evoluído das inferiores, não se harmoniza com este ensino.

1.14 *Sejam eles para sinais*. Isto é, marcarão o ano para o serviço de Deus (Lv 23.4) e o bem do homem. Falarão de Deus, e não de azar (Jr 10.2). E negada aqui toda a astrologia, antiga e moderna, sendo que os luzeiros governam somente como fornecedores de luz, não com poderes sobre a vida humana.

1.21,22 *Criou... multiplicai-vos*, O poder de Deus demonstrado na criação de toda criatura do nada (*ex nihilo*), continua em forma derivada na procriação autônoma das suas criaturas. A fertilidade não é divina, como muitas religiões dos tempos do AT entenderam, mas é uma graciosa extensão do poder de Deus a suas criaturas.

1.27 *A imagem de Deus* significa ser dotado das faculdades de raciocinar, de expressar emoções e de agir voluntariamente. Particularmente, indica a capacidade que o homem tem de manter íntima comunhão com seu Criador. Duas palavras são usadas no original hebraico para expressar a atividade criativa de Deus neste capítulo: *bara* "criar do nada", vv. 1, 21, 27 (o universo, a vida e a alma) e *asah*, usualmente traduzido por "fazer". Parece haver alguma significação especial no emprego de "criar" com referência à criação do mundo e ao homem dotado de natureza espiritual (cf. NCB, p 83).

2.1 No capítulo 2, o pensamento relativo à criação não é mais o que domina. No capítulo 1, o homem aparece como sendo a finalidade e a coroa da criação; no capítulo 2, ele aparece como dando início à história.

2.2 O descanso de Deus, no sétimo dia, compreende a cessação do trabalho criador e a satisfação em face do que tinha sido realizado. Trata-se de um dia separado (consagrado) para um propósito especial, incluindo o repouso físico e o reconhecimento da bondade divina mediante o culto (cf. Êx 20.7 *N. Hom.*).

2.4 A palavra traduzida como "gênese" é *toledoth* no hebraico, que pode referir-se às fontes históricas de que Moisés dispunha, ou pode ser tão somente a indicação de certa descontinuidade relativamente ao que ficara dito antes, ao introduzir-se novo assunto (cf. outras ocorrências da mesma palavra em 5.1; 6.9; 10.1; 11.10; 11.27; 25.12, 19; 36.1, 9; 37.2. Cf. NCB p. 81).

2.11 A terra de Havilá banhada pelo *Pisom* estava na vizinhança do Éden. Outra Havilá é mencionada (25.18) como região de Israel; também 1 Sm 15.7, se refere a uma Havilá, região habitada por amalequitas e descendentes de Esaú, que ficava no deserto da Arábia.

2.19 As palavras "homem" e "Adão" tem o mesmo sentido em hebraico.

2.20-25 "Adão e Cristo". Ef 5.22-23, ensina que a Igreja (incluindo todos os crentes) está para Cristo assim como Eva estava para Adão: 1) Cristo, em certo sentido, necessita e busca nossa companhia como "ajudador", ou algo que o completa; 2) somos espiritualmente segregados de Cristo a fim de novamente com ele nos identificarmos em um corpo; 3) ninguém poderá tornar-se como "carne da mesma carne" com Cristo, se não se dispuser a abandonar a velha habitação que é o mundo (cf. 1 Jo 2.15).

2.25 O capítulo 2 revela o propósito de Deus para com a humanidade e, conseqüentemente, para com cada indivíduo: 1) Afinidade do homem com Deus (v. 7); 2) Culto que o homem tributa a Deus (v. 3); 3) Comunhão do homem com Deus (v. 16); 4) Cooperação do homem com Deus (v. 18); 5) Lealdade de homem para com Deus (v. 19); 6) Vida social do homem como algo proveniente de Deus, e que visa a Deus (v. 24).

• **N. Hom. 3.1** Nem Deus nem o homem é autor do pecado, pois este é algo que vem de fora, mediante a serpente (Satanás, cf. 2 Co 11.14; Ap 12.9 e 20.2). Observe-se que a tentação está associada à dúvida relativa à Palavra de Deus, "Deus disse". São estes os estágios da tentação: 1) A curiosidade e a desconfiança despertadas em Eva (v. 1), 2) Insinuação de tríplice dúvida com referência a Deus: sua *bondade* no tocante à restrição; sua *retidão* relativamente à afirmação de que morreriam (v. 4); e, por fim, sua *santidade* quando Satanás assevera que, ao contrário de morrerem, "como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (v. 5) - esta tríplice dúvida conduz à 3) Incredulidade, que por seu turno se desfecha na 4) Desobediência (v. 6).

3.10 A consciência despertada com relação ao pecado e, em conseqüência, a vergonha, leva ao temor e à tentativa de esconder-se, mostrando claramente a natureza decaída da humanidade, desde então, até a presente.

3.12,13 Sintomático do estado impenitente reinante nos corações de Adão e Eva é a maneira como procuram lançar a culpa um sobre o outro.

3.15 Aqui está que se denomina de Proto-evangelho, isto é, a primeira referência feita ao necessário Redentor, capaz de efetuar a purificação pelo pecado, bem como pagar a horrenda pena que este acarreta. Observe-se que o termo "descendente" encontra-se no singular, portanto, uma referência clara feita a certa pessoa (Cristo) descendente de Eva, e não a toda a raça humana (cf. Gl 3.16).

3.20 Eva quer dizer vida. A linguagem primitiva não era a hebraica mas, à medida que os pensamentos se transmitem de uma para outra língua, os nomes vão se ajustando para manterem a significação original.

3.21 A tentativa feita pelo homem de cobrir-se com folhas (7), era tão inadequada como o desejo de desculpar-se pelo pecado. A provisão de Deus, fazendo-lhes vestimentas de peles é o primeiro vestígio da exigência divina de uma vítima sacrificial que ofereça uma cobertura (propiciação: heb *capfar*) capaz de promover a reconciliação.

3.22 Foi devido à misericórdia de Deus que não se permitiu ao homem comer da "árvore da vida", de modo a perpetuar e agravar ainda mais a sua condição pecaminosa.

3.23 A separação é o resultado inevitável do pecado (cf. Is 59.2). O pecado e o paraíso (significando o lugar onde Deus pode ser encontrado para com Ele manter-se Comunhão) são realidades incompatíveis.

3.24 *Querubins*, uma categoria de anjos; têm a tarefa de zelar pela santidade de Deus. Por isso Deus mandou que, no Santo dos Santos, Moisés colocasse dois querubins de ouro, simbolizando o local da presença *sagrada* e gloriosa de Deus no tabernáculo (Êx 37.7-10).

4.1 A última frase poderia ser traduzida assim: "Obtive (heb *conah*; daí, Caim) um homem, ó Jeová". O que sugere o fato de que Eva poderia ter admitido que o primogênito haveria de ser dominador sobre a serpente.

4.4,5 O prazer de Deus em "Abel e sua oferta" e o desprazer em face da oferta de Caim, parecem encontrar explicação nos respectivos caracteres dos ofertantes (1 Jo 3.12; Hb 11.4), e, possivelmente, nos tipos de oferta (*de sangue* de animal limpo por um lado, e de produtos da terra, pelo outro lado, Hb 9.22). • **N. Hom.** Deparamos na vida de Caim: 1) O pensamento humano em oposição à revelação divina; 2) A vontade humana em oposição à vontade divina; 3) O orgulho humano em oposição à humildade que Deus requer, 4) O ódio humano em oposição ao amor divino; 5) A hostilidade humana em oposição à comunhão divina (cf. v. 16).

4.7 *Aceito* (lit. "um levantamento") que indicaria um sorriso em contraste com uma "queda" do rosto (cf. v. 6, "descaiu o teu semblante"; note Nm 6.26). Significa ou que seu semblante revela sua atitude, ou talvez revele uma promessa da parte de Deus oferecendo perdão se Caim mudar seu coração (cf. 40.13). *Jaz à porta*. É a figura de uma fera ao ser domada, ou domesticada. O pecado, desejoso de atacar sua vítima (o homem), é que deve ser conquistado (cf. Rm 7.18-25, mostrando a única maneira pela qual o pecado pode ser conquistado).

4.8 *Vamos ao campo*. Indica que o assassinio foi premeditado.

4.10 *A voz do sangue... clama*. É uma expressão figurada, demonstrando tremenda culpabilidade do criminoso (cf. Ap 6.9, 10).

4.13,14 O protesto de Caim assemelhava-se mais ao rico no inferno (Lc 16.24, 27, 28) do que ao ladrão arrependido que admitiu a justiça do seu castigo (Lc 23.41).

4.16 *Retirou-se Caim da presença do Senhor*. Foi nessa presença que o pecado foi cometido. Desprezou o convite ao arrependimento e perdão. Depois disso, Caim se empenha em criar uma civilização (17-24) independente de Deus, auto-suficiente, aquilo que no NT é chamado "o mundo" (1 Jo 2.15).

4.25 A seção anterior (vv. 16-24) apresenta a linha de Caim: os vv. 5.25-32 apresentam a descendência de Sete (lit. "apontado", ou "substituto"). No capítulo 6.1-8 descreve-se a junção das duas linhas genealógicas, até a história culminar no dilúvio, por um lado, e na preservação de Noé e sua família, pelo outro. Eva associou o nascimento de Caim com o concerto estabelecido pelo Deus da Graça (Jeová), enquanto, com o nascimento de Sete, ela associou o Deus da criação e do poder (Eloim).

4.26 Não quer isto dizer que só então se começasse a prestar culto: possivelmente a referência seja à introdução do culto público ou, como supõem alguns, à ocorrência de um despertamento no sentido da religião verdadeira.

• **N. Hom. 5.22** O relato singelo a respeito da vida e da morte daqueles que pertenciam à linha de Sete é interceptada três vezes por: 1) Enos (4.26), que prestou culto; 2) Enoque (5.22), que teve comunhão com Deus; 3) Noé (5.29), que servia a Deus.,

5.24 Apenas dois homens são descritos nas escrituras nestes termos ("andou com Deus"): Enoque e Noé (cf. 6.9). Esta frase sugere comunhão em vários aspectos, nos quais a Bíblia insiste muito: "Anda na minha presença" (Gn 17.1) implicando em sinceridade; "Andareis após o Senhor vosso Deus" (Dt 1 3.4), o que implica em

obediência: andai nele" (Cl 2.6), o que implica em união com ele; andar com Deus atribui uma grande importância à comunhão, *Já não era* significa que Enoque, como Elias mais tarde, (2 Rs 2.11) foi transformado de modo a desfrutar a existência celestial sem passar pela morte (ver Hb 11.5).

5.32 A cronologia que computa as épocas, tomando nomes de pessoas e o cumprimento de suas vidas como base, traria o dilúvio 1656 anos depois da criação de Adão à imagem de Deus. Há piedosos estudiosos da Bíblia que crêem que devemos computar as épocas tomando por base as famílias, consoante alcancem ou percam a preeminência, como acontece nos casos de dinastias. Assim sendo, a família de Sete teria tido origem quando Adão contava 130 anos de idade e alcançara a hegemonia quando a tribo de Adão já tinha governado por 930 anos. Tal método de contagem colocaria o nascimento de Noé no ano de 7625 e o Dilúvio no de 8225 depois da criação de Adão. Como 'Israel' refere a um homem, e a uma nação, da mesma forma, os antediluvianos poderiam ser primeiramente pessoas e, mais tarde, famílias (cf. Moabe, Amom, Amaleque).

6.4 Embora alguns pensem que "filhos de Deus" seja uma referência a anjos decaídos, não há nenhuma evidência nas escrituras de que eles pudessem, de fato, apropriar-se de corpo e de alma (mas cf. 1 Pe 3.19,20, 2 Pe 2.4-6, Jd 6). Caso o fizessem, provavelmente não seriam mais "filhos de Deus". É mais provável que esta seja uma referência à linha de Sete que, até então, se caracterizava por: 1) Devoção para com Deus (4.25); 2) Consagração a Deus (4.26); 3) Comunhão com Deus (5.22); 4) Testemunho de Deus (Hb 11.5); 5) Serviço a Deus (5.29); 6) Graça recebida de Deus (6.8).

6.7 Referente a Deus, o arrepende-se tem de ser uma linguagem antropomórfica; não obstante o termo descreva certa mudança real nas expressões exteriores da atitude divina, não pode significar nenhuma mudança a operar-se na mente, nem nos propósitos (para maiores esclarecimentos, ver NCB, p 90).

• **N. Hom. 6.8** Noé ilustra quais são os elementos essenciais na vida do verdadeiro crente: 1) Sua posição (v. 8), salvo, sem o merecer, pelo favor de Deus; 2) Sua atitude (v. 9), ele era homem justo; 3) Seu caráter (v. 9), era perfeito (significando retidão genuína); 4) Seu testemunho (v. 9) "em sua geração", ou entre os contemporâneos. Era um pregador da justiça (2 Pe 2.,5); 5) Sua comunhão com Deus (v. 9), "andou com Deus"; 6) Sua conduta (v. 22), sempre em consonância com a vontade revelada de Deus.

6.11 *Corrompida* é uma referência à natureza essencial do pecado. É o torcimento, o abuso, a negação e a aplicação ilegítima do bem. Tal fato leva, inevitavelmente, ao caos e à violência,

6.13 *Carne* neste contexto se refere à sede da vida física (cf. v. 17). No v. 3, "carnal" refere-se à maldade do homem sob o domínio do pecado, sendo o mesmo termo empregado por Paulo em Rm 7.7 e 8.14.

6.14 A estrutura do que ficou a flutuar por ocasião do dilúvio é adequadamente chamada de "Arca", já que não se tratava de nenhuma embarcação capaz de singrar nas águas. Provavelmente, foi construída em forma quadrada, capaz só de flutuar.

7.1 Há evidência muito forte, fora do livro de Gênesis, com respeito à destruição da raça humana, cuja única exceção foi uma família. Inúmeras tribos selvagens, espalhadas por todo o mundo, conservam a tradição de um dilúvio. Existem possíveis registros arqueológicos, como outras tantas evidências diretas de um dilúvio (ver MB, p 75 e NCB, p 91).

7.8 *Limpos e imundos*, são animais que, posteriormente, foram cuidadosamente distinguidos na lei e no ritual mosaico.

7.17 Fazendo-se a soma dos períodos nos quais se fala das águas subindo e descendo até que a superfície da terra se secou (8.14), encontramos que o dilúvio durou por 371 dias (cf. NCB, p 92).

7.19 A descrição das águas a cobrirem as altas montanhas parece implicar em que o dilúvio teria sido universal, abrangendo toda a terra. Alguns piedosos eruditos admitem

que o relato bíblico não sugere mais do que o suficiente para que se verificasse a destruição da parte habitada da terra (possivelmente, não mais do que a Mesopotâmia e regiões circunjacentes, cf. NCB, p 91). De qualquer forma, o fato não pode ser explicado senão como um milagre.

8.1 Lembrou-se Deus de Noé... Eis como culmina o relato da preservação divina deste homem de fé. A única coisa que Deus esquece, com referência a seus filhos, são os pecados (cf. Is 43.25 com Is 49.15). Quando a Bíblia diz que Deus "lembrou-se", junta as duas idéias, de amor fiel e de intervenção oportuna (cf. Jr 2.2; 31.20 com Gn 19.29; Êx 2.24; Lc 1.54, 55).

8.4 Ararate. O monte Ararate mesmo tem c. de 5.300 metros de altura. O texto não requer mais do que *montanhas*, terra montanhosa ao norte da Mesopotâmia, sem indicação, de quantos metros sobre o nível do mar repousou.

8.7 O corvo prefere estar só; a pomba, dotada de natureza mais gregária, prefere a proteção, e a companhia. • **N. Hom.** Nosso Senhor ensina, em Mt 24.37-42, que a história há de repetir-se com um reaparecimento dos "dias de Noé", antes da vinda do Filho do Homem. De que maneira? 1) *Dias de pecado*: a) abandono dos caminhos de Deus; b) pregação da palavra de Deus (Mt 24.14; Mc 13.10); c) desinteresse quanto à vontade de Deus e desprezo para com sua mensagem; d) rejeição ao meio de escape oferecido por Deus, a menos que o pecador creia na palavra de Deus e busque refúgio na arca (cf. 1 Pe 3.20-22). Será inútil a pretensão do esforço próprio, tentando galgar as mais elevadas montanhas; 2) *Dias de Graça e de Salvação*: a) a graça de Deus estava operando em meio a todos os males, era possível ao homem seguir nos caminhos do Senhor; b) o amor de Deus estava provendo o meio para o escape; c) o poder de Deus mantinha-se na posição de soberania sobre sua criação.

8.20 Levantou Noé um altar. O gozo tão profundo na libertação, depois de passar tanto tempo na arca, deve ter sido igual ao prazer descrito por Malaquias 4.2. No entanto, o primeiro pensamento de Noé é de agradecer a Deus sua preservação.

8.21 Não tornarei a amaldiçoar. Não devemos entender que esta promessa é decorrente da continuidade dos maus desígnios no íntimo do homem, mas porque Deus *aspirou o suave cheiro* do holocausto. A resolução divina de não renovar o julgamento, se baseia no sacrifício aceito (cf. 1 Sm 26.19; Cl 1.20; Ef 5.2), não na incorrigibilidade do homem que causara o dilúvio (6.13).

9.1 Começa neste ponto a aliança feita com Noé, incluindo os princípios necessários à continuação da vida sobre a terra: 1) Provisão concernente ao domínio da natureza (2); 2) Provisão dos meios que se sustente a vida sobre a terra (3); 3) Provisão implícita de um sistema de governo humano (6).

9.4 Esta proibição é mencionada na carta redigida para as igrejas novas, por ocasião do Concílio de Jerusalém (At 15.20, 28).

9.7 Povoai a terra é a repetição do mesmo mandamento dado a Adão. O homem tem de aprender através do repovoamento da terra que, embora, o dilúvio tenha destruído os homens maus, não lhe é dado reconquistar a perfeição da impecabilidade. Descendentes de um homem decaído, ainda que se trate de um justo como Noé o era (9.21), são portadores do pecado original. Isto mostra que Noé não era perfeito, embora tivesse andado com Deus. Deste modo, a Bíblia não somente revela ser digna de toda confiança quando ressalta os merecimentos dos heróis, mas também quando relata a pecabilidade deles, persuadindo-nos, portanto, de que Cristo, o único verdadeiramente justo, permanece como fonte exclusiva de salvação para o homem (Hb 4.15, 16).

9.11 Note-se que Deus prometeu não destruir mais, por outro dilúvio, toda a terra habitada. Deus tem cumprido a promessa. Isto ilustra um tipo de aliança que ele estabelece com a humanidade, sem que as faltas cometidas pelos homens venham a alterar as respectivas condições. Tenha-se em mente o caráter definitivo da promessa de

Deus no v. 9, "Eis que Eu" e no v. 11, "Eu estabeleço" e no v. 12, "Eu faço", mais ainda, no v. 17, "Tenho estabelecido".

9.12 Temos aqui o primeiro entre muitos sinais ou símbolos de alianças registrados na Bíblia. O arco-íris é um sinal visível da eterna promessa de Deus, tal como o pão e o vinho o são da ceia do senhor, e a água o é do batismo.

9.21 *Embriagou-se*. Eis aqui a primeira referência feita a respeito desse horrendo pecado, nas escrituras. Encontram-se por toda a Bíblia exortações e denúncias contra a embriaguez, incluindo-se até mesmo no catálogo dos mais abomináveis males que Paulo confeccionou (ver Pv 23.20; Is 5.11, 22; 28:1-7; Lc 21.34; Rm 13.13; 1 Co 5.11 e 6.10; Gl 5.21; e Ef 5.18).

9.26 Melhor tradução, "Bendito pelo Senhor meu Deus seja Sem". Começando por Abraão e chegando-se até Cristo Jesus, a salvação foi trazida à terra mediante os semitas.

• **N. Hom. 9.18-27** O pecado de Noé proporciona aos cristãos a seguinte admoestação: 1) Não estará jamais imune ao pecado e às tentações; 2) Pequenos deslizes cometidos durante o curso normal da existência poderão acarretar perigos graves; 3) O crente poderá dar ocasião a que outros cometam pecados, mesmo dentre os familiares; 4) Cumpra que o crente esteja consciente da imparcialidade com que Deus pune o pecado.

10.4 *Javã* partiu em direção ao ocidente, para a Europa (Is 66.19) incluindo-se entre eles os jônios ou gregos *Quitim* é Chipre e *Dodanim* é a ilha de Rodas.

10.6 *Mizraim* tem referência ao Egito e *Cuxe* é o velho nome da Etiópia.

10.20 As listas relativas aos descendentes de Jafé e de Cão denotam a importância da fraternidade natural do ser humano (cf. At 7.26). Antes de deixar à parte, por assim dizer, as demais nações, para tratar especialmente de Israel, o povo escolhido, Deus nos deslumbra com uma visão amorável com relação aos povos da terra inteira. Trata-se de uma separação temporária visando à Grande Comissão (Mt 28.18-20) que, finalmente, reafirma o extremo interesse divino pela salvação do mundo todo. Israel, jamais deverá esquecer-se de que o lugar privilegiado que desfruta tem por base tão somente a graça de Deus.

10.22 Arfaxade e Héber são referidos especialmente pelo fato de que através deles proveio Abraão. Alguns estudiosos admitem que a palavra "Hebreu" deriva de Héber. • **N. Hom.** A Unidade dos Homens, cap. 10:1) Todas as nações têm um só sangue (uma das mais cabais provas da inspiração das escrituras encontra-se no fato de que nenhuma outra literatura jamais ensinara a respeito da fraternidade natural dos homens, pelo contrário, todas as nações sempre se opuseram a este ensino); 2) Todas as nações apresentam-se dotadas de uma necessidade suprema (cf. Rm 1.18-22; 3.23 e Gl 3.22); 3) Todas as nações dispõem de um só meio de salvação (cf. Gl 3.7-14).

11.2 *Sinar* tem referência às planícies da Babilônia.

11.4 *Cujo tope* - Eles tinham conhecimento maior do que o que se revela, nesse esforço por construir uma torre que alcançasse o céu. A melhor tradução do texto seria a seguinte: "Uma torre com o céu no tope". Nos sítios onde foram edificadas muitas das antiqüíssimas cidades da Mesopotâmia encontram-se os remanescentes das torres que teriam sido construídas e ficaram incompletas, atingindo apenas alguns andares. Nas plaquetas de barro, tais torres são referidas como "zigurates" e relacionam-se com a vida religiosa dos povos antigos que ocupavam aquelas regiões. Na parte mais alta dos "zigurates" encontravam-se, usualmente, locais de culto e sacrifício (ver MB, p 82).

11.6,7 Aqui vemos a atitude de Deus que reconhece o valor na unidade e na paz quando são caracterizadas pela santidade. Fora disso, melhor a divisão do que a apostasia coletiva (cf. Lc 12.51). Pentecostes é um novo começo. O evangelho é proclamado em muitas línguas apontando para o cumprimento final de Sf 3.9, "Então darei lábios puros aos povos, para que todos invoquem o nome do SENHOR, e o sirvam de comum acordo". O emprego do plural sugere a Trindade (cf. Gn 1.26).

11.9 Babel (cf. o heb *balal*, confundir). Tanto a história como a arqueologia dão testemunho a respeito da confusão de línguas, fato que é reconhecido pela filologia comparada.

11.10 Este versículo assinala um novo ponto de partida no livro de Gênesis. Da consideração da raça inteira, a atenção é solicitada a focalizar-se sobre apenas uma família genealógica, cujo cabeça torna-se o canal para a realização do plano divino da redenção.

11.15 Verifica-se claramente a redução da longevidade depois do dilúvio. Tanto o pecado, como as doenças por ele ocasionadas e até mesmo a misericórdia Divina, contribuíram para que assim acontecesse.

11.28 Ur dos caldeus. Esta cidade tem sido desenterrada (ver MB p 86,87). Era razoavelmente populosa e as ruínas revelam a existência de muita atividade comercial. Têm-se encontrado máquinas, instrumentos musicais, livros (de tabletes de argila) e até mesmo casas de diversões. Abraão deve ter tomado conhecimento da luxúria que ali proliferava.

12.1 A vida de Abraão, desde sua chamada até sua morte, compreende quatro estágios. Dá-se uma revelação divina por ocasião de cada um desses estágios: 1) A primeira (cap. 12-14), incluindo o chamada e a mudança para Canaã; 2) A promessa de um herdeiro e a conclusão de uma aliança (cap. 15, 16); 3) O estabelecimento da aliança, o mudança de nome e a adoção do sinal da circuncisão (cap. 17-21); 4) A prova a que Abraão foi submetido e o aprimoramento de sua vida de fé (cap. 22-25.11).

12.3 *Em ti serão benditas todas as famílias.* Deus está prometendo neste texto que o Messias, o Senhor Jesus Cristo, haveria de descender ou haveria de nascer da família de Abraão (cf. Mt 1.1). Esta é a segunda referência feita ao Messias (cf. Gn 3.15). O propósito seletivo de Deus se vem delimitando desde todos os filhos de Adão, através de Noé, depois Sem, até o povo escolhido, os pósteros de Abraão, que vieram de Isaque. É a terceira iniciativa, seguindo as duas primeiras nas quais os descendentes de Adão e de Noé falharam.

12.4 Abraão partiu de Harã muito antes da morte de Terá, pois que este veio a morrer quando Abraão já tinha cento e trinta anos.

12.8 *Betel* significa "Casa de Deus". Foi onde Jacó, posteriormente, teve uma visão (Gn 28.1-22). Foi, portanto, com razoável argumentação que Jeroboão, quando de sua apostasia, escolheu aquele lugar para erigir ali, um ídolo (1 Rs 1.28-32). Por causa deste pecado, Deus ordenara a destruição de Betel (1 Rs 13.1-5; 2 Rs 23.15-17 e Am 3.14-15).

12.10 *Fome.* É freqüente que Deus permita ocorrências assim sobre Seu povo, para prová-lo na sinceridade e na confiança. Quando o povo deixa de confiar em Deus, volta-se para os recursos que o mundo oferece (o Egito ilustra a mundo), verificando então, que só tribulação há pela frente. É tão somente mediante a confissão do pecado e a busca de uma nova vida com Deus que se encontra a solução para cada dificuldade (ver 13.3-4).

12.13 Era apenas meia verdade, pois Sara era filha de Terá mediante outra esposa (20.12).

12.17,18 O filho de Deus, contrariando a vontade Divina, poderá tornar-se num verdadeiro tropeço aos que não pertençam ao povo de Deus. É inevitável que o mundo tome conhecimento de tais pecados nas vidas dos crentes e se mostre tão apressado em julgá-los.

13.2 Encontramos aqui o primeiro exemplo de riquezas acumuladas, que deparamos na Bíblia. O estudo cuidadoso da palavra de Deus mostra que os ricos não são necessariamente, por isso, pecadores, *contento* que suas riquezas tenham sido adquiridas por meios lícitos e sejam *reconhecidas* como pertencendo, em última análise, ao próprio Deus, de modo que dele venha a orientação quanto ao emprego que delas se possa fazer. Na verdade, as riquezas tornam muito grave a responsabilidade dos crentes.

13.15 Posto que Abraão tivesse dado a Ló o ensejo de escolher a melhor parte da terra, o Senhor (Jeová) logo lhe viera ao encontro para assegurar-lhe de que toda a terra da Promessa haveria de pertencer-lhe e à sua descendências

13.17 Abraão é concitado a tomar consciência da promessa que Deus lhe fizera.

14.1 Neste ponto verifica-se a harmonia existente entre a história Sagrada e a secular, de modo que se torna visível a fixação de datas. Sinar corresponde à Babilônia (Dn 1.2, Is 11.11 e Zc 5.11) embora Anrafel não deva ser identificado com Amurabe, rei de Babilônia, que reinou em cerca de 1728-1686 a.C., Eriaku, rei de Larsa, bem pode ter sido Arioque. Quedorlaomer (Kudurlagamar) significa "Servo de Lagamar" que era um deus *elamita*. Tidal, rei de nações, tem sido identificado com Tudhul (Tudhalia é nome de vários reis hititas), rei de Gutium, situado ao nordeste da Babilônia.

14.3 *Mar Salgado*. O mar Morto cobre parte do que foi; no passado, o "vale de Sidim", onde teria sido travada a batalha, próximo às cidades de Sodoma e Gomorra.

4.18 *Melquisedeque* era rei e sacerdote e, portanto, tipo de Cristo. Ainda que ele seja mencionado apenas três vezes na Bíblia, (neste texto, Sl 110 e Hb 5-7) e não haja registro de seus antepassados, nem de sua descendência, nisto é à semelhança de Cristo, como o Filho Eterno de Deus. Melquisedeque trouxe pão e vinho a Abraão, exatamente os elementos que nos representam atualmente o sangue e a corpo de Cristo. Melquisedeque significa "Rei de justiça". Salém significa paz, que foi o nome antigo de Jerusalém. "Deus Altíssimo" (heb *El Elyon*) é um dos títulos de mais rara ocorrência no AT. A idéia subjacente é de que Deus é o ser supremo que se encontra acima das supostas divindades locais (ver o equivalente "Altíssimo" no NT Lc 1.32, 35).

• **N. Hom. 14.24** Verifique-se o contraste nas atitudes de Abraão diante dos dois reis, o de Sodoma e o de Salém: 1) Diante do primeiro, uma demonstração de independência, enquanto, para o segundo, sua atitude é de dependência (cf. Hb 7.4-10); 2) Diante do rei de Sodoma, um comportamento de igual para igual, enquanto, diante de Melquisedeque, a admissão de inferioridade; 3) Para com o rei de Sodoma, dignidade; para com o rei de Salém, humildade. Tal intuição, Abraão poderia ter adquirido tão somente pela fé que é capaz de reconhecer a superioridade espiritual de alguém, vislumbrar perigos iminentes e é capaz de oferecer resistência tenaz a pressões terríveis, tanto quanto mostrar-se tranqüilo em face a uma provação especial.

15.6 Neste significativo versículo aparecem, pela primeira vez, as palavras: "creu", "imputado" e "justiça", que fazem parte do contexto da "fé salvadora". Em todos os tempos, a salvação fora oferecida aos homens sob a base da fé. Os santos do AT olhavam para Cristo e eram salvos mediante Sua morte propiciatória, exatamente como nós olhamos para aquela morte vicária em nosso lugar e recebemos os benefícios dela mediante a fé (cf. Rm 4.18-24).

15.8 O nome "Senhor Deus" (em heb *Adonai Jahweh*) significa "dono", indicando a submissão de Abraão como escravo de Deus. O mesmo nome ("Senhor") é empregado pela mulher em relação ao marido, indicando a intimidade do amor e a dependência em submissão ao marido (cf. 1 Pe 3.6).

15.18 *Rio do Egito*. Provavelmente a extensão da terra prometida a Abraão e a sua semente; compreendia desde a corrente que dividia a Filístia do Egito até o rio Eufrates. Estas foram, efetivamente, as fronteiras de Israel no tempo do rei Salomão.

16.2 A substância da fé possuída por Abraão e por Sara era deficiente, não em relação à promessa, mas em relação ao método pelo qual ela se cumpriria (Calvino). O comportamento de Sara estava errado, mas tinha precedentes no Código de Amurabe e nos tabletes de argila descobertos em Nuzi. Em ambas estas fontes vemos que os contratos de casamento estabeleciam a obrigação de prover-se uma serva para o marido, caso a mulher não chegasse a dar-lhe filhos. O resultado foi o aparecimento da discórdia no lar (4-6) e, através de séculos, na política do Médio Oriente, mediante a descendência de Ismael.

16.7 O caminho de Sur se refere à uma muralha ou a fortificações existentes ao longo da fronteira oriental do Egito contra forças estrangeiras vindas de, ou através da Palestina.

16.11 *Ismael* (Deus ouve). Todos os árabes que aceitam a doutrina maometana alegam descender de Ismael.

• **N. Hom. 16.13** O amor de Deus, ao deparar Agar em momento tão doloroso (7) e o apelo para que ela voltasse e se submetesse a Sara (9), prepara o caminho para a promessa de bênção (10). Tais experiências conduziram-na: 1) À compreensão da presença divina, "Tu és Deus que vê", (13); 2) A ereção de um memorial relativo à promessa de Deus, pois ela deu à nascente de água o nome de "fonte daquele que vive e me vê", isto é, a fonte daquele que preserva a vida (cf. Jo 4.14); e 3) A obediência para com a Vontade Divina. Agar voltou a Sara.

17.1 *Deus Todo-Poderoso* (heb *El Shaddai*). A derivação de *Shaddai* é incerta. Alguns admitem que deriva de *Shad* cuja significação é "seio" (cf. Gn 49.25; Sl 22.9; Ct 1.13, 4.5 e, 7.3, 7, 8); neste caso, *Shaddai* implicaria na idéia de sustentador, nutridor, aquele que é capaz de satisfazer. Outros admitem que a palavra deriva de uma raiz cuja significação é "cumular benefícios", sugerindo assim, que Deus é o Amigo e o Benfeitor dos pastores, e dos patriarcas. Outros, ainda (Veja Rt 1,21 nota), atribuem a *Shaddai* a significação de "Deus, o Deus das Montanhas".

17.5 *Abrão* significa "Pai exaltado"; *Abraão* significa "Pai de uma multidão".

17.7 *Para ser o teu Deus*. Aqui vemos, em síntese, a essência da aliança que Deus fez com Abraão e sua descendência. Essa essência é pessoal, comparável com a nova relação que o crente tem com Deus, depois de aceitar a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal (cf. Jo 1.12).

17.10 A circuncisão era um rito exterior, um sinal na carne, a ser posto em todos os descendentes masculinos de Abraão, a fim de ficar como memorial da aliança que Deus, assim, estabelecia com Seu povo. Poderia significar, também, o reconhecimento da falta de mérito próprio por parte do homem, para que depositasse toda confiança em Deus. Posteriormente, o sinal veio a dar ocasião ao orgulho, como se aquilo fosse justo motivo para que o homem reclamasse favores especiais de Deus (NCB, p 100). A circuncisão foi largamente praticada no Médio Oriente da antigüidade. O que era notável na aliança é seu novo significado. Em vez de, marcar a chegada da virilidade quando o jovem se torna homem (como entre os árabes modernos), a circuncisão é um sinal de uma relação nova com Deus, cheia de privilégios e responsabilidades. Significava um compromisso tanto com o povo de Deus, como para com Deus mesmo (14; cf. Jr 4.4). Simbolizava o afastamento dos costumes pagãos (Js 5.9) e a vontade egoística (Dt 10.16; cf. Cl 2.11, 12). É de se notar que a aliança estava aberta para os gentios (12b, 13), mas somente enquanto eles se integrarem na comunidade (cf. Êx 12.45).

17.15 *Sarai* significa "minha princesa"; *Sara* significa "princesa". Tal mudança de nome servia para que se fizesse mais explícita a promessa de que o descendente viria através de Sara e não de outra qualquer, como Abraão havia sugerido no v. 17 (cf. Hb 11.11, 12).

17.19 *Isaque* significa riso; visto como, tanto Abraão, como Sara, riram-se admitindo que se tratava de uma promessa irrealizável. Por ocasião do nascimento de Isaque, porém, eles riram-se por motivo diferente (21.6), A "aliança perpetua" se refere diretamente à primeira vinda de Cristo que é o verdadeiro Isaque (Gl 3.16).

17.23 Abraão aceitou imediatamente a aliança de Deus, inclusive o respectivo sinal da circuncisão. Embora os descendentes de Ismael não pertençam à linhagem da Promessa, as bênçãos da aliança, num escopo mais amplo que as bênçãos messiânicas, lhes são franqueadas, do mesmo modo que aos descendentes de Israel.

18.1 Não acalentamos dúvidas quanto ao fato de que o SENHOR (Jeová) tenha aparecido a Abraão nos *carvalhais de Manre*, revestindo forma humana, isto é, como uma teofania.

18.3 A hospitalidade praticada por Abraão tornou-se básica para a injunção que encontramos no NT "pois alguns, praticando-a, sem o saber, hospedaram anjos" (Hb 13.2); Jz 13.15-20.

18.4 Uma vez que as sandálias de couro eram os únicos calçados usados, então, tornara-se uma exigência de boas maneiras, que algum servo da casa corresse a lavar os pés ao hóspede ou oferecesse água para que este o fizesse. Era ainda esta a maneira de proceder nos dias de Cristo (cf. Lc 7.36-48 e Jo 13.2-10). • **N. Hom.** Encontramos neste capítulo algumas das razões por que Abraão veio a ser chamado amigo de Deus (cf. 2 Cr 20.7; Is 41.8; Tg 2.23). É como um retrato das maravilhosas relações que o filho de Deus mantém com o Pai Celestial. 1) Intimidade sagrada. Como a de Abrão, que teve a Deus como hóspede, também nós o podemos ter (Jo 14.23 e Ap 3.20); 2) Humildade genuína. Aquele privilégio sublime de Abraão foi um poderoso estímulo dado a sua humildade e não, acarretou nenhum ensejo ao orgulho (cf. Hb 14.10); 3) Revelação especial. Como amigos de Deus podemos conhecer seus planos e sua vontade (Jo 15.15).

18.13 O riso de Sara traduzia sua reação emocional, descrente como se encontrava, em face da reiteração da velha promessa. Uma vez que ela tinha alcançado idade demais para a concepção (isto é, a menopausa), parecia-lhe humanamente impossível obter um filho. Entretanto, a resposta divina: "acaso, para Deus, há coisa demasiadamente difícil?", transpunha o problema para a esfera do poder miraculoso de Deus. Maria admitiu a realização de uma profecia semelhantemente revestida de todas as aparências de impossibilidade, quando da anunciação do nascimento de Jesus, ao ouvir aquela afirmação angelical: "Porque, para Deus não haverá impossíveis" (Lc 1.37).

18.17 Os amigos de Deus têm permissão de conhecer-lhe os segredos (cf. Sl 25.4 e Am 3.7). Visto que Abraão tinha de tornar-se pai de muitas nações, convir-lhe-ia saber que Deus havia de destruir Sodoma e Gomorra, capacitando-se, assim, para transmitir a advertência à posteridade, como se percebe no v. 19 (cf. Sl 78.1-8).

• **N. Hom. 18.22** A intercessão diante de Deus supõe certa condição que se observa, claramente no caso de Abraão: 1) Ele estava na presença de Deus, "permaneceu ainda na presença do Senhor" (v. 22); 2) Ele se aproximou de Deus (v. 23); 3) Ele reconhecia. o quanto a vontade de Deus estava associada à justiça e à retidão (vv. 23-25).

18.26 Esta passagem não apenas revela que Deus ouve e responde as orações dos retos, mas também preserva os iníquos por causa dos retos (cf. Mt 5.13). Mesmo o pequeno número de dez justos seria suficiente para evitar o julgamento divino (v. 32).

18.32 Ou por indevido otimismo ou por ignorância, Abraão não chegou a pedir a preservação das cidades por causa de menor número do que os dez justos. Contraste-se com este fato, a intercessão de nosso Senhor Jesus Cristo que não conhece limites, visto que é capaz de salvar completamente... "uma vez que ele vive para interceder" (Hb 7.25). Esta é já a segunda intervenção, por parte de Abraão, em favor de Sodoma (cf. 14.14), assinalando como o mundo: inteiro seria abençoado através dele (12.3).

19.1 Ló arrola-se entre os homens cujas vidas estão relatadas na Bíblia para prevenir-nos de que um bom começo necessariamente não é nenhuma garantia quanto a um bom fim. Observem-se os casos de Balaão, Saul e Salomão. Ló contava com as mesmas vantagens de Abraão, mas, parece que as riquezas deste mundo lhe eram de maior valor do que o "país celestial", aquele cujo artífice e construtor é Deus (Hb 11.16).

19.8 As leis da hospitalidade exigiam que os hóspedes estivessem a salvo enquanto permanecessem sob o teto de Ló. Os mesmos costumes vigoram ainda no Oriente Médio. Embora o estar assentado à porta da cidade (cf. v. 1) denote a importância em que era tido, pois que a porta era como o "Paço da Cidade" onde os negócios oficiais eram levados a efeito, onde se preparavam os documentos, celebravam-se casamentos e a justiça se pronunciava (cf. Rt 4.1, 2), o fato, é que tudo indica que Ló não impunha suficiente respeito, no sentido de dissuadir os sodomitas a propósito da pecaminosidade que revelavam.

19.10 Tais homens eram, na verdade, anjos que, pela aparência, não se distinguiam, prontamente, dos homens.

19.14 Um dos resultados da negligência de Ló verifica-se nos noivados inconvenientes de suas filhas. A dureza de coração dos genros de Ló está bem clara no fato de não terem feito nenhum caso das exortações que lhes fizera. Transparece aqui a probabilidade de que Ló tivesse vivido por muito tempo como qualquer deles, de modo que sua mensagem lhes era inútil.

19.16 Digna de nota é a asseveração de que Ló e família foram salvos por efeito exclusivo da misericórdia do Senhor. A salvação eterna tem sua base no mesmo princípio (Ef 2.8-9). Ló reconhece ter encontrado graça diante do Senhor (19).

19.22 A significação da palavra Zoar é "pequeno".

19.24 Alguns admitem, em face de estudos feitos em áreas circunjacentes ao Mar Morto, que teria ocorrido uma erupção vulcânica, a qual lançara enxofre, sais minerais e gases incandescentes, erupção essa acompanhada por terremoto, de modo a destruir completamente aquelas corruptas cidades de Sodoma e Gomorra. Em alguns milagres, Deus usa de meios naturais para mostrar seu controle sobre toda a natureza, a todo o instante.

19.26 A situação da mulher de Ló indica a dureza de coração, conseqüente da incredulidade (17). A frase "Olhou para trás", em hebraico significa literalmente "demorou-se", denotando serem os desejos relativos à luxúria perdida bem mais fortes do que a interesse que a salvação gratuitamente oferecida pelo Senhor lhe podia despertar. A mulher de Ló é tomada pelo Senhor Jesus como exemplo para advertir-nos quanto à época da sua volta (ver Lc 17.28-33).

• **N. Hom. 19.28** Lições de extrema gravidade podemos derivar de Sodoma: 1) Observe-se o extremo a que a depravação humana chegara - Sodoma revela-nos o que significa, na prática, Rm 1.18-31; 2) Tenha-se em mente a certeza do juízo divino (Rm 2.4-6); leve-se na devida conta a maravilha da misericórdia pela qual Deus exercia sua graça, sendo longânimo, esperando, insistindo, exortando, ameaçando e adiando a destruição determinada, de modo que Ló pudesse chegar a salvar-se.

19.29 É importante observar que a salvação de Ló foi devida à intercessão de Abraão. O capítulo 14 nos fala de Abraão recuperando-o por meio de espada; o capítulo 18, mediante a intercessão.

20.1 Neguebe se refere à parte meridional da Palestina (a palavra quer dizer: "Terra do Sul"), que é deserta em sua maior parte. Ainda hoje é chamada Negueb ou Neguev. Gerar ficava a cerca de 10 km ao sul de Gaza, na fronteira da Filístia.

20.2 Como em Gn 12.12, Abraão consente em proferir uma meia verdade para proteger sua vida e propriedade. O relato bíblico dos deslizes de tão extraordinária personalidade como o era Abraão, é indício seguro da inspiração divina. Seria despropositado admitir-se que um judeu incluísse o registro dos pecados do grande pai da pátria; se só tivesse por objetivo o escrever a história.

20.6 Esta é uma nota muito instrutiva a respeito do pecado que é, precipuamente, contra Deus e só secundariamente contra a pessoa envolvida. Esta verdade foi de muito auxílio a José na hora da tentação (39.9). É, também, o fator decisivo entrevisto na confissão feita por Davi depois de cometer adultério e assassinio (2 Sm 12.13).

20.7 O termo "profeta" aparece aqui, usado pela primeira vez na Bíblia. Sua significação é "porta-voz de Deus", denotando a relação especial mantida entre Abraão e Deus que lhe revelava sua vontade e sua mensagem de modo direto.

20.8 Por vezes, quando um filho de Deus se obstina em pecar, Deus o leva a uma condição de opróbrio mediante a revelação pública de seus erros. Que vergonha aquela, para Abraão, verificar que Abimeleque se demonstrava mais "temente a Deus" do que ele!

20.11-13 A confissão de Abraão do seu pecado revela vários aspectos perenes na falibilidade humana, com respeito aos fatos (11), valores (12, note a casuística) e motivos

(13, note a covardia), A falta de absoluta sinceridade; se mostra no esforço por parte de Abraão de culpar, literalmente, "os deuses (ou Deus) que me causaram andar errante..." (13). Até parece um homem do mundo falando com outro.

20.16 *Perante todos estais justificada.* Trata-se de uma vindicação de Sara, tirando-lhe a culpa e encerrando o Caso diante de homens e deuses.

20.17 *Orando Abraão.* Ainda que Abraão, por falta de fé na providência de Deus e na sua proteção, tenha transgredido, ele é restaurado à comunhão. Quando ele ora, Deus responde. Assim também acontece com todo crente verdadeiro que confessa seu pecado e volta-se para a comunhão com Deus (cf. 1 Jo 1.9-2.2).

21.1 Este é um maravilhoso comentário a respeito da natureza de Deus que exulta em realizar aquilo que aos homens parece impossível, cumprindo sua promessa feita aos que crêem em sua palavra (cf. Gn 17.15,16).

• **N. Hom. 21.7** O nascimento de Isaque mostra: 1) A fidelidade imutável de Deus (cf. Js 21.45; 23.14); 2) O plano perfeito de Deus. Abraão e Sara estavam resignados a aceitar Ismael, como se este desse cumprimento à promessa de Deus. Não obstante, os padrões divinos são muito mais excelentes (Gl 4.22-31); 3) A suficiência absoluta de Deus, que podia eliminar dúvidas sobre todas as coisas, quando Abraão não as podia provar para si mesmo.

21.11 As leis da época, reveladas nos tabletes de Nuzi, indicam não só o fato de que o filho da esposa tinha precedência sobre o filho da escrava no caso de herança, mas também que o filho da serva não podia ser expulso depois do nascimento do filho da esposa. Deus desfez os receios de Abraão, asseverando-lhe que Isaque era, realmente, o continuador da linha genealógica da bênção prometida.

21.17 Ismael contava, já, com cerca de 17 anos de idade; não era mais aquela criancinha que Agar tinha carregado em seus braços. A referência ao fato de Deus ter ouvido (Ismael significa "Deus ouviu") a voz de Ismael, indica que Abraão lhe havia ensinado a orar.

21.22 *Abimeleque*, aqui, pode ser ou não o mesmo rei referido no capítulo 20. Não se tratava de um nome pessoal, e sim, de um título como os de Faraó, rei ou presidente. *Deus é contigo.* Empolgante característica dos patriarcas (Isaque, 26.2; 28; Jacó, 30.27; José, 39.3).

21.30 A oferta de sete cordeiras; feita por Abraão, é descritiva de uma das maneiras pelas quais se estabeleciam alianças. O nome Berseba ("fonte dos sete") indica que o poço era reconhecido como pertencente a Abraão mediante ajuste solenemente celebrado (ver Gn 26.32 e cf. NCB, p 103),

21.33 Antes da centralização do culto no Tabernáculo ou no templo, era costume plantarem-se árvores como memorial relacionado com certos acontecimentos religiosos. Abraão assim procedeu em Berseba e prestou culto ao Deus da Eternidade (heb *El Olam*) que é de eternidade a eternidade, nome particularmente apropriado quando em conexão com o estabelecimento de uma aliança. Cada nome especial de Deus, em Gênesis, revela um novo aspecto da sua auto-revelação (cf. 14.18; 16.13; 17.1; 33.20; 35.7 e as notas respectivas).

22.1 Trata-se, aqui, de uma prova para o fortalecimento da fé que Abraão possuía e não de uma tentação para o mal (cf. Tg 1.12-15). Tal prova consistia na requisição daquilo que lhe era mais caro, aquilo que lhe era absolutamente indispensável e de maior valor (2). Esta prova, em vez de destruí-lo, traz Abraão ao cume de sua vida, seguindo a Deus.

22.2 A região montanhosa que circunda Jerusalém é a "terra de Moriá" (lit. "O mostrado por Jeová"). Abraão construiu o altar na montanha (cf. v. 9) onde, mais tarde, apareceu o Anjo do Senhor a Davi (2 Sm 24.16, 17; cf. 2 Cr 3.1) e, subseqüentemente, situara-se o templo. Ainda hoje a área está bem demarcada e é considerada como sagrada, por maometanos e judeus.

22.5 Voltaremos. Era a firme convicção de Abraão que ele e Isaque, de fato, voltariam. Sua fé, destacada em Hb 11.17-19, se fundamentava sobre a promessa de Deus claramente proferida, "... por Isaque será chamada a tua descendências (21.12).

22.8 Este versículo é profético, tanto na experiência de Abraão, como concernente à primeira vinda de Cristo e sua morte sacrificial por nós (cf. Jo 1.29 e Rm 5.8). O v. 5 deixa patente que Abraão admite que Isaque haveria de voltar com ele, quer por efeito de uma intervenção especial antes de oferecê-lo, quer pela ressurreição da vítima (Hb 11.19).

• **N. Hom. 22.12** Há um paralelismo admirável entre o acontecimento aqui descrito e o oferecimento de Cristo por nós: 1) Ambos, tanto Isaque como Cristo, foram obedientes até à morte (observe-se o fato de que Isaque era, então, um jovem e, como tal, bem mais forte do que o era Abraão, v. 6), 2) Ambos, tanto Abraão como Deus, o Pai celestial, "não poupou a seu próprio Filho, antes por todos nós O entregou" (Jo 3.16 e Rm 8.32); 3) O cordeiro que viera a substituir Isaque é paralelo a Cristo, que se ofereceu em substituição por todos nós que nele cremos (Hb 10.5-10); 4) Ambos, tanto Isaque como Cristo, foram restaurados (cf. Hb 11.17-19).

22.14 *O Senhor proverá*; lit. "*Jeová Jireh*". É a mesma expressão que Abraão usou no v. 8.

22.17 Tão somente neste século XX é que a correlação exata existente entre o número de estrelas e grãos de areia se tem tornado conhecida. Enquanto se sabe que, somente cerca de trezentas estrelas são visíveis a olho nu, a invenção de telescópios capazes de atingir a mais de um bilhão de anos-luz através do espaço, tem permitido a certo cientista de renome, afirmar que o número total de estrelas equivale ao número de grãos de areia existentes em todas as praias do globo. Entretanto, não é pelo número dos descendentes de Abraão que o mundo haveria de ser bendito (8), mas sim, mediante o descendente único, isto é, Cristo (cf. Gl 3.16).

23.1 Sara é a única mulher em toda a Bíblia, cuja idade nos é referida. Este interesse especial relativo à sua pessoa, pode ser que tenha sua base na posição honrosa que lhe cabe como mãe espiritual dos crentes (1 Pe 3.6).

23.4 A compra do campo e Macpela, em Hebrom, tem sido objeto de esclarecimento, pelas descobertas arqueológicas. Efrom não estava, absolutamente; insistindo por oferecer o campo; a transação toda estava sendo encaminhada sob o intuito de proporcionar-lhe um "bom negócio". Ele não desejava vender apenas a cova porque, a menos que todo o campo estivesse incluído, algumas obrigações lhe seriam impostas, conforme estabelecia o antigo Código de leis dos Hititas (v. 11). No tempo de Abraão, oito siclos de prata equivaleria ao salário anual de um trabalhador. O preço dado era exorbitante. A prata foi pesada, visto que a cunhagem de moedas se verificara só no período pós-exílico. Trata-se, então, do único pedaço de terra que Abraão chegara a possuir efetivamente naquela terra toda que Deus lhe havia dado. A cova funerária encontra-se, atualmente, sob uma mesquita maometana em Hebrom.

24.2 O servo não é chamado pelo nome, aqui, mas usualmente é admitido que seja Eliezer (15.2). O juramento descrito tem sido designado como "juramento pela posteridade", que significa a vingança relativamente a qualquer transgressão do juramento exercida pelos descendentes que procedessem de sua coxa.

24.3 Este mandamento de Abraão corresponde à proibição feita pela Senhor no sentido de impedir que os crentes se casem com descrentes (2 Co 6. 1 4).

• **N. Hom. 24.7** Por que seria que Deus abençoara a Abraão em todas as coisas? (1). 1) Porque ele era homem de fé, que depositara absoluta confiança na palavra de Deus em todas, as fases de sua vida. 2) Ele se mostrara fiel (Gl 3.9) com Deus. Sua vida consistira num equilíbrio entre a temor reverente que leva à obediência (22.1-14), e a comunhão que resulta na confiança (18.22-23).

24.10 A referência feita à existência de camelos no período patriarcal (séc. 19 a.C.) tem sido apresentada como evidência de inexatidão do relato bíblico. Esta objeção, porém, já

foi dissipada pelas descobertas arqueológicas que indicam a existência de camelos domesticados desde o ano 3.000 a.C. Há referências específicas a camelos, em certo tablete oriundo do Norte da Síria, datado do séc. 18 a.C., bem como em um texto procedente de Ugarite, do séc. 19 a.C. (cf. v. 35). *Naor*, ou se refere a Harã, cidade de Naor, irmão de Abraão, (15), ou seria a cidade de Nakhur, mencionada nos tabletes de Mari, que existia naquele tempo e naquela região.

24.12-14 Esta oração nos fornece admirável evidência da fé que Abraão depositava na providência de Deus, a qual ele comunicava à família e aos servos. Suplicando, para que lhe fosse dada orientação, o servo de Abraão não ficava na expectativa de que algo de sobrenatural ocorresse, mas revelava profunda certeza de que Deus haveria de empregar fatos comecinhos como veículos de sua soberania.

24.21 O servo era homem de fé em Deus, leal a seu dono e dotado de suficiente paciência para obter a conclusão de que Rebeca seria, com efeito, a eleita de Deus para tornar-se esposa de Isaque e mãe da semente prometida.

24.22 O peso do siclo, na época, era cerca de doze gramas. O pendente era um anel que se pendurava ao nariz (47). Tais dádivas deveriam ser reconhecidas pela jovem como presentes de noivado.

• **N. Hom. 24.27** "Estando no caminho, o Senhor me guiou": 1) Estar no caminho ordenado pelo Senhor, o caminho do dever e da boa consciência, é coisa para obter a orientação divina. Ele nos conduz passo a passo; 2) Podemos estar certos de sua orientação, tão-somente quando tivermos correspondido aos princípios de sua palavra e, mediante a fé no valor da oração (12-14), procuramos vislumbrar-lhe a mão entre as circunstâncias da existência cotidiana; 3) É-nos dado aceitar a orientação de Deus com ações de graças (26) e com plena segurança mesmo que o diabo se esforce por dissuadir-nos desta confiança posteriormente. O servo de Abraão não relutou em declarar sem reservas: "Jeová me conduziu" (cf. Dt 8.2).

24.33 *Não comerei*. Muito mais urgente, para o servo fiel, do que os costumes demorados da hospitalidade do antigo Médio Oriente, é a missão que ele tem de cumprir. Os servos do Senhor não devem mostrar menos urgência em cumprir sua missão de divulgar as boas novas do evangelho para o mundo (cf. Lc 10.4 com 2 Tm 4.2; Mc 13.10).

24.49 *Ou para a direita ou para a esquerda*, isto significa que o servo de Abraão se dispunha a procurar esposa para Isaque entre outras famílias aparentadas a Abraão.

24.50 Labão e Betuel reconheceram a mão do Senhor Jeová, que tinha chamado a Abraão, seu parente, com quem estabelecera uma aliança, na orientação providencial ministrada àquele servo de Abraão. Este reconhecimento do Senhor como Deus vivo foi a razão primordial por que Abraão se fizera tão insistente em que Isaque não se casasse com uma mulher idólatra de entre os cananeus.

24.53 Os presentes oferecidos à mãe e ao irmão (parece que Betuel já era muito idoso ou estava enfermo; portanto, Labão estaria no seu lugar como responsável por Rebeca, o que estava compreendido em seus direitos de primogênito que era), eram conhecidas como o *Mohar*, isto é, espécie de compensação à família pela perda da moça.

24.58 *Irei*. Eis a resposta sucinta de Rebeca, em face da pergunta a respeito de seu desejo de acompanhar ou não o servo de Abraão. Aquela sua disposição decidida de ânimo demonstra-se mais uma vez, mais tarde, quando já era mãe de Jacó e de Esaú.

24.62 A fonte chamada de *Beer-Laai-Roi* é a mesma que fora indicada por Deus a Agar para salvar a vida de Ismael (cf. Gn 16.14). Isaque ali viveria após a morte, de Abraão (25.11).

24.63 A palavra traduzida como "meditar" também pode ser traduzida como "orar" (foi como Lutero traduziu).

24.67 Era costume, então, que o noivo levasse a noiva para a tenda, a fim de que ali se consumasse o casamento. Sara já havia morrido. • **N. Hom.** Este capítulo é um dos relatos mais belos que deparamos a respeito de como Deus providencia o encontro, em

qualquer parte, da esposa. Além disto, outros elementos contidos no relato servem para ilustrar verdades espirituais: 1) O propósito do pai - procurar uma noiva para seu filho (cf. Mt 22.2); 2) A posição do filho - pensamento único do pai no qual todos os seus propósitos se cumprem (cf. Ef 1.20-22); 3) A preocupação pela noiva - objeto de pensamento antes que ela o conhecesse (cf. Ef 1.4); 4) A missão do servo: a anunciação do propósito do pai, prestar esclarecimentos a respeito do filho e persuadir a noiva, em perspectiva, a que viesse (Jo 16.14-15); 5) O poder da mensagem. "Evidente na aceitação da proposta por parte de Rebeca (cf. Jo 12.32 e Rm 1.16).

25.1 Embora seja admitido, geralmente que o casamento referido no texto se tenha verificado após a morte de Sara, isto não é provável. A palavra "concubina" (v. 6 e 1 Cr 1.32) bem pode indicar que Quetura fora contemporânea; entretanto, quanto a isto, nada se pode dizer ao certo.

25.10 Ver notas sobre 23.4.

25.11 A bênção sobre Isaque é seqüência daquela recebida por Abraão (12.1-3 e 17.19). Como no caso de Abraão, Isaque teve sua fé provada no fato de esperar vinte anos por um filho (v. 26).

25.18 *Havilá* ficava provavelmente, perto do Sinai, ao noroeste da Arábia. *Sur* era um povoamento fortificado, mantido pelo Egito com a finalidade de antepor uma barreira contra os nômades orientais. Toda a área fica, portanto, compreendida pela Arábia setentrional.

25.25 Esaú significa "cabeludo". Em muitos aspectos, ele era mais atraente e insinuante que Jacó mas faltava-lhe uma coisa importante: a fé. Não era só o caso de ser ele um materialista (Hb 12.16), pois que, também Jacó assim se revelara na primeira fase de sua vida. O fato, porém, era que Esaú não depositava confiança nas promessas divinas, nem atribuía qualquer valor à aliança estabelecida com, Abraão. Jacó, por outro lado, estava confiante e buscava tais promessas. Deus o abençoara e submetera-o à disciplina.

25.26 *Jacó*, "aquele que segura o calcanhar", portanto, "Suplantador", o que tira vantagem sobre outros pela astúcia.

25.30 *Edom* significa "vermelho", associa-se ao fato de ser esta a cor de Esaú (25), bem como a cor do prato de lentilhas, pelo qual ele negociara seu direito de primogenitura.

25.31 O direito de primogenitura tinha referência a certos privilégios atribuídos ao filho mais velho: 1) Porção dobrada dos haveres paternos, depois da morte deste; 2) Direito de exercer o sacerdócio sobre a família. Em relação à família de Abraão, a primogenitura incluía mais este direito; 3) Ficar na linha genealógica direta do Salvador por vir. Esaú tinha 15 anos quando Abraão morreu.

• **N. Hom. 25.34** Lições a propósito de Esaú: 1), A fé é a coisa principal na existência, pois é ela que torna certo o cumprimento do promessa divina (cf. Hb 12.16-17); 2) A necessidade de submeter-se a carne ao espírito, as coisas temporais às eternas e o que pertence a este mundo a Deus (1 Co 9.27); 3) A inutilidade do remorso por se desprezar a bênção divina (Hb 12.17). Nos tabletes de Nuzi, que datam do período patriarcal, encontra-se descrita uma transferência semelhante de direitos de herança, com relação a certo horto que teria sido negociado entre irmãos, pelo preço de três ovelhas.

26.5 Alguns eruditos têm admitido que *mandamentos, preceitos, estatutos, leis*, são palavras que indicam algo no gênero que teria sido preservado até os dias de Moisés. Embora isto não esteja provado, tais palavras expressam bem o constante cuidado de Abraão em observar todas as revelações e instruções oriundas de Deus.

26.10 Para os críticos do caráter fidedigno da Bíblia, este relato pelo qual Isaque aparece tentando fazer sua esposa como sendo sua irmã. não é outra coisa senão uma simples repetição do que ocorrera na vida de Abraão (12.13 e 20.2, 13). O primeiro versículo emprega esta frase "além da primeira" para distinguir a fome então referida daquela outra que determinara a ida de Abraão até Gerar. Oitenta anos tinham decorrido. Isaque se demonstrava, assim, mais predisposto a imitar os erros do pai do que a confiar na

proteção do Senhor (cf. v. 3), O termo "Abimeleque" deve ser tomado como significando um título monárquico (tal como o de Faraó).

26.12 *Cento por um* é a expressão significativa da prosperidade incomum com que Deus estava enriquecendo a Isaque. Era, portanto, uma produção duas a quatro vezes maior do que a média conseguida por outros. Tal prosperidade suscitava a inveja dos filisteus, que passaram a desejar-lhe o mal, entupindo-lhe os poços, cavados ainda no tempo de Abraão.

26.20 *Eseque* - heb "contenda".

26.21 *Sitna* - heb "inimizade", "ódio", ou "acusação" - da mesma raiz da qual deriva a palavra Satanás, que é o acusador.

26.22 *Reobote* - "Alargamento" ou "amplitude".

26.23 *Berseba* - *beer* quer dizer "fonte" e *sheba*, quer dizer "sete" ou "juramento". Como no caso da tribo indígena "Nez Perce", para a qual uma afirmação três vezes repetida equivale a um juramento. É provável que a expressão, aqui, também faça alusão ao fato de que o juramento se obtinha pela repetição da sentença, sete vezes (cf. 33).

26.24 O aparecimento de Deus a Isaque "na mesma noite", para lembrar e insistir nas bênçãos da aliança com Abraão, pode indicar o fato de que Deus jamais admitira aquela ida a Gerar. Nesta conexão aparece, pela primeira vez, a fórmula que se tornará familiar nos casos de auto-revelação divina: "Eu sou o Deus de Abraão".

26.25 Isaque e Rebeca bem sabiam que a razão por que Abraão tinha estado tão apreensivo pelo temor de que a filha se casasse com mulher pagã relacionava-se com a fato de que era praticamente universal a ignorância prevalecente com respeito ao Deus verdadeiro. Era vigente, por toda parte, um sem número de religiões enganosas e idólatras.

27.1 Isaque contava já com cento e trinta e sete anos de idade e deve ter admitido que a morte lhe estava próxima, embora, na realidade, tivesse vivido até os cento e oitenta anos (35.28).

27.13 Parece que Rebeca depositava tanta confiança na palavra de promessa (25.23) que nem temia a, eventualidade da maldição, nem admitia como ação repreensível, o emprego do engano com propósito de desviar para Jacó a bênção de Isaque. Impulsionada por sua parcialidade para com Jacó, ela não descansara na providência divina.

27.16 Não se trata aqui de espécie européia de cabrito, cuja pele não seria propícia para consumir-se o engano. Mais propriamente, tratava-se do camelo-mirim que existia no Oriente e cuja pele negra, semelhante à seda, chegara a ser usada mesmo pelos romanos como substituição ao cabelo humano.

27.27 O direito de primogenitura que Esaú tinha vendido a Jacó consistia no que era pertinente ao filho mais velho, isto é, na herança paterna de porção dupla, na situação mais elevada na hierarquia social a que o pai pertencia como principal da família ou do clã, e como membro destacado da comunidade. A bênção se distingue da primogenitura por ser mais espiritual. Era a invocação paterna do favor divino sobre o filho. Neste caso, a súplica de Isaque no sentido de que Jacó recebesse a promessa que Deus fizera mediante Abraão e o próprio Isaque, de que seria uma bênção e portador de bênçãos para o mundo, era algo de caráter espiritual, para o que, Esaú jamais estaria capacitado, e, mesmo Jacó, teria de passar pela disciplina especial de Deus.

27.28 Nesta parte do mundo, onde são escassas as chuvas, o orvalho é de extrema importância para propiciar o crescimento da vegetação e a fertilidade da terra, sendo, por conseqüência, objeto de muitas referências a ele como se fosse uma prova de bênção (cf. Dt 23.13-18, Os 14.5 e Zc 8.12).

27.29 Observam-se os três principais elementos constantes da promessa de Deus a Abraão (12.2, 3; 15.18 e 17.2, 8); 1) A posse da terra; 2) O desfrute pleno dos produtos da terra e uma posteridade numerosa capaz de exercer hegemonia sobre outras nações; e,

finalmente; Tornar-se uma bênção com relação a outras nações. Todos estes elementos se encontram na bênção proferida por Isaque. O último elemento referido não está bem distinto.

27.35 A bênção era uma maneira pela qual se expressava a última vontade, considerada de obrigação permanente, embora apenas proferida oralmente. Encontram-se nos tabletes de Nuzi, da época contemporânea, indícios do caráter obrigatório das bênções orais.

• **N. Hom. 27.41** Este capítulo ensina claramente que: 1) Não é da vontade de Deus que façamos o mal, esperando que disso advenha o bem (Rm 6.1, 2); 2) Esteja-se certo de que o pecado acha o pecador (Nm 32.23), pois todos os envolvidos que pecaram sofreram amargamente; 3) Andemos na luz como ele na luz está (1 Jo 1.7); 4) O Senhor reina (Is 40.25-28).

27.43 Dotada sempre de surpreendentes recursos e com determinação de ânimo, Rebeca arquitetou um plano para salvar a vida de Jacó, em face da ira mortal evidente em Esaú. Ela conseguiu convencer a Jacó de que um curto exílio em Harã seria suficiente para amainar a ódio de Esaú. Conseguiu, também, convencer a Isaque; lembrando-lhe que de Harã viera sua esposa e de quão grandes tristezas lhes tinham acarretado as mulheres de Esaú (46). Dificilmente poderia ocorrer a Rebeca a dura realidade de que aquela seria a última vez que ia ver seu filho predileto.

28.2 *Padã-Arã*. A estrada ou planície de Harã (que é a Síria) está situada na Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates. Harã é o nome de uma cidade situada naquela planície que, ainda hoje conserva o nome de Harran, cidade que dista cerca de 450 quilômetros de Damasco.

28.3 *Deus Todo-Poderoso* (lit. *El Shaddai*). Ver a nota sobre 17.1

28.4 A bênção de Abraão transmitida a Isaque que, por seu turno, a comunicou a Jacó, é novamente proferida. Parece que Isaque veio a concordar com a revelação de que Jacó, e não Esaú, haveria de ser o veículo da promessa divina.

28.9 *Maalate* é a mesma pessoa chamada Basemate em 26.34 e 36.3. Pode ser que ela tivesse, dois nomes ou teria ocorrido aqui alguma alteração do texto, conseqüente de desatenção do copista.

28.11 Isto teria acontecido, possivelmente, na terceira ou quarta noite (cf. 22.4). *Luz* (Betel) distava de 18 km ao norte de Jerusalém.

28.12 A visão de Jacó tinha o propósito de certificá-lo do interesse divino a seu respeito. O fato de que os anjos estavam subindo (o que é primeiramente referido) pode sugerir um convite de Deus para que Jacó se aproximasse e recebesse a necessária ajuda. Em João 1.51 parece que Jesus tira a conclusão de que, por seu (o Filho do Homem) intermédio, na verdade, o céu se abriu a todos quantos o queiram receber.

28.13 A promessa é agora proferida a Jacó, por Deus mesmo, como o tinha sido a Abraão e a Isaque. Assim como Isaque tinha sido escolhido de entre dois candidatos, assim também, mediante Jacó especificamente, e através de sua posteridade, a bênção relativa ao Messias teria de cumprir-se.

28.19 *Betel* - lit. "Casa de Deus".

• **N. Hom. 28.22** Esta visão ensina: 1) A condescendência da graça divina. Jacó não estava de coração voltado para Deus, mas sim, Deus para Jacó; 2) A plena suficiência da graça divina - a presença graciosa do Senhor haveria de acompanhá-lo sempre (15); 3) O objetivo expresso da graça divina ensina a Jacó, para que este O ame e lhe preste culto na realização do objetivo estabelecido a longo prazo, isto é, que todas as nações viessem a ser abençoadas mediante a semente de Jacó.

29.14 *Ossos e... carne*, isto é, parente consanguíneo (cf. Ef 5.30 onde manuscritos menos antigos adicionam a expressão para denotar nossa relação com Cristo, dentro do seu corpo que é a Igreja).

29.17 Lia tinha olhos fracos ou doentios que, provavelmente, lhe prejudicavam a

aparência.

29.18 O oferecimento para trabalhar sete anos, em lugar do dote exigido pelos costumes da época, demonstra o tipo de disciplina a que Jacó estava sendo submetido. Ele não só se encontrava desolado, mas também pobre e destituído de privilégios, não obstante estar constituído herdeiro das riquezas acumuladas por Abraão e por Isaque.

29.23 Esta era uma perfeita retribuição a serviço da providência e da disciplina que Deus estava exercendo. Do mesmo modo como Jacó tinha passado por Esaú num momento sério, também Labão persuadiu a Lia no sentido de passar por Raquel, num instante não menos significativo (cf. Lc 6.38).

29.27 *Decorrida a semana*, refere-se ao período da festa do casamento que, usualmente, durava por sete dias (cf. Jz 14,12). Finda a semana do casamento com Lia, Jacó se casou, também, com Raquel, ficando, porém, obrigado a trabalhar mais sete anos como pagamento pela respectiva dotação. A poligamia aqui não deve ser julgada pela lei mosaica, que proíbe o casamento, ao mesmo tempo, com duas irmãs (Lv 18.18).

29.31 *Desprezada* (lit. "odiada") deve ser compreendido em sentido relativo, isto é, comparando-se com a intensidade do amor que dotava a Raquel (cf. Ml 1.3 e Lc 14.26). Frequentemente se verifica o fato que, mediante a providência divina, àqueles que têm falta de certos predicados sobejam, relativamente, outros que, não raro, lhes compensam aquela falta.

29.32 Os nomes dos filhos de Jacó provém de sentimentos e esperanças que lhes ficavam associados por ocasião do nascimento. De Lia, *Rúben* - Eis um filho! "O Senhor atentou para minha aflição".

29.33 *Simeão* - Ouvindo. "Soube o Senhor que eu era preterida" (heb *shamai* - que eu sou odiada).

29.34 *Levi* - Unido. "Desta vez se unira mais a mim meu marido" (*hillaweh*).

29.35 *Judá* - Possa Deus ser louvado. "Esta vez louvarei ao Senhor" (heb *'odeh*).

30.6 De Bila *Dã* - Um juiz. Raquel exclamou: "Deus me julgou e também me ouviu, a voz e me deu um filho" (heb *danani*).

30.8 *Naftali* - Lutando. Raquel disse: "Com grandes lutas tenho competido com minha irmã e logrei prevalecer" (heb *niphtalta*).

30.10,11 De Zilpa, *Gade* - Boa sorte, Lia disse: "Afortunada!" e lhe chamou Gade (*gad*).

30.13 *Aser* - Felicidade. Lia disse: "É minha felicidade".

30.15 As *mandrágoras* estavam associadas com o amor. A superstição popular admitia-as como antídoto contra a esterilidade. A barganha efetuada por Raquel não lhe proporcionara o resultado almejado. O v. 22 mostra ser Deus, e não a mágica ou a superstição humana, que promove a fertilidade.

30.16-18 De Lia, *Issacar* - Alugar. Lia disse: "Deus me recompensou" (heb *secari*).

30.20 *Zebulom* - Honra - "Deus me deu excelente dote, agora permanecerá comigo meu marido" (*zebelani*).

30.23,24 De Raquel, *José* - "Dê-me o Senhor outro filho! Deus tirou-me o vexame (*'asaph*) - que o Senhor me acrescenta (*yoseph*) outra filho". *Benjamim* - Filho da mão direita. Raquel, que viera a falecer ao dá-lo à luz, pôs-lhe o nome de Benoni (filho de minha dor). Jacó chamou-lhe Benjamim, como indício da posição que viera a desfrutar (Gn 35).

30.27 O testemunho de Labão a propósito da bênção que lhe adviera por causa de Jacó evidencia o cumprimento da promessa de Deus em Betel (28.14), N palavra que aí vem traduzida como "experimentado", pode significar, também, "adivinhado", isto é, obtida informação através de práticas próprias ao "ocultismo". Na verdade, Jacó estava estipulando salário muito módico, visto que as ovelhas orientais eram, quase todas, brancas, enquanto os cabritos eram normalmente pretos. Parece que Jacó deliberara, assim, em confiar que Deus havia de prover todas as coisas nos termos da bênção anunciada. Deus o fez de modo admirável!

30.38 Jacó empregou métodos seletivos e meios de exercer influência pré-natal na

maneira de tratar os rebanhos que lhe haviam sido confiados, por causa do engano de Labão para com ele. O historiador sagrado, porém, atribui os resultados obtidos à intervenção do Senhor (cf. 31.12).

• **N. Hom. 30.43** Este capítulo ensina: 1) Não é sempre de acordo com nossos desejos ou planos, que Deus proporciona bênçãos. Daquela disciplina pela qual Lia lhe foi impingida, Jacó obtivera seu filho Judá que se tornara ancestral direto do Messias; 2) Astuto e interesseiro Jacó não deixou de dar testemunho de que, finalmente, suas bênçãos de Deus (27); 3) A paciência divina não se exaure em face da indignidade de seus servos. Quanta coisa boa não teria Deus visto em Jacó, para assim esperar através de tantos anos, disciplinando-o, conduzindo-o e, até mesmo, fazendo o melhor uso de seus erros e pecados! Não é assim mesmo que Deus age para conosco? E não convirá a que sejamos pacientes, da mesma forma, para com os nossos semelhantes?

• **N. Hom. 31.3** Temos aqui excelente exemplo de orientação do Senhor: 1) Desejo e saudade - O pensamento e o desejo de voltar à sua terra sobreveio a Jacó quando José nascera. Teria ele, então, admitido ser José o Messias, isto é, a Semente Prometida? (cf. 30.25); 2) As circunstâncias convergem no sentido da providência. Labão e os filhos criaram as circunstâncias próprias para que Jacó se sentisse pressionado a ir embora (31.1-2); 3) A mensagem divina. Jacó, entretanto, só encetou a viagem quando o Senhor Jeová a mandara (3). Estes três elementos decorrem da orientação do Senhor.

31.13 O memorial erigido a Deus em Betel, a coluna que lembrava o voto ali anteriormente feito, era muito a propósito pelo fato de que Jacó, com toda probabilidade, não tinha pensado demoradamente em Deus durante sua permanência em Padã-Arã.

31.15 "Ele nos vendeu" é a referência feita à compensação pela dotação que Jacó ofereceu mediante serviços e também ao extraordinário crescimento da riqueza conseguida em virtude da bênção de Deus sobre o trabalho de Jacó.

31.19 Os *ídolos*, que Raquel furtara, eram "Terafins", ou "deuses domésticos" pertencentes a Labão (cf. 30). Os tablets de Nuzi indicam que os "terafins" provavam então, que os possuidores eram os legítimos herdeiros. É provável que Labão não tivesse nenhum herdeiro varão ao tempo da vinda de Jacó para sua casa. Uma vez casado com suas filhas, Jacó deveria, naturalmente, ser admitido como filho adotivo e herdeiro. Entretanto, posteriormente nasceram filhos a Labão (31.1) e os costumes de então estabeleciam que os filhos tivessem precedência sobre os adotivos. Transparece, na descrição dos fatos, que Raquel estava determinada a tudo fazer no sentido de que se mantivessem os direitos do esposo e dos descendentes. Jacó estava na plena ignorância dos atos de Raquel. Ele deveria estar consciente do direito de primogenitura em sua própria família, isto é, de Isaque.

31.23 *Sete dias* para percorrer cerca de 650 quilômetros não seria algo além das possibilidades para camelos adestrados em viagens.

31.27 Jacó conseguiu excelente folha de serviços, como pastor de ovelhas. O Código de Amurabe (contemporâneo) estabelecia que o pastor teria de fornecer uma lista dos animais que lhe fossem confiados. Alguns poderiam ser usados para alimentação; ele não ficava responsável pelos que fossem devorados pelos leões ou mortos pelos raios. Do pastor, porém, esperava-se que devolvesse o rebanho com razoável incremento e que pagasse em dobro as ovelhas que se tivessem perdida por negligência. Os versículos que sequelem ficam bem esclarecidos em face do referido Código.

31.30 *Meus deuses*, cf. versículo 19.

31.42 *O temor de Isaque* é tradução literal da frase cuja significação é: "Aquele a quem presta culto" (cf. 53). O comportamento decisivo apresentado por Jacó em sua amarga argumentação consistia em asseverar que Deus tinha pronunciado uma sentença e condenado os atos de Labão. Tal maneira de arrazoar levou Labão a propor o estabelecimento de uma aliança, com Jacó (cf. v 44).

31.46 A antiga praxe de tomar uma refeição para firmar um compromisso é bem

conhecida. Posteriormente, oferecia-se também um sacrifício, o qual se fazia acompanhar de uma festa de ação de graças (54). Mediante a participação no sacrifício e os compromissos mutuamente assumidos, não se podia admitir nenhuma violação (cf. também 26.30).

31.47 *Jegar-Saaduta*, frase aramaica que significa: "mente do testemunhos". *Galeede* é palavra hebraica equivalente.

31.49 *Mispa*, "posto de vigilância". A ereção de uma coluna ou "monte" tinha por objetivo indicar que ficava estabelecida uma linha divisória através da qual nenhum dos compromissados haveria de passar com intuítos hostis.

31.54 *Irmãos* nesta passagem poderá ter a significação de parentes próximos referindo-se, provavelmente, aos filhos de Labão. O termo "filhos" em hebraico (55) não raro inclui todos os filhos e, neste caso, os netos de Labão. Pelo menos nesta fuga, Jacó não deixara um parente ou irmão tão ofendido que precisaria temer por sua vida, como foi no caso de Esaú. Foi uma lição de fé para Jacó, ouvir como Deus tinha advertido a Labão para não vingar-se. Não foi a astúcia de Jacó, mas o cuidado de Deus que o salvara (29.31).

32.1 Do mesmo modo como os anjos Ihe tinham aparecido por ocasião de sua viagem de exílio, aqui também, o Senhor Ihe envia graciosamente seus anjos para certificá-lo da presença divina, bem como da indispensável proteção em face do ameaçador encontro com Esaú.

32.2 *Maanaim* - "Dois campos". Transparece que Jacó estivesse a contemplar, por um lado, o exército do Senhor e, por outro lado, o ajuntamento indefeso que levava consigo. (Note-se uma semelhante provisão da proteção divina em 2 Rs 6.8-23).

32.5 Jacó queria persuadir a Esaú de que o Senhor o tinha abençoado de modo inteiramente à parte daquela bênção que ele havia, tão sutilmente, tornado ao irmão mais velho.

• **N. Hom. 32.9** Elementos da verdadeira oração: 1) Reconhecimento da iniciativa divina nas manifestações da graça para com seu pai e para consigo mesmo, quando se aproximava novo momento crítico; 2) Reconhecimento do próprio demérito e de Deus como a fonte de todo bem e do dom perfeito (10); 3) Reconhecimento da necessidade da proteção de Deus (11); 4) Expressão evidenciando a Deus que o suplicante crê ainda na promessa (12).

32.22 O ribeiro de Jaboque ainda permanece como linha divisória na cadeia de montanha de Gileade. Despeja suas águas no Jordão (no lado orientado) a 70 km ao sul do mar da Galiléia e a cerca de 38 km ao norte do mar Morto.

32.24 Pode ser que tal *homem* tivesse dado à Jacó certa impressão de que se tratasse de espia vindo da parte de Esaú. Entretanto, no decorrer da luta ali travada, Jacó veio a compreender que aquele homem não era um simples mortal, pois se tratava de um emissário da parte de Deus.

32.25 O anjo poderia facilmente prevalecer sobre Jacó na pugna física ali travada. Transparece o fato de que o Senhor desejava que Jacó se Ihe rendesse de modo voluntário, corporal e espiritualmente, assim como se demonstrava predisposto a oferecer a Esaú suas riquezas. Mediante um golpe instantâneo, o Senhor o privava de qualquer capacidade de resistir. Assim Deus procede também para conosco. Deus há de elevar-nos até sua pessoa; isto, porém, ele efetua tão somente depois de levar-nos aos extremos de nossas necessidades. Por causa da inveterada resistência que Ihe oferecem, bem como da incapacidade que revelamos de sentir sua, mão paternal através da disciplina que nos é imposta, ele tem de "tocar-nos" para reduzir-nos à impotência total, e, assim, fortalecer-nos na sua graça (2 Co 12.9, 10).

32.28 Não mais Jacó, "suplantador", mas, Israel, "Campeão com Deus", pois que Jacó lutara (*sarah*) com Deus e com os homens, obtendo a vitória.

32.29 A revelação do nome de alguém era como um passo avantajado, no sentido de

firmar-se uma amizade íntima e de estabelecer-se uma aliança mútua. Conhecer o nome significava, até certo ponto, um controle sobre a pessoa (cf. Ap 2.17).

32.30 *Peniel* significa "face de Deus". Como em Betel, a "casa de Deus", onde Jacó tinha obtido certeza quanto à Presença Divina e, em Maanaim, "o exército de Deus", onde ele tinha obtido certeza quanto ao Poder Divino. Também, em Peniel estava obtendo certeza quanto ao favor e à Companhia divina (cf. Êx 33.11-20 e Dt 34.10). • **N. Hom.** 1) "Ver a Deus" é experiência que transforma os caracteres, (cf. 1 Jo 3.2) assim como Jacó teve o nome trocado para Israel. 2) "Ver a Deus" traz-nos a certeza da graça e do poder para enfrentarmos o futuro sem que possíveis surpresas nos aterrorizem. 3) "Ver a Deus" significa a reiteração das bênçãos divinas; acarretando-nos, entretanto, novas responsabilidades (cf. Is 6.7-8).

33.10 Jacó insistia em que Esaú aceitasse o presente porque era somente mediante tal aceitação que ele poderia certificar-se de que estava perdoado e que passaria a reinar a paz entre os dois (cf. NCB, p 110).

33.17 *Sucote*, significa "ramos". Distava poucos quilômetros ao ocidente de Peniel e ao oriente do Jordão.

33.18 *São e salvo*, poderia ser traduzido por "em paz". Pode ser que tenha referência ao voto que Jacó tinha feito (28.21).

33.19 *Siquém* é, aqui, o filho de Hamor. Também era o nome da cidade onde Jacó comprara certa *área de terra*, subseqüentemente outorgada a José que, ao que sabemos, foi, ali sepultado (18 e Josué 24.32). A referida cidade ficava próxima ao sopé do monte Gerizim, cerca de 80 quilômetros ao norte de Jerusalém. Tinha sido o primeiro acampamento de Abraão dentro dos limites da Palestina (Gn 12.6), sendo, também, o local onde ficava a Poço de Jacó (cf. Jo 4.6,) e, ainda o Carvalho de Moré, sob o, qual, provavelmente, Jacó enterrara os deuses domésticos que Raquel furtara a Labão (35.4).

33.20 O nome do altar em hebraico é *El-Elehe-Israel* e significa "Deus (o Onipotente) é o Deus de Israel. Este nome faz lembrar a nova relação estabelecida com Deus (cf. 32.29) e marca o cumprimento do voto registrado em Gn 28.21 no sentido da glorificação a ser tributada a Deus que se tinha manifestado tão poderoso em trazê-lo de volta, são e salvo, depois de vinte anos de ausência. Tenha-se em lembrança que também Abraão ali tinha erigido um altar ao Senhor (Gn 12.7).

34.1 *Ver*, isto é, fazer amizades. Diná poderia contar, então, com quinze anos de idade.

34.2 *Heveu*, havia então colônias hivitas espalhadas pelo território de Canaã. Os gibeonitas que arditosamente conseguiram estabelecer um tratado com Josué (Js 9.7) eram hivitas.

34.13 Surpreende-nos verificar que a palavra traduzia por "violado" (cf. v. 13 e 27) significa profanar e encontra-se, posteriormente, usada para descrever a corrupção e a profanação do Templo (Sl 79.1). Os hebreus demonstravam o mesmo sentimento e designavam a mesma palavra, querendo expressar violação, quer da honra feminina, quer da deturpação do Santo dos Santos.

34.14 A diferença básica existente entre a família de Jacó e os hivitas consistia nas relações com Deus advindas da aliança. O sinal exterior dessa relação era a circuncisão; entretanto, a adoção do sinal desacompanhado da fé implícita na referida aliança não passaria de ato puramente carnal e mundano. A sugestão se revelava ainda pior, pelo fato de ter sido dada como pretexto para acobertar sentimentos de traição.

34.25 Provavelmente não estivessem sozinhos, mas tivessem arregimentado, também, os pastores e vaqueiros (cf. Gn 14.14).

•**N. Hom.** **34.31** Este capítulo presta-se para admoestar-nos a propósito dos perigos do mundanismo nas vidas cristãs (Jo 17.16), principalmente depois de serem proferidos votos de consagração, como os assumi os por Jacó em Peniel. 1) O perigo do mundanismo, que se nota: no caso de Diná, tanto o ter-se revelado interessada em fazer relações de amizade entre os pagãos, bem como a proposta de intercasamento, feita por

Hamor, com o conseqüente estabelecimento da família de Jacó, permanentemente, naquele meio (cf. 9-10); 2) O mundanismo não só é empecilho à bênção espiritual, mas também acarreta perigo real (cf. v. 30 e as duras experiências de Ló em Sodoma); 3), O mundanismo é algo que só poderá ser evitado eficazmente, mediante a preservação espiritual (cf. Jo 1 7.6, 11, 14, 15, 18, 23).

35.1 A palavra *fugias* é significativa porque Jacó estava outra vez fugindo para salvar sua vida (cf. 34.30). Três razões para que ele se resolvesse a sair de Siquém: a chamada divina, as circunstâncias físicas e suas necessidades espirituais.

35.2 Jacó reconhece, na chamada divina para que retomasse a Betel, a necessidade de renovar, as relações estabelecidas com Deus, mediante a abolição da idolatria, que lhe transtornara o ambiente doméstico.

35.4 Os pendentos eram usados por ambos os sexos e pelas crianças (Êx 32.2). Alguns pendentos eram usados por motivos de idolatria, como amuletos (cf. Is 3.20) e, portanto, impunha-se que fossem removidos nessa ocasião.

35.7 Jacó erigiu, então, um altar, ali, em Betel, de acordo com o mandamento do Senhor (1) e chamou-o *El-Betel*, isto é, "Deus de Betel", atribuindo maior importância ao Deus a quem prestava culto e não ao lugar.

35.8 "*Alom-Bacute*" significa "Carvalho de choro".

35.9 "*Outra vez*" traz a sugestão da renovação e da reconciliação ali efetuadas. Nenhuma barreira mais existiria entre Jacó e o seu criador. A ocasião foi propícia para trazer à lembrança o novo nome, Israel, com as, implicações respectivas.

35.11 *El Shaddai*. Ver nota sobre 17.1.

35.13 O aparecimento de Deus era tanto visível como audível. Trata-se de outro exemplo de teofania.

35.14 A Coluna (*Massebah*) era um memorial do aparecimento de Deus. A ereção de colunas memoriais perdurou até muito mais tarde, no tempo de Absalão (2 Sm 18.18). Visto como as colunas faziam parte integrante dos degradantes ritos religiosos cananitas, houve proibição no sentido de que se erigissem colunas ao lado do altar do Senhor, nós termos de Israel (cf. Dt 16.22 e Os 10.2). A libação oferecida era geralmente *derramada* ao Senhor. Jamais deveria ser bebida (cf. Nm 15.5-7 a respeito da referida libação como parte do culto em Israel). Sugere-nos a pessoa de Senhor Jesus que "derramou sua alma na morte" como sacrifício pelos homens (cf. Sl 22.14 e Is 53.12).

• **N. Hom. 35.15** O viver em comunhão com Deus (isto é, em :Betel) implica no seguinte: 1) Abolição de todos os ídolos (4); 2) Mudança do nome (10), que corresponde ao novo nome em Cristo (At 11.26); 3) Confiar em suas promessas (11-12); 4) Ver e ouvir a Deus(9, 13, 14).

35.34 *Benoni*, "filho de minha dor"; "Benjamim", "filho de minha mão direita". Ambos estes nomes se aplicam de modo maravilhoso, à pessoa do Senhor Jesus Cristo como Filho de Deus. O nascimento de Benjamim é uma resposta à oração de 30.24, "Dê-me ó Senhor ainda outro filho".

36.7 Reconhecendo o lugar de primazia que deveria proporcionar espaço suficiente a Jacó em Canaã, Esaú procurou mudar-se daí antes de, sua volta, antecipando-a e tendo em vista a riqueza de que Jacó era herdeiro em virtude da primogenitura.

36.8 O uso do nome "idumeu" para designar os filhos de Esaú perdurou até o tempo de Cristo. Herodes, o Grande, era idumeu. A extensão das terras pertencentes a Edom (monte Seir) compreendia desde as margens meridionais do Mar Morto até o Golfo de Acaba, ou seja, uma distância de cerca de 160 quilômetros. É região de topografia irregular, contendo algumas montanhas, cujos picos atingem a mais de 1000 metros de altura.

36.12 Amaleque era neto de Esaú. Foram seus descendentes que sempre se opuseram a Israel, em todas as circunstâncias, através de séculos, até Hamã, personagem relatado no livro de Ester, que era descendente do Rei Agague (Et 3.10; 1 Sm 15.8ss).

36.15 "Príncipes", refere-se a capitães tribais.

36.21 Os *horeus* eram antigos habitantes de Edom, subjugados por Quedorlaomer (Gn 14.6) e não por Esaú. Descendiam de Seir. Mediante casamento com a filha de Aná, chefe horita, Esaú teria firmado relações muito amigáveis com essa tribo, (cf. v. 2 com v. 25). Observe-se que na Septuaginta, se lê "horita" e não "hivita", em Gn 34.2. Alguns eruditos, têm admitido que eram habitantes de cavernas (heb *horim* cf. Is 42.22), por causa de nome que tinham, enquanto outros encontram semelhança entre eles e, os "Hurru" designação egípcia para os habitantes da região siro-palestina, que aparece associada com Israel na Estela de Meremtah, cerca de 1200 a.C.

36.28 O nome *Uz* aparece no drama de Jó, "na terra de Uz" (Jó 1.1).

36.31-43 Faz-se distinção entre reis e príncipes no fato de que os primeiros detinham autoridade e exerciam domínio sobre maior extensão territorial do que os segundos.

36.35 *Sua cidade* indica que, como Saul elevara sua cidade nativa, Gibeá, à categoria de capital, também estes reis Edomitas elevavam as respectivas cidades nativas à categoria de capitais enquanto estivessem exercendo o reinado.

37.2 Transparece aqui que Dã e Naftali, Gade e Aser se fizeram mui notórios pelo péssimo comportamento que tiveram por causa do quase inerradicável paganismo das duas mães, Bila e Zilpa. A influência materna ficou bem evidente no caráter dos filhos.

37.3 Outra razão por que José dispunha da preferência paterna, encontra-se no fato de ser ele filho de Raquel, Tudo indica que Jacó estivesse planejando deixar José como sucessor. Como prova dessa sua intenção, distinguira-o dando-lhe a túnica principesca ele longas mangas, ou de cores variadas. (A significação é imprecisa em hebraico.)

37.5 Observe-se que os sonhos de José não chegavam a ser revelações divinas (cf. as aparições a Abraão, Isaque e Jacó), entretanto, tinham significação profética.

37.7 A significação deste sonho era a predominância de José sobre os irmãos.

37.9 A significação do segundo sonho era sua preeminência sobre toda a casa de Israel. A repetição visava a estabelecer a certeza quanto ao cumprimento do sonho (cf. 41.32).

37.14 De *Hebrom a Siquém* a distância seria pouco mais que 100km. A solicitude de Jacó por saber como estariam os filhos, certamente se relacionava com o que havia acontecido em Siquém (cf. 34.25-30). A mesma razão teria determinado a retirada dos jovens pastores para Dotã.

37.17 *Dotã* ficava na planície que separa as colinas de Samaria da Serra de Carmelo, cerca de 30 quilômetros ao norte de Siquém.

37.20 A mentira teria, forçosamente, de seguir-se ao assassinio planejado. É extremamente rara conseguir-se que um pecado ocorra isolado, relativamente a outros pecados.

37.22 *Rúben*, o filho mais velho, sentia-se responsável pelo que pudesse acontecer aos mais jovens. Nas cercanias de Gezer e outros lugares se tem deparado cisternas com esqueletos que indicam terem sido elas usadas com a finalidade de dar cabo a certas vítimas.

37.25 *Dotã* estava situada ao longo da estrada comercial que percorria a costa ocidental da Palestina desde Gileade (a leste do Jordão) até o Egito.

37.27 Os *Ismaelitas* e os *Midianitas* (36) eram descendentes de Abraão. A aparência de ambas as tribos e suas características eram tão comuns que uma dada caravana poderia receber tanto um nome como outro.

37.28 Os vinte siclos de prata corresponderiam a cerca do Salário que então se pagava por dois anos e meio de trabalho. Compare a avaliação de um jovem em Lv 27.5. Este preço era normal para um escravo, na primeira metade do segundo milênio a.C.

• **N. Hom. 37.35** Deus pode fazer que até mesmo a ira humana o glorifique (Sl 76.10). 1) O pecado humano, a raiz da maldade aqui descrita era a inveja (At 7.9). Cf. a atitude dos líderes religiosos para com Jesus (Mt 27.18). Toda a ira dos irmãos de José, toda sua malícia, crueldade, rudeza e dolo que cometeram, provieram da inveja. E é assim mesmo

que tem acontecido através dos tempos (cf. Rm 1.29, 1 Tm 6.4, Gl 5.21); 2) A graça Divina - a soberania de Deus determinando que do mal proviesse algum bem. O plano de matá-lo foi abandonado em face da deliberação que tomaram de vendê-lo como escravo e isto fez que ele fosse levado ao Egito, onde se cumpriria o propósito de Deus no sentido de salvar os descendentes de Jacó e constituí-los em povo particularmente seu.

38.5 *Quezibe*, provavelmente, seria "Achzib", "enganoso". Trata-se da região situada ao sul de Judá (Is 15.14), Um dos propósitos deste capítulo é mostrar a santidade da Lei do Levirato (Dt 25.5-11), num período muito anterior à promulgação da Legislação Mosaica. Se certa pessoa morresse sem deixar descendência, cumpria ao irmão tomar a respectiva viúva por esposa. O primeiro filho havido, então, ficaria contado como se fosse do primeiro marido. Trata-se de costume praticado entre outros povos, além dos hebreus. Encontra-se um caso que bem ilustra esse fato (Rt 4.5-6).

38.10 Também este capítulo mostra o grave perigo e a punição conseqüente, reservada àqueles que não procuram corresponder à vontade divina, em assuntos de casamento. Se Judá se tivesse lembrado das experiências relacionadas com seu pai e com seu avô, bem poderia ter evitado tal vergonha e tantas tristezas com relação a si mesmo e a seus infelizes filhos.

38.18 O pecado de Judá em seu comportamento para com Tamar é o acontecimento mais horrendo, que culmina nesta terrível história. Nela se depara apenas uma possível diminuição da culpa, se assim podemos dizer, que vem a ser o arrependimento tardio revelado por Judá, ao tomar consciência do que havia feito.

38.21 As prostitutas sagradas eram causadoras da pior forma de prostituição cabível, uma vez que lhe era conferida a sanção religiosas. Tratava-se de uma feição relevante de sistema de culto prevalecente entre os cananeus e que consistia na prostituição tanto masculina (possivelmente, os chamados "sodomitas" no AT) como feminina, estando associada às práticas que se realizavam nos vários santuários espalhados pelo território. No AT, era freqüente ver os profetas fazerem estreita ligação entre a prostituição e a apostasia nacional (cf. Is 1.21; Jr 13.27, Ez 16.16 e Os 1.2, etc.)

38.29 *Perez*, de acordo com Mt 1.3, tornou-se um dos ancestrais de Jesus Cristo. É efetivamente notável que Deus tivesse permitido, mediante sua graça, que elementos tão lamentavelmente infelizes e pecadores viessem a ser contados na genealogia sagrada, que compreende de Abraão até Cristo. Nenhum homem o admitiria, caso isto estivesse na dependência humana, ou se a Bíblia fosse criação fictícia.

38.30 O propósito divino em apresentar-nos este acervo de corrupção humana é duplo: 1) A necessidade de que seu povo fosse para o Egito, a fim de constituir-se em seu povo separado do mal que os envolvia naquele mundo cananeu. José atuou como *instrumento* de Deus; a fome ofereceu a *oportunidade*, mas a *causa* para que isso acontecesse foi o poder de Deus; 2) Demonstra-nos uma graça maravilhosa e evidente, ao usar Deus a um homem com o caráter como o de Judá, transformando-o de tal forma que dele e de Tamar proviera nosso Senhor Jesus Cristo (Hb 7.14).

39.2 *O Senhor era com José* do mesmo modo como nosso Senhor Jesus prometera estar conosco (Mt 28.20). Sabemos que ele cumpre sua promessa. Nosso dever e nosso privilégio é reconhecer e corresponder ao companheirismo que o Senhor nos proporciona. No caso de José, tal correspondência está evidente em seu espírito servil, alegre e criterioso (v. 4; cf. Cl 3.23), sua fidedignidade absoluta (vv. 5, 6) e sua resistência em face da tentação (vv. 7-15). Contraste-se com este procedimento de José. o que se menciona de Judá no capítulo anterior.

• **N. Hom. 39.8** Por que teria sido que José não cedeu à tentação? 1) Em virtude do caráter que ele construía, dotado dos elementos da vontade da inteligência e da consciência bem formada; 2) Em virtude dos deveres que reconheceu (8); 3) Em virtude de seus deveres para com Deus, cuja soberania ele reconhecia como sendo suprema em sua existência (9). Como teria sido que José ofereceu resistência à tentação? 1); Ele se

recusara mental e sensualmente a, sequer, considerar a possibilidade de atender aos convites tentadores (10); 2) Ele manifestara sua recusa verbalmente (v. 8). 3) Ele efetivara sua recusa mediante a fuga (cf. 1 Tm 6.11).

39.20 Se Potifar tivesse crido naquela história contada por sua mulher, certamente teria executado a José. Queria tão somente salvaguardar o nome da família. Tudo se ajustava perfeitamente, nos planos providenciais de Deus com relação a José e ao seu povo escolhido.

39.21 Há um paralelismo muito estreito entre o comportamento de José e o de Cristo, quando diante de situações adversas e de falsas acusações, ambos as recebiam sem murmurações, como expressões da vontade de Deus (cf. Is 53.7). Como Cristo, José não sofrera por erro algum cometido, mas sim, em virtude da retidão da conduta.

40.4 A responsabilidade aqui atribuída a José, bem como a posição anterior de mordomo, exercida na casa de Potifar, proporcionaram-lhe treinamento necessário para conduzir sabiamente a nação em ambas as crises a sobrevirem, isto é, a crise da superprodução e da escassez.

40.8 A interpretação dos sonhos pertence a Deus, por ser Ele a Fonte da qual provêm (cf. Dn 2.20-22), José se reconhecia como sendo apenas veículo para a interpretação divina de Deus. Assim é que Deus sempre tem tornado conhecida sua vontade, mediante canais humanos e, de modo sublime, mediante seu Filho, que se fez carne (cf. Jo 1.14 com Hb 1.2).

40.11 Os *copos* egípcios não tinham nem hastes nem alças; pelo que, eram colocados na mão. Eis um pormenor comprovador da veracidade da narrativa (ver NCB, p 113).

40.20 Os aniversários de nascimento dos Faraós eram celebrados com grandes festas e com a libertação de prisioneiros. O copeiro-chefe e o padeiro-chefe eram pessoas de grande responsabilidade. Cumprir-lhes-ia exercer vigilância para que ficassem frustrados os constantes atentados contra a vida do Faraó. As evidências acumuladas contra o padeiro teriam comprovado que, não o copeiro-chefe, mas sim o superintendente da panificadora real estaria seriamente compro- metido.

40.23 A ingratidão do copeiro-chefe está demonstrada no fato do esquecimento a que José ficara relegado. Aquele profundo desapontamento de José, pois que teve de continuar naquela prisão, injustamente, por mais de dois anos, Deus o tornou útil (pois ele não o haveria de esquecer) fazendo-o ainda mais capacitado para a oportuna exaltação a primeiro ministro. Digno de comparação é o caso dos quarenta anos que Moisés passara no deserto de Midiã, aguardando o tempo que Deus havia estabelecido para constituí-lo líder do povo de Israel na libertação do Egito. • **N. Hom.** José teve oportunidade de aprender três coisas: 1) Os caminhos divinos são mais sábios - "Toda disciplina, no momento, não parece motivo de alegria" (Hb 12.11); 2) O tempo que Deus estabelece é o melhor - o relógio da providência divina não falha (cf. Jo 2.4, 7.6, 12.23, 13.1 e 17.1); 3) A graça divina era mais do que suficiente - observe-se a maneira como José, sem murmurações, ia enfrentando todas as injustiças; o ânimo inquebrantável que conservava no meio de tantos sofrimentos; a simpatia que demonstrava em face das aflições alheias; e, finalmente, a resignação com que se havia quando apanhado pelas surpresas desagradáveis. Tudo isso nos é possível ainda hoje, sob a graça de Deus (cf. 2 Co 12.9).

41.8 Os *magos* (heb *hantumim*, "escribas sagrados") foram identificados, na Septuaginta, como "homens versados em assuntos de escrituras sagradas". Empregavam a astrologia e outras práticas de ocultismo para adivinhar o futuro, bem como engendrar a interpretação de maravilhas e sonhos.

41.16 Este misto de coragem e humildade se fazia necessário para dizer-se ao Faraó que Deus havia de proporcionar a resposta almejada para tão enigmático sonho, uma vez que, por aquele tempo, admitia-se que o mesmo Faraó seria divino. O que José estava declarando, na verdade, era o seguinte: "eu não posso fornecer a resposta exigida, pois

sou apenas um homem como todos os demais; entretanto, há um Deus verdadeiro que é capaz de no-la revelar" (cf. vv. 25, 28, 32 com 38).

41.32 José, segundo o texto, está falando por inspiração profética. A ênfase está posta em Deus que é o governador e sustentador dos processos da natureza. Os períodos de abundância e de escassez faziam parte do plano maior que consistia em trazer o povo da aliança para o Egito, onde haveria de adquirir feição nacional própria.

41.33 Oferecendo a Faraó conselhos não exigidos, mais uma vez José revelava-se dotado da necessária autoridade para instar como profeta. Cumprir-lhe-ia falar, uma vez que o Senhor lhe tinha comunicado a mensagem. Tanto Faraó como seus oficiais, pagãos como eram, reconheceram o fator sobrenatural evidente naquela interpretação e naqueles conselhos oferecidos por José (38) Tal reconhecimento persuadiu Faraó a constituir a José como primeiro ministro sobre o Egito ("administrarás minha casa", 40). O anel de selar equivalia à assinatura de Faraó; isto conferia a José o direito de promulgar leis confirmadas pelo selo real. O colar de ouro era usado como símbolo de honra conferido aos mais distintos heróis do reino.

41.43 *Inclinai-vos* é a tradução possível de uma palavra egípcia de significação desconhecida, mas que, provavelmente, seria equivalente a esta: "dai atenção".

41.44 A elevação de José, por parte de um Faraó egípcio, à alta posição de primeiro ministro, provavelmente se explique pelo fato de que o país estaria, então, sob o jugo dos hicsos, reis pastores de origem semita. Uma vez que também eram estrangeiros, não lhes acarretada tanto escrúpulo a elevação de alguém oriundo da mesma fonte racial àquele posto. O domínio dos hicsos teria durado de 1710 até 1570 a.C. José teria chegado ao Egito por volta do ano 1700.

41.45 A significação de *Zafenate-panéia* é desconhecida. Alguns eruditos têm admitido que seria "Sustentador da vida". Alguns egiptólogos sugerem porém, esta outra significação: "Deus fala e ele vive" (isto é, filho recém-nascido).

41.46 José, àquela altura, teria passado já 17 anos no Egito.

41.51 *Manassés* (significa "que faz esquecer"), isto é, fazia esquecer tantas provações dos dias que se foram.

41.52 *Efraim* significa "fiel". Tinha em vista a fidelidade da bênção que Deus concedera a José no Egito.

• **N. Hom. 41.55** Encontra-se estreito paralelismo entre José e nosso Senhor em Jo cap. 6. 1) Como a fome impunha que o povo recorresse a José para evitar a morte, também os homens, necessitam de "verdadeiro pão do Céu" que é o remédio exclusivo contra a morte espiritual (cf. Jo 6.32-33); 2) A provisão divina é suficiente para que fiquem atendidas nossas necessidades mais prementes; 3) Quando nosso dinheiro (algo correspondente a nossas obras) falta, o Senhor passa a requerer de nós o que mais lhe importa: nós mesmos, com tudo quanto somos e temos, pois devemos realmente lhe pertencer de fato (cf. 47.15, 19).

41.56 *Fome*. Como era possível haver fome severa no próprio Egito (uma terra fértil e bem irrigada pelo rio Nilo)? Afirmam relatos, descobertos pela arqueologia que em duas ocasiões os seus habitantes foram forçados a cometer atos de canibalismo.

42.4 *Benjamim* era o outro dos únicos dois filhos nascidos de Raquel. O interesse especial demonstrado por José com relação a Benjamim, provavelmente decorreria de seu desejo de verificar se os irmãos o odiavam também. *Algum desastre*. Jacó não esquecera o "desastre" que alcançou a José, irmão mais velho de Benjamim,

42.11 O protesto dos irmãos em face da acusação de que eram espias consistia na asseveração de que eram honestos. Não obstante, José lhes teria vislumbrado a falsidade com que engendraram evidências para enganarem ao pai com relação ao desaparecimento do filho. A aparente crueldade no trato de José para com seus irmãos, tinha em vista, principalmente, comprovar-lhes que a confissão de honestidade que

asseveravam ter era falsa. O caminho de arrependimento e da reconciliação há de ser, quase sempre, muito penoso.

• **N. Hom. 42.21** Elementos do verdadeiro arrependimento: 1) Consciência - "somos culpados"; 2) Memória - "vimos a angústia"; 3) Razão - "por isto nos vem esta ansiedade". O tempo não apaga o pecado nem suaviza a consciência.

42.24 Humanamente se considerando, José teria razões para pagar com a mesma moeda a crueldade dos irmãos. A realidade, porém, era que ele lhes devotava tanto amor que não lhe fora possível reprimir as lágrimas (cf. Jesus, pendurado na cruz, a suplicar ao Pai Celestial o perdão para os seus assassinos Lc 23.34). Uma vez, que Rúben estivera ausente por ocasião da venda de José aos midianitas (37.27-29), Simeão teria assumido a responsabilidade, sendo, como era, o segundo em idade. Eis a razão por que José o tivera retido.

42.36 Não seria o caso daquela exclamação de Jacó "tendes-me privado de filhos", indicar sua incredulidade com relação às invencionices pelas quais intentaram camuflar-lhe o desaparecimento de José? Não estaria a revelar, também, sua apreensão de que estivessem mentindo a propósito de Simeão e de Benjamim, com a intenção de levarem a cabo o desaparecimento do último?

42.37 A proposta de Rúben adquire maior significação à luz dos costumes vigentes no oriente antigo. Caso alguém fosse julgado responsável pela morte da filha de outrem, a filha do primeiro seria levada à morte também, conforme o código de Amurabe.

42.38 A palavra traduzida como *sepultura*, no texto, é, em hebraico, *sheol*, cuja significação é "reino dos mortos". Até aquele tempo, Deus tinha revelado muito pouco a respeito da existência além túmulo. Popularmente se admitia que o *sheol* era o lugar onde o homem continuaria a viver envolvido pelas trevas numa espécie de região de silêncio (Jó 10.22 e Sl 88.12), algo semelhante a uma existência de sombras. Por *sheol*, então, entendia-se mais o estado, do que o lugar dos mortos.

43.9 Ao passo que Rúben não fora capaz de persuadir a Jacó da absoluta necessidade de consentir na ida de Benjamim ao Egito, quando se tornara inevitável voltarem para adquirirem alimentos, Judá o persuadira. Rúben tinha prometido as vidas de seus dois filhos, caso não lhe fosse possível trazer a Benjamim, são e salvo ao pai (42.37). Judá, porém, se ofereceu a si mesmo, Vem-nos imediatamente ao pensamento aquele divino Descendente de Judá, e com maior razão, quando refletimos no emprego da palavra "culpado" (lit. "pecado", em hebraico, *hatta*) "Serei culpado, para contigo, para sempre". Cristo deu sua vida "como oferta pelo pecado" (Is 53.10) e, "foi feito pecado por nós" (2 Co 5.21) a fim de que pudesse levar-nos salvos para o Pai Celestial.

43.11 O plano de Jacó para solicitar a, boa vontade do primeiro ministro egípcio consistiu em enviar-lhe das coisas "mais preciosas da terra" (lit. "o cântico da terra") isto é, aquelas preciosidades nativas, pelas quais a terra se fizera famosa. Trata-se do mesmo Jacó que; planejara antes apaziguar a Esaú quando de sua volta de Harã. Quão despropositados e inúteis eram tais planos em face das fases mediante as quais Deus estava encaminhando aquela vida de acordo com os bons intentos divinos! (cf. Rm 8.28).

43.14 *Todo-Poderoso (El-shaddai)*. Ver nota sob Gn 17.1. Jacó resigna-se com relutância, ante o fato inegável traçado pela soberania de Deus - se Benjamim não fosse, toda a família ficaria sujeita a perecer de fome, mas, indo, caso não voltasse com vida, pouco lhe conviria viver. Não obstante, o Senhor vive para sempre. A Jacó só resta descansar no Senhor a sua confiança.

• **N. Hom. 43.18** O temor, eis o elemento esmagador que pesava nos corações dos dez irmãos desde o primeiro encontro com José até à morte de Jacó (ver 42.28, 43.18, 44.13-18, 45.3 e 50.21). O medo convulsiona, penetra, convence, purifica, admoesta e pode ser o fator preponderante para que os indivíduos sejam trazidos a uma condição de humilde arrependimento. 1) Sentiam temor de Deus (42.28; 44.14) que visita as iniquidades dos pais sobre eles próprios e sobre seus filhos (Êx 20.5). Sentiam temor servil em face da

própria culpa (cf., 42.21, 22 e 44.16 com Gn 3.10, Dt 28.28, At 24.25, Hb 10.27, Ap 21.8 e At 10.29ss). Sentiam temor dos homens (43.23, 45.3 e 50.15-19). Tão somente depois de pedirem e ficarem certos de que estavam perdoados por Deus e por José, foi que seus corações puderam se tranquilizar (50.21).

43.23 O tema central em todo o relato da vida de José (Gn 37-50) consiste na demonstração da soberania divina.

43.26-28 *E prostraram-se*. É repetida para mostrar como os sonhos de José se cumpriram profeticamente (cf. 37.7, 9 com 42.6).

43.32 *Não lhes era lícito comer*, Por motivos religiosos (pela evidência arqueológica), e não raciais ou sociais.

43.33 *Se maravilham*. A capacidade misteriosa de colocar os irmãos na ordem certa elevaria a apreensão de intervenção divina perseguindo-os.

44.5 Este copo de prata era vaso sagrado empregado para efeitos divinatórios, isto é, para se obter predição mágica, mediante a observação dos movimentos que os objetos lançados em seu interior produziam no respectivo conteúdo. Tratava-se, sem dúvida, da explicação dada pelos egípcios para a clarividência demonstrada por José como capaz de interpretar sonhos. José, porém, atribuíam todo critério ao próprio Deus (Gn 41.16).

44.16 A admissão coletiva de culpa, por parte de todos os irmãos, relativamente àquele suposto furto do copo indica que, provavelmente, Judá estava incluindo o pecado cometido contra José naquela confissão. O pecado não confessado ou não reparado é uma ferida que não pode ser curada (cf. Is 1.6).

44.17 Será que se encontra aqui algum indício de que José estivesse desejoso de fazer distinção entre Benjamim, seu irmão por parte de pai e mãe, e os demais; com o propósito de mantê-lo consigo no Egito? Ou será uma demonstração de que José estava à busca de uma comprovação cabal da existência ou não de ciúmes e ódio contra Benjamim naqueles seus irmãos, por cuja causa ele mesmo se lhes fizera indesejável?

44.18-34 Aqui temos uma das mais comoventes intercessões que a literatura universal registra. É um retrato quase incomparável, no AT, da pessoa de Jesus Cristo pertencente à tribo de Judá, o qual se ofereceu a si mesmo como nosso substituto no sacrifício do Calvário. Judá exhibe assim, as marcas genuínas da transformação moral. Seu nome significa "louvor" (29.35). A parte que tomara na venda de José como escravo aos midianitas (37.26) e a escolha de uma esposa de entre os cananitas (38.2) com os tristes resultados no capítulo 38 todo, poderiam levar-nos a pensar num verdadeiro "Icabode" ("Foi-se a glória", 1 Sm 4.21) mais do que em "Louvor". A verdade, porém, foi que a operação disciplinadora de Deus em sua vida o tinha transformado de modo completo. Eilo, pois, digno de louvor (49.8).

44.27 Jacó tinha pensado apenas em Raquel como sua verdadeira esposa. Foi isto uma das principais causas dos ciúmes e invejas que permeavam a família. Não era assim que Deus o planejava, visto como, mediante a providência, foi Raquel, e não Raquel, que fora sepultada com Jacó na cova de Macpela, contando-se seu nome entre os ancestrais de Jesus.

44.30 A união de almas através de afeição profunda era conceito tipicamente hebreu (ver Êx 18.18, onde o desfalecimento de Moisés poderia produzir o mesmo efeito relativamente à nação).

• **N. Hom. 44.34** O caráter inconsciente da provação moral e da disciplina de Deus: 1) O verdadeiro caráter se patenteia quando não nos apercebemos de que outros nos estão observando (cf. Jz 7.4-9); 2) São acontecimentos comuns e insignificantes que revelam o caráter diante de Deus; 3) É nossa influência despropositada, com relação a outros, que mais contribui para que os conquistemos para o Senhor.

45.1 *José se deu o conhecer*, só depois que se certificou do novo coração de que seus irmãos estavam possuídos. José, domo o próprio Deus, bem sabia que a disposição mais generosa para perdoar, busca a certeza necessária quanto ao arrependimento real,

verificado no ofensor, antes de segura e saudavelmente entregar-se à empresa- de derramar lágrimas de verdadeira reconciliação.

N. Hom. 45.3-15 A auto-revelação pela qual José se dera conhecer, é um retrato da auto-revelação divina: 1) Sua plena condescendência, movida por sublime amor, o reduz à condição de unir se aos indignos (cf. Fp 2.7, 8 e 2 Co 8.9); 2) O método pessoal, não mediante alguma instituição, mas, tão somente isto: "eu sou José" - é tudo quanto se faz necessário para uma auto-revelação (cf. Jo 6.20); 3) O poder - algo que suscita temor e consciência de reprovação em face do pecado antes cometido e seguido, porém, da paz que o per- dão proporciona; 4) Resultado - reconciliação, proteção e participação irrestrita nos inefáveis tesouros (cf. O Filho Pródigo, Lc 15.22, 23, Rm 8.17); 5) Responsabilidade - anunciai: a) que Jesus vive; b) que está em elevada posição; que ele deseja ter consigo toda família que encontra sob duras provações.

45.5-9 Outra vez deparamos o tema central do relato - todos os acontecimentos são conduzidos pela graciosa mão divina que pode fazer com que provenham boas coisas dos males que afligem os homens (cf. Sl 76.10). Observem-se as quatro vezes nas quais se faz referência a Deus como o Agente que ordena os acontecimentos verificados na existência de José.

45.8 *Pai de Faraó* é a tradução do hebraico *ab*, mas, também é fiel para a palavra egípcia "vizier", cuja significação é "primeiro ministro". Muito provavelmente é esta última a melhor tradução o que, insistimos, é indício certo quanto às fontes das quais o relato é oriundo, que são egípcias, portanto, não sendo o produto de composição feita muitos séculos depois na Palestina, como o pretendem alguns eruditos partidários da Alta Crítica.

45.10 *A terra de Gósen*, presentemente, "Wadi Tumilat", estreita faixa de terras férteis, situada no Delta. Visto que aqueles colonos haviam de ficar por perto de onde José se encontrasse, a natural suposição é de que a capital do Faraó, então, ficava na região do Delta. Foi este o caso no período dos hicsos. De acordo com certas inscrições egípcias, não era incomum que Faraó permitisse o estabelecimento de colônias asiáticas no Egito; quando ocorriam períodos de fome.

45.24 Calvino, já há muito tempo, admitiu que a transformação verificada na posição de José, pela qual ele se tornara assim afortunado, poderia ter suscitado em seus irmãos aquele interesse tão comum entre os homens de tentar fugir da culpa mediante acusações mútuas. Isto teria encorajado contendias.

46.3 É provável que Jacó se estivesse mostrando tão relutante em ir para o Egito pelo fato de ter em mente a aliança vinculada com Abraão mediante a qual a terra de Canaã estava prometida a seus descendentes. Em virtude da certeza que Deus lhe dera de que, não somente seria preservada a família (cf. 45.7), mas haveria de multiplicar-se e tornar-se numa poderosa nação, a qual haveria de voltar e entrar na posse da terra e da herança, Jacó resolveu partir.

46.6 Toda a descendência de Jacó foi para o Egito, em cumprimento do plano divino (cf. v. 3). Dois eram os propósitos: 1) Estabelecendo-se em Gósen os filhos de Israel estariam isolados das influências paganizadoras, tanto de Canaã como do Egito; 2) Por outro lado, porém, o povo de Deus entrava em contato, daquela maneira, com a mais avançada civilização contemporânea. Entre outros benefícios, encontram-se os seguintes: regime governamental sem o qual a nação nem mesmo chegaria a existir: administração baseada em estatutos legais, além da escrita, sem a qual Moisés jamais poderia ter escrito os cinco primeiros livros da Bíblia.

46.26,27 O número sessenta e seis, corresponde aos constituintes da família de Jacó, não incluindo o próprio Jacó, José e os dois filhos deste. Na lista referida, fica evidente que Hezrom e Hamul (v. 12) não vieram para o Egito pessoalmente, uma vez que Perez, pai deles, dificilmente teria mais do que quatro anos de idade. Benjamim, que não contaria mais do que vinte e quatro anos de idade, não poderia ser pai de dez filhos já. A maneira de admitir-se que tais pessoas foram para o Egito expressa-se pela frase: "in

lumbis patrum", exatamente como Levi pagara o dízimo através de Abraão (Hb 7.9). De acordo com a Septuaginta, o número dos que partiram para o Egito era de setenta e cinco, que é também o número dado por Estêvão (At 7.14). Os cinco adicionais viriam a ser os netos de José, provavelmente.

46.34 O plano patente naquela informação transmitida a Faraó, de que os filhos de Israel eram pastores, continha a intenção de conseguir-lhes o melhor do território, bem como isolá-los relativamente do paganismo egípcio. O fato de o pastoreio constituir-se em abominação para os egípcios, indica que era ocupação reservada a membros de casta inferior.

47.2 É provável que o número cinco tivesse alguma significação esotérica para os egípcios (cf. 43.34 e 45.22). • **N. Hom.** A maravilha da mão do Senhor sobre a vida de Jacó: 1) A grandeza de seu propósito depois de transformá-la em uma poderosa nação, Deus haveria de promover-lhe o retorno à terra de Canaã (46.3, 4); 2) A realidade da direção divina - Jacó não podia deixar de certificar-se da mão orientadora do Bom Pastor em tudo quanto ocorrera desde o dia em que lhe chegara aos ouvidos o desaparecimento de José, até o instante em que lhe fora dado encontrar-se com ele; 3) A sabedoria do amor divino - Jacó teve de abrir mão, temporariamente, dos bens acumulados na terra da Promessa, a fim de recebê-los outra vez e para sempre de modo centuplicado.

47.9 A resposta dada a Faraó, isto é, de que tinha cento e trinta anos, que seriam "poucos e maus", se nos parece estranha, devemos ter em mente que tal expressão corresponderia a uma necessária etiqueta a quem estivesse falando ao rei que era considerado como um Deus que vive eternamente. Aquele Faraó seria, provavelmente, um hicsu, cujo nome teria sido Apepi III.

47.11 A *terra de Ramessés* (Gósen), assim era chamada desde o reinado de Ramessés II (cf. Êx 1.11), que transferiu sua capital de Tebas para o Delta, ao norte do Egito.

47.14 Canaã aparece referida em conexão com o Egito, talvez pelo fato de que por aquele tempo, este último país exercia domínio sobre os povos que habitavam o território de Canaã.

47.20-26 O resultado da política esclarecida de José foi que os antigos proprietários de terras tornaram-se em arrendatários da coroa, passando a cultivar as terras de Faraó, pagando-lhe, por isso, um quinto da produção, como imposto (quantia módica, quando comparada, por exemplo, com a exigida pelos sírios aos judeus, que era um terço ou metade da produção da terra, conforme 1 Macabeus 10.30). Confirmando o relato bíblico, fontes de informações, egípcias atestam que o sistema feudal fora introduzido entre os anos de 1700 a 1500 a.C. Longe de ficarem ressentidos pela medida imposta, os egípcios se mostraram reconhecidos, admitindo que José tinha preservado suas vidas (25). • **N. Hom.** Qualidades essenciais na vida de José: 1) Sua discricção - desde o princípio até o fim, a sabedoria de que era dotado demonstra que o Espírito de Deus estava sobre ele (41.38); 2) Sua prontidão - sem hesitação, nem dúvidas, nem fraqueza de ânimo - nele se cumpria, a admoestração registrada em Cl 3.23: "Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor"; 3) A integridade de seu caráter - não fora José portador desta excepcional qualidade, muitas vidas se teriam arruinado. Tais qualidades devem ser mormente atribuídas ao próprio Deus que assim orientara e conferira seu Espírito a José, estando este cercado pelas influências pagãs do Egito.

47.29 *Pôr a mão debaixo da coxa* era a maneira pela qual se fazia um juramento deveras sério. Ver 24.2.

47.30 O lugar da sepultura era importante porque simbolizava a, continuidade do povo que se originou em Abraão e será perpetuado para um futuro distante, segundo as promessas da aliança.

47.31 *Se inclinou* - para prestar culto, em gesto de reverência e gratidão (cf. Hb 11.21).

48.3 *Deus Todo-Poderoso* - (heb *El-Shaddai*), ver nota sobre 17.1.

48.5 A adoção dos filhos de José por Jacó os elevava a uma condição de igualdade com seus próprios filhos mais velhos, que eram Rúben e Simeão. Isto explica a divisão da terra feita posteriormente na qual se verifica que a "casa de José" aparece constituída de duas tribos, isto é, Efraim e Manassés.

• **N. Hom. 48.15,16** A bondade de Deus manifesta aos que lhe pertencem: 1) O Deus com quem podemos ter comunhão, anda com seu povo (cf. 17.1; 24.40 e Êx 33.14); 2) O Deus da graça provê todas as coisas para os que são seus (cf. Sl 23,1 - lit., "Pastor" - e 28.9); 3) O Deus da salvação (o "Anjo", refere-se ao Senhor, propriamente, em suas manifestações sobre a terra - ver 16.7, 13; 21.17, 19) liberta-nos incessantemente de todo mal. A palavra traduzida por "sustentou" é, literalmente, "Aquele que me tem redimido" (heb *goel*).

48.16 Ser chamado pelo nome de alguém era algo como apossar-se da sua vida psíquica e realizar de modo realista a vida do antepassado. Eis a razão por que se diz que Jacó haveria de retomar a Canaã constituído em grande nação (46.3-4).

48.19 Isto faz lembrar a bênção de Isaque sobre Jacó e sobre Esaú - não é, propriamente, a herança que aparece como fator relevante na bênção de Deus (cf. Rm 9.11-12). Efraim, posteriormente, tornara-se a tribo mais importante do reino do Norte de Israel.

48.21 José morreu no Egito mas seus ossos foram trasladados para Canaã. Um conceito ainda mais significativo era o de que o ancestral continuaria a viver através dos filhos. Pelo fato de Efraim e Manassés terem recebido herança na terra de Canaã, José continuaria vivendo, voltando, portanto, àquela terra prometida (cf. 46.4)

49.1 As declarações anunciadas por Jacó e registradas neste capítulo não são, propriamente, bênçãos. São predições relacionadas com as doze tribos de Israel, divinamente inspiradas, que de modo bem exato, retratam os caracteres dos respectivos ancestrais.

49.4 É claro que Rúben não se mostrou excelente em coisa alguma, como podemos verificar no fato de que nenhum só juiz, ou profeta, se refere como provindo dessa tribo. Muito cedo, ela foi conquistada por Moabe (Jz 5.15-16).

49.6,7 A violência referida aqui se relaciona com a destruição desnecessária de Siquém (34.25). A dispersão de Simeão se verificara mediante a absorção da tribo pela de Judá. A maldição sobre Levi foi transformada em bênção visto que a tribo ficou separada para as funções sacerdotais, caso em que veio a atuar como representante da nação diante de Deus. Tal transformação resultara do fato de que os levitas tomaram partido em favor do Senhor no ensejo da repressão do pecado relacionado com o bezerro de ouro (Êx 32.25-29).

49.8 *Judá* significa "Louvor". No futuro, as demais tribos teriam razões de louvar a esta tribo, uma vez que Davi, sua dinastia e o Messias foram da linhagem de Judá (cf. Is 11.1 e Mt 1.1-17).

49.10 *Siló* ("Pacificador"), talvez esteja aqui como nome atribuído ao Messias que havia de vir ou, com ligeira correção provável do texto, fazendo-o concordar com a Septuaginta, seja equivalente a esta expressão: "até que venha o que lhe pertence". Finalmente o direito de exercer o domínio sobre o povo de Deus, haveria de pertencer, com exclusividade, a Jesus Cristo (cf. Is 11.1-5 e 9.6-7).

49.13 A *Zebulom*, sexto filho de Lia, é prometido lugar favorável, com respeito ao mar Mediterrâneo. Js 19.10-16, entretanto, indica que o território desta tribo não limitava, propriamente, com o mar. De qualquer maneira, tinha fronteira com a Fenícia que era o maior poder marítimo de então e, sem dúvida, ganhou muita prosperidade através desse contato.

49.14 *Issacar* é comparado com uma besta de carga, satisfeito com a tranqüilidade na terra, e pronto para se sujeitar aos cananitas.

49.16 *Dã* ("juiz"), julgará, isto é, ganhará justiça e prestígio para essa tribo pela astúcia e luta contra outras tribos e os cananitas.

49.18 Este versículo tem sido interpretado num sentido messiânico nos Targuns de Jerusalém e Jônatas. Só o escolhido e prometido de Deus julgará com justiça todo o povo (Is 11.3-5). Alguns pensam que temos aqui uma lembrança da promessa messiânica feita no jardim do Éden (Gn 3.15) a Adão e Eva.

49.20 *Aser* ganhou como herança as terras baixas desde a Carmelo até Tiro. Era uma das partes mais férteis da Palestina, abundando em trigo e azeite de oliveira (cf. 1 Rs 5.11).

49.21 A descrição de *Naftali* como gazela solta, sugere a idéia de agilidade, vitalidade e liberdade. Esta tribo herdou a terra à volta do mar da Galiléia que se relacionaria com a vinda do Messias (cf. Is 9.1, 2 com Mt 4.15, 16).

• **N. Hom. 49.22-26** O tema desta passagem - *Frutificação*. 1) Sua fonte - plantado junto à fonte (cf. Sl 1.3, Ez 19.10 com Jo 4.10-14); 2) Sua permanência sob ataque e perseguição - com as mãos suportadas e habilitadas pelo Deus poderoso (cf. Êx 17.8-13 com Jo 10.28, 29), com a proteção do pastor divino (cf. Sl 23.4, Jo 10.10, 11) e a fortaleza da pedra que é Deus (cf. Sl 40.2, 46.1 com 1 Co 3.11); 3) Seu galardão - a) a bênção dos céus; b) as bênçãos da terra; c) as bênçãos de reprodução espiritual (cf. Mt 4.19).

49.24 *Poderoso de Jacó* é um título que se refere não somente às maravilhas feitas na vida do grande patriarca, mas também fala do futuro em que ele tornará esta pequena família numa nação poderosa, abençoada e benéfica (cf. Is 1.24, 49.26).

49.25 *Todo-Poderoso* (heb *El Shaddai*) - cf. nota sobre 17.1.

50.11 *Abelmizraim*. No hebraico *ebel* significa "lamentação" e *abel*, "campo". O nome parece ser um jogo das duas palavras. Além do Jordão pode significar tanto a própria Palestina, como Transjordânia, dependendo, do ponto de vista.

50.13 *Caverna do campo de Macpela*: ver nota sobre 23.4.

50.16 É possível que isto foi um artifício da parte dos irmãos, cujo temor a José aumentou de novo, depois da morte de Jacó.

50.17 As lágrimas de José só demonstraram o seu amor para os irmãos ao pensar que eles tinham desconfiado do seu perdão genuíno.

50-19 Este é o coração e o clímax da história de José: só Deus pode perdoar pecado e cobrir a culpa do homem pecador. A providência divina dirige em tudo, tornando os propósitos maus dos homens em bem (cf. 45.4-7).

50.22 O tempo ideal de uma vida, segundo as inscrições egípcias,

50.23: Os filhos de *Maquir*, neto de José são descritos como tomados sobre os seus joelhos (lit. "nascidos sobre os seus joelhos"). Significa adotados como os seus descendentes.

O Segundo Livro de Moisés Chamado **Êxodo**

Análise

Assim como Gênesis é o livro dos inícios, Êxodo é o livro da redenção. O livramento dos oprimidos israelitas do poder egípcio é o tipo de toda a redenção (1 Co 10.11). Os rigores da escravidão no Egito (tipo do mundo) e o Faraó (um dos tipos de Satanás) exigiram a preparação do libertador, Moisés (2.1-4.31), um dos tipos de Cristo. O conflito com o opressor (5.1-11.10) resultou na saída (em grego, *exodos*, "saída") dos hebreus do Egito. Foram redimidos pelo sangue do Cordeiro Pascal (12.1-2.8) e pelo poder do Senhor, manifestado na passagem pelo mar de Juncos (no hebraico, *Yam suf*, "Mar de Juncos"), (13.1-14.31). A experiência da redenção celebrada por um cântico triunfal dos redimidos (15.1-21), foi seguida pelo teste a que foram sujeitados no deserto (15.22-18.27). No monte Sinai a nação redimida aceitou a lei; (19.1-31.18). Mas, o fato de não terem dependido da graça, levou-os à infração e à condenação (32.1-34.35). A graça de Deus

trionfou, contudo quando foram dados o tabernáculo, o sacerdócio e o sacrifício, por meio dos, quais os redimidos podiam adorar e ter comunhão com eu Redentor (36.1-40.38).

Autor

Embora em parte alguma o livro de êxodos reivindique a autoria mosaica *in totum*, o livro inteiro da lei expressa no Pentateuco, que compreende principalmente a porção que se estende de Êxodo 20 até o fim do livro de Deuteronômio, reivindica para si, em termos positivos, a autoria mosaica. Ali é declarado que Moisés foi o autor do Livro da Aliança (caps. 20-23), que inclui os Dez Mandamentos e os juízos e estatutos acompanhantes (24-4, 7). O chamado Código Sacerdotal, que trata do ritual do tabernáculo e do sacerdócio, contido no restante do livro de Êxodo (excetuando os caps. 32-34), foram declaradamente entregues a Moisés pelo Senhor (25.1, 23, 31; 26.1; e assim por diante). A construção do tabernáculo foi realizada "...segundo o Senhor ordenara..." Essa frase, ou outra semelhante, aparece repetidamente nos capítulos 39 e 40. A autoria mosaica é igualmente asseverada no tocante à seção proeminentemente histórica - a vitória de Israel sobre os amalequitas (17.4). Citando um trecho de Êxodo 3, Jesus chamou o Pentateuco em geral e o livro de Êxodo em particular de "livro de Moisés" (Mc 12.26). A moderna erudição conservadora, como também a tradição, tem sustentado a autoria mosaica. As teorias críticas não oferecem qualquer substituto adequado para a autenticidade mosaica.

Esboço

OPRESSÃO NO EGITO, 1.1-11.10
A Servidão aos Egípcios, 1.1-22
A Preparação do Libertador, 2.1-4.31
A Luta contra o Opressor, 5.1-11.10
REDIMIDOS PARA FORA DO EGITO, 12.1-14.31
Redenção pelo Sangue, 12.1-51
Instituição da Páscoa, 12.1-28
Décima Praga - Morte dos Primogênitos 12.29-51
Redenção pelo Poder, 13.1-14.31
A Consagração dos Primogênitos, 13.1-16
A Travessia do Mar dos Juncos, 13.17-14.31
EDUCAÇÃO DOS REDIMIDOS NO DESERTO, 15.1-18.27
O Cântico Triunfal dos Redimidos, 15.1-21
Testando os Redimidos, 15.22-18.27
Um Teste Amargo, 15.22-27
Fome, 16.1-36
Sede, 17.1-7
Conflito, 17.8-16
O Governo dos Redimidos, 18.1-27
CONSAGRAÇÃO DOS REDIMIDOS NO SINAI, 19.1-34-35
Aceitação da Lei, 19.1-31-18
Orientação a Moisés, 19.1-25
Os mandamentos Morais, 20.1-26
As Ordenanças Sociais, 21.1-24.11
Os Regulamentos Religiosos, 24.12-31.18
Infração da Lei, 32.1-35
O Bezerro de Ouro, 32.1-14
As Tábuas Quebradas, 32.15-35
A Restauração da Lei, 33.1-34.35
Visão Renovada, 33.1-23

As Segundas Tábuas, 34.1-35

ADORAÇÃO DOS REDIMIDOS NO TABERNÁCULO, NO SACERDÓCIO E NO RITUAL, 35.1-40.38

Dons e Artífices para o Tabernáculo, 35.1-35

Construção e Encargos do Tabernáculo, 36.1-39.43

A Ereção do Tabernáculo e a Vinda da Glória Divina, 40.1-38

1.1-22 O capítulo mostra a prosperidade que Deus sempre quer dar ao seu povo, e a desgraça que o mundo está sempre prestes a infligir.

1.8 *Novo rei.* Aqui saltamos quatro séculos de história, desde a entrada de José no Egito. Trata-se de novas dinastias com outras maneiras de pensar e de agir.

1.10 *Astúcia.* É a arma predileta dos servos do Maligno, na sua batalha contra os fiéis.

1.11 *Feitores.* A mesma vitalidade dos israelitas, que podia fazer deles inimigos potenciais, era desviada para o uso dos egípcios era mão de obra forçada, a escravidão.

1.12 *Quanto mais.* A graça de Deus para com seu povo sempre supera as tentativas de destruição feitas contra seus escolhidos.

1.14 *Amargar.* No princípio, a escravidão era para dominar e utilizar os hebreus, mas agora era para aniquilá-los, mesmo.

1.16 O assassinio secreto: as parteiras podiam atribuir a morte do filhinho a um acidente de nascimento.

1.22 O assassinio público - a fidelidade das parteiras em conservar a vida dos filhinhos forçou Faraó a revelar publicamente sua iniquidade. Assim é que uma atitude corajosa pode desmascarar as obras do Maligno.

2.1 *Levi.* Tornou-se a família sacerdotal de Israel, em parte por causa da vocação de Moisés e de seu irmão mais velho Arão.

2.2 *Formoso.* O homem destinado a libertar o povo já nasceu com algum sinal físico do favor divino. Quando seus próprios pais tiveram de abandoná-lo, Deus o preservou (cf. Sl 18.10).

2.5 *A filha de Faraó.* Parece que era a herdeira do trono, e que não tinha um filho propriamente seu, por isso, adotando-o (v. 10), estava preparando um herdeiro para a império do Egito.

2.6 *Compaixão.* Mal podia a filha de Faraó compreender que a amarga tristeza de ficar sem filho, era o meio pelo qual Deus lhe estava preparando o coração para sentir compaixão justamente na hora propícia. Assim Deus pode fazer que os mais desprezados sejam servidos e atendidos pelos grandes da terra (Is 49.23).

2.7-9 Assim a mãe de Moisés não somente tinha licença para criar seu filho, contra as ordens de Faraó, como receber condições financeiras que lhe possibilitaram fazê-lo de um modo eficiente. O único privilégio que não tinha era o de nomear a criança (v. 10)

2.10 *Moisés.* O nome vem do verbo hebraico "tirar fora", e talvez seja uma tradução do nome equivalente que a princesa lhe teria dado no idioma egípcio. O futuro legislador, historiador e líder nacional, estava para receber dos inimigos de seu povo a mais elevada cultura da época, equipando-o para estas missões.

2.11 *Espancava.* Seria talvez, um superintendente; dando-se ao cínico prazer de punir um escravo, sem justo motivo. A compaixão de que já fora possuído (2.6), levou-o a interferir, mesmo com braço forte.

2.14 *Quem te pôs.* Com estas palavras os israelitas mostraram que não, estavam prontos para receberem as bênçãos da liberdade, rejeitando seu defensor. Assim também os judeus do tempo de Jesus estavam sempre dispostos a receberem curas e mais favores do Senhor, mas não toleravam a pregação contra os seus pecados, não obstante ser justamente o pecado que envenena a vida mais do que a doença, rejeitando a terna compaixão de Jesus que queria libertá-los totalmente do pecado, através do evangelho (cf. a comparação entre Moisés e Jesus Cristo em At 7.23-35, 52).

2.15 Moisés viu-se repudiado pelos hebreus e acossado pelos egípcios. Antecipara a vocação divina para a missão de salvar o seu povo.

2.16 *Sacerdote*. Talvez um pagão, sendo, todavia, um descendente de Abraão e de Quetura; um midianita, portanto (Gn 25.2).

2.18 *Por que*. Reuel (que quer dizer "Amigo de Deus") estava ao parda perseguição sofrida pelas suas filhas.

2.20 *Chamai-o*. O homem forte era justamente o que lhe faltava.

2.23 *Morreu o rei*. O fim do perigo imediato, com a possibilidade de voltar para o Egito. Mas para o povo não houve alívio.

2.24 *Lembrou-se*. Não é que Deus não faz caso do sofrimento do Seu povo. Ele toma conhecimento misericordioso da nossa situação quando nos dirigimos a Ele em oração.

3.1 De acordo com o discurso de Estêvão, Moisés tinha passado 40 anos como pastor de ovelhas, antes desta vocação (At 7.30). Já tinha passado 40 anos no Egito, recebendo elevada cultura, e agora, após 40 anos de vida no campo, estava preparado para ser guia, pastor, profeta e legislador do seu povo.

3.2 *Não se consumia*. Luz e calor sem destruição. Moisés podia, através desse milagre, compreender a natureza da comunhão com Deus.

3.3 *Maravilha*. É a simples curiosidade que, às vezes, leva a pessoa a pensar nas coisas sobrenaturais justamente quando estaria apenas interessado em seus afazeres diários.

3.4 *Vendo*. Deus exige uma prova de nossa fé, quando de suas revelações, para que se nos revele mais profundamente.

3.6 Aqui, Deus, especificamente, se revela como o mesmo Deus das promessas feitas aos Patriarcas, um por um: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3 e 3.6-14).

3.7 *Conheço*. Já antes da própria criação do mundo Deus previa as aflições de seu povo. Fato este tornado mais claro após a obra por Deus realizada (Hb 4.14-16).

3.8 *Desci*. Ainda que Deus esteja presente em todo lugar, em alguns encontros com certos homens, como nesta ocasião, Deus se manifesta de modo especial.

3.10 Nota-se que quando Deus se compadece dos aflitos, e promete sua intervenção, é o próprio homem que recebe uma comissão sobrenatural para ser o instrumento nas mãos divinas.

3.11 *Quem sou eu?* O ser humano sempre deve reconhecer sua impossibilidade de fazer as obras de Deus. Mas Moisés está levantando a primeira de uma série de objeções.

3.12 *Eu serei contigo*. A promessa da presença real de Deus é a resposta total à fraqueza humana (compare a missão e a promessa descritas em Mt 28.18-20).

3.14 *Eu sou*. Este verbo, numa forma que produz o passado, presente e futuro ao mesmo tempo, dá o nome transliterado Jeová (Yahweh), que indica a natureza eterna e imutável de Deus.

3.15 O Senhor. Quando os nomes SENHOR ou DEUS se escrevem em letra maiúscula, é uma tradução da palavra hebraica (Yahweh) que vem do verbo "ser", e mostra que Deus é eterno e imutável.

3.17 *Cananeu*. A raça que estava habitando Canaã era de descendência semítica, semelhante nos costumes e linguagem ao povo de Israel - mas, sem a vocação divina; era pagã e brutal.

3.19 *Eu sei*. Deus sempre quer oferecer a oportunidade para o arrependimento e a obediência, mas sabe quão duro é a coração do homem: assim também Jesus nos conhece (cf. Jo 2.24-25).

3.21 *Mercê*. Mediante a revelação divina em milagres e, na pregação, muitos egípcios chegavam a respeitar a fé de Israel (Êx 9.20).

4.1 Tão arraigada no coração humano é a incredulidade, que até no momento de receber uma visão de Deus, as dúvidas vicejam.

4.2 *Um bordão*. Deus sempre está pronto a nos encontrar nas coisas simples desta vida e

nas fadigas diárias (Jo 4.7); abençoa os objetos comuns que usamos no trabalho (Jo 6.9-13)

• **N. Hom. 4.3 Cobra.** O *bordão*, símbolo de autoridade e de apoio, aparece por um momento na forma da serpente, símbolo das obras de Satanás. Semelhantemente, Jesus, o Cetro de Judá a quem os povos terão de obedecer (Gn 49.10), foi assumir a forma da carne pecaminosa, para a nossa justificação. Como Moisés fez o povo olhar para uma serpente de bronze na fé, para que se curasse da mordedura das serpentes do deserto (Nm 21.4-9), assim nós temos de olhar para Cristo, a fim de obtermos a salvação (Jo 3.14-15). O ser humano carnal foge desta doutrina, assim como Moisés fugiu antes de ser realmente obediente, consagrado e ungido.

4.6 Leprosa. A lepra é a doença que na *Bíblia* se usa freqüentemente como símbolo da podridão do pecado; os povos orientais a reconheciam como um castigo provindo de Deus.

4.8 Talvez. Não é que Deus não sabia de todas as coisas e portanto diz "talvez", é que para o próprio bem do homem, Ele está oferecendo uma segunda oportunidade graciosa para o povo crer.

4.10 Nem depois que falaste. Moisés quer culpar a Deus por sua falta de dons, em vez de aceitar sua vocação e avançar com uma atitude vitoriosa. Cada crente deve confiar que Deus lhe dará tudo o que é necessário (Rm 8.32).

4.11 Toda condição humana está dentro do alcance dos planos de Deus, não se tratando de circunstâncias fortuitas. Moisés tem de aprender que o Todo-Poderoso acompanha sua missão.

4.13 Menos a mim. A rebelião aberta, quando as desculpas já se esgotaram. Contraste com a atitude de Isaías (Is 6.8).

4.16 Boca. Nisto compreendemos a função do profeta - é falar as palavras de Deus ao povo, sem interpretação ou acréscimo próprio (cf. 2 Pe 1.20).

4.17 Este bordão. Deus não precisa de nenhum objeto físico para fazer suas maravilhas, mas deseja que Moisés use o bordão do pastor para fazer as vezes de cetro real, de espada e de vara mágica. Moisés haveria de ser pastor do povo de Deus, Sl 77.20.

4.21 Endurecerei. Não é que Deus força os homens a se rebelarem contra Ele, mas nos fez de tal maneira que, cada vez que rejeitamos parte da vontade divina para nossos vidas, mais difícil se torna para nós termos fé, amor e obediência para abraçar a próxima revelação do que Deus deseja de nós. Este resultado inevitável da desobediência é parte da Lei de Deus, e, por isso, é Deus quem o faz (cf. Rm 1.18-27).

4.22 Primogênito. Esta palavra mostra o amor com que Deus considera Seu povo escolhido, garantindo que a plenitude da natureza do Seu divino Ser seja empenhada nesta relação. Quem quer que se relacione pela fé viva com Cristo (Jo 15.1-4) está plenamente enquadrado neste amor (Jo 1.18; 17.21 e 26).

4.24 O quis matar. O vaso escolhido de Deus, que vai realizar no mundo os propósitos divinos, não tem valor nenhum sem um espírito de absoluta obediência em todas as coisas. Aqui se trata da circuncisão, a cerimônia pela qual um filho macho recebia um sinal visível da Aliança feita entre Deus e Seu povo (Gn 17.9-14).

4.31 E o povo creu. Moisés fizera os três sinais que Deus lhe tinha concedido, tendo o apoio de Arão. Aceitando-os como portadores de uma mensagem de esperança o povo os aceitou. Mas ainda veremos que esta fé não está em condições de enfrentar a primeira perseguição, nem de mostrar lealdade absoluta.

5.2 Não conheço. Ignorância da pessoa de Deus, e desprezo das suas exigências, são a raiz da pecaminosidade humana.

5.5 Vós o distrais. Assim muitos consideram o culto religioso como o ódio do povo, que produz muitos sonhos, mas tira a vitalidade para o trabalho, ou para a subversão. • **N. Hom.** Deus deseja dar liberdade aos seres humanos, sendo que é só assim que começam a ser humanos, mesmo. O mundo, ao redor, tem várias forças malignas para

tirar a liberdade, como no caso do Faraó, que compensou os anseios religiosos dos israelitas com escravidão redobrada. Assim também acontece muitas vezes quando Cristo oferece libertação às pessoas escravizadas pelo pecado. Há uma tentativa do Diabo para com força redobrada segurar os seus cativos.

5.14 A idéia era a de fazer voltar o simples homem do povo contra os seus próprios líderes e benfeitores, atribuindo a eles a causa da perseguição. Assim, às vezes, Deus permite ao ser humano ser reduzido até os últimos graus da miséria para aprender a recorrer ao seu Criador.

5.17 *Estais ociosos.* Uma resposta injusta a uma queixa cortês e construtiva. Ociosos eles não eram, já que as obras das suas mãos podem ser vistas no Egito até o dia de hoje. O pagão acha que o culto divino, o sacrifício de louvor, é uma perda de tempo, ao qual o crente responde que são estas horas que tomam as demais horas da vida significativas e construtivas (Sl 127).

5.21 *Olhe o Senhor.* O plano de Faraó venceu - a própria religião da libertação passa a ser desprezada pelos escravos, que ficam assim desprovidos de sua única esperança.

5.22 *Tornando-se ao Senhor.* Quando tudo parece estar perdido, vemos que Moisés já tinha aprendido a recorrer à fonte de toda bênção. Perplexo sobre o aparente mau êxito da sua vocação, vê que só aquele que o vocacionou deve ser consultado.

6.1 *Agora verás.* O impossível para a capacidade humana, e a oportunidade para Deus intervir com Seus planos de graciosa salvação.

6.3 *Todo-poderoso.* Em hebraico, *El Shaddai*; era o nome empregado por todos os povos do Oriente Médio para descrever a Deus, mesmo entre aqueles que tinham perdido a idéia monoteística da divindade. *Senhor.* O nome específico revelado para Moisés quando lhe foram dadas as promessas da Salvação (Êx 3.14). Normalmente na Bíblia, o nome "Senhor" descreve a Deus nas suas relações com a raça humana, sua revelação e sua graça, enquanto o nome "Deus" o aponta como criador Todo-poderoso dos céus e da terra, a origem de tudo.

6.5 Este versículo revela a misericórdia de Deus para com a raça humana e emprega mais uma vez a palavra *Aliança*, que é o conjunto das promessas imutáveis de Deus, que alcançam a gloriosa plenitude do seu cumprimento na pessoa de Jesus Cristo.

Depois de revelar Seu nome, Sua compaixão e Sua aliança, Deus promete uma poderosa e específica intervenção na situação atual.

6.7 *Tomar-vos-ei.* Esta é uma conclusão natural do ato de resgatar, mencionado no versículo anterior. É importante notar que o Antigo Testamento inteira baseia toda a ética, a moralidade; a política e a fé do povo de Israel no soberano ato de Deus em resgatar um povo particularmente Seu.

6.9 *Ânsia de espírito.* A escravidão é cruel, mas muito pior é a amargura com que o povo encara o sofrimento - é este estado mental que priva muitas pessoas do consolo das promessas de Deus. Os escolhidos rejeitaram a palavra (cf. Jo 1.11). Se o Faraó, um pagão, atender, é por um milagre da parte de Deus (v. 13).

6.14 *Chefes dos famílias.* Depois de Moisés ter fielmente testificado perante o Faraó e perante o povo de Israel, a respeito da mensagem de Deus, e depois de ter percebido as reações negativas de ambos, estava pronto, em sã consciência, a obedecer à voz de Deus e confiar nas suas promessas reiteradas nos versículos anteriores. Já que a decisão estava firmada, cabe agora, uma definição sobre quem era este Moisés, antes de proceder com a história.

6.16 *Levi.* O terceiro filho de Jacó, chamado de Israel. Mencionaram-se os dois primeiros, Rúben e Simeão, para chegar a Levi. Depois a genealogia segue a linha até Arão e Moisés, e aos parentes deles que haveriam de assumir trabalhos sacerdotais, sem descrever os outros nove filhos de Jacó. O que interessa em qualquer vida humana é que se converta para servir a Deus.

6.26 *São estes.* A pausa para definições e explicações é o prelúdio ao grande ato de

salvação, que agora passará a ser descrito.

6.29 *Eu sou.* A mensagem dos servos de Deus vem da revelação que Deus lhes concede da sua própria natureza.

7.1 *Disse o Senhor.* A Palavra de Deus era o fundamento da comissão de Moisés, a fonte onde sua coragem emanou. • **N. Hom.** *Tu falarás tudo que eu te ordenar.* Este é o dever de cada servo de Deus. Ninguém deve guardar silêncio na espera de oportunidades maiores (2 Tm 4.2). Temos de declarar todo o conselho de Deus (At 20.27), nada retendo, nem mesmo as coisas que podem ofender, para não sermos profetas de coisas apazíveis e de ilusões (Is 30.10). Não devemos pregar nossas próprias opiniões e teorias, mas seguir o exemplo do próprio Jesus Cristo que só anunciava a mensagem prescrita por seu Pai (Jo 12.49). Isto quer dizer que nos devemos cingir fielmente da verdade bíblica (Ef 6.14).

7.3 *Endurecerei.* Os corações dos homens estão debaixo da autoridade soberana de Deus (Rm 9.18). A resistência de Faraó era a causa dos sinais e das maravilhas pelas quais Deus se revelou de maneira inesquecível ao seu povo. O endurecimento é um salário do pecado da rebelião contra a mensagem de Deus, lentamente tirando do incrédulo a capacidade de se converter. É por isso que cada pessoa que escuta o convite do evangelho nunca deve protelar a sua aceitação da salvação que Cristo oferece a todo aquele que crer.

7.5 *Saberão.* A resistência do Faraó era a oportunidade para sua nação inteira perceber que Deus existe em soberania e poder, amor e compaixão para proteger os que apelam para Ele.

7.15 *Sairá às águas.* Aqui se trata não de um passeio, mas de uma cerimônia anual, para o Faraó abençoar a enchente do Nilo, que, ano pós ano, trazia fertilidade e prosperidade para a nação. A intervenção divina naquela hora era tão dramática, como a pregação de Jesus, que a fé nele era o que produzia, no íntimo do homem, fontes de água viva (Jo 7.37-39, compare Jo 4.10-14). • **N. Hom.** Deus vai até às últimas conseqüências, ao se revelar aos homens, para que alguns se convertam e vivam eternamente. Logo mostra a podridão das coisas que mais estimamos, como no caso do idolatrado rio Nilo. Nenhum sentimentalismo falso pode fazer Deus reter sua mão, mas no decurso de sua intervenção na vida humana há freqüentes possibilidades de arrependimento. Nota-se como cada uma das dez pragas era anunciada de antemão, posta em ação pela rebelião do homem, é retirada ao primeiro sinal da conversão do mesmo.

7.18 *Nojo.* O rio tão adorado logo se tornou objeto de nojo, pois nada neste mundo tem valor sem bênção de Deus.

7.19 *Vasos.* Não se trata de algum fenômeno natural, pelo qual as águas do Nilo ficaram coloridas por terra vermelha, como muitos pensam, pois os vasos guardados nos lares também sentiram o efeito do milagre que tinha o fito de revelar o poder de Deus.

7.20 *Fizeram.* A praga foi ameaçada (17), pronunciada (19) e só agora posta em execução segundo a ordem divina. *À vista.* O motivo do milagre era ensinar os líderes civis do Egito a respeitarem mais a Deus do que aos homens.

7.22 *Fizeram também o mesmo.* Qualquer sinal de religião falsificada é desculpa suficiente para os ímpios recusarem a verdade. Como é que não tinham poder para sanar a praga e só copiá-la aumentando-a? Um bom teste para a qualidade da religião é ver se soluciona problemas ou se cria maiores dificuldades humanas. • **N. Hom.** Este capítulo nos ensina sobre o poder soberano de Deus, e sobre o seu direito de exigir a obediência humana. Aqui podemos ver as punições se acumulando, à medida que o ser humano resiste às mensagens de Deus. Lemos das limitações das falsas religiões que tentam imitar a verdade para poderem conquistar os fiéis, e podemos ver a separação que Deus faz entre Seu povo e o mundo que recusa aceitar a sua palavra.

8.2 *Rãs.* Assim como um pecado abre o caminho para outro, também um castigo (o de inutilizar as águas do Nilo), acumula outro (as rãs que já não podem mais viver no Nilo).

8.7 Os magos. Mais uma vez, só serviram para multiplicar a desgraça; nada mais fácil do que produzir rãs naquela hora, e Faraó não podia desperceber isto, e por isso, logo veio com promessas e pedidos (8-11).

8.12 Combinara. Faraó era, segundo o pensamento dos egípcios, um ser divino, e logo o ato de "combinar" com os mensageiros de Deus seria equivalente a admitir um ser superior a si mesmo. A guerra que vamos ver na mente de Faraó é semelhante àquela que cada pessoa enfrenta quando decide seguir ou rejeitar a Cristo.

8.15 Alívio. Passando o perigo, e com ele o medo, passam muitas promessas religiosas, feitas em tais condições. Deus quer converter totalmente o coração do homem, e não aceita a obediência forçada, mas sim, a adoração em espírito e em verdade.

8.16 Piolhos. Esta praga era a resposta imediata à desobediência de Faraó. A terra contaminada pelos corpos das rãs seria uma ótima fonte de piolhos; mas mesmo assim, seu aparecimento súbito seria reconhecido como um inegável milagre.

8.18 Não o puderam. A revelação de Deus já estava desmascarando a fraqueza humana. Isto quer dizer que agora Faraó ouviria da boca dos próprios profissionais que ensinavam o paganismo, a confissão que se trata de uma intervenção de Deus (19).

8.21 Enxames de moscas. Se Faraó não queria obedecer à ordem de Deus, então seria forçado a enfrentar um exército de moscas composto de meros insetos, mediante o que haveria de obedecer.

8.22 Separarei. Deus vai mostrar claramente que as pragas não são um acidente natural, poupando Seu próprio povo de tais castigos mandados contra o Egito e seus deuses.

8.25 Nesta terra. Faraó se vê em dificuldades, mas pensa que pode "pechinchar" com Deus. Vai obedecer à ordem divina mas tem que ser ele quem vai ditar os termos exatos da obediência.

8.26 Abomináveis. Os egípcios tinham ídolos de touros e de carneiros, e não poderiam tolerar que tais animais fossem sacrificados a outro Deus. Não havia jeito de evitar a ordem original dada em Êx 5.3, que Moisés passa a repetir (27).

8.28 Orai também. Petição de um homem cercado de perigos, que ele não sobe como remover. Mas Moisés nunca rejeitaria a um pedido deste tipo (29). Devemos estar sempre prontos a orar em favor de outras pessoas, inclusive nosso perseguidores (Lc 6.27-28).

8.32 Não deixou ir. Não somente não quis abrir mão da vantagem de ter uma nação como sua escrava, como também quis levar ao extremo, seu desafio anterior: "Quem é o Senhor?" (5.2).

9.1 Assim diz o Senhor. Se o crente desejar falar com autoridade e com poder, antes de mais nada tem que possuir a certeza de que Deus lhe deu uma mensagem para transmitir aos seus semelhantes. Só aqueles que crêem que a Bíblia é a Palavra de Deus, e que a ela submetem sua vida, têm autoridade para falar ao povo em nome de Deus. *Para que me sirva.* A finalidade da nossa redenção é salvar-nos da escravidão do pecado, para servirmos a Deus, com alegria aqui na terra, como nos céus.

9.4 Distinção. Mais uma vez, veio uma prova definida que não se trata de acontecimentos naturais; o próprio Faraó teria verificado que a pestilência não atingiu o gado dos israelitas (7).

9.7 Porém. O processo de rebelião contra Deus se desenvolveu de tal maneira que Faraó nem mais precisou de motivos, nem de desculpas para recusar deixar ir o povo de Deus. Assim também cada parábola de Jesus dava mais sabedoria para aqueles que quisessem ouvir, e confundia cada vez mais aqueles que apenas presenciassem suas pregações por curiosidade.

9.9 Úlceras. Se os homens não atentam para a perda dos seus bens, então a disciplina se estende até a própria carne (Jó 2.4-7).

9.11 Tumores nos magos. Longe de remover a praga, os magos são vítimas dela, e nunca mais aparecem nesta história como conselheiros de Faraó. Assim também o ser humano que pensa ser um livre-pensador, já é vítima da situação que tenta analisar.

9.14 *Para que saibas.* A praga da chuva de pedras é especificamente descrita como sendo um sinal da autoridade soberana de Deus, e é justamente na história desta praga que sabemos que um grupo de oficiais egípcios temia à palavra do Senhor (20). A misericórdia de Deus sempre está ao alcance dos homens.

9.15 *Cortado da terra.* As mesmas pragas, que tanto dano causaram, podiam ter sido concentradas em torno da pessoa de Faraó, para eliminá-lo da terra, mas o rebelde recebe permissão para sobreviver e assim deixar para a posteridade um exemplo sobre o que acontece quando o chefe, embora de um grande império, quer endeusar-se a si mesmo, resistindo assim a Deus. Que este propósito surtiu efeito, temos prova em 1 Sm 4.8, onde se percebe que, 400 anos mais tarde, os filisteus ainda guardavam esta história.

9.20 Assim como antes houvera uma distinção entre o povo de Israel e os egípcios, agora a distinção não é mais de nacionalidade, mas entre aqueles que aceitam a Palavra de Deus e os que a rejeitam (21). O novo Israel de Deus é composto dos que têm fé (Rm 4.11).

9.25 Esta chuva produziu uma destruição geral das plantas, dos animais e homens, mas não tocou em nada dos israelitas (26) e ainda houve possibilidade para outras pessoas tomarem suas providências contra esta anormalidade, aceitando o aviso dado por Moisés.

9.27 De tudo o que aconteceu, Faraó tinha aprendido algumas verdades religiosas: seu próprio pecado em face da justiça divina, e a impiedade das organizações meramente humanas. Mas aprender assim é fácil; é o arrependimento que põe o ser humano em contato com a graça de Deus. Sem isto, todo o conhecimento religioso serve para condenar ainda mais o homem.

9.28 *Já bastam.* Faraó se declara convencido pelos sinais, ou então se trata de um caso de dupla personalidade, que carece de firmeza de caráter, pois mudava de atitude quando o perigo desaparecia (34).

9.29 *Estenderei.* Imediata é a resposta do crente aos pedidos de oração, e imediata é a resposta divina às orações do crente que intercede por outrem segundo a vontade do próprio Cristo (33; cf. Tg 5.16).

9.30 *Não temeis.* Moisés não ignorava a malícia do coração humano, mas nem por isso deixou de interceder por Faraó.

9.32 *Não sofreram dano.* Um parêntese que nos ensina sobre a misericórdias de Deus - ainda haveria comida para o povo simples do Egito, que recebera uma última trégua (cf. 10-15).

10.1 *Disse o Senhor.* O fiel servo de Deus recebe a orientação divina para cada transe da sua luta contra as forças do mal.

10.2 *Para que contes.* De fato, durante toda subsequente história de Israel, o motivo básico para toda a vida religiosa do povo era esta história de como Deus tinha salvo e resgatado um povo particularmente Seu, que reconhecia Sua soberania. *Saibas.* O israelita não quis ter teorias vãs acerca de Deus, mas sim, uma verdadeira experiência religiosa de andar com Deus.

10.3 *Humilhar-te.* Quem não se humilha, Deus o humilhará completamente.

10.4 *Gafanhotos.* Esta oitava praga já é mais severa: mesmo as invasões normais no oriente formam nuvens de gafanhotos que devoram em poucas horas toda espécie de alimento em área de quilômetros quadrados. Mas esta invasão foi excepcional (6; cf. Jl 2.1-11).

10.7 *Os oficiais.* Assim como os magos já se retiraram da luta (9.11), agora são os oficiais que estão se rendendo à evidência, chegando a se opor abertamente à política louca de um rei totalitário.

10.8 *Porém.* A obediência a Deus dos não sinceramente convertidos contém sempre um "porém" significativo. Este porém é a condenação dos ímpios, porque, na realidade, é rebeldia contra Deus, como se vê no v. 11, em que a restrição não foi aceita por Moisés. Nota-se que, pela primeira vez, discutiu-se sobre os termos da obediência, antes de

chegar outra praga, indício de que Faraó estava aprendendo a temer o poder de Deus.

10.10 *Seja o Senhor.* Um emprego blasfemo do nome de Deus para rejeitar um pedido feito em nome do Senhor. Faraó já quis ditar o lugar do sacrifício (8.25) e agora quis limitar o número dos participantes no culto solene. • **N. Hom. V.** 12 nos ensina que a seqüência ao pecado é o julgamento divino, que é inevitável, quando não imediato. A terra inteira sofreu as conseqüências, pois o pecado sempre traz grandes danos até para terceiros inocentes. Nota-se também o poder absoluto de Deus sobre todas as forças da natureza, assim demonstrando que ele é o Deus e os ídolos (deuses imaginários) nenhum poder tinham.

10.15 *Se escureceu.* O tamanho das nuvens de gafanhotos, muitas vezes, esconde inteiramente a luz do sol na região invadida.

10.16 *Pequei.* Uma idéia muito fraca sobre o pecado é de quem antevê as conseqüências do seu erro, e quer se livrar delas. Faraó teme os poderes manifestos em Moisés, mas não teme ao poder de Deus. Como todo pecador, pensa que se trata de um erro esporádico (esta vez ainda) e não percebe o abismo em que se precipita sem possibilidade de se salvar sozinho.

10.19 *Nem ainda um só.* Deus faz sua parte com perfeição, em resposta à oração da fé do seu servo obediente. Mas nem esta prova graciosa serviu para Faraó, uma vez passado o perigo.

10.21 *Trevas.* Esta praga veio sem prévio aviso. Resposta imediata à perfídia de Faraó, mencionada no v. 20. Não se sabe qual foi a causa imediata das trevas, talvez uma tempestade areia ou umas nuvens espessas de cinzas, vindas de uma erupção vulcânica da região da Grécia; sabe-se somente que eram limitadas, não chegando ao lugar dos israelitas, v. 23.

10.24 *Faraó chamou.* Chamou para oferecer seu quarto "acordo amistoso" (os demais se acham em 8.25, 8.28 e 10.11). Vê-se cada vez mais forçado a conceder algo mais, sem nunca lhe vir à mente a necessidade da obediência; tão somente o interessava a própria autoridade real, não aprendendo que o Altíssimo tem autoridade sobre o reino dos homens (Dn 4.32; Ap 19.16).

10.26 *Nem uma unha.* Moisés já aprendeu a lição de obediência completa à vontade de Deus, e sabe que o alívio momentâneo de algum compromisso com as exigências do mundo, comprometeria a plenitude de alegria da vitória, na sua comunhão com Deus. O ser humano tem de comparecer perante Deus, com seus bens, com seu tempo, com seu caráter, oferecendo a plenitude do seu ser em sacrifício vivo e aceitável a Deus (Rm 12.1-2). Não se pode saber de antemão o que há em nós que Deus quer usar, e por isso devemos permanecer numa atitude perpétua de oração.

10.28 *Retira-te.* Ordenar a retirada do profeta de Deus era a maneira de tentar excluir Deus da vida de Faraó. Mas Deus não pede audiências aos homens e nenhuma pessoa que tenta cerrar os ouvidos à voz dos crentes irá por isso ser poupada da decisão final que todos enfrentarão: aceitar a salvação que Deus oferece, ou receber a eterna punição.

10.29 *Nunca mais.* Era o fim da missão de Moisés para com aquele rei egípcio. Em 12.31, Moisés apenas atende ao rei para ouvir sua confissão de derrotado, sem lhe pedir audiência, pois quem persuadiu a Faraó com a praga final fora o próprio Deus.

11.1 *Expulsará.* Em vindo a décima praga, Faraó apressa-se em obedecer à ordem de Deus, mostrando-se, agora, mais disposto a permitir ao povo que se retire, do que antes. Assim, também, os joelhos que não se dobram em oração perante Cristo, aqui na terra, se dobrarão no Dia Final (Fp 2.11).

11.9 *Se multipliquem.* A rebelião do homem, evidência mais claramente a glória de Deus.

11.10 Na hora de ter Moisés anunciado a última praga deparamo-nos com este resumo, mostrando-nos a rebelião humana em face das maravilhas de Deus. Assim, em Jo 12.37-43, há a manifestação da incredulidade dos judeus, apesar dos sinais de Jesus, que marca o fim do relato do que Jesus fez em público, e o começo da narrativa da Última

Ceia e da Crucificação.

12.2 *Este mês.* O verdadeiro aniversário do povo de Deus. Pode-se ver neste capítulo as instruções para a saída do Egito, junto com as instruções de celebrar a Páscoa dali em diante. É como o ato de Cristo, ao fazer os discípulos participarem com Ele da última ceia, e, ao mesmo tempo, deixar-lhes uma cerimônia sagrada, que seria a Nova Páscoa até Sua segunda vinda (1 Co 11.23-32, Lc 22.14-20). • **N. Hom.** O cordeiro da Páscoa era o sacrifício aceitável, que Deus mesmo tinha instituído. Jesus é nossa Páscoa (1 Co 5.7), é, o Cordeiro de Deus (Jo 1.29). O cordeiro tinha de ser sem defeito, (5) e Cristo cumpriu esta exigência (1 Pe 1.18-19). Tinha de ser separado para o sacrifício quatro dias antes do dia 14, (3) assim como Cristo entrou em Jerusalém no dia da separação do cordeiro, e morreu no mesmo dia do sacrifício. Precisava ser imolado pela congregação inteira, assim como Cristo foi sacrificado pelos líderes civis e religiosos de Israel e de Roma e pela vontade da turba popular, em prol do mundo inteiro (6). Nenhum osso do cordeiro podia ser quebrado (46). Compare Jo 19.33 e 36. O sangue do cordeiro era o símbolo do sangue do cordeiro de Deus e fazia estar sobre o povo a proteção divina contra a escravidão do pecado e o castigo (13). Assim também, o sangue de Jesus nos liberta da escravidão de Satanás e da punição eterna.

12.8 *Ervas amargas.* Certos congêneres da alface. Talvez por falta de meios de cozinhar e temperar, ou talvez pela necessidade de recolher ervas do campo, em vez de comprarem verduras.

12.12 *Os deuses.* Quase todos os ídolos do Egito eram semelhantes a algum animal, com feições humanas. A morte do primogênito de cada tipo de animal mostrará a falibilidade e a impotência das "divindades" que haviam de protegê-los.

12.14 *Memorial.* Os versículos 14-20, contêm os pormenores de como a festa solene teria de ser celebrada ano após ano.

12.15 *Eliminada.* A punição é grave, mas, na Bíblia, o fermento freqüentemente simboliza o pecado, a podridão (Lc 12.1), e é claro que nenhuma cerimônia religiosa tem valor se vier acompanhada do pecado humano (1 Co 10.1-5; 11.28-29).

12.21 Agora são dadas as instruções para o ocasião imediata. O marcar as casas com sangue para indicar que estes são os lares que participam do sacrifício ordenado por Deus é só para esta ocasião.

12.22 *Hissopo.* Uma planta usada para aspergir (cf. Sl 51.7).

12.23 *Destruidor.* O anjo da punição e da destruição (cf. 2 Sm 24.16).

12.26 *Que rito é este?* Cada culto, cada rito, cada sacramento tem a finalidade de ensinar a palavra de Deus, instruir os participantes nas coisas que Deus tem feito, ordenado é prometido.

12.29 *Os primogênitos.* Nem o herdeiro do trono é capaz de escapar ao juízo de Deus, nem o filho do escravo encarcerado é insignificante demais para ser objeto da justiça divina.

12.31 *Chamou.* Esta audiência foi marcada por Deus, não por Moisés nem por Faraó, que se tinham despedido mutuamente com grande ira (10.28-29, 11.8). *Como tendes dito.* Agora é Faraó que se preocupa em cumprir as ordens divinas até a última risca. Se somos fracos em pregar a Palavra de Deus, devemos, ao menos, ter fé no poder do excelso Senhor em comprovar a Mensagem.

12.32 *Abençoa-me.* Recusando entrar no âmbito da bênção de Deus, pelo caminho normal da fé e da obediência à Sua Palavra, Faraó ainda foi forçado a reconhecer que lhe faltava alguma coisa. Só que não quis pagar o sacrifício do próprio "eu", com um arrependimento real.

12.33 *Apertavam.* Como Moisés tinha predito: são a próprios egípcios que estão pedindo a saída dos israelitas (11.8).

12.35 *Conforme a palavra.* Moisés tinha recebido a *ordem* de pedir fundos aos vizinhos egípcios, e a *promessa* de que o próprio Deus faria os egípcios atenderem a este pedido

(11.2-3). Era, na realidade, uma indenização a pagar aos escravos libertados, uma fração daquilo que lhes era devido (cf. Dt 15.13-14).

12.36 Despojaram. Não pelo roubo, mas pelo favor, foi que os israelitas ganharam daqueles que não tinham seus corações endurecidos e que aprenderam algo das revelações de Deus (9.20; 10.7).

12.37 Sucote. Parece ser a cidade de Pitom, bem ao norte do Mar Vermelho. As grandes estradas centrais, guardadas por fortificações, se achavam muito mais para a norte (cf. 13.17). Parece que até dois mil anos atrás, o Mar Vermelho se estendia quase até lá.

12.38 Misto de gente. Talvez aventureiros, curiosos e pessoas deslocadas por causa das dez pragas.

12.42 Se observar. Juntamente com a história da redenção vêm as instruções para servir e adorar ao Redentor.

12.43 Ordenança. Os versículos 43-50 fornecem a orientação como celebrar a cerimônia da Páscoa para os anos vindouros. • **N. Hom.** A Páscoa não tem sentido para os que são estranhos às promessas de Deus (43). Mas quando em comunhão com o povo de Deus, tais pessoas, sejam elas do mais baixo nível, humanamente falando, têm igual direito de se aproximar de Deus (44). Quem tem a mesma fé, em Deus, que Abraão teve, é herdeiro das promessas e participante ativo destas cerimônias, que devem ser celebradas sempre, pelos fiéis em fraternidade (47).

13.2 Consagra-me. A hora em que Deus tinha se revelado por um milagre supremo, era justamente a oportunidade para ensinar o povo sobre os deveres religiosos. Assim, também, Jesus usou a ocasião em que produziu, por milagre, pão para os famintos, para ensinar que Ele é o Pão da Vida (Jo 6.51).

13.8 Contarás a teu filho. A explicação da Palavra de Deus no lar, sempre foi a base da vida religiosa do povo de Deus, no passado, e sempre deverá ser o fundamento da sociedade cristã de hoje. Os chefes dos lares devem ser sacerdotes e profetas, de certo modo.

13.9 Sinal. Os judeus interpretaram este versículo, juntamente com v. 16 e Dt 6.8, 11.13-21, como uma ordem de atar pequenas caixas de couro aos braços e à frente, contendo pergaminhos com trechos inteiros da Bíblia, contendo tais ordens. Mas será melhor guardar estes ensinamentos no pensar (entre os olhos), no agir (na tua mão) e no falar (na tua boca). É isto que, na sua linguagem pitoresca, o Bíblia quer dizer.

13.11 Quando. Muitas das instruções dadas no deserto depois da saída do Egito, eram aplicáveis à vida em Canaã. O povo não podia receber a dádiva de uma terra ideal, antes de aprender o "modo de usar" um território nacional independente.

13.12 Apartarás. Todos os primogênitos de Israel, inclusive os animais, teriam morrido se não fosse o sacrifício específico ordenado por Deus, que os separou para a salvação. Então, para o resto da história de Israel, o povo tem de estar cômico de que se não fosse a misericórdia divina, nada de precioso lhe restaria.

13.13 Jumenta. Era o único animal, dos que os israelitas normalmente possuíam, que era ritualmente imundo, não sendo aceitável nem para sacrifício, nem para comida.

13.14 Que é isso? Mais um rito que proporciona oportunidades para o ensino religioso (comparar 12.26, no rito da Páscoa).

13.15 Sucedeu. Um tipo de "credo" curto para resumir os acontecimentos do Êxodo, assim como foram previstos em 4.22-23.

13.17 Caminho da terra dos filisteus. A estrada internacional, fortificada. Já que os filisteus chegaram um pouco depois da época do êxodo, a presença deste nome na narrativa dá margem à teoria dos críticos, que afirma que o livro não teria sido escrito por Moisés. Mas, provavelmente, Moisés tecia escrito no egípcio da época, que foi traduzido "Estrada dos Filisteus" pelos escribas que, século após século, copiaram e conservaram as Sagradas Letras. *Guerra.* Haveria um exército dos egípcios guardando as fronteiras.

13.18 Deserto. É claro que não havia nem fortalezas, nem exércitos ali, pois quem

quisesse escapar do Egito pelo deserto ainda teria de passar por um braço do Mar Vermelho.

13.21 A presença real de Deus se manifestava segundo as características da luz e da escuridão. Sendo visível para um povo acostumado à escravidão física e espiritual.

14.2 As cidades aqui mencionadas, até hoje não foram localizadas com certeza, mas parecem se tratar de pontos um pouco ao norte dos limites atuais do Mar Vermelho.

14.3 *Faraó dirá.* Deus conhece o íntimo do ser humano, inclusive as pequenas petulâncias de um rei que se considera divino, mas que é mesquinho e covarde, esperando uma oportunidade de vingança. Faraó quer lutar até à morte contra Deus e o Seu povo.

14.4 *Serei glorificado.* Sl 76.10 nos ensina que até a ira dos homens há de glorificar a Deus. Isto quer dizer que nem as piores circunstâncias terrestres (Tg 1.20) podem ofuscar a glória de Deus, mas sim, até mesmo contribuir para ela, juntamente com o resto do universo (Sl 19.1).

14.8 *O Senhor endureceu.* Repetidas vezes se escreve que o Faraó endureceu seu próprio coração (8.15, 32; 9.32), mas agora não havia mais possibilidade de escolher, pois o diálogo com os servos de Deus já se encerrara (10.28-29; 11.8). *Afoitamente.* Os israelitas não estavam dependendo das mudanças do coração do Faraó. Estavam avançando, segundo as ordens transmitidas por Moisés.

14.10 *Temeram.* A coragem e o temor dos que são principiantes na fé dependem tão somente das condições visíveis e externas.

14.11 *Fazendo-nos sair.* A primeira da longa série de queixas e lamúrias que Moisés precisou enfrentar por quarenta anos. O libertador de um povo com espírito de escravidão, tem uma tarefa das mais difíceis. Vê-se que quem escravizava o povo não era só o Faraó, mas também a própria mente mesquinha que achava melhor viver como boi ou cavalo, apenas com a comida garantida, v. 12.

• **N. Hom. 14.13** *Aquietai-vos e vede.* Aqui está a importantíssima doutrina da fé. O povo, tendo finalmente obedecido à chamada de Deus para sair da escravidão e tão somente servi-lo, se viu numa situação humanamente impossível, por ter seguido às instruções do servo de Deus. Então veio a hora de parar de debater, de se preocupar, e começar a possuir esta fé dinâmica que, embora pareça ser "apenas ficar quieto", é na verdade o canal pelo qual a plenitude do poder intervém. É um exemplo da fé salvadora, que aceita a obra de Cristo e não se apóia na força humana.

14.15 *Por que clamas a mim?* A promessa da libertação já fora dada. Agora é só marchar para a frente, confiando em Deus. Sempre foi esta a atitude da fé (cf. Tg 2.14-26).

14.18 *Saberão.* Apesar do peso das pragas e das punições, é melhor reconhecer a Deus aqui na terra, do que ser forçado a reconhecê-lo no dia do julgamento. Daí se compreende que os milagres do Êxodo deram uma oportunidade para a salvação dos egípcios.

14.20 *Escuridade.* As coisas de Deus sempre se tornam em confusão e escuridade para os ímpios, mas luz, alegria e vitória para os fiéis.

14.22 *Qual muro.* Mesmo que o Mar fosse menos fundo, no lugar e na época da passagem dos israelitas, havia muita água, de ambos os lados da passagem.

14.26 *Estende a mão.* Moisés assume a autoridade divina sobre o mar, quando os egípcios estão tão empenhados na perseguição que não haverá meio de escapar. Isto é semelhante ao perigo do pecado, que tão seguramente prende suas vítimas.

14.29 *Muros.* As águas que eram uma ameaça e uma destruição para os ímpios, são muros de segurança para os que seguem o caminho de Deus. Assim, Cristo é o aroma da vida eterna para os que O aceitam, mas cheiro de morte para os que O rejeitam (2 Co 2.14-17).

14.30 *Israel viu os egípcios.* Os que estavam sempre perante os israelitas como perseguidores temíveis, agora não passavam de cadáveres. Também o crente, pela fé,

deve encarar os problemas da vida, já vencidos por Cristo.

14.31 *Confiou*. Infelizmente está confiança dependia da prosperidade dramática visível, enquanto Moisés, o herói da fé, vivia como "quem vê aquele que é invisível" (Hb 11.27).

15.1 O tema desta canção celebra a intervenção divina na derrota daqueles que perseguiram o Seu povo.

15.2 *Minha força*. Deus, que liberta uma nação inteira, deve ser conhecido e adorado individualmente pelo ser humano.

15.7 *Derribas*. A suprema excelência de Deus se revela quando, em Cristo Jesus, derriba as obras de Satanás, o reino do Maligno, e anula o efeito do pecado na vida humana.

15.9 *O inimigo*. Grandiosas são as pretensões dos inimigos de Deus. Talvez isto aconteça porque é justamente a soberba que não deixa o homem reconhecer os seus pecados e aceitar a graça e o perdão de Deus. Grandiosas, também, são as pretensões do Diabo em destruir os crentes (1 Pe 5.8).

15.10 *Sopraste*. Êx 14.21 nos mostra que as águas do mar foram afastadas por um forte vento; então era uma mudança de vento que deixou voltar a maré, que agora se tomou em arma contra os perseguidores.

15.11 *Entre os deuses*. Não que Moisés pensasse que existiam outros deuses, mas sabia que as superstições de povo do Egito, com respeito aos ídolos, eram grandes, e que os israelitas tinham passado quatro séculos nesse ambiente (cf. Sl 135.15-18). *Santidade*. É justamente isto que faltava na idéia que os pagãos fizeram da natureza de Deus. Esta é a característica especial de Deus e é isto que se exige dos crentes (Hb 12.14).

15.14 *Agonias*. O povo que, justamente na época do Êxodo, estava chegando à costa da Palestina, os filisteus, juntamente com Edom e Moabe, os vizinhos daquela Terra Prometida, e os Cananitas que ali habitavam, logo teriam que desocupar o lugar para a habitação do povo de Deus. A fama do Êxodo logo se espalhou.

15.17 *Plantarás*. O símbolo do povo de Deus era uma videira plantada e cultivada por Ele (Sl 80.8), que cresceu até sua plenitude na pessoa de Jesus Cristo (Jo 15.1). *Aparelhaste*. Fazia séculos que o povo de Israel era herdeiro da promessa de "uma terra que mana leite e mel" (3.8; 13.5; Gn 13.14-16).

15.18 *Reinará*. Os milagres de poder operados no Êxodo foram mais uma manifestação do domínio eterno de Deus.

15.19 Este versículo é um resumo do cântico de Moisés que trata da passagem pelo Mar Vermelho e a destruição final dos perseguidores.

15.20 *A profetisa Miriã*. Mais uma das grandes mulheres da Bíblia. O povo de Deus não seguia o costume oriental de deixar as mulheres sem direitos civis.

15.22 *Sur*. A parte da península de Sinai, que fica próxima do Egito.

15.23 *Mara*. No hebraico, quer dizer "amargo". *O povo murmurou*. Já era a segunda grande queixa contra Moisés depois da saída da escravidão (14.12). Esta atitude ingrata dos israelitas tinha levado Moisés, à fuga, quarenta anos antes (2.14).

15.25 *Clamou*. O recurso de Moisés quando tudo ia mal era saber recorrer à Fonte de Bênçãos, o Deus Onipotente. *Árvore*. Há árvores no Peru que têm esta qualidade, mas nenhum dos moradores das regiões do Sinai conhece algo semelhante; era necessário haver uma revelação divina em resposta à oração de Moisés. Vê-se aqui uma ilustração do madeiro, a Cruz de Cristo que pode resgatar do julgamento mais amargo.

15.26 A obediência aos mandamentos de Deus e a aceitação das Suas promessas, não só libertam o ser humano das conseqüências da punição que a rebelião contra Deus acarreta, como foi demonstrado no Egito, mas também *sara* totalmente o ser, inclusive o próprio corpo físico. Deus é também o Médico Supremo.

15.27 *Então*. Os que viajam para o sul de Sinai descobrem este Oásis, depois de um dia de viagem a camelo além de Mara.

16.1 *Sim*. O deserto que se estende até o sul da península.

16.2 *Congregação*. A palavra é usada quase no sentido de "Igreja". Realmente, o sentido

é o da coletividade dos que foram chamados a sair da vida mundana ou do paganismo para se tornarem povo de Deus.

16.3 *Panelas de carne.* A terceira grande murmuração era causada pela fome. A pessoa ingrata sempre sonha com outras condições longínquas, nunca quer enfrentar o presente (cf. Rm 1.21).

16.4 *À prova.* Juntamente com as providências de Deus, viriam certos mandamentos a serem cumpridos (20 e26).

16.8 *Quem somos nós?* O fiel servo de Deus nada mais tem a fazer senão pregar e viver a Palavra de Deus; quem não aceita sua mensagem não está lutando contra homens, mas contra Deus.

16.10 *A glória.* O brilho da presença de Deus sempre ilumina o mais árido deserto da Vida, quando aprendemos a buscar Sua Face.

16.12 *Sabereis.* Se a destruição dos ímpios revela o poder de Deus (14.18), muito mais cuidado sobrenatural e misericordioso Ele tem para com os seus, nas horas da maior dificuldade.

16.13 *Codornizes.* Na primavera, que corresponde aos meses de março e abril (cf. 12.2; 13.4), multidões de pássaros migram da África para a área do Mar Báltico, para evitar o extremo calor do verão. Uma das duas linhas de direção tomadas, passa justamente pela parte do Sinal onde os Israelitas estavam. Um pouco de tempestade, um pouco de cansaço poderia fazer que um sem número deles caísse exausto sobre a terra. No mês de outubro há outra migração ali (cf. Nm. 11.31).

16.15 *Que é isto?* Em heb, a pergunta tem a forma semelhante à palavra Maná, que é o nome então dado a este "Pão do Céu" (16.4).

16.16 *Gômer.* É uma tigela que equivale à medida de dois litros. Cada um encheu sua tigela e alguns acharam mais (18).

16.18 *Medindo-o.* Ou quer dizer que tudo foi recolhido em depósitos centrais e distribuído com justiça pela medida, ou que, na hora das colheitas, por uma medida exata; viu-se que aqueles que tinham mais que uma tigela cheia não tiveram mais que dois litros. Paulo cita este fato, como um exemplo de justiça e fraternidade que deve existir entre os crentes (2 Co 8.15). A hora do aperto não é hora de ambições, de competições e de gula.

16.20 *Não deram ouvidos.* Mesmo na hora milagrosa, não há muita obediência à Palavra de Deus (16.4).

16.22 *Em dobro.* Se é Deus que ordenou um descanso religioso para todos no sétimo dia, é Ele mesmo que protege Seu povo contra as conseqüências de ficar sem colheita de maná (16.5 e 22).

16.27 *Saíram alguns.* A dúvida, a desobediência e a curiosidade vãs são as forças que dirigem aqueles que ainda não aprenderam a ser dirigidos pela Palavra de Deus, 28-30.

16 31 *Casa de Israel.* Um dos nomes usados para descrever Israel como sendo uma família única, de linhagem real; o profeta Ezequiel usa mais deste nome.

16.33 *Diante do Senhor.* Num lugar santificado, mudando-se logo depois para a arca da aliança (25.10-16). Logo que fizeram a Arca e o Testemunho (as duas tábuas da Lei), foi que Arão colocou a tigela selada que preservava o maná, v. 34.

17.2 *Contendeu.* Longe de a povo reconhecer que todos eram companheiros na mesma dificuldade, queriam culpar Moisés por todas as faltas de conforto do deserto. A liberdade menos lhes interessava do que receber água e pão dos seus antigos senhores.

17.4 *Clamou.* Se o ser humano carnal sabe amargar sua própria vida pelo hábito de clamar contra cada circunstância, contra cada pessoa, o homem de fé transforma a situação inteira clamando a Deus.

17.5 *Bordão.* Não é um cajado mágico. Moisés tinha de segurar bem firme na mão algo que lhe trazia lembranças vívidas daquilo que Deus tinha feito no passado, para agora ter mais fé.

17.6 *Estarei ali.* Deus está presente em todo lugar, mas, mesmo assim, há momentos e

lugares nos quais o homem está especialmente convidado a sentir a realidade do amor e do poder de Deus.

17.7 *Massá*. Quer dizer "tentação". *Meribá*. Quer dizer "contenda". • **N. Hom.** Nota-se nestes versículos que o espírito de queixa perto está do espírito de assassínio (4). Que a mesma vara que condenou as águas dos desobedientes, tornando-as em sangue, também produz águas cristalinas de refrigério para os que estão seguindo, embora imperfeitamente (2), nos caminhos do Senhor (6). Que Horebe, sendo o próprio monte Sinai, já se revelava como fonte de alívio antes de ser o lugar da Lei (6 e 19.3-6). Assim, Jesus Cristo não impõe seus mandamentos sem se ter revelado como fonte eterna de amor, de graça e de salvação. Paulo reconhece que, nesta viagem dos israelitas, foi a própria presença real de Cristo que estava proporcionando as bênçãos ao povo (1 Co 10.1-4).

17.8 *Amaleque*. Uma tribo de beduínos, que tinha sua base no sul da Palestina, e que se aventurava no deserto. Parece que era da descendência de Esaú (Gn 36.12), e portanto, um tipo de edomita.

17.11 *Levantava a mão*. Gesto bíblico da oração de fé e confiança. Moisés sentia mais o cansaço físico quando estava atentando às dificuldades da batalha do que quando em comunhão com Deus (Mt 14.30).

17.12 *Sustentavam-lhe*. A fé coletiva do povo de Deus opera para abençoá-lo.

17.14 *Escreve*. Foi talvez no tempo da saída do Egito, que os israelitas adaptaram os hieróglifos do Egito para formar um alfabeto hebraico. A cultura que Moisés recebeu como príncipe no Egito o levou para este grande passo. *Memória*. Lembrança haveria dos amalequitas, pelo próprio fato de Moisés descrever esta batalha. Mas quanto aos vestígios, é o que lhes deveria desaparecer, pela ordem de Deus.

18.3 *Gérson*. Quer dizer "um estranho ali".

18.4 *Eliézer*. Quer dizer "meu Deus é socorro".

18.7 *Ao encontro*. Midiã dava para a parte do Sinal que é próxima da Palestina; então Moisés e Jetro tinham ida à mesma distância.

18.11 *Agora sei*. Jetro era um sacerdote de Deus, mesmo sem ter recebido a revelação específica que Deus confiou aos israelitas no Egito.

18.12 *Sacrifícios*. Jetro, sendo um descendente de Abraão (Gn 15.2), precisava apenas ser instruído na revelação de Deus (8-11) e se integrar com este povo resgatado da escravidão, para ser um verdadeiro sacerdote de Deus.

18.13 *Julgar*. Fazer as decisões em todas as questões e contendas que surgissem no decurso da vida diária.

18.14 *Vendo*. Às vezes um estranho pode observar com mais calma as nossas tradições e ver até que ponto caem no ridículo.

18.15 *Consultar a Deus*. Deus tinha vocacionado a Moisés, concedendo-lhe a possibilidade de sentir tão bem Sua presença, que era como conversar com um amigo (33.11), e por isso, era Moisés que devia perceber a vontade divina em casos individuais.

18.19 *Representa*. Moisés tinha que cuidar dos grandes problemas pessoalmente; os demais podiam ser delegados a outrem. Primeiro, o grande homem de oração e de fé precisava interceder pelo povo perante Deus. Assim também, os discípulos de Jesus não podiam deixar a oração e o ensino da Palavra de Deus para atender à distribuição de alimentos, o que qualquer um podia fazer (At 6.2-4). Segundo, tinha de *ensinar* as Leis de Deus (20), como os discípulos acima mencionados. Terceiro, precisava guiar o povo no comportamento e na obra (20). Os homens escolhidos segundo a descrição do v. 21, facilmente poderiam aplicar este ensino básico e vital a milhares de pequenos casos particulares.

• **N. Hom.** **18.21** Uma descrição dos que têm o dever de observar os desígnios de Deus entre os homens. *Capazes*. Uma certa cultura, tarimba e eficiência prática. *Verdade*. Fidelidade e franqueza, moldada pela própria Palavra de Deus. *Tementes*. Possuindo a

verdadeira piedade, que tem valor eterno e também transmite valor e significado à vida na terra (1 Tm 4.8). *Avareza*. Aqui, a palavra quer dizer "desejo de receber peitas, gorjetas, suborno, para torcer a lei em favor de quem concedeu o presente". Era o vício mais comum da justiça oriental.

18.23 *Assim Deus*. Jetro sabe que está oferecendo a nata da sabedoria humana para seu genro Moisés, mas reconhece que o que Deus pode revelar em orações e visões é superior ao raciocínio humano (1 Co 2.6-10). Sabe respeitar a vocação do profeta.

18.25 *Chefes*. Uma hierarquia organizada, como num exército, que faz a ordem do superior ter aplicação imediata para cada indivíduo da coletividade. Segundo, a tradição dos judeus, foi deste sistema de Moisés que se desenvolveu o Concílio Superior, que regia os conselhos locais das sinagogas.

19.4 *Águia*. O Êxodo tinha sido um arrebatamento dramático da terra da escravidão, para o povo estar livre para servir a Deus.

19.5,6 Eis o conteúdo da aliança de Deus com os homens - separados, santificados, e salvos para servir, adorar e gozar de eterna graça com Deus.

19.10 *Purifica-o*. A purificação é um rito específico para sacerdotes, e daí podemos ver a aplicação imediata da promessa de Deus mencionada no v. 6, e abraçada unanimemente pelo povo (8); que os que aceitam às promessas e aos preceitos de Deus, já são sacerdotes i.e., servem a Deus e são veículos para revelar a Palavra a terceiros (Vd as refs. bíblicas).

19.12 *Limites*. Todos os pormenores e cuidados para evitar que o povo se aproxime do monte, são para inculcar, de maneira bem clara e dramática, na mente do povo presente, que existe uma barreira enorme entre Deus, que é Santo, e o homem pecaminoso. Ninguém pode compreender o sacrifício de Cristo, sem reconhecer que foi feito tudo, nesse, para transpor essa barreira.

19.15 *Mulher*. Um espírito de castidade, reverência e meditação pode preparar o homem para receber a revelação de Deus. A vida diária precisa ser interrompida, de vez em quando, para um levantamento de nossa condição espiritual.

19.16 *Se estremeceu*. Qualquer revelação da natureza de Deus faz estremecer nosso pequeno "eu" com seus vícios, seus temores, sua soberba e sua falta habitual de fé e de obediência.

19.21 *Não traspasse*. Quem viveu em perpétua rebelião contra Deus, como foi o caso desses israelitas, desde a primeira ação de Moisés para libertá-los em nome de Deus, não poderia contemplar Sua glória sem ser consumido. Assim será no Dia do julgamento: os que não amaram a Deus na terra, não O conhecerão como Salvador, mas sim, como Juiz, naquele Dia.

19.22 *Também os sacerdotes*. Os sacerdotes são humanos, com falhas humanas. Jesus é divino e sem falha (Hb 7.20-28).

19.23 *Consagra-o*. Moisés não podia consagrar o monte: é a presença de Deus que o torna santo. Mas, como profeta de Deus, pode *proclamar* essa consagração e colocar limites ao seu redor. • **N. Hom.** A Epístola aos Hebreus nos ensina que a solenidade e a reverência desta ocasião, não se podem comparar em importância com aquilo que Deus fez para nós no monte, perto de Jerusalém, onde Jesus foi crucificado para fazer uma Aliança de graça, de perdão e de santificação com o ser humano, não baseada na virtude humana (Êx 19.8, 24.3), mas no sangue de Jesus (Hb 12.18-29). Compreendemos, pois, que os trovões (16) representam a ira de Deus, a nuvem protege o homem da luz Eterna, e a buzina é o chifre do carneiro, usado para convocar os adoradores, v. 13.

20.2 *Eu sou*. Antes de Deus nos dar os Dez Mandamentos, nos faz lembrar Quem Ele é, e o que faz por nós (*que te tirei*).

20.3 *Outros deuses*. Não se deve amar, adorar ou obedecer a qualquer coisa que seja, acima da vontade divina.

20.4 *Imagem*. A idolatria esta totalmente condenada, em todas as suas formas.

20.7 Condenação da hipocrisia: "Não lançarás mão da aparência da religião como cobertura das tuas maldades". • **N. Hom.** O primeiro mandamento (3) mostra que o conhecimento de Deus e o desejo de servi-lo expulsam do nosso coração as ambições e as aspirações inferiores (Dt 6.5). O segundo reconhece todas as ajudas visíveis ao culto como um tropeço para a verdadeira adoração em espírito e em verdade, inclusive imagens de Cristo e dos anjos (*em cima nos céus*); dos apóstolos, dos mártires, dos santos (*embaixo no terra*) (4). O terceiro (7), é contra a linguagem profana, tão comum em cada época, contra o perjúrio, contra toda teologia que não seja bíblica, que não seja ensinada por pessoas convertidas a Cristo, e contra a hipocrisia. O quarto (8), é para guardar em memorial (Lembra-te), prática que o povo já observava (Êx 16.23), a qual gravava bem firme na mente o fato da criação de todas as coisas por Deus; para os crentes, aponta, também, para o futuro, à nova Criação em Cristo Jesus (Ap 21.1-5). O quinto mandamento (12) e o sétimo (14) enfatizam a santidade, a pureza e o valor da vida em família e em núcleo social e religioso. O sexto (13) preserva a santidade da vida humana. O nono conserva a pureza da verdade (16); o oitavo e o décimo conservam o direito da propriedade que cada um deve administrar como mordomo de Deus (v. 15 e v. 17).

20.17 *Casa.* Aqui quer dizer "lar", e inclui tudo o que daí possa advir.

20.19 *Fala-nos tu.* A atitude comum dos que não se converteram pessoalmente a Deus, mediante a obra de Jesus Cristo. Querem mediadores, sacerdotes, que lhes dêem preceitos carnisais, que possam cumprir fisicamente, mas não de comunhão com Deus.

20.20 *Não pequeis.* Até o temor que Deus impõe, é um ato de misericórdia para ajudar o homem de pouca fé a aprender a viver em santidade. Este temor é o princípio da sabedoria, Sl 111.10.

20.22 *Dos céus.* A voz de Deus intervém na situação humana, como interveio no caos para criar o Universo (Sl 33.6), e por isso não há lógica em consultar a obras esculpidas pelo homem (23).

20.24 *Altar de terra.* O altar é o lugar da adoração e do sacrifício. Mas tudo que sacrificar, até o sacrifício de louvor, que é o oferecer nosso próprio "eu" em adoração, vem primeiro da graça de Deus. O sacrifício que nos proporciona a vida eterna foi realizado por Deus (Jo 3.16). Por isso se considera uma profanação aproximarmo-nos de Deus com um culto oriundo de nossos próprios esforços, com nossa sabedoria e ciência (25).

20.26 A ordem e a decência são exigidas em um culto, sem a mínima mescla de malícia. As vezes, nossos cultos de hoje carecem disto.

21.2 *Escravo.* A palavra de Deus santifica qualquer situação humana, tirando-lhe o aguilhão, mas não declara qual tipo de sociedade é o melhor. Assim também, Paulo ensinou a Filemom que devia tratar a seu escravo como irmão e amigo (Fm 16). A mesma coisa se fez com a poligamia (9-11), até que Cristo ensinou a plenitude do significado do casamento (Mc 10.2-12 e refs.).

21.12 A chave para compreender estas leis acerca da violência é reconhecer que, na sociedade dos beduínos, e dos semitas do deserto em geral, a vingança era um conceito dos mais populares, e que não houve quem lhe impusesse limites. Um ato de vingança levava a outro, até se destruir tribos inteiras por uma insignificância. Aqui, pois, achamos leis para a justa retribuição para preservar os inocentes contra os criminosos, e também preservar os próprios criminosos e suas famílias, de uma punição sem medidas, sem piedade e sem fim.

21.13 O homicídio não premeditado se distingue claramente do assassinato, pela primeira vez na história humana (14).

21.15 Com o v. 17, temos a aplicação jurídica do quinto mandamento (20.12), assim como nos vv. 12-14 a do sexto mandamento.

21.16 *Raptar.* O crime de raptar para obter lucros é descrito na história de José (Gn 37.22-28). *Será morto.* Esta expressão, freqüente nestes versículos, deixa bem claro que

"o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). • **N. Hom.** Todas estas leis são aplicação para a vida física de uma nação, e para a vida espiritual do povo de Deus, como veremos no contexto. Neste trecho podemos ver a doutrina da misericórdia divina (21.13) que protege da ira humana, ao homem que caiu em crime não premeditado, dando-lhe refúgio no Seu altar, refúgio que não pode ser profanado por quem fez embustes contra a vida do seu próximo.(14).

21.20 Escravo. Ainda que o dono comprasse ao escravo, este não lhe pertenceria totalmente, porque a Deus pertence a terra e tudo que nela há. Assim a misericórdia de Deus intervêm no tratamento do escravo.

21.24 Olho por olho. Um sumário do princípio de restringir a punição, dentro da medida do crime cometido. Jesus Cristo nos ensina a andar uma segunda milha, ensinando-nos o perdão, para que o crente seja uma reflexão real do amor de Deus (Mt 5.38).

21.32 Trinta ciclos. O valor mínimo de uma vida humana, segundo o preço de resgate legal. Foi por essa importância que Judas vendeu Jesus.

22.1 A restituição legal pelo furto, como no caso de Zaqueu (Lc 19.8).

22.2 Ladrão. Um chefe de família será livre de culpa quando defender seu lar, com mão armada, no caso de um assalto noturno. De dia, porém, só o espírito de assassinio o levaria a abater um homem, quando seria fácil levar o assaltante a fugir (3).

22.5 Fizer pastar. Uma aplicação lógica do oitavo mandamento "Não furtarás". Para aqueles que não puderam entender sozinhos, que deixar seu animal faltar-se com o valioso produto da fazenda do vizinho, era uma maneira disfarçada de furtar-lhe, precisava haver regulamentos, embora a melhor maneira de viver a Lei de Deus seja tê-la gravada no seu íntimo, no coração (Hb 8).

22.6 Fogo. O fogo irrompe de uma centelha e uma desatenção, e destrói tudo que há ao redor. A destruição fica por conta de quem causou a primeira centelha alastrada. Muito mais responsável e de mais terríveis danos é aquele que profere uma palavra irrefletida contra seu próximo, pois a língua é fogo ateadado pelo inferno, fogo indomável (Tg 3.1-12).

22.7-15 Estes versículos nos ensinam muito sobre a mordomia cristã, no uso de todas as bênçãos de Deus, considerando-as coisas sagradas, depositadas em nossas mãos para serem usadas para a glória do Reino de Deus e para o alívio e a alegria do nosso próximo. A palavra hebraica que representa os juizes é a mesma que quer dizer "Deus", perante Quem os obreiros cristãos são responsáveis pela prosperidade espiritual da obra (1 Co 3.10-17).

22.15 Alugado. O mercenário inclui seus riscos no seu salário.

22.17 Dote. O valor é quase o dobro do preço do resgate de um escravo.

22.18 Feiticeira. A palavra se refere a uma médium. Os vv. 18-20 demonstram, também, a morte espiritual que resulta da substituição do amor a Deus pela comunhão com os espíritos malignos (18), ou a adoração dos ídolos (20).

22.21 Forasteiro. A compreensão baseada na experiência própria é uma extraordinária fonte de compaixão. Desta fonte Cristo bebeu profundamente (Hb 3.14-16), e por isso intercede sempre a nosso favor.

22.22 Viúva... órfão. São justamente estas pessoas, que, com o forasteiro (21), não tinham parentes poderosos para serem seus "vingadores"; isto é, pessoas que forçavam os opressores a resgatar o mau feito ao parente pobre. São estas pessoas que a própria Lei de Deus protege muito especialmente, o que quer dizer que o próprio Deus se torna seu "vingador", revelado em Cristo, como redentor de todos os que andam oprimidos pelo Diabo.

22.25-31 Nestes preceitos se ensina o perdão e a compaixão (26-27), a reverência (28), a gratidão (29), e a santificação (31).

23.1 Notícias falsas. Espalhar boatos que danifiquem o nome de outrem ou assustem o povo, faz parte da proibição do nono mandamento (Êx 20.16). Ser testemunha maldosa, continuando o pensamento do mandamento, inclui mentir para ajudar alguém a vingar-se

do inimigo (1); deixar seu depoimento ser influído pela maioria (2); valer-se de sua posição social contra um semelhante, em detrimento da verdade (3); ou, como juiz, fazer uso de tais testemunhas, julgar falsamente, aceitar suborno para pronunciar uma sentença im procedente, ou oprimir ao forasteiro no seu julgamento (6-9). Tudo isto faz parte do falso testemunho.

23.4 A inimizade pessoal não pode paralisar a vida normal da sociedade, nem secar as fontes de compaixão e de piedade. Quantas vezes o povo paralisa as fontes de alimentação da nação, para a extorquir com um preço mais alto.

23.9 *Forasteiros*. A hora mais própria de se falar nesta lei de compaixão é justamente a da fuga do Egito.

23.10-13 O quarto mandamento, o do sábado (20.8-11), aqui se aplica à terra, à obra humana, e aos animais. O sétimo ano é para a terra descansar (que aliás é uma necessidade agrícola), e tudo que ela produz sozinha é para alívio dos pobres, juntamente a fauna terrestre e as aves, das quais Jesus disse que o Pai Celestial as sustenta (Mt 6.26)

23.13 *Apercebidos*. Tudo que Deus nos diz na Sua Palavra é para nos ensinar a amá-lo, confiar nele e servi-LO na terra e nos céus. As leis que aqui aparecem são para separar o povo de Deus de todo sintoma de paganismo, da idolatria, e do deslize mental que o acompanha. Assim, a primeira Epístola de João, que tanto fala do amor de Cristo e da vida espiritual, se encerra Com as palavras: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos" (1 Jo 5.21).

23.14-19 As três festas religiosas em que o povo todo se reunia para o culto solene. Quando o povo se tornou em uma grande nação, tais festas se realizavam no Templo de Jerusalém.

23.15 *Pães asmos*.. Continuação da festa da Páscoa, na qual se dava graças a Deus pela libertação da escravidão (veja as referências).

23.16 *Primeiros frutos*. É o Pentecostes, a festa das semanas, assim chamada por contar sete semanas ou cinqüenta dias, desde o começo dos produtos da terra até ao dia da festa. "Pentecostes" é a transcrição do numeral grego que significa "cinqüenta". É a festa de gratidão por todos os benefícios de Deus na vida diária. *Festa do colheita*. É a festa dos tabernáculos, celebrada depois de colher tudo aquilo que o ano produziu. Naqueles dias, todos viviam em tendas de ramos e folhas, para lembrar-se do tempo, no deserto, quando Deus supria tudo sem a contribuição do esforço humano.

23.19 *Leite*. A gula humana não pode suprimir a compaixão. • **N. Hom.** Deus tem autoridade para nos dar Suas Leis, pois Ele criou o mundo e nos tirou da escravidão (20.2). Mas, à autoridade, Deus sempre acrescenta Sua graça e Seu amor. No fim dessas instruções legais que Deus deu a Moisés, vem a promessa da companhia de um Anjo para garantir a herança prometida. A este Anjo deve-se obediência (22), é preciso ser Seu discípulo (21) e a condição para permanecer nessa bênção é a fidelidade integral a Deus e o afastamento total da idolatria (24). Esta relação concede saúde ao homem (25 e 26), coragem sobre-humana (27), intervenção divina em nossa ajuda (28), e Sua providência que faz *todos* as coisas concorrerem em benefício do servo de Deus (29-30), tudo lhe proporcionando (31). Esta descrição é aplicável àquilo que Jesus Cristo faz para os homens. Se a rocha de água (17.6) era Cristo (1 Co 10.4), é muito mais claro que o Anjo de Deus seja Cristo também.

23.25 *As enfermidades*. O povo de Deus deve orar em favor dos doentes. A paz com Deus lança fora as múltiplas doenças causadas pelos vícios, pela preocupação, pelo ódio e pelo medo.

23.26 *Completarei*. Da mesma forma, o ideal para o crente é ir amadurecendo, até a velhice, para depois ser colhido como um feixe de trigo, a seu tempo (Jó 5.26).

23.28 *Vespas*. Ou se refere às forças naturais que Deus põe à disposição do Seu povo, ou pode ser o símbolo do império do Egito, que tinha limitado as forças dos cananitas,

mas que justamente naquele ano estava em declínio, o que significa que o território de Canaã estava sem proteção organizada.

23.29 *Num só ano.* Seria impossível cultivar uma terra abandonada, de uma hora para outra; a luta contra a natureza seria malograda.

24.1 *Setenta anciãos.* Representantes do povo, para comunicar à nação a natureza da Aliança.

24.3 *Faremos.* Antes de ouvir os Mandamentos, e agora, depois de compreender a natureza da Lei de Deus, o povo promete fazer a sua parte, que é obedecer (19.8).

24.4 *Escreveu.* Já é a segunda vez que ficamos sabendo que, no decurso dos acontecimentos do Êxodo, Moisés estava tomando nota escrita de tudo (17.14). Estes acontecimentos, que revelam a maneira de Deus agir e reger, entre os homens, eram para ser ensinados e lembrados até o fim do mundo, a fim de guiar aos homens (cf. 13.8-9 e 14-15).

24.7 *Livro do Aliança.* Mais uma vez podemos ver que a Lei de Deus estava sendo escrita durante a viagem, por Moisés.

24.8 *O sangue do aliança.* O povo, assim, aceitou a sua parte no sacrifício ordenado por Deus e na Sua vontade revelada. Trata-se apenas de uma pálida sombra do que acontece na Ceia (leia todas as referências bíblicas no rodapé).

24.17 *O aspecto da glória.* Esta visão nos faz lembrar da transfiguração de Cristo (Lc 9.28-36). • **N. Hom.** Em ambos os casos, anciãos ou discípulos, foram deixados ao pé do monte para cuidar do povo (Êx 24.14 e Lc 9.40). Em ambos os casos era o ponto de partida para novas relações religiosas: no Êxodo, o conceito de culto e de sacrifício que preparava o povo para a vinda de Cristo; no evangelho, o ensinamento de que Jesus deveria dar sua própria vida para a salvação do mundo (Lc 9.14-15). Em ambos os casos, também, as maiores fracassos aconteceram ao povo de Deus, durante a ausência do líder espiritual (Êx 32.1-10 e Lc 9.41).

24.18 *Quarenta dias.* Igual tempo Jesus passou no deserto, antes de começar Seu ministério (Lc 14.1-2). Era tempo suficiente para se esquecer dos próprios hábitos e se conformar com os ideais que provêm da verdadeira comunhão com Deus.

25.1 Aqui começam os preceitos para o culto dos israelitas, a maneira simbólica de adorar dia após dia, de maneira a inculcar na mente do adorador as verdades eternas de Deus. Tentaremos esclarecer alguns símbolos que apontam para Jesus Cristo.

25.2 *Oferta.* Uma parte vital da comunhão com Deus (Rm 12.11).

25.6 *Incenso.* Relacionado com as orações (Ap 8.3, 4).

25.8 *Habitar.* O propósito real de qualquer santuário é a comunhão com Deus. Os objetos visíveis são símbolos para nos ensinar a adorar a Deus em espírito e em verdade, como Jesus nos ensinou.

25.10 *Uma arca.* O objeto central do culto, onde se guardava o testemunho, (16); o texto dos dez mandamentos que o povo aceitou, formando, assim, a Aliança com Deus (19.8; 24.3-8).

25.12 *Argolas.* Para carregar a arca com varais (13-14).

25.17 *Propiciatório.* O lugar do perdão de Deus aponta para Cristo (Rm 3.25).

25.18 *Querubins.* Parece ser um tipo de anjos, sempre associados à revelação da glória de Deus. Não é um caso de idolatria (Êx 20.4), pois eram guardados no Santo dos Santos, onde ninguém podia entrar, a não ser o Sumo Sacerdote e uma só vez por ano.

25.23 *A mesa.* Era para os pães (30), e simboliza a mesa de Cristo, na qual participamos do Pão da Vida: Sua carne e Sua Palavra.

25.30 *Pães.* Depois de comer o Maná no deserto, os israelitas não podiam duvidar que Deus dá o pão de cada dia. Estes pães eram uma lembrança disto e uma espécie de oração para que Deus continue suprindo o pão necessário de cada dia (cf. Mt 6.11). O sexto capítulo de João mostra como Jesus é o Pão dos Céus.

25.31 *Candelabro.* O candelabro, com as sete luzes, nos lembra o Espírito Santo, com

Sua unção e Sua iluminação.

25.34 *No candelabro mesmo.* É a haste básica central, do lado da qual surgem as outras seis (32). *Flores.* A beleza desta fonte de Luz, é uma indicação do valor da estética na adoração (cf. Sl 96.9).

25.37 *Lâmpadas.* Compare Zc 4.1-6; Ap 1.20; 4.4, para perceber que o candelabro visível, com as lâmpadas, pode embelezar a igreja de Cristo com suas várias formas e organizações, mas a luz é o resultado da unção (do óleo) do Espírito Santo, que torna perceptível a presença de Cristo na igreja que O ama e adora em espírito e verdade.

25.40 *Modelo.* Mais uma indicação de que se trata de uma representação fisicamente visível do santuário Eterno nos céus (Hb 9.23ss).

26.1 *Cortinas.* O Tabernáculo é realmente uma tenda, um templo portátil, de lona; portanto, as cortinas são as suas paredes. • **N. Hom.** A tradição cristã não deixou de notar uma simetria deliberada nas medidas do Tabernáculo. Todas as medidas se formam com os números 3, 4, 7, 10, de forma simples, isolados ou multiplicados, ou divididos entre si. Esta maneira oriental de expressar por números e medidas a idéia da moradia perfeita e eterna a de Deus se vê nas descrições do Templo e da cidade de Jerusalém, que tanto Ezequiel (Ez 40 até 42) como João (Ap 21.9-27) nos legaram em seus escritos inspirados.

26.7 *Tenda.* Um tipo de segunda tenda, de material mais forte, e de medidas um pouco maiores (onze cortinas, no lugar de dez) para cobrir tudo e deixar uma sobra na frente e atrás, para dar entrada (9 e 13). O sistema de laçadas e colchetes é para produzir uma tenda portátil.

26.13 *Côvado.* Mais ou menos 46 cm. As cortinas inferiores têm comprimento de 28 côvados (2), e as exteriores, de 30 (8), permitindo assim, às exteriores pendurar mais baixo do que as interiores, cobrindo-as eficientemente.

26.14 *Coberta.* As duas camadas de cortinas descritas em vv. 1-13 formavam as cobertas interiores. Mais duas cortinas (uma feita de pele de carneiro, tingida, e a outra de texugo, isto é, de peles de animais marinhos) formavam uma proteção extra contra os elementos.

26.15 *Tábuas.* Aqui começa a descrição da armação do Tabernáculo, da estrutura básica que sustentaria as cortinas.

26.17 *Encaixes.* Cada encaixe era feito para ser colocado numa base firme (19) para conservar as tábuas em posição vertical (15).

26.20 *Também.* A ordem e a simetria no Tabernáculo de Deus são notadas em todas as direções.

26.23 *Duas tábuas.* São reforços para os cantos, do lado posterior, o ocidental. Tudo dá a entender que a frente e o lado oriental, por não terem vigamento, perfariam uma grande porta, aproveitando as cortinas duplas para fechá-la (9).

26.26 *Travessas.* Serviam para carregar a armação da tenda; havia um jogo de travessas para cada uma das três partes da armação. Parece que era utilizada uma travessa comprida, a fim de unir todo material dos lados do Tabernáculo (28) e outras quatro para suportar as várias partes do peso.

26.29 *Ouro.* O mais precioso dos metais então conhecidos, cobria o lugar onde Deus havia de ser adorado, inclusive as enormes travessas. Indica, isto, que devemos sempre oferecer a Deus o mais precioso, para realmente glorificá-lo.

26.30 *No monte.* Mais uma vez se lembra que este Tabernáculo físico e visível é feito segundo a vontade divina, sendo um símbolo das coisas eternas, reveladas em visão (Hb 8.5).

26.31 *Véu.* Este véu servia para separar, do resto do Santuário, o lugar chamado o Santo dos Santos (33), no qual havia apenas a Arca com o propiciatório que, evidentemente, era a tampa da Arca (34). O véu era ultrapassado pelo Sumo Sacerdote, apenas uma vez por ano, onde este reaparecia depois de fazer ofertas pelos seus próprios pecados e pelos do povo; no dia em que Cristo foi sacrificado pelos nossos pecados, este véu se rasgou (Mt

27.51) e, agora, a entrada à plenitude da comunhão com Deus só é possível através da própria pessoa de Cristo (Hb 10.19-22). Todo o décimo capítulo da Epístola aos Hebreus mostra como Cristo é a chave do Santo dos Santos e o mistério revelado no Tabernáculo de Deus.

27.2 Chifres. Símbolos do poder. Desenvolveu-se, entre os israelitas, o costume de recorrer a esses chifres do altar, a fim de escapar à vingança humana, considerando a pessoa protegida pelo poder divino (cf. 1 Rs 1.50; 2.28). *Bronze.* Talvez fosse cobre.

27.3 Os instrumentos mostram que se trata do altar do holocausto, da oferta inteiramente queimada.

27.4 Grelha. A grelha ao redor, embaixo, dá para suprir o fogo com suficiente ar para queimar bem.

27.6 Varais. O altar era portátil, do mesmo modo que tudo o mais.

27.8 Mais uma vez, vemos que estes objetos eram figuras do Plano de Deus. • **N. Hom.** O altar dos sacrifícios aponta para a parte suprema do plano de Deus, o sacrifício do Senhor Jesus Cristo para pagar o preço dos nossos pecados. É de madeira, e, em certo sentido, a cruz foi o altar de Cristo, onde Ele foi sacrificado. As ofertas diárias feitas no altar uniam o povo de Israel no culto, e eram uma lembrança de que sem derramamento de sangue não há remissão de pecado (Hb 9.22), até o dia em que Cristo se ofereceu a Si mesmo, uma vez para sempre (Hb 9.28).

27.9 Átrio. Área ao redor do Tabernáculo, que se estende num comprimento de 46 metros (cem côvados). Pode representar a vida aparente, formal, da igreja que é exposta às tempestades da vida. O Santo Lugar pode ser comparado com a vida particular de oração, meditação, consolação e inspiração dos crentes.

27.12 Ocidente. É a parte traseira do Tabernáculo, atrás do Santo dos Santos.

27.16 Reposteiro. Uma cortina de entrada para o átrio do tabernáculo. Importante: como entrar em comunhão com Deus? Cristo é a porta e o único caminho (Jo 10.7; 1.4.6).

27.17 Ganchos. Para sustentar as cortinas.

28.1 Sacerdotes. Pessoas separadas para servir conscientemente a Deus, que sempre mantém um preparo e pureza de vida. São para apontar aos homens as verdades de Deus e representar o povo perante Deus (1 Pe 2.9-10).

28.3 Espírito de sabedoria. A arte e a técnica estão dentro do alcance da inspiração divina, especialmente quando são dedicadas a Deus.

28.4 As vestes. São para destacar a honra e a glória do ofício do sacerdote, e para embelezar o culto do tabernáculo. São vestes simples, úteis e básicas que todos os sacerdotes usavam como a *sobrepelez* (um simples manto curto), os calções (42), o *cinto*, para reunir os dois, e a *mitra*, que nada mais era do que um turbante. Também há vestes especiais para o Sumo Sacerdote, que veremos descritas nos seus pormenores, o *peitoral*, a *túnica bordada*, a *estola sacerdotal*.

28.7 Ombreiras. Grandes broches de pedras preciosas para prender o peitoral às demais vestes superiores do Sumo Sacerdote.

28.8 Cinto de obra esmerada. É um objeto específico, fazendo parte da estola sacerdotal; nada tendo a ver com o cinto simples, usado para segurar os calções e a sobrepelez.

28.9 Filhos de Israel. A expressão comumente se refere aos israelitas em geral, mas aqui é a lista das tribos que vai ser gravada, os filhos físicos de Jacó, que recebeu o nome de Israel, cujos filhos todos fundaram tribos israelitas.

28.11 Sinete. É justamente o ônix, com suas finas camadas de preto e branco, no qual se pode gravar letras claras e perpétuas.

28.12 Memória. Cada tribo do povo de Deus está representada sobre o coração do sacerdote, para ser lembrada nas orações. Muito mais importante é a verdade, que a vida de cada crente está oculta juntamente com Cristo, tendo um novo nome celestial (Cl 3.3; Ap 2.17).

28.15 O peitoral do juízo. Um tipo de bolso feito de materiais preciosos, para ser

pendurado no peito, preso aos ombros. Continha o Urim e o Tumim (30) e por isso se chama *do juízo*, porque estes objetos eram usados para consultar a vontade divina. Só eram usados pelos sacerdotes (cf. Ed 2.63) e vemos em vários trechos da Bíblia que serviam para dar uma série de respostas: "sim" ou "não" (1 Sm 23.9-14, 30.7-8). Nota-se, especialmente, o processo eliminatório descrito em 1 Sm 14.40-45. Enfim, parece que era a maneira de se lançar sortes em oração.

28.17-20 Pedras. É quase impossível saber com certeza quais foram as pedras usadas, já que nos velhos tempos definiam-se as pedras preciosas pela cor, sem saber seu conteúdo mineral. É quase certo, todavia, que a *safira* e o *diamante* que nós conhecemos, não eram usados naquela época, não havendo instrumentos para cortá-los e fazê-los brilhar. De qualquer maneira, porém, podemos, saber que Deus mandou gravar os nomes do Seu povo nas pedras mais preciosas que existiam na época. Assim; também a cidade celeste se fundamenta sobre pedras preciosas com os nomes gravados dos apóstolos de Cristo (Ap 21.14, 19, 20).

28.29 Sobre o coração. A obra do sacerdote é interceder perante Deus em favor de todo o seu povo. Jesus, fiador da superior Aliança, sempre intercede por nós (Hb 7.20-25).

28.35 Para que não morra. Era o sinal audível para que o sacerdote não ousasse entrar no santuário sem estar vestido com as vestes da consagração sacerdotal: para que o povo, fora, no átrio, soubesse que o seu sacerdote estava ali cumprindo as várias partes do culto, sem ter morrido naquele lugar tão sagrado, por causa dos pecados da nação.

28.36 Santidade. A palavra inclui o sentido de ser separado das preocupações diárias e estar sempre pronto no servir a Deus; preservado da concupiscência da carne, a fim de estar adorando a Deus em espírito e em verdade. O fato de o sacerdote assim se santificar, torna-o digno de levantar as ofertas do povo no altar, pois, mesmo que o povo tivesse pecados, o sacerdote se responsabilizava por ele (38). Assim as nossas orações chegam ao trono de Deus mediante o Espírito Santo (Rm 8.26-27). Assim também, Jesus Cristo atribui justiça aos seres humanos indignos (Rm 5.1, 15-19) sendo nosso Sacerdote Eterno (Hb 7.11-19).

28.40 Os filhos de Arão. Não tinham direito aos três objetos simbólicos, que só podiam pertencer ao Sumo Sacerdote: a estola sacerdotal e o peitoral (ambos com as pedras que guardavam a memória sagrada dos filhos de Deus) e a lâmina de ouro (36), pela qual o sacerdote declara santificadas as ofertas do povo.

28.41 Ungirás, consagrarás e santificarás. Aqui se vê a gloriosa função dos sacerdotes. Não tentam usurpar os títulos e os atributos do nosso único Salvador (40), mas em tudo mais o crente tem de viver como Cristo, brilhar em suas virtudes e exercer sua autoridade neste mundo (1 Pe 2.5-10). A unção confirmava a bênção e a eleição de Deus sobre um sacerdote, um profeta ou um rei. No Novo Testamento, o próprio Espírito Santo é a unção (At 10.38). O sentido original de consagrar era encher a mão com ofertas, e isto o crente faz oferecendo seu próprio ser em adoração e em serviço (Rm 12.1). O próprio Cristo santificou-se para se tornar Sublime Oferta (Jo 17.19); muito mais devem Seus seguidores se santificar, para servi-lo até ao fim da vida.

29.1 A dedicação dos sacerdotes se simbolizava quando chegavam à hora solene com o escol do rebanho (1), com os melhores produtos do campo (2) e com os corpos purificados pela água (4) vestidos com roupas de serviço, de oração e de pureza (5) e ungidos pelas bênçãos divinas. Oferecer o melhor que temos, batizados em Cristo, prontos a servir, a orar, a avançar em santificação, sendo vasos de bênçãos que provêm do amor de Cristo, assim temos de servir até o dia de hoje.

29.11 Imolarás. Só quem aceita o sacrifício pelos seus pecados pode trilhar o caminho da religião. Cristo é este sacrifício.

29.19 O outro carneiro. Outro carneiro é necessário para mostrar a plenitude do significado do sacrifício: o primeiro (15) era totalmente consumido no fogo (18), apontando para a necessidade de um sacrifício *total*, que foi cumprido de uma vez para sempre na

pessoa de Cristo. O segundo carneiro se chama de *consagração* (26). O sacerdote solenemente oferece partes dele em sacrifício pessoal a Deus e se alimenta do seu peito. Isto ilustra a necessidade que todo crente tem de alimentar-se da vida do Cristo ressurreto e de oferecer a Deus sua própria vida transformada por este sacrifício.

29.20 Orelha. A primeira coisa que precisa ser consagrada é o ouvido. Nota-se que a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus (Rm 10.11ss). Temos de ser discípulos ensinados por Deus (Is 50.4). Depois vem a prática do que aprendemos, a obediência nas atividades diárias envolvendo as mãos e o *polegar*. Depois os pés que devem andar perpetuamente nos caminhos de Deus (Sl 1.1).

29.26 Oferta movida. O significado deste tipo de oferta é que é primeiro dado a Deus, de maneira simbólica (sacudida ou abanada perante o altar) e depois recebida de volta pelo sacerdote, que faz uso dela. O servo de Deus deve fazer uso reverente dos bens deste mundo para se conservar em condições de servir (cf. nota Lv 7.30).

29.28 Obrigação... devida. Aqui se vê claramente que esta oferta é para o benefício dos sacerdotes e que tem de ser custeada pelo povo em geral; é *oferta de Deus*, que, pelo próprio decreto de Deus, volta às mãos dos Seus servos dedicados.

29.29 Seus filhos depois dele. Aqui se refere a toda descendência sacerdotal. O ser humano é mortal, mesmo que seja sacerdote; só Cristo tem o sacerdócio eterno, perfeito e intransmissível (Hb 6.20; 7.24).

29.32 Pão. Isto inclui as ofertas descritas nos vv. 2 e 3, depois de tirar a porção que pertence ao holocausto (23-25).

29.33 Expição. Esta palavra torna específico o fato de que os sacrifícios mencionados neste capítulo, são para que os sacerdotes peçam perdão pelos seus pecados, antes de começar o ministério, que também depende da consagração e da santificação.

29.34 Sobrar. O sacrifício solene pelo pecado, no qual o sacerdote recebe o perdão, se oferece em consagração, e recebe poder para a santificação, não pode ser participado por estranhos, em sua prática, nem guardado como se fosse simples comida. É esta atitude que o Novo Testamento requer com respeito à Ceia do Senhor que é a lembrança vívida do sacrifício em que Cristo se ofereceu por nós (1 Co 11.27).

29.42 Vos encontrarei. Deus revela Sua glória e Sua vontade ao Seu povo, embora os ritos aqui descritos mostrem que não houve encontros tão íntimos como os que agora o crente obtém por intermédio da oração; naquela época, Moisés era um daqueles que tinham aprendido o segredo da comunhão com Deus (*para falar contigo ali*).

29.43 Por minha glória. É a revelação da Glória de Deus aos homens que os transforma e os santifica. Se este foi o caso no tempo de Moisés que refletiu uma glória deslumbrante quando desceu do monte (Êx 34.29), muito mais deve caracterizar àqueles que aceitam a Cristo que é o resplendor da glória e a expressão exata de Deus (Hb 1.3). O crente deve ser transformado de glória em glória pela revelação de Cristo, até ser semelhante a Ele (2 Co 3.18).

29.45 Habitarei. A comunhão com Deus sempre era uma realidade para os fiéis, mas só no mundo futuro é que nenhum pecado e nenhuma tristeza poderá ofuscar a glória desta intimidade (Ap 21.1-8).

29.46 Saberão. Não somente a doutrina ensina Quem é Deus, mas também a experiência pessoal do que ele fez por nós (*os tirou*), juntamente com a realidade da presença divina, que o crente pode sentir (*para habitar no meio deles*), cf. 1 Co 6.19,20; Jo 17.22, 23.

30.1 Incenso. Esta fumaça perfumada é o símbolo bíblico da oração dos fiéis (Sl 141.2 e Ap 8.3-4). Este é o sacrifício mais puro, pois a verdadeira oração e o próprio eu se oferecendo em sacrifício integral, entrando em contato, imediato com o coração de Deus (Sl 51.17).

30.6 Defronte do véu. No lado exterior do véu que esconde o Santo dos Santos (que contém apenas a arca com o propiciatório) dos olhos dos próprios sacerdotes que servem no Santo lugar.

30.9 Incenso estranho. Incenso não feito segundo a ordem divina (30.34-38) e não oferecido por sacerdotes consagradas (Nm 16.40). É semelhante à oração que não é feita em nome de Jesus (Jo 14.13) e repetida sem o arrependimento e sem fé, sem o amor de Cristo e a esperança da salvação.

30.10 Expição. Este dia da Expição se descreve em Lv 16.1-34.

30.12 Recenseamento. Não se pode contar os membros do povo sem se lembrar de dar graças a Deus pela sua existência, dando uma oferta para mostrar que dependemos dele pela prosperidade das nossas famílias. A ingratidão é punida (2 Sm 24.1-17).

30.19 Lavarão. A bacia de bronze contém a água purificadora, sem a qual ninguém pode se aproximar de Deus (21).

30.23 Siclos. O siclo pesava c. de 11,4 gramas. *Mirra.* Goma, resina aromática. *Cinamomo.* Um tipo de canela. *Cálamo.* Raiz aromática de uma espécie de caniço dos pântanos.

30.24 Cássia. Árvore com flores amarelas, que dá vagens, cujas sementes são medicinais e perfumadas. *Him.* 3,6 litros.

30.25 Óleo sagrado. Para ungir todos os utensílios do tabernáculo (26-28).

30.29 Será santo. Só pessoas convertidas e entregues ao Senhor deverão ocupar-se com as coisas de Deus. Senão terão a mesma experiência que Faraó teve quando lhe foi concedida a oportunidade de ver a revelação do poder de Deus só serviu para sua própria condenação.

30.34 Estoraque. Uma resina do Mediterrâneo, chamado também benjoim. *Ônica.* Perfume feito pela queima das partes fibrosas de certas conchas. *Gálibano.* Uma planta umbelífera da Pérsia.

30.35 Incenso. Este incenso único, sagrado e inimitável (37-38), é comparável à oração que o próprio Cristo faz em nosso favor (Hb 7.25). *Sal.* Sal é a símbolo da preservação contra a corrupção. Cristo nos diz que os que O seguem são o sal da terra (Mt 5.13).

31.2 Chamei pelo nome. Cada membro do povo de Deus tem sua vocação individual e o Bom Pastor os conhece um por um (Jo 10.1-5).

31.3 Enchi do Espírito de Deus. Aqui se vê que toda a *habilidade*, a *inteligência*, o *conhecimento* e o *artifício*, ou seja, a perícia técnica, estão nas mãos de Deus, para distribuir aos homens segundo lhe apraz. A inspiração através da plenitude do Espírito Santo não é apenas algo de que se fala aos domingos, mas também deve nos tornar bons servos de Deus há vida quotidiana. Há sacerdotes vocacionados e inspirados, e aqui temos operários, oficiais e técnicos igualmente inspirados para a obra da construção do Tabernáculo e todas as peças descritas nos capítulos 25-27 e 30.

31.13 O Senhor, que vos santifica. O nome referente a Deus que o profeta Isaías usava freqüentemente era "o Santo de Israel" (cf. Is 41.14). A santidade e a essência da natureza divina (Is 6.3) e é isto que se exige daqueles que pertencem a Deus (Lv 20.26; 1 Pe 1.13-16) O que Deus ordena, Ele mesmo capacita para o cumprimento. Seu divino poder está à disposição do crente, para torná-lo santo, segundo a própria natureza divina (2 Pe 1.3-8).

• **N. Hom. 31.12-17 Sábado.** É um símbolo visível da santificação na Velha Aliança, o *sinal* de pertencer a Deus (17). O mesmo espírito se vê no ato deliberado de retirar-se das preocupações do mundo, com o intuito específico de descansar e de adorar a Deus, por Ele mesmo, e não pelas vantagens e lucros de uma vida religiosa. É um encontro marcado com Deus, e se alguém pensa que algum mister, ditado por sua ganância e ambição ou ainda por seu desejo de conforto e de conveniência pode sobrepujar o dever religioso, mostra claramente que está pondo a Deus em segundo plano.

31.18 Tábuas do testemunho. Compreende-se que foram os Dez Mandamentos gravados nessas tábuas (24.12) embora pudessem ser também os termos da aliança que Deus fez com o Seu povo (19.5-8), ou ainda, a totalidade das leis registradas nos capítulos 20 até 23 (cf. 24.3). Certamente o conteúdo mais importante da Arca haveria de ser esse par de

tábuas (25.21). *Pelo dedo de Deus*. É esta intervenção direta, divina e singular, que leva todos os fiéis a reverenciar aos Dez Mandamentos como sendo um resumo da vontade divina.

32.1 *Faze-nos deuses*. O hábito de idolatria aprendido no Egito era tão forte, que poucos dias sem ouvir a voz do profeta e líder dinâmico, eram suficientes para o povo voltar à lama idólatra (2 Pe 2.20-22), uma descrição dos que voltam à vida mundana, após terem conhecido a Jesus Cristo.

32.4 *Que te tiraram*. Não se podia negar que houve grandes milagres quando os israelitas foram salvos da escravidão, embora o povo não quisesse atribuí-los a um Deus soberano e invisível, porque amavam a deuses convenientes, portáteis, que não viessem interferir na sua consciência.

32.10 *De ti*. Deus não depende do ser humano; se o povo não quisesse seguir nos Seus caminhos, Moisés e sua descendência herdariam a Terra Prometida.

32.11 *Suplicou*. É uma súplica no espírito de Cristo que achou uma desculpa para Seus algozes (Lc 23.34).

32.14 *Se arrependeu*. Mostrou Seu perdão, revelando que não ia destruir ao povo; do ponto de vista de Moisés, era como um voltar atrás da parte de Deus, e é uma demonstração do poder da oração.

32.16 *Obra de Deus*. A Bíblia é bem clara em atribuir às tábuas a obra direta de Deus.

32.17 *Josué*. Talvez o fiel Josué estivesse entre o arraial e o cume do monte, esperando a volta do seu líder.

32.18 *Dos que cantam*. Moisés já sabia que haveria ali uma festança pagã, pois Deus lhe havia prevenido (32.7-10).

32.19 *Acendendo-se-lhe a ira*. Mais fácil era para Moisés interceder pelos pecados do povo, que ser testemunha dos mesmos (32.11-14), Quando contemplou tudo de perto, perdeu o controle de si mesmo, ao ponto de lançar fora as tábuas. Pensava que o povo tinha, irrevogavelmente, rejeitado a religião. Não era Moisés que tinha de suscitar a misericórdia a Deus (14), mas sim, o próprio Deus que, graciosamente, dera a Moisés a oportunidade de tomar parte na bem-aventurada obra da intercessão, em condições ideais, nas quais não estava, irado e fora de si.

32.22 *Propenso para o mal*. A responsabilidade pelo pecado é individual, embora haja os tentadores. Desde o tempo de Adão procura-se desculpas para o pecado, acusando-se a terceiros (Gn 3.12).

32.24 *Saiu este bezerro*. Era uma desculpa ridícula, como se o bezerro se tivesse fabricado a si mesmo. Mas, pelo contrário, no mundo espiritual, quem dá ouvidos às dúvidas, às tentações e às forças que destróem sua consciência, verá, com espanto, que seu pecado, pesado e bem forjado, já se tornou uma realidade concreta e esmagadora em sua vida,

32.31 *Disse*. Deus não precisa de informações, mas devemos expor-lhe nossa situação em oração. Devemos ser bem específicos em nossos pedidos, especialmente quando pleiteamos a graça divina, numa situação de desgraça ou num caso de propiciação (30).

32.32 *Risca-me*. Moisés se identificou de tal maneira com o povo que Deus havia confiado aos seus cuidados pastorais, que se tomou semelhante a Cristo (Hb 2.17; Jo 15.12-15; Sl 77.20). *Livro*. O relatório dos que pertencem a Deus por toda a eternidade. Moisés, pois, era um bom pastor que não receava dar a vida pelas suas ovelhas.

32.34 *Anjo*. Provavelmente, a presença real de Cristo antes de sua encarnação (cf. 33.2-3 com 1 Co 10.4). *Vingarei*. A palavra, aqui, simplesmente quer dizer, aplicar a justa punição.

33.1 *Sobe daqui*. As promessas de Deus não voltam atrás; é só avançar para entrar na plenitude do gozo do Senhor.

33.2,3 *Anjo*. No anjo vemos claramente a presença de Jesus Cristo, que nos reconciliou com Deus (Ef 2.14-22). O pecador enfrentar a Deus seria a sua própria destruição (3; Hc

1.13), Por isso Deus se nos condescendeu, manifestando-se em Cristo, a expressão exata do Seu Ser e também nosso irmão (Hb 1.3 e 2.10-13).

33.4 Atavios. Símbolos de um estado alegre, próspero, e de grande importância. Se o povo estava numa condição de arrependimento, não podia se vestir de uma maneira festiva. Os atavios do verdadeiro povo de Deus vêm do próprio Senhor (Ap 21.2; Mt 22.11-12).

33.6 De Horebe em diante. Desde a chegada a este monte até ao fim da viagem, quarenta anos mais tarde, em Canã.

33.7 Tenda da congregação. Parece ser o "escritório da legislação cívica" guardado pelo chefe do exército, Josué (11). Depois de construído o Tabernáculo, este também recebeu o título de "Tenda da Congregação", acumulando a função cívica da tenda original de Moisés, que por simples que tenha sido, era o lugar da revelação da glória de Deus (9-10). *Fora do arraial.* Haveria perigo, se Deus manifestasse Sua glória no meio do povo (33.3).

33.8 Pelas costas. Ficaram olhando para Moisés como quem olha com saudade para alguém que já vai se afastando.

33.11 Face a face. "O segredo da comunhão com Deus". Nota-se que a iniciativa sempre está com Deus, que pela Sua graça nos abre o caminho da oração e nos manda buscar Sua face, até ao dia de hoje. A parte mais importante desta comunhão é escutar a voz de Deus. (Falava o SENHOR). Isto pode ser feito quando lemos a Bíblia com fé, meditamos naquilo que temos lido, e resolvemos, pela graça de Deus, pôr em prática tudo que ali aprendemos. Percebe-se que não há barreiras nesta comunhão face a face, e se, da nossa parte, há pecados que ofuscam a visão de Deus peçamos perdão em nome de Jesus Cristo (1 Jo 1.9; 2.1-3). Finalmente, compreendemos claramente que a oração verdadeira é como conversação entre Amigo e *amigo*. Jesus Cristo nos chama de amigos (Jo 15.15) e nos convida à prática constante da oração em Seu nome (Jo 14.14; 15.4; 1 Ts 5.17).

33.12-16 Moisés, apesar dos pecados do povo; suplica a presença revelada de Deus para acompanhar a marcha do Seu Povo. Baseia a oração sobre a comissão que Deus lhe dera: *Faze subir este povo* (12); baseia-a também na graça e na bondade que Deus já lhe tinha mostrado, *achaste graça* (12). Se há um favor que Deus lhe queira prestar, esse é o de Se revelar mais claramente ao Seu povo (13). Pela fé, Moisés já percebera a resposta à sua oração (14) e, como crente fiel, acata essa divina responsabilidade (15), mostrando ser a base de suas esperanças (16).

33.17-23 Recebendo a Promessa de Deus: *Farei também isto* (17), que é a garantia e que o povo não vai ficar sem Guia (16), Moisés agora pleiteia alguma inspiração extraordinária para si mesmo, para fazer um bom profeta e líder. Sente que precisa de uma visão da glória de Deus, para lhe refrigerar a alma (18). A resposta de Deus é que lhe revelaria Sua bondade, e Seu nome (ou natureza), que se caracteriza pela misericórdia e compaixão (19).

• **N. Hom. 34.1-9** Este encontro sagrado no qual Deus revelou a essência da Sua natureza foi feito no tempo e no lugar marcado por Deus (2), e precedido pela necessidade de pôr em dia os estragos causados pelo pecado humano (1), (onde vemos que Moisés tinha de consertar os danos causados por sua ira - 32.19 - especialmente porque esta ira foi fruto do pecado do povo). Só aquele que Deus vocacionou pôde tomar parte de um momento tão sagrado (3). Então Deus passou perante Moisés, revelando *Seu Ser*, v. 6. Seu nome é Deus, o Criador e Senhor (que é a forma de escrever o nome indizível daquele que se revela pessoalmente aos seus servos, como Redentor). Sua paciência, graça e misericórdia se revelam nos adjetivos *compassivo, longânimo, misericordioso* e *fiel*, e muitos outros são revelados no Seu perdão aos seres humanos rebeldes, ingratos, pecaminosos, embora não haja em Deus qualquer falta de justiça ou de autoridade que o torne incapaz de reconhecer, julgar e punir o pecado (7). Se Deus

perdoa o pecado, mas não inocenta o culpado, compreendemos ser necessário que Deus nos desse Seu Filho em sacrifício para expiar as nossas culpas, que custariam a nossa destruição eterna. Ante revelação de tamanha bondade, Moisés torna a pedir a presença divina entre Seu povo (9).

34.10 *Uma aliança*. Assim como a presença de Deus fora revelada com milagres no meio do Seu povo, no Egito, em prol dos israelitas e contra seus perseguidores, agora também, a repetição da presença de Deus pleiteada por Moisés, v. 9, seria uma *coisa terrível*. Haveria milagres para despertar o temor, a reverência e para a destruição dos idólatras pagãos de Canaã (11-16).

34.12 *Cilada*. Os israelitas iam entrar num lugar de cultura elevada, com cidades, agricultura e uma religião organizada, etc. Seria fácil para descendentes de escravos, depois de longos anos no deserto, simploriamente abraçar a organização de Canaã. A todo custo deveriam evitar a cilada de aceitar o paganismo e sua cultura.

34.15 *Se prostituindo*. A palavra é empregada para ilustrar a infidelidade religiosa, mormente porque Deus se revelou como um amantíssimo esposo de Sua Nação escolhida (Os 2.16), e porque os ritos de Canaã inculcavam as piores imoralidades sexuais.

34.19-21 A festa da Páscoa relembra as leis sobre a primogenitura, que aqui são repetidas, e apontam para a Páscoa de Cristo, que morreu para nos fazer novas criaturas; portanto é hora de relembrar a lei do sábado, que celebra a divina Criação.

34.22 *Festa dos semanas*. É a segunda festa; a terceira é a *colheita*.

34.26 *Não cozerás...* A compaixão é mais importante do que um prato.

34.28 *Escreveu... as dez palavras*. O preço do pecado: as tábuas originais foram escritas diretamente por Deus (32.16), mas as cópias precisavam ser feitas por mãos humanas em *quarenta dias*, ainda que sob direção divina.

34.29 *Seu rosto resplandecia*. É claro que este esplendor foi em conseqüência da comunhão com Deus, no monte, embora uma nuvem protegesse Moisés de ver a plenitude da glória de Deus (5). Quando a comunhão com Deus começa a transformar alguém, este é o último a perceber essa transformação (Moisés não sabia).

34.33 *Pôs um véu*. Homens pecaminosos não podem fitar um rosto iluminado pela santificação, que é apenas uma centelha refletida da santidade de Deus (cf. Êx 3.5).

34.34 *Removia o véu*. Entre os nossos íntimos pensamentos e Deus, não há nenhum segredo, pois Cristo sonda nossas mentes e corações (Ap 2.23), e quando alguém se converte a Ele, não há mais véu sobre seu entendimento espiritual (2 Co 3.16).

34.35 *Cobria de Novo*. Como o brilho se desvanecia entre as entrevistas com Deus, então o mesmo véu que escondeu o brilho intenso também servia para esconder a ausência do brilho, para não desanimar aos israelitas (2 Co 3.13).

35.2 *Quem nele trabalhar morrerá*. É a morte espiritual do que põe as ambições desta vida no lugar das coisas de Deus, e ainda é símbolo da morte eterna dos que põem o próprio esforço humano no lugar do sacrifício de Cristo.

35.3 *Não acendereis fogo*. Deus quer tirar até a tentação de fazer vários tipos de trabalho; o único fogo, aqui que queima no sábado, é o fogo dos altares do templo de Deus.

• **N. Hom. 35.5** *Voluntariamente*. Só a oferta feita segundo o propósito do coração, com alegria e amor, agrada a Deus (2 Co 9.7; 1 Co 13.3). Este espírito de boa vontade é uma grande coluna do caráter (Sl 51.12). Se alguém estranha que o povo no deserto tinha tantas preciosidades para oferecer, terá de se lembrar que esse povo tivera um milagroso passado: os egípcios deram essas coisas aos israelitas, após presenciar os milagres que Deus fizera (Êx 3.22; 12.35-36). Uma atitude de boa vontade deve acompanhar todas as coisas que oferecemos a Deus, inclusive nossas próprias virtudes, que dele provêm.

35.10 *Os homens hábeis*. Os materiais para fazer o Tabernáculo eram ofertas do povo (5-9), mas tinham sua origem na graça divina. Assim também a mão de obra é uma oferta do povo, mas sua habilidade vinha por inspiração divina (31).

35.11-19 Um resumo dos objetos sagrados descritos nos capítulos 25 até 30.

35.22 *Fivelas, pependentes, anéis.* As pequenas economias do povo nômade sempre se constituíram de jóias e enfeites. Mesmo quando os atavios não eram mais usados (33.6), eram guardados como dinheiro.

35.23 Estes materiais significativos se descrevem em 2 5.3-8.

35.25 *Mulheres hábeis.* A Igreja possuía mulheres de grande ternura e dedicação, que deram do melhor e da especialidade do seu trabalho (Lc 8.1-3; At 9.36-41; 16.11-15).

35.26 *Pêlos de cabra.* O método mais comum de fazer material para tendas; era o ofício do Apóstolo Paulo, que lhe dava o sustento durante as viagens missionárias (At 18.3). Até hoje se fabricam tendas desse tipo, no Oriente.

35.27 *Príncipes.* Não no sentido de filhos de família real, mas líderes entre o povo, talvez os chefes de mil (18.25). São estes que tinham privilégios, mas também o dever de usarem valiosas jóias que o povo comum não possuía.

35.29 *Voluntária.* Quatro vezes, nestes parágrafos, se menciona a disposição do coração e o impulso do espírito (21, 22, 26 e 29). • **N. Hom.** *O Espírito de Deus o encheu.* Se um operário precisa da plenitude do Espírito para fazer uma cópia física do Tabernáculo Eterno de Deus, quanto mais os crentes vocacionados para serem o Templo do Espírito Santo (1 Co 6.19), carecem desta plenitude (Ef 5.18). Esta plenitude inclui a *habilidade*, que é a sabedoria prática para cumprir a vontade de Deus neste mundo; a *inteligência*, que é a compreensão intelectual das coisas de Deus, seja no labor diário, seja na leitura da Bíblia; o *conhecimento*, que ajudou Bezalel a guardar em mente o padrão do Tabernáculo, e ajuda o crente a ter claras diretrizes sobre sua vocação individual (Ef 2.10). Tudo isto serve para a edificação do povo de Deus e um fim proveitoso (1 Co 12.7), como vemos nos vv. 32 e 33.

35.34 *Para ensinar.* O servo de Deus nunca recebe bênçãos de capacidade só para o seu proveito próprio: recebe a intuição, para ir transmitindo aos outros tudo o que de Deus recebeu, seja de consolação (1 Co 1.3-5), seja de instrução (1 Co 9.16-18).

36.1 *Trabalharam.* A habilidade e o material já estão à disposição dos servos de Deus, e o padrão está dado com todos os pormenores. É só pô-lo em prática, a tempo e fora de tempo e viver à altura da sublime vocação, confiando no auxílio de Deus.

36.4 *Homens sábios.* São aqueles que fazem a obra de Deus, e esta é à verdadeira definição da sabedoria. Meditar na vontade divina e pô-la em prática, segundo a plenitude da sua capacidade.

36.5 *Muito mais.* Bem-aventuradas são aqueles que, generosamente, dão para a obra de Deus antes de proclamado não haver Mais tempo (Jo 9.4-5).

36.8 Aqui começa a lista das obras feitas para construir o Tabernáculo, que continua até 38.20. Algumas notas já foram colocadas nos capítulos 25 até 30, acrescentando uma visão parcial do significado dos objetos. Tais capítulos devem ser estudados juntamente com os que se seguem daqui para frente.

36.9 *Vinte e oito côvados.* Cerca de 13 metros. tendo o côvado c. 46 cm.

3.13 *Colchetes de ouro.* Prendiam os dois conjuntos ou agrupamentos de cinco cortinas cada um. Desta maneira era possível carregar e montar as cortinas do Tabernáculo, sem o empecilho do seu peso, o que haveria se as cortinas fossem juntadas de um modo permanente.

36.14 *Tendo sobre o Tabernáculo.* Cf. 26.7, nota.

36.15 *Cortinas.* Esta camada de cortinas grossas servia para proteger as cortinas da cobertura interior do Tabernáculo do sol e do mau tempo. *Trinta côvados.* Estas cortinas, sendo dois côvados mais longas do que as cortinas internas, podiam cobrir satisfatoriamente o Tabernáculo. A opinião apresentada no "Dictionary of the Bible", de Smith (vol. III, p 1452-1454), de que havia uma viga colocada no meio do teto, o qual era sustentado em uma posição acima de dez côvados (4,6 m, que era a altura descrita no Êxodo, acerca do Tabernáculo), não pode ser aceita se comparada com as medidas das

cortinas.

36.18 *Colchetes de bronze*. Devemos entender que, provavelmente, o "bronze" seria cobre (Vd o artigo "Tabernáculo" no NDB). Esses colchetes serviam para segurar e unir a cobertura externa. As cortinas internas eram unidas com ouro (26.6).

36.20-22 *As tábuas* (heb *qerashim*). É mais do que provável que essas tábuas dispostas em forma de esquadrias de madeira, não eram muito sólidas. Os dois principais sarrafos laterais seriam, nesse caso, os que nossa versão traduz por dois encaixes. Tinham a vantagem de serem mais leves e davam um aspecto estético às cortinas que os cobriam pelo lado de fora.

36.35 *O véu*. Enquanto o véu estava no templo, o caminho para o Santo dos Santos e a plenitude da comunhão direta com Deus, estava fechado. Quando o véu foi rasgado na hora da morte de Jesus Cristo (Mt 27.51; Hb 10.20), o caminho se abriu. Através de Cristo temos acesso perpétuo ao trono da Graça, tanto agora (Hb 9.24) como na eternidade (Ap 11.19).

36.37 *O reposteiro* nos lembra de Jesus Cristo, pois ninguém pode entrar no aprisco da Salvação sem passar por Ele (Jo 10.7-9).

• **N. Hom. 37.1-29** Estes quatro móveis que ficavam dentro do Tabernáculo sugerem quatro bênçãos vindas através do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo: na arca podemos ver Cristo que providencia a propiciação pelos nossos pecados (Rm 3.25; a tampa da arca era o propiciatório); na Mesa podemos ver Cristo, o Pão da Vida, partido por causa dos nossos pecados e distribuído para ser nosso alimento espiritual (Jo 6.51-58); no Candelabro podemos ver Cristo, a luz do Mundo, perto do qual ninguém andará em trevas (Jo 8.12); no altar do Incenso podemos ver Cristo, nosso intercessor; vivendo eternamente como nosso intermediário e podendo compadecer-se das nossas fraquezas (Hb 4.15; 1 Tm 2.5).

37.1 *A Arca*. É o lugar no qual Deus se encontra com o homem, uma sombra do encontro mais completo efetuado pela encarnação e paixão de Jesus Cristo; junto com o Propiciatório era o único móvel no Santo dos Santos. Os demais móveis podiam ser vistos pelos sacerdotes no decurso normal dos seus deveres.

37.6 Cristo é o *propiciatório* de Deus, Rm 3.25, a habitação da plenitude da divindade, Cl 2.9. Só por intermédio dele o homem pode se aproximar da glória divina sem ser condenado (Jo 3.36); por isso é que só no propiciatório pode existir uma representação da glória de Deus, na forma de dois querubins esculpidos, que antes serviam para guardar o caminho da árvore da vida (Gn 3.24) mas que no Santo dos Santos guardam a santidade de Deus (9).

37.10 *Mesa*. Era para expor os doze pães que representavam o cuidado de Deus em providenciar alimento natural e espiritual para cada membro do seu povo (o número doze apontado para as doze tribos).

37.17 *Candelabro*. Lembra-nos de Cristo, a Luz do Mundo (Jo 1.4; 3.19; 8.12).

37.23 *Espevitadeiras*. Tal como as lâmpadas precisavam de cuidado, especialmente com a renovação dos pavios, os crentes e as igrejas que eles compõem precisam de uma atenção não menos cuidadosa para que a luz de Cristo continue brilhando neste mundo de trevas (Mt 5.14-16; Ap 2.5) pelo enchimento do Espírito Santo (cf. Rm 15.14; Cl 1.28; 1 Ts 5.19). A rejeição da disciplina é seríssima (Jo 15.6).

37.25 *Altar do incenso*. Descobertas arqueológicas, em Megido (parte norte central da Palestina), de altares lavrados de pedra calcária para queimar incenso, dão alguma idéia sobre o possível formato desse altar. Este foi feito de madeira com chifres nos cantos, e coberto de ouro (por isso é chamado também, "o altar de ouro").

37.29 *Incenso aromático* (cf. Êx 30.34 para a composição do incenso que era usado exclusivamente para a *adoração*). O incenso era oferta de grande valor nos tempos do AT e, também quase exclusivamente oferta em reconhecimento à divindade (cf. Ml 1.11 e Êx 30.37). Somente aos sacerdotes foi permitido oferecer incenso. As instruções sobre

seu uso são relatadas em Lv 16.12-13. Na Bíblia, o incenso simboliza a oração (exemplos Sl 141.2; Ap 8.3-4). É de se notar que o incenso foi incluído nas ofertas trazidas pelos magos a Jesus, o que significa um possível reconhecimento da divindade da Criança recém-nascida (Mt 2.11).

38.8 Bacia... seu suporte. É notado pelos comentaristas Keil e Delitzsch, que a palavra "suporte" deve se referir, não a um pedestal sobre o qual a bacia era sustentada, mas a algum instrumento distinto. Provavelmente servia, para tirar a água necessária da bacia para a lavagem ritual dos sacerdotes. Esta lavagem, no NT, está em Tt 3.5; Hb 6.2; 10.22, de certo modo. A bacia do Tabernáculo era fabricada de espelhos de mulheres (talvez viúvas e virgens) e depois utilizada no serviço do Senhor, relacionado com o Tabernáculo (1 Sm 2.22; cf. Lc 2.37). A entrega dos espelhos, feitos de cobre polido, era uma demonstração de um interesse mais sublime do que o pela aparência exterior (cf. 1 Pe 3.3 com Is 3.16-24).

38.9 Cem côvados. O átrio tinha as seguintes medidas: 46 metros de comprimento e 23 de largura. A entrada se voltava para a direção leste, e conseqüentemente, os lados norte e sul formavam seu comprimento.

38.21 Aqui temos um tipo de relatório contábil, registrando como foram empregados os recursos de mão de obra e de ofertas, para a construção do Tabernáculo. Assim também temos de dar conta do bom uso dos talentos que Cristo nos concede, (Mt 25.14-30). Tanto as riquezas recebidas dos egípcios, como a habilidade recebida da inspiração direta de Deus, tinham sua finalidade para erguer uma casa de adoração.

38.24 Talentos. Valiam 30 quilos cada um. *Siclo.* Um talento tinha 3.000 siclos, o que quer dizer que o siclo do santuário pesava cerca de 10 gramas, Empregou-se, portanto, quase novecentos quilos de ouro puro nos enfeites do Tabernáculo.

38.25 A prata dos arrolados. O ouro provinha de ofertas voluntárias do povo (35.20-29), mas a prata resultava do imposto de recenseamento de cada israelita (30.11-16), resgate que cada um dava ao ser contado.

38.26 Beca. Moeda de 5 gramas de prata, e valor de um meio siclo. Os arrolados, de vinte anos de idade para cima, eram 603.550, que dariam 301.775 siclos de prata, ou seja, 100 talentos e 1.775 siclos, que é o total dado no v. 25. Não houve sonegação!

38.27 Nenhum siclo desta oferta sagrada para as coisas de Deus, restava depois de completar o Tabernáculo (28).

38.29 O bronze, na realidade, era *cobre*. Era muito menos bronze do que o ouro ou a prata, embora esse metal tivesse menos valor. Isto se explica pelo fato de que outros metais representavam a riqueza portátil, enquanto quase não valia a pena carregar a bronze (cobre). Os utensílios de comer eram de madeira ou barro, e raramente de cobre.

39.1 Como o Senhor ordenara. Esta expressão se repete sete vezes neste trecho que descreve os atavios sacerdotais (1-31). É para enfatizar que nenhum sacerdote pode vocacionar-se a si mesmo, mas tem de ser chamado por deus (Hb 4.5-6, onde se vê que o próprio Jesus não arrogou o privilégio a si mesmo).

39.7 Nas ombreiras. O ombro representava força. O poder do nosso Sumo Sacerdote está à nossa disposição.

39.10 Sárdio. Uma pedra semipreciosa de quartzo vermelho. *Carbúnculo.* Um quartzo opaco vermelho.

39.11 Safira. O nome hebraico quer dizer "pedra para gravar" e era dado ao lápis-lazúli. Só mais tarde foi descoberto o uso da safira, que hoje conhecemos, pois naquela época não havia jeito de cortar uma pedra tão dura, muito menos o *diamante*, que seria o nome antigo de outra pedra.

39.12 Jacinto. Equivalente à nossa água-marinha brasileira.

39.13 Jaspe. Quartzo verde ou jade verde, segundo o uso da época.

39.14 Segundo os seus nomes. Êx 28.9-10 fala sobre a gravação, em duas pedras de

ônix, dos doze nomes das tribos de Israel, seis em cada uma e fixadas sobre as ombreiras da estola sacerdotal. A descrição em 39.6, 7 refere-se a estas pedras, enquanto os vv. 8-14 falam de doze pedras preciosas, em quatro séries, com os mesmos nomes das tribos gravados nelas e fixadas no peitoral do Sumo Sacerdote. A beleza e preciosidade dessas pedras, com os nomes do povo de Deus nelas gravados, representavam a glória para a qual Israel deveria ser transformado, como possessão exclusiva de Deus_(19.5). De uma forma semelhante os nomes dos doze apóstolos, representando a Igreja de Cristo, estão gravados nas doze pedras preciosas que são os fundamentos da Nova Jerusalém (Ap 21.14-20).

39.24 Romãs (heb *rimmon*). Era uma fruta muito apreciada desde os tempos mais remotos. Várias cidades da Palestina antiga tinham esse nome, por exemplo: Rimon (Js 15.32); Gate-rimon (Js 19.45) e En-rimom (Ne 11.29). Do suco da romã se fazia um refresco saboroso, das sementes um xarope e das flores um remédio adstringente. Romãs ornamentais decoraram também os capitéis das colunas do Templo de Salomão (1 Rs 7.20) e o ciclo de prata que circulava em Jerusalém no segundo século a.C.

39.25 Campainhas de ouro. Estas serviam para revelar a atividade de Sumo Sacerdote quando seus movimentos no serviço de Deus e do povo não podiam ser acompanhados pela vista (cf. 28.35, nota). Cristo nos ensina a grande verdade de que no céu há manifestações de alegria se um pecador se arrepende (Lc 15.7-10). Devemos sempre lembrar que a adoração é um privilégio que nos deve alegrar profundamente (cf. Sl 100.1; Lc 24.52; At 2.46; 5.41).

39.28 Mitra. Baseado em Is 22.8 (onde no heb temos a forma verbal), pode-se deduzir que era um turbante enrolado em cima da cabeça. Sobre ela se colocará a "lâmina de ouro", uma espécie de diadema, "coroa sagrada" (30). Foi este último artigo que tinha o significado especial, segundo 28.38 "... para que Arão leve a iniquidade..."; isto é, o Sumo Sacerdote simbolicamente levava o pecado do povo, como seu representante.

39.30 Santidade ao Senhor. Quando a coroa real se acrescenta às vestes sacerdotais, há o reconhecimento da intenção divina de fazer de Israel uma nação teocrática, governada soberanamente por Deus, através dos Seus servos escolhidos.

39.42 Segundo o Senhor ordenara. A obra de fazer o Tabernáculo era o resultado da revelação (25.40) e da inspiração divina (31.3). Esses dois aspectos atuam na obra de Cristo na formação do templo (que é a sua Igreja), o qual é constituído das almas dos fiéis e habitado por Deus (1 Pe 2.5; 1 Co 6.19-20). Não se pode compreender esta obra tão sublime, sem a revelação de Deus registrada nas sagradas Escrituras e aplicada ao nosso entendimento por obra do Espírito Santo. Depois de recebermos a revelação que nos esclarece a vontade de Deus, carecemos encher-nos do Espírito para pô-la em prática, e vivermos a mensagem de Deus, o que nos torna à Sua imagem revelada em Jesus Cristo (Cl 3.10).

39.43 A linguagem que aqui se emprega é semelhante à descrição da criação do mundo (Gn 1.31 e 2.3). Sugere que a obra sacerdotal de Cristo, simbolizada pelos vários objetos do Tabernáculo, tem a finalidade de fazer dos homens novas criaturas (2 Co 5.17).

40.2 No primeiro dia. Era o primeiro dia do ano religioso, antecipando por duas semanas o dia em que Deus salvou Seu povo da escravidão física, do Egito (12.2-6), com grandes obras milagrosas. Muito justa é a escolha deste dia para a construção do santo edifício, que, em todos os seus detalhes, revela ensinamentos sobre Cristo, que nos concede a liberdade integral da escravidão do pecado, tanto aqui como na eternidade, Jo 8.31-36.

40.3 Cobrirás com o véu. Significa esconder com o véu, isto é, levantando-o para separar o Santo dos Santos do Lugar Santo.

40.4 Acenderás as suas lâmpadas. Na visão que João teve de Jesus Cristo, Ele estava andando entre as lâmpadas que representam a luz que emana das igrejas, conservando-as em ordem (Ap 1.13).

40.5 O altar de ouro. Não estava no Santo dos Santos, mas era lá que o perfume do

incenso entrava, assim como a oração é feita na terra, mas se dirige aos céus.

40.6 *Holocausto*. Este altar guardava a *porta do tabernáculo*. Lembra-nos que não há maneira de entrar em contato com as coisas de Deus, sem primeiro aceitar o sacrifício de Cristo por nós.

40.9 *Óleo da unção*. A unção é um ato de consagração. Era necessário para a separação exclusiva, tanto de objetos (o Tabernáculo com seus móveis), como também de pessoas (o Sumo Sacerdote, Arão e seus filhos). Na Nova Aliança do NT a consagração é realizada, não através de óleo, mas pela unção do Espírito Santo. Sem Ele não podemos adorar a Deus (Jo 4.23, 24), não podemos participar da salvação (Jo 3.3, 5), nem podemos compartilhá-la com outros (Jo 7.38, 39). Sem o Espírito Santo não existe santidade (2 Ts 2.13, 1 Pe 1.2) e sem santidade não há acesso ao Céu (Hb 12.14). É por isso que apagar o Espírito Santo (1 Ts 5.19) ou entristecê-lo (Ef 4.30), quando pecamos deixando de glorificar a Deus (1 Co 6.19, 20), é uma ofensa gravíssima (cf. Mt 12.32).

40.16-33 É a sétima e última lista dos objetos que compõem o Santuário, no livro do Êxodo; veja as notas das demais listas.

40.34 *A nuvem*. O livro está terminando com uma descrição daquela Glória que encheu o Templo de Salomão, 1 Rs 8.10-11, e que é presente no santuário celestial, Ap 15.8. Os crentes vão construindo o verdadeiro tabernáculo nos seus íntimos, à medida que se deixam ser tomados pela plenitude de Deus, que o amor de Cristo faz brotar neles, Ef 3.19. Na eternidade, esta glória divina lhes dará esplendor, na presença perpétua de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus (Ap 21.23).

40.36,37 Quando Moisés, perto do fim de sua vida, descreve a nuvem de glória, relembra aos leitores que esta era a mesma nuvem que acompanhava, nas viagens, aos israelitas, as quais serão descritas nos livros que se seguem. Às vezes, a glória da presença de Deus é um convite a prosseguir para grandiosas obras, e, às vezes, é um incentivo a permanecer paciente e fiel, embora em situação um tanto desagradável, mas obediente à Sua vontade.

40.38 *Em todas as suas jornadas*. Não consta de nenhuma promessa, que a vida nos dará tudo o que dela exigimos, mas que só a presença de Deus é que nos trará a vitória em quaisquer circunstâncias. Assim Jesus acompanha os fiéis à medida que avançam, proclamando o evangelho: "E eis que estou até convosco todos os dias até a consumação do século" (Mt 28.18-20).

O Terceiro Livro de Moisés Chamado Levítico

Análise

Conforme é indicado no seu nome, "Levítico", esse terceiro livro de Moisés salienta a função dos sacerdotes de Israel, aqueles membros da tribo de Levi que Deus escolheu para servirem em Seu santuário (Dt 10.8). Muitos cristãos, por causa disso, imaginam que Levítico é uma espécie de Manual técnico que fornecia orientação aos sacerdotes antigos sobre os detalhes de cerimônias que não são mais observadas pelo povo de Deus; em resultado disso, o livro de Levítico é atualmente a porção menos apreciada do Pentateuco. Na realidade, porém, sua mensagem era originalmente dirigida a todos os crentes (Lv 1.2), e suas verdades continuam revestidas de significação primária para o povo de Deus. Pois o livro de Levítico constitui a primeira revelação detalhada acerca do vigoroso tema do Grande Livro como um todo, a saber do modo pelo qual Deus restaura a Si mesmo homens perdidos. Tanto a atividade redentora de Deus como a resposta da apropriação que se espera da parte do homem são sumariadas no versículo chave, "Ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separei-vos dos povos, para serdes meus" (20.26).

A fim de obter a salvação e de restaurar o homem ao seu Criador, tomava-se necessário prover um meio de acesso a Deus. A primeira metade de Levítico (caps. 1-16), assim

sendo, apresenta uma série de ações religiosas que pinta o caminho através do qual Deus redime os perdidos, separando-os de seus pecados e das conseqüências destes. Os diversos sacrifícios (caps. 1-7) eram antecipações da morte de Cristo no Calvário, onde o Impecável sofreu a ira de Deus em nosso lugar, afim de que pudéssemos ser resgatados de nossa culpa (2 Co 5.21; Mc 10.45). Os sacerdotes levíticos (caps. 8-10), portanto, prefiguravam o fiel serviço de Cristo ao fazer reconciliação no tocante aos pecados do povo (Hb 2.17). As leis sobre higiene (caps. 11-15) serviam de lembretes constantes do arrependimento e da separação das impurezas que devem caracterizar os redimidos (Lc 13.5); enquanto o grande dia do culto expiatório (Lv 16) proclamava o perdão de Deus àqueles que se humilhassem em confiante entrega ao Cristo, que ainda haveria de prover acesso ao próprio céu (Hb 9.24).

Porém, a salvação não consiste meramente na separação *do* que é errado; envolve uma união positiva com aquilo que é correto. Por isso é que a segunda metade de Levítico (caps. 17-27) apresenta uma série de padrões práticos aos quais os homens precisam moldar-se vivendo em santidade. Isso inclui expressões de devoção em questões cerimoniais (cap. 17) e de adoração (caps. 23-25), porém, centraliza sua atenção em questões que envolvem a conduta diária (caps. 18-22). O próprio Cristo sintetizou a lei divina (Mt 22.37-40), ao falar de um amor de todo o coração, a Deus, e ao citar um trecho dessa seção de Levítico, "...amarás o teu próximo como a ti mesmo..." (19.18).

Assim sendo, o livro de Levítico existe primariamente como uma legislação proferida por Deus: "Chamou o Senhor a Moisés e... lhe disse: Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes..." (1.1, 2). As duas narrativas históricas (caps. 8-10 e 24.10-23) servem de pano de fundo para as questões legislativas; e a única outra variação quanto à forma, o sermão final e exortativo de Moisés (cap. 26), ainda é seguida por um apêndice de leis que regulam questões que em si mesmas não são obrigatórias (cap. 27).

Autor

Em mais de 50 pontos, em seus 27 capítulos, o livro de Levítico afirma compor-se das palavras que Deus, dirigiu a Moisés. O Novo Testamento, igualmente, introduz uma citação tirada do livro quando diz "Ora, Moisés escreveu..." (Rm 10.5). Os críticos que relegam o livro de Levítico a um milênio depois de Moisés, fazem-no às expensas da integridade da evidência bíblica. As Escrituras descrevem o livro de Levítico como obra que foi transmitida a Israel logo depois que os israelitas foram adotados como povo com quem Deus fez aliança (Êx 19.5). Fora-lhes dada a lei moral básica, o Decálogo (Êx 20), e a presença de Deus viera habitar no tabernáculo recém-construído (Êx 29.43; 40.34). Então foi dado o livro de Levítico, segundo Deus havia prometido (Êx 25.22), para servir de guia para a vida e a adoração perante Ele. Sua legislação e acontecimentos relatados cobrem algumas poucas semanas vividas pelo povo, desde a construção do tabernáculo por Moisés (Êx 20.17) até à partida de Israel do monte Sinai, menos de dois meses mais tarde (Nm 10.11), em maio de 1445 a.C., conforme a data atribuída pela maioria dos eruditos evangélicos.

Esboço

O CAMINHO DE ACESSO A DEUS: Redenção, 1.1-16-34

A Propiciação da Ira de Deus: Sacrifício, 1.1-7.38

Com Devoção de Todo o Coração: Ofertas Queimadas, 1.1-17; 6.8-13

Com Labor Consagrado: Ofertas de Manjares, 2.1-16; 6.14-23

Com Comunhão Reconciliada: Ofertas Pacíficas, 3.1-17; 7.11-34

Com Castigo Vicário: Ofertas pelo Pecado, 4.1-5.13; 6.24-30

Com Reparação Justa: Ofertas pela Transgressão, 5.14-6.7; 7.1-10

A Intercessão pelo Ministro de Deus: Sacerdócio, 8.1-10.20

Preparando os Ministros: Ordenação Aarônica, 8.1-36

Inaugurando o Ministério: dedicação do tabernáculo, 9.1-24
 Disciplinando contra o Sacrilégio: Nadabe e Abiú, 10.1-20
 A Purificação do Povo de Deus: Higiene, 11.1-15.33
 Do que é Repulsivo na Natureza: Animais, 11.1-47
 De Depravação Congênita: Nascimento, 12.1-8
 Da Corrupção Corporal: Lepra, 13.1-14.57
 Da Poluição Sexual: Emissões, 15.1-33
 A Realização de Reconciliação: Dia da Expição, 16.1-24
 O MODO DE VIVER PARA DEUS: Santidade: 17.1-27.34
 O Padrão Cerimonial: Reverência pelo sangue, 17.1-16
 O Padrão Moral: Conduta Ética, 18.1-36
 A Pureza na Família: Moral Sexual, 18.1-36
 A Conduta Agradável ao Senhor; Ética Geral, 19.1-37
 Punição contra Violações: Sanções, 20.1-2
 O Ministério sem Repreensão: Padrão Sacerdotal, 21.1-22.33
 O Padrão Devocional: Adoração Regular, 23.1-25.55
 Tempo Disciplinado para Deus: Festas, 23.1-44
 A Ordem no Santuário: Adoração no Tabernáculo, 24.1-9
 A Reverência pelo Nome de Deus: Blasfêmia, 24.10-23
 Extensão do Sábado: Anos Sabáticos, 25.1-55
 O Apelo Final: Exortação, 26.1-46
 Apêndice sobre Votos Voluntários Devocionais, 27.1-34

1.1 Antes, Deus falara do monte Sinai, não permitindo que ninguém se aproximasse; agora fala da tenda da congregação, da nuvem sobre o propiciatório no Santo dos Santos, deixando o adorador se aproximar dele por intermédio das ofertas.

1.2 *Oferta*. Descrevem-se cinco tipos: 1) O holocausto; 2) A oferta de manjares; 3) A oferta pacífica; 4) Pelo pecado; 5) Pela culpa. Quem busca a Deus há de começar com a quinta oferta da escala; que é uma oferta compulsória por causa da maldade humana; só depois de se seguir o caminho prescrito para obter a comunhão com Deus, que pode haver ofertas voluntárias e espontâneas, especialmente a primeira da escala, um holocausto "de aroma agradável ao Senhor" (veja 1.17 *N. Hom.*). Todas as ofertas tinham algo em comum simbolizavam algum aspecto da vida e do sacrifício de Jesus Cristo.

1.17 *Holocausto*. Heb *'olah*, cujo significado básico é de fazer subir em fumaça, uma oferta total da qual os demais sacrifícios são apenas modificações. Nossa palavra "holocausto" significa "totalmente queimado". Esta oferta significava a dedicação completa a Deus daquele que a oferecia, e tipifica Jesus Cristo, ao se oferecer imaculado a Deus, para fazer Seu inteiro agrado, Hb 9.14; Fp 2.6-8. Na seleção da vítima, tanto o rico como o pobre podia trazer uma oferta aceitável, fosse um novilho; ou fosse uma rola. O *macho sem defeito*, v. 3, representa Cristo na sua perfeição (Hb 9.14; 1 Pe 1.19). O sacrifício se oferecia no altar do holocausto, à porta do Tabernáculo, v. 3 com Êx 40.6, depois de o ofertante se identificar com o animal que o substituiria, aceitando sua posição de pecador pedindo expiação, com o simples gesto de pôr a mão sobre a cabeça do holocausto. Igualmente, o simples ato de estender a mão da fé para a pessoa de nosso substituto Jesus Cristo identifica-nos com o Salvador que levou nossos pecados sobre si (2 Co 5.21). A morte do animal no lugar do ofertante enfatiza que o salário do pecado é a morte (Rm 6.23). A aspersão do sangue sobre o altar sinal de que a vida fora oferecida; vinha então a queima da carne. A remissão dos pecados vincula-se ao derramamento do sangue (Hb 9.22). • **N. Hom.** A expressão "Aroma agradável", tão comum neste Livro, significa "de boa aceitação" e se aplica sublimemente à ternura do amor de Cristo, que foi ao ponto de Se oferecer como expiação totalmente satisfatória aos olhos de Deus (Ef 5.2). Aplica-se também à vida de amor, de fé e de dedicação, que os crentes devem viver

pelo poder de Cristo (1 Pe 2.5), e às ofertas de bondade, amor e colaboração que os irmãos em Cristo dão em prol dos homens e da Obra (Fp 4.18).

2.1 Manjares. Heb *minhah*. Uma oferta de homenagem, que significava uma promessa de leal obediência a Deus. A menor dessas ofertas de cereais compunha-se de uma dízima do efa, ou seja, 2,2 litros.

2.2 Incenso Um perfume caro, a resina amarela, pálida o leitosa de certo arbusto; chamado *lebbonah*, "brancura" em hebraico.

2.3 Santíssima. A palavra se aplica a todas as ofertas sacrificadas que se dedicam inteiramente a Deus (mesmo quando os sacerdotes participam da carne, que a Lei de Deus determina para seu sustento).

2.13 Sal. Significava um pacto incorrupto, que não se podia violar.

2.14 Espigas verdes. Colhidas no campo antes de amadurecer, até hoje se tostam ao fogo, para depois retirar os grãos.

3.1 Ofertas pacíficas. Heb *shelem*, da raiz traduzida "paz", "saúde" e "inteiro". Falavam de inteira dedicação, da parte do ofertante, e da paz com Deus a quem as oferecem. As gorduras, somente eram queimadas, e as carnes eram consumidas pelos sacerdotes e pelo povo, numa ceia de aliança solene, à qual os pobres eram convidados (Dt 12.18), que prenunciava a paz que seria trazida aos homens pela obra de Cristo (Cl 1.20), e comemorada na Ceia do Senhor (1 Co 10.16).

3.9 Pacífico. A palavra também significa saúde e prosperidade, alguma coisa inteira e íntegra (2 Cr 16.9n). *Caudas.* As ovelhas da Palestina possuem caudas grandes e gordurosas, que são consideradas uma grande delícia no Oriente. Nota geral sobre o sacrifício: quando os sacrifícios eram oferecidos em conjunto, apareciam na seguinte ordem: 1) Oferta pelo pecado, que ensinava a necessidade da propiciação e da expiação, as quais são simbolicamente efetuadas por esse tipo de sacrifícios. 2) A oferta queimada e o holocausto, que representavam a entrega absoluta da vontade do homem à vontade de Deus. 3) A oferta de cereais era uma oferta de homenagem, declarando a leal submissão do ofertante. 4) A oferta pacífica simbolizava a alegria festiva que invade a alma daqueles que estão em comunhão com Deus.

4.1-35 Oferta pelo pecado. Este tipo de sacrifício era necessário para expiar pecados específicos. O grau da culpa e a qualidade da oferta variavam de acordo com a posição e a responsabilidade do pecador. O pecado do sumo sacerdote era o mais grave, porque era ele quem representava a nação inteira. O atual que se requeria era igual, para o sacerdote e para o povo, no tocante ao touro ("novilho") que se oferecia em ambos os casos, mas havia uma diferença quando se comparava o mesmo com o dos holocaustos, sendo que o sacrifício pelo pecado incluía o ato de pôr uma parte do sangue da oferta diante do véu do santuário; a gordura era queimada no altar, mas o resto era queimado fora do arraial. Isto prefigurava a crucificação de Cristo fora da cidade de Jerusalém (Hb 13.12). A justiça de Deus requeria o castigo pelos pecados. Cristo levou esta culpa sobre Si na cruz. Agora Deus perdoa aqueles que, pela fé, aceitam o sacrifício que Cristo sofreu por eles (Is 53.6, 7; 1 Pe 2.24; Rm 3.25, 26).

4.2 Ignorância. Esta palavra não se refere aos pecados dos insolentes e arrogantes, para os quais nenhuma expiação poderia ser feita. A pena imposta era morte (Nm 15.30, 31; Hb 5.2). O próprio fato de se exigir a expiação pelos pecados da ignorância demonstra que a ignorância não é uma desculpa adequada para a violação das leis de Deus. Ordena-se aos crentes que estudem as Escrituras (2 Tm 2.15), e não se oferece nenhuma desculpa aos que se recusam a se instruir nos mandamentos de Deus. Tal falta é um pecado de omissão que precisa ser confessado, perdoado e abandonado (1 Jo 1.9).

4.3-27 Quatro classes de pecadores são enumeradas neste trecho: 1) Os sacerdotes, 3; 2) A congregação, 13; 3) O príncipe, 22; 4) Os simples indivíduos de entre o povo, 27. •

N. Hom. O sangue do novilho era sinal visível de sua morte, assim como o sangue de Cristo representa a Sua morte expiatória, que nos purifica de todo o pecado (1 Jo 1.7) e

nos aproxima de Deus (Ef 2.13). O apresentar o sangue perante o santuário mostra que é preciso prestar contas ao próprio Deus por todos os pecados cometidos.

4.17 *O dedo no sangue.* Notem-se os lugares onde o sangue devia ser aplicado: 1) Nas pontas do altar do incenso, 7; 2) Na base do altar do holocausto, 7; 3) Diante do véu, 17; 4) Nas pontas do altar do holocausto, 30; 5) Ao redor do altar e sobre o altar, 1.5, 11; 3.2; 6) Sobre a parede do altar, 5.9; 7) No santuário, 6.30; 8) Na ponta da orelha direita do sacerdote, 8.23-24; 9) No polegar da mão direita do sacerdote, 8.23-24; 10) No polegar do pé direito do sacerdote, 8.23; 11) Nas casas, 14.51-53; 12) Na ponta da orelha direita das pessoas que queriam se purificar, 14.25-28; 13) Sobre o polegar da mão direita da pessoa que queira se purificar, 14.25, 28; 14) Sobre a polegar do pé direito da pessoa que queira se purificar; 15) Sobre a frente do propiciatório, 16.14-15; 16) Perante o Tabernáculo, Nm 6.8; 17) Sobre o povo, Êx 24.6-8; 18) Sobre o Livro da Aliança, Êx 24.6-8; 19) Sobre os sacerdotes, Êx 29.21; 20) Sobre as vestes dos sacerdotes, Êx 29.21.

4.20 *Expição.* Da raiz hebraica *kipper*, que significa "cobrir". O pecado, com a sua culpa e o seu castigo, é apagado por um ato específico: a morte. Mas Deus permitiu a morte substitutiva de um animal, o qual tipificava o sacrifício de Cristo, o único que apaga as conseqüências eternas do pecado.

4.22 *Pecar.* Ver também 2, 13 e 17. Em contraste com o holocausto, que não tinha ligações específicas com transgressões individuais, e simbolizava uma aproximação ao Deus santo, dando ao pecador valor diante de Deus, os sacrifícios pelos pecados outorgavam a expiação por pecados específicos, pelos quais esses sacrifícios ofereciam uma "cobertura" perdendo-se assim o pecado. Dois tipos de pecado se definem nestas Leis: 1) Os pecados da ignorância, 5.5-18; Nm 15.22-29, praticados na ignorância, sem saber aquilo que a Lei exigia, ou ainda, praticados acidentalmente, mesmo quando se sabia que eram pecados, Dt 19.4; 2) Os pecados atrevidos, Êx 21.14 Nm 15.30; Dt 1.43, 17.12-13, 18.20-22, Sl 19.13; 2 Pe 2.10. Tais pecados se cometiam deliberada, premeditada e obstinadamente, 24.11-16; Hb 10.26-31. *Nota geral:* em todos esses sacrifícios, notam-se duas classes: os de "aroma agradável" e os demais. A expressão "aroma agradável" se aplicava somente aos três primeiros tipos de sacrifício: os holocaustos, cap. 1, as ofertas de manjares, cap. 2, e os sacrifícios pacíficos, cap. 3. Estes três tipos de ofertas voluntárias, renunciavam a absoluta e bendita perfeição do sacrifício de Cristo, em aroma aceitável a Deus, Ef 5.2. Os demais sacrifícios eram os que se ofereciam pelo pecado e pelo sacrilégio, nos quais Cristo era prefigurado como Aquele que carrega os pecados do mundo; eram ofertas de expiação, que, pela sua própria existência, condenavam o pecado - não que Deus tenha prazer na condenação. As ofertas de aroma agradável eram voluntárias, e as ofertas pelo *pecado* eram compulsórias. • **N Hom.** A confissão dos pecados é uma parte essencial de uma vida de retidão, e Deus a exige de todos aqueles que pecaram, 5.5; Os 5.15. Sem confissão dos pecados, precedida pelo arrependimento, apela-se em vão ao sacrifício de sangue. Da mesma maneira, o NT ordena aos homens que confessem seus pecados (Tg 5.16), oferecendo, ao mesmo tempo, a certeza do perdão e purificação, 1 Jo 1.9; Sl 32.5. A verdadeira confissão de pecados inclui, entre outras coisas: 1) A tristeza religiosa por causa do pecado cometido, Sl 38.18; 2) À humilhação, Jr 3.25; 3) A oração pelo perdão, Sl 51.1; 4) A restituição dos danos causados, Nm 5.6; 5) A humilde aceitação da correção divina aplicada na forma de um castigo, Ed 9.13; Ne 9.33; 6) O abandono daquele pecado, Lc 19.1-10; Lv. 15.11-32.

5.14-6.7 *Vários motivos da oferta pela culpa.* Este sacrifício era semelhante ao da oferta pelo pecado, indicando ao homem a sua culpabilidade e a sua necessidade de ser salvo do julgamento por Cristo, que carrega nossos pecados; somente que a ênfase é sobre o prejuízo causado e a satisfação que se devia à pessoa prejudicada. A morte de Cristo operou a expiação em favor dos pecadores, mas foi pela Sua obediência que cumpriu "toda a justiça", todas as exigências da Lei, Mt 3.15; Gl 4.4. Ao crente se imputa a justiça,

de Cristo, 1 Co 1.30; Rm 4.3. A restituição que se fizesse, devia ser em espírito de arrependimento, o que é o principal, Sl 51.17. Jesus ensina que o homem deve reconciliar-se com seu irmão, antes de trazer sua oferta, Mt 5.24. A fé sem obras é morta, Tg 2.17.

5.15 *Ofensa*. Heb *ma'al*, "engano", "infidelidade", "quebra da lei". Aqui se aplica a pecados públicos, danos cujo valor podia ser calculado. É este o pormenor que o destaca do pecado em geral, e que exige um tipo específico de sacrifício com as seguintes formalidades; 1) O sangue derramado que opera a expiação, 6.7; 2) A restituição à pessoa lesada do valor dos danos causados, e mais 20%, 6.5; 3) A confissão do pecado, implícita no ato de trazer, uma oferta pela culpa 6.6; 4) A fé implicitamente demonstrada no fato de o crente procurar a expiação que Deus oferece mediante este sacrifício, 6.6; 5) O perdão de Deus, a segurança para o pecador que cumpriu as condições exigidas, 6.7.

5.16 *Oferta pela culpa*. Em heb, é uma palavra só: *'āshām*, que quer dizer "culpa" no sentido de danos e estragos, e também é o nome técnico do tipo de sacrifício que a culpa requer. Cristo é o único que cumpre completa e satisfatoriamente tudo aquilo que é previsto nesta oferta, imputando-nos sua justiça, cf. 2 Co 5.21, onde a palavra "pecado" tem exatamente o sentido de *'āshām*. A profecia de Isaías usa a mesma palavra para a obra de Cristo, Is 53.10. O sacrilégio é aquele que só pode ser transformado pela obra sacrificial de Cristo, Rm 3.21, 26.

6.8-7.38 Estas são instruções adicionais para regulamentar as ofertas já descritas. Até a presente trecho, a ênfase tinha sido colocada sobre o aspecto das ofertas que diziam respeito à prestação de contas que o pecador tinha que fazer com o próprio Deus; agora se regulamenta a participação dos sacerdotes e a dos ofertantes, naquilo que doutrinariamente já foi definido; trata-se agora da carne dos animais que se oferecia nessas ocasiões.

6.11 O sacerdote que tinha a obrigação de limpar as cinzas do altar, depois de ter sido oferecido um holocausto, usava, para isso, vestes especiais, calças e túnica de linho, laváveis, que se usavam tão-somente para o contato direto com o altar. Quando removia as cinzas cada manhã, deixava-as ao lado do altar, trocava suas vestes, colocando as roupas normais de sacerdote, e depois removia as cinzas para algum lugar "limpo" (e não para um depósito de lixo, que seria considerado impuro), fora do arraial.

6.12 As ofertas contínuas, que se ofereciam duas vezes por dia, sem falta, eram uma expressão da dedicação de Israel ao seu Deus.

6.113 O primeiro fogo que acendeu a lenha do sacrifício depois da consagração formal de Arão como sacerdote, foi ateado por Deus, 9.24. Esta origem sobrenatural do fogo no altar serve para nos ensinar que se um sacrifício pode ser feito pelo homem, é só a graça de Deus que a consome, que o torna aceitável, que faz dele um meio de expiação. Nenhum fogo feito pelo homem, poderia ser usado no altar do Senhor, e por isso mesmo é que era tão importante que os sacerdotes conservassem sempre acesa a chama que veio a existir de maneira tão notável. O pecado de oferecer sacrifícios com "fogo estranho", fogo ateado pelos homens e não por Deus, foi justamente o que provocou a morte de Nadabe e Abiú, 10.1-2.

6.18 *Todo varão*. Esta expressão se restringe aqui aos homens que serviam no culto do tabernáculo. Antes de atingirem a idade de 30 anos, os homens não podiam entrar no lugar santo, Nm 4.3, 23, 30, 39. *Tudo o que tocar*. Esta expressão se refere às pessoas separadas para o serviço no tabernáculo, os únicos que tinham licença de tocar nas coisas do tabernáculo, e que também tinham o privilégio de comer dessa oferta. Só uma pessoa dedicada ("santa") podia participar.

6.26 As ofertas que se comiam no lugar santo eram: 1) O que ficasse das várias ofertas de manjares, depois de queimada a porção memorial, 2.1-10; 2) A carne (e não a gordura, 4.26) das ofertas pelo pecado (6.26; 10.17) e das ofertas pela culpa (7.5-6); 3) A carne do sacrifício de ações de graça da oferta pacífica, 7.15-17; 4) O que sobrasse do sextário de

azeite que o leproso oferecia, 14.10-20; 5) Os dois pães a serem movidos, 23.17-20; 6) Os pães da proposição, 24.5-9.

6.28 Um vaso de louça não vitrificada absorveria alguns sucos, não podendo ser lavado ao ponto de ficar bem limpo, como o bronze.

7.11-21 Havia três tipos de ofertas pacíficas: 1) As ofertas de ações de graça, que eram feitas para lembrar com gratidão as misericórdias alcançadas; 2) As ofertas votivas, promessas feitas no sentido de trazer uma oferta, se certa aspiração fosse atendida; 3) Ofertas voluntárias, que se distinguiam das votivas por não haver uma promessa anterior, e das de ações de graça, por não se referirem a alguma bênção específica alcançada; o primeiro tipo devia ser comido pelo ofertante e pelos seus amigos no mesmo dia no qual foi oferecido, mas os outros dois tipos não tinham o mesmo grau de santidade, e podiam ser comidos até no dia seguinte.

7.12 *Obreias*. Heb *rāqiq*, um bolo de forma feito de uma camada fina, 2.4; 8.26; Êx 29.2, 23; Nm 6.15, 19. *Bolos*. Heb *hallah*, pães que se perfuravam em cima, na hora de assar. A palavra vem da raiz *hālal*, "furar". O seu peso era de 3,5 kg (duas dízimas de uma efa, 24.5).

7.13 *Levedado*. A levedura (um resto de massa apodrecida), se usava comumente nas festas sociais, e era permitida nas ofertas de ações de graça, sendo que estas eram a expressão espontânea da dedicação de vidas que nunca eram totalmente isentas de pecados e males. A presença desta levedura, símbolo da impureza, nos ajuda a entender que tudo o que se come é santificado pela Palavra de Deus e pela oração (1 Tm 4.4-5, 1 Co 10.23, 30), e não pela sua pureza cerimonial intrínseca (At 11.1-18). Não é a comida que entra pela boca que contamina o homem, Mt 15.11. Esses bolos de pães levedados, que acompanhavam a oferta pacífica, não eram os mesmos da oferta de manjares, os quais eram sem levedura (asmos), e se ofereciam no altar.

7.14 Um de cada tipo de obreia, bolo e pão era a porção dos sacerdotes.

7.15 *Se comerá*. É claro que qualquer animal grande, seja um bezerro, um novilho ou um cordeiro (3.1, 7), não poderia ser comido dentro de um ou respectivamente dois dias, somente pelo ofertante ou por alguns sacerdotes que o ajudavam, segundo a exigência da Lei, 15-18. Vê-se claramente que uma parte do sentido da festa religiosa seria que o ofertante participasse do sacrifício com seus amigos, ou também com estranhos pobres e necessitados, e assim a generosidade, a caridade e o cuidado dos aflitos, fariam parte da festa, para completar uma verdadeira ceia sacrificial, de bom agrado para Deus e para os homens.

7.26 *Não comereis sangue*. Desde que o derramamento de sangue representava perda de vida (Gn 9.4), e que o sangue assim derramado era usado somente para a expiação, nunca se podia comer ou beber. Esta proibição se referia somente ao uso do sangue como alimento, e não deve ser considerada uma lei contra a transfusão do sangue, o que é uma operação médica para salvar vidas. Se queremos atribuir-lhe algum sentido espiritual, seria apenas o de ilustrar a santidade do sangue de Cristo, derramado em nosso favor para que tenhamos a plenitude da vida mediante Seu sacrifício supremo.

7.30 *Oferta movida*. Em primeiro lugar, o sacrifício era "movido", ou abanado na direção do altar de bronze, simbolizando assim que estava sendo oferecido ao Senhor, e depois era movido em direção contrária para indicar que estava sendo devolvido aos sacerdotes para os alimentar pelos seus serviços. Depois disto, a gordura da oferta pacífica era queimada como oferta ao Senhor, a coxa direita ou a espádua com o peito eram comidos pelos sacerdotes, e o que restava era comido pelos fiéis, Êx 29.26n.

8.1-36 A consagração dos sacerdotes. Nenhum homem era, por si mesmo, digno de se aproximar de Deus, e daí a necessidade de sacerdócio mediador. Esse sacerdócio era um dom de Deus (Nm 18.7), já que o próprio Deus escolhia e vocacionava os sacerdotes, 8.4, 5; Hb 5.4. O sacerdote era um tipo de Cristo, nosso único e verdadeiro Mediador, Hb 8.1; 1 Tm 2.5. Os quatro passos para a consagração eram: 1) A lavagem, 8.6, símbolo da

purificação e do novo nascimento, Tt 3.5; 2) O revestimento com as vestes sacerdotais, 8.7; 3) A unção, 10-12, indicando a santificação e renunciando a unção do Espírito Santo, At 1.4-5, 8; 4) As várias ofertas, 14-29.

8.2 Arão e seus filhos. Cf. Êx 29. Esta foi a cerimônia da consagração, que depois passou a ser usada para todos os sacerdotes. Notemos que havia uma distinção implícita entre os sacerdotes (Arão e seus filhos) e à resto dos levitas. A tribo de Levi, como um todo, foi separada especificamente para o serviço religioso, mas somente os descendentes de Arão, eram os sacerdotes que oficiavam nos cultos do Tabernáculo e (mais tarde) do Templo, em Jerusalém, Nm 11 47-54. Veja também a distinção entre sacerdotes e levitas na Parábola do Bom Samaritano Lc 10.25-37.

8.8 Urim e Tumim. Estas palavras em heb, ambas no plural, podem ser interpretadas por "luzes" e "perfeições", respectivamente. De várias passagens, como Nm 27.21; 1 Sm 14.37-42 e 28.6, deduz-se que eram objetos que se lançavam como sortes para determinarem as respostas de Deus às questões de interesse do Seu povo. Supõe-se ainda que os objetos eram pedras preciosas, que se conservavam no bolso que era a parte básica do peitoral do sumo sacerdote, e que tais pedras eram o meio de se descobrir a inocência ou a culpa de pessoas suspeitas, e de se saber a vontade divina de um modo geral. Cf. as notas de Ed 2.63 e Êx 28.15. O uso de Urim e Tumim não se menciona depois do reinado de Davi, a não ser na época da volta do Cativo em Babilônia 538-333 a.C., quando a falta de sacerdotes com Urim e Tumim era considerada uma irregularidade grave, Ed 2.63; Ne 7.65.

8.14 Puseram os mãos. Isto significava que os pecados do ofertante se imputavam à oferta pela culpa, que tinha que morrer para fazer expiação pelos sacerdotes. Nisto se vê um claro tipo de expiação substitutiva realizada pela morte de nosso Senhor Jesus Cristo, Hb 2.9-18; 1 Pe 2.24.

8.14-29 A última parte da consagração de Arão e de seus filhos, isto é, a parte das ofertas se divide assim: 1) A oferta pelo pecado, a imputação da justiça a Arão, 14; 2) O holocausto pelo qual se imputava a santidade, 18; 3) A oferta do carneiro completa a cerimônia, sacrificialmente efetuando a consagração, 22.

8.22 Consagração. Heb *millu'im*, que quer dizer "preenchimentos", ou "ações de encher", parcialmente porque "encher as mãos" era o termo técnico para designar a investidura dum cargo importante, e, parcialmente, para geminar a palavra "pacífico", que também tinha o sentido de ser completo, pleno, próspero e saudável, Ef 3.9. Na antiga tradução dos 70 foi chamado "o cordeiro da perfeição", já que completou a consagração do sacerdote, capacitando-o, doravante, a fazer sacrifícios a Deus. Compare com "aperfeiçoasse", em Hb 2.10.

8.23 O sangue derramados sobre a orelha, o polegar da mão direita e o polegar do pé direito do sacerdote simbolizavam sua consagração completa para ouvir, ensinar e observar a Palavra de Deus.

8.26 Pães... bolo. Foram trazidos, num cesto, vários tipos de pães (7.12, vd também 7.12n), que tinham sido preparados para a consagração dos sacerdotes, sob a direção espiritual de Moisés (cf. v. 2).

8.30 Óleo... sangue. Os sacerdotes da Antiga Aliança eram ungidos com óleo e com sangue, representando respectivamente duas bênçãos que haveriam de ser derramadas sobre o povo de Deus com a vinda de Cristo: a unção do Espírito Santo e o sacrifício expiatório, que não dependem de cerimônias físicas, mas são o fruto da obra de Cristo naqueles que o aceitam e que, por isso mesmo, são considerados um sacerdócio real de Cristo. Estes possuem as realidades espirituais que, no Antigo Testamento, são apenas promessas.

8.35 A obra Sagrada dos sacerdotes requeria um preparo feito com disciplina e dedicação; havia condições para se alojarem dentro do Tabernáculo para servirem melhor, 1 Sm 3.1-9. Os primeiros dez capítulos deste Livro nos ajudam a entender esta

obra, que consistia em: 1) Expição, caps. 1-7; e 2) Mediação, caps. 8-10. Primeiro o sacrifício, depois o sacerdócio propriamente dito. O sacerdócio não é para servir a pecadores, mas a santos, isto é, a gente convertida. Não é para o mundo que Jesus Cristo é sacerdote, mas somente para a Igreja, Jo 17.9, 19. Assim, percebemos que o homem só pode se aproximar de Deus pelo caminho da expiação e da mediação, e que Jesus é a plenitude deste Caminho, sendo o Sacrifício e o Sacerdote, Hb 9.11-12.

9.1-24 As três partes essenciais do capítulo são: 1) Os mandamentos, 1-7; 2) A execução dos mandamentos, 8.22; 3) A aprovação divina pronunciada sobre aquilo que havia sido feito, 22-24.

9.4 Arão, tipificando Jesus Cristo na sua posição de sumo sacerdote, não podia tipificá-lo em matéria de santidade, visto que tinha, em primeiro lugar, que buscar a expiação pelos seus próprios pecados, Hb 5.1-3.

9.11 Simbolizava a expiação completa; completa maldição caía sobre o substituto, e a expiação não era completada até que o sacrifício fosse completo e inteiramente consumido, Hb 13.11-13.

9.23 A glória do Senhor na nuvem, e o fogo que dEle procedeu, (24), era uma confirmação pública da aceitação divina do ministério sacerdotal e da eficácia das ofertas. Cf. também Êx 40.34; 2 Cr 7.1.

9.24 O fogo tem sido considerado um símbolo sagrado por quase todos os povos e por quase todas as religiões. Como símbolo ilustra muitas verdades bíblicas. O fogo foi empregado por Deus, não somente para oferecer a Sua proteção divina (Nm 9.16) como também para ser o instrumento da Sua justa vingança (Dt 4.24; Hb 12.29), e um símbolo do Espírito Santo (Is 4.4; At 2.3). O presente versículo mostra a vinda do fogo com a finalidade de consumir o sacrifício sobre o altar, já que todas as ofertas queimadas tinham que ser consumidas pelo fogo, 6.9-12. As Escrituras dão muitas instâncias da aparência sobrenatural do fogo: o arbusto que se queimava, Êx 3.2; a hora da Lei ser dada no monte Sinai, Dt 4.11, 36; no monte Carmelo, quando Elias venceu os profetas de Baal, 1 Rs 18.38. Em algumas ocasiões o próprio Deus apareceu no fogo, Êx 3.4-6; 19.18, e, no fim dos tempos, Jesus Cristo voltará "em chama de fogo" 2 Ts 1.8. O fogo nos dá a idéia de algo que consome; que purifica e que derrete, e decerto, simboliza algo da Santidade de Deus: "o nosso Deus é fogo consumidor", Hb 12.29; Dt 9.3. Entre os casos narrados na Bíblia, de uma destruição pelo fogo, operada por Deus, destacam-se: 1) Sodoma e Gomorra, Gn 19.24; 2) Uma das pragas sobre o Egito, Êx 9.23-24; 3) Uma praga entre os israelitas ", Nm 11.1-3; 4) Os 250 participantes da rebelião de Corá, Nm 16.35; 5) Os 102 soldados que foram prender Elias, 2 Rs 1.10-14 As profecias bíblicas sobre uma futura destruição pelo fogo se referem às seguintes: 1) O julgamento ao toque da primeira trombeta, Ap 8.7; 2) O fogo saindo das duas testemunhas, Ap 11.5; 3) A destruição da Babilônia, Ap 18.8; 4) O fogo para consumir os exércitos, de Satanás, Ap 20.9; 5) O fogo para destruir o universo inteiro 2 Pe 3.10-13.

10.1 Veja a Nota de 6.13. Há quem infira do verso 9, que Nadabe e Abiú cometeram sua ofensa fatal quando estavam sob influência de bebida inebriante, o que dá mais sentido à proibição absoluta aos descendentes de Arão de beberem qualquer bebida fermentada antes de entrarem para os seus deveres sagrados do Tabernáculo.

10.7 Como sacerdotes ungidos por Deus, Arão e seus filhos tinham a obrigação de colocar o serviço de Deus em primeiro plano, não podendo interrompê-lo, nem mesmo por causa de um enterro de algum entre seus filhos ou irmãos, Mt 8.21-22 (que aplica a vocação a cada crente).

10.9 *Bebida forte*. Provavelmente a cerveja, já que os povos daquela época nada sabiam de licores destilados.

10.10 *Imundo*. Não no sentido de sujo, mas sim de impureza cerimonial, Mq 2.10.

10.11 As instruções divinas, suficientemente claras para que o povo as compreendesse, foram dadas para a felicidade, prosperidade e bem-estar da nação.

10.19 Ao fazerem sua primeira oferta pelo pecado, Arão e seus filhos se omitiram de comer a parte que lhes pertencia, e assim fazendo, demonstraram uma aparente indiferença para com o seu dever de se identificarem com o ofertante no seu pleito diante de Deus, 4.3; 6.26; 7,26; 8.14 (Nota). Esclarecendo sua atitude, Arão se defendeu nos seguintes termos: *tais coisas me sucederam*, isto é, estava se recordando dos acontecimentos daquele dia, da morte dos seus filhos, e estava na incerteza de se, naquela circunstância, poderia ser realmente considerado digno de cumprir sua missão sacerdotal, de ser mediador entre o povo e Deus, quando membros de sua própria família tinham provocado a ira de Deus ao ponto de serem fulminados.

11.2 As restrições que se impuseram na dieta dos membros da teocracia hebraica tinham razão determinada, ou pela higiene, ou pela religião cumprida em Cristo; assim como acontece com todos os tipos, promessas e profecias do AT, At 10.14, 15; 15.28-29; Cl 2.16; 1 Tm 4.3-4. Examinando bem a lista dos animais imundos, percebesse que em cada caso, uma ou mais das seguintes três considerações entra em pauta: 1) havia carne de animais ou pássaros imundos que se podia considerar doentia e imprópria, por razões sanitárias, pelo fato de se alimentarem de cadáveres em decomposição; 2) havia animais que eram intimamente ligados com os depravados cultos pagãos, como por exemplo o porco, que era oferecido aos deuses do mundo inferior; 3) havia no comportamento de alguns destes animais, algo desagradável, com associações nefandas, como no caso de todos os "animais que rastejam" (que é a expressão hebraica que nossa versão interpreta por "répteis") que se assemelham à serpente nos seus movimentos, e no caso dos morcegos, cuja moradia são as cavernas escuras e úmidas, e ainda odeiam a luz.

11.4 *Imundo*. Veja 10.10n. Nota-se que a palavra "pecado" raramente aparece junto com o conceito de "mundo", sendo que este pertence ao campo da observância cerimonial correta, e não da pureza ética. As leis contra a imundície enfatizavam a santidade de Deus.

11.5-6 Esta lista deve ser considerada como um guia simples e prático para o povo distinguir os alimentos puros dos impuros; definições científicas quase não entram em pauta. O *arganaz*, heb *shalan*, latim *hyrax syriacus*, vivia nas covas e nas fendas das rochas (Sl 104.18), sendo tímido e indefeso (Pv 30.26). Os árabes os comem, mas não os oferecem aos hóspedes. A *lebre*, heb *'arnebheh* era um animal pouco conhecido por ser silvestre, diferente do coelho que era domesticado.

11.13-19 Os pássaros que eram considerados imundos, normalmente têm carne fétida, por se alimentarem de cadáveres em decomposição; nem sempre se sabe definir, os nomes hebraicos dos pássaros, e o atual governo de Israel está se empenhando em verificar, até que ponto o canto, os hábitos ou a aparência da fauna alada daquela República dão uma pista para identificar aqueles nomes que lhes foram colocados há tantos milhares de anos. O *quebrantosso* (13) é um abutre que deixa cair os ossos das suas vítimas contra os rochedos para lha extrair o tutano. O *corvo* (15) inclui, dentre a sua espécie, a *gralha* (18), mas o *corvo marinho* (17) é o cormorão, que pertence à espécie de pelicano (18). A *gaivota* (16) é um pássaro marítimo, que às vezes vem em bandos para o interior. O *mocho* (17) é um tipo de *coruja* (16). O *avestruz* (16) já não se acha mais em Israel. A *poupa* (19) tem um penacho de plumas vermelhas. Vê-se que não há, nestes versículos, uma tentativa de oferecer uma lista cientificamente classificada.

11.22 *Locusta*. A locusta aqui mencionada até hoje se vende nos mercados árabes, seja por medidas, seja em molhos amarrados com linhas; conserva-se em sacos para a alimentação no inverno. É assada na brasa, ou cozida por fervura branda em manteiga, para depois ser comida com sal, especiarias e vinagre. Rejeitam-se a cabeça e as asas. A locusta pode ser dessecada, moída; e transformada em bolo. Os povos daquela região tinham bons motivos e ensejos para poderem definir exatamente todos os tipos de locusta que lhes estragavam os plantios, tornando-se em desgraça nacional como a que se descreve em Jl 1.4-20. Séculos mais tarde, os rabinos definiram 80 tipos, mas a narrativa

bíblica só em prega 9 termos hebraicos para a locusta, os quais os cientistas modernos estão tentando definir, achando que pode se tratar de várias épocas diferentes no crescimento da locusta. A tradução portuguesa menciona: locusta, grilo, gafanhoto migrador, gafanhoto devorador, gafanhoto cortador, gafanhoto destruidor.

11.27 Completamente sem casco, como o gato, o cachorro, etc.

11.31-33 A expressão *enxame de criaturas* se refere aos bichinhos que vivem nas casas, nas roupas ou nos utensílios domésticos. O *vaso de barro* era provavelmente um forminho quebrável.

11.41 *Abominação*. Heb *sheqec*. Tudo aquilo que é ofensiva a Deus e contrário ao Seu plano de proporcionar ao Povo Escolhido uma vida agradável a Ele, quer seja referente a itens proibindo comida considerada imunda, quer seja à idolatria, à prostituição e à desonestidade, cf. 2 Rs 23.13n. Não se proíbe nenhuma qualidade de frutas ou de vegetais.

11.44 É muito significativo para se entender as relações do povo de Israel com Deus, que o motivo para se não comer aqueles alimentos, não era um tabu baseado no medo, antes era um desejo de honrar a Deus, cuja mão era vista na história nacional. A obediência àquelas regras os separava para o serviço de Deus, para assim os tornar o povo santo com quem o Senhor habitava.

11.47 Com a vinda de Cristo, as exigências cerimoniais mosaicas tornaram-se obsoletas. Disse Jesus: "Não é o que entra pela boca que contamina o homem", Mt 15.11, e o Apóstolo Paulo desenvolve este princípio em Cl 2.16-17, realçando Cristo como a realidade duradoura.

12.2 A imundície associada com o nascimento põe em relevo o fato que o homem nasceu com a natureza pecaminosa herdada de Adão. Rm 5.18. A multiplicação da dor do parto é um dos aspectos da maldição que veio através da queda do homem. A procura da pureza no culto de Israel e a separação dos assuntos de sexo e de maternidade fazia um contraste vívido com os cultos das religiões pagãs, nas quais os ritos de fertilidade e a orgia faziam parte integrante das cerimônias. Já que as crianças nascem com inclinação para o pecado, é necessário que sejam educadas na "disciplina e na admoestação do Senhor"; já na época do seu nascimento havia disposições sobre elas na Palavra de Deus.

12.5 Sendo que havia perda de sangue no nascimento de uma criança, aplicavam-se as leis da purificação 15.16-18.

12.8 A purificação da mãe também era a ocasião da dedicação do filho que aliás já entrara na graciosa Aliança de Deus, mediante o rito da circuncisão administrado pelo pai no oitavo dia. Este versículo nos ajuda a compreender que o que pesa no sacrifício não é o valor da oferta, mas sim, o simbolismo de haver a exigência de uma morte para expiar a impureza e a pecado, e um espírito de renúncia, dedicação e amor da parte do ofertante. A mais célebre das ofertantes pobres é a própria mãe de Jesus, Lc 2.24; e o melhor exemplo de dedicação total ao trazer uma oferta se vê na viúva pobre, descrita em Mc 12.41-44.

13.2 *Lepra*. Este termo genérico era usado para descrever uma variedade de doenças, e até a bolor ou manchas nas vestimentas e nas casas, 13.47-59; 14.34-53. Incluía certa impigem, uma doença que era confundida com a lepra, 13.39. A lepra tuberosa começava com empolas vermelhas e produzia manchas e deformações (as lepromas). A lepra trofoneurológica paralisava os nervos de tal maneira que os membros tornavam-se entorpecidos, atrofiados e sem vida. Seja qual for o tipo da lepra, a lei exigia que a doença fosse observada, a fim de debelá-la nos seus estágios primários.

13.8 *Examinará*. Entre as muitas doenças semelhantes à lepra propriamente dita, havia a escrófula (que produz tumores), a eczema, a micose e várias dermatites, as quais os sacerdotes precisavam conhecer para identificá-las em cada caso, individualmente.

13.13 A brancura no corpo inteiro sem, porém; haver sinais de apodrecimento, indicava

uma doença da pele, diferente da *verdadeira lepra*.

13.14 *Imundo*. Veja as Notas de 10.10 e 11.4. Quem tocasse em qualquer forma de imundície humana era considerado culpado (5.3) e teria que trazer uma oferta pela culpa, segundo as instruções divinas 5.6. Quando o Senhor Jesus Cristo, movido de íntima compaixão tocou num leproso, este sarou no mesmo instante, Mc 1.40-42.

13.18 *Úlcera*. Heb *shehin*, "inflamação", uma queimadura produzida por um golpe ou por uma contaminação, mas não pelo fogo. A lepra teria mais facilidade em atacar um centro assim debilitado.

13.24-28 *Queimadura*. Heb *mikhwâh*, "lugar chamuscado". O fogo se menciona especificamente (veja a Nota acima). Sendo um ponto onde a lepra poderia se manifestar, havia exames repetidos, tanto para descobrir a doença, como também, verificar sua ausência e evitar uma quarentena indevidamente imposta quando não se tratasse da lepra verídica. • **N. Hom.** Em muitos pormenores, as leis sobre a lepra se assemelham a realidades espirituais, sobre a contaminação do pecado. Os sinais são: 1) A inchação (sugere o orgulho); 2) A pústula (sugere a deformação produzida pela sensualidade); 3) A mancha lustrosa (talvez o brilho da falsa religiosidade, a hipocrisia). São portanto, os pecados: 1) Da mente; 2) Do corpo; 3) Do espírito. Quem pronuncia sobre este estado é o sacerdote, assim como o Ministro reconhece os sinais do pecado e os anuncia ao povo. O pronunciamento eterno sobre o estado final do pecador só pode ser feito por Jesus Cristo, o único Sacerdote eterno e perfeito, e só Ele tem poder para salvar a vítima do pecado, Hb 7.23-27. Percebe-se, neste capítulo, que nada há que o sacerdote humano possa fazer para eliminar a lepra, e muito menos o pecado que simboliza. A responsabilidade dos espirituais (Gl 6.1) é perceber a doença e a cura, separando os doentes, e recebendo os curados à plenitude da Comunhão. A lepra é contagiosa, o pecado o é também. A doença espiritual se reconhece quando as obras da carne se revelam de maneira crua e dramática em nossas vidas, vv. 14 e 15, cf. Gl 5.19-21. Talvez a doença da pele, mencionada nos vv. 12 e 13 possa sugerir que quando o pecado se torna claramente visível ao pecador, a situação se transforma totalmente: o Espírito Santo o convence do pecado (para reconhecer seu estado), da justiça (apontando-o para o Salvador que o purifica de todo o pecado), e do juízo (fazendo-o compreender que Cristo já o pronuncia limpo aqui na terra, Jo 15.3, e também no julgamento final), veja Jo 16.7-11. Esta mudança sobrenatural e eterna se simboliza no v. 16. A úlcera descrita nos vv. 18-23, é comparável às feridas recebidas no mundo; as mágoas e os maus hábitos antigos, normalmente são um ponto fraco para onde converge o pecado. Mas o crente recebe os golpes da vida com fé e com coragem, e então qualquer estrago causado pelo mundo não o levará à corrupção do pecado, não ficará "mais fundo do que a pele", não produzirá, o pêlo branco do desfalecimento espiritual. A queimadura "descrita nos" vv. 24-28 pode representar alguma paixão, como se descreve em 1 Co 7.9, que levaria ao pecado se não fosse regulada e dominada pela Palavra de Deus. Os impulsos naturais são parte do nosso ser, mas não nos devem imergir no pecado.

13.40-44 A queda do cabelo não era, necessariamente, um sinal de lepra.

13.45,46 Se fosse realmente leproso, o homem deveria aparecer como quem está de luto, e, recluir-se em quarentena, Jó 2.7-8. Era considerado "imundo" pelo fato de sua doença poder ser transmitida a outros, e era também ritualmente imundo, o que quer dizer que mesmo depois da cura só podia ser considerado "limpo" depois de ter sido ritualmente purificado (14.1-32). Com o desenvolvimento posterior das sinagogas, foram admitidos ao culto num lugar à parte. Entravam no local do culto antes dos demais adoradores, e saíam depois que a congregação deixava o recinto. Esta doença pode ser encarada como símbolo do pecado nos seguintes pontos: 1) Era contagiosa, assim como o pecado de Adão passou a todos os homens, Rm 5.12; 2) Era progressiva: os pecados e os hábitos depravados tendem a aumentar, dominando suas vítimas; 3) Era motivo de isolamento, assim como o pecado causa separação de Deus (Is 59.1-2), e separa os

vários membros do povo de Deus (2 Co 6.17); 4) Causa angústia, tormento e até a morte, Rm 6.23. Veja a N. Hom. em 13.24-28.

13.56 Sendo que as vestimentas são tecidos, e não um organismo vivo, a remoção da parte afetada deveria pôr fim à praga. Havia uma semelhança à lepra no fato de existir a mudança de cores nas manchas, para o verde ou para o vermelho, o que provavelmente era devido à atuação de cogumelos. A limpeza e a higiene exigiam que a praga fosse interrompida e removida. Alguns acham que este trecho se refere ao bolor, ao mofo ou à mangra.

14.2 Ser purificado significava começar ei vida de novo; uma figura do novo nascimento no Espírito Santo.

14.3 O leproso não podia curar a si mesmo, nem se pronunciar limpo; nem tinha condições de ir procurar o ministro de Deus: o sacerdote é que tinha de ir ao seu encontro, fora do arraial. O pássaro morto representava a necessidade de uma vida para recuperá-lo, e pássaro vivo que se soltava representava sua própria vida que se renovara no ato da purificação, mas não se soltava antes de ter sido molhado com o sangue do pássaro sacrificado. O cabelo cortado e raspado sugere o desembaraço das coisas antigas, para agora passar a uma vida nova, de liberdade. A unção (17 e 18) simbolizava que a vida do leproso passara a estar aos cuidados do grande Médico.

14.5 *Águas correntes*. A frase dá idéia de uma nascente ou de um córrego, cf. Jo 4.10; 7.38, vd "água viva".

14.7 O pássaro que se soltava não era um sacrifício. O mesmo ritual se aplica à purificação de uma casa, 14.53, e era semelhante ao ritual do bode expiatório que fazia parte das cerimônias do Dia da Expição, 16.21. O leproso, ao ver o pássaro voar livremente, veria uma dramatização religiosa da sua própria libertação da doença.

14.10 *Três dízimas de um efa*. Equivalente a 6,6 litros, o efa sendo de 22 litros. O *sextário* era uma medida para líquidos de 0,3 litro.

14.12 Este é o único caso de uma vítima inteira ser movida perante o Senhor, cf. 7.30, 34; 8.27-29; 9.21; 10.14-15; 14.12, 24; 23.11-20.

14.15-18 O sacerdote tinha que colocar uma parte do sextário de óleo na palma da sua mão esquerda, uma cerimônia que pertence somente a está purificação dos leprosos. Não que haja algo de singular no uso do sangue juntamente com o azeite; isto também consta na cerimônia da consagração de Arão, 8.30; mas em nenhuma outra passagem consta a aspersão com óleo sete vezes perante o Senhor. Além disso, os sacerdotes que recebiam a aspersão do sangue em várias partes do corpo (8.23-24), não recebiam a segunda aspersão com o óleo, que era o caso dos leprosos. Só estes recebiam, além do sangue que, especialmente, indica a reconciliação, o óleo que simboliza o poder tão necessário para ter uma vida de saúde recuperada.

14.19 As três qualidades de ofertas para os leprosos eram: 1) a oferta pela culpa, 13; 2) a oferta pelo pecado, 19; 3) o holocausto, 19, com a oferta de manjares, 20. A oferta pela culpa era exigida por causa do estado de imundície, pelo qual o leproso passara (5.3) " Seguia-se a oferta pelo pecado, e depois, o holocausto com a oferta de manjares. Com isso o homem era restaurado a seu estado legal de pureza e de comunhão com Deus e com os homens.

14.21 *Azeite*. Não era o óleo da santa unção dos sacerdotes, mas um azeite de oliva que foi consagrado especificamente para este culto religioso; simbolizava a dedicação a Deus desta vida renovada.

14.21-32 A concessão à pobreza permitia a substituição de duas rolas pelos dois cordeiros, exigidos conforme v. 10, e a diminuição do peso de farinha de três dízimas de um efa (10) para uma (21). Não se toleravam exceções para a oferta pela culpa (um cordeiro e um sextário de azeite), cujas cerimônias deveriam ser iguais para os ricos e para os pobres, sendo elementos essenciais e significativos. • **N. Hom.** As cerimônias elaboradas, e os exames cuidadosos, revelam que a pureza é importantíssima, e que não

se obtém só por querer, Rm 9.16. A chave das cerimônias é o cordeiro da oferta pela culpa: 1) Foi morto para pagar a culpa; 2) Foi oferecido no lugar da oferta pelo pecado e do holocausto, vinculando estes três sacrifícios, v. 13; 3) Foi oferecido num lugar santo (Cristo levou Seu sacrifício até o Santuário Eterno, entrando no céu, Hb 9.24-25); 4) Esta oferta pertencia ao sacerdote, assim como a oferta de Cristo é para alimentar o povo de Deus, o sacerdócio real, 1 Pe 2.9; 5) Esta oferta era santíssima, para um povo santo, do tipo que se descreve em 1 Pe.

14.25 É claro que só Cristo tem a capacidade para ser o Cordeiro verdadeiro, profeticamente aludido nestas cerimônias, cf. Êx 12.1-28n e referências.

14.34 *Eu enviar a praga*. Deste versículo alguém podia concluir que Deus é fonte imediata de toda a lepra; precisa-se, porém, ter em mente as seguintes considerações: 1) A Bíblia descreve aquilo que Deus permite dentro da Sua Providência como "ato de Deus", Êx 15.26; Dt 7.15; 1 Sm 2.6; Pv. 3.33; Is 45.7; 2) Há certos casos onde vê o homem colhendo os resultados daquilo que semeou, Gl 6.7-8; 3) Em outros casos, não há um elo imediato com algum pecado específico, Jo 9.1-3. *A alguma casa*. Deve ser bolor, mofo, podridão.

14.41 Hoje sabemos que muitas doenças são devidas a bactérias que se multiplicam rapidamente sob condições favoráveis de escuridão e de umidade. Antes de os homens saberem disso, Deus já tinha providenciado leis higiênicas que preservariam os obedientes destas pragas.

14.44 *Maligna*. Lit. "irritação", uma forma dá raiz *mã'ar* (traduzida "picar" em Ez 28.24), que só ocorre aqui.

• **N. Hom. 14.33-47** A lepra que invade uma casa pode simbolizar o pecado que, querendo tornar conta de uma igreja, que é comparada a uma casa em Ef 2.19-22, e cujos membros são as pedras, 1 Pe 2.5. A primeira coisa a ser feita é remover os móveis, v. 36, que simbolizam todos os hábitos, costumes, cerimônias, e tradições que não têm fundamento na Palavra de Deus. Depois, procuram-se os sinais de corrupção e de podridão, 37; estes se reconhecem logo, seja na prática, na doutrina, seja no culto, pelo contágio que produzem, 39. Procede-se então à remoção das pedras contaminadas, 40 (a excomunhão individual conforme 1 Co 5.1-5). Se depois disto não há cura nem arrependimento, só resta a eliminação da casa, 45 (a rejeição da igreja, Ap 2.5 e 3.16).

• **N. Hom. 14.48-53** Aplicando-se o caso da lepra de uma casa a uma igreja invadida pelo pecado, descreve-se aqui a cura. O sangue da ave sugere o sangue precioso e purificador de Cristo; sem esta doutrina da salvação pelo sacrifício de Cristo, uma igreja passa a ser apenas uma sinagoga de Satanás. As águas correntes lembram o Espírito Santo, cuja inspiração e poder trazem reavivamento a uma igreja pecadora. A ave viva é comparável ao pecador libertado, que voa livre e alegre pelo mundo depois de ser salvo, e o pau de cedro com o Madeiro que torna o crente capaz de participar da crucificação de Cristo, para que Cristo viva nele, Gl 2.19-20. O hissopo é aquilo que aplica o sangue purificador e sugere a fé, despertada pelo Espírito Santo. O carmesim fala de purificação e de segurança (e.g., Js 2.19-21), que é o caminho diário dos membros de uma igreja verdadeira.

14.48 Este segundo exame foi feito para verificar a eficácia da cura.

14.53 Conforme se fazia também com a pessoa leprosa (v. 7), libertava-se no campo o pombo vivo, para simbolizar assim a libertação de qualquer objeto da praga da lepra que o assolava.

15.1-3 Certos fluxos do corpo eram normais, mas causavam impureza cerimonial. Outros fluxos eram anormais e indicavam doenças. As doenças venéreas eram usualmente transmitidas através das relações sexuais promíscuas, sendo, pois, claramente associadas ao pecado.

15.2 *Fluxo*. Heb *zābh* do verbo *zūbh* "fluir" tão comum na expressão: que mana mel e leite" (20.24), aqui se refere ao fluxo menstrual ou seminal. A mesma raiz produz a palavra *zōbh*, também traduzida "fluxo" (na segunda ocorrência neste versículo), que se

refere a alguma impureza que a Septuaginta traduz "gonorréia", doença conhecida desde a antigüidade mais remota, sendo tão antiga como o pecado que a produz.

15.3 O homem continuava a constar como imundo até que, fisicamente curado, era também cerimonialmente purificado, 13-15.

15.4-12 Regulamentava-se o isolamento completo para essas pessoas doentes.

15.7 Três mandamentos para aqueles que tocassem numa pessoa com fluxo: 1) Lavar suas roupas 5-11; 2) Banhar seu corpo, 11; 3) Permanecer imundo até a tarde, isto é, passar o resto do dia observando a separação exigida pela impureza cerimonial e física, 13.45-46 (Nota).

15.8 *Cuspir sobre* alguém era um costume oriental que demonstrava desprezo, expressando um insulto (Nm 12.14; Dt 25.9; Jó 30.10; Is 50.6; Mt 26.67), *Até a tarde*. Isto significava a imundície cerimonial até ao poente, que era o fim do dia israelita. Durante esse tempo de imundície, a pessoa não podia oferecer sacrifício algum.

15.9 *Sela*. Heb *merkabh*, lit. "algo para sentar-se", traduzido "carro" em 1 Rs 4.26, e "assento" em Ct 3.10. A forma significa "carro".

15.12 *Vaso de barro*. Estes vasos porosos retinham a sujeira e deixavam os germes se desenvolverem; haveria muito mais facilidade em lavar e purificar os vasos de madeira e de metal, cf. 6.28 (Nota).

15.13 *Águas correntes*. Excelente, profilaxia contra as bactérias.

15.17 *Pele*. Estas peles cabeludas eram os assentos e os colchões do povo.

15.25-27 Os hebreus tinham sido abençoados com uma revelação particular e específica de Deus, e por isso mesmo, somente a Ele podiam prestar culto. A impureza moral separa o adorador do seu Deus. A impureza física, sem ser estritamente pecado, certamente não podia ser classificada como santidade e, além disso, sugere o pecado. Nunca se deve esquecer do fato de estarmos adorando o Deus da santidade; era esta a razão de ser destes sacrifícios de purificação.

15.31 Estas leis tinham como objetivo principal gravar nas mentes dos israelitas a necessidade da reverência para com o santuário de Deus. Para que o culto prestado a Deus lhe fosse aceitável, era necessário uma grande prudência religiosa, para andar em pureza de coração e santidade de vida. Estas leis faziam os adoradores compreenderem seu papel de pecadores neste mundo transitório, tão cheio de tentações e de corrupção, e que por isto mesmo sempre haveria a necessidade da misericórdia divina, do perdão através da grande expiação que se prefigurava em todos esses sacrifícios e purificações.

15.32 *Fluxo*. Heb *zôbh*, o segundo dos sentidos mencionados no v. 2n.

16.1-34 Este capítulo é o clímax da primeira seção do Livro, os 16 capítulos que apresentam o caminho de acesso a Deus, do qual este ritual é o mais solene e eficaz, realizado uma vez ao ano, pelo qual o sumo sacerdote entrava no santuário para fazer expiação pelo povo.

16.6 *Expição*. Heb *kipper*, "encobrir". Um sacrifício expiatório cobre a transgressão, para nunca ser considerada e, portanto, punida. Este foi feito por Cristo de maneira eficaz, quando sacrificou em prol dos pecadores a Sua própria vida imaculada, de perfeita obediência a Deus, pagando assim uma penalidade que encobre os pecados dos que crêem. O justo sofreu vicariamente pelo injusto, 2 Co 5.21; 1 Pe 2.24. O mesmo pensamento jaz na palavra "reconciliação" no Novo Testamento; traduz a palavra grega *katallage* e significa a reparação legal e moral pelos danos causados pelos pecadores (Rm 5.11), restaurando assim as relações entre Deus e os homens, que tinham sido rompidas quando os homens violaram a lei de Deus, tornando-se réus da penalidade da morte que a justiça divina exigia. O efeito desta obra de Cristo é a retidão e a vida eterna para os que a aceitam pela fé, Ef 2.8-10. No dia da expiação, os homens tomavam parte numa cerimônia que prenunciava a morte de Cristo; o sangue dos animais não removia o pecado (Hb 10.4), mas sim, a obra de Cristo, da qual era símbolo, é que o removia. Cada sacrifício era uma "nota promissória" do pagamento completo que Cristo havia de fazer

para liquidar as dívidas eternas dos pecadores. Este dia se repetia anualmente, quando o sumo sacerdote tinha que levar sangue para fazer expiação por si mesmo e por todo o seu povo (Hb 9.7); Cristo fez uma expiação eterna, uma vez para sempre, com Seu próprio sangue, e, sem ter pecados próprios, cumprindo a plenitude do significado daquelas ofertas, tornou-as obsoletas, Hb 9.12-28.

16.8 Bode emissário. Heb *'azazel*, lit. "a força de Deus". Pode ser o nome próprio de um dos picos de Sinai, para o bode ser precipitado penhasco abaixo, do próprio lugar onde foi dada a Lei. Ou pode ser um nome do próprio Satanás; compare "Lúcifer" antes da sua queda, Is 14.12n e Ez 28.1-19 com as notas. De qualquer maneira, esta cerimônia indicava que a culpa estava sendo simbolicamente afastada da terra e do povo. Em certo sentido, é um tipo de Cristo, Is 53.6.

16.11,12 Cristo tendo levado., nossos pecados para longe, não haverá, mais memória deles; 20.22 com, Hb 10.17 e Jr 31.34.

16.15 O ato de o sumo sacerdote entrar no Santo dos Santos era uma prefiguração da entrada de Cristo nos céus, depois da Sua morte e ressurreição, Hb 9.11-12. O *propiciatório*, heb *kapporeth*, lit. "cobertura". A tradução grega o chama de *hilasterion*, "propiciação", a mesma palavra usada para descrever o Senhor Jesus Cristo em Rm 3.25. A raiz hebraica produz a palavra traduzida. por "expiação" em 16.6n, e "propiciação" em 16.17. Era a tampa da arca, e o lugar da expiação.

16.17 Propiciação. É a mesma palavra hebraica traduzida por "expiação".

16.29 Perpétuo. Foi observado até ao Cativoiro na Babilônia (587 a.C.) e recomeçado depois da restauração (538 a.C.), até à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Quando Israel falhou com Deus e teve que ser julgado, Deus não tinha mais a obrigação de guardar Sua Aliança com aquele povo. O permanecer na Terra Prometida dependia da Aliança condicional baseada na obediência e na fidelidade dos israelitas para com seu Deus. *Afligirei a vossa alma*. Esta expressão se refere à abstinência de comida; à humilhação e à lamentação pelos pecados, que eram o conteúdo básico do jejum, Dt 9.18, Ne 9.1-2; Jz 2.12. Havia a confissão dos pecados, 1 Sm 7.6, Ne 9.1-2; e havia orações de súplica, Ed 8.23; Dn 9.3. A prática se recomendam freqüentemente tanto no Antigo como no Novo Testamento (cf. as palavras de Jesus em Mt 17.21) e era um sinal exterior da autodisciplina e da humildade que eram sua finalidade e alvo principal, Sl 35.13; 69.10. Recorria-se ao jejum especialmente em face das calamidades, aflições, desditas e de perigos que se aproximavam, tanto pelas nações, como pelos indivíduos. Era empregado pelos hipócritas para ganharem reputação de piedade diante do s homens, embora, nem mesmo assim é possível impressionar a Deus, que sabe ler em seus corações. Exemplos inspiradores de pessoas que jejuaram foram: 1) Davi, 2 Sm 12.16; 2) Daniel, Dn 9.3; 3) Cornélio, At 10.30; 4) Paulo, 2 Co 11.27. Era uma maneira de buscar a Deus, obedientemente, abandoando os maus caminhos, 2 Cr 7.14.

16.34 A antiga Expiação era anual; a verdadeira Expiação, eterna, feita por Jesus Cristo, é um ato que é suficiente para sempre, Hb 9 25-26.

17.1 Esta seção de leis que vieram de Deus para o povo de Israel, por intermédio de Moisés, no monte Sinai (26.46), é comumente chamada "Código de Santidade", porque apresenta os condições que Deus requeria de Israel para que fosse realmente um povo santo. Estende-se até 26.45.

17.4 O mandamento de Deus exigia que todo o sacrifício de sangue fosse oferecido no Tabernáculo (mais tarde, no Templo em Jerusalém), e não onde quer que o homem escolhesse para si mesmo. O sacrifício certo, no lugar errado, ou feito de maneira errada nada valia; a desobediência nestas coisas traria a culpa do sangue, e não o perdão desejado.

17.7 Prostituem. A nação hebraica era simbolicamente casada com Jeová; tanto no Monte Sinai (Dt 4.13, 23), como nas planícies de Moabe (uma nova geração depois de a interior ter perecido), Dt 29.1. A prostituição simboliza a apostasia, a falta de fidelidade a Deus e,

naquelas épocas, se relacionava mormente com a idolatria com seus ritos perversos.

17.10-14 A vida de um animal estava no seu sangue, Gn 9.4, e a vida era sagrada, pertencendo a Deus concedê-la ou retirá-la. O sangue era sagrado porque era usado nos sacrifícios, e simbolizava a vida que Jesus deu sobre a cruz para nos trazer a expiação, Hb 9.12-14, 22. Deus, proibiu a Noé comer sangue, Gn 9.4; aos cristãos gentios pediu-se que observassem este preceito para não ofender a seus irmãos judeus At 15.20.

17.11 *Sangue*. Como um princípio básico, a Escritura insiste que nenhuma expiação pelo pecado é possível sem o sacrifício de uma vida, da qual o sangue era uma representação visível. Quando se apresentava o sangue, era prova aceitável perante Deus que uma vida havia sido sacrificada. O sangue de Jesus satisfaz as condições que a justiça divina requer para a salvação do homem.

17.15 Quando um animal morria de alguma doença, ou era morto por algum outro animal, era provável que seu sangue não houvesse sido devidamente removido, portanto não podia ser uma comida lícita para o homem. Além disso, a doença que ceifou o animal podia ser ameaça à saúde daqueles que o comessem.

18.1-30 Os padrões de pureza na vida familiar que sempre tinham tomado vulto perante os olhos dos israelitas, a saber, os do Egito e de Canaã, eram corrompidos; por este motivo, Israel necessitava de um padrão divinamente inspirado, por ser um povo santo, dedicado a Jeová. As leis modernas sobre o casamento, na sua maior parte, seque as limitações estabelecidas aqui. O casamento entre parentes consangüíneos aumenta a probabilidade de problemas de hereditariedade, especialmente no caso de doenças mentais. A pureza sexual é uma parte integrante da saúde do corpo e da alma.

18.2 *Eu sou o Senhor*. O Senhor (Jeová) freqüentemente despertava na mente do Seu povo a memória da Sua Soberania e da Sua Majestade, bem como a da Sua Santidade; só nos vv. 2-6, esta expressão ocorre quatro vezes. No Monte Sinai, o povo recebeu uma nítida impressão deste fato.

18.6 É verdade que nos primeiros dias da raça humana, irmão se casava com irmã, desde que não havia mais ninguém com quem se casar. Com firme estabelecimento da raça humana, Deus proibiu casamentos entre parentes consangüíneos. Por exemplo, um homem não devia se casar com sua irmã, nem com sua tia, ou com sua nora.

18.8 *Mulher de teu pai*. Quer dizer, qualquer esposa de seu pai.

18.9 *Filha de teu pai*. Esta parte do versículo se refere à irmã só por parte do pai; o resto se refere ou à irmã propriamente dita, ou à meia irmã do lado materna.

18.21 *Moloque*. Heb *mōlekh*, que é palavra *melekh* "rei" com as vogais da palavra *bōsheth* "vergonha". O nome Baal quer dizer "senhor"; "rei" era apenas outro nome que os idólatras davam aos baalins; para os israelitas, portanto, os ídolos de Baal, longe de ser imagens de reis, eram apenas coisas de vergonha, tentando o povo a dois pecados graves: a adoração de falsos deuses em lugar do próprio Deus, e a empregar liturgias pagãs para adorar Jeová. Ambos estes pecados eram uma abominação perante Deus. O nome específico usado aqui se refere a uma imagem oca, com braços estendidos, e com um incinerador na parte vazia, destinado a receber crianças em sacrifício queimado.

18.24-30 Estes versículos lançam luz sobre o motivo da destruição das nações de Canaã por mandato divino. As abominações da imoralidade das nações pagãs tinham chegado a um tal extremo que, afinal, a "medida da iniquidade dos amorreus" se encheu, Gn 15.16. Por isso, Deus advertiu a Israel que tivesse cuidado e não fizesse como os cananeus. Como Israel era o povo escolhido de Jeová, esperava-se mais deles do que de qualquer outra nação; Dt 9.25-29.

18.28 *Vomite... vomitou*. Deus fala, nas Escrituras, de tratar assim a três grupos de pessoas: 1) Os cananeus pagãos, 28; "E, por haverem desprezado o conhecimento de Céus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas , inconvenientes", Rm 1.28; 2) Os israelitas idólatras, 28; 20.22; Jr 25.27; 3) Os cristãos apóstatas, Ap 3.16. Tudo isto é uma ótima admoestação a todos nós no dia de

hoje.

19.1-34 Essas leis eram cerimoniais e éticas; as últimas são baseadas nos Dez Mandamentos.

19.2 A santidade e a perfeição de Deus formam a base para se exigir a justiça da parte de todos aqueles que Lhe pertencem. Jesus disse que deveríamos ser perfeitos, como o é nosso Pai Celestial, Mt 5.48.

19.4 *Ídolos*. Há várias palavras hebraicas que descrevem os ídolos; aqui temos *'elilim*, lit. "coisas de nada", " vaidade". Vem de uma raiz que significa "evaporar-se". A essência do ídolo realmente é nada, 1 Co 8.4.

19.9,10 No livro de Rute temos um belo exemplo do cumprimento desta lei, Rt 2.8-16. *Ao pobre e ao estrangeiro*. Duas classes de pessoas que, juntamente com os órfão não possuíam força carnal para defender seus direitos, sendo desprezados pelos pagãos por não poderem se defender com o dinheiro, nem com um "Vingador", um parente poderoso que fosse solidário à sua causa. São justamente aqueles que, sendo desprovidos de recursos humanos, são os melhores recipientes do: socorra divino, 2 Co 12.9-10.

19.12 A idéia, aqui, é que ninguém deve ser rápido demais para fazer votos em nome de Deus, e muito menos usar o nome de Deus em juramentos falsos, com o intuito de fazer parecer puros e verídicos os atos mais escabrosos, dando a força da verdade à própria mentira, Êx 20.7n.

19.13 Trata-se de jornaleiros que necessitavam do seu salário dia após dia para o sustento de sua família, Dt 24.14; Jr 22.13; Mt 3.5.

19.16 *Mexeriqueiro*. Heb *rākhîl*, lit. "mercador". Um tipo de "camelô" que leva mercadorias de pouco valor pelas ruas afora; no caso, são escândalos e mentiras. Cf. 1 Sm 22.9-18; Jr 6.28; 9.4; Ez 22.9.

19.18 A reverência a Jeová não somente produz a santidade no sentido de evitar a contaminação (heb *tāme*), mas também a prática do amor aos nossos semelhantes. Jesus desenvolveu esta verdade, ao exigir que amássemos aos nossos inimigos, Mt 5.43-44. O amor é o cumprimento da Lei, Mt 22.40.

19.20 moça escrava tinha direitos, mas suas circunstâncias lhe tolhiam sua possibilidade de exercê-los. Era o homem que tinha de procurar a expiação pela sua transgressão, e a moça não podia ser morta; o motivo desta clemência legal é que a escrava, sendo considerada a propriedade particular de outro homem, por ser sua concubina (Êx 21.7-11), não podia morrer sem causar uma perda injusta ao seu senhor ou dono que a comprara.

19.23 Nos primeiros três anos, as árvores, recém-plantadas raramente davam frutos bem desenvolvidos. Em hebraico eram chamados "frutos incircuncisos". A colheita do quarto ano pertencia a Jeová, bem como as primícias dos anos seguintes, sendo que Ele era reconhecido como o legítimo proprietário dos bens da terra, 24.

19.26 *Não agoureis nem adivinhareis*. Os que praticavam a magia, ou que empregavam certas palavras chamadas "mágicas" com o fim de obter o auxílio dos espíritos para produzirem efeitos sobrenaturais nas criaturas, eram condenados. Nem sempre se distingue entre o agoureiro e o adivinhador, mas todas as suas práticas, juntamente com a astrologia, o horóscopo, o espiritismo, a macumba, as sortes e as adivinhações são terminantemente proibidas, na Palavra de Deus, v. 31; 20.6, 27; Dt 18,10.

19.27,28 Os pagãos cortavam os cabelos da cabeça ou da barba de certas maneiras, para honrar seus ídolos ou para os ritos fúnebres pagãos, Dt 14.1. Cortar o corpo era praticado para mostrar arrependimento extremo ou desespero. Condenam-se aqui estas práticas entre o povo de Deus. Estas proibições eram para guardar o povo de Israel de seguir as práticas supersticiosas e idólatras dos pagãos que viviam ao seu redor.

19.31 *Necromantes*. Pessoas que se comunicavam com os mortos, ou seja, médiuns, 20.6. Aqui há uma forte condenação das práticas espíritas existentes no dia de hoje. A Bíblia condena taxativamente a invocação dos mortos.

19.33 *Oprimireis*. Heb *yānāh*, "irar-se contra", "ser violento contra", "suprimir", "maltratar". Exemplos em Êx 22.21; Ez 22.7, 29.

10.35 O culto a Jeová e a desonestidade são incompatíveis, nunca podendo coexistir.

20.2 Cf. 18.21 (Nota), A pena era severa contra os pecados graves da idolatria, do adultério, do incesto e das perversões sexuais, porque desonravam a Jeová destruíam a estrutura da sociedade humana.

20.6 Cf. v. 27; 19.26. Consultar médiuns, numa tentativa de se comunicar com os espíritos dos mortos; era um pecado que acarretava a penalidade da morte, tanto para o médium como para aquele que o consultava. Estes versículos também são uma condenação ao espiritismo dos nossos dias.

20.9 *Seu sangue cairá sobre ele*. Se alguém matasse esse tipo de réu, a responsabilidade por esta morte não cairia sobre quem o matou, mas sim, sobre o próprio homem que se mostrasse digno de ser eliminado.

20.12 O incesto, mencionado em várias formas (11-21), é destruidor da vida familiar, corroendo a pureza do lar.

20.13 A homossexualidade foi um dos pecados de Sodoma, uma causa primária da sua destruição por Jeová, Gn 19.5, 13. Este pecado foi praticado em Israel, por alguns benjamitas, mas castigado pelas demais tribos, Jz 20.1-11.

20.14 *Maldade*. Heb *zimmāh*, de uma raiz que significa "planejar", "intentar", "pensar em fazer", "mentalizar", 18.17; 19.29. Derivam-se desta raiz várias palavras que se referem à malícia premeditada, traduzindo-se, nesta versão, conforme se segue: "Crime hediondo", Jó 31.11; "Depravada", Ez 23.44; "Vergonha", Jz 20.6; "Depravação", Ez 16.43, 58; "Torpemente", Ez 22.11; "Maldade", Sl 119.150; "Perverso", Pv. 21.27.

20.15 Não se narra que se cometeu tal pecado entre os israelitas, mas o v. 23 mostra como motivo principal do extermínio dos cananeus.

20.16 Heródoto, historiador grego, mostra que este pecado fazia parte da religião supersticiosa do Egito; motivo adicional de condená-lo.

20.21 É claro que se o irmão tivesse morrido, isso não seria mais pecado. Se não deixara descendência, não somente seria permitido, mas até exigido tomar sua viúva para lhe suscitar descendentes, Dt 25.5; Mt 22.24-30. Seria para "guardar seu nome vivo em Israel".

20.22,23 O fato de os cananeus terem sido punidos pelos vários pecados, até o ponto de extermínio, revela claramente que as Leis de Deus não eram apenas um código particular para Israel, mas que tinham sido gravadas até nas consciências dos próprios pagãos, Rm 1.18-27.

21.1 A morte, sendo um resultado do pecado, o contato com os mortos tornava o sacerdote ritualmente imundo. Entre as pessoas para as quais tinha licença de se contaminar, não se menciona a esposa, possivelmente porque a esposa, sendo "carne da sua carne" (Gn 2.23), nem sequer precisava ser mencionada, tendo todo o direito às honras finais.

21.5 São sinais de luto, empregados pelos pagãos. Um sacerdote que revelava sinais externos de desespero não estaria em condições de preencher seu lugar apontado no culto do Templo. Não se fala, porém, da tristeza interna, escondida no coração do sacerdote. Capítulos 21 e 22. Aqui se apresentam instruções dadas para o povo de Israel em geral, nos capítulos 17 a 20. A intenção destas leis era elevada, e o padrão de uma vida pura e santa para os sacerdotes era muito alto. É claro que o ideal de uma moralidade no interior do coração fica subentendido em todas estas leis; mas, para o serviço visível e público, no Templo visível e físico, os sacerdotes tinham que demonstrar perante Deus e os homens aquela pureza exterior e perfeição física que é a parte cerimonial do sacrifício total do ser, da adoração em espírito e em verdade, Rm 12.1-2; Jo 4.23-24.

21.7 Limitava-se o tipo de mulher com quem: os sacerdotes podiam casar. Deveria ser

uma mulher bondosa, pura incontaminada, como também deve ser a esposa de um pastor no dia de hoje.

21.9 Deus tem um alto padrão para os filhos dos sacerdotes (1 Sm 3.4). Nestes versículos, aplica-se este alto princípio às suas filhas; o padrão para a esposa foi dado no v. 7. O padrão do bom sacerdote é, em suma, o de um homem que também governa bem a sua própria casa; cf. 1 Tm 3.4.

21.14 As Escrituras fazem distinção entre a pessoa de um homem e a missão que ele exerce. Deste modo, ninguém de entre os descendentes de Arão podia exercer o ofício de sacerdote se tivesse certas imperfeições e incapacidades físicas, 18.-20; esta desqualificação para a função sacerdotal não o impedia, entretanto, de receber a parte dos sacrifícios e ofertas que lhe tocava para seu sustento sagrado, como membro da família sacerdotal. De igual modo, há muitas pessoas na igreja que não têm capacidade para exercer vários cargos de liderança, mas nem por isto devem se considerar impedidos de prestar fervoroso culto a Deus e de viver na plenitude da comunhão com os irmãos na fé. Tanto o sacerdote ofertante, como o animal oferecido, deviam estar isentos de qualquer mancha ou defeito, para satisfazerem às exigências de Deus. Só Cristo cumpriu plenamente estas exigências, sendo em Si mesmo sem defeito ou mancha de pecado, e tendo feito do Seu corpo um sacrifício perfeito como ofertante e como Vítima, 2 Co 5.21; 1 Pe 1.19; Hb 7.26-28; Mt 1.8.

21.23 A maravilha perene é que o Senhor, o Único verdadeiramente Santo, procure seres humanos para Seu serviço, sendo que mesmo os homens que são isentos de defeitos físicos trazem as manchas e marcas do pecado nas suas vidas interiores, como filhos de Adão.

22.1-7 A parte do sacrifício que o sacerdote comia era coisa santa, por isso os sacerdotes que estivessem ritualmente imundos não, podiam participar destas comidas.

22.10-16 *Estrangeiro*. Heb *zār*, da raiz *zūr*, "afastar-se". Aqui se refere a qualquer pessoa que não fosse sacerdote ou levita, portanto um leigo, um estranho. Nem hóspede, nem jornalista poderia comer da porção sacerdotal do sacrifício, mas somente aqueles que fossem membros da família do sacerdote, o que incluía seu escravo. Outras palavras para "estrangeiro", propriamente dito, são *ger*, que dá a idéia de errante, um viajante sem moradia fixa, e *goy*, que se refere às pessoas que não pertencem à raça israelita, e se traduz "gentio". Se uma filha de um sacerdote tivesse se casado fora da tribo de Levi, também seria uma "estrangeira" no sentido técnico mencionado acima, perdendo o direito de participar da porção sacerdotal; mencionam-se, porém, condições para que ela voltasse aos seus antigos privilégios.

22.14 *Ignorância*. Isto não seria desculpa para aqueles que comessem da porção sacerdotal que lhes era vedada. Tal pessoa deveria pagar o valor do que comeu e ainda lhe acrescentar 20%. Registra-se em 5.15-16 que uma oferta de expiação "pelo sacrilégio" também se requeria, e é bem possível que esta oferta aqui esteja subentendida.

22.19-25 Veja 1.3 e 1.17 com as Notas. Somente o melhor deveria ser oferecido a Deus; somente aquilo que vem de um coração grato e voluntário, a dedicação das melhores qualidades do nosso ser, é aceitável a Deus, Sl 51,17. É por este motivo que a oferta da viúva pobre foi tão digna de atenção, Mc 12.42-44. Até os pagãos achavam que os ídolos que adoravam eram dignos de sacrifícios perfeitos, sem defeito.

22.24,25 Referia-se a animais castrados que poderiam ser empregados nas fazendas, mas não deveriam ser sacrificados como oferta a Deus. • **N. Hom.** Os versículos 17-25 insistem que o sacrifício tinha que ser sem defeito. Isto se refere, primeiramente, aos tipos descritos neste Livro: em segundo lugar, à Pessoa de Jesus Cristo, o Sacrifício eterno profeticamente aludido em todas estas ordenanças; terceiro, à vida dedicada dos crentes que aceitam os sacrifícios de Cristo, aplicando-os ao seu caso individual, andando no caminho das boas obras que a graça de Cristo e a unção do Espírito Santo preparou para

os salvos, Ef 2.8-10; 1 Co 2.16; 1 Pe 1.13-16; Gl 2.19-20. Nosso Salvador é perfeito, e quer nos conceder vidas perfeitas vividas nEle, que seriam um sacrifício agradável a Deus, constituindo a verdadeira adoração, Rm 12.1-2; Jo 4.23.

22.27,28 Os animais recém-nascidos não eram considerados como tendo existência própria e independente antes de completar uma semana de vida. Os israelitas entendiam este mandamento como um desejo da parte de Deus de lhes ensinar a misericórdia Êx 23.19; 34.26; Dt 14.21; 22.6-7.

23.2 Festas fixas. 1) A festa semanal do Sábado, 2-3; 2) A festa anual da Páscoa, 4-5; 3) A festa anual dos pães asmos; 6-8; 4) A festa anual das Primícias, 9-14 (na época da festa de Pentecostes); 5) A festa anual do Pentecostes, 15-21; 6) A festa anual das Trombetas, 23-25, que era a festa do Ano Novo hebraico (setembro-outubro); 7) A festa anual dos Tabernáculos, 33-34, na época do Ano Novo.

23.3 A guarda do sábado era o quarto mandamento do decálogo. A festa semanal que constituía, era mencionada em primeiro lugar, sendo que forma a base para as festas mensais e anuais, servindo assim de introdução à enumeração das festas em geral. O sétimo dia ocupa o primeiro lugar entre estas ordenanças de Deus. Ricos e pobres deveriam gozar igualmente deste descanso sagrado.

23.4 Convocações. Heb *mô'adim*, lit. "assembléias", "convenções", convocadas para determinado tempo e lugar; cf. Êx 23.14-17; 34.22-44; Dt 16.1-17. Aqui as convocações são religiosas, mas a mesma palavra se usa para o povo de Israel reunido em plenário para vários fins.

23.5-14 A festa dos pães asmos. Guardava-se separada da Páscoa, apesar de estas festas terem íntima conexão uma com a outra. A Páscoa era celebrada no dia 14 do mês de Nisã, veja 23.5, enquanto a festa dos pães asmos começava no dia 15 e continuava durante sete dias. Juntas formavam uma festividade dupla, assim como também é o caso da festa dos tabernáculos, juntamente com o dia da expiação. No tempo de Jesus, as festas da Páscoa e dos Pães Asmos já eram tratadas como uma só, Mc 14.1, 12; Lc 22.1. Isto se devia, sem dúvida, ao fato de não haver intervalo entre as duas festas, e também porque ambas celebraram a mesma libertação do Egito, Êx 12.1-28.

23.5 A Páscoa. Comemorava a histórica saída do Egito, Êx 12. O ponto central da celebração era a morte do cordeiro pascal que redimia os primogênitos da morte. A festa enfatizava o direito de Deus sobre os primogênitos e a contínua necessidade da redenção do homem. O cordeiro do qual nenhum osso devia ser quebrado, tipificava Cristo como o nosso Cordeiro pascal que Se deu a Si mesmo em sacrifício por nós, Jo 19.36; 1 Co 5.7. As duas festas vinham na época do começo da sega da cevada, coincidindo com o Dia das Primícias, dos primeiros frutos, quando um molho se trazia para apresentar ao Senhor como sacrifício movido. A páscoa se comemorava no crepúsculo da tarde, antes da lua cheia do mês de Nisã (um mês que nunca coincide exatamente com nenhum dos nossos, por ser lunar o calendário dos judeus). Às vezes cai em março, às vezes em abril.

23.15 Na época do Antigo Testamento era chamado a festa das semanas aquilo que nós chamamos de "pentecoste", que é a palavra grega usada no Novo Testamento, e que significa justamente "cinquenta dias" ou seja, as *sete semanas* que se contam desde a época da oferta de gratidão pelas primícias. Celebrava-se no 50º dia depois da festa dos pães asmos. Foi durante essa festa que o Espírito Santo desceu sobre a Igreja Apostólica, que se verificou com grandes sinais, cinquenta dias depois da ressurreição do Senhor Jesus Cristo de entre os mortos At 2.1-4. No Antigo Testamento, a festa se referia a frutos físicos da terra; no Novo Testamento, celebrava as primícias da Igreja de Cristo (os 120 crentes reunidos, At 1.15), e as primícias da unção do Espírito Santo (Rm 8.23; 11.16; Tg 1.18).

23.24 Trombetas. Essa festa memorial era celebrada no primeiro dia do sétimo mês (Tishri), Tocavam-se as trombetas e ofereciam-se sacrifícios, Nm 29.1-6. Era um dia de santa convocação e descanso, 24-25. Inaugurava o sétimo mês do calendário religioso,

tendo assim uma conexão especial com o sábado (Ne 8.9-10) e constava como o início do calendário civil.

23.26-32 Aqui há um resumo da descrição do Dia da Expição, que agora completava a lista de festas de "descanso solene", v. 3. Cf. 16.1-10n. Era esta Festa que mais falava sobre a obra sacrificial e sacerdotal de Jesus Cristo, Hb 9.6-28.

23.31 Os motivos para o descanso do trabalho: 1) Relaxamento do corpo; 2) Tempo para prestar culto solene ao Senhor; 3) Tempo para meditação sobre Jeová, nosso Redentor, Amigo é Soberano, já que não é possível tal concentração mental e espiritual enquanto se trabalha.

23.33-43 *A Festa dos Tabernáculos*. Comemorava a jornada dos israelitas pelo deserto depois da saída do Egito. Exigia-se que os israelitas vivessem por sete dias em cabanas feitas de galhos de árvores. Era também chamada a festa das colheitas, uma vez que vinha no fim da sega. O jejum do dia da expiação era, pois, seguido por uma festa de júbilo. A natureza da festa era tríplice: 1) Era uma festa de alegria, 40; 2) Era uma festa de gratidão pela ceifa que ainda era uma bênção de recente memória, 39; 3) Era uma festa de recordação de uma bênção antiga e inesquecível, 43.

23.34 Esta primeira descrição da Festa dos Tabernáculos, vv. 34-36, nos indica também o primeiro cumprimento do seu significado é a vinda do Senhor Jesus Cristo para morar entre os homens. Pois Jesus não podia ter nascido em dezembro, que é um mês de neve em Jerusalém, durante o qual nenhum rebanho estaria nos campos (Lc 2.8-11). Que, provavelmente, nasceu na época da Festa dos Tabernáculo, em outubro pode ser calculado assim: Zacarias exercia seu turno em julho (Lc 1.5, 8) por ser do turno de Abias, o oitavo turno do ano eclesiástico que começava em março (1 Cr 24.10). Foi o mês da concepção de João Batista, Lc 1.23-24, que nasceu, pois, em abril do ano seguinte. Jesus nasceu seis meses mais tarde, Lc 1,26, portanto em plena Festa dos Tabernáculos.

23.39 Esta segunda descrição da Festa dos Tabernáculos, depois de se ter encerrado o assunto das festas (vv. 37-38), aponta para o segundo cumprimento do seu significado: a segunda vinda de Cristo, depois da qual Deus vai habitar entre os homens, fazendo Seu tabernáculo entre eles, Ap 21.1-3.

24.1-4 Características do Candelabro: 1) Era feito de ouro puro; 2) Era feito para iluminar, 3) Era mantido com óleo; 4) Era feito para queimar continuamente. A lâmpada que ilumina à base de óleo pode ser comparada com a revelação de Deus ao homem, que culmina em Cristo, Luz do Mundo, e a iluminação do Espírito Santo.

24.5 Os pães que o sacerdote oficiante colocava todos os sábados sobre a mesa dourada, no lugar santo, diante do Senhor, eram em número de doze, representando as doze tribos de Israel; decerto eram bem grandes, já que se empregava mais do que quatro litros de farinha em cada pão, 24.3, 6, 7. Eram servidos quentes no lugar santo, no sábado, dia, no qual os antigos eram removidos. Somente os sacerdotes tinham licença de comer daquele pão. Num caso de extrema necessidade, Davi e seus homens quebraram esta lei, 1, Sm 22.6, cf. Mt 12,4. O pão nos lembra, da comunhão restaurada do homem com Deus, através de Cristo, o Pão da Vida, Jo 6.35.

24.11 O terceiro mandamento proibia de usar o nome do Senhor em vão. A blasfêmia incluía a pecado gravíssimo de deliberado desprezo e desrespeito para com Jeová e para com Sua graça salvadora.

24.16 No Antigo Testamento, blasfemar, ou zombar do nome de Deus, injuriando assim a Pessoa de Jeová, acarretava na penalidade da morte. A blasfêmias era o, comportamento dos ímpios, Sl 74.18; Is 52.5. A idolatria era também considerada como uma forma de blasfêmia, Is 65.7, porque esse pecado era um desprezo para com o nome do único e verdadeiro Deus. Exemplos da blasfêmia: o rei Senaqueribe da Assíria, 2 Rs 19.4, 10, 22; e Himeneu, um herético da Igreja antiga, 1 Tm 1.20. Os incrédulos têm prazer em acusar os santos da blasfêmia que eles mesmos praticam, conforme os fariseus fizeram com Cristo, Mt 26.65; Lc 22.66-71. De igual modo, os membros da Igreja Apostólica foram

acusados de blasfêmia, por afirmar a deidade do Senhor Jesus Cristo, At 6.11-14. *Será morto*. O pensamento básico aqui não é tanto impor uma penalidade por causa de um pecado grave: a necessidade urgente era a remoção de um foco de infecção na comunidade. O desastre desceria sobre a terra na qual o nome de Deus fosse blasfemado, onde a Majestade do Deus vivo fosse repudiada, não importando que o ofensor fosse um israelita nativo ou um estrangeiro domiciliado em Israel.

24.17-22 O propósito dessas leis era promover a justiça exata, mas não a vingança. Na maioria dos casos, a pessoa culpada tinha permissão para dar uma justa; compensação pela avaria, pela ferida, ou pela perda. Notemos, a ênfase dada à inteira e justa indenização não obstante não haver aqui a obrigação dos 20% a mais sobre os danos, que é o caso que se descreve em 5.14; 6.7.

25.1-7 *Sábado de descanso solene para a terra*. O princípio de haver um sábado ou descanso cada semana, se estende aqui aos anos também, havendo um ano sabático cada sete anos. Isto era como que um reconhecimento do direito de Deus sobre a terra, 24.23. Deus havia dado a terra aos seus servos (Israel), e esperava que fossem mordomos fiéis. Enquanto Israel confiasse em Deus, podiam contar com a promessa divina de boas colheitas, para que houvesse bastante suprimento para o sétimo ano, no qual não podia haver sega. Isso também ajudava a manter a fertilidade do solo, permitindo que ficasse sem ser lavrado em certas épocas. O sétimo ano era também aquele no qual os senhores davam liberdade aos servos. Êx 21.2; Dt 15. Isto permaneceu como um ideal raramente cumprido, 26.35; Jr 34.14.

25.8-55 *O ano de jubileu*. Vinha depois de cada sétimo ano sabático, portanto no quinquagésimo ano. Nesse ano, todos os escravos tinham sua liberdade restaurada, e todos os proprietários recebiam seus haveres em restituição, além de haver um cancelamento geral de todas as dívidas. Esta era uma excelente maneira de evitar os extremos de riqueza demasiada e de pobreza aviltante. O preço da terra vendida ou arrendada era baseada no número de anos durante os quais poderia ser usada até ao ano do jubileu, que começava no dia da expiação. Em Ezequiel, este ano foi chamado "ano da liberdade", Ez 46.17; parece que Isaías se refere ao jubileu quando profetiza sobre "o ano aceitável do Senhor", Is 61.2. Se este for o caso, então aprendemos de Lc 4.18-19 que tudo aquilo que for implícito no ano do jubileu achou seu cumprimento em Cristo, na Sua obra de desatar as cadeias do pecado humano para oferecer aos homens a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Um dos propósitos do jubileu era resolver o problema da pobreza herdada, invadindo geração após geração. Cada família pobre recebia um novo começo depois de cinquenta anos, com a restauração da liberdade e da herança. Desde que os israelitas eram servos de Deus, libertos da escravidão no Egito, nunca deviam se tornar escravos, nem mesmo quando à necessidade os forçava a trabalhar no serviço alheio, 39, 43, 55.

25.11 *Jubileu*. Heb *yōbhel*, "carneiro" e depois, o "chifre de carneiro" que se usava para formar uma buzina especialmente empregada para proclamar este ano do jubileu. A raiz da palavra pode ser *yābhal*, "guiar", "carregar", aplicada tanto à nota longa e carregada que se tocava na ocasião, como à idéia de reconduzir e restaurar as coisas empenhadas e as pessoas escravizadas,

25.16 O número das colheitas até o ano do jubileu determinava o valor corrente da propriedade.

25.17 Uma das causas do cativo foi a inobservância deste mandamento.

25.22 Era necessário ter fé para agir baseado nessas afirmações e, por isso, parece que poucos praticavam estas ordenanças de maneira completa.

25.28 Em Rt 4.1-12 podemos ver as leis da redenção em prática, com Boaz, ancestral de Cristo, como redentor. Se um homem perdesse sua herança, ele mesmo, ou um dos seus parentes (v. 49 com a Nota) podia reavê-la, na condição de pagar o valor estimativo das colheitas, até o jubileu.

25.29-31 As casas das aldeias eram consideradas como parte da herança das famílias que receberam aquelas terras de Deus, na ocasião da divisão da terra. Ficavam dentro da herança da família, ou perto dela, e eram essenciais para se poder atender de perto todos os misteres agrícolas das heranças. As casas dentro das cidades podiam ter sido adquiridas para propósitos comerciais, ou por motivos do enriquecimento particular das famílias. As casas dos levitas não estavam incluídas neste regulamento, mesmo quando ficavam, dentro das cidades muradas. O ideal dos israelitas sempre era que cada um possuísse suficiente terreno, com casa, horta, pomar e curral, para seu sustento próprio. Qualquer mão de obra perita, ou qualquer viagem de negócios, seria um esforço extra para os que queriam "progredir".

25.39-42 Comparar com Êx 21 2, que coloca o sexto ano como limite para um hebreu servir ao seu senhor," ainda que tenha sido comprado.

25.49 *Parente*. Heb *gō'el*, que tem dois sentidos: 1) Redentor, alguém que liberta mediante um pagamento; 2) Vingador, alguém que exigia a prestação de contas por algum dano feito. Em ambos os casos, o *gō'el* era um parente próximo, que cuidava dos interesses da família. O "Redentor" é um belo tipo de Cristo: 1) Redimia pessoas e heranças, Gl 4.5; Ef 1.7, 11, 14; 2) O redentor tinha que ser um parente, Rt 3.12, 13; Gl 4.4; Hb 2.14, 15; 3) O redentor tinha que possuir condições para redimir, Rt 4.4-6; Jr 50.34; Jo 10.11, 18; 4) A obra do redentor se completava ao pagar satisfatoriamente o justo preço exigido; 25,27; 1 Pe 1.18, 19, Gl 3.13. Veja Pv. 23.11 e, sobre "Vingador" Nm 35.12.

26.1-46 Na sua maioria, este capítulo é profético em relação à história de Israel: 1) Introdução, 1-2; 2) Obediência e bênção, 3-13; 3) Desobediência e castigo, 14-39; 4) Arrependimento e restauração, 40-45; 5) Conclusão. Este capítulo deve ser comparado com Dt 28, 29, 30.

26.1 Quatro abominações ao Senhor: 1) *Ídolos*, Heb *'elilim*, "coisas de nada", deuses de barro ou de terra-cota; 2) *Imagem de escultura*, heb *pesel*, um ídolo esculpido na pedra; 3) *Coluna*, heb *maççebhâh* lit. "alguma coisa de pé", no caso uma pedra memorial ou coluna, usada para propósitos idolátricos, 4) *Pedra com figuras*, heb *maskith*, uma pedra esculpida ou pintada com uma figura ou imagem. *Inclinardes*. Perante a imagem, curvando-se na sua direção; isto era um ato de culto; reservado unicamente a Jeová, Êx 20.4, 8.

26.3 As bênçãos da aliança de Deus com Israel eram baseadas na obediência de Israel às leis de Deus. As promessas de Deus nunca falhavam mas a nação de Israel freqüentemente desobedecia às leis de Deus, e fazia sobre si mesmo Seus julgamentos severos. Todas as leis religiosas, morais e econômicas fazem parte de uma única Ordem Divina, feita para o próprio bem do homem, Dt 28. As bênçãos eram: 1) Abundância de chuva, 4; 2) Grandes colheitas na terra, 4-5; 3) Paz na terra (6), inclusive a libertação de animais nocivos e da espada; 4) Vitória sobre as inimigos (7), mesmo sobre os de grande superioridade; 5) O multiplicar-se grandemente, 9; 6) A presença de Deus habitando no meio do povo, 11-12.

26.4 Na Palestina, nos tempos antigos, costumava, haver chuvas copiosas na primavera. Todavia, depois de uma época de vários séculos, durante a qual a seca se tornou o estado normal da Palestina, começa a haver sinais de que estas chuvas regulares estão voltando àquela normalidade.

26.9 *Minha aliança*. Cf. Gn 12.2; 13.16; 15.5; 17.5-6; 18.18; 22.17-18.

26.12 Especialmente na nuvem da glória chamada *Shehkînâh*, que ficava entre os querubins, sobre o "trono de misericórdia", ou seja, o propiciatório no Santo dos Santos.

26.13 Quando escravos no Egito, suas costas tinham sido curvadas; como bois na canga tinham carregado e puxado vários fardos. Deus os libertou da escravidão do Egito, fazendo-os tornar a andar eretos.

26.14,15 O povo fora prevenido contra cinco pecados: 1) De não escutar a Jeová; 2) De

não cumprir Seus mandamentos; 3) De rejeitar os estatutos de Jeová; 4) De aborrecer aos juízos de Jeová; 5) De violar a aliança com Deus.

26.16 Esta ameaça se tornou uma realidade em várias ocasiões, Jz 6.4; 1 Sm 12.19.

26.18 O propósito em disciplinar a nação era para levá-la a se arrepender dos seus maus caminhos e voltar para seguir ao Senhor. O desejo de Jeová era perdoar e abençoar, mas isto dependia de Israel se arrepender do mal, para seguir e obedecer ao Senhor.

26.19 e 26.26 Ambos os versículos falam de uma seca extremamente severa que resultaria em fome nacional. A nação, orgulhosa, precisava ser humilhada várias vezes, e de várias maneiras.

26.25 Aliança. Para haver uma aliança, mais de uma pessoa é envolvida. Nessa aliança Jeová e Israel tinham feito votos de fidelidade e de lealdade, um para com o outro.

26.26 Pão. Usualmente a palavra "pão" referia-se a qualquer alimento, mas aqui se refere especialmente à farinha de trigo cozida no forno. A expressão "quebrar o cajado do pão" significava retirar o esteio, suporte ou arrimo, que era o pão de cada dia, cancelar o sustento e reduzir à pobreza grave, à penúria. *Entregarão por peso.* Descreve uma escassez que determinaria o racionamento, Jr 14.18; Ez 5.12.

26.29 Isto aconteceu no cerco de Samaria (2 Rs 6.28), e também no ano de Jerusalém, no ano 70 d.C., quando o povo estava morrendo de fome. Flávio Josefo nos traz um relatório terrível sobre um soldado que descobriu uma mulher, chamada Maria, comendo a seu próprio filho, depois de havê-lo assado; cf. Dt 28.53-57; Jr 19.9; Lm 2.20; 4.10; Ez 5.10; Mt 24.19; Lc 23.29.

26.32 Deus aqui apresenta a punição que seria dada ao seu povo por causa da sua persistente desobediência e descuido com a Aliança. A admoestação é ampliada em Dt 28.58-67. A punição foi o cativo na Babilônia, em 587 a.C.

26.33 Até hoje, o povo judeu está espalhado entre as nações. Tudo isto foi cumprido quando as tribos do norte foram conquistadas e levadas cativas entre os territórios conquistados pelos assírios, e, quanto às tribos do sul, quando os babilônios levaram o povo para o cativo em 587 a.C., 2 Rs 17.

26.34 O cumprimento destas palavras se vê no cativo babilônico. Do rei Saul ao cativo foram aproximadamente 490 anos, um período durante o qual 70 anos sabáticos tinham sido negligenciados pelos hebreus. Sendo que o cativo durou 70 anos, a terra recebeu o repouso prescrito pela Lei de Deus.

26.39 Já no período dos juízes, as punições divinas vieram sobre os hebreus. Nas épocas de punição o povo se arrependia, sendo então perdoado e libertado; então a geração seguinte abandonava ao Senhor.

26.40-46 A Aliança com Abraão não deveria ser anulada pela futura desobediência de Israel, mas continuaria a existir dentro das condições que a governavam. Se em qualquer momento Israel se arrependesse dos seus pecados, voltando-se para Jeová, então a terra seria devolvida àquela nação. Assim aconteceu depois da queda da Babilônia em 539 a.C., quando o restante do povo recebeu licença de voltar à Palestina sob a direção de Zorobabel.

26.41 Coração incircunciso. Um coração não purificado, não dedicado a Deus, endurecido e impassível à vontade divina. *Tomarem eles por bem.* A expressão que ocorre também no v. 43, e nos vv. 34 e 43, se traduz "folgará". Vem do verbo hebraico *rāçâh*, que significa "desejar", "ter prazer", Pv. 31.13n. O castigo seria para o bem porque produziria o resultado almejado: o verdadeiro arrependimento e a conseqüente volta às bênçãos de Jeová, com que Ele tão ansiosamente desejava agraciar a Israel. • **N. Hom.** Esperança para Israel (vv. 40-46). Se confessarem: 1) Os seus próprios pecados, 40; 2) As iniquidades dos seus pais, 40; Dn 9.3-19, entendendo: a) que tinham provocado ficar Deus contra eles, 41; b) que Deus esperava que Israel se humilhasse, 41; c) que Deus esperava que Israel aceitasse bem os Seus castigos, 41. Então Deus se lembraria: 1) Da Sua Aliança com os patriarcas, 42, 2) Da Sua promessa para com Israel, ainda quando

espalhado entre seus inimigos: a) "Não os rejeitarei", 44; b) "Não invalidarei a minha aliança", 44-45; c) "Não os aborrecerei para os consumir", 44.

27.2 Voto. Heb *nedher*, da raiz *nādhār* "prometer". Era uma decisão voluntária da parte de algum israelita, Para se dar a si mesmo e as suas possessões a Jeová. Sendo que nem toda pessoa que fazia votos teria a oportunidade de servir no Tabernáculo, os que não o podiam fazer pagariam seus votos através de grandes ofertas. O tamanho da oferta era decidido pelo sacerdote, conforme a possibilidades do ofertante. O Novo Testamento nada fala de tais ordenanças, sendo que o amor de Cristo é tão grande que nossa única resposta lógica é a dedicação da nossa vida inteira, Rm 12.1-12; 1 Co 6.19, 20. Comparemos este texto com Gn 28.18-22; Sl 56.12; 66.13; 116.12. Pessoas e posses prometidas para o serviço de Jeová podiam ser resgatadas, exceto no caso de que tratasse de um animal trazido como oferta, 716; Nm 30.

27.13 A adição da quinta parte, 20% sobre o valor do voto, servia para impedir que o servos de Deus fizessem votos impensados.

27.16 Semente necessária. Aqui vemos a origem da idéia do alqueire, que é uma medida de semente. Hoje, avaliamos o terreno com alqueires vinculados a medidas métricas, o que é injusto, pois algumas áreas de pântano, rochas ou florestas, são impróprias para semente, e desvalorizadas. O valor real da terra é a ceifa que produz.

27.22 Dedicar. O verbo em hebraico é *hiqdish*, "causar a ser *qadosh*, ou santo". Não é exatamente "santificar" no sentido ético-religioso: é "separar para o serviço de Jeová" (que é uma parte integrante de ser santo). Esse campo não era livre para ser dado à obra de Deus, já que haveria de voltar para a família que o herdou; era apenas emprestado.

27.26 O que já havia sido divinamente decretado e que pertencia ao Senhor, não podia ser votado a Ele. Seria um contra-senso oferecer em voto ao Senhor aquilo que já lhe pertencia.

27.28 Dedicar irremissivelmente. Esta expressão é uma maneira de traduzir uma palavra mais forte do que *dedicar*. Em hebraico é *hāram*, que é reservar irrevogavelmente para alguma finalidade. Se é reservada para a destruição, "amaldiçoar" seria uma interpretação. A idéia básica da palavra é "isolar na sociedade". Estas coisas ou pessoas não podiam ser resgatadas porque já haviam sido consagradas ao Senhor e retiradas do uso ou proveito próprio do homem.

27.30 O dizimo é uma oferta que proclama que todas as coisas pertencem ao Senhor. Indica que somos gratos a Deus por Sua graça, e que nossa dedicação a Ele é total. No NT somos admoestados ainda a dar em proporção ao que Deus nos fizer prosperar (1 Co 16.1-2; Co 8.7-1; isto porém não significa dizimo, mas oferta, com referência a casos específicos).

27.32 Passar debaixo do bordão. As ovelhas eram contadas uma a uma conforme passassem debaixo do cajado do pastor.

O Quarto Livro de Moisés Chamado Números

Análise

O livro de Números deriva seu nome, em nossas versões portuguesas, como é também o caso das versões latina e grega, dos dois recenseamentos relatados dentro da narrativa. Na realidade o livro é uma das divisões da unidade maior, o Pentateuco. Entre os escribas judeus era conhecido principalmente pelo nome "No Deserto", que no hebraico é apenas uma palavra, *Bemidbar*, um título tirado do primeiro versículo. Isso é apropriado, visto que o tema do livro focaliza as vicissitudes e vitórias do povo de Israel, desde quando partiram da área do Sinai até que chegaram as fronteiras da Terra Prometida.

Em algumas passagens, o livro de Números parece mais uma coleção de informes frouxamente ligados, uma narrativa e lei ritual ou civil. Não obstante, esses informes são sempre pertinentes à história, enquanto os decretos legais freqüentemente se originam

das exigências da situação na vida, como a permissão da realização de uma Páscoa especial (9.1-14) em circunstâncias que impediam a observância da Páscoa regular; ou como o pedido das filhas de Zelofeade (27.1-11), que exigiram a provisão do Senhor acerca da herança de filhas, no caso da falta de herdeiros do sexo masculino.

Historicamente, o livro de Números começa onde termina o livro de Êxodo, com o espaço necessário, naturalmente, para as seções históricas espalhadas pelo livro de Levítico. Cobre um período de aproximadamente quarenta anos, da história do avanço de Israel em direção à Palestina. Apesar de que esses anos são usualmente descritos como anos de peregrinação, torna-se claro que o povo viveu ao sul da própria terra de Canaã, parcialmente na área conhecida como o Neguebe, não muito distante de Cades-Barnéia, durante cerca de trinta e sete anos. Durante esse tempo o tabernáculo foi o ponto central tanto da vida civil como da vida religiosa, visto que foi ali que Moisés desempenhou os seus deveres administrativos. Pode-se supor que o povo seguia as atividades domésticas dos nômades, vivendo em tendas, levando seus rebanhos a pastarem nas estepes semi-áridas. Essas circunstâncias requeriam provisões divinas especiais quanto à alimentação e à água.

Deus é apresentado no livro de Números como um soberano que exige obediência absoluta à Sua santa vontade, mas que também mostra misericórdia aos penitentes e aos crentes. Assim como um pai nutre e castiga os seus filhos, semelhantemente Deus orienta Israel, Seu povo amado. Ele preferiu tratar com os homens por intermédio de mediadores. Dentre esses, Moisés é sem igual, ainda que outros tenham sido dotados com dons proféticos, e ainda que até mesmo um pagão, Balaão, possa ter sido útil, visto que Deus é o Deus dos espíritos de toda a carne.

Diversas referências ao livro de Números podem ser encontradas no Novo Testamento, onde o livramento da escravidão egípcia é reputado como um modelo terreno da redenção eterna. As experiências no deserto são, no Novo Testamento, consideradas histórias registradas para nossa admoestação (1 Co 10.11). Nosso Senhor Jesus Cristo, usou o incidente da serpente de bronze a fim de ilustrar o modo pelo qual Ele mesmo haveria de ser levantado, para que todos aqueles que nele confiassem, não perecessem mas tivessem a vida eterna.

Autor

Tanto os judeus como os cristãos têm tradicionalmente considerado que Moisés foi o autor do livro de Números. Visto que o período de Moisés foi, pelo menos, mil e trezentos anos antes do tempo de Cristo, o livro, em sua forma atual, tem passado por muitas mãos, e até mesmo o original hebraico foi transliterado de um tipo de escrita para outro. Sem dúvida, aparecem adições de copistas e editores aqui acolá. A crítica literária extremada tem procurado negar que Moisés poderia ter escrito qualquer porção do livro, e tem tentado dividi-lo em documentos que datariam de diversos períodos da história de Israel. As descobertas arqueológicas, entretanto, têm demonstrado a antigüidade das leis, instituições e condições de vida descritas no livro de Números. O ponto de vista de que o livro de Números saiu das mãos de Moisés e do tempo em que ele viveu, é sustentado igualmente pela grande veneração com que os judeus tratavam Moisés e os escritos sagrados a ele atribuídos.

Esboço

PREPARAÇÃO PARA A PARTIDA DO MONTE SINAI, 1.1-10.10

Contagem a Arranjo do Povo, 1.1-2.34

Escolha dos Levitas: seu Serviço Sacerdotal, 3.1-4.49

Purificação e Bênção do Povo, 5.1-6.27

Remoção de Várias Contaminações, 5.1-31

A Lei da Separação dos Nazireus, 6.1-21

A Bênção Sacerdotal, 6.22-27
 Ofertas dos Príncipes das Tribos, 7.1-89
 O Serviço do Candelabro, 8.1-4
 Consagração dos Levitas, 8.5-26
 A Segunda Páscoa, 9.1-14
 A Nuvem de Orientação, 9.15-23
 As Trombetas de Prata, 10.1-10
 PEREGRINAÇÕES PELO DESERTO, 10.11-20.13
 Partida do Sinai, 10.11-36
 Um Povo Desobediente e Contraditório, 11.1-14.45
 O Fogo em Taberá, 11.1-3
 Uma Queixa de Moisés contra o Povo, que Preferia Escravidão, 11.4-30
 Sepulcros da Concupiscência, 11.31-35
 A Murmuração de Miriã e Arão, 12.1-16
 Espias Enviados à Terra, 13.1-33
 O Grande Fracasso: um Povo Indigno, 14.1-45
 Leis Adicionais: Ofertas, desobediência ao Sábado, a fita azul, 15.1-41
 A Rebelião de Corá, Datã e Abirã, 16.1-17.13
 Deveres e Rendimentos dos Sacerdotes e Levitas, 18.1-32
 A Ordenança da Novilha Vermelha, 19.1-22
 As Águas de Meribá: a Falha de Moisés, 20.1-13
 VIAJEM ATÉ A TRANSJORDÂNIA, 20.14-36.13
 Negociações Inúteis com Edom, 20.14-22
 A Morte de Arão, 20.23-29
 A Vitória sobre Arade, Chefe Cananeu, 21.1-4
 A Serpente de Bronze, 21.5-9
 Viagem até Pisga, em Moabe, 2.10-20
 Conquista dos Amorreus sob Seom e Ogue, 21.21-35
 Os Esforços de Balaão para Amaldiçoar a Israel, 22.1-24.25
 A Campanha de Finéias contra a Apostasia, 25.1-18
 O Segundo Recenseamento de Israel, 26.1-51
 Um Método Justo de Dividir a terra, 26.52-65
 O Pedido das Filhas de Zelofeade, 27.1-11
 Nomeação do Sucessor de Moisés, 27.12-23
 Regulamentos sobre Várias Ofertas, 28.1-29-40
 Leis Referentes aos Votos, 30.1-16
 A Vingança contra Midiã, 31.1-54
 A Fixação das Tribos além do Jordão, 32.1-42
 Sumário da Viagem desde o Egito, 33.1-49
 Orientações para a Divisão de Canaã, 33.50-34.29
 As Cidades dos Levitas e as Cidades de Refúgio, 35.1-34
 Emendas nas Leis de Herdeiras, 36.1-13

1.1 *Primeiro dia do segundo mês.* Isto é, um mês após a construção do Tabernáculo (Êx 40.1), que foi feito um ano após a saída do povo de Israel do Egito. Deus convoca o povo para um encontro, através de Moisés, Seu servo, no Tabernáculo recém-construído. A tenda da congregação. Heb *mo'ed*, isto é, "encontro" (de Deus com o povo). É o Tabernáculo, que foi construído para ser um Templo portátil.

1.2 *Levantai o censo.* Fazei recenseamento, tomai a soma de todo o povo de Israel através das famílias das tribos constituídas.

1.3 *Capazes de sair à guerra.* Recenseamento militar para avaliar a potência bélica do povo israelita, tanto para defesa como para a conquista da terra prometida; compare vv.

19 e 20.

1.4-18 Homens escolhidos dos mais destacados de cada tribo, para serem chefes e assistentes de Moisés, junto às suas respectivas tribos; designados com a investidura do cargo com os títulos de "Príncipes de Israel" e "Cabeças dos milhares de Israel". veja v. 16. • **N. Hom.** A mensagem deste primeiro capítulo é: 1) Deus tem um censo de Seus filhos, Lc 10.20; Ap.3.5; 21.27. 2) Deus precisa de homens aptos para Seu serviço. v. 3. 3) Deus sabe exatamente quais são os Seus, 2 Tm 2.19. 4) Deus tem um caminho de serviço preparado para todos os Seus, Ef 2-10.

1.17 Procede-se ao censo que, sendo feito segundo a ordem de Deus, e bem diferente daquele que Davi fez merecendo o castigo divino, 2 Sm 24.10-17. O que mais importa, no comportamento cristão, é estar atento à voz de Jesus em cada instante, sendo, que uma coisa boa, feita segundo a Sua vontade, deixaria de ser boa se praticada fora da Sua vontade. *Nota Introdutória à divisão do conteúdo de Números:* 1) *A Organização.* No Sinai, preparam-se para a Invasão, cap. 1-10. a) A disposição do acampamento, caps. 1 - 4. b) A pureza do acampamento, caps. 5 e 6. c) O culto no acampamento, 7.1-9.14. d) O progresso do acampamento, 9.15-10.36. 2) *A Desorganização.* Entre o Sinai e Moabe interrompe-se a Invasão, caps. 11-21. a) 9 descontentamento e a desconfiança, caps. 11 e 12. b) A desobediência e o desastre, caps. 13 e 14. c) A disciplina e a destruição, caps. 15-21. 3) *A Reorganização.* Em Moabe, novos preparativos, caps. 22-36. a) A decepção de Balaão e Balaque, caps. 22-25. b) O novo censo da força bélica de Israel, cap. 26. c) Novas experiências e novas leis, caps. 27, 31 e 32. d) Novas leis das cerimônias e da divisão da terra, caps. 28-30, 33-36.

• **N. Nom. 1.19** *Como o Senhor ordenara... assim os contou.* O dever da obediência. 1) Obedecer a Deus, é o supremo dever. Deus é o Deus da ordem e não o da confusão, 1 Co 14.26, 40; 2) Obedecer a Deus é o ideal que nos traz alegria, satisfação e felicidade; 3) Obedecer a Deus é decisivo, sendo um sinal claro do fato de sermos Seus filhos; e dando-nos o sentido de uma missão a cumprir, Jo 4.34. Conclusão: Cumprir a vontade divina, na mais perfeita obediência, é o dever e a coroa de cada crente.

1.32 José. Uma das poucas ocasiões em que José consta entre os seus irmãos na divisão das tribos, veja v. 33.

1.33 *Da tribo de Efraim.* A tribo de Levi não foi contada entre os filhos de Israel por causa da sua missão espiritual. Para completar o total de doze tribos, incluem-se os dois filhos de José, Efraim e Manassés.

1.47 *Entre eles.* A numeração dos levitas haveria de ser um assunto separado, com fins principalmente religiosos, 3.39. Os números dados, nestas condições de não incluir levitas, mulheres, crianças e velhos, dão a entender que o total absoluto dos israelitas montava a quase dois milhões e meio.

1.53 *Para que não haja ira.* A profanação das coisas sagradas sempre provoca a ira de Deus, É por isso que os levitas, incumbidos das coisas do tabernáculo, acampavam ao redor do tabernáculo para que não fosse fácil a um estranho ter acesso a ele. vv. 50 e 51. Veja o Templo ideal de Ezequiel, Ez 40-48.

2.1-34 Narra a ordem e a disposição das tribos quando acampadas e em viagem. As doze tribos eram divididas em quatro grupos de três tribos cada grupo, formando assim quatro exércitos.

2.2 *Insígnias.* Tinham as cores das pedras preciosas que representavam as doze tribos na estola sacerdotal. Êx 28.17-20.

2.3 *Estandarte.* Cada um representa um grupo de três tribos, e pertencia à tribo que liderava o grupo. Os judeus têm uma tradição que a estandarte de Rúben (v. 10) tinha a figura de um homem, o de Judá um leão, o de Efraim (v. 18) um boi, e o de Dã (v. 25) uma águia.

2.3-9 O primeiro exército, o da vanguarda, constituído das tribos de Judá, Issacar e Zebulom, foi comandado por Naasom, e ficava do lado do oriente do tabernáculo, no seu

lado de frente. Era composto de 186.400 soldados.

2.10-16 O segundo exército, constituída das tribos de Rúben, Simeão e Gade, foi comandado por Elizur e ficava do lado sul do tabernáculo. Era composto de 151.450 soldados. • **N. Hom.** O segundo capítulo nos ensina: 1) Deus é um Deus de ordem, 1 Co 14.33, 40, 15.23; 2) A união da diversidade é um grande princípio da vida, Ef 4.7-12; 3) A presença de Deus no centro de tudo (v. 17), é o lugar da reunião da Igreja inteira. Sl 46.5; 4) A simetria espiritual deve ser cultivada, não havendo desigualdade nem o desenvolvimento de uma parte só, prejudicando assim as demais, Ap 21.16. **Nota:** A hora de o povo de Deus tomar posse de Canaã veio depois da promulgação da lei e da Aliança que formou a nova nação. A distância entre o Monte Sinai e a Terra Prometida era de apenas quinze dias de marcha. A Lei é à Promessa ficam próximas.

2.17 *O arraial dos levitas.* A posição que os levitas ocupavam na peregrinação. Por causa da sua missão, os levitas ficavam ao redor do tabernáculo, 1.53.

2.18-25 O terceiro exército, das tribos de Efraim, Manassés e Benjamim. Assim acampavam juntos os descendentes de Raquel. Comandado por Elisama, ficava do lado oeste do tabernáculo. Era composto de 108.100 homens de guerra.

2.26-31 O quarto exército, composto das tribos de Dã, Aser e Naftali. Foi comandado por Aieser, e ficava do lado norte do tabernáculo. Era composto de 157.600 homens de guerra.

2.32-34 Repetição do total do primeiro censo: 603.550 soldados Os levitas não foram contados. Tudo foi feito como Deus ordenara. • **N. Hom.** Alguns assuntos mencionados em Números que nos lembram de Jesus, conforme se lê em 1 Co 10.1-11; 1) O Nazireu, cap. 6; 2) A Novilha Vermelha, cap. 19; 3) O Pão dos Céus, 11.7-9; 4) A Água da Vida, 20.11; 5) A Serpente de Bronze, cap. 21, 6) A Estrela, 24.17; 7) As Cidades de Refúgio, 35.9-15.

• **N. Hom. Cap. 3** O terceiro capítulo nos ensina: 1) A ênfase solene que se dá à obediência, pela referência adicional a Nadabe e Abiú; v. 4; 2) A grande importância dos pormenores, das coisas pequenas, como se vê nas instruções tão completas; 3) A variedade que há no serviço de Deus, como se vê nas informações acerca da vocação específica de cada família, 21-37; 4) As precauções cuidadosas para conservar a santidade do culto, vistas, por exemplo, nas restrições feitas no direito de tratar das coisas do tabernáculo, reservado aos levitas, 10, 38; 5) A vocação específica à consagração dos israelitas, percebidas nas leis acerca dos primogênitos, 40-51.

3.1-8 A missão dos levitas: Números é o livro dos levitas, assim como Levítico é o livro dos sacerdotes. Dá-se especial importância ao culto divino. A tribo de Levi é separada para o serviço do Senhor, o serviço do santuário. Isto revela o interesse de Deus pelos homens, e a importância que devemos dar ao culto que Lhe prestamos. No cristianismo, o ministério espiritual é o privilégio e o dever de todo o povo de Deus, os crentes em Cristo Jesus, 1 Pe 2.5, 9, 10; Ap 1.6.

3.4 *Morreram.* Há grande ênfase sobre o pecado de Nadabe e de Abiú, e sobre seu castigo, que se menciona cinco vezes em Levítico e Números.

3.7 *Cumpram seus deveres.* É a parte prática de uma vida religiosa. • **N. Hom.** A mensagem geral do Livro de Números tem dois lados: o Fracasso do Homem e a Vitória das Promessas de Deus. Nota-se: 1) O Propósito de Deus, que era que Seu povo entrasse imediatamente na plenitude do Seu gozo, descansando num país que simboliza as bênçãos da verdadeira vida cristã; 2) A Exigência de Deus: simplesmente crer e observar; 3) A Provisão de Deus: os sacrifícios, os sacerdotes, a coluna de nuvem e de fogo, o líder, a comida e o amparo; 4) A Decepção: ver Seu povo vencido pelo medo que cancelou sua fé, assim como seu egoísmo cancelara sua comunhão com Deus; 5) O Castigo de Deus: durante uma geração inteira de peregrinações, o povo foi afastado das delícias que Deus preparara; 6) A clemência de Deus: revelada quando Deus não abandonou Seu povo no deserto, mas sim Suas promessas duraram até ao fim; 7) A

Chamada de Deus, aos fiéis do dia de hoje, lida nos cinco avisos que, achando-se na Epístola aos Hebreus, se baseiam no histórico contido no Livro de Números: a) contra a Apostasia, Hb 2.1-4; b) contra a Descrença, Hb 3.6-4.13; c) contra a Degeneração, Hb 5.11-6.12; d) contra a Inconstância, Hb 10.36-39; e) contra a Irreverência; Hb 12.25-29.

3.10 O Ministério Sacerdotal - o sacerdócio do povo de Israel foi dado aos filhos de Arão.

3.12 *Em lugar de todo primogênito.* Os levitas foram separados para o serviço do Senhor, em lugar dos primogênitos de Israel, poupados do extermínio histórico dos primogênitos do Egito, por ocasião da primeira Páscoa, Êx 11 e 12. O total deles foi de 22.000 machos de um mês para cima, v. 39.

3.13 *Eu sou o Senhor.* Tudo aquilo que Deus exige do homem depende primeiro da revelação que fez do Seu divino Ser, 1 Pe 1.3-8.

3.14-39 Os filhos de Levi foram três: Gérson, Coate e Merari; esta divisão natural servirá para funções religiosas distintas.

3.25,26 Os filhos de Gérson ficam incumbidos de cuidar do exterior do tabernáculo, sendo os vigias desse templo portátil.

3.27-32 Os filhos de Coate ficam incumbidos de cuidar dos vasos sagrados. Moisés e Arão eram descendentes de Coate. Coube a Eleazar, filho de Arão, velar por tudo que dizia respeito ao santuário, supervisionando esta obra toda.

3.36,37 Os filhos de Merari foram incumbidos da conservação do tabernáculo propriamente dito ou o edifício físico.

3.39 *Contados por Moisés e Arão.* Só estes dois podiam enumerar o povo de Deus, assim como só Cristo conta Seus eleitos que para os homens são inumeráveis Ap 7.9.

3.40-51 O recenseamento da tribo de Levi foi feito depois da contagem oficial dos primogênitos de Israel, para processar a troca oficial dos mesmos pelos filhos de Levi que substituiriam os primogênitos no culto que prestariam ao Senhor no tabernáculo, como propriedade exclusiva de Deus. Como os primogênitos de Israel excederam em número aos levitas em 273 almas, foi exigido para seu resgate um pagamento em dinheiro, num total de 1.365 ciclos do santuário, quantia essa entregue aos filhos de Arão que representavam o sacerdócio do Senhor.

3.47 *Cinco siclos.* Igual as vinte moedas de prata pelas quais José, o primogênito de Raquel, foi vendido por seus irmãos, Gn 37.28. **Nota.** A mistura que há entre narrativa e legislação, no Livro de Números, a história do povo de Deus intercalada com a promulgação da Lei de Deus, longe de dar apoio à idéia de que o Livro seja uma composição inventada para impor as leis dos sacerdotes, demonstra que aqui temos uma situação histórica verídica, registrada passo a passo no decorrer dos eventos, já que Deus revelou Sua vontade à medida que o povo se revelou desnorteado.

4.2 *Filhos de Coate.* Esses filhos de Coate aparecem em primeiro plano por causa dos cargos que exerciam em relação ao tabernáculo. Eram responsáveis por todos os vasos sagrados. • **N. Hom.** O quarto capítulo nos lembra de: 1) A variedade de dons e de deveres na Igreja de Deus, Ef 4.7-12; 1 Co 12. Há trabalho para todos, e por isso devemos nos animar ao serviço, e há um serviço especial para cada um, o que deve nos tornar humildes com respeito à nossa posição na obra; 2) O caráter do Deus a Quem servimos (para que não morram, v. 20), Hb 12.28-29.

4.3 Esta idade é a idade da força física, ideal para obra dos coatitas, que era a de carregar e montar o tabernáculo.

4.4 *Nas coisas santíssimas.* O equivalente dentre os cristãos é um ministério de tempo integral, dedicação à oração, à Palavra de Deus, à consolação e inspiração dos fiéis à adoração.

4.9 *O candelabro.* Aponta para Cristo, a Luz do Mundo.

4.11 *O altar de ouro.* É o altar do incenso; poderá simbolizar a oração, tanto dos crentes como de Cristo em favor dos Seus.

4.13 *Do altar.* É o altar de bronze para os sacrifícios.

4.15 *Nas coisas santos não tocarão.* Não pode haver contato entre o homem pecaminoso e as coisas sagradas de Deus; enquanto estamos na carne, há uma barreira entre nós e o Além, 1 Co 15.50; por isso mesmo, "Ninguém jamais viu a Deus", Jo 1.18.

4.16-18 Eleazar filho de Arão, herdeiro do sacerdócio do seu pai, do qual eram descendentes todos os sacerdotes de Israel, 20.28. • **N. Hom.** O décimo sexto versículo pode ser comparado com o ofício do Ministro: 1) Pelas suas exortações, tem que despertar o fervor dos seus ouvintes, para que aceitem a iluminação do Espírito Santo; compare o *azeite da luminária*; 2) é ofício do ministro despertar um volume de oração incessante na igreja, como um *incenso aromático*; 3) é privilégio do ministro ensinar seu povo a conhecer Cristo como o Pão da Vida para ele, no sentido de alimentação espiritual diária, e também no sentido de sacrifício único e suficiente pela pecado, fatos que se podem comparar com a *contínua oferta dos manjares*; 4) o ministro deve pôr o povo em contato com a sabedoria que vem dos altos Céus, 1 Jo 2.27-29, almejando uma santificação sobrenatural, Gl 5.22-24, comparável ao *óleo da unção*; 5) o ministro é responsável por todas as coisas relacionadas com a igreja, o tabernáculo de Deus: *tudo o que nele há*, At 20.28; 1 Ts 5.12-13; Hb 13.17.

4.18 Isto significa que Moisés e Arão devem evitar que estas famílias caiam em pecado impedindo-as de terem contato com as coisas sagradas; semelhantemente, o crente deve estar pronto a evitar ocasiões de tropeço aos seus semelhantes, Mc 9.42.

4.23 *Entrar neste serviço.* O hebraico pode significar "combater este combate" que nos faz lembrar as palavras que Paulo aplicou à vida de um missionário, a luta contra as obras de Satanás, 2 Tm 4.6-8, as quais Cristo veio para destruir, 1 Jo 3.8.

4.28 *Itamar.* Este filho de Arão era a superintendente de todas as coisas físicas do tabernáculo, assim como o outro filho sobrevivente, Eleazar, era o herdeiro da parte espiritual do serviço religioso, o sacerdócio das ofertas; v. 16.

4.31 Os filhos e Merari ficaram incumbidos das coisas que ligavam as partes do tabernáculo fazendo uma unidade harmoniosa,

4.38 *Os que foram contados.* Este ato constante e numerar enfatiza o fato de que Deus conhece cada indivíduo do Seu rebanho, e tem cuidado dele. Também nos ensina que a obra de Deus se calcula e se planeia com grande exatidão, Lc 14.28.

4.46 *Os príncipes de Israel.* Os líderes civis tinham interesse na distribuição dos levitas, já que estes obreiros religiosos representavam a nação inteira nas coisas espirituais.

4.48 O número dos levitas foi de 8.580, aparentemente muita gente para o serviço religioso; entretanto cabia-lhes a cultivo espiritual de todas as tribos. Sua grande missão era servir ao Senhor no meio do seu povo. Nota-se aqui a distribuição criteriosa do serviço da casa de Deus. No NT também se vê esta preocupação no serviço do Senhor, Ef 4.11, 12; 1 Co 12.28.

51-4 A purificação do arraial: lei de prevenção contra doenças contagiosas tais como a lepra, doenças sexuais e impurezas. Os doentes deveriam ser isolados para manter a saúde e a higiene do arraial. • **N. Hom.** O quinto capítulo nos ensina: 1) A necessidade da santidade, vista nas constantes e variadas exortações sobre o assunto; 2) A estreita relação que há entre a santidade que se exige dos homens, e a presença e o caráter de Deus: "no meio do qual eu habito", v. 3; 3) As condições de sermos considerados aceitáveis a Deus sempre são o sacrifício e a purificação, vv. 5-10; 4) O grande princípio da restituição tanto aos homens como ao próprio Deus.

5.2 *Todo leproso.* A impureza física e a impureza espiritual são consideradas como coisas que separam da comunhão com Deus. Na Lei de Moisés, são separadas do arraial para não contaminar o povo de Deus; no evangelho de Jesus Cristo, é Ele mesmo quem perdoa os pecados, e sana os corpos, para expulsar a impureza mas ainda conservar aquele que fora impuro.

5.5-10 A lei da reparação e indenização do pecado cometido contra o próximo. Deus não está satisfeito apenas com a reparação do erro; por isso, requer também a indenização

dos prejuízos que foram causados. Neste caso, a restituição deveria ser de 20% a mais do valor dos danos causados. O indivíduo precisa ser responsabilizado perante a sociedade, e esta, lei promovia a ordem, a concórdia e a moralização do arraial.

5.11 Segue-se a descrição das águas amargas, cujos efeitos são semelhantes à convicção produzida pela pregação da Palavra.

5.14 *O espírito de ciúmes.* Estes ciúmes podiam surgir do poder de perceber uma situação verdadeira; mas, para evitar um divórcio súbito e injusto, a lei de Deus protege as famílias contra os ciúmes falsos e pecaminosos, que não procedem do amor.

5.11-31 A lei contra a infidelidade conjugal exige que o marido leve a esposa suspeita de infidelidade diante do sacerdote que, depois de descrever a lei que condena este pecado, a escreveria num pergaminho, e, antes que as letras secassem, mergulharia a sentença num recipiente de água a qual era acrescentado um pó amaríssimo. Esta água amarga, tendo dissolvido as palavras condenatórias, dava-se à mulher para beber e, mediante a intervenção divina, talvez acompanhada pelo fator psicológico de culpa, a mulher cairia doente, com inchaço do ventre, infecção do útero, descaimento da coxa, arrastando a perna ao andar, comprovando-se assim sua infidelidade. Assim a lei mantinha a pureza conjugal, a fidelidade da mulher em sua sujeição ao amor do seu marido, e controlava os ciúmes.

6.2 *Nazireu.* O nazireu ou nazarita não se deve confundir com o Nazareno, cidadão de Nazaré, como era: Jesus Mt 2.23.

6.2-21 O nazireu é aquele que se separa para a obra de Deus, por voto especial, seja penitencial ou devocional, por tempo determinado. Três eram as suas obrigações: abster-se de bebidas alcoólicas, porque seu prazer deveria estar no Senhor; não cortar seus cabelos, em sinal de humildade, lealdade e obediência, padecendo opróbrio pelo Senhor; evitar o contato com os mortos, preservando-se puro e santo, porque o Senhor é Santo. Uma vez esgotado o tempo da consagração, o nazireu se apresentava ao sacerdote, oferecia seus sacrifícios, raspava sua cabeça, queimava seus cabelos para não se envaidecer do seu voto e pelo fato de ter servido ao Senhor com humildade. A figura do nazireu foi refletida na pessoa de Cristo, que sem ter sido nazireu, foi santo, imaculado, separado dos pecadores e inteiramente devotado à vontade de Deus, Hb 7.26. • **N. Hom.** O sexto capítulo nos ensina: 1) A consagração, que significa que cada aptidão, cada privilégio e cada possibilidade pertence a Deus. 2) A bênção inclui: a) o benefício e a preservação, v. 24; b) o favor divino revelado na Sua graça, v. 25; c) a comunhão com Deus que nos dá a experiência da paz, v. 26. "A bênção do Senhor enriquece" Pv. 10.22. Veja Lc 24-50-51; At 3.36. No NT, a bênção consta em 2 Co 13.13.

6.5 *Nazireado.* A palavra hebraica significa "abstinência" ou "temperança"; no v. 7, daria significado mais exato se fosse traduzida por "consagração". A palavra é idêntica à palavra que significa "coroa", que nos ensina a verdade de que o homem que é mestre das suas paixões se compara a um coroadado, com todo o poder do estado a seu alcance.

6.6 *Cadáver.* Compare o velho "eu não convertido", o "velho homem" Rm 6.6; "o corpo desta morte" Rm 7.24. Qualquer pendor desta carne conduz à morte (Rm 8.6).

6.7 Nenhum laço de amor humano deve ter tanta força como os laços da vocação pela qual Cristo nos chamou ao discipulado, Mt 10.37.

6.11 Este versículo aponta para Cristo, nossa Oferta e Expição.

6.22-27 A bênção que o sacerdote tinha que dar ao povo era objetiva, gradativa e completa, referindo-se primeiro ao cuidado pessoal que Deus tem pelo bem-estar individual, "O Senhor te abençoe e te guarde". Em segundo lugar, apela para maior comunhão com Deus numa autêntica vida espiritual de perdão e santificação, v. 25. Em terceiro lugar, concede-se uma bênção particular de bem-estar e felicidade, v. 27. • **N. Hom.** A bênção sacerdotal revela: 1) O amor de Deus para conosco, v. 24; 2) A necessidade de maior comunhão com Deus, v. 25; 3) A verdadeira felicidade da vida, v. 26.

6.26 O Senhor. Talvez o uso tríplice deste título de Deus, com o "meu nome" no singular, v. 27, indique a Trindade.

7.1-89 As ofertas dos príncipes. Cada príncipe em Israel ofereceu ao Senhor a dádiva de cada um, que é relatada separadamente, numa demonstração de que cada um deve prestar culto individualmente, e não depender só de adoração coletiva de Deus. Observa-se também a ordem e o cuidado em cumprir os mandamentos do Senhor, neste capítulo dos mais longos da Bíblia • **N. Hom.** O sétimo capítulo nos ensina: 1) Deus ama a quem dá com alegria, 2 Co 9.7; 2) Deus reconhece cada dádiva, mesmo que sejam idênticas. Veja Mc 12.41-44. Os pormenores exatos nos ensinam que Deus não despreza sacrifício algum, se vem do coração, Sl 51.17; 3) Deus tem prazer em cada dádiva útil para o progresso da Sua Igreja; estas eram mormente para facilitar o transporte do Tabernáculo; 4) Deus coroa nossa vida com a comunhão com a Sua própria pessoa, feita através da Sua revelação e da nossa oração, v. 89.

7.5 Recebe-os dois deles. Moisés pensava que os levitas tinham que carregar a totalidade das partes do tabernáculo nas suas costas, assim como os coatitas tinham que fazer com o santuário, a parte sacrossanta do tabernáculo; por isso mesmo recebe instruções de Deus sobre o assunto (compare v. 9).

7.5-6 Vê-se que as dádivas foram primeiro aceitas, é depois dadas. Da mesma maneira, a retidão de Cristo foi primeiro considerada aceitável ao Seu Pai, e depois dada aos pecadores, em resposta à fé. Esta retidão que reveste os salvos é necessária, sendo que cumpre em nós e para nós a lei de Deus. Assim como os carros foram distribuídos aos levitas, de acordo com as necessidades de seu serviço religioso, assim também a retidão de Cristo no s é imputada segundo nossas grandes necessidades, e serve como modelo de nossa vocação cristã, 1 Pe 2.21.

7.8 Segundo o seu serviço. Os meios de transporte dados aos filhos de Merari consistiam em duas vezes mais do que aqueles dados para os gersonitas, já que seu fardo, de tábuas, colunas e bases (4.31-32), era muito mais pesado.

7.11 No seu dia. A ordem não era a de idade, de dignidade, ou de descendência dos filhos mais velhos de Israel, mas sim, a ordem da marcha estabelecida pelo próprio Deus, 2.1-21.

7.15 Cada um desses animais poderia representar uma parte da obra de Cristo ao Se oferecer como um sacrifício integral para cumprir a vontade do Seu Pai. O *novilho* representa Cristo como Obreiro paciente, o Servo do Senhor, o *carneiro*. O representa como Vencedor poderoso das forças de Satanás e das suas hostes; o *cordeiro* revela o amor, a ternura, a paciência e a humildade de Cristo; desta maneira Ele foi o Amado do Seu Pai, cumprindo Sua Vontade.

7.16 Um bode para oferta. Este é o supremo exemplo da simbolização do sacrifício de Cristo, a oferta pelo pecado que carrega os pecados de todos os que nele crêem, Is, 53.6; Lv. 16.20-22.

7.17 Sacrifício pacífico. O grande número de animais sacrificados enfatiza o fato de que, sem derramamento de sangue, não há remissão dos pecados, Hb 9.22. Tudo aponta para Cristo que, pela Sua obra, se tornou nossa Paz fazendo paz entre nós e Deus, paz entre nós e nosso vizinho, paz entre nós e a nossa consciência íntima, a restauração total do nosso ser, Ef 2.14. **Nota geral:** Eis o significado dos nomes citados neste capítulo: 1) No v. 12, Naasom quer dizer "Encantador" e seu pai Aminadabe tem um nome que significa "Meu povo é nobre"; a tribo que representa "Judá" tem o nome de "Louvai ao Senhor"; 2) No v. 18, Natanael quer dizer "Deus deu", e Zuar significa "Pequenez". A tribo de Issacar tem o nome de "Aluguel" ou "Salário"; 3) No v. 24, Eliabe quer dizer "Deus é Pai", e Helom significa "Forte". A tribo de Zebulom tem o nome "Moradia" ou "Permanência"; 4) No v. 30, Elizur quer dizer "Deus é uma Rocha" e Sedeur significa "Raiar de Luz". A tribo de Rúben tem o nome de "Veja o Filho"; 5) No v. 36, Selumiel quer dizer "Amigo de Deus", e Zurisadai quer dizer "O Todo-Poderoso é minha Rocha". A tribo de Simeão tem o nome

de "Escutar"; 6) No v. 42, Eliasafe quer dizer "Deus acrescentou" e Reuel significa "Amigo de Deus". A tribo de Gade tem o nome "Tropa" ou "Ditoso"; 7) No v. 48, Elisama quer dizer "Deus escudou", e Amiúde significa "Meu Povo é Majestade". A tribo de Efraim tem o nome de "Frutífero"; 8) No v. 54, Gamaliel quer dizer "Galardão de Deus", e Pedazur significa "Rocha Redimida". A tribo de Manassés tem o nome de "Esquecimento"; 9) No v. 60, Abidã quer dizer "Meu Pai é Juiz", e Gideoni significa "Derrubada". A tribo de Benjamim tem o nome de "Filho da Mão Direita"; 10) No v. 66, Aieser quer dizer "Meu Irmão é Socorro", e Amisadai significa "Povo do Todo-Poderoso". A tribo de Dã tem o nome "Juiz". 11) No v. 72, Pagiel quer dizer "Intervenção de Deus", e Ocrã significa "Importuno". A tribo de Aser tem o nome de "Bem-aventurado"; 12) No v. 78, Aira quer dizer "Meu Irmão é mau", e Enã significa "Olhos delas". A tribo Naftali tem o nome "Competição". Todos estes nomes têm sentido religioso que pode ser relacionado com Cristo. Isto se vê até nos nomes mais obscuros como: "Meu Irmão é mau", o que mostra o amor de Cristo em se tornar irmão dos pecadores (Hb 2.11,12), e "Importuno", que mostra a perseverança na oração que Cristo ensinou pela parábola do amigo importuno, Lc 11.5-8. • **N. Hom.** Alguns dos aspectos da natureza de Deus que se enfatizam no Livro de Números: 1) A Fidelidade imutável de Deus, 23.19; 2) A Santidade de Deus, 20.12, e as prescrições que conservam a santidade do tabernáculo; 3) A Soberania de Deus, exercida sobre cada aspecto da vida e observada nas inúmeras prescrições exatas em muitos assuntos; 4) O Poder de Deus exercido sobre o paganismo e a superstição, observados na história de Balaão, caps. 22-24.

7.89 Moisés fala ao Senhor, e Deus ouve e atende a voz do Seu servo. • **N. Hom.** A grandiosidade do Ministério se vê no v. 89; 1) Está no Ministério da Intercessão - o Ministro leva as necessidades do seu rebanho diante de Deus; 2) Está no Ministério da Pregação - o Ministro traz para o seu rebanho a Palavra de Deus; 3) Está no Ministério da Fidelidade - o Ministro e o rebanho devem estar reunidos para a realização dos Santos propósitos de Deus.

8.2 *Defronte do candelabro.* Os pavios foram colocados na frente dos sete receptáculos do óleo, para que o santuário inteiro seja bem iluminado. Esta luz representa a obra da Igreja em testificar a graça divina, e em Ap 1.12-20 há uma descrição do próprio Jesus, como Sumo Sacerdote, cuidando das sete lâmpadas, as sete Igrejas na Ásia.

8.4 *Ouro batido.* Significa que o candelabro foi formado com um único pedaço de ouro, lavrado a marteladas. Traz à nossa memória o valor e pureza de Jesus Cristo, martelado na terra pela dor, pelo sofrimento, pela angústia sofrida em prol da raça humana. Só o ouro fica mais macio e belo ao ser martelado, os metais baixos não servem para isto.

8.5-26 A consagração e o ofício dos levitas no santuário, depois de serem escolhidos a preencher o lugar dos primogênitos de Israel. Veja Êx 13.2, 12, comparado com Nm 8.19.

• **N. Hom.** O oitavo capítulo nos ensina: 1) Ser o encarregado da luz é uma forma de serviço muito especial, vv. 1-4; Mt 5.14-16. 2) O serviço exige a consagração; 3) O serviço se baseia em sacrifícios; 4) O serviço exige a purificação; 5) Aqueles que apenas ficam em disponibilidade também estão servindo.

8.7 *A água do expiação.* Esta água se descreve em 19.1-10, cujas notas esclarecem a maneira pela qual aquela cerimônia simboliza a obra expiatória de Cristo, a Água da Vida.

8.10 *Os filhos de Israel porão os mãos.* Sinal da aprovação do povo, para a separação e consagração dos levitas no lugar dos primogênitos, identificando-se assim com os filhos de Israel. Os levitas deveriam servir ao Senhor desde os vinte e cinco anos até aos cinquenta. O início de sua função deveria ser precedida de um ato de purificação e de consagração de suas vidas ao Senhor. Compare Ez 36.25.

8.15 *Por oferta movida.* A palavra heb *Tenunfah* representa uma oferta que se abana perante o altar em sinal de dedicação voluntária: descreve bem a dedicação de uma vida, Rim 12.1.

8.19 *Para fazerem expiação.* Os levitas não podiam oferecer sacrifícios, o que era

privilégio dos sacerdotes, mas podiam fazer expiação pelo povo no ofertar dos seus serviços que, feitos em nome do povo, podem ser considerados substitutivos. Formavam, pois, a única exceção à regra de que "sem derramamento de sangue não há remissão", Hb 9.22.

8.24 *Vinte e cinco anos.* O censo para os serviços pesados era de trinta anos até cinqüenta; pode-se, portanto, considerar este período adicional de serviços leves iguais àqueles reservados para a aposentadoria, v. 26.

9.1-14 O suplemento da lei concernente à Páscoa. Todo judeu deveria observá-la, sob pena de ser excluído da comunidade israelita. Elementos da Páscoa: deveriam constar pão asmo, isto é, sem fermento; ervas amargas, como almeirão; e um cordeiro ou cabrito, cujos ossos não deveriam ser quebrados. O cordeiro pascal era a figura do Cordeiro de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, cujos ossos não foram quebrados, e cujo sangue foi vertido na Cruz do Calvário para a nossa redenção. Veja Jo 19.36. • **N. Hom.** O nono capítulo nos ensina: 1) A Páscoa era uma lembrança do passado uma realização do presente e uma antecipação do futuro. Assim também é a Ceia do Senhor, que contém o evangelho inteiro; 2) Os problemas e as dificuldades devem ser levados a Deus em oração, v. 8; 3) A orientação de Deus deve ser seguida a cada passo, seja no viajar, seja no esperar. O grande princípio é: "Segundo o mandado do Senhor", vv. 18, 19, 20, 23; cf. Jo 2.5; 4) A vontade divina para nós inclui o "onde" e o "quando", duas coisas que se revelam claramente aos fiéis que obedecem a Deus.

9.6 *Imundos.* Os sacerdotes não podiam se aproximar de um morto, a não ser no caso de um parente próximo, Lv 21.1-6.

9.8 Moisés não tentou estribar-se em sua própria sabedoria que, aliás, era grande: levou o assunto a Deus em oração.

9.10 O espírito da lei sempre tem mais valor do que a letra. O alvo da Lei é nos pôr em contato eterno com Deus, e Deus não deseja que algum impedimento técnico prive o homem das Suas bênçãos. Com o perverso, Deus se mostra firme e sério, especialmente quando se trata de desprezar as bênçãos que Deus derrama sobre os homens, v. 13. Veja Hb 6.4-6.

9.13 *Eliminado do seu povo.* Se isto parece ser muita severidade para tratar com alguém por faltar a um dever cerimonial religioso, é necessário não se esquecer do significado da Páscoa - o Cordeiro de Deus -, reconhecendo que quem não aceita o meio de salvação indicado pelo próprio Deus já se entregou à perdição, Mc 16.16; Jo 3.16-21, 36.

9.15-23 Este trecho revela a presença de Deus, e Sua preocupação para com o Seu povo a quem deseja guiar em segurança pelo deserto. • **N. Hom.** Este trecho, 15-23, nos dá os seguintes ensinamentos sobre nosso Deus: 1) É um Deus que acampa conosco, seja na forma de uma nuvem, no passado, ou seja pela presença do Santo Espírito, que é o caso nestes séculos depois do dia de Pentecostes; 2) É um Deus que exige fidelidade e obediência à Sua vontade; 3) É um Deus que deseja salvar: a nuvem e a coluna se comparam bem à Salvação e à Segurança que Cristo nos concede. Neste mesmo trecho, a Nuvem nos revela: 1) A amável onipresença de Deus; 2) A grandiosidade da Providência divina; 3) Revela que precisamos da atitude de obediência para recebermos as bênçãos de Deus.

10.1-10 As trombetas deviam ser tocadas segundo as regras estabelecidas para a convocação do povo, fosse para a paz, ou para a guerra. De maneira figurada podemos dizer que os ministros de Deus, ao alçarem sua voz, como de uma trombeta, mostram a vida e a morte pela pregação do evangelho, concitando assim o povo ao arrependimento e a fé no Filho de Deus. Veja Is 27.13, Jr 4.5; Ez 33.4, 5; 7-9; 1 Ts 4.16; Ap 8.2. Deus pretende que Seu povo seja ordeiro e unido no cumprimento de Seus mandamentos, 1 Co 14.8.

10.2 *Trombetas.* Heb *hatsotsrot*, um termo técnico especial, diferente daquele empregado para as trombetas tocadas no jubileu (*shofar* Lv. 25.9). • **N. Hom.** O décimo capítulo nos

ensina: 1) As trombetas eram duas e serviam para convocar os homens e para apelar a Deus, o que mostra a obra dupla do culto: a Pregação da Palavra e a Oração; 2) A mensagem de Moisés contida no v. 29 é apropriada para cada crente pregar, porque inclui o Testemunho ("Estamos de viagem"), o Convite ("Vem conosco"), a Promessa ("Te faremos bem") e o Motivo ("Porque o Senhor prometeu"). Este apelo, dividido em quatro partes, sempre estará nos nossos lábios se temos a mesma nítida e segura confiança em Deus que Moisés tinha; 3) As orações de Moisés incluíam petições: a) pela proteção de Deus durante o dia, e b) pela Sua presença durante a noite, vv. 35-36.

19.11 *Se ergueu*. O sinal visível da glória de Deus se ergueu para ir adiante dos israelitas em marcha não para abandonar o povo, como aconteceu com a glória do Shekinah depois de séculos de idolatria, Ez 10.18-22.

10.11-28 Israel em Marcha: não é mais uma marcha desordenada como na saída do Egito, mas sim tudo obedece a um sistema preestabelecido. Veja capítulo 2. A tenda da congregação ficaria no meio das tribos. À frente iam os materiais pesados do tabernáculo, de modo que, com a chegada dos coatitas, juntamente com o santuário, tudo já estaria preparado para a sua instalação.

10.29-33 Moisés convida seu cunhado Hobabe a guiá-lo pelo deserto. É provável que de fato acompanhara o povo, conforme se deduz de Jz 1.16; 4.11; 1 Sm 15.6. Parece-nos, entretanto, que este pedido poderia ser perfeitamente dispensável, conforme vv. 33, 34, 36. v. 33 fala pela primeira vez sobre a Arca da Aliança.

10.35 *Dissipados sejam*. Esta oração, que se refere às viagens dos israelitas pelo deserto, terá seu cumprimento absoluto, final e cósmico no Dia do julgamento, Sl 2.8-12, Mt 25.46, 2 Ts 2.8.

11.1 *Acendeu-se-lhe a ira*. Antes de Deus ter revelado Sua Lei e Sua Aliança no monte Sinai (Êx 19 e 20); a murmuração do povo foi tratada com menos severidade, Êx 15.22-27; 16.2-8. A mais plena revelação de Deus exige um comportamento melhor.

11.1-3 Israel murmura contra Deus e contra Moisés. Queixando-se contra o maná do céu, queria carne, quando tinham rebanhos em abundância, e, numa revolta de incredulidade, disse: "Quem nos dará carne a comer?", v. 4. Deus lhes satisfaz o apetite físico, mas suas almas emagreceram, Sl 106.15. Solene advertência aos Ministros de Deus: sempre haverá na Igreja de Deus os descrentes, que murmuram contra a Causa de Deus e tomam partido com os leais e fiéis; mesmo assim, os Ministros devem permanecer firmados em Deus, preocupados em fazer somente aquilo que Deus deseja. A igreja deve ser advertida a que haja maior união e compreensão da parte dos membros para com seu Ministro, para juntos colimarem os superiores propósitos do Reino de Deus. • **N. Hom.** Os vv. 1-10 nos ensinam por que não nos devemos queixar: 1) Porque isto revela uma falta de confiança em Deus; 2) Porque é falta de visão; 3) Porque nos traz grandes prejuízos; 4) Porque é a própria ingratidão.

11.6 Esta falta de fé, de obediência, de gratidão e de humildade mostra quão longe o povo ficara do agrado de Deus, Hb 11.6. • **N. Hom.** O décimo primeiro capítulo nos ensina: 1) O descontentamento é fruto da falta de fé em Deus, e constitui um perigo espiritual muito grave; 2) A influência dos de fora ("populacho" v. 4) pode influir na espiritualidade dos fiéis; 3) A vida espiritual dos homens que têm preocupações e fardos pesados facilmente sofre uma diminuição, mas isto não aconteceria, se houvesse mais apego às Promessas de Deus. Tg 1.5; 2 Pe 1.3-4; Is 4.3; 4) Deus revela misericórdia e compaixão aos Seus filhos errantes, 1 Rs 19.5-7; 5) Não se pode limitar nem monopolizar os dons do Espírito, v. 28; 6) O generoso se regozija ao ver evidências da presença do Espírito Santo na vida do seu próximo, v. 29.

11.7 *Maná*. A palavra é semelhante à expressão hebraica "Que é isto?". Este pão que Deus mandou dos Céus para Seu povo no deserto era semelhante à semente do coentro, com o sabor de farinha com mel, e de consistência resinosa. Este pão gostoso, milagroso e celestial, é figura de Jesus Cristo, Jo 6.48-50

11.10-15 Moisés também se queixa, refletindo a rebelião do povo nas suas próprias atitudes. Rebelar-se contra sua vocação que o levou a abandonar uma situação de conforto e de honra, para padecer privações e graves responsabilidades, e ainda por cima agüentar as injúrias de pessoas totalmente inferiores a ele. Queixa-se da própria vida, pecando assim contra Deus, vv. 10-15.

11.16 *Setenta homens*. A misericórdia de Deus se revela na ação de dar alívio ao Seu servo sobrecarregado. Estes setenta anciãos são apontados para ser líderes religiosos, assistindo no tabernáculo, cheios do Espírito (v. 17), portanto não devem ser confundidos com os "procuradores"; de Moisés que, em resposta a uma idéia moralmente humana, foram escolhidos para funções mormente cívicas, para ajudar nas questões fáceis, Êx 18.13-27.

11.16,17 Deus ordena a Moisés a escolha dos seus auxiliares, e sobre eles faz repousar o Seu Santo Espírito.

11.20 Deus envia carne, mas castiga a incredulidade e a dureza do coração do povo. Mostra amor, mas exercita a justiça. Comer *até sair pelos narizes* é comer até vomitar.

11.23 *A mão do Senhor*. Significa a parte ativa da personalidade de Deus. Sua atividade no mundo. Estas mãos são prontas a ajudar. São prontas a socorrer e consolar. São prontas a guiar.

11.29 Moisés, depois das, suas queixas apresentadas num hora má, vv. 10-15 e 21-22, revela sua volta à plenitude da comunhão com Deus, pela sua verdadeira humildade, e pelo seu zelo com vistas ao verdadeiro progresso espiritual do povo de Deus, em geral.

11.31 *Dois côvados*. Não se trata da espessura da camada de codornizes espalhadas pelo chão, mas sim que os pássaros esgotados pela migração estavam voando nesta altura (mais de um metro), e por isso mesmo eram uma presa fácil para os israelitas.

11.32 *Estenderam para si*. Cada pessoa pendurava as codornizes que recolhera, para deixar escorrer o sangue antes de comê-las.

11.33-35 Deus castiga os infiéis e concupiscentes. "Quibrote-ataavá" quer dizer "Sepulcros da Concupiscência", a morte dos maus.

12.3 *Manso*. A palavra *'Anãw* se refere aos pobres, simples e ignorantes, mas também às virtudes de humildade e de ternura, virtudes que Moisés tinha, tornando-o, pois, digno da sua vocação, e inocente das queixas levantadas contra ele. Esta mansidão ou humildade é uma virtude necessária para a vida cristã. É um exemplo digno de imitação, e traz suas recompensas. Aos que dizem que a humildade não permitiria a Moisés escrever isto a seu próprio respeito, respondemos que o dever de Moisés de transmitir uma parte da Palavra de Deus não se coadunaria com a modéstia que alterasse os fatos da história.

12.1-16 A murmuração de Miriã e de Arão contra Moisés. Os dois eram mais velhos que Moisés e, por pretensões em assuntos de família, estavam dispostos a desafiar a autoridade de Moisés. Deus, porém, não deixa de punir os que maltratam e desrespeitam Seus Servos. Compare Sl 105.15; Hb 13.17, Nm 12.9-14. • **N. Hom.** O décimo segundo capítulo nos ensina: 1) Os ciúmes entre os obreiros cristãos são tristes e perigosos; 2) O silêncio é a melhor resposta às acusações falsas; 3) O próprio Deus é o, melhor defensor. e campeão da Sua própria honra e da do Seu povo; 4) Deus pede, sobretudo, a fidelidade no Seu. serviço, H 3.1-6. "Muito bem, servo bom e fiel", Mt 25.23.

13.1-14 Os espias vão observar a Terra de Canaã, um acontecimento de grande importância, Comparando este trecho com Dt 1.20-25, parece que a idéia de mandar espias se originou com o povo, e que Moisés erradamente apoiou este plano. Deus condescendeu com o desejo do povo para revelar sua incredulidade e dureza de coração, pois já havia a promessa e a revelação sobre o tipo de terra que aquela seria, conforme Gn 15.18-21 e Êx 3.8.

13.4 Estes nomes não são os dos representantes das tribos que contaram o povo, 1.5-16, e que trouxeram as ofertas da dedicação 7.1-83. Este grupo não foi escolhido pela ordem de Deus, daí a resultado desastroso desta missão. • **N. Hom.** O décimo terceiro capítulo

nos ensina: 1) A falta de confiança do povo na Palavra de Deus foi a causa desta ordem divina de mandar os espias, pois Deus tinha prometido dar a terra ao povo sem perguntas nem qualificativas; 2) A diferença das atitudes dos Dez, vv. 27-29, e dos Dois, v. 30 e 14.6. Aqueles viram os gigantes e se esqueceram de Deus, e estes tinham uma visão de Deus, não temendo, portanto, aos gigantes; 3) O heroísmo da fé quando se confronta com dificuldades e perigos: "Certamente prevaleceremos contra ela", v. 30; 4) O hábito de sempre contemplar apenas o lado difícil de um assunto significa fraqueza, e gera dúvidas, descrenças, depressões e o próprio desespero.

13.16 *Josué*, o nome dado por Moisés a Oséias, filho de Num, significa "Deus é Salvação", a palavra hebraica que é traduzida pela forma "Jesus" no Novo Testamento. Oséias simplesmente significa "Salvação". Aliás, o próprio Josué é um tipo ou figura de Cristo, sendo que também tornou-se o salvador e libertador do seu povo, Js 1.1-9.

13.18 *Vede a terra*. Os motivos são duplos: é necessário ver as defesas do país para invadi-lo, e as condições de vida para saber se depois vai ser um lugar ideal para habitar.

13.21 É a totalidade da expansão de Canaã, 300 quilômetros; parece que para espiar tudo isto os espias separaram seus caminhos.

13.4 *Escol*. Esta palavra hebraica quer dizer "Cacho".

13.26 *Deram-lhes conta*. Neste relatório, ninguém quis negar o valor agrícola do território, vv. 26-27, mas a descrição das idades e dos seus habitantes, foi exagerada pela medo dos espias.

13.32 *Terra que devora os seus moradores*. Refere-se aos perigos das constantes guerras de destruição entre várias tribos e cidades naquela região.

13.33 *Anaque*. A palavra quer dizer "Colar" e se refere uma tribo de gigantes (*nefilim*) da qual Golias era descendente. • **N. Hom.** A resposta de Calebe, vv. 30-33, nos ensina três coisas acerca dos obstáculos na vida: 1) Sempre surgirão em nosso caminho; 2) Devemos ultrapassá-los; 3) Podemos vencê-los, se como Davi confiarmos no Senhor; os Golias serão derrotados e venceremos.

14.1-12 A apostasia do povo, em Cades-Barnéia. Indiferente a todos os milagres que Deus fizera por eles, os israelitas se rebelam contra Moisés e contra Deus. Murmurar parece ser o comportamento normal deste povo. Sua descrença se revela assim: "Oxalá tivéssemos morrido no Egito" v. 2; a voz da fé diz: "Subamos animosamente e possuamos a terra prometida", v. 8; 13.30. • **N. Hom.** O décimo quarto capítulo nos ensina: 1) Dentro de quinze dias, o povo poderia ter entrado no gozo que Deus preparara; a desobediência causou um atraso de quarenta anos, v. 34; 2) A nobreza do coração de Moisés, que em nada reputou sua própria glória, pensando só na grandeza de Deus, vv. 13-19; 3) O perdão que Deus concede nem sempre anula as conseqüências dos nossos atos pecaminosos, vv. 20-23; 4) O comentário inspirado deste capítulo se acha em Hb 3.7-4.13, com sua mensagem dupla: "Não endureçais os vossos corações", (3.7-4.2) e "Ouvi a sua voz", (4.3-13).

14.4 Pela primeira vez, a murmuração se revelou na forma de uma rebelião deliberada, uma volta à escravidão. É a atitude do cristão que às vezes sente que ser escravo do pecado, junto com todos os que o rodeiam, é mais fácil do que ser um arauto isolado da fé em Cristo e da vida santificada, com suas responsabilidades.

14.10 Apedrejar a seu Libertador é igual à ação dos judeus em crucificar seu Salvador, matando assim o Autor da vida, At 3.15.

14.11 A falta de fé, estragando todo bem que Deus quer fazer, é algo que inutiliza o ser humano de tal maneira que já é morto no pecado e merece a destruição, v. 12 "O meu justo viverá pela fé, e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma" (Hb 10.38-39).

74.13-19 Moisés intercede pelo povo, e Deus concede Seu perdão; proíbe-os, porém, de entrar na Terra Prometida.

14.17 A grandeza de Deus não se revela tanto no seu poder criador ou destruidor, mas sim no Seu amor, na Sua longanimidade: "Melhor é o longânimo do que o herói da guerra" (Pv. 16.32).

14.17-20 O Deus de Moisés: 1) É um Deus de Amor, é longânimo. 2) É um Deus Salvador, que perdoa aos rebeldes e pecaminosos. 3) É um Deus justo, não inocentando ao culpado. Conclusão: Sempre oferece oportunidade aquele que se volta para Ele.

14.22-25 Foi um grande pecado de Israel querer matar os vigias que foram fiéis a Deus e que protestaram contra a incredulidade.

14.35-37 A morte imediata dos espias obstinados e incrédulos, excetuando-se Josué e Calebe, que confiaram no Senhor. Só estes dois homens de fé sobreviveram àquela geração, para entrarem em posse da Terra Prometida, v. 38.

14.21-38 Deus condena e castiga o povo, pela sua obstinação e incredulidade. Aquela geração rebelde peregrinaria por 40 anos no deserto e não possuiria a terra, porque deliberadamente se rebelou e abandonou ao Senhor seu Deus, recusando-se a realizar os propósitos divinos para a vida da nação e do mundo inteiro.

14.39-45 O remorso tardio e inútil dos que não tiveram um arrependimento sincero fez que o Senhor não fosse com o povo, nem com Moisés, Seu servo, daí a derrota que sofreram em Hormá.

14.39 *Se contristou muito.* O povo tudo fazia, menos atender à Palavra de Deus. De infidelidade e descrença, o povo agora desenvolveu a imprudência, entregando-se à precipitação (vv. 40-45) que, como a murmuração, era mais um sinal de falta de comunhão com Deus. A ação feita sem Deus não podia prosperar, Sl 127.1.

14.45 *Hormá.* Quer dizer "Destruição", por causa desta derrota.

15.1-41 A regularização do culto ao Senhor, no que diz respeito às leis das ofertas, dos sacrifícios pelas pecados por ignorância, a punição à violação do sábado, e a lembrança das ordenanças através das borlas memoriais. • **N. Hom.** O décimo quinto capítulo nos ensina: 1) Os tristes resultados da desobediência de um membro do povo de Deus, 32-36; 2) O ensinamento, enfático que se deve aderir a todas as instruções de Deus; 3) "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo", Hb 10.31. Isto se vê nos vv. 32-36; 4) Três princípios da vida cristã: a Memória, o Testemunho e a Obediência se ilustram nos vv. 37-41. O crente é "um homem marcado" Gl 6.17.

15.2 *Quando entrardes na terra.* Uma afirmação do propósito divino em fazer o povo possuir a Terra Prometida. O período durante o qual os israelitas erravam pela segunda vez pelo deserto quase não se descreve aqui: há apenas algumas leis e a descrição da rebelião de Corá no capítulo 16. Estes anos não faziam parte do plano de Deus para com Seu povo, e temos que procurar muitos trechos da Bíblia para saber a história deste período: Dt 8.2-6; 29.5-6, Js 5.4-8; Ez 20.10-26; At 7.42-43. Aquela, velha e impenitente geração pereceria no deserto, mas seus filhos possuiriam Canaã. Nota-se, nesta expressão, um otimismo de confiança, um encorajamento da fé e uma prova da misericórdia de Deus.

15.11 Estas leis apontam para a época na qual o povo de Israel terá sua moradia na Terra Prometida. Já foram promulgadas para mostrar ao povo que as promessas de Deus são firmes, e ainda que aquela geração morra no deserto, a Palavra de Deus dura para sempre, v. 2; Is 40.8.

15.14 *Algum estrangeiro.* O pensamento normal entre os judeus é que estas pessoas não pertenciam ao povo de Israel, mas, sim, por vários motivos, quiseram tentar sua sorte aventurando-se com os israelitas; entre eles haveria alguns filhos de casamentos mistos (Lv 24.10). Estes, se são idênticos ao "populacho" mencionado em 11.4, são os que levaram os israelitas a se queixarem do maná que era o alimento provindo do próprio Deus, ao ponto de sonhar em "usufruir prazeres transitórios do pecado" (Hb 11.25). Mesmo assim, Deus fez tudo para atraí-los e convertê-los pela Sua Graça e Misericórdia, Rm 11.17; Rm 2.4.

15.15 Em Cristo vemos a vitória final desta lei: "Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus", Gl 3.28.

15.19 *Ao comerdes.* O ato de participar de qualquer bênção concedida pela graça de Deus também é a hora certa para Lhe oferecer ações de graças, consagrando a Ele a primeira parte do favor recebido.

15.24 *Por ignorância.* A história de Israel já mostrou muitas ocasiões em que o povo em peso temi pecado e se desviado por falta de instrução da parte dos sacerdotes profetas.

• **N Hom. 15.25** O sacerdote representa o Senhor Jesus Cristo, o único Sacerdote que é imortal, que tem livre acesso aos Céus e que é digno de expiar todo pecado, Hb 7.4-28. A expiação e a reconciliação que Cristo faz entre Deus e os homens, Ef 2.11-16. A oferta pelo pecado é o próprio Ofertante, Jesus Cristo, cujo sacrifício é único e perfeito, Hb 9.11-22; 2 Co 5.21.

15.27-30 Para os pecados de ignorância há sacrifício e há perdão, mas para o atrevido, contencioso e contumaz, não há perdão, Hb 10.26-27. Tal pecador nem pede perdão.

15.30 *Atrevidamente.* Refere-se ao pecado arrogante e deliberado, um, caso de rebelião aberta contra Deus, sem arrependimento.

15.31 Este tipo de pecado inclui a obstinação a injúria e à incredulidade; quem o pratica se insurge contra a Palavra de Deus, desacatando aos mandamentos divinos, injuriando o bendito nome de Deus, e, pior ainda, desprezando o amor de Deus que se revela na Bíblia inteira. É como o pecado descrito em Mc 3.29.

15.34 *Não estava declarado.* O povo de Deus já tinha recebido a instrução de que qualquer um que, no dia do sábado, fizesse algum trabalho, morreria (Êx 31.15), não se dizendo contudo como a pena haveria de ser aplicada. A resposta, porém, é que toda a congregação tomaria parte na execução (v. 35), porque a violação do sábado significaria o rompimento da aliança entre o povo e Deus, isto é, o sinal de ser Israel o povo de Deus, Êx 31.16-17.

15.37-41 As borlas memoriais eram borlas ou fitas azuis usadas nas franjas das vestes para ser um memorial dos mandamentos do Senhor, para que jamais sejam esquecidos. É semelhante ao memorial que Cristo deixou à Sua Igreja, Lc 22.19 e passagens paralelas. Em outras palavras, é o dever de todos observar os preceitos do Senhor, para que se tenha uma vida agradável a Deus e abençoada.

16.1-10 A rebelião de Corá contra Moisés, o ungido do Senhor. A causa: Corá e seus seguidores estavam cheios de inveja, de presunção, de atrevimento, de falsa religiosidade, de desrespeito para com a casa de Arão, porque esta fora escolhida por Deus para o sacerdócio, ao passo que a de Corá fora escolhida para o serviço do tabernáculo. Este é um dos pecados mais comuns na Igreja do Senhor, e se exprime em rivalidades, invejas e arrogância.

16.3 *Vos exaltais.* A acusação é séria, mas é claro que Arão não se atreveu a tomar a honra do sacerdócio para si mesmo, algo que nem o próprio Cristo fez, Hb 5.4-7. A hipocrisia de dizer que cada membro do povo é santo se revela claramente quando se considera a rebelião perpétua contra a mensagem de Deus cujo começo vem sendo descrito desde Êx 5.21.

16.12 Agora, Datã e Abirão começam a desobedecer o ungido do Senhor e a desacatá-lo, movidos pela inveja que tinham de Moisés. Estes dois se achavam no direito de liderar o povo, uma vez que eram descendentes do filho primogênito de Jacó, em oposição à própria vontade de Deus que já escolhera Moisés. Estes se juntaram a Corá, cuja insurreição eclesiástica contra Arão colabora bem com a insurreição política contra o governo de Moisés, que era o alvo de Datã e Abirão. Os três rebeldes eram falsos, hipócritas e fingidos em proclamar sua adesão ao Senhor.

16.14 *Nem tampouco nos trouxeste a uma terra que mana leite e mel.* Aqui se vê a ironia dos rebeldes, a descrença que revelaram desde o princípio. *Pensas que lançarás pó aos*

olhos. À ironia acrescentasse a insinuação de que Moisés é um embusteiro mentiroso.

16.17 Os rebeldes tentaram alegar m ativos religiosos para os seus mal-entendidos com Moisés e Arão, por isso mesma o teste seria o oferecer de incenso, um rito exclusivamente sacerdotal. Na epístola de Judas (11), Corá aparece juntamente com Caim e Balaão como um líder de heresias, nomes que simbolizam o assassinio de santos, a profecia falsa em proveito próprio, e a ambição pela autoridade eclesiásticas.

16.20-40 Os rebeldes são destruídos, porque se levantaram contra o ungido do Senhor, e automaticamente contra o próprio Deus, pois se opunham a autoridade legitimamente constituída por Deus.

16.21 Deus vindica o sacerdócio que Ele mesmo estabelecera, já que era na obra sacerdotal que jaziam os planos de Deus para com Seu povo escolhido, obra cumprida por Jesus Cristo.

16.24 *Levantai-vos.* Deus sempre chama Seu povo a se separar de tudo aquilo que contenha pecado; a santificação inclui a idéia da separação das coisas mundanas, 2 Co 6.14-18.

16.27 A atitude dos rebeldes foi de desafio e de arrogância, e o resultado trágico desta atitude foi sofrido também pelos seus familiares. O pecado e seu castigo sempre ameaçam os entes queridos do pecador.

16.33 Desta maneira perecerão os que não obedecem ao evangelho do Senhor Jesus Cristo, 2 Ts 1.8-9. Aqueles cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida perecerão, Ap 20.15; Rm 6.23; Sl 37.10. • **N. Hom.** O décimo sexto capítulo nos dá cinco ilustrações: 1) Corá. O pecado da soberba pelo qual não havia sacrifício expiatório (15.30) tem um efeito sério sobre outras pessoas, como é o caso de muitos outros pecados; 2) Moisés. A consciência da inocência que, com fé e humildade, pode entregar seu caso às mãos de Deus; 3) Deus. A intervenção em prol dos Seus servos, da Sua Palavra e da Sua Glória (Sl 105.14-15); 4) O Povo. A simpatia oculta para com as coisas do pecado, que logo se revelou no apoio que deram a Corá apesar de tudo que acontecera (41.50); 5) Arão. A mediação sacerdotal pondo-se de pé entre os mortos e os vivos, que é a obra que Cristo completou, e, até certo ponto, é a obra na qual cada crente é chamado para tomar alguma parte, em virtude da sua união com Cristo (46-48).

16.41-50 Novo tumulto contra Moisés e Arão. Agora a revolta é do povo em geral, mas Deus intervém Com justiça e lealdade em favor dos Seus ungidos, livrando-os da inveja da inveja e da prepotência dos seus opositores. Com a intercessão de Arão e de Moisés, o próprio povo hostil é salvo da destruição total.

16.43 O aparecimento da Glória do Senhor é como um convite para Seus servos se aproximarem, mas para os infiéis a Glória se revela como um fogo devorador (2 Ts 1.8).

16.46 Moisés logo sentiu que a praga começara. Como pastor do povo de Deus, não hesitou em chamar a Arão o sacerdote, para que ambos tivessem sua parte em interceder pelo povo. *O fogo do altar* é aquilo que consome o sacrifício, e torna o incenso em fumaça. Da mesma maneira, é só no poder do sacrifício de Jesus Cristo que as orações dos crentes têm livre acesso ao trono da graça de Deus. O incenso ilustra a oração da fé (Ap 5.8). *Vai depressa à congregação.* É isto que Jesus Cristo fez, na plenitude da tempo (Gl 4.4); morreu por nós, sendo nós ainda pecadores (Rm 5.8), amando assim a congregação rebelde (Jo 3.16).

17.1-13 A confirmação da autoridade de Arão como Sacerdote. Nesta ocasião ficou claro que o sacerdócio ficaria restringido unicamente à sua família e aos seus descendentes.

17.2 *Doze bordões.* A palavra "bordão", em heb, é igual à palavra "tribo", e daí a necessidade de se usar "*as casas de seus pais*" para representar as doze tribos. Já que a tribo de Levi foi representada, José teria que contar como uma tribo única, e não ser dividido entre os seus dois filhos, Efraim e Manassés. • **N. Hom.** O décimo sétimo capítulo nos lembra: 1) Só Cristo é o Sacerdote Divino (Jo 14.6; At 4.12); 2) Só Cristo possui a verdadeira vida, cuja vitalidade e frutos espirituais se fundamentam na Sua ressurreição

de entre os mortos. 3) Cristo é o único Sacerdote que vive para sempre, testemunhando ao homem e sendo por ele reconhecido e adorado (Rm 1.4; Hb 7.26).

17.8 O florescimento do bordão de Arão confirma a sua autoridade e a sua aprovação da parte de Deus. Podemos ver aí uma figura de Cristo que, apesar de ser rejeitado pelo povo, foi aprovado por Deus para ser nosso eterno Sumo Sacerdote (At 4.11; Hb 7.22-28). Este florescimento do bordão é também uma figura da ressurreição de Cristo, porque todos trouxeram um bordão morto e Deus deu vida ao bordão de Arão, assim também todos os autores de outras religiões têm perecido, mas o Cristo ressuscitado é o Sumo Sacerdote eterno nos Céus, sempre vivo, sempre prestes a interceder por nós pecadores (Hb 4.14-16; 1 Tm 2.5-6; Ap 1.17-18).

18.1 *Levareis sobre vós a iniquidade.* Uma figura de Cristo (1 Pe 2.24).

18.1-32 Este trecho descreve a responsabilidade sacerdotal da família de Arão acima daquela dos demais levitas.

18.7 *Por ofício como dádiva.* O serviço religioso longe de ser uma servidão imposta aos crentes, é um galardão, é uma alegria, é um dom gracioso. O estudo das coisas de Deus, a meditação que se faz em torno da Sua Palavra, longe de ser um dever religioso, é um alívio que torna tudo na vida mais fácil de agüentar e de vencer poderosamente pela presença real de Jesus Cristo.

18.10 *No lugar santíssimo.* A expressão hebraica é igual àquela usada para o Santo dos Santos; onde ninguém podia penetrar, a não ser o Sumo Sacerdote uma vez por ano. Aqui quer dizer "num lugar muito santo" e, portanto, só dentro do tabernáculo.

18.14 Aqui estamos percebendo qual é o fonte de renda da tribo de Levi. Os sacrifícios ofertados são também para alimentar os sacerdotes, as primícias delicadas à casa de Deus são para os servos da casa, e qualquer objeto separado para ser propriedade do tabernáculo também passa a pertencer a essa tribo. Se o próprio Deus é a porção e a herança dos seus servos, (20) é claro que Deus não os desampará nas suas necessidades físicas e terrestres. • **N. Hom.** O décimo oitavo capítulo nos ensina: 1) A possibilidade de pecar até no mais sagrado serviço; 2) O privilégio maravilhoso de representar os homens perante Deus; 3) A responsabilidade do serviço religioso; 4) O dever de sustentar o ministério (1 Co 9.13-14); 5) A gloriosa situação do povo de Deus: "Eu sou a sua porção e a tua herança" (20; Sl 16.5; Ez 44.28; Tt 2.14). Assim como os sacerdotes eram a possessão especial de Deus, assim também Deus era a possessão especial dos sacerdotes. Isto lhes dá a segurança, a suficiência e a satisfação.

18.19 *Aliança perpétua de sal.* Isto é, um pacto inviolável e indissolúvel (Jr 33.18-22).

18.20 *Nenhuma porção terás.* Esta ressalva esclarece que os sacerdotes não iam se enriquecer com as ofertas descritas nos versículos anteriores; eram bens e comidas para serem gastos no decurso do próprio sacerdócio, coisas das necessidades diárias. *Eu sou a tua porção.* Aquilo que podiam armazenar era tesouro eterno.

18.24 A finalidade do dízimo é a manutenção do ministério da Palavra, dos que servem ao Senhor através da sua obra missionária e da educação ministerial. O sustento do levita e do sacerdote vinha do dízimo oferecido ao Senhor.

18.26-28 Por sua vez, os levitas teriam que dar o dízimo ao Sumo Sacerdote, pelo seu ministério específico. Essas ofertas são tiradas daquilo que o sacerdote realmente tem (2 Co 8.12).

18.29 O povo é conclamado a dar o melhor, nos seus dízimos e ofertas, ao Senhor. Estas ofertas são para o provento material da Causa de Deus, tal como os bens de móveis e imóveis e as demais despesas materiais da Causa de nosso Deus na terra. Isto significa oferecer o melhor para Deus: 1) O melhor dos dízimos; 2) O melhor das ofertas; 3) O melhor dos nossos dons: Deus merece o melhor de tudo quanto somos e possuímos.

18.30 *Como se fosse produto.* Será contado por renda normal da tribo, tão merecida como no caso das tribos que mantêm fazendas e territórios, e ganham despojos de guerra, e lucros do comércio e da indústria, das exportações e da mão-de-obra.

18.32 *Não profanareis as coisas sagradas.* Dinheiro e bens oferecidos para a Causa de Deus têm que ser usados dentro daquilo que o próprio Deus ensinou, senão, dá-se o caso de roubar ao Senhor. O ministro, cujo salário vem das ofertas do povo, pode e deve cuidar da sua saúde e do seu lar, mas sempre lembrando que é mordomo dos bens consagrados a Deus.

19.1-22 Este trecho descreve o rito da purificação de todo aquele que tocar em coisa imunda, animal ou homem morto. • **N. Hom.** O décimo nono capítulo nos ensina: 1) A solenidade da morte, Rm 6.21. A morte sempre significa a separação: a) a morte física é a separação da alma, do corpo; b) a morte espiritual é a separação da alma humana de Deus; c) a morte eterna é a eterna separação da alma e do corpo humanos de Deus. 2) Os grandes princípios da vida espiritual são: a contaminação pelo contato e a purificação pela separação (2 Co 6.17); 3) O significado espiritual especial do Antítipo, Jesus Cristo. Este sacrifício nos ensina que a água não é suficiente para a purificação, e a novilha vermelha, um tipo de Cristo aponta para a purificação daquilo que foi contaminado (Hb 9.13-14). Cristo, morrendo e ressuscitando, purificou os homens de toda a contaminação que causa a morte, e da contaminação que seque à morte.

19.2 A novilha vermelha tipifica Jesus Cristo segundo a interpretação notável em Hb 9.13-15. Assim como a novilha era sacrificada fora da porta da cidade, para com seu sangue purificar os fiéis, assim foi com Cristo (1 Jo 1.7-9; Hb 13.12-13; 9.11-14).

19.9 A cinza da novilha, com água, purificava os que pecavam, não à semelhança do pecado de Corá, mas dos que se arrependiam por alguma contaminação. Nosso meio de purificação é a confissão diante de Cristo (1 Jo 1.9).

20.1 *Ali morreu Miriã.* A primeira a morrer dos três irmãos, Miriã, Arão e Moisés, que foram escolhidos por Deus para dirigir o povo de Deus. É possível que tenha sido a própria Miriã quem salvou Moisés quando este, ainda bebê, estava às margens do rio Nilo (Êx 2.7). Esta foi profetisa do Senhor, e dirigiu o Coro que louvou a Deus pela travessia do Mar Vermelho (Êx 15.20, 21). Quando, juntamente com Arão, se opôs a, Moisés, foi castigada com a lepra por este desrespeito, mas graças à intervenção de Moisés diante de Deus foi, curada (Nm 12.16). Foi sepultada no deserto de Cades.

20.2-13 O pecado de Moisés, que foi provocado pelo povo a uma atitude de descrença e de desrespeito para com a ordem de Deus (12).

20.8 A rocha aqui é uma figura de "Cristo (1 Co 10.4). Foi ferido uma vez para nós e agora só resta a oração da fé, pela qual entramos em contato com Ele. A rocha já tinha sido ferida uma vez (Êx 17.6), e daí o significado especial de apenas *falar* para a Rocha.

20.9-11 O erro de Moisés foi tríplice: 1) Seu mau humor em chamar os israelitas de "rebeldes", quando o próprio Deus mandara-lhe apenas a lhes trazer refrigerio; 2) Sua sugestão que a água dependia do poder dele e do de Arão (10); 3) Feriu a rocha quando a ordem divina era falar à rocha (8; Sl 106.32-33).

20.12 *Não crestes em mim para me santificardes.* O comportamento acima não reflete a atitude de um homem que reflete o amor de Deus.

20.13 *Águas de Meribá.* Meribá quer dizer "Contenda"; apesar da rebelião do povo, Deus foi santificado pelo milagre, e foi glorificado.

20.14-21 O rei de Edom, descendente de Esaú, irmão de Jacó, quer impedir a marcha vitoriosa dos israelitas (Gn 10.21-31; 25.30). • **N. Hom.** O vigésimo capítulo nos ensina: 1) O perigo da incredulidade. A nova geração foi tão pecaminosa como a antiga, e mesmo depois de tudo aquilo que Deus fizera, não tinham fé nele; 2) O perigo da desobediência. Até os filhos de Deus podem errar, e Moisés aqui revelou uma falta da humildade que, normalmente era uma virtude que possuía. A parte mais triste disto foi a falsa impressão que deu da natureza de Deus, Assim o crente pode pecar até hoje; 3.) O perigo do desânimo. A recusa de Edom foi, sem dúvida, um golpe severo. Mas Davi já nos ensina a atitude correta em circunstâncias semelhantes: "Davi se reanimou no Senhor seu Deus" (1 Sm 30.6); 4) O perigo da desconfiança. A vida de Arão foi marcada por uma grande

fraqueza que causou sua derrota, não colocou Deus em primeiro lugar na sua vida. Sua falta de fidelidade (10) o deixou fora de Canaã (24).

20.24 A morte de Arão, irmão de Moisés e Sumo Sacerdote de Israel. Arão falou ao Faraó em nome de Moisés (Êx 4.30; 7.2, 9); sustentou os braços de Moisés (Êx 17.12); viu a glória do Senhor (Êx 24.1-10); pecou contra Deus ao fazer o bezerro de ouro (Êx 32); foi escolhido para fundar a família sacerdotal (Êx 28.40). Passou 40 anos como Sacerdote. O pacto de Deus com a família sacerdotal se descreve em Nm 16.17. Seu pecado em Meribá (20.12) lhe tirou o direito de entrar na Terra Prometida; Sua idade, ao morrer, se calcula em 123 anos. Na mesma hora, seu filho Eleazar tinha que prosseguir na obra sacerdotal; o povo chorou a sua morte (29).

21.1-3 A vitória dos israelitas sobre o rei de Arade, um cananeu.

21.4-9 A serpente de bronze que tipifica Jesus Cristo, feito pecado por nós, para nos salvar (Jo 3.14-15). Olhar e viver era a mais simples representação da fé singela. "Ver" aqui é esperar dele, depender dele, crer nele. Como ilustração, podemos dizer que a serpente é o pecado que requer o juízo de Deus. A haste lembra a Cruz de Cristo, onde foi oferecido substitutivamente para nos salvar: todos os que olharem para Ele com fé receberão dele a salvação e a vida (Rm 8.3; 2 Co 5.21). Esta serpente de bronze, que tinha que ser guardada como lembrança da misericórdia de Deus, foi usada mais tarde como objeto de idolatria, pelo que o Rei Ezequias a despedaçou e a chamou Neustã, isto é, "pecado de bronze" (2 Rs 18.4). • **N. Nom.** O olhar que salva, descrito no v. 9: 1) É o olhar que vê o pecado a ser curado; 2) É o olhar que vê o Salvador; 3) É o olhar que espera somente no Filho de Deus, seu substituto, na cruz.

21.14 O *livro dos Guerras do Senhor*. Deveria ser um livro antiquíssimo de grande valor político e histórico, possivelmente da autoria de Moisés, cheio de baladas históricas e religiosas. O livro já não existe há milhares de anos. • **N. Hom.** O vigésimo primeiro capítulo nos ensina: 1) O segredo da vitória, que aqui foi tríplice: vv. 1-3; 21-32, 33-35. Tais vitórias são possíveis, mesmo depois de muitas derrotas, na condição de haver fidelidade a Deus, e são ganhas pela coragem e pela fé, v. 34; 2) O desânimo, muitas vezes, surge devido à severidade dos caminhos da vida, e pela sua duração, mas nem por isso deixa de ser uma constante brecha para o pecado; 3) Essa história das serpentes nos dá ilustrações: a) do pecado; b) do sofrimento; c) da tristeza; d) da súplica; e) da salvação, Jo 3.14; 2 Co 5.21. O olhar da fé é singelo, porém salvador.

21.17 *Este cântico*. É, talvez, mais um fragmento poético do livro das Guerras do Senhor, v. 14.

21.18 Com o cetro, Talvez queira dizer: "pela sua autoridade"; o incidente explica o nome Beer, que quer dizer "Poço".

21.21-30 A vitória do povo de Deus sobre Seom, rei dos amorreus. Os amorreus não formavam uma nação, mas eram nômades que, às vezes, conseguiram obter certos territórios. Seom seria apenas um entre os muitos líderes amorreus, e sua moradia na época da invasão deve ter sido as montanhas pelas quais o rio Jordão passava. É a porção que Gade e Rúben mais tarde pediram (32.1-32). Este território consta nos mapas como território de Moabe, porque era dos moabitas, dos quais os amorreus tinham tomado esse trecho de terra (26), que logo depois caiu na mão dos israelitas.

21.27 *Os poetas*. Devem ser os poetas amorreus, que falavam uma língua semelhante ao hebraico dos israelitas. As cidades mencionadas mostram os termos e as capitais da terra de Moabe, e a palavra Camos no v. 29 é o nome da divindade local, Quemós. Embora este território fizesse parte da Terra Prometida, Moisés apenas quis atravessá-lo pacificamente (22), querendo prosseguir a travessia do Jordão para manter a nação unida (32.7, 14-15).

21.31-35 A vitória sobre o rei de Basã. Basã é o nome do território que fica ao norte dos amorreus que veio a ser conquistado pelos israelitas e que mais tarde seria a parte mais preciosa da porção da tribo de Gade e da tribo de Rúben. Pertencia aos amonitas,

descendentes de Ló, sobrinho de Abraão (Gn 19.36-38). Forma a mais rica parte do território chamado Gileade, bom para o gado. Este rei nem quis saber de mensageiros e já saiu à batalha. • **N. Hom.** As tentativas de barrar o caminho do Povo de Deus para a Terra Prometida são sugestões das ciladas que Satanás lança contra os crentes para que não entrem no gozo do Senhor, engendrando aflições aos crentes para que não sintam a plenitude da vida que Cristo deseja lhes dar aqui na terra, e pelas insinuações ao pecado, esforço inútil para lançar o crente no castigo eterno.

22.1-41 Princípio da história de Balaque e Balaão. Balaque é o rei moabita que chamou a Balaão, falso adivinho e profeta mercenário, para amaldiçoar o povo de Deus. Balaão é descrito como o mercenário que negociava com seus dons em Jd 11. A doutrina de Balaão era que o povo não podia ser amaldiçoado contra a vontade divina; poderia, entretanto, ser corrompido (31.16; Ap 2.14; Tg 4.4). O resultado se vê em 25.1-2. • **N. Hom.** O vigésimo segundo capítulo nos ensina: 1) O triplo testemunho de Balaque: a) do Povo de Deus, v. 3; b) à religião, ao mandar buscar Balaão ao invés de guerrear contra Israel, v. 5; c) da inutilidade da idolatria, já que nela não achará poder algum, v. 6. 2) O triplo conflito de Balaão: a) entre o Conhecimento e a Vontade, sendo que Balaão conhecia quem era Israel, mas mesmo assim queria ganhar seu salário, v. 7; b) entre o Desejo, e a Consciência: a cobiça venceu apesar da vontade divina ter sido claramente revelada, v. 12. Note-se a maneira incompleta de Balaão em citar a mensagem de Deus, v. 13; c) entre a Obediência e a Voluntariedade. Por que, tendo recebido uma proibição nítida, quis saber o "que mais o Senhor diria", v. 19. Nunca surgem novos mandamentos até que venham novas circunstâncias. 3) A tripla reprovação divina: a) até a permissão que Deus deu foi uma reprovação da fraqueza de Balaão, v. 20; b) a palavra divina já tinha sido pronunciada v. 12; c) as circunstâncias que Deus impõe para dificultar o caminho do pecado muitas vezes nos revelam nosso erro, vv. 22-26.

22.7 *O preço dos encantamentos.* Balaão estava sendo contratado como mágico, havendo, na época, a crença popular que o próprio fato de um profeta prenunciar algo traria a efeito profetizado.

22.12 *É povo abençoado.* Balaão tinha religião suficiente para ficar sabendo a verdadeira vontade de Deus, mas isto não quer dizer que sua voluntariedade sempre o deixaria seguir pelos passos que sabia ser os da vontade divina. Veja as notas sobre o falso profeta descrito em 1 Rs 13.11-32. A Palavra de Deus é clara e simples, e fica complicada apenas para aqueles teólogos que querem ensinar o povo a fugir dos seus preceitos, sendo instrumentos na mão de Satanás para levar muitos a rejeitar as maravilhosas promessas de Deus que são a herança eterna dos que crêem.

22.17 *Farei tudo o que me disseres.* O profeta é convidado a estipular seu salário e as honras que quer receber.

22.23 Uma jumenta tem mais visão do que um homem cego pela cobiça. A ira de Deus tomou a forma de um Anjo armado; esta ira se inflamara porque Balaão, tendo a intenção de obedecer a Deus pela letra, iria perverter o espírito da vontade divina, 31.16.

22.28 *Fez falar a jumenta.* Para Deus nada é impossível, e está pronto a falar por milagres se a falta de fé que os homens têm exige revelações extras. O apóstolo Pedro ensinarmos que este milagre impediu os intentos do profeta de amaldiçoar Israel, 2 Pe 2.15-16.

22.32 *Como teu adversário.* Deus é o adversário de todos os nossos pecados, e com Ele temos que entrar no pacto evangélico enquanto estamos no caminho desta vida terrestre, Mt 5.25.

22.35 *Aquilo que eu te disser.* Deus vence os intuitos malignos dos homens. A própria perversidade de Balaão seria tornada em fonte de bênçãos, o que não inocenta este profeta, Rm 3.5-8.

22.36 Este encontro simboliza o poderio cívico e o poderio eclesiástico colaborando para restringir os verdadeiros crentes.

22.41 Bamote-Baal. Quer dizer "os lugares altos de Baal"; era, portanto, um monte consagrado à adoração das divindades pagãs.

23.3 O que me mostrar. Balaão sabia que só podia falar aquilo que vinha de Deus, mas parece que estava utilizando estes ritos no sentido de agouros (24.1) ou encantamentos, isto é, métodos que a magia pagã usava com intuito falso: de tentar mudar a vontade de uma divindade.

23.4 Deus. Aqui, a palavra hebraica é *Elohim* que é o título de Deus como criador de tudo, capaz, portanto, de se comunicar com o espírito de um profeta que não era da Povo Escolhido.

23.5 O Senhor. Aqui, o nome de Deus Jhwh (Jeová), o Deus que se revela como Redentor dos que nEle crêem; a mudança de nome é significativa, pois aqui se seguem as profecias que apontam para o Messias, o Senhor Jesus Cristo, o Redentor Eterno. • **N. Hom.** O vigésimo terceiro capítulo nos ensina: 1) Os desejos cobiçosos dominam as ações: o esforço de Balaão para ganhar o prêmio se vê nos vv. 1, 15 e 29; 2) A impossibilidade dos esforços humanos alterarem a vontade de Deus - aquilo que é direito sempre permanece direito; 3) A necessidade de obediência a qualquer custo, mesmo contra a nossa própria inclinação; 4) A futilidade de mostrarmos desejos piedosos quando nosso comportamento está longe de ser piedoso, v. 10; 5) A glória do povo de Deus: a) sua separação do mundo, v. 9; b) seu número, v. 10; c) sua retidão, v. 21 (no sentido de Deus não lhe imputar o pecado, Sl 32.1-2; Gl 3.27; Fp 3.9); d) sua proteção, concedida por Deus, v. 21; e) seu poder, vv. 21-22, que emana de Deus; f) sua prosperidade, vv. 23-24.

23.8 Como posso. Ao homem é impossível amaldiçoar a quem o próprio Deus abençoou, Gn 12.3.

23.10 Quem contou o pó de Jacó? Isto é, a descendência de Jacó seria tão incansável como é o pó da terra, que seria o cumprimento da promessa divina feita a Abraão, Gn 12.2, 13.6.

23.15 Ao encontro do Senhor. O hebraico apenas diz: "ao encontro"; Balaão não conhece a Deus pessoalmente, pela Sua revelação total; só O conhece como poder sobrenatural, v. 5 com nota.

23.19 Em versos, em dois pares de paralelismos, ensina-se que Deus não voltará atrás naquilo que pronunciou, e que tem poder para cumprir totalmente tudo aquilo que na Sua Palavra prometeu. Por Si mesmo jurou que vai redimir Seus eleitos e cumprir as suas esperanças, Hb 6.13-20; Rm 4.21. Prometeu aceitar todos quantos vêm para Ele, dando-lhes a vitória sobre o pecado e a ressurreição gloriosa de entre os mortos. Deus não mente Tt 1.2.

23.20 Recebi ordem. Muitas vezes as bênçãos de Deus são administradas por instrumentos humanos. Muitos crentes são despertados e edificados por evangelistas, pastores e ensinadores cristãos. • **N. Hom.** Versículos 21-24 revelam nove bênçãos que Deus concede ao Seu povo: 1) A Justificação: *Não viu iniquidade*; 2) A Comunhão com Deus: *o Senhor seu Deus esta com ele*; 3) A Vitória: *aclamações ao seu Rei*. Pela fé o crente tem a vitória sobre o mundo e aprende a aclamar Cristo como Vencedor em tudo 1 Jo 5.4; 4) A Redenção: *Deus os tirou do Egito*. O verdadeiro Israel foi redimido em tudo, Gl 3.13; Tt 2.14; Os 13.14; 5) A Força: *como as do boi selvagem*. Esta força provém de Cristo; Ef 6.10; 6) Imunidade às Artes do Diabo: *não vale encantamento*. Veja 1 Jo 5.18; 7) Ser Parte do Plano de Deus: *Que coisas tem feito Deus*; 8) A Invencibilidade *se ergue como leão*. Cristo, o Leão da tribo de Judá, Ap 5.5, leva os propósitos do Seu povo ao sucesso final; 9) O Descanso Final: *não se deita até que devore a presa*. Veja Rm 16.20; 6.14; 1 Co 15.26.

24.1-14 Nesta terceira profecia, o próprio Balaão se deixou convencer, v. 1, dispensou a magia e começou a ter uma experiência mais profunda da vontade divina, profetizando com grande fervor, mas aquilo que serve para inspirar os fiéis sempre é um tropeço e

uma ofensa aos pagãos, como se vê na reação de Balaque, v. 10. • **N. Hom.** O vigésimo quarto capítulo nos ensina: 1) Quanta relutância há em reconhecer a verdade, v. 1; 2) Palavras finas com desejos baixos acompanham ações indignas; 3) O julgamento bíblico desses acontecimentos se lê em Dt 23.5; Js 13.22 e 24.10; Mq 6.5; 2 Pe 2.15-16; Jd 11; Ap 2.14; 4) Os característicos do Messias, vv. 17-19: o esplendor (a estrela); a realeza (o cetro), v. 17; a vitória (ferirá); a possessão, v. 18; e a autoridade ("o dominador") v. 19.

24.9 *Benditos os que te abençoarem.* Israel faz parte da bênção dada a Abraão, Gn 12.3, e tudo se cumpre finalmente em Cristo (Gl 3.16). • **N. Hom.** Esta terceira bênção (vv. 3-9) nos ensina: 1) O poder do Espírito Santo em inspirar até os desobedientes a levarem avante os propósitos divinos, v. 2 e Jo 11.49-52; 2) Esta inspiração vem em palavras ditadas pelo próprio Deus, v. 4, que é o caso da Bíblia inteira; 3) Aquilo que faz que uma pessoa ou uma nação seja considerada boa é o fato de estar viajando no caminho que Deus lhe indica, v. 5; 4) O reino eterno de Deus é a herança dos fiéis, Dn 7.22; 5) Aos fiéis pertence a bênção de Deus que vale para o tempo e para a eternidade, v. 9.

24.16 *Porém de olhos abertos.* Muitos profetas pagãos caíram em transe, mas Balaão ainda conservava seus poderes mentais neste dado momento.

24.17 Esta visão se refere à vinda de um Personagem num futuro distante: *uma estrela* é Cristo, que ilumina todo o sentido da vida e da religião, 2 Pe 1.19. *Um cetro.* Primeiramente, é Davi, cuja vitória sobre Edom se descreve em 2 Sm 8.2, 14, mas depois, é o Filho de Davi de Quem Davi não passa de um mero precursor, Jesus Cristo, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. • **N. Hom.** O vigésimo quinto capítulo nos ensina: 1) Os Aspectos do Pecado: a) a vitória, que se ganha no setor material pode causar a derrota no aspecto espiritual: Israel venceu o direito de morar nas campinas de Moabe (22.1-24.25), mas logo sucumbiu às tentações do ambiente pagão, 25.1; b) associação significativa entre os pecados da prostituição e da idolatria vv. 1-2; 1 Co 6.13-20; c) As terríveis possibilidades do pecado espalhar-se, mesmo entre o povo de Deus; d) "O salário do pecado é a morte", Rm 6.23; 2) Os aspectos da Expição: a) Tem por base um zelo pela glória de Deus, v. 13; Hb 10.5-10; b) revela a retidão de Deus Rm 3.21-26; c) demonstra a atitude de Deus para com o pecado; d) é a própria Redenção, a Salvação por intermédio de um Substituto.

25.4 *Toma todos os cabeças do povo e enforca-os.* Isto porque pecaram contra o Senhor. Israel é seduzido à prostituição e à idolatria por causa do iníquo conselho de Balaão 31.16.

25.6-15 Mostra o zelo de Finéias e como ele expiou o pecado do povo, v. 13. Por este gesto de zelo, Deus confirmou, com concerto de paz, o sacerdócio que já tinha confiado à família de Arão.

25.8 *Então a praga cessou.* A retidão de Finéias, futuro sacerdote do Israel, executou a justiça, Sl 106.30, e fez cessar a maldição que, causada pela idolatria do povo, se atribuiu ao conselho de Balaão que, segundo as tradições israelitas, foi a causa dessa prostituição com a filhas dos moabitas, v. 1; Ap 2.14, 20; Nm 31.16. A retidão perfeita de Cristo afasta o julgamento merecido por nós, os que nele cremos.

25.11 *Meu zelo.* Este ato de Finéias revelou que ainda havia entre o povo quem mostrasse zelo pelas coisas de Deus, zelo em vindicar a retidão. Por isso, Deus reconheceu seu ato, ao ponto de o considerar um ato de expiação (v. 13), aliás, a única ocasião descrita do Antigo Testamento na qual um ato, individual, não prescrito pela Lei, foi aceito como uma expiação, que escudou o povo contra a ira de Deus (Sl 106.31).

25.1,8 O paganismo ao redor de Israel sempre levava o povo de Deus à idolatria. O mundanismo ao redor da Igreja sempre quer levá-la ao caso de *Peor* e ao caso de *Cosbi*, ou seja, à impureza da carne e do espírito, 2 Co 7.1.

26.1-65 O segundo recenseamento do povo. É interessante notar que, a despeito de toda maldade e dureza de coração do povo, Deus o susteve e multiplicou-o no deserto de maneira que a nova geração, mesmo depois da perda de 24.000 (25.9), foi tão grande

quanto aquela que pereceu no deserto. • **N. Hom.** O vigésimo sexto capítulo nos ensina: 1) As conseqüências do pecado: o censo descrito no primeiro capítulo seria aplicável à entrada de Canaã, se não fosse o pecado que destruiu o povo que Deus estava para levar à herança prometida; 2) O novo começo. Seja nosso passado como for, devemos começar de novo, vencendo pela graça de Deus; 3) "O Senhor conhece os que lhe pertencem", 2 Tm 2.19. É uma consolação e uma alegria saber que nenhum de nós foi esquecido por Deus, cada um sendo registrado na Sua presença, Sl 87.6; Is 43.1; 49.15-16; Lc 10.20.

26.11 *Mas os filhos de Corá não morreram.* Devem ter obedecido a Moisés na última hora, fugindo do tabernáculo que seu pai e os rebeldes tinham construído, 16.26-27, e assim foram salvos, segundo a misericórdia de Deus para com todos os que se arrependem. Os filhos de Corá, apesar de serem excluídos do sacerdócio, entretanto ocuparam um lugar de destaque no santuário. Um deles foi Samuel, um dos maiores profetas e juizes de Israel, 1 Cr 6.33-38; outros foram cantores e poetas que nos legaram salmos de grande inspiração, Sl 84; 85; 86. • **N. Hom.** Os nomes dos israelitas, normalmente, têm um significado claramente deduzível da própria língua hebraica, embora alguns sejam de difícil interpretação. Os nomes são criados de esperanças religiosas ou de acontecimentos dentro da vida da família, ou de objetos comuns à vida da época. Os nomes dados neste capítulo são de chefes de subfamílias dentro das tribos, e têm os significados que seguem: V. 5: Enoque quer dizer "Dedicação". Palu, "Destacado". V. 6: Hezrom, "Moradia"; Carmi, "Viticultor". V. 8: Eliabe, "Meu Deus é Pai". V. 9: Abirão "Meu Pai é Exaltado". V. 12: Jamim, "Mão direita"; Jaquim, "Ele estabelecerá". V. 13: Zerá "Aurora"; Saul, "Pedido". V. 15: Zefom, "Atalaia"; Hagi, "Festivo"; Suni, "Quieto". V. 16: Ozni, "Meu Ouvido"; Eri, "Cuidadoso". V. 17: Arodi, "jumento Selvagem"; Areli, "Heróico". V. 20: Selá, "Petição"; Perez, "Rompimento"; Zerá, "Aurora". V. 21 "Hezrom, " "Moradia"" Hamul "Poupado". V. 23: Tola, "Minhoca"; Puva, "Boca". V. "24: Jasube, "Ele voltará"; Sinrom, "Cauteloso". V. 26: Serede, "Temor"; Elom, "Terebinto"; Jaleel, "Espera em Deus". V. 29: Maquir, "Vendido". V. 30: Jezer, "Deus é Socorro"; Heleque, "Porção". V. 31: Asriel, "Fronteira de Deus". V. 32: Semida, "Fama da Sabedoria"; Hefer, "Poço". V. 33: Zelofeade, "Sombra do Medo". V. 35: Sutela, "Plantio"; Bequer, "Camelo jovem"; Taã, "Acampamento". V. 36: Erã, "Observador". V. 38: Bela, "Destruição"; Airã, "Meu Irmão é Exaltado". V. 39: Sufã, "Serpente"; Hufã, "Habitante da Praia". V. 40: Arde, "Corcundo"; Naamã, "Agrado". V. 44: Imna, "Retém"; Isvi, "Pacífico"; Berias, "Proeminente". V. 45: Malquiel, "Meu Deus é Rei". V. 48: Jazeel, "Deus distribui"; Guni, "Colorido". V. 49: Jezer, "Forma"; Silém, "Compensação". O significado dos nomes das próprias tribos consta na nota do capítulo sete.

26.51 *Os contados dos filhos de Israel.* Esta contagem que se faz dos homens capazes para a guerra, acima de vinte anos de idade, devendo ser multiplicada por quatro para se incluir os velhos, as mulheres e as crianças, dando um número de aproximadamente 2 407 000 pessoas. Não se menciona os doentes e incapacitados, e é provável que a dieta e a maneira de vida ao ar livre fez que a doença não fosse problema. Além disso, Deus se revelou como Aquele que sara Seu povo, Êx 15.26.

26.53 *Segundo o censo.* A finalidade do censo era a distribuição da Terra Prometida, além da preparação para a invasão.

26.54 A herança haveria de ser de acordo com a necessidade e a capacidade de cada tribo. Assim é que Deus distribui os dons e as responsabilidades dentro da Sua Igreja, Mt 25.15; Lc 19.17, 19; Êx 16.18; 2 Co 8.13-15.

26.55 *Por sortes.* Os israelitas lançavam sortes, no intuito de saber a vontade de Deus por meios que o homem não podia controlar, como se lê em Pv. 16.33.

26.61 Nota-se que os rebeldes também constam nesta lista, como herdeiros legítimos que, depois, escolheram o caminho da perdição.

26.62 *Um mês para cima.* As demais tribos foram contadas de vinte anos para cima; Deus

aceita a dedicação das criancinhas.

26.65 *Morreriam*. Refere-se a toda aquela geração incrédula e perversa que pereceu no deserto, sendo os únicos sobreviventes Josué e Calebe, que confiaram no Senhor. Veja 14.30.

27.1 Esta narrativa está dentro do assunto da divisão da terra, cuja legislação segue o segundo censo, no capítulo anterior.

27.1-11 *Então vieram as filhas de Zelofeade*. Foram atendidas (v. 7), recebendo o direito de continuar a herança do seu pai. • **N. Hom.** O vigésimo sétimo capítulo nos ensina: 1) Como solucionar as dificuldades: levando-as a Deus; 2) A beleza do caráter: Moisés não se queixou, preocupando-se somente com o progresso do povo de Israel, vv. 12-16; 3) O segredo do poder: o Espírito de Deus, v. 18; 4) O líder de Israel tinha de ser um tipo de Cristo, na obra de reger, guiar e cuidar, 17.

27.3 *No seu próprio pecado*. Tivera uma morte natural dentro daquela geração rebelde que não tinha licença de entrar na Terra Prometida, 14.2-4, 21-23. Não foi executado, 16.26-35.

27.4 As moças quiseram preservar a herança e o nome do seu pai, que tradicionalmente seriam transmitidos aos filhos homens.

27.6 O contato imediato e direto de Moisés com o próprio Deus é a base da formação de toda a lei dos israelitas; Deus falou claramente ao Seu servo Moisés; boca a boca; 12.8.

27.11 *Ao parente mais chegado*. Estes deveres e direitos do parente mais próximo são iguais, na lei de vários países. Hoje, porém, a esposa normalmente tem a primazia.

27.12-17 Confirma-se a predição da morte de Moisés sem entrar na Terra Prometida. Abarim é a região montanhosa de onde Moisés viu a terra de Canaã; foi do pico mais alto da região, o monte Nebo, que lhe foi dado ter uma visão do país no qual nunca entraria por causa do seu pecado, v. 14.

27.14 *Na contenda*. No lugar chamado Meribá, "Contenda" por causa da murmuração do povo, 20.3, e de Moisés, 20.10.

27.16 Moisés gostava de dar este título a Deus, que pela Sua Graça poupava a um povo que, pelos seus pecados, estava constantemente atraindo sua própria destruição, e morte, 16.21-22.

27.17 *Como ovelhas*. A Bíblia, muitas vezes, usa esta palavra para descrever o povo de Deus; no Antigo Testamento, Moisés, Davi e depois o próprio Deus são sucessivamente chamados "Pastor de Israel". No Novo Testamento, a soma destes ensinamentos se resume na pessoa de Jesus Cristo, o Bom Pastor que dá a Sua vida para que as ovelhas pudessem ter a vida em abundância, tanto na terra como nos Céus, Jo 10.1-18.

27.18-23 O substituto de Moisés é indicado por Deus: Josué, por intermédio de quem, Deus continuaria a Sua obra, v. 18. Note-se a humildade de Moisés em aceitar a indicação divina, sem pensar em um dos seus próprios filhos. Assim, a providência de Deus ofereceu um novo líder para pastorear o Seu rebanho.

28.1-31 A Manutenção das Ofertas Contínuas ao Senhor visava preservar, diante do povo, a realidade da constante presença de Deus entre o Seu povo, cujo dever era manter-se santo como Deus é santo. Vemos, em tudo isso, o desejo divino de preservar a idéia da expiação final que seria feita por Jesus, 1 Jo 2.2. • **N. Hom.** O vigésimo oitavo capítulo nos ensina alguns característicos da oferta que têm significado para nossa vida atual: 1) O direito que Deus tem sobre nossa vida, implícito no uso das palavras "meu" e "minha", no v. 2; Deus precisa ocupar o primeiro lugar; 2) Deus possui-nos totalmente: o fogo mencionado no v. 2 simboliza a consagração total; 3) A satisfação completa que Deus tem em tais sacrifícios: o "aroma agradável" nos vv. 6, 8, 13 e 24 nos mostra Seu prazer, Gn 8.21; Ef 5.2; 4) O que Deus requer de nós. A expressão "tempo determinado", v. 2, sugere que nossa atitude reverente para com Deus é algo apropriado a cada momento da nossa vida diária. Note-se as sete referências ao holocausto contínuo, que faz pensar no sacrifício total e incessante que é a vida do crente, Rm 12.1. Nossa vida

deve ser uma festa religiosa perpétua, 1 Co 5.8.

28.2 *A seu tempo determinado.* Dentro dos planos de Deus, há um tempo e um lugar para tudo, Ec 3.1-8. Jesus veio na plenitude do tempo, Gl 4.4, e sabia sempre qual era a hora certa que Seu Pai lhe tinha preparado, Jo 7.30; 12.23.

28.16 *É a páscoa do Senhor.* A páscoa também é chamada "a festa dos pães asmos", Êx 23.15; Dt 16.16. A primeira das festas judaicas, instituída para conservar a memória do acontecimento culminante da redenção de Israel das mãos dos egípcios. Era o dia nacional da independência dos israelitas.

28.16-25 O significado espiritual da Páscoa se vê nas notas de Êx 12.

28.18 *No primeiro dia.* Não do mês, mas da festa, dia 14 de Nisã.

28.21 *Uma décima.* Isto é, a décima parte de um efa de farinha; v. 12.

28.22 Esta oferta diária não é da cerimônia do Dia da Expição.

28.26 *Dia das primícias.* É a Festa de Pentecostes, descrita em Êx 23.16; 34.22; Lv. 23.15 Na Igreja, é o dia das primícias do Espírito Santo (At 2.1-4) enviado à mesma, cujos membros são as primícias da Nova Criação de Deus, Tg 1.18.

29.1 *Santa Convocação.* Isto é, uma convocação solene à qual todo o povo deveria comparecer; aqui se trata da Festa das Trombetas.

29.7-12 Os sacrifícios da Festa da Expição, realizada no décimo dia do sétimo mês, com feriado nacional e jejum. Aliás, é o único dia de jejum oficial ordenado pela Lei. Este era o dia da humilhação e da expiação dos pecados da nação, quando o sumo sacerdote ofereceria sacrifícios como expiação pelo santuário, pelos sacerdotes, e por todo o povo, Lv. 16.

29.12-39 A Festa dos Tabernáculos, a última e a maior das três grandes festas anuais do povo judaico. Recebeu este nome para lembrar o tempo em que o povo habitava em tendas durante sua peregrinação no deserto, Lv. 23. Na Terra Prometida esta festa se realizava ao redor do templo em Jerusalém, onde o povo armava suas tendas nos terraços e lugares abertos da cidade, e da sua vizinhança, produzindo assim um aspecto festivo e original. Naqueles dias havia cerimônias esplêndidas, • **N. Hom.** O vigésimo nono capítulo nos indica alguns aspectos do sétimo mês. 1) É uma época de regozijar-se no descanso depois do trabalho, vv. 1 e 12. O crente tem regozijo no Senhor e entra no descanso da fé, Mt 11.28-30; Hb 4.3-10; 2) É uma época de consagração especial. A grande ênfase que se dá às ofertas ilustra as vidas consagradas a Deus, plena, constante e alegremente; 3) É uma época especificamente reservada à expiação do pecado, vv. 5 e 11. No meio das festividades, há memória do pecado, e há eliminação do mesmo. As partes mais brilhantes e religiosas da nossa vida se baseiam no perdão concedido pelo sangue expiatório de Jesus Cristo.

29.17 *Doze novilhos.* O total de novilhos oferecidos fica em setenta. Setenta era o número redondo no qual os israelitas calculavam as nações da terra, e a interpretação dada a estes sacrifícios pelos próprios judeus é que foram feitos no sentido de interceder a Deus em favor de toda a raça humana. Isto nos deixa vislumbrar algum aspecto do plano redentor de Deus, no qual o sacrifício único de Jesus Cristo haveria de abranger pessoas de todas as nações que se convertessem a Ele, o qual custou aos próprios discípulos entenderem (Gl 2.14-21; At 10.1-48).

29.35 *Nenhuma obra servil.* Esta expressão ocorre muitas vezes quando se trata de festas religiosas, especialmente o dia do sábado, e nos ajuda a compreender que a religião não consiste no merecimento da obra humana, mas sim no descansar na graça divina, aceitando a salvação que Deus nos dá.

29.38 A Festa dos Tabernáculos, descrita até aqui, exigia a presença de todo israelita, Êx 23.14-17; era uma época de júbilo, Dt 16.14. Era uma lembrança do Êxodo e da época na qual o povo vivia no deserto, Lv. 2.42-43.

30.1-16 A mulher está em pé de igualdade com o homem diante de Deus. Por isto, tem igual responsabilidade de cumprir seu voto. Só seu pai ou marido pode anulá-lo, assim

mesmo assumindo a responsabilidade: por isso, a mulher deve estar sujeita ao seu pai ou ao seu marido, Ef 5.22. Isto não é sujeição servil, mas sim sujeição honrada e voluntária como a da Igreja a Cristo, para a manutenção da harmonia do lar e o acatamento à autoridade do marido como o cabeça da família. • **N. Hom.** O trigésimo capítulo nos ensina três aspectos da verdadeira religião: 1) Sempre exige a absoluta verdade para com Deus, Sl 51.6; 2) Sempre exige a absoluta justiça para com os homens. Os nossos votos religiosos não devem causar sofrimento ao nosso próximo; 3) Sempre exige a aderência aos princípios eternos acima das idéias do próprio eu. É por isso mesmo que votos como os da abstinência total ou do celibato se devem sujeitar à vontade divina, e não a uma decisão particular nossa, feita em certo transe da nossa vida.

30.2 Cumprir o voto é uma impreterível exigência de Deus. Israel não cumpriu seus votos ao Senhor, Êx 19.8. Legalmente falando-se, todos os homens fracassaram, e por isso Cristo proíbe Seus discípulos de jurar, Mt 5.33-34.

30.3 *Estando em casa.* Isto é, fazendo parte da família paternal até que se case e entre sob a autoridade do marido.

30.5 Muitas vezes uma pessoa de pouca responsabilidade pode jurar algo contra a vontade divina, e então ainda haveria a possibilidade de alguém sábio tomar a responsabilidade de anular o voto. O pai da família deve exercer a autoridade pastoral no lar, Êx 12.26-27; 13.14-15; Dt 6.7.

30.6 *Se casar.* Os israelitas entendem que é o caso de a mulher ficar noiva quando está ainda cumprindo algum voto; o caso de a mulher já casada vem mais tarde, no v. 10.

30.8 *O dito irrefletido.* Infelizmente este aspecto quase sempre entra no voto, e é por isso mesmo que Deus quer que tenhamos consciências limpas e livres, abertas à influência do Espírito Santo. O voto era útil para pessoas que precisavam ser amedrontadas pela Lei, mas no evangelho não há mais motivo para isso nem licença para lançar mão dessa prática, Mt 6.33-34.

30.13 *Para afligir a sua alma.* Refere-se a votos feitos contra a natureza, votos que ameaçariam a saúde e o bem-estar, ou que ameaçariam a harmonia da vida conjugal.

31.1-54 A vitória dos israelitas sobre os midianitas, cuja destruição se fez necessária por serem fonte de prevaricação, moléstia e infecção para o povo de Israel, v. 16. Além do mais, os midianitas tinham se aliado aos moabitas para amaldiçoar Israel, proferindo, deste modo; injúria ao Deus de Israel.

31.8 Balaão morre, não como um justo, o que era seu desejo hipócrita (Nm 23.10), mas sim a morte de um infiel, mercenário e inimigo de Deus. A sua sorte será com os incrédulos, Ap 21.8. • **N. Hom.** O trigésimo primeiro capítulo descreve: 1) A retribuição que caiu sobre Balaão, vv. 8 e 16. O fim horrível de um homem que, não tendo conseguido aquilo que buscava, se aviltou em dar conselhos que trariam desgraças sobre Israel; 2) A terrível manifestação da justiça divina ao se confrontar com o pecado; 3) A resposta de Israel ao mandamento de Deus, que sempre exige a obediência pronta e plena; 4) A gratidão a Deus revelada na divisão dos despojos, v. 50; 5) O galardão da fidelidade se vê na abundância dos despojos que cada soldado recebia, v. 53.

31.12 Finéias foi o primeiro a querer castigar a infidelidade praticada com o povo de Moabe e de Midiã, contra a Lei de Deus (25.7-13), e agora volta vitorioso para Eleazar, seu pai.

31.14 *Indignou-se Moisés.* Uma santa indignação de Moisés, provocada pelo seu povo que poupou as mulheres midianitas que tinham sido o veículo de sedução do povo de Israel.

31.16 *Por conselho de Balaão.* Quando Balaão não conseguiu ganhar um salário por amaldiçoar a Israel, 24.10-14, já que o próprio Deus pôs profecias verídicas na sua boca, colaborou na desmoralização de Israel pela idolatria, descrita em 25.1-3, o que levou a esta guerra contra os midianitas que Israel declarou a fim de afastar a causa da prevaricação. Talvez sua presença entre os midianitas na hora da sua morte (v. 8) foi para

efetuar a cobrança pela destruição de 24.000 israelitas (25.9), que era o motivo de os midianitas terem convocado este profeta falso, 22.4-5. Sua maldição não funcionou, mas seus conselhos malignos causaram esta tragédia.

31.18 Os regulamentos para o casamento de um soldado com uma mulher que levou cativa da guerra são definidos em Dt 21.10-14.

31.19 *Vos purificareis.* A maneira da purificação se descreve em 19.2-19; o motivo da purificação é o contato com os mortos, que cada soldado deve ter tido nesta campanha.

31.21 Moisés tinha dado as ordens gerais, mas o sacerdote é que iria explicar como se faria, a cerimônia da purificação.

• **N. Hom. 31.23** Note-se que a purificação é para tornar algo útil e limpo, não para destruí-lo; por isso mesmo, cada objeto tinha que ser purificado pela maneira mais forte e completa que podia tolerar sem ser estragado. Assim também a punição e o sofrimento purificam o caráter humano, mas Deus não permitiu que essas tentações fossem além da força humana para enfrentá-las e para vencê-las, 1 Co 10.13. Destas instruções, podemos entender que precisamos de nos purificar, mesmo quando estamos em ativo serviço religioso. Às vezes são as horas que exigem maior cuidado ainda em verificarmos se nosso coração está reto diante de Deus. Na obra de purificar o metal, o fundidor sabe que a obra está terminada quando pode ver sua própria face no metal. Assim também o crente está se purificando quando a face de Cristo se reflete nas suas obras e atitudes.

31.27 *Duas portes iguais.* A guerra não fora uma guerra de soldados, mas sim de todo o povo de Deus contra aqueles que causaram a tentação: a vitória pertencia a todos os israelitas.

31.32 *A presa.* Esta se divide em cativos, presa (animais) e despojo (objetos), v. 12; é o fruto da vitória concedida por Deus.

31.50 *Trouxemos uma oferta ao Senhor.* Por causa da vitória sobre os midianitas, e do fato de nenhum soldado ter perecido. Esta oferta de gratidão foi tirada do "despojo" (v. 32), a parte da presa que não foi distribuída pelo regulamento. Este memorial à bondade e à justiça de Deus era um ato expiatório.

32.1 *A terra de Gileade.* Esta expressão, às vezes, é usada para descrever a totalidade do território de Israel além do rio Jordão, Gn 37.25. Morar ao leste do Jordão causaria uma separação do resto dos israelitas, e, não havendo uma barreira natural entre Gileade e o oriente (de onde provinham as invasões durante a história de Israel), o perigo era grande.

32.1-42 A distribuição da Transjordânia às tribos de Rúben, Gade e metade de Manassés. Estas tribos, num egoísmo bem característico procuraram seus próprios interesses. Embora a promessa de Deus fosse para toda a Canaã, não esperaram a partilha para depois da conquista da terra, desprezando assim a terra da promessa. Revelam também desinteresse pela causa comum dos seus irmãos. Apesar das terras serem férteis, ficavam isoladas das demais tribos de Israel, e por isso, as tribos que eram as primeiras a possuírem a terra, foram também as primeiras a serem despojadas dela. • **N. Hom.** O trigésimo segundo capítulo nos ensina: 1) A timidez e o egoísmo provocam escolhas indignas: essas tribos não estavam dispostas a enfrentar as agruras da conquista, ao lado dos seus irmãos, e cobiçavam uma terra boa e pacífica; 2) O efeito da indolência: é um grande desapontamento para os companheiros, v. 7; 3) A suprema necessidade da união, da harmonia. Isto foi vital para enfrentarem a conquista de Canaã, e a falta do apoio daquelas tribos dificultaria e adiaria a vitória final. Quando os fiéis estão em harmonia, a bênção de Deus se faz presente; Sl 133.1; 4) O perigo de viver à margem da Igreja, na divisa entre ela e o mundo. Tais pessoas não têm segurança espiritual, não são felizes. Assim como Gileade não tinha barreiras naturais, assim também o crente frio está exposto aos ataques do mundo; 5) O resultado de tudo isto é a degeneração. Rúben nunca mais aparece como uma tribo importante, e os que ficaram em Gileade nunca chegaram a se destacar na história de Israel. O crente tímido, medroso, mundano,

nenhum valor tem para a causa de Deus.

32.8 Moisés teme uma repetição daquela rebelião tão desastrosa.

32.16,17 As tribos se oferecem a enfrentar a guerra além do Jordão, deixando seus bens e suas famílias em Gileade. Na época, isto era possível, depois da conquista dos reis dos amorreus descrita no capítulo 21, e dos midianitas descrita no capítulo 31. Mais tarde surgiriam vários impérios que ameaçariam aquelas bandas.

• **N. Hom. 32.23** *Vosso pecado vos há de achar.* Com isto, Moisés mostra que o perigo do pecador não é tanto ser descoberto e punido, mas sim que o próprio pecado imprime sua influência na vida, no caráter e na influência de uma pessoa, ao ponto de trazer a sua própria punição, no sentido de produzir uma degeneração espiritual, o que seria uma tragédia em todos os sentidos. O pecado persegue ao homem no sentido de lhe dar uma consciência perturbada, que é a causa de grandes males mentais e físicos. Persegue-o no sentido de paralisar sua capacidade de fazer o bem. Perseguirá sua vítima no dia do julgamento final, quando ninguém poderá fugir de Deus, Ap 20.11-15.

32.29 Moisés tem a grande responsabilidade de fazer cumprir a vontade divina. Sabendo que a desobediência causaria a desgraça para toda a nação, e sabendo ele que ha veria de morrer, antes de entrar em Canaã, deixa instruções aos líderes religiosos e cívicos para não confiarem em promessas humanas (vv. 16-19) sem vê-las devidamente cumpridas. Nesse ínterim, as tribos de Gade e de Rúben receberiam lugares apenas para deixar seu bens e seus filhos, v. 24.

32.33 *A meio tribo de Manassés.* Metade dos membros desta tribo desejava tirar proveito dessa possibilidade de herdar uma terra ideal para o seu gado. Só são mencionados na narrativa, depois dos gaditas e os rubenitas terem tomado a iniciativa. Talvez esta insistência em atravessar o Jordão tenha um significado simbólico: ninguém pode ser um verdadeiro crente, fazendo parte da herança eterna, sem morrer para si mesmo e ressuscitar com Cristo, tanto no sentido moral, aqui na terra, como no sentido físico, Cl 2.20; 3.1-3; Rm 6.2-3.

32.34 *Dibom.* Esta cidade serve para nos mostrar a história geral da Transjordânia inteira: era uma cidade de Moabe, que caiu nas mãos dos amorreus até a chegada dos israelitas com Moisés, 21.21-26. Foi edificada como cidade israelita, mas logo caiu na mão dos moabitas. Séculos mais tarde, o rei Onri a conquistou, sendo depois perdida de uma vez para sempre.

32.41 *Havote-Jair.* Quer dizer "As Aldeias de Jair". Os, membros das tribos que receberam certos territórios tinham a responsabilidade de conquistar e habitar suas heranças. Este foi um princípio geral, para toda a conquista de Canaã, Js 17.14-18. Cada um subjugaria as terras de que estaria precisando.

33.1 Aqui começa a descrição do roteiro que os israelitas tinham seguido durante sua peregrinação no deserto.

33.2 *Escreveu Moisés.* O itinerário das viagens foi escrito por Moisés "conforme ao mandado do Senhor"; esta é uma das muitas instâncias que nos dão a entender que os cinco livros de Moisés foram, realmente, documentos contemporâneos escritos pelo próprio punho de Moisés, Êx 17.14; 24.4; 34.28; Dt 11.20. • **N. Hom.** O trigésimo terceiro capítulo traz três assuntos à nossa memória: 1) Uma triste lembrança do pecado: o histórico das peregrinações no deserto é algo que a obediência teria evitado, 14.21-23; 2) Uma solene lembrança da disciplina. Passo a passo, Deus tinha disciplinado o povo, provando, guiando, treinando, avisando e ensinando. O futuro seria igual aos amargos anos de deserto se o povo não aprendesse a ficar fiel a Deus, vv. 5-56; 3) Uma esplêndida lembrança da fidelidade de Deus, em nunca abandonar o povo que lhe tinha sido tão infiel, compare 2 Tm 2.13. Esta fidelidade imutável de Deus é o refúgio seguro dos crentes, Mt 3.6.

33.5 *Sucote.* Quer dizer "Barracas", as casas dos israelitas no decurso das suas peregrinações, ou seja; os "Tabernáculos".

33.7 Migdol. Quer dizer "Torre", na fronteira do Egito, o último obstáculo transposto, antes de chegarem ao Mar Vermelho.

33.9 Mara. Quer dizer "Amargo", o lugar onde a água era impotável, Êx 15.22-27.

33.10 Junto ao Mar Vermelho. Agora o obstáculo seria visto do outro lado, o lado da segurança da vitória, da gratidão a Deus. Todos os obstáculos da vida devem ser tratados assim pelos crentes que são mais do que vencedores em Cristo, Rm 8.37.

33.14 Refidim. Quer dizer "Expansões", o primeiro dos dois lugares onde Moisés recebeu água da rocha, Êx 17.1-7. Veja Nm 20.2-13.

33.15 Sinai. Foi ali que o povo recebeu os Dez Mandamentos, Êx 20.

33.16 Quibrote-Hataavá. Quer dizer "Os Sepulcros da Concupiscência", onde o apetite carnal dos israelitas superou o desejo de serem independentes e herdeiros da Terra Prometida. Nm 11.31-35.

33.36 Cades. Foi daqui que os espias rebeldes saíram, 14.1-12.

33.39 A morte de Arão era tão importante que exigiu uma pausa na narrativa da marcha dos israelitas para a Terra Prometida. A marcha dos crentes para a Herança Eterna, também tem significado: comprova a imperfeição e mortalidade que acompanhavam o antigo sacerdócio, Hb 7.8-23, leva-nos, portanto, a confiar no Sacerdote Eterno, Jesus Cristo, Hb, 7.25, Aquele que nos fez começar esta viagem de fé e nos promete a chegada vitoriosa às Regiões Celestiais, H 12.2; Jo 14.2-3.

33.40 O cananeu. Esta tribo consta como uma das sete nações pagãs que habitavam em Canaã, e este rei derrotado serve para representar todos aqueles que tentaram barrar o caminho dos israelitas para Canaã, dos quais alguns se descrevem em Nm 21.

33.49 Junto ao Jordão. Finalmente, o povo de Israel estava mobilizado ao longo da fronteira natural de Canaã, o rio que haveria de atravessar. Chegaram ao lugar da obediência, da esperança e do desafio à coragem e à fé. É interessante notar que a marcha descrita nos vv. 5-49 é uma marcha que deixa de mencionar os quarenta anos de desobediência durante os quais o povo ficou no deserto até a morte de uma geração.

33.50-56 A partilha da terra de Canaã deveria ser justa e equitativa, de acordo com o tamanho da tribo; sendo a subdivisão de cada porção, distribuída por sortes entre as várias famílias que existiam em cada tribo. Os habitantes da terra deveriam ser eliminados juntamente com seus ídolos, para não tentarem aos israelitas, um espinho ao seu lado. • **N. Hom.** O trigésimo quarto capítulo descreve para nós: 1) A promessa da dádiva de Deus, cujo desfrutar já podemos antecipar, v. 1; 2) A garantia que Deus dá com respeito à herança futura, v. 13; 3) O cuidado de Deus em dividir esta herança segundo as necessidades humanas; 4) O método de Deus, de distribuir Suas bênçãos pelas mãos de um sacerdote e de um líder, que são tipos do Senhor Jesus Cristo, dAquele que nos dá a nossa herança eterna, Ef 1.3-14.

34.1-12 Descrevem-se os limites geográficos de Canaã propriamente dita, excluindo a parte além do Jordão, já distribuída.

34.3 Mar Salgado. Também conhecido como o Mar Morto.

34.4 Suas saídas. O lugar onde termina a linha divisória.

34.6 O Mar Grande. O Mediterrâneo, às vezes chamado "o Mar".

34.11 Quinerete. É o nome hebraico do Mar de Galiléia, o lugar onde Jesus passou tanto tempo com seus discípulos.

34.13 Herdareis por sortes. São as possessões dos indivíduos como chefes de famílias que se fazem por sortes; as tribos receberiam segundo suas necessidades coletivas, conforme já havia sido feito no caso dos gaditas e dos rubenitas, 32.1; 33.54.

34.15 A definição da posição geográfica quer dizer "nas regiões além do Jordão que correspondem a Jericó", que fica em Canaã.

34.17 Para dirigir a obra de repartir a terra, foi escolhido um líder eclesiástico (Eleazar) e um líder cívico (Josué).

34.16-29 Os nomes dos representantes das tribos que foram chamados para participar da

distribuição da terra. Devem ter sido escolhidos pelas suas qualidades pessoais; já vimos Calebe tomando parte destacada do governo de Israel (veja 13.30, 14,6-9).

34.29 Nota-se a ausência de líderes ("príncipes") das tribos de Rúben e de Gade, já que esta convocação era para decidir o caso da divisão da terra entre as demais tribos.

35.1-8 As cidades dos levitas, À tribo de Levi não é designada uma área especial, por causa da sua função religiosa, espiritual. Suas famílias foram distribuídas entre 48 cidades espalhadas por todo o território de Israel, para poderem cumprir mais eficientemente a sua missão. Veja Js 21. • **N. Hom.** O trigésimo quinto capítulo nos ensina: 1) Deus supre as necessidades dos Seus filhos (vv. 1-8), porque tem cuidado dos Seus, 1 Pe 5.7; 2) Deus protege os necessitados (vv. 11-12); 3) Deus revela Sua retidão onde há pecado (vv. 16-21); 4) Cristo é o nosso refúgio que Deus nos oferece: é acessível, é gratuito é perfeito, é perpétuo, vv. 26-27.

35.2 *Arredores.* Formavam uma comunidade extra para cada cidade, e não podiam ter construções nem plantações. Só nestes últimos tempos é que os planejadores urbanos estão reconhecendo a necessidade disto. Os primeiros mil côvados constituiriam um parque livre, vindo depois outro círculo maior, para as fazendas, que fariam de cada cidade um núcleo habitacional completo, 5.

35.9-34 As cidades de refúgio eram cidades de proteção, não aos criminosos, mas aos que precisavam de refúgio de ódios e vinganças. Assim preservava-se a paz, evitando-se as vinditas.

35.12 *Vingador do sangue.* Era o costume do parente próximo de um injustiçado reivindicar justiça por este; isto era uma garantia de que sempre haveria alguém interessado em trazer o malfeitor à punição. A lei do refúgio era a maneira de Deus preservar este costume contra um vingador (heb *Goel*) injusto e cruel.

35.15 *Involuntariamente.* A definição do homicídio accidental se vê nos vv. 22-25.

35.19 *Ao encontrar o homicida.* Inclusive nas cidades de refúgio, que são reservadas apenas para a caso da morte accidental, 11. Isto quer dizer que o assassino nunca está livre de quem possa vingar o seu crime. Assim é a consciência daquele que não pediu perdão pelos seus pecados, 32.1-5.

35.20 *Com ódio.* Esta é a emoção assassina. Mesmo quando não há oportunidade de ferir-se ao objeto do ódio, o próprio ódio já envenena a sociedade com "desejos mortíferos". Deus conhece os intentos do coração, e por isso mesmo Jesus Cristo esclarece que quem odeia a seu irmão já quebrou; o mandamento "Não matarás", Mt 5.21-26 Hoje, palavras como "com malícia premeditada", "com intuito de matar", são termos jurídicos que agravam muito a acusação contra um malfeitor. A frase *com mau intento* vem do verbo hebraico "espreitar" ou "ficar de tocaia".

35.24 *A congregação.* Heb *edah*, aqueles que tomaram o juramento da Aliança de Deus com Israel, Êx 19.8. Isto fez com que cada um deles fosse um membro do povo de Deus, e daí a congregação em plenário ser como a assembléia de uma igreja.

35.27 *O vingador do sangue.* Veja a nota do v. 12. A palavra vem do verbo hebraico "retribuir", que também significa "redimir" no sentido de comprar algo de volta pelo preço do resgate. Quando Jesus se faz Redentor, é no sentido de ser um Irmão do fiel, o parente achegado que tem poder para proteger, é no sentido de pagar o preço dos nossos pecados, sustentar sozinho o peso das nossas culpas, para nos apresentar justificados perante o Trono da Justiça Eterna, Jó 19.25; 1 Pe 2.21-25.

36.1-13 As mulheres também têm o direito de serem herdeiras em Israel, desde que se casem dentro das suas próprias tribos. • **N. Hom.** O trigésimo sexto capítulo nos ensina; 1) Assuntos aparentemente triviais podem envolver grandes princípios. Não existe nada na vida humana que não seja uma profunda questão de moralidade, uma vez que seja examinada a fundo; 2) A certeza inabalável da nossa herança em Cristo, 1 Pe 1.4; 3) A solução de todos os problemas, grandes e pequenos, se faz "segundo a mandado do Senhor" (v. 5), a vontade divina que se descobre na Palavra de Deus.

36.2 *A meu senhor foi ordenado pelo Senhor.* Note-se que não se trata de uma decisão feita por Moisés, mas sim de uma consulta feita ao Senhor, 27.5. É uma prova de que a doutrina da inspiração que Moisés recebeu de Deus não veio depois de sua morte, mas sim foi abertamente reconhecida durante a sua vida.

36.3 A economia de Israel dependia de milhões de particulares, cada um tendo, no mínimo, uma casa com jardim, várias árvores e alguns animais, e um lugarzinho para confeccionar algum artigo útil que podia vender. Tudo foi feito no sentido de impedir que uma pessoa tomasse conta desses pequenos sítios: o ano do jubileu era marcado para a devolução das propriedades para seus donos originais, Lv 25.8-17; 25-55; compare v. 4. Quanto às mulheres que herdavam terras, deviam se casar dentro da sua tribo para não alienar a propriedade, vv. 6-9, e se ficassem viúvas, sem filhos, o próprio irmão do marido falecido teria que se casar com ela para dar continuidade à família, gerando-lhe filhos e mantendo suas propriedades, Dt 25.5-10. Estas circunstâncias explicam o casamento de Boaz com Rute, Rt 4.

36.4 *Vindo também o ano do jubileu.* Isto significa que, mesmo quando chegasse o jubileu (de cinqüenta em cinqüenta anos), que liquida as dívidas e restaura os bens ao primeiro dono, essas heranças ainda ficariam numa outra tribo, porque uma herança dentro de uma família é imutável e intocável.

36.10 Aqui notamos que essas jovens dirigiam suas viciias particulares dentro da vontade de Deus, segundo o bem-estar geral da sua família e da sua tribo; nesta obediência humilde, devem ter achado grande alegria e paz com Deus.

36.13 *Nas campinas de Moabe.* Lugar no qual os israelitas estavam reunidos para a travessia, do Jordão, para entrar na Terra Prometida. Faz-se entender que estas leis foram promulgadas durante as peregrinações no deserto, mas que iam herdar. Agora segue-se o livro de Deuterônomo, que é realmente o discurso que Moisés fez para preparar os israelitas para tomar posse da Terra Prometida. Relembra o passado, exorta para o futuro e dá leis, para todos os tempos.

Quinto Livro de Moisés Chamado Deuterônomo

Análise

O nome do livro de Deuterônomo ou "Segunda Lei" sugere sua natureza e propósito. Situada apropriadamente em nossas Bíblias como o último dos cinco livros de Moisés, sumaria e põe em foco a mensagem incluída nos quatro livros anteriores. Isso não significa que se trata de mera repetição do que é dito previamente. O livro de Deuterônomo, é verdade, focaliza os acontecimentos ventilados anteriormente, particularmente nos livros de Êxodo e Números. Porém, ultrapassa esses registros devido ao fato que tanto os interpreta como os adapta.

Por todas as páginas do livro, os acontecimentos historiados estão *prentes* de significados. Moisés nos fornece bastante material histórico; mas em quase todos os casos ele relaciona os acontecimentos à lição espiritual que os mesmos sublinham. Ele toma a legislação que o Senhor dera a Israel quase quarenta anos antes, e a adapta às condições da vida fixa na terra onde Israel em breve haveria de entrar.

Quando o livro foi escrito, a nação de Israel se encontrava na terra de Moabe, a leste do rio Jordão e do mar Morto. Antes disso, Israel havia fracassado, por falta de fé, e não entrou na Palestina. Agora, trinta e oito anos depois, Moisés reúne todo o povo e procura infundir a fé que os capacitaria a prosseguir obedientemente. À frente deles estendia-se a sua herança. Os perigos, visíveis e invisíveis, também jaziam à frente. Mas com eles estava, o seu Deus, ao qual vieram, a conhecer melhor durante as experiências que tiveram na península do Sinai, com suas rudezas e desolações.

Moisés percebeu, e corretamente, que os principais perigos; por conseguinte, o *cerne* primário de sua mensagem é espiritual. O Senhor, seu Deus, é *Um*; Ele é o que os livrou

da servidão. Ele lhes deu a lei. Entrara em relação de aliança com eles. São Seu povo. Ele exige devoção e adoração exclusivas. Seus caminhos já eram conhecidos por eles. Através de longa experiência, Israel havia aprendido que o Senhor honra a obediência e pune a transgressão. Ora, em um novo sentido Israel estava no que era seu, sob o Senhor e em seu novo lar.

O livro cobre a gama inteira das perguntas que se derivavam dessa nova fase da existência de Israel. Sua atitude para com o Senhor é, naturalmente, o problema principal. Moisés, com todo o zelo de que era capaz, conclama Israel para que confie no Senhor de todo o coração, e para que faça de Sua lei o impulso contínuo de sua vida. Essa lei, caso observada, lhe infundiria uma nova vida, fazendo daquela nação um povo distinto entre as nações. Seguir-se-iam bênçãos, e as nações reconheceriam que seu Deus é o Senhor. Mas; se Israel seguisse o caminho das nações ao seu redor, e se esquecesse de seu Deus, então seria alcançada por aflições, e finalmente seria espalhada entre as nações. Por todo o livro, a ênfase recai sobre a fé acompanhada pela obediência. Em um sentido bem real, essa é a sua nota chave.

Autor

Por todo o livro de Deuteronômio, Moisés é declarado como autor dos discursos que compõem a maior parte da obra. É óbvio que o relato sobre sua morte, que aparece no fim do livro, é obra de algum outro escritor, bem provavelmente Josué. Assim sendo, é de todo apropriado, dizer-se que Deuteronômio é o quinto livro de Moisés.

Esboço

PREFÁCIO E DECLARAÇÃO HISTÓRICA, 1.1-5

PRIMEIRO DISCURSO DE MOISÉS, 1.6-4.40

A Ordem do Senhor para Partir do Sinai, 1.6-8

Administradores Auxiliares de Moisés são Nomeados, 1.9-15

Uma Ordem de Justiça e Equidade, 1.16-18

A Incredulidade de Israel e seu Fracasso por não Possuir Canaã, 1.19-39

Presunção e Recuo de Israel, 1.40-46

Trinta e oito Anos de Peregrinações, 2.1-15

Um Novo Período de Fé e Avanço, 2.16-3.17

Israel na Fronteira da Terra Prometida, 3.18-29

Exortação de Moisés à Obediência ao Senhor, 4.1-40

DECLARAÇÃO HISTÓRICA E TRANSICIONAL, 4.41-49

Escolha das Cidades de Refúgio, 4.41-43

Introdução ao Segundo Discurso, 4.44-49

SEGUNDO DISCURSO DE MOISÉS, 5.1-26.19

Uma série de Exortações, 5.1-11.25

Os Dez Mandamentos, 5.1-21

Os Acontecimentos no Sinai e seu Significado, 5.22-6.3

O Shema ou "Ouve, Israel", e seu Imperativo, 6.4-25

Mandamentos Práticos, Promessas e Avisos, 7.1-11.25

Uma Série de Leis e Estatutos, 12.1-21-23

Leis Acerca da Idolatria, 12.1-4

Leis Reguladoras da Adoração de Israel, 12.5-16.17

A Lei Básica da Justiça, 16.18-22

Legislação Civil Geral, 17.1-21.23

Uma Série de Leis que Governam a Vida Social de Israel, 22.1-26.19

Lei da Propriedade do Irmão, 22.1-4

Leis Referentes às Distingções, 22.5-12

Leis que Regem a Moralidade Pessoal e em Família, 22.13-24.5

Leis Referentes à Justiça Econômica e Social, 24.6-25.19
Leis Referentes à Mordomia, 26.1-19
TERCEIRO DISCURSO DE MOISÉS, 27.1-30-20
A Ordem para Publicar a Lei, 27.1-10
Sanções da Lei, 27.11-26
Bênçãos sobre a Obediência, 28.1-14
As Tremendas Conseqüências da Desobediência, 28.15-67
Renovação do Pacto com o Senhor, 29.1-18
A Exortação Final de Moisés à Obediência, 29.19-30.14
Os Dois Caminhos Apresentados a Israel, 30.15-20
DIAS E ATIVIDADES FINAIS DE MOISÉS, 31.1-34.12
Conclamação à Fé, 31.1-6
Moisés Entrega o Mandato, 31.7-30
Cântico de Moisés, 32.1-52
Bênção Final de Moisés a Israel, 33.1-29
A Morte e o Sepultamento de Moisés, 34.1-8
Sumário Final, 34.9-12

Cap. 1-4 Esta seção aborda primariamente o primeiro discurso de Moisés, no qual ele apresenta um retrospecto histórico sobre a orientação dada pelo Senhor (1.6-3.29) e uma exortação para que o povo fosse obediente.

Cap. 1 Há uma introdução ao livro (1-5), seguida pelo retrospecto de Moisés acerca da orientação dada pelo Senhor desde Horebe até Cades (6.46).

1.1 *Palavras que Moisés falou.* Esta é a primeira de diversas observações que mostram que as palavras foram, originalmente, proferidas oralmente; depois é que foram escritas (17.18; 31.9). *Dalém do Jordão.* A referência aqui é à margem oriental do rio.

1.3 *No ano quadragésimo.* Era um período de transição. Deuteronômio é obra que assinala a transição para uma nova *geração*, para uma nova *possessão*, para uma nova *experiência* (novo modo de vida), e para uma nova revelação de Deus a revelação de Seu amor (7.8, etc.).

1.5 *Lei.* Essa palavra pode ser usada para abarcar o escopo inteiro da revelação divina. No presente caso refere-se aos discursos que se sequem e, em Deuteronômio de um modo geral, a toda ou parte da doutrina ensinada por Moisés. Neste livro, encontra-se apenas no singular, a provar que se trata de um todo único e não de uma simples coleção. Com o decorrer dos tempos foi a palavra generalizada para indicar o Pentateuco (Ed 7.6; Mt 12.5) ou mesmo todo o Antigo Testamento (João 10.34; 15.25).

1.6 *Tempo bastante.* Os anos durante os quais vaguearam foram anos de disciplina. Deus sabe exatamente de que disciplina carecemos, que dificuldades devemos suportar e quanto podemos resistir. Seu propósito é conduzir-nos da aflição para o descanso e a paz.

1.7 Desde tempos remotos, a Palestina era conhecida como terra de Canaã e seus habitantes como *cananeus* (Gn 10.19; 12.6). Os *amorreus* penetraram em Canaã vindos do norte, e se estabeleceram na região montanhosa de ambos os lados do Jordão. Aqui a palavra "cananeus" refere-se aos que viviam na planície.

1.8 *Com juramento,* Hb 6.12-20.

1.16 *O estrangeiro,* A palavra hebraica usada é *ger*. Na organização política de Israel destacavam-se quatro classes: os descendentes dos patriarcas, incluindo os "anciãos" e "príncipes"; os "estrangeiros" (no heb, *ger*), quando, provenientes de outras nações, passavam a residir entre o povo eleito; os "peregrinos" (no heb, *tosbab*), geralmente provenientes dos povos conquistados; e, finalmente, os "servos", que podiam ser comprados ou nasceram na casa. Além destes, contavam-se ainda os "estrangeiros" (no heb, *nokhrt*, cf. 17.15) que só temporariamente habitavam entre os israelitas, para

comércio ou outros negócios. Seja como for, o estrangeiro devia ser tratado como um irmão. O cuidado por todos aqueles cuja posição podia ter sido motivo de humilhação é uma das características mais acentuadas do Deuteronômio. Que contraste entre os códigos do Egito e da Babilônia.

1.21 *Sobe, possui-a.* As Escrituras sempre nos encorajam a "possuir". Muitos crentes vivem na pobreza espiritual e na derrota porque deixam de se apossar de tudo quanto Deus preparou para uma vida vitoriosa. *Não temas.* O temor ao Senhor deveria dissipar o temor ao homem (3.2, 22; 20.3, 4; 31.6, 8).

1.25 *É terra boa que nos dá o Senhor.* O fato de que a terra era uma dádiva de Deus permeia o livro inteiro e é parte essencial de sua mensagem. Respeitar-se-ão, todavia, as antigas fronteiras (19.14) e a santidade do lugar (21.23), mas não serão esquecidas as promessas da vitória (27.2, 3), as bênçãos (15.4), e mesmo avisos de vários gêneros (28.52).

1.28 *Maior e mais oito.* Os inimigos do povo de Deus eram poderosos. Cf. Ef 6.12. Mas Deus não quer que Seu povo lute contra o inimigo apenas com suas próprias forças. *Fortificadas até aos céus.* Escavações recentes vieram demonstrar que na Palestina muitas eram as cidades anteriores ao período mosaico, fortificadas com altas muralhas, as quais dava acesso uma única entrada construída em declive.

1.32 *Nem por isso crestes.* O pecado que expulsou Israel de Canaã (Hb 3.19) e que expulsa o pecador do céu (Jo 3.18, 36) é a incredulidade. É um pecado contra o remédio para o pecado.

1.37 *Contra mim se indignou.* Os juízos de Deus são imparciais. O incidente é mencionado aqui porque suas conseqüências foram a exclusão de Moisés de Canaã, juntamente com a expulsão da geração mais antiga (cf. 5.35). Cf. 34.10n.

1.38 *Josué... entrará.* No anúncio do julgamento houve também a manifestação da misericórdia de Deus. Calebe (36) e Josué haveriam de ser poupados, como também toda a segunda geração de Israel (38, 39).

1.45 *Não nos ouviu.* O Senhor não aceita nem atende os que se aproximam dele na incredulidade.

1.46 *Muitos dias.* As tristes conseqüências da incredulidade: quarenta anos no deserto, quando poderiam ter chegado ao seu destino em onze dias (2)! • **N. Hom.** Pecados graves que devem ser evitados: 1) A desobediência e a rebeldia contra Deus (26); 2) Acusar a Deus de ter errado (27); 3) A incredulidade (32). • **N. Hom.** Características do servo fiel de Deus: 1) Desejo de ver o povo experimentar as bênçãos de Deus (11); 2) Cuidado para que todos sejam tratados com equidade (17); 3) Confiança que o Senhor suprirá as necessidades do povo (29, 30); 4) Franqueza ao apresentar ao povo, os pecados deste (32). • **N. Hom.** Pecados que levam à derrota certa: 1) Confissão sem arrependimento autêntico (41a); 2) Presunção sob o disfarce de zelo (41b, 43b); 3) Esforço sem auxílio divino (42, 43).

Cap. 2 Moisés prossegue em seu retrospecto histórico, abrangendo os acontecimentos desde que Israel partira de Cades até a sua vitória sobre Seom, rei de Hesbom.

2.1 *Montanha de Seir.* Os montes de Edom, dos quais o mais célebre era o Seir, estendiam-se ao sul e ao oriente do Mar Morto.

2.4 *Vossos Irmãos.* Esaú, cujos descendentes eram os edomitas, era irmão de Jacó, antepassado dos filhos de Israel.

2.7 *Ele sabe que andas.* O verbo "saber", heb *yãda'*, tem um sentido muito íntimo e muito ativo. É o conhecimento de perto, é acompanhar com amor um assunto ou uma pessoa, adentrando-se pessoalmente na matéria. A expressão aqui transcrita quer dizer que Deus acompanhou o andar, a viagem dos israelitas, com a revelação dos Seus cuidados, guiando-os, suprimo em suas necessidades, e também disciplinando-os; enfim, foi um verdadeiro Pai para Seu povo, 1.31.

2.9 *Moabe.* Os moabitas e amonitas (19) descendiam de Ló (Gn 19.37, 38). Esses

aparentados, juntamente com os edomitas (4), não podiam ser combatidos pelos israelitas, exceto em defesa própria.

2.10-12 Esses versículos, bem como 20-23, são observações parentéticas sobre a história antiga.

2.13 *O ribeiro de Zerede.* Assinalava a fronteira entre Edom e Moabe ao norte. Israel se desviou em direção do deserto moabita, aproximando-se assim das fronteiras de Amom, que ficava a leste e a norte de Moabe.

2.14 *Trinta e oito anos.* Os quarenta anos no deserto incluem também o primeiro ano desde a travessia do mar Vermelho até a partida do Sinai e o ano final gasto na conquista dos territórios a leste do rio Jordão.

2.20 *Refains.* Uma tribo antiga que vivia na Palestina antes da chegada dos edomitas, amonitas e moabitas (que eram tribos descendentes de Abraão), que já se menciona durante a permanência de Abraão na região do mar Morto, Gn 14.5. Recebiam nomes, diferentes em várias localidades, como zuzins, emins e enaquins, e eram de estatura extraordinária. É possível que refains significasse "super-homens". Enaquins, (2.11) pode ser interpretado por "gigantes"; a tradução de emins (2.11) pode ser "seres que amedrontam"; os zuzins ou zanzins têm um nome que talvez significasse "murmuradores". Um dos reis desta raça se descreve em 3.11. Só um cumprimento milagroso das promessas feitas por Deus a Abraão, poderia ter permitido que seus descendentes possuíssem os territórios dos gigantes, quando a Descendência Escolhida, Israel, ainda estava na escravidão, no Egito.

2.24 *Seom.* Esse rei governava desde o rio Arnom até o rio Jaboque (2.36 cf. Nm 21.24). *Passa a possuí-la:*, Deus dissera a Abraão, muito antes, que os israelitas passariam quatrocentos anos em terra estrangeira (Egito). Durante este tempo, a iniquidade dos amorreus, habitantes de Canaã, deveria ter se desenvolvido até alcançar seu potencial máximo (Gn 15.13-16). Chegara o tempo. Com a propagação do amorreus para o outro lado do Jordão, houve uma extensão correspondente do território que Israel herdaria por conquista. O Senhor, portanto, ordenou que Israel começasse a apossar-se da terra.

2.25 *O medo de ti.* Quanto ao novo passo para diante, que Israel tomaria, o Senhor os encorajou especialmente. Cf. v. 31 e 11.25.

2.28,29 O rei de Edom se recusara a deixar Israel atravessar o seu país. Mas quando os israelitas circundaram Edom, o povo da área, evidentemente, se dispôs a vender-lhes provisões.

2.30 *Endurecera o seu espírito.* A hostilidade de Seom (Nm 21.23) fazia parte do propósito divino. Mas isso não significa que haja qualquer incoerência entre a liberdade humana e a soberania de Deus. Ver nota em 29.4, cf. Êx 7.1-5 (notas).

2.33 *Derrotamos a ele.* Há notável paralelo entre a derrota de Seom e a de Faraó, no Êxodo. Ambos requeridos a prestar um favor a Israel. Ambos se recusaram por ter o Senhor endurecido seus corações. Ambos se mostraram hostis a Israel. Ambos foram derrotados porque o Senhor combateu em favor de Seu povo. • **N. Hom.** Relação de Deus com Seu povo (vista nos caps. 2-3): 1) Ele instrui (2.3, 37). 2) Ele cuida de suas necessidades (2.7). 3) Ele os encoraja (3.2, 28). 4) Ele manifesta Seu poder em favor deles (2.25, 33; 3.22).

Cap. 3 Moisés relata a batalha contra Ogue, rei de Basã, e a distribuição do território às duas tribos e meia. Seu retrospecto histórico conclui com Israel situada defronte de Bete-Peor, nas planícies de Moabe.

3.1 *Ogue, rei de Basã.* Governava do rio Jaboque, sobre o norte de Gileade e Basã, até o monte Hermom (8-10, 13; Js 12.5).

3.3 *Ferimo-lo.* A derrota de Seom e a de Ogue desmentiram aos temores incrédulos de Israel, de quarenta anos para trás. Cf. 1.28 com 2.36 e 3.4-6.

3.11 *Leito de ferro.* Não se sabe exatamente o significado dessa expressão, e em

especial o sentido da palavra "leito", (heb 'eres, "leito", "divã", ou "sarcófago"). Um explorador chamado Capitão Condor, recentemente, o identificou com um trono de pedra por ele descoberto na encosta de Rabá, com as dimensões indicadas pela Bíblia.

3.12-17 As tribos de Rúben e Gade receberam o território de Seom, desde o rio Jaboque, ao sul de Gileade, até o rio Arnom. A tribo de Gade se localizou ao norte de Rúben, com sua fronteira imediatamente acima de mar Morto. Gade também recebeu o vale do Jordão até o mar da Galiléia. Cf. Js 13.15-28. Moisés também registrou os triunfos obtidos no norte pelas famílias pertencentes à tribo de Manassés. À essa meia tribo de Manassés foi dado o território de Ogue.

3.12 *Tomamos... nesse tempo.* Moisés não pôde entrar em Canaã, mas teve o privilégio de ver o começo da conquista sob sua liderança, e também a distribuição do território entre as tribos (Nm 32). Excetuando-se a cerimônia do pacto, a conquista e distribuição da terra a leste do Jordão pós fim à obra de Moisés.

3.14 *Filho de Manassés.* A palavra "filhos" é freqüentemente usada para se referir a qualquer descendente.

3.17 *Quinerete.* O mar da Galiléia.

3.18 *Vos ordenei.* Refere-se particularmente às duas tribos e meia que já haviam recebido sua herança. Tinham de cumprir sua responsabilidade na conquista de Canaã, cf. 33.21.

3.20 *Descanso.* Uma das principais bênçãos que Israel desfrutaria em Canaã. Esse descanso foi experimentado durante o reinado de Salomão (1 Rs 5.4) mas um mais rico cumprimento dessa promessa será desfrutado em Jesus Cristo (Mt 11.28; Hb 4.9-11).

3.24 *Que deus há nos céus.* Isso não indica qualquer crença na existência real de deuses falsos. • **N. Hom.** Encorajamento divino: 1) Necessidade de encorajamento para o conflito (1); 2) Base do encorajamento: A promessa de Deus (2a, 18), e o fato da fidelidade passada de Deus (2b, 21). Cf. 20-4,.

Cap. 4 Moisés encerra seu primeiro discurso com uma exortação à obediência (1-40); é feita uma observação sobre a separação das três cidades de refúgio (41-43); depois vem a introdução ao segundo discurso de Moisés (44-49).

4.1,2 *Estatutos... juízos... mandamentos.* Essas palavras, bem como *testemunhos* (45) descrevem a lei em seus vários aspectos. Veja a nota de 26.16-19.

4.1 *Para que vivais.* A palavra de Deus, é o "pão da vida" e Suas palavras apontam o caminho da vida eterna, cf. 8.3; Mt 19.17; Jo 6.63.

4.2 *Nada acrescentareis... nem diminuireis.* Há uma clara distinção entre a palavra de Deus e a palavra do homem, cf. Mt 5.17-19; 15.6; Ap 22.18, 19. Muitas divisões e heresias na cristandade têm se originado daqueles que consideram as tradições humanas ou as chamadas "revelações" verdades divinas. Outras heresias têm surgido daqueles que solapam a revelação bíblica, ao negarem a autoridade e a inspiração divinas (cf. nota sobre 13.2).

4.5 *No meio da terra.* A lei visava primariamente a Israel. Seu cerimonial e regulamentos judiciais eram para ser usados por uma nação na terra, até que fosse feita a revelação posterior, quando Cristo viesse. (Cf. nota sobre 5.16).

4.8 *Toda esta lei.* A relevância da lei mosaica para o crente pode ser resumida como segue: "Primeiramente", essa lei contém certos elementos transitórios a que não se obrigam os cristãos (4.5n). Em segundo lugar, encerra princípios eternos de santidade, justiça e verdade, incluídos no Decálogo e implícitos em toda a lei, que se impõe a todas as gerações de judeus e cristãos. A estes se refere a frase "está escrito" (Mt 4.10; 5.17; Rm 13.9; 1 Pe 1.16). Em terceiro lugar, como, parte da Bíblia inspirada, todo o livro foi escrito para nos instruir (Rm 15.4) e é muito "proveitoso" (2 Tm 3.16). Finalmente, é sabido que Moisés escreveu acerca de Cristo (Jo 5.46; Dt 18.15 nota). Cristo, portanto, deve ser procurado nessas páginas, já que toda Lei tem o fim de nos conduzir a Ele (Gl 3.24).

4.9 *Farás saber.* É uma ênfase repetida, cf. 6.7; 11.19; 24.8; 31.19.

4.13 Sua aliança. Essa é a primeira das vinte e sete ocorrências desse tema em Deuteronômio. A palavra é aqui usada para indicar o estabelecimento de uma relação, de um vínculo permanente entre os dois lados. Pelo pacto de Horebe, Deus tomou a Israel como Seu povo particular e Israel o tomou como seu Senhor (Êx 19.5, 8), cf. Is 42.6n.

4.15 Aparência nenhuma vistas. Ninguém jamais viu a Deus Pai (Jo 1.18). Deus é espírito (Jo 4.24), e é errado o homem tentar representá-lo materialmente para um auxílio à adoração. Quando o Antigo Testamento se refere a manifestações visíveis de Deus, pode referir-se a um aparecimento do Cristo pré-encarnado. Um estudo cuidadoso de todas as referências do Antigo Testamento ao "anjo do Senhor" parece indicar que assim sucede. Veja-se a nota de 2 Cr 3.1.

4.19 O sol, a lua. Já no tempo de Abraão se erguiam grandiosos templos à lua, em Ur. No Egito, em Om (Heliópolis), prestava-se culto ao sol.

4.20 Povo de herança. Os crentes de hoje também são povo de uma herança (1 Pe 1.4), neste caso eterna.

4.24 Deus zeloso. A palavra hebraica *qãñã*, tanto pode significar "zeloso", como "ciumento" aliás duas idéias que andam intimamente ligadas. O amor de Deus é muitas vezes comparado ao do marido que se dá sem reservas e que espera em troca um amor incondicional.

4.27 Vos espalhará entre os povos. Israel é avisado que seriam exilados de sua herança como pena pela idolatria. Cf. nota sobre 28.64.

4.29 De lá. Não importando onde estiver, nem suas circunstâncias, qualquer um pode encontrar a Deus se realmente O busca de todo o coração (Jo 4.23, 24).

4.31 Aliança... teus pais. Embora Israel viesse a sofrer a pena máxima (27) por violar o pacto mosaico, Deus seria gracioso para com Israel, à base do pacto abraâmico anterior. Cf. 30.20; Lv 26.33, 42; Gn 15. • **N. Hom.** O emprego de objetos materiais para adorar a Deus: 1) É incompatível com a natureza espiritual de Deus (15); 2) Conduz à adoração aos próprios objetos (19); 3) Pode levar a uma vida corrupta (16); 4) Incorre na ira de Deus (25b-26).

4.34 Desde os princípios da existência humana, os homens foram desenvolvendo crenças e costumes religiosos, e, já no tempo de Moisés cada tribo e região tinha sua religião local, imutável, já havia séculos. Eram idéias humanas produzidas pelo fato de a própria natureza do universo proclamar muita coisa sobre Seu Criador, Sl 19.1. A idéia de Deus procurar deliberadamente um povo, resgatando-o com amor e poder, era desconhecida aos pagãos.

Cap. 5-11 Esta seção contém o segundo discurso de Moisés, que apresenta uma extensa exposição dos Dez Mandamentos, com exortações à obediência. Faz-se referência especial aos dois primeiros mandamentos.

Cap. 5 Moisés começa o discurso com uma introdução aos Dez Mandamentos (1-5). Então repete os mandamentos (6-21) e explica mais plenamente o que ocorreu no Sinai, após o livramento do povo (22-33).

5.3 Não foi com nossos pais. Isto é: não só com os nossos antepassados, mas também conosco.

5.5 Entre o Senhor e vós. Moisés era mediador e intercessor. Cf. nota sobre 9.25.

5.6 Eu sou. É a natureza revelada de Deus que determina aquilo que Seus servos devem ser: "Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste", Mt 5.48.

5.6-21 Constituem-se os Dez Mandamentos, no âmago da Lei e a base da Aliança de Deus com Israel. Os capítulos 12-26 pode-se considerar uma aplicação pormenorizada dos princípios que contém para a vida do povo em Canaã... A diferença entre os mandamentos expostos no capítulo 20 de Êxodo e os do presente capítulo de Deuteronômio leva a supor que os "palavras" originais, não passavam de simples frases como esta "Honra a teu pai e a tua mãe" (16). As palavras que sequegem eram apenas, um comentário, mais ou menos desenvolvido. Os Dez Mandamentos são sem paralelo em

muitas coisas, e foram um sumário completo da Lei de Deus (cf. nota sobre 4.8). A forma pela qual o decálogo é apresentado no Antigo Testamento, porém, mostra que era aplicado em termos próprios para a era mosaica. (Cf. notas sobre 12-15 e 16). O decálogo é chamado de "a aliança" (4.13; 9.9), e como tal se refere a Israel, o povo do pacto.

5.7 Outros deuses. Na derrota do Faraó e de todos os mágicos do Egito, Deus já revelara plenamente que, embora haja ídolos e credices numerosos no mundo, esses "deuses" não têm existência real, que se possa revelar pela atuação. Esta demonstração (4.32-35) é a maior autoridade para se exigir obediência aos Mandamentos. Mt 11.28-30; Jo 14.15.

5.10 Guardar os mandamentos de Deus não deve ser considerado um fardo pesado para pessoas religiosas carregarem, mas sim, pura e simplesmente, a expressão alegre e abençoada de amar a Deus,

5.11 O nome do Senhor. No pensamento hebraico, o nome (heb *shem*) liga-se intimamente à pessoa; umas vezes indica o seu caráter (cf. Êx 3.13; Mt 1.21), e outras, a posição que ocupa (Êx 23.21).

5.12-15 A principal diferença entre as duas apresentações dos Dez Mandamentos reside nas razões dadas para a observação de sábado (Êx 20.11; Dt 5.15). A palavra "sábado" tem raiz no termo hebraica *shābhat*, que quer dizer "cessar, desistir". Esta palavra estava associada ao sétimo dia antes mesmo da legislação do Sinai (cf. Êx 16.26). A referência específica ao sétimo dia não aparece no próprio mandamento sobre o sábado (Dt 5.12), mas no comentário que se segue (cf. 16n). Não há razão lingüística pela qual a palavra "sábado" não pudesse ser também aplicada a um dia de descanso no princípio da semana. A mudança do descanso sabático do sétimo para o primeiro dia é o cumprimento do princípio moral do sábado. O sábado do sétimo dia comemorava a obra da criação divina (Êx 20.11) e a redenção (Dt 5.15). O sábado do primeiro dia pode ser reputado como comemoração da nova obra de criação divina (2 Co 5.17; Ef.2.10) e a redenção espiritual (Tt 2.14). A ressurreição de Jesus assinalou o clímax de Sua obra redentora (Rm 4 25; 1 Pe 1.3) e parece certo que os cristãos primitivos começaram reunindo-se no primeiro dia da semana em comemoração a esse grande acontecimento. Cristo chamou-se Senhor do Sábado (Mc 2.28) e o primeiro dia da semana ficou depois conhecido como Dia do Senhor (Ap 1.10). Desde então o sábado do primeiro dia tem sido aceito pela vasta maioria dos cristãos.

5.16 *No terra que... te dá.* É uma referência específica a Canaã e mostra que os comentários ligados aos mandamentos não se aplicam, necessariamente; de modo literal ao cristão (cf. 4.5n; 4.8n). O princípio moral básico, porém, ainda é válido cf. 6.3.

5.17 *Não matarás.* Este mandamento proíbe o homicídio. Outras escrituras deixam perfeitamente claro que se relaciona tanto ao desejo íntimo como à conduta externa. Ler Mc 10.17-22 e Rm 7.7, 8. • **N. Hom.** Obrigação do homem: 1) Para com Deus (7.15); 2) Para com outros (16.21). (Estudar a cada mandamento, observando o pleno escopo de suas implicações positivas e negativas, cf. Mt 22.36-39, cap.7, etc.).

Cap. 6 Deus quer nossa devoção exclusiva. Moisés exorta à obediência (1-3), enuncia o grande mandamento (4, 5), apresenta os meios pelas quais as obrigações do pacto devem ser lembradas (6-9), adverte a Israel contra vários perigos (10-19) e diz aos pais como devem instruir a seus filhos (20-25).

6.3 *Para que bem te suceda.* O usufruto contínuo de Canaã da parte de Israel, bem como o usufruto do jardim do Éden por Adão, dependia da contínua fidelidade ao Senhor.

6.4,5 O grande mandamento (Mc 12.29, 30) é essencialmente uma reafirmação do primeiro mandamento do decálogo em forma positiva. Não há muitos deuses, mas *um* Senhor, que é soberano e sem igual; assim, Israel teria de ter uma só lealdade. Esta é a verdade básica da qual tudo mais depende.

6.4 *O único Senhor.* A palavra hebraica aqui empregada para "único" (*'ehadh*), significa uma unidade *composta* e, portanto, não excluía o conceito cristão de uma Trindade de

Pessoas dentro daquela unidade. A palavra hebraica que expressa unidade *absoluta* é *'yahidh*, e nunca é usada para expressar a unidade da Deidade.

6.8 *As atarás como sinal.* Os judeus antigos, interpretando à letra este versículo, encerraram em pequenas caixas, chamadas filactérios, alguns passos escritos da Lei, que atavam depois à cabeça ou às mãos.

6.13-16 Jesus citou estes versículos por ocasião de Sua tentação.

6.16 *Não tentarás o Senhor.* Cf. Sl 95.8, 9 e Hb 3.15. Israel não devia ser presunçoso ao ponto de submeter Deus a um teste, buscando prova de Sua presença e poder. Devemos confiar na suficiência de Sua Palavra.

6.20 *Que significam os testemunhos.* A Palavra de Deus é válida para cada geração. Nossa responsabilidade é compreender a Sua palavra para que possamos prestar adoração e serviço inteligente, a fim de transmitir a outros essa grande herança.

6.23 Esta tríplice declaração é, ao mesmo tempo, básica e sumária. Note-se o *fato*, o *propósito* por trás do fato, e a *razão* que subjaz tanto o fato como o propósito.

6.25 *Será por nós justiça.* A lei desvenda o padrão de conduta que é justiça perante Deus. Justiça, heb *tsdhâqâh*, é uma das palavras-chaves do Antigo Testamento. Significa tudo aquilo que é reto, justo e verdadeiro, resumindo num "juízo de justiça" (16.18) ou "num peso inteiro e justo" (25.15), cf. Pv 24.15; 25.5n. • **N. Hom.** O tipo de amor que Deus quer (5): 1) Um amor que envolve a todo o nosso ser (coração, alma); 2) Um amor que se entrega inteiramente (todo, toda, tudo); 3) Um amor que é ativo (a tua força). • **N. Hom.** Tornando a Palavra de Deus de valor prático: 1) Em nossas vidas pessoais (6); 2) Na instrução de nossos filhos (7a); 3) Em nossa conduta diária (7b). • **N. Hom.** Permanecendo fiel a Deus em tempos de prosperidade. 1) O perigo da infidelidade (12; cf. cap. 8, **N. Hom.**); 2) A evidência da fidelidade (13, 14). Reverência (temerás). Serviço (servirás). Testemunho (jurarás). Lealdade (não seguirás outros deuses); 3) O motivo da fidelidade (15). • **N. Hom.** Fazer uma aplicação espiritual da tríplice declaração de 6.23.

Cap. 7 O programa para o extermínio dos deuses estrangeiros e seus povos em Canaã é anunciado. Há uma chamada para separação (1-5), seguida das razões dessa separação (6-11), e das bênçãos decorrentes da obediência (12-16). Deus lutará por Israel (17-24), mas Israel terá que ter o cuidado de observar o princípio da completa separação (25, 26).

7.1 *Os cananeus.* Na conquista de Canaã cumprir-se-ia a antiga profecia de Noé (cf. Gn 9.25, 26). *Sete nações.* Noutras listas dessas nações, o número varia. "Sete", provavelmente, é cifra que significa um número completo.

7.2 *Totalmente as destruirás.* Essa guerra santa se baseou no temor da influência corruptora da cultura cananéia (16; Êx 23.23-33; 34.11-16). A ordem de exterminar aos cananeus de modo nenhum vai contrariar o caráter de Deus. Deus usou, com justiça, ao Seu povo escolhido para ser Seu instrumento contra aqueles que persistiam na iniquidade. No Novo Testamento, porém, os juízos de Deus tomam uma forma diferente e a guerra dos crentes é espiritual (Ef 6.12).

7.6 *Tu és povo santo ao Senhor.* No Antigo Testamento a palavra "santo" (heb *qâdôsh*) tem um duplo significado: "dedicado ao serviço do Senhor" e "puro e brilhante". Em virtude da vocação divina, Israel partilharia destes dois atributos.

7.12-14 Os habitantes da terra atribuíam as bênçãos da fertilidade aos seus deuses da natureza, e não ao verdadeiro Deus.

7.20 *Vespões.* Alguns pensam que enxames desses insetos ajudavam materialmente aos israelitas. Outros acreditam que se trata de um símbolo do terror de Deus, ou ainda, um símbolo do Egito. • **N. Hom.** Fazer uma comparação entre a escolha de Israel e a escolha do crente, por Deus; 1) A base da escolha divina (7, 8a); 2) A percepção da escolha divina (8b); 3) O propósito da escolha divina (6). • **N. Hom.** Como Deus cuida dos Seus: 1) Amando-os (8a); 2) livrando-os (8b); 3) Encorajando-os (9); 4) Avisando-os (10, 11). • **N. Hom.** Tentações especiais do povo de Deus: 1) Orgulho devido aos próprios privilégios (6ss); 2) Timidez devido às responsabilidades (17ss). • **N. Hom.** Razões do

encorajamento: 1) Evidência da fidelidade divina no passado (18); 2) Conhecimento da proximidade de Deus no presente (21); 3) Certeza da ajuda divina no futuro (22).

Cap. 8 Moisés exorta o povo a obedecer e a lembrar-se dos benefícios de Deus (1-6). Apresenta a possibilidade de prosperidade (7-10) e adverte contra o perigo de esquecer-se de Deus (11-20).

8.3 *Ele te humilhou.* A humilhação consistiu primeiramente de privação, e então da provisão do maná. O maná obrigou Israel a reconhecer que dependia de Deus, a fonte última da vida. *Não só de pão viverá o homem* Essas palavras foram citada! Por Jesus em Sua tentação. A verdadeira vida não é fruto do bem-estar material, mas, sim, da Palavra de Deus, cf. 32.46, 47. *Tudo o que procede do boca do Senhor.* Moisés, provavelmente, se referia em particular à revelação de Deus que ele mesmo transmitira ao povo. É importante notar que a mais poderosa arma espiritual, da qual Jesus lançou mão para derrotar as tentações de Satanás, foi a própria Palavra de Deus. Os três tipos de tentação, dos quais Satanás lançou mão para desviar Jesus da Sua obra de salvação, descrevem-se em Mt 4.1-11; as três respostas finais e inabaláveis, que Jesus deu, foram todas tiradas deste discurso de Moisés, e se registram em Dt 6.13; 6.16 e aqui neste versículo Jesus reconheceu que as palavras que citou são a plena revelação da vontade do Seu Pai, que são a verdade eterna e inabalável, e citadas com a plena compreensão do seu sentido, com fé inabalável, e com autoridade, são eficazes para enfrentar as forças infernais que desejam estragar o plano divino de restaurar os homens à plenitude da comunhão com Deus. "Para sempre, ó Senhor, está firmada a tua palavra no céu" Sl 119.89.

8.5 *Te disciplina o Senhor.* Deus é um pai e sua disciplina tem o propósito de reformar e instruir. Cf. 32.6; Hb 12.5-11.

8.9 *Ferro... cobre.* Veios de cobre e ferro existem no substrato de areia calcária da Palestina. Minas antigas foram descobertas ao sul; do mar Morto. • **N. Hom.** Perigos da prosperidade. Pode levar a: 1) Esquecimento (11a), 2) Desobediência (11b); 3) Auto-indulgência (12, 13); 4) Orgulho (14a); 5) Segurança carnal (17); (Pode ser usado em conexão com a última N. Hom., no fim do cap. 6). • **N. Hom.** Devemos obedecer a Deus: 1) Por causa de Suas misericórdias passadas (15); 2) Em vista do fato de que dependemos dele diariamente (18); 3) Tendo em vista nosso futuro bem-estar (19).

Cap. 9-Cap. 10.11 Moisés encoraja a Israel com a promessa que Deus lhe outorgará a vitória (1-3). Afirma a razão por que o Senhor lhes dará a vitória (4, 5), e lembra o povo de sua própria inutilidade, comprovada por seu pecado em Horebe (6-29; 10.1-11).

9.4,5 O triunfo de Israel não se devia ao seu poder (8.17), nem à sua justiça (5). As razões desse triunfo foram a iniquidade dos cananeus (5a), a promessa de Deus aos patriarcas (5b) e a graça perdoadora que Deus usou com Israel (19; 26; 10.10).

9.6 *De dura cerviz.* A palavra hebraica *ōreph* quer dizer "costas", "nuca", "pescoço", e se restringe mais comumente à expressão "voltar as costas" na batalha, e "endurecer a cerviz", que significa rebelião e obstinação. A expressão descreve a pessoa que, ao ser chamada, não vira sua cabeça para atender à voz de quem chamou. Não atende à admoestação, nem às palavras de amor, não se arrepende e não aceita a revelação do amor de Deus. Para se falar apenas do pescoço físico, literalmente, os hebreus usam a palavra *çawwã'r*.

9.6-10.10 Moisés deixa claro que Israel não tinha base nenhuma para pensar que sua própria justiça poderia servir de lastro para o triunfo. De fato, Israel só fora preservada da destruição através da renovação misericordiosa do pacto quebrado, em uma resposta de Deus à intercessão de Moisés.

9.9-12 A completa inutilidade de Israel se evidenciava no fato de haverem pecado contra Deus, exatamente quando o pacto era solenemente instaurado.

9.10 *Estando reunido todo o povo.* Uma melhor tradução seria: "No dia da congregação". A palavra hebraica (*qãhãl*) aqui empregada é traduzida para o grego por *ekklesia* (igreja).

Por isso Estêvão fala de uma "congregação (ou igreja) no deserto" (At 7.39). Tanto o vocábulo grego como hebraico significam escolha ou coleção implicando sempre uma separação. Assim como Israel foi tirado do Egito, os membros da Igreja de Cristo são tirados do mundo. Cf. 10.4; 18.16.

9.14 *Te faço a ti nação.* Se Deus tivesse destruído a Israel, ainda assim poderia cumprir Sua promessa aos patriarcas (5), fazendo dos descendentes de Moisés uma nova nação com Ele compactuada (Êx 32.10). Moisés, porém, cumpriu fielmente seu ofício mediador em favor de Israel, em vez de aproveitar-se da oportunidade de ser um segundo Abraão.

9.17 *As quebrei.* O despedaçamento das tábuas simbolizou o rompimento do pacto. Deus renovou o pacto e mais duas tábuas foram preparadas (10.1).

9.20 *Contra Arão.* A inutilidade de Israel foi ainda evidenciada no fato de seu próprio sumo sacerdote se tornar culpado de um grave pecado. Cf. Êx 32.3, 4 e 25.

9.22,23 Outras ocasiões da infidelidade de Israel tiveram lugar antes e depois do pacto estabelecido no Sinai.

9.23 *Não o crestes.* Ver 1.32n.

9.25 *Prostrei-me.* Em sua intercessão. Moisés tipifica o ministério medianeiro de Cristo (18-20; 25-29; 10.10), cf. 5.5; cap. 18, N. Hom.; Hb 7.25.

9.28 *Para que o povo... não diga.* Moisés pleiteia a suspensão do julgamento à base do interesse de Deus por Seu próprio nome entre os pagãos. • **N. Hom.** lembranças do pecado passado: 1) Seu horror - agravado pelos lugares onde foi cometido (8, 22, 23) e pela sua freqüência (7, 24); 2) Suas conseqüências - provoca a ira de Deus (22) e pode resultar em destruição (14). • **N. Hom.** A grande intercessão. 1) Necessidade de intercessão (13, 14, 20); 2) Intercessão provida (25, nota); 3) Resultados da intercessão (10.10).

10.3 *Fiz uma arca.* Em princípio parece tratar-se da arca construída por Bezalel sob a orientação de Moisés (Êx 35), ou então um recipiente provisório feito por ele próprio. *As duas tábuas no mão.* Provavelmente eram pequenas placas retangulares, duas das quais facilmente podiam ser levadas numa das mãos, cf. Êx 34.4.

10.6 *Eleazar, seu filho, oficiou.* Deus manteve o sacerdócio de Eleazar, apesar de Sua indignação contra seu pai (9.20).

10.8 *Separou a tribo de Levi.* Assim como um dia na semana e o dízimo dos bens de Israel eram consagrados ao Senhor, assim também uma entre as doze tribos foi separada para servir no Santuário.

cap. 10.12-11.32. O segundo discurso de Moisés termina com um apelo para que se faça tudo quanto Deus requer. Há um apelo à completa devoção baseada na grandeza do Deus de Israel (10.12-22), um apelo ao amor e à obediência, baseado na disciplina de Deus, demonstrada no Egito e no deserto (11.1-7), um apelo à obediência baseado nas bênçãos que Israel receberia se este permanecesse fiel (11.8-17); e a exortação para que usassem vários meios, para se lembrarem das palavras de Deus, baseada na promessa de vitória (11.18-25). Finalmente, o discurso termina com um apelo baseado nas duas únicas alternativas com que Israel se defrontava, uma bênção ou uma maldição (26-32).

10.12,13 Esses versículos esclarecem quais são as exigências básicas para Israel, cf. Mq 6.8.

10.12 *Temas... ames.* O verdadeiro temor e o verdadeiro amor são complementares e inseparáveis.

10.16 *Circuncidai.. o vosso coração.* A circuncisão, sinal físico do pacto, deveria ser acompanhada pela relação espiritual que simbolizava.

10.17 *Deus dos deuses.* A grandeza de Deus permeia o livro inteiro e é a tônica de seu ensino.

10.18 *Ama o estrangeiro.* Cf. 1.16n. Este versículo subentende o segundo grande mandamento de Lv 19.17, 18.

10.21 *Ele é o teu louvor,* cf. Jr 17.14. • **N. Hom.** O ministério divino (cf. 18.1-5): 1) A

chamada vem de Deus (8a); 2) Os deveres são especificados por Deus (8b); 3) Está envolvida a renúncia (9a); 4) O galardão é o próprio Deus (9b); 5) Deve ser sustentado pelo povo de Deus (18.3, 4). • **N. Hom.** Cumprimento do que Deus requer: 1) A obrigação (12). Tendo reverência, andando em obediência, amando, servindo; 2) A motivação. Vantagem pessoal (13), justiça imparcial de Deus (17, 18) e bondade de Deus (22).

11.1 Preceitos. Heb *mishmār*, lit. "aquilo que se deve guardar", portanto, a soma total daquilo que Deus ordenou ao povo observar. A palavra está no singular. *Estatutos.* Heb *hōq*, que provém da idéia de "gravar", "fixar indelevelmente", "delinear", "estabelecer". Significa "lei" ou "estatuto" no sentido de ser estabelecido como norma inviolável. *Juízos.* Heb *mishpāt*, o pronunciamento do juiz depois de ter examinado o caso. É o veredicto de Deus sobre a situação humana, é a receita de como se deve colocar em prática a justiça na vida diária. *Mandamentos.* Heb *miçwâh*, derivado da raiz *çãwâh*, "estabelecer", "colocar", "dar ordens". Os mandamentos são deveres e instruções que se confia a pessoas de posição inferior.

11.6 Datã e Abirão. Os juízos divinos manifestos em forma de milagres, no passado, deveriam servir de solene advertência para os que agora viviam (cf. Nm 16; Jz 5). **11.8,9** Cf. 6.1-3.

11.10 Não é como d terra do Egito. O Egito dependia de irrigação para ser frutífera, mas Canaã dependia da bênção direta de Deus, cf. 8.7. Deus dá gratuitamente aquilo pelo que o mundo trabalha. *Com o pé regáveis.* O pé era usado para abrir e fechar pequenos canais em lugares onde a água era necessária.

11.11 Da chuva dos céus. Em Canaã, a fertilização se realizava pelo gracioso dom de Deus das chuvas de outono (outubro e novembro), que caíam na época das sementeiras e faziam, germinar as sementes. Por outro lado, as chuvas da primavera (março e abril) beneficiávamos cereais que só em maio ou junho eram colhidos (14), cf. Tg 5.7.

11.13 Se diligentemente obedeceres. A prosperidade de Israel, tão dependente das chuvas, dependia da obediência do povo para com Aquele que controlava a chuva.

11.21 Vossos dias... na terra. A fidelidade contínua, por parte de todas as gerações era essencial para Israel manter a posse da Terra Prometida. *Como os dias do céu acima da terra*, quer dizer para sempre.

11.24 O império israelita se estendia, idealmente, até o Eufrates (Gn 15.18), o limite norte das conquistas de Davi (2 Sm 8.3). Ver nota sobre 11.7.

11.29 Gerizim... Ebal. A quem viaja das planícies de Moabe (34.1) é fácil avistar ao longe aquelas duas montanhas, para além do vale do Jordão, onde, ao entardecer, o sol se esconde (30). Ali estão como a atestar a necessidade de uma escolha entre o bem e o mal. • **N. Hom.** Motivos da obediência. 1) A grandeza de Deus (10.17-22); 2) As maravilhas por Ele operadas (11.1-7); 3) As bênçãos que desfrutaremos (11.8-17). • **N. Hom.** A palavra de Deus deve ser: 1) Entesourada no coração, (18); 2) Ensinada a nossos filhos (19); 3) Exibida em casa (Cf. 6.6-9). • **N. Hom.** Disciplina divina: 1) É exibida de vários modos (3-7); 2) Precisa ser tomada em consideração (2); 3) Deve conduzir à obediência (8, 9).

Caps. 12-26 Essa seção consiste de estatutos e ordenanças (12.1) que Moisés apresentou para a vida religiosa, civil, social e doméstica em Canaã.

Cap. 12 Israel só deveria adorar no lugar escolhido por Deus. Moisés exigiu a destruição de todo santuário idólatra (1-3), restringiu a adoração ao santuário central (4-14), deixou regulamentos acerca dos sacrifícios e da matança dos animais para alimentação (15-28) e advertiu contra a imitação às práticas idólatras (29-32).

12.2 Destruireis por completo. Também na vida crista não pode haver qualquer transigência para com o mal (2 Co 6.14-17).

12.4-14 Tinha de haver um lugar particular para adorar a Deus. A ausência, do nome do lugar evidencia uma data mais antiga para Deuteronomio. Jerusalém não é mencionada no Pentateuco, e tampouco foi escolhida como local do santuário central, senão muito

depois de Moisés. O fato de que Deus não indicou, nessa ocasião, o lugar do santuário, nos ensina que a orientação dada pelo Senhor, geralmente, é passo a passo, e que precisamos olhar continuamente para Ele. Note-se também o contraste entre a ênfase do Antigo Testamento sobre um *lugar*, e a ênfase do Novo Testamento sobre uma *pessoa* (Jo 4.20-26).

12.5 *Ali pôr o seu nome.* Embora a habitação do Senhor seja o céu (1 Rs 8.27-30), seu nome no qual se manifesta sua pessoa ou natureza, representado no santuário, e nesse sentido a sua *habitação* está ali (11).

12.7 *Vos alegrareis.* Isso é repetido em 12.12, 18; 14.26, 16.11, 14; 26.11; 27.7. A alegria é parte importante da religião cristã, cf. Jo 15.11; Fp 3.1; 4.4.

12.10 *Descanso.* Somente quando Israel descansou, nos dias de Salomão e Davi (2 Sm 7.1; 1 Rs 5.4), é que Deus escolheu a Jerusalém como o local de Sua casa (1 Rs 3.1; 8.44). Antes disso, Silo servira temporariamente como lugar de adoração (Jr 7.12).

12.15-28 É feita a distinção entre os animais oferecidos em sacrifício e os abatidos como alimento. Quando Israel entrasse em Canaã muitos morariam a uma grande distância do santuário central. Tiveram, portanto, permissão para matar animais que precisasse para si mesmos, sem trazerem uma das partes para o santuário. No caso de sacrifício, o sangue teria que ser apresentado no santuário, Lv 17.1-9.

12.16 *O sangue não comerás.* o sangue, como elemento primordial e símbolo da vida, é tratado com um grande respeito em todo o Antigo Testamento (cf. Gn 9.4-6), muito particularmente em relação à aliança e ao sacrifício, como tipo de expiação de Cristo (cf. Lv 16; Hb 9.12-14; 1 Pe 1.18, 19; Lv 17.11n).

12.30 *Como serviram... aos seus deuses.* Entre os pagãos é freqüente admitir-se uma íntima relação entre uma terra e os deuses que os seus habitantes adoraram (cf. 2 Rs 17.26, 27). Os israelitas seriam levados a pensar do mesmo modo e a temer os deuses de Canaã. • **N. Hom.** Natureza da adoração autêntica: 1) Deve ser exclusiva e distinta (2-31); 2) Deve ser cheia de *alegria* (7, 12).

Cap. 13 Moisés acautela o povo contra o aparecimento da idolatria dentre eles mesmos. Poderiam ser impelidos a isso através de um falso profeta (1-5), através de sua própria parentela (6-11), ou através de elementos vis dentro da comunidade (12-18).

13.1 *Sinal ou prodígio.* O sinal (heb *'oth*) é qualquer marca ou prova que revela, relembra ou confirma qualquer acontecimento do passado, do presente ou do futuro. É algo que chama a atenção para um assunto, e que faz com que o mesmo seja levado a sério; milagres e profecias seriam os sinais mais claras. O prodígio (heb *môphet*) é um milagre que comprova a autoridade de quem o operou; a palavra vem da raiz *yâphat*, "persuadir".

13.2 Até mesmo hoje existem seitas religiosas que se vangloriam de revelações sobrenaturais, curas milagrosas, etc. Sinais e maravilhas em si mesmos, porém não provam que Deus falou (cf. Êx 7.11, 12; Mt 7.22, 23; 24.24; Ap 13.13, 14). Um evento sobrenatural é de Deus somente quando leva à fé no Deus verdadeiro e é coerente com a revelação dada a nós nas Sagradas Escrituras (cf. 18.9-14n).

13.5 *Será morto.* Deus ordenara a extermínio dos cananeus. Se os israelitas participassem de seus pecados, também participariam dos castigos daqueles. O castigo é severo porque a idolatria contamina a santidade da comunidade.

13.6 *irmão... filho... mulher.* A tentação pode sobrevir através de nossos mais íntimos parentes. Foi Eva que tentou Adão, e Cristo foi tentado por Pedro.

13.11 *Todo o Israel ouvirá.* O castigo devia ser publicamente ministrado, como purificador coletivo do mal.

13.13 *Homens malignos.* Lit. "filhos de Belial", sendo que a palavra transcrita "Belial" se interpreta pelo Rabino Salomão Itshaqui como "sem jugo", sem restrições religiosas ou morais.

13.14 *Inquirirás.* Plena investigação deve preceder o castigo.

13.17 *Condenado:* Cf. 20.17n. • **N Hom.** O perigo de ser levado ao pecado: 1) Pelo poder

sedutor do que é estranho e incomum (1, 2); 2) Pelo poder sedutor das afeições humanas (6, 7); 3) Pelo poder sedutor da maioria (12, 13).

Cap. 14 Israel devia ser um povo distinto. Devia evitar as lamentações dos pagãos (1, 2) e os alimentos imundos (3-21). Sua consagração também precisava ser demonstrada com os dízimos que viessem a dar (22-29).

14.1 *Por causa de algum morto.* Ver nota anterior, cf. Lv 19.28; 21.5.

14.3-21 Em alguns casos, há uma explicação higiênica para a classificação de certos alimentos como limpos ou imundos. Noutros casos, a razão para a distinção não é clara. Seja como for, esses regulamentos serviriam para testar a obediência de Israel e como sinal de seu caráter próprio e exclusivo de uma nação. Essas regras de saúde corporal pertencem somente a Israel, e não vigoram na dispensação cristã (ver 1 Tm 4.4), porém indicam a necessidade de discricção e autocontrole.

14.7 *A lebre e o arganaz.* Só aparentemente é que podem ser considerados ruminantes, pois na realidade não o são. Mas a aparência é que interessava, cf. Lv 11.5 e 6n. Os nomes dos animais e pássaros ainda nos dão margem para longos debates; os animais mencionados no v. 5 pertencem mormente à família das gazelas; dos pássaros, alguns nomes hebraicos receberam uma interpretação dos rabinos, como se segue: o *íbis* v. 16, heb *yanshûph*, parece ser um tipo de coruja que voa só depois do crepúsculo (heb *nesheph*), a *cegonha*, heb *hasidâh*, a forma feminina da palavra *hesedh* "misericórdia", que se refere à dedicação da cegonha em alimentar os filhotes; a *garça*, heb *'anãphâh*, lit. "ferocidade", uma referência à pose e ao aspecto do referido pássaro.

14.21 *No leite da sua própria: mãe.* Era um costume cerimonial dos cananeus, e por isso foi proibido. Além disso era uma violência à compaixão, para se satisfazer a gulodice.

14.22-29 Uma décima parte da produção da terra devia ser oferecida a Deus. Quando Moisés pronunciou este discurso, já era bem conhecido e praticado o uso dos dízimos, que podiam representar um sinal de gratidão (Gn 14.20) ou mesmo de devoção (Gn 28.22). O princípio básico é o mesmo da lei do sábado (15.12). Tudo o que o homem possui, a Deus o deve, sendo apenas um fiel depositário (Dt 8.18; Mt 25.14). Para que vissem que eram sagrados todos esses bens, separavam uma parte deles e ofereciam ao santuário (23, 25). Na legislação anterior (isto é, Lv 27.30; Nm 18.21ss), quando o povo ainda se encontrava em seu estágio nômade, os dízimos eram entregues aos sacerdotes e levitas, que provavelmente tinham grande necessidade deles. Agora, entretanto, quando o povo estava preparado para entrar na Palestina e dar início a uma vida estabelecida, é ordenado um uso mais lato dos dízimos.

14.23 *Comerás.* O ofertante podia comer dos dízimos (presume-se, porém, que apenas uma pequena parte do mesmo), pela festa de comunhão no santuário. Exceção a isso haveria no terceiro e no sexto ano (28, 29), e também no ano sabático bissexto (Êx 23.11). • **N. Hom.** Grandes bênçãos desfrutadas pelo povo de Deus: 1) Adoção (27); 2) Santificação (2a); 3) Eleição (2b). • **N. Hom.** Propósitos dos dízimos e ofertas: 1) Reconhecimento de que Deus é o Doador (23); 2) Sustento do trabalho ministerial (27); 3) Alívio das necessidades dos outros (29).

Cap. 15 Moisés dá ordens sobre o ano da libertação (1-11), sobre a servidão dos hebreus (12-18) e sobre o sacrifício dos animais primogênitos (19-23).

15.1-11 O caráter mais específico das prescrições nos livros de Êxodo e levítico se deve ao fato de que se destinava a um povo nômade, enquanto o caráter mais geral das prescrições do livro de Deuterônomo se destina a um povo prestes a se estabelecer na sua terra.

15.1 *Farás remissão.* Os que haviam tomado dinheiro emprestado e não podiam saldar a dívida antes do ano da remissão teriam essa dívida perdoada nessa ocasião. Os comentaristas judeus concordam que a remissão do empréstimo não era temporária, mas absoluta. Porém, podia-se pagar a dívida por questão moral.

15.3 *Estranho.* A palavra hebraica aqui usada é *nokhri*. Ver nota de 1.16. Estes,

principalmente egípcios ou outros que visitavam a negócios, teriam meios de pagar.

15.4 *Não haja pobre.* Se a vontade de Deus fosse perfeitamente obedecida, chegar-se-ia à ocasião em que não haveria mais pobreza (3-5). Enquanto não chegar esse tempo, porém, *nunca deixará de haver pobres no terra* (11).

15.7 *Irmão pobre.* Os judeus ortodoxos sempre cuidaram de seus pobres, como também a igreja de Jerusalém (At 4.34, 35).

15.8 *Emprestarás.* Algumas vezes é melhor emprestar que dar. O empréstimo obriga aquele que toma emprestado a trabalhar e ajudar-se a si mesmo.

15.12-18 Em Lv 25.39-46 é ensinado que os escravos hebreus seriam libertados no ano do jubileu. Isto significaria eventualmente que, se o ano do jubileu chegasse antes do escravo ter servido sete anos, este podia ser libertado. Até o tempo do exílio, essa lei da libertação era freqüentemente negligenciada, cf. Jr 34.8-20; Ne 5.1-13.

15.13 *Não o deixarás ir vazio.* Quando o escravo era libertado, devia receber provisões para começar sua nova vida. Isso não é mencionado no livro de Êxodo, senão o povo, dificilmente, deixaria de recair na escravidão.

15.15 *Lembrar-te-ás.* A lembrança da maravilhosa graça de Deus para conosco, na redenção nos leva a seguir o curso da verdadeira obediência.

15.16 *Por estar bem contigo.* Embora não fosse proibida a escravatura em Israel, as condições da servidão eram, freqüentemente, num clima de bastante liberdade, cf. N. Hom. abaixo.

15.17 *Servo... serva.* Os escravos e as escravas eram considerados no mesmo nível social.

15.19 *Todo primogênito.* No livro do Êxodo, declara-se o princípio de que todos os animais primogênitos deviam ser dedicados a Deus. A antiga lei sobre o sacrifício dos primogênitos (cf. Êx 13.2, 12, Lv 27.26ss; Nm 18.15ss) é adaptada para as exigências do santuário central, cf. 1.215-28. • **N Hom.** A servidão perpétua era: 1) Voluntária (16a); 2) impulsionada pelo amor (16b); 3) Simbolizada por um sinal (17, cf. Gl 6.17, quanto à aplicação espiritual).

Cap. 16 São dadas instruções sobre as três festas anuais (1-17), a administração da justiça (18-20), e sobre a proibição de contato com símbolos pagãos (21, 22).

16.1-17 Quanto a instruções anteriores, ver Êx 12; Lv 23; Nm 28, 29. Deuteronômio adiciona que essas festas deveriam ser celebradas no santuário central por toda a nação de Israel.

16.1 *A Páscoa.* A Páscoa histórica é relacionada à décima praga, à morte dos primogênitos do Egito. Israel foi instruído a aplicar o sangue de um cordeiro às ombreiras e à verga de suas portas, como sinal que lhes asseguraria segurança se ficassem em casa. "Páscoa" se deriva do Verbo *pasah*, "passar por cima", incluindo a idéia de "poupar e proteger".

16.10 *A festa das semanas.* Era uma das festas da colheita, celebrada quando a colheita de cereais, que durava sete semanas, era terminada. Mais tarde recebeu o nome grego de Pentecostes, visto cair cinquenta dias depois da Páscoa.

16.13 *A festa dos tabernáculos.* Era celebrada quando o produto da terra já fora colhido, incluindo figos, azeitonas e uvas. Durante esse período de sete dias o povo vivia em tendas.

16.18-20 Enquanto Israel esteve no deserto, tinha *juízes* e *oficiais*, segundo seus números (Êx 18.25). Em Canaã, porém, deviam ser escolhidos segundo suas aldeias e cidades.

16.21,22 Os cananeus praticavam ritos grosseiramente imorais. Tais ritos foram uma grande tentação para os israelitas até a época do exílio, cf. Is 57.3-8.

16.21 *Poste-ídolo.* Era uma árvore ou poste sagrado talvez erguido como símbolo da deusa cananéia Asera.

16.22 *Coluna.* Era uma pedra posta de pé sobre uma das extremidades, talvez

representando a divindade masculina. • **N. Hom.** As três festas anuais podem ser usadas para ilustrar importantes verdades do Novo Testamento: 1) *Páscoa*. Assim como essa festa comemorava o sacrifício pascal e o livramento de Israel da escravidão egípcia, assim a Ceia do Senhor comemora o Sacrifício de Cristo e o nosso livramento da escravidão do pecado (Lc 22.19; 1 Co 5.7, 8); 2) *Festa das semanas*. Essa festa, depois conhecida como Pentecostes, era caracterizada pelas primícias da colheita, como também na igreja cristã o dia de Pentecostes foi marcado com as primícias do dom do Espírito Santo (At 2.14-18); 3) *Festa dos Tabernáculos*. Essa marcava a fim da colheita; como também haverá grande colheita no fim desta era (Mt 13.39-41; Ap 14.14-20).

Cap. 17 Essas instruções dizem respeito à perfeição dos animais oferecidos a Deus, cf. Lv 22.17-33. Os sacrifícios do Antigo Testamento eram tipos de Cristo o "cordeiro sem defeito o sem mácula" (1 Pe 1.9; cf. Hb 9.14).

17.3 *Sol.* Heb shemesh, que, sob o nome, próprio *Shamash* e outros nomes, era adorado por vários povos semíticos, assim como era a *lua*, heb *yareah*. É por este motivo, para demonstrar que o sol e a lua não eram divindades poderosas, e sim, apenas objetos que obedeciam aos propósitos divinos, que estas duas palavras hebraicas não são mencionadas na narrativa da criação do mundo, Gn 1,15, sendo chamados de "luzeiros". O exército dos céus se refere à adoração dos planetas e estrelas.

17.5 *Os apedrejarás, até que morram.* A morte era a pena tanto para a idolatria como para instigação à mesma (13.5, 9, 15).

17.7 *A mão das testemunhas.* A confiança em seu próprio testemunho precisava ser evidenciada pelo ato de assumirem a responsabilidade de desfechar os primeiros golpes.

17.8-13 Os tribunais inferiores seriam espalhados pelas aldeias de Israel (16.18), mas o tribunal superior continuaria funcionando no santuário central.

17.12 *Para servir ao Senhor.* O sacerdote e os juizes deviam ser respeitados por agirem em favor de Deus, cf. Rm 13.1.

17.14-20 O povo viria a pedir por um rei no tempo de Samuel. Quando o povo solicitou um rei, tinha todo direito de fazê-lo. Samuel fez objeção ao *espírito* antiteocrático com o qual foi feita a solicitação. O povo não solicitou um rei tendo em vista o bem da teocracia Divina. Queriam um rei, a fim de que pudessem ser *semelhantes* às nações vizinhas, e a característica exclusiva da teocracia era que Israel deveria ser diferente das nações adjacentes.

17.16,17 Quanto maior poder enfeixa nas mãos; maior o perigo de abusar dele. O terceiro rei de Israel, Salomão, negociava com cavalos (1 Rs 10.26-29) e teve setecentas mulheres (1 Rs 11.1-8).

17.19 *O terá consigo.* É bom que cada qual tenha sua própria Bíblia para uso diário. • **N. Hom.** O lugar que cabe à autoridade na promoção do bem-estar da sociedade é: 1) Tornando necessário pelas limitações humanas (8); 2) Ordenado por Deus (2); 3) Obedecido como obrigação pelo homem (10.11). • **N. Hom.** Os investidos em posição de autoridade devem estar cômnicos de que: 1) São sujeitos a tentações particulares (16, 17); 2) Necessitam vitalmente da Palavra de Deus (18, 19a) - cujo emprego apropriado conduz à reverência (19b), à obediência (19b), à humildade (20a), e ao sucesso (20b).

Cap. 18 São dadas instruções a respeito dos direitos dos sacerdotes e levitas (1-8), da proibição contra as superstições e a magia dos pagãos (9-14), e da lei do profeta (15-22).

18.1 *Os sacerdotes levitas.* Esses são os ministros do altar que serviam no santuário central; *toda a tribo de Levi* incluía os demais membros da tribo. Todos os sacerdotes eram levitas, mas nem todos os levitas eram sacerdotes.

18.2 *Não terão herança.* Deviam cuidar para não se envolverem com os negócios desta vida, cf. 2 Tm 2.4. Não teriam território unificado pertencente à tribo (cf. 10.9; 12.12; 14.27, 29). Ver também N Hom. no cap. 10.

18.9-14 Magia, feitiçaria e consulta aos mortos (cf. Is 8.19) foram proibidas. Os poderes sobrenaturais de origem satânica, muitas vezes, se manifestam nessas práticas. A seita

religiosa do espiritismo, é incompatível com o cristianismo bíblico.

18.10 *Passar pelo fogo.* Provavelmente se refere à prova do fogo, um teste de devoção cabal a Moloque, o deus de Amam (12.31). Veja Lv 18.21.

18.15-22 Após a morte de Moisés, ainda haveria necessidade de revelações divinas. Para suprir a esta necessidade, o Senhor criaria a instituição profética. Mas, segundo a descrição do profeta ideal feita por Moisés, tais palavras apontam mais para o Messias. Os profetas, de Samuel a Malaquias, possuíam as características mencionadas, até a certo grau, mas só em Jesus Cristo tal predição foi realmente cumprida. Ver referências.

18.22 *Se não cumprir.* Muitas falsas seitas religiosas têm sido obrigadas a alterar ou reinterpretar algumas de suas predições, visto não se terem cumprido como esperavam, Ver também 13.1, 2n. • **N. Hom.** Faça-se um estudo de Moisés como tipo de Cristo. A citação que segue é útil. "Tanto na vida, como na missão que desempenhou, foi Moisés a personificação de Cristo, pois como Ele, salvaram-lhe a vida quando criança; como Ele, renunciou a um trono para partilhar da sorte de seus irmãos; finalmente, como Ele, tornou-se um guia da salvação de Israel. Foi fiel (Hb 3.2) e manso (Nm 12.3; Mt 11.29); cheio de compaixão e amor (Nm 27.17; Mt 9.36); poderoso intercessor pelo seu povo (Dt 9.18; Hb 7.25) que falou face a face com Deus e irradiou a glória divina (2 Co 3.7). Tal como Jesus, foi profeta poderoso em obras e palavras (cf. Lc 24.19), anunciador da vontade de Deus (Dt 6.1; Ap 1.1), mediador da aliança (Dt 29.1; Hb 8.6, 7), e finalmente chefe e guia do povo (cf. Is 55.3, 4)", (NCB, p 244).

Cap. 19 São dadas instruções acerca das cidades de refúgio (1-13), dos marcos de territórios (14) e das testemunhas (15-21).

19.1-13 Moisés já havia separado três cidades no lado oriental do rio Jordão (4.41-43). Agora separei mais três no lado ocidental. Caso o vingador de sangue agisse meramente movido pela paixão, podia ser frustrado em seus propósitos, por meio daquelas cidades.

19.4 *Aborrecia.* Nota-se que a chave do assassinato deliberado é o ódio; Jesus mostrou que o ódio é a quebra do mandamento "Não matarás", Mt 5.21-26. Os psicólogos modernos denominam os ressentimentos contra alguém de "desejos mortíferos", e os juízes dão o título de "crime premeditado" aos casos onde já existia ódio, não aceitando a desculpa de "acidente" ou "crime provocado".

19.9 *Outras três cidades.* Não há qualquer registro de que essas cidades adicionais tenham sido exigidas alguma vez.

19.12 *Os anciãos.* Eram os que desfrutavam de maiores regalias e prestígio, quer pela família a que pertenciam, quer pelas qualidades de que eram dotados, e constituíam a autoridade local em questões judiciais e até comerciais.

19.18 *Indagarão bem.* A investigação tinha de ser completa. Não podia haver julgamento por ordálio, como algumas vezes era praticado entre os vizinhos de Israel.

19.21 *Vida por vida.* A pena do talião era a punição contra o perjúrio. Longe de ser uma permissão para a vingança, era a garantia da justiça, que equiparava o castigo à ofensa. Esta punição era cobrada com uma avaliação monetária da parte lesada, Êx 21.32 e 23. •

N. Hom. A justiça nas questões humanas é assegurada por: 1) Proteção aos inocentes (4-10); 2) Punição aos culpados (11 -13); 3) Insistência sobre evidência convincente (15-18); 4) Equiparação do castigo ao crime (19-21).

Cap. 20 A questão da guerra é abordada aqui, no encorajamento aos que vão à batalha (1-4), na isenção de serviço (5-9), e nos assédios contra cidades (10-20).

20.1 *Da terra do Egito.* A libertação do Egito, sempre na lembrança de Moisés, serve agora para encorajar os filhos de Israel. Mas, a solicitude do profeta vai mais longe. Entre outros, dá-lhes os seguintes conselhos, para que tudo lhe seja favorável, não só na paz como na guerra: não esquecer, pois, a devoção sincera (4.20), a humildade (8.14), o arrependimento (9.7), a bondade para com os estranhos (10.19), a obediência (11.3), a constância (13.5), a libertação dos servos (15.15), a caridade para com os pobres (24.18, 22), e, por fim, a gratidão a Deus (26.5, 8).

20.4 *Pelejar por vós.* Isso não significa tanto que Deus estava do lado deles, mas sim eles é que estavam do lado de Deus, cumprindo Sua vontade.

20.5-8 A vitória, nas guerras do Senhor, não era ganha pelo poder dos números. As isenções do serviço militar eram compassivas, cf. Jz 7. As desculpas válidas para isenção do serviço militar, porém, não devem ser usadas para que se escape ao convite evangélico para a "grande ceia" (Lc 14.18-20), que é o convite para a aceitação do evangelho.

20.10 *Oferecer-lhe-ás a paz.* Esse oferecimento de paz à cidade fora da Palestina ilustra a missão salvadora do povo de Deus no mundo.

20.17 *Destruí-las-ás totalmente.* As cidades de Canaã eram tão corruptas, ao ponto de chegarem à impertinência. Sua iniquidade estava completa (Gn 15.16). Nenhum despojo deveria ser tomado e a cidade inteira devia ser destruída como santo sacrifício ao Senhor (cf. 13.12-18; Js 7). A expressão hebraica é "causar a ser maldição" definida em Lv 27.28n.

20.19,20 Essa estipulação limita a destruição desregrada dos recursos naturais. • **N. Hom.** Nossa guerra: 1) Combatemos contra um inimigo poderoso (1); 2) Precisamos de coragem para a batalha (8); 3) Temos um grande Deus que luta em nosso favor (4). • **N. Hom.** A humanidade tem duas alternativas: 1) Submissão; mediante a qual experimenta a paz de Deus (10, 11); 2) Oposição; mediante a qual experimenta o julgamento de Deus (12, 13).

Cap. 21 Moisés explica como expiar um homicídio de autor desconhecido (1-9), regula o casamento com mulheres cativadas na guerra (10-14), garante os direitos do filho primogênito (15-17), provê para a punição dos filhos rebeldes (18-21), e recomendo o sepultamento do criminoso enforcado (22, 23).

21.2-*Os teus anciãos e os teus juizes.* Os anciãos representavam as cidades das vizinhanças. Os juizes, provavelmente, eram os levitas do supremo tribunal do santuário (cf. 17.8-13). *Medirão a distância até as cidades.* Isso, para determinar que comunidade tinha a responsabilidade de expiar pelo crime.

21.4 *Desnucarão a novilha.* Era uma execução cerimonial em que a novilha era reputada substituta do homicida desconhecido. Prefigurava a execução vicária de Cristo pela culpa de Seu povo. Ver Hb 9.12-14.

21.10,11 Era permitida o casamento com mulheres estrangeiras que vivessem em cidades fora da Palestina. As mulheres estrangeiras que vivessem na própria Palestina tinham de ser mortas com todos os demais cananeus. (7.1-3).

21.12,13 Esses atos de purificação simbolizavam sua remoção do estado de escrava. O mês de luto era para lhe dar tempo de refazer-se no seu íntimo e também testar a sinceridade do amor do homem.

21.14 *Deixá-la-ás ir.* O vínculo matrimonial podia ser rompida (cf. 24.1-4), mas o homem não podia tratar a mulher como uma escrava.

21.15 *Duas mulheres.* A poligamia não é aprovada, mas é reconhecida como prática existente que precisava ser regulada. A monogamia é a única forma válida de casamento (Gn 2.18, 24; Mt 19.4-6). A Bíblia não condena diretamente os casamentos múltiplos que tiveram lugar no Antigo Testamento, mas descreve os maus efeitos de tais uniões.

21.17 *O direito do primogenitura.* Incluía a herança da propriedade em dupla, porção relativa aos outros filhos. Esse direito era antigo (Gn 25.29-34) e não podia ser abandonado à custa de preferências pessoais. A primogenitura, heb *bekhōrah*, que vem da raiz *bākhār*, "ser cedo", a qual se refere ao próprio raiar da manhã, tem grande significado para o pensamento hebraico. O primogênito do pai é considerado as primícias do seu vigor (Gn 49.3), e fazia as vezes do pai em liderar a família. O primogênito do rei era herdeiro do trono.

21.18-21 Sendo os pais representantes de Deus, em caso de rebelião comprovada, o castigo era severo e semelhante ao da blasfêmia, pressupondo-se que em vão tentavam

conduzir ao bom caminho os filhos desobedientes. A execução era efetuada sob a direção dos anciãos.

21.22,23 O enforcamento reconhecia que a maldição de Deus pesava contra aquele pecado. • **N. Hom.** Exigências básicas para uma vida familiar saudável: 1) Cuidado ao contrair matrimônio (12, 13n) - o ajustamento envolvido, a sinceridade do amor; 2) Tratamento adequado dos filhos - imparcialidade (16) e disciplina (18).

Cap. 22 Preceitos diversos apresentados (1-12), e a seguir são dadas leis regulamentando as relações sexuais (13-30).

22.1-4 O amor fraternal deve ser demonstrado a qualquer compatriota israelita que precise de ajuda.

22.5 Deus criou o homem e a mulher com naturezas e funções distintas. O homem não deve procurar obscurecer essa distinção, como era feito entre as religiões pagãs.

22.6,7 Os pássaros são úteis para controlar as numerosas pestes de insetos, e além disso esta lei evita a perversidade de aproveitar-se da dedicação da mãe.

22.8 *Um parapeito.* Os hóspedes eram, muitas vezes, entretidos no pátio das casas de teto plano.

22.9-11 Combinações incomuns podem levar a dificuldades. Aplicadas espiritualmente, esta lei proíbe a transigência com o mundo. Ver 2 Co 6.14-16.

22.11 *Estofos.* Vestes desse tipo não podiam ser lavadas facilmente.

22.12 *Borlas.* Eram um sinal que demonstrava que os israelitas eram o povo de Deus.

22.13-21 Essas leis consideram o caso em que o marido acusa a esposa de falta de castidade, falsa (13-19) ou sensatamente (20, 21).

22.17 *As provas do virgindade.* Era costumeiro, após a consumação do casamento, guardar a pedaço de fazenda marcado com as manchas de sangue correspondentes.

22.21,22 Muitos não consideram, hoje em dia, a infidelidade sexual ou a desobediência aos pais (18-21) como grandes crimes. O que Deus pensa desses pecados, porém, é refletido claramente no castigo prescrito no Antigo Testamento contra eles - a morte.

22.23-29 Essas leis abordam a sedução de virgens solteiras, quer noivas (23-27) quer não (28, 29).

22.23 *Desposada.* Os esponsais eram quase obrigatórios quanto o próprio casamento. A donzela apenas desposada, algumas vezes era chamada "esposa", e tinha de manter-se fiel (cf. Gn 29.21; Mt 1.18-20). A pena contra a relação sexual ilegítima, nesse caso, era a mesma que no caso do adultério.

22.25-27 A mulher só podia ser condenada à morte se tivesse podido clamar por auxílio, mas não o fizesse. Estando, por outro lado, a mulher, incapacitada de pedir socorro, supunha-se que fora vítima contra a sua vontade.

22.28,29 O sedutor de uma virgem solteira era obrigado a casar-se com ela. Tinha de pagar o dote costumeiro (Êx 22.16, 17) e perdia o direito ao divórcio.

22.30 Quanto às leis adicionais que proibiam casamento com parentes próximos, ver Lv, 18. • **N. Hom.** Características da vida piedosa: 1) Ajuda aos demais (1-4); 2) Pureza (13-30); 3) Humanidade (6, 7); 4) Consideração pelos outros (8). • **N. Hom.** O amor fraternal envolve a ajuda aos outros: 1) Mesmo quando nos são desconhecidos (2); 2) Sempre que tenham necessidade disto (1, 3, 4); 3) Mesmo quando isso é *inconveniente*, envolvendo nosso *tempo* (1), *dinheiro* - para o sustento de um animal (2), ou *esforço* (4).

Cap. 23 Essa seção trata dos membros da congregação (1-8), da higiene no campo (9-14), da segurança a escravos fugitivos (15, 16), da prostituição religiosa (17, 18), da cobrança de lucros (19, 20), dos votos (21-23) e da extensão da própria liberdade quando se estiver no campo ou em vinha alheia (24, 25).

23.1,2 Essas incapacidades físicas não eram obstáculo à participação na vida da congregação. Mesmo no Antigo Testamento, serviam de obstáculos só quanto a privilégios externos; jamais quanto às realidades espirituais da salvação.

23.1 Emasculação é a mutilação do membro viril (cf. 25.11, 12n). Era uma prática pagã.

Nas antigas religiões pagãs, os eunucos eram sacerdotes dos templos.

23.14 *O Senhor teu Deus anda no meio.* A presença de Deus no coração do crente deveria ser uma forte motivação para ele aplicar-se à pureza e à santidade.

23.15,16 Pode-se supor que o escravo fugira de um senhor cruel. Em contraste com essa lei humana, o antigo Código de Hamurabi decretava a morte como pena por se abrigar um escravo fugitivo.

23.17,18 Israel tinha de abster-se totalmente da prostituição religiosa ligada aos ritos de fertilidade pagãos. Em Canaã, tanto as mulheres como os homens eram fornicadores.

23.19,20 Não havia objeção contra empréstimos a estrangeiros, pois usualmente eram de caráter comercial. Mas a lei do amor proibia emprestar a juros a um compatriota mais pobre.

23.21-23 O voto aqui referido envolvia alguma questão particular que não era atinente à obrigação de todos. Qualquer voto feito a Deus é uma questão solene e não deve ser feito displicentemente.

23.24,25 Quando os fariseus se escandalizaram (Mc 2.23, 24) pelo fato de os discípulos de Cristo apanharem as espigas, não se referiam à violação desta lei, mas supunham que o descascar das espigas era considerado uma debulha, e, portanto, um trabalho servil e violação do descansado sábado. • **N. Hom.** Não se podia obter lucro material por: 1) Práticas imorais (18); 2) Tirar vantagens de um irmão (20); 3) Transformar a liberdade em libertinagem (24, 25).

Cap. 24 Moisés proibiu o novo casamento em um caso específico de divórcio (1-4), e apresentou vários regulamentos humanos (5-22). Esses regulamentos falam sobre a isenção militar aos recém-casados (5), sobre as fianças (6, 10-13), sobre o rapto (7), sobre a lepra (9), sobre o imediato pagamento dos ordenados (14, 15), sobre a justiça (16-18) e sobre a generosidade para com os pobres (19-22).

24.1-4 Não é aprovado o divórcio tal como o caso da poligamia (cf. 21.15n), mas é visto como uma prática já existente e que precisava ser regulada. O divórcio não era necessário mas, se usado, tinha que ser preparado um documento legal, declarando o motivo do mesmo e entregue à mulher. O ponto inflexível desta lei, porém, é que o homem nunca mais poderia casar-se novamente com a sua ex-esposa se nesse ínterim ela tivesse se casado novamente, e o segundo casamento da mulher se tivesse rompido pela morte de seu segundo marido ou por divórcio.

• **N. Hom. 24.5-25.4** A chave destas leis é a compaixão posta em prática, o amor de Deus refletido no comportamento humano; não se permitia que as dívidas pudessem esmagar um homem ao ponto de não levantar mais, 24.12-13 (cf. Am 2.8); não se podia desamparar o homem sem recursos, 14, 15; devia haver sempre alguma sobra para os que não tinham condições de se defender a si mesmos, 19-22; a punição seria justa, 25.1-3; a compaixão se estendia aos animais, 25.4.

24.6 Ninguém devia aceitar, como garantia de um empréstimo, aquilo de que a vida ou a saúde de outrem dependia (cf. 10-31).

24.8 *Praga da lepra.* Devia ser dada cuidadosa atenção à prescrição divina para tratar com essa enfermidade visto que a saúde da comunidade inteira corria perigo.

24.16 Esse princípio de justiça põe a responsabilidade individual em primeiro plano. O princípio não entra em conflito com o juízo divino contra os descendentes daqueles que odeiam a Deus (isenta-os da culpa, mas não das conseqüências), nem repudia o princípio da responsabilidade coletiva que existe em certos grupos. • **N. Hom.** Dois tipos de casamento 1) O casamento fracassado: a) descoberta de um erro cometido (1); b) declaração de fracasso (3); c) separação permanente (4); 2) O casamento bem sucedido: a) a união é feliz; b) o ajustamento exige tempo; c) certas questões devem ser consideradas secundárias.

Cap. 25 Regras sobre os limites do castigo corporal (1-3), direitos dos animais em serviço (4), casamento sob levirato (5-10), castigo de pecados excepcionais (11, 12), justiça nos

negócios (13-16) e extermínio dos amalequitas (17-19).

25.3 *Aviltado*. A dignidade do homem, criado à imagem de Deus, era resguardada da degradação pública.

25.5-10 O costume do casamento sob levirato era antigo e não se limitava aos hebreus. Quando um homem morria sem filhos, seu irmão devia tomar a esposa dele. Os filhos desse casamento eram reputados filhos do primeiro marido. Onã recusou-se a cumprir com sua responsabilidade porque seus filhos não receberiam herança primária (Gn 38.8-10). O livro de Rute mostra que o costume do casamento sob levirato incluía mais gente além do irmão do marido falecido. E uma nova extensão do costume é vista no fato que Boaz se casou com Rute, e não com Noemi. A lei do levirato não era aplicada se tivessem nascido filhas (cf. Nm 27.1-11). Esta lei levantou a pergunta que os saduceus apresentaram a Jesus acerca da ressurreição (Mt 22.23,ss).

25.7 Tal como no caso de Tamar (Gn 38), a esposa tinha a responsabilidade de zelar para que a *obrigação do cunhado* fosse cumprida.

25.9 *Descalçar a sandália*. Isso simbolizava a rejeição da responsabilidade ou sua transferência a outro, cf. Rt 4.7, 8.

25.11,12 O órgão masculino não devia ser maltratado (cf. 23.1). Era a fonte da fertilidade e também trazia o sinal do pacto de Deus com Seu povo (Gn 17.11).

25.13 *Pesos diversos*. Não podiam ser feitos negócios com dois tipos de pesos, um maior para os recebimentos, e outro menor para os pagamentos, cf. Am 8.5. • **N. Hom.** Há interessantes similaridades entre a luta da carne contra o espírito e a luta de Amaleque (17-19) contra Israel: 1) Assim como a carne procura perturbar e derrotar ao crente (Rm 7.23; Gl 5.17), assim Amaleque tentou perturbar e derrotar a Israel (Êx 17.8; 1 Sm 30.1-6); 2) Assim como nada há de bom na carne (Rm 7.18), assim nada havia de louvável para ser poupado, em Amaleque (1 Sm 15.3); 3) Como viver segundo a carne atrai a sua própria ruína (Rm 8.13; Gl 6.8), assim Saul, que poupou ao rei de Amaleque, foi rejeitado como rei (1 Sm 15.23); 4) Assim como a carne nunca pode ser vencida pelos recursos naturais do indivíduo (Rm 7.14-24), assim Israel não podia vencer a Amaleque com seus próprios recursos naturais (Nm 14.40-45); 5) Assim como a vitória sobre a carne é possível só através do Espírito Santo (Rm 6.14; 8.2), assim Deus capacitou o Seu povo a vencer os amalequitas (Êx 17.1 -13; 1 Sm 30.8).

Cap. 26 Moisés faz confissões para a apresentação das primícias (1-11) e o dízimo do terceiro ano (12-15). Uma exortação (16-19) conclui a exposição dos estatutos e ordenanças contidos nos capítulos 12 a 26.

26.3 *O Senhor... prometeu*. O primeiro ato devia ser a declaração de que Deus cumprira a Sua antiga promessa, a de dar-lhes a terra (Gn 28.13).

26.5 *Arameu*. A referência é a Jacó, cuja mãe e parentela vinham de Arã (Gn 24.10; 25.20).

26.5-10 O costume de repetir-se um Credo, já vem do tempo de Moisés; o que está sendo feito na cerimônia aqui descrita é um tipo de profissão de fé naquilo que Deus fizera para Seu povo Israel, desde os tempos mais antigos, e pode ser chamado o Credo Histórico. O outro trecho que os israelitas até hoje repetem como Credo se lê em 6.4-9, e fala de um amor perfeito dedicado a Deus, e de uma reverência total para com Sua Palavra: é o Credo do Coração.

26.12 *No ano terceiro*. Durante os dois primeiros anos, o dízimo anual deveria "ser levado ao santuário central (14.22-27). No terceiro ano, entretanto, o dízimo seria armazenado para distribuição entre os pobres.

26.13 *Tirei de minha casa o que é consagrado*. O israelita que tivesse pago seu dízimo de três anos (a porção sagrada) devia declarar publicamente que obedecera ao mandamento de Deus.

26.14 O adorador devia confessar que sua oferta não fora exposta a contaminação cerimonial, especialmente aquela associada com a lamentação pelos mortos.

26.16-19 A lei agora fora dada em sua totalidade - a responsabilidade de Israel em observá-la consistia em seu pacto com Deus. Esta totalidade se reflete nas seguintes palavras: *estatutos*, que representam a firmeza eterna das disposições de Deus (Sl 119.89-91); *juízos*, que são os pronunciamentos de Deus sobre o comportamento humano, no agir e no pensar (1 Sm 16.7; Rm 11.33-36); *mandamentos*, as ordens ou instruções de Deus, cujo teor se resume nos Dez Mandamentos, registrados em 5.6-21. Veja 11.1n. • **N. Hom.** A vida consagrada: 1) Chamada à consagração (16); 2) Ato da consagração (17); 3) Significado da consagração: possuído por Deus (18a), obediente a Deus (18b), abençoado por Deus (19a), santo para Deus (19b).

Cap. 27 O estilo volta à forma de narrativa e Moisés aparece na terceira pessoa. O capítulo contém instruções para a inscrição da lei em pedras no monte Ebal (1-8), uma injunção divina à obediência (9, 10) e uma ordem para o pronunciamento das bênçãos e maldições nos montes Gerizim e Ebal (11-26). O primeiro estágio da ratificação do pacto teve lugar nas planícies de Moabe, quando Moisés ainda era o líder. O desdobramento da ratificação em dois estágios simboliza a contínua liderança de Deus, embora tenha havido mudança de líderes no nível humano. Esse capítulo aborda o segundo estágio da ratificação, o cumprimento do qual está registrado em Is 8.30-35.

27.2 *No dia.* Não é feita, esta referência, a nenhum dia específico, mas a um tempo ainda no futuro. *Pedras grandes.* Tais pedras, se encontram no Egito e noutros países do Oriente com inscrições gravadas na própria pedra ou então, numa superfície de argamassa ou cal (cf. Am 2.1).

27.3 *Escreverás.* As antigas inscrições podiam ou não ser extensas. Sabe-se de uma gravada nas rochas de Beistum, três vezes mais extensa que o livro de Deuteronômio. *Desta lei.* Refere-se ao pacto do Deuteronômio.

27.5-7 Assim como a lei testifica sobre o pecado, assim os sacrifícios no altar do monte Ebal testificavam a graça e a provisão da misericórdia, inclusas no pacto para encobrir as culpas. Os holocaustos simbolizavam a completa consagração a Deus e as ofertas pacíficas simbolizavam a comunhão com Deus.

27.26 O povo deveria obrigar-se, sob maldição (cf. At 23.12-14), a guardar toda a lei. Cristo libertou o crente, tomando, sobre Si, essa maldição (Gl 3.13). • **N. Hom.** Podemos reviver o nosso ato de consagração (cap. 26, N. Hom.), lembrando: 1) O que fizemos (6); 2) O que lemos (8); 3) O que ouvimos (9, 14); 4) O que dissemos (15b, 16b, etc.).

Cap. 28 Tendo concluído suas instruções sobre o segundo estágio da renovação do pacto (cap. 27n), Moisés agora proclama, perante o povo, as bênçãos decorrentes da obediência (1-14) e as maldições oriundas da desobediência (15-68). Durante os últimos quarenta anos, Israel já havia se mostrado propenso à apostasia. A ênfase dessa passagem, portanto, recai sobre as maldições e não sobre as bênçãos. Se o leitor se admirar com a extensão e a severidade das maldições proferidas, lembre-se que algumas das expressões utilizadas pelo Senhor Jesus não eram menos severas. No entender de Moisés, não passavam de avisos de misericórdia que, se escutados, teriam poupado a Israel muitos dissabores, muita miséria. Recorde-se a história dos judeus até ao presente - que amargo comentário desses passos de Deuteronômio.

28.1-14 As seis bênçãos de 3-6 têm seu paralelo nas seis maldições de 16-19. Note-se a disposição da matéria. As bênçãos tratam de: 1) Relações estrangeiras de Israel (7); 2) Relações domésticas (8); 3) Relações espirituais (9, 10); 4) Relações domésticas (11, 12a); 5) Relações estrangeiras (12b, 13). Se Israel fosse fiel, em suas relações com Deus, prosperaria em todos os sentidos, Desfrutaria de abundância na própria pátria e seria bem sucedido em todo encontro militar ou comercial, com outras nações.

28.1 *Te exaltará sobre todas as nações.* Esse era o propósito de Deus para Seu povo. Seu cumprimento dependia da obediência deles. Tinham de agir de modo singular, entre as nações da terra.

28.3-14 Notar o contraste entre a natureza dessas bênçãos e a frase de Novo

Testamento, "toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais" (Ef 1.3).

28.10 *Chamado pelo nome do Senhor*. Isso significa que eram povo de Deus e, portanto, estavam sob Sua proteção, cf. Is 63.19; Pv 18.10.

28.15-68 O resultado final da desobediência seria a expatriação dos israelitas da sua herança, e a perda da sua posição como povo de Deus.

28.15 *Te alcançaráo*. Não há modo de escapar de Deus, senão correndo para Ele, nem se pode fugir de Sua justiça senão fugindo para a Sua misericórdia.

28.20 *Me abandonaste*. A violação do primeiro mandamento era a essência do pecado de Israel. Note-se como essas palavras de Moisés passam, quase imperceptivelmente, para as de Deus como freqüentemente sucede nos escritos proféticos (cf. 29.5).

28.22 *Até que pereças*. O resultado final da epidemia (21, 22a), da seca (22b-24) e da guerra (25), seria a destruição de Israel.

28.23 *Bronze... ferro*. Essa seria a aparência do céu e da terra, porque as chuvas seriam interrompidas e assim seriam somente poeira.

28.26 *Aves... animais*. Que degradação! O homem, que recebeu autoridade sobre o reino animal, sendo devorado pelas aves e animais. Ap 19.17, 18 pinta a condenação da humanidade rebelde como uma festa em que homens mortos são devorados pelas aves.

28.27-35 O arranjo das maldições é semelhante ao das bênçãos em 7-12: 1) Doença incurável (27); 2) loucura (28); 3) Opressão contínua (29); 4) Frustrações (30-32); 5) Opressão contínua (33); 6) Loucura (34); 7) Doença incurável (35).

28.28 Os juízos de Deus podem chegar à mente do homem, para enchê-la de trevas e horror.. e o pior dos juízos é aquele que faz o homem se constituir em terror para si mesmo, e na sua própria destruição.

28.29 Este versículo revela a incapacidade total do homem, mesmo em meio às circunstâncias mais ideais; é a loucura (vv. 28 e 34), no sua forma mais terrível e mais comum, a esquizofrenia, que produz esta enfermidade da personalidade.

28.30 Este versículo representa a *frustração* total dos mais nobres sonhos do homem, a frustração dos seus melhores esforços.

28.32 *Saudades*. Especificamente, *saudades* que nunca se poderão "matar", num desespero onde não há saída.

28.36 *Servirás a outros deuses, feitos de madeira e de pedra*. Na idolatria, o homem adora criaturas que lhe são *inferiores*, em vez de adorar ao Criador, que lhe é *superior*.

28.46 Eles seriam um *signal* do julgamento divino e uma *maravilha* que provocaria estupefação, cf. 13.2n.

28.47,48 O argumento é que se era difícil demais obedecer aos mandamentos de Deus, que são a plenitude da vida, da alegria e da prosperidade daqueles que neles andam, muito mais pesados vão ser os mandamentos dos inimigos, que se deleitam em torturar seus prisioneiros assim como Satanás tortura os prisioneiros do pecado.

28.49-57 É um quadro profético da desolação e degradação a que Israel viria a ser reduzido. Tempos de angústia freqüentemente revelam a depravação daqueles que, em tempos normais, são considerados retos, mimosos e delicados (54-56). Esta cena se cumpriu nos certos de Samaria (2 Rs 6.28) e de Jerusalém (Lm 2.20, 22).

28.58 A finalidade da Lei de Deus é levar os homens ao temor de Deus, que, sendo o princípio de toda a sabedoria (Pv 9.10), é a fonte vital da vida humana. A própria palavra Lei (heb *tôrâh*), fala em "guiar alguém até o alvo" (que é Deus). Da mesma maneira, o evangelho foi escrito para que creiamos que Jesus é o Cristo, o filho de Deus, e, crendo, tenhamos a vida eterna, Jo 20.31.

29.64 *O Senhor vós espalhará*. A desobediência traria não só a derrota, mas também o exílio. Essas palavras se cumpriram na queda de Samaria, em 722 a.C., e na queda de Jerusalém, em 586 a.C. Foram novamente cumpridas quando Tito transportou muitos judeus ao Egito, após a destruição de Jerusalém, em 70 d.C. Esse notável aviso sobre o exílio foi dado antes mesmo de Israel ter entrada em Canaã. Só pela inspiração divina,

Moisés poderia ter previsto de modo tão claro o resultado da desobediência.

28.68 Voltar ao Egito. Israel fora redimida da escravidão do Egito, mas muitos deles, que repudiariam seu Salvador, cairiam novamente em escravidão, cf. Os 8.13. No início da era cristã havia muitos judeus vivendo no delta do Nilo. • **N. Hom.** O Contraste dos dois caminhos (cf. 30.15ss, Mt 7.13, 14): 1) Da obediência e da bênção (1-14) - Servindo a Deus com alegria e abundância (47); a alegria de Deus em fazer o bem (63a); 2) Da desobediência e da ruína (15-68) - Servindo ao inimigo em objeção (48); a alegria de Deus em fazer perecer (63b). • **N. Hom.** O nome de Deus é glorioso (58), e o modo como é usado nos revela verdades importantes a Seu respeito. 1) Deus é vivo (5.26), em contraste com os deuses materialistas de nossa era; 2) Ele revelou-se às gerações passadas (6.3); 3) Ele é supremo (10.17; cf. Ap 19.16); 4) Ele é seguro, imutável e digno de confiança (32.4; cf. 1 Co 10.4); 5) Ele é eterno (33.27); 6) Ele entra em relacionamento pessoal com Seu povo ("o Senhor teu Deus" - esta expressão é comum, 28.1, etc.).

Cap. 29 Neste e no capítulo seguinte, Moisés obriga o povo a servir a Deus e só a Deus, por meio de uma aliança. O cap. 29 começa introduzindo as palavras desta aliança, (1). A seguir, há um retrospecto da liderança divina do passado, como incentivo à obediência (2-9), uma declaração sobre os que estavam sendo incluídos na aliança (10-15), e uma advertência contra a apostasia (16-29).

29.1 *São estas as palavras.* Alguns julgam que essas palavras se referem ao capítulo anterior. Porém, é melhor compreendê-las como referentes ao discurso que as segue, mostrando assim o início de uma nova seção. *Além do Aliança.* A aliança na terra de Moabe é a mesma que foi feita antes, em Horebe, com certas modificações devidas às novas circunstâncias. É distinta e nova, porém, no sentido que agora foi feita com uma nova geração. Certos expositores bíblicos não concebem essa aliança como uma renovação, mas como uma "Aliança Palestina", inteiramente separada, dando as condições sob as quais Israel devia entrar na Terra Prometida. Essa posição reconhece sete outras alianças separadas: 1) no Éden (Gn 1.28); 2) com Adão (Gn 3.15); 3) com Noé (Gn 9.1); 4) com Abraão (Gn 15.18); 5) por Moisés (Êx 20ss); 6) com Davi (2 Sm 7.16); 7) a Nova Aliança (Hb 8.8).

29.4 *O Senhor não vos deu.* Isto não significa que Deus fosse culpado da cegueira espiritual de Israel. Positivamente, Deus não provoca a rebelião do homem contra Si, mas Ele conformou o coração do homem de tal maneira que, cada vez que este se recusa à fazer a vontade de Deus, torna-se menos sensível à próxima chamada ou mandamento. A consciência, assim, torna-se menos acessível, e o coração vai-se endurecendo.

29.10 *Todos.* A aliança abarca tudo, desde os líderes do povo até as crianças e os servos.

29.15 *Aquele que não está aqui.* A referência é à posteridade deles.

29.18 *Raiz que produza erva venenosa.* A idolatria seria como uma raiz a produzir fruto amargo, cf. v. 22-28.

29.19 *Terei paz.* O idólatra conhece a seriedade de sua ofensa, mas acha que pode pecar impunemente. *Para acrescentar à sede a bebedice.* Provavelmente uma expressão proverbial. O sentido é que, embora a idolatria começasse em pequena escala, se propagaria e resultaria na ruína de todo o povo.

29.20 Deus manifestaria a Sua ira e o Seu zelo porque só Ele tem o direito de ser amado pelo Seu povo, embora eles preferissem amar aos ídolos. *Apagará.* Cf. Ap 22.18, 19.

29.23 *Admá... Zeboim.* Cidades que se localizavam perto de Sodoma e Gomorra (cf. Gn 14.2) e partilharam de sua mesma sorte. A dramática destruição daquelas cidades servia de horrível memória do juízo divino, cf. Os 11.8.

29.29 *As reveladas.* Há mistérios divinos que vão além da compreensão humana. Mas o que precisamos saber nos foi revelado, e a isto devemos dar a nossa atenção. • **N. Hom.** Em Sua graça, Deus dá a Seu povo: 1) Livramento (2); 2) Orientação (5a); 3) Apoio (5b, 6); 4) Vitória (7); 5) Herança (8; cf. 4.20n). • **N. Hom.** Os perigos da apostasia: 1) Engana

(19a); 2) Infecta a outros (19b, nota); 3) Condena (20ss).

Cap. 30 Dá continuidade às palavras do pacto, iniciadas no cap. 29. Apresenta a possibilidade de restauração final (1-10), a afirmação de que a obediência não é difícil demais (11-14), e a lembrança das alternativas a Israel (15-20).

30.1-10 Essa passagem pressupõe o exílio e antecipa a restauração.

30.3 *Ajuntará de novo*. O retorno do exílio babilônico começou com Zorobabel. Mas esse retorno tipificou outra restauração. Alguns expositores crêem que a restauração aqui referida está sendo cumprida politicamente. Outros tomam uma posição diferente, alegando que, sob a Nova Aliança, judeus e gentios são tratados sob iguais condições. Em Rm 11, porém, Israel continua sendo visto, nesta nova dispensação, como um povo distinto, e a reunião dessa nação na Palestina não violaria, necessariamente, o princípio de iguais privilégios.

30.6 *Circuncidarás o teu coração*. Cf. 10.1 nota. O rabino Nachmanides entende este versículo como uma profecia da época messiânica, que porá fim ao caráter duplo do homem, fazendo com que seu único instinto natural seja a bondade, os judeus receberão então seu sumo bem: a pureza de coração, segundo a interpretação de Rabino Abraão Ibn Ezra.

30.11-14 Israel era capaz de cumprir a ordem divina. A Aliança exigia algo secreto, além da compreensão deles (cf. 29.29). Deus revelara, claramente a Sua palavra. Eles a tinham ouvido, e era algo sobre o que tinham de falar e entesourar no coração (cf. 6.4-7). Em Rm 10.5-8, Paulo aplica essa passagem a Jesus, mostrando que Sua pessoa é acessível, e que o caminho da salvação não está distante e difícil.

30.20 *A tua vida*. A vida não é a mera extensão dos dias. Consiste em amar, obedecer e apegar-se ao Senhor, em lugar de seguir-se os caminhos idólatras. Cf. Jo 17.3. • **N. Hom.** Arrependimento depois do desvio: 1) É estimulado pela memória (1); 2) Envolve uma volta e a obediência (2); 3) Produz a restauração (3); 4) Resulta em amor renovado (6). • **N. Hom.** A verdadeira vida (19, 20), envolve: 1) Amar a Deus; 2) Obedecer a Deus; 3) Apegar-se a Deus (cf. Sl 63.8).

Cap. 31 Registra a incumbência de Moisés ao povo (1-6), a Josué (7, 8) e aos sacerdotes e anciãos (9-13); o aparecimento do Senhor e a comissão a Josué (14-23); a ordem de pôr a lei perto da arca da aliança (24-27), e a ordem de reunir o povo para recitar o Cântico do Testemunho (28-30).

31.2 *Não posso*. Moisés ainda era forte para conduzir sua própria vida diária (34.7) mas perdera a energia necessária para liderar a uma nação inteira.

31.3 *Passará adiante de ti*. Deus continuaria com Seu povo a despeito de sua localização (cf. 12.30n), ou mudança de liderança (cap. 27n).

31.7,8 Josué já fora nomeado sucessor de Moisés (Nm 27.18-23). Agora Moisés o encorajava a enfrentar sua nova responsabilidade.

31.9 Este versículo e o 22 revelam-nos, sem dúvida, a autoria de Moisés (cf. Nm 33.2). As frases que geralmente iniciam os capítulos, como as seguintes: "São estas as palavras" (1.1); "esta é a lei" (4.44); "estas são as palavras" (29.1); "esta é a bênção" (33.1) são expressões próprias de um compilador, provavelmente o mesmo autor inspirado do cap. 34. Não é fácil, no entanto, distinguir com exatidão o que foi ou não escrito pela mão de Moisés. Fora de dúvida é a inspiração do livro, escrito, quando muito, por um contemporâneo de Moisés.

31.10 *De cada sete anos*. A leitura da lei, cada sete anos, não era o único meio de ensinar ao povo as obrigações da aliança. Os pais também tinham o dever de instruir regularmente aos seus filhos (6.7, 20ss). A instrução normal na Palavra de Deus no templo ou na escola, não tornava a instrução paterna menos necessária.

31.14-23 Deus convocou Moisés e Josué à Sua presença para comissionar pessoalmente o novo líder (14, 23). Nesse encontro, Deus confirmou as predições de Moisés sobre a apostasia de Israel e a ira divina que se seguiria (16-18). Também ordenou que Moisés

escrevesse o Cântico do Testemunho (19-22; cf. cap. 32n).

31.15 *A coluna de nuvem*, que acompanhou Israel pelo deserto, aparece novamente.

31.17 Males e angústias sobreviriam a Israel, mas o Cântico do Testemunho lhes lembraria que só eles eram culpados (21).

31.21 *Sempre o trará no boca*. O valor dos cânticos é que podem ser facilmente aprendidos e transmitidos a outros. Deve-se ensinar aos novos crentes os hinos mais instrutivos e úteis.

31.23 Uma continuação dos versículos 14-15.

31.28 *Estas palavras*. É provável referência ao Cântico do Testemunho.

31.30 Este versículo introduz o Cântico do Testemunho, que vem a seguir. • **N. Hom.** Pontos essenciais do progresso espiritual: 1) Forças vindas de Deus (6); 2) Confiança em Deus (8); 3) Conhecimento da Palavra de Deus (12, 13); 4) Obediência à Palavra de Deus (12, 13). • **N. Hom.** A importância da Palavra de Deus, subentendida pelo fato de que foi: 1) Escrita (9); 2) Lida (11); 3) Ensinada (12), 4) Preservada (25, 26).

Cap. 32 O Cântico do Testemunho aqui apresentado pode ser esboçado como segue: Uma invocação introdutória (1-3), um contraste entre o caminho de Deus e o de Seu povo (4-6), uma pesquisa histórica das relações de Deus com Israel (7-14), o registro da apostasia de Israel (15-18), a justa indignação do Senhor (19-27), os inimigos de Israel como instrumentos do propósito de Deus (28-33), e o juízo dos ímpios e a vindicação do povo de Deus (34-43). O capítulo termina com um apelo de Moisés baseado no Cântico (44-47) e a advertência do Senhor a Moisés sobre sua morte (48-52).

32.1-43 Cântico do Testemunho: Ao atravessar o Mar Vermelho, dirigira Moisés um cântico ao Senhor (Êx 15.1; cf. Ap 15.3); e agora, ao findar de sua vida, deixa ao povo o seu último cântico. Este tem sido considerado como "a chave de toda a profecia", por se referir à origem de Israel como nação, à ingratidão e à apostasia do povo e, finalmente, ao castigo que sofreu e à restauração que, graças ao Senhor, o elevou à dignidade primitiva. O tema é o nome do Senhor, o carinho com que tratou o Seu povo, a justiça e a misericórdia com que o distinguiu. Abrange a história do povo eleito desde a criação do universo até ao Dia do juízo final. Começa e termina com um cântico de louvor.

32.1 A invocação aos céus e à terra é uma convocação para que sejam testemunhas da aliança (31.28).

32.4 *Rocha*. Essa palavra se emprega sete vezes no Cântico. Denota a eterna estabilidade e firmeza de Deus, e expressa o pensamento de refúgio e defesa.

32.6 *Louco*. O pecado é considerado uma loucura. Contrariamente, "O temor do Senhor é a princípio do saber" (Pv 1.7). *Teu pai*. A referência é ao amor paternal de Deus, ao fazer de Israel o Seu próprio povo escolhido.

32.8 *Fixou os limites dos povos*. O Cântico lembra a doutrina de Gn 10-11. No primeiro destes capítulos, todas as nações estão incluídas na aliança da graça divina, embora com os limites demarcados; no segundo, como resultado do orgulho, registra-se uma separação completa, começando a destacar-se Abrão, através de quem Deus enviaria as Suas bênçãos ao mundo, cf. Rm 11.25; Ef 2.11-18.

32.11 *Como a águia*. Esse versículo descreve a chamada, a educação e a proteção de Israel.

32.13 *Ele o fez cavalgar*. Deus permitiu a Israel avançar triunfantemente sobre todos os obstáculos terrenos, e banquetear-se com as melhores ofertas dos campos e rebanhos. *Mel da rocha*. Vinha dos elevados penhascos onde viviam as abelhas, em fendas. *Azeite de dura pederneira*. O azeite parece escorrer das "pederneiras", porque junto delas se encontram, normalmente, as oliveiras que o produzem.

32.15 *O meu amado*. Aqui e em 33.5, 26, a transliteração é *Jesurum*. É um nome poético de Israel, que significa "o reto". Mas aqui é usado em tom de sarcasmo.

32.17 *Demônios*. Heb *shedhim*, uma palavra derivada do assírio, que empregavam no sentido de "espírito protetor", que significa, para os hebreus, "um demônio dos pagãos".

Tudo aquilo que não é de Deus, mesmo sendo sobrenatural; ou usado como objeto de devoção, pertence ao Maligno; cf. v. 21 com 1 Co 10.14-22. Confiar num "espírito protetor" dos pagãos é abandonar a adoração a Deus, e cair em idolatria, em uma adoração falsa, inspirada por poderes do Inferno.

32.21 Zelos. Cf. 4.24n. *Provocarei.* Deus provocava Israel à ira, usando aos gentios como os Seus instrumentos para castigar a Israel (23-25), e mais tarde dando-lhes o evangelho (Rm 10.19). *Não é povo... louca nação.* Não se subentende daí qualquer inferioridade em sua cultura. A nação inimiga não é povo porque não depende de Deus para sua existência e desenvolvimento, e é louca porque é ímpia (6n).

32.23-25 Cf. as maldições da aliança no cap. 28. O próprio Israel seria reduzido ao mesmo estado de não ser povo (cf. Os 2.23).

32.27 Nossa mão tem prevalecido. Algumas vezes, o homem realiza o propósito divino sem se dar conta de que Deus age por seu intermédio.

32.29 O seu fim. Se o inimigo fosse sábio, saberia que se Deus castigava Seu próprio povo de Israel, ele também seria punido por sua própria iniquidade, no fim.

32.31 Muitas religiões falsas imitam aspectos do cristianismo, chegando até a usar a mesma terminologia. Mas, *a rocha deles não é como a nossa Rocha!*

32.34 Tesouros. O tesouro mais valioso que um homem pode ter é um cabedal de sabedoria que provém do temor de Deus, que se alimenta pela fé e cresce pela obediência; este conhecimento prático dos caminhos de Deus é fonte contínua de inspiração e consolação.

32.36 Quando vir que o seu poder se foi. Deus interviria para ajudar Seu povo só quando fossem tão impotentes como quando Ele os achou a princípio (cf. 10). O reconhecimento de nossa incapacidade própria é requisito necessário para receber o dom divino da salvação (Rm 5.6) e a experiência do Seu poder, para receber livramento do poder do pecado em nossas vidas (Rm 7.18).

32.42 Cabeças cabeludas. Aqui, "cabeças", heb *rō'sh*, quer dizer "líderes", "chefes", "liderança" (a palavra se acha no singular coletivo). "Cabeludas" heb *par'ôth*, vem de uma raiz que significa "ser excelente", a qual talvez tenha vindo da palavra Faraó, título dos reis do Egito. Fala-se, pois, de "generais", "supremos líderes".

32.43 O cântico termina como prospecto da alegria por causa do juízo de Deus contra o inimigo e o perdão a Seu povo. Os gentios também são chamados para partilhar da alegria da salvação de Deus.

32.46 Aplicai o coração. Esse foi o apelo final de Moisés ao povo de Israel. • **N. Hom.** Nosso maravilhoso Deus: 1) Sua grandeza e fidelidade (3, 4); 2) Seu zelo e vingança (21, 35); 3) Sua justiça e compaixão (36); 4) Sua soberania e poder (39); 5) Sua graça e misericórdia (10, 43b). • **N. Hom.** O amoroso cuidado de Deus: 1) Ao achar-nos (10a); 2) Ao guardar-nos (10b); 3) Ao instruir-nos e guiar-nos (11, 12); 4) Ao sustentar-nos (13, 14). • **N. Hom.** O pecado da ingratidão se manifesta: 1) Na autocondescendência (15a); 2) Na infidelidade (17); 3) No esquecimento (18), cf. cap. 8, N. Hom.

Cap. 33 Registra a bênção final de Moisés. Consiste em uma introdução (1-2), um pronunciamento de bênçãos (6-25) e uma conclusão (26-29). A bênção é um discurso profético de oração e louvor, em forma poética, na qual Moisés declara o favor divino concedido individualmente às tribos.

33.2 Alvoreceu. A entrega da lei é comparada à glória do alvorecer vermelho dos montes ocidentais da península do Sinai. *Miríades de santos.* A referência provável é aos anjos.

33.6-25 Os filhos das duas esposas, Lia e Raquel, são mencionados primeiro; depois os filhos das servas. A tribo de Simeão é omitida nas bênçãos separadas. Jacó predissera antes que Simeão seria espalhado (Gn 49.5-7). Após entrar em Canaã, essa tribo foi gradualmente absorvida pela de Judá. Já que os dois filhos de José desfrutavam dos plenos direitos de uma tribo para cada um, o número das tribos mencionadas nas bênçãos continua sendo doze.

33.6 Rúben. Por causa do pecado de Rúben, sua tribo perdeu a posição de liderança (Gn 49.4). Preferiu ficar no lado oriental do Jordão. Assim isolada da maioria, corria mais perigo de extinguir-se.

33.7 Judá. Sendo a tribo real (Gn 49.8-10), Judá teria de defender a Israel de seus inimigos. Ao fazê-lo, precisava da ajuda divina.

33.8-11 Levi. Jacó também profetizara a dispersão de Levi (Gn 49.5-7). Mas Levi foi abençoada por haver mostrado devoção ao Senhor (8, 9) e foi escolhida pelo Senhor para importantíssimo ministério, especialmente o do sacerdócio (que pertencia aos descendentes de Arão).

33.8 Tumim e o teu Urim. Parece que eram pedras preciosas que serviam de instrumentos para revelar a vontade de Deus, cf. 1 Sm 28.6. *Provaste... contendeste.* A "prova" de Moisés e Arão se deu em Massá, mas só em Meribá "contenderam" com Deus, quando representavam a sua tribo.

33.9 Guardou... observou. Levi comprova sua devoção ao Senhor no teste pela qual passou, no Sinai (Êx 32.26-29). A lealdade a Deus tivera precedência sobre as relações de família.

33.12 Benjamim. As palavras "e ele descansará nos seus braços" seriam mais bem traduzidas como "e morará entre os seus ombros" (ARC). Provavelmente é uma profecia de que o templo futuro será localizado dentro dos limites do território de Benjamim. Os "ombros" podem estar relacionados com a elevada posição de Jerusalém.

33.13-17 José. Moisés ora para que essa tribo seja abençoada com abundância material da natureza (13-16) e com poder militar (17).

33.16 Príncipe. José desfrutaria da posição de preeminência perdida por Rúben. Seus dois filhos *Efraim e Manassés*, eram tribos separadas.

33.17 Miríades. A ARC diz: "dez milhares de Efraim". O irmão mais novo teria preeminência sobre o mais velho; que tem apenas "milhares", cf. Gn 48.14ss.

33.18,19 Zebulom, Issacar. Zebulom teria sucesso no comércio, e Issacar teria prosperidade na agricultura pátria.

33.20,21 Gade. Essa tribo preferiu habitar o lado oriental do Jordão, mas, ao mesmo tempo, ajudou as outras tribos a conquistarem sua herança, cf. 3.18.

33.22 Dã. Como um leão ou serpente (Gn 49.17), Dã seria perigoso para os adversários. Muitos danitas, depois, migraram para o extremo norte de Israel.

33.23 Naftali. Essa tribo foi favorecida por possuir uma bela e fértil região, especialmente na sua parte sul, junto às praias do mar da Galiléia.

33.24,25 Aser. Território famoso por suas oliveiras. *Ferrolhos.* A referência é à proteção de Aser contra os inimigos vindos do norte. *Paz.* Uma melhor tradução seria *força*, heb *dabha'*. • **N. Hom.** Deus como Rei: 1) Glória (2); 2) Amor (3); 3) Autoridade (2b, 3b-5). • **N. Hom.** Serviço: 1) Testado (8b); 2) Prestado (9); 3) Galardoado (8a, 10, 11).

Cap. 34 Este capítulo final registra a história da morte de Moisés (1-8), a subentendida liderança de Josué (9), e a apreciação da vida de Moisés (10-12).

34.1 Pisga. Um nome comum que denotava um tipo particular de crista montanhosa. Várias "pisgas" são mencionadas na Bíblia.

34.2,3 Dessa elevada altura Moisés contemplou o mar da Galiléia (ao norte), o mar ocidental (Mediterrâneo), o sul do Neguebe (deserto do sul de Judá) e o vale do Jordão ao sul, até Zoar (antes localizada no fim do mar Morto, Gn 14.2).

34.7 Nem se lhe abateu o vigor, Moisés faleceu por ordem de Deus, não por velhice.

34.9-12 Estes versículos finais, provavelmente, foram escritos por inspiração divina, após o tempo de Josué, sendo então adicionados ao livro de Deuteronômio.

34.9 A imposição de mãos simbolizava a transferência de poderes ou qualidades de um indivíduo para outro (cf. Lv 16.21; Gn 48.14; At 6.6; 9.17; 1 Tm 4.14).

34.10-12 Não se levantou profeta igual a Moisés até Cristo, que é o Grande Profeta predito por Moisés, cf. 8.

34.10 Face a face. Moisés comungava com Deus de um modo jamais experimentado por outro homem, mas isso não significa que *via* a face de Deus 4.15n; Êx 33.11, 20; 2 Cr 3.1n). • **N. Hom.** Lições sobre Moisés: 1) Sua vida - notabilizou-se por suas relações com Deus (10) com o mundo (11), e com o povo de Deus (12); 2) Seu pecado - isto nos mostra que o melhor dos homens é falível, e que as conseqüências, ainda que de um único pecado, são sempre desastrosas (4; cf. 32.51, 52); 3) Sua morte (5) - mostra que Deus é imparcial em Seus juízos (10.17), e que o maior dos líderes humanos não é insubstituível.

O Livro de Josué

Análise

O livro de Josué é a seqüência do Pentateuco. Moisés faleceu na terra de Moabe, à vista da terra prometida. A Josué, seu sucessor, foi deixada a missão de liderar Israel para atravessar o Jordão e entrar em Canaã.

A maior parte do livro descreve a conquista de Canaã e a divisão da terra entre as tribos de Israel. Após a queda de Jericó e Ai, e a capitulação de Gibeom, no centro de Canaã, Josué foi confrontado por duas coligações sucessivas de estados cananeus, uma no sul, com o rei de Jerusalém à frente, e a outra no norte, sob Jabim, de Hazor. Mediante, o auxílio divino, Josué foi capaz de conquistar tanto o sul como o norte, e de dividir a terra entre as tribos de Israel. Bolsões de resistência continuaram existindo, entretanto, e a responsabilidade de cada tribo era ocupar a terra que lhe caíra por sorte. O livro de Josué registra a história de Israel desde a nomeação de Josué como sucessor de Moisés, até ao seu falecimento, com a idade de 110 anos.

Autor

O título do livro dá a entender que Josué é o seu personagem principal. O próprio livro, todavia, é anônimo, embora haja forte evidência interna de que foi escrito por uma testemunha ocular dos muitos acontecimentos que ali são descritos.

Em sua forma presente, contudo, o livro é posterior aos dias de Josué, cuja morte registra. A conquista de Debir, por Otniel, e de Laís (Lesém), pelos danitas, teve lugar depois da morte de Josué.

O livro pode ter sido obra de um dos "anciãos que ainda sobreviveram por muito tempo depois de Josué", e que teria feito uso do material escrito pelo próprio Josué (24.26, cf. 24.1-25).

Esboço

PREPARANDO-SE PARA A CONQUISTA, 1.1-5.15

Josué é Comissionado como Sucessor de Moisés, 1.1-9

Preparando-se para a Travessia do Jordão, 1.10-2.24

A Travessia do Jordão, 3.1-4.25

O Acampamento em Gilgal, 5.1-15

A CONQUISTA DE CANAÃ, 6.1-12.24

A Captura de Jericó, 5.13-6.27

O Pecado de Acã e a Derrota de Israel, 7.1-26

A Vitória em Ai, 8.1-29

O Altar Erigido no Monte Ebal, 8.30-35

Os Fraudulentos Gibeonitas, 9.1-27

A Conquista do Sul de Canaã, 10.1-43

A Conquista do Norte de Canaã, 11.1-15

Revisão da Conquista, 11.16-12.24

DIVISÃO DO TERRITÓRIO, 13.1-21.45

Porções Não-Conquistadas de Canaã, 13.1-7

As Tribos Orientais, 13.8-33

As Tribos Ocidentais, 14.1-19.51

As Cidades de Refúgio, 20.1-9

As Cidades para os Sacerdotes e Levitas, 21.1-45

ACONTECIMENTOS FINAIS, 22.1-24.33

O Retorno das Tribos Orientais, 22.1-34

O Discurso de Despedida e Morte de Josué, 23.1-24.33

1.1 *Morte de Moisés*, veja Dt 34.1-8 Falou o Senhor a Josué que, assim, veio a ser o sucessor de Moisés, como líder do antigo povo de Deus, os israelitas. Era da tribo de Efraim (1 Cr 7.27) e nasceu no Egito, no tempo da escravidão. A primeira menção do seu nome aparece em Êx 17.9. Escolhido para comandar os exércitos de Israel. Representou sua tribo para espiar a Terra (Nm 13.19), sendo, junto com Calebe, um dos dois únicos animados pela fé, a atacar e possuir tudo o que Deus prometera (Nm 14.6-10). Seu nome significa "Jeová é Salvação" ou "Jeová Salvador". Jesus é à forma grega de Josué (cf. At 7.45; Hb 4.8).

1.2 *Moisés* foi impedido de entrar na Terra por causa de seu pecado (Nm 20.12; 27.12-14, Dt 3.26, 27).

1.4 *Desde o deserto*, i.e., da Arábia, que forma o limite sul da Palestina, enquanto o Líbano era o limite norte. *Heteus*; cf. Jz 1.26n.

1.5 *Mar Grande*. O Mediterrâneo.

1.6 *Herdar a terra* que Deus prometera a Abraão e a sua descendência (Gn 12.6, 7; 13.14, 15; 15.18, 19; Êx 6.8). • **N. Hom. 1.7,8** "Manejando bem a Palavra de Deus," significa. 1) O falar, que é natural àquele que medita na Palavra (8; Sl 1.2; 119.171); 2) O meditar que é natural àquele que ama a Palavra (8; Sl 119.47, 97, 167); 3) O obedecer, que é natural àquele que ama, medita e fala (cf. Sl 119.101, 129); e 4) O ser bem sucedido (7), que é natural àquele: que obedece (Sl 119.165).

1.11 O rio Jordão é famoso pelos grandes acontecimentos que nele se deram. Pelo poder de Deus, suas águas se abriram e ficaram suspensas para passar os israelitas (cap. 3), facilitando a conquista da terra de Canaã. Davi, fugindo de Absalão, e voltando para Jerusalém, o atravessou duas vezes (2 Sm 17.22, 24; 19.15-18). Os dois profetas Elias e Eliseu, atravessaram o Jordão perto de Jericó (2 Rs 2.5-8; 13-15). Naamã, da Síria, lavou-se sete vezes nesse rio (2 Rs 5.14). Jesus foi batizado no mesmo rio por João Batista (Mt 3.13-17). Ele é o principal rio da Palestina formado por várias nascentes. A parte essencial do mesmo nasce nas montanhas do Ante-Líbano, ao norte da Palestina, donde desce para o sul, entrando no mar da Galiléia e depois desaguando no Mar Morto. O rio mede cerca de 193 quilômetros de extensão e é o único, no mundo inteiro, que desliza a uma altura inferior à do nível do mar.

1.14 *Os ajudareis*. As duas tribos e meia foram terminantemente obrigadas a apoiar as outras tribos na conquista da terra; do mesmo modo, todo cristão e grupo de crentes são enviados para prestar seu auxílio espiritual: e material dentro da comunhão do Corpo de Cristo (cf. 1 Co 12.25; Rm 15.25-27).

2.2 *O rei de Jericó* é um exemplo de um chefe de cidade real, entre as várias que dominavam Canaã, antes da conquista de Josué. Uma cidade como Jericó, com seus muros altos e grossos, dava proteção, em caso de ataque, não somente aos habitantes da cidade, mas também a todos que moravam na circunvizinhança. Somente quando atacados por forças poderosas é que aquelas cidades se aliavam para defesa mútua (e.g., Js 10.1-5).

2.10 *Seom e Ogue*. Os dois reis amorreus (9.10) que tinham sido vencidos quando não deram licença para Israel atravessar suas terras (Nm 21.21-35).

2.9,11 *Raabe* encontrada na dos heróis da fé (Hb 11.31), a despeito de sua vida repreensível (talvez tivesse sido sacerdotisa da religião pagã, e, assim, uma prostituta

sagrada). Sua fé, sem dúvida despertada pelo testemunho dos espias, resultou na sua justificação, e frutificou em obras. Ela arriscou a sua vida para salvar as dos representantes do Povo de Deus (Tg 2.25). Quando Jericó foi tomada, Josué poupou sua vida e a de seus parentes (6.25). Ela casou-se depois com um israelita chamado Salmon (Mt 1.5), possivelmente filho de Calebe (cf. 1 Cr 2.51) e tornou-se ancestral de Davi e Jesus Cristo (Mt 1.5-16).

2.11 Como gentia, Raabe necessitava juntar-se como prosélita ao Povo da Aliança, para chamar ao Senhor de "seu Deus", e por isso, a essa altura, ainda diz "vosso Deus". É notável sua confissão acerca de Deus neste versículo, já que o politeísmo e a idolatria predominavam entre os cananeus.

2.12 *Jurai-me... pelo Senhor* - uma forma de juramento usada naquele tempo.

2.15 *Uma corda*. As cordas eram feitas de elementos tais como linho, fibras de palmeiras, pêlos de camelos, etc. Por ser de fio de escarlata (18) e garantir a salvação de todos dentro da casa é semelhante ao sangue do cordeiro que guardou as casas dos israelitas da praga destruidora, na noite da primeira Páscoa (Êx 12.1-13). Igualmente nos volve ao futuro, quando Cristo viria a verter seu sangue na cruz para salvar a todos que se abrigassem nele pela fé.

2.16 *Ide-vos ao monte*. É o mesmo monte que a tradição nos diz ser o lugar onde Jesus jejuou por quarenta dias (Mt 4.1) e, por isso, chamado hoje o "Quarentano".

2.22 *Não os acharam*. Provavelmente; os espias, se esconderam numa das cavernas daquela região.

3.1 *Sitim*, ou "Abel-Sitim, nas campinas de Moabe" era a localização do acampamento de Israel a leste do rio Jordão, defronte de Jericó (cf. Nm 33.49).

3.3 *Arca da aliança*. A arca simbolizava a presença de Deus em poder no meio do seu povo. Era tão sagrada que, pelo fato de nela tocar, Uzá teve morte instantânea (2 Sm 6.6-9). Só podia ser levada por sacerdotes descendentes de Levi. A palavra "aliança" (heb "berith") significa "concerto", "pacto", "testamento", "contrato". A arca era o símbolo do concerto feito entre Deus e Israel (cf. Êx 2.25; Dt 4.7, 7.6-8; 8.17, 18).

3.4 *Dois mil côvados*, i.e., pouco mais que um quilômetro, ou a distância do caminho de um sábado (At 1.12).

3.5 *Santificai-vos*. Santificação, na Bíblia, significa separação para uso exclusivo de Deus (cf. Gn 2.3; Êx 28.2, 3, etc.). Esta separação implicava uma purificação tanto da alma como do corpo. • **N. Hom.** "Santificação, a necessidade de distinguir-se entre Deus e as coisas que Ele criou": 1) Deus *demand*a nossa afeição a Ele, acima de tudo (cf. Dt 6.15); 2) Deus *demand*a nossa separação para Ele, feita numa entrega total (cf. Sl 51.17; Rm 12.1, 2); 3) Deus *demand*a purificação (simbolizada pelas abluções do AT e pelo batismo, 1 Pe 3.21; Hb 10.22) moral e espiritual (1 Pe 1.13-16, 22).

3.10 *Lançará de diante de vós... cananeus*. Veja a corrupção destes povos (Gn 15.16; Dt.12.31; 18.9-14; 20.17, 18).

3.11 *Diante de vós*. Jeová que estava com Moisés, dirigindo o povo durante a longa jornada no deserto, não deixara de atravessar o Jordão à frente de Israel, preparando o caminho.

3.15-17 *O Jordão transbordava* nos meses de maio e junho. Em Adã, cidade 25 km ao norte, o Jordão corre entre ribanceiras de barro de 13 m de altura, sujeitas a desmoronamento. Podia ter sido o método que Deus usou para estancar as águas e deixar passar o povo, na hora determinada por Ele.

3.17 *Os sacerdotes... o Jordão... Israel passou*. O sacerdócio do AT era um tipo do Sacerdócio de Jesus Cristo (cf. Hb 10). Os sacerdotes, obedientes à vontade de Deus, entraram no Jordão; Deus operou o milagre, e o povo atravessou o rio sem dificuldade, para entrar na Terra Prometida. Podemos ver alguns paralelos ou semelhanças com o povo de Deus sob a Nova Aliança. Jesus Cristo, nosso Sumo Sacerdote, entrou na morte (rio), preparando o caminho para o seu povo. Pela sua morte expiatória, Ele abriu o

caminho para os seus (Hb 10.19-22). Agora, os crentes em Cristo podem herdar sua Terra da Promissão, porque Cristo, seguindo a vontade de Deus, entrou na sua frente preparando o caminho (Jo 14.6). A morte de Cristo será eficaz para todo o povo de Deus chegar até a glória.

4.8 *E levantaram doze pedras do meio do Jordão.* As pedras representam as doze tribos de Israel. Com elas se erigiu uma coluna memorial em Gilgal (20). Deus, sabendo da nossa deficiência humana de esquecer, sempre facilita, por um meio ou outro, a lembrança dos grandes eventos relacionados com a nossa salvação. Note-se, por exemplo, as festas de Israel e a Cella do Senhor e, também, o batismo neotestamentário. Josué levantou outras doze pedras no meio do leito do Jordão.

4.9 *Até ao dia de hoje*, i.e., até quando **o livro** foi escrito. Vd a introdução nos apêndices.

4.13 Só 40.000, de um total de cerca de 110.000 soldados das 2 1/2 tribos dos que herdaram terra a leste do Jordão, passaram para ajudar na conquista (12, cf. Nm 26.7, 18, 34).

4.14 Naquele dia Deus cumpriu a sua promessa encontrada em 3.7, 8. *Respeitaram-no.* Enquanto que custou quarenta anos e mais o desaparecimento de uma geração inteira de israelitas, para se conseguir respeito e lealdade para com Moisés, Josué, pela graça de Deus, os ganhou em poucos dias e sem contrariedades. Os sacrifícios daqueles que nos precedem nos fornecem muitas facilidades; não podemos, porém, deixar de notar que Moisés era o mais compassivo e compreensivo, entre os dois líderes (cf. Nm 12.3).

4.21,22 É de suma importância educar os filhos naquilo que Deus fizera, particularmente tudo que Ele nos ensina na sua Palavra. É de se notar que, por deixar de cumprir a este mandamento específico, mais do que por qualquer outro motivo, Israel foi levado à idolatria e desviou-se de Deus em poucos anos, como deparamos nos tempos dos juízes.

• **N Hom. 4.23,24** "O Propósito de Deus em abençoar": 1) Para demonstrar o seu amor para com os seus; 2) Para todos (inclusive os incrédulos) terem testemunho do seu poder (24); 3) Para que o povo de Deus dê maior atenção a Ele (24).

5.2 *De novo, a circuncidar os filhos.* Essa era outra maneira de lembrarem, por toda a vida, que os israelitas pertenciam exclusivamente a Deus. A circuncisão era um rito necessário para o povo poder participar dos privilégios e promessas da Aliança feita com Abraão e seus descendentes (cf. Gn 17.14; Êx 4.24). Parece que os israelitas deixaram de praticar a circuncisão durante a peregrinação no deserto, mas era necessária, antes de entrarem em luta contra as nações pagãs.

5.3 *Gibeate-Aralote*, ou "Outeiro dos Prepúcios", foi a nome dado ao morro onde a circuncisão foi realizada.

5.6 *Terra que mana leite e mel.* É uma expressão muito usada no Pentateuco e denota a fertilidade da terra da Palestina, onde abunda capim e flores, para a subsistência de vacas e abelhas.

5.9 *O opróbrio do Egito*, i.e., a miséria e humilhação dos israelitas na escravidão, no Egito. Agora que estão entrando na terra, receberão a honra de serem uma nação com terra própria entre as outras nações importantes do mundo de então. *Gilgal.* A palavra significa "círculo de pedras". Este acampamento foi situado a meio caminho entre o Jordão e Jericó. A palavra heb "*galal*" é a raiz de Gilgal e significa "revolver".

5.10 *Páscoa.* No quarto dia após a passagem do Jordão, cabia, como primeiro ato do povo, celebrar a Páscoa (cf. 4.19).

5.12 *Cessou o Maná* que Deus mandara durante 40 anos, desde que os israelitas entraram no deserto de Sim, perto do Sinal (cf. Êx 16.1-15). Cristo é o nosso maná espiritual durante nossa jornada no mundo desde o dia de nossa salvação até que o vejamos "face a face" (cf. Jo 6.31-34; 1 Jo 3.2).

5.14 *Príncipe do Exército do Senhor.* O Homem que Josué viu e que se identificou como "Príncipe do Exército do Senhor" era Deus mesmo (cf. 6.2), provavelmente na pessoa do Senhor Jesus Cristo. Seria então uma teofania (cf. Êx 14.19; Gn 12.7; 18.22-33; 35.9). •

N. Hom. "A guerra santa". Longe de sermos abandonados na batalha deste mundo, Deus em pessoa dirige e controla a luta que Ele nos manda travar (cf. Ef 6.10-18 e notas). 1) Mais importante ainda, que a luta visível, terrestre, se trava a verdadeira guerra santa contra as forças da maldade do Diabo (Lc 10.17-20); 2) O próprio Senhor está à testa, nesta luta, até o fim, tendo dado sua vida para vencer junto conosco (Hb 2.9,10); 3) Nosso alistamento na batalha vem através da verdadeira adoração (Rm 10.9; 2 Co 12.9, 10) e santidade que Ele nos fornece (Hb 2.11) e a nossa entrega completa a Ele (cf. Rm 12-1, 2). Tudo isto Josué reconhecia por meio deste encontro com o Senhor, ainda que, no seu caso, se tratava de luta física (cf. Nm 22.22; 2 Rs 6.17).

6.1 Jericó, "cidade das palmeiras" (Dt 34.3), era cidade mui fortalecida, com muros enormes (cf. MB, p 150). Era importante pelo tamanho, riqueza e, acima de tudo, bloqueava a entrada dos israelitas na Terra.

6.4 Sétimo dia, sete trombetas, sete vezes. O número sete é muito usado nas Escrituras, porque está relacionado com a perfeição divina (cf. Ap 4.5). No hebraico o número "sete" é a raiz da palavra "jurar", obrigando ao cumprimento da palavra ou promessa feita sete vezes (cf. Gn 21.28). *Trombetas.* Neste trecho há três palavras usadas para especificar o tipo de trombeta: 1) *Shofar*, que é o nome especial para trombeta; 2) *Geren* indica "chifre", i.e., "trombeta de chifre"; e 3) *Yobel* que significa "carneiro", i.e., "chifre de carneiro". Estas eram as trombetas de celebração ou jubileu, porque a entrada na Palestina era ocasião de grande celebração. Os sacerdotes usaram o sinal de celebração e não o de guerra (Lv 25.9).

6.15-21 A tentativa de asseverar-se que a queda de Jericó ocorrera devido a qualquer causa que não seja um milagre, é totalmente contrária à natureza deste capítulo. Fala-se de um terremoto, da queda dos muros, de um assalto súbito depois de Ter dado aos guardas, sobre os muros, a impressão de que se tratava apenas de procissões religiosas. O que deu força aos invasores foi verificar que Deus estava cumprindo, de maneira bem dramática as Promessas concedidas a Abraão, a Moisés e a Josué. Sem um milagre desta natureza, a poderosa fortaleza nunca cederia perante aquelas tribos do deserto, e os israelitas nunca poderiam ter tomado ânimo para empreender uma conquista, que nem mesmo o império do Egito tinha poder para realizar naquela época.

6.17 Cidade será condenada. Às vezes, esta palavra "condenada" é traduzida "dedicada" ou "consagrada" ao Senhor; mas também tem a idéia de "anátema" ou condenação, ligada a ela. As coisas, qualificadas como "*cherem*" (heb) sejam pessoas idólatras ou objetos relacionados com a religião pagã, eram completamente destruídos, ou então eram consagrados ao serviço divino (veja 19; Lv 27.28 - "toda coisa assim consagrada - *cherem* - será santíssima ao Senhor"). Quando tal palavra era pronunciada contra uma cidade, tanto os homens quanto os animais eram destruídos e nenhum despojo era levado dela; os ídolos eram queimados (Dt 7.25) e tudo na cidade destruído, ou então consagrado a Deus para o uso no santuário. Esta palavra foi pronunciada contra Jericó; ela foi a primeira cidade vencida na Palestina e isso por meio de um milagre. Assim, ela pertencia ao Senhor como primícia do julgamento divino.

6.25 Josué conservou... Raabe. Este ato é típico da graça de Deus na Nova Aliança. O pior pecador pode receber a graça de Deus pela fé e também o poder divino transformador em sua vida (cf. Hb 11.31; Tg 2.25).

6.26 Maldito... seja o homem que... reedificar esta cidade. Há uma idéia de que não foi proibido construir alguns edifícios neste local, mas foi proibido reconstruir uma cidade fortificada com muralhas como ela era. Jericó é mencionada freqüentemente no Novo Testamento (Mt 20.29; Mc 10.46, etc.) Nos dias de Hiel, o betelista, esta profecia, ou prenúncio de maldição, foi cumprida quando ele tentou reconstruir a cidade com "portas", isto é, com muralhas e portas (1 Rs 16.34).

7.1 A ira do Senhor se acendeu. Acã, que quer dizer "turbulento", tomou a coisa anátema (*cherem*) e todo o Israel sofreu. A unidade de Israel era tão importante aos olhos de Deus

que o pecado de Acã envolveu a nação toda (cf. At 5.3).

7.2 Betel, isto é, "Casa de Deus".

7.12 *Já não serei convosco, se não.* No v. 7 Josué fez uma pergunta de um tal modo, que culpava a Deus pelos problemas de Israel, pela derrota sofrida. O verso 10 mostra que esta não era ocasião para *orar*, mas sim, para *obedecer* ao mandamento de Deus! "Israel pecou, e violaram a... aliança" (11). Agora, neste estado de desobediências a nação estava sujeita à destruição, como as nações ao redor dela. E em: desobediência a Deus, o povo não pedia receber suas bênçãos. Assim, o santo Deus não podia ser com eles se não se purificassem (cf. 1 Pe 1.13-22).

7.13 *Santificai-vos.* Israel estava contaminado pela desobediência.

7.14 *Por sorte.* A "sorte", heb *goral*, derivado da raiz que significa "rolar" era uma pedra preta ou branca. Várias delas se guardavam numa caixa, e a cor da pedra que era tirada, numa determinada ocasião, estabelecia as respostas "sim" ou "não". Daí a expressão "sair a sorte", 18.11; 19.1. Considerava-se que a sorte era o método indicado para abafar o raciocínio humano em favor da soberania de Deus, veja Pv 16.33 com a nota Na Bíblia, descreve-se este processo para dividir Canaã entre as tribos, Nm 26.55; para distribuir despojos de guerra, Jl 3.3; Na 3.10; para apontar os culpados, 1 Sm 14.42; Jn 1.7, para escolher heróis, Jz 20.10; para nomear oficiais, Lv 16,8; 1 Sm 10.19; At 1.26.

7.15 *Aquele... queimado... e tudo quanto tiver.* É provável que todos os membros da família de Acã tiveram alguma parte nesta desobediência ao mandamento de Deus, e por isso todos seriam punidos.

7.16 *Caiu a sorte.* Era costume em Israel e em outras nações. (Js caps. 15 e 19; Mt 27.35).

7.21 *Duzentos siclos de prata.* Um siclo indicava um peso de 6 g. Um siclo de prata tinha o valor aproximado de 4 cruzeiros. Assim, 200 siclos valia 800 cruzeiros (1973).

7.25 *Israel o apedrejou.* Este era o modo usado, em Israel, para se punir certos pecados: idolatria (Lv 20.2) e blasfêmia (1 Rs 21.10; At 7.59).

7.26 *O vale de Acor.* No heb a palavra "*akar*" significa "perturbar". Tanto o nome do vale como o do homem (Acã) são relacionados com esta palavra. É o vale da perturbação. Em 1 Cr 2.7 Acã (Acar) é chamado "o perturbador de Israel".

8.1 *Entreguei... Ai.* Quando Israel se santificou e obedeceu à voz de Deus, Ele se uniu de novo a Israel, dando-lhe vitórias. O crente obediente à Palavra de Deus também é vitorioso.

8.3 *Trinta mil homens.* De forma alguma é necessária a contradição entre este número e os cinco mil mencionados no v. 12. Só os cinco mil foram indicados para tomar parte da emboscada, ficando os restantes 25.000 em prontidão, em caso de necessidade. A respeito do número alto de soldados ("toda a gente de guerra", 8.1) mandados para tornar Ai com apenas 12.000 homens, aceitamos a opinião de Calvino: "Acabamos de ver como o coração do povo se derreteu e se tornou como água (7.5). Realmente Deus considera a fraqueza do povo. Deus manda usar de forças maiores, para o povo se recuperar dá terror e estar pronto para obedecer aos seus desígnios".

8.4,5 *Poreis de emboscada.* Alguns, erradamente, supõem que seria indigno da parte de Deus mandar Josué usar de astúcia nessa operação militar. Mas se a guerra em si está certa, não se pode negar que o emprego dos meios costumeiros para facilitar a vitória é admissível, se estes não violam contratos e alianças, ou a fé. Esta emboscada poupou muitas almas dos israelitas.

8.10 *Anciãos de Israel.* Provavelmente, não seriam capitães militares, mas líderes das tribos, conselheiros e representantes civis que acompanharam Josué (cf. Êx 18.13-26; Dt 1.9-18).

8.17 *Betel* situava-se a apenas 3.400 m de Ai. Albright, perito da arqueologia, em razão de problemas sobre evidências arqueológicas, pensou que Betel e Ai se designavam por um só nome (cf. MB, p 152).

8.18 Estende... a lança. Este era o sinal de completa vitória. A palavra lança (heb *kidon*), às vezes é traduzida por "escudo" (cf. 1 Sm 17.6, 45), a versão latina (a Vulgata) normalmente a traduz assim. Devemos distinguir entre a lança mencionada em 1 Sm 19.10 (heb *chanith*), que era uma lança menor e mais flexível do que esta *kidon*, que era maior e usada para traspasar o inimigo em combates corpo a corpo.

8.26 Não retirou a mão. Este ato de Josué é semelhante à ação de Moisés durante a luta de Israel com os amalequitas (Êx 17.11, 12). • **N. Hom.** Elementos necessários para assegurar a vitória do exército do Senhor (cf. 2 Co 2.14; Mt 16.18). 1) Seguir a direção do capitão (cf. 27 "segundo a palavra do Senhor" com 5.13-15 e Hb 12.1, 2); 2) Afastar-se do pecado e santificar-se (7.10-13; cf. Hb 12.1, 14); 3) Coragem e valor firmados pela fé no Senhor (18; cf. 1.6, 7, 9 com Lc 14.31); 4) Ir ao encontro do inimigo (19-22; cf. Ef 6.12).

8.28 Montão, a ruínas. O nome "Ai" significa um montão de "ruínas".

8.30 Um altar ao Senhor, Deus. O Altar patenteava o ato de adoração e culto a Deus; era a consequência dos acontecimentos e das experiências pelos quais Israel passou naqueles dias: houve pecado (de Acã), castigo (derrota de Israel), obediência, (santificação), vitória sobre Ai (com a presença de Deus) e, finalmente, o altar, porque Deus Jeová (Senhor) reinava no meio deles (cf. Êx 20.25). *Monte Ebal.* O nome "Ebal" significa "nu" ou "descoberto". Talvez isto indique que essa montanha seria de rocha e quase sem vegetação. Deus mandou cravar a sentença de castigo sobre essa montanha (Dt 11.26-29); enquanto as promessas de bênçãos eram cravadas sobre Gerizim, uma montanha do outro lado do mesmo vale. Ambas ficam quase ao centro de Samaria.

8.31 Lei de Moisés. Esta palavra faz referência à citação específica do livro de Deuteronômio (cf. Dt 31.9, 24, 26), mas a expressão é usada também para referir a todos os livros do Pentateuco (de Gênesis a Deuteronômio, os cinco livros de Moisés).

8.33 Como... Moisés ordenara. (cf. Dt 27.12, 13).

8.34 Leu todas as palavras... bênção... maldição. Já foi provado, por várias vezes, que o povo, no vale, entre os dois montes, poderia ouvir com clareza as palavras pronunciadas dos dois lados.

9.1 Todos os reis. Os reis eram apenas senhores de uma cidade e seus arredores e não de grandes províncias ou amplos estados. Os povos de Canaã no tempo de Josué eram sete: os cananeus, os heteus, os heveus, os ferezeus, os girgaseus, os jebuseus e os amorreus (Js 3.10; 24.11). Israel não obedeceu perfeitamente ao mandamento de Deus, que mandou vencer a todas estas nações. Algumas destas nações não foram destruídas mas simplesmente subjugadas. Assim, Israel ficou gravemente prejudicado e espiritualmente contaminado pelos ídolos daqueles povos pagãos.

9.3 Gibeom Esta palavra significa "pertencente a um morro ou monte". Era a cidade mais importante, entre as quatro dos heveus. É o moderno El-Jib, c.11 km a sudoeste de Ai.

9.4 Usaram de estratégia. Estes habitantes de Gibeom, que usaram de astúcia para entrar em relações pacíficas com Israel, para não sofrerem a mesma sorte dos de Ai, eram descendentes de Cão (Gn 10.17; 1 Cr 1.15). *Odres de vinho.* Era um tipo de vasilha feita da pele de animais tais como bodes, bois, etc., e servia para guardar vinho.

9.14 Tomaram do provisão, i.e., comeram o pão dos gibeonitas. Segundo o costume dos povos do Oriente Médio; partilhar o pão e comer juntos era sinal de amizade inquebrantável (cf. Gn 31.54).

9.14,15 Israelitas... não pediram conselho ao Senhor... e fez aliança. Israel desrespeitou o mandamento de Deus ao fazer uma aliança com o povo dessa cidade de Gibeom (Êx 23.32, 33; 34.12) Israel foi enganado, não por causa do "estratagema" dos pagãos, mas porque "não pediram conselho ao Senhor". Muitos crentes estão decepcionados em sua vida espiritual simplesmente porque não usam a Palavra de Deus; para a vitória, temos que conhecer o "conselho" de Deus e a Ele obedecer.

9.18 Juraram pelo Senhor. A lei do juramento acha-se em Nm 30.2.

9.23 Escravos. Possivelmente, esta palavra era o cumprimento da profecia de Gn 9.25

acerca de Canaã - "servo dos servos a seus irmãos".

10.1 *Jerusalém*. "Possessão de paz". A cidade é mencionada com este nome pela primeira vez. Em outras passagens ela é chamada "Salém" (Gn 14.18) Hb7.2, "Jebus" (Js 18.28; Jz 9.10); "a cidade de Deus" (Sl 46.4), e "santa cidade" (Ne 11.1). Veja a Nova Jerusalém (Ap 21.22). Davi tomou a cidade dos jebuseus e a fez capital do Israel unido (2 Sm 5.6-9). Na divisão da nação, continuou a ser capital de Judá (desde 931 a.C. até ser destruída por Nabucodonosor em 586 a.C.). Tornou a ser a capital de Israel depois do Exílio, cerca de 535 a.C. Foi totalmente destruída pelos romanos em 70 d.C. Alguns têm contado em 28 as vezes em que Jerusalém foi sitiada, desde os dias de Josué até hoje. É uma ironia da história que a "cidade de paz" tenha tido tão pouca paz na sua longa existência. Não devemos esquecer que a desolação de Jerusalém está relacionada, no AT, com o seu afastamento de Deus e, no NT, com sua rejeição de Jesus Cristo (cf. Lc 19.41-44; 23.28, 29).

10.11 *Fez o Senhor cair... grandes pedras*. O Senhor tinha prometido a vitória (8), e então, Ele pelejou contra os inimigos de Israel. Estas não eram simplesmente pedras comuns que caíram do céu, mas pedras de saraiva grossa ou gelo; era uma verdadeira "chuva de pedras" as palavras usadas no heb são *eben* (pedra) e *barad* (saraiva grossa, ou de gelo). São conhecidas, na Palestina, pedras de gelo do tamanho de um punho, que matam homens animais.

10.12 *Josué falou ao Senhor... Sol detém-te... e tu, lua...* Há quem afirme que o episódio não passa de uma simples narração poética, tendo de real somente a intervenção de Deus em favor de Israel. Mas não há motivo para se rejeitar a interpretação literal; Deus faz grandes milagres que os homens de ciência mal compreendem; para Ele nada é impossível (Lc 1.37). A palavra heb *damam* não significa só "detém-te", mas também "silencia-te", "acaba" e "pára". Uma vez que não há referência a este milagre na história de outras nações, há possibilidade de que Deus fez o milagre só nesta região. Em vez de paralisar o movimento da terra em seu eixo, há a possibilidade de se prolongar o dia pela refração da luz. Para outra explicação deste grande evento, ver NCB, vol. 1, p 265.

10.13 *Livro dos Justos*. Pouco sabemos acerca desse livro; é mencionado em 2 Sm 1.18 e na versão dos Setenta (LXX) em 1 Rs 8.53. A palavra *yashar* é também traduzida por "reto" e "herói"; assim seria o "Livro dos Heróis". Parece que o livro tratava dos grandes episódios de ilustres heróis de Israel, e fora escrito em forma de poesia. O livro mesmo, hoje, está perdido.

10.15 *A Gilgal*. Este v falta na LXX e parece ser um erro do copista, em vista do v 21.

10.16 *Cinco reis*. Desde o declínio do poderio egípcio em Canaã, cada cidade ou povoação das sete tribos cananitas tinha seu chefe, seu "rei". Jerusalém era dos jebuseus, Hebrom dos amorreus, e Jarmute também; Laquis tinha sido uma fortaleza dos egípcios entre os cananeus; Eglom, outra cidade dos cananeus, completou o lote de cinco cidades poderosas que logo passaram a pertencer à tribo de Judá, e que, depois de mil anos de história em Israel, depois do Cativo, foram repovoadas por aquela pequena colônia de judeus.

10.24 *Ponde... pés sobre os pescoços*. Este era um costume muito comum, no oriente, à luz dos monumentos egípcios e assírios. Foi um ato simbólico de vitória sobre o inimigo. Geralmente era o rei que procedia ao ato, com muita arrogância. Josué reconheceu que a vitória foi dada pela mão de Deus; ele mesmo, como o, chefe de Israel, não participou no ato, mas deu o privilégio aos capitães do exército.

10.28 *Maquedá*. Quer dizer, "lugar de pastores" (15.41).

10.29 *Libna*. Significa "alvura" ou "brancura"; a cidade era na região de Judá (15.42) e mais tarde dada aos descendentes de Arão (21.13).

10.31 *Laquis*. Em heb, "difícil de tornar", ficava c. 50 km a sudoeste de Jerusalém.

10.33 *Gezer* encontrava-se na terra dos filisteus, próxima de Azoto (cf. At 8.40). Foi conquistada por Josué e dada aos levitas (21.21; 1 Cr 6.67) mas pão perdurou sob o

poder de Israel (Jz 1.29).

10.36 Hebrom ("aliança" ou "união"). Era a cidade de maior importância, no sul Palestina. Tinha outro nome, "Quiriate-Arba", i.e., "cidade de Arba" (Cri 23.2; Is 14.15; 15.54; Jz 1.10). Abraão passou algum tempo, nessa região, como também Isaque e Jacó (Gn 18.1, qual "os carvalhais de Manre" ficam bem perto; 35.27; 37.14). Os túmulos de Abraão, Sara, Isaque e Rebeca (cf. Gn 23.8-20) se encontram debaixo de uma mesquita, na moderna Hebrom. É a cidade mais alta da Palestina, com mais de 1.000 metros acima do nível do mar.

10.38 Debir ("oráculo"). Antes, era chamada "Quiriate-Sefer" (cidade dos escribas) e "Quiriate-Sana" (cf. 15.13, 49), Sua localização não é, ainda, identificada com certeza.

10.41 Cades-Barnéia. Foi aqui, na fronteira da Palestina, que o povo de Israel duvidou do poder de Deus para dar-lhe a terra, sendo por isso condenado a vagar no deserto por quarenta anos (Nm 14.32-35). Miriã morreu ali também (Nm 20.1). Continuou sendo fronteira ao sul da Palestina, durante o período do AT (cf. Ez 47.19; 48.28). *Gaza* ("lugar fortificado") era uma das cinco cidades principais dos filisteus. Esta velha cidade (cf. Gn 10.19; At 8.26) ainda existe, fazendo divisa entre o moderno Israel e o Egito. Era a última cidade no sudoeste da Palestina antes de se entrar no Egito. Note-se que Josué não a conquistou (11.22). *Gósen* era uma cidade pequena das montanhas de Judá, distinta da terra habitada pelos israelitas no deita do Egito (cf. Gn 47.4, 11).

11.5 Águas de Merom. Onde os reis confederados se ajuntaram e foram derrotados. Acha-se entre os lagos de Hulé e Galiléia, onde abundante água corre de nascentes próximas à aldeia de Meiom.

11.6 Cavalos jarretaráis, i.e., cortando os tendões das pernas, o que os inutilizaria para a guerra. Israel foi ajudado por Deus, e era uma tentação muito grande confiar em cavalos, que, havia pouco, tinham surgido como força real de guerra (cf. Dt 17.16; Is 31.1, 3).

11.8 Grande Sidom acha-se ao norte de Tiro. Era uma cidade muito velha, fundada por Sidom, o primogênito de Cão, (Gn 10.15,19). Tornou-se a capital da Fenícia, fonte da idolatria introduzida em Israel por Jezabel e outros (1 Rs 16.31-33).

11.13 Exceto Hazor. A arqueologia confirma que Hazor foi queimada no tempo de Josué. Alguns sugerem que foi queimada por seu tamanho e importância (cf. 10), tendo cerca de 40.000 habitantes, sendo, inclusive, uma das maiores cidades em toda Palestina. Jabim, (1) era o nome genérico dos reis de Hazor, No tempo de Baraque e Débora, outro rei Jabim comissionou Sísera, com 900 carros contra Israel, mas também foi derrotado (Jz caps. 4, 5).

11.16 Neguebe. "Região do Sul" ou "Sul" da Palestina, que é deserto.

11.17 Monte Halaque. Este era o limite da conquista, ao sul. *Baal-Gade*. "Senhor, ou deus, da fortuna". Era o limite da conquista, ao norte, no monte Hermom, onde era adorado "Gade", o deus: da fortuna. (Veja "Balaque e Balaão"; Nm 22.41; 1 Rs 16.31, 32).

11.18 Por muito tempo, Josué. Levou cerca de cinco anos nestas conquistas; este número baseado na idade de Calebe, que tinha 85 anos quando recebeu sua herança (14.6-10) e tinha 40 anos quando saiu do Egito e gastou mais 40 anos no deserto. Assim, pois, tinha cerca de 80 anos quando entrou na Palestina. Flávio Josefo, nas *Antigüidades judaicas*, concordou que a conquista custou 5 anos.

11.20 Do Senhor vinha o endurecimento. Deus coopera com o desejo do coração, ou para endurecê-lo ou para humilhá-lo (Veia Êx 4.21; 7.13; 8.15).

11.21 Enaquins. Era uma raça de gigantes, descendentes de Arba, um dos filhos de Hete (Js 15.13, Gn 23.3; cf. Js 10.36; 14.12, 15). Eram aos filhos de Enaque que os espias de Moisés temeram (Nm 13.33; cf. Dt 2.10, 11). Golias de Gate, morto por Davi, era um deles. Note a descrição em 1 Sm 17.4-7.

11.22 Gate. "Prensa de lagar". Era uma das cinco cidades dos filisteus.

11.23 Suas divisões. Determinadas pela sorte (Nm 34.13; Js 14.2). *Repousou da guerra*. Josué venceu as nações, mas cabia às tribos lutarem individualmente para tomar posse

da terra ainda não conquistada (13.10; cf. Êx 23.28-33; Jz 1).

12.1 *Arnom*. "Bramido". Era um rio entre os amorreus e Moabe (Nm 21.13).

12.3 *Quinerete*. "Circuito". É um dos nomes para o mesmo lago conhecido como "Genesaré" (Lc 51), "Tiberíades" (Jo 21.1), Mar da Galiléia. *Mar Salgado*. É o Mar Morto, muitíssimo salgado (Gn 14.3); é também chamado o Mar do Deserto (Dt 3.17); o Mar Oriental (Ez 47.18; Zc 14.18). *Bete-Josimote*. "Casa de desertos ou devastações" - Esta cidade fica perto do ponto onde as águas do Jordão entram no Mar Morto (Nm 33.49; Ez 25.9).

12.6 A obra de Moisés e de Josué é uma só, e os territórios de ambos os lados do Jordão formam uma nação só, a Terra Prometida" Assim como Josué levou avante o intento de Moisés, no sentido de estabelecer um reino político, assim também o Verdadeiro Josué, Jesus (os dois nomes são iguais no hebraico, e significam "salvação"), completou o intuito de Moisés ao estabelecer uma verdadeira teocracia, um reino espiritual neste mundo de pecado, como se deduz de vários trechos do Evangelho de João, e.g., 1.17; 4.23; 18.36; 6.32; 3.14; 5.46.

12.7 *Seir*. "Cabeludo". Era um dos nomes dados à terra ocupada pelos descendentes de Esaú (Gn 32.3; 14.6). (Veja "Edom" - Gn 25.30; Nm 20.18).

13.1 *Terra... para... possuir*. Parece contrastar com 11.23 - "tomou Josué toda esta terra..." (vele a nota).

13.1-33 Aqui a ordem inclui a distribuição e a divisão de territórios que não tinham sido conquistados. Foi parcialmente uma obra de fé, e parcialmente uma vocação para os israelitas edificarem sobre os fundamentos de Moisés e de Josué, tendo a mesma obediência e a mesma coragem. Houve ainda nações poderosas para se conquistar: os filisteus, os gesuritas, os avitas, os giblitas e os sidônios, nações que continuaram sendo um tropeço aos israelitas ainda por muitos séculos. Da mesma maneira, a obra espiritual de Moisés, levada a efeito por Jesus, ainda inclui um apelo para cada crente lutar contra as trevas em seu redor.

13.2 *Gesur*. "Ponte" ou "Terra da ponte". (Veja Dt 3.14; 1 Cr 2.23).

13.3 *Sior*. "Negrura" ou "Ecuridão". Às vezes, o nome indica o Rio Nilo (1 Cr 13.5; Is 23.3). Aqui, ele indica o moderno riacho "El-Arisch", que separa o Egito da Palestina.

13.4 *Meara*. "Caverna". *Afeque*. "Força". Era chamada "Afaca".

13.5 *Terra dos Gibleus*; estes eram da cidade de Gebal - "Montanha", perto de Tiro (Ez 27.9). "Monumento" ou "Fortaleza" O território dos cananitas, até à entrada de Hamá, localizada à beira do Rio Orontes, ao norte do Monte Hermom. *Sidônios*. Veja 11.8.

13.9 *Aroer*. "Ruínas" ou "Nudez". Houve várias cidades com este nome: 1) "A borda do vale de Arnom" (Dt 2.36); 2) "Defronte de Rabá" (13.25); 3) Uma cidade em Judá (1 Sm 30.28). Medeba. "Águas cheias ou tranqüilas" (Nm 21.30; Is 15.2). Era uma cidade e também uma campina moabita, cerca de 25 km ao oriente da foz do Jordão. *Dibom*. "Curso do rio" ou "dissipando". Era uma das cidades construídas pelos filhos de Gade (Nm 32.34); ali foi descoberta a famosa Pedra Moabita em 1868, registrando certos fatos da história. (Veja MB, p 187, 188).

13.14 *À tribo de Levi não deu herança*, "...porque o Senhor Deus. . é a sua herança" (33; Nm 18.5-24; Dt 10.9; 18.1, 2).

13.17 Bamote-Baal. "Altars ou Altos de Baal". Baal era adorado nos lugares altos de Moabe (Nm 22.41), mas os moabitas usaram o nome, "Camós" para seu Deus. Sacrificaram crianças, e isto, do mesmo modo que fizeram a Moloque (Jz 11.24, 1 Rs 11.7; Jr 7.31, veja a nota). Mesa, rei de Moabe, segundo a Pedra Moabita, atribuía suas vitórias a Camós.

13.18 *Jaza*. "Pisado" (também Jaza 21.36; Jaza - Nm 21.23). É um lugar, na planície de Moabe, separado para os levitas (21.36), *Quedemote*. "Princípios" ou "Lugares Orientais" (Dt 2.26). *Mefaate*. "Altura" ou "Beleza", cidade dada aos levitas.

13.19 *Sibma*. "Fragrante" ou "Frescor".

13.20 *Faldas de Pisga* (igual a Ardote-Pisga em 12.3). Veja Pisga, Dt 3.27; Nm 21.20.

13.26 *Betonim*. "Altura". *Maanaim*, "dois acampamentos".

13.30 *Aldeias de Jair* ou "Havote Jair", porque foram conquistadas por Jair (Nm 32.41; cf. Jz 10.4), cujo pai pertencia à tribo de Judá, enquanto a mãe era da tribo de Manassés (1 Cr 2.21-24).

13.33 *À... Levi Moisés não deu herança*. Novamente é dado destaque ao fato de que Levi não receberia herança, como as outras onze tribos (cf. 14.3, 4). Por Deus ser "sua herança", entende-se que tudo que seria consagrado ou dedicado ao Senhor, terras, gado, sacrifícios, dízimos e ofertas, tudo pertenceria aos levitas, além das muitas cidades e aldeias concedidas a eles (21.1-43; Lv 27). • **N. Hom.** "O Senhor Deus é a sua herança". Paralela a esta afirmação é o significado que Cristo tem para todo crente: 1) Ele garante e promete um cuidado todo especial para o crente (1 Pe 5.7); 2) Cristo dá certeza de terminar a sua obra começada no coração (Fp 1.6; Hb 12.2); 3) Ele habita no crente e lhe dá uma esperança absoluta de entrar na sua glória (Cl 1.27); 4) Cristo na sua ressurreição, providenciou a nossa herança viva, incorruptível, sem máculas e imarcescível, reservada, nos céus para nós (1 Pe 1.3, 4 cf. Cl 3.24).

14.1 *Lhes fizeram repartir*. A divisão da terra foi feita: 1) Por Eleazar, através do Urim e do Tumim, i.e., por sorte, (2); 2) Por Josué, chefe do exército e líder do povo; 3) Pelos cabeças das famílias ou clãs.

14.4 *Manassés e Efraim*. Estes dois filhos de José foram adotados oficialmente por Jacó como seus próprios filhos (Gn 48.5, 14-20). Ainda que Levi não recebeu uma herança houve doze divisões na terra, por causa dos dois filhos de José.

14.6 *Calebe* e Josué eram os únicos que ainda viviam, de todos os israelitas que saíram do Egito, por serem fiéis ao Senhor. Moisés fez uma promessa a Calebe (Nm 14.22-24) quando ele visitou a terra de Canaã como espia. Calebe significa "corajoso" ou "capaz".

14.8 *Perseverei em seguir o Senhor*. É de se notar que Calebe não demonstrou uma só vez sua plena fé no Senhor (cf. Nm 14.6-9), mas sempre que o povo se queixava e murmurava (cf. e.g., Nm 11.1-14.45). Deus galardoou a fidelidade e constância de Calebe, poupando sua vida.

14.10 *Quarenta e cinco anos*. Uma vez que Israel passou quarenta anos no deserto, sabemos, por esta frase, que a conquista de Canaã durou cinco anos, cf. 11.18.

14.12 *Dá-me este monte*. Calebe, este homem de fé, depois de uma espera paciente de quarenta e cinco anos, não estava pedindo grandes valores para compensar a sua fidelidade do passado, mas, sim, o privilégio de continuar a lutar com o mesmo vigor que revelara em seu heroísmo religioso no passado. Compare Lc 19.17.

15.1 *Edom*, "vermelho" (cf. Gn 32.3), era a terra dos descendentes de Esaú, irmão de Jacó. *Zim*. "Terra baixa".

15.2 *Mar Salgado*. Veja 12.3n.

15.3 Subida de Acrabim (heb *maaleh acrabim*), lit. "subida de escorpiões" (cf. Nm 34.4).

15.4 *Hezrom* (equivalente a Hazor, 25) - "cercado" ou "sitiado" (Gn 46.12). *Adar*, "altura, ou "honra" (Nm 34.4; cf. o mês de *Adar*, Ed 6.15). *Carca*, "ravina". O nome é acompanhado de artigo definido e pode ser um substantivo comum com o significado de "ravina". *Asmom* (é o mesmo que "Aznom", Nm 34.4, 5) - "forte" ou "robusto".

15.5 *Baía* (heb *lashon*, lit. "a língua"). A mesma palavra é usada em 15.2 e 18.19.

15.6 *Bete-Hogla* "Casa da perdiz". É uma aldeia a sete quilômetros e meio a sudeste de Jericó. *Bete-Arabá*, "casa do deserto". *Boã*, "polegar" (dedo grande, cf. 18.17).

15.7 *Acor* é o lugar onde Acã e sua família foram apedrejados (7.26). *Gilgal* Alguns pensam que todos os acampamentos de Israel eram chamados "Gilgal" (cf. 5.9). Este pode ser o mesmo lugar mencionado em 4.19 ou pode ser outro, não há certeza sobre esta questão. *Adumim*, "lugares vermelhos" ou "objetos vermelhos". *En-Semes*, "fonte do sol". Fonte de *Rogel* (heb *en-rogel*), "fonte do espia", ou "pisoeiro".

15.8 *Hinom*, "lamentação". Neste lugar os pais faziam passar seus filhos pelo fogo, em

sacrifício a Moloque (cf. Lv 18.21; 2 Cr 28.3; 33.6; nota sobre Jr 19.6; 19.35).

15.12 *Mar grande*, i.e., o Mediterrâneo, significa o Mar Interior, ou "Mar no Meio do Mundo", cf. Nm 34.6. Também era denominado o "Mar Ocidental" (Dt 11.24); "Mar dos Palestinos" (Êx 23.31). Mediterrâneo é o nome moderno.

15.14 *Enaque*, "pescoço comprido" (cf. Nm 13.22; Js 11.21). *Sesai*, "nobre" (Nm 13.22). *Aimã*, "irmão da mão direita" (Nm 13.22). *Talmái*, "corajoso" (cf. Nm 13.22; Jz 1.10).

15.15 *Debir*. Veja 10.38n. *Quiriate-Sefer* "cidade de livros".

15.16 *Acsa* é a filha de Calebe, filho de Jefoné (cf. Jz 1.12-15). Em 1 Cr 2.49 é a filha de Calebe, filho de Hezrom. Pode ser o mesmo Calebe ou outro que está em vista.

15.17 *Otniel*, "leão" ou, "força de Deus". Segundo Jz 1.13 ele era filho de Quenaz, o irmão de Calebe.

15.19 *Presente*. A palavra é *beraca*, lit. "bênção". É usado no sentido de presente, pelo fato de que a bênção conferiu benefícios à pessoa abençoada (Dt 28.1-6; 11-12).

15.21 *Cabzeel*, "Deus traz junto". *Eder*, "rebanho". *Jagur*, "alojamento" ou "hospedaria".

15.22 *Quiná*, "canto fúnebre" ou "canção matinal". *Dimona*, é, provavelmente, igual a Dibom (13.9). *Adada*, "festival" ou "fronteira".

15.23,24 *Itnã*, "perene" ou "lugar forte". *Zife*, "lugar de refinar". Duas cidades tinham este nome na Palestina; esta, no sul de Judá, e a outra, nas montanhas de Judá perto do Carmelo (15.55), cf. 1 Sm 23.14-24. *Telém*, "opressão". *Bealote*, "donas".

15.25 *Hazor-Hadata*. *Hazor* significa "cercado" ou "corte". *Hadata* significa "novo". Há, pelo menos, cinco cidades com o nome de Hazor (cf. 11.1; 15.23; 15.25; Ne 11.33; Jr 49.28).

15.26 *Amã*, "conjunção".

15.29 *lim*, "ruínas". Parece ser uma contração da palavra "Ije-Abarim" em Nm 33.45.

15.32 *Aim*. É provável que seja parte do nome, "Aim-Rimom". O significado seria, então, "a fonte de Rimom". Rimom, "Trovejador", era nome de um deus dos sírios (2 Rs 5.18).

15.63 *Jerusalém* (10.1) fazia parte da herança de Benjamim, mas foi conquistada e tornada por Judá, que a destruiu (Jz 1.8) Uma indicação da data antiga do livro de Josué não menciona esta conquista. Mais tarde foi retomada pelos jebuseus, que a reconstruíram. Foi tomada novamente por Davi, que então a fez sua capital (2 Sm 6-10).

16.2 *Betel... Luz*; às vezes encontramos os dois nomes denotando a mesma cidade (Gn 28.19; Js 18.3; Jz 1.23). Pode ser que a parte mais nova da cidade tomou o nome de Betel, enquanto as ruínas da antiga cidade "Luz" ficavam perto dela.

16.3 *Terminando no mar*, i.e., o Mediterrâneo.

16.5 *Atarote-Adar*, "coroas" ou "diademas de honra". *Bete-Horom*, "casa de cavidades" ou "casa de abertura".

16.6 *Micmetá*, "esconderijos". *Taanote-Siló*, "próximo a Siló". *Siló* significa "repouso" (18.1). Foi ali que os israelitas armaram o tabernáculo, uma vez conquistada a Terra. Jeremias usa a destruição dessa terra para ilustrar a terrível destruição que virá sobre Judá, sob Nabucodonosor (Jr 7.12, 14; 26.6, 9). O pecado traz o inevitável abandono de Deus, tanto do indivíduos como de uma cidade ou povo (cf. Sl 78.60).

16.7 *Naarate*, "juvenil". Deve ser a mesma que encontramos em 1 Cr 7.28.

16.8 *Tapua*, "maçã".

16.10 *Gezer* era uma cidade relativamente importante. É mais uma cidade donde a influência pagã e a idolatria emanou para levar Israel ao abandono de Deus, porque o povo faltou em cumprir com o mandamento do Senhor. Na placa "Israel" do Faraó Mernepta (c. 1224), é afirmado que os egípcios retomaram Gezer logo depois da Conquista. Foi dada como dote ou presente a Salomão, no casamento da filha do Faraó com o rei sábio (1 Rs 9.16).

17.1 *Maquir* não deve, aqui, ser o filho de Manassés, mas a família. Deve-se compreender *pai de Gileade* como "Senhor" ou "possuidor", de Gileade, território a leste do Jordão.

17.2 *Os mais filhos de Manassés* ou seja a meia tribo que recebera sua herança a leste do Jordão (13.29-31). Abiezer, "pai de auxílio" (cf. Jz 6.11; 8.2). *Heleque*, "porção" ou "igualdade" (cf. Nm 26.30).

17.3 *Zelofeade... Manassés*. Passaram-se cerca de 400 anos entre a conquista de Josué e o tempo deste primogênito de José. Como muitas outras genealogias, esta não é completa. *Noa*, "andante". *Tirza*, "deleite". É, também, nome de uma cidade (12.24).

17.4 *Ordenou a Moisés*. Estas filhas de Zelofeade pediram unia porção particular para seu clã a Moisés, que, então, sob a orientação de Deus, prometeu conceder-lha. Quando se apresentaram à comissão designada para distribuir as heranças, repetiram a palavra de Moisés (cf. Nm 27.1-11; 36.5-13), e foram imediatamente atendidas.

17.11 *Bete-Seã*, pode ser "casa de tranqüilidade" ou "-repouso". Note-se que a tribo de Manassés recebeu cidades e aldeias no território dei Aser e Issacar, tal como Efraim tinha recebido na herança de Manassés (16.9). A explicação não é fácil. Possivelmente, elementos dos exércitos dessas tribos tiveram mais influência na conquista de certas cidades e assim vieram a ser uma espécie de despojo. Foi no muro da cidade de Bete-Seã que o cadáver de Saul foi afixado pelos filisteus (1 Sm 31.10-13; 2 Sm 21.12). O nome moderno é Beisan onde se encontram muitas ruínas da antigüidade. *En-Dor*, "fonte de habitação" (cf. 11.2; 12.23). Tornou-se famosa pela visita de Saul a uma médium dessa cidade (1 Sm 28.7).

17.13 *Sujeitaram... a trabalhos forçados*. É notável como uma coisa de valor (neste caso os escravos cananeus) é guardada, ainda que contra a vontade expressa de Deus. Problemas graves surgiram mais tarde em conseqüência desta desobediência.

17.16 *Carros de ferro*. Os carros de guerra foram armados de ferro. Foi no décimo terceiro século que se generalizou o uso do ferro, com uma vantagem, humanamente falando, muito grande para os inimigos de Israel. Josué, por outro lado, declara que ter Deus como aliado na luta é de mais valor do que possuir armas de ferro.

18.1 *Siló*. Parece que o nome significa "descanso". O nome moderno do lugar é *Seilum*. Segundo Dt 12.5-14, só um lugar escolhido por Deus deverá ser o local de cultos; ali todos os homens de Israel chegariam três vezes ao ano. A localização é mencionada em 21.19. Durante o tempo de Josué, Siló era uma cidade central e até ao tempo de Samuel, ela era a sede do Tabernáculo judaico. No tempo dos juizes; celebrava-se ali uma festa anual a Jeová (Jz 21.19; 1 Sm 1.3). Parece que o Tabernáculo ficou ali cerca de 300 anos. O nome era significativo. Israel tinha conquistado a terra e poderia descansar da luta. Espiritualmente falando-se, este era o lugar para a povo encontrar-se com Jeová; nesse encontro houve descanso para suas almas. (Veja a profecia em Gn 49.10). Israel era mais do que uma nação, era uma congregação religiosa, tendo a Siló como o ponto central do culto, cf. 16.6n.

18.3 *Até quando sereis remissos...?* Está pergunta serve para despertar ao povo de Deus em qualquer geração. Deus tem dado as promessas de vitória em nossas vidas espirituais; Ele, de sua parte, tem feito tudo o que é necessário para a nossa vitória., Mas, como somos negligentes em possuir o que Deus nos quer dar! É necessário algum esforço espiritual da nossa parte para vencer as forças malignas em torno de nós.

18.6 *Sete partes fareis o gráfico*. Os vinte e um homens iam olhar a terra e preparar uma descrição segundo certas divisões; depois, estas seriam divididas entre as sete tribos, lançando as sortes. Judá, Rúben, Gade e as tribos de José não estavam incluídas, tendo já ganho suas porções (5).

18.7 *Os levitas*. Deus sabia que os sacerdotes não poderiam passar o seu tempo em trabalhos seculares, e ainda servir como guias espirituais do povo. Eles foram espalhados por vários lugares no meio do povo, a fim de ministrar-lhes a palavra de Deus (Nm 18.20-24).

18.17 *Gelilote* não é a mesma Gilgal entre Jericó e o rio Jordão (cf. 4.19 com 15.7), mas a Gilgal de 15.7.

18.21 *Emeque-Queziz*. "Vale do Fim".

18.24 *Quefar-Amonai*, "Cidade dos amonitas". *Ofni*. "O lugar alto" - Uma aldeia identificada com Gofna; é a moderna Jufna, a cinco quilômetros a noroeste de Betel.

18.25 *Ramá*. "Altura". Baasa, rei de Israel, a fortificou para impedir que o povo de Judá fizesse incursões rumo ao norte (1 Rs 15.17-22). *Beerote*. "Poços" (Dt 10.6; Js 9.17).

18.27 *Requém*. "Amizade". Aqui é uma cidade de Benjamim. Em Nm 31.8 e s 13.21 é um dos reis de Midiã. Em 12.43 é nome de um dos filhos de Calebe.

18.28 *Zela*. "Riba"; ou "ladeira". Lugar onde foram enterrados Saul e Jônatas (2 Sm 21.14).

19.9 *Filhos de Simeão*. Aqui encontramos o cumprimento da profecia de Gn 49.7.

19.10 *Saride*. "Refúgio".

19.11 *Maralá*. "Tremor". *Dabesete*. "Corcova" ou "corcova de camelo". *Jocneão*. "Possessão do povo" (12.22).

19.12 *Quislote-Tabor*. "Os flancos de Tabor" ou "confiança de Tabor". *Tabor*. "Morro" ou "colina". (Cf. Monte de Tabor, Jz 4.6). *Daberate*. "Terra de pastagens" ou "pastagens" (1 Cr 6.72).

19.13 *Gate-Hefer*. "Lagar do poço" ou "lagar do morro". Era a cidade natal de Jonas o profeta (2 Rs 14.25). *Neá*. "Tremor" ou "emoção".

19.14 *Hanatom*. "Olhando com favor". *Ifta-El*. "Deus abre" ou "liberta" (15.43).

19.15 *Catate*. "Pequeno", E algumas vezes identificada com Quitrom, em Jz 1.30, ou Cartá, em Js 21.34. *Naalal*, "pastagem". Era uma das cidades dos levitas (21.35). *Idala*. "Memorial" ou "memorial de Deus". *Belém*. "Casa de pão". Esta cidade se encontrava no norte (herança de Zebulom), e não "Belém Efrata" (Mq 5.2), onde Jesus nasceu. Parece, que Abesa (ou Ibsa - "famoso"), um juiz de Israel; nasceu ali, 10 km ao noroeste de Nazaré.

10.17 *Jezeel*. "Deus semeia". E perto do monte Gilboa. Há outra cidade em Judá (15.56). (Veja 1 Sm 25.43; 27.3).

19:18 *Qesulote*. "Lombos". *Suném* "Dois lugares de repouso".

19.19 *Hafaraim*. "Dois poços" ou "cavidades". *Siom*. "Ruínas" ou "destruição". O mesmo nome é usado para Monte Hermom (Dt 4.48). *Anaarate*. "Garganta" ou "caminho estreito".

19.20 *Rabite*. "Multidão" ou "lugar vasto". *Quisiom*. "Dureza". *Ebes*. "Brancura" ou "brilhante".

19.21 *Remete*. "Lugar alto". *En-Ganim*. "Fontes dos jardins" (cf. 21.29). Também uma cidade de Judá (15.34). *En-Hadá*. "Fonte de veemência". *Bete-Pazes*, "casa de dispersão".

19.22 *Saazima*. "Lugares altos": *Bete-Semes*. "Casa do sol". Houve outra Bete-Semes em Judá (cf. 15.10).

19.26 *Carmelo*. "Terra de jardim" ou "terra frutífera". Josué conquistou o rei Jocneão que dominava esta região montanhosa (12.22). Foi aqui que Elias ganhou sua retumbante vitória no nome do Senhor sobre o deus de Jezabel (cf. 1 Rs 18 e 19.1, 2).

19.47 Este versículo deve ser interpretado: "E a heranças dos filhos de Dã saiu deles"... isto significa que seus vizinhos marítimos, os poderosos filisteus, invasores de Creta, uma civilização bem desenvolvida, também estavam conquistando partes de Canaã, e que a falta de os danitas se aproveitarem da série de vitórias de Josué, deixou-os para trás. Apesar de ser uma tribo numerosa, os danitas preferiram escolher outra moradia, onde não se lhes oferecia resistência. Assim também é a luta da fé: fugir do dever, escolher uma batalha mais fácil, é o começo da derrota total em todos os campos (cf. Jz 15.11).

19.49 *Deram... a Josué... herança*. Era próprio para este grande líder receber uma cidade digna dele; mas foi "segundo o mandado do SENHOR" (50). Pode ser que ele tivesse recebido uma promessa de Deus semelhante àquela feita a Calebe (14.9), mas que não foi escrita neste livro.

19.50 *Timnate-Sera*. "Porção extra" ou "porção frutífera". Essa cidade situava-se dentro

dos limites da tribo de Efraim, da qual Josué fazia parte (1 Cr 7.27). Com uma pequena mudança de letras em Juízes 2.9, o nome passa a ser *Timnate-Heres*, "Porção do sol"; aqui Josué foi sepultado. Segundo o Rabi Salomão Jarchi, o nome desta cidade foi mudado depois da morte de Josué, por haverem colocado um distintivo ou figura do Sol sobre o túmulo daquele que mandou parar o Sol.

19.51 Eleazar. "Auxílio de Deus" ou "Deus ajuda". Este era o terceiro filho de Arão (Êx 6.23; Nm 3.2). Ele era o chefe dos levitas, o segundo depois de Arão em autoridade sacerdotal (Nm 3.32). Os nomes dos outros que, ajudaram na divisão das terras, entre as tribos, estão escritos em Nm 33.19-29.

20.2 Cidades de refúgio. Havia seis cidades levíticas destinadas a servir de refúgio - três de cada lado do Rio Jordão. Moisés designou as três ao oriente do Jordão (Dt 4.41-43) e Josué e os outros líderes indicaram as três ao ocidente do rio. As cidades não eram destinadas a proteger o criminoso, mas serviam de refúgio àqueles que cometiam homicídio, a fim de escaparem à vingança do sangue derramado enquanto se investigava se fora predeterminado ou acidental (Nm 35.6, 11). Debaxo do Novo Concerto, o pecador pode refugiar-se em Jesus Cristo (Hb 6.18).

20.3 Vingador do sangue. Nas nações civilizadas a vida civil é regulamentada por leis e o castigo é aplicado contra o criminoso pelos tribunais. Nas nações antigas era permitido que a parte ofendida se vingasse com as próprias mãos; este era o "vingador de sangue", (Veja Gn 9.5-6; Nm 35.31; Rt 3.9-12; Mt 5.38, 39).

20.4 Anciãos. Nas cidades israelitas, os anciãos eram os chefes e os juizes.

21.2 Em Siló. É justamente esta cidade que veio a ser o centro de adoração, por alguns séculos, e o lugar da Arca e dos sacerdotes de mais influência, 18.1. O fato de os levitas não terem uma herança propriamente dita não lhes tolhia o direito da sobrevivência: tinham que viver espalhados entre as tribos, e cada tribo teria o dever de ser-lhes solidária em assuntos de guerra, política, comércio e indústria. Note-se, também, que as cidades de refúgio descritas no capítulo anterior ficaram sob os cuidados dos levitas, vv. 13, 21, 27, 32 e 38. É a tribo sacerdotal que administra essa misericórdia prescrita pela lei de Deus. E o novo sacerdócio real dos crentes (1 Pe 2.9) que revela o amor de Cristo aos homens, Jó 34.35; Mt 28.19.

21.3 Levitas... sua herança. Os levitas não receberam terras (13.33) mas somente cidades em que podiam habitar. Dependiam dos dízimos e ofertas do povo para seu sustento, e sofriam quando o povo se descuidava da vida espiritual (Mt 1.6-10; 3.8, 9).

21.17 Geba. "Morro" ou "Altura".

21.18 Anatote. "Respostas a orações" ou "orações respondidas". O nome moderno é Anata, e ficava a cerca de 5 km de Jerusalém. Era a cidade natal de Jeremias (Jr 1.1). *Almom* "escondido" ou "coisa escondida".

21.20 Coate. O segundo filho de Levi (Gn 46.11; Êx 6.16, 18) era o fundador da grande família dos coatitas que, além de servirem no tabernáculo (cf. Nm 3.27-32; 4.6) e no templo, eram cantores dos cultos na casa do Senhor (1 Cr 6.31-38).

21.22 Quibzaim. "Reunião dupla" ou "montão duplo". *Bete-Horom.* "Casa da cova" ou "casa das covas". É o nome de duas cidades, Bete-Horom baixa, à distância de mais ou menos 3 km uma da outra. Foram construídas por uma mulher chamada Sara (16.3, 5; 18.13; 1 Cr 7.24). Uma dessas cidades foi habitada pelos levitas (21.22; 1 Cr 6.68). O rei Salomão mandou cercá-las de muralhas, porque dominavam uma importante estrada (2 Cr 8.5).

21.23 Elteque. "Deus é seu temor" ou "Deus é seu terror" (19.44) *Gibetom.* "Altura cônica". Nadabe, filho de Jeroboão foi ali assassinado quando a sitiava (1 Rs 15.27).

21.24 Aijalom. "Lugar onde há gazelas ou veados". O nome indica: 1) Uma cidade designada para os levitas e um local de refúgio (19.42; Jz 1.35; 1 Cr 6.69); 2) Um lugar na tribo de Zebulom (Jz 12.12); O vale de Aijalom (10.12; 2 Cr 28.18), sobre o qual a lua se deteve quando Josué lutou contra os amorreus.

21.25 Taanaque. "Lugar arenoso". O rei da cidade foi derrotado e morto por Josué (12.21). Os israelitas não expulsaram os seus habitantes cananeus, mas fizeram-nos tributários (Jz 1.27). Teve grande importância no tempo de Salomão (1 Rs 4.12). *Gate-Rimom.* "Prensa das romãs". É o nome de duas cidades, esta de Manassés e outra de Dã (19.45; 21.42; 1 Cr 6.69).

21.27 Golã. "Círculo" ou "circuito" (20.8; 1 Cr 6.71; Dt 4.41). *Beesterá.* "Casa (templo) de Astarte", a construção de Bete-Asterá; é a mesma Astarote de 1 Cr 6.71.

21.33 Gersonitas No deserto, os gersonitas (que montaram em 7.500, com idade de um mês para cima) carregavam o tabernáculo entre os outros serviços indicados em Nm 3.17-26; 4.38-41 Os asafitas e ladonitas, descendentes de Gerson, cantavam na casa do Senhor e guardavam o tesouro da "casa de Deus" (1 Cr 6.39; 23.1-11; 26.21-22). São mencionados na ocasião em que Davi trouxe a arca para Jerusalém (1 Cr 15.7; 25-28) e nas purificações do templo, sob Ezequias e Josias (2 Cr 29.12; 35.15). Serviam também sob Esdras e Neemias (Ed 3.10; Ne 11.17).

21.43,44 Jurara. O Antigo Testamento, repetidas vezes, fala das promessas acerca da Terra que Deus "jurou dar a Abraão, Isaque e Jacó" (Gn 50.24; Sl 105.9-11). O sinal exterior destas promessas era a possessão da terra santa (cf. Dt 6.18, 23; 7.13) e incluía tudo quanto à Aliança dizia respeito Dt 4.31). Nem a desobediência de Israel revogaria seu juramento (cf. Is 45.22, 23). No Novo Testamento as promessas de Deus são cumpridas em Cristo (Lc 1.68-73; 2.6ss; cf. 2 Co 1.19, 20). A garantia das bênçãos divinas tem sua fonte e fundamento no juramento feito a respeito do Rei-Sacerdote, i.e., o Messias (Sl 110.4; Hb 7.20-28) cumprido na pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo.

21.44 O Senhor Ihes deu repouso. A Bíblia indica que Deus nunca dá as suas bênçãos sem a luta ou esforço da nossa parte para possuir tudo o que Ele nos oferece. Hb 4.11 enuncia este princípio: "Esforcemo-nos pois por entrar naquele descanso". Este esforço se baseia na fé (Hb 4.3), que nos leva a procurar, "com diligência cada vez maior, confirmar a nossa vocação e eleição" (2 Pe 1.10).

21.45 Nenhuma promessa falhou. Deus prometeu a terra da Palestina a Israel, quando falou a Abraão (Gn 13.15; 5-18), a Isaque (Gn 26.3) e a Jacó (Gn 28.13). O povo recebeu tudo como Deus tinha prometido, o que também serve de estímulo para os crentes da Nova Aliança esperarem com fé o cumprimento de todas as promessas acerca do céu (2 Co 3.11; 1 Pe 1.3-5).

• **N. Hom. 22.4,5 "O Repouso do Senhor".** A vida sem ansiedade (cf. Fp 4.6) é uma vida de: 1) Cuidar "de guardar com diligência o mandamento... do Senhor"; 2) Amar ao Senhor nosso Deus; 3) Andar em todos, os Seus caminhos (Cl 2.6); 4) Guardar os Seus mandamentos; 5) Achejar-se a Ele (cf. Tg 4.8); 6) Servi-lo de todo o coração e alma.

22.6 Suas tendas. A metade da tribo de Manassés, de Basã, foi para o seu lar permanente, ao oriente do Rio Jordão.

22.10-34 Não se deve pensar que os israelitas que ficaram além do Jordão estavam fora dos termos de Israel; a verdadeira fronteira não era o rio, mas sim a serra de montanhas, além de Gileade, que separava a herança das duas tribos e meia do deserto. Os poderosos reinos de Siom e de Ogue tinham sido entregues por Deus às mãos do Seu Povo (Nm 21.21-35); alguém tinha o dever de administrar este rico território, como fiel mordomo das bênçãos recebidas por Deus; por isso, ficou aos cuidados das tribos que tinham mais gado, para aproveitarem melhor está parte da Terra Prometida, Nm 32.1-5. O zelo religioso de ambas as partes deste povo, v. 12 e v. 29, se contrasta com a situação de Jr 11.13.

22.10 Edificaram um altar... grande e vistoso. Foi construído no monte dos rubenitas e gaditas. Realmente, não era um altar no qual iam sacrificar animais (26) mas era apenas um monumento religioso em memória da aliança feita por Deus com Israel; mesmo separadas das outras pelo rio Jordão, essas tribos constituam uma só nação. A construção de tais monumentos era comum (Gn 31.45-49). Um outro altar com o

propósito de sacrificar animais tinha sido contra o mandamento de Deus (Dt 12.14).

22.13 *Finéias*. O mensageiro foi bem escolhido, era tanto o representante da tribo de Levi como o do sumo sacerdote. Ele era zeloso para a honra de Deus.

22.14 *Um príncipe de todas as tribos*. Cada uma das nove tribos e meia tinha seu representante. Estes iam corrigir o erro das outras tribos que edificaram o altar.

22.17 *A iniquidade de Peor*. Os representantes tinham medo que Deus castigasse a Israel por causa do novo altar. Falaram acerca da praga causada pelo pecado de prostituição e idolatria de Israel em Moabe (Nm 25.1-9). Não temiam a outra praga.

22.18 *Abandoneis o Senhor... irará contra toda a congregação*. Os representantes das tribos do ocidente do Jordão sabiam que se aquelas outras tribos deixassem o Senhor Deus, em pouco tempo todo o resto de Israel também o deixaria.

22.19 *Se a terra... é imunda*. Todas as terras não santificadas pela presença do Senhor, eram consideradas imundas. Ao modo de ver dos representantes, aquela rebelião tinha afastado Deus da terra. Assim, seria melhor que aquela minoria passasse para o outro lado do Jordão afim de gozar da Sua presença.

22.20 *Cometeu Acã*. Era outro exemplo semelhante a este, tão patente na história de Israel (7.1-26); um pecado podia trazer castigo para toda a congregação (Nm 16.22).

22.22 *O Poderoso, o Deus, o Senhor*. Três nomes de Deus são usados: *EI*, o Poderoso; *Elohim*, o Majestoso; e *Jeová*, o Senhor que se revelara a Moisés. Esta é uma fórmula impressionante, usada a fim de despertar os "rebeldes", alertando-os de que estavam tratando com o verdadeiro e único Senhor Deus dos céus e da terra!

22.29 *O altar do Senhor*. O altar oficial de Israel, naquela época, ficava em Siló (18.1).

22.31 *O Senhor está no meio de nós*. Finalmente, os representantes do além-Jordão concluíram que o altar levantado não era um ídolo, como pensavam. E, já que as tribos não se tinham rebelado, Deus ainda estava com, Israel, (Veja Mt 18.20).

22.34 *Chamaram o altar*. O nome do altar mostrava que este era, realmente, um monumento ao único Deus. "O Senhor é Deus" é uma expressão que significa que Jeová é o único Deus verdadeiro.

23.3 *Deus... pelejou por vós*. Eis a razão por que Israel conseguiu ocupar a terra.

23.5 *Vosso Deus, os afastará*. Como era no passado, assim seria no futuro. A única esperança de continuar na terra era merecer o auxílio de Deus, que tinha um plano especial para Israel.

23.6 *Esforçai-vos*. Deus sempre é fiel em cumprir Suas promessas. Mas Israel tinha que vigiar e se esforçar para se identificar com o plano e a palavra de Deus (veja-se o lado humano - Mt 26.41; Tg 4.6-10). *Livro do lei de Moisés*. Isto é, o Pentateuco, os cinco livros escritos por Moisés (de Gênesis a Deuterônimo). Provavelmente esta era a única parte da Bíblia existente naquele tempo.

23.7 *Não... menção... nomes de seus deuses*. Houve a consumação do pecado, pelo esquecimento do verdadeiro Deus, e depois por seguirem falsos deuses do povo pagão de Canaã (Êx 20.1-3; 23.32, 33). O cristão também deve tomar cuidado no seu andar com a Senhor: Ele deve vigiar cuidadosamente nas suas relações para com os infiéis (Ef 5.11; 2 Co 8.14-15).

23.10 *Um só homem... perseguirá mil*. Esta palavra fez parte da promessa de Deus a Israel enquanto este fosse obediente (Dt 32.30; Lv 26.3-8).

23.11 *Amardes ao Senhor vosso Deus*. • **N. Hom.** "O amor a Deus". Este amor se manifesta em várias atitudes e maneiras: 1) Em colocar Deus em primeiro lugar na vida (Êx 20.3; Mt 21.37, 38; 6.33); 2) Em obedecer à Palavra de Deus (v. 6; Jo 14.21, 23, 24); 3) Ao separar-se da vida carnal - o nosso inimigo (Rm 6.11-14; 8.5-9).

23.13 *Nações... vos serão por laço e rede*. Israel foi avisado do perigo de ter relações com aquelas nações que serviam a deuses falsos; elas só podiam inculcar uma nefasta influência de idolatria e desobediência. • **N. Hom.** "O último discurso de Josué nos ensina as seguintes verdades sobre a vida religiosa: 1) Repousa sobre a graça de Deus, 23,1; 2)

Pela fé, já se considera possuidora das bênçãos prometidas por Deus, 4, cf. 2 Pe 1.3-4; 3) Confiando em Deus, continua a vencer os inimigos, 5; 4) Alimenta-se na Palavra de Deus, 6; 5) Exige a santificação, 7 e 8; 6) Inspira-se na memória das grandes vitórias do passado e na esperança de maiores triunfos no futuro, 9 e 10; 7) Exercita-se na fidelidade a Deus, 11-13, conserva-se no temor do Senhor, 14-16. O fim glorioso da jornada de uma vida religiosa está descrita em 1 Ts 4.13-18 - a vida eterna, ao lado do Senhor Jesus Cristo.

24.2 *Vossos pais... serviram... deuses.* Terá, o pai de Abraão, habitava na cidade de Ur dos Caldeus, onde o povo servia a vários deuses. O monumento principal da cidade era dedicado ao deus da lua, o padroeiro da cidade. Também foi reconhecido Sumas, o deus-Sol e Nana (ou Astarte), a: filha do deus da lua, e outros deuses.

24.3 *Eu... o fiz percorrer.* O Senhor Deus dirigiu a história de Israel desde o início. Foi pela graça e providência de Deus que Abraão foi tirado do meio dos falsos deuses e mandado para a terra da Palestina. Lhe dei Isaque (cf. Gn 21.1-3). Isaque significa "gargalhada" (cf. Gn 17.17; 18.12-15).

24.4 *Dei Jacó e Esaú* (cf. Gn 25.24-26). *Montanhas de Seir.* Deus providenciou esta região para Esaú (Dt 2.5), assim também, Jacó e seus filhos tinham o exclusivo direito à Palestina (cf. 12.7; Gn 14.6; 36.6-8).

24.5 *Feri o Egito.* Uma referência às pragas, no livro de Josué, uma vez *que* o Pentateuco estava nas mãos do povo (cf. 23.6).

24.6 *Tirando eu... do Egito.* Este é um dos principais temas do Antigo Testamento. O fato que Deus tirou o Seu povo do Egito é um dos temas mais importantes que mostra que Deus Jeová é o Salvador de Israel (cf. Êx 12.17; 16.32; Lv 11.45; Nm 24.8; Dt 16.1; Jz 6.8; 1 Sm 8.8; Sl 81.10; Jr 2.6; 11.4; etc.). *Viestes ao mar*, i.e., ao Mar Vermelho (Êx 14.16-31).

24.7 *No deserto por muito tempo.* Por 40 anos, cf. Êx 16.35.

24.8 *Terra dos amorreus.* Ainda que os amorreus fossem um dos sete povos da terra de Canaã, o termo também se estende num sentido genérico, aos cananitas (cf. Gn 48.22; Js 24.15).

24.9 *Balaque.* "Seco" ou "esgotado", era o rei moabita que convidou Balaão a amaldiçoar Israel (Nm 22.1-24). Em Js 13.22 é chamado de adivinho, com o sentido daquele que prediz o futuro e o influencia. No Novo Testamento, o seu nome é símbolo de avareza (2 Pe 2.15, Jd 11), e sua doutrina se relacionava com o culto pagão e a fornicação (Ap 2.14).

24.12 *Enviei vespões* (ou vespas). Deus prometeu enviar tais insetos semelhantes às abelhas para expulsar aos cananeus (Êx 23.28; Dt 7.20). Pode-se entender literalmente ou alegoricamente. Os arqueólogos descobriram que "vespas" eram o símbolo nacional do Egito e os exércitos dessa nação penetraram na terra de Canaã antes que os de Israel.

• **N. Hom. 24.14,15** "Responsabilidades do Povo Escolhido": 1) Temer ao Senhor - i.e., honrar e respeitar Sua vontade em tudo; 2) Servir ao Senhor - i.e., dar-lhe honestamente, com toda a fidelidade, aquilo que Ele quer; 3) Escolher ao Senhor - i.e., dar-lhe o primeiro lugar na vida (cf. Cl 1.18).

24.16 A geração de israelitas que havia conquistado a Terra Prometida, agora aceita uma aliança com o Senhor, semelhante àquela que seus pais se comprometeram a cumprir no Sinai (Êx 24.7-18; 34.27-28). Ainda que o povo tivesse achado ser impossível abandonar a Jeová, seu Deus, por tudo que Ele tinha feito em seu favor, a história de Israel, logo no livro de Juízes, indica que um reconhecimento das fraquezas, e humildade teriam sido mais recomendáveis. A falta de perseverança no caminho do Senhor, em grande parte, se deve ao fato de que os pais deixaram de praticar e ensinar a seus filhos, dentro de seus lares. Isto Josué prometeu fazer (v. 15), sabendo que o culto verdadeiro começa em casa.

24.17 *Aos nossos olhos.* Os milagres de Deus precisam ser reconhecidos e lembrados. Racionalizar e esquecer os *grandes sinais* do Senhor sempre tem sido a causa do

abandono de Deus.

24.19 *Não podereis servir ao Senhor.* Este versículo não quer dizer que é impossível servir ao Senhor. Josué está simplesmente advertindo a Israel a não entrar numa aliança com um Deus tão santo e zeloso como é Jeová sem a devida atenção e seriedade. Além disso, Josué quer indicar que os requisitos para servir ao Senhor são definidos e inflexíveis. Sem "deitar fora" os deuses pagãos seria absolutamente impossível servir ao Senhor devidamente.

24.23 *Inclinai o coração ao Senhor.* Além da decisão de servir ao Senhor (v. 21; cf. a decisão de aceitar a Cristo, Jo 1.12; etc.), uma nova atitude de humildade e sujeição a Ele precisa caracterizar o crente durante toda a sua vida (1 Pe 5.6).

24.25 *Siquém.* O deus cananita, cultuado em Siquém, era chamado Baal ou Baal-Berith, "deus da aliança" (Jz 9.4, 46). Talvez fora escolhido para a renovação da Aliança por causa das velhas associações e para que fosse ainda mais fácil lembrar-se dela durante os séculos vindouros. Neste versículo, parece que é Josué que está fazendo a aliança com os israelitas, mas a fato é que está agindo no nome do Senhor, como seu representante (cf. Paulo em 2 Co 5.20).

24.31 O ponto forte de Josué se nota na semelhança de um bom pastor que cuida bem de seu rebanho durante todos os dias de sua liderança. A falha de Josué e dos anciãos parece ter sido não pensar na necessidade de um ou mais líderes para continuar a direção do povo nos caminhos do Senhor como fez Moisés.

O livro de Juízes

Análise

O título do livro dos Juízes provavelmente foi sugerido pelo versículo 16 do segundo capítulo: "Suscitou o Senhor Juízes, que os livraram da mão dos que os pilharam". Esses juízes eram indivíduos controlados pelo Espírito que, em tempos de emergências nacionais, lideravam o povo na guerra e, uma vez tendo-os livrado da escravidão de algum poder estrangeiro opressor, continuavam a liderar o povo na paz. Funcionavam como magistrados, tanto militares como civis.

Convidando duas tribos ou mais para ação conjunta, diversos dos juízes pavimentaram o caminho para a união das doze tribos na monarquia futura.

Na tríplice divisão da Bíblia hebraica - a Lei, os Profetas e os Escritos - o livro de Juízes é colocado entre os Profetas.

O livro de Juízes contém um relato sobre os treze juízes que governaram Israel desde a morte de Josué até os dias de Eli e Samuel. É possível que alguns desses juízes tenham governado simultaneamente em diferentes regiões da terra santa. O período de tempo coberto pelo livro de Juízes é aproximadamente de quatrocentos anos.

Juízes é uma obra valiosa por causa da evidência histórica que apresenta acerca do desenvolvimento da religião de Israel durante os primeiros anos da conquista. O livro cobre o período de transição entre a vida tribal nômade e desintegrada, e a organização de uma federação que finalmente levou à formação da monarquia. As lutas das diversas tribos, com seus problemas particulares, em meio a uma população estrangeira, são vistas mais claramente no livro de Juízes do que no Pentateuco ou no livro de Josué.

Embora os profetas posteriores façam um apelo mais profundo às consciências dos homens, o livro de Juízes apresenta uma filosofia histórica que prende a atenção do crente moderno. A negligência quanto às ordenanças do Senhor e a adoração de deuses falsos conduziu ao castigo, enquanto o arrependimento sincero atrai o favor divino. O fato de que Deus trata com as nações, em vista de sua atitude para com Suas leis morais, merece a nossa consideração atual.

Autor

Na ausência de informes precisos, diversas sugestões têm sido feitas no tocante à autoria do livro de Juízes. A mais provável opinião é que Samuel, em adição ao seu ofício de profeta ou vidente, compilou o livro. A época da escrita do mesmo pode ter sido durante seu retiro da vida pública. A evidência interna deixa entendido que o livro já existia antes da conquista de Jerusalém por Davi. Sem dúvida alguma o escritor lançou mão de registros escritos deixados pelos juízes anteriores, relativos aos tempos e acontecimentos dos seus respectivos governos.

Esboço

INVASÃO DE CANAÃ, 1.1-2.5
Vitórias de Judá e Simeão, 1.1-21
Vitórias de Outras Tribos, 1.22-36
O Sacrifício em Boquim, 2.1-5
O REINADO DOS JUÍZES, 2.6-16.31
Introdução à História dos Juízes, 2.6-3.6
A Morte de Josué, 2.6-10
Apostasia de Israel, 2.11-19
Israel e seus Vizinhos, 2.20-3.6
Otniel, o Primeiro Juiz, 3.7-11
A Opressão por Cusã-Risataim, 3.7,8
O Livramento por Otniel, 3.8-11
Eúde, o Segundo Juiz, 3.12-30
O Opressor por Moabe, 3.12-14
O Livramento por Eúde, 3.15-30
Sangar, o Terceiro Juiz, 3.31
Co-regência, Débora e Baraque, Quarto e Quinto Juízes, 4.1-5.31
A Opressão pelos Cananeus, 4.1-3
O Livramento por Débora e Baraque, 4.4-5.31
A Derrota de Sísera, 4.7-24
O Cântico de Débora, 5.1-31
Gideão, o Sexto Juiz, 6.1-9.57
A Opressão por Midiã, 6.1-6
O Livramento por Gideão, 6.7-8.35
A Mensagem do Profeta, 6.7-10
A Chamada de Gideão, 6.11-32
A Invasão Midianita, 6.33-7.14
A Vitória dos Israelitas, 7.15-8.21
Gideão Recusa Tornar-se Rei, 8.22,23
Um Lapso de Gideão e Apostasia de Israel, 8.24-35
Reinado Abortivo de um Filho de Gideão, Abimeleque, 9.1-57
O Rei de Siquém, 9.1-6
A Fábula de Jotão, 9.7-21
A Insurreição dos Siquemitas, 9.22-49
A Campanha contra Tebes, 9.50-57
Tola, o Sétimo Juiz, 10.1,2
Jair, o Oitavo Juiz, 10.3-5
Jefté, o Nono Juiz, 10.6-12.7
Uma Opressão pelos Filisteus e Amonitas, 10.6-17
O Livramento por Jefté, 11.1-12.7
A Campanha contra os Amonitas, 11.1-28
O Voto de Jefté e o seu Cumprimento, 11.29-40
Jefté e a Contenção dos Efraimitas, 12.1-7

Ibsã, o Décimo Juiz, 12.8-10
Elom, o Décimo Primeiro Juiz, 12.11,12
Abdom, o Décimo Segundo juiz, 12.13-15
Sansão, o Décimo Terceiro Juiz, 13.1-16.31
O Nascimento de Sansão, 13.1-24
A Mulher de Timna, 14.1-15.8
Um Aprisionamento e Retaliação de Sansão, 15.9-20
A Prostituta de Gaza, 16.1-3
Dalila, 16.4-22
A Morte de Sansão, 16.23-31
APÊNDICES, 17.1-21.25
Relocalização dos Danitas, 17.1-18.31
Mica e o Levita, 17.1-13
A remoção dos Danitas, 18.1-31
A Ofensa de Gibeá, 19.1-21.25
O Levita e sua Concubina, 19.1-30
A Assembléia de Israel em Mispa, 20.1-7
Israel Resolve Punir os Transgressores, 20.8-11
As Guerras de Israel contra Benjamim, 20.12-48
Moças para Benjamim, 21.1-25

1.1 *Morte de Josué.* A morte de Josué é relatada com mais pormenores em 2.6-9. A primeira linha do livro é uma espécie de título. 1.1b-2.5 proporciona um pano de fundo para o resto do livro. Os acontecimentos narrados cobrem o período do fim da vida de Josué até o início da época dos juízes. *Consultaram o Senhor.* Provavelmente pelo Urim e Tumim (cf. Êx 28.15n). *Cananeus.* Nome genérico dos povos que ocupavam a terra da Palestina, aos quais Israel foi mandado por Deus despojar (cf. 4.2). Indica mais uma cultura do que unidade étnica.

1.2 *Judá.* A maior tribo de Israel, da qual veio o rei Davi e o Senhor Jesus Cristo, segundo a carne.

1.3 *Simeão, seu irmão.* Os patriarcas destas tribos eram irmãos por parte de pai e mãe (Gn 29.33-35). A tribo mais fraca, a de Simeão, foi absorvida pela mais forte, a de Judá.

1.4 *Bezeque.* Presumivelmente identificada com Quirbet Bezqa a oeste de Jerusalém, a uns cinco quilômetros de Gezer.

1.5 *Adoni-Bezeque.* *Adoni* significa "Senhor" e, portanto, a rei de Bezeque.

1.8 *Jerusalém.* Não foi tomada definitivamente pelos israelitas até os tempos de Davi (2 Sm 5.6, 7). É uma das mais antigas cidades do mundo, habitada, quase, continuamente durante 5.000 anos.

1.10 *Hebrom.* A cidade de maior importância no sul da Palestina. Sua conquista se relata em Js 10.36-37.

1.11 *Quiriate-Sefer.* "Cidade dos livros". Pode ser que houve, nesses tempos remotos, uma biblioteca ou depósito de livros, a exemplo dos que foram descobertos nas grandes cidades da Mesopotâmia. *Debir* é conhecida hoje pela moderna Tel Beit Mirsim. A evidência arqueológica indica uma área de três hectares, destruída por fogo c. 1220 a.C.

1.16 *Queneu.* Era uma tribo nômade que habitava as regiões áridas ao sudeste da Palestina. Tinha afinidade com os hebreus. *Cidade das Palmeiras.* O contexto indica que não se refere a Jericó, como se poderia (cf. 3.13; Dt 34.3).

1.18 *Gaza, a Ascalom e a Ecrom.* Três cidades que naquela época pertenceram aos cananeus, mas que logo depois foram tiradas dos israelitas pelos filisteus ("os povos do mar") que atacaram a costa do Egito e invadiram as planícies do sudoeste da Palestina, c. 1200 a.C.

1.19 *Carros de ferro.* Os cananeus, com meios de preparar e utilizar eficientemente o

ferro para armas de guerra, tiraram a vantagem (humanamente falando) dos israelitas. Ainda que há muito tempo o carro de ferro já tenha sido superado como arma de guerra, ainda hoje as nações, bem como os indivíduos, confiam mais nas armas, do que no Senhor.

1.22 Casa de José. A tribo de Efraim está em vista. *Betel*. Significa, "Casa de Deus". Tinha grande importância na vida de Jacó (Gn 28.19) e tornou-se um dos principais santuários de Israel nos tempos de juízes. O livro de Josué deixa de mencionar a conquista de Betel, ainda que fora aliada de Ai (Js 8.17). A arqueologia sustenta a posição de que Ai não fora habitada desde 2200 a.C. (1000 anos antes). Uma solução seria entender que Betel utilizara as ruínas de Ai (em heb, "ruína") como fortaleza, contra o avanço dos israelitas (cf. Js 8.17n).

1.26 Heteus. Melhor conhecidos como hititas, eram raça de origem indo-européia. Fundaram um grande império na Ásia Menor, que durou de 1800-1200 a.C. O território da Síria foi então conhecido como "a terra dos heteus" (Js 1.4). *Luz* é desconhecida.

1.27,28 As cidades enumeradas nestes vv. e localizadas nos vales de Esdraelom e, Jezreel controlavam a rota comercial mais importante da Palestina. Evidentemente, Israel tivera umas vitórias nesta região sem, contudo, controlá-la por não possuir carros de ferro (cf. 19n). *Não os expulsou de todo.* Contrário ao mandamento explícito do Senhor (cf. Dt 7.1-6), Israel quis manter os cananeus como escravos e fonte de renda tributária. O resultado foi tão desastroso como também o é para o crente que mantém hábitos pecaminosos na vida.

1.32 Os aseritas continuaram no meio dos cananeus. Enquanto a maioria das tribos expulsaram aos cananeus, pelo menos em parte. Aser, aparentemente, foi incapaz de dominar o território de sua herança, e misturou-se com os habitantes da terra. Dã e Naftali, semelhantemente, demonstraram pouca força no domínio de sua herança (33-35).

2.1 O Anjo do Senhor. A manifestação de Deus numa Teofania. *Subiu... de Gilgal a Boquim.* O Tabernáculo foi, então, deslocado de Gilgal (cf. Is 5.9n) para Boquim (ou Betel, segundo a Septuaginta). *Nunca...* • **N. Hom.** "A Constância de Deus e a Inconstância dos homens"; 1) Enquanto, Deus vê o passado, o presente e o futuro com absoluta precisão, o homem, esquece o passado, racionaliza o presente e desconhece o futuro; 2) Enquanto Deus firma Sua aliança garantida pela sua própria pessoa, imutável (Hb 6.18), o homem promete sem saber se poderá cumprir (cf. Js 24.31 com Jz 2.2; 3) Sendo Deus perfeito em santidade; não terá motivos para mudar Seu plano; o homem é movido pelas emoções, pelos enganos e pelo interesse próprio (cf. Gl 3.1; Lc 22.25, 26; Ef 4.14; 1 Tm 4.1-4).

2.3 Não os expulsarei. A desobediência requer a disciplina e a provação. A geração extinta durante a travessia do deserto, por falta de confiança no Senhor, é seguida por outra que deixara de cumprir a Sua palavra.

2.6-3.6 Esta seção forma uma introdução religiosa à história dos juízes. Explica essa história em termos de ciclos, decorrentes de apostasia, opressão, arrependimento e súplica, seguidos pela libertação oferecida por Deus (16-20). A grande lição que devemos perceber é que Israel prosperava e permanecia livre somente enquanto se mostrava fiel a Deus.

2.7 Grandes obras A passagem paralela (Js 24.31) omite a palavra "grandes". A ênfase recai aqui sobre a culpa de Israel em face às notáveis demonstrações de poder em favor do Seu povo.

2.9 Timnate-Heres. Deve ser Timnate-Sera como em Js 19.50 e 24.30. É óbvio que um copista trocou a posição das consoantes. Hoje é conhecida como Tibne, 15 km ao norte de Betel.

2.13. Baal e Astarote. Deus e deusa dos cananeus. Baal era o deus do trovão e da chuva, controlador da vegetação. Era conhecido como o filho de El, no "panteão" cananeu. Astarote é o plural de Astorete (cf. 1 Rs 11.5), deusa da fertilidade e esposa de Baal

("senhor", "marido"). Na Fenícia foi chamada Astarte (cf. Dt 16.21), e Istar na Babilônia; O culto oferecido a esses deuses da fertilidade era acompanhado de toda espécie de imoralidade e atos de depravação (cf. 3.7).

2.16 Juízes. Líderes militares dotados de poder sobrenatural. Renderam serviço às tribos que, por sua vez, lhes confiaram a posse vitalícia do governo.

2.17 Prostituíram. A aliança entre Deus e Israel é descrita figuradamente como um casamento. Deus é seu único Senhor e protetor, enquanto Israel é *em particular* amada como noiva ou esposa. Seguir a outro deus (Baal - marido) seria adultério espiritual. Veja a mensagem central dos livros de Oséias e Jeremias (3.1ss).

2.21-23 Não expulsarei. A presença dos pagãos cananeus entre os israelitas serviu, por um lado, como teste de sua fidelidade a Jeová (3.4), e por outro, como fonte de disciplina e correção aos que não obedecem. • **N. Hom.** "A utilidade do Mundo no plano de Deus". 1) É uma fonte de provação e tentação que manifesta: a) até onde estamos prontos a guardar os mandamentos de Deus (20); b) até onde estamos prontos a atender Sua voz (20); 2) É a arena onde se demonstra fé, obediência e amor: a) Trilhar um caminho de Deus que não oferece obstáculos não produz dependência dEle; b) Se seguimos a Deus sem provações, não aprendemos a amá-lo profundamente; c) Sem sofrimentos não aprendemos a obedecer-lhe devidamente (Hb 5.8; Rm 5.3-5).

3.2 Ensinar a guerra. Mais um motivo, dentro do plano de Deus, ao deixar os cananeus na Terra. Mesmo sendo Ele a Fortaleza da nação, Deus emprega meios humanos para a obediência à sua vontade na terra.

3.3 Filisteus. Vindos da região do Egeu, criaram seu Estado através de uma coligação de cinco cidades no sudoeste da Palestina. *Sidônios* eram os fenícios da costa do Líbano, perto de Sidom. *Heveus*. São comumente identificados com os horeus (cf. Gn 26.2; cf. 20, 29), os quais estabeleceram o importante reino dos Mitanni, no norte da Mesopotâmia, c. 1500 a.C. Penetraram até a *entrada de Hamate* (norte do vale entre as cordilheiras do Líbano).

3.8 Cusã-Risataim. Lit. "Cusã da maldade dupla". *Mesopotâmia* quer dizer "entre os dois rios", isto é, o Tigre e o Eufrates. É possível que tivesse havido uma confusão na transmissão, entre as letras *d* e *r* no original hebraico, de modo que Edom passou a ser Aram (cf. NCB, p 278). Se Cusã veio de Edom, é mais compreensível que Otniel (sendo de Judá no sul) o tivesse repellido, ao invés de um herói do norte.

3.9 Otniel. "Homem poderoso de Deus", sobrinho de Calebe (cf. também 1.13) que, como ele, era (dotado de coragem contagiante, poder e capacidade de lutar, possuindo toda as qualidades de um bom líder.

3.10 Veio sobre ele o Espírito do Senhor. Os juizes são conhecidos como líderes carismáticos, devido à atuação poderosa do Espírito Santo nas suas vidas.

3.12 O Senhor deu poder... A santidade e a soberania de Deus operam na punição do povo desviado de Seus caminhos, embora seja utilizando-se de um povo pagão como instrumento de castigo (veja Is 10.5 onde a Assíria é chamada de "cetro da minha ira"). O crente sente segurança ao ver que Deus controla o destino das nações nestes dias de predomínio do poder atômico, mesmo daquelas cujos líderes não se inclinam para Ele. *Moabitas*. Descendentes de Ló, sobrinho de Abraão, mas inimigos constantes e ferozes de Israel (cf. Dt 23.3, 4).

3.13 Cidade das Palmeiras. Jericó. Como devemos entender a maldição pronunciada por Josué contra aquele que edificasse a cidade (Js 6.26; 1 Rs 16.34)? Os arqueólogos confirmam que Jericó ficou abandonada durante o período que vai da conquista a sua reconstrução nos dias de Acabe, 875 a.C. Possuindo água em abundância, é possível que viesse a ser ocupada esporadicamente por nômades em suas tendas.

3.15 Filho de Gera. Quer dizer "descendente de Gera" (Gn 46.21).

3.19 Imagens de escultura. Heb *pesilim*, "pedras esculpidas". No v. 26 é evidente que se trata de alguma pedra conhecida; talvez a mesma que Josué levantara para comemorar o

cruzamento do Jordão (Js 4.19-24).

3.20 *Sala de verão*. Um pavimento superior com muitas janelas abertas, dando passagem às brisas da estação quente. Era o lugar indicado para entrevistas privadas. Éude deu a entender a Eglom que trouxera um oráculo de Deus.

3.30 *Oitenta anos*. Pode indicar duas gerações.

3.31 *Uma aguilhada de bois*. • **N. Hom.** "Deus escolheu... as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes" (1 Co 1.27, 28): 1) Uma aguilhada; 2) Uma estaca da tenda (4.21); 3) Trombetas; 4) Cântaros; 5) Tochas (7.20); 6) Uma pedra de moinho (9.53); 7) Uma queixado de jumento (15.15).

4.1 *Éude* é mencionado aqui, e não Sangar, porque este, provavelmente, agiu em região limitada ou então não foi juiz, no pleno sentido da palavra.

4.2 Deve-se notar aqui que essa narrativa passa do tratar da situação do sul para o norte da Palestina. *Hazor*. Cf. Js 11.13n. Destruída por Josué um século antes, mas não ocupada pelos hebreus, foi reconstruída pelos cananeus e restaurada à sua grandeza anterior.

4.3 *Jabim*. Provavelmente um título hereditário (cf. Js 11.13n). Carros de ferro. Cf. 1.19n. Os israelitas não tiveram acesso ao ferro, nem meios para produzir artigos desse metal (cf. Js 17.16; 1 Sm 13.19-22).

4.5 *Débora*. A única mulher juíza entre os juizes de Israel. As mulheres normalmente eram relegadas a plano inferior ao dos homens na estrutura tribal de Israel. A qualidade carismática de Débora já era conhecida, razão essa que levou o povo e Baraque a procurá-la.

4.6,10 *Tabor*. Um monte de 400 metros que se destaca no nordeste do vale de Esdraelom. *Naftali... Zebulom*. As tribos mormente afetadas pela invasão dos cananeus. No cântico de Débora (cap. 5) se compreende que outras tribos nortistas tomaram parte em outra fase da luta.

4.7 *Ribeiro Quisom*. Riacho que corre para o oeste, pelo vale de Esdraelom.

4.8 A hesitação de Baraque - como a de Moisés (Êx 4.13), Gideão (Js 6.15) e Jeremias (1.16) - é compreensível, em face das forças bem superiores do inimigo (cf. 2 Co 33-6). Tendo Débora junto de si, Baraque sentiria a presença de Deus e traria inspiração ao reduzido exército.

4.11 *Queneu*. Cf. 1.16n. A família de Héber era composta de pastores nômades, que se deslocaram para o norte do país, em busca de pastagens.

4.15 *O Senhor derrotou o Sísera*. Podemos tirar uma idéia do que aconteceu, de 5.21, 22. Deus mandou um aguaceiro (possivelmente fora da estação da chuva), que causou o transbordamento do ribeiro Quisom. Os carros atolados na lama e levados pela correnteza perderam bem mais do que uma simples vantagem. O Senhor é maior do que Baal, deus da tempestade, visto que este nada pôde fazer para evitar a manifestação do poder de Jeová sobre a natureza.

4.17 *Havia paz...* Sísera pensava que Jael lhe outorgava absoluta segurança. Havia paz entre Jabim e Héber. As boas maneiras e a generosidade de Jael, conforme a tradição do oriente, em que ao hóspede é garantida plena proteção, tudo inculcara no ânimo do comandante um sentimento de bem-estar. Desconhecia as relações de amizade entre os queneus e os hebreus (cf. v 11).

4.21 *Tomou uma estaca...* A habilidade manifestada por Jael no manuseio dos elementos necessários para armar uma tenda é compreendida pelo costume reinante de entregar essa tarefa às mulheres. A morte de um valente nas mãos de uma mulher era, para o homem, mui deprimente, naqueles tempos (cf. 9.54).

5.1 O cântico de Débora é reconhecido como um dos melhores exemplos de uma ode de triunfo, preservada na literatura hebraica. Provavelmente fez parte de uma antologia de poesia (cf. Nm 21.14; Js 10.13 e 2 Sm 1.18). Foi Débora que compôs o cântico, segundo o v 7. O convite lançado no v 12 não é considerado incoerente com a sua autoria.

5.2 Os chefes se puseram à frente de Israel, lit., "no quebrantamento dos quebradores em Israel", ou, ainda, outra possibilidade seria. "Quando mechas de cabelos compridos apareceram em Israel". Neste último caso referir-se-ia à prática de deixar os cabelos crescerem para cumprir com seus votos (cf. Nm 6.5, 18; indicando que era uma guerra santa, à qual o povo se dedicara de corpo e alma. • **N. Hom.** "O Louvor do Senhor no Mundo" está seguro: 1) Quando Seu povo se oferece voluntariamente à Sua causa (2); 2) Quando os líderes despertados da apatia e conclamados à ação se oferecem de todo coração (9, 12, 13); 3) Quando o Senhor Todo-Poderoso vai à frente, na luta (4; cf. Hb 2.10; 12.2; 2 Co 2.14-16).

5.4 *Os céus gotejaram.* Talvez uma referência ao aguaceiro que contribuiu para a derrota dos cananeus (4.15n).

5.5 *Sinai.* É o mesmo Deus onipotente da Aliança que guiou o Povo Escolhido na travessia do deserto que, ultimamente, abriu o caminho da vitória para as forças de Israel (cf. 4.15n).

5.6-8 Descreve a condição desolada da região norte de Israel, sujeita à extorsão dos cananeus. *Cessaram as caravanas.* Plena anarquia reinava, de modo que a prática do comércio se tornou impossível.

5.8 *Escolheram-se deuses novos.* O motivo da miséria é sempre a substituição do único Deus por deuses falsos. *Quarenta mil.* O número de homens disponíveis para a formação do exército.

5.15-17 De honra e de glória são coroados os corajosos voluntários de Israel. Denúncia merecida vem sobre as tribos que colocaram sua segurança individual acima do desafio dos seus irmãos. *Dã.* Aparentemente ainda não havia migrado para o norte. Sua terra logo foi tomada pelos filisteus, forçando seu deslocamento para o norte da Galiléia.

5.19 *Reis.* Uma aliança de reis de cidades, com suas forças armadas, juntaram-se a Jabim, rei de Hazor, principal cidade da região norte. *Taanaque, junto às águas de Megido.* É a opinião dos entendidos que Taanaque e Megido dificilmente poderiam pertencer à mesma época. Há uma indicação aqui de que Megido já não era mais habitada, nesta conjuntura. O nível VII, das escavações desta cidade, foi destruído entre 1150-1125 a.C., indicando a época desta vitória de Israel sobre seus inimigos.

5.20 *Pelejaram as estrelas.* No fim, a justiça predominará. A própria natureza flagelará os rebeldes contra Deus.

5.23 *Meroz.* Uma cidade desconhecida que deixou de participar da luta; ainda que localizada próxima à área de batalha. *Não vieram em socorro do Senhor.* É pressuposto que Deus se identifica integralmente com Seu povo, enquanto este for obediente. No NT, o Senhor Jesus Cristo, por meio do Seu Espírito, participa da igreja verdadeira que é Seu Corpo, formando assim a comunhão dos santos (1 Co 12.12, 13). Por isso, o prejudicar, a "um destes pequeninos que crêem em mim", é severamente condenado (cf. Mt 18.6), enquanto o socorrer e o apoiar aos filhos de Deus é fazê-lo a Cristo (Mt 25.45).

5.28-30 A ansiedade no coração provocada pela demora do comandante do exército cananeu é dramatizada pela conversa imaginada da mãe de Sísera, consigo e com as damas. Uma vez que era o costume do capitão supervisionar a distribuição dos despojos, é sugerido que a demora seria devido à vastidão dos despojos. *Estofos de várias cores.* Os artigos mais finos e valiosos eram reservados para o comandante. No lugar de bordados se vestira de pano de saco e cinzas. *Moças,* lit. "mulher nova", "rapariga", destaca a miséria das mulheres, ao caírem sob o poder dos invasores.

5.31 *Os que te amam.* A conclusão do cântico se torna clara: os que se rebelam contra o Senhor perecem; porém os que o amam e servem-no serão exaltados como o Sol (cf. Dn 12.3).

6.1 Gideão, que recebe um total de 100 vv., e Sansão, com 96, são os juízes que ocupam lugar pitoresco, neste livro.

6.3 *Midianitas.* Tribo de nômades aliados dos *amalequitas*, vindos da região de Neguebe,

ao sul da Palestina (cf. Gn 25.1-4). Povos do Oriente, seriam os beduínos primitivos do deserto sírio. Esses três povos se uniram em número elevadíssimo, tornando-se capazes de saquear a agricultura e os rebanhos dos hebreus. Atacaram, principalmente, o território de Manassés, sem deixar de devastar também a Efraim, Aser, Zebulom, Naftali (6.35; 8.1) e, sem dúvida, a Issacar.

6.5 *Subiam com os seus gados e tendas.* Estes invasores viviam de modo nômade. *Camelos.* Aparecem, aqui, pela primeira vez em grande escala. Utilizados num ataque militar inculcaram terror aos israelitas.

6.6 *Os filhos de Israel clamavam ao Senhor.* • **N. Hom.** "Grande é a Misericórdia de Deus": 1) Ainda que o motivo do clamor fosse por interesse pessoal e não por amor a Deus, Ele atendeu; 2) Ainda que não fosse a primeira vez, nem a última, que o povo se desviara do Senhor, Deus o ouviu e perdoou; 3) Ainda que desprezaram Sua palavra (preservada no Pentateuco de Moisés), Deus lhes falou através do profeta (8). *Conclusão.* O amor perdoador de Deus é sem limites - arrepender-se, crer e clamar são seguidos do trato imerecido que o filho pródigo recebeu de seu pai (Lc 15.22-24).

6.11 *O Anjo do Senhor.* Pelo Anjo com o nome próprio do Senhor (Jeová) vê-se que se trata de uma teofania (cf. 2.4).

• **N. Hom. 6.13-24** "Dúvidas Incoerentes no Serviço: do Senhor": 1) Sua presença - "O Senhor está contigo" (12, 16) - "então por que nos sobreveio tudo isto?"; 2) Comissão: "Não te enviei eu?" - "com que livrarei a Israel?" (14, 15); 3) Vitória: "Ferirás os midianitas como se fossem um só homem" - *dá-me um sinal* de que és tu, Senhor, que me falas" (16, 17); 4) Paz: "Paz seja contigo... não morrerás" Gideão edificou ali um altar e lhe chamou "o Senhor, é paz" (23, 24). *Conclusão.* Quando o Senhor nos manda, não é hora de duvidar.

6.14 *Tua força.* Gideão não se apresenta como um *homem valente* (12), malhando trigo às escondidas (11), desculpando-se diante da tarefa mandada por Deus (15), duvidando que a mensagem a ele dirigida tivesse vindo de Deus (17), temendo os homens da cidade (27) e pedindo dois sinais para confirmação da promessa de Deus (36-40). Mas sua hesitação indica profunda humildade, qualidade esta essencial a todo homem que Deus se digna usar. Desta forma, Deus é exaltado, em contraste com o homem soberbo (Lc 1.52). *Não te enviei eu?* Há poder na comissão do Senhor (Cf. Mt 28.18, 19). *Eu estou contigo* (16). Há poder redobrado na companhia do Senhor (Mt 28.20; At 18.10).

6.18 *Oferta.* Heb *minhah*, "oferta voluntária", não pelo pecado.

6.19 *Efa.* Medida de secos que comportava 20 kg de farinha, presente valioso numa época de muita escassez.

6.21 *Fogo do penha.* Seria reconhecido como prova de que o próprio Senhor estava presente e que a oferta fora aceita por Ele (cf. Gn 4.4).

6.22 *Ai de mim.* Um pressuposto do pensamento dos hebreus era que ver a Deus significaria a morte (cf. Gn 16.13; 32.30; Êx 20.19; 33.20; Is 6.5). Em Cristo, podemos ver a Deus e viver eternamente (Jo 1.18, 14.6-9).

6.24 *O Senhor É Paz.* Heb *Jahweh-shalom*, "Jeová está disposto a favorecer-te" (cf. v 23).

6.26 *Poste-ídolo.* Representação feminina da deusa da fertilidade, cultuada na esperança de maior produtividade da terra (cf. 2.13n).

6.29 *Perguntando e inquirindo.* Segredo guardado por *dez homens* (27) deixa de ser segredo.

6.31 *Joás.* Responde com coragem e sabedoria. 1) Contendei por Baal e travar luta pessoal com Joás; 2) Baal não precisa de intervenção humana se é que é um deus real. Deparamos até onde os israelitas tinham se desviado da verdadeira adoração ao único Deus.

6.32 *Jerubaal.* Lit. "que Baal dê o aumento", um jogo de palavras.

6.33 *Se acamparam.* Deparamos na invasão anual dos midianitas e seus aliados. Chegaram na hora da colheita (cf. 15.5n).

6.34 O Espírito. Cf. 3.10n. *Revestiu.* No heb, "vestir-se com". O Espírito tomou posse completa deste servo. *Abiezritas.* Subtribo de Manassés na região ao oeste do Jordão.

6.36-40 Gideão não está procurando saber qual seja a vontade de Deus. Esta já lhe foi exposta claramente (vv. 14, 16). Pediu sinais de Deus, na lâ, com ou sem orvalho, para fortalecer sua própria fé e, ao mesmo tempo, obter evidências para que o povo pudesse reconhecer que sua comissão de líder viera de Deus. Portanto, este não pode ser método bíblico para se conhecer a vontade de Deus (cf. Pv 3.5; Tg 1.5-8).

6.39 Só a lâ esteja seco. A segunda prova seria indubitavelmente sobrenatural, posto que a lâ absorveria o orvalho muito mais facilmente que a terra e as pedras ao redor.

7.1 Harode. Hoje Ain Jalude, ao pé do monte Gilboa.

7.2 Gloriar contra mim. Deus jamais deseja apoiar os homens que se vangloriam nas suas próprias forças humanas, não reconhecendo a graça e o poder de Deus (cf. Sl 107). A redução do número das forças de Gideão (3, 4) tinha como propósito evitar a presunção: *A minha própria mão me libertou.* O Senhor dos exércitos é o Senhor das vitórias.

7.3 Gileade. No presente é desconhecida uma região com este nome perto de Harode. Provavelmente um erro copista. Deveria ser "Gilboa".

7.5 Lamber... como faz o cão. É evidente que os 300 homens não usaram a língua para lamber a água da fonte, destarte teriam de cair de joelhos, tal como os 9.700 fizeram. A melhor explicação seria que utilizavam a mão como o cão faz uso da língua, para levar a água à boca.

7.11 Vanguarda. Provavelmente a força principal de ataque, com homens mais competentes, treinados e equipados.

7.12 Como gafanhotos... areia. Descrição hiperbólica da numerosa força contra a qual Gideão e seus 300 homens precisavam lutar. O contraste entre as forças é enorme.

7.13 Sonho. Um dos meios mais acertados, para fortalecer as mãos de Gideão, foi o de ser-lhe concedida a oportunidade de escutar o relato de um destes sonhos. O sonho, em condições especiais, era conhecido veículo da revelação de Deus. Certamente houve mistérios a serem resolvidos na interpretação. *Pão de cevada.* Representa os israelitas destituídos das terras mais produtivas que foram assim obrigados a comer pão de cevada, o alimento dos pobres. *Tenda.* Representa os midianitas que moravam em tendas.

• **N. Hom. 7.15 Adorou.** "Passos para a vitória". Gideão: 1) Com pouca fé e autoridade procura segurança nos sinais divinos e através do orvalho (6.36-40); 2) Com fé em plena atuação, obedece ao mandado do Senhor de se desfazer de 99% de seu exército (7.2-8); 3) Finalmente, com fé trasbordante, oferece louvor antevendo a vitória prometida (15). Conclusão: A fé cresce pelo desafio e o exercício.

• **N. Hom. 7.16 Instrumentos nas mãos de Deus:** 1) Todo servo útil na conquista do mundo para Cristo é um "vaso de barro" (2 Co 4.7) fraco e sem valor em si; 2) Esse servo é útil porque comporta a Cristo, a Luz do mundo (2 Co 4.4-6; Jo 8.12) e essa luz resplandece quando o vaso é quebrado (2 Co 4.16-18); 3) A trombeta pode simbolizar a proclamação do evangelho (Tt 1.3), a vitória já ganha por Cristo na cruz.

7.17 Estas palavras cabem bem na relação do crente com Cristo, seu capitão (Hb 2.10). Não haverá vitória sem recorrermos a Ele (Hb 12.2). Se não O imitarmos em atitudes (Fp 2.5-8) em palavra e em ação a derrota será fatal (Jo 13.15-17; 20.21).

7.19 Princípio da vigília média. Teria sido c. 22 horas.

7.21 Correr. Não se encontra esta palavra, no AT, com a idéia de fugir. Indica o pânico que se apossou dos midianitas ao serem despertados precipitadamente, e a correria resultante.

7.22 O Senhor tomou a espada... Mesmo com a astúcia do plano ousado de Gideão, se Deus não tivesse agido precisamente para confundir o inimigo, nenhum dos 300 valentes teria sobrevivido. *Rumo de Zerará.* A fuga dos midianitas teria sido na mesma direção que o Jordão, para o deserto. As cidades mencionadas ficavam a 10 ou 16 km de Jabes-

Gileade.

7.23 *Foram convocados.* Já que o inimigo estava em plena fuga, não é de admirar que os israelitas da terra montanhosa ao norte e ao sul do vale tivessem pressa, em perseguir os midianitas, visando a glória e os espólios.

7.25 *Orebe, "corvo" e Zeebe, "lobo",* foram detidos pelas forças de Efraim que seguiram a sugestão de Gideão de cortarem o caminho do escape, pelo rio Jordão.

8.1 Aqui se manifesta o espírito independente da tribo de Efraim que, dentro de uns dois séculos, causaria a divisão definitiva dos reinos de Israel e Judá (cf. 12.1; 1 Rs 12.16-17). Entende-se a hesitação da parte de Gideão, em convocar os efraimitas, por ser ele um membro da tribo de Manassés, o qual foi posto em segundo lugar por Jacó (Gn 48.14-22). Gideão queria evitar a aparência de quem aspirava à preeminência no poder.

8.2 *Os rabiscos... a vindima de Abiezer.* Um exemplo clássico da verdade registrada em Pv 15.1, "A resposta branda desvia o furor".

8.5 *Sucote.* Uma cidade situada no caminho da invasão dos midianitas. Ele desejava manter a neutralidade, com receio da vingança dos midianitas, pois não confiava na impressionante vitória de Gideão. O mesmo acontece com os crentes que, por falta de fé e por temerem o mundo, acomodam-se ao pecado. *Cansados.* Porque percorreram cerca de 80 km na perseguição. Prepararam-se a princípio, apenas para um possível e repentino ataque, nos dias da perseguição.

8.10 *Carcor.* O resto das forças midianitas, sem dúvida, se julgaria seguro naquele lugar, com boa distância, ao leste do Mar Morto, sem contar com a persistência de Gideão.

8.12 *Desbaratou.* O original dá a entender que o restante do exército midianita fora espalhado, após completa perda de coesão e de coragem. *Nunca mais levantaram a cabeça* (28).

3.14 *Por escrito.* Indicação dos resultados, largamente propalados da descoberta do alfabeto, possibilitando a um jovem de Sucote e a Gideão a capacidade de escrever e ler.

8.16 *Anciãos.* Os líderes da cidade, não necessariamente velhos. A tortura, com a qual foram punidos, salienta a gravidade da sua traição, pela falta de fé no poder de Deus. *Severa lição.* Lição das mais severas será o julgamento final (Jo 3.36, 2 Co 5.10).

8.21 *Ornamentos.* A palavra hebraica só aparece aqui e em Is 3.18. Muitos deles já apareceram nas escavações arqueológicas da Palestina.

8.22,23 *Domina sobre nós.* Desejosos de galardoar e aproveitar a boa liderança do herói, vencedor dos midianitas, os israelitas ofereceram a Gideão e seus descendentes a posição de rei. Ao recusar, Gideão demonstrou sua humildade e fé. Achou que a monarquia não seria compatível com a vocação de Israel, mas sim uma teocracia governada diretamente por Deus. A instituição da monarquia, nos dias de Samuel, é reconhecida como uma concessão especial de Deus por causa do pecado e da falta de fé, de Seu povo (1 Sm 8.7; 12.6-15). *O Senhor vos dominará.* • **N. Hom.** Existem quatro focos de domínio: 1) Autodomínio; 2) Domínio do lar, 3) Domínio do estado; 4) Domínio espiritual ou religioso. Quando Deus ocupa o lugar de preeminência em todos estes focos, a paz e a prosperidade, nessa vida e na vida vindoura, são garantidas. Afastar o temor de Deus de qualquer destes centros de autoridade atrai desgraças e miséria.

8.24 Daqui em diante, a vida de Gideão apresenta uma discrepância, em face dos fatos anteriores. Aquele que atravessara o duro teste na adversidade foi mal sucedido na prosperidade. Verifica-se, muitas vezes, que é mais fácil glorificar a Deus em tempo de emergência, do que honrá-lo na vida quotidiana. *ismaelitas.* Um termo usado popularmente para se referir a qualquer grupo nômade, envolvido com intercâmbio de mercadorias (cf. Gn 37.27; 16.15; 25.2).

8.27 *Estola sacerdotal.* Em Êx 39.1-26 encontramos uma descrição da estola do sumo sacerdote, à qual estava ligada o Urim e a Tumim. Estes tinham a finalidade de revelar a vontade de Deus. Ainda que não fosse essa a intenção de Gideão, tal estola tornara-se objeto de adoração imprópria, à moda cananéia.

8.30 Como no caso de Salomão, em que a prosperidade trouxe desgraça pela prática desenfreada da poligamia (comum naqueles tempos).

8.31 *Abimeleque*. Lit. "meu pai um rei". O costume de então era que tais filhos (vindos de concubinas) ficassem na casa de suas mães.

8.33 *Baal-Berite*. Lit. "Baal (deus) da aliança". Note-se até onde os israelitas se tinham afastado do Deus da Aliança.

9.2 *Sou osso vosso e carne vossa*. É possível deduzir, destas palavras que a mãe de Abimeleque e sua família fossem cananéias. Explicaria a adoração de Baal-Berite em Siquém, velha cidade cananéia, e a facilidade daquele malandro conseguir a simpatia do povo local. Os restos do templo do Baal de Siquém foram recentemente identificados por arqueólogos.

9.5 *À casa de seu pai*. Evidentemente, a família de Gideão viveu em modéstia, sem uma guarda armada.

9.6 *Bete-Milo*. Milo vem de um vocábulo que significa "encher". Originalmente, referia-se a um terrapleno e depois a uma torre ou fortaleza. É bem possível, que fosse a própria Torre de Siquém (46-49). *Carvalho memorial*. Cf. Js 24.26. Lugar de longa associação sagrada (cf. Gn 35.4), dando à proclamação do reinado de Abimeleque um cunho religioso. A área dos seus domínios era muito limitada, atingindo apenas uma pequena parte do território de Efraim.

9.7 *Monte Gerizim*. Fica ao sul de Siquém (cf. Dt 11.29; 27.12 e cap. 28). Os samaritanos, mais tarde, consagraram esse monte para seu culto, em oposição ao culto dos judeus em Jerusalém (cf. Jo 4.20, 21).

9.8 *As árvores*. Jotão fez uso de uma alegoria ou fábula, para enfatizar seu protesto contra o tratamento outorgado à família de Gideão e para acrescentar uma predição com respeito à maldição que Abimeleque traria sobre Siquém.

9.9 *Oliveira*. O óleo tirado da azeitona era usado para ungir a reis e sacerdotes, como também ser queimado no santuário. O fruto da videira (13) era, do mesmo modo, empregado religiosa e secularmente.

9.14 *Espinheiro*. Nada produzia de valor; pelo contrário, ameaçava a lavoura, afogando às plantas novas (cf. Mt 13.7).

9.15 *Debaixo de minha sombra*. Baixa e quase sem madeira ou folhagem, pouquíssima sombra podia oferecer. *Do espinheiro fogo*. No verão da Palestina, quando faltavam as chuvas durante seis meses, o fogo que pega nos abrolhos os consome velozmente, ameaça as árvores de grande valor, tais como os cedros. Abimeleque, ao invés de proporcionar segurança aos siquemitas, tornava-se motivo de sua destruição.

9.21 *Beer*. "Poço"; nome muito comum na Palestina. Este é desconhecido.

9.23 A providência de Deus, soberana em toda história humana, está indicada aqui.

9.24 *Vingança*. Como a ira de Deus Impõe Sua justiça (Rm 1.18), o pecado do assassinio dos inocentes filhos de Gideão não podia deixar de ser punido. A lei de Deus é: "Como Ele fez, assim lhe será feito" (Lv 24.19). Somente por Cristo, que pagou nossa culpa, escapamos à terrível vingança de Deus sobre nossos pecados (Rm 3.23-25).

9.26 *Confiam nele*. O mal dos siquemitas era a facilidade com que se deixavam enganar. O único líder que merece toda a confiança é somente o Senhor Jesus Cristo.

9.27 *Saíram ao campo*. No fim do verão (nosso mês de outubro) se celebrava a grande Festa de Ano Novo entre os cananeus, e a Festa dos Tabernáculos entre os hebreus. Esta última, sob influência dos cananeus, substituiu a Páscoa, como a grande festividade popular, até às reformas realizadas por Ezequias e Josias (2 Rs 23.12ss; 2 Cr 30.1ss).

9.28 *Filho de Jerubaal*. Gaal, astutamente, traça a linha de Abimeleque pelo pai, ao invés da mãe, natural de Siquém. *Homens de Hamor*. Hamor significa "asno", "burro". A frase quer dizer "Homens da aliança", já que o sacrifício de um asno era ato essencial para um tratado entre os amorreus (Albright; cf. Gn 35.19; 34.2). Gaal se apresenta como defensor da velha religião cananéia.

9.30 Zebul, governador do cidade. Abimeleque não fez de Siquém a sua capital, mas sim da cidade de Arumá (41), maior que a primeira; quem governava a Siquém era Zebul, seu delegado. Zebul, com suas forças armadas, serviu de "quinta coluna" contra os planos de Gaal.

9.36 Desce gente. A astúcia de Zebul é notável. O plano sugerido a Abimeleque (32, 33), suas palavras proferidas para acalmar a suspeita de Gaal e, finalmente, o desafio, "Sai, pois, e peleja contra ele" (38), diante do qual Gaal teria de lutar ou ficar inteiramente humilhado, revelavam a inteligência de Zebul.

9.37 Defronte de nós. Lit. "umbigo da terra". Deve ter sido um ponto destacado e bem conhecido. *Carvalho dos Adivinhos*. Refere-se, provavelmente, à árvore, onde adivinhos cananeus ou israelitas apóstatas desenvolveram suas práticas de agouros.

9.42 Saiu o povo. Pressupõe que o assunto ficava encerrado depois da conquista de Gaal e suas forças, mas Abimeleque ainda quis reprimir ao povo de Siquém.

9.45 Semeou de sal. Era prática, na antigüidade, que assegurava a desocupação da área por muito tempo, sendo, por este rito, amaldiçoada e tornada improdutiva. Siquém só veio a ser edificada de novo, durante o reinado de Jeroboão, um século e meio mais tarde.

9.46 Templo de El-Berite. Deve ser o mesmo que a "casa de Baal-Berite" (4). Pode ser também sinônimo, de "Torre de Siquém". Torre, no original, só aparece, fora daqui, em 1 Sm 13.6. Talvez seja uma cova ou fenda coberta de telhado inflamável. Ao se queimarem as ramadas das árvores sobre a fortaleza (49), pereceram todos os que ali se refugiaram.

9.50 Tebes. Cidade cerca de 15 km ao nordeste de Siquém. Ainda que não encontramos declarada a sua participação na revolta contra Abimeleque, devemos chegar a tal conclusão.

9.51 Torre forte. O centro da defesa nas cidades da antigüidade era uma torre. Ainda que Abimeleque tomara a cidade, o povo todo se abrigara na torre, dentro da cidade. Novamente pensava em se utilizar do fogo para destruir (como fez em Siquém), porém não contou com a habilidade de certa mulher desconhecida, que atirou uma pedra de moinho sobre sua cabeça (cf. 4.21).

9.53 Pedra superior de moinho. Lit. "pedra a cavalgar", com cerca de 6 cm de grossura e 50 cm de diâmetro. Moer era tarefa das mulheres.

9.54 Mata-me. Uma desgraça que a todo custo se devia evitar seria a de morrer por mão de mulher (4.21n).

9.56 Deus. A mão de Deus tornou a maldição de Jotão (cf. v 20) uma realidade. O escritor inspirado não se preocupa com as causas secundárias, sendo que as primárias e finais são controladas por Deus.

10.1 Tola. Surgindo entre os juízes menores, de quem poucos detalhes ficavam preservados. Evidentemente, estes juízes pouco se destacaram na defesa da nação ou na expulsão de opressores. Mais provável seria que tivessem sido líderes civis, que julgavam casos importantes entre as tribos e cidades. *Samir*. Não se trata de Samaria, situada na terra de Manassés, pois esta última foi fundada no tempo de Onri, rei de Israel (1 Rs 16.24).

10.3,4 Jair... Tinha este trinta filhos... Deve-se entender que era homem de riqueza e poder, com filhos vivendo como pequenos príncipes. Havote-Jair, "as vilas de tendas de Jair" (cf. Nm 32.39-42; Dt 3.14). *Gileade*, c. 18 km ao sudeste do Mar da Galiléia.

10.6 As múltiplas apostasias de Israel são aqui enumeradas em sete, como também as opressões, nos vv. 11, 12. • **N. Hom.** "Passos no Caminho da Apostasia": 1) Pecado, "tornando a fazer o que era mau"; 2) Idolatria, ".servindo aos Baalins"... (cf. Rm 1.23, 1 Jo 5.21); 3) Abandono, "deixando ao Senhor" (cf. Jo 6.66). Conseqüências: 1) A ira de Deus se acendeu (7; Rm 1.18, 2.5); 2) Castigo, entregando a Israel nas mãos dos opressores (8; cf. Rm 1.24, 26, 28); 3) Clamaram ao Senhor (10; cf. 1 Jo 1.9).

10.7 Amom. Descendente de Ló, sobrinho Abraão, e, portanto, aparentado de Israel.

10.14 Ide e clamai aos deuses... Rejeitando, terminantemente, ao convite de Cristo (cf. Mt

11.28-30), o pecador ouvirá, no julgamento final, sentença semelhante. Todo homem que espera abrigar-se da ira de Deus, apelando para qualquer falso deus, precisa saber da inutilidade de seu refúgio, e voltar-se para Cristo (cf. Is 28.14-19).

10.16 *Não pôde ele reter a sua compaixão.* Quando Israel deixou de falar sobre o arrependimento e passou a demonstrá-lo em ações, Deus não se demorou em acudir a Seu povo. A paciência de Deus não tem limites neste dia de graça (cf. Sl 103.8-14); se, de fato, o pecador se arrepende.

11.1 *Jefté.* Os direitos sociais e políticos de Jefté (ainda menos do que aqueles pertencentes a Abimeleque), sendo ilegítimo, impediram-no de gozar de uma herança, na família. *Gileade* era pai de Jefté. Era, também, o nome do neto de Manassés, fundador do clã, que dominou e deu nome a esta região toda, das tribos, ao leste do Jordão.

11.3 *Homens levianos.* Jefté, como Davi (cf. 1 Sm 22.2), tornou-se chefe de uma quadrilha de marginais que, como ele, foram expulsos da sociedade. *Tobe.* Moderna El-Taiyibeh a 25 km ao nordeste de Ramote-Gileade.

11.6 *Chefe.* A palavra *gasin* se relaciona com um vocábulo árabe, que se refere a alguém que pratica julgamentos, como um juiz. A fama e capacidade de liderança demonstrada por Jefté estendeu-se até aos anciãos de Gileade que, em troca de sua chefia sobre as forças israelitas contra Amom, o faziam ditador para a vida toda.

11.9 A ambição desenfreada de Jefté não deixou de se manifestar nas condições impostas aos anciãos. Ao mesmo tempo transparecia sua fé em Jeová. Afinal, só Ele, realmente, libertaria a nação.

11.11 A solenidade da posse de Jefté na chefia dos gileaditas, *perante o Senhor, em Mispa* (santuário local), indica uma aliança séria que estava se realizando. As promessas dos anciãos não podiam ser esquecidas.

11.12 Jefté acusa os amonitas de violar seu território. Os amonitas responderam que, originalmente, a terra lhes pertencia. *Filhos de Amom* (cf. 10.7n). Sua capital era Rabate-Amom, hoje Amã, capital da Jordânia.

11.15 *Moabitas.* Os moabitas tinham mais direito à área em controvérsia que os amonitas, uma vez que Israel conquistou a região entre o Arnom e o Jaboque, dos amorreus (19; Nm 21.23, 24).

11.16 *Mar Vermelho.* Refere-se ao golfo de Ácaba, braço ao leste do Sinai. *Cades.* O mesmo Cades-Barnéia, onde os israelitas gastaram a maior parte dos quarenta anos de sua peregrinação no deserto.

11.20,21 *Não confiando em Israel.* Faltando uma ligação de família ou parentesco entre Israel e os amorreus (como havia entre Edom, os hebreus e Moabe), nenhum apoio quiseram dar aos invasores israelitas.

11.22 A área em disputa era aquela *desde o deserto até ao Jordão*, região relacionada com o reino de Amom. Jefté queria estabelecer o fato de que Deus a tinha libertado dos Amorreus; portanto, Amom não podia reivindicar possessão anterior.

11.24 *Camos.* Deus principal dos moabitas. Milcom era o deus dos amonitas (1 Rs 11.5). A referência a Camos, neste contexto, sugere a possibilidade de uma aliança entre Amom e Moabe.

11.26 *Trezentos anos.* Seria o número dos anos atribuídos ao período dos juizes e da opressão, inclusive até Jefté. A arqueologia indica que o intervalo entre a conquista da Terra e a época de Jefté seria de uns 160 anos. Pode-se explicar os 300 anos como uma forma de exprimir aproximadamente às sete ou oito gerações de quarenta anos; pode ser uma conjectura da parte de Jefté, que teria tido pouco acesso às fontes históricas.

11.29 *O Espírito... sobre Jefté.* O Espírito de Deus proporcionou-lhe poder, coragem e indispensável sabedoria.

11.30 *Fez Jefté um voto ao Senhor.* A ignorância da lei de Deus por parte de Jefté era muito grande, tendo-se em vista passagens como Lv 18.21; 20.2-5; Dt 12.31; 18.10. Se de fato ofereceu sua única filha em holocausto (oferta queimada), como o sentido literal

do texto indica, pode-se afirmar, com certeza, que não agradara a Deus. O sacrifício humano, que se encontra em passagens como 2 Rs 3.27; 16.3; 17.17; 2 Cr 33.6; Jr 7.31; 32.35, revela que tal costume pagão não era desconhecido entre os hebreus. Louvamos o zelo de Jefté; condenamos seu voto temerário. Desde a Idade Média, há intérpretes que argumentam que Jefté jamais teria sacrificado sua filha única; mas que somente a consagrara à virgindade perpétua. As frases "esse será do Senhor" e "jamais foi possuída por varão" (39) são as mais proferidas em prol dessa opinião. • **N. Hom.** O sacrifício de Gratidão (cf. Sl 50.23; Hb 13.15): 1) O voto não é obrigatório para se conseguir ajuda do Senhor, pois ele nos dá tudo graciosamente (Tg 1.5); 2) A oferta de uma pessoa em holocausto não é desejável, já que Deus sacrificou Seu único filho em nosso lugar (Is 53.6, 10; Jo 3.16); 3) O voto que Deus aprecia é a dedicação de uma vida inteiramente consagrada a Ele (Rm 12.1, 2).

11.34 A salda da filha do seu lar era da maneira costumeira em Israel em casos de vitória militar (cf. Êx 15.20; 1 Sm 18.6; Sl 68.25). A tragédia daquele voto precipitado aprofundou-se ao verificarmos que a linhagem de Jefté ficou cortada provocando o fim da família, o que é considerado uma das mais funestas maldições, entre os hebreus.

11.35 Jefté não esperava a filha; mesmo assim, tendo feito voto ao Senhor, não cogitou esquecê-lo custasse o que custasse. Jesus nos ensina a atitude certa a tomar com relação aos votos, em Mt 5.33-37.

12.1 O ressentimento da tribo de Efraim não teve razão de ser. Gileade e Jefté teriam rogado aos efraimita o seu auxílio para a expulsão dos amonitas, sem sequer receber resposta. Mas, depois da grande libertação do Senhor, indignaram-se, ao perceberem que a sua posição de tribo principal passara para os gileaditas.

12.6 *Chibolete*. Significa "espiga de cereal". Os efraimitas falavam um dialeto hebraico com pequenas divergências na pronúncia. No seu falar o som *ch* se pronunciava em *s* de um modo tal que não conseguiam evitar serem descobertos. Aquela derrota invalidou definitivamente as esperanças de Efraim ser a tribo líder. *Quarenta e dois mil*. Este número parece alto demais. A palavra *'eleph*, traduzida por "mil", pode também significar unidades de clã, ou tribo (cf. 20.2n).

12.8 *Ibsã e Abdom* (13) exibiram riqueza e poder nas tribos (cf. 10.1n). *Belém*. Não a cidade de Judá onde Jesus nasceu mas, outra do mesmo nome, na Galiléia (Js 19.15).

12.9 *Casou fora*. Isto é, fora do clã, ou até da tribo. Isto indica o destaque da família.

12.15 *Região montanhosa dos amalequitas*. Desconhece-se o motivo de identificar-se uma região com os velhos inimigos de Israel. Talvez um de seus clãs teria se ramificado em Efraim (cf. 5.14).ou então o nome veio de um invasão dos amalequitas (cf. 3.13; 6.3, 33; 7.12; 10.12).

13.1 *Filisteus*, Os "povos do mar", que deram o nome de "Palestina" a Canaã, eram oriundos de Caftor (Am 9.7); eram, geralmente, relacionados com a ilha de Creta. Não eram semitas, nem praticavam a circuncisão. Inimigos, até a época do reinado de Davi, oprimiram a Israel por mais tempo que qualquer outro opressor. Sua maneira de dominar (contrária à dos moabitas, midianitas, etc.) se realizava pela infiltração. Casamentos mistos, comércio e outros contratos pacíficos eram mais perigosos, porque ameaçavam dominar integralmente a nação.

13.2 *Zorá*. 22 km a oeste de Jerusalém, na fronteira entre Dã e Judá. *Dã*. A essas alturas, a tribo de Dã ocupava a região no sudoeste perto da planície (Sefalá) habitada pelos filisteus. Por causa da pressão destes, Dã, em sua maior parte, foi forçada a passar a habitar o norte, do Mar da Galiléia. A história de Sansão revela as condições de vida sob a constante ameaça de que se constituíam os filisteus.

13.4,5 *Não bebas vinho...* Veja Nm 6.1-21 e notas.

13.7 *Nazireu*. Derivada do heb *nazir*, "separar", portanto, alguém separado ou consagrado para Deus. • **N. Hom.** "Consagrados a Deus". Compare a chamada de Sansão, do AT, com a do cristão. 1) Ambos escolhidos por Deus (vv. 3-7; cf. Ef 1.4; 1 Pe 2.9); 2) Ambos

particularmente separados para Deus (cf. Nazireu, Nm 6.1-21; o crente em Rm 12.1-2; Paulo em Gl 1.15, 16); 3) Ambos consagrados para sempre (7; cf. Hb 6.4-8); 4) Ambos obrigados se abster do vinho e se encher do Espírito (cf. 25; 14.6, 19, etc.; Ef 5.18); 5) Ambos criados segundo as instruções do Senhor (cf. 8, 12, 13 com Mt 20.28; Cl 1.9; etc.).

13.8 Esta oração é recomendada a todo pai de família. *Homem de Deus*. Manoá provavelmente entendeu que o Anjo fosse um profeta, homem portador da mensagem vinda de Deus.

13.16 *Não sabia Manoá*. A refeição oferecida não era sacramental, como alguns entendem. Manoá desconhecia a natureza divina do seu hóspede.

13.17 *Qual é o teu nome?* Nesses tempos o nome era considerado portador da força e personalidade da pessoa (cf. Gn 32.29). Conhecer o nome, além de revelar o caráter, dá o ensejo de apelar para aquele que possui tal nome.

13.18 *Maravilhoso*, quer dizer, incomunicável. A palavra hebraica vem de uma raiz que significa "separado", "inefável" (cf. Sl 139.6) O homem não pode sondar o mistério divino.

13.19 *Oferta de manjares*. No heb *minhah*, usada de várias formas no AT. O mais comum é "oferta de cereal", tendo o propósito de conseguir e reter a boa vontade da divindade.

• **N. Hom. 13.22** "Ver ao Senhor - morte e vida". 1) Deus, sendo absoluto em santidade, não pode tolerar ao pecado (Hc 1.13); 2) Ver a Deus significa, portanto, a morte (22; Êx 33.20; Jz 6.22, 23); 3) Ser banido da presença de Deus é a morte eterna (cf. Jo 3.3, 5; 2 Pe 2.4, 17); 4) A única saída é a visão, salvadora de Deus, por meio de Jesus Cristo crucificado (Jo 1.18; 14.9); 5) A visão da fé absolve toda culpa e afasta todo pecado (1 Jo 1.7); 6) A manifestação de Deus indica a aceitação de nosso sacrifício em Cristo (23; Ef 5.2).

13.24 *Sansão*. Deriva-se de *Semes*, "Sol". Sansão significa "pequeno sol".

13.25 *O Espírito do Senhor...* Deus suscitou o conflito necessário para se fazer uma clara divisão entre Israel e Filístia (como deve existir entre o crente e o mundo, cf. 14.4n).

14.1 Timna, 7 km ao sudoeste de Zorá A penetração pacífica dos filisteus é evidente, dando liberdade aos israelitas (inclusive a Sansão e seus pais) de passar a fronteira mal definida (cf. 13.1n).

14.3 *Incircuncisos*. Os filisteus, em contraste com os israelitas e os outros povos vizinhos (semitas); não praticavam a circuncisão. *Esposa dos filisteus*. Como alguns jovens, hoje em dia, Sansão não fez caso da lei de Deus, contrária ao casamento misto (Êx 34.16; Dt 7.3), nem se submeteu à vontade dos pais.

14.4 *Isto vinha do Senhor*. Em vista do perigo do desaparecimento da fé e do culto ao Deus verdadeiro, houve necessidade de reconhecer-se que os filisteus eram inimigos, e não apenas portadores de uma nova e valiosa cultura.

14.9 *O favo nas mãos*. Novamente notamos a falta de sinceridade da parte de Sansão que, *pelo voto de nazireu*, lhe era proibido aproximar-se de um cadáver. Talvez por isso, nada informou a seus pais.

14.13 *Camisas*. Eram grandes panos de linho fino, quadrangulares, colocados junto ao corpo de dia e à noite. *Vestes festivas*. Equivalentes ao "terno de domingo", de hoje em dia.

14.15 *Ao sétimo dia*. Na Septuaginta encontra-se: "no quarto dia". Isto resolveria a aparente confusão do número de dias, neste trecho.

14.16 *Nem a meu pai...* A responsabilidade e a honra devidas aos pais eram mais importantes do que o dever relativo à esposa, especialmente a que permanecia na casa de seus pais, cf. 15.1n.

14.17 *Importunava*. "Água mole, em pedra dura, tanto bate até que fura". A razão de ter importunado a Sansão, ao ponto deste revelar-lhe o seu segredo, foi porque seu casamento não fora consumado; foi, por isso invalidado. Ainda piores, porém, são as conseqüências narradas em 15.6.

14.19 Novamente se depara com um aspecto do poder físico quando o Espírito de Deus

se apossou de Sansão. Mais tarde, novos elementos relacionados com virtudes morais e espirituais se destacam por ocasião da vinda do Espírito Santo (cf. Sl 51.11; At 1.8; Jo 16). *Ascalonitas*. Ascalom, distava uns 40 km de Timna. Era uma das cinco cidades principais dos filisteus: ficava em nível de igualdade com Ecrom, Asdode, Gaza e Gate.

14.20 *Companheiro de honra*. Equipara-se com o "amigo do noivo" em Jo 3.29, título esse que João Batista usa para indicar sua relação com o Senhor Jesus Cristo.

15.1 *Sua mulher*. O tipo de casamento de Sansão era o mesmo contratado por Gideão (8.31). A mulher permanecia na casa dos pais, enquanto seu marido a visitava de vez em quando, trazendo um presente, não raro, um cabrito (cf. Gn 38.17).

15.4 *Raposas*. Mais provavelmente foram chacais. A palavra do original pode ser traduzida de qualquer forma. O chacal é relativamente fácil de se prender, o que não se dá com a raposa.

15.5 *Molhos*. O tempo da colheita do trigo, naquela região da Palestina, seria o fim do mês de maio, nos dias da festa de Pentecostes.

15.6 *Queimaram*. Bem mais fácil era desafogarem sua fúria sobre os timnitas do que prenderem Sansão.

15.7 *Me vingar*. Somente no contexto daquela guerra santa em que Deus, segundo Seu plano divino, iria separar ao Seu povo, dos idólatras, é que se pode admitir a inocência (3) de Sansão. À luz do NT, nutrir um espírito de vingança é pecado, contrário à vontade de Deus (Mt 5.31-48; Rm 12.19-21).

15.8 *Carnificina*. É uma tentativa de traduzir a frase hebraica que reza, literalmente, "quadril e coxa". O significado "original nos escapa. *Etã*. Não aquela de 2 Cr 11.6 entre Belém e Tecoa, mas uma caverna peto de Zorá, com acesso por uma fenda com menos de um metro de largura.

15.9 *Subiram*. A palavra hebraica indica um avanço do exército. A reputação de Sansão já crescera em proporções astronômicas.

15.10 *Por que subistes contra nós?* Fica claro que os homens de Judá se tinham submetido inteiramente aos filisteus. Não queriam provocar a ira dos filisteus, que em armamentos de ferro e força bélica sobrepunham aos israelitas camponeses.

15.12 *Não me acometereis*. Sansão não temia seus compatriotas; apenas não queria se desviar de seu propósito de lutar contra os filisteus.

15.16 *Jumento um montão*. As palavras traduzidas "jumento" e "montão" são idênticas no original, *hamor*, que em heb significa "animal de cor avermelhada", o que se assemelha ao *montão* dos filisteus, malhados da cor de sangue. Pode ser um jogo de palavras, "Com a queixada de um jumento tornei-os em jumentos".

15.17 *Ramate-Leí*. O outeiro da "queixada".

15.18 *Clamou ao Senhor*. Sansão, como Elias posteriormente (1 Rs 18 e 19), revela sua humanidade fraca. Não temeu os filisteus, quando possuído pelo Espírito do Senhor; mas ficou apavorado em face da ameaça de morte pela sede. • **N. Hom.** "Grande Salvação" - 1) Não adianta um exército para conseguir a vitória, basta uma integral submissão ao Senhor, 2) Não importa a falta dos melhores armamentos; basta uma queixada nas mãos daquele sobre quem dominar totalmente o Espírito do Senhor; 3) Não adianta a vitória contra o inimigo externo, se não formos sustentados interiormente com rios de água viva (Jo 7.37-39).

15.19 *En-Hacoré*. *En*, "fonte"; *hacoré*, "aquele que clamou". O milagre tão extraordinário foi motivo de se mudar o nome do local, lembrando o fato de que a fonte aparecera em resposta à oração.

15.20 *Vinte anos*. A melhor sugestão acerca da data em mira seria entre 1080 e 1060 a.C. Sansão, aparentemente, não exerceu juizado, no sentido específico da palavra. Teria sido contemporâneo de outro juiz.

16.1 *Gaza*. A cidade situada mais para o sul dentre as cinco capitais dos filisteus. Não se sabe a que teria atraído Sansão a Gaza, 60 km distante de Zorá. *Prostituta*. É óbvio que o

homem, fisicamente mais forte na história, se classificava entre os moralmente mais fracos.

16.3 Olha para Hebrom. Hebrom está próxima ao ponto mais alto do sul da Palestina, 60 km a leste de Gaza. A tradução da ARC "defronte de Hebrom" não é bem certa. É possível que Sansão levara o enorme peso somente até certo monte, perto de Gaza, de onde se contemplava a alta região de Hebrom.

16.4 Vale de Soreque. Bem perto de Zorá, casa de Sansão. Novamente nos deparamos com este líder israelita interessando-se por uma mulher pagã, afeição essa que o destruiria (cf. o caso de Salomão, 1 Rs 11.1-13). *Dalila* significa "veneradora", "devotada". Pode igualmente ser alcunhada de "informante".

16.5 Príncipes. A arqueologia confirma que os filisteus não cognominavam seus governadores de "reis"; como os cananeus. *Em que consiste sua grande força.* Os filisteus procuravam o segredo mágico de sua força, reconhecidamente descomunal. *Mil e cem siclos de prata.* Pesaria c. 70 kg.

16.9 Chamuscada. Lit. "cheirada" pelo fogo, sem que a chama tivesse contato direto com a estopa.

16.13 Tranças da minha cabeça. A brincadeira torna-se mais séria. Aproxima-se a revelação do segredo de sua grande força, concedida por Deus.

16.16 Impaciência de matar. Pelo enfado causado por Dalila, Sansão desejou morrer. As emoções acarretaram influências nocivas sobre a vontade (cf. o caso de Esaú, Gn 25.27-34). Uma emoção extremada facilmente resulta em resoluções eternamente lastimadas (Hb 12.16, 17).

16.20 Sairei... como dantes. Depara-se-nos a loucura de Sansão, sem uma explicação. Sua falta de precaução é comparável ao descaso do incrédulo, que passa a vida toda sem jamais pensar a sério sobre seu destino eterno. *Não sabia... que... o Senhor se tinha retirado dele.* Não simplesmente porque lhe fora cortado o cabelo, mas porque se rompera o voto do nazireado. • **N. Hom.** Passos Inconscientes numa Derrota: 1) Deixar-se de prestigiar a presença Deus; 2) Buscar a má companhia de namoradas pagãs; 3) Guardar pecados sem confessá-los; 4) Deixar-se levar por uma emoção descontrolada; 5) Esquecer-se do voto de consagração; 6) Oferecer-se aos inimigos de Deus. *Conclusão.* O segredo do declínio da espiritualidade está no coração. É essencial reconhecê-lo, confrontá-lo e vencê-lo, antes de ser vencido (cf. Pv 14.14; 1 Co 9.27).

16.21 Vazaram os olhos. Com este expediente brutal, os filisteus emanciparam-se, e não mais temeram as ameaças de Sansão. Que valor teria a força sem a visão? *Gaza.* Onde Sansão levara os portões da cidade (16.1-3).

16.22 Crescer de novo. Há, igualmente; indicações de que a relação íntima de Sansão com Deus se desenvolveu paralelamente com o crescimento de seus cabelos (cf. 28).

16.23 Deus Dagom. Um deus dos amorreus. Deus da fertilidade (cf. Js 15.41; 19.27) venerado pelos filisteus, quando da invasão da Palestina. É bem possível que a palavra hebraica *dagan*, "trigo", "cereal", derive-se do nome Dagom. *Alegrando-se-lhes o coração* (25). Sem dúvida, corria muito vinho.

16.27 As descobertas arqueológicas revelam o estilo de construção que o templo, provavelmente, seguiu. O telhado plano teria sido sustentado com colunas de madeira sobre bases de pedra. Em cima, congregava-se o povo; embaixo os dignitários (inclusive os governantes das cinco capitais). O excesso de peso na plataforma superior e a relativa facilidade para se deslocar as colunas principais, de suas bases, deram a Sansão a possibilidade de obter sua maior vitória.

16.28 Sansão clamou ao Senhor. Na lista dos heróis da fé, encontra-se relacionado também o nome de Sansão (Hb 11.32).

16.30 Mais os que matou. Um cálculo aproximado indica que Sansão, durante, sua vida, feriu mais de 1.100 pessoas (cf. 14.19; 15.8, 15).

17.1 Os caps. 17-21 distinguem-se dos demais do livro de Juízes. Não obedecem

qualquer seqüência cronológica. Os acontecimentos não tem indícios de data. A seção é um apêndice do livro.

17.2 Maldições. Longe de significar somente algumas simples palavras, a maldição era encarada como um agente do mal.

17.4 Prata. Cf. 16.5n. A sinceridade da mulher é colocada em dúvida, uma vez que oferecera o total de 1.100 siclos ao Senhor (3), mas depois aplicando só 200 (cf. At 5.1-2). Dinheiro dedicado a Deus era tabu; não se admitia uso profano. *A imagem.* Não é claro se uma imagem ou duas foram feitas (cf. 18.20, 30 com 18.17). A imagem de escultura seria esculpida em madeira e revestida de prata ou ouro. Aparentemente, a imagem era de um touro que (pensavam) Yahweh (o Senhor) utilizaria como Seu trono. Nota-se a apostasia completa de Israel, nas áreas civil, moral e religiosa, nesta última seção do livro. *Ídolos do lar.* Cf. Gn 31.19n. Como a estola sacerdotal (cf. Êx 28.15n), o *terafin* era empregado na adivinhação. Este trecho todo marca até onde o povo de Deus decaíra dos princípios revelados na palavra do Senhor (cf. Êx 20.4; Nm 3.10; etc.).

17.6 Não havia rei... Esta explicação editorial é comum neste apêndice de juizes (cf. 18.1; 19.1; 21.25). Onde o homem anda segundo seus próprios conceitos, não se pode esperar mais do que este trecho registra: roubo, mentira, religião carnal, imoralidade, etc.

17.7,8 Era levita. Segundo os mandamentos de Deus, os levitas ocupariam 48 cidades (Nm 35.1ss; Js 21.1ss). Note-se a grande falta de um culto central, para unir as tribos sob diretrizes divinas.

17.12,13 Consagrou... sacerdote. Contrário ao mandamento explícito do Senhor, que limitou a sacerdócio aos filhos de Arão, Mica ignorava lamentavelmente as Escrituras. Hoje enfrenta-se a mesma situação, a indiferença, ao passo que o povo carece das Escrituras.

18.1 Danitas. Os danitas, sob a pressão dos filisteus, na planície costeira, careciam de um território uno e seguro para o seu desenvolvimento.

18.2 Zorá e... Estaol. Centro das atividades de Sansão, também danita (13.2).

18.5 Consulta a Deus. Procurar oráculos divinos por meio da prática de sortes, era o método mais divulgado para consultar a Deus.

• **N. Hor. 18.6** O caminho sob as vistas do Senhor: 1) Jamais seria um caminho atribuído aos ídolos cegos (Sl 115.5; Is 45.20, 21); 2) A Instrução vem do Senhor, através de Sua Palavra (Sl 32.8, 9); 3) Seu conselho nos é revelado pelo Seu Espírito, quando a mente está sob a orientação de Cristo (1 Co 2.10-16).

18.7 Laís ou Lesém (Js 19.47). Ficava a 160 km para o norte, entre as serras do Líbano e o Ante-Líbano (Monte Hermon). Facilmente foi conquistada pelos danitas, que lhe deram o nome de Dã (vv. 27-29).

18.10 Não há falta. Essa região é caracterizada por terras férteis e abundância de água.

18.11 Seiscentos homens. Ou a tribo de Dã estava dizimada pelas muitas lutas com os filisteus e amorreus (1.34), ou então a maioria da tribo não se interessou neste plano de deslocamento.

18.12 Quiriate-Jearim. No primeiro dia de viagem, só avançavam uns 13 km ao noroeste de Zorá.

18.16 Entrada da porta. A palavra correspondente, no hebraico, se usa somente para portões, entradas de cidades ou vilas. Visto que a localização da *região montanhosa de Efraim* não implica, propriamente, uma cidade, e que o texto menciona o reduzido número de homens das casas vizinhas, confirma-se a hipótese de que Mica morava num pequeno agrupamento de casas.

18.20 Então, se alegrou o coração do sacerdote. Como acontece hoje com alguns chamados "servos de Deus", este moço achou por bem aceitar uma promoção. Condenável por não seguir os preceitos de Deus, caiu em idolatria. Nota-se, igualmente, sua deslealdade para com Mica, não observando o contrato em vigor.

18.24 Os deuses. Deuses feitos, de matéria moldada, pela vontade e imaginação

humanas, serão sempre inúteis no momento de auxiliar seus donos (cf. Is 44.9-20). O mesmo sucede com quaisquer ídolos, nacionais ou pessoais.

18.25 *Homens de ânimo amargoso*. Homens agressivos, que dominam apenas pela força, e não dão atenção a argumentos imbuídos de um espírito de justiça. Assim, o autor salienta a necessidade de um governo central, que impediria tais anomalias e poria um termo à anarquia reinante.

18.28 *Bete-Reobe*. "Casa da área aberta", possivelmente a Reobe de Nm 13.21, cidade no extremo norte, a mais distante observada pelos espias.

18.30 *Jônatas, filho de Gérson, o filho de Manassés*. Jônatas é o mesmo moço levita, consagrado sacerdote por Mica (17.7-13). Nossa versão segue a emenda introduzida no texto hebraico mudando já, de há muitos séculos, o nome de Moisés (pai de Gérson, Êx 2.21, 22) para Manassés. As consoantes *msh* são as de Moisés, preservadas nas versões mais antigas (e.g., a Septuaginta). A letra *n* (tornando o nome de Moisés para Manassés) foi acrescentada, provavelmente, para relacionar este levita idólatra com o mau rei de Israel (2 Rs 21) e evitar qualquer sugestão de Moisés. *Dia do Cativo*. Muitos entendem, aqui, o cativo de Israel sob os assírios em 733-722 a.C. É mais provável, porém, que se refira a uma derrota de Israel causada pelos filisteus, como aquela descrita em 1 Sm 4.1-11. Seria muito difícil admitir um santuário idólatra no reinado de Davi.

18.31 Dã era um dos santuários (o outro seria em Betel) consagrado por Jeroboão I, rei de Israel, para impedir que seus súditos continuassem participando do culto a Deus, no templo em Jerusalém. *Siló*. Depois da conquista da terra por Josué, o tabernáculo foi estabelecido em Siló e, mais tarde, transformado em um templo que perdurou até sua destruição, c. 1050 a.C.; tudo isto é confirmado pelas descobertas arqueológicas (cf. Jr 7.12; 26.6).

19.1 *Efraim*. Ficou no centro da Palestina, região mais tarde conhecida por Somaria.

19.3 *Falar-lhe ao coração*. Frase idiomática que no hebraico significa amor, carinho e generosidade no falar.

19.7 *Instando com ele*. Encontra-se, nestas linhas, uma visão profunda da vida social da Palestina, nos remotos tempos de há 3.000 anos passados. A hospitalidade sem restrições, especialmente com relação aos viajantes, era encarada com a mais alta seriedade.

19.9 *Vai-se o dia acabando*. Lit. "o acampamento do dia" lembrando os anos de peregrinação nômade no deserto.

19.10-12 *Jebus... cidade estranha*. Antes da conquista de Jerusalém por Davi (2 Sm 5.6s), essa cidade era a fortaleza dos jebuseus e denominada Jebus. Ficava apenas a uns 10 km ao norte de Belém, a mesma cidade onde Jesus nasceu.

19.13 Gibeá. Fundada na época da conquista da Palestina pelos israelitas e habitada pelos benjamitas; distava uns 7 km mais para o norte de Jebus. Posteriormente, tornou-se a cidade de Saul (1 Sm 10.26). *Ramá* ficava a uns 3 km mais distante. Depois de escurecer era perigoso viajar por aquelas paragens.

19.15 *Não houvera quem os recolhesse*. Um sinal de trato extremamente grosseiro era o não oferecer abrigo a um viajante, especialmente quando o hospedeiro nada gastaria em provisões. A essa falta, no tocante à hospitalidade, seguiram-se crimes piores.

19.16 *Homem velho*. Este homem, conterrâneo do viajante, não era benjamita. Isto explica, em parte, as atitudes dos cidadãos de Gibeá para com ele.

19.18 *Viagem para a casa do Senhor*. A casa do Senhor, a essa altura, encontrava-se em Siló. Até este ponto, nenhuma menção se fez deste propósito adicional. A Septuaginta reza "minha casa", no lugar de "do Senhor", e é possível que o texto original tivesse este sentido.

19.22 *Filhos de Belial* A origem da palavra é desconhecida. Pensa-se haver, talvez, alguma relação com a deusa babilônica da vegetação, também deusa do *Sheol*, o túmulo. Cf. Sl 18.4, 5, "torrentes de impiedade" (heb *belial*) corresponde, no paralelismo poético, a

"laços de morte" e "cadeias infernais". *Batendo à porta*. No heb "bater" se acha na forma intensiva deixando subentendida a intenção de arrombar a porta. É de se notar a semelhança do comportamento dos homens de Gibeá com os de Sodoma (Gn 19.9ss).

19.23 *Está em minha casa*. Os costumes da ética reinante impediram que o homem velho entregasse seu hóspede aos homens de Gibeá. Pior que a lascívia e a perversão, era faltar com a hospitalidade. *Loucura*. O heb *nebalah* tem significado ainda mais forte. "Impiedade", "devassidão" (cf. 1 Sm 25.25) talvez representem melhor seu sentido.

19.25 *Concubina.. entregou*. Para se manter uma lei ética, quebra-se outra que, no moderno sistema de valores, seria infinitamente mais importante.

19.28 *Levanta-te*. A narrativa não demonstra a profunda revolta que aqueles acontecimentos em Gibeá inculcaram, no coração do viajante.

19.29 *Despedaçou*. O verbo usado no original é o mesmo usado para o ritual dos sacrifícios (Êx 29.17; Lv 1.6; 8.20). As doze partes (cf. o caso de Saul, 1 Sm 11.1-8) simbolizavam as doze tribos de Israel, deixando clara integral responsabilidade da nação, diante de Deus, e diante daquela abominação dos benjamitas.

19.30 A importância deste acontecimento revela-se no fato da unificação da nação de Israel, o que não acontecera até então.

20.1 *Mispa*. Cidade da fronteira ao norte de Benjamim, uns 13 km ao norte de Jerusalém. *Dã até Berseba*. Expressão vulgar que se referia à nação inteira.

20.2,17 *Quatrocentos mil homens*. Este número elevadas levanta um problema para a intérprete. Como na nota de 12.6, deve ser levado em conta que a palavra hebraica *'elep* pode significar "mil" ou "unidades de família" (cf. Jz 6.15; 1 Sm 10.19; Mq 5.2), sem especificar o número de indivíduos envolvidos. Pode ainda reportar-se aos oficiais que dirigiam o exército confederado. Para maior clareza, consulte o artigo "Número" no NDB, II, p 1124ss.

20.3 *Ouviram... Benjamim*. É evidente que os benjamitas não pesaram a gravidade do pecado dos homens de Gibeá, achando melhor apoiá-los numa guerra civil, ao invés de entregá-los ao castigo merecido.

20.5 *Cidadãos de Gibeá*. Tal foi a impressas da maldade feita por aqueles homens, e seu julgamento, que permaneceu na lembrança do povo até aos dias de Oséias.

20.6 *Vergonha e loucura*. Veja 19.23n. O erudito M. Noth acha que "fizeram loucura em Israel" era frase técnica apropriada para certas violações da lei divina, rigorosa especialmente em casos de pecado sexual.

20.8 *Tenda... casa*. Outra menção da antigüidade da narrativa, sugerindo os tempos do deserto, quando as casas ainda eram feitas de tendas.

20.13 *Tiremos de Israel o mal*. Se o pecado não for tratado de maneira suficientemente severa para ser desarraigado, suas conseqüências se alastram e se agravam; (Js 7; 2 Sm 21.1-14). • **N. Hom.** "Trato Bíblico do Pecado": 1) A morte do pecador (Ez 18.4, 20; Gn 2.17; 6.17); 2) A morte vicária de um substituto inocente (Jo 11.50; 18.14; Rm 5.8; 2 Co 5.14, 15).

20.16 *Funda*. Nota-se a eficiência desta arma de guerra, usada pelos exércitos egípcios, assírios e babilônicos, e na morte de Goliás nas mãos de Davi (1 Sm 17.49). Calcula-se que a funda usada naqueles dias poderia arremessar uma pedra do peso de 400 g à velocidade de 140 km horários.

20.18 *Betel*. A esta altura, o santuário estava em Betel, ou possivelmente, a arca fora trazida àquela cidade, (cf. v. 27), que distava apenas 8 km de Mispa.

20.21 *Vinte e dois mil homens de Israel*. O preço do pecado é sempre elevado. Na confiança de estarem cumprindo a vontade de Deus, provavelmente, não receavam as dificuldades par derrotar Benjamim.

20.23 *Choraram perante o Senhor*. A aflição da alma e boa, quando acompanhada de uma indagação sobre a pureza de consciência e das intenções (Sl 51.17). Não se deve, porém, pensar que Deus requer apenas tristeza do pecador. Arrependimento significa,

acima de tudo, uma mudança de mentalidade. É possível, neste caso, que Deus não concedeu vitória a Israel pelo fato deste não ter afastado realmente o pecado de seu meio (cf. Dt 1.45; Js 7.11, 12; 2 Rs 22.19; Jl 2.15-17). Confiando na sua grande superioridade numérica, talvez não tivesse confiado devidamente em Deus.

20.26 Betel. O Santuário (tabernáculo, provavelmente) pouco tempo permaneceu em Siquém (Js 8.30ss; cap. 24), sendo, depois, transferido para Siló (Js 18.1; 22.12), de onde passou para Betel, e voltando novamente para Siló (1 Sm 1.9; 3.15). *Holocaustos e ofertas pacíficas.* Os dois tipos de sacrifícios revelam arrependimento genuíno, o que leva à reconciliação com Deus (Lv 1.4; 7.16).

2.27 A arca da Aliança. Esta é a única referência à arca, no livro de Juízes.

20.28 Finéias. Nome de origem egípcia (como também a de Moisés) que significa "criança morena". Como se evidencia nesta narrativa, tais acontecimentos ocorreram pouco depois da conquista da Terra Prometida; este, sacerdote, neto de Arão, seria o mesmo que afastou a ira de Deus em Sitim (Nm 25.1-15; cf. 31.6; Js 22.9-34). *Os entregarei.* Só dessa terceira vez foi que o Senhor determinou a derrota dos benjamitas.

20.31 Gibeá do Campo. Sugere-se que se refira, possivelmente, a Gibeom, próxima a Gibeá.

20.32 Fugamos. O estratagema dos israelitas era o de simular o pânico de um exército derrotado, atraindo, assim, aos exércitos benjamitas para longe da cidade. Idêntico plano estratégico deu a vitória a Josué, na batalha contra Ai (Js 8.3-28).

20.33 Saiu do seu lugar. Lit. "romperam", termo usado para descrever a queda d'água, quando do romper-se de uma barragem.

20.37,38 Investigações no local confirmam a destruição de Gibeá, por fins do século XII (cf. NDB, II; p 667). Após um século, foi reconstruída por Saul. *Sinal.* A mesma palavra aparece também no original de Jr 6.1, além de ter sido descoberta nas cartas de Laquis, dos tempos da terrível destruição dos babilônios. Neste caso, para indicar sinais de fumaça, os quais eram o meio mais rápido de comunicação a distância.

20.42 Cidades. A frase "cercaram a Benjamim" (43) indica que devemos ler, aqui, "cidade" como em vários manuscritos gregos.

20.43 Gibeá. Deve ser Geba, a uns 8 km. de Gibeá, seguindo-se o caminho da *penha de Rimom* (45) que fica a pouco mais de 10 km a nordeste.

20.47,48 Deixando de perseguir aos seiscentos homens valentes, os israelitas passaram a destruir sistematicamente todas as cidades de Benjamim, matando mulheres, crianças e até o gado. Sem homens para a defesa, tiveram que sucumbir. A tribo seria totalmente destruída, não fora os seiscentos homens refugiados na penha de Rimom, uns 6 km a leste de Betel.

21.2 Prantearam. Novamente o povo chorando perante o Senhor. Não houve justificativa para uma tal vingança, aniquilando-se toda uma tribo (cf. Dt 13.12-18 que trata especificamente de idolatria). Depois de refletir sobre sua ação precipitada, Israel se arrependeu.

21.3 Israel... falte uma tribo? O capítulo todo reflete o conceito, claramente perceptível, da unidade de Israel como povo de Deus. Eliminar uma tribo seria como alguém perder um de seus braços. Este sentimento de solidariedade reflete as raízes da unidade da igreja no NT.

21.4 Holocaustos e ofertas pacíficas. Cf. 20.26n.

21.5,7 Um grande juramento... juramos, pelo Senhor. Ninguém cogitaria em deixar de cumprir um juramento solene (cf. 11.35). A mais terrível consequência, vinda de Deus alcançaria o homem perjuro ou a nação que não cumprisse seu voto.

21.8 Jabes-Gileade. Uma cidade da tribo de Manassés, 15 km a sudeste de Bete-Seã e 3 km ao leste do Jordão. Manassés era neto de Raquel, mãe de Benjamim, e portanto houve uma afinidade de sangue entre as duas tribos descendentes. Isto explica por que os homens de Jabes-Gileade não concordaram com a guerra contra Benjamim.

21.12 Alguns acham que os moradores de Jabes-Gileade não morreram. Apenas ofereceram quatrocentas de suas filhas virgens, para esposas dos benjamitas. O texto, porém, não sustenta tal teoria, quando afirma ter havido sobreviventes em Jabes-Gileade (veja 1 Sm 11.1ss; 31.11-13; 2 Sm 2.4-7). *Terra de Canaã*. Explica-se esta referência a Siló, em Canaã, pelo fato de ser uma cidade israelita dentro de um conclave de cananeus (o mesmo se deu com Siquém). Essa situação, talvez, explique a razão de não haver representantes de Siló na congregação das onze tribos, em Mispa, para tomar conhecimento do plano ali elaborado, para tirar-lhes as duzentas filhas, para completar o número de esposas necessárias aos benjamitas.

21.19 *Solenidade do Senhor*. Tem sido sugerido que era a festa (heb *hag*) da Páscoa. Parece mais provável, porém, que fosse a festa dos Tabernáculos.

21.20 *Arrebatai*. Dessa forma, os benjamitas evitariam um ato de guerra, enquanto os israelitas cumpririam o seu voto.

21.25 O último versículo esclarece a razão por que a período dos juízes se caracterizou pela maldade e a anarquia. Nota-se a transição de juízes para a narrativa de 1 Samuel. O autor escreveu numa época de unidade nacional, sob a liderança de um rei justo e forte, talvez no tempo de Davi ou no de Salomão.

O Livro de Rute

Análise

O livro de Rute descreve a orientação providencial de Deus na vida e aventuras de uma família israelita. Por causa da morte do pai e seus dois filhos, em uma terra estrangeira, o nome e a herança dessa família ficam em perigo. A situação extrema do homem, entretanto, é a oportunidade de Deus. Devido à ação de um parente próximo, que tinha nobre visão de suas obrigações, a linhagem hereditária não foi interrompida. A união de Boaz, o hebreu, com Rute, a moabita, tornou-se a avenida através da qual Deus cumpriu Seu propósito gracioso. Em relação à mensagem total das Escrituras, o livro supre uma perspectiva da história do Natal e do acontecimento do dia de Pentecostes. A genealogia culmina no teocrático rei Davi, a cuja linhagem foi feita a promessa do advento do Messias. Isso ocorre com a inclusão da ancestral moabita, onde a perspectiva pentecostal do significado universal do Messias é iniciada: Ele é Salvador não apenas de Israel, mas da raça humana.

Autor

Na tradução grega e em outras traduções posteriores, o livro de Rute vem depois do livro de Juízes, que foi no tempo dos juízes que teve lugar a história relatada em Rute. Na Bíblia hebraica, porém, o livro faz parte dos chamados Santos Escritos (Hagiographa), uma das subdivisões dos cinco rolos lidos publicamente nos grandes dias de festa de Israel. Visto que o clímax da história de Rute surge no tempo da colheita, essa narrativa era costumeiramente lida na Festa das Semanas ou da Colheita do Trigo posteriormente chamada de Festa de Pentecostes. O seu autor é desconhecido. O anúncio, em 1.1, de que o relato teve lugar "nos dias em que julgavam os juízes", indica que a era dos juízes já pertencia ao passado. A maneira como o autor escreve acerca de Davi, em 4.17, e a genealogia de 4.18-22, demonstram que o autor conheceu o esplendor do reinado de Davi. Essa consideração favorece a ocasião da escrita do livro num período do reinado quando o rei ainda não havia perdido a sua glória, ou seja, possivelmente nos dias de Davi, ou imediatamente depois.

Esboço

GRAVES DIFICULDADES ENVIADAS POR DEUS, 1.1-5

MOMENTOSAS DECISÕES, 1.6-22
UM SURPREENDENTE ENCONTRO, 2.1-23
DEDICAÇÃO DE TODO O CORAÇÃO, 3.1-18
REDENÇÃO COMPLETA, 4.1-17
SIGNIFICATIVA GENEALOGIA, 4.18-22

11.1 *Nos dias... juízes.* Ainda que sem precisão cronológica, esta história se enquadra nos tempos caóticos dos juízes. *Fome na terra.* Várias vezes, no AT, encontramos os habitantes da Palestina deslocando-se para outras terras, em busca de melhores condições de vida. Neste caso, sugere-se que não foi especificamente a falta de chuva que incentivou Elimeleque e sua família a fixarem residência em Moabe. Motivos suficientes se ofereceram nas invasões e no terrorismo reinantes na Palestina.

1.2 *Elimeleque.* "Deus é Rei". Associar uma criança com o nome de Deus denotava uma relação mais estreita com a Divindade. *Noemi.* "Agradável". *Malom* sugere "fraqueza". Talvez fosse criança fraca e doentia. *Quiliom* significa "falho" ou "aniquilação". *Efrateus.* Belém (onde Cristo nasceu), anteriormente, chamava-se Efrata (Gn 35.19; 48.7; Rt 4.11; Mq 5.2).

1.4 *Moabitas.* Estes eram proibidos de tomar parte do culto ou participarem da congregação de Israel, até à décima geração (Dt 23.2); a lei não condenava o casamento com aqueles vizinhos pagãos. *Rute.* "Amizade", nome que corresponde perfeitamente com o tema deste livro.

1.6 *Lembrara.* Heb "visitara", que é, termo usado para designar a atividade divina em relação ao Seu povo, tanto no abençoar como no irar-se (cf. Jr 25.12). *Dando-lhe pão.* Os israelitas sentiram-se interiormente dependentes da generosidade de Deus, Dano da terra e Controlador dos tempos.

1.8 *O Senhor.* Em heb, "yahweh", o nome pessoal de Deus em Israel. Nota-se a fé monoteísta dos moabitas. *Benevolência* traduz a *hesed*, que muitas vezes revela o amor de Deus manifestado na Aliança. Combinam as idéias de fidelidade e as de benignidade.

1.11 *Filhos.* Noemi refere-se à lei do levirato, em que se estabelece que um homem, sobrevivendo ao seu irmão que morrera sem ter deixado filhos, era obrigado a casar-se com a cunhada, a viúva, para suscitar descendência ao que falecera (Dt 25.5-10).

1.13 *Descarregado... sua mão.* Revela a profunda convicção de que não é por mero acaso ou por má sorte que os acontecimentos da vida transcorrem. O sofrimento é semelhante aos fios escuros, da tecelagem, criado por Deus para sua maior glória.

1.14 *Com um beijo, se despediu.* Cf. Gn 31.28; 1 Rs 19.20. Orfa obedeceu; Rute se apegou a Noemi e ficou com ela. • **N. Hom. 1.16** "A Fidelidade e a devoção": 1) Não se limitam às vantagens pessoais; 2) Não se limitam ao tempo; 3) Não se limitam aos costumes ou à velha religião; 4) Não se limitam, outrossim, ao povo, ou à terra. *Conclusão:* Deus valoriza esse tipo de fidelidade e devoção (Rm 8.38-39).

1.16,17 A resposta de Rute é uma expressão clássica de lealdade até a morte. Lembra-nos das palavras de Cristo, "Todo aquele que dentre vos não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo" (Lc 14.33; cf. Jo 11.16). *Serei sepultada.* Rute revela sua intenção de continuar morando na casa e na terra de Noemi, sua sogra, que era bem mais velha, mesmo após a morte desta.

1.18 *Estava resolvida.* Depois do juramento solene de Rute (v. 17), não seria nem aconselhável, nem mesmo piedoso, insistir mais.

1.19 *Não é esta Noemi?* Passados já muitos anos, as mais duras fases da vida, as quais Noemi atravessara, ficaram marcadas.

1.20 *Mara.* Quer dizer "amargura" (cf. Êx 15.23; Jó 13.26).

1.21 *O Todo-poderoso.* Heb, *shaddai*, 48 vezes na AT (31 vezes no livro de Jó). Há mais de uma dúzia de opiniões eruditas sobre seu significado, todas elas baseadas numa possível etimologia de *shaddai* (cf. Gn 17.1n). Do emprego desta palavra não se pode

tirar uma conclusão definitiva. De passagens como Sl 68.14; 91.1; Is 13.6; Êx 1.24; etc., admite-se a conclusão que a maior ênfase está sobre a idéia do poder de Deus. A tradução "Todo-poderoso" vem da Septuaginta, e deve ser bem fundamentada.

1.22 Sega da cevada. Deu-se na primavera, em março e abril. Encontra-se, a mesma frase, no calendário de Gezer, considerado por arqueólogos como a mais antiga inscrição (século X a.C.) até agora descoberta na Palestina (cf. NDB, p 235).

2.1 Senhor de muitos bens. A mesma frase é, muitas vezes, no original, traduzida por "Homem valente" (e.g., Jz 11.1).

2.2 Apanharei espigas. Pouquíssimas oportunidades de ganhar a vida se ofereciam às viúvas pobres no antigo Oriente. Em Lv 19.9; 23.22; Dt 24.19, Deus mandou que a provisão fosse feita por elas mesmas apanhando espigas.

2.4 O Senhor seja convosco! Provavelmente, esta frase e a resposta de Rute eram saudações, mas não se encontram em outro lugar da Bíblia.

2.5 De quem é esta moça? No oriente, a moça pertencia ao pai, ao marido, ao irmão ou a um mestre se fosse escrava.

2.11 Deixaste... Lembra ao patriarca Abraão que, igualmente, abandonara a sua terra e sua família para se estabelecer em terra alheia.

2.14 Acheга-te. O sentido da palavra hebraica é incerto. A Septuaginta traduz por "amontoar", significado aceito por vários comentaristas.

2.15 Gavelas. Provavelmente seriam os molhos, ainda não amarrados.

2.17 Efa. Comportava c. 16 litros, ótimo resultado do trabalho de apenas um dia no rebuscar espigas. • **N. Hom.** Justiça Social - a Atitude Bíblica: 1) É responsabilidade individual e não somente de governos (cf. Tg 1.27); 2) Sua fonte é o amor de Deus, sendo que o cuidado ao desamparado é reconhecido como uma recompensa vinda do Senhor (12), e não obra meritória do homem; 3) Deve atingir o homem como uma totalidade, não se limitando às necessidades do corpo, mas cuida antes de ampliar suas relações com Deus (12b; cf. Mt 4.4; Sl 91.1).

2.19 Aquele que te acolheu. Noemi achou que era impossível apanhar um efa de cevada sem manifestação generosa do proprietário do campo, onde Rute rebuscara as espigas.

2.20 Bendito seja ele do Senhor, refere-se claramente a Boaz. A frase seguinte também pode reportar-se a Boaz; o mais provável, no entanto, é que fale do Senhor, que age por seu intermédio. *Um dentre os nossos resgatadores.* Lit. "Ele é um de nossos *goelim*" (cf. Nm 35.19). A responsabilidade do *goel* ("parente resgatador") era: 1) Evitar a alienação das terras que faziam parte da herança familiar (Lv 25.23-25), por meio do resgate; 2) Suscitar filhos para dar continuação ao nome de um parente que viesse a morrer sem deixar filhos, casando-se com a viúva. Era necessário obedecer à ordem do parentesco: irmão, tio, primo, etc. (Lv 25.48s).

3.1 Buscar-te um lar. Lit. "procurar descanso". *Sejas feliz.* No hebraico, "Para que te sucedas bem na vida". A segurança e a proteção só seriam alcançadas através do casamento. As providências (costumeiras?) para conseguir o casamento entre a viúva e um parente *goel* são desconhecidas fora desta passagem.

3.3 Desce à eira. Normalmente, a eira se encontrava em lugar alto. Mas, acontece que Belém se encontra no ponto mais alto da região, razão pela qual é obrigatória a descida.

3.4 Então. Só algum tempo depois de ter notado onde Boaz se deitara, é que Rute deveria se chegar e *lhe descobrir os pés*, possivelmente para acordá-lo, fazendo-lhe sentir o frio nas pernas; ou então, poderia ser um caso de eufemismo.

3.7 Alegre. É o mesmo usado em 3.1 para traduzir "sejas feliz". *De mansinho*, não secreta, mas silenciosamente, para não despertá-lo antes da hora.

3.9 Rute, tua serva. A humildade de Rute se destaca neste livro (cf. 2.13). Estende a tua capa sobre a tua serva. Uma metáfora, talvez para sugerir o casamento. *Capa.* É bem possível que a palavra hebraica, com outras vogais, passando-a para o plural, (cf. Dt 22.30; 27.20; 1 Sm 24.4, 5) a mudaria para "asas". Boaz recomendara que Rute se

abrigasse sob as "asas" do Senhor (2.12). Agora ela pede a Boaz que a abrigue por ele ser o parente resgatador (2.20n).

3.10 *Última benevolência*. A primeira seria a decisão de não abandonar a Noemi. Rute deu mais atenção à responsabilidade de sua família adotiva do que para suas inclinações naturais, de procurar casar-se com um jovem rico. *Virtuosa* (11), isto é, de valor. A mesma palavra descreve a mulher ideal em Pv 31.10.

3.13 Havendo outro parente mais chegado do que Boaz, aquele teria o direito de casar-se com ela.

3.15 *Seis medidas*. O tamanho da medida não se define, no hebraico. Seis efas seria demais para ela carregar. Devem ser seas, dando um peso total de 40 kg.

3.17 *Sem nada*. Lit. "vazia". A mesma palavra traduzida por "pobre" em 1.21. Os dias de escassez, então, se findaram.

4.1 *À porta da cidade*. A porta da cidade era o centro de atividades. Servia de local para assembléias; o rei, às vezes, colocava seu trono à entrada da cidade (1 Rs 22.10; Jr 38.7). Servia como tribunal para tratar de casos legais (cf. Am 5.10, 12, 15), como se depara aqui. O padrão seguido se encontra em Dt 25.7. *O resgatador*, cf. 2.20n. Havia um parente de Elimeleque mais chegado do que Boaz.

4.2 *Anciãos do cidade*. Eles desempenhavam o papel de júri, num caso judiciário. Sua decisão era reconhecida como imutável.

4.3 *Noemi... tem para venda*. Algumas autoridades opinam que a viúva não podia herdar (Nm 27.8-11). Fica claro, aqui, que Noemi podia, pelo menos, vender a terra.

4.5 *Também a tomarás da mão de Rute*. A redenção da terra não podia ser separada da observância da lei do levirato. Parece que Boaz apresentou os dois assuntos juntos, sabendo que seu parente não poderia aceitá-los.

4.7 *Tirava o calçado*. Deparamo-nos com um processo legal de transferência de direitos, na presença de testemunhas (cf. Sl 60.8; 108.9, onde lançar a sandália significa tomar posse).

4.9 *Todo o povo*. Além dos anciãos, o povo testemunha a decisão, reforçando sua imutabilidade. Nesses tempos, pouco se dependia da escrita. *Quiliom*. Não tendo eles filhos suscitados em seu nome, sua parte da herança passara para Malom, falecido esposo de Rute.

4.10 *Rute, a moabita*. • **N. Hom.** "O Cuidado Divino para os Alienados": 1) Este livro prova que a benevolência de Boaz era apenas a prova da compaixão de Deus pelos estrangeiros moabitas, babilônios ou quem quer que fosse; 2) O Deus da redenção deseja e tem poder para resgatar a todo homem desterrado espiritualmente (Cl 1.13, 14); 3) Ele também escolhe Sua noiva (a Igreja) dentre os gentios, criando uma perfeita comunhão com os pecadores purificados (cf. Ef 2.11-13 com 5.25-32).

4.11 *Raquel... Lia*. Raquel foi sepultada em Belém, enquanto Lia foi mãe de Judá (Gn 29.35) e avó de Perez, ascendente de Boaz e provavelmente dos habitantes de Belém. *Nome afamado*. No conceito semita, isto significaria ter muitos descendentes renomados.

4.15 *Restaurador*. No conceito hebraico, o morto continua a viver através dos filhos e netos, nas gerações seguintes. *Consolador*. Obede, filho de Boaz e Rute, foi legítimo ancestral de Jesus. Consolando a Noemi, fez aquilo que Cristo faz a todos quantos confiam nele (Jo 14.18-23).

4.17 *Obede quer dizer "servo" (do Senhor)*. Sua fama reside no fato de ter sido avô do maior rei de Israel, Davi.

4.18 *As gerações de Perez*. Entre Judá (c. 1700 a.C.) e Davi (1010 a.C.) decorreram cerca de 700 anos. Evidentemente, as dez gerações aqui mencionadas não preencheram todo o tempo decorrido. *Salmom* (21). Se for aquele mencionado em Mt 1.5, que era marido de Raabe, deve ter-se passado mais de 100 anos entre ele e Boaz.

Análise

Os livros de Samuel registram a transição da teocracia para certo tipo de monarquia, e então o estabelecimento da monarquia. O relato tem início nos últimos dias dos juízes, e termina com um idoso Davi seguramente entronizado como rei sobre Israel e Judá. As duas outras grandes personagens da obra são Samuel e Saul.

Samuel foi o último dos juízes e o primeiro dos profetas. Era homem de profunda piedade e discernimento espiritual, inteiramente dedicado à realização dos propósitos de Deus referentes a Israel. Embora não fosse da linhagem arcaônica, sucedeu a Eli no ofício sacerdotal. Parece que foi o primeiro a estabelecer uma instituição para o treinamento de jovens para a chamada profética. Foi chamado para guiar a Israel em algumas das maiores crises de sua história, e chega quase à estatura do próprio Moisés. Sem qualquer vontade de sua parte, viu-se no papel de "fabricante de reis", pois foi comissionado a ungir a Saul, o primeiro rei, e então a Davi, o maior dos reis de Israel.

Saul, o rei, foi uma personagem enigmática. Sendo homem dotado de grande coragem física faltava-lhe, entretanto, aquela constância de propósitos essencial à grandeza. Seu temperamento volúvel pôs em perigo a todas as suas relações pessoais, e um temor mórbido de rivais em potencial perseguia à sua mente e afetava à sua razão. Partindo de um passado humilde, foi chamado a posição mais elevada da nação. No fim, sem qualquer realização que lhe desse direito de um sepultamento real, seus ossos foram levados de volta ao seu lugar nativo.

Davi é uma das grandes personagens do relato bíblico. À semelhança de Saul, provinha de um passado humilde, mas seus dotes eram da mais elevada ordem. Nasceu como líder dos homens, capaz de conquistar e reter sua lealdade. Alguns de seus mais fiéis servos vieram de fora de Judá e Israel. Itai, por exemplo, era de Gate. Davi era um sábio administrador e um bom juiz da natureza humana. Sua capacidade em fazer, decisões imediatas é bem ilustrada na solução que apresentou para o delicado problema que surgiu em torno de Mefibosete (2 Sm 19.24ss). Era um poeta altamente inspirado, cujas canções de louvor enriqueceram a adoração, primeiramente no templo e então na igreja cristã. O fato de haver-se elevado tão alto e a um tão grande custo deveria tê-lo feito um indivíduo forte, que se julgaria ser capaz de resistir à tentação. Infelizmente os seus poderes de resistência não eram maiores que os dos demais homens. Ainda mesmo quando fazemos o devido desconto por causa da época em que ele viveu, não se mostra um campeão quando defrontado com a tentação. Apesar dessa fragilidade, ele viu claramente os propósitos de Deus relativos ao Seu povo, e previu a vinda do Rei messiânico, a Quem retratou tão imperfeitamente em Sua vida. Os livros de Samuel provêem uma indispensável narração, no registro da relações de Deus com o povo de Israel, bem como no da sua preservação e preparação para seu duplo propósito: serem recebedores dos oráculos de Deus, e produzirem, no tempo devido, o "maior dos Filhos do grande Davi".

Autor

Em parte alguma se encontra informação sobre quem escreveu esses livros. Mas a declaração em 1 Crônicas 29.29 sugere fortemente que Samuel foi seu co-autor, juntamente Natã e Gade.

Esboço

SAMUEL, O ÚLTIMO DOS JUÍZES E O PRIMEIRO DOS PROFETAS, 1.1-8.22

Família: Nascimento e Dedicção, 1.1-2.11

O Fracasso de Eli, o Sumo Sacerdote, 2.12-3.21

A Apostasia e o Castigo de seus Filhos, 2.12-36

A Primeira Revelação a Samuel, 3.1-21

Uma Guerra contra os Filisteus, 4.1-7.14
 Perda da Arca da Aliança, 4.1-22
 Presença Desastrosa da Arca, 5.1-6.1
 Retorno da Arca, 6.2-7.2
 Derrota dos Filisteus, 7.3-14
 Juizado de Samuel e Pedido de um Rei, 7.15-8.22
 SAUL, O PRIMEIRO REI DE ISRAEL, 9.1-15.35
 O Primeiro Sucesso de Saul como Rei, 9.1-12.25
 Sua Unção e Apresentação, 9.1-10.27
 A Vitória Vindica a Escolha de Samuel, 11.1-15
 Samuel Retira-se dos Deveres Seculares, 12.1-25
 Consolidação do Reinado de Saul, 13.1-14.52
 Saul Intromete-se no Domínio dos Sacerdotes, 13.1-15
 Choque com os Filisteus, o Sucesso de Jônatas, 13.16-14.23
 Jônatas Viola Involuntariamente a uma Ordem de Saul, 14.24-45
 Outras Vitórias, 14.46-48,52
 Observação Genealógica, 14.49-51
 A Campanha Punitiva contra os Amalequitas, 15.1-35
 A Obediência Parcial de Saul, 15.1-31
 A Execução de Agague, 15.32,33
 A Rejeição de Saul, 15.34,35
 O LEVANTAMENTO DE DAVI, 16.1-31-13
 A Escolha de Davi, 16.1-23
 Davi e Golias, 17.1-54
 O Parentesco de Davi com Saul, 17.55-20-42
 A Amizade com Jônatas, 18.1-7
 Hostilidade Franca de Saul, 18.8-19.17
 Fuga de Davi, 19.18-24
 A Intervenção de Jônatas em favor de Davi, 20.1-42
 O Exílio de Davi, 21.1-25.44
 Davi obtém a Ajuda do Sumo Sacerdote, 21.1-15
 Homens Ganhos para a Causa de Davi, 22.1-5
 A Vingança de Saul contra Abimeleque, 22.6-23
 Davi Livra os Homens de Queila, 23.1-14
 Davi Poupa a Vida de Saul, 23.15-24.22
 A Morte de Samuel, 25.1
 Davi e Nabal, 25.2-44
 Eclipse Gradual de Saul, 26.1-44
 Davi Novamente Poupa a Vida de Saul, 26.1-25
 Davi se Estabelece em Ziclague, 27.1-12
 Saul Busca a Ajuda de Samuel por meio da Feiticeira de Endor, 28.1-25
 Os Filisteus Recusam-se a Confiar em Davi, 29.1-11
 Saque de Ziclague e Perseguição por Davi, 30.1-31
 A Derrota e a Morte de Saul e Jônatas, 31.1-13

1.1 No cânon hebraico, os dois livros de Samuel formam um só. É um dos livros mais cristológicos, se não o mais cristológico do AT, pois o reino de Davi, todo ele, praticamente, refere-se ao reino vindouro de Cristo (ver 25.1n). *Houve ou havia* (heb *vayehi*)? A tradução exata desta locução verbal, que é formada por uma conjunção (*vav*, "e") e um verbo (*hăyāh*, "ser") no seu estado incompleto, é importante. Comumente se ensina que o *vav* hebraico tem duas funções: uma, de conjunção copulativa que liga palavras e frases entre si; e outra, de consecutivo que transforma o estado verbal, i.e.,

muda uma ação incompleta para uma completa, e vice-versa. Entretanto, consciente ou inconscientemente, é ignorada uma terceira função, a de "computador histórico" que liga entre si, não palavras ou frases, mas narrativas, quando o vav não pode ser omissivo (a título de estilo vernacular, Mt 5.18) e o verbo não deve mudar de seu estado (aplicando mal um princípio gramatical). Assim, a tradução certa é: *E havia*, expressão que estabelece uma ligação com a narrativa anterior de Jz 21.25. "Houve" é uma tradução falha; cria uma nova narrativa e dá margem a especulações autorais subjetivas (colocando a data do livro, ou de partes dele, no tempo do exílio babilônico). Em:9.1, onde há a mesma locução verbal, encontramos uma tradução melhor: "Havia"; embora falte a conjunção "e". *Ramataim ou Ramá* (7.17), lugar onde morrera Raquel, outra esposa amada, anteriormente estéril (Gn 35.16-19).

1.2 Duas mulheres. Pelo Código de Hamurabi, se a primeira mulher, a amada, fosse estéril, o homem podia casar-se com uma segunda. A permissão era dada somente no caso de esterilidade. O mesmo dispositivo conjugal passou para a lei judaica (Dt 21.15-17). Compreendido o fato, evitamos julgar mal certas personagens bíblicas.

1.3 Senhor dos Exércitos ou *Yahweh Sebhã'oth*. *Sebhã'oth* tanto significa "exércitos" como "hostes celestiais" (refere-se a "anjos" em Gn 32.1 e a "estrelas" em Is 40.26), que lutam em favor dos santos.

1.16 Belial, "indigno", qualificativo que mais tarde evoluiu para o nome próprio "Maligno" (Satanás, 2 Co 6.15).

• **N. Hom. 1.18** *E o seu semblante não era triste*. Foi esta frase que M. Lutero viu e que o tirou do desânimo quando agonizava em suas dúvidas, no Convento de Erfurt. Daí em diante começou a Reforma. Não há tristeza para quem: 1) Sobe à casa do Senhor (7); 2) Derrama a sua alma em oração (10, 15); e 3) Cumpre seus votos (11, 28).

1.20 Samuel. "Seu nome é Deus". Ana refere-se ao nome daquele que ouviu a sua oração (ver 3.20, 25.1).

1.22 Desmamado. De acordo com Macabeus 7.27, as mães hebréias costumavam desmamar seus filhos aos três anos de idade. Como Samuel ficaria para sempre na presença do Senhor, é provável que Ana tenha prolongado o período de desmamar para uma idade mais avançada, de 4 a 6 anos.

1.28 Devolvido ao Senhor. O voto de Ana em 1.11 foi de natureza a ser devolvido o objeto pedido, o verdadeiro significado de mordomia.

2.1-10 O cântico de Ana é uma poesia de maravilhosa perfeição, cheia de ricos pensamentos. Compõe-se de paralelismos sinonímicos e sintéticos e é regido pelo ritmo em que se mesclam os compassos de 2 e 3, e de seus múltiplos. Maria, mãe de Jesus, devia ter conhecimento deste cântico, pois os dois poemas se assemelham (Lc 1.46-55).

2.1 Tua salvação. Refere-se à salvação de Ana, da perseguição de Penina, como também tipifica a salvação que está em Cristo.

2.2 Santo. A santidade do Senhor é mencionada em contraste com os cultos pagãos cheios de corrupção.

2.3 Contém o princípio de não falar mal de seu semelhante.

2.4 Arco. Símbolo de poder e força. Na época, o arco era a arma mais poderosa (2 Sm 1.18).

• **N. Hom. 2.4b** "O privilégio dos fracos". *Os débeis (são) cingidos de força*. 1) Ana humilhou-se (1.15) e foi abençoada (2.21); 2) Davi arrependeu-se e foi perdoado (2 Sm 12.13); 3) Paulo submeteu-se... e tornou-se forte (2 Co 12.9, 10).

2.5 Sete filhos. Sete, o símbolo da perfeição e da plenitude, representa uma família numerosa e feliz.

2.6 Não diz: "Dá a vida e tira-a", o que seria a morte, mas sim: *Tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir*, são dois paralelos que expressam o mesmo pensamento: a ressurreição, *Sepultura* (heb *sheol*, "além"), o desconhecido para onde vão os mortos e não apenas uma simples cova.

2.8 Princípio cosmogônico. *Colunas*, para os gregos teriam o seu sentido real; para os hebreus, cuja linguagem é pitoresca, as colunas têm um sentido abstrato; simbolizam os princípios que regem o mundo.

2.10 *O Senhor julga as extremidades da terra*, significa ser juiz de tudo e de todos (Sl 98.9). *Rei... Ungido*: palavras que profetizam do rei Davi como protótipo de Cristo.

2.11 *Ficou servindo*, expressa a idéia de "obra completa" realizada por um sacerdote. • **N. Hom.** 1) A criança deve ser levada à igreja (1.24, 28; Lc 2.41, 42, 49); 2) A criança deve ser encaminhada à salvação (2.26; 3.7; Mc 10.14, 15); 3) Deus chama as crianças para servirem (3.4); 4) A criança pode servir a Jesus (18; 3.1; Jo 6.9).

2.17 *Grande o pecado*. Era um pecado tríplice: contra Deus, por quebrarem a Sua lei (16; Lv 9.10); contra o templo, por profanarem-no; contra o povo, por privarem-no do perdão divino, conspurcando os sacrifícios de propiciação.

2.18 *Estola* (Éfode). Uma espécie de sobrepeliz aberta no meio, usada pelos sacerdotes (28, cf. Êx 39.22-26). A estola do Sumo Sacerdote se distinguia desta, por levar duas pedras de ônix nas ombreiras e um peitoral com o Urim e o Tumim (Êx 28.3, 9, 29).

2.19 *Túnica pequena* (heb *meil*). Uma capa, sobre a estola, para indicar a posição hierárquica dos sacerdotes e príncipes (18.4).

• **N. Hom.** **2.21** "Bênção do voto cumprido". 1) Ana fez um voto (1.11); 2) Ana cumpriu o voto (1.24-28); 3) A bênção do voto cumprido: lucrou 500% (21).

2.24 *Estais fazendo transgredir...* No texto grego (LXX) e na Siríaca se lê: "Impedis o povo do Senhor de adorá-lo".

2.25 *Deus... o árbitro*. Alguns traduzem a palavra "Deus" (Eloim) por "juízes" (Êx 21.6), "juízes o julgarão", A palavra *Eloim* ainda é traduzida por "deuses" (Sl 82.6), "anjos" (Sl 8.5), "poderosos" (Sl 29.1) e "grande" (1 Sm 14.15, "terror de Deus" por "grande terror").

2.26 Cf. 3.19, Lc 2.52.

2.27 *Homem de Deus*. Sinônimo de profeta (Js 14.6; 1 Sm 9.6; 1 Rs 17.18). *Deus* (Eloim), no AT; se manifesta nas relações públicas, gerais e universais, enquanto *Senhor* (*Yahweh*) se manifesta nas relações pessoais, particulares e salvíficas e era impronunciável para os hebreus (Êx 20.7).

2.30 *Vê-se que no tempo de Eli*, a doutrina da responsabilidade pessoal e do livre arbítrio eram claramente ensinadas.

2.31 *Cortarei o teu braço*. Acabarei com o teu poder. Os descendentes de Eli, da casa de Itamar (1 Cr 6.3), perderam os seus direitos (1 Rs 2.27) para com os da casa de Eleazar (1 Rs 2.35).

2.32 *Aperto* (heb *çar* "calamidade"). Alguns traduzem por "êmulos" "rival" e "inimigo". A Vulgata diz: "E verás o teu êmulo no templo". O texto grego (LXX) omite a frase.

2.33 *Morrerão na flor do idade*. Indica que todos morrerão moços e de modo violento (4.11; 22.18).

2.35 *Sacerdote fiel* Refere-se a Zadoque, que tipifica a Cristo da "ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4). *Diante do meu ungido*. O Talmude traduz por "Diante do meu Messias" e o texto grego (LXX) por "Diante do meu Cristo".

2.36 Os descendentes de Eli chegaram a mendigar por um emprego no templo, para não morrerem de fome.

3.1 *Jovem*. Josefo diz ser aos 12 anos. *Palavra do Senhor* refere-se à profecia. *Visões* (heb *hazon*) refere-se à atitude da pessoa em receber e aplicar verdades reveladas, evitando assim o pecar. Interpretando o sentido do hebraico, sugerimos a seguinte tradução: "Naqueles dias a profecia era rara e faltava visão (aos responsáveis que e constantemente)".

3.3 *Lâmpada de Deus* (heb *ner*). Nome popular do candelabro (heb *menorah*) de sete lâmpadas (Êx 37.17-24)... *se apagasse*. Ao nascer do sol as lâmpadas eram apagadas (Êx 27.20-21).

3.7 *Não conhecia o Senhor*. Samuel ainda não tinha experiências pessoais e diretas com

o Senhor.

3.9 *Falo, Senhor...* frase pragmática usada pelos homens de Deus.

3.10 *Veio o Senhor*, aparentemente, do lugar Santíssimo, e colocou-se ao lado do menino. É o que Cristo faz em relação ao homem, para o salvar e guiar.

• **N. Hom. 3.13** "Serviço". 1) No serviço do pai (Eli) havia o pecado de omissão (3.13); 2) No serviço dos filhos havia o pecado de comissão (2.12-17); 3) No serviço de Samuel havia a graça da submissão (3.4-10, 16).

3.15 *Abriu as portas...* Samuel era também o porteiro (1 Cr 9.17-32). Cargo importantíssimo, o que impedia a entrada de coisas imundas no templo (Jo 2.14). *Visão* (heb *mareah*) e "vidente" (*roeh*) vêm do mesmo verbo *raah*, "ver". É a visão em que a revelação é recebida mediante sonhos, visões, Urim e Tumim.

3.20 *Samuel... profeta* (heb *nabi*) Até Samuel, os profetas foram chamados de videntes (heb *roeh*, 9.9 ou *hozen*, 2 Sm 24.11). O profeta (*roeh*) era, então, um vidente que recebia as verdades divinas por meio da revelação mediata (i.e., por sonhos, visões, Urim e Tumim); o profeta (*nabi*) é o profeta que recebe a revelação divina por meio da revelação imediata (i.e., inspiração da palavra). Em geral, o profeta possuía as duas características (2 Sm 24.11). Dois dos maiores profetas do AT são Moisés e Samuel (Jr 15.1). Aquele instituiu uma nação, dando-lhe uma Constituição (Lei); este instituiu um reino, dando-lhe um rei (Davi - Cristo). O primeiro representa a era mosaica; o segundo inicia a era profética (1.20; At 3.24; 13.20).

3.21 Samuel ministrava a palavra do Senhor em Siló, enquanto lá permanecia a arca do Senhor. Depois transferiu-se para Ramá (ver 4.10; 7.17).

4.1 *Veio a palavra de Samuel a todo o Israel*. Na LXX, na Vulgata e na Siríaca esta frase está no fim do 31.21. Samuel, agora com 30 anos de idade, exerce o co-juizado com Eli, Ebenézer, "Pedra do Socorro" (ver 7.12).

4.4 *Arca do Senhor*. De forma irreverente usaram-na como se fosse um fetiche; o mesmo aconteceu com a serpente de bronze (Nm 21.8; 2 Rs 18.4). *Querubins* eram os anjos encarregados de tarefas especiais, relacionadas com os homens (Gn 3.24; 2 Sm 22.11; Ez 10; 28.14-15).

4.8 *Deuses*. Os filisteus, de acordo com a sua teologia politeísta, interpretavam a palavra *Eloim* (Deus) como "deuses"; e, referindo-se a *deuses que feriram aos egípcios*, mostravam que conheciam a história do povo de Israel e os feitos do Senhor (6.6).

• **N. Hom. 4.10** A derrota vem: 1) Quando se confia mais nas coisas criadas do que no Criador (3); 2) Quando tratam levemente das coisas do Senhor. Levaram a arca para o campo de batalha, quando o seu lugar era no Santuário (5); 3) Quando homens ímpios colocam-se a postos no comando e Deus é esquecido (3, 11). O resultado foi a morte de 34.000 homens (2, 10), a perda da arca (11) e a destruição de Siló. As escavações arqueológicas, em Siló, revelaram as ruínas de uma cidade destruída em cerca de 1050 a.C. O castigo foi tamanho, que os profetas posteriores o mencionaram como exemplo (Jr 7.12; 26.6, 9; Sl 78.60-65).

4.11 Começou a cumprir-se a profecia de 2.34.

4.15 *Noventa e oito anos*. A LXX dá 90, e a Siríaca 78 anos.

4.18 *Quarenta anos*. Nos últimos dez anos do juizado, Samuel exerceu o cargo paralelamente com Eli.

4.21 *Icabode*. Tanto pode significar "Glória do Senhor", como "Nenhuma Glória", referindo-se à captura da arca.

5.1 *Asdode*. Uma das cinco províncias da Filistéia (6.17). *Dagom* (vem de *dag*, peixe, ou *dagon*, grão), deus principal dos filisteus. Alguns o identificam com a Vênus de Ascalon, ou a lua. O culto de Dagom estava difundido pela Palestina inteira; muitas cidades levavam o seu nome (Js 15.41; 19.27). Havia um templo de Dagom em Ras-Shamra (séc. XIV a.C.). O famoso templo de Asdode fora destruído por Jônatas no séc. II a.C. (1 Mac 10.83-85). Com cabeça de mulher e corpo de peixe, em honra ao mar, Dagom

simbolizava a fecundidade. E diante dele, os orgulhosos filisteus ficaram com tumores, justamente nos seus órgãos genitais (5.6).

5.2 Arca de Deus... no casa de Dagom. Era costume, naquela época, oferecer os despojos características de guerra ao deus vencedor (21.9; 31.10).

5.3 Estava caído Dagom. Caiu o grande Dagom perante a arca, que era apenas, mero símbolo da presença do Senhor. Maiores méritos tem o próprio Senhor, diante de quem não há outro deus (Êx 20.3).

5.4 A cabeça... mãos... cortadas... A cabeça decepada mostrava que Dagom era destituído de inteligência, e as mãos decepadas mostravam que era destituído de poder.

5.5 Não lhe pisam o limiar. Pulam-no, pois o mesmo tornou-se "santo" pelo contato que sofrera com a cabeça e as mãos de Dagom, e ali passaram a habitar os espíritos: essa crença continuou até os dias de Sofonias (1.9).

5.6 Tumores. Hemorróides e ratos. No texto grego (LXX) lê-se: "...e os feriu com tumores nas suas partes secretas, de modo que sofreram disenterias; é fervilharam as aldeias e campos daquela região, os ratos que apareceram, e a cidade se viu consternada por grande mortandade" (efeito da peste bubônica trazida pelos ratos). Parece que o fato é confirmado pelo salmista (texto grego): "Feriu os seus inimigos nas suas partes secretas e os pôs em perpétua ignomínia" (Sl 78.66).

5.8 Príncipes. O governo federado dos filisteus era constituído por um quinqüevirato (6.4, 17). A solução do Concílio foi que a arca fosse levada de cidade em cidade.

5.10 O povo de Ecrom protestou, mas compelido cedeu até que a nova ordem do Concílio mandasse devolver a arca do Senhor a Israel.

• **N. Hom. 5.12 "Arrependimento dos filisteus".** 1) Verdadeiramente se arreponderam, pois o seu clamor subiu até ao céu e deram glória a Deus e Deus os atendeu (12.6); 2) Converteram o prejuízo em lucro e o ofereceram a Deus (i.e., as pragas; tumores e ratos, foram convertidos em tumores e ratos de ouro e enviados junto com a arca do Senhor (6.4, 5); 3) Deram do melhor: as primícias. (Carro novo e vacas que não conheciam o jugo, 6.7).

6.1 O texto grego ainda acrescenta: "...e a terra produziu enxames de ratos".

6.2 Adivinhadores. É a mesma palavra (heb *qosem*) de Dt 18.10. Provavelmente usavam, para consultas, o *terafim* (ver 19.13). A resposta está nos versículos 3-9.

6.4 Ratos. Como os tumores de ouro representavam os tumores reais, do mesmo modo; os ratos de ouro representavam ratos reais (de acordo com o texto grego, 6).

6.6 Revela que a história de Israel era conhecida pelos povos vizinhos. Os filisteus não esperaram pelas dez pragas egípcias; contentaram-se com três: tumores, ratos e mortes.

6.7 Carro novo... Nada de coisas velhas ou baratas para o Senhor (2 Sm 24.24). O processo de levar a arca para os israelitas devia ser outro: nos ombros (Êx 25.14; Js 6.6; 2 Sm 6.13).

6.9 Reparai. Se as vacas, que não conheciam o caminho, nem canga, e se, separadas de suas crias, que amavam, não retrocedessem e acertassem o rumo, seria Deus quem mandara o mal; senão, seria o acaso. As vacas acertaram.

• **N. Hom. 6.12 "O sermão das vacas filistéias".** 1) Obedeceram, mesmo contrariando seus instintos, deixando atrás, apartados, os seus bezerras. Deixaram tudo... (7.12; Mt 19.27); 2) Sem conhecerem o caminho, acertaram o rumo. Deus as guiava (9, 12; Sl 95.7); 3) Não estranharam o peso, mesmo que o sentissem pela primeira vez, pois o jugo era a arca e o ouro do Senhor (8; Mt 11.29, 30).

6.19 Setenta homens. No texto hebraico se lê: *...setenta homens, cinqüenta milhares* homens, que alguns traduzem por 50.070 homens, mas como vêem nisso um exagero, atribuem a alta cifra a algum erro de copista. No texto grego lemos: "Havia entre os homens de Bete-Seme, filhos de Jeconias, levianos, que olharam para dentro da arca do Senhor. Ele feriu 70 deles e 50 de homens milhares". (Os rolos do Mar Morto revelam que o texto do livro de Samuel da LXX (texto grego) não é mais uma versão defeituosa do TM

(texto hebraico), mas sim, uma tradução de outro originara hebraico, popular). Logo, seria impossível admitir que dois copistas diferentes cometessem o mesmo erro no mesmo lugar. Examinando os idiotismos dos originais, sugerimos a seguinte leitura, que reputamos ser mais fiel: "Feriu 70 deles dos quais, 50 eram desclassificados" (i.e., 50 dos quais eram daqueles que andam aos milhares, filhos de Jeconias).

7.1 *A arca do Senhor* não foi levada a Siló, que os filisteus já haviam destruído junto com o tabernáculo (ver 4.10).

7.2-14 Aqui encontramos o mesmo estilo histórico que há em Juízes, o que favorece a unidade autoral dos dois livros (Juízes e Samuel, ver 1.1). Vinte anos de servidão (2); o arrependimento do povo (6); o perdão de Deus (9); a vinda de um juiz, Samuel (3); os inimigos abatidos (10, 14); a paz duradoura (14, 15), etc.

7.3 *Preparai o vosso coração*. Era o Dia da Expição (Lv 23.27), quando se praticava um completo jejum, com a confissão de pecados (6).

7.4 *Baalins*, plural de Baal, deus supremo dos cananeus. *Astarotes*, plural de 'Ashtōreth, deusa da fertilidade e do amor profano.

7.6 *Tiraram a água e a derramaram*. Com a água derramada no chão, e uma completa abstenção de alimentos, era um jejum absoluto. Ana usou o mesmo termo "derramar" na sua oração, em 1.15. Um coração derramado é um coração humilhado e arrependido (Lm 2.19; Sl 22.14; 61.8). *Pecamos contra o Senhor*. É mais alta e a mais profunda expressão da conversão de uma alma (Lc 15.18; Is 6.5). Foi o maior dia de avivamento espiritual nacional até então.

7.9 Não se aproxima de Deus com mãos vazias; Deus não responde a pessoas avarentas e mesquinhas (2 Sm 24.24; Dt 16.16).

7.12 *Ebenézer*. "Pedra do Socorro" erigida em honra a Deus pela vitória conseguida sobre os filisteus, justamente, no mesmo lugar, onde foram derrotados há 20 anos. O autor, ao citar o nome Ebenézer em 4.1 e 5.1 simplesmente, atualiza os nomes geográficos.

7.15 *Julgou Samuel...* Indica que Samuel continuou a ser juiz, mesmo durante o reinado de Saul. Calcula-se que tenha atingido 89 anos.

7.17 *Edificou um altar...* Exercia Samuel a maior parte do seu ministério em Ramá. Para ali oferecer holocaustos a Deus, necessitava de um altar, pois o altar de Siló, feito por Moisés, havia sido destruído pelos filisteus (4.10).

8.1 *Samuel envelhecido...* Cerca de 57 anos de idade. *Constituiu a seus filhos por juízes...* Samuel procedeu arbitrariamente quando constituiu a seus filhos como juízes sobre Israel, ato da exclusiva alçada divina, visto que o reino era teocrático.

8.2 *O primogênito...* Joel. O texto hebraico em 1 Cr 6.28 diz: "Os filhos de Samuel (eram): o primogênito, Vasni e Abiá", o que pode causar alguma dificuldade. Neste texto, provavelmente, por um descuido do copista (antigo) foi omitido o nome Joel e tomou-se a palavra imediata, como se fosse nome próprio, mas que, na verdade, é "e o seguinte", que em hebraico é *vasni*. Feita a correção, não há dificuldade.

• **N. Hom. 8.3** "Pecados que corroem a Sociedade" (Êx 18.21; 23.6-8). 1) *Inclinaram-se à avareza*. O Talmude diz: "Inclinaram-se ao mamom de injustiça": a) a avareza (heb *batsa*, desviar, interceptar valores) é: raiz de todos os males (1 Tm 6.10), idolatria (Cl 3.5), roubo (Mt 5.8-9); e b) conseqüências da avareza: o Reino perdido (1 Co 6.10); 2) *Aceitaram subornos*: a) o poder do suborno: cega, corrompe e subverte até o sábio (Êx 23.8): b) a versatilidade do suborno: uma mulher foi subornada com promessas (Gn 3.5), um profeta, com honrarias (Nm 22.17) e a História com mentiras (Mt 28.12-15); 3) *Perverteram o direito* (Pv 17.15): a) a injustiça, que é abominação (Dt 25.16), proporciona lucro material (Pv 16.8), mas não resiste no dia da ira (Pv 11.4); b) a justiça, que é o fruto da luz (Ef 5.9), proporciona longa vida (Dt 25.15) e livra da morte (Pv 10.2).

8.5 *Um rei...* O mal do povo não estava em pedir por um rei, o que lhe cabia por promessa (Dt 17.14-15), mas sim, no modo como o queria, o qual era contrário ao plano de Deus. Isto explica a aparente atitude antimonárquica deste capítulo. De qualquer modo, estaria

Samuel presente para orientar o povo nas suas grandes decisões, até que Deus escolhesse um rei adequado.

8.11-18 *O direito do rei* valeria por uma verdadeira escravidão, enquanto o juizado estava isento de qualquer ônus financeira para o povo.

9.1 *Havia* (ver 1.1). *Quis, filho de Abiel*. Em 1 Cr 8.33 e 9.39 lemos: "Ner gerou a Quis". Examinando-se os textos, e cientes do hábito semita de usar, freqüentemente, listas cronológicas abreviadas, citando apenas os nomes das pessoas mais ilustres (e.g., Jesus, filho de Davi), verificamos que a árvore genealógica de Saul é a seguinte: Abiel, Ner, Quis, e Saul, Abner, o grande general de Saul, era seu tio, e irmão de Quis (14.50-51).

9.2 *Saul, "Pedido de Deus"*. *Sobressaía...* alto e vistoso justamente como o povo o quisera.

• **N. Hom. 9.3** 1) A chamada de Saul relaciona-se com jumentos (animais teimosos); 2) A chamada de Davi relaciona-se com ovelhas (animais obedientes, 16.11).

9.4 Saul atravessou várias regiões buscando as jumentas, por vários dias, o que deu ao povo a oportunidade de reparar no seu físico impressionante.

9.5 *Terra de Zufe*. Nas proximidades de Ramá. Como tivesse andado muito, resolveram consultar o vidente que estava perto, em Ramá.

9.7 *Que levaremos?* Era costume não se apresentar diante de um superior, e mesmo de um igual, sem levar um presente.

9.8 *Quarto de siclo de prata*. Um denário - cerca de 15 centavos (EUA) ou um cruzeiro (1974). Deram tão pouco em troca de um reino.

9.9 *Vidente (roeh, ver 3.20n)*. Com o ministério de Samuel, recomeça o uso da palavra "profeta" (heb *nabi*; o verbo *naba*, no *nifal* significa profetizar, anunciar), mas o povo ainda se apegava à palavra "vidente" (*roeh*, que vem do verbo *raah*, "ver"). O vidente vê fatos; a profeta vê e prevê fatos, além de falar aquilo que ouve da parte de Deus. O versículo 9 é uma interpelação; não faz parte do texto original, mas não é espúrio. Devemos observar que toda passagem espúria é uma interpolação, mas nem toda interpelação é espúria, pois pode haver uma interpelação que vem pela inspiração divina; esclarece ou atualiza um feito ou afirmação.

9.12 *Sacrifício no alto*. O lugar onde Samuel tinha erigido um altar ao Senhor (ver 7.17).

9.14 *Ao entrarem...* Lugar junto entrada, onde se assentavam os anciões para tratar dos negócios do povo (Dt 22.15; 25.7; Lm 5.14).

9.17 *Dominará*. O verbo *açar* significa "dominar, oprimir, prevalecer". O povo teria um governo duro. O rei seria mais um dominador que governador.

9.20 *Para quem está reservado tudo*. Não precisa preocupar-se com nada, para quem em breve pertencerá tudo.

9.21 *Menor dos tribos*. A tribo de Benjamim ainda não estava refeita do morticínio sofrido em Juízes 20. Parece que, no fundo, Saul sentia o complexo dessa derrota da sua tribo, complexo que exteriorizaria mais tarde, na matança dos sacerdotes em Nobe (22.16-19).

9.22 *Lugar de honra*. Samuel respeitou a pessoa que Deus escolheu para ser um agente Seu.

9.24 Este versículo segue o texto grego (LXX) e não o texto hebraico (TM); no texto hebraico é o cozinheiro que fala a Saul, e não Samuel. *Com o que havia nela*. O hebraico (*vehealeyah*) é obscuro. É traduzido por rins, rabadá, a parte mais gostosa do animal sacrificado, o que se come junto com a carne.

9.25 *Eirado*. Terraço no alto da casa lugar próprio para meditar e repousar. O texto grego (LXX) acrescenta: "onde se preparou uma cama para Saul dormir".

9.27 A revelação divina é entregue a Saul em segredo.

10.1 *Ungiu*. Ungir é uma ação de derramar azeite sagrado (Êx 30.22-33) sobre a cabeça da pessoa eleita, ato que reveste o eleito de autoridade para uma tarefa específica, i.e., se para ser rei, será somente rei; se para profeta, será somente profeta, etc.

10.2 Sepulcro de Raquel. Raquel era a genitora de Benjamim (Gn 35.16-20). Ao lado do seu sepulcro, agora um seu descendente recebe o primeiro aviso de que será rei de Israel. José, o primogênito de Raquel, tornou-se Primeiro-Ministro do Egito (Gn 30.25; 41.42, 43).

10.4 Saudarão... e darão dois pães. É a primeira saudação e a primeira contribuição ao novo rei.

10.5 Profetas. Pela primeira vez aqui é mencionada uma instituição religioso-cultural. Foi Samuel quem deu escolas ao povo, nas quais se ensinava teologia, história; leis, letras e música (19.18, 20; 2 Rs 2.3; 4.38; 6.1). Daí em diante progrediu a vida cultural, econômica e política de Israel. Essa instituição reconheceu a posse real de Saul.

10.6 O espírito do Senhor. Não é o Espírito Santo. É um dos espíritos proféticos que vem da parte do, Senhor (1 Rs 22.21-23; 1 Co 14.32). *Serás mudado em outro homem.* Não se refere à mudança da alma e da mente, mas sim, a mudança civil e política; a de um campônio que passaria a ser rei.

10.1 Porque Deus é contigo. O nome "Deus" (ver 2.27) estabelece uma relação formal com o homem, enquanto o nome "Senhor" estabelece uma relação pessoal e íntima.

10.8 Sete dias esperarás Aqui, Saul obedece a Samuel e espera, o que não acontece em 13.8-10, quando já seria rei e orgulhoso.

10.10 Saul... profetizou... (19.20-23). São as profecias ocasionais, como as de Balaão e Caifás (Nm 24.2; Jo 11.50-52), manejadas por um espírito profético (ver 6).

10.17 Mispa. : "Torre de vigia". A 7 km de Jerusalém: Um dos lugares em que se realizavam os cultos ao Senhor; amplo e apropriado para comportar uma Assembléia Nacional (7.5).

10.19 Rejeitastes, hoje, a vosso Deus, por terem escolhido um rei antes do tempo determinado por Deus (ver 8.5 e 12.19).

10.20 Sorte. Realizada por meio de Urim e Tumim (ver 14.18).

10.22 Escondido entre a bagagem. No lugar onde estavam as carroças e os pertences do povo da Grande Assembléia. O gesto de Saul indica tanto a sua modéstia como o seu complexo de não controlar as emoções nas horas críticas e de grandes decisões (18.1).

10.24 Viva o rei! No Targum se lê: "Prosperem o rei!". Fórmula de reconhecimento e de aclamação do rei (2 Sm 16.16; 1 Rs 1.34).

10.25 Escreveu-o num livro. Samuel anotava cuidadosamente todos os fatos que se davam. A arte de escrever era conhecida e praticada desde há muito tempo. Os atos importantes da vida nacional eram registrados em pergaminhos, papiros, argila e estelas (1 Cr 29.29; 2 Cr 9.29; 12.15; Dt 17.14-20).

• **N. Hom. 10.27 Homens problemas.** 1) Homens que não cooperam existem em toda parte e em todos os tempos (2.12; 25.10, 11, 17; 2 Sm 20.21); 2) Criticam tudo e acusam a todos (30.22; 1 Rs 21.10, 13); 3) Como tratá-los? *Saul se fez de surdo.* O melhor meio de ganhar a oposição é não polemizar, mas realizar. Saul praticou um gesto de grande habilidade política (ver 11.12-13).

11.1 No texto grego (LXX) lemos, "Passado um mês, subiu Naás... " Naás, "Serpente". *Amonitas* são os descendentes da filha mais nova de Ló (Gn 19.38); era um povo perverso que habitava a leste do Jordão, entre os rios Arnom e Jaboque.

11.2 Vazados os olhos direitos. Josefo explica: "Enquanto se cobria o olho esquerdo com o escudo, o olho direito mirava a direção da lança". Sem o olho direito o guerreiro seria inútil.

11.4 O povo chorou. Pressentia que sorte semelhante. os aguardava a todos.

11.5 Saul voltava do campo. Esperava Saul pela hora de assumir o governo na fazenda de seu pai.

11.6 O Espírito de Deus se apossou de Saul. Sentiu a chegada da hora de iniciar o reinado em nome de Deus.

11.7 Bois, cortou-os em pedaços e os enviou a todos... (Jz 19.29). Era sinal de

convocação urgente (antes que a carne se estragasse) para uma guerra sem quartel.

11.8 *De Israel, havia trezentos mil; ...de Judá, trinta mil.* A LXX dá, "seiscentos mil de Israel e setenta mil de Judá". Foi uma resposta do povo, una e resoluta. Um exército pronto numa semana.

11.11 *E não ficaram dois deles juntos.* Foi uma aniquilação completa do exército amonita.

11.12,13 Os partidários de Saul, após a vitória, acharam que era a vez de acabar com os desafetos (10.27). Saul porém, novamente revela seus dotes políticos: exerce clemência e moderação, deixando livres os filhos de Belial.

11.14 *Gilgal.* Era a cidade onde começou o governo teocrático de Israel (Js 5.5-15); agora, na mesma cidade, começa o governo monárquico.

11.15 Saul foi eleito em Mispa (10.17) e empossado em Gilgal, com 31 anos de idade (ver 13.1). De acordo com o costume da época, um rei se empossava definitivamente no cargo, depois de ter realizado um feito heróico. O feito se deu e Saul, agora, estava confirmado no trono.

12.1,2 Depois da posse de Saul, Samuel, aparentemente; abdicou de seus deveres civis; mas, exercendo as funções de Sacerdote e sendo profeta de Deus, conservava os direitos de supervisor do povo (7.15-17).

12.3 O texto hebraico (TM) omite a frase: *testemunhai contra mim*, que é tirada do texto grego (LXX). Samuel era íntegro como poucos.

• **N. Hom. 12.3** Deus usa homens íntegros para os planos da História (Jr 15.1; Ez 14.14).

1) Moisés (Dt 34.10) escreveu o Pentateuco e instituiu uma nação (Israel); 2) Samuel (12.3) instituiu a era profética e deu ao povo escolas (ver 3.20); 3) Noé (Gn 6.9) passou de uma era para a outra e povoou a terra; 4) Jó (1.8) escreveu o maior compêndio sobre a teologia e psicologia da dor; 5) Daniel (1.8) escreveu uma das maiores obras sobre a escatologia. *Ungido.* Refere-se a Saul. A Vulgata, porém, traduz por "Cristo".

12.6-12 O v. 6 é a introdução, aos vv. 7-12, que falam dos períodos críticos da vida de Israel e dos homens escolhidos por Deus para libertar o povo da opressão estrangeira. Jerubaal (11) refere-se a Gideão (Jz 7.1). *Baraque* (Jz 4.6) é a correção do texto hebraico "Badan": parece que aí houve uma confusão de letras na escrita hebraica; onde "r" e "d", e "q" e "n" se assemelham entre si, sendo umas tomadas por outras. O povo exigiu um rei (12) por causa do medo de Naás (11.1-2), pois não confiava em Samuel, que consideravam já velho (Samuel estava com cerca de 60 anos).

12.14,15 A condição de Saul para permanecer no posto era obedecer, tão somente, à palavra de Deus. Qualquer que governe, nessas condições, tem o apoio divino (Rm 13.1).

12.17,18 *O tempo da sega do trigo.* Era a estação do ano quando o tempo, invariavelmente, permanecia seco. *Os trovões e chuva*, nessa ocasião; eram um milagre evidente de Deus, que confirmava às palavras de Samuel.

12.19 Confirma a verdade de que foi o povo, e não Deus, que escolheu a Saul (10.19).

12.21 *Coisas vãs*, ou "ídolos". A, palavra hebraica (*tohu*) é a mesma de Gn 1.2, "sem forma", "sem expressão", "sem vida", mostrando que os ídolos eram deuses sem vida e sem poder.

12.22 *Não desampará...* Com ou sem rei, o Senhor cuidará do seu povo.

13.1 É um versículo obscuro, de difícil interpretação. O texto hebraico (TM) diz: "Saul era da idade de... quando começou a reinar, e reinou... e dois anos sobre Israel". Parece que o autor deixou claros, para preenchê-los depois com números exatos, quando os mesmos fossem confirmados, ou então houvesse uma corruptela literária. O versículo apresenta um estilo que mais tarde se tornou característico dos documentos históricos (1 Rs 2.11; 14.21; 22.41-42; etc.). Restaurando o texto provável, teríamos: "Era Saul ela idade de 31 anos quando começou a reinar, e reinou 32 anos sobre Israel". Aos 30 anos, em geral, os homens assumiam grandes responsabilidades (Nm 4.3). Por sua vez Jônatas (2, 3) aparece como cabo de guerra experimentado, que, no mínimo, devia ter uns 22 anos. Caso Saul tivesse reinado apenas dois anos, a idade de Jônatas não passaria de 6 a 7

anos. E Saul começou a reinar ainda moço, de acordo com a vontade do povo, pois, dos velhos, já tinham Samuel (8.5). Nessa ocasião, Saul devia ter seus 44 anos e Samuel 71.

13.5 *Trinta mil carros.* A versão Siríaca dá três mil carros. Cada carro levava dois homens (os carros egípcios, por rodarem nas planícies, levavam três homens).

13.6 *Os homens de Israel... estavam em apuros,* devido à falta de armas (19-22). O exército filisteu estava bem equipado, embora numericamente inferior.

• **N. Hom. 13.8** O valor da exatidão (Mt 5.18-19). 1) Naamã ficou limpo da lepra porque, entrou no rio Jordão e mergulhou sete vezes; faltasse um só mergulho ou fosse a outro rio, e a doença continuaria (2 Rs 5); 2) Os muros de Jericó caíram no sétimo dia, na sétima volta, no último instante; após o último detalhe; faltasse uma só volta, fosse omitida uma só vírgula do cerimonial prescrito, e os muros continuariam de pé (Js 6); 3) Saul devia esperar, até o último instante. Preocupou-se, porém, mais com o exército filisteu (11), do que com o mandamento do Senhor (13).

13.9 O pecado de Saul não consistia tanto em poder, ou não, oferecer holocaustos de Deus, pois Aías, o sacerdote, devia estar com ele para este mister (15.18), mas sim, em obedecer ou não a Deus (15.23).

13.13,14 Encontra-se, aqui, a primeira repreensão de Deus a Saul, mas ainda não é a rejeição, que vem depois (15.23, 28).

13.19 *Nem um ferreiro... espada, nem lança.* Era hábito, privarem os povos vencidos de seus ferreiros, para evitar a indústria de armas. Isso aconteceu nos dias de Débora (Jz 5.8) e também nos dias de Nabucodonosor (2 Rs 24.14). Conforme os vv. 20 e 21, até as ferramentas agrícolas e sua afiação dependia dos filisteus, que tinham bom lucro e privavam a Israel de se habilitar para uma guerra.

13.20,21 A razão destes dois versículos é servir de paráfrase ao v. 19. O texto original, infelizmente, contém corruptelas e incertezas. A tradução baseia-se muito na conjectura. Os nomes dos instrumentos, no mais das vezes, são incertos e a conexão entre os versículos é especulativa. O texto grego (LXX) do v. 21 é diferente: "Ao colher o vinhateiro a safra, pagava para afiar suas ferramentas três siclos, (heb *pim*), sendo o mesmo preço cobrado por um machado ou foice". A palavra hebraica *pim* do v. 21, que é obscuro e tem causado grande transtorno, é identificada por alguns com a frase: "dois terços de siclo". Neste caso ler-se-ia: "O preço de afiar uma relha, ou enxada, era de dois terços de siclo e de um terço o preço de afiar machados e ferrões".

13.22 O exército inteiro possuía somente duas espadas e duas lanças. Esta era a razão por que os israelitas se escondiam de seus inimigos (6). Pela mesma razão entendemos o trecho 14.1-14, quando saíram para a luta, apenas aqueles dois, Jônatas e seu escudeiro; eram os únicos que, além do rei, possuíam armas de combate: Jônatas com as armas e o escudeiro protegendo seu corpo com o escudo.

14.3 Aías bisneto de Eli. Tudo indica que é o mesmo Aimeleque de 22.9, 11, morto por Saul em 22.9-19.

14.4 Entre essas mesmas penhas, um punhado de homens do general Allenby, na I Guerra Mundial, surpreendeu e derrotou uma guarnição turca.

14.6 *Incircuncisos.* Nome por antonomásia. Israel e mais alguns povos semitas, tais como os moabitas, os idumeus e os amonitas praticavam a circuncisão; os filisteus, que não eram semitas, não a praticavam. O *Senhor nos ajudará...* Foram a coragem e a fé que Jônatas teve a causa única da vitória de Israel.

14.13 *Caíram diante de Jônatas.* Deus estava com ele (Lv 26.8).

14.14 *Meia jeira.* Chão de terra, lavrado por uma junta de bois num dia.

14.15 *Terror de Deus* ou "grande terror" (ver 2.25).

14.18 *Arca de Deus.* A melhor tradução é a do texto grego (LXX) que diz: "estola sacerdotal". Esta continha as duas pedras de ônix com os nomes gravados das doze tribos e o peitoral de juízo com Urim e Tumim (Êx 28.6-30). Pensa-se que Urim (luz, ou revelação) e Tumim (perfeição, ou verdade) respondessem ao "sim" ou ao "não",

respectivamente (v. 41). As consultas pelo Urim e Tumim cessaram nos dias de Davi, com o advento dos profetas que declaravam diretamente a vontade de Deus.

14.21 *Hebreus... se ajuntaram com os israelitas...* Astutos, ficaram do lado mais forte. Para outros seriam escravos que fugiram dos filisteus.

14.23 A LXX acrescentaria no fim: "E o povo de Saul era cerca de dez mil homens; e a batalha se estendeu por todas as cidades da montanha de Efraim".

14.24 *Maldito o homem que comer o pão antes de anoitecer.* Este versículo na LXX começa assim: "Naquele dia, porém, Saul cometeu uma grave imprudência..." Na verdade, foi um voto estulto de Saul (29); uma ordem que enfraqueceu o exército (30-31), o qual não podia vencer por completo ao inimigo (36).

14.27 *Tornaram a brilhar os seus olhos.* Voltou a energia; recuperou-se física e moralmente. O mesmo teria acontecido a todos, caso tivessem comido naquele dia.

14.32 *Comeram com sangue.* Terminado o voto imprudente de Saul, os homens, vencidos pela fome, em vez de perseguirem o inimigo, atiraram-se sobre os animais, devorando-os precipitadamente, até com sangue, o que era condenado pela lei, cometendo, assim, pecado grave. (Lv 17.10-14).

14.35 *Edificou Saul um altar.* Para agradar a Deus, Saul edificou-lhe um altar. Em hebraico se lê: "Começou a edificar um altar ao Senhor". O que pode, muito bem, significar que não o tivesse acabado. Foi o primeiro... Outros seguir-se-iam, edificados pelos reis de Israel, sobre os quais não faltariam sacrifícios estranhos e abomináveis.

14.37 *Disse... o sacerdote.* Não estivesse o sacerdote presente, mais desatinos teria cometida Saul. *Consultou Saul a Deus,* por Urim e Tumim (ver 18, 41). *Deus não lhe respondeu.* A negativa em hebraico é categórica. Isso mostra que Deus não aprovava a atitude de Saul, nem seus votos.

14.38 O pecado não foi de Jônatas mas do próprio Saul.

14.39 *Ainda que meu filho... seja morto.* Foi outro erro de Saul, que a próprio povo corrigiu (45). Se o voto de Saul tivesse a aprovação de Deus, Jônatas morreria sem apelação.

14.41 *Mostra a verdade,* por Urim e Tumim (18). Lê-se no texto grego (LXX): "Disse pois Saul ao Senhor: Ó Senhor Deus de Israel, por que não responde ao teu servo hoje? Se a culpa está em mim, ou em meu filho, Jônatas, ó Senhor Deus de Israel, mostre-o Urim; mas se a culpa está em Israel, mostre-o Tumim. E Jônatas e Saul foram apontados, e o povo ficou livre" (Js 7.16-18).

14.42 Texto grego (LXX): "Disse, então, Saul: seja lançada a sorte entre mim e o meu filho, Jônatas, e a quem o Senhor apontar pela sorte, seja morto. Mas o povo lhe disse: Com isto não concordamos...".

14.45 *Foi com Deus que fez isso.* Era verdade notória que Deus estava com Jônatas e não com Saul. *O povo salvou a Jônatas.* O povo errou quando escolheu a Saul como rei (12.19), mas acertou quando salvou a Jônatas (39).

14.47-52 Contém um resumo do reinado de Saul.

14.49 Outros filhos de Saul: Abinadabe (31.2), Armoni e Mefibosete (2 Sm 21.8).

14.50 *Aimaás,* sogro de Saul. Há outro Aimaás, filho do sacerdote Zadoque (2 Sm, 15.27), que alguns (A. Klostermann e R. H. Pfeiffer) apontam como o autor do livro de Samuel, a quem chamam de "pai da História" (antes de Heródoto) e cujo estilo é sem par na literatura hebraica do AT.

15.2,3 *Amaleque.* Um povo de origem antiga e incerta (Gn 14.7; Nm 24.20). É provável que seja descendente de Esaú (Gn 36.16). Foi o primeiro a atacar a Israel no deserto, e fê-lo traiçoeiramente, quando este estava desfalecido. Era um foco constante de males, pelo que Deus determinou o seu extermínio. Foi uma espécie de higiene moral e social.

15.6 *Queneus.* Era um povo bom e pacífico, que descendia de Jetro, o sacerdote de Midiã. • **N. Hom.** Recompensa de Deus. 1) Hobade, filho de Jetro e cunhado de Moisés, ficou com Israel, a pedido, para servir de guia no deserto (Nm 10.29-32); 2) Por isso, também a graça do Senhor ficou para sempre com ele e habitou na terra prometida (Jz

1.16).

15.11 *Arrependo-me*. É um antropopatismo comum no AT. O verbo hebraico *nacham*, "arrepender-se", expressa a atitude da mente, de "deixar de fazer o que estava fazendo". Em relação a Deus, significa que Deus e o homem andam juntos, numa espécie de duas linhas paralelas; o homem deixa o seu paralelo e toma uma direção errada; Deus, porém, continua pela reta e assim, "deixar de fazer o que estava fazendo" (i.e., não poder mais acompanhar ao homem), é o arrependimento de Deus. Isso, porque o homem é livre e Deus é imutável.

15.12 *Levantou para si um monumento*. Exibir os feitos de um governo em monumentos ou cartazes em vias públicas não é novidade; os políticos do AT eram peritos nisso (2 Sm, 18.18, etc.). Em 14.35, Saul edificou um altar ao Senhor; aqui, uma coluna para si. *Marcha regressiva*. • **N. Hom.** Decadência: 1) Começa com a auto-exaltação da pessoa (*coluna para si*); 2) Quando outros deveres ficam acima do culto do Senhor (Lc 14.16-24).

• **N. Hom. 15.14** Vírus espirituais. Ainda hoje se ouvem "balidos" e "mugidos" estranhos nas igrejas (liberalismos, vícios, palestras negativas, doutrinas erradas, recreações mundanas, etc. 2 Co 6.14-18).

15.18 *Destrói totalmente*. O verbo hebraico "destruir" (*herem*) refere-se à coisas que devem ser "sacrificadas", quer sejam boas, quer más. É como sacrifícios, entram no rol de coisas sagradas, oferecidas ao Senhor (em resgate de si mesmas ou para evitar futuras calamidades; Lv 27.29; Dt 13.16-17; Js 11.12).

15.23a A resposta de Samuel expressa uma doutrina (Os 6.6; Mt 9.13; 12.7). Muitos confundem os termos desta frase e acham-nos obscuros porque se esquecem que a passagem está escrita em bonito estilo poético, contendo dois admiráveis paralelos, expressos em três pares de sinônimos: rebelião (*meri*) com obstinação (*haphetser*), pecado (*hattath*) com iniquidade (*aven*) e feitiçaria (*qesem*) com adivinhação (*terafim*). Uma tradução melhor seria: "Porque a *rebelião* é como o *pecado* de *feitiçaria*; e a *obstinação* é como a *iniquidade* da *adivinhação*". O texto grego (LXX) diz: "Porque a adivinhação é pecado e a consulta ao terafim causa tristeza e angústia (hipocondria)", o que lança certa luz sobre a doença de Saul (16.14-23). *Terafim*, é algo mais que simples "ídolos do lar" (ver 19.13). É como o Urim e o Tumim, tanto na forma como na natureza (14.18, 41). É uma espécie de órgão oracular (Os 3.4; Zc 10.2; Ez 21.21; 2 Rs 23.24).

15.23b *Visto que rejeitaste... também te rejeitou...* As palavras de Saul, "teu Deus" (15.21, 30), indicam que Saul deixou de servir a Deus, pelo que, também o Senhor deixou de servi-lo. Saul é rejeitado definitivamente (28), Em conseqüência, sofre de hipocondria; para outros, de esquizofrenia.

15.35 *Nunca mais viu Samuel a Saul* Uma tradução mais correta seria: "Nunca mais procurou Samuel a Saul". Saul, porém, procurou a Samuel, passados 8 anos (ver 19.24).

16.1 *Me provi de um rei*. Agora é Deus que provê um rei: Davi (13). *Cronologia*. A ordem cronológica dos eventos históricos de 1 Sm é a seguinte: 1.1-15.35; 17.12-15; 16.1-13; 17.1-11, 16-58; 16.14-23. Embora os eventos não estejam em ordem cronológica, são fiéis. Do cap. 18 em diante, a ordem é relativamente certa. O episódio de 28.7-25 foi escrito por um gentio, servo de Saul; sendo, porém, uma crônica do reino, entrou no cânon Sagrado. Os manuscritos do Mar Morto revelam outro texto hebraico original, de cunho mais popular. E tudo indica que a LXX (texto grego) é uma tradução desse original (e não do texto heb. "Massorético"), mormente no que se refere ao livro de Samuel. Os caps. 17 e 18 da LXX omitem os seguintes trechos: 17.12-31, 41, 48b, 50, 55-58; 18.1-5, 6a, 8c, 10-11, 17-19, 26c, 30.

16.2,3 *Saul o saberá e me matará*. Há coisas que, em certas ocasiões, fazem-se em silêncio.

16.5 *Santificai-vos*. Consistia em mudar de roupa, lavar os corpos e preparar as mentes para a meditação e oração (Êx 19.14-15).

16.12 *Ruivo*, "vermelho", sinônimo de bonito. Era o oitavo filho; caçula e não o

primogênito.

16.13 Davi, "amigo" ou "amado". Nome único na Bíblia. • **N Hom.** O *Espírito do Senhor se apossou de Davi*. Multiplicou-se a capacidade de Davi (17.33-37); 2) Aumentou-se-lhe a inteligência e a perspicácia (18.5; ver 17.34-36n e 49-50n). *Samuel se levantou e foi para Ramá*. Com isso, praticamente, termina o seu juizado. Está com 80 anos de idade.

16.14 O espírito maligno. Todo o fenômeno que fugia ao controle da mente humana era atribuído à ação de um "espírito"; como também, eram do "espírito" todas as coisas indefiníveis, incomuns e estranhas. Provavelmente, a doença de Saul era uma hipocondria ou uma esquizofrenia, ou, talvez ambas.

16.15 Os servos de Saul. Os médicos da corte.

16.16 Que saiba tocar. A cura pela música era terapia antiga.

16.21 Escudeiro. Carregava o escudo do rei (31.4). Eram famosos por sua destreza e força(14.13-14). Os escudeiros dos carros de guerra egípcios e assírios protegiam o companheiro, nas refregas.

16.23 Harpa. Instrumento musical portátil, parecido com a nossa lira, de som agradável e doce. Era o instrumento que os israelitas dependuravam nos salgueiros da Babilônia (Sl 137.2).

17.1 A batalha anterior com os filisteus deu-se em Efraim (14.22-23), onde foram derrotados. Agora, os mesmos atacam pelo lado de Judá. *Efes-Damim*, "divisa de sangue" (1Cr 11.13). Nome dado por causa da cor vermelha da terra recém-arada.

17.2 Vale de Elá. Vale dos terebintos ou carvalhos.

17.4 Golias de Gate. Alguns gigantes ou enaquins, ainda permaneciam em Gate, Gaza e Asdode (Js 11.22). É provável que Golias estivesse como mercenário a serviço dos filisteus, pois o seu nome é de origem edomita. *Seis côvados e um palmo*, correspondem à altura de 2,92m. A LXX dá, "quatro côvados e um palmo", o que representa 2,02 metros.

17.5 Couraça. A arqueologia descobriu em Nuzi, Mesopotâmia, uma couraça de bronze da época de 1500 a.C. A luta com Golias deu-se em cerca de 1022 a.C. *cinco mil siclos* são setenta quilos.

17.10 Dai... um homem. Era costuma resolver-se guerras mediante duelos individuais em que se defrontavam dois guerreiros de fama. Homero menciona, em "Ilíada", um duelo entre Ajax e Heitor que decidiu a sorte de uma guerra; idem, Tito Lívio cita luta semelhante entre Horácios e Curiácios. Nos anais da Suméria encontra-se uma referência de um combate singular entre dois campeões para decidir a questão entre Enmerkar de Uruk e o Senhor de Aratta; isto, antes de 3.200 a.C.

17.11 Temeram muito. A esperança de todos era que surgisse uma guerra aberta e comum, quando muitos se lançariam sobre Golias e o matariam.

17.16 Quarenta dias. Espaço de tempo mais do que suficiente para arrasarem a moral do exército.

17.1 Efa, 39 litros. *Trigo tostado*. Grãos de trigo, tostado, que era a comida do soldado, do pastor, do viajante enfim de quem estivesse fora de casa por um tempo mais prolongado.

• **N. Hom.** **17.25 Promessa de político**. Para solucionar o problema desse duelo ingrato, e para não acabar por completo com a *moral* do exército, prometeu: 1) dar por mulher a filha; 2) isentar de impostos; 3) distribuir riquezas. Saul prontificou-se a pagar qualquer preço. Já ia longe o tempo em que Saul dependia do Senhor (11.7, 13); agora colocava a sua esperança no poder do dinheiro e das promessas - que não cumpria.

17.26 Quem é esse incircunciso... para afrontar os exércitos do Deus vivo? A pergunta de Davi revela sua coragem e confiança no Deus vivo, como também a sua convicção de que o Senhor Deus estava consigo (14.6).

17.28 Eliabe... desceste apenas para ver a peleja. Pelas palavras de Eliabe, percebe-se por que Deus não o escolheu para ser rei. Era homem medroso, mesquinho e ciumento. Não podia perdoar a Davi, por ter sido ele o escolhido de Deus (16.7, 12).

17.29 Fiz somente uma pergunta. Davi corresponde aqui à definição dada em 16.18,

"sisudo em palavras".

17.30 *Desviou-se dele.* Demonstra Davi a extraordinária capacidade de dominar-se, que é, realmente, maior vitória do que aquela sobre Golias.

17.31 *Saul mandou chamá-lo.* O gesto revela o grande desespero de Saul, pois aproveitava a única oportunidade que se oferecia: um moço inexperiente em guerra (33).

17.32 No texto grego (LXX) este versículo vem logo após o versículo 11.

17.34-36 *O teu servo matou tanto o leão como o urso.* Davi repetiu a façanha de Sansão (Jz 14.5-6), e, além do leão, esquartejou um urso, outro animal forte e perigoso (2 Rs 2.24). O fato mostra que Davi era moço de grande força física, coragem e sangue frio.

17.39 *Não posso andar com isto, pois nunca o usei.* Davi não tinha usado ainda uma armadura, e por isso mesmo no poderia ter sido escudeiro antes, como afirma 16.21. Logo, a conclusão é que este texto é anterior ao de 16.14-23. (Ver a cronologia em 16.1).

17.40 *Lançando mão da funda.* Qualquer coisa na mão, com Deus, vale muito e dá certo.

• **N. Hom. 17.45** *Em nome do Senhor.* 1) Não em nome ou por causa de Saul ou de suas promessas; 2) Em nome do Senhor, somente.

17.46 *A terra saberá que há Deus em Israel.* O fato será registrado na história para a glória do Senhor.

17.47 *Do Senhor é a guerra.* Davi confia e depende somente do Senhor.

17.49,50 Davi revelou uma extraordinária perspicácia de guerra: Golias só podia ser vencido de longe. • **N. Hom.** Tão poucos recursos e tão grandes resultados. 1) Davi, tão somente com uma funda e um seixo, derrotou a um gigante e salvou a Israel (52); 2) Um adolescente, com apenas 2 peixes e 5 pães, provocou um milagre (Jo 6.5-13); 3) Migalhas do poder de Cristo eram suficientes para curar a filha da mulher cananéia (Mt 15.21-28).

17.51 Da rapidez e do acerto de Davi dependia a vitória de Israel. *Correu Davi*; uma pequena demora e Golias podia levantar-se. *Desembainhou-a (espada)...*; uma pequena dúvida e desacerto no manejo da pesada espada e o inimigo podia escapar.

17.54 *Cabeça... trouxe a Jerusalém.* Davi seguiu a tradição dos vencedores de guerra. Jerusalém, era aquela parte da cidade que ficava no território da tribo de Benjamim (Jz 1.8, 21). Somente mais tarde Davi conquistaria a cidadela de Jebus (2 Sm 5.6-9). A espada de Golias, posteriormente ficou guardada no Santuário de Nobe (21.9).

17.55-58 *De quem é filho?... Não sei.* Tanto Saul como Abner desconheciam a Davi. O texto do evento histórico pela ordem cronológica, passa do v. 58 para o 16.13-24, para depois voltar ao cap. 18 (ver cronologia, 16.1n).

18.1-3 *Se ligou.* O verbo hebraico (*niqsherah*), melhor se expressaria por "aglutinar-se". • **N. Hom.** Amizade padrão. 1) Nasceu espontânea e voluntariamente (18.1-3); 2) Permaneceu durante as perseguições (20.30-34, 41; Pv 17.17); 3) Continuou depois da morte (2 Sm 9.7, 13). A amizade que nasceu entre Jônatas e Davi tornou-se proverbial.

18.4 *Despojou-se Jônatas da capa... armadura... espada... arco e cinto.* Saul fez Davi escudeiro (16.21); Jônatas proporcionou-lhe as armas. Estas, por sua vez, simbolizam: a capa, proteção (Rt 3.9, 2 Rs 2.13); a armadura, segurança; a espada, eficiência; o arco, poder; o cinto, amizade. Homero (Ilíada 6.230) registra um caso parecido entre Glaucus e Diomedes que trocaram entre si roupas e armas.

18.5 *Se conduzia com prudência.* Davi revelou tato ao respeitar e obedecer a Saul e fazer-se estimado por todos, pelo que Saul o promoveu a chefe do exército.

18.6 Após um lapso de alguns meses, surgiram os ciúmes de Saul e a conseqüente perseguição a Davi. Por incrível que pareça, foi por causa de umas dançarinas. No texto grego (LXX), que é melhor, se lê: "As dançarinas de todas as cidades de Israel saíram ao encontro de Davi (não ao encontro de Saul), cantando e dançando...", entoando-lhe as novas.

18.7 *Saul... milhares... Davi dez milhares.* Saul, obsidiado e doente, não distinguia que os números do canto eram mais decorativos que reais.

18.10,11 Manifesta-se a fúria assassina de Saul. *Davi se desviou dele por duas vezes*, o que enuncia o drama terrível que se teria desenrolado no palácio.

18.13 Saul rebaixa Davi ao posto de mil (5): afasta-o do palácio e envia-o para as guerras, esperando que seja morto. Davi, mais tarde, usaria desta mesma tática contra Urias (2 Sm 11.14-25).

18.14 Não obstante a má vontade de Saul Davi realiza as campanhas militares com sucesso.

18.16 *Israel e Judá*. Refere-se às duas grandes correntes nacionais, uma rivalizando com a outra.

18.17-19 Saul não cumpriu a promessa dada em 17.25, E como Davi não morresse nas guerras procura indispor-lo com Adriel, valente de Saul, dando-lhe *Merabe por mulher*, que por direito cabia a Davi.

18.20,21 Utiliza-se de *Mical*, a filha mais nova, voluntariosa e independente, para servir de laço a Davi.

18.25 *Dote... cem prepúcios*. Gosto sádico de Saul. Provocados, os "incircuncisos" matariam a Davi, na certa, de tanta raiva e despeito.

18.26 *Antes de vencido o prazo*. Deu-lhe um prazo curto. No caso de não ser morto, Davi, dificilmente conseguiria reunir os 100 prepúcios e Saul ficaria livre da promessa de lhe entregar Mical por esposa.

18.27 *Davi trouxe (200) prepúcios*. Pela avaliação oficial do próprio pai, Mical valia apenas 100 prepúcios. Davi, entretanto, pagou-lhe o dobro - para evitar futuras escusas de Saul. O texto grego (LXX), dá preço oficial, 100 prepúcios, concordando com o texto em 2 Sm 3.14.

19.9 *Espírito maligno*. Ver 15.23b e 16.14.

19.13 *Ídolo do lar* (heb *terafim*). Embora, a palavra *terafim* venha no plural, sua conotação é do singular. É da espécie de palavras cujo plural é um plural de relevância ou intensidade (como Eloim, Urim, Tumim, etc.) Tudo indica que o terafim e o éfode (Urim e Tumim) eram veículos paralelos no campo da revelação. O Talmude identifica os "ídolos do lar" (*terafim*) de Os 3.4 com "órgãos. oraculares" e usa a palavra "revelação" (*delos*), a mesma que a LXX usa para Urim. O éfode estava a serviço do sumo sacerdote e o terafim a serviço do chefe do clã. Aquele era nacional, dos israelitas; este era doméstico, dos gentios. Provavelmente usado por Melquisedeque, Já, Eliú, Jetro, Balaão e outros; pois o éfode é da era mosaica. A origem da palavra terafim, vêm possivelmente, de Terá (pai de Abraão, príncipe caldeu), que em acadiano e hitita é *tarhu*, deus. Enriquecido pela palavra "boca", em plural de relevância, "bocas" (*fim*), deu, terafim "boca de Deus". Seu uso estava espalhado pela Babilônia (Ez-21.21) e redondezas. Foi levado para Canaã por Raquel, (Gn 31). No período dos juizes, funcionava ao lado do éfode (Jz 17.5; ver 16). Com o tempo, tornou-se célebre; adquiriu a fama de ser o protetor do lar e de dar sorte ao seu possuidor. Foi por isso que Labão não quis perdê-lo e foi pela mesma razão que Raquel quis tê-lo consigo. E, pela mesma razão, Deus o condenou, através de Samuel (1 Sm 15.23a) e Josias (2 Rs 23.24). Um midrash rabínico justifica o roubo do terafim por Raquel, com a desculpa de que ia preservar Labão da idolatria. A lei horita, por sua vez, afirma que a filha, levando o terafim, garantia a posse dos bens para o marido.

19.16 *Estava na cama o (terafim) ídolo do lar*. O texto aqui, sugere um terafim de forma humana e grande Mas o texto em Gn 31.34, sugere um terafim pequeno que podia ser escondido numa sela de camelo, por baixo das roupas de Raquel. Labão, por sua vez, o procurava apalpando as paredes da tenda, como quem procura um objeto pequeno e difícil de ser achado. Pela passagem de Jz 17.4-5; percebe-se que o terafim não tinha forma humana. Mica o fez, ele mesmo, junto com o éfode, ao passo que os ídolos, o esculpido e o fundido, ele os deu para serem feitos por um ourives. Caso o terafim fosse um ídolo de forma humana, tê-lo-ia dado ao ourives também. A tradição rabínica afirma que o terafim possuía a forma de acordo com o que o médium o manipulava: ora, a forma

de cabeça humana; ora, a forma de mão humana mumificada, objetos usados por horeus nos seus oráculos. O caso, aqui, se explica pelo fato de que o terafim, posto na cama, seria, mais para dar sorte a Davi do que para simulá-lo dormindo, embora este último detalhe não fosse excluído. O vulto humana na cama, Mical o fez com o tecido de pelos de cabra, manto e volumes à mão.

19.17 *Ele me disse... eu te mato.* Mical mentiu a seu próprio pai. Não tinha escrúpulos de recorrer a quaisquer meios para alcançar seus objetivos.

19.18 *Davi fugiu.* O salmo 59, supõe-se, foi escrito nessa ocasião. Começa o período de fugas, por cerca de cinco anos. *Casa dos profetas.* Escola ou seminário que servia tanto para anotar como para arquivar e guardar os fatos notáveis da vida religiosa e nacional do povo, além de ensinar.

19.24 *(Saul) diante de Samuel.* Notar que é Saul que está diante de Samuel e não este diante de Saul. Samuel já o havia deixado em 15.35, oito anos passados. • **N. Hom.** *Está também Saul entre os profetas?* Tanto Saul como seus mensageiros profetizaram na presença dos profetas. Isso mostra que o espírito de Deus atua por indução. Os incrédulos sentem o poder de Deus e agem como se fossem salvos, quando no meio dos salvos. Nem todos os que profetizam são do Senhor (Mt 7.22-23).

20.5 *Lua nova.* O mês lunar começa com a lua nova e era festejada com holocaustos (Nm 10.10; 28.11).

20.6 *Sacrifício anual.* Indica que esta "lua nova", poderia ser a Festa das Trombetas, quando se iniciava o ano civil judaico (Lv 23.23-35; Nm 29.1-6).

20.14 *Usarás para comigo da bondade...* Jônatas compreendeu e reconheceu que Deus havia escolhido Davi como rei.

20.14,15 A sintaxe hebraica deste trecho é obscura, o que é atribuído ao estado emocional de Jônatas, profundamente alterado, quando se expressava. O texto grego (LXX) diz: "Ampara-me enquanto eu viver, trata-me com bondade; e, quando eu morrer (14), não retires a tua bondade da minha casa para sempre; cuidando, quando o Senhor tiver removido todos os inimigos de Davi, da face da terra, de que a família de Jônatas não seja perseguida pela casa de Davi (15)". Davi cumpriu em gesto tocante o pedido de Jônatas (2 Sm 9), pois o costume era eliminar a família rival.

20.19 *Pedra de Ezel,* "pedra de partida". Com certeza foi ali que os dois amigos se separaram.

20.21 *As flechas estão para cá de ti.* Era a senha estabelecida de que não havia perigo.

20.22 *As flechas estão para lá de ti.* A senha de que havia perigo e Davi devia fugir.

20.23 *Aquilo de que eu e tu falamos.* Refere-se a todas as palavras entre os dois amigos e não apenas à senha.

20.24 *Escondeu-se, pois, Davi no campo.* Antes, porém, visitou a sua família (28-29) para vê-la mais uma vez, no caso de uma fuga prolongada, • **N. Hom.** Esconderijos. 1) Davi escondeu-se no campo, esconderijo inseguro (são como os que confiam na ciência humana); 2) Na caverna (de Adulão 22.1; 2 Sm 5.17), esconderijo transitório (são como os que confiam nos credos religiosos e sistemas filosóficos, Mt 7.22-23; Cl 2.8; 2 Tm 4.3); 3) Na rocha (2 Sm 22.2-3) esconderijo seguro e permanente (são os que confiam em Jesus Cristo como seu Salvador, Sl 118.22; At 4.12; 16.31; 1 Pe 2.4, 6).

20.25 *O lugar de Davi estava desocupado.* Eram quatro que se sentavam à mesa do rei Saul, junto à parede, (para não ser surpreendido pelas costas); Abner (general chefe, 14.50) e Davi (chefe da guarda pessoal, 22.14) de cada lado; e Jônatas na sua frente.

20.26 *Não está limpo.* Pensava Saul que Davi tivesse se contaminado e procedia sua purificação conforme a lei (Lv 15).

20.27 *Filho de Jessé.* Expressão de mofa e de ódio. Não mencionou o nome de Davi.

20.30 *Filho de mulher perversa.* Modo de injuriar um desafeto. Em outras palavras: "você também traiu a seu pai?" A frase não se refere à mulher de Saul. Embora uma tradição rabínica fale a respeito dos filhos de Benjamim, como eles foram raptar noivas dentre as

filhas de Siló, que estavam dançando em ranchos (Jz 21.17-23). Saul, por ser tímido, não conseguiu realizar a façanha; veio, então uma moça que se lançou, voluntariamente, em seus braços e o conquistou.

20.33 *Saul atirou-lhe com a lança para o ferir...* Mostra que Saul estava emocionalmente descontrolado um doente neuropata.

20.41 *Levantou-se Davi do lado do sul.* O sentido original é obscuro. Algumas versões dão: "saiu Davi do lado sul da pedra Ezel" (19). *Prostrou-se rosto em terra três vezes.* Gesto de fidelidade e submissão (Dn 6.10).

21.1 *Nobe.* Lugar próximo de Jerusalém. *Aimeleque* ou *Aías* (14.3) - sumo sacerdote, bisneto de Eli e filho de Aitube. *Tremendo...* Percebia o estremecimento entre Saul e Davi e receava a vingança de Saul (22.19).

• **N. Hom. 212** Mentira. 1) Davi mentiu quando disse: *O rei deu-me uma ordem...* (impedindo que os sacerdotes se precavessem contra Saul); 2) A mentira é condenada (Ap 21.8); seu pai é o diabo (Jo 8.44); 3) As conseqüências da mentira: a morte dos sacerdotes de Nobe (22.18-19; cf. At 5.1-10). A Bíblia é fiel e registra tanto as virtudes como as falhas dos servos de Deus.

21.3 *Dá-me cinco pães.* Daí se conclui que Davi tinha consigo mais quatro companheiros, escondidos alhures (Mc 2.25-26). Os pães da proposição eram renovados aos sábados e em número de doze, dos quais serviam-se somente os sacerdotes (Êx 25.30; Lv 24.5-9). Aimeleque, entretanto, revela que outros, quando em estado de abstinência, podiam participar dos mesmos.

21.7 *Doegue.* "Tímido". Estava detido no santuário por qualquer impureza, talvez lepra (Lv 14.4, 11, 21). Foi ele o carrasco dos sacerdotes em Nobe (22.14-19).

21.9 *Espada de Golias.* Estava guardada como memorial no santuário. A arca do Senhor ainda permanecia em Quiriate-Jearim (7.1-2; 2 Sm 6.2).

21.11 *Aquis* ou *Abimeleque* (Gn 26.1). Refere-se ao título dos reis em Gate. Era um dos cinco príncipes da Filístia.

21.12 *Teve muito medo.* Davi devia estar deveras perturbado quando chegou em Gate e ainda carregando consigo a denunciadora espada de Golias. Os filisteus, com certeza, sabiam da sua unção como rei sobre Israel e da sua fama irradiada pelo canto das dançarinas (18.7).

21.13 *Se fingia doido* (Sl 56). Os doidos eram considerados como possessos de espíritos; portanto, maltratar um doido era maltratar um espírito ou um deus. *Deixava correr a saliva pela barba.* A barba era venerada e ninguém, em sã juízo, iria aviltá-la com o cuspe (Lv 21.5; 1 Cr 19.5).

22.1 *Caverna de Adulão.* Lugar fortificado, a sudeste, de Belém. *Toda a casa de teu pai, desceram ali para ter com ele.* Tinham medo da perseguição de Saul, pois todos seriam mortos e os bens confiscados.

22.2 *Quatrocentos homens.* Todos eles possuíam motivos para estarem descontentes com a situação reinante. O sofrimento e a opressão os unia mais que um soldo rico, o que Davi não tinha.

22.3 *Passou Davi a Mispá de Moabe.* Havia boas relações entre Davi e o rei de Moabe. Em parte, por ter sido Rute, a moabita, bisavó de Davi (Rt 1.4; 4.13), e em parte, por ter Saul guerreado contra Moabe (14.47).

22.5 *Profeta Gade.* Aparece aqui pela primeira vez. Manda que Davi volte a Judá; um rei não pode estar longe do seu povo, mesmo que tenha de sofrer. *Bosque de Herete.* Lugar agreste nas montanhas de Judá.

22.7 *Dar-vos-á também o filho de Jessé... terras e vinhas, e vos fará a todos chefes...* ? O socialismo agrário e favores políticos são assuntos do agrado eterno das multidões.

22.11-19 Aimeleque defende corajosamente a Davi ausente (14). Saul, em represália, manda exterminar os sacerdotes (16). Josefo diz que eram ao todo, 385 pessoas: 85 sacerdotes e 300 pessoas da família. A guarda real recusou-se a realizar a matança (17):

Doegue, o idumeu. porém, prestou-se a ser carrasco e degola *oitenta e cinco homens que vestiam estola sacerdotal* (18). Quanta diferença entre o Saul que poupou os filhos de Belial no início de seu governo (10.27; 11.13) e o Saul de agora. São mortos crianças de peito, mulheres, velhos, bois, jumentos e, ovelhas (19) O crime é ainda maior, quando se lembra que Saul poupou a Agague, rei dos Amalequitas, suas ovelhas, bois, animais gordos e, cordeiros (15.8-9). Foi uma matança em que se cumpriu a profecia contra a casa de Eli (2.31-33).

22.20,21 *Abiatar*, filho de Aimeleque foi o único que escapou da matança. Atribui-se o fato por ter ele estado, na hora da chacina, no santuário, oficiando ao Senhor era um serviço que exigia a presença constante de um sacerdote.

22.22 *Fui a causa* (21.2). Davi reconhece as suas culpas e revela em si uma rara qualidade, a de humildade e de autocrítica. • **N. Hom.** A grandeza de Davi consistia em: 1) Sabia ser humilde e arrepender-se (2 Sm 12.13; 24.10, o que Saul não sabia); 2) Ser leal aos amigos (2 Sm 9.7); 3) Reconhecer o valor dos outros (2 Sm 2.4-7); 4) Respeitar ao ungido do Senhor (24.6; 26.9).

22.23 *Fica comigo*. Abiatar, agora sumo sacerdote, acompanha a Davi. E Saul fica sem assistência sacerdotal, tanto na parte cerimonial como na parte da revelação. • **N. Hom.** Companhia abençoada 1) Com Abiatar, Davi tem a continuação do serviço religioso (23; 2 Sm 20.25); 2) Tem a "estola sacerdotal" (Urim e Tumim), que é a revelação de Deus (23.9-12; 30.7-8); 3) Tem um amigo que o acompanha nas suas andanças e lutas (30.7-20, 2 Sm 15.24).

23.1 *Queila*. Cidade fortificada, cerca de 5 km ao sul de Adulão. Nas cartas de Tel-el-Amarna e conhecida como Qiltu.

23.2 *Consultou Davi ao Senhor*. Isto é, Abiatar consultou-O por meio da "estola sacerdotal" ou "éfode" (14.18). Enquanto os sacerdotes recebiam a revelação do Senhor mediante a estola sacerdotal (Urim e Tumim), os profetas recebiam-na mediante a inspiração.

23.5 *Davi salvou os moradores de Queila*. Eis a razão da ordem de Gade a Davi para que voltasse a Judá (22.5).

23.9 *Estola sacerdotal* (14.18). Para alguns, este versículo é a repetição do versículo 22.20, e portanto, uma interpelação, o que não é verdade. Enquanto 22.20 trata da "fuga" de Abiatar, aqui é dada ênfase à "estola sacerdotal" (Urim e Tumim). Diz o texto grego (LXX): "Tendo fugido Abiatar, filho de Aimeleque para junto de Davi, veio com ele até Queila, trazendo o éfode (estola sacerdotal) na sua mão" (6). A estola sacerdotal, conforme se vê nos vv. 11 e 12, parece que respondia por "sim" e por "não" (ver 14.18).

23.12 *Entregarão*. Os habitantes de Queila, cientes da matança dos sacerdotes em Nobe (22.18-19), entregaram Davi a Saul, para não sofrerem o mesmo destino.

23.14-24.22 (Ver cap. 26). Para alguns autores, este episódio é o mesmo do cap. 26. Mas não apresentam argumentos convincentes, apenas conjeturas. A LXX, versão grega de um original hebraico mais popular, que costumava omitir as passagens paralelas, teria omitido um desses episódios, caso fossem iguais, o que não acontece. Ao contrário, registra os dois.

23.14 *Deserto de Zife*. Ficava ao sul de Horebe, nas proximidades do Mar Morto; uma região montanhosa e inóspita.

23.19 *Horesa*, "lugar seguro"; *Haquilá*, "colina de Haquilá"; *Jesimom*, "lugar deserto", à distância de meio dia no deserto.

23,20 *Toca-nos a nós entregarmo-lo nos mãos do rei*. Os zifeus agiam motivados por cálculos políticos e imediatistas.

23.23 *Buscá-lo-ei entre todos os milhares de Judá*. Pensamento paralelo ao que se refere a Cristo (Mq 5.2).

23.24 *Deserto de Maom*. Fica a duas horas de caminho ao sul de Zife.

23.26 *Seul e seus homens cercaram Davi*. Os homens de Saul rodearam o monte mais

depressa e surpreenderam a Davi pela frente. O choque era inevitável.

23.27 *Os filisteus invadiram a terra.* Deus enviou um socorro a Davi, mediante o ataque inesperado dos filisteus, o que obrigou os homens de Saul a se desviarem para outra frente.

23.28 *Pedra de Escape.* Envolve duas interpretações. A primeira, em que o verbo hebraico (*halaq*) é traduzido por "ser liso" (que escapa); a segunda, em que o verbo é traduzido por "dividir, separar". O verbo *halaq* com o sentido de "escape" aparece uma só vez na Bíblia (aqui), ao passo que, com o sentido "dividir" e "separar" aparece em todos os outros lugares. Logo, a razão lógica favorece a este último, que seria "Pedra de Separação". Deus separou os dois exércitos, prontos a se chocarem, por um terceiro o dos filisteus.

24.1 *En-Gedi.* "Fonte de cabras". Situado numa região cheia de montanhas e cavernas, na costa ocidental do Mar Morto, é célebre por suas vinhas (Ct -1.14) e bálsamo.

24.2 *Três mil homens, escolhidos...* A vantagem dos homens de Saul sobre os seiscentos esfarrapados de Davi, era inequívoca.

24.3 *Aliviar o ventre.* Em hebraico se diz: "cobrir os pés".

24.4 *Cortou a orla do manto de Saul.* Fê-lo, provavelmente, quando Saul o pôs de lado para não atrapalhá-lo... (3). O pedaço do manto era sinal evidente de que a vida de Saul esteve à mercê de Davi.

24.9 Davi suplica a Saul que não dê ouvidos à caluniadores, que são os piores inimigos no campo das relações humanas. • **N. Hom.** Calúnia *atinge* somente os íntegros; os ímpios já estão denegridos por natureza. 1) Davi foi caluniado; 2) Jó foi caluniado (1.11; 2.4-5); 3) Jesus foi caluniado (Mt 12.24); 4) Crentes são caluniados (Rm 3.8; 1 Pe 3.16). Os caluniadores não habitarão no tabernáculo do Senhor (Sl 15.1-3).

24.10 *Não estenderei a mão contra o meu senhor, pois é o ungido de Deus.* Davi cumpriu a sua palavra. Não feriu ao ungido do Senhor. Saul morreu por suas próprias mãos (31.4).

24.14 *A um cão morto? A uma pulga.* Expressão máxima de desprezo (2 Sm 5.8).

24.21 *Não eliminarás a minha descendência.* Era Costume do rei vencedor eliminar os descendentes do rei deposto.

25.1 *Faleceu Samuel* (ver 3.20; 10.5). Nasceu Samuel em 1103 a.C., aos 58 anos de Eli. Entre 4 a 6 anos é levado ao Templo (1.24). Em 2.18, tem cerca de 7 a 9 anos. Em 3.1, segundo Josefo, tem 12 anos. Aos 21 anos é reconhecido como profeta de Deus (3.20). Exerce o co-juizado com Eli por 10 anos, até a morte deste, em, 1063 a.C. (4.15). Por 20 anos, de 1063 a 1043, é o único juiz de Israel. Em 1046, com 57 anos de idade, constitui seus filhos como juizes (8.1). Unge a Saul (aos 30 anos) em 1044 a.C. (10.1, 24), e empossa o mesmo em 1043, aos 31 anos de idade. Samuel exerce o poder juntamente com Saul por 18 anos (7.15; 15.28; 16.13). (Josefo diz que Samuel foi contemporâneo de Saul por 18 anos). Em 1025 a.C. Saul é rejeitado (15.23, 28). Em:1023 a.C., Davi é ungido, aos 18 anos, como rei (16.3). Morre aos 89 anos de idade em 1014 a.C. *Samuel* criou duas instituições: a Monarquia e o Ensino. Aquela, na pessoa de Davi, tipifica a Cristo; esta, proporcionou progresso, cultura, riqueza e glória ao povo. *Deserto de Parã.* Diz à LXX: "deserto de Maom".

25.2 *Carmelo.* Entre Zife e Maom. Não é o monte sobre o qual Elias matou os profetas de Baal (1 Rs 18.20).

25.3 *Nabal.* "Néscio, mau" (25); *Abigail,* "Motivo de alegria". *O homem era duro e maligno.* Diz a LXX: "um homem como cão". *Da casa de Calebe.* Descendente de Calebe, o que nezeu, companheiro de Josué, que recebeu a sua herança na região de Hebrom (Js 15.13-19).

25.4 *Tosquiava os suas ovelhas.* A época de tosquia era uma festa de abundância e de alegria, onde todos comiam e bebiam em conjunto, indistintamente, de graça.

25.8 *Dá, pois, a teus servos e a Davi, teu filho, qualquer coisa que tiveres à mão.* Davi pensava receber alguma coisa em troca, por ter protegido os servos de Nabal e guardado os seus rebanhos (15, 16).

25.10 *Quem é Davi... filho de Jessé.* Expressão de desprezo e insulto.

25.11 *Minha água.* O texto grego (LXX) diz: "meu vinho".

25.13 *Cada um cinja a sua espada.* Ordem para arrasar Nabal e sua casa (17, 22).

25.18 *Abigail* revela diplomacia, tato e responsabilidade. Com presentes e palavras humildes vence a fúria dos homens exaltados de Davi.

25.20 *Jumento.* O animal mais seguro, em certas estradas.

25.22 No texto grego (LXX) se lê: "Faça o que lhe aprouver (a Davi)". A frase *aos inimigos de Davi* não vem no texto hebraico (TM), e esta parece ser uma interpolação para desviar a maldição contra Davi, para seus inimigos.

25.25 Belial. "Malvado, tolo" (1.16; 10.27).

25.28 *Perdoa a transgressão...* Abigail, para salvar o que lhe pertencia indo à procura de Davi; sem o conhecimento e consentimento de seu marido, cometeu, de fato, transgressão. Mas, ao mesmo tempo, revela-se mulher corajosa e de grande experiência. *Não se ache mal em ti.* Com estas palavras ela recrimina, indiretamente, a conduta impensada e precipitada de Davi. • **N. Hom.** "Falhas no caráter de Davi": 1) Decisões precipitadas (13; 2 Sm 16.4); 2) Sentimentos descontrolados (2 Sm 11.2-4); 3) Disciplina familiar fraca (ver 2 Sm 13.21; 15.1-9).

25.29 *A tua vida será atada no feixe dos que vivem...* Lê-se por: "A tua vida será guardada junto com os que são do Senhor Deus". A palavra *vida*, em hebraico, significa "alma" (*nephesh*) e alguns comentadores judaicos, tanto antigos como modernos, vêem nisso a imortalidade - a vida no além. Por sua vez, a palavra *tseror*, que significa feixe, escrínio, saquítel, aponta um lugar seguro onde se guardam coisas preciosas e pode simbolizar o livro da vida (Is 4.3; Dn 12.1)., Em Tortosa foi encontrada uma inscrição do século VI, com, as palavras "saquítel de vida". Costumavam, os hebreus, gravar sobre os túmulos de seus mortos as cinco letras iniciais (*tsnbh*) da frase: "Que sua alma seja guardada no escrínio (livro) da vida". A idéia de separar a alma do corpo não é hebraica, vem da filosofia grega. Para os hebreus, alma e *vida* são sinônimos.

25.30 Abigail reconhece em Davi o futuro rei de Israel.

25.35 A atitude diplomática de Abigail evitou um inútil derramamento de sangue. Foi mais forte que Davi e seus guerreiros.

25.36-38 Admite-se que a morte de Nabal foi de um colapso cardíaco proveniente de bebida ou acesso de fúria que o acometeu.

25.39 Davi não se regozija com a morte de Nabal, mas sim por Deus ter evitado que ele viesse a cometer um mal.

25.41 As mulheres inteligentes e capazes revelam-se pelo seu espírito de humildade e prontidão no servir.

25.42,43 *Recebeu por mulher.* Abigail era mulher rica e inteligente. E sendo ainda formosa e poetisa, combinava com Davi - poeta guerreiro. Os reis do AT costumavam se casar com mulheres que lhes dessem algum poder político e econômico. *Ainoã*, terceira mulher de Davi, foi quem lhe deu o primogênito: Amnom (2 Sm 3.2).

25.44 *Mical*, a primeira mulher de Davi, estéril, foi dada a outro homem por vingança de Saul.

26.1 O cap. 26 não é a repetição do mesmo episódio do cap. 23.14-24.22, como querem alguns críticos. Os dois eventos são parecidos apenas no seu fundo: terra dos zifeus, e, nas personagens em ação: Saul e Davi. No resto, há diferenças profundas. Na primeira narrativa, o local é En-Gedi (24.1); na segunda, o outeiro de Haquilá (26.1) Na primeira, Saul está numa caverna e Davi no fundo dela (24.3); na segunda, Saul, e Davi estão ao ar livre (26.5). Na primeira; Saul alivia seu ventre (24.3); na segunda, ele dorme (26.5). Na primeira, Davi corta a orla do manto (24.11); na segunda, leva a lança e a bilha de água (26.11). Na primeira, Davi está sozinho (24.4); na segunda, leva consigo Abisai (26.7). Na primeira, Saul chora e reconhece Davi como rei e pede que lhe poupe a família (24.16-21); na segunda, declara que pecou e procedeu loucamente (26.21). A segunda narrativa

confirma o distúrbio psíquico de Saul (16.14); trata de um homem que não se domina mais, e que nunca se arrepende do mal que pratica.

26.6 *Aimeleque, o heteu*, do grande império hitita, ao norte da Síria é mencionado somente nesta passagem. *Abisai, filho de Zerua*. Em 1 Cr 2.16, Zerua é irmã de Davi, e, em 2 Sm 17.25, é filha de Naás, rei de Amom. Pensa-se que Zerua fosse irmã de Davi, mas não filha de Jessé: A mãe de Davi, teria sido uma das esposas de Naás (morto por Saul, segundo Josefo) que, enviuvando; teria se casado com Jessé, de cujo matrimônio nasceu Davi (ver 2 Sm 17.25).

26.11 *Lança... e a bilha da água*. Levando a lança, que representa o poder, Davi privou a Saul, simbolicamente, do seu reinado. E, levando a bilha d'água, símbolo da vida, privou-o da vida, pois, a mesma seria imprescindível no deserto sem água.

• **N. Hom. 26.12** *Profundo sono* (heb *tardema*). É o estado de uma pessoa, em que o físico se imobiliza e se insensibiliza, permanecendo a mente, freqüentemente, lúcida para receber as verdades que em seu estado natural não comportaria (Jó 33.15-16). *Tardema* foi o sono em que Adão recebera sua mulher (Gn 2.21). Abraão, uma revelação (Gn 15.12-13) e Saul uma visita, em que perdeu sua lança e sua bilha de água.

26.19 *Oferta de manjares* significa: - se for provado quem sou o culpado, confessarei minha culpa.

26.21 *Volta, meu filho*. Davi, ciente do distúrbio psíquico de Saul, não acreditava mais nele. Para evitar maiores humilhações, refugiou-se na Filistéia (27.1).

27.2 *Áquis* é título e não nome. Parece não ser o mesmo do cap. 21.10. Naquela vez, Davi nada tinha a oferecer; agora leva 600 guerreiros. É aceito e designado para guardar as fronteiras do sul da Filistéia em Ziclague.

27.3 *Gate*, que já fora conquistada, por Samuel, (7.14). No tempo de Saul, voltou ao domínio filisteu, (21.10), até que Davi a conquistou para sempre (1 Cr 18.1).

27.4 *Desistiu de o perseguir*. Mostra que Saul o teria perseguido novamente, caso tivesse permanecido em Israel. Saul deixou de perseguir a Davi, não porque não o desejasse, mas por temer aos filisteus.

27.6 *Ziclague*. Pertencia inicialmente a Judá (Js 15.31) e posteriormente a Simeão (Js 19.5). A frase: *pertence aos reis de Judá, até ao dia de hoje*, indica que esta crônica foi escrita por alguém, no tempo do Reino dividido (talvez por Ido, no reinado de Asa, 2 Cr 12.15), antes do Cativo Babilônico. Depois do Cativo não houve mais reis em Israel.

27.7 *Um ano e quatro meses*. Literalmente: "dias e quatro meses". A palavra "dias" (*yamim*) significa um grupo de dias definido, um ano (Êx 13.10; 1 Sm 1.3).

27.8-11 Davi matava os inimigos de Israel (8, 9), mas dizia a Aquis que matava os amigos de Israel (10). *Davi não deixava com vida nem homem nem mulher* (11), para que não denunciasses, depois diante de Aquis. Por derramar tanto sangue, Davi foi proibido, mais tarde; de construir o Templo (1 Cr 22.8).

28.3 *Samuel era morto* (ver 25.1). A mediunidade é pecado gravíssimo, condenado pela Bíblia de ponta a ponta, e é castigada com a pena máxima, pena de morte (Lv 20.27; Dt 18.10-12; At 16.18; Ap 21.8). Dizer que Deus permitiu o aparecimento de Samuel mediante a pitonisa (11), é afirmar que Deus permitiu a Samuel pecar gravemente. Consultar os "mortos", ou os, falsos mortos, é pecado igual ao de feitiçaria e ao de idolatria (15.23a). É pecado cuja prática Deus não permitiu a ninguém, absolutamente a ninguém, e muito menos a Samuel, que era o segundo dos profetas, quanto à importância, depois de Moisés no A.T. (Jr 15.1).

28.5 *Medo*. O homem com medo é derrotado antes da derrota.

28.7-25 A crônica de 7-25 fora escrita por uma testemunha ocular: logo, por um dos servos de Saul que o acompanhara à necromante (7, 8). Freqüentemente, esses servos eram estrangeiros (21.7; 26.6; 2 Sm 23.25-39) e quase sempre supersticiosos, crentes no erro (7) - razão por que o seu estilo é tão convincente. Esta crônica, que é parte da história de Israel, pela determinação divina, entrou no Cânon Sagrado. E deve estar lá,

como lá estão os discursos dos amigos de Jó (42.7), as afirmações do autor de "debaixo do sol" (Ec 3.19; 5.18; 9.7, 9, 10; etc.), a fala da mulher de Tecoa (2 Sm 14.2-21), etc. - palavras e conceitos humanos. (Infelizmente, esta crônica é interpretada por muitos sob o mesmo ponto de vista do servo de Saul). Analisando-se o caso, não negamos a sinceridade da mulher (11-14): também a moça de At 16.16-18 foi sincera. Nem tão pouco recorreremos à interpretação parapsicológica (que é possível), mas diretamente à Bíblia que, em si mesma, tem os argumentos necessários, para desmentir as afirmações do servo de Saul. Antes, porém, vejamos a palavra *médium* (6, heb *ob*), que é traduzida em outras versões por "espírito adivinhador", ou "espírito familiar" e no texto grego (LXX) por (*engastrimuthos*) "ventríloquo" (um de fala diferente), palavra que indica a espécie de pessoa usada por um desses "espíritos". 1) Argumento Gramatical (6)... *o Senhor... não lhe respondeu*. O verbo hebraico é completo e categórico. Na situação presente de Saul, Deus não lhe respondeu, não lhe responde e não lhe responderá nunca. O fato é confirmado pela frase: "...Saul... interrogara e consultara uma necromante e *não ao Senhor...*".

(1 Cr 10.13-14). 2 Argumento Exegético: (6): *Nem por Urim* - revelação sacerdotal (ver 14.18); *nem por sonhos* - revelação pessoal; *nem por profetas* - revelação inspiracional da parte de Deus. Fosse Samuel o veículo transmissor, seria o próprio Deus respondendo, pois Samuel não podia falar senão pela inspiração. E, se não foi o Senhor quem falou, não foi Samuel. 3) Argumento Ontológico: Deus se identifica como Deus dos vivos: de Abraão, de Isaque, de Jacó, etc. (Êx 3.15; Mt 22.32). Nenhum deles perdeu a sua personalidade, integridade, ou superego. Seria Samuel o único a poluir-se, indo contra a natureza do seu ser, contra Deus (6) e contra a doutrina que ele mesmo pregara (15.23), quando em vida nunca o fez? Impossível. 4) Argumento Escatológico: O pecado de Samuel tornar-se-ia mais grave ainda, por ter ele estado no "seio de Abraão" e tendo recebido uma revelação superior e um conhecimento mais exato das coisas encobertas, e, por não tê-las considerado, nem obedecido às ordens de Deus (Lc 16.27-31). Mas Samuel nunca desobedeceu a Deus (12.3-4). 5) Argumento Doutrinário: Consultar os "espíritos familiares" é condenado pela Bíblia inteira: (ver 28.3). Fossem os espíritos de pessoas, e Deus teria regulamentado a matéria, mas como não são, Deus o proibiu. Aceitando a profecia do pseudo-Samuel, cria-se uma nova doutrina, que é a revelação divina mediante Pessoas ímpias e polutas. E nesse caso, para serem aceitas as afirmações proféticas, como verdades divinas é necessário que sejam de absoluta precisão; o que não acontece no caso presente (Vejam como são precisas as profecias a respeito de Cristo: Zc 9.9 e Jo 12.15; Sl 22.18 e Jo 19.24; Sl 69.21 e Jo 19.28-29; Êx 12.46; Nm 9.12; Sl 34.20 e Jo 19.36; Zc 12.10; Jo 19.37; etc.). 6) Argumento profético (Dt 18.22): As profecias devem ser julgadas (1 Co 14.29). E essas, do pseudo-Samuel, não resistem ao exame. São ambíguas e imprecisas, justamente como as dos oráculos sibilinos e délficos. Vejamos: a) Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus (28.19): A profecia é de estilo sibilino e sugeria que Saul viria a ser supliciado pelos filisteus. Mas o fato é que Saul se suicidou (31.4), e, veio parar nas mãos dos homens de Jabes-Gileade (31.11-13). Saul apenas passou pelas mãos dos filisteus. Infelizmente, o pseudo-Samuel não podia prever esse detalhe. (Vejam como são precisos os detalhes acima a respeito da pessoa de Cristo). b) Não morreram todos os filhos de Saul ("... tu e teus filhos", 28.19), como insinua essa outra profecia obscura: Ficaram vivos pelo menos três filhos de Saul: Is-Bosete (2 Sm 2.8-10), Armoni e Mefibosete (2 Sm 21.8). Apenas três morreram, como indicam clara e objetivamente as passagens seguintes: 1 Sm 31.2, 6 e 1 Cr 10.2, 6. c) Saul não morreu no dia seguinte ("... amanhã... estareis comigo", 28.19): Esta é uma profecia do tipo délfico, ambígua. Saul morreu cerca de dezoito dias depois (ver notas de 30.1, 10, 13, 17; 2 Sm 1.3). Citar em sua defesa Gn 30.33 e Êx 13.14 e afirmar que a palavra hebraica *mahar*, "amanhã", aqui, é de sentido indefinido, é torcer o hebraico e a sua exegese, pois todos vão morrer, mesmo, em "algum dia" no futuro; isto não é

novidade. d) *Saul não foi para o mesmo lugar de Samuel* ("... estareis comigo", 28.19). Outra profecia delfica. Interpretar o "comigo" por simples "além" (*sheol*), é tergiversar. Samuel estava no "seio de Abraão", sentia isso e sabia da diferença que existia entre um salvo e um perdido. Jesus também o sabia, e não disse ao ladrão na cruz, "...hoje estarás comigo no "além" (*sheol*), mas sim, no "Paraíso". Logo, Samuel não podia ter dito a Saul, que este estaria no mesmo lugar que ele: no "seio de Abraão". Se Samuel tivesse desobedecido a Deus (28.16-19), passaria para o inferno, para estar com Saul? Ou então, Saul, ainda que transgredindo a palavra de Deus e consultando à necromante (1 Cr 10.13), passou para o Paraíso, para estar com Samuel? Inacreditável. *Solução*: - *Quem respondeu a Saul?* Sugerimos a seguinte possível explicação. A Bíblia fala de certos "espíritos", sua natureza e seu poder (Êx 7.11, 22; 8.7; At 16.16-18; 2 Co 11.14-15; Ef 6.12). São os anjos maus. Do mesmo modo fala de anjos que acampam ao nosso redor e nos guardam (Sl 34.7; Mt 18.10; Lc 15.10; etc.). São os anjos bons. São dois, os "secretários" (senão mais) que nos acompanham durante a vida toda; um bom e outro mau. Anotam tudo e sabem tudo a nosso respeito. Depois da morte, o anjo bom leva o nosso livro-relatório, diante de Deus, pelo qual seremos julgados (Ap 20.12). Por sua vez, o anjo mau assume a nossa identidade e representa-nos no mundo, através dos médiuns. Onde revela o nosso relatório com acerto e "autoridade". É por isso que Paulo fala da luta que temos contra "as forças espirituais do mal" (Ef 6.12). E é pela mesma razão que Deus proíbe consultas aos "mortos" (Is 8.19, 20), porque estes são falsos (Dt 18.10-14). Caso fossem espíritos humanos, provavelmente, Deus não proibiria a sua consulta, apenas regulamentaria o assunto para evitar abusos. Deus, porém, proíbe o que é dissimulação e falsidade.

29.1 O cap. 29 é a continuação da narrativa de 28.2. De *Afeque* os filisteus subiram a Suném (28.4), em uma jornada de 120 km, e daí, para o vale de Jezreel. Os israelitas, por sua vez, se concentraram em Gilboa (28.4), para descerem ao vale de *Jezreel*, onde se travaria a luta.

30.1 *Terceiro dia*. Davi gastou na sua volta três dias, em que percorreu uns 128 km. Estava fora de Ziclague havia já uns dez dias. E gastou um dia com os preparativos para a nova expedição contra os amalequitas.

30.2 Os prisioneiros seriam vendidos como escravos aos povos vizinhos, principalmente aos egípcios.

30.9 *Ribeiro de Besor*. No interior do Neguebe e servia como linha divisória entre as terras cultivadas ao norte e o deserto ao sul.

30.10 *Cansados*. O segredo das vitórias de Davi estava nas suas ações fulminantes. Os 200 homens, entretanto, tiveram a sua ocupação - guardar a retaguarda e tomar conta da bagagem para que os outros pudessem agir desembaraçadamente. Já havia transcorrido dois dias.

30.13 *Três dias*. Os amalequitas estavam na frente de Davi, ainda por três dias. Gastou cinco dias para alcançá-los.

30.17 *Feriu-os Davi*. O ataque foi inesperado, noturno e terminou rapidamente. Para cuidar dos prisioneiros e recolher o despojo de guerra levou um dia, *até à tarde do dia seguinte*. Na volta gastou mais uns oito dias.

30.24 *Receberão artes iguais*. Davi, conhecendo a lei mosaica (Nm 31.27-47), manda repartir o despojo igualmente entre todos (Js 22.8). Reavivou assim um preceito esquecido e para ser observado daí por diante.

30.25 A frase: *em Israel, até ao dia de hoje*, indica, que o autor desta crônica vivera no tempo do Reino Unido. Para alguns, foi Abiatar, o sumo sacerdote, que assistira a esses fatos de perto. O nome *Israel* refere-se à nação inteira (Gn 35.10-11; 36.31).

30.26-31 Todas as cidades mencionadas aqui, acham-se no Neguebe. Davi, embora estivesse no exílio e sob suserania filistéia, repartiu o despojo de guerra entre os anciãos de Judá, para agradecer-lhes a hospitalidade e mostrar que, no futuro, quando fosse

constituído rei sobre Israel, a distribuição poderia repetir-se para a alegria de todos. • **N. Hom.** "O tino político de Davi". Usou três princípios socio-psicológicos para impor-se como rei: 1) O princípio de dar (At 20.35), que é uma virtude e graça (2Co 8.1) ao mesmo tempo; 2) O princípio de agradar (Gn 33.10-11), que é um meio de ganhar a simpatia; 3) O princípio de impressionar (26), como guerreiro capaz e senhor de ricas presas, que é um recurso de impor-se.

31.2 Mataram Jônatas, Abinadabe e Malquisua, filhos de Saul. Este autor, que não é mais o servo de Saul (28.7-28), fala com mais precisão e menciona tanto o número "três" (v. 6), como os nomes dos filhos de Saul mortos na guerra.

31.3 E ele muito os temeu. O verbo hebraico é obscuro: tanto pode ser "temer" (*hul*), como "ferir" (*halal*). No texto grego (LXX) se lê: "...e o feriram no abdômen" e na Vulgata: "...e o feriram gravemente".

31.4 Saul, apavorado e impressionado pelo vaticínio da necromante (28.19), de que devia morrer, suicida-se. Por sua vez, um ungido Ido Senhor, ninguém ousou matá-lo. Aos ungidos, somente a Deus cabe julgá-los (1 Cr 10.14). • **N. Hom.** "Os ungidos são intocáveis". Na unção dos sacerdotes figuravam dois verbos, "ungir" (*mashah*) e "santificar" (*qadash*), (Êx 28.41), enquanto na unção dos reis, figurava apenas um verbo, "ungir" (*mashah*, 9.16), e faltava o verbo *qadash*, "santificar". Por isto a vida espiritual desses freqüentemente descia de nível, mas sempre eram os "ungidos" do Senhor, e ninguém podia lhes tocar. Davi respeitava-os (24.6, 10; 26.9, 16), o escudeiro respeitava-os (4), e quando o amalequita violou o corpo de um deles, pagou o sacrilégio com a própria vida (2 Sm 1.10, 14-15).

31.5 O escudeiro... se lançou sobre a sua espada. Na Bíblia há cinco suicídios: os de Saul e de seu escudeiro (31.4-5); o de Aitofel (2 Sm 17.23); o de Zinri (1 Rs 16.18) e o de Judas (Mt 27.5). Nos apócrifos há mais dois casos: Ptolomeu (2 Mac 10.13) e Razi (2 Mac 14.41-46).

31.11-13 Os moradores de Jabes-Gileade. Saul os havia socorrido numa dolorosa emergência (11.1-11). Agora, eles, não esquecendo o favor recebido, num gesto único, praticam uma epopéia que é uma das mais heróicas e comoventes de todo o AT. Sob perigo de vida, subtraem os corpos de Saul e de seus filhos das mãos dos filisteus e num cerimonial impressionante lhes prestam a última homenagem com uma sepultura digna.

O Segundo Livro de Samuel

Esboço

ATIVIDADES DE DAVI APÓS A MORTE DE SAUL, 1.1-4.12

A Versão do Mensageiro Amalequita sobre a Morte de Saul, 1.1-10

A Lamentação de Davi por Saul e Jônatas, 1.11-27

Davi em Hebrom, como Rei de Judá, 2.1-11

Um Encontro Momentoso entre Abner e Joabe, 2.1-3.1

Observação sobre a Família de Davi, 3.2-5

Querela de Abner com Isbosete, Sua Aproximação de Davi, 3.6-21

O Assassinato de Abner por Joabe, Davi condena o Ato, 3.22-39

Davi Pune os Assassinos de Isbosete, 4.1-12

DAVI, REI DE ISRAEL E JUDÁ, 5.1-15.6

Davi Torna-se Rei de Israel, 5.1-25

Convite para ser Rei, 5.1-5

Captura de Jerusalém, 5.6-10

A Assistência Amigável ao Rei de Tiro, 5.11,12

Questões Domésticas, 5.13-16

Hostilidade dos Filisteus, 5.17-25

A Arca é levada a Jerusalém, 6.1-23

Davi Deseja Edificar uma Casa para Deus, 7.1-29
 A Aliança de Deus com Davi, 7.1-17
 A Resposta de Davi, 7.18-29
 Sucessos Militares de Davi, 8.1-18
 A Bondade de Davi para com o Filho de Jônatas, 9.1-13
 Vitória sobre os Amonitas, 10.1-19
 O Grande Pecado de Davi, 11.1-12.25
 Sua Paixão por Bate-Seba, 11.1-27
 A Parábola de Natã e a Condenação de Deus, 12.1-14
 A Morte do Filho de Bate-Seba e o Nascimento de Salomão, 12.15-25
 Abnegação de Joabe, em Rabá, 12.26-31
 Amom Seduz a Tamar, 13.1-39
 Reconciliação de Davi com Absalão, 14.1-15.6
 O Ardil de Joabe, 14.1-20
 Absalão Levado a Jerusalém, 14.21-33
 A Auto-exaltação de Absalão, 15.1-6
 A REBELIÃO DE ABSALÃO, 15.7-18.5
 A Insurreição de Absalão, 15.7-12
 Davi Foge de Jerusalém, 15.13-16.14
 Usai Frustra o Conselho de Aitofel, 16.15-17.23
 Davi em Maanaim, 17.24-29
 Davi Organiza as suas Forças, 18.1-5
 A QUEDA DE ABSALÃO E VOLTA DE DAVI, 18.6-24.25
 A Derrota de Israel e a Morte de Absalão, 18.6-19.8
 Ganho e Perda, 18.6-18
 Davi Recebe a Notícia, 18.19-33
 Joabe Repreende a Lamentação de Davi, 19.1-8
 A Volta de Davi a Jerusalém, 19.9-43
 A Rebelião de Seba, 20.1-26
 A Fome Causa do Crime de Saul, 21.1-14
 Fim do Feudo dos Gigantes, 21.15-22
 Cântico do Livramento de Davi, 22.1-51
 As Últimas Palavras de Davi, 23.1-7
 Lista dos Chefes dos Heróis de Davi, 23.8-39
 O Recenseamento e o Castigo de Deus, 24.1-15
 A Intervenção de Deus e a Intercessão de Davi, 24.16-25

1.2 *Ao terceiro dia.* Davi gastou, desde que deixou Aquis em Afeque (29.11) até agora, uns vinte e um dias. Descontando-se os três dias que o mensageiro gastara, desde Gilboa até Ziclague, conclui-se que Saul morreu, cerca de dezoito dias depois da profecia do *pseudo-Samuel* (e não no dia seguinte, cf. 1 Sm 28.19).

1.10-16 *O matei* (10). Para alguns, Saul apenas desmaiou quando se lançou sobre a espada (1 Sm 31.4) e o amalequita matou-o depois. Mas o autor de 1 Cr 10.4, 5 confirma a verdade de que Saul se suicidou, O amalequita, isto sim, violou o cadáver quando roubou do mesmo a coroa e o bracelete; pelo que, Davi o condenou à morte, embora tenha entregue a coroa e o bracelete a Davi para granjear o seu favor. • **N. Hom.** "O tríplice pecado do amalequita": 1) Falsidade: mentiu, dizendo que matou a, Saul. (9-10, At 5.3-4); 2) Sacrilégio: deslustrou o corpo do ungido do Senhor (10a; Dn 5.3); 3) Roubo: apoderou-se de coisas sagradas: coroa e bracelete de um rei (10b MI 3.9).

1.17 *Lamentação* (heb *qinah*, pl. *qinoth*). Nome que aparece aqui pela primeira vez e foi definido por K. Budde como, exclusivamente, canto de lamentação, e, cuja característica é o acento poético 3/2. Entretanto, há *qinoth(es)* que não se regem pelo acento de 3/2,

aqui; e há cantos líricos que, por sua vez, comportam o acento de 3/2 (Sl 23).

1.8 Hino ao Arco. Arco pode simbolizar concerto (Gn 9.13), poder (Gn 49.24), amizade (1 Sm 18.4) e glória. Hino de "Glória". *Livro dos justos (Yashar)*, ou "Correto" (Js 10.13). Um livro secular de cânticos, de guerra (hoje perdido), que circulava ao lado dos livros canônicos.

1.19-27 Este canto é uma elegia de singular beleza que se divide em três estrofes: 19 a 24; 25 a 26 e 27, sendo que esta última é um paralelo do v. 19. Cada estância é regida pelo coro: *Como caíram os valentes*.

1.19-24 O tema da elegia está no v. 19. O v. 20 expressa súplica; o 21, impreciação; o 22 e o 23, elogio, e o 24, gratidão. O v. 21, na versão grega (LXX), se lê: "O escudo de Saul não estava ungido com óleo?".

1.25-26 Reverência à memória e ao amor de Jônatas.

1.27 Aqui temos outra forma de amém: *pereceram*. Na elegia não é mencionado o nome de Deus. A primeira parte é cantada por todos; a segunda é cantada pelas donzelas e a terceira pelos moços, em voz suave, triste, para ser repetida por todos em voz cheia e inflamada.

2.1 Abiatar, mediante Urim e Tumim, revelou a Davi que subisse para Hebrom, 37 km a sudoeste de Jerusalém." Hebrom, era cidade histórica e de fama; lá repousavam os corpos dos patriarcas e suas esposas (Gn 23; 49.29-33). Era mais antiga que Zoã (Tanis), a capital dos reis hicsos, no Egito (Nm 13.22). Josefo calculou a sua origem em cerca de 2.300 a.C. (*Guerras Judaicas*, IV, 9.17). Calebe ganhou-a em herança (Js 14.13-15), foi lá, também, que Absalão se declarou rei (2 Sm 15.10).

2.4 Davi é, publicamente, ungido rei pela casa de Judá.

2.5-7 Davi revelou-se homem de estado, quando elogiou o nobre gesto dos homens de Jabes-Gileade (1 Sm 31.11-13); oferece-lhes vantagens e sugere, suavemente, que agora ele é rei.

2.8 Abner. Primo de Saul (1 Sm 14.50-51). Como general comandante do exército, era o terceiro homem do reino de Saul. O primeiro era Saul e o segundo, Jônatas. Era superior, em todos os sentidos, a Joabe; general comandante do exército de Davi *Is-Bosete* "Homem do vexame". Nome ganho em consequência de sua morte humilhante (4.5-8). Seu nome de nascimento era Esbaal, "Homem de Baal" ou "Homem do Senhor" (ver 1 Cr 8.33; 9.39).

2.9 *E o constituiu rei.* Após cinco anos de escaramuças e conchavos políticos, Abner consegue fazer com que o povo aceite a Is-Bosete como rei sobre Israel, na cidade de Maanaim (8). Para a mesma cidade, mais tarde, por ocasião da revolta de Absalão, foge também Davi (2 Sm 17.24), talvez por esta ser uma cidade assaz fortificada (ver 18.24).

2.13-16 *Açude de Gibeom* (13), ou *Campo das Espadas* (16). Lugar onde morreram, num duelo singular, vinte e quatro homens - doze de cada lado.

2.18 *Filhos de Zeruaia* (ver 1 Sm 26.6 e 2 Sm 17.25).

2.19-23 *Asael.* "Deus fez". Moço afoito, que mais confiava na ligeireza de suas pernas do que no sábio conselho de Abner. Com sua imprudência e precipitação, causou dois grandes males: retardou a unificação do reino de Israel (3.21), e provocou o derramar inútil de sangue valoroso (3.27). Abner, ao traspassá-lo, deu "motivo" para Joabe se constituir em vingador do sangue de Asael (Êx 21.23-25), ao que Joabe não tinha direito visto que Asael morrera em luta lícita. O sangue derramado em guerra era isento de vingança (1 Rs 2.5).

2.24 *Joabe e Abisai perseguiram Abner*, devido aos ciúmes que Joabe tinha de Abner (3.25), por este ser mais célebre (3.6, 21), mais querido (3.20, 31-34), mais leal e generoso, tanto na guerra como no trato civil (2.26; 3.38; 1 Rs 2.32). E, provavelmente, Abner ocuparia o posto de general comandante de todo o exército dos dois reinos unidos (Israel e Judá, 3.21; ver 3.27, nota sobre "vingança").

2.26 *Consumirá... a seus irmãos?* Novamente o bom senso de Abner repreende a Joabe.

Este último, diante da lógica, se retira. Mais tarde, porém, havia de; matá-lo traiçoeiramente (3.27).

2.30-32 *Enterraram na sepultura de seu pai.* O pai de Asael é figura desconhecida. Zeruia, (sua mãe), ao contrário, é muito citada (1 Sm 26.6; 2 Sm 17.25).

3.1 *Muito tempo.* Sete anos, cinco dos quais foram gastos em escaramuças; e dois no reinado de Is-Bosete.

3.2-5 Dos seis filhos de Davi, de seis mulheres diferentes, nascidos em Hebrom, *Amnom*, é o primogênito, deu grande desgosto a seu pai (cap. 13); *Absalão*, o terceiro filho, usurpou-lhe o trono (caps. 13-18); *Adonias*, o quarto, seguiu o caminho do anterior (1 Rs 1.5-7; 2.25). Os outros filhos são figuras apagadas, ou já teriam morrido.

3.6 *Abner se fez poderoso.* Primo de Saul e general chefe do exército (1 Sm 14.50-52), tornou-se virtual dono de Israel; Is-Bosete não passava de um preposto seu.

3.7 *Concubina... Rispa.* (21.8-11). As esposas e concubinas do rei, por tradição, pertenciam ao novo rei. Apossando-se alguém delas, era declarar-se investido de poder real (16.20-22; 1 Rs 2.21-22). As concubinas, por sua vez, não eram mulheres vadias, tinham direitos garantidos pela lei e, quando rejeitadas, não podiam ser vendidas como escravas; as vezes, exerciam o papel de donas de casa (Gn 16.2, 3; 21.10; Êx 21.8-11; Dt 21.10-14; Mt 2.14-16).

3.8 *Cabeça de cão.* Ser chamado de cão, animal imundo, era ser debochado e desprezado (9.8; 16.9; 1 Sm 17.43; 24.14). *Por causa desta mulher.* É possível que a acusação contra Abner tenha sido injusta. Rispa, por outro lado, era mulher de gestos e sentimentos admiráveis (ver 21.10).

3.9-11 Abner confessa ter sabido do direito de Davi, de ser este o rei sobre Israel todo.

3.13 Davi exige de volta a sua mulher Mical, pela qual pagou um preço dobrado (1 Sm 18.27). Ao mesmo tem o gesto de Davi era político, aos amigos de Saul e à tribo de Benjamim.

3.17 *Outrora, procuráveis.* Indica que os anciãos de Israel já tinham pensado em Davi como rei sobre eles.

3.19 *Falou... aos ouvidos de Benjamim.* Convencer a Benjamim, a tribo de Saul, era convencer a todos, pois ela, que era a principal na guerra (Jz 20.15-21), concordando, tudo estava resolvido.

3.20,21 *Irei para ajuntar todo o Israel.* Isto mostra que o verdadeiro chefe dos israelitas era o próprio Abner, e não a rei Is-Bosete.

3.22-25 É possível que a ausência de Joabe tenha sido determinada por Davi; pois, com ele presente, no teria sido possível realizar qualquer conferência política com Abner (ver nota sobre 2.24).

3.26 *Poço de Sirá.* Fica a uns 4 km de Jerusalém.

3.27 *No interior do porta.* Lugar onde se resolviam os negócios do povo. Tribunal popular (Dt 22.15; 25.7; Lm 5.14). • **N. Hom.** "Vingança". O sentimento de vingança é causa de fracasso de qualquer relação pública. Vingança do Sangue, da parte de Joabe, não passava de simples pretexto para se livrar de um seu rival (2.19-33; 3.33-34; 1 Rs 2.5; Êx 21.14). Movido por esse vil sentimento, Joabe cometeu ações que o privaram do apoio e estima de Davi, (28.39; 19.13), determinaram a sua própria morte (1 Rs 2.5-6, 31) e, provocaram um anátema sobre seus descendentes (29; 1 Rs 2.33).

3.28,29 Davi declarou-se inocente do sangue de Abner e lança o anátema sobre Joabe e sua descendência (1 Rs 2.28-34): *quem se apóie em muleta.* A tradução literal seria: "quem pegue no fuso": e significa, "estropiado, mole, efeminado".

3.30-32 Abner era nobre (38) e estimado pelo povo. Sua popularidade foi a principal causa da sua morte. Joabe, invejoso, matou-o para livrar-se de um rival. Justificou-se, porém, com a desculpa de vingador do sangue de seu irmão (1 Rs 2.5-6).

3.33,34 A ode fúnebre de Davi revela que Abner foi morto *como se fora um perverso.* De mãos e pés livres, podia se defender facilmente, mas não o fez, pois não esperava ser

atacado traiçoeiramente.

3.37 *Ficaram sabendo.* O povo ficou sabendo que não foi Davi o autor da morte de Abner; caso contrário, a situação política se agravaria ainda mais.

3.39 *Sou fraco.* Davi confessa que os filhos de Zeruia eram mais fortes. Joabe além de ser prepotente, ciumento e vingativo, tinha nas suas mãos o comando dos "600 homens" de Davi.

4.1 A importância de Abner era tal que, com sua morte, o Estado de Israel se desmoronou imediatamente. O próprio Is-Bosete, se mantinha ainda no poder, devido à fidelidade de Abner à casa de Saul.

4.3 *Gitaim.* Parece ser a atual Tell-Abu-Hamid. Ninguém sabe ao certo, entretanto, onde fica Gitaim e quando fugiram para lá os beerotitas. Caso o v. 4 se relacione com o v. 3, como pensam alguns, então a fuga se deu por ocasião da morte de Jônatas (1 Sm 31.7).

4.4 *Mefibosete,* "Quebrador de ídolos", ou "Exterminador de vergonha". Seu nome original era *Meribe-Baal*, "Lutador de Baal (Senhor)", (1 Cr 8.34). Do mesmo modo o nome *Esbaal*, "Homem de Baal (Senhor)", (1 Cr 8.33), passou a ser escrito Is-Bosete, "Homem do vexame". O fenômeno filológico de substituir a parte final - *baal*, "Senhor" por *bosete*, "vergonha", "vexame", deu-se em razão da palavra *baal* ter-se poluído, identificando-se com a idolatria.

4.6 O texto hebraico é obscuro, mas no texto grego (LXX) se lê: "A porteira da casa, estando a limpar o trigo, cochilava e adormeceu; assim, os irmãos Recabe e Baaná não foram notados".

• **N. Hom. 4.12 "Salário do pecado".** No AT prevalece a lei de talião, "olho por olho, dente por dente..." (Êx 21.24-25). No NT, Cristo mudou esta lei para "qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra" (Mt 5.39). No AT, os pecados recaem sobre os animais sacrificados (Lv caps. 3-7), ou sobre o próprio culpado (Êx 21.14, 23); no NT, os mesmos pecados recaem sobre o "único Mediador" (1 Tm 2.5), para aquele que crê em Jesus (Jo 3.16); mas para aquele que não crê, os pecados permanecem nele mesmo, e o salário é a morte (Rm 6.23).

5.6 *Jerusalém.* Nas cartas de Tell-el-Amarna (c 1.400 a.C.) é chamada de Urusalim. Era cidade de Melquisedeque (Gn 14.18). Pertencia aos jebuseus (Js 15.63); parte da mesma (1 Sm 17.54; Jz 1.8) situava-se na divisa de Judá com Benjamim. Tudo indica que os jebuseus davam livre acesso até à cidade principal, aos homens de Saul e aos de Is-Bosete, mas não aos de Davi (Jz 1.21).

5.7 *Fortaleza de Sião.* Achava-se, na colina oriental e era a parte mais fortificada, onde se achava a acrópole, o templo e o palácio real. A cidade em si, a parte murada, não passava de quatro hectares.

5.8 *Suba pelo canal subterrâneo.* Trata-se de uma conquista engenhosa, por meio de um túnel. O fato era contestado por muitos críticos até que C. Warren, em 1867, e descobriu o túnel cavado pelos jebuseus, para levar a água da Fonte da Virgem (situada na parte externa) ao interior da cidade. Lê-se ainda em 1 Cr 11.6: "Qualquer que ferir os jebuseus será chefe e comandante". Joabe, que tinha caído no desagrado de Davi (3.39), fez um tremendo esforço e conquistou a cidade. Passou, assim, de comandante de 600 homens (1 Sm 27.2; 2 Sm 2.12) para chefe do exército, o que lhe poupou a vida por algum tempo (1 Rs 2.28-35).

5.11 *Hirão, rei de Tiro.* Rei fenício, amigo de Davi e de Salomão por cerca de 34 anos (1 Rs 9.10-14).

5.13-16 Muitos filhos, no AT, era um sinal de bênção divina, muitas mulheres e concubinas era uma indicação da segurança do Estado, pois, cada uma representava um contrato político ou econômico. Do ponto de vista religiosa, esse ônus político era uma calamidade (Dt 17.17).

5.17-25 As duas arremetidas dos filisteus contra Israel são cronologicamente anteriores à conquista de Jerusalém por Davi (6-9).

5.17 *Desceu Davi à fortaleza.* De Hebrom desceu Davi à caverna de Adulão (1 Sm 22.1; 22.4, 5; 2 Sm 23.13).

5.20 *Baal-Perazim.* "Senhor das separações definitivas". Como divisor de águas que separa os rios que se dirigem, uns para o Mar Morto e outros para o Mediterrâneo, aquele lugar dividiria, definitivamente, os filisteus dos israelitas.

5.21 *Ídolos.* Diz o texto grego (LXX), cf. 1 Cr 14.12, que os filisteus tinham trazido os seus deuses, os quais, ao mandado de Davi, foram queimados.

6.1 *Trinta mil.* o texto grego (LXX) dá "setenta mil".

6.2 Desde 1 Sm 6.21 até 2 Sm 6.3, passaram-se cerca de 60 a 70 anos.

6.3 *Carro novo.* Os filisteus usaram carro novo (1 Sm 6.7), Israel não podia imitá-los, tinha que obedecer a lei, e carregar a arca do Senhor nos ombros (Êx 25.14; Js 6.6).

• **N. Hom. 6.7** "Pecado de irreverência". Por irreverência a arca do Senhor morreram Uzá, "os filhos de Eli (1 Sm 4.3, 4, 11) e os homens de Bete-Semes (1 Sm 6.19). Todas as coisas que são do Senhor ou lhe são dedicada, são santas ao Senhor (Nm 4.15); maltratá-las ou menosprezá-las, era cometer irreverência. Gastar as dízimas, que são santas ao Senhor (Lv 27.30), é irreverência; profanar o dia do Senhor, o dia das primícias dos ressurretos (1 Co 15.20), que é da santa convocação (Lv 23.7-14), é irreverência; tornar a nome do Senhor (que é santo), em vão (Êx 20.7), é irreverência; levar os negócios e o mundo para a igreja (Jo 2.13-16; Mt 21.12) é irreverência.

6.10 *Obede-Edom:* "Servo de Edom", ou "Servo do homem". Um levita da casa de Corá, porteiro (1 Cr 13.14; 26.1, 4) e geteu; especialista em certo instrumento musical, ou espécie de música. O salmo 84 é um exemplo dessa música.

6.12 *Por amor do arca de Deus.* Obede-Edom fora abençoado. Davi queria as mesmas bênçãos para a nova capital - Jerusalém. O texto grego (LXX) diz: "Estava com ele (Davi) sete coros carregando a arca, e para o sacrifício um novilho e ovelhas". Sete coros seriam sete conjuntos de levitas cantores (1 Cr 15).

6.13 *Seis passos.* Os seis primeiros passos dados trariam um sinal de que ou o cerimonial estava certo ou não. Nada acontecendo, o ato era aceito como certo, e ofereceram, em sacrifício, sete novilhos e sete carneiros (1 Cr 15.26). O sacrifício era único.

6.14 *Estola sacerdotal.* Para tomar parte no cerimonial, Davi tinha que vestir as roupas sacerdotais; trajes civis ou reais não serviam. Estes seriam irreverência e profanação.

6.20 *Descobrimo-nos, hoje, aos olhos das servas.* Na sua dança ritualista, toda frenética, as roupas de Davi esvoaçavam de modo a aparecerem partes desnudas de seu corpo (16). A rigidez de Mical revela um recalque oculto; sofreria de complexo por não ter dado filhos a Davi (23).

7.1 O cap. 7 é o clímax dos livros de Samuel. Contém uma profecia ampla de atos imediatos e de atos remotos. Os imediatos tratam de Davi e seus descendentes seculares; os remotos, tratam da pessoa de Cristo e do seu reinado eterno (11-14).

7.7 *Tribos.* É provável que em lugar de "tribos" (*Shbti*), originalmente fosse "juízes" (*Shfti*), visto que a grafia das duas palavras é igual, apenas com a diferença de um pequeno sinal dependurado numa das letras, que transforma *b* em *f* na palavra "juízes". A palavra "juízes" encontra-se no v. 11, e também na passagem paralela em 1 Cr 17.6.

• **N. Hom. 7.8,9** "Mudança maravilhosa": 1) Deus muda a convicção humilde do homem (Tomei-te da malhada 8; Êx 3.1-4); 2) Deus guarda o homem (*Fui contigo... eliminei os teus inimigos*, 9; Sl 23); 3) Deus engrandece o nome do homem (*Fiz grande o teu nome*, 9; Gn 17.5); 4) Deus muda-o para uma condição maravilhosa (*Para que fosses príncipe...*, 8; 1 Pe 2.9).

7.11 *Ele, o Senhor te fará casa.* A casa refere-se à descendência de Davi, particularmente à pessoa de Cristo.

7.13 Este versículo, praticamente, é a razão de ser dos livros de Samuel. Refere-se a Cristo e a seu reino, embora se refira, também, a Salomão. A paráfrase deste versículo se acha em Mt 16.18.

7.14 *Se viera transgredir.* Tradução melhor seria: "mesmo no seu sofrimento pela iniquidade". De acordo com A. Clarke, o verbo hebraico *behaevotho* não está no infinito ativo de *qal*, cometer iniquidade", mas em *nifal*, e significa "sofrer a iniquidade". A paráfrase deste versículo está em Is 53.3-4; Mt 27.38-41; Mc 14.65. Quando Isaías (9.6) menciona o menino que nasceu, refere-se ao texto de 2 Sm 7.14. Idem, Lc 1. 32 e At 2.30. Para os críticos que negam a revelação divina e as profecias, este versículo (14) é espúrio (De Vaux); ou de origem duvidosa (Desnoyers); ou adição de copistas (Wellhausen); ou é um parêntese (Driver).

7.16 *Diante de ti, teu trono...* Na Siríaca e no texto grego (LXX) se lê: "diante de mim; teu trono...", o que parece mais certo. Não diante de Davi, mas sim diante de Deus; não o trono de Davi, mas o trono de Cristo.

• **N. Hom. 7.23** "Um povo único". O povo de Israel é um milagre. Esparsos pela face da terra, perseguido e chacinado, continua com a sua nacionalidade, tradição, religião e cultura. E isso por cerca de dois milênios. Em Gênesis se fala do mesmo como do povo predestinado, abençoado (12.2), numeroso (13.16), herdeiro das nações (17.8; 27.29), vencedor (22.17), exaltado (22.18). Davi vê nele o povo resgatado (23), o povo de Deus (23, 24). Foi este povo que legou à humanidade o AT e foi dele que nasceu Jesus Cristo. Se o povo de Israel desaparecesse da terra, a Bíblia perderia o seu valor e a obra de Deus, em relação ao homem, estaria em "xeque-mate".

7.24 *E tu, ó Senhor, te fizeste o seu Deus.* Esta é uma promessa particular ao povo de Deus que, se encontra por toda a Bíblia (Gn 17.7... Ap 21.3).

7.27 *Edificar-te-ei casa.* Não se refere à casa-edifício, mas sim, à descendência de Davi e, particularmente, à pessoa de Cristo.

8.1 *Rédeas da metrópole.* Controle da cidade de Gate (1 Cr 18.1); ou rédeas do poder, que por sua vez, pode significar o poder da renda e dos tributos, que iam até então para Gate, mas agora iriam para as mãos de Davi.

8.2 Versículo de difícil interpretação. *Deitar em terra*, significa "subjugar". *Cordel*, medida padrão (Am 7.17). Aqueles cuja culpa não excedesse aos limites da "lei" (um cordel), seriam poupados; aqueles cuja culpa excedesse à "lei" padrão (dois cordéis), seriam executados. Era uma espécie de tribunal do povo.

8.3 *Hadadezer ou Hadarezer.* "Deus do sol" (1 Cr 18.8). *Zobá*, ficava ao norte de Damasco, entre os rios de Oronto e Eufrates.

8.4 Davi inutilizou os cavalos capturados, menos deles, que reservou para uso comum e para reprodução (15.1). Mais tarde, Salomão usaria esses cavalas para seus carros e cavaleiros (1 Rs 4.26).

8.5 *Matou dos siros vinte e dois mil homens.* Ao vencer os siros, Davi retardou o nascimento de uma nova potência mundial, a Síria, por uns cinquenta anos, que conseguiu reerguer-se depois de Salomão.

8.8 *Betá e Berotai.* Em 1 Cr 18.8 são chamados de "Tibate" e "Cum".

8.10,11 *Objetos de prata, de ouro e de bronze... consagrou-os ao Senhor* (1 Cr 18.8; 22.2-5, 14). Toda a riqueza em ouro, prata, etc. obtida em guerras, era dedicada ao futuro templo em Jerusalém.

8.13 *Dezoito mil homens.* O texto grego diz: "Dezoito mil edomitas", (cf. 1 Cr 18.12). Uma leitura melhor seria: "Ganhou Davi renome, quando, na volta, depois de ferir os siros (5), encontrou inesperadamente edomitas no Vale do Sal, os quais, venceu somente com o direto auxílio de Deus, matando dezoito mil homens". Foi nessa ocasião que escreveu o salmo 60. • **N. Hom. Renome.** Ganha-se o renome na guerra, na ciência, nas artes, na política, mas especialmente na humildade. O exemplo está em Jesus, que se humilhou e ganhou um nome que está acima de todo o nome (Fp 2.8-9). Pelo salmo 60 percebe-se que a vitória de Davi, e com ela o renome, foi consequência de um milagre de Deus, conseguida pela oração de um coração angustiado (Sl 60.10, 11a); pela não confiança na força do homem (11b); e, pelo socorro que vem somente de Deus (12). *Vale do Sal*, uma

depressão ao sul do Mar Morto.

8.16 Cronista (*mazkir*). Alguns traduzem *mazkir* por "mestre de cerimônias", quando o mais certo é "historiador", ou "cronista".

8.17 Aimeleque, filho de Abiatar da casa de Eli foi o que se aliou a Davi desde o princípio (1 Sm 22.20-23; 23.6). A profecia contra a casa de Eli, cumpriu-se nele em 1 Rs 2.26-27. *Escrivão* (sofrer), em geral significava "ministro do Estado".

8.18 Guarda real, ou força mercenária. Era composta de estrangeiros: quereteus e peleteus (20.23; 1 Cr 18.17). A LXX traduz *quereteus* por "cretenses" (Sf 2.5; Ez 25.16). Peleteus, parece que era uma pequena tribo filistéia a serviço de Davi. Esta força mercenária atuava na área política, onde o elemento nacional não era desejável. Saul, por exemplo, usou essa força na matança dos sacerdotes em Nob (1 Sm 22.18-19). O Targum traduz *quereteus* e *peleteus* por arqueiros e fundibulários.

9.1 O cap. 9 é posterior ao incidente do cap. 21.1-14.

9.2 Ziba. Homem desleal e ambicioso (16.1-4; 19.24-30).

9.8 Cão Morto (3.8; 16.9). Revela o estado psíquico de Mefibosete - abalado e complexado pela morte de seus irmãos e sobrinhos (21.1-14); e, que nada sabia do juramento de Davi a Jônatas, seu pai.

9.11 Comeu... à mesa de Davi... Além de cumprir seu voto (1 Sm 20.12-27), Davi agiu como diplomata, amparando o último descendente de Saul, ganhando, assim, a simpatia da tribo de Benjamim.

9.12 Quando Davi começou a reinar Mefibosete tinha cinco anos (4.4). Mas ele agora já tem um filho pequeno, Mica, que continuará a descendência de Jônatas (1 Cr 8.35). Isso coloca a idade de Mefibosete acima de 25 anos, e o episódio aqui, por cerca do vigésimo ano do reinado de Davi.

10.2 Naás. Provavelmente era o filho do rei Naás de 1 Sm 11.

• **N. Hom. 10.3** "Os maus conselheiros", freqüentemente, levam as pessoas a sofrerem conseqüências funestas: 1) Interpretaram mal os sentimentos de Davi (3); 2) Ofenderam os mensageiros (4-5) e ganharam a inimizade, de Davi (6); 3) Provocaram uma guerra inútil (7); 4) Gastaram muito dinheiro em assalariar os siros (6); 5) Perderam a guerra (14).

10.4 E lhes rapou metade do barba. A barba, símbolo de dignidade, rapada, era uma grande vergonha; mas mutilada, constituía-se em gravíssima ofensa.

10.8 À entrada do porta da cidade de Rabá," capital de Amom.

10.12 Pelejemos... pelo nosso povo. Alguns, baseando-se no v. 11, de que a arca do Senhor estava acompanhando a guerra, traduzem esta frase por: "Pelejemos... pela arca do Senhor" (De Vaux).

10.13,14 Joabe, estrategicamente, ataca em primeiro lugar os famosos siros; estes, desbaratados, amedrontariam Amom, que se tornaria presa fácil, depois.

10.16 Da outra banda do rio. Refere-se ao oeste do Rio Eufrates (1 Rs 4.24).

10.18 Setecentos carros. Em 1 Cr 19.8 se lê: "sete mil carros", que é tido por alguns como melhor texto.

11.1 Tempo em que os reis costumam sair para a guerra. Na primavera, depois das chuvas.

• **N. Hom. 11.2** O pecado do adultério. *Levantou-se Davi do seu leito e andava passeando...* Quando uma pessoa está na ociosidade e deixa que os outros façam as suas obrigações (1), passando o seu tempo a dormir e a passear (2), começa a ver coisas que não devem ser vistas (2), a cobiçar coisas proibidas (2; Êx 20.17) e a cometer atos condenados (4; Êx 20.14). Davi já estava com os seus cinquenta anos de idade, quando olhou para uma mulher casada, fez com que ela viesse à sua presença e cometeu o pecado de adultério. Pouco lhe valeu o seu glorioso passado; maculou-o. Esqueceu-se da maravilhosa profecia de Natã (7.8-17); empanou o brilho de sua carreira. A queda de Davi veio justamente durante o período de suas maiores conquistas (2 Sm caps. 8-12; 1 Co

10.12.

11.3 Bate-Seba. "Filha de juramento"; também chamada *Bate-Sua*, "Filha de opulência" (1 Cr 3.5). Tanto *Eliã* (seu pai) como *Urias* faziam parte do famoso grupo dos trinta heróis (23.34, 39). Urias era heteu, mas um prosélito judaico e oficial de grande valor, tanto em coragem como em moral.

11.6-25 "A imparcialidade da Bíblia". *Davi... Joabe... Urias... Bate-Seba.* Neste capítulo encontramos: um herói, de grande valor moral, que é profundamente ultrajado, traído e morto como cão sarnento, que é Urias; uma mulher infiel e ambiciosa que recebe um galardão real, de ser esposa do rei, que é Bate-Seba; um rei que se desmorona pela imoralidade, traição e covardia, que é Davi; e um general inescrupuloso, que compactua com propostas infames e assassina seu amigo e companheiro de armas, que é Joabe. O adultério, todavia, traz as suas conseqüências e das mais funestas. E o que nos impressiona, é a imparcialidade e a objetividade da Bíblia, que registra tudo, nada ocultando.

11.8 *Desce a tua casa e lava os pés.* Isto é, vai a tua casa e deita-te com tua mulher, o que Urias não fez. Não entrou em sua casa e não lavou os seus pés. Dormiu na rua e não encobriu o pecado de Davi.

11.27 *E lhe deu à luz um filho.* Já tinha decorrido cerca de um ano e, Davi pensava ter encoberto o seu pecado. Esqueceu-se da verdade: "e sabeis que o vosso pecado vos há de achar" (Nm 32.23).

12.1 Natã. "Dádiva". Um profeta de Deus, colocado na corte de Davi (7.3) e na de Salomão (1 Rs 1.11, 34). No AT, os profetas possuíam uma ascendência moral e espiritual sobre os reis; isto, pelo motivo de levarem uma vida piedosa e íntegra. Eram homens em quem o próprio Deus podia confiar. • **N. Hom.** "As Dádivas de Deus a Davi" (10-12): 1) Deus lhe enviou Natã ("Dádiva"), para revelar o seu pecado (1-7); 2) Enviou a morte da criança (18), para lhe mostrar o salário do pecado (Rm 6.23); 3) Enviou a vergonha do incesto, na pessoa de seus filhos, Tamar e Amnom (13.1-23), para lhe lembrar a podridão moral que ele mesmo semeou (11.4); 4) Enviou a morte de Amnom (13.28-29), para lhe lembrar a morte de Urias (9; 11.15); 5) Enviou o usurpador do trono, na pessoa de seu filho, Absalão (15.1-18), para lhe lembrar que usurpou o lugar de Urias (11.3); 6) Enviou a vergonha e a afronta quando Absalão coabitou com as suas concubinas (16.21-22), para lhe lembrar o que ele fez à mulher de Urias (11.2-4); 7) Enviou a morte traiçoeira de Absalão (18.12-15), para lhe lembrar a traição na morte de Urias (9; 11.14-17); 8) Enviou a praga (24.10-17), para lhe lembrar o seu orgulho e torná-lo humilde. Diz Paulo: "Todas, as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus" (Rm 8.28).

12.6 *Restituirá quatro vezes* (Êx 22.1; Lc 19.8). Na LXX se lê: "restituirá sete vezes".

12.7 *Tu és o homem.* Quanta coragem! O rei podia mandar matar a Natã, como já o havia feito com Urias. • **N. Hom.** "Deveres de um profeta" (Natã): 1) Profetizar (7.8-17), i.e., receber as mensagens de Deus e entregá-las aos homens, o que exige uma completa submissão à vontade de Deus (2 Pe 1.21); 2) Denunciar o mal (1-12), o que exige uma extraordinária coragem (7; Ef 6.20); 3) Proclamar o perdão do Senhor (13; Jo 20.23), o que exige integridade de alma e fidelidade à palavra de Deus; 4) Orientar o povo (7.5; 1 Rs 1.11-14), o que exige conhecimento de pessoas, de situações e de doutrinas; 5) Assumir responsabilidades (1 Rs 1.34, 45), o que exige autoridade; 6) Cuidar da corte (música nos cultos, 2 Cr 29.25), o que exige talento; 7) Registrar os eventos da história (2 Cr 9.29), o que exige capacidade literária e crítica.

12.10 *Não se apartará a espada jamais da tua casa.* Quanto Davi não sofreu por causa do seu pecado! Morre a criança (18); Tamar é violentada (13.10-17); morre Amnom (13.23-29); revolta-se Absalão (15.1-14); morre Absalão (18.14-15); morre Adonias (1 Rs 2.25). Estas coisas são algumas das conseqüências do pecado de Davi (ver N. Hom. 12.1).

12.11 *Tomarei tuas mulheres... em plena luz deste sol.* Absalão toma as concubinas de

seu próprio pai e coabita com elas diante dos olhos de todos (16.21-22); e não às ocultas como o fez seu pai, com a mulher de Urias (11.4).

12.13 *Pequei contra o Senhor.* O pecado é perdoado, mas as conseqüências perduram. O clímax, num verdadeiro arrependimento, é a palavra "pequei". Somente neste estado a graça de Deus pode manifestar-se eficientemente. Foi nessa ocasião que Davi escreveu o salmo 51.

12.23 *Porque jejuaria eu?* Essa é uma característica singular de Davi - esquecer-se das coisas desagradáveis e das que já estão no passado. É uma virtude que prolonga a vida de uma pessoa.

12.24 *Salomão.* "Pacífico".

12.25 *Jedidias.* "O amado do Senhor". O nome dado por Deus, mediante Natã.

12.26-28 A história da guerra contra Amom, interrompida em 11.1, pelo pecado de Davi recomeça aqui. Joabe conquista a cidade baixa que fornece a água, e, por motivos políticos, insiste que Davi venha conquistar a parte alta da cidade, onde reside o rei.

12.30 *Tirou a coroa da cabeça do seu rei.* No texto hebraico, a palavra escrita "seu rei" é *mlcm*, que tanto pode ser lido por *malcam* "seu rei", como por *Milcom*, deus principal de Amom (1 Rs 11.5, 33), pois a escrita hebraica é igual. No texto grego (LXX) está: "Tirou a coroa da cabeça de Milcom, seu rei"... *O peso da coroa era de um talento de ouro.* Um talento (*Kikkar*) pesa c. 30 kg.

12.31 É texto difícil e discutido. Uma versão mais justa seria: "E o povo que nela havia, desterrou-o para trabalhar com a picareta (abrindo estradas e vales de segurança), com machados (derrubando matas) e para trabalhar com tijolos para os fornos".

13.1 *Absalão... Tamar... Amnom...* Absalão e Tamar eram filhos de Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur (3.3). Amnom, o primogênito de Davi era filho de Ainoã, a, jezreelita (3.2).

13.3 *Amigo... Jonadabe,* primo de Amnom, era o intrigante da corte; sagaz (heb *hakam*, sábio) e perverso. • **N. Hom.** "Más companhias", (Jonadabe), levam pessoas a conversas imorais (4), a fingimentos e mentiras (5.6) e a atos proibidos e contra a ética (8-14).

13.8 *Fez bolos* (heb "Fez corações"). As filhas do rei conheciam a arte culinária. Bolos (*lebiloth*) eram pastéis em forma de coração.

13.13 *Maior é esta injúria,* lançando-me fora, do que a outra que me fizeste. Pela lei, o casamento entre irmãos era proibido (Lv 18.6, 9; Dt 27.22); mas entre os povos vizinhos, permanecia ainda o costume antigo de casar-se com irmãs, caso estas não fossem, também, filhas da mesma mãe. Era o caso de Abrão e Sarai (Gn 20.2, 12). Também pode ser que Tamar, sendo filha de uma estrangeira, não conhecesse bem a lei mosaica. Este pecado perdurou até à época de Ezequiel (22.11).

13.21 *Muito se lhe acendeu a ira.* E a LXX acrescenta: "mas não quis afligir o espírito de Amnom, seu filho, por que o amava por ser o seu primogênito".

13.23 *Absalão tosqujava.* Era uma grande festa, de fartura e de banquetes (1 Sm 25.4-5).

13.27 O texto grego (LXX) acrescenta no fim do versículo: "E Absalão preparou um banquete, como banquete de rei" (1 Sm 25.36).

13.28 *Quando o coração de Amnom estiver alegre de vinho.* Amnom morreu vítima do seu vício. Bêbado, não podia oferecer resistência à altura. • **N. Hom.** O mal da bebida. A *Amnom* aplicam-se as palavras: "Este nosso filho... é dissoluto e beberrão" (Dt 21.20). Por causa da bebida perdeu o reino terreno (sendo filho primogênito, era o herdeiro natural do trono), o reino de Deus (1 Co 6.10) e a sua própria vida. Os efeitos da bebida na Bíblia são funestos: Noé perdeu a compostura e se expôs ao ridículo (Gn 9.20-22), Ló, perdeu a noção das coisas e cometeu o incesto (Gn 19.32-35); Belsazar perdeu a sobriedade, o reino e a vida (Dn 5) O vinho contamina o corpo e a mente (Dn 1.8, 15, 17); enfraquece o moral (Hc 2.15); escarnece do homem e priva-lhe da sabedoria (Pv 20.1), fá-lo esquecer-se da lei e perverte o direito (Pv 31.5); é vingativo, pois, no fim morde como cobra (Pv 23.32). A ordem de Deus a Arão e seus filhos foi: "Vinho nem bebida forte tu e teus filhos

não bebereis, quando entrardes na tenda da congregação" (Lv 10.9). E, a declaração de Paulo é: "...os bêbados não herdarão o reino de Deus" (1 Co 6.10).

13.29 ...cada um montou no seu mulo, e fugiram. Aqui, pela primeira vez, são mencionados muares a serviço da casa real.

13.33 Absalão foge para abrigar-se junto a seu avô materno, rei Talmai, em Gesur, Síria (3.3).

13.39 As falhas de Davi residiam nas mulheres e na educação de seus filhos. Nada fez para corrigir a Amnom, que pela lei devia morrer (Lv 18.29), o que foi cumprido, indiretamente, por Absalão. E quando Absalão mata a Amnom, persegue-o por longos meses, estabelecendo uma discriminação entre seus filhos, o que agrava no futuro; tanto na vida política como a doméstica, de Davi.

14.1 *Tecoá*. Fica uns 18 km ao sul de Jerusalém; terra onde nasceria o profeta Amós (Am 1.1).

14.5-26 Neste capítulo, Joabe, pensando que Absalão pudesse ser o natural herdeiro de Davi (visto que o segundo filho, Quileabe (3.3) era uma figura inexpressiva, ou já morto), pleiteava o seu perdão e a sua volta, mediante a farsa de uma mulher tecoíta, que fala a Davi em parábola e lhe expõe uma situação em que são visados, indiretamente, Amnom e Absalão. O rei entende a parábola e autoriza a volta de Absalão (21).

14.7 *A última brasa*, "o último descendente". As Escrituras chamam freqüentemente de brasa, lâmpada, ou luz, o sucessor da família (21.17; 1 Rs 11.36; Sl 132.17); por sua vez, de "lareira" que contém brasas, vem lar, ou família. Os gregos usavam a mesma figura; as poucas pessoas salvas do dilúvio de Deucalion, são chamadas de brasas vivas (*zopûra*).

14.14 Este versículo, provavelmente, lembrou a Davi o seu próprio pecado, o seu arrependimento e o delicioso perdão que recebera de Deus.

14.19 *A mão de Joabe anda contigo*. Pela linguagem da mulher, Davi, literato consumado, descobriu o estilo de Joabe.

14.20 *Para entender tudo o que se passa na terra*, de que uma grande parte do povo simpatizava com Absalão.

14.22 Percebe-se, neste versículo, que as relações entre Joabe e Davi eram tensas. Seus temperamentos rivalizavam-se e um não confiava no outro.

14.24 Amargurava-se Absalão por ter-lhe proibido o rei de visitar a corte. Psicologicamente, "meio perdão" é pior do que nenhum perdão (32). As conseqüências disso se manifestam na rebelião posterior de Absalão. • **N. Hom.** Há um perdão que perdoa mas não esquece. Foi o perdão de Davi em relação a Absalão, seu filho; perdão que criou uma revolta interna no moço para, mais tarde, se manifestar em declarada rebelião (17.1-12). O outro perdão é o perdão de Deus, o que perdoa e esquece completamente o passado; é expresso nas palavras: "Desfaço as tuas transgressões como a névoa..." (Is 44.22). O verbo "desfazer" (heb *manah*) significa ainda; "eliminar", "exterminar" (Gn 17.4) e, "apagar", como quem *apaga* a escrita de giz do quadro negro, cujo pó é impossível de ser recomposto. O amor de Deus é assim, amplo, pleno e eterno em que o sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo e qualquer pecado (1 Jo 1.7).

14.26 *Seu peso (de cabelos) era de duzentos siclos*. Cerca de 2,7 kg. O corte de cabelo era feito uma vez por ano. Josefo informa que os judeus costumavam untar os cabelos com óleo e espargir nele ouro em pó, a fim de que flamejassem ao sol. Absalão, vaidoso como era, untava-se com freqüência, de modo que no fim do ano o seu cabelo podia possuir um peso respeitável.

14.27 Tudo indica que os *três filhos* de Absalão morreram antes do pai (18.18). A sua filha *Tamar* acrescenta a LXX "tornou-se a mulher de Roboão, filho de Salomão, e lhe deu um filho, Abias" (cf. Mt 1.7).

14.33 *O rei beijou a Absalão*. O beijo do rei, embora fosse somente cerimonial, representava o perdão e o beneplácito real.

15.1 Absalão, "Pai da paz". Existia uma lei de primogenitura (*bekhorah*, Dt 21.15-17) que

na vida de Davi era difícil de ser observada, por ser homem de muitas mulheres e de muitos filhos. O segundo filho; Quileabe (3.3), parece ter morrido; a única referência a ele, está em 1 Cr 3.1, onde é chamado de Daniel. O herdeiro natural seria Absalão, o terceiro filho. E este, formoso e insinuante, sabia o que queria. *Cinqüenta homens*. Heródoto conta que Pisístrato tornou-se tirano de Atenas, por aparecer na praça pública, todo ferido, e queixando-se da oposição como culpada. Os atenienses deram-lhe, então, uma escolta de cinqüenta homens, com os quais, se apossou da Acrópole e tornou-se o Senhor da cidade. Foi o que fez Absalão, com os cinqüenta moços, a sua disposição foi, conquistando grei aos poucos.

15.2 *À entrada da porta*. Era o lugar onde estavam sendo resolvidos os negócios do povo e pronunciados os juízos (Gn 19.1; Dt 21.19; 22.15; Rt 4.1).

15.6 *Furtava o coração dos homens de Israel*, mediante lisonja e falsidade. Pelo texto grego (LXX), isto levou quatro anos, ou cf. o texto hebraico (TM), quarenta anos (7).

15.9 *Hebrom* (ver 2.1), a antiga *Quiriate-Arba* (Js 15.13). Era a mais representativa das cidades e onde nascera Absalão (3.3).

15.12 *Aitofel, o gilonita*. Conselheiro de Davi (16.23; 1 Cr 27.33), passou para o lado de Absalão. Bate-Seba era a sua neta (11.3; 23.34) e ele não podia perdoar a Davi o crime de ter seduzido à mesma e de ter morto seu marido, Urias.

• **N. Hom. 15.14** *Fujamos*. "Foge... destes" (2 Tm 3.5). Às vezes, a vitória está na fuga. Davi fugiu da sua fortaleza (Jerusalém) com poucos a acompanharem-no. Ganhou, porém, tempo e com o tempo a guerra (18.6-8). Ló fugiu da opulência (Sodoma) e ganhou sua vida; José fugiu dos braços da mulher de Potifar e ganhou o mundo de então (Gn 39.12; 41.56-57); Moisés fugiu do conforto (Egito) e salvou o povo, de Israel da escravidão (Êx 2.15; 12.41; At 7.29, 35-36; Hb 11.23-29), os cristãos fugiram da segurança (Judéia) e salvaram suas vidas (Mc 13.14-18). Fugi da "impureza" (1 Co 6.18), da "idolatria" (1 Co 10.14), das "paixões carnis da mocidade", (2 Tm 2.22) e "salvai as vossas vidas" (Jr 48.6; 51.6).

15.18 Como sempre, a velha guarda dos geteus e mais alguns poucos, ficaram com Davi; os outros ficaram com Absalão, na oposição.

15.19 *Itai, o geteu*. Era um filisteu, grande general (18.2) e de comovente fidelidade a Davi.

15.23 *O caminho do deserto*. Era o caminho de Jerusalém a Jericó, através da ponta norte do deserto de Judá.

15.25 *Torna a levar a arca de Deus à cidade*. Os sacerdotes, Zadoque e Abiatar iam levando a arca do Senhor consigo para o exílio. Davi, porém, lhes ordenou que a levassem de volta. Medida de grande valor estratégico, pois com a arca voltariam também os sacerdotes amigos de Davi, os quais haviam de anotar e transmitir-lhe as notícias (35) oportunamente, mediante Aimaás e Jônatas (27), seus mensageiros secretos (36).

15.27 *Zadoque, o sacerdote... vidente*. Vidente, (*roê*) e não profeta (*nabi*), o que revela ser Zadoque e não Abiatar quem carregava o Urim e o Tumim, mediante o qual se "via" a resposta de Deus (ver 1 Sm 14.18).

15.30 *Cabeça coberta*. Sinal de lamentação (Et 6.12, Ez 24.17) e de arrependimento, porque descuidou dos negócios do Estado, da educação de seus filhos e muito se distraiu com mulheres e em derramar sangue inutilmente.

15.31,32 *O Senhor, peço-te que transtornes em loucura o conselho de Aitofel*. Oração de Davi, que fora feita no lugar onde se achava um altar a Deus (24.18). Parece que Davi parou aqui, justamente para orar. *Husai*, segundo a LXX, "grande amigo de Davi" (37), acaba de chegar em resposta a esta oração.

• **N. Hom. 15.32** "Junto ao altar" (Sl 41). Há anos, quando a peste matava milhares de pessoas; Davi levantou, às pressas, um altar provisório ao Senhor (pois o altar construído no deserto por Moisés achava-se em Gibeom, 1 Cr 21.29, no eira de Araúna o jebuseu (1 Cr 22.1; 2 Cr 3.1), no Monte Moriá, onde mais tarde o Templo seria construído. Também

para o Monte das Oliveiras corria Davi nas horas difíceis e adorava ao Senhor. Fato curioso. Os estrangeiros estavam com Davi enquanto grandes patrícios como Aitofel (16.23, 1 Cr 27.33; Sl 41.9), estavam com Absalão. Para esse lugar de encontro, Deus enviou a Davi a "espada" de Itai, o geteu; a "sabedoria" do idoso Husai, o arquita. Faltava, somente, a "paz" do terceiro estrangeiro, o grande Urias, o heteu; de fim tão triste e que tirou a paz da vida de Davi (12.9-11). Mas Davi, contrito e arrependido, suplica a Deus .que lhe conceda a paz na atuação do amigo Husai, que há de transtornar o conselho de Aitofel (17.5-14).

16.1 *Ziba, servo de Mefibosete.* Homem perspicaz e infiel (19.25-30), previu que Davi voltaria vitorioso, e tratou de assegurar o seu próprio futuro. Às custas de seu amo, levou os víveres de que Davi tanto necessitaria, em sua fuga.

16.4 *Teu é tudo que pertence a Mefibosete.* Davi precipita-se no seu julgamento e comete injustiça. Meses depois, descobriria a mentira de Ziba (19.24-39).

16.7,8 *Homem de sangue.* Simei refere-se à matança dos sete descendentes de Saul, mortos por gibeonitas (21.1-9).

• **N. Hom. 16.12** O Senhor olhará... O exílio, para Davi, foi uma bênção. Escreveu os salmos 3, 4, 27, 41, 55, 61, 62, 63, um tesouro espiritual e literário. Ainda aprendeu a: 1) Humilhar-se; "Sara a minha alma, porque pequei contra ti" (Sl 41.4); confessando os seus pecados, passou por um avivamento espiritual; 2) Confiar no Senhor somente; "Só ele é a minha rocha e a minha salvação (Sl 62.1-2); 3) Não se irar inutilmente; "Irai-vos e não pequeis" (Sl 4.4), o que Davi ainda não tinha aprendido em 2 Sm 14.24. A resposta para o tipo de ofensas de Simei (5-8) é "consultar o coração no travesseiro" (Sl 4.4); 4) Louvar a Deus no sofrimento; "Bendito seja o Senhor" (Sl 41.13); todos louvam a Deus na alegria e na fartura, mas quase nunca na penúria e no sofrimento; 5) Amar a casa do Senhor (Sl 27.4-6); 6) Deixar a vingança com o Senhor. "A ti, Senhor, pertence a graça: pois a cada um retribuís segundo as suas obras" (Sl 62.12).

16.14 *Ao Jordão.* Esta expressão falta tanto no texto hebraico (TM), como no texto grego (LXX); está, porém, num manuscrito grego, Targum de Lagarde. Julga-se que, ali, Davi compôs os salmos 3, 41 e 63, nos quais se reflete um profundo sentimento de confiança no Senhor.

16.18 Quando Husai fala com Absalão (em seu coração e mente), refere-se ao rei Davi e não a Absalão.

16.22 *Uma tenda no eirado.* O mesmo lugar de onde Davi avistou Bate-Seba, (11.2); e *ali, à vista de todo o Israel, ele coabitou com as concubinas de seu pai.* O que Davi fez oculto, Absalão fê-lo em público. De acordo com as leis da época, somente aos reis cabia o direito de possuir as mulheres de seu antecessor deposto, ou morto. Heródoto informa que Smerdis, tendo se apossado do trono da Pérsia depois da morte de Cambises, esposou as mulheres deste (Lib. III. 6.68). Pela lei mosaica, Absalão merecia a morte (Lv 20.11), e, é o que aconteceu logo depois (18.14, 15). Aitofel visou, com este ato, cortar qualquer possibilidade de reconciliação entre Absalão e Davi. Husai não consegue evitar a consumação dessa infâmia; isto porque, a profecia de Natã tinha que se cumprir (12.11, 12).

17.1 *Doze mil homens.* Seria número suficiente para acabar com a última resistência de Davi; e, daí por diante, Absalão ficaria rei incontestado de Israel; tanto por força de conquista como por direito civil, sendo herdeiro legal do trono. Eis o conselho do grande sábio, Aitofel.

17.3 *Farei voltar a ti todo o povo.* O texto grego (LXX) acrescenta: "como noiva que volta a seu noivo". Por aí se vê que Aitofel era profundo conhecedor da psicologia do povo.

17.8 *Não passará a noite com o povo.* Isto é, não dormirá esta noite.

17.14 O argumento de Husai é mais de efeito psicológico que prático. Mas Deus ouviu a oração de Davi (15.31) e confundiu o *bom conselho* (o conselho eficiente) de *Aitofel*. • **N. Hom.** "Deus confunde os que vão contra os seus escolhidos". 1) Confundiu o conselho de

Aitofel (1-4) contra Davi; 2) Confundiu as maldições de Balaão contra o povo de Israel (Nm 24.10); 3) Confunde os príncipes que se levantam contra o seu ungido (Sl 2.5). Nunca será confundido, porém, aquele que crê no Senhor Jesus Cristo (Rm 9.33, 10.11; Jl 2.32).

17.16 *Mandai avisar depressa a Davi.* Husai não sabe que conselho Absalão vai seguir; informa Davi a respeito, e aconselha o deslocamento do seu grupo.

17.17 *Rogel* ("Fonte de Rogel"). Fica na parte sudeste da cidade; conhecida como a Fonte da Virgem; a atual Fonte de Jó. *Uma criada lhes dava aviso.* Uma criada podia mover-se com mais facilidade, sem ser suspeita, como que indo à fonte e voltando carregando a água, transmitindo pelo caminho as mensagens. Davi possuía vários adeptos seus em Jerusalém: os dois sacerdotes com seus filhos, Husai, criadas, etc.

17.20 *Já passaram o vau das águas.* O texto hebraico é vago; lê-se: "já passaram o *mikal* (que é de significado obscuro)". Na LXX está: "Passaram, há pouco, as águas". Na Vulgata: "Passaram apressadamente depois de beberem um pouco d'água".

17.23 *Aitofel... se enforcou.* Sábio como era, compreendeu imediatamente que, dando tempo a Davi, a causa de Absalão estava perdida; e, para não sofrer o vexame de ser executado por Davi, preferiu suicidar-se. Embora a tradição hebraica condene o suicídio, ignora-se a sua exata posição no AT (1 Sm 31.5).

17.25 *Amasa.* Sobrinho de Davi e primo de Joabe. Provavelmente neto do rei Naás (1 Sm 11.1-2). A interpretação exata deste versículo é difícil, Para alguns rabinos, Naás é outro nome de Jessé, pai de Davi; para outros, Naás é o nome da mulher de Jessé; para outros mais, Naás foi o primeiro marido da mulher de Jessé. Abigail e Zerua seriam meias-irmãs do rei Davi (ver 1 Cr 2.16).

17.27 *Sobi, filho de Naás.* Irmão de Hanum (10.1) e neto do rei Naás de 1 Sm 11.1. *Maquir, filho de Amiel.* O antigo protetor de Mefibosete (9.4). *Barzilai* (19.31-39).

17.29 Os salmos 4, 61 e 62 são atribuídos a essa época da vida de Davi.

18.1 Nestas alturas, Davi já tem consigo um grande exército.

18.3 *O povo.* Ou o exército, pensava, como Aitofel (17.3), que o rei Davi era a única pessoa visada por Absalão, pelo que não devia se expor. *Pois tu vales por dez mil de nós* (1 Sm 18.7), este é o texto grego (LXX). No texto hebraico temos: "agora vales dez mil de nós". Como as palavras, "agora" (*'attah*) e "tu" (*'attah*) são parecidas, é provável que o escriba, ao copiá-las, tenha tomado uma pela outra.

18.5 *Deu ordem o rei a Joabe* para não matar Absalão. O rei, arrependido (16.12), amava agora a seu filho. Davi criou um império, mas não soube conquistar o amor de seus filhos; agora, conquista mais uma vitória e perde mais um filho.

18.6 *Bosque de Efraim,* onde Jefté matou quarenta e dois mil efraimitas (Jz 12.6).

18.8 *E o bosque... consumiu mais gente...* porque estes pereceram nos precipícios rochosos e nos pântanos traiçoeiros do bosque.

18.9 *Preso nele pela cabeça.* Para uns, Absalão foi preso pelos cabelos num galho; para outros, foi preso pela cabeça entre dois galhos.

18.13 *E tu mesmo te oporias,* ou "e tu mesma não me defenderias". Isto é, matando a Absalão, Joabe não o defenderia perante a rei.

18.14 *Estando ele ainda vivo.* Joabe não o matara de todo. Induz a seus moços que o matem, para que a culpa recaia sobre uma coletividade, a fim de que a culpa individual pudesse ser dissimulada.

• **N. Hom. 18.18** *Monumento de Absalão.* Tendo perdido a seus filhos, Absalão, a exemplo dos faraós, erigiu no vale dos reis, um monumento em sua própria memória; uma coluna de vaidade que falava de seus feitos. Mas depois outro monumento a Absalão, foi erigido no bosque de Efraim (17), uma coluna de vergonha que falava de sua traição. O pecado de Absalão foi quádruplo: matou a seu irmão Amnom (13.28-29; Êx 21.14); incitou o povo à rebeldia (15.6; Nm 16); declarou guerra a seu pai (16.15; 17.26; Lv 20.9); e adulterou com as concubinas do rei (16.22; Lv 20.11); Tudo isto, pela lei, merecia a morte.

18.24 *Entre as duas portas.* Uns interpretam como o trecho do muro entre as duas portas que controlavam os dois muros e era uma praça forte de guerra, o que é bem provável, visto que, nas horas difíceis, tanto Is-Bosete como Davi, procuram refúgio ali (28-10; 17.24).

18.25 *Se vem só, traz boas notícias.* Caso as notícias fossem más, muitos correriam, e cada um para o seu lado, procurando o escape.

18.29 *Vi um grande alvoroço.* Aimaás, filho do sacerdote Zadoque, entrega a sua mensagem de um modo suave, a não provocar choques emocionais.

18.32 *Sejam como aquele...* O etíope, talvez por ser estrangeiro, entrega a sua mensagem de um modo rude, que causou profundo impacto em Davi. Há mensageiros que entregam a sua mensagem com prazer sádico, alegrando-se com a dor alheia; outros, ao contrário, entregam-na com lágrimas nos olhos, procurando evitar o sofrimento vão. • **N. Hom.** "Tipos de mensageiros": 1) Construtivo. Aimaás, que entregou, a mensagem de um modo brando (28-29); 2) Destrutivo. O etíope, que entregou a mesma mensagem de um modo rude (31-33); 3) Vocacionado. Aimaás, que saiu por último e chegou primeiro (19-20, 22, 23); 4) Assalariado. O etíope, que saiu, primeiro e chegou por último (21-23).

18.33 *Meu filho Absalão.* No fundo, Davi compreende que o verdadeiro culpado é ele mesmo. Arrependido, chora amargamente pelo filho.

19.2 A vitória se tornou luto. Davi deixa-se vencer pela dor - procedimento tão diferente daquele de 12.22, 23.

19.6 *Amando tu os que te aborrecem e aborrecendo aos que te amam.* Joabe dá uma lição de moral a Davi. A superioridade política de Churchill sobre Lloyd George consistia no fato de que Churchill agradava a seus amigos e ignorava a oposição; enquanto Lloyd George agradava à oposição e se esquecia de seus amigos. Há pessoas que aproveitam o seu tempo nas oportunidades que surgem, enquanto outros há, que gastam o seu tempo nos problemas que nunca terminam. Aquelas vencem; estas sofrem.

19.7 *Nenhum homem ficará contigo esta noite.* O que mostra a autoridade de Joabe sobre o exército e sobre Davi. É por isso que Davi pensou em substituí-lo por Amasa (13, 14).

19.9 Israel discute o problema do rei e reconhece o valor e o direito de Davi, antes da tribo de Judá (43).

19.10 *Por que vos calais...* Refere-se aos anciãos de Israel que deviam providenciar (antes de Judá) o cerimonial da volta do rei Davi a Jerusalém. O texto grego (LXX) ainda acrescenta: "E o rei ficou ciente da opinião de Israel".

19.11 *Por que seríeis vós os últimos...* Davi, por meio dos sacerdotes Zadoque e Abiatar, incita os anciãos de Judá, a que não fossem os últimos a participar à nova introdução do rei em Jerusalém.

• **N. Hom.** **19.10-12** "Dever". 1) O que é justo deve ser feito sem demora (10-11; At 16.31); 2) Os sacerdotes têm a obrigação de expô-lo (11; Ez 33.7-9); 3) Os ancião têm dever de executá-lo (11; Jz 11.5; Nm 16-17).

19.13 *Amasa... comandante,* Foi um ato que agradou a todos (14), tanto a Israel como a Judá, em razão de Arnosa ser deveras estimado, enquanto Joabe era apenas temido.

19.20 *Pequei; por isso, sou o primeiro...* Simei pede perdão pelo que disse e fez ao rei (16.5-13). Era caudilho importante, chefe de mil homens (17). *Casa de José.* Nesta referência Simei incluía a sua própria tribo. A de Benjamim, por ser, Benjamim irmão de José (Gn 35.16-18), que por sua vez, era pai de Manassés e de Efraim (Gn 41.51-52). Assim, a casa de José representava três tribos: Benjamim, Manassés e Efraim (Nm 2.18-24).

18.22 *Para que, hoje, me sejais adversários?* A palavra ("adversário" em hebraico é *satan*, donde veio o nome de Satanás. Com isto, confirma-se a tensão oculta que havia entre Davi e os filhos de Zeruia (1 Sm 26.6; 2 Sm 17.25).

19.24 *Mefibosete... não tinha tratado dos pés, nem espontado a barba* (Ez 24.17); estado

que expressava a lealdade e amor ao rei ausente.

19.25 *Tendo ele chegado a Jerusalém.* Em hebraico, a palavra "Jerusalém" não leva nenhuma preposição, razão por que alguns traduzem esta frase por: "Quando Jerusalém (população da cidade) chegou a encontrar-se com o rei"; e outros por: "Tendo ele (Mefibosete) chegado de Jerusalém..." mudando a preposição a por *de*.

19.29 Davi não reparou a sua injusta sentença, de 16.4. Provavelmente, por ter apreciado os presentes tão oportunos que Ziba lhe trouxe naquela hora trágica (16.1, 2).

19.31 *Barzilai, o gileadita.* Um homem de rara beleza moral. Com 80 anos de idade, ainda revelava ser combativo (32), inteligente (35), atencioso (36) e amigo (37).

19.37 *Quimã.* Diz Josefo que era filho de Barzilai, o que parece estar de acordo com 1 Rs 2.7.

19.40 *Todo o povo de Judá e metade do povo de Israel...* Judá houve-se com parcialidade quando privou uma grande parte de Israel de tomar parte na recondução do rei a Jerusalém.

19.42 *Porventura comemos à custa do rei ou nos deu algum presente?* Davi não exercia o favoritismo para com os de Judá, como Saul o fazia em relação à tribo de Benjamim (1 Sm 22.7).

19.43 *Dez tantos temos no rei.* Lit. "dez mãos", referindo-se ao fato de que Israel era composto de dez tribos e Judá de duas. O rei era considerado propriedade do povo em termos proporcionais. *A palavra dos homens de Judá foi mais dura...* Isto é, deram uma resposta arrogante - um gesto apolítico - que logo provocou graves perturbações políticas para Davi (20.2). • **N. Hom.** "Palavras duras". A palavra dura suscita: 1) A ira (Pv 15.1), que vem tão facilmente e parece tão sem importância. Foi por causa da ira, entretanto, provocada pela rebeldia do povo no deserto, que Moisés não entrou na "terra prometida" (Sl 106.32; Nm 20.7-13); 2) A separação entre Israel e Judá (20.2). A mesma cena se repete pela "dura resposta" de Roboão; quando Israel se separa definitivamente de Judá (1 Rs 12.13, 16). Pela "dureza de coração" há separação entre esposos (Mc 10.5), entre irmãos (Gn 27.41-43) e entre povos (1 Rs 12.13, 16); 3) A guerra, o derramamento de sangue, é o resultado final das "duras palavras" (20.4, 7; 2 Cr 13.3).

20.1 *Homem de Belial, "homem indigno"* (1 Sm 1.16). Lutero diz que este era um dos grandes patifes da alta nobreza e que, no meio do povo, possuía admiradores.

20.2 *Então, todos os homens se separaram de Davi.* Esta a resposta de Israel às duras palavras de Judá (19.43).

20.5 *Amasa... demorou-se.* Não se sabe bem o motivo, mas tudo indica que foi por influência de Joabe que, deposto do comando, trabalhou então contra Amasa (19.13).

20.6 *E nos escape.* Em heb encontramos: "e nos arranque os olhos". Davi, igual a Aitofel (1 7.1, 2), sendo um grande estrategista, preparou uma "guerra relâmpago". Atacar inesperadamente a um inimigo não preparado e desguarnecido proporcionaria uma vitória rápida e certa.

20.8 *Pedra grande.* Rochedo isolado nas montanhas de Efraim. *Amasa veio perante eles.* Tendo recrutado o povo, juntou-se aos outros para assumir o comando geral.

20.9,10 *Joabe... lhe pegou a barba, para o beijar.* Fingindo submissão e amizade ao seu comandante e primo, Joabe mata-o, cometendo outra vez uma ação traiçoeira (3.27; 1 Rs 2.5).

20.12 Como o povo estava indeciso, se ficava ao lado de Amasa ferido, ou se seguia a Joabe, um partidário deste escondeu o corpo daquele numa moita e, assim, o povo, não vendo mais a Amasa, seguiu a Joabe.

20.15 *Abel-Bete-Macca.* Uma cidade antiga, do tempo da Era do Bronze (c. 1500 a.C.), mencionada nos anais de Tiglate-Pileser e de Totmés III. Conhecida ainda como Abel-Main (2 Cr 16.4).

20.16 *Mulher sábia.* Talvez fosse a governadora da cidade, uma segunda Débora (Jz 4.4-14). A cidade de Abel devia ser uma espécie de Atenas, onde vicejava a sabedoria. Daí o

provérbio: *peça-se um conselho em Abel* (18).

• **N. Hom. 20.18** "O conselho sábio", evita a guerra; (22; Ec 9.18), poupa o tempo (pois o tempo gasto era o tempo de parlamentar, 16-22); e economiza a despesa (pois a guerra, em si, custou apenas uma cabeça, 22).

20.10 *E uma mãe em Israel*. Refere-se, à, cidade de Abel, mãe em Israel. No texto, grego (LXX), se lê: "E tu procuras destruir uma cidade, metrópole em Israel".

20.22 *Cortaram a cabeça de Seba*. O conselho sábio da mulher resultou na troca da cabeça de um só, pela vida de muitos (Jo 11.49, 50).

20.23 *Joabe* reconquista o seu posto de general supremo. das tropas, mesmo contra a vontade de Davi.

20.24 *Cronista*, recolhia e anotava os eventos históricos do povo.

20.25 *Escrivão*, ministro que cuidava das finanças e dos direitos do Estado.

20.26 *Ministro (coen, sacerdote)*, conselheiros uma espécie de coordenador do Estado (8.16-18).

21.1 Os capítulos 21 a 24 são uma espécie de apêndice ao livro de Samuel; compõe-se de eventos históricos e complementos poéticos, cuja ordem cronológica é irregular. O trecho de 21.1-14, por exemplo, deve ser colocado, cronologicamente, antes do capítulo 9. *Uma fome de três anos...* Uma fome que é mencionada somente neste lugar. *Culpa de sangue*. O pecado era sempre vingado, senão na própria pessoa, então na sua descendência (Êx 20.5).

21.2 *Os gibeonitas...resto dos amorreus*. Os gibeonitas eram heveus e não amorreus (Js 11.19). O nome amorreu era dado genericamente a todo antigo habitante de Canaã (Gn 15.16; Am 2.9).

21.6 *Nos dêem sete homens, para que as enforcemos*. Este castigo (heb *yaka*); era previsto somente para os apóstatas (Nm 25.4) e não se aplicava, propriamente, aos descendentes de Saul. Mas os gibeonitas; gente manhosa, já haviam enganado Israel uma vez (Js 9.3-15); e não é de estranhar que; aproveitando-se das circunstâncias a seu favor, repetissem a façanha. Se Davi tivesse consultado somente, a Deus e não aos gibeonitas (3, 4), provavelmente a resposta seria outra.

21.10 *Desde o princípio da ceifa*, que se dava nos meses de abril e maio. *Até que sobre eles caísse a água do céu*, mais ou menos no mês de outubro. Durante, todo esse tempo, Rispa guardava os corpos, ou melhor, os ossos de seus filhos. O caso de Rispa é um dos mais dramáticos exemplos de amor materno na literatura universal.

21.12-14 Davi presta a última homenagem à família de Saul, inumando os seus corpos condignamente na sepultura de Quis, jazigo da família em Gibeá (1 Sm 10.26).

21.15-22 Esta crônica é colocada, por alguns, depois do cap. 5, e por outros, depois do cap. 12.

21.16 *Trezentos siclos*. Cerca de 4 kg.

21.17 *Lâmpada de Israel*. Refere-se à Glória de, Israel e aos herdeiros do trono de Davi (ver 14.7).

21.19 *Oregim*, aparece duas vezes no versículo, sendo que a segunda é traduzida por "tecelão". Caso a primeira palavra não seja supérflua, como pensam alguns (por não estar em 1 Cr 20.5), deve ser traduzida, também, igual à segunda, por "tecelão". *E Elanã... o belemita feriu Golias*. Em 1 Sm 17.50, 51 diz-se que Davi matou Golias; e em 1 Cr 20.5 lemos: "E Elanã; filho de Jair, feriu a Lami, irmão de Golias..." Pergunta-se: Onde está a verdade? Estudando-se os textos, verifica-se que a passagem de 1 Cr 20.5, refere-se ao mesmo evento de 2 Sm 21.19. Comparando-se os textos hebraicos entre si, nota-se uma grande semelhança entre a escrita de 1 Cr 20.5, *Ath-Laemi ahi* (*ath*, partícula intraduzível do objeto direto *Laemi*, "Lami", e *ahi*, "irmão de...") com a de 2 Sm 21.19, *Beth, Laemi ath* (*beth Laemi*, "belemita", e *ath*, sinal de obj. dir.). Isso nos leva à conclusão de que houve uma alteração de letras nas palavras *beth* e *ath*, que, corrigidas em 2 Sm 21.19, nos dão o *ath* (partícula do obj. dir.) em lugar de *beth* (na palavra inicial), e, *ahi* ("irmão de") em

lugar de *ath* (na palavra final). Assim, restauradas as palavras, lemos: "E Elanã, filho de (Jair ou) Jaaré-tecelão feriu a Lami, irmão de Golias..."

22.1 O cap. 22 situa-se, historicamente, no tempo de 7.1, ou talvez um pouco depois da promessa messiânica de Natã a Davi (comp. v. 51 com 7.16). É um cântico de ação de graças que, mais tarde, levemente alterado e a fim de servir ao culto público, entrou no Saltério como salmo 18.

22.2 *Disse*. O cântico está escrito num estilo de 3/2 e 3/3, de natureza sinonímica e com realces antitéticos (27, 28). Considere-se que a poesia hebraica não pode ser interpretada nem traduzida linha por linha, senão em conexão com outra linha, em geral com a segunda, quando o paralelismo é simples. Por exemplo a primeira linha de v. 2: *O Senhor é a minha rocha*, é inseparável da Segunda: *A minha cidadela, o meu Libertador*, que é o mesmo pensamento, apenas expresso em outros termos, às vezes um pouco ampliado. Por sinal, os verbos deste canto são traduzidos bem intuitivamente. Há verbos que deveriam ir para o imperfeito mas vão para o presente (4, 30) ou para o perfeito (21), etc. Acontece porém, que o tradutor nem sempre pode se valer das secas leis gramaticais, quando existem outras leis, filológicas e poéticas, cuja natureza proporciona uma tradução mais liberal e de critério mais objetivo.

22.8 *A terra se abalou*. Para uns, é a figura poética referindo-se à maravilhosa providência de Deus na vida de Seu povo (Jz 5.4-32); para outros, refere-se à guerra com os siros (8.5).

22.9 *Fumaça*. Seu sinônimo, *fogo devorador*, está na segunda linha, e refere-se à ira de Deus.

22.11 *Querubim*. Anjo de feitio especial (1 Sm 4.4; Ez 1.5-14 e cap. 10).

22.16 Alguns vêem neste versículo a travessia do Mar Vermelho, sob a direção de Moisés.

22.19 Referência a uma provável perseguição de Saul.

22.21 Alguns traduzem os dois verbos no futuro, "retribuir-me-á" e "recompensar-me-á" (gramaticalmente certo).

22.29 *Tu... és a minha lâmpada*. O sinônimo de lâmpada é o *Senhor*, na segunda linha.

• **N. Hom. 22.30** "Com Deus não há impossíveis". Não havia cidade fortificada que Davi não conquistasse, nem outro qualquer obstáculo que não superasse (7.8-9). Feriu a um leão e um urso (1 Sm 17.34-35). Matou Golias (1 Sm 17.41-56). Venceu os jebuseus e conquistou a Jerusalém (5.6-10). Venceu a Amom e conquistou Rabá (12.29). Subjugou a Moabe (8.2), ao rei de Zobá (8.3) os siros (8.6) e os edomitas, conquista que lhe deu renome (8.13). Mas tudo isso era insignificante diante da vitória que conseguiu: 1) quando confessou o seu pecado e pediu um coração novo (SI 51); 2) quando venceu o seu orgulho e foi transformado em um novo ser (salmos 6, 32, 38, 102); 3) quando Deus o presenteou com a Sua maravilhosa promessa de ligá-lo à linhagem de Cristo (7.12-16).

22.34-50 Com o auxílio de Deus, Rocha poderosa e segura, Davi cantava vitórias, Deus adestrou-lhe as mãos para o combate (35); derrotou os inimigos (38); esmagou-os como a lama das ruas (43); livrou-o da traição interna e tornou-o cabeça das nações (44). Bendiz a Rocha da Salvação (47), cujo nome será celebrado entre as nações (50).

22.51 O cântico desfecha-se com a mensagem messiânica referindo-se à profecia de Natã (7.12-16). • **N. Hom.** "O cuidado de Deus". Deus cuida de seus escolhidos: 1) Com Deus, há somente vitórias (51a); os próprios males se tornam em bem (Rm 8.17; 2 Co 12.10; ver N. Hom. 22.30); 2) A bondade de Deus manifesta-se no seu amor para com os Seus escolhidos (51b), ainda que, às vezes, de sabor amargo (Rm 8.18-39); 3) O cuidado de Deus para com Seus escolhidos não muda (51c; MI 3.6), embora tudo mude (SI 46.2) e o homem falhe (SI 41.4; Mt 3.7; Jr 31.33-34).

23.1-7 As últimas palavras de Davi, registradas neste salmo são parecidas com a última bênção de Jacó (Gn 49). Numa visão geral inspirada, revela uma mensagem messiânica completa, coroando assim a sua vida de maior poeta do AT, e o maior no gênero, na

literatura universal.

23.1 *Palavra* de um homem exaltado e salvo por Deus. Em heb, o termo "palavra" (*neum*) expressa "inspiração" e, particularmente, mensagens proféticas, inclusive as de Balaão (Nm 24.3, 4, 15, 16) e as de Agur (Pv 30.1, "Oráculos de Agur").

23.2 O Espírito Santo assiste ao homem e ensina-lhe o que deve falar (Mt 10.20; Jo 14.26).

23.2 Jesus Cristo, a Rocha, domina com justiça e temor.

23.4 Graça e chuvas de bênçãos não faltarão aos salvos.

23.5 A casa de Deus, aqui, refere-se a Cristo e Sua Igreja; que são perpétuos (7.9-16).

23.6,7 Os ímpios (2 Sm 1.16) perecerão (Mt 3.10; 13.30, 40-42). O texto destes dois versículos é um tanto obscuro. O fato explica-se pelo motivo de que os homens tentam melhorar, *a priori*, (com suas corrigendas) as profecias escatológicas que realmente são claras e preciosas e serão entendidas, completamente, no tempo oportuno, especialmente as profecias que se referem à pessoa de Jesus Cristo.

23.8 O texto hebraico deste versículo é obscuro. Não há somente o problema dos nomes próprios, que por alguns são traduzidos literalmente; há, também, o problema da frase, *adino haetseni* que alguns traduzem arbitrariamente por "*brandiu a sua lança*". A mesma frase, na Vulgata (texto latino), é traduzida por "pequeno verme da madeira"; e na LXX (texto grego), "por "Adino, o Asonato" (nome próprio). Na LXX, este versículo está: "Estes são os poderosos de Davi: Ieboste, o cananeu, chefe dos três, Adino, o Asonato, este desembainhou a espada contra os "oitocentos, matando-os de vez". *Josabe-Bassebete*. Parece que o nome mais certo seria o de 1 Cr 11.11, "Jasobeão, hacmonita", que se juntou a Davi em Ziclague (1 Cr 12.1, 6). *Principal de três*. Os valentes de Davi se dividiam em três grupos. Tanto o primeiro grupo (8.12) como o segundo (chefes dos trinta, 13-23) era composto de três pessoas cada, e o terceiro (24-39) era de trinta. Na lista de Crônicas (1 Cr 11.10-46) há quarenta e sete pessoas. Provavelmente, o grupo começou com o número de trinta e cresceu paulatinamente. Era composto de parentes de Davi, heteus, amonitas, moabitas, siros de Zobá, cananeus, etíopes e gibeonitas. O relato de 23.8-39 é a continuação do cap. 21.22.

23.9 *Eleazar*. É do tempo em que Davi matou Golias (1 Sm 17).

23.11 *Samá*. Atribui-se que seria companheiro de Eleazar.

23.13 *Três... dos trinta*. Na texto hebraico está, "trinta dos trinta", enquanto na LXX (1 Cr 11.15) está, "três dos trinta", que é o texto correto.

23.14 *Fortaleza*. Refere-se a fortaleza de Adulão (1 Sm 22.1).

23.17 *Lá foram com perigo de sua vida*. A água do poço de Belém ficava distante cerca de 30 km.

• **N. Hom. 23.15-17** "Amigos fiéis": 1) Davi foi um amigo fiel (1 Sm 18.1-8; 20; 23.15-18; 2 Sm 9); 2) Por isso teve amigos fiéis (16); 3) Amigos fiéis dão a vida pelos amigos (17; Jo 15.13-15).

23.20 *Benaia* (8.18; 20.23), filho do sacerdote Joiada (1 Cr 27.5 e 12.27), mais tarde constituído supremo general do exército (1 Rs 2.35). *Dois heróis de Moabe*. Diz a LXX: "Dois filhos de Ariel e Moabe". Ariel significa "leão" e é sinônimo de herói.

23.39 *Ao todo trinta e sete*. Os seis, dos dois primeiros grupos, mais os trinta do último grupo, e mais o chefe geral (omisso aqui), provavelmente Amasa (17.25; 1 Cr 12.18, 38) morto por Joabe (20.10), pois, Joabe então já era rejeitado. O terceiro do segundo grupo também é omisso; julga-se que seria Aitofel, guerreiro valente (17.1) e conselheiro de Davi (1 Cr 27.33; 2 Sm 15.12 e 17.23).

24.1 O episódio do cap. 24 é colocado antes do cap. 9: alguns, de acordo com 1 Cr 20.1-8, o colocam depois da conquista de Rabá (11.1). *Tornou...* refere-se à fome do cap. 21.1-14. *A ira do Senhor...* incitou a Davi. Em 1 Cr 21.1 lemos: "Então Satanás (heb *satan*, "adversário") se levantou contra Israel e incitou a Davi". As duas expressões (idiotismos hebraicos) correspondem à frase: "Davi foi tentado". O *censo* regia-se por cláusulas

especiais da lei (Êx 30.12-15; Nm 1.2-4, 47-49). Não podiam ser contados os levitas, as mulheres e pessoas menores de vinte anos; e quando o censo era comum, se orientava somente pelo motivo de resgate, uma espécie de imposto per capita (religioso), para a causa do Senhor. • **N. Hom.** Contas humanas. 1) Davi contava exércitos; 2) Certos "pregadores" contam as conversões; 3) : Certos "crentes" contam as suas boas obras (Lc 18.11-13); 4) Paulo, porém, contava suas "fraquezas" (2 Co 11.1-12.10).

24.9 *Havia em Israel oitocentos mil homens de guerra... e em Judá quinhentos mil.* Isto mostra que o propósito de Davi era mais militar que religioso. A ordem de Deus foi quebrada e veio o castigo. Os dados do mesmo evento, em Crônicas (1 Cr 21.5), entretanto, são diferentes. O fato explica-se, em parte pela falha dos copistas, e em parte por uma confusão de letras hebraicas que representariam números e que seriam semelhantes entre si, quanto à forma (13).

24.13 *Sete anos de fome.* Em 1 Cr 21.12 se lê: "Três anos de fome"; e assim está na LXX. "Três anos", parece ser o texto mais correto. As letras hebraicas, *zain* e *vav*, que correspondem aos números 7 e 3, respectivamente, são parecidas entre si quanto à forma e por isso mesmo, facilmente confundidas.

24.14 *Davi escolheu a peste.* Dos dois outros castigos, Davi podia se livrar pessoalmente. Escolheu, porém, a peste, da qual ele mesmo não podia se livrar, para sofrer junto com o povo, o que mostra o seu arrependimento.

24.15 *Até o tempo que determinou.* Tempo que não se refere ao fim dos três dias, mas sim, às 15 horas do primeiro dia, que era a hora da oração (At 3.1; 10.3).

24.16 *O Anjo do Senhor.* Neste caso, sinônimo de peste - o mal enviado (15) - que ceifava as vidas. *Arrependeu-se o Senho:* é um antropopatismo (ver 1 Sm 15.11). O arrependimento do Senhor significava que o Senhor "deixou de fazer o que estava fazendo", não andava mais ao lado do homem (mas Davi voltou a andar com Deus, e isso fez cessar a causa que provocou a peste). Houve mudança, não em Deus, mas no homem.

24.18 *Um altar na eira de Araúna.* Vendo a peste aproximar-se de Jerusalém, Davi aprofunda o seu arrependimento, e diante da palavra de Gade, levanta, às pressas, um altar ao Senhor, porque o altar que Moisés fizera, estava em Gibeom (1 Cr 21.29); em Jerusalém estava, numa instalação provisória, apenas a arca do Senhor (6.12-19).

24.24 *Não oferecerei... holocaustos que não me custem nada.* A oferta de Davi foi de grande valor, e não uma esmola qualquer. Comprou a eira por "600 siclos de ouro" (1 Cr 21.25) e pelos bois pagou 50 siclos de prata. (Ao todo no câmbio atual de 1974, cerca de 70.000,00). Mais tarde, Salomão construiu um templo no valor entre trinta a cinquenta bilhões de cruzeiros (no Monte Moriá, onde também Abraão ofereceu o seu filho Isaque em holocausto a Deus).

• **N. Hom. 24.24,25** "Dar sempre o melhor". 1) Davi não deu esmolas nem sobras; deu uma fortuna; 2) Abraão deu o seu filho único, e Deus o abençoou (Gn 22.2-8); 3) Deus deu o seu Filho unigênito para salvar o mundo (Jo 3.16). Os salvos do Senhor, porém, às vezes no dão nem o dízimo, e por isso sofrem tantos revezes (Mt 3.6-10; Lv 27.30-32).

O Primeiro Livro dos Reis

Análise

O alvo desses livros em parte alguma é claramente afirmado. Mas até mesmo uma leitura casual deixa claro que o escritor tinha em vista demonstrar o fato que, embora Israel estivesse em relação de aliança com Deus, a maioria dos seus reis rejeitaram e ultrajaram as obrigações do pacto.

Tanto os reis de Judá como os de Israel são passados em revista e, até onde é viável, são tratados contemporaneamente. O valor de cada rei é determinado mediante uma comparação com dois dos reis anteriores: o rei Davi, que se teve apegado firmemente à

aliança, e o rei Jeroboão, de Israel, que abandonou o pacto. Assim sendo, a comparação mostra se desempenado rei "andou nos caminhos de Davi, seu pai" ou se "andou nos caminhos de Jeroboão, filho de Nebate".

É evidente que o escritor de Reis descobriu que, nessa base, bem poucos dos reis de Israel ou Judá observaram à aliança com Deus. Exceções notáveis foram Asa (1 Rs 15), Josafá (1 Rs 22), Ezequias (2 Rs 18-20) e Josias (2 Rs 22-23), e até esses tiveram alguns defeitos.

Davi percebeu o ideal mais claramente do que qualquer dos outros. O conselho final que deu a seu filho, Salomão, é que ele deveria guardar, os mandamentos de Deus (1 Rs 2.3). Exclusivamente disso dependia a esperança de prosperidade e paz. Desviar-se desse caminho era arriscar-se ao juízo divino.

A lealdade ao pacto com Deus era uma exigência antiga em Israel. Derivava-se de Abraão, mas encontrou expressão nacional no tempo do Êxodo, quando Israel, recentemente libertado do Egito, esteve no monte Sinai e entrou em um solene pacto com Deus (Êx 19.5; 24.3-8). Dali por diante Israel seria o próprio povo de Deus, separado das nações, obediente aos Seus Mandamentos e leal a Ele. Os israelitas foram proibidos de entrar em alianças com outras nações ou com outros deuses. A aderência à aliança com Deus resultaria numa bênção; o desviar-se da mesma resultaria em maldição e julgamento. Esses princípios são claramente postos em vigor em 2 Rs 17.23.

O escritor traça a história dos reis de Israel desde Salomão até o último dos reis de Judá. De modo franco e honesto, registra a triste história da rejeição ao pacto pela maioria dos governantes. O colapso final de Israel, perante a Assíria (2 Rs 17), e de Judá, perante a Babilônia (2 Rs 25), foi uma demonstração da verdade do princípio que sublinha o livro, e não aconteceu como uma surpresa para indivíduos dotados de discernimento espiritual.

Em dias posteriores, os dois livros de Reis permaneceram como uma advertência para o remanescente do povo de Deus, e assim proviam uma lição prática sobre a verdade que a rejeição ao pacto com Deus, sendo um ato pecaminoso e rebelde, só pode trazer como resultado o juízo divino.

Autor

O autor dos livros de Reis é desconhecido. Ele teve aceso a registros escritos tais como o "livro da história de Salomão" (1 Rs 11.41), ou o "livro da história dos reis de Israel" (1 Rs 14.19, e noutros lugares), ou ainda como o "livro da história dos reis de Judá" (1 Rs 14.29, e outros lugares), que provavelmente eram anais oficiais. É possível que ele também tenha usado compilações mais antigas, possivelmente preparadas por algum dos profetas.

O compilador final deve Ter vivido depois da queda de Judá em 586 a.C., pois registrou o livramento de Joaquim; em cerca de 560 a.C. (2 Rs 25.27-30).

Pelo interesse que o autor demonstrou na aliança, podemos especular que ele teria sido um profeta, mais ou menos contemporâneo de Jeremias, e que escreveu na primeira metade do século sexto a.C.

Esboço

O REINADO DE SALOMÃO, 1.1-11.43

A Morte de Davi e a Unção de Salomão, 1.1-2.11

Salomão Elimina seus Oponentes, 2.12-46

Salomão Ora Pedindo Sabedoria; sua Primeira Sábia Decisão, 3.1-28

A Administração do Reino, 4.1-34

Planejamento e Ereção do Templo, 5.1-7.51

A Dedicção do Templo, Promessa de Deus a Salomão, 8.1-9.9

Comércio e Programa das Edificações de Salomão, 9,10-28; 10-14-29

A Visita da Rainha de Sabá, 10.1-13

Fim do Reinado de Salomão, 11.1-43
O REINO DIVIDIDO, 1 Reis 12.1- 2 Reis 17.41
Primeiro Período de Antagonismo entre Judá e Israel, 12.1-16.28
Revolta de Jeroboão I. A primeira Dinastia de Israel, 12.1-14.20
Reoboão, de Judá, 14.21-31
Abias e Asa, de Judá, 15.1-24
Nadabe, de Israel, Filho de Jeroboão I, 15.25-32
Baasa e Elá, Segunda Dinastia de Israel, 15.33-16.14
Zinri, Único Rei da Terceira Dinastia de Israel, 16.15-22
Onri, de Israel, Fundador da Quarta Dinastia, 16.23-28
Período da Amizade entre Judá e Israel, 16.29 - 2 Rs 9.37
Acabe, de Israel, Segundo Rei da Quarta Dinastia, 16.29-22.40
Josafá, de Judá, 22.41-50
Acazias de Israel, Terceiro Rei da Quarta Dinastia, 22.51-53

1.2 A moça havia de ser criada de confiança, e, além disso, teria de transmitir ao velho rei o calor da juventude, mas não era considerada como uma esposa, veja v. 4 e 2.17.

1.5 *Adonias*. O quarto filho de Davi (2 Sm 3.3-4). Amnom e Absalão morreram (2 Sm 13.28, 29; 18.14) e já que Quileabe não aparece mais na narrativa bíblica, depois do registro do seu nascimento, não devemos duvidar que Adonias se considerava herdeiro (2.15).

• **N. Hom. 1.6** *jamais seu pai o contrariou*. As conseqüências da fraqueza dos pais em disciplinar seus filhos não tardam em aparecer. Quatro exemplos disso: Eli, 1 Sm 3.13; Samuel, 1 Sm 8.3; Davi, e Acabe, 1 Rs 22.52-54. A fraqueza de Eli neste pormenor causou a destruição de sua inteira descendência. Não se descrevem, exatamente, as falhas de Samuel como pai, mas o mau comportamento de seus filhos era uma razão suficiente para os líderes de Israel escolherem o caminho desastroso, preferindo serem regidos por um rei, e não por um profeta de Deus. Embora Davi tivesse uma vida exemplar, não soube disciplinar seus filhos, de modo que, quando um deles, Amnom, praticou o incesto, outro, Absalão, o assassinou. Acabe foi um rei totalmente mau, cujo exemplo pecaminoso corrompeu a seu filho Acazias, o qual arrastou Israel às profundezas do pecado.

1.7 *Joabe*. Um dos personagens mais exóticos e mais paradoxais do Antigo Testamento. Embora fosse primo de Davi (1 Cr 2.15-16), foi o seu próprio valor que o fez merecedor da posição de general dos exércitos de Davi. Normalmente era, leal a Davi, apesar de ser, às vezes, um homem traiçoeiro e cruel.

1.11 *Natã*. Note-se a lealdade deste mesmo profeta que fora tão corajoso em repreender a Davi pelo seu duplo pecado contra Urias (2 Sm 12.1-15). Ser franco, comovendo alguém a abandonar o pecado, é devotar-lhe a melhor amizade (Pv 27.5-6).

1.19 *Imolou*. Trata-se de uma festa religiosa para celebrar a coroação. O lugar escolhido era um santuário que tinha uma fonte sagrada, a fonte de Rogel. As forças armadas, a família real e a organização religiosa estavam todas ali, representadas.

1.21 *Seremos tidos por culpados*, No mundo inteiro a política tem tratado todos os rivais vencidos como a criminosos, eliminando os que poderiam ter pretensões, ao poderio cívico.

1.24 *Acaso disseste*. Natã age como quem está pedindo informações respeitadas. Não tendo uma mensagem específica a entregar, da parte de Deus, mostra-se cortês e prudente.

1.27 *Não fizeste saber*. Dentro do respeito e da cortesia, há, aqui, um pouco de estranheza da parte de Natã, pois houvera atividades cívicas, as quais, os fiéis conselheiros do rei não haviam sido convidados, e uma suave indagação sobre as intenções prévias do rei, nas quais Salomão constava como herdeiro.

1.28 Chamai-me. A chegada do profeta, pomposamente anunciada (23) seria o sinal para a retirada da esposa do rei conforme o costume oriental. Agora Davi a chamava de volta para que participe da decisão solene e pública em favor do seu filho.

1.31 Viva o rei. Esta saudação era tão automática, que até na hora de fazerem-se os preparativos para a morte dele, foi empregada. Quantas vezes falta sinceridade em nossas saudações diárias.

1.32 Zadoque... Natã... Benaia. O rei está convocando um tipo de quorum suficiente para a coroação oficial: o sacerdócio, o ministério profético e o exercito. O ato, indiretamente, inclui a deposição do sacerdote do general que apoiavam a Adonias, como logo se vera.

1.33 Giom. Uma fonte bem perto de Jerusalém, provavelmente a fonte da Virgem no vale do Cedrom.

1.35 Ordenei. A coroação de Salomão era legítima pela ordem do monarca reinante; pela unção, através das mãos dos líderes religiosos (34), que era símbolo do *favor divino*, o qual também se manifestara claramente desde o nascimento de Salomão (2 Sm 12.24-25); pelo *poder* da guarda real (38); e pela *aclamação* do povo (39).

1.39 Viva o rei Salomão. Os primeiros onze capítulos de 1 Rs descrevem o glorioso reino de Salomão. Este grande monarca era, ao mesmo tempo, sábio, negociante e imperador, não obstante possuir um exército considerável, para proteger as fronteiras nacionais. O exército nunca entrou em ação, por causa das alianças amistosas que Salomão fazia com os vizinhos de Israel, alianças condicionadas por casamentos que, eventualmente, levaram o rei à prática de pecados que provocaram tremenda rebelião do povo contra a pessoa dá seu herdeiro Roboão (11.1-13).

1.47 Estes últimos pormenores formam parte da narrativa, pois o relator deste acontecimento registra apenas as ordens proferidas pelo rei Davi (33-35) As palavras e a testemunho ocular de Jônatas são razão suficiente para não se perder tempo com mais descrições, ou seja, o desenrolar dos fatos, e as próprias personagens participantes se encarregam de bem o esclarecer.

1.50 Pegou nas pontas do altar. O costume de se agarrar às pontas do altar verifica-se somente neste versículo e no v. 28 do capítulo seguinte. Mas a lógica do ato é cristalina. As pontas (heb "chifres") serviam para atar o animal a se imolar, que era oferta pelos pecados dos homens. Assim também o crente apega-se à Cruz, confiando que o sacrifício de Cristo é a sua garantia da misericórdia de Deus, garantia esta que Jesus lhe deu à custa de Seu próprio sangue. Depois de rejeitar ao ungido de Deus, a gesto de Adonias não era sinal de verdadeiro arrependimento (2.21), e por isso Salomão não levou a sério o seu gesto de pedir a misericórdia divina, pois era um abuso da religião (2.25).

1.52 Se for homem de bem. A idéia do asilo religioso era para a proteção dos que estavam sendo perseguidos por crimes que não haviam sido cometidos deliberadamente (Êx 21.13), mas, se houvesse cometido crime de traição premeditado, "tirá-lo-ás até mesmo do meu altar, para, que morra" (Êx 21.14).

• **N. Hom. 2.2-4** O Caminho da Verdadeira Prosperidade. Comparando-se esta passagem bíblica com Js 1.8-9 e com Sl 1.2-3, fica claramente entendido que a plenitude da verdadeira prosperidade da vida se reserva aos que lêem a Palavra de Deus, que a estudam num espírito de fé, é obedecem aos princípios dela emanados.

2.5 Devemos ler com atenção as referências bíblicas aos nomes de Abner e Amasa para tomar conhecimento de como Joabe foi um covarde assassino dos seus concorrentes à posição de comandante do exército. Vingou o sangue. Quando Abner era comandante dos exércitos do filho de Saul, matou, em combate livre, ao irmão de Joabe.

2.9 És homem prudente. Salomão teria de apelar para a sua sabedoria, a fim de avaliar a aparente lealdade e obediência daquele que, em tempos difíceis, mostrara-se tão inimigo da família real, e afastar o perigo de um traidor em potencial. Davi podia, como homem experimentado, usar de generosidade para com seus inimigos, mas não quis que o jovem herdeiro recebesse, como herança, súditos rebeldes.

2.10 Cidade de Davi. É Jerusalém (2 Sm 5.6-7).

2.11 Quarenta anos. Este foi o período do reinado de Saul (At 13.21) e também o de Salomão (1 Rs 11.42).

2.15 Bem sabes. Uma tentativa de mostrar que Bate-Seba lhe devia um favor. Até certo ponto, tinha algum direito ao trono, mas veja a nota de 1.35 sobre os direitos de Salomão. *Do Senhor.* Ou Adonias se curvou perante a vontade de Deus, que tem poder para dar o poderio cívico para quem quiser (Dn 4.32), ou estava fazendo uma declaração hipócrita ao afirmar que aceitava Salomão como rei legítimo, para poder amotinar-se contra ele sem embaraços.

2.17 Não to recusará. Assim como Bate-Seba se prostrava perante o rei Davi, seu marido (1.16), assim também Salomão se inclinava a ela como mãe (19). Se ela tinha poder para influenciar a Davi, era claro que também Salomão não se lhe oporia à vontade.

2.22 Por que pedes Abisague. Salomão compreende que este pedido nada tem a ver com os encantos da sunamita, mas sim é parte do plano de Adonias e seus amigos, para dar ao público a impressão de ser ele, Adonias, a verdadeiro rei, herdeiro, filho de quem se poderia considerar esposa do rei falecido. Compreende a necessidade imperiosa de destruir a qualquer trama contra o trono, pelo que, manda ao novo comandante do exército, executar ao criminoso. Dai, toma medidas para executar a Joabe e Simei, e expulsar ao sacerdote Abiatar.

2.26 Vai para Anatote. Esta cidade pertencia aos levitas (Js 21.18). Entre os profetas que de lá surgiram, figura Jeremias (Jr 1.1). O rei é sábio demais para derramar sangue sacerdotal.

2.27 A casa de Eli. Abiatar era o único descendente da família do sacerdote Eli, que escapou das mãos do rei Saul quando matou os sacerdotes (1 Sm 22.20). A profecia era que todo descendente de Eli ou seria afastado do sacerdócio, ou morreria na flor da idade (1 Sm 2.33).

2.30 Sai daí. Benaia, respeitava a santidade do tabernáculo, a lei de asilo de Êx 21.13. Voltou para o rei, que lhe autorizou a aplicar a lei de Êx 21.14, que diz respeito aos assassinos.

2.33 Paz para todo o sempre. Salomão não quis que os dois mencionados em v. 32 ficassem por conta da família real. • **N. Hom.** Joabe era o homem que venceu em todas as batalhas, a não ser a batalha contra sua própria pessoa. Vítima de ciúmes violentos, assassinou dois homens melhores de que ele, perdendo assim esta luta, por causa de seu próprio espírito maldoso. A Bíblia nos acautela contra pecados espirituais, tais como, a ira, os ciúmes, o ódio, etc. (Pv 16.32; Ef 4.31; 2 Co 7.1).

2.34 Foi sepultado em sua casa, no deserto. A norma israelita para o enterro era um túmulo dentro da propriedade da família, não obstante existir um terreno perto de Jerusalém para se enterrar aos pobres. A casa de Joabe ficava próxima a Belém.

2.35 O ato de nomear o sacerdote criara o precedente perigoso de submeter a autoridade religiosa à autoridade do rei.

2.38 Simei. O Antigo Testamento registra 19 homens com este nome. Aqui temos um membro da tribo de Benjamim, um parente de, Saul (2 Sm 16.5). Era um homem de riqueza e poder (36 e 39). A história de como tratou ao rei Davi, quando este fugia do filho Absalão e como pediu perdão quando Davi voltou vitorioso, é narrada em 2 Sm 16.5-13 e 19.16-23.

2.40 Gate. Era uma das cinco capitais dos filisteus, a moradia do gigante Golias, que fora vencido por Davi (1 Sm 17.49). Ainda não foram descobertos os restos daquela cidade.

2.44 A maldade. Um. exame cuidadoso das passagens bíblicas que descrevem as atividades de Simei, leva-nos a pensar que seu arrependimento não foi sincero, e que ainda faria uso da primeira oportunidade, para trair a Salomão, cujo reino ainda não poderia, ser considerado firme, em vista da presença de tais elementos.

2.46 Firmou o reino, Esta expressão encerra esse capítulo, que contém as instruções de

Davi sobre a maneira de exercer o poder real, e os passos que Salomão tomou para executá-los.

3.1 *Aparentou-se.* O hebraico quer dizer "tornou-se genro".

3.3 *Nos altos.* Não somente trata-se de lugares altos (como colinas, etc.), mas também de plataformas construídas para as cerimônias religiosas. Estes lugares, e inclusive os bosques, eram os pontos prediletos dos cananitas praticarem sua religião pagã, razão por que surgiu o desejo de se realizar o culto verdadeiro tão somente no Templo.

3.4 *Alto Maior.* A idéia dupla da palavra "alto" revela-se aqui: *Gibeom* era o local de maior altura geográfica daquela região e também era um santuário principal do culto israelita, havendo ali o próprio tabernáculo (2 Cr 1.3; 1 Cr 21.29). Não há dúvida que este grande sacrifício em Gibeom era uma continuação da cerimônia da coroação de Salomão.

• **N. Hom. 3.5-14** A oração é um tipo de conversa íntima com Deus, que é descrita nestes versículos. A verdadeira oração é a de adoração a Deus pelo Seu poder e grandeza (6-7). Reconhece a fraqueza humana (7-8). Não é egoísta; pede segundo a vontade divina (9 e 11), e segundo as necessidades (9).

3.9 *Coração compreensivo.* Quer dizer "coração dócil, pronto a ouvir".

3.12 A oração de Salomão foi feita de modo a merecer a mais profunda comunhão com Deus. Quem pede, antes de tudo, as coisas do Reino de Deus (Mt 6.33), não tardará a verificar que Deus lhe acrescenta, juntamente com estas, todas as outras coisas (Rm 8.32), assim como o fez no caso de Salomão.

3.16 Esta narrativa da disputa entre as duas prostitutas, ambas alegando direitos maternais sobre uma criancinha, veio a ser o exemplo clássico da sabedoria de Salomão. O próprio fato de duas mulheres marginalizadas terem livre acesso ao foro de justiça do rei Salomão, mostra até que ponto chegava a sinceridade do rei, quando suplicou a sabedoria e discernimento para julgar e dirigir tão grande povo.

3.26 A chave desta decisão jurídica foi a psicologia aplicada. Fica bem claro que não havia possibilidade de se obter testemunhas (18). Persistiam, as mulheres, em suas declarações firmes, mas simultaneamente incompatíveis (23). Salomão nada mais podia fazer, a não ser encontrar uma maneira drástica de aguçar à um instinto básico, o amor materno. Há pessoas que pensam que as palavras da outra mulher não poderiam ter sido proferidas, mas que se trata de um meio de o escritor tornar mais clara a situação das duas mulheres. Lembre-se, porém, que a destruição de toda virtude humana é a conseqüência lógica e imediata da imoralidade sexual, e que esta conseqüência ocasiona outras ainda piores (Rm 1.24-28).

3.28 *A sabedoria de Deus.* A expressão hebraica também, pode ser interpretada como "uma sabedoria extraordinária". Embora possa-se dizer que a sabedoria de Salomão era secular, forense e psicológica, sobre coisas bem normais no mundo, mesmo assim não se pode negar que tivesse uma qualidade divina, pois o próprio Deus é fonte desta sabedoria. Este caso é narrado imediatamente depois de escrever a promessa de Deus (12); portanto, considere-se a cumprimento prático desta promessa. • **N. Hom.** Os degraus do caminho da sabedoria: 1) A fonte da sabedoria (Pv 2.6) é o próprio Deus; 2) A busca da sabedoria (Pv 4.7) deve ser contínua, ainda que com sacrifício; 3) A aquisição da sabedoria é por intermédio da oração com fé (Tg 1.5-6); 4) A aplicação da sabedoria deve produzir vidas puras, bondosas, úteis e frutíferas (Tg 3.13-17).

4.7 Nota-se aqui, os doze provedores, com a responsabilidade de providenciar o sustento para a casa real e também para os servos e hóspedes, sendo este, um dever pesadíssimo, segundo v. 22 e 23.

4.20 *A areia que está ao pé do mar.* Uma expressão que indica algo que não se pode contar nem medir, que se aplica à sabedoria de Salomão (29). Os descendentes de Abraão já estavam desfrutando as promessas de Deus, feitas ao seu antepassado (Gn 12.2; Gn 13.16).

4.21 Este é o maior limite que o território de Israel atingiu, desde o momento em que

Josué atravessou o Jordão com seus exércitos. Forma uma circunscrição geográfica bem protegida. Apesar da glória do reino de Salomão, apesar das bênçãos descritas no v. 20, podia se notar, já, as causas de uma facção posterior: o fato de Salomão exigir tributos e serviços forçados mostrava o início da ação de um tirano, que o profeta Samuel descreveu como antipático aos ideais do povo de Deus (1 Sm 8.11-18).

4.23 *Os corços.* São um tipo de veado muito pequeno.

4.26 *Quarenta mil cavalos.* Os destroços de edifícios identificados como estábulos, como os que os arqueólogos desenterraram no sítio da antiga cidade de Megido, comportavam pelo menos 450 cavalos. Com esta multiplicação de forças, o rei desobedecera completamente à lei de Deus sobre a natureza do poderio real, pela qual se proibia o acúmulo de material bélico (Dt 17.16; 1 Reis 10.29).

4.29-34 Assim como a lei tem suas vinculações profundas com o nome de Moisés, e os salmos com o nome de Davi, ao ponto de termos as expressões "Lei Mosaica", "Salmos Davídicos", assim também a Bíblia vincula o nome de Salomão à sabedoria, criando-se a expressão "Sabedoria Salomônica". Os escritos de Salomão tinham por base a sua qualidade de profundo observador de tudo a que acontece na vida humana, conseguindo, então, certos princípios gerais de moralidade. Logicamente, é no livro dos Provérbios que se acham seus melhores provérbios; e dos cânticos mencionados no v. 32, há uma seleção no livro Cantares de Salomão. Não devemos deduzir do v. 33, que Salomão fosse um cientista. A descrição que o rei faz da formiga em Pv 6.6-11, nos leva a entender que a natureza era, para Salomão, uma fonte inesgotável de princípios morais. Esta também era a atitude de Jesus, como se vê em suas parábolas.

5.1 *Amigo de Davi.* Esta amizade de colaboração no comércio e na indústria, entre estes reis, é descrita em 2 Sm 5.11.

5.3 *Bem sabes.* É provável que uma boa parte do material que Davi preparara para o Templo (1 Cr 29.2), já provinha, ou das indústrias de Tiro, ou: das importações feitas pela marinha mercantil daquela cidade. Salomão pensava em intensificar aquelas relações numa nova época de paz e de prosperidade, vv. 4-11.

5.6 *Os sidônios.* Este povo morava em duas cidades principais, Tiro e Sidom, com os seus territórios, nas adjacências, estendendo-se sobremaneira para o interior. Na história da civilização, são mais conhecidos como fenícios, nome usado pelos gregos, o qual vem da cor vermelha (gr *phoinos*), que caracterizava os marinheiros da costa do Líbano. Além da púrpura, outros artigos que levavam aos mercados internacionais era a madeira de cedro, cortada do Líbano, e lavrada por técnicos nacionais, para ter alto valor comercial.

5.9 *Em jangadas.* Quer dizer que os próprios troncos lavrados foram amarrados uns aos outros formando balsas. *Provisões.* Eles não primavam pela agricultura; viviam mais da pesca.

5.11 *Coros.* O coro era uma medida de 220 litros.

5.12 Um resumo do conteúdo da narrativa sobre a sabedoria, o poder e a prosperidade de Salomão, a qual se acha em 3.1-5.11, antes de proceder à descrição da construção do Templo, 5.13-7.51. *Aliança.* Uma aliança internacional daquela época considerava, como subentendido o reconhecimento mútuo das religiões nacionais, que era o motivo principal de os profetas verem sempre com maus olhos aquele tipo de política. Talvez os sacrifícios sobre os altos (3.2) fossem a maneira de servir a Deus dentro das tradições cananéias preservadas em Tiro.

5.13-18 Temos que fazer, aqui, uma distinção entre as levas de trabalhadores israelitas, por fins específicos durante um período limitado, e a escravidão dos cananitas que não foram exterminados (9.20-22). Sem dúvida, quem foi para o Líbano foram os israelitas (14), e quem fez a mão-de-obra pesada foram os cananitas (15). Era proibido fazer dos israelitas escravos, e também era proibido dar para os cananitas pagãos, a liberdade de dominar.

6.1 *A Casa do Senhor.* • **N. Hom.** 1) É uma casa de oração (Is 56.7); 2) É uma casa de

adoração (Sl 5.7; Sl 138.2); 3) É uma casa de edificação (Ef 4.12; 1 Co 14.4).

6.2 O Templo de Salomão tinha três divisões principais: o pórtico, que era o saguão de entrada; o santuário, que era o salão principal, e o *Santo dos Santos*, que era o santuário interior, construído na forma de cubo perfeito (20). O *côvado* é uma medida de 46 cm, e daí calcula-se que o Templo, sem as câmaras laterais, media 28 metros de comprimento e 9 de largura. Este edifício tão pequeno, levando-se em consideração o grande número de construtores empregados, não deixou de ser uma das obras públicas mais custosas da época (20-22).

6.5 *Câmaras laterais*. Estas câmaras cercavam o santuário e o Santo dos Santos, mas não o pórtico.

6.11 *Veio a palavra do Senhor*. A narrativa da construção do Templo interrompe-se para registrar aquela mensagem de Deus (11.13). É possível que o trabalho da construção estivesse se tornando difícil, levando muito tempo e ainda mais dinheiro, sendo necessário a Salomão, receber uma palavra de encorajamento divino. Também é possível que Deus se interpusera para alertar ao rei no tocante àquelas despesas com o material destinado à causa da religião, que, por mais custosa que fosse, nunca exoneram o doador da responsabilidade de continuar a prestar completa obediência à vontade divina, revelada na Sua Palavra (os *estatutos, juízos e mandamentos* que são a Lei de Deus revelada e escrita). Como veio esta *palavra* que Salomão recebeu? Os livros de Samuel estão repletos de mensagens trazidas pelos profetas, que, obedecendo à vontade de Deus, sempre interferiam nas atividades humanas. Desde a morte de Salomão, até o fim da história de Israel, a influência profética se deixava sentir a cada passo, como veremos nos livros dos Reis. Só no reino de Salomão não se menciona qualquer profeta: isto, porque Salomão tinha a sabedoria do alto, cuja chave é a oração verdadeira (3.5-14), não lhe sendo necessário consultar os profetas.

6.14 *A rematou*. Esta palavra inclui as obras de decoração e de mobiliários, que a Bíblia passa a descrever (6.15-38). Seria interessante ler a descrição da construção do Tabernáculo no deserto, com as notas que ali se encontram, nos capítulos 36-39 do livro de Êxodo. O Templo nada mais é ao que uma urbanização do Tabernáculo nômade, que agora passa a ter uma posição fixa, na cidade. O significado religioso do Santuário permanece inalterado.

6.20 *Ouro puro*. Davi deixara cem mil talentos de ouro puro para Salomão empregar na construção do Templo (1 Cr 22.14). Se a interpretação do número e do valor estiver certa, trata-se, então, de três mil toneladas de ouro.

6.23 *Querubins*. A Bíblia não nos informa com exatidão sobre a natureza dos querubins. Trata-se de seres celestiais e angelicais de uma ordem bem alta, que são a revelação da majestade e da glória de Deus; Ezequiel teve uma visão de seres viventes que podiam ser querubins (Ez 1.5-14) Uma das funções dos querubins era a proteção das coisas sagradas (Gn 3.24). Aqui, a representação dos querubins é um símbolo de proteção da arca da Aliança. • **N. Hom.** O Significado do Templo: Cristo é o Templo verdadeiro e eterno (Jo 2.21). Quem nEle crê, também faz parte do Santuário de Deus (1 Co 3.16), formando com seus irmãos um santuário dedicado ao Senhor (Ef 2.21). E, finalmente, os Céus serão um Templo eterno, a moradia dos crentes, a Nova Jerusalém, pavimentada com ouro puro (Ap 21.21, 1 Reis 6.30). O ouro, aqui é, naturalmente, uma expressão simbólica.

6.38 *No ano undécimo*. É o ano, 960 a.C. Salomão iniciara seu reinado onze anos antes, em 971 a.C. *Bul.* O antigo nome do mês de *Marchesuan*, o oitavo depois de Nisan, o mês da Páscoa, que principia o ano religioso. Não coincide com o nosso calendário, tendo seu começo em meados do nosso mês de outubro.

7.1 Por que Salomão levou *treze anos* para construir sua própria casa depois de ter gasto apenas metade deste tempo, sete anos (6.38), para edificar o templo? Em primeiro lugar, temos de considerar todos os preparativos, já feitos pelo rei Davi, antes de Salomão

começar a obra (1 Cr 29.1-2). Em segundo lugar, é necessário pensar nos 180.000 homens que Salomão contratou para a construção do templo (5.13-16). É claro que esta leva de obreiros não trabalhou durante vinte anos: sete foram suficientes, como se vê em 9.10 *Palácios*. A maneira mais acertada de entender-se o texto seria "casa", no singular, compreendendo-se, então, que as várias "casas" mencionadas nos versículos 2, 6, 7 e 8 nada mais eram senão o conjunto de aposentos que forma o palácio todo.

7.2 A Casa do Bosque do Líbano. Seria a grandiosa sala especial para festas cívicas, "recebendo o nome de "Bosque do Líbano"; por ser totalmente, revestida com madeira de cedro vindo dali.

7.6 Salão das Colunas. Seria a sala de espera, um tipo de sala de estar pública, perto da Sala do Trono.

7.7 Sala do Trono. O auditório dos julgamentos, que serviria como sala das reuniões do rei com seus conselheiros.

7.8 Sua casa. Os aposentos reais, a moradia da família real, que não era uma casa separada, mas sim, ficava atrás da Sala do Trono. Para a *filha de Faraó*. Um apartamento particular para aquela que, aliás, é o penhor da aliança com o Egito. Foi a única vez, na história de Israel, que o Faraó pôde considerar ao rei local como um monarca em pé de igualdade com ele. Mais tarde, Salomão desenvolveu um harém tipo oriental, tentando imitar, em tudo, os grandes potentados da vizinhança (1 Rs 11.3).

7.9 Átrio Maior. Três lados deste átrio davam para partes do palácio, e o quarto lado para o Templo.

7.13 Hirão. Parece certo que se trata de um personagem bem diferente do rei de Tiro. Talvez era nome comum entre os sidônios. Os israelitas raras vezes tiveram técnicos e artistas. O seu nome é citado em 2 Cr 2.13 como Hirão-Abi.

7.15 Duas Colunas. Não exerciam a função de sustentáculo. Eram ornamentais e simbólicas, como se verá pelos seus nomes mencionados no v. 21.

7.21 Jaquim, "Ele estabelecerá". Boaz, "Ele vem em poder". As colunas apontam para a presença consoladora de Deus entre Seus fiéis, e para a Sua futura vinda, encarnado na pessoa de Cristo.

7.23 O mar de fundição. Lemos em 2 Cr 4.6 que "o mar era para que os sacerdotes se lavassem nele". A sua altura era de cinco côvados, ou seja, mais de dois metros, e compreende-se que os sacerdotes não se lavavam dentro do mar, o qual era apenas um depósito de água para os serviços de lavagens, de onde se tirava a água necessária, donde vem o sentido da expressão acima: "se lavassem por meio dele", o que está de acordo com o texto hebraico.

7.23-50 Vale a pena estudar os utensílios do Tabernáculo descritos em Êx 37.1-38.8. Em muitos pormenores revela-se, na descrição do Templo, uma semelhança às obras do Tabernáculo, não obstante algumas diferenças. Há uma simples bacia de bronze no Tabernáculo (Êx 38.8), enquanto Salomão instalava no Templo o grande mar de fundição e dez bacias menores, transportáveis. No lugar de um único candelabro, com as sete hastes, (inclusive a haste central); que se encontrava no Tabernáculo (Êx 37.17-22), Salomão mandou confeccionar 10 castiçais (49). O altar de ouro mencionado no v. 48, deve ser o equivalente ao altar de incenso do Tabernáculo, descrito em Êx 7.25-28. Já que esta descrição dos móveis e utensílios do Templo não menciona nenhum altar de bronze, para os sacrifícios, é de se concluir que, então, ainda havia o altar de bronze do Tabernáculo do tempo de Moisés, e que teria sido usado até à confecção do altar maior, mencionado em 2 Cr 4.1.

7.26 Batos. O bato é uma medida de 22 litros. 2 Cr 4.5 menciona que o mar comportava 3.000 batos. Talvez isto queira dizer que a sua capacidade líquida seria de 3.000, e seu conteúdo normal de 2.000 batos de água. Um cientista tomou por modelo uma bacia funda, da Índia, montada em quatro elefantes de madeira, e calculou que seria mesmo possível colocar 66.000 litros de água numa bacia de tal tipo, com uma circunferência de

13,8 m, e que quatro dedos de bronze agüentariam este conteúdo. Verificou também a possibilidade de fundi-la em terra barrenta (46).

7.27 Suportes. Eram vagões para carregar as pias mencionadas no v. 38, que recebiam sua água do mar de fundição. A palavra hebraica é *machon*, a qual deu origem à palavra "máquina", usando-se hoje o forma feminina para "ônibus", em Israel.

7.36 Gravou. Note-se que, embora o Segundo Mandamento (Êx 20.4-6) proibisse fazer-se imagens para serem adoradas, não havia razão para considerar-se ilícitos os adornos no Templo. Judeus que viveram séculos mais tarde decidiram relacionar este mandamento com todo e qualquer tipo de arte ou manufatura.

7.51 Todas as dádivas recebidas que não foram diretamente empregadas na confecção de objetos para o Templo, eram guardadas na tesouraria para o despesas de futuros concertos, e também para se formar um tipo de Fundo Nacional, para os tempos de emergência.

8.1 A narrativa dá dedicação do Templo ocupa a totalidade deste oitavo capítulo e mais nove versículos do capítulo seguinte, e divide-se em seis partes principais: 1) A arca toma o seu lugar no Templo, 1-11; 2) O discurso de Salomão, 12-21; 3) A oração de Salomão, 22-53; 4) A bênção proferida por Salomão 54-61; 5) Os sacrifícios oferecidos em celebração da festa, 62-66; 6) A resposta que Deus deu a Salomão, 9.1-9.

8.3 A arca do Senhor. Pertence ao Santo dos Santos no Tabernáculo, e continha o Testemunho (as tábuas da lei), e além disso, segundo Hb 9.4, uma urna de ouro contendo o Maná (Êx 16.33) e a vara de Arão que floresceu (Nm 17.8-10). Estes dois objetos estavam ali, segundo a ordem divina, dada no deserto, mas, por este parágrafo (9), ficamos sabendo que a arca continha, na época de Salomão, apenas as duas tábuas de pedras. O Templo ficava um pouco fora da velha fortaleza de Davi, onde a arca estava depositada (2 Sm 6 16-17).

8.4 A tenda da congregação. Ainda havia alguma tenda para representar o Tabernáculo que Moisés construira, mas imagina-se não haver ali muita coisa valiosa dos *utensílios sagrados* originais, depois de os israelitas haverem passado séculos difíceis, depois da época de juízes. *Subir.* O Templo estava situado numa elevação, que culmina em uma grande rocha.

8.8 Eram vistas do Santo Lugar. O sacerdote que entrava no Santuário para o culto recebia a consolação ao sentir a presença da arca, mas o povo nada podia ver de fora, no grande átrio. Tem-se a impressão de que a de dependência central do Templo de Salomão constituía-se do santuário do Tabernáculo, que era para o serviço dos sacerdotes. O povo participava dos cultos do Templo pelo lado de fora.

8.10 Repete-se a mesma manifestação da glória divina que se revelara ao povo, no deserto, ao se completar o Tabernáculo (Êx 40.34, 35).

8.12 Trevas espessas A ordem divina para construir o Tabernáculo, que também foi seguida por Salomão na construção do Templo (a não ser no pormenor de uma construção maior, mais firme e permanente, contendo, portanto, maior número de móveis), tinha determinado tudo de modo a que não fossem construídas janelas no Santo dos Santos, o que provocaria, então, absoluta escuridão.

8.14 Voltou, então, o rei o rosto. As palavras anteriores foram dirigidas à Presença Divina, revelada pela nuvem; agora Salomão fala à congregação do povo, no átrio do lado de fora do Templo.

8.18 Bem fizeste em o resolver. Deus aceitara a adoração que Davi expressara, por meio daquele seu desejo de edificar a Casa de Deus, porém este privilégio foi reservado ao seu sucessor. Deus havia revelado seu poder ao seu povo em muitas circunstâncias do passado, livrando-os do cativeiro, viajando com ele pelo deserto, levantando a Davi da posição de pastor de ovelhas à de pastor da nação, e não precisava de templo algum. Salomão que não era um homem de guerra, como o fora Davi, teve a permissão para levantar o Templo.

• **N. Hom. 8.23-53** Esta longa oração pública é, antes de mais nada, um ato de intercessão, como é o caso de muitas das orações do Antigo Testamento. Pensa-se especialmente nas orações de Abraão mencionadas em Gn 18.22-33 e 20.17, e as de Moisés; que se encontram em Êx 32.11-13 e 32.30-32. A oração de Salomão inclui não apenas os israelitas mas também os prosélitos, os estrangeiros que vêm para adorar a Deus (41). Inclui não somente a época de Salomão, mas abrange todos os séculos da história de Israel (47). Divide-se em nove partes: 1) A oração em prol da família real (23-26); 2) A oração em favor de todas as petições que viriam a ser feitas no Templo (27-32); 3) A oração pela proteção divina contra os invasores (33-34); 4) Pela preservação do povo em época de seca (35-36); 5) Pelo livramento de várias calamidades naturais, tristezas e problemas do íntimo (37-40); 6) Pela bênção divina sobre os prosélitos (41-43); 7) Pelo socorro divino em tempo de guerra (44-45); 8) Pela misericórdia divina quando o povo fosse levado cativo (46-50); 9) A conclusão da oração que apresenta suas razões: estriba-se na misericórdia divina já revelada no passado (51-53). Assim também o crente se aproxima de Deus pela oração da fé, sabendo que Deus, tendo-nos dado Seu Filho Unigênito (Jo 3.16), não nos negaria: nenhum bem (Rm 8.32; Mt 7.11; Jo 14.13).

8.23 *Guardas a aliança.* Nenhuma oração pode ser dirigida a Deus antes de haver o conhecimento da revelação que fez da Sua Natureza. Nenhuma esperança de resposta à oração pode haver, sem o reconhecimento de que as promessas de Deus são fiéis, que Ele tem a vontade e o poder de cumprir tudo (24) desde que seja do Seu agrado.

8.27 Salomão compreende muito claramente que não está construindo um tipo de hotel para hóspedes sobrenaturais, o que, aliás, sempre, foi a idéia do paganismo, mesmo no seu aspecto mais sublime. 2 Cr 6.18 enfatiza o fato de que os homens não merecem a benevolência divina.

8.29 *Meu nome estará ali.* A lei revelada a Moisés, no deserto, apontava para uma situação ideal, na Terra Prometida, com um Templo organizado (Dt 12.11).

• **N. Hom. 8.38** O coração humano é enganoso e maligno, desesperadamente corrupto, mas nem por isso Deus deixa de esquadrihá-lo (Jr 17.9-10). Deus vê e compreende o íntimo do homem, o coração (1 Sm 16.7, Jo 2.25), e por causa desta divina compreensão, pode julgar retamente a cada um (Gn 18.25; At 17.31). Se fôssemos enfrentar a justiça de Deus sem confiar no Seu perdão, nenhum ser humano subsistiria (Sl 130.3-4), mas esta compreensão divina inclui uma terna compaixão pelas nossas fraquezas (Lc 7.13 e Hb 4.15), e por isso podemos confiar na Sua graça, para nos socorrer no momento oportuno (Hb 4.16, 2.18, 7.25).

8.46 *Não há homem que não peque.* "Todos pecaram e carecem da glória de Deus" é a declaração de Rm 3.23; "O salário do pecado é a Morte", ensina Rm 6.23. Mas ambas estas declarações trazem consigo, o antídoto, a cura: "Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus", (Rm 3.24); "Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rm 6.23).

8.47 *No terra do seu cativo.* Há várias referências, nos versículos 46-53, a um futuro cativo dos israelitas numa terra estrangeira. Os acontecimentos descritos em 2 Rs 25.8-22 comprovam que, muitas vezes, Salomão falava profeticamente no decurso de sua oração.

8.54 *Estando de joelhos.* A Bíblia menciona várias posições convenientes para a atitude de oração e adoração: 1) De joelhos, Dn 6.10; Ed, 9.5; Sl 95.6; Ef 3.14; 2) Prostrado, Mt 26.39; Lc 5.12, Ap 11.16; 3) De pé, Gn 18.22-23; Mt 6.5; Lc 18.11-13; 4) Com as mãos erguidas, Sl 88.9; 1 Tm 2.8.

• **N. Hom. 8.56** As promessas de Deus formam o âmago da mensagem bíblica, e, num sentido geral, normalmente fazem parte das Suas Alianças. No Antigo Testamento vemos registradas as Alianças de: 1) Noé (Gn 9.9-17); 2) Abraão (Gn 12.1-3; 15.18; 17.6-8); 3) Moisés, que é a Aliança aqui referida por Salomão (Êx 6.6-8; Dt 7.8-9); e 4) Davi (2 Sm 7.12-17 e Sl 89.3-4). Mas a maior aliança de todos os tempos é a Nova Aliança ou Novo

Testamento (Mt 26.28, Hb 9.11-15 e 13.20). Esta Aliança representa a soma total de toda a graça, a bênção e a verdade que se inclui na redenção que Jesus Cristo obteve para os homens; com o derramamento de Seu próprio sangue. Em resumo, o pecador arrependido que vem a Deus mediante Jesus Cristo (Hb 7.25), nasce de novo (Jo 3.7), tornando-se um filho de Deus (Jo 1.12), recebendo o perdão divino (1 Jo 1.9), e a vida eterna (Jo 3.16).

8.63 *Sacrifício pacífico.* A lei das ofertas pacíficas, que se acha em Lv 7.11-18. As pessoas que trouxessem a oferta comeriam da carne ofertada, o que esclarece a razão de haverem sido efetuados tantos sacrifícios assim: a congregação inteira participava da festa religiosa.

8.64 *O meio do átrio.* A grande rocha no meio do átrio passou a servir como altar público. Hoje, aquela rocha está embutida numa mesquita, na parte árabe de Jerusalém. *Muito pequeno.* Veja a nota de 1 Rs 7.23-50.

8.65 *A Festa do Tabernáculos.* A data da festa, o sétimo mês (2), mostra que aqui se trata de uma festa religiosa, já prescrita por Moisés em Lv 23.39-44. A festa é essencialmente de ações de graças pela ceifa, durante a qual celebra-se a graça divina em resgatar o povo da escravidão, e de preservá-lo durante a peregrinação pelo deserto. O Templo é o lugar para a mais íntima comunhão com Deus, e identificar-se com Suas promessas, e ali adorá-LO pelo que fizera em prol do Seu povo. Então a data de 15 de etanim foi bem escolhida.

• **N. Hom. 9.1-9** *Ouvi a tua oração.* Deus, tendo misericórdia do seu povo, faz uma promessa incondicional de sempre estar pronto a atender a oração de fé, feita por qualquer pessoa em nome dEle (que foi o teor da mesma oração de Salomão em 8.30-52). Mas quanto à prosperidade particular, que Salomão pedira, para a família real (8.25-26), dependia tão somente da responsabilidade individual dos seus descendentes em andar em fé, obediência e fidelidade (9.4-7). Da mesma maneira, o prédio físico não se poderia considerar inviolável se os freqüentadores vivessem no pecado (9.8). Isto quer dizer que nenhuma descendência física, nenhuma organização humana, nenhum lugar, pode ser detentor dos favores de Deus, mas cada um deve aproximar-se de Deus pela fé (Rm 4.16-25).

9.2 Nota-se que a primeira manifestação foi concedida a Salomão, a fim de prepará-lo para um longo reinado realizado segundo a vontade divina, e a segunda foi concedida somente após longos anos de dedicação, coroados pela oração fervorosa transcrita em 8.22-53.

9.10 Este versículo nós leva para o fim da primeira metade do reino de Salomão. Seguem-se algumas passagens para mostrar a grandeza que ele galgara naquele abençoado período, relatando, a seguir, como vivera nos vinte anos restantes em que, abusando de sua própria sabedoria, do seu poder e das suas riquezas, transformou-se em um déspota oriental (capítulos 10 a 12).

9.11-14 Salomão já pagara a Hirão, com grande quantidade de mantimentos, a madeira do Templo (5.10-11). Este pagamento deve ter sido adicional pelo ouro mencionado nos vv. 11 e 14 e talvez fosse um empréstimo concedido a Salomão, para que pudesse entrar no comércio (10.14-29), pois as cidades lhe foram, mais tarde devolvidas (2 Cr 8.2).

9.15 *Trabalho forçado.* A explicação desta medida drástica: pôr o país em dia com as obras públicas. É como o problema dos impostos hoje em dia, ou outra qualquer medida de disciplina para o bem estar do país. *Milo.* Parece ser algum baluarte de defesa, construído sobre um pequena monte de terra ao lado sul do Templo, para proteção da cidade de Jerusalém (2 Sm 5.9; 1 Rs 11.27).

9.16 Salomão recebera, como presente de casamento, a cidade de Gezer, que fora outrora destruída por Faraó, e depois reedificada e fortalecida. Este pormenor, junto à lista de obras públicas, bem como o relato do casamento do rei, foram registrados neste ponto desta narrativa, para evidenciar que o reino (inclusive o território dos filisteus)

estivera firme nas mãos de Salomão (3.1).

9.22 Este versículo mostra que o trabalho forçado, na pior das hipóteses, nada mais era senão requerer a assistência técnica dos israelitas, os quais supervisionavam a mão de obra dos cananitas, 5.13-18 (com as notas que ali se acham).

9.25 *Três vezes por ano.* Durante as três grandes festas religiosas, a Páscoa, o Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos, descritas em Lv 23.4-8, 15.25, e, 33.43.

9.26 *Eziom-Geber.* Arqueólogos escavaram, descobriram as minas e usinas de cobre naquela localidade, e atribuíram-nas a Salomão.

9.27 *Marinheiros.* Naquela época, os israelitas dependiam da civilização de Tiro para tudo aquilo que não era comércio ou agricultura. Depois de séculos de escravidão no Egito, quarenta anos no deserto, e mais quatro séculos de vida insegura, na época dos juízes, a "civilização" os despertara, e, gradativamente, foram assimilando o paganismo dos vizinhos mais "adiantados". Salomão se entregara, então, à idolatria (11.1-8), e, 60 anos após a morte de Salomão, a rainha Jezabel, vinda de Tiro, quase extirpou os adoradores de Deus (16.31; 19.14).

9.28 *Ofir.* Pode ser Upara, perto de Bombaim, na Índia, pois que as viagens para aquela cidade demoravam nada menos que três anos, sendo que mercadorias finas eram importadas da Índia e de Társis (talvez na Espanha) (cf. 10.22). Jerônimo e a Septuaginta interpretam Ofir como a Índia. • **N. Hom.** Na história da visita feita pela rainha de Sabá (ou lêmén, onde os sabateus se concentravam) ao rei Salomão (10.1-13), percebe-se uma semelhança entre Salomão no reino terrestre e Jesus Cristo, o Rei da Glória. Compare-se a rainha à alma aflita, sequiosa de perguntas e dúvidas, problemas e pecados, que vem buscando a Jesus, para dEle receber a resposta às indagações do seu íntimo e a solução dos seus problemas, ficando ofuscada ante a grandeza deste rei (Jo 7.46; Mc 15.39; Jo 20.28); glorifica a Deus e traz-Lhe ofertas (v. 9-10). O rei, por sua vez, atende a todas as solicitações da visitante (v. 13 e Fp 4.19).

10.11 *De lá.* De Sabá. Significa que se construiu uma aliança comercial muito conveniente para Salomão, já que seus navios teriam um posto de negócios e reabastecimento, entre Eziom-Geber e a Índia.

10.15 Trata-se de impostos comerciais, direitos de alfândega, permissão para usarem o território de Salomão nas viagens comerciais; lucros nos negócios de importação e exportação, e impostos arrecadados por reis e governadores, de pequenos territórios com a permissão do rei Salomão. Israel, por uns poucos anos, fora, um império comercial.

10.16 *Pavês.* Eram escudos compridos, que protegiam o corpo inteiro e pesavam c. 9 kg.

10.17 *Escudo.* Era menor do que o pavês, a metade do tamanho, cf. 2 Cr 9.15-16. Tinha forma circular.

10.18 *De marfim.* Compensado com placas finas de marfim, tal como nossas "mesas de mogno", segundo descobertas arqueológicas.

10.22 *Uma frota de Társis.* O nome Társis pode referir-se à cidade de Tarso, na Cilícia, ou a Tartesso, na Espanha. Este último lugar era tido, durante séculos, como o "fim do mundo". A referência em Jn 1.3 mostra que deve ser um porto marítimo. Em Jr 10.9 e Ez 27.12, consta como um local produtor de vários metais. Pode ser, ainda, que a expressão "navio de Társis", refira-se a um navio para transporte de minerais, ou a um de porte e capacidade para enfrentar as maiores viagens então conhecidas. De qualquer maneira, simboliza a riqueza e o poder. No Antigo Testamento, e profetizada a sua destruição (Sl 48.7; Is 2.16; Is 23.1 e 14).

10.24,25 Salomão tornara-se um tipo de consultor internacional, como as grandes universidades da Europa, no fim da Idade Média. Segundo o costume oriental, o pagamento efetuava-se pela entrega de presentes. Salomão queria ter o ouro como valor de referência.

11.1 *Mulheres estrangeiras.* Deus proibira, o casamento misto entre seu povo e outros povos estrangeiros (Êx 34.16; Dt 7.3-4). É possível que uma boa parte daquelas mulheres

fosse penhor de alianças políticas. Mas de qualquer forma, elas ganharam uma preeminência tão grande sobre a consciência e as emoções de Salomão, que, no decurso dos anos, sua fé arrefeceu, pervertendo-lhe a consciência, e abalando àquela mesma fé que era fonte de tudo quanto ele era e possuía (2.3-4 e 3.11-4), instigando à ira divina que não se fez por esperar (11.9-11). Entre os santuários pagãos erigidos pelo rei, alguns perduraram ainda por mais de três séculos, até sua destruição por ocasião da reforma feita pelo rei Josias (2 Rs 23.13).

11.5 Astarote, deusa dos sidônios. Constava entre a mitologia dos cananitas como esposa de Baal; Sidom era o reduto de tudo o que restava da cultura de Canaã. A narrativa bíblica passa a ocupar-se mais de Sidom e menos dos cananitas após a destruição de Gezer (9.16) e da escravização dos derradeiros elementos das tribos cananéias (9.20-21). A tentação não viria mais do povo pagão da terra, mas emanava agora de Sidom.

11.7 Camos... Moloque. Estes nomes são divindades adoradas sob a forma de ídolos (*abominações*) em Moabe e em Amom. A idolatria de Salomão torna-se mais repugnante quando se lembra que a ambos estes ídolos ofereciam-se sacrifícios humanos (2 Rs 3.27; 2 Rs 23.10; Jr 7.31 e 32.35). Embora não haja nenhuma indicação de que Salomão permitiria tais sacrifícios durante o seu reinado, sabe-se que erigira no próprio Monte das Oliveiras um santuário ao ídolo perante o qual tais sacrifícios eram praticados. E tudo isto com o fito de agradar suas mil mulheres!

11.13 Por amor de Davi. Aos que quisessem continuar na tradição na fidelidade a Davi, não haveria senão o Templo e a cidade.

11.14 Hadade. Sabe-se de mais de três reis edomitas que tinham esse nome. São descendentes de Esaú (Gn 36.43), porém não consta que algum deles adorasse a Deus. Deus pode fazer uso dos Seus instrumentos sem exigir que eles fiquem cômicos disso (Is 45.4). Que Deus pode dispor de um rei para castigar a outro, isto não pode ser negado (Dn 2.21; 4.17).

11.21 Deixa-me voltar. A morte de Davi e do seu poderoso general Joabe, criou em Hadade a coragem de reassumir suas funções reais em Edom. É claro que desde a infância fora um inimigo em potencial de Israel, mas, somente depois da infidelidade de Salomão foi que Deus lhe permitiu tal possibilidade.

11.23 Adversário. A palavra hebraica é *satan*, que quer dizer "inimigo" e "acusador" em geral, mas que somente em três partes do Antigo Testamento, se subentende o adversário sobrenatural das nossas almas: Jó 1 e 2; Zc 3.1-2; 1 Cr 21.1. *Rezom.* A palavra significa "príncipe", mas Rezom também foi um escravo que se tornou bandoleiro. O bando de marginais crescera muito ao ponto de apossar-se da cidade de Damasco (o que foi um importante acontecimento na história da época, pois aquela cidade existe desde o tempo de Abraão (Gn 14.15) até ao dia de hoje, dominando, então, uma parte da estrada real que estendia-se desde o Egito até à Assíria).

11.26 Jeroboão. Se Deus não se indignasse contra Salomão (9), jamais teria permitido que Jeroboão levantasse a mão contra o rei, isto é, que movesse a rebelião, não descrita aqui.

11.31 A ti darei dez tribos. Cf. este número, a tribo de Benjamim, em cujo território está a cidade de Jerusalém, é considerada absorvida pela tribo de Judá. Esta tribo é dupla, e ficará nas mãos do filho de Salomão (32).

11.33 Não andou nos meus caminhos. A continuação de toda promessa que Deus fizera a Davi e a Salomão, com referência a prosperidade real, dependia da fidelidade destes reis aos preceitos divinos (9.4). Ora, Jeroboão, levantado por Deus para castigar a Salomão e a sua descendência (31), podia ter chegado a ser um grande rei, se tivesse observado os ensinamentos que Davi dera a Salomão, 2.3-4, cuja base era a de agir de conformidade com a Palavra de Deus. Mas Jeroboão usando a sabedoria política e não aquela que vem do temor a Deus, escolheu o caminho da idolatria (12.26-28), perdendo as bênçãos contidas

nas promessas descritas no v. 38.

• **N. Hom. 11.36** A fidelidade de Deus, quando o homem é infiel, como no caso de Salomão, é como uma lâmpada que nunca se apaga. Assim a dinastia de Davi era como uma lâmpada em Israel, porque era prova da absoluta infalibilidade da aliança divina (2 Sm 7.14-16; Nm 23.19). Era costume oriental, conservar na casa uma lâmpada acesa à noite toda, a menos que não houvesse moradores na mesma. Assim; também a luz que dimanava então da fidelidade de Davi, apontava para o ideal de uma teocracia; um rei inteiramente submisso à vontade de Deus, reinando sob a direção divina (15.4; Pv 13.9). Concernente a este versículo acha-se também um pensamento sobre Jesus, o maior dos herdeiros do cetro de Judá (Gn 49.10; Jo 1.9 e 8.12).

11.40 Até à morte de Salomão. O Egito estava servindo como asilo político para vários futuros inimigos de Israel. Quer dizer que, nas épocas da história do mundo, nas quais o Egito não tivera poder para ascender como um grande império, foi a sede de tramas latentes de golpes políticos.

11.41 Livro do História de Salomão. Trata-se, provavelmente, dos arquivos oficiais de Salomão, que talvez seriam bem conhecidos na época em que o livro dos Reis foi escrito.

12.1 Siquém. Uma cidade importante, no centro da Palestina, e uma das grandes capitais das tribos do Norte. Talvez Roboão sentisse, já, algum declínio na lealdade daquelas tribos, ao planejar sua coroação ali visando a angariar a simpatia e a lealdade daquela grande parte do povo que, aliás sempre foi de difícil comportamento.

12.4 Dura servidão. O peso dos impostos dos mantimentos (4.1-28) e dos serviços forçados (5.13-14) fora suportado durante a campanha de Salomão para estabelecer a prosperidade nacional, e, bem logo, degenerou em prol da luxúria da casa real.

12.10 Os jovens. A arrogância e a impaciência da juventude prefere umas horas de soberba desenfreada, a longos anos de um reinado poderoso, em troca de alguns momentos de conversação cortês e compreensiva (12.7). *Meu dedo mínimo.* O ato menos brutal de Roboão seria mais pesado do que o mais despótico que seu pai Salomão chegara a cometer.

12.11 Escorpiões. A palavra aqui se refere a um tipo de chicote revestido de pedacinhos de metal cortante; para aumentar a dor.

12.14 Agravarei. E já havia passado dos limites (1 Sm 8.11-17).

12.16 As vossas tendas. Um estudo de 2 Sm 19.41-20.21 nos dá a impressão de que os fundamentos daquela, rebelião já tinham sido assentados antes da revolta de Seba, o benjamita. Naquela ocasião, só a tribo de Judá ficara fiel a Davi, tendo depois absorvido a de Benjamim. Mas a união das doze tribos nunca fora bastante coesa: dependia da energia de Saul, do heroísmo de Davi e da glória de Salomão.

12.19 Até ao dia de hoje. Refere-se à época na qual o livro foi escrito.

12.20 Somente a tribo de Judá. Versículos 21 e 23 mencionam, também, Benjamim. De qualquer forma, a parte do povo que permanece fiel a Davi, passa a se chamar "Judá", e a palavra "Israel" refere-se às dez tribos que se separaram. Por motivos religiosos, continuamente chegavam elementos das tribos de Israel para integrarem-se na de Judá (2 Cr 15.9).

12.24 Eu é que fiz. No reinado de Salomão, o único profeta que se destaca é Aías, arauto do plano de Deus para dividir o reino, 11.29-40. No novo reino, sente-se a presença do profeta desde o princípio. O povo obedece mais à mensagem divina do que a suas próprias aspirações políticas.

12.25 Penuel. Quer dizer "a face de Deus"; foi ali que Jacó se encontrara face a face com Deus (Gn 32.30). O lugar fica à margem do rio Jaboque, um pouco a leste de Siquém, a nova capital do rei Jeroboão. Fora, talvez, edificada para a defesa contra qualquer invasor do oriente.

• **N. Hom. 12.28** Assim como Roboão seguiu aos maus conselhos que muito o prejudicaram, (14), Jeroboão preferiu os conselheiros da corte, aos profetas de Deus (28),

fazendo o mesmo tipo de ídolo que Moisés tão violentamente condenara (Êx 32.4, 28, 35) e que tanto castigo trouxe aos israelitas. A religião de Jeroboão era como qualquer outro tipo de falsa religião: 1) Tinha sua origem no seu próprio pensamento (26); 2) Tinha motivos meramente egoístas (27); 3) Alegava ser vantajosa para o povo (28); 4) Consistia em rebelião contra Deus (30; cf. Êx 20.4); 5) Era praticada por pessoas de baixo nível espiritual (31).

12.32 *Fez uma festa.* Era uma cópia da Festa dos Tabernáculos, somente que devia ser no dia quinze do sétimo mês. Jeroboão manipulara todos os preceitos religiosos *a seu bel prazer* (33). A posição dos novos "santuários" com seus bezerros foi escolhida segundo a própria conveniência geográfica (Betel ficava no sul do novo reino, 20 km ao norte de Jerusalém; Dã ficava no extremo norte do reino).

12.33 *Betel.* O lugar onde Abraão edificara seu primeiro altar depois de ter sido chamado por Deus (Gn 12.8). Ali Jacó tivera uma visão de Deus (Gn 28.10-22) e ali a Arca da Aliança permanecera na época dos juízes (Jz 20.26-28). O profeta Samuel usou o lugar como sede de suas atividades judiciárias (1 Sm 7.16). Jeroboão dá clara impressão de estar querendo enfatizar sua apostasia, fazendo daquela cidade de memórias sagradas, o centro do novo culto.

13.1 *Um homem de Deus.* Nenhuma passagem bíblica oferece o seu nome. É um dos muitos profetas de Deus que transmitiram aos herdeiros do poder real, as mensagens divinas, quando estes andavam desviados dos caminhos que Deus lhes indicara. Deus sempre teve mensageiros, que nem sempre se tornavam famosos; o importante é entregar a mensagem e viver fiel a ela. É interessante procurar saber quantos deles são mencionados nos dois livros dos Reis, especialmente porque o nome que os hebreus dão aos livros de Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis é "Profetas Anteriores", constando como "Profetas Posteriores" aqueles cujas palavras são registradas nos Livros que têm o seu nome; Isaías, Jeremias, etc.

13.2 *Josias.* A profecia se referia a 621 a.C., e era bem específica, embora fosse pronunciada três séculos antes, ou seja, entre 931 e 909 a.C. (a data da duração do reinado de Jeroboão).

13.6 *Ficou como dantes.* Esta já não é a primeira oração por uma cura, que a Bíblia nos narra. Veja Gn 20.17; Nm 12.11-16, e a declaração de que Deus sara as enfermidades daqueles que andam nos Seus caminhos (Êx 15.26). O ministério do profeta Elias inclui também esta obra de misericórdia (17.17-24).

13.11 *Um profeta velho.* Mais um servo de Deus cujo nome não aparece uma vez em toda a narrativa.

13.18 Deus não pode mentir, ou invalidar as Suas promessas e leis, Nm 23.19; Gl 1.8-9. Não há explicação do porquê da mentira do profeta: estamos aqui na linha divisória entre o falso profeta e o verdadeiro. Que o profeta recebe verdadeiras mensagens de Deus, consta em 20.22; e que transmite às vezes, suas próprias idéias; isto também está claro, aqui. O profeta preferia obedecer ao ato tradicional da hospitalidade religiosa, do que ficar atento à Palavra de Deus.

• **N. Hom. 13.21** Clamou. Foi a emoção pela revelação divina quebrando as barreiras do seu próprio eu, que fez com que o profeta clamasse. Muitas vezes, a revelação de Deus só se manifesta a alguém após anos de oração e obediência (veja a nota de 9.2), mas há, também, ocasiões em que Deus interfere de maneira repentina e dramática para interromper os caminhos pecaminosos dos homens (Gn 28.11-12; Dn 4.30-32). Uns buscam a orientação divina; outros, deliberadamente, evitam o contato com a Palavra de Deus, sobre todas estas coisas é Deus quem permanece Soberano.

13.24 *Um leão o encontrou.* A punição parece ser severa para alguém que simplesmente caíra numa armadilha sedutora de um falso profeta. Mas o homem de Deus recebera ordens diretamente do Senhor (8 e 9), portanto nenhuma pretensa revelação deveria fazê-lo duvidar da Palavra e Deus; tais conversações levaram Adão e Eva à perdição,

juntamente com seus descendentes (Gn 3.12, 13). Semelhantemente, o apóstolo Paulo invoca maldições sobre qualquer que ensinar que Deus não cumpre Sua Promessa de Salvação Eterna, mediante a fé no Seu Filho Jesus Cristo (Jo 3.16), mesmo se for um anjo, que assim pregue (Gl 1.8-9).

13.28 O milagre era patente: não se tratava de algum acidente pelo caminho, mas sim, de um castigo divino, claramente demonstrado.

13.33 Jeroboão estava se tornando outro Faraó: quanto mais sinais lhe eram dados presenciar, tanto menos se arrependia, endurecendo seu coração contra Deus (Êx 7.22; 8.15).

14.1 *Abias*. Este nome vem da palavra hebraica *Abijah*, que significa "Deus é meu Pai". Duvida-se que Jeroboão tivesse motivos sinceros para dar esse nome a seu filho. Em vista do que lemos sobre este rei em 13.33 e 14.9, não se pode atribuir-lhe uma verdadeira fé religiosa. É semelhante ao caso dos pais que dão ingenuamente (levianamente) o nome de "João" a seu filho recém-nascido, não sabendo que esse nome significa "Deus é misericordioso". Assim acontece com muitos nomes bíblicos.

14.2 *Disfarça-te*. É claro que Jeroboão já perdera qualquer apoio da parte de Aías (11.29-39), por causa da sua apostasia. Se o rei pensava poder disfarçar-se perante os servos de Deus, é porque já havia perdido todo e qualquer discernimento religioso. Se Deus conhece o íntimo do Coração (1 Sm 16.7), e inspira Sua vontade aos profetas (Am 3.7), as artimanhas humanas não têm nenhum valor.

14.3 *Menino*. A palavra hebraica *na ar* traduz-se melhor pela palavra "rapaz", em se tratando de um adolescente.

14.11 *Os cães o comerão*. A maldição sobre a casa de Jeroboão foi completa, pois considerava-se uma calamidade moral o não receber, na morte, os devidos funerais (13.22; Jr 16.6). Era um sinal de total abandono dos parentes mais próximos, a quem cabia o cuidado dos funerais.

14.15 *O espalhará para além do Eufrates*. Este cativo, com a dispersão do povo, aconteceu no ano 721 a.C., quando os assírios invadiram a Israel (2 Rs 17.3-6). Judá, com Jerusalém, foi milagrosamente preservada, para subsistir mais um século e meio. Das tribos do norte nunca se descobriram os descendentes, que sumiram das páginas da história humana. *Postes-ídolos*. A palavra hebraica é *asherim*. A Bíblia não define exatamente o que seriam, apenas dizendo deviam ser cortadas, derrubadas e queimadas (Dt 7.5), Tinham alguma relação a Ashera, uma deusa dos cananitas. Entende-se que se trataria de algum poste de madeira (provavelmente esculpido) para o culto que era oferecido àquela deusa da fertilidade. Era um tropeço para os israelitas.

14.19 *Livro da História dos Reis*. Deve ser o arquivo real do reino do norte e não o livro das Crônicas, que descreve um relatório mais breve da vida de Jeroboão (2 Cr 10.16-19).

14.24 *Prostitutas cultuais*. As práticas homossexuais eram comuns em Sodoma e em Gomorra (Gn 19.4-14); não se trata, portanto, de um pecado recente. Neste caso, porém, trata-se de prostitutas que serviam no culto cananeu. No paganismo, os piores pecados faziam parte da liturgia oficial dos templos!

14.25 *Sisague*. Esta invasão, descrita com mais pormenores em 2 Cr 12.2-11, fora vitoriosa, apesar das fortalezas e arsenais que Roboão preparara (2 Cr 11.5-12). As nações modernas devem compreender que os armamentos militares não têm poder para proteger o estado (ou cidade) que cai na corrupção moral.

14.29 Podemos ler em 2 Cr 12.12 que o rei se arrependera, ao menos em parte, antes de morrer.

14.31 *Naamá*. Duas vezes, neste capítulo aparece o nome da mãe de Roboão (21). Nas cortes orientais, a rainha-mãe gozava do mais alto respeito e às vezes exercia uma grande influência política (2.19). Daí o costume de registrarem seus nomes ao longo destes livros históricos.

15.1 *Abias*. O nome hebraico é *Abij am*, diferente do Abias que morreu, 14.1. Este outra

era filho da segunda esposa de Roboão. Pela preferência que tinha por Maaca, Roboão deixou de lado os filhos da primeira esposa Maalate, dando o trono ao primogênito da segunda esposa (2 Cr 11.18-22).

15.5 *Urias, o heteu.* O ato de Davi foi um ato de despotismo, praticando adultério: com a esposa de um soldado seu, quando este estava ausente, lutando em favor do rei, e depois procedendo de maneira criminosa e covarde, eliminando-o na guerra para que não chegasse a ter conhecimento do ato que cometera.

15.7 *Guerra.* Em que pese o decurso do seu reinado ser tão curto, de três anos apenas, Abias alcançara uma vitória contra Jeroboão (2 Cr 13.14-20), de onde teve início o desmoronamento da casa desse mau rei.

15.8 *Abias descansou.* A causa da morte de Abias não é mencionada, mas presume-se que falecera antes da velhice, visto que reinou somente três anos.

15.9 *Asa.* Asa foi um dos mais destacados reis entre os que reinaram em Judá e Israel. Seu reino foi uma época de poderosas reformas religiosas e de grandes vitórias militares e, aparentemente, esses dois fatores trouxeram longos períodos de paz e de prosperidade para Judá (2 Cr 14.1; 15.9). Assim como se narra a respeito de Davi, o coração de Asa foi totalmente do Senhor (14), até seus dois lapsos mencionados em 2 Cr 16.10 e 12, quando confiou em alianças políticas, e em médicos, quando de sua enfermidade; todavia seus deslizamentos não atingiram o grau do duplo pecado de Davi, de adultério e assassinio. A vida de Asa é também narrada em 2 Cr 14-16.

15.16 *Baasa.* Foi um rei de grande capacidade administrativa que conseguiu firmar-se 24 anos no trono de Israel, continuando, porém, nos pecados de seu pai (34).

15.17 *Ramá.* Vários lugares na Palestina têm o nome de Ramá, de acordo com o Antigo Testamento. Porém o relato está mencionando Ramá em Benjamim, a meio caminho da estrada Jerusalém-Betel, e deduz-se, deste versículo, que se situava na fronteira entre Judá e Israel, um lugar excelente para um bloqueio militar.

15.18 *Ben-Hadade.* Quer dizer filho de Hadade (a divindade das tempestades segundo a mitologia síria); sabe-se de dois ou três reis com este nome, que reinaram em Damasco, capital da Síria.

15.20 Estas cidades ficavam a 150 km para o norte de Ramá, justamente na fronteira com a Síria. o tempo do NT, esta região veio a ser conhecida como Galiléia. Esse fato desviou a atenção de Baasa para um ponto bem longe de Ramá e mais perto dos centros do poderio sírio.

15.21 *Tirza.* Uma capital temporária, perto de Siquém. A nova dinastia, depois da derrota do filho de Baasa, veio a edificar uma nova capital, que recebeu o nome de Samaria (16.24, 29).

15.22 Não é mencionado se a cidade inteira foi, então, destruída; o mais provável é que a leva de trabalhadores removeu todas as grandes instalações militares que Baasa edificara.

15.28 *Matou a Nadabe.* É a primeira mudança de dinastia real em Israel onde muitas outras ocorreram. Em Judá, a família de Davi firmara-se no poder pelo espaço de quatro séculos. Baasa já fora mencionado na história do reinado de Asa de Judá, pois este havia começado a reinar anteriormente. O plano do Livro , enquanto havia dois reinos, seria datar o princípio do reinado do rei de uma destas duas nações pelo ano do rei da outra nação, o que já estava reinando.

15.29 *Segundo a Palavra do Senhor.* Foi profecia de Aías, dada quando Jeroboão enviou sua mulher disfarçada para consultar o profeta sobre a saúde de seu filho (14.10-14).

16.1 *Jeú, filho de Hanani.* O Antigo Testamento menciona cinco homens que tiveram o nome de Jeú. Este profeta teve uma carreira ativa e extensa. É o mesmo que escreveu crônicas biográficas do rei Josafá, de Judá (falecido em 848 a.C., quarenta anos depois do início do ministério profético de Jeú). Na história aparece com maior evidência, com esse nome a rei filho de Josafá (não o rei Josafá, de Judá, mencionado há pouco e em

24.41), que reinou em Israel durante 28 anos (2 Rs 9.2-3; 10.34-36).

16.7 *Porque matara a coisa de Jeroboão.* • **N. Hom.** Aíás profetizara a destruição daquela família como punição divina pela sua idolatria. Isto não quer dizer, porém, que quem a destruíra por motivos políticos, ficara livre da responsabilidade do crime de assassinio. A mais forte punição nesta vida é simplesmente ser o culpado entregue às forças malignas, que existem no mundo; a punição àquele que se recusa a aceitar a revelação de Deus é o fato de ser-lhe permitido cair na idolatria; a punição do idólatra é ser entregue às imoralidades que o culto idolátrico traz consigo. Essas paixões, trazem a disposição mental de rejeitar as virtudes e assimilar o pecado para viver em trevas tanto neste mundo como na eternidade (Rm 1.18-32). Isto quer dizer que Deus, deixando a casa de Jeroboão cair nas mãos de Baasa, não inocentou a Baasa de seus crimes.

16.8 *Reinou dois anos.* O julgamento de Deus não demorou; depois deste breve período cumpriu-se a profecia do v. 7, sobre a destruição de todos os descendentes de Baasa (11).

16.9 *Embriagando-se.* Naquela época, as forças de Israel estavam em plena guerra contra os filisteus (15-16); enquanto o seu rei Elá estava descansando em casa, numa orgia alcoólica. Por isso foi muito fácil, para o oficial, assassiná-lo (10).

16.15 *Reinou Zinri sete dias.* Deus dera liberdade a Zinri, em suas ambições, para que lhe servissem de instrumento na execução de Seu julgamento contra a casa, de Baasa, mas não o constitui como um importante líder. Aqui nem é mencionado o nome do genitor de Zinri.

16.18 Temos aqui um período caótico. Israel estava no campo de batalha (15) quando o rei foi assassinado (10). O usurpador, adentrando o palácio, incendeia-o e em seguida comete suicídio (18), por medo de um novo pretendente nomeado pelas tropas (16). Este comandante, Onri, depois sofrera a oposição de uma metade do povo que seguia a Tibni. Isto quer dizer que, em uma semana, houve três aspirantes ao trono.

16.22 *Tibni morreu.* Naqueles tempos de guerra civil, era desnecessário dizer de que morreu! Onri, o vencedor, historicamente tornou-se um grande rei, segundo a arqueologia.

16.28 Na narrativa bíblica, Onri destacara-se por três coisas: 1) Construção da cidade de Samaria; 2) Por ser o pai de Acabe, o pior de todos os reis anteriores (33). Fora do âmbito moral e religioso, Onri passou a ser tão famoso entre os povos vizinhos, que, por longo tempo, o nome dado a Israel pelos moabitas, edomitas e siros, foi "Casa de Onri". O ato estratégico de construir Samaria, quase se equipará, em importância política, ao ato de Davi em construir a cidade de Jerusalém ao redor da fortaleza central de Sião, a qual conquistara dos jebuseus (2 Sm 5.6-10). As muralhas, que os arqueólogos desenterraram são as mais poderosas de todas as fortificações feitas no oriente, na antigüidade; a paz que assim obteve, levou a cidade de Samaria a se tornar, no decurso de um século apenas, num centro de riqueza, idolatria e luxúria (cf. Is 8.4; Am 6.1-11).

16.34 Josué profetizara a desgraça que cairia sobre a família que reedificasse a cidade maldita: que o herdeiro, na hora de o pai iniciar a construção, e que o caçula da família, na hora de se completar a obra, morreriam ambos (Js 6.26).

17.1 *Elias, o tesbita.* O nome de Elias quer dizer "Jeová é Deus". É de se estranhar que nada se nos conta do passado deste profeta, nem, de sua família. Veio de Gileade, uma área de poucos moradores, além do rio Jordão. A tradição conta que havia uma pequena cidade chamada Tisbé, naquela área, perto do vau de Jaboque. *Nem orvalho nem chuva.* Por que Deus decretou aquela seca? Era para punir Jezabel pelo seu crime contra os profetas que ela exterminara quase que totalmente (18.4; 19.4)? Ou foi um castigo para levar Acabe ao arrependimento? É por causa da atuação daquele grande profeta, e das mensagens que trazia, que a Bíblia nos relata mais detalhadamente sobre o rei Acabe, do que qualquer outro rei de Israel. Sua história não se apresenta sempre em ordem cronológica, porque depende da ordem de descrição das atividades do profeta.

17.3 *Torrente de Querite.* Tecnicamente, a torrente, naquelas bandas, seria um pequeno

córrego, que apresentava correnteza somente em épocas de chuva. Devia localizar-se em lugar deserto, para que Acabe não encontrasse o profeta.

• **N. Hom. 17.6** Esta alimentação milagrosa que o profeta Elias recebeu durante a sua permanência naquela terra isolada, é o primeiro dos muitos milagres que se mencionam em conexão com o seu ministério. Neste mesmo capítulo aparecem mais dois, v. 15 e v. 22. Outros sinais seguiam-se, tanto durante as atividades proféticas de Elias, como durante as do seu sucessor Eliseu. Por que tantos milagres? 1) O estado de grave crise moral em Israel provocou a necessidade de manifestações excepcionais do poder divino; 2) Tais milagres eram as credenciais daqueles dois profetas (cf. 24, "Nisto conheço agora que tu és homem de Deus"); 3) Considerando o terrível desafio que teria de enfrentar no monte Carmelo (18.20-40), Elias precisava robustecer a fé que Deus lhe concedera, saturando a sua vida de milagres.

17.9 *Ordenei a uma mulher.* É fácil perceber, naquele momento dramático da vida do profeta, a mão de Deus mandando os corvos levarem o alimento milagrosamente para o Seu servo, mas é preciso reconhecer que Ele, na Sua providência e misericórdia, nem sempre é forçado a lançar mão do sobrenatural. Deus tem o controle do universo nas Suas mãos, mas para ensinar a beneficência e solidariedade à raça humana, prefere instrumentos humanos; por isso mesmo; colocou a mensagem do evangelho nas mãos dos fracos pregadores humanos para anunciar todas as coisas sobre a obra de Jesus Cristo, o que até os anjos anelam perscrutar (1 Pe 1.10-12).

17.12 *O Senhor teu Deus.* Esta mulher não era uma israelita, e seria considerada uma pagã - não reconhece o Senhor como seu Deus. Mas sua obediência ao profeta, e a fé que revelara ter na promessa feita em nome do "Deus de Elias" (13.14), fez dela, não somente um instrumento da misericórdia divina com relação ao profeta, mas, também o recipiente dos cuidados divinos com respeito a ela mesma e a seu filho (dar e receber sempre vêm juntos na vida religiosa), para no fim ela receber a dádiva mais importante de todas: a fé verdadeira na Palavra de Deus (24).

17.13 *Para trazeres à memória.* Naquelas regiões, a calamidade era o fator que mais freqüentemente despertava as consciências - a mulher pensara que um representante de Deus em sua casa traria à presença divina a memória de algum pecado seu. Ela não possuía nenhuma noção da onipotência de Deus.

17.22 *O Senhor atendeu.* Um comentário importante sobre a vida de fé e de oração deste profeta encontra-se em Tg 5.16-18.

18.3 *Obadias.* O nome quer dizer "Servo de Deus" e é comum no Antigo Testamento, havendo até um profeta com idêntico nome. Ele, assim como José e Daniel, conservou sua piedade, mesmo no meio de uma corte pagã. Deus preservara Seus filhos até mesmo em ambientes pecaminosos, na própria política, onde a luz do crente deve brilhar (Mt 5.13-16).

18.10 *Vê-se aqui a importância que o rei dava à procura de Elias, vendo nele a chave do problema da seca, que já se agravara demais. O próprio rei com seu mordomo, estava percorrendo a terra, em busca de erva para Seus animais (5 e 6). Segundo os costumes pagãos, que o rei adquiriu de Tiro, capital da religião cananéia, a morte do "feiticeiro" quebraria o "feitiço" (para os adoradores de Baal, era Baal que regia as forças da natureza; razão por que a luta contra alguém que profetizara uma seca teria de prosseguir até e fim).*

18.12 *O Espírito do Senhor te leve.* Este tipo de arrebatamento não podia ser considerado improvável (2 Rs 2.1, 3, 16; At 8.39). Se o profeta escapasse por um milagre, Obadias seria culpado de estar ajudando o profeta, e isto contra o rei. Ele já se arriscara muito (13).

18.17 *Ó perturbador.* • **N Hom.** O pecador nunca reconhece que é ele mesmo quem perturba o seu próprio íntimo, sua própria saúde, e seu próprio ambiente social. Sempre culpa a quem lhe desperta a consciência. É por isso que a psicologia pagã, vendo as

pessoas perturbadas por um senso de culpa, admite abolir toda a moralidade, julgando que com a ausência da lei moral, o pecado jamais preocuparia, uma vez que o ilícito passaria a ser lícito. Mas sendo Deus justo e o homem pecador, tal inversão seria uma aberração moral. O próprio Deus nos deu o senso divino da realidade do pecado e o escape eterno para dele nos libertar - a vida e a morte do Seu próprio Filho Jesus Cristo, nosso Salvador (1 Jo 1.7 e 2.1-2).

18.18 *Seguistes os Baalins.* A palavra hebraica *Ba'al* quer dizer "Dono", "Senhor" e "Marido". No paganismo de Canaã, era o nome coletivo para expressar várias idéias que o povo fazia, das divindades da natureza, que seriam os protetores de certas regiões, especialmente de bosques e montanhas. Alguns consideram-no deus das chuvas, outros um deus do fogo. Gradualmente, o nome se tornou um nome próprio, o Baal, o "grande" deus da fertilidade, e produção agrícola, adorado pelos cananitas e pelos seus sucessores, os fenícios. Esta adoração incluía os piores abusos sexuais e o sacrifício de vidas infantis (Jr 19.5). Jezabel, filha de um sacerdote-rei de Tiro, era a grande incentivadora do restabelecimento do culto de Baal na Palestina, tendo conseguido tal progresso no assunto, que provocara o desafio público e decisivo de profeta Elias (21).

18.26 *Manquejando.* Aqui se descreve uma parte do ritual pagão em voga naquela época. Os falsos profetas caminhavam ao redor do altar, ajoelhando-se a cada passo, fazendo uso alternado dos joelhos.

18.31 *Doze pedras.* Este ato é uma condenação simbólica e profética da divisão das tribos, todas elas pertencentes a Deus. A divisão do reino levava Acabe a fazer aliança com os pagãos. O altar que "Elias restaurou" (30) teria sido, talvez, um centro do culto a Jeová, até os tempos de Acabe e a ascendência do paganismo.

18.34,35 Nota-se a calma sustentada pela fé do profeta, verdadeiro dom de Deus, que simplesmente deixa o Senhor agir em lugar da incapacidade humana (2 Co 12.9). Vê-se como o profeta fez os preparativos, sem sequer sombra de dúvida da resposta divina, possuindo uma fé que, se necessário, poderia esperar horas sem temor e já sentindo o júbilo da vitória (27). Nas coisas eternas, o esforço humano não tem valor, mas sim a obra de Deus, aceita pela fé (Rm 4.5). *Água.* Teria vindo de um poço ou do mar que fica perto do monte Carmelo.

18.40 *Ali os matou.* Este ato ofenderia à sensibilidade do homem moderno, pois que já estamos na era dá graça de Cristo; mas para aquele povo, naquela situação histórica se justificava por vários motivos: 1) Vingava a morte dos profetas do Senhor; 2) Era o cumprimento ao julgamento divino contra os falsos profetas em Israel (Dt 13.1-5); 3) Era uma guerra autêntica, dos servos de Baal contra Deus e Seus seguidores.

18.43 *Seu moço.* Há uma tradição que afirma que o filho da viúva de Sarepta passou a ser o companheiro constante do profeta (17.23).

18.45 *Jezreel.* Esta cidade, situada perto do monte Gilboa, parece que era uma segunda capital de Acabe, ou talvez sua moradia de verão (21.1). A capital central era Samaria (16.24; 20.43).

18.46 *Correu.* A distância percorrida era de c. 25 km, e tinha de ser percorrida em alta velocidade, para acompanhar o carro real. Trata-se de um milagre de sustento sobrenatural, um sinal da presença de Deus com Elias.

19.2 A demonstração milagrosa que Deus fizera no monte Carmelo não quebrara a barreira da descrença daquela rainha pagã.

19.3 *Temendo.* Não é medo o que se apoderou de Elias (no v. 4 ele pede a morte) mas desânimo, cansaço da vida. Precisava, como Paulo (Gl 1.17, 18), estar sozinho com Deus para meditação e reavivamento. Berseba ficava c. 160 km ao sul de Jezreel.

19.4 *Basta.* Não parece ser o mesmo homem descrito no último capítulo (18.18, 36-38). Mas Deus, longe de o rejeitar, envia Seus anjos para ministrar conforto ao seu servo esgotado. Elias era um herói da fé, mas também era um "vaso de barro." (2 Co 4.7; Tg 5.17).

19.8 Horebe, o monte de Deus. É o mesmo monte Sinai, donde Moisés recebera a lei (Dt 4.10-12). O caminho, sobretudo longo (v. 7), era de mais de 300 km, depois de Berseba.

19.11 Eis que passava o Senhor. • N. Hom. Esta expressão quase idêntica à expressão em Êx 34.6, que descreve a ocasião em que Deus falara a Moisés no mesmo monte, a uns quatro séculos passados. Há paralelismo impressionante entre a obra de Moisés e a de Elias: aquele fundara a teocracia, e este a restaurou. Ambos tiveram um encontro especial com Deus, o que foi concedido a Moisés, na qualidade de legislador, e a Elias, na posição de fundador do verdadeiro movimento profético. Ambos nos seus ensinamentos, no seu ministério e nas suas vidas, apontavam para a Pessoa de Jesus Cristo, como o total cumprimento dos seus mais altos ideais, o que ficou claramente provado, quando, séculos mais tarde, num outro monte, ambos apareceram ao lado do Cristo transfigurado-(Mt 17.3 e vv. paralelos).

19.14 Eu fiquei só. Pela segunda vez, veio esta queixa desesperada. Elias aprendera a ter uma pura consciência do dever, vivendo a sós com suas meditações, mas agora sentia a falta de amigos e de apoio humano. Esquecera-se que a vitória da causa de Deus não dependia dele, tão somente. Se Deus lhe concedesse, naquela hora, alguma doce consolação, Elias alimentaria ainda mais o hábito egoístico e destrutivo de ter pena de si mesmo. A melhor inspiração nas horas da depressão é receber mais responsabilidades das mãos de Deus, para Ter sua vocação renovada. Elias tinha, ainda, de indicar dois reis e um profeta (15-16), que cumpriram os propósitos divinos da punição dos ídólatras (17).

19.18 Conservei. Só depois da exortação vem a consolação humana.

19.19 Eliseu. O nome quer dizer "Deus é Salvação". Se as doze juntas de bois pertenciam a seu pai e o povo mencionado em 21 era o corpo dos servos domésticos e agrícolas, sua família deveria ser próspera. *Lançou o seu manto.* O ato de tomar o jovem como sucessor. Aqui não se menciona o ato de ungir (16), mas é, claro que o ministério, a unção e a autoridade de Elias passaram para Eliseu, já que foi este que cumprira a missão de 15-16, como é descrito em 2 Rs 8.13; 9.1-3.

19.21 Os imolou. O sacrifício extemporâneo de Eliseu, significava estar pondo sua mão num outro arado, o espiritual (Lc 9.61-62); para seguir o profeta, tinha de fazer as despedidas tradicionais: quem seque a Cristo deve desembaraçar-se de todos os laços que o prendem ao mundo. Outros sacrifícios livres são descritos em 1 Sm 6.14 e 2 Sm 24.22-25.

20.1 Ben-Hadade. Era o vizinho mais próximo de Acabe, na fronteira do Norte. O rei da Síria não duvidava de sua capacidade de conquistar o território de Israel, e exigiu a entrega incondicional de tudo quanto, lhe aprazia (3 e 6).

20.9 Acabe era um homem fraco e mau, mas aqui temos uma das poucas ocasiões em que mostrou um pouco de coragem e dignidade.

20.10 É uma maneira de jurar pelos ídolos no sentido de que destruiria totalmente a cidade de Samaria (19.2; 15.22).

20.11 Acabe, vacilante e fraco, fez então uma declaração profunda e significativa: é melhor que ninguém se jacte antes de ter feito algo que mereça os aplausos, pois deve esperar até vencer a batalha e, no fim, sobreviver (Mt 23.12).

20.13 Um profeta. Mais de um dos profetas anônimos que Deus continuava a mandar até para os reis perversos (Mt 23.37-39).

20.15 Sete mil. Não deve ser a congregação dos fiéis que escutou a chamada do profeta de Deus (19.18), mas sim, os soldados do exército mobilizado em Samaria.

20.19,20 Da parte de Israel, a batalha fora ganha por intermédio dos moços; da parte da Síria, foi perdida por meio da embriaguez (16). Aprendamos pois, a aproveitar a mocidade no trabalho do Reino de Deus, e a vedar todo uso de bebidas alcoólicas.

20.22 Daqui a um ano. As campanhas bélicas naquelas regiões tinham uma época quase tradicional: a primavera (2 Sm 11.1; 1 Cr 20.1).

20.23 Deuses dos montes. O pensamento que restringe as atividades divinas a certos tempos e lugares, sempre fora tradicional no paganismo, inclusive a civilização pagã da Grécia e a de Roma, com seus deuses de amor, guerra, etc. O costume de se restringir a vida religiosa à hora e ao lugar do culto da igreja é, também, do paganismo.

20.24 Passa-se agora a um pensamento mais racional do que aquele do último versículo: removendo os reis (meras figuras tradicionais), quando trata-se da parte técnica da batalha. Pondo soldados profissionais e peritos, a Síria melhorou sua posição estratégica administrativa.

20.26 Afeque. O nome era comum naquelas regiões e a Bíblia menciona cinco cidades que assim se chamavam - é o equivalente de nossa palavra "fortaleza". Esta fica a leste da Galiléia.

20.28 Na Síria, nada se sabia sobre o Deus criador de todo o universo, o Deus que se revelou aos israelitas, mas aquela era a sua oportunidade para bem conhecê-lo (Gn 14.19, 22, Dt 3.24; Dn 11.32).

20.29 É difícil saber se o número de cem mil é apenas o símbolo de uma grande vitória, ou se é um número real. As batalhas, naquela época, eram vencidas quando do abandono e fuga da outra parte que era, quase sempre, totalmente dizimada.

20.30 Caiu o muro. Sem dúvida, a queda da muralha era parte da atuação dos soldados israelitas, arrebanhando os restantes fugitivos para depois procederem à destruição coletiva.

20.31 Reis clementes. Se Deus não era conhecido entre os siros (28), estes ao menos conheciam a influência de Sua lei revelada.

20.32 É meu irmão. Esta expressão significa que Acabe trataria a Ben-Hadade com as honras de um rei em pé de igualdade com ele mesmo, apesar da vitória absoluta que os israelitas alcançaram sobre os exércitos da Síria.

20.34 Aliança. As condições amistosas da paz: a devolução dos territórios que no reinado anterior foram cedidos à Síria (15.20), e privilégios comerciais para os israelitas naquela grande capital, que controlava as estradas das caravanas para o norte e o leste.

• **N. Hom. 20.36** Este homem recusara-se a tomar parte numa profecia de Deus, pela qual haveria de evidenciar a desobediência de Acabe aos oráculos divinos. O fim seria que um servo Seu se machucasse para desempenhar o papel de um soldado ferido, moral ou fisicamente para ser mais efetivo em levar a Mensagem; não que Deus se compraza no sofrimento dos Seus filhos, mas sim, por ser o mundo tão maligno e a carne tão contrária ao Espírito, que o portador da Mensagem da Luz sofra e seja perseguido (Tg 1.2-4; Jo 15.20; 2 Tm 3.12; 1 Co 4.12).

20.39 Um talento de prata. Parecia uma multa exagerada, equivalente a c. 35 kg. Quando o rei aprovara tão penosa imposição (40), estava também aprovando (sem querer) a aplicação de uma pena a si mesmo, por ter libertado um prisioneiro bem mais importante (42). Este ato, que tinha a aparência de ser um gesto de misericórdia e de clemência (34), nada mais era do que uma conveniência política, visando a uma futura aliança com a Síria, contra o grande e poderoso império da Assíria, que, de fato, um século mais tarde, eliminaria o reino de Israel. O caso é igual ao da desobediência que Saul mostrara, por respeito ao rei Agague (1 Sm 15.8-11).

21.3 A herança de meus pais. A Lei mosaica decretara que as heranças permaneceriam para sempre nas mesmas famílias (Lv 25.10-34). O único tipo de negócio viável seria o do arrendamento.

21.7 Governas tu? O velho apelo ao despotismo oriental, no qual Davi caíra uma única vez (2 Sm 11.1-27), e que lhe custara várias tragédias na família real e no governo, causando-lhe a perda de toda autoridade moral sobre os filhos e sobre o seu general Joabe. Jezabel não via problemas no assunto: era só eliminar a Nabote, ainda que não seria justo fazê-lo (8-14).

21.10 Blasfemaste contra Deus, Esta rainha fenícia não tinha

respeito algum pela lei de Deus. Sua hipocrisia é revelada quando acusa a Nabote do pecado que ela, mais do que ninguém, cometia continuamente.

21.13 A morte de um herói (juntamente com seus filhos, 2 R9.26) que, em contraste marcante com o casal real tão maldoso e os anciãos e nobres moralmente tão fracos, manteve sua própria integridade até ao seu doloroso fim.

21.16 Esta história bíblica quase que sobrepuja a qualquer outra narrativa sobre a maldade humana, pela sua quantidade de malícia, de hipocrisia, de traição e de covardia. Vemos, aqui, três tipos de pessoas malignas: 1) Acabe, que era maligno e fraco; 2) Jezabel, que era maligna e forte; 3) os anciãos, que eram malignos e subservientes. A responsabilidade na observância ao mando da consciência e da justiça, é maior do que a que se tem por um mandato do rei.

21.18 Acabe recebera mais do que esperava daquela transação: descera para tomar posse de uma vinha de que não necessitava, mas, longe de ali gozar de um passeio divertido, deu-se face a face com a ira do profeta de Deus, que viera pronunciar-lhe a sentença.

21.19 Com este ato, a rei tinha feito transbordar de iniquidade e o julgamento se tornara inevitável. Uma manifestação de arrependimento (29) ganhou mais três anos de vida para o rei (22.1ss), antes do cumprimento literal da profecia (22.8).

21.20 *Te vendeste.* Acabe, longe de ganhar um vinha, tinha vendido sua própria alma, seu futuro, e sua vida (cf. Mc 8.36).

21.23 A lei eterna das conseqüências do pecado se acha em Gl 6.7-8. O seu cumprimento incontestado se lê em 2 Rs 9.30-37.

21.27-29 A reação de Acabe continha mais medo do que arrependimento duradouro; talvez o mesmo medo que o tornara um instrumento nas mãos perversas de Jezabel, visto não possuir a hombridade de resistir à sua influência pecaminosa. Talvez um casamento com uma mulher virtuosa tivesse sido a sua salvação.

22.1 Período em que houve uma aliança entrega Síria e os israelitas, pela qual foi possível a Israel, derrotar os assírios, em Carcar no ano 853 a.C.

22.2 *Para avistar-se.* Uma visita oficial; o filho de Josafá já se casara com a filha de Acabe (2 Rs 8.18 e 26).

22.3 Afastado o perigo de uma invasão imediata pelos assírios (1n). Acabe rompe sua aliança com Ben-Hadade (20.34), para levar a cabo uma disputa sobre a importante cidade, fortificada, de Ramote de Gileade, uma das cidades de refúgio além do rio Jordão (Dt 4.43).

22.4 Parece que a cidade sempre fora um assunto de contenda entre as duas nações, mas agora Acabe obteve o apoio de uma terceira, Judá.

22.6 *Profetas.* Não está escrito "profetas do Senhor"; a palavra também se aplicava a sacerdotes e curandeiros pagãos. Estes tinham a função de dar um apoio religioso a Acabe, dizendo aquilo que ele desejava ouvir.

22.7 *Algum profeta do Senhor.* Josafá era um homem justo, e não se deixava enganar tão facilmente. Pode haver muitas pessoas no mundo que se dedicam à religião, à filosofia, à invocação de coisas sobrenaturais, mas um verdadeiro servo de Deus, guiado por Sua Palavra, vale mais que a total religiosidade do mundo, quando esta não é vinculada à Pessoa de Jesus Cristo (Cl 2.8-23).

• **N. Hom. 22.9** *Micaías.* Mais um verdadeiro servo de Deus, que estava em seu posto num momento histórico. Sua mensagem era fiel à vontade divina e não ao entusiasmo carnal, que proclama ir tudo muito bem, mesmo quando mais se acentua a desobediência às leis de Deus. Esta passagem é uma indicação da profundidade da separação que havia entre os falsos e os verdadeiros profetas. Os falsos profetas tentavam agradar aos seus ouvintes com promessas de sorte e felicidade (Jr 28.8-9). Os falsos profetas eram reconhecidos pelas profecias que não se cumpriam (Dt 18.21). Mesmo que um profeta opere milagres e prediga corretamente o futuro, deve ser rejeitado como falso, se pregar

heresias contra a lei de Deus (Dt 13.1). O verdadeiro profeta era íntegro na plena comunhão com o Senhor Deus e integrava-se completamente nos Seus planos (Am 3.7).

22.11 *Chifres de ferro*. Rechaçar seus inimigos com o poder dos chifres do boi selvagem era o quinhão de José, pai de Efraim e Manassés, e patriarca dessas tribos do norte (Dt 33.13-17).

22.15 *Triunfarás*. Micaías já resolvera nada falar em nome do Senhor, senão o que lhe era revelado, mas como o rei tomara a resolução de rejeitar a mensagem divina (8), fala humana e sarcasticamente: "Então vai lá e vence". É o caso semelhante ao de Balaão, um profeta contratado para "profetizar" uma mensagem preparada de antemão, sem, contudo, se desprezar os seus dons proféticos (Nm 22.38).

22.16 *Em nome do Senhor*. O verdadeiro profeta fala: "Assim diz o Senhor"; mas se Acabe exigia tal introdução teria também de agüentar a verdadeira mensagem que se seguiria (17, 19-23).

22.19-23 Houve uma cena semelhante no caso de Jó (Jó 1.6-12), com a diferença que, naquele caso, imperava o desejo de Satanás, pondo à prova a integridade de um verdadeiro homem de Deus, e aqui é o próprio Deus que escolhe o Seu mensageiro para cumprir Sua sentença contra Acabe.

22.25 É claro que Zedequias era um falso profeta, sem qualquer contato com Deus. Pior ainda, encarregado oficialmente para ser um despenseiro das coisas religiosas, sem ter religião.

22.30 Acabe tentou fugir do julgamento divino, mas os seus disfarces jamais cancelariam a sentença pronunciada pelos dois profetas de Deus (21.21-24; 22.17).

22.31 *Contra o rei de Israel*. O rei da Síria desejava vingança contra Acabe, por ter quebrado a aliança de maneira tão covarde e traiçoeira (1-4).

22.32 *Josafá gritou*. Era, pela astúcia de Acabe, o único vestindo trajes reais. O grito deve ter sido uma oração pelo socorro divino (2 Cr 18.31). O rei da Síria não quis tornar a participação casual de Josafá numa causa de uma longa guerra contra Judá.

22.34 *Ao acaso*. Mais uma vez, um homem anônimo, foi instrumento das mãos de Deus sem estar consciente de Qual a Mão que manejou o seu arco. Quanto mais anônimo é o instrumento, tanto mais glória tem Aquele que dispõe de todas as coisas, segundo a Sua soberana vontade (Jo 3.27-30).

22.36 *Para a sua terra!* É a derrota total, seguida pela fuga em desordem segundo a profecia de Micaías (17).

22.38 *O Senhor tinha dito*. Pela boca do profeta Elias (21.19).

22.39 *À casa de marfim*. Era um palácio em Samaria, com as paredes adornadas com placas de marfim, tendo móveis de marfim compensado, segundo descobertas feitas por arqueólogos, na área que antigamente era Samaria. Durante um século foi esta a moda seguida pelos ricos, pois que os pobres não tinham sequer alimentação adequada (Am 3.13-4.1-3).

22.40 *Assim, descansou*. • **N. Hom.** Depois de tantas obras de construção (39), a glória deste rei se findou quando o sangue real se confundira com as águas do esgoto. Assim é a obra daquele que não constrói segundo o plano divino (Sl 127.1; 1 Co 3.10-15).

22.41 *Josafá*. O plano histórico exige que se anuncie o princípio do reinado de Josafá, embora já se tenha dito algo a respeito, junto à história de Acabe, cujo reinado foi anterior ao dele. Era reto e temente a Deus (43).

22.48 *Um governador*. Edom ainda sob o domínio de Judá; visto ter Davi conquistado aquele país, sua tribo ficou com esta província. Só no tempo do filho de Josafá foi que houve rebelião contra Judá (2 Rs 8.20).

22.49 *Navios de Társis*. Veja 2 Cr 20.35-37 e a nota de 10.22.

22.50 *Josafá não quis*. Já bastavam as alianças com os reis infiéis à sua religião.

22.51 *Jeorão*. Este rei tinha por esposa, a filha de Acabe com Jezabel; conseqüentemente, a idolatria dominante contaminara o reino de Israel, começando a

imiscuir-se também no reino de Judá (2 Rs 8.18).

O Segundo Livro de Reis

Esboço

Acazias, de Israel (continuação), 1.1-18

Jeorão, de Israel, último Rei da Quarta Dinastia, 3.1-27; 8.16-24

Histórias de Eliseu, 4.1-8.15

Jeorão e Acazias, de Judá, 8.16-29

Período do Antagonismo Renovado entre Judá e Israel, 9.1-17.41

Jeú de Israel, Fundador da Quinta Dinastia, 9.1-10.36

Atalia, Rainha de Judá 11.1-21

Joás, de Judá, 12.1-21

Jeoacaz e Jeoás, de Israel, Reis da Quinta Dinastia, 13.1-25

Amazias, de Judá, 14.1-22

Jeroboão II, de Israel, Quinta Dinastia, 14.23-29

Uzias (Azarias) de Judá, 15.1-7

Dias Caóticos em Israel, Sexta, Sétima e Oitava Dinastias, 15.8-31

Jotão e Acaz, de Judá, 15.32-16.20

Oséias de Israel, Nona Dinastia. Colapso Final de Israel, 17.1-41

O REINO ÚNICO - JUDÁ, APÓS A QUEDA DE ISRAEL, 18.1-25-30

Ezequias de Judá, 18.1-20.21

Manassés e Amom, de Judá, 21.1-26

Josias, de Judá, 22.1-23-30

Os Últimos Dias de Judá, 23.31-25.21

Gedalias, 25.22-26

Observação Final, 25.27-30

1.1 Moabe. Os moabitas descendiam de Ló (Gn 19.37). O seu território estendia ao sudoeste do mar Morto. Formavam um reino forte, sendo bem desenvolvido na agricultura, em poderes bélicos e nas artes, destacando-se a sua cerâmica. Apesar disso, Moabe foi subjugado pelo rei Davi (2 Sm 8.2) e sob essa condição de servilismo, prolongou-se até bem depois da divisão das doze tribos, nos dois reinos, de Israel e de Judá. A revolta é mencionada como um acontecimento no reinado de Acazias. Como, porém, Acazias reinou pouco tempo (os dois anos mencionados em 1 Rs 22.52 compreendem o período que abrange partes de 853 e 852 a.C.), seu irmão Jorão ouviu as devidas represálias (3.4-27).

1.2 Grades. Deviam pertencer ao terraço dos aposentos particulares que ficavam no teto da casa, segundo o costume oriental. *Baal-Zebube*. É o nome que os israelitas davam a Baal-Zebul (que quer dizer "Baal, o Príncipe"). A alcunha israelita significa "Senhor das Moscas". Na época de Jesus, os judeus aplicavam esse nome ao maioral dos demônios, isto é, Satanás (Mc 3.22; Mt 10.25).

1.3 Ecrom. Uma das cinco cidades principais filisteus (Js 15.45-46; 1 Sm 17.52), é a cidade filistéia mais próxima do território de Israel.

1.8 Esta descrição é semelhante à que se dá de João Batista (cf. Mt 11.14; 17.10-13; Mc 9.11-13; Lc 1.17).

1.12 Desça fogo. Algumas vezes Deus mandara fogo milagroso como revelação do Seu poder (1 Rs 18.38; 2 Rs 2.11) e como símbolo e instrumento do Seu juízo (Gn 19.24; Lv 10.2; Hb 12.29).

1.13 Suplicou-lhe. Em atenção à humildade daquele capitão, Elias recebera a autorização divina de acompanhá-lo (15), mas a mensagem divina em nada podia ser alterada (16).

1.17 *Acazias não tinha filhos.* Uma parte da profecia sobre o extermínio da descendência de Acabe (1 Rs 21.21-22).

2.3 *Os discípulos dos profetas.* Nos dias de Elias e de Eliseu, existiam várias "Escolas de Profetas". Não se faz claro, exatamente, o que nelas se estudava, mas compreende-se que eram centros de treinamento espiritual, provavelmente sob a autoridade de Elias; a Escola em Gilgal tinha uma vida comunitária, completa e independente (4.38-44). Aqui Elias está fazendo sua visita de despedida a três escolas: Gilgal, Betel e Jericó.

2.6 *Não te deixarei.* O teste final da fidelidade de Eliseu estava sendo feito antes de sua nomeação definitiva como sucessor de Elias (1 Rs 19.16), o ponto culminante do teste seria o de presenciar o milagre do arrebatamento do seu líder, e, assim, naquele dramático momento, tomar consciência da sua vocação profética (9.13).

• **N. Hom. 2.8** Deus permitira ao povo hebreu passar a seco pelo rio Jordão, na ocasião de tomar posse da Terra Prometida (Js 3.7-17); o espírito do Povo Escolhido estava agora concentrado num indivíduo que recebia o mesmo privilégio que o povo outrora recebera, quando ainda fiel e obediente (Js 1.17-18). Assim como Elias ficara quase sozinho naquela nação apóstata (1 Rs 19.14), Jesus Cristo haveria de encarnar e concentrar em si mesmo a missão divina de reconciliar os homens perdidos com Deus.

2.9 *Porção dobrada.* Não quer dizer que Eliseu pretendia ter duas vezes o poder de Elias, mas sim, estava querendo ser herdeiro da missão profética de Elias, e por isso, a porção dupla era a herança do primogênito, comparada com a dos demais filhos.

2.11 *Um carro de fogo.* O carro era a mais poderosa máquina de guerra daquela época, e o fogo a força mais destruidora que a ciência conhecia; conclui-se que esta era a manifestação do poder de Deus numa forma visível, que impressionaria profundamente a Eliseu. Era uma despedida digna de um homem que invocara o fogo dos céus em duas épocas cruciais (1 Rs 18.36-40). *Num redemoinho.* O mesmo tipo de vento forte que Elias presenciara no Monte Horebe (1 Rs 19.11) soprara ali para levá-lo a Deus (Sl 104.4).

2.12 *Carros de Israel.* A idéia é que a força verídica de Israel estava na mensagem profética, e não nos seus exércitos (Sl 33.16-17).

2.1 5 *O espírito de Elias repousa sobre Eliseu.* A prova visível disso foi a autoridade milagrosa concentrada nesse servo de Deus (8). O espírito e a autoridade eram iguais para ambos aqueles grandes profetas, raras suas personalidades eram diferentes. Elias subira às alturas do seu apogeu quando das suas lutas contra o pecado nacional, mas caíra também nas profundezas do desespero. Eliseu não vivia muito acima do nível do povo, mas identificava-se com os homens, dando-lhes conselhos, curando-os, aliviando-os.

2.18 Estes discípulos acreditavam em milagres, mas nunca em uma viagem diretamente aos céus.

• **N. Hom. 2.22** Os dois primeiros milagres que Deus concedeu ao Seu servo Eliseu, para comprovar-lhe a veracidade da sua vocação, foram eles: a prova da sua autoridade sobre os poderes da natureza no deserto ajudando o Seu servo a atravessar o leito do Rio Jordão a seco, sem que houvesse impedimento (14), e o milagre que aliviara o povo de suas dificuldades (22). Foi assim também o início do Ministério de Jesus Cristo sobrevivência milagrosa no deserto (Mc 1.12-13); e assistência numa festa de casamento, na qual Sua mãe haveria de ser envergonhada por não ter condições de oferecer a fartura exigida pelos costumes locais (Jo 2.1-12).

2.23 *Rapazinhos.* Uns jovens de 12 a 16 anos de idade, talvez, desafiaram o profeta a tentar "subir"; isto é, chegar ao alto no conceito religioso em Betel, o centro da idolatria em Israel (1 Rs 13.1ss). Alguns pensam que "calvo" refere-se à calvície usada por pessoas enlutadas; é possível que, e Betel, estava sendo preparada para Eliseu, não uma recepção digna de um profeta, mas sim, um linchamento ao homem acusado de ter assassinado seu predecessor. Deus escolhera a Eliseu, dotando-o de poderes espirituais, mas alguns homens rejeitaram-no, atribuindo-lhe poderes malignos, a milagres

sobrenaturais, cometendo, com isso, imperdoável blasfêmia contra o Espírito (Mt 12.22-32, especialmente v. 31).

3.5 Revoltou-se. A recusa a pagar-se tributo aconteceu no ano anterior; no tempo do rei Acazias, cujo reinado foi reduzido em razão do acidente sofrido como punição à sua idolatria (1.2).

3.7 Subirei. Naquela época, segundo os arqueólogos, Judá estava sendo quase forçada a obedecer aos desígnios do rei de Israel.

3.8 Edom. Este país ainda estava sob o poderio do rei de Judá, e do seu próprio rei (nomeado pelo rei de Judá como governador, 1 Rs 22.47-48) tinha de acompanhar a expedição, que se enveredara por aquele roteiro difícil, pois Mesa já havia fortalecido suas fronteiras.

3.10 O instigador da invasão foi o primeiros se amedrontar; isto acontece com os valentões.

3.11 Deitava água. Na condição de servo, companheiro, discípulo, amigo e herdeiro - a mesma relação entre os discípulos de Jesus e Seu Mestre!

3.15 Tangedor. Eliseu, como servo de Deus, não precisava curvar-se diante de qualquer posição humana. Reconhecendo a piedade religiosa de Josafá, chama alguém para tocar música, o que preparou o profeta para a comunhão com Deus.

3.18 A promessa da libertação do perigo, é acompanhada de um senso de responsabilidade em cumprir os propósitos divinos; também os que conhecem Jesus como Salvador, devem observar os Seus ensinamentos. Se a ordem dada parece ser cruel, lembre-se que Moabe sempre foi uma ameaça para o povo de Deus, interrompendo-lhe a marcha para Canaã (Jz 11.17); levando-o à idolatria (Nm 25.1-3); subjugando-o por 18 anos (Jz 3.14).

3.25 Quir-Haresete. Esta cidade fortificada, tinha uma posição estratégica sobre uma montanha rochosa; era forte o bastante para resistir à invasão da capital de Moabe; também chamada Quir-Moabe (Is 15.1).

3.26 Contra o rei A tradução pode ser "de encontro com o rei", o qual seria um súdito muito constrangido, naquela invasão: poucos anos mais tarde, fizeram uma aliança com Edom.

3.27 Houve grande ira. Ou este ato de desespero despertou, em Judá e Edom, ódio contra o espírito vingativo de Israel, ou talvez devamos entender que os aliados ficaram abalados pelo terror supersticioso da ira da divindade local. (Foi justamente naquela época da história de Israel que a idolatria se acentuara entre os israelitas).

4.1 Escravos. Os filhos eram considerados como bens transferíveis; serviam, portanto, para resgata dívidas.

4.2 Uma botija de azeite. • **N. Hom.** Eliseu principiara do ponto em que a mulher se encontrava, no que se refere às suas possessões (cf. 1 Rs 17.12-16). Também dessa forma, Jesus conversou com a mulher samaritana, primeiro sobre a água (o que ela viera buscar), depois sobre seu passado pecaminoso (o motivo pelo qual ela vinha em busca d'água numa hora em que tinha a certeza que não se encontraria com ninguém da cidade), e só depois falou-lhe sobre as coisas eternas (Jo 4.1-42). Assim também se efetuou a restauração, cada um construindo o muro defronte à sua própria casa (Ne 3.10). De igual modo Jesus nos aceita, tal como somos, tendo oferecido Sua vida em favor dos ímpios, aos quais, só depois de aceitarem Sua redenção na cruz, é que lhes será concedido poder divino para se tornarem santos (Rm 5.6-11).

4.7 Vende o azeite. Este milagre tem certa semelhança com o milagre de Elias mencionado em 1 Rs 17.8-16. • **N. Hom.** Quem deseja ter uma vida cheia da unção do Espírito de Deus, sendo comparado ao azeite, precisa possuir as três qualidades que são as condições de receber essa unção ou seja, três receptáculos ou vasilhames simbólicos: 1) A vasilha do desejo de receber, Tg 1.6; 2) A vasilha da fé, Mt 21.22; 3) A vasilha da obediência, Jo 14.15-16. A mulher recebera exatamente tanto azeite quantas vasilhas

possuía, e também tantas vasilhas quanto seu desejo, sua, fé e sua obediência a impulsionara a tomar emprestadas.

4.8 Suném. Uma cidade no território da tribo de Issacar, perto de Jezreel, 1 Rs 1.3, 15.

4.10 Obra de pedreiro. Era um aposento permanente, e não o tipo de sala de emergência, que comumente era composta de uma tenda estendida sobre o teto ou telhado plano. A mesa com lâmpada nos dá a impressão de que os profetas da época esquadriavam sobre ela os livros de Moisés, como fonte inspiradora para suas mensagens.

4.13 Meu povo. Era uma mulher de bens, cercada por familiares, que não precisava da intercessão de terceiros em seu favor.

4.16 A angústia de um casal velho e sem filhos, seguida pela inesperada alegria de recebê-lo quando já se lhe fugira toda a esperança, é um sentimento cuja expressão transcende à compreensão humana. Isto, várias vezes se revelara na história do povo de Deus; Gn 21.1-5 (o nascimento de Isaque); 1 Sm 1.5, 20 (o nascimento de Samuel); Gn 30.22-24; Gn 37.1-36 (o nascimento de José e o resultado histórico, o ciúme de seus irmãos em razão da preferência que ele gozava da parte de seu genitor).

4.20 Morreu. Uma forte dor de cabeça, provocada por um forte Sol, quando da época da sega, ocasionou sua morte; deve ter sido uma insolação.

• **N. Hom. 4.23 Por que vais.** Nota-se a atitude semi-religiosa, comum naquela época: a religião da pagão era o aparecer em cerimônias religiosas, alternado por um comportamento anti-religioso até a próxima festa. Para eles, o sacerdote, o profeta e o ministro eram apenas os celebrantes da liturgia. Esse homem não podia compreender que a religião verdadeira traz soluções às situações angustiantes da vida diária; deve-se buscar a Deus em quaisquer circunstâncias (Ec 12.1; Is 53.6; Os 10.12; 2 Co 6.2).

4.26 Tudo bem. A mulher respondeu com a simples saudação tradicional "Shalom", que quer dizer paz, saúde, prosperidade; ela não tinha nada a conversar com quem quer que fosse, até, expor suas angústias diante do homem de Deus, que lhe haveria de mostrar a solução daquele problema.

4.27 Deixo-a. Aqui o profeta está mostrando algo daquela terna compaixão e compreensão, que sempre fora a marca inconfundível do caráter do Senhor Jesus Cristo, quando Se revelou entre os homens, na terra (Mt 19.3-15).

4.29 Bordão. O símbolo da autoridade, tanto de um rei, como de um pastor; da autoridade espiritual de quem está vivendo como embaixador do Rei dos reis; da ternura pastoral de quem se dedica a restaurar os homens desgarrados à plenitude da comunhão com Deus. *Não o saúdes.* O profeta compreendeu a urgência da situação a mulher não precisou chegar ao ponto de descrever a morte do menino e agora seu servo está investido de uma missão de misericórdia, que não permite as longas saudações orientais. Assim também foram enviados os servos de Jesus (Lc 10.4).

4.33 Orou. Milagres semelhantes se encontram em 1 Rs 17.17, 23; At 9.40.

4.38 Voltou. Foi um percurso cíclico do profeta, assim como Samuel fazia o seu circuito de Juiz (1 Sm 7.16). As escolas, naquela época difícil, mantinham-se na mais absoluta simplicidade e pobreza: seus alunos alimentavam-se de sopa de ervilhas silvestres (39). Tão aguda foi então a fome, que não houve sequer cuidado em escolher as ervas (a colocíntida é venenosa).

4.42 Primícias. Este incidente deve ter acontecido algum tempo depois daquele descrito em 38-41, que é uma situação da época da fome. Temos aqui uma estação de ceifa, cujas primícias, em parte, eram destinadas aos sacerdotes (Lv 23.10, 17; Dt 18.3-5). A entrega dessas primícias a Eliseu mostra-nos que era ele considerado como um verdadeiro homem de Deus. Eliseu, por seu turno, usava as contribuições recebidas para o sustento da causa de Deus, alimentando os membros da escola dos Profetas, desempenhando sua responsabilidade no reino de sacerdotes (Êx 19.6).

5.1 Leproso. Em Israel, não seria possível um leproso ocupar uma posição de destaque (Lv 13.45-46).

5.5 *Ao rei de Israel.* Segundo o costume dos pagãos, o sacerdote e o profeta nada mais eram do que empregados da corte do rei; por isso mandou um pagamento adiantado pela cura. A soma total equivaleria 340 kg de prata e 68 kg de ouro, uma soma digna de um rei para efetuar o pagamento a um colega seu pelos serviços de um profeta.

5.7 *Rasgou as suas vestes.* Sinal de luto, horror ou desespero entre os israelitas. *Pretexto.* Entre a Síria e Israel houve, naquele século, períodos de guerra e de paz alternados, com períodos de colaboração.

5.8 A moradia de Eliseu não ficava muito longe de Samaria, razão por que o profeta tornou logo conhecimento do caso. Pena é que, quando o rei gritou "Acaso sou Deus?", nem sequer pensou em chamar o profeta d'Aquele que é o Deus Todo-Poderoso. *Saberá.* Cf. 1 Rs 18.36.

5.10 *Um mensageiro.* Eliseu não dera atenção àquele grande herói de guerra; nem se deu ao trabalho para sair de casa e cumprimentá-lo!

5.11 *Se indignou.* • **N. Hom.** Agora compreende-se porque Eliseu tratou o general tão abruptamente: o orgulhoso Naamã pensava que, para um grande homem como ele, forçosamente haveria especiais atenções e uma cura milagrosa, e mesmo dramática; atitude esta que não se enquadra nos ensinamentos bíblicos. A mensagem da Bíblia é de igualdade entre os homens na presença de Deus, e, perante Ele, todos haverão de se apresentar com humildade aceitando a obra de Jesus Cristo, pela qual nas concede a salvação e as bênçãos eternas (Rm 3.23; At 17.25-26; Tt 3.5).

5.13 *Não a farias?* Naamã tinha assessores inteligentes, que, com cortesia, humildade e lógica cristalina, souberam tirar seu comandante do seu estado de indignação e conduzi-lo a um clima de compreensão que lhe possibilitaria a, cura.

5.17 *Naamã.* Queria levar dali terra para erguer em sua pátria um altar a Deus - tinha recebido a cura da alma juntamente com a cura do corpo.

5.18 *Nisto perdoe.* Naamã quer explicar que quando suas funções cívicas o forçassem a entrar em um templo pagão, ele não precisaria ser considerado como participante do culto idólatra; ainda não era possuidor daquela fé heróica que vence a qualquer obstáculo (Mc 9.24).

5.19 *Vai em paz.* • **N. Hom.** O profeta quis que a general fosse embora em paz com Deus sem explicar-lhe todas as conseqüências da sua escolha religiosa; o própria Deus o guiaria em seu caminho, segundo Sua própria vontade, ensinando-o segundo sua capacidade de entender. Assim, o ministro cristão deve reconhecer como seu, principal dever, encaminhar as pessoas num contato real com o Senhor Jesus Cristo e a Palavra de Deus, não se preocupando, demais em impor sua própria maneira de entender, de pensar e de agir ao recém-convertido. Deve confiar em Deus para que o Espírito Santo possa completar e aperfeiçoar toda boa obra (Fp 1.6).

5.20 *Geazi.* Este discípulo de Eliseu pode ser comparado com Judas Iscariotes, discípulo de Jesus Cristo: ambos tiveram contato prolongado e íntimo com mensageiros de Deus, preferindo, porém, o endurecimento da atitude de cinismo, própria dos desalmados mercenários em práticas religiosas (Jo 12.4-6; At 8.18-20, Simão o mágico).

5.26 *Fui contigo em espírito.* Eliseu deve ter possuído algo semelhante ao dom do Espírito Santo chamado a Palavra do Conhecimento, mencionado em 1 Co 12.8. Já sabia até mesmo o que Geazi estava pensando em comprar com dois talentos de prata.

6.1 A Escola de Profetas, o Instituto Bíblico de Eliseu, estava em pleno desenvolvimento. Nota-se que este profeta aparece como guia e orientador em ocasiões em que a situação é de difícil solução.

6.5 *O machado.* Naquela época, este instrumento seria uma invenção nova e de grande valor. (Esta história é de c. 843 a.C.).

6.6 *Fez flutuar o ferro.* Cada vez que Eliseu se depara com seus semelhantes em situações difíceis, lança mão de objetos singelos para realizar o milagre que solucionaria o problema: o sal, 2.21; o azeite, 4.2-7; o hálito, 4.34; a farinha, 4.41; o pão, 4.42-44; e de

um pau neste versículo. Tais objetos, nenhum efeito podiam ter tido: o que operava era o poder de Deus através de uma vida de oração e de fé.

6.11 *Não me fareis saber.* A não ser por muita cortesia, um rei daqueles tempos, suspeitando de traição, poderia ter decapitado todos os oficiais.

6.13 *Dotã.* Uma cidade situada numa colina, 15 km ao norte de Samaria. Foi ali que José foi vendido aos ismaelitas como escravo (Gn 37.17).

6.14 Um destacamento bélico muito forte para um simples profeta!

6.15 *O moço.* Este moço, cujo nome não se sabe, ficará no lugar de Geazi, 5.26.

6.16 *Não temos.* • **N. Hom.** Esta exortação aparece muitas vezes na Bíblia; nota-se que sempre vem acompanhada de alguma declaração consoladora, como aqui, em Is 41.10, e em Lc 2.10; 12.32. Seria inútil admoestar alguém para que não fique com medo, se previamente, a causa desse medo não é anulada. Para uma mente esclarecida que reconhece que os poucos dias vividos na terra são nada, comparados com a eternidade, o medo visaria às conseqüências eternas, para as quais Jesus tem a solução, pois é por Ele que Deus nos outorga a vida eterna (Lc 12.32; Jo 3.16). Esta confiança é exposta em Sl 23.4.

6.17 *Abriu os olhos.* O moço não era cego fisicamente, apenas não possuía percepção espiritual. As forças da proteção divina revelavam-se, agora, de forma que seus olhos humanos podiam enxergar, e sua mente humana podia entender (Sl 119.18; Sl 34.7; Ef Hb 13.1).

6.18 *Cegueira.* A palavra *sanverim* (heb) aparece somente aqui e em Gn 19.11 (onde se trata de uma punição divina para os homens de Sodoma que intentavam lançar mão de Ló). Deve significar incapacidade de distinguir alguns objetos, porque caso se tratasse de cegueira total, aqueles soldados não poderiam continuar avançando na direção do profeta, não podendo também os sodomitas prosseguir em seus propósitos, caso estivessem numa situação de cegueira total.

6.21 *Meu pai.* O nome do rei de Israel não aparece nestas narrativas; deve ser Jorão, cujo reinado é descrito, mais adiante. As datas dos reis têm menos importância neste Livro do que o relato da vida dos homens de Deus.

6.23 *Não houve mais investidas.* O perdão concedido pela rei, aos soldados, tem, no final, uma vitória mais importante do que a que eles esperavam ganhar (Pv 25.21-22).

6.24 Aqui não há contradição: trata-se agora de guerra e não de incursões e ataques repentinos.

6.25 Esta carne inferior, custava o equivalente a 971 kg de prata por cabeça; o esterco seria o combustível para refogá-la.

6.32 *Homicida.* Refere-se a Jorão, filho de Acabe, que matou o inocente Nabote.

7.2 *Poderia suceder isso?* A descrença, a ausência de fé, não somente é um grande pecado contra Deus, mas também priva indivíduos e nações das bênçãos que Deus lhes deseja outorgar. O pecado individual, no caso, tem conseqüências nacionais: Nm 13.25-14.38 mostra-nos o povo de Israel forçado a errar quarenta anos no deserto por causa de idêntico pecado (Hb 3.16-19; Mt 13.58).

7.4 A lepra não destruíra o raciocínio daqueles homens: estavam pensando de maneira bem lógica. Legalmente, não haveria para eles possibilidade de licença para penetrar na cidade (Lv 13.46; Nm 5.2). Estavam nas mesmas condições dos sitiados: a morte pela peste ou pela fome dentro da cidade, e pela espada, ao redor da cidade.

7.6 *Ruído de um grande exército.* Outras batalhas também foram vencidas, com o auxílio de estrondos e rumores sobrenaturais (2 Sm 5.24; 2 Rs 19.7). *Heteus.* Tribos fortes que ameaçaram as civilizações da Síria, da Assíria, da Babilônia e de Israel.

7.7 *Fugiram.* "Fogem os perversos, sem que ninguém os persiga" (Pv 28.1). Esta é a punição da desobediência (Lv 26.36-3).

• **N. Hom.** **7.9** Estes leprosos tinham recebido riquezas acima de todas as suas mais ambiciosas expectativas, sem nenhum merecimento ou esforço. Aquelas riquezas eram

suficientes para abastecer o povo inteiro, como se vê no versículo 16. Era, portanto, um dia de boas novas e esconder aquelas boas novas seria uma grande maldade. De igual modo quem recebe a salvação eterna, a qual vem da graça de Deus e não do merecimento pelas obras humanas (Ef 2.8-10), tem grande responsabilidade de espalhar essa boa nova. (Mc 16.15: "Pregai o evangelho a toda criatura". A melhor pregação é ter vidas frutíferas segundo a vontade divina! Ef 2.10: "Criados em Cristo Jesus para as boas obras").

7.13 A multidão. O versículo é difícil de traduzir, mas o sentido seria que os cavalos pereceriam como o povo, se não fossem empregados naquele trabalho. Deviam ser os últimos cinco, e o servo estaria pensando como os leprosos, no v. 4. Não havia mais nada a perder: a cavalaria já estava inutilizada.

7.16 O mesmo Deus que outrora mandara o maná para o Seu povo, no deserto agora estaria provendo; com abundância de alimento, as necessidades de seu povo afligido pelo inimigo, a um preço reduzido (o *alqueire* mencionado é a palavra hebraica *seah* 7,3 litros e o *siclo* é de 11;4 gramas de prata por quilo de farinha!).

7.17 Se apoiara. Este oficial era um dos favoritos particulares do rei, e foi colocado para supervisionar a venda de alimentos. A violência da fome do povo culminou com uma situação de desespero tão grande, que a massa popular debandou causando a morte do oficial e cumprindo assim a profecia de Eliseu (2).

8.1 Falou. Os verbos hebraicos não têm muita variedade nos tempos; por isso, deve ser traduzido "tinha falado", referindo-se, naturalmente, à época descrita no capítulo; 4. Pelo fato desta narrativa mencionar Geazi, deve ser anterior ao episódio mencionado em 5.27. A história bíblica está mais na ordem dos ensinamentos morais do que na ordem cronológica.

8.2 Essa mulher possuía bens (4.8-10), tinha família (4.13), e, provavelmente, estava em condições de viajar para fugir aos anos de fome em sua terra e procurar um país estranho, a Filístia (cf. Gn 12.10).

8.7 Ben-Hadade. Já houvera um Ben-Hadade em Damasco, no ano 900 a.C. Ben-Hadade II começou a reinar c. 873 a.C. e reinou até o ano 843, ano em que Hazael começara a reinar (15).

8.9 Quarenta camelos. Essa caravana teria a capacidade de carregar até dez toneladas de mercadorias. Mas, talvez, uma boa parte da mesma fora mandada para formar uma comitiva impressionante, Gn, 32.13-18.

8.10 Dize-lhe. "Lhe" em hebraico é. "Lo" e "Não" também é "Lo", com uma pequena consoante muda depois do "o". Originalmente se lia: "Dize - não sararás certamente", e os rabinos de milhares de anos atrás alteraram o pormenor, para mostrar que o profeta sabia que o rei haveria de sarar, mas também que ele haveria de ser assassinado.

8.13 Rei do Síria. Eliseu está cumprindo parte da tarefa dada a Elias no monte Horebe (1 Rs 19.15). Elias, ao ungir Eliseu (1 Rs 19.16, 19-21), deixou-o com a incumbência de ungir Hazael, rei sobre a Síria e a Jeú, rei sobre Israel (2 Rs 9.1-13).

8.15 A ordenança divina que fez a Hazael, rei da Síria, não significava que ele era livre para usar métodos criminosos para apressar sua própria coroação. Veja a nota de 1 Rs 16.7.

8.16 Jorão. A atividade vital de Eliseu, de promover uma grande reforma religiosa, só se descreverá depois de fixá-la dentro da história de Judá e de Israel. Por isso surgem agora os dados oficiais acerca dos dois reis que perderiam suas vidas nessa revolução (9.14-29). Jorão não deve ser confundido com Jeorão, rei de Judá e Filho de Josafá. Ambos os nomes significam "Deus é exaltado" " Jeorão de Judá, reinou de 849-842 a.C., Jorão de Israel reinou de 853 a 842 a.C.

8.18 Este rei de Judá seguiu o exemplo de tirania e assassínios da família real de Israel, 2 Cr 21.2-4.

8.19 Uma lâmpada. Veja nota sobre 1 Rs 11.36.

8.23 História dos Reis. Os arquivos reais, uma das fontes de informação para este relatório, e para 2 Cr 21.1-20, que dá mais alguns pormenores sobre o rei Jeorão.

8.25 Acazias. Reinou no ano 842 a.C., o ano da morte do seu pai Jeorão; antes de completar esse ano no trono caiu vítima de Jeú (9.27). Não se deve confundir com o rei Acazias de Israel, que reinou durante parte dos anos 853-852 a.C., e que morreu em consequência de uma queda e agravada pela sua atitude de infidelidade a Deus (1.2, 16).

8.26 Atalia. Era uma neta de Onri. Na maneira hebraica, de pensar e falar, nem sempre se distingue entre "filho" e "neto" (cf. 9.14 com 1 Rs 19.16). Filha de um casal maldito (Acabe e Jezabel), herdou a malignidade de seus pais (11.1).

8.29 Jezreel. Acabe tinha feito uma espécie de segunda capital nesta cidade (1 Rs 18.45n). Ficava nas montanhas e funcionava como uma estância climática para a família real. Acazias estava presente como sobrinho do rei Jorão.

9.1 Um dos discípulos. Eliseu deve ter escolhido um dos estudantes mais insignificantes da Escola de Profetas (2.3-5), para não despertar desconfiança antes da hora aprazível, uma grande revolução de fundo religioso. O ato dramático e fundamental da revolução seria a exterminação da dinastia de Onri, incluindo seu filho Acabe, segundo a profecia de Elias registrada em 1 Rs 21.21-24.

9.5 Capitão. O chefe da nação era também comandante supremo das forças militares nacionais. Durante a doença do rei, os dirigentes do exército, os capitães, teriam de obedecer a um capitão supremo, conhecido como "Príncipe dos Exércitos", que fora o título de Joabe, interpretado "comandante" ou "general". É possível que este fosse Jeú, em virtude de uma aclamação entusiasta, quando de sua nomeação como rei (13); mas a frase "qual de todos nós?" mostra que não havia certeza naquela afirmativa.

9.11 Bem conheceis. Foi a maneira de descobrir as reações dos seus companheiros, antes de espalhar a notícia. Esta evasiva quer dizer: "não interessam as conversas dos loucos fanáticos".

9.13 De boa vontade os soldados cumpriram a parte cívica da mensagem profética. Pela sua atitude no v. 12, conhecemos que os profetas gozavam já de alto prestígio, graças à atuação de Eliseu em suas relações humanas, e às escolas de profetas, que recomendavam aos profetas a necessidade de um viver mais condizente com a Palavra de Deus, do que deixar-se cair em transes (1 Sm 10.9-12). A vocação final de Elias fora cumprida pelas mãos de Eliseu (1 Rs 19.15-17).

9.14 Josafá, filho de Ninsi. O nome é dado por extenso para se evitar confusão com o nome de Josafá, rei de Judá.

9.15 Este versículo dá um resumo das circunstâncias.

9.20 Guia furiosamente. Jeú sempre fora um homem de muita energia; nesta ocasião, ele estava preocupando-se para que não fosse revelado ao rei Jorão algo sobre a nomeação do novo rei (15).

9.21 Foram ao encontro. Os dois reis idólatras não imaginavam que estariam marcando seu encontro com a justiça Divina.

9.22 Prostituições. • **N. Hom.** A religião de Canaã tinha como prática característica a prostituição ritual nos templos e "lugares altos" como "exemplo" da fertilidade para todo o povo seguir, produzindo assim mais rebanhos e maiores ceifas. Os profetas bíblicos usavam esta palavra para qualquer tipo de infidelidade religiosa, e até o apóstolo Paulo usou a expressão "adulterar a Palavra de Deus", querendo dizer "recusar-se a ser dirigido tão somente pelas normas bíblicas no desempenho do ministério" (2 Co 2.17). Assim como a prostituição física é rebaixar a nobreza conjugal ao nível da mais abjeta degradação, assim também a infidelidade religiosa degrada a alma, criada para a adoração de Deus, condenando-o ao inferno.

9.24 Atingir um alvo em "plena fuga não era fácil para flecheiro.

9.26 Ficamos sabendo, assim, que o encontro histórico descrito em 1 Rs 21.18-27, tinha terceiros como testemunhas. Jeú quis mostrar a estreita ligação entre o julgamento de

Deus que caiu sobre Jorão e o assassinio de Nabote.

9.27 *Feri também à este.* O zelo de Jeú já estava se excedendo, no cumprimento da ordem profética de eliminar a dinastia de Acabe.

9.30 *Se pintou.* Jezabel tinha vivido uma vida com os requintes do mais alto luxo e assim pretendia viver até ao fim de sua vida, porém Jeú lhe vedou, abruptamente tal privilégio. O leitor poderá estranhar que Jezabel ainda viva, embora a morte de seu marido, o rei Acabe, já tivesse sido registrada no livro anterior, em 1 Rs 22.34-39. Mas estes nove capítulos bíblicos, aqui intercalados, são seleções do ministério de Eliseu, que durou desde a época do rei Acazias de Israel, de 853 a.C., até ao princípio do reinado de Jeoás, 798 a.C. Acabe morreu em 853 a.C., e Jeú exterminou sua dinastia em 841 a.C., apenas doze anos mais tarde. O neto de Jezabel que subiu ao trono de Judá, Acazias, tinha apenas 22 anos quando Jeú o matou.

9.31 *Zinri.* Jezabel lembrava-se muito bem da rebelião de Zinri, 44 anos antes, e de como este havia se suicidado dentro de apenas uma semana, 1 Rs 16.9-20. Sua memória, porém, não funcionou ao ponto de se recordar que outrora, quem tomara o trono de Zinri para fundar outra dinastia, fora Onri, seu próprio sogro! Assim, a memória humana sempre grava melhor os pecados de outrem. Foi uma tentativa de amedrontar a Jeú.

9.34 *Filha de rei.* A antiga tradição, de respeito aos membros das famílias mais, não poderia cancelar uma profecia da parte de Deus, que fora cumprida em sua íntegra (36).

10.1 *Filhos de Acabe.* Segundo o uso da palavra "filho", na antigüidade israelita, eram incluídos os netos, dos quais já havia adultos como Acazias, que também teriam filhos (cf. 8.26n).

10.4 *Temeram.* Este grupo de anciãos incluía certamente alguns daqueles covardes e traiçoeiros que ajudaram a rainha Jezabel a assassinar o inocente Nabote, cuja vinha Acabe cobiçara (1 Rs 21.8-11). Seu temor se multiplicava pela sua falta de tranqüilidade de consciência, como acontecera aos irmãos de José, Gn 42.21.

10.7 Os anciãos obedeceram prontamente, ou pelo desejo de se verem livres dos culpas que o regime de Jezabel lhes impusera, ou pela covardia que se apossara de seu íntimo, após sua mesquinha subserviência à rainha maldosa.

10.9 *Vós estais sem culpa.* Duas lições são aqui ensinadas:

1) Desta vez os anciãos agiram com ponderação e justiça, cumprindo a maldição profética pronunciada contra a dinastia de Acabe; 2) Agora os anciões se integram resolutos na revolução, e se a causa de Jeú era justa, a ação deles também o seria.

10.11 *Os seus conhecidos.* • **N. Hom.** O ato de matar até aos amigos da família real foi além da comissão que Jeú recebera quando ungido rei de Israel, 9.7-10. Passou a agir como todos os pretendentes dos tronos: o intuito era garantir a vitória do seu partido pelo método tradicional e cruel de eliminar os partidários dos seus concorrentes. Se Jeú tivesse tido suficiente fé para cumprir somente o que Deus ordenara pelos seus servos, poderia ter formado uma dinastia abençoada, idêntica à de Davi, e mudado por completo os destinos do reino do Norte.

10.14 Mais uma vez o mensageiro escolhido por determinação divina, prefere usar métodos violentos à simples obediência dentro dos limites ordenados por Deus. Jeú entendia estar agindo bem, ao exceder-se em seu zelo vocacional (16). É lamentável que, na prática, é muito mais fácil gerar o zelo pelas partes visíveis das ordenanças divinas (certos ritos e observâncias) do que um zelo real pela parte vital da vida religiosa, ou seja, a comunhão íntima com Deus adorando-O em espírito e em verdade (Jo 4.23).

10.15 *Jonadabe.* Um século e meio mais tarde, os descendentes de Jonadabe permanecem fiéis à sua religião (Jr 35.6-19).

10.17 *De Acabe.* Devem ser partidários e parentes não muito aconchegados.

10.24 O culto a Baal já se reduzira muito desde os dias pagãos (1 Rs 19.14). Isto se deduz do fato de todos os adoradores de Baal caberem num só prédio e que sua congregação poderia ser exterminada à uma pelos oitenta soldados. O povo vacilava com

a religião do rei, visto que desde Jeroboão I não houvera muita convicção e respeito.

10.28 Jeú completou a obra que Elias começara (1 Rs 13.40).

10.29 *Os pecados.* • **N. Hom.** Aqui é mencionado o pecado da idolatria; Jeroboão tinha colocado um ídolo bem ao norte de Israel, em Dã, e um bem ao sul, em Betel, para promover a idolatria e afastar Israel do verdadeiro culto a Deus. Mas o pecado que o profeta Oséias menciona acima de todos é a violência exagerada de Jeú em eliminar todo e qualquer partidário de Acabe (Os 1.4, comparado com 2 Rs 10.6, 11, 14 e 17). Jeú, como o rei assírio, embora nada mais fosse senão um instrumento nas mãos de Deus para punir certas nações, imaginava que tudo era feito pelo seu próprio poder, ao ponto de pensar em destruir a religião do próprio Deus que o vocacionara (Is 10.5-15).

10.30 Apesar de toda violência praticada, Jeú tinha obedecido à Lei de Moisés, aplicável a qualquer elemento do povo de Deus que incitasse outros à idolatria (Dt 13.6-18).

10.31 *De todo o seu coração.* Jeú era como muitos servos de Deus: ao ouro da consagração e da dedicação, foi acrescentado o barro da vontade humana, a lama do eu próprio.

10.32 *Diminuir os termos.* Uma conseqüência natural, depois da morte de tantos líderes. Mas uma atitude de verdadeira dedicação e purificação do culto teria preservado Israel da decadência.

11.1 *Atalia.* Essa filha de Acabe casara-se com Jeorão, rei de Judá (8.18, 26), e o rei Acazias era o herdeiro assassinado por Jeú.

11.2 *Jeoseba.* Uma filha de Jeorão, advinda do casamento com outra esposa; era, em parte; irmã de Acazias, e se casara com o sacerdote Joiada (o texto português acompanha o hebraico; porém o nome encontra-se tanto na forma mais longa como na mais curta, 2 Cr 27.11). Atalia reinou seis anos.

11.4 *Joiada.* Esse sacerdote, no seu plano de depor a Atalia e colocar o descendente legítimo do rei Davi no trono que lhe pertencia, tinha zelo com entendimento (Rm 10.2). Tinha entendimento do significado da aliança que Deus fizera com Davi (2 Sm 7.12, 16; 2 Cr 23.3). Tinha zelo para pôr em prática um plano corajoso, depois de ter esperado seis anos, até que o nenê Joás chegasse à idade de sete anos. *Cários.* O nome dado para a guarda particular da pessoa do rei; no tempo de Davi eram mercenários de Creta, daí o nome *Creti* em heb.

11.7 *No sábado.* Estes guardas estavam de folga no sábado, e por isso podiam ser colocados sem que Atalia notasse sua ausência.

11.9 Joiada obtivera o apoio de três grupos: 1) Os capitães do exército, 2 Cr 23.1; 2) Os levitas, 2 Cr 23.2; 3) A guarda do palácio, os cários, 11.4.

11.12 *O livro do testemunho.* Uma cópia da lei de Moisés, que também contém a história da origem da raça humana, e a história do povo hebreu até à entrada na terra de Canaã; em nossas Bíblias esta Lei se divide em cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

11.14 *A coluna.* Provavelmente uma das grandes colunas, Jaquim e Boaz, descritas em 1 Rs 7.15-22.

11.16 *A mataram.* Completou-se a sentença divina pronunciada contra a dinastia de Acabe. Essa filha devia ter sido a última a morrer, por ser a mais inacessível aos reformadores.

11.18 Durante a administração de Atalia, o culto pagão formal a Baal se desenvolvera consideravelmente em Judá. A destruição do templo de Baal deve-se a uma demonstração dos sentimentos religiosos do povo, visto que o Baalismo não captara os sentimentos religiosos, ainda que seja impossível deixar-se de admirar a facilidade com que a massa mudava de religião. Em Israel o paganismo havia se desenvolvido tanto que Jeú precisou usar de astúcia para implantar a reforma. *Matã.* Deve ser um sacerdote fenício, convidado pela rainha Atalia.

11.20 *A cidade ficou tranqüila.* Em Israel, a dinastia mudara várias vezes e ninguém podia

se manter seguro no trono, em tranquilidade; mas, em Judá, ficar o cetro fora das mãos do legítimo descendente de Davi, por um período de seis anos apenas, era demais para que o povo tolerasse. Se Joiada não tivesse agido, a consciência popular teria achado um meio de restaurar a aliança davídica, tal era a fé que o povo ainda depositava nas promessas da Aliança.

11.21 *Sete anos.* É provável que Joás deixara-se guiar pelo sacerdote Joiada, durante os primeiros anos do seu reinado, pois que as reformas do Templo tinham suas raízes na orientação do sacerdote (12.4-5). Mas logo que atingiu a maturidade, revelou maior responsabilidade religiosa do que o próprio sacerdote (7). • **N. Hom.** O novo reinado baseava-se no direito da herança, (2) e no apoio das autoridades civis e religiosas (4); na unção sacerdotal no Templo (12), na eliminação da iniquidade (15); na obediência aos preceitos de Deus (17); e na aclamação popular (20). Compare estes pontos com o reinado do maior filho de Davi, O Senhor Jesus Cristo (Fp 2.5-11; Ap 5.5-14; etc.).

12.4 Uma parte das ofertas, era fruto da avaliação legal (Lv 27.1-8); e a outra parte resultado das ofertas feitas segundo a vontade de cada coração (Êx 25.1-9).

12.6 O rei esperava cortesmente que os sacerdotes se desincumbissem das responsabilidades; mas, em última análise, o rei também era "lâmpada de Israel", o guia religioso do seu povo.

• **N. Hom. 12.8** O privilégio de receber as ofertas do povo vinculava-se com a responsabilidade de vigiar o estado do Templo. Tais sacerdotes não conheciam o segredo da mordomia, em usar os bens concedidos por Deus de uma maneira que o próprio Deus aprovaria. Parece que as despesas pessoais apresentavam-se sempre em primeiro lugar, e as da construção haveriam de ser feitas num "amanhã" que nunca chegava. Assim também a pessoa não experimentada, no comunhão com Deus acaba por perder seus privilégios, para não ter de enfrentar as responsabilidades. Esses sacerdotes ficavam à espera que o dinheiro "sobrasse" após serem feitas suas próprias despesas. Até hoje, porém, as sobras não fazem a obra de Deus.

12.13 Este versículo refere-se a uma etapa anterior à obra, pois ao se completar tudo, com o dinheiro que antes fora reservado tão-somente para a obra de reconstrução, ainda seria possível dar-se ao luxo de se fazer vasos novos (2 Cr 24.14). A mão de obra descrita em 11 e 12, indica que se tratava de uma reconstrução extensiva.

12.16 *Para os sacerdotes.* Cf. Lv 5.15-19; 7-7; Nm 18.18-20.

12.18 Não mencionam os conselheiros do rei, a influência que Joiada exercera sobre o rei, na sua infância, prevalecera até à morte do sacerdote (2). Ele seria o conselheiro único.

12.20 *Feriram Joás.* Não havia motivo, mesmo em se considerando a apostasia do rei, permitindo a idolatria tão logo Joiada morresse (cujo filho fora apedrejado por levantar sua voz em protesto, 2 Cr 24.17-22; compare 2 Rs 12.2).

13.1 Agora o fio da história abandona as narrativas sobre os profetas reformadores e sacerdotes, para descrever a história de Israel até sua destruição (17.6).

13.4 *Jeoacaz fez súplicas.* Nenhum dos 19 reis foi genuinamente justo ou piedoso. Alguns buscaram ao Senhor, mas somente nas horas de calamidade nacional ou social, como se vê nos casos de Jeoacaz e Acabe (1 Rs 21.27-29). O caráter místico do rei Jeú, descreve-se em 2 Rs 10.29-31. O que Deus deseja é um verdadeiro arrependimento, seguido pela consagração total do coração (Rm 12.1-2; 2 Co 5.15).

13.5 *Salvador.* Aqui a palavra apenas quer dizer um libertador político, e podia referir-se aos próprios assírios, que naquela época começaram a subjugar a Síria (Is 10.5-11).

13.6 *Casa de Jeroboão.* A natureza destes pecados é descrita em 1 Rs 14.7-20, 23, com as notas.

13.7 *Cinquenta cavaleiros.* Jeoacaz foi reduzido à condição de um rei súdito, com licença para ter uma guarda de cavaleiros, usados em ocasiões cívicas, e dez mil homens com a finalidade do policiamento nacional. O Ben-Hadade da época reinou de 796-770 a.C. No

fim de seu reinado; Jeroboão II, de Israel, reconquistou a Damasco (dominada por Davi e Salomão) (14.28). Daí se vê com freqüência a supremacia entre as duas nações vizinhas, Israel e Síria, mudava de reinado em reinado, desde a época de Acabe (1 Rs 20.1-4).

13.14 Carros de Israel. Jeoás usou a mesma expressão que brotara dos lábios de Eliseu quando viu Elias subir num redemoinho (2.11-12). Embora a história registra que Jeoás fora mau, ele não podia deixar de lamentar a perda do poder espiritual e moral que a nação sofreria com a morte do grande profeta. O sentido da exclamação equivalia dizer que as vitórias políticas e militares que Israel obtinha eram devidas às orações de Eliseu e aos seus conselhos (6.8-23), Compare Pv 14.34: "A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos".

13.15 Então lhe disse Eliseu. A resposta de Eliseu à lamentação do rei foi profetizar-lhe vitórias nos anos seguintes, em proporção à fé demonstrada naquela entrevista (17-19).

13.17 Flecha da vitória. Uma declaração de guerra, muitas vezes, era feita, atirando-se uma flecha dentro do território inimigo. Esta, porém, foi atirada para o oriente em direção à Síria, a cidade de *Afeque*, ao oriente do Mar da Galiléia, a fortaleza principal dos exércitos da Síria para a invasão de Israel.

13.19 Se indignou. Assim como a viúva do discípulo (4.6), Jeoás receberia as bênçãos de vitórias de acordo com a fé e a obediência que demonstrara nas palavras do profeta (25).

13.22 Oprimiu. Quer dizer: "tinha oprimido". Uma recapitulação da situação do reinado anterior. Hazael reinou de 843-796 a.C., entre a Ben-Hadade que assassinara (8.15), e o Ben-Hadade mencionado nos vv. 3 e 24 deste capítulo, filho de Hazael.

13.23 Aliança. Judá e Israel eram igualmente herdeiros da grande aliança (Gn 12.1-3; Êx 32.13); ambas as nações eram compostas de descendentes de Abraão. Este versículo revela tanto a bondade como a severidade de Deus (Rm 11.22), já que termina com a frase "Não o lançou ainda", que sugere uma futura rejeição.

13.24 Ben-Hadade. Talvez o terceiro com este nome: veja a nota de 1 Rs 15.18. Reinou de 796-770 a.C.

14.1 Jeoás. Rei de Israel de 798 a.C. até 781 a.C. **Jeoacaz.** Reinou desde 814 a.C. até 798 a.C. **Amazias.** Reinou em Judá de 796 a.C. até 767 a.C. **Joás.** 835-796 a.C.

14.6 O tratamento dos filhos dos assassinos (mencionados em 12.21) sofre uma agradável mudança na política civil, contrastando com a dos reinados de Acabe; Jeú, Atalia e Joás: a da eliminação dos partidários dos vencidos. Era um esforço honesto para se submeter à sabedoria dos preceitos da Palavra de Deus (Dt 24.16).

14.1 No tratamento dos inimigos externos de Judá, o novo rei se mostrara implacável; 2 Cr 25.12 menciona um segundo grupo de dez mil edomitas, eliminado por Amazias. Sela significa "pedra".

14.8 Meçamos armas. Apesar da nobreza de caráter que Amazias revelara, sobre o aspecto mencionado no v. 6, o rei mostrara-se instável, e quase excêntrico; depois de vencer os edomitas deixou-se vencer pela soberba e pela idolatria deles (2 Cr 25.14-16).

14.9 Jeoás lança mão de uma parábola, ou fábula, para mostrar a Amazias sua irresponsabilidade em fazer declarações de guerra como que por esporte, lembrando a ele que, em se tratando de grandeza nacional, mormente de guerra e comércio, não havia comparação entre a nação cosmopolita do norte, e a nação do sul, fechada em si mesma no meio das rochas e montanhas.

14.13 Uma brecha de duzentos metros se abriu nas defesas da cidade de Jerusalém, para garantir que aquela fortaleza não mais seria centro de desafios a futuras guerras.

14.16 Jeroboão. É Jeroboão II, cujo reinado durou de 782 a.C. até 753 a.C., trinta anos de prosperidade: É a época do profeta Amós, quando realmente se fez necessário ensinar o povo a não confiar demais nas riquezas de sua nação. Vinte anos antes, Israel tinha sido reduzido a quase nada (13.7). Doze anos depois, Jeroboão estava reinando sobre os siros, 14.28. Aquela paz, vitória e prosperidade, entretanto, era o derradeiro descanso que precedia ao fim de Israel: é que o rei Tiglate-Pileser III, da Assíria (745-727 a.C.), haveria

de capturar a Damasco, apenas vinte anos após a morte de Jeroboão e, então, seu sucessor, Salmaneser III, já estaria aniquilando as pequenas potências ao noroeste de Israel, minando àquela falsa e efêmera paz de Israel.

14.21 Uzias. Também se chama Azarias (1 Cr 3.12). Reinou desde 767 a.C. até 739 a.C. Antes disto, já era regente escolhido pelo povo, (*tomou* deve se traduzir por, "havia tomado").

14.22 Aqui é mencionada a única herança valiosa que Amazias deixara. Elate era um porto marítimo (1 Rs 9.26) e a vitória sobre os edomitas, tornaram-no acessível aos súditos de Amazias.

14.23 Jeroboão tinha sido co-regente desde 793 a.C.

14.25 Jonas. É o Profeta cujo livro ocupa uma pequena parte da Bíblia.

14.27 Deus está dando a Israel a última oportunidade de se arrepender. Muitas vezes aplicara o teste da adversidade ao seu povo, para o fazer retomar a Ele, Jz 2.16-22. Agora veio o teste da prosperidade nacional: o livro de Amós nos mostra que falhara nesse teste, usando o poder econômico para oprimir os pobres, vivendo no luxo e transformando os cultos religiosos em festas (Amós 6.1-7; 8.4-10). Muitas outras passagens daquele profeta mostram a carência de consciência social.

15.1 Azarias. O Uzias de 14.21n. A época em que foi colocado como regente, com 16 anos de idade, conforme é mencionado em 14.21 (que se refere a uma época bem anterior à morte de Amazias) é 791 ou 790 a.C. Os 52 anos de reinado aqui mencionados, compreendem aqueles 23 ou 24 anos nos quais compartilhou do poder com o seu pai, e também incluem o período de 750 a.C. até ao fim da sua vida, durante a qual fora leproso (5). É bom notar que o número de anos do reinado dos reis de Judá e de Israel abrangem todo o tempo inclusive os anos em que só reinaram uma parte. As datas dadas no comentário, fixam-se com a ajuda dos calendários dos reis da Síria, da Assíria, e do Egito.

15.5 Leproso. O motivo da lepra, a qual era uma punição da parte de Deus, foi por ter o rei invadido os recintos sagrados do Templo, e oferecido incenso no lugar do sumo sacerdote (2 Cr 26.16-20). Foi este pecado que privou o rei da honra de ter uma história ainda mais longa e melhor sobre seu intenso reinado. No ano 750 a.C., quando recebeu o golpe de saber que era leproso, passou a regência para seu filho Jotão.

15.7 Descansou Azarias. Este foi o ano da vocação de Isaías (739 a.C.; cf. Is 6.1).

15.10 Amós já havia profetizado sobre a destruição da família de Jeroboão (Am 7.9). Jeú, porém, recebera a promessa de que sua dinastia perduraria até à quarta geração (2 Rs 10.30). Jeroboão era bisneto de Jeú, e Zacarias era a quarta geração; Deus permitiu-lhe subir ao trono pelos fins do ano 735 a.C., mas só reinou seis meses.

15.13 Salum. Reinou um mês em 752 a.C. Somente Zinri tivera um reinado menor, de apenas sete dias (1 Rs 16.15).

15.16 Menaém. A vitória deste homem maligno, que reinou de 752 até 741 a.C., fora um mau sinal para Israel, que não teria mais força moral para resistir às invasões dos assírios. *Tifsa.* Era o centro dos partidários de Salum, e a selvageria que o novo rei ali revelou era uma peculiaridade só achada nos mais vis pagãos (8.12; Os 13.16; Am 1.13).

15.19 Pul. Outro nome de Tiglate-Pileser III (745-727), o grande restaurador do Império da Assíria (à custa do sacrifício das nações vizinhas).

15.20 Um talento tinha 3.000 siclos; e cada *rico e poderoso* deu cinquenta siclos; deve ter havido, em Israel, umas 60.000 pessoas da classe superior, sendo isto uma prova da prosperidade nacional. Por causa dos pecados de Israel, essa prosperidade foi consumida nos gastos para consolidar o reino de Tiglate-Pileser III, segundo o v. 19. Calcula-se tal valor monetário na base do preço de um escravo, que era trinta siclos de prata (Êx 21.32). Durante o reinado de Cambises (da Pérsia), um jumento valia 50 siclos.

15.22 Pecaías. 741-739 a.C. É notável que, naquela época turbulenta da história de Israel, Menaém ainda pudesse deixar um herdeiro no seu trono sem ter havido alguma

violência.

15.25 Peca. Subiu ao trono em 739 a.C. Parece, contudo, que, como general do exército, já estava dirigindo a nação desde o ano 752 a.C., ano das revoluções de Salum e Menaém, 15.10-16. Reinou até 732 a.C.

15.27 Vinte anos. Esta soma inclui o período total de 752-732 a.C. segundo o costume de se calcular o máximo período.

15.29 Esta deportação aconteceu no ano 734 a.C. O reino da Assíria deportara as guarnições das cidades do norte e do noroeste, que representavam a nata do poder bélico de Israel; Samaria era uma fortaleza poderosa, mas já não possuía nenhuma força física ou moral - a corrupção já a levava à decadência, e o seu, rei poderia ser comparado a um "pássaro engaiolado". O resto de Israel era dominado facilmente como vassalo.

15.30 Oséias. Não há dúvida que sua entronização foi feita com a ajuda do rei da Assíria, este último rei de Israel acabou se tornando um simples títere nas mãos dos Assírios, desde a sua conspiração a levou à loucura de tentar descartar-se de sua aliança com a Assíria, fazendo mexericas com o rei do Egito (17.4), o que redundou na destruição total de Israel.

15.32 No ano segundo de Peca. Este cálculo é baseado na data de regência pré-reinado de Jotão, 750 a.C., quando passou à co-regência com seu pai Azarias (15.5). Ele exerceu essa co-regência durante os dez anos da doença de Azarias (ou Uzias).

15.33 Dezesseis anos. Por esta narrativa calcula-se o período durante o qual as rédeas do governo estiveram em suas mãos, ocupando o trono durante e depois dos últimos anos de seu pai. Que Jotão era um rei competente na guerra e na construção civil, isto é evidente pelo relato de 2 Cr 27.

16.2 Acáz. Apesar da piedade do seu avô Uzias (até seu exagero mencionado em 2 Cr 26.5) e do seu pai Jotão, 15.34, Acáz fora um rei ímpio, como os versículos seguintes atestam.

16.4 Sacrificou. O mais inocente desses sacrifícios já era pecado, mormente depois de ter Deus aprovado o Templo de Salomão, e isso em resposta às fervorosas orações daquele rei (1 Rs 9.1-9). No final do reinado de Joás, sessenta anos antes, o Templo tinha sido totalmente reformado (12.7-14). Acáz, num gesto público, recusou-se a freqüentá-lo. Aqueles sacrifícios eram expressamente proibidos em Dt 12.2, porque os altos outeiros e as árvores frondosas tinham sido os pontos escolhidos para o culto pagão, dos cananitas. Escolher os mesmos lugares levou-os a imitar os ritos pagãos, especialmente no que se refere ao sacrifício humano, praticado por Acáz (v. 3). A prática de tal barbaridade pagã era uma característica do culto a Moloque (Lv 18.21; Lv 20.1-5), terminantemente proibido aos israelitas. O outro único rei que assim procedera, foi Manassés, de Judá (21.6). O rei de Moabe sacrificou seu filho a Camos (3.27).

16.5 Então. Estamos no ano 735 a.C. ano em que Acáz teria de assumir o poder por causa daquela invasão, Jotão, seu pai, viveu até o ano de 732 a.C. Uma das conseqüências da pressão trazida por Rezim e Peca, foi a perda definitiva de Elate (6). Segundo o que sabemos, o poder sírio nunca atingiu ao Mar Vermelho, e a própria Síria deixou de existir, dois ou três anos depois; devemos traduzir: "Nesse tempo o rei de Edom recuperou Elate para Edom... e os idumeus ali se instalaram; onde habitam até o dia de hoje" (cf. NCB, p 382).

16.7 A situação política de Judá de então encontrasse descrita junto ao ministério do grande profeta Isaías, onde é narrada aquela invasão, Is 7.1-9. Uma leitura dos primeiros capítulos do livro desse profeta daria uma compreensão mais clara da natureza do povo de Judá naquela época histórica: apesar da piedade de Uzias e de Jotão, Judá estava quase tão corrupta quanto Israel, e sem suficientes forças para resistir à desintegração espiritual, intensificada pelo rei Acáz (10.18). É provável que Rezim e Peca estariam tentando forçar Judá a entrar em uma aliança contra a Assíria, mas Isaías já predissera a vitória desta última, Is 8.7.

16.8 Tiglate-Pileser, rei da Assíria, deve ter ficado muito alegre ao receber um valioso presente (8) por aquilo que já planejara fazer. No ano seguinte, destruiria as cidades do norte de Israel; para Damasco, careceu ainda de dois anos de preparativos, chegando a cair no ano 732 a.C.

16.13-15 O Altar era uma cópia daquele que Acáz vira em Damasco; por um pouco de tempo o rei ainda seguirá os ritos da Lei de Moisés.

16.18 *Por causa do rei da Assíria*. Todos os símbolos de independência política e religiosa tinham de ser suprimidos.

17.4 *Sô*. É Osorcon IV 727-716 a.C. As grandes épocas imperiais do Egito já tinham passado havia séculos; dois mil anos antes de Cristo, a décima primeira grande dinastia dos faraós estava no trono, e o grande império Renovado do Egito durou de 1570-1193 a.C. Agora, o Egito só desejava paz com as nações vizinhas, e sua arma mais poderosa para obter a segurança interna era a intriga secreta internacional.

17.6 *O rei da Assíria*. Naquele ano de grandes acontecimentos internacionais, é bom que se defina a vida deste rei. Em 734 a.C., Tiglate-Pileser III invadiu as fortalezas do norte de Israel (15.29). Seu reinado foi de 745-727 a.C. Em 724 a.C. Salmaneser V, que reinou na Assíria em 727-722 a.C., investiu contra Israel, e Oséias lhe ofereceu tributo (3); depois de examinar bem a situação, Salmaneser notou que Oséias se rebelava, fortalecendo-se através da intriga internacional, razão por que o encarcerou (v. 4) e avançou contra a capital, Samaria. O estado de sítio durou de 724 até 722, três anos, pelo cálculo oriental (v. 5) e, enquanto Salmaneser se preocupava com a situação bélica, Sargom II (722-705 a.C.) usurpou o trono da Assíria. Foi a este último que se atribuiu o feito de ser o último conquistador de Samaria. Pelo menos foi ele quem realizou as grandes deportações que tinham a finalidade de destruir toda e qualquer consciência nacional de Israel.

• **N. Hom. 17.7-18** Aqui começa o "Epitáfio do reino de Israel", e os versículos-chaves de 1 e 2 Reis. Descreve a causa moral da queda e da destruição total do Reino. A chave está no versículo 7: Deus, salvando Seu povo da escravidão no Egito, quis, ainda naquela contingência, continuar sendo o Salvador do Seu povo, mas os israelitas entenderam que a chave da prosperidade e da sabedoria seguiriam o culto pagão dos cananitas, cuja "cultura" (carnalmente falando), era mais "alta" do que a dos fugitivos do cativo. Os pormenores do paganismo são descritos nos vv. 8-18; tais atos se praticavam apesar dos mensageiros que Deus sempre enviou, ao Seu Povo (13). A ira de Deus (11) inflamou-se sobremaneira ao serem recusados os Seus mensageiros (14-18). Daí a razão dessa severidade.

17.17 *Venderam-se*. Compare 1 Rs 21.20, com a nota.

17.23 *Como falara*. Moisés já havia advertido o povo contra a desobediência à Lei de Deus, antes da entrada na terra de Canaã (Dt 28.15-68). A Assíria já aplicara parte da punição prevista nos versículos 49-52 deste discurso. As dez tribos deportadas nunca mais voltaram para sua terra, embora eventualmente alguns indivíduos conseguissem voltar. Só agora, com início no ano de 1948 a.D., está se processando a restauração de Israel, porém somente pelos descendentes de judeus.

17.26 Um bom exemplo da maneira de pensar dos pagãos politeístas. Acreditavam eles que cada localidade tinha seus próprios deuses; por isso seria necessário aprender o culto local no território de Samaria (nome dado ao reino do norte, Israel, depois da deportação dos israelitas, para evitar a desgraça).

17.27 *Um dos sacerdotes*. Infelizmente, os próprios sacerdotes do norte não eram muito fiéis às tradições puramente israelitas. Isto se vê desde o início da separação das tribos (1 Rs 12.25-33). Aqui temos a origem histórica dos samaritanos mencionados nos evangelhos (Jo 4.7-30, Lc 10.33ss). Os povos vieram da região da Babilônia, a qual tinha sido um império poderoso de 1890 até 1595 a.C., mas que agora estava muito desorganizada e assim, foi facilmente conquistada pelos assírios. Um século depois da queda de Samaria, os babilônios conseguiram estabelecer um novo império (626-539

a.C.). As deportações continuaram por muitos anos, e o rei Assurbanipal (669-627 a.C.) ainda fazia de Israel uma concentração de prisioneiros dos países conquistados.

17.30 *Sucote-Benote*. A palavra quer dizer "Tabernáculo das Filhas" e é possível que fossem lugares de prostituição religiosa, ou talvez capelas de imagens. Nergal era o deus das regiões subterrâneas, adorado em Cuta, na Babilônia. *Asima* tinha a forma de um cabrito, segundo certas tradições.

17.31 As teorias mais comuns apontam fontes babilônicas para os nomes daquelas divindades e cidades (a palavra Babilônia tanto significa o nome de uma cidade como o da região dominada por ela). As divindades tinham a forma de vários animais. Note-se aqui que alguns israelitas vindos da cidade de Samaria, continuavam a adorar no templo de Jerusalém (Jr 41.4-5): esses formavam uma seita exclusiva, que aceitava somente os cinco Livros de Moisés.

17.33 Compare Js 24.14-15; Mt 6.24, "Ninguém pode servir a dois senhores".

17.34 *Até ao dia de hoje*. A época em que os Livros de 1 e 2 Reis vieram a lume, talvez tenha sido no reinado de Josias, um século mais tarde, se admitirmos que os últimos capítulos foram acrescentados durante o exílio na Babilônia.

18.1 *Ezequias*. Reinou de 716 a.C. até 687 a.C. Seu reinado se destaca pelas reformas religiosas, pelo ministério de Isaías e pela libertação da invasão dos assírios.

18.2 *Vinte e nove anos*. Além de treze anos de co-regência.

18.4 *Neustã*. Quer dizer "pedaço de bronze".

18.6 *Se apegou ao Senhor*. A história política e religiosa deste rei ocupa três capítulos inteiros do Livro das Crônicas, 2 Cr 29.1-31.21.

18.11 Sargom II, mencionado em Is 20.1, espalhou os cativos para além do rio Eufrates, de maneira que o centro do império ficava entre eles e o seu território nativo. Veja as notas sobre a história da época, dadas em 17.6 e 17.27.

18.13 *Subiu Senaqueribe*. Durante a época em que os reis da Assíria, Tiglate-Pileser III, Salmaneser V, e Sargom II, estavam reduzindo o reino de Israel a nada, Judá gozava de uma paz relativa, em razão de sua posição geográfica mais isolada. Agora, parecia que as conquistas da Assíria iriam se estender até o pequeno reino de Judá; para celebrar a ascensão do novo rei assírio no ano 705 a.C. Senaqueribe reinou até 681 a.C.

18.14 *Errei*. Ou seja, "Não tenho forças para isto" (Lc 14.31). É difícil calcular os valores monetários daquela época, mas talvez possa se afirmar que Ezequias tenha pago o imposto de sete milhões de cruzeiros na moeda corrente atual.

18.15 O filho sentiu-se forçado a seguir o mau exemplo do pai (16.8).

18.17 *Contudo*. A Assíria não confiava em devedores de tributo, 17.4. *Tortã, Rabe-Saris, Rabsaqué*. Não eram nomes, mas sim títulos de oficiais, a saber, o general do exército (segundo textos assírios, o oficial mais alto depois do rei), o mordomo do palácio real e o fidalgo da posição mais alta depois do comandante do exército.

18.19 O resto desse capítulo é repetido em Isaías e 2 Crônicas.

18.20 *Vãs palavras*. Aqui não há mais cortesia oriental: os assírios confiavam totalmente nas forças militares, e reconheciam que o poder do Egito se resumia em intriga e conversas vãs (v. 21).

18.22 *Confiamos no Senhor*. Depois de provar que Ezequias já não tinha nenhuma esperança de natureza humana, o Rabsaqué quis mostrar que não haveria nenhum auxílio sobrenatural. Os agentes dos Assírios deviam ter tido conhecimento das reformas de Ezequias (v. 4), mas sendo pagãos, pensavam que a destruição de altares, ídolos e imagens seria um ato anti-religioso, desconhecendo a realidade daquela atitude, que era um ato da mais pura religiosidade (5 e 6).

18.23 *Empenha-te*. Uma ironia cortante. Em relação à defesa, Ezequias tinha feito todo o possível (2 Cr 32.2-8), mas se o Rabsaqué quisesse provocar a ira do rei ao ponto de levá-lo a uma batalha em campo aberto, Ezequias não teria esperança alguma de sobreviver.

18.25 Agora vem um apelo mentiroso ao espírito supersticioso do povo de Judá, que estava escutando sobre a muralha - foi isto que fez com que os oficiais do rei pedissem que se falasse na língua diplomática da época, o aramaico (26). O hebraico, aqui chamado "judaico" (26), é a mutação local daquela língua, que passou ao uso comum até os tempos de Jesus, que lia o hebraico como idioma sacro, bíblico.

18.27 Não foi em vão que aquele fidalgo, ou mordomo-mor tinha-se dado ao trabalho de aprender as línguas locais. Mais importante do que a batalha, seria deprimir a moral daquele povo, de tal maneira, que se renderia sem que os assírios consumissem energia alguma. Note-se que Jerusalém era circundada por acidentes topográficos. Em alguns pontos havia verdadeiros precipícios, em razão do que, Ezequias poderia enfrentar qualquer ataque vindo em campo aberto. Os próprios romanos, 775 anos mais tarde, gostaram quatro anos na façanha.

18.30 Tendo em vista as dificuldades para a conquista daquela fortaleza tão poderosa, Rabsaqué tentou um apelo direto ao povo, em virtude de os oficiais reais se recusarem a fazer uma entrega oficial da cidade aos representantes de Senaqueribe. Seu intuito era persuadir o povo de que não havia mais esperança de resistir à invasão (30), mas que haveria clemência sem outra igual para o povo, se ele se rendesse sem mais demora (31-32). Em caso contrário, o próprio Deus "não teria mais poder" para preservar Jerusalém do que os ídolos locais tiveram para proteger as cidades deles (vv. 33-34).

18.34 As cidades aqui mencionadas com suas divindades locais eram cidades da Síria e de Israel, que já se haviam rendido aos assírios.

19.1 Este capítulo é quase idêntico a Isaías 37.1-38.

19.4 *Para afrontar.* A arrogância e a blasfêmia dos assírios (18.22, 33-35) foi o que levantou contra eles o castigo de Deus, 19.19, 35-37. As inscrições históricas da época mostram que a Assíria já havia se apossado de dezenas de cidades da Palestina do território da Síria, de Israel, de Judá e da Filístia. Pouco faltava para que acrescentassem a gloriosa capital Jerusalém à lista das suas conquistas.

19.8 *Libna.* Esta cidade ficava 35 km a sudoeste de Jerusalém, nas montanhas menores do Sul.

19.9 *Tiraca.* Um rei da dinastia etíope do Egito, a vigésima quinta que durou de 727 até 657 a.C. Tiraca foi Faraó de 690-664 a.C. Aqui ele está intervindo como general do exército do Egito, e vice-rei da Etiópia, que fazia parte integrante do Egito. Foi derrotado no mesmo ano, 701 a.C.

19.10 *Não te engane.* Os assírios não quiseram permitir aos habitantes de Jerusalém recobrar ânimo ante um pequeno recuo dos exércitos do rei Senaqueribe, e muito menos por causa da sua religião, que os assírios insistiam em comparar ao paganismo das nações vizinhas.

19.12 *Gozã.* Era uma das cidades para onde os israelitas tinham sido deportados (17.6). Povoando-a com estrangeiros, os assírios estavam-na preparando para que não viesse a se libertar dos conquistadores. *Harã.* Séculos antes, tinha sido uma grande civilização, o "berço" dos Patriarcas (Gn 11.31-32; 27.43; 29.4). Sendo um centro comercial na estrada principal entre Nínive, capital dos assírios, e Alepo, extremo norte da Síria, serviu por muitos anos como capital do paganismo. *Resefe.* Um centro comercial da Síria. *Éden.* Tinha sido um pequeno reino independente às margens do rio Eufrates.

19.13 Estas cidades já foram mencionadas em 18.34 e 17.24.

19.14 *Estendeu-a perante o Senhor.* • **N. Hom.** É o que devemos fazer com qualquer problema, expondo-o perante Deus através da oração. Quando o homem ora com sinceridade, ou Deus mostra-lhe como resolver a dificuldade e concede-lhe forças para isso, ou Deus, soluciona tudo pelo Seu soberano poder (35-36).

19.15 *Orou.* Este versículo é desdobrado em dois, em Is 37.15-16, que é a única diferença nas duas passagens bíblicas. É uma oração digna de servir de modelo, e isto em virtude de Ezequias não pedir apenas a libertação da situação difícil em que se

encontrava mas também implorar a glória do nome de Deus (19).

19.20 *Eu te ouvi.* Ouvir tem o sentido de atender, na língua hebraica; essa luta não era apenas um assunto particular do rei Ezequias, mas era Senaqueribe lutando contra o próprio Deus (v. 22), assim como Faraó o fizera outrora (Êx 9.14-17).

19.21-28 Estes versículos contêm uma profecia em forma poética; note-se a linguagem simbólica nos vv. 23, 24 e 26.

19.28 *Meu freio.* Até hoje coloca-se anel no nariz de certos animais fortes e um freio na boca; naquela época fazia-se o mesmo com os escravos e cativos.

19.29 Depois da profecia sobre Senaqueribe, Isaías pensa também na aflição do povo de Judá e envia-lhes uma mensagem de esperança. Normalmente uma invasão traz a destruição da agricultura local, mas o profeta afirma que aquela invasão não atingiria mais do que duas colheitas apenas - uma seria destruída, a outra não chegaria a existir, por não ter havido liberdade para semear a terra. A terceira brotaria normalmente, e seria ceifada em paz, um sinal da derrota total do opressor e da veracidade das mensagens de consolação enviadas por Deus pela boca dos Seus profetas.

19.35 A idéia popular é de que o exército tenha sido destruído às portas de Jerusalém. Mas o primeiro passo na libertação foi o desvio da atenção de Senaqueribe para Libna (v. 8-9). Laquis já havia sido destruída pelo rei, para isolar a Jerusalém de qualquer auxílio que viesse do Egito, como também o exército de Tiraca fora derrotado em Elteque. Daí não haveria mais oposição local para impedir a grande invasão ao Egito. É justamente nessa altura que, segundo tradições egípcias transmitidas por Heródoto (ii. 141), uma chusma de ratos teria comido, durante a noite, as cordas de couro tão necessárias para o funcionamento dos arcos e dos escudos dos assírios. É nesse ponto vital que as inscrições assírias (cf. prisma de Senaqueribe) se referem às grandes vitórias daquela campanha e o inexplicável silêncio que truncou os informes, apenas declarando que Ezequias ficou recluso como um pássaro engaiolado, na sua capital, Jerusalém. Talvez aqueles ratos tenham sido uma arma nas mãos de Deus para trazer uma pestilência terrível, visto que a frase *Anjo do Senhor*, recorda o castigo que doutra feita Deus aplicara a Israel na forma de peste (2 Sm 24.15-17), sendo que os ratos e tumores mencionados em 1 Sm 5.6-6.6, são a causa e o efeito da peste bubônica imposta aos filisteus como castigo pela sua impiedade.

19.37 O fim de Senaqueribe, que aqui é descrito encerrando o relato daquela invasão, ocorreu exatamente vinte anos mais tarde, em 681 a.C. *A adorar.* A oração feita a Deus pelo rei Ezequias redundou em libertação total do perigo (15 e 35). A oração feita a Nisroque (salvei o deus Marduk dos babilônios), resultou no seu próprio assassinato, pelos seus próprios filhos perversos.

20.1 *Naqueles dias.*, Depois de descrever a grande crise do reinado de Ezequias, a narrativa é voltada para dois incidentes anteriores à invasão: a doença do rei (1-11) e a visita dos embaixadores da Babilônia (12-19).

20.2 Tanto Acabe como Ezequias viraram o rosto para a parede na hora do desengano (1 Rs 21.4), mas Ezequias fê-lo para orar.

20.6 *Te livrarei.* Estas palavras sugerem que a época da doença de Ezequias era anterior à libertação descrita em 19.35-36.

20.11 Alguns comparam aquele milagre ao do dia prolongado, descrito em Js 10.12-13, dizendo que tal retrocesso contrabalançaria com a extensão de tempo ali mencionada. Outros dizem que a sombra apenas retrocedeu devido à ação milagrosa do relógio.

20.12 *Merodaque-Baladã.* Reinou de 731 a.C. até 694 a.C. Este príncipe fez várias tentativas para obter a independência dos assírios. Aquela visita, feita em 705 a.C. foi um dos tais esforços. Foram tais atividades que esgotaram as energias dos assírios, afastando a oportunidade de outra invasão de Jerusalém.

20.19 *Boa é a palavra.* O rei aceitou a repreensão, aliviado ao saber que ele, ao menos, não sofreria o peso do castigo.

20.20 Aqueduto. Esta obra majestosa, que penetrou, 500 metros através da rocha sólida, fazia parte dos planos para a defesa de Jerusalém, 2 Cr 32.1-8. Existe, hoje, com a devida inscrição que demonstra como a obra foi feita, indicando que uma companhia começara no tanque de Siloé, e outra na fonte da Virgem (Giom).

21.1 Manassés. Já tinha sido co-regente com seu pai desde 696 a.C. Seu reinado se estendeu até a morte em 641 a.C. Assumiu a responsabilidade exclusiva do trono em 687 a.C. É interessante notar que, durante dois séculos, desde o reinado de Josafá de Judá, o qual exerceu três anos de co-regência com seu pai Asa (872-870 a.C.), todos os reis de Judá reinavam juntamente com seu genitor, durante alguns anos, e compartilhavam os últimos anos dos seus reinados com seus respectivos filhos.

21.2 Este reinado foi o mais negro e ímpio de todos os reinados de Judá. É difícil compreender como um rei tão piedoso (15.34), tenha sido pai de um filho injusto e perverso como Acaz (16.2-3). De igual modo Josias, o restaurador do culto no Templo (22.2-7), era filho do idólatra Amom (21.19-22). Talvez, as mães tivessem exercido maior influência do que os próprios reis, na criação dos herdeiros do trono. É interessante notar, nestes capítulos, os nomes das mães (21.1; 21.19; 22.1). Uma explicação adicional é que haveria sempre dois partidos em Judá, os seguidores da religião revelada por Deus, e os seguidores da religião pagã.

21.5 Exército dos céus. Quanto à astrologia dos povos de além do rio Eufrates, sem justificar-se os atos de Manassés, pode-se mencionar que ele tinha de obedecer aos reis da Assíria, e que o paganismo daquelas bandas tinha livre entrada em Judá. O rei da Assíria, Esarhadão (681-669 a.C.), invadiu ao Egito e incluiu Manassés na sua lista de súditos. Assurbanipal (669-627 a.C.) intensificou o controle assírio naquelas regiões.

21.6 Queimou a seu filho. Como Acaz (16.3), Manassés deu-se ao paganismo com todas as suas forças. Abraçou a magia negra do oriente, expressamente proibida pela Lei de Moisés (Dt 18.10-14).

21.11 Assim como Jeroboão levou Israel a pecar (1 Rs 15.34-16.2), Manassés foi a causa do pecado nacional de Judá; não obstante seus erros, arrependeu-se no cativeiro (2 Cr 33.12-13).

21.13 Cordel... prumo. A mesma medida de justiça divina que trouxe a destruição da dinastia de Acabe e da nação de Israel, seria aplicada a Judá (Lm 2.8; Am 7.7-9).

21.14 Uma referência ao Cativeiro na Babilônia, para onde muitos judeus foram deportados em 605 a.C. (24.13) e em 587 a.C. (25.11).

21.19 Amom. Reinou de 641 até 639 a.C. Deu sinais evidentes de querer continuar o reinado opressivo de seu pai (16 e 20).

21.23 Os servos. Devem ter sido os oficiais do palácio que assim fizeram visto que o povo em geral se opôs àquele ato (24).

21.24 Tão grande era a confiança popular na linhagem de Deus, que nada poderia abalá-la.

22.1 Josias. O nome desse rei que reinou trinta anos, 639-609 a.C. quer dizer "Jeová apóia", e realmente resolveu viver com o apoio divino desde o princípio. A narrativa de 2 Crônicas descreve como a corte real abandonou a idolatria, logo no início do seu reinado. Mais de três séculos antes, o nascimento deste rei foi anunciado por um homem de Deus (1 Rs 13.2).

22.2 O caminho de Davi, seu pai... O povo tinha razão em ansiar por uma volta à pureza da época davídica (21.24).

22.3 Estamos, aqui, no ano 621 a.C., e Josias tem 26 anos de idade. Seis anos antes, morrera o último grande imperador, Assurbanipal da Assíria. Depois disso, os povos dominados foram se libertando até a Assíria se tornar uma potência secundária, com pouca autoridade fora da grande cidade de Nínive. Daí a liberdade que o rei Josias gozava para estender suas reformas.

22.5 A última reforma do Templo tinha sido feita no ano 813 a.C., no reinado de Joás

(12.6-12). O último rei justo, Ezequias, tinha morrido 65 anos antes da reforma de Josias. Isto explica, em parte, o estado de negligência do Templo e o esquecimento do Livro da Lei (8).

22.8 *Achei o Livro do Lei.* É provável que o sumo sacerdote sempre soubesse da existência do Livro, mas admite-se que, por muitos anos, qualquer leitura de um livro que condenasse os pecados nacionais seria punida com pena de morte, como quase acontecera com o grande profeta Jeremias, cujo ministério surgiu no fim do reinado de Josias (Jr 36.20.26).

22.10 *Safã o leu.* Era este um dos deveres do escrivão do rei. Não quer isto dizer que o rei não soubesse ler.

• **N. Hom. 22.11** É provável que este livro fosse uma parte do Pentateuco, preferindo-se a teoria de que se tratasse de Deuteronômio. O que causou tanta emoção ao rei foi a decisiva condenação à idolatria, o pecado nacional (Dt6.13-15; 28.15-25); Nesta reação se evidencia o efeito da Lei de Deus no coração arrependido. "Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (Rm 3.20). As ações do rei demonstraram um verdadeiro arrependimento, o qual rasga o coração e não as vestes (Jl 2.13). É o arrependimento que não nasce do formalismo de ir à frente em uma reunião pública ou de repetir uma oração lida em um livro.

22.14 *A profetisa Hulda.* Duas outras profetisas descritas no Antigo Testamento são Miriã (Êx 15.20) e Débora (Jz 4.4).

22.17 Que a adoração de deuses pagãos veio a ser popular em Jerusalém, é notado na descrição que o profeta Ezequiel faz da situação, dez anos após a morte de Josias, 8.5-18.

23.3 *Junto à coluna.* Refere-se às colunas Jaquim e Boaz, que significavam a presença real de Deus na terra, e Sua futura vinda gloriosa (1 Rs 7.21n). São uma lembrança visível da expressão: "Tu me guias com o teu conselho, e depois me recebes na glória" (Sl 73.24). *Mandamentos, testemunhos, estatutos.* Essas palavras significam a totalidade do conteúdo do livro de Deuteronômio (compare Dt 6.1-9).

23.4 A primeira reforma feita por Josias, no décimo segundo ano do seu reinado (2 Cr 34.3-7), coincidiu com a morte do rei da Assíria. Agora, seis anos mais tarde, a descoberta do livro precipitou um impulso missionário que não podia ser paralisado pela influência da Assíria, que já diminuía bastante. Dentro em breve, Josias chega até o território de Israel (15). Nínive foi destruída em 612 a.C., perto do fim do reinado de Josias.

23.6 *Vale de Cidrom.* Desde os tempos antigos até hoje, este vale tem sido o cemitério público da Cidade de Jerusalém.

23.8 *Os sacerdotes.* Não eram pagãos, mas sim, alguns membros inferiores da ordem levítica que, embora fiéis às tradições do verdadeiro culto do povo de Deus, não tinham obedecido à ordem de suprimir os "altos" que eram semelhantes aos lugares usados pelos cananitas pagãos, possuindo o direito de receber a porção reservada à tribo de Levi, sem entretanto ser-lhes permitido officiar no Templo como sacerdotes verdadeiros. *Geba.* O ponto mais setentrional do reino de Judá, equiparando a Dã, o ponto mais setentrional de Israel. *Berseba.* É divisa com o deserto, do Sul.

23.10 *Tofete.* O lugar predileto dos adoradores do ídolo dos amonitas, Moloque, que era feito de bronze, oco, contendo brasas incandescentes no seu interior que consumiam as crianças ali lançadas. Depois deste ato de Josias, o vale de Hinom veio a ser depósito de lixo da cidade, onde os destroços perpetuamente se queimavam. *Ge hinom,* então, passou a simbolizar o lugar onde as almas humanas em rebelião contra Deus, sofreriam tormentos perpétuos, como sendo a escória do Universo (Mt 10.28; Mc 9.43).

23.11 *Cavalos.* Shamash, o deus do sol, era representado entre os babilônios, montado num carro puxado por cavalos.

23.12 *Sobre o terraço.* Os Caldeus sacrificavam nas tetos das casas e dos templos,

honrando assim as estrelas (Sf 1.5).

23.13 Abominação. Nome que os hebreus davam aos ídolos pagãos. Uma boa parte da cultura semítica, pagã, se evidenciava nestas divindades locais que Salomão importou juntamente com suas esposas.

23.14 Ossos humanos. A profanação mencionada no versículo anterior era feita com despojos humanos, tendo em vista o fato de que, para qualquer raça semítica, o contato com os mortos era considerado poluição religiosa. O paganismo não mais poderia ser praticado naqueles lugares, depois disso. Veja também v. 20.

23.15 Betel. Agora Josias está penetrando no antigo reino de Israel chamado Samaria, isto é, após a deportação dos israelitas. Betel era um dos dois santuários, dotados de um bezerro de ouro, que Jeroboão havia colocado em cada um, para desviar seu povo de um possível interesse pela cidade de Jerusalém, com o Templo de Salomão.

23.16 Apregoara. Os pormenores desta profecia; e o fim do homem de Deus que a pronunciara, ocuparia todo o capítulo 13 de 1 Reis.

23.17 Monumento. A única referência bíblica a uma lápide.

23.20 Sacerdotes dos altos. Aqui se trata de sacerdotes pagãos que, por natureza, pertenciam aos altos; alguns eram do tipo que Jeroboão escolhera (1 Rs 12.31), e outros deviam ter sido sacerdotes de Baal.

23.21 Josias foi muito além de simplesmente extirpar o mal - também tomou a liderança na prática do bem, começando sua campanha de obediência à Lei de Deus revelada no Livro redescoberto, com uma Páscoa celebrada de acordo com os preceitos dados em Dt 16.1-8 e Lv 23.4-8.

23.22 Desde os dias dos juízes. Esta pequena notícia é a chave de séculos de desgraças nacionais; a plenitude da Lei não tinha sido cumprida desde a separação do Povo de Deus em duas nações; ficara apenas uma lembrança na mente dos profetas.

23.24 Algumas das leis contra a magia negra e a feitiçaria encontram-se em Lv 19.31; 20.6, 27; Dt 18.9-14.

• **N. Hom. 23.25 Todo o seu coração.** Além de cumprir os preceitos cerimoniais da Lei, esse rei observou-os também em seu sentido espiritual dado em Dt 6.5, que Jesus citou quando lhe pediram um esclarecimento sobre o que se devia fazer para herdar a vida eterna, ao que Ele respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lc 10.27).

23.29 Faraó-Neco. É Neco II, filho de Psamético. Reinou desde o ano 610 a.C. até 595 a.C. No ano 609 a.C., três anos depois da destruição de Nínive pelos babilônios e os medos, descrita pelo profeta Naum (Na 2.1-3.19), a Assíria foi reduzida da mesma forma que a grande fortaleza de Harã. A extinção daquele núcleo poderoso deixaria o poder do oriente nas mãos dos babilônios; os egípcios, sempre peritos na manipulação política, quiseram dar assistência ao rei da Assíria para formar uma aliança contra a Babilônia. A batalha que Josias travou em Megido deteve os egípcios de tal maneira que a sua morte foi a causa da destruição final dos assírios. A pressa de Josias em ver cumpridas as profecias contra a Assíria, foi instrumental no sentido de apressar também o dia em que a Babilônia levaria os cidadãos de Jerusalém ao cativeiro (20.17-18).

23.30 Jeoacaz. Subiu ao trono em 609 a.C. e nele se manteve apenas enquanto os egípcios se preocupavam com a nova situação política, na qual Nabopolassar da Babilônia, tinha se apossado dos antigos reinos da Mesopotâmia Anexaram ao seu reino à totalidade da Palestina, até a grande cidade de Carquemis, ao extremo norte da Síria colocando outro filho de Josias no trono de Judá (34).

23.36 Jeoaquim. 609-597 a.C. O novo nome (cf. Eliaquim, 34), era simplesmente uma prova de submissão àquele que a mudou (Dn 1.7; Gn 41.45). Sem outra descrição sobre a guerra, Neco é considerado pelo escritor, deste Livro como sendo o conquistador de Judá.

24.1 Nabucodonosor. Os egípcios firmaram-se em Carquemis por apenas quatro anos; no ano 605 a.C., Nabucodonosor subiu ao trono da Babilônia e seu primeiro ato oficial foi destruir os exércitos egípcios estabelecidos ali (Jr 46.2). Na fuga dos egípcios, os vencedores chegaram até Judá, que também fora anexado sem dificuldades.

24.5 Jeoaquim foi um dos piores reis de Judá, segundo Jr 22.13-19; 2 Cr 36.8. Jeremias predisse que aquele rei seria sepultado como um jumento, sem ninguém para lamentá-lo, e de fato, o v. 6 nada diz sobre seu sepultamento.

24.8 Joaquim. Também se chamava Jeconias 1 Cr 3.16; Jr 22.24.

24.10 Este cerco efetuou-se no ano 597 a.C. e contra o mesmo não houve muita resistência. A queda da nação já havia sido predita pelos profetas (21.14; 22.16-17). A capitulação imediata da cidade poupou muitas vidas.

24.12 O levou cativo. Quando Nabucodonosor aceitou a submissão do rei Jeoaquim (24.1), levou, além dos despojos, alguns dentre os jovens intelectuais judeus (Dn 1.3-7). Esse primeiro cativo deu-se no primeiro ano de Nabucodonosor, 605 a.C. Aqui, já no oitavo ano do seu reinado, 597 a.C., o rei da Babilônia impõe um cativo mais rigoroso, por outros motivos: não para enriquecimento do seu país, mas sim, para privar a Judá de todas as pessoas responsáveis que poderiam organizar um exército rebelde. Mas o rei desconhecia a coragem do povo: dez anos mais tarde, no ano 587 a.C. viu-se forçado a deportar todo o povo, destruindo a cidade de Jerusalém e deixando apenas alguns camponeses pobres para lavrar a terra; esse foi o terceiro cativo.

24.14 Dez mil. Este número compreende sete mil guerreiros, "valentes". Mil "artífices" e dois mil "príncipes" (que inclui a corte real, os anciãos da cidade e líderes religiosos). O profeta Ezequiel era um destes últimos e já considerava aquele ano como o fim de Judá. As datas indicadas por Ezequiel nas suas profecias são contadas desde 507 a.C., com exceção da data internacional do império babilônico que inicia o Livro (Ez 1.1).

24.17 Zedequias. 597-587 a.C. Este é o rei com o qual o profeta Jeremias manteve mais contato, embora seu ministério houvesse iniciado em 627 a.C., trinta anos antes. Este rei é mencionado muitas vezes, desde o capítulo 21 de Jeremias em diante.

24.20 Rebelou-se. Zedequias caiu no tradicional erro de entrar nas tramas políticas do Egito (2 Cr 36.13; Ez 17.11-21). Em 601 a.C., Neco II resistiu à invasão do Egito pelos babilônios, mas não se aventurou a sair do Egito (24.7). A rebelião declarada em 589 a.C., contava com o apoio do Faraó Hofra; mas logo que os caldeus (babilônios) interromperam o sítio de Jerusalém para perseguir aos egípcios, o povo de Jerusalém evadiu-se deixando a cidade abandonada e sem defesa alguma (Jr 37.5-10).

25.2 Este sítio, provocado pela rebelião de Zedequias, durou uns 18 meses, causando ao povo muito sofrimento (Lm 4.10).

25.4 A queda da cidade ocorreu em 587 a.C. Tal era o desespero dos sitiados, sem orientação e vitimados pela fome, que não temiam, em suas fugas, serem alcançados pelos caldeus.

25.5 Campinas de Jericó. Quando o povo de Deus em submissão obedecia ao Senhor, esse lugar trazia-lhe à lembrança cenas de suas grandes vitórias (Js 6.20).

25.7 Uma punição dupla para aquele rei traiçoeiro. A memória das últimas coisas que viram ficaria para sempre com eles. Seus últimos dias estão relatados em Jr 37.1-39.7.

25.12 Pobres da terra. Nabucodonosor havia deixado ali, outrora, apenas as pessoas consideradas da classe baixa (24.14). Ele ignorava, porém, que entre o povo de Deus, até as pessoas mais simples possuíam consciência própria, justiça individual, e que possuíam suas próprias videiras, etc. Por essa razão, tinha agora de proceder a uma reclassificação e deixar apenas a escória dessa nação para somente preservá-la para o mato não tomar conta da terra antes cultivada.

25.16 Deus usou Nabucodonosor como Seu instrumento para esmagar Judá, política, econômica e religiosamente, cujo motivo é explicado em 2 Cr 36.14-17.

25.17 Essas colunas tinham 8 metros de altura (1 Rs 7.15, 21n). A obra que custara ao rei

Salomão sete anos (1 Rs 6.38), foi tragicamente destruída em poucos dias (cf. 1 Co 3.16, 17).

25.18-21 Como se fosse necessário mais crueldade para esmagar Judá, o rei Nabucodonosor assassinou, sem motivo justificável, vários dos mais responsáveis cidadãos de Jerusalém.

25.22 Gedalias. Parece ter sido um governador responsável, que poderia ter trazido certa estabilidade ao pequeno reino, que agora se tornara uma província babilônica. O profeta Jeremias e o governador respeitavam-se mutuamente (Jr 39.14 e 40.6).

25.25 *Ismael*. Ismael era um fanático que nutria a insana esperança de restaurar o reino de Judá. O golpe que tentara deu motivo à fuga para o Egito, aos que ainda habitavam ao redor de Jerusalém. A traição de Ismael está descrita em Jr 41.11-43.7.

25.26 O caos provocado pela morte de Gedalias é mencionado em Jr 41.11-43.7.

25.27 *Joaquim*. O último herdeiro legítimo do trono de Judá ainda estava com vida no cárcere. Evil-Merodaque, rei da Babilônia, cujo nome no idioma caldeu, era Amel-Marduk, reinou de 562-560 a.C.

25.30 O livro termina com a último representante do rei Davi, vivendo em honra e saúde. A linhagem real continuou, segundo a descrição dada em Mt 1.11-16, até chegar ao Verdadeiro Rei do Povo de Deus, o Leão de Judá, o Rei dos Reis, o Resplendor da Glória de Deus, que sustenta todo o universo pela palavra do Seu poder; a Imagem do Deus Invisível, o Primogênito de toda Criação, no qual reside a plenitude de tudo o que há no universo, visível ou invisível, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, Deus bendito para todo o sempre.

O Primeiro Livro das Crônicas

Análise

Nas Escrituras hebraicas, nossos dois livros de Crônicas eram originalmente um só. Os tradutores da Septuaginta, em grego (cerca de 200 a.C.), foram os primeiros a fazer a divisão, Jerônimo (falecido em 420 d.C.) adotou essa divisão na Vulgata Latina. O título em hebraico era "Dibrej hay-yamim", isto é, "Atos dos Dias", ou registro de acontecimentos diários. A Septuaginta chama os livros de Crônicas de "Paralipomena", que significa "coisas omitidas" nos livros de Samuel e Reis. Os livros de Crônicas, contudo, freqüentemente tratam dos mesmos fatos que aqueles outros livros, embora tratem-nos tendo em vista uma finalidade diferente e de modo diverso. O título de *Crônicas* foi adotado com base no termo empregado por Jerônimo, *Chronicon*. Não é um nome impróprio.

Parece claro que quando o cronista lançou-se na empreita de cobrir o mesmo terreno que os livros de Samuel e Reis, desejou apresentar a história do povo de Deus, segundo seu próprio ponto de vista, desde os dias de Samuel até o cativeiro. Sua nação necessitava de reedificação sobre uma sólida base espiritual, pois seu longo cativeiro havia provocado uma séria interrupção em suas relações para com os ideais e tradições de seu próprio povo. Anteriormente haviam pertencido a uma teocracia onde os governantes civis e religiosos tinham igualmente obrigação de honrar a verdade e a lei de Deus.

Ora, sob a monarquia persa, o rei era um estrangeiro pagão que não conhecia o Deus de Israel. Somente através de uma vigorosa organização estritamente eclesiástica é que a unidade religiosa da nação poderia ser mantida. Os judeus sentiam cada vez mais que a prometida perpétua soberania davídica falava mais sobre um reino espiritual do que sobre um reino secular. Isso explica a escrituração dos livros de Crônicas. Não se tratava de alguma astuciosa casta sacerdotal a impor as suas idéias em contradição ao ensino dos profetas, conforme os críticos liberais costumavam afirmar. Aqueles que haviam regressado do cativeiro precisavam ver sua ligação apropriada com o povo de Deus.

Após relatar a história do homem antes do tempo de Davi, o cronista mostra o sentido

mais elevado das promessas feitas à linhagem de Davi, especialmente no tocante ao Messias vindouro. A atitude dos reis passados para com as questões religiosas é frisada mais do que suas realizações seculares. A imensa importância do templo, do sacerdócio, dos ritos religiosos e da lei moral é salientada. Fica demonstrado que, quando os reis desonravam a lei de Deus, caía sobre eles um castigo que servia de advertência, enquanto os reis que honravam as ordenanças de Deus prosperavam. Os livros de Crônicas são claramente didáticos e se demoram sobre as bênçãos que acompanham uma genuína vida religiosa. Devem ter exercido um efeito elevado na religião nacional. São abordados apenas aqueles aspectos de sua história que ilustram as questões religiosas (agora a única esfera sagrada); a história das dez tribos apóstatas, por exemplo, é esquecida, pois não contribui para a elevação espiritual.

Autor

Os livros de Crônicas; Esdras e Neemias estão intimamente ligados, e respiram o mesmo espírito. Os livros de Crônicas são os antecedentes dos outros dois, que tratam dos acontecimentos após o cativeiro. O Talmude, e a maioria dos escritores judaicos, bem como os pais da igreja cristã, atribuem os livros de Crônicas a Esdras. Os livros de Crônicas e de Esdras são similares quanto à dicção e à atitude. Tem sido apresentada a objeção de que os livros de Crônicas contêm relatos sobre eventos posteriores aos dias de Esdras. Mas bem podemos aceitar que Esdras foi seu principal autor (ou compilador), ainda que algumas adições possam ter sido feitas posteriormente, embora muitos eruditos conservadores não vejam qualquer necessidade de reconhecer tais adições.

Os livros de Crônicas foram compilados com base numa riqueza de informes históricos em registros anteriores, além dos livros de Samuel e de Reis. Um estudo cuidadoso dos livros tem levado muitos eruditos dignos de confiança a colocarem a data de Crônicas entre 430 e 400 a.C. Não há necessidade de postular-se qualquer data posterior a isso.

Esboço

AS GENEALOGIAS, 1.1-9.44

Genealogias da Raça Humana, 1.1-2.2

Genealogias de Judá, 2.3-4.23

Genealogias de Simeão, Rúben, Gade e Manassés, 4.24-5.26

Genealogias de Levi; suas Habitações, 6.1-81

Genealogias de Issacar, Benjamim, Naftali, Manassés Ocidental, Efraim e Aser, 7.1-40

Outras Genealogias de Benjamim, incluindo Saul, 8.1-9.44

O REINADO DE DAVI, 10.1-29.30

A Queda da Casa de Saul, 10.1-14

Davi e Seus Heróis, 11.1-12.40

Uzá Morre ao Tocar na Arca, 13.1-14

A Casa, a Família e Vitórias de Davi, 14.1-17

A Arca Levada a Jerusalém. Arranjos da Adoração, 15.1-16.43

O Propósito de Davi, de Edificar uma Casa para Deus, 17.1-27

Davi se Lança em Muitas Guerras, 18.1-20.8

O Pecado de contar o Povo, 21.1-30

Davi Prepara-se para a Edificação do Templo, 22.1-19

Arranjos para o Culto dos Levitas, 23.1-26.32

Os Oficiais do Estado; Os Últimos Atos de Davi, 27.1-29-30

1.1-54 *Lugar de Abraão e seus descendentes entre as nações*, 1-4. Sumário de Gn 5.5-7: Os filhos de Jafé em geral foram os antepassados dos povos que chamamos de indo-europeus; por exemplo, Javã (lit. Jônia) se refere aos gregos, comp. Gn 10.2-4.

1.8-16 Hoje, o termo "camita" se restringe quase só aos povos e idiomas do antigo Egito; os cananeus e amorreus são agora classificados como semitas, e os heteus são algumas vezes classificados entre os indo-europeus. Cuxe algumas vezes se refere à Etiópia (8), e algumas vezes a um local na Mesopotâmia (10). Comp. Gn 10.6-20.

1.17-27 Os filhos de Sem. Os hebreus (Héber) pertenciam a esse grupo, e dele emergiu Abrão ou Abraão. Nomes modernos como "camita" e "semita" têm sentido lingüística, e não racial.

1.17-23 são condensados de Gn 10.21-31; 24.27, e de Gn 11.10-26.

1.17 *Filhos de Sem.* Há nove filhos na lista, mas os últimos quatro são netos. Nas genealogias judaicas os netos eram freqüentemente contados como filhos. Ver Labão (Gn 29.5), Mefibosete (2 Sm 19.24), e os de Judá (4.1-4), onde só o primeiro nome é de seu verdadeiro filho. É suposto que estamos familiarizados com as listas de Gênesis, e que supriremos o ela necessário nesse breve registro.

1.19 *Pelegue.* Lit. "divisão". Recebeu tal nome porque em seu tempo se dividiu a terra; possível referência à dispersão dos homens no tempo da confusão das línguas, na torre de Babel (Gn 10.25).

1.28-33 De Abraão nasceu Isaque, progenitor dos edomitas e israelitas (34), e Ismael, progenitor dos árabes Comparar com Gn 25.1-4, 12-18.

1.31 *Filhos de Ismael.* Eram doze, os quais se tornaram um grande povo, cumprindo-se a promessa feita a Abraão (Gn 17.20).

1.34-37 O escritor não usa o nome pessoal "Jacó", mas somente o nome da comunidade, "Israel". Esaú (Edom) recebe atenção especial por ser irmão de Israel.

1.36,51 *Timna.* Não era filho de Elifaz, mas sua concubina e filha de Seir (1.39). Deu à luz Amaleque (Gn 36.12); e seu nome ficou ligado a uma região em Edom (1.51).

1.38 *Seir.* Uma cordilheira onde habitavam os horreus, em cavernas. Tais horreus eram chamados filhos de Seir. Foram derrotados pelos descendentes de Esaú; assim Seir passou a ter o nome de Edom (Gn 36.8, 20; Dt 2.12, 22). Seir era também o nome de um povo (Ez 25.8),

1.38-42 Seir é outro nome de Edom (Gn 36.8, 20-30).

1.43-54 Reis... de Edom: Comp. (Gn 36.31-43 Essas genealogias eram muito importantes para os judeus que voltavam do cativeiro, porque mostravam as relações de família e as divisões da terra. Para nós são importantes porque por meio delas podemos acompanhar a ascendência de Cristo, o qual, segundo a profecia, era Filho de Davi, Filho de Judá, Filho de Abraão e Filho de Adão. Comparar com Mt 1 e Lc 3.

1.43-54 *Reis que reinaram no terra de Edom.* Relação dos príncipes edomitas, provavelmente substituídos por chefes de tribos, tais quais os xeques árabes.

1.44 *Jobabe.* Alguns pensam tratar-se de Jó (Gn 36.32, 33).

1.48 *Eufrates.* Lit. "o Rio". Quando "rio" aparece com o artigo definido, a referência é ao Eufrates.

1.51 *Morreu Hadade.* Sua morte não é mencionada na seção correspondente de Gn 36.39, provavelmente for ter sido contemporâneo de Moisés.

2.1 *Israel.* Significa "o que luta com Deus", nome que Jacó recebeu no vau do Jaboque (Gn 32.28). Nome do povo hebraico composto das doze tribos descendentes de Jacó.

2.3 *Judá.* Quarto filho de Jacó e Lia (Gn 29.35). Embora fosse o quarto, aparece em primeiro lugar, visto que o direito de primogenitura foi-lhe transferido de Rúben, primeiro filho, por causa de seu pecado (Gn 35.22; 49.4). As vantagens da primogenitura foram divididas entre José e Judá. José recebeu dupla porção, pois as tribos de Efraim e Manassés descenderam dele. A Judá foi dado o domínio, pois dele descendia o chefe, Davi e o Messias, Cristo (1 Cr 5.1, 2; Gn 48.13-22; 49.1-12). Note-se que às genealogias das tribos do sul de Judá - Benjamim, Simeão e a tribo sacerdotal de Levi - é dada maior atenção.

2.6 Esses cinco descendentes são mencionados por causa de sua importância: Zinri, que

gerou Carmi (7), é chamado Zabdi em Js 7.1; os outros quatro filhos de Zerá tornaram-se famosos por sua sabedoria (1 Rs 4.31), e compuseram os salmos 88 e 89, mas não devem ser confundidos com Hemã e Elã em 1 Cr 15.17, os músicos de Davi, que também eram levitas.

2.9 Rão. É o Arão de Mt 1.3. *Quelubai* (também em 2.18, 42), não deve ser confundido com Calebe, o fiel espia (4.15), que nasceu 300 anos mais tarde.

2.10 Príncipe. No tempo do Êxodo (Nm 1.7; 2.3; 7.12).

2.15 Um dos filhos não é mencionado, visto que Davi era o oitavo (1 Sm 16.10; 17.12). É possível que tivesse morrido antes de constituir família, não sendo essencial para a genealogia.

2.20 Bezalel. Principal artífice na ereção do tabernáculo (Êx 31.2, 2).

2.2 Jerameel. Significa "tenha Deus compaixão". Alguns estrangeiros, súditos de Davi, chamavam-se jerameelitas (1 Sm 27.10; 30.29). Não são mencionados nos escritos pré-exílicos. Só se tornaram importantes após a queda de Jerusalém.

2.34 Jara. Um egípcio que se tornou herdeiro de Sesã, casando-se com sua filha. Havia uma exceção na lei de Moisés, que permitia às filhas reterem a herança, casando-se com alguém que pertencesse à tribo de seu pai (Nm 36.6); neste caso, o egípcio se tornou filho adotivo da tribo de Judá (34-41).

2.35 Atai. Com base no v. 34, provavelmente era o Alai do v. 31, pois não tinha filhos.

2.46 Concubina. Nem todos os filhos de concubinas eram alistados. Nenhum motivo é dado para a inclusão ou a exclusão. As concubinas eram mais que amantes, pois eram membros da família, tinham os direitos de esposas (2 Sm 3.7), tinham posição oficializada por uma cerimônia e até podiam ser chamadas de esposas em sentido secundário (Êx 21.8-10, Dt 21.11-13). Geralmente eram obtidas, ou por compra, ou como cativas de batalhas e, diferentemente da verdadeira esposa, podiam ser "divorciadas" à vontade; mas não podiam ser depois escravizadas (Gn 16.2-3; 21.10; Êx 21.7, 8, 11; Dt 21.10-14; MI 2.14-16).

2.55 Escribas. Eram escribas não-levitas, embora alguns levitas também fossem escribas (2 Cr 34.13). Conservavam todo o conhecimento de suas famílias. Ensinavam o bom conhecimento de Deus. Copiavam e interpretavam a lei. Esdras foi notável escriba (Ed 7.6-10). No tempo de Cristo, a maioria dos escribas desprezou Seu ensino. *Queneus.* Eram recabitas que se incorporaram à tribo de Judá. Descendiam de Jetro, sogro de Moisés (Jz 1.6). Ver notas de Jr 35.2, 6-10. *Jonadabe* ou *Onadabe*, descendente de Recabe, notável reformador, que preservou sua família do álcool e manteve-a numa vida primitiva, para impedir sua corrupção (2 Rs 10.15-28).

3.1 Davi. Em 1 Crônicas, Davi é a figura central (ver 5.2), cujo reino seria eterno (17.11-14). Portanto, a genealogia de Davi se estende até o exílio, inclusive. Eram pessoas importantíssimas, embora a dinastia de Davi não tivesse sido restaurada após o exílio. Jesus Cristo era descendente de Davi (Lc 3.23-32; Mt 1.6-16). Há três listas dos filhos de Davi, nascidos em Jerusalém:

2 Sm 5.14-16:	1 Cr 3.5-8:	1 Cr 14.4-7:
Samua	Siméia	Samua
Sobabe	Sobabe	Sobabe
Natã	Natã	Natã
Salomão	Salomão	Salomão
Ibar	Ibar	Ibar
Elisua	Elisama	Elisua
Nefegue	Elifelete	Elpelete
Jafia	Nogá	Nogá
Elisama	Nefegue	Nefegue
Eliada	Jafia	Jafia

Elifelete	Elisama	Elisama
Eliada	Beeliada	
Elifelete	Elifelete	

Alguns reputam as diferenças como corrupções de cópias só nesta seção. A genealogia de Samuel tem dois nomes a menos. Elpelete e Nogá, provavelmente por morrerem na infância ou por não terem tido filhos, Eliade ou Beeliada provavelmente era mais conhecido por este último nome, visto que era nome significativo e aceitável enquanto não fora instituída a adoração a Baal. Quando Israel passou a adorar os Baalins, os devotos deixaram de usar esse nome como prefixo dos nomes de seus filhos. Baal significa Senhor, e El significa Deus.

3.5 Bate-Sua. Noutros lugares chamada Bate-Seba. *Amiel* é inversão das letras que compõem seu nome em 2 Sm 11.3; é o mesmo Eliã. *Natã*. A genealogia de Cristo é traçada até Davi por meio de Natã (Lc 3.31), isto é, através da genealogia de Maria. José, marido de Maria, descendia de Davi por via de Salomão (Mt 1.6, 16).

3.10 Roboão. Sucedeu seu pai, Salomão. Em seu reinado houve a divisão do reino em dois: Israel, no norte, e Judá, no sul. Os reis de Judá descendiam de Davi.

3.15 Salum. Também chamado Jeocaz (2 Rs 23.31; 2 Cr 36.2; Jr 22.11n). Na realidade era mais velho do que Zedequias (2 Rs 24.18), mas reinou apenas três meses.

3.16 Jeconias. No texto hebraico, também chamado Conias (ver notas de Jr 22.24, 28; 37.1) e Joaquim (2 Rs 24.8, 12;

2 Cr 36.9). Em heb, Jeconias e Joaquim são apenas resultados de uma inversão das letras que compõem o nome, como Amiel e Eliã. Ver Jr 22.30n, pois Sealtiel (v. 17) é alistado como filho de Neri, em Lc 3.27.

3.19 Zorobabel. É tido como filho do irmão de Pedalas, Sealtiel (Ed 2.2; 3.2; Ag 1.1, 12; Ml 1.12; Lc 3.27), talvez por meio da regra de casamento de Dt 25.5-10. Foi um dos líderes na volta dos judeus à Palestina, após o exílio, em 538 a.C., e herdeiro do trono de Davi.

4.1-43 Descendentes de Judá e Simeão. As duas tribos estavam bem ligadas (Jr 15.19; Gn 29.33, 35). Simeão foi, finalmente, absorvido por Judá, e perdera a sua identidade (notar sua ausência, em Dt 33). Eram filhos de Jacó por meio de Lia.

4.9 Jabez. Destacado descendente de Judá. Em sua oração, suplicou: 1) A bênção de Deus; 2) O alargamento de suas fronteiras; 3) A preservação contra o mal; 4) Que não lhe sobreviesse nenhuma aflição. Conclusão: "Deus concedeu-lhe o que tinha pedido" porque pediu em acordo com a Sua vontade (1 Jo 5.14).

4.23 Oleiros. Asas de jarras estampadas, encontradas em escavações, têm revelado obras feitas pelos oleiros reais.

4.24 Esta seção expande o registro sobre a família de Simeão (Gn 46.10; Êx 6.15; Nm 26.12-14).

4.27 Simeí, que com Levi foi espalhado entre as tribos por motivo do massacre de Siquém (Gn 34.25-30; 49.5-7), passou a herdar o extremo sudoeste da Palestina (Js 19.1-9). Simeão virtualmente se fundiu com Judá, embora após a divisão do reino alguns elementos tivessem ido para o norte, sendo por isso contada dentre as dez tribos do norte (2 Cr 15.9; 34.6).

4.31 Reinado de Davi. Entre 1010 e 970 a.C.

4.43 Esses amalequitas permaneceram, mesmo depois que Saul e Davi obtiveram vitórias sobre eles (1 Sm 15.8; 30.17; 2 Sm 8.12). Saul fora instruído a exterminá-los todos (1 Sm 15.3).

5.1-26 *Descendentes de Rúben, Gade e meia tribo de Manassés.* Essas tribos se localizaram no lado orientado do Jordão.

5.1-10 Rúben estava tradicionalmente ligado a Judá (Gn 29.32-35), mas ao permanecer a leste do Jordão, perdera o poder e a influência (Gn 35.22; Dt 33.6). As duas tribos descendentes de José se tornaram dominantes (Gn 49.22-26; Dt 33.13-17), mas da de

Judá surgiu, um príncipe, Davi, a maior figura real do passado e protótipo do Messias que viria.

5.11-17 Gade ficava ao norte de Rúben e parece que era mais poderoso e importante (Dt 33.20, 21).

5.18-22 Nessa história sobre as guerras das tribos da Transjordânia contra seus vizinhos, vemos a tendência de expressar a grandeza do povo de Deus em termos de poderio militar.

5.23-26 Manassés ficava ao norte de Gade; só metade da tribo permaneceu na Transjordânia (Nm 32.33-42). Todas essas tribos foram levadas para o exílio pelos assírios (2 Rs 15.29).

5.1 *Rúben*. Ver Nota em 2.3.

5.3 Essa seção expande o registro sobre a família de Rúben (Gn 4.9; Êx 6.14; Nm 26.5-7).

5.4 Este versículo não diz qual dos quatro filhos de Rúben era o pai de Joel.

5.6 *Tiglade-Pilneser*. Noutros lugares soletrado "Pilesar" (2 Rs 15.29). Provavelmente foi o cativo preliminar das três tribos e meia da Transjordânia em 733 a.C. (1 Cr 5.26) é não a queda final de Samaria em 722 a.C. Em 5.26 o mesmo rei também é chamado Pul.

5.10 *Saul*. Reinou de 1050 a 1010 a.C. *Hagarenos*. Povo que habitava boa parte de Gileade, muito rico em rebanhos de camelos, ovelhas e jumentos (20, 21). Conjetura-se que os hagarenos descendiam de Hagar (Gn 25.12; Sl 83.6).

5.11 *Gade*. Espalhou-se para o norte, ocupando algo das terras dadas aos seus irmãos manassitas (23, 24).

5.17 Segundo esse versículo, após a invasão de Tiglate-Pilneser, Jotão, rei do reino sul, de Judá, exerceu algum domínio sobre esse território. Reinou de 751 a 736 a.C. Jeroboão II reinou de 793 a 753 a.C.

• **N. Hom. 5.18-22** Vitórias e Vítimas: 1) Instrumentos da vitória: Homens valentes (18b); a) equipados; b) destros na guerra; c) numerosos; 2) Razão da vitória: a) clamaram a Deus (20b); b) Deus lhes deu ouvidos; c) confiaram em Deus; d) a peleja era de Deus (22); 3) Resultados da vitória: a) ganharam animais (21b), b) apossaram-se de boas terras. Os mesmos princípios regem na luta espiritual (cf. Ef 6.10-20).

5.19 Eram tribos árabes e ismaelitas, do deserto. Ver Gn 25.15.

5.25 *Transgressões*. Corrupção e idolatria foram as causas fundamentais do cativo de Israel. 2 Rs 17.7-22 dá a narrativa dessas transgressões. *Manassés*, cerca de metade da tribo, denominada Maquir, conquistara a região de Gileade antes da morte de Moisés.

6.1 *Filhos de Levi*. Essa seção expande o registro sobre a família de Levi, segundo o relata em Gn 46.11; Êx 6.16-19; Nm 3.17-20; 26.57-62.

6.1-81 *Linhagem dos levitas*.

6.1-5 Os levitas eram uma antiga tribo guerreira (Gn 49.5-7), que se tornou casta sacerdotal (Dt 33.9-10; Jz 17.9-13; 18.19). Destes, a linhagem de Zadoque (6.8; comp. 2 Sm 8.17) produziu os principais sacerdotes que permaneceram até o exílio.

6.4 *Eleazar*. A linhagem o acompanha, visto que seus irmãos mais velhos, Nadabe e Abiú, foram mortos pelo Senhor, no deserto, por comportamento irreverente, e não deixaram filhos (Lv 10.1, 2; Nm 3.4). A lista de sumos sacerdotes que se segue (vv. 4-15), acompanha-os durante os 860 anos, entre o Êxodo e a queda de Jerusalém, mas não inclui os descendentes de Itamar, que ocuparam o ofício sob os últimos juizes e o início do reino: Eli, Finéias II, Aitube I, Aimeleque I (Aiza), Abiatar e Aimeleque II (1 Sm 14.3; 22.20; 2 Sm 8.17; nem certos outros sumos sacerdotes mencionados noutros lugares: Amarias II (2 Cr 19.11); Joiada (2 Rs 11.9); Zacarias (1 Cr 16.5; 2 Cr 24.20); Urias (2 Rs 16.10); Azarias III (2 Cr 31.10), e Meraiote (1 Cr 9.11).

6.8 *Zadoque*. Sumo sacerdote no tempo de Davi e Salomão, 970 a.C.

6.10 *Serviu*. Refere-se ao tempo de serviço do sumo sacerdote, talvez aludindo à tentativa. vã de Uzias de tomar essa função sacerdotal em 751 a.C. (2 Cr 26.17).

6.13 Hilquias. Sumo sacerdote que descobriu o livro da lei de Moisés, que provocou a reforma de Josias em 621 a.C. (2 Cr 34.14).

6.14 Seraías. Foi levado para Ribla e ali executado por ordem de Nabucodonosor; ele terminou a sucessão de sumos sacerdotes do primeiro templo, isto é, de Salomão (2 Rs 25.18; Ed 7.1; Nm 11.11; Jr 3.24-27; Zc 6.11).

6.15 Jeozadaque. Significa "Jeová é justo", como a cabeça da família sacerdotal que foi levada cativa para a Babilônia; tinha um nome que afirmava a retidão do Senhor ao assim castigar, o que também era expresso no nome do cabeça da família real, Zedequias, que significa "justiça de Deus". *Exílio*, 587 a.C. O filho de Jeozadaque foi Jesus; o sumo sacerdote que voltou do exílio babilônico (Ed 3.2; 5.2, Ne 12.26; Ag 1.1, 12; Zc 6.11).

6.16-48 Outros levitas, não da privilegiada família sacerdotal, realizavam deveres secundários no templo, como o canto (31). Davi teria instituído o culto musicado no templo, conforme existia nos dias do cronista, em caráter definitivo, mais ou menos como Moisés teria transmitido todas as leis do Deuteronômio. Nomes de famílias proeminentes entre os cantores, eram Hemã (33), Corá (37), Asafe (9) e Etã (44); ver os títulos dos salmos 73-83; 88 e 89. O próprio autor de Crônicas talvez pertencesse a um desses grupos.

6.18 Jizar. Aparentemente, Aminadabe era outro nome da mesma pessoa. Ver vv. 22 e 38.

6.22 Corá. Engolido pela terra por se haver rebelado contra Moisés (Nm 16).

6.25 Elcana. Não o irmão de Ebiasafe (23), mas antes o da sétima geração, depois de Ebiasafe. Aimote, no v. 35 é chamado Maate.

6.27 Elcana. Marido de Ana e pai de Samuel (1 Sm 1.1).

6.33 Hemã. Neto de Samuel, o qual escreveu o Sl 88.

6.39 Asafe. Cantor e vidente (2 Cr 29.30) que nos é conhecido como autor de muitos salmos (50, 73-83) Seus filhos também foram cantores do templo (1 Cr 25.1, 2; Ed 2.41).

6.49-53 Para se, sacerdote, no tempo da autor, era necessário ser descendente de Arão; para ser sumo sacerdote era preciso descender de Zadoque.

6.54-81 Cidades e território dados aos clãs levíticos (Nm 26.62; Js 21).

6.54-81 O grupo arônico obteve a primeira sorte na distribuição da terra (Js 2.10). Comparar essa lista com Js 21.3-40. Na divisão das terras em Canaã, os levitas receberam apenas algumas cidades. Dificilmente foi por acidente que o nome de Dã deixou de ser mencionado aqui, pela segunda vez (7.12). Em 6.61; Efraim e Dã não são incluídos, como era de se esperar; algumas traduções acrescentam esses nomes.

6.57 Cidades de refúgio. Das cidades aqui mencionadas, apenas Hebrom era cidade de refúgio. Duas letras do texto hebraico foram trocadas, as quais, quando invertidas, dão a forma singular que se conforma com Js 21.13, o que explica tal diferença. Havia seis cidades levíticas de refúgio (Êx 21.13; Dt 19.1-13; Js 20.7-9). Hebrom e Siquém (57, 67); Golã (71); Quedes (76), Bezer (78), e Ramote, de Gileade (80) Tinham tal nome porque colocavam sob sua proteção o homicida involuntário que procurasse a qualquer delas, quando perseguido pelo vingador. Na cidade de refúgio o criminoso era julgado. Se inocente, gozava do asilo da mesma. A cidade de refúgio é um belo símbolo de Cristo que, na cruz, absolve e perdoa o pecador que nele se refugia, arrependendo-se de seus pecados e confiando nele. "Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo" (Rm 8.1, 2).

6.60 Treze cidades. Só onze são enumeradas, mas no livro de Josué, cap. 21, há mais duas: Juta e Gibeom. Nenhuma das listas apresenta treze. É possível que duas delas já tivessem sido destruídas quando foi escrito o livro de Crônicas.

6.72 Quedes. Havia várias localidades com esse nome: 1) Quedes, no extremo sul de Judá (Js 15.23; 19.20, 21), talvez o mesmo lugar chamado de Cades-Barnéia (Js 15.3); 2) A Quedes deste versículo, talvez a mesma localidade de Js 12.22, é chamada de Quislom em Js 21.8; 3) A Quedes do versículo 76, na Galiléia, uma das cidades de refúgio, na tribo

de Naftali (Js 19.37; 20.7; 21.32; Jz 4.6-10).

7.1-40 juntamente com o oitavo capítulo, este conclui as genealogias das tribos, ainda que, tanto de Dã como Zebulom, faltem nas listas genealógicas.

7.1 *Issacar*. Nono filho de Jacó e quinto filho de Lia.

7.6 *Benjamim*. Significa "filho da mão direita". José e Benjamim eram filhos de Jacó e Raquel. Benjamim foi o último filho de Jacó. Saul primeiro rei de Israel, era da tribo de Benjamim. Em Gn 46.21 há menção de 10 filhos, e em 1 Cr 8.1, 2 são mencionados cinco filhos. Acredita-se que os outros foram mortos na horrenda matança de Jz 20. Essas genealogias são imperfeitas. Sobreviera ruína a Israel, e isso se reflete nos registros. Alguns conservaram seus registros perfeitos, na Babilônia; outros se mostraram descuidados, não se lembrando das promessas de Deus a Seu povo. Perderam as provas que, realmente, pertenciam ao povo escolhido. Os que mantinham seus registros esperavam, pela fé, o tempo quando retornariam à sua terra. Jr 32 é um exemplo dessa fé esperançosa. As genealogias desse capítulo são uma rápida revisão das tribos de norte.

7.14 *Manassés*. Refere-se à parte da tribo que vivia a oeste do Jordão (comparar 5.23, 24). Foi o mais velho filho de José e Azenate (Gn 41.50, 51). Registros mais completos se encontram em Nm 26.28-34; Js 17.2-6.

7.20 *Efraim*. Filho de José e sua esposa Azenate (Gn 41.50-52). Visto que alguns da tribo foram mortos pelos filisteus, ficou retardado o desenvolvimento de Manassés. O cântico de Débora faz menção especial aos filhos de Efraim, por terem lutado contra Amaleque (Jz 5.14; Ver Nm 26.35-37).

7.21 *Homens de Gate*. Vieram a Gósen, na fronteira com o Egito, quase na Palestina, para roubar o gado dos israelitas ali estabelecidos por ordem de José. *Naturais da terra*: refere-se aos naturais de Canaã.

7.23 *lam mal*. No hebraico, *beraah*, sendo o nome uma reflexão da situação em que se encontrara.

7.27 *Num*. O mesmo que aparece em Êx 33.11 e Js 1.1.

7.30 *Aser*. Filho de Jacó e sua serva Zilpa (Gn 30.12, 13). Esta seção expande o registro em Gn 46.17; Nm 26.38-41.

8.1-40 *Descendentes de Benjamim*. Benjamim recebe atenção especial porque Jerusalém pertencia, tradicionalmente, àquela tribo (Js 18.28) e porque o primeiro rei, Saul, era benjamita (33). O v. 28 indica que havia numerosos benjamitas em Jerusalém, na época do cronista. A ênfase sobre Benjamim liga as genealogias com o corpo histórico do livro, que começa com o relato sobre a família real de Saul. Se compararmos esses nomes com os de Gn 46.21, encontraremos algumas diferenças. Alguns deles nasceram no cativeiro e voltaram a Jerusalém (28, 32). Alguns nomes se encontram entre as listas de exilados que retomaram (Ed 2).

8.28 *Habitaram em Jerusalém*. A cidade ficava parcialmente dentro dos limites da tribo de Benjamim (Js 18.28). Mas nada se lê sobre benjamitas habitando nela, até após o retorno do cativeiro (9.3; Ne 11.4). Pode-se entender que após a queda do reino de Israel, em 722 a.C., os benjamitas tivessem voltado para seu território, buscando apoio na capital sobrevivente; igualmente, após a queda de Jerusalém, em 586 a.C., seria natural que os hebreus residentes em Benjamim se sentissem ligados por simpatia e interesses práticos à comunidade remanescente em Jerusalém. Esse versículo testifica que houvera benjamitas que voltaram a Jerusalém.

8.29-38 Essa lista dos antepassados de Saul é repetida em 9.35-44, onde se torna o prelúdio imediato da história de Davi e dos reis de Judá, feita pelo cronista; por esse motivo talvez fosse desejável repeti-la aqui.

8.33 *Esbaal*. O sentido é "homem (adorador) de baal". Em 2 Sm 2.8, o nome do filho de Saul é alterado para Is-Bosete, "homem de opróbrio". No hebraico, *bosheth* significa "vergonha". A alteração foi feita porque, o livro de Samuel era lido em voz alta nos cultos das sinagogas, enquanto Crônicas não o era. Antes da introdução da adoração ao deus

fenício, Baal, em Israel, pelo rei Acabe, a palavra *baal* não tinha má conotação no hebraico, mas simplesmente era equivalente ao substantivo próprio mais comum El, isto é, "Deus", ou "Senhor", ou "marido". No tempo de Saul era um título honorífico que subentendia que Jeová era o Senhor, "baal" de Canaã. Depois de Acabe, os nomes relacionados com "baal" se tornaram ofensivos aos ouvidos piedosos, que nem ao menos pronunciavam tal palavra. Esses alteraram os nomes de seus antepassados, incluindo a forma *El* ou *Bosheth*. Por exemplo, Meribe-Baal se tornou Mefibosete (2 Sm 9.10).

9.1-44 *Genealogia de Família Após o Exílio. 1 Livros dos Reis de Israel.* Não se refere aos dois livros dos Reis, do Antigo Testamento, mas de um registro civil, porque os nomes dos israelitas que se acham nesse capítulo viveram em Jerusalém depois do cativeiro. Quando caiu o reino do norte, o reino do sul se apossara do nome de *Israel* (Mq 1.13-15; 2.7; 3.1, 9, 10). *Transgressão.* Foi a principal causa do cativeiro de Israel e Judá (2 Cr 36.11-21).

9.2-16 Esses versículos, até certo ponto, são paralelos, de Ne 11.3-19, embora se não descreva ali que os filhos de Efraim e Manassés habitavam em Jerusalém. Nos dias do cronista, após o exílio, representantes de todo o Israel pós-exílico viviam em Jerusalém.

9.2 *Os primeiros habitantes.* Quatro classes de judeus voltaram do exílio, a saber: 1) Leigos, conhecidos pelo nome étnico e geral de *israelitas*; 2) *Sacerdotes*; 3) *Levitas*; 4) *Servos do templo*, que eram também conhecidos pelo nome de *netinins*, dado por Davi. Literalmente, significava "dados", como os homens de Midiã (Nm 31.47) e de Gibeom (Js 9.23), organizados em um grupo distinto, por Davi (Ed 8.20).

9.3 *Alguns dos filhos de Judá.* Cumprimento de Os 1.11 que profetizara que os filhos de Judá e os de Israel habitariam juntos após a amargura do cativeiros.

9.5 *Silonitas.* Com Perez e Zerá, uma das famílias de liderança de Judá (Nm 26.20).

9.10 Parecem ser nomes da primeira, segunda, vigésima-primeira e vigésima-quarta ordens de sacerdotes, estabelecidas por Davi (1 Cr 24.7-18) e não de indivíduos.

9.11 *Azarias.* Sua data é de cerca de 600 a.C. pouco antes do cativeiro (6.13).

9.12 *Malquias.* Quinta ordem de Davi (24.9). *Imer.* Décima sexta ordem de Davi (24.14).

9.14 *Merari.* Um dos três filhos de Levi.

9.15,16 *Asafe... Jedutum.* Dois dos músicos chefes de Davi, em 1 000 a.C.

9.17-34 Nesses parágrafos se desenvolve a idéia de que Davi estabelecera, com a ajuda de Samuel, todos os arranjos do templo e seus cultos, efetuados em tempos pós-exílicos. Visto que Davi, na realidade, não edificara o templo, deve ter utilizado a tenda da congregação (tabernáculo) o santuário volante que precedeu o templo.

9.19 *Corá.* Embora morto pelo Senhor, seu clã continuara sendo parte importante da divisão coatita de Levi (6.22-28).

9.20 *Eleazar.* Filho e sucessor de Arão mo sacerdote, no deserto.

9.21 *Zacarias.* Porteiro no tempo de Davi (26.2).

9.26 *As câmaras e os tesouros.* O ofício de *porteiro* correspondia ao de um guardião de hoje em dia. O fato que havia *sempre... quatro porteiros* significa que, provavelmente, havia quatro rodízios por dia, e desse modo, sempre havia 1 guarda em serviço, pelo dia e à noite.

9.31 *Sertãs.* Quanto às ofertas de manjares. Ver Lv 2.4-7.

9.32 *Pães da proposição.* Lit. "fileiras de pão", tal como em Lv 24.5, 6.

9.35-44 Repetição da genealogia de Saul, dada em 8.29-38, em antecipação do capítulo dez e seus acontecimentos.

9.35-44 Repetição da genealogia de Saul, de 8.29-38, a qual antecede os acontecimentos do cap. 10.

9.35 *Jeiel.* Talvez Abiel de 1 Sm 9.1; 14.51. O resto do capítulo é praticamente idêntico a 8.29-38, exceto nas questões secundárias, como a escrita dos nomes. Serve para introduzir o registro que narra o fim do reinado de Saul.

10.1 *Pelejaram.* O clímax de sua terceira e última grande opressão. Esse capítulo é, em

geral, idêntico a 1 Sm 31, embora haja diferença na escolha dos detalhes.

10.6 *Toda a sua casa.* Refere-se a todos os seus homens ou soldados, pois havia dois de seus filhos que então permaneceram vivos, Isbosete e Mefibosete.

10.10 Em 1 Sm 31.10, o corpo de Saul aparece afixado ao muro de Bete-Seã, e sua armadura foi posta no templo de Astarote. Aqui, a cabeça de Saul fora colocada no templo de Dagom. Tudo é perfeitamente possível. Escavações feitas em Bete-Seã revelaram quatro templos cananeus.

10.11 *Jabes de Gileade.* Continuavam leais a Saul, desde quando os livrara, havia já, quase quarenta anos passados (1 Sm 11.1-11).

10.13 *Assim, morreu Saul.* As principais causas da derrota de

Saul e seu fracasso, foram: 1) Transgressão contra Deus (1 Sm 13.8-14; 15.1-23); 2) Consulta a uma necromante (consultora de mortos) (1 Sm 28.7-25); 3) Não consultou ao Senhor (3). • **N. Hom.** Perigos do Espiritismo (necromancia): 1) Não precisa de seus conselhos (Lc 16.29); 2) Seus conselhos não ajudam (Lc 16.30-31); 3) Seus conselhos prejudicam a vida e a alma (Dt 18.11-12).

11.1 *Hebrom.* Cidade situada na região serrana de Judá. No tempo de Abraão se chamava Quiriate-Arba, onde Sara foi sepultada (Gn 23). Em Hebrom, Davi foi ungido rei de Judá (2 Sm 2.1-4) e, com a morte de Is-Bosete, filho de Saul, Davi foi ungido rei de todo o Israel (2 Sm 5.1-5). Os sete anos e meio do reinado de Davi em Hebrom, sobre Judá, de 1010 a 1003 a.C., foram passados ali; 1-9 são versículos paralelos de 2 Sm 5.1-10. Davi reinou sobre todo o Israel por 33 anos.

11.4 *Jerusalém.* No tempo dos jebuseus chamava-se Jebus. Davi conquistou a cidade e Jerusalém passou a ser reputada cidade de Deus (Sl 48.1-3; Is 2.3). No reinado de Davi, tornara-se capital de todo o Israel, até a divisão do reino.

11.5 *Sião.* Nome de um dos montes sobre o qual estava edificada Jerusalém. A monte tornava-a quase inexpugnável como fortaleza. *Sião* significa lugar fortificado. A própria Sião ocupava a parte sudoeste do que é agora Jerusalém, estava ligada com o reinado de Davi pela profecia e pela história (Sl 2.6). Sua localização estratégica entre os reinos de Israel e de Judá, e sua natureza estrangeira (portanto neutra), tornava-a local ideal da proposta capital de Davi.

11.8 *Milo.* Uma das fortificações de Jerusalém.

11.11 Doze dos heróis eram os comandantes dos doze corpos das forças armadas de Davi (Cap. 27).

11.18 *Derramou como libação do Senhor.* Davi não quis beber água do poço, apesar de sedento. Diante do perigo a que se expuseram seus três valentes companheiros em lhe trazer água, Davi não a bebeu, porém ofereceu-a ao seu Senhor. Esta atitude revelou alguns bons característicos em Davi: 1) Humildade; 2) Domínio próprio; 3) Espírito de justiça; 4) Grandeza de coração. Estas facetas de sua vida fizeram de Davi um "homem segundo o coração de Deus" (At 13.22).

• **N. Hom.** **11.17-19** Libação de Davi: 1) Origem nas saudades de Davi; 2) Símbolo da devoção de seus guerreiros; 3) Prova da coragem de seus guerreiros; 4) Exemplo do amor de Davi para com Deus.

11.22 *Benaia.* Em heb, "Jeová edificou". Homem valente que realizou várias façanhas e foi fiel a Davi e a Salomão (22-23; 1 Rs 1.8, 10, 32, 38, 44; 2.35; 4.4). Era comandante das tropas profissionais cretenses e filistéias, que compunham a guarda pessoal de Davi (18.17), e principal general de Salomão (1 Rs 4.4). Seu pai, Jeoiada, era sacerdote-chefe (27.5), pelo que, também era levita. *Heróis*, lit. "leões de Deus" - heb *ariel*.

11.23 *Cinco côvados* ou 2,13 m. O côvado era a distância do cotovelo à ponta do dedo médio. A altura média de um homem era de quatro côvados de 44,5 cm e os egípcios tinham um côvado exato de 45,2 cm.

11.26 *Asael.* Foi morto ao perseguir a Abner, na guerra de Davi contra Is-Bosete (2 Sm 2.18-23).

11.41 Urias. Marido de Bate-Seba, morto por ordem de Davi, quando o rei procurava encobrir seu adultério com a esposa da vítima (2 Sm 11).

12.1-22 São estes os que vieram a Davi. Registra-se neste trecho uma lista dos amigos de Davi, que estiveram ao seu lado, quando perseguido por Saul. Há também registro de alguns da tribo de Benjamim, da qual descendia Saul.

12.1 Ziclague. Cidade na fronteira de Judá, sobre a qual Davi foi nomeado chefe vassalo por Aquis, rei filisteu de Gate (1 Sm 27.5-7).

12.2 Mão.. esquerda. A habilidade dos benjamitas como arqueiros é observada em 7.40; 2 Cr 14.8. Sua habilidade no uso da mão esquerda é observada em Jz 3.15, onde é mencionada a excelência deles como fundibulários.

12.6 Coreítas. Os que se rebelaram contra Moisés (6.22; 9.19). Esses cinco, portanto, eram da tribo de Levi, e não da de Benjamim, como o restante da lista. Provavelmente faziam parte da comunidade levítica que devia habitar no território de Benjamim.

12.8 Fortaleza no deserto. Provavelmente a caverna de Adulão (11.15; 1 Sm 22.1).

12.15 Primeiro mês. Março-abril (chamado *Abib* ou *Nisam*, pelos judeus), tempo das chuvas de primavera (Tg 3.15; 4.19).

12.18 Amasai. Chefe que fez pública profissão de lealdade a Davi, reconhecendo a proteção de Deus sobre o rei. É um exemplo para o cristão ser fiel a Jesus Cristo, que foi perseguido, porém se tornou Rei vitorioso. Os outros reconheceram que Davi gozava de uma proteção especial de Deus.

12.21 Aquela tropa. Os amalequitas que assolaram a cidade de Davi, Ziclague, enquanto ele estava fora (1 Sm 30).

12.22 Um grande exército. Nesse tempo ainda não era rei. Caso semelhante ao de nosso Senhor e Salvador que, embora atualmente rejeitado, está reunindo para Si mesmo grandes hostes de todas as nações, para serem Seus seguidores (At 15.14; Ap 7.9-12).

12.23 Em Hebrom se reuniu um grande exército para proclamar Davi rei de Israel. Os componentes desse exército vieram de todas as partes de Israel. Houve unanimidade de propósito e muito regozijo. Aqui Davi se torna tipo do Messias, que futuramente iria ser o Rei dos reis e Senhor dos senhores, Jesus Cristo (Ap 17.14).

12.27 Joiada. Provavelmente era pai de Benaia. (Ver notas de 11.22; 18.17; 27.5; 2 Sm 8.18). *Casa de Arão.* Equivale a dizer "os sacerdotes" ou tropas sacerdotais, das quais Joiada era o líder.

12.28 Zadoque. Talvez o mesmo que era colega e sucessor de Abiatar como sumo sacerdote.

12.29 Mesmo depois da morte de Is-Bosete, os benjamitas esperavam fornecer um terceiro rei à nação.

12.31 Meia tribo de Manassés. Refere-se aqui à tribo do lado ocidental do Jordão.

12.33 Ânimo resoluto. Não impelidos por ânimo dobre, isto é, com sólida unidade de propósitos.

12.38 Resolvidos. De perfeito coração. Perfeito é traduzido por "integral", em Dt 25.15. O total de guerreiros era de 339.600, além dos 1.222 chefes e líderes.

12.40 Regozijo em Israel. Quando Davi se tornou rei houve grande alegria em Israel. Quanto maior alegria haverá no Israel de Deus quando nosso Senhor vier pessoalmente dando início ao Seu reinado em Jerusalém, por ocasião de Sua segunda vinda (Zc 14.9, 16).

13.1 2 Sm 6.1-11 dá um relatório mais breve com variações secundárias.

13.3 Arca. Objeto central do tabernáculo. A arca era símbolo da presença de Deus. Davi trouxe a arca a Jerusalém para restaurar o culto e desenvolver a vida religiosa do povo (Êx 25.10-16).

13.5 Sior do Egito. O leito do riacho que assinalava a fronteira sudoeste da Palestina (Js 13.3). Provavelmente deve ser identificado com o Ribeiro do Egito (cf. 2 Rs 24.7). Sior (no original de Is 23.3) é o Nilo.

13.6 Quiriate-Jearim. Onde ficara a arca, na casa de Abinadabe, durante quase um século, após sua captura pelos filisteus, na primeira batalha de Ebenézer e sua subsequente devolução (1 Sm 7.1).

13.7 As instruções sobre o transporte da arca se encontram

em Êx 25.14; Nm 4.15; 7.9; 10.21. Davi não procurou conhecê-las e obedecer a elas, e assim suas boas intenções e pias cerimônias não foram aceitas pelo Senhor. A obediência às ordens do Senhor é mais importante que os ritos religiosos. Ele pode ver nossos corações e conhece nossas mentes, e não se deixa enganar pela aparência externa. Nossos corações precisam ser retos e obedientes para o nosso serviço ser aceitável (1 Sm 15.22). *Uzá e Aiô*, filhos de Abinadabe (2 Sm 6.3).

13.9 Uzá. Foi castigado por não obedecer às instruções para o transporte da arca. Sua morte frisou, a todas as gerações futuras, a necessidade de reverência e conformidade para com os objetos sagrados a Deus. A arca nunca deveria ter sido posta em um carro: nunca deveria ser tocada; haveria varas especiais para transportá-la (Êx 25.14).

13.11 Perez-Uzá. Isto é "a infração de Uzá".

13.14 Obede-Edom. Levita da família de Corá, do clã de Coate (26.1, 4), pelo que estava autorizado a cuidar da arca.

14.1 Hirão. Era fiel amigo de Davi, o que explica sua generosidade.

14.3 Mais mulheres. Algo proibido pela lei (Dt 17.17).

14.8 Esse ataque deve ter sido desfechado pouco depois de sua unção nacional, antes mesmo da captura de Jerusalém.

14.10 Davi consultou a Deus. • **N. Hom.** Razões por que Davi era "homem segundo o meu coração" (At 13.22): 1) Reconhecia que Deus o fizera rei (14.2) e que era apenas um instrumento da graça de Deus; 2) Inquiria a Deus em tempos de tribulação e não confiava em sua própria sabedoria (14.10); 3) Dava a Deus a glória pelas suas vitórias (14.11); 4) Destruíu os pagãos em obediência à ordem de Deus (14.12); 5) Esperava pelo sinal de Deus para fazer algo (14.14); 6) Obedecia sem perguntas ou reservas, e assim obtinha a vitória. Davi era humano e, portanto, um pecador, mas Deus encontrou nele admiráveis qualidades.

14.11 Baal-Perazim. lit. "senhor da infração".

14.12 A lei exigia que as imagens fossem queimadas (Dt 7.5, 25). As nações geralmente levaram suas imagens à batalha. A crença é que as imagens tinham virtude própria que ajudava a obter a vitória militar. Comparar com 2 Sm 5.21.

14.16 Gibeom até Gezer. Cerca de 18 km.

14.17 O renome de Davi. Sua exaltarão e fama no mundo veio após a obediência à vontade de Deus. Em Fp 2.5-11 vemos que o Senhor Jesus Cristo, em Sua "humilhação", foi exaltado por Deus por causa de Sua obediência, o que O levou a morrer na cruz. Ver as palavras de Cristo. em Lc 14.11; Jo 6.38; 8.29.

15.1-15 e 25-28 *E preparou um lugar para a arca.* Nestes trechos verifica-se que Davi: 1) Aprendeu com seu erro de 13.6-14; 2) Preparou um lugar para a arca (1); 3) Declarou que só os levitas tinham o direito de levar a arca (2; Êx 2.14; Nm 4.15, 19, 20); 4) Reuniu todo Israel para acompanhar a mudança; 5) Davi não trouxe o tabernáculo original de Moisés a Jerusalém. Continuou em Gibeom, onde Deus, depois, apareceu a Salomão (21.29).

15.5 Os filhos de Levi, segundo a ordem de nascimento foram Gérson, Coate e Merari (Gn 44.11; Êx 6.16). Os coatitas, de quem provinha a família sacerdotal araônica, tinham primazia em tudo. Foi-lhes entregue, especialmente, a guarda da arca e seu transporte. Assim, quatro dos seis eram coatitas.

15.12 Santificai-vos. Consistia de: 1) Não ter relações com suas esposas; 2) Não tocar em coisas naturalmente imundas (como cadáveres de pessoas e animais); 3) Lavar o corpo. 4) Lavar às roupas (Êx 19.10, 15; 2 Cr 30.3).

15.16 Cantores. Davi deu grande ênfase à música no culto divino. Davi providenciou cantores e acompanhamento musical a partir de quando a arca fora trazida a Jerusalém.

Cânticos faziam parte das cerimônias religiosas (Êx 15.21; Jz 5.1; 1 Cr 13.8). É o primeiro lugar onde os levitas ficam especificamente encarregados da música nos cultos. *Címbalos*. Lit. "causadores de ruído"; assinalavam o ritmo com altos e claros sons.

15.20 *Soprano*. A mesma palavra usada para "virgem", no heb *alemah*. Por isso alguns acreditam que era um coro de virgens. Ver título do salmo 46, 68.25.

15.23,24 Quatro porteiros da arca: Berequias, Elcana, Obede-Edom e Jeías. Protegiam a abertura da arca, para que não fosse aberta.

15.25 Nessa ocasião, parece que o salmo 24 foi escrito e musicado. Nos lembra da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém e pode ser comparada com Sua recepção em nossos corações.

15.26 É este o sacrifício dos anciãos e capitães; o sacrifício de Davi foi composto de bois e carneiros cevados (2 Sm 6.13).

15.27 As vestes que vestira eram dos sacerdotes e levitas, e não reais; porém, uma vez que ele era um tipo de Cristo, que deveria tornar-se nosso rei-sacerdote (Zc 6.12, 13). Davi pôde usá-las nessa ocasião; ou então isso foi disfarçado pelo Senhor, como quando ele comeu os pães da proposição, quando fugia de Saul (1 Sm 21.3-6). Evidentemente, Davi despiu seus trajes reais e vestiu a veste de um servo do Senhor num ato de homenagem ao Senhor, que habitava entre os querubins da arca. Esta, por sua vez, estava sendo transferida para a nova capital de Israel. *Estola*. No heb, *ephod*. Davi parece ter tirado sua capa real; notar a reação de Mical (29 e 2 Sm 6.20).

16.4-6 O cortejo inteiro incluía as seguintes participações: 1) Dos cantores, em três coros dirigidos por Hemã, Asafe e Etã; 2) Do chefe Quenânias (1 Cr 15.22); 3) De dois porteiros levando a arca em frente; 4) Sete sacerdotes tocando trombetas perto da arca; 5) Mais dois porteiros segurando as varas atrás da arca. Depois vinha o rei, com anciãos e capitães de mil (25).

16.7 *Com hinos*. Para celebrar a vinda da arca a Jerusalém, Davi compôs um canto de Ações de Graças, que entregou aos músicos-chefes, para ser usado na adoração pública. Esse canto se encontra em Sl 96; 105.1-5; 106.47, 48. São alistados no anonimato, em Salmos, mas, com base em seu uso aqui, parece que Davi foi o autor de algumas das idéias incluídas nesses salmos, que talvez tivessem sido escritos na sua forma atual, somente no tempo do exílio. *Asafe*. Doze salmos foram escritos por ele e seus descendentes - 50 e de 73 a 83. Esse versículo assinala o início do coro levítico, que logo se tornou tão importante na adoração pública dos hebreus.

16.8-36 Este salmo pode ser tomado como modelo dos hinos sagrados, visto que se ocupa de: 1) Poder e bondade do Senhor (8, 9, 12); 2) Sua relação conosco e com o mundo inteiro (13, 14); 3) Ações de graças em memória de Sua bondade e Misericórdia (8, 9); 4) Gozo e comunhão com Ele (10, 11).

16.22 Abraão, Isaque e Jacó eram todos ungidos de Deus e profetas em virtude do dom da profecia: 1) Abraão (Gn 20.7; 22.8; 24.7, 40); 2) Isaque (Gn 27.28, 29, 40; 28.3, 4); 3) Jacó (48.15-22; 49.3-27).

16.35 *Ajunta-nos*. Aparentemente, Davi mostra um conhecimento de Dt 4.27; 28.64 e Lv 26 em que é predito que Israel seria espalhado; portanto, oração, baseada nessa revelação aponta para o futuro (cf. Is 40.1-11 onde ocorre o mesmo fenômeno). Assim fez também Salomão (1 Rs 8.48-50).

16.36 *Amém*. Significa "confirmado" uma resposta positiva da parte da congregação.

16.37 *Deixou ali*. Depois da arca ter sido trazida a Jerusalém e após a nomeação dos cantores e músicos da festa de três dias e de todos os outros eventos daqueles dias, Davi deixou o trabalho da música, do canto e dos sacrifícios aos ministros de Deus e partiu para sua casa.

16.37-43 *Arca do aliança*. O antigo tabernáculo de deserto estava agora dividido. A arca estava em Jerusalém, enquanto o altar de bronze, pelo menos e, provavelmente, também os Vasos do Santo Lugar (Êx 25;23-40; 37.10-25; 40.22-27) estavam sendo usados para

a adoração em Gibeom. Asafe e os cantores estavam com a arca em Jerusalém (1 Cr 16.37), Zadoque e os outros sacerdotes ministravam perante o tabernáculo em Gibeom (1 Cr 16.39-42). Essa condição continuou até que o novo Templo foi edificado, no reinado de Salomão.

16.38 *Jedutum*. Não deve ser confundida com Jedutum, o cantor-chefe do clã de Merari, pois Obede-Edom era da família de Coate.

16.39 Esta é a primeira menção que o Tabernáculo estava em Gibeom. Antes estivera em Nobe (1 Sm 21.1-6), tendo sido, provavelmente, removido por ocasião da matança dos sacerdotes por Doegue (1 Sm 22.18, 19). Até à edificação do Templo por Salomão, cerca de 50 anos mais tarde (1 Rs 3.4), era o segundo centro da adoração nacional. Antes de Nobe, estivera em Silo (Js 18.1; 1 Sm 4.3, 4). Silo era uma memória dolorosa para Jerusalém, depois de sua completa destruição nos tempos dos juizes, c. 1050 a.C. (cf. Jr 7.12-14).

16.40 O altar das ofertas queimadas (Êx 27.1-8) permaneceu em Gibeom, com o tabernáculo (2 Cr 1.3-5). Davi deve ter erigido um novo altar para sacrifícios, em Jerusalém (16.1). Os sacrifícios ordenados pela lei, segundo parece, eram oferecidos em Gibeom. As ofertas voluntárias adicionais talvez fossem oferecidas em Jerusalém, perante a arca. Os capítulos 17, 18 são paralelos próximos de 2 Sm 7, 8.

17.2 O erro de Natã foi dar opinião sobre uma questão espiritual, sem inquirir a vontade do Senhor. O plano e o propósito de Davi eram ótimos, mas Deus tinha outros planos que davam a Davi muito maior honra que a de edificar um templo (17.4, 10-14).

17.4 Davi não era idôneo para edificar o templo, por ser guerreiro (22.8; 28.3).

• **N. Hom. 17.7** Como muitas vezes Davi é, aqui, um tipo de seu Filho segundo a carne (Mt 1.1; Rm 1.3), Jesus, o Rei-Pastor. Na Sua primeira vinda tomou a lugar de pastor, primeiro na morte (Jo 10.11) e depois no poder da ressurreição (Hb 13.20). Na Sua volta, Ele há de tomar o lugar de "príncipe de Israel" (Is 11.10-12; Jr 23.5-8; Zc 14.4, 9, 16; Lc 1.32, 33; At 15.14-17). Esta é, precisamente, a ordem dos salmos 22, 23 e 24.1) No Sl 22, o Bom Pastor dá a Sua vida pelas ovelhas; 2) No Sl 23, cuida das ovelhas; 3) No Sl 24, vem para reinar como Rei da glória.

17.7,8 Quatro bênçãos dadas a Davi pelo Senhor: 1) Tornou o pastor em rei (7); 2), O Senhor andava com ele (8); 3) O Senhor eliminou seus inimigos (8); 4) O Senhor lhe deu renome (8).

17.9 *Oprimam*. No Egito, e pelos amalequitas, amonitas, midianitas e filisteus.

17.12 *Edificará casa*. Refere-se a Salomão (2 Cr 2.1-7.22). Ler também Sl 89.3, 4, 20-37; 1 Cr 22.10, 28.20.

17.14 A referência é primariamente ao filho de Davi, Salomão; mas a aliança só será final e completamente cumprida em Cristo (Lc 1.32, 33; At 15.14-16). Notar que os três termos na aliança são: *casa, reino e trono* eternos (Is 9.6, 7; Ap 11.15; 20.1-10). Somente um, o filho de Deus, o Senhor Jesus, ocupa o trono eterno (Hb 1.5; Sl 2.7; At 13.33; Hb 5.5).

17.16 *Ficou perante ele*. Este belo quadro sugere a comunhão entre o Senhor e Davi. A humildade de Davi o aproximara de Deus e preparara-lhe o caminho para seus corajosos triunfos registrados em 1 Cr 18. Note-se que, quando o Senhor exaltava a Davi, o resultado era que Davi tornava a humilhar-se. Cristo humilhou-se, mas Deus O exaltou. Maria foi humilde, e o Senhor a exaltou.

17.21 Três propósitos de Deus: 1) Resgatar seu povo; 2) Fazer para Si mesmo um nome; 3) Fazer prodígios entre as nações.

17.22 Essas palavras formam a promessa central da aliança (Gn 17.7; Êx 6.7; Ap 21.3).

17.25 *Casa*. Não um edifício, como a casa que Davi desejava construir para o Senhor, mas uma dinastia ou descendência de família.

18.1 *Suas aldeias*. Lit. "suas filhas"; cidades ou vilas freqüentemente eram chamadas filhas. Embora Davi tivesse subjugado tantos lugares, sobre os reinava em muitos casos, deixava que seus próprios reis os governassem (1 Rs 4.24; 2 Cr 9.26). Isso explica-nos

por que Gate tinha um rei (1 Rs 2.39).

18.3 Pela primeira vez, Israel estendeu suas possessões até o rio Eufrates, a fronteira oriental da Terra Prometida (Gn 15.18-21; 2 Sm 8.3).

18.4 Em 2 Sm 8.4 se lê apenas "700 cavaleiros"; mas aqui, 7.000. Isso pode ser explicado pelo fato de que as duas letras hebraicas que representam números, são muito parecidas em sua grafia original e que, na cópia, uma pode ter sido trocada pela outra. A maioria dos comentaristas crê que o texto correto, em ambas passagens, seja 7.000.

18.8 No texto hebraico, alguns desses nomes aparecem modificados em 2 Sm 8.8-18. Esta passagem nos deixa pouca dúvida sobre onde Davi obteve muito do ouro entesourado para a edificação do templo. Exatamente quanto se derivou das guerras não se sabe. Muitos escudos, ornamentos, vasos, etc., de ouro e prata, eram tomados dos guerreiros capturados e das cidades (7.10, 11). Igualmente foi tomado bronze em grande quantidade. Esses despojos de guerra eram então guardados para uso sagrado. Perderam-se no tempo de Jeremias, como despojos tomados pelo conquistador Nabucodonosor.

18.12 O título de Sl 60 menciona Joabe como principal general de Davi, que matou 12.000 edomitas; 2 Sm 8.13 mostra que Davi matou 18.000. *Abisai* era sobrinho de Davi e um dos principais generais (2 Sm 23.18; 1 Cr 11.20). *Vale do Sal*. Provavelmente um dos três vales que unem Berseba. Essa era a fronteira do sul de Canaã. Outros pensam que seria a região ao sul do Mar Morto.

18.15 *Cronista*. É da mesma raiz que "celebrar", em 1Cr 16.4. Os deveres exatos e a posição desse oficial não são revelados em qualquer trecho, mas pode-se colher algo de 2 Sm 8.16; 20.24; 1 Rs 4.3; 2 Rs 18.18, 37; 2 Cr 34.8.

18.16 *Escrivão*. O desenvolvimento histórico é obscuro, difícil de acompanhar. Sua importância residia no fato de que a maioria do povo se compunha de analfabetos. Ver O Novo Dicionário da Bíblia, o verbete "Escriba", p 522. Seus serviços eram necessários nos cartórios civis, no serviço real, militar, julgamentos e vida religiosa da nação.

19.1-20.3 Excetuando-se a omissão do pecado de Davi com Bate-Seba, este trecho é paralelo a 2 Sm 10-12.

19.4-5 *Rapou-os... crescer a barba*. Os israelitas e seus vizinhos geralmente usavam barbas compridas das quais cuidavam escrupulosamente. A barba era sinal de vitalidade e beleza masculina (Sl 133.2; 2 Sm 19.24). Cortá-la ou cobri-la era sinal de tristeza ou luto (Is 15.2; Jr 48.37). As proibições sobre danos contra a barba provavelmente se deviam às práticas idólatras (Lv 19.27; 21.5) ou à lepra (Lv 14.9). A mutilação da barba era uma desonra ao seu possuidor (2 Sm 10.4; Is 50.6).

19.6 *Mil talentos*. Cada talento pesava 30 kg. *Mesopotâmia*. Em heb, "Aram-Naharaim", região que ficava imediatamente depois do Eufrates, muito menor do que hoje é englobado nessa designação; ou talvez a antiga Naarim, ou Síria do Norte.

19.9 *Cidade*. A capital, Rabá (ver 20.1).

19.13 Saudável combinação de fé e obras.

19.15 *Siros*. Em heb "Aram". Era a porção ocidental da Araméia e era freqüentemente chamada de Aram ou Araméia: *Joabe . . . tornou a Jerusalém*. Equivale a dizer que Joabe não ficou para assediar em perseguição aos sírios. O trecho de 20.1 nos dá a entender que era tarde demais no ano para empreender um cerco.

19.16 *Dalém do rio*. O lado oriental do Eufrates. Os sírios não ficaram satisfeitos por terem sido derrotados por Israel (15), pelo que se reuniram novamente, após terem juntado outros sírios e nações em seu exército.

20.1-3 Essa unidade cobre o mesmo período de tempo, que 2 Sm 11.1-12.31. A diferença na extensão é que o cronista deixara de lado o registro do pecado de Davi contra Bate-Seba e Urias (2 Sm 11.2-12.25). O interesse do escritor era o templo (seu ritual, pessoal e importância) e a lei (a obediência era bênção e a desobediência, maldição). As dificuldades de Davi com Saul e seus sete anos em Hebrão em luta pelo reino quase não

são mencionadas, O pecado claramente focalizado é o censo do povo (21.1-29), o qual é atribuído à instigação de Satanás. Salomão também é especialmente considerado. O relato sobre sua idolatria e punição (1 Rs 11.1-40), que apareceria entre 2 Cr 9.28, 29, é deixado de lado. Israel, é mencionado somente quando, de algum modo é ligado à história de Judá, que o cronista desejava destacar. Juntamente com Davi e Salomão, os bons reis Asa, Josafá, Uzias, Ezequias e Josias, são apresentados com muito material não encontrado nos livros de 1 e 2 Reis. Porém, nem os pecados de Roboão e a maioria dos reis, nem as suas dificuldades, são registrados; e, não raro, havia um vidente, profeta ou homem de Deus para opor-se ao rei desviado do Senhor.

20.4-8 Estes eventos seguem-se às primeiras guerras contra os filisteus, descritas em 14.9-16, mas precedem o descanso que Deus lhes deu dos inimigos, como bênção a Davi, em cerca de 995 a.C. (2 Sm 7.1): Com poucas variações, também aparecem em 2 Sm 21.15-22 e podem ser associados com as campanhas registadas em 1 Cr 18.1. *Sibecai*. Um dos trinta heróis (11.29) e comandante do oitavo regimento do exército de Davi (27.11). *Gigantes*. Em heb, *refaim*; um povo antigo (Gn 14.5) notório por seu tamanho, mas que, excetuando o reino de Ogue em Basã, havia sido extinto no tempo de Moisés (Dt 3.11). Os últimos cinco gigantes a serem mortos: *Sipai*, chamado Safe em 2 Sm 21.18; *Lami*, irmão de Golias (2 Sm 21.19); gigante de seis dedos nos pés e nas mãos (6-8; 2 Sm 21.20-22); *Isbi-Benobe* (2 Sm 21.16, 17); *Golias* (1 Sm 17).

21.1 *Satanás*. O diabo caiu devido ao seu orgulho (cf. Is 14.12-14). Apelou ao orgulho de Davi, o único motivo do censo. Davi não estava satisfeito com a promessa de Deus de que se tornaria uma "grande nação". Satanás é o seu "adversário" cujo nome é dado especificamente aqui. É chamado por trinta nomes e títulos diferentes nas Escrituras. Cada um desses desvenda alguma fase de sua obra. Os nomes mais significativos são. 1) Serpente (Gn 3.4), 2) Príncipe deste mundo (Jo 14.30); 3) Maioral dos demônios (Mt 12.24); 4) Deus deste século 2 Co 4.4); 5) Tentador (1 Ts 3.5). A passagem paralela em 2 Sm 24 vai além e mostra que Satanás foi instrumento de Deus, usado para punir Israel por causa de seus pecados Comp. Jó 1.6-12 e 1 Rs 22.20-22.

21.3 Nada havia de inerentemente errado no censo; mas no caso de Davi, parece que ele queria saber o poder do povo armado (ver v. 5) e não manter sua fé na promessa de Deus (27.23).

21.5 2 Sm 24.9 arredonda a, cifra de Judá para 500 mil e observa que em Israel só 800 mil eram tidos por fisicamente capazes.

21.8 Uma admirável qualidade de Davi, pois ao ser acusado de pecado (2 Sm 24.10), ele: 1) humilhava-se; 2) reconhecia seu pecado; 3) fazia restituição, quando possível; 4) assumia a culpa; 5) nunca se desculpava; 6) nunca atribuía a culpa a outrem; 7) orava pedindo purificação de sua iniquidade (Sl 51).

21.14 Esse castigo foi apropriado contra o pecado de dependência à força numérica militar.

21.15 *Ornã*. Também conhecido como Araúna (2 Sm 24.16). Nesse local, Abraão ofereceu seu filho Isaque a Deus (Gn 22.2, 9), Davi edificou um altar para invocar o nome do Senhor e Salomão edificou o templo.

21.17 *Estas ovelhas*. A Bíblia freqüentemente compara os líderes e o povo ao pastor e seu rebanho (11.2; Sl 23). O relato dos eventos de 1 Cr 21, embora nem todos lancem glória sobre o nome de Davi, foi usado pelo autor de Crônicas como introdução à seção seguinte de seu livro porque o resultado desses tristes acontecimentos e a reparação deu lugar a fixar o local do templo. Daqui por diante o autor se preocupa com Davi como o real fundador do templo.

21.23 *Os bois*. Nessa ocasião, eram usados para puxar trilhos de madeira que pisavam o grão.

21.24 Deus espera que Lhe entreguemos o que há de melhor em nossas vidas e não só aquilo que não envolve sacrifício.

21.25 Comp. 2 Sm 24.24, onde Davi pagou 50 siclos de prata (11,4 g por siclo, ou 570 g pela eira - no heb, *gorem* - e pelos bois). Pagou 600 siclos de ouro (em um valor de c. dez mil dólares) pelo lugar todo (*lugar*, no heb *maqom*). Foi nesse lugar que, não só o templo, mas vários palácios foram erigidos (2 Cr 3.1). O sítio inteiro deve Ter incluído mais que a eira.

21.26 *Respondeu com fogo*. Símbolo da aprovação do Senhor, dado em circunstâncias críticas ou especiais (Lv 9.24; 1 Rs 18.24, 38). Talvez essa prova tenha ajudado a determinar o local do templo (22.1).

21.28 Parece que o Sl 30 - "Cântico da dedicação da casa" - surgiu dos acontecimentos deste capítulo; os vv. 5 e 6 descrevem a situação de Davi nessa questão.

22.1 Estes capítulos, referentes à preparação do edifício do Templo, ajudam a preencher o hiato entre 2 Sm 24.25 e 1 Rs 1.1.

22.2 Começando, pela coleta de material para o templo, além do material reunido durante os sete anos e meio de construção (1 Rs 6.1, 38; 7.1). *Estrangeiros*. Em heb *ger* significa "residente tolerado". A obra era tão árdua que os homens livres não participavam da mesma. Cf. Dt 1.16n.

22.5 *Moço e tenro*. Os historiadores antigos concordam que Salomão tinha entre doze e quinze anos de idade quando foi ungido, e que aos vinte anos se tornou rei. Era o quarto filho de Davi e Bate-Seba (1 Cr 3.5; 2 Sm 12.24), tendo nascido em cerca de 990 a.C.

22.8 Essa foi a palavra de Natã a Davi, antes do nascimento de Salomão (17.4). Às vezes o próprio Deus exigia guerra (14.10, 19.13); mas Davi se tornara culpado de derramamento desnecessário de sangue (2 Sm 8.2).

22.9 Citação direta de 2 Sm 7.13, 14. Predição que Salomão edificaria o templo, embora a cláusula sobre o "filho" refira-se acima de tudo a Cristo (Hb 1.5-7).

22.11-13 Davi enumerava as condições para servir ao Senhor: 1) A presença do Senhor junto a Seu servo - "o Senhor seja contigo" (11); 2) Prudência concedida pelo Senhor (12); 3) Entendimento dado pelo Senhor (12); 4) Observância da lei do Senhor (13); 5) Coragem no serviço do Senhor (13), o que consiste em: a) ser forte; b) ter coragem; c) ser destemido; e d) não se deixar desencorajar.

22.12 O desejo do pai em relação a seu filho reflete-se na oração de Salomão (1 Rs 3.5-14; 2 Cr 1.7-12).

22.14-16 *Que se não pode contar*. O ouro, a prata, o bronze e o ferro acumulados por Davi, em sua maior parte, eram despojos de guerra obtidos através de um reinado de 40 anos. Quando Ciro conquistou a Ásia, tomou c. 750.000 kg de ouro, e metade da quantia de prata mencionada no v. 14. Salomão, mediante o comércio, obtinha 666 talentos (c. 19.800 kg) de ouro, anualmente.

22.18 Sob Davi e Salomão, o reino de Israel atingiu o seu esplendor. Tendo começado da escravidão no Egito, Israel agora tinha território, povo e um governo estável. O favor de Deus era manifesto; mas dentro de poucos anos esse reino cairia em degeneração de que não se recuperou até nossos dias.

23.1 *Velho*. Estava com 70 anos, pois tinha trinta ao iniciar seu reinado de 40 anos (2 Sm 5.4, 5). *Constituiu... rei*. A disputada sucessão e os detalhes são dados em 1 Rs 1.33-40; 1 Cr 28.45; 29.22-25.

23.3 Segundo a lei de Moisés, os levitas começavam a servir aos trinta anos de idade (Nm 4.1-4), havendo um período de treinamento iniciado aos 25 anos (Nm 8.24). Davi, em suas últimas palavras, baixou essa idade para 20 anos, (1 Cr 23.27).

23.4 Os levitas foram divididos em quatro classes de serviço: 1) Superintendentes da obra da casa do Senhor; 2) Oficiais e juizes; 3) Porteiros; 4) Músicos.

23.6 Comparar a lista com 6.16-30 e as referências citadas na nota sobre 6.1.

23.9 *Simei*. Dificilmente poderia ser o mesmo Simei, Filho de Gérson, alistado nos versículos 7 e 10. Provavelmente, este e Ladã eram filhos de Libni, filho mais velho de Gérson e irmão de Simei (6.17). Assim, os clãs de Gérson eram nove: seis de Ladã e três

de Simei, com base na combinação de Jeús e Berias, no. v. 11. O Antigo Testamento, registra 19 homens com esse nome.

23.14 *Homem de Deus*. Ver também Dt 33.1 e o título do Sl 90.

23.22 *As desposaram*. Segundo a lei de Moisés que preservava a propriedade da família (Nm 36). Isso deu ao clã de Merari quatro divisões: uma para Mali e três para Musi. Somando-se às nove divisões de levitas, além dos sacerdotes araônicos.

23.24 Presumivelmente a idade foi baixada por necessidade de mais ajuda no ministério sacerdotal.

23.28 *Assistir*. A arca descansava agora em Jerusalém, e quando o novo Templo estivesse pronto, toda a adoração, outrora feita no tabernáculo, se centralizaria ali. Assim, os levitas não teriam mais de transportar o tabernáculo (25, 26), mas receberiam novos deveres, com a introdução da adoração no templo.

23.29 *Os pães da propiciação*. Os sacerdotes tinham de pôr esses pães perante o Senhor; e tinham o privilégio de consumir os pães antigos, ao serem substituídos por outros (Lv 24.5-9). *Toda sorte de peso e medida*. Padrões de todos os pesos e medidas usados ficavam no santuário; portanto, os levitas eram inspetores dos pesos e medidas, para que nenhuma fraude fosse cometida. A honestidade está inseparavelmente ligada à piedade e à adoração ao Senhor. Havia levitas suficientes para superintender essas funções.

23.30 *Manhãs... tarde*. Horários dos dois sacrifícios diários regulares (Êx 29.38, 39).

23.31 *Festas fixas*. Havia três grandes festas anuais - Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos (Êx 23.14-17; Dt 16.16).

24.1 Foram *divididos* em 24 *turnos* cabendo 15 dias anuais para cada um. Tinham também de estar prontos para as grandes festas, durante as quais, aliás, os sacerdotes se congregavam em Jerusalém. Visto que no calendário judaico o ano tem 13 meses, o período de prestação de serviços não caia na mesma data (época) de cada ano.

24.3 *Aimeleque*. Filho de Abiatar (6) e neto de Aimeleque, que fora sumo sacerdote nos primeiros anos de Davi.

24.4 As 24 ordens sacerdotais continuaram sendo a base para o rodízio de deveres sacerdotais no Novo Testamento. Embora algumas delas se tivessem extinguido, ou consolidadas com outras, novas ordens se formaram no lugar delas. Na volta do exílio (538 a.C.), estavam presentes quatro classes registradas - a segunda, a terceira e a décima sexta de Davi, e uma nova, de Pasur (Ed 2.36-39) - e, cerca de 522 a.C., vinte e duas ordens agiam novamente (Ne 12.1-7). Comp. 12-21 e 10.2-8.

24.10 *Abias*. A essa ordem pertencia Zacarias, pai de João Batista (Lc 1.5).

24.22 *Selomote*. O mesmo que Selomite de 23.18.

24.23 *Hebrom*. Os vv. 2-24 amplificam 23.12-20 sobre os quatro filhos de Coate: Anrão, Izar, Hebrom e Uziel.

24.26 *Merari*. Um dos três filhos de Levi, junto com Coate e Gérson; 26-30 amplificam 23.21-23. *Jaazias*, um descendente de Merari, cuja relação exata não é dada.

24.31 *Estes*. A lista acima mencionada dos levitas não-araônicos. A lista inclui homens dos clãs de Coate e Merari somente, pois as atividades especiais dos descendentes de Gérson não incluíam a ajuda na adoração do templo.

25.1-31 Ministério da casa de Deus (6): 1) Essenciais: a) Ações de graças (3); b) Louvores ao Senhor (3); c) instrução, por meio de profecias (1). Hemã servia de vidente do rei (5). 2) Características: a) Ordem (serviço dividido em 24 grupos, com período certo para cada grupo; havia dirigentes de grupos); b) Aperfeiçoamento (7) - "instruídos" e "mestres"; c) Variedade (1) louvaram com harpas, alaúdes e címbalos, d) Igualdade (8) a seleção era por "sortes"; ninguém tirava vantagem alguma.

25.1 *Separou*. Paralelamente aos 24 grupos de sacerdotes, Davi dividiu os músicos em 2 grupos, sob três nomes: Asafe (coletor); Hemã (fiel); Jedutum (louvor). Comparar este capítulo com 6.31-48; 15.16-24; 16.4-7. *Profetizarem*

com harpas, etc. É interessante notar que o canto dos louvores a Deus é aqui chamado de profecia. Muitos dos salmos ou cânticos foram compostos por profetas e são de natureza profética, como alguns dos de Davi, e seu canto visava à edificação do povo de Deus, bem como a Sua glória (ver 1 Sm 10.5). Esses salmos foram escritos em forma poética.

25.4 Hananias. A partir do sexto filho, Hananias o nomes traduzidos do hebraico formam a seguinte oração de Hemã sobre sua obra como cantar. Sê gracioso; Senhor; Sê gracioso comigo; Meu Deus, a Ti, Tenho orado; e Exaltado pedindo auxílio; Embora assentado sozinho; Tenho proclamado; O Altíssimo; Visões. Deus deu a Hemã esses filhos, e este piedoso servo do Senhor deu a seus meninos esses nomes, compondo uma mensagem. Cria que Deus o abençoaria de forma a completar a sentença formada com os nomes de seus filhos.

25.5,6 Parece que as filhas foram incluídas entre os cantores.

26.1 Porteiros. Ver nota de 9.26. Havia quatro mil *porteiros* (23.5) cujos deveres eram abrir e fechar todos os portões, agir como guardas contra os intrusos, ajudar e encorajar aos adoradores, impedir os imundos de entrarem nos recintos sagrados (2 Cr 23.19). Estavam encarregados dos vasos sagrados e das ofertas voluntárias (2 Cr 31.14) e habitavam nas câmaras ao redor do templo (1 Cr 9.27). Eram levitas e vinham das vilas levíticas cada sete dias para servirem por turnos (1 Cr 9.25). Seu ofício era honroso, como o dos cantores, abaixo dos sacerdotes e levitas (Ed 2.42; 1 Cr 15.18). *Corá.* O notório levita que se rebelou contra Moisés; ver 6.22; 9.19 e as notas acompanhantes. Segundo 9.19, parece que o nome completo do pai de Corá era Ebiasafe. Asafe não podia ser o famoso músico e salmista do mesmo nome, visto que este último era gersonita, enquanto o clã de Corá e seus descendentes deviam guardar os portões do templo.

26.4 Obede-Edom. Levita que recebeu a bênção de Deus por ter guardado a arca, após a morte de Uzá (13.33, 14). Quanto à sua nomeação, ver 15.24, 25; 16.38.

26.6 Valentos. Não eram apenas porteiros, mas também uma guarda militar.

26.10 Hosa. Nomeado ao mesmo tempo que Obede-Edom (ver 16.38). O número dantes mencionado fora 68, aumentado aqui para 93 (18+62+13) líderes daquele total de quatro mil porteiros (23.5).

26.14 Selemias. No primeiro versículo é chamado Meselemias.

26.15 Depósitos. Uma casa de tesouro de alguma espécie.

26.16 Supim. Só aqui referido; mas talvez, como Hosa, porteiro do clã de Merari. Estrada que sobe, da cidade baixa, através do vale do Tiropeu, à elevação mais alta do lado ocidental do templo.

26.18 Parbar. O significado dessa palavra é desconhecido. Talvez fosse uma colunata ou átrio. Ver O Novo Dicionário da Bíblia. O artigo refere-se ao templo como se já tivesse sido construído, o que não sucedeu nos dias de Davi, embora este já tivesse traçado as divisões.

26.22 Filhos de Jeieli: Zetã e Joel. Eram todos filhos de Ladã (ver 23.8), mas Jeieli era tido como líder entre seus irmãos.

26.23 Essas são as divisões do clã de Corá.

26.24,25 Eliezer. Irmão de Gérson, pai de Sebucl (23.15-17).

26.26 Dedicado. Ver 18.11 e 2 Cr 5.1, quanto à devoção de Davi a esse respeito.

26.29 Oficiais e juizes. Magistrados que cuidavam dos negócios cíveis e religiosos. Eram levitas. *Externos.* Refere-se às atividades fora da adoração no templo. Comp. Ne 10.32-39; 11.6 e 22. Os serviços eram prestados nas cidades e vilas fora de Jerusalém. Sendo levitas, conheciam a lei e podiam promover e administrar a justiça.

26.30 Todo serviço do Senhor. Consistiria na coleta dos dízimos, do dinheiro da redenção, e das ofertas voluntárias do povo. É possível que incluísse também alguma instrução religiosa (2 Cr 17.7-9).

27.2-15 *O primeiro turno.* Havia 12 "turnos" divididos em 24.000 cada. Cada "turno" servia um mês no ano. Os cabeças desses grupos eram figuras militares distintas, descritas em outro trecho, com alguma variação na soletração de seus nomes.

27.3 *Perez.* Uma das duas principais divisões de Judá (2.4).

27.5 *Benaia.* Homem violentíssimo, cujas proezas são registradas em 11.22-24 e 2 Sm 23.20, 22. Ver notas em 11.22.

27.7 *Asael... e depois dele Zebadias.* Referência clara à morte prematura de Asael (11.26). Abner impôs-lhe um trágico fim (2 Sm 2.18-23). Assim, quando os "turnos" começaram a funcionar, o filho de Asael se tornou chefe da divisão.

27.8 *Izraíta.* A outra principal divisão de Judá (2.4).

27.9 *Tecoíta.* De Tecoa, cidade de Judá, a cerca de a ao sul de Belém. Terra natal de Amós (Am 1.1).

27.12 *Abiezer.* 11.28; 2 Sm 23.27. *Anatotita.* 6.60; Js 21.18; Jr 1.1; 11.21; 22.7-9.

27.15 *Otniel.* O primeiro dos juízes, depois de Josué, que livrara a Israel de seus inimigos. Também era sobrinho e genro de Calebe (Js 15.17; Jz 3.9). Os doze capitães mencionados eram sete de Judá, dois de Benjamim, dois de Efraim e um de Levi.

27.16-22 A ordem das doze tribos difere aqui da de Gênesis e de 1 Cr 4-7. Gade e Aser não são incluídos, Levi e Arão são separados, embora fossem ambos levitas. Dã aparece em última lugar; e alguns atribuem isso ao fato de terem caído na idolatria; mas outros ligam-no ao fato de que havia uma tradição hebraica afirmando que o falso Messias sairia dessa tribo. Dã é chamado de serpente (Gn 49.17).

27.18 *Eliú.* Em 2.13, "Eliabe", visto ter sido o primeiro filho de Jessé; talvez tivesse recebido essa posição principesco.

27.21 *Abner.* O famoso general e tio do rei Saul, de Benjamim (26.28; 1 Sm 14.50). Comp. com 1 Cr 8.33; 9.39.

27.23 Promessa feita mais de mil anos antes a Abraão (Gn 22.17). Davi, portanto, não ordenou a enumeração total do povo porque teria dado a impressão de duvidar da profecia. Faltou-lhe fé no poder de Deus para proteger seu reino, e fez um recenseamento pecaminoso dos homens na idade de combate (21.1-8). Isso mostrou que confiava mais em seus soldados que no Senhor.

27.25 *Castelos.* Provavelmente torres: de vigia nos distritos das fronteiras, expostos aos assaltos de tribos atacantes, vindas do deserto (2 Cr 26.10, 27.4).

27.28 *Campinas.* No heb *shephelah*. Nome próprio da região baixa entre a região montanhosa da Judéia e o Mediterrâneo.

27.31 A lista acima, de oficiais de pastas administrativas, suplementa a do primeiro "gabinete" apresentado em 18.15-17 e 2 Sm 20.23-26. Nesses versículos são mencionados os conselheiros do rei, altos oficiais, sábios e honestos, que aconselhavam o rei na administração pública. Mas a Palavra de Deus era o principal conselheiro (Sl 119.24).

27.33 *Aitofel.* Desertara a Davi para apoiar a rebelião de Absalão (2 Sm 15.12, 31, sendo seu plano desfeito por Usai (15.32, 37; 17.1-16), suicidou-se (17.23).

28.1-8 Lições dos últimos dias de Davi: 1) Esforçou-se na obra do Senhor até o fim, como Moisés (Dt 31-35) e Josué (Js 23.24; Hb 10.25); 2) Preocupou-se com a ação de seus sucessores referentemente à designação de seu filho para construir o templo; que o povo guardasse os mandamentos (8); 3) Uniu em si poder e amor (chamou ao povo de irmãos, 2); 4) Desejava servir ao Senhor, construindo o templo; mas reconheceu a vontade de Deus (2); 5) Reconheceu a mão do Senhor em sua escolha (4-7).

28.2 *Estrado dos pés.* O "propiciatório" que cobria a arca por cima do qual aparecia a gloriosa presença de Deus (2 Sm 22.11).

28.3 Comparar 22.7-16. Davi falará secretamente com Salomão sobre essas questões.

28.4 A dinastia de Davi, culminando em Cristo, seria eterna (17.11). *Me escolheu.* Quanto às escolhas progressivamente mais restritas de Deus, ver Gn 49.8-10; 1 Sm 16.1-13; 1 Cr

22.9, 10.

28.7 A promessa a Salomão é uma promessa condicional, enquanto, para Davi, a promessa foi incondicional.

28.9 Duas exigências para receber a bênção do Senhor: 1) Conhecê-IO (Jo 17.3); 2) Servi-IO com coração perfeito e mente bem disposta (Gn 17.1; Mt 5.48; 1 Co 9.17; 1 Pe 5.2).

28.11-21 Como ser bem sucedido num grande empreendimento: 1) Seguir as ordens do Senhor; a planta do templo foi dada pelo Espírito (12); as ordens emanavam do Senhor (19); 2) Obter o auxílio de Deus: "meu Deus há de ser contigo" (20); 3) Obter a cooperação do povo de Deus: sacerdotes e levitas (13); sábios (artífices, v. 21); o povo (21); 4) Manter o poder espiritual (20).

28.11 *Planta*. Salomão recebeu de seu pai a planta do templo com todas as especificações necessárias. Ver 19; o plano do templo foi divinamente inspirado, como também o fora o do tabernáculo de Moisés (Êx 25.9, 40; 27.8). Os objetos e sua colocação tipificavam o caminho da salvação traçado por Cristo (Hb 8-9; Hb 8.5). O autor, nos vv. 11-18, apresenta aqui informações não encontradas em 2 Sm ou 1 Rs. A verdadeira responsabilidade do planejamento do edifício do templo, sua administração, seus altares, etc., pertenceu a Davi. Salomão semente cumpriu os planos de Davi.

28.18 *Querubins*. Seres angélicos, com forma humana mas dotados de asas (Ez 1.5; 10.1). Deus, a cavalgá-los (2 Sm 22.11) nos fornece uma cena associada com Sua gloriosa presença entre os querubins sobre a arca (1 Cr 13.6, Êx 25.20, 21).

28.20 *Sê forte e corajoso*. Para as grandes empresas de Deus são necessárias fé, firmeza, energia e coragem. A construção do majestoso templo não se realizaria sem essas virtudes. Davi repeliu as palavras do v. 10. Josué ouviu de Moisés essas palavras, ao ser encarregado da conquista de Canaã (Dt 31.7; Js 1.6). *Meu Deus há de ser contigo*. Davi teve experiências positivas sobre a proteção de Deus e procurou incutir essa realidade no coração de Salomão. Josué já havia ouvido essas palavras (Js 1.5; Dt 31.6). O crente do Novo Testamento também recebeu a mesma promessa (Hb 13.5; Mt 28.20),

29.1 Esta seção contém pensamentos similares àqueles expressos no tempo em que Davi começou os preparativos para a construção do templo (22.5, 14). *Palácio*. É uma referência ao templo.

29.4 *Ofir*. Ouro de alta qualidade (2 Cr 8.18; 9.10).

29.5 *Disposto*. É a palavra "consagrar". Significa, lit., ter as mãos cheias para o Senhor. O apelo de Davi se baseava em suas próprias doações pessoais, voluntárias (3-5). Ele deu o exemplo ao seu povo, contribuindo dentre suas próprias possessões. O rei e o povo contribuíram com sinceridade e franqueza, e deram voluntariamente, e não por necessidade. Isso corresponde a 2 Co 9.7. A consagração e a alegria são companheiras íntimas.

29.8 *Jeiel*. A família que cuidava dos tesouros do templo (26.21, 22).

29.10 *Bendito és tu*. Notar a ordem desse serviço divino: 1) Dádivas voluntárias (3-8); 2) Alegria (9); 3) Bênção (10); 4) Oração (11-19); 5) Adoração (20); *Israel, nosso pai*. Referência a Jacó, que teve seu nome mudado para "Israel" (Gn 32.28). A base das dádivas é demonstrada nesse versículo. Tudo quanto possuímos vem de Deus, e nós somos apenas depositários. Por isso, as riquezas devem ser usadas para a glória de Deus.

29.11 *Teu, Senhor, ... é a grandeza*. Na conclusão da oração do Pai Nosso (Mt 6.13), há um resumo destes louvores, ainda que exista dúvida sobre o texto original em Mt.

29.14 *Tudo vem de ti*. A base da boa administração é o reconhecimento de que tudo provém de Deus e que a Ele devemos confiar todas as coisas e para Ele devemos usá-las.

29.18 Três pedidos de Davi: 1) Conservar sempre aquela boa disposição e a mentalidade do povo (que eles mostravam naquela hora, historiada em Crônicas); 2) Inclina-lhes o

coração para o Senhor; 3) Dá a Salomão um coração íntegro (19).

29.19 *Íntegro*. Em heb, *shalem*, traduzido por integral, perfeito (2 Cr 16.9).

29.21 Provavelmente ofertas "pacíficas", comidas pelo povo em um banquete, como se fossem hóspedes do Senhor.

29.22 *Segunda vez*. Salomão já havia sido proclamado rei, e talvez tenha recebido aqui a unção oficial (23.1; 1 Rs 1). Os ritos para a confirmação tinham valor, principalmente onde houvesse sucessão disputada. Ver a respeito de Saul, 1 Sm 10.24; 11.5. A primeira vez foi aquela feita precipitadamente, quando da rebelião de Adonias (1 Rs 1.32-39).

29.24 *Todos os príncipes*. Foi homenageado por todos, até por seu irmão mais velho, Adonias, que tentara apossar-se do trono (1 Rs 1.50-53).

29.29 *Crônicas*. Natã e Gade escreveram um relatório histórico acerca do período de reinado de Davi, mas essas crônicas não mais existem.

O Segundo Livro das Crônicas

Esboço

O REINO DE SALOMÃO, 1.1-9.31

Salomão Confirmado no Reino; Edifica o Templo, 1.1-4.22

A Arca Removida para o Templo; Discurso e Oração de Salomão; 5.1-7.22

Atos de Salomão e sua Glória, 8.1-9.31

O REINO DE JUDÁ, 10.1-36.23

Reoboão e a Revolta das Dez Tribos, 10.1-11.23

A Invasão por Sisaque e os Atos de Reoboão, 12.1-16

Abias em Guerra com Jeroboão, 13.1-22

Asa se Opõe à Idolatria; Institui Reformas, 14.1-15.19

O Conflito de Asa com Baasa; Repreendido, 16.1-14

Josafá Próspera; a Aliança Desastrosa com Acabe, 17.1-18.34

Josafá Inicia a Reforma e é Abençoado, 19.1-20.37

Jeorão Castigado por causa de Pecados, 21.1-20

O Mau Reinado de Acazias; Usurpação de Atalia, 22.1-12

Joiada faz Joás tornar-se Rei, 23.1-21

O Reinado de Joás; Bom e Mau, 24.1-27

O Reinado de Amazias; Guerras com Edom e Israel; Idolatria, 25.1-28

O Reinado de Uzias; Grande Sucesso; Presunção, 26.1-23

O Reinado de Jotão; Grande Edificador; Derrota os Amonitas, 27.1-9

O Reinado de Acaz; Idolatria; Calamidades, 28.1-27

O Bom Reinado de Ezequias; o Templo; Páscoa; reformas, 29.1-31.21

O Livramento Miraculoso contra Senaqueribe; Atos de Ezequias, 32.1-32

Manassés e Amom; Ímpios e Idólatras, 33.1-25

O Bom Reinado de Josias; reformas; Honra à Lei de Moisés, 34.1-35.27

Últimos Reis de Judá, 36.1-23

1.1 *Salomão*. O primeiro descendente de Davi que ocupou o trono; a linha real continuou durante mais 513 anos sem interrupção, até ao ano 586 a.C. Desde então, os israelitas ficaram sem rei, e só o terão de novo quando o Messias vier reinar. É Ele que restaurará ao verdadeiro reinado de Davi, um reinado espiritual e milenar: Is 9. 6-7; Mq 5.2; Zc 14.5-9; Lc 1.32-33; At 15.13-18; Ap 11.15; 20.1-10. Cristo, o último filho de Davi, será o único Herdeiro do seu trono (Mt 1.1-17; Lc 3.23-38). *Fortaleceu-se no seu reino*. Isto ocorreu tão-somente porque Deus estava com ele.

1.3 *A tendo do congregação*. Era um tipo de templo portátil, construído por Moisés, segundo as ordens de Deus. Era considerada o lugar de encontro do qual Deus falava a

Seu povo (Êx 33.7-11).

1.3-6 Nesta época as coisas essenciais do Tabernáculo estavam distribuídas entre Jerusalém e Gibeom, mas, depois de pronto o Templo, toda a mobília do Tabernáculo foi reunida, e Jerusalém tornou-se o verdadeiro centro do culto divino (Dt 12.13-14).

1.4 A arca. Sua fabricação se descreve em Êx 25.10-16. Nela foram depositadas as tábuas da Lei (Êx 25.21; 31.18; Dt 10.3-5).

1.10 Sabedoria e conhecimento. A sabedoria sempre foi reconhecida como um dom especial de Deus. O conhecimento (tradução da palavra hebraica *Mada'* que se acha somente aqui e em Dn 1.17) contém a idéia de critério e de percepção íntima, algo mais profundo do que o simples saber. A sabedoria é a arte de aplicar de maneira certa todo o conhecimento, relacionando-o com Deus (Sl 111.10).

1.14 *Salomão ajuntou carros*. Nisto já começou a pecar (Dt 17.14-17).

2.1 Israel teve três lugares centrais para o culto divino, durante sua extensa história. Primeiro, havia o Tabernáculo no deserto (Êx 36-38). Foi substituído pelo templo construído por Salomão, e, finalmente, o segundo templo, edificado depois do Cativeiro, em 516 a.C., o qual passou por muitas melhorias, sob a autoridade de Herodes, o Grande, na época de Cristo, durante 46 anos (Jo 2.20). Davi quis ser o construtor do templo anterior, mas Deus o proibira de se empenhar na própria construção (1 Cr 22.8). Mesmo assim, passou uma parte do seu reinado preparando materiais, com os quais seu filho Salomão completou a obra no prazo de sete anos

(1 Rs 6.38), com a mão de obra de 30.000 israelitas (1 Rs 5.13-14). O templo chamava-se "A casa do Deus de Jacó" (Is 2.3); "O monte Sião" (Sl 74.2); e "Sião" (Sl 84.7). Na hora da dedicação do templo, a nuvem da glória de Deus o encheu, e o fogo celestial desceu sobre o altar (5.13 e 7.1-3). A destruição do templo foi claramente profetizada (Mq 3.12; Jr 26.18) e cumprida pelos caldeus do rei Nabucodonosor (2 Rs 25.9, 13-17; 2 Cr 36.18-19).

2.3-6 *Hirão, rei de Tiro*, foi amigo de Davi e de Salomão. Prestou grande auxílio na construção do templo, e Salomão se esforçou para explicar-lhe que Deus é maior do que qualquer divindade adorada pelos pagãos, não tendo, portanto, necessidade de templo algum, "visto que os céus e até os céus dos céus o não podem conter". Este é um ditado predileto de Salomão, o teólogo e filósofo (6.18, 1 Rs 8.27), cujo desejo era o de aproximar-se de Deus pela maneira que o próprio Deus ensina na Sua palavra. Compare Jo 4.21-26.

2.4 *Festividades do Senhor*. As três grandes festas religiosas de Israel: a Páscoa, o Pentecostes, e a Festa dos Tabernáculos (Lv 23.4-44; Dt 16.1-17).

2.10 O bato é uma medida de 22 litros; o coro (dez batos), de 220 litros.

2.13 *Hirão-Abi*, ou talvez "Hirão, o mestre de obras", filho de uma mulher da cidade de Dã, localizada no território de herança de Naftali (1 Rs 1.14).

2.16 *Jope*. Uma cidade que servia como porto marítimo de Jerusalém, a uma distância de 54 km. Cercada de lindos bosques, merecia bem este nome, que em heb significa "beleza".

2.17 *Estrangeiros*. Mormente os descendentes dos cananeus, que os israelitas não conseguiram expulsar totalmente na época da conquista de Canaã (Jz 1.28, 30, 35). Os trabalhos forçados foram impostos aos sobreviventes, naquela época cujo sistema Salomão imitara. • **N. Hom.** Deus concedeu sabedoria a Salomão, não para capacitá-lo às teorias vãs, mas para conduzir seu reinado para a frente, para o bem físico e religioso de todo o povo de Deus. Daí a perícia técnica e social dedicada à construção do templo, lugar central da vida religiosa do povo. A prosperidade nacional e o respeito internacional dependeriam da fidelidade do rei em guiar seu povo pelos caminhos de Deus; senão, tudo seria em vão (Sl 127.1-2).

3.1 *A Casa do Senhor*. O templo, também chamado *hekāl*, ou seja, "palácio", o edifício mais proeminente da cidade (cf. 1 Cr 29.1). *Monte Moriá*. O sítio do templo tinha um significado de redenção, pois foi ali que o sacrifício que Davi ofereceu interromperia o

castigo divino à cidade de Jerusalém (1 Cr 21.18-30) e, talvez, foi ali que Abraão levava Isaque para oferecê-lo segundo a ordem de Deus (Gn 22.2; Hb 11.17). O *Senhor Aparecera a Davi*. A palavra "Senhor", em todo o AT, representa o nome secreto do próprio Deus, que muitos representam com a palavra Jeová, ou Jahveh, ou Javé, ou o Eterno, nome que inclui a idéia de Criador, Causa e Existência eterna. A Bíblia diz claramente que ninguém viu a Jeová (Êx 33.20; Jo 1.18). Mas há várias ocasiões registradas, onde um visitante celestial é chamado Jeová: Gn 16.7-14; 22.11-18; 18.1-33; 32.29-30; Jz 6.11-24; 13.21-22; Is 6.5; Êx 3.2-16. A solução é que o próprio Jesus Cristo, que existia antes que houvesse mundo (Jo 1.1-3; 17.24), estava se revelando já antes de vir à terra (1 Co 10.4). Assim comprovam os versículos nos dois Testamentos que fazem Cristo igual a Jeová: comp. Jr 17.10 com Ap 2.23, Is 8.13-14 com 1 Pe 2.7-8; Is 45.23 com Fp 2.10-11; Is 41.4; 48.12; 44.6 com Ap 1.17; 2.8; e Is 40.1-3 com Jo 1.23.

3.2 *No segundo mês*. Chamado Zive, e mais tarde Lyyar; começa no meio do nosso mês de abril.

3.6 *Parvaim*. Talvez a cidade de Farva, no lêmén, na parte do sudeste, da Arábia onde também se achava Ofir, outra área que produzia e exportava ouro (9.10, Jó 28.16; e Is 13.12n).

3.8 O talento tinha 30 kg de peso; o siclo (v. 9) 11,4 g.

3.10 *Santo dos Santos*. O lugar mais interno do templo, separado do lugar Santo por um véu (Êx 26.31-37). Nele, somente uma vez por ano, no dia da Expição, o sumo sacerdote entrava para oferecer um sacrifício por si mesmo e depois o sacrifício pelos pecados do povo. Quando Jesus expirou na cruz, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo (Mc 15.38) e desde essa ocasião, o pecador tem livre acesso a Deus, por intermédio do perfeito Sumo Sacerdote que é Jesus Cristo (Hb 9.27; 10.19-22). *Querubins*. Representações físicas de seres angélicos que, com suas asas estendidas, simbolizavam a glória da presença de Deus. Não podiam ser vistos pelo povo, e muito menos adorados, pois ficavam dentro do Santo dos Santos. Veja Êx 36.35n.

3.17 *Colunas*. Seus nomes, *Jaquim* ("Ele estabelece") e *Boaz* ("Ele virá em poder"), simbolizavam a firmeza e o poder, representando o propósito de Deus de ser fiel à Sua Promessa (cf. 1 Rs 7.21n).

4.1 *Altar de bronze*. Era destinado à oferta dos holocaustos e sacrifícios, que faziam parte do culto e apontavam para a crucificação de Jesus Cristo, como nosso Substituto.

4.2 *Mar de fundição*. O principal depósito da água destinada aos ritos de purificação; que simbolizavam a santificação (cf. Hb 6.1).

4.5 Aqui se vê o tamanho deste mar que era, na realidade, uma enorme bacia, com capacidade, para 3.000 batos ou seja, 66.000 litros. A quantidade de água que se guardava nesse receptáculo, se menciona em 1 Rs 7.26n como dois mil batos. A descrição da utilidade desse mar acha-se nas notas de Êx 30.17-21; 1 Rs 7.23 e Jr 27.19.

4.8 *Dez mesas*. Cada mesa tinha um candeeiro de ouro e dez bacias.

4.11 *Pás*. Para remover as cinzas sob o altar sacrificial.

4.12-16 O significado dos objetos deste relato acha-se exposto nas notas de Êx 25-40.

4.17 *Sucote e Zereda*. Entre 40 e 60 km ao nordeste de Jerusalém, no vale do Jordão.

4.20 *Candeeiros*. Estes, com os demais utensílios do Templo, foram levados para a Babilônia na ocasião do Cativo (Jr 52.19).

5.3 *Festa*. A Festa dos Tabernáculos, também chamada a Festa da Colheita (Êx 23.16). Celebrava-se *no sétimo mês*, número sagrado, e recebia esse nome porque o povo relembra a peregrinação no deserto, morando em tendas e choupanas (Lv 23.35-43). Esse mês se chamava *etanim*, em heb. O calendário hebraico se compõe de meses lunares, de 29 dias cada, que começam quando o primeiro sinal da lua nova se revela ao pôr-do-sol; o dia da lua nova era considerado dia santo. Pelo fato de um ano de doze meses lunares ter onze dias a menos do que o ano solar, naquela época era necessário acrescentar-se um mês adicional de quando em vez, com o nome de *veador*, ou segundo

adar, para que o ano novo não começasse antes da primavera. Esse décimo terceiro mês se acrescentava depois de 3, 6, 11, 14, 17 e 19 anos para completar o ciclo lunar. Existia também um calendário agrícola diferente.

5.4 Levitas. Esse trecho, assim como Nm 4, mostra a responsabilidade das várias famílias dos levitas, para com a mobília sagrada. Era a família dos coatitas que tinha o dever de transportá-la (Nm 4.1-20). Os sacerdotes, descendentes da família de Arão, continuavam nas suas funções segundo a ordem de Deus (1 Rs 8.3), evitando-se que mais casos de desobediência surgissem, causando mais desgraças, como fora o caso da morte de Uzá (1 Cr 13.5-10).

5.5 Com a tenda da congregação. Esse tabernáculo da época de Moisés, juntamente com os vasos santos, foram todos trazidos de Gibeom para o novo templo, como lembranças sagradas de bênçãos recebidas no passado, oriundas da generosidade de Deus. A arca conservou ainda uma parte vital do significado religioso do culto, no novo templo. • **N. Hom.** Não houve muita cerimônia ao trazer-se os utensílios, porque não eram eles que santificavam o templo, mas sim, eles eram santificados pelo templo ainda que fossem mais numerosos do que os anteriores. No caso da arca, sim, houve cerimônia, porque, não obstante ser aquele móvel sagrado, não mais luxuoso do que o era antes, simbolizava a presença de Deus.

5.10 Nada havia na arca senão... O conteúdo da arca era, além das duas tábuas da aliança, uma urna de ouro contendo o maná (comp. Hb 9.4 com Êx 16.33) e a vara de Arão, que florescera (cf. Hb 9.4 com Nm 17.8-10). Talvez se perderam durante a época dos Juízes, a qual se prolongara por quatro séculos e que se caracterizara pela desordem e pela desorganização.

5.11 Todos os sacerdotes. Normalmente, o serviço do templo se dividia entre os 24 *turnos* de sacerdotes (1 Cr 23.6 a 24.31; Lc 1.8-9). Cada quinzena servia um novo turno; mas a solenidade de um acontecimento daquela relevância exigia a presença integral do corpo sacerdotal.

5.12 Todos os levitas. Pelo mesmo motivo, esses músicos, cantores e servidores das coisas do templo, também estavam presentes, na sua totalidade.

5.14 A glória do Senhor. O sinal evidente de que Deus aceitara o templo e os seus utensílios, como substituto perfeito da Tabernáculo que Ele mesmo ordenara levantar no deserto, se nota na repetição do milagre que se deu outrora, quando Moisés consagrou o Tabernáculo (Êx 40.34-36). Os sacerdotes, falhos e fracos, não puderam então ministrar, em razão da nuvem que revelava a glória de Deus. Comp. Is 6.1-5.

6.1 Nuvem espessa. O fato se menciona também em Êx 19.9; Lv 16.2; Êx 25.22; 40.34-35; Sl 18.11; 97.2. O homem pecaminoso vivendo na terra, não podia suportar uma visão esplendorosa da plenitude da glória de Deus, mas a nuvem servia como sinal aceitável aos olhos humanos daquela gloriosa luz, chamada de Shequiná (nome em heb).

6.13 Tribuna de bronze. Nessa tribuna, que não é mencionada em 1 Rs 8, Salomão profere, em linguagem familiar, uma importantíssima oração, em que relembra as advertências que Deus fizera ao povo de Israel (Lv 25; Dt 28). A oração foi: 1) De arrependimento e 2) de súplicas. Nessa oração, a mais longa registrada nas Sagradas Escrituras, Salomão fez seus pedidos na base das promessas que Deus fizera ao rei Davi. As petições incluem um pedido para que a família real de Davi continue no trono de Israel e isto dentro da vontade divina (vv. 16-17); que Deus santifique o templo de uma maneira especial, atendendo às orações que ali *viriam* a ser elevadas, inclusive os seguintes tipos, próprios para as mais variadas circunstâncias da vida dos israelitas: 1) No caso de alguém ser injustiçado por seu próximo, 22-23; 2) No caso de uma derrota nacional na guerra, 24-25; 3) No caso de uma seca, 26-27; 4) Em casos de calamidades públicas em geral, 28-31; 5) No caso de um estrangeiro vir a adorar a Deus, 32-33; 6) No caso da nação sair à justa guerra, 34-35; 7) E, finalmente; no caso do povo estar no exílio sofrendo punição da mão de Deus, 36-39. • **N. Hom.** Salomão alicerçou o templo com

piedosas intenções, 1) Foi construído para glorificar a Deus, 6.10; 2) Foi construído na cidade que o próprio Deus escolhera, 6.6; 3) Foi construído para cumprir a Palavra de Deus, 4) Foi a realização do desejo de Davi. Uma igreja deve ser fundada com estes ideais (cf. 1 Co 3.5-17).

6.16 *Contanto que*. Salomão compreendia muito bem as condições sob as quais Deus concederia suas bênçãos (1 Rs 2.4; 6.12-13). Nota-se como Salomão apresenta, nas suas orações, as promessas que já recebera de Deus, uma prática comum na oração bíblica (Êx 32.13; Nm 14.18; Ne 1.8-9; Dn 9.13). Esta oração também serve como modelo para as orações públicas, no sentido de abranger todas as necessidades e aspirações das pessoas reunidas, em todas as situações.

6.18 *Habitaria Deus com os homens*. Cf. Sl 132.13-14. *Céu dos céus*. Veja 2.6n. Esta expressão mostra como Salomão entendia que Deus é infinito (Dt 10.14; Sl 139.5-12; 148.4; Is 61.1; At 7.4-9; 17.24). Em Cristo, através do Espírito Santo, Deus está presente conosco, (Ef 2.13; Jo 16.13-15; Ap 21.3).

6.20 O templo e seus utensílios representavam a graça vindoura do evangelho, sendo que Cristo foi o Fundamento e o Construtor do grande e perfeito Templo espiritual do evangelho, no qual os pecadores podem ter reconciliação com Deus e gozar do Seu amor. Cristo cria o Templo dos filhos de Deus, no qual habita a plenitude do Pai celeste (Cl 2.9; Ef 2.20-22).

6.22 Este versículo deve ser comparado com Êx 22-9-11 e Lv 6.1-5.

6.25 *Faze-o voltar*. Salomão refere-se ao Israel inteiro, as 12 tribos mais os levitas, o qual finalmente será restaurado e abençoado na vinda do Messias (Is 11.10-12; Jr 30-31; Ez 36-37; 47-48, Zc 12-14; Mt 24.29-31; Rm 11.25-29). Uma restauração parcial se vê em Ne 2.1-20.

6.26 *Não houver chuva*. Isto foi reconhecido como uma punição da mão de Deus (1 Rs 17.1). Reter a chuva durante o Milênio será um meio de impor obediência às leis de Deus (Zc 14.16-21).

6.28 O pecado provoca uma dúzia de calamidades diferentes em uma nação: 1) A seca; 2) A derrota; 3) A fome; 4) A peste; 5) O crestamento; 6) A ferrugem; 7) Os gafanhotos; 8) As larvas; 9) A guerra; 10) A praga; 11) A doença; 12) O cativo. A petição de Salomão era que Deus preservasse a nação desses males que, aliás, Moisés já predissera como o salário dos possíveis pecados nacionais (Lv 26; Dt 28). *Cidades*. Lit. no heb "na terra da sua porta", expressão na qual a porta era considerada o centro judicial de cada cidade, e de seu território, onde os anciãos pronunciariam as sentenças (Js 20.4).

6.32 É a pregação do evangelho que produz tal resultado no íntimo dos pecadores (Is 52.7; Mt 16.15-20; Rm 10.9-17; 1 Cr 1.18-24). Profecias anunciam o dia em que todas as nações irão adorar em Jerusalém (Is 2.2-4; 52.7; 66.19-21; Zc 8.23; 14.16-21). Conforme as diretrizes de Deus, o estrangeiro entre os israelitas tinha os seguintes privilégios. 1) Não podia ser oprimido (Êx 22.21; 23.9; Lv 19.22-34); 2) Devia ser amado (Dt 10.19); 3) Tinha direito ao descanso e ao refrigério do sábado (Êx 23.12); 4) Tinham direito aos remanescentes da ceifa e da colheita (Lv 19.10; 23.22); 5) Tinha direito ao asilo (Nm 35.15; Js 20.9); 6) Deus seria seu Advogado (Sl 96.6; Jr 7.6; 22.3; Ez 22.7; Zc 7.10; Ml 3.5).

6.17 Deus requer um arrependimento genuíno, do tipo de Sl 119.67, 71 e Dn 9.5, com a mais humilde e sincera confissão dos nossos pecados.

6.38 *Voltados para a sua terra*. Daniel, do cativo da Babilônia, orava, voltado para Jerusalém (Dn 6.10).

6.41 Este versículo está relacionado com a invocação que se praticava cada vez que a arca era levantada para ir à frente de Israel nas suas viagens pelo deserto (Nm 10.35); é referida, também, em Sl 132.8-10.

7.1 *Desceu fogo do céu*. O fato de o fogo celestial ter consumido os sacrifícios foi um sinal positivo de que Deus aceitara a oração de Salomão. Outros casos em que Deus se

manifestara por meio do fogo, se narram em Lv 9.24; Jz 6.21; 1 Cr 21.26; 1 Rs 18.38. O fogo também simboliza a graça do Espírito Santo, At 2.3-4; símbolo, aliás, que a besta mencionada em Ap 13 falsificará para enganar os homens da terra (Ap 13.13). *A glória do Senhor tinha enchido a casa*. Uma repetição da ocorrência verificada na dedicação do Tabernáculo (Êx 40.34-35). • **N. Hom.** O fogo dos céus que consome o sacrifício aceitável a Deus, simboliza o perfeito, total e voluntário, sacrifício de Cristo em prol dos pecadores (Hb 9.23-28; 10.11-18); sendo depois, para os que aceitam esse sacrifício, símbolo do fogo santificador do Espírito Santo, que queima a malícia e acende em sua alma as mais calorosas afeições religiosas (1 Ts 5.19).

7.4 Sacrifícios. Em 1 Rs 8.62-63 são definidos como "sacrifícios pacíficos", que não eram reservados somente aos sacerdotes, mas foram, também, um banquete espiritual para o numeroso povo que se congregara de todo o Israel (v. 8). Esta dedicação, sendo seguida pela festa dos Tabernáculos (v. 9), seria de quinze dias, daí o grande número de animais que, dia após dia, se ofereciam (v. 5). Da carne sacrificada, o que não se podia comer no terceiro dia após o sacrifício (Lv 19.6), teria de ser totalmente queimado.

7.8 Hamate até ao rio do Egito. Hamate ficava no rio Orontes, que flui pelo vale do Líbano, na fronteira setentrional de Israel (Js 13.3-5; Jz 3.3; Am 6.2, 14). O rio do Egito é o Sior, que separava o Egito do sul de Judá. São os pontos extremos da nação.

7.9 Consagração. Heb *hanukath*, nome de uma festa dos judeus.

7.12 De noite, apareceu o Senhor a Salomão e lhe disse. O conteúdo desta revelação divina (vv. 12-22) é a aliança que Deus fez com Salomão. Revela-se que o povo teria livre escolha, porém o mesmo foi advertido de que o reino e o templo seriam destruídos se houvesse desobediência e apostasia. A humilhação do indivíduo e sua confiança em Deus, seriam necessárias, para que o povo pudesse receber as bênçãos divinas. Essa foi a segunda vez que Deus apareceu a Salomão, e a primeira teve ocasião vinte anos antes (8.1; 1.7).

7.14 O povo de Israel teria de cumprir quatro condições, antes de receber a restauração das bênçãos divinas: 1) Humilhar-se; 2) Orar; 3) Buscar a Deus; 4) Converter-se dos seus maus caminhos.

7.15-20 Os olhos, ouvidos e coração de Deus estão perpetuamente atentos à adoração do Seu povo (15-16), havendo sempre uma bênção à espera das que se arrependem (14). Nesses assuntos, a responsabilidade é tanto individual (17) como também coletiva (19-20).

7.17 Se andares... como andou Davi. A aliança feita com Salomão foi sujeita a condições, mas a feita com Davi foi incondicional. Assim foi porque Salomão, o filho direto de Davi, era propenso à carne, ao pecado; assim sendo, o último Filho de Davi é Cristo, o verdadeiro Herdeiro dessa aliança; Ele inaugurou a Nova Aliança (Is 42.1, 6; 49.8; 55.3-4; Mt 3.1; Lc 1.32-33; At 2.30-36).

7.18 Aliança. O conteúdo daquela aliança se expõe em 2 Sm 7.12-17. É uma clara expressão da graça soberana de Deus, e se destaca pela segurança, aplicação específica e imutabilidade das promessas que então foram outorgadas (Sl 99.3; 2 Sm 23.5). O cumprimento final e eterno dessa aliança se resume na pessoa de Jesus Cristo (nota acima). Verifica-se em Is 42.6; 49.8; 55.3-4, que Deus dá Seu Servo, o Messias, para personificar a aliança divina com Seu povo. Equivale dizer que quem tem fé em Jesus Cristo, o Messias, já possui a plenitude das bênçãos de Deus e Sua divina presença, ou seja, a totalidade daquilo que a Aliança visava, Cristo, como o Mediador da Aliança (Hb 9.15; 12.24) e como Dom gratuito de Deus, foi dado para ser a encarnação da aliança eterna, mediante Seu próprio sangue (Hb 9.11-14) que é a garantia da sua grandeza, abundância em graça e imutabilidade.

8.1 Vinte anos. É a soma dos sete anos da construção do templo até à dedicação, mais os treze anos para construir o palácio e outros prédios (1 Rs 7.1-14 e notas). É possível que durante esse segundo período se acrescentara muita riqueza ao templo.

8.2 Hirão lhe tinha dado. Provavelmente foram as vinte cidades que Salomão tinha dado para Hirão, as quais este devolvera por não serem satisfatórias (1 Rs 9.11-13n).

8.5 Bete-Horom. Uma cidade da tribo de Efraim, construída em duas partes, a alta e a baixa cidade, por uma mulher chamada Seerá (1 Cr 7.24; Js 16.3-5). Bete-Horom foi destinada à residência dos levitas (coatitas, Js 21.22). Dominava o vale de Aijalom, por onde passava uma importantíssima estrada de caravanas entre a terra montanhosa e as planícies marítimas.

8.6 Baalate. Cidade no antigo território de Dã (Js 19.44). O nome quer dizer "Senhora", e talvez fora dado pelos adoradores de Baal e Astarote.

8.7 Estas foram as tribos originárias dos cananeus, que, ao serem conservadas entre os israelitas, construíram a fonte perpétua do paganismo e da adoração a Baal, que sempre foi uma tentação ao fiéis; foi por isso que Moisés ordenou sua destruição (Dt 7.1-5).

8.11 Filha de Faraó. Essa princesa não está incluída na lista das esposas estrangeiras que levaram Salomão a pecar (1 Rs 11.1).

8.14 O homem de Deus. Esta expressão, que nos livros dos Reis se aplica a vários profetas, é rara em Crônicas, sendo reservada apenas para Moisés (1 Cr 23.14), para Davi e para um profeta anônimo (2 Cr 25.7-9).

8.17 Eziom-Geber. Um porto marítimo no braço oriental do Mar Vermelho, um centro para a refinação de cobre (1 Rs 9.26; 2 Rs 16.5n).

8.18 Ouro. Uma das coisas que não faltava ao Rei Salomão, menos valiosa, porém, do que os seguintes tesouros bíblicos: 1) O sangue do Senhor Jesus Cristo, 1 Pe 1.18-19; 2) A Palavra de Deus, Sl 119.72, 127; 3) A fé, 1 Pe 1.7; 4) O espírito manso, 1 Pe 3.4.

9.1 Sabá. Terra dos sabeus, no sudoeste da Arábia, que fazia parte do atual Iêmen. A região controlava a importação de especiarias, que provinham da Índia e passavam pela Arábia, até chegar à Palestina, e de lá para o Egito e a Mesopotâmia. Jesus dera-lhe o nome de "a rainha do sul" (Mt 12.42). *Especiarias.* Eram muito procuradas para fins domésticos funerários e para o culto religioso (16.14).

9.4 Ficou como fora de si. Não lhe restava mais coragem para continuar a competição de ditados e enigmas. Lit., "não tinha mais fôlego". A palavra *ruah* (fôlego, sopro, ou espírito) tem) sentido de "poder em movimento", então, no sentido psicológico, quer dizer o impulso dominante da personalidade, aquela energia e determinação que toma as decisões e as põe em ação.

9.8 A rainha de Sabá louva a Deus pela sabedoria de Salomão. Foi Deus que a concedera, segundo a promessa dada a Salomão na visão que recebera em Gibeom (2 Cr 1.7-13). Essa oração mostra que Salomão tinha de fato começado a reinar de maneira ideal, descrita no livro de Deuterônimo, um rei que o próprio Deus, no Seu amor para com o Seu povo, colocara no trono para realizar os ideais de justiça e de retidão em benefício de todo o povo.

9.14 Governadores. Príncipes locais que podiam exercer sua autoridade dentro só dos limites estabelecidos pelo rei Salomão, e que lhe pagavam impostos. Não se trata dos príncipes e oficiais de Salomão, que eram israelitas, para reger o destino do povo de Israel (1 Rs 4.7-19). A palavra aqui usada é assíria: "vice-rei".

9.15 Pavese. Grandes escudos retangulares para proteger o corpo inteiro. Esses teriam o peso de quase 7 kg; os escudos normais, pequenos e redondos, pesavam pouco mais de 3 kg. Ambos os tipos foram feitos em ouro para as cerimônias da guarda real (1 Rs 14.26-28). • **N. Hom.** A visita que a rainha fizera ao rei da Casa de Davi é semelhante ao encontro do crente com Jesus Cristo, que "é maior do que Salomão". Foi ver sua sabedoria, sua bondade, sua generosidade e a alegria de todos os que o servem, que permanecem sempre na sua presença (cf. Mt 12.42; Lc 11.31). Verifica que nele há mais glória do que a língua possa dizer (9.1-9).

9.18 Estrado de ouro. O estrado para descansar os pés era parte essencial do trono oriental, como se vê nas esculturas do Egito, da Assíria e da Pérsia. Os inimigos de Cristo

serão rebaixados ao ponto de servirem de estrado dos Seus pés (Sl 110.1; 1 Co 15.25).

9.21 *Navios que iam a Társis.* Não quer dizer que viajavam para, Társis, mas que eram capazes de enfrentar viagens longas e difíceis, como o era a viagem, para Társis; veja 1 Rs 10.22n. Subentende-se, os dois reis estavam comerciando com a Índia, passando pelo mar Vermelho e visitando a costa africana (1 Rs 9.28n).

9.25 *Quatro mil cavalos.* Salmaneser III, rei da Assíria, declarou, numa inscrição, ter capturado 1200 carros do rei da Síria e 2000 de Acabe, rei de Israel. Que Salomão tinha, de fato, tais exércitos de carros, prontos, em várias cidades estratégicas, comprova-se pelas escavações feitas em Megido, em nossos dias: descobriram estrelarias para 450 cavalos. Desenvolver este poderio era proibido aos reis de Israel (Dt 17.17) que deveriam depender tão-somente do Senhor.

9.26 *Dominava Salomão.* O reino de Salomão atingira os limites territoriais prometidos por Deus a Abraão, primeiro patriarca da nação israelita (Gn 15.18). Na sua influência sobre outros reinos Salomão foi um tipo do Senhor Jesus Cristo que veio estabelecer o Reino de Deus em justiça (Is 2.2-4; 9.6-7; Jr 23.5-6; 33.14-17).

9.27 *Sicômoros.* São da família do sicômoro que produz figos bravos, os quais Amós colhia (Am 7.14). A madeira era levíssima e porosa. Era comum em Israel naquela época; proporcionava boa sombra (cf. Lc 19.4).

• **N. Hom. 9.29** O Declínio Espiritual de Salomão: 1) Sua ambição levou-o a desrespeitar a lei de Deus contra a multiplicação de cavalos (v. 25 e nota); 2) O negócio de cavalos com os egípcios deu ensejo ao casamento de Salomão com uma princesa do Egito (8.11); 3) Esse casamento abriu caminho ao costume oriental de formar um harém com mulheres de todas as nações (1 Rs 11.1-8); 4) Aquelas mulheres induziam o rei a adorar os seus ídolos (1 Rs 11.4-5); 5) Essa idolatria; levou o rei e uma parte do povo à apostasia, até ao ponto de construir templos pagãos (1 Rs 11.7-8). Daí a consumação da degenerescência espiritual de Salomão.

10.1 *Roboão quer dizer "a extensão do povo".* Sua mãe foi uma amonita (1 Rs 14.31) *Todo o Israel.* Ainda era um reino unido, com doze tribos. Depois da divisão, Siquém passou a ser a capital de Israel e Jerusalém a de Judá. Essa cidade, situada nas montanhas de Efraim (Is 20.7), era o lugar do túmulo de José e do poço de Jacó, perto do monte Gerizim. O fato de Roboão estabelecer seu reinado longe de Jerusalém, faz transparecer que ele não quis reinar tendo o templo de Deus como centro da vida do seu reino.

10.11 *Escorpiões.* Esse é o nome dado a um tipo de açoite com muitas correias, nas quais eram atados pedaço de metal, para produzirem dores semelhantes as picadas de escorpiões.

10.12 Nesse dia o reino de Israel, com mais de cem anos de existência perdera duas de suas tribos, Judá e Benjamim, as quais permaneceram fiéis a Jerusalém, ao templo e à família real de Davi. O reino do norte conservara o nome de Israel com as dez tribos restantes; mas o reinado fundado por Jeroboão se destacava pela adoração aos bezerros de ouro (1 Rs 12.28 e N. Hom.). Os reis que o seguiram levaram a nação à adoração de Baal, pois não houve um bom rei entre eles, até a destruição total daquela nação, dois séculos após. No período entre a separação das tribos (931 a.C.) e a destruição do reino do norte pelo Império da Assíria (722 a.C.), a família de Davi conservara-se firme no trono de Judá, tendo surgido vários reis reformadores que promoveram a volta à Palavra de Deus.

10.13 *Dura resposta.* Optara pela arrogância e a impaciência, tentações poderosas para arrastar os jovens, mais que os anciãos, ao erro.

10.15 *Aías, o silonita.* O mesmo profeta que anunciara a Jeroboão que este haveria de reger as dez tribos (1 Rs 11.31). Essa situação religiosa se esclarece nas notas de 1 Rs 11.33, 36; 1 Rs 12.24.

10.16 *Que parte temos nós com Davi?* Este grito de revolta já se levantara na época do

rei Davi, durante a rebelião de Seba (2 Sm 20.1). *Todo o Israel*. Doravante, esta expressão se referia às dez tribos do norte, às vezes chamada também de Efraim ou Samaria (a nova capital edificada por Onri). Israel e Judá viviam em contendas, foram levados para o cativeiro em épocas diferentes, e só no reino de Cristo serão novamente reunidos (Is 11.1-13; Jr 23.5-6; Ez 37.15-28). Cristo rompe as barreiras mundanas e humanas (Cl 3.11).

10.18 Adorão. O superintendente dos trabalhos forçados não era um bom embaixador para proclamar a ternura do rei Roboão!

11.1 Benjamim. A cidade de Jerusalém pertencia ao território de Benjamim, mas era a tribo de Judá que possuía força suficiente para desenvolver aquele território. Daí as duas tribos muitas vezes terem sido consideradas como uma só (1 Rs 11.32). Os benjamitas intentavam continuar a verdadeira vida religiosa ao redor do templo.

11.2 Semaías. Este profeta tinha de proclamar a mensagem que Deus, o Poder Absoluto sobre a nação ("eu é que fiz isto", 4) decidira dividir o povo; porque Roboão não tinha a autoridade moral de reger as doze tribos.

11.5 Defesa. Contra seu rival, Jeroboão, e contra o Egito.

11.13 Sacerdotes e levitas. A idolatria de Jeroboão fez com que a força espiritual de Israel fosse absorvida por Judá, trazendo um apoio que é melhor do que exércitos, cujos efeitos duram até hoje.

11.15 Jeroboão constituiu seus próprios sacerdotes, para sua própria religião, importada do Egito, com adoração de sátiros, ídolos em forma de bode semi-humano, também chamados "demônios" (Lv 17.7) e "bodes" (Lv 4.24; 9.15). O rito que os acompanhava, assim como o rito egípcio dos *bezerros*, era degradante e imoral.

11.18 Jerimote. Não consta entre os filhos legítimos de Davi (1 Cr 3.1-8; 14.4-7); deve ter sido o filho de uma concubina.

11.20 Filho de Absalão. Todas as descendentes em linha reta são chamadas de "filha", em heb. Essa deve ser filha de Tamar, a única de Absalão (2 Sm 14.27). Seu pai era Uriel, de Gibeá (13.2), certamente o esposo de Tamar. O nome *Macca* era a da bisavó (2 Sm 3.3).

11.21 Na concupiscência da carne, Roboão seguiu o pior exemplo de seu pai, entrando naquele caminho descrito na N. Hom. do cap. 9, que levava a nação à divisão e à desgraça (Dt 17.17).

11.22 Parece que Jeús (19) era o primogênito e herdeiro legítimo do trono. O amor do rei por sua esposa Maaca levou-o a deixar sua indulgência aos favoritos violar a Lei de Moisés (Dt 21.15-17).

11.23 Prudentemente. Essa prudência surgiu da astúcia carnal, e não da sabedoria que Deus concede aos que Lhe prestam culto (Pv 9.10; Tg 1.5). Ao dispersar seus filhos, evitara rebeliões organizadas, da parte destes (1 Rs 1.5-10). Além disso, contentou seus filhos, evitando os ciúmes contra Abias, concedendo-lhes verdadeiros privilégios e vantagens. Assim visava obter o apoio do povo todo para o seu governo, não havendo "frente" hostil.

12.1 Deixou a lei do Senhor. 1) O primeiro passo para a apostasia é deixar de se firmar na Palavra de Deus; isto acontece quando uma pessoa começa a se orgulhar, tanto de si mesma, como de seus talentos, perdendo a humildade perante Deus; 2) A punição se manifestara a cada passo na sua vida de pecados (v. 2); A misericórdia se oferecia na condição de haver verdadeiro arrependimento (7.14), como se vê, nesse caso, em 12.7; 4) A bênção do Senhor é concedida mediante a obediência humana à lei de Deus (Sl 1).

12.3 Suquitas. Uma tribo do deserto que habitava em tendas, "Sucote".

12.6 O Senhor é justo. Reconhecer que Deus é justo ao punir-nos, é um fator preponderante no verdadeiro arrependimento (Sl 51.1-6).

12.8 Servos. Reconhecendo seus pecados, Deus os protegera, mas mesmo assim, tinham de se humilhar perante Sisaque, para experimentarem a diferença que há entre

servir a Deus e servir aos homens. O servir a Deus é suave e leve, conforme o convite que Cristo nos faz (Mt 11.29-30).

12.14 *Não dispôs o coração.* Mais um exemplo da ênfase que a Bíblia dá à religião do coração (16.9; 1 Sm 16.7; Jo 4.23).

12.15 *No livro da História.* Muita informação histórica que veros na Bíblia foi buscada em livros daquela época: os arquivos e genealogias reais, e os escritos dos profetas de cada época. Os escritores da Bíblia, plenamente inspirados por Deus, foram guiados, ao lerem as estatísticas em bruto, a tirar delas lições morais e espirituais e, assim, levar o leitor a perceber a mão de Deus em toda essa história. Isto também se deu no caso dos evangelhos (Jo 20.30-31).

13.2 *Micaía.* O nome religioso (traduzido por "Quem é como Jeová?") de Maaca, filha de Tamar e mãe de *Abias* (11.20).

13.3 O número de soldados deve ser comparado com os dados do recenseamento, feito sessenta anos antes pelo rei Davi (2 Sm 24.9; 1 Cr 21.5). Naquela época, Judá possuía um total de 400 mil homens aptos para a guerra, e todos os mobilizados das outras dez tribos eram 800 mil homens, escolhidos de entre um número maior. Estes mobilizados formavam um total de apenas 180 mil, no tempo de Roboão, pai de *Abias* (11.1), sendo que este último já então; possuía 400 mil homens. Nisto notamos que, havia uma constante imigração de membros das tribos do norte, para participarem do culto em Jerusalém, fiéis à família de Davi, na qual residia a Aliança com Deus. Assim continuara na época de Asa que, seis anos mais tarde, tinha um exército mobilizado de 580 mil soldados (14.8) e Josafá, ainda 32 anos mais tarde tinha 1.160.000, além das guarnições nas cidades fortificadas por todo o Judá (17.13-19). No caso de Israel, a triste situação do exército de Acabe se descreve claramente em 1 Rs 20.27. Veja 1 Rs 12.17.

13.5 *Aliança de sal.* Costume oriental mencionado em Lv 2.13; Nm 18.19. A cerimônia consistia em comer sal como penhor de um pacto ou uma aliança. Era a garantia de uma amizade perpétua, simbolizada pela qualidade do sal, corpo preservador contra a corrupção. Esta aliança, portanto, não podia ser quebrada.

13.7 *Jovem.* Sendo que Roboão tinha 41 anos de idade naquela época (12.13), é certo que *Abias* estaria se referindo à sua falta de experiência.

13.8 *Reino do Senhor.* Fosse, embora, grave a defeito do rei da família de Davi, isto não o eximia de ser o portador da Aliança que Deus fez com Davi e sua posteridade.

13.9 *Sete carneiros.* Na consagração original dos filhos de Arão, Deus requereu dois carneiros (Êx 29.1; Lv 8.2). Jeroboão, que já havia abandonado o plano de Deus, alterara a cerimônia de consagração, aumentando o número de sacrifícios obrigatórios para cada sacerdote. A religião inventada pelos homens, muitas vezes, coloca ações aparentemente fervorosas no lugar de uma verdadeira e sincera relação espiritual com Deus.

13.12 *Não pelejeis.* Uma luta contra o povo de Deus significa uma luta contra o próprio Deus; foi isto que Saulo de Tarso descobriu no caminho de Damasco, quando ia para lá em perseguição à Igreja (At 9.4-5; 5.39). As tribos do norte ainda poderiam se humilhar e servir a Deus.

13.20 *Morreu.* Morrer prematuramente foi o castigo divino, pronunciado contra Jeroboão, em razão de seus pecados. Morreu depois de *Abias* (1 Rs 15.9), mas sua morte registra-se juntamente com a descrição dos seus pecados.

14.1 *Descansou.* A morte dos fiéis é apenas um breve sono.

14.2 *Asa.* Este filho de *Abias* e bisneto de Salomão, realizara uma obra de saneamento moral e espiritual (2-5); edificara cidades fortificadas e formara um exército bem armado (6-8).

14.3 *Aboliu.* A idolatria morre com dificuldade, no coração do povo; o decreto do rei não se completou totalmente, nem foi duradouro, 15.17; 1 Rs 15.14. *Colunas.* Monumentos de pedra dedicados ao culto de Baal. *Postes-ídolos* Heb *asherim*, troncos de árvores dedicados à adoração de Astarote, considerada pelos pagãos a mãe do mar, a deusa da

fertilidade. Grava-se no tronco uma imagem de Astarote, que ficava como totem, ao lado do altar de Baal (deus da terra e da fertilidade).

14.7 Repouso. É a paz que há em servir a Deus (Pv 16.7).

14.9 Zerá. Um comandante do exército do Faraó Osorcon I (924-889 a.C.). Zerá significa "aurora"; celebrava um novo período de poder internacional egípcio.

• **N. Hom. 14.11 Clamou Asa.** A oração foi a arma vitoriosa de Asa, na qual se nota: 1) O reconhecimento do poder de Deus; 2) A confiança em Deus mais do que no exército armado; 3) O inimigo fora derrotado porque a causa em disputa era de Deus e não dos homens. O efeito impressionante da vitória se evidencia no fato de os egípcios interromperem suas pretensões de subjugar Judá, por um período de três séculos. Só quando Judá começava a procurar alianças políticas, em vez de depender somente de Deus, é que ia caminhando em demanda de sua própria destruição (Ez 17.11-15).

14.14 Todos as cidades ao redor de Gerar. Parece que os filisteus daquela região tinham colaborado na invasão egípcia. O *terror do Senhor*. Predito por Moisés (Êx 15.16) foi demonstrado durante o assalto de Jericó pelos israelitas (Êx 15.16).

14.15 Camelos. Despojos naturais de uma região nas fronteiras do deserto.

15.1 Azarias. Quer dizer: "Deus me ajudou". Era o profeta que animou Asa a perseverar na reforma espiritual que iniciara em Judá.

• **N. Hom. 15.2** Três fatos indiscutíveis tirados do v. 2: 1) Deus está conosco enquanto nós estamos com ele (Tg 4.8); 2) Deus deixa-se achar por aqueles que O buscam (7,14; Is 55.6; Jr 29.13; Mt 6.33); 3) Quem abandona a Deus será abandonado por ele. Isto diz respeito a qualquer nação ou indivíduo; como se nota em 15.3-6, refere-se à época dos Juízes (Jz 2.10-23).

15.3 Sem o verdadeiro Deus. Israel foi privado da prosperidade nacional, sinal visível do favor divino, que permite chegar até ao ponto daquela angústia (v. 4), que leva os homens a buscarem a Deus, uma angústia que Deus impõe para despertar o arrependimento.

15.7 Sede fortes. Há recompensa para quem se firma em Deus (Mc 13.13; 1 Co 15.58). As abominações (v. 8) são os ídolos pagãos.

15.9 Membros das tribos do norte apoiavam a reforma (13.3n).

15.12 Entraram em aliança. Os termos desta aliança entre Deus e o povo acham-se em Êx 19.5-8; 24.3-8. Depois de cada período de apostasia, o povo, arrependido, renovava aquela aliança: 1) Na época de Asa (910-869 a.C.), 15.12; 2) Na época de Josias (640-609 a.C.), 34.31; 2 Rs 23.3, 3) Na época de Neemias, Ne 10.29. Nesses três casos cumpriram-se as condições estabelecidas em Dt 4.29.

15.16 Aserá. Ou Astarote. Adorada segundo se lê em 14.13n.

15.17 O coração de Asa foi perfeito. Não quer isto dizer que não teve pecados, pois há uma lista destes no próximo capítulo: 1) Confiou na Síria e não em Deus (16.1-9); 2) Foi o primeiro rei a perseguir um profeta (16.10), 3) Confiou nos médicos e não em Deus (16.12-14). Esta expressão significa que, não obstante os deslizes, Asa adorava tão-somente a Deus, como se lê na nota de 16.9.

16.1 Trigésimo sexto. Só nos últimos cinco anos do seu reinado de 41 anos é que houve uma interrupção da paz nacional (15.19). E o ano 875 a.C. *Nem chegar a ele*. Essa fortaleza da vergonha foi feita especialmente para impedir que os israelitas se juntassem ao redor do templo, chegando assim a apoiar a família de Davi; veja 13.3n.

16.2 Ben-Hadade. A Bíblia menciona três reis em Damasco com este nome, que, aliás, é um título real que quer dizer "Filho de Hadade" (nome do deus da natureza que os cananeus chamavam de Baal). Este é o primeiro, reinando em 900-860 a.C. Ben-Hadade II 860-843 a.C., foi seu filho, guerreou contra Acabe, cercando Samaria, sem poder vencê-la, sendo, depois, derrotado por Acabe, em Afeque, e assassinado por Hazael, que usurpou seu trono (1 Rs 20, 2 Rs 7 e 8). Ben-Hadade III foi o filho de Hazael, mencionado em 2 Rs 13.24, que perdeu todas as conquistas feitas em Israel pelo seu pai. Seu reinado foi de 796-770 a.C.; depois, os israelitas dominaram.

16.7 Hanani. O nome deste profeta quer dizer "gracioso"; era pai do profeta Jeú que repreendeu ao rei Baasa, de Israel, por causa de sua idolatria, profetizando o extermínio de sua família (1 Rs 16.1-4).

16.9 *Cujo coração é totalmente dele.* • **N. Hom.** A palavra *totalmente* é a mesma que em heb se traduz por "perfeito" em 15.17. A idéia, inclusive na palavra *shalem* ou *shalom*, significa inteireza, fidelidade, integridade, digno de confiança. Há o sentido de plenitude e de saúde na saudação *shalom*, que se pode traduzir "a paz do Senhor". Em outra forma emprega-se essa palavra para dizer-se que o templo fora concluído (2 Cr 8.16); para se referir a pesos e medidas integrais (Dt 25.15); para descrever os corações dos homens que devem ser perfeitos e fiéis, como se nota em 1 Rs 8.61; 11.4; 15.3; 2 Rs 20.3. *Guerras.* Enquanto fora fiel ao Senhor, houve paz (14.5; 15.5).

16.12 Médicos. Talvez fossem os egípcios, que usavam encantamentos e magias. É a primeira vez que são mencionados entre os israelitas (cf. Êx 15.26).

16.14 Queima. Incenso foi queimado para honrar um rei bom e fiel.

17.1 Josafá. Quer dizer "O Senhor é Juiz". *Se fortificou contra Israel.* O mau exemplo de Israel era mais perigoso do que as armas. • **N. Hom.** O que Josafá fez para Deus: 1) Seguiu a piedade de Davi (3); 2) Buscou a Deus, e guardou Seus mandamentos (4); 3) Rejeitou os ídolos de Baal e recusou praticar as obras malignas de Israel (3, 4); 4) Sua coragem e fé levaram-no a destruir os *postes-ídolos* (descritos em 14.3n), v. 6; 5) Fundou uma obra missionária de educação religiosa (7-9); cada verdadeiro; reavivamento tem base na pregação da Palavra de Deus, em estudá-la e ensiná-la. O que Deus fez a Josafá: 1) *O Senhor foi com Josafá*, abençoando sua vida, vocacionando-a (3; comp. Mt 28.18-20); 2) *O Senhor confirmou o reino*, concedendo-lhe apoio popular e riqueza material (5); 3) *O terror do Senhor*, impedindo as demais nações a guerrear contra Judá, trouxe paz e prosperidade (10-12).

17.14 Este é o número. O total de homens preparados em todo o reino era de 1.160.000 soldados (vd 13.3n). *Segundo as suas famílias.* Esse número tão grande se compõe de todos os homens capacitados que existiam nos lares e que, se fosse necessário, poderiam ser chamados à guerra.

17.16 Amasias. Um exemplo de uma pessoa em posição de liderança, que se entrega à vontade de Deus. *Homens valentes.* Esta expressão aparece quatro vezes neste tópico, e sugere que o exército de Deus é composto de homens fortalecidos por Deus (cf. Ef 6.10-20).

17.19 Estes. O trecho se refere aos capitães e chefes, então *estes* são os cinco generais, e *os que o rei tinha posto* eram os demais oficiais que dirigiam vários comandos locais.

18.1 Aparentou-se. Jeorão, filho de Josafá, casou-se com a filha de Acabe (cf. 21.6). Casar-se à parte da vontade de Deus e integrar em uma família mundana traz desgostos e angústia (cf. 2 Co 6.14). Josafá dera o passo fatal de unir-se a Israel, não obstante ter sido anteriormente *contra Israel* (17.1).

18.3 Iremos contigo à peleja. Cedendo à pressão pessoal e política, Josafá esqueceu-se da verdade expressa em Am 3.3 (cf. 2 Co 6.14).

18.5 Os profetas. Seriam, talvez, aqueles que dirigiam o culto de adoração aos bezerros, prestado como se fosse o culto ao Deus verdadeiro (1 Rs 12.28).

18.6 Josafá tinha suficiente discernimento espiritual para reconhecer que aqueles não eram, na realidade, profetas do Senhor. Este versículo e o v. 4, revelam-nos que esse rei estava habituado a consultar ao Senhor em todos os assuntos da sua vida diária, observando o sábio ensinamento que se registra em Pv 3.5-10. Algumas definições de falso profeta acham-se nas notas de 1 Rs 13.18, 24; 22.6, 7, 9.

18.7 Somente o que é mau. Micaías não podia apoiar a um apóstata, mas isto não significa que tivesse prazer em predizer a desgraça e a punição.

18.8 Micaías. Quer dizer "Quem é como o Senhor?" Felizmente, sempre há, em todas as gerações, um homem que fala fielmente em nome de Deus.

18.9-34 Este trecho é profundo e as personagens de posição relevante são: Josafá, entrando em decadência; Acabe, sutilmente perverso; Micaías, corajoso e sincero, e Zedequias, cínico e cruel.

18.9 A cena era impressionante: uma eira grande e aberta; sobre dois tronos elevados, dois reis em trajes reais, quatrocentos profetas reunidos e milhares de guerreiros de prontidão.

18.10 Zedequias entra, com dois chifres simbolizam do os dois reis, e...

18.11 ...Dirige os profetas num cântico de vitória predeterminado.

18.12 As palavras do mensageiro refletem o espírito do mundo: "Não estrague a festa", adira à "onda" e tudo ficará "naquela base". "Nada de reparar, de chamar à atenção, ou de criticar; seja bonzinho".

18.13 *Micaías*, inflexivelmente fiel à sua missão divina se mostra propenso a ser agradável tão-somente ao próprio Deus, um Rei muito mais glorioso do que aqueles dois, um Rei com trajes mais esplendorosos, e com um trono muito mais elevado (Is 6.1-5; At 7.55-56).

18.14 Micaías, em tom de desprezo irônico para com a credulidade de Acabe, repete aquilo que os 400 profetas tinham dito, mostrando que bem sabia o que Acabe exigiria dele.

18.15 Acabe entendeu muito bem que isso não era a mensagem vinda de Deus e quis ouvir a verdade, mesmo sem ter o propósito de obedecer à mensagem.

18.16 Essa verdade era simples: se Acabe não desistir, o exército de Judá e de Israel será disperso, embora não destruído. Acabe não voltará para casa com seu exército.

18.21 Este *espírito mentiroso* é Satanás (ou um dos demônios), o enganador e pai da mentira (Jo 8.44). Deus permite que Satanás engane aqueles que não querem seguir a verdade (2 Ts 2.11-12).

18.22 É pela boca dos profetas que a *espírito mentiroso* age com poder para enganar os fiéis; ainda hoje, Satanás usa as inverdades dos falsos profetas como sua arma, a mais poderosa. Os espíritos devem ser examinados à luz da Bíblia.

18.23 Grande era a coragem do profeta e surpreendente o seu oráculo, mas a malícia e a insolência caracterizavam Zedequias(Tg 3.17).

18.24 Por isso, só após sua fuga, realçada de terror e vergonha, é que chegaria a saber que o Espírito falara a Micaías.

18.26 Micaías foi para a prisão, mas Acabe foi para o sepulcro (34).

18.27 A profecia fora bem espalhada, para que todos reconhecessem seu cumprimento. O profeta tinha fé na Palavra de Deus (Is 44.26).

18.29 *Disfarçou-se*. Não somente por temer a morte predita, mas também na esperança de Josafá morrer em seu lugar, deixando o trono vazio.

18.31 Acabe quase viu seu plano triunfar, não fora a presença de Deus, dando milagrosa resposta à fervorosa súplica de Josafá (cf. Mt 14.30, 31).

18.33 Acabe foi morto apesar da proteção da armadura humana; Josafá foi milagrosamente preservado apesar de ter sido um alvo fácil. Nisto se evidencia a providência de Deus dirigindo os imprevistos para Seus próprios fins.

18.34 *Morreu*. A morte lenta lhe dera tempo para refletir sobre sua iniquidade: os altares de Baal, a vinha de Nabote, a prisão de Micaías. Morreu perdido e sem esperanças, como Judas Iscariotes (At 1.18, 25).

19.2 *Jeú*. Filho de um verdadeiro profeta (2 Cr 16.7), já repreendera a Baasa, de Israel (1 Rs 16.1). Sua mensagem era direta, clara, simples; e irrefutável. Seu nome significa "Ele é Jeová".

19.3 Josafá não respondeu, mostrando assim, aceitar a repreensão.

19.4 O próprio rei Josafá liderara a obra reformadora, que induziu o povo à fé e à obediência ao Senhor. As instruções deixadas aos juizes e aos sacerdotes (vv. 5-9) servem para qualquer líder civil ou eclesiástico: 1) Tudo deve ser feito com dedicação e

cuidado (6 e 7); 2) Deve ser feito num espírito de reverência e de fé (7 e 9); 3) Reconhecendo que todo o poder emana de Deus e em Seu nome deve ser usado (6); 4) Deus, em tudo, é o grande Exemplo de justiça e de imparcialidade (7); 5) Deus está presente junto aos que realmente o amam, para inspirá-los, corrigi-los e consolá-los (6).

19.10 *Entre sangue e sangue.* Para definir os casos de morte "acidental", em "legítima defesa", ou "assassínio". *Lei... juízos.* Definir a prioridade na aplicação de várias leis, é a obra do advogado.

19.11 A autoridade religiosa e a do estado se distinguem. *Amarias*, i.e., "Jeová tem dito". *Zabadias*, "Jeová outorgou". O sacerdote prega a Palavra de Deus, e o príncipe recebe poder de Deus.

20.1 *Moabe... Amom.* Filhos que Ló tivera das suas próprias filhas (Gn 19.30-38). Seus descendentes viviam ao leste do Mar Morto. *Amonitas.* Heb *meunitas*, de Maom, cidade às margens do Mar Morto.

20.2 *Síria.* Em heb, o nome se confunde com "Edom" (indicado pela frase "monte Seir", 10 e 22; cf. 2 Rs 16.5, 6n) que é uma das três nações que ocupavam o território de além do Mar Morto. Edom era o povo que ficava mais ao sul, e que de lá partia para invadir o território de Judá, chegando até *En-Gedi*, cidade do oeste do Mar, que os exércitos atravessaram pela margem do sul, chegando, pois, a 50 km de distância da cidade de Jerusalém.

20.3 Este medo foi proveitoso: levou o rei a recorrer a Deus em oração!

20.4 Esta reunião de oração levou a nação inteira a buscar a Deus!

• **N. Hom. 20.5-12** Essa oração feita em pleno templo é um ótimo modelo: 1) Pela adoração e o louvor, que reconhecem o poder da providência de Deus (6); 2) Pela fé e a confiança nas promessas de Deus e no Seu amor em cumprir a aliança que fizera com Seu povo: *teu povo, teu amigo, tua possessão* (vv. 5-11). A terra de Canaã fora prometida aos descendentes de Abraão, perpétua e incondicionalmente (Gn 13.15). • **N. Nom.** (Continuando-se a análise da oração-modelo de Josafá). 3) Menciona o templo, símbolo da verdadeira adoração do povo (8, 9); 4) Revela a causa injusta dos seus adversários (10, 11); 5) Mostra fé e dependência absoluta a Deus, de quem espera o socorro (12).

20.13 Naquela reunião de oração, tão importante, ninguém faltou; as famílias, em peso, estavam presentes, como sempre deveria acontecer, em casos como este.

20.14 *Jaaziel.* "Deus vigia sobre mim" é a tradução do nome desse descendente de Asafe, um dos cantores do templo. Inspirado pelo Espírito Santo, Jaaziel profetizara essa palavra de consolação divina, refletida e preservada no salmo 83.

20.15 Todos estavam orando, e por isso, a resposta alcançou a todos. Deus é solícito em proteger seu próprio povo (1 Sm 17.46-47).

20.16 As ordens eram claras, específicas e práticas, como sempre acontece quando há o desejo de observar-se a vontade de Deus. *Ladeira de Ziz.* O Wadi Hasasa um vale 12 km ao norte de En-Gedi, que vai para o Oeste, até chegar perto de Tecoa, num distrito plano e espaçoso.

20.18 Esta atitude foi de reverência perante Deus, confiança no Seu poder, e de gratidão antecipada pela vitória prometida.

20.19 Este antema de louvor agradece a Deus pela vitória certa.

20.20 Não se mencionam as armas; a fé é mais segura que os exércitos!

20.21 Era uma procissão religiosa, não para lutar, mas sim, para presenciar o poder de Deus revelado na derrota dos inimigos da Sua causa. Era o início de um culto de ações de graças.

20.22 Quando o povo começou a cantar louvores, enaltecendo as promessas de Deus, a resposta divina tomou-se uma viva realidade: as emboscadas eram as contendidas que surgiram entre os atacantes amonitas, moabitas e edomitas. *Os moradores de Seir* eram os edomitas.

20.23 Depois de os amonitas e moabitas terem destruído a exército de Edom, parece ter

havido contendas entre si acerca dos despojos, às quais trouxeram à tona antigas animosidades tribais. Assim Deus tira louvor da ira humana (Sl 76.10).

20.25 Riquíssimas bênçãos são concedidas aos que vivem pela fé em Deus e em obediência à Sua soberana vontade (Hb 11.6; Ef 1.3).

20.26 Depois de recolher os despojos, houve um grande culto de louvor e de ações de graças; os que enfrentaram as dificuldades, dependendo inteiramente de Deus, voltaram com o galardão de vencedor (27).

20.28 Uma enorme orquestra foi, à noite, completar as cerimônias no templo. • **N. Hom.** Resumo de todo este episódio: 1) Perigo, 1-5; 2) Prece, 6-12; 3) Promessa, 13-17; 4) Prostração, 18-21; 5) Punição, 22-24; 6) Posse, 25; 7) Paz, 26-30.

20.30 Essa paz nacional devia-se ao fato de todos se contentarem em servir ao Senhor, Deus da Vitória. A paz internacional devia-se ao temor que as demais nações sentiam perante o Senhor dos Exércitos.

20.32 *Reto perante o Senhor.* Isto deveria caracterizar a cada crente.

20.33 Um líder piedoso nem sempre consegue despertar um povo que se acostumara à impiedade. O despertamento precisa de alicerces populares.

20.35 Essa aliança impiedosa foi inspirada por motivos comerciais.

20.36 *Navios que fossem a Társis*, i.e., navios do tipo transoceânico, que habitualmente iam a Társis, provavelmente na Espanha. No caso, a viagem seria para Ofir (talvez na Índia), cf. 1 Rs 22.49. *Eziom-Geber.* Este porto marítimo de Salomão era também seu centro de refinação de cobre. É o gêmeo do atual porto de Elate, em Israel, no golfo de Aqaba, reconhecido como ponto altamente estratégico.

20.37 *Eliezer.* Quer dizer "Deus é meu socorro"; esse profeta é mencionado somente aqui, com essas palavras que logo foram cumpridas. *Se quebraram.* Talvez saíram direto dos estaleiros, apanhando uma tempestade súbita no meio do golfo rochoso. O melhor plano resultará em fracassos e decepções, quando realizado em conformidade com aqueles que não pertencem a Deus. Os crentes fariam bem em não se comprometerem com as forças do mundo, por mais vantajoso que pareça (2 Co 6.14-7.1).

21.1 *Descansou.* O galardão rei fiel, que serviu ao Senhor durante sua vida. Era um dos melhores reis de Judá. *Jeorão.* Reinou de 848 a 841 a.C.

21.2 *De Israel.* Aqui o herdeiro do trono de Davi recebe o título de rei das doze tribos, revelando o ponto de vista do historiador sagrado que, nestes livros, concentra Sua atenção nos reis que se levantaram em Jerusalém.

21.3 Apesar de ter recebido tanto, amor, Jeorão soube somente odiar, tornando-se um terror para sua própria família, (v. 4) ao ter as rédeas do poder nas suas mãos, assassinando os que seriam melhores reis do que ele (13).

21.6 O perigo do casamento misto: Jeorão desprezara exemplo de seu pai, aceitando os costumes pagãos de Atalia, sua esposa, tornando-se um rei iníquo e idólatra.

21.7 *Lâmpada.* Sinal de que o lar não estava de todo abandonado (cf. 1 Rs 11.36n), Davi era considerado a lâmpada de Israel (2 Sm 21.17) e seus herdeiros teriam o mesmo título, sendo alvos da especial proteção divina (2 Sm 7.12-17).

21.8-10 A punição imediata que o rei sofreu era para que ele visse seu reino começando a se enfraquecer e perder o domínio sobre as pequenas nações vizinhas, tais como Edom e Libna.

21.11 *Idolatria.* Religião falsa e comportamento errado sempre se associam, provocando-se mutuamente a maiores desmandos.

21.12 Elias já havia subido aos céus antes da entrega da sua carta (cf. 2 Rs 5.11), que soaria como uma voz de condenação vinda do além. Elias talvez profetizara os crimes de Jeorão, com os castigos que lhe sobreviriam, à sua família e à sua nação. Elias, também, foi formidável oponente de Jezabel, mãe de Atalia, e sogra de Jeorão.

21.16 Tendo o Senhor como seu inimigo, Jeorão começou a perder tudo.

21.17 *Senão Jeoacaz.* Esse nome vem a ser uma variante de Acazias (22.1), portanto,

não há nisso nenhuma contradição. O primeiro é Acáz com *lá* (Jeová) como prefixo e o segundo com *lá* como sufixo. Ambos os nomes significam "Jeová tem segurado".

21.19 A morte sobreveio de maneira rápida e trágica dando fim à vida de um traidor do povo de Deus. A morte dos ímpios nunca é atraente, mas "preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos" (Sl 116.15).

21.20 *Saudades*. Ninguém sentia falta de um rei ímpio; foi desprezado ao ponto de não merecer um enterro com todas as pompas reais.

22.1 *Acazias*. Veja 21.17n. Reinou em 841 a.C. Este único sobrevivente foi preservado pela providência de Deus, para que não houvesse interrupção na dinastia de Davi.

22.2 *Vinte e dois*. No original heb vemos "quarenta e dois", o que se constituiria em algum erro de copista, comp. 2 Rs 8.26.

22.3 A influência de uma mãe pagã arruinara quaisquer boas intenções que Acazias pudesse alimentar, sendo persuadido por ela a escolher o caminho errado, o que o arrastara à iniquidade e à perdição eterna.

22.5 A experiência do seu avô, na questão de alianças bélicas contra a cidade de Ramote-Gileade (18.28-34), poderia ter-lhe servido de lição, mas preferiu entrar cegamente numa batalha que lhe custou a vida.

22.6 *Jezreel*. Uma cidade que ficava na planície de Esdrelom.

22.7 *Foi da vontade de Deus*. O desenrolar dos acontecimentos demonstra que Deus estava tolerando, cada vez menos, os reis ímpios.

22.8 *Jeú*. Pode significar "O Senhor é Ele". É a única pessoa na história bíblica que num só dia matou o rei de Israel e o de Judá.

22.9 A memória da fidelidade do bom rei Josafá não se apagará.

22.10 *Atalia*. Quer dizer "Forte é o Senhor". Se tivesse desejado servir ao Senhor, este a teria logo estabelecido, mas, sendo ímpia; e tendo atentado contra a descendência de Davi, para depois estabelecer a idolatria, Deus, então, foi-lhe adverso e castigou-a.

22.11 *Jeosabeate*. Quer dizer "O Senhor jurou"; por meio dela, Deus sustentou seu juramento de preservar o trono de Davi (2 Sm 7.16).

22.12 *Joás*. Quer dizer "O Senhor deu". Durante aqueles seis anos da usurpação de Atalia (841-835 a.C.), Joás estava recebendo o melhor treinamento, na casa do Senhor, para ser, no trono, um rei ideal.

23.1 *Joiada*. Quer dizer "O Senhor sabe"; foi chamado por Deus para promover uma revolução e depor a rainha pagã. Mereceu a confiança de vários líderes militares piedosos, formando com Joás, um grupo de sete restauradores do culto nacional, cujos nomes são interessantes: *Azarias*, "Ajudado do Senhor"; *Ismael*, "Deus ouve"; *Azarias* (outro), *Maaséias*, "Obra do Senhor"; e *Elisafate*, "Deus da defesa" ou "Deus é juiz".

23.2 Tudo foi feito com sigilo; a rainha nada percebeu.

23.3 *Congregação*. O povo em geral queria cumprir a Palavra de Deus, tanto na fidelidade à linhagem davídica, como na abolição da idolatria. É provável que Judá quisesse, a esta altura, voltar aos tempos de integridade religiosa e política promovidas por Josafá.

23.6 *Sacerdotes... são santos*. Qualidade de ser separado para o serviço do Senhor, privilégio que pertencia, em primeiro lugar, aos sacerdotes; mas o povo também sentia a responsabilidade de seguir o exemplo santo dos sacerdotes, em guardar a lei divina como um verdadeiro povo de Deus (cf. 1 Pe 1.13-21; 2.9-10).

23.7 *Levitas*. É de se estranhar os servos do templo levarem armas, mas, na hora de perigo, só eles podiam merecer confiança.

23.8 *Não despediu os turnos*. Precisou de força dobrada, na hora crítica.

23.9 Mais uma vez, a espada do Senhor e de Davi defenderiam o trono.

23.11 A coroa real representava a responsabilidade cívica perante a nação em geral, e o *livro do Testemunho* (a Lei de Moisés), representava a responsabilidade religiosa do rei, para se dedicar a Deus e a Sua Palavra, defendendo-a e fazendo-a cumprir-se na vida nacional.

23.13 *Traição!* Seus gritos desesperados quase não se podiam ouvir por causa dos cânticos de triunfo do povo: "Viva o rei!".

23.14,15 Parece que a rainha tivera liberdade de ação, por alguns instantes, para se conhecer quem eram seus aliados, identificando-se assim qualquer súdito que, então, seria eliminado do reino. Parece que ninguém se dispôs a segui-la. • **N. Hom.** Joiada serve como modelo do homem de Deus, que sabe transformar suas convicções em realidades, com as seguintes características: 1) Era um homem de paciência (22.12); 2) Era um homem de preparo (23.1-8); 3) Era um homem resoluto (23.14); 4) Era um homem de dedicação, com uma vida santificada (23.6, 16).

23.17 *Todo o povo se dirigiu.* Era importante que o povo também se integrasse na reforma iniciada pelos líderes religiosos. A cooperação dos leigos é igualmente necessária na igreja (2 Tm 2.2, Rm 15.14; Cl 1.28, 29). *Mataram.* A lei prescrevia a morte a todos os que promovessem a religião falsa e a apostasia (Dt 13.5-10).

23.18,19 Os sacerdotes foram escolhidos para sacrificar ao Senhor; os cantores foram nomeados para entoar louvores ao Senhor e os porteiros foram escolhidos para zelar pela pureza e santidade do templo.

23.20 O alicerce seguro do poder de uma nação acha-se na vida piedosa dos líderes da mesma. A verdadeira coroação foi efetuada no templo, significando que, a suprema Autoridade do Estado teocrático é Deus, antes de o rei assumir seus deveres cívicos no Palácio.

23.21 Depois das ruidosas celebrações, a cidade se aquietara e a paz reinou, pois a religião de Davi imperava sobre a nação, e o verdadeiro Deus de Davi era adorado no templo, enquanto um filho de Davi se assentava no trono.

24.1 *Tinha Joás sete anos.* Foi o monarca mais jovem a subir ao trono de Jerusalém; Josias, 640-609 a.C., começou a reinar com oito anos (34.1). O reinado de Joás durou de 835 até 796 a.C.

24.2 Percebe-se a mão de Joiada (veja descrição na **N. Hom.** do cap. 23), guiando o jovem rei com a mesma eficiência que demonstrou na deposição da rainha Atalia. O reinado de Joás foi abençoado pelo conselho de homens sábios e piedosos até a morte de Joiada, quando o rei começou a seguir os conselhos de homens indignos, o que resultou naquilo que se descreve nos vv. 17-27.

24.4,5 Agora o próprio rei toma a iniciativa na restauração religiosa.

24.7 O cúmulo da iniquidade é usar para a prática da idolatria aquilo que se destinava ao louvor e à dedicação a Deus; igualmente chocante é o fato de os ministros, cuja vida fora destinada para o serviço de Deus, começar a procurar glória mundana, correndo atrás de riquezas e conforto, competindo em tudo com aqueles cujo deus é o próprio eu.

24.10 Todos gostaram daquela maneira discreta e espontânea de apresentar suas ofertas, e contribuíram generosamente como para o Senhor.

24.11 *Abundância.* O fato de a comissão nomeada pelo rei ter apurado mais do que o suficiente é prova de que Deus abençoou aquele método. Da mesma forma, os obreiros contratados trabalharam com rapidez e eficiência. A restauração não era fácil, mas Deus concedeu forças e sabedoria, para que tudo pudesse ser feito para Sua própria honra e glória.

24.15,16 Deus abençoou-o com longevidade e uma morte honrosa; em razão de ter ele sido o maior e melhor embaixador de Deus para a nação de Judá.

24.17,18 A retidão de Joás fora-lhe transmitida por quem era mais forte do que ele. Joás brilhara com a luz que refletia de Joiada, e caiu tão logo perdera aquela influência. Se *prostraram.* Essa homenagem, dramatizada, não era para honrar o rei, mas sim, para obter dele um favor que o aviltaria para sempre (18 e 25).

24.19 Este versículo é um resumo do movimento profético durante toda a história dos hebreus (cf. Mc 12.1-12 e paralelos). V. 18 mostra a ira de Deus contra a apostasia, mas v. 19 revela o Seu amor a enviar Seus mensageiros, os profetas, para fazer o povo

abandonar seus maus caminhos, retornando a Deus.

24.20-22 O Espírito concede a coragem necessária para falar em nome de Deus àqueles que Lhe entregam vidas santificadas; Zacarias, o filho de Joiada, era um daqueles profetas; testificou fielmente sobre a decadência do reino, mas o rei não lhe deu ouvidos, trucidando ingratamente o filho de quem o colocara no trono. O assassinio de um Zacarias é mencionado pelo Senhor em Mt 23.35 e Lc 11.51, em último lugar, indicando que Crônicas era o livro final de cânon, como de fato o é, na Bíblia hebraica. "Filho de Baraquias" (Mt 23.35) seria, então, apenas um título ou apelido, um erro de copista, ou pode ser ainda, que Zacarias fosse neto de Joiada.

24.24 Assim se cumpriu a última profecia de Zacarias, proferida na hora da sua morte. Quando o povo de Deus não está ao lado do Senhor, fácil é derrotá-lo. Do contrário, um pequeno grupo de pessoas, com Deus, pode derrotar milhares (Jz 7.7). Deus, às vezes, lança mão de exércitos de estranhos para castigar a Seu povo em apostasia.

24.25 O fim trágico de Joás. Por causa dos seus pecados contra Deus e contra o filho de Joiada, perdeu a confiança de seus próprios servos, que, ao invés de curá-lo deram-lhe o golpe mortal.

24.26 A fase final da vida de Joás foi tão maldosa que ofuscou o bom e reto começo de seu reino, quando sob a influência de Joiada. No transcurso da vida, o final é tão importante quanto um bom princípio (Hb 12.1, 2). Por isto, Joás não foi honrado na hora de sua morte, para ter sua memória perpetuada ao lado dos demais reis de Judá. *Zabade* e *Jeozabade* eram, talvez, filhos ilegítimos do próprio rei, gerados por duas escravas estrangeiras. Agora seu pecado se voltava contra ele, punindo-o desta maneira inesperada (cf. Gl 6.7).

25.1 Amazias, i.e., "Força do Senhor"; reinou de 796 a 767 a.C.

25.2 *Não, porém, com inteireza de coração.* Permitiu que os cultos no templo continuassem funcionando, e não adorou a outro deus senão ao Verdadeiro, mas carecia de zelo e dedicação pessoal; era morno (cf. Ap 3.15, 16).

25.3,4 Assim aplicara a lei de Moisés; que condena à morte o homicida.

25.5,6 Amazias desejou ser um grande general, por isso aumentou seu exército com mercenários do reino do Norte (Israel). Isto também fora uma importação de influências idólatras. *Os cem talentos de prata* pesariam umas três toneladas.

25.7 Nessa época, Israel não estava em comunhão com Deus; portanto, o Senhor não queria se aliar com a apostasia do Norte. Em qualquer época e em qualquer ocasião, Deus tem homens para proclamar sua mensagem fielmente e sem temor. Aqui, o profeta anônimo encorajou o rei a viver à altura do seu próprio nome ("Força do Senhor").

25.9 É melhor sofrer a perda do dinheiro aplicado contra a vontade de Deus, do que teimar em continuar na desobediência e sofrer maiores perdas. Obedecer a Deus, por mais custoso que seja, traz lucro.

25.10 *A ira.* Cumprir a vontade de Deus pode ofender aos filhos do mundo. Neste caso, os soldados estavam esperando saquear grandes despojos, na invasão dos edomitas; perdendo aquela oportunidade, revelaram o caráter típico de mercenários de quem só serve em troca de vantagens pessoais: despojaram seus próprios irmãos e aliados (13).

25.11 *Animou-se.* Depois de ter obedecido à mensagem de Deus, trazida pelo profeta, o rei viu-se em melhores condições para prosseguir seu empreendimento, e foi abençoado com uma grande vitória. *Filhos de Seir.* Os habitantes da região de Seir, os edomitas, que desde a época de Davi até ao Cativo, eram fracos vizinhos dos israelitas.

25.14 *Os deuses dos filhos de Seir.* Os edomitas adoravam o Sol de várias formas e com vários ritos.

25.16 Rejeitar a mensagem do profeta de Deus era o ponto preponderante do reinado de Amazias, cujo declínio não se fez por esperar; quem começa morno na religião (v. 2n), facilmente se torna rebelde contra Deus; a falta de dedicação é grande passo para a apostasia.

25.17 Embriagado pelo entusiasmo por seu parco poder e por algum sucesso militar, Amazias entregara-se a uma batalha desastrosa contra Israel.

25.18 Esta é uma das poucas parábolas que há no Antigo Testamento; significa que os presunçosos são derrotados justamente na hora de sua jactância em querer ser algo importante.

25.19 Jeoás sabia que a luta provocaria muitas perdas.

25.20 *Isto vinha de Deus.* Muitas vezes a intervenção divina em punir o pecador ou em abençoar aos fiéis manifesta-se aparentando fatos normais da vida humana, mas que, na realidade, emanaram da vontade de Deus.

25.22,23 Esta derrota foi humilhante, sofrida no própria centro de Judá, tendo sido a fortaleza de Jerusalém arrombada para não mais servir de centro de excursões bélicas foi permitida por Deus, para revelar Sua ira contra a idolatria de Amazias.

25.24 levou tudo o que conseguiu achar, e até mesmo, certamente, os utensílios preciosos, fabricados por ordem do rei Joás, pai de Amazias (24.14). Outras coisas foram ocultadas e apanhadas depois pelos assírios (28.21) e pelos invasores babilônios, dois séculos mais tarde (2 Rs 25.13-17).

25.27 *Deixou de seguir ao Senhor.* Muitas pessoas piedosas dentre os príncipes e o povo reconheceram quão vazia era a religião e a política do rei, e já não mais podiam tolerar sua apostasia; levantaram-se numa revolução política e religiosa. *Laquis.* Cidade antiga de importância estratégica na história. Foi escavada pelos arqueólogos que descobriram ali valiosas informações sobre a vida daquela época (32.9; vd NDB).

25.28 Como Joás (24.26), não recebeu um lugar entre os sepulcros reais.

26.1 *Uzias.* Significa "O Senhor é minha força". Subiu ao trono quando ainda era moço e reinou entre 791 e 740 a.C. Essas datas referem-se inclusive ao período da co-regência, juntamente com seu pai.

26.2 *Elate.* Era a cidade gêmea de Eziom-Geber e fora escolhida para dar prosseguimento aos projetos marítimos de Salomão e de Josafá (20.36n).

26.3 *Jecolias,* Significa "Fortalecida pelo Senhor".

26.5 O rei fez uma decisão de seguir a Deus bem cedo, na sua vida. *Zacarias* pode ser a "homem de Deus" de 25.7 e o "profeta" de 25.16, mas não se deve confundir com Zacarias, filho de Joiada (24.20n).

26.7 *Deus o ajudou.* Contrasta-se a situação de Joás (24.23) e de Amazias (25.22, 23). Deus concedeu-lhe vitória contra três inimigos, assim como quer conceder ao crente a vitória contra o mundo, a carne e o diabo.

26.8 Pela primeira vez desde o reinado de Salomão, o poder nacional se estendera até às limites da Terra Prometida.

26.10 Além de fortificar a cidade, não se esqueceu do *campo*, do interior. Desenvolveu a agricultura e a pecuária.

26.11-14 Uzias obteve vitórias sobre as nações ao derredor, por meio de um exército enorme com o melhor equipamento bélico e com o melhor treinamento.

26.15 *Máquinas.* É a primeira vez na história que se registram aparelhos de atirar grandes pedras; seriam "armas secretas" do rei, revelando sua genialidade militar. *Sua fama até muito longe.* Uma inscrição do rei Tiglate-Pileser da Assíria (747-727 a.C.), que atacou o reino do Norte, Israel, provavelmente, menciona o nome deste rei quatro vezes: "Azarias (Uzias), o judeu".

26.16 Quando o coração do homem se ensoberbece ao ponto de atender ao seu próprio orgulho, a transgressão já está em seu caminho. O sucesso tem arruinado muitas vidas úteis. Acumular os atributos dos sacerdotes com os do rei era proibido aos hebreus.

26.17 *Homens do maior firmeza.* Sua firmeza e sua coragem provinham do hábito de respeitar, mais a Deus do que aos homens (cf. At 5.29).

26.18 *Resistiram.* Heb "levantaram-se contra". O rei não podia reger fora do alcance da sua autoridade.

26.20 *O lançaram fora.* A Lei considerava todos os leprosos cerimonialmente imundos, inclusive o próprio rei.

26.21 Uzias não se havia separado inteiramente do pecado e para o Senhor, e por isso Deus o separou dos seus amigos, da sua família, do seu trono e do templo de Deus em Jerusalém.

26.23 *Sepulcro.* Uma pedra calcária do século I d.C., no museu do Monte das Oliveiras, tem a seguinte inscrição em aramaico: "Para cá foram trazidos os ossos de Uzias, rei de Judá - não abram". Só Manassés teve um reinado mais extenso do que o dele (696-642 a.C.). A contagem bíblica de 55 anos para o reinado de Manassés (33.1) inclui o período de co-regência com Ezequias, de 696 a 687 a.C.

27.1 *Jotão* (740-732 a.C.). Co-regente desde 750 a.C. Seu nome significa "O Senhor é perfeito". *Jerusa.* "Possuída, herdada". • **N. Hom.** A vida de um líder reto: 1) Fez o que era reto perante o Senhor, v. 2; 2) Edificou a Casa do Senhor, v. 3; 3) Fortaleceu a terra do Senhor, v. 4; 4) Dirigiu os seus passos segundo a vontade divina, v. 6. Por isso Deus lhe concedeu: 1) Sabedoria na construção, v. 4; 2) Sucesso na guerra, v. 5; 3) Poder, v. 6, 4) Sepultamento honroso, v. 9.

27.5 *Trigo... cevada.* Demonstram a fertilidade da terra amonita (hoje Jordânia).

27.6 *Dirigia.* Para fazer a vontade de Deus precisamos coordenar os nossos caminhos com os caminhos de Deus, revelados na Sua Palavra (Sl 1.1, 2).

27.9 Apesar de não ter feito grandes reformas religiosas, como os reis Joás, Ezequias e Josias, o reinado de Jotão foi destacado pela retidão. Um sinete com a inscrição "pertence a Jotão" foi descoberto nas escavações de Eziom-Geber.

28.1 *Acaz.* Significa "ele agarrou". Reinou de 732 a 716 a.C. Uma inscrição de Tiglate-Pileser III, da Assíria, diz: "O tributo de Acaz, o judeu, recebi...". Esse rei estava se apegando a outros deuses e a outras forças, não buscando ao verdadeiro Deus.

28.2 *Imagens fundidas.* Essa forma de idolatria era característica dos hebreus, especialmente no reino do norte, mas Judá não se entregara à adoração das imagens, desde a época de Atalia (cf. 24.7).

28.3 *Queimou a seus próprios filhos.* Na história bíblica esta forma de sacrifício humano, o aspecto mais vil da decadência pagã, está ligada à adoração de Moloque, divindade amonita equivalente ao Baal dos fenícios, cujo culto foi introduzido em Israel por Jezabel, esposa de Acabe e filha do rei e sumo-sacerdote dos sidônios.

28.4 São os lugares onde se adoravam às divindades da natureza, aos baalins, cujo culto se propagava entre os cananeus em geral.

28.5 Deus lançou mão do rei da Síria para punir a idolatria do povo, pecado que custara à nação a morte de 120.000 guerreiros (6). O salário do pecado sempre é a morte (Rm 6.23).

28.7 *Zicri.* Não se sabe como este homem conseguiu se aproxima daqueles dois líderes, senão por ataque inesperado.

28.8 O exército de Israel ganhou a vitória, não pela superioridade das armas, mas como consequência do julgamento divino. Se o povo Judá tivesse confiado nas promessas vindas de Deus pelo profeta Isaías, nada te acontecido, mas Acaz as recusou, Is 7.1-16.

28.9 *Odede.* Heb "Estabelecido". Era um profeta verdadeiro e corajoso que o Senhor levantou do meio daquela nação iníqua e idólatra, numa hora em que estava chegando ao seu fim (foi destruída em 722 a.C.).

28.10-11 Deus irou-se porque Israel foi além da comissão que esta recebera, de punir a Judá, praticando a crueldade e escravizando seus irmãos.

28.13 Ainda sobraram bons elementos em Israel, que se arrependeram.

• **N. Hom.** **28.15** Este ato de amor para com os inimigos é singular, no Antigo Testamento. É um exemplo daquilo que Cristo ordena em Mt 5.44, e que ensina mediante a parábola do bom samaritano em Lc 10.25-37. É raro uma vitória bélica resultar em virtude, ou uma conquista resultar em consideração. A história da guerra raras vezes registra tratamento

tão humano como esse, para com 200.000 cativos.

28.16 No seu desespero, Acáz apelou para os reis pagãos, em vez de recorrer a Deus pela fé e pela oração (cf. vv. 1 e 8). *Os reis da Assíria*. Este plural refere-se ao sistema assírio de vice-regentes.

28.17 *Edomitas*. Desfez-se assim a obra de Amazias (25.11, 14).

28.18 *Habitavam*. Estabeleceram bases militares para acossar a Judá.

28.19 O castigo de Acáz continua, mas este não se corrigiu, antes, entregou-se mais ainda à idolatria.

28.20 O socorro que vem dos poderes do mundo causa mais aflições.

28.21 As pessoas do mundo agem sempre assim: exigem tudo quanto se lhes pode dar, retribuindo com angústias e dificuldades ao doador.

28.23 Acáz chegou ao cúmulo de dar maior valor aos ídolos dos inimigos do seu povo do que ao próprio grande profeta nacional, Isaías, no decurso daquela crise (vd Is 7).

28.24 Por esse ato, o rei suspendeu o culto público que a nação prestava ao único Deus verdadeiro, privando sua nação da fonte de bênçãos.

28.25 O zelo do rei em promover religiões falsas é comparável ao zelo que Satanás inspira na promoção de heresias, infidelidades e práticas antibíblicas. O verdadeiro crente deve buscar em Cristo, um zelo ainda maior, para proclamar a verdade sobre o Senhor Jesus, a única vereda da salvação.

29.1 *Ezequias*. Significa "O Senhor é minha força". Reinou entre 716 e 687 a.C. Judá teve somente seis reis bons entre os 19 que sentaram no trono, dos quais Ezequias era um, juntamente com Asa, Josafá, Joás; Jotão e Josias. *Abia*. Significa "O Senhor é meu pai". Mais uma mãe que criou um filho piedoso (cf. 24.2; 27.1).

29.2 *Retó*. Um alívio para a nação, depois do reinado corrupto de Acáz.

29.3 O primeiro ato do seu reinado foi restabelecer o culto divino interrompido por seu pai (28.24). Buscou, em primeiro lugar, servir a Deus, pelo que foi abençoado em tudo, no seu reinado (cf. Mt 6.33). Reconheceu o valor da casa do Senhor na vida do povo, e resolveu restaurar a plenitude da pureza e da glória do culto público a Deus, conforme as prescrições da Lei de Moisés.

29.5-11 O sermão do rei para os ministros. O reavivamento religioso deve partir dos ministros para o povo; os ministros, ao invés de deplorar o baixo nível espiritual do povo, devem ser uma inspiração e um exemplo de dedicação.

29.6 A confissão de pecados é parte integrante do reavivamento (cf. Tg 5.16).

29.8 *Assobios*. Aqui, é uma maneira de exprimir horror.

• **N. Hom. 29.11** Os deveres dos servos de Deus: 1) Estar diante de Deus, ficando em Sua presença pela oração e pela leitura da Sua Palavra; 2) Servir a Deus, dando bom testemunho a outros que precisam de ouvir para serem salvos e edificados; 3) Ser ministros de Deus, cuidado das necessidades espirituais do rebanho; 4) Fazer a obra da oração simboliza da no v. 11 pelo incenso, (Ap 8.3, 4). Os que foram escolhidos por Deus não devem ser negligentes.

29.12 *Então se levantaram os levitas*. Havia zelo em cumprir uma ordem que poria em prática a Palavra de Deus. As famílias e os turnos dos levitas, e suas práticas, descrevem-se em Nm 3.14-37.

29.15 *Congregaram*. A obra do Senhor, inclusive o culto divino, exige um espírito de colaboração e mútuo amor. *Santificaram-se*. Sabiam perfeitamente que o Senhor só abençoa e aceita, no Seu serviço, as pessoas que têm vidas puras e dedicadas. *Pelas palavras do Senhor*. O heb pode, ser traduzido como "no assunto do Senhor".

29.16 *Imundícia*. Os ídolos pagãos, que normalmente eram queimados, nessa ocasião foram quebrados e lançados no ribeiro Cedrom, entre Jerusalém e o monte das Oliveiras.

29.17 Parece que durou uma semana a limpeza do átrio, antes de começar-se a do templo. Acáz deixou grande acúmulo de imundícia.

29.18 *Toda... todos... todos*. Era uma limpeza completa, nada se deixando em desordem.

De igual modo, o crente em Cristo, sendo o templo do Espírito Santo, não deve tolerar nada na sua vida que venha a profanar esse templo (1 Co 3.16, 17).

29.19 Eis que estão diante do altar. Tudo estava no seu devido lugar, disposto na presença de Deus. É característico do crente pôr as coisas de Deus em primeiro lugar, resultando daí uma vida íntegra e organizada.

29.20 *Madrugada*. No decurso de toda a história bíblica e nas vidas dos seus grandes homens, pelos séculos afora, tem sido comprovado que a melhor hora para um encontro com Deus é de manhã cedo. • **N. Hom.** A ordem de aproximar-se de Deus: 1) Expição com a oferta pelo pecado (21), que simboliza a obra de Cristo em remover o empecilho do pecado humano pelo sacrifício de Si mesmo; 2) Dedicção, representada pelo holocausto (27), que significa oferecer-se inteiramente a Deus (Rm 12.1-2); 3) Comunhão com Deus, representada pela oferta pacífica (31) e concedida por Cristo.

29.22 *Aspergiram o sangue*. O sangue é mencionado três vezes nesse versículo. Seu significado sacrificial é descrito em Hb 9.12-22.

29.23 *Puseram as mãos sobre eles*. Isto simboliza transferir os pecados ao sacrifício, em prenúncio à fé em Cristo, pelo qual se aceita Sua obra sacrificial de isentar-nos de nossas transgressões e salvando-nos da punição.

29.25 Subentende-se que, já naquela época, as palavras dos profetas eram reconhecidas como inspiradas e munidas de autoridade, juntamente com os cinco livros de Moisés e os salmos de Davi e de Asafe (30).

29.29 *Prostraram-se* (posição do corpo), *adoraram* (condição do coração).

29.30 A purificação da alma com a restauração à presença de Deus é grande motivo para cantar, usando no culto as palavras dos salmos.

29.31 *Ações de graças*. Sincera gratidão por todos os benefícios oriundos de Deus.

29.32 *Holocausto*. O verdadeiro sacrifício, único e perfeito, foi oferecido por Jesus Cristo, cujo desejo é que nossas vidas sejam oferecidas a Ele, em consagração para o Seu serviço.

29.36 Nem Ezequias nem o povo procuraram honra para si mesmos pois de bom grado deram a Deus todo o louvor e toda a glória, reconhecendo que só a intervenção divina podia ter produzido um reavivamento tão grande num período tão breve.

30.1 Um convite oficial (por carta) e pessoal (pelos mensageiros do rei) é dirigido aos remanescentes de Israel, que já não existia como nação. Era mais fácil persuadir os israelitas de baixo nível, sob o jugo pagão, do que Israel atender a um apelo quando era uma nação apóstata.

30.2-4 Essa mudança da data para atender à situação do povo, adiando a celebração do primeiro para o segundo mês, mostra que datas e épocas não constituem o fator mais importante no culto ao Senhor e no Seu serviço; em primeiro lugar vem o verdadeiro significado espiritual.

30.5 Este avivamento produziu grande zelo pelas missões Nacionais. *Dã* é o antigo limite setentrional do conjunto de todo o Israel e Judá.

• **N. Hom.** **30.6-9** A epístola de Ezequias: 1) Uma chamada ao arrependimento, "voltai-vos ao Senhor" (6, cf. Mq 3.7); 2) Um aviso contra a influência pecaminosa dos pais e dos irmãos (7); 3) Um convite para confiar no Senhor e passar a servi-LO (8); 4) Uma promessa para aqueles que se converterem "acharão misericórdia" (9). Conclusão: todas as promessas de bênção dependem da conversão, 9b.

30.10 *Zombaram deles*. Muitas vezes a boa semente cai em terra ruim, dura, espinhosa ou rochosa, conforme Jesus ensinou em Mt 13.1-23.

30.11 *Todavia*, uma parte da semente acha terra boa para germinar, crescer, frutificar. Estes versículos mostram que o mundo de então era semelhante ao da nossa época, na qual muitos rejeitam o evangelho, mas alguns recebem a mensagem e progridem até serem crentes frutíferos.

30.12 *A mão de Deus*. A operação eficaz de Deus produziu esse acordo sincero, para o

viver à altura da Sua própria vontade.

30.14 Como na reforma de Joás (23.17), o povo, com espírito voluntário, tornou a iniciativa na luta contra a idolatria.

30.15 *Se envergonharam.* Os sacerdotes que não se haviam santificado na época própria (v. 3), agora percebem que sua frouxidão fora um tropeço.

30.16 Como sempre, dava-se grande importância ao sangue do cordeiro. Segundo o *Mishná*, cada ofertante matava seu cordeiro, recolhendo o sangue numa tigela que passava de sacerdote em sacerdote, até chegar ao altar. De igual modo, é dever do crente passar para outros a boa nova da salvação pelo sangue de Cristo, 2 Tm 2.2.

30.17 Todos quiseram dedicar-se ao Senhor naquele grande dia de decisão, mais havia muitos que não estavam ainda cerimonialmente puros. O rei, vendo que a Lei nada preceituava sobre essa situação (Nm 9.9-11), apelou para a generosidade e a misericórdia, v. 19.

30.19 Enfatiza-se, em primeiro lugar, o espírito da Lei e não a sua letra; foi assim que o maior Rei, Jesus Cristo, o cumprimento de toda a Palavra de Deus, a interpretara (Mt 23.23; Lc 14.1-6). As circunstâncias impediriam muitas pessoas de boa vontade de sacrificar; o rei as entrega à misericórdia de Deus.

30.20 Uma alma enferma é pior do que o corpo enfermo. A alma doente obtém a cura somente quando em obediência à Palavra do grande Médico (cf. Jo 9.6, 7).

30.25 *Estrangeiros.* O verdadeiro reavivamento, não se limita a missões nacionais (5); promove também missões internacionais (cf. Mt 28.19).

30.26 *Grande alegria* sempre acompanha os que estão em paz com Deus; note o "grande júbilo", (21; cf. Lc 24.52, 53).

30.27 É uma grande bênção ter a certeza de que Deus ouve as orações e que a elas responde segundo a Sua vontade (Jo 15.7; 1 Jo 5.14).

31.1 Todos se atiraram com ardor ao serviço de Deus, e pela influência das suas convicções reavivadas, levaram a reforma a todo o antigo território nacional. *Efraim* e *Manassés*. As porções maiores de Israel, contendo a capital do norte, Samaria; aqui representam a nação inteira, sendo que Dã já fora mencionado (30.5n).

31.3 Assim, a rei deu um exemplo ao povo. Veja também 30.24.

31.4 *Ordenou.* Somente se pode exigir que outrem se esforce e se dedique, quando a exigência procede de alguém que já fez a sua parte.

31.5 *Primícias.* O povo não trazia o que sobrava depois de farto; trazia os primeiros e mais preciosos frutos para o serviço do templo. A festa das primícias descreve-se em Lv 23.9-14. *Abundância.* Quando o povo começou a observar a lei dos dízimos (Lv 27.30-33), Deus derramou sobre ele as Suas bênçãos, segundo Sua Promessa (MI 3.10).

31.6 Os vários tipos de trabalhadores tiveram a mesma oportunidade de contribuir com a décima Parte do fruto dos seus labores.

31.8 *E ao seu povo.* Devemos dar graças a Deus em tudo, mas sempre deve haver uma palavra de gratidão aos fiéis servos de Deus, que estão levando a obra para a frente, em dedicada obediência ao seu Senhor.

31.10 Não havia falta para o ministério do templo nem para a obra missionária. Há sobras abundantes quando o povo de Deus dá o dízimo de tudo quanto recebeu de Deus, o Qual nos concede graciosamente todas as coisas. • **N. Hom.** O progresso de um reavivamento nacional: 1) Revogam-se as leis contrárias à liberdade do culto (29.3); 2) Confessa-se o pecado nacional (29.6); 3) Prepara-se ministros fiéis; 4) Remove-se a imundícia da idolatria da casa do Senhor (29.16); 5) Promove-se um despertamento espiritual de geral consagração a Deus (29.31); 6) Pratica-se o culto segundo as prescrições da Palavra de Deus (30.2); 7) Convida-se para o culto os de longe os de perto (30.5 e 25); 8) Levanta-se o povo contra a religião falsa ou deturpada (31.1); 9) Arrecadam-se ofertas, para a obra de Deus (31.6), que são aplicadas com sabedoria (31.11-14).

31.11 Os aposentados já existiam, mas precisavam ser arrumados para receber a grande

quantidade de produtos da terra e de dinheiro (1 Rs 6.5, 6, 8, 10).

31.12-18 Esta seção que descreve como os sacerdotes e levitas recolheram e distribuíram as ofertas sagradas, começa com a expressão "fielmente", e termina com a frase "com fidelidade". Absoluta integridade é necessária quando se trata das ofertas a Deus (2 Co 8.19-21).

31.13 Mencionam-se doze nomes; tem sido afirmado que doze é o número bíblico do governo divino, enquanto dez representa o governo humano.

31.14,15 O total dos homens nomeados para distribuírem o montante entre os membros da tribo sacerdotal era sete, considerado por muitos o número da perfeição divina; compare-se à obra semelhante dos sete diáconos, distribuindo ofertas aos pobres (At 6.1-7).

31.16 *Três anos* não constituíam uma idade pequena demais para se começar a aprendizagem (junto aos pais) do serviço no templo. *Ministério*. Os que serviam no templo eram sustentados pelas ofertas normais diárias, do culto regular.

31.17 *Vinte anos*. A responsabilidade sacerdotal exigia uma idade mais avançada do que o simples serviço manual dos levitas.

31.18 A maneira reverente e fiel pela qual tudo foi organizado, deve ser um exemplo de eficiência, nas igrejas de Cristo.

31.19 *Nos campos*. Mais uma vez, a obra foi levada para o interior, como no caso da Páscoa (30.5) e da destruição dos ídolos (31.1).

31.20,21 Ezequias demonstrou as qualidades de um rei verdadeiramente constitucional, ao restaurar e sustentar as antigas instituições de sua nação, enquanto seus esforços para promover a verdadeira religião e melhor vida aos seus súditos eram coroados de êxito. Sua piedade pessoal revela-se no v. 20, e sua piedade pública nota-se no v. 21. Ambas são necessárias para uma vida religiosa próspera e abençoada.

32.1 Os arqueólogos descobriram a descrição da narrativa desta invasão, do ano 701 a.C., que o próprio Senaqueribe fizera, num prisma por ele mesmo idealizado. A descrição é completa, somente que, depois de descrever o cerco de Jerusalém, não dá explicação alguma sobre o fato de ter deixado de capturá-la (2 Rs 19.35n). O silêncio somente seria explicável por algum acidente repentino (21; cf. 2 Rs 19.35).

32.3,4 O aqueduto do tanque de Siloé foi cavado através da rocha sob a colina, numa extensão de 560 m, tendo 2 m de altura e 80 cm de largura. A inscrição da sua embocadura descreve a façanha de engenharia civil.

32.6,7 "O Sermão de Ezequias". Falou ao coração, mostrou grande fé em Deus e inspirou calma e coragem ao povo, que confiou plenamente no socorro do Senhor. Alvos esses, dignos de todo pregador.

32.9 *Laquis*. Nas paredes do palácio de Senaqueribe, em Nínive, descobertas por Layard, se lê: "Senaqueribe, rei do mundo, rei da Assíria, sentou-se no seu trono oficial e fez passar diante de si o espólio de Laquis".

32.10 Senaqueribe tentava desanimar o povo pela propaganda a ele dirigida. Sua estratégia satânica era desvirtuar a confiança do povo no seu rei e no seu Deus.

32.12 Parece que, como pagão, Senaqueribe imaginava erroneamente, que a reforma de Ezequias fosse um atentado contra a religião nacional, pois tanto para ele como para os antigos habitantes de Canaã, quanto mais altares e ídolos, tanto mais segurança na religião haveria. Também deu, com isto, oportunidade de rebelião àqueles que continuavam em oposição à reforma.

32.13-15 A jactância do arrogante Senaqueribe presumia confundir ao Deus onipotente de Israel com os ídolos dos pagãos, num desafio bem logo considerado da maior gravidade (vv. 21 -23).

32.17 A queda de Senaqueribe, a quem se atribuía o título de "rei dos reis", começou quando quis colocar-se acima de Deus, o único Rei Eterno.

32.19 Muitos filósofos e psicólogos pagãos ainda tentam incutir que a crença em Deus é

meramente produto da fraqueza e ignorância humanas, como é o caso de muitas credences e superstições.

32.20 *Oraram*. A oração inspiradora de Ezequias e sua atitude perante a crise estão em 2 Rs 19.14-19 e Is 37.21-35. Não revidou insulto por insulto, mas entregou-se a Deus em oração sincera, aguardando o socorro divino que Deus mandaria à Sua maneira e à hora por Ele determinada.

32.21 Reza outra inscrição, da época: "No dia 20 de Tebete, Senaqueribe foi morto por seus próprios filhos numa revolta; no dia 18 de Sivã, Esar-Hadom, seu filho ascendeu ao trono". A intervenção divina miraculosamente pôs fim à jactância de um mero homem mortal e pecaminoso, que intentou desafiar à autoridade e ao poder de Deus. A teoria de muitos é que o instrumento de castigo que Deus usara, teria sido uma multidão de ratos, que teriam roído as cordas de couro dos arcos e as cintas para espadas e flechas, e trazido, ao mesmo tempo, a peste bubônica (2 Rs 19.35.n).

32.23 Por causa da paz reinante, o povo da terra e o das nações ao redor, trouxeram presentes em gratidão pela salvação de Deus, cujo poder foi demonstrado ao salvar Judá, como testemunho às demais nações.

32.24 A brevidade da narrativa dessa doença é típica do livro das Crônicas, que dá maior espaço aos atos de fidelidade do que aos de fraqueza e de desobediência, em comparação com as narrativas paralelas.

32.25 Numa época de paz parece que o rei se esquecerá do Príncipe da Paz que a havia concedido, arrastando o povo na sua arrogância.

32.27-29 Quando Ezequias aprendera a ser humilde e fiel mordomo das suas riquezas, Deus lhe concedeu maiores riquezas e mais tempo para gozá-las. Uma terrível doença ensinou-o a depender somente de Deus.

32.31 *Prodígio*. O sinal do relógio de Sol descrito em Is 3.7-8 e 2 Rs 20.8-11, semelhante ao milagre narrado em Is 10.12-13. A visita dos babilônios atribui-se ao interesse que os caldeus sempre tiveram pelos fenômenos astronômicos e astrológicos, como também se nota no nascimento de Cristo (Mt 2.1). Os babilônios aproveitaram também a ocasião para sondar a possibilidade de uma futura rebelião contra a Assíria (cf. também Is 39.1-8n).

32.32,33 *As obras de misericórdia*, feitas durante a sua vida, trouxeram para o rei muitas honras na sua morte.

33.1 *Manassés*. Reinou de 587 a 642 a.C., e teve mais dez anos de co-regência. Seu nome significa "esquecendo", e é isto mesmo que fez: esqueceu-se de Deus, tomando-se o mais perverso dos reis de Judá. O seu longo reinado de perversidades envenenara os últimos dias de Judá, cuja má influência ainda imperava quando da queda de Jerusalém (597 a.C.), conforme se vê em Jr 15.4.

33.3 Empenhou-se em desfazer a obra de seu pai, que libertara a Judá e até mesmo a Israel da idolatria. *Exército dos céus*. O Sol, a lua e as estrelas, inclusive as constelações que se mencionam nos horóscopos de hoje, são um remanescente da adoração pagã aos corpos celestes, adoração essa expressamente proibida em Dt 4.19 e 17.3.

33.5 Em vez de adorar ao Senhor dos Exércitos, limitou-se a prestar culto aos exércitos e à criatura (Rm 1.25).

33.6 *Queimou seus filhos*. Era comum no paganismo a tentativa de buscar o favor dos deuses pela oferta dos próprios filhos. *Agoureiro*. O heb *nehesh* dá a idéia de "encetar um ato premeditado", "conjeturar o significado de agouros, presságios e sinais". *Necromantes*. Aqueles que presumiam comunicar-se com os mortos. *Feitiçaria*. Raiz heb *kishsheph* - "cortar", especificamente plantas e raízes para curas e encantamentos. O próprio rei praticava tais abominações e promoveu-as em Judá (v. 9).

33.7 No próprio lugar reservado para o culto ao verdadeiro Deus, Manassés colocara um poste-ídolo, para profaná-lo; só a Reforma de Josias conseguiu removê-lo de lá (2 Rs 23.6).

33.10 Falou o Senhor. A voz de Deus, no caso, era à voz do Seu profeta Isaías. A tradição judaica diz que Manassés mandou serrar Isaías em duas partes, para silenciar a mensagem que o chamava ao arrependimento. • **N. Hom.** Se alguém não quiser ouvir a Palavra divina, Deus tem meios mais severos para despertar-lhe a atenção (11). Quando Manassés, finalmente a ouvira (12), Deus mostrou-lhe que atende ao pior pecador, quando este realmente se arrepende (13), concedendo-lhe a salvação espiritual e a libertação física. A realidade da benevolência de Deus se revela no fato dessa conversão genuína, cuja sinceridade foi comprovada quando Manassés se submeteu à experiência humilhante de destruir os ídolos que ele mesmo estabelecera. A verdadeira conversão se revelará pelos resultados, como Jesus dissera (Lc 6.43-45).

33.17 Contudo. A parte mais difícil de ser corrigida era a péssima conduta que o povo já havia assimilado. Cada ato, atitude ou palavra, é de uma influência contagiante, lançada aos quatro ventos.

33.13 Palavras dos videntes. Afinal de contas, a pregação dos profetas não foi em vão; Isaías colheu, com seu martírio, frutos póstumos.

33.19 Sua oração. Parte vital em sua conversão a Deus, é um sinal claro do seu arrependimento (At 9.11). Menciona-se também nos vv. 13 e 18. *Hozai*. Talvez um plural heb da palavra *hōzeh*, com o significado de "meus videntes", possivelmente os profetas responsáveis pela compilação dos livros dos Reis.

33.21 Amom. Significa "constante". Felizmente, seu reinado foi de curta duração de 642 a 640 a.C., pois assimilou os piores exemplos que seu pai deixara e não aproveitou a lição de Manassés, após a conversão deste (22-23).

31.25 Sabedor das promessas que Deus fizera a Davi (2 Sm 7.8-16), o povo desejou conservar a linhagem daquele rei. Decerto, os que deram o golpe desejariam aproveitar para escolher um rei de entre eles.

34.1 Josias (640-609 a.C.). Seu nome significa "Dado pelo Senhor". Na verdade foi concedido por Deus à nação, numa época de tanta necessidade e de tanta maldade. Este rei, bom e piedoso já na sua juventude, começara a procurar a presença de Deus (v. 3) e isto lhe valeu muito mais do que toda a experiência e sabedoria mundana de um rei mais idoso.

34.2 Reto. É possível que, tendo apenas seis anos quando seu avô morreu, só tenha conhecido um Manassés arrependido e convertido, nunca tendo recebido sua má influência da fase quando foi o pior rei de Judá. Tanto Josias como Ezequias eram filhos de pais ímpios e maus, o que demonstra que Deus pode levantar Seus servos acima do ambiente natal.

N. Hom. 34.3-7 Uma carreira de fidelidade: com 16 anos o rei foi realmente convertido e, com 20 anos, recebeu a vocação para um ministério de guerra contra o mal, com forças para cumpri-lo. Foi ele, pessoalmente, que dirigira a obra da total eliminação da idolatria, em todos os recantos do seu reino, sendo rigoroso nessa eliminação, estendendo a obra saneadora até ao território vizinho, e não voltando para casa antes de certificar-se que nada mais restava a fazer.

34.7 Imagens. A passagem paralela em 2 Rs 23.4-20, dá uma melhor idéia sobre quais os tipos de idolatrias que perduravam em Israel pela influência dos cananeus, dos sidônios, dos siros e dos assírios: havia o culto a Baal, com os altos e os postes-ídolos; havia a adoração aos corpos celestiais; havia a prostituição religiosa e o sacrifício humano. Adoravam-se os deuses estranhos, tais quais Astarote, Camos e Milcom.

34.8 Safã. "Arganaz". *Maaséias.* "Obra do Senhor". *Joá.* "O Senhor é irmão". Depois da purificação geral, começaram as renovações, para as quais o rei nomeou um comitê de três superintendentes.

34.9 Hilquias. "Deus é minha porção". Como verdadeiro sacerdote, só quis o agrado de Deus, não buscando desviar o dinheiro da Obra.

34.10 O alvo era restaurar o relógio, tornando-o, como era nos dias de Salomão,

esperando-se haver idênticas bênçãos (1 Rs 8.11).

• **N. Hom. 34.11,14** Todos os crentes são edificadores do novo templo de Deus, o qual é a Igreja, o corpo de Jesus Cristo, composto de almas preciosas (1 Pe 2.5). Tornam-se necessários superintendentes e uma boa organização na obra de Deus para se assegurar que tudo venha a ser bem sucedido (12, cf. 1 Co 12.7-11). Assim como os músicos levitas deixaram seus instrumentos para ajudar na construção (13), assim também se exige o esforço de todos. Somente depois de ter havido aquela dedicação, organização e cooperação, foi que o grande tesouro de Deus foi descoberto. O livro, decerto, fora escondido na época de Manassés.

34.15 *O Livro do Lei.* Muitos dizem que seria o livro de Deuteronômio, mas também poderia ter sido toda a Lei de Moisés, o Pentateuco. A história da Igreja demonstra os resultados do afastamento da Bíblia. Quando o povo de Deus esquece a Bíblia e não tem a Palavra de Deus em sua língua, ou quando os crentes deixam de ler a Bíblia que possuem, a decadência e as heresias são inevitáveis em sua vida.

34.18 Aqui se reúnem, para a obra de propagar a palavra de Deus, os três líderes de Israel: o profeta (cf. v. 22), o sacerdote e o rei.

34.19 *Rasgou as suas vestes.* Sinal de arrependimento, horror, etc. O rei ficou humilhado e chocado ao perceber que sua vida e a do povo haviam permanecido tão longe do modelo prescrito pela Lei de Deus.

34.21 Com grande desejo de acertar as contas com Deus, mostrou os frutos de seu arrependimento e da sua fé, pela obediência e pelas obras.

34.22 Às vezes, na falta de homens que respondam à chamada de Deus, as mulheres têm de preencher a lacuna, como muitas vezes ocorre na obra missionária, na qual estas preenchem numerosas vagas para as quais nenhum homem se oferecera.

34.24 *Maldições.* Os castigos pela desobediência, e, especialmente, pela idolatria (cf. v. 25), se enumeram em Dt 28.15-68 e Dt 30.17-18.

34.27 A punição mencionada foi adiada por causa do verdadeiro arrependimento, que é uma profunda experiência de transformação.

34.28 *Eu te reunirei a teus pais,* pode ser considerado como uma indicação de que o espírito se separa do corpo na morte, para esperar, juntamente com os demais espíritos justos, o dia da ressurreição do corpo que repousa em paz, na sepultura, até que o espírito ocupe o novo corpo, o ressurto.

34.29 O rei percebeu a necessidade de não guardar a nova mensagem do Senhor só para si e reuniu o povo, para ouvir, também, à Palavra de Deus. Aquele que abriu o coração à mensagem divina, naturalmente o abrirá para a anunciar (At 4.20).

34.30 *Todos as palavras.* Não se declaram exatamente quais das partes da lei foram lidas, mas nota-se que a narrativa da aliança feita entre Deus e o povo concentra-se nos caps. 19 e 24 do livro de Êxodo. Não havia tempo para se ler o Pentateuco num único dia.

34.31 *Mandamentos... testemunhos... estatutos.* Estas palavras refletem a mensagem e o estilo de Moisés. *De todo o coração e de toda a alma.* É só dessa maneira que uma atitude religiosa é aceitável perante Deus.

34.32 *Fizeram.* A prática e a obediência aos preceitos revelados no livro descoberto mostram a atitude da vida regenerada (cf. Tg 1.22-25).

35.1 Josias fez uma celebração da Páscoa, semelhante à efetuada pelo seu bisavô Ezequias (cap. 30), o que reforça a idéia de que o livro da Lei não constituía nenhuma novidade, mas que houvera sido escondido, quando Manassés assumira o reinado, após a morte de Ezequias.

35.3 *Esta carga.* Parece que durante a reconstrução do templo a arca ficara num outro lugar, zelado pelos levitas.

• **N. Hom. 35.3-6** O sermão de Josias, para animar os sacerdotes. *Servi ao Senhor* (3; At 20.19); *preparai-vos* segundo as vossas famílias (4; 1 Pe 3.15); *ministrai* no santuário (v. 5; 2Tm 4.5); *imolai o cordeiro* (6; 1 Pe 1.19).

35.7 Josias encorajou o culto, fazendo presentes para o sacrifício do qual todo o povo participara, como também o fazia Ezequias (31.3). O bom exemplo passou aos príncipes e sacerdotes (8), o que não deixaria de atingir o povo (cf. 31.4-6).

35.10-12 Os levitas e os sacerdotes se desincumbiam dos seus respectivos serviços com o intuito de glorificar ao Senhor, ser agradável ao rei e agir em favor do povo.

35.12 *Bois*. Estes foram oferecidos, não como sacrifícios ou holocaustos (exceto a gordura), mas como ofertas pacíficas, para o povo comer naquela alegre festa. Só o cordeiro fazia parte específica do sacrifício pascal; nos dias seguintes, após à celebração daquela festa solene, era lícito comer-se outros alimentos.

35.13 *Segundo o rito*. Tudo foi feito segundo a Palavra de Deus até aos mínimos pormenores; esses sacerdotes acreditaram na autoridade verbal das escrituras. As instruções seguidas acham-se em Êx 12.1-28; Nm 9.1-5; Dt 16.1-8, além de outras referências espalhadas pelo Pentateuco; é evidente que tinham ao dispor, portanto, todos os cinco livros de Moisés.

35.14 *Até à noite*. O esforço especial era para garantir que ninguém ficasse sem o cordeiro pascal.

35.15 *Os cantores*. O culto prestado a Deus precisava de cânticos de louvor e gratidão (cf. Cl 3.16). *Não necessitaram de se desviarem*. No momento da necessidade tinham acudido na construção do templo (34.13), mas agora, no culto; seus talentos são mais eficientemente empregados nos cânticos de louvor e declarações da Palavra de Deus, através dos salmos. A música no culto deve ter mensagem tão importante quanto a do sermão.

35.16 *Se estabeleceu todo o serviço do Senhor*. A organização dessa primeira Páscoa, desde a apostasia de Manassés, serviu como precedente para o povo e os sacerdotes seguirem pelas anos afora.

35.18 Essa Páscoa superou a de Ezequias, na exatidão da época da sua celebração, no cuidado em se seguir exatamente os pormenores do rito prescrito na lei (v. 13), na presença de todos os habitantes de Judá e Israel e no número de sacrifícios oferecidos.

35.19 Esse reavivamento do rei Josias, no ano 622 a.C., foi a última centelha de luz espiritual antes da queda de Jerusalém. Nota-se que os três reavivamentos nacionais, o de Joás, o de Ezequias e o de Josias, seguiram um padrão semelhante, da dedicação pública à vontade de Deus, da destruição dos ídolos, da restauração do templo e do culto, mediante dinheiro levantado apenas dentre o povo arrependido.

35.20 *Contra Carquemis*. O heb pode ser interpretado "para o lado de Carquemis". As pesquisas recentes revelam que o faraó Neco estava se inclinando para a ajuda dos assírios; os medos e os babilônios estavam atacando este último reduto assírio, depois da queda de Nínive. Os egípcios queriam que a Assíria permanecesse, pelo menos, como um pequeno estado entre a Palestina e a nova força internacional que estava surgindo, o Império da Babilônia. Josias não era amigo dos assírios; desejava-lhes a total destruição (cf. caps. 2 e 3). Na ocasião aqui descrita (609 a.C.), os egípcios tomaram posse de Carquemis, utilizando-a como base militar contra os babilônios; estes só conseguiram expulsar aos egípcios em 605 a.C.

35.21 Josias não quis esperar que Deus vingasse Seu povo das invasões que sofria, segundo Seu método escolhido, utilizando-se de um exército estrangeiro. Josias quis tirar desforra pessoal contra seu inimigo político, em vez de confiar em Deus e procurar entender Sua vontade. Isto foi fatal.

35.24 O pranto de toda a nação é a prova de que o rei ganhara seu amor e respeito, pela sua fidelidade a seu povo e ao seu Deus.

35.25 *Lamentação*. A lamentação específica, não está conservada entre as escrituras mas há alusões em Jr 22.10, 18 e Zc 12.11.

35.26 *Beneficência*. Josias tinha compreendido o espírito do livro redescoberto, além de ter seguido suas prescrições o culto.

36.1 *Jeoacaz*, cujo outro nome, Salum, ("Retribuição"), se menciona em Jr 22.11-12. Não pagou tributo, nem agradou ao faraó, pelo que seu reinado durou apenas alguns meses do ano 609 a.C., antes de ser levado preso.

36.5 *Jeoaquim*. 609-597 a.C. Seu nome significa "O Senhor estabelece", e o antigo nome, Eliaquim, significa "Meu Deus estabelece". A mudança de nome (4) era insignificante, mas serviu para mostrar que o faraó tinha plenos poderes sobre ele. Era presunçoso e perverso de coração, ao contrário de seu pai, Josias. Muitas vezes perseguiu ao profeta Jeremias.

36.6 Os dois impérios da época, Egito e Babilônia, cobiçavam o território estratégico de Judá.

36.9 *Joaquim*. Significa "levantado": reinou em 597 a.C. Os arqueólogos descobriram duas asas de jarro com a marca: "Pertence a Eliaquim, mordomo de Joaquim". Os últimos reis de Judá foram, depois de Josias, cada vez piores, resultando isto, cada vez mais, em sofrimento nas mãos dos inimigos.

36.10 Os utensílios eram troféus de guerra e serviam, também, de pagamento dos impostos que a nação vencedora exigia dos que esta última submetia ao seu poder.

36.11 *Zedequias*. "O Senhor é minha justiça". Reinou entre 597 e 587 a.C.

36.12,13 Os rebeldes não quiseram ouvir a Palavra de Deus, nem atender às mensagens que Deus lhes mandava, conforme as circunstâncias.

36.14 *Aumentavam*. Numa época em que era absolutamente necessário um total arrependimento nacional, os líderes de Judá foram levando o povo por veredas que provocariam, mais ainda, a desgraça total.

36.15 A graça de Deus acompanhou Seu povo até a última hora. *Madrugada*. Pode se referir ao horário predileto da oração dos profetas, ou ao fato que desde a aurora da existência nacional houve profetas fiéis. A resposta que Deus recebeu era uma verdadeira zombaria (16), uma ofensa à santidade e à justiça divinas, que exigia um castigo bem severo.

36.16 *Não houve remédio algum*. Estas palavras tristes mostram que o grande Médico desenganara Sua nação, depois de oferecer-lhe todos os remédios: profetas, pragas, perseguições e reformas.

36.17-21 Neste trecho, que analisa a queda de Judá, as palavras *tudo*, *todos*, aparecem sete vezes, enfatizando a maior calamidade para a nação. As palavras de advertência do profeta Jeremias foram cumpridas na presença dos seus próprios ouvintes, na queda de Jerusalém.

36.17 *Caldeus*. A antiga raça que agora se renovava no segundo Império da Babilônia (612-539 a.C.). Já existia uma poderosa civilização em 2350 a.C.; Ur, cidade de Abraão era uma capital dos caldeus.

36.20 Aqui começa o cativo babilônico, em 587 a.C. Alguns prisioneiros foram levados depois da batalha de Carquemis, em 605 a.C., inclusive Daniel; outros foram levados com Joaquim, em 597 a.C. Parece que outros habitantes da classe mais baixa, ficando sob governadores, não se eximiriam de provocar os babilônios ao ponto de sofrerem mais incursões, em épocas posteriores, conforme se subentende pelos caps. 40 a 43 de Jeremias.

36.21 *Setenta anos*. O povo tinha faltado com o cumprimento da lei do sábado da terra, que proibia a plantação no sétimo ano (Lv 25.2-7). Esses anos seriam contados por todo o período da história de Israel e de Judá, como nação organizada, em plena posse da terra, 490 anos desde o princípio da história, registrada em 1 Sm 1.1. Os setenta anos seriam aplicáveis ao período entre a primeira leva de cativos, até à ardem de restaurar os judeus à sua terra, ou ao período entre à destruição do templo e sua completa reconstrução.

36.22,23 Depois de os judeus terem aprendido a nunca mais se entregarem à idolatria, Deus levantou um instrumento para libertá-los, Ciro, o primeiro imperador persa, que

encerrou a linha real dos medos, e reconheceu que a queda de Babilônia (539 a.C.) era uma vitória concedida pela intervenção de Deus, cujo povo passou a libertar.

O Livro de Esdras

Análise

Este livro contém quase tudo quanto se sabe acerca da história dos judeus entre 538 a.C., quando Ciro, o persa, conquistou a Babilônia, e 457 a.C., quando Esdras chegou a Jerusalém. Note-se a ligação entre 1.1-3 e o fim do segundo livro de Crônicas.

A mão de Deus pode ser vista no fato que o rei Ciro permitiu aos judeus regressarem do exílio na Babilônia e reedificarem o templo arruinado (1.1-11). Não obstante, muitos judeus preferiram o conforto da Babilônia civilizada, em lugar das dificuldades da Judéia empobrecida (2.1-70). Aqueles que regressaram, começaram dando a Deus o primeiro lugar (3.1-13) mas, a despeito disso, permitiram que seus inimigos os impedissem de continuar a edificação do templo e da cidade (4.1-24). Depois de dezesseis anos, veio o reavivamento através da pregação de Ageu e Zacarias, e o templo foi completado por volta de 516 a.C., a despeito de mais alguma oposição (5.1-6.22).

Um hiato de quase sessenta anos se segue, após 457 a.C., quando então aparece Esdras (7.1-10), comissionado pelo rei persa para ensinar e pôr em vigor a lei judaica (7.11-28). Esdras reuniu uma nova geração de exilados para que voltasse com ele, e fez a perigosa viagem sem escolta (8.1-36). Quase imediatamente teve de enfrentar o problema dos casamentos mistos entre judeus e mulheres pagãs, mas, após oração e confissão, foi capaz de arrastar consigo a maioria do povo para fazer um exame, completo sobre esse escândalo, e levou-os a entrar numa nova aliança com o Senhor (9.1-10.44).

O livro demonstra o uso que Deus faz de governantes pagãos para cumprimento de Seus propósitos, e fornece encorajamento e advertência ao povo de Deus. O povo de Deus pode ficar assustado pela oposição, quando Deus prefere que siga avante; podem ficar contentes com os padrões do mundo pagão; ou então podem possuir a fé dos profetas e de Esdras.

Autor

O autor ou compilador é desconhecido, mas é possível que tenha sido o próprio Esdras. Ele fez uso de documentos já existentes quanto aos acontecimentos dos quais não fora testemunha ocular. Duas seções do livro foram escritas em aramaico (4.8-6.18 e 7.12-26). Essa linguagem semítica era comumente empregada por todo o Oriente Próximo naquele tempo.

Esboço

A VOLTA DOS EXILADOS DA BABILÔNIA PARA JERUSALÉM, 1.1-11

REGISTRO DOS QUE REGRESSARAM, 2.1-70

EREÇÃO DO ALTAR E O ALICERCE DO TEMPLO, 3.1-13

INTERRUPÇÃO DA OBRA POR CAUSA DA OPOSIÇÃO, 4.1-24

RENOVAÇÃO DA OBRA E TÉRMINO DO TEMPLO, 5.1-6.22

A MISSÃO DE ESDRAS, 8.1-36

O PROBLEMA DOS CASAMENTOS MISTOS, 9.1-10.44

1.1 *Ciro, rei da Pérsia.* No ano 550 a.C. Ciro subiu ao trono da Pérsia e dominou sobre o império da Média, logo em seguida conquistando o reino da Lídia e anexando todo antigo território dos assírios; porém, só em 539 a.C. é que conquistou a Babilônia, e é desta data em diante que se contam os anos de Ciro como Imperador. A Pérsia é chamada Irã,

atualmente. Aquele antigo império só durou até à vinda de Alexandre Magno, da Macedônia, em 331 a.C. *Senhor*. Nome divino (Jeová), que tinha a conotação de "o Deus revelado", "o Deus fiel à Sua aliança com Israel", cf. Êx 3.15 e sua nota. Esse nome é ressaltado neste momento dramático da restauração de Israel (3). *Por boca de Jeremias*. Jeremias profetizara essa restauração 70 anos antes (Jr 25.12; 29.10).

1.2-4 O decreto de Ciro, restaurando a nação de Israel juntamente com seu culto nacional, faz parte do seu decreto geral em prol de várias nações, como é definido no "Cilindro de Ciro" uma descoberta arqueológica que confirma esta narrativa, antes duvidada.

1.3 Cada decreto recebia uma fraseologia, aceitável ao povo que dele se beneficiava duvida-se que Ciro fosse crente no Senhor. *Quem dentre vós*. Sempre houve uma minoria fiel de leais servos de Deus, desde o princípio do mundo; agora, estes recebiam sua oportunidade.

1.4 *Ajudarão*. A providência de Deus, muitas vezes, tem dirigido pessoas que não eram do Seu povo a ser instrumentos Seus em fases importantes da Sua obra: no Êxodo da escravidão (Êx 11.3), na restauração do Cativo (Ed 1.4), e no início da proclamação do evangelho pela igreja primitiva (At 2.47). • **N. Hom.** O decreto de Ciro, vv. 2-4. 1) Uma confissão notável quanto à existência, grandeza, bondade, autoridade e vontade de Deus, v. 2; 2) Uma permissão satisfatória, v. 3; 3) Um mandamento atencioso, v. 4.

1.7 *Nabucodonosor*. Cf 2 Rs 24.10-13; 2 Cr 36.7; Dn 5.1-4.

1.8 *Sesbazar*. Há uma teoria que seu nome babilônico seria o equivalente de Zorobabel, mas o cap. 5 dá a impressão de que, depois da morte de Sesbazar e de Ciro, a pequena colônia, regida por Zorobabel, tinha de recorrer aos antigos arquivos imperiais para ratificar o acordo que aqui se descreve.

1.9 *Bacias*. Para as ofertas no templo (Nm 7.13, 19, 25).

1.11 O total de 5.400 supõe mais vasos do que os 2.499 enumerados nos vv. 9 e 10. *Levou Sesbazar*. Esta foi a primeira emigração, em 536 a.C. A segunda foi em 458 a.C. lideradas por Esdras (caps. 7 a 10). A terceira foi em 444 a.C., com Neemias (Ne 2.1-5). Outros judeus continuavam a preferir as vantagens materiais da Babilônia. • **N. Hom.** As providências divinas para a Sua obra, vv. 5-11; 1) Tanto leigos como ministros foram chamados, v. 5; 2) Deus providenciou os meios: sustento, transporte, materiais e utensílios (5, 6, 7).

2.1 *Filhos do província*. Judá passou a ser província persa.

2.2-58 Essa lista das pessoas que voltaram do cativeiro parece também em Ne 7.7-63; algumas diferenças ocorrem em alguns nomes, o que se atribui: 1) A nomes diferentes dados na Babilônia e em Judá; 2) À diferente ortografia do aramaico em relação ao hebraico; 3) À confusão de genealogias mencionada em Ed 2.62.

2.21 *Os filhos de Belém*. Em Ne 7.26 estes são definidos como "homens de Belém", e se classificam juntamente com os homens de Netofa, uma vila vizinha que era o lar de alguns dos heróis do rei Davi (2 Sm 23.28-29).

2.22-35 Os seguintes nomes não eram de famílias, mas de vilas de origem: Netofa, Analote, Azmavete, Quiriate-Arim, Quefira, Bearote, Ramá, Geba, Micmás, Betel, Ai, Nebo, Magbis, Harim, Lode, Ono, Hadide, Jericó, Senaá. A maioria destas vilas é conhecida na história bíblica, além de constar nas listas conservadas nas inscrições dos reis do Egito e da Babilônia. As vezes um nome era contado com sua vila de origem, às vezes era contado segundo sua família, e daí algumas divergências entre Esdras e Neemias, nestas listas.

2.41 *Asafe*. O cantor-mor de Davi (1 Cr 1 5.4-7n).

2.43 *Servidores*. Heb *nethînîm*, transliterado, "netineus", que se mencionam apenas em conexão com o retorno de Exílio. A palavra significa "dado, concedido" e, segundo 8.20, tinham sido uma "oferta" de Davi para servir no templo.

2.55 *Filhos dos servos de Salomão*. Equivalentes aos servidores (43).

2.58 Os servidores do templo. O templo já tinha sido destruído em 587 a.C., quando então o resto do povo de Israel foi levado para o cativeiro. Então, o único fator que levou o povo a conservar a memória da sua genealogia e das suas atribuições tradicionais dentro do culto do templo, era a obra do profeta Ezequiel, que predissera essa destruição como obra da punição divina, pela idolatria do povo (Ez 8.5-18; 10.18-22); além destas profecias, havia outras que diziam respeito à restauração da nação condicionada pelo arrependimento, que seria seguido pelo dom de uma vida nova concedido ao povo pelo Espírito de Deus (Ez 37.1-14). Só dentro deste contexto é que a visão de um novo templo ideal poderia surgir (Ez 40-48), uma visão que veio a ser o esteio e a esperança dos cativos.

2.2-61 A lista das pessoas que voltaram é tríplice: Em primeiro lugar, há uma lista das pessoas que ainda conheciam sua família, sua clã, e sua tribo (3-19). Depois, havia pessoas que não eram de descendência registrada, mas que muito bem sabiam os nomes das cidades de onde seus pais tinham sido levados para o cativeiro (20-35). A terceira lista contém as pessoas que conservavam suas funções tradicionais como sacerdotes e levitas, cantores e servidores do templo, segundo suas famílias (36-58). Segundo as tradições dos israelitas, as pessoas mencionadas na terceira lista teriam a primazia, e as da segunda lista seriam as "avulsas" (cf. vv. 59 e 62).

2.63 O governador. Sesbazar, com o título oficial "Tirsata", que no Império Persa se aplicava aos altos oficiais, sendo *tirshātā'* a maneira hebraica de escrever a forma persa de "Vossa Excelência". *Com Urim e Tumim.* Faziam parte do vestuário do sumo sacerdote (Êx 28.30) e eram utilizados para descobrir a vontade do Senhor. Veja Êx 28.15n; 1 Sm 23.9n. Só o sumo sacerdote podia restaurar os outros sacerdotes ao seu legítimo ministério.

2.69 Dracmas. Ou dáricos. *Arráteis.* Ou minas, heb *maneh*, 500 g cada, totalizando aqui 2,5 toneladas de prata.

3.1 O sétimo mês. Setembro do primeiro ano do regresso, 537 a.C. *Como um só homem.* Esta unidade de espírito foi possível só depois de o povo separar-se dos judeus que decidiram ficar na Babilônia.

3.2 Zorobabel. Um dos antepassados de Jesus, e descendente da linha real de Davi (Mt 1.11-12). *Holocaustos.* Possivelmente ofereciam-se sacrifícios em Jerusalém durante o cativeiro, mas aqui se reinicia o culto divino prescrito por Deus, conforme a observação dos sacrifícios estabelecida nos livros de Êxodo e Levítico. O sacrifício como centro do culto não foi protelado até completar-se o templo.

3.3 Outras terras. As ameaças que surgiram das várias turbas de estrangeiros que se tinham apossado da região de Judá, durante o cativeiro não podiam deter os judeus de buscar ardentemente a comunhão com Deus.

3.5 Lua nova. O primeiro dia de cada mês (lunar), era uma festa religiosa (Nm 28.11-15; Cl 2.16).

3.13 Choro do povo. Entre os povos orientais, as expressões de alegria e de pesar recebem expressões semelhantes. • **N. Hom.** Nota-se neste terceiro capítulo, que os israelitas aprenderam que a pedra fundamental de uma nação é a verdadeira religião, e assim, cuidaram primeiro em ter um altar (que simboliza o sacrifício e a oração) antes de falharem em Carta Magna, comércio, indústria, direitos civis, eleições, etc. Nada fica de pé a não ser aquilo que esteja firme no Senhor (Sl 127.1-2). Só quando se busca em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, é que há esperança de que a vida nacional ficará de pé em todos os seus aspectos físicos, morais e espirituais (Mt 6.33).

4.1 Os adversários. Chamados de "gente da terra" no v. 4, uma expressão (heb *'am hā'āreç*) que depois passou a ser usada para designar os habitantes de Judá que não eram praticantes fiéis da religião dos judeus. Aqui, trata-se dos descendentes dos deportados que Sargom II da Assíria transportou para a Samaria, depois de ter destruído a reino de Israel, quando levou os israelitas para o cativeiro (2 Rs 17.6, 24). Esses

restantes que retomaram de vários povos da Mesopotâmia vieram a ser chamados samaritanos. Além desse, havia a infiltração de edomitas e árabes, ao ponto de o território ao sul de Jerusalém ser transformado na província persa da Iduméia. *Benjamim*. Desde a época da divisão dos reinos, Benjamim estava incorporado a Judá.

• **N. Hom. 4.1-3** Paz ou Pureza: 1) A Aliança proposta, v. 1 e 2; 2) A tentação poderosa, v. 2; 3) A firme recusa, v. 3.

• **N. Hom. 4.2** *Deixai-nos edificar convosco*. Os adversários ou "gentes da terra" descritos em 4.1n, procuravam impedir o trabalho com três estratégias: 1) Procuravam atrair os judeus a entrar numa união falsa, espúria, traiçoeira, v. 3 (cf. 2 Rs 17.32); 2) Intentaram desanimar o povo, v. 4, pondo empecilhos na mão de obra e talvez retendo materiais; 3) levaram acusações a Assuero e Dario, vv. 6 e 7. A primeira foi certamente a mais sutil e perigosa. As vidas de Esdras e Neemias oferecem-nos muitas ilustrações da verdadeira separação. Ver 2 Co 6.14-18; 2 Tm 2.19-21. *Esar-Hadom*. Esar-Hadom (681-669 a.C.) continuou o sistema de deportações e deslocamentos iniciado pelo rei Sargom II; foi o penúltimo rei da Assíria.

4.3 *Nada tendes conosco*. As gentes de origem étnica mista incluíam o Deus de Israel no meio da sua religião mista. As vantagens econômicas oferecidas ao povo de Deus não obscureceram a necessidade de ficar intransigente perante a insidiosa infiltração do paganismo.

4.4 *No edificar*. Fazer-se a vontade de Deus não implica que não haverá adversários; a dedicação, às vezes, provoca o ódio do mundo.

4.5 *Dario*. Dario I da Pérsia, 522-496 a.C. Entre Ciro e Dario reinou Cambises, 530-522 a.C.

4.6 *Assuero*. Identifica-se com Xerxes, 485-465 a.C. Aqui, Esdras está classificando e citando todos os exemplos de perseguição que tinha havido desde o princípio da reconstrução, e que, mesmo depois de construído o templo, em 516 a.C., continuou a ser dirigida contra a reedificação de Jerusalém como cidade fortificada, até a situação descrita em Neemias, sob o reinado de Artaxerxes I (465-423 a.C.).

4.7 *Artaxerxes*. As pessoas que querem ver, neste capítulo, apenas alusões à situação imediata dos judeus, e não um esboço que relembra algumas décadas de lutas, sugerem que Assuero (v. 6) viria a ser Cambises (530-522 a.C.), e que Artaxerxes seria então o título de um usurpador que se apoderou do trono por alguns meses, em 522 a.C. As datas não são precisas, pois nomes como Faraó, César, Ben-Hadade, Candace, Dario, são títulos reais, além de serem nomes, e a alusão nem sempre pode ser definida. Entendemos que esta carta pertence à época de Neemias. *Língua siríaca*. Esta é uma anotação hebraica que indica que a narrativa passa a ser escrita em aramaico, desde 4.8 até 6.18. Era a língua da diplomacia internacional.

4.10 *Asnapar*. Assurbanipal, rei da Assíria, de 669-627 a.C. *Aquém*. Do ponto de vista da cidade da Babilônia e da Pérsia.

4.12 *E em tal tempo*. A frase aramaica talvez signifique "etc.", ou talvez "e agora", introduzindo a frase seguinte. Cf. vv. 10, 17 e 7.12. *Malvada cidade*. Abençoada por Deus, odiada pelos homens (cf. At 10.15).

4.14 *Assalariados do rei*. Lit. "os que comem o sal do palácio".

4.15 *No livro*. Os reis da Mesopotâmia tinham grandes bibliotecas de inscrições em tabletes de argila, agora descobertas pela arqueologia.

4.19 *Rebeliões e motins*. Os arquivos dos babilônicos que reinavam na Babilônia antes da vinda do Império Persa, teriam registros das revoltas sob Jeoaquim Joaquim e Zedequias contra Nabucodonosor, entre 596 e 586 a.C.

4.21 *Com autorização minha*. Foi esta a ordem que entristeceu Neemias, e foi esta autorização que depois foi usada para cancelá-la (Ne 2.5).

4.23 *Mão armada*. Assim revogou-se pela força, a ordem de Ciro.

4.24 Este versículo, terminada a digressão histórica, volta para a situação da época de

Esdras (5) não o reinado de Dario I, 522-486 a.C.

5.1 Fora o desânimo do povo perante a oposição que permitiu a paralisação do trabalho. Com a exortação dos profetas Ageu e Zacarias, cujas palavras se registram nos seus Livros, a obra reiniciou-se em 520 a.C., depois de quinze anos de interrupção (desde 536-535 a.C.). • **N. Hom.** Correção espiritual, 4.24-5.2: 1) A indolência do povo, 4.24, cf. Ageu cap. 1; 2) A repreensão dos profetas 5.1; 3) A recuperação da obra, 5.2. A pregação dos profetas apresentou os seguintes requisitos: a) em nome de Deus, b) no poder do Espírito, c) sem se importar com os desânimos dos ouvintes. Os resultados desta pregação ideal seriam: 1) um novo início; 2), uma nova produção; 3) não se importavam com a oposição.

5.3 *Tatenai*. Documentos cuneiformes da época mencionam Tatenai como Sátrapa "daquém do Eufrates", incluindo a Palestina.

5.5 *Os olhos de Deus*. Cf. 1 Pe 3.12.

5.11 *Nós somos servos*. Mediante a pregação dos profetas, os judeus entenderam sua posição mais como servos de Deus do que como pessoas sob as ordens dos reis da Pérsia; não davam nomes pessoais, mas referiam tudo ao seu Deus, cf. Gn 24.34; 1 Co 3.7. *Há muitos anos*. Em 963 a.C.; 443 anos antes, Salomão edificara o primeiro templo, que foi destruído pelos babilônicos em 587 a.C. O segundo, mais modesto, que aqui se descreve, foi terminado em 516 a.C., que durou até 20 a.C., quando Herodes o foi desmontando para edificar o imponente terceiro templo, que foi destruído pelos romanos em 70 d.C. Templos ideais se descrevem em Ez caps. 40-43; Jo 2.21; 1 Co 3.16-19; Ef 2.20-22; Hb 9.11, 24; 1 Pe 2.4-8; Ap 11.19.

5.12 *O caldeu*. Agora, com os persas reinando em Babilônia, define-se o rei que não era persa, mas sim, dos caldeus ou babilônios.

5.14 *Sesbazar*. Este governador (1.8, 11; 2.63) deve ter morrido cedo, para então Zorobabel vir a ocupar o seu cargo (3.8).

5.16 *Está edificando*. Esta declaração não exclui o fato de que a obra tinha cessado por um intervalo de cerca de 15 anos (cf. 4.24 e 5.1).

5.17 *Arquivos reais ou "casa dos tesouros do rei"*. Era um depósito, tanto de documentos importantes, como de tesouros (cf. 6.1).

6.1 *O rei Dario*. Dario I, rei da Pérsia e dominador dos territórios que pertenciam aos impérios da Assíria e da Babilônia, subiu ao trono em 522 a.C., mas levou um ano para depor dois usurpadores; reinou até 486 a.C. Não se deve confundir com Dario, o Medo, mencionado em Daniel (Dn 5.31; 6.1; 11.1), o qual talvez seja o próprio rei Ciro, o persa, que teria título duplo para um duplo império, ou um vice-rei nomeado por Ciro. Dario II só viria ao trono um século mais tarde (423-404 a.C.) e é Dario, o persa, mencionado em Ne 12.22. O decreto de Dario, aqui aludido, tem a data de 539 a.C., e essa busca foi feita depois de 522 a.C., o que mostra que houve quinze anos de lutas para poder começar a obra.

6.2 *Memorial*. Essa instrução da burocracia interna complementou o decreto original que foi publicamente proclamado, 1.2-4. *Acmeta*. Ou Ecbátanos, antiga capital da Média, que permaneceu como uma metrópole do Império Persa. Em cidades como esta, a arqueologia descobriu vários documentos e livros.

6.3 *Côvados*. Cerca de meio metro cada; o rei aprovou a planta e especificou até onde as despesas seriam autorizadas, no tocante ao tamanho e conteúdo (os utensílios, v. 5, cf. 1.7-11).

6.6-12 Aqui Dario está adicionando suas instruções imediatas para pôr em vigor o antigo decreto, exortando os oficiais, determinando despesas regulares, e ameaçando os que intentassem sabotar a obra.

6.6 *Afarsaquitas*. A palavra parece ser derivada do título persa que era dado aos oficiais reais de nível inferior.

6.10 *Orem pela vida do rei*. O império persa procurada sistematicamente a boa vontade

das influências religiosas, e os judeus, por sua vez, tinham o costume de orar em favor dos líderes políticos de todos os lugares, para onde se espalhavam. Ver 1 Tm 2.1-2.

6.15 O templo se completou em 516 a.C., no dia 10 de março; nessa altura Dario fez a famosa inscrição de Behistun. O que faltou do templo era a arca da aliança simbolizando a presença de Deus, que desapareceu sem deixar sinal, por ocasião da destruição do templo de Salomão. Também não se fala mais do fogo perpétuo.

6.17 *Cem novinhos*. Pouca coisa, em comparação com a inauguração do templo de Salomão (1 Rs 8.63), mas Deus aceita a oferta "conforme o que o homem tem" (2 Co 8.12). *Todo o Israel*. Sempre foi esperada a restauração das demais tribos (cf. Ez 37.15-28).

6.18 *Livro de Moisés*. O Pentateuco, composto dos 5 primeiros livros da Bíblia. Cf. Nm 3 e sua aplicação em 1 Cr 23, 24.

6.19 A narrativa volta à língua hebraica (ver 4.7n), pois agora trata-se dos assuntos religiosos internos dos judeus.

6.20 *O cordeiro da Páscoa*. Semelhante às celebrações especiais descritas em 2 Cr 30 e 35, recordando a libertação da escravidão no Egito (Êx 12). *Um só homem*. Cf. 13.1.

6.21 *Imundície dos gentios*. Casamentos mistos e outras ligações já se tinham infiltrado entre os israelitas, provocando hábitos e atitudes próprios do paganismo. Exigia-se um rompimento, (10.2, 10).

6.22 *Rei da Assíria*. Um dos títulos do imperador persa; ocorre aqui para destacar como Deus mudou aquele antigo império, que tinha sido o causador da assolação de Israel, e de Judá (sob os caldeus), e que agora veio a pertencer aos reis da Pérsia. • **N. Hom.** Separação, vv. 19-22. 1) Separação das outras nações; 2) Separação da imundícia dos gentios; 3) Separação dos falsos irmãos; 4) Separação com regozijo.

7.1 O capítulo anterior narra até ao ano 516 a.C. Esse capítulo se refere ao ano 458 a.C., iniciando a segunda divisão do Livro. O intervalo entre os dois é a época descrita no Livro de Ester. *Seraías*. Sumo sacerdote morto por ordem de Nabucodonosor (Jr 52.24-27).

7.2 *Zadoque*. O sumo sacerdote da época de Davi, zeloso para conservar o povo fiel à religião e ao reino de Davi.

7.5 *Finéias*. O sacerdote que era zeloso pela pureza do povo (Nm 25.7-13). Com Zadoque, simbolizava os antecedentes do zelo de Esdras. *Filho de Arão*. Esta genealogia, abreviada para só mencionar os nomes mais destacados, revela Esdras como o herdeiro da posição de sumo sacerdote.

7.6 *Escriba*. Heb *sōpher*, "secretário", "perito em livros", e depois recebendo o significado técnico de "estudioso da Lei de Deus, com a finalidade de ensiná-la". Sob a inspiração divina, os escritores bíblicos exerceram faculdades criadoras. Os escribas foram intérpretes dessas obras. A partir do fim da era de Esdras e Neemias (à qual pertencem Ageu, Zacarias e Malaquias), até o início do NT, a época caracterizou-se por escribas imitadores, e não mais criadores.

7.7 *Também subiram*. A segunda parte deste Livro se dedica a narrar a história do grupo, que voltou a Jerusalém com Esdras, cujo nome significa "Auxiliador".

7.9 Chegaram no início de agosto, depois de 4 meses de viagem.

7.10 *Disposto*. Lit. "preparado". Esdras nos dá um exemplo de como escutar a Deus e como falar aos homens. Este versículo seria um excelente lema para ministros, missionários, e educadores religiosos. • **N. Hom.** O ministro que ensina é: 1) Um discípulo procurando a verdade; 2) O servo obedecendo aos mandamentos; 3) O missionário ensinando os preceitos divinos. Ele cuida de si mesmo, da doutrina e dos ouvintes (cf. 1 Tm 4.16).

7.11 *Cópia da carta*. A transcrição da carta segue em aramaico, até v. 26. Esta língua fora empregada desde 4.8 até 6.18 deste Livro.

7.14 *Sete conselheiros*. O conselho privado do rei. *Na tua mão*. Talvez Esdras fosse "chefe do departamento de assuntos judaicos".

7.23 Grande ira. O próprio rei preocupa-se muito para que não haja nenhuma desobediência aos preceitos divinos, que viesse causar tanta infelicidade aos persas, como antes causara aos israelitas. Ofereceu 3 toneladas de prata, 22 toneladas de trigo, e 2.200 litros de azeite (22) e sal para colocar nos sacrifícios. (cf. Lv 2.13).

7.24 Quase todos os impérios, desde a antigüidade, desde o do Egito até ao britânico, têm conservado o costume de conceder grandes privilégios cívicos aos sacerdotes. O primeiro caso mencionado na Bíblia, se refere ao Egito, no ano 1700 a.C. (Gn 47.22). Mas foi principalmente o império persa que enfatizou o costume de prestar reconhecimento oficial aos sacerdotes de toda e qualquer religião local, na esperança de conservar as bênçãos de qualquer divindade que porventura existisse, e de preservar a boa vontade do povo. O termo "Deus do céu" serviu aos persas para definir o único e eterno Deus, do qual qualquer divindade, então conhecida, seria apenas uma tosca imagem, isto segundo a nova doutrina de Zoroastro, abraçada pelo rei Dario I, que abandonara o antigo paganismo (que aliás logo voltou). Foi justamente na época da Restauração dos judeus cativos que esta tolerância e colaboração religiosas se fez notar na Pérsia.

7.26 Este versículo mostra que até o imperador reconhecia claramente que a infidelidade à vontade de Deus se constitui, realmente, na pior traição contra o império, contra sua prosperidade e contra sua sobrevivência física, moral e espiritual. Não é comprovado que Ciro, Dario e Artaxerxes tivessem fé unicamente no Deus de Israel - o que é indubitável, porém, é que reconhecem que, ao menos os israelitas, pertenciam a Ele, e portanto, nenhum outro deus poderia ser adorado ali sem trazer desgostos aquela província do império. Dentro deste plano, Esdras tinha uma posição de grande honra e destaque. Ele cumpria fielmente seus deveres seculares, dentro dos mais nobres princípios religiosos. Conseqüentemente, recebeu grande honra cívica, dentro da qual teve a oportunidade de melhor servir à causa da religião. Isto se deu também com a vida de José, Daniel, Ester e Neemias. Ver Cf 3.23.

7.27,28 Bendito. O salmo de Esdras, com ações de graças pela providência divina. Revela sua piedade e humildade.

8.15 Aava. A cidade e o reino no qual se situava tinham este nome. *Não tendo achado.* Os levitas eram necessários ao culto judaico, "ministros para a casa do nosso Deus" (17). Esdras teve cuidado de examinar, antes de partir para o empreendimento, se havia as condições essenciais para levar seu plano a um bom termo sem depender do povo de Jerusalém.

8.17 Ministros. Na época, seriam todos aqueles que eram separados para servir no templo. Zorobabel já havia levado alguns, em 538 a.C. (2.36-48).

8.22 Tive vergonha. Não é recomendável falar-se em confiança na providência divina, e, depois, quando no aperto, apelar para a débil força humana (cf. Sl 20.7; 2 Cr 14.11). Para não ser hipócrita, Esdras recusou-se a pedir proteção do exército e recomendou sua viagem ao Senhor. Deus honrou àquela fé (32). Comp. a história dos dois filhos de Abraão (Gn cap. 16 e 21) com o comentário que o Apóstolo Paulo escreveu (Gl 4.21-31).

8.23 Jejuamos. O jejum era considerado, pelos judeus, a maneira de humilhar-se perante Deus, e Jesus aprovou essa prática (Mc 2.18-22).

8.25 Pesei-lhes. Uma contabilidade dos valores, exemplificando o preceito: "Tudo seja feito com decência e ordem" (1 Co 14.40).

8.28 Vós sois santos. O povo de Deus reflete a santidade divina (1 Pe 1.16), revelando, assim, a glória de Deus perante o mundo. *Santos são estes objetos.* Aquilo que é dedicado ao serviço de Deus deve ser tratado com reverência, e não usado conforme a conveniência humana. Deveria haver maior reverência para com o culto e para com os nossos corpos pois ambos pertencem a Deus (cf. Rm 12.1).

8.32 A longa viagem, de mais de 1.500 km, com talvez 6.000 pessoas e mais de 16 milhões de cruzeiros em ouro, revela a fé que havia em Esdras e o cuidado de Deus para com Seu povo (cf. v. 22n).

8.34 Imediatamente. O servo de Deus deve estar apto a manter uma contabilidade dos seus bens e dos seus atos, perante Deus e os homens.

8.35 Holocaustos. Sacrifícios queimados, simbolizando real dedicação a Deus (ver Lv 1). A oferta pelo pecados sempre precedeu a oferta queimada, pois não há dedicação sem primeiro haver confissão e perdão.

9.1 Não se separaram. Parece que os descendentes dos que chegaram em Jerusalém 80 anos antes já se haviam esquecido da dedicação exigida por Zorobabel (cf. a N. Hom. de 4.2), tornando assim necessário um escriba da Lei de Deus para repor em vigor as prescrições de Moisés contra a idolatria e o paganismo. O povo, mais uma vez, se influenciara pela terra. *Suas abominações.* Esta separação nada tem de racismo, pois todos os antigos povos de Canaã eram semíticos, e os vizinhos que agora estavam invadindo Jerusalém também o eram. O que importava era a comunhão com Deus e a fidelidade aos princípios religiosos (cf. v. 11). A história de Israel comprovava como seu zelo religioso enfraquecera ante a influência pagã.

9.2 Linhagem santa. O súditos da nação, chamados à santidade (Êx 19.5, 6). A descendência espiritual de Abraão comprova a fé que sempre o distinguira (Rm 2.25-29; 4.1-13).

9.3 Arranquei. Expressão da dor e da ira moral, causadas pelas baixas condições espirituais do povo; seguem-se horas de meditação.

9.4 Transgressão dos do cativo. Esdras reconheceu que o cativo foi a punição ao paganismo do passado, e que igual idolatria poderia trazer iguais punições. Já entendera a lição divina (vv. 13 e 14).

9.6 Meu Deus! O estudo das orações da Bíblia é valioso. Ler as de Gn 18.23-33; Êx 32.11-13; Js 7.6-9; Dn 9.3-19; Lc 2.29-32; At 4.24-30; Ef 1.15-21; 3.14; Fp 1.9-11. *Nossas iniquidades.* As transgressões começaram com os líderes do povo (v. 2), e o arrependimento começou como líder espiritual. A humildade e contrição de Esdras, inocente de tais pecados mas identificando-se com o povo, mostram a responsabilidade do intercessor que procura o arrependimento dos pecadores. Ver Êx 32.32-35; Is 6.5.

9.8 Estabilidade. Lit. "um prego na parede" para pendurar um objeto; portanto, um pouso, uma estabilidade para o povo, antes cativo e agora livre, pela vida nova e com esperanças em Deus.

9.9 Somos servos. Ainda debaixo do poderio persa, mas com as bênçãos de Deus e com as promessas da restauração.

9.12 Paz. Heb *shālôm*, que além de "paz" significa "plenitude", "prosperidade", "saúde", ou ainda o conjunto de tudo isso.

9.15 Justo és. Muitos judeus, no cativo, não entenderam como Deus poderia ser justo e ainda punir Seu povo, que por pecador que tenha sido, não era pior do que os pagãos. Esdras sentiu-se em comunhão com as mensagens dos profetas, sobre o assunto, e reconhece a justiça de Deus que poderia mais uma vez, castigar o Seu povo rebelde. *Estamos diante de ti.* Esdras não pedia perdão para o povo antes de levar os judeus a reconhecerem o peso de seus pecados, a se arrependerem e a se reconciliarem com Deus.

10.1 Ajuntou-se a ele. A oração de Esdras foi eficaz para com Deus e para com os homens. A solução não foi obra de Esdras, mas sim, sugerida pelo povo inspirado por Deus, em resposta à sua oração. "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo", (Tg 5.16b). *Grande choro.* O verdadeiro arrependimento freqüentemente se expressa de maneira visível.

10.2 Há esperança para Israel. Quando o povo reconhece seu pecado e deseja retificar o erro cometido, nasce a esperança, porque as misericórdias de Deus "não têm fim; renovam-se cada manhã" (Lm 3.22-23).

10.3 Façamos aliança. Deus tomou a iniciativa nas alianças com o homem (ver Gn 12.1-3; 13.14-17; 15.12-16). Por causa desta graça de Deus, é possível ao homem arrependido

renovar a aliança, ou aplicá-la à sua vida (ver 2 Cr 29.10). *Despediremos todas as mulheres*. Os casamentos mistos tinham aberto o caminho à religião mista. A crença verdadeira, revelada por Deus, contamina-se, quando promiscuída com religiões falsas produto da imaginação humana.

10.4 Incumbência. O mesmo Esdras que tomou a primeira iniciativa na oração (9.6-15), será o primeiro a verificar quais os passos que se deve tomar para aliviar a situação.

10.8 Destruidos. Seus bens serão confiscados, apropriados em benefício do templo (ver Lv 27.28), mas não propriamente destruídos, como no caso de uma cidade caída na idolatria (Dt 13.13-17).

10.9 Das grandes chuvas. O nono mês, novembro/dezembro, é o das chuvas, em pleno inverno. O povo tremia; portanto, por causa da gravidade dos acontecimentos e por causa das chuvas. Em Jerusalém, de vez em quando, chega a nevar no mês de dezembro.

10.11 Separai-vos. O divórcio era permitido por Moisés "por causa da dureza dos vossos corações" conforme Jesus explicou (comp. Mt 19.8 com Dt 24.1-4). A maioria das mulheres despedidas não seriam esposas, mas sim, concubinas. Na melhor das hipóteses, seriam de casamentos ilícitos.

10.13 O problema ficou solucionado no prazo de três meses (16 e 17).

10.15 Se opuseram. Muitas vezes o pecado envenena a consciência de tal maneira, que impede o desejo da restauração. Numa assembléia dessas, quem vota contra, está envolvido em delito.

10.18 Dos filhos dos sacerdotes. A primeira lista (18-22) contém os nomes dos filhos dos sacerdotes que estavam envolvidos no delito; depois vem a lista dos levitas (23-24), e finalmente a lista dos demais israelitas (25-43).

10.19 Com aperto de mão. Um gesto oriental para selar uma promessa (cf. Ez 17.18 e Lm 5.6, onde a expressão hebraica "dar a mão" é corretamente traduzida por "submeter-se"). *Despedir.* Mulheres e filhos pagãos (3 e 44). Coloca-se a observância da lei acima das coisas mais queridas. *Carneiro.* A oferta pela transgressão dos sacerdotes (Lv 6.4-6).

10.20-43 Os nomes das pessoas que voltaram do cativeiro, seja com Zorobabel em 538 a.C., seja com Esdras em 458 a.C., mostram que os israelitas, cativos na Babilônia, conservaram uma esperança viva. As terminações "ias", de muitos nomes, representam o nome de Deus, assim revelando ao Seu povo: Jahvé, Jeová, Eu sou, Senhor (que são quatro maneiras de transliterar o nome inefável de Deus). Quando o nome de Deus vem no começo do nome do indivíduo, é representado pela letra "J" em nossas traduções. A palavra "El" que no heb quer dizer "Deus", tanto consta no fim como no começo desses nomes (Elias e Jeiel no v. 21). No v. 28 os nomes Jeoanã e Hananias têm o mesmo significado, "Deus é misericórdia, no primeiro, o nome de Jeová, é representado pelo "Je"; e no segundo, pelo "ias" a misericórdia, heb *hãñãñ*, aparece no fim do primeiro nome, como "anã", e no começo do segundo como "Hanan". Infelizmente, as exigências da moderna grafia portuguesa alteraram tão profundamente a forma das palavras que compõem estes nomes, que o leitor moderno não tem o privilégio de verificar as mensagens de fé e de esperança que se escondem nesses versículos, como por exemplo em Selemias, no v. 39, que significa "Deus é meu modelo, meu padrão".

10.44 Mulheres estrangeiras. Século de experiência ensinaram aos israelitas que, qualquer conformidade com o mundo pagão em derredor ameaça trazer a idolatria, a apostasia e a maldição.

O Livro de Neemias

Análise

O livro é uma lição sobre oração, sacrifício e tenacidade. Neemias, a personagem principal; desistiu de uma posição responsável e bem paga, perante o rei da Pérsia, em 445 a.C., a fim de reedificar os muros de Jerusalém e reunir os judeus como uma nação

(1.1-3.32) Sua obra despertou intensa oposição por parte de homens poderosos ao redor, mas Neemias venceu as ameaças de ataques tomando sábias medidas defensivas (4.1-23), a desunião interna enfrentando francamente o problema e dando exemplo pessoal (5.1-19), e as acusações falsas mediante discernimento, e coragem (6.1-14).

Quando o muro foi terminado, Neemias providenciou para tomar a cidade plenamente habitada (6.15-7.73), mas, acima de tudo, combinou, com Esdras para que fosse lida a lei, a fim de que o povo pudesse amoldar suas vidas pela mesma (8.1-18). Ele e a nação confessaram os pecados nacionais, buscaram o perdão, e puseram seu selo numa aliança renovada com Deus (9.1-10.39). Pessoas foram levadas, para dentro da cidade, foram feitos arranjos para a adoração, e os muros foram dedicados (11.1-12.47). Mas, com a passagem dos anos, o povo continuou declinando dos ideais apresentados por Deus e Neemias teve de levar a efeito novas reformas, em face mesmo da oposição (13.1-31).

O Livro demonstra a necessidade de oração e de firmeza no trabalho de Deus. As orações de Neemias nos fornecem um excelente estudo.

Autor

Usualmente se pensa que Esdras e Neemias originalmente formavam um único livro. O compilador, nesse caso, teria feito uso das memórias pessoais de Neemias, além de outros materiais.

Esboço

A ORAÇÃO DE NEEMIAS SOBRE A AFLIÇÃO DE JERUSALÉM, 1.1-11

VOLTA DE NEEMIAS A JERUSALÉM COMO GOVERNADOR, 2.1-11

OS PALANOS PARA REEDIFICAR O MURO DA CIDADE, 2.12-20

OS EDIFICADORES DOS MUROS, 3.1-22

AMEAÇAS À EDIFICAÇÃO, 4.1-6.14

Sarcasmo Desencorajador, 4.1-6

Os Ataques do Inimigo, 4.7-23

Desunião Interna, 5.1-19

Acusações Falsas, 6.1-14

TÉRMINO DOS MUROS, 6.15-7.4

REGISTRO DOS EXILADOS QUE VOLTARAM, 7.5-53

LEITURA E EXPOSIÇÃO DA LEI, 8.1-18

ORAÇÃO DE ARREPENDIMENTO E PACTO DE OBEDIÊNCIA, 9.1-10.39

REGISTRO DOS HABITANTES DE JERUSALÉM E DAS VILAS, 11.1-12.26

DEDICAÇÃO DOS MUROS E ARRANJOS PARA A ADORAÇÃO, 12.27-47

REFORMAS DE NEEMIAS, 13.1-31

1.1 *As palavras de Neemias.* Neemias, cujo nome significa "Deus é meu deleite" (heb *nehemyã*), é o historiador dos seus próprios atos e dos eventos da sua vida, sem porém escrever uma autobiografia completa, pessoal. *Mês de quisleu.* O nono, equivalente a novembro/dezembro (nunca coincide com nossos meses). *Ano vigésimo.* Do reinado de Artaxerxes I Longimanus (464-423 a.C.), isto é, 445 a.C. *Susã.* Uma das três capitais do império persa. • **N. Hom.** Piedade no palácio - piedade na posição e providência. 1) Visão - Neemias soube da ruína, v. 3; 2) Preparo - Neemias orou, v. 5; 3) Propósito - Neemias encaminhou seu desejo, v. 11.

1.2 *Hanani.* Possivelmente o irmão de Neemias foi a Jerusalém com uma das caravanas, voltando logo depois da obra parar ante a oposição imposta a Esdras. *Pelos judeus.* Os mais pobres da terra que ali foram abandonados pelos babilônios, só para que a terra não

tornasse a se cobrir de mata (2 Rs 25.12).

1.3 Os restantes. A Bíblia faz pouca menção dos remanescentes na terra de Judá, pois as promessas divinas, as exortações proféticas e o esforço para restaurar o templo, a religião e a nação tiveram sua maior expressão nas mãos daqueles que, tendo ido para o cativeiro, arrependidos, voltaram para levar avante a obra. O templo foi completado setenta anos antes (516 a.C., Ed 6.15) mas era justamente a tentativa de restaurar Jerusalém como cidadela e centro de comércio, que despertou as novas perseguições (Ed 4.6 e 7n).

1.4 Chorei. Cf Hb 13.3. Lamentei por alguns dias. A condição dos muros trouxe profunda tristeza a Neemias, enquanto a idéia da sua reconstrução seria motivo de tristeza e medo da oposição (cf. Ed 4.12-16). *Orando.* Ver Ed 8.22n e 9.6n.

1.5 Senhor. Jeová, o nome de Deus que focaliza Seu concerto com o povo, lembrando ao Senhor as promessas feitas (cf. Êx 6.2-8, e Ed 10.20-43n). *Mandamentos* Cf Jo 14.21.

1.6 Temos pecado. Antes do cativeiro, muitos murmuravam, lançando sobre Deus a culpa por seus sofrimentos. Pela ação do exílio, conseguiram verificar que a culpa era deles.

1.8 Eu vos. Destaca-se nos vv. 8 e 9 o contraste entre os pronomes "Eu e Vós", a conduta divina contrastada com a conduta humana. Neemias baseia essa parte da sua oração sobre Dt 30.1-5; eficaz é a oração baseada nas promessas divinas.

1.9 Extremidades do céu. Até aos horizontes mais distantes. *Habitar o meu nome.* Especialmente no templo em Jerusalém (Dt 12.11).

1.11 Este homem. O rei, cujo apoio foi, necessário para a execução dos planos de Neemias. *Copeiro.* Posição de destaque, e de confiança, pois era incumbido da responsabilidade de proteger o rei contra algum envenenamento. • **N. Hom.** Solidariedade para com o povo de Deus: indagar, v. 2; entristecer-se, v. 4; orar, vv. 5-11; confessar, v. 7.

2.1 Nisã. Primeiro mês das judeus, equivalente a março/abril do nosso calendário. Quatro meses se passaram desde o receber das informações sobre Jerusalém, mas é o mesmo ano 20 de Artaxerxes (1.1-3).

2.2 A consideração do rei era o que Neemias pedira na sua oração ("mercê", 1.11, heb *rahamim* "ternura", "piedade", "compaixão").

2.3 Vive o rei para sempre! O vocativo mais usada quando se fala com um rei oriental, exemplificado em Dn 2.4; 3.9.

2.4 Orei. Uma oração instantânea e silenciosa, uma prática que deve acompanhar a vida ativa de cada crente.

2.7 Dalém do Eufrates. A satrapia inteira da Palestina - Síria - antigos territórios dos filisteus, dos amonitas, moabitas, edomitas; fenícios e de alguns árabes que chegaram à região fértil do Jordão.

2.9 Exército. A escolta do novo governador; contrastar com Ed 8.32. • **N. Hom.** O bom êxito de Neemias seguiu à espera, à oração, à diplomacia e à gratidão. E isto devido a sua profunda preocupação, oriunda de um verdadeiro patriotismo, inspirado por Deus e guiado pela providência divina.

2.13 Pelo fogo. Esta era a situação deixada por Nabucodonosor em 586 a.C., quando os caldeus levaram os habitantes Jerusalém para o cativeiro na Babilônia.

2.14 Não havia lugar. Os escombros não davam passagem às montarias.

2.15 Ribeiro. O vale de Cedrom, entre a cidade e o Monte das Oliveiras. *Casa.* A residência do governador; nota-se a ausência de "palácio".

2.19 Contra o rei. Os demagogos do mundo imaginam que também os fiéis teriam motivos políticos ou cobiçariam as vantagens deste mundo. Foi assim que agiram com Jesus (Lc 23.2, 14) • **N. Hom.** Sábio procedimento, vv. 11-20: 1) Descobrir a vontade de Deus, v. 18; 2) Considerar a sós, vv. 11-16; 3) Consultar, vv. 17-18; 4) Apresentar motivos vv. 17-18; 5) Resolver energicamente, v. 18; 6) Desprezar a zombaria, vv. 19-20. Resumo: investigação, cooperação e determinação para levar avante o justo propósito.

3.1 Porta das Ovelhas. A entrada dos rebanhos para o culto do templo. *Consagraram-na.*

Pôr ser a primeira parte da obra e por ser vinculada aos sacrifícios. A dedicação só veio depois de tudo terminado (12.27).

3.2 Junto a ele. Os grupos descrevem-se aqui (até ao fim do capítulo), segundo a exigência geográfica da obra. Essa descrição, juntamente com 2.13-15 e 12.27-40, é a principal fonte de informação arqueológica contemporânea, sobre a topografia de Jerusalém, antes do cativeiro.

3.3 Porta do Peixe. Perto do mercado de peixe, fora dos muros.

3.5 Seu senhor. Referência feita a Deus, Senhor da Obra.

3.6 Porta Velha. Ou Porta de Jechaná (nome da vila para onde dava).

3.7 Eufrates. Judeus da satrapia inteira (2.7n), além da jurisdição local de Neemias (a comarca chamada Yehud - Jerusalém e circunvizinhança), tomaram parte na obra.

3.12 Suas filhas. Até mulheres ajudaram na obra. Na Igreja, segundo o propósito de Deus, cada membro tem a sua função (1 Co 12; Rm 12.4-8).

3.17 Queila. Sua cidade foi salva por Davi (1 Sm 23.1-13).

3.27 Tecoítas. Tecoia era a cidade de Amós, 16 km ao sul de Jerusalém. • **N. Hom.** O método de trabalhar, cap. 3: 1) Seguir bons líderes; 2) Utilizar vários talentos (v. 8); 3) Prosseguir para um bom alvo; 4) Reconhecer afeições domésticas (vv. 12 e 29); 5) Prestar atenção aos pormenores (v. 6); 6) Não se desanimar com os rebeldes. Deus observa: 1) Quem trabalha, (vv. 3 e 27); 2) Quem não coopera (v. 5); 3) O espírito de cada um (v. 20). O terceiro capítulo ensina-nos: 1) A dar a devida honra; segundo os feitos de cada um (Rm 13.6); aqui estão guardados os nomes de todos os que colaboraram para a reconstrução da cidade, com um registro daquilo que cada um contribuiu; 2) Que a Cidade de Deus, e Seu templo, têm a participação de todos os fiéis, tanto no desfrutar dos privilégios espirituais, como no seguir ao longo da caminhada dos deveres (cf. 1 Co 3.6-9; 14.26; 1 Pe 2.9); 3) Que os líderes religiosos devem ser sempre os heróis e os inspiradores em qualquer obra valiosa e construtiva, v. 1; 4) Que os fiéis levam a obra avante mesma onde eles próprios não esperam desfrutar vantagens; foram os moradores de cidades distantes que estavam fortificando Jerusalém; 5) Que o rico e o poderoso (os "maiorais" dos vv. 9, 12, 15 e 16) devem ser os primeiros a empregar seus talentos e a sua influência na obra de Deus; 6) Que cada um deve ser fiel em melhorar o própria situação onde reside: cada um "defronte de sua casa" vv. 10, 23, 28 e 29; isto se refere também ao pobre, que nada mais tem do que uma modesta "morada" (um simples aposento alugado), v. 30. Cf. a Parábola dos Talentos, Mt 25.14--30.

4.1-6 Em certas versões da Bíblia, esses versículos numeram-se, diferentemente, 3.33-38 guardando a ordem do texto original hebraico.

4.2 Samaria. Ver Ed 4.1n. *Fracos judeus.* Esta série de perguntas expressa a zombaria de Sambalá. Pode-se parafrasear: "Que estão fazendo estes judeus? Acham que eles mesmos - ourives, perfumistas, etc. - podem fazer trabalho tão pesado? Ou vão fazer sacrifícios para que Deus os ajude milagrosamente? (Nisto escarneceu de Deus e não só dos judeus). Acham que é possível terminar essa obra em pouco tempo? E o material - vão criar novas forças nas velhas pedras agora calcinadas e em poeira?" As pedras empregadas na antiga construção de Jerusalém eram pedras calcárias, as quais perdem no fogo a sua durabilidade. As pedras dos antigos muros eram, portanto, quase poeira, inúteis para os novos muros.

4.3 O amonita. Amom já não existia mais como nação; já eram cumpridas as profecias de Ezequiel a seu respeito (Ez 25.3n). Só havia elementos esparsos da antiga nação, ocupando pequenas partes do território de Judá, abandonado durante o cativeiro. Amom constava como uma pequena sub-província dos persas.

4.4 Ouve. Perante a zombaria da oposição, Neemias orou ao Senhor.

4.5 Encubras. Perdões, do verbo *kãsã*, que é a palavra hebraica que mais comumente faz alusão à doutrina da expiação. *Provocaram.* Zombavam de Deus perante os trabalhadores. • **N. Hom.** Quando desprezado (vv. 4-6), é bom tomar, cuidado de não o

merecer (1 Pe 2.15; 3.14); é necessário: 1) Orar; 2) Confiar; 3) Trabalhar. Essa oposição será derrotada com: 1) Ânimo pronto para trabalhar, v. 6; 2) Coração aberto para ora, v. 9; 3) Olhos atentos para vigiar, v. 9.

4.7 Arábios. O termo é genérico, referindo-se às várias tribos do deserto da Palestina; estabeleceram pequenas nações perto do rio Jordão. *Amonitas.* Cf. 4.3n. *Asdoditas.* Remanescentes dos filisteus; compare-se a profecia de Ez 25.15-17n. Asdode passou a ser a nome de uma sub-província persa, a do Filístia.

4.10 Disse Judá. Isto é, os judeus pensavam consigo mesmos. *O muro.* Alguns dos próprios judeus começaram a esmorecer, por causa dos inimigos, de fora e do seu próprio cansaço. O trabalho de carregar pedras e tirar o cascalho dos velhos alicerces era pesado, especialmente para homens não acostumados ao trabalho braçal.

4.11 Nada saberão disto: Planeja-se um ataque de surpresa.

4.14 Do Senhor. A confiança do povo de Deus não reside nas armas, mas no Senhor, sua fortaleza; ver Sl 20.7; 147.10-11.

• **N. Hom. 4.7-15** Paz por armamento: 1) Perigos: inimigos fora, desânimo dentro; 2) Medidas: oração, armamento, encorajamento; 3) Resultados: o inimigo impedido, a obra reassumida. O brado de guerra nesta luta era: 1) Não temais; 2) Lembrai-vos do Senhor; 3) Pelejai, v. 14.

4.22 Seu moço. Seu ajudante ou servo.

5.1-5 Todo trabalharam na reconstrução dos muros, sem recompensa imediata. Para o próprio sustento e para pagarem os impostos, muitos tiveram de contrair empréstimos, porque seus próprios terrenos não estavam rendendo, na sua ausência. Os credores, embora sendo seus irmãos na fé e na obra, exploram-nos resultando disso que, muitos, além de hipotecarem tudo o que possuíam, perderam os seus bens e seus próprios filhos tornaram-se escravos.

5.5 Somos da mesma carne. Um forte argumento contra a exploração de um ser humano por outro. Cf. Mt 22.39; At 10.28; 17.26.

5.7 Sois usurários. Neemias enfrentou os materialistas e seu pecado, definindo-os claramente. *Um grande ajuntamento.* Este tipo de ajuntamento, convocação ou assembléia, era equivalente a uma assembléia geral de igreja, em razão de todos os indivíduos adultos daquela nação serem também membros professos da religião nacional. Calvino considera a raiz hebraica da palavra (*qāhāl*), equivalente a "igreja", no Antigo Testamento. Reger por assembléia era muito comum na época de Moisés; o costume caiu quase em desuso na época dos Juízes e dos Reis, voltando à tona depois do cativeiro, como se vê nos livros de Esdras e Neemias.

5.8 Os credores, escravizando seus devedores conterrâneos, ultrapassaram o pecado dos gentios, que levaram os judeus ao cativeiro.

5.9 No temor do nosso Deus. Um dos sinais da fidelidade que Deus exigiu do Seu povo quando o tirara da escravidão no Egito, era que o povo mostrasse a mesma misericórdia e ternura para com os escravos e com os estrangeiros, lição que Deus lhe proporcionara quando de sua escravidão como nação estrangeira no Egito (Dt 10.19; 15.12-15). *Dos gentios.* As injustiças praticadas pelo povo de Deus criam obstáculos à aceitação do evangelho pelos que são de fora (1 Pe 3.13-18).

5.10 Dinheiro emprestado. Nota-se que não se condena o empréstimo de dinheiro, mas sim, a usura nos casos de pessoas necessitadas. Isto não se estende a investimento em empresa (Êx 22.25; Lv 25.35-37; Dt 33.19-20).

5.11 Centésimo. Juros calculados mensalmente, ou 12 % ao ano. *Restitui-lhes.* Ver a lei sobre a restituição em Lv 6.5, e a menção de um ato de restituição em Lc 19.8. Compare Mt 5.23-24.

5.14 Governador. Aqui a palavra é *pehâ*, que provém do assírio *pohatu* e refere-se a "quem rege um distrito em nome do rei". Cf Ed 2.63n. *Devido ao governador.* Neemias não lançara mão do seu direito de viver à custa do povo, na sua função de governador.

Ao contrário, hospedava uma multidão à sua própria custa.

5.16 Neemias poderia ter aproveitado os preços de liquidação dos terrenos do interior, para então praticar uma especulação injusta.

• **N. Hom. 5.15,16** Para se evitar quedas. 1) Uma atitude a manter, a separação - "eu assim não fiz"; 2) Um motivo para inspirar - "por causa do temor de Deus"; 3) Um trabalho a fazer - "antes na obra continuei".

6.2 O inimigo passa a lançar mão de armadilhas e de subversão. • **N. Hom.** Métodos do inimigo para acabar com a obra divina: 1) Escárnio, 4.1-3; 2) Agressão física, 4.8; 3) Esgotamento pelo cansaço (4.10 e depressão, ao ver irmãos a lucrar com a batalha, 5.1-5; 4) Boatos, 6.5-8; 5) Falsos profetas, e terror, 6.10-14; 6) Subversão, em laços familiares, 6.17-19.

6.7 *Puseste profetas.* Os pagãos imaginavam que os profetas, como Ageu e Zacarias, seriam como os profetas pagãos: empregados dos reis para "profetizar" sucesso. O conteúdo da carta era subversão, calúnia, e ignorância do princípio ao fim; os falsos boatos tinham o intuito de voltar o povo contra Neemias, e forçar este a se submeter.

6.9 *Fortalece as minhas mãos.* Os inimigos da fé nada lucram quando levantam tentações contra o verdadeiro crente: com isto, apenas criam ocasiões para o crente recorrer, mais e mais, a Deus em orações, orações freqüentes e espontâneas, desenvolvendo a plena comunhão com Deus.

6.10 *Encerrado.* Talvez esse falso profeta quisesse imitar a Ezequiel: ficar dentro da casa para demonstrar o perigo, como se fosse uma profecia de tudo o que poderia acontecer a Neemias. Ele estava livre, então, para se oferecer a acompanhar Neemias até ao templo.

6.11 *Fugiria.* O povo teria perdido a confiança num governador que fugisse.

6.12 *Então, percebi.* Reconheceu Neemias que a mensagem de Semaías o levaria a praticar atos de covardia e irresponsabilidade, de abandonar seu posto e dar mostra pública de falta de fé; percebeu que a mensagem não poderia ter vindo de Deus. Não pode haver inspiração divina numa profecia que nos convida a ser fracos na fé. O *subornaram.* Homens perversos fingem falar de Deus para alcançar seus propósitos. Falsos profetas aparecem freqüentemente na história da verdadeira revelação.

6.13 *A pecar.* Além do motivo dado a Semaías, Neemias apresentou outro: a lei mosaica proibia a entrada de leigos, como ele o era, no interior do templo. Se tivesse procurado esconderijo no templo, teria perdido seu lugar de autoridade sob a aquiescência de Deus.

6.16 *Decaíram muito no seu próprio conceito.* Sentiram-se derrotados.

6.19 *Levaram a ele.* A quinta coluna de traidores, entre os próprios judeus, levantou outro obstáculo à obra: interesses próprios e relações de parentescos provenientes de casamentos ilícitos, foram colocados acima do amor à pátria e da fé. • **N. Hom.** Armadilhas do mundo e os meios de escape, 6.2-11. 1) A inimizade, 6.2 - o trabalho, 6.3; 2) A calúnia, 6.5-7 - a defesa franca, 8; 3) A falsa religião, 6.10 - a recusa à tentação, 6.11.

7.1 *Os porteiros.* Também tinham a responsabilidade de guardar o Templo (cf. 1 Cr 9.17-19). *Os cantores e os levitas.* Normalmente auxiliares dos sacerdotes; esses foram designados como guardas, por causa do perigo de ataques pelos numerosos inimigos.

7.2 *Nomeei.* Ou "dei cargos de responsabilidade, como se segue".

7.4 *Pouca gente nela.* Tomaram-se as devidas providências, 11.1-2.

7.5 *Estava escrito.* Seque-se a lista dos que subiram a Jerusalém com Zorobabel em 536 a.C., registrada também em Ed 2.2-61.

7.7 *Neemias.* Outro Neemias, não o autor deste livro. O sétimo capítulo contém um vínculo histórico com o princípio da nação restaurada: repete-se a lista dos que voltaram em 538 a.C., que também está escrita em Ed 2.1-70. Neemias dá totais maiores para certas famílias do que os que constam na lista de Esdras. É possível que pesquisas feitas pelos israelitas depois da chegada em Jerusalém, conseguiram enquadrar, dentro destas famílias, muitas pessoas que tiveram dificuldade em comprovar serem de descendência

israelita (cf. Ed 2.59; Ne 7.64, etc.). Em ambos os casos, a total se calcula em 42.360 israelitas adultos (membros da "congregação"), embora os mencionados por famílias somem 29.818 em Esdras e 31.089 em Neemias. Isto significa que ambas as listas deixam entender a presença de milhares de israelitas sem genealogias fixas. Neemias mandara construir os muros em 445 a.C., quando já havia 93 anos que a pequena província persa estava lutando pela sua sobrevivência. Seria bom recapitular aqui o que o território tinha passado até aquela restauração. Entre 605 e 582 a.C., Nabucodonosor fizera várias deportações, novas expedições punitivas, provocadas pela contínua rebeldia do povo de Jerusalém: em 605 a.C. (2 Rs 24.1-3); em 597 a.C. (2 Rs 24.10-17); em 587 a.C. (2 Rs 25.1-7); e em 582 a.C. uma última expedição punitiva (Jr 52.30), que levou os últimos habitantes da cidade a fugirem para o Egito, Jr 43.1-7. Os que fugiram em busca da preservação, tornaram-se perdidos para a congregação de Israel, segundo a profecia de Jr 24.4-10, comprovada pelas descobertas arqueológicas. Os cativos na Babilônia foram conservados no espírito de fé, através do ministério profético e sacerdotal de Ezequiel, entre 592 e 565 a.C., em 27 anos de preparo religioso para a futura restauração daquela nação. Este ministério gerou nos israelitas um profundo horror pela idolatria, pela infidelidade religiosa, pelo descuido dos cultos de templo, que os firmou até ao tempo de Jesus. Durante os anos do cativo, os edomitas conseguiram tomar posse de uma boa parte do território dos judeus, não agindo como nação soberana (pois essa cessara com as vitórias dos babilônios e depois dos persas) mas como aventureiros particulares, aproveitando-se do fato de que, oficialmente, tudo pertencia à Babilônia ou à Pérsia, assim como os Bandeirantes, no Brasil, puderam estender os limites nacionais para além daqueles previstos pelo Tratado de Tordesilhas entre Espanha e Portugal, assinado justamente numa época em que essas coroas estavam unidas. Os persas reorganizaram a política internacional num sistema de províncias, das quais "Além do rio", era uma que se dividia nos territórios de Sidom, Galiléia, Megido, Samaria, Judéia (Jerusalém), Asdode, Iduméia, Moabe, Gileade e outros. A tolerância religiosa da Pérsia (Ed 7.24 e 26n) foi o instrumento nas mãos de Deus para preservar os judeus restaurados contra perseguição levantada pelos descendentes das antigas nações inimigas, naquela época.

7.64 *Imundos*. Aqui, a raiz hebraica é *gã'al*, que primariamente tem a idéia de ser aberto ou livre; liberto, pois, para o uso mundano, não vinculado ao culto divino. Este tipo de liberdade não é uma bênção; é a liberdade apóstata dos agnósticos, é a liberdade moral da juventude (cf. Jr 34.17). Existem outras raízes, tais como *hãlal*, "tornar comum ou impuro" aquilo que é santo, justo e bom, traduzido por "profanar" em Êx 22.25 e Dn 11.31; e *tãme*, que significa impureza cerimonial e moral; contaminação, traduzida por "imundícia" em Mq 2.10. Aqui, significa que estes não preenchiam os requisitos técnicos para servir como sacerdotes.

7.65 *Urim e Tumim*. Cf. as notas de Ed 2.63, Êx 28.15 e 1 Sm 14.18. *Governador*. É Zorobabel, mencionado aqui com seu título persa (cf. 5.14n).

8.1 *Sétimo mês*. Ou tisri, que começa em nosso mês de setembro; no dia 10 daquele mês havia o Dia da Expição (Lv 16.1-30), e no dia 15, a Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-43; Dt 16.13-17). A leitura pública das Escrituras feita por Neemias naquela ocasião, trouxe como primeiro fruto a devida observância da Festa (8.13-18) e o fruto espiritual dessa observância com a leitura diária das Escrituras (18), era o arrependimento, a confissão dos pecados e a aliança em que o povo prometeu cumprir fielmente a Lei de Deus, caps. 9 e 10. Após o período de mil anos, dentro dos quais a lei mosaica tinha sido desobedecida, renova-se a aliança feita entre Deus e Moisés quase mil anos antes. O judaísmo pós-exílico, como se entrevê também nos evangelhos, teve seu início nessas solenidades.

8.4 *Esdras, o escriba*. Esdras é considerado o patriarca dos escribas, os quais liam publicamente as Escrituras, traduziam-nas para o aramaica (a língua vulgar) e explicavam-nas ao povo (8). Mais tarde essas traduções foram escritas em colunas

paralelas com o texto hebraico original, e continham notas e interpretações. Foi assim, também, que surgiram os targuns.

8.7 *Os levitas ensinavam o povo no lei.* Depois da leitura por Esdras, os levitas explicavam-na ao povo. Provavelmente estavam espalhados entre o povo, dando explicações cada um ao grupo em seu redor.

8.9 *Ouvindo as palavras do lei.* A emoção aqui revelada, longe de comprovar que esta era a primeira leitura em público da Lei de Moisés, segundo dizem os que duvidam que a lei realmente existe desde o tempo de Moisés (1280-1240 a.C.), mostra realmente, que o povo sabia que estava ouvindo aquela mesma Palavra de Deus à qual tinha desobedecido no passado, o que fora justamente a causa do seu cativeiro.

8.10 *Enviai porções.* Compartilhar com os necessitados fazia parte integrante de uma festa religiosa (Dt 16.11, 14); do contrário não seria verdadeiramente religiosa (Tg 1.27). É esta a base que deu ensejo ao costume de dar presentes no Natal, dádivas aos pobres para refletir algo do amor de Cristo neste mundo.

8.14 *Acharam escrito na lei.* Não tem cabimento a teoria daqueles que alegam que a lei de Deus seria uma novidade da época de Esdras e de Neemias. A própria oração de Neemias (1.7-9) pressupõe uma lei que, apesar de já ter existido séculos antes, não tinha sido devidamente observada, o que aliás, foi motivo do cativeiro como castigo divino. Agora, com, a restauração, o povo resolve ser fiel à Palavra de Deus. *Habitassem em cabanas.* A festa dos tabernáculos, durante a qual o povo passava uma semana habitando em barracas (Lv 23.39-43), era uma comemoração dos quarenta anos que os israelitas passaram no deserto, cujo significado religioso seria o de lembrar aos israelitas que não passam de peregrinos no mundo, dependentes da proteção divina.

8.17 *Grande alegria.* A obediência à Palavra de Deus é a segredo dessa alegria verdadeira e duradoura.

9.1 Este capítulo é um dos muitos que dão um resumo da história de Israel. É uma oração, como o é também 1 Cr 16.7-22 e os salmos 78, 105 e 106. Os discursos de Estêvão e de Paulo também dão uma síntese da história nacional (At 7.1-50; 13.16-25) a fim de revelar o plano de Deus para com o Seu povo, despertando-o assim à fé e à obediência. *Com jejum e pano de saco.* Sinais externos de confissão e pesar de coração. As Escrituras trazem convicção de, pecado. • **N. Hom. 9.1-10.39** Alguns principias de reavivamento: 1) Voltar à contrição, 9.1-2; 2) Refletir sobre a bondade divina, 9.6-15; 3) Reconhecer a própria perversidade, 9.33; 4) Renovar a obediência na vida familiar, social e religiosa, 10.29-30; 5) Fidelidade em dar e em orar, 10.31-39.

9.2 *Das iniquidades de seus pais.* A confissão das iniquidades dos pais não é para a perdão dos pais (pois a confissão tem que ser pessoal), mas é para exortar os filhos a evitarem as mesmas transgressões. Ver Êx 20.5-6.

9.4 *No estrado dos levitas.* Semelhante ao púlpito de 8.4.

9.7 *Tu és o Senhor, o Deus.* Seque-se um apanhado da história de Israel; desde os dias de Abraão até aos dias de Neemias, destacando-se o amor e as bênçãos de Deus, contrastados com a infidelidade do povo que se afastara de Deus. É uma forma de reconhecer que também os sofrimentos descritos adviriam da desobediência à lei de Deus.

9.9 *Viste a aflição.* Mais um passo da história da salvação, pela qual Deus cumpre a aliança feita com Abraão, Seu escolhido. A oração prossegue: 1) vendo a aflição, do Seu povo, Deus o redimiou e o guiou, dando-lhe mandamentos vv. 9-15; 2) o povo, apesar das suas rebeliões, não fora desamparado por Deus, vv. 16-25; 3) mesmo habitando na Terra Prometida, o povo continuou a desobedecer, ao ponto de Deus entregara nas mãos de estrangeiros, sem, porém, desampará-lo totalmente, vv. 26-31; 4) uma súplica para que o Senhor, fiel aos Seus concertos, reconsidere a aflição do povo, não obstante dela merecedor, vv. 32-37.

9.13 *Desceste.* Esta foi a honra sublime e solene na qual os Dez Mandamentos foram

dados ao povo de Israel, como Carta Magna da futura teocracia que estava para ser estabelecida poucas semanas depois, na Terra Prometida. A rebelião do povo, porém, fez com que aquela geração inteira tivesse de ficar no deserto até perecer.

9.14 Sábado. Talvez a referência aqui não seja ao sétimo dia, descrito no quarto mandamento (Êx 20.8), mas sim, ao "descanso no Senhor", enquanto no âmago da religião, aquela fé que revela Deus ao lado do crente "em todas as suas jornadas" (Êx 40.38). Em hebraico, "sábado" e "descanso" são a mesma palavra: *shabbāth*.

9.15 Pão dos céus. É o maná descrito em Êx 16.15n; Jesus Cristo também fez desse título um símbolo de Si mesmo, pois, vindo dos céus, ofereceu-se à Si mesmo como comida espiritual para todo aquele que nEle crer (Jo 6.31-35); da mesma maneira, a Rocha que dessedentara os israelitas no deserto foi mais uma revelação da Pessoa de Jesus Cristo (1 Co 10.4).

9.17 Deus perdoador. Um comentário sobre este aspecto da revelação da natureza de Deus se acha em Êx 34.1-9n.

9.19 Nunca se apartou deles. Veja Êx 40.38n.

9.20 Teu bom Espírito. A presença do Espírito Santo não era especificamente aludida nas narrativas das jornadas dos israelitas, contidas nos livros de Moisés, mas mesmo assim, as palavras que Moisés gravou naqueles Livros, foram ditadas pelo Espírito Santo (2 Pe 1.21). Além disto assim como a presença de Cristo naquelas jornadas só foi compreendida mais tarde (cf. 9.15n), assim também a influência do Espírito foi plenamente entendida só após Jesus Cristo ter colocado Sua plenitude ao alcance dos crentes (Jo 14.16-31). Quanto à obra do Espírito, de ensinar toda a verdade, ver Sl 143.10; Jo 14.26; 16.13; e 1 Jo 2.27-29.

9.23 Como as estrelas do céu. Essas palavras estão citadas na promessa original que Deus fizera a Abraão e seu cumprimento registrado em 1 Cr 27.23. A referência mostra a abundância da graça de Deus em cumprir fielmente Suas promessas, e isto é um exemplo para o povo de Deus também cumprir fielmente suas promessas - crer, obedecer, adorar, seguir, amar e aprender (Êx 24.1-11; Dt 6.1-17).

9.25 Bondade. Gozaram as bênçãos mas esqueceram-se da Fonte, desprezando assim os solenes avisos que receberam de Moisés, antes de, entrarem em Canaã (Dt 8.11-20).

9.27 Dos seus opressores Uma reincidência muito comum, na época dos juízes, conforme o relato de Jz 2.16-19.

9.29 Obstinadamente deram de ombro. É o boi que resiste ao jugo; Israel tinha menos gratidão para com Deus, do que um boi manifesta para com o dono (Is 1.3). Mesmo assim, Cristo continuou a oferecer o Seu jugo de mansidão aos judeus. "Tomai sobre vós o meu jugo", Mt 11.28-30.

9.30 Povos de outras terras. Por ocasião dos cativeiros Assírio e Babilônico.

9.34 Príncipes. Título que era dado aos filhos do rei, aos governadores, e aos chefes de tribos ou de famílias.

9.36 Somos servos. A força do argumento é: na terra prometida, outrora isenta aos nossos pais, passamos a ser servos do império persa, ao qual pertence o fruto da terra com que nos prometeste abençoar.

9.37 Estamos em grande angústia. Esta confissão é semelhante ao salmo 106, no seu plano e nos seus pormenores, mas não tem o grau de sublimidade do louvor a Deus. Chega, porém, a confessar que Deus é justo e o povo rebelde e a suplicar humildemente por libertação.

9.38 Aliança fiel. A descrição desta aliança continuará em 10.28, depois da lista das pessoas que assinaram seu compromisso de guardar a lei, fazendo um registro permanente que seria arquivado como parte integrante da história do Povo de Deus.

10.1-27 Explicações destes nomes hebraicos, com algumas traduções dos seus significados, acham-se em Ed 10.20-43n e Nm 26n.

10.1 Neemias. Este nome tanto pode significar "Deus é gracioso para mim" como "Deus é

meu deleite". Na vida de Neemias, conforme registro neste Livro, ambas essas interpretações chegaram. a ser uma experiência real. *Zedequias*. Significa "Deus é minha justiça"; mas só depois da vinda de Cristo é que este significado veio a ser uma realidade maravilhosa, pela qual o homem, se não estriba mais na pobreza de sua justiça, mas confia na justiça eterna de Deus, que lhe outorga a graça de Cristo (Rm 4.6; Gl 3.6-14).

10.2 Azarias. "Deus é meu socorro". *Jeremias*. "Exaltado pelo Senhor", que é também o nome do profeta cujo livro se acha na Bíblia.

10.3 Pasur. "Crescimento", "prosperidade". Há certo número de palavras relacionadas com o nome de outra Pasur em Jr 20.3n. *Malquias*. "Deus é meu rei". A religião só começa a ter verdadeiro sentido quando Deus está entronizado como rei em nossa vida de todas os dias, e em nossas atitudes e decisões.

10.4 Sebanias. "Convertido pelo Senhor". Sem a conversão à Pessoa do Senhor Jesus Cristo, nenhuma virtude e nenhuma religião tem base sólida, nem esperança de ter permanência real e eterna.

10.6 Daniel. "Deus é meu juiz". É também o nome, do profeta.

10.9 Jesua. Este nome significa "salvação", e, juntamente com Josué, Oséias e outros, é sinônimo, (heb), ao nome de Jesus.

10.28 Separados dos povos... para a lei de Deus. A separação nas Escrituras é uma doutrina com dois aspectos: separar-se do mundo e separar-se para Deus. Ver as repetidas referências à separação no Livro de Esdras. Delas surgem, provavelmente, os fariseus.

10.31 Nada comprariam. Não se trata de proibir os povos da terra de vender no sábado, não se pode impor preceitos divinos sobre os que rejeitam a Deus, mas podemos evitar as suas práticas errôneas (13.16). *Ano sétimo.* Cada sétimo ano, chamado "ano sabático" pela lei mosaica, no qual deixava-se de cultivar os campos "para que os pobres do teu povo achem o que comer" (Êx 23.10-11), concedia-se a liberdade aos escravos hebreus (Êx 21.2), e cancelavam-se as dívidas (Dt 15.1-3). Esses mandamentos, como muitos outros da lei, não tinham sido observados, desde antes do cativeiro.

10.32 Siclo. Moeda de prata de 5 g (ver Êx 30.13 e Mt 17.24).

10.33 Pães do proposição. Doze pães, colocados semanalmente sobre a mesa, no templo, e depois da semana comidos pelos sacerdotes (Lv 24.5-9), simbolizavam a perene ação de graças ao Sustentador da vida, o Deus que alimenta Seu povo com produtos da terra, cf. Mc 2.26.

10.34 Oferta do lenha. O propósito de manter fogo perpetuamente sobre o altar dos holocaustos (Lv 6.9, 13), apresentou-lhes o problema do fornecimento da lenha (cf. Js 9.27).

10.35 As primícias. Deus exigiu as primícias, os primeiros frutos, as quais simbolizam que o ofertante reconhece que tudo pertence a Deus.

10.37 O vinho e o azeite. A renda do povo, dentro da economia agrícola não se calcula em dinheiro mas em víveres; o dízimo, portanto, era cobrado na base daquilo que as pessoas tinham em mãos (cf. 2 Co 8.12).

10.38 Os dízimos dos dízimos. Os ministros de Deus, que vivem dos dízimos do povo de Deus também devem dar o dízimo do que recebem (Nm 18.26).

10.39 Vasos do santuário. Ezequias ordenou a preparação de depósitos na casa de Senhor, para receber os dízimos e as ofertas (2 Cr 31.11). *Não desamparíamos a casa do nosso Deus.* Desamparar a casa de Deus não é apenas deixar de freqüentar o culto (ver Hb 10.25), mas também deixar, de sustentá-la com os dízimos e as ofertas.

11.1 O problema do tamanho da cidade em face ao número de moradores menciona-se em 7.4, e por causa disso, estabeleceu-se um sistema de alarme pelo toque de trombeta para reunir toda a população de qualquer ponto da cidade, em caso de ataque de inimigos (4.20). A estranha obediência de permanecer ali se explica no v. 2 (cf. 4.22).

• **N. Hom. 11.1-12.43** A estratégia da restauração: 1) Ocupar posições-chaves; 11.1-2; 2)

Delegar responsabilidades, 11.20-23; 3) Dedicar ao Senhor o coração e o bolso, 12.27-30, 43.

11.3 *Israel*. Esta palavra refere-se ao povo que voltou, apesar de ser tão-somente o restante do reino do sul (Judá e Benjamim); esse, restante passou a ser o "legatário residual" de tudo aquilo a que Israel fora vocacionado (cf. 2 Rs 25.30n). É por isso que a Igreja também se considera herdeira legítima desse título, que é o "Israel de Deus", Rm 11.7; 96-8; Gl 6.16; 1 Pe 1.1 (onde a palavra "Dispersão" se refere à comunidade judaica espalhada pelo mundo, e que agora se aplica à Igreja). Durante a época dos reinos divididos, entre 931 e 722 a.C., "Israel" tinha o sentido técnico restrito especificamente às dez tribos do norte (1 Rs 12.20n), mas qualquer remanescente de qualquer uma dessas tribos poderia continuar integrado na aliança com Deus (2 Rs 13.23n).

11.17 *Os louvores nos orações.* Matanias, Bacbuquias e Abda foram os regentes das três ordens de cantores entre os levitas.

11.20 *Sua herança.* Provavelmente foram restauradas as antigas heranças das famílias sacerdotais e dos levitas, que existiram durante séculos, antes do cativo na Babilônia.

11.25-35 Desta lista entende-se que esse remanescente do povo só ficou com o antigo território de Judá e Benjamim, pois as cidades aqui mencionadas se situam todas ali. O território das dez tribos já havia sido repovoado pelos assírios e constituído em província separada, um século e meio antes da deportação dos habitantes de Judá, pelos babilônios. A palavra "aldeias" (heb *hãçer*), significa, no singular, "sala de entrada, área, quintal", e no plural, "lugares de acampamentos" (Gn 25.16; Lv 25.31; Js 19.28). O fato de empregar-se essa palavra revela as péssimas condições de vida que o povo estava enfrentando, haja vista como entre as "aldeias" constavam os nomes de Berseba, Laquis, Betel, Anatote, Ramá e outras cidades tradicionais, muitas das quais haviam sido edificadas pelos cananeus, muito tempo antes da chegada dos israelitas. Laquis, por exemplo, já era uma fortaleza, no ano 1700 a.C. Mil anos mais tarde, em 701 a.C., era uma cidade grande o suficiente para enfrentar o cerco dos assírios, em que se travara uma batalha que mereceu ser registrada, por meio de gravuras nas pedras da parede do palácio de Senaqueribe, em Nínive, onde o relato foi encontrado pelos arqueólogos.

11.30 *Desde Berseba.* Do limite sul de Canaã até o Vale de Hinom, em Jerusalém - este era o território chamado Yehud, pelos persas.

12.1 *Com Jesua.* A lista apresentada no cap. 10 nos dias de Esdras e Neemias é de cabeças de famílias, que assinaram a aliança, essa lista é uma relação dos nomes das ordens e das famílias, uma genealogia explicativa.

12.1-21 Sobre os significados de alguns destes nomes hebraicos, veja as notas de Nm 26 e Ne 10.1-9, *Esdras*, i.e., "socorro", aparece aqui na grafia aramaica, igual ao nome do escriba Esdras.

12.3 *Reum.* "Misericordioso", um dos aspectos básicos da natureza divina, como se nota em 9.17 (que é uma referência a Êx 34.6-7).

12.7 *Hilquias.* Significa "O Senhor é minha porção", que é mensagem do rei Davi no Sl 16.5, e do estudioso da lei de Deus, Sl 119.57.

12.10 *Eliasibe.* Significa "Deus restaurará", um nome valioso para aquela ocasião em que todos estavam suspirando por uma restauração completa de sua nação e da herança à qual Deus chamou os israelitas.

12.11 *Jadua.* "Conhecido". O povo não sabia de todo o propósito divino, mas sabia que Deus tinha conhecimento de suas lutas, das quais Ele cuidaria (cf. Êx 3.7). Os papiros de Elefantina mencionam outro Jadua em 332 a.C.

12.15 *Adna.* Significa "Prazer". *Meraiote.* A raiz deste nome significa "rebelião e amargura". Felizmente o portador do triste nome veio a ser chefe de uma família de levitas.

12.16 *Ido.* Significa "Juramento", "Voto". *Zacarias.* "O Senhor Se lembrou de mim" deve ter sido a oração de gratidão da mãe ao receber esse filho (cf. 1 Sm 1.9-11, 19, 20; Gn

30.6, 20). Também serviu como sinal do favor divino naquela época de restauração (cf. 12.11n). Zacarias foi um dos profetas da época, juntamente com os profetas Ageu e Malaquias; os livros desses três, profetas se acham juntos, encerrando a obra profética do Antigo Testamento.

12.17 Zicri. "Lembrança de mim". O nome seria igual ao de Zacarias, faltando apenas a terminação que indicaria o nome do Senhor (Javé ou Jeová). O motivo é fácil de se entender: o ancestral que deu origem a esse nome vivia no Egito, na escravidão, na época em que Deus ainda não era adorado pelos israelitas em relação ao Seu Nome de revelação e salvação (Êx 3.14-15; 6.3). *Moadias.* "O Senhor é minha congregação"; a palavra *mō'edh* se usa para a congregação de Israel, no sentido de Igreja, e tem uma raiz que significa "tomar um juramento junto". A palavra se aplica como a que se traduz "ajuntamento" (5.7n).

12.19 Uzi. "Força minha". Um nome que se dava ao primeiro filho.

12.21 Natanael. "Deus deu". Os filhos são uma dádiva de Deus (Sl 127.3).

12.22 Dario, o persa. Dario II ou Notos (424-395 a.C.). Alguns sugerem Dario III (336-331 a.C.), confundindo o Jadua de 12.11 com o Jadua mencionado em documentos do ano 331 a.C.

12.24 Coro contra coro. Grupo diante de grupo, as posições tomadas pelos conjuntos corais no culto.

12.28 Campina. A parte sul do Vale do Jordão nos arredores de Jericó, a 24 km de Jerusalém.

12.30 Purificaram-se. Não se dedica a Deus uma coisa impura, defeituosa, pecaminosa. Por isso, os ministros começaram a purificação de si mesmos, antes de purificarem o povo e os muros (cf. Lv caps. 8 e 9; e 2 Cr 29.20-36).

12.31 Em procissão. Para a dedicação, Neemias dividiu em dois grandes grupos os que participariam; os dois partiram em direções opostas, talvez desde a Porta do Vale. O primeiro grupo, encabeçado por Esdras (36), prosseguiu à direita, ao sul (31-37); o segundo, encabeçado por Neemias, seguiu à esquerda, rumo ao norte (38-39). Os dois cortejos tinham grupos de cantores em primeiro plano, seguindo-se então as pessoas de destaque. Avançando sobre larga pista na crista do muro, rodeando a cidade até ao encontro, perto do templo, onde se reuniram para o culto (40-44).

12.42 Os cantores. Não se declara se os coros já avançavam cantando ao redor de Jerusalém; mas no Templo, os cânticos sagrados com música instrumental faziam parte integral do culto de dedicação (27, 41).

12.43 Até de longe. O júbilo marcou um dos pontos culminantes na história de Israel: a restauração à Terra Prometida. A obras de restauração iniciadas com o regresso do povo, terminam com essa dedicação, com sacrifícios e júbilo. A era que começou ao se completar a edificação do Templo (444 a.C.) continuará até a nova destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., pelo general Tito, depois imperador de Roma. Durante a maior parte dessa era os israelitas, apesar de habitarem na sua própria terra, viviam sob o domínio de governadores estrangeiros.

12.44 No mesmo dia. A palavra "dia" pode indicar o dia de 24 horas, ou uma época em termos gerais. Parece, do contexto, que no v. 44 e em 13.1 Neemias refere-se à época antes (12.44) e depois (13.1) da sua visita de regresso a Susã (2.6 com 13.6).

12.46 Dias de Davi. 1 Cr 6.31-32. A música sacra sempre fazia parte integrante do culto prestado a Deus.

12.47 Filhos de Arão. Cf 10.38 e Nm 18.26.

13.1-2 Converteu a maldição em bênção. O amor e a soberania de Deus muitas vezes se revelam no fato de fazer todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que amam a Deus (Rm 8.28). É assim que uma pedra de tropeço veio a ser pedra angular do templo espiritual (At 4.11; 1 Pe 2.4-8). Quem se edifica em Cristo, está firmado para a eternidade; Quem O rejeita, está eternamente esmagado. Da mesma maneira, a cruz, que era o

símbolo da morte vergonhosa dos piores criminosos, foi transformada por Cristo em símbolo de salvação eterna.

13.3 *Todo elemento misto.* O elemento estrangeiro. A lei que excluía os amonitas e moabitas da congregação de Israel (Dt 23.2-6) passou a se aplicar também aos outros estrangeiros (Et 9.1n).

13.5 *Uma câmara grande.* Eliasibe (possivelmente o sumo sacerdote mencionado em 3.1 e 12.10, 22), em consideração à família, deu a Tobias, estrangeiro e inimigo da obra (2.19; 4.7; 6.1, 14), um conjunto de salas para sua hospedagem, quando visitava Jerusalém, não obstante esse conjunto fazer parte do depósito consagrado para os dízimos e ofertas (12.44).

13.6 *Artaxerxes.* Artaxerxes I (464-423 a.C.). O prazo fixado pelo rei em, 445 a.C., (no seu vigésimo ano) para a ida de Neemias (Ne 2.1-6), pode ter sido de doze anos (pois agora é seu trigésimo segundo ano, 433 a.C.). Mas Neemias pode ter ido prestar contas antes disto. É possível que nesta visita a Susã, tenha empregado mais de um ano, pois na sua ausência surgiram os abusos descritos nos vv. 4-5, e no resto do capítulo 13.

13.8 *Fora do câmara.* Cf. as purificações do Templo, feitas por Jesus (Jo 2.13-16; Mt 21.12-13).

13.10 Os levitas não recebiam seu sustento, e então procuravam cuidar de si mesmos; mas é o povo de Deus que deve sustentar o ministério sagrado. • **N. Hom.** O povo falhou na separação, no serviço, na santificação (1-9). Confundiam-se com os pagãos e profanavam as coisas sagradas.

13.16 *Em Jerusalém.* Pouco antes, o povo tinha prometido nada comprar no sábado, mas os gentios, sempre ali por perto, o incitavam à transgressão (10.31n).

13.18 *Este mal.* Tanto o recente cativo como a opressão da hora. A convicção de que a profanação do sábado era um dos pecados que provocara o castigo do cativo, contribuiu para as extremas exigências sobre a observação do sábado, que vigoravam no tempo de Jesus.

13.23 *Asdoditas.* Moradores do antigo território dos filisteus, que então passara a ser um território persa, com o nome de Asdode.

13.26 *No pecado.* O simples fato de ser objeto do amor e da graça divinos, como o caso de um servo de Deus tão destacado como Salomão, não justifica a violação das leis de Deus.

13.27 *Prevaricando.* Sendo infiéis, traindo a vocação sagrada. *Estrangeiras.* Uns 25 anos antes, os israelitas tinham prometido despedir as mulheres estrangeiras (Ed 10.2-14), e na aliança mais recente, prometeram não mais contrair casamentos com elas (Ne 10.30). Daí a forte reação de Neemias, registrada no v. 25.

13.28 *Joiada.* Neste caso, Neemias foi obrigado a agir com autoridade, porque o filho de Joiada profanara o sacerdócio pelo casamento contra os mandamentos (Lv 21.7, 14). Agravou-se o caso por ser ele filho do sumo sacerdote. A santidade no ministério exige um padrão rigoroso para o casamento. Ver 1 Tm 3.2-6; Tt 1.6. *Genro.* Foi esse que foi usado para constituir um novo sacerdócio samaritano, com um templo no Monte Gerizim, formando uma seita rival do judaísmo (cf. Jo 4.20).

13.29 *Aliança sacerdotal e levítica.* A aliança feita com a tribo de Levi, quanto ao sacerdócio e aos levitas. Os privilégios especiais do sacerdócio exigem que os escolhidos se mantenham puros (Lv 21.6-8). Cf. as censuras do profeta contemporâneo, Malaquias (1.6-2.9).

13.31 *Lenha.* Cf. 10.34n. *Primícias.* Cf. 10.35n. *Lembra-te de mim.* É só de Deus que se espera a recompensa, ainda que aparentemente merecida. **EPÍLOGO.** Com a influência de Esdras e de Neemias, inspirados pelos profetas Ageu Zacarias e Malaquias, a nova nação se transforma numa igreja mais do que num Estado; uma Igreja que existia com a licença dos persas. Quando Alexandre Magno, da Macedônia, morreu, depois de fundar seu império entre 331 e 323 a.C., parte deste foi dada ao general Seleuco, que fundara a

dinastia dos selêucidas, e outra parte, a do Egito, caiu nas mãos do general Ptolomeu, que também formou uma dinastia, a dos ptolomeus. Durante um século, Judá pertenceu, nominalmente, ao Egito, embora houvesse sido objeto de várias disputas com a Síria. Em 198 a.C., os selêucidas tomaram posse da terra, e a tentativa de impor a cultura grega, seguindo o antigo plano de Alexandre Magno, desencadeou a perseguição religiosa. Em 140 a.C. os judeus ganharam a independência, até à época do domínio romano em 63 a.C.

Livro de Ester

Análise

O livro de Ester pinta graficamente as vigorosas lutas dos judeus dispersos durante o tempo do rei persa, Assuero, contra as tramas nefandas de certo primeiro-ministro chamado Hamã. Embora o nome de Deus não seja mencionado uma vez sequer nesse livro, Sua mão se manifesta continuamente em todas as circunstâncias detalhadas do relato. Ester, por sua beleza, suplanta Vasti como rainha; Mordecai, por sua habilidade suplanta Hamã, como primeiro-ministro. Todas as personagens desde o rei até o escravo servil desempenham seus papéis no momento. Hamã é a encarnação da maldade; Mordecai a essência da bondade; Assuero, embora fraco e manuseável, também tinha pontos fortes em seu caráter. Ester, prima e tutelada de Mordecai, tornou-se a heroína da história, devido à sua disposição em arriscar sua vida e posição, a pedido de Mordecai em prol de seu próprio povo e em seu período de urgente necessidade.

Autor

Nenhuma evidência certa se pode ter a respeito do autor do livro de Ester. Tem sido obra atribuída a diversos indivíduos (Esdras, Jeoaquim, Mordecai, membros da Grande Sinagoga). Nada existe de intrinsecamente improvável em atribuir-se o livro a Mordecai, a personagem principal e guardião de todos os fatos relevantes envolvidos.

Diferentemente de, obras de ficção e romance, o livro de Ester está inteiramente entrincheirado na história e é documentado por informes específicos. Esse livro, semelhantemente à profecia de Ageu (1.1, 15; 2.1, 10, 20), é datado de conformidade com o reinado de Assuero, o qual é comumente identificado com Xerxes I (485 -465 a.C.) dos tempos antigos. As modernas escavações efetuadas em Susã (isto é, Susa) têm confirmado substancialmente a exatidão histórica do autor do livro, que deve ter possuído conhecimento pessoal do povo e dos acontecimentos do relato.

Talvez nenhum outro livro da Bíblia tenha si do atacado com tanta amargura e veemência como o livro de Ester. Por causa de seu espírito de nacionalismo e de vindita, os críticos têm-no declarado indigno de figurar no cânon sagrado. Se, entretanto, nos aproximarmos com reverência da história, dependendo humildemente do Espírito de Deus para dele receber ensino, encontraremos verdades que satisfarão a mente e edificarão a alma. Quanto mais se estuda essa inigualável história, tanto mais se conclui que suas profundas verdades devem ser desencavadas como pepitas de ouro.

Esboço

VASTI É DIMITIDA, 1.1-22

ESTER É PROMOVIDA, 2.1-23

IRA DE HAMÃ, 3.1-15

O PALCO ARMADO POR ESTER, 4.1-5.8

HAMÃ É LIQUIDADADO, 5.9-7.10

MORDECAI (E ESTER) EXALTADOS, 8.1-10.3

1.1 Assuero. Este é o rei ao qual os gregos deram o nome de Xerxes, sendo esta a sua maneira de interpretar as consonantes do nome persa do rei khshayarsha, filho de Dario por Atossa, filha de Ciro. Reinou entre 486 e 465 a.C., sobre 127 províncias, enquanto seu pai, Dario, só tinha 120, sobre as quais nomeou sátrapas (Dn 6.1).

1.3 Escol. Heb hayil, "força", "poder", "virtude", "escol"; são os maiores do gabinete de Assuero. Houve uma festa privativa para cortesãos e funcionários, que durou seis meses, em 484-483 a.C.

1.5 Nesta festa pública, o rei era o hospedeiro de todo o povo; uma semana já era muito, quando se tratava de um número tão elevado de pessoas. *Susã.* Ou Susa, 322 km a leste da Babilônia, era capital de Elão e residência de inverno dos reis persas.

1.9 Vasti. Esta palavra persa, que significa "bela", é um título dado Amestris, uma das esposas de Assuero (Xerxes I). Era Mulher de má fama por causa de sua crueldade e sensualidade.

1.12 Amestris recusou-se a ser "brinquedo do rei embriagado", que, querendo fazer alarde público da beleza de sua esposa, estava violando o costume persa de não convidar mulheres para as festas dos homens.

1.13 Os sábios. Heb *hakhāmim*, que, na situação persa, nada mais eram senão astrólogos e prognosticadores, que diziam discernir "os tempos favoráveis". Para os persas, eram cientistas cuja opinião devia ser considerada em todos os assuntos importantes do reino.

1.14 Esses homens eram os sete príncipes da Média e da Pérsia que agiam como ministros do Estado, os conselheiros do rei, de cujas famílias o rei tradicionalmente escolheria sua rainha.

1.16 Memucã passa a demonstrar que qualquer frouxidão ao tratar do assunto da rainha, provocaria uma aluvião de atitudes de desrespeito da parte das mulheres para com seus maridos. Tal argumento, que parece um pouco infantil, tornou-se, provavelmente, o pretexto para os nobres se verem livres da rainha déspota.

1.19 E não se revogue. Memucã não quer que uma decisão, feita pelo rei num momento de cólera, instigada pela festa, pela atitude da rainha e pelos conselhos dos sábios, venha, depois, a ser revogada, pois a rainha, uma vez restaurada, logo se vingaria. Exigia-se, portanto, um decreto real registrado nos arquivos do império, que passaria a fazer parte das inalteráveis leis da Média e da Pérsia. A diferença entre casos particulares e temporários, e leis imutáveis se percebe nitidamente em Dn 6.7-9, 14-16. *A outra.* Lit. "à companheira dela", ou seja, alguma outra dama da corte, dentre as sete famílias reais. Dentro da providência de Deus, porém, as coisas estavam sendo planejadas de maneira diferente: o rei, volúvel e sensual, ao sentir falta da rainha, haveria de ser facilmente persuadido a procurar a moça mais bela do reino (2.4), e era justamente Ester, do povo de Deus, que tinha essa qualidade (2.7).

1.20 Mandado. Heb *pithgām*, é a palavra persa própria para um memorial real, um decreto ou edito. Na forma aramaica *pithgāmā'*, ocorre em Ed 5.7 para definir a "relação escrita", ou consulta formal feita ao rei Dario, pedindo-se uma resposta em forma de decreto.

1.22 O assunto da autoridade do pai no lar, sendo ele quem impõe os costumes e a língua, não era insignificante naquela época de internacionalismo, quando impérios enormes haviam eliminado as antigas barreiras nacionais. As deportações, conquistas e colonizações produziram uma confusão de casamentos mistos que nunca poderia ser prevista poucos séculos antes. • **N. Hom.** Cap. 1. A providência de Deus controla os acontecimentos de maneira imprevisível: aquela jovem cativa Ester, jamais poderia sonhar em ser rainha, se não tivesse havido o pensamento indecente e tirânico na mente do rei (v. 11), a altiva recusa da rainha (v. 12), e a sugestão audaciosa e sem precedentes da parte de Memucã (v. 19).

2.1 Lembrou-se de Vasti. As saudades estavam diluindo a cólera impensada, porém o decreto fora feito de maneira irrevogável (1.19).

2.2 Os jovens souberam apelar à sensualidade do rei: este deveria aproveitar a oportunidade de escolher a moça que mais lhe agradasse.

2.3 Eunuco. O único oficial que podia entrar na casa das mulheres.

2.5 Mordecai. Este judeu do Cativoiro que não voltou para Jerusalém com Sesbazar em 538 a.C., tinha um nome civil babilônico, derivado do nome da divindade Marduque. A história de Ester pertence ao período entre a primeira volta do Cativoiro, e a Ida de Esdras e Neemias para Jerusalém: o período subentendido entre os caps. 6 e 7 de Esdras.

2.6 Que fora transportado. Refere-se a Quis, bisavô de Mordecai, que teria chegado à Babilônia com Daniel, em 605 a.C., ou com Joaquim, em 597 a.C., ou com Zedequias, em 587 a.C. (cf. nota de 2 Rs 24.12). Mordecai pertence a outro século: estamos no ano 483 a.C.

2.7 Hadassa. Nome heb derivado de *hadhas*, "mirta". *Ester.* O nome é persa, derivado da palavra *stam*, "estrela". Alguns pensam que o nome se refere a Istar, suprema deusa dos babilônios. Os judeus morando em países distantes, sempre usavam um nome hebraico, religioso e nacional, e um nome na língua do povo das suas peregrinações. *Bela.* A qualidade que viria a despertar o interesse do rei.

2.9 Alcançou favor. Uma frase predileta do autor do Livro (cf. 2.15, 17e 5.2). A frase inteira não ocorre em outro trecho bíblico, mas a palavra "favor", heb *hesedh*, é importantíssima nas Escrituras, como base da doutrina da graça, da misericórdia, do amor que Deus demonstra aos homens, atributo que deu origem a um elo vital na história da redenção.

2.10 Não havia declarado. Ester, em contraste com Daniel (Dn 1.9-16), se conformou com os costumes cívicos do império pagão (9-14).

2.12 Mirra. Estimada pelo aroma e pelo poder purificador. Os egípcios a empregavam na preparação das múmias, e os judeus no óleo da unção.

2.16 No décimo mês, que é o mês de tebete, no sétimo ano. Janeiro/fevereiro de 479 a.C., imediatamente depois do regresso de Xerxes da sua invasão da Grécia.

2.18 Alívio às províncias. Algum desconto nos impostos imperiais.

2.20 Linhagem. Cf. v. 10. A revelação foi feita mais tarde (8.5-6). • **N. Hom.** (Cap. 2). A providência de Deus concede àqueles que hão de fazer alguma obra em Seu nome, as qualidades necessárias para a obra (7). Ester não tinha linhagem real, mas isto nem foi cogitado (10 e 20), pois Deus, na Sua providência, tinha cercado Ester de amigos em lugares inesperados (9 e 15) e dado ainda a Mordecai uma oportunidade para se tornar pessoa grata ao rei (21-23).

3.1 Hamã. Nome derivado de Humã, divindade elamita. Mais tarde, quando o livro de Ester passou a ser lido anualmente na festa de purim, os judeus assimilaram a tradição de clamar "Seu nome seja apagado", "Faze o nome dos ímpios perecer", na hora da pronúncia desse nome. Hamã destaca-se pela vaidade, energia, determinação, paixão, arrogância e pelo egoísmo. *Agagita.* Talvez um amalequita (1 Sm 15.8).

• **N. Hom. Caps. 3 e 4** Deus, na Sua Providência, já havia concedido oportunidades vantajosas para Ester e Mordecai (2.17 e 22) antes de surgir o vilão da peça, Hamã (3.1). Esta mesma Providência levou Mordecai a tomar as atitudes que forçariam Hamã a ir além dos limites, na sua ira (5-6), para ser derrotado por sua própria violência. Mas sobretudo revela-se a Providência de Deus nas palavras de Mordecai: "Quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?" (4.14). É Deus que a elevou, é claro.

3.2 Hamã tinha o título de "Amigo do Rei", ou o "Segundo no Reino". Nada havia na religião judaica que proibisse o respeito prestado a um príncipe tão eminente, e mesmo se houvesse, o mesmo Mordecai, que deixou Ester casar-se com um gentio, não teria faltado com o respeito.

3.7 Nisã. Março/abril, nome internacional aramaico; antes do exílio, usava-se o antigo nome heb *Abibe*, o mês da Páscoa. *No ano duodécimo*, 474 a.C., no quinto ano de Ester.

Pur. Do assírio *puru*, "pedrinha para lançar sortes". O dia no qual cairia a sorte, seria um dia auspicioso para os "sábios" que entendiam dos "tempos" (cf. 1.13). *Adar.* Fevereiro/março. Hamã estava disposto a esperar um ano para obter o dia certo. O que nos parece ser superstição grosseira, era considerado uma verdadeira ciência, na época.

3.9 Dez mil talentos. O talento pesava 30 kg. A renda total do império persa era 17.000 talentos, e os cofres imperiais estavam vazios por causa da guerra contra os gregos. A grandeza da oferta, e a cortês recusa do rei, são a maneira oriental de dizer: "Vamos despojar os judeus, e dividir entre nós os lucros". Tanto era o ódio de Hamã, e a ganância do rei, que nem se levava em consideração o terrível sofrimento e o clima de terror que haveria de permanecer no império.

3.10 Anel. Com o selo ou sinete do rei, dando ao detentor autoridade de assinar qualquer lei, como decreto real. Outras referências ao uso do selo se acham em 8.2 e em Gn 41.42.

3.11 Essa prata. A soma mencionada foi recusada, mas ficou por entendido que o rei não recusaria sua parte dos despojos. *De teu agrado.* Não existe mais possibilidade de duvidar-se desta narrativa, depois de ter, o mundo, presenciado um holocausto do mesmo tipo, recentemente, pelos anos 1940-1945, na Alemanha, devido à maldade dos nazistas.

3.15 Correios. Heb *rāçim* "os que correm". O império Persa foi o primeiro a estabelecer o sistema de correios, que possuía autoridade para requisitar para este serviço público, cavalos, portadores e alimentos dentre as populações civis que achassem no seu caminho. Esse costume é aludido em Mt 5.41.

4.1 Rasgou os suas vestes. Sinal de aflição entre os judeus (Ed 9.3, 5; Dn 9.3; Jn 3.6).

4.2 Na presença do rei não se tolerava qual quer sinal de desgosto ou de aflição (Ne 2.1-2).

4.4 Não as aceitou. Mostrando que mudar o sinal exterior da sua mágoa não lhe traria consolo algum, até que a causa da própria mágoa fosse removida. Isto levou Ester a resolver-se a examinar a situação (5).

4.5 Nem o próprio Mordecai teria acesso aos aposentos da rainha.

4.11 Uma sentença. Heb *dāth*, palavra internacional da época, com o significado de "lei" imperial, na língua aramaica. Artaxerxes usara a palavra tanto para a lei civil como para a Lei de Deus, mas este sucessor de, Xerxes não perceberia a diferença (Ed 7.24). O conceito de lei imutável foi instituído por Deioces, primeiro rei dos medos, para consolidar sua autoridade, e adotado depois pelos reis persas. Ester podia ter solicitado uma audiência, mas, visto que o rei não estava demonstrando sinais favoráveis, poderia ter sua petição recusada, o que tornaria impossível uma segunda oportunidade. Ela bem sabia do caráter volúvel do rei.

4.16 Jejuai por mim. Para pedir bênção de Deus; o jejum acompanhava, normalmente, a humilhação e a oração, em um ato de culto a Deus. Apesar do livro de Ester ter sido desprezado por não mencionar o nome de Deus, ainda assim podemos nele reconhecer Deus a desempenhar o papel principal nesta narrativa.

5.1 Se pôs no pátio. Colocou-se ali para ser vista do trono pelo rei e, para a oportunidade, fizera-se o mais atraente possível, segundo o gosto do rei.

• **N. Hom.** Caps. 5 e 6. Agora se revela quão providencial era o fato de Ester não ter revelado sua descendência, pois já teria sido enquadrada no plano de Hamã, que de nada suspeitava (6.6). A Providência de Deus concedera a Ester a beleza necessária para alcançar favor (5.2). A Providência fez com que o rei ficasse devedor de um favor a Mordecai na hora crítica, e ainda o fez perder o sono para, justamente na hora propícia, vir a lembrar-se daquele favor (6.1-3). Essa mesma Providência já havia adiado a hora da morte dos judeus, 3.7.

5.3 Até metade do reino. Fórmula usual para uma promessa sem limites (Mc 6.23). O rei era facilmente induzido, pelas paixões, a fazer extravagâncias, tanto para o bem como para o mal.

5.4 Sabedora do caráter volúvel do rei, Ester quis se assegurar de estar em situação favorável, antes de tocar naquele delicadíssimo assunto. Era este o rei que mandou algemar o oceano que sacudira seus navios!

5.6 *Petição.* Não se negava uma petição feita num banquete real.

5.8 Ester quis adiar o encontro final, pois ainda não podia garantir que ela seria favorecida, em detrimento, do favorito do rei.

5.9 Hamã enfurece-se tanto com o fato de uma única pessoa não lhe prestar homenagem, que as demais, que lhe tratam com reverência e honra, não lhe servem como consolo algum (cf. 13).

6.1 *O livro dos feitos memoráveis.* As crônicas do reinado, 2.23. O rei quis bem aproveitar seus momentos de insônia, e talvez pensasse que os feitos mais emocionantes seriam os do seu próprio reinado.

6.3 *Que honras.* Havia entre os persas uma ordem chamada "ordem dos benfeitores do rei", constituída por indivíduos que prestaram algum serviço excepcional ao rei, os quais passaram a ser sobejamente recompensados. Mordecai, tendo denunciado uma conspiração contra a rei, deveria ter sido enquadrado naquele grupo, mas não foi.

6.4 A pressa de Hamã era tão grande que já desde a madrugada estava à espera da primeira chance de trazer uma petição ao rei.

6.5 Nem Hamã poderia entrar sem o convite do rei (4.11).

6.6 *Mais do que de mim.* Hamã estava certo que ele mesmo era o alvo de todos os favores do rei, pois Ester nada revelara.

6.8,9 Cada uma das sugestões de Hamã constituiria uma grande honra para os orientais, tanto o privilégio de usar vestes reais como montar no cavalo particular do rei. Gramaticalmente falando, é possível que o cavalo é que deveria ser coroadado, além do que, esse costume já tinha sido obedecido no antigo império da Assíria, mas é mais provável que a pessoa a ser honrada fosse tratada, por um momento, como a um rei com coroa.

6.10 *O judeu Mordecai.* O rei acabou honrando um membro da raça cuja extinção tinha sido decretada. Alguns acham isto estranho, mas é de perfeito acordo com o caráter impetuoso do rei Xerxes.

6.12 Hamã, com seu ódio ainda mais inflamado, não sabia como suportar a espera de mais alguns meses até a data marcada para a destruição dos judeus. Mas era ainda o favorito do rei, a segunda autoridade no reino, e haveria de achar meios de derrubar a Mordecai daquela posição privilegiada.

6.13 *Sábios.* Mágicos com os quais os reis consultavam ao deliberar decisões importantes (cf. 1.13n). Estes profetizaram a queda de Hamã, e foi com essas palavras na mente que ele tinha de enfrentar o confronto que Ester lhe preparara.

7.2 *Qual é a tua petição?* Segundo Heródoto, historiador grego daquela época (o qual viveu entre 480-426 a.C.), nenhuma petição apresentada num banquete real poderia ser recusada. Esta, porém, era uma reunião íntima, oferecida pela rainha.

7.3 *Petição... desejo.* A rainha ressalta as mesmas palavras faladas pela rei para cobrar a promessa em duas partes: a vida dela, que só então é revelada como uma vida enquadrada na lei de Hamã contra os judeus, e a vida dos membros da sua raça.

7.4 *Vendidos.* A oferta de Hamã, com a recusa formal do rei, a aceitar a soma mencionada, sem porém, deixar de autorizar o plano de Hamã, considerada à luz dos termos do decreto da destruição dos judeus ("e que lhes saqueassem os bens", 3.13), não deixa de ser um contrato de venda das vidas dos judeus (3.9-11 e notas). *O inimigo não merece que eu moleste o rei.* Lit. "Porque o adversário não é suficiente para a perda do rei". Isto quer dizer que o valor de Hamã, com as toneladas de prata que prometeu, nada é, comparado com a perda que o império sofreria com a morte de incontáveis súditos judeus. A frase contém palavras raras, do aramaico falado na época.

7.8 Os persas tomavam suas refeições reclinados em divãs, como também os gregos e

os romanos. A exclamação do rei revelara sua ira implacável contra Hamã, e os seus servos bem sabiam que isto significava a pena de morte; cobriram-lhe o rosto conforme o costume aplicado às pessoas que iam ser executadas. O costume veio a ser comum entre os gregos e romanos, e este versículo demonstra que seus predecessores persas o instituíram, como também instituíram muitas outras coisas.

8.1-17 O primeiro decreto, o de massacrar os judeus (3.9-11), era irrevogável, dando aos judeus a autoridade de se defenderem contra seus algozes (11).

8.6 Prudentemente, Ester deixa de frisar a responsabilidade do rei por ter assinado o decreto, mas acentua que o povo por ele condenado se encontra espalhado por todas as províncias do império, dando a entender que o próprio rei seria prejudicado se o decreto fosse levado a efeito.

8.7 Assuero, ao enumerar os benefícios de que cumulava Ester, não estava dizendo que já fizera a suficiente, mas estava lembrando as provas de sua contínua boa vontade para com Ester, garantia de mais favores.

8.8 *Escrevei*. A revogação implorada por Ester (3), e impossível, pois o decreto anterior já havia sido selado com o anel do rei (3.12). Mas Mordecai recebeu autoridade para elaborar outro decreto (8.9).

8.9 *Sivã*. Maio/junho. Ainda faltavam nove meses para a data marcada para a destruição dos judeus, adar (fevereiro/março). *Cento e vinte e sete*. Soma de todos os reinos conquistados, reagrupando-se as pequenas nações antigas em áreas administrativas mais convenientes. *Na sua própria língua*. A língua empregada para fins diplomáticos nos impérios da Assíria, da Babilônia e da Pérsia era o aramaico; mas a região abrangia os povos das mais diferentes línguas. *Modo de escrever*. Hieróglifos, cuneiformes, silábicos, gravados em argilas, pedra ou papíro.

8.11 Os judeus podiam matar aos seus algozes.

8.15 Agora era Mordecai o "Amigo do Rei", o "segundo do Reino", que tinha a autoridade para fazer uso do anel do rei, e das vestes reais.

8.17 *Se fizeram judeus*. Uma das Poucas alusões bíblicas à conversão dos povos ao judaísmo situação já prevista por Isaías (Is 56.68). • **N. Hom.** Caps. 7 e 8. A queda de Hamã e a elevação de Mordecai, não podia ter sido planejada pela força humana, pois todas as probabilidades eram contrárias; mas pela Providência de Deus, até o ato de Hamã de pedir misericórdia (7.7-8) e o de preparar uma força para Mordecai (7.9), contribuíram para a destruição daquele inimigo do povo de Deus. Aquela vindicação do povo de Deus era uma prova tão clara da Providência divina, cujo fato os pagãos não podiam deixar de reconhecer, e que fazia alguns transmudar em seguida (8.17).

9.2 *O terror*. Os judeus agora gozavam do favor da corte, e Mordecai tinha grande influência, junto a potentado Xerxes I.

9.3 *Príncipes*. Até as mais elevadas autoridades estavam dispostas a prestar apoio ao judeus, sabendo da atitude do rei a propósito do assunto.

9.7-9 Estes nomes são todos persas, menos Adalia; na Bíblia hebraica, cada um desses nomes é escrito em uma linha diferente, uns sobre os outros, formando uma coluna em vertical.

9.10 *No despojo*. Não quiseram que houvesse qualquer semelhança entre a ganância de Hamã e do rei, e a justa retribuição defensiva levada a efeito pelos judeus. Veja-se como o despojo foi visado na barganha entre Hamã e o rei (3.9-11, 13; 7.4 e notas).

9.11 *O número de mortos*. Desde os primórdios, estas contagens eram feitas nas freqüentes guerras que, houveram na área da Mesopotâmia, de onde surgiram os primeiros impérios. O rei, havendo já sacrificado, a vida de um milhão de soldados, na guerra contra a Grécia, pouco se perturbou, e ainda se prontificou a completar até o que não constava no pedido de Ester (12).

9.13 *Dependem em força os cadáveres dos dez filhos de Hamã*. Já tinham sido mortos, cf. vv. 6-10, mas esta exposição pública dos seus corpos era uma vindicação aberta do

povo de Deus, uma prova inegável de que a Providência de Deus desvia os mais terríveis planos do Inimigo, empregando, às vezes, meios que pareçam ser naturais, acidentais, ou mera coincidência. A chave desta vitória final estava na confiança de Mordecai, de que Deus sempre teria um meio de socorrer ao Seu povo, mesmo quando o ser humano se recusasse a fazer sua parte (4.14), e na petição de Ester, para que os judeus fizessem uma grande reunião de oração a Deus, rogando Suas bênçãos sobre a que se via obrigada a desempenhar.

9.17 Depois de sua vitória sobre seus inimigos persas, os judeus fizeram uma festa, e descansaram; seria um dia de ações de graças a Deus pela maravilhosa libertação operada. Os judeus da capital tiveram dois dias de lutas (13 e 18), e então foi resolvido que, nos anos futuros, aquelas datas 14 e 15 de adar, seriam celebradas.

9.19 O povo do oriente, além de convidar os amigos às festas, mandavam porções àqueles que não podiam vir, e também deram oportunidade aos pobres de compartilharem de alguma coisa (cf. Dt 16.14).

9.20-32 Mordecai forneceu o relato da situação para os judeus em todas as partes do império, marcando uma comemoração religiosa anual, e, em seguida, emitiu ordens na forma de decreto real, para que fosse cumprida.

9.26 *Purim*. A festa de Purim, precedida por um jejum, ainda se observa na noite que inicia o dia 14 de adar (data que mudou anualmente em nosso calendário, já que não é o mesmo que se usava). Na manhã seguinte, se teria o livro de Ester inteiro, em grego ou em hebraico, ou na língua entendida pela congregação ouvinte. Atualmente, e a festa de caráter mais secular entre os judeus, sem, porém, deixar de ser relacionada à intervenção divina salvando ao Seu povo, e às ações de graças que se devem prestar a Deus. Cada festa religiosa israelita tem por base comemorar algum ato de Deus realizado no passado, que revelara Seu amor, ou algum ato de salvação prenunciado pelos Sacrifícios.

10.1 A guerra contra os gregos prolongou-se na Ásia Menor durante muitos anos depois da batalha de Salamina. Havia necessidade desses tributos, para que o império arcasse com as enormes despesas havidas. *Terras do mar*. Os territórios marítimos e a ilha de Chipre; as ilhas do Mar Egeu já haviam sido perdidas, pelo império persa, após as derrotas sofridas de Xerxes I, na Grécia.

10.2 *Livro do história*. As Crônicas do império persa, cf. 2.23; 6.1. Essas Crônicas devem ter sido estudadas na composição do livro de Ester.

10.3 *Segundo depois do rei Assuero*. Mordecai tinha galgado à posição oficial de Hamã (3.2 e 8.15 com as notas). Os registros históricos mostram que no ano 465 a.C., aquela posição pertencia a Artabano, que naquele ano assassinou o rei Assuero (Xerxes I). Se os acontecimentos narrados nestes capítulos pertencem ao ano 474 a.C., então é provável que entre 474 e 465 a.C., tanto Ester como Mordecai teriam morrido ou caído do poder; naquele intervalo Vasti reocupou sua posição, apesar dos esforços dos nobres para isso evitar. No caso de Ester ter caído do poder, podemos frisar a expressão de 4.14 "Quem sabe se para tal conjuntura como essa é que foste elevada a rainha?" A mensagem da sua vida é "Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28).

O Livro de Jó

Análise

O padrão claramente desenvolvido do livro - prólogo; discursos e epílogo, além dos ciclos dentro dos próprios discursos - mostra que se trata de uma interpretação teológica sobre certos acontecimentos da vida de um homem chamado Jó. Do início ao fim, o autor tem a intenção de responder, a uma pergunta básica: Qual é o significado da fé?

Um chefe tribal, de notável piedade e integridade como era Jó, foi abençoado por Deus com uma prosperidade terrena tal, que se tornara "o maior de todos (os homens) do

Oriente" (1.3). Subitamente, porém, Jó experimentou uma reversão completa da fortuna. Foi vitimado por uma série de grandes calamidades, tendo sido privado de todas as suas possessões e dos seus filhos (1.13-19). Seu corpo ficou coberto por uma enfermidade repulsiva (2.7). Três amigos, que vieram ostensivamente para consolar a Jó, insistiam em que o seu sofrimento era um castigo contra o seu pecado, e que portanto seu único recurso era o arrependimento. Mas Jó rejeita veementemente essa solução, afirmando sua retidão, e a conseqüente incapacidade de compreender sua desgraça. Um outro amigo, Eliú, sugere que Jó estaria passando por uma disciplina amorosa enviada por Deus para impedi-lo de cair noutros pecados. Essa interpretação é igualmente rejeitada por Jó. Finalmente Deus responde às repetidas solicitações de Jó para uma explicação direta sobre os seus sofrimentos, não por uma justificação de Suas ações, nem por qualquer solução intermediária, mas por Sua apresentação pessoal em sabedoria e poder. Isso é o suficiente para Jó; ele percebeu que Deus, sendo o que era, tinha de apresentar uma solução, e Jó descansa na mesma pela fé.

Embora o tema do sofrimento e sua causa seja dominante por todo o livro, esse livro serve para o propósito mais lato que havia na mente do autor mostrar que a certeza da fé não descansa nas circunstâncias exteriores, nem em explicações especulativas, mas no encontro de fé e em um Deus onisciente e onipotente.

Autor

O livro de Jó não nos fornece qualquer indicação segura sobre sua autoria ou sobre o tempo de sua composição. Embora muitos estudiosos hoje em dia falem sobre uma autoria exílica ou pós-exílica (séculos VI a III a.C.), tradicionalmente a data tem sido atribuída aos tempos patriarcais (século XVI a.C.), ou aos dias de Salomão (século X a.C.).

Esboço

PRÓLOGO, 1.1-2.13
O Caráter de Jó, 1.1-5
O Infortúnio de Jó, 1.6-2.10
Os amigos de Jó, 2.11-13
A SOLUÇÃO DOS TRÊS AMIGOS, 3.1-31.40
Primeiro Ciclo de Discursos, 3.1-14.22
Segundo Ciclo de Discursos, 15.1-21.34
Terceiro Ciclo de Discursos, 22.1-31.40
A SOLUÇÃO DE ELIÚ, 32.1-37.24
A SOLUÇÃO DO SENHOR, 38.1-42.6
O Primeiro Discurso, 38.1-40.2
A Resposta de Jó, 40.3-5
O Segundo Discurso, 40.6-41.34
A Resposta de Jó, 42.1-6
EPÍLOGO, 42.7-17
Repreensão do Senhor aos Três Amigos, 42.7-9
O Senhor Restaura a Jó, 42.10-17

1.1 Uz. Este nome ocorre várias vezes no Antigo Testamento: 1) Nome de um filho de Arã, Gn 10.23; 2) Nome do primogênito de Naor, irmão de Abraão, Gn 22.21; 3) Nome de um descendente de Seir, Gn 36.28. A terra de Uz fica no oriente da Palestina, nos confins do deserto, mas um distrito de fazendas grandes. *Jó*. Heb, *iyöbh*, que segundo alguns significa "pesaroso". *Homem íntegro*. Lit. "completo", que não significa sem pecado, mas um homem de honradez, reto com o temor de Deus no seu coração. *Que se desviava do*

mal. Rejeitou as oportunidades que tinha para cometer o pecado. Prevenir o mal é a antítese de satisfazer os maus desejos. Pv 13.19. Podemos desviar-nos do mal ao andarmos pelo caminho reto. Jó dedica sua vida a fugir da iniquidade e a aproximar-se de Deus.

1.2 A piedade de Jó refletiu-se em sua prosperidade. Essa foi considerada uma evidência da bênção de Deus sobre a sua vida. E só quando, por motivos desconhecidos a Jó e a seus amigos, esta prosperidade fora retirada dele, que surgem os debates descritos no livro.

1.4 *Cada um por sua vez*. Lit. "cada um no seu dia", que pode ser o do aniversário, que se dá semanalmente, um dia cada um; então a felicidade e a prosperidade da família se mostram por este fato.

1.5 *Jó, como chefe do família*, tinha o dever sacerdotal ou pastoral no que diz respeito a seus familiares. Como sacerdote, ofereceu sacrifícios expiatórios, num total de dez, para cada filho e filha. Não os ofereceu por causa de algum pecado conhecido, mas porque "talvez" tinham pensado alguma coisa errada, na sua ignorância; seriam, portanto, os sacrifícios pelos pecados por ignorância (Lv 4.13-21), e demonstram o quanto Jó ansiava pela santificação da sua família.

1.6 *Filhos de Deus*. Tem referência a todos os seres celestiais. Satanás. Heb sātān, o adversário, o acusador, cf. Nm 22.22, 32.

1.8 Foi Deus quem definiu Jó como íntegro e reto.

1.9 Satanás diz que o homem serve a Deus só para receber tudo quanto lhe é possível, e que Jó, como objeto da provisão de Deus, não sofre como os outros, e está protegido contra todos os males (v. 10), e, faltando esta proteção divina, Jó blasfemaria contra Deus, v. 11. Então Deus entregou a Satanás a autoridade de testar Jó, v. 12. Nota-se que Satanás não pode interferir na vida do crente sem a permissão de Deus.

2.3 Desenvolve-se, aqui o segundo estágio do teste que Satanás quer aplicar a Jó para fazer ruir sua justiça. Jó ainda não tinha sofrido "na pele" (vv. 4 e 5) talvez, então, viesse a blasfemar contra Deus.

2.6 O maligno não tem livre poder sobre a corpo do homem; aqui, como em 1.12, precisou da permissão divina. Isto nos ensina que as próprias tentações que sofremos, estão sob a providência divina, portanto, Deus está pronto a nos conceder a vitória, se nele confiarmos.

2.7 *Tumores malignos*. Esta doença atacou o corpo inteiro (19.20), deu mau hálito, e um cheiro repugnante, 19.17. Isto levou Jó a se sentar fora da cidade, no monturo, 2.8. As chagas criaram vermes, 7.5. O abrir e fechar das chagas encheu de rugas o corpo de Jó, enquanto o emagrecia, 16.8. Ele tinha sonhos horríveis (7.14), como de alguém ao ser enforcado, 7.4, 15. Seus dias eram cheios de agonia, 7.1-4. Seus ossos ardiavam como no fogo (30.30), contorcidos como os de quem está no tronco (13.27), e deslocados, 30.17. A doença, de Jó levou até as crianças a desprezarem-no, 19.18.

2.9 *Amaldiçoa*. Heb *bārekh*, "abençoar". A língua hebraica nunca poderia ser empregada pelos piedosos judeus para dizer "amaldiçoar a Deus"; o contexto da passagem, porém, revela qual a tradução certa.

2.10 *Doida*. Heb *nābhāl*. Estulta, na religião e na moralidade.

3.1-9 O grito que escutamos provém de uma alma torturada. Os sete dias de silêncio acumularam uma angústia que se transborda em uma torrente de rebelião contra o dia de seu nascimento, 3.3. A expressão "a sombra de morte" (v. 5), é uma favorita de Jó nessa situação, e ocorre nove vezes neste livro. Jó deseja que o dia do seu nascimento e a noite de sua concepção sejam apagados da história.

3.8 *Monstro marinho*. Heb *livyāthān*, leviatã. No Talmude, uma palavra semelhante se refere a um bando de carpideiras.

3.10-12 Já que não há possibilidade de remover-se aquele dia do calendário, já desejou que Deus não tivesse permitido seu nascimento e sobrevivência.

3.13-26 Aqui, Jó contrasta entre as tribulações da vida e o plácido sono da morte. Jó antevê a paz só no túmulo, e esta é a única esperança que lhe resta agora. Em Jó vemos o homem para quem a morte já perdeu o seu terror e ainda se tomou no mais alta e cobiçado tesouro. Jó diz que os seus lamentos são como gritos de quem sofre em alívio Sl 22.1; 32.4.

3.14 Jó acha que a morte o teria colocado em pé de igualdade com os próprios faraós que, apesar das suas pirâmides e os tesouros, que cada faraó mandava enterrar consigo (v. 15), não passavam agora de simples defuntos. • **N. Hom.** No cap. 2, o papel de Satanás é lançar dúvidas quanto a toda a virtude, vv. 3-5. Seu propósito é provocar divisão entre Deus e o homem. Deseja tentar o homem para fazê-lo cair no pecado, 7. Prepara até o meio ambiente para que este seja uma tentação, v. 9.

3.19 Quando cada vida é uma nulidade, as desigualdades cessam.

3.23 A vida perdeu o valor para Jó, privado de bens, família, saúde e amigos. Só depois de muito debater consigo mesmo é que chegará a vislumbrar a vida eterna, onde desfrutará da comunhão com Deus como seu eterno quinhão.

4.1 *Elifaz.* Aqui começa sua primeira palestra. Há um homônimo em Gn 36.10, primogênito de Esaú; Temã é nome de uma tribo edomita, que ocupa uma parte da Arábia perto da Iduméia. Este *temanita* deve pertencer, portanto, aos edomitas.

4.2 Elifaz supõe que sua palestra vá ofender a Jó, e, portanto, pede desculpas de antemão. Esta insinuará que o sofrimento de Jó veio por causa de seus pecados, e que ele, que exortara a outros que caíram na desgraça, deve agora aplicar a si mesmo suas exortações.

4.4 Estas palavras são um testemunho à sensibilidade do coração de Jó às necessidades dos outros, e à simpatia que mostrava a todos, durante suas aflições.

4.5 Elifaz acha que Jó não tinha gabarito de viver à altura das lições que havia dado a outras pessoas que tinham caído na desgraça.

4.6,7 Jó estava se considerando um sofredor inocente, mas Elifaz acha que o sofrimento é tão ligado à maldade humana, que a condição de Jó é prova de algum pecado não revelado, algo escondido no íntimo, que Deus está vendo e punindo abertamente, Sl 90.8.

4.8-11 Elifaz diz que, sem exceção, conforme ele tem observado, aquele que semeia a iniquidade, ceifa o mal. Estende essa, regra geral ao ponto de fazer dela uma lei universal; era, portanto, um homem de visão limitada, cf. Sl 73.3. Diz que todas as pessoas sofrem aqui na terra em retribuição das suas iniquidades; Jó, ao desejar uma morte vergonhosa, estaria pedindo o quinhão dos malfeitores.

4.10,11 O trecho tem cinco palavras hebraicas para dar nome ao leão, simbolizando aqui muitos tipos de malfeitores.

4.12-21 Aqui, notamos que Elifaz é um místico. No seu debate, depende muito da sua experiência pessoal; fala do que aprendeu em visões e sonhos. O que se imprimiu na sua consciência naquela visão noturna, é a pureza absoluta de Deus, e falibilidades de todas as criaturas. Cita o caso; para levar Jó a reconhecer que deve haver forçosamente uma falha na sua vida, o que teria provocado todas as suas desgraças.

4.12 *Se me disse em segredo.* Lit. "foi furtada para mim". A revelação divina não se dá abertamente àqueles que não pertencem ao povo de Deus.

4.17-21 Jó havia dado a entender que Deus seria cruel, ou injusto, ou incompreensível, ao tolerar o sofrimento humano (3.20-23); Elifaz responde que ninguém se livra dos castigos uma vez provocados por pecados.

5.1-17 Elifaz continua repreendendo a Jó nos vv. 1-7 e depois nos vv. 8-27, procura confortá-lo. Fala que Jó deve se submeter a Deus para ser aliviado do seu sofrimento, pois ninguém mais pode ajudá-lo. A vida é difícil, e Jó precisa se acomodar às suas circunstâncias. Deus derruba os astutos e mostra compaixão aos humildes. Já que ninguém é justo perante Deus, seria tolice mostrar ressentimento contra a sorte que Deus nos dá.

5.1 Santos anjos. Heb *qedōshim*, "santos". Intercessores, homens justos que já foram morar com Deus, mas que nada fariam para desviar o curso da justiça de Deus na terra.

5.3 Maldita a sua habitação. O lar sem Deus, é uma angústia contínua.

5.4 Às portas. O local da cidade onde se julgavam pendências legais.

5.5 Intrigante. Heb *çamm* "armadilha", ou talvez *çemem*, "sedentos" interpretação esta que concorda com "faminto", acima.

5.6,7 A aflição não é coisa que germina sem causa: é a conseqüência e o produto natural da maldade humana.

5.8 Elifaz, apesar de ser o mais compreensivo dos três amigos, não chega a ser consolador porque não reconhece a extraordinária submissão a Deus já demonstrada por Jó (1.21 e 2.10). A facilidade com que admite os sofrimentos de Jó como fruto de seu pecado pessoal, impede de atuar como verdadeiro consolador.

5.10 A chuva impede que os pobres sitiados sejam levados à falência pelos que espreitavam por sua queda (v. 12).

5.14 A total confusão e desorientação dos ímpios conspiradores.

5.22-27 Esta é uma passagem da mais inspirada consolação, só que para Jó, naquele contexto, era uma consolação amarga, porque nela subentendia-se que Jó era grande pecador.

5.23 Aliança. A promessa que Oséias proclamaria, com relação aos últimos tempos (Os 2.20), aqui está sendo aplicada individualmente. O homem havia caído por se relacionar erroneamente com a natureza quando se deixou engodar pela serpente e pela atração da árvore; só dentro do plano de Deus, em plena comunhão com Ele, é que o homem pode voltar a ser cabeça da criação, em paz com Deus, consigo mesmo e com a natureza.

5.26 A seu tempo. Elifaz afirma que já não iria morrer daquela doença; e que sua morte não seria derrota de quem caiu na decrepitude: seria a vitória de quem estaria considerado maduro e pronto para ser colhido para as habitações eternas.

6.1-4 Jó, na sua resposta, diz que Elifaz não olhou os dois lados do problema. Este não vê que o peso da sua aflição é tão grande que qualquer impaciência revelada por Jó seria perdoável. Qualquer palavra a mais da parte de Jó deve ser entendida à luz daquilo que estava se passando, pois suas aflições eram tão profundas, como se Jó estivesse servindo de alvo para as flechas da ira divina.

6.6,7 Jó perdeu o gosto pela vida, a qual compara à comida insípida, e a morte, por outro lado, se lhe apresenta de modo muito desejável.

6.6 Clara do ovo. Talvez "visco de malva" (heb *hallāmūth*), cuja flor, ao murchar, se transforma em geléia insípida.

6.7 Alma. Heb *nephesh*, "alma", que às vezes significa "apetite".

6.8-10 A perspectiva da morte é o único conforto, para Jó. Ele tem esperanças de que a morte chegue logo, em contraste com o pensamento apresentado por Elifaz, em 5.26. Um fato notável através do livro de Jó é que a consciência deste não o condena; proclama sua inocência como sua defesa e escudo através do livro todo.

6.10 Saltaria. Morreria com a consciência tranqüila, vence dor das tentações à blasfêmia que seus sofrimentos suscitavam.

6.11-13 As forças de Jó estavam esgotadas, não havendo mais esperanças de restauração; a sua paciência também está no fim e, só espera pela morte. É este o teor daquilo que Jó responde às exortações de Elifaz, que quer ensinar-lhe a cultivar esperança (4.6), 5 paciência (5.22-26).

6.14-21 Jó compara os seus amigos a ribeiros que, avolumados pelas águas da neve e da geada no inverno (v. 16), passam a ficar secos no verão, tornando-se em frustração para as caravanas árabes que se precipitam até aos mesmos, para então conhecer a mais amarga das desilusões, e que perecem depois no deserto, por falta de água. Jó também se sentiu privado daquela simpatia humana que seria sua única inspiração na hora da aflição, aquilo que verdadeiras amigos deviam oferecer.

6.15 *Ribeiro*. Heb *nahal*, o *wadi* dos árabes, uma torrente no inverno, cujo leito se seca no verão.

6.21 O horror causado pela contemplação da miséria de Jó, e o medo de tomar o partido de quem, aparentemente, estava sendo castigado por Deus, paralisaram a simpatia desses amigos de Jó. Jesus Cristo foi tratado dessa mesma maneira Is 53.4, 5.

6.25-30 As palavras de Elifaz foram certas e verdadeiras e seus argumentos justos, em tese. Nesse debate, porém tanto Jó como seus companheiros ignoravam que aqueles acontecimentos foram provocados por uma trama de Satanás; os amigos teimavam em entender que Jó havia provocado a desgraça com seus próprios pecados, e em levar ao pé da letra palavras que Jó falara na hora da angústia. Por isso, nenhum dos lados se deixaria persuadir pelo outro.

6.30 *Paladar*. Jó possuía sua consciência, e sabia que não havia pecado.

7.1-3 Para Jó, a morte teria como o repouso depois de um serviço pesado, pois sua vida era como a do jornalista, cujo salário mal pagava a comida e cujo descanso mal o preparava para o dia seguinte.

7.4-6 As noites de sofrimento pareciam sem fim. A doença pode ter sido elefantíase, uma decorrência de perturbação na circulação da linfa. A perna inchada e enrugada se torna como a perna do elefante, e há úlceras que emitem um fluido repugnante e que sempre se renova.

7.6 *Esperança*. Heb *tiqwâ*, "esperança" ou "fio". Jó se queixara da lentidão do transcórrer das horas de sofrimento; também se queixa do rápido desaparecimento da sua existência como um todo: o dia, bons que conhecera são considerados uma lembrança fugaz.

7.7-11 Jó, ao ver sua vida se desfazer, sem deixar rastros de si, deseja expressar-se perante seus amigos, pedindo nada mais do que uns poucos instantes de compreensão, paciência e simpatia.

7.12-16 Jó sente que todos os seus movimentos estão sendo observados por Deus, e talvez também pelos seus interlocutores, de modo que qualquer alívio físico ou mental lhe é negado.

7.14 *Me espantas com sonhos*. Os pesadelos horrorosos são uma parte integrante da doença de elefantíase, quanto à tortura mental, há também os ensinamentos tirados das visões de Elifaz (4.13-16) para assaltar a consciência de Jó.

7.15 *Estrangulado*. O desenlace é provocado na doença de elefantíase, por uma crise fatal de asfixia.

7.17-21 Jó, não entendendo a causa da sua doença, sente que as dores que sofre são visitas de Deus que, como um fiscal, está sempre espreitando os pensamentos de Jó para descobrir mais motivos de impor-lhe ainda mais sofrimentos; sempre há erro e imperfeições nos homens; portanto, cada fiscalização trará mais "multa" na forma de castigos. A primeira resposta de Jó termina aqui.

7.20 *Que mal te fiz*. O pensamento de que Deus é poderoso demais para ser afetado pelo pecado do homem, ou mesmo pela sua virtude, ocorre freqüentemente no Livro de Jó, retomado por Elifaz (22.2-3) e por Eliú (35.5-6).

8.1 *Suíta*. Membro da tribo de Sua, descendente de Abraão e Quetura, aparentado aos midianitas (Gn 25.2; 1 Cr 1.32), e habitante do deserto do norte da Arábia.

• **N. Nom.** **8.1-9** Bildade agora entra no debate. Está horrorizado com a aparente blasfêmia de Jó. Bildade é tradicionalista por excelência, e exorta Jó a curvar-se perante a sabedoria da tradição. Repreende Jó pelas suas palavras impetuosas (2), defende a absoluta justiça de Deus, (3), e lança a acusação aos filhos de já que cometeram pecado (4). Adote a humildade e a suplicante atitude do arrependido, seja Jó puro e reto (6), e a colheita que ceifará ultrapassará as melhores colheitas anteriores.

8.6 A pressuposição é sempre a de que Jó é um injusto, necessitado de ensinamentos.

8.7 Deus vindicou Jó publicamente nesse ponto, 42.12.

8.16-18 Como a planta que encontra pedras em meio ao seu crescimento, e as encobre

com as suas raízes, assim o ímpio pensa que seu futuro está seguro por ter feito grandes coisas a curto prazo, julgando-se imperecível. É insinuado que Jó seria a planta arrancada.

8.19 *Eis em que deu a sua vida!* Lit. "Eis que este é o gozo do seu caminho". Sua única alegria é ser viçoso por um instante.

8.20-22 Nestes versículos Bildade faz sua recapitulação. O ponto principal do discurso acha-se no v. 20. Notamos, todavia, que Bildade não possuía a simpatia pela qual Jó ansiava. A conclusão de que a família de Jó morrera vítima de algum castigo divino, em razão de sua iniquidade, era como uma espada a transpassar um coração já exausto de dor e de angústia.

8.22 *Aborrecedores.* Bildade, depois de falar aquilo que tinha em mente, procura demonstrar que ele não se inclui entre os inimigos de Jó.

9.1-10 Jó começa a falar de novo, e já vislumbra um tênue raio de luz: o vazio dos seus amigos ajudou-o olhar para outra direção. Jó volta-se para Deus, e, esquecendo-se da fraqueza dos seus amigos, e levantando seus olhos para os céus, sente nascer-lhe uma centelha de esperança. Aceita a verdade do princípio apresentado por Bildade, já mencionado por Elifaz (4.17): a impossibilidade de o homem mortal apresentar-se justo diante de Deus, mas proclama, em seguida a absoluta ausência de consolação que isto lhe traz.

9.3 Num debate, o homem não poderia nem sequer responder a uma das numerosas perguntas que Deus lhe poderia apresentar, e.g., cap. 38 e 39.

9.4 *Porfiou.* Lit. "se endureceu", cf. faraó Êx 7.22.

9.10 Os atos divinos estão tão acima do poder humano, que não haveria base para uma discussão em pé de igualdade entre o homem e Deus.

9.11-16 Jó continua dizendo que até a inocência absoluta, a inocência sem mancha, emudeceria perante Deus, e quebraria o ameaçador silêncio apenas para implorar misericórdia. E Jó duvida que Deus lhe daria atenção, mesmo que fosse citado a comparecer perante Ele em algum tribunal (segundo a linguagem judicial do v. 16).

9.13 *Egito.* Heb *rāhabh*, "Raabe", o nome da mitologia semítica que é dado ao monstro do caos e da destruição, que domina os mares e se ergue contra a ordem criada. Na literatura bíblica, a palavra é aplicada ao princípio do orgulho e da rebelião contra Deus, e ao império do Egito. A lenda também serve como fonte de figuras de linguagem, como por exemplo em 7.12, quando Jó pergunta se precisa ser vigiado como a um monstro que ameaçaria a segurança do mundo.

9.17-26 Jó, sofrendo sem saber por que, sente que deve ser Deus que o castiga sem causa, e, no caso Deus seria um Deus cruel que lhe não dá direito nem para respirar (v. 8), que se apóia mais na força do que na justiça (v. 19), que destrói indiscriminadamente bons e maus (v. 22), e que se ri das torturas do inocente (v. 23).

9.27-10.2 Quando sentimentos mais otimistas procuram vir à tona, como no v. 27 Jó os afoga de novo com sua convicção de que Deus está determinado a considerá-lo culpado. Jó considera-se diante de um Deus que submerge na imundície a um homem que aspira, sinceramente, a pureza da alma, vv. 31-32. Não há árbitro, entre Jó e Deus, que possa desviar o castigo, v. 33 Jó deseja responder por si, e já que despreza a vida e vai morrer (10.1), sente coragem de pedir que, pelo menos, o Deus que o castigara não o entregue à morte semelhante à do pecaminoso, como o sinal evidente da rejeição total, 10.2.

9.30,31 O que Jó não entende é que nenhuma justiça humana tem valor perante Deus, e se Deus reduz a nada nossos esforços para purificarmo-nos, é para abrir-nos o verdadeiro caminho da justificação e da salvação eterna, mediante Jesus Cristo.

9.30 *Cáustico.* Feito com a cinza de plantas que tinham álcali, e dissolvido na água; assim se fazia o sabão na antigüidade.

9.33 *Árbitro.* Jó sentia a falta de um mediador entre Deus e os homens, vislumbrando no porvir e esperando no meio do seu próprio desespero, a vinda futura de Jesus Cristo, o

único Mediador entre Deus e os homens, 1 Tm 2.5.

9.35 *Não estaria em mim.* Lit. "não estou firme dentro de mim", interpretado como expressão da confusão de Jó.

10.3-7 Os argumentos que Jó apresenta aqui, são logo desfeitos por ele mesmo, por procederem de concepções indignas de Deus e contrárias à Sua natureza. Reconhece a loucura e o vácuo dessas suas concepções, no próprio momento em que as expressara. Não pode acreditar que Deus não o conheça, que não saiba que ele é um homem íntegro.

10.3 *A obra das tuas mãos.* Toda a raça humana é criação de Deus, mas os justos e íntegros, revelam muito mais da atuação de Deus em suas vidas.

10.5 Deus, sendo eterno, tem toda a eternidade para punir, galardoar e julgar o homem; não precisa, portanto, ter muita pressa em punir.

10.8-11 Expressões poéticas que descrevem a formação de uma criança.

• **N. Hom. 10.3-22** Jó apresenta aqui um apelo ao divino Oleiro que tantos cuidados dispensou à criação da Sua obra. Já que Deus o criou com tanta ternura (10-12), qual seria o objetivo de Deus em aniquilá-lo agora? Na procura de uma resposta (13-17), Jó desce às profundezas da dúvida e do desespero, jamais atingidas em outras partes do Livro. Sente que está à mercê de um Deus que se apressa em considerar os mais insignificantes pecados, deleitando-se em perseguir continua e implacavelmente o inocente Jó. (14-16). O desespero de Jó toma vulto enquanto anseia pela morte (18-22) sem alimentar nenhuma esperança pela vida do além.

10.13 Jó sente que já fora destinado à desgraça.

10.22 *A própria luz é tenebrosa.* Assim é a morte de quem se separa de Deus, a Fonte da luz.

11.1-6 Zofar é um legalista. Infelizmente, os Zofares da vida baseiam tudo, não na Palavra de Deus, mas nas suas interpretações falhas da Palavra. Zofar adota o tom de escarnecedor e acusador, apesar de que Jó, em nenhuma palavra, declarou inimizade contra Deus.

11.1 *Naamatita.* Não se sabe qual a tribo ou qual a cidade que deu origem a este nome; talvez Zofar veio da mesma região dos demais amigos de Jó, das nações semíticas aparentadas com os israelitas, entre o Jordão e o norte do deserto da Arábia.

11.3 *Zombarás.* Na teologia de Zofar, a rígida e automática doutrina da retribuição divina fora contrastada por Jó, nas suas declarações em 6.28; 9.21; 10.15.

11.4 Para a teologia dos amigos de Jó, seus sofrimentos eram prova da sua maldade, que estaria provocando o justo castigo; quando Jó disse que Deus não fazia conta da sua virtude (9.30-31), os amigos consideravam sua "doutrina pura" como pura blasfêmia.

11.7-12 Zofar deseja que já se submeta ao processo pelo qual a divina sabedoria deseja fazê-lo passar, para então haver esperança de um fim feliz a todos aqueles sofrimentos.

11.8 *Abismo.* Heb *she'ol*, "seol, abismo, habitação dos mortos".

11.9 A sabedoria verdadeira ultrapassa todas as categorias averiguáveis dentro da esfera da vivência humana.

11.12 *Asno montês.* Uma criatura obstinada que não pode ser amansada, cf. 39.5-8. Zofar insinua que Jó está enquadrado nessa descrição, e que o castigo divino que recebera foi por causa da sua obstinação.

11.13-20 Jó precisa entregar seu coração à direção divina (cf. 1 Sm 7.3), limpando suas mãos (v. 13), e lançando para longe suas iniquidades (v. 14); então estaria em condições de entrar em comunhão com Deus, arrependia o dos seus pecados, e esquecido de toda a angústia que sofrera no passado, por causa do brilho do raio da luz do presente (vv. 16-17), conduzido agora à segurança e à esperança (18, 19). O ensinamento deste trecho é uma perfeita jóia de inspiração, não obstante ser, para Jó, ofuscada pela amargura da pressuposição de que ele mesmo é um pecador e precisa de se arrepender.

11.13 Estas atitudes são as da oração, tanto no íntimo do coração, como nos gestos exteriores.

12.1-6 Jó, irritado com a atitude dos seus amigos, volta-se para fustigá-los resistindo à sua atitude fácil e pretenciosa, empregando as faculdades da crítica, da lógica e do sarcasmo.

12.7-12 Jó mostra que a doutrina da sabedoria e do poder de Deus é conhecida no universo inteiro; é Ele que dá e que sustenta a vida. O que deseja examinar, é o modo de Deus usar Seu poder, qual é o caráter de Deus que dirige e orienta os acontecimentos. Jó não pode aceitar os ensinamentos vindos de sonhos, ou tradições ou leis rígidas, se estes não apelam para a sua própria consciência angustiada.

12.13-25 Deus é Todo-Poderoso, e tudo o que se opõe a Ele não pode prevalecer (vv. 13-16). Jó reconhece que a plena sabedoria é privativa de Deus, e, reconhecendo que seus amigos não poderão dar uma resposta cabal às suas indagações mais profundas, pois só ensinam generalidades religiosas já conhecidas por Jó, e que nem sabem desvendar a causa específica daquilo que Jó está passando, vai encaminhando suas dúvidas para a consideração do próprio Deus. Mais tarde, outra visão sobre a sabedoria divina há de ensinar a Jó que só mediante o temor de Deus é que o homem tem acesso a essa sabedoria, 28.20-28.

12.16 *Sabedoria*. Aqui, o heb *tūshiyā*, freqüentemente traduzido por "substância", é muito comum no livro de Jó. Em 5.12, lit. "fazer algo substancial" é traduzido por "realizar seus projetos"; e em 6.13 é traduzido por "recursos". Segundo o contexto, pode ser conselho, sabedoria, poder ou bens, "haver".

12.17 Não se deve interpretar que Deus destrói sistematicamente o que há de melhor na vida humana; o que está sendo dito aqui, e nos versículos seguintes é que: 1) Em comparação com a sabedoria divina, o melhor que os homens fazem nada é; e 2) Deus tem autoridade para dissolver os melhores planos humanos, ainda que feitos por reis, sacerdotes, sábios e juízes.

13.1-12 Jó tem demonstrado, que ele não é inferior aos seus amigos no conhecimento de Deus e da revelação divina, pois seu conhecimento da exaltada majestade de Deus foi adquirido por sua observação pessoal e pelos ensinamentos de outrem. Jó acusa seus amigos de não serem genuínos aliados de Deus, mas servos aduladores que forjam argumentos apenas para fazer valer uma causa que apóiam por simples amor à pele. A cada argumento apresentado pelos seus amigos, a confiança de Jó sobre eles diminui, enquanto a confiança em Deus aumenta, e, ao mesmo tempo, nasce-lhe a esperança de que Deus vai tratá-lo com mais brandura. Jó tem em mente que o mesmo olhar divino que examina a sua vida, também, vai perscrutar os motivos que estão na base da atitude dos seus amigos ao se ufanarem de serem defensores da fé, 9-11.

13.4 *Besuntais*. Encobrem os angustiosos mistérios do universo e da consciência humana com generalidades banais.

13.13-28 já se volta para Deus. Os ímpios são os únicos a terem motivo de recear a presença de Deus; Jó busca-O, suplicando que Deus o escute e o atenda. Para isso, entretanto, será preciso que Deus desvie a Sua mão de si e liberte-o daquela paralisante e aterradora sensação da Sua hostilidade em aplicar-lhe tão dura sentença: porventura seria por causa de alguma atitude impensada de sua juventude?

13.15 Pode ser traduzido: "Ainda que ele me matasse, nele esperarei (ARC); mas defenderei na sua presença o meu proceder" (Matos Soares).

13.27 Três expressões diferentes mostram como Jó se compara a um perverso criminoso aprisionado e sob a mais rigorosa vigilância.

14.1-13 Jó deseja que Deus permita ao homem o descanso do jornaleiro, o qual precisa trabalhar na tristeza e comer seu pão no suor de seu rosto, e que, pelo menos, goze de saúde normal (4-6). Jó contrasta o destino dos objetos desprovidos de vida animal com o destino do homem, chegando a pensar que a árvore tem melhores condições do que o homem, pois ao ser cortada, apresenta melhores esperanças de brotar de novo, enquanto a morte sentencia um inexorável "nunca mais" na vida do homem (7-12). Talvez o conceito de Deus que opera tão miraculosamente na natureza chegou a levar Jó a pensar

que, afinal, Deus trabalharia não menos miraculosamente com a vida humana, e, assim, Jó chega aos seus próprios conceitos expressos nos vv. 14-22.

14.6 *Os teus olhares.* As petições, normalmente, são a fim de que Deus contemple o Seu servo mas Jó, cômico de que está sendo punido sem causa, por Deus, prefere que Deus não mais atente, para sua vida para não descobrir mais erros.

14.13 A esperança de uma vida além-túmulo, de um juízo com justificação e reconciliação além da morte, apenas introduzida aqui como um "oxalá", vai se desabrochando na consciência de Jó, como a solução das suas preocupações sobre a justiça terrena. Já se falou de uma fé que penetra além da morte, em 13.15.

14.14,15 No momento do seu discurso, Jó está sentindo sobre seus ombros a vara do Deus da ira. Certamente terá de suportar enquanto sua vida terrestre durar. Mas e depois? Jó expressa um maravilhoso sonho seu: um Deus misericordioso concedendo-lhe asilo primeiro no Seol, a habitação dos mortos, e depois chamando-a uma existência, em que Ele, o Criador, se deleitaria na obra das Suas mãos. Se Jó pudesse ter certeza disto, então, suportaria com bom grado sua angústia até que chegasse o alívio da parte de Deus. Sua profunda percepção do passado, da relação entre a criatura e seu Criador, dá-lhe condições para imaginar a verdade sobre isto no futuro.

14.16,17 A doutrina de Deus não levar pecados em conta, e encobrir as iniquidades, somente seria uma realidade com a vinda de Jesus Cristo, a suficiente propiciação pelos pecados; não que os pecados devam ser tratados com indiferença, mas porque Cristo toma o castigo sobre Si.

14.18,19 Voltando à esperança ainda indefinida sobre aquilo que Deus fará no futuro, Jó embrenha-se nos sofrimentos presentes, e então sente as esperanças se desmoronarem no meio das dores, assim como as maiores obras da natureza se desgastam.

14.21,22 A morte é o supremo triunfo do divino Antagonista do homem. Nessa situação, o homem já não terá condições de participar das alegrias e tristezas dos seus queridos que deixou no mundo. Sugere-se que as palavras *corpo* e *alma*, aqui, signifiquem familiares e servos.

15.1-16 O primeiro ciclo do debate deixou os quatro interlocutores bastante contrariados: os três amigos, pela obstinação de Jó, e este último, pela absoluta falta de compreensão de sua dificuldade da parte daqueles. Aqui começa o segundo ciclo do debate, com uma palestra de Elifaz. Este se sente profundamente ferido ao verificar que já espezinhou as pérolas de sabedoria que os seus amigos lhe lançaram. Aparentemente foram vãos todos os seus esforços no sentido de obrigar Jó a humilhar-se perante o Deus de toda a sabedoria e de todo o poder, e agora protesta contra as atitudes de Jó. Nos caps. 15-21, os amigos de Jó ficam cada vez mais exasperados, apegando-se às suas doutrinas, e sendo sempre mais prontos a lançar acusações contra Jó, enquanto este vai avançando em sua busca angustiante da paz de espírito, virando as costas a homens cegos e à crueldade do destino, para achar o Deus de justiça e misericórdia, que será seu Vindicador na sua luta pela verdade.

15.4 Os amigos de Jó receiam que, se Jó nega a doutrina de todo pecado provoca imediato sofrimento, e que todo sofrimento pressupõe um pecado cometido isto será um atentado contra a moralidade, além do que, isto motivará o pensamento de que se pode pecar impunemente.

15.8 Só o fato de Jó não ter concordado com os seus "consoladores", foi o suficiente para estes se desinteressarem da consolação e adotarem um tom ofensivo e sarcástico; mas Jó nunca dissera ser mestre em sabedoria.

15.11 *Suaves palavras.* Suave, heb *lā'at*, pode significar "falado em sussurro", ou "revelado em oráculo". Parece que Elifaz se considera portador de inspirada consolação (cf. 4.12-21), mas Jó reconhece seus consoladores como "médicos que nada valem" (13.4), ou "consoladores molestos" (16.2).

15.14 Elifaz volta para sua visão e seu argumento de 4.12-21.

15.16 *Corrupto*. Heb *ne'elah*, impuro; também descreve leite azedado, estragado.

15.17-28 O ímpio não pode escapar ao castigo que tem de sofrer como uma admoestação da parte de Deus; o que tortura mais, porém, é a própria consciência, sempre a acusá-lo, afligi-lo e abatê-lo.

15.21 *O somido de horrores*. As aflições da consciência previnem o ímpio dos castigos que o aguardam a cada passo.

15.27 *Enxúndia*. Heb *pmâ*, "gordura", da idéia de "encher" - "abundância".

15.28 Construiu cidades que jaziam sob o castigo divina, reedificando o que era destinado à maldição, cf. Js 6.26 com 1 Rs 16.34.

15.29-35 Acumulam-se as nuvens, preparando a tempestade que rebentará para dar fim à prosperidade do ímpio; seu destino, é como o da planta que murcha e seca prematuramente. Indiretamente, tudo isto é aplicado a Jó, a quem seus amigos começam a considerar como um ímpio. • **N. Hom.** Admoestações da experiência: 1) O tormento dos ímpios, vv. 20-24; 2) A razão do sofrimento do ímpio, vv. 25-28; 3) A instabilidade do ímpio, vv. 29-33; 4) A vaidade e a loucura do ímpio, vv. 34-35.

16.1-5 Jó responde agora com mais convicção, menos perguntas, mais afirmações. Percebe agora que os conselhos-chavões dos amigos jamais atingirão a raiz do problema. Elifaz acusou Jó de proferir palavras ocas e de se rebelar contra Deus. Jó devolve a acusação, afirmando que as consolações dos amigos também são ocas.

16.2 *Molestos*. Heb *'ãmãl*, "dificuldade, aflição, desgraça". Aqui usado como adjetivo, "consoladores que trazem mais desgraça", estão acrescentando acusações ao sofrimento físico e espiritual de Jó.

16.6-17 Não há palavras que aliviem o sofrimento de Jó. O triste aspecto do seu corpo é a prova mais positiva de ter caído nas mãos do seu divino Antagonista. Na sua aflição, sente que Deus o caçou e o domina como faz o animal selvagem com sua presa.

16.8 A primeira metade do versículo pode-se traduzir: "tu me enrugaste, e isto veio a testificar contra mim". Jó vê que sua doença de elefantíase está levando outros a considerá-lo amaldiçoado por Deus.

16.9 *Adversário*. Jó, não sabendo que Satanás, o acusador, é aquele que lhe amontoa as aflições, acha que Deus é que é o seu antagonista.

16.11 *Ímpio*. Heb *'awl*, lit. "criança maltrapilha", cf. 19.18 onde se refere às crianças abandonadas nas ruas, e 21.11 onde se trata das crianças dos perversos.

16.15 *Cosí*. O pano de saco, sinal de luto de angústia, nunca mais se afastará do seu corpo; agora faz parte da sua personalidade.

16.17 A linguagem que descreve os sofrimentos do inocente é semelhante àquela empregada na profecia dos sofrimentos de Cristo, Is 53.9. • **N. Hom.** As tristezas do homem cansado, 16.7-17. 1) Foram enviadas por Deus, vv. 7, 8, 9, 12, 14; 2) Foram extremamente rigorosas: a) nas suas variedades, vv. 7, 8; b) no serem imprevisíveis, 1.13-22; c) na sua violência 9, 10, 11, 12, 13, 14; 3) Foram completamente desmerecidas, v. 17.

16.18-22 As insinuações dos amigos não conseguiram fazer Jó abrir mão da convicção da sua inocência. Agora, nem suas mais escuras dúvidas, nem os seus mais terríveis temores podem fazê-lo desistir do seu Deus. Quando a morte, injusta, fizer descer à terra a sua vida inocente, a inocência do seu sangue erguer-se-á até aos mais altos céus (v. 18). E ali, no céu, vislumbra de repente um divino Herói, um Simpatizante celestial que está pronto a endossar sua integridade (v. 19). Este apaixonado desejo, de ter uma testemunha celestial ao seu lado, aponta de maneira impressionantemente profética para o "Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo" (1 Jo 2.1).

16.19 *Testemunha*. Heb *sãhedh*, palavra vinda do aramaico, e que significa 'testemunha, advogado, patrocinador, fiador'. Alguém que toma a causa em mãos, e garante a solução satisfatória.

17.3 Só o próprio Deus tem condições de providenciar os meios que satisfazem as

exigências da Sua justiça, e isto o faz por meio de Jesus Cristo.

17.5 O sentido é que os, amigos, a fim de procurar o favor de Deus, estão rejeitando traiçoeiramente qualquer simpatia para com Jó.

17.9 Jó, longe de esmorecer sua devoção a Deus (a acusação de Elifaz em 15.4), tem uma dedicação tão enobrecida que apesar daquilo que parece ser anomalia da justiça, se apegará ainda mais à justiça e à pureza. Apesar dos males que está sofrendo, não hesitará em trilhar o caminho da religião, aconteça o que acontecer.

17.10 *Tornai-vos.* Jó desafia seus amigos a repetir os argumentos para ver se há algo proveitos neles.

17.12 Alegam que tudo irá bem, que há uma solução fácil.

17.14 Jó já sente ser participante da morte, sem esperanças, vv. 15-16.

• **N. Hom. Cap. 17** a lamentação do homem que vai morrendo: 1) Antecipando sua morte: a) acaba-se a força humana, vv. 1a, 14; b) a morte à vista, 1b, 11; c) o sepulcro aberto, 1c, 13; 2) Despedindo-se dos seus amigos: a) descrevendo o caráter deles, 2; b) advertindo que ainda vão ser punidos, 4, 5; 3) Procurando refúgio na misericórdia de Deus: a) o pedido, 3, 15, 16; b) o motivo do pedido: (i) a impossibilidade de achar outro auxílio, 3; (ii) os sofrimentos foram enviados por Deus, 6; (iii) sua alma está angustiada, 7; 4) Exaltado na vitória final: a) a pureza do justo 9; b) o progresso do justo, 9; c) a sua perseverança 9.

18.1-21 O segundo discurso de Bildade. Começando por censurar a Jó, descreve graficamente os terrores e a ruína que estão reservados para os perversos, inclusive Jó, que quer mudar a ordem do mundo (v. 4).

18.3 Bildade está profundamente ofendido porque Jó não concorda com todas as suas palavras, cf. a atitude de Elifaz em 15.4n.

18.6 *A luz se escurecerá.* A luz, aqui, simboliza a prosperidade do morador da tenda; o estilo de Bildade é cheio de alusões e provérbios, e esta expressão é típica entre os árabes na hora da desgraça.

18.7 Comparem-se os passos firmes do sábio, Pv 4.12.

18.8-10 Várias palavras descrevem os laços que espreitam os ímpios.

18.13 *Primogênito da morte.* A lepra negra, a elefantíase.

18.14 *Rei dos terrores.* A própria morte, cúmulo dos perigos alistados.

18.15 *Enxofre.* Símbolo de ter sido castigado por Deus, como Sodoma. • **N. Hom.** A Luz Apagada, 18.5, 6, 18. 1) A luz da sabedoria: a) o conhecimento de Deus. Sl 14.1; 53.1; b) o conhecimento da verdade, Pv 21.16; 2) A luz do amor: a) o pecador é egoísta; b) o pecador não ama; 3) A luz da alegria: a) o pecado tira a verdadeira alegria, Is 48.22; b) o pecado é enganoso, Pv 21.17; 4) A Luz da vida: a) o pecador está no caminho da morte, Pv 14.12; Ef 2.1; b) o pecador está andando na escuridão, 1 Jo 1.6,7; 5) A luz do favor de Deus: a) o pecado ofusca a luz do favor de Deus, b) o pecador não quer contemplar a luz da salvação.

18.20 *Ocidente... Oriente.* Lit. "posterior" e "anterior", podem ser gerações do passado e do futuro, os contemporâneos e sua posteridade.

19.1-29 Nesta resposta, Jó, acusa os seus "consoladores" de caluniarem e perseguirem-no. Logo a seguir, porém, cheio de coragem, atesta a sua inocência, e expressa sua clara convicção de que o seu Redentor está vivo.

19.4 Mesmo que Jó tivesse pecado, ele não estava prejudicando seus amigos, mas estava sendo duramente castigado; portanto, eles não precisam ir-se.

19.9 *Coroa.* Seria a coroa da retidão e da justiça, 29.14.

19.13-19 Os parentes de Jó, os seus amigos íntimos, os seus servos e a sua própria esposa, todos o abandonaram com repugnância e ele ficou privado do afeto daqueles que mais significam para si.

19.17 Uma das maiores dificuldades para entender-se o livro de Jó é que as palavras hebraicas freqüentemente se empregam aqui com significados especiais, conforme os

exemplos que se sequem, tirados deste versículo: *intolerável*, heb *zār* "estranho" (árabe, "abominável"); *repugnante*, heb *hānan*, "gracioso" (árabe, "repugnante"); *mãe*, heb *beten*, "útero, corpo" (árabe, "tribo"). Três vezes em seguida apela-se para a lingüística comparada para entender as palavras antigas.

19.18 *Crianças*. Crianças maltrapilhas, ou "ímpios" como em 16.11.

19.20 *Pele dos meus dentes*. Só as gengivas ficaram sem a elefantíase.

19.21 *Compadecei-vos*. É disto que necessitava Jó, e não quiseram fazê-lo. A queixa de Jó e a falha dos amigos, estão sempre presentes.

19.23 *Escritos*. *Já* quis apelar para o julgamento da posteridade, já que os contemporâneos não quiseram compreender sua situação; naquela hora, Jó, nem sequer, poderia pensar que sua luta viria a ser narrada num livro, que seria um instrumento nas mãos de Deus para inspirar milhões.

19.25 É a resposta à dúvida e à esperança de 14.13-14. *Redentor*, Heb *gô'el*, libertador, protetor, defensor, redentor, justificador ou vindicador. E Ele, segundo a esperança e certeza de Jó, que vai livrá-lo das acusações infundadas dos seus amigos. • **N. Hom.** Esperança no desespero, 19.25. 1) já possuía um Amigo verdadeiro no meio dos seus amigos cruéis: a) seu Parente, Jesus - Hb 2.11; Rm 8.35; b) seu Defensor - Sf 3.2; Ap 12.10; c) seu Redentor - Is 47.4; 2 Tm 1.12; 2) Jó encerrava possessões no meio da sua pobreza - seu Redentor: a) Sua vida está nas mãos dEle; b) Ele é seu protetor; c) Ele é sua esperança na vida e na morte; 3) Jó desfrutava de um Parente vivo no meio de uma família morta: a) Jesus, cabeça da casa; b) Jesus, o intercessor, para orar em seu favor no céu; c) Jesus, o advogado de defesa, para preservar seus direitos na terra; d) Jesus, o justo para pronunciá-lo justo no dia final; 4) já fruía de uma certeza no meio de tanta incerteza, "eu sei": a) a sua fé lhe deu certeza; b) as provas não o levaram a duvidar; c) as dificuldades não perturbaram sua confiança no Redentor; d) os amigos não destruíram sua confiança de que Deus haveria de livrá-lo.

19.29 O Vindicador de Jó será também juiz dos seus falsos acusadores.

20.1-15 Zofar, em termos aterradores, descreve, o terrível castigo que sobrevém aos perversos. Despreza, porém, o apelo de Jó para o juízo final, pois diz que os perversos serão fulminados aqui na terra (vv. 4, 5). Notamos, então, que os três consoladores de Jó continuam cegos e confusos, como antes, nada compreendendo da verdadeira natureza da situação de Jó. Esquecidos do seu papel de consoladores, se sentem impulsionados pelo desejo de vencer Jó nos argumentos, cf. 20.2, 3.

20.8 Voará como um sonho. Este julgamento dos perversos nem sempre se revela nesta vida, como Jó demonstra no cap. 21. Só no juízo final é que os justos serão vindicados e os ímpios eternamente lançados fora da presença de Deus, Mt 22.13; Mc 9.47-48.

20.12 *Debaixo da língua*. O pecado é descrito como um doce que o ímpio conserva debaixo da língua para ir saboreando por bastante tempo antes de o engolir (v. 13), e quando o engolir, então percebe quão venenoso realmente é (v. 14).

20.16 *Veneno de áspides*. Simboliza a maledicência, as tramas, mentiras, blasfêmias e os pecados da língua. *Sorveu*. Ingerir as conseqüências totais, absorvendo-as com todo o seu amargor.

20.23 A única abundância, porção ou herança dos ímpios gananciosos será, afinal, a ira divina; cf. o cálice da ira de Deus, Jr 25.15-17; Ap 16.1.

20.25 Num esforço desesperado de salvar a sua vida, arranca a flecha que o traspassara, só para averiguar que já atingira seu fígado.

N. Hom. 20.21-26 A infelicidade do ímpio. 1) Não acha socorro no homem, vv. 21, 22; 2) Não acha socorro em Deus, v. 23; 3) Não acha socorro nas circunstâncias, vv. 24-26.

20.26 *Calamidades*. Lit. "escuridão", heb *hōshekh*, como na habitação dos mortos, 10.22. *Fogo não assoprado*. Uma tortura que se situa fora do plano da vida terrestre, um fogo não aceso pelo homem.

20.27 *Os céus lhe manifestarão a sua iniquidade*. Zofar quer furtar de Jó sua esperança

de uma justificação celestial, expressa em 14.13, 14; 16.18, 19; 19.23-26.

21.1-34 Na sua defesa, Jó sendo cada vez mais encorajado, aponta sem hesitação as falácias da posição dos seus amigos. Os caminhos de Deus são inescrutáveis para Jó, e devem ser também para os seus amigos, pois a teoria de punições e galardões imediatos na terra é uma maneira simplista de se reduzir a providência divina a um mecanismo.

21.2 *Consolação*. Se a doutrina de que só os pecadores sofrem é consolação que, segundo Elifaz alega, vem da parte de Deus (15.11), então Jó vai demonstrar a inutilidade de tais conselhos.

21.7-13 Em palavras duras, Jó descreve a duradoura prosperidade do lar dos ímpios, da sua família dos seus campos e dos seus rebanhos; e no fim dos seus dias descem tranqüilamente à sepultura.

21.9 Jó, a esta altura, nega aquilo que lhe foi ensinado por Elifaz (15.28), Zofar, (20.28), e Bildade (18.14). Assim faz, não para obter um triunfo de dialética na argumentação, mas porque está sinceramente procurando uma solução para um problema moral que o angustia, cf. v. 6.

21.15 *Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos?* Semelhante pergunta foi feita pelo faraó a Moisés, Êx 5.2.

21.16 *Longe de mim o conselho dos perversos*. Jó não quer que sua descrição atraente, sobre a sorte dos ímpios na terra, seja considerada como um desejo de tomar seu partido. Jó está no firme propósito de seguir o caminho da retidão, sem a necessidade de edificar-se com doutrinas de galardões materiais, cf. 17.9. Elifaz emprega essa expressão em 22.18.

21.17 Jó solicita as provas que sustentem a doutrina de Bildade, "a luz dos perversos, se apagará" (18.5), e de Zofar (20.23).

21.22 De súbito, Jó acusa os amigos de presunção, ao elaborarem teorias simplistas acerca do governo de Deus. Ao fazê-lo, estão praticamente ensinando a Deus como deveria governar os homens, em vez de encararem os fatos como eles se apresentam em toda a sua realidade.

21.24-34 Jó não achou sabedoria nem consolo nos conselhos dos seus amigos, pois faliram em generalidades e, por conveniência, ignoram os exemplos que, desmentem suas teorias (vv. 29-30).

21.26 *Juntamente*. Nota-se que Jó não quer inverter o argumento dos amigos, e dizer que somente o ímpio obtém vantagens materiais; sua sepultura é cuidadosamente ornamentada, o sucesso que obtivera na vida provoca admiração e sua maneira de viver é largamente imitada.

• **N. Hom.** 21.34 Uma resposta segura. 1) O espírito da resposta, vv. 1-6: a) a intensidade da resposta, 2, 3; b) a confiança absoluta, 4; c) autojustificação perante a acusação de impaciência, 4, 5; d) reverência profunda, 6; 2) O argumento na resposta de Jó, 7-33: a) os fatos da experiência, 7-21; b) o plano da providência, 22-26; c) o testemunho dos homens, 27-33; 3) A aplicação da resposta de Jó, 34: a) a consolação dos seus amigos foi em vão, 34a; b) as respostas dos seus amigos foram adversas, 34b.

22.1-30 Começa aqui o terceiro ciclo de discursos, que vai até o fim do cap. 31. Pouco tem de novo; só em já se nota um progresso, lento, embora, mas seguro no entendimento. Elifaz inicia o ciclo, com as mais injustas acusações, citando precisamente as coisas más que Jó não fizera e omitindo todo o bem que praticara, o bem de outrem.

22.1-5 Elifaz passa a demonstrar que deve existir uma razão para as aflições humanas; a causa não pode estar em Deus, visto que a moralidade humana não pode afetar a onipotência divina. A explicação deve estar no próprio homem: Jó sofre por sua própria maldade.

22.2 "Será que o homem ensinará a Deus, que o sábio lhe ensinará algo?" Assim se pode traduzir, tomando o heb *sãkhan* como "ensinar".

22.6-20 Nestes versículos, Elifaz ataca a Jó, especificando as suas acusações. Diz que

Jó é violento, de personalidade contraditória, um homem que pratica o duplo jogo (6-9). É por causa disto que está sofrendo (10-11). Em vez de render ao Senhor o preito que Lhe é devido (12), Jó conclui, erradamente, que o fato de ser Deus tão elevado e sublime, pode ser uma garantia, mas, que não tem uma visão clara de assuntos terrestres (13-14). Por isso, Jó está andando pelo caminho dos ímpios (15), até a perdição (16), sempre segundo Elifaz.

22.8 Elifaz não tem evidência alguma, mas supõe que Jó teria praticado as injustiças que eram possíveis para um homem de posição. No terceiro ciclo, os amigos abandonaram o estilo de insinuação indireta, para lançar acusações abertas contra Jó.

22.15,16 A generalização inclui, talvez, o Dilúvio e Sodoma e Gomorra.

22.21-30 Elifaz traz uma maravilhosa mensagem de reconciliação com Deus, o que não pode ajudar a Jó, pois é baseada na suposição da sua grande maldade (5-11); cf. o discurso de Zofar em 11.13-20.

22.22 *Instrução*. Aqui, heb *tōrã*, a Lei de Deus, a instrução divina.

22.24,25 Elifaz convida Jó a desapegar-se dos bens materiais, para então deleitar-se com a suprema riqueza da comunhão com Deus.

22.27 *Pagarás os teus votos*. Como sinal de que as orações foram atendidas.

• **N. Hom. 22.21-30** Paz com Deus, 22.21-30. 1) O caminho da reconciliação: a) reconcilia-se com Deus, 21; b) aceita a instrução de Deus, 22; c) afasta-se da injustiça, 23b; d) levanta seu rosto para Deus, 26; 2) O fruto da reconciliação: a) restauração da prosperidade, 23a; b) o tesouro divino, 25; c) alegria no Senhor, 26; d) certeza da resposta à sua oração, 27; e) prosperidade e alegria, 28; f) certeza da salvação, 29.

23.1-17 A resposta de Jó, neste capítulo, longe de nos apresentar um culpado que foge à justiça, nos mostra um homem intensamente honesto, buscando a justiça e a verdade. Nas suas expressões, encontramos uma palavra de consolação para todos os que estão passando por algum mal-entendido ou sofrimento, que se não pode relacionar diretamente com faltas cometidas no passado ou com qualquer culpa presente.

23.3-7 Nestes versículos, Jó expressa o apaixonado desejo de encontrar-se com o Deus da graça. Esse Deus, justo e compreensivo para consigo, faria justiça à sua causa; não o paralisaria pelo terror, exercendo Seu terrível poder.

23.8-12 Jó sente-se frustrado nesta busca a Deus, pois seus esforços são infrutíferos, mas sabe que Ele conhece ao seu íntimo.

23.10 *Sabe o meu caminho*. Deus sabe achar o homem e revelar-Se a ele; não é o homem que descobre a Deus; Deus entende ao homem, mas o homem não pode entendê-LO, além daquilo revelado pelo Senhor.

• **N. Hom. 23.13** "O Deus imutável". É Deus que resolve as coisas. 1) Deus cumpre Suas resoluções no plano do universo: a) Há um plano para este mundo, feito por Deus, Ef 1.11; b) Este plano é perfeito, Jó 37.16; Sl 104.42; Pv 3.19; c) O plano está definitivamente executado, Nm 11.23; Jó 42.2; Sl 33.9; 2) É Deus que resolve o assunto do pecado do homem, definindo-o: a) como abominação a Deus, Dt 25.16; Sl 5.4; Pv 15.9; Jr 44.4; b) como um perigo para, o homem, Nm 32.23; Dt 29.18; Jo 5.2; Ef 5.6; 3) É Deus que resolve e executa o plano da salvação, At 4.12. a) Antes do dilúvio - por meio da fé na semente da mulher, Gn 3.15; b) Nos dias dos patriarcas pela fé no Filho prometido a Abraão, Gn 12.3; c) Nos dias de Moisés - pela fé no carneiro sacrificado, Hb 9.8-10; 10.3; d) Nos dias da monarquia - pela fé no Filho de Davi, 2 Sm 7.15; e) Nos dias de Isaías - pela fé no Servo Sofredor, Is 53.1; f) Nos dias de hoje - pela fé na semente da mulher, no Filho prometido, no Cordeiro sacrificado, no Filho de Davi, no Servo Sofredor, todos sintetizados em um só - Jesus Cristo, 2 Co 5.21.

23.16,17 Jó diz que não é a tragédia propriamente dita que o enche de angústia, mas, sim, a consciência de que era Deus quem a decretara.

24.1-25 Jó descreve a triste sorte do povo, vítima dos vários golpes aplicados pelos injustos, opressores, vigaristas, terroristas, que reduzem a vida dos indefesos ao nível de

refugiados de guerra. Há muita coisa errada que não recebe o castigo imediato de Deus.

24.1 *Os que o conhecem.* Os justos, servos de Deus, que nEle confiam, gostariam de ver publicamente vindicada a causa da justiça divina.

24.5 *Como asnos.* Longe de ser um pequeno grupo de homens rejeitados pela sociedade, essas pessoas tipificam milhões de pessoas naturais, vivendo sob o despotismo do antigo oriente. Somente a Bíblia as considerava como seres humanos, criação de Deus e dignas de respeito.

24.6 *Rabiscam.* Rebuscam as últimas uvas, apesar de a Lei exigir que os restos da vindima sejam deixados para os pobres, para as entregar aos seus mestres; nada é deles.

24.9 Das viúvas roubam-se até as criancinhas para serem vendidas e entregues à escravidão e, como escravas, trabalham com os gêneros alimentícios dos opressores, sem, entretanto, ter o direito de prová-los, 10, 11.

24.12 *Anormal.* Heb *tiplâ*, coisa anômala, traduz-se "falta", em 1.22. A ordem imperante no mundo tolera essas coisas.

24.13 O grupo daqueles que odeiam a luz e preferem as trevas, é composto dos que violam o sexto, sétimo e oitavo mandamentos; têm mais medo da luz do que os justos têm horror às trevas (vv. 14-17).

24.16 *Minam.* Os ladrões, no Oriente, preferiam escavar os muros de barro, parcialmente, por temerem a santidade às entradas das casas.

24.17 *Sombra de morte.* Heb *çalmãweth*, trevas escuras, meia-noite, a escuridão da sepultura ou do lugar do castigo. Cf. a doutrina em Jo 3.19-21.

24.25 Jó termina seu discurso apelando para seus amigos provarem o contrário daquilo que dissera, não está interessado em ganhar o debate; só quer descobrir a verdade sobre os problemas que o afligem. • **N. Hom.** A prosperidade dos ímpios, problema sem solução 24.23, 24. 1) A prosperidade do ímpio é um mistério insondável, SI 73.12; Jr 12.1; 2) O assunto requer mais paciência e fé dos piedosos; 3) Essa prosperidade não é garantia de não haver castigo, SI 73.17-18; 4) O problema da prosperidade do ímpio tem sua solução no futuro: 1) É no futuro que o homem terá que prestar contas a Deus, SI 73.19-20; 2) Cada pessoa terá de se encontrar com Deus, Ap 20.13.

25.1-6 O discurso de Bildade, neste terceiro ciclo, é rápido; a extrema brevidade dessa palavra final dos três amigos de Jó, parece dar a entender que os três já haviam esgotado seus argumentos. Bildade apenas reiterou a doutrina básica do grupo (v. 4), e procura levar Jó a prostrar-se perante o poder de Deus, conforme a interpretação de reverência e piedade elaborada pelos amigos.

25.4-6 O argumento é o de Elifaz, 4.17, 15.14-16, apenas reiterado. As novas provas pedidas por Jó (24.25) não foram alistadas.

26.1-14 Jó responde ao discurso de Bildade, mas realmente considera sua contribuição sem utilidade, e, mesmo fora de propósito, pois o próprio Jó nunca havia negado a grandeza e a majestade de Deus e, agora, passa a dar sua visão do poder insondável de Deus.

26.2-4 As palavras de Jó são sarcásticas, pois Bildade não contribuíra com nenhuma luz às considerações de Jó, feitas no cap. 24.

26.5-7 A glória de Deus se revela desde as profundezas da habitação dos mortos até às alturas da expansão estrelada.

26.7 *Faz pairar a terra sobre o nada.* As lindas fotos coloridas tiradas pela Apollo 10 dão realce empolgante a esta doutrina.

26.8-14 A grandeza do universo visível, a sabedoria e o poder de Deus revelados na sua criação, não se comparam com a glória de tudo o que o olhar humano nem sequer pode sondar.

26.11 *Colunas.* Expressões como estas são entendidas como visões poéticas, figuras da retórica hebraica, cf. o conhecimento revelado no v. 7. Assim também o "adversário" (12),

e o "dragão veloz" (13), são palavras oriundas das antigas tradições sobre as forças do caos e da destruição que intentaram desfazer a glória de Deus, que supera tudo o que se pode imaginar, Jó não fala como um ímpio, cf. Elifaz em 15.4-5.

27.1-12 A fé que possuía acompanhara na tempestade, e não perdeu a visão do Deus que, segundo imaginava, o abandonara. Sabe que é Deus quem governa o mundo e que sua tribulação não foi fruto do pecado.

27.8 Surge, talvez, aqui, a primeira centelha do reconhecimento de que o verdadeiro julgamento do ímpio terá lugar além da morte.

27.13-23 Estas palavras parecem-se muito com as de Zofar, e justamente Zofar não proferiu discurso neste ciclo, por isso, muitos admitem não pertencer a Jó este trecho; porém, a verdade é que Jó jamais negou as doutrinas básicas dos amigos (cf. caps. 25 e 26), rejeitando apenas a arbitrariedade, estreiteza e falta de compaixão reveladas na sua pretensa aplicação. Jó ao aceitar, em tese, a doutrina do castigo do ímpio, mostra claramente que com tal consciência, não seria ele, como supunham seus amigos, que pecaria como eles lhe atribuíram. Compare-se 27.13 com 20.29.

27.15 Aqueles que escapam à morte pela espada, morrerão pela peste.

27.16 *Barro*. Figura de coisa comum, que existe em grande quantidade.

27.18 *Choça*. Frágil habitação, feita para a época da vindima ou da ceifa, que se desfaz ao ser abandonada, no fim do serviço.

27.19 *Abre os seus olhos e já não a vê*. Os seus olhos mal vislumbram a destruição que se aproxima, logo fecham-se para sempre.

27.23 *Batem palmas*. Em gesto de indignação (Nm 24.10).

28.1-28 Este capítulo é um belo poema sobre a sabedoria, mostrando que ela está inteiramente fora do alcance do homem, a não ser quando procurada no espírito de temor ao Senhor. Jó, vendo quão insolúvel é o problema do destino dos justos e dos injustos, e conhecendo a falência dos argumentos dos seus amigos, decide então, entregar sua sorte, juntamente com suas dúvidas, diretamente às mãos de Deus. Há críticos que duvidam ser este o sentido exato deste discurso, mas, o certo é que Jó, em meio às suas angústias, recebeu luzes do alto no decurso dos debates em vários confrontos, cf. 19.23-27. É típico do livro inteiro, esse paulatino tatear após a verdade divina. • **N. Hom.** A verdadeira sabedoria: 1) A verdadeira sabedoria não se discerne por meios humanos, vv. 3-11; A busca de sabedoria apresentada pela alegoria do mineiro: a) o tesouro que o mineiro procura 3, 5, 6; b) o caminho pelo qual o mineiro anda, 4, 7, 8; c) a obra do mineiro, 4, 9, 10, 11; d) Será que a sabedoria pode ser encontrada por tais meios humanos? v. 12; 2) A verdadeira sabedoria, é incomparável no seu valor, vv. 13, 14; A alegria do comprador de pedras preciosas (cf. Mt 13.45-46); a) Não pode ser descoberta para ser avaliada, 13, 14; b) mesmo se fosse descoberta, não se poderia aquilatar seu valor, 13; c) mesmo se o preço fosse determinado, não poderia ser pago pelo homem, Pv 3.13-15; 8.10-11; 3) A sabedoria verdadeira pertence exclusivamente a Deus, 21-27; a) É o segredo de Deus, 21, 22; b) É exclusivamente de Deus, 23, 25-27; 4) A verdadeira sabedoria que se pode obter é divinamente revelada ao homem, v. 28; a) a divindade dessa revelação; b) a antigüidade desta revelação; c) a importância desta revelação.

28.3 As lanternas dos mineiros põem fim à escuridão debaixo da terra.

28.11 As galerias subterrâneas são protegidas contra a água.

28.22 O *abismo*. Heb *'abaddōn*, significa o lugar da destruição, expressão empregada juntamente com *sheol* (traduzido "o além"), em 26.5; Pv 15.55. Pode significar "inferno", cf. Ap 9.11.

28.25 Deus distribuiu as forças da natureza na atmosfera da terra.

28.28 O caminho para se obter a verdadeira sabedoria é a comunhão com o próprio Deus; temor do Senhor é a religião.

Caps. 29-31 O ciclo dos debates se encerrou com a declaração de Jó em 28.28. Agora, Jó, ainda no meio dos seus sofrimentos físicos passa em revista seu passado feliz (cap.

29), analisa seu presente fardo de sofrimentos (cap. 30), e evidencia como sua consciência esclarecida não o deixou pecar (cap. 31).

29.1-25 Jó esboça uma recapitulação da sua vida, um exame dos seus passados dias ideais, antes de perder tudo. Não acha que aquela fora uma vida que merecesse as acusações dos seus amigos, do tipo das enumeradas por Elifaz no cap. 22, nem os sofrimentos que passa, então, a descrever no cap. 30. O pior é que Deus não dá sinal visível.

29.1-4 Em primeiro lugar, Jó havia sido um homem protegido por Deus.

29.1 *Discurso*. Heb *māshal*, provérbio; parábola; discurso elevado, poético e profético, cheio de figuras de linguagem.

29.5 Em segundo lugar, Jó havia sido um homem feliz com seu lar.

29.6 Em terceiro lugar Jó havia gozado de grande prosperidade (cap. 1). *Da rocha me corriam ribeiros de azeite*. Metáfora típica do estilo de Jó, significando que as bênçãos inesperadas manavam das situações mais estéreis. A oliveira cresce em terra rochosa, e seu óleo é extraído em lugares entalhados na rocha.

29.7-10 Em quarto lugar, Jó havia sido um homem respeitado por todos (cf. 21-25); a sua opinião era respeitosamente observada (8-10) e, quando a expressava, escutavam-na em silêncio e encerrava-se a discussão (21-22).

29.12,13 O cuidado de Jó pelos indefesos era bem diferente daquele vulgarmente encontrado, que Elifaz quis imputar-lhe (22.6-9).

29.14 A própria personalidade de resplandecia com sinais evidentes de sua bondade; não havia sombra de dúvida.

29.18 *Como a areia*. A areia simboliza algo incontável; não há base para lendas que queiram traduzir *hōl*, "areia", por "fênix".

• **N. Hom. 29.21-25** "Conselho saudável", 1) A qualidade do conselho: a) cheio de sabedoria; b) baseado na experiência; c) dado com simpatia. 2) A utilidade do conselho: a) revelar as falhas da vida; b) retificar a vida; c) estabelecer um padrão para a vida. 3) A aceitação do conselho: a) com humildade; b) com discernimento; c) com gratidão. A atuação de Jó era algo como tudo isso.

29.24 O conselho animado de Jó inspirava e alegrava os tomados de preocupações, os desanimados, porém, jamais conseguiram abater o otimismo de Jó. *Não despezavam*. Lit. "não abatiam", "não fizeram cair".

30.1-31 A comparação entre a primitiva felicidade de Jó e a imagem do desprezo que ora recebia da sociedade.

30.1-15 *Em primeiro lugar*, Jó é insultado pelos homens, inclusive pelos homens da mais baixa posição, que antes dependeriam justamente da sua proteção. Agora Jó é alvo dos motejos e do desprezo daqueles homens (9, 10). Foi Deus que quebrantou o poder de Jó (11), e agora os maltrapilhos sentem-se fortes o bastante para atacá-lo, como quem cerca uma cidade e entra pelas brechas das muralhas (12-14).

30.1 O respeito que Jó antes recebia (29.8-10), é transformado agora em desprezo, e isto partindo de pessoas que são a escória da raça humana, rejeitadas pela sociedade, descritas nos vv. 2-8. Esta é a sorte do homem digno e justo que cai em seus dias difíceis, e sofre a perda de suas riquezas.

30.4 Estas folhas e raízes não se podem classificar como alimentos, uma vez que só servem para prolongar a vida em última emergência.

30.6 *Desfiladeiros sombrios*. Lit. "no mais terrível dos vales", ou "nas fissuras dos vales"; *carüç* em heb, "terrível" e em árabe, "fissura".

• **N. Hom. 30.1-15** "Um ex-rico escarnecido por desgraçados". 1) O caráter dos escarnecedores, 1-7, 2) O comportamento dos escarnecidos, 9-15; 3) O motivo dos escarnecedores, 1, 9-12, 14.

30.16-18 *Em segundo lugar*, Jó sente a miséria que vem de dentro de si próprio, os tormentos físicos e mentais que o afligem.

30.16 *Se me derrama a alma.* Uma expressão que descreve a ação de uma emoção profunda na pessoa em tormentos.

30.17 As dores, mais fortes à noite, parecem perfurar-lhe os ossos.

30.18 *Desfigurado.* O corpo de Jó, de uma parte intumescido pela doença, e de outra inflamado pelas chagas, contorcendo-se pela dor, já não é aquele para o qual suas roupas foram feitas; a única coisa que lhe cinge bem, sob medida, é a própria doença que se retém com firmeza.

30.19-23 *Em terceiro lugar,* a miséria de Jó vem do alto; sente que foi abandonado por Deus e que a grande tempestade que lhe enviara Deus o impele inexoravelmente para a mansão dos mortos.

30.22 Jó ficou ao léu como um brinquedo das tempestades da vida.

30.24 Mesmo arruinado, perecendo, Jó não pode silenciar a gritos que lhe vem ao coração, estendendo para Deus a mão da fé, querendo confiar nEle como Salvador (19.25-27), e não como seu perseguidor.

30.25-31 Jó sente que mereceria um tratamento mais suave (25-27), pois toda a alegria do passado se transformara em tristeza e dor (28, 31); agora sente que mais se compara a um animal do que a um homem (29).

31.1-20 Finalmente, Jó faz o último protesto da sua inocência: afastou-se da impureza (1-4), mostrou retidão e honestidade na sua conduta (5-8), foi fiel à esposa (9-12), generoso para com todos aqueles que lhe prestaram serviços (13-15); não foi indiferente àquelas que sofriam dificuldades, nunca se cansando de solucionar seus problemas (16-20).

31.1 Jó, cuidadosamente, evitava a concupiscência dos olhos (1 Jo 2.16).

31.4 O conceito aqui é de um Deus espiritual, que vê ao íntimo do homem, e inclusive ao pensamento que subjaz em um olhar (v. 1); Jó sempre soubera que havia que prestar contas a Deus, que tudo vê que tudo percebe.

31.5-7 Jó nunca foi traiçoeiro ou enganador para com seu próximo; nada tinha a ver com os métodos dos que se enriqueciam à custa da desgraça alheia, bem ao contrário das insinuações de Elifaz (22.5-11).

31.5 *Falsidade.* Heb *shâw'*, vaidade, coisa oca e irreal, insinceridade, falsidade, engano, mentira, Êx 20.7; Sl 12.2; 26.4; 41.6.

31.10 Jó mesmo admite um castigo apropriado contra um possível adultério, se o tivesse cometido; sua esposa seria escrava e concubina de alguém.

31.12 *Destruição.* Heb *'abhaddôn*, o abismo, cf. 28.22n; seria um pecado que o levaria ao fogo do inferno.

31.13 *Desprezei o direito.* As riquezas e o poder de Jó eram tão grandes, que teria ampla oportunidade de oprimir ao seu próximo sem ninguém conseguir levá-lo a juízo (22.8 e nota), porém, seu conhecimento da doutrina de Deus como Criador, leva-o a entender o que é fraternidade humana. Perante o Criador, o servo não é uma possessão, mas um ser humano com seu caráter e sua consciência.

31.16,17 Jó nunca vira a ninguém desamparado sem socorrê-lo, bem diverso daquilo que Elifaz quis lhe atribuir (22.7).

31.18 Desde a infância, Jó sempre fora o amparo dos aflitos.

31.19-22 longe de despojar os pobres, conforme a acusação de Elifaz (22.6), Jó até sustentava os que eram despojados por outros.

31.21-40 Jó declara que tinha se afastado da avareza (24-28), e que nunca poderia ser acusado de servir a Deus e às riquezas, pois sentia-se feliz em ser generoso com todos (29-34), e, finalmente, entregar-se ao Senhor (35-40). Jó afirma que nem a voz de Deus nem a voz do homem podem convencê-lo de pecado, está inocente daqueles pecados que os amigos quiseram imputar-lhe. Jó afirma que nem suas próprias terras, se tivessem voz, poderiam condená-lo (38-40).

31.24,25 Não era verdade o Elifaz insinuara, que Jó estava dando mais valor aos bens materiais do que à comunhão com Deus (22.24-25).

31.26,27 Jó nega que havia participado da idolatria, bem comum no antigo oriente: a adoração do Sol e da lua, com os gestos de homenagem.

31.29 Jó possuía um espírito generoso para com os inimigos, à altura das exigências da lei, Êx 23.4-5; cf. Pv 24.17; 25.21.

31.34 A vida de Jó era um livro aberto; não era um hipócrita e nem vivia com medo de ser desmascarado por alguém.

31.36 Para Jó, uma acusação lavrada em ata seria até um atestado de virtude, pois nada poderia constar contra sua integridade.

31.40 *Cardos*. Plantas espinhosas com flores roxas, uma praga comum nas pastagens e na lavoura da Europa e da Ásia.

• **N. Hom. 31.1-40** Protesto de inocência: 1) Quanto à lei da pureza, 1-4; 2) Quanto à lei da justiça, 5-8; 3) Quanto à lei do casamento, 9-12; 4) Quanto à lei de mestre e servo, 13-15; 5) Quanto à lei da bondade, 16-22; 6) Quanto à lei da adoração, 24-28; 7) Quanto à lei do amor, 29-30; 8) Quanto à lei da hospitalidade, 31-32; 9) Quanto à lei da sinceridade, 33-37; 10) Quanto à lei da prosperidade, 38-40. O capítulo inteiro pode ser considerado uma perfeita descrição da vivência do verdadeiro homem de Deus.

Caps. 32-37 Há várias opiniões sobre esta seção, o discurso de Eliú. Estranha-se que Eliú apareça sem ser mencionado no prólogo, nem no epílogo, e que tenha um estilo diferente dos demais. O conteúdo do discurso, porém, revela que ouvia o debate inteiro, e a diferença de estilo, longe de sugerir uma adição posterior ao livro, seria um reflexo da personalidade de quem fala. O estilo é rápido e nervoso, refletindo a ira do jovem, e os aramaismos empregados não são estranhos na boca desse membro de uma tribo árabe. Estranha-se que Jó não responde ao discurso, e que a intervenção de Deus se siga sem referência às palavras de Eliú; talvez a própria presunção de Eliú tenha sido a causa dele receber a indiferença como resposta.

• **N. Hom. 32.1-33.7** A palestra do novato Eliú: 1) O caráter de Eliú, 32.1-6; 2) A explicação da interferência de Eliú 32.7-10; 3) A justificativa da sua interferência 32.11-22; 4) O apelo de Eliú, 33.1-7.

32.2 *Eliú*. O nome significa "Meu Deus é Ele". *Buzita*. Descendente de Buz, filho de Naor, irmão de Abraão (Gn 22.21), classificado por Jeremias como tribo árabe (Jr 25.23). A maior parte do seu discurso é gasto em anunciar a sua fala, e no conteúdo em si, não se percebe que tenha acrescentado algo de novo aos discursos dos amigos.

32.6,7 Eliú afirma que a sabedoria não é exclusividade dos velhos e que era justamente a incompetência destes a razão do silenciar de Jó, que o forçara a liderar agora o debate (2-5).

12.8 *Espírito*. O Espírito de Deus que faz o homem ser uma alma viva (Gn 2.7), que é a fonte de toda a vida e inteligência (Jó 27.3; 33.4). Eliú reconhece que a sabedoria depende da revelação de Deus e não da perspicácia humana, cf. 28.28 e Sl 119.98-100.

32.14-21 Estas palavras provêm de um homem irado, que tenta ir além dos limites da sensatez e da humildade. O modo bombástico de falar é mais aceitável num discurso oriental e, talvez por ser comum, os ouvintes não tenham tido tamanha impressão de auto-exaltação e orgulho espiritual da parte de Eliú, como os ocidentais poderiam imaginar. Eliú está convicto que falar é seu imperioso dever, comunicando aquilo que acha ser a vontade de Deus, já que, a seu ver, os mais idosos não tinham sido capazes de jogar a sabedoria divina contra as opiniões de Jó, o qual não quis reconhecer que merecia o castigo.

32.14 *Com as vossas palavras*. Eliú promete argumentos novos, superiores e loquazes (v. 18); mas nada disto se acha no seu discurso.

32.15 *Pasmados*. Eliú é testemunha do motivo da brevidade do discurso de Bildade (cap. 25), e do silêncio de Zofar que nada falou no terceiro ciclo (cf. 27.13-23n); já foram vencidos.

32.21 *Acepção de pessoas*. Eliú não se acanhará perante os poderosos.

33.1 *Ouve, pois, Jó.* É uma especialidade do estilo de Eliú, o qual muitas vezes chama a Jó pelo nome. Seria, talvez, por intimidade de parentesco, pois ambos eram descendentes de Naor, irmão de Abraão, por meio de Uz e Buz (Gn 22.21-22), cf. notas de 32.2 e 1.1.

33.2 O estilo é pomposo, redundante e puxado.

33.6,7 Jó queixara-se de que o espetáculo do poder divino o paralisava e apavorava, impossibilitando de justificar-se perante Deus, tanto em pensamentos como por palavras (9.34; 13.21). No debate verbal ao qual Eliú o chamava, porém, esse terror não pesaria sobre ele, pois quem o exortava, agora, era um homem seu igual.

33.9 *Estou limpo, sem transgressão.* Eliú está resumindo e interpretando as declarações de Jó em 9.21; 10.7; 16.17; 23.10-12; 27.5-7 e no cap. 31, mas não está sendo justo, pois Jó não alegou ser imune de fraquezas humanas (cf. 7.21; 13.26). A base do argumento de Jó era que nada fizera que servisse de causa específica para seus sofrimentos, e que a pureza da sua vida não devia ser aquilatada pela intensidade dos alegados castigos que estaria recebendo.

33.10 *Pretextos.* Cf. a queixa de Jó em 19.6. *Seu inimigo.* Refere-se às declarações de Jó em 13.24; 19.11; 30.21.

33.11 *Põe no tronco os meus pés.* Citação das palavras de Jó em 13.27.

33.15 *Em visão de noite.* Assim Elifaz se inspirou, 4.13-15.

33.23,24 A obra de Jesus Cristo de justificar ao pecador, salvando-o e santificando-o transparece claramente nesse relato.

• **N. Hom. 33.14-30** A filosofia da instrução divina: 1) Os métodos da instrução divina, 14.23: a) nos sonhos, 15-18; b) na aflição, 19-22; c) na pessoa de um intercessor, 23; 2) Os propósitos da instrução divina, 16-18, 24, 30: a) apartar ao homem do seu desígnio, 17a; b) livrar-se ao homem da soberba, 17b; c) instruir o homem, 16; d) salvar ao homem da morte, 18, 24, 30; 3) Os resultados da instrução divina, 24, 26-28, 30; a) libertação, 24, 28; b) aceitação, 26; c) alegria, 27; d) iluminação, 30.

33.31-33 Eliú é um jovem que quer ser justo, quer dar uma oportunidade para Jó falar, mas ao mesmo tempo, o ardor da juventude leva-o a prosseguir, enquanto Jó se cala.

34.1-9 Eliú condensa os discursos de Jó em duas queixas: a de acusar a Deus de ser injusto por desferir golpes de puro capricho contra um homem justo, (5, 6), idéia esta rejeitada por Eliú (7), e de declarar que de nada aproveita ao homem o comprazer-se em Deus.

34.2 *Ó sábios.* Eliú está apelando para os amigos já silenciados, para sua consciência daquilo que é justo e razoável, cf. vv. 3, 10, 34.

34.3 *O ouvido prova as palavras...* Jó emprega esta expressão ao demonstrar que sua consciência não era insensível à sabedoria divina (12.11), e Eliú agora a emprega para afirmar que seu argumento de demonstrar Jó como um ímpio está baseado na lógica.

34.6 *Minha ferida.* Lit. "minha flecha"; Jó havia comparado seus sofrimentos a flechas disparadas por Deus (6.4; 16.13).

34.7 *Bebe a zombaria como água.* Eliú enriqueceu seu estilo com uma expressão emprestada de Elifaz (15.16).

34.9 Jó nunca havia falado aquilo, apenas negara as vantagens terrestres visíveis na prática da religião, 9.22, 31-32; 10.3; 21.7-9.

34.10-33 Eliú afirma que Deus é justo, e que colocou o homem num universo moral, no qual colhe o fruto daquilo que semeia, seja coisa boa ou má (10-12). Declara que a autoridade absoluta só pertence a Deus (13-15), e que o domínio de Deus é perpétuo por ser um domínio de justiça (17-19). A onisciência de Deus é outra garantia da sua justiça (20-28). Jó revelara ignorância ao queixar-se de Deus, pois o Deus justo só envia sofrimento para o benefício do homem, motivo para lhe prestarmos culto (29-33).

• **N. Hom. 34.10-12** A justiça de Deus. 1) A base da fé na justiça de Deus, 10a: a) o caráter essencial de Deus; b) o caráter revelado de Deus; c)

caráter provado de Deus; 2) A prova da fé na justiça de Deus, 10b, 12: a) opera dignamente, 10b; b) julga retamente, 12; c) retribui segundo as obras, 11; Ap 20.12, 13; 3) O exercício da fé na justiça de Deus, 10c: a) na vida do homem; b) na história; c) na natureza; d) na redenção.

34.12 A própria natureza divina exclui o conceito de injustiça.

34.14 Uma interpretação possível é: "Se Deus examinasse bem a cada homem, Ele recolheria seu espírito e seu sopro". Pesado cada pecado na balança, cada homem mereceria a morte imediata, cf. Sl 130.3.

34.18 Mesmo autoridades terrestres exigem, merecem e inspiram certo reverente respeito, muito mais o próprio Deus.

34.19 A absoluta imparcialidade de Deus é outro aspecto da Sua justiça.

34.20 *Por força invisível*. Lit. "não por mão (humana)", quando alivia o povo dos opressores; isto é apoiado pelo hebraico e pelo contexto.

• **N. Hom. 34.31 32** Lições da aflição. 1) Oração, 31a; 2) Paciência, 31b; 3) Humildade 31c; 4) Aptidão 32a; 5) Confissão, 32b.

34.33 Eliú diz que Jó não está satisfeito com o modo de Deus reger.

34.34-37 Eliú invoca o veredicto dos homens de entendimento em relação às palavras rebeldes de Jó, pois considera que sua atitude rebelde é mais terrível do que as próprias tribulações, que decerto continuarão até Jó se arrepender de sua rebeldia.

34.36 Eliú quer que o teste de Jó (7.18) ainda seja prolongado.

35.1-16 Eliú tinha atribuído à Jó o argumento de que a justiça não traz mais vantagem para o homem que a prática, do que a prática do pecado (34.9, cf. 21.15, onde Jó atribui tal atitude ao ímpio); agora mostra que o Deus transcendente não é afetado pelo comportamento humano, e que só outros homens ficam prejudicados ou ajudados pelos vícios ou virtudes da humanidade (5-8). Se alguém ora a Deus, e não recebe resposta, isto é mais uma prova da sua própria impiedade do que uma indicação de que Deus não considera os justos (9-13). Jó podia escolher o caminho da confiança em Deus, para o perdão, ou rebeldia, para então: merecer mais castigo; portanto, não é justiça do domínio de Deus que deve ser impugnada (14-16).

35.4 *Teus amigos contigo*. Não se refere aos amigos de Jó ali presentes, pois o próprio Elifaz tinha empregado um argumento semelhante a este de Eliú (22.2); a palavra quer dizer "companheiros na opinião".

35.5 *Atenta para os céus*. Semelhante à idéia de Elifaz (22.12).

35.10 Os oprimidos clamam, mas muitas vezes, não para Deus; as reivindicações são feitas de maneira bem contrária ao espírito da fé, e tudo é feito, menos uma tentativa de descobrir-se o que Deus tem para nos ensinar, qual solução Deus tem para nossa angústia. O sofredor deve se dirigir a Deus, e receber as Suas bênçãos eternas. Pois é justamente nossa comunhão com Deus que nos destaca dos animais (11), e se uivamos nossas exigências como lobos, sem a oração da fé, sem esperar em Deus, nada temos a receber da parte dele (12, 13).

35.12 *Arrogância dos maus*. O tipo de reivindicação descrita acima.

• **N. Hom. 35.3-16** A piedade tem seu valor: 1) Uma pergunta notável, 3a (1.9): a) o homem quer ver resultados; b) quer vantagens para si mesmo; 2) Uma pergunta supérflua, 3b: a) a piedade é exigida do homem, 1 Pe 1.16; b) a piedade traz seu justo galardão; c) a piedade deve acompanhar a salvação, Gl 2.20; 3) Uma pergunta que tem sua resposta, 4-16: a) Deus é justo demais para privar os homens das suas recompensas, 5-8; b) a falta de bênçãos imediatas não é prova de negligência divina, 9-13; c) o cuidado de Deus garante o tratamento justo às Suas criaturas, 14-16.

36.1-22 Eliú conclama Jó a confiar na sua sabedoria, no ensinamento que vai dar (2-4). O procedimento de Deus é leal para com todos, inclusive Jó e Sua providência, adversa aos ímpios, benigna para com os justos, é digna de confiança (5-7). Deus se dirige aos homens no meio da angústia à qual os pecados os arrastara, oferecendo o caminho do

arrependimento e da salvação (8-10); a obediência conduzirá à felicidade, e a recusa, à ruína (11-15). Jó está incluído no segundo grupo, sofrendo conseqüências das quais ninguém o poderá livrar (17-19). Jó deve sair desse caminho de rebeldia, convertendo-se ao Mestre que tem poderes para julgar seus passos (21-23).

36.6 *Não poupa a vida dos perversos.* Contrasta-se 12.6; 21,7-9; 24.1-3.

36.10 *Instrução.* Heb *mūsār*, instrução, disciplina, castigo ensinamento.

36.15 *Opressão.* Heb *lahaç*, aflição, tribulação, opressão, aperto. Muitas vezes, o sofrimento e a humilhação são o remédio que o homem necessita, para curá-lo do seu apego às coisas do mundo, para então ter o apetite para os benefícios maravilhosos que Deus sempre deseja proporcionar aos homens.

36.17 *Juízo.* Heb *dn*, julgamento, avaliação, juízo, condenação, vindicação. Se Jó se satisfaz com a *avaliação* que os ímpios fazem de Deus, então participará da sua *condenação*. O verbo "julgar" tanto no Antigo como em a Novo Testamento, sempre pode incluir alguma dessas cinco facetas do sentimento humano.

36.18 *Resgate.* Heb *kōpher*, propiciação, conciliação, satisfação, cobertura, resgate. O preço ou sacrifício que "cobre" o pecado. Eliú está chamando o sofrimento de Jó de preço a ser pago por causa dos seus pecados; contudo, só Cristo fez a propiciação suficiente, e o valor da mesma não pode ser pago em dinheiro (1 Pe 1.18). Nenhum esforço humano vale coisa alguma para obter esta propiciação, v. 19.

36.21 O pensamento é que, Jó ainda não permitiu que sua miséria lhe fosse uma lição para abandonar a iniquidade que Eliú lhe imputa.

36.24-33 Eliú exorta Jó a humilhar-se perante Deus (24-25), cujo poder é demonstrado pelos fenômenos da natureza: a formação das gotas de chuva (27-28) e a trovoadas (29-33; 37.1-5). A própria tempestade revela a Deus como juiz, v. 33.

36.31 *Julga.* Aqui o sentido é de vindicar e cuidar as pessoas.

36.32 Uma figura poética tirada da guerra: o guerreiro lança mão das armas balísticas para as lançar contra o adversário.

• **N. Hom. 36.22-33** Uma mensagem sobre a grandeza de Deus: 1) Absoluto na Sua soberania, 22a; 2) Incomparável na Sua instrução; 3) Perfeito na Sua santidade, 23; 4) Insondável na Sua pessoa, 26a; 5) Eterno na Sua existência, 26b; 6) Maravilhoso na Sua obra, 27-30; 7) Benéfico na Sua administração, 31 a; 8) Glorioso na Sua manifestação, 32-33.

37.1-24 Continuando sua descrição das forças da natureza que revelam o imenso poder de Deus, Eliú cita a neve e o gelo, que paralisam as atividades, tanto dos animais como dos homens, sobre as quais o homem não exercita controle (6-10) e as nuvens, que servem como instrumentos da providência divina nos seus efeitos sobre a terra (11-13). Os atos de Deus são acima da compreensão do homem e por isso seu entendimento deve revestir-se de humildade, temor e reverência, para que possa assimilar a revelação de Deus (15-24).

37.7 *Inativas.* A lavoura nada pode produzir no inverno, nos países de clima temperado; os agricultores reconhecem suas limitações.

37.12 *Redondeza da terra.* Lit. "o mundo habitável da terra", a terra no seu aspecto de habitação humana, expressão que ocorre em Pv 8.31. *Rumo que ele dá.* A expressão vem da navegação, a obra do timoneiro.

37.13 A chuva pode trazer fertilidade ou inundações à terra.

37.16 *Equilíbrio das nuvens.* O balanço entre as várias forças naturais que permitem a presença da água na atmosfera; cf. o que Jó fala, 26.7.

37.17 *Vento sul.* O siroco, que, na área do Mediterrâneo, provoca um calor paralisante, um mormaço opressor, diante do qual até os pássaros se escondem, e toda vida animal, e vegetal dão a impressão de estar murchas.

37.18 *Espelho fundido.* Feito de bronze, na antigüidade; o céu sem nuvens, num dia de calor, tem o aspecto de bronze polido (Dt 28.23), e o olho humano não pode olhar para o

mesmo (v. 21).

37.20 *Contar-lhe-ia alguém o que tenho dito?* Lit. "Contar-se-á para Ele que quero falar-Lhe?" Eliú está horrorizado pela idéia de Jó de desejar debater sua causa com o próprio Deus (13.3).

37.22 *Áureo esplendor.* Pode ser uma referência à aurora polar.

37.24 *Os que se julgam sábios.* Jó estava sendo visado por esta expressão, pois todos os amigos achavam que o não concordar com eles era sinal de ignorância e orgulho (15.1-16); Jó, porém, sabia muito bem que a sabedoria é privativa de Deus, 28.20-28.

• **N. Hom. N. Hom. 37.1-24** As maravilhosas obras de Deus: 1) Na sua variedade, 2-11; 2) Na sua origem; 14-16 (cf. 3, 4, 6, 10, 11); 3) Na sua, execução, 5, 6; 4) No seu controle, 12 (cf. Sl 33.9; 119.90-91); 5) No seu ensino 15-24.

Caps. 38-42 A resposta de Deus a Jó. Por um constante apelo à criação e à natureza do universo criado, Deus dá a entender a absoluta e infinita distância entre o criador e a criatura. O homem, sendo criatura e finito, não pode compreender a infinita sabedoria de Deus, nem o mistério das Suas leis. Por estas palavras, Jó é humilhado ao ponto de compreender que é inútil ao homem pensar que pode penetrar nos mistérios das ações providenciais de Deus extensivas às criaturas. Jó foi despojado de todo orgulho, e pela graça de Deus alcançou uma autêntica vitória e uma fé triunfante.

38.3 *Cinge... os lombos.* Prepara-te para a luta ou debate.

38.4 Deus começa com Sua revelação por meio das maravilhas do mundo inanimado.

38.4-11 *A terra e o mar.* Jó teria acompanhado a criação do mundo, teria sido iniciado em todos os seus mistérios?

38.7 Estrelas e anjos juntamente se regozijavam na criação, Sl 148.1-6; o que é inanimado, proclama a glória de Deus sem palavras; o que é espiritual, glorifica-O em linguagem que transcende a compreensão humana. • **N. Hom.** Os cânticos dos anjos, 38.7: 1) À criação do mundo, 38.7. 2) À encarnação de Cristo, Lc 2.9-14; 3) À conversão dos pecadores, Lc 15.7, 10; 4) À glória eterna de Cristo, Ap 5.11, 12; 7.11, 12.

38.12-15 *À madrugada.* O Senhor faz Jó perceber a *efemeridade* da sua vida, em contraste com a antigüidade do mundo e com a eternidade de Deus. Menciona-se o efeito da aurora sobre os ímpios e sobre a terra.

38.17 *Região tenebrosa.* Outra tradução para *çalmãweth* (24.17n).

38.20 Pergunta-se se Jó sabe manejar, guiar e dispor da luz.

38.21 *Eras nascido.* Esta linguagem significa que, se Jó era nascido antes que houvesse mundo, saberia tudo isto, senão, não saberia, 15.7.

38.22-30 *Os fenômenos naturais.* A Providência de Deus é mais complexa de que Jó imaginara. As perguntas retóricas, ao lançar mão de expressões simplificadoras, como "depósitos da neve", "caminho para os relâmpagos", "chuva tem pai?", têm a intenção de demonstrar a Jó que não se manuseia as forças da natureza como o homem maneja os objetos físicos da sua vida diária.

38.23 *Dia do peleja.* Referência às intervenções divinas na história do mundo, por meio de manifestações naturais, Js 10.11; Is 30.30; Ez 38.22; Êx 9.13-35; Jz 5.5, 20-21.

38.26 *Onde não há ninguém.* O cuidado de Deus estende-se além da raça humana; Jó já percebera algo sobre isso, 12.7-9; 26.5-14.

38.31-38 *O universo.* e unta-se se Jó sabe ordenar as estrelas.

38.36 *Camadas.* Heb *tuhôth*, traduzido por "íntimo" em Sl 51.6. *Meteoro.* Heb *sewí* palavra derivada do conceito de "vigiar", e traduzida "galo" ou "mente". Exprime aqui a idéia de um fenômeno celestial. Note-se que muitos versículos de Jó têm causado grandes dificuldades ao tradutor e depois ao leitor; mas o leitor brasileiro da presente tradução em português já não sente o problema, pois as dúvidas já foram pesquisadas e esclarecidas antes de se produzir esta belíssima tradução, clara na sua expressão e fiel ao verdadeiro sentido.

38.37 *Odres dos céus.* Simbolizam a chuva, cf. a nota dos vv. 22-30.

38.39-39.30 Deus continua Sua revelação, tratando das maravilhas do mundo animado, do reino animal; estas também são misteriosas.

33.39-41 A ignorância de Jó no assunto da bondade de Deus, Jó não pode imaginar que Deus está sendo cruel para com ele, se até para os animais selvagens Deus revela a mais terna misericórdia.

• **N. Hom. 38.4-41** A glória de Deus na criação: 1) A criação do mundo é obra-de Deus, 4-6: a) é obra divina; b) é obra completa e perfeita; 2) A criação do mundo é assunto do cântico dos anjos, 7; 3) A criação do mundo é um assunto para o homem estudar e meditar, 8-41; a) a brevidade da vida humana e a eternidade de Deus, 4, 12, 18, 21; b) a ignorância do homem e a onisciência de Deus, 5, 6, 16-18, 22, 33, 36-37; c) A impotência do homem e a onipotência de Deus, 4, 6, 8-12, 31-32, 34, 35.

39.1 *Cabras monteses*. Um tipo de camurça ou cabrão, muito desconfiado, cuja criação não pode ser mantida pelo homem.

39.5 *Jumento selvagem*. Totalmente diferente do jumento doméstico: é ligeiro e gracioso, vivendo em manadas que povoam vastos territórios. Vive em perfeita liberdade e não é domesticável.

39.6 *Terra salgada*. Aprecia o sal que torna a terra árida para a agricultura; aprendeu a escolher os terrenos que os homens evitam.

39.9 *Boi selvagem*. Antigas traduções escreviam "unicórnio", que é apenas uma figura mitológica, confundindo a interpretação da Bíblia.

39.13-18 *A avestruz*. A avestruz deposita os ovos numa cova cavada na areia; várias aves fazem uso da mesma cova; depois os cobre com areia, e ainda deposita outros ovos na superfície da terra. Deus, segundo Sua providências equipou com mais força física do que instintos maternos Assim Deus distribui Seus dons segundo Lhe apraz, e o homem não tem o direito de questionar Sua soberania.

39.13 *Bondade*. Forma feminina da palavra heb *hesedh*, "amor, misericórdia", que é dada como nome à cegonha, por ser essa ave famosa por seu cuidado em criar seus filhotes.

39.19-25 *O cavalo*. Quem criou o cavalo? Quem o enfrenta na batalha? Se o cavalo impõe respeito, muito mais seu Criador.

39.26 *O falcão*. Pequeno pássaro de rapina, migratório de vôo rápido.

39.27 *A águia*. Heb *nesher*, o fusco abutre, a única ave que faz seu ninho nas mais altas elevações rochosas das montanhas da Arábia do norte e da Palestina (v. 28). De lá, percebe a carniça nos vales, onde vai buscar para alimentar seus jovens filhotes (vv. 29 e 30). A palavra traduzida por "águia" também se refere a águias e abutres em geral.

40.1-5 O orgulho de Jó é abatido; é a resposta humana à revelação da palavra divina. Deus aceitara o desafio de Jó e entrara em debate com ele (38.3; cf. 13.3). Terá Jó alguma resposta a dar após escutar aquelas palavras impressionantes, sobre as maravilhas da natureza? Agora a língua de Jó está silenciada; ele se arrepende amargamente das suas lamentações.

40.4 *Ponho a mão na minha boca*. Guarda-se assim um respeitoso silêncio perante algo impressionante; assim deviam ter feito os amigos de Jó ao ver seus espantosos sofrimentos (21.5), a exemplo do que faziam os príncipes do povo na presença da sabedoria de Jó (29.9).

40.5 *Duas vezes*. Talvez Jó esteja, pensando nas suas afirmações em 9.22, e em 13.20-22, nas quais se queixava que os injustos recebiam tratamento melhor da parte de Deus do que os justos, e exigia um conclave de debate aberto com Deus.

40.6-14 Deus revela Suas maravilhas no mundo moral, na esfera da ética humana. Se Jó tivesse a poderosa atuação e a voz autoritária do próprio Deus, derramando sua fúria sobre os ímpios e os perversos, então poderia confrontar-se com seu Senhor em debates sobre a justiça e a injustiça na Sua providência. • **N. Hom.** Um desafio sublime: 1) A intimação apresentada, 7; 2) A pergunta feita, 8; 3) A proposta feita, 9-13; 4) O resultado estipulado, 14.

40.12 Calca aos pés. Heb *hādakh*, que somente na Bíblia aqui ocorre; no árabe, a raiz significa "demolir um prédio", "desmontar". Jó precisa desfazer as obras do Maligno se quer ser realmente justo. • **N. Hom. A** humilhação dos arrogantes: 1) É necessária para que haja equidade, e para que se aceite a salvação; 2) É difícil por causa da confiança nos homens e nas riquezas; 3) Só é efetuada pelo poder, a justiça e o amor de Deus.

40.15-24 O hipopótamo. Heb *behemôth*, plural de "besta", significa "grande besta". Não deve ser considerado um animal mitológico, o *behemôth* que as lendas judaicas alimentaram; é uma simples descrição poética do hipopótamo que vive nos rios da África, bem conhecido dos egípcios. A descrição do seu poder evoca a impressão que causa a homens desarmados, que o encontram às margens dos rios; muito mais, o poder de Deus deve humilhar os homens.

40.20 Quando o hipopótamo sobe do rio procurando pastagens, os animais não têm medo, pois só se alimenta de ervas (v. 15) e não os ataca.

40.23 Jordão. Na antiguidade, tanto o hipopótamo como o crocodilo (cf. cap. 41), se achavam no Jordão, apesar de serem mais comuns no Nilo.

41.1-34 O crocodilo. Heb *livyāthān*, traduzido "monstro marinho" em 3.8 (vd a nota), cuja descrição aqui coincide com a do crocodilo. Os judeus desenvolveram muita literatura apocalíptica acerca desse leviatã. Aqui o argumento é: que Jó revele primeiro sua destreza em dialogar com o crocodilo, para então pensar em lutar com Deus, num debate. Os maravilhosos detalhes da vida de cada animal supõem uma sabedoria e potência, tão grandes da parte de Deus, que é melhor reconhecer que nossa vida, também, faz parte dos bem pensados desígnios de Deus.

41.4 Servo. O crocodilo não é domesticável, nem para algum serviço, nem para ser bicho de estimação, v. 5.

41.6 Mercadores. Heb *kena'anm*, negociadores viajantes, vendedores ambulantes, que deram origem ao nome Canaã. O crocodilo não se presta para ser mercadoria negociável, nem se come sua carne.

41.7 As escamas do crocodilo são impenetráveis por armas comuns.

41.9 No texto heb, seguido por muitas traduções, começa aqui o capítulo 41. *Em sua esperança.* A esperança de pescá-lo.

41.10 Aplica-se o moral: quem se impressiona com a criatura, muito mais deve se impressionar com o Criador.

41.11 Deus, Criador e Guia de todas as criaturas, não Se torna devedor a ninguém, sendo suficiente em Si mesmo; tudo o que o homem tem, vem de Deus; portanto Jó não está em condições de reclamar ou exigir.

41.14 Portas. As terríveis fileiras dos dentes de crocodilo.

41.15-17 As escamas do crocodilo resistem à vida na água.

41.18 Resplandecer luz. A água borrifada pelas narinas do crocodilo rebrilha na luz do sol. *Alva.* Os olhos vermelhos, que se percebem debaixo da água, antes que o crocodilo venha à tona. Os hieróglifos egípcios representam a aurora com o símbolo do olho do crocodilo.

41.19-21 Descrição impressionante do hálito do crocodilo visto num dia de calor e de luz.

41.27 Os dardos e as flechas são inócuos contra suas escamas.

41.29 Ri-se. Não leva a sério, não se perturba com as armas comuns.

41.30 Lit. "Debaixo dele há cacos pontiagudos, coloca um trilho cortante na lama".

41.31 Ungüento. Refere-se a uma mistura branca e espumosa, que é a impressão dada pelo remexer das águas do crocodilo que nada.

41.32 Luminoso. Produzido pelos organismos aquáticos fosforescentes remexidos pelo movimento do crocodilo. *Encanecido.* Cor dos cabelos brancos, outra descrição do remexer das águas.

42.1-6 Jó aparece na presença de Deus com adoração, humildade, e a experiência do perdão divino. A revelação da natureza divina dá para Jó uma clara consciência da sua

pecaminosidade e uma dependência total da providência de Deus. já reconhece ele que as palavras e razão humanas não são suficientes para alcançar a Deus, o Qual não tem termo de comparação, e abre, então, mão do debate desejado. Regozija-se com uma experiência pessoal de Deus, que lhe acrescenta aquele aspecto místico, piedoso, espiritual, que lhe faltava quando seu conhecimento de Deus era somente baseado nos ensinamentos, em que tinha sido treinado desde a mocidade.

42.5 *Eu te conhecia só de ouvir.* Jó, possuindo uma experiência com Deus, toda sua, reconhece que as perguntas e respostas levantadas por ele e por seus amigos, não têm importância comparadas com a sublime bênção da verdadeira comunhão com Deus. Não recebeu todas as respostas; sabe que Deus é justo, que ele tem sido fiel a Deus, e não entende o porquê do seu sofrimento em tais circunstâncias; mas agora atingiu um ponto de espiritualidade que lhe basta para, mesmo em meio àqueles sofrimentos, saber que pode confiar em Deus, aceitando qualquer quinhão que Deus tenha decretado para sua vida.

42.7-17 O Epílogo. Volta-se para o estilo de narrativa, empregado no Prólogo, caps. 1 e 2. Demonstra-se o erro dos três amigos de Jó. • **N. Hom.** Jó restabelecido: 1) A justificação divina, na reprovação dos amigos (v. 7), e na aceitação da oração intercessória de Jó (8.10a); 2) A restauração divina, 10b-17. Jó recebeu o dobro de tudo que antes possuía, foi restaurado ante os parentes e amigos (11), gerou outra família (13-15), e viveu seus dias em paz (16, 17).

42.7 *O que era reto.* Os amigos tinham falado muitas coisas certíssimas sobre Deus, inclusive algumas das mais inspiradas exortações sobre a conversão a Deus, e Jó havia tomado algumas atitudes erradas em querer entrar em contenda com Deus. Mas há uma grande distinção: Jó estava buscando sinceramente a verdade sobre a justiça divina, e sobre a razão dos seus sofrimentos físicos e morais, enquanto seus amigos, sem ter o coração aberto para Deus, simplesmente quiseram forçar Jó a ingerir suas teorias pré-fabricadas. Jó glorificara ao Senhor no sentido de buscar a incontestável verdade em Deus. Os amigos estavam errados justamente no assunto básico do teste em que Satanás submetia a Jó: o que o homem pode falar sobre a providência divina e o significado dos sofrimentos, na hora da tentação e da tragédia?

42.8 A integridade de Jó é demonstrada, na aceitação do seu sacrifício.

42.12 Demonstra-se o favor divino na vida de Jó, de maneira visível.

O Livro dos Salmos

Análise

Qualquer esboço do Livro dos Salmos tem de ser geral, visto que os salmos individuais evidentemente não foram colecionados dando-se atenção ao assunto ventilado ou ao autor. É possível que considerações musicais, pelo menos em parte, tenham influído no arranjo atual. O Saltério é dividido em cinco livros, cada um dos quais é assinalado no fim por uma doxologia. Mais significativo que algum esboço geral, no estudo dos salmos, é a sua classificação de conformidade com os assuntos explorados.

Os salmos, metade dos quais são atribuídos a Davi, o suave cantor de Israel, conforme os seus títulos, vêm quase todos do período áureo de Israel, isto é, cerca de 1000 a.C. Sem dúvida, alguns deles foram escritos mais tarde, até mesmo no tempo do cativeiro (por exemplo SI 137). Expressam grandes verdades em estilo poético, calculado para atingir as cordas mais profundas do coração. Deveríamos aprender a lição que nos dão, de que o conhecimento intelectual não é o bastante, o coração também deve ser tocado pela graça remidora de Deus.

A poesia hebraica não consiste em rima, mas principalmente em repetição de pensamento numa cláusula paralela, como seja: "Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades" (SI 103.10). A atenção a

esse paralelismo, pode ajudar-nos ocasionalmente a interpretar palavras obscuras, pelo paralelo mais claro. Outro artifício frequentemente encontrado na poesia hebraica é a dramatização. Davi não escrevia apenas para si mesmo; também escrevia para os outros. Usando o mesmo artifício poético, Shelley escreveu "A Nuvem", recontando as experiências de uma nuvem na primeira pessoa do singular, Os salmistas escreveram por todos nós, e podemos reputar suas orações e louvores como nossas próprias orações e louvores. Quando interpretamos os salmos messiânicos, precisamos lembrar que, nesse caso, Davi também escreveu na primeira pessoa, ainda que exiba, com vívidos detalhes, às experiências do Messias.

Cerca de metade dos salmos pode ser classificada como orações de fé em tempos angustiosos. Salmos preciosos tais como os de número 23, 91 e 121, além de muitos outros, nos sustentam em períodos da mais profunda necessidade. Faríamos bem em decorar e lembrar esses salmos freqüentemente, a fim de sermos fortalecidos pela Palavra para quando vierem os dias de provação. Cerca de outros quarenta salmos foram dedicados ao tema do louvor. A nota de louvor a Deus deveria fazer parte da respiração do crente, e salmos, tais como os de números 100 e 103 deveriam ter uma participação em nossas devoções diárias.

A classificação detalhada dos salmos é empresa difícil, visto que são altamente poéticos, e um salmo pode tocar em diferentes temas. Porém, podemos aqui sugerir diversas categorias: Salmos do Homem Reto representados por 1, 15, 101, 112 e 133. Seis deles podem ser denominados de Salmos Reais, 2, 21, 45, 72, 110 e 132. Os salmos 32 e 51 são usualmente chamados Penitenciais, juntamente com algumas porções dos salmos 38, 30 e 143. Os Salmos Imprecatórios pedem vingança contra os inimigos de Deus: 69, 101, 137 e certas porções dos salmos 35, 55 e 58. Há pelo menos quatro Salmos Históricos: 78, 81, 105 e 106. Dois deles frisam a Revelação, 19 e 119.

Os Salmos Messiânicos, que são aplicados a Cristo no Novo Testamento, são os de números 2, 8, 16, 22, 40, 41, 45, 68, 69, 89, 102, 109, 110 e 118. Alguns deles são tipicamente messiânicos, ou seja, escritos acerca de nossas experiências gerais, mas aplicados a Cristo. Outros são diretamente preditivos, como os salmos 2, 45 e 110, que predizem a vinda do Rei messiânico. Em Sl 45.6, o Messias aparece como Deus; no salmo 110, Ele é o rei-sacerdote e Senhor de Davi; no salmo 2, Ele é o Filho de Deus, que deve ser adorado. Outros salmos falam sobre os Seus sofrimentos (22), o Seu sacrifício (40) e a Sua ressurreição (16.10, 11). No salmo 89, o Messias é aquele que completará o pacto davídico, em cumprimento às esperanças de Israel.

Autor

De acordo com os títulos, Davi, foi o autor de setenta e três salmos, Asafe foi autor de doze, os filhos de Corá foram autores de onze, Salomão foi autor de dois, e Moisés e Etã foram autores de um salmo cada. Nenhum autor é mencionado no caso de cinquenta dos salmos. A Septuaginta Grega adiciona Ageu e Zacarias como autores de cinco salmos.

O valor dos títulos tem sido assunto debatido, mas obviamente são muito mais antigos do que 200 a.C., pois a Septuaginta, traduzida mais ou menos nessa época, compreendeu mal diversas das observações musicais dos títulos. Composições poéticas, inclusas nos livros históricos pré-exílicos demonstram um emprego similar de títulos (Hc 3.1; Is 38.9; 2 Sm 1.17; 23.1). O salmo 18, que seu título atribui a Davi, de acordo com 2 Samuel 22.1 também teria sido escrito por ele. Essa reputação de Davi como músico é muitas vezes mencionada (2 Sm 23.1; 1 Sm 16.18; Am 6.5). Os livros de Crônicas são bastante explícitos ao dizerem que Davi reuniu coros para o templo e compôs salmos para os mesmos (1 Cr 16.4, 5-; 25.1-15). Os enigmáticos termos musicais dos títulos têm sido freqüentemente associados nos livros de Crônicas com a obra de Davi (1 Cr 15.20, 21; 16.4; compare-se os títulos dos salmos 46, 12, 38; e dos salmos 105.1; 148.1; e

outros). Finalmente, Jesus Cristo alicerçou um importante argumento sobre a validade do título do salmo 110 (Mc 12.36). Não parece haver qualquer evidência positiva contra o ponto de vista tradicional de que a maioria dos salmos foi escrita por volta do ano 1000 a.C., conforme os títulos afirmam. Nova evidência, baseada nos Papiros do Mar Morto nos proíbe colocar qualquer dos salmos numa data tão posterior como o século II a.C., conforme alguns eruditos o faziam no passado.

Esboço

LIVRO I. PRINCIPALMENTE ORAÇÕES DE FÉ NA ADVERSIDADE, 1-41

(Exceções: Salmos de Louvor, 8, 24, 29, 33; Salmos Reais, 2, 21; Salmos de Justiça, 1, 15; Salmo Penitencial, 32; Salmo Revelador, 19).

LIVRO II. PRINCIPALMENTE ORAÇÕES DE FÉ NA ADVERSIDADE, 42-72

(Exceções: Salmos de Louvor, 47, 48, 50, 65-68; Salmos Reais, 45, 72; Salmo Penitencial, 51; Salmos Imprecatórios, 58 e 59).

LIVRO III. SALMOS DE CONFIANÇA, ESPECIALMENTE EM AFLIÇÃO NACIONAL, 73-89

(Exceções: Salmos de Louvor, 75, 76; Salmos Históricos, 78, 81; Salmos de Amor por Sião ou pelo Templo, 84, 87; Salmo de Repreensão aos Ímpios, 82).

LIVRO IV. SALMOS DE LOUVOR, 90-106

(Exceções: Salmos de Fé na Adversidade, 90, 91, 94, 102; Salmos Históricos, 105 e 106; Salmo de Justiça, 101).

LIVRO V. SALMOS MISTOS, PRINCIPALMENTE DE LOUVOR E CONFIANÇA NA TRIBULAÇÃO, 107-150

(Exceções: Salmos Reais, 110, 132; Salmos sobre Aflições Nacionais, 129, 137; Salmos de Justiça, 112, 116; Salmo Revelador, 119; Salmo de Amor a Sião, 122). (Categorias Especiais no Livro V: Cânticos dos Degraus, 120-134; Salmos Hallel, de Louvor, 113-118, 136 e 146-150).

1.1-3 A descrição do homem verdadeiramente feliz.

1.1 A descrição negativa daquilo que não faz. Nota-se o caminho do pecado, sempre piorando: anda, detém-se, assenta-se.

1.2 A descrição positiva daquilo que é. Seu deleite não está nos prazeres deste mundo, mas na Palavra de Deus.

1.3 O resultado deste tipo de vida: a vitalidade, como a de uma *árvore*, a estabilidade, sendo firmemente *plantada*, a produtividade, simbolizada pelo fruto da árvore; a prosperidade, em todos os seus atos.

1.4-6 A descrição do homem ímpio, que está longe de Deus.

1.4 Contrasta-se fortemente com o homem feliz. Os ímpios são todos aqueles que estão fora de Cristo. São como a moinha que não tem vida nem conteúdo nem valor, e que facilmente é levada ao espaço.

1.5 O resultado da vida do ímpio: a punição eterna (cf. Ap 20.11-15).

1.6 Existem apenas dois caminhos, com dois destinos diferentes; é nossa atitude para com Cristo que determina nossa sorte eterna (cf. 1 Jo 5.10-12; Jo 3.18).

2.1-3 Uma descrição do ódio e da rebelião que a humanidade lança contra Deus e contra Seu Filho. "Romper os laços" é rejeitar totalmente a autoridade do Messias, Jesus Cristo, Filho de Deus.

2.4-6 A resposta de Deus perante esta rebelião. *Ri-se e zomba* são as maneiras de expressar que a onipotência divina nada tem a temer ante as maiores forças que os seres humanos podem criar, inclusive bombas atômicas e foguetes interplanetários. *Ira e furor* representam a reação da justiça em confronto com a justiça dos homens, da pureza divina ante a impureza humana. É coisa temível provocar os castigos que vêm do Senhor (Hb 10.30-31).

2.7-9 A declaração de Deus que Cristo é seu Filho Unigênito. A palavra *gerei* foi compreendida pelos apóstolos nos seguintes sentidos: 1) A ressurreição de Cristo assim nasceu para a eternidade, At 13 33; 2) O fato de Cristo também ter sido Filho de Deus desde a eternidade, Hb 1.5; 3) Cristo, como Filho, recebe de Deus Sua comissão, e executa-a com obediência filial (Hb 5.5; Jo 20.21).

2.8 O domínio do Messias será universal (Fp 2.9-11).

2.9 Os que não desejam dobrar os joelhos perante Cristo, no dia do julgamento serão dobrados até se quebrarem.

2.10-12 A exortação solene: *sede prudentes, servi, alegrai-vos, beijai, refugiam*. Cristo deve ser recebido agora como Salvador, para que O sirvamos eternamente como Senhor.

3.1,2 A aflição de Davi (cf. 2 Sm 15.12). Tinha muitos inimigos, inclusive seu próprio filho, Absalão.

3.3,4 A perfeita confiança de Davi: sabia que Deus lhe supriria cada necessidade, e por isso recorreu a Deus em oração, na hora difícil.

3.5-8 Davi tinha tanta fé em Deus, que podia confiar nele nas circunstâncias mais difíceis, sabendo que a vitória pertence a Deus.

3.8 A salvação pertence totalmente a Deus, cujo Filho é o Autor e Consumador desta salvação e da nossa fé (Hb 12.2).

4.1 O apelo que Davi faz a Deus, que chama de "minha justiça". Há muito que Deus tem respondido às orações dos que nele confiam; e assim continuará fazendo.

4.2 Davi indaga a seus opressores até que ponto irá sua rebelião.

4.3 O cristão tem sido separado por Deus, e tem a promessa que as suas orações serão respondidas (Jo 14.12-17).

4.4 *Consultai*. É bom parar de quando em quando para pensar sobre tudo que Deus é, e que Deus tem feito por nós (cf. Sl 46.10).

4.5 Isto deve ser o resultado de meditar sobre Deus.

4.6 Um pequeno vislumbre da presença de Deus é o suficiente para dissipar qualquer tipo de pessimismo, inclusive o revelado nesta pergunta.

4.7 A alegria do mundo baseia-se sobre *cereal e vinho*, mas o verdadeiro regozijo do crente depende de sua comunhão com Deus (Fp 4.4).

4.8 Aquele que confia em Deus durante o dia pode depender da proteção divina durante a noite; quem tem fé quando as coisas vão bem, verá que essa fé é uma fortaleza, na hora da dificuldade.

5.1,2 Deus responde às orações daquele que sinceramente O adora como Rei e Deus, e que O deixa reinar nas suas atitudes diárias.

5.3 Muita coisa depende de como principiamos nosso dia.

5.4-6 Os ímpios, porém, não podem esperar uma resposta de Deus.

5.7 Davi, a antítese do ímpio, se aproxima de Deus como filho Seu, com reverência, reconhecendo os benefícios que de Deus recebe.

5.8 O desejo de Davi é ter diretrizes do próprio Deus (cf. Sl 37.23).

5.9 O que nos leva a necessitar da direção divina e o que nos constrange a nunca ousar desviar-nos deste propósito é o fato que vivemos num mundo hostil a toda realidade espiritual (cf. Rm cap. 3).

5.10 Esta oração, como muitas outras semelhantes que se acham no Livro dos Salmos, é um apelo a Deus de Se vindicar a Si mesmo, de revelar publicamente Sua justiça e assim, envergonhar os ímpios e vindicar os fiéis; o ponto culminante de tudo isto será o Dia do Julgamento.

5.11,12 O contraste entre a sorte dos justos e a dos ímpios, descritos nos vv. 9 e 10, uma vez mais se destaca claramente. O homem que confia em Deus e ama-O, regozijar-se-á porque é o próprio Deus que lhe dará proteção e bênçãos.

6.1-10 Este é um dos sete Salmos Penitenciais; os outros são: 32; 38; 51; 102; 130; 143. A situação do Sl 6 é que Davi tinha passado por uma doença que quase lhe fora fatal, e

que considerou como sinal da ira divina contra ele, um motivo de triunfo para seus inimigos.

Davi pede misericórdia ao invés da irada parte de Deus. Não se estriba na sua bondade, mas no amor de Deus. Seu senso de culpa era tão grande que seu corpo "tremia, abalando os ossos". É esta profunda convicção que leva ao verdadeiro arrependimento, à confissão, e então à purificação que Deus concede.

6.4-7 Davi deseja a vida e não a morte; deseja a plenitude da vida, livre do medo, da fraqueza, do pecado.

6.5 *Sepulcro*, Heb *she'öl*, q e às vezes tem sido interpretado como "inferno", lugar de onde nunca surgiu um pensamento piedoso; mas parece que a idéia das palavras deste versículo é que somente os vivos podem prestar culto público a Deus, e servi-LO na terra perante os homens.

6.6,7 Mais uma vez percebe-se o profundo senso de culpa e a convicção do seu pecado que Davi sentiu, além dos efeitos físicos do pecado.

6.8-10 O crente pode enfrentar seus inimigos com a certeza de que Deus já ouviu suas orações e as atendeu. Deus sempre atende a uma oração de sincera confissão desse tipo (1 Jo 1.9; Sl 51).

7.1,2 Davi pede a proteção divina, confiando somente em Deus.

7.3-5 Davi nega as acusações dos seus inimigos, pedindo que o próprio Deus seja juiz entre ele e eles. Em todo transe, é à justiça e à sabedoria de Deus que deve apelar.

7.6-8 Parte da obra do pastor amoroso é atacar os lobos; parte da revelação do amor de Deus se vê na Sua ira contra toda obra do inferno, todo pecado que possa perverter os homens.

7.8 *Minha retidão*. Heb *çedeq*, como virtude: "retidão", "justiça", mas inclui a idéia de ter ou de ser vitorioso. Aqui, Davi não imagina que tem merecimento perante Deus (6.1-3n), mas está dizendo: "de acordo com a razão que tenha nesta disputa".

7.9,10 Sabe-se que a profunda justiça de Deus é a garantia do triunfo dos retos, que confiam em Deus e observam Sua vontade.

7.11-13 Deus, como juiz, terá a última palavra em todos os debates, lutas, dúvidas, desafios, perseguições, etc., que, possam surgir.

7.11 *Juiz*. Heb *shōphet*, aquele que, pela justiça, descobre com quem está a razão e com quem está o erro. Isto inclui tanto restaurar e ajudar os aflitos como punir os transgressores. Para, os fiéis, o fato de Deus ser juiz quer dizer que os vindicará plenamente no tempo e na eternidade. Ao mesmo tempo, Deus odeia o pecado e Sua ira se revela contra o pecador que deve arrepender-se para não receber o castigo eterno.

7.14-16 A maldade traz consigo a sua própria punição (Rm 1.18-32).

7.14 O homem mau está tão saturado de maus pensamentos que não pode descansar enquanto não praticar todo o mal que sua mente depravada lhe possa sugerir.

7.17 Apesar das dificuldades, podemos cantar louvores em razão de confiarmos em Deus. Fixando nEle a nossa atenção, diminuirão os obstáculos.

8.1 O salmo começa e termina, (v. 9) com uma expressão de admiração reverente. *Nosso*. O crente reconhece que Deus se lhe ofereceu para ser o seu companheiro. O nome e a natureza de Deus se mostram excelentes em todos os lugares, em todas as circunstâncias, revelando-se no universo por Ele criado na sua inteireza (Rm 1.20). Mas 'essa glória é também infinita e insondável, revelada nos céus.

8.3,4 Ao contemplar os céus com toda sua majestade, Davi sente-se forçado a perguntar por que Deus escolheria algo tão pequeno e insignificante como é o homem, para ser objeto do Seu especial amor, revelando-se até às crianças, que passam a louvá-LO (v. 2).

8.6-8 O homem é o mordomo de Deus junto à criação, e todas as coisas têm sido colocadas sob sua autoridade. Por causa do pecado, ele não tem cumprido devidamente essa comissão recebida de Deus, porém, o salvo em Cristo recebe de volta os direitos de mordomia que Adão perdera. (Hb 2.6-10; cf. Rm 5.12-19).

9.1,2 Começa com uma nota de louvor, que sempre é bom no culto. • **N. Hom.** Louvando a Deus: 1) O único objetivo do nosso louvor, o Senhor; 2) Os temas abundantes do louvor, *todas as tuas maravilhas*; 3) O modo correto do louvor, *de todo o meu coração*.

9.3-5 Davi passa a mencionar certos benefícios específicos que já recebera como prova do amor e da justiça de Deus. É bom na hora da meditação, pensar-se no fato de Deus nos ter abençoado no passado, para; assim sentirmo-nos mais seguros em suplicar bênçãos para a situação atual.

9.4 *No trono*. É importante lembrar que Deus não cessou de reger os destinos do mundo, em que Sua causa triunfará.

9.6-10 As obras dos homens, finalmente, desaparecerão, mas Deus existirá eternamente. Ele julgará o mundo, segundo normas eternas e celestiais, mas os que nele confiam estarão seguros, naquela hora (v. 10).

9.10,11 Os que confiam no Senhor devem ser também aqueles que lhe cantam louvores e proclamam Sua grandeza. Tais considerações devem levar a crente ao louvor, juntamente com Davi (11-12), e à oração (13-14).

9.15,16 O próprio pecado tem, em si mesmo, princípios que julgam e destroem o pecador (Sl 7.15--16).

9.17 As nações se esquecem de Deus, mas Deus jamais se esqueceu do seu povo (12) pois os fiéis Lhe são uma nação especial.

9.17,18 A justiça finalmente sairá vitoriosa tanto no caso dos ímpios, como no caso dos justos, rebaixando uns, exaltando outros.

9.19,20 Uma oração para que as nações possam reconhecer sua própria fraqueza, arrependem-se para serem abençoadas. A nação que imagina poder depender do seu próprio poder militar e comercial, sem procurar a direção de Deus, será terrivelmente aniquilada, como no caso de Sodoma, da Assíria, da Babilônia, de Samaria (Gn 18.20; 19.23,24; Is 10.5-19; Jr 51.1-64; 2 Rs 17.7-23).

10.1 O justo, ao sofrer, começa a duvidar se Deus realmente vê suas dificuldades, e se realmente vai acudir. Às vezes, quando as preocupações nos transtornam sobremodo, parece que Deus está mais distante, escondido, porém Ele está mais perto de nós que o ar que respiramos.

10.2-11 Uma descrição completa do homem mau. • **N. Hom.** O perverso é arrogante, v. 2; o perverso é jactancioso, v. 3; o perverso é cheio de soberba; v. 4; o perverso pensa ser auto-suficiente, vv. 5 e 6; o perverso é traiçoeiro, vv. 7-10.

10.8 É provável que aqui não se descrevem apenas os assaltantes, mas também as pessoas que, sem violência de sangue, oprimem os pobres, os desamparados e as pessoas de boa fé, mediante a extorsão, a chantagem, a vigarice o comércio injusto, a mentira, o engano e o aproveitar-se da desgraça alheia, só prestando alguma ajuda mediante grandes somas; entre essas pessoas, acham-se os falsos profetas, (Mq 3.1-12).

10.11 O ímpio pratica todo mal que sua mente lhe possa sugerir (7.14), porque desconhece que vai ter de prestar contas perante Deus. Por isso, no Dia do julgamento, conhecerão a Deus, não como amantíssimo Pai Celestial, mas como juiz inflexível e onipotente. Deus não ignora nenhum dos seus atos e deles não se esquece jamais. Tem perpetuamente, gravados perante Si todos os atos, tanto dos ímpios, como dos justos (Hb 4.13).

10 12-14 Diferentemente do ímpio, o filho de Deus sabe que não está relegado ao esquecimento, e que Deus realmente o contempla e ajuda; sabe que os ímpios serão, finalmente, levados ao julgamento.

10.15-18 A confiança do salmista se alicerça no fato de que Deus reina eternamente, "*Senhor é rei eterno*" (v. 16). É por esta causa que consolará os retos e condenará os maus.

11.1 Davi manifesta sua firme confiança em Deus, apesar dos seus amigos lhe aconselharem a fugir à sua difícil situação, escapando de qualquer perigo iminente.

11.2,3 Devemos sempre nos acautelar cuidadosamente ante os conselhos de quaisquer amigos que não têm orientação bíblica e espiritual que não costumam procurar em primeiro lugar a sabedoria que vem de Deus. Em resposta à pergunta do v. 3, Spurgeon comenta: "mesmo se o Estado se desfaz, podemos sofrer com alegria, esperar com bom ânimo, aguardar pacientemente, orar fervorosamente, crer de maneira confiante e, finalmente triunfar".

11.4-7 Os amigos de Davi apenas olhavam para as coisas da terra, mas Davi fitava seus olhos nas coisas celestiais, sabendo que Deus jamais cessou de reinar. Deus ama, Deus tem cuidado dos Seus. Nada pode afligi-los, nem perturbar suas vidas, a não ser o que Deus permitir, que é para o seu próprio bem. Com relação aos ímpios, o próprio Deus decidirá. Por isso, o que nos cabe é confiar absolutamente na Sua soberania, em quaisquer circunstâncias, e apesar de conselhos que nos são oferecidos e que não nascem de consulta divina.

• **N. Hom. 11.4** 1) O caráter do Senhor: "santo"; 2) O que Ele aprova - atos santos; 3) O galardão dos santos: contemplarão a própria face daquele que agora nos contempla a todo o instante.

12.1-3 Uma oração breve e direta de Davi, que considera sua época (como todas as épocas) como um tempo do alastramento da hipocrisia, da infidelidade e da traição; lábios que lisonjeiam apenas escondem corações falsos.

12.1 A carência de piedosos e fiéis é a praga de todas as épocas.

12.4 Há três declarações aqui, e cada uma está errada: pois

as mentiras dos ímpios nunca prevalecerão; seus lábios não pertencem a eles, más a Satanás, assim como os lábios dos crentes pertencem a Cristo (1 Co 6.19-20); cada homem tem seu mestre, ou Cristo ou o Diabo; ou as coisas dos céus ou as coisas mundanas.

12.5 Deus está sempre ao lado dos retos e, quando Se levanta em prol de um homem, este já ganhou a vitória; e quando Se levanta contra o homem, está já está derrotado.

12.6 As palavras dos homens nem sempre merecem confiança, pois mentem e enganam, mas as palavras de Deus são preciosas e infalíveis.

12.7,8 Qualquer que seja o extensão do império da maldade, os retos podem sempre contar com o poder de Deus para preservá-los.

13.1,2 Quatro vezes pergunta *até quando?* Nossos dias e nossas noites parecemser muito longas quando nossa alma se deixa abater. • **N. Hom.** O caminho entre a lamentação e o regozijo: 1) A lamentação, vv. 1 e 2; 2) A oração, vv. 3 e 4; 3) O regozijo; vv. 5 e 6.

13.3 Esta breve oração mudou completamente a situação; ela constitui, como sempre é o caso, o ponto decisivo. A oração não operou mudança em Deus; mas operou mudança na atitude do salmista.

13.5,6 Tendo passado pela experiência de desfrutar a misericórdia de Deus, passa a regozijar-se no Senhor, cantando louvores por causa da maneira como Deus, agira com ele. Quando nos, esquecemos de tudo quanto Deus fez por nós mediante a obra de Cristo, surge a tendência de questionar-se sobre os desígnios de Deus. É a razão por que carecemos estar em comunhão com Deus, para que possamos sempre alegrarmos na bondade propiciado por Ele.

14.1-3 A corrupção universal, cf. também Sl 53. A corrupção universal se deve ao fato de os homens negarem a Deus. Não é apenas o homem ateu que nega a existência de Deus, mas também aquele que vive e age como se nunca tivesse que prestar contas ao Senhor. Compare v. 2 com Gn 11.5 e 18.21. O homem natural, o que não aceitou a salvação, não tem mérito próprio, pelo qual possa apelar perante o Deus que declara que todos pecaram (Rm 3.23).

14.4-6 Deus se revela como poderoso contraste ao homem corrupto.

14.7 Davi anseia pela salvação de Deus e aguarda pela fé.

15.1 Duas perguntas importantes sobre a comunhão com Deus.

15.2-5 A, resposta pormenorizada a essas perguntas, do homem que pode entrar em comunhão com Deus, se descreve positiva e negativamente, pois a retidão abrange não somente o que alguém faz, mas também aquilo que evita fazer. Mencionam-se aqui onze pontos específicos desses dois tipos, que devem caracterizar a vida dos justos.

15.2 Somente os que assimilaram a retidão de Cristo podem preencher todas essas exigências (cf. 2 Co 5.21; 1 Jo 3.7). Em primeiro lugar, o homem necessita ser justo, antes de praticar obras justas.

15.5 A *promessa*. Numa época em que tantos crentes estão tendo dificuldades emocionais, é importante estudar com cuidado este salmo, para descobrir o que é que conserva o crente estável e emocionalmente saudável: a comunhão com Deus, comprovada pelo viver diário.

16.1-4 Os sinais do verdadeiro crente:

16.1 Deus é o objeto único da sua confiança, da sua esperança.

16.2 Reconhece Deus como seu único Senhor, suficiente em tudo.

16.3 Agrada-se nos que temem a Deus, e os escolhe como seus amigos.

16.4 Despreza os cultos falsos, as coisas que o mundo adora.

16.5-8 As bênçãos que o verdadeiro crente recebe neste mundo.

16.5,6 Um coração satisfeito pela bondade de Deus.

16.7 Conselho e correção da parte de Deus.

16.8 A certeza, a confiança.

16.9-11 O que o verdadeiro crente tem no seu futuro: a garantia da vida eterna, da felicidade perpétua na presença de Deus. Esta passagem deve ser compreendida à luz da ressurreição de Jesus Cristo; Sua alma não foi deixada na morte, e Sua conquista da morte e da corrupção (a palavra hebraica aqui traduzida por "corrupção" é *shāhath*, da raiz "ser estragado") é a garantia que seu povo com Ele ressurgirá. Na pessoa de Cristo, acha-se o cumprimento destes versículos (At 2.25-28; 13.35).

16.9 *Corpo*. Heb *bāsār*, lit "carne". Os hebreus dificilmente achavam uma palavra para "corpo" como tal, pois reconheciam que uma "pessoa" é uma entidade composta de princípios físicos plasmados pelo próprio Deus; juntamente com princípios; mentais e espirituais que também emanam de Deus, princípios tão intimamente ligados, que, distinguir os limites da influência mútua que têm cabe somente a Deus.

17.1-15 A oração que este salmo é pode-seresumir em três das palavras que nele ocorrem: "ouvir", v. 1; "afazer-se", v. 5; "esconder", v. 8. Aquele que é ouvido e escondido por Deus, afazendo-se às Suas veredas, não precisa temer ao inimigo, mesmo ao mais feroz.

17.1 O profundo desejo de Davi de ser ouvido por Deus.

17.1-5 Não quer isto dizer que Davi alega não ter pecados na sua vida; é apenas a aflição do momento, mas ela não foi provocada por nenhum pecado seu (cf. 7.8, com a nota e as referências).

17.6-12 Uma oração pedindo a proteção divina.

17.7 *Salvador*. A salvação não é algo automaticamente derramado indiscriminadamente sobre os homens: os homens precisam "buscar refúgio" em Deus, ter fé nele, não desprezando o Seu dom gratuito e amorável.

17.8 Aqui surgem duas expressões figurativas da ternura e do cuidado. A primeira sugere uma unidade viva, como a do olho com o corpo; a outra representa uma relação amorosa como é a do pássaro para com os seus filhotes (cf. Zc 2.8; Dt 32.10,11; Mt 23.37).

17,13-15 Davi exprime seu desejo e sua esperança pelo futuro.

17.15 Ver a Deus face a face e ser semelhantes Ele é o grande desejo e esperança de cada crente (1 Jo 3.2). A face de Deus se revela em Cristo, e nós, contemplando Sua face, já aqui na terra estamos sendo transformados de glória em glória (2 Co 3.12-18). Além disso, depois de despertarmos após a morte, teremos o gozo

da presença de Deus durante toda a eternidade.

18.1-3 A introdução ao salmo é uma declaração de amor e de fé. O salmo inteiro está inserido na situação histórica descrita no livro de Samuel. É interessante reconhecer que os salmos de Davi brotaram de sua experiência com Deus. Procurou o socorro divino em cada época de sua vida, aceitou a repreensão quando não estava vivendo à altura da vontade de Deus (cf. 2 Sm 12.1-14 e Sl 51), glorificava-o em cultos públicos e meditava sobre Seu nome. Como resultado, viu Deus como uma realidade. Então pôde escrever sobre realidades espirituais, aplicáveis ao íntimo do coração e também a toda situação nacional e internacional.

18.4-19 Um relatório da maneira como Deus libertou Seu servo. A linguagem aqui é bélica, pois a situação de Davi, desde a época em que se defrontou com Golias, tinha sido bélica como a de um fugitivo, cercado por perigos, nas montanhas e nas cavernas. Por isso, as primeiras visões que tivera de Deus eram visões de um Deus que se revela na natureza, um Deus que Davi já devia ter reconhecido, mesmo quando era um menino, pastoreando as ovelhas ao ar livre.

18.4,5 Davi reconheceu que as perseguições que sofrera sob as mãos de Saul originaram-se da intervenção das forças do inferno, pois a aflição muitas vezes vem do tentador que deseja destruir os servos de Deus.

18.7-14 Uma tempestade, por ser forte, poderosa, fora da compreensão humana, com manifestações de brilho, tem sido uma ilustração normal da natureza de Deus para muitos povos.

18.15 Aqui a descrição já vai além da tempestade como tal.

18.16-19 A demonstração do poder de Deus era apenas um veículo para intervenção divina, amorosamente livrando um simples servo Seu. Há uma relação profunda entre a alma crente e seu Deus, revelada aqui pelos muitos pronomes "eu" e "ele".

18.20-31 Há uma conexão estreita entre a ação de Deus em prol do homem e a atitude que o homem toma perante Deus. Esta seção se divide em quatro estrofes, vv. 20-24; 25-27; 28-29; 30-31.

18.20 *Retribuiu-me*. Se Davi não teve uma vida completamente livre de deslizes (e a Bíblia não tenta escondê-los), mas pelo menos sua vida foi uma sincera tentativa de observar em primeiro lugar a vontade de Deus, e por isso era considerado um rei ideal, para tomar o lugar do teimoso e desobediente Saul.

18.26 Assim como as virtudes humanas devem ser um reflexo das virtudes divinas que provêm dos céus, elas, quando praticadas pelos homens, ocorrem muitíssimo, refletindo-se mutuamente, abrindo o caminho para Deus nos proporcionar mais favores, de outro lado, quem rejeita a prática das virtudes nada deve esperar da parte de Deus, senão uma prova da sua própria falta de ternura, padrão que escolhera para o seu modo de vida na terra, entre seus semelhantes.

18.29 Em cada situação, há uma modalidade da intervenção e do socorro divinos, para nós mui aprazíveis; para Davi, fugitivo durante vários anos, a capacidade de saltar muralhas lhe era mais familiar do que qualquer outra habilidade mais "urbana" ou intelectual! Assim é que Deus nos capacita para toda boa obra segundo a situação do momento.

• **N. Hom. 18.30** 1) O caminho de Deus; 2) A Palavra de Deus; 3) A santa guerra de Deus. Devemos participar dos três.

18.32-45 Os verbos aqui estão no passado; tudo é retrospectivo, pois Davi está meditando e refletindo, e não antecipando. Não há ausência de salmos que fossem orações inspiradas em horas da angústia, mas este é um salmo de triunfo, de louvor, de ações de graça.

18.34 *Arco de Bronze*. Davi, pessoalmente, faz uso da mais poderosa arma bélica da sua época, uma capacidade invulgar para quem tem o dever de libertar e moldar a nação que Deus escolheu para servi-IO e para, viver perante Ele, no cumprimento da Sua

palavra.

18.36 *Alargaste*. Um bom lugar, firme para o pé pisar, valia mais do que ouro e prata na hora das fugas pelas montanhas.

18.43 A finalidade de toda essa luta não era o prazer de guerrear, era um passo na direção de firmar um reino de paz, como se descreve na época de Salomão, filho de Davi.

18.46-50 Terminada a narrativa sobre como Deus acompanhara a Davi nas horas de dificuldade, descritas em 1 Sm 16.1-31.9, Davi volta ao seu terna de louvor, de triunfo, de amor, tudo dedicado a Deus, seu Salvador.

19.1-6 Os céus, ou seja, o universo físico e visível são uma prova visível da sabedoria, do poder, da glória e das leis de Deus. Porém, não são suficientes para declarar a vontade de Deus, Seus planos, Sua graça, Seu amor, que são coisas espirituais, por demais profundas para a natureza morta, transcendentem para a mente humana. Por isso, esta revelação precisa ser completada pelas escrituras (vv. 7-11) e ainda pela experiência que a alma recebe diariamente de Deus intervindo na sua vida, vv. 12-14. A profunda contemplação dos céus, das Escrituras, ou do próprio íntimo, revela algo da face de Deus. Os céus revelam a glória de Deus, as Escrituras revelam Sua grandeza e a alma reflete Sua graça. Jesus Cristo é a plenitude de Deus visível entre os homens.

19.4 O testemunho é universal; esses missionários, que são os corpos celestes, levam a mensagem de Deus a cada país (Rm 1.20).

19.7-9 A Bíblia, nestes versículos, recebe seis títulos sugestivos: *lei, testemunho, preceitos, mandamento, temor do Senhor, juízos*. Cada título recebe seu atributo: *perfeita, fiel, retos, puro, límpido, verdadeiros*. Cada aspecto da Bíblia assim descrito produz seu resultado, restaurando a alma, concedendo sabedoria, alegrando o coração, iluminando os olhos, produzindo a justiça e permanecendo para sempre, revelando seu valor incalculável para o homem íntegro.

19.10 Se expressões bíblicas, como estas, fossem levadas mais a sério, se os crentes, realmente, sem exceção alguma, apreciassem o ensino que vem de Deus, mais do que a glória, honra, sabedoria e sucesso, que são alvos dos homens mundanos, veriam descortinados novos horizontes de gozo, paz, confiança e vitória (cf. Jo 5.44).

19.12,13 O salmista deseja ser libertado tanto da violação acidental como da violação deliberada dos mandamentos. A soberba, aqui mencionada, pode referir-se ao preceito que regula o sacrifício pelo pecado na lei de Moisés: a pessoa que age "atrevidamente" ao pecar, isto é, desafiando deliberadamente a Deus, em seu pecado, não tem parte na expiação contida nos sacrifícios (Nm 15.30-31). De qualquer maneira, a soberba é adoração de si mesmo ao invés da, adoração de Deus, de modo a provocar pecados evidentes ao público.

20.1-9 Este salmo, juntamente com Sl 21, são canções de guerra. Ambos são messiânicos, apontando para o Cristo Vitorioso, que não somente vence os homens e nações que se levantam contra Sua soberania, mas também venceu na cruz à morte e ao inferno (cf. Ap 5.5; 6.2).

20.1-5 O povo se dirige ao rei, encorajando-o e depositando-lhe sua confiança, baseada não tanto nas qualidades do rei, mas muito mais no nome de Deus, que fizera Suas promessas a Davi.

20.2 Uma oração para que Deus fortaleça o rei para enfrentar a batalha.

20.5 Deus, de fato, satisfará aos nossos votos (desejos e petições), se tomarmos a atitude das primeiras palavras do versículo de realmente adorar, celebrar é glorificar Seu nome.

20.6-8 A resposta do rei mediante o desejo do povo mostra que é só em Deus que repousa sua absoluta confiança.

20.6 *Ungido*. Heb *meshiah*, palavra transliterada por "Messias" quando se refere especificamente a Cristo (a própria palavra "Cristo" é a palavra grega que significa também "Messias" ou "ungido". Aqui a referência imediata é ao rei Davi, unguido pelo

profeta Samuel como sinal exterior da unção e da escolha divina que sobre ele recaiu.

21.1-13 Este salmo é uma oração de louvor após a batalha.

21.1-7 Ações de graças pela vitória. O povo intercedera em prol dos votos do rei (20.5), e agora ele reconhece que foi atendido (v. 2).

21.1 A exemplo do povo, o rei agora Se regozija também, 20.5.

21.3-76 Compare com 2 Sm 7 para verificar as referências messiânicas.

21.8-12 Confia-se que Deus continuará concedendo vitórias no futuro.

21.11 Os malfetores podem fazer planos muito bem traçados, mas, planejando sem a direção de Deus, não terão poder para levar algo a efeito.

21.13 Esta oração se encerra com um cântico de louvores, a Deus, que estivera tão maravilhosamente presente em cada necessidade.

22.1-31 Este salmo descreve o Bom Pastor morrendo em lugar das Suas ovelhas (Jo 10.11). A primeira parte, vv. 1-21, é o grito de angústia do Salvador que se sacrificou a Si Mesmo; a segunda parte é um cântico de louvores. A expressão chave da primeira parte é "não me respondes" (v. 2); da segunda parte, "tu me respondes". A primeira parte antevê os sofrimentos de Cristo, e a segunda descreve as glórias que se lhe seguiram (1 Pe 1.11).

22.1 Foi este, a grito terrível de Cristo na cruz, quando foi feito pecado em nosso lugar, em nosso favor, (Mt 27.46) - e foi justamente Ele que não conheceu o pecado, e que não precisava sofrer seus efeitos (2 Co 5.21; Rm 8.3).

22.2 *Não me respondes*. Quando o Salvador estava pendurado na cruz, clamou para Seu Pai, e não houve resposta. Isto ocorreu porque Cristo estava tomando o lugar de cada pecador, perdido em suas culpas, aceitando assim sobre Si mesmo toda a punição divina, aplicável a todo o pecado humano e de todos os tempos (Jo 1.29).

22.6 *Verme*. O Senhor da glória se humilhou até a mais baixa posição a fim de nos salvar (Fp 2-5-8).

22.7 A situação de Jesus, entre seus inimigos, foi exatamente essa, até nos próprios gestos, que eram sinal de zombaria entre os hebreus.

22.8 Esta expressão não é somente zombaria contra o Cristo sofredor, é também a total negação da realidade de Deus. Os fariseus, ao redor da cruz, proferindo essas palavras, revelaram quão distantes eles estavam de Deus.

22.9-11 Pede-se que os mesmos cuidados paternais de Deus, que acompanhavam cada passo de Jesus, se concentrem nesta hora final.

22.12 *Basã*. O território além do Jordão; ótimo para o gado de qualidade.

22.14 *Meus ossos se desconjuntaram*. Foram estes efeitos físicos que Jesus sentiu ao ser pregado na cruz, que depois foi fincada no chão, deixando Jesus em posição toda incômoda e anormal.

22.16 *Cães*. A expressão hebraica para os adeptos do paganismo de Canaã, depois aplicada aos gentios em geral, muitos dos quais cercaram a cruz. *Traspassaram-me*. Mais um pormenor da crucificação de Cristo (Jo 20.24-29).

22.17 *Todos os meus ossos*. Jesus, magro flagelado e nu, mostrava todos os seus ossos. Talvez o fato de os soldados não terem quebrado os ossos de Jesus seja o cumprimento desta descrição (Jo 19.33-36).

22.18 Esta descrição prevê o que aconteceu ao redor da cruz.

22.20 *Espada*. A destruição. *Cão*. Aqui, talvez Satanás, ou maldade dos homens, que se manifestou plenamente, ao redor da cruz.

22.21 Descreve a morte e as perseguições que a precederam.

22.22-31 Depois da ressurreição, tornou-se totalmente diferente a situação.

22.25 *Cumprirei os meus votos*. Sacrifícios de ações de graças no culto público: testemunho público de que as petições foram atendidas.

22.27 *Os confins da terra*. Parte integrante da obra do Messias é arrebanhar fiéis de todas as nações (Is 42.4; 49.5-7; 53.12).

22.28 Decerto este versículo estava firmemente gravado na mente de Daniel, guiando suas atitudes perante os reis (cf. Dn 4.19-27, esp. 25).

22.30,31 Quando Cristo completou sua obra na cruz, dizendo "Está consumado!" (Jo 19.30) começou a formar uma nova geração, um povo diferente, uma descendência espiritual (Is 53.10; 1 Pe 2.9-10).

23.1-6 Descreve o Grande Pastor que vive pelas suas ovelhas. O salmo tem sido tratado como três comparações: "o Pastor e as Ovelhas", vv. 1 e 2; "o Guia e o viajante", vv. 3 e 4; "Hospedeiro e o Hóspede", vv. 5 e 6. Isto ressaltará as três grandes verdades da provisão, da direção e da comunhão divinas.

23.1 *O Senhor é meu pastor.* Assim como Davi vigiava suas ovelhas, o Grande Pastor, Deus, a estava vigiando. O pastor rege, guia, alimenta e protege suas ovelhas, e elas obedecem ao pastor, seguindo-o, amando-o e nele confiando (cf. Jo 10.3-16).

23.2 *Pastos verdejantes... águas de descanso.* Cristo é o Pão da Vida (Jo 6.48) e a Água Viva (Jo 4.10, 14) para os que seguem como Pastor.

23.3 *Refrigera-me.* O Pastor como Salvador sara às ovelhas.

23.4 *Bordão e... cajado.* Para guiare defender o rebanho (cf. At 20.28-31).

23.5 *Unges.* O Pastor põe óleo nas feridas que as ovelhas recebem dos espinhos e dos pedregulhos; o Hospedeiro oriental põe óleo perfumada na cabeça dos hóspedes. Assim o Senhor Jesus alivia e consola.

23.6 *Habitarei.* A comunhão com Deus, na terra e depois ainda mais nos Céus, é o quinhão dos que pertencem à família de Deus (Ef 2.19). O salmo inteiro é sobremodo íntimo: 17 vezes o autor refere-se a si mesmo, e 13 vezes refere-se a Deus; é o salmo da comunhão com Deus. • **N. Hom.** Nada falta àquele que recebe bênçãos de Cristo, nem descanso, v. 2; nem refrigério; v. 3a; nem diretrizes, v. 3b; nem companhia, v. 4; nem consolação, v. 4; nem sustento, v. 5a; nem gozo, v. 5b; nada, enfim.

24.1-10 O Senhor como Pastor Supremo. Para adorá-LO, exige-se a pureza descrita no v. 4, tanto intimamente como na maneira de agir entre os homens.

24.7 *Ó portas.* A expressão relembra a volta da arca a Jerusalém (Mt 21.1-11), e a entrada à Nova Jerusalém pelas doze portas (Ap 21.12).

25.11-22 Os versículos estão em acróstico, em heb. • **N. Hom.** Vv. 1-7. Uma excelente oração rogando por diretrizes de Deus. Três vezes fala-se "ser envergonhado", há 2 pedidos pelo "ensinamento", e, 3 vezes apela-se a Deus para que "se lembre".

25.7 O crente quer que Deus permaneça a vê-lo, mas só que deseja ser olhado pela "lente rósea" da graça expiadora de Cristo, atribuindo-lhe a perfeição e a santidade que lhe foram imputadas pela obra de Cristo.

25.8-10 Um cântico de louvor a Deus, enumerando alguns dos Seus atributos.

25.8 *Bom e reto.* O que Deus é forma a base daquilo que Ele faz. Agora Davi podia chegar a agradecer a Deus pela resposta às suas orações, e pelo fato de já ter tido confiança que Deus lhe seria fiel em guiá-lo, em ensiná-lo, e em dirigi-lo em tudo, segundo tinha pedido.

25.9 *Caminho.* heb *derekh*. Aplica-se a qualquer trilho ou rua; indica também um roteiro, as diretrizes que uma pessoa toma e os acontecimentos.

25.10 *Veredas,* heb *’ōrah*, também pode ser um caminho, um trilho, mas aplica-se comumente ao modo de viver ou agir (cf. "andai nele", Cl 2.6).

25.11 Mais uma vez, Davi recorre à oração: a visão de Deus que tivera, descrita nos vv. 8-10, o sensibilizara quanto ao seu pecado, que o confessando, pede perdão, recorrendo ao Nome do Senhor.

25.12-14 Um santo temor de Deus é a condição para o homem receber diretrizes, bênçãos e comunhão da parte de Deus.

25.14 *Intimidade.* Comunhão com os pensamentos, desejos e anseias de Deus.

25.15 *Tirá os pés do laço.* O pecado e a tentação são um laço para os pés (que trilham

o "caminho", v. 9), e só Deus pode livrar suas vítimas.

25.16-22 Uma oração final, mostrando dependência total de Deus, o benigno Salvador, descrito nos vv. 12-15.

26.1-12 Davi começa dizendo: "tenho andado na minha integridade", e termina dizendo: "ando na minha integridade" (11). O rei demonstra ser jactancioso e cheio de orgulho espiritual, mas pelo menos suas palavras são comprovadas pelo aborrecimento que tem para com o pecado (vv. 4 e 5), pela sua confiança em Deus e pela sua humilde oração pela justificação.

26.5 *Aborreço a súa de malfeitores.* O profundo amor às coisas de Deus redundava sempre em um profundo ódio do mal, um ódio que leva o justo a esquivar-se de toda colaboração e comunhão com os malfeitores (4). • **N. Hom.** As petições deste salmo: 1) *Faze-me justiça*, 1; 2) *Examina-me... prova-me... sonda-me*, 2; 3) *Livra-me e tem compaixão de mim*, (11).

26.9 Reconhece-se a diferença entre a sorte eterna da alma do justo e do ímpio. O desejo expresso nesta oração é para que Deus revele qualquer deslize na vida do crente que Lhe desagrade, para que possa aprender, a viver de modo a ser aceitável à presença de Deus. Deve ser essa a nossa oração, com o propósito de andar em retidão perante Deus e os homens.

27.1-6 Revela-se a fé profunda desse homem de Deus.

27.1 Deus, além de conceder-nos luz, salvação e fortaleza, Ele mesmo já é, pessoalmente, nossa luz, salvação e fortaleza, e por isso nada tememos.

27.2 Urna olhada para o passado era o suficiente para ver como Deus sempre o tinha libertado de tolos aqueles que o quiseram lesar.

27.3 À luz daquilo que Deus fizera no passado, Davi confia, que, seja qual for a emergência, Deus nunca deixará de acudi-lo.

27.4 Esse sincero desejo de Davi era um dos elementos que desenvolveram sua profunda confiança no Senhor. Era um homem com propósitos bem definidos, e nós também devemos ter o supremo desejo de viver na mais íntima comunhão com Deus (cf. Gn 3.8 e 1 Jo 1.3). Uma das nossas maiores necessidades é contemplar a beleza do Senhor (Cl 3.1-3).

27.5 6 Mais uma vez, Davi expressa sua plena confiança na proteção que Deus lhe concede, pelo que Lhe presta culto e ações de graça.

27.6 *Exaltada a minha cabeça.* Expressão usada pelos hebreus que significa restaurar à honra, à promoção, à glória, à vitória, expressão que em Gn 40.13, 20 fora traduzida por "reabilitar", termo fiel ao hebraico.

27.7 A oração se torna mais fervorosa, mais urgente, enquanto Davi começa a pensar mais na situação em que se achava do que nos transe do passado. É importante olhar firmemente para o Salvador, procurando nele a solução, quando mais nos oprimir a angústia (Mt 14.27-33).

27.8-10 Implorando a presença divina, na hora difícil, se reaviva em Davi a certeza que Deus nunca o abandonará (cf. Is 49.14-16).

27.11,12 Pede a proteção e a direção divinas, "Ensina-me... guia-me... não me deixes".

27.13,14 Espera-nos a derrota espiritual, se não alimentarmos, a exemplo de Davi, uma fé robusta e suficiente para, diariamente, contemplarmos a bondade do Senhor. Para isto, devemos "esperar", "ter bom ânimo", "fortificar-nos".

28 1,2 Uma invocação. Davi clama a Deus. Não adianta ao homem, mas Deus, nossa Rocha imutável, nos ouvirá os pedidos. O silêncio de Deus pode ser uma coisa terrível. Deus não ouvirá nossas orações se prestarmos atenção a nossa própria e íntima vaidade (66.18).

28.2 *Erguer os mãos.* Costume, oriental na oração (Êx 9.29; 1 Rs 8.22).

28.3-5 *A súplica.* Davi deseja ser preservado da sorte dos ímpios, reclama contra sua maldade e pede que sejam devidamente punidos. Jesus nos ensinou uma oração

diferente, em prol dos nossos inimigos: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34).

28.6,7 Davi, louvando ao Senhor, dá seu testemunho acerca de sua confiança em Deus. Confiou em Deus, e Deus o socorreu, por isso seu coração se encheu de alegria. A seqüência é sempre a mesma: confiança em Deus, socorro divino, e alegria com ações de graças.

28.8,9 O coração de Davi transborda pelo que pode interceder por outros. As petições são breves: "salva", "abençoa", "apascenta", "exalta".

29.1,2 Uma convocação para se prestar culto a Deus. Os homens não devem atribuir nenhuma glória a si mesmos, mas sim reconhecer em Deus todos os atributos da natureza divina, pertencendo ao Seu poder e ao Seu amor, prestando-lhe, por isso, toda a glória (Jr 9.23-24).

• **N. Hom. 29.2** O que devemos fazer? Adorar. A quem? Ao Senhor. De que maneira? "*Na beleza da santidade*." Quanto ao lugar, ao horário, à ordem, à oração e à forma do culto, nada se fala.

29.3-9 A descrição da tempestade. "*A voz do Senhor*". Este nome poético dado ao trovão é instrutivo: vem do alto, sobrepuja aos demais sons, inspira reverência e é inteiramente independente do homem.

29.4 Assim como a voz de Deus é poderosa nos fenômenos da natureza, também o é na graça. O evangelho é "dinamite", (palavra grega traduzida por "poder", em Rm 1.16).

29.6 *Siriom*. É o nome antigo, sidônio do monte Hermom (Dt 3.9).

29.7 O relâmpago que vem com o trovão, a iluminação que vem juntamente com a Palavra de Deus.

29.8 A voz do Senhor percorre o universo, Sl 119.89; Is 55.10-11.

29.9 *Dar cria*. Heb "se contorcer com dor", uma alusão à cria. Tradicionalmente, o lugar da cria das corses foi considerado tão secreto, que serve como ilustração da sabedoria divina que manifesta tudo.

29.10,11 A certeza que o Senhor (mencionado 25 vezes) abençoará e fortalecerá Seu povo, o Deus que não somente está presente nas tempestades da natureza, mas também nas das nossas vidas.

30.1-5 Louvor por causa da bondade de Deus, que livra (1) e sara (2).

30.1 Deus exaltou a Davi, assim como nos exaltou com toda sorte de bênção espiritual em Cristo (Ef 1.3), motivo de louvores e ações de graça.

30.3 Deus concedeu a Davi a vida física e a vida espiritual; mais um motivo de louvor e de convocar os fiéis a tomar parte nisto (4-5).

30.6,7 *A confissão*. Os favores que Davi recebera levaram-no a se sentir poderoso e independente de Deus, então Deus escondeu Sua presença revelada, e Seu filho logo sentiu a falta. Precisamos sempre ter em mente que somos totalmente dependentes da graça de Deus.

30.8-10 *A súplica*. Rogo a Deus que possa continuar a viver aqui na terra, louvando a Deus com os demais fiéis (cf. 6.5).

30.11,12 *O testemunho*. Davi volta a narrar o que Deus fizera por ele, transformando completamente suas circunstâncias. O resultado é que Davi louva e agradece a Deus para sempre, uma atitude que deve caracterizar a vida de cada verdadeiro crente. Esta oração inclui o louvor, a confissão, a súplica e o testemunho.

31.1-4 Um clamor a Deus que inclui as seguintes petições: "livra-me", "salva-me", "guia-me". É o clamor de cada alma necessitada. É a fé em Deus que dá a Davi a capacidade de pedir assim; é o caráter de Deus que é a garantia da resposta, pois Ele é justo (1), "castelo forte" e "cidadela" (2), "rocha" e "fortaleza" (3).

31.5 *Nas tuas mãos entrego o meu espírito*. Palavras que as crianças israelitas citavam ao adormecer, e que Cristo citou ao morrer na Cruz (Lc 23.46). *Tu me remiste*. Mais uma vez, a lembrança da salvação que Deus operou é a base da esperança de tudo o que

Deus ainda fará.

31.9-13 Neste salmo, há uma mistura de esperança e de medo, pois é um salmo muito humano, muito fiel à situação do íntimo do crente cercado pela perseguição. Nesta seção, Davi conta a Deus seus sofrimentos físicos e espirituais e como seus inimigos o atormentavam. Porém, neste tempo de grande sofrimento e tristeza profundos, apesar de toda a angústia, não se esquece de que é só perante Deus que estes assuntos devem ser tratados; a reação do crente perante todos, os sofrimentos e tristezas deve ser a de recorrer a Deus em oração.

31.14-18 Nossa vida pode estar segura tão-somente nas mãos de Deus (15) e quem nelas se sente seguro está salvo das mãos do inimigo. Os que andam na luz de Deus nunca se envergonharão; a vergonha pertencerá, na final prestação de contas, aos ímpios e aos mentirosos.

31.19-24 Deus tem reservado maravilhosas bênçãos para os que têm reverência e fé (19), protegendo os Seus da adversidade dos maus com Sua presente benignidade em qualquer circunstância.

31.20 *Contenda de línguas.* Todas as formas de lamúrias, queixas, reclamações, maledicências, insultos, acusações e implicâncias que encham de mágoas as vidas dos que são alvos dessas investidas.

31.21 *Cidade sitiada.* Uma figura que representa urna situação de apuros.

31.22 Devemos tomar cuidado com o que dizemos quando estamos agitados.

31.23,24 Uma exortação final para ficar firme e corajoso, estribando-se no amor de Deus que, finalmente, a tudo retribuirá, bem ou mal.

32.1,2 Uma expressão de profunda alegria por causa do perdão dos pecados, definidos por quatro palavras distintas e específicas. O perdão de Deus torna três formas, para cancelar tantos pecados.

32.1 *Iniquidade.* Heb *pesha*, o ir além dos limites fixados por Deus, rebelar-se contra Sua autoridade. *Perdoada.* Heb *nāsā*, lit. "levar embora", como quando Cristo "carregou" nossos pecados na cruz como um fardo mortal (1 Pe 2.24). *Pecado.* Heb *hatā'ā*, lit. "errar o alvo" viver longe do propósito que Deus tem para nossas vidas. *Coberto.* Heb *kissā*, lit. "cobrir", "esconder". O crente é escondido ou revestido pela justiça de Cristo; é a expiação.

32.2 *Atribui.* Heb *hāshabh*, "pensar", "levar em conta". Deus nos atribui ou imputa o sacrifício de retidão que Cristo ofereceu por todos os que nele crêem, não "cobrando" nossa dívida de pecado. *Iniquidade.* Heb *'avōn*, "perversidade", vindo da idéia de torcer, transviar, aplicável a "arruinar tudo quanto é reto e justo". *Dolo.* Heb *rimyyā*, "engano", o ato de prender um animal na armadilha, ou trair um ser humano no "conto do vigário". É a insinceridade, a falsidade, a hipocrisia.

32.3-5 A experiência do homem que vive com algum pecado secreto, não confessado, comparada com a sua situação após ter confessado sinceramente a Deus, que está agora mais disposto a perdoar do que nós dispostos a fazer confissão (1 Jo 1.9; Sl 51; Pv 28.13).

32.7 Com o perdão vem a segurança e a libertação do pecado, de Satanás, da tristeza, da morte e do julgamento (Ef 1.7-14).

32.8,9 Aqui se acham uma promessa da direção divina e uma advertência contra a obstinação. A promessa é de que Deus vai instruir, ensinar e aconselhar, mas para que, possamos receber essas bênçãos, precisamos ser submissos a Deus. Os freios e cabrestos não são para afastar o cavalo; são para guardá-lo bem perto; da mesma maneira, as provações pelas quais passamos não são para nos afastar de Deus, mas para nos trazer mais perto dele, e encorajar-nos a cumprir Sua vontade.

32.10,11 Os ímpios serão castigados por Deus, mas os que confiam nele podem se regozijar por causa de Sua graça (heb *hesedh*, "amor constante, familiar").

33.1-3 Um convite para adorar a Deus, uma adoração que só é possível para o homem e

aceitável para Deus quando surge retidão pessoal.

33.4,5 Quatro bons motivos para alegrar-se e louvar a Deus.

33.6,7 Estas expressões confirmam Gn cap. 1, e refutam qualquer teoria de um universo feito pela evolução espontânea.

33.8 Contemplando o poder de Deus na criação e Sua bondade, devemos temê-IO e reverenciá-IO.

33.9 O que Deus manda se faz, e o que é feito por Ele permanece firme.

• **N. Hom. 33.6-19** Estes versículos nos mostram que o nosso Deus é o Deus da criação e o Deus da história. 1) O Deus da criação, ordenando, produzindo, separando segundo Sua vontade, vv. 6-9; 2) O Deus da história das nações, mostrando que Ele que rege seu destino, abençoando as que nele confiam e amaldiçoando as que não o reconhecem, vv. 10-15; 3) O Deus na história dos indivíduos, sejam eles líderes famosos (vv. 16-17), ou sejam simples particulares, cuja vida íntima Deus esquadrinha, 18-19. Deus sempre sabe qual a nação ou o indivíduo que realmente O reverencia.

33 20-22 A revelação daquilo que Deus é na eternidade e na vida dos homens, deve nos levar a confiar completamente nele; nossa alma deve esperar nEle e nosso coração deve nele se gozizar.

34.1 Davi resolve que deve bendizer ao Senhor em qualquer época, em quaisquer circunstâncias. É relativamente fácil ser fiel a Deus enquanto tudo está acontecendo segundo nossa vontade, mas o salmo diz: *em todo o tempo*, tanto na prosperidade, como na adversidade. Esse louvor ficará nos seus lábios, isto é, falará do assunto para outrem.

34.2 Sua glória não será em si mesmo, mas somente em Deus (1 Co 1.26-31).

34.3 O verdadeiro louvor prestado somente ao Senhor é uma religião sincera que atrai as outras pessoas a participar do culto.

• **N. Hom. 34.4-7** Uma demonstração da profunda relação que há entre os atos dos homens e os de Deus. Se o buscarmos, Ele nos livrará, v. 4; se olharmos para Ele, Ele nos iluminará, v. 5; se clamarmos, Ele nos salvará, v. 6; se O temermos, Ele nos cercará de cuidados. A bênção é condicional: Deus quer abençoar-nos, mas isto só é possível se nos inclinarmos a Ele.

34.8-10 Quem quer "ver" deve "provar" e, quem "prova", logo passará a "ver". Deus passa, então, à prova da experiência: quem confia nele (8), temendo-O (9) e buscando-O (10), não sofrerá falta alguma.

34.9 *Temei*. Heb *yāre*, fisicamente, o medo causado por um perigo. Por extensão, profundo respeito, reverência para com Deus. O horror de agir de maneira a ofender Sua Pessoa ou Suas leis.

34.10 *Leõesinhos*. Heb *kephir*, "leão jovem", na plenitude das forças, uma seríssima ameaça, mas que também não é indomável nem auto-suficiente.

34.11 Davi introduz seu sermão sobre o "temor do Senhor". A "língua" e os "lábios" (v. 13) e todo o nosso ser (v. 14) tem de participar deste temor, que nos ensina a evitar o mal (Pv 4.13-15). Só podemos praticar o verdadeiro bem se eliminarmos o pecado das nossas vidas.

34.15-22 Os que são justificados por Deus são Sua possessão particular e estimada, e Ele nunca os abandonará.

34.15 *Olhos*. Representam o fato de que Deus sempre está nos vendo. Nossa atitude perante o mal determina a atitude de Deus conosco.

34.18 *Quebrantado*. Heb *nishbar*, "bem quebrado", aqui, o oposto de "pedante orgulhoso, soberbo". Quem adora a si mesmo, o arrogante e pretensioso, nunca pode adorar a Deus; para converter-se, é preciso passar por um profundo quebrantamento do eu. O arrependimento verdadeiro é uma experiência do abalo total do ser, para depois reconstruí-lo em uma nova personalidade orientada pela vontade de Deus.

34.19 As *todas* da promessa de Deus cancelam as "muitas" da mundo.

34.20 Esta experiência de Davi, de sair ileso, foi também cumprida na Pessoa de seu

Filho e Senhor, de maneira inesperada (Jo 19.36).

34.21,22 Contrasta-se a sorte final dos ímpios com a dos fiéis que, tendo fé em Deus, vivem na Sua luz, amando-O e fazendo Sua obra, os quais, depois da morte, são promovidos a um serviço melhor, uma adoração mais pura, e alegrias eternas e verdadeiras.

35.1-3 Davi pede que Deus faça uso de armas ofensivas e defensivas em prol de Seu servo. Na angústia e na dúvida provocadas pela opressão, Davi deseja uma garantia da parte de Deus.

35.4-6 Davi clama pela derrota completa dos seus inimigos, que não são somente inimigos pessoais, mas também inimigos do povo de Deus e, portanto, da sua missão, que Deus lhe confiou para cumprir, zelar e defender. As palavras não devem ser interpretadas como vingança, mas como um reflexo da paixão pela retidão e de um anseio pela vaiaria da fé.

35.7,8 As palavras "laços" e "cova" referem-se às armadilhas usadas para caça, que se aplicam também ao dolo, à traição e à falsidade entre os homens.

35.11-16 Davi narra como agira para com seus inimigos, e como eles agora o estavam maltratando. Na época em que eles enfermavam, ele orava e, jejuava por eles; mas, eles festejaram como um triunfo quando ele ficou em aflição, ingratidão que ao rei magoou profundamente. Então Davi aprendeu a apresentar tal problema a Deus a Quem deu louvores até no meio da sua aflição; Davi sabe cantar louvores em qualquer situação, mostrando assim ter passado um verdadeiro teste da fé sincera.

35.17 *Minha predileta*. Heb *yehiã*, lit. "única", significa "vida"; exatamente a mesma palavra hebraica se traduz por "vida", no Sl 22.20.

35.18 *Grande congregação*. Heb *qãhãl rabh*, que se refere ao plenária da assembléia dos israelitas, como nação e como igreja, aquelas grandes reuniões nacionais e religiosas, nas quais se proclamavam e aplicavam as leis de Deus (Dt 5.1; 2 Cr 34.29-33; Ne 8.1-2).

35.19-26 Davi ora que Deus intervenha nas injustiças que estavam sendo praticadas. Não copia o que muitos fazem, que resolvem tudo segundo sua própria conveniência e no espírito de vingança.

35.19 *Pisquem*. Sinais transmitidos entre os que planejam algum golpe traiçoeiro.

35.21 *Escancaram*. Assim o leão engole sua presa, assim também os maledicentes "tragam" ou arruinam suas vítimas.

35.24 *Julga-me*. Pode ser interpretado: "Defende minha causa justa".

35.27,28 Os que amam a justiça terão razões bastantes para cantar e alegrar-se quando Deus derrotar Seus inimigos revelando Sua glória. Até àquele dia final, a atitude dos fiéis para com Deus, mesmo aqui cercados pela malícia do mundo, é descrita no v. 28.

36.1-12 Este salmo fala do pecador, vv. 1-4; do Salvador, vv. 5-9; e do santo, vv. 10-12.

36.1,2 Análise dos sentimentos e pensamentos íntimos do pecador.

36.3,4 Análise dos atos e das palavras do pecador. Sua característica básica é ser indiferente a Deus e à Sua exigência da prestação de contas; Deus, que se revela não somente naquilo que faz, mas também no que deixa de fazer. Não temer a Deus, não ser sábio, não fazer o bem, não odiar ao mal são sinais de um coração totalmente afastado de Deus, sendo, pois, uma oficina do diabo.

• **N. Hom. 36.1-4** O caráter do homem mau. 1) Considera o mal um bem, v. 2; 2) Persevera no mal; 3) É hipócrita, v. 3; 4) É obstinado; 5) Dedicar-se a aprofundar mais sua maldade, v. 4.

36.5-9 Há um profundo e berrante contraste entre o homem ímpio e o Deus santo. Que alegria para um pecador poder desviar seu olhar da sua própria e decaída pessoa, para contemplar a revelação que Deus faz de Si Mesmo! A misericórdia, a fidelidade, a retidão e os juízos de Deus (5-6) fazem parte integrante do Seu amor, tão grande, que ninguém pôde ainda compreender, por ser fraco; ignorante e, enfim, humano. Os que confiam em Deus como Salvador serão satisfeitos com as riquezas que Deus oferece aos Seus

servos.

36.9 A vida tem como sua fonte o próprio Senhor Jesus Cristo (Jo 14.6), que é a própria luz do Mundo (Jo 8.12).

36.10-12 O santo se dedica a Deus, e isto é um desejo que Davi declara de maneira positiva (10), e negativa (11), enquanto o fim daqueles que não querem se aproximar do Senhor descreve-se no v. 12, a destruição inevitável que eles mesmos preparam, separando-se do seu Criador.

37.1 Este salmo trata da prosperidade dos malfeitores e a adversidade dos justos. Antes da vinda de Cristo, esse problema parecia insolúvel, pois o sinal mais evidente que havia do favor de Deus era a prosperidade pessoal e nacional. Em Cristo, aguardamos coisas melhores, pertencentes à eternidade, a apuração das contas no Dia do Julgamento; e o melhor sinal do favor divino é, para os crentes, a doce comunhão com Cristo no íntimo do coração (Tg 1.12; 1 Pe 1.5-9).

37.1-11 Nestes versículos, há várias exortações para os aflitos, e vários deveres para com o homem piedoso. Alguns deveres são positivos, alguns são negativos; o motivo de cada um se declara. Um dever, que se refere ao sentimento que tocara a base da personalidade, se exprime na expressão hebraica *'al tithhar*, "não fique zangado", traduzida por: *Não te indignes* (v. 1), *não te irrites* (v. 7), e *não te impacientes* (v. 8). As exortações positivas são especialmente: "esperar", "confiar", "fazer o bem", "descansar e esperar no Senhor". O motivo que nos leva a desejar passar mais tempo proporcionando o bem, do que preocupando-nos com aquilo que os ímpios fazem, é sinal de que a vitória dos ímpios tem vida efêmera e que logo serão exterminados (2, 9, 10).

37.6 Quem realmente procura obedecer à vontade de Deus, até nos seus mais íntimos sentimentos, será evidentemente galardoado.

37.12-20 Desapontamentos e destruição aguardam os ímpios, pois o mal nunca poderia triunfar: existe, em funcionamento no mundo, um princípio de retribuição (14-15; cf. Gl 6.6-10). A pobreza e a riqueza são termos relativos, pois seu valor real é aquilatado pelo efeito que tem sobre o caráter humano (16-17). O servo de Deus tem uma herança eterna (18), e já aqui na terra sabe que o Senhor não o abandonará; os ímpios, porém, serão deixados à perdição (20).

37.17 *Braços*. Expressão que representa a força, a atuação e os planos.

37.18 *Conhece*. Do heb *yãdha*; "saber", "conhecer", mas também: "interessar-se, tomar conhecimento em sentido favorável, compartilhar".

37.19 *Mal*. Heb *rã'â*, não somente o mal moral, mas também a desgraça, a dificuldade o aperto, a aflição, ou a adversidade.

37.21-31 O galardão e a felicidade aguardam os justos, a "herança" mencionada nos vv. 9, 18, 22, 34. No caminho para essa herança, Deus ordena os passos dos justos (23); podem tropeçar de quando em quando no caminho, mas Deus está sempre presente para os socorrer (24).

37.29 *Herdarão*. Heb *yãrash*, "herdar" que, comumente, quer dizer receber aquilo que pertencia a um parente que morrera, como também pode ser uma "partilha", algum "bem prometido", ou "um dom gratuito"; a herança eterna nos céus é o Dom gratuito de Deus, a vida eterna em Cristo (Rm 6.23).

37.32-40 Revela-se o contraste entre o destino final dos justos e dos ímpios. O fim do ímpio é a destruição (34-36). O fim dos justos é a paz (37). Isto acontece porque Deus está contra os ímpios, e a favor dos justos.

37.33 Afinal de contas, não são os homens que determinam a sorte de cada indivíduo, aqui na terra, mas sim Deus, que tudo tem a Seu dispor.

37.34 *Possuíres a terra*. Esta expressão referia-se em primeiro lugar à terra prometida a Abraão, promessa esta que parecia tão maravilhosa aos israelitas quando no cativeiro do Egito, ou vagueando no deserto. Assim como receberam Canaã de maneira milagrosa, assim também podiam confiar em outro milagre: a vida eterna nos céus a herança

celestial à qual essa expressão passou a aludir (Hb 4.1).

38.1-10 Nestes versículos; Davi está inteiramente preocupado com seus próprios sofrimentos, o julgamento resultante do seu pecado, que não tenta esconder nem, negar. É assim que sempre acontece: cada pecador tem de enfrentar, tanto a lei natural como a espiritual. Sempre, quando há pecado, vem o castigo divino. O desagrado de Deus é chamado "ira", "furor" ou "indignação" e revela-se em repreensão e castigo pelo seu pecado, e por suas iniquidades (3-4).

38.4 *Acima de minha cabeça.* Esta figura descreve um homem afogando.

38.5-10 Uma descrição de sofrimento físico e o sofrimento moral que sempre acompanham a prática do pecado (cf. Is 1.5-6). • **N. Hom.** A convicção do pecado: 1) Sua angústia; 2) Sua profundidade; 3) Seu efeito perpétuo.

38.9 Davi não perde toda a esperanças registra seus sentimentos perante Deus, sabendo que a misericórdia de Deus perdura para sempre.

38 11-14 Tanto os amigos como os inimigos estão contra ele; os amigos deixam de ajudá-lo e os inimigos atentam contra sua vida. Seu comportamento nessa crise é um bom exemplo para seguirmos.

38.15 O Senhor dará aos inimigos de Davi a resposta devida, justa e correta; se Davi tivesse respondido, a resposta seria influenciada pelo ódio, vingativo e amargo, o que lhe não faria bem, algum, e só serviria para lançá-lo no laço do pecado.

38.17,18 Davi volta-se para o assunto do seu pecado e dá evidências de uma verdadeira tristeza piedosa, do tipo da descrita em 2 Co 7.10.

38.19,20 A situação que seu pecado despertara ainda o cercava. • **N. Hom.** 1) A fé testada, vv. 1-5; 2) A fé temente, vv. 6-8; 3) A fé que geme, v. 8, 4) A fé apegada a Deus, vv. 9 e 15; 5) A fé triunfante, v. 22, que vê a Deus como o Salvador.

39.1 Davi, resolvendo não mais pecar, pensou num método possível para evitar o pecado quando reconheceu que a melhor maneira seria controlar sua conversa. A língua é uma das maiores fontes do pecado (Tg 3.1-12).

39.2,3 Davi tinha guardado silêncio a mais que podia, e quis agora pronunciar-se; talvez estivesse meditando sobre a Palavra de Deus, seja a lei, ou sejam os salmos que produzira durante sua vida, (cf. Jr 20.8-9).

39.4-6 Davi deseja ter uma visão clara da brevidade da sua vida, para melhor fixar sua atenção nas coisas eternas. Nossa vida tem um limite e é Deus quem o coloca. Além de ser breve, a vida ainda é vã para quem vive para si mesmo. Devemos orar conforme Sl 90.12.

39.7-9 Quem tem sua esperança firmemente ancorada em Deus, tem-na em uma vida de sentido e propósito. Esta vida precisa ser liberta do pecado (8), pois é o pecado que dá motivo à correção, da parte de Deus (9-13). O golpe que Davi está sentindo não é o assalto de um inimigo vulgar mas o castigo leal e fiel do Amigo celestial. A primeira resposta que Deus deu à oração de Davi foi uma correção necessária, pois o amantíssimo Pai sempre corrige Seus filhos desobedientes, para seu próprio bem (Hb 12.6-11). • **N. Hom.** 1) A supressão, 1-3; 2) a explosão, 4-6; 3) a reconsideração, 7-11; 4) a oração, 12-13.

40.1-10 As ações de graças e louvores pelos livramentos do passado.

40.1-5 Salienta-se a bondade de Deus, pois é Deus quem veio socorrer e salvar a Davi, fazendo para ele aquilo que ninguém jamais poderia fazer. Das profundezas do pecado e do desespero, clamou a Deus, que lhe estendeu Sua misericórdia, e o colocara às alturas das bênçãos, dando-lhe a segurança, erguendo-o do lamaçal de pecados, firmando-lhe os pés sobre a rocha. Davi já passara por muitas experiências mas esta lhe deu motivo para cantar este cântico novo.

• **N. Hom.** **40.1-3** O que Deus faz para quem nele espera: 1) Deus o ergue; 2) Deus o purifica da lama do mundo; 3) Deus o estabelece; 4) Deus o sustenta; 5) Deus o harmoniza em salmo de alegria.

40.4 Reserva-se um tipo especial de felicidade para o homem que confia em Deus e odeia o mal. As coisas maravilhosas, que Deus fizera a este Seu filho, são verdadeiramente incontáveis (5).

40.6-10 É esta bondade de Deus (1-5) que motiva a nossa gratidão, que se expressa não somente em atos (6-8), como também em palavras (9-10). Em primeiro lugar Deus pede-nos a obediência, e só depois, nosso sacrifício (1 Sm 15.22-23). O exemplo supremo desta obediência é o Senhor Jesus Cristo, a Quem a Epístola aos Hebreus relaciona a este versículo (Hb 10.5-9). Devemos praticar a retidão antes de exigir que outras pessoas sejam retas. Note-se o tema dos sermões de Davi: "Tua justiça, tua fidelidade, tua salvação, tua graça e tua verdade".

40.11-17 Aquele que não poupou seus lábios em louvores (9) ora para que Deus não poupe Suas misericórdias (10); aquele que não escondeu a mensagem da fidelidade e da salvação de Deus (10) ora para que estas não sejam dele escondidas (11). Davi apela à bondade de Deus.

40.12 *Me alcançaram.* Com os efeitos descritos em Sl 38.1-8.

40.13-15 Foi libertado de muitos perigos (2), mas surgiram mais; é sempre assim em nossas vidas.

40.16 Este gozo pertence a cada crente que entra em comunhão com Deus.

40.17 Que consolação saber que Deus cuida de nós, ajudar-nos-á e nos libertará no meio das mais terríveis aflições (2 Co 1.10).

41.1-3 Bem-aventuranças para os que são uma bênção para os outros. Os que têm consideração para com os pobres, física e espiritualmente falando, compaixão do tipo que Cristo exemplificou, recebem a promessa de bênçãos específicas: libertação, proteção e terna assistência nas horas mais difíceis. Há uma correspondência entre nossa maneira de agir com os homens, e a maneira de Deus agir conosco (cf. Mt 18.23-35).

41.4 Uma confissão de pecado. O pecado sempre traz doença para a alma e, muitas vezes, a doença física também. Davi pede misericórdia e não justiça. Reconhece que o pecado é, em primeiro lugar, contra Deus.

41.5 Os inimigos estavam se regozijando nessa doença, esperando pela sua morte; suas visitas eram motivadas pelo desejo de saber qual o tempo que ainda separava o paciente da morte, planejando como melhor apressá-la (cf. 2 Rs 8.14-15).

41.9 Um daqueles traidores já tinha sido amigo íntimo de Davi (por exemplo, Joabe). Jesus aplicou estas palavras a Judas Iscariotes (Jo 13.18).

41.10-12 Nas circunstâncias descritas nos versículos anteriores, o melhor é dirigir-se a Deus. Pede o socorro de Deus, e sente a certeza que seus inimigos não triunfarão contra ele, (11). Esta fé é tão grande, que considera sua salvação outorgada por Deus, o que desde logo agradece.

42.1-11 Este salmo forma uma unidade poética com o Sl 43; exprime várias emoções em conflito, misturando-se a tristeza e a alegria, o medo e a fé, a dúvida e a devoção.

42.1,2 O anseio intenso pela comunhão com Deus deve ser marca de todo crente. Com a expressão figurada, vê-se que Davi tem sede das águas vivas que só Deus pode conceder (Jr 2.13). Todo o seu ser clama pelo Deus vivo (cf. as palavras de Jesus em Jo 4.13-14; 7.37-39).

42.3 A tristeza roubara-lhe o apetite de tal maneira que substituíra o prazer da refeição pela tristeza do choro. Ao vê-lo abatido, os inimigos aproveitaram-se disso para tentá-lo e abatê-lo ainda mais, desafiando-o a produzir provas de que Deus iria socorrê-lo.

42.4 Ao recordar sua tristeza pessoal, com os insultos gratuitos adicionados, o salmista sentiu-se esmagado em seu íntimo, e apela para a memória daqueles momentos de triunfo quando subia ao Templo para o culto, juntamente com o povo. Se o escritor é Davi, pode estar pensando na grande festa religiosa quando a arca fora levada a Jerusalém, numa hora gloriosa, de adoração (2 Sm 6.12-19).

42.5 Davi conversa consigo mesmo, examinando seu próprio íntimo.

42.6 Agora passa além de si mesmo, para buscar conversa com Deus, lembrando, em primeiro lugar, exemplos da sua comunhão com Ele no passado. Na oração, é bom recordar o que Deus já fez por nós.

42.7,8 Uma calamidade após outra sobreviera a Davi, o que ele reconheceu como provações da parte de Deus, tempestades oriundas de Deus que revelariam todo o Seu amor e a Sua misericórdia.

42.8,10 Davi pediu ao Senhor uma compreensão real destes acontecimentos.

42.11 O resultado foi que Davi reconheceu que não tinha motivo de queixas, pois Deus estava dirigindo tudo para o seu bem (cf. Rm 8.28).

43.1-4 Davi conversa com Deus e depois, no v. 5, exorta a si mesmo à luz daquilo que aprendera de Deus: um culto completo com uma só pessoa fazendo papel do pregador, da congregação e do coro!

43.1 É só Deus que pode julgar nosso íntimo, e dar a sentença acertada; é Ele o nosso Juiz, Advogado e Libertador (Tg 4.12; 1 Jo 3.20).

43.2 De Deus somente nos vem a força, por isso não somos nós que devemos atacar nossos inimigos: Deus o fará, se a causa for justa. Quando profundas dúvidas surgem, devemos recorrer às Promessas de Deus, em Hb 13.5-6.

43.3 Neste mundo de felicidade e de trevas espirituais, precisamos da *luz* e da *verdade* para nos guiar a Jesus, a própria Luz (Jo 8.12), a própria Verdade e o único Caminho para Deus (Jo 14.6). • **N. Hom.** Cinco coisas "minhas": 1) *Minha causa - pleiteia-a*, v. 1; 2) *Minha fortaleza - tu és*, v. 2; 3) *Minha alegria - Deus*, v. 4; 4) *Minha alma - por que te perturbas?*, v. 5; 5) *Meu Deus*, v. 5.

43.4 Ao receber as bênçãos pleiteadas; dá, toda glória só à Deus.

43.5 Considerando tudo aquilo que Deus sempre está pronto para fazer em prol daqueles que nEle confiam, não se pode desanimar.

44.1-26 Os atos de libertação, que Deus fez no passado, são a base para pleitearmos Sua intervenção no presente. O gozo no presente e a esperança pela futuro alicerçam-se nos fatos do passado (1-3). Quem libertou no passado, não deixará de libertar no futuro (4-8).

44.4 Este Deus da história é também o nosso Salvador pessoal.

44.5 A nossa vitória depende da força de Deus, na qual podemos confiar (Fp 4.13; 2 Co 2.14; 10 4). A nossa força nada adianta (6), mas em Deus somos mais do que vencedores, (7-8; cf. Rm 8.31-39).

44.9-16 Uma descrição de alguma derrota e frustração que a nação de Israel acabara de sofrer, mas, esta vez, não por causa do seu pecado (17-18). Não devemos atribuir todo o sofrimento às falhas morais do sofredor. O livro de Jó mostra-nos que o pecado não é a única causa do sofrimento. A derrota e a decepção fazem parte da disciplina da qual necessitamos, e muitas vezes nos ensinam e ajudam muito mais do que alguma aparência de êxito. O uso continuada palavra "tu" nos vv. 10-14 atribui as circunstâncias de Israel à ação de Deus.

44.11 *Nos espalhaste*. Literalmente, os israelitas foram espalhados no ano 721 a.C. (o reino do norte), e 587 a.C. (o reino do sul). Então, este salmo pertencia a uma época bem posterior à de Davi (c. 1011-971 a.C.). Mas talvez a referência seja apenas a algum exército israelita derrotado no território dos filisteus, tiros, sírios, amonitas, moabitas, edomitas, ismaelitas, cananeus, citas, etc., os vizinhos imediatos dos israelitas, sem contar, os grandes impérios.

44.14 Foi exatamente esta situação que Moisés predisse para a nação, se viesse a desobedecer à Lei de Deus (Dt 28.37).

44.17-22 A inocência descrita aqui deve ser considerada relativa, e não absoluta; alega-se que não havia apostasia nacional. Mas ninguém pode declarar que absolutamente nunca se esquecerá de Deus, nunca fora infiel à Sua Palavra, nunca se desviara dos caminhos que Deus sempre aponta (17-18); só Deus é que sabe até que ponto fizemos

tudo isto (21).

44.19 *Chacais*. Habitantes de lugares desertos. A evidência pode apontar para alguma, batalha no deserto de Edom (2 Cr 20) no reinado de Josafá (870-840 a.C.), situação semelhante àquela descrita aqui.

44.22 Se precisamos sofrer, é melhor que seja em prol da causa de Deus, cf. 1 Pe 4.12-19. Nenhuma alegria vale a pena, se é obtida pela nossa fuga ao dever ou comunhão com Deus. Nosso Criador e Mestre também enfrentou o sofrimento (Is 53.7; Hb 5.8).

44.23-26 Uma das vantagens da tristeza é que nos leva à oração. Uma criança, que tinha um pai bêbado, disse à sua mãe: "Será que Satanás não percebe que, quando manda papai bêbado para casa, nos dá mais uma oportunidade para levar um recado para Jesus?". Se o sofrimento nos leva a pensar que Deus está longe, é realmente só para nos tornar mais diligente em buscar a consolação e a sabedoria de Deus.

45.1-17 Segue-se o padrão dos cânticos de casamentos, que simboliza o quadro ideal da união do Messias com Seu povo.

45.1 O salmo é introduzido com uma expressão de santo entusiasmo.

45.2 Fala-se ao Noivo e menciona-se sua beleza e sua graça; aplica-se a Cristo, especialmente no sentido das Suas qualidades espirituais.

45.3-5 Descreve-se Sua vinda vitoriosa; todos terão, que adorá-IO.

45.6,7 O caráter e o ofício do noivo, o Messias, Cristo reina como Deus, com autoridade sem igual entre os homens, pois, mesmo tendo vivido entre eles, tendo-os por "companheiros", está acima deles. Amando à justiça e odiando à iniquidade, julgará aos que praticam tanto a, primeira como a segunda. Cristo, como o noivo, (Mt 25.1-13) é, a chave destas palavras, e da sua citação em Hb 1.8.

45.8 9 A descrição de um noivo real simboliza a glória do Messias.

45.10-17 A noiva, simbolizando o povo de Deus, a igreja, as pessoas que vivem em comunhão com Cristo, é exortada a ouvir, dar atenção e esquecer o mundo. O povo de Deus recebe a formosura do Rei (11).

45.12 A beleza de caráter que osfiéis refletem deve levar outros a adorar Cristo; mas deve ser sincera e nascida do seu íntimo (13).

45.13-15 Os privilégios daqueles que pertencem ao Noivo Celestial.

45.16,17 Os que pertencem a Cristo dão mais valor a Ele do que aos laços mais estreitos de parentesco, pois passam a pertencer a uma geração eterna, na mais íntima comunhão com Cristo e com os irmãos na fé.

46.1-11 Cada uma das três partes do salmo repete a declaração que "Deus é o nosso refúgio", vv. 1, 7 e 11.

46.1-3 Deus é refúgio no perigo; força para levar a nossa vida para finalidades construtivas, socorro e consolo nas preocupações. Para exemplificar este fato, descrevem-se quatro calamidades que pareceriam ser o fim do mundo, sem atemorizarem aos que têm Deus como refúgio (Rm 8.31-39). A presença e o poder de Deus, reconhecidos e aceitos em nossas vidas, constituem a diferença entre derrotas e vitórias, entre fracassos e êxitos, entre o medo e a fé.

46.4-7 A salvação operada por Deus (13) é prova daquilo que Deus é para nós; é um antegozo do santuário eterno de Deus. Deus, que se tornou o Deus de Jacó, que é o Deus de todas as forças do universo, quer também ser o nosso Deus, e nos levar para a Cidade Eterna com o rio e suas correntes (4; Ap 21.9-22.5).

46.6 A política internacional poderá complicar-se cada dia mais, mas, quando Deus intervir, nada Lhe poderá impedir a vontade.

46.8-11 No fim, será supremo sobre todas as nações. Devemos ser calmos no meio da grandes lutas internacionais, adorando Deus como o Ser Supremo que dirige os destinos do mundo, e, finalmente, será abertamente revelado como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Até àquele dia, podemos saber que Ele está conosco, já neste ínterim, e devemos convidá-IO a reinar como Senhor em todos os aspectos da nossa vida.

47.2 Grande rei. Este salmo, juntamente com o Sl 46, fixa na mente do leitor a verdade de que Deus é o Grande Rei, que fará de todas as nações súditos Seus. Sendo Ele o Deus que rege sobre toda a terra, só Ele é Quem merece os louvores de todos os seres que vivem na terra. • **N. Hom.** Louvando a Deus: 1) Com alegria, "Batei palmas", sinal de gozo íntimo (Na 3.19); 2) Universalmente, "todos os povos"; 3) Vocalmente, "com vozes de júbilo"; 4) Frequentemente, "salmodiai, cantai louvores" três vezes nos vv. 6-7; 5) Harmoniosamente ou com compreensão (7, o heb *maskil* tem ambos os sentidos). O salmo é profético, histórico e também didático; ensina-nos a entronizar Jesus Cristo como Rei em nossas vidas.

48.1-3 Jerusalém tinha uma situação ideal, e era a capital cívica e religiosa dos israelitas, que a estimavam como a santa pérola preciosa de todas as nações, objeto de seu orgulho e ardor. Os salmos 46, 47 e 48, que celebram Deus como o Grande e vitorioso Rei, são considerados como cânticos de triunfo e em ação de graças pela libertação de Jerusalém da ameaça de Senaqueribe, e têm muitas expressões semelhantes à narrativa em Is cap. 33.

48.48 A descrição refere-se à concentração das tropas assírias ao redor dos muros de Jerusalém (4) e depois seu terror, seu pânico e sua fuga (5, 6). Esta grande e maravilhosa obra é atribuída a Deus (7), que confirmara, em posteriores gerações, que os israelitas já haviam aprendido, lendo nos Livros de Moisés, o relato da bondade e, do poder de Deus revelados na história do Seu povo (8).

48.9-14 Agora o povo de Jerusalém passa a meditar sobre a grande obra de salvação levada a efeito naquela ocasião histórica (2 Cr 32.21-23). O Templo é o lugar reservado para o povo, ter calma e inspiração para meditar sobre a grandeza da Sua bondade. Durante o cerco, os habitantes de Jerusalém tinham sido limitados em seus movimentos, mas agora estavam livres para perambular livremente com mais gosto pela cidade que eles quase perderam (12-13). A bondade de Deus para conosco não somente deve ser celebrada (1), como também publicada (13). Se desejamos que nossos filhos reverenciem a Deus, nós devemos em primeiro lugar mostrar claramente como Ele é precioso: para nós (13).

48.14 Uma confissão de fé. Deus, conforme descrito acima, é o nosso Deus pessoal, que nos guiará até à morte e além da sepultura.

49.1 Chama-se a atenção de todos para a questão da riqueza, com sua influência sobre o caráter dos homens e sobre o curso e o destino das suas vidas (5-6).

49.3,4 A verdade, que aqui é revelada, veio do próprio Deus.

49.5,6 A grande; perguntas é: por que razão o justo há de temer àquele que é rico, cuja tendência é oprimir os pobres? As duas respostas (7-8 e 13-20) mostram que o justo não deve temer.

49.7,8 A primeira resposta é que o justo não deve ter respeito subserviente para com os ricos, pois as riquezas não podem salvar da morte nem podem acompanhar seu dono quando este morrer. Ninguém pode prolongar sua vida com dinheiro; a vida, tanto a física como a espiritual, é um dom que somente Deus pode conceder (Ef 2.8, 9).

49.8 *Caríssima*. Ninguém no mundo pode pagar o preço para resgatar uma única alma da pena do pecado contra Deus; somente o sacrifício de Jesus Cristo na cruz, que é uma oblação suficiente, é aceitável perante Deus para o nosso resgate (Gl 3.13-14; 4.3-5; 1 Pe 1.18-21).

49.10 A morte não respeita nenhuma personalidade (Hb 9.27).

49.13-20 A segunda resposta é que o justo não deve temer os ricos, pois enquanto o futuro dos ricos sem Deus é de miséria eterna, o futuro dos que temem a Deus está abrilhantado com a perspectiva da vida eterna.

49.13-15 O futuro dos que são ricos para o mundo, mas pobres para com Deus. Na morte perecerá tanto sua prosperidade, quanto sua esperança, cf. v. 10. No v. 15, contrasta-se o futuro dos fiéis: o Deus justo ressuscitará seus corpos para a eternidade.

49.16-19 Os ricos, ao morrerem, nadalevarão consigo, cf. a parábola de Jesus em Lc 12.19.

49.20 Independentemente da posição social do homem, ou da sua riqueza, sem Cristo como seu Salvador pessoal ele perecerá (1 Jo 5.11-12).

50.1 Três nomes de Deus aparecem juntos, heb *'el*, *'elōhim* e *jehōvā*, significando Deus como "poderoso principio"; Deus como "plural de majestade", donde se subentende a Trindade revelada no NT; e o "Deus da Aliança", que se revela pessoalmente. Foi este último aspecto da divindade que Jesus Cristo veio apresentar-nos. Este nome de Deus é traduzido por Jeová ou nesta versão por SENHOR escrito com letra maiúscula.

50.4 Deus veio julgar Seu próprio povo, cuja culpa será avaliada em proporção com os privilégios que recebera (cf. Am 3.2). O universo inteiro é chamado para ser testemunha. • **N. Hom.** O julgamento. 1) A corte é convocada em nome do Rei dos reis, v. 1; 2) o juiz torna o seu assento, vv. 2-3; 3) convocam-se os réus, v. 7, 4) prevê-se o resultado deste julgamento solene, v. 6.

50.7-15 A primeira classe a ser julgada é a dos formalistas de Israel: Deus mostra que tem autoridade para julgá-los (7); recebem crédito por aquilo que fazem (8); mas recebem repreensão pela sua maneira de fazê-lo (9-13); depois, recebem instruções de como deveriam fazê-lo (14-15). A fé é o culto mais perfeito que se pode oferecer a Deus. • **N. Hom.** Versículo 15. 1) A situação - "angústia"; 2) a ordem - "invoca-me"; 3) a promessa - "eu te livrarei"; 4) o resultado-"tu me glorificarás". A solução de cada dificuldade está aqui registrada.

50.16-21 A segunda classe a ser julgada é a dos ímpios em Israel, os que desprezaram tanto a Lei de Deus que não se envergonham de citá-la hipocritamente, sem a mínima intenção de praticá-la.

50.18,19 Violaram o sétimo, oitavo e nono mandamentos, anulando sua comunhão com Deus e arruinando suas relações humanas.

50.21 Pensaram que Deus também não daria tanto valor à Sua Lei.

50.22 *Considerai*. Um aviso tremendo e solene sobre o castigo divino.

50.23 A Bíblia dá muita ênfase àquilo que as pessoas falam, como uma indicação segura do seu verdadeiro caráter (Tg 3.1-12).

51.1 Davi pede a misericórdia e não a justiça, baseando sua petição na bondade e benignidade de Deus. Neste salmo, há muito contraste entre o "tu" e o "eu" entre o Deus santo e o ser humano pecador, pois Davi não tenta esconder seu pecado, nem diminuir sua hediondez, nem ainda atribuí-lo a causas inevitáveis da sua situação.

51.2,3 *Iniquidade*. Veja 32.2n. *Pecado... transgressões*, veja 32.1n, onde "transgressão" é igual à palavra "iniquidade".

51.4 Fazer o mal é um crime contra nosso próximo, mas, muito mais, é um atentado contra o amor de Deus, contra Sua santidade. Davi evidencia profunda tristeza por ter pecado contra Deus, uma tristeza moral, que não é simples desgosto por causa das conseqüências do seu pecado. O perdão de Deus só vem ao encontro do sincero arrependimento humano.

51.5 Nossos atos pecaminosos são o fruto natural da nossa natureza caída, conhecida como pecado original (Ef 2.3; Rm 3.23; 5.12).

51.6 Deus procura atitudes retas e sinceras, não apenas no nosso comportamento, mas também nos nossos pensamentos secretos; o ensinamento que dele recebemos transforma nossa personalidade desde o nosso íntimo, até nossas atitudes, uma verdadeira, profunda e total alteração.

51.7 *Hissopo*. Um pequeno arbusto (1 Rs 4.33), com cujos ramos se espargia o sangue e a água purificadores (Lv 14.1-7).

51.7-12 Davi deseja a purificação, a alegria, e, paratanto, um coração novo, que é uma criação sobrenatural e não uma questão de educação (1 Pe 1.3, 23). O pecado é uma doença mortal tão terrível, que carece de todos esses remédios.

51.13-15 Só depois da mencionada purificação é que Davi poderia voltar a ser uma fiel testemunha das coisas de Deus.

51.16,17 Os ritos externos não podem obter o perdão divino; Deus aguarda um verdadeiro e íntimo arrependimento, para vir a acudir e perdoar.

51.18,19 Só depois de existir a comunhão íntima com Deus, é que a Cidade Santa e o culto no Templo passam a ter valor, sendo então espiritualmente restaurados e reedificados. O Sl 32 pertence à essa época, da vida de Davi; é um cântico de louvores pela graça alcançada.

52.1-5 Davi fala sobre seu inimigo que o delatara (1 Sm 22.9-10).

52.1 *Poderoso*. O delator se considerava grande herói, mas os que se obstinam em perseguir fiéis serão esmagados pela justiça de Deus.

52.2-4 O uso que o homem faz da sua língua é determinado por aquilo que ama do fundo do seu coração. O coração é a fonte e a linguagem, é a corrente que parte do íntimo (Tg 3.11; Pv 4.23; Mc 7.21).

52.4 *Palavras devoradoras*. Implicâncias, queixas e maledicências são uma angústia devoradora no íntimo de quem tiver de suportá-las.

52.5 Prediz-se o fim dos ímpios. É coisa terrível o ser arrebatado, arrancado do próprio convívio e extirpado pela justiça divina. Cuidado com a língua.

52.6,7 Quando os justos conhecerem esta punição, temerão cair em igual castigo; mas alegrar-se-ão ao contemplar a vitória da causa de Deus, da qual também participam (cf. Sl 2.4).

52.7 Quem confia em si mesmo está rejeitando a misericórdia de Deus.

52.8 Quem confia em Deus, e não em si mesmo, pode aguardar prosperidade e segurança inabaláveis, pois emanam do próprio Deus e são eternas; não perecíveis como as energias do homem.

52.9 O salmo termina com uma nota de louvor; as ações de graça referem-se ao passado, a tudo aquilo que Deus já fizera; e a esperança se refere ao futuro, à antecipação de mais bênçãos, emanadas da Fonte, que é Deus. Nós também devemos louvar a Deus por tudo aquilo que fez por nós e aguardá-LO diariamente para sabermos o que determina para nós.

53.1-6 Este salmo é uma segunda edição do Sl 14.

53.1-3 Uma descrição da corrupção universal, que abrange a todos. A sociedade humana faz distinção entre os homens, mas Deus desmascara ao homem que; sendo pecador, precisa de um Salvador. Cf. Rm caps. 1-3.

53.4,5 Revela-se um Deus de retidão. Os que invocam a Deus e que até O desprezam são envergonhados. A retidão de Deus significa que Deus condenará o pecado. Ao mesmo tempo, porém, oferece o caminho da salvação e de perdão àquele que reconhece seu pecado, arrependendo-se e procurando a misericórdia divina. Na pessoa de Jesus Cristo, pelo Seu amor, Deus oferece esta salvação (Jo 14.6). Se o amor de Deus é desprezado, nada mais resta senão as duras conseqüências naturais do pecado é a vergonha eterna.

53.5 É só aqui que este salmo difere do Sl 14 (14.5-6).

53.6 A oração para que Israel não venha a participar da punição acima mencionada, que, pela intervenção divina, seja salva da condição de ímpio.

54.1-3 Uma breve oração de Davi, que começa com uma invocação do nome de Deus, e da interferência do Seu poder. O nome de Deus revela Sua natureza, e os atributos, os quais Sua palavra descreve de um modo mais amplo. A contemplação da pessoa de é seguida pela sua petição específica.

54.4 A confiança em Deus, o eterno *Ajudador* não só na morte e no julgamento final, mas no presente também, na dificuldade imediata.

54.5 O princípio de justiça e retribuição entrará em efeito, derrotando todos aqueles cujas atitudes são de guerra contra Deus e os fiéis.

54.6,7 Este louvor baseia-se nos atos em vindicar a causa justa.

55.1 É provável que a situação histórica refletida neste salmo seja a rebelião de seu filho Absalão, provocando a fuga de Davi (2 Sm caps. 15-17).

55.1,2 No meio das dificuldades e das profundas tristezas, é sempre a Deus que Davi sabe recorrer. Muitas pessoas pioram sua situação, recorrendo à vingança, a brigas, a queixas e lamúrias.

55.3-5 Descreve-se a perseguição física que Davi está sofrendo e os efeitos que ela produz no seu íntimo.

55.6-8 Um profundo anseio por ficar livre das angústias. • **N. Hom.** Métodos de enfrentar os sofrimentos: 1) A tentativa de fugir dos desgostos (6-8). Isto nunca é solução, pois a fuga normalmente abre caminho para coisas piores (Am 5.19); 2) A amargura (9-15). Além de não solucionar o problema, o ressentimento faz "sentir outra vez", e em dobro aquilo que já sofremos; 3) A confiança em Deus, lançando sobre Ele a nossa ansiedade (16-23; 1 Pe 5.7). Esta é a única solução adequada, pois, abre o caminho para a intervenção divina, e prepara nossos corações para sentir o que Deus reservou para nós.

55.12-14 Um dos perseguidores era amigo traiçoeiro (cf. Judas).

55.16-19 Mais uma revelação da profunda confiança que Deus revelara em Davi, depois de tantas vezes o ter abençoado. Davi fora ensinado a apresentar a Deus as suas tristezas (17), e Deus atendia às petições de um servo tão cheio de fé, de humildade e de confiança.

55.18 *Em paz.* A expressão pode ser traduzida por "até ao último grau", ou "completamente". Heb *bashlôm*. Seria a mesma expressão (em grego) aplicada ao amor que Cristo revelou na terra (Jo 13.1), aplicada também à obra completa da salvação em Cristo (Hb 7.25). Nos três casos, em ambas as línguas, pode ser traduzida por "perfeita e finalmente".

55.19 *Mudança.* Heb *haliphã*, da raiz *hãlaph*, "passar além", "sumir", que na raiz intensiva (aqui) é "renovar", "mudar". É uma das palavras que contribuem para o pleno sentido de "arrepender-se".

55 20 *Tal homem.* O íntimo amigo descrito no v. 13. Não, se sabe se estas palavras podem ser aplicadas ao próprio filho, Absalão (cf. a maneira astuta e traiçoeira pela qual preparou sua revolta, 2 Sm 15.4).

55.22 A experiência de Davi, durante uma das suas horas mais difíceis, deu-lhe experiência para escrever esta exortação para qualquer pessoa que, em suas dificuldades, precise do socorro de Deus. Pela experiência na bondade de Deus, pode agora dar essa garantia (1 Pe 5.7).

55.23 Deus terá a última palavra em tudo. Bem-aventurado o homem que, como Davi, pode dizer a Deus: *confiarei em ti.*

56.1-4 Davi manifesta medo e fé ante a situação; a fé, porém, é que predomina. A fé sempre tem de prevalecer quando em confronto do poder e o amor de Deus com o poder e o ódio dos nossos perseguidores. Quando os inimigos são numerosos, orgulhosos; cruéis e atrevidos (1 e 2), não devemos olhá-los com medo, mas olhar para Deus com fé (3).

56.4 Ninguém se perturbe com suaprópria situação se seu coração estiver firmado em Deus e na Sua Palavra.

56.5,6 Descreve o comportamento duplamente traiçoeiro dos inimigos.

56.7-9 Pede a intervenção divina nesta situação insolúvel.

56.8 Deus conhece nossas obras e nossos pensamentos; conhece nosso íntimo, vê se somos sinceros, e compreende todas as nossas tristezas.

• **N. Hom.** **56.9** Deus é por mim. 1) A cruz é a prova; A Bíblia o proclama; 3) O Espírito Santo confirma (RM 8.31-39).

56.10,11 Quem conhece a Palavra de Deus sabe que Deus vai retificar tudo, e, por isso,

deseja louvar a Deus. Só aqueles que amam a injustiça têm horror em ver tudo retificado.

56.12,13 A oração da fé prevê, no ato, aquilo que se crê que Deus vai fazer. A fé levava Davi para um espírito, de gratidão, e assim, ao invés de ter que aguardar o desenvolvimento do plano de Deus para libertá-lo, já podia desfrutar as bênçãos vindouras. Assim como a preocupação acarreta mais mal do que a desgraça temida, assim também a santa esperança é tão benfazeja quanto a bênção esperada.

57.1 O amor de Deus é comparado com o amor da ave à sua ninhada (Sl 17.8).

57.2,3 O segredo da confiança de Davi é o Deus Altíssimo, em Quem Davi espera e a Quem faz 21 alusões neste salmo, inclusive os pronomes.

57.3 Os atributos divinos que Davi procura na hora difícil são a misericórdia e a fidelidade, que ligam a terra aos Céus (10).

57.4 *Ávidos de devorar.* O caráter dos ímpios, sempre procurando defraudar seu próximo, desejando-lhe o mal e magoando-o cruelmente com tudo que possa tramar(cf. o caráter de Satanás, 1 Pe 5.8).

57.5 A glória de Deus se revela toda vez que liberta os justos e castiga os malfeitores. Uma revelação majestosa deste tipo formara a nação de Israel (Êx 12 e 20; a história completa ocupa o Livro inteiro, que vincula os atos de salvação com a promulgação da Lei).

57.6 É uma verdade inegável que os que procuram enredar outras pessoas, tropeçam na rede que prepararam; tanto na rede da maledicência e das mentiras, assim como na rede da corrida armamentista; quem prepara a desgraça alheia, é transformado em alvo do mal, quando menos espera.

57.7-11 Quem tiver esta estabilidade espiritual, mental e emocional, terá sempre motivos para cantar louvores a Deus, pois se coloca em situação de poder entender o caminho de Deus e sintonizar-se com Ele.

58.1 *Juízes.* Heb *elim*. Plural da palavra "Deus" de maneira não específica. Ocorre em vários trechos bíblicos e, às vezes, é aplicado a príncipes, a anjos, a juízes, a heróis. Certamente, são pessoas que receberam uma comissão de Deus: sacerdotes, profetas ou reis. O salmo é um protesto contra a corrupção, em círculos de autoridades.

58.2 As obras destas autoridades são contrastadas com seus títulos de honra; na prática, pertencem, à súcia dos malfeitores.

58.3 Descreve-se a maldade que há no íntimo do ser humano que, muitas vezes, se revela na mais tenra infância.

58.4,5 Tais pessoas são como a serpente na sua ação venenosa e a sua indiferença à Palavra de Deus as faz adicionar a surdez à peçonha.

58.6-9 Apliquem-se logo as penas das quais os ímpios são passíveis, frustrando-se-lhes os planos, para que os fiéis possam ser libertados.

58.10,11 O pecador recebe o salário (a morte eterna), mas a "recompensa", dos fiéis é o dom gratuito da vida eterna em Cristo (Rm 6.23).

59.1 Mais uma oração pedindo a libertação; somente com o socorro divino é que Davi encera todos os perigos, formando uma nação poderosa.

59.3,4 Davi nada fizera para merecer esses ataques; na realidade, não podia alegar ser impecável, mas também sabia que não tinha provocado a situação em que se encontra (cf. Sl 7.3, 4, 8, 10). Não reage contra os inimigos, mas coloca a situação nas mãos de Deus, justo e misericordioso.

59.5 O acúmulo dos títulos divinos evidencia os atributos de Deus, que se revelam ao conhecimento humano: Deus de poder eterno, Deus que se põe em comunhão com Seu povo. Davi não está apenas preocupado com seus próprios inimigos, mas deseja a iluminação de todo o paganismo.

59.6 Os inimigos são como os cães selvagens, ou semi-domésticos, que vivem dos detritos nas cidades orientais.

59.7 A corrupção completa dos inimigos é focalizada, com ênfase, pelo fato de não

respeitarem a Deus. Assim, trancam o caminho que os podia levar ao arrependimento, à restauração e a uma vida renovada.

59.8 *Mas tu.* Em contraste com os inimigos ímpios, Davi suplica a Deus, que triunfa totalmente sobre os malfeitores (Sl 2.4; 37.13).

59.9 O Deus que derrota os ímpios é o mesmo do qual Davi recebe sua força, sua esperança. A diferença não está no Senhor, mas na atitude dessas pessoas, quando se defrontam com a vontade de Deus (cf. 2 Co 2.15-17).

59.10 Como sempre, Davi continua confiando que Deus o sustentará.

59.11-13 Davi dá os dois motivos para o seu ardente desejo de ver a derrota total dos ímpios. O primeiro é o perpétuo estado de pecaminosidade a que se entregam (12), e o segundo é o seu desejo de ver a justiça de Deus publicamente revelada em soberania ao mundo inteiro (13).

59.14-17 Há um contraste fortíssimo entre a desassossego dos malfeitores com seu tumultuoso desejo de faltar-se de atos cruéis, e a calma e piedosa confiança dos que procuram glorificar a Deus na vida.

59.16,17 É só o coração que tem confiança em Deus que possui o segredo de cantar fervorosos e triunfantes hinos nas suas dificuldades; foi assim que o Apóstolo Paulo venceu em circunstâncias pouco agradáveis (At 16 23-26; Cl 3.15-17).

60.1-14 Davi reconhece que a derrota que seus exércitos sofreram e o perigo no qual seu povo estava caindo eram o resultado da interferência divina, provocada pela infidelidade de Israel. A retidão traz vitórias, tanto para as nações como para os indivíduos, mas o pecado traz a derrota.

60.4 *Para fugirem de diante do arco.* O verbo "fugir" heb *nūs* e o verbo "levantar um estandarte", heb *nāsas*, tomam a mesma forma no intensivo e reflexivo *bhthnōses*. A palavra traduzida por "arco", heb *qōshet*, deve ser traduzida por "verdade religiosa" (só um *t* faz a diferença). Daí temos a tradução: "Deste um estandarte aos que te temem, para ser desfraldado pela causa da verdade".

60.6-8 Os lugares mencionados representam: primeiro, a nação de Israel, cada parte da qual é preciosa para Deus; e depois três, ações vizinhas, inimigas, descritas com figuras de desprezo.

60.9-12 Davi aprendera que só Deus pode solucionar problemas, e conceder-nos a vitória sobre todos os inimigos (cf. 12 com 2 Co 2.14). O caminho palmilhado por Davi, nesta experiência, era: pecado, derrota, desespero, queixas, oração, esperança, promessa, expectativa, apelo, certeza, gratidão, felicidade. Cada um deve meditar sobre a posição que pessoalmente tem alcançado nesta viagem da vida.

61.1-4 Davi clama a Deus em hora de grande angústia para seu coração, pois sabe que Deus atenderá em tal situação, como já o fizera nas outras.

61.2 A rocha alta é um símbolo de segurança, de firmeza e de garantia que não pode ser galgada sem ajuda do próprio Deus.

61.4 Davi deseja ser hóspede de Deus para sempre: no Templo, no recôndito da oração particular, na comunhão diária e nos Céus, confiando continuamente no Deus que sempre o abençoou e o continuará abençoando ainda (5).

61.6,7 Davi lança um olhar profético além da sua própria pessoa e do seu próprio trono, vislumbrando seu descendente divino, que ainda estava para vir estabelecer Seu trono eterno (Lc 1.32-33).

61.8 Davi deseja que a música ao nome de Deus seja sempre o que harmonize sua voz, seus salmos e sua inteira personalidade.

62.1 A perfeita confiança em Deus, a exclusão de todas as esperanças nas coisas do mundo, revela-se mais uma vez como a chave da vida religiosa. Nossa salvação, assim como toda boa dádiva, vem de Deus, que a todos dá liberalmente (Tg 1.17; 1.5).

62.2 Três expressões demonstram a segurança que Deus oferece aos Seus.

62.3 A metáfora da parede que cai é comum nos provérbios orientais.

62.4 Os malfeitores acham na maldade a plena expressão do seu ser.

62.5-7 Nossa grande necessidade é parar para meditar sobre tudo aquilo que Deus é; se Ele ainda não significa para nós o que Davi aqui descreve, então estamos afastados da perfeita comunhão com Ele (Jo 14.1-16).

62.8 *Derramai perante ele o vosso coração.* Uma descrição apropriada da oração, da fé e da comunhão com Deus (cf. 1 Sm 1.15; Pv 3.5, 6).

62.9 As pessoas cuja confiança está nas coisas perecíveis da terra, e não no Cristo eterno, serão pesadas na balança e achadas em falta.

62.10 O homem não deve colocar sua confiança em qualquer coisa ou pessoa que não seja Cristo, para abençoá-lo e ser-lhe a salvação.

62.11,12 Conclui-se o salmo com a declaração do poder, da graça e da justiça de Deus (cf. as doxologias do NT, Rm 16.25, Ef 3.20, Jd 24).

63.1 Ele é o grande "Eu sou" (Jo 8.58). Se buscarmos a Deus em primeiro lugar, todas, as coisas de que realmente carecemos ser-nos-ão concedidas.

63.2,3 Alguns motivos que nos levam a buscar Deus; não nos preocupa se a nossa situação for desabonadora, se estivermos firmes em Deus, pois é Ele quem transforma desertos em mananciais (Sl 84.4-7).

63.5-7 Alguns dos resultados de buscarmos a Deus: acharemos a satisfação, o júbilo e o louvor (v. 5); memórias agradáveis (v. 6); a segurança (v. 7).

63.6 Davi descobriu a mais preciosa atividade para as horas de insônia.

63.7 A memória daquilo que Deus tem sido para ele deixa Davi confiante.

63.8-11 Nota-se o progresso lógico do salmo: Busca-se a Deus (1); Deus torna-Se real (4-7); segue-se o Deus que assim Se revelou (8); temos vitória tendo Deus ao nosso lado (9-10); regozija-se na vitória (11). Tendo as firmes promessas do auxílio, da parte de Deus, não precisamos nos preocupar com os efêmeros triunfos de nossos inimigos, pois já podemos alegrar-nos na vitória que Deus nos concedera. • **N. Hom.** O ensinamento do salmo sobre a verdadeira satisfação: 1) O alvo da satisfação (vv. 1-4); 2) A esperança da satisfação (vv. 5-7), *farta-se a minha alma*; 3) O caminho da satisfação (vv. 8-11). Quem em Deus se satisfaz, não corre atrás da satisfação do mundo (1 Jo 2.5-17).

64.1-12 Davi deseja que sua vida seja colocada fará do alcance dos seus inimigos.

64.3,4 O pecado dos seus inimigos é a maledicência, cujas armas mais diabólicas são as suas línguas. A intriga e a difamação podem arruinar muitas vidas. Davi menciona isso em muitos salmos (5.9; 10.7-9; 22.7; 52.2-4); mesmo que a narrativa da vida de Davi, nos livros de 2 Sm e 1 Cr não faça muita menção dessa maledicência perpétua, podemos reconhecer que ela foi sempre a situação da corte real, tanto quando Davi era o pretendente ao trono, como quando cercado pelos demais pretendentes.

64.5,6 A descarada insolência e persistência dos malfeitores aqui se ressalta; nada lhes diminui a prática do mal, pois são indiferentes ao fato de terem de prestar contas a Deus.

64.7,8 Os inimigos tinham lançado mão de muitas "setas", planos cruéis para ferir Davi (vv. 3, 5 e 6), mas uma única seta de Deus é o suficiente para derrotá-los, 7. É a lei da retribuição.

64.8 *Meneiam a cabeça.* De início são os ímpios a usar esse gesto para menosprezar a dedicação dos servos de Deus (Sl 22.7); mas tão logo Deus intervém, ressalta, então, a justiça dos que são do Senhor.

64.9,10 Agora Davi parte de sua própria experiência particular para deduzir, da operação universal, o princípio da retidão. No fim, os justos se alegrarão, confiarão e se glorificarão, pois a causa e o alvo de tudo isto é o próprio Deus.

65.1 *A ti se pagará o voto.* O voto, muitas vezes, é uma promessa de prestar publicamente ações de graças por alguma oração atendida; e como Deus atende mesmo, haverá muitos cultos deste tipo. *Confiança*, heb *dumiyâ*, da raiz *dāmam*, "ser silencioso". O substantivo pode significar "silêncio"; ou "permanência", "confiança". A idéia de silêncio pode nos lembrar que Deus também ouve a oração secreta (2).

65.3,4 A grande barreira entre nós e Deus constitui-se de nossos pecados; mas Deus purifica-nos do pecado, e abre-nos o caminho para a comunhão com Ele, aceitando-nos como hóspedes que vão à Sua presença e desfrutam os benefícios que Sua hospitalidade proporciona.

65.5-8 Estes princípios não se aplicam apenas ao indivíduo e à nação de Israel, mas Deus também revela Sua natureza ao mundo inteiro; Sua retidão, Seu poder e Seu amor atingem a todos. O Deus que nos perdoa as transgressões (3) é Aquele que rege o universo (6, 7, 9-13).

65.9-13 Deus é revelado como Criador e Sustentador de todas as coisas (expressões aplicadas a Jesus Cristo em Hb 1.3). Os cuidados que Deus tem para com a natureza, resultando na fruição, podem sugerir o que Deus faz para preparar almas frutíferas, que na terra produzem boas obras em amor e desabrocham para a eternidade (1.3; 1 Co 3.5-9).

66.1-20 É um salmo para o culto no templo, com parte para o coro, vv. 1-12, e parte para o solista, vv. 13-20.

66.1-4 Deus rege a tudo e a todos, em grandeza e glória; finalmente, todos terão que se submeter a Ele (Fp 2.9-11).

66.5-7 As duas melhores ilustrações e provas de que Deus é realmente soberano são, para os israelitas, os dois grandes fatos sobrenaturais que os tiraram da escravidão no Egito e depois lhes concederam sua herança em Canaã: a divisão do Mar Vermelho para o povo escapar, e a divisão do rio Jordão para o povo entrar na nova terra.

66.8-12 O Deus que se revelou a Israel é o único Deus, e deve ser adorado por todos os homens em todos os lugares. É Ele quem disciplina e liberta; é Ele quem prova Seu povo para o purificar; é Ele quem aflige com o fim de aperfeiçoar.

66.9 *Resvalem os pés.* Para os hebreus, o pé que tropeça no caminho é símbolo da personalidade que não agüenta as provas da vida.

66.10 *Acrisolaste-nos.* A mente piedosa reconhece que as decepções da vida com suas aflições e tristezas formarão o nosso caráter, se nos submetermos à prova; uma melhor ilustração disso é a purificação da prata e do ouro, que são submetidos ao fogo, não para estragá-los, mas para torná-los puros e valiosos (cf. 1 Pe 1.7; Hb 12.11).

66.12 *Espaçoso.* Na terra montanhosa de Israel, o alívio de um vale largo e espaçoso era cobiçado, mormente porque, durante séculos, os exércitos bem equipados de diferentes nações ocupavam justamente estes lugares. Aqui o hebraico *rewâyã* se refere à satisfação, à abundância mais do que ao espaço somente, que seria *rehôbh*.

66.13-15 O culto público de ações de graças, 65.1n. Os fiéis devem estar tão prontos para agradecer como o estão para pedir.

66.16 Um coração transbordando de gratidão não condenará seus sentimentos; nisto temos a adoração ideal, dirigida a Deus, apelando para incluir os que, O amam (67.5).

66.18 Uma condição para recebermos a resposta às nossas orações é termos uma vida pura e limpa, cheia de amor (Jo 15.7).

66.19,20 Davi sabia que a sua oração fora atendida, pois tinha cumprido as condições; essa resposta vem da graça de Deus, não de obras meritórias.

67.1 O versículo reflete a bênção sacerdotal, descrita em Nm 6.22-27. Aqueles que conhecem Deus devem torná-IO conhecido, vv. 1, 2, 6, 7. É por isso que este salmo tem sido chamado o Salmo Missionário. Deus nos torna Seus embaixadores (2 Co 5.18-21). O salmista pede a bênção divina para a nação, para capacitá-la a espalhar as novas da salvação divina entre as demais nações (2).

67.4 As nações da terra devem exultar, pois o Juiz e Líder que têm é o próprio Deus.

67.5 Os povos são convocados a prestar culto a Deus (3), mas isto só será possível quando missionários lhes ensinarem quem é Deus.

67.7 O alvo é que as nações da terra venham a adorar Deus idealmente como faz o povo escolhido, é esta a missão da igreja (cf. Ap 7.9, 10).

68.1-3 Invocas-se o socorro divino, confiando-se no poder de Deus.

68.4-6 Deus é descrito como o Soberano na natureza (v. 4) amoroso para com os desamparados, vv. 5, 6 e distante dos desobedientes, v. 6.

68.7-10 Aqui há um pequeno resumo do livro de Números, descrevendo apenas a atuação de Deus, cuidando do Seu povo, mas não enumerando as muitas desobediências dos israelitas, pois este salmo foi escrito somente para exaltar a glória de Deus. Este trecho revela o poder e a ternura de Deus, Sua força e providência para cuidar dos Seus.

68.11-14 Estes versículos fazem alusão à história de Israel descrita nos livros de Josué e Juízes. Há várias pequenas reminiscências rápidas: os mensageiros, correndo pelo território para dar as novas de uma das muitas libertações operadas por Deus na época (v. 11); as mulheres cantando em triunfo, Jz cap. 5; 1 Sm 18.6; as repreensões mútuas quando alguma das tribos se omitia da batalha, v. 13 com Jz 5. 16-17; vários reis inimigos dispersas como a neve nas montanhas escuras, v. 14 com Js 10.5-11.

68.13 *Asas da pomba*. Provavelmente preciosa é raro entre as jóias da época; seriam cobiçadas como despojo de guerra, prêmio de um herói.

68.15-18 O Conquistador entra em Sião (16-17) com uma multidão de cativos (18), antecipando o dia no qual subiria aos próprios Céus, acompanhado pelas hostes celestiais (cf. At 1.9-10) de onde concederia à Sua Igreja vários dons e poderes pela operação do Espírito Santo (At 1.8; Ef 4.7-14), em consequência de Sua ressurreição e ascensão.

68.15 *Monte de Deus*. O hebraico pode usar a expressão "de Deus" como adjetivo, significando "enorme". Entende-se, pois, que o que é imponente não alcança o mesmo valor que algo que, por menor que seja (o monte de Jerusalém), é alvo de bênção da parte de Deus.

68.18 *Levaste cativo o cativo*. O cumprimento cabal desta palavra dar-se-á quando a morte e o inferno forem lançados na segunda morte, arrojados para dentro da própria cova de torturas que abriram (Ap 20.14).

68.19-23 O Deus que nos salvou é o Pai, que nos abençoa com toda boa dádiva (Rm 8.32), Só por Ele há a salvação da morte eterna (20). Será generoso para com Seus filhos e justo para com Seus inimigos.

68.22 *Basã*. Região ao leste do Jordão, rica em gado; aqui simboliza uma situação de repouso, de fartura, de beleza e de lucros fáceis.

68.23 *A língua: dos teus cães*. Cf. a morte de Jezabel (2 Rs 9.30-37).

68.24-27 O povo redimido de Deus segue-O com cânticos de louvor, mencionando-se especialmente quatro tribos. A descrição histórica refere-se a uma procissão de ações de graça, indo para o Santuário e, espiritualmente, é comparável à adoração de todos os crentes (1 Pe 2.4-6).

68.28-31 Esta deve ser a oração cantada pelos membros da congregação: estes versículos são proféticos e anunciam o dia no qual esta visão virá a ser realizada na pessoa e na obra do Messias (cf. Ap 21.24).

68.30 *Fera dos Canaviais*. Uma referência simbólica ao Egito.

68.32-35 Deus, que primeiramente Se revelou ao Seu povo Israel, será reconhecido como Deus por pessoas de todas as nações, que formarão um novo povo de Deus. Deus, pela Sua força cumprirá toda a Sua soberba vontade.

69.1-6 Uma descrição comovente da situação angustiada de Davi, que está sofrendo por causa da perseguição dos seus inimigos, e não por causa dos seus pecados. Não é, porém, completamente isento de pecado; confessa as falhas da sua vida que estão patentes perante Deus (5). Daí, não é o modelo perfeito, do sofredor inocente, mas mesmo assim pede que tenha vitória sobre os que lhe movem perseguição, para que outros sofredores não venham a ser desencorajados e confundidos. O Verdadeiro Inocente, o Sacrifício em prol dos pecadores, é só Jesus Cristo. Muitas palavras deste salmo podem ser aplicadas àquilo por que Jesus passou entre os homens ingratos e

pecadores. • **N. Hom.** 1) A condição do mártir, vv. 1-6; 2) A vida justa do mártir, vv. 7-12; 3) O clamor do mártir, vv. 13-18; 4) A calamidade do mártir, vv. 19-21; 5) A maldição do mártir, vv. 22-28; 6) A absoluta confiança no mártir, vv. 29-36.

69.4 Um dos versículos que descrevem o que Jesus também passou.

69.7-12 Os sofrimentos pelos quais Davi passou foram provocados não pelo pecado, mas pela dedicação a Deus e à Sua casa (7 e 9). Haverá sofrimento também na vida do homem piedoso (2 Tm 3.12), mas é melhor sofrer por uma boa causa, do que como malfeitor (1 Pe 2.18-20; 4.12-16).

69.7 Estas palavras foram literalmente cumpridas em Cristo (Mc 14.65).

69.9 Foi este zelo que provocou o ódio dos judeus contra Jesus (Jo 2.17).

69.11 *Pano de saco.* As vestes de Jesus foram rifadas, Jo 19.23-24.

69.12 *Cantigas de beberrões.* Foram os malfeitores e beberrões de Jerusalém, que se deixaram alugar para exigir a morte de Jesus (Jo 18.40 e 19.15). Os piores homens vieram a zombar dele (Mt 27.39-44).

69.13-18 Davi prefere achar seu refúgio em Deus do que refugiar-se no ódio, na amarga vingança. Apela a Deus como Senhor revelado aos Seus, e como Deus universal e poderoso; apela às características divinas, à graça, à fidelidade, à misericórdia que Deus tantas vezes revelara. Deseja a libertação, deseja que Deus o ouça e volte-*Se* para ele, para redimi-lo e resgatá-lo, porém, sujeitasse à vontade de Deus, para que Deus lhe faça o que lhe aprouver, "em tempo favorável" (13). Esta atitude de submissão foi perfeita no Senhor Jesus Cristo (Mt 26.39 e 42).

69.19-21 É bom poder reconhecer, como Davi, que Deus sabe tudo acerca daquilo que estamos passando, e que tem o melhor remédio para o caso.

69.20 Quando Jesus foi preso, os Seus discípulos fugiram, Mt 26.56.

69.21 *Vinagre.* O vinho bruto que ofereceram a Jesus; a primeira bebida que lhe ofereceram tinha mirra, como entorpecente; aquela, Jesus recusou (Mc 15.23) só aceitando, depois, a bebida simples (Jo 19.30).

69.22-28 Deve-se lembrar que este salmo foi escrito antes da revelação de Cristo, antes de se falar bem claro sobre um Julgamento Final, e eterno, no qual haverá um, terminante ajuste de contas entre o bem e o mal. Por isso almejava-se ver no presente alguma demanda do bem contra o mal. A atitude para com os inimigos foi transformada por Cristo (Mt 5.33-34).

69.27 Um dos piores castigos que o ímpio pode sofrer é ser-lhe permitido por Deus continuar nos seus pecados, multiplicá-los e não recebendo o perdão, por serem eles tão endurecidos ao ponto de sequer poder vislumbrar o que é o arrependimento (cf. Rm 1.18.32).

69.29-36 Davi exprime sua certeza de que Deus o livrará (29-31), chegando os retos, por esse motivo, a serem encorajados (32-33) e antevendo a cidade de Deus a se estabelecer em prosperidade (34 e 36). Este salmo, considerado como um Salmo Messiânico e freqüentemente citado como tal no Novo Testamento, tem partes que se aplicam apenas a Davi e não a Jesus, o herdeiro do trono de Davi; a confissão de pecado no v. 5, e o espírito dos vv. 22-28 que mostram o desejo de ver os perversos destruídos o mais cedo possível pertencem só à Davi.

69.35 *Deus salvará Sião.* Muitos comentários atribuem expressões dessa natureza à situação no Exílio, mais de quatro séculos depois de Davi, mas, sabendo a profundidade da compreensão religiosa de Davi, ninguém duvidará de que ele deseja ver sua nação verdadeiramente *edificada* no amor, na fé, na piedade, nas bênçãos de Deus (cf. Sl 127.1-5).

70.1-5 Este salmo se acha também no Sl 40.13-17 e no Sl 35.4, 21, 26 e 27. Parece que uns versículos do Sl 35 foram coligidos para formar uma petição adicional à oração para o livramento que é o Sl 40, a qual, finalmente, foi destacada como pequena jóia de oração para o povo decorar e sempre "carregar consigo", como modelo de petição na

emergência.

70.1-3 Davi invoca o socorro divino, a condenação dos seus perseguidores.

70.4 Pede que os que conhecem a Deus possam logo ter mais motivos para se regozijar alegremente glorificando ao Senhor.

70.5 Anseia pela ajuda que vem de Deus, e tem pressa nisto, pois não dá valor algum ao socorro que vem da força e sabedoria dos homens pecadores, ignorantes, fracos e falhos, que somos todos nós.

71.1 Este salmo, o último da coleção davídica, nem é atribuído a ele, e parece ser uma seleção que algum "ancião" fizera dentre as muitas orações de Davi em meio às aflições. Escolheu para si as palavras que lhe falavam mais ao coração. É um ancião cheio de confiança e de esperança em Deus (9, 17, 18). Fala e canta o louvor de Deus durante o dia inteiro (8, 15, 24). Crê que a providência divina já o vigiava desde que nascera, e até antes (5, 6, 17; cf. Jr 1.5); por isso confia que Deus não o decepcionará no fim da vida (9, 18). Apesar de ter uma idade avançada, crê que ainda terá trabalho para fazer, em prol de Deus, levando uma mensagem à nova geração (18). Um homem pode chegar ao fim da vida com esta satisfação, se no passado e no presente tiver feito de Deus sua fortaleza e refúgio (3 e 7). Uma morte gloriosa é o fim de uma vida vitoriosa. A velhice não é isenta de provações (10-11), mas Deus é rápido em socorrer, confundindo e consumindo os malfetores e os maledicentes.

71.1-3 Quase uma citação do Sl 31.1-3.

71.11 *Deus o desamparou.* Os ignorantes, ao verem o justo sem prosperidade física, sem aparências segundo a carne, desprezam-no, pensando em tirar vantagem da sua humilde condição. Mas na realidade, o justo não é pobre nem ignorante, pois sua riqueza e a sua sabedoria são eternas, vindas da graça de Deus, e não segundo o mundo as dá, cf. a paz que Jesus concede aos fiéis (Jo 14.27).

71.14 *Esperarei.* Os que vivem perante Deus numa atitude contínua de fé e de esperança, logo terão fartos motivos para louvá-LO sempre mais.

71.15 *Número.* Deus nos livra de muitos perigos, que nunca vieram a se revelar. Quem anda no mato, não sabe quantas cobras e escorpiões foram desviados do nosso caminho; quem anda na cidade não sabe quantos carros podiam ter tido uma falha de freios, numa hora crítica; quem vive na terra, não sabe até que ponto o amor divino está freiando a loucura da política internacional e até dos criminosos, que podem muito bem arrombar a casa que cobiçarem.

71.18 *Até que eu tenha declarado.* Um homem de idade pode ser um magnífico missionário; se não tem forças para andar entre os povos selvagens, pode ser um conselheiro da juventude, propiciando aos jovens fortes e ardentes uma sabedoria que eles nunca viriam a angariar sozinhos, temperada por longos anos de comunhão com Deus, de meditação na Sua Palavra e de obediência às Suas prescrições.

71.20 *Me tens feito ver.* Os perigos que o justo sofre, ele considera como "visões dantescas", como se Deus nos levasse pela mão, para ver o que existe de aflição no mundo, para depois nos levar à visão celestial. São aulas e lições para aprendermos os caminhos de Deus.

71.22 *Santo de Israel.* O título divino que Isaías gostava de empregar, quando mostrava que a santidade de Deus exigiria a punição dos pecados de Judá e de Israel, que também atingiria os impérios da época, e que, finalmente, edificaria uma nação nova e restaurada, depois do Cativo, como último preparativo para a vinda do Messias, que seria a santificação de todos aqueles que seguiriam Seus caminhos.

72.1-4 Nesta introdução à descrição do rei ideal, ocorre sete vezes o conceito de justiça e julgamento. Introduz-se também o conceito de "paz", que as Escrituras muitas vezes associam à retidão. Nenhum país que não respeite a retidão pode ter prosperidade nacional.

72.5-7 Expressões como estas mostram que o rei ideal não será uma realidade completa

entre Davi, Salomão e seus herdeiros; só Cristo, o verdadeiro Rei de Israel, pode cumprir estes conceitos eternos.

72.8-11 O reino de Cristo será universal; finalmente todas as nações virão servi-LO.

72.12-15 Aqui se enfatiza mais a ternura do Rei Eterno do que Seu poder. Cristo derramou Seu sangue por nós, pois nós Lhe somos preciosos.

72.16,17 Uma cena de abundância e de felicidade, da qual um pouco se viu na época de Salomão, mas sua plenitude só existe em Cristo.

72.18-20 O reino vindouro de Cristo será tudo aquilo que se pode descrever, e ainda muito mais, que passa da capacidade das palavras humanas, daquilo que nossa mente humana poderia captar.

72.20 *As orações de Davi.* Se esta expressão inclui este salmo, então o salmo pode ser uma oração em prol de Salomão, para o dia da sua coroação (1 Rs 1.32-40). Não deve ser motivo de estranheza que a oração seja vazada em termos tão altíssimos: Davi está pensando nas bênçãos que o próprio Deus prometeu para Salomão (2 Sm 7.12-16) e não percebeu que a culminância destas bênçãos só poderia se achar no Seu Descendente sobrenatural, Jesus Cristo, pois que nenhum ser caído pode viver à altura da plena comunhão com Deus. • **N. Hom.** Vislumbres de Cristo, o Rei Eterno. 1) Sua justiça, tanto em defendendo a causa dos aflitos durante Sua vida na terra, como na Sua autoridade de Juiz do mundo, no julgamento final; 2) Sua glória eterna, com o brilho e a perpetuidade sugeridos pelo sol, vv. 5 e 17; 3) O consolo e refrigério que oferece aos sedentos, v. 6 com Jo 4.14, e 7.37-39; 4) Os tributos que recebe desde o Seu nascimento, Mt 2.1-12; 5) A salvação que obteve para os que nEle crêem, 13-14, cf. Jo 3.16; 6) A fatura de dádivas que oferece aos Seus, v. 16, Ef 4.1-14; 7) Sua obra de abençoar os homens, v. 17 com Jo 1.16-17.

73.1,2 Por pouco, quase o salmista vacilara na fé, mas no final, venceu; a batalha se menciona no v. 2, e a vitória no v. 1.

73.3-6 A saúde física dos malfeitores e sua aparente liberdade das aflições e preocupações levaram-nos a se ensoberbecer, e levaram o salmista à tentação de querer invejá-los.

73.7-10 Os malfeitores blasfemam de Deus nos céus e falam mal dos homens na terra, pois eles se julgam onipotentes em tudo.

73.11-14 Visto, que Deus não os pune instantaneamente, imaginam que, ou Deus não o sabe, ou não se importa com o comportamento humano. De outro lado, o salmista está recebendo aflições: daí suas dúvidas.

73.15-18 Das certezas, é bom falar para outras pessoas, mas das dúvidas não se deve falar muito, pois há problemas que o intelecto humano não pode entender, e que devem ser levados só a Deus em oração.

73.18-22 O que conta é o fim da caminhada, pois a vida deve ser examinada à luz da eternidade. Por isso, o salmista já começa a se envergonhar das suas avaliações superficiais da situação (21-22).

73.21,22 A amargura estraga nossa capacidade de pensar e meditar.

73.23-26 Quando os ímpios passam para a eterna separação de Deus, os que nele confiam passam para a comunhão plena e eterna com Ele. A religião é a seguinte: ter a Deus como nosso Guia na terra, e como nosso Pai e Chefe de família nos céus (24), é o único desejo dm crentes (25-26).

73.27 O resultado do pecado é o afastamento perpétuo de Deus.

73.28 Para os que quiseram a comunhão com Deus terra, haverá a eternidade inteira para estarem na Sua presença; aqui nós já conhecemos Seu amor.

74,1-23 Um lamento por causa da destruição do templo pelos caldeus, em 586 a.C.

74.1-3 A invasão do templo pelo inimigo sugere indagar se Deus tinha abandonado ao povo que resgatara do Egito.

74.4-8 Segue-se um histórico minucioso, segundo o estilo de Asafe. Devemos ser bem

específicos nas nossas orações.

74.8 *Acabemos*. O intuito do inimigo não é só a ruína completa do templo visível, mas quer também destruir a fé do povo de Deus.

74.9-11 Desta vez a resposta divina parecia ter faltado: nenhuma mensagem consoladora, v. 9; nenhuma punição dos ímpios, v. 10; nenhum grande ato de libertação, v. 11. *Símbolos*. Os atos do culto no templo. *Não há profeta*. As mensagens dos profetas não tinham mais aceitação entre o povo daquela época.

74.12-17 O salmista conforta-se ao lembrar-se de tempos passados, quando o favor de Deus para com Seu povo se revelava em feitos dramáticos, especialmente na libertação de Israel da escravidão do Egito.

74.13 *Monstros marinhos*. O símbolo profético do Faraó e seu povo.

74.14 *Crocodilo*. Mais um símbolo do Faraó (Ez 29.3).

74.15 *Abriste fontes*. O povo, uma vez liberto, ainda recebeu água no deserto (Êx 17.1-7) e foi levado até à Terra Prometida, através do Jordão, que se secou para lhe dar passagem (Js 3.14-17).

74.16,17 Estes milagres são comuns para Aquele que rege o universo.

74.18-23 O salmista volta à situação atual, com fé em Deus, Criador e Salvador, que tem Poder para punir os inimigos (18), libertar o Seu povo (19-20) e consolar os fiéis (21). Quer dizer que somente o contemplar a natureza de Deus é o suficiente para desfazer as dúvidas mencionadas nos vv. 9-11.

74.19 *Rola*. Um título que representa o eterno amor, "pombinha". • **N. Hom.** Quem está aflito, deve apelar para Deus (1-3) e ser específico nas suas petições (4-11). Deve orar com confiança, estribado na memória dos feitos de Deus no passado, em prol dos Seus eleitos (12-15), abraçando, com fé, a doutrina de que Deus continua sendo o Todo-Poderoso (16-17). Deve relacionar essa memória e essa fé à sua própria pessoa; se já aceitou a Nova Aliança em Cristo, pode considerar-se amado por Deus (19-21). Assim, pode ter plena confiança que Deus logo intervirá na sua angustiada situação (22-23).

75.1-10 Este salmo, junto com o Sl 76, celebra a intervenção divina já pleiteada no Sl 74. Compare a profecia em Is 30.27-33.

75.2 Deus espera Sua hora planejada e não obedece às nossas exigências. *Julgar retamente*. Se a justiça de Deus entra em ação, ninguém subsistirá. Ao ser humano cabe pedir misericórdia.

75.3 *Vacilem*. No Dia do Julgamento o mundo em vão tentará fugir à justiça de Deus (Ap 20.11; Mt 24.29-31).

75.4 *Soberbos*. Este tipo de pecador tenta endeusar-se a si mesmo. Compare a soberba dos assírios descrita em Is 37.8-13.

75.5 *Rocha*. Símbolo da natureza inabalável de Deus e da segurança que o crente tem em Cristo, a Pedra fundamental (1 Co 3.11).

75.6 A ameaça da Assíria vinha do norte, e o povo de Israel buscava alianças políticas com as nações do Oriente e do Ocidente. Os profetas sempre condenavam essa tendência.

75.8 *Escórias*. A amarga bebida da punição foi o quinhão do exército da Assíria, que quis destruir Jerusalém (Is 37.36-38).

75.9,10 Cada manifestação da intervenção de Deus é júbilo para os fiéis e terror para os infiéis. • **N. Hom.** A resposta divina aos que confiam em si mesmos é tríplice: 1) Deus é o Juiz (7); 2) A vida humana está vinculada a este Juiz, seja no cálice da condenação (8), seja no cálice da salvação (Sl 116.13); 3) A soberania de Deus é motivo de louvor, exultação e canções para os que crêem nele e O aceitam (9).

76.1-12 Outro salmo que celebra a libertação de Jerusalém da destruição planejada pelos assírios. Leia 2 Rs 19; Is 37.

76.1 *Conhecido*. Confessado e reconhecido, amado e obedecido.

76.2 *Salém*. *Sião*. Dois nomes para a cidade de Jerusalém.

76.3 *Relâmpagos do arco.* As flechas do inimigo, a respeito das quais Isaías profetizou que nenhuma delas atingiria Jerusalém (Is 37.33).

76.5 *Jazem a dormir.* Veja a descrição dos líderes inimigos (Na 3.18).

76.8,9 A destruição do opressor também é considerada um ato do amor de Deus como salvador e protetor. É a atitude de Naum, cap. 1.

76.10 A soberania de Deus se revela ainda mais quando os homens se levantam em rebelião: onde abundou o pecado, superabundou a graça (Rm 5.20).

76.11 Quem contempla tais provas da salvação divina volta ao culto com redobrado fervor. Esta é a conclusão de Naum (1.15). • **N. Hom.** A vida de quem recebeu bênçãos de Deus: cheia de louvor e gratidão (v. 1-3) corria ações de graças específicas (4-6), com um verdadeiro espírito de temor a Deus (10-12), mas, depois do temor, deve avançar para o alvo de perfeito amor a Deus, pois, que "o perfeito amor lança fora o medo" (1 Jo 4.18).

77.1-20 O salmista progride do desespero para a esperança mediante o exame dos atos de Deus no passado. O desfecho glorioso desses pensamentos se acha em Habacuque 3.

77.1,2 O salmista se compara a uma pessoa muito doente, apelando por socorro durante a noite, quando ninguém o atende.

77.3,4 Abandonado assim aos seus pensamentos, passa a preocupar-se ao ponto de não conseguir conciliar o sono.

77.5-10 Eis a conteúdo da preocupação: o salmista não está vendo sinais da graça de Deus, das Suas promessas, da Sua benignidade e das Suas misericórdias. O desespero chega ao cúmulo do pensamento de que Deus já não é o mesmo.

77.11-15 Agora o desespero começa a dissipar-se com a recordação dos atos de Deus e dos Seus prodígios.

77.13 *Caminho... de santidade.* A santificação do indivíduo é necessária para poder andar com Deus e sentir a presença divina.

77.15 *Remiste.* A memória da redenção do povo de Israel quando estava na escravidão é a resposta às dúvidas dos vv. 5-10.

77.16-20 Aqui se vêem os pormenores maravilhosos da redenção mencionada no v. 15. Revelam a autoridade divina sobre a Natureza.

77.16 *As águas te viram e temeram.* Quando o Mar Vermelho se abriu para dar caminho ao povo de Israel, foi como se as águas fugissem da presença de Deus, revelada aos Seus escolhidos.

77.19 *Não se descobrem os teus vestígios.* Quando o exército dos egípcios quis perseguir o povo através do caminho no mar, as águas voltaram para seu estado primitivo (Êx 14.28).

77.20 A maravilha dos milagres aqui descritos é a ternura do Bom Pastor, Deus em Cristo, salvando o Seu rebanho.

78.1-72 A história de Israel, desde Moisés até Davi, é um relato da benignidade de Deus em contraste com a infidelidade dos homens. A glória de Deus em salvar o Seu povo se mostra primeiro na Sua soberania sobre a Natureza (12-42), depois nas Suas vitórias sobre os egípcios incrédulos (43-53) e, finalmente, na punição dos israelitas infiéis (54-66).

78.2 *Parábolas e... enigmas.* O salmista vai nos dar a chave da história humana - a mão de Deus guiando o Seu povo até Cristo, o cumprimento da Lei dos Profetas e dos Salmos (Lc 24.44).

78.5 A revelação do poder de Deus em salvar Seu povo se nota pela revelação da vontade divina em guiar Seu povo pela mão, por intermédio dos Seus preceitos.

78.7,8 Aqui vem o motivo de escrever este salmo, que é semelhante ao motivo declarado pelo Apóstolo João no evangelho (Jo 20.31). Toda vez que alguém abre qualquer parte da Bíblia, deve estar pronto a depositar sua fé em Deus e observar Seus mandamentos.

78.9-11 Em linguagem figurada, o salmista, nós relembra que as tribos do norte (*Efraim* é

o nome coletivo) já desfaleceram por não seguirem aos preceitos de Deus (*bateram em retirada*).

78.12-25 A aliança com Deus, da qual as tribos do norte se desinteressaram, o que os levava ao cativeiro; é descrita aqui para animar os fiéis a continuar até o fim.

78.12 *Zoã*. A capital dos faraós do Egito, quase até aos dias de Moisés.

78.13 Veja as referências bíblicas, no rodapé acima para seguir o histórico.

78.17 *Prosseguiram em pecar*. Cada milagre mencionado nestes versículos foi precedido da murmuração do povo e seguido pela sua rebelião a benignidade divina contra a malícia humana.

78.20 *Pode ele*. O ser humano, pecaminoso, aceita os milagres como um ponto de partida para fazer novas exigências, lançar novos desafios.

78.21 *Acendeu-se fogo*. Nm 11.1 mostra como a ira divina literalmente se acendera.

78.22 Compare Jo 6.29: "A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado". Tudo que Deus fez desde o princípio do mundo foi para resgatar um povo para crer nEle e confiar na Sua salvação.

78.24 *Mana*. Este "pão do céu" se descreve em Êx 16, mas adquire seu significado eterno no sacrifício de Jesus Cristo (Jo 6.51).

78.27 *Fez chover... carne*. Uma nuvem de codornizes migrantes pousou sobre o acampamento dos israelitas.

78.30 *Não reprimiram o apetite*. A gula carnal do povo foi tão grande que Deus o castigou, enquanto a carne que pedira ainda estava entre seus dentes (Nm 11.31-34).

78.32 *Continuaram a pecar*. Este versículo e o 17 parecem ser um coro a reiterar a malícia humana que endurece o coração contra tudo o que provém da fé. Esta foi a atitude dos judeus quando Jesus vivia entre eles: "E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele!" (Jo 12.37).

78.34 *Arrepêndidos*. No sentido de temer a divindade que se mostra mais forte. Durou pouco, v. 37. (Cf Jo 4.24.)

78.38 Mais uma vez a misericórdia divina demonstra que é de mais forte do que a iniquidade humana, perdoando e abençoando.

78.39 *Carne*. Símbolo do ser humano nas suas limitações físicas e morais. Cristo se compadece destas nossas fraquezas (Hb 4.15).

78.41 *Tomaram a tentar a Deus*. Mais um coro da maldade humana.

78.42 Começa aqui um relatório mais pormenorizado do que Deus fez para resgatar Seu povo, que põe em relevo a infidelidade de milhares daqueles que tiveram o privilégio de estar ali.

78.44-51 Uma seleção das dez pragas que Deus mandou sobre o Egito para assim libertar Seu povo escolhido (Êx 7.14-12.36).

78.51 *Tendas de Cam*. As habitações dos descendentes Cam; o Egito, chamado pelo nome hebraico "Mizraim" era sua moradia (cf. Gn 10.6).

78.52 *Ovelhas*. O símbolo do amor de Deus para guiar e proteger Seu povo é de um pastor; isto é, um tema favorito do salmista Asafe (Sl 77.20; 79.13; 80.1). Mas é só na pessoa de Jesus Cristo que se nota a plenitude da natureza do Bom Pastor, que dá a sua vida pelas ovelhas (Jo 10.1-18).

78.54 *Sua terra santa*. O povo murmurava contra as aflições no deserto - mas ei-lo agora na Terra Santa. Como irá comportar-se nessas circunstâncias mais favoráveis?

78.55 Deus afastou os perigos da opressão da parte do exército estrangeiro, da fome, da sede e das alimárias do campo...

78.56 ...e a resposta do homem vem como um coro macabro de resistência e de desobediência.

78.57 *Um arco enganoso*. A madeira torta faz com que o arco dispare em direção errada, justamente quando o soldado está dependendo dele para ataque ou defesa.

78.58 *O provocaram com os seus altos*. Os altos eram lugares em colinas e debaixo de

árvores salientes, onde se adoravam os ídolos dos pagãos de Canaã. *Provocar* tem o sentido de despertar o zelo de Deus, como no Segundo Mandamento (Êx 20.4-6).

73.60 *Siló*. No tempo dos juízes, Siló abrigou o tabernáculo de Deus (Js 18.1), que passou a ser um templo no tempo de Samuel. Siló foi destruído provavelmente pelos filisteus e mais tarde pelos assírios em 721 a.C.

78.61 Antes da destruição de Siló, a Arca Santa caíra nas mãos dos filisteus, e, quando recuperada, não voltara para Siló.

78.62 A descrição do fim das tribos do Norte vai até v. 64.

78.65 *Despertou*. Enquanto o povo de Israel servia aos ídolos, foi como se Deus estivesse dormindo. O despertamento é o reavivamento da religião do povo e da proteção divina ao país.

78.67-72 O Eterno Santuário foi estabelecido em Jerusalém por ordem do rei Davi, o exemplo bíblico de Rei, de Profeta e de Sacerdote ou Pastor. Hebreus 8 e 9 nos ensina que Cristo é o Eterno Sumo Sacerdote, ministrando no Tabernáculo Celestial, assentado à destra do trono da Majestade nos céus, Jo 10.1-17 nos apresenta Jesus como o Bom Pastor.

79.1 *Invadiram*. Em 586 a.C., os babilônios destruíram Jerusalém, levando para o cativeiro todas as pessoas de cultura e de capacidades.

79.2 *Teus servos... teus santos*. Quando o povo de Deus ora, chama a atenção ao fato de que é propriedade exclusiva de Deus.

79.4 Mais amarga do que a desgraça e a zombaria dos povos vizinhos, a interpelar: "Onde es o vosso Deus?"

79.8 *Iniquidades de nossos pais*. A destruição de Jerusalém foi precedida por um século de idolatria e a reforma feita pela rei Josias, em 610 a.C., não fora suficiente para lhe anular os efeitos nefandos.

79.9 *Pela glória do teu nome*. Orar em nome de Deus é o ato de humildade, que abre o caminho para a resposta divina. *Deus e Salvador nosso*. A fé reconhece o amantíssimo Pai quando do castigo que o bom pai aplica ao seu filho. O profeta enxerga o Salvador, até na ira divina.

79.12 *Sete vezes tanto*. Quem persegue o povo de Deus está multiplicando crimes sociais pela blasfêmia contra Deus.

79.13 Quem está em comunhão com Deus não se omite do glorioso dever de proclamar o Seu louvor.

80.1-19 Este salmo divide-se em três partes, cada qual tendo o coro: "*Faze resplandecer o teu rosto, e seremos salvos*".

80.1 *Pastor de Israel*. Na plenitude dos tempos, Jesus Cristo se revelou entre nós como o Bom Pastor. E um nome de ternura, do Deus que se dá a conhecer pessoalmente. *Acima dos querubins*. Os querubins eram o enfeite da Arca da Aliança, o lugar da Propiciação - devemos orar em nome de Jesus, nossa Propiciação.

80.2 *Efraim, Benjamim e Manassés*. As três tribos descendentes de Raquel; seu filho José deu origem a duas.

80.3 *Restaura-nos*. Faze-nos voltar a Deus, e Deus se voltará para nós na plenitude da comunhão do amor.

80.5 *Pão de lágrimas*. Por causa do pecado cometido no jardim do Éden, o homem viu-se condenado a obter seu alimento pelo suor do seu rosto; devido aos seus pecados individuais, o homem acompanha com lágrimas suas refeições, além do suor.

80.7 *Deus dos Exércitos*. Deus no Seu poder Soberano.

80.8 *Videira*. Era sempre tida como símbolo de Israel, mas é só na Pessoa de Jesus Cristo que compreendemos a plenitude de um simbolismo, que nos mostra um ramo, que não tem valor algum quando separado do tronco, quer é Cristo (Jo 15.1-27).

80.11 Desde o Mediterrâneo até o rio Eufrates estendia-se o reino de Israel, no tempo da sua prosperidade política, 950 a.C.

80.12 Ninguém pode afligir o povo de Deus, até que a sua própria infidelidade o separe da proteção divina e, em tal caso, ninguém é fraco demais para afligi-lo.

80.13 Quando está desamparada, a videira se degenera em cipó inútil, mas, devidamente cultivada, ela cresce à altura das grandes árvores, que utiliza como esteio.

80.14 *Volta-te*. Antes de pedir que Deus se voltasse para "nós", o salmista já tinha orado pedindo que Deus convertesse o povo a Si mesmo (3, 7). O salmo inteiro relembra as bênçãos do passado ao postular a salvação imediata.

80.17 *Filho do homem*. Um título que Jesus aplicava a Si mesmo. *Povo da tua destra*. Heb, "homem da tua destra" (cf. Hb 1.13).

81.2 Deus deve ser adorado totalmente pelo nosso ser, portanto, não deve haver acanhamento nos cantos de louvor.

81.5 *Ao sair*. Depois de ter lutado contra os opressores egípcios e resgatado Seu povo, Deus deu Suas leis ao povo libertado.

81.6 Eis o conteúdo da linguagem desconhecida: a voz divina falando em amor, ternura, perdão e redenção, uma novidade para as religiões daquela época. O fardo da escravidão e o do pecado são alvos da misericórdia divina.

81.7 *Do recôndito do trovão*. A resposta divina à tribulação de Israel foi uma tempestade que destruiu o exército dos perseguidores. *Meribá*. Quer dizer "contenda" (Êx 17.1-7).

81.9 A Epístola do Apóstolo Amado encerra-se com as seguintes palavras: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos" (1 Jo 5.21).

81.12 *Deixei-o andar*. Nenhuma punição é mais justa ou mais severa do que esta (cf. Rm 1.24, 26, 28).

81.13 *Ah!* O suspiro do amor de Deus que quer salvar o pecador. • **N. Hom.** Para estudar a vontade divina é preciso ter um espírito de louvor e gratidão (1-4); passa-se então à recordação dos benefícios recebidos (5-7), para compreender os mandamentos de Deus (8-10), que se aliam às promessas divinas (11-16).

82.1-8 A justiça divina envergonha os juizes corruptos da terra.

82.1 *Divina*. Uma assembléia do povo chamada a julgar segundo a Lei de Deus pode ser chamada de "divina". *Deuses*. Na lei de Moisés, a palavra assim traduzida se refere aos juizes do povo.

82.2-4 A justiça oriental, tradicionalmente, baseava-se em "gorjetas".

82.5 Quando os mestres da sabedoria estão na ignorância, toda a estrutura social está pobre. Um cego não guia outro cego.

82.6 Jesus explica que aqueles que recebem a Palavra de Deus estão revestidos de autoridade divina (cf. Jo 10.34-36).

82.7 *Como qualquer dos príncipes*. Se os juizes quisessem tripudiar sobre os direitos, dos pobres, poderiam aguardar um fim violento reservado para os déspotas, como seu galardão normal.

82.8 Uma revelação da natureza divina e o cuidado para com os problemas que existem no mundo.

83.1-18 Este salmo se aplica à situação descrita em 2 Cr 20.1-30, na qual o levita Jaaziel, descendente de Asafe, recebera de Deus a mensagem que deu ao povo suficiente fé para ganhar a vitória.

83.3 *Contra o teu povo*. A rebelião contra Deus neste mundo se manifesta, naturalmente, em perseguições ao Seu povo.

83.9-11 Quem examinar as referências bíblicas inseridas aqui (limitadas a Juizes) pode notar o padrão da intervenção divina nas horas difíceis.

83.13-17 O desejo ardente pela derrota das forças inimigas é parte do desejo de glorificar a Deus (18).

84.1-12 Os motivos de freqüentar o culto divino.

84.2 Freqüentar o culto deve ser um privilégio almejado, a exultação do crente; se não, estará longe do espírito deste salmo.

84.3 A humildade da fé verdadeira faz o salmista se comparar a um passarinho, que acha refúgio no templo, para construir seu ninho.

84.4 *Habitam em tua casa.* O que interessa na casa de Deus é a presença divina, que nos acompanha no Espírito de Jesus Cristo (Mt 28.20).

84.5 *Os caminhos aplanados.* Uma vida cheia de fé faz com que os próprios tempos áridos e escabrosos da nossa vida possam ser momentos de refrigério e de ascensão; a necessidade do crente é simplesmente receber a força sobrenatural de Deus em todas as circunstâncias (Veja também v. 6.)

84.6 *A primeira chuva.* A chuva do outono depois da seca do verão, que traz as flores.

84.7 *De força em força.* Quem sente Deus agindo em sua vida, sente que tudo o que acontece em seus dias se toma uma fonte de força - este segredo da fé aprende-se ao freqüentar o templo (*Sião*).

34.8,9 Assim é que o crente ora. Pede em nome de Deus, isto é, não pleiteia seus próprios méritos, mas sim os de Cristo, na expressão: *contempla o rosto do teu ungido* (9).

84.10 *Estar à porta.* Os filhos de Cora tinham o dever de ser os porteiros do templo. Nenhuma posição de honra no mundo se compara com o mais humilde serviço prestado por amor a Deus.

84.11 *Sol e escudo.* O Sol revela nossos pecados, o escudo nos preserva contra o efeito deles, e o ataque do Maligno (cf. Ef 6.16). *Escudo* e *graça* são sinônimos, representação e perdão. Sol e glória correspondem aos benefícios da majestade divina compartilhados pelo Seu povo (cf. Ap 19-6-8).

84.12 A suma do salmo: *Feliz a homem que em ti confia.* • **N Hom.** Vamos freqüentar o templo com fé singela (1-3); vamos aprender a andar com Deus (4-6); vamos crescer no conhecimento dele por meio de uma vida piedosa (7-9); vamos confiar em Deus (10-12).

85.1-13 Triunfo e louvores pela revelação da misericórdia de Deus ao povo.

85.1 Os feitos de Deus no passado são proféticos dos do futuro.

85.2 *Encobriste.* Só a expiação que há em Cristo Jesus pode encobrir o pecado, até que nunca mais apareça, nem mesmo por seus efeitos.

85.4 *Restabelece-nos.* Voltarmo-nos para Deus para nos edificarmos nEle.

85.6 *Para que em ti se regozije.* O maior motivo da oração não é a bênção pleiteada, mas sim a comunhão com Deus, "em ti".

85.8 *Paz.* Paz com Deus, efetuada pelo sacrifício de Cristo e abraçada pela obra do Espírito Santo em nossa vida (Ef 2.13-18).

85.10 Só em Jesus Cristo se acha a plenitude da graça e da verdade (Jo 1.14 e 17); só em Cristo a justiça divina vem com paz.

85.12 *Seu fruto.* O salmista não despreza as bênçãos materiais, quando provêm de Deus e são para o benefício do homem.

86.1 A miséria humana provê a ocasião da misericórdia divina.

86.2 *Piedoso.* Confia em Deus e a Ele dirige as petições.

86.3 *De contínuo.* Quem pertence a Deus busca comunhão ininterrupta.

86.4 *Elevo.* O gesto bíblico de oferecer sacrifício (cf. Rm 12.1).

86.7 A oração se baseia na certeza da resposta divina.

86.8-10 Comprova-se o poder de Deus para atender às orações; a Sua vontade de assim fazer consta do v. 7. Eva tanto duvidou da boa vontade de Deus como do Seu poder para castigar (Gn 3.1-6).

86.8 *Deuses.* As divindades dos pagãos, ou as autoridades humanas.

86.9 Esta profecia se cumpre em Jesus Cristo (Fp 2.9-11).

86.11 *Dispõe-me o coração.* Não sabemos confiar em Deus até que Ele nos transforme o coração. Não podemos aceitar a salvação que Jesus Cristo nos oferece, sem o Espírito Santo converter-nos.

86.12 *Todo o coração.* Um coração disposto e íntegro, pela obra de Deus.

86.13 *Me livraste a alma.* A experiência pessoal da salvação. • **N. Hom.** O v. 13 descreve a salvação em Cristo; v. 14 descreve a perseguição que o mundo levanta contra o crente salvo, v. 15 mostra como o consolo divino intervém na situação aqui e na eternidade: Esta oração-modelo se baseia na natureza revelada de Deus (5 e 15), na salvação concedida (13) e na necessidade humana (1). Divide-se em: Súplica (1-7); Adoração (8-11); Ações de Graças (12-13), e Petição (14.17). Serve como um modelo para nossas preces.

87.1-7 Uma continuação da profecia de Sl 86.9, inspirada em 2 Cr 32.21-23.

87.1 A firmeza de Sião é uma promessa da inalterabilidade da cidade Eterna.

87.4 *Raabe.* O Egito (Is 51.9), que, juntamente com a Babilônia, representa o poder civil da época.

87.5 *Estabelecerá.* Is 54.1-3 mostra que a Jerusalém restaurada terá uma posteridade que possuirá as nações. *Este e aquele.* A individualidade da verdadeira religião.

87.7 *As minhas fontes.* Jesus Cristo é a fonte da água viva (Jo 4.14). • **N. Hom.** Aqui, neste salmo, temos uma profecia de que os laços carnis, de raça e de nacionalidade, viriam a ser superados pela aceitação de Deus como único Senhor e Mestre. A repetida promessa que em Abraão seriam benditas todas as famílias da terra (Gn 12.3, etc.) acha seu cumprimento na justificação dos gentios, por intermédio da fé (Gl 3.8). A Jerusalém celestial, a igreja dos primogênitos arrolados nos céus, é a mãe de todos os filhos da Promessa (Hb 12.22-24; Gl 4.25-28).

88.1-18 A situação imediata nos mostra um atribulado buscando a face de Deus. A figura profética nos mostra o peso que Jesus carregou para ser nosso Salvador e ser o cumprimento do salmo anterior. Hemã, ezraíta, era famoso pela sua sabedoria (1 Rs 4.31).

88.6 Nenhuma destas expressões é forte demais para o sofrimento mental, mais profundo que o físico; mas também têm paralelos na história de Israel: *cova* - José foi posto na cova e depois na prisão, como parte do plano divino para levá-lo e fazê-lo salvador de sua família; *lugares tenebrosos* - Abraão foi cercado por Deus, nas cerradas trevas antes de receber a aliança (Gn 15.12-18); *abismos* - Jonas foi lançado nos abismos para depois aprender a ser fiel profeta de Deus. E tudo isto se coroa pela angústia de Jesus no jardim de Getsêmani (Mt 26.38). Jesus que, por meio de sofrimentos, foi aperfeiçoado Autor da nossa salvação (Hb 2.10). O sofrimento faz parte do plano de Deus (cf. Cl 1.24; 1 Pe 3.14).

88.8 Os meus *conhecidos*. À falta de saúde e de prosperidade, segue-se logo a perda dos amigos, seja pela separação, seja pelo efeito da maledicência. *Abominação* - o mundo despreza o aflito.

88.10-12 O salmista, como qualquer pessoa aflita, está pensando somente na vida atual e suas perguntas parecem denotar um "não". Mas em Cristo temos o "sim" a todas estas indagações. "Se o justo morre sem sinais do favor de Deus, como vai ajudar outros a se converterem?" é o argumento do salmista.

88.13-18 Qual é a diferença entre a angústia do crente e a do pagão? O crente odeia o pecado, a causa de toda a fraqueza humana, volta-se para Deus em oração, deseja reconciliação com Ele e espera o resultado vindo de Deus. • **N. Hom.** A Oração. Ninguém é sábio demais para prescindir de orar. A oração verdadeira se faz no poder da salvação (1) e é feita "diante de Deus" (1), sem intermediário humano, sem desejo da aparência perante os homens. A verdadeira oração não precisa de mestre humano, para ensinar os gestos da súplica - "levantar as mãos" (9). A verdadeira oração é perseverante (13) e, realmente, é para, que Deus revele o que é que está interrompendo a santa comunhão (14), se é algum plano específico de Deus (Jo 9.1-3) ou algum pecado (Is 59.1-2)

89.1-52 Outro ezraíta mencionado em 1 Rs 4.31 completa a oração de Hemã, ezraíta (Sl 88) com cânticos de júbilo, encerrando assim o terceiro livro dos salmos. É um salmo messiânico; seu pleno sentido é aplicável unicamente a Jesus.

89.1 A graça imutável de Deus merece louvores, e Sua fidelidade é anunciada neste

salmo.

89.2 *A benignidade está fundado para sempre.* Nossa Salvação é fundada no propósito eterno de Deus, executada pela sacrifício de Jesus Cristo e aplicada ao nosso coração pelo poder do Espírito Santo (cf. Ef 11.3,4).

89.3 A aliança foi cumprida em Jesus, Descendente de Davi.

89.7 Quanto mais Deus for reconhecido como Santo, tanto mais se teme a Ele.

89.9 *A fúria do mar.* Seja na libertação do povo, que foi tirado do Egito, através do Mar Vermelho, seja na voz de Jesus à qual a tempestade obedeceu (Lc 8.23-25).

89.12 *Tabor* é uma montanha ao oeste do Jordão; *Hermom* ao nordeste.

89.14 A autoridade de Deus para reinar baseia-se na justiça e no direito, mas para encontrar-se com vis mortais, faz preceder-se de Deus Filho cheio de graça e de verdade (Jo 1.14).

89.15 *Vivas de júbilo.* Os cultos pagãos da época conheciam os gemidos das crianças sacrificadas, os uivos dos sacerdotes e os gritos do povo atemorizado.

89.19 *Poder de socorrer.* De Jesus está escrito: "pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7.25). *Do meio do povo.* Tanto Davi como seu Descendente, Jesus, foram exaltados entre o povo humilde e pobre.

89.24 *Fidelidade e... bondade.* É o assunto geral do salmo, segundo v. 1.

89.25 *Mar... rios.* As fronteiras do Israel completo vão desde o Mediterrâneo de um lado ("mão") e até o outro lado dos rios Eufrates e Tigre. Isso foi cumprido em Salomão, filho do rei Davi.

89.26 *Pai.* Ninguém no Antigo Testamento chamava Deus de "Pai". As primeiras e as últimas palavras que lemos de Jesus, chamam Deus de "Pai" (Lc 2.49 e Lc 23.46).

89.27 *Primogênito.* No costume de Israel, o primogênito recebia uma parte dupla na divisão dos bens (Dt 21.17), tinha autoridade sobre os irmãos e os sobrinhos (2 Cr 21.3), e, a princípio, foi escolhido para o sacerdócio santo (Nm 8.14-17). Posteriormente, devido a troca dos mesmos pela tribo de Levi, não mais foi necessária tal dedicação.

89.29-37 Estes versículos provêm uma explicação das palavras da aliança que Deus fizera com o rei Davi, contidas em 2 Sm 7.12-17. • **N. Hom.** Cristo é a plenitude da aliança entre Deus e o homem. É o Salvador (19); o Servo (20); vencedor sobre o inimigo (v. 22); Juiz dos Seus perseguidores (23); Rei dos reis (25 e 27); Filho de Deus (26 e 27); Fonte de Graça (28); Pai de filhos imortais (29). Todavia mais maravilhoso que tudo é a promessa de que Seus filhos são salvos para a eternidade e que nunca mais haverá modo da perdição (30-36). Haverá punição (32) mas nunca perdição.

89.29 *Dias do céu.* Quer dizer pela eternidade.

89.32 *Vara.* Pv 23.13, 14 e 13.24 ensina que aquele que retém a vara aborrece a seu filho e o que a fustiga, livra sua alma do inferno.

89.35 Deus jura pela Sua própria santidade, que, segundo Isaías, é o supremo atributo de Deus. A aliança de Deus é tão firme, que declara que preferiria cessar de ser Deus, a rejeitar aqueles que Ele salvara.

89.37 O universo inteiro é testemunha da promessa eterna de Deus.

89.39-51 Etã, o ezraíta, depois de lembrar, com júbilo, as promessas de Deus, aponta para uma situação atual angustiada. Talvez se refira à época de Roboão, neto de Davi, quando já no quinto ano de seu reinado tinha de ver Jerusalém invadida por Sisaque, rei do Egito (1 Rs 15.25-27). Outra possibilidade é que os vv. 38-59 sejam uma continuação do salmo, escrita muita mais tarde, quando os descendentes de Davi sofreram terríveis derrotas e depois foram levados para o cativeiro (2 Rs 24).

89.38 *Ungido.* Refere-se, primeiramente, ao rei da linha de Davi e, depois, a Cristo.

89.39 Nas invasões que Jerusalém sofrera e, mais tarde, nas perseguições movidas contra Jesus, havia, uma aparência externa da derrota da Aliança de Deus.

89.45 *Mocidade.* Os reis de Judá se desgastaram cedo na posição que ocupavam.

89.47 *Breve.* A vida de Jesus na terra foi breve, apenas trinta e três anos.

89.50 A segunda metade pode ser assim traduzida: "carreguei no colo toda a multidão das nações", no sentido de "gerei numerosas nações". É Jesus que gera inúmeros filhos para a eternidade através do renascimento (Ap 7.9).

89.51 *Vilipendiado... os passos do teu ungido.* Espiões dos fariseus espreitavam cada ato de Jesus, para, quiçá, apanhá-lo nalgum ato ilícito e, no fim, tiveram de recorrer a falsos testemunhos.

89.52 O fim, porém, se reverte em todo louvor e glória a Deus.

90.1-17 Este salmo reflete uma circunstância histórica genuína - é a oração de Moisés quando estava no deserto com o Povo de Israel.

90.1 *Refúgio.* É melhor padecer no deserto com Deus ao lado, do que ser criado no palácio de Faraó (Hb 11.24-25).

90.3 *Tornai.* Voltai ao pó do qual fostes criados.

90.4 *Que se foi.* O dia de ontem é um nada em nossa memória, e irrecuperável.

90.7 *Consumidos pela tua ira.* O povo inteiro estava sendo punido por sua falta de fé nas promessas de Deus (Nm 24.20-23).

90.8 *Pecados ocultos.* Mas o Filho de Deus sondava a mente e o coração (Ap 2.23), e o Senhor esquadrinha os corações (1 Cr 28.9).

90.9 *Se passam no tua ira.* O pecado transforma a vida numa miséria sem trégua. *Pensamento* ou talvez "murmúrio", "gemido".

90.10 *Os dias da nossa vida.* Expressão idiomática: "nossa idade".

90.12 *Contar os nossos dias.* Reconhecer que somos fracos mortais cujo futuro incerto devemos colocar nas mãos de Deus.

90.14 *De manhã.* Cedo, logo, depressa já que nossa vida é curta.

90.15 *A graça do Senhor.* Deleite e doçura celestiais para quem está condenado a amarguras nesta terra. • **N. Hom.** 1) Deus é eterno, a fonte e o alvo da história, enquanto o homem é insignificante no tempo e no espaço (1-6). 2) A miséria do homem pecaminoso perante a face do Juiz e Guia do mundo (7-12). Quando, tremendo, enfrentar a morte sem a esperança em Cristo (Rm 8.24). 3) O desejo de tornar parte no plano eterno de Deus, de ser co-participante da natureza divina, em felicidade e em poder (13-17). Conclusão: Nossa gratidão deve transbordar em alegria, louvor e obediência, pela imortalidade que temos pela fé em Cristo (Jo 11.25; 2 Tm 1.10).

91.1-6 Este salmo tem nome e endereço: é aplicável àqueles que têm fé no Senhor, que vivem em comunhão com Deus ("habitam") e confiam nEle para orientação e consolo. A situação histórica parece ser os quarenta anos que o povo de Israel ficou no deserto.

91.1 *Esconderijo.* O lugar íntimo da oração, da comunhão do indivíduo com Deus.

91.3-8 Há referências nestes versículos à situação da noite da primeira Páscoa (cf. Êx 12).

91.4 *Penas... Asas.* Compare a exclamação do Senhor Jesus Cristo: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisesses" (Mt 23.37).

91.10 *Tenda.* Qualquer moradia simples e temporária.

91.11 A promessa feita aos fiéis é supremamente aplicável ao Filho; Satanás quis torcer este versículo, separando-o do contexto da fé total expressa nos vv. 1 e 9 (Mt 4.6-7).

91.13 São perigos do deserto que se descrevem também em Dt 8.15.

91.14 O motivo e o galardão da vida religiosa é o apegar-se a Deus com amor; nisto jaz a vida eterna, conhecer Deus em amor (Jo 17.3).

91.15 *Responderei.* A resposta à oração nem sempre é a concessão das coisas que pedimos. Paulo pediu uma cura, mas recebeu algo melhor: uma aproximação do Senhor pela Sua graça (2 Co 12.7-10). • **N. Hom.** É impossível acontecer qualquer mal àquele que pertence ao Senhor, as mais esmagadoras calamidades nada mais fazem do que encurtar a peregrinação do crente e aproximá-lo do seu galardão. As dificuldades são

bênçãos numa forma oculta. As perdas o enriquecem, a doença lhe é um remédio, o desprezo do mundo é a sua glória, a morte lhe é a porta do céu.

92.1 Bom. Orações e hinos de gratidão e louvor são bons: espiritualmente, porque é o sacrifício que devemos a Deus; emocionalmente, porque fortalece nosso coração; praticamente porque leva outras pessoas a ter a comunhão com Deus, que é a realidade eterna.

92.2 A misericórdia de Deus e a Sua fidelidade sempre são assuntos que empolgam o crente.

92.3 A música sacra só é comunicativa para quem entrou no espírito dos vv. 1 e 2.

92.5 *Os teus pensamentos.* Compare Is 56.8 e Rm 11.33-36.

92.6 Estulto. Na Bíblia se refere àquele que não se deixa guiar pela vontade divina.

92.7 Erva. Símbolo bíblico para o que hoje aparece e amanhã não existe mais (Is 40.66). É passageira tal como o mundo (cf. 1 Jo 2.17).

92.11 Deus concede a mais perfeita paz e alegria, justamente quando Seu servo está cercado de perigos.

92.12 Palmeira. Bela, poderosa, frutífera e, útil, a palmeira fica firme nos lugares mais difíceis, onde há mais mister dela. *Cedro.* Cresce nos picos sperigosos das montanhas, desafiando as tempestades. O crente não deve buscar a vida fácil.

93.1 Reina o Senhor. O fato eterno da supremacia de Deus sobre o universo que criou e guia até agora.

93.3 Rios. Talvez se refira às forças da natureza, ou talvez seja uma expressão para descrever os três grandes impérios da época, formados sobre rios: o Egito, a Assíria e Babilônia, os quais se levantaram contra a nação escolhida de Deus e quase a inundaram. Mas neste caso também, a soberania divina vence (4).

93.5 Casa. O templo de Deus e a família dos fiéis, que o frequentaram.

94.6 Viúva... estrangeiro... órfãos. São as três classes que no oriente sempre estavam desamparadas por falta de parentes que lhes proporcionassem proteção, que fossem o "vingador" que exige justiça. A lei de Deus exige compaixão no seu cuidado (cf. Tg 1.27).

94.11 O Senhor conhece. Jesus conhece o íntimo de cada homem (Jo 2.25).

94.12 Agora percebe que é melhor ficar sob a disciplina de Deus, para depois entrar no descanso eterno (v. 13), a ter a prosperidade material acima descrita que, longe de ser um sinal de estar fora do âmbito do castigo (divino, é uma indicação de que o ímpio está caminhando para a sepultura eterna (13).

94.16 Tendo confiado que a justiça divina se revelará no fim, o salmista agora deseja alguma vindicação imediata, algum sinal de que Deus está com ele. A resposta vem com o v. 17 (a proteção contra a morte física) e com o v. 18 (sustenta-se a fé do crente).

94.20 O trono do iniquidade. Os poderes do mundo eficientemente organizados contra a fé (cf. Ef 2.1, 2). *Uma lei por pretexto.* A praga da vida oriental: a justiça torcida por um suborno. O pecado também faz da lei de Deus um pretexto para condenar o homem (Rm 7.8-13).

94.21-23 Repetem-se os assuntos básicos do salmo: v. 21 descreve os ímpios em ação; v. 22 mostra Deus abrigando os crentes; v. 23 é a destruição final dos ímpios, o extermínio da iniquidade.

95.2 Ações de graças. O verdadeiro sacrifício que Deus aceita.

95.3 Deuses. Aqui significa os ídolos dos pagãos.

95.6 Depois de descrever o poder de Deus, repete-se a adoração.

95.7 O ápice do culto divino é o escutar a Palavra de Deus, com fé e com obediência. Isto nos traz conforto e orientação.

95.8 Massá. Quer dizer "provação", "teste".

95.9 Obras. Aqui se refere aos grandes milagres que Deus fizera ao salvar Seu povo da escravidão no Egito.

95.10 Quarenta anos. Pela sua falta de fé, a povo que saíra do Egito tinha de passar

quarenta anos no deserto.

95.11 Descanso. Na terra, se refere a Canaã, a herança prometida aos descendentes físicos de Abraão, e também é uma profecia da vida eterna nos céus, reservada para os que têm fé assim como Abraão teve (Hb 11.8; Rm 4.13-25). • **N. Hom.** Toda dimensão e qualidade do universo pertence ao Deus Todo-Poderoso (4-5). O Deus de Amor nos conhece intimamente e tem cuidado de nós, mediante a obra de Jesus Cristo (v. 7). Qual é a conexão entre estes dois lados da natureza divina? Isto se lê no v. 6, no qual o ser humano adora a Deus e assim O fica conhecendo pessoalmente. A chave do salmo e das nossas vidas é adorar a Deus em espírito e em verdade.

96.1-13 Este salmo foi cantado quando Davi trouxe Arca de Deus ao templo.

96.1 A realeza de Deus e nosso dever de cantar louvores a Ele são temas constantes dos salmos 95 até 100.

96.5 Os ídolos não tem poder algum, nem há realidade nas divindades que representam; quanto a Deus, porém, os próprios céus proclamam Sua glória.

96.6 O rei terrestre se veste com trajes ricos, símbolos do seu poder e o Rei dos Céus se veste com qualidades eternas.

96.7 A nota de adoração sempre reaparece nestes salmos de Louvor.

96.9 A verdadeira beleza de Deus é Sua qualidade mais sublime: a santidade; por isso Isaías sempre Lhe chama "o Santo de Israel".

96.10 A garantia única de estabilidade social encontra-se quando uma nação pede que Deus a guie pela Sua Palavra, pelo Seu Poder.

96.11 Tudo que há no universo é uma proclamação de louvor a Deus.

96.13 Uma profecia da vinda do Messias com Seu Reino de retidão, conforme a descrição em Is 11.1-9. *Justiça... fidelidade.* "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1.9).

97.1-12 Deus Se revela como Criador do universo e Fonte de toda justiça e sabedoria.

97.1 Somente quem deixa Deus reinar em sua vida conhece a plenitude do gozo e da alegria (Fp 4.4).

97.2 *Nuvens... justiça.* O poder de Deus se revela na natureza, mas o âmago do Seu divino Ser revela-se em qualidades eternas.

97.2-6 Céus e terra, a eternidade e o tempo, estremecem perante a revelação da soberania de Deus.

97.7-9 Os efeitos que a soberania de Deus (9) tem sobre a raça humana: o paganismo se revela como coisa vã (7) enquanto o povo de Deus é jubilosamente vindicado (8).

97.10 *Detestai.* Quanto mais profundo é nosso amor a Deus, tanto maior será nosso ódio às obras do Maligno (Sl 139.21-22). *Ímpios.* A ameaça dos pagãos, dentro de Israel, sempre acarreta perigo mortal àqueles que permanecem fiéis.

97.11 *Difunde-se.* O hebraico traz uma palavra que quer dizer "semear". Deus está semeando raios de luz na frente dos passos dos fiéis. A sabedoria e a iluminação se derramam à medida que o justo prossegue no caminho, de Deus (cf. 1 Jo 1.7).

98.1-9 A gratidão do povo de Deus pelas bênçãos derramadas sobre eles.

98.1 *Novo.* Para o crente, a graça de Deus sempre tem as maravilhas de uma coisa nova, exigindo novas respostas da parte dele.

98.2,3 A revelação da salvação divina se estende até o fim do mundo.

98.4 *Confins da terra.* As "nações" trazem sua contribuição de louvor em consequência da mensagem levada pelos fiéis (cf. Rm 10.14-18).

98.5 O primeiro elemento do hino é a gratidão com louvor, vv. 1 e 4; agora se acrescenta a arte com a perícia técnica.

98.7 Os objetos inanimados acrescentam sua voz ao coro sacro.

98.9 Toda esta sinfonia forma um crescente que vai até o final, o Dia do Julgamento.

99.1-9 A realeza de Deus se descreve em relação ao Povo Escolhido.

99.1 *Querubins.* O santo dos santos. O santuário mais interior do templo tinha dois

querubins de madeira e ouro por cima da Arca de Deus.

99.2 *Grande em Sião*. Deus é engrandecido e louvado no lugar em que o povo se congrega para adorá-IO.

99.4 Se adoramos o Rei da Eternidade, é claro que abraçamos com júbilo as justas leis que nos deu para santificar nossas vidas.

99.5 *Escabelo*. Na Bíblia, três lugares são chamados "o escabelo dos pés de Deus": o Santuário, Jerusalém e a terra inteira.

99.6-8 A realeza e a santidade de Deus se revelam na história de Israel. *Moisés... Arão... Samuel*. Nestes três nomes se representam a Lei, o Sacerdócio e a Profecia, que em Cristo Jesus formam uma unidade.

99.8 Deus corrige e castiga, mas não quebra Suas promessas (Sl 89.30-33).

99.9 Depois da argumentação e do histórico aqui dados, vem mais um apelo a exaltar a Deus, nossa santificação.

100.1-5 A maneira de adorar a Deus: v. 1, "com júbilo"; v. 2, "com alegria" e "com cântico"; 4, "com ações de graça" e "com hinos de louvor" (veja nota do Sl 98.5-6). O motivo desse louvor está no v. 5. • **N. Hom.** Este salmo breve é a coroa dos pensamentos dos salmos 95 até 99. Sl 97 mostra a adoração que a natureza presta a Deus; Sl 100 resume isto na frase "todas as terras" (1); Sl 98 mostra que Deus se manifestou a Israel; Sl 99 mostra que é Israel quem O adora e a Ele obedece; Sl 100 convida a todos a que façam o mesmo (v. 4); Sl 95 mostra que Deus fez o universo, mas também é nosso Pastor que nos guia pela mão e isto aparece no v. 3 do Sl 100. Sl 96 nos convida a tributar glória a Deus, com cânticos, assim como Sl 100.2.

101.1-8 Neste salmo voltamos à oração individual, ao pacto de obediência e fidelidade que Davi fez com Deus e que nós devíamos adotar e seguir.

101.1,2 A vida do crente cantando a Deus, observando Sua Palavra e esperando Sua vinda final em glória.

101.3,4 A santificação individual do rei Davi, na vida particular.

101.5-8 A santificação pública do rei Davi, a lei de Deus aplicada à jurisdição cívica do reino de Davi.

101.5 *Olhar altivo... coração soberbo*. A soberba é o âmago do pecado, fazendo o ser humano adorar a si mesmo, rejeitando, portanto, qualquer convite para se adorar a Deus.

101.6 Além de expulsar o mal, necessário reunir e organizar o bem.

101.8 É a prática enérgica dos preceitos que Deus, manhã após manhã, ensina aos Seus discípulos (Is 50.4), até que a Cidade de Deus se torne uma antecâmara dos Céus.

102.1-11 Uma situação angustiosa apresentada a Deus em oração.

102.1 *Ouve, Senhor*. A primeira coisa que o aflito deve fazer é dirigir-se diretamente a Deus em oração.

102.3-5 A descrição de uma vida breve e cheia de sofrimentos físicos causados pela angústia (5).

102.4 A erva carpida logo fenece por não receber mais a seiva da vida.

102.6,7 A miséria do isolamento da fraternidade humana: o pardal comum dos telhados não suporta a vida solitária da coruja ou do pelicano.

102.8 Pior do que ficar sem amigos, é ser o alvo constante de inimigos ferozes.

102.9 *Cinza*. Na profunda angústia, a iguaria mais gostosa não tem melhor paladar do que a cinza.

102.10 *Indignação... ira*. A causa central da miséria humana é o homem andar longe da graça de Deus, ficando, portanto, sob Sua ira. *Elevaste*. A miséria de andar longe de Deus é pior para aquele que já sentiu a mão de Deus a sustentá-lo, no passado.

102.12-22 Deus vai restaurar a Sião, comprovando Seu amor na presença dos povos atuais e futuros.

102 12,13 O salmista se lembra da soberania eterna de Deus e também da Sua compaixão. Guardar uma visão do Poder e do amor de Deus é o melhor remédio para

todas as tristezas.

102.14 Uma parte da angústia do salmista refere-se à cidade de Jerusalém (Sião), destruída no ano 586 a.C.

102.15,16 A oração da fé nunca duvida dos resultados (16), e antecipa o agradecimento pela restauração de Sião.

102.17 *Desdenhou*. "Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51.17).

102.18-22 A revelação do amor e de poder de Deus na restauração do Seu povo, é assunto registrado na Bíblia, para guiar a futura nação Santa que ele havia de criar para adorá-lo em espírito e em verdade.

102.19 Refere-se, em parte, à escravidão de Israel no Egito (Êx 3.7-9).

102.21 O povo de Deus é salvo para servir de missionário (1 Pe 2.9; Ef 2.10).

102.23-28 A fraqueza do homem (1-11) e o poder eterno de Deus (12-22) aqui se revelam em evidente contraste.

102.23 *No caminho*. Ainda estava no meio da senda da vida quando o eterno Deus quase cortou a vida do fraco mortal.

102.24 *Cujos anos se estendem*. Deus, que é isento das fraquezas da carne, tem compaixão das nossas angústias, como seres mortais.

102.25,26 O inteiro universo, criação de Deus, é uma simples expressão da Sua vontade, um símbolo físico da Sua majestade, pode ser trocado como a roupa que nos usamos, segundo Seu prazer (Ap 21.1).

103.1-22 Louvor irrestrito inspirado por uma profunda experiência pessoal.

103.1,2 *Tudo*. O próprio ser é convidado a adorar a Deus por tudo que Ele fizera.

103.3-5 Os benefícios do Senhor na vida individual são: o perdão, a saúde, salvação da morte, a vida em abundância e frutífera, vigor até ao fim da vida.

103.6-8 Os benefícios do Senhor na história de Israel: a justiça social, a proteção dos fracos, a revelação do Seu poder e do Seu amor.

103.6 *Julga*. Aqui no sentido de "vindicar", "proteger" pela justiça divina.

103.7 *Feitos*. Sobretudo os milagres em salvar o povo da escravidão, mas também os benefícios mencionados no v. 3 se aplicaram a todo povo de Deus (Dt 8.2-4). **103.8** Compare Êx 34.6-8.

103.9-14 O conteúdo pormenorizado da misericórdia e da benignidade de Deus mencionado no v. 8.

103.9 A repreensão de Deus visa a nossa correção e não a nossa destruição (Ez 18.22).

103.10 A graça de Deus tem mais valor positivo do que o valor negativo de nosso pecado.

103.11,12 A grandeza da misericórdia de Deus e a perfeição da remissão dos pecados, se descrevem em termos que ultrapassam cálculos científicos.

103.13,14 A ternura do pai brota do seu amor paterno e seu reconhecimento de que o filhinho é totalmente dependente dele (Hb 4.14-16; 12.5-11).

103.15,16 Um intervalo para admoestar qualquer pessoa que ainda põe sua esperança nalguma coisa carnal.

103.17 Volta-se ao tema do poder e do amor de Deus, da eterna misericórdia divina que também no salmo 102 se contrasta com as vicissitudes humanas.

103.18 Este salmo, como muitos outros, tem sua aplicação particular: é para os que temem a Deus e pertencem à Sua aliança.

103.19-22 A realeza de Deus inspira os louvores do universo inteiro (cf. salmos 95 até 100).

103.21 *Exércitos*. Na Bíblia se aplica tanto aos anjos (20) como às forças da natureza, ventos, estrelas, etc.

103.22 *Ó minha alma*. A volta à nota de adoração individual que dá abertura ao salmo.

104.1-35 Louvor irrestrito inspirado pela contemplação das forças e das belezas da natureza.

104.1 *Bendize*. O mesmo apelo que há no salmo 103, mas esta vez é motivado pela magnificência de Deus.

104.2 *Luz*. O objeto mais puro e poderoso do universo é como roupa velha para Deus. (Veja v. 6 e salmo 102.26; cf. Jo 1.5).

104.4 Deus tanto pode transformar Seus mensageiros em grandes forças cósmicas como pode usar estas forças no Seu serviço. Anjo pode significar "servo" ou "mensageiro".

104.5-9 Uma descrição da obra de Deus na criação do mundo.

104.6 Aqui se descreve a atmosfera terrestre com as nuvens.

104.7 A força criadora da palavra de Deus (Gn 1.3).

104.10-18 Uma descrição da obra de Deus em sustenta os seres vivos no mundo que criou.

104.11 *Selvagens*. Deus sempre teve terno cuidado com os seres que os homens chamam de selvagens.

104.14 Depois dos animais e dos pássaros, vêm as plantas para o uso do homem. Nota-se, porém, que ele ainda tem de conseguir seu pão (Gn 3.17-19).

104.15 *Vinho... azeite... pão*. A videira, a oliveira e o trigo na cultura de Israel eram considerados básicos para o sustento da vida e representavam a agricultura em geral.

104.18 Nada existe que não seja objeto do cuidado específico de Deus (Mt 6.26).

104.19-23 Os tempos e as épocas estão nas mãos de Deus (Ec 3.1-8, Gn 1.14).

104.23 Até o homem obedece, na vida rural, a um ritmo imposto pelo Sol.

104.24-30 Meditação sobre o significado desses fatos naturais que o salmista descreve.

104.24 A primeira, atitude é de adoração maravilhada, perante a sabedoria de Deus, revelada na natureza (Rm 11.33-36).

104.25 Depois, passa-se a admirar a grandiosidade das obras de Deus.

104.27 Ao poder imenso de Deus acrescenta-se a qualidade da graça revelada a cada ser individualmente (cf. 11-18).

104.28,29 Explica-se com mais pormenores o significado da frase "Todos esperam em Ti", a dependência da criatura do favor do Criador.

104.30 O Espírito de Deus ainda paira sobre o universo criado, Gn 1, 2. É o Doador da Vida e o Renovador do nosso ser (cf. Jo 3.5).

104.31-35 Um hino de triunfo resumindo a descrição da glória de Deus, da obediência do universo, do canto de louvor pela homem, da vitória final da justiça divina.

104.33 Esta atitude, posta em prática, transformaria em alegria todas as relações humanas (cf. Cl 3.16).

104.35 A destruição do mal faz parte da bem-aventurança eterna. • **N. Hom.** Este salmo pode ser chamado de "Um hino baseado em Gn 1". Abrange a história natural (1-23), a filosofia (24-30) e a vida espiritual (11-35). A história natural descreve o poder de Deus na Criação (1-9), o amor de Deus em sustentar os seres da terra (10-18) e a ordem de Deus em reger tudo (19-23). A filosofia mostra que o universo criado revela a sabedoria e a riqueza de Deus e a fragilidade da criatura, que deve, portanto, conservar-se em harmonia com Deus (24-30). A vida espiritual se aproxima mais de Deus, por intermédio de louvores cantados com fé no íntimo, do que pela contemplação de objetos físicos. Este louvor é o que Deus aceita (31-35).

105.1-45 Um salmo, baseado na revelação de Deus através da história do Seu povo, incluindo um relato sobre como Deus o tirara da escravidão no Egito.

105.1-15 Estes versículos são a primeira das duas partes do salmo de Davi que cantou ao trazer a arca de Deus para Jerusalém; a outra metade se acha no Sl 96. Parece que o salmista está usando aquelas palavras de 1 Cr 16.7-22 como prefácio do relatório nos vv. 16-45.

105.8 *Empenhou*. As promessas de Deus são irrevogáveis (Rm 11.29).

105.9 *Juramento*. Esta aliança é de promessas que foram repetidas na vida de cada Patriarca, nestes termos: "Na tua descendência serão benditas as nações da terra" (Gn

22.17-18).

105.12 Daqui até v. 15 vai um resumo da vida dos Patriarcas, enquanto peregrinavam como pequena família (Gn 12-38).

105.16 *Fome*. Foi a fome que levou os descendentes de Abraão a buscarem trigo no Egito (Gn 42), fome que fazia parte do plano de Deus de separar para Si Mesmo o Seu povo escolhido (cf. Êx 19.5).

105.17 *José*. Foi o instrumento que Deus tinha preparado para acolher Seu povo no Egito (cf. 17-22 com Gn 37-45, esp. 45.5).

105.18 *Grilhões*. Sofreu pela justiça (cf. Ef 6.20).

105.19 *Profecia*. Os sonhos de José a seu próprio respeito (Gn 37.5-18). *Provado*. Quando os sonhos que os dois servos de Faraó tiveram foram corretamente interpretados por José, foi aprovado como verdadeiro profeta de Deus.

105.22 José recebeu poder civil e religioso.

105.23 *Israel*. O nome que Deus deu a Jacó, que foi herdado pelos seus descendentes. Com. Em Gn 10.6 o povo do Egito (Mizraim) consta como descendência, de Cam, filho de Noé.

105.25 Mais uma vez (veja v. 16), Deus trouxe a desgraça aparente, a fim de prosseguir com os Seus desígnios graciosos (Rm 8.28).

105.26 Aqui começa a história do Êxodo do Egito (cf. 26-38 com Êx 1-12). • **N. Hom.** Moisés e Arão eram servos de Deus, escolhidos por Ele (26), munidos de poder (27), e revestidos de obediência à Palavra de Deus (28). Olhando para essas vidas, podemos extrair o modelo para cada crente e especialmente para os líderes.

105.36 *Primogênitos*. Esta última praga foi o que determinara a saída dos israelitas do Egito; os próprios egípcios os ajudaram.

105.37 Inválido. Compare Sl 103.31 com a, nota.

105.39 As vicissitudes do povo, no deserto se descrevem em poucas palavras até v. 45. O Sl 106 trata do assunto por extenso, enquanto o 105 se dedica mais a descrever o poder de Deus nos milagres.

105.40 *Pão do céu*. Tanto o maná que se achava na terra como as codornizes que caíram do céu fizeram parte do alimento que Deus proveu milagrosamente para Seu povo. • **N. Hom.** É importante notar que todos os milagres eram sinais de Deus, isto é, eram precedidos e seguidos pela proclamação da vontade de Deus. Cada milagre de Jesus era uma parte dinâmica da proclamação do evangelho e da autenticação da divindade de Cristo.

105.42 As maravilhas que Deus mostra ao Seu povo baseiam-se na Sua aliança imutável (8, 9; Sl 89.28-37).

105.45 O motivo destas maravilhas é a preparação de um povo particularmente de Deus, zeloso de boas obras (1 Pe 2.9-10; Tt 2.11-14).

106.1-48 Este salmo de louvor a Deus lembra a graça, e a paciência que Ele mostrou a Seu povo que sempre se revelou rebelde por todos os meios.

106.1 *Aleluia!* Quer dizer "louvai a Deus!". É o princípio e o fim deste salmo, e nos mostra que o propósito deste relato da fraqueza humana é para levar o homem a adorar a Deus e não a si mesmo. *Para sempre*. A misericórdia de Deus abundou até no meio daquela rebeldia toda (Rm 5.20).

106.4,5 Depois do convite geral para louvar a Deus, vem a petição individual para a salvação, a prosperidade e a felicidade.

106.5 *Alegria do teu povo*. É uma alegria que não murcha, dada por Deus, "não como a dá o mundo" (cf. Jo 14.27, Gl 5.22).

106.6,7 Para estar em condições espirituais. de receber as bênçãos almejadas, precisa-se de arrependimento e de confissão.

106.8 A salvação de Deus inclui a própria revelação da Sua natureza.

106.9 *Repreendeu*. A mesma voz que afugentou o caos (Sl 104.7; Gn 1.3), agora

repreende o obstáculo que jazia entre o povo de Deus e a liberdade.

106.10 *Remiu*. O povo estava na escravidão, e Deus "comprou outra vez", os que realmente sempre pertenceram a Ele. Esta palavra descreve a obra de Cristo o Redentor, que pagou o preço do nosso pecado para nos libertar de Satanás, do pecado e de seu castigo (Ef 1.7).

106.11 O mar Vermelho inundou o exército dos egípcios (Êx 14.28).

106.12 Houve um breve momento de gratidão da parte de Israel pela grande libertação (cf. Êx 15), antes de começar a história de azedas queixas, que se relata nos trechos bíblicos citados.

106.15 Uma petição feita contra a vontade divina se torna em maldição.

106.16 *Santo*. Aquele que o próprio Deus vocacionou e separou para Sua obra (Êx 28 e Zc 3). O sacerdócio fez parte do plano de Deus; não foi uma invenção de Israel.

106.20 O ridículo da idolatria é perder a glória de Deus (Rm 1.18-23).

106.21 Deus se revelou como Salvador, através de toda a história do Seu povo Cristo é o Salvador do "verdadeiro Israel" (Gl 6.16).

106.23 *Impedindo*. Deus quer que Seus escolhidos participem da Sua terna compaixão, fazendo súplica em prol de outrem, Êx 32.11.14.

106.28 *Baal-Peor*. Ídolo dos cananitas, representando a fertilidade. • **N. Hom.** A natureza do pecado humano é: 1) Esquecimento de Deus; a) da Sua bondade (7); b) das Suas obras (13); c) da Sua salvação (21); 2) A cobiça (14); 3) A inveja (15); 4) A idolatria (19 e 20); 5) o desprezo dos dons de Deus (24); 6) A descrença na Palavra de Deus (24); 7) As queixas (25); 8) O apego ao mal (34-38).

106.33 *Rebeldes ao Espírito de Deus*. lendo Nm 20.5 parece que este pecado é desprezar a perpétua e milagrosa salvação que Deus concede. Foi o mesmo pecado dos fariseus que não quiseram reconhecer o poder e o amor de Cristo, revelados nas curas e no perdão dos, pecados que concedia (Mt 12.22-32). *Irrefletidamente*. Moisés foi tão provocado pelo povo que, longe de anunciar a compaixão de Deus em dar água ao povo, desafiou-o (Nm 20.10-11).

106.34 Expulsar das nossas vidas qualquer motivo de tentação, "laço" (36), é dever na vida do, crente (Sl 101.5; 2 Co 6.17).

106.37 Paulo nos ensina que sacrificar aos ídolos é prestar culto aos demônios (1 Co 10.19-20).

106.38 O sacrifício de crianças inocentes fazia parte dos horrores do ritual pagão.

106.39 *Se prostituíram*. A Bíblia usa a expressão para denotar a infidelidade religiosa, especialmente porque a idolatria em Canaã baseava-se nesse vício e porque a Igreja é esposa de Cristo (Ap 19.1-10). Compare os três primeiros capítulos de Oséias.

106.43 *Muitos vezes*. A história dos Juízes, resumida em Jz 2.16-23.

106.44 *Olhou*. O olhar de Deus inclui conhecimento do nosso íntimo, compaixão e intercessão pelas nossas fraquezas (Lc 22.61-62; 1 Jo 2.1, 2).

106.45 *Aliança*. Depois de tudo o que o povo fez não há mais esperança na retidão humana, mas sim só nas firmes promessas de Deus.

106.46 *Compaixão*. Deus levantara até pagãos para cuidar do Seu povo no cativeiro, fossem babilônios, 2 Rs 25.27-30, ou persas, Ed 6.1-12.

106.47 *Salva-nos*. A oração feita depois de expor a situação.

106.48 *Bendito*. Ações de graças de quem já fez a oração na fé. • **N. Hom.** O salmo se divide em: Oração (1-6); recordação dos atos de Deus (7-12); as peregrinações de desobediência (13-23); a apostasia mesmo em vista do cumprimento das promessas (24-31); rebelião perpétua na Terra Prometida (32-42); a misericórdia de Deus (43-46), e outra oração com ações de graças (47-48).

107.1-43 A eterna misericórdia de Deus se revela em cada transe da vida.

107.1 Anuncia-se o tema do salmo, a misericórdia de Deus.

107.2,3 *Remidos*. O povo de Deus resgatado: 1) Da escravidão no Egito; 2) Do cativeiro

em Babilônia; e 3) Do pecado no coração da escravidão de Satanás, da qual Jesus Cristo nos redime.

107.4-9 *Andaram*. Um verbo impessoal que se refere a todos os viajantes perdidos no deserto que apelam para Deus e se vêem livres da angústia. A ordem em cada divisão do salmo é: Aflição (4-5), Oração (v. 6), Salvação (7) e a Recordação da situação (9).

107.10-16 Este trecho descreve os encarcerados, os condenados à punição.

107.11 Ser malfeitor não é somente ofender o poderio civil, esperando por isso seu julgamento, senão também ofensa à Palavra de Deus (Rm 13.1-7).

107.13 Note-se que apenas há uma pequena vírgula entre a "Clamar ao Senhor" e a libertação (cf. 6).

107.14 A resposta divina sempre está plenamente à altura da necessidade humana. A miséria e a doença fatal são lançadas fora juntamente com os grilhões físicos.

107.17-22 Aqui se trata do doente (18); a descrição da doença é precedida por um diagnóstico da causa: uma aflição causada por uma vida "estulta".

107.20 A Palavra de Deus traz perdão, consolo e restauração ao mesmo tempo. Deus abroga a punição mortal que era preparada para o pecador, quando este se arrepende.

107.22 *Sacrifícios*. O ato de dar graças a Deus é um verdadeiro sacrifício do próprio eu (cf. 51.17), seguido pelo testemunho público da bondade de Deus (At 3.8).

107.23-32 Uma descrição pormenorizada da angústia dos marinheiros na tempestade (cf. Jn 1 e 2; At 27.9-44).

107.24 *Obras*. Os que ficam longe da habitação segura, seja no mar, no deserto ou nas montanhas, devem ter um espírito de reverência para com o poder do Criador.

107.25 Deus, cuja voz controla as tempestades (Sl 29) dá a mesma autoridade a Seu Filho (Mc 5.35-41).

107.26,27 A descrição do movimento do barco no meio das ondas, com a tontura e o enjôo que vêm juntos.

107.32 Os viajantes dão testemunho oficial das aventuras pelas quais passaram.

107.33-41 Uma descrição geral da soberania de Deus em guiar os humanos.

107.33 Esta é a punição que Deus reserva aos idólatras (Is 42.15-17).

107.34 Comp. a punição descrita em Gn 19.23-29.

107.35 Este é o galardão dos remidos de Deus (Is 35.6, 7; 41.18).

107.40,41 Comp. Lc 1.52-53, "Derrubou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos", que descreve a maneira como Jesus veio a este mundo e as implicações dessa vida.

107.42 O homem de Deus se alegra em ver a revelação da justiça divina na terra, enquanto o ímpio fica envergonhado e calado.

107.43 O sábio presta atenção a todos estes acontecimentos, que também servem como uma descrição de Israel, e vê neles a misericórdia divina. • **N. Hom.** Para ter urna visão da misericórdia de Deus, examinem-se as quatro circunstâncias humanas mencionadas neste salmo: o viajante perdido (4-9), o encarcerado (10-16), o doente (17.22) e o atormentado em alto-mar (23-32); tire-se de cada circunstância material para as cinco divisões mencionadas no comentário, de vv. 4-9; a aflição, a oração, a gratidão, e a recordação de todo.

108.1-13 Este salmo é composto de um trecho do Sl 57, escrito quando Davi era um fugitivo de Saul, e um trecho do Sl 60, escrito quando os exércitos de Davi foram ameaçados pelos sírios. Só as partes finais, contendo mensagens de fé, esperança e vitória foram escolhidas para esta composição triunfante.

108.1 *Firme está o meu coração*. Uma expressão que indica fé firme e inabalável.

108.4 *Acima dos céus*. A misericórdia de Deus não pode ser medida nem em tempo nem em espaço.

108.5 *Ó Deus*. A natureza de Deus é descrita com a mesma frase que descreve Sua

misericórdia, que faz parte integrante dos Seus atributos (1 Jo 4.16).

108.6 A revelação de Deus traz libertação para o Seu povo e salvação pelo Seu divino poder (*destra*).

108.7,8 A soberania de Deus sobre Sua herança amada: os nomes são tribos e cidades do povo de Israel.

108.9 A soberania de Deus sobre Seus inimigos: as nações que atacavam o povo de Israel são consideradas por Deus como objetos domésticos de serviço humilde.

108.10-12 A oração de Davi; antes das suas vitórias contra Edom (2 Sm 8.13, 14).

109.1-31 Duas medidas de justiça: uma de julgamento dos que rejeitam o caminho de Deus (6-20) e uma de misericórdia para os que se entregam nas mãos de Deus (21-31).

109.1-5 Davi descreve sua situação angustiosíssima.

109.1 *Do meu louvor*. O Deus com o qual Davi está identificado e vive em contato íntimo por meio de louvor.

109.3 *Sem causa*. Isto é típico do sofrimento de Cristo (Jo 15.25).

109.5 É o cúmulo do pecador não arrependido, o pagar o bem com o mal. É isto que levou os homens a rejeitarem Cristo, a odiarem o Amor Eterno, crucificando o Príncipe da Vida. E por isso que um servo de Deus pode proferir as palavras de condenação absoluta que se acham nos vv. 6-20.

109.6-20 Existe uma teoria que estes versículos são o resumo do que os inimigos está o dizendo contra Davi.

109.6 *Ímpio*. Um juiz sem dó nem piedade.

109.7 *Sua oração*. A oração do injusto não é feita em nome de Jesus, até o melhor ato que ele pode fazer é pecar, pois, sem Cristo, escolheu a medida de condenação descrita nestes versículos.

109.8 O apóstolo Pedro compreendeu que estas palavras de condenação se referem ao traidor Judas Iscariotes (At 1.20).

109.12 *Misericórdia*. Esta é a medida que o ímpio escolheu, pois não quis ser misericordioso (1-6).

109.13-15 A punição plena cairá sobre a família do ímpio até que não haja mais posteridade.

109.16-19 O motivo das punições: o pecador impenitente se cerca de trevas e, portanto, foge da luz (Jo 3.18-21).

109.20 *Da parte do Senhor*. O que precede (6-19) é considerado como uma revelação da justiça divina (Rm 1.18-32; 2 Ts 1.4-9).

109.21-31 Esta súplica pela proteção de Deus baseia-se em Sua misericórdia (21), na qual Deus se revela aos fiéis de maneira rejeitada pelos ímpios. O único "merecimento" que Davi pleiteia é sua própria necessidade (22) e transitoriedade (23).

109.25 *Meneiam a cabeça*. Sinal de profundo desprezo dirigido a Jesus, que o suportou na cruz.

109.27 Tanto a punição do ímpio como a vindicação do crente são uma demonstração pública dos retos caminhos de Deus.

109.29 *Túnica*. O caráter do íntimo do coração será tão aparente como a roupa exterior.

110.1-7 Os atributos eternos de Cristo.

110.1 *Ao meu senhor*. Todas as referências no Novo Testamento mostram que a segunda expressão "senhor" é o título divino que Davi atribui ao Filho de Deus. *Direita*. Posição da plenitude de honra e poder.

110.3 O Rei vai ter um exército de voluntários, revestidos de santidade. É o exército de Jesus, cujo reino não é deste mundo e cujos servos usam armas não carnis (Jo 18.36; Ef 6.10-18).

110.4 O Messias é Sacerdote além de ser Rei. Este sacerdócio baseia-se nas promessas irrevogáveis de Deus. *Melquisedeque*. O Rei e Sacerdote de Jerusalém, não consagrado pela ordem dos descendentes de Abraão, nem fazendo parte da história de Israel, mas

surgiu com plena autoridade da parte e Deus (cf. Hb 7.11-22).

110.6 A vitória total do Senhor numa escala mundial (cf. Ap 19.11-21).

110.7 As forças da natureza cooperam para ajudar o vitorioso Salvador. • **N. Hom.** Mateus 22.41-46 nos dá o ensinamento de Jesus sobre o salmo: foi escrito pela mão do rei Davi, pela inspiração do Espírito Santo e se refere ao Messias, Cristo, que, na natureza humana, é descendente de Davi, e na natureza divina é Senhor e Deus, e que finalmente julgará todas as nações.

111.1-10 No hebraico original, este salmo é uma poesia acróstica - a ordem dos pensamentos é mais alfabética do que lógica.

111.2 Precisa-se ter prazer nas coisas de Deus para saber contemplá-las na eternidade.

111.3 As obras de Deus revelam Seu caráter e atributos (cf. Sl 19.1-4).

111.4 *Misericordioso*: Esta qualidade de Deus é o que garante a existência do homem (130.3-4; cf. 2 Pe 3.9).

111.7 *Obras*. As coisas mais sólidas que Deus criou são as virtudes eternas, e Seus próprios preceitos.

111.8 A eternidade dos preceitos de Deus (119.89-90).

111.9 *Aliança*. As eternas promessas da redenção dos que temem a Deus mencionadas nos vv. 5 e 6.

111.10 *Temor*. Pôr Deus no trono da vida é a essência da sabedoria (cf. 2 Co 7.1).

112.1-10 Esta poesia acróstica descreve os caminhos do homem de Deus; e faz um par com o salmo 111, que descreve os caminhos de Deus.

112.1-3 Aquele que põe sua alegria na vontade de Deus recebe também alegrias humanas, que não espera (1 Rs 3.10-14; Mt 6.31-33).

112.4 *Luz nas trevas*. Para aqueles que pertencem a Deus, as próprias circunstâncias difíceis são fontes de iluminação, consolo e força.

112.5 *Juízo*. Quem serve a lei de Deus, que tudo vê, já não teme inquéritos humanos.

112.7 *Más notícias*. O ditado popular diz: "Quem não deve não teme". Realmente, o homem bondoso não vive em sobressaltos. Além disso, sua esperança está firmada tão somente no Deus eterno; portanto, as notícias de algum acontecimento terrestre não o podem abalar.

112.9 Assim como as árvores são podadas para darem mais flores e frutos, assim também cresce aquele que dá com generosidade.

113.1-3 *O Nome*. É a natureza revelada de Deus.

113.1 *Servos de Senhor*. Todos aqueles que aceitam a chamada de Deus; "Estes ainda são teus servos e o teu povo que resgataste com teu grande poder e com tua mão poderosa" é a oração de Ne 1.10 em favor do povo.

113.3 Do oriente ao ocidente no mundo inteiro.

113.5,6 Deus transcendental e imanente; está separado de nós na Sua justiça e santidade, e está ao nosso lado em amor e em compaixão. • **N. Hom.** Esta verdade se encarna na Pessoa de Cristo (Hb 67-10) e nos mostra como Jesus Cristo Se submeteu a conhecer todas as nossas angústias, embora fosse o próprio Filho da Eterno Deus, para poder ser o Autor da nossa eterna salvação reconciliando os homens com Deus, 2 Co 5.18.

113.7 A glória de Deus também se revela na Sua ternura para com os necessitados, e nenhum dos quais sofre sem Ele ver.

113.8 *Ao lado dos príncipes*. Os que são salvos por Cristo renascem para fazer parte de um povo de príncipes (1 Pe 2.9).

114.1-8 Alusões aos milagres que Deus operara ao tirar Seu povo do cativeiro.

114.1,2 Aqueles que Deus resgatou se tornam um povo santificado - *santuário* - e uma nação particularmente Sua - *domínio*. Estes privilégios são da Igreja salva por Cristo (1 Pe 2.9).

114.3,4 A natureza inanimada reconhece a glória de Deus. Veja as referências bíblicas na margem ao lado do texto acima.

114.6 *Montes*. Uma referência aos terremotos no monte Sinai, quando Deus revelou, Sua Lei ao povo resgatado (Êx 18-19).

115.1-18 Deus é invisível, porém Todo-Poderoso e ativo; na terra os ídolos dos pagãos são bem visíveis, mas não têm poder algum.

115.1 O verdadeiro crente não está buscando proveito próprio nas suas relações com Deus, mas quer que somente a Deus seja dada a glória.

115.5,6 Os ídolos são fabricados de modo a terem a aparência do homem racional.

115.8 A futilidade dos que confiam na criação em vez do Criador (Rm 1.23).

115.10 *Casa de Arão*. Os descendentes do primeiro sumo sacerdote, que tinham todas as incumbências sacerdotais.

115.11 *Os que temem o Senhor*. Nenhuma descendência física (9) e nenhuma ordenação sacerdotal (10) é suficiente para uma pessoa pertencer a este último grupo, que adora a Deus em espírito e em verdade (cf. Jo 4.24).

115.12,13 Os mesmos três grupos que confiam no Senhor são convidados a receberem Suas bênçãos.

115.14,15 As bênçãos de Deus são bênçãos sobrenaturais, do próprio Criador.

115.16 *Terra*. A esfera na qual agimos é física, limitada.

115.17 *Mortos*. Há varias expressões no Antigo Testamento de pessoa que desejam uma vida segura, a fim de poderem ser testemunhas da bondade de Deus.

116.1-19 No meio de um grupo de salmos que convida todos a louvar a Deus, aparece um testemunho individual; por isso, todos os que realmente participam de um culto público têm de crer individualmente.

116.1 Sabemos amar a Deus porque Ele primeiro mostrou Seu amor para conosco (Rm 5.8).

116.2 O Deus que atende é o Deus que merece ser invocado (1 Rs 18.24). • **N. Hom.** As expressões no v. 3 encerram a totalidade do sofrimento humano, tanto físico como mental e espiritual. Ninguém, angustiado, pode entender mal a experiência do salmista, nem menosprezar a solução que se acha no v. 4, quando levanta sua súplica perante o Senhor, e nos vv. 5 e 6, quando recebe as respostas que mostram a misericórdia de Deus, que quer levantar os decaídos Por isso o crente, pode se exortar a si mesmo a voltar à paz com Deus (7), lembrando-se, com um brado de triunfo, que Deus resgatou cada aspecto da Sua vida, segundo Suas necessidades (8).

116.9 *Andarei*. É o viver em comunhão com Deus (Gn 5.22; 17.1).

116.10,11 Recebendo amargura na terra, das mãos dos homens, o crente não vê motivo para deixar de crer em Deus.

116.13 *Cálice da salvação*. O copo de vinho, que faz parte da celebração da Páscoa que, por sua vez, relembra o dia no qual os israelitas foram salvos da escravidão no Egito para o crente é também o dia em que Cristo nos salvou da escravidão pela Sua morte expiatória na cruz.

116.15 Para nós, a morte parece ser uma tragédia; para Deus, é mais do que a promoção de um dos Seus servos para a glória eterna (Fp 14.21).

117.1,2 Este salmo, o mais curto capítulo da Bíblia, retoma a palavra "Aleluia", que é o desfecho do salmo 116, e aplica aquela conclusão individual à raça humana inteira, convidando todos a participarem das experiências ali narradas.

118.1-29 Uma canção para o povo, durante suas procissões solenes para a casa de Deus, cantada responsivamente.

118.2-4 Os três grupos dos fiéis (cf. 115.9-11).

118.5-9 O testemunho pessoal de alguém que provou a salvação de Deus (5), que sente Sua presença real (6, 7) e, portanto, está em condições de dar ensinamentos consoladores para o povo (8, 9).

118.10-14 O testemunho nacional de um povo que sempre era ameaçado pelas nações vizinhas, mas que sempre (11, 12 e 13) recebeu a intervenção de Deus na hora do perigo e, portanto, pode cantar sobre a Salvação de Deus (14).

118.15-18 O testemunho coletivo dos que habitam na casa de Deus (15), que sabem que estão caminhando para a vida eterna (17) porque conhecem a intervenção de Deus nas suas vidas, tanto em atos grandiosos de livramento (16), como no castigo que Ele lhes aplica para conservar a alma do crente (18).

118.19-21 Agora o cortejo está se aproximando da porta do templo. O templo é o símbolo físico da presença real de Deus, na qual se entra revestido com a justiça que Cristo, o Salvador, atribui a nós.

118.22,23 O povo de Israel, desprezado pelos impérios, por ser uma nação pequena, é pelos filósofos, por ser um povo de mente fechada, é a parte mais gloriosa do edifício das realidades espirituais. Assim também Cristo, perseguido pelos líderes religiosos (os fariseus) e pelos líderes civis (os oficiais romanos), é o Filho do Eterno Deus. No Novo Testamento, este trecho é aplicado a Cristo como o centro do novo Templo de Deus, a Igreja real (cf. as passagens na margem lateral acima).

118.24 Um dia de festa religiosa, talvez o dia em que se celebra a restauração do templo em Jerusalém. Quem segue a Cristo pode guardar este versículo como tema perpétuo da vida todos os dias. Referência à ressurreição de Cristo, o dia por excelência feito por Deus; "regozijemo-nos nele".

118.25,26 A prece do povo;(25) com a resposta dos sacerdotes (26).

118.27-29 A festa religiosa tem sinais externos,(27) e internos (28) da gratidão a Deus. O salmo se encerra tal como começou (29).

119.1-176 A maneira de encarar os ensinamentos de Deus. O salmo é acróstico, isto é, cada grupo de 8 versículos segue uma letra do alfabeto hebraico.

119.1 *Bem-aventurados*. Jesus dá a plenitude do significado destas palavras em Mt 5.1-12.

119.2 *O buscam*. O sentido da leitura da Bíblia é uma sincera procura de uma revelação vinda diretamente de Deus.

119.5 O salmista deseja uma vida pura a fim de obedecer à Palavra de Deus, e obedece à palavra a fim de ter uma vida pura.

119.6 A consciência limpa é a herança dos servos de Deus.

119.7 A gratidão não é a virtude até que Deus lhe dê conteúdo real.

BETH vv. 119.9-16. Para a mocidade moderna: uma pergunta vital e uma resposta infalível.

119.11 *No coração*. Refere-se tanto ao decorar certos versículos da Bíblia para servir-nos de arma mortal, na hora da tentação, como ao deixar o significado da Bíblia penetrar no subconsciente, moldando a personalidade.

119.14 Isto é uma experiência real e autêntica.

GIMEL vv. 119.17-24. Nossa vida, aqui e na eternidade, e nossa capacidade para avirtude (o observar a Palavra de Deus) dependem tão somente da generosidade de Deus, a graça divina que nos habilita.

119.18 Esta oração deve ser repetida com fé e com fervor, cada vez que abrimos a Bíblia.

119.19 Quem reconhece que esta vida terrestre tem seu fim almeja coisas eternas e reais - os juízos e as promessas de Deus.

119.21 A soberba é raiz do pecado; é o endeusar o próprio eu. Define o pecado, que é um desvio da vontade de Deus revelada.

119.23 *Assentaram-se*. Tomaram seu lugar na tribuna e resolveram sentenciar o réu.

119.24 *Conselheiros*. Por que é que tantas pessoas que têm uma Bíblia em casa procuram conselhos e consolo dos homens, nos assuntos religiosos?

DALETH vv. 119.25-32. Cf. v. 26, um ingrediente básico da oração é expor perante Deus os nossos "caminhos", a nossa maneira de viver, para compreender os "decretos" de

Deus.

119.27 Atinar. Não só compreender, amar e obedecer à Palavra de Deus, mas também estar totalmente integrado na vida por Ele ordenada (Jo 15.14).

119.29 Ter uma palavra divina considerava-se de grande valor. Nossa atitude natural pende para rebelarmo-nos contra qualquer lei, como uma imposição contrária aos nossos interesses reais.

119.30 A vida religiosa tem por princípio uma escolha deliberada, uma decisão irrevogável (cf. Ez 18.27, 28).

119.32 A alegria, que se baseia na salvação de Deus, é uma força vital que nos possibilita uma vida segundo a vontade revelada de Deus (Jr 9.23-24).

HE vv. 119.33-40. Entre outras petições, o v. 34 traz o pedido máximo do rei Salomão (1 Rs 3.6-15).

119.35 Me comprazo. Só uma pessoa convertida pode compreender a alegria inefável de obedecer à Palavra de Deus (cf. 1 Co 9.19-23).

119.36 Cobiça. É o pecado que levou Eva e Adão a prejudicarem o povo de Deus, pela desobediência total à vontade divina declarada (Gn 3.1-7; Js 7.1-12; Tg 1.13-15).

119.37 Vaidade. Junto com a cobiça (36) e com a vida dos soberbos (21), a vaidade forma o pecado da soberba, que é a luta renhida do próprio "eu" contra Deus.

119.38 Promessa. A aliança de Deus, descrita no salmo 89.26-37, e cumprida em Cristo.

119.39 Opróbrio. O crente tem medo de dar mau testemunho.

VAV vv. 119.41-48. O salmista suplica a Deus que Sua misericórdia e Sua Palavra sejam bênçãos sempre presentes em sua vida.

119.42 Aquele que anda perto de Deus não fica envergonhado pelos insultos dos homens (cf. 1 Pe 2.6; 3.14, 15).

119.45 Largueza. É um erro grave pensar que aqueles que obedecem à Palavra de Deus têm a mente estreita e a vida fechada. Em Cristo gozamos a plenitude da liberdade (Gl 5.1).

119.46 A dignidade do homem não é tão importante ao ponto de fazer o crente ter vergonha da Palavra (At 4.19-20).

119.47 A Palavra de Deus permanece um mistério para os que não a vêem com amor, Jo 7.17 mostra que recebemos o verdadeiro conhecimento só após desejar fazer a vontade de Deus.

ZAYIN vv. 119.49-56. No v. 49, temos mais um apelo à promessa irrevogável de Deus, sobre a qual o mais miserável pecador pode estribar-se (cf. Hb 6.12).

119.50 A consolação do crente é que a Palavra de Deus lhe torna a morte em vida (Ef 2.1; 1 Pe 1.23).

119.51 A zombaria é um poderoso instrumento de Satanás para desviar o crente da vida em Cristo (cf. At 17.18).

119.52 Lembro-me. Uma boa parte dos salmos se dedica a confortar o justo através da lembrança do que Deus tem feito no passado.

119.53 Além de amar a justiça, o crente verídico odeia o pecado.

119.54 Peregrinação. A vida terrestre é reconhecida como breve morada, numa tenda frágil - 2 Co 5.1-4 - mas para quem anda no plano de Deus a vida é um perpétuo hino de vitória e de louvor (2 Co 2.14).

HETH vv. 119.57-64. Porção (57). Deus (Jeová) Se dá ao crente na pessoa de Cristo, para ser nossa herança (1 Pe 3.4).

119.59 A Palavra de Deus é como um espelho no qual podemos ver se nossa própria vida, está em ordem Tg 1.23-25.

119.62 Se tivéssemos o fervor de interrompermos até nosso sono para o ato de ações de graças a Deus, esta atitude de gratidão encheria o mundo de um otimismo dinâmico e edificante.

119.63 Companheiro. Os fiéis sempre são convidados, a unirem-se na fraternidade da

adoração coletiva e para exortarem mutuamente a servir a Deus na vida de todos os dias.

119.64 O universo proclama a bondade de Deus, mas sua mensagem não pode ser assimilada sem a revelação direta de Deus, pela Sua Palavra.

TETH vv. 119.65-72. O testemunho do crente que aplicou a Palavra de Deus à sua própria vida, reconhecendo o cumprimento de Deus (65).

119.66 A fé nos mandamentos de Deus nos leva à verdadeira sabedoria.

119.67 A aflição pode ser a mensagem de Deus para nos humilhar e nos levar a abraçar a Palavra de Deus.

119.68 Os decretos de Deus são a expressão da Sua bondade.

119.71 Com gratidão e alegria o crente repete a verdade externada no v. 67.

119.72 A ambição do justo é possuir os valores eternos (cf. Mt 6.19-21).

YODE vv. 119.73-80. Aquele que nos criou é Aquele que tem autoridade para nos moldar e guiar pela Sua vontade revelada na Bíblia (73).

119.74 A alegria dos crentes é ver um irmão que vive pela fé.

119.75 *Fidelidade.* Deus aflige e castiga para o bem daqueles que realmente são Seus filhos (51.4, 2Co 7.10; Hb 12.4-11).

119.79 Há uma comunhão entre os que amam a Palavra de Deus (cf. At 2.42).

KAFE vv. 119.81-88. Fisicamente ressequido e inútil, o crente sabe que os decretos de Deus lhe prometem a vida em abundância (83; Hb 2.11-12; Jo 10.10).

119.85 Os fariseus, contra a lei, queriam abrir uma cova para Jesus, achando falsas testemunhas, para declarar que Ele tinha quebrado a lei (Mc 12.13).

119.86 Quando a causa é justa, é oportuno pedir a ajuda de Deus.

119.88 O crente quer uma vida poderosa, saudável e alegre, para estar em melhores condições de servir a Deus.

LAMEDE vv. 119.89-104. A Palavra de Deus é inabalável no decorrer do tempo e do espaço, porque é garantida por Aquele que é o Criador, (fundaste) e o Sustentador (ao teu dispor) de todas as coisas (89-91). • **N Nom.** O sentido da palavra hebraica traduzida por "Lei" é "o causar a ser discípulo", a "Palavra" contém o sentido de "ato", "fato" e "objeto". Por isso compreendemos que o salmista está contando coisas profundas e eternas.

119.92-94 A Palavra de Deus na vida particular reveste crente com prazer ao invés de angústia, protege (92), vivifica (93) e salva (94).

119.96 O sonho dos filósofos em achar o absoluto, que contém a perfeição e o infinito, só acha seu cumprimento nos mandamentos de Deus.

MEM vv. 119.97-104. Feliz é o homem que pode repetir esta seção com fé - é um sinal seguro de que já passou da morte para a vida eterna.

119.97 A verdadeira vida devocional: amar a Lei de Deus e meditar nela. Todo o *dia*, no sentido de vivê-la na lida quotidiana.

119.98-100 A verdadeira sabedoria: guardar os preceitos de Deus e meditar nos Seus testemunhos.

119.101-104 A verdadeira moralidade: separar-se do mal para se apegar à Palavra de Deus, saborear a Palavra é detestar a falsidade.

119.102 *Ensinas.* Is 50.4-5 mostra como Deus ensina Seus discípulos ("eruditos").

NUM vv. 119.106-112. A Palavra de Deus é um guia certo tanto para o comportamento diário para formar idéias e ideais, como para conduzir à glória (105).

119.107 Na aflição, o justo recorre diretamente à Palavra de Deus. Em tais horas, vai verificar que o conselho humano complica ao invés de ajudar.

119.108 *Oferendo.* O sacrifício de louvor e ações de graças, que é mais valioso do que qualquer objeto material, sendo o sacrifício do próprio "eu", feito com toda a espontaneidade da gratidão (Hb 13.15).

119.109 Os grandes perigos forçam as pessoas a se esquecerem de tudo o que não tem importância real. A Palavra de Deus permanece quando as maiores glórias da humanidade voltam ao pó (Is 40.6-8).

119.110 O mundo tem um gozo especial se conseguir fazer o justo pecar. Isto é obra do diabo (1 Pe 5.8-9).

119.111 *Legado*. Ter comunhão corri Deus mediante Sua vontade revelada é a herança do justo e o penhor da vida eterna.

119.117 A capacidade de viver segundo os decretos de Deus não pode preceder a salvação, que depende do sustento de Deus (cf. Rm 7).

119.119 *Escória*. A rejeição dos malignos é como passar ouro pelo fogo - o ouro fica mais puro e a escória é separada (cf. Mt 13.24-30, 36-43).

AYIN vv. 119.121-128. *Fiador* (122). O amigo que nos protege e paga o preço das nossas maldades, assim como Jesus faz para o crente (cf. 1 Jo 2.1, 2).

119.124 A medida de justiça que o crente pede é a graça, o favor não merecido.

119.126 *Intervires*. Os profetas sempre falavam do dia do Senhor, no qual Sua justiça seria publicamente vindicada (cf. Ap 6.16, 17).

119.127 A piedade vale mais que a ambição humana, contendo a promessa de uma vida em abundância na terra e no céu (1 Tm 4.8).

PÊ vv. 119.129-136. *Simples* (130). Aos que se submeteram ao Senhor, os humildes, os ignorantes, os simples, enfim, têm as fiéis promessas de Deus de que Ele os guiará pela mão, Jesus falava por parábolas e as crianças O entendiam (cf. Lc 18.17).

119.133 Uma vida guiada pela Palavra de Deus goza a libertação do pecado.

119.134 A opinião negativa dos seres humanos ao nosso redor é um dos piores obstáculos à realização de uma vida segundo os preceitos de Deus.

119.135 *Resplandecer*. Se contemplarmos na fé a natureza de Deus, seremos transformados para viver segundo a Sua vontade (cf. 2 Co 3.18).

TSADE vv. 1 19.137-144. *Fidelidade* (138). Deus é absolutamente fiel às promessas reveladas na Sua Palavra (Hb 6.17-19).

119.139 *Zelo*. O zelo pela casa de Deus é que levou Jesus a enfrentar os fariseus e a ser por eles sacrificado (Jo 2.13-22). O zelo pela pureza da Igreja era a fadiga mais pesada que o apóstolo Paulo suportava (2 Co 11.28-29).

119.141 *Pequeno*. Davi era pequeno em estatura e em experiência de guerra mas venceu a Golias no duelo, porque veio escudado nos preceitos de Deus e em nome do Senhor (1 Sm 17.41-51).

119.142 Aqui na terra podemos ser guiados por uma medida de justiça, que é honrada nos Céus, e conhecer a própria verdade, abraçando a toda a mensagem da Palavra de Deus.

119.143 Bem-aventurado aquele que sabe recorrer à verdadeira fonte de prazer, na hora da angústia, pois permanecerá firme nos dias de tribulação e de julgamento.

119.144 A aceitação dos testemunhos de Deus, que apontam para o Seu Filho, conduz à vida eterna (1 Pe 1.11, 12, 23).

KOFE vv. 119.145-152. A única fonte da ética e a moralidade é a lei de Deus (150).

119.151 A infalibilidade da Palavra de Deus não é novidade (cf. Jo 10.35).

RESH vv. 119.153-160. Quem abraça a revelação de Deus (lei), está em condições de falar com Ele (153). Quem conhece a Jesus sabe que toda petição em Seu nome será atendida, Jo 14.13.

119.155 Se os ímpios rejeitam a mensagem salvadora na Bíblia, perderão a oportunidade do arrependimento e do perdão (2 Co 6.2).

119.160 *O princípio*. No princípio do universo só a palavra que Deus proferiu era o suficiente para que tudo fosse criado (Gn 1.3, 6, 9, etc.). A verdade da Palavra de Deus tem seu paralelo na estrutura do universo (Hb 1.3).

SHIN vv. 119.161-168. *Despojos* (162). Descobrir a vontade divina para as nossas vidas é melhor do que achar mina de ouro.

119.163 *Mentira*. A falsidade está em guerra contra o Deus verdadeiro.

119.164 Se nosso dia fosse assim pontuado com ações de graças, compreenderíamos

melhor a natureza da comunhão com Deus (cf. 3.16, 17).

119.165 Esta paz e segurança pertencem àqueles que colocam seu amor nas coisas eternas.

119.168 *Presença*. O homem que desenvolve o hábito de estar sempre consciente da presença real de Deus transforma isto em grande conforto e santificação na vida diária (cf. Mt 28.20).

TAU vv. 119.169-176. *Entendimento* (169). Deus tinha prometido ao Seu povo que Ele mesmo ensinaria, e nesta palavra o salmista confia (Is 54.13).

119.170 *Livra-me*. A petição peja salvação também se justifica nas promessas de Deus reveladas na Sua Palavra.

119.171,172 Possuir ensinamentos de Deus é o maior gozo do crente, a melhor herança que tem nesta vida, um assunto perpétuo de hinos de louvor e de gratidão.

119.173 *Escolhi*. Quem se submeteu a Deus pode pedir que Sua mão venha interferir na sua vida, seja para socorrer, seja para corrigir.

119.176 Esta oração final tem sua resposta cabal na pessoa do Senhor Jesus Cristo, o Bem pastor que dá a Sua vida pelas ovelhas (Jo 10.1-18; cf. Lc 15.4-7).

Os Salmos 120-134 são intitulados "Cântico de Romagem". São breves concentrações, de variadíssimos assuntos religiosos, de maneira que a coleção forma um "Hinário de Bolso" para ser decorado e cantado durante os afazeres diários e, possivelmente, nas romagens para Jerusalém em ocasião de festa.

120.2 Ser vítima da maledicência é uma das aflições amargas que se nos podem acometer. O filho de Deus é advertido contra a maledicência repetidas vezes (cf. Ef 4.31; 5.4; 1 Pe 2.1).

120.4 *Zimbro*. Uma árvore que produz um fogo ardente, duradouro.

120.5 *Meseque... Quedar*. Duas regiões de povos nômades e incivilizados, que não quiseram permitir aos israelitas restaurarem Jerusalém.

121.1-8 A vigilância perpétua de Deus sobre aqueles que se inclinam para Ele. É um grande apelo para confiarmos em Deus em todas as circunstâncias.

121.1 *Os montes*. O culto idólatra dos baalins realizava-se nos "lugares altos". Não dos montes, mas de Jeová, vem o auxílio de Deus ao fiel.

121.5 É a promessa divina feita a Jacó (Gn 28.15).

121.6 *A lua*. Talvez se refira às febres e as friagens produzidas pelas neblinas noturnas "regidas" pela lua (Gn 1.16). • **N. Hom.** Deus quer guardar os fiéis: 1) Constantemente (4); 2) Pessoalmente (5); 3) Fisicamente (6); 4) Moralmente e 5) Espiritualmente, (7); 6) Em todas as suas ações e 7) Por toda a eternidade (8).

122.1-9 Uma romagem para a cidade de Jerusalém e o Templo.

122.2 *Pararam*. A chegada dos peregrinos.

122.3 *Compacto*. Quando o povo de Deus estava no cativeiro, Jerusalém existia, porém quase sem moradias; quando da restauração, foi reconstruída palmo a palmo.

122.4 Freqüenta-se o culto divino não somente para pedir bênçãos, mas também para exprimir nossa espontânea gratidão por tudo que vem de Deus (Sl 116.12).

122.6-8 *Paz*. Esta palavra no uso bíblico quer dizer "perfeição", "plenitude", "contemplação" e "saúde", isto é, uma paz dinâmica e frutífera.

123.2 A atitude de comunhão ininterrupta com Deus, de dependência.

123.3,4 *Desprezo*. Um cios sofrimentos mais cruéis que um homem pode sofrer é ser injustamente desprezado pelos seus semelhantes. A referência histórica à zombaria da qual o povo foi salvo, quando começou a reconstruir os muros de Jerusalém se acha em Ne 2.19 e 4.1-9. A campanha de maledicência é descrita em Ne 6.

124.1-8 Um salmo da recordação dos benefícios recebidos de Deus.

124.1-3 Uma referência poética às várias ocasiões na história de Israel, nas quais o povo quase sucumbira às ameaças fatais.

124.4,5 *Águas*. As grandes civilizações pagãs, os impérios do Egito, Assíria e Babilônia

sempre ameaçavam inundar o povo de Deus com seus exércitos e também com seus vis costumes.

124.6,7 A preservação nacional do povo de Deus era considerada uma prova e um antegozo da salvação eterna. *Laço*. O laço do inferno é a tentação e inclinação para o pecado.

125.1,2 A firmeza e a segurança: da Cidade Santa inspira o salmista a cantar sobre a eterna confiança do crente (Gl 4.24-26).

125.3 *Cetro*. A autoridade, o poderio. Promete-se um governo civil que não força os homens a pecar (cf. Is 11.1-10).

125.4,5 Uma petição para que o sustento de Deus seja dado aos justos e uma separação aos desviados (cf. Jd 18, 19).

126.1-6 Um salmo de triunfo para restauração do povo de Deus, depois do cativeiro em Babilônia.

126.4 *Neguebe*. A parte sul de Israel que quase chega ao deserto do Sinai. A maior alegria para o viajante é encontrar ali uma torrente de água.

126.5,6 Quem vive com fé e em obediência, mesmo em meio a dificuldades há de ver resultados maravilhosos da sua obra. Isto nos lembra dos israelitas que não perderam a coragem no cativeiro.

127.1-5 O esforço humano dissipa-se Sem a orientação divina.

127.1 *Casa*. Davi quis construir a Casa de Deus, mas este privilégio fora reservado para seu filho Salomão (1 Cr 17.1-15).

127.2 *Amados*. O nome que Salomão recebeu era Jedidias "o amado do Senhor". *Enquanto dormem*. Salomão recebeu de Deus, numa visão em que lhe foram feitas promessas de sabedoria, riqueza e longevidade. A preocupação humana é infrutífera, sem a bênção de Deus.

127.3-5 Os filhos que nascem, quando o pai é jovem, serão heróis fortes e operosos.

128.1-6 A vida piedosa é proveitosa também aqui na terra (1 Tm 4.8), tanto no trabalho, como no lar, e na coletividade nacional.

128.1,2 O trabalho prospera quando feito no temor de Deus (127.1-2).

128.3 *Videira*. Uma fonte de alegria, se devidamente cuidada. *Oliveira*. A árvore da vitalidade.

128.5,6 Prosperidade nacional, na pacífica expansão da população.

128.5 *Desde Sião*. Desde o lugar onde se erguia o Templo central, desde o lugar no qual Jesus foi crucificado pelas nossas transgressões, desde a morada celestial de Deus (Hb 12.22-24).

129.1-8 A derrota dos perseguidores do povo de Deus.

129.2 *Mocidade*. O tempo de ser uma nova nação (cf. Os 11.1).

129.3 *Aradores*. A perseguição a Israel foi feita como se se tratasse de sulcar e revirar a terra inanimada.

129.4 *Cordas*. As imposições no cativeiro.

129.6,7 *Erva*. Não tendo terreno profundo, esta erva tem pouca duração (cf. Mc 4.5, 6). Assim é aquele que planeja contra a vontade de Deus.

129.8 *A bênção*. A saudação tradicional dirigida pelos transeuntes aos ceifeiros, e a resposta.

130.1-8 A oração e a esperança de cada israelita que passara pelo castigo do cativeiro.

130.1 *Profundezas*. Do meio do desespero, o crente eleva sua oração a Deus. • **N. Hom.** Ninguém é livre do pecado (3; Rm 3.23). Todos merecem, portanto, o castigo da morte eterna (Rm 6.23). Existe, portanto, o perdão divino para os que se convertem e o pedem (4). É a salvação que Jesus Cristo ganhou para nós (Rm 8.1; 1 Pe 1.18-21).

130.6 A angústia da sentinela contando os momentos até o fim da fadiga, da responsabilidade, do medo e a solidão.

130.7,8 Deus sempre foi conhecido em Israel como o Redentor (cf. Jo 19.25).

131.1,2 *Não é soberbo*. A humildade é a virtude pela qual se reconhece os defeitos, e o preparar necessário para e aceitar a ajuda de Deus; confessa seus pecados para receber o perdão, e obtém-se uma mente simples para ser dirigida pela sabedoria divina.

131.3 *Israel*. A lição aprendida na vida religiosa particular tem aplicação nacional a um povo.

132.1-18 Este salmo distingue-se dos outros "Cânticos de Romagem" por ser maior, e por dedicar-se aos temas da aliança feita com Davi, o tabernáculo e o trono.

132.1 *Provações*. As grandes fadigas em obter Jerusalém para ser a cidadela do Templo (2 Sm 5.6-8).

132.6,7 Parece ser a parte do salmo que o povo entoava depois da oração do líder do coro ou do sacerdote. *Efrata*. Velho nome de Belém, cidade de Davi, a região onde morava Abinadabe, com quem a arca ficou vinte anos (2 Sm 6.2-5).

132.10 A oração particular do rei "Teu ungido", que apela a Deus por amor de seu anteparado Davi, que era um homem segundo o coração de Deus. Assim também o crente ora em nome de Cristo, o Ungido, o modelo e predecessor de cada filho de Deus. Vv. 8-10 foram incorporados na oração dedicatória de Salomão (2 Cr 6.41, 42).

132.11 *Rebento*. Um descendente. A palavra aparece nos profetas para indicar o Messias que havia de vir (Is 11.1-5; Jr 23.5-6).

132.12 A aliança descrita no salmo 89.27-37.

132.13 *Sião*. Jerusalém (cf. 78.68). A preferência do Senhor é pessoal.

132.15 *Pobres*. A prosperidade da nação se avalia pelo conforto dos mais pobres.

132.16 *Salvação*. A roupa sacerdotal do servo de Deus não é uma toga preta, mas é a consciência de ser salvo pela graça do Senhor Jesus. Este encherá sua congregação de júbilo (cf. Ap 6.11; 7.9; 19.8). • **N. Hom.** A dedicação de Davi em servir ao Senhor (1-5). A recuperação da arca, cf. 2 Sm 6.1-19 (6-7). A oração que acompanhava os movimentos da arca (Nm 10.35 e 2 Cr 6.4; 8-10). A aliança que Deus fez com Davi naquela ocasião (11.12). Uma extensão, atualização e aplicação dessa aliança para a vida do povo de Deus (13-18).

133.1 A união que este salmo descreve depende tão-somente da união de cada irmão individualmente com o Senhor. Só esta união pode apresentar um testemunho eficiente perante o mundo, e uma atmosfera na qual, nessa, fé pode florescer (Jo 15.1-9, 17.20-25).

133.2 A unção do sacerdote (Arão) é sua vocação de conservar o povo na comunhão com Deus, portanto, na verdadeira e mútua união.

133.3 *Orvalho*. Naquelas regiões, o orvalho faz os campos florescerem e produzem boas ceifas.

134.1-3 Esta bênção encerra a coleção de "Cânticos de romagem" salmos 120 a 134.

134.1 *Servos*. Os levitas que tinham de fazer o serviço no Templo durante a noite (1 Cr 9.33).

134.2 *Erguei*. A posição de oração (cf. Êx 17.12).

135.1-21 O dever agradável de louvar a Deus baseia-se na revelação do poder e da bondade de Deus.

135.1,2 Aqueles que têm o privilégio de assistir na casa de Deus, devem saber louvá-lo dignamente, nas suas atitudes diárias.

135.3,4 Quem conhece, a bondade de Deus e foi chamado por Ele, tem motivos de sobra para lhe prestar louvor.

135.5-7 Outro motivo para louvar a Deus é Sua soberania revelada na Criação.

135.7 *Para a chuva*. Para acompanhar a chuva.

135.8-12 A soberania de Deus é revelada em amor: Salvou o Seu povo da escravidão e levou-o para Sua herança em Canaã.

135.11 *Seom... Ogue*. Dois inimigos do povo de Israel (Nm 21.21-35). Ambos quiseram servir de obstáculos para impedir a marcha vitoriosa para sua herança.

135.13,14 A natureza (*nome*) de Deus é eterna, e revela-se tanto na Sua justiça como no Seu amor que, na realidade, não são duas coisas separadas. Defender a justa causa do Seu povo, na escravidão, é um ato de amor, mas envolve a destruição dos perseguidores.

135.15-18 A natureza dos ídolos é inanimada e destituída de poder.

135.19-21 O convite para todos os fiéis.

135.19 *Israel..* Arão. Os mesmos grupos destacados em Sl 115.9-11; 118.2-4, junto com "os que temem ao Senhor" (20).

135.20 *Levi.* Aqui entra uma classe distinta de adoradores: os levitas que tinham de fazer os serviços do templo, sem ser sacerdotes, são descritos nos vv. 1 e 2 e no salmo 134.

135.21 *Sião.* Jerusalém era a centro da adoração no AT. Também foi ali que Cristo morreu e ressuscitou, motivo de louvor eterno dos crentes (Mq 4.2; Rm 10.4).

136.1-26 A palavra aqui traduzida "misericórdia" tem um significado mui profundo; é quase impossível traduzi-la adequadamente, porque descreve o âmago da natureza de Deus. É bondade, benignidade, amor, graça, favor, fidelidade e longanimidade. Só na pessoa de Jesus Cristo podemos compreender este amor persistente. Só pelo poder do Espírito Santo podemos deixar esta misericórdia crescer em nós (Gl 5.22-23). Neste salmo parece que a congregação tinha de cantar o coro com cada frase, anunciado pelos levitas. O histórico do salmo é quase igual ao conteúdo do salmo 135.

136.5 *Entendimento.* A existência do universo se atribui à sabedoria divina em Pv 3.19-20.

136.5-9 A história da criação é a demonstração que o Senhor é realmente Deus dos deuses e Senhor dos senhores. Tudo existe por Ele e para Ele (Rm 11.36).

136.10-25 A bondade de Deus é demonstrada quando Seu poder se emprega em atos de salvação.

136.10-15 Êxodo do Egito, com milagres, tanto da preservação dos fiéis, como da destruição dos perseguidores

136.12 *Mão... braço,* Maneiras de exprimir a intervenção enérgica de Deus.

136.16-22 Deus guia Seu povo pelo deserto e, em favor deles, destrói a nações pagãs entregando suas terras para ser a herança dos fiéis. Desse modo, Israel é mordomo de Deus; o Senhor impõe Seus estatutos sobre a nova nação.

136.21 *Terras.* Ficaram com as tribos de, Rúben, Gade e Manassés.

• **N. Hom. 136.23-25** O povo que Deus resgatou pode confiar Nele para animar os abatidos, libertar os cativos e garantir o indispensável para satisfazer as necessidades diárias. Assim reza também a promessa em Is 61.1-3; da qual Jesus é o cumprimento (Lc 4.16-21). O resumo dito se acha nestas palavras: "Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (Rm 8.32).

137.1-9 Este salmo descreve a tristeza do cativo em Babilônia e a traição dos povos vizinhos, que cooperam com a destruição de Jerusalém.

137.2 *Salgueiros.* Árvores das planícies úmidas e quentes em contraste com as montanhas rochosas de Jerusalém. *Harpas.* Instrumentos de canção alegre: não existem cânticos de gozo e muito menos hinos de júbilo, para o justo que vê a causa de Deus tratada como objeto de escárnio (3).

137.4 *O canto do Senhor.* Os hinos do Templo, "os cânticos de Sião", não são entoados quando o povo está sob castigo, no exílio.

137.5,6 O ser humano existe para glorificar a Deus e gozar de Sua presença eternamente. Se não correspondermos a esta vocação, não temos motivo de possuir mãos nem língua.

137.7 *Edom.* Inimigos tradicionais, de Israel que, depois dos Exércitos de Babilônia destruírem a cidade de Jerusalém, vieram procurar despojos e dar fim à Santa Cidade. Nota-se que a cidade de Jerusalém, aqui, se menciona como a cidade de Deus. Justamente aqueles que se esqueceram dela para se integrar na vida de Babilônia foram excluídos da restauração e perdidas para sempre da história do mundo.

138.1-8 Deus chama o simples pecador, renova sua vida e leva-o a um fim vitorioso, à vida que Ele criara (Rm 8.29-30).

138.1 Só a adoração que vem do íntimo do coração é aceitável diante de Deus. *Poderosos*. Os grandes da terra estão acostumados a ouvir o povo cantando louvor a eles, pelo menos na sua presença, mas o salmista está pronto a testificar de Deus (cf. Jo 5.44; 12.45).

138.2 A revelação da natureza divina: o nome de Deus revelado na Sua Palavra, fonte da verdade eterna que nos ilumina acerca da sua misericórdia.

138.3 *No dia*. A resposta à oração feita com fé é imediata, ainda que demore sua realização.

138.6 *De longe*. Isto significa rejeição para os soberbos, os orgulhosos que adoram a si mesmos. Os humildes apresentam corações abertos à atuação de Deus (Lc 1.51, 52; Tg 4.6, 7).

138.7 A ajuda de Deus é uma realidade tão concreta que o crente não perde a confiança, mesmo nas horas difíceis (116.10-13).

138.8 Deus, pela obra de Jesus Cristo, é o Autor, Mediador e Aperfeiçoador da nossa fé. Três vezes, neste versículo há promessas de imutabilidade da graça de Deus.

139.1-24 Deus conhece nosso coração; Deus está presente em cada lugar; Deus tem nosso destino nas Suas mãos; Deus vai destruir o pecado do meio do universo.

139.2 *Assento... levanto*. Deus está seguindo, examinando e desejando guiar as mais simples atividades diárias.

139.3 *Caminhos*. Esta palavra inclui os pensamentos, o agir e o não agir (o assentar-se e o levantar-se), o andar e o deitar-se, as diretrizes da nossa vida.

139.4 *Já... conheces*. Deus conhece nossos pensamentos antes de nós.

139.5 A perpétua presença de Deus ao redor do homem, cuja vida está nas Suas mãos.

139.6 Em face de tão elevado conhecimento de Deus, o ser humano só pode, humildemente, reconhecer sua pequenez e limitação de entendimento.

139.7 O Espírito de Deus, presente na hora da criação, não poderia estar ausente de nenhuma parte do universo.

139.8-10 A providência divina não tolera nenhum limite. Jonas tentou fugir da sua vocação, e viu que as próprias forças físicas da natureza trabalharam para reconduzi-lo ao dever (Jn 1-3). Essa providência onipresente se revela, sobretudo, no amor de Cristo Jesus (Rm 8.37, 39).

139.11,12 A escuridão serve para esconder um ser mortal, limitado, de seu semelhante, mas para Deus não há elemento, no universo, que seja trevas quando Ele, a luz do mundo, se aproxima (1 Jo 1.5).

139.15 *Profundezas da terra*. É uma descrição poética do ventre materno.

139.16 Deus nos esquadrinha antes da nossa existência, quando determina sobre os nossos dias (cf. Rm 8.29-30; 9.11).

139.17,18 A Palavra de Deus, estudada por aqueles que amam a Deus, é uma fonte inesgotável de gozo e de sabedoria.

139.19-22 Quem conhece a Deus, que é "tão puro de olhos que não pode ver o mal" (Hc 1.12-13), deve ter o mesmo ódio que Jesus revelou contra o pecado.

139.23,24 Quem quer clamar contra os pecados de outrem, deve cuidar de estar submisso à disciplina santificadora de Deus (cf. 2 Co 12.9, 10; Hb 12.10; Tg 1.2-3). • **N. Hom.** 1) O homem é limitado pelo poder de Deus, que sabe de antemão tudo o que pensa (1-6); 2) C) homem tenta fugir desta limitação, mas todo o espaço está nas mãos de Deus (7-12); 3) O homem reconhece que até suas origens estão dentro da providência divina, portanto deve entrar em harmonia com os desígnios de Deus (13-18); 4) O homem que aprende a se render à graça divina reconhece a perversidade da rebelião contra Deus, repudia-a nos outros e pede que Deus elimine toda raiz de pecado no seu próprio coração.

140.1-13 A propaganda e luta infernal contra os fiéis se descreve com uma oração pela derrota total dos que tramam a maledicência.

140.1-5 Uma descrição poética das tramas de politicagem contra um servo de Deus, vítima da calúnia do mundo.

140.3 A maledicência é descrita como a própria peçonha da serpente. *Aguçam a língua*. Preparam-na para ferir e picar. Talvez se refira a uma maldição proferida contra Davi.

140.6 Reconhecer Deus como soberano, em nossas vidas, faz parte da atitude da oração, na qual podemos fazer nossas súplicas.

140.7 Reconhecer Deus como nosso Salvador põe-nos dentro do alcance da proteção divina.

140.8-10 As súplicas para a proteção total das obras do Maligno e dos seus seguidores.

140.12,13 A fé na justiça divina aponta para o futuro, quando os justos viverão em eterna felicidade. • **N. Hom.** A maledicência é um entorpecente que parece ser atraente na hora, mas embota a inteligência, arruina a saúde, paralisa a consciência e corrompe a vida espiritual. É a fonte de acessos de raiva, piores do que as crises dos bêbados. É a própria destruição (em gr *Apoliom*, que é um dos nomes do diabo, Ap 9.11).

141.2 *O erguer de minhas mãos*. Isto teria lugar em atitude de oração, o que perante Deus tem mais valor do que oblações e oferendas.

141.3 *Põe guarda*. Contra o perigo de tomar parte na maledicência (veja-se 140).

141.4 Na busca da santidade não há apenas o desejo de ser livrado do pecado, e de suas conseqüências, mas quer ser livre de toda inclinação interior para o mal.

141.5 O benefício da correção e da disciplina vale mais na balança do que a tristeza que acarretam.

141.6,7 Os guias cegos que o povo escolheu no lugar do servo de Deus caem na destruição; daí o povo volta a ouvir as palavras do profeta, mesmo depois da morte dele.

141.8-10 A confiança do crente, de que ele será vindicado e os maus derrotados (6, 7), está firmada na sua comunhão com Deus.

142.1-7 A tribulação e o perigo são assuntos que levam o crente à oração.

142.2 *Derramo*. Expondo na oração o assunto angustiante.

142.3 *Vereda... caminho*. Deus quer guiar o crente pelas vias frutíferas da vida (23.3), sendo conhecedor das intuições traiçoeiras dos ímpios.

142.4,5 Feliz é aquele que sente que não pode depender dos homens, pois assim aprende a depender de Deus e submeter-se cada vez mais à Sua vontade.

142.6 Na fraqueza o crente é forte, por isso se dispõe a permitir ao poder de Deus guiar sua vida (2 Co 12.9-10).

142.7 Aquele que pede com fé, em sua oração, regozija-se de antemão com o resultado feliz, que esta seguro nas mãos de Deus.

143.1-12 Este é o quarto salmo consecutivo que fala em maquinações contra os fiéis. Repete as idéias dos salmos 140-142, as quais levam à conclusão vitoriosa.

143.1 A oração deve ser feita com plena confiança na fidelidade e justiça divinas.

143.2 Veja a nota de Sl 130.3-4, e as referências acima no rodapé. O salmista estriba-se na graça divina.

143.3-6 Depois de descrever a situação física, e angústia íntima, o salmista traz à mente a salvação que Deus tem revelado e, assim, recorre à oração.

143.6 *Levanto as mãos*. O gesto da oração.

143.7 A urgência da petição se redobra, visto que há perigo mortal para o corpo e a alma.

143.8-11 A confiança na graça divina é acompanhada por uma atitude de obediência completa, na qual a própria alma se oferece a Deus.

• **N. Hom.** **143.10** Reconhecer o nosso Deus é desejar a Sua vontade. Os Dez Mandamentos não foram dados antes de Deus lembrar ao povo o que Ele é e o que Ele fez (Êx 20.2). Quem quer pedir a consolação e o conselho do Espírito Santo, precisa reconhecer o amor de Deus (Jo 14.13-17).

143.11 *Justiça*. Não se trata do juízo punitivo mas sim a "justificação" ou a "vitória" do amor de Deus, que cancela a fraqueza humana ao fazer o novo homem (cf. 2 Co 5.17).

143.12 A destruição dos servos do Maligno também é uma grande demonstração do amor da justiça de Deus.

144.1-15 A intervenção divina na hora do perigo e nos dias alegres de paz.

144.1 *Rocha*. Símbolo de refúgio e de proteção.

144.2 *O meu povo*. É uma oração de um rei que dá graças pela ajuda divina ao firmar sua autoridade real (18.46-48).

144.3,4 A oração nunca se baseia no valor do ser humano, mas sim na graça de Deus. Se Deus se digna à notar nossa presença, é inteiramente por causa do Seu amor.

144.5-8 O salmista está desejando uma intervenção dramática e cósmica, para tirá-lo dos perigos. O poder eterno de Deus não retém Seu cuidado de cada indivíduo.

144.7 *Águas*. Perigos que cercam a vítima de todos os lados, e mais especialmente, uma figura de povos, exércitos e multidões.

144.8 *Mentiras*. A mentira, a calúnia e a falsificação são poderosas armas do diabo para afligir o crente (Jo 8.44).

144.9 A oração se faz acompanhar por hinos de louvor (cf. o "novo cântico", Ap 5.9, 10).

144.10 *Vitória*. Deus é soberano na história do mundo e também está ao lado dos indivíduos que confiam nEle.

144.12-14 Pedem-se filhos que sejam um apoio e uma alegria (12), e a prosperidade nacional (13-14).

144.15 Uma nação que é temente a Deus desfrutará os sinais da misericórdia divina em cada aspecto da vida nacional.

145.1-21 Este salmo contém expressões de louvor já musicadas e algumas orações universalmente adotadas.

145.1,2 O propósito do crente é adorar a Deus em todo o tempo, seja publicamente no templo, seja por suas atitudes diárias; sabendo que essa adoração será aperfeiçoada nos Céus, e que durará "para todo o sempre".

145.3 *Insondável*. Não há maneira de o ser humano compreender e conceber a infinita grandeza de Deus (Rm 11.33-36).

145.4-6 Tanto gerações inteiras, como cada indivíduo, têm de reconhecer que o poder e a glória de Deus são assuntos inesgotáveis.

145.8,9 Aqui está o motivo de louvor descrito nos vv. 1-3, e das proclamações mencionadas nos vv. 4-7; é a graça de Deus que perdoa ao pecador e oferece-lhe Sua comunhão transformadora.

145.8 Estas palavras relembram a revelação especial que Deus fez a Moisés (Êx 34.6-7).

145.9 *Permeiam*. Até o universo físico proclama a glória de Deus (19.1-4).

145.10-12 Se as coisas inanimadas têm a obrigação de dar graças a Deus, muito mais Seus santos, seres racionais, salvos por Seu amor, têm a finalidade missionária de serem arautos de Deus.

145.11 *Confissão*. Cada vez que calmos no fracasso ou na derrota, estamos confessando a Satanás. Confessar o poder de Deus é viver na fé e andar na Sua luz (cf. 1 Jo 1.7).

145.14-16 Cada ser no universo depende do sustento divino (cf. Cl 1.17).

145.19,20 O temor de Deus, princípio de toda a sabedoria (111.10), também é a chave da comunhão com Deus, na qual há salvação eterna. O rejeitar a Deus é à prelúdio da destruição.

146.1,2 O crente louva a Deus com toda a sua alma (i.e., suas energias) e durante toda a sua vida.

144r3,4 "Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do Senhor" (Jr 17.5).

146.5,6 "Bendito o homem que confia no Senhor e cuja esperança é o Senhor" (Jr 17.7).

146.6 Fidelidade. Deus é fiel às Suas promessas. Falhar seria negar a Si mesmo (Hb 6.13-18).

146.7 Justiça. No sentido de proteção contra a opressão.

146.9 Peregrino. Órfão. Viúva. Três classes de pessoas que ficavam quase sem direitos civis, faltando-lhes o braço forte da família. O poder e a compaixão de Deus se revelam mais claramente nas vidas dos menos privilegiados. • **N. Hom.** A revelação, nos vv. 7-9, das coisas que o Senhor Deus faz para abençoar o oprimidos é semelhante à descrição da obra do Espírito Santo (Is 61.1-7) que, por sua vez, acha seu cumprimento total na missão de nosso Senhor Jesus Cristo (Lc 4.16-21).

147.1 É uma alegria grande é proveitosa cantar hinos a Deus, quando nosso propósito íntimo, realmente, é louvá-lo. Tal é o culto aceitável e agradável a Deus.

147.2-6 Nota-se que o mesmo poder de Deus que dirige o universo aplica-se na restauração do seu povo (2), no conforto dos aflitos (3) e na proteção dos fracos (6).

147.4 Conta. Determina a existência.

147.5 Medir. Cf. Is 40.28.

147.7-9 Um novo convite a louvar a Deus é reforçado com ações de graças e música instrumental, apelando para, a revelação de Deus pela natureza.

147.10,11 A vitória na vida terrestre, ou na eterna, não depende da débil força humana, mas sim, humildemente, da graça do onipotente Deus, na qual ele confia (33.16-19).

147.11 Quem quiser agradar a Deus não tem nada mais a fazer senão Ter fé na Sua graça e obedecer a Sua Palavra (Rm 4.5; 8.4; 2 Tm 2.15).

147.12-14 Mais um convite a louvar a Deus - desta vez pelas bênçãos cívicas derramadas sobre o Seu povo.

147.15-18 A soberania absoluta de Deus em cada pormenor do universo físico.

147.15 Velozmente. Vê-se no primeiro capítulo de Gênesis que, quando a voz de Deus soa no universo, cumpre-se à risca a Sua ordem.

147.19,20 A bênção específica pela qual o povo de Deus (Israel) fica eternamente grato, é a revelação da Sua vontade em Sua Palavra.

148.1-6 O louvor dos seres e dos objetos fora da terra, dos anjos e das estrelas (as *legiões celestes*).

148.5 Mandou. Os salmos 33.6 e 107.20 mostram a força da palavra de Deus em criar todas as coisas e em restaurá-las.

148.6 Estabeleceu. O Criador ainda trabalha até hoje, na preservação e na ordenação do universo (Jo 5.17). *Ordem.* Para os objetos inanimados é a espécie do ser, para os homens é a Palavra de Deus que nos ensina a viver.

148.7-14 O louvor dos seres e dos objetos que existem na terra, seguindo totalmente a ordem de Sua Criação (cf. Gn 1).

148.8 Louvores das forças da natureza.

148.9,10 Louvores da terra e dos animais todos.

148.11,12 Louvores dos seres humanos de todos os níveis e de todas as idades.

148.13 Só a Deus devemos dar glória, visto que nada há de visível ou invisível, terrestre ou celeste, que por si mesmo possa aproximar-se daquele cuja glória está acima de tudo.

148.14 Esta glória é refletida nas pessoas daqueles que pertencem a Deus, Seus "santos" (2 Co 3.18). O poder de Deus acompanha os que andam com Ele.

149.1 Um novo cântico vai ser cantado só nos Céus, na assembléia dos primogênitos (Hb 12.22-24), e ninguém poderá tomar parte nesse louvor a não ser aqueles que foram resgatados pelo Cordeiro de Deus, Jesus Cristo (Ap 14.3; 15.3).

149.2-4 O povo de Deus, os filhos das promessas; louvam a Deus com o coração e com a técnica musical, pela salvação que Deus dá de graça aos humildes, que não dependem de si mesmos, mas sim recebem o dom gratuito da vida eterna.

149.6-9 O crente também é instrumento da vontade divina, mas tem de fazer tudo no

espírito de glorificar Deus. O castigo dos ímpios também é honra para os santos de Deus pelo contraste demonstrado na Sua compaixão para com os que O buscam.

150.1-6 Deus deve ser louvado como Criador Todo-Poderoso (2). Temos de empregar todos os nossos dons e talentos para a glória de Deus (3-5). Todo o ser vivente é convidado a tornar parte neste louvor (6). Este salmo descreve antecipadamente a retumbante e gloriosa ocupação do universo, e as criaturas no estado final, quando todas as coisas estiverem sujeitas a Deus (1 Co 15.24-28).

Provérbios de Salomão

Análise

No livro de Provérbios a sabedoria começa com Deus; Sua posição central é aceita em todas as suas páginas. Os sábios, os retos, os justos e os piedosos são equiparados entre si. São aqueles que conhecem o seu Deus e nele confiam, e refletem isso através de uma conduta reta e amorosa para com seus semelhantes, segundo princípios divinamente aprovados. Os bons e os maus são ligados à recompensa e ao castigo, porque Deus tem, em Si, tanto o amor como a justiça, e, por conseguinte, promove o bem e torna óbvio o mal.

Os padrões positivo e negativo do livro de Provérbios fornecem um valioso teste para a conduta pessoal. Cristo recomendou que os Seus discípulos fossem "prudentes como as serpentes..." (Mt 10.16). A sabedoria expressa no livro de Provérbios é a base, no Antigo Testamento, para as muitas exortações práticas das epístolas do Novo Testamento, fato esse verdadeiro, tanto no que respeita aos catorze discursos, como no que tange à vasta série de instruções e observações vigorosas que compõem a maior parte do livro, e que abordam muitos aspectos da vida diária.

Autor

Provérbios 1.1 e 2 apresentam Salomão como autor principal; a passagem compreendida entre 10.1 e 22.16 é diretamente sua. O primeiro grupo de "palavras dos sábios", em 22.17-24.22 ele incorporou ("meu conhecimento", 22.17); e 24.23-34, provavelmente foram trechos adicionados por ele, ou então pelos homens de Ezequias juntamente com a segunda série maior de Salomão, isto é, os capítulos 25-29. Os discursos, capítulos 1-9, não são datados, mas havia precedentes orientais bastantes para a possibilidade de Salomão tê-los prefixado como, uma introdução para os provérbios principais. Agur, Lemuel e a Esposa excelente são trechos de data desconhecida, mas poderiam ter sido adicionados, quando muito, nos dias de Ezequias, embora talvez tivessem-no sido em tempos posteriores a ele. Assim sendo, a data mais antiga para o atual livro de Provérbios seria o reinado de Ezequias, pouco depois de 700 a.C., ainda que talvez tenha sido compilado um pouco mais tarde.

As considerações externas ao texto dão apoio a um período entre o século X e o século VII a.C., data essa subentendida pelas rubricas. A literatura proverbial escrita já era então antiga, no Oriente Próximo; e estudos recentes (nem todos publicados) feitos sobre os contatos lingüísticos e o fundo literário das fontes cananita do norte (Ugarite), egípcias, mesopotâmicas e hititas, igualmente parecem indicar uma data, para o livro de Provérbios, dentro da primeira metade do primeiro milênio a.C.

Esboço

TÍTULO E PRÓLOGO, 1.1-7

CATORZE PALAVRAS DE EXORTAÇÃO, 1.8-9.18

A Riqueza obtida por Violência e o Aviso da Sabedoria, 1.8-19, 20-33

O Tesouro da Sabedoria vinda de Deus para Discernir Caminhos Bons e Maus, 2.1-22

Deus Honra os que O Honram, 3.1-10
 Uma Disciplina Preciosa, mais do que as Riquezas, 3.11-20
 O Caminho Certo e o Amor ao Próximo, 3.21-35
 A Sabedoria como um Tesouro da Família, 4.1-9
 A Sabedoria e os Dois Caminhos, 4.10-19
 A Necessidade de Propósito Reto e Conduta Digna, 4.20-27
 O Cuidado com a Concupiscência, 5.1-6
 Concupiscência *versus* Amor, 5.7-23
 O Cuidado com a Fiança, o Ócio e o Engano, 6.1-19
 A Loucura Crassa do Adultério, 6.20-35
 Uma Parábola sobre a Castidade, 7.1-27
 A Sabedoria é Retratada, 8.1-9.18
 PROVÉRBIOS DE SALOMÃO E PALAVRAS DOS SÁBIOS, 10.1-29.27
 A Sabedoria de Salomão, 10.1-22.16
 Palavras dos Sábios, I - 22.17-24.22
 Palavras dos Sábios, II - 24.23-34
 A Sabedoria de Salomão, Copiada pelos Homens de Ezequias, 25.1-29.27
 PALAVRAS DE AGUR, 30.1-33
 O Poder de Deus, a Verdade e o Meio-termo - e Contra a Calúnia, 30.1-10
 Velhacos e Devoradores - e contra a Desobediência aos Pais, 30.11-17
 Quatro Maravilhas - e contra a Adúltera, 30.18-20
 Quatro Coisas Intoleráveis, Quatro Coisas Sábias, Quatro Coisas Majestosas - e contra a Contenda, 30.21-33
 PALAVRAS DE LEMUEL, 31.1-9
 A ESPOSA EXCELENTE, 31.10-31

1.1 *Provérbios*. Ditos e sentenças. Claramente, este livro é subdividido, depois de uma introdução (1.1-6); em três partes, levando cada uma a título especial. A primeira parte (caps. 1-9) consiste em três subdivisões (1-3; 4-7; 8-9) que apresentam e recomendam a sabedoria, especialmente à juventude. A segunda parte (caps. 10-24) contém um colar de pérolas mais preciosas da sabedoria, geralmente em forma de dísticos, justapostas quase sempre sem conexão direta, e cada uma apresentando uma idéia completa. Todavia, esta forma, de 22.17, em diante, cede uma à outra, às "palavras dos sábios", de mais versos em cada unidade. A terceira parte (caps. 25-29) é formada por uma coletânea especial de "provérbios de Salomão os quais transcreveram os homens de Ezequiel, rei de Judá" (25.1). Nesta parte, nos caps. 25 e 26, prevalece a comparação e de 27 a 29, a antítese. O final do livro é formado por três apêndices diferentes (30.1-33; 31.1-9 e 31.10-31).

1.7 *Temor do Senhor*. Não se trata de medo. Os filhos de Deus desconhecem o medo para com o seu Deus, mas respeitam-no de maneira tal como filhos respeitam a seus amados pais. O temor do Senhor é culto divino, é reverência, é atenção respeitosa, é confiança filial, é observância dos preceitos divinos em gratidão por sua misericórdia, para maior glória de seu nome. *Princípio*. É a base, a fonte; são chamados loucos os que desprezam o temor do Senhor.

1.8 *Filho meu*. No oriente, o aluno é tratado desta maneira.

1.15 *Não te ponhas a caminho com eles*. E isto por duas causas: eles fazem mal aos outros (16) e a si mesmos (17-19).

1.17 *Debalde se estende a rede à vista de qualquer ave*. Dito popular: "Ave prevenida não cai no laço". Os ímpios certamente falharão no seu intento, assim como falha o passarinho que estende a rede à vista das aves; antes, os ímpios mesmos cairão na sua própria rede e perecerão.

1.18 *Emboscada*. O verbo, é o mesmo do v. 11: fazem emboscada para outros, e depois eles mesmos caem na rede que prepararam (cf. Sl 7.15; Pv 26.27; Ec 10.8).

1.20 Sabedoria. A Sabedoria personificada que aqui fala é Cristo (cf. Pv 8.22-31; Jo 14.6), que promete o seu Espírito (23), que é invocado (28), que ameaça os seus desprezadores e promete bem-aventurança aos que o ouvem (32 e 33, cf. Mt 5.6).

1.21 Portas. A sombra das quais se assentam os anciãos da cidade.

1.26 Por sentimento de justiça temos satisfação ao ver punida a malvadeza obstinada.

1.28 Aqueles desprezadores querem, afinal, abraçar a sabedoria a fim de evitar o castigo, mas então será tarde. *Me.. eu. Cf. nota do v. 20. Não.. hão de achar.* Será tarde quando uma vez chegou o Dia do Juízo (cf. v. 27).

1.32 Desvio, do bom ao mau caminho.

2.5 Acharás o conhecimento de Deus. Deus é insondável, e o homem nada, absolutamente, poderia saber a Seu respeito, se Ele não nos revelasse o necessário, em Sua Palavra. Buscando esta palavra, o homem achará o que de Deus se pode saber com segurança.

2.6 O Senhor dá a verdadeira sabedoria mediante a palavra que procede da Sua boca (Is 55.11).

2.8 Seus santos. Santos são aqueles que por Ele são santificados (cf. Rm 1.7).

2.11 A inteligência te conservará. A sabedoria, concedida por Deus aos retos, (6) os conservará no caminho de Deus; e só com o auxílio do Espírito Santo, que Deus dá aos seus, é possível continuar fiel (cf. Rm 8.14).

2.12-14 Perversas.. perversidade. Cf. Is 29.16.

2.16 Mulher adúltera.. estrangeira. Uma mulher adúltera perdia o direito de co-participar do povo de Deus; é igual à mulher estrangeira. O AT, com freqüência, traça paralelos entre o adultério carnal e a infidelidade dos que deixam o verdadeiro Deus, seguindo aos ídolos.

2.17 Amigo. Marido a quem jurou fidelidade na sua mocidade.

2.19 Não voltarão. É difícil livrar-se dos laços do pecado e do vício. Sem o auxílio de Deus, é impossível.

2.21 Habitação a terra. Cf. Mt 5.5; Sl 37.29, habitarão a herança eterna.

3.2 Cf. a promessa do quarto mandamento (Êx 20.12) que faz parte dos ensinamentos do Senhor.

3.3 Ata-os ao teu pescoço, como fizeram com o sinete.

3.4 Diante de Deus e dos homens. Crescer em graça diante de Deus e dos homens, como Jesus deu o exemplo (Lc 2.52; cf. também Rm 12.17 e 2 Co 8.21).

3.5 Normalmente o ser humano procura inventar suas próprias soluções para todas as situações da vida, sem consultar a vontade de Deus. Se entra em contato com Deus, pela leitura da Sua palavra, pela oração e pela meditação, verá que Deus está prestes a guiar e a acudir, v. 6.

3.7 Sábio aos teus próprios olhos. Os que acham poder dispensar a sabedoria divina são merecedores do "Ai" do profeta (Is 5.21) Rm 12.16 cita esta palavra.

3.8 Saúde. Hoje, até os médicos que têm convicções religiosas não deixam de reconhecer o valor que uma fé religiosa tem para conservar a inteira personalidade em bom estado de saúde. Quem busca em primeiro lugar o reino de Deus, recebe o que pedir e mais coisas lhe serão acrescentadas, as quais não estava deliberadamente procurando (cf. vv. 9, 10 com Mt 6.33).

S; k ". 1

3.1á Sa,bedoria f"i.5 28à: È"iis u.e o temor do en or e a sabedoria, e o àpar.trrs oe çn11 é o.enténdimentá". èst hsabedoria é tidá como, 94ctLa **aos oi os do,**. myndo (1 Co 1.18-25)!

3.18 Árvore de vida, Cf. Gn 2.9 e Pv 11.30; **13,12; 1**

qiAp **2.** "11"4 à fruto do justo **são os LIC** Por Seu inteMêatarh a-Isa verdadeira qu" é "td"ó c"eg" bedoriá,

co 1.3:0)."

3.19,20 A sabedoria faz parte da própria natureza, cUV"

3.9,10 Quem louvar a Deus com "as primícias da sua renda", pela bênção da sabedoria recebida dele receberá abundante recompensa (Mt 3.10).

3.11,12 Citado em Hb 12.5, 6 em conexão com a admoestação à perseverança na provação da parte do Senhor (*disciplina*, v. 11) e luta contra o pecado. Cf. também Jó 5.17 e, especialmente, Ap 3.19,20. Deus disciplina seus filhos, a fim de purificar suas mentes. (Hb 12.10), para a sua fé produzir mais fruto (Jo 15.2) e prepará-los para participarem dos sofrimentos de Cristo (1 Pe 4.13).

3.13 *Sabedoria*. Cf. Jó 28.28: "Eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento". E esta sabedoria é tida como loucura aos olhos do mundo (1 Co 1.18-25)!

3.16 Muitas pessoas lutam para ganhar vantagens como saúde, riqueza e fama, mas poucas querem se submeter ao caminho que leva para a vitória possa lutar: a senda da sabedoria divina.

3.18 *Árvore de vida*. Cf. Gn 2.9 e Pv 11.30; 13,12; 15.4; Ap 2.7; 22.2, 14; o fruto do justo são os que por seu intermédio chegaram à sabedoria verdadeira que é Cristo (1 Co 1.30).

3.19,20 A sabedoria faz parte da própria natureza divina, sendo a força vital da própria criação do universo.

3.21 Siso. É ser ajuizado, ter mansidão e domínio próprio (Gl 5.23).

3.22 *Pescoço*. É a parte do corpo onde o homem traz seu colar de ofício (Gn 41.42) e a mulher, seus atavios de noiva.

3.24 Dormir sem sobressaltos sempre foi um bem almejado pelos homens, e só Deus nos concede este segredo (Sl 4.8; Mt 8.24-26; Ef 4.26).

3.27 Deixar de fazer o bem é o pecado de omissão (Tg 4.17).

3.32 *Intimidade*. A culminância desta intimidade se vê em Jo 15.12-27.

3.35 *Loucos*. Em contraste com os sábios que herdarão a honra e a glória celestiais, os loucos são os que menosprezam a Deus e Sua Palavra (cf. 14.19, Jr 4.22; Rm 1.22; Sl 14.1), e herdarão a ignomínia eterna.

4.3 *Filho.. pai*. Podemos entender que Salomão, aí, fala de Davi e da instrução recebida da parte desse rei; de mais a mais foi ele filho único de Bate-Seba.

4.7 O segredo da sabedoria é desejá-la acima das demais coisas de vida; Deus mesmo a concede para quem assim a procura (Tg 1.5-8).

4.13 *Ela é a tua vida*. Não se deve encarar a Palavra de Deus como um difícil fardo de doutrina e de prática, uma sentença pesada (Jr 23.33-40). Na realidade, esta palavra nos aponta para Cristo, cujo jugo é suave (Mt 11.28-30), cuja atuação é conceder-nos a vida em abundância (Jo 10.10), cujos mandamentos trazem a plenitude da comunhão com Deus e da presença do Consolador (Jo 14.12-21). Devemos reconhecer a sabedoria divina como luz para os nossos caminhos (Sl 119.105), guia eterna e infalível (Sl 119.89).

4.14 *Vereda dos perversos*. Cf. Sl 1.1. É inevitável aos filhos de Deus entrarem em contato com os ímpios, enquanto se acham neste mundo; mas não devem deliberadamente procurar sua companhia ou imitá-los, para não compartilhar sua sorte. Antes devem evitá-los (15-19 e v. 27).

4.17 A maldade se lhes tornou tão natural como a comida e a bebida.

4.18 *Até ser dia perfeito*. Isto é, ser meio-dia.

4.19 Jesus citou este provérbio. O próprio Salvador parece referir-se ao livro dos provérbios em Jo 12.35 (cf. Pv 4.19), Jo 8.24 (cf. Pv 5.23), Jo 6.47 (cf. 8.35), etc., expressando, às vezes, de maneira negativa, o que os provérbios positivamente afirmam, reduzindo o que foi dito por Salomão ou apresentando a verdade do provérbio em forma de parábola (cf. Pv 14.11 e Mt 7.24-29).

4.22 Compare as notas de 3.8 e de 4.13.

4.23 Coração. Esta palavra na Bíblia denota a sede dos sentimentos e impulsos do homem. Segundo Lc 6.45 "a boca fala do que está cheio o coração". Por ser o corpo do cristão o santuário do Espírito Santo (1 Co 6.19; Rm 8.26, 27) convém guardarmos o nosso coração, estando atentos à Sua voz (1 Ts 5.19).

4.25-27 A idéia geral é evitar a indevida interferência em assuntos particulares de outrem, concentrando nossas energias no cumprimento de nossos próprios deveres; ser mexeriqueira é condenado pela Lei (Lv 19.16). Esta idéia inclui a de evitar maledicência (24); a pureza provém da conservação da sabedoria divina no íntimo (20-22).

5.3 Mulher adúltera. Somos admoestados à castidade (cf. Ef 5.3, 4; Cl 3.5, 6), o que só é possível em virtude da palavra divina (7) e da oração (Sl 51.12); além disso, devemos evitar toda ocasião para a incontinência (cf. 23.31-33). De mais a mais, a impureza aqui lembra à infidelidade espiritual da idolatria (cf. nota de 2.16).

5.4 Absinto. Um extrato de ervas, a substância mais amarga que se conhecia. Na medicina, aplica-se às doenças do estômago.

5.5 O pecado, quando se torna um meio de vida, uma parte integrante do nosso ser, dificilmente permite a conversão e a salvação.

5.10 Talvez esta perda de bens provenha da extorsão e da chantagem da mulher adúltera, mas é interessante notar que labutar em vão e não gozar dos benefícios dos seus próprios esforços é considerado uma punição especial de Deus (Dt 28.30-34). Uma vez que este castigo é pronunciado sobre os que desobedecem aos seus mandamentos (Dt 28.15), podemos deduzir que a perda de bens, materiais e eternos, vem da chantagem de Satanás quando semeia a dúvida sobre a validade da Palavra de Deus (Gn 3.1-5).

5.14 O pecado quase que se desenvolveu ao ponto de tornar-se necessário convocar a reunião da assembléia do povo, para que o insensato seja publicamente apedrejado (Lv 24.14). As palavras originais, ditadas em heb pelo poder do Espírito Santo são as seguintes: "Quase estive em todo mal no meio da assembléia e congregação".

5.15-20 Sê fiel à tua esposa e o teu matrimônio será abençoado.

5.16 *Fontes... riberios*, figurativos para ".filhos, descendência".

5.21 É importante reconhecer que nosso comportamento diário é algo de que temos de prestar contas perante Deus e, mesmo se pudermos achar desculpas e falsos motivos para fazer os homens aceitarem nossa "nova moralidade", Deus está vendo o intento do nosso coração (1 Sm 16.7) e até nos julga nesta base (Mt 58; cf. Heb 9.27).

5.22 Não é Deus que tem o prazer de castigar o malfeitor (Ez 33.11), mas sim o próprio pecado que traz em si a semente da perdição (Gl 6.7).

6.2 *Estás enredado... preso.* Se o provérbio, de um lado, adverte contra a leviana prestação de fiança, também ensina que a palavra empenhada é irrevogável (cf. Ec 5.3-5): "Cumpra o voto que fazes". Melhor é que não votes do que votes e não cumpras".

6.12 *Homem de Belial.* Uma pessoa malvada (cf. 1 Sm 30.22). A palavra vem de duas palavras hebraicas: *beli*, "sem" e *ya'al*, "proveito". Em 2 Co 6.15 se traduz "o Maligno".

6.14 *Semeando contendias.* É interessante verificar que a própria palavra "Diabo", originalmente, significa "semeador de contendias" já que a palavra grega, *diabolos*, quer dizer "lançar um contra o outro". A palavra heb *Satan* tem o sentido básico de "acusador". A palavra "blasfêmia" quer dizer "maledicência", se bem que nossa língua a reserva para "falar mal contra as coisas de Deus". Isto nos basta para sabermos que a obra do falso testemunho é do Inferno.

6.15 Assim como a obra do homem de Belial é igual à obra de Satanás (cf. as notas dos vv. 12 e 14), assim também o seu fim é bem semelhante à derrota do "homem da iniquidade", descrita em 2 Ts 2.7-12.

6.16 *Seis... sétima.* No oriente, sete e o número completo e tem, geralmente, o sentido de "muitos". De maneira poética, é mencionada apenas uma seleção daquilo que é abominação ao Senhor.

6.18 Todo pecado é tramado no desejo íntimo, e depois praticado através dos membros do nosso corpo, especialmente da língua (Tg 1.14; 3.1-10). Nota-se, nestes versículos, 17 e 18, quantas vezes se mencionam as partes do corpo humano. Isto, porque a língua e o pensamento dos hebreus, portadores da revelação de Deus registrada no Antigo Testamento, se formam com palavras, atos e objetos que são familiares até nos lares mais humildes entre as pessoas de menos recursos. Não há, para eles, palavras técnicas vedadas da vivência diária; a Palavra de Deus é a sabedoria eterna, revelada em palavras fáceis, como é o caso das parábolas de Jesus, acessíveis a quem quiser entender.

6.19 *Semeia contendas entre irmãos.* É isto que ao Senhor aborrece com severidade (cf. v 14).

6.20 *Filho meu.* Através da voz do sábio, falando para seu aluno (1.8 e nota), escutamos a voz do Senhor Jesus falando ao coração dos seus discípulos. Os Provérbios se relacionam com cada um de nós.

6.21,22 Estas palavras relembram o trecho de Dt 6.4-9, que certos judeus, até hoje, repetem diariamente, como seu credo; o *shema* ("Ouve").

6.22 *Quando caminhares.* A palavra de Deus é que nos pode guardar na tentação (cf. Js 1.8; Dt 19.19).

6.23 Que a sabedoria e as instruções aqui contidas são a Palavra de Deus, isto se verifica quando se comparam estas palavras com Sl 119.105. Até as *repreensões* são parte do amar de Deus para conosco (Pv 3.11-12).

6.24 *Te guardarem.* A Palavra de Deus não se trata apenas de proibições contra o pecado - como se o pecado fosse uma delícia que um Deus severo não nos permite - mas sim, também, a proteção contra o caminho da desgraça, para nos despertar novas vontades, sadias, eliminando até o desejo pelo pecado.

6.26 *Prostituta.. adúltera.* Não que seja lícito a mulher pública (prostituta), mas com a adúltera as conseqüências serão mais funestas. *Anda à caça de vida.* Quem à adúltera se unir, com ela perecerá (cf. Hb 13.4; 1 Co 6.9, 10; Gl 5.19-21), caso não se arrependa verdadeiramente.

6.27,28 O adultério é o aceitar o pecado no íntimo do nosso ser; por isso não deixará de nos manchar o caráter (1 Co 6.15-20).

6.35 *Nem aceitará presentes.* Esta palavra não justifica a vingança do marido, mas apenas quer constatar a realidade de que bens roubados podem ser devolvidos (31), mas não há compensação para a loucura do adultério, que "não ficará sem castigo" (29) da parte de Deus.

7.4 Devemos realmente estimar a Palavra de Deus acima de todos os laços de amor carnal aos nossos semelhantes. Isto se ensina claramente no caso de surgir a idolatria dentro do nosso lar (Dt 13.1-11), ou no caso de o lar nos ser um tropeço no discipulado de Jesus (Lc 14.26).

7.14 *Sacrifícios pacíficos.* No caso, seria a oferta que a mulher faz depois da época mensal da sua separação dos homens (Lv 15.19-24). Achou fácil observar os ritos externos, mas a pureza de coração, que é algo muito mais importante, não quis observar.

7.17 *Perfumei.* A mulher está oferecendo o mais alto luxo da época: a *mirra* é uma resina aromática, que se empregava nos tempos bíblicos para o óleo da santa unção (Êx 30.23-33) e para os ritos da purificação (Et 2.12); *aloés* era achado na China, e foi empregado para desodorizar a roupa; *cinamomo* é o conhecido pau de canela.

7.19 *Marido.* Não percamos de vista o sentido espiritual desta série de advertências contra o adultério. Quantos não pensam: "porque o verdadeiro marido, Cristo, tendo-se ausentado aparentemente da terra, podemos viver conforme os desejos da carne?" Mas o noivo voltará quando os malfeitores menos o esperam (Mt 25.6).

7.22 *Boi... ao matadouro.* Relutante, mas não completamente cômico do perigo que corre.

7.23 *Apressa.* Pressuroso e intensamente atraído, cai nas garras da mulher, o que lhe

custará o vida. O fato de ser seduzido não o inocenta, nem o isenta de castigo. Jesus admoesta: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação" (Mt 26.41).

7.24 Filho. Sem dúvida, os jovens são mais expostos à tentação de atos imorais do que os mais idosos.

7.26,27 O autor não está, dando ênfase especial à morte física, embora esta fosse a punição legal, na época, para o adultério (Lv 20.10), mas também à total desmoralização da personalidade e à morte eterna.

8.1 Começa aqui a segunda divisão do livro, se este for considerado um método para o ensino da verdadeira piedade. 1) A piedade é ensinada à juventude (1.1-7.27), 2) Piedade torna-se possível pela verdadeira sabedoria (8.1-9.18); 3) A piedade em contraste com a impiedade (10.1-31.31).

8.2,3 O convite da sabedoria vem ao nosso encontro em qualquer situação da nossa vida diária: é, realmente, a mensagem do evangelho ao pecador perdido (8.7n), Lc 19.9-10.

8.5 Simples. Heb *peti'*, facilmente enganado, inexperiente. *Néscios.* Heb *kesil*, no sentido de ser gordo e vagaroso no entendimento; inclui a idéia de ser ímpio, ateu (Sl 49.13; Ec 7.25).

8.7-10 Só a sabedoria personificada e revelada perfeitamente no filho de Deus; em quem "habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade" (Cl 2.9), que é a vida (Jo 14.6), a luz que desceu do Céu (Jo 8.12), pode falar assim. Isto fica claro, especialmente; quando é proclamada a eternidade desta sabedoria (22-31; Jo 1.1; 1 Co 1.30; Cl 1.17).

8.9 Quem as entende. A verdade quando é logo proclamada é logo entendida por quantos a procuram com sinceridade (Jo 7.17).

8.13 O temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Sl 111.10); aqui se define como a prática da vida moral, ensinada pela Sabedoria de Deus.

8.17 Aqui a voz de Jesus Cristo se faz ouvir claramente (Jo 13.1) a descrever o seu amor (Hb 7.25) e sua solicitude em atender à oração.

8.18 Riquezas e honra. Geralmente estas duas coisas não se combinam, mas a sabedoria torna isto possível.

8.22 Este trecho, até ao fim do capítulo, é uma antecipação da voz de Cristo, proclamando a verdade antes de sua vinda ao mundo, na estrebaria de Belém. Cristo estava na glória, mas não inativo (Jo 5.17), antes que houvesse mundo (Jo 17.5).

8. 26 Amplidões. Lit. "o que fica fora", o espaço sideral. O *princípio do pó*. A palavra "pó" é a mesma usada para descrever a matéria da qual o homem foi formado, e "princípio" é a mesma palavra usada para "cabeça" no hebraico. A referência é ao homem, cabeça e coroa da criação de Deus (Gn 1.26-31).

8.30 Arquitecto. Bem claro é que Deus fez o universo do nada (Hb 11.3), cf. o sentido exato da palavra "criar" em Gn 1.1, 21, 27; Deus forma do nada as matérias do universo, enquanto sua sabedoria, sua palavra, revelada no Verbo, nosso Salvador Jesus Cristo (Jo 1.1-3), põe tudo numa ordem segundo os homens podem entender, e na plenitude dos tempos veio revelar a plenitude de Deus, encarnado na forma humana (1 Jo 1.1, 2).

8.30,31 Delícias. Assim como existe amor e comunhão profundos entre Deus e seu Cristo (30), existe também este mesmo amor entre Cristo e os homens (31). Compare Jo 17.21-23.

8.35 O que me acha, acha a vida. Aquele que é a vida (Jo 14.6) é o único que pode dar a vida; e Ele quer dá-la a todos que nele crêem (Jo 11.25, 26). Com o v. 36, é o convite e o aviso pronunciados por Cristo no evangelho (Jo 3.16-21).

9.1 Sete. É o número da perfeição. A casa da sabedoria está bem fundamentada, pois se baseia na verdade eterna. Talvez as *sete colunas* são os sete conceitos que formam a sabedoria, todos os quais se mencionam neste livro. São a Instrução, o Conselho, e o Ensino (para espalhar a Sabedoria); o Entendimento, a Inteligência e o Conhecimento (para receber a Sabedoria); a Prudência (para aplicar a Sabedoria). Estas palavras, sendo

chaves para entender este livro, receberão notas separadas.

9.2 *Arrumou a sua mesa.* Cf. 23.5

9.3 *Convida.* Não é estranha a ilustração do convite feito por Deus, ou Cristo, ou, em nosso caso, pela Sabedoria, para participação na sua mesa (cf. a parábola da grande ceia, Lc 14.15-24, e da bodas Mt 22.1-14). Quem aceita este convite são criados (cf. Mt 22.3 "seus servos").

9.7-9 O insensato fica ofendido ao receber a correção, mas o sábio sempre tem desejo de aprender e de se aperfeiçoar. "Ao que tem se lhe dará, ao que não tem, até a que tem lhe será tirado" (Mt 25.14-30). Cada um decide por si mesmo (12; Ap 22.11).

9.10 *O temor do Senhor.* É repetido o tema geral (cf. 1.7).

9.13-18 O convite da insensata. Esta parábola está em antítese com a anterior. Também há convite, mas para pecar, e os que aceitam está sedução verão a morte (18).

9.17 *Águas roubadas... pão comido às ocultas.* Deleites proibidos apetezem.

9.18 *Inferno.* Heb *she'ól*. Basicamente, no hebraico do Antigo Testamento, quer dizer a moradia dos mortos, nada se indagando sobre o seu futuro eterno, já que os hebreus eram mais interessados em conhecer Deus na terra e em obedecer-lhe, do que especular sobre os pormenores do Além. Só quando Jesus veio pregar a mensagem da salvação eterna, que também ficou clara a doutrina de castigo eterno dos que se rebelassem contra o amor de Deus, a qual inclui claramente o partido de Satanás (Jo 3,16-21; Mc 9.44-45; Ap 20.10-14).

10.2 *Justiça livra da morte.* Esta é a justiça que vale diante de Deus (Rm 3.21, 22), é a justiça alheia (Rm 4.5).

10.8 *De lábios.* De seus próprios lábios lhe virá a ruína (2 Sm 1.14-16; Lc 19.22).

10.9 *Será conhecido.* Será descoberto e castigado.

10.11 Devemos conversar de maneira que inspira e que alegra, sabendo que a conversa torpe é o manancial de uma atmosfera de ódio, ciúmes, rixas e contendas (Ef 4.25-32).

10.12 *Cobre.* Acima de tudo é o amor de Cristo que expia (heb *kasah*, que transmite idéia de encobrir e apagar) os pecados dos que o aceitam.

10.13 *Entendido... falta de senso.* Um é guiado com conselhos, e outro necessita da vara; Deus procura atrair a si e educar seus filhos com suas palavras e com outros meios com que nos disciplina.

10.18 O engano pode tomar duas formas: ou de encobrir a verdade, ou de pronunciar falsidade.

10.25 *Perpétuo fundamento.* Cf. Mt 7.24-27.

10.26 Assim como vinagre prejudica o paladar e embota os dentes, assim como a fumaça fere as vistas, fazendo-as lacrimejar e causa perda do olfato - tudo ilustra a ação prejudicada - assim acontece aos que encarregam um preguiçoso de determinada missão.

10.27,28 O crente deve aprender a sabedoria e aplicá-la na vida diária com diligência e zelo: tudo, porém, depende da bênção de Deus, de quem o crente também espera (v. 22).

10.31 *Sabedoria.* Heb *hokhmâh*, significa a qualidade de ser inteligente e, ao mesmo tempo, treinado. Inclui qualquer tipo de perícia técnica (Êx 31.3; Ez 27.8). A plenitude da sabedoria pertence somente a Deus, Jo 12.13-25 (um trecho que, aliás, demonstra o significado essencialmente prático da idéia da sabedoria). Comp. as notas de Pv 1.20; 3.13.

11.1 *Balança... peso.* Deus está particularmente preocupado em que haja honestidade nas transações comerciais.

11.2 *Soberba.* Heb *zâdôn*, "Orgulho" ou "insolência", causados por um alto conceito de si mesmo e um baixo conceito de outrem. É claro que, se aplicamos esta atitude às nossas relações para com Deus, caímos na blasfêmia e no pecado que não é perdoado, simplesmente porque destrói a possibilidade de o pecador arrepender-se e pedir perdão. Outra palavra traduzida por "soberba" se vê em 16.18n. *Humildes.* Heb *cânüah*. Na forma

verbal de "andar humildemente" perante Deus, esta palavra, juntamente com "justiça" e "misericórdia", formam o trio de sublime virtude, o âmago da religião descrito em Mq 6.8. É esta virtude que elimina a soberba descrita nesta nota com suas nefandas conseqüências. Outras palavras traduzidas por "humilde", neste livro, são *nāwâh*, "de mente meiga" (15.33) e *shâphal*, "ser abaixado" (29.23n).

11.4 Dia da ira. Cf. Lm 2.22; Sf 2.2; Rm 2.5,, Em outros trechos, se chama "Dia do Senhor", Is 2.12; 13.6; Ez 30.3; Jl 1.15; 2.11, etc. Em Jr 46.10, o Dia do Senhor se define como dia de vingança.

11.9 Conhecimento. Heb *da'at*. É o resultado do ato de perceber e considerar; é ser colocado a par, ficar à altura; é compreender e ser sábio. Para conhecer emprega-se também as afeições e a fé (Jó 19.25). Outra raiz que se refere ao saber é *tebhunâh*, "Inteligência" (21.30n). Ainda em 20.11 temos a raiz *nâkhar*, traduzida por "conhecer". **Ímpio.** Heb *hânef*, cuja raiz significa "profanar". O adjetivo emprega-se a qualquer coisa profana, da não religiosa até a anti-religiosa. Aplica-se também a qualquer pessoa ou objeto que faz parte dos cultos do paganismo.

11.11 Bênção. Cf. Gn 30.27, 30; 39.5; especialmente e Gn 18.26s.

11.17 Faz, bem a si mesmo. Pelas bênçãos que Deus concederá ao homem bondoso, este tornar-se-á bênção para si mesmo e para todos os que com ele entraram em contato.

11.18 Recompensa. Aqui, na terra, não é sempre que acontece assim; mas o justo tem seu galardão garantido no céu.

11.24,25 É uma admoestação à liberdade que é um dos frutos da fé. Cf. também 19.17 e 28.27.

11.26 Retém o trigo. Fica esperando o preço subir, sem se preocupar com a necessidade do pobre em seu sustento básico necessário.

11.29 Herda o vento. O vento é uma ilustração da futilidade e vaidade (Ec 5.15).

11.30 Árvore de vida. Aquele que por Deus é justificado terá a vida eterna (3.18n).

11.31 Justo... punido. Cf. 1 Pe 4.18 e a palavra de Jesus em Lc 23.31.

12.4 Virtuosa. Heb *havi*, cujo sentido básico é de força; é força moral, integridade e qualidade. É a ligação da ternura e da bondade, a atos dinâmicos e úteis que a expressam, como se nota especialmente na descrição da mulher virtuosa em 31.10-31. É fazer o bem (31.12); é trabalhar de bom grado (31.13); é socorro aos aflitos (31.20), é a prática da sabedoria (31.26-27), e seu segredo é o temor do Senhor, 31.30.

12.6 Livra homens. Cf. Pv 31.8.

12.9 Vanglorioso. Heb *mitkabbed*, lit. "dando muita honra a si mesmo". Nosso louvor deve vir de Deus, não dos homens, e muito menos de nós mesmos (Jo 5.44; Rm 2.29; Pv 12.15; Jó 9.20). Nossa glória está em conhecer a Deus, e não nos farrapos das qualidades humanas (Jr 9.23-25).

12.10 Animais. A vida do justo reflete a sua fé em todos os setores.

12.12 O justo se contenta com aquilo que Deus lhe concede, enquanto o perverso, descontente, cobiça aquilo que é dos outros (cf. 30.8, 9).

12.14 Retribuído. Cf. 2 Co 9.6 e Gl 6.7, 8.

12.17 Fraude. Heb *mirmâh*, "engano", "desilusão", "logro". É a obra do embusteiro. O sentido básico da raiz desta palavra, *ramâh*, é "lançar" e com a forma intensiva produzida pelo prefixo *mi*, é "dar um golpe forte em alguém". É a traição e a hipocrisia que se descrevem em 26.26 com a palavra *masha'ôn*, "engano", que é, "deixar um penhor (a falsidade) no lugar de um objeto desejado (a verdade)".

12.18 Tagarelice. Heb *bôteh*, "falador de erros e de falsidade". É o conversar sem pensar, a conversa fiada. Esta palavra heb só ocorre aqui em toda a Bíblia, mas no Novo Testamento há uma palavra grega tirada da mesma raiz *battalogein*, que em Mt 6.7 se traduz por "usar de vãs repetições", que é uma boa definição de tagarelice. É a falta de controle da língua, conforme a descrição dada em Tg 3.5-12.

12.21 Nenhum agravo. Nada acontece ao justo sem o conhecimento de Deus e sem que

Ele o permita (Sl 34.22; 91.10).

12.23 *Oculto... proclama.* O sábio é humilde, não se gaba dos seus conhecimentos; o néscio, porém, justamente no ato de querer se mostrar, logo faz todos saberem da sua ignorância.

12.28 *Não há morte.* Esta é uma das poucas afirmações no Antigo Testamento, sobre a imortalidade. O caminho do justo espelha a sua vida espiritual em boas obras, e afluí para a vida eterna, de maneira que não há, para ele, morte espiritual.

13.2 *Pérfidos.* Heb *bôghedh*, cuja raiz significa "encobrir", "agir secretamente", "ser infiel". O pérfido trai seus compromissos. Desta idéia de "cobrir" vem também a palavra *beghedh*, "roupa": cada ser humano tem de se vestir espiritualmente ou dos farrapos da sua própria justiça (Is 64-6), ou do linho fino da verdadeira justiça (Ap 3.5; 19.8). Esta mesma palavra se traduz por "iníquo" em 22.12, embora exista outra palavra *ãwen*, que representa a iniquidade, como se vê em 17.4n, "iníquo".

13.4 *Preguiçoso.* Heb *ãsel*, "lento", "vagaroso", "moroso". Esta palavra ocorre somente no livro de Provérbios havendo outras quase iguais em 19.15 e 31.27, ambas traduzidas por "preguiça". Este adiamento do nosso dever é uma negação da definição de "virtuoso" (12.4n), e da palavra *diligente* que aqui se encontra. *Diligente*, heb *hãrûç*, vem da raiz "cortar", "fazer ponta em", "apressar-se" ou "apontar". O adjetivo significa "cortante" (Is 41.15); no sentido de "agudo no caráter" e "agudo na obra" só se acha no livro de Provérbios, que realmente é um tratado técnico da moralidade (10.4; 12.24; 21.5). A possível tradução "ensinado" e "decretado" vem da idéia de "gravar" informações e leis nas pedras e nos monumentos.

13.5 *Perverso.* Heb *rãsha'*, basicamente: "solto", "mal ligado", "ruidoso". Quem não está ligado a Deus na mais profunda harmonia, não tem paz consigo mesmo, e muito menos com o mundo ao seu redor. Anda esbarrando em tudo. A palavra traduzida por "perverso" em 12.8, vem da raiz *ãwâh*, "torcer", "perverter", "depravar" (cf. *ãwen*, 17.4n).

13.7 A referência é à riqueza e à pobreza espirituais (cf. Lc 12.21).

13.8 *Se resgata.* Não se trata apenas do suborno praticado pelos ricos, mas também do fato de os salteadores só atacarem aos ricos (cf. 1.11-14), com o fito de poderem se resgatar com seus bens, mas aos pobres deixam.

13.9 *A luz dos justos.* Cf. a Parábola das Dez Virgens (Mt 25.1-13).

13.13 *A palavra.* A referência é à própria Palavra de Deus.

13.15 *Consegue favor.* Cf. "a piedade para tudo é proveitosa" (1 Tm 4.8).

13.22 *Herança.* Não somente os bens honestamente acumulados, mas ainda mais, um bom exemplo, uma boa reputação, uma cultura espiritual.

13.24 *Vara.* Pensa-se também na disciplina da parte do Pai celeste (Dt 8.5; Jó 5.17; 1 Co 11.32; 2 Tm 2.25 e Hb 12.10).

14.4 *Celeiro... limpo.* Salienta-se a importância dos bois na produção agrícola; nos tempos primitivos, os bois arrastavam o arado.

14.6 *Procura a sabedoria.* Deseja a perícia para se enriquecer e para ser admirado; falta-lhe, porém, o temor do Senhor (1.7; 9.10).

14.9 *Zombam do pecado.* "Quem busca o perigo, perde-se", diz um provérbio nosso. Se o pecado não constituísse perigo, também para os filhos de Deus, Jesus não nos teria deixado a ordem de vigiar e orar (Mt 26.41).

14.10 *Estranho.* Um estranho que não pertença aos filhos de Deus não pode compartilhar da amargura do pecador arrependido, nem da alegria da reconciliação que o Salvador concede aos arrependidos.

14.11 *Destruída.* Cf. a ilustração dos dois fundamentos (Mt 7.24-27 e Lc 6.46-49).

14.12 *Caminho.* Os caminhos escolhidos pelos homens são enganosos. Roguemos, com o salmista, para que Deus nos guie em nossa vida (Sl 25.4 e 119.35). Quanto às outras religiões, também estes "caminhos" parecem direitos e confortáveis aos homens (cf. v. 13), mas o único Caminho do céu é o próprio Senhor Jesus Cristo (Jo 14.6).

14.14 Infiel. Heb *sūgh*, uma palavra expressamente reservada para descrever a deslealdade a Deus. É o voltar para trás, tanta vezes descrito em Êxodo e em Juízes (cf. especialmente Jz 2.10-19). É a apostasia e o colocar-se longe da fé cf. Hb 6.4-8.

14.15 Prudente. Heb 'ārūm "esperto", "inteligente", "engenhoso", tanto para o bem (12.16; 13.16; 14.8, 18), como também para o mal, Gn 3.1 (traduzido por "sagaz"). Jó 5.12; 15.5 (traduzido por "astuto"). É neste último sentido que Jesus emprega este vocábulo (Mt 10.16).

14.16 Insensato. Heb *kesil*, "tolo", aquele que não tem sabedoria nem precedência (conceitos que se definem nas notas de 10.31 e 14.15). A mesma palavra hebraica se traduz "nêscio" em 8.5, e "tolo" em 19.1 (cf. notas) A raiz significa ser gordo e indolente, e se associa com a idéia de impiedade e de incredulidade; é a falta do temor do Senhor.

14.17 Faz loucuras. Muitas vezes temos ocasião de lamentar amargamente os momentos durante os quais nos iramos, a ponto de perder o controle próprio, pois é então que ferimos a nós mesmos e ao nosso próximo.

14.18 Estultícia. Heb *'iwweleth*. A palavra liga-se à idéia de perversidade. É o caráter do nêscio, do homem sem sabedoria (10.14) e sem prudência (12.16). O estulto é o louco (14.19) que jamais quer se arrepender (26.11).

14.21 Despreza. Cf. a atitude do fariseu no templo (Lc 18.10).

14.23 Meras palavras. Uma pessoa não é avaliada pelas palavras que diz acerca de si mesma, mas sim, pelos atos e atitudes que demonstra claramente na vida de todos os dias.

14.31 A este honra. Se não usamos de misericórdia, desonramos nosso Criador. Se revelamos algo do mesmo amor que Deus nos demonstra, a Ele honramos. Cf. as palavras de Jesus escritas em Mt 25.31-46.

14.32 Ainda morrendo, tem esperança. Pode tratar da esperança para a eternidade. É pela graça que, o justo alcança a bem-aventurança, mas as obras da justiça são o fruto legítimo, que demonstra a fé salvadora.

14.34 Este provérbio deve ser o lema de todas as nações.

15.6 Grande tesouro. Todas as riquezas imperecíveis concedidas por Cristo constituem este grande tesouro (Ef 1.3 e 3.8).

15.8 Sacrifício. Sacrifícios dos perversos são os apresentados a Deus só com gestos e lábios, sem participação do coração (cf. Mt 15.8; Sl 50.16, 17; Mt 7.21).

15.9 Abominação. Heb *tô'abhâh*, uma das palavras que se referem às inocências e rebeldias que são a base da doutrina e da prática da idolatria: indecências praticadas nos cultos pagãos de Canaã, e rebeldias no fato de deixar-se de adorar ao verdadeiro Deus. Esta palavra é a mais comum daquelas que se traduz por "abominação". A abominação descrita no livro de Daniel vem do heb *shiqûç*, e refere-se ao domínio do paganismo até nas coisas sagradas (Dn 11.31).

15.11 Além... abismo. Conhecendo, o Senhor onisciente, tudo o que homem algum jamais pôde conhecer, quanto mais conhece Ele o coração humano!

15.15 Alegria do coração. Também sob a cruz da pobreza e da aflição, os filhos de Deus têm verdadeira alegria no Senhor (1 Pe 1.6-8).

15.17 Boi cevado. Que tem a forma de bife suculento.

15.24 Caminho da vida. É assim que Jesus se chama (Jo 14.6), e Ele "leva para cima". Não são as virtudes cristãs que nos abrem o céu; estas só dão provas da fé em nós (Ef 2.8-10).

15.25 Herança da viúva. Deus não permitirá que as viúvas indefesas sejam prejudicadas, e certamente castigará seus opressores.

15.27 Esse viverá. Deus promete bem-estar aos que evitam desonestidade de quaisquer espécies (1 Tm 4.8).

15.31 Sábios. São eles que fazem a repreensão salutar.

15.33 Humildade. "Os mansos, os humildes, herdarão a terra", Mt 5.5. Cf. também Mt

23.12; Lc 14.11; 18.14; Tg 4.10 e 1 Pe 5.6.

16.1 Planos. Embora não seja dito aqui, em outra parte fica bem claro: os planos feitos por homens não são bons, de sorte que a palavra "certa" na segunda parte da passagem forma um contraste com a primeira. Nos vv. 1-9 há um constante contraste entre o homem e o Senhor.

16.3 Confia... obras. Faz isto parte da verdadeira sabedoria (cf. Sl 25.2; 32.10; 37.5; Pv 3.5; 28.25, 26, etc.).

16.4 O Senhor fez... o perverso. Esta frase, serviu de base para muita interpretação errônea. Deus não faz, nem produz perversos para "maior glória de sua ira", para depois poder condená-los, como alguns ensinam. Em Ec 7.29, lemos: "Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias". De maneira alguma Deus se constitui em origem do mal, mas também a malvadez do malvado, na qual este incorreu por livre vontade, por Deus é incluída e aproveitada no seu plano de Salvação (cf. também Êx 9.16 e Rm 9.17), e o perverso cai debaixo da ira de Deus por sua própria culpa.

16.6 Expia a culpa. Isto nos leva para debaixo da cruz do Calvário, e isto "pela misericórdia" (Jo 3.16) e "pela verdade" (Jo 14.6), cumprindo o Deus da verdade as suas promessas messiânicas. Só andando com Deus em temor, na força do seu Espírito é que se evita o mal.

16.9 Cf. o provérbio popular: "O homem propõe e Deus dispõe".

16.11 Peso e balança justos. As obras divinas são tão justas quanto são exatas as pedras-peso que se guardavam em um saquinho (bolsa). O rei ou governador (10) deve se lembrar que acima dele há, quem pese os seus feitos (cf. Dn 5.27).

16.12 Impiedade. Heb *resha'*, "culpa", "pecado", "ofensa", especialmente no assunto da apostasia. Traduz-se por "perverso" em 13.5 (com nota).

16.15 Benevolência. Heb *rāçôn*, "boa vontade", "graça". Fala-se especialmente da graça de Deus (em Dt 33.23 traduz-se por "bênção") e Is 61.2 (traduz-se por "aceitável"). Vem da raiz *rāçâh* "desejar" "querer bem", "ter prazer". É o bom grado de Deus que deve ser refletido pelos que adoram a Deus. Existe também a palavra *hesedh* que se traduz por "amor" em 14.22, por "misericórdia" em 19.22 e por "benignidade" em 20.6, sendo a palavra-chave das profecias de Oséias.

16.18 Soberba. Heb *gō'ôn*, uma palavra cuja raiz significa "alto" e, por extensão, "sublime". Aplicada a Deus à palavra significa "sublimidade", "majestade" e "glória" (Is 24.14), e é própria para descrever uma parte da natureza divina. Só vem a significar "soberba" quando se aplica aos homens que, pecaminosamente, cobiçam tudo o que é de Deus (Gn 3.1-6). Veja também as notas sobre Soberba (11.2); Vanglorioso (12.9); Altivez, conforme segue: Altivez, heb *gōbhah*, traduzida como "altura" dos cedros, Am 2.9; "grandeza" de caráter, Jó 40.10; e "arrogância"; serviria como tradução fiel neste versículo que trata do orgulho humano. A altivez se ilustra na idéia de um cardo se considerar igual ao cedro (2 Cr 25.18-19). Não é esta a atitude do crente (Tg 4.10; 1 Pe 5.6).

16.25 Cf. 14.12. A Escritura às vezes se repete, para fins de ênfase.

16.28 Difamador. A difamação provém de Satanás; sempre fere, não somente ao difamado, mas também àquele que *espalha contendas*. Veja as notas sobre "Adversário" (1 Rs 11.23) e "Espírito Mentiroso" (2 Cr 18.20).

16.31 Coroa de honra. Um vida virtuosa produz uma velhice venerada.

16.32 Vencer as próprias paixões é mais glorioso do que vencer uma batalha.

16.33 Sorte. Veja Is 7.14n. Se por mandato divino, os homens lançam sortes invocando a assistência divina, a decisão é de Deus. Se, porém, os homens escolhem os seus próprios planos e caminhos, aí Deus não deixa de fazer valer os Seus propósitos.

17.2 José e Daniel são bons exemplos desta verdade (Gn 41; Dn 1).

17.3 Prova. Cf. Sl 7.9; 17.3; Jr 11.20.

17.4 Iníquo. Heb *āwen*. "Falsidade", "religião pagã", "vaidade" (no sentido de ser inútil, sem proveito). Tem o sentido de "vadio" (28.19n) e de "vanglorioso" (12.9n). A palavra

refere-se a um "sopro passageiros" e é um nome que a Bíblia dá aos ídolos. É semelhante, neste caso, à palavra " vaidade " definida em Ec 2.15n. *Inclina os ouvidos*. Não apenas o difamador peca, mas também aquele que gosta de escutar e repetir aquelas suas maledicências. *Maligna*. Heb *hawwoth*, lit. "de calamidades". A palavra se refere aos desejos da carne, à concupiscência, a um abismo de apetites desenfreados, dentro do qual o maligno cai. É a condição do depravado, cujos atos e palavras enredam outras vítimas, levando-as à calamidade. Veja "Maligno" em 24.1n que provém de outra raiz hebraica definida em 24.8n ("Mal").

17.7 Mentiroso. Heb *sheger*, que tem o sentido básico de "ser infiel" e, "enganar"; de fato, exatamente a mesma palavra que se traduz por "enganosa" em 31.30. A mentira é, na realidade, o engano mediante a palavra falada. Qualquer tipo de comportamento traiçoeiro se inclui dentro da definição desta palavra (2 Sm 18.13).

17.8 Suborno. Heb *shohadh*. A raiz desta palavra significa "dar presentes", seja um atributo de boa vontade, para fazer alianças políticas, conforme se vê em 1 Rs 15.19 e 2 Rs 16.18, ou seja, como se verificava com freqüência, no oriente próximo, uma gorjeta para perverter a justiça (Sl 26. 10).

17.9 Transgressão. Heb *pasha'*. O sentido primário da palavra é de "ir além", "invadir", "rebelar-se". É fugir dos limites da Lei de Deus, errar o caminho que Deus ordenou. É a apostasia, conforme se descreve também nas palavras em heb traduzidas por "impiedade" (16.12n), e "infiel" (14.14n).

17.10 Repreensão... açoites. Aceitemos as repreensões e admoestações que as Escrituras nos trazem, antes que Deus mesmo nos discipline com açoites e visitasões (1 Co 11.31-32).

17.11 Mensageiro cruel. Um policial da parte das autoridades ofendidas.

17.14 Começo da contenda. Devemos evitar a briga desde o início, pois assim como as águas de uma represa aberta são irresistíveis, assim também a paixão humana, uma vez despertada e atizada.

17.18 Entendimento. Aqui, a palavra heb é *lebh*, "coração" uma palavra que se aplica também à sede do entendimento, conforme se descreve em 23.26n. Normalmente, a palavra traduzida por "entendimento" é *binâh*, da raiz "separar", "distinguir", no sentido de discernir entre o certo e o errado, enfim, compreender. Desta raiz vem a, palavra "inteligência" (21.30n). A palavra traduzida por "entendimento" em 21.16 vêm da raiz *shâma'*, "ouvir", "escutar com atenção e obediência".

17.19 Faz alta a sua porta. O desejo de ostentar a riqueza, desde a aparência do portão exterior, arruina o homem que se excede em suas possibilidades.

17.23 Secretamente. Lit. "no seio da sua túnica", sem que ninguém veja. Quem aceita o suborno, está colaborando para que não haja mais lei.

17.24 Pelas extremidades da terra. O insensato sonha em coisas tão grandiosas, que são totalmente fora das suas possibilidades de atingi-las.

18.4 Transbordantes. A sabedoria é sempre fecunda em novos pensamentos.

13.9 Deixar de produzir é igual a destruir aquilo que já existe; deixar de vigiar e orar é equivalentes convidar Satanás a entrar no coração.

18.10 Nome do Senhor. O nome do Senhor é Jeová (Javé ou lavé), como Ele nos revela. O nome de Jeová não pode ser separado do próprio Deus. Em sentido lato, "nome", "significa também "palavra de Deus". "Escritura Sagrada. O Verdadeiro, o Todo-Poderoso, o Misericordioso - eis os nomes em que confiamos e somos seguros. Nossa torre e nosso castelo forte é nosso Deus.

18.11 Imagina. O rico pensa que, por causa. de sua fortuna, estará bem protegido. Mas só os filhos de Deus podem se considerar em boa guarda.

18.13 Vergonha. Heb *kelimâh*, "desonra", "desgraça", "vergonha", "ignomínia", "opróbrio" (Ez 36.6, 15). A palavra "vergonha", em 13.5; vem da raiz heb *hâpher*, "ser frustrado", e a palavra "envergonhar" em 29.15 representa ainda outra raiz hebraica (veja a nota).

18.16 Presente. Com presentes, no oriente, se preparava a sua admissão ao palácio do poderoso (cf. "suborno", 17.8n). Deus, porém, aceita a todos indistintamente.

18.19 Irmão ofendido. Com ofensas fechamos o nosso acesso ao coração do irmão. Cuidemos, pois, de não ofendê-lo.

18.21 Poder da língua. Tiago nos fala deste poder (3.1-12) que é benfazejo quando fala o que é do agrado de Deus, mas o abuso da língua pode nos acarretar a morte espiritual e eterna (cf. Mt 5.22).

18.24 Mais chegado do que um irmão. Isto especialmente se tornou realidade em Jesus.

19.1 Tolo. Heb *kesil*, lit. "gordo", "indolente" e, por isso mesmo, vagaroso para crer e para entender. A palavra hebraica traduz-se por "néscio" em 8.5, e "insensato", em 14.16, a comparação das notas daqueles versículos dará uma visão ampla da idéia de "tolo".

19.5-9 Falsa testemunha. Não se trata de repetição por engano, mas sim de ênfase. Enquanto no v. 5 diz que não escaparia, no v. 9 define-se qual o castigo: pereceria.

19.11 Descrição. Heb *shekhel*, da raiz *shākhdl*, "ser cuidadoso", "hábil", "sábio". Na forma causativa, produz a palavra *maskil*, traduzida por "ensino", em 16.20. A descrição abrange a perícia e a compreensão, a; estima e apreciação. Em 3-4, a mesma palavra se traduz por "compreensão". **Longânimo.** Lit. é o aditamento da ira, pela qual se tolera mais um pouco. No Novo Testamento, a palavra gr *makrothumia*, que se traduz por "longanimidade" é um fruto do Espírito Santo (Gl 5.22), idêntica a esta na origem e na sua aplicação.

19.16 Mandamento. Mandamento, aqui está em lugar de palavra de Deus".

19.17 Daí o nosso provérbio popular: "Quem dá ao pobre, empresta a Deus", o que significa: não perde, quem deu por misericórdia, pois Deus o retribuirá e com altos juros. Deus não fica devendo a ninguém. Dar esmolas não empobrece a ninguém (Lc 12.33).

19.18 Esperança. Esperança de corrigira e encaminhá-lo para a justiça.

19.19 Fazê-lo de novo. Devido ao seu mau gênio, este homem sempre, de novo, necessitará de quem o livre. Mas também aqui é recomendado que não devemos esmorecer: "virás ainda a fazê-lo de novo".

19.20 Instrução. Heb *mūsar*, que provém da raiz *yāsar*, "castigar", "corrigir". Este substantivo é um derivado da forma causativa da raiz, e tem o duplo sentido de "castigo", "disciplina" e "ensino", "doutrina". O alcance total da idéia de "instrução" no pensamento bíblico incluiu a "disciplina", em 29.15n, o "entendimento", em 17.18n, a "descrição", em 19.11n e a "inteligência" que se descreve, em 21.30n, juntamente com a palavra "conselho".

19.22 Misericórdia. Heb *hesedh*, traduzida por "amor" em 14.22 e "benignidade" em 20.6. É a graça de Deus que perdoa e transforma. A misericórdia de Deus traz, consigo, a exigência de que sejamos misericordiosos (Mt 5.7, Lc 6.36; 11.4; Mt 18.23-35). É o profeta Oséias que mais usa a palavra.

19.24 É ilustração da preguiça que leva até a falta de alimento. Cf. 26.15.

20.6 Benignidade. Heb *hesedh*, traduzida "Misericórdia" em 19.22. Aqui se trata mais de "conservar boa vontade" (Êx 34.7; Ne 1.5; Sl 36.10; 109.12). Esta benignidade inclui também o repreender a pessoa ou à nação amada, como se revela em 25.10, onde a palavra "infâmia" da mesma raiz.

20.8 Dissipa todo mal. Um rei sábio, justo e poderoso logo descobre a origem do mal e a remove.

20.10 Dois pesos... duas medidas. Por ser tão importante, este versículo se acha repetido (23). Dois pesos: um para a fiscalização e outro para os fregueses, um para a compra é outro para a venda, está em paralelo com "balança enganosa". Tal procedimento constitui abominação ao Senhor.

20.11 Criança. Desde cedo devem ser induzidas por palavras e exemplo a fazerem o bem; caso não o fizerem, ainda não é tarde para corrigi-las. *Pelas suas ações.* Ou, como Jesus diz: "Pelos seus frutos os conhecereis", (Mt 7.16).

20.12 *Ouvindo... olho.* O Senhor, que a ambos fez, pedirá contas do uso que fizermos dos mesmos. O Senhor os fez. E isto a fim de que crescêssemos diariamente no conhecimento da verdade.

20.14 *Nada vale.* O comprador astuto, para conseguira mercadoria por preço baixo, faz como se a desprezasse ("nada vale"), mas posteriormente se gaba do bom negócio que fez.

20.17 *Pão ganho por fraude.* O que foi, ganho, ilegitimamente, mais tarde virá a pesar na consciência.

20.18 *Prudência.* Deus nos deu razão, e juízo para que dos mesmos façamos o devido uso. Também destes dons devemos prestar contas a Deus.

20.20 *Lâmpada.* Sua vida se apagará e, se não se arrepender, terminará nas trevas eternas (cf. também 30.17).

20.22 *Espera pelo Senhor.* Assim Davi procedeu, poupando a vida de Saul (1 Sm 26.8-10).

20.24 Sem auxílio da parte de Deus, o homem há de errar sempre o caminho.

20.25 *Precipitadamente.* Os votos feitos com precipitação são votos levianos e assim errados. Primeiro, devemos estar certos do assunto, pois é de peso a nossa palavra. "Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes. Melhor é que não votes, do que votes e não cumpras" (Ec 5.4, 5).

20.26 *Roda.* Uma penalidade freqüentemente usada pela justiça de então, aqui é mencionada a título de intimidação.

20.27 *Lâmpada.* O homem difere dos animais por possuir uma alma racional implantada nele por obra de Deus. Criado à imagem divina (Gn 1.27), abusou da sua razão e caiu em pecado. Mas o Espírito Santo, mediante a palavra divina pode remover as trevas e acender a lâmpada divina a fé, em seu coração (cf. Cl 1.12).

20.30 *Vergões das feridas.* Deus usa doenças e dores para lembrar ao homem o seu pecado, a proveniência de todo o mal; quer que se convença da própria impotência e invoque o nome do Senhor no dia da angústia. Estes males não são castigos, para os filhos de Deus, pois "o castigo... estava sobre Ele" (Is 53.5).

21.1 *Ribeiros.* Usados no oriente para a irrigação, são derivados conforme a necessidade. Assim Deus dirige facilmente os corações dos grandes e poderosos.

21.3 *É mais aceitável ao Senhor.* Assim disse Samuel ao desobediente rei Saul (1 Sm 15.22); o mesmo diz Jesus (Mc 12.33).

21.4 *Olhar altivo... lâmpada.* Cf. Sl 18.26-28. "Lâmpada" do perverso é o brilho deste perante os olhos do mundo, como se fizesse obras que fossem boas: "sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6).

21.8 *Tortuoso.* O caminho tortuoso, aqui, está posto em contraste com caminhos direitos, retos e justos que agradam a Deus.

21.16 *Congregação dos mortos.* É o ajuntamento dos mortos espiritualmente, dos incrédulos, não arrependidos, dos mortos eternamente.

21.18 *Perverso... justo.* Cf. 11.8: "O justo é libertado da angústia, e o perverso a recebe em seu lugar". Se Deus não livra ao justo do mal na sua vida, leva-o aonde o mal não existe, o que não acontece ao perverso. No Calvário, aconteceu o contrário: um justo serviu de resgate para todos nós, perversos.

21.25 *Desejando.* Deseja somente os frutos, mas detesta o trabalho para produzi-los

21.26 *O justo dá.* Enquanto a primeira parte do versículo é paralela ao v 25, a segunda diz que o justo se entrega espontaneamente à sua tarefa. Também dá e comunica o que possui ao necessitado, enquanto a cobiçoso só pensa em si mesmo.

21.30 *Inteligência.* Heb *tebhunâh*, "prudência", que é saber distinguir o bem e o mal, entre o certo e o errado. Veja também "entendimento" (17.18n), e "prudente" (14.15n).

Conselho. Heb "eçâh, da raiz yã'aç, "admoestar", "aconselhar". Um "conselho" pode até ser um invento artificiosa; ou a qualidade de saber usar artífices e idéias sábias. Comp. instrução" (19.20n).

22.2 *O rico e o pobre... faz o Senhor*. Das Suas mãos devemos aceitar os bens, sejam muitos, sejam poucos, pois Deus faz ambos, ricos e pobres.

22.6 *Ensina a criança*. Os pais são responsáveis perante Deus por seus filhos, aos quais devem dar uma boa educação evangélica logo na meninice, pois assim como são instruídos, é de esperar-se que continuem quando adultos.

22.8 *Injustiça* Heb 'awlah, "desigualdade", "injustiça", "iniqüidade". É o oposto da idéia das palavras "justo", "verdade" e "equidade", termos que, neste livro, traduzem a palavra hebraica 'emeth. Quem não age sempre com medidas certas, perde sua autoridade moral para corrigir outros.

22.9 *Generoso*. Lit. "bom de olho". É a qualidade de contemplar os bens, as qualidades e as bênçãos de outras pessoas, com alegria. A inveja é o contrário e é considerada o "mal do olho" (23.6n) É a idéia de "regozijar-se com a verdade", 1 Co 13.6; vem do amor.

22.10 *Escarnecedor*. Heb leç, que se refere a quem zomba de alguma coisa, especialmente desprezando a lei e a religião. A palavra traduzida por "escarnecer" em 17.5, vem da raiz lâ'agh, "rir-se de alguém", interpretada como "zombar" em 1.26 e 30.17. *Contenda*. Heb mãdhôn, cuja raiz é dîn, definida em 27.15n e traduzida por "rixosa". Aqui podemos traduzir por "discórdia".

22.11 *Pureza do coração*. Cf. a doutrina de Jesus sobre os puros de coração (Mt 5.8). Os "limpos" são os purificados pelo sangue de Jesus, Hb 9.14. Cf. também SI 24.4.

22.13 *Preguiçoso*. O preguiçoso costuma exagerar as dificuldades da tarefa da qual o querem incumbir, a fim de que nada continue fazendo.

22.14 *Contra quem se irar*. Aquele que continua e obstinadamente se opõe a Deus, está enfim só entrega às paixões (cf. Faraó e o juízo de endurecimento que a este sobreveio).

22.15 *Disciplina*. A arvorezinha ainda pode ser endireitada, o que se torna impossível depois de grande (cf. 13.24).

22.16 Temos de cuidar, à luz da palavra de Deus, tanto de como ganharmos os nossos bens assim da maneira como os usamos.

22.18 *Coração... lábios*. Mt 12.34 e Lc 6.45. "A boca fala do que está cheio o coração". Se a verdadeira sabedoria nos enche o coração, necessariamente damos testemunho dela a outros.

22.21 *Responder*. Comunicar a outros o que de Deus nos foi confiado (20) assim como também o fez Salomão (1 Rs 10).

23.2 É necessário refrear-se a fim de não atrair sobre si ruína.

23.3 *Comidas enganadoras*. Só oferecidas para nos experimentar.

23.5 *Fará para si asas*. A riqueza é instável, como diz o provérbio: "Bens de sacristão, cantando vão".

23.6 *Invejoso*. Lit. "mau de olho", o antônimo de "generoso" que quer dizer lit. "bom de olho" (22.9n). Significa "mesquinho", ver com maus olhos a alegria e o sucesso dos outros. Esta maneira bíblica de exprimir a palavra "inveja" explica o sentido de Mt 20.15: "Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?". Há outra raiz que traduz "inveja" em 3.31; 23.17; 24.1; 24.9; 27.4; é qãñã', que fala do ardor dos ciúmes.

23.8 *Vomitarás*. Ao reconhecer a falta de sinceridade do hospedeiro.

23.11 *Vingador*. Heb gô'el. Alguém que redime, pagando o valor do resgate. Um membro da família que exige retribuição ou vingança em nome de um parente injustiçado. É o Redentor de Jó (19.25; Is 44.6; Jr 14.18). É o "vingador de sangue" descrito em Nm 35.12n. É o papel que só Cristo desempenhou de maneira eficaz e de efeitos eternos (1 Pe 2.21-25).

23.13 *Não morrerá*. A correção a fará permanecer no caminho da vida, isto é, na fé e na vida correta.

23.18 Bom futuro.. esperança. O justo sabe da vida que há de vir; não serão vãs as suas esperanças, pois a promessa de Deus é fiel.

23.26 Dá-me, filho meu. É a sabedoria personificada que nos atrai com palavras suaves, é Jesus Cristo que deseja todo o nosso ser. Não se contenta apenas com nossos lábios, mas quer nosso coração e toda a nossa confiança. *Coração.* Heb *lebh*. A raiz verbal significa "ganhar compreensão", "criar juízo". Menciona-se o coração físico em 2 Sm 18.14; o coração como o centro do corpo em Is 1.5; como força vital em Sl 73.26. O coração como centro das forças espirituais se menciona em Lm 3.41; como o íntimo da pessoa, em Jr 17.10. Emprega-se a palavra para indicar a percepção (Jr 4.9); o pensamento (Ec 2.20); a memória (Sl 31.12); e a consciência (Jó 27.6).

23.33 Os teus olhos. Sem dúvida, a cobiça dos olhos e esta perversidade dos lábios são conseqüências do abuso de bebidas alcoólicas.

23.35 São palavras de um ébrio que não sente pancadas e dores, e só espera que passe esta embriaguez para poder se embebedar de novo.

24.1 Malignos. Heb *rā'āh*, "mal". Este vocábulo está ligado à idéia de destruir, estragar, arruinar. O mal moral é tudo aquilo que causa dano, dor ou tristeza à coletividade, à Igreja, ao vizinho, um mal que se descreve em Mq 21-3. Há outra palavra traduzida por "Maligno", cuja raiz *hāwwāh* significa "desejar", "ter saudades", concebendo-se a "cobiça ardente" e a "concupiscência"; vê-se em 17.4 e 24.1. Para se entender como este característico procede do Diabo, do Maligno, que provoca violentos desejos que são uma fonte de pecados contra Deus, basta comp. Gn 3.6 com 1 Jo 2.16.

24.4 Conhecimento. Heb *da'ath*. É o resultado de perceber e considerar. É ser colocado a par, ficar à altura, compreender, ser sábio. Para ter conhecimento, as afeições e a fé também entram em pauta (11.9n). *Bens.* Heb *hôn*, "substância", "riquezas". A raiz da palavra significa "estar em boas circunstâncias", "ter uma vida fácil". A raiz mais comum para; significar "ficar rico" é " *āshār*, que produz as palavras "enriquecer-se", "riquezas", e "rico" em 8.18; 10.4, 22; 23.4; a idéia básica desta raiz é "ter um caminho liso pela frente", "prosperar".

24.7 No juízo. O sentido também pode ser; na roda dos anciãos, pois tanto o juiz como o senado da cidade se achavam no portão principal. Ali, o insensato emudece e a sabedoria fala.

24.10 Uma possível tradução é: "Se és vagaroso (a preparares para ajudar a outrem), pouca força terás no dia da angústia". Há ainda um jogo de palavras: *çātāh*, "angústia" (25.19n), e *çar*, "pequeno" ou "restrito". Ambas as palavras são da mesma raiz; "constringir".

• **N. Hom. 24.10-12** Um apelo à evangelização: 1) exige coragem e dedicação porque os dias são maus e o tempo é curto (10; cf. Jo 4.35); 2) a obra é levar a mensagem de salvação aos que estão no caminho da destruição eterna (11); 3) A desculpa da ignorância da nossa comissão não é aceitável (12; cf. Ez 3.17-21; Mt 28.18-20; Rm 10.11-15).

24.15 Justo. Heb *çaddîq*, "reto", veja 12.6n. Vem da raiz *çadaq*, "ser reto", "ter razão", "ganhar a causa", "ser justificado" e inclui até a idéia de "vitória". É a santidade de Deus, e Seu amor, ganhando a vitória contra nossas tendências pecaminosas. Refere-se, portanto, à justificação pela fé em Jesus Cristo, que se alia com o crente na causa e na luta contra Satanás, retirando a acusação até no dia do Julgamento (Hb 27.28).

24.16 Sete. É o "número integral" do antigo oriente (cf. Mt 18.21-22). *Se levantar.* Para pecados de fraqueza há perdão para quem se arrepende e crê no Salvador, e não há limites da parte de Deus, neste perdão. A sabedoria consta em reconhecer o erro e procurar o perdão.

24.18 Desvie dele a sua ira. Que até recai sobre o jubiloso maligno.

24.19 Não te aflijas. Lit. "não te esquentes".

24.23 *Parcialidade*. Acepção de pessoas por parte do juiz.

24.27 *Depois edifica a tua casa*. Deus quer que façamos uso de nossas faculdades mentais e não procedamos com fatalismo, precipitadamente. Em Lc 14.28, Jesus pergunta: "Qual de vós, pretendendo construir uma torre não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir?" O mesmo é necessário fazer antes de constituir uma família.

24.29 *Pagarei a cada um*. É expressa de maneira negativa, a mesma idéia que achamos em Mt 7.12 e Lc 6.31.

25.2 *Encobrir*. Os caminhos de Deus no mundo, sendo insondáveis, encobertos, demonstram algo da soberania e glória de Deus; quanto aos reis da terra, devem examinar tudo e orar a Deus antes de tomarem qualquer atitude, para verificar se estão dentro da vontade divina.

25.5 *Justiça*. Heb *çedhãqâh*, aquilo que é reto, direito, sem tortuosidade nem perversão; é o oposto da palavra *'ãwâh*, "perverter" (mencionada em 13.5n; cf. 28.10n). Aqui, exprime "honestidade", "inocência", "exatidão".

25.6,7 Cf. a Parábola de Jesus narrada em Lc 14.8-10, que ensina a humildade.

25.9 *De outrem*. Isto seria a difamação, contrária ao oitavo mandamento (cf. 11.13, Tg 4.11). O comportamento certo se descreve em 31.8, 9.

25.11 *Maçãs de ouro*. Esta expressão também pode querer dizer "laranjas"; seja como for, a apresentação condigna sempre aumenta o valor de um objeto, assim como uma palavra valiosa se estima mais quando falada na hora certa.

25.19 *Angústia*. Heb *çãrâh*, lit. "adversidade", que se desenvolve da raiz *çur*, "oprimir", "perseguir", "apertar" (ou talvez *çãrar*, com o mesmo sentido). A idéia de angústia também descreve esta sensação de contração da garganta do peito e do estômago.

25.21,22 Cf. Rm 12.20. Envergonhar o inimigo em lhe pagando seu mal pelo bem é, talvez, a manifestação mais difícil de amor ao próximo mas realmente é desta maneira que Deus também nos quer levar ao arrependimento, pelos seus benefícios gratuitos (Rm 2.41, Mt 5.44, 45).

25.23 *Vento norte*. A ilustração tem de ser ajustada a terras diferentes; em Israel este vento é o que traz a chuva. *Língua fingido*. Quem mais difama a seu próximo, normalmente dele fala bem, quando está em sua presença.

25.25 *País remoto*. A própria pátria, da qual anda exilado.

25.26 *Fonte*. A fonte a mais cristalina pode ser turvada " assim como o justo pode se deixar contaminar pelos perversos.

25.27 *Honra*. Heb *kãbbôdh*, que tem a idéia de "ser pesado", "pesar bem na balança de valores reais" (cf. Jo 17.22). A tradução literal poderia ser: "da maneira pela qual o comer muito mel não é bom; assim tampouco a busca de glória, glória é". Há um duplo sentido pelo qual se diz: "assim também pesquisar assuntos pesados, um peso é". A falta desta honra ou glória, a desonra, tem uma palavra especial, heb *qãlôn*, da raiz *qãlal*, "diminuir-se", "ficar sem valor", e se traduz por "desonra" em 11.2, significando "inutilidade", "vergonha" e "desprezo". Ser avaliado em nada pelos homens é fonte de angústias e complexos; ser pesado por Deus e achado em falta, é a "condenação final" (Dn 5.27-30; Mt 25.26-30).

25.28 *Domínio próprio*. Lit. "conservar o espírito dentro de limites" ou "trancar o espírito". Dá idéia de abster-se não somente de vícios físicos, mas também de emoções e pensamentos vis. No NT, o domínio próprio é fruto do Espírito Santo (Gl 5.23, gr *enkrateia*, "segurar dentro de limites").

26.2 *Maldição sem causa*. A maldição com causa, por exemplo, a da parte dos pais justamente irados, se cumpre; mas a maldição injusta, que os infiéis dirigem "contra os filhos de Deus, não se cumpre.

26.4,5 O sentido básico nestes dois versículos é que, com o insensato, nada se pode fazer: quem entra em diálogo com ele, no seu próprio nível, vai solidificá-lo na sua

ignorância é rebaixar-se por nada. Quem tenta lhe elevar o nível lhe dará um falso conceito de si mesmo, sem alterar-lhe em nenhum pormenor.

26.8 *Honra ao insensato*. Seria inútil, contraproducente e nocivo.

26.9 *Galho de espinhos*. Assim como o bêbado não sente a ponta dos espinhos, o insensato não percebe a verdade aguda das parábolas.

26.10 A segunda metade do versículo pode ser traduzida por: "quem dá salário ao tolo é como quem dá a qualquer transeunte". "Transgressor", aqui, não, é aquela palavra *pesha'* (17.9n), que se refere aos rebeldes contra Deus. E apenas "transeunte".

26.12 *Sábio a seus próprios olhos*. A presunção é pior do que a insensatez ou a falta de perícia, pois quem não aceita a instrução, não pode aprender nem ser corrigido.

26.13 Cf. 22.13. É aquilo que nossa gíria chama de "desculpa amarela".

26.18 *Louco*. Heb *mithlahleah*, de uma raiz que só aparece nesta forma intensiva e reflexiva, com o sentido de ser louco, doente mental devido a alguma insolação. A palavra traduzida por "loucura" em Ec 1.17; 2.2; 7.25 (etc.) provém, de outra raiz que significa "dar falso brilho a si mesmo". Outra raiz, *shãga'*, descreve a loucura do delírio (1 Sm21.12; Jr 50.38).

26.20 *Maldizente*. Heb *nirgân*, "difamador", "boateiro", "mexeriqueiro". As notas de 6.12-15 descrevem a origem e a natureza da maledicência. A raiz dá a idéia de resmungar, murmurar. Compare "tagarelice" (12.18), "mentiroso" (17.7), "maldição" (27.4), com as respectivas notas.

26.22 Cf. 18.8. Este passatempo que a muitos agrada contamina o íntimo.

26.3 *Escórias* Tem a aparência da prata legítima, mas não tem valor.

26.24 *Lábios*. As palavras mentirosas com as quais se procura enganar.

26.26 *Publicamente*. Lit. "perante a congregação" (Nm 35.24, 25n explica a natureza da congregação).

27.1 Cf. Tg 4.13-16 e Lc 12.16-20.

27.2 É a tentação é o perigo das autobiografias.

27.5 *Repreensão franca*. Quem corrige o erro de outra pessoa se lhe revela como o melhor amigo. *Amor*. Heb *'ahāvâh*, a palavra comum é não moral para descrever o amor, a afeição e o apego em geral. O termo traduzido por "amor" em 14.22 é o heb *hesedh* que se traduz também por "misericórdia" (19.22) e "benignidade" (20.6), veja as notas. Significa bondade para os aflitos, amizade, boa vontade, abnegação e graça. É palavra-chave na mensagem do profeta Oséias, que, mediante sua experiência no lar, aprendeu que, o amor de Deus busca o pecador e transformado pela disciplina até ser restaurado à plenitude da glória, Os 22-23; Rm 8.28-30.

27.10 *Vizinho*. Ou seja, um verdadeiro amigo, ("o próximo" da parábola de Jesus em Lc 10.33-37) que é melhor do que um irmão desinteressado.

27.11 O êxito dos alunos é a defesa do professor.

27.14 *Maldição*. Heb *qelâlâh*. A raiz desta palavra significa "ser leve", "ser de curta duração", "ser sem valor" (comp. também *gãlôn* "desonra", 25.27n). O vocábulo, aqui, vem da forma intensiva da raiz, que então quer dizer "amaldiçoar". Os elogios excessivos são tão suspeitos, que são como maldições.

27.15 *Rixosa*. Lit. "de contendas", heb *medânim*. A raiz é *din*, "julgar", "defender", "punir"; e daí "levantar uma contenda jurídica". Refere-se às pessoas que gostam de levantar acusações e debates. "Contenda", em 18.6, vem de outra raiz, *ribh*.

27.16 *Contê-la*. É tão impossível parar a conversa de uma rixosa como controlar o vento com a mão, ou nela reter uma medida de óleo.

27.17 Um amigo pode, em discussão amistosa, aprender de outro.

27.19 Assim como a água espelha a aparência física da pessoa, assim também as reações dos nossos semelhantes revelam qual é o nosso verdadeiro caráter, quais são os nossos pensamentos e os nossos erros.

27.20 *Inferno*. Heb *she'ôl*. "A sepultura" no sentido de condição dos mortos comparada

com o estado dos vivos, O receptáculo dos mortos. O mundo da invisibilidade (nisto corresponde à palavra *hades* usada no gr). Há uma nota sobre a palavra em 9.18, e uma compreensão do assunto se obtém com as notas sobre "além", "cova", "profundeza" em Ez 31.15-18. *Abismo*. Heb *'abhaddôn*, lit. "destruição", "lugar de perecer". Aqui, é sinônimo retórico de *she'ôl*, como também em 15.11. Pelo Novo Testamento, esta mesma palavra se usa como nome próprio, Abadom, o anjo do abismo; em grego, Apoliom (que quer dizer "destruição"), Ap 9.11.

27.21 Os louvores podem ser pior tentação do que a desgraça.

27.24 *Riquezas*. Heb *hōsen*, uma força íntegra e inviolável; bens guardados num lugar secreto e intocável. Veja "bens", em 24.4n. *Coroa*. Refere-se à honra, à influência, à riqueza, e ao poder que, obtidos na vida da cidade, não se entregam de geração em geração, como é o caso de uma fazenda bem desenvolvida, uma fonte de renda, firme, perpétua, que diariamente atende às verdadeiras necessidades.

28.6 *Integridade*. Heb *tôm*, da raiz *tāmam*, "ser pronto", "completo", "acabar". Significa "inocência", "comportamento justo", a qualidade de ser impecável. Realmente, a integridade é deixar que Deus nos transforme, moldando-nos como o oleiro forma o vaso de barro (Jr 18.1-10). Também existe na forma *tummâh* (11.3).

28.8 Cf. Lv 25.36, onde se exige que haja temor de Deus no assunto.

28.9 *Oração... abominável*. Quem despreza a palavra de Deus, está fora do contato com Deus, e a sua oração então já é desprezada.

28.10 *Retos*. Heb *yāshār*. Fisicamente, quer dizer "perpendicular", e então aquilo que não se inclina nem para um lado, nem para o outro, especialmente quando se trata da palavra de Deus.

28.12 *Perversos*. Se os perversos (13.5n) chegam a dominar, os justos fazem bem em se esconder.

28.13 *Misericórdia*. Vem da raiz heb *rāhām*, "ser terno", "apiedar-se", "tratar com cuidado". A palavra se reserva especialmente para o assunto de acudir os aflitos, os pobres e os fracos, e mostrar a graça de Deus aos homens pecadores. A outra palavra traduzida por "misericórdia" é *hesedh* (19.22n).

28.16 *Avareza*. Heb *beça'*. A palavra tem o sentido mais comum de "vantagem", "lucro", que provem da raiz que significa "dividir", "cortar um pedaço para si mesmo" e daí estende-se à idéia de "aparar um lucro injusto de cada assunto que lhe passa pelas mãos". A palavra traduz-se por "proveito", no contexto de (Gn 37.26; em Êx 18.21 se traduz por "avareza", mas revela claramente que isto é o lucro injusto.

28.17 *Detenha*. Ninguém deve lhe ajudar; seu caminho para a destruição é tão certo como é horrível o seu crime.

28.19 *Vadios*. Heb *reyq*, "esvaziado", "derramado". Alguma coisa que ficou sem conteúdo, vazia. Daí se aplica a tudo aquilo que para nada presta. Comp. "Vaidade" em Ec 2.15n, e "desonra" em Pv 25.27n.

28.25 *Cobiçoso*. Heb *rehabh nephesh*, lit. "largo de alma", expressão na qual "alma" quer dizer "apetite carnal", como, também ocorre no NT, onde há lugares nos quais um derivado da palavra "alma" significa "animalesco", "natural", "sensual", grego *psuxikos* (1 Co 2.14; 15.44; Tg 3.15; Jd 19). Se ter cobiça é ter grandes apetites, também ter orgulho seria grandeza de coração (21.4).

28.27 Cf. 19.17, que mostra que o próprio Deus está administrando os bens daquele que os compartilha com os necessitados. *Esconde os olhos*. "Fingindo não ver nem compreender a necessidade do pobre.

29.41 *Amigo de impostos*. Um governador que tira o dinheiro do povo.

29.7 *Informa-se*. O justo interessa-se de fato pelo pobre, querendo ajudá-lo da melhor maneira possível; mas o perverso é egoísta.

29.9 *Não haverá fim*. Heb *'emeth*, uma coisa segura ou firme, reta e de confiança. Vem da raiz "āmān, "ser verdadeiro", "ser fiel", de onde provém a palavra "amém". Há uma forma

de raiz que significa "colocar sua fé em alguma coisa"; "depende completamente" (Is 53.1); é o vocábulo da justificação pela fé (Gn 15.16; Rm 4.1-5.11). É palavra-chave da fé, que olha para as promessas firmes e seguras e produz uma vida reta e nobre (Hc 2.3-4 e Hb 10.36-39). Esta vida de fé, alicerçada e firme em Deus, se descreve em Hb 11.1-40. Traduz-se por "fidelidade" em 14.22 e "verdade" em 16.6.

29.15 *Disciplina*. Heb *tôkehehâh*, "correção", "disciplina". Esta palavra, na língua original, é reservada tão-somente para descrever a punição que Deus impõe para ensinar e corrigir seu povo. A raiz é *yâkhah*, "pronunciar sentença", "arbitrar". A palavra mais comum para indicar a disciplina é *mûsâr*, traduzida por "instrução" em 19.20n. Heb *meghish*, "causando desonra ou ignomínia". É a forma causativa da raiz *bûsh*, "envergonhar-se". A boa fama de uma pessoa depende também da maneira pela qual consegue reger sua família (31.23; 1 Tm 3.2-5).

29.18 *Profecia*. A palavra de Deus, quando aceita; transforma os povos; sendo desprezada, o povo se corrompe e as condições de vida pioram.

29.23 *Humilde*. Heb *shâphâl*, "ser abaixado", "de condição humilde", cf., 16.19, que é equivalente a Mt 5.3. Outras raízes que descrevem a humildade são *'ânâh*, "ser humilhado pela opressão e pela pobreza", 22.4; *rapâs*, "ser pisoteado, deixar-se maltratar" (6.3).

29.24 *Maldições*. Gritos dirigidos contra o ladrão que se vai fugindo.

29.25 Quem dá mais respeito à vontade humana do que à vontade de Deus está preparando uma cilada na qual ele mesmo cairá (Jr 17.5).

30.1 Aqui começam os dois apêndices às palavras de Salomão; cap. 30 contém as palavras de Agur, e cap. 31 as palavras de Lemuel. A expressão *de Massá* deve ser traduzida por "a sentença", "o fardo" e quer dizer "a mensagem de Deus" segundo se vê em Jr 23.33-38, onde a mesma palavra *mâssâ'* se traduz por "sentença pesada". Os israelitas têm visto, nos nomes de Agur e de Lemuel, referências indiretas à pessoa de Salomão. Podemos dizer com certeza que o rei Salomão (971-931 a.C.) é o autor da maioria dos provérbios que assim tomaram o seu nome; o que não sabemos é quem foram Agur e Lemuel, mas assim como, sob inspiração do Espírito Santo, "provérbios dos sábios de Israel", (cf. 22.17 e 24.23) foram acrescentados às palavras do sábio rei, assim também os provérbios que constam dos apêndices.

30.4 *Qual é o nome de seu filho?* Se para a pergunta da primeira parte deste versículo, a resposta claramente é "Deus", à última pergunta nada podemos responder a não ser: "Cristo, cujo nome Jesus", Mt 1.21.

30.5 *Pura... escudo*. Cf. Sl 12.6; 19.8. Deus, paralelamente com a sua palavra, é chamado o nosso escudo (Gn 15.1, Sl 3.3; 7.10; 18.2).

30.6 *Nada acrescentes*. Cf. Ap 22.18-19; Dt 4.2.

30.8 *Falsidade*. Heb *shâw'*, "mentira". Traduzida por "em vão", em Êx 20.7, representa a hipocrisia religiosa. É a falsidade deliberada, ligada a uma atitude de leviandade. É uma das palavras que se traduzem por " vaidade", juntamente com as mencionadas em 28.19n e Ec 2.15.

30.9 *Profane*. Tornando em nada o nome da religião, por causa do seu comportamento errado, e ainda blasfemando em meio às dificuldades, culpando a Deus por ter sido a causa de sua péssima situação.

30.16 *Estéril*. Esterilidade provocada das prostitutas.

30.19 *Donzela*. Talvez aqui se refira à mulher adúltera do v. 20.

30.27 Cf. Jl 2.2ss.

30.32 *Põe a mão na boca*. Não o espalhes, certamente não te gabes a respeito.

31.3 *Mulheres*. São mulheres indecentes, também, as que destroem reis.

31.8 *Mudo*, por estar ausente, este necessita da nossa defesa.

31.10 *Mulher virtuosa*. Em contraste com a imoral, a qual antes foi tratada. Este poema (10-31) tão maravilhosa mostra uma dona de casa fiel a Deus nos seus afazeres diários.

É a casa como a de Betânia, onde Jesus gostava de se hospedar (Lc 10.38-42; Jo 11.1-44).

31.15 Mantimento. Uma eficiente economia doméstica sempre traz lucro para a família.

31.17 Cinge os lombos. Levanta um pouco o vestido comprido e prende-o na cintura, para os pés ficarem mais desembaraçados para o trabalho (cf. 1 Pe 1.13).

31.18 Lâmpada. É sinal do trabalho incessante e compenetrado, mostrando sua dedicação à família, em contraste com a dedicação do avarento às possessões passageiras.

31.25 Dia de amanhã. O futuro.

31.26 Não é dominado; como a mulher enérgica e eficiente talvez pudesse dominar o marido, mas é gentil.

31.29 Tu... sobrepujas. Um elogio sincero para uma dona de casa esforçada é a melhor recompensa.

31.30 Teme ao Senhor. Também na dona de casa, o temor do Senhor é a maior das virtudes e fontes de todas as suas qualidades morais. Formosura e graça exteriores pouco valem.

31.31 Dai-lhe do fruto das suas mãos. Fazer com que a dona de casa esforçada participe dos bens em igualdade de condições, para que ela, findo o trabalho, não tenha de pedir ao seu marido coisas a ela necessárias, como que esmolando. Esta igualdade de condições é uma recompensa merecida por seu trabalho.

*Livro do **Eclesiastes** ou O Pregador*

Análise

Quem é Eclesiastes? Esse termo significa "homem da assembléia", isto é, ou o indivíduo que convoca uma assembléia religiosa (Nm 10.7) ou alguém que é seu porta-voz, seu pregador. Nosso porta-voz não era algum sacerdote munido da lei, nem um profeta munido da palavra, mas um sábio munido do conselho (Jr 18.18), e muito de sua obra se assemelha com o material do livro de Provérbios.

Baseando-se em 1.1 do livro muitos inferem popularmente que tenha sido Salomão, o primeiro dos sábios de Israel (12.9, 11; cf. 1 Rs 3.12; 4.29-34); pelo menos uma parte do livro é reputada como um reflexo das experiências do sábio.

Contudo, pode-se perguntar se Salomão, o terceiro rei de Israel, alguma vez na sua história poderia ter usado o tempo passado para dizer "Fui rei em Jerusalém" (Vd. nossa versão que por causa dessa dificuldade traduz "venho sendo rei de Israel, em Jerusalém"). Poderia ele ter confessado que a tentativa de ser sábio foi um fracasso: "mas a sabedoria estava longe de mim" (7.23)? Sob seu eficiente governo teria ele descrito os opressores como indivíduos cujo poder é irresistível (4.1; 5.8; 8.9; 10.5-7; cf. 1 Rs 4.20,2 5)?

Quando é que esse *Qoheleth* (o único nome que lhe é atribuído no hebraico "homem da assembléia", o verdadeiro título de seu ofício) escreveu? Evidentemente quando Israel gemia debaixo de opressores estrangeiros (possivelmente os persas, entre 444 e 331 a.C., ainda que outros prefiram dizer que teriam sido os gregos, esses opressores). O livro apócrifo de Eclesiástico, de Jesus ben Siraque, escrito em cerca de 160 a.C., parece citar a Eclesiastes como se fosse uma obra anterior a sua época.

Onde? Perto da casa de Deus (5.1), onde os homens iam e vinham do lugar santo (8.10). O conhecimento sobre o mundo exterior, conforme exibido no livro, poderia ter sido adquirido ali mesmo, em Jerusalém.

Portanto, atribui-se o livro a quem? Embora escrito no idioma hebraico, seus sinais distintamente israelitas são poucos. O nome de aliança de Deus nunca é usado; Israel é mencionado apenas uma vez. O autor, amante de provérbios, fala para os filhos dos homens (1.13, e assim por diante), fala à humanidade. Salientando a loucura e as trevas

do homem natural, ele prepara o caminho para a sabedoria e para a luz do evangelho.

Por que um livro como esse foi incorporado no cânon? Os rabinos disputavam a coerência do escritor, mas para eles o livro já fazia parte de sua Bíblia. Não encontramos aqui um otimismo cego: mais de uma vintena de prementes problemas desta vida são claramente vistos, de modo a não permitir tal otimismo. Mas igualmente não há um pessimismo cínico, pois o autor é um crente em um Deus reto (8.12, 13, e noutros lugares). Aqui encontramos um realismo de olhos abertos que enfrenta a diversão e a fúria, os triunfos e as derrotas, o padrão de luz e sombra, tão somente para tirara conclusão de que as coisas como um todo são uma lufada de vento (1.2; 12.8; e assim por diante), mas, paradoxalmente, a totalidade da vida humana deve consistir em reverência e obediência a Deus, pois a Ele, finalmente, cada qual dará plena prestação de contas (12.13, 14).

Esboço

TEXTO, 1.1,2 - "Tudo é Vaidade"

O CANSATIVO CÍRCULO VICIOSO, 1.3-2.26

Da Natureza, 1.3-11

Da Experiência, 1.12-18

Dos Prazeres, 2.1-11

O Sucessor de cada qual pode ser um Tolo, 2.12-23

É Melhor Desfrutar a sua própria Obra, 2.24-26

TEMPO E ETERNIDADE, 3.1-22

O Tempo, 3.1-9

A Eternidade, 3.10-15

Morte Negra, 3.16-22

ECONOMIA POLÍTICA, 4.1-16

A Opressão é Deprimente, 4.1-6

O Comportamento Ajuda, 4.7-12

A Revolução Pode Fracassar, 4.13-16

RELIGIÃO E VIDA, 5.1-6.12

A Adoração Reverente, 5.1-7

Observai os Oficiais, 5.8,9

A Prosperidade se Acaba, 5.10-17

Portanto, Desfrutai o Trabalho, 5.18-20

Desfrutai das Coisas Boas, 6.1-16

O Que é Bom para o Homem? 6.7-12

PALAVRAS SÁBIAS, 7.1-29

Provérbios, 7.1-12

Breves Comentários, 7.13-22

Desespero da sabedoria Humana, 7.23-29

OS REIS E O REI, 8.1-17

Observai um Rei, 8.1-4

O Futuro é Incerto, 8.5-9

Desfrutai vosso Labor, 8.10-15

Os Caminhos de Deus São Desconhecidos, 8.16,17

O ÚLTIMO INIMIGO, 9.1-16

A Morte Silencia a Todos, 9.1-6

Portanto, Desfrutai a Vida, 9.7-10

A Ocasão Chega, 9.11,12

A Sabedoria é Melhor que o Poder, 9.13-16

PALAVRAS MAIS SÁBIAS, 9.17-11.7

Provérbios e Comentários, 9.17-10.20
Observações sobre os Negócios, 11.1-7
IDADE AVANÇADA, 11.8-12.7
Idade e Juventude, 11.8-10
Lembra-vos de Deus antes da Velhice, 12.1-7
O TEXTO E O PREGADOR, 12.8-12
PIEIDADE PRÁTICA EM VISTA DO JUÍZO, 12.13,14

1.2,3 *Temática.* A vaidade das coisas terrenas e a inutilidade dos esforços humanos em se conseguir a felicidade verdadeira. A palavra "vaidade" se encontra 37 vezes neste livro, referindo-se Salomão às coisas que se acham "debaixo do sol"; esta última expressão aparece 29 vezes. Comp. "vaidade" com "bolha de sabão": pode ser explicada como futilidade, inanidade, insignificância (2.15n; cf. Rm 8.20).

1.4 *Geração vai... vem.* Mostra a inconstância das coisas terrenas e da vida humana.

1.5-7 Os agentes naturais sempre voltam a fazer o mesmo, enquanto o mundo presente permanecer, pois no derradeiro dia este ritmo terminará (cf. Ap 20.11; 2 Pe 3.10-13).

1.10 *Isto é novo?* O que se encontra "debaixo do sol" (9) é terreno, temporal, perecível. O que é passageiro, de certa maneira às vezes até mui parecida, pode ser visto, ouvido ou sentido de novo.

1.11 *Precederam.* As coisas de gerações passadas.

1.13 *Coração... sabedoria.* Salomão, de todo o coração, procurou perscrutar com sabedoria as coisas terrenas, mas, como logo confessa, debalde, pois só o Espírito de Deus penetra todas as coisas, como o próprio Deus disse ao mesmo Salomão (1 Cr 28.9). Toda a sabedoria humana deve se subordinar à suprema sabedoria divina, manifestaria palavra divina.

1.15 A imperfeição das criaturas é motivo principal de sua vaidade.

1.18 *Enfado... tristeza.* Quanto mais o homem penetra na ciência e sabedoria, tanto mais aumentam os problemas e tanto mais a ele se torna clara a deficiência da sabedoria humana. Deus deve dirigir a sabedoria humana (Pv 1.7), pois: "em Cristo estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl 2.3).

2.1 *Eu te provarei.* Ninguém melhor do que Salomão pôde provar a vaidade das posses, pois ninguém possuía tantas riquezas (1 Rs 10.14, 21, 27); reunia ele em suas mãos, grande poder; podia ele permitir-se todo o prazer que desejava, todavia não ficou satisfeito. Com seu pai, o fiel Davi, aprendeu como ser verdadeiramente feliz (Sl 16.11), e depois de procurar totalmente em outra parte (cf. v. 10), voltou aos caminhos de Deus (12.13, 14; cf. Pv 2.3-5; 3.15).

23 *Pela sabedoria.* Cf. 1 Rs 4.29-34 O vinho não satisfaz, nem combinou com a sabedoria; pois o mesmo combate a esta, quando tomado em excesso.

2.8 *Para mim.* Antes foi para a construção da casa de Deus. Se, porém, só amontoa para si tesouros, sem pensar nas necessidades do próximo, isto se constitui em vaidade.

2.11 *Considerarei.* O autor estabelece teorias, mas dá exemplos de sua vida e experiência.

2.14 *Ambos.* Humildemente, o mais sábio entre os homens de então reconhece que também ele, estava, andando em trevas.

2.15 *Vaidade.* Esta palavra é chave para se entender este livro. No heb é *hãvel*, que significa "vapor", "sopro", "bolha" enfim, qualquer coisa quase invisível que logo desaparece. Esta idéia de não ter substância real aplica-se aos ídolos (Jr 51.18) e aos que os adoram (Is 44.9). Sem valor, também, são as proclamações dos falsos profetas (Ez 131.23) e até as melhores virtudes humanas, quando comparadas com a retidão de Deus (Sl 39.5; 62.9). Tudo isto se chama "vaidade".

2.16 *Morre o sábio... o estulto.* Contra a morte não há remédio - nem o mais alto grau de conhecimento pode impedir que a lâmpada do sábio se apague, levando ao túmulo a sua sabedoria acumulada (salvo aquilo que deixou por escrito para a posteridade); e assim

parece ter a mesma sorte do estulto. Se a sua sabedoria for a verdadeira, porém, a sua sorte depois da morte será bem diversa da do estulto.

2.17 *Aborreci a vida.* Um homem tão sábio, rico e poderoso como Salomão, quando olhava só as coisas passageiras, desesperava da vida, até que se convenceu da vaidade de toda experiência humana.

2.21 *Deixará o seu ganho.* Outros, que nada fizeram, gozarão do suor do sábio, e do resultado de seu esforço após a morte deste. É a essência da parábola de Jesus a respeito do rico insensato (Lc 12.20, 21). Pergunta, ai, Deus ao rico na hora da sua morte: "O que tens preparado, para quem será?" • **N. Hom.** Contrariamente à opinião popularizada em nosso meio, o trabalho, longe de ser uma necessidade vergonhosa, é o único meio humano de obter, além do sustento necessário; o verdadeiro senso de satisfação (24). O desfrutar de privilégios depende da contribuição de cada um (2 Ts 3.10). A felicidade original de Adão no Éden estava vinculada ao trabalho (Gn 2.1 5). Até o privilégio de trabalhar (ter um papel na vida e comprazer-se nisso) é uma graça concedida por Deus (24).

2.26 *Mas ao pecador.* O pobre, Muitas vezes, acha que Deus está só do lado dos sábios, abastados e poderosos, e se classifica a si mesmo como pecador, mas pecadores todos os são, e "o rico e o pobre, a um e outro faz o Senhor" (Pv 22.2). Também os bens espirituais ele distribui. Só Deus pode nos tornar felizes. Não resta dúvida, porém, que Deus já aqui na terra prometera recompensar aos seus fiéis a sua vida piedosa (1 Tm 4.8).

3.1 *Tempo determinado.* O fatalismo é uma teoria falsa, a qual diz que a vida de cada um seria predeterminada e que nada poderia mudar o seu curso; que o homem é mero ator no palco da vida, sem poder mudar o papel que ele representa. Então, de nada nos valeria orar, nada significaria as admoestações e preceitos de Deus, referentes à vida. Salomão reconhece a vaidade de tal teoria.

3.6 *De deitar fora.* Como é difícil para nós nos desfazermos de coisas nocivas à nossa fé!

3.7 *Tempo de rasgar.* Rasgavam-se as vestes em sinal de dor ou calamidade.

3.11 *Tudo fez Deus formoso.* lembra a história da criação e o estado de inocência do homem, quando Deus "pôs a eternidade no seu coração". Agora, com a mente turvada, pelo pecado, não pode mais "descobrir as obras de Deus". Se nos lembrássemos sempre da eternidade, viveríamos mais satisfeitos.

3.14 *Para que... temam.* Devemos nos sujeitar em temor e humildade à vontade de Deus.

3.16 *Juízos... justiça.* Entre os homens não há justiça, mas em Deus é encontrada a justiça (17). Há por aí quem queira comprovar uma afirmação do deísmo, no sentido de que Deus estivesse desinteressado pelo destino do homem; mas leia-se 2 Pe 3.9; Rm 2.6 e Ec 12.13, 14.

3.17 *Deus julgará.* Sofrendo nós sob injustiça dos homens, podemos confiar que, no final, Deus nos fará justiça.

3.18 *Como os animais.* Em reconhecendo que, tirados da terra e prestes a tornar seu corpo em pó, o homem se tornará humilde.

3.19 *O mesmo lhes sucede.* Aparentemente o mesmo, pois o seu corpo é de procedência idêntica, é terreno e volta à terra. Por isso mesmo, o homem deve deixar de ambicionar as coisas terrenas, igualmente perecíveis.

3.21 *Quem sabe... ?* Não que Salomão duvidasse da imortalidade da alma (cf. v. 17 e 12.7). A dúvida, aparentemente, diz respeito à localização do céu ou do inferno.

3.22 *Recompensa.* Salomão sabia que o homem sem temor de Deus, reconhecendo a vaidade das coisas terrenas, é levado ao epicurismo: "Comamos, e bebamos e divirtamo-nos, pois com a morte tudo termina e o homem morre também como o animal". É esta máxima dos filhos do mundo.

4.1 Não devemos esquecer que a causa de todas as lágrimas, opressões e violências, na terra, são os nossos pecados, e não Deus.

4.4 *Todo trabalho.* Não resta dúvida que, para filhos do mundo, isso cala; não porém, para os que fazem o seu trabalho diante de Deus (Ef 6.7).

4.5 *Come a própria carne.* Destrói a sua própria pessoa.

4.5,6 *Punhado de descanso.* Comp. 1 Tm 5.18 "o trabalhador é digno de seu salário", e isto inclui a comida. Só ao preguiçoso se fala: "Se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2 Ts 3.10).

4.8 *Sem ninguém.* Trabalhar, não tendo herdeiro direto, certamente parece sem sentido e inútil, se não fosse o amor ao próximo e à possibilidade de fazer com o produto algum benefício. Então tal trabalho já não é vaidade. Aqui, revela-se o avarento.

4.9-12 *Dois.* Salomão ressalta o valor de um companheiro amigo e da virtude de cooperação. Jesus mandara seus discípulos "de dois em dois" (Lc 10.1).

4.11 *Como se aquecerá?* Trata-se de dois pobres; quando a sós lhes falta o necessário, no caso, uma boa coberta.

4.12 *Cordão de três dobras.* Nosso provérbio "A união faz a força".

4.14 *Saia do cárcere.* Parece uma alusão a José no Egito, que saiu do cárcere para se tornar governador.

4.16 *Os que virão depois.* Se hoje aplaudem ao jovem príncipe que substituiu ao velho rei (talvez, por revolta); e se for "sem conta todo o povo", "os que virão depois" já não gostarão dele. Isto é, a boa graça do povo é inconstante, é vaidade (cf. Jo 12.13 e 19.6).

5.1 *Sacrifícios de tolos.* Consistiam talvez, em além de "orações" de incrédulos (o crente somente pode orar!), em fazer longas orações (Mt 23.14; Mc 12.40), pois no v. 2 lemos: "portanto, sejam poucas as vossas palavras". Em todo caso, Deus não se agrada de um culto tributado somente com os lábios, mas exige o coração crente, devoto e humilde. E mais, devemos "chegar-nos para ouvir", pois a palavra de Deus é alimento para a alma.

5.2 *Boca.* Tiago dedica ao bom uso da boca, ou da língua, o que é o mesmo, os trechos 1.19-26 e 3.2-10.

5.4 *Quando... fizeres algum voto.* Sejamos cuidadosos! Antes não fazer voto algum do que fazê-lo, talvez em hipocrisia ou em impulso emotivo e não guardá-lo!

5.8 *Outro mais alto.* Não esqueçamos que o rei Salomão é quem afirma isto; é evidente que também os reis e altas autoridades têm alguém a quem devem prestações de contas.

5.10 O princípio do descontentamento é exigir da vida mais do que se pode merecer; o âmago da pobreza é insistir em gastar mais do que se pode ganhar.

5.12 *Doce é o sono.* Resultado da boa consciência do dever cumprido. O trabalho cansa o corpo é garante um sono sadio e consciência tranqüila.

5.13 *Riquezas que... guardam para a próprio dano.* Não fazem o devido uso daquilo que Deus lhes confiou, mas egoístas, guardam-no para si. A estes as riquezas trazem dano (cf. Lc 19.20-22).

5.18 Cf. vv. 18-20 e 6.11, 12. Tentou seis caminhos, mas todos se mostraram becos sem saída (1.12-5.9). Isto o faz chegar à sua conclusão final, em 12.13, 14.

5.19 *Dom de Deus.* O contentamento, a correta aplicação dos bens concedidos por Deus, sejam estes muitos ou poucos, enfim. Tanto os bens como seu uso salutar são dons de Deus.

6.6 *Mesmo lugar.* Fala do túmulo, da terra. Não nega a imortalidade da alma, nem a existência do céu ou inferno, que o AT conhece tão bem como o NT (cf. Sl 16.11; Ec 12.7; Is 25.8; 35.10; 49.10; 53.5; 60.20; 65.17; 66.22; Dn 12.1, 2).

6.7 *Paro a sua boca.* Não que Salomão quisesse que assim fosse, mas está apenas esclarecendo que, em geral, é o seguinte: nada de idealismo!

6.9 É melhor estar a desenvolver um plano bom e razoável, do que ficar suspirando por circunstâncias ideais, nas quais enfrentar-se-ia a vida com coragem, fé e energia.

6.10 Este versículo bastante obscuro parece dizer que o homem não pode opor-se aos desígnios divinos, quanto ao caminho de sua própria vida. Lamentavelmente, o homem tem a triste tendência de se opor à benevolência universal (1 Tm 2.4; 2 Pe 3.9) quanto à

sua alma, e, assim, perece por sua própria culpa (Mt 23.37, At 13.46; 7.51).

6.11 *Que aproveita...?* Cf. 5.18-20n.

6.12 *Quem sabe...?* Só Deus o sabe. Jesus responde a tais perguntas em Mc 8.34-38; Lc 12.15 e Jo 3.18, 36. Da Escritura sabemos do futuro dos "mortos no Senhor" A certeza da bem-aventurança deve dourar os "poucos dias da vida" que aqui vivemos.

7.1 *Melhor é.* A boa fama baseia-se em fatos; o perfume é só aparência; no nascimento não nos é dado saber da sorte, como também da sorte eterna, do recém-nascido; na hora da morte, porém, dos filhos de Deus, sabemos de sua sorte bem-aventurada e eterna.

7.4 *Luto... alegria.* A insensatez é superficial, evita o que é sério e não se lembra do dia da prestação de contas; a sabedoria enfrenta conscientemente o inevitável e se prepara para a morte e para o além.

7.5 *Repreensão.* Devemos levar em conta a repreensão, tanto do amigo como também do inimigo, porque somos constantemente sujeitos ao erro. A "canção do insensato", caso se trate de doutrina dos falsos profetas, leva à ruína eterna.

7.6 *Espinhos.* Há pequenos arbustos espinhosos no deserto, que, quando secos, queimam com tanta rapidez, que não chegam a produzir calor.

7.7 Duas forças externas ameaçam a paz de espírito do homem: o medo e a cobiça que, pela força da repulsão ou de atração, desviam-no do caminho do bem.

7.10 *Jamais digas.* A atitude que leva a chorar o passado como "bom tempo", torna-nos indolentes e tristes a respeito do presente e sem esperanças para o futuro.

7.11 *Havendo herança* Há quem traduza por "...vale tanto como uma herança, uma fortuna" (cf. v. 12). Uma idéia semelhante se acha em 1 Tm 6.6 onde "contentamento" significa "suficiência" ou "herança".

7.13 Confiemos na boa vontade de; Deus que faz tudo convergir para o nosso bem (Is 28.29), não obstante serem inescrutáveis os seus caminhos.

7.14 *Nada descubra.* Deus não quer que saibamos o futuro, a não ser aquilo que em profecias nos fez saber (Dt 18.10).

7.15 *Nos dias do minha vaidade.* Neste seu estado lamentável fez mau juízo do procedimento de Deus quanto à "felicidade" do perverso e a cruz dos justos (cf. Sl 73.1-3, 12-17).

7.16 *Demasiadamente.* Não devemos confiar na nossa própria justiça, pois esta de nada vale (Is 64.6), e a que vale perante Deus é a justiça alheia, a nós aplicável (2 Co 5.21 e Fp 3.9).

7.21,22 *Não apliques o coração.* Não devemos dar importância a comentários muito elogiosos ou depreciativos a respeito da nossa pessoa, mas sim devemos orientar-nos pelos preceitos divinos. *Ouvir o teu servo a amaldiçoar-te,* Examina se tem ou não fundamento a crítica de teu servo. Quantas vezes nós temos criticado, sem fundamento e sem amor!

7.28 Modo proverbial que quer dizer: poucos são sensato entre os homens e menos ainda entre as mulheres. De vv. 26 e 28, provavelmente, Salomão se refere às suas muitas mulheres estrangeiras que o seduziram à idolatria (1 Rs 11.1-8).

7.29 *Deus fez o homem reto.* O homem, criado por Deus em inocência e santidade, por sua própria culpa caiu em pecados (Jr 17.9; Rm 3.23; 5.12).

8.1 *Reluzir.* A verdadeira sabedoria, a piedade, reluz no homem e se manifesta nas feições e em toda sua vida. Aqui se trata da sua atitude para com os governadores.

8.4 *Que fazes?* O absolutismo ditatorial da época de Salomão se reflete nestas palavras.

8.8 *Dia da morte.* Assim como o homem não pode reter o vento, tampouco tem poderes sobre a morte. Homens podem, com toda a ciência, prolongar a vida por algumas horas, ou até por dias e anos, mas não podem eliminar a morte. Muito menos a perversidade de zombar ou de ignorar a realidade da morte protege contra a mesma.

8.9 A concorrência cruel não diminuiu nestes últimos séculos.

8.10 *Esquecidos.* Por homens, mas não por Deus. O homem rico da parábola do

evangelho teve certamente um sepultamento concorrido e luxuoso, enquanto do pobre Lázaro nada ouvimos de seu sepultamento. Deus, porém, dele se lembrou. Salomão, a, também quer mostrar que reconhecimentos ou boa fama da parte dos filhos do mundo não passa de vaidade.

8.11 *Não executo logo.* O amor ao pecador e a longanimidade de Deus que não castiga logo, levam o filho do mundo a continuar na sua perversidade, e não quer saber que a paciência de Deus é para levá-lo ao arrependimento (Rm 2.4).

8.13 *Sombra.* A sombra demora-se mais pelo anoitecer.

8.14 *Justos... perversos.* Conclusão errônea dos homens que julgam apenas segundo a aparência.

8.15 O crente pode comer, beber e alegrar-se, pois isto Deus lhe concedeu (1 Co 3.21). A fé em Cristo tudo santifica. Ele come, *bebe e alegra-se* (sempre dentro dos limites traçados pelas Escrituras) para a maior glória de Deus (1 Co 10.31). Considerar a alegria como o supremo bem do homem é uma teoria filosófica chamada hedonismo.

8.17 Os pensamentos de Deus sempre são acima dos nossos pensamentos (Is 55.8).

9.1,2 Aparentemente é o mesmo que acontece tanto ao justo como ao injusto, mas um recebe tudo humildemente das mãos de Deus, sabendo que este corrige e disciplina em amor paternal, e tem na oração e na palavra de Deus uma fonte inesgotável de conforto, o que os outros não conhecem. No juízo final será revelada a real *distinção* entre o justo e o injusto, e seus respectivos destinos (cf. Mt 7.21-23).

9.3 *Maldade.* A disciplina divina que purifica e enriquece o fiel serve ao infiel para endurecimento de coração. A rocha no mar agitado serve para salvar aos que nela se agarram, e para destroçar os que contra ela se atiram.

9.4 *Mais vale um cão vivo.* Enquanto alguém vive, sempre há esperança dele salvar-se.

9.7 *Come... e bebe.* Deus nos deu os bens para deles fazermos uso de conformidade com a sua vontade (1 Tm 4.4).

9.8 *Alvas... óleo.* São ambos sinais de alegria e de festa. Deus quer que seus filhos na terra sejam felizes e contentes, especialmente enquanto jovens (cf. 11.9, mas observe bem a fim desta passagem).

9.10 *No além... não há obra.* Cf. 9.4. A dedicação ao dever traz pesar.

9.15 *Um homem pobre.* Alguns querem ver aqui retratado o Salvador "pobre" (2 Co 8.9), que foi o mais sábio. Querem ver a "cidade" como a humanidade; o rei malvado (14) seria Satanás, Mas o texto não dá base para tal alegoria.

9.18 *Um só pecador destrói.* Lembremo-nos de guerras e revoltas, as destruições e mortes causadas, muitas vezes, por causa de mera vaidade, ambição ou loucura de um ou mais homens perversos.

10.1 *Mosca... pouco.* Pequenas causas, grandes efeitos. Assim devemos resistir ao início do mal, a fim de não darmos escândalo a outros e não cairmos em tentação (1 Ts 5.22; Ef 5.4; Rm 14.7, 14, 15, 21). A pureza manchada já não é pureza.

10.2 *Direita... esquerda.* A direita, aqui, significa o que é justo, e a esquerda, o injusto (cf. Mt 25.33). • **N. Hom.** Os vv. 4-7 nos ensinam o respeito para com as autoridades, já que estas devem ser constituídas das pessoas da mais alta dignidade, treinadas para reger, desde a infância, e não por serem oportunistas ou politiqueiras, 5-7. Quem cai no desfavor de tais autoridades mas tem a consciência limpa, nada tem a temer: é só esperar com paciência e humildade, e a justiça será feita, 4. Comp. Rm 13.1-7.

10.8 *Nela cairá.* Cf., em certo sentido, Gn 27.19-29 e 29.20-25. A mesma ilustração se acha em Sl 7.15; Pv 26.27; 28.10.

10.11 Nosso provérbio: "Queimada à casa, acode-se com a água", ou: "Casa roubada, trancas à porta". *Não há vantagem.* É agir em tempo oportuno, sem vacilar, senão depois será tarde. Auxílio, consolo e conselho devem vir na hora.

10.14 *Multiplica as palavras.* Não é sinal de sabedoria fazer uso de muitas palavras; nem isto é recomendável perante Deus, quando oramos (pelo contrário, cf. Mt 6.7).

10.15 *Nem sabe ir à cidade.* Is 35.8, porém, fala do caminho que o louco, com o auxílio de Deus trilha sem errar.

10.20 *Aves do céu.* Pelo contexto, isto adverte contra a língua solta pelo vinho. Palavras impensadas, proferidas aparentemente em segredo, podem ser reveladas. Cf. um nosso provérbio, "até as paredes têm ouvidos!"

11.1 *Lança o teu pão sobre as águas.* É uma frase muito usada para animar a obra missionária de além-mar. Trata-se, pois, do "pão da vida". De qualquer maneira, porém, ao fazer-se benefícios, exercendo misericórdia, não devemos pensar em recuperar o nosso "pão", como um rendimento de nossa boa obra. Deus a seu tempo ("depois de muitos dias") recompensará, pois Ele é quem dá a quem reparte seu pão com o faminto.

11.2 *Mal que sobrevirá à terra.* Não devemos esperar que aquele que foi beneficiado pelo nosso amor nos pague oportunamente. Deus, contudo, nos há de suscitar um benfeitor, quando o necessitarmos, e os que por nós foram contemplados, no dia do juízo darão testemunho em nosso favor (cf. At 14.13; Mt 25.40).

11.3 *Aí ficará.* Admoesta a socorrer em tempo, pois, posteriormente, o mal poderia ser irreparável. Isto pode ser aplicada à morte, que decide a sorte eterna: depois dela não há possibilidade de mudar tal sorte (Mc 16.16; Lc 16.20-31).

11.4 Com confiança em Deus devemos encetar uma obra necessária e oportuna, sem perder o melhor tempo com demasiadas ponderações. Um espírito de preguiça sempre consegue enxergar obstáculos e dúvidas.

11.5 Tanto o vente, como a criação da vida, são obras da insondável sabedoria e onipotência divinas, com a qual Salomão contrasta o fracasso da sabedoria humana.

11.6 *Manhã... tarde.* Remindo o tempo (Ef 5.16), aproveitemos as ocasiões para fazer o bem, pois vem a noite que impossibilita nosso agir (Jo 9.4). Cada época da nossa vida cristã traz oportunidades e deveres; nada disto se deve descuidar.

11.9 *Juventude.* Deus não proíbe alegrias e prazeres, enquanto estes não contradizem seus mandamentos ou impedem-nos de servi-LO e ao nosso próximo. Sempre devemos nos lembrar do dia da prestação de contas.

12.1-8 É uma descrição maravilhosa da idade avançada com suas enfermidades (v. 1, "anos", "Não tenho neles prazer"): falta de interesse e de ideais, fraqueza do corpo (2), dos braços, das pernas e das costas, dos dentes e das vistas (3), falta de assunto para falar, fraqueza de voz (4), vertigens em lugares altos e tremor no caminho, cãs alvas e falta de apetite (5). Antes do v. 6 devemos introduzir o começo de todo este parágrafo novamente: "Lembra-te do Teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que se rompa...". Então está perto a hora da morte (poeticamente descrita no v. 6). O corpo volta ao lugar de proveniência (Gn 3.19) e o espírito e a alma, a Deus, que os deu (Gn 2.7). O fato de aqui não se tratar da ressurreição e da reunião entre o corpo e a alma no derradeiro dia, nada diz contra a fé, em Salomão, na eternidade da alma. O grande rei, aqui, diz em que estado, em que idade e porque ele escreveu o livro Eclesiastes, repetindo o tema (8).

12.9 *Provérbios.* Traço de união entre Provérbios e Eclesiastes; Salomão provavelmente é o autor de ambos os livros.

12.13,14 Que Jesus guardou perfeitamente os mandamentos divinos em nosso lugar, isto não nos isenta de, com fé e com assistência do Espírito Santo procurar alcançar uma perfeição sempre maior (Fp 3.12) e isto, não para merecer o céu, já conquistado para nós, mas por gratidão e para maior glória de nosso Deus.

Cântico dos Cânticos de Salomão

Análise

O livro descreve o amor e o matrimônio de Salomão (chamado de "o amado") com uma jovem do interior do país (chamada de "sulamita"). A obra consiste inteiramente em discursos, principalmente pela sulamita e por Salomão. Visto tratar-se de poesia oriental

antiga, difere completamente do modo em que um escritor devoto da atualidade apresentaria as mesmas idéias básicas. Pinta a beleza de um amor puro entre um homem e uma mulher, que amadurece e se transforma em uma imorredoura devoção mútua. A mensagem básica é a pureza e o caráter sagrado do amor e do casamento - mensagem essa muito necessária em nossas dias de casamentos desfeitos e de divórcios fáceis.

Ao mesmo tempo o cântico lembra-nos que, por detrás de todo amor humano puro, está o maior e mais profundo amor que existe - o amor de Deus, que deu o Seu próprio Filho para redimir os pecadores, e o amor do Filho de Deus, que sofreu e morreu por Sua Noiva, a Igreja. O livro de Cantares não é uma alegoria nem um tipo, mas é uma parábola sobre o amor divino, que é o pano de fundo e a fonte de todo o verdadeiro amor humano.

Autor

O título (1.1) indica que Salomão foi o seu autor. Isso concorda perfeitamente com o conteúdo do livro, especialmente com as descrições da natureza. Nenhum argumento convincente foi ainda apresentado contra a autoria salomônica. Salomão foi rei de Israel em cerca de 973-933 a.C.

Esboço

TÍTULO DO LIVRO, 1.1

A SULAMITA E SEU AMADO DELEITAM-SE UM NO OUTRO, 1.2-2.7

A Sulamita Anseia por seu Amado, 1.2,3

Encontram-se e Conversam, Expressando Afeição Mútua, 1.4-2.6

Refrão Dirigido às Filhas de Jerusalém, 2.7

AMOR PROFUNDO DA SULAMITA E DE SEU AMADO, 2.8-3.5

Ela se Deleita com a Visita e o Convite dele, 2.8-17

O Primeiro Sonho da Sulamita, 3.1-4

Refrão Dirigido às Filhas de Jerusalém, 3.5

SOLENIZAÇÃO DO CASAMENTO DO PAR, 3.6-5.1

Descrição do Cortejo, 3.6-11

O Noivo Canta os Louvores da Noiva, 4.1-15

Antecipação dos Deleites do Amor de Casados, 4.16-5.1

AUSÊNCIA TEMPORÁRIA SEGUIDA POR REUNIÃO FELIZ, 5.2-8.4

O Segundo Sonho da Sulamita, 5.2-8

Louvando-o perante Outros, Ela o Reivindica como seu, 5.9-6.3

O Noivo Louva os Encantos da Noiva, 6.4-10

A Experiência da Sulamita no Pomar de Castanheiras, 6.11-13

Ele Louva a Beleza Dela; Ela Expressa Apaixonada Devoção, 7.1-8.3

Refrão Dirigido às Filhas de Jerusalém, 8.4

O NOIVO E A NOIVA FALAM SOBRE SEU INTERMINÁVEL AMOR, 8.5-14

O Invencível Poder do Amor, 8.5-7

Relembrando as Palavras de seu Irmão, Ela Frisa suas Virtudes, 8.8-12

Despedidas Mútuas na Esperança de Pronta Reunião, 8.13,14

1.1 *Cântico dos cânticos.* Das 1005 cantigas que Salomão cantou (1 Rs 4.32) esta foi a única inspirada e escolhida por Deus para fazer parte do cânon.

1.4 *Leva-me... apressemo-nos.* Outros querem que a esposa tenha proferido: "Leva-me após ti", e o coro das donzelas aias teria respondido: "Apressemo-nos", e o restante: "o rei me introduziu nas suas recâmaras", seria pensamento da esposa expresso em voz alta. Qualquer que seja o caso, trazem à lembrança as saudades do céu experimentadas pela Igreja.

1.5,6 *Estou morena.* Como se quisesse desculpar-se por estar queimada pelo Sol (6) pelo

falto de ter trabalhado tanto na vinha, que da "sua vinha" (6) não pôde cuidar. Paralelamente, a esposa, a igreja, deseja reunir-se ao esposo. Cônsua de suas imperfeições, efeitos do pecado, confessa-as.

1.7 Outros querem que, aí, depois da introdução, começaria a história deste amor: o romance entre uma filha humilde do Líbano e um desconhecido que se apresenta como pastor e por ela está enamorado.

1.9 *Éguas*. Certamente uma comparação elogiosa. O Egito era afamado por seus cavalos, e Faraó, provavelmente, escolhera os mais belos para a sua própria carruagem. Jesus constantemente embeleza mais a Igreja (Ef 5.27), através dos dons por ele concedidos (Ef 4.8-16).

1.13 *Saquitel de mirra*. Segundo o costume, este saquinho se achava pendurado ao pescoço das damas, exalando suave perfume; é uma ilustração para as virtudes da Igreja (cf. 2 Co 2.15, 16).

1.14 *En-Gedi*. Fonte de água doce localizada ao oeste do mar Morto.

1.16,17 *Leito... traves*. É esta uma camada de verdes folhas na qual estão descansando em pleno campo. Os ramos das árvores os protegem como um telhado de casa. O crente também descansa à sombra da graça de Deus (Sl 91.1).

2.1 *Sarom*. As lindas e frutíferas planícies da costa do mar Mediterrâneo.

2.3 *Sombra... assento*. É descrição do amor confiante (Sl 17.8; 9.1; 121.5; Is 25.4; 49.2). A *macieira* não é comum na Palestina. Alguns pensam, que a árvore em vista seja o albricoque ou o damasco, importado da China.

2.4 *Seu estandarte*. Heb degel, "pendão". Foi usado para marcar o lugar separado de cada tribo no acampamento do deserto (Nm 2.2). É a palavra traduzida por "bandeiras" (cf. 6.4, 10), onde descreve a impressionante formosura da Sulamita. *Degel* se relaciona com a palavra acadiana, "ver". É destacado o amor demonstrado pelo esposo, que dá, à humilde pastora, o lugar de honra no banquete (cf. Ap 19.7-9).

2.6 *Sua mão*. Agostinho interpretou: As mãos de Cristo sustentam a Igreja.

2.7 *Gazelas e cervas*. São típicas da poesia do Oriente Médio, as quais destacam a timidez destes animais.

2.9 *Espreitando pelas grades*. Segundo Pv 7.6 parece ter sido parte da vida diária das mulheres.

2.10-14 Semelhante ao esposo, Cristo, que, com amor insondável, procura atrair os perdidos a Si, nas rochas e fendas "até encontrá-lo" (Lc 15.4). As rolas são aves inocentes e gentis da primavera (Sl 74.19; Jr 8.7). Inverno, na Palestina, é tempo de chuva e nuvens.

2.12 *Chegou o tempo*. Cf. a festa anual (Jz 21.19, 21).

2.15 *Raposas... raposinhas*. Os filhos de Deus também pedem que Cristo proteja a sua vinha contra devastadores, isso é, falsos profetas a serviço do diabo (cf. At 20.29, 30; 1 Pe 5.8).

3.1,2 *Busquei*. Alguns comentaristas acham que os vv. 1-5 descrevem um sonho. A verdadeira igreja pensa no Senhor, e em sua palavra medita dia e noite; busca-o em orações fervorosas (Js 1.8; 1 Ts 5.17) e espera ansiosamente por Sua Vinda (cf. Tt 2.13).

3.6 *Colunas de fumaça*. O rei e seus companheiros vêm atravessando o deserto em direção ao Líbano, levantando nuvens de poeira. Podemos compará-los aos remidos que contemplam a formosura de Cristo que se revela em palavras e obras melhores que "mirra e incenso e toda sorte de pós aromáticos". A Vinda de Cristo também será, para os que a Ele espetam, o mais glorioso dos eventos (cf. Jd 14).

3.9 *Madeira do Líbano*. Os cedros do Líbano eram afamados e bem pagos (cf. 1 Rs 5.6-11; Ed 3.7).

3.11 *Sião*. E outro nome de Jerusalém. Ocorre 1 50 vezes no AT.

4.1 Cristo também tem prazer nas belezas da esposa, da Igreja, das quais Ele mesmo datou-a (Sl 45.9, Ef 5.27; Ap 21.2). *Gileade*. Cf. Mq 7.14 e Nm 32.1, afamado por suas

boas pastagens e, conseqüentemente, por seu gado.

4.2 Lavadouro. Cf. também 6.6 Refere-se ao pêlo alvo do rebanho recém-lavado (Is 1.18).

4.4 Torre de Davi. Denota formosura (cf. Ez 27:11).

4.7 Toda formosa. A formosura está nos olhos daquele que contempla dessa forma. Cristo mesmo cobre as imperfeições da nossa vida e das nossas obras, com a Sua perfeição e santidade; Ele, tanto quanto o Pai, nos vê, agora, completamente santos; somos vestidos do próprio Senhor Jesus Cristo (Ef 5.25-27; Gl 3.27).

4.8 Amana... Hermom. Amana refere-se aos montes perto do rio Abano ou ao monte Amanus, no norte da Síria. Hermom é o monte mais alto do Líbano, chamado Senir pelos Amorreus (Dt 3.9).

4.9 Minha irmã. Mostra a pureza, deste, amor.

4.10 Aroma. Manifesta-se o amor da Igreja por Cristo em obras agradáveis a Ele, em frutos que tornam visível a fé como cheiro suave perante o mundo (Mt 5.14, 16; Jo 13.35; Ef 2.10; Tt 2.14; Tg 2.17, 18).

4.12 Fechado. A exclusividade do amor da noiva lembra como a verdadeira Igreja deve ter o coração fechado contra tudo que porventura possa afastá-la do amor por Cristo e do amor para com aqueles que nele crêem. Amor ao mundo é uma espécie de adultério espiritual (1 Jo 2.15-17; cf. 2 Co 11.2). É igual à idolatria (cf. 1 Jo 5.21 Ap 2.20).

4.13 Frutos. Cf. nota do v. 10.

4.16 Vento norte. Este vem das montanhas, trazendo refrigério (cf. também, Pv 25.23).

5.1 Comei.. bebei. A Igreja convida outros para, com ela, compartilharem da mesa farta posta por Deus para os seus (Sl 23.5; 34.8; 1 Pe 2.3).

5.2-4 Visita noturna. Deus a toda hora bate às portas do nosso coração, e nós, vigilantes, sempre devemos esperá-lo, abrir-lhe as portas, e fazê-lo entrar (Mt 25.1-13; Ap 3.20). O quadro aqui é semelhante àquele da parábola do amigo importuno (Lc 11.5-8). A inércia e o torpor provocam tristeza como conseqüência imediata (6).

5.2 Cheia de orvalho. Ct Jz 6.38. Na Palestina, o orvalho é, normalmente, abundante.

5.7 Descrição do tratamento que sofre uma mulher encontrada só, a altas horas da noite, pelos guardas da cidade. Serve de ilustração dos sofrimentos a. que a Igreja se acha exposta neste mundo em trevas, até o dia feliz do reencontro com o seu amado Salvador, na Sua vinda.

5.10-16 Dessa maneira, a Igreja, enquanto esposa fiel, glorifica Aquele que por amor a ela se humilhou até à morte e, ressuscitado, foi elevado pelo Pai ao céu, onde assentado no trono, pela fé é contemplado, adorado e glorificado pela mesma. O coro, que desafia (9b) a esposa a demonstrar imparcialidade para com o esposo, lembra-nos que os incrédulos também reclamam à Igreja uma prova autêntica sobre a primazia do Senhor.

5.10 Distinguido. Lit. "aquele que leva o estandarte", tal como Cristo, Autor e Consumador da nossa fé, já trilhou o caminho salvador à nossa frente (Hb2.10 12.2; 1 Pe 2.21).

5.13 Lírios. A palavra ocorre sete vezes neste livro. Qualquer flor de cor brilhante é chamada de lírio. Provavelmente aqui se refere à anêmona vermelha.

6.4 Tirza. Antiga cidade cananita conquistada por Josué (Js 12.24). Mais tarde é o lugar onde residiam os reis de Israel depois do rompimento entre Israel e Judá (1 Rs 15.21, 33; 16.8, 15, 23). Em Lm 2.15, Jerusalém é denominada "a perfeição e formosura".

6.5 Me perturbam. A mesma palavra do original só aparece em Sl 138.3, traduzida por "alentaste". Aqui se refere ao poder fascinante dos olhos.

6.8 Sessenta são... oitenta. Na corte de Salomão, houve muitas mulheres belas, até rainhas como a de Sabá, mas uma só era a eleita. Querem alguns que as sessenta rainhas representassem as nações pagãs, sujeitas a Cristo no reino do Seu poder, mas uma apenas está no reino da graça. 1 Rs 11, no entanto, relata que Salomão chegou a ter até 700 mulheres e 300 concubinas; isto, porém, data daquela época, quando caíra em idolatria, provocando a ira de Deus.

6.12 Carro do meu nobre povo. O povo levava a sua rainha num palanquim (espécie de

liteira carregada por homens, geralmente os nobres). A rainha se sente feliz por ter sido aceita pelo povo do seu amado. Os crentes serão aceitos no céu pelas hostes celestes, como concidadãos.

6.13 *Por que quereis contemplar a sulamita...?* Que podeis achar em mim? Que tenho eu de atrativo? É expressão da humildade do fiel a Cristo. *Maanaim*. De acordo com 2 Sm 2.8-10, a residência de Is-Bosete.

7.1-8 O esposo enaltece de maneira oriental as belezas e qualidades da esposa. Deus conceda-nos corações castos para vermos atrás das ilustrações o verdadeiro sentido espiritual.

7.1 *Filho do Príncipe*. Se bem que não por nascença, agora pelo casamento é elevada à princesa. Pela fé, somos feitos co-herdeiros com Cristo.

7.2 *Teu ventre é monte de trigo, cercado de lírios*. Trigo é símbolo de fecundidade, e lírios (cf. 5.13n) significam castidade. De maneira semelhante devem ser interpretadas as demais ilustrações.

7.4 *Bate-Rabim*. Só mencionado aqui como piscinas de Hesbom (cf. Dt 3.6; 4.46); hoje Hesbom fica junto a um grande reservatório de águas.

7.5 *Cabeleira... tranças*. Se a cabeleira é "como a púrpura", então isto não se refere à cor, mas lembra o manto da rainha: uma cabeleira densa que cobre o corpo todo, e quando feito em tranças, pode prender, de fato, a um homem.

7.9 *Escoa suavemente*. Pv 23.31 diz do vinho tinto que "escoava suavemente".

7.13 *Mandrágoras*. Segundo Gn 30.14-16, as mandrágoras eram plantas muito usadas na feitiçaria da antiguidade e da Idade Média; chamadas de "pomo de amor", era opinião vulgar que provocavam o amor. Veja NDB, p 1292.

8.2 *E tu me ensinarias*. A esposa percebe a diferença entre o esposo nobre e ela. Gostaria que fosse como ela, assim, tudo seria mais fácil. Destarte, pois, está disposta a se deixar ensinar. A Igreja recebe o ensino, e todas as instruções de Cristo mediante as Escrituras, que são Sua Palavra.

8.3-5 Repetido de 2.3,5,6 e 7.

8.5 *Esteve tua mãe com dores*. Naquele tempo, as mulheres pobres muitas vezes davam à luz em pleno ar livre.

8.6 *Selo sobre o teu braço*. Cf. Jr 22.24; o selo sobre o braço é uma declaração quase que indissolúvel de um acordo.

8.8 *Ainda não tem seios*. Ez 16.7 fala de Jerusalém que nada tinha a oferecer e que tudo deve àquele que ama; todavia diz (8): "dei-te juramento, e entrei em aliança contigo, diz o Senhor Deus; e passaste a ser minha". Isto desenvolve exatamente as mesmas idéias de Cantares, sob as mesmas ilustrações.

8.9 *Se ela for um muro*. Muro não quebrado, virgem; a paralela é "se for porta", (fechada, se é paralela; aberta para todos, se é considerado contraste).

8.11 *Baal-Hamom*. Localidade não identificada; a respeito da vinha cf. Is 5.1, 2. *Mil peças de prata*. Cf. Is 7.23, sinal de opulência.

8.12 *Duzentos*. 20% em dinheiro além daquilo que tiraram da vinha e da horta adjacente para seu sustento.

8.14 *Vem depressa*. lembramos da ansiedade da Noiva à espera da vinda do Senhor no Apocalipse (22.17, 20).

Isaías

Análise

Isaías é merecidamente conhecido como o Profeta evangélico, visto que apresenta a mais completa e clara exposição do evangelho de Jesus Cristo que se pode encontrar em qualquer porção do Antigo Testamento. Sendo um tanto parecido com a epístola aos Romanos, no Novo Testamento, o livro de Isaías serve de compêndio das grandes

doutrinas da época pré-cristã, e aborda quase todos os temas cardeais de toda a gama da teologia. Ênfase especial recai sobre a doutrina de Deus, em Sua onipotência, onisciência e amor redentor. Em contraste com os imaginários deuses dos pagãos adoradores de ídolos. Ele se revela como o único verdadeiro Deus, o soberano Criador do universo, que ordena todos os acontecimentos da história de conformidade com o Seu grandioso e completo plano. Em demonstração da autoridade e da inspiração de Sua palavra, Ele cumpre maravilhosamente as predições proferidas por Seus profetas antigos. Ele é o sustentador da lei moral, que leva a juízo todas as nações ímpias dos pagãos, até, mesmo as mais ricas e poderosas delas, consignando-as para os montões de cinzas da eternidade, ao mesmo tempo que seu povo escolhido sobrevive para glorificar ao Seu nome.

É principalmente na qualidade de Santo de Israel que Isaías apresenta o Senhor, que o impeliu a profetizar. Sendo Santo, Ele requer antes e acima das formalidades da adoração por sacrifícios, o sacrifício vivo de uma vida piedosa. Com essa finalidade Ele faz as mais vigorosas persuasões tomarem conta das consciências de Seu povo, tanto na forma de advertência e apelo proféticos, como na forma de pressão exercida pelos castigos que tinham o desígnio de conduzi-los ao arrependimento. Porém, na qualidade de Santo de *Israel*, Ele se mostra inalteravelmente comprometido com Seu povo, com o qual fizera aliança, e é o fiel fiador de Suas graciosas promessas para perdoá-los quando arrependidos, livrando-os do poder de seus inimigos. Ele se mostra pronto para livrá-los dos ataques de seus arrogantes opressores gentios, ou para levá-los de volta à Terra Prometida, tirando-os da escravidão e do exílio.

Não obstante, na análise final, até os próprios crentes israelitas, nutridos no Antigo Testamento e desfrutando de privilégios de acesso a Deus impossíveis de comprar, aprendem ali que são inerentemente pecaminosos e incapazes de salvarem a si próprios do mal. Seu livramento final só pode vir através de um Salvador, o Messias divino-humano. Esse Emanuel, virginalmente nascido, e que é o próprio Deus Todo-Poderoso, estabelecerá o Seu trono como Rei eterno sobre a terra inteira e porá em vigor as exigências da santa lei de Deus, quando vier estabelecer a paz universal, a bondade e a verdade sobre o mundo inteiro. Não obstante, esse Rei Messias só alcançará vitória na qualidade de Servo do Senhor, rejeitado e desprezado pelo Seu próprio povo, ao apresentar o Seu corpo sagrado como expiação pelos seus pecados. Através desse sofrimento e morte, Ele dará livramento de alma não apenas aos verdadeiros crentes da nação de Israel, mas igualmente àqueles gentios de terras distantes que abrirem seus corações para receber a Sua verdade. Tanto os judeus como os gentios serão reunidos num único rebanho de fé e constituirão os exultantes súditos de Seu Reino Milenar, que está destinado a estabelecer o governo de Deus e a paz de Deus sobre toda a terra.

Autor

Isaías, filho de Amoz, parece ter sido membro de uma próspera e respeitada família de Jerusalém, pois não apenas o nome de seu pai é registrado, como também gozava de relações íntimas com a família real e com os mais altos oficiais do governo. Embora tenha, talvez, iniciado seu ministério profético nos últimos dias do reinado de Uzias, ele registra o ano da morte de Uzias (provavelmente 740 a.C.) como o tempo em que recebeu uma unção e comissão especiais da parte de Deus, no templo (cap. 6). Recebeu ordem de pregar ousadamente e sem qualquer transigência uma mensagem de advertência e denúncia contra o seu povo, devido a sua vida ímpia, de adoração idólatra, e de convocar a nação para entregar-se a um arrependimento e reforma completos. Foi odiado e sofreu a oposição do idólatra rei Acaz; foi favorecido e respeitado pelo rei Ezequias (716-698 a.C.) - que, não obstante, desconsiderou suas advertências contra a aliança com o Egito - e provavelmente foi martirizado pelo depravado e brutal filho de Ezequias, o rei Manassés, mais ou menos por volta de 680 a.C.

Esboço

O VOLUME DA REPREENSÃO E DA PROMESSA, 1.1-6.13

Primeiro Sermão: Rebelião Confrontada com Juízo e Graça, 1.1-31

Segundo Sermão: Castigo Presente Visando à Glória Futura, 2.1-4.6

Terceiro Sermão: Juízo e Exílio para a Nação Teimosa, 5.1-30

Quarto Sermão: O Profeta é Purificado e Comissionado por Deus, 6.1-13

O VOLUME DO EMANUEL, 7.1-12.6

Primeiro Sermão: Emanuel é Rejeitado pela Sabedoria Mundana, 7.1-25

Segundo Sermão: Livramento Imediato que Prefigura o Vindouro Libertador, 8.1-9.7

Terceiro Sermão: Condenação Inexorável de Exílio para a Orgulhosa Samaria, 9.8-10.4

Quarto Sermão: O Falso Império É Conquistado; o Glorioso Império Vindouro, 10.5-12.6

JUÍZO DE DEUS - SENTENÇAS CONTRA AS NAÇÕES, 13.1-23.18

Contra a Babilônia, 13.1-14.27

Contra a Filistia, 14.28-32

Contra Moabe, 15.1-16.14

Contra Damasco e Samaria, 17.1-14

Contra a Etiópia, 18.1-7

Contra o Egito, 19.1-20.6

Contra a Babilônia, Segunda Sentença, 21.1-10

Contra Edom, 21.11,12

Contra a Arábia, 21.13-17

Contra Jerusalém, 22.1-25

Contra Tiro, 23.1-18

PRIMEIRO VOLUME DE JUÍZO E PROMESSAS GERAIS, 24.1-27.13

Primeiro Sermão: Juízo Universal contra Pecado Universal, 24.1-23

Segundo Sermão: Louvor ao Senhor como Libertador, Vitorioso e Consolador, 25.1-12

Terceiro Sermão: Cântico de Regozijo e Consolação de Judá, 26.1-21

Quarto Sermão: Punição aos Opressores e Preservação para o Povo de Deus, 27.1-13

VOLUME DE AIS CONTRA OS INCRÉDULOS DE ISRAEL, 28.1-33.24

Primeiro Sermão: Como Deus Trata com os Bêbados e Desprezados em Israel, 28.1-29

Segundo Sermão: Juízo contra Almas Cegas que Tentam Enganar a Deus, 29.1-24

Terceiro Sermão: Confiança no Homem versus Confiança em Deus, 30.1-33

Quarto Sermão: Livramento pela Graciosa Intervenção de Deus, 31.1-32.20

Quinto Sermão: Punição de Enganadores, Traidores e Triunfo de Cristo, 33.1-24

SEGUNDO VOLUME DE JUÍZO E PROMESSAS GERAIS, 34.1-35.10

Primeiro Sermão: Destruição do Poder Mundial Gentílico, 34.1-17

Segundo Sermão: A Bem-aventurança Final dos Redimidos de Deus, 35.1-10

VOLUME DE EZEQUIAS, 36.1-39.8

A Destruição de Judá É Afastada, 36.1-37.38

A Destruição do Rei de Judá É Afastada, 38.1-39.8

VOLUME DO CONSOLO, 40.1-66.24

O Propósito da Paz, 40.1-48.22

A Majestade do Senhor, o Consolador, 40.1-31

O Desafio do Deus da Providência aos Incrédulos, 41.1-29

O Servo do Senhor, Individual e Nacional, 42.1-25

Redenção pela Graça, 43.1-44.5

Ídolos Mortos ou o Deus Vivo? 44.6-23

O Deus Soberano Usa e Converte os Pagãos, 44.24-45.25

Lições Ensinadas pela Queda de Babilônia e preservação de Israel, 46.1-47.25

Juízo contra a Incrédula e Hipócrita Israel, 48.1-22

O Príncipe da Paz, 49.1-57.21
 O Messias trará Restauração a Israel e Luz aos Gentios, 49.1-26
 A Pecaminosidade de Israel Contrastada com a Obediência do Servo, 50.1-11
 Encorajamento para Confiar-se só em Deus, sem Temor ao Homem, 51.1-16
 Israel Convocada para Despertar e Voltar ao Favor Divino, 51.17-52.12
 O Servo Divino Triunfa mediante o Sofrimento Vicário, 52.13-53.12
 Bênção Conseqüente sobre Israel e a Igreja, 54.1-17
 Graça a Todos os Pecadores que Confiam em Cristo, 55.1-13
 Inclusão dos Gentios na Bem-aventurança de Israel, 56.1-8
 Condenação contra os Ímpios Líderes de Israel, 56.9-57.21
 O Programa da Paz, 58.1-66.24
 Contraste entre a Falsa e a Verdadeira Adoração, 58.1-14
 Confessando sua depravação, Israel é Liberta pela Intervenção de Deus, 59.1-21
 Gloriosa Prosperidade e Paz dos Redimidos, 60.1-22
 O Cristo Cheio do Espírito por Quem vem o Reino, 61.1-11
 São Restaurada e Glorificada, 62.1-63.6
 Relembrando as Misericórdias Anteriores de Deus, Israel Pleiteia por Livramento, 53.7-64.12
 A Misericórdia de Deus Está Reservada Somente para o Israel Espiritual, 65.1-25
 A Exterioridade na Adoração, Substituída por Sinceridade de Coração, 66.1-24

1.1 Visão. Heb *hazôn*, conteúdo de uma revelação ou comunicação divina endereçada aos homens. A palavra era usada em outra forma para significar "vidente", nome antigamente dado aos profetas. *De Isaías.* O próprio livro define o nome do seu autor. *Uzias... Judá.* Estes quatro reis governaram sucessivamente sobre Judá em Jerusalém, na última parte do oitavo século antes de Cristo. Seus reinados se descrevem nos trechos bíblicos citados no rodapé.

1.2 O Senhor é quem fala. Um testemunho da inspiração da Bíblia.

1.8 Choça... no pepinal. Estas choças e palhoças construía-se nas vinhas e nas hortas para serem ocupadas temporariamente pelos colhedores durante a colheita, sendo abandonadas durante o resto do ano. Da mesma forma, Jerusalém seria abandonada, depois de deixar de tomar parte no propósito divino, o de ser uma cidade missionária.

1.9 Sobreviventes. Já aqui aparece a doutrina de um remanescente fiel que, séculos mais tarde, sobreviveria aos castigos e ao Cativo, assunto que se desenvolve mais amplamente na segunda metade do livro. *Sodoma... Gomorra.* Cf. Gn 18.16-19.28; Jr 23.14; Ez 16.46-58.

1.10 A Palavra do Senhor. Estas profecias são palavras do próprio Deus, e só se entendem quando são reconhecidas como tais.

1.14 Lua Nova. A festa religiosa do princípio de cada mês.

1.18 Arrazoemos. É um convite aberto para um judicioso ajustamento de contas, aquilo que Jó havia pedido (Jó 23.7). Perante a justiça divina, ninguém sairia impune (Sl 130.3), mas o próprio Deus se oferece a nos revestir da brancura da santidade, ao invés da cor de carmesim que representa nossa vida de pecados.

1.21 Prostituta. Uma cidade cujos habitantes são infiéis a Deus, infiéis à sua vocação, apóstatas e idólatras, é prostituta perante Deus. Descrições semelhantes se lêem em Jr 36-1 0; Ez 16 e 23.

1.21-25 O metal não purificado pouco valor tem; o caráter humano, não liberto dos vícios, não supera o caráter do irracional.

1.26 Restituir-te-ei os teus juízes. Na época da teocracia, Deus colocou juízes sobre a seu povo, para guiá-lo segundo a vontade divina, impondo à verdadeira justiça. Na igreja de Cristo, no NT, Jesus é o Senhor soberano (Mt 19.28), e os apóstolos, os guias do povo de Deus. Possivelmente, pois, isto se refere ao NT, escrito pelos apóstolos, e que agora,

juntamente com o AT, se constitui em nossa única norma de doutrina e de vida, de fé e de conduta.

1.29 Carvalhos... jardins. Trata-se dos lugares onde se praticavam os ritos do culto pagão, uma mistura de idolatria com pecados sensuais. São os "altos", tantas vezes mencionados na Bíblia (cf. 1 Rs 14.23; Jz 3.7); nestes altos havia postes-ídolos que os israelitas deveriam cortar (Êx 34.13), senão, eles mesmos seriam derrubados (vv. 30 e 31 deste mesmo capítulo de Isaías).

1.31 Estopa. Parte mais grossa do linho, que se separa por meio do sedeiro; depois elimina-se a mesma como um detrito.

2.2 Monte do Casa. Refere-se à situação topográfica do templo material, no cume do monte Moriá em Jerusalém, mas o verdadeiro templo espiritual e eterno já está elevado acima de qualquer altura geográfica (Hb 12.22). **Afluirão.** A figura representa uma torrente de pessoas, a subir até inundar o alto das colinas.

2.3 De Sião sairá a lei. De Jerusalém raiou a luz aos gentios: "aos judeus foram confiados os oráculos de Deus" (Rm 3.2); dos judeus descende o Salvador (Rm 9.5); da capital dos judeus brotou viçosamente o evangelho (Mc 16.20; At 1.8).

2.4 Uma visão do reino de Cristo, que será um reino de paz (Jl 3.10).

2.6 Do Oriente. Da Síria e da Babilônia, terras da magia, da bruxaria e do paganismo em geral, fontes de má influência sobre Israel. **Agoueiros.** Estes eram proibidos em Israel (Êx 22.18, Lv 20.27; Dt 18.10-12; cf. também Is 8.19; 1 Sm 28.8-25; Ez 13.9).

2.10 Rochas. Cf. a grande tribulação (Mt 24.15-28; Ap 6.16).

2.12 Dia do Senhor. Para os ímpios; o dia do Senhor será um dia de punição, de desgraça, de miséria, dia no qual Deus irá impor os castigos tantas vezes anunciados, julgando os que, rejeitaram suas mensagens (13.6; 13.9, 13; 61.2; 63.4; Jl 1.15; Sf 1.14-18). Para os filhos de Deus, o dia do Senhor é o dia no qual Deus cumpre Suas promessas feitas aos mesmos, (Sl 118.24; Is 49.8; Jd 6).

• **N. Hom. 2.11-17** Note-se, aqui, que o que vai ser desmoronado e destruído é o orgulho humano, em suas várias modalidades: a soberba, a altivez, a exaltação e a arrogância. Este orgulho faz com que um homem queira ser símbolo de poder, um cedro alto, um carvalho forte, uma muralha firme e inabalável, um navio que vence as tempestades das viagens oceânicas. Entretanto, tal homem é infeliz miserável, pobre, cego e nu (Ap 3.17), carente da glória de Deus (Rm 3.23). A resposta a esta situação está em Rm 3.24-31.

2.19 Cavernas. Um esconderijo, cf. Ap 6.15-16; Os 10.8.

• **N. Hom. 3.1-8** O que Deus faz quando as obras de uma nação "são contra o Senhor" (v. 8) - retira cinco bênçãos da mesma: 1) Retira o sustento da vida, v. 1; 2) Retira; os responsáveis pela ordem cívico, vv. 2 e 3; 3) Retira os entendidos, v. 4; 4) Retira dos homens o respeito pelo indivíduo, v. 5; 5) Retira dos mais capacitados a vontade de ajudar, vv. 6-7.

3.1 O Senhor, o SENHOR dos Exércitos. Este nome divino é o nome usado em todos os casos nos quais Isaías introduz os atos judiciais de Deus, cf., 1.24; 10.16, 33; 19.4. "Senhor" com minúsculas é a tradução da palavra *'ādôn*, "Senhor", "Dono", "Soberano" e com maiúsculas, traduz a palavra *yohōwāh*, o nome da revelação divina, Jeová. **Pão... água.** Esta profecia cumpriu-se na destruição de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C., e pelos romanos em 70 d.C, tudo conforme os avisos deixados de antemão na Palavra de Deus (Lv 26; Dt 28). A expressão, aqui, se refere a quaisquer formas de apoio, como alimento, governo, lei, ordem e paz.

3.2 Adivinho. Heb *gōsem*, alguém que prediz o futuro, consultando oráculos, adivinhando, agourando, ou até consultando os próprios pressentimentos. Talvez, neste contexto, tenha o sentido de "homem espiritual" (um bom sentido), e não no sentido mais comum, de vidente pagão.

3.4 Crianças. Heb *ta'alulim*, uma palavra que só ocorre aqui e em 66.4. Há, nesta palavra, a idéia de arbitrariedade ou despotismo, e aqui pode ser traduzida por "manhosas",

"caprichosas", "teimosas", referindo-se a crianças, do tipo daquelas descritas em Ec 10.16. O cumprimento da profecia constata-se pelas idades dos reis de Judá, que subiram ao trono depois de Ezequias, depois da época de Isaías: Manassés começou a reinar com 12 anos de idade (2 Rs 21.1), Amom com 22 anos (2 Rs 21.19), Josias com 8 anos (2 Rs 22.1), Jeoacaz com 23 anos (2 Rs 23.31), Jeoaquim com 23 anos (2 Rs 23.36), Joaquim com 18 anos (2 Rs 24.8), e Zedequias com 12 anos (2 Rs 24.18).

3.15 *Moeis a face*. É expressão heb que significa: tirar ainda o último dos poucos haveres; o cúmulo da opressão.

3.16 *Olhares impudentes*. Antigas interpretações dizem que são olhos pintados; o heb dá a idéia de "atrair para trair".

3.18 *Toucas*. Uma coifa que as mulheres usavam nos cabelos.

3.24 *Marca de fogo*. Pode ser um sinal de nascença, mas aqui é, claramente, a marcação feita com ferrete nos escravos; realmente, o trecho inteiro (vv. 16-24) está profetizando uma época de invasão e de escravidão. Virá o fim, não somente do luxo e do orgulho, mas até da própria liberdade. Que não haverá homens para proteger às mulheres para salvar a situação, diz-se isto na profecia, no versículo seguinte e em 4.1.

3.26 *Se assentará em terra*. Uma posição que mostra grande angústia. Cf. Jó 2.13; Sl 137.1; Lm 2.10; 3.28; Jr 6.26; Mq 1.10.

4.1 *Opróbrio*. A desonra de serem solteiras, rejeitadas.

4.2 *Renovo do Senhor*. O nome que o Antigo Testamento dá a Cristo, tratando-se aqui de Cristo como o Messias, o Rei da linhagem de Davi. É chamado de "Renovo Justo" em Jr 23.5; 33.15; e só "Renovo" em Zc 3.8; 6.12. Alguns interpretam o nome "Renovo" como o nome da natureza divina de Cristo, enquanto *fruto da terra* seria o nome profético da natureza humana de nosso Senhor Jesus Cristo.

4.3 *Os restantes de Sião*. O profeta, tendo mostrado que o julgamento de Deus aflige aos ímpios, agora passa a mostrar como Deus protege os restantes por meio da Sua presença revelada na *nuvem de dia* e no *fogo chamejante de noite*, v. 5. *Inscritos... para a vida*. Deus fará um registro daqueles que, por participarem nesta promessa, sobreviverão à calamidade. Cf. 32.32; Ml 3.16; Dn 12.1; Ap 3.5; 13.8; 20.12; 20.15, 21.7.

4.5 *Fumaça... fogo*. Sinais da presença de Deus (cf. Êx 13.21s; 40.34-38).

5.1 Os vv. 1b e 2 formam um pequeno cântico de amor, que revela o prazer que Deus tem no novo povo escolhido; e no fim, mostra a ingratidão daquele povo para com Ele. Cf. a Parábola, de Jesus em Lc 20.9-18.

5.2 *Abriu um lagar*. Na Palestina e no Líbano, os lagares, geralmente, eram abertos na rocha em dois níveis: o superior, mais largo e mais raso, no qual as uvas eram pisadas (cf. 63.3), e o inferior mais estreito e mais fundo, para receber o líquido da parte superior, por intermédio de uma goteira. Cf. também Mt 21.33; Mc 12.1; Lc 20.9. *Uvas bravas*. Nosso Deus deve esperar bons frutos do povo que recebeu Sua revelação. Seu amor e Seu perdão e quantas vezes não os acha!

5.7 Aqui temos um jogo de palavras na língua hebraica: Deus desejou *mishpāt* (*juízo*) e só achou *mishpāh* (*opressão, quebrantamento do lei*), quis *çedāqāh* (*justiça*) e só viu *çe'āgāh* (*clamor, grito por socorro*). • **N. Hom.** As vinhas de Deus: 1) Israel, 5.1-7; a) escolhido por Deus, v. 1; b) preparado por Deus, v. 2; c) objeto da esperança de Deus, 1-4; d) destruído por Deus, 5-7; 2) Os crentes, Jo 15; Rm 11.25; a) Deus nos escolheu; b) Deus cuida de nós; c) Deus espera fruto de nós.

5.8-22 *Ai*. Seguem-se ais sobre seis pecados: 1) O egoísmo, 8; 2) As bebedeiras, 11-2, 3) A teimosia, 18; 4) A falsidade, 20; 5) A soberba, 21; 6) A perversão da Justiça, 22.

5.10 *Jeiras*. Medida agrária que, conforme o país, varia entre 19 e 36 hectares. *Bato*. Medida de 22 litros.

5.14 *Cova*. No heb *she'ôl*, que aqui significa "túmulo"; em outras partes significa "o estado de morte", ou então "inferno". *Apetite*. Heb *nephesh*, normalmente traduzido por "alma" ou "vida". Aqui representa o brio da pessoa, os desejos vitais, a vontade ansiosa.

5.16 O Santo. Heb *qãdôsh*, "separado", "brilhante"; "diferente", etc. É o título de Deus que Isaías ouviu na sua visão (6.3), e que ele mais usa em seu livro.

5.25 Estendida. Para continuar a ferir, a punir, a castigar.

5.26 Assobiará. Cf. 7.18 e Zc 10.8. É o sinal para uma reunião; no caso, para as nações virem punir a Israel; mais tarde, será para a restauração dos israelitas depois do castigo do cativo, e do arrependimento, cf. o convite em Ap 19.17.

6.1 Rei Uzias. Cf. 2 Rs 15.7; 2 Cr 26.23. Reinou em 767-740 a.C. *O Senhor.* Conforme se vê em Jo 12.41, foi ao Filho de Deus que Isaías viu (cf. Dn 10.5-6; Pv 8.,22-30). Era uma visão de Jesus na glória à qual voltaria depois de viver e morrer na terra (Jo 17.5). Veja a nota em 2 Cr 3.1. A revelação divina sempre se outorga ao homem mediante a pessoa do Filho unigênito do Pai (Jo 14.6-9).

6.2 Serafins. Espécie de anjos, só mencionados ainda no v. 6, e talvez aludidos em Ap 4.68. A raiz da palavra *sãraph* significa consumir com fogo; os serafins são, portanto, agentes de purificação pela fogo. Há, ainda, outras espécies de anjos: querubins (Gn 3.24); anjos santos (Mc 8.38); anjos apóstatas (Jd 6), anjos eleitos (1 Tm 5.21); anjos com nomes pessoais: Gabriel (Lc 1.19, 26-28) e Miguel (Jd 9). *Seis asas.* O original heb traz esta expressão duas vezes, para indicar que cada um dos anjos tinha seis asas. *Voava.* No original "voava para cá e para lá", ou talvez "voava pairando (no ar)".

6.3 Santo, santo, santo. O louvor à santíssima Trindade, o Deus triúno da Antiga Aliança que, se revela, como tal, mais abertamente no Novo Testamento.

6.5 Viram. Compare Jz 13.22 Havia sempre um terrível medo de uma visão direta de Deus. Não era lícito tentar vê-lo (Êx 19.21). Aqui, porém, trata-se de uma visão do Filho. Quem tem uma verdadeira visão de Cristo, ou deliberadamente resiste à "Sua mensagem, e perece eternamente, ou aceita-a, morrendo então para si mesmo, para viver a vida em Cristo; obtendo assim a vida eterna, graciosamente concedida.

• **N. Hom. 6.5-8** O caminho da reconciliação: 1) Reconhecer seus pecados (5): a) por causa da comunhão com Deus; b) por causa da santidade de Deus; isso se exprime na confissão; 2) A purificação dos pecados (6.8): a) providenciada por Deus, b) aplicada ao indivíduo (7).

6.6 Brasa viva. Do altar do incenso.

6.8 Por nós. Os teólogos antigos, dos primeiros séculos, sempre entenderam o plural como referindo-se, mais uma vez, à divina Trindade. *Envia-me a mim.* A prontidão do profeta em se oferecer à obra missionária, sem mais hesitação, deve ser um exemplo para milhares de crentes que, tendo o privilégio de freqüentar a igreja com regularidade, de estudar livremente a Bíblia, sem perseguições, nunca permitem que um conceito de dedicação, de vocação, de missão, venha a demovê-los de seu egoísmo comodista e irresponsável.

6.9 Não entendais. Israel tinha rejeitado a Deus, e Deus então rejeitou a Israel (Os 4.6). Por este motivo, Jesus adotou o sistema de parábolas, incompreensível, para os descrentes, mas fácil para os crentes (Mt 13.11-16).

7.1 Rezim. Reinou em Damasco entre 750 e 732 a.C., contemporâneo de Peca de Israel, 740-732 d.C.

7.2 Efraim. Nome dado a todo o Reino do Norte, sendo Efraim a maior das dez tribos que compunham aquela nação (Israel sem Judá). Mais tarde, o nome serviu para toda a região de Samaria e da Galiléia.

7.4 Tocos de tições. Estes tocos não oferecem o perigo de queimar a mão de quem os segurar. *Filho de Remalias.* Peca era um simples usurpador do trono de Israel (2 Rs 15.25).

7.8,9 O pensamento básico é que, mesmo que estes reis pareçam ser poderosos dentro das suas capitais, não podem constituir ameaça contra Judá, e nem mesmo seus próprios reinos ficarão muito tempo de pé.

7.12 Acaz simula respeito pela Lei ("Não tentarás o Senhor teu Deus" Dt 6.16), mas na realidade quis lançar mão da fana piedade para encobrir a má vontade e a falta de fé, evitando o confronto com Deus.

7.14 A *virgem*. Alguns teólogos querem traduzir isto por "mulher jovem", e não admitir esta profecia como do nascimento de Cristo de uma virgem. A mesma palavra hebraica, no entanto, *'almãh*, se aplica a Miriã, menina de cerca de 14 anos (Êx 2.8), e Rebeca (Gn 24.16, onde se ressalta a sua virgindade). A tradução da Bíblia para o grego, a Septuaginta (LXX), de época anterior ao nascimento de Cristo, traduz esta palavra por *parthenos*, "virgem", sem ambigüidade alguma. Assim também acontece em Mt 1.23, onde esta profecia se aplica claramente a Cristo, e ao nascimento dEle da virgem Maria. É claro, no contexto, que o profeta está prometendo um milagre indubitável; ora, não seria milagre uma mulher jovem, casada, ter um filho. *Emanuel*. Heb significa "Deus conosco" (*'immänüel*, cf. Mt 1.23; Jo 15.4; Ef 3.17). De fato é uma criança singular (cf. 8.8; 8.10; 9.6). Quando Jesus nasceu, Deus de fato "se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14; 2 Co 5.19).

7.16 A *terra*. A Palestina do norte, as duas nações da Síria e de Israel. De fato, o reinado de Rezim terminou quando Tiglate-Pileser III da Assíria reduziu a Síria ao estado de nação conquistada, em 732 a.C. Samaria foi destruída dez anos mais tarde, depois de um longo cerco.

7.18 Refere-se às forças militares das grandes impérios vizinhos. A luta entre os dois esmagará a pequena nação que fica entre eles.

7.20 *Navalha alugada*. O rei da Assíria, instrumento nas mãos de Deus para aplicar punição (10.5-6). *Doutro lado do rio*. Além do Eufrates, na Mesopotâmia. *Barba*. Ser rapado desta maneira, constituía grande humilhação (cf. 2 Sm 10.5). Refere-se à larga destruição da Palestina causada pela Assíria.

7.21 *Vaca nova*. Anteriormente, o povo tinha sido rico em gado. Agora, só haveria o suficiente para as necessidades básicas da vida. Os restantes de entre o povo viveriam dos produtos naturais da terra (cf. Êx 3.8). Eis aí a aplicação imediata das palavras em 7.15, além do senso cristão; o profeta falava à sua situação e pronunciava também a obra de Cristo.

7.24 *Flechas e arco*. Por causa dos abrolhos, não somente deixaria de haver colheita, mas os próprios vinhais seriam lugar de caça.

8.3 *Profetisa*. Título dado à esposa do profeta. As pessoas que querem identificá-la com a virgem de 7.14 devem se lembrar que Isaías já possuía um filho seu, ao seu fado, ao fazer aquela profecia (7.3).

8.6 *Siloé*. Um canal que desemboca num lago, antes chamado Giom, e agora, "Fonte da Virgem". Suas águas serviam para as necessidades dos cidadãos de Jerusalém. O que é para refrigério do povo de Deus nunca deve ser desprezado, para exigir-se algo melhor (vv. 7 e 8); esta verdade também se aplica à simples pregação do evangelho (1 Co 1.18-25). *Filho de Remalias*. Peca, rei de Israel (cf. 7.1). Falar sobre o mesmo sem dar-lhe a honra de mencionar seu nome e seu título é a maneira oriental de desprezá-lo e de mostrar que perante Deus ele não tinha valor.

8.8 *Pescoço*. Jerusalém era "cabeça" de Judá; a invasão dos assírios no ano 701 "inundou" a maior das pequenas cidades de Judá, e Jerusalém foi cercada, mas não atingida, graças à intervenção milagrosa da parte de Deus (37.36-38). *Ó Emanuel*. O Emanuel de 7.14, aqui, aparece como o dono da terra de Judá; antes de Jesus nascer na terra, Seu Nome, ligado ao Seu Povo, já era uma garantia da proteção.

8.10 *Deus é conosco*. A tradução do nome Emanuel, dada em 7.14; uma parte do cumprimento da profecia seria vista na hora de Jerusalém ser libertada da invasão dos assírios; outras pagares se cumpririam durante os séculos vindouros, cada, vez que o povo de Deus recebia a proteção divina.

8.16 *Resguarda*. Deus mandou Isaías deixar de pregar, desde que Israel rejeitou Sua

mensagem; desde que Israel tinha resolvido fazer uma aliança com a Assíria. Selo. Os discípulos de Isaías deviam guardar a palavra do profeta num lugar seguro, aguardando seu cumprimento. Foi este o começo da forma escrita do livro de Isaías (cf. Jr 23.10).

8.19 Necromantes. Por causa do seu grande medo da situação, algumas pessoas procuravam os necromantes para consultar os mortos. Tais adivinhos pagãos estavam contrariando abertamente a lei de Deus (cf. Lv 19.31), rejeitando assim a Vida Eterna, a *alva* mencionada no v. 20.

8.20 À lei e ao testemunho! Expressão abrangendo tudo o que existia da Palavra de Deus naquela época. Quando o, homem se afasta da Palavra de Deus, perde a possibilidade de vir a crer para ser salvo.

8.21 Amaldiçoarão ao seu rei. Isto por causa da sua incapacidade de aliviar o povo. *Seu Deus.* Deus, tendo rejeitado aquele povo, longe de ampará-lo, até precipita a maldição dos incrédulos.

9.1 Zebulom e... Naftali. Estas duas províncias foram as primeiras que Tiglate-Pileser, rei da Assíria, despovoou (2 Rs 15.29). *Tornará glorioso.* A glória que aquelas partes da Palestina receberiam seria a glória da presença do Messias, de Jesus Cristo que passou por aquelas bandas, ao redor do mar da Galiléia, uma boa parte do Seu Ministério.

9.2 Trevas. A presença de Jesus, a luz do mundo, dissipa as trevas.

9.4 Dia dos midianitas. Lembra a vitória de Gideão sobre os midianitas que estavam oprimindo aos israelitas, séculos antes (Jz 7).

9.6 Filho. Jesus Cristo, identificado pela descrição do seu ministério nos vv. 6 e 7. Há quem queira achar aqui as duas naturezas em Cristo, divina ("filho"), e a humana ("menino"), doutrina esta que se ensina claramente em outras partes da Bíblia (Gl 4.4; Is 7.14; Lc 1.35). *Maravilho.* Este título de Cristo também se menciona em Jz 13.18. *Deus Forte.* O menino é expressamente Deus, pois a heb 'el só pode significar "Deus". Em outros trechos da Bíblia, a palavra mais comum é "elōhim, o plural de "majestade" que, às vezes, revela a Trindade, o Deus Triúno, mas que também pode ser traduzido em "deuses" quando se refere às divindades pagãs, ou até homens que têm autoridade especial (Sl 82.6; Jo 10.34). Outros títulos de Cristo neste versículo são: *Pai do Eternidade.* Aquele cuja paternidade do seu povo nunca terá fim. Esta expressão também significa "aquele que é eterno no seu próprio ser e que, assim, pode conceder o dom da Vida eterna aos outros". *Príncipe da Paz.* Esta Paz não é apenas a ausência da guerra, mas também significa a prosperidade e o bem-estar em vez de necessidades e de tristezas. A Bíblia nos ensina vários outros títulos atribuídos a Cristo, também como: "Deus" (Is 40.9; Jo 20.28); "Todo-Poderoso" (Ap 1.8); "pão da vida" (Jo 6.35); "bom pastor" (Jo 10.14); "Senhor da glória" (1 Co 2.8); "Filho de Davi" Mt 9.27), "Senhor dos senhores e rei dos reis" (Ap 17.14); "o Cordeiro" (Ap 13.8).

• **N. Hom.** Jesus é maravilhoso: 1) Nos seus ensinamentos, a) para as que O ouviram, Mt 5.28-29; 13.54; 22.22; b) para nós nos dias atuais; 2) No seu poder, a) para os que O viram, Mt 7.27; Mc 1.27; 7.37; Lc 5.26; b) para nós hoje; 3) No seu amor, a) comprovado na sua vida, Jo 11.36; 13.1; b) revelado para nós hoje, Ef 3.19.

9.11 Os adversários de Rezim. Os assírios, que destruíram o reino de Rezim, de Damasco, dez anos antes de destruírem Samaria. Isto quer dizer que os israelitas tinham dez anos de prazo para aprender a recorrer a Deus, a fim de não serem vítimas das invasões que tinham visto tão de perto quando da chegada dos assírios em 732 a.C.

9.19 Abrasada. Carbonizada e enegrecida pelos estragos dos invasores.

10.1 Decretam leis injustas. Juizes que, abusando de seu poder, aplicam sentenças injustas, através de meios legais, criando um falso critério, que a jurisprudência mais tarde tomaria como base de julgamentos subsequentes.

10.3 Vossa glória. Heb *kābhōdh*, glória, honra, fortuna, riqueza, bens.

10.4 Mão... estendida. O juízo para aqueles que não aceitaram a disciplina divina, que não se deixaram impressionar pelos perigos ao redor.

10.5 *Cetro do minha ira.* Os assírios eram instrumentos nas mãos de Deus para disciplinar nações atéias, inclusive as nações *ímpias* de Israel e Judá, que caíram na apostasia. Depois, a soberania dos assírios seria julgada (v. 12).

• **N. Hom. 10.5-19** Tolice humana e justiça divina: 1) Tolice humana, a) na falta de compreensão, vv. 7-9; e b) na soberba, vv. 10-14; 2) Justiça divina, a) condena a impiedade do Seu povo, v. 6b) julga a quem resiste à Sua vontade, vv. 15-19; c) julga por meio dos incrédulos, vv., 5-7.

10.5-34 Outras profecias contra a Assíria: Na 1.1-3.19; Sf 2.13-15.

10.7 A Assíria achava que era ela quem traçava os planos de conquista, imaginava que Deus era apenas uma divindade local como os muitos "deuses" das várias tribos. Na realidade, porém, era a Assíria que nada mais fazia senão executar os julgamentos pronunciados por Deus.

10.9 As seis cidades aqui mencionadas tinham sido capitais de civilizações, ou poderosas cidades independentes. Cada uma tinha sua divindade local, e todas haviam sido conquistadas pelos assírios entre 738 e 720 a.C. Agora, pensava fazer o mesmo com Jerusalém (11).

10.12 *Arrogância.* Heb *prigōdel*, lit. "o fruto da grandeza, do orgulho". O produto ou fruto do coração cheio da própria grandeza se nota na soberba de pensamentos, de palavras e de atos.

10.15 A lógica mostra que as criaturas não são maiores do que o Criador.

10.17 *Luz... fogo.* Deus se revela como fogo consumidor para os ímpios, Dt 9.3 e como luz inspiradora para os fiéis (Sl 27.1; Jo 1.5). *Num só dia.* O cumprimento histórico da profecia se lê em 2 Rs 19.35.

10.19 *Tão pouco.* O que sobrar dos soldados assírios seria um resto tão pequeno que até uma criança poderia arrolá-los.

10.22 *O restante.* De todo o Israel, logo só sobrou Judá, depois do cativeiro de 722 a.C. De Judá, sobrou apenas o resto que foi levado para o cativeiro na Babilônia, em 597 a.C. Dos cativos, sobraram apenas os que quiseram restaurar Jerusalém em 538 a.C. Dos que voltaram, salvaram-se, da civilização pagã, apenas os Macabeus e seus seguidores, em 331 a.C. E, finalmente, quem sobrou para constituir o verdadeiro Israel, obediente a Deus, foi só Jesus, cujos membros são feitos, pela Sua graça, no Novo Israel de Deus. Se *converterá*. Isto já fora determinado até no nome dado a, um dos filhos de Isaías; "um resto volverá" (7.3) heb *she'ār yāshūbh*. "Volver" é voltar-se para Deus, é o arrependimento, a conversão e a fé que de então em diante se tem.

10.23 *Terra.* Neste caso, a palavra se refere ao mundo inteiro, prendendo-se especialmente ao império da Assíria, inclusive aos israelitas.

10.24 *À Maneira dos egípcios.* Os opressores egípcios sofreram dez pragas providas de Deus, antes de deixarem os escravos israelitas irem livremente. Semelhantes portentos seriam desencadeados contra os opressores assírios, para libertar das suas invasões o restante dos israelitas.

10.26 *Orebe.* Refere-se à vitória milagrosa de Gideão.

10.28-32 Uma descrição da marcha dos exércitos da Assíria contra Jerusalém, contendo a lista das cidades pelas quais haveriam de passar, terminando na sua própria ruína. *Nobe* se acha a 16 km de Jerusalém.

11.1-9 Descreve-se o Messias Rei de 9.2-7; este Messias resumirá em Si Mesmo as melhores qualidades dos grandes homens de Israel.

11.1 *Tronco de Jessé.* Aqui, Jessé, pai de Davi, (1 Sm 16.1-20), se compara a uma árvore. O juízo que Israel sofreu é como o tombar de uma árvore; mas este juízo não é final, pelo fato de ainda ficar o toco para produzir um novo rebento (Is 6.13). Assim se cumpre a aliança que Deus fez com Davi. Esta descrição do rei ideal, da linha davídica, considera-se aplicável a Jesus Cristo (Ap 5.5). *Rebento.* Heb *hōter* "galho", "vara", só se usa aqui e em Pv 14.3. A idéia é de algum broto delicado, um rebento fino e novo, que

começa a subir do toco de uma árvore derrubada. É diferente de outra palavra heb traduzida por "vara", *shebheheth*, mencionada no v. 4; 9.4; 10.5, 15; 24; 14.29; 28.27; 30.31; Êx 21.20; Lv 27.32; 2 Sm 7.14, Sl 2.9; 23.4; o significado é uma vara crescida e firme, cortada da árvore para servir como cajado ou arma para, os pastores, como vara para bater as espigas de grão ou disciplinar os filhos; até pode significar o cetro do rei ou maça de guerra.

11.2 *Espírito do Senhor* A presença do Espírito Santo revela-se no fruto que produz na personalidade; como segue: *sabedoria*, o poder de discernir a natureza das coisas; *entendimento*, o poder de diferenciar entre as coisas; *conselho*, o dom de formular conclusões certas; *fortaleza*, a energia necessária de por em pratica as conclusões; *conhecimento* de Deus forma-se dentro da comunhão amorosa com Ele; e o *temor do Senhor* é um temor absorvido pela reverência (Ap 5.6). Estas palavras se definem, no sentido bíblico, nas notas de Provérbios.

11.4 *Mansos*. Heb *'ānāw*, "humilde", mas também "pobre e aflito" no sentido de pertencer ao mais baixo nível social.

11-6-9 Delitzsch trata este parágrafo como uma profecia a ser realizada aquém da eternidade, formando um elo integrante na história da Salvação (cf. Rm 8.21). Aponta para o reino milenar de Cristo (cf. Ap 20.5).

11.10-16 A volta dos judeus no tempo de Esdras e de Zorobabel não pode ser considerada como o cumprimento completo desta profecia, que se vincula como aparecimento do Rei Messias.

11.11,12 Historicamente, tal dispersão não existia na época, na qual Isaías predisse esta restauração, nem existia depois da queda de Israel. Esta pode ser considerada uma profecia da segunda redenção o equivalente do Êxodo do Egito. Veja Jr 16.14-15n.

11.11 *Patros*. No sul do Egito. *Sinear*. Na Babilônia. *Terras do mar*. Os territórios à beira-mar e as ilhas do Mediterrâneo.

11.15 *Mar do Egito*. O mar Vermelho, ao norte do Egito, que os israelitas atravessaram na época do Êxodo.

12.1-6 Este cântico tem muita semelhança com o de Moisés, Êx 15, ao qual há muitas alusões, no Antigo e no Novo Testamentos (Ap 15.3).

12.2 *Minha salvação*. Cf. Sl 46. *Meu cântico*. Cf. Sl 118.14.

13.1 *Sentença*. Heb *massā'*, "fardo", "carga", "mensagem pesada". O profeta tem de trazer uma mensagem dura e desagradável; os capítulos 13 até 23 anunciam os juízos contra vários povos vizinhos de Israel.

13.1-14.23 Outras profecias sobre a Babilônia: Is 47.1-15; Jr 50.1-51.64. Sobre a queda da Babilônia, escatológica, o domínio do paganismo e do materialismo (cf. Ap 17;1-18.24).

13.2 Talvez este versículo descreva algum ato de traição através do qual alguém, na cidade da Babilônia, viria a mostrar ao invasor persa como se deve entrar na cidade. Seja como for, em 539 a.C., o rei Ciro, da Pérsia, ficou sabendo que poderia entrar naquela cidade pela entrada aberta para a leito do rio.

13.12 *Ofir*. Em 1 Rs 9.26-28 e 22.49 percebe-se que, para chegar a Ofir, era necessário navegar pelo mar Vermelho; é provável que o local se situasse no sudeste da Arábia (2 Cr 3.6n).

13.13 *Estremecer... sacudida*. Na revelação da ira de Deus, o universo físico será sacudido até aos alicerces. Tais representações fazem parte integrante das descrições do Dia do Senhor, e não se devem desprezar como se fossem meras expressões figuradas. Veja 1 Ts 5.2; 2 Pe 3.10; 2 Ts 1.7-8.

13.17 Profetiza-se aqui a futura situação da cidade da Babilônia, que nunca mais viria a ser construída (vv. 20-22; cf. também Jr 51.61-64).

13.19 *Sodoma e Gomorra*. O profeta, aqui, mostra a destruição destas cidades, descrita em Gn 19.24, como indubitável fato histórico.

13.20 As Escrituras profetizam a ruína absoluta da Babilônia, declarando que a cidade

nunca voltará a existir, como de fato até hoje não foi restaurada. Por este motivo, é lógico entender que a Babilônia mencionada em Apocalipse caps. 17 e 18 não é a nação e a cidade conhecidas pelos historiadores. Trata-se, decerto, de alguma combinação política é eclesiástica da qual a Babilônia do Antigo Testamento é apenas um tipo, um exemplo.

13.21 *Suas casas*. Dos babilônios. *Repousarão*. Cf. Ap 18.2. *Sátiros*. Heb *setrim*, lit. "cabeludos", que na maioria dos casos significa "bodes" (cf. Gn 37.31; Lv 4.23). Traduz-se por "demônios" em Lv 17.7, cf. também 2 Cr 11.15; Is 34.14. Talvez a maldição sobre o sítio original da cidade é o que leva até os árabes a evitar as ruínas, 20.

14.1 *Ainda elegerá*. A infidelidade de Israel não anulou a aliança divina com Abraão (cf. Jr 32.30-37; Rm 9.10-11). Israel já sofreu muitas punições durante os últimos séculos, mas Deus ainda restaurará Seu povo *em sua própria terra*.

14.2 *Os tomarão*. Os próprios pagãos serão usados para restaurar os israelitas ao seu território nacional, cf. 49 22-23.

14.4 *Motejo*. Heb *māshāl*, "provérbio, parábola, exemplo". É algum precedente do passado, alguma palavra de sabedoria antiga. Aqui, tem o sentido negativo de "um exemplo de algo desprezível, zombaria". *Tirania*. Heb *madhhebhâh*, que alguns entendem como, "cidade insolente", e outros "aquela que exige ouro".

14.9 *O além*. Heb *she'öl*, que no v. 11 se traduz por "cova", e no v. 15 se traduz por "abismo". A palavra "cova", no v. 19 é outra, heb *gebher*. *Sombras*. Heb *rephâm*, usado como sinônimo de "mortos", tanto aqui como em Sl 88.10. As sombras, aqui, representam os espíritos dos mortos que vêm ao encontro do rei da Babilônia. *Príncipes*. Heb *'atüdhtm*; que num outro sentido, significa os bodes que regem o rebanho. A expressão representa os maiores entre os mortos.

14.12 *Caíste do céu*. A referência imediata se aplica ao império da Babilônia rebaixado depois de se exaltar. Não se deixará de perceber aqui uma aplicação a Satanás que, ao se exaltar contra Deus, foi rebaixado até ao inferno. *Estrela da manhã*. Heb *hélél*, "glorioso", "luzente", que alguns interpretam como nome próprio. "Lúcifer", o assim considerado nome original do diabo.

14.13 *Monte da congregação*. Entre os babilônios, havia a lenda de um Olimpo dos deuses, chamado Aralu, no extremo norte, onde os deuses das nações se congregariam; a verdade, que se esconde na lenda, se vê pela descrição do monte Sião (Sl 48.3).

14.15 *Reino dos mortos*. Mais uma tradução da palavra *she'öl*, que aqui está no sentido de "inferno" (cf. Mt 11.23; Lc 10.15). • **N. Hom.** Os característicos do *she'öl*; 1) É um lugar profundo, vv. 9 e 15; 2) É um lugar onde é conservada a consciência, 9-15; 3) É um lugar onde se pode conversar 10; 4) É um lugar aonde até reis e príncipes serão lançados depois da morte; 9-11; 5) É um lugar cujos habitantes se alvoroçam ao ver novos moradores chegarem, 9; 6) É um lugar cujos habitantes se reconhecem derrotados, 10; 7) É um lugar onde há reconhecimento mútuo, 16; 8) É um lugar cujos habitantes possuem certo grau de memória, 16-17. Veja Ez 31.15-16n.

14.23 Depois da destruição da Babilônia, a área inteira ao redor da cidade foi inundada pelo descuido dos canais e dos diques que se formavam ao lado do rio Eufrates. Veio a ser um lugar de pântanos estagnados, entre ruínas habitadas por animais do campo.

14.25 A profecia feita contra a Assíria já havia sido cumprida na época de se escrever esta passagem. Isaías colocou a profecia antiga ao lado da profecia sobre o destruição ainda futura da Babilônia, como sinal, penhor ou prova de que a nova profecia se cumpriria.

14.28 *Morreu o rei Acáz*. Acáz de Judá, morreu em 715 a.C.

14.29 *Filístia*. Filístia, daquele tempo, era composta das 5 cidades de Gaza, Asdode, Ascalom, Gate e Ecrom, com suas vilas e arrabaldes, cf. Js 13.3. *Estirpe*. Heb *shōresh*, "raiz", Cf. 11.10.

14.29-31 Sete profetas diferentes profetizaram a destruição da Filístia, que tinha sido a grande ameaça ao povo de Deus. Veja na *Enciclopédia*, número 2757 e 2758.

14.30 *Os primogênitos dos pobres.* Herdeiros da pobreza; bem pobres.

14.31 *Do Norte vem fumaça.* A poeira levantada pelos exércitos dos Assírios em marcha seria como a fumaça, fumaça era também o que restava, já que os invasores destruíam tudo no seu caminho.

14.32 *Mensageiros.* Entende-se que os filisteus estavam organizando uma revolta contra a Assíria, e que mandaram um recado a Jerusalém, pedindo auxílio e cooperação. A revolta realizou-se sete anos mais tarde, em 714 a.C. Isaías ensinou que a resposta certa seria o povo de Jerusalém confiar Só em Deus, e não na política internacional.

15.1 Está profecia começou a cumprir-se em 712 a.C., nas invasões de Sargom II, da Assíria na Palestina (cf. v. 14n), e em 701, quando Senaqueribe repetiu a invasão, chegando até Jerusalém. Outros golpes foram sofridos entre 600 e 590 a.C., nas invasões dos caldeus, e depois os persas e árabes foram reduzindo a nação inexpressiva. *Quir.* Quer dizer "cidade"; era o nome de uma cidadela bem fortificada nas planícies do sul de Moabe, perto do rio Arnom e da fortaleza de Ar.

15.2 *Dibom.* Uma cidade 5 km ao norte do Arnom, onde foi achada a famosa "Pedra de Moabe", no ano 1868. A pedra é uma inscrição descrevendo as guerras entre Moabe e Israel (cf. 2 Rs 3.4-27). *Rapada.* No oriente, o raspar voluntário da barba era sinal de luto.

15.5 *Zoar.* Cidade situada perto do extremo sudeste da mar Morto (Cf. Jr 48.34). É para Zoar que Ló fugiu de Sodoma (Gn 19.20-23). *Luíte.* Nome de um pico ao oeste do monte Nebo, a 1,6 km de distância, que se consagrava aos sacrifícios oferecidos aos ídolos. *Novilha de três anos.* Símbolo da plenitude, do vigor e da saúde, ou possivelmente, nome de uma cidade que, transliterando do hebraico, seria Eglate-Shelishia... Não se descobriu, porém, nenhum lugar com este nome.

15.9 *Dimom.* Um rio perto do extremo sul do mar Morto, que forma a divisa entre Moabe e Edom. O Rolo do mar Morto traz "Dibom" (cf. v. 2).

16.2 *Vaus de Arnom.* Aqui os moabitas se representam como fugitivos em Edom (cujo rio principal era o *Arnom*), que estava sob a influência de Judá naquela época, 714 a.C. De lá, apelaram para a cidade de Jerusalém, "o monte da filha de Sião" (1).

16.4 *Esconderijo.* Jerusalém era a fortaleza principal da Palestina quando os assírios vieram desfazer a revolta mencionada em 14.32.

16.5 *Benignidade.* Heb *hesedh*, "solidariedade", "graça", "mi sericórdia", "favor", o grande tema de Isaías, e também de Oséias.

16.8 *Sibma.* Cidade moabita (Js 13.19), afamada por seu vinho (Jr 48.32, onde também se menciona *Jazer*). *Mar.* O mar Morto.

16.12 *Nos altos.* Isto é, cumprindo os pesados deveres da idolatria.

16.14 *Dentro de três anos.* 712 a.C., cf. 14.32n. A destruição final da nação, ainda levou séculos. *Jornaleiros.* Indica brevidade de tempo, como o serviço do jornaleiro.

17.1-11 Na altura em que esta profecia foi pronunciada, Israel havia se confederado com Damasco, como medida de proteção contra a Assíria. Para se defender das ameaças da coligação de Israel e Damasco, Judá se viu forçado a procurar a proteção dos assírio. Tinha que optar ou pela guerra contra a Assíria, ou pela paz com aquele império, conservando assim uma independência que não incluiria o direito de fazer grande figura na política internacional.

17.1 *Damasco.* De todas as cidades que até hoje se habitam na terra original, talvez Damasco seja a mais antiga no mundo; já se menciona em Gn 15.2. A profecia se cumpriu, como se cumpriram as contra Jerusalém. Foi destruída, o que não impediu que posteriormente fosse reconstruída.

17.2 *Aroer.* 22 km ao leste do mar Morto, veja Jr 48.19; Js 13.16, 25.

17.3 *Glória.* Aqui significa abundância, em cereais, vinho e gado.

17.6 *Sacudir.* Neste método de colher as azeitonas, sempre fica alguma que não vale a pena subir para arrancar. Semelhantemente, Judá seria reduzida a um estado tão desprezível, que os exércitos dos estrangeiros não se dariam mais ao trabalho de ver se

ainda sobrou algo.

17.7,8 Este trecho mostra que o julgamento de Deus, em desencadear a invasão da Síria, e de Israel, teria o efeito desejado: alguns ainda reconheceriam que Deus é justo nos seus julgamentos, e se arrependeriam. *Altars do incenso*. Heb *hammānm*, pilares erguidos em adoração ao Sol, ou imagens, por intermédio das quais se prestava culto ao Sol, 21.9; 30.22; 41.29; 42.8,17.

17.7 *Criador*. Deus recebe este nome também em 27.11; 51.13; 54.5.

17.9 *Cidades fortes*. Fortalezas para refúgio em épocas de guerra.

17.10 *Salvação*. Esta palavra, como substantivo, heb *yēsha'*, só ocorre esta única vez no livro, mas a idéia é encontrada 23 vezes; além disto, faz parte do nome de Isaías, que significa "Deus é salvação". *Fortaleza*. Heb *çür*, "rocha", "força", "auxílio", "segurança". *Plantações*. Talvez os "jardins de Adonis", nos quais era adorado o deus Adonis, nas festividades que não passavam de bacanais.

17.13 *Montes*. As eiras para debulhar se achavam em pontos altos, de onde a palha e o debulho eram levados para longe pelo vento, quando o cereal era atirado para o ar com a pá.

17.14 *Anoitecer... amanheça*. O cumprimento desta profecia descreve-se em 37.36 e em 2 Rs 19.35-36.

18.1 *Insetos*. A Etiópia é uma das terras da mosca tsé-tsé. Acha-se entre o Nilo Branco e o Nilo Azul, cf. Sf 3.10. Naquela época, o Egito estava, sendo regido pela Dinastia Etíope ou Núbia, vigésima quinta Dinastia (712-663 a.C.).

18.2 *Por mar*. O Nilo superior até hoje se chama "mar" pelos nativos, por causa da sua grande largura.

18.7 *Presente*. A Etiópia ofereceu-se a si mesma ao Senhor, cf. Sl 68.31.

19.1 *Nuvem ligeira*. Símbolo de destruição rápida e inesperada, como acontece nas tempestades, no Oriente Médio. Na Bíblia, a nuvem é também um símbolo bíblico da presença divina, de modo geral, e a idéia de Deus "cavalgar" numa nuvem significa que os propósitos divinos avançam na terra com instrumentos humanos: no caso é Sargom II, Rei da Assíria, 722-705 a.C., que, sem querer, cumprirá esta profecia do servo de Deus.

19.1-15 O julgamento físico do Egito: 1) Desolação da terra, v. 11; 2) Guerra civil, v. 2; 3) Falência religiosa, v. 3; 4) O despotismo, v. 4; 5) Falência agrícola, ao secar-se o Nilo, 5-10; 6) Falência cultural, 11-13; 7) Falência política e econômica, 14-15.

19.4 *Um Senhor duro*. O Egito sofreu invasões violentas dos assírios, pelo rei Esarhadom em 672 a.C., e pelo rei Assurbanipal em 622 a.C. Pensa-se também nas invasões de Cambises da Pérsia, em 530-522 a.C., e, finalmente, de Ptolomeu I, que assumiu o trono do Egito em 323 a.C., formando até uma dinastia grega, depois das conquistas de Alexandre Magno. A profecia pode ter uma aplicação imediata, ou pode também ser uma maldição genérica, aplicável a séculos da história do Egito.

19.6 Refere-se, aqui, ao sistema de irrigação, já que o Egito dependia somente do rio Nilo. Os canais, riachos e aquedutos, que daquele rio se derivam, produzem terras fecundas por vários quilômetros além das ribanceiras do mesmo o qual era adorado como um deus. *Juncos*. Inclusive o papiro, do qual se formava um tipo de papel.

19.10 *Grandes*. Provavelmente, os comerciantes egípcios. Os operários que não acham serviço numa época de falência nacional.

19.1,1 *Zoã*. Cidade famosa na parte nordeste do delta do Nilo, sede da corte egípcia, especialmente no período dos hicsos, 1710-1570 a.C. Tornou-se um sinônimo bíblico do próprio Egito. *Antigos reis*. Os conselheiros alegavam ser descendentes da casta sacerdotal que produziu as primeiras dinastias reais, mais de mil anos antes, época das pirâmides, da cultura, da ciência, da magia e do misticismo.

19.13 *Mênfis*. Nas margens do Nilo 16 km ao sul da atual cidade do Cairo. Foi a capital do Baixo Egito, um centro de cultura e religião.

19.16-25 O julgamento religioso do Egito. Depois dos julgamentos, haverá a possibilidade

de reconhecer-se a mão de Deus na história, cf. 17.7-8n. Haverá o culto prestado a Deus, 19; haverá um salvador da parte de Deus, 20; haverá uma conversão a Deus, 21; o Egito tomará parte na disciplina divina, a maneira de Deus de purificar pela punição e pela restauração. Vê-se, pois, a inclusão futura do Egito no tipo de religião que já fora revelada a Israel. O maior momento, até agora, no cumprimento desta profecia foi quando o evangelista Filipe se encontrou com um alto oficial da rainha da Etiópia (At 8.26-40), ocasião que produziu a antiquíssima igreja Coptica na região egípcia.

19.24 Terceiro. O Egito, Israel e Assíria formarão uma aliança espiritual com Deus; talvez os nomes sejam símbolos; o Povo de Deus, um dia, reinará sobre todas as forças, do mundo.

20.1 Tartã. Comandante e chefe do exército assírio (cf. 2 Rs 18.17). *Asdode.* Uma cidade dos filisteus, que tomou a liderança na rebelião contra os assírios, descrita em 14.32n. A invasão geral que a rebelião provocou atingiu Asdode em 711 a.C.

20.2 Despido e descalço. Aponta para os escravos, os indigentes e os prisioneiros da guerra.

20.6 Nas rebeliões que se fizeram em 740 a.C., (cf. as Notas de 7.1-9 e 17.1-11), confiava-se sempre que o antigo império do Egito prestaria abertamente a ajuda militar que sempre prometera secretamente.

21.1 Deserto do mar. A Babilônia, cujo rio central, o Eufrates, se chamava "mar" nas inscrições da época, por causa das suas inundações freqüentes. *Do deserto.* Refere-se ao deserto que separa a Babilônia da Pérsia, isto é, das suas províncias de Elão da Média.

21.2 Elão... Média. Elão foi uma província ao oriente do *Tigre*, junto à margem do Golfo da Pérsia; Média foi o distrito montanhoso que fez divisa com Elão ao norte. Estes dois nomes representam o império da Pérsia, que haveria de surgir em 539 a.C. ano da destruição do império da Babilônia. Aqui já na primeira parte do livro, trata-se de profecias de um futuro muito distante, depois da Babilônia ter destruído o império da Assíria, tornando-se depois, uma ameaça tão grande quanto havia sido a Assíria.

21.4 A noite que eu desejava. Pode ser traduzida por "noite do seu prazer". Em tal caso, este versículo seria uma visão profética da atitude de Belsazar na noite da sua grande festa pagã, ao ouvir o julgamento de Deus, que seu reino seria entregue aos persas (Dn 5.1-31).

21.5 Untai. Os escudos foram untados para melhor aparar ao golpe inimigo (cf. 2 Sm 1.21).

21.6-8 Isaías está profetizando de um futuro distante: pensa em outros profetas que também saberão ler os sinais dos tempos ao chegar a época, da qual está profetizando, Neste assunto, Daniel foi o principal atalaia, mas veja também Ezequiel, Jeremias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

21.9 Caiu Babilônia. Em Apocalipse (14.8 e 18.2), Babilônia simboliza a apostasia, o paganismo, o mundanismo e o materialismo.

21.11 Dumá. Outro nome de Edom, território dos descendentes de Esaú. *Seir.* O monte principal de Edom, que se localizava em uma serra central com o mesmo nome. *Que horas?* A noite dividia-se em quatro vigílias, de três horas cada, entre 18 horas e 6 horas da manhã.

21.12 A resposta pode indicar que o decorrer da história vai trazendo a aurora da salvação para os fiéis, e as trevas eternas para os ímpios; e que cada um, para definir sua parte nestas coisas, precisa continuar consultando os oráculos divinos.

21.13 A Arábia. Os árabes são descendentes de Ismael, filho de Abraão e de Hagar. *Dedanitas.* Mercadores do deserto, descendentes de Abraão e de Quetura (cf. Gn 25.12-18).

21.14 Tema. Capital da tribo ismaelita da região dos dedanitas.

22.1 Vale da Visão. Jerusalém se chama "vale" por ser cercada de montanhas, e "da

visão" por ser o palco da maioria das profecias e das promessas pelas quais Deus se revelou ao homem.

22.2 Cidade alegre. A referência histórica pertence ao ano 701 a.C., logo após a invasão de Judá pelo rei Senaqueribe da Assíria. Por causa da afronta contra Deus (37.14-20). Deus milagrosamente afastou o perigo (37.36-38). Infelizmente, o júbilo pagão da cidade de Jerusalém depois desta libertação divina não continha nada de arrependimento pelos pecados do passado nem de abandono da idolatria. *Teus mortos.* Os habitantes de Jerusalém foram libertos da morte violenta daquela guerra, mas, por não perceberem a mão de Deus na sua salvação, revelaram que já eram réus da morte espiritual.

22.3 Já que a falsa atitude foi tornada na libertação de Jerusalém (2), haverá outra invasão, da qual não haverá salvação alguma. É isto que aconteceu no ano 587, quando os babilônios destruíram a cidade. Naquela grande invasão, tropas trazidas de várias províncias, como Elão e Quir (6) tomariam parte no golpe final.

22.8 Casa do Bosque. Salomão chamou sua armaria "Casa do Bosque do Líbano" (1 Rs 7.2).

22.9 Açude inferior. O tanque de Siloé estava fora dos muros de Jerusalém, mas Ezequias fez um túnel através da rocha, de modo a formar outro tanque dentro dos muros. Ambos os tanques recebiam suas águas da Fonte de Gion. O plano feito para enfrentar um cerco foi bom, mas faltava também o espírito de fé em Deus (11).

22.11 Há muito. Na época de se cumprir esta profecia, estas palavras de Isaías teriam ficado de pé por 114 anos, aguardando seu cumprimento. Uma das provas da veracidade das palavras dos profetas de Deus se revela quando, ao desenrolar dos séculos, a parte de predição se cumpre, sinal certo da acuidade da sua mensagem espiritual.

22.13 Comamos e bebamos. É comum pensar que "esta frase surgiu entre os filósofos gregos, mas ei-la aqui, pronunciada no ano 701 a.C.; de qualquer maneira, a expressão pertence aos pagãos, e aos que zombam de Deus, até ao dia de hoje.

22.14 Perdoada. Heb *kipper*, a raiz que lit. significa "cobrir", o que se aplica à expiação do perdão eterno que o Messias concede.

22.15 Sebna. Este administrador foi presunçoso, pois quis possuir um túmulo como o de um rei (cf. vv. 17-25; 36.3; 37.2).

22.22 Chave. A chave é um símbolo de poder (cf. Ap 3.7)

22.24 Prole... descendentes. Lit. "brotos" e "folhas".

23.1-18 Profecia contra o grande império mercantil e marítimo.

23.2 Sidom. Cidade 40 km ao norte de Tiro, na costa do Mediterrâneo.

23.3 Vastas águas. O mar Mediterrâneo.

23.4 Não dei à luz. O aspecto futuro de Tiro e de Sidom haveria de ser rochas lavadas pelo mar, sem sinal de haver existido ali qualquer civilização. O mar não se lembrará que já houvera habitações naqueles rochedos (cf. Ez 26.4-5, que diz que Tiro virá a ser uma penha descalvada, um enxugadouro de redes). Esta é a situação atual daquela antiga "feira das nações" (3).

23.6 Társis. Os subsidiários marítimos de Tiro e de Sidom são convocados a integrarem-se à civilização marítima, a mais longínqua existente na época que era Társis, um porto de exportação de minérios, provavelmente na Espanha.

23.7 Pés. São os navios, que levavam os sidônios a toda parte.

23.10 Agora a marinha mercantil de Társis estaria livre da concorrência.

23.12 Sidom. De acordo com Gn 10.15, Sidom é considerada primogênita de Canaã. Tinha precedência no tempo, mas o fato é que Tiro passou a ser a mais importante das duas cidades, desde a invasão dos filisteus em 1150 a.C., quando os sidônios fugiram para a fortaleza mais segura de Tiro.

23.16 Meretriz. Tiro era grande centro de idolatria. Agora, depois de setenta anos de sujeição, voltará a ser uma cidade de comércio internacional. Estas datas podem ser contadas assim: 701, a.C., a cidade é conquistada por Senaqueribe; 651 a.C., a

restauração da autonomia coincidindo com a época do declínio do poder da Assíria.

23.18 *Dedicados*. A renovação da autonomia de Tiro não dependeria dos seus próprios esforços, mas sim da graça de Deus em afastar o perigo dos assírios. Por isso haverá ofertas de ações de graças.

24.1 Aqui começa uma seção popularmente chamada "O Apocalipse de Isaías". Isaías passa além dos julgamentos divinos pronunciados sobre nações específicas, que se cumprirão historicamente nos séculos seguintes. Agora passa para a mensagem apocalíptica, um julgamento completo, universal, espiritual, relacionado com o fim da história humana; um julgamento predito com mais pormenores no livro do Apocalipse. O trecho abraça os capítulos 24, 25, 26 e 27.

24.2 O primeiro fato do julgamento universal é que nenhuma barreira de privilégio protegerá ninguém contra a justiça divina.

24.3 O segundo, é que nenhuma barreira física, ou geográfica impedirá a ira divina.

24.5,6 O terceiro, é que haverá uma prestação de contas por todos os pecados cometidos.

24.8-10 O quarto, é que cessará a confiança humana e a alegria mundana.

24.10 *A cidade caótica*. Todas as cidades humanas ficarão naquele estado de caos em que estava a situação da terra, quando "sem forma" (Gn 1.2).

24.13 *Varejar*. Bater com varas para respigar (cf. 17.6n).

24.14-16 O quinto fato do julgamento universal é que, finalmente, os homens justos louvarão a Deus da mesma maneira que os próprios anjos, cantando "glórias", assim como os seres celestiais descritos na visão inicial do profeta (6.3). Finalmente, ver-se-á a vontade de Deus feita na terra assim como se faz no céu (cf. Mt 6.10).

24.17 *Terror, cova e laço*. É um jogo de palavras no heb: *pahadh, pahath, pah*. A Bíblia inglesa o consegue imitar: "panic, pitfall and plot".

24.18 *Represas do alto*. Cf. a descrição do dilúvio em Gn 7.11.

24.19,20 A falência moral dos povos abalará até o mundo físico. O apóstolo Paulo mostra claramente que o universo inteiro fica na expectativa de ver sua restauração vinculada com a transformação dos filhos de Deus, em consequência da obra de Jesus Cristo (Rm 8.18-25). Haverá um universo novo para ser habitado pelos redimidos por Jesus Cristo (Ap 21.1-5; 2 Pe 3.13. Cf. também Is 65.17 e 66.22).

24.21-23 O sexto fato do julgamento universal é que nenhuma barreira de poder sobrenatural poderá preservar qualquer ser, no universo inteiro, do pronunciamento da justiça divina. Os poderes diabólicos, os astros, aos quais os pagãos prestam culto, e até os próprios anjos serão julgados por Deus (1 Co 6.3; 2 Pe 2.4).

25.1-5 O sétimo fato do julgamento universal é o triunfo e a gratidão dos remidos ao verificar que nenhum mal os atingirá mais, e que a vitória dos propósitos divinos é perfeita.

25.1 *Fiéis e verdadeiros*. lit. "fidelidade e verdade". No heb estas duas palavras são quase iguais, sendo formas da raiz *'āman*, "ser fiel, verdadeiro".

25.2 *Cidade*. A cidade em vista na mente do profeta seria Babilônia, e talvez também Nínive e Tiro. Mas neste apocalipse de Isaías, pensa-se também em quaisquer organizações humanas que se levantam contra Deus, desde a torre de Babel, até às de hoje em dia.

25.6-12 As delícias, que o povo de Deus receberá depois da revelação universal da justiça de Deus, comparar-se-ão com o castigo completo sofrido pelos inimigos dos eleitos de Deus. Aqui se simboliza tal julgamento pela destruição de Moabe, nação tradicionalmente inimiga de Israel. Antevê-se aqui a doutrina do céu é do inferno.

25.6 *Neste monte*. O monte de Sião, sito em Jerusalém (cf. 2.2-4). *Banquete*. Imagem bíblica para indicar grandes delícias (cf. Ap 19.9).

25.7 *Coberta*. Heb *lôt*, o véu de luto que cobria o rosto.

25.8 *Tragará a morte para sempre*. O livro de operações dos judeus assim traduz esta

expressão: "faz a morte desaparecer na vida eterna". Antecipa-se aqui a doutrina dada em 1 Co 15.26; 15.54; Ap 7.17; 21.4.

26.1 Cidade forte. A Jerusalém espiritual, eterna, não feita por mãos humanas (Hb 12.22; Ap 21.9-11; 2 Co 5.1).

26.2 Nação justa. Os fiéis, que, ao se converterem, formam uma nova nação, o Novo Israel de Deus, os irmãos de Cristo (Mt 12.46-50). Esta justiça não vem de nós mesmos, Cristo quem justifica (Rm 3.23-24; 6.23).

26.3 Os judeus traduzem aqui: "tu conservarás em paz perfeita, a mente que se firma em ti, porque confia em ti". A palavra "mente" ou "propósito", heb *yeçer*, desenvolve-se da raiz *yãçar*, "formar", "moldar", "imprimir diretrizes". É a palavra-chave da parábola do oleiro, Jr 18.1-10, que mostra que Deus tem o direito de moldar as nações e as pessoas, e que se estas não vivem à altura da sua vocação, Deus pode lançar mão de outra "matéria-prima", rejeitando aqueles que não souberam aceitar as promessas divinas. Se nossa personalidade e nossas diretrizes se voltam para Deus, temos a presente e eterna paz com Deus (Jo 14.27n).

26.4 O Senhor Deus. Aqui vêm juntas duas palavras que antes se traduziam por Jeová; a forma curta, e a forma completa, *yâh* e *yehôwâh*. Só ocorre aqui e em 12.2. O nome se refere à natureza de Deus revelada aos homens, e portanto, pode se tratar de um nome de Cristo, antes de nascer na terra; quando se reduplica, vem vinculado com a idéia de salvação (12.2), e de fé perfeita (27.3-4). Deus é duplamente revelado a quem aceita a salvação do Seu filho, pela fé. *Rocha eterna.* O alicerce que dá toda a nossa confiança e a nossa esperança.

26.9 Aprendem justiça. Os juízos de Deus podem fazer os desobedientes chegarem a reconhecer o mal que fazem, e a se arrependerem.

26.10 Não atenta. Lit. "não verá". É que tem olhos, mas não quer enxergar a graça de Deus, nem perceber a Sua vontade evidenciada pela vida dos fiéis (Mt 13.10-17; Jo 9.41).

26.11 Levantada Para ferir e julgar (cf. 5.25; 9.12, 17; 10.4).

26.14 Não tomarão a viver. Os mortos espiritualmente não têm parte na primeira ressurreição, por isso a segunda morte, que é eterna, terá poder sobre eles (Ap 20.6; 20.14-15). O oitavo fato do julgamento universal é que será um julgamento final com conseqüências eternas.

26.19 Meu cadáver. Sublime testemunho da ressurreição de corpo no AT. .Cf. Dn 12.2; Jó 19.25-27; Jo 5.28-29; 1 Co 15.35-49.

27.1 Dragão, serpente... monstro. Expressões simbólicas que se referem aos instrumentos que Deus usou para os julgamentos físicos do passado: a Assíria, o Egito e a Babilônia (cf. Jó 41.1; Sl 74.14; 104.26).

27.4 Espinheiros e abrolhos. Os inimigos do povo de Deus, que muitos estragos causaram, não resistirão ao fogo do julgamento divino.

27.7 As nações pagas, que por um pouco serviriam para disciplinar o povo de Deus, serão muito mais castigadas do que a Nação Santa.

27.8 Xô! xô! Palavras usadas para se enxotar animais domésticos; foi assim que foram tratados os habitantes da Samaria e de Jerusalém (cf. Am 4.1-3).

27.9 As pedras do altar. Trata-se dos altares do paganismo, que, juntamente com os *postes-ídolos* e os *altares de incenso*, formaram o aparelhamento da religião dos cananeus, a adoração aos baalins.

27.13 Grande trombeta. Termina assim a descrição do, grande juízo do mundo: os inimigos do Povo de Deus estão aniquilados, e os libertos restaurados para, sua herança.

• **N. Hom. 27.1-13** É a visão da restauração da terra inteira, por intermédio da reconciliação do Povo de Deus. A videira, símbolo do povo escolhido, que no passado não produziu o fruto da retidão (5.1-7) e, merecendo, ser totalmente destruída (Ez 15.1-8), agora passara o cumprir os propósitos divinos (27.6). Só permanecido vitalmente em Cristo é que o povo de Deus chegará à plena frutificação (Jo 15.1-11). Uma das

condições para se permanecer dentro da vontade divina é rejeitar, nas nossas vidas, todos os vestígios do paganismo (v. 9; 1 Jo 5.21).

28.1 *Coroa... de Efraim.* A referência é dupla: às grinaldas que se usavam nas festas pagãs, e à cidade de Samaria, capital das 10 tribos representadas por Efraim. Samaria coroava o monte de Semer como uma grinalda, ou como uma torre de vigia.

28.4 *Figo prematuro.* Estes amadurecem na Palestina em fins de maio e no começo de junho, cerca de dois meses mais cedo do que a colheita geral desta fruta, até mesmo em Jerusalém (que está a 830 m acima do nível do mar). É algo aprazível que logo se devora sem hesitação nem dificuldade; assim, diz o profeta, os exércitos da Assíria destruirão Samaria.

28.7-22 O profeta presencia uma festa que estava celebrando uma aliança política com o Egito, em uma tentativa de escapar ao julgamento pronunciado contra Samaria.

28.10 Os bêbados zombavam dos ensinamentos de Isaías, dizendo que são como o repetir de poesias infantis; no heb, as palavras deste versículo são *çaw lâçaw çaw lâçaw çaw lâqãw, çaw lâqãw z'er shãm z'er shãm*. Produziu-se assim uma modinha dos bêbados.

28.11 Agora são os assírios que vão ditar suas ordens em língua estranha, já que os israelitas não quiseram ouvir os ensinamentos razoáveis que os profetas lhes transmitiam da parte de Deus. As palavras eram de refrigério e descanso (12), mas agora serão de guerra.

28.13 Para os infiéis, a lei de Deus se torna fardo e fato.

28.15 *Aliança som a morte.* Uma aliança política com um dos dois impérios que sempre ameaçavam a independência da Palestina.

28.16 *Pedra já provada.* O único fundamento firme é Cristo, o alicerce da igreja e de cada crente (Mt 21.42; Mc 12.10; Lc 20.17; At 4.11; 1 Co 3.11; 10.4; 1 Pe 2.6).

28.19 *Manhã... dias... noites.* Alusão às várias invasões dos assírios.

28.20 Locução proverbial usada para mostrar que os meios humanos pelos quais os cidadãos de Samaria esperavam achar mudança, política e social, não ofereciam repouso, nem descanso, nem cobririam as necessidades.

28.21 *Perazim.* Um monte no centro de Judá, que foi cenário de uma das vitórias de Davi, contra os filisteus (2 Sm 5.20, 1 Cr 14.11). *Gibeom.* Os gibeonitas enganaram Josué logo após a entrada do povo de Israel em Canaã. Foi ali que Josué ganhou uma vitória pela intervenção divina, fazendo parar o movimento normal da terra, (Js 9 e 10).

28.25 *Endro.* O exemplo das maneiras diferentes que se aplicam em vários cereais que parecem ser semelhantes. As diferentes técnicas que os homens aplicam na lavoura da terra revelam que a própria ciência da agricultura, provém da graça de Deus.

• **N. Hom. 28.1-29** 1) A glória dos homens não deve se achar nas festas carnais (1-4), mas sim na glória que emana de Deus, 5-6. 2) Para quem zomba da Palavra de Deus, esta Palavra virá a ser apenas condenação, 7-13. 3) Nenhum método humano pode impedir os justos caminhos de Deus, nem oferecer segurança na época de crise; só em Cristo há segurança e salvação, 14-19. 4) A situação humana causa derrotas; só a intervenção divina produz vitórias, 20-22. 5) Quando a terra se turba com guerras ou nossa vida se enche de tentações, podemos saber que Deus está preparando uma colheita espiritual proveitosa, ainda que exija o arado e o debulho.

29.1 *Lareira de Deus.* Refere-se à cidade de Jerusalém, local do templo e o altar de sacrifícios. Este centro da adoração sacrificial, um dia passaria a ser ele mesmo um altar de sacrifício, onde seus próprios filhos cairiam perante a espada dos invasores, como castigo pela infidelidade às diretrizes vindas de Deus, mediante a boca dos profetas. A palavra em heb é *'ar'el*, às vezes transliterada como um nome próprio, "Ariel".

29.5 *Num instante.* Cf. 37.36. Senaqueribe mandou um exército de assírios que foi destruído numa noite perante os muros de Jerusalém, no ano 701 a.C. Se este perigo, desviado pela graça divina, não servisse de lição para Jerusalém, a outra invasão seria

pior.

29.8 Os planos para se destruir Jerusalém murchariam como um sonho vazio enquanto seus habitantes invocassem o nome de Deus. Quem luta contra as coisas preciosas de Deus, só tem que perecer.

29.9 Um desafio contra as atitudes dos pagãos (cf. também 8.9).

29.11,12 A Bíblia é assim como o texto a descreve para muitas pessoas que não têm o verdadeiro desejo de aprender de Deus ou moldar suas vidas ao padrão da Sua divina vontade. Tais pessoas ou não querem ler, ou se desculpam dizendo que não tem Bíblia, ou ainda dizem que a Bíblia é difícil de se entender. Para os fiéis, a Bíblia é a própria voz de Deus, confortando, inspirando, fortificando, transformando e preparando o crente para a vida eterna (2 Tm 3.16, 17).

29.13 *O seu coração está longe de mim.* Os pensamentos e as diretrizes destes hipócritas estavam longe de atingir a vontade divina. A mesma situação se deu com os fariseus *Maquinalmente*. Dogmas, litanias e liturgias decoradas, ensaiadas, sem amor, sem convicção.

29.15 *Escondem.* Diante de Deus, nada podemos encobrir (cf. Pv 28.13).

29.16 *Ele não me fez.* Cf. 45.9; Rm 9.20; Jr 18.6.

29.17 Espécie de provérbio para mostrar a necessidade e a possibilidade de uma mudança radical, inesperada, realizada por Deus.

29.18 *As palavras do livro.* As personalidades perversas, que rejeitavam a Palavra de Deus, perderam assim a capacidade de entendê-la. Mas terão a possibilidade de uma transformação espiritual que lhes abrirá as várias faculdades à influência divina da Bíblia.

29.21 *Na porta.* No portão da cidade, no lugar pública onde se reuniam os anciãos para resolver os casos jurídicos.

30.1 *Fazem aliança.* Heb "tecem uma teia". *Sem a minha aprovação.* Heb "Não do meu Espírito"; as alianças políticas desobedeciam às diretrizes ensinadas pelos profetas, cujas palavras foram inspiradas pelo próprio Espírito (Êx 23.32; Is 28.18).

30.3 Vergonha. A aliança com o Egito foi a causa da destruição de Judá.

30.4 *Zoã...* *Hanes.* Hanes ficava bem ao sul de Mênfis; Zoã é a antiga Tânis. As duas cidades representam o império do Egito.

30.5 Oséias, falando somente às dez tribos do norte, já condenara sua aliança com a Assíria; no sul, em Judá, a possível aliança com o Egito era um assunto em pauta na época da ameaça da Assíria, e na época da Babilônia. O período total durou desde 740 a.C., até 587 a.C., (do da destruição total de Jerusalém). Cf. Is 20.5.

30.10,11 Os profetas fiéis são acusados de pessimismo e falta de patriotismo, por parte daqueles que preferem e proferem "coisas aprazíveis" (cf. Am 2.12; Os 9.7; Mq 2.6, 11). Para muitas pessoas, a religião só é aceita quando traz a parte de consolação, da esperança, da alegria.

30.12 *Confiais no opressão.* Aqui, a palavra "opressão" descreve a natureza do antigo império do Egito, onde os antepassados dos israelitas tinham passado séculos na escravidão. É de lá que Deus libertou seu povo com milagres portentosos. Daí a falta de entendimento da parte do povo em atravessar o deserto do Sul de Judá, lugar perigosíssimo, para levar ricas ofertas ao Egito (v. 6), para assim voltarem a ser súditos da opressão. *Perversidade.* Os egípcios viviam da política de jogar uma nação contra outro, só se aventurando à guerra aberta quando as demais nações se tinham esgotado.

30.14 Esta é uma descrição da mais completa destruição.

30.15 No meio da destruição nacional já prenunciada, ainda há uma resposta verdadeira e eficaz a fé em Deus que faz o homem aquietar-se em reverência e confiança perante o Senhor, para receber a solução que provém do Seu poder. A descrença é a única explicação para a rebeldia do povo.

30.17 *Mil homens fugirão.* Em Lv 26, descrevem-se os castigos que se acumulam com a contínua desobediência aos preceitos divinos; doenças, vitória das selvas, invasões,

destruição física e, finalmente, uma transformação psicológica, em que o mínimo perigo ia provocar terror e angústia (Lv 26.36-37). *Mastro*: Ilustração de desamparo e desolação.

30.18 *Bem-aventurados todos os que nele esperam*. Mais uma expressão da vitória da fé em Deus (cf. 64.4; Rm 8.28).

30.20 *Mestres*. Os judeus interpretam este plural como um plural majestoso, isto é, deve ser traduzido "Mestre", com maiúsculas, referindo-se à pessoa do Messias vindouro. Os vv. 18-26 falam das bênçãos que viriam sobre os remanescentes na época messiânica.

30.22 *Ouro*. Até as coisas mais preciosas, humanamente falando, tornam-se rejeitadas quando se dedicam a finalidades contrárias à vontade divina, neste caso, à idolatria (cf. 40.19).

30.24 *Sal*. Sinal de prosperidade, dá qual até os animais domésticos participam. Ilustração de bênçãos espirituais (cf. Mt 5.13).

30.27 *O nome do Senhor*. A manifestação poderosa da presença de Deus, a revelação da onipotência divina, pela qual a Assíria será vencida.

30.30 *Saraiva*. Uma repetição do milagre pelo qual Deus protegeu seu povo, séculos antes, na batalha contra os amorreus (Js 10.11).

30.32 *Som de tamboris*. Instrumentos musicais do exército.

30.33 *Fogueira*. Heb *tophteh*, lugar onde se queimavam crianças em sacrifício a Moloque, depois reduzido a depósito do lixo de Jerusalém no vale de Hinom (2 Rs 23.10). Daí vem a palavra *Geena*, "inferno".

31.1 *Confiam*. Contraste entre os que confiam no auxílio dos egípcios com seus cavalos e carros de guerra e aqueles que confiam em Deus, o Senhor dos Exércitos (cf. v. 3 e Sl 20.7).

31.3 As coisas de Deus são espirituais, e as coisas dos homens são carnis. *Auxiliador*. O Egito. *O ajudado*. Primeiro, Israel, depois, Judá.

31.4,5 Dois exemplos da vida campesina, que revelam como o amor de Deus não hesita perante a situação crítica: Sua intervenção é certa, para os que nele confiam (cf. v. 6), assim como é certo que desampara aqueles que confiam nos homens e não em Deus (cf. v. 1).

31.7,8 A prosperidade nacional depende da fidelidade religiosa do povo. O primeiro passo é rejeitar a idolatria, física e espiritual.

31.7 *Naquele dia*. Esta expressão se refere ao Dia do Senhor (cf. 2.20-21 e 2.12n).

31.8 *Trabalhos forçados*. A maneira normal de tratar com nações subjugadas era exigir-lhes mão-de-obra gratuita (cf. 1 Rs 9.21).

31.9 *Não atinará com a sua rocha*. Até os inimigos do Povo de Deus, réus do julgamento divino, podiam ter-se convertido e confiado em Deus. Ele se oferece como refúgio a todos. Judas Iscariotes escolheu o caminho do desespero e o suicídio (At 1.16-19); Pedro aceitou o caminho do perdão e da restauração, oferecido por Cristo (Jo 21.15-19).

32.1 *Um rei*. É o próprio Cristo, verdadeiro herdeiro espiritual da linhagem de Davi (11.1-10). Será o protetor do Seu povo (32.2).

32.2 *Cada um*. Lit. "E haverá um homem"; este Rei será a resposta para cada situação difícil, inclusive problemas espirituais representados pelos perigos físicos que eram comuns numa sociedade agrícola primitiva.

32.3 Cessará a cegueira espiritual, para que se possam enxergar as verdades divinas (veja as notas de 2.11-12 e de 29.18).

32.5 *Louco*. Heb *nābhāl*. "Estulto", especialmente em assuntos religiosos e morais; "louco", no sentido de estar fora dos propósitos divinos (Ez 13.3); "ímpio" como se vê em Sl 14.1-3 (onde se traduz por "insensato"). Como nome próprio, Nabal aparece em 1 Sm 5.25-26, onde se nota um jogo de palavras. O louco se define no v. 6, e em Jr 10.8; Rm 3.10-12. Blasfema o nome de Deus e é incompassivo com o homem.

32.8 *Nobre*. Heb *nādhlah*, da raiz *nādhlah*, "impulsionar", que na forma intensiva e reflexiva quer dizer "ser generoso", "ser liberal", tanto nas ofertas religiosas, como no

socorro ao aflito. Inclui a idéia de boa vontade, e aplica-se também a pessoas da nobreza e "fidalgos" (Nm 21.18).

32.9-13 Contra as mulheres vaidosas (cf. 3.16-26; Am 6.1-6).

32.11 O profeta descreve várias maneiras de se dar expressão ao luto, modalidades que até hoje estão em uso no Líbano.

32.15 *O Espírito*. Só o Espírito Santo, procedendo do Pai e do Filho, pode conceder vida espiritual (cf. 63.10-14; Jo 6.63).

32.16-19 A presença do Espírito Santo nota-se no fruto espiritual da sua benigna influência (cf. Jo 15.8; 14.16-20).

32. 20 A prosperidade externa verificasse como ilustração das riquezas espirituais provenientes do derramamento do Espírito. Pode ser uma previsão do Milênio (cf. Ap 20.4).

33.1 *Destruidor*. Senaqueribe, rei da Assíria, assolador das nações vizinhas, foi traiçoeiramente assassinado pelos seus próprios filhos, que desejavam usurpar seu trono (2 Rs 19.37).

33.4 *Vosso despojo*. Aquilo que os assírios roubaram de Judá.

33.6: *Sião*. Aqui há uma visão da Jerusalém celestial e espiritual.

33.8 *Rompem-se as alianças*. Ezequias pagou a Senaqueribe com ouro roubado do templo, para que não invadisse seu território (2 Rs 18.14-16); porém o rei da Assíria rompeu a aliança, e poucos meses mais tarde estava cercado a cidade de Jerusalém com os seus exércitos (2 Rs 18.17-18). *Cidades*. O rolo do mar Morto tem "testemunhas", heb *'edhim*, quase igual a *'ārim* (cidades) - sendo que no heb a diferença é apenas o til (cf. Mt 5.18), que ajuda a distinguir o "D" do "R". *Não se faz caso*. Os invasores assírios não respeitavam os direitos do homem.

33.9 Saram. Um belo trecho de terra entre Jope até o monte Carmelo. *Basã*. Ricas terras de Manassés afamadas por seu gado (Nm 21.33; 32.33). Formavam o coração do Israel além Jordão.

33.10 *Agora, me levantarei*. A extrema aflição dos habitantes de Jerusalém era a oportunidade de Deus revelar seu amor, oferecer sua intervenção, e fazer-se conhecer uma vez mais ao seu povo como o Todo-Poderoso.

33.11 Esta metáfora de causa e efeito, de ato e consequência, é comum em Isaías (cf. 26.18 e 59.4).

33.12 *Espinhas cortadas*. Estes espinhos secos da terra árida queimam com rapidez e com grande calor, mas duram só alguns segundos, não servindo, pois, para refogar ou fazer comida alguma.

33.14 A revelação do poder de Deus logo produz um tipo de arrependimento, pelo qual se reconhece que, perante ele, nada pode ficar de pé em seu próprio poder. Se este arrependimento se desenvolve na forma da conversão e da fé em Deus, o ardume do furor de Deus se transforma numa luz inspiradora e consoladora, que guia o crente fiel.

33.15 *Gesto de mãos*. Expressão espontânea de sincera aversão pela desonestidade, mostrada sem, premeditação.

33.17 *O rei*. O Messias rei é o centro desta profecia, e identifica-se com a própria personalidade divina, haja visto que ele também é Deus (v. 22).

33.18 *Pesou o tributo*. Os cobradores dos impostos do império assírio.

33.19 *Ininteligível*. O heb e o assírio, ainda que pertencessem ao grupo - o das línguas semíticas - não eram mutuamente compreensivas (cf. Jr 5.15).

33.21 *Fará as vezes de rios*. A proteção divina valeria mais do que as proteções geográficas que faziam parte de muitas cidades.

33.23 *Mastro... vela*. As condições da nau do estado (cf. Ez 27.1-11 e notas) não inspiraram confiança (cf. 28.20n).

33.24 *Estou doente*. O pecado é a doença espiritual que, se não curada, leva à morte eterna. Além disto, fica sempre de pé a promessa que Deus é médico daqueles que nele

confiam (Êx 15.26; Sl 103.3n). O *povo que habita nela*. São os fiéis (cf. 33.6n).

34.1-17 O julgamento de Edom serve para simbolizar o julgamento do mundo inteiro.

34.4 *Exército dos céus*. Os astros. *Se enrolarão*. O universo físico é como uma roupa velha que Deus pode rejeitar à vontade, se não produzir devidamente a revelação da sua glória (Sl 102.25-27).

34.5 *Se embriagou*. Do verbo heb *rāwāh*, "beber profundamente", "molhar". Só quando se trata de vinhos e dos resultados do excesso é que se torna obrigatória a tradução deste verbo por "embriagar". Aqui, significa "beber" sangue, já que o fio da espada é, lit., "boca" da espada, no heb. *Edom*. Território pertencente aos descendentes de Esaú (Gn 36.1), aqui representando tudo que se opõe ao povo de Deus.

34.6 *Bozra*. 32 km ao sudeste do mar Morto, uma cidade edomita de bela paisagem. Já há muito ficou em ruínas (cf. 63.1; Jr 48.24; 49.13, 22; Am 1.12).

34.8 *Dia da vingança do Senhor*. Cf. 13.6n.

34.10 *Se apagará*. Como Sodoma, na divisa norte de Edom (Gn 19.24).

34.11 *Destruição... ruína*. Heb *tōhū* e *bōhū*, palavras que aparecem juntas em Gn 1.2, e ali traduzidas por "sem forma" e "vazia". A primeira das palavras significa "deserto", "nada", "coisa vã", e a segunda, "a qualidade de ser vazio, sem conteúdo".

34.12 *Nobres*. Heb *hōr*, que vem da raiz que significa "ser branco", referindo-se, aqui, à elite que andava vestida de linho branco; comp. a outra palavra que significa "nobre" em 31.8n.

34.14 *Sátiras*. Cf. 13.21n. *Fantasmas*. Heb *lilith*, substantivo feminino derivado da palavra *laylāh* "noite", que pode ser traduzida por "coisa noturna", "bicho da noite", e pode ser um termo coletivo para a vida animal que se movimenta à noite. Mais tarde, desenvolveram-se ao redor desta palavra, que na Bíblia ocorre somente aqui, tradições que dizem ser este o nome de uma demônia que era a esposa de Adão, antes da existência de Eva uma lenda sem fundamentos.

34.16 *Buscai no livro do Senhor*. Esta expressão mostra a intenção de Isaías ao escrever e mandar guardar profecias que se referiam também a séculos distantes: o desenrolar da história humana será um acúmulo de provas de que Isaías realmente foi inspirado pelo Espírito de Deus, e que sua mensagem é a voz de Deus para nossos corações.

35.2 *Verão a glória do Senhor*. Pela fé, teriam uma visão de Cristo, antes do seu nascimento na terra, e da sua subsequente ascensão (2 Co 4.6).

35.8 *Caminho Santo*. Cf. 11.16; 40.3; 43.19; 49.11. Cristo é o Caminho e nos guia pelo caminho certo (Jo 14.6; Mt 22.16). *Somente para o seu povo*. Só o remanescente de verdadeiros fiéis, ninguém mais (v. 9 e 52.1). *Louco*. Heb *e'wil*, da raiz *awal*, que fala de fraqueza de falsas esperanças, de estultícia em geral. O louco aqui é o imprudente, que não toma providências, sem diretrizes, que faz o que quer sem medir quanto de retidão há nos seus atos. É o inimigo do entendimento (Pv 18.2), do prudente (Pv 12.16) e do sábio (Pv 10.14). O assunto não depende da inteligência; é uma questão de atitudes. Para Deus, os que andam longe dele são loucos, mas para o mundo são os fiéis que são loucos (1 Co 1.20; 4.10).

35.10 *Deles fugirá a tristeza e o gemido*. Nos "hinos" dos rolos do mar Morto se lê: "pois tristeza e gemido não existirão mais".

• **N. Hom. 35.1-10** A felicidade futura do povo de Deus está em vívido contraste com o julgamento das forças do mundanismo, descrito no cap. anterior. A herança espiritual dos fiéis prosperará tão maravilhosamente quanto sua sorte na terra seria o serem desolados, perseguidos e desamparados (vv. 1 e 2). A visão da glória futura se evidencia para consolar, inspirar e fortalecer as pessoas que estão sofrendo no presente, como se vê nos vv. 3 e 4, antes de se proceder à descrição da glória vindoura. Na terra, um dos mais importantes antegozos dos céus é a restauração total e milagrosa da saúde física dos homens (vv. 5 e 6), e da prosperidade agrícola da terra, v. 7. O caminho representa, em primeiro lugar, o caminho físico da restauração do cativo vv. 8-10 e 49.8-13; em

segundo lugar, representa a volta à comunhão com Deus das pessoas que eram escravas do pecado, um caminho que o próprio Senhor Jesus Cristo abriu por meio da sua morte sacrificial (Ef 2.1-10; Hb 10.19-22). No meio do pecado nacional, no meio da crise internacional, Isaías nunca perdeu a visão da glória de Deus (6.1-5). Por este motivo, só numa nota de triunfo universal do povo de Deus é que se podia *encerrar* a primeira metade do livro.

36.1 Tendo sido encerradas as profecias anteriores de Isaías, adiciona-se um trecho histórico sobre o profeta e suas atividades (caps. 36-39), antes de proceder à segunda coleção, dirigida exclusivamente às gerações que seguiriam à deste profeta. *Ano décimo quarto. 701 a.C.* Ezequias desviou a invasão da cidade de Jerusalém por um tratado que custou uma grande soma de ouro (2 Rs 18.13-16), mas os *assírios*, depois, pensaram não ser aconselhável deixar de pé aquela fortaleza poderosa que seria centro de mais rebeliões.

36.2 *Rabsaqué*. Título assírio: "comandante e chefe do exército", *Laquis*. Fortaleza importante que protegia o caminho de Jerusalém, na banda do sudoeste; hoje se chama Tel-el-Hesy. *Campo do lavadeiro*. lugar onde Isaías se encontrou com o rei Acáz, numa outra crise (7.3).

36.18 *Não vos engane Ezequias*. Agora, os assírios estão se revelando abertamente, declarando guerra contra o próprio Deus, sugerindo que é igual aos ídolos de pedra e de madeira que as demais nações conquistadas adoravam (vv. 19-20). Antes, tentara apelar à teologia, dizendo que, Deus estaria zangado com Ezequias por ter destruído os altares (36.7). Rabsaqué não entendeu que a reforma religiosa de Ezequias era para remover o culto pagão (2 Rs 18.2-4, com 2 Cr 19). Rabsaqué estava falando para amedrontar o povo de Jerusalém, em língua heb, a forma judaica da língua semítica que se difundia em todas as nações da Mesopotâmia e da Palestina. Podia ter falado na forma internacional, a língua aramaica síriaca, cf. v. 11. Para intensificar o efeito ofensivo, nem concedeu a Ezequias o título de "rei", v. 12. Seguiam-se lindas promessas naquele discurso (vv. 16-17), mas uma comparação disto com vv. 19-20 logo mostra que Jerusalém seria tratada como as demais cidades conquistadas pelos assírios.

36.19 As inscrições arqueológicas daquela época mostram quanta selvageria caracterizava a destruição dessas cidades poderosas, cada uma um centro de civilização e de comércio; *Hamate, Arpade e Sefarvaim* estavam no caminho entre a Assíria e Jerusalém, antes de se chegar a Damasco e a Samaria, igualmente destruídas.

36.22 *Rasgaram suas vestes*. Maneira de exprimir o desespero, o luto, atitude logo assumida também pelo rei, ao ouvir a *notícia* (37.1).

37.2 *Ao profeta Isaías*. Ezequias, arrependido e assustado (3), procura o profeta como intermediário para com Deus, falando até em "teu Deus" (4). Fizera muitas reformas, mas só na crise ele aprendeu a ter uma fé individual, derramando seu coração perante Deus em oração (14-20).

37.4 *Tuas orações*. O profeta ensina ao rei que a intercessão sincera do crente é eficaz perante Deus; não se deve apenas consultar profetas ou ministros: o caminho da oração está aberto em todas as ocasiões, para aqueles que sinceramente desejam a intervenção de Deus nas várias situações da sua vida. *Subsistem*. São os componentes do "remanescente" que são salvos, idéias que perpassaram todo o livro de Isaías. E o resíduo do verdadeiro Israel, dos que pela fé vivem à altura das promessas feitas a Abraão, a Isaque e a Jacó.

37.12,13 Várias cidades do Me4opotAmia, anexadas à Assíria.

37.14 *Estendeu-a perante o Senhor*. Uma parte importante nas orações é expor perante Deus o conteúdo daquilo que nos preocupa.

37.16 *Querubins*. Refere-se aos querubins de madeira, no templo.

37.18 *Assolaram*. Heb *he heribh*, "ressecar, tornar deserto" causar uma seca". Quando Isaías usa esta palavra com referência a povos, tem sentido especial de "assolar" (cf.

60.12). Esta expressão usada só por Isaías ocorre em ambas as metades do livro, contrariando assim a teoria de que haja dois autores distintos para o mesmo.

37.19 Ezequias compreendia claramente a diferença entre divindades inventadas pela imaginação humana em aliança com poderes do inferno e apresentadas na forma de ídolos fabricados e o Deus verdadeiro que se revelou ao Seu povo. Ele remiu Israel da escravidão do Egito, e guiou-o espiritualmente até então. Não fica, pois, de pé a teoria dos peritos em religiões comparadas de que os judeus daquela época eram henoteístas, isto é, que adoravam um deus que ficava em pé de igualdade com os deuses dos outros povos, tendo assim cada nação seu ídolo nacional. Ezequias não caiu no erro de Rabsaqué (6.18-20).

37.21 *Visto que me pediste.* A oração era a chave da resposta divina (cf. as notas do vv. 2, 4 e 14). O que protegeu Jerusalém, naquela ocasião, era a fé em Deus que havia no rei e no profeta, e, provavelmente, no povo em geral. A vitória dos assírios naquela hora seria interpretada pelo mundo como uma prova do ateísmo (cf. 36.18-20 com Êx 32.11-14). Em outras circunstâncias, profetizando sobre o fruto da injustiça em Jerusalém, Miquéias disse que aquela cidade viria a ser montões de ruínas (Mq 3.9-12).

37.22 *A palavra.* A resposta vem em forma de uma poesia de triunfo, mostrando a saída vitoriosa que Jerusalém teria (vv. 22-23). A explicação disto é que os vv. 24-25 citam uma canção de marcha dos assírios. Isto quer dizer que a resposta de Deus corresponde à altura, à situação crítica e ao desafio lançado contra Sua pessoa. É só no heb que se percebe bem o ritmo poético da canção.

37.26-29 Depois de se citar o desafio dos assírios, a resposta profética continua na mesma forma lírica por mais quatro versículos.

37.29 *Anzol.* Uma ilustração tirada do costume de se levar bois por um anzol no nariz: Senaqueribe seria guiado e forçado a movimentar-se dentro dos propósitos de Deus, apesar da sua jactância.

37.30 *Sinal.* Este seria um sinal que o Senhor previu todas as circunstâncias da salvação da mão dos assírios, e que comunicou seu plano (cf. 10.5-15). Estes atacaram no sétimo ano do ciclo agrícola, ano sabático, nesse caso, seguido pelo ano do Jubileu (que seguia a cada ciclo de sete anos sabáticos, de 50 em 50 anos), Haveria então dois anos de descanso e de colheita diminuída, e depois tudo voltaria ao normal, como se nada tivesse acontecido.

37.33 *Flecha alguma.* Desta promessa, dada para uma circunstância específica (v. 21n), os judeus derivam uma doutrina da invulnerabilidade de Jerusalém, a ponto de, um século mais tarde, imaginarem que Deus, a quem estavam desobedecendo, seria forçado a garantir sua prosperidade nacional (cf. Jr 26.1-6; 7.1-15).

37.36 Os historiadores da época têm atribuído as perdas terríveis a uma praga de ratos que roeu, numa noite, todo o equipamento bélico dos assírios, e outros dizem que os ratos teriam trazido a peste bubônica que destruiu o exército, de um dia para o outro.

38.6 *Livrar-te-ei.* Depois da derrota infligida pelo anjo do Senhor aos assírios (37.36), seja por intermédio de um exército de ratos, seja por golpe totalmente sobrenatural, o rei Senaqueribe ainda continuou a ser uma ameaça internacional. Morreu só em 681 a.C. pelas mãos dos seus dois filhos que tinham ciúmes de Esar-Hadom, um filho mais jovem. Este foi nomeado como herdeiro do trono, e por fim, realmente, obteve o império, reinando até 668 a.C. A punição final de Senaqueribe se relata juntamente com a descrição da sua derrota (37.38) para revelar mais claramente o propósito de Deus.

38.8 *Retroceder dez graus.* É um milagre. Quem nega a possibilidade, deste acontecimento ou qualquer milagre, estribando-se em leis da física, nega a onipotência de Deus, Senhor da natureza, da qual é o Criador.

38.12 *Tenda de um pastor.* Uma moradia que se montava e desmontava com facilidade, de utilidade temporária (Cf. 2 Co 5.1-5). *Cortarás a vida.* Com a mesma facilidade que se corta um fio na tecelagem.

38.14 Olhar para cima. Gesto de invocar a presença de Deus, na oração.

38.18 Sepultura... morte. Depois da morte, já não será possível glorificar a Deus perante os homens por meio de uma vida piedosa, cheia de cânticos de louvores. O versículo desta oração não é um pronunciamento sobre a existência ou não da alma na eternidade.

38.19 O pai fará notório. Normalmente, quem está encarregado de revelar o amor de Deus neste mundo é o ser humano, cada um perante seu próximo. Paulo, em circunstâncias excepcionais, recebeu uma visão direta de Jesus (At 9.1-6). Normalmente Jesus se revela através dos seus discípulos (1 Jo 4.12).

38.21 Emplasto. O profeta não negou os melhores meios de cura, conhecidos na época; mas a cura dependia da oração da fé. Na realidade, isto nada mais era senão uma "amostra" em que subjazia melhores promessas, ou seja, mais quinze anos de vida e proteção contra os assírios.

39.1 Merodaque-Baladã. Este príncipe da Babilônia estava procurando a independência para sua cidade, e quis já ir formando alianças para uma revolta contra a Assíria. O plano falhou, e só em 623 a.C., oitenta anos mais tarde, é que Babilônia conseguiria a independência, passando depois a ser uma ameaça tão grande como foi a Assíria. Isaías influenciou o rei a abandonar a idéia de tais alianças políticas internacionais (3-8).

39.1-8 Depois deste relatório histórico sobre Isaías, começa a segunda coleção das suas profecias, caps. 40 até 66. Estes capítulos profetizam a restauração após o cativo prenunciado em, 39.6, que começou no ano 597 a.C., depois da Babilônia vir a ser um império poderoso e herdeiro do poderio dos assírios. Por descrever uma situação em um futuro distante, já que a volta do cativo só começou em 538 a.C., tais caps. são considerados, por alguns eruditos, como adições de algum outro profeta, contemporâneo à situação descrita. Se, porém; negarmos a Isaías esta capacidade de ver o futuro à luz da revelação divina, que faremos dos trechos que profetizam uma restauração espiritual no futuro ainda mais distante? Veja, por exemplo; a reconciliação com Deus mediante a obra expiatória de Cristo, descrita no cap. 53. Historicamente, a mais radiante esperança dos israelitas era a vinda do Messias, esperança tirada das profecias que conservara as forças espirituais dos israelitas até à época da vinda de Jesus Cristo. Os teólogos que negam este aspecto das profecias, estão rejeitando o próprio Jesus Cristo, excomungando-o das páginas do Antigo Testamento, e reduzindo-o a um mero ensinados humano, vindo à terra por acaso, sem trazer consigo uma obra já predestinada por Deus. As notas de 36.1; 37.16; 3.20 e a n. hom. do cap. 35 lançam luz sobre este debate. De qualquer forma, é claro que os rolos do Mar Morto, ao começar um rolo com o último versículo do cap. 39, seguido pelo primeiro de cap. 40, pressupõe a unidade do livro.

40.1 Consolai, consolai. Estes capítulos, que, se seguem, falam da consolação da restauração e da consolação da vinda do Messias, já mencionada em 4.2-6; 9.1-7; 11.1-10; 30.20-21; 32.1-8; 35.1-10. Segue-se, daqui ao fim do livro, a descrição da pessoa do Messias (42.1-4); da divindade do Messias (44.6); da Sua humilhação (53.2); da Sua morte vicária e salvadora (53.5-6); do Seu Reino (59.20-60.3).

40.3 Voz do que clama no deserto. Os evangelhos são explícitos em dizer que esta profecia se refere a João Batista, o precursor do Salvador, que lhe prepararia o caminho. *Preparai o caminho do Senhor.* Só o verdadeiro arrependimento pode abrir para cada um o caminho para a comunhão com Deus (Mt 3.1-12).

40.8 A palavra de nosso Deus permanece eternamente. A palavra infalível, verdadeira e eterna de Deus, sempre se contrasta com a vaidade do homem e com a sua vontade corrupta.

40.9 Não temas. Foi um homem destemido como João Batista que indicou o Messias: "Eis o Cordeiro de Deus!" (Jo 1.36); e outros pregadores das Boas Novas devem sempre indicar ao mundo: *Eis aí está o vosso Deus.*

40.10 Galardão. Heb *sãkhâr*, "salário", "recompensa" (cf. 62.11; Ap 22.12). É também a participação que os ceifeiros recebem, Jo 4.35-38. A palavra refere-se também ao

"aluguel" de objetos ou de pessoas, à paga dos jornaleiros. *Diante dele*. Depois de uma vitória, entre os nômades, geralmente o despojo vai adiante da tropa vitoriosa.

40.11 *Pastor*. Esta ilustração tão consoladora do termo amor do Salvador se encontra várias vezes no AT (Sl 23; 80.2; Jr 31.10; Ez 34.23), e no NT (Jo 10.10-18; Hb 13.20; 1 Pe 2.25; 5.4).

40.20 *Não oscile*. A queda de ídolo seria considerada mau agouro, cf. 1 Sm 5.3.

40.21 *Fundamentos da terra*. A eterna onipotência divina revela-se na criação (Rm 1.20). Aqui está em contraste com total impotência dos ídolos.

40.22 *Redondeza*. Heb *hūgh*, "círculo", "esfera", "arca", "abóbada". Os cientistas de séculos passados vincularam este versículo à antiga doutrina científica de que a terra era de forma achatada, e não quiseram ouvir a idéia de Galileu sobre um planeta esférico. As palavras do profeta, entretanto, não fazem pronunciamentos sobre teorias de um sistema geocêntrico, mas, tão simplesmente fala em língua usada pelos ouvintes e pelos leitores, como nós, por exemplo, falamos em "terra redonda" (e não esférica); e no "levantar" do Sol.

40.25 *O Santo*. Este nome de Deus, que por extenso é "o Santo de Israel", é uma das características de Isaías, e ocorre doze vezes nos caps. 1-39, e treze vezes entre os capítulos 40 e 66, nas duas metades do livro, uma prova adicional da integridade do livro.

40.26 *Estas coisas*. Os astros, os corpos celestes.

40.29 *Multiplica as forças*. Cf. a obra de Cristo descrita em 2 Co 12.9.

41.1 *Ilhas*, heb *'iyym*. No singular, a palavra significa "terra habitável"; contrastada com a água, o mar, e os rios é "terra seca", "terra marítima", "ilhas do mar". No plural, refere-se a "regiões além-mar", "regiões marítimas". Aqui pode significar "terras remotas" e "nações estrangeiras (em geral), o que é a maneira comum de Isaías usar a palavra em ambas as metades do livro (cf. 24.15; 40.15; 41.1, 5; 42.4, 10, 12; 49.1; 51.5).

41.2 Este conquistador do oriente é descrito mais claramente em 44.28 como Ciro, o rei dos persas, que impõe a justiça divina.

41.4 *Quem fez*. Os ídólatras estão sendo convocados a apresentar seus argumentos em favor da idolatria. Em contraste com o único Criador, os ídolos são apenas fabricação humana (6-7, cf. a descrição da futilidade da idolatria em 40.19-20 e 55.9-20).

41.5 *Os países do mar*. Expressão traduzida por "ilhas" em 41.1, cf. nota.

41.7 *Ídolo*. Os que, antes puseram sua confiança no dinheiro, resolveram que o dinheiro trará mais sorte fundido, para cobrir um ídolo. *Pregos*. O profeta mostra que um ídolo que depende de pregos para se equilibrar não se pode comparar com o Deus que sustenta o universo inteiro pela Sua vontade (Hb 1.3. Cf. 1 Sm 5.3-5).

41.8 *Servo meu*. Aqui, é Israel que está sendo "servo do Senhor"; é claro que o título se refere ao remanescente de Israel, pois dez tribos desapareceram no ano 722 a.C., e Judá foi quase destruída em 587 a.C., deixando apenas um resto inexpressivo, que mais tarde voltou da Babilônia para reconstruir Jerusalém. O profeta logo reconhece que nenhum israelita vai viver à altura desta vocação a não ser o próprio Messias, o único verdadeiro "servo do Senhor", 53.1-12 e 42.1-12; 49.1-26.

41.10 O versículo traduz-se por: "não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço... etc." Algumas edições ficaram sem algumas destas palavras, por algum lapso.

41.14 *Vermezinho*. No sentido de ter sido pisoteado pelos transeuntes, Israel sempre era "peteca" entre os impérios rivais do oriente.

41.15 *Trilho*. Tais instrumentos são usados até hoje para debulhar. *Montes... outeiros*. Símbolos de inimigos poderosos de Israel.

41.19 Estas árvores são símbolos de beleza, utilidade, crescimento e vitória, justamente em circunstâncias que, humanamente falando, não ofereciam condições para nada.

41.21-29 Os vv. 1-7 foram dirigidos aos ídólatras, e agora este trecho está sendo dirigido aos próprios ídolos, que deviam saber responder se tivessem metade dos atributos que

seus adoradores imaginam ter. A capacidade de profetizar o futuro está sendo o teste, v. 23.

41.23 *Anunciai-nos*. Quem duvida da capacidade de Isaías ter recebido uma mensagem de Deus sobre o futuro, está tentando igualar Deus aos ídolos impotentes, caindo na blasfêmia, já que o próprio Deus coloca o debate nestes termos; veja a nota no fim do cap. 39.

41.26 *Não há quem anuncie*. Os falsos deuses nada predisseram sobre a vinda de Ciro; o verdadeiro Deus o anunciou com tanta antecedência, a seu profeta Isaías. Esta prova da veracidade do profeta só entraria em vigor, um século e meio depois da morte deste. Daí o livro inteiro passaria a ser uma Carta espiritual do povo restaurado de situações tão difíceis, no meio de tanta perseguição.

42.1 *Meu Servo*. Trata-se do próprio Messias, Jesus Cristo, cf. as numerosas referências no NT a este trecho inteiro (vv. 1-7). O antigo texto grego, traduzido do hebraico, usa a palavra *pais*, que tanto significa "servo" como "filho", dando assim um prenúncio de mais algum pormenor do Messias: é Filho de Deus. *Espírito*. Uma revelação da Santíssima Trindade no AT. Deus Pai dá para Deus filho, Jesus Cristo, o Espírito Santo, cf. Jo 15.26. *Direito*. A justiça e a verdade religiosa, heb *mishpāt*.

42.3 Estas expressões falam da misericórdia de Jesus Cristo, seu amor para com os fracos. Os perdidos, que quer restaurar, perdoar, curar, salvar. Esta compreensão se revela em Jo 4.7-18; 8.1-11.

42.6 *Mediador da aliança*. Esta obra de Jesus Cristo descreve-se em Hb 9.15; 12.24, e luz para os gentios em Lc 2.32.

42.8 *Minha honra, às imagens*. Isto exclui não apenas toda e qualquer idolatria grosseira, mas também a da mariolatria e toda invocação dos santos, e muito mais, a adoração do eu, revelada no mundanismo, na concupiscência da carne, na falta do domínio das paixões.

42.9 *Primeiras predições*. Na época do cativo na Babilônia, 597-538 a.C., todas as profecias contra Samaria e Jerusalém eram coisas do passado, cumpridas segundo o aviso de Deus. Com isto, os prisioneiros podiam confiar que o libertador viria em breve, e podiam assim praticar sua religião sem dúvidas, nem hesitações. Depois da vinda de Ciro, haveria mais motivos ainda para se considerar o livro de Isaías como verbalmente inspirado pelo Espírito.

42.11 *Quedar*. Foi o segundo filho de Ismael, Gn 25.13. Seus descendentes viviam ao noroeste da Arábia, e aqui o nome representa os povos árabes em geral.

42.14 O profeta imagina o que acontece quando a longanimidade de Deus finalmente chega ao fim, uma vez provocada a Sua ira pelo pecado dos homens que recusam a todas as provas do amor divino (Rm 2.3-8).

42.15 terras ricas se tornariam em rios sem humanidade.

42.16 *Cegos*. A época do julgamento das nações também é a época em que Deus mostrará a plenitude da sua misericórdia aos fiéis, aqueles que são chamados segundo Seu propósito. O profeta Ezequiel usa, em vários lugares, a expressão "e saberão que eu sou o Senhor", cada vez que descreve um ato dramático da revelação de Deus, seja punir totalmente os rebeldes (Ez 6.14), seja para derramar o Espírito Santo numa grande restauração espiritual (Ez 37.13-14). O que é luz para os fiéis, é fogo consumidor para os infiéis, a intervenção de Deus na história humana é libertação e vindicação para os fiéis, que se chamam "cegos" porque andam pela fé e não pelas aparências, porque dependem tão-somente da graça de Deus e não do próprio merecimento.

42.18-25 Compare este com o segundo dos chamados "Cânticos do Servo" (49.1-6). Apresenta-se aqui o plano de Deus em restaurar o mundo mediante um povo particularmente Seu, zeloso de boas obras. Israel foi chamado à obra (Gn 12.1-3), mas na realidade o único a cumprir a missão foi Jesus Cristo em pessoa; agora, a obra vai sendo realizada pela presença de Jesus que habita nos crentes através do Espírito Santo. O

primeiro "Cântico" acha-se em 42.1-7.

42.19 *Mensageiro... amigo... servo.* O servo do Senhor, como nação de Israel, como revelado em Jesus Cristo, e agora, como se vê no dia de hoje, na forma da verdadeira Igreja, continua a ter a mesma vocação missionária. É levar a mensagem divina para um mundo perdido, é ser amigo do nosso próximo em todos os sentidos, assim como Cristo se revelou nosso Amigo amantíssimo, e deseja nos aceitar no Seu círculo íntimo de amigos, Jo 15.13-15. É servir a Deus e ao nosso semelhante, com fé e com amor.

42.25 *Contudo, não a entenderam.* Toda a congregação ficou infrutífera.

43.1 *Eu te remi.* Os remidos estão inscritos no rol da vida, e seus nomes são conhecidos por Deus, que os considera propriedade Sua. Isto é um grande consolo para todos os crentes que aceitam a remissão.

43.2 *Quando passares pelo fogo.* Cf. Dn 3.19-27.

43.3 *Egito... Etiópia... Sebá.* Deus "deu" (o tempo verbal aqui é o chamado perfeito profético, o qual garante que estas profecias já se consideram cumpridas) estas nações ao rei Ciro, nações ricas e opulentas, como "salário", pela futura emissão da ordem da restauração de Israel.

43.8 *Cego... surdo.* Apesar de possuírem olhos e ouvidos não aprenderam as lições que Deus ensina mediante Sua manifestação na história.

43.15 Com base em v. 11: "fora de mim, não há salvador", alguns consideram que v. 15 seja um testemunho da divindade do Messias: isto fica claro em outras passagens.

43.16 Perante Israel e para os povos vizinhos, a salvação que Deus operou, fazendo Seu povo atravessar o mar Vermelho, foi o maior dos milagres; mas a "coisa nova" (v. 19), a transformação de todos os obstáculos, para trazer o povo de volta do cativo babilônico será muito mais maravilhosa, e serve como um antegozo da verdadeira libertação do pecado.

43.18 *Coisas passadas.* Cf. Jr 16.14-15; 23.7-8.

43.21 *Povo que formei para mim.* Segundo as Escrituras, foi tríplice o propósito divino em ter educado e preparado Israel para ser Seu povo: 1) Para conceder ao mundo, por intermédio deste povo, o Messias, Rm 9.5; 2) De transmitir ao mundo as Escrituras, por intermédio deste povo, Rm 3.2; 3) De gloriar-se no Seu povo, fazendo-o dar testemunho da natureza de Deus, Is 44.8. Cf. 1 Pe 2.9.

43.23 *Gado miúdo.* Traduz a palavra *seh*, que normalmente significa "cordeiro", embora, às vezes, se refira aos cabritinhos.

43.24,25 O Salvador não nos incomodou com imposições de sacrifícios, mas nós a Ele causamos sofrimento e dores, com as nossas iniquidades. Não era possível oferecer sacrifícios no cativo, mas era bem possível usar a oportunidade do cativo para meditar no verdadeiro significado espiritual da lei de Deus, e viver à altura.

43.25 *Por amor de mim.* Isto é, por amor à fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas; por amor à Sua livre graça e misericórdia. *Dos teus pecados não me lembro.* Deus perdoa e se esquece (cf. 38.17; Mq 7.19). Assim também nós devemos perdoar integralmente o nosso próximo, do pecado que cometer contra nós. Este versículo e o cap. 53 são considerados a maior revelação da graça divina no AT, o cerne do evangelho.

43.26 *Desperta-me a memória.* Ou seja, com respeito a eventuais méritos das pessoas que supõem em Suas acusações, ser Deus injusto.

43.27 *Teu primeiro pai.* Jacó, cognominado Israel, cf. 27.36. *Guias.* Heb *maliç*, "intérprete", "intercessor", aqui se referindo aos sacerdotes e profetas, os quais deviam ser os guias (Jr 32.32-35).

44.1 *Agora, pois.* Deus já não quer mais ser adversário litigante (cf. 43.26), mas deseja ser o divino Redentor (Ez 18.32). *Servo meu.* Nestes capítulos, tanto o povo como o Messias prometido, são chamados "servo" (cf. 41.8n, 42.1; 44.1). O contexto deve decidir a quem o profeta se refere.

44.2 *Amado.* Heb *ye shurün*, "o reto", "direito"; um título de amor que Deus dá a Seu povo

(cf. Dt 32.15; 33.5, 26). É o nome Jesurum.

44.5 *Por sobrenome tomará.* Prosélitos que desejam ser reconhecidos como parte integrante do povo eleito; isto é nosso Privilégio em Cristo.

44.6 *Sou o primeiro.* Cf. 41.6 e 48.12. Em Ap. 1.8; 22.13, Cristo aplica esta expressão à sua própria pessoa. Vários títulos que os profetas empregam para designar o Criador acham-se juntos neste versículo.

44.7 *Coisas futuras* Esta insistência do fato de Deus ter o poder para revelar os seus propósitos aos seus servos, os profetas (Am 3.7), não teria valor algum perante os leitores do livro de Isaías se não tivessem visto o desenrolar do cumprimento de muitas das suas profecias; por isso, temos que reconhecer sua inspiração integral.

44.8 *Vós sois as minhas testemunhas.* Os sobreviventes do cativeiro na Babilônia na hora de aparecer o, rei Ciro no ano 539 A.C., seriam testemunhas vivas do cumprimento das profecias da destruição de Samaria (em 722 a.C.), e de Jerusalém (em 597 e 587 a.C.), como também da restauração do povo de Deus.

44.9-20 O profeta, com santo zombaria, satiricamente, critica a idolatria.

44.12-14 Três tipos de homens tentam produzir imagens: o ferreiro, usando as últimas vantagens científicas da época, o marceneiro, fazendo uma imagem sob encomenda, e o leigo, lutando para produzir um objeto de adoração para uso doméstico (14-17).

44.12 *Tem fome.* O artífice que produz o ídolo passa fome e sede, e a obra da sua mão não lhe presta socorro algum. Em contraste, devemos lembra-nos de como nosso Deus supre as necessidades todas do seu povo (Fp 4.19).

44.13 *Estende o cordel.* A expressão quer dizer "medir a matéria". *Semelhança.* Lit. "compreensão", ou "representação".

44.15 *Também faz um deus.* "Também" nos ensina que o deus foi fabricado com a mesmíssima matéria empregada na cozinha.

44.16,17 Em santa zombaria, o profeta aqui fala da tripla utilização que os pagãos, cegos, faziam da madeira: uma parte servia para assar a carne, com outra se aqueciam, e do resto talhavam ídolos.

44.19 *Abominação.* Heb *tô'ebháh.* A designação técnica daquilo que os pagãos chamam de um deus, mas que é um ídolo vão, uma abominação.

44.22 Assim, como a neve se desfaz completamente perante o calor do sol, assim o sol da graça divina outorga completo perdão, não excluindo a ninguém: a salvação se oferece a todos (cf. 43.25).

44.28 *Ciro.* Cf. 2 Cr 36.23; Ed 1.2. A menção deste nome é o argumento principal contra a autoria de Isaías, de, pelo menos, a segunda parte deste livro, haja visto que negam, alguns, a possibilidade de a mesma ser profecia verdadeira, e muito mais a de predizer o nome exato de uma pessoa que haveria de surgir quase dois séculos depois do início do ministério do profeta Isaías. Que um Deus onisciente, porém, tenha poder para inspirar também este versículo, não se deve negar; cf. a Introdução a este livro, e as notas dos caps. 39 e 40.

45.1 *Ungido.* Heb *meshiah,* o que confirma nossa palavra Messias. Neste caso, o título se concede ao rei persa por ser ele instrumento nas mãos de Deus para restaurar ao povo escolhido, tornando-se assim um tipo ou prenúncio do verdadeiro messias, Cristo, o unguido de Deus. Cf. também o título "meu pastor" em 44.28. *Descingir os lombos.* A expressão "cingir os lombos", comum entre os israelitas, significa, em primeiro lugar, vestir-se para uma viagem, para um serviço, ou para a guerra, falando-se em preparo e prontidão, Jr 1.17; Jó 38.8; 40.7. "Descingir" é desarmar ou tornar indefeso. *Portas.* As palavras que surgem no heb dos vv. 1 e 2 são: *deleth,* "porta" com dois batentes, e *sha'ar* "portão da cidade" (a Babilônia tinha uma centena destas).

45.7 *Crio o mal.* Isto não quer dizer que Deus seja moralmente responsável pela existência do pecado. O "mal", heb *ra'*, inclui tudo o que os homens chamam de mal: desgraça, punição, infortúnios, dificuldades, coisas que sobrevêm, ao homem por causa

do pecado no mundo, conseqüências de uma situação que Deus está pronto a remediar, se entregarmos os nossos caminhos a Ele, aceitando o castigo e a correção das suas mãos. Deus age nos mínimos acontecimentos, mas faz do mal surgir o bem, e finalmente livra os seus de todo o mal. O versículo também combate a grande religião nacional da Pérsia, que faz do universo um palco de infinda luta entre dois deuses, Ahura Mazda, o deus da luz, e Arimã o deus das trevas. A Bíblia ensina que todas as coisas estão dentro da providência divina e sujeitas ao Seu poder.

45.8 *Justiça... salvação.* De toda a criação, o que mais revela a glória de Deus, e sua natureza divina, é a parte moral que se manifesta dentro do coração humano quando iluminado por Deus: a justiça e a salvação proclamam a grandiosidade do Criador.

45.9-14 Assim como o objeto de barro recebe a forma conferida pelo oleiro, assim também os israelitas podem confiar que uma nova situação política, procedente da Pérsia, vai ser moldada segundo a vontade de Deus, de modo a tornar-se o palco da restauração dos israelitas penitentes.

45.13 *Justiça.* A justiça divina pode escolher um gentio para ser seu instrumento, já que a justiça, em si mesma, surge do próprio Deus, não de nossos merecimentos humanos, e muito menos de nossa capacidade física: o versículo é mais um prenúncio da doutrina da justificação pela graça, recebida pela fé, Ef 2.8.

45.15 *Misterioso.* Os caminhos de Deus são insondáveis (Rm 11.33).

45.19 *Não falei em segredo.* Os oráculos dos sacerdotes pagãos eram pronunciados em lugares escuros e em condições misteriosas.

45.21 *Razões.* Justificativas por orar a deuses que não podem salvar.

45.23 *Todo joelho... toda língua.* Citado em Rm 14.11 e Fp 2.10; mesmo na presente época da graça há tantos homens que rejeitam o Salvador, mas se nestes tempos não querem dobrar seus joelhos perante ele, confessando-o como seu suficiente Salvador, serão forçados a confessar, no dia do Juízo, que "Jesus é o Senhor" quando para eles será irremediavelmente tarde.

45.25 *Nele se gloriará.* Esta glória não vem da descendência física dos israelitas mas da conversão do coração (Rm 2.17, 23, 29); "quem se gloria, glorie-se no Senhor" (1 Co 1.31; Jr 9.24). Que esta glória pertence a qualquer pessoa, de qualquer nação, que se converte a Deus, isto se verifica no v. 22: "Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os termos da terra", versículo, aliás, que foi responsável pela conversão de João Wesley.

46.1 *Bel.* Forma abreviada de Baal, que é título aqui dado a Merodaque ou Marduque, divindade babilônica equivalente a Júpiter dos romanos ou Zeus dos gregos. Baal quer dizer "senhor", e entre os babilônios se aplica a esta divindade, cujo nome se vê no nome do príncipe Merodaque-Baladã (39.1). *Nebo.* Ou Nabu, deus da ciência e da literatura, equivalente ao Mercúrio dos romanos ou ao Hermes dos gregos. O nome acha-se na palavra Nabucodonosor. Os dois nomes juntos representam o panteão de Babilônia. *São canseira.* Antes levados em procissão pelos seus adeptos, agora seus ídolos em destroços são levados como carga por animais. Os ritos da idolatria são observâncias penosas que para nada se aproveitam. A prática da fé cristã, "a piedade para tudo é proveitosa" (1 Tm 4.8; 6.6).

46.4 Sublime promessa de amor constante e fiel do Deus que sustenta e guia seus amados, enquanto os pagãos têm que carregar e sustentar seus próprios ídolos.

46.5 *A quem me comparares.* Uma série de interrogações para pôr em relevo a afronta feita a Deus pelos israelitas apóstatas, que passaram a adorar os ídolos, seguindo os costumes sociais de Canaã.

46.8 *Prevaricadores.* O termo heb *pôsh'im* significa "aqueles que cometem rebeldia ou transgressão".

46.10 *O meu conselho.* O Deus onisciente e providente, para quem não há passado, nem futuro, mas que contempla tudo num eterno hoje, é o único que revela Seus propósitos aos Seus servos, os profetas, e que cumpre fielmente a profecia. Não há divindade igual a

Ele, não há Deus além dEle.

46.11 *Ave de rapina*. Heb 'eyit, "águia", "urubu", de uma raiz que significa "lançar-se sobre a presa". Aqui simboliza Ciro, cuja insígnia era uma águia de ouro. A vocação que recebeu de Deus era para ser como uma ave de rapina para despojar a nação que estava segurando os israelitas no cativeiro. Nabucodonosor, rei da Babilônia, também foi comparado a uma ave de rapina (Jr 49.22; Ez 17).

46.13 O tríplice propósito do bondoso Deus aqui se exprime da seguinte maneira: justiça, salvação (ou livramento) e glorificação. A justiça aqui é o cumprimento das promessas divinas da salvação.

47.1 *Virgem filha*. Babilônia se retrata como uma delicada mas orgulhosa rainha virgem, agora, cativa, é reduzida à mais humilhante servidão, apesar de todos os seus mágicos e astrólogos (cf. v. 9).

47.4 *Redentor*. Heb gō'el, definido nas Notas de Nm 35.12, 27; Lv 25.28; Pv 23.11; Js 20.3. Para Cristo ser nosso Redentor, foi necessário tornar-se humano, habitar entre nós (Jo 1.14), pagar as nossas dívidas (1 Co 15.3-4) e assim livrar-nos do pecado e da morte que são conseqüências do pecado (Rm 3.25).

47.5 Quando a Babilônia cai na desgraça, os cativos de Israel são redimidos; assim, Ciro veio a ajudar a obra redentora de Deus.

47.6 *Profanei*. Deus permitiu a invasão de Samaria e de Jerusalém.

47-7 *Nem te lembraste do seu fim*. Babilônia esqueceu-se de que as conquistas que fizera foram o resultado do plano divino em guiar as nações e que, passada a época do cativeiro de Judá, teria que abrir mão destas conquistas; a vanglória da Babilônia resultou em cegueira e dureza de coração e só sua destruição podia forçara a abrir aos israelitas o caminho da restauração de Jerusalém.

47.9 *Encantamentos*. Em 8.19 Isaías já enfrenta os encantadores.

47.13 *Cada lua nova*. Refere-se àqueles que dividiram o céu em zonas, contemplaram os astros, e se declararam aptos, por estes métodos, para predizer dias oportunos a várias atividades.

47.15 *Assim serão*. Dissipados como o debulho, o restolho. *Ninguém te salvará*. A feitiçaria não desviaria a destruição da Babilônia.

48.1 *Não em verdade*. Israel, ou seja, o pequeno remanescente do cativeiro; está sendo tratado como nação apóstata (cf. Is 1). Isto é uma prova de que o servo do Senhor nunca seria a nação física e carnal, nem mesmo quando continua o nome e o ritual da religião de Israel. O israelita o é de coração (Rm 2.29).

48.6 *Coisas novas*. Deus graciosamente se revela aos Seus, pela obra dos profetas, coisas novas e ocultas (cf. Jo 16.13); aqui, é a queda da Babilônia, e a libertação de Israel.

48.8 *Desde o ventre materno*. Israel, como nação, foi efetivamente infiel a Deus desde a sua origem.

48.11 *Por amor de mim*. Deus é induzido pela glória do Seu nome, tanto a cumprir as Suas promessas, como as Sua ameaças: a veracidade, o amor e a misericórdia de Deus fazem com que Ele sempre tente realizar a conversão dos membros do Seu povo.

48.14 *O Senhor amou*. No meio das palavras dirigidas a Israel, aí está mais um recado para Ciro, a quem Deus ama por ser Seu instrumento (cf. 41.1; 41.22; 43.9; 45.20). Cf. também v. 15, o qual mostra que Ciro foi chamado para a destruição da Babilônia e a salvação de Israel.

48.16 *Me enviou a mim e o seu Espírito*. A salvação aqui se acha personificada: é o próprio Salvador que fala (cf. Is 61.1; Lc 4.18-21).

49.17 Quem fala não é o profeta, mas o próprio Deus; não somente neste versículo, mas em todo o livro de Isaías é o Senhor, o Santo de Israel que se dirige aos ouvintes e leitores.

48.18,19 Se os israelitas tivessem continuado fiéis, todas as bênçãos prometidas a

Abraão ter-se-iam cumprido neles; a derrota e o cativeiro teriam sido evitados. Graças às profecias de Isaías, pronunciadas séculos antes, havia, de fato, no ano 539 a.C., um grupo de israelitas fervorosos no cativeiro. Esse remanescente ficou para reconstruir a cidade de Jerusalém, para ali viver segundo os mandamentos de Deus. A profecia de Isaías serviu como Carta Magna, escrita com antecedência.

48.20 *Babilônia*. Babilônia serviu depois para os profetas e os apóstolos, como símbolo do mundanismo materialista (cf. Ap 17, 18).

48.22 *Não há paz*. Lembra-se agora do retrospecto, a desobediência dos israelitas em Massá e em muitas outras ocasiões, no deserto: sem arrependimento e fé não há paz com Deus, nem em nosso meio ambiente, nem com nosso vizinho, nem com nós mesmos. Cf. também 57.21n.

49.1-6 Este seria o segundo "Cântico do servo". O primeiro está em 42.1-4 (e talvez 5-7); o terceiro, em 50.4-9, e o quarto, que esclarece e culmina a revelação dos outros três cânticos, acha-se em 52.13-53.12. Principalmente neste trecho (vv. 1-6), o próprio Jesus Cristo fala da missão que viria a cumprir na terra; no v. 7 Seu Pai lhe mostra a obra que chegaria a realizar.

49.1 *Terras do mar*. Esta expressão traduz-se por "países do mar", em 41.5, e "ilhas" em 41.1, cuja nota explica que também pode significar "nações remotas", ou o estrangeiro em geral. A mensagem está sendo dirigida às nações da terra, pois é a luz para os gentios (6). *Menção do meu nome*. Jesus recebeu Seu nome antes de nascer (Lc 1.31; 2.21).

49.2 *Na sua aljava*. Na posição de prontidão para a nação e serviço, e na posição de ser guardado sob a proteção de Deus.

49.3 *És Israel*. O versículo que os judeus usam para dizer que estas profecias dizem respeito à descendência natural de Israel; não deve ser assim interpretado, pois é a definição do verdadeiro Israel de Deus, que revela a glória de Deus, para proclamar as virtudes do seu Salvador (1 Pe 2.9-10). Este servo verdadeiro, este Israel ideal, iria chamar os israelitas nativos à restauração (v. 5), chamando para si os gentios com a mesma promessa de restauração e inclusão na nova Aliança (6, cf. 1 Co 11.25).

49.7-12 Agora Deus é quem faia sobre a glória do seu Servo desprezado, o qual virá a ser mediador da aliança e Redentor do seu povo.

49.7 *Aborrecido das nações*. Antecipa 53.1-3.

49.8 *Repartires*. Relembra a distribuição da terra santa às doze tribos, feita por Josué, Js 14-19.

49.9 *Em trevas*. A cegueira espiritual dos gentios e dos judeus que rejeitaram a Cristo, Jo 9.41. *Pastarão nos caminhos*. Voltariam em paz para suas casas, até tirando proveito dos obstáculos.

49.12 *Sinim*. Pode ser Assuã, no Nilo, onde se desenvolveu uma colônia israelita.

49.16 *Te gravei*. Ilustrações para mostrar que o problema do povo de Deus está sempre gravado na Sua mente, assim como a lei de Deus deve sempre estar presente nas ações do seu povo (Êx 13.9, 16; Dt 6.8; 11.18); é possível que seja uma alusão ao costume da tatuagem, representando algum ente querido que morrera, perpetuando-se assim a sua memória através da gravação feita na pele da pessoa que ficou. Segundo um costume pagão, alegava-se que, através dessa tatuagem, era mantido um contato com a pessoa morta, o que era proibido ao povo de Deus (Lv 19.28; Dt 14.1).

49.18 *Vestirás*. A glória, a formosura e o atavio de uma mulher israelita, era ter a sua família ao seu redor. Jerusalém, agora triste, é convidada a receber, com júbilo, seus filhos que voltam.

49.23 *Lamberão o pó*. Expressão oriental que descreve a humilhação dos súditos ou dos povos conquistados perante seus superiores ou conquistadores (cf. Mq 7.17; Sl 72.9).

49.24 Repete-se o ensinamento de 31.4, de que ninguém poderá interferir nas conquistas dos grandes impérios, evidência que Deus, por fim, como Redentor, tirará a presa do forte (25 e 26; cf. Lc 11.19-23). Jesus é o Redentor que tira a presa de Satanás.

49.26 *Com sua própria carne.* Cf. 9.20 É o castigo que o zelo do Senhor faria cair sobre os opressores vencidos.

50.1 *Carta de divórcio.* Segundo Dt 24.1-4, um homem não podia casar-se novamente com a mulher que antes repudiara, mesmo se esta viesse a tornar-se viúva do segundo marido. Deus procedeu graciosamente com Israel, apesar do povo ter-se mostrado infiel ao Esposo Celeste; Deus veio para trazê-lo de volta (2), mas ele, do mesmo modo que os gentios, não lhe deu ouvidos, v. 6. Todavia, não há "carta de divórcio"; Deus não se volta definitivamente contra o povo que dele apostatou, mas entrega seu Filho Unigênito para a salvação dos que nele crêem (Jo 3.16).

50.2 *Ninguém apareceu.* Nem para aceitar a obra de Deus em prol deles próprios, nem para exercer a obra missionária (cf. 6.8), nem para mostrar misericórdias aos aflitos, em nome de Deus (Jo 5.7-8). *Se encolheu tanto.* A falta de confiança na graça irrestrita do nosso Senhor também é pecado, da nossa parte.

50.6 *Ofereci.* Voluntariamente, Jesus sofreu, os tormentos enumerados neste versículo profético, no pretório de Pôncio Pilatos e no pátio do sumo sacerdote (Mt 26.67; 27.26; Jo 18.29). Para realmente entendermos a obra de Cristo em prol da salvação, devemos reconhecer que tomou voluntariamente sobre si tanto o sofrimento como a morte (Jo 10.18).

50.9 *Todos eles.* Os infiéis, os que desprezam o Senhor Jesus Cristo.

50.11 *Labaredas... fogo.* O pecado e a apostasia. *De mim.* É o próprio Deus que permite que o mal se volte contra os malfeitores.

51.1 *Procurais... buscais.* Deus consola os arrependidos que, atribulados, buscam a justiça e sua Fonte, que é o próprio Deus, acrescentando todas as coisas àqueles que assim fazem (Mt 6.33; Rm 8.32).

51.2 *Eu o chamei.* A livre escolha de Deus é pela graça, sem méritos humanos tanto nos casos dos patriarcas como no do povo de Deus.

51.4 *Lei.* Heb *tôrâh*. A palavra vem da raiz que significa "atirar" contra o alvo", "almejar um alvo". Na forma causativa deste verbo, a raiz significa também ensinar, como se fosse "conduzir alguém a um alvo". Já que o sentido básico de pecado é "errar o alvo que Deus propõe", é importante reconhecer que a lei conduz à vontade de Deus, e nos aponta para a pessoa de Jesus Cristo. É neste sentido que consta aqui, como parte integrante da revelação de Deus, que é Sua palavra. "Lei" no sentido de ser um a prática legalista de preceitos com o fito de se ganhar a vida eterna, pelos próprios méritos, contrasta com o evangelho, e neste segundo sentido é oposta à graça de Deus (Rm 5.20; Gl 5.3-5). *Direito.* Anuncia-se o direito da nova aliança, a ética cristã.

51.6 As belezas perecíveis dos céus e da terra aqui se acham em contraste com a salvação que é a graça mutável de Deus. *Justiça.* Em contraste com a vaidade da terra e de tudo o que nela há, a salvação e a justiça, adquiridas pelo Salvador, não terão fim nem limites, vê-se aqui a doutrina dos novos céus e da nova terra (65.17).

51.9 *Egito.* Heb *rahabh*, lit. "o orgulhoso", "o insolente". Aplica-se claramente ao Egito, como também em Sl 89.10, onde aparece o nome Raabe (cf. Sl 87.4). A referência específica é a derrota sofrida pelos exércitos do Egito, ao perseguir os israelitas, depois do Êxodo. O nome tem sido aplicado ao crocodilo da mitologia da Babilônia, o caos que ameaçava a ordem. O crocodilo do Nilo tem servido como símbolo do Egito (Is 27.1; Ez 29.3).

51.10 *No fundo do mar.* É a travessia do mar Vermelho, Êx 14.21-25.

51.11 A restauração total dos remidos cf. 35.10.

51.16 *Tu és o meu povo.* Isto é um grande conforto e encorajamento para os israelitas que antes do cativo ouviram a sentença: "Não sois o meu povo!" (Os 1.9).

51.17 *Bebeste o cálice.* Nesta visão Jerusalém já tem passado pelas punições que os profetas todos pronunciaram em nome de Deus (cf. 40.2).

51.18 Nenhum a guiou. Justamente os líderes políticos de Jerusalém tinham sido

polítiques internacionais, e por isso foram os primeiros a ir para o cativeiro, na leva de 605 a.C.

51.19 *Duas coisas*. O país assolado ("assolação e ruína"), e os habitantes entregues à morte ("fome e espada").

51.21 *Embriagada*. Desmaiando de dor e de desolação.

51.23 *Passemos sobre ti*. Pondo o pé sobre o pescoço dos seus habitantes, como se fazia antigamente com o inimigo vencido.

52.1 *Cidade santa*. Fala-se parcialmente da cidade restaurada, mas sobretudo da Nova Jerusalém, espiritual, livre dos pecadores (Gl 4.26).

52.4 *Egito... Assíria*. A causa da poderosa *intervenção* divina teria sido a opressão terrível que os israelitas sofreram nas mãos de três impérios, cada um pior do que o outro, o Egito, a Assíria, e a Babilônia.

52.5 *Que farei eu aqui*. O Senhor está presente com Seu povo, e quando há opressão, sempre está pronto para libertar.

52.7 *Boas-novas*. Os arautos da libertação e do evangelho (cf. Rm 10.15). *Salvação*. A restauração de Jerusalém, e depois, a obra de Jesus Cristo. Anunciar a salvação é a incumbência principal dos emissários de Deus. *Reina*. A doutrina da soberania de Deus transforma a adversidade.

52.11 *Retirai-vos*. Dos centros de idolatria da Babilônia (cf. 2 Co 6.17).

52.12 O êxodo da Babilônia seria mais triunfante do que o êxodo da escravidão no Egito (cf. Êx 12.39).

52.13,14 Retratam-se aqui dois lados da Pessoa de Cristo: Sua exaltação, e Sua grande humilhação em meio aos sofrimentos que tomou sobre Si para pagar conseqüências de nossas iniquidades (cf. Fp 2.6-11).

52.15 *Verão*. A glória do Messias havia de ultrapassar em glória tudo o que há na terra, A glória e o amor de Deus revelam-se melhor no Calvário do que em qualquer outro lugar.

53.1-12 Este capítulo, colocado em pauta sete, séculos antes do nascimento de Cristo, até parece ter sido escrito por uma testemunha da crucificação. O apóstolo Pedro preferiu citar trechos deste capítulo a resumir os relatos das testemunhas oculares (1 Pe 2.21--25). Sete citações deste capítulo são feitas no Novo Testamento à Pessoa de Jesus Cristo. Declara-se oito vezes, neste capítulo, a doutrina da expiação vicária, que se resume na expressão de 2 Co 5.21.

53.1 *Quem creu*. Refere-se à incredulidade e à cegueira de Israel, características do mundo daquela época e de hoje. Refere-se à revelação de Deus, que é a Escritura, e Àquele que se revela na mesma, o Salvador.

53.2,3 *A humilhação de Cristo*. O homem natural não percebe aparência nem atração em Cristo. Só a fé abre os olhos para ver a formosura do Sofredor do Gólgota.

53.3 *Rejeitado*. Por homens cujos pecados estava expiando.

53.4,5 *Ele... nós*. O pecado e o castigo pertencem a nós; Cristo, sem mácula nem culpa, voluntariamente assumiu ambos em nosso favor.

53.7 *Humilhado*. Ou "humilhou-se", pois a vontade do Seu Pai era também a Sua vontade. *Não abriu a boca*. A paciência a coragem e a livre vontade na paixão de Cristo.

53.8 *Do meu povo*. Os padecimentos de Cristo em prol da humanidade resgatam todos quantos nEle crêem, os quais, então, se tornam povo de Deus.

53.9 Assim se cumpriu: Jesus foi crucificado entre dois ladrões, e sepultado no túmulo do rico, José de Arimatéia.

53.10 *Verá a sua posteridade*. Jesus haveria de morrer, mas não ficaria sem ver o fruto da Sua morte, pois depois da ressurreição ainda deu a grande comissão para Seus discípulos, e prometeu Sua presença real entre eles, Mt 28.18-20. É o fruto que o grão de trigo produz ao morrer, Jo 12.24; Ef 1.19-21; 2.1-7; Cl 2.12; Rm 6.3-5. *Prolongará os seus dias*. Cristo, ressuscitado, vive por toda a eternidade (Rm 6.9-10; Ap 1.18).

53.11,12 A suficiência do sacrifício de Cristo.

53.11 Fruto. A palavra não consta da heb mas o contexto a exige; cada pessoa que se converte a Jesus Cristo é mais um resultado da Sua obra expiatória.

53.12 Contado com os transgressores. Foi crucificado entre dois ladrões e considerado, pelo poderio judaico, um criminoso perigoso. Realmente, carregando sobre si, na cruz, os pecados do mundo, e pagando, em nome da humanidade, as conseqüências de toda a maldade, Jesus recebeu, imputada à Sua Pessoa, a culpa de todos os transgressores (1 Pe 2.24). *Pelos transgressores intercedeu.* Os primeiros transgressores que o estavam crucificando (Lc 23.34). Desde então, está assentado à direita da Majestade nas alturas, vivendo sempre para interceder por aqueles que se convertem (Hb 1.4; 7.25).

54.1 Não se ouve mais, deste capítulo em diante, falar explicitamente sobre o "Servo do Senhor"; fala-se agora sobre "os servos do Senhor" (54.7; 56.6; 63.11; 65.8-9, 13-15; 66.14). Na aplicação imediata à situação dos israelitas restaurados, os "servos" são todos os fiéis, em geral; mesmo assim, não se pode deixar de notar que, depois da ressurreição de Cristo, todos aqueles que nele crêem recebem poder para serem chamados filhos de Deus, os verdadeiros servos, o novo Israel de Deus, não se falando só na Pessoa de Cristo, mas também do corpo de Cristo: Assim o Servo é os servos são identificados.

54.2,3 Com cinco figuras diferentes, o Senhor da Igreja nos dá Sua ordem missionária, para que o evangelho se difunda.

54.3 A vitória do Servo é também a vitória do povo de Deus.

54.5 Marido. Israel recebeu várias vezes o nome de esposa de Deus (cf. Jr 31.32; Os 2.1-23). Sempre foi infiel, sempre merecendo a rejeição. Deus, porém, na Sua misericórdia, sempre a quer de volta, oferecendo-lhe perdão e restauração (5-10).

54.7,8 Ressalta-se a misericórdia divina; as promessas de Deus não falham, mesmo se, às vezes, o seu povo tem pouca paciência para esperar, seja no cativeiro na Babilônia, seja nas tentações atuais.

54.7 Breve momento. Em qualquer tribulação que nos sobrevêm, sabemos que a aflição nada é, comparada com a glória que ainda nos será revelada (Rm 8.18, 28, 35-39; 2 Co, 4.17).

54.10 Montes... outeiros. Nada nos parece ser mais firme do que as montanhas, mas incomparavelmente mais inabalável é a aliança de misericórdia e de paz que Deus firmará com os remidos.

54.13 Ensinados do Senhor. Pela unção do Espírito Santo (1 Jo 2.27) que aponta para Cristo e relembra Seus ensinamentos (Jo 6.44-45; 14.26).

54.16,17 Deus é árbitro até na guerra; sem à capacidade que vem de Deus, Satanás não pode criar nada, só incita os homens a abusar dos dons de Deus e perverter a capacidade física e mental que Deus dá.

55.1 Não tendes dinheiro. O convite dirige-se a todos os necessitados, de todos os tipos, sem limitação de raça ou de povo; Deus distribui a Sua misericórdia à medida que é aceita pela fé. É dom gratuito a todos os que reconhecem sua necessidade, e se arrependem.

55.2 Finos manjares. O profeta sabe como o povo iria correndo à feira para obter mercadorias sem pagar, e mostra que a comida espiritual que vem de Deus, gratuitamente, é em tudo superior, só entra no gozo dos finos manjares quem as come! Só recebe os bens da graça de Deus aquele que os aceita com fé verdadeira e sincera.

55.3 Fiéis misericórdias prometidas a Davi. Resume-se aqui a soma das promessas da graça de Deus que o Messias, o Filho de Davi, distribui aos Seus fiéis (At 13.34).

55.4 O dei. O Messias, Filho de Davi, foi dado aos homens (Jo 3.16).

55.6 Enquanto. O Pão da Vida, oferecido a nós, será oferecido a outros, se desprezarmos o Senhor e a Sua Palavra; quem sempre vai adiando, ou rejeitando-o, perderá a capacidade de crer e de receber.

55.7 Deus tem poder para restaurar a atuação humana.

55.8 9 Deus tem poder para restaurar, o pensamento humano.

55.10 Deus tem poder para vigiar sobre Sua Palavra, para a cumprir (Jr 1.12). Nunca se anuncia a Palavra de Deus em vão; dará seu fruto, mais cedo ou mais tarde, reunindo o povo de Deus e convertendo os homens. Bem-aventurado aquele cujas ações, pensamentos e atitudes são dirigidas inteiramente pela Palavra de Deus e pela oração.

55.13 *Memorial eterno.* A Igreja, aqui na terra; e a bem-aventurança dos céus constituem um monumento eterno do amor do nosso Deus.

56.2 *O sábado.* A circuncisão e a guarda do sábado eram consideradas os sinais exteriores da aliança com Deus, no Antigo Testamento. Aqui Deus exorta a voltar à antiga fidelidade.

56.5 *Memorial.* Às pessoas que seriam impedidas, pela lei de Moisés, de serem membros do Povo de Deus, Deus quer proporcionar um memorial melhor, até mesmo do que chamar-lhes filhos e filhas. Tudo isto é uma ilustração da integral aceitação, em graça e no reino de Deus, do novo Israel.

56.7 *Casa de Oração.* O Templo, e depois a atitude de verdadeira adoração (Jo 4.21-24). *Sacrifícios.* As preces dos corações arrependidos também são consideradas como ofertas sacrificiais (cf. Sl 51.17).

56.8 *Outros.* A vocação missionário sairá para povos de todas as nações, as "outras ovelhas" que Jesus chama (Jo 10.16; At 10.34-35).

56.10 *Atalaias.* Vigias, sentinelas nos muros que devem guardar a cidade, e pastores que devem cuidar do rebanho.

57.2 *Leito.* Os túmulos nos quais os fiéis "descansam" às vezes são chamados de "leitos", já que a morte é a espera da vida eterna.

57.3 *Descendência da adúltera.* Metáfora das abominações de Israel como nação idólatra, traindo seu compromisso com a lei de Deus.

57.4 *De quem chasqueais?* Os malvados ousam zombar dos fiéis, especialmente dos justos periclitados, dos quais falam os vv. 1 e 2.

57.7 *Leito.* Continuando a linguagem figurada do v. 3, equiparando a idolatria à prostituição, o leito aqui é a lugar do culto pagão, o altar dos ídolos, ao lado do qual se praticavam os atos imorais.

57.8-10 Retrata a mulher adúltera insaciável e a nação idólatra que nunca se sacia com a importação de cultos pagãos misteriosos.

57.8 *Símbolos eróticos.* Heb *zikhrôn*, "memória", "memorial", "símbolo", "sinal", "ídolo", que pode ser uma imagem de alguma divindade pagã, mas que a arqueologia indica ser talvez uma efígie dos órgãos sexuais, levantada para "honrar" certos ídolos pagãos. Essas práticas eram comuns em Canaã, levando os adeptos a excessos e orgias, tudo para a maior glória da divindade pagã e para a maior desonra de Deus.

57.9 *Envias os teus embaixadores.* Não espera até ser procurado, mas busca de longe o objeto da sua volúpia. Talvez se refira a ídolos e altares importados de longe (2 Rs 16.10-15).

57.12 *Publicarei essa justiça tua.* A justiça dos pagãos não é grande coisa para se publicar uma vez que uma revelação da injustiça dos infiéis.

57.14 *Aterrai.* Descreve-se uma ordem vinda diretamente dos céus, como em 40.3-5 e 62.10. *Tropeços.* Sociais, políticos e espirituais.

57.15 *Habito no alto.* A grandeza de Deus, e Seu divino poder, vem ao encontro da pobreza e necessidade humanas, especialmente quando esta situação humana foi causada pelo pecado de outros. Deus é transcendente, além da nossa situação, além do universo físico, e é imanente, presente no âmago de todas as coisas no universo; revela-se nas obras da criação, revela se, mais ainda, nas idéias e nos ideais da consciência humana. O contraste nos mostra quão grande é o amor e a misericórdia de Deus, o altíssimo e Santo, que procura morada, no "coração dos contritos" e no "espírito dos abatidos".

57.19 *Paz.* Esta paz foi produzida por Cristo, 53.5; Ef 2.13.

57.21 Não há paz. Os perversos, que não prestam atenção a Deus e à Sua Palavra, não gozarão da paz que o Príncipe da Paz preparou para todos, pois eles rejeitaram-na (cf. 48.22).

58.1 Ao próprio povo de Deus é necessário pregar para revelar-lhe em quantos assuntos tem violado a vontade divina, para chegar ao arrependimento. *Clama.* Deus inicia mais uma grande mensagem com um imperativo, como em 40.1 e 49.1. Deve ser proclamada em voz alta a exigência da vontade divina, da Sua santidade e da Sua pureza, para que o homem, vendo-se como pecador perante Deus, possa receber do próprio Deus as condições para uma vida justa (6.5-7; Ef 2.8-10).

58.2 Têm prazer. A idéia do versículo e do contexto (vv. 3-5) é que o povo, vivendo de modo indiferente à vontade divina, na prática, ainda assim tem grande interesse em freqüentar cultos religiosos, e em debater assuntos religiosos; tais práticas e doutrinas são uma máscara, se não houver verdadeiras virtudes e obediência a Deus.

58.4 Jejuar de forma externa, sem ter coração arrependido, só traz irritação e cansaço ao homem. Não o prepara para a comunhão com Deus.

58.5 O jejum que escolhi. O único jejum imposto aos israelitas na lei era o do grande dia da expiação (Lv 16). Isto quer dizer que o jejum se relaciona com o arrependimento e com o perdão divino, assumindo novas diretrizes, segundo a graça do Senhor.

58.7 Teu pão. Não é com sobras que devemos fazer as obras de caridade. O amor divino espera que o nosso amor nos leve a repartir o nosso próprio pão. *Teu semelhante.* Não somente os irmãos na fé são nosso próximo. Todo e qualquer necessitado em assuntos espirituais ou materiais é nosso semelhante.

58.8 Tua luz. Ilustração de um estado feliz e glorioso (cf. 60.1-3).

58.9 Jugo... dedo... falar injurioso. Escravidão, suborno e maledicência.

58.12 Edificação as antigas ruínas. O povo restaurado à sua terra não construiria cidades e estradas diferentes, novas, mas poria em ordem aquilo que existia. *Veredas.* Inclusive as que do cativo levariam à restauração e as que subiam ao templo.

58.13,14 A obediência à aliança de Deus, tanto a antiga como a nova, trará bênçãos espirituais, e eternas.

58.14 Herança. A herança material de Jacó era a terra de Canaã, para onde os cativos estavam sendo devolvidos; a herança espiritual era a benção e a promessa (Gn 32.26-28; 28.13-15). *A boca do Senhor o disse.* Esta expressão, que mostra que a Palavra de Deus é irrevogável, só usada pelo profeta Isaías, em todo o AT. Aparece tanto na primeira como na segunda parte (1.20; 40.5) e indica unidade de autoria do livro.

59.1 Mão... encolhida. Cf. 50.2n.

59.2 Iniquidades. Os vv. 1-8 mostram que os pecados não perdoados nos separam de Deus; devemos reconhecer aqui, como num espelho, nosso próprio estado lastimável, e arrependê-nos para receber o perdão.

59.3 Contaminadas de sangue. Com crimes (cf. 1.15, 21).

59.4 Dão à luz a iniquidade. Cf. Tg 1.15.

59.6 Assim como Adão e Eva não podiam cobrir a sua nudez, precisando de vestimentas providas por Deus (Gn 3.7, 21) assim as novas alegadas "boas obras" jamais podem cobrir ou expiar.

59.8 Caminho da paz. O caminho de Deus por intermédio do Salvador (Jo 14.6). *Justiça.* Heb *mishpāt*, significa aqui "conduta justa".

59.9 Nós. Isaías identifica-se com seu povo (cf. 6.5; 53.4-6).

59.12 Os sobreviventes dos israelitas reconhecem o pecado nacional, sentindo, cada um, vivamente, que a presença da sua própria culpa está, lhes pesando na consciência.

9.14 Esta rebelião contra Deus é uma tragédia que deixa ofuscadas a justiça e a verdade, que aqui se acham personificadas.

59.15 Como presa. O justo é vítima da opressão e da concorrência dos métodos inescrupulosos no serviço e no comércio.

9.16 O próprio Deus interveio, para redimir a situação humana, já que não se achou ninguém na terra que fosse guia e inspiração dos homens.

59.17 *Couraça... capacete.* Assim como as armas de Deus para operar neste mundo são virtudes eternas e dinâmicas, assim também, é o caso dos filhos de Deus (Ef 6.13-17; 1 Ts 5.8).

59.19 *Temerão... o nome do Senhor.* As nações da terra teriam o primeiro motivo para temer a Deus, ao verem a restauração milagrosa dos israelitas a Jerusalém, com grandes sinais do poder de Deus (vv. 17 e 18); o segundo motivo, mais importante que este, séculos mais tarde, ao verem o Espírito Santo derramado no dia de Pentecostes. Seria o fruto da obra completa do Redentor (20-21; At 2).

59.21 *Aliança.* A Nova Aliança, selada pelo Espírito Santo.

60.1 *Resplandece.* É nossa incumbência brilhar nas trevas, desde que Jesus nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz (1 Pe 2.9). Aqui se fala especialmente da luz do evangelho, dada para iluminar os povos da terra, ainda em trevas.

60.5 *Abundância do mar... riquezas das nações.* É a grande multidão dos povos ao redor do Mediterrâneo, os quais seriam trazidos ao Senhor pela luz do evangelho.

60.6,7 Estas nações e tribos eram descendentes de Abraão, segundo a carne, não pertencendo, porém, à descendência de Isaque; *Quedar* e *Nabaiote* são descendentes de Ismael, Gn 25.13; *Midiã, Efá, Sabá* são descendentes de Quetura (Gn 25.1-4). Estas nações habitavam o deserto, além do Jordão, estendendo-se até ao sul da Arábia; eram nômades que sempre ameaçavam às civilizações, e que invadiam na época da ceifa para levar os despojos e atacar os *rebanhos*. Estes antigos inimigos serão restaurados à comunhão com o povo de Deus trazendo seus presentes em caravanas de camelos, conforme seu costume de mercadores viajantes, (que é o significado do nome "árabe"). *Ouro e incenso.* Representam riqueza e religião; eram os presentes dos Magos do Oriente, oferecidos a Jesus (Mt 2.12).

60.13 *Lugar dos meus pés.* Está sendo usado aqui como sinônimo de *santuário*, significando em primeiro lugar o templo de Jerusalém e, depois, a Igreja do Novo Testamento que Deus, na sua segunda vinda, irá transladar para a Jerusalém Celestial, na qual o único santuário será a presença de Deus e de Jesus Cristo (Ap 21.22).

60.16 As riquezas do mundo e do universo, juntamente com as riquezas espirituais dos céu, pertencem aos fiéis através da obra de Jesus, (Rm 8.32; Ef 1.3).

60.17 *Paz... justiça.* A ordem do reino de Deus está em pleno contraste com a desordem do império dos homens, cujas violência e injustiça impostas sobre as nações conquistadas e até sobre seus próprios súditos; têm sido uma constante. *Exatores.* Cobradores de impostos, como os impopulares publicanos da época de Jesus.

60.19 *Luz perpétua.* A mais sublime descrição da presença graciosa de Deus na Jerusalém celeste (cf. 4.5; 24.23; 30.26; Ap 21.23; 22.5).

61.1,2 Jesus aplica este trecho à sua própria pessoa e parece que, nestes dois capítulos, 61 e 62, é o próprio Jesus Cristo, o Redentor, que o profeta Isaías está reproduzindo.

61.1 *O Espírito do Senhor está sobre mim.* São palavras do Ungido, do Salvador (cf. Sl 45.7 com Hb 1.9 e At 10.38). Na sinagoga de Jerusalém, Jesus mostra que este trecho é a Carta Magna do seu próprio reino e o plano de ação para seu ministério na terra.

61.5 *Estrangeiros.* Finalmente os opressores pagãos serão vencidos.

61.6 *Sacerdotes.* Cf. 1 Pe 2.5. *Riquezas das nações.* Os gentios que viriam juntar-se aos fiéis em Israel seriam as riquezas das nações de onde vieram; tornar-se-iam a glória do povo de Deus, tomando juntamente com Ele a sua parte no sacerdócio santo.

61.10,11 Trata-se, aqui, dos crentes que escutam a voz do Salvador. A Igreja como noiva de Cristo, que transmite e reflete a mensagem que vem de Deus. Isaías, séculos antes, também pôde regozijar-se na fé.

61.10 *Minha alma se alegra.* É a alegria dos filhos de Deus que se sabem reconciliados

com Ele (cf. Ap 21.2; Sl 103). *NOTA:* Está bem claro que o capítulo 40 começa com uma profecia literal e histórica sobre a restauração do remanescente israelita que foi cativo para a Babilônia. Assim, os caps. 40-48 descrevem uma situação historicamente comprovada entre 538 e 445 a.C.. Ainda assim, porém, há expressões de uma restauração tão sublime, sobrenatural que, por não poderem ser consideradas como hipérboles, precisam ser interpretadas como profecias de uma restauração eterna e espiritual. Esta nota espiritual já soa mais alto em 49.6 (a salvação dos gentios), e no cap. 53 (a morte de Cristo para a salvação dos pecadores), e, daí por diante, o livro fala incessantemente sobre Jesus Cristo, o Espírito Santo, a vida eterna e os salvos nos céus. A restauração física, nessa parte, reflete uma vaga amostra da restauração espiritual.

62.2 Nome novo. A natureza deste nome novo se indica nos vv. 4 e 12 (cf. também Jr 33.16; Ap 2.17; 3.12).

62.3 Coroa de glória. Deus há de ser glorificado na Sua noiva, a Igreja.

62.4 Estes nomes todos se referem às relações entre o noivo, Cristo, de um lado, e a noiva, Sua Igreja, de outro.

62.6 Guardas. Não apenas para vigiar os movimentos do inimigo, mas atalaias, protetores que zelam pelo bem-estar da cidade.

62.8,9 Israel tinha sido acostumado a sofrer invasões de várias nações vizinhas, que roubavam o fruto do seu trabalho (Jz 6.1-6).

62.10 Pelas portas. Entrando assim na cidade de Deus.

62.11 Recompensa. A palavra se traduz por "galardão", 40.10n. *Galardão.* Heb *pe'ullâh*, "trabalho", "emprego", "salário", "paga". Vem da raiz *pâ'al*, "fazer", "formar", "praticar", e pode ser traduzida por "resultado do trabalho". O fruto do trabalho do Salvador já foi mencionado em 53.11, e se vê nas pessoas dos redimidos.

62.12 Procurada. Os inimigos de Jerusalém a tinham chamado a "repudiada", e "Sião, já ninguém pergunta por ela" (Jr 30.17). Deus cancela as maldições dos pagãos contra os fiéis, aos quais dá nomes sublimes e de suma importância (cf. 1 Pe 2.9).

63.1-6 Estes versículos constituem um poema de juízo e redenção, revelando a vitória contra as forças do mundo; do materialismo, do paganismo; representadas simbolicamente pelos edomitas.

63.1 Quem é este...? É o que pisa o lagar da ira divina sozinho (3), e com suas vestes respingando sangue (2). É o sofredor do Getsêmani e do Calvário (Mt 26.36; 27.46). Em Ap 19.15 e 16 se identifica como Rei dos reis e Senhor dos senhores. *Vivas cores.* Heb *hamüç* que é participio passivo do verbo, "fermentar", e se refere ao carmesim do suco das uvas trituras.

63.5 Não havia quem me ajudasse. Vários trechos de Isaías mostram que, para a obra de restaurar a raça humana, não se achou homem algum na terra (cf. 41.28; 59.16; 64.7). Isto também se aplica ao Senhor Jesus Cristo, rejeitado pelos líderes religiosos, traído pelo povo em geral, sentenciado pelo poder civil e abandonado pelos Seus discípulos.

63.9 O Anjo da sua presença. O Anjo no qual o Senhor está pessoalmente, deve ser o próprio Senhor Jesus Cristo. Esta expressão ocorre, na Bíblia esta única vez.

63.10 Contristaram o seu Espírito Santo. Se o Espírito Santo pode ser contristado, então é claro que Isaías reconhece que ele é uma pessoa. A expressão ressalta no Novo Testamento, "Não entristeçais o Espírito" (Ef 4.30; cf. 1 Ts 5.19). A transcendência do Espírito Santo se revela aqui, mas no v. 11 vemos a Sua imanência morando no íntimo da pessoa.

63.11 Pastor do seu rebanho. Refere-se a Moisés e a Arão.

63.14 Desce aos vales. A fim de lá achar melhor pasto, refúgio e descanso (cf. Sl 23). Quanto ao descanso que o Espírito Santo dá, note seu nome de Consolador (Jo 16.1-15).

63.16 Nosso Pai. A revelação do amor paternal de Deus baseia se na redenção por meio do Filho. Esta redenção acha se claramente testemunhada, mesmo no Antigo Testamento, enquanto a doutrina, do novo nascimento, descrita em Jo 3.1-16 não se

esclarece claramente no AT. Mesmo assim, porém, Jesus censura a Nicodemos, conhecedor da antiga aliança, por não saber nada acerca do nascimento (Jo 3.10). Devia ter-se lembrado de Ez 36.26 e deste presente versículo. *Abraão não nos conhece*. Abraão certamente se contava entre os santos do AT, mas, estando no céu, nada sabia do profeta Isaías e dos seus contemporâneos. De nada adiantariam preces dirigidas a Deus por seu intermédio, ou por intermédio de qualquer outro "santo"! Deus deve ser diretamente invocado, na oração, sem temor, pois é nosso Pai. Note-se também "o Pai nosso" ensinado por Jesus em Mt 6.9-11 e Lc 11.2-4.

63.17 *Fazes desviar*. No sentido de: "Por que permitiste que nos desviássemos?" Nada acontece sem que Deus o saiba e o queira, sem que o fizesse ou permitisse.

64.4 *Não se ouviu*. Não existe entre os pagãos, uma doutrina da intervenção direta de Deus; não admitem que tenha isto acontecido no passado e que possa acontecer no presente, ou no futuro, por julgá-lo "impossível"; tais racionalistas não faltam hoje. *Nele espera*. Cf. 40.31.

64.6 *O imundo*. O leproso, coberto dos trapos da imundícia, é uma ilustração drástica do pecador que, por si mesmo, está completamente perdido. Assim como o profeta se inclui nesta confissão humilde, nós também, de igual modo, devemos reconhecer e confessar nossa total corrupção natural, pelos pecados que diariamente cometemos. Só esta confissão pode nos abrir o caminho para o verdadeiro arrependimento, o reconhecimento dos méritos, de Jesus Cristo, e à aceitação da sua morte expiatória em prol dos pecadores.

64.8 *Pai*. Segundo o contexto, o Pai aqui é o Criador, e não o nome consolador do Deus de amor (cf. 63.16n). Como o barro nas mãos do oleiro, somos impotentes para mudar a nossa própria condição. *Obra das tuas mãos*. Isaías enfatiza a soberania divina e a dependência humana (cf. 29.16; 45.9; 60.21; Sl 100.3; Rm 9.20-21).

64.9 *Não te enfureças tanto*. Esta oração se dirige no sentido de pedir que a revelação da ira divina não se prolongue perpetuamente.

65.2 *Estendi as mãos todo dia*. Jesus, cujas mãos foram estendidas na cruz, agora as estende em misericórdia aos pecadores.

65.3 *jardins...altares de tijolos*. Descrevem-se aqui os característicos dos santuários dos ídolos pagãos em Canã.

65.4 *Mora entre as sepulturas*. É a prática da necromancia, o apelo feito aos espíritos das mortos. *Passa os noites em lugares misteriosos*. Para assim terem sonhos prognosticadores, conforme o antigo costume do paganismo em geral. *Carne de porco*. A carne de porco era considerada impura e foi proibida aos israelitas (cf. Lv 11). No NT, esta proibição não existe mais, sendo uma lei cerimonial (Cl 2.16). Mesmo assim, não se pode deixar de notar que nos países tropicais esta carne acarreta muitos perigos à saúde. *Carne abominável*. Define-se em 66.17 como carne de ratos. O princípio destas festas é o princípio da "Missa Negra", uma violação deliberada de tudo o que os fiéis aceitam como verdade religiosa.

65.6 *Está escrito*. Este registro se menciona também em 34.16.

65.8 *Há bênção nele*. É tudo o que resta dos ricos dons de Deus, concedidos à nação de Israel quando entrara em posse da terra.

65.9 *Descendência... herdeiro*. Refere-se ao Remanescente que é o verdadeiro Israel e à descendência da fé, a Igreja (cf. 6.13 e 53.10). Os crentes, tanto o resto; santo em Israel, como os dos gentios, são *eleitos* pela livre graça de Deus; não é por servirem a Deus que serão herdeiros dá bem-aventurança, mas são chamados *servos* de Deus por terem sido eleitos e feitos herdeiros sem mérito próprio.

65.11 *Preparais mesa*. Em oposição à Páscoa israelita e zombando desta festa, os desprezadores daquela época usaram essa ocasião para fazer ofertas festivas aos mencionados ídolos. *Fortuna... Destino*. São as divindades Gad e Meni, adoradas entre as primitivas tribos semíticas, e pelos árabes antes da época do Alcorão.

65.13,14 *Meus servos*. Os servos do Senhor em contraste com os apóstatas. A fidelidade é o caminho para o verdadeiro banquete espiritual, para se ter a verdadeira canção de júbilo nos lábios, e não as modinhas dos bêbados. A alegria carnal dos mundanos dura pouco.

65.17 *Novos céus e nova terra*. É o Paraíso de Deus que nos espera (cf. 11.6-9; 25.8; 66.22; 2 Pe 3.13; Ap 21.1). O habitante desta terra física é Adão com a sua descendência; o habitante do novo universo eterno é o homem justo, justificado por Cristo, o segundo Adão, que nos oferece plena varonilidade para nos habilitar para toda boa obra no tempo e na eternidade.

65.20 *Amaldiçoado*. Cortado da comunidade por causa da falta de arrependimento. Confunde-se, aqui, o conceito de uma vida ideal em Israel depois da Restauração com o conceito do milênio e a vida eterna (cf. v. 18 "exultareis perpetuamente"). É que nas profecias, o físico é símbolos do eterno e o eterno é inspiração para a vida condigna.

65.25 *Pó será a comida da serpente*. Este versículo fala do milênio quando a natureza voltará ao seu bom estado original (cf. 11.1-10; Ap 20.4, 5). Parece que a serpente, o diabo, continuará na maldição que recebeu de Deus depois da queda de Adão (cf. Gn 3.14 e Jd 6; Ap 20.2).

66.1 *Que casa... ?* Aquele a quem os céus e a terra não podem conter, quer fazer habitação nos corações dos crentes (1 Co 6.19).

64.2 *Olharei*. Com compaixão. *Aflito e abatido de espírito*. Estes são os verdadeiros arrependidos e humildes de espírito (Mt 5.3-5). *Treme*. De respeito e de humilde obediência, que sujeita a sua razão, os seus desejos e as suas ações à Palavra de Deus.

66.3 O culto que só exteriormente se rende a Deus, sem que o coração acompanhe o ato, corresponde à abominação dos pagãos e idólatras.

66.7-9 A Jerusalém restaurada surgiu quase antes de os inimigos se aperceberem daquilo que estava acontecendo; a segunda vinda e o estabelecimento do Reino de Deus surgirão de súbito (1 Ts 5.1-3; Mt 24.43; Lc 12.39; 2 Pe 3.10). Só os fiéis estarão prontos para aquele Dia.

66.11 *Vos deleites*. Cf. 49.22-23; 60.4.

66.13 *Mãe*. Deus não oferece melhor comparação para Seu infinito amor do que o amor de uma mãe; compare a tocante comparação em 49.15.

66.15 *Virá em fogo*. Cf. 17.13; 30.17, onde se descreve como a revelação da presença poderosa de Deus afugenta tudo aquilo que se levanta contra Ele. Fala da última vinda de Cristo, quando do juízo final. *Carros*. Relembra a assunção de Elias, 2 Rs 2.9-11.

66.17 *Santificam*. A palavra heb *qãdôsh*, "santo", também tem seu sentido pagão e físico de "ritualmente preparado", no caso, para o culto da idolatria. Daí, a expressão traduzida por "mais santo do que tu" (65.5), quer dizer "ritualmente tabu para ti".

66.19 *Sinal*. Cf. 7.11. *Pul* não ocorre mais nas Escrituras; é possível que seja Pute, que se cita em Jr 46.9 ao lado de Etiópia e Lídia (cf. também Ez 27.10 e 30.5), países do norte da África. *Tubal* era uma nação da Ásia Menor (Gn 10.2; Ez 27.10). *Javã* é o nome heb da Grécia (cf. Ez 38.1 e 39.1).

66.21 *Alguns para sacerdotes*. No AT, as cerimônias do culto eram celebradas somente por membros da tribo de Levi. Porém, depois da vinda do Messias, também entre os gentios convertidos havia pessoas chamadas ao serviço, do santuário, para serem guias espirituais.

66.24 *Eles sairão*. Os adoradores do verdadeiro Deus verão a derrota dos seus perseguidores. *Nunca morrerá*. Os tormentos dos incrédulos serão eternos. *Horror*. Para não concluir um livro da Bíblia com uma palavra de tristeza, os israelitas, ao lê-lo a alta voz na sinagoga, voltam-se para o v. 23 para encerrar a leitura numa nota de promessa e de restauração. Isto também ocorre com os livros de Malaquias, Lamentações e Eclesiastes. • **N. Hom.** Neste capítulo, resumem-se os princípios do Reino de Deus para todos os tempos. A onipresença de Deus percebe-se nos vv. 1 e 2, Sua onipotência nos

vv. 15 e 16; Sua onisciência no v. 18; Sua santidade no v. 17; Sua Soberania no v. 19; Sua glória eterna no v. 22; Seu convite aos crentes nos vv. 10-14 e 20-24.

Jeremias

Análise

O longo ministério de Jeremias, de mais de quarenta anos, se estendeu desde 625 a.C. até poucos anos depois que Judá deixou de existir como estado, em 586 a.C. Mais de cinquenta anos de apostasia religiosa de Josias (621-607 a.C.). Jeremias sustentou a reforma com entusiasmo, até que percebeu que isso não estava mudando os corações do povo. Dois anos depois da morte de Josias, a batalha de Carquemis (605 a.C.) estabeleceu o controle babilônico sobre a Ásia ocidental. Desde então Jeremias advogava submissão à Babilônia, mas sem sucesso. Sob os últimos quatro reis de Judá, vinte e um anos de apostasia religiosa e fraqueza política tornavam inevitáveis a queda de Jerusalém, em 586 a.C., e o exílio.

As desencorajadoras circunstâncias sob as quais Jeremias trabalhou, e a extraordinária extensão em que a idolatria substituíra a religião revelada em Judá, são claramente refletidas nas profecias de Jeremias. Também vemos o reflexo da angústia espiritual de Jeremias ocasionada por essa apostasia. Não obstante, Jeremias não era nenhum pessimista. Era essencialmente o guerreiro de Deus, mas um guerreiro que era igualmente vigia e testemunha. O capítulo primeiro descreve a chamada de Jeremias ao sacerdócio. Os capítulos 2 a 13 capacitam-nos a reconstituir as condições em que ele profetizou, enquanto os capítulos 14 a 33 refletem como tinha consciência de Deus e comunhão com Ele (cf. também 1.1-19). O guerreiro, então, surge como vigia de Deus (34.1-45.5) e como testemunha de Deus (46.1-52.34).

Nos oráculos de Jeremias, Deus, o governador moral do mundo, é o Deus da aliança de Israel. Através de Israel Ele procurava atingir propósitos morais. Infelizmente os adultérios espirituais da nação do norte com os baalins compeliram Deus a divorciar-se (isto é, o exílio) dela. Judá, a nação do sul, não aproveitou a lição da experiência de Israel. Ultrapassou Israel em impurezas sexuais, ainda que repelisse as acusações de infidelidade religiosa. Por conseguinte, Deus precisava julgá-la.

O arrependimento, apesar disso, poderia ter interrompido o processo do divórcio (exílio), a despeito de seus adultérios, tão grande é a graça do Senhor. Porém, Judá estava tão firmada em sua concupiscência que era irascível à correção moral. Gradualmente foram desaparecendo as virtudes sociais. Sacrifícios e rituais falharam como substitutos do arrependimento e da retidão. A espantosa pecaminosidade de Judá significava que aquele pecado era congênito, o, que explica sua inaptidão moral. Resultava de uma natureza pecaminosa. O julgamento era inevitável, expresso no exílio. Mas o exílio ainda não era a palavra final.

Um remanescente haveria de retomar para viver sob o império do Messias, em segurança religiosa e social. O reto governo do Messias sobre um povo justo, ajuda a explicar a doutrina de Jeremias sobre o novo pacto. Os indivíduos seriam retos porque seus corações seriam renovados. Obedeceriam às leis de Deus de todo o coração espontaneamente. O novo pacto, assegurando perdão e dinâmica moral interna, transcenderia o legalismo do antigo pacto. Finalmente, através da morte sacrificial de Cristo, e da atividade interna e regeneradora do Espírito Santo, o novo pacto se tomou uma realidade.

Autor

Nenhum princípio pode ser discernido no arranjo das profecias de Jeremias. Os oráculos pertencentes aos últimos cinco reis de Judá não seguem uma seqüência cronológica. A seqüência de capítulos, no hebraico, difere da ordem apresentada na

Septuaginta, e esta última exhibe omissões consideráveis, ainda que destituídas de importância. Isso sugere uma diferente revisão editorial. Jeremias ditou suas profecias e Baruque as registrou (36.1-8.32). O arranjo desordenado pode ser uma evidência de caráter primitivo. O Novo Testamento contém numerosas referências a Jeremias.

Esboço

JEREMIAS, UM GUERREIRO DE DEUS, 1.1-33.26

A Convocação: Chamada e Comissão de Jeremias, 1.1-19

Situação de Judá, 2.1-13.27

Enfermidade, 2.1-6.30

Insensatez, 7.1-8.3

Cegueira, 8.4-9.1

Traição, 9.2-22

Idolatria, 9.23-10.25

Infidelidade, 11.1-12.17

Teimosia, 13.1-27

Batalha de Jeremias, 14.1-33.26

Ternura por Judá, 14.1-15.9

Amarguras por causa de Judá, 15.10-21

Solidão em Judá, 16.1-21

Testemunho a Judá, 17.1-27

A Visita à Casa do Oleiro, 18.1-23

O Despedaçamento do Vaso de Barro, 19.1-15

O Encontro com Pasur, 20.1-18

Conselho sobre Rendição, 21.1-14

Exigência de Justiça, 22.1-23.8

Uma Denúncia contra os Profetas Falsos, 23.9-40

As Duas Cestas de Figos, 24.1-10

A Taça da Fúria de Deus, 25.1-38

O Conflito da Fé, 26.1-29.32

Com os Inimigos, 26.1-24

Com os Falsos Profetas, 27.1-22

Com Hananias, 28.1-17

Com Semaías, 29.1-32

A Substância da Fé, 30.1-31.40

A Ação da Fé, 32.1-44

A Visão da Fé, 33.1-26

JEREMIAS, UM VIGIA DE DEUS: APRESSANDO A PALAVRA, 34.1-45.5

Escravos Libertados, 34.1-22

Os Recabitas, 35.1-9

A Palavra de Deus Transcrita, 36.1-32

A Palavra de Deus Comunicada, 37.1-38.28a

A Palavra de Deus Cumprida, 38.28b-39.18

O Governo de Gedalias, 40.1-41.18

Palavra Final em Judá, 42.1-43.7

Palavra Final no Egito, 43.8-44.30

Jeremias Admoesta a Baruque, 45.1-5

JEREMIAS, UMA TESTEMUNHA DE DEUS À NAÇÃO: O SENHOR ONIPOTENTE REINA, 46.1-52.34

"O Profeta às Nações", 46.1; Egito, 46.2-28; Filistia, 47.1-7; Moabe, 48.1-47; Amom, 49.1-6; Edom, 49.7-22; Damasco, 49.23-27; Quedar, 49.28-29; Hazor, 49.30-33; Elã, 49.34-39;

Babilônia, 50.1-51.64; Judá, 52.1-34

1.1 Anatote. Modernamente Anata, a 4,5 quilômetros a nordeste de Jerusalém.

1.2 Josias. Governou de c. 639 a 609 a.C., foi morto na batalha de Megido 609 a.C., pelo Faraó Neco.

1.3 Jeoaquim. Primogênito de Josias. Reinou de 609 até 597 a.C. Undécimo de Zedequias 587 a.C. O exílio começou em 597 a.C. A primeira leva foi conduzida quando Nabucodonosor tomou Jerusalém e levou-a cativa para a Babilônia. Mas a destruição final da cidade foi em 587 que é a data considerada do exílio. O ministério de Jeremias durou cerca de 40 anos.

1.4 Veio, lit. "continuou a vir".

1.6 Criança, heb *na'ar*, que pode significar qualquer pessoa desde três meses até quarenta anos de idade. Jeremias tinha cerca de 24 anos quando iniciou seu ministério profético. A LXX traduz por "demasiado novo".

1.7 A todos. Lit. "em todos os casos", ou seja "em qualquer missão".

1.11,12 Um trocadilho no heb, *amendoeira, shaged, velo, shoqed*. A amendoeira é a árvore a florescer na primavera. A florescência aparece antes das folhas. O profeta frisa que Deus está continuamente operando na história e nas pessoas, fazendo frutificar os seus planos.

1.13 Panela, utensílio doméstico para cozer alimentos ou lavar roupas. Era levada à fervura, soprando-se o fogo. *Norte*, a região de onde vêm as calamidades.

1.14 Do Norte. Era o caminho normal de qualquer invasão das grandes nações de então, a não ser o Egito, que viria do sul.

1.15 Todas as cidades, uma invasão completa da terra.

1.16 Obras dos suas próprias mãos. Está frase é comum na Bíblia para descrever a idolatria, e ao mesmo tempo comprovar suas bases falsas (Is 44.12-17). Aplica-se também aos que pensam salvar-se pelas suas próprias obras e virtudes, recusando, pois, a salvação gratuita de Jesus Cristo (Gl 3.6-14; 5.1-6).

1.17 Cinge, envolver ou enrolar com um cinto a longa e larga veste oriental, em preparação para uma ação enérgica ou grande conflito. *Espantes.* Ser abatido ou disperso pelo terror ou ansiedade.

1.18 Seu ministério seria ao mesmo tempo ofensivo e defensivo. • **N. Hom.** Este capítulo nos ensina que é a vocação de Deus que forma um profeta e não a educação humana. É Deus que o chama, v. 5; é Deus que inspira sua pregação, v. 7; é Deus que o protege, v. 8; é Deus que determina a forma da sua ação v. 10. Obedecer à vocação já traz consigo mesmo o poder para cumpri-la, mas desobedecer produz a derrota total, v. 17.

2.2 Me seguias. No oriente, a esposa seguia após o esposo.

2.3 Primícias do sua colheita. A porção mais preciosa da colheita, que deveria ser movida pelo sacerdote perante Jeová (Lv 23.10-14; Nm 18.12, 13). Os que maltratavam a Israel eram tão culpados como aqueles que comiam, mas não tinham o direito de comer o alimento consagrado (Lv 22.16).

2.5 Nulidade. Hálito, nada, bolha; termos característicos para indicar os deuses falsos em contraste com o Deus vivo e verdadeiro; *hevel*, é a palavra traduzida por " vaidade " em Provérbios. Seguindo esses deuses vazios, Israel assimilava seu caráter - tal deus, tal povo (vd. nota em 51.18).

2.8 Pastores, também é usado no AT para indicar governantes e príncipes. Vd. 1 Rs 22.17, e contexto. Os líderes religiosos uniram-se aos governantes em oposição a Jeremias. Três grupos líderes se opunham a Jeremias - os sacerdotes (levitas), os governadores e os profetas. Na época de Jesus, o bom pastor, não havia mais profetas, mas as outras classes traíram-no.

2.10,11 Ide para Chipre ocidental ou para o oriente de Quedar e vede quão fiéis são todos esses povos aos seus deuses, que nada são; mas Jeová, Deus de Israel, que é glorioso,

vivo e poderoso, foi abandonado em troca de deuses sem vida e sem poder. *Quedar*. Tribos árabes espalhadas Pela Arábia desde Petra, na fronteira oriental da Palestina, até a Babilônia. Naquele tempo, esses dois lugares eram tidos como o extremo ponto oriental e o extremo ponto ocidental do mundo.

2.13 *Cisternas rotas*. Doutrinas e esperanças que não constam na palavra de Deus.

2.14 *Negação enfática que exige a resposta "Não"*. *Servo nascido em casa*. Alguém sem possibilidade de tornar-se livre, para quem não haveria resgate.

2.15 *Leões*. Símbolo da Assíria é de suas freqüentes invasões contra Israel. No singular, um símbolo de Nabucodonosor da Babilônia, mais tarde de Ciro da Pérsia, que realmente eram continuadores das obras da Assíria.

2.16 Ambas eram cidades bem conhecidas nos dias de Josias. *Mênfis*, capital do Baixo Egito (do nordeste); *Tafnes*, capital do Alto Egito, no alto do rio Nilo. A palavra Egito tem forma dual no hebraico: *misraim*, por ser um reino duplo.

2.18 Ligado com o v. 13. Israel havia desprezado Jeová. a fonte da água viva, e bebia dos rios do Egito e da Assíria.

2.20 *Outeiro alto*, refere-se freqüentemente a lugares especialmente dedicados à adoração à natureza, personificada no ídolo de Baal.

2.22 *Salitre*. Provavelmente, o carbonato de sódio usado para o fabrico de sabão, um álcali mineral. *Potassa*. O álcali vegetal correspondente, obtido de cinzas de plantas.: Eram dois dos mais poderosos detergentes conhecidos, ambos usados na lavagem e embranquecimento de vestes, e também na refinação de metais (MI 3.2).

2.23 *Baalins*. Deuses cananeus da fertilidade. *Vale*, de Hinom, e um dos lados - sul, e oeste, de Jerusalém - onde imolavam seus filhos ao ídolo de Moloque (vd. 19.6n). *Dromedário*. Um camelo com pescoço curto e uma só bossa que ainda não teve filhote, famoso por sua velocidade, usado para levar despachos urgentes, o telégrafo antigo.

2.24 *Fatigar-se*. Os deuses falsos não precisavam cansar-se para buscar conquistar Israel, pois ela mesma buscava com ansiedade.

2.25 *Inútil*. A desesperada determinação de continuar no pecado.

2.27 *Pedaço de madeira... pedra*. Postes de madeira e obeliscos de pedra, que simbolizavam o deus adorado. *Costas ou pescoço*, que figurava a apostasia. *Levanta-te*. Na hora da tributação haveria de clamar a Jeová.

2.29 A paciência de Jeová estava sendo demasiado testada.

2.30 *Disciplina*. Instrução por palavra e advertência, bem como correção mediante castigo.

2.32 *Cinto*. Peça de ornamentação com que a noiva se enfeitava no dia do casamento. Jeová é o adorno mais precioso do seu povo.

2.35,36 A despeito de sua alegada inocência, buscavam entrar em aliança com outras nações em salvaguarda contra ataques hostis. A fidelidade a Jeová nunca os decepcionaria, mas preferiram confiar mais nos homens e nas nações do que em Jeová.

2.37 *Mãos no cabeça*. Os prisioneiros de guerra foram transportados dessa maneira. • **N. Hom.** O segundo capítulo descreve o paganismo, a rebelião e a desgraça total que sempre surgem quando os ministros procuram ser fiéis a Deus, pregando e vivendo Sua palavra. Compare vv. 4, 8 e 37.

3.1 Quando uma mulher recebia uma notificação de divórcio da parte de seu marido, e se casava com outro, e se este, por sua vez, também lhe desse notificação de divórcio, isso não lhe daria o direito de casar-se novamente com seu primeiro marido (Dt 24.1-4). *Torna*. Expressão de clemência da parte de Jeová.

3.2 Assim como o pirata beduíno ansiava por assaltar uma caravana que passava, semelhantemente Israel ansiava por adorar os deuses falsos.

3.3 As chuvas serôdias caíam em março e abril, a segunda estação chuvosa temporã. As "primeiras" chuvas (Tg 5.7) caíam de outubro a dezembro (vd. 5.24d).

3.6 "Pérfida apóstata". Jogo de palavras sobre os dois sentidos da raiz hebraica que significa voltar as costas a Jeová e voltar-se para Jeová.

3.8 Divórcio. Sucedeu, ao enviar o reino do norte, Israel, para o exílio. Judá viu o que sucedeu à sua irmã, mas não temeu o julgamento vindouro.

3.9 Pedras e árvores. Ídolos de pedra e madeira, além de pilares e postes erigidos em honra aos deuses de seus vizinhos. A idolatria é o adultério espiritual.

3.10 Fingidamente. Embora Josias tivesse feito uma reforma vigorosa, esta não atingiu os corações do povo (vd. nota em 44.18).

3.11 Judá tinha mais vantagens do que Israel: uma sucessão de reis da dinastia de Davi, o templo, os levitas e o exemplo de Israel como advertência.

3.12 Norte. Na direção da Assíria e da Média. As dez tribos foram levadas cativas para ali, em 722 a.C.

3.13 Transgrediste, rebeldia ou revolta, apostasia ou disputa.

3.14 Embora se tivessem afastado de Jeová, e agora estivessem em uma terra distante padecendo necessidades, podiam contar com a recepção por parte do Pai, se retomassem em espírito filial (Lc 15.19).

3.16 Arca. Na lei, servia de símbolo do trono de Jeová. A arca, com o seu propiciatório, que assinalava a presença de Jeová, era o centro da reverência.

3.17 A glória de Jeová e Sua presença visível manifestar-se-iam por toda a cidade santa. Como habitação de Jeová, receberia o título de "Trono de Jeová", assim substituindo a arca como trono de Deus. **Nações.** Os gentios também participarão do reino vindouro de Jeová, em Jerusalém. • **N. Hom.** A prostituição descrita neste capítulo é o fato de ir atrás de outros deuses, da maneira descrita em Dt 13.1-11, ou deixar de adorar a Deus da maneira descrita em Rm 12.1-2, servindo-O integralmente. A falta de fidelidade à nossa vocação cristã é uma das formas mais condenáveis de prostituição.

3.19 Corno. Não se trata de uma pergunta, mas de uma expressão de desejo. **Filhos.** Temos aqui a doutrina de Deus, por meio de sua graça, adotando os indignos e rebeldes, que tinham se tornado piores do que os próprios pagãos. Deus queria tratá-los como filhos; dotados de direitos de herança (cf. Gl 3.18; 1 Pe 1.4; Rm 8.17).

3.21-4.4 As condições do arrependimento sempre resultam na remoção dos santuários pagãos e no reconhecimento do direito exclusivo de Deus, jurando-se apenas pelo seu nome (4.2), e corações purificados.

3.24 Vergonhosa. Heb *bosheth*. Baal, deus da vergonha que trazia a desgraça, cuja adoração é um opróbrio ao seu adorador. É a palavra usada para não ser mencionado o nome de "Baal".

3.25 Deitemo-nos. O arrependimento por causa dos erros do passado certamente viria tão forte, que seriam vencidos pela emoção e cairiam prostrados, (2 Sm 12.16; 13.31; 1 Rs 21.4, quanto à prática de tal costume sob sentimentos dolorosos).

4.4 Circuncidai-vos. Pôr de lado a carne impura é apenas o símbolo da verdadeira purificação da alma (1 Co 7.19; Rm 2.29).

4.6 Arvorai a bandeira. Assinalai uma rota para aqueles que buscam abrigo dentro dos muros de Jerusalém, o baluarte mais seguro do reino. **Norte.** Babilônia invadiria através da Síria, seguindo o caminho normal entre a Mesopotâmia e a Palestina.

4.7 Leão... destruidor das nações, epítetos apropriados para um líder como Nabucodonosor.

4.8 O brasume da ira de Jeová por causa da iniquidade impenitente dos dias de Manassés (698-643 a.C.). **Cilício.** A roupa de luta, da desgraça.

4.9 Sacerdotes... pasmados. Por causa da punição causada por suas idolatrias. Os profetas estavam estupefatos porque suas profecias otimistas não eram cumpridas.

4.11 Vento, o siroco, vendaval seco e sufocante que tudo crestava, (18.17, Jó 1.19), figura de um invasor. Tal vento era por demais poderoso para ser alguma coisa útil. **Filha** (v. 31), Jerusalém personificada como uma mulher.

4.13 *Nuvens*. Figura de invasores (Ez 38.17; Jl 2.2). *Águias*, (*Gypsi fulvus*). Uma espécie de abutre (48.40; 49.22; 2 Sm 1.23).

4.14 *Maus pensamentos*. A imoralidade, cuja palavra raiz, "um sopro", significa vazio material ou moral. Pecados de todos os tipos, especialmente a idolatria naquele tempo da história de Judá.

4.15 *Dã*. No norte da Palestina: um dos dois centros religiosos criados por Jeroboão I, em 931 a.C. *Efraim*, na Palestina central, na cadeia de montanhas que dividia Efraim de Judá, de 12 a 16 quilômetros de Jerusalém.

4.19 *Meu coração* (heb *mêâh*), Entranhas ou intestinos como sede dos mais "profundos sentimentos", (Cl 5.4; Is 16.11; 63.15; Jr 31.20). Exemplifica o motivo por que Jeremias é chamado de "profeta chorão"; lamentou, profundamente o estado moral do seu povo.

4.26 *Fértil*, transliterado "Carmelo", a porção mais fértil da terra, que voltou a um estado de caos original, como em Gn 1.2.

4.29 *Selvas e... penhascos*, vd. Jz 6.2, cavernas, etc.; onde Israel procurava ocultar-se de seus inimigos em outras ocasiões.

4.30 *Pinturas*. Antimônio ou estíbio; as beiras das pálpebras eram enegrecidas com o propósito de aumentara contraste do brilho dos olhos para fazê-los parecerem maiores (Jezabel 2 Rs 9.30). *Amantes*. Aqueles com quem tinham procurado entrar em aliança política.

4.31 *Sião*. Os habitantes de Sião personificados como uma mulher que dava à luz o seu primeiro filho. • **N. Hom.** O quarto capítulo mostra-nos que uma reforma religiosa, que não traz verdadeiro arrependimento e a religião em espírito e em verdade, é como semear em espinhos e preparar a destruição descrita nos vv. 5-31. Há necessidade de haver conversão (v. 1), vida moral (v. 2), renovação do ser (v. 3) e pureza de coração (v. 4).

5.1 *Um homem*. Sodoma teria sido salva se ao menos dez justos pudessem ter sido encontrados; Jerusalém precisava apenas de um (Gn 18.23-33). *Verdade*. A mesma palavra que no v. 3 é traduzida por "fidelidade" que une a si mesma fidelidade para com Deus (constância), para com os homens (integridade), para consigo mesmo (autenticidade).

5.2 Um juramento solene usado para reforçar suas mentiras. Se tivessem jurado por seu Deus, mostrariam sua lealdade para com Ele, mas não sucedera assim (Dt 10.20).

5.4,5 *O caminho* (no heb *misfat*). Um sistema prescrito de ordenanças, a maneira correta de adorar.

5.6 *Leão, lobo, leopardo*. Alguns interpretam esses animais como nações, e.g., os caldeus, a Babilônia. Outros entendem que são tipos de calamidades. O leopardo se oculta perto de uma vila ou de uma fonte, e espera durante horas pela oportunidade de atirar-se sobre gado ou pessoas.

5.7-11 Deus não tinha qualquer alternativa em face da idolatria e da imoralidade generalizadas. A vinha selecionada do Senhor tornara-se brava e tinha de ser destruída.

5.10 *Terraços*. No caso, fileiras de vinhas. *Não de todo*. Ponto salientado em Jeremias acerca do "remanescente", vd. 4.27. *Gavinhas*. Simbolizam a segurança cívica e política de Judá.

5.12 *Não é Ele*, ou Ele nada fará acerca do que profetizou Jeremias, sinal de incredulidade nas advertências de Deus através do profeta fiel.

5.13 Uma completa rejeição aos, profetas fiéis por parte do povo.

5.15 *Israel*. As dez tribos estavam no cativeiro, e Judá viera a ser reconhecida como o único verdadeiro Israel. *Língua ignoras*. Os apelos pela misericórdia seriam inúteis, uma vez feitos em uma linguagem não compreendida pelos estrangeiros.

5.16 *Aljava é como uma sepultura*. Flecheiros de excepcional pontaria com dardos mortais (cf. Is 22.6). Um perigoso invasor. Cada flecha causava a morte de alguém.

5.20-25 A teimosia, e a rebelião de Judá fechavam seus olhos e seus ouvidos para que não mais pudessem entender as claras ações de Jeová (Pv 1.7). • **N. Hom.** O quinto

capítulo ensina-nos que: 1) A desgraça nacional é o efeito imediato de todas as classes sociais viverem longe de Deus, vv. 1-6; 2) A idolatria causa uma série de imoralidades que levam à retirada do apoio divino, 7-11; 3) Quando a palavra de Deus não é fielmente pregada (13) e respeitada (12), torna-se um objeto de condenação e de destruição (14) (cf. Rm 7.7-14); 4) Viver longe de Deus é insensatez e rebelião (21, 23).

5.21 *Sem entendimento*, ou sem coração. Os hebreus consideravam que o coração era a sede da compreensão ou inteligência. Jó 12.24; 36.13; Os 7.11 têm a mesma palavra.

5.24 *Primeira*. Do outono, entre outubro e dezembro. *Última*. Da primavera, março, abril e maio. Essas chuvas são o esteio da agricultura, as primeiras para o preparo da terra para o arado e para a sementeira; e as últimas para produzirem uma rica colheita. *Semanas determinados da sega*. As sete semanas entre a festa da Páscoa e a festa das Semanas (Pentecostes), Dt 16.9.

5.25 Bênçãos tais como a chuva e a colheita, tão regulares que se tornaram comuns, foram perdidas por causa de sua rebelião.

5.28 *Engordam*. Considerado como sinal de prosperidade.

Os hebreus reputavam a gordura como sinal de auto-indulgência satisfeita, e associavam-na com a impiedade (Jó 15.27; Sl 73.7). *Nédios*. De pele lustrosa e esticada de gordura.

5.30 *Espantosa*. Essa palavra verdadeiramente significa desolação, destruição.

5.31 Este versículo condena os corruptos líderes espirituais, e o povo é condenado por tolerar a corrupção dos sacerdotes e dos profetas.

6.1 *Tecoa*. A 18 km ao sul de Jerusalém. *Bete-Haquerém*, "casa do vinhedo", modernamente Ramet. Rahel, 4 km ao sul de Jerusalém, de frente para o mar Morto, a maior e mais alta colina da Palestina; Jerusalém, de fato, ficava no território de Benjamim, e o vale de Hinom servia de fronteira com Judá.

6.3 *Apascentará*. Assolará a terra (Mq 5.6). Aqui a figura é de generais, com suas tropas fazendo um cerco. Para os fiéis, há um pastor amoroso (Sl 23; Jo 10.1-18).

6.4 *Preparai*. Lit. "santificai", Entrar na guerra era tido como um ato religioso. Era acompanhado por cerimônias de consagração (1 Sm 7.8-10).

6.6 *Levantai tranqueiras* (vd. 32.24n) lit., lançai ou derramai um monte, um método que consistia em derramar cestos cheios de terra para facilitar o uso dos aríetes ou atingir o alto dos muros para melhor assaltar a cidade. Árvores cortadas eram parte do processo de preenchimento e proteção.

6.8 *Aparte*. Gn 32.25 "deslocou". A mesma palavra no hebraico.

6.9 Procura-se algum pequeno remanescente justo entre o povo.

6.13 Líderes que buscavam seu próprio progresso e não a bem-estar do povo.

6.14 *Paz*, não apenas por ausência de guerra, mas também por condições ideais de prosperidade material e espiritual. Os falsos profetas preferem "consolar" o povo dizendo que tudo vai bem, ao invés de guerrear contra o problema do pecado.

6.16 *Veredas... caminho*. Se procurassem as veredas antigas encontrariam o caminho do Senhor e o descanso (Dt 32.7). Judá não queria nem procurar nem seguir tal caminho.

6.17 *Atalaias*. Profetas. Semelhantes a vigias em altas torres (Hc 2.1) que faziam soar alarmas de advertências (Ez 3.16-21; 33.1-9). *Não escutaremos*. Judá recusava-se a ouvir o alarma que avisara a aproximação do desastre (Ez 33.4).

6.19 *Pensamentos*. Juízo por causa de maus pensamentos, como em Gn 6.5.

6.20 *Sabá*. Sudoeste da Arábia, a mais fina resina aromática, o incenso puro, não substituirá a obediência. Êx 30.34 requeria seu uso; também em ofertas de manjares. Lv 2.1, 15. *Cana aromática*. *Calamus odoratus*, provavelmente proveniente da Índia, usada no óleo de unção, Êx 30.23.

6.22 *Um povo vem da terra do Norte*. Sua crueldade sem igual se vê nos monumentos de guerra daquela época.

6.25 *Terror por todos os lados*. Frase típica de Jeremias para indicar perigo generalizado (49.29; Lm 2.22).

6.26 Cilício. É o pano de saco. *Revolve-te na cinza*, demonstracão de luto e desgraça.

6.27 Acrisolador. Deus diz a Jeremias que Ele é o analista moral que prova a qualidade de Judá, pelo teste do fogo.

6.28 Bronze e ferro. O acrisolador, em sua análise de Judá, não encontrou qualquer valor precioso como acontece quando se testa metal e se encontra ouro.

6.29 Continua. Neste caso, a mesma raiz repetida conforme usada em "depurador". Lit., "em vão", o acrisolador purifica. Ao refinar, o ourives mistura o chumbo com a liga contendo o ouro ou a prata numa fornalha, em um vaso de barro ou cinza de osso; uma corrente de ar é projetada contra a massa dissolvida (não sobre o fogo), o chumbo então se oxida e, agindo como um fluxo, leva consigo a liga, deixando o ouro ou a prata puros.

7.1-15 O Sermão do templo (comp. com 26.4-6). V. 4, a presença do templo era ilusoriamente interpretada como certeza necessária da proteçãõ de Deus (Is 31.4; para uma tríplice ênfase, comp. Jr 22.29; Is 6.3). Jeremias discordava (Mq 3.12); era necessária uma completa transformacão moral (vv. 5, 6; com Os 4.2; Mq 6.8). Assim como Siló (29 quilômetros ao norte de Jerusalém), o centro mais antigo de adoraçãõ, fora destruída (em cerca de 1050 a.C., nos dias de Samuel; comparar com 1 Sm 4-6; Sl 78.56-72), semelhantemente também *esta casa* é contaminada pela idolatria, e seria destruída (v. 11; comp. Mt 21.13). Imediatamente depois desse sermão, Jeremias foi aprisionado (vd. 26.8).

7.3 Caminhos. Hábitos profundamente arraigados. *Obras.* Atos que, individualmente considerados, constituem tais hábitos.

7.6 Assassínios judiciais, ataques violentos contra os profetas e homens piedosos, sacrifícios de criançãs a Moloque.

7.10 Estamos salvos. Falsa segurancã baseada em observâncias religiosas externas.

7.11 Covil. Muitas cavernas nas camadas de pedra calcária da Palestina eram usadas, no tempos antigos, como esconderijos, pelos assaltantes.

7.14 Siló. Primeiro lugar na terra de Canaã onde o tabernáculo foi fixado (Js 18.1). Por causa da iniquidade do povo, Deus permitiu que a arca da aliança fosse capturada, e Ele mesmo se afastou de Siló.

7.15 Efraim. As dez tribos do norte, levadas para o cativeiro em 722 a.C. por Sargom II, da Assíria. O nome desta tribo maior representava as demais.

7.16 Não intercedas. Deus proíbe a Jeremias interceder por Judá, embora isso fizesse parte de seu ofício profético. Deus não ouviria (15.1).

7.18 Rainha dos Céus. A deusa Asterote (forma plural) ou Astarte. *Bolos* amoldados, ou estampados, para representar a Rainha dos Céus na forma de lua ou estrela (Vênus, o planeta), símbolos de Istar (nome assírio) ou Astarte (nome fenício).

7.21 Comei. Palavras de ironia ou desprezo. Aos adoradores não era permitido comer da carne das ofertas queimadas (Lv 1); mas aqui isso não fazia qualquer diferençã, visto que Deus não mais aceitava os seus sacrifícios. (Os adoradores podiam comer porções da oferta pacífica).

7.22 O mandamento acerca das ofertas queimadas e dos sacrifícios não fora dado ao povo enquanto não quebraram o decálogo, a lei da obediência. A lei foi dada três vezes. Primeiro, oralmente (Êx 20.1-17). Segundo, Moisés recebeu as tábuas de pedra (Êx 24.12-18). Terceiro, Moisés retomou ao monte Sinai e recebeu as segundas tábuas de pedra (Êx 34.1-29).

7.23 Uma aliança condicional que prometia proteçãõ, se fossem obedientes.

7.24 Dureza. Derivado da raiz de "torcido", dai, "teimosia", "firmeza", "obstinaçãõ". É diferente da palavra do v. 26. Em Dt 29.19, "perversidade"; no Sl 81.12, "teimosia"; mesma palavra no heb, também em 3.17; 9.14; 11.8, 13.10; 16.12; 19.12; 23.17. Todas as palavras nas referências em cadeia nas margens são completamente diferentes.

7.28 Verdade; vd. 5.3, fidelidade, a mesma palavra em Dt 32.4; Sl 89.49; 96.13; 98.3;

100.3; 119.30. Ou como fiel, em Sl 33.4.

7.29 *Corta... consagrados*. Um sinal de lamentação, a mesma palavra como *rapou*, em Jó 1.20; Vd. Mq 1.16.

7.31 *Tofete*. Raiz da palavra "tambores", possivelmente em referência aos tambores que se batiam para cobrir os clamores das crianças que eram mortas e queimadas em sacrifícios a Moloque.

7.33 *Cadáveres*. Parcialmente cumprido nas várias destruições de Jerusalém; mas também aponta para o futuro em Ap 19.17-21. • **N. Hom.** O sétimo capítulo nos ensina que nada que possuímos, nem mesmo o próprio templo, e nada que fazemos, nem mesmo os próprios sacrifícios prescritos na lei, podem nos tornar justos perante Deus e merecedores do seu favor. Não podemos nem mesmo depender das intercessões dos servos de Deus. O único caminho é aceitar o perdão e a restauração que só Deus pode conceder, o que Ele faz graciosamente (Rm 5.1-11).

8.1 *Ossos*. A pior desonra que podia ser atribuída aos mortos, justa retribuição por terem adorado ao Sol, à lua e às estrelas, que não têm o poder de salvar seus adoradores do opróbrio.

8.3 *Os que restarem*, sofrem mais do que os mortos desonrados.

8.5 *Engano*. Insinceridade para com Jeová. Falsos ensinamentos da idolatria, 14.14; 23.26.

8.7 Lista de aves migratórias da Palestina, conhecidas por sua pontualidade na partida e na chegada, em estações próprias. Judá, porém, não podia reconhecer que já passara o tempo de retomar a Jeová, por ignorância de leis morais e espirituais.

8.8 *Lei* (heb *torah*), lit. apontar, direção. A idéia é levar o aluno ao alvo. *Escribas*. Classe de homens que se devotavam ao estudo e ao desenvolvimento da lei, nesse caso, falsificando-a. Comp. Mt 23.13-24.

8.9 Os escribas sábios aos próprios olhos que prediziam paz, serão *envergonhados*, pois então todos reconhecerão sua falta de sabedoria; pois não previram a calamidade que se avizinhava.

8.13 *Uvas... figos*. Nas Escrituras, Israel é freqüentemente representada como uma vinha, uma figueira, ou uma oliveira, as três árvores que cada família tinha no quintal produzindo bebida, comida e óleo para combustível, remédio e fritura.

8.14 *Venenosa*, no heb *rosh*. Nome de uma erva que produzia um fruto ou extrato extremamente amargo (Lm 3.5, 19); fel, bÍlis, figura de algo muito amargo. Aqui, ao perecerem, reconhecem que a razão disso é que "pecamos".

8.17 *Encantamento*. Continua sendo praticado no oriente. Essa espécie não pode ser encantada, visto que é julgamento de Deus, do qual ninguém pode se desviar.

8.19 *Remota*. O povo, no exílio, queixava-se amargamente de que Jeová Se esquecera deles.

8.20 *Sega*. Durava de abril a junho. *Verão*. O período da colheita dos frutos de verão, de junho até setembro. Se a sega falhava, o povo ainda podia esperar pela estação dos frutos; mas se os frutos também falhassem a fome se tornava inevitável.

8.21 *Quebrantado*. Mentalmente derrotado, prostrado pela tristeza.

8.22 *Gileade*. Serra ou região montanhosa ao oriente do rio Jordão, notável por seu bálsamo e seus médicos. *Bálsamo*. Resina da árvore *Stirax*, era usada medicinalmente e era um dos produtos de exportação da área. • **N. Hom.** O oitavo capítulo nos ensina que converter-nos e buscar a Deus é nossa culto racional, a única maneira de viver digna de um ser humano. É tão natural como um homem que tropeçou levantar-se, como um viajante se conservar perto da estrada, como um simples pássaro migrar segundo as estações, 1-7. É tão lógico que só um falso pastor, um teólogo inimigo da palavra de Deus (v. 8), poderia persuadir ao povo de que a paz com Deus se obtém superficialmente (v. 11), sem a plenitude da conversão.

9.2 *Estalagem*. Hospedaria livre para viajantes que tinham de prover seu próprio alimento e leito. Eram lugares imundos, mas Jeremias preferia as mesmas à pecaminosa

Jerusalém.

9.3 *Curvam*. O tempo do verbo indica um ato freqüentemente repetido, um curso habitual, uma qualidade permanente. Usar a língua como arma cruel é comum entre os pagãos (Sl 52.1-5; Tg 3.6). *Fortalecem-se*. Os que estavam em posições de autoridade abusavam de seu poder e posição.

9.4 *Enganar*. Raiz verbal do substantivo próprio Jacó (suplantador, Gn 27.36). Num mundo maligno, quem quer viver fiel a Deus não pode se entregar sem reservas aos laços do amor humano.

9.5 *Cansam-se*. Trabalham tanto para praticar a corrupção, que fatigam pelo excesso de tal atividade.

9.6 *Vivem no meio*. Esse é o estado de suas mentes, completamente delicadas ao engano.

9.7 *Acrisolarei*. Purificação mediante disciplina severa, também traduzida por "provar" Jó 23.10; "purificar", Is 1.25; "apurar", "refinar", vd. 16.29n. Dissolver até um estado líquido. *Provarei*. Testar, investigar, examinar, julgar.

9.8 *Arma ciladas*, lit., arma emboscadas; aqui, provocar respostas que podem ser usadas como base de falsas acusações.

9.10 *Pastagens do deserto*. Áreas de pasto para o gado; portanto, terreno de pastagens não cultivadas. De fato, imprestável para o cultivo.

9.11 *Chacais*, vd. 49.33; 51.37. Matilhas de cães noturnos continuam abundantes nas cidades desertas da Síria. A quietude da morte envolve a terra arruinada, e somente o uivo dos chacais rompe o silêncio. *Assolação*. Uma desolação espantosa.

9.13 Faz particular alusão à *lei*, mencionada em Dt 48.44.

9.14 *Dureza*. Vd. 7.24n. *Baalins*. Plural de Baal, que significa senhor ou possuidor. A fim de aplacarem Baal em tempos de seca, praga e guerra, o povo queimava vivas crianças primogênicas (2 Rs 16.3; 21.6). O nome Baal era juntado com os nomes próprios dos filhos de hebreus, até que isso foi proibido por Os 2.16, visto que era empregado da mesma maneira que Senhor é usado hoje em dia. 1 Rs 18.18n.

9.15 *Absinto*. Encontrado principalmente em lugares desérticos, uma planta que produz um líquido amargo como, fel, com efeito tóxico. Usa-se para fazer um licor alcoólico.

9.17 *Carpideiras*. Lamentadoras profissionais; recitavam poesias de memória ou "do nada"; o efeito disso era esquisito e obsessivo. Elas exaltavam as virtudes dos falecidos e lamentavam sua perda.

9.23 *Sábio... forte... rico*. As três classes das quais poderia esperar-se que se defendessem e se mantivessem em sua cidade, em ocasiões de desastre nacional.

9.25 *Incircuncisos*. Lit. "com prepúcio". Os judeus ímpios eram fisicamente circuncisos, mas os prepúcios de seus corações ainda não haviam sido removidos (4.4).

9.26 *Cortam os cabelos*. Certas tribos árabes aparavam os cabelos das têmporas. Tal prática tinha significação religiosa pagã e por isso os hebreus foram proibidos de cortar os cabelos dessa maneira (Lv 19.27). • **N. Hom.** O nono capítulo ensina-nos que as coisas que os homens buscam com grande cobiça, das quais se jactam depois de obtê-las, não constituem a glória e a felicidade do homem. A riqueza é esbanjada (Lc 15.11-24), a sabedoria se transforma em loucura (1 Co 1.18-25), o poder desfalece (Sl 102.23), mas a misericórdia de Deus não tem medida (Sl 103.8-14), e sua palavra permanece eternamente, (Is 40.6-8). Conhecer a Deus é a chave da vida (9.23-26).

10.2 *Sinais*. Trovões, raios, eclipses, cometas, meteoros, observações astrológicas. Uma ilusão para os babilônios, dedicados à astronomia. Tais sinais provocam o temor nos corações dos povos.

10.4 *Fixam*. As imagens eram pregadas em seu lugar, por temor que caíssem e se quebrassem.

10.5 A suma deste versículo é: os ídolo são nulidades.

10.8 *Eles*. Nações idólatras. O *ensino* de educação moral, por correção ou castigo. No

caso deles, tão afastados dos caminhos do Senhor que suas instruções eram tão inúteis como suas imagens de madeira.

10.9 *Társis*. Sardenha ou Tartesso, no sul da Espanha. *Ufaz*, localização desconhecida, ainda que provavelmente no sudeste da Arábia; heb *Ufaz* significa "refinado". *Azuis e púrpuras... homens hábeis*. Nada era usado senão o melhor de tudo, em suas imagens de escultura.

10.11 Este versículo foi escrito em aramaico, e dizia aos exilados judeus o que deveriam dizer a seus captos (que falavam esta língua).

10.13 *Ribombar*. Ressoar fortemente, estrondear. No Sl 135.7, o homem fica mudo perante os efeitos de uma tempestade.

10.16 *Senhor dos Exércitos*, ou Jeová dos Exércitos, a quem Isaías (6.5) viu com seus próprios olhos, o Rei. Comp. com Jo 1.1-3; 12.41. Os *exércitos* significam: todo o poder no céu e na terra (Mt 28.18; 23.5-6n).

10.17 *Trouxa*. Alguns poucas artigos reunidos apressadamente para uma fuga imediata, não uma carga grande e pesada. Preparação para o exílio de Judá na Babilônia.

10.18 *Arrojarei*. Aponta a violência da expulsão de Judá do meio da terra.

10.21 *Pastores*. Figura de vários governadores, tanto espirituais, como civis (2.8; 3.15; 23.1), Geralmente considerados como "sábios", mas aqui notários por causa da sua estupidez. A atuação de Deus na vida política de Judá jamais deveria ser esquecida. Aqui aparece o Rei, no tempo de Jeoaquim; seus conselheiros, príncipes e anciãos.

10.22 *Chacais*. Vd. em 9.11n.

10.24,25 Essa oração haveria de ser respondida, pois a Babilônia foi destruída enquanto Israel, como povo, foi salvo da destruição total; e continua existindo até hoje, embora continue sendo castigado pela dispersão entre as nações.

11.2 *Aliança*. Há duas espécies de aliança entre Deus e o homem: 1) Alianças incondicionais, como as promessas a Noé, Gn 9.8-17; a Abraão, Gn 12.1-3; a Davi, 2 Sm 7.14, 15; Jr 33.17; a Israel para o futuro, Jr 31.31-34; 2) Alianças condicionais, como as que foram dadas a Moisés para Israel, Êx 19.5, 6, 10; a Israel quanto a sua volta à Palestina, Dt 30.1-10.

11.3 *Desta aliança*, vd. Dt 11.28; 27.26; 28.13; 29.9.

11.3-5 Este pensamento, que desmascara a nulidade dos que adoram objetos que eles mesmos fabricam, desenvolve-se em Is 44.9-20. Confiar em nossa própria justiça, sabedoria, força e riqueza, é realmente a mesma idolatria. Comp. 9.23-26n.

11.4 *Fornalha de ferro*, no heb, *kur*, forno de fundição símbolo de grande sofrimento. Dt 4.20; 1 Rs 8.51; Is 48.10. *Dai ouvidos*, i.e., prestai atenção para que possais obedecer.

11.6 *Apregoa*. Apelar, lançar apelos, convocar (para jejum).

11.8 *Dureza*, vd. em 7.24n.

11.9 *Conspiração*. Aliança ilegal, revolta, que encoraja a outros à iniquidade, à traição.

11.10 Isso é prova de que as reformas efetuadas nos tempos de Josias foram superficiais e não permaneceram em vigor nos tempos de Joaquim.

11.11 *Mal*. A palavra muitas vezes quer dizer desgraça e punição.

11.15 *Minha amada*. 12.7, Judá. *Minha casa*. O templo de Jerusalém. *Vilezas*. Imaginar mau desígnio, iniquidade consciente e proposital, traçar usualmente esquemas daninhos. Tentavam ocultar sua apostasia com sacrifício no templo, fingindo adorar a Jeová.

11.16 *Oliveira*. Uma das mais duráveis e mais produtivas árvores do Oriente, símbolo de Israel. *Verde*. Heb "fresca"; "luxuriante". Daí a idéia de "verdejante", no caso de uma planta. *Tumulto*, lit. "rugar". *Consumiu*, no heb "quebrar", "partir".

11.19 *Manso cordeiro*. Confiantes, sem suspeita. *Tramavam*, lit., tecer como se fosse um material, mostrando assim astúcia; como um artífice tecendo em sentido malicioso.

11.20 Deus conhece as emoções e as afeições do homem, bem como seus pensamentos e propósitos (17.10; 20.12; Sl 7.9; 26.2). *Íntimo do coração*, lit., testa os rins e o coração. *Rins*. O "eu" mais íntimo, que simboliza a sede dos sentimentos (Pv 23.10, Sl 16.7; 73.21;

Jo 19.27); A palavra "coração" é usada para significar a sede do entendimento (Pv 15.14; 20.5).

11.21 Anatote. Vd. nota em 1.1. A cidade natal de Jeremias pertencia aos sacerdotes, mas, visto que ele profetizou para eles em nome de Jeová, os sacerdotes se aliaram à sua família, na tentativa de matá-lo. Nisso ele se assemelha ao Senhor Jesus Cristo, cujos concidadãos procuraram matá-lo (Lc 4.16-29). • **N. Hom.** O décimo primeiro capítulo nos ensina que as promessas de Deus, Sua graça e Seu amor, se tornam em castigo e tormento para os rebeldes que se recusam a aceitá-las, 1-7. Quando o povo de Israel recebeu a Terra Prometida, foi cientificado de que a terra lhe seria uma maldição se desobedecesse à Palavra de Deus, Lv 26.14-39; *são as ameaças do aliança*, 8. Assim acontece também com os que não crêem em Jesus, Jo 3.18, 36.

12.1 Pleito. Debate, acusação, disputa. Seu problema era o mesmo de Habacuque.

12.2 Lábios. Os ímpios sacerdotes freqüentemente falavam sobre Jeová, mas o coração deles estava divorciado dele. *Coração*, no heb, rins, vd. em 11.20n.

12.3 Arranca. A mesma palavra que em 10.20. *Destina-os.* Prepara-os, lit., santifica-os ou consagra-os.

12.4 Fim. O povo não cria na profecia de Jeremias sobre a destruição. Visto que certos deles haviam planejado sua morte, tinham certeza que Jeremias não veria a crescente prosperidade deles.

12.5,6 Como resposta ao problema surgido na mente do profeta, Jeová lhe diz que ele precisa de mais paciência para enfrentar os problemas futuros (1 Rs 19.14-17n; 1 Co 12.8, 9). *Floresta.* Os arbustos que cresciam: luxuriantemente e a espessa vegetação que havia nas beiras do Jordão. Era infestada de leões e feras, que a tornavam perigosa.

12.7 Minha casa. Neste caso, a nação e não o templo (Os 8.1; 9.15).

12.8 Leão. Indomável, incontrollável, meu inimigo declarado, a furiosa oposição de uma fera.

12.9 Rapina. Um pássaro de plumagem incomum que outros pássaros da mesma espécie atacam. Isso era a causa de espanto.

12.10 Quadro de destruição de uma vinha por nômades e rebanhos que vagueavam.

12.11 A peito. Ninguém havia considerado qual seria o fim do caminho que Judá estava seguindo.

12.12 Espada. Vingança divina; lit., o Senhor tem uma espada que devora.

12.14-17 Maus vizinhos. O Egito, Edom, Moabe, Amom, Filístia e Síria. Aqueles que eram uma maldição e um obstáculo, pelo fato de Israel ter deixado de expulsá-los da terra, seriam abençoados por estarem no meio de Israel, contanto que tais vizinhos se voltassem para Jeová.

12.16 Jurando, uma das principais maneiras de fazer profissão de fé em Jeová ou de fé em um deus pagão.

13.1 Linho. Era o material usado para as vestes dos sacerdotes (Êx 28.42), pelo que Israel seria um povo santo e sacerdotal. Era considerado o melhor dos materiais, por evitar o suor com seu cheiro desagradável, servindo assim de símbolo apropriado para o povo escolhido por Deus. *Cinto.* Denota a proximidade especial e o propósito ornamental de Israel para Jeová. *Não o metas na água.* Possivelmente para diminuir seu conforto no uso, ou para ilustrar o pecado do povo ao mostrar quão sujos estavam.

13.4 Eufrates. A distância de c. 400 km de Jerusalém. No heb, Perath, com o artigo, significa o rio Eufrates. Visto que aqui há artigo, alguns pensam que isso se refere a *Parah*, uma aldeia 5 km a nordeste de Anatote (Js 18.23), localizada num vale rochoso, regado por uma fonte copiosa, "Wadi Fara", que corre para o "Wadi Kelt", e que deságua no Jordão abaixo de Jericó. Vd. 51.63, onde o artigo está ausente, ainda que a referência seja à Babilônia (cf. v. 64).

13.7 Apodrecido. A umidade havia apodrecido o *cinto*, simbolizando que Judá também estava podre.

13.10 Dureza. Vd. em 7.24n.

13.12 Jarro. Um vaso de barro, que continha até 40 litros de vinho. Parece que aqui é citado um ditado popular usado nas festas, significando "jarro é para isto mesmo".

13.13 Embriaguez. Paralisa e espanto mentais, que tornam o homem incapaz em face da calamidade. Note-se a ênfase sobre as classes mais altas do povo.

13.14 Uns contra os outros. A intoxicação do povo de Judá tornar-se-ia uma origem de destruição mútua.

13.15 Judá recusava-se a ouvir a advertência de Jeová por causa de um sentimento de auto-suficiência e soberba.

13.16 Dai glória. Reconhecei a Sua majestade, obedecendo às Suas palavras. *Montes.* Uma ilustração que apresenta viajantes atravessando um monte, apanhados pelas trevas. Incapazes de prosseguir, devido ao perigo da queda, esperavam pela manhã, mas só vinham as trevas e o desalento.

13.18 Rei e... rainha-mãe. Provavelmente Jeoaquim e Neustra, em cerca de 597 a.C.

13.19 Sul. O "Neguebe" um distrito particular do sul de Judá.

13.24 Restolho. As cascas dos grãos e pedaços de palha que restam depois do grão haver sido pisado pelos animais. Isso era queimado ou levado para longe pelo vento. • **N. Hom.** Capítulo 13 nos ensina que um povo ou igreja, que deixa de ficar em íntima comunhão com Deus, é lançado fora da presença divina, restando-lhe então a completa destruição (1-11), comp. Jo 15.1-11; Rm 1.24-32. A mesma coisa acontece com o corpo humano que, criado para ser templo do Espírito Santo, se entrega às dissoluções (12-14), comp. 1 Co 6.19; Rm 12.1.

14.2 Portas. Lugar onde o povo geralmente se reunia (Rt 4.1, 2, 11). Ali até os casos legais eram resolvidos.

14.3 Cisternas. Tanques ou reservatórios para água, nos tempos de necessidade. Nessa ocasião estavam vazios. *Cobrem a cabeça.* Sinal de profunda tristeza, lamento ou confusão.

14.4 Deprimida. Lit., prostrada ou calada por terra, desencorajada ou aterrorizada. Rachar, recear ou atemorizar-se.

14.5 Cervas. Bem conhecidas pelo seu terno cuidado para com suas crias; a própria natureza entra em uma situação caótica, pela desgraça causada pelo pecado do homem (7).

14.6 Desfalecem. Conhecidos por sua aguda visão, geralmente a presença de um asno selvagem era reputada como sinal de que havia vegetação e água nas proximidades. Aqui, estavam procurando em vão por alimento (Jó 11.20; Lm 4.17).

14.7 Nossas maldades. À semelhança de Moisés, Daniel e Neemias, que pleitearam em favor do seu pecaminoso povo, Jeremias identifica-se com aqueles que mereciam punição. Não se trata tanto "deles", mas de "nós". *"Rebeldias.* Apostasias.

14.8 Viandante. Visitante na terra, que não tinha interesse no país e no bem-estar do seu povo. Note-se os dois títulos especiais de Deus. A segunda metade do versículo tem sido tradicionalmente usada como oração da Igreja.

14.10 A última frase é uma citação ousada de Os 8.13. Já naquela época, as profecias de Oséias eram consideradas a voz de Deus, como de fato é o caso de todos os profetas da Bíblia (1 Pe 1.10-12; 2 Pe 1.19-21).

14.12 Ofertas de manjares (no heb, *minhah*). Nas leis levíticas, quando referente a sacrifícios de animais, a palavra é empregada no sentido restrito de oferta de alimento ou oblações; geralmente, a palavra significa "um presente trazido que visa conquistar o favor de um superior" (Gn 32.20, 43.11). *Clamor.* Um agudíssimo grito de tristeza ou dor, um sinal de profunda agonia. *Espada... fome... peste...* Um tríptico castigo freqüentemente encontrado em Jeremias.

14.13 Verdadeira paz. Paz de estabilidade ou fidelidade. Os profetas falsos prometiam a paz que só poderia advir da fidelidade a Deus. Essa paz, porém, não vinha, porque o

povo se rebelava contra Deus.

14.14 *Vaidade*. Palavra coletiva que significa os vários meios úteis pelos quais buscam conhecer o futuro. *Engano*, ilusão que seus próprios corações haviam criado, engano calculado.

14.17 *A virgem*. Expressão usada para indicar a cidade de Jerusalém, e para personificar a nação.

14.18 *Vagueiam*. Um termo usado com referência a comerciantes que vão de um lugar para outro no desempenho de sua profissão. Nesse caso, eram os profetas e sacerdotes, cujos ministérios haviam-se degradado, e que negociavam como de costume, embora estivessem confusos sobre a direção que deveriam tomar.

14.21 *Trono do tua glória*. Jerusalém, especialmente o templo, onde a glória visível estava entronizada acima da arca. Nesse caso, Jeremias, como sacerdote e profeta, colocou-se à semelhança de Jesus, no lugar do seu povo pecaminoso.

14.22 *Ídolos*, lit. vaidades. Essa palavra é usada para deuses pagãos ou deuses irrealis, bem como para indicar ídolos.

15.1 *Moisés e Samuel*. Repetidas vezes salvaram os israelitas da destruição (Êx 17.11; 32.11ss; Nm 14.13; 1 Sm 7.9ss; Sl 99.6). Nem mesmo eles poderiam ajudar o povo nesta ocasião.

15.2 Visto que Jeová rejeitava a intercessão em favor deles, o único lugar para onde podiam ir era a destruição já marcada. Vê-se a soberania divina em determinar a sorte de cada um.

15.4 *Manassés*. Havia se arrependido e fora perdoado, mas as conseqüências de seu pecado perseguiram o povo, já que seu reinado de 55 anos (696-641 a.C.) foi uma orgia idólatra para toda a nação (2 Rs 21.1-18).

15.5 Essas perguntas são um sinal de que os antigos amigos e vizinhos ficariam completamente despreocupados, não se dando nem mesmo ao trabalho de procurar notícias sobre seu bem-estar.

15.6 *Compaixão* (no heb, nacham). Essa palavra é traduzida noutros lugares por "arrepender-se, ter pesar, retirar um castigo". Jeová já não mais se comprazia em deixar de castigar Seu povo da forma devida.

15.7 *Pá*. Um garfo de madeira dom cerca de 2 m de comprimento, com cinco ou seis dentes, seguros com couro fresco. O couro ao secar, encolhe, formando um feixe apertado. *Portas da terra*. Fronteiras de uma nação, local de entrada e saída do país. *Desfilhei*. O que também pode ser traduzido por "despojei", ou como "estou desolado, pois destruí meu povo".

15.8 *Meio-dia* Tempo inesperado, visto que às doze horas não era o tempo costumeiramente usado para iniciar-se uma batalha, devido ao calor do dia. *Jovens*. Guerreiros.

15.9 Mães com muitos filhos perdê-los-iam na batalha. Sol. O brilho do seu lar obscurecido durante o dia.

15.10 Jeremias era detestado por causa das suas profecias sobre desastres nacionais. Nenhum outro profeta revela tão claramente a angústia que sentia em pronunciar o castigo divino contra seu povo.

15.12 Poderia alguma coisa ser usada para resistir ao poder dos caldeus o "colosso do Norte?".

15.15 Jeremias tinha a certeza de que os babilônios levaram o povo para o cativo.

15.16 A vocação do servo de Deus é deixar Sua palavra ser a fonte vital que determina suas atividades e seus pensamentos.

15.18 *Ilusório ribeiro*. Muitos riachos na Palestina estão carregados de água durante o inverno, mas ficam secos durante o verão (Jó 5.15-20). É uma parábola sobre a traição de uma caravana no deserto que perece ao chegar ao leito de um rio, que a salvaria, porém o mesmo encontra-se vazio (Jó 6.15-20).

15.19 *Serás a minha boca.* Seguir o bem, evitar o mal, ater-se à palavra de Deus, rejeitando as vãs filosofias humanas, tanto na doutrina como no comportamento, leva a pessoa a pensar e falar conforme a vontade divina, tendo firmeza em meio às forças do mundo, tendo, enfim a mente de Cristo (Fp 2.5; 1 Co 2.16).

15.21 *Violentos.* Chefes em Jerusalém, provavelmente Jeoaquim e seus conselheiros.

16.1 Profecias da última metade do reinado de Jeoaquim, 604-597 a.C.

16.2 O mandamento para não se casar é comum na experiência israelita, visto que, entre os israelitas, era aspiração geral do povo que se levasse avante a nome da família e se herdasse os direitos de propriedade da mesma. Assim sendo, Jeremias tornou-se uma vívida e objetiva lição sobre a futilidade de se ter família em tal época.

16.4 *Enfermidades.* Doenças mortais: morte por doença ou sofrimento; morte por qualquer espécie de sofrimento. A negligência para com os *mortos* é sinal de que não haverá nenhum ente querido em condições de lhes prestar as últimas homenagens.

16.5 Lamentar os que morrem sob a maldição divina, será considerado como rebelião da parte de Jeremias contra o justo decreto de Deus.

16.6 *Prantearão.* Os agudos e penetrantes gritos de tristeza, encorajados por carpideiras e profissionais; muito comum no oriente. *Incisões.* Golpear o próprio corpo em sinal de lamentação (vd. 41.5). *Raparão as cabeças.* Outro sinal de luto. Era costume rapar-se a cabeça na parte frontal da testa. Essas duas maneiras de procedimento eram métodos manifestando intensa tristeza, usadas pelo povo da terra, mas proibidas aos hebreus, como tradições pagãs (Lv 19.28; Dt 14.1. Vd. também Am 8.10; Mq 1.16).

16.7 Os lamentadores geralmente jejuavam, mas depois do primeiro choque de tristeza, amigos, simpatizantes traziam pão e vinho para encorajar os enlutados a comerem e beberem (2 Sm 1.12; 3.35; 12.17). *Copo de consolação.* O primeiro vinho tomado após o sepultamento do falecido. Provavelmente na noite do dia após o sepultamento.

16.8 O que para o povo pagão é motivo para festança nunca o poderá ser para o crente.

16.12 *Dureza.* Vd. nota em 7.24.

16.14,15 Quando Jeová trazer o povo hebreu de volta à sua terra, o acontecimento será celebrado como um novo Êxodo e, desta vez, não apenas do Egito, mas de "todas as terras". Essa profecia ainda aguarda cumprimento. Todos reconhecerão que o Êxodo do Egito será ultrapassado por outro Êxodo maior.

16.16-18 Não há refúgio para o Israel impenitente, visto que nada escapa ao conhecimento de Jeová, conseqüentemente Israel não escapará dos seus inimigos.

16.19-21 A conversão dos pagãos (Is 45.20-24; Mq 4.1-4). Os pagãos reconhecerão a futilidade da adoração idólatra, e todas as nações se juntarão na adoração a Jeová (após Ap 13). *Nações.* Uma reunião de povos, até então ignorantes sobre o verdadeiro, Deus; reconhecê-lo-ão por causa da Sua intervenção inesperada na história de Israel.

17.1 *Ponteiro de ferro.* Usado para fazer marcas permanentes sobre superfícies como as de rochas (Jó19.24). *Diamante.* Heb "esmeril", pedras de coríndon conhecidas dos antigos por sua dureza e utilidade em gravar sobre objetos duros. Assim, a idolatria de Judá estava indelevelmente escrita sobre os corações do povo. O diamante dos nossos dias não era ainda conhecido. *Altars.* Sem a menor dúvida, idólatras visto que o templo tinha apenas um altar. *Tábua... coração.* Sua natureza interna; vd. Pv 3.3; 7.3.

17.2 *Postes-ídolos.* Imagens vergonhosas ou *asherim*, vd. 2 Cr 14.3n; Jz 6.25,26. Eram postes esculpidos sem qualquer arte, representando uma árvore sagrada, colocados ao lado dos altares. *Árvores* ou bosques. São alusões freqüentemente feitas a lugares de ritos idólatras. Vd. referências.

17.3 *Monte.* Acredita-se, aqui, que Jerusalém não esteja em vista, mas somente o monte Sião, onde se localiza o templo. O principal dos "lugares altos", que foi reconquistado por Israel em junho de 1967. No local do templo, encontrasse uma mesquita muçulmana. Esta foi edificada ao redor da rocha que ficava no meio do pátio. *Presa.* Pilhagem, saque, objeto apreendido ao inimigo.

17.4 *Por ti mesmo.* Por tuas próprias culpas ou pecados perdeste tua herança.

17.6 *Arbusto.* O junípero anão, tipo de zimbro de aparência pobre e mirrada, cujas folhas são quase que inteiramente arrancadas pelas cabras selvagens (tamareira).

17.7 Este é o único penhor da vida eterna e da comunhão com Deus aqui na terra.

17.8 Vd. salmo 1, palavras do rei Davi, resumidas neste versículo.

17.9 *Enganoso, traçoeiro, astucioso. Corrupto.* Perigosamente enfermo, incurável.

17.10 Somente Deus pode julgar o homem por seus sentimentos secretos.

17.11 *Perdiz.* Põe um grande número de ovos, os quais os árabes avidamente buscam, a fim de usá-los como alimento. Razão pela qual há um número bastante reduzido de filhotes que conseguem sobreviver. Geralmente, a perdiz congrega filhotes de outras perdizes, porém somente até à vinda da verdadeira mãe. *Insensato.* O problema aqui não é insensibilidade moral e espiritual.

17.13 *Chão.* Os nomes ali escritos, e não em pedra, logo desapareceriam, pois não estavam escritos no "livro da vida" (Êx 32.32), ou no "memorial" (Ml 3.16), ou no céu (Lc 10.20). *Águas vivas.* Sempre frescas e nunca em falta.

17.15 *Que se cumpra!* Os incrédulos, céticos, ridicularizavam Jeremias, pedindo-lhe que desse provas de que alguma de suas profecias houvesse se cumprido.

17.23 *Endureceram.* Tornar-se insensível, rude, dificultar. Derivado da raiz que quer dizer ficar rijo, duro. A mesma palavra está em 7.26; é outra, porém, em 7.24.

17.26 *Planícies... montanhas... Sul* (o deserto). Três distritos de Judá.

17.27 Baseado no refrão de Am 1.4, 7, 10, 12.

18.2 *Oleiro.* Provavelmente no vale de Hinom, ao sul de Jerusalém, com acesso ao vale e aos poços de Siloé. Incluía o campo para guardar e amassar a argila, o forno e o monturo municipal. Chamado campo do oleiro (Zc 11.13; Mt 27.10).

18.3 *Rodas.* No heb "sobre duas pedras (circulares)", onde a inferior era girada com os pés a superior (no mesmo eixo) suportava a argila.

18.6 Uma forte assertiva do absoluto poder e direito de Jeová em governar os seres que Ele criou e as nações que Ele chama à existência (Is 45.9; Rm 9.20, 21).

18.8 *Me arrependerei do mal.* "Arrepende-se" neste sentido quer dizer apenas "desviar-se", "voltar atrás", e a palavra "mal" quer dizer "desgraça" e "punição".

18.10 As bênçãos ou maldições de Jeová não são arbitrárias, mas dependem da atenção e da obediência a ele dispensadas.

18.11 Deus deixa bem claro que, prefere abençoar, informando-os sobre seus planos com antecedência. Vd. a série de referências nas margens.

18.12 Vd. 2.5. Os oradores não estavam desanimados com seu estado e futuro mas preferiam silenciar o pregador que os perturbava. Essa linguagem dos judeus assinala que estavam no último estágio de maldade e endurecimento. *Dureza.* Vd. 7.24.

18.14 *Libano* ou Síriom. A palavra fenícia para designar o monte, Hermom cujo cume estava perpetuamente coberto de neve. Suas fontes jamais secam; contrastavam com a inconstância de Israel.

18.15 *Ídolos.* Uma palavra diferente da que aparece em 14.22. Aqui o termo heb significa aquilo que é irreal, isto é, material ou moralmente sem substância e sem base. Falsidade, absurdo, vaidade.

18.16 *Meneará.* Num gesto de zombaria ou ridicularização.

18.17 *Vento.* Vd. 4.11. Um vento, que queima, sufocante e destruidor, capaz de iniciar subitamente e com grande violência, vindo do deserto, da banda do oriente ou do sudeste.

18.18 *Sacerdote... sábio... profeta.* Não podiam conceber o dia em que o estado chegaria ao fim, quando os líderes religiosos não seriam capazes de cumprir seus vários deveres, que formariam a soma da instrução moral e cívica do país (Ez 7.26). *Língua,* calúnia ou acusação séria, como a acusação de traição, contra Jeremias. • **N. Hom.** O sábado (19-27), é a festa religiosa semanal lembrando que tudo o que somos e o que temos é dado

somente por Deus, o Criador, Observa-se pelo descanso das atividades diárias, como tempo, de refrigério espiritual e mental, um dom de Deus concedido aos homens, Êx 16.29; Mc 2.27. O domingo dos crentes aponta para a nova Criação, eterna e gloriosa, garantida pela ressurreição de Jesus.

18.21 *Poder da espada*, lit., "derrama-os nas mãos da espada".

18.22 Clamor como aquele quando uma cidade é entregue ao saque.

18.23 *Derribados*, lit., "feitos tropeçar". • **N. Hom.** O décimo oitavo capítulo revela a soberania de Deus sobre a história humana, assim como o oleiro determina que tipo de vaso vai fabricar, devolvendo-o à forma de matéria-prima bruta se não fica à altura, da intenção do criador, 1-9. Há, porém, no caso do homem, a possibilidade do arrependimento, 11. Se o homem não se converter, então fica mais afastado do intenção do Criador, do que qualquer coisa, em toda a natureza, 13-17.

19.1 *Botija*, no heb *baqbuq*, ou o som de líquido no longo e estreito gargalo desse vaso, quando a água era derramada. Era o mais artísticos e caro, e também o mais difícil de ser consertado.

19.2 *Porta do Oleiro*. Posteriormente chamada de Porta do Monturo (Ne 2.13).

19.3 Reis. Não apenas o rei que então governava, mas seus predecessores que haviam sido culpados dos pecados, pelos quais eram punidos. (Vd. 13.13; 17.20).

19.4 *Profanaram este lugar*. Trataram este lugar como um lugar estranho, como não pertencente a Jeová.

19.6 *Tofete* (nota em 7.31). No vale do filho de Hinom (cf. v. 2) que foi o lugar onde o deus pagão Moloque, foi erigido (2 Cr 28.3). O rei Josias eliminara essas práticas más, e o vale se tornou uma espécie de lugar de monturo onde o fogo continuava queimando para destruir o lixo da cidade de Jerusalém; por conseguinte Ge-Hinom, conforme era chamado, ou "gehenna" no Novo Testamento, se tornou tipo do inferno (*ge* quer dizer "vale").

19.7 *Dissiparei*. Esvaziarei. A raiz da palavra hebraica é a mesma que se emprega para "botija" Trata-se de um jogo de palavras no comum estilo de Jeremias. *Conselho*. Eles tinham planejado derrotar Babilônia, entrando em aliança com o Egito.

19.9 Isto se tornou uma realidade histórica (Lm 4.10).

19.12 Assim como Tofete se tornará lugar imundo por causa da adoração a Moloque e do lixo a queimar no monturo, por Josias, semelhantemente Jeová tornaria Jerusalém um lugar imundo.

19.13 *Outros deuses*, deuses estrangeiros. Invariavelmente Jeová entregava o seu povo às nações cujos ídolos eles adoravam. *Exército dos céus*. Expressão que quer dizer o Sol, a lua e as estrelas; refere-se à Babilônia, que era guiada por astrólogos.

20.1,2 *Pasur... presidente*, no heb, dirigente. Alto funcionário que neste caso é o assistente do sumo sacerdote. Ele estava encarregado dos guardas do templo que açotaram a Jeremias (Dt 25.3; 2 Co 11.24). *Tronco*, lit., aquilo que distorce. A cabeça, as mãos e os pés eram colocados em cinco perfurações separadas. O corpo era mantido numa posição vergada, torta ou distorcida, que causava dor.

20.2 A porta do norte do átrio interno do templo.

20.3 *Pasur*. O nome contém a idéia de "prosperidade". Seu nome foi alterado para "terror-por-todos-os-lados", ou Magor Missabib. O mesmo Pasur estaria incluído nas situações de 46.5 e Lm 2.22.

20.5 *Riqueza*, lit. os frutos do trabalho, ou seja, o lucro.

20.6 O cargo de *Pasur*. Em 29.26, é ocupado por outrem. Certamente que ele foi levado cativo para a Babilônia, em companhia do rei Jeoaquim. A política dos mesmos opunha-se às profecias de Jeremias. Sua teoria era que o temor aos babilônios não tinha razão de ser. O cativo de Pasur provou que o uso que fizera do ofício profético era uma usurpação, já que suas palavras não se cumpriram, 28.9.

20.7 Dominado por Jeová para tornar-se seu profeta e induzido a colocar-se em uma

posição cheia de vexames e desapontamentos, que ele nunca havia esperado (1.6). *Persuadiste*. Uma palavra forte, também usada com o sentido de seduzir (Êx 22.16). A impopularidade dos que exigem a fidelidade à palavra de Deus causou terrível tristeza ao profeta.

20.8 *Opróbrio*. Palavra que significa vergonha, desonra, ignomínia. A raiz do termo significa "inundar". *Ludíbrio*. Derivado do vocábulo desprezar, falar de modo ininteligível (como que imitando um estrangeiro), zombar, escarnecer. O mundo é tão pecador que os que anunciam fielmente a mensagem de Deus são considerados pelo mundo marginais.

20.10 Até mesmo seus amigos íntimas procuravam ciladas, para que pudessem acusar de traição (Sl 41.9, Jo 13.18).

20.15 Segundo a lei, ele não podia amaldiçoar a seu pai, sua mãe, ou a Deus. Assim sendo, amaldiçoou seu nascimento.

20.16 *As cidades*. Um termo técnico que se refere diretamente à destruição das, cidades de Sodoma e Gomorra. Os hebreus ficaram tão impressionados com a inesquecível destruição das mesmas que bastava a nome "as cidades" para fazê-los lembrarem-se da ira de Deus.

21.1 *Zedequias*. Nos capítulos 21 e 22, Jeová dirigiu uma mensagem à pessoa do rei de Judá. Anunciou ao rei que ele pusera à sua frente o caminho da vida e o caminho da morte (21.8). O caminho da vida era a obediência (22.3) e traria bênçãos. Zedequias reinou em 597-587 a.C., preferiu o caminho da morte; que lhe causou a rejeição de sua família como dinastia de descendentes e herdeiros do trono de Davi (22.24-30). Pasur, filho de *Malquias*, Deve ser distinguido do Pasur anterior, filho de Imer (20.1). Cerca de vinte anos se haviam passado entre estes capítulos e o anterior.

21.2 Zedequias é como a maioria dos homens: usa a religião apenas quando está em situação cujos recursos humanos não são suficientes para obter-se uma solução favorável do problema que enfrenta; quando não, permite até que os fiéis sejam perseguidos. *Guerreia*. Quando o cerco apenas tivera início, Zefanias foi executado em Ribla, por Nabucodonosor (52.24-27).

21.6 *Pestilência*. Praga, peste, coisa letal, que causa a morte. Conseqüência natural do fato da cidade ser muito populosa, quando o povo e os soldados encheram a cidade cercada. A situação se descreve em 2 Rs 6.24-30; 7.3-4.

21.7 *Poupará*. "Cobrir", Isto é, ter compaixão, compadecer-se, usar de misericórdia, condoer-se. *Compadecerá... misericórdia*. Todas as três palavras são semelhantes em seu significado, assim reforçando a desesperadora situação de Jerusalém, que fora abandonada por Jeová, ainda que no passado tivesse sido favorecida com amoroso e especial cuidado.

21.8 Essa escolha de uma forma eterna e final, se, nos confronta quando ouvimos o evangelho de Jesus Cristo, Jo 3.18.

21.9 *Vida... despojo*. Algo arrebatado apressadamente e levado para longe. "A tua vida te será como despojo" um grande prêmio (38.2; 39.18). A única maneira de escapar era submeter-se ao instrumento do juízo de Deus. Esse conselho, aparentemente antipatriótico, posteriormente provocou o aprisionamento e encarceramento de Jeremias, e sua vida ficou em perigo (37.13-16).

21.10 Ezequiel, nessa época, estava pregando a mesma coisa na Babilônia (Ez 7.22).

21.12 *Julgai pela manhã*. Tempo de fazer negócios, quando rei pessoalmente julgava casos na porta da cidade (2 Sm 15.2-4).

21.13 *Moradora*. O gênero denotada personificação da comunidade. *Vale... rocha*, Jerusalém. *Moradas*. Palavra para indicar o local habitado por um leão na floresta, ou seja, um lugar seguro. Isso era sinal que o povo havia sido enganado pela segurança que se sentia em Jerusalém.

21.14 A cidade-rainha, Jerusalém, é apresentada como uma floresta (vd. sobre Israel, Is 9.18) que foi destruída por súbito incêndio.

22.1 Desce. Do monte do **templo**, localizado no topo do monte Sião, para o palácio.

22.5 Juro. Vd. Hb 6.13, uma expressão semelhante a "como vivo, diz Jeová".

22.6 Gileade... Líbano. Regiões conhecidas por suas excelentes florestas.

22.7 Cedros escolhidos. Simbolizavam os chefes de estado. *Designarei.* Lit. consagrarei Babilônia como instrumento de punição judicial.

22.10 Morto. Josias foi morto pelo faraó Neco, na batalha de Megido, em 609 a.C. (2 Rs 23.29), *Aquele que sai.* Jeoacaz sucedeu a seu pai Josias; mas depois de um reinado de três meses, em 609 a.C., foi levado cativo pelo faraó Neco para o Egito, onde faleceu (2 Rs 23.32-35). O sentido desse versículo é que melhor é morrer no campo de batalha do que no cativeiro.

22.11 Salum ou Jeoacaz (vd. 1 Cr 3.15). Esse talvez tenha sido seu nome antes de tornar-se rei. Tanto este rei como Jeoaquim (chamado Jeconias no v. 24) constam aqui com seu nome primitivo, e não com o nome dado ao subir ao trono que ambos ocuparam por apenas alguns meses.

22.13 Refere-se a Jeoaquim, 609 a 597 a.C., cujo luxo egoísta e opressivo e contrastado com o governo reto de seu pai, Josias. Ele expandiu e embelezou o seu palácio com trabalho forçado, não remunerado.

22.14 Aposentos. Um quarto sobre o telhado plano com janelas protegidas com gelosias as quais permitiam livre circulação do ar, tornando o local um lugar isolado e fresco (Jz 3.20; 2 Rs 1.2). É a competição por causa do cedro mencionado no v. 15.

22.16 Julgou. Aqui tem o sentido de obter justiça para os injustiçados que não tinham influência para se defenderem.

22.18 Nem seus familiares nem seus súditos haveriam de lamentar sua morte (vd. 34.5; 1 Rs 13.30).

22.20 Abarim. As "regiões do outro lado", uma cadeia de montanhas a leste do mar Morto, incluindo Nebo, de onde Moisés contemplou a Terra Prometida (Dt 34.1). *Amantes.* Vossos aliados (4.30), ou os deuses falsos.

22.22 Apascentará. Deixará sem pastos, tirar-lhes-á seu poderio. O *vento* aqui é a violência da guerra.

22.23 Ninho nos cedros. Muito da cidade de Jerusalém fora construído com os cedros do Líbano, pelo que a referência aqui é a falsa segurança de Jerusalém.

22.24 Jeconias. No texto heb, "Coniah" que quer dizer "Deus me estabelece": este é Seu nome na vida civil, cf. 1 Cr 3.16. Seu nome como rei era Jeoaquim. Reinou durante tr, e, meses e foi levado cativo para Babilônia, juntamente com a nata da nação (2 Rs 25.27-30).

22.26 Mãe. Neústa (2 Rs 4.8).

22.28 Quebrado. Uma" figurinha de terra cota que fora partida.

22.30 Não tivera filhos. Em 1 Cr 3.17, parece que teve filhos, pois Sealtiel (Mt 1.12) é declarado como seu filho. Sealtiel realmente descendia de Davi por meio de Natã (Lc 3.27-31), e não por meio da linhagem dos reis anteriores, Salomão, Reoboão, etc. Assim sendo, era um herdeiro legal, ainda que não descendente natural. Seus filhos não subiram ao trono.

23.1 Dispersam. Exílio voluntário para o Egito, ou exílio forçado para a Babilônia.

23.2 Afugentastes. Expulsastes, feristes; é o contrário do que fazem os pastores orientais, que conduzem seus rebanhos indo diante deles, e não impelindo-os por detrás.

23.3,4 Uma promessa profética que ainda resta ser cumprida. A respeito dos que regressaram sob Zorobabel não se poderia dizer que *nem uma delas faltará*.

23.5 Renovo justo. Uma referência clara a Jesus, como Messias reinante. Jesus não reinou por ocasião de Seu primeiro advento pelo que isso é uma profecia sobre acontecimentos ainda futuros. E em todas: as profecias, devem ser aplicadas as regras dadas pelo próprio Jeremias (Jr 18.7-9).

23.6 Senhor, justiça Nossa, no heb, *Jeová-Tsidkenu* ou Jeová, Justiça Nossa. Isso faz do

Renovo, Jesus Cristo, co-possuidor do "glorioso nome" de Sl 72.19; 83.18; Is 42.8. Uma observação de Jesus declarava sua própria igualdade *com* o Pai (Jo 5.18; Fp 2.6). A presença de Jeová a reinar no monte Sião (Mq 4.7; Zc 14.3, 4, 9, 16, 17) deve ser uma referência ao futuro reino terrestre do Senhor Jesus Cristo. Jesus é a fonte de nossa retidão. Foi prometida restauração tanto a Judá como a Israel, sob o seu reinado.

23.7,8 Vd. 16.14, 15n. Quando "recolherei o restante" (3) e Jesus "reinará". Até o momento, nenhum regresso à Palestina deixou marca que superasse o Êxodo do Egito no pensamento humano. Tal profecia, pois, aguarda cumprimento.

23.10 *Maldição Divina*. A seca que é mencionada imediatamente depois. Foi causada pelas transgressões dos falsos profetas e malfeitores (Is 4.5, 6; Dt 8.15, 16).

23.13 *Loucura*, lit., aquilo que é sem gosto ou insípido (Jó 6.6). Esses profetas de Samaria eram simplesmente idólatras, e não faziam segredo de suas crenças ou práticas.

23.14 *Profetas de Jerusalém*. Eles ultrapassavam a pecaminosidade dos profetas anteriormente mencionados, pois também eram imorais. A infecção do pecado se espalhara pelo povo da cidade.

23.15 *Absinto*. Vd. 9.15.

23.16 *Vãs esperanças*. Depois das reformas de Josias, os profetas prometiam um futuro feliz e próspero, enquanto Jeremias atacava os pontos que demonstravam a falta de real profundidade de convicção por parte do povo quanto às reformas. A esperança mais louca que o pagão pode nutrir é: "Meus pecados não vão ser descobertos".

23.17 Paz. Resultado da grande ênfase sobre o amor e a longanimidade de Jeová, Aqui a Sua justiça é visível por causa de sua teimosia (7.24).

23.18 Estas perguntas deixam subentendida a resposta "ninguém". Nenhum dos profetas falsos havia sido admitido no conselho do Senhor, nem tinham ouvido a Sua palavra (1 Rs 22.19-23). A prova de terem ouvido a Sua palavra teria sido a ação que deveriam ter tomado (22).

23.19 *Redemoinho*. Desde suas visões originais, Jeremias aprendeu a descrever em termos de tempestade as grandes perturbações políticas internacionais que, no decurso de um século e meio, estavam destruindo quase todas as nações da época (1.14).

23.20 *Nos últimos dias*. É um princípio interessante na interpretação das profecias bíblicas que a plenitude dela só se revela enquanto os acontecimentos profetizados se desenrolam.

23.22 *No meu conselho*. É uma exigência básica para alguém ser profeta.

23.23 Deus está imanente e transcendentemente presente em tudo.

23.27 *Esqueça do meu nome*. Esquecimento do caráter santo daquele que tem esse nome de "Santo de Israel" (Is 41.14).

23.28 *Palha...* os sonhos dos falsos profetas. *Trigo*. A palavra de Deus.

23.29 *Minha palavra*. É comparada com muitas coisas na Bíblia: fogo (20.8, 9); martelo que espatifa a rocha (corações de pedra); semente que traz a Vida Eterna (Lc 8.11); espelho que reflete a glória de Deus e a nossa pecaminosidade (2 Co 3.18; Tg 1.25); água da vida e purificação (Ef 5.26; Jo 4.14); espada do Espírito que desnuda os pensamentos dos corações humanos (Hb 4.12).

23.30 Visto que os profetas falsos não tinham mensagem da parte de Deus, furtavam as palavras dos profetas autênticos.

23.32 *Leviandades*. Ousadia desavergonhada, arrogância, jactância.

23.33 *Sentença pesado*. No heb *massa*, algo "elevado" ou "suspenso". Quer literal, quer figuradamente, uma sentença é alguma coisa "suspensa" dos lábios, uma declaração solene ou "oráculo" (33-40). Usado em ambos os sentidos, como uma carga pesada para o profeta pronunciar e um peso para o Senhor.

23.34 Os falsos são a sentença do Senhor e Ele livrar-se-á da carga de tais homens. O homem desobediente é pior peso para Deus do que as maiores exigências da palavra Dele seriam para os homens.

23.36 Torceis. Eles davam sentido oposto às palavras do Senhor, e punham-nas sob uma impressão ridícula. • **N. Hom.** O capítulo 23 ensina-nos sobre os falsos profetas: são a causa da desgraça da nação inteira (9-10), e de si mesmos, 12. Alguns pregam uma teologia errada, 13; outros, pelo seu comportamento errado, dão uma desculpa para os pagãos não se converterem; 14. Seu erro básico é não falar segundo a vontade de Deus (16, 18, 21), e ainda, falar em nome de Deus aquilo que lhes ocorre à mente, 25-32.

24.2 Figos temporãos. Figos que raramente apareciam na primavera, antes das folhas. Depois, surgiam as folhas que produziam a ceifa dos figos no outono. Eram um prato saboroso que não aparecia com regularidade em cada ano. O tempo próprio para os figos era em agosto: Alguns crêem que a frase hebraica, neste caso, significa "primeiros frutos maduros", não havendo distinção quanto à estação do ano. Os figos bons são aqueles que foram levados para o exílio e cujos corações Deus sabia que se tinham mantido fiéis a Ele. Foram restaurados à terra e à prosperidade, depois do exílio, por causa da lealdade a Ele. Os figos ruins são aqueles que permaneceram na terra com Zedequias e que fugiram depois para o Egito, contra o mandado de Deus (2 Rs 23.34; Jr 42-43).

24.7 O cativo teve um efeito de separação da influência da idolatria de Canaã. Os outros serão destruídos por sua indiferença voluntária para com o castigo de Deus.

24.10 O senhor não deixa dúvidas em nossa mente sobre o fato que Ele controla os acontecimentos da história.

25.1 Ano quarto de Jeoaquim. Cerca de 606 a.C., antes da chegada de notícias sobre a vitória de Nabucodonosor em Carquemis. A vitória foi em junho de 605 a.C., e colocou a Babilônia em primeiro lugar como império.

25.3 Vinte e três anos. Entre 626 e 604 a.C., dezessete anos sob Josias, três meses sob Jeoaquim, seis anos sob Joaquim.

25.4 De madrugada. Desde o princípio da história da nação; e também durante cada momento da vida dos profetas (Is 50.4).

25.5 Converti-vos. Apelo constantemente feito no livro de Jeremias.

25.6 Me provoquem. A referência é à fabricação de ídolos, e à sua adoração (Êx 20.4-6; Is 44.15-17).

25.9 Meu servo. Predicativo geralmente usado para aqueles que adoram a Deus, mas também os próprios reis e nações estão sujeitos ao comando e ao serviço de Deus para realizarem Sua vontade.

25.10 Mós. As pedras do moinho que eram ouvidas diariamente nas vilas, um dos sinais perenes de vida (Ap 18.22). **Candeeiro.** Assim como a mó era um sinal de rotina diurna, o candeeiro era, obviamente, um sinal noturno de que havia pessoas num local.

25.11 Setenta anos, 29.10; Dn 9.2. A queda de Jerusalém e o cativo ocorreram em 587 a.C., o novo templo da Restauração foi construído em 516 a.C.

25.16 Bebam. Assim como a Babilônia escravizara a Judá, semelhantemente, Deus escravizará e abolirá. **Tremam.** Um sinal de espanto e impotência, confusão e desmaio.

25.19 Faraó. Na escrita hieroglífica egípcia é a palavra Perâa, que significa "casa grande". Posteriormente, isso se tornou título do próprio governante.

25.20 Misto. Estrangeiros que viviam no Egito. Aqueles que vivem num país estrangeiro por motivos comerciais, ou outros motivos, sem perder sua própria nacionalidade. **Uz.** Uma tribo aramaica que vivia a leste e nordeste de Edom (Gn 10.23). **Asdode.** Cidade da Filístia. O povo que sobrou após um cerco de 29 anos pelo rei egípcio Psamético I (reinou de 666 a 610 a.C.).

25.22 Terras além do mar. Terras costeiras, lit., onde os marinheiros buscam descanso e refúgio. Expressão usada para referir-se às colônias implantadas pelos fenícios nas praias do Mediterrâneo.

25.23 Dedã. Uma tribo que descendia de Abraão por sua esposa Quetura (Gn 10.7), e que vivia a sudeste de Edom. Suas caravanas mantinham comércio entre Tiro e a Arábia (Ez 27.15, 20; 38.13). **Tema.** Modernamente Teimá, a 400 quilômetros a sudeste de

Edom, ismaelitas (Gn 25.15). *Buz*, Gn 22.21; Jó 32.2. *Cabelos*. Vd. 9.26n.

25.24 *Reis da Arábia*. Os líderes de várias tribos do norte da Arábia, visto que o termo do AT para Arábia não se estende a toda a moderna Arábia. *Misto*, vd. v. 20. Este grupo, vivia no deserto.

25.25 *Zimri*. Há incerteza, ainda que possivelmente fosse um povo no nordeste da Assíria. *Elão*. Mais para o leste, cerca de 300 quilômetros a leste da Babilônia, do outro lado do rio Tigre (Dn 8.22; At 2.9).

25.26 *Todos os reinos*. Realmente os anos que se seguiram marcaram a destruição de quase todas as nações então conhecidas pelos exércitos da Babilônia, conforme profetizado em Is caps. 13-24; Ez caps. 25-32.

25.29 *Cidade*. Jerusalém é a cidade de Deus, e é a primeira a enfrentar sua especial responsabilidade. Comp. Am 3.2; 1 Pe 4.17.

25.30 *Rugirá*. Como o rugido aterrorizante de um leão (Am 1.2). Um contraste com aquele que é o "Bom Pastor". *Malhado*. Alojamento, residência, símbolo da Terra Santa, incluindo Jerusalém e o templo. *Eia!* Um termo técnico próprio para o grito dos pisadores de uvas (Is 16.10; Ap 14.14-20), ou para o grito ao se começar a batalha.

25.32 *Grande tormento*. Uma grande tempestade que teve início no horizonte, vinda dos limites extremos da terra, passando de nação a nação. Esses versículos ultrapassaram qualquer coisa cumprida nos tempos de Nabucodonosor ou desde então. Têm aterrorizante mensagem apocalíptica.

25.34 *Donos dos rebanhos*. Isso nos lembra dos homens principais e mais ricos das nações, que deveriam ter sido representantes de Deus e guias espirituais do povo, mas, que em lugar disso são objetos de Seu furor a ponto de não poderem encontrar lugar de refúgio.

25.35 Refere-se à malfadada tentativa do rei Zedequias, de escapar e fugir com alguns de seus guerreiros (2 Rs 25.4-7).

25.37 *Brasume*. Furor, fúria, calor de ira, abrasamento, (4.8, 26; 12.13; 30.24; 40.37; 51.45). Uma palavra muito comum nos escritos de Jeremias.

25.38 Tendo-se transformado em desolação, Judá foi necessariamente abandonada pelo Senhor, assim como um leão abandona sua vítima quando seu esconderijo é destruído (26.1-24) O sermão foi feito (7.1-15) talvez durante a festa dos Tabernáculos (setembro a outubro), 609 a.C.

26.2 *Átrio*. O átrio exterior, lugar onde o povo podia reunir-se. *Todas as cidades*. O povo dessas cidades reunia-se no átrio, e assim podiam levar a mensagem de volta para as cidades.

26.3 *Me arrependerei*. Veja 18.8n.

26.5 *De madrugada*. Veja 25.4n.

26.6 *Siló*. Vd. nota em 7.1-15. A comparação com Siló é a desolação tornou-se o motivo do aprisionamento de Jeremias (9).

26.8 A pregação fiel da palavra de Deus sempre desperta atitudes firmes, sejam favoráveis ou contrárias.

26.9 *Ajuntou-se*. Isto é, constituíram-se em assembléia legal.

26.10 *Príncipes*. Oficiais de justiça escolhidos dentre os cabeças do povo. Não eram membros da família real, mas semelhantes aos mencionados no cap. 36. *Porta Nova*. Provavelmente o portão que dava acesso ao átrio superior (interno) edificado por Jotão, cerca de um século antes. Possivelmente o mesmo que em 20.2.

26.11 *Sacerdotes... profetas*. É provável que a maioria dos profetas também fosse de sacerdotes.

26.12-15 A defesa pessoal de Jeremias é que Deus lhe dera a mensagem a pregar, e que o povo deveria abandonar os caminhos do mal, pois, se abandonasse o mal; Deus alteraria seus planos de destruição; mas, se o matasse, o julgamento contra ele incluiria seu sangue inocente. Estaria lutando contra Deus e não somente contra Jeremias (cf.

Gamaliel, em At 5.39).

26.13 Esta é a soma do ensinamento dado em 18.7-11.

26.16 Os príncipes não encontraram motivos justos para Jeremias ser executado.

26.17-19 *Anciãos*. Não um grupo de oficiais eleitos, mas um grupo de homens, cuja idade e conselho eram respeitados devido à sua grande experiência. Apelaram para Mq 3.12, e ligaram as reformas de Ezequias à pregação de Miquéias, embora as escrituras não houvessem feito previamente essa ligação.

26.18 *Morastita*. Habitante de uma pequena aldeia perto de Gate, cerca de 37 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. É a única citação nominal e literal da mensagem de outro profeta em todas as escrituras proféticas.

26.20 *Quiriate-Jearim*. É, modernamente, Karyet el Inab, na estrada de Jafa, cerca de 12 quilômetros a noroeste de Jerusalém.

26.23 A primeira perseguição de um profeta por um rei de Judá se verificou três séculos antes (2 Cr 16.7-10).

26.24 *Aicão*. Pai de Gedalias, governante da província judaica, nomeado pelos babilônios (586 a 581 a.C.), e também amigo de Jeremias (39.14; 40.5, 6). Aicão foi um dos mensageiros enviados por Josias para perguntar à profetiza Hulda sobre o que fazer, depois que foi descoberto o rolo de Deuteronômio em 621 a.C. (2 Rs 22.3, 12). • **N. Hom.** O capítulo 26 mostra que o ser humano anda tão rebelde contra Deus, que qualquer mensagem que os profetas falam por Sua inspiração é rejeitada, se não fica de acordo com os desejos carnis dos homens, 7-9; 20-24. Felizmente, sempre há uma minoria que respeita mais à palavra de Deus do que à palavra dos homens, como aconteceu no caso destes príncipes, 12-19.

27.1 597 a.C.

27.2 *Correias*. Usadas para amarrar juntos; os canzis, formando, assim, o jugo (Lv 26.13).

27.3 Jr 28.10 mostra que o jugo não foi entregue aos cinco reis.

27.8 *Se... não servirem*. Algumas dentre as nações conquistadas se rebelaram e conspiraram contra Nabucodonosor, sendo que esta revolta teve início pelo exército babilônico de dezembro de 595 a janeiro de 594 a.C., e mediante a *ascensão* de Psamético II, do Egito, em 594 a.C. Talvez a advertência de Jeremias tenha ajudado Zedequias a resolver não se unir na revolta, dessa forma salvando Judá da campanha punitiva de Nabucodonosor no ano seguinte. Zedequias revoltou-se sem sucesso entre 597 e 589 a.C.

27.9 *Agoureiros*. Agiram de maneira secreta, observando os tempos; eram mágicos. *Encantadores*, praticantes da magia, feiticeiros, sussurradores de adivinhação. Ambos sobreviveram na superstição popular como adivinhos do futuro e curandeiros.

27.10 Os falsos profetas estavam fazendo a obra do próprio Satanás, ensinando coisas que levariam o povo à rebelião e à destruição. Decerto que não o faziam deliberadamente, mas só o fato de não se entregarem plenamente à obra de pregar a palavra de Deus, fez com que fossem instrumentos do Maligno - não havia nem há um meio termo.

27.16 *Sacerdotes*. Haviam-se aliado aos falsas profetas contra Jeremias, e sentiam-se inclinados a favorecer os profetas (26.8ss). *Utensílios*, feitos de ouro e de metais preciosos por Salomão (Dn 5.3). Foram restituídos por Ciro (2 Cr 36.22), e foram levados de volta a Jerusalém por Esdras em 458 a.C. no tempo do fim do cativeiro (Ed 1.7-11).

27.19 *Colunas*. Feitas de bronze, estavam defronte do templo (1 Rs 7.15). *Do mar*, uma grande bacia de bronze no átrio do templo (1 Rs 7.23-26). *Suportes*. Objetos sobre rodas, descritos em 1 Rs 7.27-37. Veja as Notas dos trechos citados. Os babilônios davam valor a esses objetos por causa do metal de que eram feitos. Por causa do seu peso foram cortados em pedaços para serem levados com maior facilidade para a Babilônia (52.17). Quando o povo não é fiel ao culto de Deus, o valor dos objetos do templo é comparável à sucata.

28.1 Isto aconteceu pouco depois da capítulo anterior, enquanto Jeremias ainda estava usando o jugo que Hananias haveria de quebrar a fim de dramatizar sua falsa profecia, v. 10. O povo de outras cidades continuava e deve ter levado para as suas vilas as duas profecias contraditórias. *Hananiah*. Profeta do partido nacionalista, um daqueles que foram uma prova para Jeremias. *Gibeom*. Hoje se chama El Jib, cerca de 8 quilômetros a noroeste de Jerusalém. Uma das as cidades dos sacerdotes (Js 21.17).

28.3 A profecia não se cumpriu; ele morreu dois meses após ter feito tal predição.

28.4 *Jecônias*. Embora exilado, deve ter contado com um grupo leal a ele, pois só isso explicaria por que Hananias forjaria tal profecia perante o governador real.

28.6 O amor de Jeremias por Jerusalém era tal que ele pôde dizer "amém" à profecia de Hananias, embora a mesma contradissesse sua própria mensagem da parte do Senhor e seu cumprimento significava que Jeremias ficaria desacreditado como verdadeiro profeta. Quer dizer: "Oxalá a situação fosse assim. Este é o desejo de todos nós".

28.3 As profecias de Hananias falavam sobre paz e bênção incondicionais; Jeremias apela para a tonalidade geral dos profetas passados, que falaram sobre guerras, males e pestilência, já que o comportamento do povo sempre trazia tais desgraças. O povo, conforme o conhecimento que tinha das escrituras, deveria entender que Jeremias tinha razão.

28.9 Jeremias estabelece o método de verificar a veracidade da mensagem dos profetas. Ele baseia seu caso na espera para ver o que sucederia. Nesse ínterim, o verdadeiro arrependimento, a prática da justiça, e o abandono à idolatria seriam o curso mais sábio (Dt]3.1 5).

28.11 Sefoi. Suas profecias baseavam-se apalavrádeJeová; suas provas de veracidade haviam sido apresentadas. Agora o

28.6 O amor de Jeremias por Jerusalém era tal que ele pôde dizer "amém" à profecia de Hananias, embora a *mesma* contradissesse sua própria mensagem da parte do Senhor e seu cumprimento significava que Jeremias ficaria desacreditado como verdadeiro profeta. Quer dizer: "oxalá a situação fosse assim. Este é o desejo de todos nós".

28.8 As profecias de Hananias falavam sobre paz e bênção incondicionais; Jeremias apela para a tonalidade geral dos profetas passados, que falaram sobre guerras, males e pestilência, já que o comportamento do povo sempre trazia tais desgraças. O povo, conforme o conhecimento que tinha das escrituras, deveria entender que Jeremias tinha razão.

28.9 Jeremias estabelece o método de verificar a veracidade da mensagem dos profetas. Ele baseia seu caso na espera para ver o que sucederia. Nesse ínterim, o verdadeiro arrependimento, a prática da justiça, e o abandono à idolatria seriam o curso mais sábio a seguir (Dt 13.1-5).

28.11 *Se foi*. Suas profecias baseavam-se na palavra de Jeová; suas provas de veracidade haviam sido apresentadas. Agora o povo tinha de decidir-se, aceitando ou rejeitando a mensagem de Jeremias.

28.13 *Canzis*. Postos nos pescoços dos bois e segurados por tiras de couro.

28.14 O jugo de madeira, quebrado, exigia, reforço da outra profecia, a de Deus para demonstrar que um jugo de ferro tipificava melhor o cativo e sua duração. Vd. 27.6. Jeová havia dado ao Seu povo outra oportunidade para desviar-se da falsidade e abraçar a verdade, do paganismo para a adoração divina, mas poucas deram ouvidos à mensagem.

28.17 *Sétimo mês*. Dentro de mais dois meses, compare v. 1.

29.1 *Cativeiro*. A primeira leva 597 a.C., vd. 2 Rs 24.10-16. O restante do povo foi levado

cativo dez anos mais tarde em 587 a.C. (2 Rs 25.1-7).

29.2 Rainha-mãe. Neústa, 13.18.

29.3 Safã... *Hilquias*. Seus pais foram os homens que encontraram as escrituras no templo (2 Rs 22.10), Safã era irmão de Aicã (26.24) que tomou o lado de Jeremias nas questões políticas.

29.5-7 Deus queria que Seu povo fosse uma parte útil e necessária da comunidade onde se encontrava. *Orai*. Um ministério espiritual que beneficiaria os seus captivos na expectativa de voltarem.

29.5 Uma amostra da presença da verdadeira religião entre o povo também se vê no progresso de todos. Deus quer acrescentar todas as coisas desejáveis àqueles que buscam em primeiro lugar o Seu reino e a Sua justiça, e quer que Seus crentes sejam amorosos ao ponto de construí-las em benefício de todos os seus vizinhos.

29.10 *Cumpriram para a Babilônia*. Refere-se à duração do império 605-539 a.C., e só secundariamente à duração do cativeiro, que terminou pouco depois do fim do domínio mundial da Babilônia. Os setenta anos de Israel, sendo nação religiosa; se contam para a época quando não existia templo, 587-516 a.C.

29.13 Uma chave da religião é reconhecer que Deus se revela na nossa vida somente quando estamos prontos a Lhe entregar tudo o que somos e que temos.

29.14 Sorte; Para restaurar as circunstâncias. A raiz dessa palavra é um dos vocábulos usados para o cativeiro, pois deriva da palavra que significa levar, liderar, expulsar, ou transportar para o cativeiro. Essa frase é coerentemente traduzida nesta versão por "mudar a sorte". Exílio, no heb *galah*, desnudar em sentido mau, pois os exilados eram usualmente despojados de suas riquezas. O objetivo de Deus com o cativeiro era construtivo, para levar ao arrependimento e à santificação uma nação restaurada.

29.15-20 A presença do templo e do rei governador em Jerusalém encorajavam o povo dando uma base para os falsos profetas dizerem que o cativeiro seria breve, pelo que Jeremias profetizou sua dispersão.

29.15 O versículo 21 mostra o que Jeová faria com os falsos profetas na Babilônia; que estavam iludindo o povo, e que criam em suas próprias profecias sobre o breve cativeiro. É a situação que Ezequiel enfrentou até à destruição de Jerusalém com o templo (Ez caps. 4, 5 e 7-10).

29.17 *Figos ruins*. Derivado da raiz heb que quer dizer horrível ou bravio, ou seja, ofensivos ou vis. Abomináveis, horrorosos. *Ruins*. Algo estragado física ou moralmente.; Compare 24.1-10.

29.18 Assim como as maravilhas que Deus realizara por Israel foram comentadas pelas nações, assim aqui o povo que rejeitou estas bênçãos se tornava alvo de zombaria por parte das nações.

29.21,22 *Colaías*. Maldição, no heb, *Celalah*. *assou*, no heb, *calah*. Um jogo de palavras consciente, conforme o estilo típico de Jeremias.

29.23 *Loucuras*. A palavra heb mostra um estado mental ou uma ação, assinalados por desconsideração total pelos sentimentos morais ou espirituais. Atos grosseiros. de imoralidade (Gn 34.7; 2 Sm 13.12).

29.25 *Sofonias*. O sumo sacerdote em exercício era favorável a Jeremias, e mostrou a carta de Semaías a Jeremias, o que provocou a sua resposta (Pasur, 21.1).

29.26 *Fanático*. No heb, delirar por desequilíbrio mental, estar louco ou fingir loucura. É a mesma palavra que aparece nas referências nos livros de Reis e Oséias. *Quer passar por profeta*. Fazer tal papel agindo de maneira excitada, como um dervixe a bracejar freneticamente. Nota: Os capítulos 30 a 33, neste ponto, assinalam uma mudança de entonação na mensagem de Jeremias, que até agora fora inteiramente melancólica, o que contribui para seu apelido popular de "profeta chorão". Esta seção, porém, contempla a futura restauração do povo de Deus.

30.2 Mais uma indicação que os livros dos profetas foram escritos sob a direção de Deus,

na época à qual se (cf. Êx 17.14; 24.4; Dt 31.9; Hc 2.2).

30.4 Uma profecia concernente aos dois reinos de Judá e Israel, que ainda será cumprida com uma promessa de conclusão: "Nos últimos dias, entenderéis isto" (24).

30.5-7 *Aquele dia*. Será um tempo de angústia, em que os homens sofrerão dores agonizantes, mas com a promessa de que Jacó, apesar de também sofrer horrivelmente, será, afinal, livrado dos tormentos.

30.8,9 *Nunca mais... escravo* (Ez 37.26). O povo hebreu haveria de ver o *jugo* das nações do mundo tirado de seu pescoço. *Seu jugo... teu pescoço*. Em ambos os casos, terceira pessoa, o que é uma referência ao futuro livramento de Israel, e não uma referência ao Israel dos dias de Jeremias. Os capítulos 30-33 esboçam os detalhes do reinado de Cristo: 1) O Messias seria **rei** sobre Israel (30.9; 33.15-17); 2) Israel será restaurada à terra da Palestina (30.1, 18-20; 31.10-14, 23-38; 32.15, 37, 33.7); 3) Israel converter-se-á ao Senhor (30.22; 31.11, 31-34; 32.28-40; 33.11); 4) Israel viverá em segurança com alegria do Senhor como sua porção (30.10; 33.11); 5) O reino milenar de Cristo (Ap 20.6) assinalará o cumprimento das promessas feitas a Israel. Essas promessas estão estabelecidas no eterno amor de Deus e descansam seguramente sobre a Sua fidelidade (31.1-3; 33.14).

30.10 *Atemorize*, ou "perturbe-o" A expressão é comumente usada para ovelhas tranqüilas que estão deitadas sem perturbação em seu pasto (Is 17.21, e do povo, Lv 26.6; Ez 39.26; Mq 4.4).

30.11 *Em justa medida*. Punição para restaurar, não para destruir (cf. 2 Co 7.8-10).

30.14 *Amantes*. Aliados de Judá, especialmente o Egito (Jr 22.20).

30.17 *Saúde*. A pele nova que se forma sobre um ferimento ao sarar, prova de que a ferida sarara (8.22; 23.6).

30.18 Vd. 29.14. Significa coerentemente a transformação de adversidade e miséria em prosperidade e consolo *Montão*, no heb, *tel*, e que se refere: ao costume de reedificar a cidade sobre o monte de suas antigas ruínas. Muitas cidades têm a palavra "tel", como prefixo ao seu nome. E.g., Telassar (2 Rs 19.12), Tel-Abibe (Ez 3.15).

30.21 *Reinar... chegará a mim*. Esse príncipe será tanto rei como sacerdote (Ez 45.17). *Seu príncipe*, lit., seu poderoso (de Jacó).

31.1 *Naquele tempo*. Esta expressão é semelhante a "Dia do Senhor", no sentido de ser época futura bem definida na mente de Deus, mas sem data humana marcada. A promessa para o futuro está misturada nestes versículos com alusões à libertação que Deus operou na época do Êxodo.

31.6 O cisma entre o reino do norte (Israel) e as tribos do sul terminará.

31.7 *Cabeça das nações*. Israel, por ter sido especialmente escolhido (Dt 7.6, 2 Sm 7.23), se encontra entre as mais exaltadas das nações (Dt 26.19).

31.8 *Cegos... aleijados... grávidas*. Até mesmo aqueles que teriam maior dificuldades em viajar, retomarão à Palestina. *Congregação*, no heb, *qãlâl*. Palavra técnica que, no Pentateuco, indica a nação de Israel.

31.9 *Efraim*. Jacó tratou Efraim como a um neto favorito, com a bênção do primogênito (Gn 48.13-20). Como tribo maior das dez tribos do norte, passou a ser um dos nomes coletivos destas, que também se chamavam: "Israel" e "Samaria".

31.10 *Senhor*. Quem espalhará o Seu povo será Aquele que o restaurará à sua terra.

31.12 Vd. 35.1, 2. Um quadro sobre a condição de Israel quando regressar para ficar.

31.14 *Alma*. Aqui se emprega como sede dos desejos, particularmente do apetite (Nm 11.6; Jo 33.20; Mq 7.1). Vd. 11.20n.

31.15 *Ramá*. A oito quilômetros ao norte de Jerusalém; local onde Raquel, mãe de José, e, portanto, das tribos de Efraim e de Manassés lamenta poeticamente a morte e a separação no exílio.

31.18 *Novilho... não domado*. Não disciplinado, nem treinado para usar a canga ou para produzir trabalho útil. *Converte... convertido*, voltar, retomar; lit. "impele-me a retornar

(voltar-me) a fim de que eu possa retornar".(Rm 8.30).

31.19 *Bati no peito*. Coxa, gesto de tristeza, terror ou horror, contrição (Ez 21.4). *Opróbrio*. A vergonha que atrai contra mim mesmo por meio dos pecados cometidos nos primeiros anos como uma nação, a mocidade.

31.20 *Filho dos minhas delícias*. Uma criança que alguém afaga e ama.

31.21 Prestai atenção à maneira como fostes para o exílio para que possais traçar vossos passos.

31.22 Sião, em lugar de manter-se afastada e de esperar ser buscada por seu marido (Jeová) apegar-se-á afetuosamente a Ele como nunca o fizera antes (Os 2.19).

31.23 *Santo monte* O lugar central de Judá era o monte do templo, mais especificamente, onde estava a rocha, no átrio que Salomão consagrou como altar (1 Rs 8.64), o ponto mais alto de Judá.

31.26 Revela-se aqui a maneira pela qual a vontade de Deus se revelou ao profeta em sonhos e visões.

31.28 *Velei*. A mesma palavra que em 1. 12. Visto que Jeová mantém zelosamente Sua palavra. Ele amará e cuidará ainda da Israel restaurada para abençoá-la, multiplicá-la e edificá-la.

31.30 Nova ênfase sobre às responsabilidades do indivíduo para com Jeová e sobre a necessidade de prestar-lhe contas em tempo de transgressão. • **N. Hom.** O cap. 31 descreve uma restauração que depende da obra do próprio Deus, e portanto real (v. 4), na qual não haverá mais a angústia de trabalhar em vão, v. 5. Esta restauração se estenderá especialmente aos que sofrem (v. 8), e será um segundo paraíso, v. 12. A nova aliança selará estas bênçãos, 31-37.

31.31 *Nova aliança*. Vd. nota em 11.2, os dois reinos compartilharão juntos dessa aliança (*eterna aliança*, 32.40). Vd. 31.31, 34, 32,37-41; Hb 8.7-13; 10.15-18. As condições dessa aliança são: 1) Substituirá a antiga aliança que Israel havia quebrado (31.32; Hb 8.7, 8); 2) Uma aliança de graça e não de obras (31.32; Hb 8.6); 3) A nova aliança promete o novo nascimento mediante a qual a lei de Deus é escrita nos corações de Seu povo (31.33; 32.39; Hb 8.10; 10.16); 4) A nova aliança promete a conversão da nação de Israel a Deus (31.33-34; 32.38; Hb 8.10); 5) A nova aliança promete o perdão dos pecados (31.34; Hb 8.12; 10.17); 6) A nova aliança promete a vinda de bênçãos de Deus Sobre Israel (32.39, 40); 7) A nova aliança é um pacto eterno (32.40); 8) Embora a nova aliança tivesse sido expressamente feita com os filhos de Israel, a epístola aos Hebreus aplica os benefícios da graça, que fluem dessa nova aliança, à Igreja. O atual ministério de nossa Senhor baseia-se em Seu ofício mediano de Seu melhor pacto (Hb 8.6). O privilégio dos crentes, durante nosso tempo, de entrar no Santo dos Santos através do sangue de Jesus, diz respeito a essa nova aliança (Hb 10.14-22). A ceia do Senhor baseia-se sobre a nova aliança (Lc 22.20). Isso não significa que a nova aliança deve ser entendida como declaração de que as promessas milenares a Israel não tenham de ser observadas. Essas promessas serão cumpridas (cf. Rm 11.26).

31.35-37 Jeová reafirma a continuação de Israel como um povo que não será completamente rejeitado.

31.36 *Leis fixas*. Refere-se àquilo que chamamos de "Lei da Natureza", sendo que a ciência nada mais é senão a tentativa do homem de observar acuradamente as leis fixas que Deus imprimiu no universo.

31.38-40 Jerusalém será reedificada e expandida a ponto de incluir até mesmo lugares considerados imundos. Depois do cumprimento dessa promessa de reedificação, ela nunca mais será destruída.

32.1 A narrativa chegou ao ano 588 a.C., o último ano do reino de Judá; já se emprega a data internacional do império da Babilônia.

32.2 *Pátio do guarda*. Um lugar cercado, guardado para prisioneiros não considerados suficientemente perigosos para serem lançados na cova comum. A razão do

aprisionamento (ver 3-5).

32.3 Secretamente, o rei respeitava o profeta (37.3), mas, como Nicodemos, era ameaçado pela máquina política (Jo 3.1; 7.50).

32.8 *Hananeel* tinha tanta fome pelo dinheiro, que forçou um pobre prisioneiro a cumprir o dever do resgate de um terreno inútil.

32.9 O campo estava então na posse do exército babilônico. Jeremias provou sua fé nas promessas de Jeová, de que Judá seria restaurada, ao comprar um campo ainda sob controle de um exército estrangeiro (15).

32.11 *Escritura*, Sempre era feita uma cópia de um documento de compra. O documento original continha os termos e as condições da compra, e era selado pelo lado de fora. A cópia, que apresentava o fato da compra, era deixada aberta para servir de prova imediata. *Lei... estatutos*. Termos legais técnicos: pela Lei, os vendedores cediam a posse da propriedade; pelos estatutos, davam as condições mediante as quais a propriedade fora adquirida pelo comprador.

32.12 *Baruque* (36.4-8; 45.1-5). Significa "bem-aventurado". Devotado amigo e "escrivão" de Jeremias. De 51.59 em diante, parece que Seraías; camareiro-mor de Zedequias, era irmão de Baruque. Era neto de Maaséias, "governador da cidade" (2 Cr 34.8).

32.14 *Vaso de barro*, para guardá-la da umidade. Jarros de barro, contendo tais contratos, têm sido desenterrados pelos arqueólogos.

2.17 Esta oração de adoração é semelhante à de Rm 11.33-36.

32.18 *Nos filhos*. Expressão omitida na tradução do hebraico *cheq*, ou no seio, na bainha, no regaço, no peito. As vestes orientais tinham na altura do peito numerosas dobras que serviam de bolso. Isso explica a derramar no seio das vestes como retribuição contra a iniquidade, que assim era levada ou carregada. *Senhor dos Exércitos*. O mesmo que foi visto por Isaías, e ao qual também chamou de Rei (Is 6.5).

32.19 *O fruto*. É a doutrina definida em Gl 6.7-8.

32.20 *Um nome*. É a revelação de Deus na vida humana.

32.21 *Grande espanto*. O terror que se propagou entre as nações circunvizinhas (Êx 15.14; 23.27; Dt 2.5; Js 5.1).

32.24 *Trincheiras*. Vd. em 6.6n. Montão de terra ajuntada. Tranqueira que se faz para o assédio contra uma cidade. O cerco da cidade estava praticamente realizado. A cidade estava completamente bloqueada, e o povo passava fome.

32.26-44 A resposta de Jeová à declaração de fé que Jeremias tinha contida nos vv. 16-25: Israel podia culpar apenas a si mesmo por seu castigo (26-35); num dia futuro, Israel compraria campos com todas as formalidades legais, conforme Jeremias havia efetuado sua compra.

32.29 Jerusalém se tornara completamente rebelde, e por isso merecia o mesmo castigo das antigas cidades cananitas (Dt 3.6; Js 6.24; 8.28).

32.30 *Sua mocidade*. O tempo em que Israel esteve no Egito era considerados tempo de sua juventude (2.2; 31.19; Os 11.1).

32.31 *Ira... esta cidade*. Jerusalém tornou-se a carga da ira de Deus, um objeto que o provocara à ira e o levava a exibí-la. • **N. Hom.** O cap. 32 encerra uma lição de fé e de obediência: 1) A situação desesperadora, 1-5; 2) Escutando a Palavra de Deus, 6-7; 3) Obedecendo à Palavra de Deus, 8-12; 4) A consolação e inspiração que brotam desta obediência, 13-15; 5) O resultado final: poder para distinguir os tempos do presente (26-35), e do futuro (6-44), para ser um verdadeiro profeta de Deus.

32.33 *Advertência*. Lição, instrução, castigo, reprimenda, moral e ética. A mesma palavra é traduzida no livro de Provérbios por "instrução" (4.1); "ensino" (5.13; 8.10, 33); "disciplina" (5.23; 6.23). É uma das palavras-chaves de Provérbios.

32.34 *Abominações*. No heb, *shiqquts*, sujeira, falsidade, ídolo. Neste sentido, aparece em Dn 11.31; cf. Mt 24.15. A raiz significa desgosto. *Profanarem*. Sujar, afetar.

32.35 *Abominação*. No heb, *to'eivah*, imundícia, sujeira, abominação. *Moloque*, (vd. notas

2.23; 7.31; 1,96) Era o deus nacional dos amonitas. Foi expressamente proibido aos israelitas adorá-lo (Lv 18.21; 20.2-5); condenado como clímax da iniquidade (Dt 12.31; 18.10-13). Visto que Salomão permitiu a adoração a Moloque, o reino foi dividido (1 Rs 11.31-33). Havia um sacerdócio pagão a servi-lo (Jr 49.3; Sf 1.4, 5).

32.36-44 Promessas proféticas feitas à cidade sitiada: 1) Jeová reunirá seus cidadãos das terras para onde os espalhou em sua ira, 37; 2) Jeová fará com que habitem em segurança, sendo Seu povo, 37, 38; 3) Ele lhes dará um *coração e um caminho* 39. A unidade sempre é representada como uma das características do reino messiânico (Sf 3.9; Zc 14.9); 4) Sua aliança será eterna, 40; 5) Ele continuamente fará o bem por eles, 40; 6) Eles nunca o abandonarão, 40; 7) Serão firmemente fixados na terra prometida, 41; 8) Mais uma vez comprarão campos para cultivá-los, campos que são uma aliança incondicional, na qual Jeová é o agente ativo.

32.38 Descreve-se uma teocracia na qual a vida particular e o governo civil refletem a plenitude da vontade divina revelada.

32.39 A união dos irmãos na fé, vinculados pelo temor de Deus, seguindo uma mesma vocação, é o que produz a verdadeira Igreja.

33.1 O apóstolo Paulo também era embaixador em cadeias (Ef 6.20).

33.3 *Ocultas*. A raiz, no heb, é cortar ou aparar, isto é, isolar, tornar inacessível devido à altura ou às fortificações (Is 48.6). Coisas que estão além dos limites das forças *humanas*.

33.4 *Trincheiras*. Vd. notas em 32.24 e 6.6.

33.6 *Saúde*. Vd. nota em 30.17.

33.7 *Princípio*. Como nos tempos antigos, como nos dias anteriores (Is 1.26). Tempos do reino ainda não dividido, o firme estabelecimento de sua prosperidade civil por meio da segura posse e do desfrutar das coisas boas da terra.

33.8 *Purificá-los-ei*. Isso dará estabilidade e permanência à prosperidade (cf. Sl 127.1).

33.11 *Rendei graças... bom*. Uma forma litúrgica usada nos cultos do templo (1 Cr 16.34; 2 Cr 5.13; 7.3; Ed 3.11; Sl 106.1; 107.1; 118.1, 29). *Sorte*. Vd. em 29.14n.

33.12 *Morada*, ou pastagens, incluindo os acampamentos (vd. Nm 35.2n).

3.13 *Cone*. As bênçãos do Senhor sobre a terra possibilitarão o pasto de rebanhos, como nos tempos antigos. Os pastores contavam seus rebanhos depois de conduzi-los ao pasto e depois que voltavam para o aprisco.

33.14-18 Mostra que os ofícios de rei e de sacerdotes serão restabelecidos.

33.15 *Davi*. A aliança com Davi (2 Sm 7.8-17). Promessas: 1) *Te fará casa*, isto é, família, posteridade. Vd. também Is 1.26; 2) *Para sempre o trono do seu reino*, autoridade real; 3) *Reino*, isto é, uma esfera de governo; 4) *Para sempre perpetuidade*; 5) *Com uma condição*: a desobediência resultará em castigo, mas não em ab-rogação da aliança (2 Sm 7.15,16; Sl 89.20-37; Is 24.5; 54.3). A aliança foi confirmada à Maria (Lc 1.31-33; At 2.29-32; 15.14-17) Vd. 33.20-26. Uma forte confirmação à aliança davídica.

33.16 *Senhor, justiça Nossa*. Comparar com 23.5, 6. Aqui o título se refere a Jerusalém e não somente ao Messias, que dá seu nome a ela, Ap 3.12. Vd. também Is 1.26.

33.18 *Levitas*. No futuro, serão cumpridas estas promessas a eles. 1) *Gordura* (31.14); 2) *Haverá ofertas de ações de graças* (33.11); 3) *Nem faltarão levitas*; 4) *Holocaustos, queime oferta de manjares... todos os dias*. Ofertas pelo pecado não são mencionadas, mas apenas ofertas de ações de graças. Ez 40-4 dá uma elaborada descrição do novo templo, Is 66.21, no tempo da restauração, fala sobre sacerdotes e levitas. Estão ligados à plena confirmação de Deus (20-26), semelhante a Davi.

33.22 *Exército dos céus*. Referência às estrelas, aos planetas, ao Sol e à lua. A promessa está sendo feita com as mesmas palavras que selaram a Aliança com Abraão (Gn 2.17-18).

33.24 *Este povo*. Os duvidosos entre os cativos, que duvidaram da futura restauração. • **N. Hom.** Cap. 33 nos ensina que, mesmo no meio da destruição pronunciada contra o povo desobediente (4-5), o arrependimento e a invocação de Deus trará da parte de

Senhor as bênçãos de sabedoria (3); saúde (6); segurança (6); restauração (7); purificação (8); júbilo (11). A garantia destas promessas amoráveis é a própria pessoa do Senhor Jesus Cristo, que nos justifica pela aliança eterna (14.26).

34.1 *Todos os povos*. Quase todo o mundo é conhecido pelos orientais.

34.4 *Zedequias*. Morreu na prisão; na Babilônia, depois que seus olhos foram arrancados por Nabucodonosor, em Ribla, no sul da Síria, ao norte da Palestina (39.7; 52, 8-11; 2 Rs 25.5-7).

34.5 Fala sobre as cerimônias honoríficas nas quais eram queimadas especiarias, como parte do sepultamento de reis falecidos.

34.7 *Laquis*. Atualmente Tel-el-Hesy, cerca de 37 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. A destruição violenta desta cidade relata-se em inscrições babilônicas daquela época. *Azeca*. Provavelmente cerca de 24 quilômetros a sudoeste de Jerusalém (Js 10.11; 15.35; 1 Sm 17.1; Ne 11.30).

34.8,9 Lei da libertação de escravos (Êx 21.2. O escravo hebreu do sexo masculino deveria ser solto após seis anos de serviço; Dt 15.12 estende a lei a mulheres hebréias escravas). *Apregoar a liberdade*. Expressão usada para se referir à libertação de escravos no ano de jubileu (Lv 25.10). Libertar os escravos hebreus provavelmente era plano do rei. O resultado foi que o exército babilônico se afastou para defrontar-se com o aliado de Judá, que se aproximava, o exército do Faraó. Porém, quando o perigo do cerco foi aliviado, os possuidores de escravos renunciaram seu voto solene e incorreram na ira de Jeová contra eles.

34.10 *Despediram* durante o cerco de Jerusalém.

34.11 *Se arrependeram*. O pecador se arrepende de fazer o bem.

34.16 *Profanastes*. Renegaram seu solene voto feito a Jeová no templo, profanando, assim, o Seu nome. *Deixados à vontade*. Lit. segundo sua alma. Ao escravo era dado pela lei o direito de escolher entre ser libertado ou permanecer como escravo do senhor, no fim do tempo prescrito de seis anos de serviço, quando a própria lei ordenava a sua libertação.

34.17 A retirada da graça de Deus nos deixaria nas mãos do Maligno.

34.18 *Passando... porções*. Uma cerimônia que ratificava simbolicamente o acordo em torno de um pacto. As partes contratantes passavam entre os pedaços divididos do animal invocando, sobre si mesmo, uma sorte semelhante, se deixassem de cumprir as condições estipuladas. A frase sobre a leitura da aliança é, lit., "cortar um pacto", o que, possivelmente, se refere ao costume acima. Gn 15.8-17 é a aliança mais notável deste tipo. • **N Hom**. O cap. 34 nos mostra que até a sorte dos reis depende da sua obediência à vontade de Deus (1-5), e que esta vontade deve, em geral, imperar nas leis cívicas da nação, 8-11; a chave da compaixão humana é o amor que o próprio Deus mostra para com pessoas fracas e escravizado, 12-22. Nos capítulos 35-36 regressamos ao reinado de Jeoaquim. Cronologicamente, seguem-se ao capítulo 26.

35.2 *Recabitas*. Vd. 2 Sm 4.2. Eram descendentes de Hobabe, cunhado de Moisés. Eram queneus, não eram adoradores de ídolos, mas foram com Israel para Canaã. Estabeleceram-se no sul de Judá, perto do deserto de Cades. Eram nômades (Jz 1.16; Sm 15.6; 27.10). *Câmaras*. Arranjadas em torno dos átrios do templo, como despensas; parcialmente como residências para sacerdotes (1 Cr 9.27; Ez 40.17; Ne 10.37-39).

35.4 *Homem de Deus*, refere-se a Hanã como "profeta" (1 Rs 12.22). *Maaséias*. Provavelmente pai de Sofonias (21.1; 29.25; 37.3), o qual é mencionado como o segundo sacerdote, em 52.24. *Guarda do vestibulo*. Havia três oficiais, um para cada portão do templo: Só eram menos importantes que o sumo sacerdote e seu representante (52.24). Estavam encarregados de cuidar do dinheiro destinado à restauração do templo (2 Rs 12.9).

35.6-10 Vd. 2 Rs 10.15-28. Os recabitas afirmavam que a vida fácil em Canaã impedia a pureza de adoração a Jeová. Portanto, voltaram ao modo de vida no deserto, vivendo em

tendas, sendo pastores, e abstando-se do vinho por motivos simbólicos (não por convicções religiosas). O uso que Jeremias fez deles como uma ilustração, tinha a intenção de mostrar como alguns homens são mais fiéis às doutrinas humanas do que Israel o era aos mandamentos de Jeová.

35.6 *Jonadabe... nosso pai.* Usada no mesmo sentido que os discípulos dos profetas eram chamados de "filhos dos profetas".

35.11 *Siros.* Eram, os arameus que, após a rebelião de Jeoaquim contra Nabucodonosor, invadiram Judá para tornar desolada a nação (2 Rs 24.2; Jz 10.6; Gn 25.20).

35.13 *Vai.* Essas palavras seguintes não foram proferidas nas câmaras, mas provavelmente, em um dos átrios do templo, perante o povo reunido.

35.14 *Até ao dia de hoje,* ou 300 anos *ininterruptos* de fidelidade aos ensinamentos de Jonadabe. Este gozava de alta estima desde os tempos de Jeú, em 841 a.C. • **N. Hom.** O cap. 5 ensina-nos a fé combinada com a obediência, que formam a soma chamada "fidelidade". Preceitos humanos, porém com intentos de uma adoração mais pura de Deus, seguiram-se à risca durante muitos séculos, 6-11. A família dos recabitas viu nisto sua razão de ser. Muito mais, pois, o povo de Deus, fundamentado sobre as alianças de Deus, especialmente a nova aliança firmada na pessoa de Jesus Cristo (cf. 1 Co 11.25) deve refletir a natureza e a vontade de Cristo em toda a sua doutrina, suas atitudes e suas ações (comp. 13-17, com Jo 14.15; 15.10).

36.3 *Escreve.* Este capítulo registra o ato de escrever pelo menos parte do livro de Jeremias. Por Dn 9.2; sabemos que Daniel leu alguns dos escritos de Jeremias, no fim dos 70 anos de cativeiro. O rei procurou destruir a palavra de Deus (36.23), mas Deus a preservou (36.28, 32). Na sua inspiração, a palavra era de Deus; a boca que proferia as palavras fora a de Jeremias; a pena que as registrou fora a de Baruque (32.12; cf. 4.4). *Josias, até hoje,* as profecias de 23 anos de ministério.

36.5 *Encarcerado,* não na prisão (19, 26). A mesma palavra que ocorre em 33.1. Talvez tivesse sido proibido entrar na área do templo, desde o sermão do templo (7.1-15; 26.1-6), ou por causa de impureza cerimonial.

36.6 *Dia de jejum.* Provavelmente um dia especialmente designado, devido a uma crise ou seca. Tempo, 604 a.C., quando Nabucodonosor avançava contra Asquelom. O Mishnah diz que nenhuma chuva havia caído até o primeiro dia de Quisleu (novembro/dezembro), quando um jejum de três dias foi observado. Jeremias aproveitou uma ocasião quando havia grande número de pessoas no templo. Na lei o único jejum fixado era o dia da Expição, no sétimo mês.

36.7 *Bem acolhidas,* lit. "suas súplicas cairão", isto é, cairão perante os olhos de Jeová, sendo ouvidas e aceitas por Ele.

36.9 *Mês nono.* O mês que se iniciou a 4 de dezembro de 605 a.C. Os meses israelitas sempre começam em dias diferentes quando comparados com o nosso calendário. (Vd Nota de 2 Cr 5.3).

36.10 *Câmara de Gemarias.* Vd. 35.2. Gemarias era um dos escribas particulares dos reis, um importante ministro de Estado (1 Rs 4.3; Is 37.2). Era príncipe, e provavelmente irmão de Aicã, filho de Safã (amigo e protetor de Jeremias. Vd. 26.24n). Safã foi aquele que, 18 anos antes, havia trazido e lido o rolo de Deuteronômio a Josias, depois que fora descoberto pelo sumo sacerdote Hilquias, no templo (2 Rs 22.8-10). *Porta Nova e príncipes,* 12 Vd. 26.10n.

36.12 *Câmara do escrivão... Elisama.* O Secretário de Estado, seu escritório era ponto de reunião dos príncipes.

36.14 *Jeudi.* É incomum que três gerações se tivessem dedicado a esse cargo secundário. Possivelmente porque *Cusi* (que quer dizer "etíope") deixa inferido que ele era de origem etíope, que adorava a Jeová. Nesse caso, ele ou seus pais se tinham tornado judeus naturalizados.

36.16 *Entreolharam-se* ou *espantaram-se.* Pelas expressões e gestos, e por suas

palavras, demonstram temor mútuo.

36.18 Tinta. Feita de uma mistura de negro cor de fumo com goma aquosa. As cartas de Laquis mostram uma tinta cujo teste exhibe possíveis sinais de ferro, seiva de carvalho e cobre. *Livro.* Naquela época, era na forma de um rolo de pergaminho, feito de couro de ovelhas.

36.20 Átrio. Um átrio aberto, no interior do palácio.

36.22 Casa de inverno. A parte mais bem abrigada da casa era chamada "casa de inverno", e a parte mais ventilada era chamada "casa de verão". Durante o frio e o mês chuvoso de dezembro, um braseiro com brasas era posto no centro do aposento para aquecê-lo.

36.23 Cortou-o. O verbo subentende uma ação repetida., "ficou cortando". O rei queimou o pedaço a pedaço.

36.24 Registra-se aqui o endurecimento do coração de um povo que, ao ouvir a palavra de Deus, não se sente comovido nem arrependido.

36.26 Silenciar a voz que quer falar à consciência é o caminho falso dos pagãos, que pensam em obter assim a paz de espírito.

36.28 A palavra de Deus não se deixa emudecer por meios humanos.

36.30 Vd. nota em 22.24, 30. *Geada.* É comum, na altitude de Jerusalém, no inverno.

37.1 Comp. com o capítulo 21. *Zedequias.* 597-587 a.C.; foi colocado no trono depois que os líderes do povo de Judá foram levados ao cativeiro (2 Rs 24.10-19).

37.3 Maaséias. Vd. 35.4n. *Jucal.* Em 38.4 ele propôs, juntamente com outros, que Jeremias fosse morto. Os acontecimentos deste capítulo seguem os do cap. 21, no qual o mensageiro se aproximou de Jeremias, quando o exército de Nabucodonosor se avizinhava de Jerusalém. Agora o cerco já havia começado e fora suspenso quando Nabucodonosor se afastou para o sul, saindo ao encontro do exército egípcio que se aproximava. As esperanças do povo de que seria livrado haviam sido excitadas por essa retirada.

37.5 Faraó. Conhecido como Hofra (44.30). O historiador grego, Heródoto, chamava-o de Apries, enquanto em monumentos, seu nome aparece como "Uah-ab-Ra".

37.6-10 A mensagem de Jeremias não seria popular, mas era a verdade que não dependia de aparências externas, nem de desejos humanos.

37.12 Herança. Possivelmente o que ele comprara (32.9), em Anatote, no território benjamita, ou para assegurar sua partilha numa redistribuição das terras comunais ou produtos das terras dos sacerdotes.

37.13 Porta de Benjamim. No muro norte da cidade, que levava ao território de Benjamim. *Capitão da guarda.* Um sentinela, encarregado do dever de observar aqueles que passavam pelo portão. Sua posição, apropriada para os que queriam entregar-se aos caldeus, sujeitou Jeremias à acusação de traição (21.9).

37.15 Cárcere. Jeremias experimentou cinco tipos de aprisionamento: 1) Foi aprisionado sob a falsa acusação de traição e lançado na cova (37.11-15); 2) Foi-lhe permitido sair da cova para permanecer na corte com guardas (21); 3) Foi posto na cova lamacenta de Malaquias (38.6); 4) Novamente foi solto e mantido na pátio da prisão"(38.11-13); 5) Foi levado para fora da cidade, em cadeias, por Nebuzaradã, capitão da guarda, e finalmente solto em Ramá (40.1-4). E também esteve aprisionado no *tronco* (20.2). *Príncipes... Jônatas, o escrivão.* Esses não são os príncipes amigos, e *Safã*, que aparecem no capítulo anterior, que mui provavelmente estavam exilados na Babilônia, ou haviam morrido. Os acontecimentos do capítulo anterior se desenrolaram em cerca de 604 a.C. Os deste capítulo pertencem a 588 até 586 a.C.

37.16 Celas. Ocorre na Bíblia somente neste versículo. A palavra significa abóbada, barraca, lojas. Trata-se de construção subterrânea.

37.17 Secreto. Sinal da impopularidade de Jeremias perante os príncipes que controlavam o rei. Em 38.5, o rei entrega o profeta nas mãos dos poderosos príncipes.

Em 38.7, o rei dá ouvidos ao apelo de um etíope em favor da vida de Jeremias.

17.21 *Um pão*. Um bôio chato e arredondado, de farinha inferior, com cerca de 23 centímetros de diâmetro e 2,5 centímetros de espessura, semelhante aos pães sírios que existem na praça. *Rua dos Padeiros*. Na antiga Jerusalém, como atualmente, dentro dos muros, certas ruas eram separadas para determinadas atividades.

38.1 O mesmo *Pasur* de 21.1. Gedalias, provavelmente filho de Pasur, que pusera Jeremias no tronco (20.1ss). O novo aprisionamento de Jeremias facilitou uma vez mais a propagação de sua mensagem (comp. Fp 1.12-14).

38.4 "Por que ninguém mata a Jeremias?", ele *afrouxa as mãos*. A última frase encontra-se nas cartas de Laquis, escritas 18 meses antes dos acontecimentos deste capítulo. A carta de um capitão do exército ao seu comandante, queixando-se do efeito da carta do rei que enfraquecia os ânimos ou as mãos. *Restam*. Depreende-se deste versículo e do v. 19, que muitos já haviam passado para o lado dos caldeus, Comp. 26.11.

38.6 *Cisterna*. Jerusalém tinha muitas cisternas que eram usadas para conservar água de chuva para os meses secos de maio a outubro. Neste caso, a ocasião foi pouco antes dos babilônios terem feito uma brecha nos muros de Jerusalém, em agosto de 587 a.C. A morte era o objetivo dos príncipes, ainda que, talvez não quisessem a culpa de terem derramado o sangue de Jeremias (cf. Mt 23.37 e Gn 37.22).

38.7 *Ebede-Meleque*. Tal nome significa escravo do rei. Estes escravos particulares tinham muita influência (Ne 2.1-6). Seu dever, provavelmente, consistia em cuidar do pátio e do harém, segundo o costume oriental. Ironicamente, um profeta foi salvo por um escravo estrangeiro de morrer nas mãos dos próprios compatriotas, eles que eram reputados por povo escolhido de Deus. *Assentado à Porta*. O rei estava assentado ali como juiz supremo do povo, ou observando as defesas da cidade sitiada.

38.12 *Axilas*. As cordas foram postas onde mais provavelmente cortariam o profeta em resultado do peso de seu corpo.

38.14 *Terceira entrada*. Provavelmente idêntica à que é chamada de "entrada real" (2 Rs 16.18). Provavelmente uma entrada particular, do palácio para o templo. *Perguntar-te*. Muitos consultam aos servos de Deus mas poucos querem seguir à risca seus conselhos.

38.15 *Não me atenderás*. Jeremias estava familiarizado com o caráter fraco do rei, especialmente ao enfrentar a oposição dos príncipes (exemplo o v. 5).

38.16 *Secretamente*. Vd. 37.17n.

38.19 *Receio-me*. Era um rei assaltado por temores que o forçavam a ter encontros secretos com o profeta, que o levavam a temer que seus súditos já tivessem rendido. Esses temores imobilizavam-no de tal modo que ele não podia seguir o conselho de Deus.

38.21 *Revelou*. Dado na forma de uma visão (24.1). O v. 22 é a visão das mulheres zombando do rei, ao deixarem o palácio.

38.22 *As mulheres que ficaram*. Dez mil pessoas, inclusive sacerdotes, técnicos, e autoridades, foram levadas juntamente com Joaquim, em 597 a.C. 2 Rs 24.10-17. *Atolaram*. Conforme sucedera há pouco a Jeremias, na cisterna. • **N. Hom.** O cap. 38 nos mostra quantas vezes o interesse dos grandes quer abafar a plenitude da mensagem de Deus (1-6), enquanto o desinteresse dos humildes pode salvar a situação com simples serviços práticos prestados na hora da necessidade (7-13). A fidelidade à vocação sagrada acaba merecendo o respeito de reis (14-16), mas isto não é motivo para um servo de Deus medir palavras em declarar toda a vontade de Deus aos soberanos (17-23).

39.1,2 O cerco de Jerusalém, até sua captura, durou dezoito meses. *Undécimo ano*. Ao completar dez anos no trono.

39.3 *Assentaram*. Uma solene reunião de julgamentos Tornaram conta dos negócios da cidade capturada. *Porta do Meio*. Um portão no muro que dividia a cidade de Sião da cidade baixa. *Rabe*. Um título oficial, "chefe dos oficiais". *Nergal-Sarezer*. Era um dos

genros de Nabucodonosor, que, depois do assassinato de Evil-Merodaque (560 a.C.), se apoderou do trono.

39.4-10 Essa seção contém alguns acontecimentos que tiveram lugar um mês mais tarde (1 Rs 25.8-12; 52.12-16).

39.4 *Porta... dois muros*. No lado sul da cidade. O jardim do rei ficava próximo do poço de Siloé (Ne 3.15), sendo conhecido como Porta da Fonte. *Caminho da Campina*, "Arabah". A direção do profundo vale através do qual fluía o Jordão, e onde fica o mar Morto (Dt 1.1; 3.17).

39.5 *Ribla*. Entre as serras do Líbano e do Hermom, cerca de 160 quilômetros ao norte de Dã, e cerca de 130 quilômetros ao sul de Hamate. Era uma planície fértil que oferecia abundantes suprimentos. *Pronunciou a sentença*. Zedequias fizera juramento de lealdade a Nabucodonosor, mas quebrou o juramento (2 Cr 36.13). Foi por causa disso que Zedequias recebeu um juízo terrível: 1) A morte de seus filhos (v. 6); 2) A morte de seus nobres (v. 6); 3) A perda dos olhos (v. 7); 4) A perda da liberdade (v. 7); 5) Seu exílio na Babilônia (v. 7).

39.7 As profecias de Ezequiel e Jeremias, que predisseram, ambos, que Zedequias veria o rei da Babilônia, mas não a capital da Babilônia, assim se cumpriram (Ez 12.13; Jr 32.4).

39.11-14 Nabucodonosor se preocupava com Jeremias, possivelmente porque sua mensagem ao povo era de que deveriam submeter-se ao jugo babilônico não no sentido de colaborar com os invasores, mas sim com a sentença que Deus pronunciara contra o povo de Judá.

39.14 *Gedalias*. Seu pai, Aicão, vinte anos antes, fora o instrumento da salvação da vida de Jeremias (26.24). Ele o levava para o palácio do governador, a sede do que restava de governo para o povo daquela área. Era membro de uma proeminente família judaica. Provavelmente governara por cinco anos. A terceira deportação pode ter sido resultado do assassinato de Gedalias.

39.15-18 Forma um suplemento do cap. 38. Estes versos relacionam-se a um período anterior à captura de Jerusalém (39.1-14) e tratam de uma promessa ao etíope Ebede-Meleque, o qual salvara sua vida da cisterna. Numa época de desgraça nacional, o mais alto prêmio que se oferece é a simples sobrevivência. O crente não exige prosperidade num mundo maligno.

39.18 *Despojo*. Vd. 21.9n. Expressão idiomática hebraica, que denota segurança pessoal. *Confiaste em mim*. A fé em Deus como condição da vida tipifica-se neste incidente, comp. Rm 3.21-31. Os caps. 40-44 relatam os acontecimentos da vida de Jeremias, após a captura de Jerusalém pelos caldeus, em 586 a.C., até ser levado para o Egito para o restante do povo que para lá fugira depois de mais uma rebelião contra os caldeus.

40.1 *Cadeias*. Que prendiam juntas muitas pessoas. Ramá ficava a 8 quilômetros de Jerusalém. Ali era o ponto onde se preparavam os cativos para serem levados à Babilônia. As mensagens de Jeremias favoráveis à Babilônia, (39.11n) sem dúvida foram as razões de haver sido libertado ali, para ir para onde quisesse.

40.4 Cuidarei, "porei meus olhos sobre ti", ou, eu te protegerei.

40.6 *Mispa* (quer dizer "Ponto de vigia") ficava em Benjamim. Provavelmente o local dominador atualmente chamado "Neby Semwil", 7 quilômetros a noroeste de Jerusalém, ou "Tel en Nasbeh". Ali Samuel julgava ao povo e ali Saul foi escolhido para ser rei (1 Sm 7.15ss; 10.17). Ficava a pouca distância a sudoeste de Ramá.

40.7 *Capitães*. Eram os vários líderes de bandos de judeus que se mantiveram afastados, até que tivessem certeza do que o futuro lhes reservava.

40.8 *Netofatita*. Uma vila não distante de Jerusalém, a oeste de Belém. *Maacatita*. Uma terra e um povo a sudoeste de Hermom, a leste do lago de Genesaré (Dt 3.14). Jezanias é considerado um estrangeiro (sírio) naturalizado.

40.9 *Nada temais*. Os caldeus tinham oficiais postados por toda a terra.

40.10 Sendo julho ou agosto, as uvas, figos e azeitonas estavam maduros para a colheita.

40.14 *Amom*. O rei de Amom não era amigo dos caldeus (27.3). Mesmo assim, usou suas oportunidades para se vingar contra o povo de Judá. Ismael pertencia à família real judaica, e considerava a subserviência de Gedalias como traição, além de desejar governar pessoalmente a província de Judá, mesmo em colaboração com os amonitas. • **N. Hom.** O cap. 40 mostra o amor do servo de Deus para com Seu povo, Apesar de ter sido constringido a recalcitrar contra os pecados do seu ambiente (1-6); tal servo esforça-se para o bem destas pessoas (7-12; comp. 29.4-9).

41.1 Vd. os meses no índice de tópicos. *Sétimo mês*, setembro/outubro. No heb, *Ethanim* ou *Tisri*. A opinião está dividida se esse assassinato ocorreu dois meses após a destruição de Jerusalém, ou em setembro de 582 a.C. (5 anos depois), quando por alguma razão, Nabucodonosor fez uma terceira deportação de muitos hebreus. A morte de Gedalias, portanto, tornou-se causa de uma deportação para a Babilônia. *Ismael*. Era, ou o filho do secretário de Estado, em 36.12, ou, mais provavelmente, um descendente direto de Davi por meio de seu filho Elisama. Em tal caso, Ismael seria um senhor real (2 Sm 5.6; 1 Cr 3.8; 14.7).

41.3 Os judeus, em seu regresso do exílio, costumavam observar o terceiro dia do sétimo mês como um jejum, em memória do assassinato de Gedalias por Ismael (Zc 7.5; 8.19). *Caldeus*. Homens de guerra, as forças de ocupação babilônicas, e guarda pessoal de Gedalias.

41.5 *Siquéem... Siló... Samaria*. Três cidades de Efraim. Assim sendo, os 80 peregrinos eram descendentes e remanescentes do reino do norte. Remanescentes do norte haviam ajudado Josias a reparar o templo (2 Cr 34.9). *Barba rapada... vestes rasgadas*. Sinais de lamentação por causa da destruição do templo. *Corpo retalhado*, uma forma pagã de lamentação proibida ao povo de Deus (Lv 19.28). Vd. 16.6n. *Ofertas de manjares*. Sacrifícios de animais não podiam mais ser efetuados no templo arruinado (Dt 12.13-18), embora o local continuasse aberto como lugar para trazer presentes.

41.6 *Chorando*. Traçoeiramente fingiu lealdade a Gedalias.

41.8 *Depósitos*. Referência a grandes covas subterrâneas, usadas para guardar cereais.

41.9 O que os bons fazem para o bem do povo, os maus empregam para o crime.

41.12 *Águas... Gibeom*. A menos de 2 quilômetros ao norte de Mispa.

41.17 *Gerute-Quimã*, "gerute", hotel, hospedaria. Lugar em que se abrigavam os peregrinos, caravanchará. Quimã era filho de Barzilai, o gileadita que deu apoio a Davi (2 Sm 19.31-40), e possivelmente recebeu um trecho de terra da parte de Davi, perto de Belém. Foi numa hospedaria semelhante que Jesus nasceu entre viajantes e seus animais.

42.1 Vd. 2 Rs 25.26. Jezanias, aparentemente o mesmo Azarias de 43.2. Jeremias e Baruque talvez estivessem entre aqueles que viviam em Mispa, e, assim, talvez tivessem sido capturados por Ismael e posteriormente soltos pelas forças de Joanã. Jeremias havia retornado em companhia de Gedalias (40.6).

42.2 *Disseram a Jeremias*. Aqui temos mais um cumprimento" da profecia de 15.11; na auge do desespero, o Senhor encorajou a Jeremias. Outros exemplos em 38.14; 37.17. *Humilde súplica*. Jeremias começa a ser ouvido só depois de haver um cumprimento visível das suas palavras. A fé age sem exigir provas (Jo 20.25-29).

42.3 *Caminho*, direção, curso. Esperavam que o Senhor confirmasse o plano, de fuga para o Egito, que haviam traçado. Pouco imaginavam que o Senhor não mostraria um caminho ou direção preferível, mas antes diria "ficei onde estais", na Terra Prometida. A resposta foi uma surpresa para eles, mas, na realidade, não estavam preparados para seguir o conselho de Deus, apesar do seu juramento de fidelidade (vv. 5 e 6; Lc 22.31-34, 63-65).

42.5 *Testemunha... contra*, isto é, punir-nos-á se deixarmos de fazer nossa parte, obedecendo conforme prometemos solenemente.

42.7 Dez dias. Jeremias distingue entre a sua opinião definida e a revelação da parte do Senhor, comp. 1 Co 7.25, 40. Escrevera aos exilados na Babilônia encorajando-os a se estabelecerem, serem bons cidadãos, e adorarem a Jeová (29.1-14). Não pusera ênfase anteriormente sobre sua residência na Palestina, embora expressasse a crença que a vida continuaria ali (32.6-15). Tal decisão, porém, não se baseou nos pronunciamentos anteriores de Jeremias ou na predisposição, mas antes na orientação de Jeová: "Assim diz Jeová". A fuga seria compreendida pelos babilônios como confissão de culpa no assassinato de Gedalias e dos "caldeus, homens de guerra".

42.10 Arrependido. Mudei minha conduta para convosco. A punição foi suficiente; agora rege a compaixão. Palavra usada em relação a: Jeová, mais por Jeremias. do que por qualquer outro escritor (4.28; 8.6; 18.8n; 20.16; 26.3, 13, 19; 31.19; 42.10).

42.12 Propício. Se eles permanecessem na Terra Prometida, o Senhor faria com que Nabucodonosor "tenha misericórdia de vós", embora o temessem. Jeová ser-lhes-ia "propício".

42.13 A nação foi destruída por causa da desobediência à vontade de Deus, mas o remanescente ainda debatia se devia obedecer!

42.16 Quem, ao fugir do perigo, fome, ou espada, sai fora do caminho que Deus lhe prepara, cai em situação pior no próprio lugar *em que confiava* (Am 5.19 comp. Rm 8.37-39).

43.2 Soberbos. Insolentes, pela raiz heb *zud* significa "cheios de si mesmos", revoltosos". Homens dominadores cuja opinião prevaleceu. *Mentira.* A fim de livrarem-se da promessa solene (42.5 e 6), negaram o fato de que Jeová expressara Sua vontade por Jeremias, e culparam Baruque de haver influenciado o profeta.

43.3 O fato de Jeremias ter escolhido ficar com os judeus, recusando os favores dos caldeus, comprovou que não tinha sido traidor. Agora os que quiseram rejeitar a mensagem profética buscam outra desculpa.

43.5 Todo o resto. Composto dos, judeus mencionados em 40.11, 12.

43.6 Jeremias foi levado para o Egito, e concluiu ali o seu ministério, até morrer. Suas últimas predições diziam respeito às nações que cercavam Israel (46-52).

43.7 Tafnes. A fortaleza da fronteira egípcia, também conhecida como Baal-Zefom, em grego. Dafne, ou modernamente Tel-Defneh. Taínes (2.16). Atualmente é um cômodo deserto. Uma ruína descoberta foi chamada de "palácio das filhas de Judá". Talvez tivesse sido edificada pelo Faraó para as filhas de Zedequias, (41.10; 43.6).

43.9 Aqui o profeta está falando pelos gestos, como se nota em 13.1-14; 19.10-11; 27.2-6.

43.10 Baldaquino. Ou um tapete ricamente decorado onde era colocado o trono, ou então um pavilhão por cima do mesmo. A raiz da palavra significa "reluzente".

43.12 Despiolhará. Isso demonstra a baixa opinião em que Jeremias tinha o Egito, e a facilidade com que a Babilônia poderia tirar as riquezas da terra, como um pastor tira os "piolhos" de sua capa protetora.

43.13 Bete-Semes, "casa do Sol", cerca de 9 quilômetros a nordeste da moderna Cairo, um famoso templo dedicado ao Sol, com uma avenida de obeliscos defronte, edificado por Tutmose III, da XVIII dinastia, em cerca de 1500 a.C. Também era chamada Heliópolis ou Om. *Queimará.* Uma inscrição de Nabucodonosor afirma que em seu trigésimo sétimo ano (567 a.C.) ele invadiu o Egito, derrotou Amasis, seu rei (568-525 a.C.), e abateu ou levou muitos soldados e cavalos.

44.1 Migdol. Atualmente Tel-el-Heir, ou a Magdol dos romanos, a leste de Tafnes, na fronteira nordeste extrema do Egito (Ez 29.10). *Mênfis.* Nos dias de hoje, Mit Rahneh, 22 quilômetros ao sul de Cairo (Jr 2.15). *Patros.* No Alto Egito "terra do sul", possivelmente uma colônia judaica já existisse ali, em Elefantina, de onde procedem inscrições daquela época, agora em poder dos arqueólogos. Esse capítulo apresenta a última profecia de Jeremias relativa a Israel.

44.4 Começando... *profecias.* A expressão inteira ocorre oito vezes em Jeremias, e em

nenhum outro lugar. Era sinal do interesse especial de Deus por eles, embora tivessem dado pouca atenção aos profetas.

44.7 A punição divina (v. 2) provém, tão-somente do pecado do povo, especialmente da idolatria (v. 8).

44.10 *Humilharam*. Mesma palavra que em Is 57.15; Sl 51.17; e traduz por "contrito" Sl 34.18, "oprimido"; Jó 22.9, "quebrados"; Sl 44.19; 51.8, "esmagares"; Sl 89.10, "calcaste"; Jó 5.4, "espezinhados"; Lm 3.4, "pisar (debaixo)"; Is 53.5, 10, "moído"; Sl 90.3, "reduzes a pó"; Pv 22.22, "oprimas". A raiz da palavra significa "esmagar". Os judeus no Egito, a despeito de tudo quanto o Senhor tinha feito para castigá-los, não tinham "ficado esmagados, apertados em espírito, contritos ou pesarosos" ao lembrarem suas transgressões passadas.

44.11 *Judá*. A profecia refere-se à parte de Judá que fugiu para o Egito.

44.12 *Opróbrío*. Os sobreviventes em Elefantina logo formaram uma seita herética e não participaram da restauração.

44.14 *Fugitivos*, "aqueles que escaparem". Deus sempre teve alguns poucos fiéis.

44.17 *Toda a palavra que saiu do nossa boca*. Frase que indica juramento solene. Nm 32.2, 12; Dt 2.23. Haviam feito um "voto" solene à Rainha dos Céus. Vd. também 7.18n. *Fartura*. Criam que a rainha dos céus os havia abençoado por causa de sua fidelidade a ela. Aquela gente se afastara tanto que não mais podia reconhecer a bondade, a misericórdia e a longanimidade de Jeová. Quando uma renovação vem a melhorar uma situação pecaminosas o povo diz que a reviravolta acontece por causa da reforma, quando realmente é por causa da maldade anterior.

44.18 Esse versículo faz alusão ao tempo entre a morte de Josias, 609 a.C., e a fuga para o Egito talvez 25 anos mais tarde. Os judeus, no Egito, culpavam a impotência de Jeová em protegê-los, por falta de sorte, e o fato de que as reformas de Josias, quando a destruição dos altares da Rainha do Céu foi efetuada, atraíram o desprazer daquela deusa. A cegueira espiritual do povo era total. Tudo isso demonstra quão superficial fora a reforma de Josias, além de mostrar a falta de um verdadeiro apoio do povo ao reavivamento de Josias.

44.19 *Sem nossos maridos*. Vd. Nm 30.6. Somente com a aprovação da marido é que a mulher estava na obrigação de cumprir um voto feito. Tal expressão significa que as mulheres gozavam da aprovação de seus maridos ao fazerem voto e adorarem a deusa da fertilidade, a "Rainha dos Céus". A resposta delas a Jeremias, portanto, foi: "Trate do caso com nossos maridos".

44.21 *Incenso*, fumaça perfumada dos sacrifícios. O ensinamento é que os pecados dos idólatras foram se amontoando de tal modo durante o reinado de Manassés que a nação já era condenada antes de Josias destruir altares pagãos.

44.25 *Vossas mãos*. Eles cumpriram suas promessas com as próprias mãos que haviam dedicado à Rainha dos Céus, com suas bocas *Cumpri-os*, dito com ironia. Se resistirdes e não ouvirdes todas as Minhas advertências, isto vos confirmará em vossos caminhos pecaminosos.

44.26 v. 12 e sua nota.

44.29,30 *Hofra* (Apries, 588-569 a.C., 37.5) foi deposto por uma revolução militar liderada por Amasis (569-526 a.C.), um ex-oficial da corte co-regente de Hofra por três anos, e fundador da XXVII dinastia (líbia). Amasis entregou Hofra nas mãos do povo, para ser julgado, o qual morreu sufocado.

45.1-5 O Senhor fala a Baruque por meio de Jeremias. Vd. 32.12n. O próprio copista reconhece que está gravando a palavra de Deus no seu pergaminho.

45.3 *Sofrimento*. A queixa de Baruque; "acrescentou tristeza ao meu sofrimentos", devia-se ao fato de Ter reconhecido os pecados de seu povo, e estar sofrendo em espírito por causa da pecaminosidade deles. Depois, escrevera para Jeremias as profecias de destruição que haviam aumentado ainda mais sua tristeza.

45.4 Demolindo... arrancando. A constante pecaminosidade do povo de Deus não deixara outra saída ao Senhor, senão a de castigá-lo severamente. É o reverso do plano revelado a Jeremias, de demolir para depois edificar (1.10). As tentativas de edificação serão eliminadas até que os falsos alicerces do paganismo sejam totalmente derribados.

45.5 Despojo, vd. 21.9n. A vida de Baruque foi gasta servindo em segundo lugar. A crise nacional era tal que ele não podia esperar por recompensa nesta vida, embora, por sua linguagem, tivesse a direito de uma alta posição política. Assim foi a vida dos apóstolos: mereciam tempo para descansar, mas os necessitados do povo da época não paravam de se fazer sentir (cf. Mc 6.30-34).

46.2 Ano quarto. O primeiro ano de reinado de Nabucodonosor (605 a.C.). A batalha de Carquemis, neste ano, foi o grande acontecimento daquela época. Carquemis foi a última capital da Assíria. O Faraó Neco, (610 a 594 a.C., período de seu reinado) foi perseguido por Nabucodonosor até às fronteiras do Egito. Foi ele que marchou em ajuda à Assíria para conservar o balanço do poder, tendo sido interrompido no caminho pelo rei Josias, que assim causou sua derrota.

46.3 Preparai. lit. ponde em linha. *Escudo.* Pequeno e redondo, usado por tropas levemente armadas. *Pavês.* Um escudo que cobria o corpo inteiro, usado por tropas munidas de pesado armamento (2 Cr 9.15n).

46.4 Poli. A fim de remover a ferrugem e aguçar as lanças. Vesti-vos e preparai-vos para a batalha.

46.9 Valentes. As tropas mercenárias, que desde os dias de Psamético formavam a força principal dos exércitos egípcios. *Pute.* Somalilândia (Ez 30.5; Dn 11.43). *Lídios.* Os que viviam na fronteira ocidental do Egito.

46.11 Os egípcios eram conhecidos por sua habilidade na medicina. Ciro e Dario haviam mandado buscar médicos egípcios. *Bálsamo.* Vd 8.22n.

46.14 Migdol. Era a cidade de fronteira do nordeste do Egito. *Mênfis... Tafnes,* vd. notas em 2.16 e 43.7. *Apresenta-te,* isto é, põe-te em guarda para resistir ao invasor (2 Sm 23.12).

46.15 Touro. Alusão a Ápis, o boi dos egípcios (Sl 22.12b); os touros de Basã. Ápis era adorado em Mênfis, e os bois eram chamados de "poderosos", assim como Jeová é chamado "o Poderoso de Israel".

46.16 Voltemos. A vida luxuosa dos egípcios os debilitara, e os soldados alugados lutavam por eles. Quando a batalha se dava contra o Egito, os mercenários resolviam fugir para suas terras de origem.

46.17 Espalhafatoso. Em 25.31, "estrondo" é a mesma palavra original. Também usada para indicar descanso luxuoso, desordem. "Descuidado" que fica, quieto numa época de caos. A palavra subentende vaidade, abandono, em suma, "boa vida".

46.18 Tabor. A montanha acima das planícies, de Jezreel que se destacava na paisagem da área, assim como o Carmelo se elevava acima da costa marítima para sobressair na área ao seu redor. O inimigo do Egito será uma grande força dominadora.

46.19 Bagagem. "Reúne os bens de tua casa, os vestidos e as provisões, tudo de quanto vieres a necessitar no exílio".

46.20 Mutuca. Símbolo de Babilônia. Ela ferroava, forçando os egípcios a fugirem.

46.22 Serpente. Fazia parte importante da religião egípcia. "Kneph" era o nome da serpente que adoravam. A ênfase aqui recai sobre a fraqueza do Egito, como o sussurro de uma serpente em fuga.

46.25 Amom de Nô. Amom significa "oculto", referindo-se aos movimentos invisíveis do vento. Associado com Rê, o deus-Sol; era adorado em Nô ou Tebas, capital do Alto Egito como Amom-Rê; deus supremo. Amom era também representado por uma cabeça de carneiro em corpo de homem.

46.28 Castigar-te-ei. Isso, juntamente com uma mensagem de consolo, frisa o alvo de Jeová, que era levá-los ao arrependimento e à mudança de conduta. Seu propósito era

construtivo. • **N. Hom.** O cap. 46 mostra a inutilidade de uma nação que vive longe da comunhão com Deus, preparou-se para a guerra (2-4), tentar expandir sua influência (7-9), procurar seus ídolos nacionais, (15), dos seus líderes (17), e dos seus aliados (21). Cada cidadão deve abrir sua Bíblia e ver quais os males nacionais que pode ajudar a sanear pela fé, pela oração, pela ação.

47.1 Gaza, possivelmente ferida por Neco, em cerca de 608 a.C. Era uma junção de estradas para caravanas vindas do Egito e da Arábia.

47.2 *Águas*, usadas como símbolo de um exército (Is 8.7).

47.4 *Caftor*. O lugar original de habitação dos filisteus, que é a Creta como se vê nas últimas descobertas arqueológicas daquela ilha (Dt 2.23; Am 9.7).

47.5 *Gaza, Ascalom*. Duas cidades dos filisteus.

48.1 *Moabe*. O rico planalto a leste do mar Morto. *Nebo*. Aqui se refere à cidade, e não a montanha (Nm 33.47, Dt 34.1).

48.1 *Quiriataim*. Provavelmente "Kureyat", 16 quilômetros ao norte do mar Morto. *Fortaleza*. Um "alto refúgio", um "forte alto".

48.2 *Hesbom*. Uma antiga e famosa cidade moabita, certa de 21 quilômetros a leste do extremo superior do mar Morto; capital de Seom dos amorreus, denominada assim por causa do rei Seom. Depois de ter caído por sorte a Rúben, caiu nas mãos dos moabitas (Js 13.17; Is 15.4). *Madmém*. Moabe.

48.5 *Luíte*. Ficava numa colina. *Horonaim*. Ficava em um vale.

48.6 *Arbusto*. Heb *Aroer*, quer dizer "toco morto", que é também a nome de uma cidade de Moabe (v. 19).

48.7 *Camos*. Era o objeto da adoração nacional de Moabe (Nm 21.29; 1 Rs 11.7). Na qualidade de deus desta, era impotente para impedir seu próprio cativo e o cativo de seus adoradores.

48.8 *Vale*. Como em Js 13.11, 27; provavelmente a larga depressão em que se transforma o vale do Jordão ao aproximar-se do mar Morto. *Campina*. O planalto com cerca de 800 metros acima do mar Mediterrâneo, onde se assediava a maioria das cidades moabitas (Dt 3.10; Js 13.9).

48.11 *Mocidade de Moabe*. Datava do tempo da conquista dos emins aborígenes pelos moabitas (Dt 2.10). Frequentemente estavam em guerra, mas nunca haviam sido expulsos de sua pátria original, que ficava ao sul do rio Arnôm.

48.12 *Trasfegarão*. Um processo efetuado lenta e cuidadosamente para se proteger as jarras de barro e remover-se o vinho claro que deixava o sedimento no vaso original. No caso de Moabe, nenhum cuidado semelhante seria tomado, mas Moabe seria tratada violentamente.

48.15 Pouco depois da queda de Jerusalém, Nabucodonosor invadiu a Moabe, talvez na expedição punitiva causada pela rebelião de Ismael (39.14n), e a nação nunca voltou a existir; só existiam indivíduos conhecidos como moabitas (Ed 9.1; Ne 13.1, 23).

48.17 *Cajado formoso*. É figura de força e autoridade. A glória nacional e o poder sobre outros (Sl 110.2; Is 14.29; Ez 19.11, 12, 14).

48.18 *Dibom*. Ficava sobre colinas, cerca de 6 quilômetros ao norte do Arnôm, e 23 quilômetros a leste do mar Morto. Atualmente é uma ruína espantosa e sem qualquer coisa notável.

48.19 *Aroer*. Seis quilômetros a sueste de Dibom, cerca de 500 metros abaixo do rio Arnôm.

48.25 *Eliminado*, lit. "o chifre de Moabe foi serrado". O chifre era um dos símbolos de poder. O *braço* é sua influência internacional.

48.28 *Boca do abismo*. Quer dizer apenas "nos declives dos penhascos".

48.29,30 O orgulho é a forma mais severa de resistência diante de Deus, uma vez que consiste na adoração do eu.

48.31 *Quir-Heres*. Is 16.7. É a atual Kerak, 29 quilômetros ao sul do Arnôm e 13

quilômetros a leste do mar Morto; uma poderosa fortaleza numa colina muito inclinada rodeada por ravinas.

48.33 *Júbilo*. Vd. nota sobre Eia! em 25.30. No hebraico, a palavra é a mesma. Assim sendo, o "Eia!" não era apenas dos pisadores de uvas, mas era também um grito de guerra.

48.34 *Eleale*. Menos de 2 quilômetros ao norte de Hesbom. Ninrim, provavelmente é a moderna "Wadi Numeirah", no extremo sudeste do mar Morto. *Assolação*. As fontes de água seriam cortadas (2 Rs 3.25).

48.36 *Flautas geme*. Eram usadas nos funerais pelo que é um símbolo de lamentação.

48.37 Todas essas coisas são símbolos de lamentação. Vd. 16.6n.

48.40 *Águia*. Representa o adversário, isto é, Babilônia ou Nabucodonosor (Ez 17.1-17).

48.42 *Destruído*. Nabucodonosor subjugou a Moabe (605 a 562 a.C.), mas continuou existindo como raça até o primeiro século d.C., ainda que a existência como nação tanto para Moabe como para Amom, parecia haver cessado muito antes do tempo de Cristo.

48.45 *Hesbom*. Refugiar-se aí era inútil visto que seria um dos primeiros lugares a cair (2). *Seom*. Outro dos nomes de Hesbom (vd. nota em 48.2; Nm 21.26; Dt 2.26). Nesse tempo era controlado pelos amonitas (49.3).

48.47 *Mudarei a sorte*, vd. 29.14n. *Últimos dias*. Nos tempos messiânicos (23.20), Moabe será restaurada. Os sinais de sua restauração são evidentes, atualmente.

49.1 *Milcom*. Nome do deus nacional dos amonitas; "Moloque", "Milcom" "Melcarte" e "Malcau" são todos o equivalente do hebraico "Meleque", o qual quer dizer "Rei" (1 Rs 11.5; 2 Rs 23.13).

49.2 Rabi, atualmente "Amam", sua capital, no rio Jaboque, cerca de 22 quilômetros a nordeste de Hesbom, capital da Jordânia. Em 1900, era uma pequena vila; em 1960 com 200.000 habitante.

49.3 *Ai*. Uma cidade amonita a leste do Jordão, mencionada apenas aqui. Não é a cidade de Ai mencionada em Js 7 e 8. *Cingi-vos de cilício*. Outro meio de lamentar-se ou de mostrar-se arrependimento (48.36, 37; 16.6).

49.4 *Luxuriantes vales*. Uma larga planície aberta, a 850 metros acima do nível da mar. Era cercada de colinas por três lados, e Rabá foi edificada nessa planície.

49.6 *Sorte*. Vd. 29.14 e 48.7. Essa nação tem sido restaurada e sua capital fica no reino, em Amam.

49.7 *Temã*. Um distrito ao norte de Edom (Jó 2.11; Ez 25.13; Am 1.12). Modernamente, Tawilan, 5 quilômetros a leste de Selá (Petra).

49.8 *Dedã*. Vizinhos de Edom no sudeste, a cujos moradores foi ordenado fugirem, se é que desejavam escapar da mesma sorte de Edom (Is 21.13).

49.10 *Esau*. Refere-se a Edom (Gn 25.30). Ladrões noturnos e colhedores de uvas, usualmente deixam coisa para trás, mas o Senhor destruiria Edom totalmente. *Seus irmãos*. Eles sé haviam misturado com os amalequitas por meio do casamento (Gn 36.12), e também com os horeus (Gn 36.20ss), e os sidônios (1 Cr 4.42).

49.12 Se Israel, sendo escolhida e privilegiada, tinha de sofrer a punição, então Edom não tinha possibilidade de escapar ao juízo, por causa de suas iniquidades. Do ponto de vista de Jeová, o castigo de Jerusalém era uma "obra estranha" (Is 28.21).

49.13 Essa área continua desolada até hoje. *Bozra*. Uma cidade ao norte de Edom, atualmente Busaireh, cerca de 32 quilômetros a sudeste do mar Morto (Is 34.6; 63.1; Am 1.12; Jr 48.24). Era grande cidade-fortaleza.

49.14-22 Os pecados de Edom contra outros povos foram apontados pelo profeta Amos, dois séculos antes, Am 1.11-12. Acrescenta-se a isto o golpe traiçoeiro desferido contra Jerusalém depois da sua destruição pelos caldeus em 587 a.C. (Sl 137.7; Lm 4.21, 22; Ez 25.12-14; 35.15; Jl 3.19), quando tiraram vantagem da queda daquela nação vizinha.

49.16 *Alturas*. Uma alusão à topografia física de Edom. Petra, sua capital, ficava num anfiteatro de montanhas, acessível somente através de uma estreito garganta

serpenteante, chamada Sik.

49.18 *Suas... vizinhas*. Admá e Zeboim foram destruídas juntamente com Sodoma e Gomorra (Gn 14.2, 8, 19.28; Vd. também Jr 20.16n).

49.19 *Rebanho*. Mesma palavra que malhada, em 25:30; vd. nota. *Pastores*. Vd. 10.21n. *Quem me pedirá contas?* É a mesma expressão encontrada em Jó 9.19.

49.20 *Moradas*. Mesma palavra que rebanho, no v. 19. *Arrastados*. É a figura de cães ou feras agarrando e arrastando as ovelhas mais incapazes (15.3).

49.23 *Damasco*. Capital da Síria, usada para referir-se à nação como, um todo. *Hamate*, 176 quilômetros ao norte de Damasco. Fica no rio Orontes. *Arpade*. Cento e cinquenta de dois quilômetros ao norte de Hamate (2 Rs 18.34; 19.13; Is 10.9). *Cambaleiam*, ou "derretem-se", como em Am 9.5, 13; Na 1.5; ou como "esmorecem", cf. Êx 15.15.

49.27 *Ben-Hadade*: Era o nome de diversos reis da Síria, e significa "filho de Hadade" (2 Cr 16.2n).

49.28 *Quedar*. Uma rica" tribo pastoral (Is 60.7), famosa por seus arqueiros (Is 21.17). Viviam em vilas (Is 42.11), no deserto a leste e a sudeste da Palestina (Is 21.16, 17; Jr 2.10), sendo freqüentemente mencionados nas inscrições assírias. *Hazor*, ou "estabelecimentos em vilas", provavelmente é um substantivo coletivo, que se refere a tribos árabes, que viviam em estabelecimentos ou vilas fixas. Não eram nômades como outros árabes.

49.31 *Babilônios*. Entre 599 e 598 a.C., Nabucodonosor liderou uma bem sucedida expedição contra as tribos árabes do deserto, a leste da Síria-Palestina. Tais tribos não tinham fortalezas, e não podiam escapar do ataque em massa da Babilônia. Isto foi antes da queda de Jerusalém, mas depois destas profecias, que pertencem ao período ativo de Jeremias.

49.34 *Elão*. A leste da Babilônia e do rio Tigre. A média ficava ao norte e a Pérsia ficava a leste. Foram espalhados entre as nações por causa da ajuda que prestaram a Nabucodonosor. Alguns deles ouviam o evangelho em seu idioma no dia de Pentecostes. Em cerca, de 640 a.C., Elão foi subjugada por Assurbanípal, No fim do exílio, era uma província quando os judeus regressaram do exílio. Os elamitas procuraram impedir a reconstrução de Jerusalém (Ed 4.9). Estavam extintos pelo século XI de nossa era. Atualmente fazem parte da Pérsia sob o nome de Cuzistão. Foi-lhes prometida a restauração nos "últimos dias".

49.38 *Meu trono*. A soberania de Deus seria revelada, como poder supremo naquela nação. Comp. Dn 4.17; 5.17-31 (e notas).

50.2 *Bel*, "senhor". Uma divindade babilônica, originalmente o deus principal de Nipur. *Merodaque*; "Marduque". Deus supremo da Babilônia. *Imagens*, lit. "blocos-ídolos" que algumas vezes assumem forma de longos cones. Um termo de desprezo, empregado 39 vezes por Ezequiel.

50.3 *Norte*. A Média ficava a nordeste da Babilônia (51.11,28, Is 13.17). A Babilônia caiu sob o poder da Média em outubro de 539 a.C.

50.4 A queda da Babilônia seria sinal do livramento e da volta do penitente povo de Deus, então novamente unido (3.12, 18, 21-25).

50.5 *Sião*. Procurariam ser um povo, cujas leis e justiça, e cuja prática religiosa seriam ao redor do Templo de Deus e da Sua Palavra revelada.

50.6 *Desviar para os montes*. Uma referência definida aos lugares altos, onde o povo apreciava a prática da idolatria, prática essa encorajada pelos seus líderes. *Redil*, "pasto de justiça".

50.8 *Bodes... rebanho*. A semelhança das cabras que persistentemente se põem à testa do rebanho, assim Israel seria a primeira das nações exiladas a abandonar a Babilônia.

50.9 *Suscitarei*, despertarei a Jeová; o Senhor soberano move as próprias nações para que o reconheçam, para que disciplinem outras nações incluindo Seu povo escolhido Israel. Vd Habacuque, pois esse é o tema das perguntas de Habacuque.

50.12 *Vossa mãe*. Babilônia, segundo o pensamento dos caldeus, era reputada mãe dos seus cidadãos, e os cidadãos eram seus filhos. Entre os israelitas, uma idéia semelhante se vê em Os 2.4; 4.5.

50.13 Babilônia não foi destruída pelas persas, nem caiu arruinada senão em 482 a.C.; nos dias de Alexandre, o Grande; houve uma tentativa de restaurar a cidade, mas a obra foi abandonada em 312 a.C.

50.14 *Arco*. Os medos são mencionados como excelentes arqueiros (Is 13.18).

50.15 *Rendeu*, lit., "deu sua mão". Geralmente usada, como sinal de fidelidade, amizade, ratificando assim uma promessa (2 Rs 10.15; Ez 17.18; Ed 10.19).

50.16 O trabalho agrícola cessaria. *Fugirá... terra*. Os residentes estrangeiros fugirão para suas terras.

50.17 *Israel*. Os hebreus ficaram enfraquecidos quando a Assíria conquistou o reino do norte, e a Babilônia complementou a obra, esmagando os ossos de Judá (significa lit. "tirou os ossos").

50.18 A Assíria havia pago a penalidade por causa da crueldade contra o povo escolhido de Jeová, como se vê na descrição da queda de Nínive, a capital, em Na 2 e 3.

50.20 Essa promessa aponta para o tempo do Novo Pacto (31.34; 33.8).

50.21 *Duplamente rebelde*. No heb, *merathaim*, sendo um jogo de palavras com o lugar babilônico *Merrátim*, que significa "rio amargo", e o vocábulo hebraico de som semelhante que significa "duplamente rebelde" ou "duplamente amargo". *Terra de castigo*, no heb, *Pacad*. Um jogo de palavras com o nome do local babilônico chamado *Pukûdu*; um povo a leste do rio Tigre, na fronteira persa. A palavra heb de som semelhante significa, "visitação" ou "castigo". Ambos os termos foram usados para mostrar a destruição total da Babilônia.

50.23 *Martelo*. Aplicado à Babilônia (51.20-23).

50.24 *contra o Senhor*. A destruição do templo era um pecado contra Deus, que tinha de ser vingado (21.14; Am 5.2). *Surpreendida*. Ciro desviou as águas do rio Eufrates e entrou sob os muros da Babilônia, pelo leito seco do rio, apanhando os babilônios de surpresa. Sob Dario Histaspes, o traidor dos caldeus, Zopiro, abriu os portões da cidade da Babilônia ao inimigo.

50.25 *Arsenal*. Figura das nações que inconscientemente fizeram sua vontade contra a Babilônia (Is 13.5).

50.27 *Touros*. jovens soldados babilônicos, os melhores do exército (Is 34.7).

50.28 Os judeus libertados afirmam que o Senhor vingara-se dos babilônios por haverem incendiado o templo de Jerusalém.

50.31 *Orgulhosa*. Adjetivo usado como um nome próprio referente à Babilônia, assim como o Egito foi chamado de "Raabe", arrogante.

50.34 *Redentor*. No heb *goel*. Título do parente próximo cujo dever era buscar vingança, ou servir de advogado como protetor geral. Trata-se de um título freqüentemente atribuído a Jeová em Isaías 43.14, 44.6; 47.4; 48.17; 49.7; 54.5. Vd. Nm 35.12n

50.36 *Gabarolas*. Eram os adivinhos e sábios babilônios que prometiam a permanência da Babilônia.

50.37 *Misto de gente*. Tropas mercenárias estrangeiras, e de aliados.

50.39 *Feras*. Palavra árabe para "gato selvagem". Chacais, lit. "criaturas uivantes". A previsão humana não podia prever que a Babilônia seria varrida da face da terra, transformando-se em ruínas infestadas por feras, temida por causa das superstições dos árabes, com apenas uma, pequena vila, próxima da sua área, para assinalar o local. Uma cidade com três mil anos de história contínua, desde os dias de Ninrode, com poderosos reis, se exaltará contra Deus (Is 13.22); A passagem de vv. 41-43 é repetida de 6.22-24 com as alterações necessárias, adaptando-a de Judá à Babilônia, os citas sendo os invasores na ocasião anterior, e agora os persas.

50.41 *Um povo*. Os persas, aliados com os medos, no império medo-persa.

50.44-46 Passagem repetida em 49.19-21, com alterações necessárias, adaptando-a de Edom para a Babilônia.

50.44 *Leãozinho*, não mais Nabucodonosor, mas Ciro, o persa. • **N. Hom.** O cap. 50 mostra a derrota da idolatria (2-3), a conversão verdadeira do povo de Deus (4-5), com a conseqüente remoção do seu opróbrio (7). Isto envolve a derrota dos perseguidores dos fiéis (9-13 e 21-32) enquanto estes receberam a restauração física (19) e espiritual (20). Tudo isto depende da atividade do próprio Redentor (34) que rege os destinos do mundo (39, 41).

51.1 *Lebe-Camai* significa a Caldéia nome do território da Babilônia. Significa lit. "o coração daqueles que se levantam contra mim". É a forma heb igualmente usada em 25.26; 51.41. Outros significados são "centro de" ou "meio", ou seja, o centro da hostilidade contra Jeová.

51.2 *Padejadores*, que separam o cereal da palha, símbolo de julgamento.

51.5 *Enviuvaram*. A figura em Is 54.4. A palavra, aqui é masculina, contrária à figura na qual Israel é a esposa e Jeová é o esposo. *Cheia de culpas*. Por causa de sua idolatria (50.2, 38).

51.6 *Fugi*. Palavras dirigidas aos judeus que residiam na Babilônia (v. 45; 50.6; Is 48.20; 52.6).

51.7 *Enlouqueceram*. Estavam perplexos e impotentes perante o poder da Babilônia.

51.8 *Arruinada*, lit., "está quebrada", sem possibilidade de reparo.

51.9 *Queríamos curar*. Não os judeus mas as nações cujas riquezas estavam ligadas com o domínio da Babilônia.

51.10 *Nossa justiça*, lit., nossas justiças, não nossos atos de retidão, mas antes, "punindo Babilônia, Ele justificara a causa dos judeus como a Sua nação escolhida" (Sl 37.6; Is 62.1b-2).

51.11 *Medos*. Vindos das terras altas a leste da Babilônia. Ajudaram Babilônia a conquistar Nínive, em 612 a.C.

51.13 *Medida*. Um termo dos tecelões, para iniciar o material terminado ou cortado.

51.14 *Gafanhotos*. Na estágio inicial do desenvolvimento *Eia!* Vd. 25.30n.

51.15-19 Copiado palavra por palavra de 10.12-16. Vd. notas. O propósito era demonstrar a impotência dos ídolos da Babilônia contra Jeová, o criador Todo-Poderoso e operador de maravilhas. Na primeira vez, as palavras formaram um aviso profético, agora, depois da destruição de Jerusalém, a doutrina foi comprovada.

51.18 *Vaidade*. Vd. 2.5n; nulidade, vazio, algo transitório e insatisfatório, substância etérea, vento, vacuidade, derivada do verbo "tornar-se vão", "tornar-se vil", "ficar tolo".

51.19 *Senhor dos Exércitos*. No heb, *seba* ou *sabaoth*, usado como Jeová, (ou "Senhor" nesta versão), mas nunca para indicar "Adonai", o outro vocábulo traduzido como "Senhor". A palavra "Exércitos" é usada para indicar os corpos celestes e as forças terrenas (Gn 2.1), o exército de Israel (2 Sm 8.16), os seres celestiais (Sl 103.21; 148.2; Dn 4.35). Significa que todas as agências e forças criadas estão sob a liderança e o domínio de Jeová. Trata-se de um nome favorito de Jeová, pois é usado 80 vezes por Jeremias, por Isaías (62 vezes) e por Zacarias (53 vezes). Algumas dessas passagens se referem definitivamente a Jesus Cristo (Zc 14.4, 9, 16, 17).

51.20 *Martelo*, "esmagador", algo que reduz outros objetos a fragmentos. Usado na batalha pelos assírios e babilônios. Aqui simboliza um mero instrumento de destruição.

51.23 *Governadores e vice-reis*. Ambas as palavras são de origem assíria, e freqüentemente usadas nas inscrições assírias de governadores de cidade e províncias.

51.24 *Ante os vossos próprios olhos*, isto é, os olhos dos judeus.

51.25 *Monte que destróis*. Termo "montanha", na Bíblia, freqüentemente se refere a grandes nações. Aqui está em foco a Babilônia, embora venha a incendiar-se como um vulcão.

51.27 *Ararate*. "Urartu" nas inscrições assírias, a nordeste do lago Nam, que corresponde

de modo geral à moderna Armênia. *Mini* ou "Manai" das inscrições, a sudeste do lago Urmia. *Asquenaz*. Os citas (nômades), todos derrotados pelos medos no início do século VI. *Chefes*. Alguns altos oficiais militares (Na 3.17), ligados com o termo assírio que significa "escritor de tabuinhas" ou "escribas".

51.33 *Pisada*. Endurecida pelos pés na preparação para a eira. Babilônia será inteiramente batida, como uma eira.

51.34 *Monstro marinho*. Qualquer grande monstro domar ou dos rios, como o crocodilo (Sl 74.13; Ez 29.3).

51.36 *Manancial*. Provavelmente o lago feito por Nabucodonosor para a defesa da cidade.

51.39 Vd. Dn 5.1-30.

51.41 *Babilônia*. É a primeira vez que aparece a palavra *Sheshach* ou *Sesac*, o nome de sua deusa "Shach", usado para referir-se à Babilônia. Foi durante os cinco dias de festa em honra a essa deusa que Ciro capturou a cidade.

51.42 *Mar*. Refere-se a levas de soldados inimigos, que avassalariam a cidade (46.7; Is 17.12).

51.43 *Desolação*. Vd. 50.39n.

51.44 *Bel*. Vd. 50.2n. *Tragado*. A pilhagem e a destruição que foram feitas contra as nações subjugadas. *Muro*. Uma parede com cerca de 100 metros de altura, 30 metros de espessura, e 96 quilômetros de comprimento, circulando a cidade (segundo Heródoto). Vd. o v. 58.

51.45 Este aviso se aplica à separação que também deve haver entre o crente e o mundanismo (2 Co 6.14-18).

51.46 *Rumor*. Um após outro, que desencadeariam as revoltas e a queda final do império babilônico. Em 560 a.C., o rei Evil-Merodaque foi assassinado pelo usurpador Neriglissar (560-556 a.C.) cujo filho foi deposto por Nabonido, porém logo foi forçado a deixar seu filho Belsazar como regente. (Vd. Dn 5).

51.49 Babilônia caiu por causa da destruição e sofrimento que havia causado a Israel, o povo escolhido de Deus. Estavam colhendo o que haviam semeado. A queda final foi feita a 16 de outubro de 539 a.C.

51.50 Fugi da iminente condenação da Babilônia e apressai vossa volta a Jerusalém (50.5). Pensai nas coisas lá do alto; Cl 3.13. A solução dos problemas do íntimo é fixar a mente nas coisas de Deus.

51.51 *Opróbrío*. Os judeus envergonhados e por demais humilhados para obedecerem a estrangeiros que estavam na posse dos lugares santos.

51.55 *Perecer... grande voz*. Heródoto disse sobre a Babilônia que estava "ornamentada mais do que qualquer outra cidade" que conhecera. Uma profecia sobre a destruição dessa notável cidade com 30 séculos de história continua era algo admirável e que inspirava respeito, nos detalhes de seu cumprimento. *Ondas*. Vd. v. 42.

51.57 *Rei... Senhor dos Exércitos*. Vd. 51.19n.

51.58 *Derribados*, "desnudados". Os próprios alicerces foram descobertos. *Altas portas*. "No circuito do muro há 100 portas, todas de bronze, com vergas e ombreiras de bronze" (Heródoto 1.179).

51.59 *Seraías*. Sumo sacerdote no tempo do rei Zedequias (52.24), irmão de Baruque (32.12), ou talvez camareiro-mor. Sua responsabilidade durante a viagem era selecionar os lugares onde passariam as noites. Alguns eruditos sustentam que Zedequias foi à Babilônia em 594-593 a.C., para limpar seu nome da suspeita de rebeldia naquele período.

51.60 Eis aqui a origem de vários capítulos do livro de Jeremias.

52.1-3 Quase completamente idêntica a 2 Rs 24.18-26. Trata-se de um breve sumário e avaliação do reinado de Zedequias. Este capítulo repete a história dos reis até 2 Rs 25.30. Foi um apêndice escrito não por Jeremias, mas para demonstrar que suas profecias foram cumpridas.

52.1 Hamutal. Assim sendo, Zedequias era irmão genuíno de Jeoacaz, e irmão de Jeoaquim por parte de pai (2 Rs 23.31, 36). *Jeremias.* Trata-se de outro Jeremias, cujos antepassados eram da Libna.

52.4 Décimo mês. Comp. com Zc 8.19 quanto ao jejum memorial. *Tranqueiras,* diferente da palavra em 6.6 e 32.24. Aqui são torres de batalha, uma espécie de bastião ou muro de cerco, uma torre em forma de talude. É traduzida também por "baluarte" (Ez 21.22).

52.6,7 Quarto mês, Em comemoração a essa data foi apontado um jejum (Zc 8.19). *Fome.* Descrita em Lm 2.19ss; 4.3ss; 5.10. *Arrombado.* Invadida à força. Foi aberta uma "brecha"

nos muros, permitindo a entrada dos babilônios, em Jerusalém. *Porta... dois muros.* Vd. nota em 39.4.

52.8 Lm 4.19ss pode referir-se a esse acontecimento. Assim sendo, um grupo de caldeus seguiu e outro ficou postado na planície. Comp. Ez 12.13.

52.11 Cárcere. A LXX diz "moinho" indicação de uma possível tradição que diz que Zedequias passou seus últimos dias moendo grão, à semelhança de Sansão.

52.12 Quinto mês. Vd. Zc 7.3 quanto à festa comemorativa.

52.15 Multidão. Também tem sido traduzido por "artífice", em Pv 8.30. A diferença na forma escrita das suas palavras é mínima.

52.17 Vd. 27.19n. Colunas e mar.

52.18 Painelas... pás. Eram usadas (Êx 27.3) no serviço do altar ou das ofertas queimadas. Ambos os utensílios eram feitos de bronze. *Espevitadeiras,* para tirar os morrões queimados das lâmpadas e candelabros (Êx 25.38; Nm 4.9). *Bacias,* lit. "vasos de lançar, isto é, de lançar (não aspergir) o sangue dos sacrifícios contra o lado do altar (Lv 1.5, 11; 3.2; etc.).

52.19 Copos... braseiros... bacias, em 1 Rs 7.50 aparecem como objetos feitos de ouro. Eram taças para a mesa dos pães da proposição (Êx 25.24-40).

52.20 Outras traduções incluem os doze bois de bronze que sustentavam o "mar", embora tivessem sido removidos antes disso pelo rei Acáz (2 Rs 16.7). No fim do cativeiro, Ciro tirou esses utensílios dos templos idólatras de Nabucodonosor, numerou-os cuidadosamente e restituiu-os a Jerusalém (Ed 1.7-11).

52.25 Conselheiros. Uma classe privilegiada entre o povo (Et 1.14). *Escrivão-mor,* um oficial que registrava aqueles que tinham servido no exército.

52.28-30 As três deportações aqui alistadas coincidem com a rendição de Joaquim (597 a.C., 2 Rs 24.12-16), com a supressão da revolta de Zedequias (587 a.C.), e com a expedição vingativa contra o assassinato de Gedalias (582 a.C., 40.7-41.18; 2 Rs 25.22-26).

52.31 Evil-Merodaque, "homem de Merodaque". Ele sucedeu a Nabucodonosor e reinou durante dois anos (561-559 a.C.). Acredita-se que Joaquim era considerado rei legítimo pelos judeus no exílio. *Libertou,* lit., levantou ou exaltou a cabeça de Joaquim (Gn 40.13, 20; Sl 3.3). Pode ser traduzido por "libertou graciosamente" como nos vv. 31-34. A presença desse material prova que a edição desta porção foi feita depois de 560 a.C., que é o trigésimo sétimo ano. A restauração de Joaquim bem pode ter sido considerada por seus contemporâneos. como a início da restauração de Judá (23.5, 6).

Lamentações de Jeremias

Análise

O livro de Lamentações tem um tema principal: o sofrimento que sobreveio a Jerusalém quando Nabucodonosor capturou a cidade, em 586 a.C. Numa série de elegias, o autor expressa sua inconsolável tristeza por causa da agonia e da angústia da cidade.

O primeiro lamento descreve e explica as aflições de Jerusalém, em termos gerais.

O segundo descreve o desastre com maiores detalhes. Saliencia que a destruição da cidade foi um julgamento de Deus contra o pecado. Alguns fatores profundos desse julgamento são elucidados na terceira lamentação. A quarta lamentação sublinha algumas lições que Jerusalém aprendera do julgamento. O quinto e último lamento (mais exatamente, é uma oração) descreve como os sofrimentos de Jerusalém levaram-na a lançar-se nos braços da misericórdia divina, e a esperar que o Senhor seja novamente gracioso para com Israel, agora purificado no cadinho da aflição. Visto que o livro, de Lamentações trata do sofrimento como julgamento contra o pecado, o crente afligido pode encontrar na linguagem do livro a sua própria confissão auto-humilhação e invocação.

Autor

Desde os tempos mais antigos, os judeus, e posteriormente, os cristãos, têm atribuído o livro de Lamentações à pena de Jeremias. A Septuaginta declara tal atribuição desde o segundo século a.C., e a Vulgata latina desde o quarto século d.C. Argumentos convincentes baseados na tradição judeu-cristã, sobre a autoria de Jeremias, têm sido apresentados. Aceitando-se a autoria de Jeremias, portanto, o livro de Lamentações se torna "um suplemento do Livro de Jeremias" que tão freqüentemente prediz uma catástrofe tal como aquela que é descrita em Lamentações. Porém, as lamentações de Jeremias são inteiramente isentas daquela atitude mental que diz "Eu bem disse". Ele preocupa-se tão somente em lamentar as aflições de Jerusalém, e em pleitear perante Deus que não a rejeite para sempre.

Esboço

O SIGNIFICADO DAS AFLIÇÕES DE JERUSALÉM, 1.1-22

Descrição das Aflições de Jerusalém, 1.1-7

A Explicação das Aflições de Jerusalém, 1.8-18

O Efeito das Aflições de Jerusalém, 1.19-22

REALIDADE DAS AFLIÇÕES DE JERUSALÉM, 2.1-22

O Adversário de Jerusalém, 2.1-8

A Agonia de Jerusalém, 2.9-16

A Súplica de Jerusalém, 2.17-22

ALGUNS FATORES DAS AFLIÇÕES DE JERUSALÉM, 3.1-66

A Vara da Ira de Deus, 3.1-20

A Multidão das Misericórdias de Deus, 3.21-39

A Justiça dos Juízos de Deus, 3.40-54

A Oração do Povo de Deus, 3.55-66

ALGUMAS LIÇÕES TIRADAS DAS AFLIÇÕES DE JERUSALÉM, 4.1-22

A Vaidade da Glória Humana, 4.1-12

A Vaidade da Liderança Humana, 4.13-16

A Vaidade dos Recursos Humanos, 4.17-20

A Vaidade do Orgulho Humano, 4.21,22

RESULTADOS DAS AFLIÇÕES DE JERUSALÉM, 5.1-22

Jerusalém Invoca a Graça de Deus, 5.1-18

Jerusalém Invoca a Glória de Deus, 5.19-22

1.1-7 O livro de Lamentações consiste em cinco poesias que seguem o padrão dos hinos fúnebres hebraicos. Cada versículo começa com uma letra do alfabeto hebraico, cada uma na sua ordem certa. Assim, há 22 versículos em cada capítulo, a não ser o cap. 3 que tem 66 versículos, empregando três vezes em seguida cada uma das 22 letras do alfabeto hebraico. O quinto capítulo conserva o mesmo número de versículos, só que neste caso a ordem não é alfabética. Este livro foi lido cada ano pelos judeus, para

comemorar a ocasião na qual o templo foi queimado, e além disto lia-se toda semana no "Lugar da Lamentação dos Judeus" em Jerusalém, que fica perto da área do templo. Desde, o ano de 1948, os árabes vedaram este lugar aos judeus. Em 1967, na guerra de, seis dias, Israel conquistou a velha cidade de Jerusalém.

1.1 O livro de Lamentações chora a captura; a destruição e a devastação da cidade de Jerusalém pelos exércitos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, no ano 587 a.C. Tanto o Rei Zedequias como seus filhos, seus, homens de confiança, o sumo sacerdote, e os líderes da cidade foram levados para o cativeiro, depois os filhos do rei foram mortos, a cidade foi queimada juntamente com o templo; todos os objetos de valor foram levados embora, a muralha da cidade foi destruída, milhares de cativos foram levados, de maneira que a única coisa que restava na cidade e na terra ao redor era uma diminuta população dos mais pobres ignorantes. Veja Jr 52. *Forçados*. Ficaram sujeitos a pagar direitos, impostos e pedágios, como se vê em Ed 4.20.

1.2 *Que a amavam*. As nações que haviam feito amizade com os judeus por intermédio de tratados e alianças. Infelizmente, Jerusalém depositou mais confiança nestas do que no seu Deus.

1.4 *Caminhos... de luto*. As estradas que sobem até ao templo em Jerusalém que antes estavam povoadas com alegres adoradores, que vinham de cada parte da nação e do mundo inteiro. *Portas*. Eram lugares muito movimentados, onde pessoas se encontravam.

1.8 *Nudez*. Nos dois testamentos, esta palavra se emprega como símbolo da destruição total. O pecado causou ao povo de Deus a perda da bênção e da proteção do Senhor, transformando-o em uma nação como outra qualquer.

1.9 *Suas saias*. Claramente visível ao público, era sua vergonha, em conseqüência da sua idolatria, sua falta de misericórdia e sua conduta degenerada (Jr 13 20-27).

1.10 *Mais estimadas*. Os móveis e os utensílios para as ofertas sacrificiais no templo (Jr 52.17-20). *Nações no seu santuário*. As hostes dos invasores que penetraram no Santo dos Santos, oferecendo evidência nítida que a glória do Senhor tinha se apartado, acentuando assim a humilhação de Israel. *Proibiste*. Estes estrangeiros eram imundos no sentido moral, legal e cerimonial, e nenhum objeto ou pessoa podia entrar no santuário num estado de imundície (Dt 23.1-14). O que causou surpresa aos israelitas foi que Deus nada fez para proteger seu santuário. Cristo abriu o caminho de acesso à presença de Deus para os gentios (Jo 14.6).

1.11 *Desprezível*. Perante os olhos das nações, que antes tinham tido a Israel em alto respeito, quando ela gozava bênçãos divinas.

1.13 *Meus ossos*. Isto é, a estrutura básica da sua existência como uma cidade. Em Jr 52.13 se lê que o inimigo queimou o templo, o palácio real e todos os edifícios importantes.

1.14 *Jugo*. Jr 27.2; 28.10-14 dão uma descrição viva do jugo no pescoço como símbolo de submissão e de escravidão.

1.15 *Apregoou*. Deus tinha convocado uma assembléia solene ou um banquete sacrificial. A festa não é para Israel, mas, sim, para seus inimigos celebrarem a derrota de Israel. *Esmagar*. A palavra refere-se a pisar uvas no lagar, e na Bíblia se usa para exprimir a julgamento e castigo que Deus executa (Is 63.3). *Virgem filho de Judá*. Is 62.5 ensina-nos que Deus se alegra em Jerusalém, assim como um jovem se alegra na donzela com a qual se desposa (cf. Os 2.19-20).

1.16 *Choro*. Dia e noite, segundo Jr 14.17 e 13.48. *Desfazem em águas*. O verbo é um particípio que mostra que há uma corrente ininterrupta de lágrimas.

1.17 *Estende Sião as mãos*. Um gesto de súplica (Sl 28.2; 63.4; Is 65.2). Neste caso, o rogo não foi atendido.

1.20 *Alma*. A palavra, empregada, aqui, na língua original quer dizer entranhas; veja Jr 4.19n. *Transtornado*. Lit.. "está em fermento", "está espumando". *Morte*. Pela pestilência, etc.

1.21 O *dia*. O dia de julgamento do qual os profetas falavam (Is 40.2). Tal julgamento espera aqueles que demoliram Jerusalém (Jr 50.51).

2.1 *Como*. Uma palavra que no original expressa um grito de angústia ou de dor, que ocorre também no primeiro capítulo, iniciando o livro, que assim toma esta palavra por nome no hebraico. Foi o grito de três profetas: 1) De Moisés, porque levava o pesado fardo de agüentar as queixas do povo todo (Dt 1.12); 2) De Isaías, por causa da displicência e da depravação de Judá e de Jerusalém (Lm 1.1; 2.1 e 4.1). Este poema divide-se em duas partes: vv. 1-10 descrevem a punição que Sião estava sofrendo, e vv. 11-12 são uma lamentação e uma prece. *Estrado de seus pés*. É o templo, e mais especificamente o propiciatório (1 Cr 28.2). A expressão também se refere às vezes: 1) A terra (Is 66.1); 2) Ao santuário de Deus (Is 60.13; Ez 43.7; Sl 132.7); 3) Aos inimigos de Cristo (Sl 110.1; Hb 1.13 e 10.13).

2.2 *Jacó*. Nestes versículos, Jacó, Judá, Israel e Sião são diferentes nomes para o mesmo povo hebreu. *Não se apiedou*. Quem persiste no pecado aquentará o castigo divino. O Senhor tem sido paciente com seu povo, mas quando este abusa, da sua bondade, cessa sua misericórdia e começa seu julgamento (Rm 2.4-6).

2.3 *Força*. Lit.. "chifre" símbolo de poder e de coragem, que aqui se aplica ao rei, seus guerreiros e suas defesas. Quando o rei foi eliminado, "cortado", o povo ficou sem este representante físico do favor divino que agora se retirou.

2.6 *Tabernáculo*. Refere-se ao templo, embora a palavra traga a conotação de uma "barraca temporária", como a que se faz para os ceifeiros.

2.8 *Estendeu o cordel*. Marcar para a demolição (Is 34.11; Am 7.7-9; 2 Rs 21.13).

2.9 *Não vigora a lei*. Não havendo mais templo, não era mais possível obedecer às leis sobre os sacrifícios.

2.10 *Sentados em terra*. Uma descrição do luto e da angústia. O imperador Vespasiano de Roma fez uma moeda para celebrar a derrota da Judéia (70 d.C.) onde figurava uma palmeira (símbolo da Judéia) e uma mulher sentada no chão com a cabeça nas mãos para representar a Jerusalém. A inscrição reza "Judea capta".

2.11 *Alma*. Veja 1.20. *Coração*. Lit. "fígado", símbolo de emoção forte e angustiosa. Veja Jr 11.20. Note-se como os nomes dos órgãos do corpo se usam para descrever as emoções.

2.14 *Levantaram*. A pregação dos falsos profetas não atacou a idolatria e a injustiça que levaram Jerusalém à destruição (Jr 14.14-16; 23.9-40).

2.15 *Batem palmas*. O inimigo está contente ao ver Jerusalém destruída (Jó 27.23; Sf 2.15). *Assobiam e meneiam*. Uma expressão de desprezo (Jr 19.8; Sl 22.8). Estes versículos são uma combinação de desprezo, da inimizade, do furor e da exultação dos inimigos de Israel quando da destruição de Jerusalém e do templo. • **N. Hom.** Este Julgamento daqueles que pertenciam à Antiga Aliança é um aviso solene aos que pertencem à Nova Aliança. 1) O julgamento: a) Quem julga? É o Senhor, v. 17; b) Como julga? Com retidão rigorosa, depois de prevenir e avisar ao seu povo, como se vê na palavra *intentou* v. 17; c) Por que julga? Porque sua ira excitou por causa dos pecados do povo, Dt 4.25-31; 30.1-10, 31.39; 2) O aviso: a) os ramos naturais foram severamente julgados pela sua Desobediência, v. 17; b) o povo da Nova Aliança deve tomar cuidado para não repetir os erros dos israelitas, Rm 11.24.

2.17 *Poder*. lit.. "chifre" veja, Lm 2.3.

2.18 *As meninas de teus olhos*. Heb *bath ayin* (Sl 17.8). Alguns dizem que são lágrimas, outros que são as pupilas.

2.19 *Vigílias*. Naquela época, os hebreus dividiam a noite em três vigílias de quatro horas cada (Jz 7.19). No tempo do Novo Testamento, empregava-se o sistema de quatro vigílias de três horas cada (Mt 14.25).

2.20 Este versículo ensina-nos que se praticou o canibalismo por ocasião do cerco de Jerusalém em 586 a.C. (Jr 19.9). Veja Lv 26.29n. O pecado do povo levou-os a violar

tanto a ordem moral de Deus, comendo seus próprios filhos, como também a ordem da Aliança Divina - os sacerdotes e os profetas estavam cometendo homicídio dentro do próprio santuário. Foi o pecado nacional que fez com que Deus permitisse estes sacrilégios.

3.1-66 Este capítulo, com seu acróstica de três em três versículos, encontra-se em torno dos sofrimentos pessoais do escritor, que também fala como representante do povo.

3.1 *Vara do furor*. Aqui se tratam: da Babilônia. Numa época anterior, a Assíria era "o cetro da ira de Deus" (Is 10.5).

3.13 *Coração*. Lit. "Rins", veja 1.20n. *Flechas*. Os filhos.

3.14 *Canção*. Zombaria, veja 3.63.

3.16 *Pedrinhas*. O único outro versículo com esta palavra é o Pv 20.17. Exprime a idéia de tudo quanto é indigerível e desagradável.

3.18 *Glória*. Esta palavra em heb quer dizer também "seiva", sem a qual a árvore não vive. O escritor sente desespero, aflição, pranto e abatimento.

3.21 *Trazer à memória*. Lit. "fará voltar ao coração".

3.22 Características de Deus: 1) Misericórdia (heb *hesed*); 2) Compaixão (aqui traduzido por "Misericórdia" pela segunda vez, mas é outra palavra, *racham*, que dá a idéia de carinho); 3) Fidelidade, v. 23; 4) Bondade, v. 35; 5) Salvação e o resultado, v. 26.

3.25-27 O que é bom? 1) Deus é bom para os que desejam conhecê-lo (25); 2) Uma fé singela que aguarda a salvação e o bem do homem (26); 3) Bom para o homem é a paciência desde a infância, 27.

3.29 *Boca no pó*. O modo oriental de se prostrar em submissão total (Mq 7.17; Sl 72.9). O reconhecimento da sua indignidade.

3.30 *Dê a face*. Os servos de Deus que assim sofreram foram Jeremias (Jó 16.10), e o Servo descrito em Is 50.6 que é uma profecia acerca do Senhor Jesus Cristo (Mt 5.39; 27.30; Mc 15.19).

3.31-36 Consolação para o servo sofredor de Deus: 1) Deus não o rejeitará para sempre (Is 54.8); 2) Deus usará de compaixão; 3) Deus não aflige *de bom grado* (Jr 32.41), mas é-lhe necessário repreender e castigar seus filhos. (At.14.22; 2 Co 4.17). As injustiças praticadas por vários opressores: 1) Mau tratamento aos prisioneiros, v. 4; 2) Perversão dos direitos humanos, favorecendo os réus, v. 35; *perante o Altíssimo* quer dizer na presença de juizes com autoridade concedida pelo próprio Deus, Êx 21.6; Sl 82.1, 6; 3) Subversão no pleito, v. 36.

3.39 O homem não deve queixar-se, se ao menos ficar com vida de simples vivente, já que é pecador, o castigo é para o bem (Hb 12.6-11).

3.40-42 O verdadeiro arrependimento, se demonstra em voltar para o Senhor, v. 40, orar v. 41, e se confessar pecador, v. 42.

3.46-48 Aqui há uma interrupção da ardem acróstica do hebraico, já que a letra *pê*, aqui aparece antes da letra *ayin*, a qual, no alfabeto hebraico, deveria aparecer antes do *pê*.

3.48 *Torrentes*. O chora aqui é muito mais intenso do que em 1.16n. Comp. Jr 13.17 e Sl 119.136.

3.51 *Cova*. Símbolo da destruição, Sl 40.2 e 59.15.

3.54 *Águas*. Símbolo de um perigo que cerca a pessoa de todas as direções, do qual esta não poderá fugir, pois que invade a tudo.

3.55 Orar a Deus do meio da angústia é o assunto do Sl 1,50 e do segundo capítulo de Jonas.

3.58 O Senhor Deus torna-se advogado, para defender o pobre e aflito de injustiça. Também é advogado que defende o crente das conseqüências do seu pecado, quando este se converte e confessa sua malícia. Isto se faz pela obra de Jesus Cristo (1 Jo 2.1).

3.63 *Assentam... levantam*. Durante suas atividades e durante sua hora de descanso; portanto, a toda hora (Sl 139.2; Is 37.28). *Objeto da sua canção*. Os adversários o ridicularizavam nas suas canções de escárnio (Jo 30.9; Sl 69.12).

3.65 Cegueira de coração. Cegueira espiritual total (cf. 2 Co 3.15). O capítulo que acabamos de estudar é uma descrição do sofrimento do profeta que o escreveu; ele sofreu como representante do povo em geral. O que se segue descreve o sofrimento do povo em geral, incluindo-se todas as classes. O último capítulo é uma queixa feita a Deus pela cidade de Jerusalém. O capítulo 1 descreve a situação da cidade de Jerusalém; o segundo capítulo descreve a situação do santuário e da cidadela.

4.1-22 Sião lamenta-se da sua triste situação nos vv. 1-12. Confessa seus pecados nos vv. 13-20. Ameaça-se a Edom e conforta-se a Sião nos vv. 21 -22. Este capítulo tem relação com o cap. 2.

4.1,2 Pedras do santuário. Lit. "pedras de santidade". *Puro ouro*. Estas figuras descritivas são inspiradas pelos materiais usados na construção do templo, mas nestes versículos são uma descrição do alto e sagrado valor que Deus atribui ao seu povo que, aqui, nestas circunstâncias, tem se desvalorizado.

4.3 Avestruzes. É sabido que estas descuidam de suas crias (Jó 39.13).

4.6 Num momento. A destruição de Sodoma foi instantânea, mas Jerusalém ficou agonizando por, muito tempo. Sodoma foi destruída pela mão de Deus, mas no caso de Jerusalém, Deus usou as forças do inimigo do povo. Na destruição de Sodoma, não houve mais oportunidades para o arrependimento, depois do início do julgamento, ao passo que Jerusalém tivera um profeta espiritual, Jeremias, pela boca do qual Deus oferecia várias oportunidades para o povo se arrepender.

4.12 Até os pagãos estavam influenciados pela crença popular entre os judeus que dizia que Jerusalém era inviolável. Jeremias protestava contra este falso senso de segurança, Jr 27.14. **N. Hom.** A cegueira espiritual: 1) Os próprios profetas e sacerdotes sofreram disto, ainda que tivessem menos desculpa e mais influência para desviar o povo; 2) Esta cegueira podia distinguir a força do inimigo, mas não podia perceber que os pecados do povo eram a causa da invasão; 3) A causa da cegueira era a maldade dos sacerdotes, v. 13; 4) O resultado disto fê-los aterrarem pelas ruas, sendo chamados de imundos, vv. 14, 15. Eram leprosos espirituais que contaminavam o povo, Lv 13.45.

4.17 Povo que não podia livrar. O Egito, no qual Judá havia posto sua esperança, apesar das advertências dos profetas (Jr 37.7).

4.20 Ungido do Senhor. Trata-se aqui de Zedequias, o último rei de Judá (2 Rs 25.4-7; Jr 52.7-11).

4.21 Regozija-te e alegra-te. É o ensinamento de Ec 11.9 - ria e divirta-se com os prazeres deste mundo, se este é o único alvo da sua vida, mas nem por isso evitará o julgamento. divino. *Uz.* A terra onde Jó morava (Jó 1.1). Aparentemente, houve vários pequenos reinos nesta área (Jr 25 20).

4.22 Edom. Três profetas predisseram a destruição de Edom pela sua atitude de malícia para com Jerusalém no dia da angústia desta, quais sejam, Jeremias (49.7-13), Ezequiel (25.12-14) e Obadias (11-13). Nota-se que, embora os caps. 1-3 terminem com uma oração pela misericórdia divina, o cap. 4.21-22 traz uma profecia de que Edom será punido pela sua traição contra a nação irmã, Judá. O pecado de Sião será "coberto", consumado, perdoado, mas o pecado de Edom será "descoberto" e abertamente punido.

5.1-22 Um salmo de lamentação da comunidade e de petição pela restauração, comparável com Sl 44; 74; 79; 80. • **N. Hom.** A miséria do povo de Judá sob o jugo da Babilônia, vv. 1-14. A monarquia davídica não estaria mais regendo, e o templo estaria em escombros, vv. 15-18. Pede-se atenção misericordiosa de Deus, vv. 19-22. Justo é que esta triste poesia de lamentações termine com uma oração que reconhece a ira divina mas, mesmo assim, apela para Deus, como a única esperança do seu povo.

5.3 O versículo dá a impressão de que o autor foi um dos remanescentes deixados na Palestina e que conheceu de perto a situação.

5.5 Pescoço. O jugo dos conquistados (Js 10.24). Deus prometeu que quebraria este jugo sobre o pescoço de seu povo (Jr 30.8).

5.7 Deus visita a iniquidade dos pais nos filhos (Êx 20.5-6), mas como cada um também tem o seu próprio pecado a lhe acusar (Jr 30.27-30), por isso Lm 5.16 não pode negar que o pecado ainda está presente.

5.8 *Escravos*. Tobias, um servo, tinha autoridade em Judá, Ne 2.19.

5.14 *Anciãos... na porta*. A porta pública da cidade era o assento dos líderes locais; que agora tinham ido para o cativoiro.

5.20 *Tanto tempo*. Os judeus perderam o amparo divino pela segunda vez em 70 d.C. devido à sua rejeição de Cristo. Toda a nação voltará a converter-se no futuro (Zc 12.10-13.1; Rm 11.25-29).

5.21 Isto será o cumprimento das profecias mencionadas na nota anterior, veja Is 11.10-12. O livro encerra-se com uma linguagem de esperança (v. 20), sem, todavia, negar a situação do momento que vivia, v. 22.

Ezequiel

Análise

O livro de Ezequiel registra a atividade de um profeta durante o exílio da Babilônia. Sua mensagem foi dirigida aos seus companheiros de exílio, e igualmente ao povo hebreu que ainda se encontrava na Palestina. Ambos os grupos permaneciam obstinados e impenitentes, mesmo após a captura de Jerusalém pelo rei babilônico Nabucodonosor, e o exílio de Joaquim, rei de Judá, juntamente com um grande segmento da população, em 597 a.C. Por conseguinte, Deus deu a Ezequiel a tarefa de denunciar a rebelde casa de Israel e de predizer a destruição de Jerusalém e a deportação de um número ainda maior de seus habitantes. Seis anos após o início da pregação de Ezequiel, suas palavras foram cumpridas. Em 586 a.C., Nabucodonosor destruiu Jerusalém e trouxe todos os sobreviventes, com poucas exceções, para a Babilônia. Mas a infidelidade de Israel não exauriu a misericórdia de Deus. Ezequiel também foi orientado para proclamar as boas novas de que o exílio terminaria, e que Israel seria restaurada à sua posição como o instrumento de salvação de Deus, para todos os homens.

A maneira pela qual o livro de Ezequiel apresenta essa mensagem de julgamento e promessa, distingue-o de outros livros proféticos do Antigo Testamento. Sua característica sem igual é o arranjo sistemático do seu conteúdo. Os primeiros vinte e quatro capítulos estabelecem a convocação e a condenação de Israel com aterrorizante coerência. Essa expectativa de condenação, suavizada apenas por raios incidentais de luz, e contrabalançada na última seção (caps. 33 a 48) por um quadro igualmente coerente que apresenta o brilhante futuro que Deus reserva para o Seu povo. Dividindo esses blocos sólidos de ameaça e promessa a Israel, há uma série de discursos dirigidos a nações estrangeiras, que tem um duplo aspecto: pronuncia condenação contra os ímpios vizinhos de Israel, mas a destruição dos inimigos de Israel também constitui uma certeza que não serão capazes de impedir o cumprimento da promessa de Deus, de redimir e restaurar Seu povo escolhido.

Outra característica sem paralelo do livro de Ezequiel é a forma em que são expressas tanto a ameaça como a promessa. O livro está repleto de visões misteriosas, alegorias ousadas, e ações simbólicas estranhas. Esses meios da revelação de Deus ocorrem, aqui, mais freqüentemente do que em qualquer outro livro profético, e são apresentados com uma elaboração, igualmente incomum, de detalhe descritivo. As visões, em particular, são bizarras, quase grotescas quanto à forma, e, por conseguinte, são de difícil interpretação.

Porém, o significado básico do livro de Ezequiel não escapará ao leitor, se este mantiver em mente que a glória de Deus e Seus grandes atos de juízo e salvação são retratados em linguagem e forma simbólicas. O que Ezequiel vê em visões, descreve em alegorias, e age de maneira que faz lembrar charadas, tudo tendo em vista contribuir para

a certeza de que Deus está pondo em vigor o Seu plano de salvação para todos os homens, iniciado quando entrou em aliança com Israel, séculos antes. Purificada pelo julgamento de Deus no exílio babilônico, Israel novamente tomar-se-á possuidora das promessas que serão cumpridas no novo pacto e até o fim do tempo. Tudo isso Ezequiel contempla em uma perspectiva profética onde aparecem cenas do futuro próximo e distante, que algumas vezes se justapõem sobre o mesmo quadro sobre a vinda e permanência do Reino de Deus.

Autor

A pessoa de Ezequiel submerge tão completamente em sua mensagem que, além de seu nome, pouco sabemos a respeito dele. Somente dois fatos biográficos podem ser percebidos no livro: era filho de Buzi, o sacerdote, e, diferentemente de seu contemporâneo Jeremias, Ezequiel era casado, ainda que o "deleite de seus olhos" lhe tivesse sido tirado quando cumpria a missão que Deus lhe dera.

Mui freqüentemente Ezequiel tem sido considerado um indivíduo inflexível e sem coração. Dizem que ele se mostra impessoal em seu desligamento dos ouvintes, preocupando-se exclusivamente com a vindicação da glória de Deus até mesmo na proclamação da misericórdia. Mas, apesar de que, verdadeiramente os seus sentimentos não venham à tona, como no caso de Jeremias, asseverar que a Ezequiel falta simpatia, é ir além de toda a evidência. Os próprios críticos radicais não podem sustentar suas teorias de que Ezequiel estava sujeito a ataques de catalepsia e que sofria de paranóia esquizofrênica. As ações simbólicas por ele levadas a efeito e as visões que ele recebeu não são essencialmente diferentes daquelas registradas por outros profetas.

Ezequiel foi levado para a Babilônia em 597 a.C., e foi chamado para o serviço profético cinco anos mais tarde. Esteve em atividade pelo menos durante vinte, e dois anos (29.17).

Esboço

ISRAEL, UMA CASA REBELDE, CAIRÁ, 1.1-24.27

Deus, Envia Ezequiel como seu Porta-voz à Casa Rebelde, 1.1-3.27

Primeira Série de Ações Simbólicas e Seu Trágico Significado, 4.1-7.27

Visão da Condenação de Israel, 8.1-11.25

Idólatras no Templo, 8.1-18

Julgamento Contra Jerusalém, 9.1-11.25

Segunda Série de Ações Simbólicas e Palavras de Condenação, 12.1-14.23

Parábolas Condenatórias, 15.1-19.14

Terceira Série de Repreensões e Ameaças, por causa da Total Desobediência de Israel, 20.1-22.31

Duas Parábolas Finais e uma Última Ação Simbólica de Condenação, 23.1-24.24

Notícia da Queda da Casa Rebelde, 24.25-27

NAÇÕES ESTRANGEIRAS, CULPADAS DE CRIMES CONTRA DEUS E SEU POVO SERÃO DESTRUÍDAS, 25.1-32.32

Palavra do Senhor sobre Seis Vizinhos Palestinos de Israel: Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro e Sidom, 25.1-28.26

Sete Palavras do Senhor sobre a Sétima Nação: Egito, 29.1-32.32

O ISRAEL CASTIGADO SERÁ RESTAURADO: O REINO DE DEUS FLORESCERÁ, 33.1-48.35

O Profeta da Restauração e a Base de sua Mensagem, 33.1-20

Chegam Notícias sobre a Queda de Jerusalém, 33.21-33

Promessas de Restauração, 34.1-39.28

Restauração sob um Rei Eterno, 34.1-31

Restauração nas Colinas de Israel, 35.1-36.15
Restauração de um Coração de Carne, 36.16-38
Restauração à Vida, 37.1-14
Restauração à Unidade, 37.15-28
Restauração à Segurança contra Todo Mal, 38.1-39.28
A Visão da Restauração, 40.1-48.35
Templo do Povo Restaurado, 40.1-42.20
A Glória do Senhor entra no Templo, 43.1-12
Adoração do Povo Restaurado, 43.13-46.24
Águas Vivas e a Prometida Terra da Herança, 47.1-48.35

1.1 *No trigésimo ano.* O livro começa com a data internacional, o trigésimo ano do império da Babilônia, que começou com a dinastia de Nabopolassar (626-605 a.C.). Este levou apenas cinco anos para acrescentar à antiga cidade de Babel os territórios ao seu redor, forçando os assírios a recuar para seu próprio país. Se Ezequiel está usando esta data, 621 a.C. para o início do novo império, estamos no ano 593 a.C., v. 2. *Quebar.* Um grande canal que irrigava a parte oriental da cidade da Babilônia. É provável que os cativos estivessem sendo usados para completar a construção deste rio artificial.

1.2 *Quinto ano de cativo.* O livro prosseguirá doravante com as datas locais da comunidade judaica. Joaquim foi para o cativeiro em 597 a.C., e, aquela hora, foi para Ezequiel o fim da sua nação, pois os líderes da corte, do templo e do comércio e indústria também foram levados ao cativeiro (2 Rs 24.10-16). Não há dificuldade em fixar a data mencionada aqui como 593 a.C.

1.4 *Vento.* A visão começa com a vinda de algo parecido, um tipo de furacão que aparece na região, segundo as descrições locais.

1.5 *Seres viventes.* Estes seres se definem especificamente como querubins no cap. 9 onde se podem procurar as notas explicativas.

1.15 *Uma roda.* Veja as notas explicativas de 10.9-13.

1.18 *E metiam medo.* Ninguém sabe ao certo como traduzir esta frase. Seria "tinham raios" ou "tinham algo temível".

1.22 *Cristal brilhante.* A descrição da visão do trono de Deus, dada em Ap 4.1-8 menciona este cristal juntamente com os relâmpagos, que devem ter alguma relação com o "metal brilhante" mencionado no v. 4, já que os israelitas usam esta palavra para eletricidade, na língua hebraica moderna. Em Apocalipse vemos que a função dos querubins era glorificar a Deus; aqui revelam a glória de Deus em visões, ali o fazem cantando "Santo, Santo, Santo".

1.26 *Algo semelhante.* Esta frase é uma chave para todas as visões aqui descritas. A glória de Deus é grande demais para se conter dentro de qualquer objeto físico, mas nossos olhos fracos, humanos, só podem contemplar coisas terrestres. Por isso é que as coisas eternas de Deus podem ser vistas e descritas pelos homens em termos bem humanos, como algo que existe na terra.

• **N. Hom. 1.28** *Caí.* A confiança que o homem tem em si mesmo abala-se perante a revelação da glória divina. Só quando nos humilhamos dessa maneira perante Deus, é que estamos em condições de sermos instruídos por Ele para sermos seus discípulos, e depois, sermos seus mensageiros. Quando reconhecemos plenamente nossos pecados, é que, então, convertidos a Deus, podemos receber a consolação do Espírito Santo que nos põe em pé para daí em diante andarmos nos caminhos de Deus, 2.2. Esta foi a experiência de Isaías (Is 6.1-8); de Daniel (Dn 10.8-12); do apóstolo Paulo (At 26.13-20); e é a de todos os que crêem em Jesus (Ef 2.1-10).

2.1-8 *Filho do homem.* O mensageiro, desde já, recebe a preservação contra o orgulho que o levaria a falar de si mesmo e não da vontade de Deus: seu título profético é Filho do homem, ou, simplesmente, "tu que nasceste da carne frágil e foste instruído com idéias

humanas". Esta advertência é importante, pois este trecho descreve a vocação do profeta em falar somente as palavras que Deus lhe dá (7), sem ter respeito às opiniões humanas (5) e sem medo das reações humanas (6). Quando Jesus, na sua graça, aplica este título a si mesmo (Mt 8.20), fá-lo para nos ensinar que é plenamente homem e, por isso mesmo, capaz de entender nossas fraquezas e tentações, e que é a plenitude da vida humana e por isso chama cada um a segui-LO na mesma trilha gloriosa (Mt 16.24; 1 Jo 2.6; Jo 13.35 e 8.12).

2.8 Não te insurjas. Qualquer servo de Deus que, conhecendo a vontade divina revelada no seu livro (9-10) e, vendo que as atividades da sociedade na qual vive não estão à altura da mensagem do livro, recusa-se a pregar contra tais atividades está pecando da mesma forma que os próprios pagãos.

3.1-3 O servo de Deus deve encher seu íntimo, seus pensamentos, suas emoções, com a religião revelada no Livro de Deus; só nestas condições é que pode servir a Deus e aos seus semelhantes.

3.7 Não me quer dor ouvidos a mim. Quem rejeita o verdadeiro mensageiro de Deus, rejeita a Deus (1 Sm 8.7; Lc 10.10-12).

3.8 Fiz duro o teu rosto. Se o povo é teimoso em rejeitar a palavra de Deus, o profeta deve ser teimoso em repeti-la.

3.11 Teu povo. Deus sempre chamava os israelitas de "Meu Povo", mas agora estavam no cativeiro por causa da sua desobediência; não seriam o povo de Deus até aprenderem as lições desta punição, oferecendo o sacrifício de um coração quebrantado.

3.14 O Espírito me levantou. O momento da contemplação da glória divina é seguido pelo ministério ativo, no qual o profeta, pelo impulso do Espírito Santo, prega aquilo que viu e ouviu, levando a mensagem para onde Deus quer (At 8.39-40).

3.15 Atônito. O profeta não foi desobediente à visão celestial, embora sentisse certa amargura em ter de enfrentar o povo rebelde (v. 14), e um choque tremendo ao reconhecer que aquele povo não se poderia considerar objeto da proteção divina (nota do v. 11, e de 24.15-27).

3.17 Atalaia. Agora não é mais permissível permanecer abalado no meio do povo, pois há uma vocação bem nítida a se cumprir, que não admite nenhum adiamento. O atalaia será sempre visado pelo inimigo, mas sofrerá pena de morte se abandonar seu posto. Assim é o ministro da Igreja de Deus: quanto mais fiel à sua vocação, tanto mais será perseguido pelos ímpios, e quanto menos fiel, tanta menos amparado pela proteção divina. O atalaia precisa falar em nome do Senhor ("da minha parte" v. 17; "Quando eu disser" v. 18). Deve pregar para o perverso, a fim de que se arrependa (18-19); e também pregar ao justo para que não se desvie (20-21).

3.20 Um tropeço. Não que Deus tente um homem a pecar, mas, para um homem pecaminoso, que já pecou no seu íntimo, Deus pode aplicar um teste, forçando-o a uma decisão final. É isto que acontece com o Faraó (Êx 8.32 e 9.12). É Isto que acontece quando, se prega o evangelho de Cristo com poder e autoridade.

3.23 Como a glória que eu vira. A primeira visão foi concedida para vocacionar o profeta, fazendo-o obedecer a Deus mais do que aos homens. Esta segunda visão foi concedida para consolar a um homem que havia recebido o encargo difícil de levantar a única voz a chamar para o arrependimento, no meio de um povo que ainda estava pensando que Deus devia restaurar sua sorte, sem nem mesmo haver arrependimento da sua parte.

3.27 Quem ouvir ouça. A responsabilidade individual do ouvinte da Palavra de Deus é um dos pontos mais destacados por Ezequiel.

4.5 Trezentos e noventa dias. Muitos textos bíblicos têm "cento é noventa dias". Cada dia é símbolo profético de um ano. Se é 390 anos pode-se contar desde a separação de Israel e de Judá em 931 a.C., até a ação libertadora decretada pelo, rei Ciro no ano 539 a.C.

4.7 Quarenta dias. Representam, aqui, quarenta anos, número arredondado usado pelos

judeus para se referir a uma geração. Pelas datas arqueológicas, contaram-se cinquenta anos entre a queda de Jerusalém e o princípio da reconstrução. Ezequiel, reconhecendo a responsabilidade do indivíduo,

e o valor de cada alma, calcula o cativo pelo número dos anos nos quais o povo viria a estar exilado; Jeremias, como o profeta da alta estirpe, conta o cativo desde o ano 605 a.C., quando a nobreza foi levada cativa e por isso sempre fala em setenta anos (Jr 25.11-14).

4.10 Por peso. O fato de ter de colher restinhos de cada tipo de grão para fazer uma refeição, de comer vinte siclos (um quarto de um quilo) por dia, v. 10, de beber uma sexta parte de um him (um litro) de água por dia, enfatiza uma profecia física, visível e dinâmica dos rigores do cerco de Jerusalém, que, assim como as parábolas de Jesus, apelava diretamente para o entendimento de milhares de pessoas simples, mesmo se aqueles que se julgavam sábios segundo o mundo preferissem um discurso filosófico.

4.13 Pão imundo. Parte da punição do exílio seria o ser forçado pelas circunstâncias a desobedecer todas as leis da pureza cerimonial e da higiene. *As nações.* Esta palavra (*goim*, em heb) logo passou à ter o significado de "os gentios", ou seja, os pagãos que não conhecem a Deus. A dificuldade de se viver num país pagão jaz no fato de que ali Deus não é adorado; nenhum israelita tinha a idéia de que Deus estaria "ausente" ou "fraco" num caso destes.

• **N. Hom. 4.14 Nunca comi.** Mesmo no meio de uma visão, a alma de Ezequiel se revolta contra qualquer tipo de impureza condenado pela Lei (Dt 14.3-21). Deus, na sua misericórdia altera esta exigência (15). Só depois de Seu povo ter aprendido a obedecer inteiramente à Lei, Deus o leva um passo mais à frente, mostrando que o sentimento completo da Lei é comunhão perfeita com o próprio Deus (At 10.14-15, Jo 4.23-24, Jo 6.40; Gl 4.6-7).

5.2 Uma terça parte. A destruição dos habitantes de Jerusalém será em fração tríplice, segundo a descrição dada no versículo 12.

5.3 Os atarás. Dos fugitivos do cerco, Deus vai preservar alguns, com grande cuidado e ternura. Uma parte destes ainda vai merecer a punição (4), e o restante vai ser o grupo que guardará sua fidelidade durante o cativo, que tomará a primeira oportunidade de reconstruir Jerusalém para ali adorarem a Deus.

5.7 Mais rebeldes. O povo de Deus chegou a sobrepujar os pagãos, no paganismo. Quem conhece a palavra de Deus e recusa-se a obedecer-lhe sofre uma queda maior do que a dos ignorantes.

5.10 O castigo de Samaria (2 Rs 6.24-30) caiu também sobre Jerusalém (Lm 4.10).

5.13 Me consolarei. A consolação seria não ver a opressão e o mal (Hc 1.13). A maneira pela qual Deus prefere eliminar o mal é, graciosamente, transformando os ímpios em santos pela obra do Seu filho Jesus Cristo (2 Co 5.17-21).

5.17 São as quatro calamidades das mais comuns: a fome da cidade sitiada, a ameaça das selvas quando os habitantes do campo fogem para as cidades, a peste causada pela fome e pela concentração do povo em cidades fechadas, e a morte pela espada do inimigo. Tal é a situação do país invadido pelos exércitos do inimigo.

6.3 Montes. A Babilônia é uma planície, e os cativos teriam saudades dos montes e dos vales. Mas o profeta tem de fazer o povo lembrar-se que foram justamente os lugares mais atraentes das montanhas e das florestas que foram escolhidos para os ritos pagãos, ritos que eram uma ofensa contra Deus e a causa imediata do cativo. O povo abusara dos dons de Deus (Os 2.8-13).

6.4 Ídolos. A palavra empregada pelo profeta Ezequiel quer dizer "pedaços de refugio" ou "blocos inúteis".

6.7 Para que saibais. A ação de Deus, na história, tem o intuito de converter a raça humana a Ele. Na Criação, na libertação do Seu povo cativo no Egito e supremamente na vinda do Seu filho Jesus Cristo, Deus revela o amor. Quem se revolta em face deste

amor, sentirá a revelação de Deus pronunciando sentença contra ele (Jo 3.19-20).

• **N. Hom. 6.9** *Terão nojo de si mesmos.* Muitas vezes o castigo divino sobre os ímpios pode parecer severo demais, mas quem honestamente encara a profundidade do pecado humano, verifica que a sobrevivência de um resto é sinal da grande misericórdia divina, chegando à plenitude do arrependimento, que inclui o ódio ao pecado e o amor a Deus, o desgosto de nós mesmos por causa de nossa maldade, e a plena fé em Deus por causa da Sua graça.

6.14 *Ribla.* Onde o rei Zedequias sofreu o castigo por rebelado contra o rei da Babilônia (2 Rs 24.18-25.7).

7.1-27 O capítulo inteiro vem numa forma poética, um poema lírico de lamento pela destruição do povo de Judá, que é, ao mesmo tempo, um hino de triunfo pela vindicação da justiça divina que eliminaria a idolatria e a rebelião, cujo resultado final seria levar os homens a um verdadeiro conhecimento de Deus, precedido por um sincero arrependimento (27).

7.7 *Turbação.* As festas pagãs nos montes se destacavam pelo prazer carnal e pecaminoso; elas foram motivo de tropeço para Judá, e portanto, da turbacão na qual a nação caiu pelo castigo de Deus.

7.10 *Brotou.* Quanto Mais indomável o nosso orgulho, nosso amor próprio, tanto mais estaremos instigando a vara para as nossas próprias costas.

7.12 No meio da desgraça, o comércio, o negociar, não será mais um interesse que consome todas as forças do homem, não continuará a ser uma paixão que desvia o coração humano nas épocas de prosperidade e de paz. Quantas vezes na história do mundo a desgraça tem forçado nações a pensarem nas coisas eternas, quando a riqueza lhes teria destruído a alma!

7.14 Os preparativos para a batalha, e o sinal para lutar (o som da trombeta) nada aproveitam se a causa não é justa, se a luta não é em prol dos ideais que promanam de Deus.

7.15 *Fora.* A situação num cerco é que fora das muralhas há o perigo da morte pela mão do inimigo, e dentro das muralhas há morte, lenta pela fome e pela peste (2 Rs 7.3-4).

7.18 *Pano de saco.* A roupa tosca e dolorida usada pelas que estão enlutados. *Calva.* O costume universal entre os povos semíticos era fazer calva na testa quando da morte de um ente querido. Aos israelitas, este ato foi proibido, talvez porque seria uma desonra a Deus lamentar assim aqueles que Deus leva para estar com Ele, segundo sua soberana vontade, Dt 14.1-2.

7.19 *A sua prata.* "Prata" em heb é o termo usado para "dinheiro". Numa hora de castigo e de julgamento, aquilo pelo que os homens praticam tanta injustiça para amontoar será reconhecido como algo inútil, um fardo, um tropeço.

7.20 *Soberba.* Normalmente, tida por vício de confiar em si mesmo e não em Deus; aqui refere ao pecado de confiar em ídolos construídos pelas mãos humanas, de materiais, corruptíveis, inclusive a prata.

7.22 *Meu recesso.* O Santo dos Santos, no templo em Jerusalém.

7.26 A verdadeira riqueza de Israel fora a visão dos profetas, a aplicação da lei feita pelos sacerdotes, o conselho dado de cidade em cidade pelos piedosos anciãos locais. Mas o povo escolhera a idolatria e as alianças com nações pagãs; por isso o pouco que lhes restava já desaparecera (Mt 25.29). Só lhe restava todo o desespero descrito no versículo seguinte.

8.1 *No sexto ano.* Em 592 a.C., quase um ano depois da visão inicial. *Os anciãos.* A época de desgraças deu ao profeta um auditório mais distinto e respeitável do que aquele que os profetas normalmente tiveram.

8.3 *O Espírito.* A mão estendida vinha da figura descrita no v. 2, mas é o Espírito de Deus que transporta o profeta a Jerusalém. *Em visões de Deus.* Esta frase põe fim ao debate sobre como Ezequiel podia Ter sido transportado para Jerusalém e responde às teorias

que dizem que a profeta nunca foi para a Babilônia, mas, sim, estava vendo os acontecimentos em Jerusalém e profetizando para os cativos na Babilônia. Trata-se de visões, da qualidade de vidência, coisa que sempre existiu entre os orientais, e já que são visões que vieram diretamente de Deus, é claro que o profeta sentira que foi uma situação verídica, de acontecimentos atuais em Judá.

8.5 Imagem dos ciúmes. Qualquer tipo de idolatria provoca os ciúmes de Deus (Êx 20 4-5; 1 Co 10.14-22). Aqui, a referência pode ser ao poste-ídolo que Manassés colocara no próprio templo (2 Rs 21.7). A morte da rei Josias, que o removeu, seria o suficiente para o fazer colocar de novo.

8.6 Maiores abominações. Cada revelação da: idolatria do povo em Jerusalém era o prelúdio a uma revelação ainda pior.

8.10 Répteis. Nos cultos místicos do Egito, havia câmaras escuras cheias de incenso, às quais só os iniciados tinham licença de penetrar (o próprio sacerdote oficial do templo precisava cavar na parede para ver a que estava acontecendo, v. 7); e além disto, prestava-se o culto às imagens de aves, quadrúpedes e répteis. As tentativas de fazer-se alianças com o Egito, acrescentadas à revolta Contra um Deus que não podia moldar segundo às vontades humanas, levava a povo a esta tentativa vã de controlar as forças ocultas da natureza.

8.11 Safã. É o escrivão que ajudou o rei Josias a purificar e renovar a religião nacional. Talvez tivesse sido a apostasia do seu *filho* que ajudou o profeta a entender a doutrina da responsabilidade moral e religiosa do indivíduo perante Deus (18.5-13).

8.14 Tamuz. Segundo a mitologia da Babilônia antiga, é um jovem deus da natureza que morre durante o inverno; é a lenda de Adonis, dos gregos; e de Osíris, dos egípcios. Nas três civilizações, as mulheres ficam lamentando a morte do belo herói.

8.16 Sol. Tão natural era para os povos antigos adorar o mais poderoso objeto que lhes era visível, mas que ficava fora do seu alcance, que o nome "sol" soava como um nome próprio divino. É por isso que a palavra não consta na história da criação, sendo substituída por "luzeiro" (Gn 1.14-19).

8.17 O ramo. Cheirar um ramo de flores faz parte de certos ritos.

9.1 Executores. Os anjos que cumpriam os julgamentos divinos (Êx 33.2; 2 Sm 24.16; Ap 15.5-8).

9.2 Escrevedor. Simboliza o fato de que Deus tem um relatório perpétuo das atitudes humanas, para saber quais são os justos (4).

• **N. Hom. 9.6 O sinal.** Neste livro, o sinal na testa é a marca dos que têm desgosto pela rebelião nacional contra Deus (4); o livro do Apocalipse, que descreve os julgamentos de Deus sobre a terra, e descreve a vindicação das suas veredas e dos Seus santos, é mais específico em definir a natureza do sinal: é o próprio nome Cristo, o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (Ap 14.1; Jo 1.29). Recebendo a pessoa de Cristo no próprio íntimo, o homem alcança a vitória sobre o pecado e a morte eterna (At 4.12).

9 7 Mataram. Assim foi a natureza da visão; Deus revelou claramente que a destruição de Jerusalém seria por Sua vontade. Pelo historiador humano, a destruição foi feita pelo exército da Babilônia, seis anos depois desta visão.

9.9 Abandonou a terra. Esta expressão nos ensina que; embora o povo de Israel e de Judá tenham seguido as formas do culto prescrito por Moisés, o pensamento popular tinha a mesma teoria que os pagãos de Canã tiveram. Deus, para eles, é um deus local, da natureza, que só tem autoridade sobre um pequeno conjunto de montanhas e de vales. O coração do povo não pertencia a Deus, e, na ausência de um rei religioso, voltou ao paganismo.

10.1 Querubins. Seres sobrenaturais, que revelam a glória de Deus.

10.2 Brasas acesas. O fogo de Deus purifica e santifica os que se entregam a Ele com humildade, fé e obediência (Is 6.5-7); mas é julgamento eterno para os que se rebelam contra os desígnios divinos (Mc 9.43).

10.10,11 A visão espiritual revelou algo que não é possível no plano físico e carnal. Talvez a melhor maneira de compreender as rodas que eram separadas, mas ao mesmo tempo uma dentro da outra, e que iam em todas as direções ao mesmo tempo, é que formavam uma "junta universal em quatro dimensões". Isto nos ensina que os planos de Deus têm interdependência incompreensível à fraca mente humana e que seus anjos têm livre poder de movimento.

10.12 *Olhos*. Se a onipresença de Deus revela-se na liberdade dos movimentos dos querubins, a Sua onisciência simboliza-se nestes olhos.

10.14 *Quatro rostos*. A impressão que se tira de 1.10 é que o rosto exterior, que olhava para fora, era de homem. Olhando do lado, o profeta está vendo primeiro o rosto que descrevera em 1.10 como o rosto de boi, que agora chama de rosto de querubim. O conjunto parece ser um carro, com uma roda mística a cada quatro cantos com os lados formados pelas asas dos querubins, cada um no meio do seu lado com as asas estendidas até encontrar, acima das rodas, com as pontas das asas do querubim à sua direita e à sua esquerda.

10.18 *A glória do Senhor*. Não se diz que Deus anda no carro dos querubins, mas sim a Sua glória, como se fosse uma centelha suficientemente pequena para ser vista pelos fracos olhos humanos.

10.20 *Fiquei sabendo*. É só agora que o profeta compreendeu o que tinha visto perto do rio Quebar (1.5-14).

11.1 *Joazanias*. Não é o mesmo mencionado em 8.11. A visão aqui se refere a uma época antes da destruição de Jerusalém (no tempo, ainda estamos no ano 592 a.C., e estes versículos 1-13 descrevem um caso de conhecimento espiritual, pelo qual o profeta vê as coisas que estavam acontecendo em Jerusalém, na mesma hora).

11.2 *Maquinam vilezas*. Este é o partido que sempre planejava a traição e a revolta contra os caldeus, confiando na politicagem e não na fidelidade aos preceitos divinos.

11.3 *A panela*. Estes homens confiam tanto na segurança física da cidade de Jerusalém, que para eles é uma panela de ferro pesada que conserva a carne contra as chamas que existem ao seu redor.

• **N. Hom. 11.5** Aqui temos a chave para a ação dos profetas, que não falaram de si mesmos, mas, sim, falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo; apontando para a pessoa de Jesus Cristo (2 Pe 1.19-21; e 1 Pe 1.10-12). Esta possessão pelo Espírito Santo faz o profeta trazer à situação humana a resposta divina. Se alguém quer fazer isto hoje, deve primeiro assimilar a palavra de Deus, a mensagem profética inspirada pelo Espírito Santo (2.8-3.3). Depois, deve ficar permanentemente ligado a Cristo (Jo 15.1-10), já que Ele é a figura central da Bíblia (Lc 24.44-49). Daí uma vida cheia da fruto e do poder do Espírito (1 Co 12.1-11; Gl 5.22-26).

11.7 *Matastes*. O partido que maquinava a rebelião assassinava seus próprios compatriotas mais pacíficos (Jr 41.1-10). Os mortos, porém, seriam os únicos a acharem paz e segurança em Jerusalém; os demais seriam trucidados fora da cidade condenada.

11.13 *Morreu Pelatias*. Muitos pensam que Ezequias estava em Jerusalém falando contra Pelatias, assustando-o até à morte; mas o que aconteceu foi que Ezequiel recebera uma palavra dos propósitos divinos (1-12) seguida por um momento de visão de um acontecimento distante.

11.18 *Tirarão*. O fato é que depois da volta do cativo, os israelitas nunca mais caíram na tentação da idolatria.

11.19 *Espírito novo*. Antes da tempestade final da destruição de Jerusalém, a luz da esperança já brilhava à espera de quem quisesse ser guiado por ela, mesmo na ausência do templo físico.

11 20 A renovação do coração é a vontade de servir a Deus, de ficar em comunhão com Ele no tempo e na eternidade.

11.23 Esta parte da visão mostra que a glória de Deus está abandonando o templo. Agora

o povo pode compreender que é inútil pôr sua esperança no templo (Jr 7.1-15). Os restantes que teriam ficado no cativeiro teriam de aprender que as promessas dadas nos vv. 19-20 constituem um templo eterno, invisível, sempre presente, no qual Deus é adorado em Espírito e em verdade.

11.24 Caldéia. Outro nome para Babilônia. Aqui termina: a visão dos pecados de Jerusalém, da punição divina, e da retirada da glória de Deus do templo (8.1-11.24).

• **N. Hom. 12.2** Triste é o estado do homem surdo e cego; pior é seu estado quando deliberadamente se nega a aproveitar de suas capacidades de enxergar e de escutar; pior ainda quando se desliga de suas percepções espirituais, para não ouvir a voz de Deus até o dia do julgamento, para então ouvir a sentença final: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41).

12.3-6 Não tendo, o povo, compreendido o significado das visões que o profeta contara (11.25), Ezequiel faz uma representação dramática do cativeiro, que o mais simplório não poderia deixar de entender. Essas "parábolas em palco" eram empregadas por muitos profetas, e apelavam diretamente para os corações dos orientais; o ministério de Ezequiel fundamentava-se, desde o princípio, nestas profecias comunicadas por meio dos seus gestos (4.1-5.4).

12.8 *Veio a mim a palavra do Senhor.* Se a *maneira* do ministério de Ezequiel é profecia representada como que em pleno palco, se a sua inspiração é a série de visões, não há dúvida de que o *conteúdo do* seu ministério é a palavra de Deus concedida pelo poder do Espírito do Senhor (11.5). Cinco mensagens neste capítulo começam com estas palavras, vv. 1, 8, 17, 21 e 26.

12.9 *A casa de Israel.* O nome dado aos remanescentes "da família de Jacó (que recebera o nome de Israel), que foram reduzidos a duas tribos, quando as tribos do norte foram dispersadas pela Assíria, e que ficavam na região de Jerusalém até serem levados para o cativeiro na Babilônia. Na história de Israel, houve uma época, durante a qual, a palavra "Israel" se referia à divisão do reino que ficara no norte, mas aqui a mesma volta para seu significado de "povo de Deus".

12.10 *Príncipe.* É Zedequias, rei dos remanescentes em Jerusalém (2 Rs 24.14 e 17).

12.13 *Não a verá.* Nabucodonosor mandou, mais tarde, vazar os olhos do rei antes deste chegar à Babilônia (2 Rs 25.7).

12.18 Mais uma parábola encenada; em 4.10 se menciona a falta de comida, e aqui vemos que este pouco se come em tremor e temor.

12.22 *Prolongue-se o tempo.* No conceito popular, uma profecia era apenas algum sonho sobre uma situação de um futuro remoto. Ainda não haviam aprendido que a Palavra de Deus não volta sem cumprir-se aquilo para que foi pronunciada segundo a vontade de Deus (Is 55.11).

12.24 *Adivinhação lisonjeira.* É uma profecia feita sob encomenda, pela qual o falso profeta, por algum pagamento, "profetiza" alguma coisa que satisfaça o seu cliente. Balaão tinha sido o mais famoso desta linhagem maldita (Nm 22.1-6).

• **N. Hom. 13.3** Seu próprio espírito. Enganoso é o íntimo do homem: nunca se sabe quantos impulsos estão no subconsciente de quem acha que está sendo muito fervoroso, muito crente; e por isso que quem realmente quer ser um mensageiro de Deus precisa instruir-se profundamente na Bíblia, dedicar-se sinceramente à oração, e andar corajosamente nos caminhos de Jesus Cristo. Só assim é que o eu dado ao pecado começa a dar lugar à nova criatura, moldada pela mão de Deus (Jr 18.6; 2 Co 5.17; 2 Co 3.18).

13.4 *Raposas entre os ruínas.* Representa uma pessoa inútil num lugar fútil. É um símbolo de destruição da civilização.

13.6 *Visões falsos.* Muitos profetas alegavam que tinham visões, a fim de ganhar mais aderentes (1 Rs 13.18), mas aqui, provavelmente, se tratam de visões estimuladas por drogas, por sessões noturnas realizadas em templos pagãos. Aquelas foram comuns no

Egito antigo, e estas se praticavam na Grécia, quase até o tempo de Cristo. É um êxtase diabólico, nada tendo a ver com a influenciando Espírito de Deus (11.5).

13.9 *Nem entrarão.* Jerusalém, com os poucos habitantes que restaram, estaria à destruição; desde já, o profeta está sendo treinado por Deus para legislar o pequeno grupo que, anos mais tarde, impulsionado pela fé, arrependido e cheio de esperança, edificaria uma nova Jerusalém. A ameaça já não é a destruição da cidade (pois isto já foi determinado), mas agora, a ameaça para os infiéis é a de serem excluídos da gloriosa restauração, já profetizada por Isaías (Is 49.22-26).

13.10 *Paz.* O perigo desta paz é que ela se baseia na confiança humana nas suas próprias virtudes que são, na realidade, um trapo de imundícia. A verdadeira paz com Deus, a paz de Espírito, não pode ter outra base senão o perdão, a santificação e a vida eterna, que só o próprio Deus pode conceder. Deus as concede mediante a obra do Seu Filho Jesus Cristo (Ef 2.1-22).

13.12 *Cal.* É a cobertura de hipocrisia que os falsos profetas usam para encobrir uma situação pecaminosa (Mt 23.25-33).

13.19 *Matardes as almas.* Era uma crença primitiva entre muitos povos que a alma da pessoa sai do seu nariz ou da sua boca na hora do seu último suspiro. Daí ter havido muita magia negra para determinar o caminho dessa alma. Os véus e os invólucros mencionados no versículo anterior eram para "enredar as almas". A profanação do nome de Deus era o uso

do Seu nome como se fosse uma palavra mágica, como faziam os exorcistas com o nome de Jesus (At 19.13-16). É claro que tais feiticeiros nenhum poder tinham sobre as almas, que estavam mentindo para o tipo de pessoa que se deixava iludir por tais mentiras. É claro que o destino das almas está na mão de Deus (21).

13.21 *Livrarei... sabereis.* Um ato de misericórdia divina, de libertação das vítimas, é uma revelação clara do poder e do amor de Deus. Do mesmo modo, o ato de julgar e de destruir a falsidade, a hipocrisia e a religião pagã, também é uma revelação da natureza de Deus (14). A Bíblia é, entre outras coisas, uma narrativa dos atos de Deus, que visavam aos mesmos homens. Quem lê esse histórico, fica conhecendo a Pessoa de Deus, na sua própria vida e experiência. • **N. Hom.**

13.22 *Entristecido.* Entre os pagãos, o medo da feitiçaria é tão grande que a morte se produz pelo simples fato de a vítima saber que é alvo de um passe de magia negra. Mas quando é Deus que entristece a alguém, é uma tristeza que produz o arrependimento para a vida eterna (2 Co 7.10). *Fortaleceste.* Fazer um homem estribar-se em coisas vãs, falsas, supersticiosas, pode dar bom lucro ao falso profeta, mas desviar a confiança do homem da Pessoa de Jesus Cristo, não é fortalecer, mas sim destruir sua alma para a eternidade.

14.3 *Ídolos dentro do seu coração.* No cativeiro, não havia ensejo para construir templos, seja para adorar a Deus, seja para a idolatria; mas quem amava a Deus construía no seu íntimo um templo do amor do Senhor para adorá-LO em Espírito e em verdade (11.19-20; Jo 4.23-24). E quem não amava a Deus, trazia a idolatria no seu íntimo, seja na forma de superstição, seja na forma de apego às coisas materiais.

14.4 *Lhe responderei.* O próprio Deus lhe dará uma resposta à altura do seu pecado, uma resposta que não está dentro do contrato que o consulente faz com o falso profeta.

14.14 Mais uma vez estamos percebendo a doutrina da responsabilidade pessoal do indivíduo perante Deus. Nenhum lugar, nenhum rito, nenhuma organização, nem mesmo pessoa alguma pode substituir a relação pessoal do indivíduo com Deus.

14.17 *Espada.* Nenhuma invasão de Israel foi feita sem que o próprio Deus a permitisse. Os grandes impérios da época eram nada mais que instrumentos nas mãos de Deus, para castigar os pecados das nações, segundo Sua vontade (Is 10.5-6).

14.20 *Noé, Daniel e Jó.* Três homens que, pela fé, transformaram a desgraça total em vitória deslumbrante. Representam o Antigo Testamento que os israelitas dividiam em lei,

profetas e escritos. A preservação de Noé do dilúvio conta-se na lei, Gn 6.11-8.19. Daniel foi um dos profetas que, vencendo várias perigos, era o conselheiro de vários reis. Jó cujo livro conta, em estilo de poesia, ou escrita, como perdera bens, filhos e saúde, alvo constante das tentações de Satanás e do desprezo dos homens, finalmente recuperando tudo em dobro.

14.21 *Quatro maus juízos.* Quatro tipos de punição desagradável, mencionados um por um nos vv. 13, 15, 17 e 19.

14.22 *Consolados do mal.* Vão conhecer que o "mal" não tinha sido uma injustiça por parte de Deus, mas sim uma punição muito reta e acertada, para eliminar da terra os obreiros do maligno, preparando o caminho para um novo Israel, no qual não haveria mais a constante pressão do paganismo que causara tanta desgraça à nação durante vários séculos.

• **N. Hom. 15.1-8** Em toda a história de Israel, a videira tem sido o símbolo deste povo. Transplantada por Deus da terra da escravidão (o Egito) para a Terra Prometida (a Palestina) ficara bela e frutífera. Mas, a videira que não se poda e não se aduba, logo torna a ser um cipó inútil, com bagos amargos, cuja madeira é inútil, que nem sequer serve para se fazer estacas. Inútil é a nação ou a pessoa que despreza a assistência de Deus; toma-se duplamente inútil quando cai debaixo do castigo divino, o fogo do julgamento. Assim também a comunhão com Cristo faz o ser humano belo, útil, frutífero e forte, mas a interrupção desta dependência do divino Mestre torna, o digno, de merecida destruição" pelo fogo (Jo 15.1-11). A graça de Deus escolhe o objeto mais fraco, para ser transformado de glória em glória, o qual precisa aceitar estes cuidados, em arrependimento e fé.

16.3 *A tua origem.* Tudo que restava de Israel na época era Judá, e de Judá só restava a cidade de Jerusalém, já com brechas e despovoada. Ora, aquela Jerusalém nada mais era do que uma cidade pagã, cananita, que o rei Davi conquistara e, se ainda tinha alguma glória, era a graça divina que lhe concedia.

16.8 *As abas.* Símbolo de aceitar em casamento (Rt 3.9).

16.10 De animais marinhos, o couro mais fino da época era o de focas.

16.13 *Nutriste-te.* Esta linguagem simbólica mostra que as riquezas da agricultura da Palestina provinham da graça de Deus para com Seu povo escolhido. Isto é importante, porque os nativos habitantes daquela terra eram pagãos que, como parte da técnica agrícola, celebravam ritos imorais para, segundo os princípios da magia e da feitiçaria, tornar a terra tão fértil como eram as sacerdotisas assim prostituídas.

16.15 *Confiaste.* A essência do paganismo consiste em não confiar em Deus, mas sim na capacidade humana, nos ritos e nas cerimônias por intermédio dos quais imagina-se que o homem vá controlar e dominar as forças sobrenaturais do universo. Se o ser humano tem alguma virtude da qual pode-se jactar, esta provém tão-somente da graça de Deus (Tg 1.17). *Lascívia.* Nossas qualidades e nossos bens pertencem-nos para melhor servirmos a Deus e aos homens; nossas emoções e nosso intelecto existem para entrarmos em contato com Deus. Se desviarmos esses dons da sua finalidade específica, estaremos em piores condições do que a mais desprezada prostituta.

16.17 *Que eu te dei.* O ouro usado para fazer o bezerro no deserto foi concedido ao povo de Deus pela intervenção divina no meio dos egípcios (Êx 12.36). Compare Lc 15.12-14.

16.20 *Teus filhos.* Os filhos do povo de Israel eram consagrados a Deus, e pertenciam-lhe individualmente. Oferecê-los em sacrifício aos ídolos era o cúmulo da infidelidade religiosa.

16.26 *Os filhos do Egito.* Os profetas sempre consideravam as licenças políticas, para obter poder e segurança material, como uma infidelidade a Deus, que já mostrara claramente seu poder em livrar os israelitas da escravidão do Egito, ajudando-os a lançar sete nações poderosas fora do território de Canaã, que Deus lhes tinha reservado.

16 30 *Meretriz descarada.* A linguagem que, Ezequiel está usando parece ser forte e

violenta. Mais fortes e violentas, porém, são as atitudes pecaminosas dos que deliberadamente se recusam a seguir no caminho que Deus preparou para cada ser humano que nasce no mundo (cf. Sl 84.5; Ef 2.10).

16.31 *Prostíbulo*. Os lugares onde se praticava a idolatria, que já é uma prostituição, e, ao mesmo tempo, prostituição física, que era parte do culto aos ídolos de Canaã.

16.33 Longe de receber bênçãos dos ídolos, e adorá-los por isso, o povo de Israel dava, em oferta aos ídolos, todos os seus bens, os quais obtiveram pela misericórdia de Deus.

16.37 A nação infiel se tornara um espetáculo de escárnio entre as nações do mundo.

16.39 *Elevados altares*. Até os melhores reis de Judá não conseguiram remover esses altares. A espada do inimigo seria o bisturi para extrair o câncer desse pecado nacional.

16.41 *Muitas mulheres*. A aplicação da alegoria é que Jerusalém, ao ser destruída pelos caldeus, teria de sofrer humilhação nas mãos de muitas nações vizinhas, como de fato aconteceu.

16.42 Extirpar o pecado é uma maneira de satisfazer a justiça de Deus, mas há outra alternativa: é a justificação graciosa do pecador, pelos merecimentos de Cristo; Ele é a satisfação das exigências da justiça Divina; quem aceita, pela fé, a salvação concedida por Cristo, tem a paz com Deus, e sente a plenitude do seu amor, aqui e por toda a eternidade.

16.43 *Mocidade*. Símbolo da época na qual Israel era uma nação recém-nascida, quando surgiu da escravidão no Egito (Os 11.1).

16.45 *Tua mãe*. A mãe daquela nação foi a terras de Canaã. Os israelitas tinham líderes e profetas desde o tempo de Moisés, mas, mesmo assim, abraçaram a cultura e os costumes das nações pagãs, que precisavam ser expelidas da terra para poder se constituir uma nação santa. *Hetéia... amorceu*. Já que a nação israelita abraçara os costumes do paganismo; podia ser considerada fiel descendente das duas mais fortes nações das vizinhanças, e não herdeira da fé e da fidelidade de Abraão e de Sara.

16.46 *Samaria*. A capital das dez tribos do norte, que foram levadas ao cativeiro na Assíria, um século e meio antes, em 722 a.C. A nação se denominava Israel, durante os dois séculos da sua separação da tribo de Judá, mas, visto que a palavra Israel se refere aos descendentes de Jacó, Samaria passou a significar a nação do Norte desde o tempo da sua destruição, e do seu repovoamento com elementos pagãos importados da região da Assíria.

16 49 Nota-se que o pecado carnal pelo qual o nome de Sodoma se caracterizou nem se menciona aqui (Gn 19.1-11). É que a soberba, o materialismo, a falta de compaixão e de justiça social são pecados que automaticamente levam uma nação a pecados que são mais visivelmente ignominiosos.

16 52 *Advogaste*. Em termos de comparação humana, o homem menos ignorante, menos pecaminoso, merece o respeito dos demais. Nesse sentido, Jerusalém justifica as demais nações.

16.60 *Aliança eterna*. O povo de Israel aceitou várias alianças com Deus, baseadas na obediência humana, que é falha; a nova aliança se baseará nos méritos de Jesus Cristo, que são eternos (1 Co 11.25; 2 Co 3.14).

• **N. Hom. 16.63** Quando se estabelecer a nova aliança, pela qual um membro de qualquer nação poderá aproximar-se de Deus (não, porém, pela aliança concedida aos judeus, v. 61), quando a sorte dos descendentes das várias nações arruinadas pelo julgamento divino se restaurar pela graça divina (53-55), só então é que haverá o verdadeiro arrependimento, o coração quebrantado do homem que sente que seu pecado custou o sacrifício do Filho de Deus, e que vê que o amor divino não negou o supremo sacrifício em prol do pecador indigno (Rm 5.8; 8.32).

17.2 *Parábola*. No Antigo Testamento, ninguém usava mais parábolas do que o profeta Ezequiel. Em método de ensino, Ezequiel era, portanto, um precursor de Jesus Cristo. Note-se que as parábolas de Ezequiel devem ser classificadas como alegorias, parábolas

nas quais todas as minúcias representam algum objeto ou acontecimento real.

17.3 *Uma grande águia.* Uma nação poderosa e gloriosa. É a Caldéia.

17.4 *A ponta mais alta.* A nação mais viçosa das que habitavam o território da Palestina (simbolizada pelo seu ponto mais alto, o Líbano) era Judá. *Terra de negociantes.* Temos inscrições comerciais de Nipur que não somente mostram que o comércio se desenvolvera de maneira poderosa naquela

época, mas que também os judeus, transportados para lá, se desenvolveram de maneira idêntica.

17.5 *Tomou muda.* O propósito do rei Nabucodonosor, da Caldéia (ou seja, Babilônia), era transferir para sua capital os melhores elementos da cultura dos judeus, para tornar o seu império mais glorioso ainda (Dn 1.3-7). Um segundo propósito era privar Jerusalém da liderança dos que podiam liderar uma rebelião (2 Rs 24.10-17). Só depois de muita rebelião dos restantes, é que Nabucodonosor procedeu ao seu terceiro propósito, de destruir totalmente a Jerusalém (2 Rs 25.8-22). As datas destas três etapas são 605 a.C., 597 a.C. e 587 a.C.

17.7 *Outra grande águia.* O Egito, que fomentava a rebelião do povo de Jerusalém contra seus conquistadores, os caldeus.

17.10 *Vento oriental.* Este vento queimava as plantas da região.

17.13 *Estirpe real.* Depois de levar o rei Joaquim para a Babilônia, Nabucodonosor colocou o tio dele, Matanias, como regente, dando-lhe o nome de Zedequias.

17.14 *Pudesse subsistir.* A nação súdita estava em condições de viver.

17.17 *Levantando.* Deve ser traduzido por "quando se levanta", o que quer dizer quando os caldeus fazem o cerco de Jerusalém.

17.19 *Recair.* O amor de Deus, Suas promessas, Sua palavra e Seu consolo tornam-se em destruição eterna para os que os violam.

17.23 O alívio que a justiça divina sente ao ver a destruição do pecado (16.42) torna-se um júbilo nos Céus quando a graça que busca e transforma o pecador destrói seu pecado (cf. Lc 15.10).

17.24 A aplicação moral da parábola é que o ser humano fraco é inútil (o renovo mais tenro do v. 22) pode se entregar nas mãos do Senhor, para Este o transformar, modificar e exaltar, glorificando-o na eternidade. Mas quem se glorifica a si mesmo, não aceitando a condição de necessitado da graça de Deus, é um louco na terra (Dn 4.30-37) e louco perante o juízo eterno de Deus (Lc 12.20).

18.2 *Provérbio.* O povo pecaminoso não quis reconhecer seu próprio pecado, alegando que o único motivo de seu castigo foram as iniquidades de Manassés e de outros reis que levaram a nação à idolatria (2 Rs 23.25-27). Os filhos ceifam a punição dos pais por causa de andarem nos seus maus caminhos: se quiserem se converter e ter vida renovada, não haverá mais castigo. A pior punição é ser entregue à atmosfera pecaminosa do ambiente com suas nefandas conseqüências (Rm 1.28-32).

18.4 *Todos as almas são minhas.* Cada alma humana tem de fazer a decisão individual e consciente, de aceitar ou rejeitar o plano de Deus, para a sua vida, da salvação eterna.

18.5-9 Note-se que a definição do homem justo inclui obediência à integral vontade divina, revelada na Palavra de Deus, seja nas leis cerimoniais, sociais, morais ou em qualquer outra coisa que proceda de Deus.

18.12 *Não tornar o penhor.* Um devedor pobre podia dar sua roupa de cama em penhor, mas o credor deveria lhe conceder o uso dela durante a noite (Êx 22.2): De igual modo, não era lícito aceitar em penhor a ferramenta que o pobre usava para ganhar seu sustento (Dt 24.6).

18.15 *Levantar os olhos.* É um gesto de adoração. Assim também, um só olhar, para se obter a cura de mordidas de serpentes, que Deus ordenara, era o suficiente para a cura física (Nm 21.4-9); da mesma forma, o olhar da fé lançado para a Pessoa de Jesus Cristo sara o homem dos pecados e das suas conseqüências externas, pois Ele é a propiciação

ordenada por Deus (Jo 3.14-21; Hb 2.17; 1 Jo 2.1-2).

18.20 *A alma que pecar essa morrerá.* O significado imediato desta expressão é que cada indivíduo receberá a punição do seu próprio pecado (Gl 6.7-9). Aqui, "alma" quer dizer "indivíduo".

18.21 *Perverso.* Além da mudança que pode haver de pai para filho, há, também, à possibilidade de alteração na vida do pecador.

18.25 *Não é direito.* O povo apelou para a justiça, para a lógica. Daí a lógica quase maçante do profeta, que é a marca desta passagem (cap. 18) e de muitas outras. Este tipo de raciocínio apelava aos fariseus do tempo de Jesus, mas rejeitava a religião do íntimo do coração, preconizada em 11.19-20, em 16.60 e em 36.26-31. Preferiram a lógica à piedade.

18.29 *Tortuosos.* Quem vive no pecado é escravo do pecado a ponto de não entender as coisas retas; somente aos de caminhos tortuosos é que os planos de Deus não parecem ser retos. São aqueles com seu íntimo envenenado que não têm desejo para a religião. A iniquidade produz este veneno, v. 30.

18.32 *Converti-vos e vivei.* É o convite amorável de Deus, que na obra de Jesus Cristo se repete com fervor redobrado (Mt 11.28-30); da parte de Deus, o preço já foi pago (Jo 3.16); de Deus vem também a fé que habilita o homem a receber a salvação pela graça divina de Jesus Cristo, e o resto Ele fará até o dia final (Hb 12.2; 1 Pe 5.10).

19.1 *Lamentação.* O capítulo inteiro está vazado em termos de poesia lírica e apaixonada, usada pelos judeus para elegias e lamentações, como inclusive se mostra no v. 14. Nisto se nota o gênio versátil do profeta, depois dá invectiva violenta do cap. 16, da linguagem parabólica do cap. 17, e da dissertação escolástica do cap. 18. *Os príncipes.* São dois dos reis de Judá na época do início do cativo, Jeoacaz e Joaquim.

19.2 *Tua mãe.* A tribo de Judá, cujo fundador se compara a um leãozinho em Gn 49.9. *Leõesinhos.* Os filhotes, os príncipes.

19.3 *Leãozinho.* A palavra significam na realidade, um leão na plenitude do seu vigor. É Jeoacaz, que reinou em Judá no ano 609 a.C. Seu pai morreu na batalha contra o faraó Neco do Egito, quando tentou impedir os egípcios de ajudarem os Assírios (2 Rs 23.29-30). Na volta dessa campanha, o faraó depôs o rei Jeoacaz, levando-o prisioneiro para o Egito (2 Rs 23.31-34).

19.5 *Tomou outro.* O rei Joaquim, que reinou durante três meses do ano 597 a.C. Não consta que fez proezas. Os versículos 6 e 7 são descrições convencionais do que um rei e um leão devem ser.

19.9 Este versículo tanto se aplica aos métodos do esporte de caçar leões, como ao tratamento de prisioneiros de guerra. O cativo deste rei se descreve em 2 Rs 24.10-17.

19.10 *Tua mãe.* Aqui a referência à Judá é mais clara, o símbolo da videira é inconfundível; é a conclusão do poema fúnebre.

20.4 *Julgá-los-ias?* Deus está convidando seu servo a anunciar o julgamento divino contra os representantes daquela nação pecaminosa. O conteúdo deste capítulo é como um processo jurídico contra a nação, no qual as acusações seguem o curso da história nacional. A data do discurso seria por volta de julho de 591 a.C. (v. 1), quatro anos antes da destruição de Jerusalém.

20.5 A data da fundação da nação israelita se conta desde o Êxodo, não obstante a vocação de Abraão ter existido quinhentos anos antes. A resistência que Moisés suportou, da parte do seu próprio povo, mostra que a influência do Egito ultrapassou a dos Patriarcas (6-8).

20.9 *Por amor do meu nome.* Quando Deus retirou Seu povo do Egito, com grandes sinais, completou a obra até a chegada em Canaã, não por causa do merecimento humano, mas para que os que souberam do fato não chegassem a cair na descrença, vendo os planos divinos "falharem". Como Moisés disse nas. suas súplicas em favor da povo pecaminoso, qualquer castigo divino que caísse sobre os israelitas seria

considerado como sinal de falha da parte de Deus em levar Seu povo à segurança (Êx 32.11-14).

20.11 *Viverá por eles.* A lei de Deus não é um jogo, mas sim um alívio para guiar o povo em caminhos de saúde física, mental, política e espiritual, enfim, para conceder a plenitude da vida em todos os aspectos (Jo 10.10).

20.15 *Leite e mel.* Alimentos dos mais completos e valiosos. O leite contém todos os alimentos necessários para a vida; o mel serve como remédio e como algo de doce sabor. Usando-se estes alimentos em lugar de gordura animal e de açúcar refinado, e acrescentando-se cebolas, azeitonas, maçãs, nozes, figos, cereais, uvas, manteiga, cominho, pepinos, alho, lentilhas, hortelã, etc., que a terra de Canaã produzia, e, levando-se em consideração a proibição contra a carne de porco; eis uma dieta que seria recomendada até pela própria ciência moderna.

• **N. Hom. 20.20** *Sinal.* Houve uma época na qual as autoridades inglesas exigiam que os que vinham receber seus vencimentos de auxílio por desemprego tinham de comparecer cada vez num dia e horário diferentes, como prova de que não assumiram outros compromissos. Da mesma forma, o estar sempre disponível para as coisas de Deus, no dia do descanso marcado, é um sinal de que o homem não se deixou iludir pelos prazeres e ambições do mundo, tais como usar este dia para passeios, para horas extras de serviço, ou para tagarelices vãs entre os familiares e os vizinhos.

20.25 *Estatutos que não eram bons.* A lei de Deus não é "boa" para quem a desobedece; Paulo ensina-nos quando a lei pronuncia a sentença contra o pecador, a razão de condenação está no pecado, e não na lei, que é santa, justa e boa (v. 11 e Rm 7.7-14).

20.26 *Permiti.* Uma consequência do pecado é ser entregue a uma mentalidade reprovável (Rm 1.28) que transforma os estatutos de Deus em pronunciamentos de morte contra o pecador. *O que obre a madre.* O primogênito, que os pagãos sacrificavam a Moloque e a Baal como oferta queimada.

20.27 *Na terra.* As acusações dos versículos anteriores referem-se à época quando os israelitas viajavam pelo deserto depois da saída do Egito; aqui, agora se vê como se comportavam, dentro do território prometido aos seus antepassados.

20.29 *Lugar Alto.* Heb *bamah*, que significa qualquer lugar ao ar livre usado como santuário da idolatria. No versículo há um trocadilho, pois *ba'* significa "vir" e *mah* "que?".

20.31 *Consultaríeis.* O conceito popular de consultar um profeta era pedir a solução para um problema específica, a resposta a uma pergunta levantada pelo consulente (1 Sm 9.4-6). Aqui, porém, Deus logo revela que o verdadeiro problema é o caráter dos líderes de Israel, e que, na realidade, é Deus quem escolhe tanto as perguntas que faz ao íntimo de cada homem, como pronuncia respostas eternas para cada caso.

20.32 *Como as nações.* Às vezes a apostasia dos israelitas surgia da imitação inconsciente dos costumes de Canaã, como no caso dos lugares altos que freqüentavam, às vezes sem intuito de idolatria. Além disso, houve também várias alianças políticas pelas quais a idolatria deliberadamente se estabelecia em Israel. A mais insidiosa tentação é aquela que sugere o simples conformismo aos falsos ideais de nossos vizinhos e familiares.

20.33 *Hei de reinar.* Heb *emloch*, contrastado com "Moleque".

20.35 *Deserto dos povos.* O deserto do norte da Arábia, que na época era cercado por quase todas as civilizações conhecidas.

20.37 *À disciplina da aliança.* A antiga aliança tinha deveres legais, a nova aliança tem as exigências do amor.

20.40 *Santo Monte.* Jerusalém, especialmente a área do templo. *Me agradarei.* O povo que voltaria, mais tarde, para Jerusalém, seria um povo dedicado e aceitável: os demais já ficariam separados (38) pelo desejo de gozar, a prosperidade da Babilônia, perdendo, assim, as promessas que pertencem aos verdadeiros descendentes de Abraão.

20.44 O comportamento humano não é base digna da aprovação divina. O que tem valor

eterno é a promessa de Deus.

20.47 *Sul*. Refere-se ao Neguebe e ao território de Amom, alvos da invasão de Nabucodonosor.

20.49 *Proferidor de parábolas*. Ezequiel ressentia-se do fardo de ser considerado falso profeta, cujas predições nunca se cumprem; Jonas chegou o ponto de se desesperar quando suas profecias contra Nínive não foram cumpridas, ao invés de se alegrar pelo arrependimento da cidade, que alterou seu destino (Jn 3.10-4.3).

21.1 Depois da exposição arrasadora, do pecado nacional, dada no capítulo anterior, a qual termina com a profecia da destruição do último pedaço do território nacional, a cidade que ainda permanecia em pé (20.45-49), vem esta nítida visão dos pormenores desta destruição.

21.3 *O justo como o perverso*. A aplicação da linguagem figurada em 20.47, na qual a árvore verde simboliza o justo e a seca, o perverso (17.24; Lc 23.31).

21.6 *Suspira*. O profeta precisava usar de todos os meios para mostrar que a destruição de Jerusalém já era uma sentença pronunciada, para ver se o povo se arrependeria; o suspiro é mais uma profecia comunicada por recurso de arte dramática, deixando entendido que haveria angústia no íntimo de todos, ao saberem das novas sobre a destruição da cidade (7).

21.9-17 Com muitos gestos e, talvez, com uma espada na mão, o profeta quisesse mostrar a realidade dramática da destruição que Deus ordenou, antes de mostrar quem é que vai desempenhar o papel da espada de Deus (Nabucodonosor, vv. 18-23).

21.10 *O cetro*. Os fracos e ignorantes deixados em Jerusalém depois da primeira deportação, tinham uma confiança arrogante de que resistiriam à força dos invasores, em uma soberba doentia.

21.12 *Pancadas*. Um sinal de desespero e mágoa (Jr 31.19).

21.16 *Rosto*. É a expressão hebraica para o fio da espada.

21.19 Aqui o profeta faz um desenho no chão, mostrando que a destruição que Nabucodonosor vai trazer é tão inevitável, que a única dúvida restante é resolver qual nação ele destruiria primeiro.

21.21 Em visão (talvez por um salto através do espaço e do tempo), Ezequiel é testemunha ocular das adivinhações pagãs que Nabucodonosor faria para resolver a direção da marcha dos seus exércitos, três anos depois destas palavras do profeta. *Flechas*. Cada flecha recebe uma das possíveis respostas gravada em seu corpo, as quais, depois, se sacodem na aljava para a retirada posterior de uma delas, a qual traria assim o oráculo "mais indicado" (22). *Fígado*. Até os gregos imaginavam que o fígado produzia informações extra-rationais ou mágicas.

21.23 *Juramentos solenes*. As promessas divinas de abençoar o templo (1 Rs 9.3-9). Os judeus esqueceram-se de que a promessa era de maldição partido que se apostatassem de sua fidelidade a Deus.

21.25 *Profano e perverso*. É o rei Zedequias, 597-587 a.C. Profano para com as coisas de Deus (2 Rs 24.19); era um traidor perverso para com as alianças humanas (2 Rs 24.20). A punição pela sua rebelião contra a Babilônia foi rápida (2 Rs 25.1-7).

• **N. Hom. 21.26** O princípio de exaltar o humilde aplica-se aos pobres cativos da Babilônia que, uma geração mais tarde, restaurariam Jerusalém. O abatimento do soberbo manifesta-se na eliminação dos que quiseram formar, em Jerusalém, um Estado independente dos caldeus, aos quais tinham jurado fidelidade, independente do próprio Deus, entregando-se à idolatria (Jr 44.15-23; Ez 8.5-18). Saudou-se o nascimento de Jesus Cristo com a proclamação de que este princípio estava em pleno vigor (Lc 1.50-53). Vd. Ez 17.24n.

21.27 *Ela pertence de direito*. O verdadeiro herdeiro de todas as promessas que Deus fez a Davi e à sua descendência é Jesus Cristo; é Ele o herdeiro do cetro de Judá (Gn 49.10) a tribo da qual Davi era descendente. Jerusalém só passará a ter significado eterno e

inabalável depois da vinda de Cristo (Gl 4.26-29; Hb 12.22-24; Ap 21.1-4).

21.28 Amom. Este vizinho de Judá, juntamente, com Edom, aproveitou os anos das primeiras invasões de Judá em 605 a.C. (2 Rs 24.1) e em 597 a.C. (2 Rs 24.11-17) para tomar vingança, para estender seu território, para despojá-la das ceifas desprotegidas. Todos os profetas da época profetizaram o castigo divino a esta nação, e, de fato, a terceira invasão que destruiu a cidade de Jerusalém, 587 a.C., também eliminou Amom e Edom.

22.2 Sanguinário. Pensa-se especialmente nos sacrifícios humanos oferecidos aos ídolos (vv. 2-4); mas a palavra inclui a lista de pecados homicidas (1 Jo 3.15) que, segundo este capítulo nos mostra, se cometiam em Jerusalém por todas as camadas da sociedade.

22.7 Extorsões. Faziam vítimas dos que não tinham uma família que pudesse defender seus interesses.

22.8 Profanaste. A profanação era de tratar como coisa comum aquilo que Deus tinha separado para uso religioso, coisa santa.

22.9 Caluniadores. O falso testemunho, condenado por Deus (Êx 20.16), foi uma arma nas mãos dos ímpios para eliminar os inimigos particulares (1 Rs 21.13-15).

22.11 O incesto era um costume das nações pagãs dos arredores, presente até na família real do Egito, mas era abominação para os judeus.

22.12 A injustiça feita com o dinheiro ocasionou ruína aos trabalhadores honestos.

22.20 A depuração do ouro é uma figura israelita para mostrar que Deus purifica Seus servos mediante o sofrimento; mas aqui parece que Ezequiel deliberadamente exclui o ouro desta lista, para ensinar que neste caso se trata de destruição de maior alcance.

22.21 Congregar-vos-ei. Quando a invasão começar, os habitantes dos campos se refugiarão em Jerusalém, que não os preservará.

22.24 Não está purificado. Ezequiel recebera primeiro a parábola (17) que repetiu fielmente (19-22); agora vem a sua interpretação e a sua aplicação (24-31). A nação impura (25-29) será punida pelo fogo da ira divina (31). *Não tem chuva.* Israel não tinha um sistema de irrigação, nem represas de água naquela época; uma falta de chuva seria acompanhada pela esterilidade dos campos, sem esperanças.

• **N. Hom. 22.24-29** Aqui vemos todas as classes sociais reunidas numa tentativa deliberada de eliminar a palavra de Deus da sua nação. Os profetas, covardemente, recusando-se a apontar os males sociais à luz da palavra de Deus, alegando que tudo corria muito bem (28); eram realmente causadores da desgraça nacional; por não terem sido atalaias fiéis (12.18). Despojam o povo de todos os seus bens em troca das suas profecias lisonjeiras (25). Os sacerdotes, vocacionados a praticar todo o cerimonial da lei, para ensinar ao povo o sentido da consagração, da purificação e da dedicação, são os primeiros a profanar as ordenanças divinas (26). Os príncipes, que deviam ser os pastores do rebanho, humildes servos de Deus, tornavam-se em déspotas orientais (27). Não havia nenhum membro do povo livre de culpa (30).

22.26 Sábados. O heb *shabat*, quer dizer "descanso"; deve ser um alívio para o homem e não um jugo (Mc 2.27; Cl 2.16-17).

22.28 Com cal. O ato de encobrir a verdadeira situação moral (13.10-16); assim é qualquer confiança nos merecimentos humanos.

22.30 Um homem. Não surgiu ninguém para fazer o papel de um homem justo que, orasse e defendesse os pecadores (Êx 32.32; Gn 18.26; Tg 5.16). Em Is 59.16, temos que nestas circunstâncias Deus se tornou salvador e intercessor; Is 53.10-12 e 1 Pe 2.21-25 mostram que Deus fez isso pelo sacrifício de Jesus.

23.1 Este capítulo é uma das mais violentas acusações que já foi lançada contra uma nação. Qualquer busca de alianças internacionais com a Assíria, ou Egito, ou Babilônia (vv. 3, 5 e 15), nas quais os israelitas receberiam vantagens carnis em troca da aceitação da idolatria dessas nações pagãs, era adultério contra a fidelidade a Deus.

23.14 Pintados na parede. Tais pinturas seriam o substituto dos jornais internacionais,

que não existiam: naquela época.

23.17 *Enjoada*. Tão acostumada à intriga internacional, à traição; e à rebelião era a nação judaica, que o próprio fato de contrair uma aliança lhe fez odiar os novos aliados.

23.20 A linguagem aqui é a mais brutal na Bíblia inteira: é necessário compreender que uma vida humana sem fé em Deus, sem fidelidade à Sua palavra, é mais horrenda perante Deus do que as mais terríveis brutalidades perante a sociedade humana.

23.23 *Pecode... Soa... Coa*. Eram cidades entre a Babilônia e o Elão, habitadas por caldeus, mas que não faziam parte da Caldéia.

23.25 *O nariz e as orelhas*. Os egípcios e os assírios puniam as mulheres adúlteras desta maneira bárbara. Note-se que a linguagem figurada do adultério está misturando com a linguagem política internacional, da qual este capítulo é uma descrição parabólica (v. 24 é uma descrição da invasão).

23.28 *Deixaste*. A referência imediata é rebelião do rei Zedequias contra os caldeus que, segundo v. 29 e 2 Cr 36.10-21, não hesitaram em lhe aplicar uma punição à altura da traição.

23.32 *O copo de tua irmã*. Beber o copo é uma expressão bíblica que quer dizer "participar plenamente da sorte", Aqui significa sofrer o mesmo fim trágico que coube a Samaria (2 Rs 17.3-6).

23.36 *Oolá*. Heb *aholah*, significa "tenda dela". • **N. Hom.** A tenda é o tabernáculo erguido nos altos para adorar os ídolos e para praticar adultério, que fazia parte deste culto; que é "dela" própria, significando que, desde a separação das dez tribos, Israel deliberadamente escolhera sua própria religião (1 Rs 12.25-33) que, aliás, logo se entregou ao paganismo de Tiro, 1 Rs 16.29-34. *Oolibá*. Heb *aholibah*, significa "minha tenda está nela". É Jerusalém, a cidade onde o tabernáculo de Deus, seguindo as instruções dadas para a tenda no deserto, foi erguido em forma de um templo permanente, o lugar aonde os israelitas fluíram para dirigir suas súplicas à presença divina (1 Rs 8.22-53). Há uma grande diferença entre a religião inventada pelo homem e a revelada pela presença do Senhor. Mas ai de quem, tendo aprendido a verdadeira religião, torna-se infiel (Hb 10.28-29); ficará como Oolibá, tida como pior do que Oolá (16.52).

23.39 Os costumes pagãos de Canã eram tão profundamente arraigados na mente dos hebreus os quais nem se reconheceram como infiéis a Deus, devido à observância das liturgias, tradições, costumes e credences do ambiente em que viviam.

23.42 *Bêbados*. Até os ferozes habitantes do deserto, os beduínos, quiseram tomar parte na aliança política contra Nabucodonosor.

23.45 *Culpa de sangue*. Pecado passível de morte (Lv 20.10-17).

23.48 *Todos as mulheres*. As nações ao redor, que haveriam de aprender uma lição de retidão, ao contemplar a punição sofrida pelos judeus. Já que os descendentes de Abraão se recusavam a ser uma bênção para as nações (Gn 12.2-3) por meio da pregação da Palavra de Deus e da sua vida exemplar, então sua punição era exemplo que redundava em bênçãos.

24.1 *O nono ano*. O nono ano depois do cativeiro de Joaquim, que ocorreu em março de 597 a.C. Pelo fato de o ano começar no mês equivalente ao nosso março, o *décimo mês* é janeiro do ano seguinte; estamos no ano 588 a.C. Por visão concedida por Deus, o profeta estaria vendo a hora exata do

começo, do sítio de Jerusalém; isto só seria confirmado após o fim do sítio, quando um fugitivo chegara a Ezequiel, três anos mais tarde.

24.3 *A panela*. Este pronunciamento é a continuação da resposta dada aos que confiavam debalde nas fortificações de Jerusalém (11.3-7), somada à profecia da destruição dos ímpios pronunciada em 22.17-22. Assim se vê como o ministério de Ezequiel vai se desenvolvendo de uma maneira lógica, com as visões, símbolos, raciocínios, previsões e conselhos formando um todo harmonioso e completo.

24.4 *Ossos escolhidos*. Os líderes em Jerusalém; o melhor deles não passa de um osso

seco perante o julgamento pronunciado por Deus.

24.5 *Ferver bem.* A violência de um sítio rígido, típico da época.

24.7 *Penha descalvada.* Representa um campo aberto para os pecados cometidos sem pudor, que clamam por punição perante toda sociedade humana (Gn 4.10; Jó 16.18; cf. Hb 12.24 mostra que o sangue de Jesus, ao invés de clamar contra o pecador, intercede pela sua conversão, sua justificação e sua santificação).

24.11 *Panela vazia.* Depois de serem consumidos os defensores da cidade, morrendo um por um, sem distinção, v. 6, sendo eliminados os próprios líderes (os ossos queimados), v. 10, só faltou serem destruídos os restos físicos de Jerusalém; o que desta vez foi realmente feito, para que nunca mais acontecesse ali outra rebelião contra a Babilônia. *Ferrugem.* O pecado, que tira o brilho, o corte, a beleza e a utilidade do instrumento (o homem).

24.13 *Nunca purificado.* Este fogo é para a destruição, e não para a refinação do metal (22.20).

24.16 *A delícia dos teus olhos.* A esposa do profeta (18) pela qual não lhe foi lícito lamentar (17), por causa da desgraça nacional.

24.19 Já que o povo de Israel no cativeiro não quis escutar à pregação do profeta (3.7), ao menos não deixava de mostrar curiosidade sobre as ações invulgares do mensageiro de Deus.

24.21 *Delícia dos vossos olhos.* O templo, que embora possuindo a bênção de Deus, nunca seria suficiente para garantir a vitória e a prosperidade a um povo que estava vivendo na idolatria, em plena rebelião contra Deus. É o caso de igreja que, alegando ser portadora da graça divina, lança fora a palavra de Deus, em favor de suas próprias tradições. Qualquer lamentação contra a destruição de tal organização será forçosamente considerada como rebelião contra a própria justiça divina. Daí o silêncio do profeta sobre a morte da esposa inocente e amada, para mostrar que muito menos se podia lamentar e chorar pela ruína da cidade sanguinária (24.6).

24.22 *Bigodes.* Cobrir a parte inferior do rosto era sinal de desgraça, de vergonha e de angústia. (Lv 13.45). *O pão.* Aqui, apenas quer dizer comida em geral, que se manda ao enlutado, visto que sua aflição lhe tolhe a possibilidade de pensar nos misteres diários. Neste caso, a vida teria que seguir normalmente, daí para frente, pois havia já o tempo que Ezequiel estava preparando o povo a assumir a responsabilidade de remanescente único do Israel de Deus, e a reconhecer que Jerusalém precisava ser destruída para remover a iniquidade nacional.

24.26 *Dar a notícia.* O sítio levou um ano e meio, até à destruição de Jerusalém; a chegada de um sobrevivente, descrita em 33.21, deve ter levado mais uns bons meses.

24 27 *Já não ficarás mudo.* A angústia de precisar anunciar aos seus patrícios, no cativeiro, que maiores desgraças seriam lançadas sobre Jerusalém, deixou o profeta atônito e incapaz de falar, desde o princípio da sua vocação (3.14-15 e 26-27). Daí, tantas profecias terem sido legadas por gestos, apesar de o profeta não ter ficado de todo mudo, já que Deus lhe garantiu a capacidade vocal apenas para emitir suas profecias (3.27).

25.1 Aqui começa uma série de oito capítulos, nos quais o julgamento também se pronuncia sobre os vizinhos de Judá. Terminados os pronunciamentos desses julgamentos, o profeta começa a sua batalha na vocação de preparar os cativos para formar o novo Israel.

25.3 *Amom.* Este antigo vizinho de Israel e de Judá sempre colaborava Juntamente com Moabe e Edom) com qualquer invasão aos israelitas. Cinco anos depois da destruição de Jerusalém, Nabucodonosor eliminou Amom e Moabe deixando seu território como pasto para os camelos dos beduínos, os "filhos do Oriente" mencionados em vv. 4 e 10.

25.15 *Os filisteus.* Os filisteus seguiram o exemplo dos edomitas: aproveitaram a crise internacional causada pelas grande, vitórias de Nabucodonosor para cobrar velhas

dívidas das derrotas sofridas, do tempo em que Davi e Salomão estavam formando uma nação poderosa.

25.17 *Grandes vinganças.* As profecias contra Edom e contra a Filístia não eram tão claras e imediatas como as contra Arnom e Moabe, que foram destruídas poucos anos depois do vaticínio. Edom sobreviveu ainda por mais de um século até ser invadido pelos árabes, e mais tarde o território foi açambarcado pelos nabateus. Os filisteus foram súditos dos babilônios, depois, dos persas, e finalmente dos macedônios, os quais destruíram sua organização nacional. Coube aos próprios judeus cumprir a plenitude destas profecias, destruindo os remanescentes dos filisteus uns cem anos antes de Cristo.

26.1 *No undécimo ano.* É o ano 587 a.C., o ano da destruição final de Jerusalém.

26.2 *Bem feito!* Pelo dom profético, Ezequiel estava vendo as reações de Tiro à queda de Jerusalém, pelo menos um ano antes de receber a notícia dessa calamidade (33.21). *A porto dos povos.* Por Jerusalém, podia-se levar caravanas de comércio até ao Egito, à Filístia e à Arábia. É claro que estas três civilizações não tinham Jerusalém como "porta de passagem", mas as estradas centrais passavam dentro da jurisdição de Judá.

26.5 *Enxugadouro de redes.* O nome de Tiro quer dizer "rocha", mas, na época, era uma rocha ricamente habitada. Hoje os pescadores usam a penha descalvada para enxugar as redes.

26.7-14 Nabucodonosor invadiu Tiro e cercou-a em 587-574 a.C. As crônicas da época estão em falta, mas parece que, embora os habitantes de Tiro aceitassem a soberania da Babilônia sobre si, a destruição total da cidade foi reservada para outra época, segundo, inclusive, se lê em 29.17-21.

26.12 *Tuas riquezas.* A violência praticada pela cidade de Tiro não era a violência da guerra, mas sim a violência a longo prazo, de aproveitar cinicamente toda oportunidade para se obter vantagem injusta (cf. 2). Para Ezequiel, Tiro era o símbolo da negociata e da luxúria.

26.15 *As terras do mar.* As cidades marítimas independentes que, tanto os fenícios como os, gregos, espalharam pelo Mediterrâneo.

26.17 *Como pereceste.* Compare a queda da Babilônia (nome místico, dado a Roma no Apocalipse) descrita em Ap 18.1-24, na qual se observam as objeções que os profetas levantaram contra o tipo de civilização que até de almas humanas quis fazer comércio (Ap 18.13).

26.20 *Ao povo antigo.* A "cova" é a sepultura, onde Tiro vai ser acrescentada às demais nações que desapareceram, na história.

27.2 *Lamentação.* O resto do capítulo é um canto fúnebre.

27.5 *Senir.* O nome que os amorreus deram ao monte Hermom (Dt 3.9).

27.6 *Basã.* Parte de Israel além do Jordão, cheia de campos e árvores.

27.7 *Elisá.* Provavelmente Cartago, uma cidade semelhante a Tiro.

27.8 *Sidom.* Esta cidade gêmea de Tiro lhe ficará súdita, juntamente com *Arvade*, a cidade africana formada pelos sidônios.

27.9 *Gebal.* A cidade de Biblos, perto da moderna Beirute.

27.10 *Persas.* Cinquenta anos mais tarde, a Pérsia viria a ser um império, mas naquela época, era uma fonte de combatentes mercenários.

27.11 *Gamaditas.* Membros de uma tribo fenícia local.

27.12 *Társis.* Um porto na Espanha, a viagem marítima mais longa.

27.13 *Javã, Tubal e Meseque.* As nações gregas da Ásia Menor e das ilhas, mais conhecidas no oriente do que a própria Grécia, naquela época. *Escravos.* Tiro também vendia judeus para aquelas nações gregas, que despertou a ira de Joel (Jl 3.4-8).

27.14 *Togarma.* É a Armênia. *Ginetes.* Cavalos para montar, distinguidos dos cavalos simples que se usavam para levar cargas.

27.15 *Dedã.* Uma tribo. As mercadorias mencionadas podiam ter vindo da Índia até os

portos da Arábia do sul.

27.16 Coral. Vem do golfo da Arábia; como a *esmeralda*, da Armênia, passaria pelas mãos dos sírios antes de chegar a Tiro.

27.17 Desde os tempos mais primitivos, estes eram os produtos naturais do território de Israel (Gn 43.11).

27.18 Damasco. É a capital da Síria; tanto aqui como no versículo 16, a Síria vem negociando tudo mas não produzindo nada.

27.19 Javã. Este núcleo de civilização grega agora aparece em outro grupo (compare v. 13) segundo a classificação da importação. Talvez estas listas vieram de algum "termo da alfândega" de Tiro. Este capítulo é um dos mais valiosos documentos sobre o comércio internacional dos tempos da antiguidade.

27.20 Baixeiros. Esta tribo árabe (v. 15) vendia mantas bordadas que serviam como selas.

27.22 Sabá. É a Arábia do sul, hoje chamada Iêmen; compare v. 15.

27.23 Éden. • **N. Hom.** Quer dizer "delícia"; aqui, é uma cidade assíria. A própria descrição da prosperidade de Tiro está contida no desenvolvimento da profecia de sua destruição (26.1-21 e 27.27-36). Tal é o fim dos orgulhosos que confiam na sua própria riqueza, mas não tendo amor, nem compaixão, nem fé; são pobres e cegos e nus (Ap 3.17-18; Lc 12.13-21).

27.26 Os teus remeiros. Aqui continua a linguagem metafórica que descreve a Tiro como um grande navio mercante (5-11). A sua carga se descreve nos vv. 12-25.

27.27 De súbito, o navio, a nação, seus bens, seu exército, seus técnicos, seus negociantes e seu povo simples soçobram. O desastre súbito e completo é o risco normal da navegação.

27.28-36 • N. Hom. Os conselheiros de Tiro levaram a cidade para as águas turbulentas, arriscando-se em intrigas contra a Babilônia, a nação tempestuosa do oriente (26). Agora, todas as nações que viviam do comércio e todos os ricos compravam as importações de super-luxo, choravam a perda daquela fonte de renda e de luxo (comp. Ap 18.9, onde se vê que o povo de Deus considera está luxúria uma forma de prostituição, juntamente com a politicagem internacional e a idolatria; cf. Ap 17.1-6 que se aplica a Roma e tudo aquilo que aquela cidade simbolizava em matéria de tirania e perseguição dos santos).

27.36 Espanto. O orgulho do navio sem igual, que pomposamente avança para soa total destruição é o mais poderoso exemplo bíblico da doutrina de que a soberba precede a ruína (Pv 16.18).

28.2 Eu sou Deus, Itobaal II de Tiro é uma representação de orgulho sem limites do seu povo, por dominar os mares de uma fortaleza considerada inexpugnável.

28.3 Daniel. Mencionado em 14.14 como padrão da piedade, aqui é escolhido como símbolo da sabedoria; baseia-se no temor de Deus (Sl 111.10) e desenvolve-se pela Sua graça (1 Rs 3.11-12; Tg 1.5-8). É claro que Deus chama de estultícia a "sabedoria" de Tiro, que só serve para produzir riquezas e orgulho (4-5, Lc 12.20).

28.9 O teste da onipotência de Tiro teria lugar no dia: da sua invasão; Alexandre Magno tomou a cidade em 332 a.C.

28.12 Lamentação. O resto do capítulo está escrito na forma poética métrica chamada de *quinah*. *Sinete.* O carimbo e assinatura gravado numa pedra preciosa e montado num anel; este tipo de obra, que lembrava os nomes das tribos de Israel, enfeitava o peitoral do sumo sacerdote (Êx 28.17-21). Usando os termos do comércio internacional empregados no capítulo anterior, a expressão pode significar "marca registrada da qualidade".

28.13 Éden. Aqui é o Paraíso (Gn 2.8) e não a cidade mencionada em 27.23. Na sua soberba, o rei de Tiro é semelhante àquele anjo que era revestido de glória, mas caiu até as profundezas por causa da sua soberba; descreve bem a origem e a natureza de

Satanás. Os ornamentos são a glória sacerdotal (v. 12).

28.14 Este ser aqui descrito era um anjo poderoso que viveu nos céus.

28.15 *Perfeito eras*. Is 14.12 compara o rei da Babilônia à pessoa de Lúcifer, "Estrela da manhã". Naqueles tempos já existia a história de um anjo perfeito, dos mais gloriosos, que, querendo elevar-se acima do seu nível, foi precipitado à destruição. A Bíblia não dedica muitas linhas aos fatos ocorridos nos Céus; da mesma forma, só o primeiro versículo de Gênesis se refere à criação do universo inteiro, daí a narrativa se limitar às origens da terra, e depois à história da raça humana. Compreende-se, porém, que há uma alusão à pessoa de Satanás e que a soberba entrega a pessoa nas mãos dele.

28.16 A primeira metade do versículo descreve a soberba de Tiro; a segunda mostra a glória original do arcanjo que como *querubim*, antes de sua queda, guardava a presença de Deus, vivendo no *brilho das pedras*, ou seja, no meio do fulgor, de relâmpagos que para Deus serve como pavimento (1.22 com a nota).

28.17 *Corrompeste a tua sabedoria*. • **N. Hom.** O poder, a riqueza e a sabedoria perdem seu valor quando se misturam com a soberba;

é como uma tomada elétrica desligada da força. Até mesmo um arcanjo que se desligue do contato amoroso de Deus nada mais faz com seus poderes sobrenaturais senão arruinar os homens e decretar sua própria e eterna destruição (Ap 20.10).

28.18 Volta-se à aplicação desta lição à cidade de Tiro.

28.21 *Sidom*. Normalmente mencionada juntamente com Tiro; era uma cidade gêmea de Tiro, e lhe era súdita, naquela época.

28.23 Nabucodonosor assaltou a cidade em 587 a.C., mas só em 350 a.C. é que a cidade destruída pelos persas.

28.24 *Espinho*. Sidom não era um espinho no sentido de ser uma ameaça bélica no lado do território dos israelitas, mas sim por ser um centro do paganismo organizado, cujos pensamentos nunca cessaram de influenciar os israelitas. Nisto se descobre porque Deus tinha ordenado aos israelitas extirpar qualquer sinal de paganismo, logo ao entrar em Canaã (Dt 7.1-5).

28.25 Temos aqui a chave do motivo da destruição dos pagãos, e do motivo de ter havido estas profecias intercaladas entre a pregação de Ezequiel, de que Jerusalém seria punida pelos seus pecados, e os ensinamentos pelos quais o Profeta preparou um núcleo de sobreviventes arrependidos para continuar a vocação de Israel. É que Israel nunca conseguia se desenvolver espiritualmente, antes da violenta extirpação do velho paganismo que reinava, em Canaã havia milhares de anos.

29.3 *Crocodilo*. Símbolo profético, para o Egito.

29.6 *Bordão de cana*. A queixa contra o Egito, pelo fato do mesmo ter sempre atraído Israel à intriga política internacional, mas sempre traindo seus aliados, e recusando o apoio na hora da guerra.

29.12 *Por quarenta anos*. i.e., por toda uma geração, que represento o mesmo período mencionado para o cativeiro de Judá (4.6).

29.14 *Patros*. Capital original dos faraós do Egito. *Reino humilde*. O Egito começou a declinar depois das invasões de Nabucodonosor - em 525 a.C., caiu sob o domínio da Pérsia, em 332 a.C., foi anexado por Alexandre Magno. No Egito que hoje conhecemos quase não há mais egípcios, e sim árabes.

29.15 *Não dominem*. Os países-satélite do Egito eram como peixinhos agarrados às escamas de um monstro marinho (4; há uma lista em 30.5).

29.17 *No vigésimo - sétimo ano*. Esta profecia é anunciada 17 anos mais tarde do que a primeira contra o Egito (v. 1), e 16 anos depois do pronunciamento contra Tiro (26.1). Foi pronunciada em 570 a.C., mas coloca-se nesta posição do livro, porque completa os pensamentos anteriores. De 587 a.C. até 574 a.C., Nabucodonosor sitiou Tiro, forçando a cidade à obediência, mas não conseguiu sequer despojar-se da cidade.

29.18 *Grande serviço*. A destruição dos pagãos, a purificação

da Palestina, para depois ser um território para onde os israelitas pudessem voltar, a punição da soberba eram atos que cumpriam os planos de Deus. Daí a paga que seus exércitos mereciam: os despojos da cidade conquistada.

• **N. Hom. 29.20** *Por paga*. Aqui se verifica claramente que Deus dispõe das nações dos homens como Ele quer, e aquilo que nós chamamos de política nacional e de história do mundo nada mais é que a marcha de Seus desígnios. O grande império do Egito, tão "cortejado" pelos israelitas, os quais nele procuravam a segurança que deviam ter procurado em Deus, nada mais era senão uma moeda na mão de Deus para pagar um "salário" a outra nação pagã, que, sem o saber, nada mais era do que uma vara de castigo que Deus usou segundo a sua vontade. No oitavo século, a Assíria cumpria os propósitos divinos (Is 10.5-6); Ciro, rei da Pérsia em 539-530 a.C. (esta data refere-se à época quando reinava também sobre a Babilônia), também era considerado pastor que cuidava do povo de Deus (Is 44.28-45.7). Sem o saber, e sem querer, os impérios do mundo servem a Deus (Dn 4.35).

30.3 *O tempo dos gentios*. A época da supremacia do paganismo.

30.5 *Pute*. Uma cidade aliada aos egípcios, na costa do Mar Vermelho. *Lude*. A Lídia, que mandava mercenários para o Egito.

30.6 *Migdol até Sevene*. São os limites do Egito; Migdol no norte, e Sevene e Asuan, na divisa entre o Egito e a Etiópia.

30.9 *Navios*. O Nilo era o caminho mais rápido para uma invasão.

30.12 *Os rios*. Fonte única de irrigação do Egito.

30.13-15 Estas cidades do Egito já eram antigas naquela época.

30.17 *Pi-Besete*. Em egípcio quer dizer "cidade de Bast". Bast é o nome de uma deusa, em cuja cidade havia múmias dos gatos sagrados. Cada cidade aqui mencionada tinha sua forma específica de idolatria, o que Ezequiel tinha em vista.

30.18 *Se escurecerá o dia*. Um símbolo de declínio; mais amargo pelo fato de haver, naquelas cidades, templos onde o Sol era adorado, por sacerdotes que pensavam que com isso podiam controlar a vinda dos benéficos raios solares.

30.20 Aqui, voltamos para março/abril de 587 a.C., a data da queda de Jerusalém, depois de terminado o assunto que começou em 29.17.

30.21 *Eu quebrei*. O braço do rei do Egito é a força política internacional dos egípcios, que foi quebrada na mesma época da invasão de Jerusalém pelos caldeus. Esta; invasão pôs fim às pretensões dos egípcios, de reger toda a antiga terra da Palestina, inclusive Judá, Filístia, Samaria e Síria.

30.22 *O forte*. O outro braço se estendia ao longo do Nilo, inclusive à Etiópia e abrangendo a várias tribos africanas. Toda civilização da época se estendia em faixas estreitas de terras que acompanhavam os rios e as praias do mar. Os territórios do Egito, Palestina e Mesopotâmia, que continham quase todas as nações mencionadas na Bíblia, formam uma estreita meia-lua.

30.25 *A minha espada*. Fica bem claro que nenhuma nação consegue vencer na guerra sem permissão de Deus, e quando as nações pensam que estão cumprindo sua própria vontade ainda levam avante os planos de Deus.

• **N. Hom. 30.26** *Saberão que eu sou o Senhor*. Esta frase, tão típica nestas profecias, mostra que o eterno propósito divino no decurso da história do mundo é revelar-se aos homens. Abraão e seus descendentes haviam de ser os instrumentos humanos desta revelação, mas se rebelaram completamente, como se nota nos caps. 16 e 23. Por isso Deus mandou seu Filho, nascido como israelita, para pagar o castigo daqueles que não conseguiram viver à altura da lei que lhes foi confiada, e para derramar seu Espírito sobre eles, para que a vontade divina seja uma realidade gravada no seu íntimo, concedendo-lhes o poder de obedecer, Gl 4.4-7; Ez 11.19-20.

31.1 Esta parábola, pronunciada dois meses depois da profecia de 30.20-26 é simples e declara interpretação. Mostra o fim do grande império da Assíria, que era glorioso e se

estendia sobre as nações da terra (5-6). Explica que a idêntica soberba da parte do Egito resultará numa queda também igual.

• **N. Hom. 31.14** A aplicação geral da parábola da árvore da Assíria acha-se neste versículo, e a aplicação ao Egito acha-se no v. 18. Assim como a árvore que tem acesso a abundantes recursos de água (4), e poderosas raízes (7) não deve se elevar demais acima das outras, para não ser alvo de uma tempestade ou da cobiça dos lenhadores, assim também o ser humano, por ter boas fontes de renda, ou por possuir qualidades que o destacam na sociedade, não deve encher-se de soberba, para que a ira de Deus e os ciúmes, dos homens não venham a derrubá-lo.

31.15 *O além.* A palavra heb *sheol*, que consta no texto original, na tradução brasileira, se traduz por "inferno"; na antiga versão de Almeida. Em razão do Patriarca Jacó dizer que ia para o Sheol (Gn 42.38, onde se traduz por "sepultura"), não se trata do inferno. "O além" é mais exato. *De preto.* O Líbano, tradicionalmente o lugar das árvores grandes, ficará de luto. *A profundez.* É a palavra usada para referir-se às águas de debaixo da terra, o conjunto das fontes subterrâneas (Gn 7.11; Gn 1.2, heb *teham*).

31.16 *À cova.* A palavra heb é *bar*, poço; dá-nos a idéia de sepultura. *Do Éden.* É um adjetivo que quer dizer: "como as do Paraíso" (8). Não quer isto dizer que Deus é contra o próprio Paraíso. É bom notar, aqui, que o hebraico quase não possui adjetivos e precisa usar expressões como "de prata", "de Davi" (davídico).

31.18 *Às profundezas.* Já é outra palavra, para o lugar dos mortos. Em heb é *tahtit* que quer dizer "embaixo". *Os incircuncisos.* O rito da purificação da circuncisão era praticado pelos egípcios, que lhe davam muita importância. Daí ser vergonhoso passar a "jazer no além" com as nações "incivilizadas", a ponto de ser objeto do escárnio das mesmas.

32.1 No nosso calendário, seria fevereiro de 585 a.C., o fim do ano judaico que começou em março de 586 a.C.

32.2 *Sujando os rios.* A civilização que os Faraós fundavam ao longo do Nilo desde 2850 a.C. era tão idólatra, que aos olhos de Deus não passava de uma poluição das águas. *Crocodilo.* Heb *leviatan*. Pela descrição dada em Jo 41.1-34, pensa-se no crocodilo, mas é possível que se trate de linguagem figurada, tirada das tradições antigas. É interessante saber que, o nome árabe de crocodilos *faraun*.

32.16 *Lamentação.* Este trecho é um hino de triunfo pela queda do Egito, escrito em forma poética.

32.17 Esta profecia foi concedida a Ezequiel duas semanas depois da profecia anterior (1). Note-se como o sistema de dar datas históricas exatas ensina que as coisas sublimes de Deus se aplicam à vida humana diária, assim como a vinda do Cristo Eterno tem sua data exata na história de Israel e do império Romano (Lc 2.2 e 3.1-2). Deus não está escondido no cume do monte Olimpo, como alegava a mitologia grega, nem está encoberto pelos raciocínios dos filósofos da Grécia e de Roma: "O verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.1-14).

• **N. Hom. 32.18** *Faze-o descer.* Quando um profeta, um fiel servo de Deus, pronuncia a sentença, considera-a como o próprio cumprimento da sentença. Mesmo os pagãos da antigüidade tinham medo de um pronunciamento profético por este motivo. Não quer dizer que Deus cumpre o que o profeta anuncia, mas sim, pelo dom da profecia, o servo de Deus está em plena harmonia com a vontade divina, como se vê, por exemplo, em Mt 18.18.

32.22-31 Este trecho descreve a jazida final de todas as nações pagãs da época, em linguagem figurada que não permite à passagem ser empregada como fonte de doutrina sobre a natureza do além, já que o profeta está se dirigindo aos pagãos, na linguagem dos mesmos. É o momento dos mais dramáticos da história de mundo, pois desde o tempo da queda de Samaria até à época do ministério de Ezequiel, a maioria das nações da terra, então conhecidas, foram totalmente eliminadas, para nunca mais serem restabelecidas.

32.22 *A Assíria.* Nínive, a capital da Assíria, fora capturada pelos caldeus em 612 a.C., e a última resistência foi esmagada em 608 a.C., antes da chegada dos aliados egípcios.

32.24 *Elão.* Tinha sido o primeiro império da Mesopotâmia antes de 2000 a.C., até 1760 a.C. (a época do rei Quedorlaomer, Gn 14.1). Controlava a Babilônia em 1300-1120 a.C. Susã, a capital de Elão, quando passou a ser súdita dos assírios, foi transformada numa fortaleza dos persas, de onde eles atacaram e destruíram os babilônios.

42.26 *Meseque e Tubal.* Este povo da área hoje conhecida como Turquia era linhagem grega, mas passou a pertencer aos persas. levaria mais um século para descer ao sepulcro.

32.29 *Edom.* O cumprimento da profecia de 25.12-14.

32.30 *Os príncipes do Norte.* Os reis da Síria, que afligiam os israelitas com a espada enquanto os *sidônios* os afligiam com a idolatria, na época de Acabe e Jorão (1 Rs 20.1-2, Rs 7.20).

33.1 O trecho que seque acumula os ensinamentos da vocação original de Ezequiel (3.16-27) com a doutrina sobre a responsabilidade (18.1-32).

33.7-9 Este trecho é uma repetição de 3.17-19. A novidade da presente profecia é que se refere à pregação da desgraça nacional, determinada por Deus, vv. 2-6, que é seguida por um convite à conversão (v. 11), junto à doutrina da responsabilidade pessoal, vv. 12-19.

33.10 *Desfalecemos neles.* Finalmente, aos sobreviventes na Babilônia está ocorrendo a idéia de não confiar na segurança física de Jerusalém, mas sim procurar a resposta à sua própria e péssima situação espiritual. Os primeiros momentos de arrependimento são dolorosos, até que se saiba que há uma resposta final e completa para o pecador: "Deus prova o seu amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8-11).

33.11 *Não tenho prazer.* Os restantes dos israelitas na Babilônia já ouviram os pronunciamentos de Ezequiel sobre o castigo divino que estava caindo em cheio sobre as nações pagãs, e sobre Judá, porque aderira ao paganismo. Ezequiel, porém, mostrava-lhes que o "caminho sobremodo excelente" da vontade de Deus é a restauração do pecador. Não que as lamentações sobre as nações pagãs dêem prazer ao profeta; mas a destruição do pecado é bem melhor do que a sua sobrevivência; porém a restauração é melhor do que a queda.

33.17 Comp. as notas de 18.25-29.

• **N. Hom. 33.1-20** Estes versículos ensinam que o pastor deve anunciar a plenitude da palavra de Deus isto é, todos os julgamentos e advertências que Deus pronuncia (1-6) e todos os convites à conversão que Deus faz, bem como as promessas de consolação e de restauração que Deus o autoriza pronunciar (16). "Cada palavra que procede da boca de Deus", Mt 4.4 deve ser o conteúdo de pregação do pastor. Quanto aos seus ouvintes, seu dever inalienável é escutar a palavra e pô-la em prática. A desculpa de pertencer a um ambiente anticristão não o isenta da responsabilidade (18.12-18); muito menos a de estar acostumado ao pecado (33.14-15). Nada liberta o homem do dever de obedecer à Palavra de Deus.

33.21 *Caiu a cidade.* É o ponto histórico entre o velho Israel de Canaã e o novo Israel remanescente que estava se formando no cativeiro.

33.22 *Abrira-se-me a boca.* A vinda desta notícia final libertou Ezequiel da amargura de ser "proferidor de parábolas" (20-49).

33.24 Há uma grande diferença entre a fé obediente e humilde de Abraão e a presunção pecaminosa da escória de Israel, abandonada a viver como os animais na terra desolada.

33.29 *Desolação e espanto.* As poucas pessoas que moravam e nos campos, depois da destruição de Jerusalém, que aliás ainda conservavam a mesma soberba infernal (24) que determinara a queda da cidade, foram logo forçadas a fugir para o Egito deixando o território como presa para os habitantes das nações ao redor, pois a terra nada mais

sustentava, a não ser apenas as alimárias do campo (Jr 44.22).

• **N. Hom. 33.31** Estando afastados de Jerusalém e do templo, as atividades religiosas dos israelitas se concentraram em torno do profeta Ezequiel. Agora começa a segunda etapa da vocação do mesmo: a exortação aos remanescentes. Infelizmente, a mesma irreverência para com a palavra de Deus, que fazia dos cultos, em Israel, uma oportunidade para se desfilar indecentemente, com bens injustamente extorquidos dos pobres, enquanto se celebrava uma liturgia tecnicamente correta (Am 5.21-25; 8.4-10), também tornava as consultas ao profeta em simples motivo de riso para os prisioneiros que trabalhavam no canal de Quebar (32). Só depois de estarem cientes da destruição de Jerusalém é que os israelitas do cativeiro reconheceram que as "extravagâncias" de Ezequiel, longe de serem um espetáculo de zombaria, ao contrário, eram a voz de Deus chamando os sobreviventes da trágica derrota nacional a escutar o verdadeiro profeta (33).

34.2 *Os pastores.* Os sacerdotes, profetas, anciãos e príncipes que, segundo 22.25-30, tinham negado seu dever de lealdade a Deus, oferecendo ao povo tradições, visões, leis e costumes que não partiam da, palavra de Deus, mas sim da vontade humana. A queda de Jerusalém, tendo sido a prova evidente de que Ezequiel era o verdadeiro emissário de Deus, deu a este maior autoridade para debater sobre o assunto acerca dos falsos profetas.

34.3,4 A acusação é dupla: os pastores usaram o rebanho para usufruírem de vantagens pessoais e faltaram nos seus deveres como pastores. As mesmas acusações têm sua aplicação na vida das igrejas quando os líderes buscam vantagens acima do bem-estar da congregação. Seriam traidores da sua sagrada vocação, culpados como falsos atalaias (33.6).

34.11 *Eu mesmo procurarei.* Deus mesmo, revelado na terra na pessoa de Cristo, tudo fez para buscar os pecadores perdidos, sendo ele o bom pastar (Jo 10.1-18; Lc 15.3-17).

34.12 O sentido imediato desses versículos é o de que Deus ia restaurar a seu povo cativo (Is 49.8-13); sobressaindo-se também referências às promessas relacionadas com o Milênio (27.31).

34.17 *Ó ovelhas minhas.* Antes da queda de Jerusalém, Deus manda Ezequiel falar "ao teu povo", porque Deus não o reconhecia mais como povo particularmente Seu. Ao remanescente, por outro lado, os cativos na Babilônia, tão desprezados pelos habitantes de Judá. Deus chama de rebanho Seu, explicando que ali no cativeiro estavam protegidos da desgraça final (Jr 24.5-7).

34.18 *Turvar o resto.* Pequenos grupos que almejavam poder para si mesmos arruinaram a possibilidade de os restantes israelitas sobreviverem em paz, ria cidade conquistada. No campo espiritual, pensa-se logo nos fariseus que, tendo em mãos as profecias sobre Jesus Cristo, não, somente recusavam converter-se, mas, pelas suas interpretações torcidas, não deixavam o povo atender à mensagem (Lc 11.52).

• **N. Hom. 34.23** *Davi é que as apascentará.* Compare v. 15 que declara que o próprio Deus apascentará as Suas ovelhas. Jesus Cristo tem cuidado dos Seus na Sua qualidade de Filho do homem, tendo Sua plena humanidade da família real de Davi (Mt 1.6-16). Quando Jesus Cristo assim faz, é o próprio Deus agindo (Hb 1.3). A plenitude das duas naturezas de Cristo se revela em Hb 5.7-10; a natureza divina é necessária para haver nele autoridade para conceder a salvação eterna, e a humana é necessária para que haja solidariedade com a humanidade e compreensão das nossas fraquezas. Ele é a revelação que os homens entendem.

34.27 Os juízos pronunciados por Deus contra as nações pagãs da terra, e executados pela autoridade de Nabucodonosor, revelam publicamente a natureza de Deus. O que revela ainda melhor a sua natureza divina, no entanto, é o ato de libertação, tanto físico como espiritual. A libertação dos israelitas da escravidão no Egito deu existência e introduziu o povo de Deus na história; a libertação da humanidade dos laços do diabo

formou a igreja de Jesus Cristo.

34.28 *Rapina*. Durante séculos, o território de Canaã tinha sido considerada a presa lícita do império mais poderoso.

34.30 A presença real de Deus ao lado do seu povo foi o esteio de Moisés no começo da história de Israel (Êx 33.14) e será a inspiração dos crentes até o fim (Mt 28.18-20).

35.2 *O monte Seir*. É o maciço central do território dos edomitas, e representa Edom. Nenhuma promessa da restauração de Jerusalém tem muito valor para os israelitas até que seja destruída aquela fonte de idolatria e de rapina. Tanto durante as invasões dos assírios, como durante as de Nabucodonosor, os edomitas aproveitaram para se estender sobre o território conquistado.

35.10 *As duas terras*. Israel e Judá.

35.14 *Ao alegrar-se*. O mundo inteiro sentirá idêntico júbilo sobre a queda de Edom, ao que este último sentiu na queda de Jerusalém.

36.1 Com a destruição do pior perseguidor de Israel, profetizada no capítulo anterior, o resto do livro se dedica às profecias da restauração de Jerusalém. *Montes de Israel*. Ezequiel tinha profetizado contra os montes de Israel quando eram estes um centro de paganismo dos cananeus (6.1-14). Na volta do Cativo, não mais existiam as antigas nações pagãs, que tal idolatria ensinavam.

36.2 *Lugares altos*. Antes da chegada dos israelitas no tempo de Josué, estes lugares eram destinados ao paganismo; na ausência dos israelitas exilados na Babilônia, às nações vizinhas pensavam que a terra de Canaã estava livre para uma volta às antigas religiões pagãs. Mas o próprio Deus reservara o território para uma futura revelação da verdadeira religião (Jo 4.19-30).

36.5 *Saqueá-la*. Na ausência dos israelitas, Edom reduziu a nada o território abandonado.

36.7 *Levantando eu a mão*. O gesto de fazer um juramento.

36.8 *Prestes a vir*. Logo depois de Ciro anexar a Babilônia ao império da Pérsia, em 539 a.C., deu licença aos judeus para voltarem à Palestina e restaurar o templo.

36.13 *Terra que desfilha*. Para os pagãos que observavam a história de Israel, as desgraças que estavam sofrendo (cf. os quatro julgamentos mencionados em 14.21); aquilo era sinal de que o país era malfadado. O que produzia ruínas, porém, era o paganismo praticado pelo povo, que assim ficava sujeito a castigos.

36.15 *A ignomínia dos gentios*. Esta expressão é o equivalente da frase "o opróbrio das nações" (v. 6). Isto quer dizer que o país sofria tanto de desprezo das nações pagãs vizinhas, como do efeito profanador da sua presença na terra cujos muros foram derrubados.

36.17 A impureza dos israelitas, sua idolatria e sua desobediência aos preceitos de Deus, fora o motivo justo para sua deportação (18 e 19). Não se tratava, portanto, de motivo para os pagãos triunfarem sobre Israel, como se a religião delas obtivesse vitória sobre o povo de Deus, 20. • **N. Hom.** Os dons de Deus são sempre da melhor qualidade, como o fora a terra de Canaã, uma terra ideal para a agricultura, a mineração e a pecuária (Dt 8.1-10). O abuso dos dons, entretanto, é a causa de lhes terem sido retirados; neste caso de o povo ser retirado da terra que era a herança que Deus lhe concedera (19). Este é o ensinamento da Parábola dos Talentos (Mt 25.14-30).

36.20 *Profanaram*. Os israelitas expulsos são péssimos embaixadores de Deus, por seu caráter maligno, e por causa dos pagãos adorarem seus deuses apenas pelas vantagens materiais que pensam obter, por isso julgam a natureza de Deus pela prosperidade dos israelitas. O pensamento acha-se em Is 52.5; Rm 2.23,24.

36.22 A restauração de Israel fará parte da obra de Deus em converter os pagãos; já que estes profanaram o nome de Deus ao ver a sorte dos israelitas (19-21), agora este grande ato de restauração os fará glorificar o nome de Deus.

36.23 *Vindicarei*. A revelação da glória de Deus não é um ato de egoísmo divino, pois

Deus nada ganha em ser adorado pelos seres indignos que são os homens; é uma revelação evangélica das boas novas de abertura da possibilidade da comunhão do homem com Deus e da vida com Ele na eternidade; Deus selou e completou esta obra quando nos deu Seu Filho (Jo 3.16).

36.25 *Aspergirei*. A idolatria dos israelitas cobria-os de impureza ritual e moral; a aspersão é um rito de purificação que simboliza a purificação do coração (Sl 51.7). A plenitude deste símbolo reside no batismo, que é um ato de pública aceitação da obra purificadora de Jesus Cristo, deixando-O limpar a consciência e a alma com uma santificação eterna (cf. 1 Pe 3.21).

36.26 Este versículo repete a promessa dada em 11.19, mas, quando esta foi pronunciada pela primeira vez, a nação idólatra ainda existia; por isso a promessa foi acompanhada por uma sentença contra os ídolos, 11.21. Agora, nas novas circunstâncias, desenvolvesse a profecia de restauração total, física e espiritual (36.26-37.28).

• **N. Hom. 36.27** *Porei dentro de vós o meu Espírito*. É a principal, entre as promessas divinas que Ezequiel repete para o povo. Já houve o caso do Espírito cair sobre o profeta (11.5n), mas nem ele, como único atalaia no cativeiro; podia dizer que Deus: tinha posto Seu Espírito dentro de Ezequiel. A presença do Espírito Santo dentro do homem depende inteiramente da obra de Jesus Cristo (Jo 16.7-14). Esta presença começou no dia de Pentecostes, dando aos crentes as qualidades e virtudes que fariam deles fiéis embaixadores de Jesus Cristo (At 2.1-4 e 37-47; 1 Co 12.1-11; Gl 5.22-26).

36.35 *Jardim do Éden*. A restauração da terra de Israel, descrita nos vv. 33-38, seria como o paraíso na terra.

37.1 *A mão do Senhor*. A influência de Deus, em certos momentos, neutraliza a personalidade do profeta para conceder-lhe uma revelação que nada de humano contém (Ez 1.3; 33.22; 40.1).

• **N. Hom. 37.9** *Profetiza ao Espírito*. O objetivo do ato de profetizar é, invariavelmente, fazer alguém escutar a palavra de Deus (4). "A fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo" (Rm 10.17). A palavra traduzida por "pregação" é "ouvir", no original. Fazer alguém ouvir a palavra produz a fé que justifica para a vida eterna (Rm 5.1), e também põe o ouvinte em contato com o Espírito Santo, com Sua obra tríplice de inspirar as palavras da Bíblia, converter o homem a Cristo e santificar o convertido, inculcando-lhe no íntimo o pleno sentido da palavra.

37.11 Aqui vem a aplicação imediata da mensagem; os prisioneiros israelitas, sem nenhuma força política, haveriam de formar uma nação; sem nenhuma força moral, iam vencer a idolatria e formar uma religião pura. Isto se faria não por força, nem por poder, porém pelo Espírito do próprio Deus (Zc 4.6).

37.12 *Ó povo meu*. Este grupo é o povo do cativeiro, nada tendo a ver com os rebeldes que viviam tramando idolatria e política internacional, nos anos anteriores à queda de Jerusalém, e que já agora não mais existiam; a estes, Deus nunca chamou de "povo meu". Veja 34.17n.

37.13 A expressão figurada refere-se ao povo "enterrado" na Babilônia, que ficava sem expressão política e religiosa. É claro, porém, que dar vida aos que morrem dia a dia nos seus delitos, e a ressurreição final dos mortos, coisas que pertencem à primeira e à segunda vindas de Cristo, propiciarão a todos os seres no universo o conhecimento de Deus (Fp 2.9-11), não no sentido de salvação universal mas de submissão ao Senhor.

37.14 *Porei em vós o meu Espírito*. A promessa para os tempos imediatos .é a revelação do poder de Deus na restauração física e coletiva de Israel: a vinda do Consolador ainda estaria no futuro (Jo 14.16-17).

37.16 *Judá*. Os homens de Judá também se chamam "filhos de Israel", sendo membros das doze tribos. *José*. Era um dos doze filhos naturais de Israel, mas visto que Levi era pai dos sacerdotes e levitas, e não contava como tribo, ambos os filhos de José, Efraim e

Manassés, deram seu nome a uma tribo. Efraim passou a ser: a maior, das dez tribos que se separaram e por isso o seu nome, muitas vezes, já representava o reino destas dez.

37.20 Ezequiel ainda está usando métodos audiovisuais, parábolas ensinadas por meio de atos visíveis. O sentido desta reunião dos israelitas nota-se na expressão "aliança de paz" (26) e "o meu tabernáculo estará com eles" (27), cujo cumprimento só se acha na obra de Jesus Cristo (Ef 2.11-22; Ap 21.1-8).

38.1-6 A identificação histórica de povo aqui descrito não é certa. *Meseque e Tubal* são a Frígia e a Capadócia, *Gogue* é provavelmente o rei Giges, da Lídia (que seria *Magogue*). Este reinou 660 anos antes de Cristo, e nunca invadiu a Israel nos termos aqui descritos. É provável, no entanto, que seu nome e seu território sirvam para simbolizar as forças organizadas do paganismo, que ainda haveriam de surgir depois da destruição dos antigos vizinhos pagãos de Israel. De lá surgiam as hordas dos citas que tinham sua moradia ao redor do Mar Negro. Mais tarde, 331 a.C., estes povos se incluíram às conquistas de Alexandre Magno, iniciando uma longa época de perseguição contra a religião dos judeus; o que se descreve nas profecias de Daniel (Dn 11.2-45).

38.5,6 As várias nações aqui mencionadas são definidas nas notas de 27.10-23, e representam a diversidade do número dos que se tornaram mercenários e tributários do poderio grego. Gômer é o território e o povo dos citas, que em Gn 10.2 se ligam com Magogue e com outras nações gregas.

38.8 *Serás visitado*. Quer dizer "atingido pela justiça divina". Isto será feito quando Deus o levar para enfrentar Seu próprio povo para praticar coisas que preencherão a plenitude da sua iniquidade (16 e 39.2). Quando Deus permite a alguém pecar e perseguir os crentes, não é sinal de grande poder e vitória, mas é sinal que Deus o marcou para a destruição.

38.11 *Aldeias sem muros*. Uma referência ao povo de Israel. Outras se acham no v. 8: "povo que se congregou", e no v. 12: "o qual tem gado e bens" que se refere a simples vida agrícola dos israelitas.

38.13 As três nações aqui mencionadas são as que viviam do comércio internacional, e se descrevem no capítulo 27, vv. 22, 20, 15 e 12 respectivamente. Depois da guerra, estariam prontos a negociar com os despojos, inclusive os escravos.

38.14 A invasão de Israel, permitida por Deus, redundará na revelação da glória divina e a derrota do paganismo (16).

38.17-23 Aqui se percebe que esta profecia vai muito além de uma invasão física. É o dia do Senhor mencionado pelos profetas antigos, um dia de julgamento (Am 5.18). É a guerra final entre a luz e as trevas, na qual os partidários de Satanás serão lançados no abismo de fogo e enxofre (22 e Ap 20.7-10).

39.1 Este capítulo dá ênfase à derrota das forças do mal mencionada em 38.18-22, e a revelação da glória divina (38.16 e 23).

39.7 *O Santo*. É o profeta Isaías que normalmente emprega este nome de Deus. Indica que Deus é tão puro e separado de tudo quanto esteja contaminado com o pecado, de modo que, quando Ele estabelecer Seu reino, toda a humanidade reconhecerá Sua natureza santa.

39.11 *Ao oriente do mar*. Este vale ficará além dos termos santos de Israel. Alguns intérpretes acham que talvez não seja tanto um lugar físico, mas sim um símbolo para a destruição total dos maus, assim como o Vale de Hinom, depósito de lixo de Jerusalém, veio a produzir a palavra grega *geenna*, equivalente a "inferno".

39.14 A derrota das forças inimigas será tão vultosa que haverá necessidade da contribuição de cada israelita para encobrir os estragos (15) e que os instrumentos de guerra se tornarão em lenha para os fiéis por sete anos (9).

39.17 A vitória é tão completa que esse exército maligno será desfeito pela própria fauna pertencente à nação vencedora.

39.21 A punição de Israel no seu tempo de idolatria, e a destruição dos inimigos de Israel penitente e restaurado, ambas revelam a glória de Deus, Seu poder e Sua autoridade,

comprovando que não fora fraqueza da parte de Deus quando seu povo foi para o cativeiros, mas sim Sua justiça, que o levaria para o arrependimento, 23-25.

39.25 *Jacó*. Pai dos doze patriarcas das tribos de Israel (que é o nome que Deus deu a Jacó ao vocacioná-lo, Gn 32.28).

39.28 Este versículo e o seguinte contêm um resumo de boa parte das promessas de Deus registradas nos capítulos 36 até 39. A restauração total do Estado seguida pela plenitude do Espírito Santo, derramada em Jerusalém, no dia de Pentecostes, At 2.14-36. O capítulo anterior já se encerra com o propósito de Deus em se revelar ao mundo, 38.23. O que se segue até o fim do livro não é tanto o conteúdo dos atos pastorais de Ezequiel entre o povo, mas sim uma constituição e ordem moral, espiritual e cerimonial, dadas simbolicamente.

40.1 *No ano vigésimo quinto*. Em 573 a.C., treze anos depois da maioria das profecias da restauração (33.21), quatorze anos depois das profecias recebidas, no ano da queda de Jerusalém sobre a destruição das nações pagãs da época (26.1). A única indicação de que Ezequiel estava plenamente ativo naquele ínterim e depois se descreverem 29.7-21, uma profecia de 571 a.C.

40.2 *Em visões, Deus*. Esta visão é tríplice. A, primeira parte revela o Templo ideal, caps. 40-42, no qual as aspirações espirituais do povo de Deus se simbolizam pela arquitetura. A segunda parte, o Culto ideal, caps. 43-46, no qual participam a glória de Deus, o ministério dos sacerdotes, a contribuição do povo, e os ritos presididos pelo sumo sacerdote e pelo príncipe. A terceira parte revela a Nação ideal, caps. 47-48, que tanto física como espiritualmente tem sua vida ao redor do culto no templo, de onde extrai sua alimentação, seu refrigério e sua inspiração.

40.3 *Um homem*. Um anjo igual àqueles que tiveram o encargo de destruir o antigo templo profanado pela idolatria (9.2). *Cordel*. Este era usado para grandes medidas (47.3).

40.4 *Anuncia*. Isto não é uma planta arquitetônica para entreter um sacerdote: estas reformas são mensagem e evangelho para serem proclamados.

40.5 *Um côvado e quatro dedos*. O acréscimo de quase um palmo restaura o comprimento do côvado ao seu, valor original usado no templo de Salomão. Entrementes, a medida diminuída, "o primitivo padrão" (2 Cr 3.3) sendo de 52 cm, a nova, de 46 cm. Até hoje os israelitas têm um "côvado para construção".

40.6-17 O que se deduz de tais medidas é a ordem, a decência e a simetria da casa de Deus; o profeta supõe que todos conheçam o templo de Salomão, e limita-se a descrever essa adição que a visão lhe trouxe: o plano das câmaras ao redor das portas.

40.23 *Porta do átrio interior*. A casa cheia de câmaras descrita em 40.16 é um tipo de portão de entrada ao átrio exterior (17-19). Para se passar do átrio exterior para o interior, precisava-se passar por outro portão, quase igual (20-23). O prédio do templo agora está protegido por magníficas entradas, dentro das quais os vários oficiais do templo têm suas câmaras, podendo, assim, vigiar as pessoas que entravam. Há três portas no muro exterior do templo, e três no muro do átrio inferior, ao norte, ao oriente e ao sul (27).

40.26 *Sete degraus*. Quem vai passando da parte de fora para a de dentro, vai subindo escadas enquanto se aproximam do templo propriamente dito: tudo está construído no cume do monte, subindo-se sucessivamente, até chegar ao templo, que é o ponto culminante do conjunto.

40 28 *Pela porta do sul*. Esta descrição está seguindo um plano simétrico: vv. 24-31 descrevem a entrada do sul do templo, primeiro pela porta exterior (24-27), depois pela porta que dá para o átrio interior, 28-31. O profeta tendo entrado pela porta exterior do oriente (6 e 17), já se detivera a descrever os pormenores da sua construção, 6-16. Havendo uma, porta igual para o norte (20-22), para o sul (24-26), e mais outras três em cada uma destas direções para entrar no átrio interior (23, 27-31, 32-34); não é repetida a descrição que já fora dada à primeira instância.

40.35 *À porta do norte.* É por essa porta que o profeta está adentrando o átrio interior do templo, depois de subir os oito degraus do versículo 37. Ao entrar, vai-se deparar com os dispositivos para a oferta de sacrifícios, visto que a lei manda que se ofereçam ao lado do altar para a banda do norte (Lv 1.11).

40.38 *A sua entrada.* A porta interior desta portaria do átrio interior dá diretamente para o local de ofertas de sacrifícios.

40.39 *No vestíbulo.* Metade das mesas para a preparação de sacrifícios estava protegida dentro da portaria, e metade ficava ao ar livre, dentro do átrio interior do templo (40). *Oferta pelo pecado e pela culpa.* No novo templo, Ezequiel está pensando mais na expiação dos pecados do que em cumprir todos os sacrifícios tradicionais (Êx 29.36; cf. Hb 1.3, o que indica a expiação operada pelo Senhor Jesus Cristo, quando sacrificara sua própria vida para purificar os pecadores).

40.43 *Oblação.* Heb *korban*, uma oferta voluntária (Mc 7.11).

40.44 *Cantores.* Estes sempre estavam presentes nos atos de culto, desde o primeiro culto espontâneo descrito em Êx 15.1-21.

40.46 *Filhos de Zadoque.* Ezequiel distingue claramente entre os levitas em geral (muitos dos quais tinham serviços nos ritos do paganismo, Jz 17.7-13) e os descendentes do sumo sacerdote fiel; que servia nos tempos de Salomão (1 Rs 1.31-40). Os motivos para a distinção se dão em 44.10-16.

40.48 O vestíbulo do templo é de modo igual ao das portarias internas, sendo duas vezes maior (47) e tendo as duas colunas equivalentes às duas mencionadas *no templo* de Salomão, Boaz e Joaquim (veja seu significado em 1 Rs 7.21n).

• **N. Hom. 40.49** *Por degraus.* Não se podia entrar na casa de Deus sem passar por três portarias imponentes, e subir por três escadarias. A verdadeira adoração exige uma concentrada despedida das banalidades do mundo e um esforço para elevar nossos olhos para as coisas dos céus, porque o culto só nos valerá se elevar nossas almas às alturas onde Cristo está, pronto a nos atender (Cl 3.1-4; Hb 4.14-16).

41.1 *Ao templo.* É o próprio Santuário que se estende além do vestíbulo. *Os pilares.* Não são colunas, mas sim as ombreiras da porta que indicam a espessura do muro; veja as duas palavras juntas em 40.49.

41.2 *Os lados da entrada.* A largura do muro a cada lado da porta, o que quer dizer que a porta de dez côvados estava dando para o santuário de vinte côvados de largura. *A profundidade.* Isto deve se referir ao comprimento do santuário, que ficará de acordo com a medida total de cem côvados para o templo com o vestíbulo e tudo (13).

41.3 *Penetrou.* Quer dizer "entrou além" para o Santo dos Santos (4). O profeta não foi levado junto, compare v. 1. As medidas *da entrada* referem-se à entrada deste lugar sagrado.

41.4 *O seu comprimento.* Como na Segunda parte do v. 2, essas medidas se referem ao recinto com o qual a entrada se comunica (3).

41.6 *As câmaras laterais.* São construídas segundo o plano do templo de Salomão (1 Rs.6.5-8).

41.7 *Daí ter o templo mais largura em cima.* Se as câmaras ficam mais largas, o templo fica mais diminuído, segundo o tamanho das reentrâncias. O heb diz: "segundo isto, a largura da templo por andar", o que tem lógica.

41.12 *Edifício.* Ficava imediatamente atrás do templo; talvez, era um *parbar* (heb de 1 Cr 26.18), um pavilhão de verão.

41.15 *Propriamente dito.* É o corpo do templo, santuário, que exclui o vestíbulo e o Santo dos Santos.

41.22 *O altar.* O único móvel no novo templo; era equivalente à mesa dos pães da proposição que ficava no lugar Santo do Tabernáculo original, o do deserto (Êx 25.23-30). O altar propriamente dito vai ser descrito em 43.10-17.

41.25 *Querubins.* Aqui consta como artigo de enfeite religioso segundo os modelos

tradicionais (19) que já eram populares antes das visões que Ezequiel tivera (1.5-14). *Palmeiras*. • **N. Hom.** Estas árvores sobrepõem as demais em longevidade, utilidade, altura, retidão, beleza, primando pelo seu poder de tirar alimento do deserto árido, e de alimentar em seu turno os viajantes e esgotados. É por isso que os dois enfeites tolerados no templo eram estes: os querubins que são a revelação da glória divina e as palmeiras que simbolizam o ser humano religioso, crescendo na luz da glória divina (2 Co 3.18), com raízes alimentadas pela palavra de Deus (Sl 1.2-3), produzindo seu fruto pela comunhão com o Senhor Jesus Cristo (Jo 15.1-11).

42.1 O heb aqui é difícil de interpretar, mas deve se tratar de umas celas que estavam defronte à área do templo do lado do norte, isto é, "opostas à área separada da parte do edifício que olha para o norte". Estas celas acompanhavam a linha do muro exterior do conjunto inteiro, tanto no lado do norte (o lado direito do templo) como no lado do sul (13). As celas correspondem às câmaras do muro oriental do átrio, o muro que fica defronte à entrada do templo (40.17).

42.4 *Um passeio*. Igual ao pavimento defronte às câmaras que encostavam contra o muro oriental (40.17).

42.7 A interpretação das medidas não é fácil, mas é provável que a medida de cinqüenta côvados se refira à fileira ininterrupta de câmaras que havia a cada lado da portaria que havia bem no meio do muro exterior, e que cada muro, o do norte, o sul e o do oriente, tinham cem côvados dessas câmaras. O muro ocidental nada tinha, visto que a parte traseira do templo encostava contra ele com o edifício separado que enchia o espaço entre o Santo dos Santos e o do muro atrás do conjunto inteiro (41.12).

42.10 *Havia também celas*. Não se definem a utilidade dessas celas do lado oriental, mas é provável que é para a conveniência do poder cívico (46.1-3).

42.13 As câmaras destes dois lados têm seu uso definido; nunca mais as pessoas consagradas, nem as coisas delicadas, teriam a possibilidade de se confundir com as coisas do mundo.

43.1 Este capítulo e o seguinte contêm muitos ensinamentos que mostram o significado das medidas dadas nos capítulos anteriores.

43.3 *O aspecto da visão*. Ezequiel teve três visões da glória de Deus. A primeira lhe foi concedida para vocacioná-lo (1.1) e para fazê-lo obediente à visão celestial mesmo quando alguém não quis ouvi-lo (3.4-11; cf. At 26.13-19). A segunda lhe foi concedida para revelar que a glória de Deus não habita com os ídólatras (2 Co 6.14-18), e que o templo teria destruído (8.1-9.22). A terceira visão revela a restauração desta nação à comunhão com Deus, mediante a revelação de Si mesmo onde Seu povo adora.

• **N. Hom.** **43.5** *A glória do Senhor encha o templo*. Assim aconteceu quando o templo de Salomão foi consagrado (1 Rs 8.10-11); a mesma glória tinha acompanhado o tabernáculo que Moisés levantou no deserto (Êx 40.34-38). Antes de existir santuário algum, esta glória já apareceu numa sarça do deserto, na hora em que Deus chamou seu profeta Moisés para libertar o povo de Israel e fazer dele um povo particularmente Seu (Êx 3.1-4.17). Esta glória se revela a cada crente em Cristo (Cl 1.26-27) através do Espírito de glória.

43.7 *O cadáver dos seus reis*. O jardim onde se sepultavam os reis ficava bem ao lado do templo de Salomão, só havendo uma parede (8) entre os túmulos e o local do culto. A visão que Ezequiel recebera já lhes mostrara também que havia apenas uma parede separando o culto a Deus do culto aos demônios (8.7-9).

43.9 Considerando o que foi exposto acima (7-8), vê-se um templo que não dá mais lugar para as coisas profanas sequer ficarem perto do recinto sagrado; isto visa especialmente a remoção para longe da idolatria descrita em 8.7-18 a qual foi a causa imediata da destruição do templo anterior, e que para o profeta é a mais indecente *prostituição* (cap. 23).

43.10 Aqui se vê claramente que as medidas do templo seriam compreendidas pelos israelitas como uma mensagem da restauração, de santificação e de glorificação.

43.11 *Envergonhando-se eles*. Somente quando há o verdadeiro arrependimento da parte do povo é que a nova ordem é revelada.

43.12 *A lei do templo*. Isto é, a chave da seu significado, que é a santificação, a separação para longe, da impureza (42.20).

43.13 *As medidas do altar*. Três andares sobre um pavimento, perfazendo um total de 12 côvados de altura. *Um côvado de largura*. A base tem um côvado mais largo em cada lado do que o primeiro andar do altar. À parte desta reentrância, o altar tem a forma de um cubo de 12 côvados de cada lado, símbolo da perfeição, das doze tribos. • **N. Hom.** O altar neste templo místico também é místico: Jesus Cristo é o altar, é o sacrifício, é o sacerdote que faz a oferta pelos pecados. As saliências ou reentrâncias de um côvado eram para os sacerdotes ficarem em pé durante o serviço religioso, visto que a lareira para as ofertas tinha seis metros de altura (13-17). Visto como nossas pessoas e nossos sacrifícios não são aceitáveis perante Deus, sem que nossos pecados sejam perdoados mediante o sacrifício de Jesus Cristo, é claro que o altar que o tipifica leve sete dias na cerimônia de consagração (18-27) para fazer a purificação e a expiação (20 e 26). Todos os sacrifícios seriam acompanhados pelo sal, símbolo da preservação contra a corrupção (24). A graça de Cristo é o sal que deve acompanhar toda a nossa vida religiosa (Cl 4.6). Os sacerdotes só podiam ser da linhagem de Zadoque (19) que quer dizer "justiça". Todo o significado da obra do sacerdote se resume na pessoa de Jesus Cristo (Hb 7.1-28).

44.1 Agora o profeta se volta à portaria ela qual o introduziu no pátio exterior do templo (40.6 e 17). Nesse ínterim, a glória de Deus se havia revelado na direção do oriente (43.1-2), e daí a prescrição do v. 2.

44.3 *Quanto ao príncipe*. De súbito, se introduz um príncipe no plano da restauração. Nota-se, porém, que Ezequiel não fala de leis civis, nem das funções seculares deste príncipe. Parece que é o príncipe ideal mencionado em 34.24 e 37.24-25. Veja a nota homilética que acompanha 34.23, onde este príncipe aparece como antítipo de Jesus Cristo. Até à vinda de Cristo, entretanto, o príncipe será terrestre, e só ficará na parte exterior da porta de entrada, para seus deveres cívicos e para tomar parte nos sacrifícios celebrados pelos sacerdotes no átrio interior.

44.5 O segredo do templo é que define cabalmente quem pertence ao povo de Deus, e quem com o Senhor não pode ter comunhão. Exige-se a conversão do íntimo (7) e uma vida de acordo com a Palavra de Deus (8). A idolatria é o pecado que exclui a pessoa do templo (12).

44.7 *Incircuncisos*. A circuncisão era o rito de purificação que facultava aos homens serem membros do povo de Deus (Gn 17.10). Reconhecia-se, por outro lado, a suma importância da purificação do coração (Dt 10.16; 1 Co 7.19).

44.18 *A ponto de lhes vir suor*. A proibição é contra as roupas que causam suor, isto é, contra lã (17). O suor simboliza trabalho penoso (Gn 3.19) e talvez fosse necessário evitar qualquer sugestão de que o culto a Deus fosse algo penoso. Jeremias pronunciara-se contra os que consideravam a mensagem de Deus como uma "sentença pesada" (Jr 23.33-37), e foram justamente estes que foram destruídos na queda de Jerusalém, e vai daí a preocupação de evitar-se outra punição.

44.19 *Santas câmaras*. As câmaras no átrio exterior do templo (41.1-12). Chamam-se "santas" por serem exclusivamente separadas para o ministério dos sacerdotes (42.13-14).

44.20 Não participarão dos costumes pagãos, nem o de rapar a cabeça em sinal de luta, nem o de deixar os cabelos compridos, que para o paganismo era o rito próprio para obter-se uma vida longa.

44.21 Vinho. Ao sacerdote em serviço era proibido o uso de bebidas alcoólicas.

44.23 Com as regras acima (15-22), os sacerdotes dão uma demonstração física,

visível e simbólica da separação do mundanismo, o que faz parte da santificação. Este também é o

sentido dos vv. 25-27. Além disso, há, todavia, o dever mais profundo de ensinar-se os preceitos morais da palavra de Deus, e aplicá-los a casos específicos (24).

44.28 *Eu sou a sua herança.* O sentido real desta expressão é que os sacerdotes, não tendo uma herança tribal, sua fonte de renda seriam várias ofertas do templo, prescritas pela lei (29-30). Além disso, o fato é que quem está plenamente dedicado à sua vocação de crente goza da plenitude da comunhão com Deus aqui na terra, como antegozo da vida eterna nos céus. Tal pessoa preza somente o louvor que vem de Deus, e não dos homens (At 4.19; Rm 2.29).

45.1 Fazem-se primeiro as medidas dos terrenos e depois lançam-se sortes sobre eles; mas aquele que pertence ao templo e aos sacerdotes já tem predeterminada a sua sorte. Este território de 12,5 km por 5 km preserva a santidade do templo, havendo só sacerdotes (2-4) e levitas (5) morando nas imediações. Depois viria a nova cidade de Jerusalém de uma banda (6), e o território do príncipe nos dois lados, (7). Os terrenos das tribos ficariam, além de tudo isto, de cada lado, para que o templo fique como o ponto central desta nação restaurada.

45.9 *Os príncipes.* Aqui se refere aos magistrados, juizes e anciãos. *Desapropriações.* Esta injustiça, cuja forma clássica se vê no caso da vinha de Nabote (1 Rs 21.1-16); dentro de um século veio a ser rotina em Samaria (Mq 2.2). O vivo protesto de Ezequiel se lança em forma simbólica nas medidas imutáveis que se tomam para as heranças tribais (48.1-7).

45.10 A honestidade na distribuição e na cobrança dos gêneros alimentícios seria uma bênção em qualquer civilização.

45.11 Estes são os pesos para distribuição da mercadoria: o *efa* (22 kg) para os secos, o *bato* (22 litros) para os molhados. O *ômer* é de 220 litros ou quilos.

45.12 Estes são os valores para a cobrança da mercadoria; são pesos de prata: o *siclo* tendo 10 g, a *gera* tendo metade de um grama, e a *mina* tendo 500 g. Isto quer dizer que a moeda chamada de "cinco siclos" terá este peso em prata pura. O siclo seria equivalente a um dólar americano, pela poder aquisitivo, mas só 30 centavos pela prata.

45.13 Aqui começa o relatório dos impostos a serem pagos ao príncipe, como se vê no v. 16. Do trigo e da cevada produzida pela colheita, uma parte entre sessenta irá para o príncipe, v. 13; do azeite será cobrado por um cento, v. 15. O príncipe seria mordomo da tesouraria nacional, cuidando da ordem cívica e das despesas do templo e das ofertas religiosas, v. 17.

45.18 Este dia, primeiro de Nisã, não tem equivalente fixo em nosso calendário, porque os israelitas tinham doze meses lunares, e mais um mês extra, intercalado de quatro em quatro anos, para fazer Nisã cair na primavera local, março/abril. Esta data do ano novo foi estabelecida por ser o mês em que Deus libertara Seu povo da escravidão no Egito (Êx 12.2).

45.20 *Sétimo dia.* Alguns entendem "sétimo mês", havendo, pois, um dia de expiação para iniciar cada metade do ano.

45.21 *A Páscoa.* A festa estabelecida na hora do Êxodo do Egito (Êx 12.1-20). A oferta pelo pecado do v. 22 parece ser uma invocação, o que não é, pois o Cordeiro da Páscoa, sacrificado, simboliza a graça divina e que, não fora ela, Israel também poderia Ter sofrido grandes perdas na noite do Êxodo. O holocausto (23) é maior do que o prescrito na lei.

45.25 *No dia quinze.* Esta é a festa dos tabernáculos.

46.1 Os sábados e luas novas freqüentemente se mencionam juntos. A lua nova inicia um mês novo, cujo primeiro dia é festa.

46.2 O príncipe tem o privilégio de tomar seu aposento na parte exterior da portaria, pela qual a glória divina aparecera, mas nunca penetra por ela para os átrios do templo.

46.6 Estas ofertas eram custeadas pela nação, em geral (45.13-17). O príncipe somente fazia a oferta (4-7) no sentido de ser responsável pela distribuição diária do fundo das ofertas do povo; a oferta particular da parte deste último descreve-se no v. 12.

46.7 *Um him de azeite.* É a sexta parte do bato, e dá 3,66 litros: Não há equivalente nas medidas secas, de maneira que a medida de 3,66 chama-se "a sexta parte de um efa", v. 14. A nota dos vv. 11 e 12 do capítulo anterior dá mais detalhes.

46.8 *Pelo vestibulo.* O vestibulo ficava na parte interior da portaria, dando vistas para o pátio do templo (40.6-7). Quer dizer que o príncipe entrava pelas demais portas (9-10).

46.9 *O povo do terra.* A expressão refere-se a todos os que não eram sacerdotes, levitas, profetas ou anciãos. Só mais tarde veio a indicar os judeus que tinham permanecido no território nacional, misturando-se com os pagãos, enquanto Ezequiel estava pastoreando os cativos na Babilônia (Ed 9.1-2).

46.12 *Oferta voluntária.* Uma dádiva não exigida pela lei. O ato de dar graciosamente já é algo que o próprio Deus ensina pelo exemplo supremo de conceder-nos com Cristo todas as coisas (Rm 8.32). Deus ama a quem dá com alegria (2 Co 9.7), por isso mesmo concede privilégios especiais ao príncipe quando assim age, abrindo-lhe a porta oriental do átrio interior do templo; a porta exterior nunca se abria (44.2).

46.13 *Sem defeito.* Cristo, o Cordeiro de Deus, se ofereceu sem defeito (1 Pe 1.18-19) e convida os crentes a ficarem em contato diário com Seu sacrifício (Jo 13.10; 1 Jo 1.7-9).

46.17 *Até ao ano do liberdade.* É o ano do jubileu descrito em Lv 25.8-34. A terra e suas riquezas pertencem irrevogavelmente a Deus, e quem fizer uso destas, fá-lo-á como peregrino e hóspede na terra. Os homens, mordomos das bênçãos divinas, poderão fazer contratos de empréstimo dos terrenos, por um período máximo de 50 anos, mas nunca haveria um latifundiário, pois que tudo volta à tribo e à família beneficiária, a quem o proprietário, Deus, o cedeu.

46.19 Nos cantos do átrio interior estão os cômodos para serem queimadas as ofertas prescritas pela lei, e os cantos do átrio exterior são as "cozinhas" para as ofertas do povo (21-24), as quais o próprio povo consome numa solenidade também festiva (Dt 12.27).

47.1 *Águas.* A descrição destas águas purificadoras, a água da vida, nos dá a impressão de que a visão se refere ao templo espiritual, eterno nos céus, onde Cristo é adorado perpetuamente por seus crentes remidos, no novo céu e na nova terra, na cidade santa da Jerusalém celestial (Ap 21.1-22.5).

47.3 *Aquele homem.* É o anjo mencionado em 40.3, cuja aparência era como que de bronze. Visto que no decurso desta visão ouve-se muitas vezes a voz do Senhor Deus (46.1; 47.13), compreende-se que se trata mesmo de anjo porque o significado de "anjo" e "enviado e mensageiro de Deus"; nesta. visão foi ele o portador da mensagem de Deus. *Cordel.* Não define seu, comprimento, mas é usado para medidas amplas.

47.4 *Mediu mais mil.* O profeta está sendo levado rio abaixo, parando de meio em meio quilômetro para sondar sua profundidade.

• **N. Hom.** **47.5** *Um rio.* Dentro de dois quilômetros, as águas se tornaram em rio profundo; declara-se que se dirige para o mar Morto (cf. Zc 14.8, 10). Até que ponto esta passagem deve ser interpretada literalmente não fica muito claro. Há uma estreita relação entre o corpo e o Espírito; entre o espiritual e o material. O templo consagrado, cheio da glória de Deus, servido por sacerdotes santificados, há de ser uma bênção sem par para a nação inteira, sarando todos os males espirituais, sociais, corporais e territoriais. É justamente isto que o rio está fazendo, alimentando, curando, fertilizando, embelezando (7-12). Pode ser comparado ao sangue de Jesus, derramado na cruz, que fez surgir de Jerusalém uma fonte de bênçãos, que pela pregação inspirada dos discípulos cresceu vultuosamente, (Jo 12.32; At 1.8; Rm 15.19, 23).

47.8 *Saudáveis.* O mar Morto é uma lagoa de sal, o ponto mais baixo da terra cujas exalações chegam a matar os pássaros que o sobrevoam. Recebe as águas do Jordão, mas não tem saída para as mesmas. o seu sal é útil (11) mas o local é uma chaga.

47.12 A árvore da vida é descrita em Ap 22.21 é o símbolo da providência de Deus na eternidade, dando alimentos e remédios mês após mês Este trecho possivelmente, se refere ao reino milenar (cf. Ap 20.5).

47.13 *José*. Cada filho de José (Manassés e Efraim) tinha uma parte.

47.15 *Mar Grande*. O Mediterrâneo. (Siga os termos num mapa).

47.18 *Mar do oriente*. O mar Morto, limite oriental do país.

47.19 *Águas do contenda*. O lugar no deserto de Sinai onde o povo se rebelou pela primeira falta de água, e Deus concedeu a Moisés a autoridade de fazer jorrar água da rocha (Êx 17.17).

47.22 A Lei ofereceu generosidade aos estrangeiros (Lv 19.10; Dt 10.19). A cidadania israelita, entretanto, só se lhes oferece nesta nova ordem. Num sentido foi cumprido nas pessoas dos prosélitos do tempo do Pentecostes (At 2) e na conversão dos gentios, que em Cristo se tornam o verdadeiro Israel de Deus (cf. Gl 3.14, 16; 6.16).

48.1-7 Ezequiel conhece bem os montes de Israel (6.13; 36.1-15). Não é por ignorância que faz as divisas por linhas retas, desprezando as leis da atual geografia local, da mesma maneira que o plano do templo despreza os contornos da montanha sobre a qual seria edificado. É que sua visão é de uma ordem espiritual que focaliza mais a bem-aventurança celestial do que a ordem cívica ou física na terra. Isto não quer dizer que uma visão da santidade das coisas de Deus na eternidade não seja também um mandamento aos homens para se santificarem. "Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo", Lv 19.2, Toda revelação da natureza de Deus, por intermédio de: profecias, preceitos, visões, revelações e ensinamentos, é um convite à plena comunhão com Ele.

48.8 Um lado do território de Israel tem sete tribos, porque o outro lado, com cinco tribos (23-29), tem de caber num espaço menor. Isto acontece porque Jerusalém, a sede espiritual do novo Israel, não está no meio do país, mas sim bem no sul. Entre as doze tribos, temos todo o conjunto de 25.000 por 25.000 côvados, um quadrado perfeito que, tendo o templo bem no centro, se divide entre os sacerdotes, os levitas e a cidade Santa. O resto do espaço que ficou da área retangular de Israel pertence ao príncipe, cujo território se estende ao mar Morto de um lado, e ao Mediterrâneo do outro lado, tendo assim uma "fatia" igual às doze tribos (cede, porém, a parte central ao templo com seus arrabaldes).

48.13 Estes 25.000 côvados formam um lado do conjunto quadrado descrito na nota acima o lado do norte. A faixa menor ocupa todo o lado sul deste quadrado (15).

48.17 *Os arredores*. A medida de 250 côvados a cada lado completa um quadrado de 5.000 por 5.000 côvados que toca na largura da faixa da cidade, 15. O comprimento da faixa, 25.000 côvados completa-se com sítios dos cidadãos (18).

48.21 Ezequiel, que desenhou Jerusalém numa pedra (4.1-3), que revelou tanta lógica (18.5-18), que gostou tanto da ordem, devia ter feito uma planta antes de colocar a visão celestial que tivera sobre o pergaminho de escritor sagrado. O leitor deve também ter uma planta para consultar, senão, as descrições serão difíceis de se seguir.

48.23 *Benjamim*. O caçula da família de Israel, o filho que nascera de Raquel antes de morrer (Gn 35.16-20).

48.30 *As saídas*. O tabernáculo no deserto tinha uma ordem fixa para a disposição das tribos ao redor dele, três portas de cada lado, uma para cada tribo, Ap 21.12-14. Assim se vê como as disposições da Bíblia não falham: apontam em primeiro lugar para as coisas visíveis na terra, e refletem as coisas eternas nos céus.

• **N. Hom. 48.35** *O Senhor Está Ali*. A história do Êxodo se encerra com a promessa da presença real de Deus ao lado dos Seus fiéis (Êx 40.38). O evangelho encerra-se com a vocação missionária acompanhada pela promessa da presença real de Jesus (Mt 28.18-20). A visão da história da Igreja e do mundo até a consumação final encerra-se com a promessa da Segunda Vinda de Cristo (Ap 22.21). A profecia de Ezequiel, cheia de

preceitos, e promessas, contendo a chave da história dos impérios da época, e apontando na direção da santificação total do povo de Deus, apresenta, como soma total das suas visões, a promessa da comunhão dos crentes com Deus.

Daniel

Análise

O livro de Daniel jamais deixou de despertar interesse e provocar controvérsias nos círculos teológicos. Ao mesmo tempo, tem cativado os seus leitores com os relatos de heroísmo num período de perigo crítico, e consolado multidões de fiéis seguidores de Deus, quando lêem seus vibrantes relatos acerca da presença e da bênção do Senhor.

Os primeiros capítulos do livro de Daniel relatam certas experiências de jovens israelitas, Daniel e seus três amigos, que faziam parte do cativeiro judaico na Babilônia, no século VI a.C. O fato de se terem recusado a deixar-se seduzir pelo mundo pagão em que viviam, e a fraquejar diante dos perigos ameaçadores, por causa da sua fidelidade, fazem parte da essência do drama. Os seus livramentos - o de Daniel, da cova dos leões, e o de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, da fornalha de fogo - demonstram o poder e o amor de Deus. Nabucodonosor, orgulhoso e seguro em seu despotismo, foi humilhado até o ponto de reconhecer que a providência de Deus governa até mesmo a vida de um monarca. O drama da "escrita na parede" transformou essa frase numa porção proverbial de nossa linguagem até os dias presentes. O espantoso pecado da arrogância contra Deus, do qual Belsazar se tornou culpando, provoca morte e derrota certas. As seções de narrativa do livro, famosas entre as mais famosas da literatura, prendem o nosso interesse não apenas por causa de seu drama, mas igualmente por causa de sua relevância, sempre que o materialismo e o paganismo ameaçam envolver os filhos de Deus.

As visões apresentadas no livro de Daniel, quer aos governantes pagãos quer ao próprio Daniel, são consideradas pelos estudiosos sinceros da Bíblia como uma previsão da história completa do mundo até os seus últimos dias. As profecias de quatro reinos e do quinto grande reino, o Reino de Deus, fornecem um quadro sobre a marcha do império. Quatro reinos surgiram, conforme fora predito, e o quinto aguarda o tempo do seu aparecimento, por ocasião da Segunda Vinda do nosso Senhor.

Os grandes temas da profecia em Daniel são assuntos de vital importância para a Igreja atual: a apostasia do povo de Deus; a revelação do homem do pecado; a tribulação, a Segunda Vinda, o Milênio e o Dia do Juízo. Quando abrimos o livro de Daniel, defrontamo-nos com uma interpretação da história que não apenas já teve seu cumprimento em sua maior parte, mas que, também, será totalmente cumprida. É essa certeza que torna o livro de Daniel vital e significativo para nossos próprios tempos.

Autor

Historicamente, tanto o judaísmo como o cristianismo têm recebido o livro de Daniel, no cânon, como uma obra genuína, do período do qual fala, do sexto século a.C., escrito por Daniel. A maioria dos eruditos modernos acredita que o livro de Daniel, conforme o possuímos é originário do tempo dos Macabeus, isto é, aproximadamente 165 a.C., de autor ou autores desconhecidos. Acreditam que a obra foi lançada a fim de fortalecer a fé que o povo tinha naqueles dias de perseguição, sob pseudônimo, quando o autor criou a imagem de que um suposto Daniel, um judeu do sexto século teria sido o seu autor. Porém, não há nenhuma evidência na história de que os judeus tenham lançado, sob pseudônimo, um livro que afirme ser revelação da parte de Deus, colocado séculos antes do tempo em que realmente foi lançado ao público. Na ausência de tal evidência histórica, não existe qualquer base científica para nos desviarmos da tradição judaico-cristã aceita, de uma data para o livro no sexto século a.C., e da autoria de Daniel.

Esboço

EXPERIÊNCIAS BABILÔNICAS DIVERSAS, 1.1-6.28

O Cativo e a Preparação para o Serviço na Corte, 1.1-21

A Quádrupla imagem de Nabucodonosor, 2.1-49

A Imagem de Ouro: Os Três Amigos Testados pelo Fogo, 3.1-30

A Visão da Árvore e a Loucura do rei, 4.1-37

A Escritura na Parede, 5.1-31

Dario, Daniel e a Cova dos Leões, 6.1-28

VISÕES DE QUATRO IMPÉRIOS E DE UM QUINTO, 7.1-8.27

A Visão de Quatro Feras, de Daniel. O Ancião de Dias, 7.1-28

O Carneiro, o Bode e a Visão do Pequeno Chifre, de Daniel, 8.1-27

VISÃO SOBRE O POVO E A CIDADE DE DANIEL, 9.1-12.13

Confissão e Oração Intercessória, de Daniel, 9.1-19

A Visão das Setenta "Semanas", 9.20-27

A Visão da Glória de Deus, de Daniel, 10.1-19

Profecias sobre a Pérsia, a Grécia e Antíoco, 10.20-11.35

O Rei do Fim, 11.36-45

Miguel e as Ressurreições, 12.1-3

Acontecimentos até o Fim, 12.4-13

1.1 *Sitiou*. A destruição foi completada alguns anos mais tarde, no ano 586 a.C. nos reinados de Jeoaquim, Joaquim e Zedequias, 2 Rs 24.1-25.10. O sítio começou em 607 a.C.

1.2 *O Senhor lhe entregou*. Segundo foi profetizado por Jeremias, Jr 27.1-8. *Alguns dos utensílios*. Mais tarde foram todos.

1.3 *Linhagem real*. Daniel era um jovem de alta estirpe, um nobre.

1.7 A mudança dos nomes era uma tentativa de integrar os jovens cativos à religião pagã do seu novo ambiente social. *Daniel* quer dizer "Deus é meu juiz" e *Beltessazar* quer dizer "Príncipe de Bel" - Bel era equivalente a Baal e a Marduque. Misael quer dizer "Quem é como Deus", e *Mesaque* é a alteração deste nome para "Quem é como Aku" (Deus da lua). *Hananiah*, "Jeová é misericordioso" altera-se para *Sadraque*, o "Amigo do rei", e *Azarias*, "Jeová é meu socorro", para *Abdenego* ou "Servo de Nego" (o ídolo que representa Mercúrio).

1.8 *Contaminar-se*. Com comida que não era preparada segundo a Lei (Lv 17.10-14), provavelmente oferecida aos ídolos.

1.12 *Legumes*. Só para evitar a comida do rei; não é vegetarianismo.

1.15 Deus prometera abençoar a comida, a mais simples, Êx 23.25.

1.17 *Visões e sonhos*. Era um dom especial de Deus, para preparar Daniel para o ministério específico que consta do livro.

1.19 Era o exame conduzido pelo próprio rei, para verificar a cultura geral dos rapazes selecionados para contribuir à glória do seu império. Esta cultura confunde-se com as artes mágicas.

1.21 *Continuou*. Ficou como oficial do Império até o ano 536 a.C., o primeiro ano do rei Ciro. Sua última visão veio mais tarde.

2.1 *Segundo ano*. O ano 603, pois, quando cercou a Jerusalém, Nabucodonosor estava regendo ao lado de seu pai Nabupolassar.

2.2 *Magos... encantadores... feiticeiros... caldeus*. Eram sábios da época, o v. 13 assim os chama. Eram os conselheiros do rei.

2.4 *Em aramaico*. Com estas palavras, inicia-se a seção do livro escrita em aramaico, que vai até ao fim do capítulo 7.

2.5 Uma coisa é certa... A tradução que diz: "o que foi me tem escapado" é errada, e não explica o verdadeiro motivo do rei. O sonho era tão importante para ele e seu império, que a única prova da exatidão das interpretações era consultar os sábios para verificar se estes poderiam contar primeiro os sonhos do rei.

2.6 Aos sábios da época ofereciam-se, ao mesmo tempo, grandes prêmios e terríveis ameaças, comp. Dn 3.15.

2.9 Saberei. Contar o sonho é a prova do valor dos feiticeiros e da sua interpretação mas este poder está fora do seu alcance.

2.10 Não há mortal. O desespero leva os magos a enfrentar o rei, explicando que só têm o poder de interpretar sinais dados pelas divindades, mas nunca de fazer os sinais aparecerem.

2.11 Os deuses. Esta palavra é, também, o plural de majestade, e deve ser traduzida como "Deus" - porque, embora os magos da época acreditassem que certos demônios e anjos vivessem entre os homens, estão aqui percebendo que o que o rei está pedindo está nas mãos do próprio Deus, e é a Ele que Daniel recorre, vv. 17-23.

2.12 Matassem a todos. Resultado da fúria de Nabucodonosor, que era um déspota. No, final, entretanto, se vê que nunca perdeu o hábito da época, de recorrer aos sábios, Dn 4.6-9.

2.13 Buscaram a Daniel. Depois de receber a cultura da época, Daniel era considerado um membro da sociedade dos magos (Dn 4.9), embora sua sabedoria viesse da revelação divina, v. 20. O homem perverso recusa-se a reconhecer a obra de Deus; e toda a sabedoria de Daniel era atribuída a poderes mágicos.

2.14 Prudentemente. As palavras meigas de Daniel obtiveram para ele a possibilidade de abrandar a ira do rei, v. 16.

2.17 Daniel, tendo falado ao oficial, ao rei e aos seus amigos, vai consultar ao Rei dos reis, o supremo amigo dos fiéis, v. 18. • **N. Hom.** Quem se volta a Deus em oração, pedindo misericórdia e colocando seus problemas nas Suas mãos, humildemente prontificando-se a submeter-se à Sua vontade, logo terá motivos para bendizê-lo, pois a oração é a porta aberta para os céus, que nos dá visões consoladoras das coisas eternas, v. 18-23. Assim Daniel obteve conhecimento do mistério que estava perturbando a cidade inteira (v. 19); assim aprendeu a ser um recipiente da sabedoria divina (v. 20); assim aprendeu a confiar na Providência de Deus em todas as coisas, (v. 21, 22); assim aprendeu a adorar a Deus com gratidão e louvor (v. 23), entregando-se a este conhecimento de Deus que já é a vida eterna, pela obra de Jesus Cristo, Jo 17.14.

2.25 Achei. A posição de Arioque no palácio dependia do favor do rei, e por isso tomou todo o crédito para si mesmo.

2.26 O que vi no sonho. O rei ainda insiste no conteúdo do sonho, já que tanto Arioque como Daniel só falaram na interpretação (vv. 16, 24 e 25), o que aparenta ser o caso dos magos, vv. 10, 2, 11.

2.28 O que há de ser nos últimos dias. Lit. "a última parte dos dias", é uma expressão profética que se refere ao futuro, e especialmente ao período messiânico, o tempo de Cristo, incluindo-se as duas vindas, havendo a dispensação da graça entre elas, Dt 4.30-31; Jr 23.20; At 2.17-21; 1 Jo 2.18.

2.29 O que há de ser depois disto. O futuro, em geral, o que havia de acontecer daquela data em diante.

2.31 Daniel começa a relatar o conteúdo do sonho, que realmente é uma visão do curso da história do mundo, com seus impérios.

2.35 Vestígios. O reino representado por esta Pedra não deixará nenhum sinal de outros reinos haverem existido, Jesus disse: Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhes produza os respectivos frutos. Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó, Mt 22.42-44.

2.37 *Tu, ó rei.* Nabucodonosor, e o império da Babilônia do qual era a encarnação, era o primeiro dos poderes mundiais do sonho.

2.39 *Outro reino.* Dois braços de prata, o império da Média e da Pérsia, simbolizado pelo urso de 7.5 e o carneiro de 8.3 e 4, das visões paralelas. *Terceiro reino.* Grécia, o reino de bronze, o leopardo de 7.6 e o bode de 8.5. Os gregos vestiam-se com armaduras de bronze.

2.40 *O quarto reino.* O império romano, o quarto animal de 7.7, 23.

2.43 *Não se ligarão.* Uma diversidade na sua constituição interna que nunca se fundirá em um só. Assim os romanos eram um povo forte e disciplinado, mas formaram alianças com nações estranhas que, infiltrando-se na própria cidade de Roma, trouxeram vícios, superstições e fraqueza de caráter ao império.

2.44 *Os dias destes reis.* Nos tempos dos reinos humanos, Deus estabelece o reino dos Céus. Assim também o Credo Apostólico menciona a ocasião do sofrimento de Cristo "sob Pôncio Pilatos", e Lucas, toma grande cuidado em dar a data humana da vinda de Cristo, Lc 1.5; 2.2; 3.1 e 2. *Deus... suscitará.* A vinda de Cristo é um ato de soberania divina, e nenhuma civilização humana poderia ter sido usada para produzir o Salvador.

2.45 *Sem auxílio de mãos.* Cristo é a pedra que vive, posta por Deus, que quer dizer que, os crentes também vivem para ser o sacerdócio real de Deus, edificados em Cristo (1 Pe 2.4-10).

3.1 *Imagem.* Algum símbolo religioso que exige adoração, v. 5.

3.2 Aqui ocorre uma lista dos oficiais do império, que a arqueologia comprova ser historicamente correta para aquela época.

3.5 É quase uma solenidade de juramento de fidelidade à religião nacional feita na hora de tocar o hino nacional, sob ameaça de morte.

3.8 *Homens caldeus.* Os quatro estrangeiros que subiram a altos postos no império (2.48 é 49) deviam ter causado fortes ciúmes entre os caldeus, que aguardavam sua oportunidade (cf. 6.4 e 5).

3.12 *Tu constituíste.* Aqui transparece o espírito de inveja. *Não fizeram caso de ti.* Uma acusação de insubordinação, tanto na política como na religião nacional: *a teus deuses não servem.*

3.13 Os déspotas da época não toleravam a desobediência, que normalmente acarretava uma morte imediata, sob torturas cruéis.

3.14 *É verdade.* Os mesmos são três estrangeiros que não conhecem os modos da corte, favoritos do rei, o qual concede a eles o diálogo • **N. Hom.** Este capítulo mostra-nos o orgulho pessoal do rei "cabeça de ouro" querendo ser glorificado, e esquecendo-se de que Deus rege a história; a fidelidade dos oficiais que, sendo súditos leais ao rei, não podiam negar o Rei dos reis, adorando um ídolo; a firmeza da fé em Deus, pela qual os três homens resolvem obedecer a Deus até ao fim, sem exigir uma proteção sobrenatural, mas entregando tudo nas mãos daquele que julga justamente, vv. 16-18. A proteção divina foi publicamente revelada, mediante a obra de alguém que era semelhante a um filho dos deuses, ou seja, o Redentor revelado "antes dos dias da sua carne" (Hb 5.7) que os "salvou totalmente" (Hb 7.25) do fogo.

3.15 O rei quer ser gracioso, mas no fim acaba gritando um desafio religioso: "*Quem é o deus que vos poderá livrar... ?*"

3.16 *Quanto a isto.* Este desafio é assunto do próprio Deus.

3.18 A verdadeira fé não depende de favores carnis, de proteção física - à Palavra de Deus obedece-se porque é a plenitude da alegria do crente, a comunhão com Deus, Sl 119.97-104.

3.19 Ambos os partidos tinham lançado um desafio com significado eterno, daí a fúria diabólica do rei que resistia à Luz.

3.22 O perigo era tão grande que até atingiu aqueles que não eram visados pelo rei, mas nada constitui perigo para os fiéis, Sl 91.

3.23 Atados. O rei não descuidou de nada, o fogo estava *sobremaneira aceso*, mas é inútil acusar aqueles que Deus justifica (Rm 8.31-34), entregando Seu próprio Filho por eles, Dn 3.25.

3.25 Passeando. Os lugares perigosos são lindos para aquele que anda com o Filho de Deus ao seu lado (a tradução mais exata de "um filho dos deuses"), comp. Sl 84.6 e 10.

3.26 Deus altíssimo. O imperador aprendeu a não falar mais em "deuses", mas sim no único Deus Todo-Poderoso.

3.27 Nem cheiro de fogo. Nenhum sinal de queimado nos cabelos; nas roupas, ou no corpo. É um milagre total para uma ocasião especial, um antegozo da salvação total que o Filho de Deus outorga àqueles que confiam nEle pela fé, Hb 7.25.

3.28 Não quiseram cumprir. Talvez a primeira vez na história do despotismo, em que um rei aplaude a desobediência à sua pessoa!

3.29 Decreto. Mais tarde, um decreto semelhante foi feito por Dario, rei da Pérsia, Ed 6.11-12. Mesmo assim, Deus está sendo considerado apenas um entre os deuses. Os reis dos pagãos precisam de milagres para se convencerem da existência de Deus e, ainda assim, logo voltam a adorar-se a si mesmos, 4.30.

4.1 Este capítulo está na forma de um depoimento do próprio rei.

4.2 A declaração deste versículo e também a do seguinte, contêm tanta linguagem dos fiéis na boca de um rei pagão, que muitos duvidam do valor histórico do trecho - mas isto é ignorar que influência Daniel teve no Palácio real.

4.5 Mais um *sonho* à noite: se as atividades do rei, e as honras que recebera, fizeram-no afastar-se de Deus, tinha, então, Deus, todos os meios de alcançá-lo a sós, Ap, 2.23; Sl 139.1-4. • **N. Hom.** Este capítulo nos ensina que ninguém é tão poderoso que o orgulho lhe assente bem, pois o orgulho é a negação do direito de Deus de nos governar, é a adoração de si mesmo. Ninguém está fora do alcance do castigo de Deus, mas este castigo serve para nos restaurar à plenitude da vida e da piedade.

4.6 Todos os sábios. Daniel não foi chamado - o rei já estava receando que se tratasse de uma mensagem de punição vinda de Deus que Daniel adorava, como é o caso de quem foge da diagnose do médico.

4.8 Por fim. Do Deus altíssimo não se foge por muito tempo, *nem dos Seus servos*, os profetas, nem da revelação da Sua palavra. *Meu deus.* Afinal, o rei tinha permanecido fiel à religião nacional, à adoração de Baal. Aprendera muitos princípios religiosos verdadeiros, mas deixou a hábito do costume dominá-lo.

4.9 O espírito dos deuses santos. O rei quase acertou: Daniel, como profeta, foi dirigido pelo Santo Espírito de Deus. Veja 1.11n, sobre as interpretações de "deuses".

4.10 Árvore. Um símbolo muito comum de abrigo, refrigerio, beleza, utilidade, fortaleza e durabilidade, Sl 1.3; Mt 13.31-32.

4.13 Um vigilante. Uma palavra que indica um ser sem corpo mortal; que nunca dorme, que reconhecemos como um anjo de Deus.

4.14 A perda de todas as características de nobreza e autoridade em Nabucodonosor.

4.15 A cepa. O restante, básico, como se lê em Is 6.13.

4.16 Coração. É comum nos sonhos que o símbolo inanimado passe de súbito a ter uma aplicação pessoal. *Sete tempos.* Sete anos.

4.17 Eis aqui o conteúdo da lição que o grande rei ainda precisava aprender; eis o motivo justo e benigno de um castigo tão forte.

4.19 Atônito. Daniel tinha verdadeira estima por Nabucodonosor, que um grande homem tem por outro. Se o livro de Daniel tivesse sido escrito pelos fundadores da seita dos fariseus, segundo a teoria popular, não teriam eles inventado tal amizade entre os dois.

4.22 És tu, ó rei. Desde o princípio, o rei devia ter reconhecido que ele mesmo era visado na mensagem noturna, daí seu espanto.

4.23 Atado com cadeias. A expressão é aplicável tanto à maneira de proteger uma árvore valiosa, como a de preservar um maníaco.

4.25 O rei será acometido de distúrbio mental que o fará fugir da vida humana e escolher a de um irracional - assim aquele que ficava bêbado com os louvores dos homens também vai ser ensinado por Deus a ser racional e sábio nas coisas eternas, até compreender a natureza da Providência divina e o domínio de Deus. • **N. Hom.** A mensagem do sonho podia ter desviado o rei do seu caminho de soberba, pelo conselho do profeta (v. 27), mas o seu grande orgulho (v. 30) exigiu uma grande cura feita pelo Médico dos médicos (v. 33), pois se alguém diz que a tortura teria sido cruel demais, então só Nabucodonosor é que tem o direito de se queixar, mas ei-lo dando glória a Deus, v. 37. Devemos estar prontos a, ver no sofrimento a oportunidade, de Deus nos guiar pela Sua mão até a os céus.

4.26 *O céu domina.* Insista-se muito na lição a ser aprendida pelo rei: a doutrina da providência divina e da mordomia humana de coisas que pertencem a Deus, ao céu, segundo esta expressão.

4.27 *Tuas iniquidades.* Daniel se mostrara verdadeiro profeta em anunciar a solução divina para o problema do rei, e agora não podia deixar de, sendo profeta, avisar ao rei contra os terríveis efeitos dos seus pecados de injustiça social.

4.29 *Doze meses.* Houve a possibilidade do arrependimento.

4.30 *Glória do minha majestade.* O rei está reivindicando dois qualificativos: que tradicionalmente se reservam ao próprio Deus.

4.31 *Já passou.* Um provérbio inglês diz que a soberba, precede a uma queda, mas aqui se vê que a queda já está definida pela soberba.

4.33 É o único versículo que o rei não podia ter escrito, pois ele nem deve ter sabido o que lhe aconteceu quando Deus lhe tirou a capacidade de pensar e lhe deixou sem meios de comunicação com os homens.

4.34 *Bendisse o Altíssimo.* A verdadeira adoração que provém da experiência própria, não se tratando, pois, apenas da influência dos três de seus oficiais, 3.29.

4.35 A linguagem de Isaías, que tinha profetizado o cativo do povo de Deus e sua libertação final (Is 40.17; 43.13; 45.9).

4.36 *Buscaram-me.* Os oficiais do império recomeçaram a recorrer a ele como rei. Não quer dizer que a ilustre monarca tinha sido abandonado na floresta. *Restabelecido.* Era do interesse dos grandes conservar o mesmo rei, ainda que doente, pois a queda do rei significava a queda de toda a hierarquia.

4.37 *Humilhar.* Deus tem poder para converter o coração humano.

5.1 *Belsazar.* Nos últimos anos do rei Nabonido, as funções do reinado foram assumidas pelo seu filho Belsazar até 538 a.C. Uns 65 anos haviam passado e Daniel era já velho e esquecido.

5.3 . *Utensílios.* Os vasos chamados de santos, consagrados, por serem reservados tão-somente para o uso do templo; foram trazidos pelo rei, num espírito de zombaria e de profanação das coisas religiosas. A blasfêmia é provocada pelo álcool, e aqui se brinda aos ídolos, usando-se os cálices do templo.

5.5 A resposta divina a esta atitude de sacrilégio é instantânea, e tão milagrosa que até zombadores embebedados são forçados a prestar atenção.

5.6 *As juntas dos seus lombos.* Um relaxamento da firmeza da espinha e uma tremedeira geral produzida pelo extremo medo. É interessante notar que o mais poderoso ditador não agüentaria a mínima revelação da parte mais condescendente da personalidade de Deus.

5.7 *O terceiro.* Depois do rei e do príncipe real.

5.10 *A rainha-mãe.* Na Babilônia, ela possuía poderes para intervir nos assuntos de estado, que não teria em outros países orientais.

5.11 *Teu Pai.* O termo aqui se refere ao avô ou bisavô.

5.13 *És tu aquele Daniel...* O rei não conhecia um homem tão eminente porque a morte de cada rei acarretava a queda de um ou de alguns de seus ministros.

5.14 *Espírito.* Para os pagãos, a influência divina era de *inteligência* e de *sabedoria*, mas

o povo de Israel compreendia que, além disso, era necessário o temor do Senhor (Is 11.2). O povo que Jesus resgatou para Si mesmo conhece a influência do Espírito Santo em amor, alegria e paz (Gl 22-23).

5.16 Púrpura. Uma cor que era de muito valor naquela época, e reservava-se às pessoas de alta posição. *Cadeia de ouro.* Símbolo dos altos postos no governo, assim como possuía José (Gn 41.42).

5.17 Daniel tinha plena consciência da sua alta missão profética: não era a hora de levantar interpretação que agradasse à casa real, nem de considerar a autoridade humana, e, portanto, as honras carnais eram desprezadas - bem sabia Daniel quão pouco valiam!

5.18 Antes de anunciar o conteúdo da mensagem de Deus, Daniel fala diretamente como mensageiro que não precisa de sinais para interpretar, como no caso dos magos, mas sim comunicar-se com Deus manhã após manhã, em oração (Is 50.4; Dn 6.10). O sermão de Daniel vai até v. 23, depois passa-se à interpretação da mensagem escrita, que era a palavra final de Deus sobre Belsazar.

5.20 Soberbo e arrogante. Daniel não está poupando a família real. Esta autoridade profética foi exercida por Natã, não pela vontade de arriscar sua cabeça mas por mandato divino (2 Sm 12).

5.22 Não humilhaste. Tudo que foi descrito no cap. 4 fazia parte da obra de Deus em ensinar a humildade à família real, mas parece que esta virtude não é considerada pelos homens de poder.

5.23 As causas da mensagem de condenação: profanação das coisas sagradas, empregando-as para a concupiscência da carne e para a idolatria. Comp. 1 Jo 2.15-16, 5.21.

5.25 Mene. "Está medido, avaliado". *Tequel.* "Está pesado". *Parsim.* "Divisões", "Persas". Estas são as traduções, ao pé da letra, destas palavras da língua dos caldeus, que o rei compreendeu assim que a letra foi lida. Agora Daniel vai proceder não à tradução, que não era necessária, mas sim à interpretação.

5.26 Os dias do reino são numerados e o rei avaliado em nada.

5.27 O julgamento divino se pronuncia depois de devida ponderação.

5.28 Dividido. Significa ser tirado das mãos do rei, e ser entregue a um império duplo. *Peres* é o singular de *Parsim*, que também quer dizer "Persas", cujo rei era Dario, da Média.

6.1 Dario. Era um título além de ser um nome próprio, e parece que deriva das palavras persas para "Senhor" e "Rei". Quem entrou na cidade da Babilônia naquela noite de festa foi Ciro, que mais tarde passou a ser rei; Dn 6.28. *Sobre o reino.* Parece que aqui não se trata do império dos medos e dos persas, mas sim do reino da Babilônia que agora, fazia parte do império. *Sátrapas.* Pequenos governadores locais da província.

6.2 Dano. Perda de impostos, que os 120 oficiais tinham a cobrar.

6.3 Sobre todo o reino. Como governador geral da Babilônia.

6.4 Procuravam ocasião. A história ensina-nos que eles tinham traído seu próprio rei abrindo as portas para os invasores. Não quiseram, portanto, que um favorito da velha família real regesse.

6.5 Na lei do seu Deus. Procuravam um pretexto religioso. • **N. Hom.** O homem, sendo cínico, se entrega às ambições de Satanás, "o acusador dos irmãos"; que a própria virtude de sua vítima é considerada motivo justo para liquidá-la. Assim é que os fariseus fizeram com Jesus Cristo e assim é que o pecado dominando a carne faz com a lei de Deus (Rm 7.8-11). A mais angustiada perseguição que o crente tem que enfrentar é justamente o plano dos homens de fazer sua virtude entrar em choque com o ambiente.

6.7 Este decreto, que parece ter sido destinado a lisonjear o rei e voltar os olhos de todos para ele, é tão inocente, comparado com o decreto emitido pelo rei Nabucodonosor (3.15), que ele assinou.

6.8 *Lei dos medos e dos persas.* O próprio rei era escravo da lei que assinava; isto era o costume do novo império. Se a lei maliciosamente atingisse ao favorito do monarca, Daniel, não haveria meios deste livrá-lo, como se verifica nos, vv. 12-16.

6.10 *Quando soube.* Percebia que a lei fora planejada a atingir sua pessoa, pois jamais se envergonhara de adorar a Deus; os perigos da hora não abalariam aquele que até então fora fiel. *Da Banda de Jerusalém.* O que conservou o fervor religioso do povo na cidade estrangeira foi a esperança da restauração de Jerusalém e da vitória final da religião verdadeira (Ez 40 até 48).

6.12 *Que se não pode revogar.* O rei não pode escapar à lei que vai condenar ao seu oficial favorito. Ainda não sabe de quem se trata.

6.13 *Não faz caso de ti.* Uma mentira covarde, veja 3.12.

6.16 *Leões.* Os persas adoravam o fogo; tinham meios de executar aos réus sem empregar a fornalha (3.6).

6.22 *Anjo.* Compare 3.25. *Inocência.* Fé perante Deus, fidelidade para com o rei. O respeito mútuo foi sincero, vv. 16, 18, 20, 23.

6.23 *Porque crera no seu Deus.* O próprio pagão não podia negar que houvera um milagre pelo qual justificou a fé do seu servo.

6.24 *Esmigalharam.* Não haja dúvida de que os leões eram mesmo ferozes. Triste é a sorte da vítima da maledicência - muitíssimo pior é o castigo final dos falsos acusadores dos filhos de Deus.

6.26 *Decreto.* Comp. 3.29;4.1-3; 5.29. As proclamações que os líderes civis têm feito em favor da religião pouco efeito fazem.

7.1 *No primeira ano.* No tempo, este capítulo precede o cap. 5, mas é um avanço pois agora passa às visões e revelações do Senhor.

7.2 *Quatro ventos.* Símbolo do poder divino a julgar as nações. *O mar Grande.* Símbolo da agitação política e social entre os povos da terra (cf. Is 57.20; 17.12; Lc 21.25; Ap 17.15).

7.3 *Quatro animais.* Os mesmos reinos representados pela estátua no cap. 2. Aqui se observa o mesmo número de símbolos: quatro partes da estátua, e um projétil externo para derrubá-la, comparados com quatro animais terrestres e um ser celestial.

7.4 *Leão.* O símbolo nacional da Babilônia era uma figura com a cabeça humana, o corpo de um leão, com asas de águia, conforme certos achados que subsistem até hoje. Antes da queda daquele império, perdeu-se a coragem e o alcance internacional simbolizados pelo coração do leão que foi substituído, pelas asas que foram arrancadas. O império já estava sendo ameaçado pelos inimigos.

7.5 *Urso.* O império da Média e da Pérsia. *Um dos seus lados.* A elite do duplo império vinha da Média. *Três costelas.* Nações que o novo império engoliu: *devora muita carne.*

7.6 *Leopardo.* O império grego, *Quatro asas... quatro cabeças.* Os quatro generais de Alexandre eram as asas que ligeiramente dominavam o mundo na faixa que incluía a região da Grécia até a Índia. Foram as quatro cabeças que regeram este novo império depois da morte repentina do grande conquistador, formando quatro dinastias independentes.

7.7 *Quarto animal.* O império romano, que conquistava tudo com as armas de ferro e não poupava nada. *Dez chifres.* Dez reis, v. 24.

7.8 *Outro pequeno.* O anticristo; veja referências e notas. Comparece com o "príncipe que há de vir" de Dn 9.26.

7.9 *Uns tronos.* Uma cena de julgamento descrita também em Ap 4.2-5.14. *Ancião de dias.* Um símbolo do Deus em cujas mãos está o tempo. *Rodas.* O trono é também o carro de batalha.

7.10 *E se abriram os livros.* O registro perpétuo do comportamento humano.

7.11 O animal foi morto. A queda do império romano.

7.13 *Filho do Homem.* Um título do Senhor Jesus Cristo (cf. Mt 26.63-65).

7.15 Alarmado. O povo da época levava os sonhos a sério (2.9; 4.5).

7.16 Me fez saber. No próprio sonho, Daniel sabia que se tratava de uma revelação de Deus, e por isso foi obter a interpretação de um anjo de Deus que era um pertencente à miríade dos servos, v. 10.

7.17 Quatro reis. Ou seja, quatro reinos, os impérios já mencionados. Assim também o v. 24 refere-se a reinos.

7.18 Os santos. Esta palavra refere-se a seres humanos resgatados por Cristo e santificados pela separação do pecado e pela dedicação ao serviço do reino de Deus. São eles glorificados e trasladados para os céus, onde herdarão todas as coisas.

7.19 Unhas de bronze. Os romanos lutavam com ferro, v. 7, mas seu império fazia uso das pequenas tribos nas fronteiras, as "unhas".

7.22 Fez justiça. A vinda de Cristo no seio do última e maior dos impérios já é um julgamento de valores humanos. Suscita um reino de pessoas que só procuram valores eternos (cf. 1 Pe 2.9-10).

7.24 Dez reis. O império romano, uma vez desfeito, deu origem a dez reinos. É interessante notar que por 1.500 anos o total das tribos e nações que têm coexistido naquele território ficou sempre em dez poderes básicos. Parece que esta continuação da civilização romana vai entre o primeiro julgamento (v. 9), a vinda de Cristo, e o segundo julgamento (vv. 13-14), que se queria a vinda final, de Cristo e o fim do mundo.

7.25 Magoará os santos. No meio dos reinos surge um poder em Roma que se entregará à perseguição dos fiéis e usurpará poder civil de três dos reinos. Séculos da história já nos ensinam quanto às perseguições que se processam na cidade de Rema... *Um tempo, dois tempos e metade.* Três anos e meio? Indefinido.

7.27 Reino eterno. Não se trata de milhares de anos, mas sim para toda eternidade, assim também a pedra que subsistirá para sempre, Dn 2.44.

8.1 Ano terceiro. Dois anos depois de capítulo 7, i.e., 544 a.C. Daqui até o fim do livro, o texto está escrito em hebraico.

8.2 Susã. O profeta recebeu uma visão da própria capital do império dos Persas já que a mensagem se aplica ao império inteiro.

8.3 Carneiro. O império dos medos e dos persas. *O mais alto subiu por último.* A Pérsia já existia como forte nação até as invasões pelos bárbaros do norte; depois a Média tomou a iniciativa de constituir-se uma nação livre, que veio a tornar-se império.

8.4 Marradas. As conquistas violentas que partiram do oriente.

8.5 Bode. O império da Grécia. *Chifre notável.* Alexandre Magno.

8.8 No sua força. Alexandre morreu ainda jovem, depois de já realizada a conquista. *Quatro chifres notáveis.* Os generais de Alexandre.

8.9 Chifre pequeno. Não o mesmo do sonho anterior, no qual o chifre faz parte do quarto reino, isto é, de Roma, (7.8). Este é o rei Antíoco Epifânio, descendente de Seleuco, o general que recebeu o território da Síria depois da morte de Alexandre. *Para a terra gloriosa.* Este ramo do império passou a ameaçar a Israel.

8.10 Exército dos céus... estrelas A perseguição dos servos de Deus é considerada como guerra contra o próprio Deus com conseqüências eternas. Comp. At 9.4, onde Jesus, glorificado nos altos céus, considera o perseguidor dos crentes como o dele próprio.

8.11 Tirou o sacrifício. Nos dias de Antíoco Epifânio, houve um período em que o culto a Deus foi substituído pelos ritos pagãos, c. 171 a.C. No ano 168 a.C. proibiu o sacrifício no templo, profanando-o (cf. 11.31).

8.12 Por causa das transgressões. Naquela época, a cultura grega ameaçava a fé e a prática dos judeus que a abraçavam.

8.14 Tardes manhãs. Os sacrifícios eram oferecidos duas vezes ao dia; às 9 da manhã e às 3 da tarde. Referiam-se a dias normais e não proféticos (que valem um ano), 2.300 abrange o período das perseguições de 171 a 165 a.C.

8.16 Deus dando visão, oferece meios para suas interpretações.

8.19 *Último tempo do ira.* O último castigo divino pelos pecados de Israel até a vinda do Salvador que oferece amor, perdão, santificação e salvação em vez de castigo. A nação de Israel foi destruída depois de rejeitar a Jesus Cristo, seu Messias. O castigo é a perseguição mencionada, que serviu para destruir o povo.

8.23 *Feroz catadura.* Tão violento era Epifânio, que os historiadores gregos o chamavam Epímanes, "o louco". ***Intrigas.*** A história das intrigas entre os descontentes de Ptolomeu, o general de Alexandre que herdou o Egito, e de Seleuco que herdou a Síria, acha-se registrada no tempo de Epifânio, 175-163 a.C.

8.25 *Príncipe dos príncipes.* A atitude de Antíoco era de blasfêmia contra o próprio Deus. ***Mãos humanas.*** O grande guerreiro morreu de desgosto, por não ter conseguido roubar certo templo.

8.26 *Dias ainda mui distantes.* Daniel estava vivendo sob cativeiro imposto por Deus pela desobediência do povo, mas a visão que recebeu se referia a outro castigo quase dois séculos mais tarde.

9.2 *Pelos Livros.* Jeremias já era considerado como profeta de Deus, e sua declaração de que haveria, 70 anos de cativeiro foi, portanto, aceita.

9.5 *Temos pecado.* É este o espírito de arrependimento que Deus quis ensinar ao seu povo, já que não escutavam a voz dos profetas. Daniel está falando em nome do povo, uma boa parte do qual reconheceu que a desgraça é proveniente do apartar-se dos mandamentos de Deus (v. 5), de não atentar aos avisos dos profetas (v. 6), de pecar (v. 8), de se rebelar (v. 9), de desobedecer (v. 10) e de não se converter (v. 13).

9.8 *Pertence.* O pecado, seguido pelo senso de iniquidade, é da própria natureza humana, assim como a misericórdia e a graça são revelações da natureza, divina, v. 9. Deus é amor, 1 Jo 4.8.

9.11 *Imprecações.* Moisés avisou o povo dos castigos decorrentes da desobediência aos mandamentos divinos: doenças, derrotas, desgraças, pestes, assolação sobre a nação, e a morte no cativeiro, e para os que sobrevivessem, as demais punições, Lv 26.14-39.

9.15 *Tiraste.* O que agrava as conseqüências destes pecados é que se trata de um povo resgatado por Deus, do cativeiro.

9.18 *Tuas muitos misericórdias.* Finalmente a oração chegou à altura da verdadeira adoração (Jo 4.23-24); que é a fé incondicional na graça de Deus, hoje já revelada na obra de Jesus Cristo (Rm 3.23-25), aceitando o dom gratuito de Deus, Rm 6.23.

9.19 *Chamados pelo teu nome.* O povo de Deus pode orar a ele em plena confiança, já que aquele que nos chamou de filhos há de ser um Pai para nós (Jo 15.15-16; Rm 8.32; Gl 4.3-7).

9.21 *Gabriel.* Um anjo de Deus, mensageiro da vontade divina.

9.24-27 *Setenta semanas.* Esta profecia das setenta semanas é uma das mais importantes e difíceis do AT. Fala de Cristo na sua primeira e segunda vinda. Há diferenças de opiniões na interpretação de certas frases. Uns acham que as semanas representam períodos de tempo sem limite exata. Outros acham que representam semanas de anos. Sendo qual for a interpretação, a mensagem Deus é clara: embora o pecado vá aumentar, e os santos hajam de ser provadas, virá o dia quando Deus porá fim ao pecado e trará um reino de justiça. O que segue é uma das interpretações principais da profecia. As setenta semanas representam 490 anos, cada semana sendo um período de sete anos. Veja Lv 25.1-22 e 2 Cr 36.19-21: Este período começa com a saída da ordem para restaurar a Jerusalém (25) que, conforme Ne 2.1-6, saiu no vigésimo ano do rei Artaxerxes (445 a.C.). As primeiras 69 semanas terminaram com Cristo oferecendo-se como rei (Lc 19.38-44). Cristo morreu em c. 20/30 d.C. e a destruição de Jerusalém por Roma foi no ano 70 d.C. A última semana (7 anos), ao que tudo indica, bem distante separada das demais, será assim: 1) Haverá um acordo feito pelo príncipe romano com os judeus, Dn 7.8; 2) No meio da semana este príncipe (aquele mesmo mencionado em 2 Ts 2 e em Apocalipse) porá abominações no santuário; 3) Ele começará uma perseguição

contra os judeus; 4) No fim da semana Deus trará o julgamento e um reino de justiça será estabelecido.

10.1 *Ciro*. Começou a reinar no ano 539 a.C. Estamos, então, no ano 537 a.C. Daniel já é um homem idoso, passando dos oitenta.

10.2 *Três semanas*. Uma época de luto pela morte espiritual de tantos judeus que não quiseram voltar para restaurar o Templo.

10.5 *Um homem*. Uma teofania, comp. Ap 1.13-15; é a resposta de Deus aos atos de humilhação e contrição feitos pelo profeta.

10.7 *Só eu*. A visão era para o servo de Deus; os demais percebem algo, sem entender nada, comp. At 22.7-8.

10.8 *Contemplei*. Mesmo com o temor e tremor, o servo de Deus sabe que precisa estar a postos quando a vontade de Deus lhe é revelada.

10.10 *Certa mão*. A consolação divina não é só para nossa própria alegria: também é para nos reforçar em nossa vocação.

10.11 *Muito amado*. A confiança do crente está baseada no amor de Deus, que se lhe revela mediante o sacrifício de Cristo, Jo 3.16.

10.13 *O príncipe de reino do Pérsia*. O poder espiritual satânico manifesto atra do culto pagão dos persas. Paulo nos ensina que quem adora a ídolos está servindo a demônios, 1 Co 10.20. *Miguel*. O anjo Miguel simboliza a proteção divina em Israel, Dn 12.1; Jd 9; Ap 12.7.

10.14 *Últimos dias*. Daniel está sendo preparado para uma visão que tem grande projeção na história de Israel, e precisa ser de grande força espiritual para servir de receptáculo destas revelações. O trecho que se acha nos vv. 10-21 ajuda-nos a ter uma idéia de como o poder do Espírito Santo usou homens totalmente dedicados e purificados para receberem as palavras que hoje temos registradas nas Sagradas Escrituras.

10.17 *Não me resta já força alguma*. Morrem as energias do profeta fazendo-o depender exclusivamente das forças de Deus, v. 18.

11.2 *Três reis*. Cambises, Dario e Smerdis, que recebeu o, título de Artaxerxes. *O quarto*. Xerxes, que foi derrotado na grande invasão da Grécia.

11.3 *Um rei poderoso*. Alexandre Magno reuniu os elementos diferentes que formavam uma conglomeração de estados na Grécia, e invadiu a Pérsia depois de ter dado a liberdade a todos os gregos, Dn 8.21.

11.4 *Passará a outros*. Os quatro generais de Alexandre foram os únicos herdeiros não legítimos que restaram, veja a nota a respeito em 7.6.

11.5 *O rei do Sul*. Ptolomeu (I), o general que herdou o Egito de entre as conquistas de Alexandre, e formou uma dinastia poderosa. *Um de seus príncipes*. Seleuco Nicator que, com a ajuda de Ptolomeu, conquistou a Babilônia e foi o maior rei da época.

11.6 *Se aliarão*. Os dois grandes poderes que sempre cobiçaram o território israelita, os ptolomeus do Egito e os selêucidas da Síria, chegariam a formar uma breve aliança de casamento. Berenice foi a *filha do rei do sul* que reinou na Síria, o reino do Norte, até ser traída sendo envenenada por sua rival.

11.7 *Um renovo*. Ptolomeu III, Evergeta (247-222 a.C.), irmão de Berenice, invadiu a Síria.

11.9 *Este avançará*. Uma invasão do Egito realizada sem sucesso pelo rei Seleuco Calicino, da Síria.

11.10 Aqui começa uma profecia das muitas guerras que houveram entre à Síria e o Egito, ambos ambicionando ser a verdadeira continuação do império de Alexandre, e ambos lutando para impor a cultura e filosofia dos gregos sobre os judeus, que viviam em estado de sítio entre os dois poderes. **11.14** *Se levantarão para cumprir a profecia*. Até à época destas guerras, o livro de Daniel seria bastante conhecido pelos judeus que quiseram apressar "o tempo do fim" (quando, na verdade, o Filho de Deus é que faria cessar a injustiça humana para prevalecer a justiça eterna). Por isso, estes últimos apressaram-se em tornar armas contra Antíoco o Grande, a fim de obterem

independência absoluta para Israel, que passaria a ser uma teocracia messiânica, segundo suas esperanças.

11.15 *O rei do Norte* Esta profecia se refere a Antíoco o Grande. Ei-lo agora tomando a cidade de Sidom, do general Ptolomeu.

11.16 *Na terra gloriosa.* A conquista completa do território dos judeus, a herança que Deus prometera a Moisés e Abraão. *Tudo estará em suas mãos.* Mesmo o próprio templo.

11.17 *Uma jovem em casamento.* Cleópatra, filha de Antíoco III (o, Grande), haveria de servir como espiã na corte de Ptolomeu V, mas ela ficou fiéis ao marido, e deixou os romanos livres para conquistarem a Síria.

11.18 *Terras do mar.* Antíoco III, o Grande, aproveitou a invasão da Grécia, pelos romanos, para conquistar muitas ilhas gregas, mas logo depois foi derrotado pelo general romano Lúcio Scípio.

11.21 *Homem vil.* Antíoco IV Epifânio, comp. Dn 8.9-14.

11.24 *Fará o que nunca fizeram seus pais.* Antíoco Epifânio foi o único rei da Síria que conseguiu levar seus exércitos até a capital do Egito, Alexandria.

11.25 *Maquinarão projetos.* A atmosfera de intriga na corte de Alexandria encorajou a invasão realizada pelos sírios.

11.26 *Os que comerem.* Fiscon, irmão do rei Ptolomeu VI Filometor, usou estas invasões para usurpar o trono do Egito.

11.28 *Contra a santo aliança.* Antíoco Epifânio (ou IV) desprezou a religião dos judeus a ponto de despojar o templo de Jerusalém das suas riquezas.

11.30 *Quitim.* Uma frota romana pôs fim à invasão do Egito. *Se indignará.* Agora se voltara contra o templo com fúria para destruir. *Atenderá.* O grupo de judeus que abraçaram a cultura grega, em detrimento da religião judaica, e que serviram como agentes do rei dentro do território israelita.

11.31 *Abominação desoladora.* Um altar pagão dentro do santuário. No tempo do Novo Testamento, os romanos puseram ali uma imagem do imperador, levando os judeus à fúria (cf. a profanação do templo por Antíoco Epifânio que sacrificou um porco no templo, 8.11).

11.32 *O povo conhece ao seu Deus.* Os que não eram fiéis à lei de Deus acharam vantagem em aliar-se a um pequeno império dos seguidores de Alexandre Magno, mas os fiéis, vendo até que ponto chegaram, rebelaram-se furiosamente.

11.33 *Os sábios.* Os fiéis israelitas retiraram-se para o deserto, a fim de poderem viver livremente dentro das tradições de sua religião, mas foram facilmente esmagados pelos soldados sírios.

11.34 *Pequeno socorro.* Judas Macabeu juntamente com seus filhos resolveram defender a fé auxiliados por armas, mas isto não surte grande efeito, comparado com o auxílio que vem de Deus em resposta às orações quando feitas com fé. *Lisonjas.* Muitos, não sabendo ainda se a rebelião iria libertá-los, fizeram jogo duplo: não se comprometeram totalmente.

11.36-45 Os versículos anteriores concluíram a profecia do opressor sírio. Neste trecho, encontramos um mal e blasfêmias muito piores do que os de Antíoco. Muitos acham que temos aqui um retrato do anticristo, comparando-o com a pessoa de Antíoco. Este déspota do passado não se exaltou, porém, acima dos deuses. Ele considerou-se a si mesmo, um zeloso adorador de Zeus. Esta linguagem só poderia descrever o anticristo (cf. 2 Ts 2.4, Dn 7.25).

11.37 Aqui temos uma indicação de que o anticristo, seria judeu, porque ele rejeitara o Deus de seus pais.

11.38 *Honrará o deus dos fortalezas.* O poder e a força militar parecem ser o único deus que ele conhecerá.

11.41 *Entrará no terra gloriosa.* A guerra final será na Palestina.

12.1 *Nesse tempo.* Tempo em que o domínio do mundo passará das potestades

humanas. O mundo dominado pelo perverso rei passará por um período de tribulação (descrito em Apocalipse), e então o povo de Deus era liberto.

12.2 *Dormem no pó.* Estão mortos na sepultura. A ressurreição é para os justos e injustos, uns para a alegria eterna e outros para o castigo eterno.

12.3 *Resplandecerão.* O crente fiel é uma luz neste mundo (Mt 5.14; Fp 2.15) e depois da morte passará a ser como um anjo de luz.

12.4 *Sela o livro.* Parece que o princípio geral da profecia bíblica é que a mesma se compreende plenamente depois de ser cumprida e desenrolarem-se os acontecimentos históricos.

12.5 *Outros dois.* Não se sabe se seriam os anjos Miguel e Gabriel.

12.7 *Homem vestido de linho.* Roupa de sacerdote, um anjo com a incumbência de revelar os intuitos divinos aos homens. *Um tempo, dois tempos e metade de um tempo.* Ou três anos e meio, ou 1.260 dias atribuindo-se um ano por um dia, ou esta é uma maneira mística de dizer um tempo totalmente indeterminado para os homens, mas, mesmo assim, dentre os planos divinos até o último pormenor se cumprirá.

12.9 *selados até ao tempo do fim.* De fato, estas profecias não foram estudadas até certo tempo atrás, e parece que o reavivamento em estudos das profecias está coincidindo com o final dos tempos.

12.11 *Mil duzentos e noventa dias.* Considerados por alguns como o tempo do ministério de Cristo, que é a verdadeira propiciação. Daí, os 45 dias extras mencionados no v. 12 seriam o tempo entre a ressurreição e a ascensão.

12.12 *Bem-aventurado o que espera.* Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo (Mt 24.13). Segundo uma escola de pensamento, o v. 7 falaria de 1260 dias que marcam o tempo da grande tribulação. O v.11 fala de 1290 dias, e o v. 12 de 1335 dias. Nada, aqui fala diretamente o que aconteceria no tempo que corre desde o fim da tribulação (1260 dias) até 1335 dias (12). Alguns acham que seria um tempo para cumprir os acontecimentos que precederiam o Armagedom Ap16.16 e 19.17-21.

12.13 *Herança.* A ressurreição para a vida eterna com Jesus.

Oséias

Análise

O livro de Oséias nos oferece os pungentes apelos de um gigante espiritual desesperadamente entregue à tarefa de salvar uma nação pecaminosa. Com genuína preocupação o pregador procura, por muitas e muitas vezes, levá-la à convicção de pecado e ao arrependimento, a fim de que o povo escolhido de Deus possa ser compelido a voltar para sua pátria, para encontrar amor, perdão e cura acompanhada de refrigério. Fiel e vividamente. Fiel e graficamente, Oséias salienta os pontos essenciais da verdadeira religião. Com pinceladas vigorosas, o profeta trata da questão do pecado e de seus trágicos resultados nas vidas humanas, um julgamento que é automático e desastroso; da falta de conhecimento do Senhor e seu efeito destrutivo, do interminável amor de Deus com seus tesouros inefáveis para os homens e as mulheres, da verdadeira natureza do arrependimento, da salvação certa que seria provida, e do completo perdão de Deus para todos aqueles que se aproximam em arrependimento genuíno e em fé clara. O flamejante evangelista conhece o seu povo. Sabe o que soluçar no coração quando sua esposa infiel se afunda cada vez mais no pecado. Ele conhece as profundezas do amor e da disposição de um coração amante capaz de perdoar, de recepcionar e de restaurar. Ele tinha consciência das Sagradas profundezas do amor existente no coração de Deus. Dia após dia: ele procurava impressionar com seu desafio pessoal, penetrante e poderoso a pecadores voluntários, que todavia tinham de ser reconduzidos a seu Deus. Por intermédio desse profeta, o Senhor chama de volta o Seu povo desviado. Ele oferece misericórdia e perdão. A graça é abundante. A salvação os

aguarda. É admirável encontrar, naquele período do Antigo Testamento, tanta coisa parecida com a mensagem do Novo Testamento e encontrar a chamada básica de um autêntico evangelista. Cada ponto particular acha-se ali presente. Cada área é ventilada. Cada apelo retine. Essa é a maneira de Deus agir.

Autor

O autor do livro foi Oséias, filho de Beerí, de Israel. Profundamente influenciado pelo profeta Amós, tragicamente ferido pela horrenda infidelidade de sua própria esposa. Gômer, claramente consciente dos graves pecados de seu povo, sensível para com a voz de Deus dirigida ao povo pecaminoso, o profeta se apresenta com um pungente apelo, ao procurar chamar de volta para Deus o povo infiel. Ele foi o evangelista divinamente escolhido para persuadir pecadores calejados a voltarem para a casa de um Deus amoroso, que está ansioso por perdoar e salvar. O ministério de Oséias se estendeu por diversos anos depois de 746 a.C.

Esboço

A DESGRAÇADA VIDA EM FAMÍLIA DE OSÉIAS, CAUSADA PELA INFIDELIDADE DE GÔMER, ILUSTRA A INFIDELIDADE DE ISRAEL PARA COM DEUS, 1.1-3.5
A NAÇÃO DE ISRAEL, INFIEL E IMPENITENTE, É DESAFIADA PELO PREGADOR A VOLTAR PARA À CASA DO DEUS FIEL, 4.1-14.9
O Deus Santo Sofre, ao Contemplar o Horrendo Pecado de Israel, 4.1-7.16
O Deus Santo Precisa Impor severo Julgamento, 8.1-10.15
O Deus Santo Proverá Restauração, Cura, Perdão e Salvação Completa, 11.1-14.9

1.1 Reis de Judá... rei de Israel. Depois da morte de Salomão, o reino foi dividido. As dez tribos do norte ficaram com o nome de Israel (ou Efraim, o nome da tribo maior); e as duas tribos, Judá e Benjamim, eram chamadas Judá.

1.2 Prostituição. Simbolizava a idolatria; assim como a esposa de Oséias era adúltera, assim também a nação de Israel, esposa de Deus, era adoradora de ídolos.

1.4 Jezreel. Deus queria que o povo reconhecesse o seu próprio pecado, e, por isso, o nome do filho do profeta serviria para lembrar aos israelitas um dos maiores crimes da sua história (2 Rs 10.1-14).

1.6 Desfavorecida. Heb *lō' ruhāmâh*, lit. "de quem não se compadeceu", portanto, fora da misericórdia definida em Pv 28.13n.

1.9 Não-Meu-Povo. Heb *lō' amm*, que tem sido traduzido como um nome próprio, Lo-Ammi. Na vida de Oséias, o nome significa que o filho de Gômer era filho de Oséias; na vida de Israel, significa que o povo idólatra tinha que ser considerado como filho dos ídolos. Este livro nos apresenta um dos escritos mais profundos e reveladores do Antigo Testamento. O profeta era um homem de profundo discernimento espiritual. Amava ao seu povo, tendo nascido entre eles, tendo sido criado no meio deles, e, sendo, na sua época, o único "profeta escritor" do reino do Norte. Amava a Gômer apesar da sua infidelidade, e deste fato percebeu a verdade espiritual que também o amor de Deus por Israel continuava firme e seguro, a despeito da apostasia nacional.

2.1 Vosso irmão. Nesta história verídica, os membros da família estariam recebendo Lo-Ammi de volta com o novo nome Ammi ("meu povo"), da mesma maneira pela qual Deus chama de volta Seus filhos desgarrados, os israelitas idólatras. *Favor.* Heb *ruhāmâh*, "favorecida", "objeto de ternas misericórdias". É o cancelamento da maldição de 1.9. A palavra mais comum traduzida como "favor", é *hen*, "compaixão", "mercê", "favor" e "graça", da raiz *hānan*, "inclinar-se para", "sentir desejo", "ter misericórdia". "Favor também traduz outra palavra, *hesedh*, "amor" (Pv, 14.2) "misericórdia" (Pv 19.22), "benignidade" (Pv 20.6).

2.2 Não é minha mulher. A nação era freqüentemente chamada de esposa de Jeová, porque Ele a tinha escolhido para Si mesmo. Antes de prosseguir na descrição da infidelidade conjugal e da infidelidade, nacional, o profeta deixara vislumbrar algo da restauração final (1.10-2.1).

2.3 Aqui é a linguagem do Senhor falando à nação. Note-se que Oséias entendeu tão bem a lição profética daquilo que sofreu com a infidelidade da sua esposa, que a linguagem da idolatria nacional se mistura com a do adultério doméstico; e a disciplina imposta pelo marido à esposa confunde-se com a descrição do castigo que Deus impôs sobre a nação.

2.5 Sua mãe. Israel. *Meus amantes.* Os ídolos. A esposa correu atrás de amantes: a nação correu atrás do paganismo; ambas se arrependeriam. Este problema religioso era o mais sério em Israel; a maior parte do povo acreditava que era graças aos Baalins e aos deuses pagãos de Canaã que a terra era abundante em sua colheita (Jr 44.17-19n).

2.6 Cercarei. Os sofrimentos dos judeus, durante todos os séculos, mostram que nunca encontrarão a paz senão no plano de Deus (Jo 14.6).

2.11 Solenidades. Como por exemplo, a Festa dos Tabernáculos, que celebrava a viagem pelo deserto, e a colheita dos produtos da terra.

2.12 Devastarei. A Palestina ficou quase deserta durante séculos. *Paga.* As prostitutas dos templos pagãos recebiam uma parte da fêria, que era considerada uma bênção dos "baalins".

2.15 Vale de Acor. O vale em que Acã e sua família foram destruídos.

2.16 Meu Baal. *Ba'al*, em heb, quer dizer "senhor", "dono" e "marido". Tinha havido tanta adoração aos baalins, que agora Deus nem queria que existisse a palavra Ba'al no sentido inocente de "marido", que doravante passaria a ser designado pela palavra *'Ish*, "homem", "marido".

2.18 Aliança com as bestas-feras. Ver Isaías 11.6-9.

2.22 Jezreel. Esta palavra significa "Deus semeia"; Deus plantará Israel mais uma vez na sua própria terra, tão certamente como o espalhou. As relações entre Deus, os céus, a terra, o grão, o vinho e o óleo são íntimas. Os israelitas foram destinados a participar destas bênçãos decorrentes da obediência e fidelidade do povo.

2.23 Os nomes que Oséias deu aos seus filhos, tipificando o povo de Israel, eram reversíveis: Deus podia restaurá-los (cf. Rm 9.23-26).

3.1 Vai outra vez. Parece que seria a mesma mulher, já vendida para ser escrava, que Oséias iria buscar e resgatar (2). *Amigo.* Heb *rea'*, talvez "amante", da raiz *rā'âh* que, na forma aqui empregada, significa "entregar-se mutuamente a deleites". Há uma palavra desta raiz que significa simplesmente "amigo" (Pv 19.7); e da raiz *'āhabh* há outra palavra traduzida por "amigo" (Jr 20.4, 6).

3.3 Muitos dias. O amor verdadeiro não deixa de impor alguma disciplina. Se a referência é a Israel propriamente dito, já se passaram 2.600 anos de ser dissipado entre as nações; se é Judá, foram só 70 anos.

3.5 Davi, seu rei. Refere-se à vinda de Cristo, o filho de Davi (Mt 1.1). O nome de Davi ficou para os israelitas como símbolo de um reino unido, no qual haveria a verdadeira adoração de Deus.

4.4 A falta não estava tanto no povo, mas sim nos líderes.

4 5 Tua mãe. Israel no sentido de nação.

4.6 Teus filhos. Os israelitas eram como a prole dos seus líderes religiosos; se estes deram exemplo errado, puseram os filhos a se perder.

4.9 O sacerdote. Enriqueciam-se com as ofertas que o povo trazia para fazer expiação pelo pecado, usando o dinheiro para comprar vinho.

4.12 Pedação de madeira. Objetos feitos de madeira, que se adoravam como ídolos (cf. Is 44.14-15).

4.13 Sacrificam. Estes eram sacrifícios oferecidos aos deuses pagãos, cujos templos

eram freqüentemente altares feitos nas árvores ou nos cumes das montanhas. Muitos dos sacrifícios pagãos eram realizados com cerimônias imorais, um tipo de prostituição praticada nos lugares do culto pagãos, que era comum na antigüidade. Cria-se que, pelo princípio da magia de simpatias, isto ajudaria a fertilidade do campo. As mulheres envolvidas eram respeitadas como contribuintes para a prosperidade da comunidade.

4.14 *Prostitutas cultuais*. Heb *qedhshôth*, "separadas". "santificadas", mas não para o serviço de Deus, nem para a religião íntima, mas sim para os propósitos do paganismo (cf. a nota acima, v. 13).

4.15 *Gilgal*. Tinha sido uma cidade santa (Js 5.10; 1 Sm 10.8; 15.21). Tornara-se, então, um lugar de ídolos (Am 4.4; 5.5).

4.15 *Bete-Áven*. Significa "casa de perversão", e é o nome profético dado à antiga "Betel", que significa "casa de Deus", um dos mais antigos santuários israelitas, onde se adorava a Jeová.

4.16 *Vaca rebelde*. Não podia pastar ao léu, como as ovelhas.

4.17 *É deixá-lo*. Cf. Mt 15.14. *Ídolos*. Heb *'açabbn*, uma palavra mais rara, que também significa "tristezas".

4.19 *O vento*. Heb *rû'ah*, que se refere tanto ao vento, a um sopro de ar, como ao Espírito Santo; aqui se refere a adoração dos ídolos, ao espírito de Satanás; e ao vento político que soprará como punição: invasão que os assírios trariam, doze anos depois desta profecia, fazendo Israel deixar de existir como nação.

5.1 *Mispa... Tabor*. "Lugares altos" de destaque, onde o povo era levado a adotar o culto pagão.

5.5 Na época de Jeroboão II (782-753 a.C.), o reino do norte prosperou materialmente, e o povo não queria que a revelação da vontade divina viesse a interromper seu gozo da luxúria (Am 6.1-6).

5.6 *À procura do Senhor*. Embora venham procurá-lo com todos os seus sacrifícios, Deus sabe que não o estão buscando sinceramente. A magia pagã sonhava em forçar seres sobrenaturais a se revelarem e a obedecerem a quem os invocasse. Deus não se pode "conjurar" assim.

5.7 *Filhos bastardos*. As mães eram mulheres estranhas às promessas de Deus e os pais não ensinaram, aos filhos o conhecimento de Deus. A verdadeira prostituição é a apostasia; os filhos dos infiéis são bastardos (cf. 1 Co 7.14). *Lua Nova*, isto é, qualquer um dos próximos meses já trará consigo a invasão, a destruição da herança do povo.

5.8 *Cuidado*. Heb *'ah a reykãhã*, lit. "atrás de ti", um grito de advertência na guerra.

5.10 *Mudam os marcos*. Quem alterava os limites dos terrenos roubava uma parte principal do sustento diário da família roubada.

5.11 *Vaidade*. Heb *çav* uma forma rara da palavra *çô'âh*, "sujeira". A palavra normalmente traduzida por "vaidade" é *hebhel*, Ec 2.15n.

5.13 *Enfermidade*. Só o Deus de Israel poderia curá-la. Os problemas nacionais eram devidos à desconsideração de Israel para com Deus.

6.1 *Vinde, e tornemos*. É isto que os israelitas dirão ao se arrependerem (cf. o filho pródigo em Lc 15.18). Mais uma vez, Oséias interrompe a narrativa para apontar à restauração futura, 5.15-6.3.

6.3 *A sua vinda*. O arrependimento final de Israel será por ocasião da segunda vinda de Jesus (cf. Sl 110.3; Rm 11.26) A expressão *como a alva* pode ser traduzida por "conforme a busca" (heb *keshahar*), mostrando que a presença de Deus em nosso meio depende da sinceridade em se buscá-la. "Fala-se também no tempo certo para a volta de Cristo (Mc 13.32). *Chuva serôdia*. A estação de chuva na primavera (Jl 2.23n).

6.4 Oséias volta-se, então, para a situação que se lhe oferecia aos olhos.

6.6 O verdadeiro amor e o conhecimento de Deus são os alvos do culto religioso, e, portanto, são mais importantes do que os sacrifícios que simbolizam e preparam o coração para a comunhão com Deus.

6.9 Sacerdotes... matam. Não se refere necessariamente à morte física, mas a algo pior a falta de conduzir o povo ao verdadeiro Deus era levá-lo a perder a vida eterna (cf. Gn 3.4 e Lc 11.52). *Siquém.* Cidade de refúgio. Mas ali não havia mais refúgio, pois quem se refugia numa cidade sacerdotal seria treinado na idolatria. Naquela cidade, Simeão e Levi tinham matado muitos, por causa de o príncipe herdeiro da cidade ter desonrado a irmã deles (Gn 34.25-27).

6.10 Coisa horrenda. Heb *sha'arüriyyâh*, lit. "o arrepiar-se dos cabelos".

6.11 Ceifado. As punições preditas para Israel se aplicariam a Judá se esta não se arrependesse, ao ver o fim de Israel (cf. Ez 16.4.6-47).

7.3 Um rei indigno quer um povo indigno; a própria cerimônia da coroação tornou-se em festa indecente, em bebedeiras e carnaval, v. 5.

7.7 Forno. A impiedade de Israel se tornava cada vez pior, como um forno que ia se aquecendo cada vez mais; nesta época (743-735, a.C.) foram assassinados quatro reis de Israel: Zacarias, Salum, Pecaías e Peca (2 Rs 15.10, 14, 25, 30).

7.8 Pão. A fraqueza do seu caráter é como a fraqueza do pão assado de um lado só.

7.13 Remiria. O verbo aqui é *pâdhâh*, "libertar", "resgatar". A palavra mais comum, neste sentido, se descreve nas notas de Nm 35.12; Lv 25.28; Pv 23.11.

7.14 Aproximam-se de Deus por meio de práticas pagãs, achando que se deve adorar a Deus como a Baal com ritos de magia, para se obter boas ceifas. A heresia (falar mentiras contra Deus, v. 13) e a adoração dos ritos pagãos são rebelião contra Deus, e separam o homem da comunhão com Ele e da futura obra redentora do Senhor Jesus Cristo.

7.16 Repetiram os erros dos seus pais no Egito (Êx 5.21; 14.11-12).

8.1 Emboca. Para soar o alarme. *Ele vem.* O rei da Assíria, Salmaneser V que viria a sitiá Samaria em 722 a.C., deixaria a destruição final ao seu herdeiro, Sargom II (722-705 a.C.).

8.2 Nós... te conhecemos. Ver Mt 7.22-23. Este não é o conhecimento da fé, do amor, da obediência, da sabedoria que vêm de Deus.

8.3 O mal é o galardão dos que rejeitam o bem (Jo 3.18-21).

8.5 Bezerra. Um dos ídolos do Egito (Êx 32.4); a referência específica é aos bezerras de Jeroboão (1 Rs 12.25-33).

8.7 A lei de causa e efeito; *ventos* simbolizam vaidade (4.19).

8.9 Jumento. Heb *pere'*, formando um trocadilho com "Efraim". O "mercar amores" é uma expressão teológica que se reporta à deslealdade política às alianças internacionais que os israelitas tentaram formar.

8.10 O rei. O rei da Assíria já se considerava imperador, com o título de "rei dos reis", e os demais reis lhe seriam *príncipes*.

8.13 O sacrifício. Heb *habhhâbhai*, de uma raiz que significa "assar"; é a única ocorrência da palavra em toda a literatura hebraica. *Egito.* Veio a ser um sinônimo de cativo e escravidão. O resultado da idolatria seria escravidão ao pecado e aos estrangeiros.

9.1 Israel atribuía a riqueza das colheitas à influência dos ídolos locais, e agradecia a eles em vez de observar as festas de agradecimento prescritas na lei de Moisés, e.g., Dt 16.13-17.

9.3 Israel não podia comer carne sem primeiro oferecer parte da mesma no altar; mas no exílio não haveria altar, por isso todos os alimentos seriam impuros, conforme se vê em Ez 14.14-17, que descreve o cumprimento literal desta profecia, e mostra que o "*Egito*" é o Cativo.

9.4 Casa do Senhor. Para serem oferecidos a Deus antes de serem comidos; senão, os alimentos seriam ritualmente contaminados e, portanto, impuros.

9.5 Nenhuma das festas prescritas na lei se celebraria no cativo.

9.6 Mênfis. Uma cidade capital do Egito e lugar dos grandes túmulos.

9.7 Retribuição. Heb *shillem*, "pagar totalmente", "completar a justa recompensa", "liquidar o assunto". Desta raiz hebraica vem a palavra "paz" (2 Rs 4.26n), e "inteiro" (2 Cr 16.9n).

Insensato. Heb *'e wil*, "estulto", veja Pv 14.18n. Naquela situação de apostasia, o servo de Deus é que era tratado como se fosse um tropeço ou um "laço do passarinho" (v. 8).

9.10 *Uvas... primícias*. Frutas frescas num lugar onde estão em falta, ou numa época quando quase não existem, são um refrigério sem igual; assim tinha sido Israel para com Deus, no meio do paganismo da época.

9.11 *Concepção*. A prostituição "religiosa", praticada nos santuários cananitas, era considerada de efeitos fertilizantes.

9.13 *Tiro*. Aquela fortaleza regia o comércio do Mediterrâneo, mas por causa da sua idolatria foi reduzida a nada (cf. Ez cap. 26 e 27).

9.14 *Dá-lhes*. O melhor que o profeta Oséias pedia para um povo tão pecaminoso é que seus filhos nunca viessem a nascer ou a ser criados.

9.15 *Gilgal*. Gilgal, a leste de Jericó, fora o lugar da remoção dos pecados (Is 5.2-9), mas é só verificar o que depois se praticava naquela região para logo se perceber que os israelitas resolveram retomar a eles (1 Sm 8.7; 11.14, 15; 13.8-14). Tornou-se um centro de ídolos (Am 4.4 e 5.5). *Minha casa*. Significa a família do povo escolhido de Deus, a descendência dos israelitas. Conforme vemos em Ez 3.4, esta descendência ficou reduzida até se referir apenas aos restantes da tribo de Judá que foram levados para o Cativeiro na Babilônia.

9.17 *Errantes*. É a punição aplicada ao assassino Caim (Gn 4.12).

10.1 *Segundo a abundância*. Quanto mais ricos se tornaram, mais ídolos fizeram para agradecer às divindades dos pagãos. *Colunas*. Heb *maççebhôth*, da raiz *nâçabh*, que significa "ficar de pé". É o equivalente de "poste-ídolo" (2 Cr 14.3), mas aqui se escolhe esta palavra hebraica para fazer rima com *mizbehôth*, "altares".

10.3 *O rei*. Deus tirou os reis que o povo havia exigido: o trono sem justiça e sem o temor de Deus já não tem mais motivos para permanecer.

10.5 *Bete-Áven*. A referência a Betel é clara (4.15n). *Áven* é a transliteração da palavra hebraica traduzia por "iníquo" em Pv 17.14n. No v. 8 embaixo, a cidade chama-se apenas Áven.

10.10 *Dupla transgressão*. A tradução literal seria "atrelados aos seus dois anéis". A frase traduzida por "por causa de" é *be'âsrâm* "ao serem ligados". Israel e Judá seriam levados ao cativeiro, como dois jumentos forçados a lavrar o campo no lugar onde chegassem e estivessem. Como se profetiza no versículo seguinte, o cativeiro seria um tempo de escravidão, de pesados trabalhos forçados.

10.2 *Misericórdia*. Heb *hesedh*, a palavra-chave da visão do profeta, daquilo que Oséias aprendeu do seu amor para com Gômer. Através do seu lar, Oséias aprendeu sobre este amor de Deus que busca o pecador, transformado pela disciplina, para restaurar à plenitude da glória (2.2-23; Rm 8.28-30). A palavra fala de bondade para com os aflitos e necessitados, da boa vontade, da abnegação, e da graça. Em 2.19, *hesedh* se traduz por "benignidade". Em 4.1; 6.4; 12.6, se traduz por "amor", virtude que se requer do povo. Em 6.6 se traduz por "misericórdia" como sacrifício espiritual aceitável, é em 10.12 a "misericórdia" é considerada como o fruto da justiça. Veja também as notas de Pv 19.22; 20.6.

10.13 Esta verdade, com o apelo do v. 12, se resume em Gl 6.7-9.

10.14 *Bete-Arbel*. Identificada com Arbel, na Galiléia, a 7 km de Tiberíades, cruelmente destruída por Salmaneser IV, imperador da Assíria, um predecessor do Salmaneser V (727-722 a.C.), que conquistou Samaria no fim do seu reinado (2 Rs 17.3). O nome da cidade significa: "Casa da Cilada de Deus".

10.15 Serão punidos por causa das suas práticas junto ao santuário do bezerro de ouro.

11.1 *Israel*. O contexto, aqui, está se referindo à nação, mas o Senhor Jesus Cristo identificou-se com Israel de tal modo que Deus diz as mesmas coisas a respeito de ambos (cf. Mt 2.15). Esta era uma maneira pela qual os profetas bíblicos falavam, e escreviam, dando, às vezes, dois significados às suas palavras. O Espírito Santo, utilizou

este costume para mostrar em forma de figuras os eventos futuros, ao falar dos atuais. Israel é descrito como o primogênito de Deus em Êx 4.22. *Amei*. O amor de Deus para com Israel capacitara essa nação a ser o "porta-jóias" da humanidade, no tocante às coisas da revelação divina.

11.2 *Os chamava*. Os profetas chamavam o povo ao arrependimento (v. 7).

11.3 *Ensinei a andar*. Deus ensinou o seu povo a se comportar, da mesma forma que os pais aqui na terra ensinam aos filhos como dar os primeiros passos.

11.5 Isto comprova que as expressões em 8.13; 9.3, 9.6 não se referem ao Egito em si, mas sim é uma figura do cativo (Cf. Dt 17.16).

11.8 *Admá... Zeboim*. Duas cidades destruídas como Sodoma e Gomorra.

12.1 *Apascenta o vento*. Efraim sempre foi dado à vida pastoril. O pecado, porém, que está se desenvolvendo com tanta aceitação, ser-lhe-á como o siroco, o vento destruidor do Sudeste (da Arábia), *O azeite*. O tributo, em forma de riqueza natural.

12.4 *Chorou*. Ou seja, "tinha chorado" antes desta experiência inspiradora (Gn 28.17; 32.11).

12.6 Veja a declaração semelhante em 6.8; Is 1.11.13; Jr 7.22-23; Mq 6.6-8.

12.7 *Mercador*. Heb *cena'n*. Escolhe-se deliberadamente esta palavra bem rara, por ser a mesma que deu origem ao nome cananeu. Isto quer dizer que Israel adotou os costumes pagãos do comércio de um país cujos habitantes Deus mandou extirpar. Agora Israel, no seu coração, se tornara cananeu.

12.8 É o desafio do comerciante desonesto que sabe burlar os fiscais. Uma situação semelhante na vida espiritual se descreve em Ap 3.17.

12.9 *Desde a terra do Egito*. Quer dizer: desde a época do Êxodo. *Festa*. A Festa dos Tabernáculos, que celebrava a marcha pelo deserto para chegar a terra prometida (Lv 23.33-44), na época da ceifa.

12.10 *Símbolos*. Tipos e ilustrações todos eles recursos didáticos pelos quais se pudesse advertir ao povo, mas, sem ter havido resultado (cf. Mc 4.33-34; Jo 12.37-43).

12.13 *Profeta*. Moisés, como tipo de Cristo. O versículo mostra que o povo deveria ter tido mais respeito para com os profetas, mas que, mesmo assim, Deus ainda podia levantar outro profeta no cativo.

13.1 A tribo de Efraim tinha grande influência política e comercial... mas só enquanto vivia dentro da lei de Deus, longe da corrupção do paganismo cananita e da adoração a Baal.

13.2 *Homens até beijam bezerras!* A homenagem a reis e outros, demonstrada por um beijo, era comum; aqui o mesmo se dá com os ídolos.

13.3 *Janela*. Um buraco no teto, que seria como chaminé.

13.4 *Senão eu*. Veja as referências em Is 43.11 e 45.21-22.

13.6 Era justamente contra esta atitude que Moisés advertiu os israelitas antes de herdarem a Terra Prometida (Dt 8.11-12).

13.14 *Arrependimento*. Heb *nōham*, "consolação", "conforto", "dó". Deus tem poder para invocar e usar os poderes da morte eterna, quando é o caso (como aqui), mas também tem poder para vencê-los (1 Co 15.51-57 - onde Paulo revela que Deus usará este poder em prol do crente). Espiritualmente, o reino do norte era como um nenê rebelde, desde a época da sua independência; não havia vida, nem crescimento.

13.15 *Vento leste*. O siroco, que queima, representa aqui a Assíria.

13.16 *Seus filhos serão despedaçados*. Não podemos supor que Deus se deleite em tais horrores. É o pecado, e não Deus, que causa tais coisas. Deus vê o pecado, contudo, de uma maneira pela qual nós não temos capacidade de vê-lo. No começo, Deus ordenou que o pecado traria consigo a sua própria condenação. Precisamos, portanto, colocar a culpa dos horrores da guerra (por exemplo), não em Deus, mas na existência do pecado no mundo, e no fato de os homens amarem mais o pecado do que a Deus.

14.1 O segundo grande apelo à conversão (vv. 1-3; cf. 5.15-6.3). *Para o Senhor, teu Deus*. O apelo é para que se volte a Deus enquanto Ele se revela pelo Seu Nome

gracioso: Jeová (Senhor), antes que seja o Deus do julgamento, *'elôhim*, o Criador. Da mesma maneira, devemos nos converter a Jesus, o Bom Pastor, antes que venha a sei o juiz da terra.

14.2 *Os sacrifícios dos nossos lábios.* Está é mais uma expressão para o fato de que, passadas as cerimônias, ficará a verdadeira adoração que é a oração, o louvor, a gratidão, o amor e a dedicação, alimentados pela fé e externamente expressos pelas boas obras (cf. Sl 69.31).

14.3 Promete-se aqui que Israel vai abandonar seus três pecados mais constantes 1) A politicagem internacional; 2) A dependência da força carnal, símbolo do justificar-se a si mesmo, o farisaísmo; 3) A idolatria. Reconhece-se que o pecador é um órfão que depende da graça de Deus.

14.4 A resposta divina seque-se imediatamente. após a oração da fé (Sl 116.4-8). A *Infidelidade*, a falta de fé e de obediência, é a primeira doença espiritual e mental a ser curada, para restaurar a comunhão com Deus; depois há livre caminho para o amor de Deus em nossa vida.

14.5 A linguagem da restauração é igual à linguagem da apostasia anterior; fala-se das bênçãos naturais que os pagãos atribuíam a Baal.

14.9 A Palavra de Deus parece ser um fardo para aqueles que escolhem as trevas, mas é o sustento daqueles que querem lê-la, nela crer, e viver segundo os preceitos do Senhor. Jesus é o alicerce dos fiéis, e a pedra de tropeço dos que não O aceitam (Mt 21.42-44). •

N. Hom. O cap. 14 oferece-nos um quadro encorajador - Israel volta-se para Deus para sua terra e para as bênçãos que se seguem, tais como somente o amor de Deus pode oferecer. Poderia Oséias ter escrito assim depois de todas aquelas mensagens? Sim, sua compreensão do amor de Deus tornaria isso possível a ele.

Joel

Análise

Uma invasão de gafanhotos havia devastado a terra de Judá. Quando Joel, filho de Petuel, meditava sobre essa calamidade, a Palavra do Senhor veio a ele. Joel se transformou em um grande profeta, proclamando ao seu povo o que subjazia, envolvido por Deus, naquela catástrofe. O livro que traz o seu nome registra o sermão de Joel nessa ocasião.

O profeta descreve a praga em termos de um exército humano que, locomovendo-se sempre, deixa para trás a terra crestada (1.4-12; 2.2-10). Nesse ataque de insetos, Joel compreende que Deus estava operando. De fato, aquele era o exército de Deus (2.11), e o dia de sua invasão é o Dia do Senhor - o dia do julgamento de Deus contra, um povo pecaminoso (1.15; 2.1, 11). O profeta exorta o povo a arrepender-se, e estende a esperança de que Deus suavizará e retirará o julgamento (1.14; 2.12-17).

Evidentemente o ministério de Joel foi mais bem sucedido do que o de muitos de outros profetas, pois a condescendência de Deus (2.18-27) indica que o povo se arrependeria. "Mas o exército

que vem do norte (isto é, os gafanhotos), eu o removerei para longe de vós... Restituí-vo-ei os anos que foram consumidos pelo gafanhoto migrador..." (2.20, 25). Essa é a certeza dada pelo profeta em nome de Deus.

O sermão de Joel, porém, ainda não estava terminado. Julgamentos mais severos aguardavam o mundo que não queria reconhecer a soberania de Deus nem aderir aos comuns padrões éticos das nações pagãs (3.2b-8). Deus concederá graciosamente o Seu santo Espírito a todo o Seu povo (2.28, 29), mas as nações gentílicas serão julgadas e castigadas (3.1, 2, 9-16). Dessa ira é que o povo de Deus será liberto (2.32). Então Judá e Jerusalém tomar-se-ão maravilhosamente prósperos e serão eternamente bem-aventurados com a presença divina (3.8-21).

Nesses termos é que Joel expressou a esperança humana e a promessa divina de que Deus, soberano em Seu mundo, ainda fará com que Sua vontade seja feita na terra, assim como é feita no céu. Os reinos deste mundo se tornarão "de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (Ap 11.15).

Autor

Sobre Joel, filho de Petuel, quase nada se conhece de definido. Joel significa "o Senhor é Deus", e era um nome hebraico bem comum nos tempos do Antigo Testamento. As muitas referências de Joel a Jerusalém (1.14, 2.1, 15, 32; 3.1, 6, 16, 17, 20, 21) parecem indicar que ele nasceu nessa cidade.

Não se pode precisar a data da praga de gafanhotos que forma o pano de fundo desse livro. As autoridades diferem muito em suas opiniões a respeito da data da obra, pois alguns argumentam em favor de uma data antiga (talvez durante o reinado de Joás, perto do término do nono século a.C.); outros, porém, preferem uma data pós-exílica. O fato de que a praga de gafanhotos é chamada de "dia do Senhor" (frase essa empregada em tempos posteriores para designar o dia do juízo final) e o fato de que o livro foi colocado perto do início dos Profetas Maiores, parecem indicar que a data mais antiga é a mais provável. A mensagem do livro não está na dependência de sua data, e continua relevante para as atuais gerações.

Esboço

A PRAGA DE GAFANHOTOS E SUA REMOÇÃO, 1.1-2.27

Praga de Gafanhotos, 1.1-20

O Povo é Exortado ao Arrependimento, 2.1-17

Deus se Apieda e Promete Alívio, 2.18-27

O FUTURO DIA DO SENHOR, 2.28-3.21

O Espírito de Deus será Derramado, 2.28-32

O Julgamento das Nações, 3.1-17

Bênção sobre Israel após o Julgamento, 3.18-21

1.1 Joel. O nome significa "Jeová é Deus". Pensa-se que este profeta ministrou na época quando o rei Joás era menor de idade; e Atalia era regente por usurparão (841-835 a.C., 2 Rs 11.1-3). De uma grande invasão de locustas vista pelo profeta Joel conseguiu visualizar o que seria a invasão pelos exércitos inimigos. Como acontece com muitos profetas, a realidade atual e física e o futuro profético descrevem-se com uma só linguagem (Os 2.3n).

1.4 Gafanhoto. Dos nove nomes usados para o gafanhoto no texto hebraico do Antigo Testamento, quatro encontram-se aqui; veja Lv 11.22n. A Palestina teve experiências semelhantes e igualmente terríveis como as descritas aqui nos anos 1915 e 1928.

1.8 Marido. O jovem noivo com o qual a moça está comprometida por meio da família já tem o título de marido (cf. Mt 1.18).

1.9 Cortada. As nuvens de gafanhotos arruinaram a colheita, interrompendo as ofertas diárias regulares (Êx 29.4-6; Nm 15.5-7; 28.7-9).

1.14 Assembléia solene. Heb *'açarâh*, lit., "interrupção", da raiz *'ãsar* "encerrar", "deter", "reter". Era esta uma época durante a qual o povo era constrangido a interromper todas as suas atividades individuais a fim de atender ao interesse religioso público.

1.15 Dia do Senhor. Desde as épocas mais antigas de pensamento dos israelitas, havia uma expectativa da intervenção de Deus de maneira dramática e visível, na vida deste mundo. A idéia popular era de que Deus, naquele *dia*, submeteria as nações da terra ao povo de Israel, mesmo que os israelitas não estivessem cuidando de viver perto de Deus, mas Amós mostrou que a presença de Deus entre seu povo desobediente seria um

momento de julgamento (Am 5.18-20). Cf. também Is 2.12-13; Ez 13.5; Sf 1.7, 14; Zc 14.1. A justiça e a soberania de Deus também virão em julgamento sobre as nações, de um modo geral, naquele dia: Is 13.6, 9; Jr 46.10; Jl 2.31; 3.14. No Novo Testamento, o sentido do *Dia do Senhor* revela-se plenamente na doutrina da segunda vinda de Jesus Cristo (1 Co 1.8; 5.5; Fp 1.6; 2.16). Esse dia, de qualquer modo, significa socorro e justificação para os que pertencem a Deus, e condenação para os que viverem afastados de Deus.

1.16 Mantimento. A palavra é *'ōkhel*, "comida", mas não se refere somente à alimentação do povo. Refere-se, também, ao sustento do templo, do culto religioso e dos sacrifícios, conforme se vê em MI 3.10 (onde a palavra "mantimento" traduz o heb *tereph*, "presa", "comida").

1.19 Pastos do deserto. Quer dizer "campos não cultivados" (Êx 3.2).

2.1 Trombeta. Heb *shophar*, da raiz *shāphar*, "ser agradável", "brilhante"; era uma trombeta comprida de som doce e agradável, diferente do *qeren* (que é uma palavra que significa "chifre", o qual, normalmente, serve para se fabricar trombetas). As trombetas de prata batida mencionadas em Nm 10.2 têm outro nome hebraico: *haçôçerâh*, e existia outro tipo para o jubileu, chamado *yôbhel*, Lv 25.11n. *Terra.* No Dia do Senhor as demais nações serão julgadas bem como Israel.

2.2 Povo. Heb *'am*, uma coletividade, um povo, um homem comum, uma nação, aplicável neste caso às locustas, e aos invasores que prenunciavam. Em 1.6 a palavra "povo" traduz *goy*, que quer dizer "nação", "nação estrangeira" e, portanto, "gentio", mas em Pv 30.25, 26 aplica-se à raça, família ou gênero das formigas e dos arganazes.

2.7-9 Correr sobre os muros também é uma possibilidade para invasores humanos, já que os muros orientais eram largos como estradas (Ne 12.31-38).

2.10 Treme a terra. Em Ap 8.12, João descreve o mesmo evento; dá-nos alguns pormenores, e João fala-nos dos outros.

2.11 Seu exército. Primariamente, refere-se às locustas que obedecem ao plano divino; profeticamente é a hoste do Senhor a executar Seu julgamento sobre o mundo rebelde. Comp. a cena paralela descrita em Ap 19 e em Zc 4.

2.12 Agora. Um último apelo ao arrependimento antes do castigo.

2.17 Onde está o seu Deus? Cf. os escarnecedores, em Sl 42.10.

2.19 Cereal... vinho... óleo. Estas palavras representam a totalidade do sustento alimentício: os amidos, as vitaminas e a proteína, os produtos mais típicos da terra, produzindo a comida, a bebida e o combustível (o óleo que também serve como unguento).

2.20 O exército que vem do Norte. A maior parte dos invasores de Israel vieram, e virão, do Norte, (cf. Ez 38.6, 15). *Mar oriental.* O mar Morto (cf. Ez 47.18). *Mar ocidental.* O Mediterrâneo (cf. Dt 11.24). Os gafanhotos que invadem a Palestina são freqüentemente levados pelos ventos fortes; este versículo descreve a maneira das invasões de gafanhotos, mas as direções se referem a movimentos humanos.

2.21 Terra. Heb *'a dhāmâh*, o solo vermelho, do qual foi feito o homem, heb *'ādām*, que é o nome do primeiro homem, Adão. Trata-se aqui do solo fértil invadido pelos gafanhotos, já que a palavra "terra" no sentido de país nação ou território é *'ereç*, em heb.

2.23 A chuva temporal e a serôdia. Havia sempre duas estações chuvosas na Palestina, a primeira em outubro, que preparava a terra para o cultivo, e a segunda em abril, que dava às plantas a força necessária para produzir frutos que amadurecem com o sol do verão. O contexto nos dá a entender que Deus já havia interrompido esta seqüência, mas que a restauraria na época da volta dos israelitas à sua terra. Veja Lv 26.4; Dt 11.14, 17; 1 Rs 8.35, 36.

2.28 Depois. A expressão heb *'aharê-khen*, refere-se a época messiânica, e é equivalente a "nos últimos dias", conforme se interpreta em At 2.17. Refere-se à vinda de Jesus Cristo (cf. 1.15n).

2.32 *Todo aquele que invocar o nomeio Senhor será salvo.* A plenitude do significado desta expressão vê-se no NT, onde se lê que qualquer pessoa que crê no Senhor Jesus Cristo já tem a salvação eterna (Rm 10.13; Jo 3.16). *Os sobreviventes.* O verdadeiro remanescente de Israel; durante toda a história deste povo tem havido aqueles que permaneceram fiéis ao Senhor no meio da incredulidade nacional. Veja a promessa maravilhosa de sobreviventes que se voltarão para a seu Messias, Jesus Cristo (Rm 11.26).

3.1 *Naqueles dias.* A época messiânica que e vislumbra no futuro distante. *Mudarei a sorte.* A volta dos judeus, em grande escala, para a Palestina pode ser um sinal da proximidade da volta do Senhor à terra (Jr 29.14n).

3.2 *Vale de Josafá.* A planície do Armagedom. O nome significa "Jeová julgou", e só em Joel se emprega o mesmo para descrever este vale (cf. 3.12). *Entrarei em juízo.* A última guerra mundial não mais sucederá para resolver quais nações ou homens dominarão a terra; será uma questão de julgamento entre Deus e os homens. O resultado terminará com o domínio de Jesus Cristo, plenamente homem e plenamente Deus (cf. 1 Co 15.25; 1 Tm 3.16).

3.4 *As regiões do Filístia.* As cinco cidades dos filisteus (1 Sm 6.17) ficaram nas planícies no sudoeste da Palestina.

3.8 *Sabeus.* Comerciantes conhecidos (cf. Ez 28.22), da terra de Sabá, cuja rainha visitara ao rei Salomão (1 Rs 10.1-13).

3.9 *Apregoai guerra santa.* Esta é a vocação de Joel (3.2), de Zacarias (Zc 14.2) e de João (Ap 19.19).

3.10 *Forjai espadas.* As profecias de Is 2.4 e de Mq 4.3, o inverso desta, só se podem cumprir depois de passar todas as guerras e tribulações que se profetizam aqui e em tantos outros trechos da Bíblia. Só quando Cristo, o Príncipe da Paz, reinar, poderá haver a paz final, e isto só depois de muitas angústias (Lc 21.7-24).

3.11 *Os teus valentes.* As hostes do Senhor (cf. 2.11n).

3.13 *Foice.* Esta figura representa o povo pecaminoso como videiras no vinhral, prontas para serem ceifadas (cf. 14.9).

3.14 *Vale da Decisão.* É o vale de Josafá (cf. 3.2n), cena da batalha final que decidirá quem governará o mundo, o Deus-Homem Jesus Cristo, ou Satanás, através do homem do pecado (cf. 2 Ts 2.3, 9).

3.17 *Estranhos.* As numerosas nações gentias que ocuparam a cidade.

3.18 *O vale de Sitim.* O vale profundo no qual se acha o mar Morto.

3.19 Cf. a profecia mais completa de Obadias (vv. 8-18).

Amós

Análise

A tonalidade da mensagem de Amós é estabelecida pela grande proclamação feita no início de sua profecia (1.2). De Sião a voz do Senhor, como o rugir de um leão, será ouvida a proferir juízo. Por debaixo da película respeitável de prosperidade material, Amós desvenda a massa decadente de formalismo religioso e de corrupção espiritual (5.12, 21). Ele salienta a total desconsideração para com os direitos e a personalidade humanos (2.6), e destaca a deterioração da moralidade e da justiça social (2.7, 8). O profeta tinha um remédio para a enfermidade que ameaçava a vida da nação. Que os homens buscassem ao Senhor, que se arrependessem e estabelecessem a justiça, e, assim, viveriam (5.14, 15). Porém, para frisar a desesperadora situação do caso Amós adverte que os responsáveis pelos males na terra não se "entristeciam" com o desastre iminente (6.6) Conseqüentemente, nada restaria para Israel senão a destruição (9.1-8). O Dia do Senhor não seria dia da vindicação de Israel, como algumas pessoas pensavam, mas antes, uma asseveração das reivindicações do caráter moral de Deus contra aqueles

que O haviam repudiado. Somente quando isso fosse reconhecido é que seria estabelecido o resplendor do Reino Davídico. Mas aquele Dia era inevitável (9.11-15). A mensagem de Amós consiste principalmente em um "clamor pela justiça".

Autor

Nativo de Tecoa, lugar cerca de 19 quilômetros ao sul de Jerusalém, Amós fora um pastor e tratador de sicômoros (figos) (1.1; 7.14, 15). Quando liderava o rebanho, a chamada de Deus ao ministério profético foi ouvida por ele, e, profetizou no reino do norte por um breve período, na segunda metade do reinado de Jeroboão II (785-744 a.C.), rei de Israel, e durante o reinado de Uzias (780-740 a.C.), rei de Judá (1.1).

Esboço

PROFECIAS CONTRA AS NAÇÕES, 1.1-2.16

Título e Proclamação, 1.1,2

Acusação contra Nações Circunvizinhas, 1.3-2.3

Acusação contra Judá, 2.4,5

Acusação contra Israel, 2.6-16

TRÊS DISCURSOS CONTRA ISRAEL, 3.1-6.14

Declaração de Juízo, 3.1-15

Depravação de Israel, 4.1-13

Lamentação pelo pecado e Condenação de Israel, 5.1-6.14

CINCO VISÕES SIMBÓLICAS SOBRE A CONDIÇÃO DE ISRAEL, 7.1-9.10

Gafanhotos Devoradores, 7.1-3

Chamas de Fogo, 7.4-6

O Prumo, 7.7-9

Interrupção de um Sacerdote, 7.10-17

O Cesto de Frutas Maduras, 8.1-14

O Senhor, do Altar Inflige o Castigo, 9.1-10

PROMESSAS DE RESTAURAÇÃO A ISRAEL, 9.11-15

1.1 Amós. O nome é considerado uma forma familiar de Amasias (cf. 2 Cr 17.16). Profetizou entre 765 e 750 a.C., no norte, completando seu ministério uns dez anos antes de Isaías começar a profetizar no sul, em Judá. Não é, porém, o Amoz que se registra como o pai de Isaías (Is 1.1), o nome é diferente no heb Tecoa. Uma cidadezinha que se situava 8 km ao sul de Belém, em Judá. *A respeito de Israel.* Isto foi escrito pouco antes do tempo em que as dez tribos do norte (Israel) foram levadas ao cativeiro.

1.2 Sião. Ou Jerusalém, a cidade onde se situava o templo de Deus. *Carmelo.* Uma bela montanha junto ao mar, extremamente abundante em pastagens, oliveiras e vinhedos, que aqui simbolizam a prosperidade.

1.3 A expressão "três ou quatro" significa "muitos e vários". *Damasco.* Capital da Síria, poderoso reino ao norte de Israel. *Trilharam a Gileade.* Ver 2 Rs 13.7.

1.4 Ben-Hadade. Filho de Hazael, rei em Damasco.

1.5 Da Síria será levado. Profecia cumprida em 732 a.C., quando Tiglate-Pileser III levou o povo de Damasco ao cativeiro em Quir (2 Rs 16.9). Quir é o lugar de onde vinham os arameus ou sírios (9.7). *Biqueate-Áven.* "Vale da Iniquidade". *Bete-Éden.* "Casa da luxúria".

1.7 Fogo. Esta profecia cumpriu-se no reinado de Ezequias (2 Rs 18.8).

1.8 Filisteus. Esta nação dividia-se em cinco cidades: Gaza; Gate, Asdode, Ascalom e Ecom. Depois da invasão mencionada no v. 7n, os filisteus ainda foram reduzidos por Psamético, do Egito, e pelos exércitos de Alexandre Magno.

1.9 Tiro. Grande cidade marítima, cujo rei, Hirão, tinha feito aliança com Davi (1 Rs 5.12).

Agora estava vendendo escravos hebreus.

1.10 *Meterei fogo.* Tiro foi terrivelmente assaltada durante 13 anos, pelo rei Nabucodonosor da Babilônia, entre 532 e 570 a.C. e destruída por Alexandre Magno em 332 a.C.

1.12 *Temã... Bozra.* Duas cidades de Edom, que representam a nação.

1.13 *Amom.* Amom e Moabe (2.1) receberam os seus nomes e descendência das duas filhas de Ló, formando antigos reinos a leste do Jordão. O propósito do ato desumano de Amom, descrito aqui, era deixar Israel sem defensores para o caso de uma futura invasão; assim os amonitas esperavam estender seus termos à custa dos israelitas.

1.14 *Rabá.* A capital de Amom, a única cidade amonita mencionada na Bíblia.

2.1 Algo desta luta se descreve em 2 Rs 3.5-27. As rivalidades se desenvolveram a tal ponto que, não havendo possibilidade de conseguir prender ou matar o rei inimigo, abriu-se o túmulo de um rei morto, para o ultrajar profanando seus ossos.

2.2 *Queriot.* Capital de Moabe e centro do culto a Camos.

2.4 *Judá.* Os pecados nacionais dos povos vizinhos foram denunciados por Amós neste grande discurso público feito em Betel; agora chega a vez da nação gêmea, antes de se tratar da própria nação de Israel, dos próprios ouvintes de Amós que até então estavam gostando da mensagem. Este discurso introdutório (1.1-2.16) abriu o caminho à verdadeira mensagem de Amós: o apelo à nação do norte.

2.5 *Jerusalém.* A história subsequente de Jerusalém contém uma série de invasões: cercada por Senaqueribe em 710 a.C., dominada pelo Faraó Neco em 610, foi destruída por Nabucodonosor em 587. Depois do Cativo na Babilônia, seguido pela restauração do templo e da cidade, Jerusalém foi capturada por Ptolomeu Soter em 320 a.C., e em 170 suas muralhas foram arrasadas por Antíoco Epifânio. Em 63 a.C. foi tomada por Pompeu, e finalmente no ano 70 de nossa era foi totalmente destruída pelos romanos.

2.8 *Roupas.* As roupas dos pobres eram peças quadradas de tecido, que serviam como cobertas, à noite. Aqui, os credores estão exigindo até as vestimentas necessárias para a sobrevivência, em penhor pela dívida. Segundo a lei, as roupas deveriam ser restituídas ao seu dono antes do pôr-do-sol (Êx 22.26). *Vinho dos que foram multados.* O dinheiro injustamente recolhido dos pobres gastava-se na compra de vinho para as festas imorais.

2.9 *O amorreu.* Uma tribo de Canaã, talvez a mais adiantada, simbolizando aqui todos os tipos de habitantes originais de Canaã, cuja pujança era semelhante à das árvores que cresciam na sua terra.

2.13 A linguagem de Amós é a linguagem do pastor e do fazendeiro; Amós demonstra que Deus chama todo e qualquer tipo de homem para cumprir sua tarefa.

2.15 Sem harmonia com a vontade de Deus, nenhuma escapatória terá êxito.

3.1 *Toda a família.* As doze tribos, agora divididas entre duas nações.

3.2 *Somente a vós outros vos escolhi.* O fato de Deus ter escolhido a Israel (Dt 7.6-8; Êx 19.5-6), de ter-lhe dado o sacerdócio e a lei, tornou o povo duplamente responsável perante Deus; por isso o amor de Deus se revelou em julgamento e disciplina.

3.3-6 Estas perguntas simples demonstram que, assim como a gente usa da lógica para perceber as verdades da vida natural, assim também, na vida espiritual, deve-se ver que a desgraça é o resultado do pecado.

3.7 Este versículo revela que os profetas são pessoas que sabem discernir os sinais dos tempos, perceber a vontade e o propósito de Deus com a mesma lógica revelada nos vv. 3-6, e depois levar estes conhecimentos como mensagem divina ao povo. Quem quiser fazer esta obra, hoje tem a Bíblia para o guiar no conhecimento da natureza divina.

3.9 *Asdode.* Uma cidade dos filisteus, para: onde a arca foi levada, quando caiu nas mãos dos mesmos depois da derrota do exército israelita (1 Sm 5.1-8). juntamente com o Egito, representam as nações pagãs que já perseguiram o povo de Deus, mas que, sendo menos pecaminosas do que o Israel pervertido, serviriam como testemunhas das maldades que se praticavam em Samaria, capital de Israel naquela época.

3.11 *Um inimigo.* Os assírios que cumpriram a profecia (cf. 2 Rs 17.18).

3.12 *Um pedacinho.* Um pastor mercenário tinha o dever de apresentar, provas concretas, caso uma ovelha tivesse sido despedaçada por algum animal selvagem; senão, a perda lhe seria cobrada como se a ovelha lhe tivesse servido de refeição. Assim também, os restos de Israel seriam suficientes apenas para comprovar que a nação tinha existido antes da invasão.

3.14 *Altars de Betel.* Betel foi um centro de adoração de ídolos, depois que Jeroboão I havia colocado um bezerro de ouro em Dã e outro em Betel (1 Rs 12.25-33). Foi para lá que Amós levou a sua mensagem.

4.1 *Vacas de Basã.* Basã, região a leste do Jordão, era famosa por suas ricas pastagens e fino gado; os touros de Basã eram fortes de aspecto, Sl 22.12. Amós não estava falando somente aos "tousos", aos governantes e líderes da vida social e civil de Israel, mas também às esposas que, com suas exigências e ambições dispendiosas, estavam levando os maridos a praticar injustiças para satisfazer aos seus caprichos cobiçosos de obter mais e mais lucro e poder.

4.3 *Pelas brechas.* As muralhas da cidade seriam estragadas pela invasão, e pelas brechas arrastar-se-iam as mulheres orgulhosas, levadas ao cativeiro como se leva uma manada de vacas. *Harmom.* Este nome não consta como cidade até agora conhecida; pode ser uma forma da palavra Armênia, ou pode ser traduzido por "para o palácio".

4.4 *Betel... Gilgal.* Eram lugares de memórias sagradas (Gn 12.8, 13 e Js 4.24; 5.10). Agora se tornaram lugares de idolatria.

4.6 *Dentes limpos.* Pouco para se comer. Na falta de arrependimento, a seca (vv. 7 e 8), o crestamento (v. 10) e o fogo (v. 11) seriam acrescentados para fazer o povo ver seu erro cometido ao desobedecer a Deus.

4.11 *Subverti.* Os avisos amigáveis que Deus empregava para advertir aos israelitas, que sua prosperidade dependia dele (vv. 6-9), não despertaram a consciência daquele povo endurecido; daí a necessidade de começar um julgamento semelhante ao que se pronunciou sobre Sodoma, para que a simples memória desse tal julgamento impedisse o povo de entrar mais profundamente no pecado. Cf. Zc 3.2 e Is 1.9.

4.12 *Prepara-te.* Embora todas as ações disciplinadoras tivessem falhado, Deus ainda amava o Seu povo escolhido, e, antes de infligir-lhe o último e pior julgamento, solenemente o advertiu para que se preparasse a se encontrar com Ele.

5.1 *Como lamentação.* O versículo que se seque expressa-se na língua original, segundo o ritmo das canções entoadas nos enterros.

5.2 *Virgem.* Israel, desde o Êxodo, nunca mais sofrera o jugo de estranhos.

5.3 *Saem mil.* É o número de guerreiros que a cidade levantou.

5.5 *Passeis a Berseba.* A cidade era um lugar de santuário já no tempo de Jacó (Gn 46.1); e visto que ficava no sul de Judá, as pessoas que estavam mais interessadas em procurar santuários físicos do que desejar a comunhão com Deus no coração teriam de atravessar fronteiras estrangeiras. *Cativa.* Heb *gālōh*, do verbo *gālāh*, "descobrir", "remover", "emigrar", "ir para o cativeiro". A própria *Gilgal* recebeu seu nome de um verbo semelhante, *gāla*, "rolar", "revolver para fora" (Js 5.7), daí o trocadilho na língua hebraica. Outro trocadilho se vê na palavra *nada* que aqui interpreta 'āwen', "vaidade", "nada", "iniquidade" (Pv 17.4n); Betel passa a ser Bete-Áven, a "casa de Deus" se usa como "casa da iniquidade" (cf. Lc 19.46).

5.6 *Casa de José.* As tribos de Efraim e Manassés, filhos de José (Gn 41.50-52). Estas tribos grandes representam Israel inteiro.

5.7 *Alosna.* Esta erva de sabor amarguíssimo representa a amargura sofrida pelas pessoas que pleiteiam em vão uma causa justa.

5.8 *Sete-estrela.* São as Plêiades, constelação que, juntamente com a *Órion*, mais se destacam num céu estrelado, e demonstram o poder de Deus.

5.9 A nação de Israel achava-se forte, mas sucumbiria ao inimigo.

5.10 Na porta. A entrada da cidade, onde se reuniam os anciãos para tratar de queixas, apelos, comércio, política e lei local.

5.13 Prudente. Heb *maskil*, "ensinado" (cf. Pv 16.20n). É a pessoa que, pela fé em Deus, pacientemente aceita a punição nacional.

5.15 Restante de José. Os israelitas que sobrevivessem à punição.

5.16 Os que sabem prantejar. Os lamentadores profissionais.

5.18 Para os que são rebeldes contra Deus, qualquer revelação da parte dele é um pronunciamento de julgamento e de castigo. Assim como sucedeu no caso do Faraó do Egito (Êx 12.12, 13), quando Deus "passou pela terra do Egito" também aconteceria o mesmo a Israel (v. 17).

5.21 Desprezo as vossas festas. O povo de Israel mantivera a forma da adoração prescrita na lei, mas despojou-a do seu valor espiritual.

5.24 Compare a profecia sobre Jesus Cristo, em Is 11.14, e a expressão de Jesus sobre a fonte de água viva que jorra do íntimo das pessoas que nele crêem (Jo 4.13-15).

5.26 Levastes Sicate. Era ídolo adorado pelos assírios desde os tempos remotos; representava o deus da guerra e da luz, equivalente ao planeta Saturno; *Quium* era outro nome do mesmo planeta.

5.27 Desterrarei para além de Damasco. O cumprimento desta profecia encontra-se em 2 Rs 17.6. Damasco sempre havia sido a grande rival de Israel, mas agora uma nação muito maior entraria em pauta: tanto a Síria como Israel seriam assoladas pelo império da Assíria.

6.1 Andam à vontade. São os nobres e os líderes de Israel, os principais em influência e posição, que, embora tendo um falso senso de segurança, seriam os primeiros a serem levados ao cativeiro.

6.2 Calné. Cidade da Assíria, nas margens do Tigre. *Hamate.* Cidade da Síria no rio Orontes. *Gate.* Uma cidade dos filisteus. Estas três fortalezas sofreram vários reveses durante a história; por isso mesmo, Samaria não deveria se considerar inexpugnável.

6.3 Dia mau. Uma época de desgraça, e de julgamento por Deus.

6.6 A ruína de José. Não se refere apenas à desgraça nacional que sua luxúria estava para provocar, mas também à falência sofrida pelos homens simples por causada opressão.

6.7 Cessarão. Isto foi dito quando do reinado de Jeroboão II, quando a nação parecia estar rica, próspera e poderosa; quarenta anos mais tarde (722 a.C.), nada restava mais daquele povo.

6.8 A soberba de Jacó. A insolência dos israelitas, filhos de Jacó.

6.10 O parente que tivesse o dever de queimar os corpos dos familiares para evitar o contágio, ao ouvir que não haveria mais sobreviventes, nem sequer ousaria invocar a misericórdia de Deus, reconhecendo que a presença do Senhor no meio dos rebeldes seria apenas para o castigo.

6.12 Deus está acusando os líderes do povo de violarem o bom senso, ao reger a nação com injustiça, provocando assim a desgraça.

6.14 Uma nação. O império da Assíria. *A entrada de Hamá.* Um desfile nas montanhas que marca o limite da norte do território de Israel. *Arabá.* Este ribeiro corre para o mar Morto; é o limite do sul do território de Israel, contíguo a Judá.

7.1 Ceifas do rei. A porção do início da primavera que era cobrada como tributo, pelos reis de Israel; só depois de pago o tributo é que o povo podia fazer uso das suas ceifas.

7.4 Fogo. Aqui representa a seca devastadora. *Grande abismo.* Representa a soma das águas naturais. *Devorava a herança.* A falta de chuva ameaçava destruir as ceifas.

7.7 Prumo. Esta linha perpendicular simboliza a avaliação de Deus da condição real do povo de Israel, e sua possibilidade de ficar em pé.

7.8 Jamais passarei. Aqui, significa atender e perdoar.

7.9 A casa de Jeroboão. Esta profecia cumpriu-se quando Zacarias, filho de Jeroboão, foi

morto por Salum (2 Rs 15.10).

7.10 Amazias. Para o santuário do bezerro de ouro em Samaria, a Amazias atribuía-se o mesmo valor que ao sumo sacerdote em Jerusalém, oferecendo-se uma alternativa pagã para o povo não ir adorar no templo em Judá. *Conspirado.* Do heb *qāshar* "entrar em colaboração", "formar uma confederação". Mas Amós agira sozinho, segundo as ordens de Deus.

7.12 Vidente. Heb *hōzeh*, "alguém com visão espiritual", aqui usado para derrotar o "visionário", já que Amazias não quis conferir a Amós o título certo de "profeta", heb *nābhi'* lit. "homem inspirado". *O teu pão:* Uma sugestão de que Amós seria apenas um mercenário enviado para perturbar.

7.14 Colhedor de sicômoros. Amós beneficiava um tipo de figo bravo; não era profeta profissional, mas um leigo vocacionado por Deus.

7.17 Terra imunda. Qualquer território fora da Terra Prometida.

8.1 Frutos de verão. O heb *qayiç*, "verão", forma um jogo de palavras com heb *qeç* "fim". Assim como os frutos eram maduros, e o ano se findava, assim os pecados já estavam maduros, para pôr um fim à existência de Israel como nação.

8.3 Cânticos. Tanto os cânticos das festas religiosas (5.23), como os das celebrações (6.5), tornar-se-iam em lamentações fúnebres.

8.4 Tendes gana. Heb *shā'aph*, "pulverizar" ou "suspirar por alguém", "ter cobiça de". É o verbo mencionado em 2.7.

8.5 A Lua Nova. O povo, que tinha abandonado a essência da religião, estava zeloso para conservar a forma exterior; observava os descansos religiosos, mas empregava-os para sonhar em mais: lucros vis, impacientes para começar o expediente de fraudes com medidas falsas.

8.7 Onde não há confissão, tristeza e arrependimento, não perdão. *Glória de Jacó.* Um dos títulos do próprio Deus (cf. 1 Sm 15.29).

8.9 Entenebrecerei. Esta figura de uma grande calamidade era bem compreensível aos ouvintes de Amós, já que se calcula que ali se verificara um eclipse total do Sol no dia 15 de junho de 763 a.C.

8.11 Fome. Os líderes rejeitaram o mensageiro de Deus; ao verificar em que Deus existe e tem poder para punir, desejarão ouvir uma mensagem divina para saber o caminho a seguir, mas será tarde.

8.14 Ídolo. Heb *'ashmâh*, "pecado", "culpa", "ofensa", aqui se emprega a palavra para fazer alusão a Ashima, deusa dos sírios. As demais expressões neste versículo o títulos de ídolos. *Berseba.* Lugar onde Abraão invocara a Deus e onde Jacó ofereceu sacrifícios.

9.1 Vi o Senhor. Nesta visão, as pessoas estavam reunidas no templo para se protegerem do julgamento de Deus, mas mesmo ali o escape seria impossível. Muitas foram destruídas pela queda do templo, e as que escaparam àquela morte caíram pela espada dos assírios. Deus nos vê em todo lugar oculto (vv. 2-4; cf. Is 6).

9.2 Exatamente o inverso do salmo 139, que canta a onipresença de Deus no sentido benevolente. *Abismo.* Heb *she'ôl*, significa o lugar dos mortos (cf. Pv 9.18 e 27.20 e notas sobre o assunto).

9.6 Abóbada. O céu visível apresenta-se como uma abóbada sobre a terra, para quem o observa do ponto de vista humano.

9.7 Este versículo ensina que a misericórdia de Deus se havia estendido a várias nações no passado, sem que fosse forçado a continuar mostrando só favores aos que abraçam o paganismo (cf. Dt 2.20n).

9.8 Reina pecador. A nação de Israel terminou sua existência em 722 a.C. *Não destruirei de todo.* Haveria um remanescente de pessoas tementes a Deus, que seriam preservadas.

9.9 Sacudirei a casa de Israel. Israel até hoje se acha espalhado entre as nações, mas nenhum, entre eles, que se volta para Cristo, se perderá na conta final: será enxertado na

pessoa de Cristo (Rm 11.23).

9.11 *O tabernáculo... de Davi.* O concerto de Deus com Davi (2 Sm 7) continha uma promessa de que seus descendentes teriam um reino eterno, Jesus Cristo, como Filho de Davi, é o cumprimento da promessa profética, fazendo que tanto judeus como gentios sejam, participantes das glórias do reino celestial do Filho de Deus (At 15.12-21).

9.12 *Chamados pelo meu nome.* As nações do mundo pertencem a Deus.

9.13 *Vêm dias.* Estas palavras sublimes do profeta apontam para um dia futuro no qual os judeus serão restaurados à sua própria terra. Será uma época de paz e de prosperidade nacionais (v. 13), época de habitação permanente (v. 14), será a hora da gloriosa restauração do povo escolhido, pelo poder do próprio Deus (v. 15); o motivo da restauração será o mesmo motivo revelado quando Deus escolheu o povo de Israel: o seu próprio amor e sua misericórdia.

Obadias

Análise

Esse breve livro sintetiza o significado da relação entre Edom e Israel (Esaú e Jacó) na história da salvação, e ao assim fazer, revela certo aspecto do Dia do Senhor e do Reino de Deus.

Edom, a nação que descendia de Esaú, sempre se mostrou antagônica para com Israel, a despeito de serem irmãos como filhos de Isaque. Muitos profetas receberam a comissão de entregar mensagens de condenação contra Edom (Amós, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Malaquias), que freqüentemente chamaram a atenção para a atitude de auto-suficiência e orgulho de Edom, como raiz de seu pecado. No seu livro, Obadias parece aproveitar uma profecia já existente de condenação contra Edom (vv. 1b-4 e frases dentro dos vv. 5-9) - talvez o mesmo oráculo que aparece em Jeremias 49.7-22 - e observa quão terrivelmente estava sendo cumprida e com que justa retribuição. Obadias, em seguida, relaciona essa condenação particular ao julgamento de todas as nações no iminente Dia do Senhor, quando o remanescente que houver escapado, em Israel, será no mesmo tempo a esfera da salvação e o instrumento do governo do Senhor sobre todas as nações.

Ainda que breve, essa profecia apresenta e ilustra as verdades fundamentais da revelação bíblica: o governo soberano de Deus, que será universalmente reconhecido (21); a eleição de Israel, o povo de Deus, visando a sua bênção (17b), eleição essa que será cumprida no remanescente (17a), o qual será o forte braço de Deus no monte Sião; a culminação dos propósitos de Deus no "Dia do Senhor" que, apesar de trazer vindicação aos Seus e o desfrutar apropriado da prometida terra de descanso, produzirá condenação contra o inimigo e opressor, do qual Edom é, neste caso, o tipo (15).

Embora o livro de Obadias seja apenas uma entre muitas outras declarações proféticas concernentes a Edom, é conveniente considerá-lo foco de todas as referências que o Antigo Testamento faz a Edom, visto que não é possível a um comentário dessa natureza tratar de quaisquer outras passagens com detalhes. Por conseguinte, alistamos aqui as principais referências a Edom: *Históricas*: Gênesis 25 a 36 (Jacó e Esaú); Números 20.14-21; Deuteronômio 2.1-8 (o período do Êxodo); 1 Samuel 14.47 (sob Saul); 2 Samuel 8.14 (sob Davi); 2 Reis 8.20-22 (sob Jeorão); 2 Crônicas 20.10-23 (sob Josafá); 2 Reis 14.7; 2 Crônicas. 25.11-13 (sob Amazias); 2 Crônicas 28.17 (sob Acáz); Salmo 137.7; Lamentações 4.22 (queda de Jerusalém); Salmos 83.1-6 (geral); *Proféticas*: Isaías 11.14; 34; 63.1-6; Jeremias 49.7-722; Ezequiel 25.12-14; 35; Joel 3.19; Amós 1.11, 12; Malaquias 1.2-5.

Autor

Excetuando-se o seu nome (que não é incomum no Antigo Testamento), nada se

sabe sobre este livro, o mais curto do Antigo Testamento. Nem o período em que o mesmo foi escrito está determinado com qualquer certeza. Apesar de que alguns eruditos conservadores atribuem a profecia a algum tempo antes da queda de Jerusalém (586 a.C.), a descrição da destruição da cidade, apresentada nos versículos 11 a 14, mais apropriadamente, cabe dentro da destruição ordenada por Nabucodonosor, a respeito da qual se sabe (por Sl 137.7; Ez 35.5; Lm 4.21, e assim por diante) que os edomitas participaram. Obadias parece haver, também, descrito um desastre em Edom, subsequente à queda de Jerusalém (5-7). Provavelmente esse foi o primeiro dos ataques dos nabateus contra o monte Seir, que terminaram por desalojar os edomitas algum tempo entre os séculos sexto e quarto a.C. (comparar Ml 1.3, 4). Nesse caso, a profecia de Obadias pertenceria ao período do exílio ou pouco depois do retorno dos exilados israelitas.

Esboço

UM ORÁCULO DO SENHOR CONTRA EDMOM, v. 1-4

O HORRENDO CUMPRIMENTO, v. 5-9

O PECADO DE ESAÚ CONTRA SEU IRMÃO, JACÓ, v. 10-14

O CONTEXTO MAIS LATO: O DIA DO SENHOR, v. 15-18

A CASA DE JACÓ "POSSUIRÁ SUAS POSSESSÕES", v. 19-21

1 *Obadias*. Quer dizer "servo do Senhor", nome comum na Bíblia. Assim diz o Senhor Deus. Esta é uma expressão que indica a autoridade divina da profecia inteira. *Edom*. Esta nação, composta dos descendentes de Esaú, irmão de Jacó (que veio a ser chamado Israel), repetidas vezes estava em guerra contra a nação irmã, Israel. O caso mais terrível desta inimizade, entretanto, revelou-se quando os babilônios destruíram a cidade de Jerusalém juntamente com o templo em 586 a.C., oportunidade aproveitada pelos edomitas para depredar o que restava da cidade e das fazendas abandonadas.

2 A mensagem para Edom começa neste versículo, depois da introdução que descreve o assunto e a situação.

3 *Habitas nas fendas das rochas*. Refere-se à capital de Edom, a grande cidade de pedra esculpida, na rocha sólida e por isso mesmo chamada Sela ("rocha" em hebraico) e Petra ("rocha" em latim). *Alta morada*. A maior parte de Edom era rochosa e alta; o que resta de Sela mostra quão seguros os edomitas podiam se sentir. Aliás, os vv. 6 e 7 dão a entender que só uma traição podia abrir o caminho àquela fortaleza.

6 *Esaú*. Pai de todos os edomitas, e irmão gêmeo de Jacó, ao qual odiava por causa da profecia de que Esaú serviria a Jacó (Gn 25.23, 30). Esta rivalidade contra Israel foi herdada pelos edomitas (2 Cr 21.8-17; Nm 20.14-22). *Esquadrinhados*. Talvez haja aqui uma dupla referência: 1) Obra de um espião a revelar os segredos da fortaleza; e 2) Obra dos soldados invasores, nada deixando de valor na cidade assaltada.

7 Na época de Obadias, a infiltração dos árabes na direção de Edom já havia começado, mas foi apenas no século V a.C. que a capital caiu em suas mãos, da maneira aqui profetizada. Por outro lado, porém, parece que o mesmo Nabucodonosor que destruiu a Jerusalém, invadiu a Edom alguns anos mais tarde, isto é, no ano 581 a.C.

11-14 Este trecho relembra o que os edomitas tinham feito depois da destruição de Jerusalém, fazendo por merecer, assim, posteriormente, um fim semelhante.

15 *O Dia do Senhor*. Heb *yôm yehōwâh*, o dia no qual Deus julga abertamente, publicamente, sem haver escape (Sf 1.14-18). Todos os "dias do Senhor" são apenas prelúdios do grande período final do julgamento, preeminentemente o Dia do Senhor descrito em Apocalipse, caps. 6 até 20, que começa com o derramamento dos julgamentos sobre a terra, e tem por clímax a volta pessoal de Cristo, a destruição dos inimigos de Deus (Ap 19.11-21) e o estabelecimento do Seu reino (Ap 20.1-6).

16 *Bebestes*. Refere-se à ira de Deus.

17 *Livramento*. Um meio de escape. É possível que aqui se profetize a vinda do Salvador que, no monte Sião, em Jerusalém, viria a oferecer-se como libertação do pecado e das suas conseqüências eternas.

18 *Ninguém mais restará*. Não existe mais nenhum edomita no mundo de hoje.

20 *Sefarade*. Uma cidade que ficava, entre Tiro e Sidom, mencionada em 1 Rs 17.9 e Lc 4.26 sob o nome de Sarepta.

21 *Salvadores*. Os próprios judeus aplicam esta palavra ao Messias e aos Seus servos.

Jonas

Análise

Devido ao seu conteúdo e espírito, o livro de Jonas revela a universalidade e a compaixão da graça de Deus. Isso fica indicado em 3.10 e é dito de modo geral em 4.11.

O livro é biográfico. Começa e termina com o Senhor falando com Jonas. Em primeiro lugar, Jonas recebe uma confissão de julgamento; finalmente, o Senhor retrata a Sua misericórdia e compaixão. Entre essas duas expressões do caráter do Senhor jaz a reação de Jonas à justiça e à compaixão de Deus. Jonas recusou-se a aceitar a comissão do Senhor, a fim de que os pagãos não viessem a arrepender-se e Deus não viesse a mostrar misericórdia. O coração magnânimo de Deus, perdoadando os pagãos arrependidos, aparece em violento contraste com o espírito estreito, cheio de preconceitos e indisposto a perdoar, de Jonas.

Autor

Visto que o livro não apresenta qualquer asseveração sobre o seu autor, pode-se conjecturar razoavelmente que seu autor foi o próprio Jonas. Ele é filho de Amitai (1.1), sendo indubitavelmente o mesmo filho de Amitai que profetizou durante o reinado de Jeroboão II cf. 2 Rs 14.25).

Esboço

O PROFETA REBELDE, 1.1-17

O Senhor Chama, Jonas se Rebela, 1.1-3

O Senhor Interpõe uma Tempestade, 1.4-6

Os Marinheiros Intervêm, 1.7-16

O Senhor Envia um Grande Peixe, 1.17

O PROFETA RESTAURADO, 2.1-3.10

Jonas Ora, 2.1-9

O Senhor Livra Jonas, 2.10

Jonas Obedece à Chamada, 3.1-4

O Rei e os Súditos Ninivitas se Arrependem, 3.5-9

O Senhor Adia o Julgamento, 3.10

O PROFETA SE RETIRA, 4.1-11

O Senhor Desagrada a Jonas, 4.1-5

Jonas Desagrada ao Senhor, 4.6-10

O Senhor Demonstra Grande Misericórdia, 4.11

1.1 *Jonas, filho de Amitai*. Este profeta viveu em Samaria durante o reinado de Jeroboão II (782-753 a.C.) quando Israel ainda não percebia que a Assíria estava prestes a destruí-la (cf. Am 7.10, que mostra a tentativa de Amós em dar-lhe o alarme).

1.2 *Nínive*. Capital do império assírio (Gn 10.12), ao nordeste da Palestina. Jonas tinha que pregar contra os seus pecados, que eram tão grandes, que exigiam a intervenção

divina (o modo de dizer isto é "subiram até Deus", embora seja óbvio que Deus sempre veja tudo).

1.3 Társis. Provavelmente uma cidade que ficava no sul da Espanha, de onde os fenícios traziam o metal que ali se refinava, em troca de outras mercadorias. A fuga de Jonas tinha por finalidade escapar de uma incumbência difícil, e, talvez, evitar a conversão e a preservação daquela nação que seria uma ameaça para Israel. *Jope* era realmente o porto marítimo mais acessível a Judá e a Israel; de lá, Jonas pretendia ir ao lugar mais afastado de Nínive que ele conhecia.

1.7 Lancemos sortes. Para se lançar sortes, pequenas pedras nas quais se escrevia alguma coisa eram colocadas em um recipiente, sacudidas juntas, para então se tirar uma delas, que seria a resposta certa. Há vários exemplos do lançar sortes na narrativa do Antigo Testamento: Lv 16.8; Js 18.6; 1 Sm 14.42; Nm 10.34. Na Bíblia, este ato foi ligado à oração da fé, como se vê no último relato sobre o assunto, em At 1.23-26. Hoje não há mais necessidade de se lançar sortes, pois os crentes têm a Bíblia e o Espírito do Senhor para guiá-los.

1.9 Temo ao Senhor. A Bíblia fala de dois tipos de temor: 1) Há o medo dos homens e das coisas, demonstrado pelos marinheiros no v. 10; 2) Há o temor do Senhor, que é a piedade, o respeito para com as coisas eternas, que traz consigo o ódio ao mal, Sl 19.9; Pv 1.7; 8.13. Este temor foi demonstrado por Jonas de uma maneira bem imperfeita, por causa da sua desobediência (v. 3) e seu descontentamento (4.10-11).

1.12 Por minha causa. Jonas, a estai altura, já sabia que a sua desobediência era a causa do problema (cf. v. 4 com Hb 12.6, 11).

1.14 E não façam cair sobre nós este sangue. Os homens estavam pedindo a Deus que não os culpasse pela morte de Jonas, ao lançá-lo ao mar. *Fizeste como te aprouve.* Cf. Sl 115.3; 135.6.

1.17 Deparou... um grande peixe. Deus havia preparado um meio de restaurar Jonas à vida, e levá-lo a cumprir sua missão. Note-se que não era uma baleia (que não é um peixe, mas sim um mamífero, e que aliás não tem garganta de tamanho suficiente para tragar um homem). Este foi um dos muitos milagres que sempre acompanharam a interferência divina na história humana, e das quais a mensagem bíblica está repleta; foi mencionado pelo Senhor Jesus Cristo e por Ele interpretado (Mt 12.39, 40).

2.2-6 Jonas estava com certeza de morrer nas profundezas do mar.

2.7 Eu me lembrei do Senhor. O desespero, seguido pela fé, numa situação tão difícil, ajudou Jonas a ser treinado como o missionário que ele era.

2.8 Abandonam aquele que lhes é misericordioso. Os ídólatras e os desobedientes se afastam da fonte da misericórdia, que é o próprio Deus (cf. Sl 16.11; 34.8; 36.9; Is 55.7).

2.9 O que votei pagarei. Jonas já reconhecia que a obediência, que conserva a comunhão com Deus, vale muito mais, do que a satisfação da vontade própria, da alegria da carne, que inevitavelmente leva à desgraça.

2.10 O peixe só restaurou Jonas à terra, depois de em seu coração se ter restaurado o desejo de pôr em prática a sua vocação missionária. Agora estava em condições físicas e espirituais para ouvir a palavra do Senhor que lhe veio a Segunda vez (3.1), uma palavra mansa que oferecia uma segunda oportunidade. Foi perdoado da desobediência do passado, havendo então uma verdadeira submissão da parte de Jonas.

3.3 Três dias para percorrê-la. Aqui se refere à cidade de Nínive e os seus arrabaldes, inclusive às cidades menores de Reobote-Ir, Calá e Resém, que na época do livro de Gênesis ainda se contavam como cidades separadas (Gn 10.11-12), a não ser que a expressão "a grande cidade" se refira ao distrito formado pelas quatro, um distrito de 50 a 100 km de diâmetro. Esta área incluía sítios e pastos, tanto dos ricos proprietários, como da utilidade pública.

3.4 Caminho de um dia. A viagem dos bairros à capital.

3.5 Creram em Deus. Em primeiro lugar, acreditaram no aviso que o profeta lhes trouxe,

reconhecendo que seus caminhos não atinavam com uma vida digna diante de Deus e que mereciam a destruição. Era o passo fundamental da fé (cf. Rm 10.17), assim como o arrependimento é o primeiro passo para a aceitação do evangelho (Mc 1.15). Este arrependimento via-se entre os ninivitas nos símbolos externos de proclamar um jejum e se vestir de saco (vestimenta grosseira, pobre e desconfortável, feita de cabelo de cabritos, ou de crina).

3.6 *Rei de Nínive.* Provavelmente Adad-nirari III, 810-783 a.C., que adorava um único Deus, ou ainda podia ser Assurdã III, 771-754 a.C., durante cujo reinado houve duas pragas e um eclipse total do sol. E claro que o rei de Nínive também era imperador da Assíria. *Assentou-se sobre cinza.* Sinal de profundo abatimento (Et 4.1; Jó 2.8). Uma das mensagens deste livro é que até os pagãos se deixam tocar pela pregação da palavra de Deus, e com arrependimento verdadeiro.

3.7 *Seus grandes.* As autoridades ao redor do trono, que representavam o rei perante o povo e o povo perante o rei.

3.9 *Se arrependera.* Heb *niham* "ter dó", "ter compaixão", "arrepender-se", "consolar-se". Só o homem é quem peca e se arrepende depois do mal que fez; quando a palavra se aplica a Deus, quer dizer: bondosamente reter a punição que os homens mereciam, sendo-lhes gracioso.

4.1 *Desgostou-se Jonas.* Jonas preocupava-se com o fato de sua profecia não se ter cumprido, por causa do arrependimento dos ninivitas. Não sabia que até há júbilo diante dos anjos de Deus por um único pecador que se arrepende (Lc 15.10).

4.2 Que Deus é misericordioso até para com os gentios Jonas já havia entendido; o que estava fora da visão dele é que nada devia impedir que a mensagem do amor de Deus fosse pregada até aos confins da terra, para que nada limitasse o alcance da graça divina.

4.6 *Uma planta.* Talvez era a mamoneira, que produz o óleo de rícino. Cresce rapidamente, tem folhas largas, mas também morre com facilidade, apesar da sua aparência de quase ser um arbusto.

4.8 Jonas aprendeu a dar valor a uma planta, mas ainda teve que entender que a compaixão de Deus se estende a todas as suas criaturas.

4.11 *Cento e vinte mil* pessoas sem diretrizes religiosas formam um objeto mais digno da compaixão do missionário, do que o conforto próprio.

Miquéias

Análise

Os três primeiros capítulos da profecia de Miquéias apresentam os juízos do Senhor contra Judá e Israel, bem como a iminente condenação que aguardava aquelas nações. Os capítulos quarto e quinto oferecem consolação e esperança em vista da questão dos dias vindouros, quando a casa do Senhor será restabelecida sobre o monte de paz permanente; um remanescente regressará a Sião, libertado do cativo na Babilônia; um libertador proveniente de Belém fará o Seu remanescente justo ser uma bênção no globo; e a terra prometida será expurgada de sua idolatria e opressão. Os capítulos sexto e sétimo declaram o caminho da salvação por meio da analogia de uma grande questão em tribunal de lei: o Senhor é o querelante e Israel é o réu. Relembrando o Seu povo de como fora liberto do Egito, e falando-lhes sobre a natureza da verdadeira adoração, o Senhor deplora seus tesouros de iniquidade e opressão. Isso é seguido pela confissão de culpa da parte de Israel é por uma oração para que o Senhor volte para pastorear o Seu povo como anteriormente. Miquéias conclui seu livro com um jogo de palavras baseado na significação de seu próprio nome: "Quem é semelhante a Deus?" Somente Deus pode perdoar e mostrar compaixão ao povo com o qual estabelecera a Sua aliança.

Autor

Miquéias refere-se a si mesmo como o "morastita". Era nativo de Moresete, perto de Gate, no norte da Filístia, cerca de trinta e dois quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Provavelmente fora aldeão fazendeiro. Sua atividade como profeta cobre o reinado de três reis, desde aproximadamente 738 até 698 a.C. O nome de seu pai não é mencionado, pelo que os eruditos concluem que sua família era de posição insignificante e humilde. Miquéias é um mestre no uso que faz da poesia hebraica. Ele defende a causa dos aldeões oprimidos contra os ricos arrogantes. Seu apelo em favor da religião autêntica só é equiparado pelo apelo semelhante de Tiago (cf. 6.6-8 com Tg 1.27).

Esboço

IDENTIFICAÇÃO, 1.1

REPREENSÃO CONTRA SAMARIA E JUDÁ, 1.2-3.12

Aparição do Senhor em Julgamento, 1.2-2.13

Denúncia do Senhor contra os Governantes, Profetas Falsos e Sacerdotes, 3.1-12

A ESPERANÇA CONSOLADORA DE UM FUTURO REMIDOR, 4.1-5.15

A Questão de Dias Vindouros, 4.1-5.1

Levantamento do Libertador de Belém, e Vitórias de seu justo Remanescente, 5.2-15

GRANDE QUESTÃO DO SENHOR COM ISRAEL, 6.1-7.20

Apelo e Acusação do Senhor, 6.1-16

Confissão de Culpa de Israel e Sua Queixa perante o Senhor, 7.1-17

Quem é Como o Senhor? O Veredicto Final, 7.18-20

1.1 *Miquéias*. O nome significa "quem é como o Senhor?" Era natural de Moresete Gate (mencionada no v. 14), aí se chamar *morastita*. A época do seu ministério, 739-686 a.C., indica-se pelos nomes dos reis de Judá que se dão neste versículo: Jotão, 739-731; Acáz, 731-715; Ezequias, 715-686. Na época deste profeta, o "progresso" e a "civilização" tinham levado o povo a se esquecer das virtudes reais, entregando-se a uma competição comercial que reduziu a nada os menos habilidosos, que nem ficavam com os pequenos terrenos que cada família tinha recebido desde os tempos antigos. Novos métodos internacionais de desenvolvimento, cultura, comércio e indústria se faziam acompanhar por novos pensamentos: a idolatria das nações.

1.2 *Testemunha contra vós outros*. Deus conhece os corações dos homens, não ignorando nenhum das seus feitos e das suas atitudes.

1.3,4 Os profetas entendiam claramente que o pecado do povo, quando confrontado pela revelação da presença de Deus, teria, que, produzir calamidades em grande escala (Am 5.18-20; Jr 4.23-25; MI 3.1-3).

1.5 *Transgressão*. Refere-se tanto à idolatria, como à injustiça das quais as duas capitais, Samaria e Jerusalém, se haviam tornado centros; o abandono dos campos em busca da prosperidade urbana não tinha produzido. um tipo de vida condizente com a piedade e o amor.

1.6 *Por isso, farei*. Os vários passos que levaram à destruição final de Samaria descrevem-se profeticamente nos vv. 6-16, nos quais os nomes das cidades são o roteiro normal de qualquer invasor. Foi de fato o caminho seguido pelos assírios em 725 a.C. quando foram cercar Samaria, cuja destruição foi a primeira do rei Sargom II, em 722, depois de cercarem-na os exércitos, de seu pai, Salmaneser V. Esta é a invasão descrita em 2 Rs 17.1-18.

1.10 *Bete-Leafra*. Quer dizer "Casa do pó"; ao nome de cada cidade aqui mencionada, corresponde alguma expressão de medo ou de aflição.

1.11 *Passa*. Heb 'ãvar faz assonância com *Shafir*. *Sair*. Heb *yãça'*, "é semelhante à forma hebraica de Zaanã: *ça'anã*).

1.13 *Ao carro.* Heb *lārekhes*, semelhante à forma hebraica de *Laquis*; esta seria a maneira de fuga adotada pelos habitantes da cidade que comerciavam com o Egito em carros e em cavalos, induzindo os israelitas a confiar mais em alianças políticas e em exércitos do que em Deus.

1.14 *Engano.* Heb *'akhzābh*, semelhante à forma hebraica de *Aczibe*.

1.15 *Tomará posse.* Heb *hayyōesh*, "causará o herdar", semelhante ao nome *Moresete Adulão*. Será o esconderijo dos nobres de Israel, como foi o caso do rei Davi, séculos antes (1 Sm 22.1).

2.1 *Maquinam o mal.* O contexto sugere que o mal que está sendo cogitado é um modo legalmente viável de extorquir os bens do pobre, evitar os deveres cívicos e as exigências da consciência, de fazer grandes negociatas com lucros injustos e burlar as leis. O castigo divino, portanto, também vai ser "projetado", v. 3.

2.6 *Babujeis.* Vem do verbo *nātaph*, "gotejar", e aqui aparece na forma causativa "causar o gotejar", "destilar", "discursar". Os ouvintes, aqui, desejam silenciar a pregação do profeta.

2.7 *Minhas palavras fazem o bem.* Para aqueles que andam retamente, as palavras de Deus são agradáveis, trazendo inspiração e consolação. Quando seu conselho é rejeitado é que elas se tornam desagradáveis.

2.8 *Roubais a capa.* Se a referência se trata da injustiça social, então são os credores cruéis, que exigem até as roupas particulares como penhor pelos empréstimos (cf. Êx 22.25-28) e que aqui se comparam aos assaltantes em praça pública, que roubam até à luz do dia.

2.9 Os perseguidores eram rápidos em exigir a desapropriação e o despejo dos pobres também seriam desapropriados do favor divino, da sua herança celestial (v. 10). Tendo recusado a mensagem da Palavra de Deus, evitando a misericórdia, não lhes haveria mais possibilidade de escutar nem entender nada além das palavras dos bêbados, (v. 11).

2.13 *O que abre caminho.* Heb *pōreç* lit. "quebrador", que se refere ao carneiro que dirige o rebanho, rompendo caminhos novos. Profeticamente, podemos ver uma alusão a Jesus, o Bom Pastor, vindo adiante dos fiéis para romper novos caminhos de vitória, de fé, de amor, de salvação, atravessando os obstáculos até chegar aos céus.

3.4 *Naquele tempo.* A hora do castigo: a invasão dos assírios.

3.5 *Paz.* Os cartomantes e adivinhadores "profetizam" a felicidade para o cliente que lhes paga bem; assim também eram os falsos profetas que, como os mendigos, amaldiçoam aos que nada lhes dão (cf. v. 11).

3.8 *Estou cheio do poder.* Ao contemplar a obra dos falsos profetas, Miquéias, um aparte; proclama a natureza do verdadeiro profeta, vocacionado por Deus, recebendo uma missão específica e poder para cumpri-la; estas palavras, juntamente com Am 3.7, definem a palavra "Profeta". Pelo poder do Espírito Santo, Miquéias continua a obra começada por Amós, uns vinte anos antes, reverberando a ganância, a injustiça, a falta de caridade e a desobediência à vontade de Deus.

3.10 A prosperidade aparente do município, que ostentava obras públicas luxuosas, ganhava-se à custa dos pobres sitiados, espoliados e despojados de seus bens para enriquecerem os injustos ociosos.

3.11 *Adivinham por dinheiro.* A parte licita dos que se dedicavam à obra religiosa era o dízimo, que lhes garantia o sustento enquanto se dedicavam totalmente à sua vocação. Ato religioso individualmente cobrados levam a abusos, e a uma atitude de cinismo.

3.12 Historicamente, esta foi a primeira profecia sobre a destruição de Jerusalém, e causou tão grande impressão que foi conservada como exemplo da autoridade profética até de falar contra aquela cidade. O cumprimento final da profecia ocorreu em 70 d.C., mas a punição específica aqui referida foi adiada pela misericórdia divina na época da destruição de Samaria (722 a.C.) e só aplicada em 587 a.C.

4.1-3 O profeta Isaías, que começou sua obra no ano 740 a.C., era contemporâneo de

Miquéias, e emprega exatamente as mesmas palavras proféticas no segundo capítulo do seu livro. Quando uma visão profética é duplicada, e porque "a coisa é estabelecida por Deus, e Deus se apressa a fazê-la" (Gn 41.32).

4.4 *Debaixo do sua videira.* Para o israelita era comum cada um ter seu terreno com árvores frutíferas, legumes, e alguns animais, para o sustento da família. A guerra ou a injustiça social desviavam o povo deste contato regular com a vida natural e sadia.

4.5 Depois da descrição de um futuro profético, contrasta-se a situação normal da época de Miquéias, antes de voltar "àquele dia" (v. 6).

4.8 *Torre do rebanho.* Jerusalém, a cidadela do povo de Deus.

4.9,10 Surpreendente predição sobre um futuro ainda distante. Mesmo que a nação ameaçadora nessa altura era a Assíria, Deus revelou que o cativo seria efetuado pela Babilônia (ocorreu c. 140 anos depois).

4.11-13 Ainda que Sião venha a sofrer agudamente pelos seus pecados, Jeová tornará a restabelecer o seu povo como boi dotado de unhas de ferro e chifres de bronze. As nações desejosas de reparti-lo como despojos serão despedaçadas. Estaríamos presenciando o cumprimento desta profecia?

5.2 *E tu, Belém-Efrata.* A Belém próxima a Jerusalém, onde nasceu Davi, rei ideal de Judá e de Israel, e onde haveria de nascer o Messias, o Senhor Jesus Cristo (Mt 2.5-6). Sete séculos antes do nascimento de Cristo, o profeta é bem explícito em indicar o lugar desse acontecimento, dando-lhe seu antigo nome aramaico, Efrata, além do nome hebraico Belém ambos significando "Casa de Pão". Tanto a divindade como a humanidade de Cristo são claramente apresentadas neste versículo: como Homem, nasceu na estrebaria em Belém; como Deus, existia "desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (cf. Is 7.13-14; 9.6-7).

5.3 *Portanto, o Senhor os entregará.* Refere-se ao juiz mencionado no v. 1; os israelitas que rejeitaram a Cristo, o juiz, serão entregues à desgraça. Ao remanescente são oferecidos perdão e reintegração dentro desta nação escolhida (cf. Rm 11.26).

5.5 *Este será a nossa paz.* Cristo possibilitou a paz entre nós e Deus quando derramou Seu sangue na cruz (Ef 2.15-16); Ele é a nossa paz, (Ef 2.14); Ele traz paz ao coração, no novo nascimento (Rm 5.1; Jo 14.27); na Sua volta, Ele trará paz para o mundo (Is 9.7; Sl 72.3, 7).

5.6 *Portas.* O lugar onde se assentava o concílio local da cidade.

5.7 *O restante de Jacó.* Quando o reino messiânico do Senhor Jesus Cristo for estabelecido em Jerusalém, este restante, a nação de Israel, terá um duplo caráter: como o *orvalho* (v. 7), será o canal da bênção divina na pregação do evangelho do reino; como o *leão* (v. 8), será o instrumento da ira de Deus sobre aqueles que desobedecem ao Senhor. *Homens.* A graça de Deus (cf. a Sua promessa a Abraão de que sua descendência seria uma bênção para o mundo inteiro) é a garantia disto (Gn 12.2).

5.10 *Teus carros de guerra.* Antes de Israel se tornar nação organizada, com um território estabelecido, recebeu a advertência de que não devia "multiplicar cavalos", ou seja, entrar em alianças políticas internacionais e constituir-se uma nação belicosa (Dt 17.16). Muitos dos profetas tinham de repetir esta advertência (Is 31.1; Sl 33.17; Os 10.13). Na época que precedeu a destruição de Jerusalém pelos caldeus (587 a.C.), tanto Ezequiel como Jeremias advertiam o povo que confiar nos exércitos e na política era separar-se do caminho da bênção de Deus.

5.12-14 Desviar-se dos caminhos de Deus também na vida diária foi uma das causas tanto da destruição de Somaria como da de Jerusalém (e Miquéias estava pregando para ambas). Desobedecer a Deus de maneira tão deliberada na prática da idolatria, aqui descrita, só podia levar o povo à destruição (2 Rs 17; Ez 6.1-14, 8.1-18). Se o povo escolhido tinha a primazia na responsabilidade, e também a primazia nos castigos, as nações pagãs não escapariam, v. 15. Grandes trechos de Isaías, Jeremias e Ezequiel descrevem profeticamente a destruição final das nações pagãs da época, e a história

subseqüente comprova a realidade destes pronunciamentos.

6.1-8 Aqui se descreve um dia de julgamento, no qual Deus comparece como demandante contra o réu, Israel. A lei, sob a qual se julga o réu, define-se no v. 8: tudo aquilo que carece da misericórdia que Deus tanto revela como exige é passível de punição.

6.2 *Ouvi, montes*. Os montes são convocados como testemunhas, não só por fazerem parte integrante e perpétua da herança que Deus deu aos israelitas, mas também por terem sido o lugar onde estes mesmos israelitas praticavam os cultos pagãos dos cananeus (Ez 6.1-8).

6.5 *Do que lhe respondeu Balaão*. Quando Balaque convidou aquele grande vidente a amaldiçoar Israel com as mais potentes maldições da época (segundo o paganismo valeriam mais do que exércitos poderosos), Deus fez o vidente profetizar bênçãos dos céus para o povo escolhido. Já que o vidente, quando em transe, não tinha poder para ajudar a destruir os israelitas, ganhando as riquezas que Balaque lhe oferecera, então usou de sua habilidade humana para ensinar a Balaque como destruir os israelitas: mandando as moças da sua tribo conquistar o coração dos homens de Israel, levando-os à idolatria e, com isto, ao subseqüente castigo divino (veja as Notas de Nm 24.25.e 25.1).

• **N. Hom. 6.8** O homem de Deus imita ao Senhor: 1) No tocante à ética, ele é justo; 2) No que tange à vida social, demonstra a misericórdia que perdoa e exalta; 3) No campo espiritual, submete-se alegre e humildemente à vontade divina (cf. Rm 12.2; Cl 1.9, 10).

6.14,15 Algumas vezes a punição de Deus elimina ou toca nos valores materiais. Outras vezes, afeta o coração do pecador de tal modo que este sente profunda insatisfação, mesmo quando, aparentemente, tudo corre bem (cf. Ag 1.6, 9).

6.16 *Acabe*. O mais idólatra dos reis do reino do norte, Israel.

7.4 *O dia anunciado par tuas sentinelas*. Uma sentinela é um profeta de Deus (cf. Ez 33.7). O dia do julgamento, do qual tantos profetas tinham falado, estava se aproximando. Para Samaria, veio dentro de uma década; para Jerusalém, levou mais do que um século; mas o julgamento final de todos os homens ainda está no futuro (Hb 9.27).

7.6 Esta expressão começou a ser uma realidade na época de Jesus quando uns aceitavam inteiramente, e outros rejeitavam (Mt 10.34-36).

7.7 *Eu, porém, olharei para o Senhor*. O profeta mesmo continua a confiar em Deus, enquanto a nação, ao seu redor, incorre na prática do paganismo. Como parte legítima do remanescente fiel, é ele que tem de interceder em favor da sua nação, fazendo sua confissão e sua oração em conjunto com a nação pecaminosa (vv. 8-20).

7.8 *Levantar-me-ei*. Cf. Pv 24.16, que fala do cair em aflições.

7.9 A pessoa piedosa vê a adversidade apenas como espécie de disciplina diária.

7.14 *Basã e Gileade*. Sendo um território pacífico de pastagens, aqui simboliza a época do Messias, de Cristo, o Bom Pastor.

7.18 Os ídolos forjam-se como representações de divindades. A mente humana tenta tecer religiões, mas o perdão e a misericórdia são atributos exclusivos do próprio Deus; e só Ele os revela.

7.19 *Nas profundezas do mar*. Esta expressão simboliza um lugar de onde nada poderia voltar. Os pecados perdoados por Deus nunca mais poderão nos acusar, por muito que Satanás assim o queira; seu castigo, suas conseqüências eternas, até suas marcas no caráter, o próprio Deus apaga pelo sacrifício de Cristo na Cruz (Rm 8.31-49).

Naum

Análise

Naum, um livro repleto de contrastes, descreve o poderoso imperialismo de uma despótica nação pagã o declara o triunfo final e certo da justiça e da soberania de Deus. O motivo imediato dessa profecia foi a pressão da questão da justiça de Deus e de Sua

fidelidade às Suas promessas. Uma poderosa nação, dotada com largas forças militares e riquezas econômicas, a Assíria, havia dominado os destinos das nações circunvizinhas, incluindo Judá. Cobrando um tributo opressivo e infligindo pesada escravidão, ela transformara a Judá, quase num estado vassalo. A fim de proteger-se, Judá havia entrado numa aliança com outras nações, abandonando a promessa de Deus do sustentar e proteger o seu povo.

A vida nacional de Judá, por conseguinte, tornou-se tênue. Sua vida espiritual definhava e sua segurança era constantemente posta em perigo pelas hordas assaltantes de Nínive. Levantou-se assim a questão: "Teria Deus se esquecido de Judá? Por que a ímpia Assíria prospera, enquanto nós sofremos? As promessas de Deus são inúteis?" Judá sentia falta de uma resposta segura para essas perguntas, e grande desespero prevalecia na terra.

Subitamente a voz de Naum trovejou: "Nínive cairá. Deus preservará o Seu povo". Sua profecia parecia incrível para aqueles dotados de limitada compreensão espiritual. Seu propósito era duplo: predizer a destruição de Nínive por causa do pecado; e mitigar a lastimável falta de esperança de Judá, assegurando-lhe que as promessas de Deus são verdadeiras. A profecia de Naum tem apenas um tema: Nínive cairá, Judá será vindicada.

Quanto ao estilo literário, o livro é, ao mesmo tempo, poético e profético, combinando uma vívida descrição simbólica com a direta franqueza da afirmação profética. O capítulo primeiro é, em primeiro lugar, um salmo, enquanto os capítulos dois e três são proféticos.

A mensagem de Naum tem início com uma ousada declaração sobre a natureza de Deus, a premissa sobre a qual a profecia, está baseada. "O Senhor é Deus zeloso e vingador, o Senhor é vingador e cheio de ira; o Senhor toma vingança contra os seus adversários, e reserva indignação para os seus inimigos" (1.2). Esse tema atravessa o livro. Visto que a Assíria havia pecado desconsiderando a Deus, seria completamente destruída. Judá mostrara-se infiel ao desconfiar de Deus e entrar em aliança com nações estrangeiras. Ficaria avisada pela condenação de Nínive.

A mensagem de Naum é pertinente para todas as eras. Aqueles que arrogantemente resistem a Deus e não confiam humildemente nele, de que Ele proverá e cuidará deles, inevitavelmente experimentarão a Sua ira; mas aqueles que nele depositam a sua confiança serão preservados em Seu amor.

Autor

Pouco se sabe a respeito de Naum à parte desse pequeno livro. Em nenhuma outra porção das Escrituras ele é mencionado, excetuando possivelmente a tabela genealógica de Lucas. Tudo quanto se sabe acerca dele é que ele vivia em Judá, provavelmente em Elcose, cuja localização não pode ser determinada com certeza, e também que foi contemporâneo de Jeremias. O nome significa "consolação", "cheio de consolo".

A data do livro é calculada conformes evidencia interna e os fatos históricos conhecidos. Existem duas datas fixas, entre as quais o livro deve ser situado. Naum se refere à captura de Tebas (Nô-Amom, 3.8) e prediz a condenação de Nínive. Tebas caiu perante os assírios em 661 a.C., pelo que, a obra, necessariamente, tem de ser situada algum tempo entre aquela data e a queda subsequente de Nínive, em 612 a.C. (604, como data alternada). Os melhores cálculos situam o livro em cerca de 620 a.C.

Esboço

PRELÚDIO, 1.1-10

Introdução, 1.1

A Natureza de Deus, 1.2-6

Seu Caráter na Administração da Justiça, 1.2,3
Seu Caráter Ilustrado na Natureza, 1.4-6
Administração da Justiça por Deus, 1.7-10
Refúgio para os Fiéis, 1.7
Vingança contra os Maus, 1.8-10
A DESTRUIÇÃO DE NÍNIVE, ANUNCIADA COMO PARTE DO PLANO DE DEUS, 1.11-15; 2.2
Livramento de Judá, 1.12,13,15; 2.2
Julgamento contra a Assíria, 1.11,14
A DESTRUIÇÃO DE NÍNIVE SERÁ COMPLETA, 2.1,3-13
Cerco bem Sucedido, 2.1,3-9
Desespero do Povo, 2.10-13
Desolação antes do julgamento, 2.10-12
Julgamento contra o Povo como Nação, 2.13
DESTRUIÇÃO DE NÍNIVE, CAUSADA PELO PECADO, 3.1-18
Julgamento Inevitável, 3.1-4
Aniquilação Nacional, 3.5-18
POSLÚDIO, 3.19

1.1 Nínive. Era a capital assíria, e quando Naum escreveu esta profecia, era a maior do mundo. Foram os assírios; o povo mais poderoso entre os povos semitas e os primeiros conquistadores do mundo. Os muros ao redor da cidade tinham 30 m de altura, e eram tão espessos que três carruagens podiam correr lado a lado em cima deles. Estes muros eram fortificados com 1.500 torres de 60 m de altura. Era uma cidade vil. "Sua vastidão era eclipsada por sua vileza" (S. Baxter). *Naum*. Sabemos muito pouco de Naum, somente o que está, registrado neste livro. Seu nome significa "conforto" (cf. NCB, p 886).

• **N. Hom. 1.2,3** Uma visão rápida de Deus. Note-se algumas características dEle: Zeloso, vingador, cheio de ira, indignação, furor e cólera. Deus é um Deus de amor, mas também de ira. Aqueles que não entregarem suas vidas a Ele, um dia conhecerão a Sua ira, a qual é reservada para os Seus inimigos. Em Cristo somos salvos da ira de Deus (cf. 1 Ts 1.10).

1.3 Contém 5 grandes verdades com respeito a Deus: 1) Ele é tardio em irar-se; 2) Ele é grande em poder, 3) Ele jamais inocenta o culpado; 4) Ele é onipotente; 5) Ele é soberano.

1.4-6 A soberania e o poder de Deus são expostos.

• **N. Nom. 1.6** A ira de Deus: 1) As razões: a) orgulho; b) crueldade; c) impenitência, (cf. todo o livro); 2) O remédio; a) reconhecimento de Deus; b) confiança nEle (cf. v.7); 3) Características: a) é tardia (Êx 34.6-7; Ne 9.17b; Sl 103.8, Jn 4.2); b) é certa (cf. Jó 14.13; Sl 76.7; Na 1.6); c) é justa (cf. Lm 1.18; Rm 2.5, 6; 3.5); d) é evitável (cf. Jo 3.14-18; Rm 8.1; 3.25).

1.7 Isto deve ser continuamente lembrado, enquanto você estudar este livro.

• **N. Hom. 1.7,8** Amigos e inimigos de Deus: 1) para Seus amigos, v. 7; "bom... é fortaleza no dia da angústia..."; 2) Para Seus inimigos, v. 8; "Ele acabará de uma vez..."

1.8-15 Deus promete destruir os inimigos do Seu povo, os assírios e toda a cidade de Nínive. Esta profecia foi cumprida no segundo século d.C., chegando até a localização da mesma tornar-se incerta.

1.11 Refere-se a um dos reis assírios. Muitos comentaristas pensam que se trata de Senaqueribe.

2.1-10 A conquista de Nínive é anunciada e descrita nestes versículos Este capítulo prediz os acontecimentos do ano 612 a.C., quando os exércitos da Babilônia e dos medos conquistaram a invencível Nínive.

2.1 As quatro ordens a Nínive são irônicas, como as instruções de Elias aos profetas de

Baal em 1 Reis 18.27.

2.3 O vermelho era uma cor favorita dos guerreiros medos. Até suas espadas e escudos eram vermelhos.

2.4,5 Descreve-se, aqui, o estado da cidade durante o cerco. Os carros comam por toda parte tentando afastar os invasores.

2 6 Deodoro Século menciona uma velha profecia de que a cidade nunca seria conquistada, até que as comportas do rio se tornassem inimigas. Ele declara que, durante o ataque, o rio rompeu suas barrancas e destruiu os muros da cidade, quatro quilômetros e meio.

2.7 Alguns comentaristas acham que a cidade-rainha é um símbolo de Nínive. As servas que "gemem como pombos, e batem no peito" são, provavelmente, as cidades dependentes de Nínive, ou habitantes da cidade.

2.8 Relata a fuga da população.

2.9,10 O saque da cidade é previsto nestes dois versos. A grande e rica cidade é reduzida a nada. Com a queda do seu poder e riqueza, Nínive é pateticamente descrita no v. 10s.

2.11-13 Nínive, a cidade que era tão orgulhosa, forte, rica e independente de Deus, é reduzida a nada pelo Senhor dos Exércitos e nunca mais reinará (cf. Mt 26.52). • **N. Hom.** "Deus julga a Nação Corrupta". 1) Arrependeu-se (cf. Jn 4) e voltou a pecar mais. 2) A destruição de Nínive: a) completa e final; b) descrita em 2.1-3; 3) Advertência a Nínive: a) deve haver confiança em Deus pelos indivíduos de uma nação, 1.7; b) deve haver arrependimento nacional (cf. Pv 14.34; Is 60.12; Sl 33.12).

3.1-7 Retrata-nos a grande maldade de Nínive e por que a vingança de Deus foi merecida por aquela cidade corrupta.

3.1 Nínive era uma cidade sanguinária, pois seus reis não procuravam a paz, mas estavam constantemente em guerra. Eles se gabavam de fazer o sangue do inimigo correr como rios (cf. Ez 24.6, 9, 10; Hc 2.12).

3.2 Descreve novamente as cenas de julgamento de Nínive.

3.4 Deixa claro a razão do julgamento: a idolatria e superstição de Nínive.

3.5-7 Nínive comportou-se como uma meretriz e agora recebeu o castigo merecido, o qual consistia em expor-se em público, servindo de exemplo a nações e reinos, enquanto o santo Deus descobriu sua nudez e a expôs à vergonha.

3.8-13 O destino de Nínive será como o de Nô-Amom.

3.8 Nô-Amom era uma cidade egípcia, conhecida como Tebas pelos gregos. Tebas havia sido conquistada pelos assírios 51 anos antes desta profecia.

3.9,10 Apesar de sua força e de seus aliados, Tebas caiu.

3.11-13 O julgamento de Nínive seria tão merecido e completo como o de Tebas porque ela era mais perversa ainda.

3.14-19 Todos os esforços de Nínive para resistir ao ataque seriam em vão, porque Deus já havia decretado a sua queda. Seu pecado tinha raízes profundas demais para ser curado. Depois de muitas oportunidades, ela não se arrependeu, nem buscou a misericórdia divina. Agora ela deveria receber Sua ira. Deixemos que nações e indivíduos observem e aprendam com Nínive.

Habacuque

Análise

O profeta-filósofo, Habacuque, sentia-se perturbado acerca da intensa impiedade de Judá. Mas, em contraste com seu contemporâneo, Jeremias, preocupava-se mais com a aparente relutância de Deus em julgar, do que com a falta de arrependimento do povo. Destruição, violência e desconsideração para com a lei de Deus floresciam desenfreadamente (1.2-4), a despeito dos ardentes apelos do profeta para a intervenção de Deus.

Deus replicou a Habacuque que ele não teria de esperar por muito tempo para receber a resposta: os ferozes e violentos caldeus (babilônios) seriam a vara que Deus usaria para castigar e açoitar a Judá, perante os próprios olhos de Habacuque (1.5, 6).

Em lugar de suspender a carga do profeta, essa resposta a aumentou, pois Habacuque se viu a braços com um segundo e mais complicado problema: Como é que Deus, cujos olhos são por demais puros para contemplar o erro, ficaria impassível enquanto uma nação ímpia e sedenta de sangue engolfaria um povo mais justo que ela (1.13)? E o profeta procurou um lugar solitário para esperar pela resposta de Deus (2.1).

A resposta é dada numa das mais grandiosas declarações das Escrituras: O justo viverá pela sua fé (ou fidelidade). Os justos serão preservados no dia da tribulação, visto terem dependido de Deus, pelo que também Deus podia depender deles. Retribuição súbita e certa será a porção dos altivos invasores, que assim compreenderão a inutilidade da tirania e a vaidade da idolatria (2.6-19). A resposta termina com uma ordem de silêncio universal perante o soberano Senhor (2.20).

Sendo-lhe assegurado que a justiça triunfará, o profeta eleva o seu coração numa oração para que Deus opere novamente uma obra poderosa, conforme operara no Êxodo e no monte Sinai (3.2-15). Após contemplar o majestoso resplendor do Onipotente, Habacuque reafirma sua confiança no Deus de sua salvação em uma das mais comoventes confissões das Escrituras Sagradas (3.17-19).

Autor

Nada se sabe a respeito do profeta Habacuque, a não ser as qualidades pessoais que podem ser discernidas em seu escrito. Somente ele, nas Escrituras, recebe tal nome, que pode significar "abraçado" mas que mais provavelmente se deriva do nome de uma planta. Várias datas, de 700 a 300, a.C., têm sido sugeridas para a compilação desse livro, mas o período mais provável é aquele que medeia entre 605 a.C., a data da vitória de Nabucodonosor sobre egípcios, em Carquemis, na Síria, e 597 a.C., quando os babilônios invadiram Judá.

Esboço

TÍTULO, 1.1

PROBLEMA: DEUS AINDA NÃO JULGARA A DEPRAVAÇÃO MORAL DE JUDÁ, 1.2-4

SOLUÇÃO DE DEUS: OS CALDEUS JULGARÃO A JUDEIA, 1.5-11

PROBLEMA: POR QUE OS ÍMPIOS SÃO USADOS PARA CASTIGAR OS MAIS JUSTOS? 1.12-17

SOLUÇÃO DE DEUS, 2.1-20

O Remanescente justo Será Preservado, 2.1-5

A Condenação dos Caldeus é Certa, 2.6-19

A Certeza da Retribuição, 2.6-8, 15-17

A Insensatez do Saque, 2.9-11

A Inutilidade da Tirania, 2.12-14

A Vaidade da Idolatria, 2.18, 19

A Soberania do Senhor Controla, 2.20

A REAÇÃO DO PROFETA À SOLUÇÃO DE DEUS, 3.1-19

Oração para Deus Agir como nos Dias Antigos, 3.1, 2

Descrição da Revelação de Deus na experiência do Êxodo, 3.3-15

Confissão de Completa Confiança em Deus, 3.16-19

1.1-4 O clamor do profeta a Deus.

1.1 *Habacuque*. A vida particular deste profeta assim como a dos outros profetas menores e pouco conhecida (cf. NCB, p. 892).

1.2 O enigma da oração não respondida. O enigma para Habacuque era o silêncio, a aparente inatividade e despreocupação da parte de Deus em vista do pecado.

1.3-5 Habacuque, olhando ao redor, vendo o pecado espalhado por todas as direções, ficou perplexo em face do porque de Deus não agir. O livro inicia com uma interrogação e termina com uma exclamação (cf. 1.2 com 3.19). Este tem sido o clamor dos crentes em todas as épocas. Deus, porém, sempre responde, no tempo determinado por sua vontade.

1.5-11 Resposta do Senhor à oração de Habacuque.

1.5 O Senhor vai responder a oração de Habacuque de maneira não conhecida ou imaginada por ele (cf. At 13.40-41).

1.6 Deus irá levantar os caldeus para punir o seu povo desobediente. *Caldeus*. Uma tribo de semitas (também chamados babilônios), que ocupara a região entre a Babilônia e o Golfo Pérsico. Fortificando-se, marchou contra os assírios c. 630 a.C. Vinte e cinco anos mais tarde tinha conquistado a maior parte do Oriente Próximo.

1.6-11 Os caldeus viriam a ser o instrumento nas mãos do Senhor para julgar e humilhar tanto os judeus como as outras nações que se esqueceram de Deus.

1.6-8 O instrumento descrito.

1.9-10 O instrumento atuando.

1.11 O último pecado do instrumento.

1.12-17 O segundo enigma de Habacuque. Note a série de perguntas que Habacuque lança a Deus nestes versículos.

1.12 *Não morreremos*. Habacuque sabe, que, mesmo que Deus castigue a Israel, Ele não irá destruir por completo o seu povo eleito.

1.13-17 Habacuque fica perplexo ao saber que o Senhor usará um povo sem o temor de Deus como o seu instrumento de punição e pergunta a Deus por quanto tempo os caldeus continuarão na ascendência.

2.1-4 O profeta esperando resposta do Senhor.

2.1 Não houve uma resposta imediata a oração do profeta. Ele, no entanto, assume uma atitude de espera; vigilante, sabe que a resposta de Deus haveria de vir. • **N. Hom.** A oração não respondida, 1.2-2.20; 1) A oração: vv. 1-4, para Deus vindicar-se; 2) A resposta parcial, vv. 5-11 (Deus responderia mas não da maneira esperada); 3) O enigma (porque o Senhor iria lançar mão de um povo sem Deus); 4) A paciência do profeta, 2.1 (ele vigiaria e esperaria a resposta de Deus); 5) A manifestação de Deus, 2.2-20 (Ele destruirá totalmente os caldeus). Deus sempre responde as orações: algumas vezes imediatamente, outras vezes não, mas sempre na hora certa. Cf. Sl 27.14; 37.34.

2.2 *Tábuas*. Tijolos de argila, finos como tábuas, ou ardósia; eram usados na Babilônia (cf. Is 8.1).

2.4 A confiança em si mesmo traz a queda ; a confiança em Deus traz a vida. Estas palavras são citadas três vezes no NT, Rm 1.17; Gl 3.11; Hb 10.38, O homem foi e sempre será salvo pela graça mediante a fé. (cf. Gn 15.6).

2.5-20 Os cinco ais sobre os caldeus (cf. vv. 6, 9, 12, 15, 19).

2.6-8 O *ai* da retribuição. "O saqueador seria por sua vez saqueado". Gl 6.7-8 é aplicado tanto a nações como a indivíduos.

2.9-11 Este *ai* é pronunciado por causa da cobiça e do enaltecimento de si mesmos.

2.12-14 Estes *ais* dão-nos a figura de uma civilização sem Deus e a seu apontado fim. Os caldeus conseguiram grande lucro material através de nações sem Deus, mas o Senhor declara que os aniquilará. Ele fez justamente isto na queda da Babilônia diante dos medos e persas em 539 a.C. (cf. Dn 5).

2.14 Chegará o dia em que o Senhor destruirá todas as nações e este verso será literalmente cumprido (no milênio).

2.15-17 O *ai* contra o seu orgulho e atos demoníacos. Eles serão retribuídos na mesma base da ação.

2 18,19 O *ai* contra a idolatria, pois que eles foram insensatos em adorar e servir os seus deuses mudos e sem vida.

2.20 Apesar da fraqueza e da idolatria campear ao redor, Deus reina.

3.1-19 A oração de triunfo e a visão da obra de Deus, através dos séculos.

3.2 *Aviva a tua obra*. Uma petição da parte de Habacuque relativa à restauração do povo de Deus. No NT vemos quão grande é o interesse de Deus pela Igreja, a noiva santificada e purificada "para a apresentar a si mesmo, igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga..." (Ef 5.26-27). O profeta almeja uma nova manifestação de Deus como Ele se revelara no Êxodo. *Na tua ira*. O heb original pode indicar "confusão". Em todo o caos da história humana dependemos da misericórdia de Deus. Só Ele sabe o fim das torrentes confusas.

3.3-15 Os tempos dos verbos, neste trecho, não admitem uma clara definição. Podem referir-se ao passado, presente ou futuro. Parece ser mais provável que Habacuque empregue, como base, as primitivas experiências de Israel para descrever uma libertação ainda mais completa e gloriosa.

3.3 *Temã*. Área no sul de Edom. *A terra se enche do seu louvor*. Fala-se, aqui, não da glorificação que parte dos lábios dos povos, mas da Sua majestade na revelação do Seu poder e glória (cf. v. 4).

3.4 *Resplendor*. É a mesma glória compartilhada a Moisés quando este ficara na presença de Deus durante quarenta dias (Êx 34.29,30). • **N. Hom.** O Poder de Deus velado: 1) *Na natureza*. Depois de a ciência descobrir tudo que pode e poderá ainda fazer não será possível desvendar todo o poder do Criador; 2) *Na própria revelação verbal*. Ainda que estudemos a Bíblia com toda capacidade e inteligência humana, não descobriremos os limites do Seu poder (1 Co 13.12); 3) *Na providência*. Em meio à bênção e à angústia ainda não encontramos reveladas todas as fontes do Seu poder e dos Seus planos. Conclusão: devemos humildemente esperar e receber o poder que Deus se agrada em conceder. nos (cf. At 1.4, 8).

3.13 Povo... *ungido*. A salvação de Cristo que quer dizer "Ungido", ou, em heb Messias.

3.16-19 Fé expressa de Habacuque.

3.16 O efeito desta visão em Habacuque.

3.17-19 Venha o que vier, ele se regozijará em seu Deus sabendo que nele estará a salvo, e quando isto passar, ele será trazido ao lar pelo Senhor seu Deus. (Cf. Jó 2.10; 19.25; Rm 8.37-39).

Sofonias

Análise

Sofonias, um autêntico profeta do Senhor, enfrentou uma nação corrupta e ímpia, Judá. Embora identificado com o povo escolhido, tal nação não poderia subsistir, pois o Senhor é um Deus justo que não respeita pessoas. Bem para o nordeste ficava a poderosa Assíria, que haveria de ser usada pelo Senhor como Seu instrumento para produzir a destruição de Judá. Essa destruição seria um dia em que a justiça do Senhor seria vindicada. Seria realmente um Dia do Senhor.

Sofonias corretamente procurou inspirar temor em seus ouvintes no tocante àquele dia, e apela a que se arrependam. Ele salientou que através de tal julgamento a misericórdia será estendida àqueles a quem Deus realmente quisesse livrar. O remanescente puro, uma vez libertado, cantará os louvores do justo Senhor que habita em seu meio.

Autor

Essa pequena profecia afirma ser uma revelação dada a Sofonias, que profetizou depois da destruição de Israel, durante os dias de Josias. Provavelmente suas mensagens foram proferidas antes da reforma de Josias, pois pintam um povo

desesperadamente pervertido e que não busca ao Senhor.

Esboço

PROFECIA SOBRE OS JUÍZOS DE DEUS, 1.1-2.3

Genealogia e Identidade do Profeta, 1.1

Anúncio de Julgamento Certo, 1.2-6

Anúncio sobre o Dia do Senhor, 1.7-9

O Dia do Senhor, um Dia de "Ais", 1.10-13

O Julgamento não Será Adiado, 1.14-18

Exortação ao Arrependimento, 2.1-3

O JULGAMENTO DE DEUS CONTRA AS NAÇÕES, 2.4-38

Anúncio da destruição da Filístia, 2.4-7

Moabe e Amom Serão Destruídas, 2.8-11

Julgamento Universal, 2.12-15

A Corrupta Cidade de Jerusalém, 3.1-8

BÊNÇÃOS PROMETIDAS, 3.9-20

Salvação e Livramento, 3.9-13

Salvação Exige Louvor, 3.14-20

1.1 Sofonias. Seu nome significa "Jeová escondeu". Sua genealogia é dada até quatro gerações passadas. Uma das razões disto é mostrar que ele era um descendente da realeza. Era um trineto do piedoso rei de Judá, Ezequias. Ele era contemporâneo de Jeremias e Miquéias.

1.2-6 O julgamento é anunciado.

1.2,3 Será um julgamento completo: "Todas as coisas".

1.3 Ofensas. "Pedra de tropeço". Todos os objetos que serviram de causas de tropeço moral e religioso (cf. Ez 14.3; Mt 13.41).

1.4 Baal. Era o ídolo do deus dos fenícios e cananitas. A palavra significa "senhor" ou "possuidor". Práticas sensuais eram ligadas à adoração deste deus. *Quemarim*, no heb, é o nome dado a sacerdotes idólatras que os reis de Judá estabeleceram para incensar sobre os altos nas cidades de Judá e ao redor de Jerusalém (ver 2 Rs 23.5).

1.5 Milcom. Também chamado Moloque, o deus dos amonitas (1 Rs 11.5, 7, 33; 2 Rs 23.13).

1.5,6 Temos uma lista de, pelo menos, seis coisas que o Senhor destruirá: 1) os ídolos de Baal; 2) Seus sacerdotes; 3) Os que adoram o exército do céu, abertamente sobre os eirados 4) Os adoradores secretos; 5) Aqueles que, embora não adorando imagens, se têm apostatado em seus corações; 6) Os indiferentes a Deus.

1.7-13 O julgamento definido. É chamado "o Dia do Senhor" e repetido muitas vezes (cf. 1.7, 8, 9, 10, 14, 15, 18; 2.2, 3; 3.8). A frase é usada por Sofonias mais do que por qualquer outro profeta. "É sempre um contraste com o dia do homem. O dia do homem e o dia da paciência de Jeová. O Dia do Senhor e o dia do julgamento do homem" (Morgan).

1.7 Os *convidados* de Deus são aqui as nações estrangeiras a quem ele escolheu, para ministrar a punição. Elas são convidadas, como foram, a banquetear-se com a carne do apóstata povo de Deus (Ellicott).

1.8 Vestiduras estrangeiras. Condenadas por serem sinal de apostasia. As vestes de Israel deviam ter franjas azuis, para lembrar-lhe de "todos os mandamentos do Senhor" (Nm 15.38, 39).

1.9 Talvez uma prática supersticiosa (cf. 1 Sm 5.5). Aqui se refere aos ladrões que entraram para saquear.

1.10 Porta do Peixe. Uma das portas de Jerusalém.

1.11 *Mactés*. Entre os morros do leste e oeste, no vale Tiropoeom (cf. NDB p 806).

1.12 Deus irá explorar todo o canto escuro e julgar todo o pecado. "Os homens que estão à borra do vinho", esta figura foi tomada do vinho que se tornou azedo por ter permanecido muito tempo na borra. As pessoas aqui referidas são aquelas afundadas na estagnação moral e indiferença espiritual. São homens como o rico louco de Lc 12.16-20.

1.13 O fim destes homens é declarado.

1.14-18 O julgamento do Senhor é vividamente descrito nestes versos. Entre todas as referências da Bíblia ao "Dia do Senhor", em nenhuma é descrita com mais detalhes do que aqui. É um dia *amargo... de indignação... angústia... alvoroço... desolação... escuridade... negrume... nuvens... densas trevas... trombeta e... rebate*. Aqui temos um dos protótipos veterotestamentários das visões apocalípticas, que são claramente definidas em Zacarias, em Daniel e em Apocalipse.

1.18 Nada os livrará da ira de Deus, que atuará sem impedimento naquele dia; prata e puro não terão nenhum valor. Poderemos, no entanto, nos livrar daquele dia, se recebermos Cristo como nosso Salvador (cf. 1 Pe 1.18,19).

2.1-3 A chamada ao arrependimento. Em vista da vinda do Dia do Senhor, o apelo é feito às nações para se humilharem e se arrependerem dos seus pecados.

2.2 O apelo para se humilharem diante de Deus é um apelo urgente. Enquanto ainda há tempo! Quando o julgamento vier, a oportunidade dada ao homem voará como a palha. Esta época de graça e apelo é vista claramente em 2 Co 6.1-2. "Agora" é o tempo de Deus para a salvação.

• **N. Hom. 2.3** Os abrigados da ira no Dia do Senhor: 1) Os que buscam ao Senhor no dia de Sua graça (Is 55.6; 2 Co 6.1, 2; Tg 4.8); 2) Os que fazem a Sua vontade (Jo 14.21; 1 Co 6.9-11; Ap 6.15-17); 3) Os justificados pela graça de Cristo (Rm 5.1, 2; 8.30-39); 4) Os que compartilham da mansidão de Cristo (Mt 5.5).

2.4-7 O julgamento dos filisteus. Estas quatro cidades referidas no v. 4 são as principais cidades da Filístia.

2.5 *Quereítas... e filisteus*. Faziam parte da grande leva de imigrantes à costa sul da Palestina, cerca do ano 1200 a.C.

2.8-11 O julgamento de *Moabe* e *Amom*. Moabe será levada à ruína como Sodoma, e Amom se tornará como Gomorra. O Senhor tratará severamente os inimigos do Seu povo.

2.12 O julgamento do Egito. O Egito é aqui chamado Etiópia; que também passará pela espada, em cumprimento à promessa de Deus a seu povo (cf. NCB, p 904).

2.13-15 O julgamento da *Assíria*. Esta profecia foi cumprida logo no ano 612 a.C., quando *Nínive* foi tomada e destruída pela Babilônia. Isto será lembrado; esta catástrofe é o tema da profecia de Naum. Seus efeitos são aqui descritos na mesma linguagem de Naum 3.

3.1-4 O profeta anuncia a corrupção e dureza espiritual que caracterizam todas as classes de Jerusalém. Seus líderes, juizes; profetas e sacerdotes eram todos corruptos e endurecidos.

3.2 Jerusalém não confia no Senhor, mas em si mesma (cf. 1.12), e não se aproxima de seu Deus, mas sim de Baal e de Milcom (cf. 1.4-6).

3.5-8 A paciência de Jeová.

3.5 Apesar da fraqueza de Jerusalém, o Senhor diariamente manifesta a Sua justiça, mas sem nenhum resultado.

3.6 *Nações*. Aquelas que foram destruídas por Israel ao entrar na Terra Prometida; também aquelas que foram assoladas pelos assírios.

3.7 Mesmo pensando sobre a evidente ira de Deus sobre as nações, que Lhe desobedeceram, não se, arrependeram (cf. Mt 23.37).

3.8 A paciência de Deus acabará e dará lugar à Sua ira. Deus sempre tem a última palavra.

3.9-20 A última bênção, vv. 9-13. A discordância de línguas que ocorreu em Babel um Dia dará lugar à unidade de línguas quando o pecado for derrotado, e Cristo, o supremo rei,

reinar na terra. Depois deste grande e terrível Dia do Senhor, a justiça reinará outra vez e os homens confiarão em Jeová.

3.14-20 A bem-aventurança de Jerusalém quando através do castigo for trazida à glória. As razões para a alegria, de Israel estão enumeradas nestes versos; também, aqui, numa linda figura, Deus está regozijando-se com o seu povo. Que revelação do coração de Deus! "Ele tem um braço de pai, mas um coração de mãe". Note-se os "Eu irei", daqui, em contraste com os "Eu irei" 1.2-18. Sofonias dá-nos uma "acusação do pecado que é tão severa e à nova do amor que é tão suave". O amor não desculpa o pecado mas julga-o como Sofonias faz sentir.

• **N. Hom. 3.14-17** O justo motivo para o júbilo dos Filhos de Deus: 1) A condenação afastada pela cruz de Cristo (Rm 8.1; Cl 2.14-15); 2) Seu inimigo derrotado (Jo 12.31; 16.33; 1 Jo 5.18); 3) Seu Rei eterno habita no meio deles (Jo 14.23); 4) Seu Senhor deleita-se neles e mostra-lhes continuamente Seu infinito amor renovado (Rm 8.38, 39; 1 Jo 4.10). Conclusão: Por que não demonstrar ao mundo temeroso e triste o júbilo verdadeiro do crente?

Ageu

Análise

A profecia de Ageu, que pertence ao período pós-exílico, consiste de um pós-exílico apelo aos governantes e ao povo para que reiniciem a reconstrução do templo, depois de dezesseis anos de interrupção e adiamento. O profeta desmascara violentamente o falso ponto de vista, mas prevalecente, de que a obra de Deus é secundária e deve esperar até que sejam solucionados os problemas econômicos. Ele mostra antes que estes problemas são um julgamento contra a negligência sobre a obra de Deus, encoraja-os em face de tremendas comparações, e promete a melhoria das circunstâncias materiais, agora que a vontade e a obra de Deus estavam sendo efetuadas Ageu conclui sua mensagem confirmando a escolha divina do governador Zorobabel, e indicando a sua significação messiânica.

Autor

A profecia foi cuidadosamente datada (520 a.C.) e sem dúvida foi obra de Ageu, conforme o livro é conhecido, e que é mencionado em associação com Zacarias em Esdras 5.1 e 6.14. Além da participação que teve na reedificação do templo, nada sabemos sobre sua vida ou caráter. Seu estilo direto e franco é admiravelmente apropriado para sua missão prática de repreensão e encorajamento.

Esboço

CHAMADA AO EXAME, 1.1-6

Chamada Geral ao Povo, 1.3-6

DECLARAÇÃO DE JUÍZO DIVINO, 1.7-11

Conclamação à Edificação, 1.7,8

Explicação das Dificuldades Econômicas, 1.9-11

REAÇÃO DO POVO, 1.12-15

Movimento de Obediência, 1.12

O Trabalho tem Início, 1.14,15

MENSAGEM DE ENCORAJAMENTO, 2.1-9

Chamada de Abertura aos Governantes, 1.1,2

Detração Humana, 2.1-3

A Glória da Nova Casa, 2.6-9

PROMESSA DE BÊNÇÃO, 2.10-19

Uma Comparação Ritual, 2.10-14
Solução para os Problemas Econômicos, 2.15-19
A CONFIRMAÇÃO DE ZOROBABEL, 2.20-23
Abalando as Nações, 2.20-22
O Líder Prometido, 2.23

1.1-11 A primeira mensagem de Ageu a Israel.

1.1 *Dario*. O rei aqui referido é Dario Histaspes, e o ano é o de 520 a.C. *Ageu*. Nada de definido é conhecido de sua história pessoal. Ele é mencionado em Esdras 5.1 e 6.14. Ele é o primeiro dos profetas a Ministar depois do Exílio. *Veio a palavra do Senhor*. Esta expressão, usada várias vezes no livro, indica que Jeová era à fonte direta destes anúncios e Ageu somente o instrumento.

1.2 Esta era a desculpa do povo para não edificar o templo.

1.3-11 A censura de Jeová.

1.4 A pergunta direta do Senhor anula suas desculpas esfarrapadas. Eles possuíam lindas e luxuosas casas, mas não construíram a casa do Senhor. Há algum paralelo hoje?

1.5 *Considerai o vosso passado*. Um constante desafio de Ageu. • **N. Hom.** Coisas a considerar: 1) Seus caminhos errados, 1.5, 7; 2) Seu julgamento inevitável, Dt 32.29; 3) Seu Salvador crucificado, Hb 12.3; 4) Seu serviço fiel, 1 Sm 12.24.

1.6 Em virtude da falta dos judeus ao deixar de reconstruir o seu templo, Deus reteve Suas bênçãos. Todos estes fracassos, ademais, são castigos de Deus pela falta de obediência do povo. Se O colocarmos em primeiro lugar, poderemos estar certos de que Ele irá suprir todas as nossas necessidades cf. Mt 6.33).

1.7-11 Outra vez os judeus são exortados a considerar seus caminhos e a construir a casa de Deus. Ele declara que se agrada dela e será glorificado. Por causa da negligência deles para com o Senhor e Sua casa, o Senhor não derramaria Suas bênçãos. Ele estava desejoso de perdoar e abençoar. Ele reteve as bênçãos materiais por se terem esquecido dele.

1.12,13 A reação à mensagem de Deus, Os israelitas humilharam-se e tornaram-se obedientes ao Senhor.

1.13 A segurança da presença do Senhor. Ele nunca nos pede para fazermos o seu trabalho sozinhos ou só pelas nossas forças (cf. Êx 3.12; 23.14; Jz 6.16; Jr 1.8; Mt 28.20). A segunda mensagem. inspiração para a obra (13-15).

1.14,15 Supõe-se que as três semanas intermediárias foram gastas em ajuntar a madeira na região alta como foi ordenado no v. 8 e que então foi iniciado o trabalho na casa do Senhor.

2.1-9 A terceira mensagem. Pouco mais de um mês mais tarde, uma boa parte do trabalho tinha sido feita no templo onde o profeta entregava sua terceira mensagem.

2.3 De acordo com Esdras 3.12, muitos cabeças de famílias já idosos, que haviam visto o templo de Salomão antes de sua destruição pelos babilônios, derramaram lágrimas quando o alicerce tão pequeno foi lançado para o novo templo.

2.4,5 Eles estavam desanimados, mas o Senhor os desafiou: "*sê forte*"; "*trabalhai*", "não temais". Deus busca a fidelidade; não requer tanto o nosso sucesso (1 Co 4.2; 15.58).

2.6-9 Este trecho trata de uma grande profecia acerca do futuro.

2.7 Ainda que haja divergência de opinião sobre este versículo, o verbo *virão*, no plural (apoiado nos melhores textos originais), indica que coisas preciosas referem-se ao tesouro que os gentios virão trazer a casa do Senhor. Dificilmente referir-se-ia à vinda do Messias (cf. a frase, "o Desejado de todas as nações", na EREC). O cumprimento desta profecia se deu literalmente na reconstrução de Herodes, o Grande, quando tornou este edifício insignificante numa das maravilhas do mundo da antiguidade (cf. Jo 2.19, 20).

2.8 *Minha... ouro*. Todas as riquezas do mundo estão sob o controle do Senhor. Um dia prestaremos contas da nossa mordomia sobre todas as coisas emprestadas para nós

pelo Criador.

2.9 *Neste lugar darei a paz.* O significado final e completo desta promessa só se realizou por meio de Jesus Cristo que visitou muitas vezes este templo (reconstituído) 500 anos mais tarde. Este tema da grande passagem de Paulo sobre a paz com Deus, oriunda da morte de Cristo na cruz (Ef 2.12-22).

2.10-19 A quarta mensagem (10-13) A pergunta de Ageu acerca da contaminação e santificação, e a resposta. O pecado e a imundície são contagiosos, mas a santidade purifica.

2.14 A aplicação. Todos os seus trabalhos e oferendas eram impuros porque eles se achavam nessa condição de impureza. Por isso a adversidade persiste. Com a retificação desta falta, Deus começaria "desde este dia" a abençoar o Seu povo (19).

2.15-19 O Senhor desafia-os para prová-los; se eles abandonarem o mal, Ele será fiel e abençoará o seu povo.

2.20-23 A quinta mensagem. A mensagem do Senhor a *Zorobabel* fala sobre a vinda do julgamento e faz a ele promessa de uma honra especial.

2.21 *Zorobabel* é o representante da linhagem de Davi e, portanto, ancestral legítimo de Cristo, na carne (cf. Ag 1.1; Ed 5.1-5; Zc 4.6-10; Mt 1.12-13).

2.2 A certeza do julgamento divino (Dn 2.34-35, 44, 45; Ap 19.11-21).

2.23 O Senhor colocará *Zorobabel* num lugar de honra, através do Messias, porque o Senhor o havia escolhido para renovar o Seu pacto com a linhagem de Davi (2 Sm 7.12).

Zacarias

Análise

Zacarias, contemporâneo mais jovem do profeta Ageu, atirou-se à mesma tarefa que ocupava o profeta Ageu, a de induzir o povo a reconstruir o templo. Sua mensagem escrita, forma um significativo elo entre os profetas anteriores a cujo ministério ele se refere (1.6) e as fases posteriores da obra redentora de Deus, sobre a qual o seu livro presta tão eloqüente testemunho. Dessa maneira, ele nos ajuda a olhar para o dia futuro, quando o completo Reino de Deus será estabelecido e a preencher nossa exultante expectativa a respeito daquele dia de tão rico conteúdo bíblico.

Autor

Apesar de que os oito primeiros capítulos do livro sejam atribuídos a Zacarias, em 520 a.C., a data dos capítulos 9-14 é largamente disputada, e muitos chegam a negar que Zacarias os tenha escrito. Alguns têm argumentado em favor de uma autoria anterior a Zacarias; outros tem defendido uma data posterior aos dias do profeta, sendo que este último ponto de vista é a posição dominante da atualidade. Certeza absoluta não é fácil de conseguir-se. Embora se devam reconhecer diferenças, a similaridade de atitude entre as duas partes do livro parece indicar a unidade de sua origem. Atribuir a segunda porção a tempos macedônicos por causa da referência à Grécia, em 9.13, é supor que Zacarias, como um verdadeiro profeta de Deus a quem as coisas futuras eram reveladas, não poderia ter previsto a futura proeminência da Grécia. Além disso, Zacarias, que iniciou o seu ministério em 520 a.C., bem pode ter vivido o bastante para testemunhar as importantes vitórias dos gregos sobre os persas, em 490 e 480 a.C. Tais vitórias poderiam ter mostrado o futuro domínio grego.

Esboço

CHAMADA À CONVERSÃO, 1.1-6

DESVENDAMENTO EM VISÃO DOS PROPÓSITOS DE DEUS, 1.7-6.15

Visão Primeira: As Aparências Enganam, 1.7-17

Visão Segunda: Os Destruidores São Destruídos, 1.8-21

Visão Terceira: Segurança Perfeita de uma Cidade Aberta, 2.1-13
Visão Quarta: Satanás é Silenciado, 3.1-10
Visão Quinta: O Templo Reedificado só pelo Espírito, 4.1-14
Visão Sexta: A Maldição que Destrói o Pecado, 5.1-4
Visão Sétima: O Pecado Personificado Banido da Terra, 5.5-11
Visão Oitava: Quatro Carros, 6.1-8
Cenas de Coroação, 6.9-15
UMA MENSAGEM PROFÉTICA AO POVO, 7.1-8.24
O REINO VINDOURO, 9.1-14.21
O Rei e Seu Reino, 9.1-11.3
Dois Pastores, 11.4-17
Jerusalém Atacada e Libertada, 12.1-9
Bênção Íntima Prometida, 12.10-14
Tríplice Purificação, 13.1-6
A Morte do Pastor, 13.7-9
O Dia do Senhor, 14.1-21

1.1 Zacarias (provavelmente era neto de Ido; em Ed 5.1, ele é chamado de "filho") significa "Deus lembrou-Se". *Berequias* significa "abençoado do Senhor". Ido significa "tempo determinado". Nestes três nomes está a mensagem do livro: "Deus lembrará o Seu povo e o abençoará". Estamos, aqui, no mês de novembro de 520 a.C.

1.2-6 O chamado do Senhor ao arrependimento e conversão a Ele. Aqui, vemos o uso de "Senhor dos Exércitos" pela primeira vez, o qual ocorre 52 vezes neste livro. Jeová chama o Seu povo para voltar a si, e providencia um meio para esta volta. É, como vemos, responsabilidade nossa andar no caminho de Deus (Ef 4.17-24).

1.4,5 Seus pais recusaram-se a obedecer a palavra de Deus, mas finalmente descobriram que o Senhor Jeová sempre foi fiel a Sua palavra.

1.6 O erro é sempre punido, e o mal sempre acaba sendo castigado afinal.

1.7-17 A primeira visão, de um homem a cavalo, entre as murteiras, tinha finalidade de exprimir ao profeta a verdade de que, ainda que houvesse muito pouca evidência de que Deus realmente "derrubaria o trono dos reinos" (Ag 2.22), Ele, com seu olho observador, esquadrinha o horizonte e prepara-se para cumprir Sua palavra.

1.8 *Tive de noite*. Começando com este verso até 6.8, o profeta recorda oito visões que teve todas, provavelmente numa só noite.

1.10,11 *O homem e o anjo do Senhor* (11) são tanto uma como a mesma pessoa, i.e., o Senhor Jesus Cristo, em uma aparente visão, revelando a vontade de Deus aos homens.

1.12 *O anjo do Senhor* intercede pela nação, provando que não é mais anjo, porém um mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo (1 Tm 2.5). *Setenta anos*. São aqueles da profecia de Jeremias, cumpridos no cativeiro (Jr 25.11, 12).

1.14 Nas visões seguintes, o anjo do Senhor fala com Deus, explicando as visões com divina autoridade.

1.15 Deus usa algumas nações para disciplinar ao seu povo; porém, quando estas nações agem ultrapassando o desejo do Senhor, elas devem ser castigadas também.

1.16 Esta era uma promessa especial de Deus para encorajar Zorobabel no trabalho da reconstrução do segundo templo.

1.17 As promessas do Senhor, mesmo que tardias, são certas.

1.18,19 O chifre é o símbolo de poder e de hostilidade. O número quatro refere-se aos quatro pontos da bússola, o que inclui cada direção possível e representa, assim, todos os possíveis inimigos.

1.20,21 Para cada chifre havia um ferreiro para derrubá-lo. Deus providenciaria a vitória sobre cada inimigo (2 Co 2.14).

2.1-5 Esta visão e a realização da promessa feita em 1.16. Um homem irá medir a cidade

mas ele sabe que o seu trabalho será em vão, pois que a nova Jerusalém não precisa de muros e os seus limites serão indefinidos (cf. Ez 40.3, 4; Ap 11.1). O Senhor mesmo será o seu protetor e a glória em seu meio.

2.6,7 Deus exortara os judeus quando ainda estavam na Babilônia, para, voltarem à terra por causa do iminente julgamento.

2.8 *Menina*, em heb significa, aqui, pupila dos olhos. O olho é um dos maiores tesouros e o mais bem protegido órgão do corpo e, assim também Deus entesoura e protege o seu povo (Dt 32.10).

2.10 Esta profecia recebeu um glorioso cumprimento em Cristo. (cf. 1.14; 14.23).

2.11 Anuncia a conversão dos gentios (cf. Rm 11.11-15; 10.18).

2.12 *Terra santa*. Esta é a única vez que esta expressão é usada na Bíblia. A terra, então, será chamada santa porque o santo Deus estará habitando nela.

2.13 Devemos estar quietos perante Deus, não duvidando nem indagando acerca dos seus planos e do seu tempo (Sl 46.10; Hc 2.20).

3.1-10 *Josué*, o sumo sacerdote diante do anjo do Senhor.

3.1 *Satanás*. Lit. "o adversário", estava lá para resistir ao trabalho do Senhor. Ele resiste na terra pela tentação e nos céus pela acusação (Jó 1.6,7, Ap 12.10).

3.2 Deus responde a Satanás. *Te repreende*. O Senhor não admite a acusação difamadora do diabo. Josué é eleito por Deus dentre o remanescente trazido de volta da Babilônia, isto é, um *tição tirado do fogo*. Assim também se sente todo fiel servo do Senhor.

3.3-5 *Trajado de vestes sujas* é símbolo da culpa e do pecado tanto do sacerdote como do povo. O anjo do Senhor mudou as vestes do sacerdote por roupas limpas; de modo algum ele poderia trocar as suas próprias vestes. O pecador não pode lavar a sua própria alma, alcançando assim uma justiça perfeita (Is 64.6). A única esperança para o imundo e contaminado pecador é a veste da justiça do Senhor (Is 61.10; Rm 13.14). • **N. Hom.** Ele é lavado, vestido e coroado pelo Senhor.

3.6,7 Salvação é de graça, porém muitos dos benefícios e bênçãos da vida cristã dependem da nossa obediência à palavra de Deus.

3.8-10 *Renovo*. Um dos nomes messiânicos de Cristo, usado em quatro diferentes maneiras no AT, para descrever diversos aspectos da pessoa e obra de Cristo (cf. Is 4.2; 11.1; Zc 6.12, 13).

3.9 *Pedra*. Provavelmente uma referência à pedra angular do templo, mas esta alusão simbólica relaciona-se com Cristo (1 Pe 2.6).

3.10 Uma descrição gráfica da paz e prosperidade do reino de Cristo.

4.1-5 O candelabro era um símbolo de Israel, que seria a luz para todo o mundo. Nessa época, depois da queda de Israel, tornou-se o símbolo da igreja, que tem a mesma responsabilidade (Fp 2.1 5; Ap 1.20).

4.3-6 O óleo é um tipo aceitável para o Espírito Santo, quem deveria preencher e controlar todas as atividades das nossas vidas, a fim de que a luz do nosso testemunho brilhe neste mundo de pecados.

4.6 *Meu espírito*. O Espírito Santo, controlando os homens, ultrapassa a *força* de um exército ou o *poder* de qualquer vulto para conseguir o verdadeiro plano de Deus na terra.

4.8,9 Contém afirmações positivas de que o templo seria terminado por Zorobabel e não ficaria por terminar, como acontecera até então.

4.10 Apesar do prumo parecer insignificante aos olhos do Senhor, era um passo de fé que o alegrava. A colocação do primeiro tijolo da casa, apesar de parecer sem sentido, é tão importante quanto o último. Nada deixa de ser notado por Deus (Hb 4.13; Sl 139).

4.14 As duas oliveiras referidas nestes versos falam da autoridade real e sacerdotal. Através destas formas ou meios, Deus manifestou Seus dons graciosos ao Seu povo. Nesta visão, representavam a Josué e Zorobabel. O Messias combinou estas posições em sua própria pessoa.

5.1 O *rolo* está voando, porque traz rápido julgamento, pelo pecado cometido na terra restaurada, ao povo de Deus.

5.2 O tamanho é exatamente o mesmo do Santo dos Santos do Tabernáculo e do pórtico do templo de Salomão. Isto indica que o julgamento será de acordo com a santidade da casa do Senhor e terá seu início lá (cf. 1 Pe 4.17).

5.3 Em cada lado do rolo, estava escrito o mandamento do meio de cada tábua da lei. Toda lei, no entanto, será a base do julgamento. A "maldição" é a maldição contra todo aquele que não guardar toda a lei (Dt 27.26).

5.4 Esta maldição cairá e pairará na casa do ofensor, destruindo-o.

5.6 O *efa* é um símbolo de toda iniquidade da terra acumulada. O efa é uma medida para ingredientes secos, usada pelos judeus, igual a, ou aproximadamente, 30 litros.

5.7 A *mulher*, quando situada fora de seu lugar, personifica a impiedade.

5.8 O peso de chumbo da tampa pode simbolizar a pressão sobre o mal (2 Ts 2.7), ou a dificuldade em removê-lo para fora do país.

5.11 *Terra de Sinear*. Onde o homem travou a primeira rebelião contra Deus (Gn 11.2) e foi também a terra do cativo dos judeus, isto é, a Babilônia.

6.1,2 *Quatro carros... cavalos*. São os poderes, que o Senhor levantará para castigar as nações particularmente a Babilônia, que tratara tão cruelmente o seu povo; eles são os instrumentos do divino julgamento. *Bronze*. Indica tanto a proteção de Deus como a imutabilidade de sua promessa em relação a Seu povo escolhido. As duas montanhas são o monte Sião e o monte das Oliveiras, entre os quais está o vale de Josafá, onde as nações serão julgadas.

6.5 *Ventos*. Como os quatro ventos de Daniel, os quatro querubins de Ezequiel e os quatro anjos dos cantos da Terra, de Apocalipse, significa universalidade apontando para o julgamento, que avança para cada direção.

6.6 *A terra do Norte* é a Babilônia e a terra do sul é o Egito.

6.8 *Espírito*. É usado aqui como portador da ira divina (cf. Jz 8.3). A ira de Deus, que pune todo pecado, foi eficazmente apaziguada na cruz do Calvário, para todos os que confiam plenamente em Cristo (Jo 3.36; Is 53.4-6; Rm 3.23-26).

6.9-11 O ato simbólico. É ordenada ao profeta para tornar prata e ouro, que uma deputação da Babilônia havia trazido, e fazer coroas e colocá-las na cabeça de Josué.

6.11 *Faze coroas* é melhor compreendido se for "uma coroa composta".

6.12,13 Em última alternativa, seria uma descrição do Messias. Sua origem obscura é falada nestas palavras: *Ele, brotará do seu lugar e edificará o templo*. Ele, o supremo rei, reinará (13); Ele, como Deus-homem, pode ser sacerdote e rei; e ele somente é quem pode trazer a paz à terra (Rm 5.1).

7.1 *Quarto ano*. Isto em dezembro de 518 a.C., o segundo ano depois do início da construção do templo, e cerca de dois anos antes de ser terminado.

7.2,3 A questão surgiu na mente do povo preocupado com os dias de jejum dos judeus.

7.4-8 O profeta responde às suas perguntas pela palavra do Senhor. Sua palavra está em quatro partes e cada uma começa com a frase: a *palavra do Senhor*. Nossas respostas às perguntas dos homens devem vir da palavra de Deus, a Bíblia.

7.5-7 O povo é repreendido pela sua hipocrisia no que se refere à natureza meramente formal de seus jejuns. Motivação é um fator importante. Estas prescrições são dos homens. Deus nunca lhes mandou jejuar. *No quinto e no sétimo mês*. O templo em Jerusalém foi queimado no quinto mês e o governador Gedalias foi assassinado, no sétimo mês (2 Rs 25.8, 9, 25).

7.8-14 A desobediência de seus pais e o castigo que se seguiu serviram de advertência para não caminharem nos caminhos de seus pais. Assim como seus antepassados recusaram o fardo da obediência, Deus colocou, sobre eles o jugo de opressão. A verdadeira religião distingue-se pela *bondade e misericórdia* (9) que se implantam no coração do convertido (1 Co 13). Nós também somos advertidos contra o formalismo e o

coração duro e desobediente (Mt 23.23, 25.40, 41; Hb 3.7-19).

8.1-23 A terceira parte da resposta do profeta é dividida em sete diferentes ditos (vv. 2, 3, 4, 6, 7, 9, 14) e a quarta em três (vv. 19, 20, 23), cada um começando com: "Assim diz o Senhor dos Exércitos". O escritor nos impressiona dizendo que elas não são palavras dos homens, mas que são uma nítida revelação de Deus.

8.2 Deus manifestou Seu grande amor por Jerusalém por intermédio de uma grande indignação, no cativeiro. Deus nunca permite que seu povo busque outros amantes sem encarar primeiro Sua disciplina. Ele exige o primeiro lugar.

8.3 Será em Jerusalém que a verdade e a fidelidade a Deus terão o seu lar. Estes fatos olham para além da época do profeta, para a futuro, quando Cristo reinar na terra (cf. Is 4.2-6; 11.1-16; Ap 20.4).

8.4,5 A base para este futuro glorioso está na presença do Senhor dos Exércitos, habitando no meio do Seu povo. Poderá alguma comunidade gozar de bênçãos reais longe da presença de Deus?

8.6 A pergunta feita por Deus implica claramente numa resposta negativa. Para Deus todas as coisas são possíveis (Mt 19.26).

8.7,8 Deus prometeu reunir todos os judeus que estavam no exílio, tanto na oriente como no ocidente para renovar Sua relação com eles. O *ocidente* aponta para um tempo futuro quando o povo de Deus estaria espalhado muito além das fronteiras da Babilônia.

8.9-13 Esta exortação começa e acaba com as palavras: "Sejam fortes as mãos de todos vós".

8.9 Eles devem completar a edificação do templo. Os *profetas* aqui referidos são Zacarias e Ageu.

8.10-12 A terra até agora improdutiva (Ag 1.6, 9-11; 2.16, 17), mas "desde este dia vos abençoarei" (Ag 2.18, 19).

8.13 Como antes eles tinham sido objeto de maldição entre as nações pagãs pelos castigos recebidos, agora o remanescente será uma bênção.

8.14-17 Assim como a cativeiro fora permitido pela vontade de Deus, também a restauração o fora. O povo não precisa temer, se praticar somente o que é justo aos Seus olhos.

8.14 *Me arrependi*. Esta palavra, no heb *nacham*, assume o significado de "ser confortado", "ser aliviado". É empregada em relação a Deus e aos homens. Mesmo que tenha este sentido literal, é evidente que no tocante a Deus vem a ser utilizada no sentido de *metanoia* no N.T., onde significa "mudar de mente ou idéia". Tal como no N.T., este "arrependimento" é freqüentemente acompanhado de contrição e tristeza. Quando aplicada a Deus, como está aqui, a palavra é empregada no seu sentido antropomórfico (bem excepcionalmente). Parece, do nosso ponto de vista, que Deus mudou de idéia quando de fato Deus é constante, conhecendo tanto o fim como o princípio (Hb 13.8), e, portanto, imutável.

8.19 Por causa dos seus pecados, os dias de festa se tomaram em jejuns. Agora, pelo contrário, o profeta promete que se eles observarem as condições exigidas, seus jejuns serão transformados em festas.

8.20-23 Jerusalém será o lugar central de adoração, e, no futuro, homens irão ali suplicar ao Senhor. Em certo sentido, isto foi cumprido no evangelhos que teve seu início em Jerusalém, na morte de Cristo e na Sua ressurreição. O sentido final poderá referir-se ao milênio.

9.1 *Hadraque*. O nome da cidade ou distrito perto de Damasco, ao sul de Hamate.

9.2 *Tiro e Sidom*, cidades da Fenícia, eram as duas mais velhas e ricas cidades do mundo. A maior parte de suas riquezas foi obtida através do comércio marítimo.

9.3,4 Tiro parecia impossível ser vencida, por causa da sua riqueza e poder, mas Deus prediz a sua ruína e isto foi exatamente o que aconteceu na invasão da Palestina por Alexandre o Grande (333 a.C.).

9.5,6 Estes versos descrevem a conquista e marcha de Alexandre, ao longo da praia, e retrata o terror que as cidades filistéias sentiram quando ouviram que mesmo a grande Tiro tinha sido destruída.

9.8 No meio de todo esse perigo, a Israel é prometida a proteção divina Alexandre protegeu a Jerusalém em 332 a.C., cumprindo cabalmente esta predição.

9.9 A entrada triunfal de Cristo é claramente prescrita aqui. Foi cumprida exatamente, quando ele entrou triunfalmente em Jerusalém (Mt 21.5 e paralelos). • **N. Hom.** Infinita Majestade e Humildade Encarnadas. Em Cristo, o Messias coroado por Deus e o Seu povo, encontramos: 1) Justiça sem egoísmo; 2) Salvação sem mesquinhez; 3) Humildade sem desdém; tudo isto na pessoa do Emanuel, "Deus conosco" (cf. Is 9.6, 7), e, portanto, acessível a toda e qualquer classe, raça, cor, posição e necessidade dos homens.

9.10 O Messias, quando reinar na Terra, falará não somente da paz, mas trará com Ele a paz, a qual se estenderá de mar a mar, Na primeira vinda trouxe paz com Deus pelo Seu sangue vertido (13.1; Ap 1.5, 6). Na segunda vinda trará a paz ao mundo no Seu reino, justo e poderosa (Mq 4.3, 4).

9.11 *Sangue do tua aliança* (cf. Êx 24.34). Em vez de uma morte horrível, como qualquer cativo numa cova sem água, Deus, por causa de Seu pacto, os torna *presos de esperança* (12).

9.13 Deus aparece aqui como guerreiro, tomando Judá para seu arco e Efraim como flecha, curvando a arma contra os inimigos de Sião. Provavelmente este trecho fala das vitórias dos judeus macabeus (170-140 a.C.) sobre os selêucidas, herdeiros dos poderes de Alexandre.

9.14 *Do Sul*. A mais violenta tempestade freqüentemente vem do deserto (cf. Is 21.1).

9.15 *Encher-se-ão* com o sangue dos seus inimigos.

9.16 O povo de Deus é descrito por duas figuras neste verso, que demonstram a Sua relação com Eles: *rebanho*; *pedras de uma coroa*. Lembram-nos de passagens como Jo 10; 2 Tm 2.12 e Ap 20.6; 22.5.

9.17 Proteção e provisão divina para Seu povo, devemos concordar com estas palavras (cf. Jr 31.12-14).

10.1,2 O povo deve orar a Deus pela chuva que, em contraste com o adivinhar, só pedia produzir fertilidade. O Senhor promete responder. A oração e a promessa são os dois fios do telefone entre o céu e a terra. A primeira, surgindo, do coração humano; a segunda do coração de Deus.

10.2 Eles renunciaram, a Deus por outras "luzes", e, como resultado logo se acharam vazios e na escuridão.

10.3 Também é usada a figura de bodes em Ez 34.17. Refere-se aos principais homens de toda a nação, que tinham desviado os israelitas dos caminhos de Deus.

10.4 Aqui encontramos várias indicações da futura bênção de Deus sobre os israelitas (cf. NCB, p 925).

10.5-8 Deus promete a restauração a essas tribos.

10.12 Toda a força, conduta, esperança e destino de Israel têm fonte e origem no Senhor, justamente com a nossa.

11.1-3 Descrição da terra destruída pelos exércitos romanos (cf. NCB, p 926). Os versículos 1 e 2, possivelmente, retratam a destruição do templo em 70 a.C., ou dos governantes israelitas que abusaram dos privilégios a eles concedidos (seria uma referência os reis-sacerdotes, descendentes de Matatias, os hasmoneus, que dominaram aos judeus de 143 a.C. em diante; os saduceus herdaram sua influência).

11.7 A primeira vara retrata a volta do favor de Deus para com o Seu povo. A segunda vara, a reunião em irmandade de Judá e Efraim. Quando Deus quebrou a vara da graça (v. 10), Judá foi abandonada à destruição nos vv. 1-6. A ordem dos acontecimentos deste capítulo seria; 1) A ira contra a terra (1-6), cumprida na destruição de Jerusalém; depois da rejeição de Cristo (cf. Lc 19.41-44); 2) A razão dessa ira na oposição e rejeição de

Cristo (7-14); o levantamento do *pastor inútil*, que talvez se identifique com a besta de Dn 7.8 e Ap 19.20, e sua posterior destruição (15-17).

1 1.10,11 O povo rejeitou a Deus, por isso quebrou a *vara chamada Graça*, e anulou a aliança que tinha com as nações. O restante do povo santo reconheceu que isto era cumprimento da palavra do Senhor. Aponta para os verdadeiros crentes em Cristo.

11.12 *Meu Salário*. O pastor pede um pagamento pelo seu trabalho como um comprovante de gratidão da parte do rebanho. *Trinta moedas de prata*. Este era o preço estipulado como o valor de um escravo chifrado por algum boi (Êx 21.32). este também foi o preço pelo qual Cristo, o bom Pastor, foi vendido (Mt 26.15; 27.9-10).

11.13 A indignidade do preço é demonstrada pelo fato de que foi lançado ao oleiro que criava artigos de pouco valor (cf. Mt 27.9-10).

11.14 O segundo resultado da rejeição do Pastor é indicado pela quebra da vara chamada *União*.

11.15 O profeta, tendo representado o papel de Deus como Pastor, é agora chamado para representar o *pastor insensato*.

11.17 O *inútil* e fraco pastor deixa e negligencia o rebanho por algum tempo, mas o julgamento de Deus cairá sobre ele. Parece que se trata do anticristo. Aquele que veio em nome do seu Pai foi rejeitado. Agora se trata daquele que virá no seu próprio nome (Jo 5.43).

12.1-6 A vitória final: 1) O poder de Jeová é declarado (v. 1); 2) Determinado o poder do povo escolhido (2, 3a); 3) Aniquilada a fortaleza das nações (3b, 4); 4) A descoberta do poder do povo escolhido (5); 5) A força do povo escolhido torna-se dinâmica (6).

12.7-9 Restauração do povo escolhido a uma posição de supremacia.

12.8 Naquele dia, um poder quase sobrenatural será dado a Israel através do favor de Deus. Trata-se, evidentemente, do tempo da batalha de Armagedom (Ap 16.12-16).

12.10 O Espírito de Deus é derramado sobre os judeus, trazendo orações de arrependimento. Esses versículos parecem referir-se à segunda vinda de Cristo, quando a penitência e o espírito quebrantado os caracterizarão pela maneira como trataram a seu Messias (cf. Zc 13.6; Jo 19.36, 39; Ap 1.7; At 1.9-11; 3.17-19; Rm 11.26).

12.11-14 Descreve a universalidade desta lamentação. Ela se estenderá a cada família, a cada indivíduo, que sozinho irá lamentar se. Aqui se depara um arrependimento genuíno porque é individual e profundo (Sl 51.17; At 2.37-41). *Hadade-Rimom*. Um deus pagão da fertilidade. Anualmente sua morte era celebrada com muita lamentação.

13.1 O arrependimento, descrito no cap. 12 abre o caminho até à fonte do Calvário, para remover a impureza e conseguir o perdão completo (Rm 11.26, 27).

3.2 Evidência da conversão, demonstrada de três maneiras: 1) Os ídolos serão eliminados; 2) Os falsos profetas removidos; 3) Os demônios expulsos de maneira que não atuarão mais na terra. Provavelmente fala-se, aqui, em termos do Milênio.

13.3 Descreve o grande zelo que haverá para manter a pureza da doutrina.

13.6 Provavelmente se refere ao tratamento do falso profeta. No entanto, alguns comentaristas vêem aqui uma profecia direta com respeito a Cristo (cf. NCB, p 930).

13.7 No meio de todas as calamidades que assolarão a terra, uns poucos serão salvos e purificados. Deus sempre faz o seu povo passar pelo fogo, não para que pereça, mas para ser purificado. Esta passagem é aplicada no N.T. à dispersão dos discípulos antes da crucificação de Jesus. *O homem que é o meu companheiro*. Esta palavra da a entender que Cristo é o mais chegado a Jeová entre os homens. Significa parentesco imediato como irmão, sugerindo a relação na Trindade de compartilhar a natureza divina.

13.8,9 *Dois terços*. Pode se referir à grande tribulação quando o sofrimento do povo de Deus chegará a seu clímax, e mais do que a metade será dizimada (cf. Mt 24.21, 22). Este grande sofrimento será o meio de purificação dos sobreviventes, que invocarão o nome do Senhor para receber a sua salvação (cf. Rm 10.9-13).

14.1 *Teus despojos*. Fala da vitória completa de Deus e a sua justiça na terra.

14.2 *A peleja.* Nova referência à batalha de Armagedom (cf. 12.8; Ap 16.13-16; 19.17) quando o anticristo e suas forças tentarão eliminar o poder de Deus na terra e particularmente em Jerusalém.

14.3 *Dia do batalha.* Provavelmente uma referência ao livramento miraculoso de Israel das mãos dos egípcios após o Êxodo (Êx 14.14; 15.3).

14.4 *Seus pés.* Se esta profecia se cumprir literalmente, será na segunda vinda de Cristo. No entanto, pode ser que indique apenas o poder de Deus manifesto num terremoto tão intenso que fenderá o *monte dos Oliveiras*, abrindo caminho de escape aos cercados na cidade de Jerusalém (cf. Is 29.6, Ap 16.18, 19).

14.5 *Azal.* Se for cidade, atualmente é desconhecida. A palavra significa "parada", "cessação", isto é, o lugar onde o perigo cessará.

14.6 O original heb é incerto. Se esta tradução for genuína, indica que no Milênio haverá modificação no eixo de rotação da terra, eliminando as estações de frio e calor excessivos.

14.8 *Águas vivas.* Uma profecia de remoção de alguma maldição existente sobre a terra desde a queda de Adão (Rm 8.20-24). *Mar oriental.* Mar Morto. *Mar ocidental.* Mar Mediterrâneo (cf. Ez 47; Ap 22.1).

14.9 *Rei sobre toda a terra.* A petição na oração de Cristo se cumprirá (Mt 6.10; cf. Dn 2.44, 45; 7.27; Lc 1.31-33; 1 Co 15.24).

14.10 *Geba a Rimom.* Os limites tradicionais de Judá (cf. 2 Rs 23.8), toda a terra ao redor de Jerusalém será abaixada em relação à capital onde o trono do Senhor Jesus Cristo será estabelecido. Talvez não acontecerá literalmente que a terra será modificada, quando Cristo voltar.

14.11 *Maldição.* Pode ser ídolo ou culto falso. O Senhor, única e tão somente será reconhecido como Deus no mundo inteiro.

14.12-15 Estes versículos voltam a descrever a ira de Deus que cairá sobre os povos pagãos que planejaram a destruição do povo escolhido.

14.16 *Restarem.* Como Israel teria seu remanescente (13.9) também haverá conversões entre os inimigos de Jerusalém. No Milênio devem ser integrados no culto ao Senhor, todas as nações do mundo.

14.17,18 Haverá, mesmo no Milênio, o perigo de conversão insincera e puramente formal. Quando a conversão não for de coração haverá necessidade de obrigação circunstancial, para que as nações indiferentes venham oferecer a Deus o louvor a Ele merecido. *Festa dos Tabernáculos.* Uma festa cujo caráter principal é de gratidão. A gratidão nunca sairá da moda.

14.20,21 Está em vista, neste trecho, o dia em que Deus será realmente honrado com tudo o que os homens possuem. Nada deixará de ser santificado, isto é, utilizado para a glória do Senhor, segundo a Sua santa vontade. Quando a vida for inteiramente consagrada a Deus; não haverá mais distinção entre o profano e o sagrado (cf. Rm 12.1, 2; Cl 3.17).

Malaquias

Análise

Falando por Deus, Malaquias estava colocado num dos mais significativos pontos divisórios da história. Profetas tinham vindo e ido, mas a cultura em tomo de Malaquias não parece refletir qualquer impressão deixada pelos seus labores. Os sacerdotes eram corruptos (1.6-2.9), e o povo, com algumas exceções, não era melhor (2.10-4.3), Mas Deus continua no trono - soberano. Deus era o pai (1.6), o senhor (1.6), um grande rei (1.14), o governador celestial (subentendido em 1.8), o doador das alianças e mandamentos (2.5; 4.4). Na qualidade de Deus do juízo, Ele produzira a condenação de Edom (1.3, 4). Sua maldição repousava sobre os sacerdotes infiéis (1.14; 2.2, 3, 9) e

sobre aqueles que O haviam furtado (3.9). Ele extirparia aqueles que se haviam casado com os pagãos (2.12). Haveria súbito julgamento (2.17-3.5). O Dia do Senhor consumiria os ímpios (4.1, 3).

Não obstante, na qualidade de Deus da graça, Ele abençoaria o remanescente fiel, pois uma história graciosa estava por detrás de Seu amor a Jacó (1.2), de Sua aliança com Levi (2.4, 5), de Sua paciência com os filhos de Jacó (3.6), de Sua oferta àqueles que haviam sido mordomos infiéis (3.10), do livro da memória (3.16), do surgimento do sol da justiça (4.2) e da prometida vinda de Elias (4.5, 6). O Dia do Senhor aproximava-se, dizia Malaquias. Seria um dia glorioso para os justos (3.16, 17; 4.2,3), mas seria um dia destrutivo para os ímpios (4.1, 3). Apesar de tudo, entre essas linhas podem ser lidas as seguintes palavras graciosas: "Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que haveis de morrer, ó casa de Israel?" (Ez 33.11).

Autor

É motivo de disputa se Malaquias é realmente o nome de um indivíduo ou se significa antes "meu mensageiro" ou "meu missionário". Visto que todos os demais livros proféticos do Antigo Testamento são autenticados pela presença dos nomes de seus respectivos autores, e visto que o nome "Malaquias" é formado à semelhança de certos outros substantivos próprios hebraicos, provavelmente esse era o nome do profeta que escreveu o livro. Malaquias, provavelmente, foi escrito algum tempo no quarto de século depois de 450 a.C., visto que reflete condições existentes nos dias da segunda chegada de Neemias em Jerusalém, em 432 a.C.

Esboço

AMOR INEGÁVEL: o Amor de Deus por Israel, 1.1-5

SACRIFÍCIOS INACEITÁVEIS: Ofertas Corruptas por sacerdotes Corruptos, 1.6-14

OBRIGAÇÕES NÃO-OBSERVADAS: Os Sacerdotes Negligenciam o Pacto, 2.1-9

MARIDOS INFIÉIS: Repreensão contra a Idolatria e o Divórcio, 2.10-16

JULGAMENTO INESPERADO: A Vinda do Senhor, 2.17-3.6

BÊNÇÃO SEM MEDIDA: Promessa de Deus sobre a Entrega dos Dízimos, 3.7-12

ASSEVERAÇÕES SEM BASE: Retribuição Certa da Justiça, 3.13-4.3

DESPEDIDA INESQUECÍVEL: Admoestação, Promessa, Ameaça, 4.4-6

1.1 *Malaquias* quer dizer, no heb, "meu mensageiro". Este mensageiro do Senhor foi o último dos profetas do AT. Sua mensagem foi dirigida ao remanescente que voltará para a terra da Palestina, depois dos 70 anos de cativeiro. A sentença veio como consequência do pecado em que o povo havia caído uns cem anos após a reconstrução de Jerusalém.

1.2 *Eu vos tenho amado*. Deus afirma categoricamente Seu amor por Seu povo a despeito dos seus pecados. O Senhor não deixa de amar ao pecador, ainda que odeie todo e qualquer pecado. "Em que nos tem amado?" Esta é a primeira entre dez perguntas que mostram o espírito ingrato e rebelde do povo israelita (1.2, 6, 7, 12, 13; 2.13, 17; 3.7, 8, 13).

1.3 *Aborreci a Esaú*. Deus amou e elegeu a Jacó pela Sua graça soberana. O uso da palavra *aborreci* provavelmente seria uma expressão peculiar do hebraico para indicar que Esaú (antepassado dos edomitas) não foi eleito (cf. Rm 9.13).

1.4 Israel foi restaurada enquanto Edom ainda se achava em escombros. Isto foi uma demonstração do amor divino por Israel. *Diz o Senhor dos Exércitos*. Esta expressão, que salienta o poder de Deus, encontra-se 24 vezes nesta profecia curta. Malaquias recebeu sua mensagem diretamente de Deus e portanto falou com autoridade divina. Durante os quatrocentos anos de intervalo entre o fim do AT e o início do NT, era freqüentemente reconhecido pelas escrituras judeus que não houve profeta entre eles desde Malaquias.

1.7 Os sacerdotes eram culpados de dar a Deus apenas as sobras no lugar das primícias e o melhor como a lei requeria (Lv 22.22). Nosso Senhor merece a preeminência nas nossas vidas (Cl 1.18). Dar-lhe menos é desprezá-lo e insultá-lo.

1.8-10 Ninguém se atrevia a dar um animal enfermo ou indigno a um governante. Porém era justamente o que os judeus estavam oferecendo a Deus, o Rei dos reis. Ele não pode ser enganado e conseqüentemente não aceitará tais ofertas. Dar ofertas hipócritas era pior que deixar de sacrificar. Melhor fechar as portas do templo o que ofender a Deus com um culto desprezível.

1.11 *Incenso* é o símbolo de oração (Ap 8.3, 4) Uma vez que a palavra sacrificar é usada para designar louvor (Hb 13.15); pode ser que aqui um culto espiritual esteja em vista. Esta predição de culto universal cumpre-se parcialmente na Igreja, espalhada em todas as nações do mundo. Seu cumprimento final se realizará com a segunda vinda de Cristo (Ap 7.9, 10).

1.14 A lição deste capítulo é que Deus é grande e santo. Ele deve ser servido e cultuado em espírito e em verdade (Jo 4.23, 24). • **N. Hom.** "Religião insincera e sem proveito" é demonstrada: 1) Na ingratidão em face do amor incontestável de Deus (2); 2) Na impertinência no culto, oferecendo a Ele o que seja defeituoso e sem valor (9); 3) Em tornar por definida de antemão a concessão do favor divino mesmo sem pedir (9); 4) Em ser indiferente em face da grandeza de Deus (14b).

2.1 Foram, principalmente, os sacerdotes, os culpados pela situação de apostasia em Israel. A advertência de Deus é promulgada em termos da aliança (Nm 25.12, 13).

• **N. Hom. 2.5-7** Sete características de um fiel mensageiro de Deus: 1) Possui a vida e paz do Senhor (5a); 2) Teme ao Senhor (5b); 3) Tem a palavra de Deus sempre nos seus lábios (6a); 4) O que fala não está contaminado com o pecado (6b); 5) Anda com o Senhor (6c); 6) Conduz os pecadores para fora do pecado, para a santidade (6d); 7) Prepara-se e procura a instrução do Senhor para poder instruir o seu rebanho (cf. 1 Tm 3.2; 2 Tm 2.14, 15).

2.10 *Pai*. Deus era reconhecido como Pai daquele povo (cf. 1.6), Ele formou Israel e adotou-o como Seu filho (Êx 4.22, Os 11.1). No tempo de Cristo, os judeus que rejeitaram o eterno Filho de Deus perderam o direito de serem chamados filhos de Deus. Jesus advertiu-os, que eram, na realidade, filhos do diabo (Jo 8.44). Agora é preciso que todos se tornem filhos de Deus, individualmente, pelo novo nascimento (Jo 1.12), mediante a fé em Cristo. Como aqui a unidade e a paternidade de Deus implicam unidade e irmandade do povo escolhido, assim também acontece com a Igreja (1 Jo 4.20).

2.11 O divorciar-se de esposas legítimas para casar-se com mulheres idólatras da terra era uma abominação diante do Senhor (cf. Ne 13.23-27).

2.14 Deus exorta o povo a voltar e não deixar a *companheira... da aliança* (cf. Ed 10.10). O casamento é uma aliança sagrada, honrada pelo homem de Deus (cf. Gn 2.24; Ez 16.8; Os 2.19; Mc 10.2-9).

2.16 Deus odeia o divórcio porque é contra seu plano para a família, cruel para a esposa rejeitada e injusto para os filhos (cf. Mt 19.3).

2.17 O fato de que as nações pagãs em volta de Israel eram mais prósperas era motivo de queixumes contra Deus por parecer que Ele abençoava mais os maus e portanto, agia injustamente. Sua pergunta - *Onde está o Deus do juízo?* - encontra resposta coerente nos primeiros versos do capítulo três.

3.1 *Meu mensageiro*. Este título e predição são aplicados a João Batista no NT (Mc 1.2 e paralelos). *Anjo do Aliança*. Só pode ser o Anjo de Jeová, que é o próprio Senhor Jesus Cristo antes da encarnação. Este versículo trata de sua primeira vinda. *De repente, virá ao seu templo*. Um dos motivos da vinda de Cristo foi a restauração de um culto verdadeiro e aceitável a Deus. O templo contaminado pela avareza (Jo 2.13-22) já não serve. Logo no ano 70 d.C. foi destruído (cf. Jo 2.19, 20). No seu lugar, o Senhor Jesus oferece Seu próprio corpo como o sacrifício da nova aliança. Agora a Igreja universal é

verdadeira é o seu templo; o santuário do Seu Espírito (cf. Co 6.19, 20; Ef 2.20-22).

3.2-5 Estes versículos referem-se à segunda vinda de Cristo. Seria mais um caso em que a primeira e segunda vindas de Cristo encontram-se num mesmo trecho (cf. Is 61.1, 2).

3.3 A purificação da prata e do ouro lembra-nos do julgamento dos crentes (1 Co 3.12-15). O processo começa quando se dá o novo nascimento e completa-se na vinda de Cristo (cf. Rm 5.1-5; 1 Pe 1.3-9). As provas e tribulações na vida fazem parte da disciplina que produz no crente a maturidade e "o fruto da justiça" (cf. Hb 12.5-11).

3.6 A pessoa e o plano de Deus são imutáveis. Mesmo que alguns pequem, o plano de Deus não se frustra. Israel tem parte nesse plano, embora mereça a destruição. Eleita pela graça, Israel é preservada pela graça (Rm 11.5, 15).

3.7 *Tornai-vos para mim*. Este é um dos elementos básicos na conversão. Deus sempre responde ao verdadeiro arrependimento pela salvação, restauração e bênção. *Em que havemos de tornar?* Não reconheceram a necessidade do arrependimento.

• **N. Hom. 3.10-12** Quatro bênçãos prometidas ao dizimista: 1) Mantimento na casa do Senhor: não faltarão meios para dar prosseguimento a Seu trabalho (10a); 2) Bênçãos imprevistas de natureza espiritual (10b); 3) Produtividade nos campos e nos negócios (11); 4) Reconhecimento das bênçãos divinas por parte do mundo. Torna-se, portanto, um bom testemunho (12). No NT, no entanto, somos chamados a renunciar a tudo por amor a Ele, que tudo entregou por nós (cf. Rm 12.1; Lc 14.33).

3.14,15 Registra-se o queixume daqueles que só têm interesse e só dão valor às coisas terrestres. O espiritual é desprezado em preferência às coisas materiais.

3.16-18 Estes versos respondem à reclamação acima, "*Inútil é servir a Deus*" (14): 1) Existe uma maravilhosa comunhão entre os que servem o Senhor (16a); 2) Deus está propondo um relatório acerca das vidas dos servos consagrados a Ele (16b); 3) Quando o Senhor voltar, galardoará Seus servos fiéis (cf. Mt 25.21; v. 17); 4) Os que seguem ao Senhor agora serão juizes do mundo (1 Co 6.2; v. 18).

4.1 *Arde como fomalha*. Não se trata do inferno, mas do fogo destruidor que emanará de Cristo no dia da Sua vinda (Mt 3.11; Lc 3.16; 2 Ts 1.7, 8; Ap 10.11, 12).

4.2 O mesmo sol que destrói alguns, traz raios benéficos para outros. São símbolos do Messias, Jesus Cristo, que na Sua pessoa atua como salvador e com juiz (Ap 6.16).

4.3 *Cinzas*. Metáfora para descrever a força da conquista de Cristo na sua vinda. Seu povo marchará vitorioso ao Seu encontro (Mt 25.6-13).

4-5 *Enviarei o profeta Elias*. Enfrentamos aqui a última predição no AT. Prediz a vinda de Elias, que foi levado vivo ao céu. Terá a incumbência de conclamar novamente os homens a se preparem antes do juízo final.

4.6 Ainda que a linguagem seja algo ambígua, possivelmente indica a conversão do povo judeu antes da vinda de Cristo (Rm 11.26). Todos os corações serão unidos novamente em Cristo (cf. Jl 2.28-32). O AT termina com a palavra *maldição*, pondo em relevo a necessidade de o Messias vir para retirar a maldição do pecado pelo sacrifício de Si mesmo (Gl 3.13).

O Evangelho Segundo Mateus

Análise

O propósito do evangelho de Mateus foi o de testificar que Jesus era o Messias da promessa do Antigo Testamento, e que a Sua missão messiânica consistia em trazer o Reino de Deus até os homens. Esses dois temas -- o caráter messiânico de Jesus e a presença do Reino de Deus - estão inseparavelmente ligados, e cada qual inclui um "mistério" - um novo desvendar do propósito redentor divino (vd Rm 16.25, 26).

O mistério da *missão messiânica* é que antes do Messias vir como o celeste Filho do Homem, entre as nuvens do céu, a fim de estabelecer o Reino sobre a terra inteira, terá primeiramente de vir em humildade entre os homens na qualidade de Servo sofredor com a finalidade de morrer. Esse era um ensino desconhecido para os judeus do primeiro século da nossa era. Para o crente de hoje, entretanto, o capítulo 53 de Isaías prediz claramente, os sofrimentos do Messias. Não obstante, o Messias não é chamado por nome nessa passagem, e o contexto (Is 48.20; 49.3) especificamente apresenta a Israel como Servo de Deus. Não é para surpreender, portanto, que os judeus não tivessem compreendido que Isaías 53 era trecho que se referisse ao Messias. Os judeus aguardavam então um Messias vindo em poder e vitória, e o Antigo Testamento, verdadeiramente, prometia um tal Messias.

O Filho de Davi é um Rei divino que governará o Reino messiânico (Is 9 e 11; Jr 33), quando todo, pecado e mal será tirado e quando a paz e a justiça prevalecerão. O Filho do Homem é um ser celestial a Quem será entregue o governo de todas as nações e reinos da terra. O Antigo Testamento não indica como esses dois conceitos proféticos, do rei Davídico e do Filho do Homem celestial, estão relacionados entre si, ou como qualquer deles pode ser identificado com o Servo Sofredor do capítulo 53 de Isaías. Por conseguinte, os judeus do primeiro século esperavam por um Messias Davídico conquistador ou por um Filho do Homem celestial, e não por um humilde Servo, do Senhor que haveria de sofrer e morrer. O mistério messiânico - o novo desvendamento do propósito divino - é que o celestial Filho do Homem deve primeiramente sofrer e morrer em cumprimento de Sua missão redentora e messiânica na qualidade de Servo sofredor, antes de vir em poder e grande glória.

O mistério do Reino é semelhante e está intimamente associado com o mistério messiânico. O segundo capítulo de Daniel descreve a vinda do Reino de Deus em traços vívidos, em termos da destruição de todo poder que fizer resistência a Deus e se opuser à vontade divina. O Reino virá em poder, varrendo à sua frente todo o mal e todo império hostil, transformando a terra e inaugurando uma nova ordem universal de perfeita paz e retidão. Entretanto, Jesus não ofereceu tal Reino de imenso poder. Por conseguinte, tanto a Sua mensagem como a Sua pessoa foram inteiramente incompreendidas pelos Seus contemporâneos, incluindo os Seus discípulos. Ele era filho de um carpinteiro; Sua família era conhecida em Nazaré; Ele parecia pouco mais do que um rabino judaico. Suas palavras eram feitas gentis de bondade e amor, e no entanto afirmava que em Suas palavras e ações, bem como em Sua Pessoa, o Reino de Deus se tinha aproximado. Todavia, os reinos dos homens e do mundo não foram perturbados, e o odiado domínio de Roma sobre o povo terreno de Deus não era desafiado. Como é que esse poderia ser o Reino de Deus se não partia pelo meio todos os demais reinos e não os pulverizava? Mas a nova revelação sobre o divino propósito é que o Reino haveria de vir em poder espiritual, antes de vir em glória.

Autor

A tradição do segundo século de nossa era atribui o primeiro evangelho ao apóstolo Mateus.

Esboço

NASCIMENTO E INFÂNCIA DO MESSIAS, 1.1-2.23

Genealogia, 1.1-17

Narrativas sobre o Nascimento, 1.18-2.18

A Mudança para Nazaré, 2.19-23

PRELÚDIO DO MINISTÉRIO DO MESSIAS, 3.1-4.25

O Ministério Preparatório de João Batista, 3.1-12

O Batismo de Jesus, 3.13-17

A Tentação de Jesus, 4.1-11

Sumário do Ministério Galileu, 4.12-25

DISCURSO I: JUSTIÇA DO REINO, 5.1-7.29

As Bem-aventuranças, 5.1-16

O Caráter da Justiça do Reino, 5.17-48

A Prática da Justiça do Reino, 6.1-7.12

A Escolha do Reino, 7.13-27

O Modo do Ensino de Jesus, 7.28-29

NARRATIVA I: FEITOS PODEROSOS DO REINO, 8.1-9.38

Uma Série de Milagres, 8.1-9.8

O Reino e a Ordem Antiga, 9.9-17

Mais milagres, 9.18-38

DISCURSO II: PROCLAMAÇÃO DO REINO, 10.1-42

Os Pregadores e sua Missão, 10.1-15

A Resposta a Ser Esperada, 10.16-42

NARRATIVA II: A PRESENÇA DO REINO, 11.1-12.50

O Desafio à Presente Geração, 11.16-30

O Reino e João Batista, 11.1-15

A Oposição ao Reino, 12.1-45

A Comunhão no Reino, 12.46-50

DISCURSO III: MISTÉRIO DO REINO, 13.1-58

A Parábola do Semeador, 13.1-9

Explicação do Método das Parábolas, 13.10-23

Outras Parábolas, 13.24-52

Reação às Parábolas de Jesus, 13.53-58

NARRATIVA III: CRISE DO REINO, 14.1-17.27

Crise da Oposição, 14.1-15.20

Retirada para o Norte, 15.21-39

Mais um Conflito, 16.1-12

Uma Crise de Fé, 16.13-20

Jesus Prepara Seus Discípulos para Sua própria Morte, 16.21-17.27

DISCURSO IV: COMUNHÃO DO REINO, 18.1-35

Humildade, 18.1-20

Perdão, 18.21-35

NARRATIVA IV: CONFLITO CAUSADO PELO REINO, 19.1-23-39

Ensinos Deixados no Caminho de Jerusalém, 19.1-20-28

Cura em Jericó, 20.29-34

Acontecimento em Jerusalém, 21.1-22

Controvérsias com os Judeus, 21.23-22.46

Denúncias contra os Escribas e Fariseus, 23.1-39

DISCURSO V: FUTURO DO REINO, 24.1-25-46

Profecia do Reino Vindouro, 24.1-36

Advertências sobre a Vigilância, 24.37-25.30

Julgamento das Nações, 25.31-46
A PAIXÃO DO REI, 26.1-27-66
Trama para Trais a Jesus, 26.1-16
A Última Ceia, 26.17-30
Acontecimentos no Getsêmani, 26.31-56
Os Julgamentos, 26.57-27.26
Crucificação e Sepultamento, 27.27-66
Sepultamento, 27.57-66
A RESSURREIÇÃO, 28.1-20
As Mulheres e o Anjo, 28.1-10
O Falso Testemunho dos Guardas, 28.11-15
A Ascensão, 28.16-20

1.1-17 Considera-se que a genealogia de Mateus cita a linhagem de José (cf. Lc 3.23n). Mateus, o evangelho do reino de Deus, mostra Jesus como o herdeira legítimo do trono de Israel; Lucas, o evangelho do Filho do homem, interessa-se pela descendência humana de nosso Senhor. A genealogia, como é o costume oriental, se demora apenas nos nomes mais conhecidos, mencionando 42 gerações num período de c. 2.000 anos. A divisão em três seções de 14 gerações, seria uma ajuda à memória. O primeiro grupo, de Abraão até Davi, c. 1.000 anos. O segundo, de Davi até o exílio na Babilônia, abrange c. 400 anos; o último (com José e Maria, representando a décima quarta geração), abrange c. 600 anos. Cada divisão é separada de acordo com as épocas básicas da história de Israel: a monarquia, o cativo, a vinda do Messias. Não se deve, aqui, procurar uma lista completa dos antepassados de Jesus; Esdras, por exemplo, omitiu seis gerações no seu relatório (cf. Ed 7.1-5 com 1 Cr 6.3-15).

1.18 Jesus foi concebido por obra e graça do Espírito Santo, e nasceu de Maria, sendo está ainda virgem. Sua concepção foi sobrenatural, não de semente humana, mas divina.

1.21 *E lhe porás o nome de Jesus.* É a forma grega do heb Josué, yehôshua', que significa "O Senhor (Jeová) é a salvação".

2.1 *Belém do Judéia.* Para distingui-la da Belém de Zebulom (Jz 19.15). O nome distintivo ocorre também em Rt 1.1. *Rei Herodes.* Chamado o Grande. Era um descendente de Esaú. Começou a reinar em 37 a.C., e morreu pelo ano 4 a.C. Os romanos chamaram-no Rei dos judeus. Era um homem cruel, bárbaro, sanguinário. *Uns magos do oriente.* Os magos eram astrólogos ou mágicos; às vezes o termo incluía os que trabalhavam em outras ciências, as quais na época tinham pouco a ver com o "espírito científico", e incluíam a superstição, a magia e impostura. O comentário que os antigos pais da Igreja fizeram sobre esta cena, é que representa a astrologia e a magia curvando-se perante Cristo, reconhecendo que a iluminação de Cristo dissipa as trevas da falsa sabedoria. As lendas populares atribuíram nomes a estes magos, fazendo deles três reis orientais; talvez o número de presentes (v. 11) e uma aplicação do Sl 72.10-11, levaram a estas conjeturas, porém o evangelho não se detém nestes assuntos.

2.2 *Vimos a sua estrela no Oriente.* O astrônomo Kepler calcula que se tratava da conjunção de Júpiter e Saturno na constelação de Peixes, em 7 a.C. Outros sugerem que se tratava de alguma estrela variável, com seu surgimento e desaparecimento periódicos, uma das quais foi notada pelos chineses em 4 a.C. Os magos, como astrólogos, teriam se interessado imediatamente. O certo é que Deus concedeu no tempo apropriado a visão da estrela prometida em Nm 24.17. • **N. Hom.** A obediência: 1) Dos magos, "vimos e viemos", 2.2; 2) De José, 1.20, 22; 3) De Maria, Lc 1.26-37, 38.

2.11 Alguns supõem que Jesus já teria dois anos de idade na época, por causa das crianças que Herodes resolveu matar. Mas a contagem judaica usaria o termo "de dois anos para baixo" para as crianças até um ano completo de idade. Herodes na sua ansiedade historicamente comprovada, de eliminar qualquer possível pretendente ao

trono, não perderia a garantia de matar esta criancinha só por causa de algum equívoco de meses. Maria e José só teriam ficado em Belém até completar os 40 dias da purificação (Lc 2.22 com Lv 12.2-4). *O adoraram*. A adoração incluía presentes significativos: *ouro*, simbolizando a realeza; *incenso*, a divindade; *mirra*, o sacrifício. Além do simbolismo, é claro que eram presentes valiosos, ofertados para aquele que era reconhecido, no mínimo, como futuro rei de Israel.

2.13 *Tendo eles partido*. Tanto os magos como José e Maria, foram desviados do caminho de Herodes, pela mensagem mandada por Deus.

2.15 *Até o morte de Herodes*. Herodes o Grande; morreu em c. 4 a.C.; calcula-se então o nascimento de Cristo para 6 ou 7 a.C., e assim, o máximo que José e Maria podiam ter passado no Egito seria um período de dois anos, quando então receberam a ordem divina de voltar.

2.23 *Nazareno*, A palavra aplica-se a quem mora em Nazaré; relembra o nazireu, que se consagrava especial e totalmente à adoração de Deus (Nm 6.1-5); e ainda coincide com a palavra hebraica *necer*, "renovo" que é um dos títulos do Messias (Is 11.1). Jesus tornou-se triplamente merecedor do título "Nazareno".

3.1 *João Batista*. "João", heb *yohãñã*, "Deus teve misericórdia". A palavra "Batista" refere-se a sua vocação especial de batizar, assinalando arrependimento em preparação para a aceitação de Cristo.

3.2 *O reino dos céus*. Só Mateus emprega esta expressão, que nos outros evangelhos é "Reino de Deus"; uma vez que as expressões diferentes ocorrem em narrativas iguais, é certo que significam a mesma coisa. O Batista decerto está pensando numa organização de Deus a ser estabelecida no mundo, mas, à parte e antes de qualquer manifestação visível da soberania de Deus, expressão significa a maneira de vida dos que se deixam dirigir por Deus em tudo. É o reino *dos céus* porque sua origem, seus propósitos, e seu rei, são celestiais. Este conceito abrange várias idéias em conjunto, inclusive a relação e posição que ganhamos ao passar pelo novo nascimento (Jo 3.3) • **N. Hom.** A providência de Deus. Jesus, apesar de Ter nascido numa manjedoura, já possuía meios para pagar as despesas de seus pais no Egito, através dos presentes dos magos, e, para preparar a mente do povo para o ministério de Jesus, tinha a João Batista.

3.5 *Saíam a ter com ele*. João se estabelece num vau natural do Jordão conhecido como Betabara ou Betânia do outro lado do Jordão (Jo 1.28), por onde tinha de passar todo israelita que demandava Jerusalém.

3.7 *Batismo*. O batismo de João era especificamente um sinal exterior do arrependimento do pecado confessado pela pessoa batizada; o simbolismo do batismo cristão contém muitas outras realidades espirituais, da união com Cristo, da aceitação da salvação, etc.

3.8 *Produzi, pois, frutos*. Este sermão foi dirigido às multidões (Lc 3.7), aos fariseus e saduceus (Mt 3.7), aos publicanos (Lc 3.12), aos soldados (Lc 3.14). João não temia a ninguém (cf. 14.3-4).

3.11 *Com o Espírito Santo e com fogo*. Refere-se ao ministério espiritual de Cristo. Sua obra começou acompanhada pela energia sobrenatural do Espírito Santo, colhendo-se algum "trigo" (os fiéis), e revelando-se quem seria "palha" para julgamento. A doutrina do batismo no Espírito Santo não recebe luzes neste trecho, pois o assunto pertence à época posterior à ressurreição de Jesus (cf. 1 Co 12.13).

3.13 *Galiléia*. A área de Israel da qual Jesus era nativo.

3.13-17 O batismo de Jesus não era para arrependimento. Era apenas um sinal de que Jesus se colocava do lado da minoria dos fiéis e que dava Seu apoio à obra de João. Além disto, era, a unção sacerdotal de Jesus, o cumprimento da cerimônia descrita em Êx 29.4-7. • **N. Hom.** A solenidade do batismo de Jesus: 1) A presença da Trindade; 2) A voz dos céus; 3) A grande declaração do Pai: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (17; cf. Gn 22.2; Is 42.1)

3.16 O Espírito de Deus. O Espírito, por cuja obra Jesus foi concebido (1.18) e por cujo poder Jesus operava maravilhas (Lc 4.18). *Como pomba.* Símbolo da mansidão e de sacrifício. Veja contraste em At 2.3 quando Ele desceu sobre os discípulos em línguas como que de fogo.

4.1 A tradição aponta o Monte da tentação no sul da Judéia. *Diabo.* Gr *diabolos*, "maldizente", o que lança uma pessoa contra a outra. Na mesma narrativa, Marcos emprega a palavra Satanás (Mc 1.13), que é uma transliteração da palavra hebraica sātān "adversário", "acusador".

4.2 Jejuou. O ministério de Jesus começou com jejum, uma preparação espiritual para a luta com o diabo: destacam-se também as 40 noites, por causa do costume árabe de observar o jejum durante o dia. *Teve fome.* Na hora do esgotamento aparece o tentador, o diabo. A arma usada por Jesus nesta batalha de três etapas, era a Palavra de Deus: "Está escrito"; através dessa arma o diabo foi golpeado e vencido. Cf. as narrativas paralelas.

4.12 A prisão de João Batista encerra o ministério de Jesus na Judéia, passando então a exercer Seu ministério na Galiléia, estabelecendo o centro das Suas atividades messiânicas em Cafarnaum, importante cidade da Galiléia.

4.13-17 Sob a direção do Espírito, Jesus deixa Seu lar e seus amigos, iniciando o cumprimento da profecia de Isaías (Is 9.1-2). A duração de sua missão na Terra é calculada para três anos, de acordo com as informações registradas nos quatro evangelhos. Jesus passa a maior parte do Seu ministério na humilde Galiléia e não na portentosa Jerusalém. Passou três vezes por toda Galiléia, sendo que desta vez com quatro pescadores.

4.16 *O povo que jazia em trevas.* Sua situação é descrita por "trevas", sem iluminação espiritual, e só na expectativa da morte. A vida, por mais movimentada que seja, é apenas o prelúdio da morte, quando se desconhece o gozo das realidades espirituais que Cristo veio oferecer.

4.17 Próximo. Gr *eggiken*, "chegou", "aproximou-se", "está perto" no tempo ou no espaço. Era o ponto vital na história da redenção, o cumprimento de tudo aquilo que é o reino de Deus. Agora forma-se um povo especialmente de Deus pela obra de Cristo. Manifesta-se agora a presença de Deus entre os homens, pela pessoa de Jesus. Jesus estende agora o convite aos homens para aceitar ou rejeitar o senhorio de Deus em suas vidas. Mas pensa-se também na futura consumação final, quando o Reino será estabelecido, na Terra (Ap 20.46)

4.18-22 A chamada dos quatro discípulos André, Tiago, Pedro e João. Aqui são convidados a seguir a Cristo dedicando-se ao discipulado (gr *mathetes*, aquele que está sendo ensinado); a vocação à plena conversão se descreve em Jo 1.35-51; e a missão dos apóstolos (gr *apostolos*, "enviado", "emissário", "missionário"), descreve-se em Mt 10.1-15, cf. At, 1.8.

4.23 Percorria. Reflete a ardente paixão do Mestre pelas almas perdidas, em prol das quais: 1) Ensinava nas sinagogas; 2) Pregava o evangelho do Reino; 3) Curava enfermidades.

5.2 Passou a ensiná-los. Jesus achava-se em Cafarnaum, cercado por grandes multidões, num lugar que hoje é apontado como o Monte das Bem-aventuranças. O Sermão inteiro ocupa os caps. 5, 6 e 7, e seus ensinamentos foram repetidos no decurso da missão ativa de Jesus na terra, como se verifica nas referências e partes diferentes do Evangelho de Lucas.

5.3-12 Bem-aventurados.. Gr *makarios*, "feliz", "abençoado". É a felicidade do coração que está em paz com Deus, e estende-se aos seguintes: 1) *Humildes de espírito*, os verdadeiros humildes, não sendo a simples falta de bens materiais que produz a humildade; 2) *Os que choram*, lamentando seus próprios pecados; 3), *Os mansos*, que se dobram à vontade de Deus; 4) *Fome e sede de justiça*, é o que têm os que buscam a santidade que vem de Deus; 5) *Os misericordiosos*, que se compadecem do seu

próximo; 6) *os limpos de coração*, têm uma santidade no íntimo; 7) *Os pacificadores*, têm paz com Deus e a semeiam; 8) *os perseguidos*, que sofrem qualquer sacrifício para permanecer dentro da vontade de Cristo

5.13,14 A influência e a responsabilidades do cristão neste mundo: o sal preserva e dá sabor, a luz brilha e se opõe às trevas.

5.17 *Para cumprir*. Gr *plerōsai*, "encher", "completar". Jesus não veio revogar ou destruir nenhuma palavra que Deus ensinara aos fiéis do passado no AT. Veio cumprir plenamente o propósito de Deus revelado no AT dando à lei e aos profetas aquilo que faltava: O Espírito Santo para interpretá-lo e poder para pô-lo em prática, pela sua obra salvadora.

5.18 A letra *i* (*iota*) era a menor letra do abecedário grego e hebraico (*yôdh*), e o *til* (gr *keraiá*, lit. "chifrezinho", era o sinal que distinguia certas consoantes hebraicas, o *daleth* do *rêsh*, o *bêth* do *kaph*).

5.19 *Aquela, pois, que violar*. A Bíblia é a palavra de Deus, e não deve ser menosprezada, retalhada ou profanada nas mãos dos homens.

5.20 *Justiça*. Gr *dikaíosune*, a qualidade de ser reto ou justo. Não é suficiente a observância de leis e de costumes; para isto os fariseus serviam muito bem. Precisa-se certa realidade espiritual produzida pelo relacionamento com Deus pela fé que resulta numa retidão interna refletida pela expressão externa (cf. Lc 18.14n; Rm 4.3).

5.21,22, *Não matarás*. Os judeus valorizavam a letra da lei que proibia eliminar-se a vida humana (Êx 20.13). Jesus, revelando a vontade de Deus, porém, proibiu o ódio e a vingança que já é assassinio na coração (cf. 23-26).

5.22 *Inferno*. Gr *geenna*, que translitera o hebraico *gehinnôm*, "o vale de Hinom"; este vale profundo ficava ao sul de Jerusalém. Durante o reinado de Manassés alguns judeus sacrificavam ali aos seus próprios filhos, através do fogo, ao ídolo Moloque. Finalmente tornou-se o depósito de lixo da cidade, e inclusive de carcaças de animais e de criminosos executados. O fogo e a fumaça incessantes criaram o símbolo do castigo eterno.

5.27,28 *Não adulterarás*. Adulterar, para o judeu, observando-se a letra de Êx 20.14, seria deitar-se com a mulher do seu próximo. Para Jesus, é isto e ainda algo mais. Atendendo ao espírito da lei e à disposição do coração que leva a cobiçar uma mulher, declara que pensamento impuro é adultério, embora não se pratique o ato.

5.32 A interpretação que os judeus da época de Jesus chegaram a ter da lei, começou a ter aplicação dupla: lenitiva para com os homens, e severa para com as mulheres. Um homem podia divorciar-se de sua esposa por qualquer pretexto, e tinha muita facilidade para tomar uma concubina. Aqui, bem como em outras questões, Jesus revela qual era a verdadeira intenção da Palavra de Deus, desde os primórdios.

5.33,34 *Não juraras falso*, Cf. Lv 19.12; Êx 20.7; Dt 5.34. O juramento era permitido no AT, mas Jesus querendo que toda palavra nossa seja pura e inabalável (37), proíbe o juramento. • **N. Hom.** Lugares onde nossa luz não deve ficar: 1) Debaixo do alqueire, 5.15; 2) Debaixo da cama, Mc 4.21; 3) Debaixo do vaso, Lc 8.16; 4) Em qualquer lugar escondido, Lc 11.23.

5.38 *Olho por olho*. A intenção desta lei era de controlar a vingança da pessoa lesada; não podendo ultrapassar, a simples retribuição justa e exata (Êx 21.24; Dt 19.21; Lv 24.20). Jesus ultrapassa a justiça com amor, não somente na Sua obra sacrificial na cruz, pela qual Deus cancela o castigo que Sua justiça decreta; mas também na Sua vida diária demonstrando que a justiça pode ser cumprida através de Sua Pessoa e no Seu ensino.

5.43 *Odiarás o teu inimigo*. Esta expressão pertence à tradição popular dos judeus, e não ao AT. Os judeus consideravam que só outros judeus (e prosélitos, ver Lv 19.33-44,) eram vizinhos. Mas Jesus ensinou o amor para com todos, considerando-os além disto o sinal pelo qual o mundo reconheceria os filhos do Pai Celestial (Jo 13.35).

5.48 Perfeitos. Jesus aponta para a absoluta perfeição do amor de Deus como alvo do crente (cf. 1 Pe 1.15, 16). Não se debate a possibilidade filosófica do absoluto amor perfeito na terra: quem pertence a Cristo, pratica a verdadeira piedade (1 Jo 1.6-10), e já tem sua absoluta garantia da transformação final (1 Jo 3.2).

6.1 Guardai-vos de exercer. Jesus não condena as esmolas (2-4), nem a oração (5-8), nem o jejum (16-18). Não devem estes; porém, ser aproveitados para demonstrações públicas, pois a humildade, e não o orgulho, é a base da comunhão com Deus. Jesus venceu a grande batalha contra Satanás com jejum (4.2) e recomendou-o aos Seus discípulos durante Sua ausência; (9.15) reconhecendo-o como útil para se enfrentar ao diabo (17.21).

6.7 Vãs repetições. Esta era a maneira pagã de "forçar" os deuses e conceder favores que estava em voga com os adoradores de Baal (1 Rs 18.26-28).

6.9 Pai nosso. Cf. Lc 11.2n. *Nome.* O pensamento hebraico não, distinguia claramente entre o nome e a pessoa. Santificar o nome de Deus, implica em viver de uma maneira tal que Sua Santidade se manifeste em Seus filhos.

6.10 Venha o teu reino. O Reino de Deus tem dois aspectos. No sentido presente, se manifesta onde quer que Ele seja adorado e seguido, nos corações onde Deus reina. O Reino virá de modo completo ao mundo quando Deus vencer o último inimigo, por ocasião da volta de Cristo (2 Ts 2.8; 1 Co 15.23-28). Só Deus pode estabelecer Seu próprio Reino.

6.11 De cada dia. Cf. Lc 11.3n.

6.13 Deixes cair (peirasmos "tentação" ou "teste"). A tentação, que do ponto de vista do diabo deve derrotar-nos, do ponto de vista de Deus, deve fortalecer-nos (Lc 22.32). Jesus deixa bem claro que a vitória somente se consegue vigiando e orando (26.41; 1 Co 10.13). *Mal.* O original pode ser igualmente bem traduzido por "maligno", i.e., o diabo.

6.15 Se... não perdoardes. A exigência do perdão se baseia na natureza da oração na igreja. Em 18.15-20, a "onipotência da oração em nome de Cristo" requer pleno perdão entre todos os membros

6.16 Hipócritas. Gr *hupokrites*, significava originalmente "ator", aquele que finge ser alguém. Jesus frisa o fingimento religioso, a busca do louvor dos homens por causa da religiosidade externa. O jejum não é condenado se tiver como alvo o aproximar-se de Deus e à negação de si mesmo.

6.19 Tesouros. Gr *thesauros*, "tesouraria". Trata-se de armazenar para si mesmo valores materiais além do necessário (1 Tm 6.6-10). Estes, por sua vez, vêm a dominar seu próprio dono, e a deixar desamparados os necessitados, *Traça.* Parte dos tesouros orientais consistia em valiosos tecidos e vestidos. *Escavam.* Passando pela parede de tijolos de barro e de terra.

6.20 Tesouros no céu ajuntam-se somente convertendo pecadores que viverão eternamente (cf. Lc 16.9n).

6.22 Olhos, A luz na qual vivemos é captada pelos olhos, nosso vínculo com o mundo visível; sem eles, o mundo, nos seria escuridão. Nossa visão espiritual é nosso vínculo com a eternidade.

6.24 Riquezas. Gr *mamōn*, transliteração da palavra aramaica que significa "riqueza", mas que Jesus aqui está dando como nome pessoal, como se fosse um ídolo pagão (o que, na prática, tende a ser, pois sua busca exige uma dedicação igual àquela que uma religião exige).

6.27 Côvado. Medida de comprimento de 46 cm. Aqui é humoristicamente considerada como mais um pedacinho de vida, pois a palavra, *helikia*, deve ser compreendida mais como tempo do que como "estatura".

6.28 Os lírios do campo. As anêmonas vermelhas que cresciam nas encostas dos montes da Palestina, que Jesus via enquanto pregava.

6.33 Buscai primeiro. Jesus mostra a verdadeira escala de valores; o corpo vale mais do que seu vestuário, a vida vale mais do que a comida que a sustenta (vv. 25-32), e acima destas coisas terrenas está a comunhão espiritual com Deus. Quem dá a Deus a posição central em sua vida, gozará do Seu cuidado onipotente e eterno (Rm 8.32).

6.34 Mal. Gr *kakos*, "mal" (do ponto de vista humano), "dificuldade".

7.1 Não julgueis. Não se proíbe o uso de critérios sãos. O que é proibido é o espírito de crítica, que aumenta o erro alheio.

7.3 Argueiro. O cisco que representa o pecado alheio e que pode cegar (v. 22 e nota), não é de nossa responsabilidade corrigir, uma vez que nossos pecados são como uma trave nos impedindo de ver.

7.6 Porcos. Animais considerados imundos pelos judeus (Lv 11.3). *Pérolas.* A maior preciosidade, para os orientais, A parábola pinta o quadro de um rico jogando, a mancheias, pérolas aos porcos como se fossem ervilhas, irritando aos porcos que dariam mais valor a ervilhas "genuínas". A igreja primitiva interpretou este ditado de Jesus, com relação à ceia do Senhor. Dar ceia a incrédulos, hereges e até aos não batizados (os não comprometidos com Cristo) era, para o autor do *Didaquê* (c. 120 d.C.), para Tertuliano, para Teodoro e outros, muito perigoso. Apaga as distinções entre a fé e o paganismo, e enfim, destrói o cristianismo.

7.7 As três expressões, em conjunto, ensinam claramente qual é a disposição amorosa de Deus no que diz respeito a atender às orações (cf. Jo 14.13-14).

7.9 Um estímulo à oração, destinado àqueles que imaginam que Deus não responderá, ou mesmo atendendo, não concederá a bênção especificamente pedida. *Pedra.* Semelhante aos pães orientais, redondos e achatados, *Cobra.* Semelhante à enguia, que é comestível.

7.12 Este versículo, originário de Jesus, chama-se "a regra áurea". Aqui Jesus se ocupa com o nosso procedimento diário: devemos agir somente em amor (1 Co 13.4-8), cedendo ao próximo o que buscamos para nosso próprio bem. Longe de pagar o mal com o mal, devemos fazer o bem a todos. Foi assim que Deus respondeu à rebelião dos homens oferecendo-lhes a salvação pela graça (Ef 2.8, 9).

7.13,14 porta estreita. Jesus chama o caminho para o céu de "porta estreita" ou "caminho apertado", não porque de Deus tivesse falta da generosidade de querer salvar a todos (2 Pe 3.9), mas porque na prática muito poucas pessoas renunciam ao eu-próprio para procurar a Deus. A figura dos dois carrinhos tem sido comum em muitos pensamentos religiosos, desde a época de Sócrates (400 a.C.). Destaca-se em dois livros cristãos do primeiro século d.C., no *Didaquê* e na epístola de Barnabé.

7.15 Acautelai-vos. Não devemos nos impressionar com as vestes (práticas religiosas) dos falsos profetas (v. 15) nem com aquilo que dizem (21), nem com aquilo que fazem (22); devem ser julgados apenas pelo critério de Jesus, pelos frutos espirituais se é que realmente os produzem, cf. Gl 5.22-23. A marca dos falsos profetas é o interesse egoísta, ao contrário do Bom Pastor que ama as ovelhas (Jo 10.11-13). No tempo do NT vieram na forma de judaizantes ou de gnósticos, que se deduz de 2 Co 11.13; 1 Jo 4.1; 1 Tm 4.1.

7.24,27 A conclusão do Sermão do Monte: 1) Aquele que ouve a palavra de Jesus e pratica, é como o homem sábio que edificou a casa (sua vida e suas atividades) sobre a rocha (Cristo), resistindo assim à ação devastadora do tempo e da eternidade: as provações, tentações e o julgamento, 2) O que ouve a palavra de Jesus e não a pratica, é como um insensato que constrói a casa da sua vida sobre os alicerces humanos do dinheiro, da cultura, dos títulos, da fama, da popularidade, os quais como a areia não resistem à ação demolidora do juízo final.

7.29 Autoridade. Autoridade cívica e religiosa é justamente o que os escribas tinham, mas a palavra gr *exousia*, também significa "poder sobrenatural" é o que- o evangelho tem, 1 Co 2.4-5.

8.1 Descendo. Encerrou-se um dos cinco grandes grupos de ensinamentos que Mateus ajuntou, nos cap. 5-7; os outros encontram-se nos caps. 10, 13, 18 e 24-25. • **N. Hom.** A doença e sua cura, 8.1-4. Os males lamentáveis são físicos e espirituais. A enfermidade física é uma infelicidade, mas a da alma envolve pecado. A cura do corpo pode advir de remédios ou da intervenção divina, mas os males da alma só podem ser curados pelo sangue de Jesus.

8.4 Moisés ordenou. As leis sobre a lepra (Lv caps. 13 e 14) eram pormenorizadas, e o conceito da quarentena teve seu início naquela época. A palavra traduzida por "lepra" (heb *çãra'ath*) é uma definição genérica de várias desordens: na pele, havendo rara coincidência com o tipo hoje mais comumente conhecido. Para os hebreus, simbolizava o pecado, por ser nojento, contagioso e incurável. Jesus, ao curá-la, revela parte da natureza do Seu ministério.

8.5 Um centurião. Oficial do império Romano, comandante de uma *centúria* ou destacamento de 100 soldados. O procedimento e a fé que este homem manifestou, provocaram a admiração de Jesus (10).'

8.9 Para o centurião era tão natural Jesus ter plenos poderes sobre as influências invisíveis do universo, como o era para um oficial romano ter confiança no cumprimento de suas ordens.

8.14,15 Esta passagem dos evangelhos indica que Pedro era casado e que possuía casa, como se vê em Mc 1.29. Paulo menciona que Pedro levava a esposa nas viagens missionárias (1 Co 9.5).

8.16 Endemoninhados. Para desafiar o ministério de Jesus, Satanás lançou uma ofensiva concentrada de forças malignas (Lc 4.33). Não é válida a idéia que diz que os antigos confundiam doenças com possessão demoníaca, revelando ignorância e superstição. A Bíblia define doenças e também é específica quando se trata de possessão de demônios.

8.17 Para que se cumprisse. Mateus mostra a Jesus Cristo como o Rei prometido pelas profecias do AT. Por isso há tantos textos que vinculam Jesus com as profecias (93 citações). Isto, porém, não significa que Jesus procurasse profecias do AT para depois se esforçar para cumpri-las.

8.18-22 Segue-me. A prova de alguém ser discípulo de Cristo é o fato de segui-LO, procurando executar Sua vontade (28.20). *Sepultar.* Cf. Lc 9.59,60n.

8.20 O Filho do homem. Título que Jesus aplicou a si mesmo, cerca de 80 vezes. Não se referia a algum profeta futuro, como certos judeus imaginavam. A comparação de 16.13-15 com Lc 9.22 mostra que o título pertencia a Jesus. O termo pode ter dois sentidos: 1) Possivelmente mostra que Jesus era plenamente humano, o Homem ideal e representante da raça humana; 2) Mostra claramente, também, que Jesus é o Messias eterno, vindo do próprio céu, segundo a profecia de Dn 7.13-14, a qual Jesus aplicava a Si mesmo (26.64). Os dois sentidos reúnem-se na missão de Jesus, 12 incluindo-se a parte final desta missão, a futura segunda vinda na qual Jesus será juiz do universo (Jo 5.22, 27)

8.23-27 Jesus ia atravessando o lago da Galiléia, saindo de Cafarnaum e indo para Gadara, uma travessia de 10 km. Jesus dormia, exausto depois de tanto trabalho. A tempestade súbita era típica daquela região. Os pecadores nada conseguiam contra ela e despertaram o Mestre, que demonstrou Sua autoridade sobre as forças da natureza.

8.28-34. Mateus dá um relatório rápido sobre dois endemoninhados. Lucas, como médico que se interessa pelo lado humano das coisas, dá um relatório completo de um deles, descrevendo a história da sua doença, e também sua atitude depois de curado (Lc 8.26-39n). Os materialistas dos nossos dias, atribuem os sintomas a alguma perturbação mental, mas muitos têm visto a operação do mundo dos demônios na época atual. .

8.34 Que se retirasse. Jesus foi expulso de Gadara: talvez o prejuízo material causado pela morte de dois mil porcos era considerado mais importante do que uma grandiosa obra espiritual de libertação (cf. Lc 8.32n).

9.1 Sua própria cidade. Cafarnaum (Mc 2.1, e Mt 4.12n).

9.2-8 *Um parálico*. Nesta cura Jesus vence o pecado juntamente com a doença; cumpre um ministério integral (cf. Lc 5.18-26n).

9.9 *Um homem chamado Mateus*. Era publicano, isto é, um cobrador de impostos. Era desprezado e odiado pelos judeus em virtude da colaboração com os inimigos romanos. Obtinha muito lucro exigindo a mais alta taxa possível. Socialmente, entre os não religiosos, era um emprego rendoso e de prestígio. *Segue-me*. Mateus passou do império romano para a Reino dos Céus.

9.10 *Em casa*. Era a casa do próprio Mateus, escritor deste evangelho, conforme se vê em Lc 5.27 (onde aparece seu nome israelita, Levi). *Publicanos e pecadores*. O costume israelita destacava as duas palavras talvez para fazer dos publicanos uma classe especial de pecadores.

9.11 *Por que come*. Os empedernidos judeus quiseram insinuar que esta prova de misericórdia de Cristo era sinal que se sentia em boa companhia com os pecadores. Eles, com tanto medo de se deixar contaminar, julgaram estas pessoas como que sendo desprezadas por Deus. Jesus, a Luz do Mundo, ilumina sem medo de que as trevas prevaleçam (Jo 1.5). • **N. Hom.** Jesus conhece os pensamentos dos homens, cf. 4 com Lc 7.39-50 e Hb 4,13 - "Todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas".

9.13 Deus prefere ser compassivo em lugar do cumprimento meticoloso da lei. **9.14,15** *Em nesses dias não de jejuar*. Enquanto os crentes aguardam ansiosos pela segunda Vinda de Cristo, o tempo de jejum continua (6.16n). Os discípulos de João jejuavam na esperança de que sua devoção apressaria a vinda do Reino.

9.18 *Um chefe*. Era chefe da sinagoga, e chamava-se Jairo (Lc 9.41), *Minha filha faleceu*. Estas palavras refletem a situação que Lucas, como médico, divide cientificamente em duas partes: Jairo vem pedir em favor da filha que está morrendo (Lc 8.42), e só depois de ter feito seu pedido, ficou sabendo que ela morrera nesse meio tempo (Lc 8.49). • **N. Hom.** Os milagres de Jesus comprovam Seu poder ilimitado e Sua infinita misericórdia, vencendo doenças e demônios (8.3 e 8.16) e, dominando sobre poderes espirituais e inanimados (8.8 e 8.26-27) em resposta à petição da fé.

9.20 Marcos menciona ainda um pormenor, o de que os médicos tiraram-lhe todo o dinheiro que ela possuía, sem contudo poderem curá-la; a ética profissional de médico, de Lucas, que normalmente registrava os pormenores clínicos, talvez o tenha feito omitir uma referência a esta delicada questão.

9.22 *A tua fé te salvou*. Deus, através de Cristo, está sempre pronto para agir, restando somente o ser humano crer para receber. O verbo grego *sōzein* significa tanto salvar como curar. É restaurar e restabelecer totalmente. Decerto esta mulher recebeu também a cura da alma.

9.23 *Tocadores de flauta*. Estes, juntamente com as carpideiras, eram profissionais que acompanhavam os enterros; essas lamentações não eram senão mercenárias, o que se revela pelo tom de zombaria que adotaram para com Jesus. Ele ressuscitou a menina com a mesma ternura com a qual sua mãe a despertaria cada manhã (Mc 5:41).

9.27-31 Os dois cegos: 1) Seguiram a Jesus; 2) Fizeram-lhe um pedido; 3) Persistiam no pedido; 4) Creram em Jesus e no seu poder; 5) Receberam a cura de acordo com a fé individual de cada um; 6) Deixaram de obedecer a Jesus numa coisa. Este último passo é a falta em que muitos incorrem, ao buscar o auxílio de Jesus.

9.27 *Filho de Davi*. É um título messiânico (2 Sm 7.12-16; Lc 1.32; Rm 1.3).

9.28 *Senhor*. Gr *kurios*, às vezes um termo de cortesia em relações humanas como em Mt 6.24; 15.27; Ef 6.9; e às vezes usado como tradução da palavra hebraica *yhwh* "Senhor", o nome de Deus aplicado a Jesus (Êx 6.2, 3; Mt 22.43-45; Jn 20.28). Estes cegos, porém, estavam ainda incertos quanto ao pleno sentido da palavra quando a aplicaram a Jesus (At 2.21, Rm 1 0.9, 13).

9.32 Mudo. Gr *kōphos*, que significa "embotado", aplica-se às capacidades de falar, ouvir, ver e compreender; o contexto (cf. "falou" v. 33), revela a interpretação da palavra. Aqui era obra de demônios.

9.37 Os trabalhadores são poucos. Para todas as carreiras há concorrências entre os homens. Há milhares de excedentes procurando vagas nas universidades, mas para o ministério, a mais urgente de todas as vocações, poucas pessoas se oferecem.

9.38 Rogai. O assunto do ministério pertence especialmente a Deus, e deve ser motivo de muitas orações, pois não basta uma pessoa querer, ou gostar. É necessária uma vocação divina, e, está condicionada à comunhão com Deus pela oração, a qual nenhuma eficiência eclesiástica pode substituir. *Mande.* Gr *ekbalein*, "lançar para longe", "expulsar", "mandar com energia". Dá a idéia da dinâmica e da urgência da missão cristã (cf. Ef 4.11, 12).

10.1 Deu-Ihes autoridade. Concedeu algo do Seu poder sobrenatural para vencer as forças do maligno, cf. notas 7.29; 28.18-20; Lc 9.1.

10.2 Apóstolos. "Enviados", cf. 4.18-22n. É a primeira vez que esta palavra ocorre na Bíblia. A lista dos doze deve ser comparada com a dos demais evangelhos, e com At 1.13 para se notar diferenças nos nomes e na ordem dos mesmos.

10.9-11 Estes versículos ensinam o servo de Cristo a tomar uma atitude de fé com a obra missionária, aceitando as condições de vida que Cristo e a comunidade dos fiéis lhe ofereceram.

10.14 Sacudi o pó. Os judeus, sob o domínio romano, desenvolveram um costume de afastar, de maneira mais dramática e completa, qualquer contato com os não judeus, considerando o próprio pó dos seus pés imundo como a putrefação da morte. Jesus ordena que seus apóstolos usem desse costume para com os próprios judeus, caso necessário, a fim de causar impacto aos rebeldes e duros de coração. Seriam, por isso perseguidos, maltratados, presos e interrogados, porém o Espírito Santo falaria por eles, e o evangelho causaria grande revolução, até sair-se vitoriosos. A obra a ser feita em meio às perseguições, era pregar o reino de Deus, confirmando-o pela cura de enfermos, ressuscitando os mortos, purificando leprosos, expulsando demônios, e tudo pela graça de Cristo (5-8).

10.25 Belzebu. Nome antigo de algum ídolo dos cananeus, que depois se tornou o nome de um demônio principal, ao qual os fariseus chegaram a atribuir a obra divina e sobrenatural de Jesus, como se vê em 9.34 e 12.24, cf. Lc 10.15n.

10.28 Perecer. O castigo eterno; afastado de Deus; a fonte da vida.

10.29 Pardais. Gr *strouthion* lit. "passarinho", um diminutivo afetuoso como seria o feminino "pardoca", uma nota de ternura para com algo de mínimo valor comercial; esta compaixão divina nos consola muito. *Asse*, moeda equivalente a meia hora de serviço baseado no "salário mínimo" da época.

10.30,31 Até os cabelos. A providência divina valoriza o homem.

10.32-36 O capítulo inteiro, e este trecho especialmente, projeta uma nota de urgência na mensagem de Cristo, mostrando que é exclusiva na sua situação e nos seus resultados, que é eterna na sua duração e no seu propósito, e que é dogmática quanto ao caráter único e insubstituível da pessoa de Cristo. O cristianismo moderno, como tem sido superficial, está longe de arcar com as exigências desta mensagem.

10.34 Não vim trazer paz. "Paz" no sentido de comodismo, ócio e ausência de lutas, Jesus não trará, enquanto o mundo não estiver em comunhão com Deus. A paz verdadeira de espírito para o crente que está em comunhão com Deus, é sua herança legada Por Cristo (Jo 14.27).

10.35 Nora. Gr *numphe*, lit. "noiva", "esposa", que no caso seria levada para morar na casa do marido com seus sogros. Se ela se achega mais a Cristo do que a seus sogros, logo as relações no lar se deterioram. • **N. Hom.** Confissão ou negação de Cristo. Toda pessoa chega a tomar, uma atitude ou atitude ou outra (Mt 12.20). Há vários modos de

confessá-lo, recebendo dEle uma missão (10.5-7), ajudando os Seus servos (10.11), testificando publicamente de Cristo (10.32). Para negar a Cristo, pode-se recusar a aceitação de Seus obreiros (10.14), persegui-los (17-23), ou falar publicamente contra Ele (33).

10.37 Não é necessário abandonar os parentes para seguir a Jesus, mas se estes forem um empecilho para o crente livremente servi-lo, deve-se dar a Cristo a preeminência.

10.38 *Toma a sua cruz.* Não é procurando o sofrimento, mas é vivendo tão-somente para Cristo ao ponto de se enfrentar as conseqüências. O criminoso romano carregava a cruz para o lugar da execução. O crente salvo por Cristo carrega consigo a mesma cruz: a renúncia de si mesmo para servir unicamente a Cristo, mesmo até à morte (Gl 2.20).

10.39 Um dos paradoxos de Jesus. Quem se dedica à busca das vantagens da vida terrestre, perde a vida eterna concedida em Cristo (2 Co 5.17).

10.40-42 *Quem vos recebe.* Jesus promete recompensar a todo e qualquer esforço que fizermos em favor do seu Reino, não se esquecendo dos que assim o servem (1 Co 15.58; Gl 6.9; Mt 25.35-36).

11.2 *No cárcere.* João Batista estava encarcerado em Maqueros, fortaleza inóspita nas proximidades do mar Morto.

11.3 *És tu aquele que estava para vir?* João quis certificar-se, antes de morrer, de que Jesus era realmente o Messias. Talvez a hora da pergunta revele que João conservava uma leve esperança que Jesus seria o Messias que o povo esperava, destruindo os romanos e libertando os fiéis pela força das armas. Aliás, Jesus e João evitaram usar a palavra "Messias" que os próprios ouvintes poderiam interpretar como a declaração da vinda do libertador militar nacionalista.

11.12 *Se apoderam.* Gr *harpazein*, "apanhar", "agarrar", "arrebatar", usando também para expressar a ação dos ladrões. Aqui representa a maneira corajosa e resoluta dos fiéis, de aceitar para si o Reino que Deus lhes oferece, vencendo, pela fé e pelo poder de Cristo, qualquer oposição do mundo exterior ou de tentação íntima (Lc 16.16n). Pode-se interpretar como uma referência à violência de certos judeus que pensaram em estabelecer o reino pela força bélica (como era o caso dos zelotes).

11.7-19 *A respeito de João.* Quando os discípulos de João se retiraram, Jesus começou a descrever a pessoa, a missão e a obra de João: 1) O maior entre todos os mortais; 2) Suas vestes características; 3) Um profeta em termos de Ml 3.1; 4) O fim de uma época. João tinha chegado ao ponto culminante dos profetas, pois Jesus, o Alvo das profecias, estava perante seus olhos. Qualquer crente seria maior do que João, pois veria a culminação de Cristo, participando nos seus benefícios.

11.20 *Increpar.* Gr *oneidisein*, lit. "Lançar em rosto" ou "repreender". Revelou tudo quanto foi feito para estas cidades, milagres portentosos, que serviam como prova da missão total de Cristo, a não ser para aqueles que de modo nenhum queriam ser levados ao arrependimento. • **N. Hom.** Três verdades do evangelhos 1) Produz revolução no seio das famílias (10.34-37); 2) Exige plena dedicação dos seus seguidores (10.9-11; 22-23,37); 3) Sempre traz sua, recompensa (10-32-33, 40-42).

11.21 *Corazim... Betsaida... Cafarnaum.* Três cidades localizadas na banda, noroeste do mar da Galiléia, sobre as quais pouco sabemos, a não ser que rejeitaram a mensagem de Cristo, precedendo, em sua rejeição, à dos judeus.

11.24 *Menos rigor.* Não que Sodoma fosse menos pecadora do que as cidades mencionadas: apenas não teve as mesmas oportunidades que estas.

11.25 *Graças te dou.* Jesus dava graças pela misericórdia de Deus, em revelar as verdades eternas para os simples. Jesus não condena ao intelecto, mas sim ao orgulho intelectual. Sem humildade, o evangelho não tem acesso ao coração. *Sábios e instruídos.* Seriam os doutores da lei e os escribas que orgulhavam-se do seu profundo estudo e conhecimento do AT, mas que não foram capazes de reconhecer quem era Jesus.

Pequeninos. São os discípulos que, pela fé, perceberam a verdade acerca de Cristo (Mt 16.16ss). *Estas coisas*. Referem-se aos "mistérios do Reino" (13.11).

11.27 Estas palavras de Jesus formam sua maior reivindicação. Ele afirma categoricamente que só Ele conhece verdadeiramente a Deus, e Ele é o único que pode revelá-lo (Jo 1.18; 14.9s).

11.28-30 *Sobrecarregados*. Os que levam o fardo dos fariseus, as exigências da lei e as tradições para serem salvos (Mt 23.4). *Jugo*. Os rabinos fariseus usaram a metáfora do "jugo da lei". • **N. Hom.** "Vinde a mim". 1) O convite é para todos; 2) O convite é para vir a Jesus sem intermediários; 3) O convite é para os aflitos; 4) O convite oferece alívio à alma; 5) O convite é para se rejeitar o jugo cruel do mundo e do pecado, e para receber o suave de Cristo (é suave porque Cristo carrega o peso por nós); 6) O convite oferece-nos descanso espiritual num Mestre verdadeiramente misericordioso. • **N. Hom.** As maravilhas de Jesus: 1) O convite de Jesus; 2) O alívio de Jesus; 3) O descanso de Jesus; 4) O jugo de Jesus; 5) O fardo de Jesus; 6) A paz de Jesus. Assim como a pomba de Noé encontrou, na arca, o descanso que não existia fora, assim o crente encontra, no Senhor Jesus, descanso e paz para o seu coração (Rm 5:1).

12.1-8 *Entraram a colher, espigas*. Seguindo a Jesus pelos campos de trigo, os discípulos usufruíram do mesmo direito que os transeuntes, comendo para satisfazer a fome, sem levar nada consigo (Dt 23.25). Segundo os fariseus, debulhar era um tipo de trabalho proibido no sábado (Lc 6.1). Jesus mostra, por exemplo histórico, que fazer o serviço de Deus supera as regras religiosas. Jesus declara Sua igualdade a Deus quando reivindica ser o Senhor do sábado (8; cf. Jo 5.17). O sábado foi dado ao homem para seu bem e não para prejudicá-lo (12). Veja Lc 6.4n.

12.14 Já no meio do seu ministério surge a ameaça contra a vida de Jesus.

12.16 *Publicidade*. Muitos quiseram ouvir histórias de maravilhas e milagres; outros quiseram se beneficiar com eles, mas poucos quiseram ouvir e obedecer à mensagem espiritual de Jesus. Esta implica que suas vidas deveriam ser totalmente transformadas. Jesus queria evitar um movimento popular corrente naquela época de que ele, Jesus, cumpriria a esperança de um Messias militar.

12.18-21 A vida de Jesus estava dentro da vontade de Deus, já expressa pelo profeta Isaías (42.1-4)., Vemos aqui, que Jesus, tendo assumido a forma humana, soube, tratar as pessoas com misericórdia, como se estas fossem caniços que se quebrariam ao mais leve toque, ou como pavios que, emitindo uma fraca centelha, apagar-se-iam com a maior facilidade.

12.23 *Filho de Davi*. Um título do Messias, cf. 2 Sm 7.12-16; Sl 72.

12.24-29 Os fariseus, rejeitando a todas as provas que Jesus operava ao manifestar obras divinas, atribuíam-nas a Belzebu (cf. as notas de 10.15 e de 11.31-32). Lançaram mão da calúnia e da perfídia, mas Jesus, com lógica clara e objetiva, demonstrou estar destruindo, e não construindo, ao império maligno (1 Jo 3.8). *Casa do Valente*. Cf. Is 49.24-26; Lc 11.21n.

12.30 Não há neutralidade em assuntos religiosos. Quem não serve a Cristo, está servindo ao diabo e curva-se ao seu jugo.

12.31,32 *Blasfêmia contra o Espírito*. 1) Rejeitar as mais claras provas de que as obras de Jesus que revelam a aproximação do Reino de Deus, foram feitas pelo poder do Espírito Santo; 2) Alegar que pertencem ao diabo. É sinal de endurecimento tão completo, ao ponto de não existir nenhuma esperança de arrependimento e conversão (cf. Hb 6.4-6; 10.26-31); o pecador torna-se incapaz de reconhecer ou distinguir entre o divino e o diabólico.

12.34 *A boca fala*. A blasfêmia dos fariseus é a prova de, sua maldade. O caráter do homem é revelado através de suas palavras (Tg 3.2).

12.36,37 *Palavra frívola*. Nossas palavras pesam na balança (Pv 18.21).

12.38 Sinal. Há três palavras gregas para designar milagres: 1) *teras*, coisa portentosa; 2) *dunamis*, poder maravilhoso; 3) *semeion*, uma prova ou sinal sobrenatural. No passado, várias lideres de Israel tinham concedido ao povo provas de sua missão da parte de Deus; para autenticar a obra de Moisés, Deus enviou o maná; para Josué, Deus fez parar o Sol e a lua; para Samuel, enviou trovões de um céu limpo e sem tempestades; para Elias, mandou fogo do céu; para Isaías fez recuar a sombra do relógio do Sol. Para confirmar a obra de Jesus, haveria o maior portento de todos: Deus ressuscitaria a Seu Filho da sepultura, maior sinal do que aquele que serviu para a conversão de toda Nínive (39-41).

12.42 Rainha do sul. A rainha de Sabá visitou Salomão a fim de verificar a veracidade acerca das histórias de sua grande sabedoria (1 Rs 10.1-10). Jesus, como sempre, está aceitando fielmente as narrativas do AT.

12.43-45 Só pela obra de Cristo é que as forças do maligno não têm acesso à personalidade humana; se, no entanto, a pessoa não permite que o Espírito Santo tenha inteiro controle sob sua vontade, todo o seu ser corre o perigo de se deixar levar novamente pela força do diabo e seus auxiliares. A conversão consiste em muito, mais do que arrependimento. Exige o renascimento do Espírito (Jo 3.3, 5) e obediência (Jo 15.10).

12.46-50 Jesus tinha quatro irmãos (mencionados pelo nome em Mc 6.3), além de um número de irmãs não especificado. Sem base histórica, já tem sido negado serem, estes, filhos de José e Maria. As alternativas apresentadas são: estes podiam ser primos de Jesus, filhos de Alfeu e de outra Maria, irmã da mãe de Jesus. Podiam, também, segundo, tais teólogos, ser filhos de José antes do seu casamento com Maria, Jo 7.5 e At 1.14 distingue-os dos filhos de Alfeu. Nota-se, também, que nas dez ocasiões em que sua presença se registra, estão sempre com Maria, mãe de Jesus. Não se deve esquecer a mensagem espiritual desse trecho: nossa fraternidade jaz em nossa obediência a Cristo, reunindo-nos numa nova família espiritual. Nota-se também que Jesus não tinha a mínima intenção de exaltar Sua mãe à posição de uma divindade.

13.1 De casa. A casa de Simão e de André, em Cafarnaum (cf. 8,14).

13.2 Num barco. Um púlpito natural, separado da multidão.

13.3 Parábolas. Gr *paraboles*, "comparação", lit. "lançar duas coisas semelhantes uma contra a outra". Significa colocar uma coisa ao lado da outra para estabelecer a semelhança ou distinção. Nos lábios de Jesus, veio a ser método especial de usar histórias terrenas para desvendar verdades espirituais àqueles que se entregam a Ele. Um dos motivos era atingir os simples, fixar as verdades nas mentes dos ouvintes (Mc 4.3n), e sobretudo distinguir entre as pessoas de boa fé que queriam aprender, e as demais que viessem zombar ou discutir (cf. Is 6.9-10).

13.3-9 A parábola do Semeador. Com esta parábola, Jesus inicia o primeiro grupo de parábolas registradas em Mateus. Esta coleção, até o fim do capítulo, diz respeito ao Reino de Deus. Nesta parábola, a semente é a proclamação da "Palavra do Reino", a mensagem de Cristo. Os tipos de terreno representam os diferentes tipos de pessoas quanto à sua atitude para com a mensagem.

13.11-17 Mistérios. Conhecimentos mais profundos, sobre as realidades espirituais. Acesso aos mistérios só se consegue pela fé perseverante em Cristo, Os discípulos recebem a iluminação de Deus (16). Os incrédulos rebeldes ficam, como conseqüência, cada vez mais endurecidos, perdendo, finalmente, qualquer atração pela mensagem salvadora (12).

13.24-30 A parábola do joio demonstra que um dos aspectos do Reino é o juízo, e que este juízo está reservado à autoridade divina, e não ao critério humano. O joio é uma planta que se confunde com o trigo, crescendo juntamente com ele, e só se distingue quando vem a época da ceifa, quando então o trigo revela seu verdadeiro valor, produzindo cereal comestível. Até então, o joio é poupado por causa do trigo.

13.31,32 A parábola da mostarda revela outro aspecto do Reino: o crescimento rápido e útil apesar de um começo bastante humilde (cf. Mc 4.31n).

13.33 *Fermento*. Esta parábola enfatiza o poder transformador invisível do evangelho, especialmente na vida particular do discípulo totalmente entregue a seu mestre, Cristo. Além dessa transformação individual, possivelmente, Jesus aponta para a influência do evangelho que, silenciosamente e com poder, muda a sociedade e a cultura (ou governo, nos casos em que os cristãos decididos existem em suficiente proporção). A notável influência do cristianismo na transformação da vida da mulher, dos pobres, dos doentes, dos velhos, dos escravos e das criancinhas, é bem conhecida através da história. Cristo não afirma, aqui, que todo o mundo se converterá (Lc 13.18-21n; 24-30). *Três medidas*. O Reino dos céus constitui-se, para nós na presença da gloriosa e inexplicável Trindade de Deus; devemos guardar, em nossos corações a porção exata de cada Pessoa da Trindade (2 Co 13.13; Ef 1.3-14).

13.34 *As multidões por parábolas*. Houve uma diferença entre o tratamento que Jesus deu aos discípulos escolhidos, explicando-lhes tudo em particular (vv. 10-23), é a maneira de falar às multidões. Esta diferença destaca-se especialmente depois de os fariseus terem blasfemado contra o Espírito Santo (12.24, 30) e planejado o assassinato de Jesus (12.14). Distinguiam-se, então, mais e mais os que seguiriam a Jesus, e os que estariam prontos a exigir sua crucificação. A oposição cresce à custa de calúnias, mentiras, falsa interpretação da lei, transformando-se em perseguição deliberada, até culminar no Calvário.

13.36 *Despedindo as multidões*. Jesus, voltando para casa de Simão e André, mais uma vez estava só com os discípulos que estavam sendo preparados para continuar a Sua obra e que precisavam entender tudo. A parábola do joio é, tecnicamente, uma alegoria, pois não ensina só uma verdade em seu conjunto total; cada pormenor representa alguma coisa. • **N. Hom.** O trigo e o joio juntos, vv. 24-30; 36-43. O quadro representa: 1) O bem e o mal coexistindo na Igreja visível até, ao fim do mundo: a) nas igrejas há sempre crentes e incrédulos; b) jamais existirá uma igreja só de "trigo"; c) os incrédulos existem entre os crentes, como Judas entre os discípulos; d) deve se tomar cuidado de não procurar arrancar a parte infiel, para não causar confusão e abalar a muitas pessoas; é recomendável o maior cuidado possível na disciplina. O quadro também representa: 2) O juízo de Deus quando passar a haver esta separação: a) entre o trigo e o joio; b) feita pela justiça divina; c) o joio para o fogo e o trigo para o celeiro.

13.44 *Tesouro oculto*. O Reino de Deus apresenta-se, aqui, como um valor. Enterrar tesouros era comum antes de existir rede bancária. Às vezes o primitivo dono morria e o tesouro ficava perdido, até que alguém o achasse por acaso.

13.46 *Pérola de grande valor*. O valor multiplica-se com o tamanho. Uma pérola do tamanho de um ovo deveria valer centenas de pérolas de tamanho regular, o que seria o estoque inteiro de um negociante de pérolas, o qual exercia o papel típico de um banqueiro da época. Aqui, o Reino é de valor incomparável.

13.47-50 A parábola da rede mostra o Reino de Deus fazendo a separação depois de sua proclamação a todos (cf. 13.24n; 24.14). Esta parábola foi falada aos discípulos em casa bem como as duas anteriores. Evidentemente, Mateus reuniu uma série de parábolas faladas em diversas ocasiões.

13.52 *Escriba*. Gr *grammateus*, "escrivão", "secretário"; já que bem poucos sabiam escrever, os escribas que copiavam e arquivavam as leis e as tradições de Israel, tornaram-se doutores e advogados (Lc 5.21n). Não havia uma distinção clara entre a lei de Deus e as dos homens.

13.55 *Do carpinteiro*. José, cujos filhos são, aqui mencionados (v. 56). Jesus, como o filho mais velho, teria sido ajudante do pai ou sustentava a família após a morte deste, como se vê em Mc 6.3. • **N. Hom.** Aspectos do Reino de Deus: 1) juízo, vv. 24-30; 2)

Crescimento, vv. 31-32; 3) Poder transformador, v. 33; 4) Valor escondido aos homens (v. 44) e incomparável, v. 45; 5) Separação e seleção, vv. 47-50.

14.1 *O tetrarca Herodes*. Tetrarca, gr *tetrarches*, significa "quem rege uma quarta parte". No caso era a quarta parte da Palestina, a Galiléia e a Peréia que foi legada a Herodes Antipas, um dos filhos de Herodes, o Grande. Cada um dos filhos ganhou uma parte. *A fama de Jesus*. Depois das maravilhosas viagens de Jesus pela Galiléia, surgiram muitas idéias a respeito dele, cf. 16.13-14. A consciência supersticiosa e culpada de Herodes apontava logo para a teoria de que Jesus seria João Batista ressurreto.

14.3 O cárcere da fortaleza de Maquero, perto do mar Morto, era bem visível, se olhado do magnífico palácio de Herodes Antipas. Duas masmorras escuras, fortes e profundas podem ser vistas até hoje. Ali ficara o profeta, que ministrara ao ar livre, durante um ano inteiro.

14.4 O caso envolve certas complicações de divórcio e incesto. Herodias era descendente de Herodes, o Grande, e esposa de Herodes Filipe, de quem se divorciou para se casar com Herodes Antipas, seu tio. Este, para a receber como nova esposa, divorciou-se de sua esposa anterior que era filha de Aretas, rei da Arábia, dá porção então chamada Nabatéia.

14.12 *Anunciaram a Jesus*. Esperavam talvez que Jesus, finalmente agisse como um Messias militar, sendo provocado a intervir com poderes sobrenaturais. Ou, talvez simplesmente passariam a ficar com Jesus.

14.13,14 Jesus, ao atravessar o mar da Galiléia, indo de Cafarnaum para Betsaida Júlia deixava os territórios de Herodes Antipas, e entrava numa parte deserta do Território de Filipe.

14.14 *Compadeceu-se*. O povo, vendo Jesus partir no barco, andou uns 8 km pela região deserta em busca das Suas bênçãos. Sobre o milagre, veja Lc 9.12-17n.

14.17 Os pães e os peixes eram o lanche de um único menino (Jo 6.9). • **N. Hom.** "A multiplicação dos pães" mostra: 1) A compaixão de Cristo- 2) O direito de todos receberem (cf. Mc 6.39); 3) Gratidão pelo poder e generosidade de Deus (Sl 107); 4) A cooperação dos discípulos (cf. sua cooperação no testemunho, At 1.8); 5) A fartura de bênçãos (cf. Jo 7.38); 6) Economia - não deixar de fazer bom uso de tudo o que Deus nos dá (Mt 25.14-30).

14.21 *Mulheres e crianças*. Umas centenas, talvez.

14.22 *Compeliu*. Decerto era para escudar os discípulos de serem arrebatados pela tentação de querer ver a Jesus como Rei (Jo 6.15).

14.23 *Orar sozinha*. O segredo de como se pode ser guiado mais efetivamente por Deus do que pelos exemplos e pensamentos dos homens.

14.25 *Quarta vigília*. Entre três e seis horas da manhã. A primeira processava-se das 18 às 21 h; a segunda das 21 às 24; e a terceira ia até às 3. *Andando por sobre o mar* Tem domínio sobre o mar aquele que o criou.

14.34 *Genesaré*. A planície sobre a qual se situava Cafarnaum.

15.1 Escribas e fariseus chegaram de Jerusalém para reforçar o rol dos inimigos de Jesus, que já estavam se consolidando, como foi o caso dos fariseus com os herodianos (Mc 3.6). Mais tarde; até os saduceus, tradicionalmente rivais dos fariseus, seriam acrescentados (Mt 16.6).

15.2 *Tradição dos anciãos*. Interpretação oral-escrita da lei de Moisés, com muita coisa adicionada, chegando a ter autoridade quase igual à da própria lei, entre fariseus (cf. 5.43n). Tudo isto foi posteriormente codificado no *Mishná*, o núcleo do Talmude.

15.3 *Por causa do vossa tradição*. A tradição da lavagem das mãos era simples higiene antes das refeições. Veio a ser um tipo de purificação ritual para afastar a mínima possibilidade de a pessoa ter sido contaminada pela poeira advinda de algum pagão (cf. 10.14n). A ocupação dos romanos intensificou o legalismo, na tentativa de atingir a

"santidade" e conseguir o socorro necessário de Deus para a expulsão dos pagãos. Não percebiam, porém, que certas interpretações tinham já violado a verdadeira lei.

15.4-6 Jesus passa a citar os dez mandatos, mostrando como a tradição dos judeus havia suscitado maneira de desobedecê-IO. Se alguém queria livrar-se da responsabilidade de cuidar de seus pais em idade avançada, era só fazer a falsa declaração de que seus bens pertenciam ao templo, de que eram *korban* (que significa "oferenda"). Seus bens seriam registrados em nome do templo até a morte dos pais, quando então se passaria a "combinar" algo com os escribas, no intuito de reavê-los. Parece que para o gozo de tais benefícios legais não era necessário uma grande oferta. Talvez alguns que assim faziam estivessem presentes na hora.

15.6 *Invalidastes a palavra de Deus.* Devemos estar sempre atentos para os métodos que se usam para invalidar a Palavra: 1) Esquecimento; 2) Reinterpretação; 3) Racionalização; 4) Ignorância; e 5) Simples desobediência.

15.11 *O que entra pela boca.* Segundo a explicação dada por Jesus a Pedro (17-20), a comida que não foi preparada segundo as tradições das anciãos não prejudica ao ser ingerida (At 10.10-15n). O que prejudica é o mal, concentrado no íntimo do ser humano e exprimido através da boca (Tg 3.6-12). *Contamina.* Gr *koinein*, lit. "tornar comum", "profanar". No sentido bíblico significa ser cerimonialmente "imundo", sem direito a participar do culto publicou ou aproximar-se de Deus em oração. A declaração de Jesus, decerto abrangia tudo isto.

15.13 *Será arrancado.* Jesus não altera Sua doutrina para agradar as pessoas que não buscam o verdadeiro sentido da Palavra de Deus (3-9). Para estes só resta a condenação.

15.21 *Os fados de Tiro.* O território marítimo chamado Fenícia (hoje o Líbano) que fazia limite ao norte e a oeste, com a Galiléia.

15.22 *Cananéia.* Descendentes dos cananeus que Josué expulsou da Terra Prometida cuja civilização foi centralizada e perpetuada na cidade de Tiro. Marcos chamava-a de grega, de origem siro-fenícia (Mc 7.26). "Grega" significaria "de civilização helenística".

15.26 *Cachorrinhos.* Gr *kunarion*, um diminutivo afetuoso, empregado para os cachorrinhos de estimação, "de colo". Se as palavras usadas por Jesus para indicar que Sua missão é primariamente para Israel parecem-nos severas, o certo é que havia algo no tom da Sua voz para encorajar esta mulher e dar uma resposta cheia de fé, esperança e coragem. Devia ter sido, para Jesus, um grande alívio testemunhar uma fé tão grande, e ao mesmo tempo singela e humilde, em pleno funcionamento, depois de tantas lutas, com fariseus que a despeito da sua fidelidade à letra da Lei, pouco ou nada sabiam da verdadeira comunhão com Deus em espírito e em verdade. Este passo de Jesus também foi a aurora da missão "até aos confins, da terra". • **N. Hom.** O que a fé fez à mulher cananéia: 1) Levou-a a Jesus; 2) Levou-a a pedir a Jesus; 3) Levou-a a chegar-se a Jesus; 4) Levou-a a perseverar na hora da prova, da dúvida; 5) Levou-a à vitória, sendo atendida em sua petição e conhecendo realmente o Mestre.

15.29 *Ao monte.* Deve ser a subida para a planície atrás de Cafarnaum para quem sobe do mar da Galiléia. Deve ser o lugar onde Jesus usualmente ensinava, pregava e curava, o local do Sermão do Monte (5.1).

15.30 Esta lista de doentes pende para o lado das grandes incapacidades físicas, as quais oferecem base para não apoiar a teoria de "curas psicológicas".

15.32-39 *A segunda multiplicação de pães e peixes.* Muitos intérpretes querem que esta seja outra versão do mesmo milagre descrito em 14.15-21. Nada mais errado, O próprio Jesus destaca bem os dois incidentes (16.9 e 10) e esta segunda multiplicação foi em outro lugar (Decápolis, Mc 7.31), com um número diferente de pães e peixes, com menos sobras recolhidas, menos pessoas a comer e um rumo diferente tomado por Jesus, após o milagre, desta vez com seus discípulos.

15.39 Magadã. Possivelmente Magdala, a cidade de Maria Madalena, situada entre Tiberíades e Cafarnaum. É também chamada Dalmanuta (Mc 8.10).

16.1 *Um sinal vindo do céu.* Uma prova milagrosa (cf. 12.38n).

16.3 *Sinais dos tempos.* Os líderes religiosos leram estes sinais, tão bem como os não religiosos. Os sinais celestiais, porém, que apontavam para os acontecimentos do calendário da operação de Deus entre os homens, eles não o sabiam interpretar, mesmo com as numerosas profecias do AT.

16.4 *O de Jonas.* A ressurreição de Jesus, figurada pelos três dias e as três noites que Jonas passou no ventre do grande peixe (12.39-41).

16.5 *Para o outro lado,* Para os territórios de Filipe, provavelmente desembarcando em Betsaida, de onde foram caminhando para Cesaréia de Filipe, cidade situada no sopé do monte Hermom, cujo pico se localiza a c. 20 km mais para o norte.

16.6 *Fermento dos fariseus e dos saduceus.* Em contraste com o fermento comparado ao desenvolvimento do Reino de Deus (13.33n). Fala-se aqui em hipocrisia e perversidade crescentes (12).

16.13 *Cesaréia de Filipe.* Filipe, filho de Herodes, o Grande, seguiu o costume de dar o nome do imperador César a uma cidade de destaque, que antes era chamada Panéias, "santuário do deus Pan".

16.14 *Uns dizem.* Registra-se, aqui, a opinião da gente comum que esperava tão ansiosamente as indicações de que Deus logo redimiria Seu povo.

16.15 *Mas vós.* Os discípulos tinham recebido uma vocação especial de seguir a Cristo (4.18-22);- presenciaram milagres (8.14-27); fizeram uma viagem missionária (10.5-15); recebiam muita instrução em particular (cap. 13). Receberam, o desafio de pronunciar suas conclusões.

16.16 Pedro, falando em nome dos doze e pela revelação de Deus, reconhece Jesus como o "Cristo", ou seja, o Messias, o Salvador do mundo.

16.18 *Esta pedra.* Apesar do jogo de palavras, não é a pessoa de Pedro que é a pedra fundamental da Igreja. É Cristo mesmo, segundo o próprio Pedro (1 Pe 2.4-8; cf. Mt 21.42-44). Até certo ponto, todas os apóstolos são pedras fundamentais, mas só pelo fato de serem porta-vozes e testemunhas do evangelho, garantindo sua veracidade (Ef 2.20).

• **N. Hom.** "A edificação da Igreja" depende: 1) Da revelação de Cristo por parte de Deus (17, cf. Jo 16.13); 2) De Cristo ser o fundamento (1 Co 3.11); 3) De Cristo exercer Seu poder soberano (28.18-20); 4) Dos discípulos confessarem a Jesus (16; At 1.8; 8.4), 5) De levar o ataque até às portas do hades (At 5.29). *Portas do Inferno* (gr *hades* "lugar dos mortos"). A igreja é construída não apenas sobre a pessoa de Cristo, mas também na Sua obra que o obrigou a morrer (entrar no *hades*) e conquistar a morte através da ressurreição (1 Pe 3:18).

16.19 *Chaves do Reino.* O direito especial concedido a Pedro de abrir a porta da salvação para os judeus (At 2) e aos gentios (At 10). Todo discípulo que ganha uma só alma para Cristo exerce o poder das chaves (1 Co 16.9).

16.23 *Satanás.* A inspiração satânica (e mundana) sempre procura conseguir a salvação sem a cruz (Mc 8.34s).

• **N. Hom.** **16.24-27** Seguir a Jesus exige um novo rumo na vida, que precisa ser: 1) Espontâneo e voluntário; 2) Em direção a Jesus; 3) Com renúncia do eu; 4), Até à morte. Cf 8.18-22, Lc 9.18-26n).

16.28 *O Filho do homem no seu reino.* Marcos, interpreta: "chegado com poder o Reino de Deus" (Mc 9.1). Os estágios da revelação do Reino de Deus são: a transfiguração (17.1-8); a ressurreição de Cristo; o dia de Pentecostes; a destruição de Jerusalém; a segunda vinda com tudo a que se associa com ela; o fato de a transfiguração ser descrita logo em seguida sugere que o cumprimento desta profecia jaz parcialmente aí, embora não haja dúvidas de que este seja um início, um antegozo do futuro desenrolar, estágio após estágio, do estabelecimento do Reino de Deus (cf. Lc 9.27n).

17.1 *seis dias depois*. Ainda estavam subindo o Monte Hermon, desde Betsaida (16.5n), passando por Cesaréia de Filipe (16.13), numa caminhada que pode ser descrita como um retiro espiritual.

17.1-8 Esta experiência de um antegoço da glória divina era uma revelação para Pedro, Tiago e João, sobre a natureza da obra e do reino de Cristo. Jesus é visto por eles na Sua glória divina (cf. Jo 17.5), ladeado por Moisés, representando a Lei de Israel, e por Elias, representando os Profetas. Jesus é revelado como a realidade gloriosa, à qual a totalidade do AT apontava o cumprimento de toda a história da redenção, desde o dia no qual Abraão foi chamado para obedecer a Deus, abandonou tudo para receber a herança. Cf. Gn 12.2, 3; 15.4, 5. Deus interveio para consolar Jesus que já estava no caminho da crucificação (22-23 com 16-21), e também para receber os discípulos a fim de continuarem firmes e confiantes depois da ascensão de Cristo (cf. 2 Pe 1.16-18, onde Pedro descreve a experiência e cita-a como prova da divindade de Cristo).

17.5 Palavras para inspirar os discípulos e consolar a Cristo.

17.9 *Do Monte*. Algumas tradições dizem que era o Tabor, mas o que contraria isto é que havia, na época de Jesus, uma fortaleza romana dominando o monte. O caminho mais lógico seria, rumo às alturas do Hermom, a 20 km de Cesaréia de Filipe e com quase 3.000 m de altura.

17.10-13 Os judeus estavam aguardando um segundo aparecimento de Elias antes da vinda do Messias (Mt 4.5), mas Jesus demonstrou que era João Batista o cumpridor desta missão profética (aliás, suas vestes e sua maneira de viver já apontavam para o caráter de um Elias).

17.14-21 *Um jovem possesso*. Local - o sopé do monte Hermom; hora - de madrugada; situação - a volta da experiência gloriosa, para a situação humana - a glória divina invade as limitações da terra. O jovem era possuída por um espírito mudo (Mc 9.17), e ainda era filho único (Lc 9.38). A multidão incluía escribas que estavam discutindo com os discípulos que nada conseguiam fazer para expulsar o demônio (Mc 9.14 e 18). A causa do fracasso dos discípulos, da atitude dos escribas da doença do menino, e do desespero do pai, era a pouca fé.

17.22 *Na Galiléia*. No caminho de volta para Cafarnaum (24). Este era já o segundo aviso de Cristo, antecipando a que ia sofrer (cf. 16.21). O último aviso está em 20.17-19. Os discípulos eram demorados para entender esta parte da obra de Cristo, e ainda no fim deixaram-se abalar quando estas palavras de Cristo foram cumpridas (26.56, 69-75).

17.24-27 O imposto era cobrado para o templo, cada ano, no mês de março. Esta ocasião deve ter se dado no ano 28 d.C. Na moeda israelita equivalia à metade de um siclo por pessoa, na moeda grega internacional, duas dracmas, ou dois dias de salário mínimo. Cada israelita de mais de 20 anos de idade pagava imposto religioso. Jesus, sendo o filho de Deus, o dono do templo, não teria qualquer obrigação de pagar este imposto (cf. Lc 2.49). Para não dar, contudo, ocasião de os judeus o acusarem; e também para ensinar aos discípulos (e a nós) a fidelidade nos deveres civis e religiosos, mandou entregar o imposto (27; Rm 13.7). O milagre mostra como o Pai providencia o necessário para Seus filhos. *Estáter*. Uma moeda que valia quatro dracmas, suficiente para pagar o imposto de duas pessoas.

18.6 *Pequeninos*. Jesus singulariza a grandeza da humildade, a singela dependência e a completa confiança no Pai Celestial, tomando-a de uma criança a qual a deposita no pai terrestre como modelo. *Pedra de moinho*. Aquela que era movida por um asno.

18-8,9 Qualquer capacidade física, mental ou espiritual que nos leve ao afastamento de Deus, deixa de cumprir sua principal finalidade e é, até, um empecilho mortal.

18.10 A referência aos pequeninos pode ser tanto à criança como aos neófitos na fé., O escândalo e o desprezo a estes novos teria efeito negativo no exemplo ou ensino, afastando-os da fé. O provocador de escândalos receberá o mais severo julgamento de

Deus (6.7). *Seus anjos*. Os anjos têm um ministério especial de cuidar dos que não podem cuidar de si mesmos (cf. Hb 1.14).

18.12-14 A parábola da ovelha perdida reforça ainda mais a doutrina do terno cuidado que Deus tem para com cada indivíduo simples e humilde. É possível que Jesus resuma aqui uma parábola, por Ele contada em outras circunstâncias mais pormenorizadamente (Lc 15.3-7n).

18.14 *Da vontade de vosso Pai*. O pai deseja que todos sejam salvos. Mandou Seu Filho ao mundo para salvar, e não para condenar. O homem que vai para o inferno, vai porque desde já consente, direta ou indiretamente, nisso (25.41), e não porque Deus o quer (1 Tm 2.4).

18.15-17 A disciplina da igreja: 1) Ouve testemunhas; 2) Trata da vida moral dos crentes, do "irmão"; 3) Visa à recuperação de um faltoso (cf. Gl 6.1-5); 4) Os membros devem exortar-se mutuamente e em particular; 5) Outros membros podem ser consultados; 6) Só no caso de não haver arrependimento é que o caso deveria ser encaminhado às autoridades da igreja; 7) Caso haja desrespeito à igreja, o culpado deve ser excluído da comunhão e tratado como a um pagão (o que não deixa de estar dentro do objetivo do amor). • **N. Hom.** A prova da verdadeira conversão é a humildade perante Cristo e perante os homens (18.3 e 10); a prova da inimizade a Cristo também está no fato de alguém fazer a algum outro tropeçar na fé

18.16-20 Jesus dá grande importância à verdadeira união na igreja. A disciplina impõe-se pela unidade da ação. A oração atinge seu pleno valor quando feita em conjunto pelos crentes. A congregação reúne em nome de Cristo é a que O tem em seu meio; O ponto comum e central da fé, a pessoa de Jesus Cristo é Sua autoridade, Sua palavra, Seu amor, e sendo Ele, assim, o alvo e o estimulador da fé cristã. Ele é o fator básico da unidade.

18.19 O verdadeiro entendimento entre os seres humanos é raro. Jesus só exige um acordo entre duas pessoas, mas a Sua oração é que este acordo cristão seja estendido a todos os crentes do mundo (Jo 17.21).

18.21 *Até sete vezes?* Pedro quis ser generoso, pois as tradições dos rabinos falavam em perdoar até três vezes. A resposta de Jesus, tomando-se em consideração, o que Pedro disse, significa que o espírito de perdão vai muito além dos mesquinhos cálculos humanos.

18.23-25 A parábola do credor sem compaixão, ensina a Pedro o motivo pelo qual deve-se perdoar sem limites. Deus perdoou-nos tanta coisa ao nos conceder o dom gratuito da Salvação em Cristo, que qualquer ofensa que outro ser humano possa praticar contra nós, é irrisória, em comparação a isto. Perdoá-lo seria o mínimo que poderíamos fazer, refletindo, assim, algo da bondade divina que tem sido derramada em nossas vidas (6.14, 15).

18.24 *Talentos*. Cada um valia 6.000 denários, e seu conteúdo em prata valeria, hoje, acima de sete mil cruzeiros, embora na época se comprasse muito mais em mercadorias. A soma total era de 60 milhões de denários. • **N. Hom.** O verdadeiro perdão: 1) Jesus ensinou-nos a perdoar sempre; 2) Isto refere-se especialmente a ofensas praticadas contra nós mesmos; 3) Pelo fato de também sermos: pecadores, não nos compete julgar com demasiado rigor às faltas do nosso próximo; 4) Deus, finalmente, julgará a todos segundo Sua reta justiça: que será de nós se não praticarmos misericórdia? (Tg 2.13).

19.1 *Deixou a Galiléia*. Pela última vez. Daí para a frente este evangelho descreve o ministério de Jesus no caminho de Jerusalém (cf. Lc 9.51n).

19 3-12 A questão do divórcio, além do seu valor intrínseco, revestia-se de especial importância para os fariseus que vieram provar a Jesus com um assunto que os dividia. Os seguidores de Hillel, permitiam ao homem servir-se de qualquer pretexto para o divórcio, e os de Shammai afirmavam que só se podia admitir o divórcio em caso de adultério. Jesus, ao responder, superou à expectativa dos rabinos, assim como a das

regras civis, pelas quais Moisés permitiu divórcio legalizado à pessoa que, moral e religiosamente, já estivesse separada do cônjuge. Ele raciocinou pelos princípios morais que Deus dotara o mundo ao criar o homem. A intenção de Deus não era só que as pessoas casadas ficassem juntas, mas também que houvesse plena união do corpo e alma em amor. Jesus não proibiu o segundo casamento da parte inocente, no caso de adultério (9).

19.10-12 O ensinamento de Jesus era difícil mesmo para os doze, cuja atitude baseava-se no fato de que se as condições eram tão severas, o caminho mais certo seria não casar. Nota-se que Jesus dignificou o casamento muito acima do nível então aceito, declarando ser o princípio e plano divinos, de que o casamento seja indissolúvel. Os judeus, assim como os demais orientais daquela época, tinham um conceito errôneo a respeito das mulheres, quase compradas e até consideradas como propriedade do esposo. Jesus ressalta o valor da mulher, iniciando uma humanização que se desenvolve até hoje.

19.12 Jesus reconheceu o valor do celibato quando assumido para melhor servir a Deus. Tinha entretanto, que ser voluntário. Sua prática depende do dom de Deus que capacita a pessoa para esta vocação (1 Co 7.7). O celibato imposto por decreto não é apoiado na Bíblia.

19.13 *Impusesse os mãos.* o gesto de transmitir a bênção; 65 pais piedosos devem sempre buscar a bênção de Cristo para seus filhos.

19.15 *Retirou-se dali.* Jesus estava prosseguindo viagem pela Peréia, território além do Jordão, dominado por Herodes Antipas. Ao longo do caminho parava em várias cidades e aldeias, realizando Sua obra.

19.16-22 Lucas descreve este jovem como um homem de posição (Lc 18.18), e Marcos menciona que, ao aproximar-se correu e ajoelhou-se (Mc 10.17). Possuindo tudo o que se podia desejar na terra, preocupava-se com a vida eterna. Não cogitara a incompatibilidade entre o mundanismo e o reino de Deus (Mt 6.33). A riqueza gera a soberba e rejeita a humilde fé em Deus.

19.23 *Difícilmente.* Jesus não disse que é impossível. O grande tropeço é colocar as riquezas acima da responsabilidade que se tem perante Deus (cf. Lc 18.26, 27n). Abraão, Isaque e Jó eram homens de grandes posses, mas colocavam Deus em primeira lugar, sendo herdeiros das promessas de Deus, às quais davam mais valor do que às riquezas materiais (Hb 11.8-21).

19.24 *Camelo pelo fundo de uma agulha.* O camelo era o maior animal comumente conhecido pelos judeus. Uns dizem que se refere à impossibilidade de o camelo passar pela porta pequena (ao lado do portão grande nos muros da cidade), porta essa que um homem atravessa com dificuldade (Cf. Mc 10.25n). • **N. Hom.** O perigo das riquezas: .1) Produzem uma falsa segurança; 2) Algemam o homem a este mundo; 3) Tendem a criar um espírito egoísta (1 Tm 6.9, 10).

19.28 *Regeneração.* Cf. At 3.20, 21n. *Doze tribos.* A Bíblia explica como as dez tribos do norte (Israel) perdidas por séculos, antes de Cristo, pela mistura com gentios, serão literalmente restauradas. Alguns pensam que esta frase representa a Igreja universal composta de judeus e gentios salvos (cf. Ap 7.4ss).

19.29 Jesus promete que, todos os que tomam parte na Sua batalha, compartilharão da Sua vitória. Em troca por tudo que sacrificam, receberão, não posses materiais, mas novas relações humanas e divinas.

19.30 Haverá surpresas, no fim. Deus não julgará pelos padrões dos homens.

20.3 *No praça.* A praça pública, ponto de reunião para os que não tinham serviço, bem como operários avulsos.

20.5 *Hora sexta.* O dia, em Israel, estava dividido em quatro partes iguais, convencionalmente chamadas "terceira hora", 9 horas da manhã; "a sexta hora", meio-dia; "a nona hora", 15 horas; "o pôr do Sol", 18 horas. Cada dia não era igual no verão e no

inverno, por isso era raríssimo, senão difícil, especificar precisamente as horas; daí a necessidade da expressão "undécima hora", v. 9, que; atualmente, num mundo de precisão mecânica, equivaleria a "cinco para as seis". Veja 14.25n para completar o quadro das horas da noite.

20.8 O salário. Jesus está dando, aqui, a resposta à pergunta de Pedro, de qual seria o galardão dos que deixam tudo para seguir a Jesus (21.26-30).

20.9 Um denário. Salário diário dos soldados do Império Romano, portanto um "salário mínimo". O fato de os últimos receberem em primeiro lugar mostra que os judeus, os primeiros a receber a chamada divina, não seriam os primeiros a receber o galardão final, pois a salvação não vem da herança racial, nem humana, mas da generosidade e graça divinas (15). Do mesmo modo, a salvação, em si, é algo tão precioso, que não existe salvação de primeira classe distinta de alguma outra classe inferior de salvação. Ninguém tem o direito de reclamar contra Deus. Ele é soberano em todas as suas decisões. Tudo, depende de Deus, e não de força ou obra humana (16).

20.17 Estando Jesus para subir a Jerusalém. Em continuação à viagem encetada desde que Jesus deixou a Galiléia (19.1n). É a terceira vez que Jesus avisa os discípulos da Sua morte (cf. 17.22n).

20.20 A mulher de Zebedeu. Quando compararmos 27.56 com Mc 15.40 e Jo 19.25, chegamos à conclusão que seu nome era Salomé, e que era irmã de Maria, mãe de Jesus, Tiago e João seriam, então, primos de Jesus,

20.20-28 O pedido foi feito pela mãe com os filhos (Marcos menciona os filhos, Mc 10.35) e era contra eles que, os discípulos se indignaram (24). O pedido ambicioso revelou um conceito político do Reino de Deus e um desejo que não se condiz com o espírito da fé cristã. • **N. Hom.** Os grandes no reino de Deus: 1) Dos ambiciosos, Jesus exige sofrimento leal até a morte; 2), Dos orgulhosos, exige o serviço mais humilde; 3) Dos grandes, exige submissão, como de um servo (lit. "escravo"), aos outros (Ef 5.21). A chave do comportamento ideal é a atitude do próprio Cristo (28).

20.28 Em resgate por muitos. O grego *lutron* significa "preço de libertação", o dinheiro pago em prol de um escravo para que este possa sair livre. A vida de Cristo foi oferecida para pagar a dívida do nosso pecado, para nos libertar e justificar (2 Co.5-21). É o sacrifício de Cristo que nos salva (Is 53.6), e não o martírio dos homens, muito embora, como Tiago, morram em prol do evangelho (At 12.2).

20.29-34 Somente Mateus nos informa que Jesus curou dois cegos, curando talvez um deles quando saía da velha Jericó, e o outro quando entrava na nova Jericó (cf. Mc 10.46 com Lc 18.35n).

20.32 Que quereis. Jesus convida-nos a especificar nossos pedidos.

21.1 Betfagé. Significa "Casa do Figo", cf. Lc 19.29n. Começa aqui o relatório da última semana da vida humana de Jesus.

21.2 Um jumentinho. A compaixão de Jesus não permitia que o filhote fosse apartado de sua mãe, a jumenta, que passaria a tomar parte da procissão. Não, é aceitável, porém, a sugestão de que Mateus tenha escrito intencionalmente o v. 5, como uma alusão a dois animais.

21.3 O Senhor. Para os discípulos, era um título divino (9.28n). Depois da confissão de Pedro (16.18), Jesus o empregou como tal.

21.5 A aplicação da profecia mostra que Jesus foi identificado como o Rei-Messias prometido; o povo compreendeu os acontecimentos dessa maneira,

21.9 Hosana. Gr *hōsanna*, que translitera o heb *hōshi 'â nã'*, "salva, por favor", que por fim veio a ser uma simples expressão do júbilo religioso.

21.10 Em Jerusalém. Naquela tarde, Jesus, olhando ao redor, retirou-se e foi pernoitar em Betânia (Mc 11.11).

21.12 Na manhã de segunda-feira (Mc 11.12), Jesus continua a obra da moralização do templo, que havia dado início ao 'Seu ministério em Jerusalém, três anos antes, (Jo 2.14).

A profanação passou a invadir novamente o recinto sagrado. Era necessário haver certa transação financeira para se poderem vender sacrifícios e cambiar moedas do templo com os que vinham de longe. Não era, porém, correto ocupar o recinto inteiro com extorsionários que roubavam o dinheiro dos peregrinos. O culto estava tornando-se apenas uma desculpa para o comércio fraudulento: a venda dos animais culturalmente aceitáveis se realizava a preços bastante elevados. As moedas estrangeiras não eram aceitáveis nas urnas (caixa das ofertas), por serem cunhadas com imagens do imperador (que era tido por um deus) ou de várias divindades.

21.14-17 No templo, muitos foram curados, e os sacerdotes ficaram indignados ao presenciar os milagres que Jesus operava e as aclamações que, recebia até mesmo de crianças. Se os sacerdotes imaginaram que as crianças eram treinadas para isto, foram rebatidos por Jesus, que mostrou ser, o louvor dos pequenos inocentes, o mais puro, pois que Deus os ilumina.

21.18 Aqui, o incidente da figueira é narrado de uma só vez (cf. Mc 11.12, 20). Segundo o Talmude, a figueira costumava produzir figos duas vezes ao ano, sendo a primeira colheita feita em abril. O incidente é uma ilustração dramática: 1) Da maldição que cai sobre a hipocrisia (a aparência sem resultado, as folhas sem os frutos que, no caso da figueira, viriam antes); e 2) Do poder da oração da fé. A figueira, aqui, simboliza a Israel, que tem a aparência, a tradição e o estofamento religiosos, mas ao rejeitar seu Messias, será amaldiçoada.

21.23-27 Jesus recusa este tipo de pergunta que não é feita com humildade e fé, mas como em um desafio, pois tinha, já, feito tudo para revelar a presença do Reino de Deus entre os homens. Uma revelação mais dramática não produziria a conversão, mas só a obediência provocada pelo terror. Jesus passa a vencer os sacerdotes com o mesmo tipo de lógica que estes praticavam.

21.25 A pergunta foi feita a Jesus com o intuito de provocá-lo a declarar que era o próprio Messias (e os sacerdotes poderiam, então, prendê-lo e entregá-lo aos romanos), ou a negar que tivesse autoridade sobrenatural, passando, então, a perder o apoio popular, Jesus, por sua vez, os convocou a fazer uma declaração semelhante, acerca de João Batista, o que não ousaram fazer (27). *Não acreditastes nele?* João testemunhou claramente acerca de Jesus, declarando que era o Messias (Jo 1.32-34).

21.28-32 Vem agora a resposta parabólica de Jesus, em contestação à pergunta dos sacerdotes citada no v. 23. A autoridade está com aqueles que realmente procuram e praticam a vontade de Deus, por mais ignorantes e pecaminosos que tenham sido no passado. Não está com aqueles que, apesar de terem sido estabelecidos como autoridades eclesiásticas, rejeitam a mensagem de Deus, o evangelho do Reino.

21.33 *Noutra parábola.* Cf. Lc 20.9-16n. Jesus continua apresentando, por parábola, Seu direito em responder à pergunta dos sacerdotes no v. 23. • **N. Hom.** "Os maus lavradores" revela: 1) Acerca de Deus: a) Sua confiança nos homens; b) Sua paciência; c) Seu julgamento; 2) Acerca dos homens: a) seu privilégio; b) sua liberdade de ação; c) sua responsabilidade, d) seu pecado egoísta; 3) Acerca de Cristo: a) Seu direito; b) Seu sacrifício consciente o voluntário.

21.34 Colheita. Simboliza o fruto da fé, virtudes religiosas.

21.35 Os judeus sempre perseguiram os profetas que fossem requerer da mão deles, um comportamento moral e espiritual perante Deus.

21.38 *Sua herança.* Seria loucura que os mordamos de uma vinha pudessem imaginar que, ao assassinar o herdeiro da mesma, pudessem passar a possuí-la. Esta, porém, ainda seria maior loucura, a dos sacerdotes que agiam como se a crucificação do Filho de Deus lhes deixaria a herança de Israel por conta deles.

21.41 Os judeus que não quissem, aceitar a verdadeira mensagem de Deus, ficariam sem herança espiritual. (Note a destruição do Templo e Jerusalém em 70 d.C.). A igreja redimida passa a ganhar a herança do povo de Deus.

21.42-44 Jesus é a pedra fundamental para os que confessam o Seu nome, e edificam suas vidas nele, passando então a fazer parte do edifício de Cristo, pedras vivas da Igreja (cf. 16.18n; At 4.11n); para quem se recusa crer em Cristo, Ele deixa de ser a pedra que alicerça esta vida. Torna-se-lhe pedra de tropeço e condenação no julgamento (Is 8.14-15; Lc 20.17n; Rm 9.32; 1 Pe 2.8). Mais tarde, Pedro mostrou que Cristo era a sua pedra fundamental para operar milagres, pedra de cuja aceitação depende a salvação de cada um (At 4.11-12).

21.46 *Temeram* Tinham medo de um tumulto e da opinião pública.

22.2 *Reino dos céus*. Outras parábolas do Reino constam no cap. 13.

22.2-14 A proclamação de evangelho é como um convite insistente a uma festa maravilhosa. Ainda assim há pessoas que o rejeitam.

22.6 *Mataram*. Lucas narra uma parábola semelhante, em que compara: o evangelho a uma festa (Lc 14.15-24); consulte as notas nesse trecho, Parece que Jesus repetiu a parábola, agora em circunstâncias mais urgentes, e adicionou este pormenor para ensinar aos fariseus qual era a atitude deles, e qual seria seu fim por causa disso. Profetiza-se também a perseguição dos cristãos.

22.7 Os inimigos declarados do evangelho serão exterminados. Pode ser uma predição específica a respeito da destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. Depois vem o julgamento final. Os inimigos disfarçados, aqueles que participam das atividades evangélicas sem a verdadeira conversão, também perecerão.

22.11 *Veste nupcial*. Simboliza a justificação com a qual Cristo reveste as pessoas que aceitam o dom gratuito dá salvação (Rm 13.14; Ap 19.8).

22.1-5 *Retirando-se os fariseus*. Ao responder ao desafio lançado pelos fariseus, Jesus tinha demonstrado Sua autoridade divina, desmascarando os fariseus como inimigos de Deus (21.23-22; 14); estes retiraram-se derrotados do debate.

22.16 *Herodianos*. Difícilmente podiam trabalhar corri os fariseus, pois os partidários de Herodes pouco se interessaram pela lei. Como os fariseus, entretanto, queriam a independência civil e religiosa (Mc 3.6n). Os maus colaboram contra o Sumo Bem,

22.17 Se Jesus dissesse "É lícito pagar tributo a César", seria considerado traidor do povo. Se dissesse "não", então isto seria o suficiente para que os herodianos começassem a querer entregar Jesus aos romanos.

22.21 A resposta de Jesus vai diretamente para princípios: César tem direito aos impostos porque a próprio Deus o deu (Rm 13.1-7), os governos deste mundo sustentam-se com dinheiro colhido de impostos. O governo espiritual desenvolve-se com a moeda eterna: amor, bondade, benignidade, fé (veja notas sobre Lc 20.20, 24, 25). • **N. Hom.** O reino dos céus não é deste mundo. Pertence a uma ordem de coisas toda espiritual, que não entra em conflito com os poderes terrestres naquilo que têm de legítimo. No tributo pago às autoridades cívicas, apenas se lhes retribui algo daquilo que oferecem.

22.23 *Saduceus*. O partido aristocrático que dominava a política dos judeus, inclusive a posição do sumo sacerdote. Não acreditavam nem em ressurreição, nem em anjos, nem na imortalidade da alma; nisto diferiam dos fariseus. Agora, vinham copiosamente lançar contra Jesus sua dúvida predileta.

22.24-32 Os saduceus quiseram zombar da ressurreição. Aceitando apenas o Pentateuco como autoridade; recorriam à Lei do levirato (Dt 25.5), presumindo que seria aplicada nos céus. Jesus dá a sua resposta dentro dos moldes do Pentateuco, tirando conclusões claras (Lc 20.28n).

22.34-36 Os fariseus voltam agora à tona com sua dúvida predileta. Haviam abstraído do AT 248 preceitos afirmativos (em número idêntico ao total dos membros do corpo segundo a enumeração dos judeus) e 365 negativos (cf. dias do ano). A soma é igual a um total de 613 (o número de letras do Decálogo), e sempre debatiam a prioridade entre eles.

22.40 Mais uma vez, Jesus abandonou a dialética de raciocinar dos fariseus e saduceus, para chegar diretamente a princípios fundamentais, espirituais e eternos. Assim foi corria a pergunta sobre a autoridade, com a questão do tributo e no assunto da ressurreição (21.23-22.33).

22.41-45 Agora é Jesus que levanta perguntas. Os fariseus tinham estudado muito sobre a natureza do Messias, mas só se demoravam nas esperanças que sugeriam que o Messias seria um rei com poderes divinos para conceder a Israel toda a riqueza e poder que se podia desejar. Conheciam o Messias como o Filho de Davi, mas não o Senhor de Davi, nem Seu domínio espiritual em amor e mansidão (Lc 20.42-44n).

22.46 Jesus era vitoriosa na razão, no direito, na lei, na lógica e no bom senso, mas na prática, no plano físico, os inimigos o mataram.

23.2 *Cadeira de Moisés*. A autoridade legislativa que era de Moisés.

- **N. Hom. 23.3** *Não os imiteis nos suas obras*. 1) Não praticam o que pregam; 2) Dificultam a prática da lei (4); 3) Fazem tudo para produzir falsas aparências (5); 4) Buscam a primazia nas sinagogas (6); 5) Fazem questão de ser lisonjeados (7); 6) Procuram honra e glória (8, 10).

23.5 *Filactérios*. Eram cápsulas, ou rolos: de couro, que os judeus usavam na testa, perto do coração, e no braço esquerdo. Continham quatro passagens bíblicas: Êx 13.1-10, e 11-16; Dt 6.4-9; 11.13~21. A cápsula usada na testa tinha quatro compartimentos com um destes textos gravado em pergaminho em cada compartimento. A cápsula que se usava no braço continha um único pergaminho com os quatro textos juntos. Honravam-se as cápsulas tanto quanto as próprias Escrituras (imaginava-se que o próprio Deus usava filactérios), e seu tamanho era considerado como um sinal de zelo de quem o usava. Também eram considerados como amuletos para evitar o mal, *Franjas*. São as borlas descritas em Nm 15.37-41, usadas de maneira singular, como lembrete visível da profissão religiosa dos judeus e que, também Jesus usava (cf. Mt 9.20 onde se traduz por "orla"). os fariseus desenvolveram esse costume até sobrecarregá-lo de minúcias, esquecendo-se porém da sua singela mensagem espiritual.

- **N. Hom. 23.13-31** "Ai" é uma exclamação de Jesus, profunda, penetrante e enérgica, que parte do coração do Mestre contra a hipocrisia dos fariseus e escribas. São oito, aqui: 1) O ai contra a impenitência dos fariseus (13); 2) O ai contra a avareza dos fariseus (14); 3) O ai contra o zelo cego dos fariseus em conseguir adeptos (15); 4) O ai contra os juramentos levianos dos fariseus que invalidavam a lei (16-22); 5) O ai contra o grande valor que os fariseus davam aos pormenores legais em detrimento dos valores reais (23-24,); 6) O ai contra a aparência exterior ostentada pelos fariseus (25-26); 7) Idem (27-28); 8) O ai contra a veneração, hipócrita que os fariseus tinham para com os profetas (29-36).

23.23 *Hortelã*. Usada para cobrir o chão nas casas e sinagogas, e como especiaria. *Endro*. Planta medicinal perfumada. *Cominho*. Sementes de erva doce, de vários usos culinários. As três hortaliças teriam algum valor comercial, mas o dízimo obtido seria o mínimo. Os fariseus, ao se mostrarem zelosos nos pormenores, pensaram que podiam esconder, de si mesmos e de Deus, o fato de não estarem à altura da verdadeira religião.

23.24 Os insetos eram cerimonialmente imundos. Mas um camelo também o era, e ainda, o maior animal imundo conhecido por eles. Este versículo, cujo sentido figurado salienta a prática de deixar passar grandes erros enquanto se evitavam os pequenos.

23.27 *Sepulcros caiados*. Simples túmulos no chão eram caiados na época da vinda dos peregrinos, por ocasião da Páscoa, para que os estranhos não pisassem neles, tornando-se, assim, cerimonialmente imundos e excluídos então da celebração religiosa. Era justamente naquela época do ano que Jesus estava falando.

23.35 *Até... Zacarias*. Se é o Zacarias cujo livro consta na Bíblia, então é só aqui que se registra seu martírio. Sé é o Zacarias mencionado em 2 Cr 24.17-22, então historicamente não seria o último caso de perseguição contra os profetas, pois a data do assassinato é

796 a.C.; Jesus pode ter citado Zacarias como o último registrado nas Escrituras (pois na Bíblia hebraica os livros das Crônicas constam por último).

23.37 *Jerusalém*. Reconhecimento pleno da rejeição dos judeus (cf. Jo 1.11). Deus fez tudo para Seu povo, mas este rejeitou a Jesus.

23.38 *Vossa casa*. A cidade e a nação seriam assoladas em 70 d.C.

23.39 A salvação dos judeus não tem outro caminho senão a confissão do Senhor Jesus Cristo, reconhecendo-o como Salvador e Filho de Deus. Os líderes religiosos terão de participar do júbilo das multidões, descrito em 21.9, e não confiar na sua própria religiosidade.

24.1 Depois desta luta, Jesus, saindo do templo, revela aos discípulos que de nada adiantou a bela construção se o templo era um lugar onde não se buscava conhecer a Deus, mediante Seu Filho.

24.3-31 O fim do mundo; "*a consumação do século*". Os discípulos fazem indagações sobre "quando" e "que sinal haverá" relativo à destruição de Jerusalém, a segunda vinda de Jesus, e o fim do mundo. Os três assuntos pertencem um ao outro, sendo, o julgamento de Jerusalém, apenas um passo na direção da consumação final. Destacam-se os vv. 15-20 como conselhos para a atitude, dos crentes a ser tomada na invasão de Jerusalém (70 d.C.), instruções estas que os crentes seguiram à risca. A volta de Jesus marca o fim da ordem mundana. Antes disso, porém, aparecerão enganadores, falsos cristos, guerras, fome e terremotos, tribulações, falsos profetas, multiplicação da iniquidade, esfriamento do amor a Deus. Todos estes sinais apenas criam o ambiente para a manifestação do grande sinal, a pregação do evangelho até aos confins do mundo (14; cf. 28.18-20. Então virá o fim.

24.8 *O Princípio das dores*, Estes versículos descrevem a situação imediatamente anterior à destruição de Jerusalém e tudo isto era prelúdio aos outros acontecimentos que se desenrolariam no decurso da história do mundo.

24.15 *O abominável da desolação*. Gr *bdelugma tes eremõseõs*, referindo-se ao heb *shiqquç shõmem* (Dn 12.11), que se traduz "a coisa abominável que causa espanto (ou horror)". A referência seria alguma forma horrível de idolatria como se verificou quando o rei Antíoco Epifânio erigiu um altar a Zeus no lugar do altar de Jeová (1 Macabeus 1.54-59; 6.7; 2 Macabeus 6.1-5) em 170 a.C. também no ano 70 d.C. os romanos ofereceram sacrifícios pagãos em Jerusalém, ao proclamar Tito como imperador. Contrário às ordens de Tito, o templo passou a ser totalmente destruído conforme a descrição profética do v. 2.

24.16 Os crentes, de fato, refugiaram-se em Leia, na região de Decápolis, mesmo quando parecia que os romanos não tomariam a cidade.

24.24 Compare com a pessoa do anticristo descrita em 2Ts 2.9-10.

24.27-31 Apesar da pregação dos muitos falsos cristos ninguém deve se deixar iludir, pois na Sua segunda vinda, Jesus não virá nascer novamente como infante, no berço. O brilho da Sua presença encherá o horizonte (27 e 30). O arrebatamento descreve-se no v. 31 (cf. 1 Co 15.12; 1 Ts 4.16, 17).

24.32 Assim como a figueira dá o sinal da chegada do verão, assim também estes acontecimentos devem nos preparar para a vinda de Cristo, não nos deixando apanhar de surpresa (33-42),

24.34 *Esta geração*. Gr *genea*. Significa: 1) As pessoas que viviam numa certa época da história que os hebreus calculavam 40 anos (lapso de tempo atribuído a cada geração). As pessoas que viviam na época de Jesus, de fato, chegaram a ver a destruição de Jerusalém, com todos os seus horrores, dentro de 40 anos; 2) Significa também "raça", "família", ou "tipo de vida". A raça dos judeus ainda existirá como nação distinta até a vinda de Cristo.

24.33-42 Ensina-se a vigilância. Consciência do que está acontecendo, esperando ansiosamente pela volta do Rei, enquanto se trabalha em prol do Seu Reino; cuidado

tomado para que nosso ensinamento e nossa vida estejam à altura de tão; grandiosas revelações. Nunca se sabe quando alguém está para ser "levado" por morte súbita, ou arrebatado quando Cristo voltar (39 e 41). Um total de seis parábolas, ilustram a necessidade de haver esta atitude de vigilância: 1) O porteiro, Mc 13.35-37; 2) O pai da família, Mt 24.43-44; 3) O servo fiel, 24.45-51; 4) As dez virgens, 25.1-13; 5) Os talentos, 25.14-30; 6) As ovelhas e os bodes, 25.31-46. O vigiar, segundo se vê aqui, inclui o fiel exercício de todas as virtudes cristãs: aguardar a volta de Cristo, cumprindo o dever, desenvolvendo talentos e amparando os aflitos.

24.43 Jesus mostra como é óbvio e lógico, alguém se preparar para uma emergência, quando sabe a hora que esta, vai surgir. Mas emergências espirituais estão dentro da alçada de Deus (36). A nossa parte é ficar em constante prontidão.

24.44 É errôneo tentar calcular uma data para a vinda de Cristo. É mais errôneo ainda negligenciar este acontecimento, deixando de prepararmo-nos. A expectativa da vinda de Cristo transforma a vida cristã, no sentido de comunicar-lhes mais urgência e vivacidade. Seria um erro aplicar estas palavras somente à hora da vinda de Cristo: a atitude de vigilante fidelidade aos preceitos de Cristo sempre vale, sempre transforma a vida no mundo. A parábola do bom servo e do mau ensina como o servo de Cristo deve viver (45-51).

24.51 *Hipócritas*. O contexto revela o hipócrita como aquele cuja vida não está à altura da sua alegada fidelidade a Cristo (cf. 6.16n).

25.1-13 A parábola das dez virgens continua a mensagem de Jesus sobre a expectativa da vinda de Cristo, e sobre o estado de preparo e vigilância que se exige da parte dos crentes. A mensagem é também um apelo aos israelitas para que venham a "esperar" a Noivo Eterno, a ter uma verdadeira fé em Cristo como Salvador. Na hora da vinda de Cristo, revelar-se-á quais são os crentes verdadeiros que confiam em Cristo e aguardam a Sua vinda, e quais são aqueles cuja profissão religiosa não inclui a "vigilância" - a fé transformadora em Cristo. O certo é que o trecho não está ensinando que Cristo arrebatará alguns membros das igrejas e deixará para trás os demais que não estiverem preparados. Pois se "virgens" significa "crentes", como é que Jesusalaria: "Não vos conheço"? Se as últimas cinco ficaram sem óleo" (o Espírito), então não eram crentes (cf. 24.13; Hb 3.13, 14).

25.14-30 A parábola dos *talentos* emprega a palavra "talento" (peso de 30 kg de prata equivalente a 6.000 denários, no sentido de uma fé e capacidades que Deus concede aos crentes, que implicam em uma compreensão do amor de Deus revelado em Cristo e suas conseqüentes implicações. São oportunidades espirituais que nos levam à vida eterna mediante o conhecimento de Deus, se bem aproveitadas. A parábola não pode descrever um julgamento dos homens baseado sobre seu uso de capacidades em geral, pois o caminho da salvação é bem diferente. É um julgamento semelhante àquele pronunciado contra a pessoa que vem à festa eterna sem se vestir da justificação em Cristo, (22.12-14). • **N. Hom.** Investimentos e contas Prestadas: Notam-se estes contrastes: 1) O Senhor dá - os escravos elevados à posição de mordamos devem em tudo empenhar-se para a benefício do seu dono; 2) Dois labutam confiadamente e um escravo negligente desobedece ao seu Senhor; 3) Dois regozijam com a recomendação do Mestre e o outro recebe o julgamento merecido.

25.25 O servo que não fez uso do talento, agiu assim porque desconfiava de seu, senhor e o odiava. Não quis arriscar-se e fazer o dom circular. Preferiu, a neutralidade (Mt 5.15, 16) e isentar-se da responsabilidade.

25.29 Os dons de Deus multiplicam-se se os utilizarmos, pois transformam nossas vidas, de tal maneira que ficamos em condições de receber muito mais da plenitude que nos oferece o Senhor. O amor gera mais amor, a fé gera mais fé, a obediência à Palavra de Deus produz uma fonte de virtude que vai influenciando nosso ambiente (2 Pe 1.3-7).

25.31-46 O juízo Final: 1) Jesus ensinou sobre os pecados de omissão e os julgamentos que cairiam sobre os mesmos (cf. Tg 4.17); 2) Ocorrerá por ocasião da segunda vinda de Jesus, que será em esplendor e majestade, acompanhada por todos os anjos; 3) Assentar-se-á como rei e juiz, em glória e poder; 4) Todos comparecerão perante Jesus; 5) Haverá separação entre as ovelhas (os remidos do Senhor) e os cabritos (os que rejeitarem a Jesus neste mundo); 6) A base do julgamento: a vida frutífera em boas obras que são o sinal exterior da presença de Cristo no coração de quem sinceramente crê nele. • **N. Hom.** Os juízos de Deus são descritos na Bíblia; 1) O juízo que Cristo enfrentou, ao receber nossa condenação na Sua carne, pagando nossa dívida e salvando-nos, Is 53.6, 8; Rm 5.9; 2 Co 5.21; 2) O juízo pelo qual cada um deve examinar-se a si mesmo, julgando se seus atos são retos perante Deus e os homens, 1 Co 11.31; 3) O juízo dentro da Igreja, a disciplina dos crentes errantes; 1 Co 5.1-5; 4) O juízo de Israel, Sl 50.1-7, Ez 20.33-44; 5) O juízo dos anjos rebeldes, Jd 6; 6) O juízo das obras dos crentes, 1 Co 3.10-17; 2 Co 5.9-10; 7) O juízo dos ímpios, Ap 20.11-15; 8) A condenação de Satanás, Ap 20.10, 9) O juízo das nações, Mt 25.31-46; Ap 20.7-15 indica que ao juízo final seguirá o Milênio.

25.32 Nos campos em Israel, as ovelhas e os cabritos viviam juntos; as ovelhas tinham alto valor, e os cabritos, pouco valor, veja Ez 34.17 para a metáfora do juiz como pastor.

25.46 *Castigo eterno*, É inútil tecer doutrinas para limitar o tempo da punição ou para alegar que, no final, todos serão salvos. A palavra "eterno", gr *aiōnios*, aplica-se tanto à duração da era vindoura como ao castigo após esta época. *Aiōnios* vem de *aion*, que quer dizer "era". Refere-se, então, à vida ou castigo da era vindoura, sem nada especificar sobre sua duração. É de se notar que a vida de Deus não tem fim. Teria fim o Seu castigo?

26.1-2 Jesus, tendo falado do desenrolar futuro do plano de Deus, volta Sua atenção para o passo decisivo: Sua crucificação.

26.3-5 Trata-se de uma reunião do Sinédrio (Supremo Tribunal dos judeus) na época da Páscoa.

26.6 *Em Betânia*. Aldeia que distava 3 km de Jerusalém. Era terça-feira à noite, que, para os judeus, seria o começo da quarta-feira, pois contavam seus dias desde o pôr do Sol. *Simão*. Não há base bíblica para a sugestão de que este homem era pai ou esposo de Marta ou Maria. Jo 12.2 diz que Lázaro estava presente, que Marta servia, e os vv. seguintes dizem que Maria ungiu a Jesus. Esta Maria não deve ser confundida com a pecadora que também ungiu a Jesus, os pés de Jesus, em sinal de arrependimento (Lc 7.36-50), nem com a Madalena de quem Jesus expulsou sete demônios (Lc 8.2). A tradição tem somado as três histórias para fornecer uma narrativa completa sobre Maria Madalena. História bonita mas inexata.

26.8 Aqui os discípulos são incentivados por Judas (Jo 12.4), os quais se indignam por causa do custo material da homenagem prestada por Maria. No caso da pecadora, foram os fariseus que ficaram indignados porque Jesus deixou que a mulher se aproximasse dele (Lc 7.39).

26.15 *Trinta moedas*. O valor legal do resgate de uma vida humana, o preço de um escravo. Se a moeda era o estáter (17.27), seria um total equivalente a 120 dias de mão-de-obra.

26.17 *Pães asmos*. Na época da Páscoa, celebravam-se sete dias de pães asmos, (sem fermento), em memória da saída apressada do Egito, quando não se podia preparar pães para a viagem, e os israelitas levaram consigo a massa antes que levedasse (Êx 12.34). Durante esta época, removia-se qualquer sinal de levedura das casas, sinal de purificação da podridão do pecado (cf. 16.6). A duração da festa era do dia 14 de Nisã até ao dia 21 (Êx 12.18), datas que, em nosso calendário, coincidem às vezes com março, às vezes com abril, segundo se observa até hoje com a data da Páscoa.

26.19 *Prepararam*. Imolaram a cordeiro conforme a prescrição da lei (Êx 12.1-11).

26.20 *A tarde.* O fim da quarta-feira e o começo da quinta. Jesus ia celebrar a Páscoa com Seus discípulos com um dia de antecedência, pois no dia oficial do feriado religioso nacional da Páscoa, Ele mesmo estaria sendo retirado, morto, da Cruz, o Cordeiro de Deus imolado.

26.21-25 Jesus não era vítima involuntária, tomado de surpresa pelas circunstâncias. Era um sacrifício deliberadamente oferecido, Decerto que a resposta dada a Judas foi feita tão silenciosamente, que os outros discípulos não ouviram, para não impedirem a traição.

26.26 Jesus ofereceu pão sem fermento e vinho comum, para serem símbolos e representações, apenas, daquilo que Ele é para Seus seguidores e daquilo que fez em prol dos homens. A ceia deve continuar a ser celebrada como memorial (Lc 22.19), até à segunda vinda de Cristo (1 Co 11.26). Todos, os discípulos são convidados a participar tanto do pão como do vinho.

26.28 *Aliança.* A primeira aliança foi estabelecida pelo sangue aspergido de animais sacrificados (cf. Hb 9.19ss). A nova aliança tornou-se válida através do sangue vertido do Filho de Deus (Hb 8.7-13).

26.36-46 Um dos acontecimentos mais significativos da vida de Jesus. Demonstra a verdadeira humanidade de Jesus (Hb 5.7). levou primeiro Seus discípulos mais aconchegados para apoio e consolação. Mas a agonia final tinha de ser enfrentada por Ele sozinho em comunhão Com o Pai. Instintivamente, como homem, recuava perante a morte na cruz, com todas as suas humilhações e torturas. A luta e a agonia de Jesus eram intensas e reais, neste instante, inclusive a tentação de evitar a cruz. A divindade de Jesus não O protegia deste sofrimento, pois para Se encarnar, abriu mão das Suas prerrogativas para realmente participar de nossa vida, dos nossos sofrimentos. A vitória de Jesus foi obtida contra tentações reais, sofrimentos reais.

26.36 *Getsêmani.* O nome significa "lagar do azeite" situado no monte das Oliveiras, bem interpretado pelo nome "jardim das Oliveiras".

26.39 *Cálice.* Não de bênçãos mas de sofrimento, estendido a Jesus pelo plano estabelecido pelo próprio Deus. Isto é ser imolado em prol dos pecadores e para salvação deles.

26.47 Judas tinha recebido uma escolta da fortaleza romana de Antônia, originalmente construída por Herodes, ao norte do templo. Veio bem equipado com armas e com lanternas (mesmo na época da lua cheia), pois temia os poderes sobrenaturais de Jesus, que, aliás, só tinham sido empregados, para o benefício de outros e não de si mesmo.

26.49 *Beijou.* Gr *kataphilein*, "beijar com ardor ou com abraços", o mesmo verbo usado com referência ao pai do filho pródigo, quando ele recebeu a este último com amor (Lc 15.20).

• **N. Hom. 26.50** Jesus amou a Judas Iscariotes, chamando-o de amigo. Amou também os Seus colegas algozes (Lc 23.34). Amou os pecadores (Lc 15.1-2). Amou ao mundo (Jo 3.16). Este amor quer nos transformar a vida.

26.51 O evangelista João, escrevendo depois da morte dos protagonistas, informa que foi Pedro quem decepou a orelha de Malco, servo do sumo sacerdote (Jo 18.10). Pedro mostrou grande coragem, na hora, mas logo passou a Ter medo de uma criada (69-70).

26.53 *Doze legiões de anjos.* Uma legião era calculada em 6.000. O total de 12 seria 72.000 anjos. Se o Anjo feriu o Egito para libertar os israelitas, e o Anjo puniu grande parte dos habitantes de Jerusalém, na época de Davi, que não fariam doze legiões (por mais simbólico, parabólico e arredondado que seja esse número)?

26.56 *Para que se cumprissem as escrituras.* Não eram apenas algumas citações que se aplicavam como, que por coincidência a Jesus, Jesus deu o pleno sentido e o, pleno cumprimento ao sentido total e verdadeiro da Escritura inteira.

26.57 *Caifás.* Jo 18.13 diz que, em primeiro lugar, Jesus foi conduzido a Anás, sogro de Caifás, devido ao fato de os judeus considerarem-no sumo sacerdote, mesmo, depois de as autoridades civis terem nomeado Caifás, contrariamente à lei.

26.58 *Pedro o seguia de longe.* Não quis ser identificado como discípulo e, por isso, ser preso.

26.59-68 O julgamento do Sinédrio (O Supremo Concílio dos judeus, composto dos sumos sacerdotes, dos saduceus, dos fariseus e dos escribas). No caso de Jesus, a reunião era ilícita por ter sido feita à noite (27: cf. NDB, p 1536). Os 72 membros do Sinédrio precisavam de testemunhas, mas no fim só acharam duas que torceram as palavras de Jesus (61). Jesus nada respondeu às acusações absurdas (62), mas rompeu o silêncio para confirmar ser o Messias, quando o sumo sacerdote O instigou a um juramento (63). Isto (dizer ser o Messias), era considerado blasfêmia para os judeus, e passível de morte (65-66), pois Jesus estava igualando-se a Deus. Os judeus nem sequer levaram em conta a hipótese de que Jesus falara a pura verdade, sendo, portanto, totalmente inocente do crime pelo qual foi crucificado, Jesus, uma vez condenado, foi exposto ao escárnio dos membros do Sinédrio, uma situação totalmente ilícita.

26.63 *Te conjuro pelo Deus vivo.* O estratagema de forçar o réu a se declarar sob juramento era ilícito na jurisprudência israelita, que não tolerava qualquer tipo de "lavagem cerebral" ou declaração forçada que o condenaria. A base dos casos jurídicos, desde os tempos de Moisés era o depoimento desinteressado e coincidente de pelo menos duas testemunhas. O debate, naquela época, concentrava-se em torno da ameaça que Cristo apresentava, ao mundo político e religioso.

26.74 *Jurar.* Uma prática judaica comum, que Jesus já condenara (5.34). Quanto mais Pedro falava, tanto mais se traía, pois além disso, não dominava a pronúncia clássica das letras guturais.

• **N. Hom. 26.75** Os erros preliminares de Pedro: 1) Demasiada autoconfiança (33); 2) Desobediência da ordem de Jesus para vigiar e orar (40-44); 3) Esquecimento da palavra de Jesus (75; cf. 34). Conclusão: O tropeço na vida cristã é consequência de erros anteriores.

27.1 *Em conselho.* Não para julgar o caso, mas para "legalizar" uma decisão ilícita, tornada no decurso da noite.

27.2 *Entregaram.* Este veio a ser o dia da crucificação de Cristo, tido tradicionalmente como sexta-feira, mas que bem podia ter sido quinta-feira, seguindo-se a cronologia dada acima, e que daria os três dias da permanência de Jesus na sepultura, embora a expressão "três dias" pudesse muito bem ser calculada, desde sexta-feira à tarde até a manhã de domingo, o que seria o cômputo tradicional Lc 23.54-24.1 apóia este último cálculo. *Levaram-no a Pilatos.* Só as autoridades romanas podiam ratificar a sentença da crucificação, e os judeus não desejaram nada menos do que a própria cruz para Jesus. As autoridades religiosas de Israel submeteram-se aos romanos para crucificar a própria Esperança de Israel.

27.5 O triste fim do pecador impenitente.

27.11 *O governador.* O historiador romano, Tácito, que escreveu seus livros entre 98 e 104 d.C. só registra o governa dor Pôncio Pilatos em conexão com sua autorização da crucificação de Cristo. Flávio Josefo (37 d.C. - início do segundo século), historiador judeu que viveu na época da revolta contra Roma, narra vários atos da estultícia de Pilatos, que desviava fundos do templo, e massacrava uns samaritanos sem motivo justo, sendo finalmente deposto pelos romanos. Segundo Eusébio, foi levado ao suicídio entre 37 e 41 d.C. Uma pedra de dedicação com o nome de Pilatos foi descoberta em Cesaréia, em 1961.

27.15-26 Pilatos, vendo que Jesus era inocente, que os sacerdotes tinham-no entregue por inveja, e sendo advertido pela visão de sua esposa, queria libertá-lo. Pilatos sentiu, com certeza, que o povo prevaleceria contra os sacerdotes, e que pedida a libertação deste pregador de amor e médico dos aflitos. Por isso publicamente ofereceu a absolvição tradicional a Jesus. Mas o povo, atizado pelos sacerdotes, sedento pela sedição que Barrabás continuaria a provocar contra os romanos, exigiu que aquela

absolvição se estendesse a Barrabás e não a Jesus. Então Jesus, já antes da Sua morte, veio a ser Aquele cujo sofrimento liberta o pecador, neste caso um assassino e insurreccionado. O povo assumiu a responsabilidade da morte de Cristo, e Pilatos "lavou as mãos" para não ser acusado de acudir um inimigo de Roma, que é o que os sacerdotes hipocritamente ameaçavam fazer (Jo 19.12).

27.26 *Açoitado*. Esta tortura infligia-se com flagelos de couro pesado com pontas de chumbo ou de osso, e o único limite imposto ao algoz romano era o limite da sua própria crueldade. Os judeus, por sua vez, só usavam açoites, em um máximo de quarenta golpes, estipulado legalmente.

27.27-31 Estes ultrajes que Jesus sofreu, com tanta tortura e zombaria não podiam ser impostos por uma corte de romanos, que tinham uma disciplina forte. Sugere-se que eram sírios, que agora aproveitariam a ocasião para dar asas às suas inimizades tradicionais com israelitas. O manto, a coroa, e o caniço eram pobres substitutos do apanágio de um rei. Jesus sofreu as piores torturas imagináveis.

27.32 *Simão*. Cf. Rm 16.13n.

27.33 *Gólgota*. Tradução latina de nome aramaico da nossa palavra Calvário. Um monte fora dos muros de Jerusalém, que visto de longe se assemelha a uma caveira humana. Sua localização mantém-se incerta.

27.34 *Vinho com fel*. Pensa-se que era um tipo de anestésico.

27.35-44 Jesus, cravado no madeiro, foi erguido entre o céu e a terra como sinal de vergonha e horror, com uma acusação escrita em três línguas. Posto entre dois salteadores, foi escarnecido por três grupos distintos: "pecadores ignorantes", "pecadores religiosos" e "pecadores condenados". Os mais culpados sempre eram religiosos que conheciam as Escrituras mas não reconheciam Jesus em Sua morte cumprindo as profecias messiânicas (cf. Sl 22). Jesus morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras (1 Co 15.3).

27.45 Jesus foi crucificado às 9 horas da manhã (a terceira hora dos judeus, contada desde o nascer do Sol). Às 12 horas houve trevas sobre a terra. As 15 horas Jesus expirou. As frases que Jesus proferiu durante estas seis horas, registram-se num total de sete na seguinte ordem: 1) Lc 23.34; 2) Jo 19.26-27; 3) Lc 23.43; 4) Mt 27.46; 5) Jo 19.28; 6) Jo 19.30; 7) Lc 23.46.

27.50 *Entregou o espírito*. Depois destas palavras, Lucas diz que Jesus expirou, (Jo 19.31-37); abriram-lhe o lado com uma lança. O que verteu do lado de Jesus, foi uma mistura de sangue coagulado e de soro (este possui a aparência de água). Esta situação surge no caso de ruptura do coração, quando o sangue acumula-se no pericárdio (o tecido celular que reveste o exterior do coração). A tortura mental, espiritual e física podem muito bem ter provocado o rompimento do coração, o que provocou de Jesus este único clamor. O incidente desaprova uma teoria que surgiu no século XIX, que Jesus desmaiou para então despertar no túmulo.

27.51 *O véu do santuário*. A cortina que dividia o santuário do Santo dos Santos, para onde ninguém podia penetrar senão o sumo sacerdote, e este só no dia da expiação. O acontecimento seria uma tragédia para os judeus, mas simbólico para os crentes: em Cristo está abolida toda e qualquer separação entre o adorador e seu Deus (Jo 14.6).

27.52 *Abriam-se os sepulcros*. Só Mateus narra o incidente. Foi um pequeno sinal da vida eterna para os fiéis. Só depois da ressurreição de Cristo foram vistos estes santos.

27.55 *Muitos mulheres*. Aquelas que tinham seguido a Jesus durante Seu ministério na Galiléia ficaram fiéis até ao fim, e até ao novo começo (28. 1; Jo 20.11-18). O perfeito amor lançou fora o medo (1 Jo 4.18).

27.57-66 *O sepultamento de Jesus*. Aos cuidados de José da Arimatéia e de Nicodemos, ambos membros do Sinédrio (Jo 19.38-39), que trataram das formalidades civis, das despesas, e do túmulo, que pertencia a José de Arimatéia e que ficava no monte Calvário (Jo 19.41). As autoridades civis e religiosas, para evitar qualquer história que pudesse

surgir sobre um Mestre ressurreto, violaram o sábado para tomarem as providências necessárias para evitar que o túmulo fosse violado e o corpo roubado.

28.1 No domingo de madrugada, verificou-se o milagre da ressurreição, da vitória sobre a morte pela intervenção divina. Várias evidências apontam para a hipótese que o túmulo descoberto numa escavação arqueológica do General Christian Gordon é o túmulo autêntico, pela sua situação interna, pelos remanescentes de um templo pagão que um imperador romano erigiu ali, segundo os historiadores antigos. Viu-se ainda vestígios de alterações para acomodar o corpo de Jesus, maior do que o de José de Arimatéia que segundo a tradição, era de baixa estatura. O quarto escavado na rocha tinha dois túmulos, dos quais, só um tinha sido ocupado, sem, porém, haver o mínimo vestígio de restos mortais.

28.13-15 A burla dos judeus. Agostinho propõe o seguinte argumento: "dormindo ou acordados: Se acordados, por que deixaram alguém roubar o corpo de Jesus? E se dormindo: como poderiam declarar que foram os discípulos que furtaram o corpo de Jesus?" Em ambas as circunstâncias seriam condenados à morte, se não fosse o interesse dos líderes, em encobrir o fato da intervenção divina.

28.16-20 Um grande encontro. Foi marcado por Jesus na Galiléia, e os discípulos viram-no e O adoraram. Alicerçados no poder eterno que Jesus detém e que prometeu exercer em prol da Sua obra na qual Seus servos participam, os discípulos receberam a incumbência de evangelizar o mundo. Sua missão consistia em levar as almas à conversão, batizar os convertidos para fazerem parte da Igreja de Cristo, e ensiná-los a viver segundo Seus ensinamentos e no Seu poder, sentindo Sua presença espiritual acompanhando cada um dos Seus. A promessa da continuada presença divina é a chave de ouro que encerrará vários livros da Bíblia (cf. Êx 40.38; Ez 48.35; Ap 22.20). Jesus, depois de ressuscitar, apareceu a várias pessoas em várias ocasiões: 1) A Madalena, Jo 20.11-18; 2) As mulheres, Mt 28.9-10; 3) Aos dois discípulos, no caminho de Emaús, Lc 24.13-33; 4) A Pedro, Lc 24.34-35; 5) Aos dez discípulos no cenáculo, Jo 20.19; 6) Aos onze discípulos no cenáculo, Jo 20.24-29; 7) Aos sete discípulos na Galiléia, Jo 21.24-29; 8) Aos onze no monte, na Galiléia, Mt 28.16-17; 9) A Tiago, 1 Co 15.7; 10) A uma multidão no Monte das Oliveiras, Lc 24.44-49; 11) A Paulo, At 9.3-8.

O Evangelho Segundo Marcos

Análise

O segundo evangelho é muito distinto quanto ao caráter. A personalidade de Pedro é refletida em quase todas as páginas. Semelhantemente a ele, é vivo em seus movimentos, ativo, impulsivo. *Rapidez de ação* é sua característica principal. As narrativas passam rapidamente de um acontecimento para outro. O evangelho de Marcos tem sido muito bem chamado de filme do ministério de Jesus.

Vivacidade de detalhes é outra característica notável. Embora Marcos seja o mais breve dos quatro evangelhos, freqüentemente inclui detalhes vívidos que não podem ser encontrados nos relatos de Mateus e de Lucas sobre os mesmos acontecimentos. Considerável atenção é dada à aparência e aos gestos de Jesus.

Uma terceira característica proeminente é a descrição pitoresca. No relato de Marcos sobre a distribuição de pão para os cinco mil, ele nos diz que o povo se assentou em "grupos" na relva verde. O vocábulo grego significa "canteiros de flores", e reflete a bela paisagem de grupos de pessoas trajadas com roupas brilhantes, vermelhas e amarelas, à moda oriental, assentadas no tapete verdejante das faldas da colina.

O evangelho de Marcos é predominantemente o evangelho da ação. Inclui somente um dos longos discursos de Jesus (o discurso do monte das Oliveiras), mas demora-se sobre os Seus feitos.- Fornece-nos mais as obras do que as palavras de Cristo. Marcos registra dezoito dos milagres de Jesus, mas apenas quatro de suas parábolas.

Essa ênfase sobre a ação é apropriada num evangelho escrito provavelmente em Roma, e visando primariamente aos romanos. Marcos emprega dez latinismos e apresenta um número de referências ao Antigo Testamento menor do que o dos outros escritores evangélicos. Ele explica os costumes dos judeus para os seus leitores romanos. Nem ao menos usa a palavra "lei", que ocorre por oito vezes em Mateus, por nove vezes em Lucas, e por quinze vezes em João.

Devido ao fato que Marcos escrevia para os romanos, omitiu toda referência à genealogia e infância de Jesus. Os romanos interessavam-se mais em poder do que em, descendência. Por isso é que, em Marcos, Jesus é apresentado como o grande Conquistador - da tempestade, dos demônios, das enfermidades e da morte, Ele é o *Servo do Senhor* (cf. Isaías): primeiramente o *Servo conquistador*, e em seguida o *Servo sofredor*, e, finalmente, o *Servo triunfante*, por ocasião de Sua ressurreição.

Embora o Evangelho de Marcos seja primariamente histórico, também recebe forte coloração teológica. O primeiro versículo nos dá a nota chave: "...evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus". Por muitas e diversas vezes, à divindade de Jesus é enfatizada, quer explícita quer implicitamente. Ele é o Filho do Homem, o Messias, Aquele por Quem os séculos haviam esperado. Em uma das mais vigorosas passagens dos evangelhos sinóticos, Jesus é citado a declarar que o Filho do Homem veio para "dar a sua vida em resgate por muitos" (10.45). Conforme é indicado pelo primeiro versículo do livro, esse é, em primeiro lugar, o *evangelho* de Jesus Cristo, as boas novas da salvação através de Sua morte expiatória.

Autor

A igreja primitiva é quase inteiramente unânime ao atribuir o segundo evangelho a Marcos, primo de Barnabé e associado de Paulo e Pedro, Uma forte tradição igualmente sustenta a asseveração que nesse evangelho encontramos a pregação de Pedro, que chamou Marcos de "meu filho Marcos" (1 Pedro 5.13). As características desse evangelho casam bem com a personalidade de Pedro. A maioria dos eruditos sustenta que é o primeiro dos evangelhos canônicos escritos. Pode ser datado com segurança entre 59 e 70 d.C.

Esboço

O PERÍODO DA PREPARAÇÃO, 1.1-13

O Ministério de João, 1.1-8

O Batismo de Jesus, 1.9-11

A Tentação de Jesus, 1.12,13

O MINISTÉRIO GALILEU, 1.14-9.50

Primeiro Período, 1.14-3.12

Os Quatro Primeiro Discípulos, 1.14-20

Um Dia Atarefado em Cafarnaum, 1.21-45

Curando o Parálítico, 2.1-12

A Chamada de Levi, 2.13-22

Uma Controvérsia sobre o Sábado, 2.23-3.12

Segundo Período, 3.13-7.23

Amigos e Adversários, 3.13-35

Ensinando por Parábolas, 4.1-34

Primeira Retirada: O Endemoninhado Geraseno, 4.35-5.20

A Ressurreição da Filha de Jairo, 5.21-43

A Rejeição em Nazaré, 6.1-6

A Missão dos Doze, 6.7-13

A Morte de João Batista, 6.14-29

Segunda Retirada: Alimentando os Cinco Mil, 6.30-56
 A Controvérsia sobre a Purificação, 7.1-23
 Terceiro Período, 7.24-9.50
Terceira Retirada: Tiro e Sidom, 7.24-30
 Curando o Surdo-Mudo, 7.31-37
Quarta Retirada: Alimentando os Quatro Mil, 8.1-10
 Ensinando e Curando, 8.11-26
Quinta Retirada: Cesaréia de Filipe, 8.28-9.1
 A Transfiguração, 9.2-29
 Ensino sobre a Humanidade, 9.30-50
 O MINISTÉRIO NA PERÉIA, 10.1-52
 Ensino sobre o Divórcio, 11.1-16
 As Riquezas e a Ambição, 10.17-45
 O Cego Bartimeu, 10.46-52
 A SEMANA DA PAIXÃO, 11.1-15.47
 Domingo - A Entrada Triunfal, 11.1-11
 Segunda-feira - A Maldição da Figueira, 11.12-14
 A Purificação do Templo, 11.15-19
 Terça-feira - Fé e Temor, 11.20-33
 Parábola e Controvérsias, 12.1-44
 Discurso do Monte das Oliveiras, 13.1-37
 A Unção em Betânia, 14.1-11
 Quinta-feira - A Última Ceia, 14.12-25
 Sexta-feira - Jesus no Getsêmani, 14.26-52
 Os Julgamentos Judaicos, 14.53-72
 O Julgamento Romano, 15.1-20
 A Crucificação e o Sepultamento, 15.21-47
 A RESSURREIÇÃO, 16.1-20

1.1 Evangelho. No grego mais antigo significa "um galardão oferecido para se levar as boas novas". Depois o termo foi usado como as próprias "boas novas". Aqui se refere ao anúncio das boas novas por Jesus Cristo e também ao conteúdo desse evangelho trazido por Cristo *Princípio* indica a introdução ao evangelho, da proclamação de João Batista. É muito provável que Marcos tivesse sido o primeiro evangelho a ser composto e serviu de base aos evangelhos de Mateus e Lucas, sendo, os três, conhecidos como os "*Sinóticos*" (termo originário de uma palavra grega que significa "ver de um ponto de vista"). *Jesus*. Cf. Mt 1.21n; Lc 1. 31n. *Cristo*. Um adjetivo que significa "ungido" (em heb "Messias"). No AT, reis, sacerdotes e profetas foram ungidos confirmando simbolicamente sua escolha por Deus. *Filho de Deus*. Ainda que tenha um sentido mais amplo, no NT, este termo, aplicado a Jesus, salienta Sua deidade (cf. Sl 2.7; Jo 10.38; 14.10; Hb 1.2). Os conceitos inerentes ao título são: 1) Jesus é profetizado no AT-. 2) Ele é pré-existente e divino; 3) Tem uma relação ímpar com Deus Pai (sem ser gerado no sentido humano); 4) Jesus é o Messias, o Servo de Jeová, plenamente identificado com o povo eleito; conseqüentemente Ele foi capaz de cumprir Sua missão salvadora (10.45),

1.2 Está escrito. Normalmente, esta frase introduz citações do AT.

1.3 Do Senhor. Fica claro, no contexto, que o Jeová do AT é identificado com Jesus Cristo no NT (cf. Rm 10.13).

1.4 João. Forma simplificada de Johanen ("dom de Jeová"). Era parente de Jesus, uma vez que suas mães eram primas (cf. Lc 1.36). Seu ministério começou c. 27 d.C., proclamando a vinda iminente do Messias e Seu reino. João proclamou a urgência do arrependimento devido à aproximação deles.

1.6 Gafanhotos e mel. I.e., alimento natural de áreas não habitadas (cf. Lv 11.22).

1.8 Espírito. João batiza apenas com água, simbolizando a lavagem dos pecados renunciados, mas Cristo dará o dom do Espírito Santo é com Ele a filiação adotiva de Deus (cf. Jo 3.3, 5). Deve-se notar a diferença entre o batismo de João e o batismo cristão, pois este último contém o simbolismo de identificação com a morte e a ressurreição de Cristo. Os judeus também batizavam prosélitos (convertidos ao judaísmo). Os essênios (seita que compôs os rolos do Mar Morto) batizavam, os judeus que ingressavam na sua fraternidade. João trata todos os judeus como necessitados de arrependimento. Josefo relata sobre a profunda influência que João exercia sobre o povo em geral (Antigüidades XVIII, 116-19).

1.9 Jesus foi batizado: 1) Para endossar a autoridade de João; 2) Para se identificar com os pecadores que buscavam o perdão de Deus (2 Co 5.21); 3) Para publicamente confirmar e anunciar Seu ministério; 4) Para ser apontado por João como o Messias (Jo 1.53) e ficar cheio do Espírito (Lc 3.22).

1.10 Como pomba. Cf. Gn 1.2.

1.11 As palavras por Deus pronunciadas lembram Is 42.1; Gn 22.2 e Sl 2.7 (cf. Mt 12.18).

1.12 Impeliu. Esta palavra forte entende-se pela fato de tudo indicar que o autor, Marcos, ao compor seu evangelho tinha em mira a instrução de novos convertidos na fé. Como Cristo, eles devem prever que o batismo dará início a um período de provação.

• **N. Hom. 1.17** A vocação do evangelista implica: 1) No discipulado ("vinde após mim"), 2) Em ser treinado por Cristo ("eu vos farei"); 3) Esforço de ganhar homens (pescar); 4) Pôr os interesses seculares em segundo plano ("deixaram ... as redes").

1.13 Antes da primeira época do ministério na Galiléia, Jesus ministrou em Jerusalém e na Judéia (cf. Jo 1.19-3.36).

1.15 Arrependei-vos. O significado em português, seria "ser penitente de novo" traduz bem a palavra grega, *metanoeo*, "mudar de mentalidade ou pensamento". Reflete a freqüente palavra heb *shub*, que 120 vezes no AT tem a conotação espiritual de "voltar" (a Deus). No contexto da conversão; aponta para uma mudança radical de vida em conseqüência da fé colocada em Cristo (At 3.19; 26.20; 1 Ts 1.9). Como todos devem nascer de novo (Jo 3.3), João conclama todos a se arrependerem e selarem essa mudança no batismo, ou então, encarar o julgamento pela fogo que Cristo trará (Mt 3.11n e Lc 3.16),

1.21 Jesus escolheu Cafarnaum como quartel geral para seu ministério após a Sua rejeição em Nazaré (Lc 4.16-31. Cafarnaum era um centro de comércio e distribuição de peixes. Com um centurião (8.5) e uma coletaria de impostos (Mt 9.9), não deixava de ter sua importância para os romanos.

1.29 Casa do Simão. Segundo uma tradição muito antiga; Marcos nos fornece um relatório da pregação e memórias de Pedro.

1.29-31; 40-45 Milagres de cura: ainda que Jesus tinha duas naturezas, a divina e a humana, o plano de Deus na encarnação era que Ele fosse verdadeiro homem (cf. Rm 8.3; Fp 2.5-8). A ênfase de Marcos sobre a humanidade de Jesus é característica: note-se que Jesus se indignou (3.5; 10.14), ficou condoído (3.5), dormiu (4.38), suspirou (7.34), gemeu (8.12). Admira-se diante da incredulidade (6.6), compadeceu-se (6.34); amou a um jovem (10.21), foi tomado de pavor e de angústia (14.33) e desconhece o dia de Sua volta (13.32). Por outro lado, Marcos mostra que Jesus é, também, divino; assim, os demônios reconhecem-no como dotado de poder sobrenatural e destruidor deles (1.24, 34; 3.11; 5.7). Suas obras deveriam convencer os mais endurecidos incrédulos (2.12; 4.41; 7.37). Ele pode penetrar os segredos do coração humano (2.8); é Senhor do sábado (2.28) e pode perdoar pecados (2.10). Quando foi indagado pelo sumo sacerdote declarou que era o Cristo, o Filho de Deus (14.62). Ressuscitado, será exaltado à direita de Deus.

1.32 Ao cair do sol. Marcou-se, assim, o fim do sábado (21), possibilitando o transporte dos enfermos até a presença de Jesus (cf. Lc 4.40n).

1.34 Jesus não quer o testemunho dos demônios (1.25; 3.12).

1.35,36 *Madrugado*. Gr *proi*, usada por Marcos para designar a última vigília da noite, das 3 às 6 horas. Jesus reage diante da grande popularidade, buscando horas tranqüilas para a comunhão com o Pai. Pedro, evidentemente, acha que "ação" é mais importante que a meditação e oração. Muitos, hoje, infelizmente seguem esta linha de pensamento.

1.37 *Todos te busca*. O grande interesse em Jesus é provocado pelos milagres. A preocupação de Jesus é proclamar o evangelho (1.15).

1.39,44,45 Aqui se relata, em geral, a primeira viagem pela Galiléia com os quatro discípulos. Jesus deu mais duas voltas pela Galiléia. (cf. 6.1-7.23; 9.33-50).

1.40 A lepra, segundo o vernáculo original, encerrava várias doenças da pele. Não é a doença hoje chamada hanseníase, porque não se citam sintomas dela. Porque implicou na imundícia (Lv 13.45ss), era natural que se tornasse um símbolo de pecado. • **N. Hom.** A lepra e o pecado: 1) são repugnantes; 2) espalham-se; 3) são incuráveis, fora da operação graciosa de Deus; 4) Cristo é a única solução: a) quer porque se compadece; b) pode fazê-lo porque veio de Deus (Jo 3.2), c) fá-lo curar porque veio para isso (Mc 10.45).

1.43 *Veemente*. Uma palavra muito forte (cf. Jo 11.33, 38) frisando a importância de guardar o segredo sobre Sua pessoa e missão messiânicas até após a ressurreição (cf. Jo 6.15). Os judeus esperavam um Messias guerreiro, político, nacionalista, não o Salvador do mundo e da condição de pecado do homem (10.45).

2.2 *Palavra*. I.e., o evangelho que anunciava a vinda do reino (1.15).

2.5 *Venda-lhes a fé*. I.e., a fé dos amigos e do próprio paralítico.

2.7 De fato, só Deus pode perdoar pecados. Ao declarar-lhe os pecados perdoados, Jesus reivindica Sua divindade (cf. Jo 8.11).

2.9 Para Jesus, era infinitamente mais fácil curar ao doente, do que absolver os pecados dos pecadores pois que Seu perdão dependeria do sacrifício de Si mesmo na cruz (10.45).

2.13-20 Levi ("Mateus", Mt 9.9) era um dos doze discípulos e autor do evangelho segundo Mateus. Era publicano, cobrador de impostos (cf. Lc 5.27n). Muitos publicanos eram desonestos, levantavam coleta de impostos ilícitos, cobrando demais e enganando o governo com relatórios falsos, e por isso eram odiados pelo povo. Os fariseus julgaram os publicanos iguais aos pecadores que desprezavam a lei. Não se separavam dos gentios e assim, ficaram excluídos da sinagoga.

2.15 *Jesus à mesa*. Reflete o perdão completo do Senhor. Ele também compartilha, com os pecadores remidos os benefícios de Sua mesa (cf. Ap 3.20).

2.17 *Vim*. Jesus refere-se à Sua missão e preexistência.

2.18 *Jejuam*. Jesus não praticou o ascetismo como João e seus discípulos, Ele jejuou em submissão ao Pai (Mt 4.2-4), não para se induzir a alguma experiência espiritual,

2.19 *O noivo*. Refere-se a Cristo, (cf. Ef 5.23-32), No AT, o Noivo é Deus (Os 1.1-11; Is 54.5; 62.45; Jr 2.2).

2.21,22 Cf. Notas sobre Mt 9.16, 17; Lc 5.36n. Estas duas parábolas declaram a impossibilidade de misturar o velho ritualismo da lei com a nova liberdade da graça (Gl 5.1, 13); o evangelho com o judaísmo.

2.23 *Colhiam espigas*. Era permitido colher espigas de trigo para se comer na hora. Os fariseus não criticaram esta prática, mas a quebra do sábado. A época do ano era maio ou início de junho.

2.24 *Vê!* Segundo o Talmude judaico, a ofensa de trabalhar no sábado merecia a morte por apedrejamento; somente se o acusado fosse advertido.

2.26 *Abiatar*. 1 Sm 21.1-7 traz o nome do Aimeleque, que foi pai de Abiatar. Isto se explica pelo fato de Abiatar e Aimeleque estarem ambos vivos naquele tempo. Uma tradição judaica diz que o acontecimento se deu no sábado.

2.27 Só Marcos tem esta frase, informando-nos que, o sábado foi consagrado para o homem. O senhorio de Cristo sobre o sábado abriu o caminho à Igreja primitiva a abandonar a obrigação de guardar o sétimo dia (cf. Rm 14.5; Gl 4.10).

2.28 A principal lição deste trecho é mostrar que a lei do sábado não tinha aplicação na caso do servo do templo; muito menos teria restrição sobre Cristo, o Senhor do Templo.

3.4 *É licito...* O Senhor chama atenção ao fato de que há pouquíssima diferença entre fazer mal e deixar de fazer o bem (Tg 4.17). Segundo os mestres judaicos, os doentes deviam ser atendidos apenas nos casos em que a vida corria perigo. • **N. Hom.** O encontro com Cristo: 1) Antes do encontro salvador, todos, sofrem da atrofia espiritual (v. 1; Ef-2.1); 2) Todos são convidados por Cristo a reconhecer sua necessidade e declará-la publicamente (v. 3); 3) Todos precisam exercer a fé estendendo a mão (v. 5); 4) A salvação é completa e perfeita; 5) A salvação da alma custou a vida do Salvador (v. 6).

3.6 *Herodianos.* Eram os membros do partido nacionalista de judeus que apoiavam Herodes e sua dinastia contra Roma (cf. Mt 22.16n). Os fariseus ("os separados") surgiam, como partido distinto, c. 140 a.C. após a revolta dos macabeus. Seus membros pertenciam à classe baixa, e não à aristocracia como os saduceus (cf. 12.18-23n). É notável como as diferenças se desvaneceram num ódio mútuo a

3.11 *Prostravam-se.* Não os espíritos, mas as pessoas por, eles controladas, involuntariamente confessavam que Jesus era Senhor (Fp 2.10).

3.13-19 Os doze discípulos foram treinados para apostolado através da convivência com Cristo. Junto dEle se desenvolveram intelectualmente, espiritualmente e na prática. *Para os enviar* (v. 14, gr *apostelle*, a forma verbal de apóstolo, "comissionado"). Além dos discípulos, o termo se aplica a Jesus (Hb 3.1), a Barnabé (At 14.14), a Paulo e a Matias (At 1.16-26). O apostolado era o dom principal dado por Cristo à Sua Igreja para estabelecer. O Dom foi confirmado por milagres. Era essencial que o apóstolo fosse testemunha ocular da ressurreição e comissionado por Jesus (1 Co 1.1n). Nem o significado da palavra, nem as Escrituras, nem a história da Igreja primitiva apóiam uma sucessão do apostolado por bispos ou papas.

3.22 *Escribas.* Eram os eruditos judaicos, copistas das escrituras. A profissão surgiu por cerca do tempo de Esdras, ainda que os rabinos encontrem em Moisés o fundador. *Belzebu.* Cf. Mt 10.25n e Lc 10.15n. *Diziam* (cf. v. 30). Indica que o pecado imperdoável envolve muito mais do que pronunciar uma frase; o imperfeito indica uma atitude fixa. Veja Mt 12.31, 32n e Lc 12.10n.

3.27 O ataque de Cristo contra os demônios é o primeiro passo para a derrota do diabo. Os bens são as pessoas libertadas das garras de Satanás (Cl 1.13).

3.31-35 Não existe razão para se concluir que os irmãos e irmãs eram primos ou filhos de José antes de seu casamento com Maria. A crença na virgindade perpétua de Maria surgiu muito depois dos tempos do NT (cf. Mt 12.46ss e nota). A família de Jesus formada do Mestre e Seus discípulos: 1) Com experiência comum (Gl 2.20), 2) Interesse comum (Mt 12.30); 3) Obediência total (v. 35); 4) Alvo comum (Mt 28.18-20).

4.1 *Entrou num barco.* Afastando-se da multidão, Jesus podia, do palco do barquinho, ser ouvido por muito mais gente.

4.2 *Ensinava... parábolas.* Cf. Mt 13.3n. Veja as explicações sobre estas parábolas nas notas de Mt 13. As parábolas ofereciam vantagens ao Mestre incomparável: 1) Prendiam o interesse; 2) Eram um veículo pedagógico muito comum entre os judeus (cf. 2 Sm 12.1-7 e Talmude); 3) Tornaram concretas idéias abstratas; 4) Provocaram uma decisão e 5) Guardaram em sigilo o mistério do reino para crentes (vv. 11,12).

4.3 *Ouvi.* Esta parábola do semeador inicia-se e termina com a chamada à atenção salientando a importância de sua mensagem, como também a necessidade de fé da parte do ouvinte. A Parábola do Semeador sugere vários propósitos: 1) Estímulo aos proclamadores da mensagem da salvação em face de muito desinteresse e oposição; 2) A responsabilidade do ouvinte de perseverar em face das dúvidas vindas do diabo, a

perseguição dos oponentes e a tentação do mundo; 3) A diferença entre a receptividade dos discípulos e a dos incrédulos.

4.5 Rochoso. Cf. Lc 8.6n.

4.8 Outras. O plural dá ênfase à individualidade das sementes.

4.11 Mistério. Significa "fechado" ou "escondido", no grego. Popularmente o termo dava nome ao tipo de ritos religiosos místicos. No NT trata da verdade de Deus, outrora oculta, mas agora revelada. O mistério do NT não é acessível à razão humana. Contém, às vezes, elementos difíceis de entender, mas a vontade de submeter-se à verdade de Deus e de obedecer a ela, ilumina o coração do crente. O principal mistério é a revelação de Deus e Seus propósitos na pessoa de Jesus (Mt 16.17). *Reino de Deus.* Equivale ao termo em Mt "o reino dos céus" (cf. Mt 3.2n). Compreende-se o "reino" em dois estágios: 1) O presente reino reconhecido pelos crentes e nos mesmos, os quais se submetem à vontade de Seu Rei, Cristo; 2) O futuro reino milenar; quer será inaugurado na segunda vinda de Cristo (Ap 20.2n).

4.12 Este versículo apresenta o problema da soberania de Deus e o livre arbítrio do homem. Deve-se levar em conta que é uma lei, tanto da natureza como da administração divina, e que uma obrigação ou dever recusados, no final produz uma incapacidade moral de cumpri-los. Quando um homem ou: um povo recusa a verdade, Deus entrega-o a um estado de ignorância mais culpável ainda (Jo 9.41). Isto não quer dizer que se negue ou a eleição de Deus (Rm 8.29, 30) ou a livre escolha por parte do homem. • **N. Hom.** 4.13-20 Quatro reações à pregação do evangelho: 1) O coração duro tem o diabo em pleno controle; 2) O coração instável que espera displicentemente por uma cômoda viagem para o lar celestial; 3) O coração egoísta quer o que há de melhor no evangelho e no mundo (Mt 6.24); 4) O novo coração preparado por Deus (Ez 36.26ss).

4.17 Escandalizam, Gr *scandalizō*, vem de *scandalon* (o verbo só ocorre em literatura bíblica e cristã) referindo-se ao pau que segura a isca e aciona a armadilha.

4.21-25 Parece que a aplicação desta parábola, aqui, refere-se ao ministério do reino. O propósito de Deus não é de guardar para sempre o evangelho e Seu Messias ocultos num cantinho da Palestina. Após a morte, a ressurreição de Cristo e o Pentecostes, Eles serão manifestados ao mundo inteiro (cf. Mt 5.1-16; Lc 8.16n). *Medida,* Cf. Lc 8.10n.

4.26-29 Esta parábola só se encontra em, Marcos. Fala do crescimento imperceptível da Palavra semeada no coração e no mundo, iniciativa própria de Deus, O clímax vem no fim, no julgamento final quando o propósito de Deus ficará claro.

4.31 Menor de todas. Não no sentido absoluto, mas era ditado proverbial (cf. Mt 17.20; Lc 17.6). Esta parábola apresenta o contraste dramático entre o reino insignificante agora e seu futuro glorioso. *Aninhar-se.* Refere-se ao refúgio providenciado no reino para todos os povos da terra (cf. Mt 24.31).

4.33 Muitos. Marcos faz apenas uma pequena coletânea, selecionada de todo o ensino parabólico de Jesus. O tema principal dessas parábolas é o crescimento da semente, apontando para a tarefa principal de evangelização na Igreja. *Capacidade.* Jesus, pelas parábolas, manteve o interesse do povo enquanto o chamava para uma decisão. Após Sua paixão, não haveria mais desculpa, pois abertamente o evangelho será anunciado (At 2).

4.35 Outra margem. Seria a margem leste do mar da Galiléia.

4.37 Grande temporal. Tempestades tremendas, às vezes, descem ainda hoje, dos altos montes das redondezas, especialmente do monte Hermon, atingindo com violência o lago de Quinerete (ou de Tiberíades), 200 m abaixo do nível do mar Mediterrâneo.

4.38 Dormindo. Jesus não era imune ao cansaço (cf. Jo 4.6). *Não te importa.* Contrasta-se a impetuosidade dos discípulos com a calma de Jesus (Lc 8.23n). Seria natural que a Igreja primitiva, oprimida por fortes perseguições, visse, nesta experiência, um paralelo com sua situação (muito cedo um barco servia de símbolo da igreja na arte cristã). No

meio de toda provação, Jesus está, realmente com Sua Igreja, não havendo, portanto, nem razão para o temor, ainda que Seu auxílio demore chegar.

4.39 *Acalma-te, emudece!* As mesmas palavras pronunciadas por Jesus em 1.25, contra os demônios. Um dia, todo o mal espiritual e material ainda será afastado dos fiéis em Cristo (cf. Ap 21.3, 4).

5.1 *Gerasenos*. Cf. Lc 8.26n.

5.3 *Nos sepulcros*. As cavernas à beira do lago serviam de sepulcros, cujo contato, para os judeus, contaminaria com imundícia. O povo, nesta região, era em sua maioria, gentio. Por isso comia a carne de porco (cf. v 11).

5.7 *Filho do Deus Altíssimo*. Cf. 1.1n. *Altíssimo* (gr *hupistos* = *elyon*, em heb; cf. Gn 14.18-22n), vocábulo usado principalmente no AT por gentios (cf. Nm 24.16; Is 14.14; Dn 3.26; 4.2).

5.9 *Qual é teu nome*. Na época, era muito divulgada a idéia de que, conhecer o nome do demônio, ajudaria a quem desejasse dominá-lo. Jesus demonstrava Seu grande poder expulsando uma legião (milhares) sem invocar os nomes dos espíritos

5.9 *Legião*. Cf. Lc 8.30n.

5.10 *Do país*. Parece que os demônios se associavam com distritos particulares. *País* (gr *chōran*, "região").

5.12 *Manda-nos... porcos*. Mostravam, assim, sua completa derrota, ou, segundo Calvino, queriam provocar uma reação negativa nos donos (v. 17).

5.13 *Se afogaram*. O endemoninhado teria, com isso, uma confirmação do afastamento total dos espíritos (cf. Lc 11.24-26).

5.15 *Assentado...* Cf. Lc 8.35n.

5.19 *Anuncia-lhes*. Entre gentios pagãos não havia necessidade de se guardar o segredo messiânico. O Senhor, Reporta-se a Deus como em Lc 8.39. No seu testemunho, declara que foi Jesus quem o livrou dos demônios (cf. Lc 8.39n). Todos os elementos da grande Comissão missionária encontram-se neste versículo (cf. Mt 28.19ss).

5.20 *Decápolis*. Uma confederação de dez cidades gregas localizadas ao nordeste da Palestina, incluindo, nela, a própria Damasco.

5.22 *Jairo*. Cf. Lc 8.49n. O chefe da sinagoga era encarregado da manutenção e programação dos trabalhos. • **N. Hom.** Um homem principal pode vir a Jesus: 1) Pondo de lado seus preconceitos; 2) deixando sua vaidade; 3) Sujeitando-se a outrem (prostrase)); 4) Reconhecendo a Jesus como a única esperança (v. 23).

5.23 *Seja salva*. Cf. Lc 8.36n.

5.26 *Médicos*. A mulher que gastou todo o, seu dinheiro inutilmente, é semelhante àqueles que procuram o alívio do pecado por meio de "boas ações" e de obediência a ritos religiosos, em vez de unicamente confiar em Cristo.

5.27 *Veste*. Mateus especifica "a orla". Cf. Mt 23.5n para se obter mais detalhes sobre esta importante consideração acerca das vestes judaicas,

5.30 *Poder*. Gr *dunamis* a palavra mais comum para designar, "milagre" (cf. 6.2). Tem o sentido de poder sobrenatural e pessoal de Deus. *Quem Me tocou?* A Jesus, importa, e muito, a transferência da fé em Sua veste para uma confiança depositada somente na Sua pessoa. *Quem*, está no feminino (no gr), indicando, assim, que Jesus na realidade já sabia que pessoa O tocara.

• **N. Nom. 5 34** *Salvação*: 1) Sua fonte - Cristo; 2) Sua agência - tua fé (cf. Lc 8.48n).

5.35 *Já morreu*. Cf. Lc 8.49n.

5.36 *Não temas*. Cf. Lc 8.50 para a N. Hom. O tempo dos verbos significa, "Para de temer; continua crendo..."

5.39 *Dorme*. Cf. Lc 8.52n; Jo 11.11ss.

5.40 Jesus permitiu a presença de apenas cinco testemunhas, na ocasião deste milagre, para evitar uma divulgação mais ampla dessa notícia (cf. v. 43). Era de suma importância,

para Sua missão redentora, que Jesus não fosse alvo de muita propaganda, especialmente na Judéia.

5.41 *Talitá cumi*. Uma transliteração do aramaico língua que Jesus e os discípulos costumavam falar. *Talitá*, lit. "cordeirinha".

6.1 Se este trecho relata a mesma rejeição relatada em Lc 4.16-30 (de qual conclusão não há certeza) Marcos acrescenta um detalhe omitido por Mt e Lc, i.e., a presença dos Seus discípulos. No seu treinamento, aprendem a assumir a mesma atitude de Jesus, frente às incompreensões da parte do Seu povo, ao qual o Mestre enfrentou na Sua própria terra (13.13).

6.2 Era costume, nas sinagogas, convidar qualquer rabino visitante para a apresentação de uma mensagem. Jesus era mestre bem conhecido.

6.3 *Carpinteiro*. Ainda que a palavra do original possa, também, estender seu sentido a "artesão, escultor" (metal ou pedra), é muito mais provável que Cristo era carpinteiro ou marceneiro (cf. Mt 13.55). Justino Mártir disse que, em seu tempo (c. 160 d.C.), procuravam-se artigos de madeira feitos por Jesus. *Tiago*. Cf. At 12.17; 15.13; 21.18; Tg 1.1, etc.

6.4 *Profeta*. Cf. At 3.22n. Jesus incluía, nas profecias a Seu respeito, a do Profeta de Dt 18.15, 18 que; claramente nos ajuda na formação do conceito do Messias.

6.6 A última parte deste verso deve iniciar o parágrafo que o segue.

6.7 *Dois a dois*. Seis grupos de discípulos espalharam-se por todos os cantos da Galiléia. *Autoridade* (gr *exousia*). A fonte original de toda autoridade vem do Deus Pai; o Filho recebeu-a em virtude de Sua submissão até à morte, (Jo 17.2) e compartilha-a com Seus seguidores (cf. Jo 20.21-23; Lc 9.1n).

6.8,9 *Nada levassem*. De maneira contrária à dos mestres itinerantes que ganhavam bem "mercadejando" uma mensagem humana (2 Co 2.17), os discípulos deviam depender inteiramente da fé em Seu Senhor que por meio dos ouvintes providenciaria o pão de cada dia (cf. 1 Co 9.7-11; Gl 6.6; Mt 10.10n). Todos notariam a urgência da mensagem (a mesma que Jesus apregoava, cf. 1.15n), levando mais homens a decidir favoravelmente. *Alforje*. A sacola dos mendigos.

6.10 *Permaneçei*. Cf. Lc 9.3, 4n. As equipes missionárias não deviam insultar quem as hospedava mudando para acomodações melhores.

6.11 *Sacudi o pó*. Cf Lc 9.5n. O pó dos gentios pagãos era alvo de repugnância por parte do judeu. Recusar a mensagem de Jesus rebaixava os incrédulos ao nível dos pagãos, mesmo que fossem judeus. Ainda hoje, isto é um fato que continua a acontecer.

6.13 *Ungindo-os com óleo*. Não simplesmente porque o óleo tinha qualidade curativa (Is 1.6), mas também como sinal de dependência total no Senhor:(Tg 5.13), Cristo não usava óleo, em Suas curas.

6.14 *Herodes*. Cf. Lc 9.9n, *Nome*. Isto é, fama de Jesus. *Forças miraculosas*. João Batista, aparentemente, não operou milagres durante sua vida (Jo 10.41), mas se fosse levantado dos mortos qualquer milagre estaria ao seu, alcance (cf. Mt 12.39, 40).

6.15 *Profeta*. Notável é observar-se que Jesus não é chamado claramente de Messias. Isto porque não cumpria todos os sinais do Messias, que a mentalidade popular havia imaginado e estava aguardando.

6.17 *Herodias*. Neta de Herodes, o grande, e Mariamne, sobrinha de Herodes. *Cárcere*. Cf. Mt 14.3n. Encontrava-se em Maquero no mar Morto.

6.18 Enquanto o irmão de Herodes vivia, este último não podia se casar com sua cunhada ainda que divorciada do marido, visto que, pela lei, isto é também considerado adultério (Lv 18.16; 20.21).

6.20 *Boa mente*. Herodes deu ouvidos à mensagem de João, mas não se arrependeu (cf. At 26.28). O encarceramento de João foi decretado por Herodes para emudecer a crítica contra sua pessoa.

6.21 Dignitários. No gr é a mesma palavra que na Septuaginta se encontra em Et 1.3. Indica pessoas influentes da corte.

6.22-25 Josefo informa-nos que a *filha de Herodias* era Salomé, fruto do seu primeiro casamento. Salomé, agindo de moda contrário a todo bom costume (cf. Et 1.12), dançou de modo provocante e degradante. Herodes, parcialmente embriagado, ofereceu a metade do seu reino (v. 23) que ele nem podia dar (era vassalo de Roma).

6.30 Apóstolos. Cf. Lc 9.1n.

• **N. Hom. 6.34** Ovelhas sem Pastor (Cf. Sl 23.1, 2): 1) Faltam-lhes o alimento e a água da vida (Jo 6.35); 2) Falta-lhes a direção para o aprisco eterno (Jo 10.16); 3) Falta-lhes a proteção contra o inimigo (Jo 10.28).

6.35 Deserto. Não no sentido de lugar onde só há areia, mas de um lugar solitário (v. 32) ao nordeste de lago da Galiléia. Este vocábulo liga o milagre com a provisão sobrenatural do maná que apareceu no deserto (cf. Êx 16).

6.37 Sobre o milagre e seu significado, veja Lc 9.12-17n. *Denários.* Valiam entre cinqüenta e sessenta cruzeiros. Em Mt 20.2 um denário paga o salário de um empregado na vinha por um dia.

6.39 Em grupos. No original, há a sugestão de uma cena de festa ou "comunhão de mesa", ou reunião de hóspedes. Por trás do grego havia um termo técnico aramaico, usado para dar nome à festa familiar da Páscoa. A formação dos grupos também facilitaria a distribuição dos pães. *Relva verde.* Era primavera, época da Páscoa (Jo 6.4), quando chovia na Palestina.

6.40 Grupos. Outra palavra que pode ter, a conotação de pequenos campos de flores.

6.41 Os abençoou. Não os pães mas a Deus. A antiga bênção judaica pelo pão era, "Louvado sejas tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei do mundo, que tiras pão, da terra" (Lv 19.24). Pães e peixes aparecem, na arte primitiva (nas catacumbas de Roma), para apresentar a ceia do Senhor.

6.43 Doze cestos. Cf. Lv 9.17n.

6.45 Compeliu. Provavelmente para que as discípulos não fossem contaminados pelo zelo muito comum, na época, de forçar Jesus a ser rei (Jo 6.14ss).

6.46 Tendo-os... Refere-se à multidão, e não aos discípulos (Mt 14.23).

6.48 Quarto vigília. Veja Mt 14.25n.

6.50 Tende bom ânimo. Em todas as sete vezes que este verbo (gr *tharsei*) aparece no NT, no modo imperativo (menos uma, Mc 10.49), Jesus é quem fala. • **N. Hom.** Tende bom ânimo porque Jesus mandou-os (v. 45); 2) Ele intercede (v. 46; 1 Jo 2.1); 3) Ele vê sua dificuldade (v 48; Hb 4.15); 4) Ele se aproximei e fala (v. 50); 5) Ele fica ao seu lado e vence o problema (51; 2 Co 2.14).

6.52 Os discípulos não perceberam o significado da multiplicação. Aquele que pode criar pão, pode acalmar a tempestade. *Endurecido.* Como os israelitas no deserto beneficiados por numerosos milagres, ainda assim rebelaram-se porque não creram.

6.53 Genesaré. A planície fértil ao sudoeste de Cafarnaum.

7.1-23 Veja as notas explicativas sobre Mt 15.1-11. Os inimigos de Jesus começam a planejar Sua morte. *Escribas.* Cf. 3.22n.

7.2 Impuras. Não se refere à falta de higiene mas à pureza formal, cerimonial. Todo contato com os pagãos constituía imundícia espiritual, como se fosse, realmente, pecado, do qual se livrariam apenas por ritos purificadores.

7.3 Fariseus. Cf. 3.6n. *Tradição dos anciãos.* Refere-se à interpretação oral e expositiva da lei de Moisés, mais tarde codificada na Mishná. O Talmude é um comentário sobre a Mishná que executava um "cerco" em volta da lei para evitar qualquer transgressão.

7.4 Se aspergirem. O original talvez "batizando", i.e., obedecendo a um ritual de imersão.

7.6 Lábios... coração. A hipocrisia surge quando as atitudes e a vida íntima, tal como de fato são, não correspondem com as palavras e atos religiosos.

7.9 Os fariseus, criando um cerco em volta da lei, modificaram profundamente a intenção de Deus. *Preceito de Deus*. Jesus contrasta a lei escrita com a tradição interpretativa dos homens, esta sem qualquer autoridade divina. *Guardardes*. Possivelmente, "estabelecerdes".

7.11 *Corbã.*, Cf. Mt 15.4-6n. Pronunciando esta palavra de dedicação, a "oferta" foi santificada. Os filhos, assim, escapavam à responsabilidade moral de auxiliar os pais, dedicando, com juramento, o sustento devido aos seus progenitores, ao templo, mas sem haver uma real necessidade de entregarem essas ofertas.

7.13 *Invalidando*. Jesus não respondeu diretamente à pergunta dos judeus que aparece no v 5. Indiretamente, Ele lhes dá uma resposta válida para todas as gerações vindouras. Os homens, tendo o pecado corrompido suas mentes, cometem erros mui facilmente ao interpretarem a Palavra de Deus. Devemos sempre ser como os bereanos (At 17.11).

7.14,15 Jesus, aqui, passa a ensinar, à multidão, o verdadeiro sentido da lei sobre a impureza.

7.17 *Parábola*. No sentido da palavra correlata em heb, *mashal*, significa, figura.

7.19 *Assim... puros*. Parece ser um comentário da parte de Marcos, que revela o que Pedro aprendeu (At 10.1 5) sobre a desobrigação de os cristãos guardarem as leis sobre comidas, puras e impuras (cf. Lv 11 e Dt 14).

7.20 A fonte do pecado humano é o coração, e não o estômago. O coração representa o centro da personalidade, incluindo, em si, o intelecto, a volição, a consciência e fonte das emoções.

7.21,22 Deus não distingue entre pecados cometidos na mente e os consumados por ação. *Maus desígnios*. Pensamentos maus, donde procedem todos os males e pecados. *Prostituição*. Pecados sexuais em geral. *Furtos*. Tomar para si o que não lhe pertence. Furtos, homicídios e adultérios aparecem no singular, em Os 4.2. *Avareza*. Atos de desejo de posse ilícita e exagerada, inclusive no que diz respeito ao setor sexual (cf. Ef 4.19; 5.3; Cl 3.5). *Malícia*. Termo geral para se referir a atos de maldade. *Dolo*. Uso de engano ou sutileza, em palavras ou atos, com a finalidade de fazer o mal. *Lascívia*. Dissolução (assim vem sendo traduzida em Rm 13.13). *Inveja*. Lit. "olho mau", i.e., "pão-duro", ser falta de generosidade (Cf. Lc 11.34; Mt 6.22ss; Pv 24.6). Quem tem este "olho mau" quer a derrota do seu inimigo. *Blasfêmia*. Uma afronta contra a majestade de Deus. *Loucura* caracteriza o homem que não tem consciência do que seja responsabilidade ética ou religiosa.

7.23 *Contaminam*. Gr *koinos*, "comum". Cf Mt 15.11n.

7.24 Jesus procura um retiro no norte, na Fenícia para melhor poder instruir os seus.

7.26 *Grega*. Em cultura e língua, não em nacionalidade.

7.27 *Filhos*. Israelitas que, pela primeira aliança pertenciam a Deus (Êx 4.22; Dt 14.1, etc.). Jesus seque a missão do Servo (Is 49.6), trazendo, inicialmente, salvação aos judeus (Rm 15.8).

7.29 Milagres que favoreceram aos gentios foram operados à distância.

7.34 *Suspirou*. Sugere que houve profunda luta em oração para prevalecer contra o diabo.

7.37 *Tudo... bem*. O Filho, como o Pai, faz tudo bem (cf. Gn 1.31; Jo 5.17).

8.1-9 Cf. Mt 15.32n. Mt16.9, 10 afirma claramente que houve dois milagres em que Jesus multiplicou pães.

8.2,3 *Compaixão*. Jesus mostra o amor (*agape*) divino que se interessa profundamente pelos famintos. Interesse na justiça social, que parte de um amor verdadeiro e espiritual, glorifica a Deus (1 Jo 3.17). *Três dias*. A importância do ensino do Mestre foi reconhecida pelo povo. Oxalá os crentes contemporâneos tivessem um desejo igualmente ardente de conhecer a verdade bíblica. *De longe*. Se este milagre foi realizado perto de Decápolis (7.31), é provável que o povo participante fosse, na sua maioria, gentio (cf. 7.27).

8.10 *Dalmanuta*. Mateus diz Magadã (cf. Mt 15.39n). Este nome ainda não foi, encontrado fora dessa citação aqui.

8.11,12 Sinal do céu. Como Elias demonstrou no monte Carmelo (1 Rs 18.20-40). Para Jesus, um sinal ainda mais valioso havia acabado de manifestar-se no pão partido e multiplicado que representa Seu corpo morto na cruz em nosso lugar (Mt 12.38n). *Esta geração.* Refere-se aos fariseus que, em sua hipocrisia, tipificavam a todos os judeus que rejeitaram Jesus, buscando a salvação por meios próprios (obras religiosas).

8.15 Fermento. Os judeus, seguindo o mandamento de Deus (Êx 13.7,), evitam o uso de toda levedura na semana imediatamente após a Páscoa. Na época de Cristo, a levedura simbolizava a má inclinação do homem. Jesus aplica o símbolo de levedura à corrupção espiritual daqueles que procuram derrotar seu Messias.

8.19,20 Cestos... cestos. Palavras distintas, no grego. o primeiro era um cesto feito de junco, e o segundo era um cesto de tecido que serviu como "elevador" para Paulo (At 9.25).

8.22 Betsaida. I.e., "casa de pesca", localizada na planície ao norte do mar da Galiléia. Esta cidade de Pedra, André e Filipe (Jo 1.44) foi reconstruída por Filipe, tetrarca que a chamou de "Júlia" em honra à filha de Augusto, que também se chamava Júlia.

8.23 Vês alguma coisa. Neste único milagre de Jesus operado em duas etapas, a primeira ("recobrando a visão", gr *anablepein*, Cf. 10.51) talvez tivesse apenas restaurado a função dos olhos, e a segunda, a ação no cérebro que lhe dava percepção mental daquilo que os globos oculares captavam.

8.25 Claramente. Restabelecida a boa focalização visual, ele viu perfeitamente.

8.26 Não entres. Variantes dos antigos manuscritos dão outra possibilidade: "Não fales a ninguém, na aldeia" (cf. 5.20).

8.27 Com a confissão de Pedro começa a segunda metade de Marcos, Não mais Jesus dirige ensinamentos para as multidões, mas aos discípulos. Começam a ser dados avisos referentes a Sua morte, como também à ressurreição. • **N. Hom.** Quem é Cristo? 1) Para os fariseus e religiosos satisfeitos - Ele é um perigoso enganador; 2) Para o povo indiferente - Ele é um guia religioso (v. 28); 3) Para o discípulo com Ele comprometido - é o Messias, o "ungido" sumo Sacerdote que oferece Sua vida em sacrifício vicário (Is 53) e Rei "ungido" que reinará eternamente sobre Seus súditos.

8.31 Necessário. A necessidade do sofrimento expiatório de Jesus é abertamente apresentada no AT (cf. Sl 22, 69, 118; Is 50.4ss; 52.13-53.12; Zc 13.7). *Filho do homem.* Cf. Lc 9.22n. *Rejeitado.* (Cf. Sl 118.22- Mc 12.10). A sugestão satânica que levaria os inimigos de Jesus a crucificá-lo, aqui consegue levar um discípulo como Pedro a reprová-lo. Em ambos os casos é rejeitada a salvação tão convidativa, oferecida por meio da morte do Messias. *Anciãos.* São os membros leigos, do Sinédrio (cf. 11.27, etc.).

8.33 Os seus discípulos. Jesus sabia que os discípulos pensavam como Pedro. *Coisas de Deus.* A frase significa "adotar o lado de Deus", "comprometer-se com a causa de Deus", Só Deus compreende realmente a profundidade do problema do pecado, como também a única solução.

8.34 A multidão. O convite que Jesus apresenta nesta passagem, não apenas se estende aos doze, mas a todo homem. *Negue.* Dizer "não" (cf. 14.30ss, 72), não apenas ao pecado, mas principalmente a si mesmo, ao ego, que é a fonte da vontade, oposta à de Deus. *Vir após mim, e siga-me,* são expressões que significam a mesma coisa. *Tome a sua cruz.* Como o criminoso, que era forçado a carregar sua própria cruz para o local da execução. • **N. Hom.** (Cf. Lc 9.18-26n). Valores Incomparáveis: 1) A vontade própria e a vontade de Cristo (v. 34); 2) O mundo e a alma (v. 36); 3) A cruz evitada e, a cruz carregada (v. 38).

8.35 É do evangelho. Alguém poderia sofrer apenas por ser cristão. Muito mais provável, porém, é que venha a sofrer porque, com espírito missionário, o discípulo divulga a fé.

8.37 Uma vez, morta, não há, ainda que colhido do mundo todo dinheiro que possa garantir a vida da pessoa perdida (Sl 49.8). Aqui, Jesus tem em vista a segunda morte (Ap 21.8) Deus não aceita gorjetas, nem subornos (cf. Hb 9.27).

8.38 O destino final da pessoa depende da realidade do discipulado, i.e., do fato de não se envergonhar de Cristo nesta vida. *Mim e das minhas palavras*. Não há possibilidade de separarmos Jesus de Suas palavras eternas.

9.1 Cf. Mt 16.28n; Lc 9.27n. É possível que Marcos estivesse ligando esta profecia; a respeito da vinda do reino, com o acontecimento da transfiguração.

9.2 *Transfigurado*. Gr *metomorphothe*. No NT todo, figura somente aqui, em Mt 17.2; Rm 12.2; e 2 Co 3.18. O propósito da transfiguração parece ser o de manifestar temporariamente aos discípulos a glória de Jesus escondida na Sua encarnação, antecipando Sua ressurreição e segunda vinda.

9.7 *Os envolveu*. Pode se referir apenas a Jesus, Elias e Moisés. *A ele ouvi*. Baseado no significado forte de Dt 18.15, deve-se entender como "ouvi e obedeci". "Quando somos exortados por Deus a ouvir a Cristo, Deus aponta-O como único Mestre de Sua Igreja... para que nEle toda autoridade resida (Calvino. Cf. Hb 1.1).

9.10 *Perguntando*. Não entenderam, como Jesus ia ressurgir antes da ressurreição geral dos justos.

9.12 *Restaurará*. A obra de restauração do culto a Deus foi realizada por Elias principalmente no monte Carmelo. João Batista, como Elias, veio reiniciar uma total restauração, obra essa que Jesus veio consumir. Não se trata, pois, da pessoa de João Batista, que veio no espírito e com o propósito reformador de Elias, quem levaria a cabo a completa restauração do mundo amaldiçoado pelo pecado, mas sim, da pessoa de Jesus Cristo, o qual, através da Sua obra redentora e de Seu julgamento de toda a terra (cf. o Apocalipse todo), restaurará *todas as coisas* (Ef 1.7-10).

9.17 *Possessa* A ação de demônios que invadem e dominam o sistema nervoso, a consciência sensorial, a sede da vontade do indivíduo, que, enfim, possuem o corpo físico do homem que é por eles controlado, criou um desafio singular para Jesus.

9.18 *Não puderam*. A falta de poder, dá parte dos discípulos ao tentarem expulsar o inimigo espirituais é expirada por Jesus na base de incredulidade (cf. Mt 17.14-2.1n). Essa carência de fé não impediu os discípulos de esperarem que o demônio lhes obedecesse, como, aliás, acontecera outrora (cf. 6.13). Jesus informa-os que expelir "esta casta" não seria possível sem um profundo contato com o onipotente Deus em constante oração (v. 29). Essa falta de fé desonrou publicamente a Cristo. *Definhando*. "Ficando rígido".

9.22 *Se tu podes!* - palavras que exprimem espanta e reprovação. • **N. Hom.** Tudo é possível ao que crê: 1) A Fé verdadeira mergulha o homem fraco no Deus Todo-Poderoso; 2) A Fé verdadeira submete-se à vontade de Deus libertando das garras do egoísmo humano a quem ora; 3) A Fé verdadeira elimina as barreiras espirituais na vida (cf. Tg 1.5-8).

9.25,26 *Nunca mais tornes*. O poder majestoso de Cristo não apenas expelle o demônio, mas continua mantendo Sua autoridade sobre o espírito imundo. *Muitos*. O grego pode, *também*, ser traduzido como "todos".

9.29 *Jejum*. Esta palavra, provavelmente, não faz parte do texto original de Marcos, tendo sido acrescentado por um copista da antigüidade. Não é de asceticismo que o discípulo necessita mas da dependência total de Deus. A lição principal de Mc 9:1-29 é que nem a presença visível de Cristo, nem a invisível, tem importância, mas apenas a fé expressa em oração.

9.30 Jesus passou secretamente pela Galiléia, porque queria preparar Seus discípulos para a maior crise de suas vidas (v. 31ss). Acontecimentos recentes (8.32ss; 9.18 etc.) revelaram a imaturidade destes.

9.31 *Entregue*. Gr *paradidontai*, trair, entregar uma pessoa, transmitir alguma tradição, etc. Judas entregara Jesus ao Sinédrio, este por sua vez, a Pilatos, e este último aos soldados. Por detrás disso tudo, se vê o amor do Pai que entregou Seu amado Filho ao mundo (At 2.23; Rm 4.25; 8.32).

9.33-37 Jesus condena a toda e qualquer ambição pessoal. O serviço, tal como o de cuidar de uma criancinha (v. 37), revela o verdadeiro espírito de Cristo que todo pastor, ou líder eclesiástico, deve mostrar.

9.37 *Criança*. Pode se referir a uma criança cristã ou a um cristão recentemente convertido (Lc 9.47n).

9.38-40 *Proibimos*. Jesus desaprova o sectarismo, Devemos manter a comunhão com todo cristão que foi regenerado pelo Espírito de Deus. Mt 12.30n assegura a veemente impossibilidade de sermos neutros, quando frente ao desafio do senhorio de Cristo.

9.41 A unidade da igreja nem sempre será encontrada em plena concordância com as doutrinas, mas, muitas vezes, no serviço humilde de amor (Mt 25.34-46), Cf. Mt 18.8-10n; Lc 17.1n. *Pequeninos crentes*. Podem ambos ser: os novos convertidos e os fracos na fé (Rm 14; 1 Co 8 e 9).

9.42 *Grande pedra*. lit. "pedra de asno", muito maior do que aquela puxada à mão. Tão grande é o amor de Deus para com Seus filhos que o suicídio seria melhor atitude, do que alguém provocar o afastamento de um deles, da fé salvadora.

9.43 *Inferno*. Gr *geenna*, termo só usado nos evangelhos e Tg 3.6. Cf. Mt 5.22n. No v. 42, o perigo é de provocar a perdição de outrem; aqui, o perigo em vista é do próprio cristão tropeçar. Nenhum sacrifício seria grande demais para se assegurar da salvação, ainda que sacrifícios, em si mesmos, não tenham nenhum valor. *Inextinguível*. Gr *asbestos*. Mt 18.8 traz a palavra "eterno" (gr *aiōnas*).

9.44,46 Estes vv. não constam nos melhores manuscritos.

9.49 *Salgado com fogo*. Lv 2.13 (cf. Ez 43.24) fala da exigência de se pôr sal nos sacrifícios. Todo crente deve ser um sacrifício para Deus (Rm 12.1). No lugar do sal, ele será provado e purificado com à fogo de julgamento ou da perseguição no mundo (1 Co 3.13; 1 Pe 1.7; 4.12)

9.50 *O sal*. Era essencial à vida nesses tempos, sendo o único meio de preservar a, certos alimentos, tais como a carne, o peixe, etc.; é comparado à convicção do cristão que não se envergonha de Cristo, nem de Sua mensagem (8.35, 38).

10.1 Os caps. 1-9 relatam o ministério de Jesus na Galiléia. Os caps. 10-15 focalizam outra parte da missão de Jesus, já na Judéia.

10.2 *Experimentaram*. Provam a Jesus, talvez, com o intuito de denunciá-lo, *Repudiar*. Cf. Mt 19.3-12n.

10.3 Tanto Jesus como todo judeu convicto reconheceram a autoridade da Bíblia. Cristo não nega o ensino de Dt 24.1, mas expõe o significado real da lei. Os fariseus falharam, não distinguindo entre a vontade absoluta de Deus e Sua permissão que levava em conta a pecaminosidade dos homens. O divórcio jamais contou com a aprovação de Deus, a não ser como o menor entre dois males.

10.5 *Dureza... coração*. Gr *sklerokardia*, termo bíblico não usado em sentido secular. Denota a persistente rebelião do homem contra Deus.

10.8 *Uma só carne*. Trata-se, aqui, da formação, de um novo tipo de relação familiar (cf. Gn 29.14), onde. o amor e a vida conjugal são exclusivos (cf. Ef 5.30ss).

10.9 A santidade do casamento fez parte da intenção divina na criação.

10.11 *Comete adultério*. Aquele que deixar sua mulher para se casar com outra, Por meio, apenas, desta passagem bíblica, ainda não podemos saber se Jesus admitiria um novo casamento, no caso de infidelidade da parte do outro cônjuge (cf. Mt 19.3-12n). *Contra aquela*. Jesus invalida o ensino rabínico que não previa o adultério contra a própria esposa.

10.14 A maior bênção é aquela que conduz crianças a Cristo.

10.15 Só aquele que receber o reino de Deus como um dom gracioso poderá gozar dos seus privilégios (cf. Ef 2.8, 9).

10.17,18 Bom Mestre. Cf. Lc 18.19n. Só Deus é bom, no sentido absoluto. Seu amor e generosidade não têm limites. *Vida eterna.* Não vida sem fim apenas mas a que tem a qualidade que Deus dá.

10.21 Só uma coisa. Jesus mostra-se interessado apenas com o motivo da piedade - o amor a Deus acima de todas as coisas - o primeiro mandamento.

10.23 Dificilmente. O espírito de auto-suficiência firmado nas riquezas, de tal modo domina o homem rico, que o convite de Deus pouco o atrai.

10.24 A frase entre colchetes não consta nos melhores manuscritos.

10.25,26 Não existe evidência decisiva que demonstre que o fundo de uma agulha realmente significasse uma diminuta porta do muro de Jerusalém, A comparação ressalta uma impossibilidade. *Entrar... no reino de Deus* significa ser salvo (v. 26). *Maravilhados.* Os judeus olhavam para as riquezas ganhas honestamente como um sinal da bênção de Deus. Se os ricos, que têm "todas" as vantagens que poderiam propiciar a seus corações agradarem a Deus, perecem, quem, então, poderia se salvar?

10.27 Jesus lembra-lhes que somente pela onipotência de Deus é que o pecador se salva (cf. Jó 42.2; Zc 8.6). De fato, se a salvação não fosse de graça, ninguém seria capaz e ganhá-la (Jo 3.3-6).

10.28 Deixamos. O verbo gr está no aoristo, tipo de ação que revela uma decisão definitiva. *Seguimos.* O gr, aqui, no tempo perfeito, indica uma decisão tomada no passado, cujos efeitos ainda estão de pé. Ninguém se sacrifica pouco nem demasiado para se tornar cristão; Cristo requer tudo de todos.

10.29 Amor. Se a renúncia não for motivada por um grande amor a Cristo e ao evangelho (necessário à sua divulgação) nada vale (1 Co 13.1-3).

10.30 Cêntuplo. A fraternidade produzida pelo evangelho tornará todos os cristãos em uma grande família

(cf. At 2.44-47; 4.32-35; Rm 16.13). *Com perseguições.* juntamente com as imensas e aprazíveis vantagens, virá o sofrimento que amoldará o discípulo à imagem de Cristo.

10.31 O julgamento final terá muitas surpresas. Neste aviso contra o orgulho, lembramos de Judas, o discípulo, e Paulo, o perseguidor, que trocaram de posição, mesmo, nesta vida.

10.32-34 Comparando-se esta predição com as anteriores, encontramos vários detalhes, todos cumpridos nos últimos dias do ministério terreno de Cristo.

10.35 *Tiago e João.* Cf. Mt 20.20-28n.

10.37 Direito... esquerda. É notável a ironia; quem acabou ocupando estas posições, na hora do triunfo de Cristo na cruz foram dois ladrões (15.27).

10.38 Cálice... batismo. O cálice pode representar sofrimento ou bênção. O batismo também pode significar sofrer a ira de Deus (Sl 69.15). Em Sl 23.5; 75.8; Is 51.17, etc., o cálice significam a experiência que Deus dá aos homens. Mc, 14.36 e Lc 12.50 mostram que Jesus, aqui, fala de Sua morte.

10.39 Podemos. Só no sentido mais lato da palavra é que os discípulos podem morrer e sofrer como Cristo o fez (cf. At 12.2 e Ap 1.9).

10.42 Seu domínio (gr *katakuriouō*, "dominar como senhor"). Só Cristo é Senhor de Sua igreja. Ninguém que se nega a compartilhar da humildade de Seu espírito é digno de servi-LO.

10.43 Sirva. Gr *diakonos*, serviço voluntário com interesse voltado para os outros.

10.44 Servo. Gr *doulos*, serviço obrigatório. Pertencemos à comunidade, e não a nós mesmos.

10.45 Filho do Homem. Cf. Lc 9.22n. Este título messiânico une-se aqui, com o do Servo Sofredor que Isaías prediz que morrerá "por muitos" (Is 53.11, 12). *Resgate.* Mt 20.28n.

10.46,47 Bartimeu. Cf. Mt 20.29-34n. A menção do nome indica que este homem foi conhecido, na Igreja. *Filho de Davi.* Cf. Lc 18.38, 39n; Is 11.1.

10.48 *O repreendiam.* Lc 18.40n. Nota-se a grandeza do coração de Jesus em 9.38; 10.13, 14, 1 Lc 9.51-56; Jo 4.27. • **N. Hom.** Cristo, a fonte da Vista. Como o cego Bartimeu, o pecador precisa: 1) Ouvir (v. 47), já que não vê (cf. 2 Co 4.4; Rm 10.1ss); 2) Clamar (Rm 10.13) o que mostra a sua fé; 3) Perceber sua miséria (apelando para a compaixão de Cristo, cf. Lc 18.9-14); 4) Crer em Jesus como Rei e Salvador (cf. Jo 20.31); 5) Ir Ter com Jesus (cf. Lc 15.20); 6) Seguir a Cristo (cf. 10.21).

10.1-11 Cf. notas em Mt 21.1-9 e Lc 19.29-40.

11.2 *Ide à aldeia.* Deve ser a de Betfagé. *Achareis, preso...* Não sabemos se Jesus tratara, anteriormente, este assunto com o dono do jumentinho ou não. Pode se tratar, por outro lado, de mais um caso em que Jesus mostra Sua presciência. *Ninguém montou.* Para cumprir Zc 9.9 e pelo fato que o uso real ou sagrado exigia que o artigo não fosse usado (cf. Nm 19.2; Dt 21.3).

11.3 *O Senhor.* É estranho encontrarmos este título para Jesus nesta altura (pode ser uma reverência ao dono). Se é Jesus quem está em evidência, logo, afirma-se aqui, que Ele tem autoridade e direitos sobre quaisquer coisas, acima mesmo que o próprio dono humano,

11.7 *Suas vestes.* Serviram de sela para o jumentinho. *Jesus o montou.* Os profetas do AT ensinaram por intermédio de ações dramáticas (cf. Jr 19; Ez 4.1-3). A entrada triunfal, a purificação do templo (vv. 15-19) e a ceia do Senhor (14.22-26) são ações dessa natureza. Jesus, aqui, se apresenta como o Messias que vem se oferecendo em paz, sem armas e sem exército (Zc 9.9; cf. Lc 19.39n).

11.9 *Hosana.* Esta palavra pode ser entendida como um grito de louvor, ou então uma petição a Deus para a Salvação deste Messias (cf. Mt 21.9n), palavra esta que figurava entre as expressões de boas-vindas proferidas pelos sacerdotes aos peregrinos que vinham a Jerusalém por ocasião da Páscoa.

11.10 Este verso indica que os peregrinos creram que Jesus era o Messias.

11.11 *Tendo observado tudo.* Jesus preparou-se para o conflito final.

11.12-14; 20,21 O agente da criação (cf. Jo 1-3) torna-se o seu juiz. Não podemos fugir à conclusão de que este milagre serviu de um dramático recurso didático (cf. 7n) que destacou a decepção de Cristo com Israel (comparada a uma figueira); veja o incidente da purificação contado logo em seguida. "O que aconteceu no Templo e a atitude de Jesus com respeito à figueira explicam-se mutuamente" (Schlatter). Jesus que dá exemplo de perfeita harmonia entre Suas palavras e Seus atos, condena a religião teórica que negligencia a prática.

11.15 *Entrando ele no templo.* Cf. Mt 3.1ss. Jesus revela-se como o sumo Sacerdote responsável pelo templo. *Vendiam e compravam.* Somente animais comprados dentro da área do templo, a preços exorbitantes, diga-se de passagem, recebiam o visto de "sem defeito", que os sacrifícios exigiam.

1.17 *Todas as nações.* Cf. Is 56.7 que Jesus cita, aqui. Não menciona os sacrifícios porque Ele mesmo, na cruz, uniria judeu e gentio no novo templo, o Seu corpo, a Igreja (Jo 2.19, 21 n).

11.18 A indignação dos sacerdotes é compreensível, uma vez que foram eles e seus chefes, Anás e Caifás, que embolsavam o lucro do comércio no templo. *Temiam.* Jesus condenara o templo à destruição (cf. 13.2).

11.21 *Figueira...* secou. Cf. vv. 12-14n, Lc 13.6-9.

11.22 *Fé em Deus.* O objeto da fé é sempre a pessoa de Deus. Mesmo a fé em Jesus Cristo é fé em Deus, que O enviou e declarou ser Seu Filho pleno em poder (cf. Jo 5.24; Rm 1.4; Fp 2.9).

11.23 *Monte.* Cf. Mt 17.20, Lc 17.6n, No pensamento judaico da época, remover montes significava resolver problemas, especialmente em questões de interpretação da lei. Quem ora com verdadeira fé não enfrenta dificuldades insuperáveis, *Não duvidar.* Cf. Tg 1.6; 2.4.

• **N. Hom. 11.25** Exigências da oração: 1) Fé em Deus - não em nós mesmos (v. 22); 2) Fé superior às dúvidas (v. 23); 3) Petição - "tudo... pedirdes" (cf. Tg 4.3); 4) Perdão para todos os que nos ofenderam (cf. Mt 6.12, 14; 1 Pe 3.7).

11.26 Este versículo não aparece nos melhores manuscritos gregos (cf. 6.15).

11.28 *Autoridade*. Seria Jesus um profeta ou o próprio Messias? (Cf. Jo 1.19-22).

11.29-33 Jesus mostra que a rejeição da comissão divina de João implica numa rejeição dEle mesmo. Isto também pode-se afirmar com respeito ao testemunha acerca de Cristo no AT.

11.31 *Acreditastes*. (Gr *pisteuō*). Crer, no caso, seria seguir a mensagem de João.

11.33 *Não sabemos... Nem eu tampouco vos digo*. Jesus esconde a verdade daqueles que não se submetem honestamente a Ele.

12.1 *Falar-lhes*. Continuam a ouvi-lo os líderes de 11.27ss. A parábola dos "maus lavradores" aponta para os homens que desconfiam da autoridade divina de Jesus. "Plantou vinha", "cercou", "sede", "construiu um lagar", "edificou", "torre", todas estas palavras vêm citadas da versão grega (LXX) de Is 5.1, 2.

12.2 *Servo*. Gr *doulos*, "escravo". Aqui, aponta para um profeta de Jeová, do AT, obediente e submisso (cf. Jr 7.25ss; Am 3.7; Zc 1.4).

12.6 *Restava-lhe ainda um*. A ênfase de NT recai sobre a incomparabilidade de Cristo (Hb 1.1, 2). (Quem rejeitar o Filho fica destituído de qualquer esperança de aceitação da parte de Deus. Amado, Significa "único", como na versão LXX de Gn 22.2).

12.7 *Ora, vamos, matemo-lo*. As mesmas palavras de Gn 37.2 usadas na LXX.

12.8 *Fora do vinha*. Cf. Hb 12.11-13 e notas.

12.9 *Dono*. Gr *kurios*, "Senhor". Indica que Jesus será o juiz (14.62; At 17.31)., Quanto àquilo que o dono fará, veja Mt 21.41, onde os ouvintes concordam com a justiça desse juiz divino.

12.10,11 Este trecho é citado, palavra por palavra, *ipsis litteris*, conforme a versão LXX do Sl 118.22, 23. *Principal pedra*. Provavelmente a pedra que ajunta e completa o edifício (cf. At 4.11; 1 Pe 2.7, 8n). A mensagem não deixa de ficar clara. Deus permitirá o assassinio de Seu Filho único, somente para, em seguida, O exaltar como Senhor e Juiz sobre pecadores rebeldes (cf. Fp 2.6-11).

12.13 *Herodianos*. Partidários de Herodes Antipas, rei da Galiléia.

12.14 *És verdadeiro*. Jesus não se deixa levar por nenhuma influência ou suborno. A honestidade de Jesus essa reconhecida mesmo pelos judeus. Sobre os vv. 14-17, veja Mt 22.15-22 e notas.

12.17 *Daí a César*. O NT apresenta os seguintes princípios relativos ao Estado: 1) O Estado existe dentro da vontade de Deus (Rm 13.1-7); 2) Quem recebe benefícios do Estado fica obrigado a cumprir as responsabilidades por ele exigidas; 3) O limite dessa responsabilidade não ultrapassa a vontade de Deus claramente gravada na consciência e expressa na Bíblia (cf. At 4.19).

12.18-23 *Os saduceus*. O partido aristocrata dos sacerdotes, rico e proeminente na política que, na época era subordinada aos romanos. Limitando-se à aceitação apenas dos escritos de Moisés, negaram a ressurreição e os anjos (cf. At 23.6-8). Sobre a pergunta dos saduceus, veja Mt 22.23-33 e Lc 20.7-40n.

12.24 *Não conhecerdes*. I.e., "não entenderdes". As pressuposições dos saduceus incapacitaram-nos de entender a Palavra de Deus. *As Escrituras*. O AT como um todo, não apenas o Pentateuco.

12.25 *Como as anjos*. A vida celestial está totalmente fora do alcance da compreensão e até mesmo da imaginação humana. Os saduceus negaram a existência dos anjos.

12.26 Neste verso, o Senhor confirma a inspiração e a historicidade de Êx 3. *Eu sou...* Os propósitos do Criador e Fonte da vida não podem ser vencidos pela morte (cf. Sl 73.2, 3ss). Seria um absurdo Deus declarar que Ele é (no presente) o Deus dos mortos, i.e., dos não existentes. Sendo Deus dos vivos, Ele garante a ressurreição.

12.28 *Escribas*. Eram fariseus, eruditos na lei, criadores e transmissores da interpretação tradicional dos mandamentos de Deus (3.22n). *Principal*. Os fariseus reconheciam 613 mandamentos bíblicos, mas havia muita divergência de conceitos acerca de mandamentos "pesados" e "leves".

12.29,30 *Ouve, ó Israel...* Esta citação de Dt 6.4ss, o credo do judeu piedoso, era, por mero costume, repetido diariamente. A unidade do Deus único (fato que nega o politeísmo) implica no Seu absoluto direito sobre toda a Criação em geral, e sobre o homem em particular, • **N. Hom.** Amar a Deus exige: 1) *Todo o teu coração* - a sede dos sentimentos e da motivação; 2) *Todo a tua alma* - a vitalidade e o tempo integrais; 3) *Todo o teu entendimento* - a inteligência; 4) *Toda a tua força* - a vontade e o esforço. Agostinho proclamou: "Ama a Deus e faz o que queres", porque o amor a Deus purifica as intenções.

12.31 O primeiro e o segundo mandamentos não podem se separar (1 Jo 4.20).

12.33 *Amor ao próximo... mesmo*. É fato conhecido da psicologia, que quem não valoriza a si mesmo não pode valorizar ao seu próximo. Mas esse amor a nós mesmos pode ser egoísta; por isso devemos negar-nos a nós mesmos para podermos ser amados (8.34).

12.36,37 *Pelo Espírito*. Cristo confirma a autoria davídica e a inspiração do salmo 110. *Senhor ao meu Senhor*. O primeiro "senhor" traduz a palavra *Yahweh*, enquanto o segundo, o termo *Adonai* (lit. "meu senhor"), ambos do AT. Destaca-se, aqui, a impossibilidade de acontecer que um filho apenas humano seja senhor do seu pai. Davi declara, assim, que Cristo é divino.

12.38 Jesus adverte severamente contra o perigo da vaidade espiritual (cf. Mt 23.7; Jo 5.44). *Vestes talares*. Mt 23.5; Nm 15.38.

12.42 *Pequenos moedas*. Gr *lepta* "finas". Valiam 1/16 de um denário. *Quadrante*. Um quarto de um as, moeda do oeste do império, de pouco valor. • **N. Hom.** A pequena oferta da viúva: 1) Do ponto de vista humano; a) era desnecessária; b) sem valor; c) presunçosa, porque a viúva, então, dependia totalmente de Deus; 2) Do ponto de vista de Jesus: a) era mui grande - bem maior do que a riqueza dos ricos; b) boa, porque glorificou a Deus. O Senhor valoriza, sim, o amor sacrificial, e não a quantia da oferta.

13.1 Este capítulo que se inicia, chamado por alguns de "o pequeno Apocalipse", recebe uma boa ampliação em Mt 24 e Lc 21 e no Apocalipse. Isto se deve ao fato que as verdades aqui reveladas não nos foram dadas para responder a todas as perguntas acerca do futuro, mas para encorajar os crentes a, resistir ao mal, ficar firmes na perseguição e esperar sempre em Cristo. *Que pedras*. O Templo reconstruído por Herodes, o grande, (que começou com 19 a.C.) era uma das maravilhas do mundo antigo. Foi destruído por Tito e os romanos, no ano 70 d.C., antes mesmo de ser concluído (cf. 14.58; 15.29; Jo 2.19; Mt 23.38). Essa destruição cria uma situação propícia para o cumprimento das outras profecias relativas aos antecedentes da segunda vinda de Cristo.

13.3 *André*. Irmão de Pedro, aparece no círculo mais chegado a Cristo.

13.4 *Todas elas*. O complexo de eventos relacionados com a destruição do templo e de Jerusalém (2).

13.5 Os sinais apresentados por Jesus não têm a finalidade de nos fornecer um calendário detalhado de todos os eventos que deverão culminar com Sua vinda. Cristo, aliás, adverte contra falsos sinais.

13.6 *Em meu nome*. Pretendendo ocupar o lugar do Messias prometido, alguns reivindicarão os títulos *Jawheh* "eu sou", ou talvez "eu sou o Cristo".

13.7,8 O Senhor está bastante interessado em não deixar que as dificuldades, principalmente as políticas e as econômicas, impeçam a obra de evangelização. O *fim*. O ponto final da história e da Criação, divinamente predestinado (Rm 8.22; Hb 12.26). *Princípio dos dores*, são os sofrimentos que antecedem a vinda de Cristo. Os falsos mestres, a perversão dos ambientes político, social e físico no mundo anteciparão Sua vinda.

13.9-13 Perseguições aguardam àqueles que se lançam à proclamação do evangelho em todo o mundo (v. 10). *Tribunais e às sinagogas*. Referem-se especificamente à perseguição e ao júri judaicos (cf. At 8.1; 9.1, etc.). *Governadores e reis*. Esta expressão revela que até mesmo grandes autoridades gentílicas ouvirão o evangelho de Jesus Cristo.

13.10 *Todas as nações*. Gr *ethne* "gentios", "nações". Os gentios, ouvirão o evangelho, e não apenas os judeus (cf. Ap 7). Não há, entretanto, a mínima, indicação relativa à eficiência da pregação, nenhuma sugestão de que o mundo se tornará cada vez mais cristão.

13.13 *Perseverar... salvo*. Não da perseguição mas do juízo divino.

13.14-20 As predições de 14-20 são interpretadas em Lc 21 referentes aos eventos de 66-70 d.C. *Abominável...* "O ídolo que profana", cf. Dn 9.27; 11.31; 12.11. Pode ser que se refira (cf. Lc 21.20) aos ídolos do imperador que profanaram o templo em 70 d.C. ou a uma futura profanação da Igreja (o Templo de Deus, 1 Pe 2.5) nas perseguições do anticristo (cf. 2 Ts 2.4ss e notas).

13.20 *Eleitos*. Neste contexto, devem ser, com certeza, os crentes judeus que fugiram da mortandade que praticaram os anti-semitas em Jerusalém.

3.22 *Enganar*. Satanás, o pai da mentira, lutará cada vez mais para iludir os eleitos, antes do fim do seu domínio (cf. Jo 8.44; 1 Jo 2.26, 27),

13.24-26 A ênfase, aqui, focaliza claramente a segunda vinda do Senhor (cf. Dn 7.13). As predições anteriores são sombras do evento climático do fim. *O sol escurecerá*. Cf. Is 13.10; 24.4; Am 8.9. Esta linguagem pode ser figurada. *Filho... nuvens*. Citado de Dn 7.73 (cf. Ap 1.7). O clímax da história será a volta do Servo rejeitado agora, publicamente manifestado como Rei do universo.

13.28 *Figueira*, Por causa da expressão, "e todas as árvores", em Lc 21.29, não devemos entender a "figueira" como a nação de Israel.

13.30 *Esta geração*. O cumprimento das profecias relativas à destruição de Jerusalém foi visto pela geração contemporânea de Jesus. Ademais, por mais que demore a volta de Cristo, sabemos que os crentes que morreram não desaparecerão; aguardarão seguros pelo dia de Sua vinda e pela ressurreição dos justos.

13.32 Ao crente não é oferecida a capacidade de saber, de antemão, o dia da volta de Cristo. Deve estar sempre pronto e vigilante.

• **N. Hom. 13.33-37** Vigiai, 1) Por quê? - a) o tempo é incerto, e b) há o perigo de dormirmos, 2) Como? - a) esperando Sua breve chegada; b) estar sempre pronto para se encontrar com Ele; c) viver de tal modo que não importo quando ele venha (v. 35; 1 Jo 3.9).

13.34 *Dá autoridade*. Os dons do Espírito capacitam todo crente sincero a servir ao seu Senhor (cf. 1 Co 12; Rm 12; 1 Pe 4.10s). *Porteiro*. Cf. o "mordomo" de Lc 12.42; Está em vista, aqui, o líder da Igreja.

13.37 *Vigiai*. Nesta única palavra, incluem-se todas as obrigações que o discípulo de Cristo deve cumprir, até que chegue a Sua volta.

14.1,2 *Páscoa*. Josefo informa-nos que até três milhões de judeus podiam assistir a esta festa principal:(cf. Êx 12). *Pães Asmos*. A festa judaica, que durava oito dias após a Páscoa (8.1 Sn). *Durante a festa*. o grego do original indica "no meio da multidão".

14.3 *Uma mulher*. De Jo 12.3, sabemos que era Maria, irmã de Marta e Lázaro. *Quebrando*. Não ouve maneira de recuperar-se nem mesmo o restante que costuma ficar no fundo dos recipientes. *Cabeça*. Em Jo 12.3 frisa-se a unção dos pés de Jesus.

14.5 *Trezentos denários*. O valor de um ano de trabalho.

14.6 *Boa*. Gr *kalon* indica uma ação "bela", porque era apropriada, cheia de amor generoso e desinteresse. Indica uma fé genuína.

14.7 *Pobres sempre...* Jesus prevê que, até Ele voltar, haverá homens dependentes da bondade do próximo, os quais oferecerão a este último, oportunidade, campo para

fazerem o bem. • **N. Hom.** A boa ação: 1) É valiosa, preciosíssima (v. 3); 2) É total quebrando o alabastro; 3) É motivada pelo amor (v. 8); 4) É um exemplo para todos (v. 9).

14.8 Antecipou-se. Possivelmente Maria entendeu o propósito da vinda de Cristo ao mundo como Servo sofredor (Cf. Is 53).

14.10 Judas. Motivado pela avareza, trai ao seu Mestre. Maria, motivada pelo amor, oferece o preciosíssimo perfume (v. 3).

14.12 Primeiro dia. Era 14 de Nisã (corresponde a abril, época de nossa Páscoa). O cordeiro era sacrificado à tarde (c. 15 h) e comido por pelo menos 10 pessoas, entre o pôr-do-sol e a meia-noite.

14.13 Dois... Pedro e João (Lc 22.8). *Homem... cântaro.* Normalmente, só as mulheres carregavam cântaros. Jesus quis manter secreto o local.

14.14 Meu aposento. Jesus tinha leito os arranjos anteriormente.

14.15 Cenáculo. As maiores casas dos judeus tinham salas no primeiro andar, cujo acesso era permitido por meio de uma escada exterior. *Preparativos.* Barclay fornece essa lista: 1) O cordeiro pascal, lembrando a proteção contra o anjo da morte no Egito (Êx 12); 2) Os pães asmos sem levedura, lembrando a urgência da saída do Egito; 3) Água salgada, lembrando as lágrimas do Egito e as águas do mar Vermelho; 4) Ervas amargas, lembrando a amargura da escravidão; 5) Uma sopa de frutas, lembrando a obrigação de fazer tijolos; 6) Quatro copos de vinho, lembrando as quatro promessas de Êx 6.6, 7.

14.18 Estavam à mesa. O gr diz "reclinavam à mesa", pois que deviam reclinar, até mesmo os mais pobres, porque isto simbolizava a liberdade do israelita.

14.19 Sou eu? Em gr espera-se resposta negativa.

14.20 No prato. Isto é, sopa de frutas (*charosheth*). Cf. 15n. Jesus adverte Judas (v. 21) sem revelar a todos os outros discípulos que este seria o traidor.

14.22 Tomou Jesus um pão... A ceia do Senhor é uma celebração dramática do evento da redenção, (cf. Jr 27.28; 10, 11; Ez 4.1-8) como a Páscoa judaica.

14.24 Aliança, Cf. Êx 24.3-8, onde percebemos que a velha Aliança dependia dos israelitas guardarem a lei. A nova Aliança não depende das obras da lei mas do sacrifício de Cristo (cf. Rm 4.23-31). *Favor de muitos.* I.e., todos os que pela fé aceitassem para si o sacrifício expiatório de Cristo.

14.25 Jesus consagra-se para a morte pelo Seu voto de nazireu (cf. Nm 6.1 -21), enquanto prediz a Sua ressurreição. Ele novamente se reúne com Seus discípulos em dias de festa (cf. At 1.4; 10.41). Provavelmente, a ceia do Senhor teve seu protótipo nesta oportunidade.

14.26 Um hino. Um dos salmos (114-118 ou 136), cantado antes das duas orações finais de celebração da Páscoa.

14.28 Irei adiante. Cristo, após Sua ressurreição, restabelecerá Seu rebanho de ovelhas desgarradas pelo escândalo da Sua morte cruciante.

14.32 Getsêmani, "Prensa de azeite". Jesus sabia que Judas iria ao jardim e vai para lá entregar-se à morte.

14.33 Jesus levou os discípulos mais chegados, desejoso de companhia e conforto destes. Anos depois, eles escreviam tudo o que ali se passou. *Tomado de pavor e angústia.* Jesus anteviu claramente toda a agonia física e espiritual à Sua frente, um conflito horrível mas decisivo com o príncipe deste mundo (cf. Jo 12.31; 14.30), se bem que, Ele não temesse, e mais do que isso, viu chegado o momento fatal em que a penalidade, tão pesada, de todos os pecados do mundo, seria colocada sobre Suas costas (cf. Is 53.10).

14.34 Vigiai. A oração alerta, urgente e relevante é o único caminho seguro para vencer a tentação (cf. 1 Pe 5.8ss).

14.36 Aba. "Meu pai"; em aramaico (cf. Rm 8.15; Gl 4.6). Jesus nunca duvidou de Sua eterna relação para com Seu Pai, nem sequer no Getsêmani. *Cálice* (cf. 10.38n).

14.38 *O espírito.* Interpreta-se como a vontade esclarecida de um discípulo, ou então, podia ser o espírito de Deus que encoraja o homem fraco a fazer a vontade de Deus, • **N. Hom.** Vigiai e Orai: 1) Vigiar requer: a) que se conheça o inimigo e sua estratégia (cf. 2 Co, 2.11); b) que se arme de toda a armadura de Deus (cf. Ef;6.11-18); c) que fiquemos acordados cf. Ef 5.14-16;1 Ts 5.6-10); 2) Orar requer: a) fé firme e confiança total postas em Deus (cf. 1 Jo 5.14-15); b) certeza dos propósitos de Deus comunicados para nós pelo Seu Espírito (cf. Rm 8.16; Ef 6.18; Jd 20).

14.43 *Turba.* Era um bando composto de guardas do templo comandados por ordem do Sinédrio juntamente com os servos (escravos) do sumo sacerdote.

14.45 *O beijou.* O sinal que marcaria Jesus na escuridão.

14.47 Pedro feriu ao servo (cf. Jo 18.10) e Jesus o curou (cf. Lc 22.51).

14.48 Este v pode ser tanto uma afirmação como uma pergunta. Jesus protesta a maneira que O prenderam não era bandido, mas mestre.

14.49 *Todos os dias.* Ternos aqui uma sugestão confirmando que o ministério de Jesus em Jerusalém foi mais amplo do que Marcos relata. Só João nos fornece dados mais completos sobre a atividade de Jesus na Judéia.

14.50 O abandono vergonhoso de Jesus por parte dos discípulos adverte a futuros crentes da urgência de vigiar e orar para não escaparem de Sua presença.

14.51 *Um jovem.* Teria sido o próprio Marcos (cf. At 12.12, 25; 13.13; 15.37-39; Cl 4.10; 2 Tm 4.11). Possivelmente, Judas e a turba foram primeiro à casa de Marcos (local do cenáculo, vv. 14ss) para prender a Jesus. Marcos, acordado depressa, sem tempo para vestir, os teria acompanhado até o jardim. Quase foi preso, nessa ocasião.

14.53 *Sumo sacerdote.* Caifás permaneceu nesse ofício desde o ano 18 até 36 d.C.

14.55-65 É provável que tenhamos, aqui, um relatório do procedimento que houve no Sinédrio, por parte de um dos líderes que ali estivera e que mais tarde se tornou crente em Cristo (cf. At 6.7).

14.55 Perfeita concordância entre duas ou três testemunhas era exigida para a condenação à morte (cf. Nm 25.30; Dt 17.6; 19.15).

14.58 A acusação tem base numa falsa compreensão da predição de Jesus em Jo 2.19. Cf. Mc 15.29.

14.61 *És tu o Cristo...* O sumo sacerdote queria que Jesus condenasse a Si próprio. *O Filho de Deus...* Segundo a opinião comum dos judeus, o Messias não seria divino. Jesus reivindicava sua plena divindade (v. 62).

14.62 *Filho do Homem.* Cf. Dn 7.13 e Sl 110.1. O Filho do Homem, que agora é julgado por homens iníquos, virá para julgar após Seu reinado à destra de Deus (cf. At 2.34-36).

14.63,64 *Rasgou...* Era uma reação violenta e dramática que retratava um grande escândalo, diante da suposta blasfêmia de Jesus. *Réu de morte.* A opinião dos estudiosos é que o Sinédrio tinha direitos para julgar e condenar à morte por apedrejamento (como o caso de Estêvão, At 7.59); pelo menos os casos de cunho religioso.

14.66-72 Estes vv. procedem, diretamente, das palavras de Pedro, principal fonte de informações deste evangelho de Marcos. Não esqueçamos que, ainda que Pedro tivesse negado a Cristo, foi ele quem ainda teve coragem de seguir a Jesus até à corte de Caifás e ali ficar durante longas horas. A história de sua negação é contada em todos, os evangelhos para mostrar a graça perdoadora do Senhor desprezado,

14.71 Pedro amaldiçoa a si mesmo (mentindo de si para si) e aos que o acusavam de mentir.

14.72 *O galo.* Pode ser o *gallicinium*, certo toque entoado por trombeta nas vigílias da noite. Essas horas, então, seriam as três da madrugada.

15.1 *Todo o Sinédrio.* A sugestão de muitos é que a reunião do Sinédrio a qual ocorrera durante a noite foi informal. De manhã, todo aquele tribunal oficializou a decisão dos poucos que, já desde então, estavam unidos.

15.2,3 Pilatos. Foi procurador (governador apontado diretamente pelo imperador Tibério) da Palestina entre 26 e 36 d.C. *Rei dos Judeus*. Esta teria sido a acusação formal, apresentada contra Jesus, por escrito, a Pilatos. *Muitas coisas*. Foram acusações feitas oralmente.

15.5 *Não respondeu*. Cf. Is 53.7. *Pilatos muito se admirar*. Cf. Is 52.15.

15.7 *Um, chamado Barrabás*. O gr indica que ele tinha outro nome. Alguns manuscritos de Mt 27.16ss revelam que esse nome era "Jesus". A omissão do nome "Jesus" explica-se pela reverência a Cristo.

15.8 A multidão. Provavelmente os amigos do "Jesus" (Salvador) Barrabás, interessados em aproveitar a oferta tradicional da parte do governador, de soltar um preso anualmente.

15.11 *De preferência Barrabás*. • **N. Hom.** A preferência do pecador. 1) Quer a violência no lugar do amor de Deus; 2) Quer a guerra no lugar da paz. 3) Quer a anarquia no lugar da lei de Deus.

15.15 *Açoitar*. Um castigo horrível, no qual foi empregado um açoite de uma comprida faixa de couro com pedaços de ossos ou chumbo.

15.16 *Palácio*. gr *aulas*, "pátio". A mesma palavra ocorre em 14.54. *Pretório* (vocábulo do latim). Residência do governador. Pilatos poderia ter ficado alojado na fortaleza de Antônia, bem na esquina ao lado noroeste da área do templo, ou no palácio de Herodes. *Destacamento*. At 10.1n.

15.17-20 O escárnio dos soldados era natural, em vista de eles não conhecerem de quem se tratava. *Púrpura*. Era uma capa escarlate usada pelos militares (Mt 27.28).

15.21 *Simão... pai de Alexandre e Rufo*. Este último é o Rufo de Rm 16.13. Possivelmente Simão é Níger ("negro"), o mesmo de Cirene (norte da África) de At 13.1.

15.23 *Vinho com mirra*. Era costume judaico, amenizar, através de entorpecentes, os sofrimentos do crucificado. Jesus o rejeitou.

15.24,25 *Crucificaram*. Forma de execução reservada para escravos e elementos da mais baixa classe social. *Terceiro*. Nove horas da manhã.

15.26 *Acusação*. O motivo oficial da morte de Jesus foi Ele se ter feito Messias, i.e., segundo os judeus era pretendente ao trono da Judéia.

15.29 *Destróis o santuário*. Cf. 14.58n e Jo2.19n.

15.31 *Salvou os outros*. Curou doentes, libertou endemoninhados e ressuscitou mortos. Naquele momento, não pôde salvar-se porque não queria desistir de Sua, missão expiatória que abriria uma fonte de salvação para os pecadores (Zc 13.1; Mc 10.45; Rm 5.8).

15.32 *Israel*. Nome de todo o povo de Deus (cf. Gl 6.16); Pilatos usou o termo "judeus" (v. 26). *Vejamos e creiamos*. A verdadeira fé salvadora não se alicerça em maravilhas visíveis, mas na convicção criada pelo Espírito Santo (cf. Jo 20.29).

15.34 *Eloí...* Citado do Sl 22.1 no aramaico. Ainda que isto seja paradoxal, reconhecemos que Jesus Se identificou com nossos pecados (cf. 2 Co 5.21; Gl 3.13), de modo que Cristo sofreu, por nós, a inevitável separação entre Deus, e o pecado.

15.35 *Elias*. Tradicionalmente, o judeu, pedia socorro a Elias porque ele foi elevado à presença de Deus.

15.37 *Grande brado*. De Jo 19.30, sabemos que Jesus bradou uma palavra (assim é, no grego) "consumado". Foi o grito de triunfo.

15.38 *Véu do santuário*. Era o véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos (cf. Hb 6.19; 9.3; 10.20). • **N. Hom.** O véu uma vez rasgado, proporciona ao crente: 1) Acesso ao perdão no propiciatório (cf. Ef 1.7); 2) Acesso à comunhão da oração (cf. 1 Ts 5.17; Fp 4.6); 3) Acesso à presença gloriosa que transforma a quem a contempla (Êx 34.29; Jo 17.22; 2 Co 3.18).

15.39 *Centurião*. Este homem ficou profundamente impressionado com a maneira pela qual Jesus morreu (inclusive com o brado, v. 37). Se ele professou, ou não,

conscientemente, sua fé cristã (cf. 1.1) Isto não sabemos. *Filho de Deus*. Pelo texto original grego podemos subentender o artigo "o" antes de Filho.

15.40 Mulheres. A menção nominal de algumas, "entre as muitas outras" (v. 41 é importante porque foram elas as principais testemunhas da ressurreição (47; 16.1), *Tiago, o menor*. Era filho de Alfeu. *José* é desconhecido, *Salomé* era mãe de João e Tiago, esposa de Zebedeu (Mt 27.56).

15.42 Jesus morreu na sexta-feira, às três horas da tarde (v. 34). Restavam apenas três horas para começar o sábado, no qual o trabalho era vedado.

15.43 É possível que as informações sobre o processo que abriram contra Jesus, no Sinédrio, chegaram, até Marcos, por intermédio de José. *Arimatéia*. Ramataim (cf. 1 Sm 1.1), 30 km a noroeste de Jerusalém. *Esperava o reino*. Mt diz que era "discípulo". José guardou em segredo sua fé, até ser abalado pelo choque da morte de Jesus, que lhe despertou, então, muita coragem.

15.44 Admirou-se. Normalmente, demorava muito mais para morrer.

16.1 *Passado o sábado*. Não houve tempo suficiente para preparar o corpo de Jesus para o sepultamento costumeiro. Chegado o domingo, não haveria problema além de abrir o túmulo (v. 4).

16.5 *Um jovem*. Era um anjo, que estava manifestando-se visivelmente (cf. Mt 28.5).

16.6 *Ele ressuscitou*. No gr, o verbo está na voz passiva. "Foi ressuscitado" frisa o poder soberano do Deus Pai (cf. At 3.15; Rm 4.24).

16.7 *Galiléia*. Jesus foi para a Galiléia a fim de se manifestar a muitos de Seus discípulos (cf. 14.28; Mt 28.9s, 16ss; 1 Co 15.6). *E a Pedro*. Jesus restaura aquele discípulo que caiu em estado de desânimo, após tê-lo negado.

16.8 *Temor e de assombro*. Trata-se de temor religioso sentido na presença de Deus (cf. 4.41) e não dos homens (Jo 20.19). *Nada disseram*. I.e., até depois da ascensão e a vinda do Espírito (cf. At 1 e 2).

16.9-20 Este trecho não consta em alguns dos melhores manuscritos da antigüidade. Há, também, indicações de que não foi escrito por Marcos. Se Marcos não foi o autor, não se sabe quem teria composto estes vv. baseando-se em Mt 28.9-10; Jo 20.11-18; Lc 24.13-35; Mt 28.16-20; Lc 24.36-49; Jo 20.19-23; At 1.6-8. Apesar disso, porém, ainda não é decisiva a hipótese da não inspiração do trecho. O motivo, por outro lado, é claro: dar uma conclusão adequada ao evangelho que talvez tivesse sido mutilada e perdida, com o passar do tempo.

16.9 *Apareceu... Maria*. Cf. Jo 20.11-18. Sugere-se a seguinte ordem dos aparecimentos de Jesus: 1) A Maria Madalena; 2) Às mulheres (Mt 28.8-10); 3) A Pedro (Lc 24.34; 1 Co 15.5); 4) Aos dois discípulos (Lc 24.13-32); 5) Aos discípulos, durante uma ausência de Tomé (Lc 24.36-43; Jo 20; 19-25); 6) No domingo seguinte, aos onze (Jo 20.26-31); 7) A sete discípulos, no mar da Galiléia (Jo 21); 8) Aos apóstolos e mais 500 irmãos (Mt 28.16-20; 1 Co 15.6); 9) A Tiago, irmão de Jesus (1 Co 15.7); 10) Antes da ascensão (Lc 24.44-53; At 1.3-12).

16.12 *Outra forma*. A Maria, Jesus apareceu como se fosse semelhante ao jardineiro. Aos discípulos que estavam caminhando para Emaús, pareceu um viajante (Lc 24.16).

16.17 *Novas línguas*. É um sinal da chegada de uma nova época (cf. 2 Co 5.17).

16.18 *Pegarão em serpentes*. Cf. At 28.3-6. Falta exemplo de alguém beber veneno e sobreviver no NT.

16.19 *Assentou-se...* Trata-se, não da posição de Seu corpo, mas da majestade do Seu império (Calvino, cf. Sl 110.1; Mc 14.62).

16.20 *Sinais*. Hb 2.4; Rm 15.19, etc.

O Evangelho Segundo Lucas

Análise

O grande tema do Evangelho de Lucas é: Jesus Cristo é o Salvador Divino. Desde o início tudo é focalizado em torno desse fato supremo. Até mesmo antes do Seu nascimento, o anjo, como mensageiro de Deus, ordenou a Maria chamá-lo de Jesus (que significa "o Senhor salva". 1.31). Aos pastores, o anjo trouxe "boa nova de grande alegria" (2.10) que anunciava que na cidade de Davi nascera "o Salvador, que é Cristo, o Senhor" (2.11). E no primeiro anúncio público que, Jesus fez referente à Sua missão, ensinou explicitamente que Ele é o Salvador divino de quem falam as Escrituras do Antigo Testamento (4.17-21).

Desde esse instante vemos como Jesus se revelou como Redentor divino que veio para salvar os que, se haviam perdido. Ele salva do poder dos espíritos malignos (4.33-36), da enfermidade severa (4.38-40), da lepra (5.12, 13), e até mesmo do poder e das conseqüências do pecado (5.20-26). Lucas ilustra ainda que Jesus, na qualidade de Salvador Todo-Poderoso, tem o poder e autoridade divina de ressuscitar aos mortos (7.12-17). Sendo um com o Deus Pai. Ele igualmente possui poder sobre a natureza para salvar Seus discípulos da tempestade ameaçadora (8.22-25), e para salvar da fome as multidões (9.11-17).

Depois que Jesus se revelou como o Salvador Todo-Poderoso, e depois que os apóstolos confessaram-no como o Cristo (9.18-20), nosso Senhor começou a ensinar aos Seus seguidores que, a fim de ser seu divino Salvador, Ele teria de: sofrer e morrer (9.22).

As palavras de Jesus, em 19.10, "o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido", cristalizam a maravilhosa mensagem do evangelho de Lucas.

Lucas demonstra que Jesus veio como Salvador em sentido universal - para as pessoas de todas as idades e condições: para os judeus (1.13, 2.10), para os samaritanos (9.51-56), para os pagãos (2.32; 3.6, 38), para os publicanos, pecadores e desprezados (7.37-50), bem como para as pessoas respeitáveis (7.36), para os pobres (1.53) e também para os ricos (19.2; 23.50).

Ao mesmo tempo, nosso Senhor exortou urgentemente os Seus ouvintes, esclarecendo que embora tivesse vindo para salvar e não para destruir, todos aqueles que se recusassem a ser salvos por Ele atrairiam um terrível sofrimento contra si mesmos (19.27, 41-44).

O evangelho de Lucas proclama: as boas novas de que Jesus não apenas afirmou ser o Salvador divino, mas que Ele se revelou como o Redentor Todo-Poderoso que é o Filho unigênito do Pai. Através da ressurreição e da ascensão (24.50-53), Ele finalmente comprovou a veracidade de Suas afirmações e o caráter genuíno de Sua auto-revelação como o Salvador do mundo, enviado, aprovado e equipado por Deus (4.17-21; 10.22).

Autor

Não pode haver dúvidas de que a tradição está correta quando assevera que Lucas, o médico amado (Cl 4.14), é o autor deste evangelho. Na qualidade de companheiro de Paulo (Fm 24; 2 Tm 4.11; Cl 4.10-14; At 1.1; 20.5-21.17; 27.2-28.16), Lucas teve muitos contatos pessoais com os apóstolos e outras testemunhas do relato evangélico. Isso, juntamente com seu treinamento cultural helenístico, sua capacidade intelectual e seu contato íntimo com homens como Marcos (que igualmente escreveu um evangelho), capacitou-o a escrever um completo, belo e digno evangelho. Provavelmente escreveu seu evangelho entre os anos de 64 e 70 d.C. Pouco depois, também escreveu o livro de Atos.

Esboço

PREFÁCIO DO EVANGELHO, 1.1-4

PREPARAÇÃO PARA A MISSÃO DO SALVADOR, 1.5-4.13

Nascimento do Precursor do Salvador, 1.5-80

Nascimento e Infância do Salvador do Mundo, 2.1-52

O Caminho do Salvador Preparado pelo Precursor, 3.1-20
 Batismo, Genealogia e Tentação do Salvador, 3.21-4.13
 O MINISTÉRIO GALILEU DE JESUS, 4.14-9.50
 Declaração de Jesus de que Ele É o Salvador Enviado por Deus, 4.14-32
 Revelação de Sua Autoridade Divina, 4.33-5.26
 Papel de Jesus Como Salvador dos Pecadores, 5.27-32
 Inauguração de uma Nova Ordem pelo Salvador, 5.33-6.49
 Revelação de Seu poder Ilimitado, 7.1-8.56
 Revelação de Sua Autoridade Divina, 9.1-27
 Revelação da Glória Divina do Salvador, 9.28-50
 VIAGEM DA GALILÉIA PARA JERUSALÉM, 9.51-19.44
 Missão de Redenção do Salvador, 9.51-10.37
 Avisos de Cristo a Inimigos e Seguidores, 11.14-14.35
 O Salvador dos Perdidos, 15.1-32
 Mandamentos do Salvador a Seus Seguidores, 16.1-17.10
 A Ingratidão de Nove Leprosos Curados pelo Salvador, 17.11-19
 Predição de Seu Súbito Retorno, 17.20-18.14
 O Salvador, as Criancinhas e o Jovem Rico, 18.15-30
 Quase no Fim da Jornada, 18.31-19.44
 OS ÚLTIMOS DIAS DO SALVADOR EM JERUSALÉM, SUA CRUCIFICAÇÃO E SEPULTAMENTO, 19.45-23.56
 Segunda Purificação do Templo: Silenciando Seus Inimigos, 19.45-21.4
 Anúncio da Vindoura Destruição de Jerusalém, 21.5-24
 Sua Volta Será em Glória e Majestade, 21.25-36
 Judas Compactua a Traição de Jesus, 21.37-22.6
 A Instituição da Santa Comunhão, 22.7-38
 A Expição do Pecado do Mundo pelo Salvador, 22.39-23.56
 A RESSURREIÇÃO, AS APARIÇÕES DO SENHOR RESSURRETO E A SUA ASCENÇÃO, 24.1-53
 O Triunfo do Salvador sobre a Morte, 24.1-35
 Dúvidas Desfeitas de Seus Seguidores, 24.36-49
 A Volta do Salvador ao Pai, em Triunfo, 24.50-53

1.1 *Muitos*. Não se sabe quem são; provavelmente um deles seria Marcos. Outras fontes se perderam. A inspiração dos autores bíblicos não nega o uso de fontes informativas; o que ele garante é a infalibilidade e a veracidade da narrativa.

1.2 *Testemunhas oculares*. Refere-se aos apóstolos (cf. Jo 21.24; At 10.39; 1 Jo 1.1-3). Lucas, humilde e honestamente, admite que não foi um deles. Mesmo assim, ele trata de fatos realizados entre *nós*, i.e., dos quais tinha perfeita certeza por contato pessoal. • **N. Hom.** "Ministros, da Palavra" são os que: 1) testificam de fatos por conhecimento pessoal (conversão, v. 1); 2) Transmitem, anunciando esses fatos (evangelização, v. 2); é 3) Garantem a certeza da verdade desses fatos para seus ouvintes (At 2.32),

1.3 *Sua origem*. Contrasta-se com Marcos que começa com o ministério público de Jesus. *Teófilo*. O adjetivo "excelentíssimo" indica que se trata de uma pessoa realmente de alta posição oficial (cf. At 23.26). Este título de honra não aparece em Atos 1.1, levando alguns a deduzir que Teófilo se convertera.

1.4 *Pleno certeza*. A única base para a fé cristã encontra-se nos fatos acontecidos e revelados a nós na Bíblia. *Foste instruído*. Indica seu interesse no evangelho.

1.6 *Preceitos e Mandamentos*. A justiça de Zacarias e Isabel era interior "diante de Deus", e exterior "irrepreensivelmente"

1.9 Queimar o incenso. Houve muitos sacerdotes que tiveram este privilégio apenas uma vez na vida.

1.10 Orando. Três vezes ao dia os judeus reuniam-se para orar, duas delas coincidindo, com as ofertas do incenso da manhã e da tarde.

1.13 Tua oração foi ouvida. Possivelmente a petição pela vinda do Messias, de quem João seria o precursor.

1.15,16 Será grande... A predição do anjo indica que a grandeza de João seria destacada pelas qualidades de profeta, precursor do senhor, nazireu (cf. Nm 6.3) e sacerdote. A plenitude continua do espírito Santo, o capacitaria a converter *muitos*, preparando, assim, um povo para a vinda do Messias (cf. At 19,4). João cumpriu tanto MI 3.1; 4-5, 6, como Is 4.3, 4 (cf. Lc 7.24-35).

1.17 Elias. Comparando-se João com Elias, vemos que não há outras duas pessoas com maior semelhança, na Bíblia (cf. Mt 11.14).

1.18 Compare Abraão e Sara em Gn 15-18. João e Isaque são semelhantes, como filhos da velhice de seus pais.

1.19 Gabriel (lit. "homem de Deus"). É o anjo que traz boas novas da parte de Deus (cf. este v. e v. 26, com Dn 8.16; 9.21).

1.20 Ficarás mudo. Em sua incredulidade, Zacarias pediu um sinal (v. 18), que Deus concedeu, mas que também não foi motivo de alegria.

1.21 Admirava-se. Antes da morte de Cristo, todo homem, ao entrar na presença santa de Deus, arriscava a própria vida (cf. 2 Sm 6.7).

1.22 Não lhes podia falar. Era costume, ao saírem do templo, os, sacerdotes pronunciarem a benção sacerdotal de Nm 6.24-26.

1.24 Ocultou-se. Isabel queria, talvez, meditar e glorificar ao Senhor, em preparação para a importantíssima tarefa de criar seu filho.

1.25 Opróbrio. A esterilidade, para os judeus, era sinal de desfavor da parte de Deus e um opróbrio, aos olhos dos homens (Gn 16.2; 30.23).

1.27 Desposado significava uma promessa inviolável. A infidelidade era punida com a morte (cf. Dt 22.23, 24). *Casa de Davi.* Os v. 32 e 69 dão a entender que Maria era descendente de Davi; 2.4 afirma que José também o era.

1.28 Favorecida. Não "cheia de graça" para poder conceder mérito a outros, mas "favorecida", porque Deus estava com ela.

1.31 Jesus. Variante de Oséias e Josué, que significa "Jeová é Salvador".

1.32 Grande. Cf. v. 15, Jesus seria infinitamente maior como Filho de Deus.

1.33 Ele reinará para sempre. Cf. Hb 1.8. O reino de Cristo se manifestou na ressurreição (cf. Rm 1.3, 4; Fp 2.9-11) e será absorvido pelo reino de Deus (cf. 1 Co 15.24-28).

1.34 Maria não duvida como Zacarias; só deseja saber como acontecerá.

1.35 Filho de Deus. Não foi o nascimento virginal de Jesus que fez dele o Filho de Deus. Este foi o meio pelo qual o filho preexistente, revelou Sua Deidade (cf. Jo 1.1,14; Fp 2.6).

• **N. Hom. 1.37,38** A promessa Divina e a Reação Humana adequada. Para Deus nenhuma palavra é impossível, porque: 1) Quem fala é Deus, onipotente por definição (Gn 18.14); 2) Ele não pode mentir (Mi 5.17, 18; Hb 6.18; e 3) Sua Palavra cumpre-se por si mesma (Is 55.11). A resposta de Maria está certa: "Eis a escrava (gr *doule*) do Senhor".

1.41 Possuído do Espírito Santo. A ênfase de Lucas sobre o Espírito é notável, não só no evangelho mas também em Atos (53 vezes nos dois livros). É pelo Espírito que Isabel reconheceu Maria como mãe do Redentor (43) e é só pelo Espírito Santo que o pecador pode conhecer a Cristo como seu, Senhor (Jo 16.8, 9).

1.46 Engrandece. Donde vem o nome, deste cântico de Maria, o Magnificat, (46-55) da versão latina. Tem numerosos paralelos no AT (cf. 1 Sm 2.1-10 e diversos outros).

1.47 Meu Salvador. Esta frase confirma que Maria era pecadora.

1.48 Humildade. é uma referência à posição humilde que ela ocupava na sociedade (cf. 1 Sm 1.11). *Bem-aventurado.* Gr *makariosin*, "reconhecer felicidade". Isabel fez uma felicitação a Maria (42), porém é pecaminoso o louvor dado a Maria, pois este pertence somente a Deus (cf. 11.27, 28).

1.50 Temem. Palavra que descreve a piedade no AT (cf. Sl 111.10). É o humilde reconhecimento do poder sobrenatural de Deus ao alcance do homem, especialmente em milagres (v. 65; 5.26; 7.16). O temor é necessário para o crente na santificação (cf. 2 Co 7.1; 1 Pe 1.17).

1.51-53 Maria, usando uma forma de expressão profética, refere-se às maravilhas que a vinda do Messias chegaria a produzir (cf. Tg 5.1-6).

1.53 Encheu de bens. Pode significar tanto bênçãos espirituais (Ef 1.3) como materiais (compare a oração de Ana, 1 Sm 2.5).

1.54 Seu servo. Gr *paidos*, "servo, filho"; os filhos de Deus são *tekna* ou *huioi*. Além de Israel, Davi e Cristo são "servos" de Deus (69; cf. At 3.13, 26; 4.25, 27, 30). Israel como o Servo de Jeová, retira-se de cena e cede lugar ao Messias mas maravilhosas profecias do verdadeiro Servo (cf. Is 41.8, 9; 42.11-44.1, 2, 21; 45.4).

1.58 misericórdia. Aqui e em 54, 55 significa o favor de Deus que traz alegria.

1.63 Tabuinha. Nos tempos antigos usava-se um pedacinho de madeira coberta de cera e um buril para escrever notas. *João.* A importância de nomes destaca-se em toda a Bíblia. No começo da Nova Dispensação, notamos Zacarias, "Deus lembra-se de Sua aliança" (cf. 54); Isabel, "Deus é fiel"; e João, "Deus é misericordioso". (Mt 3.1n).

1.64 Abriu. O sinal punitivo foi removido com o cumprimento da profecia. Foi uma bênção, é evidente, pois Zacarias louvara ao Senhor.

1.68 O cântico de Zacarias é conhecido como o "Benedictus", da palavra introdutória do latim. Cheia do *Espírito Santo* (v. 67). indica a natureza profética do cântico.

1.69 Poderosa. lit. "chifre de boi", o símbolo da força. Cf. Sl 18.1-3; 92.10, 11; 132.17, 18. *Davi.* É uma referência ao nascimento de Jesus, e não ao de João.

1.70 O famoso estudioso da Bíblia, Dr. Edersheim, apresenta uma lista de 400 profecias messiânicas no AT.

1.71 A primeira vista, parece que a Libertação trazida por Cristo seria nacional e política, mas o resto do cântico, e o NT todo apresentam-na em sentido espiritual.

• **N. Hom. 1.74,75** A perpétua e Verdadeira Adoração (cf. Jo 4.24) só é possível: 1) Dentro da *Santa Aliança* (v. 72), que é Cristo crucificado (22-20); 2) Livre do poder e do *temor* do diabo (cf. 2 Co 4.3-5; Cl 1.13); 3.) Na *santidade* de uma vida transformada (1 Ts 3.13); e 4) Em *justiça*, o vestido novo que o Cristo ressurreto nos oferece, (cf. 1 Co 1.30; Rm 4.25; Mt 22.11).

1.76 Profeta. O principal mistério de João era testificar de Cristo (cf. Jo 1.7, 29, 32-36). O maior ministério do crente, também, é ser testemunha de Cristo (At 1.8). João preparou os caminhos da primeira vinda, enquanto nós apressamos a segunda (2 Pe 3.11, 12).

1.78 Como o Sol nascente desvanece as trevas, Cristo removerá o poder e a culpa do pecado. Ele conquistou o império do diabo, e, inclusive, a própria morte (Rm 5.12-21).

1.80 Viveu nos desertos, cerca de trinta anos. Alguns estudiosos pensam que João teve contato com os essênios (talvez de Cunrã), por causa da semelhança de terminologia na sua pregação e rolos do mar Morto,

2.1 Naqueles dias. Isto é, 6-5 a.C. Augusto reinou de 27 a.C. - 14 d.C.

2.2 Primeiro. Não é legítimo negar este alistamento simplesmente porque fontes seculares não o mencionam. At 5.37 refere-se ao segundo, que Josefo também menciona. Quirino foi governador entre a palmeira década a.C. e 6-9 d.C.

2.4 Belém. Uns 10 km ao sul de Jerusalém. Davi nasceu ali, cerca de 1.000 anos antes.

2.6 Ainda que celebre o Natal em dezembro, a data do nascimento de Jesus é desconhecida. É mais provável que tenha sido na primavera (maio-junho).

2.7 Enfaixou-o. Era costume, usar tiras de pano para agasalhar os recém-nascidos (cf. 12).

• **N. Hom. 2.10,11** O verdadeiro sentido do Natal é alcançado quando: 1) Jesus torna-se meu Salvador pessoal; 2) Cristo (heb *Messias*, "ungido", Mc1.1n) é meu Rei; e 3) É meu Senhor, o que quer dizer que Ele, Jesus, exerce todo o domínio sobre mim (cf. Rm 10.9).

2.14 A pessoa e a obra redentora de Cristo neste mundo, significam uma maior glorificação de Deus no céu (cf. 17.4, 5) e paz divina para os habitantes da terra (cf. Rm 5.1, 2).

2.21 Os vv. 21-40 assinalam a íntima relação que o Filho de Deus teve com a Velha Aliança. Nasceu e cresceu "sob a lei para resgatar os que estavam sob a lei" (Gl 4.4, 5).

2.23 *Consagrado*. Só Jesus cumpriu perfeitamente esta consagração; numa separação para o serviço e agrado do Pai (cf. 49; Hb 10.7 com Rm 12.1).

2.24 *Sacrifício*. Seu motivo era a remoção da penalidade da morte que jazia sobre todo primogênito (Êx 12 e 13). Cristo, na sua morte, tomou sobre Si esta penalidade (cf. Is 53.6; 2 Co 5.21), tornando-se assim "primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8.29). *Um por de rolas*. Jesus foi criado numa família pobre (Lv 12.8).

2.25 *A consolação*. Isto é, a vinda do Messias, que traria a salvação.

• **N. Hom. 2.25-27** O Tríplice Ministério do Espírito Santo: 1) *Estava sobre ele* (25) indica a graça preveniente que leva o homem a buscar a Deus (Jo 16.8); 2) *Revela a Cristo* (26), indicando a obra saltadora do Espírito (Jo 3.5; Rm 8.9); e 3) *Movido pelo Espírito* (27) indica Sua ação na santificação do crente (Rm 8.14).

2.28-30 *Despedir em paz*. Todo aquele que tem uma fé viva e real em Cristo pode, morrer em paz (cf. 1 Jo 1.1 com Gn 15.15).

2.31,32 *Todos os povos... luz para revelação aos gentios*, é um tema importante e freqüente no NT. Promete que todo o mundo terá oportunidade de conhecer o evangelho (Mt 24.14; Mc 13.10; cf. Ap 7.9).

2.34 *Ruína*. Gr *ptōsis*, lit. "desmoronamento da casa". *Levantamento*. A vinda de Cristo, inevitavelmente, causa divisão e julga entre aqueles que amam a Luz e aqueles que amam as trevas (Jo 3.19), e entre o ladrão arrependido e o blasfemo (Lc 23.39-43).

2.35 *Espada*. A terrível é profunda aflição que Maria sofreria ao ver à rejeição e crucificação de Jesus. *Manifestem*. Diante do Cristo revelado, uma secreta opinião neutra é impossível.

2.36-38 *Profetisa*. Como Miriã, Débora, Hulda e as filhas de Filipe. Ana era uma mulher que, além de piedosa, era divinamente inspirada para revelar a sabedoria de Deus.

2.39 *Voltaram para a Galiléia*. Lucas não menciona a visita dos magos em Belém, nem a jornada ao Egito (Mt 2.1-13).

2.40 O crescimento de Jesus foi um desenvolvimento humano, mas perfeito nos sentidos físico, mental, moral e espiritual. Pela primeira vez, uma criança realizava o ideal da humanidade (Plummer).

2.41 *Anualmente*. Indica o profundo cuidado em cumprir as exigências da lei (cf. 39).

2.42 *Doze anos*. A idade em que o jovem judeu se tornava "filho da lei" e começava a cumprir suas exigências relacionadas com as festas, os jejuns, etc.

2.43 *Soubessem*. Maria e José estavam acostumados à perfeita obediência e responsabilidade de Jesus, de modo que não tomaram as precauções normais.

2.47 *Respostas*. A moda do tempo, a instrução consistia em o aluno levantar-se e responder a perguntas.

2.49 *Pai*. Jesus compreendeu aquilo que José e Maria não entenderam. Não deviam ter estranhado Sua dedicação aos propósitos e cuidados de Seu Pai todo-suficiente e poderoso.

2.52 Esta descrição afirma a perfeita humanidade de Jesus. *Crescia*. Passou pelos estágios de desenvolvimento, sendo sempre perfeito para a Sua idade. Viveu numa família de vários filhos. É provável que José morreu quando Jesus ainda era moço, deixando sobre ele a responsabilidade de sustentar a família como carpinteiro (Mc 6.3).

3.1 *Tibério*. Refere-se ao ano 26 ou 27 d.C. Pilatos exerceu a autoridade suprema de Roma na Judéia, entre 26 e 36 d.C., e Herodes (Antipas) na Galiléia, de 4 a.C. até 39 d.C.

3.2 Anãs. Sumo sacerdote de 6-15 d.C., teve influência predominante sobre *Caifás*, seu genro, compartilhando ambos do poder. *Veio a palavra de Deus*, depois de 400 anos sem um profeta oficial, João foi o último dos profetas da Velha Aliança.

3.3 Batismo de arrependimento. O batismo é o sinal público de mudança interna. O arrependimento precede o batismo, que o sela e relembra futuras obrigações. *Para remissão de pecados* viria na salvação (Cristo. cf. v. 6) de Deus, que seria oferecida a todo o mundo e, por fim, trará seu julgamento sobre os rebeldes (7).

3.7 Víboras: longe de serem filhos reais de Abraão (Rm 4.16), aos olhos de Deus, eram geração de serpentes venenosas (o diabo, cf. Jo 8.44).

• **N. Hom. 3.8** Frutos dignos do Arrependimento são: 1 O reconhecimento da responsabilidade pessoal (8); 2 A prontidão nas boas obras (9); 3 A partilha com os necessitados (11); 4 A honestidade (13); 5 A mansidão, a verdade, e o contentamento (cf. 1 Tm 6.6). *Pedras.* Um trocadilho hebraico com "filhos" (*banim*) e "pedras" (*abanim*), significando que Deus pode dar aos que carecem de dignidade humana; a mais alta posição com o Seu filho.

3.12 Publicanos. Os desprezados cobradores de impostos, normalmente fraudulentos e opressores (cf. Lc 19.2, 8).

3.14 Maltrateis. "Intimidar", "usar a força com o objetivo de extorquir ou roubar". *Denúncia.* Acusar com o propósito de roubar.

3.16 O ministério de João era o arauto que, na prática oriental, precedia ao monarca para exortar o povo a preparar os caminhos (cf. 4, 5). o arrependimento era a preparação para a vinda de Cristo, que daria nova vida (o Espírito) aos corações preparados (cf. Jo 3.3, 5). *Fogo.* O contexto (17) parece exigir o sentido de prova, de julgamento (cf. Lc 12.49-53; 1 Co 3.13).

3.17 Trigo... palha. Deus, em relação aos homens, sempre faz separação entre as que na humildade querem Sua graça, e os rebeldes que preferem o pecado e seu salário. *Inextinguível.* Gr *asbestõ*, um fogo que, pela sua fúria, não pode ser apagado.

3.19 Herodes. Antipas, filho de Herodes, o Grande, que matou as crianças de Belém.

3.21 Jesus foi batizado. Depois do povo, para manifestar Sua identificação com os pecadores arrependidos e assinalar Sua consagração à obra que Deus lhe entregara (Jo 17.4). Lucas destaca o ensino e a prática da oração por Jesus (5.16; 9.18, 28; 11.1; 22.41-46), o que não só provê um bom exemplo aos Seus discípulos, mas também confirma Sua humanidade (cf. Hb 4.15; 5.7).

3.22 Desceu sobre Ele. O Espírito veio em forma corpórea para que os presentes pudessem reconhecer a Jesus como o Messias (cf. Is 11.2, 3; 42.1) e para mostrar que estaria aberta a possibilidade de uma vida cheia do Espírito Santo (4.1, 14, etc.). *Tu é o meu Filho.* A Trindade está presente no batismo de Jesus e no dos crentes (Mt 28.19).

3.23 Filho de Heli. Pode-se explicar as diferenças entre Mt 1 e Lc 3, segundo Machen, se virmos em Mt a linhagem legal de Davi, e em Lc a natural. Mateus se interessa pelo Seu parentesco com Abraão, mas Lucas pela solidariedade para com toda a humanidade em Adão.

3.38 Filho de Deus. Tanto aqui, como em toda a genealogia, a palavra "filho" não aparece, no grego. Aqui seria, lit., "...de Adão de Deus".

4.2 Sendo tentado. Jesus suportou tentações em toda a Sua vida (v. 13), mas as três tentações, aqui, são especiais. Os ataques do diabo são contra o Messias, o cabeça da Nova Humanidade (cf. Cl 2.15). Ele foi tentado e venceu por nós (cf. Cl 2.15). Em contraste com Adão, o cabeça da velha humanidade, que caiu, ainda que vivendo em condições ideais, o Segundo Adão venceu o diabo em total fraqueza da carne (cf. 40 dias de jejum). Adão recebeu toda autoridade e glória do mundo (Gn 1.28-30), enquanto Jesus as recebeu através do sofrimento e da morte (Rm 1.4; Fp 2.9-11). Adão rebelou-se contra uma restrição; o Filho de Deus aceitou, de livre vontade, todas elas (cf. Gl 4.4; Fp 2.6-8).

• **N. Hom. 4.3-13** A tentação, sua natureza e como vencê-la. As três tentações de Jesus representam: 1) As da carne - a satisfação ilícita dos apetites, ou do "eu" (Gl 5.19-21), vencidas pela renúncia (cf. Rm 12.1; Cl 3.5-10, 1 Pe 2.11); 2) As do mundo - o apelo à glória ilícita ou à vaidade (cf. 1 Jo 2.15, 16), vencidas pelo repúdio e a fuga (cf. 1 Tm 6.11); 3) As do diabo - o desejo do poder ilícito, ou de ser igual a Deus (cf. Gn 3.5; Tg 4.12-15), vencidas pela resistência e a vigilância (1 Pe 5.8-9). Conclusão: o poder e as armas para o combate vêm do Espírito (1) e da Palavra de Deus (vv. 4, 8, 12).

4.4 *Não só de pão.* O contexto de Deuteronômio que Jesus cita, frisa a completa dependência do homem para com o Senhor. Sem Sua bênção, a fartura material de nada adianta.

4.6 Compare 1 Jo 5.19. A tentação era inaugurar o Reino sem a cruz.

4.9 *Se és Filho.* Deus acabara de declarar esse fato (3.22). O diabo ainda usa a artimanha de suscitar dúvidas a respeito da Palavra de Deus (Gn 3.1).

4.14 Aqui começa a seção que narra o ministério de Jesus na Galiléia, e que termina em 9.50, *Poder do Espírito* (cf. 5.17). A mesma palavra "poder", gr *dunamis*, aparece na promessa do Espírito em At 1.8, mas é traduzida como "milagres" em Lc 10,13; 19.37, etc., indicando que o poder sobrenatural de Deus é oferecido ao crente, pelo Espírito.

4.16 *Nazaré.* Jesus voltou para a Sua terra apenas duas vezes (cf. Mt 13.53-58 e 6.1-6). Em ambos os casos se destaca a incredulidade daqueles que O conheceram apenas como um carpinteiro. Era Seu costume assistir cultos na Sinagoga. *Ler.* Esta é a única referência à Sua capacidade de ler. Teria lido o trecho em hebraico, traduzindo-o para o aramaico, antes de pregar.

• **N. Hom. 4.18-21** Cristo, o Emancipador: 1) Dos pobres; através das riquezas das Boas Novas (Ef 1.3); 2) Dos cativos, através da libertação da Graça (Gl 5.1, 13); 3) Dos cegos, por meio da luz da vida (Jo 1.9; 8.12); 4) Dos oprimidos, através do Seu jugo, no qual Ele toma sobre si o nosso fardo (Mt 11.28-30; 1 Pe 5.7).

4.18 *Ungiu.* É uma possível referência ao Messias, que significa "ungido" (9.20n). A profecia foi cumprida no batismo (3.22).

4.19 *Aceitável.* Gr *dektos*, "bem recebido" (v. 24). O âmago do evangelho é que, agora, Deus convida todos os homens a virem a Ele (2 Co 6.2). Jesus deteve-se nesta frase referente ao primeiro advento: "...o dia da vingança..." (Is 61.2) só chegará quando Jesus voltar.

4.23 *Cura-te a ti mesmo.* "Mostra como melhoraste tua posição perante a sociedade e o mundo antes de falar a nós".

4.24-27 Jesus coloca-se a Si mesmo e a Seus ouvintes na mesma situação que prevaleceu no ministério de Elias e Eliseu. Eles foram, em grande parte, rejeitados por Israel. A fúria dos nazarenos foi suscitada pela equiparação deles àqueles judeus menos dignos do favor divino, do que os próprios gentios (cf. At 13.46, 50; Rim 11.11-15).

4.40 *Era ao pôr do sol* que o sábado terminava, possibilitando assim o transporte dos doentes sem se contrariar a lei mosaica. *Cada um.* Cristo nunca perde de vista o indivíduo, mesmo quando as massas o envolvem (42; 5.1; cf. 8.42-48). Cumpriu-se literalmente a profecia de Isaías citada nós vv. 18, 19.

4.41 *Não falassem.* Jesus nega aos demônios o direito de anunciá-lo, porque nada têm em comum com Ele. As testemunhas de Jesus devem ser puras.

4.43 *Reino de Deus.* Primeiramente, indica a ação de Deus em reinar e, depois, o governo divino, na sua operação salvadora de um lado e em ação judicial do outro. Evangelho do Reino. As boas novas que oferecem reconciliação e perdão pelo novo nascimento. *Também às outras cidades.* Quando a oportunidade de ouvir de Jesus é limitada a um grupo, contrariamos tanto o mandamento como a prática de Jesus (Mt 28.19, 20; Jo 3.16).

4.44 *Judéia.* Os melhores textos sustentam esta redação (cf. outras versões).

5.1 *Genesaré.* Mar da Galiléia, 21 km x 12 km e 220 m abaixo do nível do mar.

• **N. Hom. 5.4-11** Elementos na Formação de um Pescador de Homens: 1) Experiência do Poder de Cristo - o Mestre (vv. 5, 6); 2) Consciência do pecado e perdão (cf. Jó 42.5, 6; Is 6.5), diante da Sua santidade - Cristo Senhor e Salvador (8); 3) Decisão de seguir a Cristo sem temor.(v. 10; cf. Mt 4-19) - Cristo é Mestre, Senhor, Salvador e Amigo (Jo 15.14).

5.5 *Sob a tua palavra.* Contra todas as indicações (hora, desânimo), Pedro obedeceu a seu Mestre, gr *epistata*, "aquele com direito de mandar" (só aparece em Lc), confiando na ordem recebida.

5.7 *Irem o pique.* Gr *buthizesthai*, "afundar", empregado só aqui e em 1 Tm 6.9, onde descreve a descida para a perdição dos que desejam riquezas.

5.8 *Retira-te de mim.* É a reação imediata do pecador convicto diante da santidade de Deus (cf. Ap 6.1 6).

5.10 *Doravante...* Jesus chamou Seus discípulos enquanto estavam empenhados no trabalho árduo, não entre líderes religiosos desocupados. É digno de nota que Pedro é chamado duas vezes, após duas pescas maravilhosas - primeiro, para o discipulado; depois, para o apostolado (Jo 21.1-18).

5.11 *Deixando tudo.* É possível que, sendo chamado pela primeira vez (Mt 4.18-22), não seguiu com todo o seu tempo e dedicação. A lição da "Pesca Maravilhosa", para Pedro, seria a de que Cristo cuidaria de todas as necessidades pessoais e da família daquele que não temesse e cumprisse o mandamento do Senhor, de lançar redes para ganhar homens perdidos.

5.12 *Se quiseres.* O leproso aproxima-se de Jesus contrariando a lei (Lv 13). Vem em humildade e submissão, como todo pecador arrependido. A cura (como o perdão), é instantânea, quando Jesus toca no homem.

• **N. Hom. 5.18-26** Fé individual e coletiva. 1) A fé do paralítico reconhece, no pecado, a raiz do seu problema e obedece à ordem de Cristo (25); 2) os companheiros mostram fé no Senhor e amor ao incapacitado, o. que resulta numa ação persistente (19). 3) Cristo galardoa a fé, operando o milagre de perdão e cura. Conclusão: A oração com fé e o esforço para trazer os paralíticos do pecado a Jesus, serão eficazes.

5.20 *Estão perdoados.* A causa da doença no mundo é o pecado, se não individual (como aqui - cf. Jo 9.3), é, então, coletivo, da humanidade inteira.

5.21 *Escribas.* Eram "os mestres da lei" (v. 17). Eram os estudiosos dentre os fariseus, com autoridade para interpretar a lei e as tradições.

5.22 *Os pensamentos.* Deparamos com mais uma evidência que Jesus é divino, pela capacidade de conhecer plenamente os pensamentos de todos (cf. 2.24, 25). *Coração.* Quando não entregues ao Senhor, são logo levados a condenar a Sua bondade.

5.23 *Mais fácil.* Enquanto o perdão do pecado não pode ser verificado pelos homens, a restauração do doente é comprovada na hora.

5.24 *Autoridade.* É divina, gr *exousia* (cf. Mt 28.18). A autoridade e o título "Filho do Homem" são prerrogativas messiânicas (cf. Dn 7.13,14). A operação de milagres é uma prova da presença do Rei e do Reino na terra (10.9).

5.26 *Prodígios.* Os milagres de Jesus não têm o intuito principal de persuadir descrentes a crerem nele (Mc 8.12), são sinais e parábolas que revelam Deus e Sua vontade aos crentes.

5.27 *Levi.* Mateus, o autor do primeiro evangelho (cf. 9.9), era *publicano*, chefe dos fiscais de impostos a serviço do tetrarca Herodes, no caminho comercial entre Acre e Damasco (cf. Mc 2.13-20).

5.30 Enquanto os fariseus procuravam a salvação por meio da segregação, Jesus oferecia a graça de Deus na comunhão.

5.31 *Os são.* Um dos temas preponderantes nas parábolas sobre a salvação é: os que se julgam justos, separam-se da graça salvadora de Cristo (18.9-14).

5.35 *Tirado o noivo.* A primeira referência de Jesus à Sua morte. Naquela ocasião, a tristeza levaria os discípulos a jejuar. Tendo em vista que Cristo, por meio do Espírito

Santo, está com os Seus até o fim do mundo (Mt 28.20), jejum seria voluntário. É de grande valor quando acompanha a oração persistente em tempos de crise e necessidade (At 9.9; 13.2, 3; 14.23).

5.36 *Veste nova*. Como seria pura tolice estragar uma veste nova para mal remendar uma velha, o novo caminho da liberdade na salvação em Cristo não deve ser estragado com velhas cerimônias inúteis do judaísmo. Ainda que o NT esteja intimamente relacionado com o Velho, como seu cumprimento, não se pode confundir a sombra com a realidade

6.3 *Davi*. Nem Deus nem os fariseus condenavam Davi por esta transgressão. Davi foi orientado a agir assim, a fim de preservar sua vida para servir ao Senhor. O mesmo Senhor do Sábado tem o direito, como Autor do mandamento, de interpretá-lo e colocá-lo sob o controle de Sua vontade.

6.8 *Levanta-te*. Em contraste marcante com os que foram espiá-lo, Jesus age abertamente e sem temor. Aquele que segue a Cristo precisa ser sincero, franco e sem temor (Mt 5.34-37; Tiago 5.12).

6.9 *É lícito*. O dia do Senhor é consagrado por meio da prática de boas ações em favor dos outros.

6.11 *Ao que fariam a Jesus*. A religião, às vezes, transforma o lícito em transgressão e o ilícito (planejar a morte de um inocente) em lícito.

6.12 *Orar*. Para o Filho de Deus, a oração era perfeita comunhão. Jesus passou a noite orando em preparação para a escolha dos discípulos que formariam os alicerces da Igreja (Ef 2.20). Quanto mais imperativo seria para os imperfeitos filhos de Deus, buscarem eles a face do Senhor para conhecer e efetuar Sua vontade.

6.13 *Apóstolos*. O equivalente no aramaico, que Jesus falava era *Shaliah*, alguém que recebeu a comissão e autoridade explicitas daquele que o enviou, mas sem capacidade de transferir seus atributos para outro.

6.14 *Bartolomeu*. "Filho de Tolmai = Ptolomeu", era, provavelmente, outro nome de Natanael (cf. Jo 1.45).

6.15 *Zelote*. Membro do partido político dos zelotes, que não reconheciam a autoridade romana. É possível que este Simão esperasse que Jesus, como Messias, esmagasse Roma.

6.17 *Planura*. Este sermão parece ser distinto do Sermão da Montanha (Mt 5.1-7.29), ainda que os paralelos sejam muitos.

• **N. Hom. 6.20-23** O caminho da Felicidade: 1) A humildade que troca os bens mundanos pela herança incorruptível de Cristo (Fp 3.7, 8; 1 Pe 1.3-9); 2) A fome que valoriza o Pão do Céu bem mais do que o alimento físico (4.4; Jo 6.35); 3) O arrependimento que lamenta a pecado ao ponto de abandoná-lo (2 Tm 2.19), 4) A piedade que segue o exemplo de Cristo e que provoca o mesmo ódio que o crucificou (2 Tm 3.12). Conclusão: Todo sacrifício pela causa de Cristo terá seu galardão neste mundo (cf. é, verbo no tempo presente, e não "será", 20) como no mundo futuro.

6.24 *Aí*. Gr *ouoí*, sinal de dor ou desagrado, é o contrário de "bem-aventurança" (21-23). A riqueza, a fartura, o prazer e o louvor do mundo material (cf. 1 Jo 2.15-17) só poderão recompensar com desventura aqueles que o buscam (Tg 5.1-6).

6.27-45 Nestes vv., Cristo anuncia os princípios de santidade que governam Seus verdadeiros discípulos, no Reino, e condenarão os rebeldes no juízo final (Mt 21-23).

6.27 *Porém*. Ainda que seus inimigos mundanos sejam condenados (24-26), os que seguem a Cristo são obrigados a amá-los por meio de ações que os beneficiem, e da oração que porfia por ganhá-los para Cristo.

6.31 Este versículo áureo ensina que a base de todas as relações sociais deve ser o amor genuína (Gl 5.14; 1 Pe 1:22).

6.33 *Recompensa*., Gr *charis*, "graça"; o termo denota o favor imerecido de Deus, porque tanto a recompensa, gr *misthon*, "galardão, salário" (Mt 5.46), como a possibilidade de fazermos o bem, vêm de Deus.

6.35 *Sem esperar nenhuma pago.* Gr *apelpizontes*, "perder a esperança". A frase poderia significar: "emprestai, sem desconfiar de ninguém", por que Deus é o fiador do crente. Tudo o que é feito com um amor cristão altruísta, é um investimento garantido com juros, um grande galardão. *Sereis filhos.* Isto é, mostrareis o vosso parentesco divino (cf. Mt 5.9).

6.37 *Julgueis.* No sentido de censurar com o propósito de destruir a reputação e levar ao desprezo o caráter de outrem. O julgamento dos motivos e a vingança pertencem a Deus (Rm 12.19). O perdão, em vez de condenação, manifesta o verdadeiro amor em ação.

6.38 *Dai.* "Mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20.35), tanto para o necessitado, que recebe com gratidão, como para o doador que receberá bênçãos de Deus em medida transbordante.

6.39-42 Este parágrafo adverte contra os perigos de assumir a liderança espiritual (Tg 3.1). Só aquele que anda na luz de Cristo (Jo 8.12; 1 Jo 1.7) pode evitar os barrancos do erro e guiar a pecadores e imaturos, O *discípulo* não será mais santo nem estará mais certo que seu mestre, o pastor (40). Precisamos de severidade na autocrítica, mas de brandura no trato com os irmãos.

6.41 *Por que vês.* Gr *blepeis*, exprime atenção e observação prolongadas. A consideração cuidadosa das nossas falhas deve preceder à atenção às fraquezas dos outros.

6.43 *Árvore boa.* Jesus frisa a necessidade da conversão. Sem o novo nascimento pelo Espírito, o caráter não pode produzir uma vida agradável a Deus, nem pode conduzir outras a Ele (Jo 15.5, 16).

6.45 *Bom tesouro.* Quando nos lembramos das palavras inspiradas; "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupta" (Jr 17.9; cf. Rm 3.23), torna-se claro que Cristo se refere ao coração transformado pela presença do Espírito (Jo 3.5).

6.46 *Senhor.* Chamar alguém de Senhor, no gr *kurios*, mas não se submeter a Ele em obediência, seria uma total contradição.

• **N. Hom. 6.47-49** A casa forte: A. Dois períodos: 1) Agora, construímos a casa eterna, a) lançando o alicerce da fé em Cristo (1 Co 3.11), b) levantando a casa, - pondo em prática Seus mandamentos (Jo 15.14); 2) No futuro, a) virá a enchente da oposição e o rio do juízo final); b) então as escolhas presentes terão conseqüências eternas. B. Dois homens: 1) o sábio que atende e obedece, à Palavra de Deus; 2) O insensato que escuta mas não obedece. Conclusão: Só o sábio constrói uma "casa forte".

7.1 *Suas Palavras.* Nunca houve outro, senão Jesus, que promulgasse um padrão tão alto para governar o pensamento e a ação do homem em relação a Deus e ao seu próximo.

• **N. Hom. 7.8,9** A fé que opera Milagres: os elementos da fé do centurião eram: 1) Profunda humildade e 2) Absoluta confiança no poder de Cristo sobre todas as forças invisíveis que flagelam a humanidade. Como a presença do chefe não é necessária para se executar uma ordem, Cristo, que é superior a todas as criaturas, poderia com maior facilidade ordenar e realizar milagres a distância. *Fé como esta*, que não demanda a presença corporal de Jesus, é que torna a oração eficaz (Tg 5.15-18). Lucas relata o incidente para nos lembrar que a fé do gentio é aceitável a Jesus.

7.11 *Naim.* Ficava a três quilômetros a oeste de En-Dot, cerca de um dia, a pé, de Cafarnaum.

7.13 *Senhor.* Gr *kurios*. Jesus é descrito como aquele que, de fato, tem o poder de banir a morte e a tristeza (cf. 1 Co 15.55-57). O *Senhor se compadeceu*. O motivo para ressuscitar ao filho único da viúva, não foi outro, senão o própria amor compassivo de Cristo. É impossível saber quantas vezes recebemos um benefício imerecido, devido apenas ao amor de Deus (cf. Mt 5.45).

7.14,15 Que Jesus levantou mortos, isto é testemunho na apologia de Quadrato endereçada a Adriano (125 d.C.). Afirma que os restaurados continuaram vivos além dos dias de Jesus, até aos próprios tempos do autor. *Sua mãe.* É de se notar que os mortos

restaurados, na Bíblia, são milagres operados quase que exclusivamente entre mulheres (cf. 1 Rs 17.23; 2 Rs 4.36; Jo 11.22, 32; At 9.41; Hb 11.35).

7.16 Temor - Profeta. Durante 400 anos, Israel esperou por um homem que falasse da parte de Deus. A ressurreição do defunto foi prova suficiente de que Deus visitara Seu povo.

7.17 Judéia. Refere-se à terra dos judeus ou a toda a Palestina.

7.22 Que vistas e ouvistes. A confirmação de que Jesus era o Messias tornou-se evidente no cumprimento das profecias de At (cf. Is 35.5, 6; 61.1). Atualmente esta confirmação vem no poder transformador que opera no novo nascimento.

7.23 Tropeço. Gr *skandolizō*, "preparar armadilha; causar tropeço". É sempre usado no NT com o sentido figurado de "levar alguém, a pecar".

7.28 Ninguém é maior do que João. Entre os profetas, porque ele foi escolhido como o precursor imediato de Cristo. Além de falar a respeito dele, revelou-o ao mundo. *O menor no Reino.* Com todos os privilégios de um filho de Deus, é maior que qualquer membro da Velha Aliança.

7.29 Justificação. *Reconheceram a justiça de Deus* ao oferecer-lhes a oportunidade e a responsabilidade do arrependimento.

7.30 Desígnio de Deus. "O livre arbítrio capacita o homem a anular o propósito divino de dar-lhe a salvação" (Plummer).

7.31 Presente geração. Na maioria seguiu aos líderes que rejeitaram o convite divino por meio de João e de Jesus.

7.33 Tem demônio. Assim era explicado o comportamento não convencional. Depois acusaram a Jesus de ser endemoninhado (Jo 7.20; 8.48; 10.20).

7.34 Bebendo. Vivendo a vida normal, e não a ascética do nazireu como João Batista.

7.35 A sabedoria é justificada. Tem o sentido de manifestar sabedoria divina, como os discípulos de João e de Cristo o fizeram (cf. 29n).

7.36 Lugar à mesa. Era costume reclinar-se sobre divãs à mesa, com os pés para trás. Assim, seria fácil para a mulher regá-los com lágrimas e ungi-los.

7.37 Pecadora. No sentido de mulher de má reputação, uma prostituta. Fica subentendido que, depois tenha abandonado sua velha vida (Jo 8.11). • **N. Hom.** Amor sem palavras: 1) Sua fonte - contrição, arrependimento, fé e humildade
2) Sua prova - uma oferta preciosa como sacrifício de ação de graça (Sl 50.23) e a emoção das lágrimas (22.62).

7.39 Se este fora profeta. Simão ouvira que Jesus era profeta, mas a maneira acolhedora de Jesus o decepcionou. Para a mulher, Jesus era mais do que profeta, era o Salvador, o único que podia perdoá-la e purificar sua vida. Jesus praticou aquilo que Tg 2.1-5 ordena.

7.45 Beijar os pés. Era sinal de humildade da mulher e de honra para Jesus.

7.46 Em contraste com o óleo de oliva, que era muito comum, um frasco de unguento valia até 300 denários (cf. Jo 12.5; o denário representava o ordenado de um dia de trabalho de um lavrador).

7.47 Perdoados... muito amou. A doutrina católica romana afirma que o tributo de amor, merece o perdão (*contritio caritate forata*). Mas é ao contrário - a parábola ensina que reconhecer o perdão é que produz o amor. Não foi o amor que salvou a mulher, mas a sua fé (50).

7.50 Vai-te em paz. O presente do indicativo, no gr, descreve um estado de permanente paz com Deus e no próprio coração.

8.2,3 A importância das mulheres na vida do Senhor é salientada por Lucas. Estas mulheres aqui correspondem ao discipulado feminino compartilhando dos seus bens com Aquele que se tornou pobre para fazer- nos ricos (cf. 2 Co 8.9).

8.4 Parábola. É uma história baseada na experiência do povo, que dava para ilustrar, revelar e lembrar aos ouvintes preparados as verdades espirituais. A parábola do Semeador é notável exemplo da pregação evangélica de Jesus Cristo (cf. v. 1).

8.6 Pedra. Solo pedregoso com pouca terra para reter a umidade.

8.10 Para que, vendo, não vejam. Até esta altura Jesus tinha anunciado as boas novas do Reino claramente, mas poucos queriam se submeter ao Rei. Para eles as parábolas eram enigmas, enquanto, para os crentes, estes tesouros secretos e gloriosos (mistérios) eram acessíveis pela revelação de Cristo, e mais ainda com a vinda do Espírito. Sem o desejo de tirar-se proveito, pouco se compreendeu

• **N. Hom. 8.12-15** Os Impedimentos e a Condição de uma Boa Colheita: 1) Um coração duro e incrédulo é como um campo do diabo; 2) O caráter sem profundidade facilmente vacila, na perseguição; 3) O espírito mundano coloca o valor dos prazeres acima do da vida eterna 4) No coração preparado (pelo amor o Deus e o ódio ao pecado) nasce a fruto que perdura para a eternidade (1 Co 16.4).

8.15, *Retêm a palavra... perseverança.* Ao contrário das classes anteriores (12-14). O Senhor frisa que só a perseverança garante a vida eterna. *Frutificam* com vida e testemunho exemplares neste mundo e recebem o "muito bem, servo bom" no vindouro.

8.16 *A luz* corresponde à semente (11), que é a palavra de Deus. A vida que irradia a luz do evangelho por conduta e por palavra, cumpre seu propósito; porém, para assim viver, é necessário ouvir e obedecer (41).

8.19-21 *Irmãos.* Eles eram irmãos tão reais como Maria realmente era a mãe de Jesus; por outro lado, a nova relação espiritual pela fé atuante tem maior valor que qualquer parentesco humano. Por isso os crentes se denominam "irmãos".

8.23 *Adormeceu.* Jesus, dormindo numa tempestade que amedrontou até pescadores, mostra Seu cansaço, calma interior e certeza de que a morte viria somente pela cruz.

8.24,25 *Repreendeu.* É possível que Jesus tenha reconhecido o interesse de maligno na tempestade. Este milagre é a confirmação do poder de Cristo sobre as forças impessoais; Ele as criou e as controla (Jo 1.3; Cl 1.17).

• **N. Hom. 8.25** Onde Está a Vossa Fé?: 1) Se estiver numa criação humana (no barco-religião), com certeza afundará; 2) Se estiver em trabalhos árduos (obras meritórias), podeis saber que as forças contrárias são maiores; 3) Se for em Cristo, tereis a bonança (Ef 2.8, 9).

8.26 *Terra dos gerasenos,* Fica perto da aldeia árabe de Kursi, na costa sudeste do lago.

8.27 *Um homem possesso.* A vítima dos demônios foi ao encontro de Jesus, provavelmente, para maltratá-lo. Logo reconheceu sua fraqueza diante do poder absoluto de Deus.

8.28 *Que tenho eu contigo?* Significa a separação total entre o reino do diabo e o reino de Deus, que nada têm em comum (cf. 11.14-22).

8.30 *Qual é o teu nome?* A pergunta distingue o homem dos demônios. *Legião.* Era uma corporação do exército romano que tinha 6.000 homens.

8.31 *O abismo* era o domicílio dos demônios (cf. Ap 20.3). A paixão dos demônios é habitar os homens e governá-los.- De qualquer forma voltaram para o abismo quando afogaram os porcos (v 33).

8.32 *Jesus o permitiu.* Contra as objeções de que Jesus agiu injustamente, devemos lembrar-nos de que: 1) Foram os demônios que destruíram os porcos; 2) Sendo Jesus o criador de todas as coisas, tem plenos direitos sobre Sua criação; 3) A criação de porcos, na antiga economia de Israel, era expressamente proibida pela lei de Deus (cf. Lv 11.7).

8.35 Mudanças efetuadas por Cristo no endemoninhado liberto dos demônios: 1) Nas emoções, tranqüilo, "Assentado aos pés de Jesus"; 2) No corpo, "vestido"; 3) Na mente, "em perfeito juízo"; 4) Na vida em sociedade, apreciando a comunhão, "rogou-lhe que o deixasse estar com ele" (v. 39). Cristo, igualmente, efetua profundas mudanças em todos os aspectos da vida do convertido.

8.36 *Fora salvo,* *Gr esõthe,* "guardar", "resgatar", "livrar de perigo ou doença". É a palavra usada no NT para descrever a nova relação do homem resgatado com Deus (cf. sentido duplo, v. 48).

• **N. Hom. 8.37,38** Que pedirás a Jesus? 1) Os gerasenos rogaram que Jesus se retirasse porque: a) tiveram temor do Seu poder destruidor, b) valorizaram o material acima do espiritual. 2) O homem curado rogou permissão para acompanhá-lo, porque: a) teve pavor de voltar à vida anterior, b) valorizou sua salvação acima da família e das posses.

8.39 *Volta para casa.* A família e a vizinhança serão os que melhor poderão confirmar o poder de Deus numa vida transformada. Note-se que o que Deus fez é uma referência ao que Jesus mesmo fez; um sinal de real conversão é o desejo de exaltar a Cristo como Salvador.

8.45 *Quem me tocou?* Assim deu oportunidade de testemunhar. A mulher excluída da sociedade pela doença incurável (cf. Lv 15), foi curada pela sua fé e restaurada à comunidade pela declaração pública (vv. 47, 48).

3.46 *Saiu poder.* Jesus não era um mágico, e sim curou conscientemente.

8.48 *Fé te salvou.* É a confiança na esperança que produz a ação (17.19).

8.49 *Já está morta.* Imagine-se o desespero de Jairo (o seu nome significa: "ele, Deus, dará luz"), ao ouvir que, por causa dos minutos perdidos na viagem sua filha amada perecera. Como no caso de Lázaro (Jo 11.5, 6), Jesus (que nunca se apressou) demorou-se no caminho; na segurança da fé no resultado final.

• **N. Hom. 8.50** *Não temas, crê somente:* 1) A razão diz: crê no possível; 2) A experiência diz: ninguém voltou do túmulo (Lc 16.30); 3) As emoções dizem: "terrores de morte me assaltam" (Sl 55.4); 4) Cristo diz: Crê somente em mim: Eu sou a única esperança (Jo 11.25). A fé em Cristo transforma o *finis* da morte no prelúdio da vida.

8.52 *Dorme.* Como os mortos no Senhor (1 Ts 4.13n), na esperança da ressurreição.

8.56 *A ninguém contassem.* Cristo não queria que a multidão O seguisse para receber pão (Jo 6.26), e muito menos para que Ele levantasse os seus mortos. O motivo válido para se-qui-lo é a comunhão que resulta em glória (cf. Jo 5.44; Fp 3.11).

9.1 *Deu-lhes poder e autoridade.* Cristo, o Soberano do Novo Reino, compartilha Seu poder, gr *dunamis*, e autoridade, gr *exousia*, com Seus embaixadores. No exercício desta comissão, eles tornam-se apóstolos (v. 10), "enviados em lugar daquele que os comissionou" (cf. 6.13n; NDB, s v "Apóstolo").

9.3,4 O plano indicado para os evangelistas e seguido pela igreja primitiva, era sair com simplicidade (dependendo unicamente de Deus) e urgência ("o tempo se abrevia", 1 Co 7.29). Devem fixar seu quartel general numa casa, para centralizar sua atividade na região (cf. "a igreja na casa...", "Rm 16.5; 1 Co 16.19; Cl 4.15; Fm 2).

9.5 *Sacudi o pó.* Um ato simbólico praticado pelos judeus religiosos, ao retomarem à Palestina, que aqui indica relações cortadas, responsabilidade cessada, e um apelo seríssimo ao arrependimento.

9.6 *Anunciando... efetuando curas.* O interesse primário na divulgação das boas novas do Reino não exclui a preocupação com o sofrimento dos ouvintes. O amor não separa o bem estar eterno do atual (cf. 1 Jo 3.17).

9.9 *Herodes.* Antipas, filho de "o Grande", Mt 2.1-19, perturbado, queria ver se Jesus era João Batista, que ele assassinara (cf. 13.31; 23.8). A pregação dos discípulos se assemelhava à mensagem de João identificado com Elias (Mt 11.14; cf. Mt 17.12). Só aqueles que se rendem a Jesus é que podem vê-lo (9.27; 13.35; Jo 11.40). O crer precede ao ver. Tanto Herodes como os judeus que buscavam um sinal são exortados ao arrependimento (cf. Mt 12.38-42).

9.10 *Retirou-se... para Betsaida,* para descansar (Mc 6.31) e sair do território de Herodes. Este ministério de ensinar e milagres (v. 11) só resultou em condenação (cf. "Ai", 10.13).

9.12-17 O milagre da multiplicação dos pães é o clímax da missão de Jesus na Galiléia. Lembraria aos judeus o maná no deserto. Identificava a Jesus como o cumprimento da profecia de Moisés em Dt 18.18 (cf. Jo 6). A Igreja primitiva reconheceu neste milagre um paralelo com a última Ceia (22.19; cf. Jo 6.48-58), formando os discípulos de Cristo no

Novo Povo de Deus que, pela Páscoa e o Êxodo, é conduzido para a Terra Celestial (Hb 3,4).

9.17 *Doze cestos*. Talvez uma indicação do contínuo e miraculoso sustento do Novo Israel de Deus (a Igreja; 11.3; Gl 6.16).

9.18 *Ele orando*. Lucas salienta a oração de Cristo antes do Batismo, da escolha dos Doze, da confissão de Pedro, da transfiguração e da traição.

• **N. Hom. 9.18-26** As duas opções da Vida: A. Salvar a vida requer a decisão de 1) Desentronizar o "eu"; 2) Empenhar a vida (gr *psuche*) no discipulado de Cristo; e 3) Ser enxertado em Cristo pela cruz e o sepulcro, para compartilhar da vida da ressurreição, agora e eternamente (Rm 6.1-6; Cl 2.11, 12, 20; 3.1-4). B. Perder a vida resulta de buscar: 1) O sentido final nesta vida; 2) O poder e a riqueza do mundo, e 3) Evitar a perda da reputação que advém do contato com Cristo (v. 26). A opção é voluntária ("se alguém quer", v. 23, ou "quem quiser", v. 24). As multidões respondem com opiniões para evitar o compromisso da resposta certa do discípulo (vv. 18-20).

9.20 *Cristo*. É a tradução de *Mashiah*, "o ungido", termo que inicialmente se referiu ao Sumo Sacerdote (Lv 4.5, LXX); e depois ao Rei (cf. 1 Sm 2.10, 35; Sl 2,2; Dn 9.25), interpretado pelos judeus como o Salvador vindouro, o Messias.

9.21 *A ninguém declarassem*. Em vista do propósito divino (v. 22), pois o anúncio da presença do Messias seria interpretado como agitação política em favor de Jesus como Rei, caso fosse introduzido ao público.,

9.22 *Filho do Homem*. Termo favorito de Jesus para referir-se a Si mesmo. Indiretamente, ele indica o Messias, baseado em Dn 7.13. Aqui a figura do Servo Sofredor (Is 53) é juntada à do Messias (cf. Mt 8.20n).,

9.27 *Morte até...* Gr *heos*, indica que Jesus não se referia à Segunda vinda (não haverá morte depois, 1 Ts 4.17), mas a uma manifestação de início de uma nova era do Reino, provavelmente na ressurreição de Cristo e no dia de Pentecostes. Os *alguns*, seriam os crentes que veriam o Rei ressurreto (cf. 1 Co 15.5-6), enquanto os incrédulos só verão o Rei vindo na Sua glória (cf. Mc 14.62).

9.28-36 A transfiguração confirma o testemunho da Lei (Moisés) e dos profetas (Elias), de que Jesus era o Messias sofredor (v. 20). Repetem-se os elementos que acompanharam as revelações da lei no Sinai (cf. Êx 13.21, 22; 33.9-23) e do Filho do Homem (cf. Dn 7.13; 10:5-9, 16); sendo, entretanto, Jesus maior que aqueles, por ser o Filho (v. 35; Hb 3.5, 6).

9.31 *Sua partida*. Gr *exodon*, "êxodo". Refere-se à obra redentora de Cristo na cruz; à ressurreição, e à ascensão. A tipologia do Êxodo fornece o pano de fundo; Jesus supera a Moisés na formação e na chefia do Novo Israel (v. 35; cf. 12-17).

9.32 *Glória*. No NT, caracteristicamente refere-se à natureza da "nova era" inaugurada na ressurreição (cf. 24.26; Jo 17.4, 5, 22; Hb 2.9, 10).

9.33 *Três tendas*. Pedro sugere a equivalência de Cristo, Moisés e Elias, enquanto indiretamente tenta desviar Jesus da cruz (Mt 16.22).

9.35 *Eleito*. No AT Israel é o povo eleito. No NT é o Eleito transformando os que são Seus em "os eleitos" (Mt 24.31; Ef 1,4). A *Ele ouvi*, lembra Dt 18.15.

9.37-43 A seqüência da transfiguração e depois a cura do jovem, ensinam a necessidade do serviço suceder ao culto. Apenas a permanência no monte do êxtase, sem tentar melhorar a vida dos outros no vale; ou vice-versa, resultam na falta de poder. *Dia seguinte*. A transfiguração se deu à noite (cf. v. 32).

9.39 *Um espírito*. A possessão demoníaca afetava os afligidos de maneiras diversas (cf. 4.33; 8.28; 13.11, 16). Aqui se agravava com os sintomas da epilepsia.

• **N. Hom. 9.40,41** "A falta de Poder" nos domina quando: 1) Solicitamos ajuda aos homens, em vez de a Cristo (40); 2) Agimos sem fé (41); 3) Existe perversidade, gr *díastrephō*, "torcer", no coração (41); e 4) Há falta de oração (cf. Mc 9.29).

9.41 *Sofrerei*. A incredulidade é motivo de profunda tristeza.

9.43 Majestade. Cristo de tal modo refletia a presença de Deus que o povo admirava nele a sublimidade de Deus (cf. 2 Pe 1.16). A necessidade de Jesus repetir a predição sobre a paixão deve-se à constante adulação das multidões. Ele não reinará como monarca terrestre, mas sofrerá como criminoso.

9.46,47 O maior. A grandeza no reino de Deus é o serviço humilde. É o significado da cruz (vv. 44, 45; Fp 2.7, 8), *Criança*. "O serviço do amor é provado pela sua operação em favor daqueles que são mais insignificantes" (Creed).

9.49,50 Não proibais. Não é a posição oficial que mede a grandeza do homem, porém a qualidade do seu propósito.

9.51 Ir para Jerusalém. Começa aqui a seção central de Lucas que conclui em 19.44 e concentra a atenção sobre a ensino de Jesus. O percurso não é descrito cronologicamente (cf. 9.52 com 17.11,2 e 10.38n). A doutrina do Messias rejeitada é confirmada pelo resolutivo propósito de Ele de dar Sua vida em resgate de muitos. *Assunto* corresponde a "glorificado" em João (cf. Jo 13.31), incluindo a paixão, a ressurreição e a ascensão.

9.52 Mensageiros foram adiante para conseguir alojamento e sustento.

9.53 Não o receberam, Por causa da invalidade do culto (cf. Jo 4.20). Galileus (4.29; 10.13-16), gentios (8.37), samaritanos e judeus (13.34; 23.1-18), todos O rejeitaram. Atos, pelo contrário, relata sua aceitação (At 2.41ss; 8.4ss; 13.46ss).

9.55 Repreendeu (cf. v. 50). Cristo demonstrou o amor que pregou (Mt 5.44).

• **N. Hom. 9.57-62** Proibidos de Seguir a Cristo: 1) Os que valorizam segurança e conforto acima do Senhor, 2) Os que dão preeminência à família acima do Salvador; 3) Os que olham para trás, para a velha vida (Gn 19.26; Ef 5.17, 24). Cristo não aceita "Soldados de verão" ou "discípulos turistas".

9.59,60 Sepultar meu pai. Para o judaísmo era um dever sagrado, trazendo galardão nesta, como na vida futura. *Deixa aos mortos...* Sempre haverá mortos espirituais, (Ef 2.1) que não sentirão qualquer lealdade para com Cristo e que cuidarão das responsabilidades terrenas.

9.61 Despedir-me. A missão de Cristo é mais urgente do que aquela que Elias dá a Eliseu. Todo o trecho mostra que Cristo não exige aquilo que Ele não pratica e suporta. Ser igual ao Mestre é o alvo e o jugo do discipulado (cf. 6.40).

10.1 Setenta. O número tradicional das nações (cf. Gn 10 com Ap 5.9). Lucas frisa a universalidade do evangelho para os pecadores (16 vezes), tanto samaritanos como gentios e judeus (24.47).

10.2 Seara. Refere-se ao juízo final, nas parábolas (cf. Mt 13.39). Veja-se Jo 4.35, Ap 14.15. • **N. Hom.** O Desafio Missionário: 1) Tem origem na visão da urgência e grandeza da seara; 2) Tem prosseguimento na oração, *Rogai...*; 3) Tem como resultado nós mesmos atendermos ao "Ide" do Senhor e o envio dos ceifeiros (cf. Rm 10.15).

10.3 Cordeiros. - Seriam dependentes por completo do Onipotente Pastor na conquista pacífica do território inimigo.

10.5 Paz. Heb *shalom*, era a saudação comum: agora seria revestida do sentido de reconciliação do pecador com Deus (cf. Rm 5.1).

10.7 Digno... do salário. Citado em 1 Tm 5.18 como Escritura, indicando que Lucas já era reconhecido como inspirado.

10.11 Próximo o reino. Na pessoa de Cristo e Seus emissários, não no tempo (cf. Mc 12.34).

10.12-14 Sodoma, Tiro... As piores cidades gentias. A rejeição da mensagem de Cristo revela ainda maior dureza e resultará em maior castigo. Privilégio maior exige responsabilidade maior.

10.15 Inferno. Gr *haidou*, "hades", como *sheol* no AT, significa o local dos mortos ou a sepulcro.

10.17,20 Alegria. É característica de Lucas mencionar a alegria (19 vezes), o cântico e a glorificação de Deus (cf. 1.64; 2.13; 2.28; 5.25s; 7.16, 13.13; 17.15; 19.37, 24.53). Veja-se a equitação de Cristo (v. 21).

• **N. Hom. 10.17-20** Justo Motivo de Alegria 1) Não reside em nossa capacidade, mesmo espiritual - pode falhar, 2) Não reside na proteção divina neste mundo - é temporária; 3) Mas reside na eleição através do amor de Deus - nunca será anulada (cf. Ef 1.4).

10.18 Satanás caindo. A derrota do diabo, esperada pelos judeus para os últimos dias, estava sendo consumada nas obras de Jesus e Seus discípulos (cf. 11.22; Jo 12.31, Ap 12.8s).

10.19 Serpentes, Simbolizavam os demônios, no judaísmo antigo; a proteção é contra o poder satânico.

10.21-24 Mostram a íntima relação de Cristo com o Pai, centralizada no evangelho de João.

10.21 Exultou. Gr *agalliaō*, "gozo profundo, demonstrado". Frequentemente refere-se à alegria da redenção (cf. 1.14, 47; At 2.26; 1 Pe 4.13). O agente do gozo é o Espírito Santo (cf. Gl 5.22 e Fp 4.4), e o motivo é a revelação da bondade de Deus aos humildes.

10.22 Entregue. Indica a transmissão da verdade do evangelho (cf. 1 Co 15.1-3). Não vem dos pais (judaísmo), mas do Pai. *Sabe... revelar* fala do conhecimento pessoal, da nova relação com Deus, que não vem senão por Cristo e Sua revelação (cf. Jo 14.6-11).

10.23 Olhos que vêem. A fé abre a visão para a realidade de Cristo e o reino; o pecado cega essa visão (cf. Jo 9.39-41).

10.25 Intérprete. Gr *nomikos*, "advogado". Era um teólogo judeu, autoridade na Lei (Torá) de Deus (cf. 11.45). *Pôr Jesus à prova*, geralmente, tem a conotação de má intenção (cf. Mt 4.7 e Tg 1.3).

10.28 Estes dois, mandamentos sumariam toda a lei (cf. Rm 13.9). Como era impossível o coração pecaminoso atingir este padrão, Cristo cumpriu-a por nós, a dupla lei, do amor (cf. 1 Jo 4.7-19).

10.29 justificar-se. A autojustificação procurada pelo mais rigoroso fariseu (cf. 18.9-14; Fp 3.6) é negada na parábola ou história do Bom Samaritano. A justiça do sacerdote, que representa a suprema autoridade religiosa, e a do levita (associados no serviço de Deus) ainda que zelosos no cumprimento da lei, omite o "amor de Deus" (cf. 11.42) e passa "de largo" ao próximo mortalmente ferido (vv. 31, 32).

10.33 Samaritano. A ironia transparece em que a benfeitor é um herege, excluído por definição do direito de ser "próximo" do judeu, errado tanto na doutrina como na prática da religião (cf. Jo 4.20ss), mesmo assim, tinha um amor real pelo inimigo. • **N. Hom.** "O bom samaritano" ensina que: 1) Religiosidade não significa, automaticamente, bondade; 2) Nosso "próximo" pode ser alguém fora do nosso grupo, raça ou religião; 3) O amor real requer sacrifício como Cristo demonstrou (cf. Rm 5.8).

10.39 Maria e Maria, irmãs de lázaro de Betânia (cf. Jd 11).

10.42 pouco... uma só. Em vez da nervosa preocupação pelo servir um banquete digno do Senhor, um prato seria suficiente; Maria escolheu a *boa parte* (cf. At 6.2, 4), o banquete espiritual. Cristo Se compraz em servir (cf. Mc 10.45), não em ser bem servido (cf. Jo 4.32-34). Isto contradiz o "evangelho social" que poderia surgir de uma interpretação limitada do "bom samaritano".

11.2 Pai. No aramaico, seria *Abba*, "paizinho" (cf. Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6), denotando, assim, uma ínfima afeição, o que exclui a possibilidade de uma familiaridade superficial. *Santificado... nome.* Pede a revelação do poder, santidade e atributos de Deus através dos discípulos no mundo (cf. 1 Pe 1.15-17; 3.15).

11.3 Cotidiano. Gr *epiousion*, "dia a dia" ou "para amanhã". Provavelmente, isto se refere ao maná do Crente, que é Cristo (cf. Jo 6.35 e Jo 4.32), na peregrinação entre o êxodo da Salvação e a festa messiânica da segunda vinda (cf. Ap 19.9), que ele antegoza pela fé.

11.4 *Nós perdoamos.* Não fala da base pela qual Deus nos outorga o perdão, mas daquela pela qual podemos recebê-la *Deve*. O pecado é uma dívida, porque tudo o que somos e temos pertence a Deus. A desobediência é roubo aos direitos divinos, que não podem nunca ser restituídos; a perfeição é sempre exigida (cf. 7.42). *Tentação* ou prova (especialmente através da perseguição), cuja queda pela mesma resultaria em nossa derrota pelo maligno (cf. Mt 6.13 com Ap 3.10).

• **N. Hom. 11.2-4** A oração requer: 1) Filiação - amor reverente; 2) Supremacia da glória de Deus (cf. Jo 5.44) - santidade; 3) Ansiedade pelo reino - evangelização; 4) Comunhão diária - devoção (10.42n); 5) Arrependimento juntamente com seu fruto - benignidade (cf. Ef 4.32); e 6) Dependência do Senhor na luta - oração (vv. 20-22; Ef 6.12).

11.5-8 A persistência na oração alcançará objetivos que uma mera amizade normalmente não espera. Lucas é o evangelho da oração.

11.11 *Pedra... cobra...* A oração não terá resposta inútil ou prejudicial.

11.13 *Maus.* Isto é, imperfeitos em pensamentos e atos. Cristo revela-nos o pecado universal da humanidade (13.1-9). *Espírito...* Deus sempre responderá às orações dos Seus filhos, mas o maior dom é o próprio Espírito Santo (At 1.8; Gl 5.22). Todo crente tem o Espírito (cf. 1 Co 12.13; Ef 1.13), mas este pedido, se dirigido com fé, abre o caminho para Sua atuação mais ampla (cf. Ef 4.30 e 1 Ts 5.19).

11.15 *Belzebu.* "Senhor dos ídolos"; segundo a asseveração deste verso, Jesus estaria endemoninhado.

11.16 *Sinal do céu.* Em contraste com o exorcismo atribuído ao poder do inferno (cf. Mt 12.24). Os que afirmavam tal coisa, não entendiam que aquele esconjuro provava o contrário, uma vez que o reino do mal não está dividido. A expulsão do demônio comprova a vinda do reino e a derrota do príncipe deste mundo.

11.21 *Valente.* O diabo guarda em segurança o que ele domina, mas somente até a chegada do Senhor, que tem autoridade e poder para destruí-lo e resgatar a humanidade (cf. os despojos, v. 22; Cl 1.13; 2.15; Hb 2.14).

11.23 *Espalha.* O contexto do versículo é a luta contra Cristo e o diabo, na qual a neutralidade é impossível.

11.24-26 *Espírito imundo sai.* Um exemplo de volubilidade e de falta de gratidão seria a do homem que, libertado de um demônio, não admitisse o novo domínio do Espírito Santo. Tipifica o pior pecado do homem reformado mas não salvo.

11.28 *Bem-aventurados.* Maior que o privilégio de ser mãe de Jesus e compartilhar da Sua humanidade é atender à Sua mensagem salvadora e gozar o privilégio de participar do Seu corpo espiritual (Tg 1.22ss).

11.29 *Nenhum sinal.* Recusando aceitar o significado do poder milagroso de Jesus (Jo 14.11), o povo aguarda o cumprimento do sinal de Jonas que o Cristo ressurreto (cf. Mt 12.40) executará sobre o mundo incrédulo (cf. Jn 3.4). Gentios, como a rainha de Sabá e os ninivitas, testificarão, no juízo, contra os impenitentes judeus, porque se arrependeram ao contemplarem uma luz muito mais apagada que aquela que irradiava de Cristo. Todos têm alguma luz (cf. Jo 11.9; Rm, 1.20; 2.5), mas a responsabilidade aumenta, conforme a intensidade da luz de evangelho.

11.31 *Condenará.* Gr *katakrinō* significa, por meio do bom exemplo, tornar a maldade de outro mais evidente e censurável. *Maior*, gr *pleion*, gênero neutro; portanto não se refere a Cristo, mas ao Espírito Santo.

11.33 *Candeia... debaixo do alqueire.* Já que a luz do reino está acesa em Cristo e Sua Igreja ela não será apagada nem escondida, mas se irradiará até aos confins do mundo (13.18-21), atraindo a todos os que têm *olhos bons* (34), fazendo-os "entrar" e "ver" (33) a verdade em Cristo.

11.34 *Olhos forem bons.* A vontade do homem é que limita e controla a entrada da luz. "Precisamos de toda cautela para que a faculdade da percepção não se torne tão inexpressiva que não seja possível reconhecer a verdade revelada em Cristo" (C.F. Keil).

11.37,43 *Fariseus*, "os separados". Uma seita político-religiosa que lutava pela segregação da cultura judaica, esperava um Messias político e seguia à tradição legalista rabínica de comentários complementares sobre o AT.

11.39 É a mais perigosa insensatez pensar que Deus se preocupa mais com as cerimônias do que com a atitude do coração (cf. Is 1.10-17).

11.41 *Dai esmola*. Esta demonstração de amor ao próximo limparia toda a pessoa em contraste com a lavagem ritual do exterior (cf. 19.8).

• **N. Hom. 11.42-44** Três maldições de Cristo são pronunciadas contra: 1) Aqueles que colocam a religião acima: a) da justiça (cf. Fp 3.9); ou b) do amor a Deus (cf. 1 Co 16.22); 2) Aqueles que valorizam a honra dos homens acima da glória de Deus (cf. Jo 12.43); e 3) Aqueles que contaminam os outros ao invés de salvá-los (cf. Hb 12.15 e Tg 5.20).

11.44 *Sepulturas*. (Cf. Nm 19.16). Tocar ou passar por cima de uma sepultura não assinalada, resultava em imundícia cerimonial por sete dias.

11.46 *Fardos superiores*... Deus exige perfeição, o que é um fardo muito superior às nossas forças, mas Cristo carregou este fardo por nós (cf. 2 Co 5.21).

11.47,48 Compare Mt 23.29-32 com At 7.51-53. *Ai* expressa não somente ira e maldição, como também tristeza e compaixão.

11.49 *Sabedoria de Deus*. É menos provável que se refira a um livro agora desconhecido do que a um decreto sábio (oráculo) pronunciado por Cristo e aplicado à Igreja (cf. *apóstolos*). Destaca a relação entre os profetas do AT e os líderes do NT.

11.50 *Contas*. Visa à guerra judeu-romana (66-70 d.C.), na qual, os judeus sofreram atrocidades das mais desumanas (cf. 21.20-24). Esta geração é mais culpada porque rejeita o Filho de Deus (20.14ss).

11.51 *De Abel até ao de Zacarias*. Abrange toda a história do AT, que, na ordem hebraica, começa com o Gênesis e termina com 2 Crônicas.

11.52 *Chave do ciência*. Significa a chave que abre a porta do conhecimento de Deus - a salvação. Os escribas fecharam o acesso às escrituras por interpretações falsas e por julgarem o povo comum indigno da salvação. *Estavam entrando*. Estes seriam alguns dos que seguiam a Cristo.

12.1 *Fermento*. A influência que corrompeu (cf. 1 Co 5.6)., O perigo da hipocrisia não se limita aos fariseus: estende-se aos crentes.

12.2,3 Como a Palavra de Deus expõe à luz os segredos da alma (cf. Hb 4.12), o juízo final revelará tudo o que não for objeto de confissão, arrependimento e perdão (cf. 1 Jo 1.9), Estes versículos podem referir-se à proclamação pública do reino de Deus depois da ressurreição (9.36),

12.4 *Amigos*. Talvez pessoas dispostas a ouvi-lo mas não ainda inteiramente decididas (cf. Jo 6.66). *Não temais*. A confiança durante a perseguição depende de perceber a infinita diferença entre a morte corporal e a eterna.

12.5,7 *Temer... não temais*. Tememos porque Deus é o justo juiz (cf. Tg 4.12). Confiamos porque Ele é amor e governa tudo (cf. Rm 8.28-39).

12.6 *Pardais*. Faziam parte da alimentação dos pobres.

12.8,9 *Confessar... negar*. Refere-se à lealdade dos cristãos, provada na perseguição e tortura. É mais temível a condenação de Deus (vv. 5, 9) que a ira humana (cf. 22.54-62).

12.10 *Blasfemar contra o Espírito*. Cf. Mc 3.29s e Mt 12.32; aqui tem aplicação mais ampla. Os "pais da Igreja" entenderam com isso a apostasia dos que seriam crentes, o que não era perdoável (cf. Hb 6.4-8), enquanto a palavra contra o Filho seria a oposição incrédula, que é perdoável. Alguns pensam que se refere aos judeus que rejeitaram a Cristo antes do Pentecostes; depois a rejeição seria definitiva e imperdoável,

12.11,12 *Não vos preocupeis*., A melhor defesa é um coração dominado pelo Espírito Santo (cf. 1 Pe 3.15); não se refere à pregação ou ao ensino.

12.15 *A vida*. O tema de 12.13-34 é o contraste entre possuir e viver. • **N. Hom.** O rico era louco porque: 1) Suas posses eram apenas emprestadas (cf. 1 Tm 6,17); 2) Tentou

reservar as bênçãos de Deus unicamente para seu benefício próprio (1 Tm 6.18); e 3) julgou que esta vida é de mais valor que a eterna. Conclusão: A única riqueza duradoura é possuir a Deus (v. 21; Jo 17.3).

12.20 Pedirão. Provavelmente anjos, os agentes de Deus (cf. 16.9),

12.22 Por isso. A seção seguinte ensina a maneira sábia de encarar a vida em contraste com a maneira louca da parábola anterior (vv. 16-21). • **N. Hom.** Ansiedade.- futilidade e pecado, porque: 1) Deus valoriza a vida mais que as coisas que a sustentam (4.4); 2) O Deus onipotente garante aquilo que a nossa preocupação não pode cuidar (Fp 4.6, "orar e não se preocupar"; 3) Deus nos tem mais amor do que a qualquer outro objeto do Seu cuidado (v. 27; Rm 8.32).

12.23 Vida. O cuidado acerca do futuro deve concentrar-se unicamente sobre o reino de Deus (v. 32), a vida eterna. A vida terrestre é decisiva para a sua continuação na eternidade (cf. Mc 8.35-37).

12.25. Curso da sua vida. Cf. Mt 6.27n. Um dos maiores interesses na vida é prolongá-la (cf. Is 38.1-8), o que só Deus pode fazer.

12.26 Pelas outras. Isto é, alimento, vestuário e necessidades do corpo.

12.29 Indagar. Gr *zeteite*; "procuram", v. 30,- "buscai", v. 31. Podemos concentrar os nossos esforços, ganhar o mundo, ou o reino. Aquele que busca o reino ganhará os dois ("estas coisas", v. 31) do bondoso Rei (v. 12).

12.32 O temor e a ansiedade caracterizam os incrédulos ("gentios", v. 30), mas não os filhos (*rebanho*) de Deus, que os ama e lhes oferece o reino, que significa a soberania do Senhor na vida dos súditos (Rm, 14.17ss).

12.33 Vendei os vossos bens. Aquilo que for impedimento para buscar e adentrar o reino (cf. Mc 70.21-27), quando investido no bem dos necessitados e na obra remidora de Deus, torna-se uma ajuda (1 Tm 6.9, 18).

12.34 Tesouro. Não ouro e jóias, mas almas redimidas e eternamente gratas.

12.35 Este versículo é um resumo da parábola das dez virgens (cf. Mt 25.1ss). *Cingido.* No Oriente, as vestes longas chegavam a impedir uma rápida movimentação do corpo. Para resolver este problema, era amarrado um cinto sobre os lombos, ajustando as vestes ao corpo na altura da cintura. Isto permitia uma movimentação mais livre e acelerada. No caso, aqui, cingidos significa que as crentes devem estar sempre servindo, e sem embaraços (1 Pe 1.13).

12.37 Vigilantes. "Acordados", em contraste com os que estão mortos, "dormindo" em pecados (cf. Ef 5.14; 1 Ts 5.10). A morte (v. 20) e a segunda vinda estão continuamente iminentes (vv. 36-40). As exigências do reino (preparação e vigilância) são relevantes tanto para os que morrem antes do juízo como para os que estarão vivos naquele dia. *Ele... os servirá.* Os escravos fiéis serão honrados como amigos e hóspedes, servidos pelo próprio Senhor.

12.39 Ladrão. Cf. 21.34; 1 Ts 5.2; 2 Pe 3.10; Ap 3.3; 16.15. Vigiar significa guardar a fé e servir ao Senhor.

12.41 Nós ou... todos. A honra (v. 37) ou castigo (v. 46), segundo o procedimento, aguarda não somente os apóstolos, como também todos os servos do Senhor que vivem no intervalo entre a ascensão e Sua volta. Quanto maiores os privilégios, mais severa será a condenação dos infiéis.

12.44 Confiará. Evidentemente, o galardão pela fidelidade em cumprir a vontade do mestre será honra e responsabilidade muito maiores.

12.46 Infiéis. Crentes e líderes da igreja, que levam uma vida sem disciplina agora, enfrentarão a ira do, Senhor (cf. Mt 7.15-27).

12.48 Poucos açoites. O contraste é feito entre os líderes irresponsáveis (vv. 45-47), e os crentes ma] instruídos que viveram no egoísmo e duvidaram das promessas gloriosas; todos receberão o justo castigo no tribunal de Cristo (cf. 2 Co 5.10). Maior privilégio demanda maior responsabilidade.

12.49,50 Lançar fogo. O fogo, que purifica e divide as famílias e a sociedade (52ss) é o Espírito Santa, que é o medianeiro da mensagem julgadora do reino (cf. Jo 16.7ss). Após o batismo de Cristo no sangue (crucificação, Mc 10.38; cf. 1 Jo 5.6-8n), o Espírito será derramado em poder (At 1.8; 2.1ss). Aqueles que rejeitarem Seu apelo serão condenados ao juízo do fogo eterno (cf. 3.16; Mt 25.46).

12.54,55 Poente. Direção do mar Mediterrâneo (cf. 1 Rs 18.44). *Vento do Sul* viria do deserto do Neguebe, sujeito a muito calor.

13.1 Pilatos. Era notário pela sua crueldade (Josefo, *Antigüidades*, 17.9.3; 18.4.1ss) como também aqueles *galileus* eram conhecidos insurgentes que se rebelaram contra a opressão dos romanos.

13.3,5 Não eram. Um desastre não prova uma culpa ou um estado de maior pecaminosidade das vítimas. É uma advertência contra a atitude dos auto-suficientes e "justos" que não sentem a urgência do arrependimento e do novo nascimento (cf. 18.9-14). Ainda que Cristo não mencione diretamente o pecado original, Ele pressupõe esta doutrina aqui.

13.6 Figueira. Pode referir-se a Israel e igualmente a um indivíduo.

•- **N. Hom. 13.6-9** A bondade e a severidade de Deus: 1) Deus exige fruto e não folhas - vida e não palavras (cf. Mt 7.21-27); 2) A demora no juízo não significa indiferença, mas longanimidade e esperança do fruto de arrependimento (cf. 3.8ss; 2 Pe 3.4-10); 3) Cedo ou tarde a lâmina do machado cairá sobre a raiz da vida inútil em que faltou o enxerto da nova vida em Cristo (cf. Mt 7.16ss; Rm 11.16-24; Cl 1.6, 10).

13.7 Três anos. Os séculos em que Israel gozou dos privilégios da Aliança culminam no período do ministério de Jesus.

13.8 Este ano. O juízo já devia ter caído sobre a nação, porque ela rejeitou seu Messias, mas Deus dará mais uma oportunidade, especial e limitada entre o Pentecostes e a destruição de Jerusalém (66-70 d.C.).

13.10 Sábado. Passagens anteriores que relatam as controvérsias acerca do sábado (exemplo 6.1-11) mostram a autoridade de Cristo sobre esse dia. Aqui se salienta o significado do dia de descanso. Desde o princípio o sábado era profético, lembrando a reconsagração da Criação a sua finalidade original, o que só se realizará por meio da derrota de Satanás (v. 16). Essa vitória final é prevista na libertação da mulher de quem foi expulso o *espírito de enfermidade* (vv. 11, 12).

13.12 Estás livre. Lit. "foste libertada e permaneces livre". Está foi uma cura não solicitada, concedida à medida da fé e da persistência em assistir ao culto durante dezoito anos de enfermidade. Todo problema deve levar-nos a procurar a casa do Senhor, onde O encontramos, e com Ele, a Sua libertação.

13.14 Sinagoga. Cristo deliberadamente buscou esta ocasião, para ensinar um princípio na "congregação" dos judeus.

13.16 Filho de Abraão. Cf. 19.9. Herdeira nacional e espiritual do Pai dos fiéis (cf. 1 Pe 3.6). Neste caso, é impossível explicar a relação entre o espírito maligno causador do sofrimento e a mulher que mostrava grande fé e amor para com Deus.

13.18-21 Tanto no campo e na cozinha, como nos corações e no mundo, a implantação da nova natureza do reino não pode permanecer oculta. A nova vida do Espírito se manifestará no indivíduo e na Igreja. Essa vida influenciará o mundo inteiro (Cf. Ap 5.9).

13.19 Aves. Cf. Dn 4.12, 21, onde representam nações. Podem ser os gentios que terão livre acesso ao evangelho e à Igreja (cf. Ef 3.6ss).

13.21 Escondeu. É quase incrível a ignorância dos pagãos acerca do evangelho no primeiro século. Não importa o reconhecimento público; o importante é a ação vital do Espírito no íntimo.

13.22 Aqui começa uma seção que continua até 16.13, com o intuito de responder à pergunta: "Quem entrará no reino de Deus?" A resposta seria: "Não aqueles que vós pensais".

• **N. Hom. 13.23-30** A salvação requer de nós: 1) Esforço gr- *agōnizā*, "lutar", "concentrar toda a atenção e força", pois a porta é estreita e não podemos passar com "eu" ou o mundo (v. 24), apelo ao arrependimento; 2) Urgência, pois a porta se fechará de repente (v. 25) - apelo a não demorar (cf. 2 Co 6.2); 3) União com Cristo, senão Ele não nos reconhecerá - apelo a uma relação pessoal com Cristo (Jo 17.3); 4) Santificação, sem a qual não veremos ao Senhor (Hb 12.14), apelo à ação renovadora do Espírito (Rm 8.4).

13.23 Poucos. Os teólogos judeus dividiam-se nesta questão.

13.24 Respondeu. Sem responder à pergunta, Cristo muda o sentido da curiosidade para conseguir a convicção pessoal.

13.26 Comíamos e bebíamos. Uma possível referência à ceia do Senhor. Podemos ser os primeiros em privilégios e os últimos na graça (v. 30).

13.29 Muitos. Isto é, gentios (cf. Rm 11.11-25). *Mesa no reino* refere-se ao banquete messiânico (Mt 22.2ss; Ap 19.9).

13.30 últimos. Os menos privilegiados.

13.31 Herodes (Antipas). Não gastava de perturbação nenhuma. Jesus se acharia na Transjordânia que, juntamente com Galiléia, estava sob sua jurisdição.

13.32 Terceiro dia. Uma referência à ressurreição; Sua obra estaria completa.

13.34 A condenação está intimamente ligada à profunda compaixão de Deus (cf. 2 Pe 3.9).

13.35 Vossa casa. O Templo (cf. Jr 22.5). *Deserta.* Após a ressurreição, a presença de Deus será removida do templo de Jerusalém para aquele outro não feito por mãos, composto dos remidos (cf. 2 Co 6.16; 1 Pe 2.5). *Bendito* (Sl 118.26). Segundo algumas tradições rabínicas, este salmo foi composto especialmente para a coroação de Davi. Seria novamente declamado pela vinda do Messias. É provável que não se refira à eufórica entrada triunfal (cf. 19.38; onde somente os discípulos, e não a cidade como um todo, aclamam Sua vinda, Mt 23.39), mas sim, a vê-lo quando do arrependimento ou na segunda vinda e no juízo final.

14.5 Filho. Outros bons manuscritos têm "jumento". Somente os essênios de Cunrã negariam a justificativa de salvar a vida no Sábado. A letra da lei no legalista nega o espírito da lei (cf. Rm 7.6), enquanto a autoridade do Espírito no coração produz a verdadeira justiça da lei (Rm 8.4).

14.9 Envergonhado. Jesus não está falando de boas maneiras, mas da vida espiritual, na qual a humildade é o primeiro requisito para a exaltação no juízo final (v. 11; cf. v. 14).

14.10 Honra. Deus não honrará os Seus filhos segundo a prática mundana de exaltar aos que têm influência nesta vida, mas segundo o exemplo de Cristo que Se ofereceu completamente, numa atitude de abnegação (Fp 2.6ss), 12, 13, cf. Tg 2.2-4.

14.14 Recompensa. *Toda Ação e pensamento* (motivo) tem sua recompensa, portanto o crente sábio é aquele que age de modo a conseguir a aprovação de Deus na *ressurreição dos justos*. Esta frase não exclui a ressurreição dos injustos (como alguns rabinos ensinaram), mas limita a possibilidade de bem-aventurança aos crentes (cf. Jo 5.28s; Rm 2.5ss).

14.15 Comer. No reino seria o banquete messiânico (cf. 13.29n) que, segundo o pensamento judaico, viria a inaugurar o reino de Deus.

• **N. Hom. 14.15-24** A grande Ceia ensina que: 1) Deus honra os homens com Seu convite; é uma afronta desprezá-lo; 2) O evangelho é de graça (tudo já está preparado); 3) Os homens procuram eximir-se da responsabilidade de comparecer à ceia, porque: a) preferem ver apenas terrenos, a entrar na reino (cf. Jo 3.3, 5); b) preferem trabalhar, a receber de graça (Ef 2.8,9); c) preferem buscar um casamento no mundo, às bodas no céu; 4) Rejeitar o convite é uma decisão que perdura toda a eternidade; 5) A vinda do reino depende de encher-se a casa (vv. 21-23; cf. Rm 11.25).

14.18-20 Escusado. Eram desculpas falsas, uma vez que ninguém compra sem ver e o recém-casado devia levar sua esposa.

14.23 Caminhos... Refere-se aos gentios agregados aos crentes judeus.

14.26 Aborrece. "Aborrecer o maior desejo por qualquer afeição natural" (Leaney). Significa submeter tudo completamente, até mesmo a própria pessoa, no compromisso total com Cristo (cf. 16.13).

14.27 Tomar a sua cruz. Seguindo o exemplo de Cristo, consagrar-se absolutamente, não em rebelião contra Roma, mas na causa do reino, até o martírio. *Vier após mim.* Em contraste com a vinda de Cristo para a salvação (cf. Mt 11.28), trata da vida diária do discípulo. • **N. Hom.** O preço do discipulado é rendição total a Cristo, em amor que: 1) É maior que a afeição familiar (v. 26); 2) É maior que o desejo de seguir nosso próprio caminho (v. 27); 3) É maior que o amor às possessões (33), Cf. o exemplo de Paulo Fp 3.8.

14.28-31 O perigo da inconstância é dupla: a zombaria nesta vida e a perda total na outra (cf. Hb 2.1-3).

14.32 Condições de paz. Estas duas parábolas (vv. 28-32) frisam o custo de seguir a Cristo, bem como o preço de não segui-lo.

14.33 Renuncia a tudo. O discípulo, como um soldado, deve estar pronto a cortar qualquer relação incompatível com a causa do seu mestre.

14.34 Insípido. Cristo compara o crente morno, indolente que não calcula o preço de segui-lo, com o sal sem sabor (cf. Ap 3.16).

15.1-32 As três parábolas: a do pastor que busca, a da mulher que chora, e a do pai que ama, ensinam o significado do arrependimento (cf. 12.54ss, trecho que trata da Sua urgência). A volta dos perdidos traz alegria ao coração de Deus (cf. 3-10), através da renovação da comunhão com o pecador arrependido (11.32). Jesus responde, através destas parábolas às murmurações dos religiosos (v. 2), dizendo, assim, que Ele não é indiferente ao pecado, e nem, por outro lado, é indiferente ao trabalho humanitário, mas o Seu coração enche-se de gozo real, ao contemplar a restauração dos *publicanos* (cf. 3.12n) e *pecadores*.

15.2 Recebe pecadores. Não só recebe, mas busca diligentemente (vv. 4, 8), não para participar do seu pecado, mas para oferecer liberação.

15.4 Deserto. Não na areia, mas em campo de pasto não cultivado (cf. Jo 6.10). *Vai em busca.* A evangelização que não sai à procura dos perdidos, não segue o exemplo do ensino de Cristo (cf. 14.21, 23). A ênfase, aqui, é sobre a persistência de Deus buscando o homem sem considerar até que ponto ele se desviou (cf. Ez 34.6, 11ss com Gn 3.9, 10).

15.7 Noventa e nove. Representa os fariseus e escribas, que do seu próprio ponto de vista "não necessitam de arrependimento".

15.8 Dracma. A dracma tinha poder aquisitivo muito grande. A casa pobre não tinha janela; precisava da candeia.

15.10 Júbilo... *anjos.* Refere-se a Deus, que transborda de alegria em virtude do Seu profundo amor e do valor que dá ao homem.

• **N. Hom. 15.11-32** O Filho que voltou ao Pai, A volta consiste em: 1) Arrependimento (v. 18, uma nova atitude); 2) Confissão de pecado e indignidade; 3) Entrega total ao Senhor (cf. Rm 1.1n); 4) Conversão, "foi" (20). A salvação consiste no amor de Pai que: 1) Aguardou-o; 2) Compadeceu-se dele; 3) Abraçou-o e o beijou; 4) Proveu: a) *melhor roupa* (cf. Mt 22.11); b) *anel* para selar, indicando reconciliação e autoridade; c) sandálias (de homem livre, cf. Gl 5.1. O escravo andava descalço); e d) uma festa (comunhão).

15.13 Dissipou. É o contrário de "ajuntando tudo". O pecado consiste em gastar os bens criados por Deus, e emprestados a nós (corpo, tempo, saúde, mente, coisas materiais, etc.), sem gratidão (Sl 107) ou pensamento na responsabilidade da mordomia de tudo. O filho foi para longe, a fim de afastar-se da vigilância e disciplina do pai.

15.17 Caindo em si. A frase implica que, antes, estava fora de si. Pecado é loucura. O filho volta ao pai por causa da confiança que nele tem e pelo amor a si mesmo.

15.24 *morto... perdido*. Refere-se ao estado daquele que perdeu o contato com Deus (cf. Rm 6.13; Ef 2.1) e não vive mais participando da vida de ressurreição em Cristo (cf. Jo 11.25s).

15.25-32 *O filho mais velho*. Representa os judeus, que, firme e meticulosamente, guardavam os preceitos da lei (29) e não compreendiam o princípio da graça divina que produz a espontaneidade no serviço.

15.28 *Ele se indignou*. O contraste com a alegria do pai assustador. O filho mais velho quer que o irmão pague tudo e seja humilhado (cf. 7.41ss).

15.31 Iguamente com os filhos de Deus; tudo esta ao nosso dispor em Cristo (Ef 1.3). A inveja e o orgulho impedem a sua fruição.

16.1 *Também*. Indica uma conexão com a parábola anterior. O administrador astuto "defraudou" (o gr é traduzido como "dissipou", 15.13) os bens do seu senhor. Ao contrário da atitude do filho mais velho, que se irrita com a volta do irmão, o mordomo assegura seu futuro, fazendo amigos. Não apresenta um exemplo para ser seguido, mas é uma história real de um indivíduo mundano que coloca em primeiro lugar a si mesmo e prudentemente consegue a segurança mundana. Os filhos da luz (v. 8; Jo 8.12; 12.36; Ef 5.8) devem dar a mesma atenção à eternidade.

16.6,7 *Cados... coros*. O cado media c. 40 litros; o coro, 525 litros. Escreve *cinquenta... oitenta*. Ele abre mão do seu lucro para assegurar seu futuro com os amigos.

16.8 *Filhos do mundo*. Gr *tou aionos toutou*, desta época. Era a frase comum para indicar o período anterior à vinda do Messias e Seu reino.

• **N. Hom.** A sagacidade espiritual é: 1) Prejuízo agora para se obter lucro no céu; 2) Investimento dos bens para ganhar almas eternas (v. 9); 3) Fidelidade .na mordomia de bens alheios para receber riquezas próprias (v. 12).

16.9 *Iníqua*. Gr *adikia* não indica a falta de ética individual, mas a característica universal desta era ("mundo"; v. 11; 1 Jo 5.19). *Amigos*. Devem ser os discípulos ganhos para Cristo por meio de fidelidade no pouco (10), isto é, utilizando os bens materiais na expressão de amor às almas.

16.12 *Alheio*. Tudo o que temos neste mundo pertence ao Senhor (cf. Sl 24.1). Na vida futura receberemos o direito de possuir.

16.13 *Servir*. Gr *douleuen*, "ser escravo"; cf. Rm 1.1n. *Riquezas*, gr *mamõna*, é uma palavra de origem aramaica que significa tudo que pode ser possuído com riquezas. Lucas, mais que qualquer outro evangelista, destaca os "santos pobres" e o perigo do amor ao dinheiro.

16.15 *Elevado*. A honra diante dos homens era o alvo dos fariseus (cf. Jo 5.44; 12.43), mas Deus, que sonda os corações, vê os motivos egoístas que são uma abominação para Ele.

16.16 *Todo homem se esforça* com violência (cf. Mt 11.12n). No evangelho, a salvação é dada inteiramente pela graça, de um modo que, mesmo não sendo judeus "zelosos da lei" como os fariseus, muitos estão entrando no reino de Deus seguindo o difícil, e desprezado caminho de Cristo (14.27).

16.17 *Um til*. Não passará da lei a menor parte, pois ela se refere à mensagem de Cristo e cumpre-se no reino de Deus (cf. Mt 5.17, 18).

16.20 *Lázaro* ("Deus ajuda"). Este nome específico talvez indique que Jesus, nesta parábola, conta uma história conhecida. Não deve ser interpretada como fonte de informação sobre a vida do além. *Jazia*, gr *esbebleto*, "foi jogado". Esta palavra era usada para exprimir prostração por causa de doença ou feridas.

16.22 *O rico...* Provavelmente um saduceu (da seita judaica que não acreditava na vida após a morte, cf. At 23.8, e limitava o cânon aos livros de Moisés). Em contraste com o "administrador astuto" e sua precaução para o futuro (vv. 4-9), este rico, como o "louco" (12.16ss), é indiferente ao sofrimento presente e ao juízo futuro, ilustra o princípio do v. 15b.

16.23 *Inferno*. Gr *hades*, não é *geena* (cf. Mt 5.22n), mas a habitação dos mortos no mundo inferior, até o juízo final. O paraíso (seio de Abraão, v. 22; cf. 13.28ss) está separado pelo abismo entre o mundo inferior e os "lugares celestiais" (2 Co 12.4; Ap 2.7; 6.9).

16.24 Tudo fica invertido, na eternidade. O rico, que nunca mendigara na terra, agora implora usando talvez as mesmas palavras com que Lázaro lhe pedira as migalhas. • **N. Hom.** A Oração Ineficaz: 1) Se tardia, a petição de misericórdia só poderia ser atendida quando feita antes da morte; 2) mal endereçada - nem Abraão, nem santo algum, nem mesmo Maria, pode atender às orações (Jo 14.13); 3) Sem arrependimento e fé - o rico ainda procura alívio, mas não a glória de Deus.

16.25 *Tormentos*. O inferno é um lugar de sofrimento, de onde é visto o que jamais se gozará (v. 23), de onde os condenados se lembrarão do passado com saudade insaciável e remorso (v. 25), de sede sem alívio (v. 24) e de condenação irrevogável (v. 26). Jesus elimina, assim, a possibilidade de existência do purgatório ou de salvação após a morte.

16.31 A parábola ensina a obstinação da incredulidade e a impossibilidade do homem se salvar rejeitando a Bíblia (vv. 29-31; cf. Jo 5.45-47). Nem a ressurreição de Lázaro (de Betânia) nem a de Cristo persuadiram os arrogantes líderes a se arrependerem (cf. Jo 11.47-12.11).

17.1 *Escândalos*. "Pedras de tropeço". Aquilo que afasta, do Senhor (cf. 17.23; 21.8; Mc 9.43ss; Rm 14.13ss), a um crente menos maduro na fé (cf. pequeninos, v. 2; Mt 18.6). É um aviso contra falsos mestres.

17.4 *Sete vezes*. Isto é, sem limite (Mt 18.21s). Temos a obrigação de perdoar o arrependido, assim como Deus perdoa (15.1-32; Mt 6.14, 15).

17.5 É tão essencial a fé para perdoar como para receber perdão.

17.6 Fé. Não maior que um grão de mostarda, mas vivificada pelo Espírito, faria milagres, dentre os quais, o maior seria a capacidade de perdoar.

17.10 *Inúteis*. Cf., 1 Co 9.16. Deus não é nosso devedor, mesmo quando fazemos tudo quanto Ele pede. O escravo não tem direitos.

17.11 *Pelo meio*. Melhor, "entre", isto é, na divisa da Galiléia e Samaria, indo para a Peréia, ou Transjordânia.

17.14 *Ide*. É a prova da fé (cf. 2 Rs 5.10-15).

17.18 *Estrangeiro*. Os nove ingratos leprosos representara a atitude da maioria do povo judaico diante da missão e a mensagem de Cristo. O samaritano é como uma amostra do acontecimento da antecipada aceitação do evangelho pelos não - judeus.

17.19 *A fé te salvou*. "Salvar" tem um duplo significado, de curar e redimir. Fé não é obra meritória mas graça recebida, e portanto motivo de gratidão.

17.20 *Visível aparência*. Gr *parateresis*, "sinais" ou "ritos de culto", Gl 4.10. A noite da Páscoa era a noite da observação da cerimônia pascal (Êx 12.42). A vinda de Cristo não depende de ritos externos, mas de recebê-lo de coração.

17.21 *Dentro em vós*. O grego pode significar "dentro" ou "no vosso meio". Jesus declara que o reino não está no meio dos fariseus incrédulos, mas sim, que Sua pessoa e obra já atua no meio deles, e que Ele virá em poder na consumação dos tempos.

17.22,24 *Um dos dias...* refere-se à vinda de Cristo (cf. v. 26), que será repentina e visível como o relâmpago.

17.27-29 *Comiam...* A ênfase deste trecho não recai sobre pecaminosidade, mas sobre a indiferença relativa às coisas espirituais e ao juízo.

17.31 *Não desça...* A necessidade absoluta de preparação prévia para a vinda é um dos principais temas no ensino Cristo a respeito do assunto (cf. 12.35-48; Mt 25.1-13). Vigilância é a concentração sobre as coisas de Deus contrária ao espírito da *mulher de Ló* (32).

17.34,35 Em alguns lugares do globo esta vinda de Cristo ocorrerá de madrugada, antes do sair do sol: alguns estarão dormindo, outros preparando o pão do dia. Isto simboliza

novo dia que Cristo inaugurará (cf. 2 Pe 1.19). *Tomado*. Afastado do julgamento (cf. Mt 24.31).

17.37 *Onde...* Quer dizer: "Onde estiveram os mortos espirituais, aí cairá o juízo (cf. Ap, 19.17, 18). Os *abutres* eram reconhecidos pela velocidade com que alcançam a sua rapina; indicam o juízo súbito, sem escapatória.

18.1-8 Como 16,1-8, esta é uma parábola de contraste se um juiz que não teme a Deus ou ao homem pode ser levado a vingar uma viúva importuna, quanto mais a justo juiz do universo (cf. Tg 4.12), No contexto os crentes perseguidos são encorajados a orar confiantes em Deus, durante o intervalo que há entre a ascensão e a segunda vinda de Cristo.

18.3 *Viúva*. No AT representa (com os órfãos) os desamparados e destituídos de todos os recursos (Sl 68.5; Lm 1.1).

18.5 *Molestar*. lit. "esbofetear", traduzida "esmurro o, meu corpo", 1 Co 9.27. • **N. Hom.** A *oração eficaz* é: 1) Fervorosa (Tg 5.16); 2) Incessante (1 Ts 5.17), e 3) Confiante (1 Jo 5.15).

18.7 *Justiça*. Isto é, de Deus; será feita por ocasião da volta de Cristo à terra. *Escolhidos*. Termo usado com exclusividade, no AT, para se referir a Israel, o povo eleito de Deus. Seu paralelismo tal como a palavra "servo" (cf. 1 Cr 16.13; Sl 105.6; Is 65.9), une as idéias de responsabilidade e de privilégio. No N.T. é estendido ao novo Israel, à Igreja (cf. 1 Pe 2.9).

18.11 *Graças*. O contraste com a viúva (3-5) é absoluto. O fariseu não pede nada, na sua presunçosa oração. Sua gratidão não passa de congratular-se a si mesmo.

18.12 Este fariseu excedia, em muito, os requisitos normais da lei: o de jejuar uma vez ao ano, o de dar o dízimo de apenas algumas espécies insignificantes de renda. A Igreja primitiva adotava dois jejuns às quartas e sextas feiras, cf. Didaché 8.1. Os jejuns judeus eram realizados às segundas e quintas.

18.13 *Sê propício*, Gr *hilastheti*, "sê conciliado", "expiado". No NT e na Septuaginta o termo está relacionada com o propiciatório no lugar santíssimo do templo (cf. Rm 3.25n, Hb 9.5; Êx 25.17).

18.14 *Justificado*. Isto é, por Deus (Rm 1.17n; 5.1). O fariseu, justificando-se a si mesmo, rejeita à justiça gratuita de Deus (cf. Rm 3.20).

18.16,17 *Deixa! vir*. Esta seção dá, novamente, a resposta à questão sobre quem herdará o reino. A recepção das crianças, gr *brephe*, "infantes" não destaca nem a compreensão nem a obediência oriundas da fé, mas a relação de amor para com o Senhor. *Receber o reino* requer: 1) Humildade, 2) Confiança, 3) Proximidade e 4) Uma relação pessoal, como a da criança, que revela maior receptividade diante do amor de Cristo. Qualquer impedimento a esse amor será terrivelmente punido (cf. 17.12; Mt 18.1ss).

18.19 *Porque me chamas bom?* Isto é, "sabes o que dizes? Só aquele que reconhece quem Eu sou, pode chamar-me bom sem ser hipócrita" (cf. Rm 7.18).

18.22 *Uma coisa*. Cristo mandou somente segui-lo. A renúncia a tudo o que ele possuía era a condição primária para o discipulado. Cristo toca no décimo mandamento não cumprido; ele era cobiçoso. *Tesouro*. Cf. 12.34n.

• **N. Hom.** **18.23** *Muito triste*. Causas da tristeza de um jovem valoroso: 1) Negou-se a corresponder à expectativa do sábio Mestre (cf. Jo 3.3, 5), 2) Rejeitou ao único Mestre que podia guiá-lo (Jo 8.12); e 3) Afastou-se do único caminho que podia conduzi-lo à vida eterna (cf. Jo 14.6).

18.26,27 *Quem pode ser salvo?* Nem todos são ricos, mas todos amam o mundo (1 Jo 2.15). A renúncia de tudo por amor a Cristo é igualmente impossível, tanto para pobres como para, ricos. Toda salvação depende, em, última análise, de Deus (cf. Jo 6.37).

18.32 *Gentios*. Pela primeira vez, surge uma menção da participação ativa dos romanos, quando das perseguições a Cristo.

18.34 *Era-lhes encoberto.* Ainda que seja esta a sétima predição feita por Cristo acerca de Sua paixão (cf. 5.35; 9.22, 44; 12.50; 13.32; 17.25), os discípulos não podem escapar à idéia comum de que o Messias seria Rei terreno e compartilharia a autoridade e a honra do Seu governo com Seus seguidores leais. Se o Espírito Santo não revelasse o plano da redenção, ninguém o perceberia (cf. 2 Co 4.3, 4, com Lc 24.26s).

19.35 *Ao aproximar-se...* Mc 10.46 diz: "quando ele, saía de Jericó". É possível que Bartimeu tenha sido curado entre a velha Jericó (cidade cananéia) e a nova (recente construção de Herodes).

13.38,39 *Filho de Davi.* É um título messiânico e indica que já corriam os rumores que culminariam na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (19.28ss). Era perigoso gritar isto nos ouvidos dos governadores romanos.

18.40 *Parou Jesus.* A ação do Senhor, é uma repreensão aos que, desprezando o cego mendigo, "o repreendiam" (v. 39). O cego Bartimeu demonstra a lição prática da parábola sobre a oração importuna (v. 1ss).

18.41 *Ver* pode ter sentido duplo (física e espiritual), como também "salvou" (cf. 8.36n).

19.2 *Zaqueu.* Lit. "o justo", *maioral dos publicanos* (cobradores de impostos). Jericó, na fronteira com a Transjordânia (Peréia) facilitava a arrecadação de impostos. Zaqueu, sendo chefe, recebia uma porcentagem de todos os impostos coletados. *E rico.* Zaqueu é um tipo de pessoa tida por "impossível aos homens" (cf. 18.24-27).

19.3 *Procurava ver.* Não como o curioso Herodes (9.9), nem como as multidões incrédulas (cf. 11.16, 24ss), Mas com a insistência do cego (Cf. 18.41n).

19.6 *Recebeu com alegria.* 19 referências a gozo se destacam em Lucas (veja em Filipenses, a atitude de seu colega, Paulo, Fp 1.18n).

19.7 *Todos... murmuravam.* Para o "povo" era muito mais fácil louvar a Deus pelo milagre da cura de Bartimeu (cf. 18.43), do que pelo milagre maior da conversão de um grande pecador (cf. 15.28, 30).

19.8 *Metade dos meus bens.* Zaqueu demonstra a realidade da sua conversão pela profunda gratidão que sente ao ver em Cristo o único valor real. Restituiu quatro vezes, conforme a lei, que trata do roubo em Êx 22.1.

• **N. Hom. 19.9** O encontro salvador com Cristo 1) Parte de: a) o desejo do pecador de "vê-lo" (vv. 3, 4); é b) a proximidade e o convite do Salvador (v. 5; cf. Ap 3.20); 2) Envolve: a) a aceitação do Senhor com gratidão (v. 6); b), o arrependimento que suscita o amor (v. 8); e c) a segurança na promessa da palavra de Cristo (9s). Filho de Abraão, no NT, significa herdeiro da promessa pela fé em Cristo (cf. Rm 2.28s, - Gl 3.14ss).

19.11 A parábola das minas tem o propósito de combater a idéia de que Jesus estabeleceria Seu reino terrestre ao chegar a Jerusalém.

19.12-14 *Certo homem.* Há um paralelo histórico mencionado em Josefo (*Antigüidades*, 17.9.3). Arquelau (irmão de Antipas, 9.9n) foi a Roma para confirmar seu reino em 4 a.C. Os judeus, conhecendo seu caráter tirânico, mandaram uma delegação pedir que lhe fosse negado o reino, mas o imperador Augusto concedeu-lhe metade do território que estava sob tutela de seu pai, Herodes, o Grande,

19.13-19 *Dez servos.* Em contraste com Mt 25.14ss, a quantia é pequena e igual para todos. Visa uma prova da fidelidade. O primeiro representa a classe de crentes que se dedica integralmente ao Senhor e Seu serviço.

19.29 *Betfagé.* Provavelmente uma aldeia a leste do cume do monte das Oliveiras (1,5 km de Jerusalém). Betânia, no sopé, 3 km a sudeste da cidade de Jerusalém; era aldeia de Lázaro, Marta e Maria (10.38ss; cf. Jo 11.1).

19.31,34. *O Senhor precisa dele.* Este é o padrão da mordomia no NT. As posses do discípulo são controladas pela simples frase, "O Senhor precisa dele" (cf. At 4.34-37; 13.2).

19.32 Segundo Ihes dissera. Profecia cumprida era a credencial de um profeta. Jesus tem o dom da profecia (cf. 22.1, 21, 34) e conhece os segredos dos homens (7.39s; cf. Jo 1.47ss). Seu ensino está de acordo com Moisés e os profetas (cf. 24.6, 26a).

19.35 A esta altura Jesus se manifesta como o Messias muito esperado, predito em Zc 9.9. A multidão, reconhecendo a nova atitude: (contrastando com 9.21; 12.2), demonstra sua lealdade, política e religiosamente.

19.38 Rei. Cf. Mc 11.9 e Mt 21.4s. O título serve para lembrar a parábola de "Rei rejeitado" (v. 14). *Em nome...* O Rei ungido e comissionado por Deus (Jeová, em Sl 118.26). *Paz no céu.* A paz messiânica vinda à terra (2.14) volta para o céu, onde estará o Cristo ressurreto. Essa paz foi rejeitada por Jerusalém (v. 42) e aguarda a segunda vinda para o seu cumprimento, mas enche o coração daqueles que aceitam o Senhor dá paz (cf. Is 9.6; Jo 14.27; Ef 2.13,14; Fp 4.7). Note o contraste chocante entre os discípulos louvando, os fariseus rejeitando, e Jesus chorando (vv. 38-41) junto aos discípulos em um quadro, a multidão violentamente se alvoroçando e Jesus sendo julgado (23.21, 27ss) em outro.

19.40 Pedras clamarão. Quem é Jesus não será mais segredo. Mesmo que os discípulos deixem de anunciá-lo, as pedras darão testemunho, como fizeram na destruição de Jerusalém (21.6), em cumprimento da palavra de Cristo (v. 44). Cf. Josefo, *Guerras*, 6,5,3.

19.41 Chorou. A entrada deveria ser triunfal; todavia foi motivo de lamentação e maldição por causa da incredulidade (cf. Nm 13 e 14; Ap 6.16, 17).

19.44 Aqui termina a seção central de Lucas sobre a ida para Jerusalém iniciada em 9.51. O v. 45 inicia a seção sobre "Jesus e o templo", que se encerra em 21.38, com a predição sobre sua destruição.

• **N. Hom. 19.45,46** Casa de oração, torna-se em covil de ladrões, quando: 1) O Senhor da casa não é reconhecido (v. 42; cf. Mt 3.1); 2) A avareza (cf. Jr 7.11) substitui a adoração e o amor (cf. 1 Co 13); 3) A casa do Senhor ("minha") é tratada como "nossa" (cf. 1 Co 6.19); 4) Palavras e petições egoístas suplantam a intercessão (Tg 4.2, 3).

20.1 Sacerdotes e os escribas... anciãos, representam os três grupos de elementos do Sinédrio. Os "maiorais do povo" (cf. 19.47) eram os anciãos, não os sacerdotes.

20.2 Estas coisas. Especialmente a purificação do templo (19.45ss) que era um desafio violento às autoridades judaicas. Só o Messias teria tal autoridade, mas é impossível reconhecer a autoridade divina, se não estivermos dispostos a nos submetemos a ela.

20.7 Não sabiam. Fica patente a insinceridade dos doutores da lei.

20.9-16 Esta parábola apresenta uma pretensão messiânica e uma profecia da paixão. A vinha refere-se a Israel (Como no AT, cf. Is 5.1-7; Jr 2.21). Os *lavradores* são líderes do povo. Os *servos* representam os profetas e mensageiros enviados de Deus e maltratados através da história (cf. Jr 7.25; 25.4; Am 3.7). *Meu filho* (v. 13) é Cristo, o amado filho unigênito de Deus (cf. 3.22, onde é um título messiânico). O desrespeito e assassinio de Jesus acarretará a terrível ira de Deus (v. 16).

20.9 Ausentou-se do país. Lembra as parábolas sobre a vigilância (cf. Mt 25; Lc 12.35ss; 19.11ss). Cristo está advertindo à Igreja e seus líderes, durante esta era de graça, para que não tomem as mesmas atitudes dos judeus.

20.15 Lançando-o fora. Cf. Jo 9.34, "excomunhão"; e Hb 13.12, "crucificação".

20.16 Passará a vinha a outros. Aos gentios, que, crendo em Cristo, ganharão o que Israel perdeu (cf. Rm 11.11s; 22-25). Cf. Lc 22.30, referindo-se aos apóstolos: em proeminência no reino.

20.17 O salmo 118 foi cantado ao se completarem os muros de Jerusalém em 444,a.C. O v. 22 desse salmo citado aqui referia à volta de Israel à Palestina e seu restabelecimento como nação. *Principal Pedra.* O judaísmo esperava uma renovação gloriosa do templo, nos dias do Messias. 1 Pe 2.4-9 mostra que esta esperança se cumpriu na edificação espiritual do templo que é a Igreja, o Corpo de Cristo (cf. Jo 2.19-22; Ef 2.20-22).

20.18 Cair. Tropeçar em Cristo, na cegueira da incredulidade, trará despedaçamento nesta vida pelo Julgamento divino (exemplo: a destruição de Jerusalém em 70 d.C.); mas se os incrédulos persistirem na dureza de coração até passar o dia da graça, Cristo os levará ao juízo final como a palha soprada por um temporal.

20.20 Entregá-lo. Esperavam que Jesus condenasse o tributo, despertando assim a ira dos romanos (cf. 23.2). Se apoiasse o tributo, Ele perderia Sua popularidade. A oposição dos judeus contra o tributo suscitou a revolta de Judas em 6 d.C. (cf. At 5. 37).

• **N. Hom. 20.24,25** Responsabilidade perante o mundo e perante Deus: 1) A responsabilidade civil abrange aquilo que tem a imagem do mundo (o Estado e suas leis, Rm 13.1-7); 2) A responsabilidade espiritual abrange aquilo que tem a imagem de Deus (pessoa, espírito, mente é coração humanos, Mt 22.37). Devemos "dar" os nossos semelhantes a Deus (Rm 15.16; Ef 5.2, 25s). *Dai.* Gr *apodote*, "pagai de volta". Não é somente lícito, mas também um dever.

20.28 Para a lei do levirato cf. Dt 25.5, 6. É provável que a questão fosse inteiramente imaginária, criada pelos saduceus para negar a realidade da ressurreição (cf. At 23.6-8).

20.34-36 Filhos deste mundo. Lit. "século", significa aqueles que, como os saduceus materialistas, adotam este mundo como seu alvo e exemplo, Os *filhos da ressurreição* (v. 36) contrastam com eles de modo absoluto, tanto nesta era como na vindoura (cf. Cl 3.1-4).

20.37 Trecho... As divisões em capítulos foram feitas em 1244 d.C. e em versículos entre os séculos VI e X.

20.38 Deus... de vivos. Vários séculos depois dos patriarcas, Deus se revelou a Moisés como o Deus de Abraão... (cf. Êx 3.6), Se estes não estivessem vivos (por serem imortais) aguardando a ressurreição, Deus não podia ser seu Deus, isto é, o Deus de pessoas inexistentes. Um argumento firmado em "Moisés" teria validade final.

20.39 Escribas. Na sua grande maioria eram fariseus, os quais aceitavam a ressurreição (At 23,6-8), e portanto aprovaram a resposta de Jesus.

20.42,43 Minha direita. Posição de soberania real. Cristo reina agora (cf. 22.16; 23.42; Jo 18.36; 1 Co 15.24). *Inimigos.* Seriam a morte, (cf. 1 Co 15.25, 26), o pecado e as forças espirituais que se opõem (cf. Cl 2.15; Hb 2.8ss).

20.44 Senhor... filho. Na ordem patriarcal, o mais velho não podia honrar o mais novo assim. É uma referência à preexistência e deidade de Cristo, o Messias (cf. Mt 22.41ss; Me 12.35ssn). Sendo eterna, Ele é antes de Davi, como também de Abraão (cf. Jo 8.58).

20.46,47 Jesus condena severamente a vaidade, bem como a avareza e a hipocrisia religiosas. Os escribas (seminaristas e ministros de tempo integral na religião) fingiam amar a Deus e Sua Palavra, mas não amavam aos seus semelhantes.

• **N. Ho m. 21,1-4** A mordomia consiste: 1) Não na quantia oferecida, mas no sacrifício envolvido; 2) Não em usar o que eu preciso e oferecer o saldo, mas em dar tudo o que tenho e sou, Rm 12.1; 2 Co 8.5, 3). Não em enriquecer a Deus (Cf. Sl 24.1); mas em eu ser mais confiante e dedicado a Ele.

21.2 Moedas. Gr *leptá*. Valiam muito pouco.

21.5 Templo. Consistia numa área cercada de muros (c. de 400 por 500 metros). Dentro da área estava o santuário, formado pelo lugar Santo e o Santo dos Santos. O segundo templo, de 515 a.C., foi completamente renovado por Herodes e seus sucessores. As pedras não cobertas de ouro, ou prata eram tão brancas que Josefo afirma que pareciam um monte coberto de neve.

21.6 Não ficará pedra... A destruição de Jerusalém (70 d.C.) seria tão terrível que prefiguraria o juízo final.

21.8,9 O surgimento de enganadores apocalípticos (V 8), distúrbios nas nações (v 9), guerras internacionais (v. 10), alterações nas estruturas geológicas (v. 11) e perseguições (vv. 12-19) perfazem o sinal da era, e não do fim do mundo. *Sou Eu*, ou "estou aqui".

Deve se tratar de um representante anunciando a presença (secreta) de Cristo. Isto se cumprirá logo antes da vinda de Cristo.

21.13 Testemunho. Dado em meio ao sofrimento e à perseguição é efetivo.

21.14,15 Boca e sabedoria. "Poder de falar e habilidade de escolher um conteúdo apresentando-o com retórica (Plummer). O Espírito de Cristo (Mc 13.11) dará a mensagem e a coragem para proclamá-la (cf. At 4.8-13; 6.3, 10; 7.1ss).

21.18 Não se perderá um só fio. Uma frase proverbial que não promete a proteção nesta vida (cf. 16 "matarão alguns"), mas assegura aos fiéis que eles receberão o corpo perfeito da ressurreição (Fp 3.21).

21.19 Perseverança... A coragem para enfrentar a mais terrível perseguição é uma confirmação da verdadeira salvação (cf. Mt 10.28):

21.21 Os montes. Só poderá ser a Transjordânia, para onde os crentes de Jerusalém fugiram antes da destruição da cidade em 70 d.C. (Eusébio iii 5.3),

21.24 Tempos dos Gentios. Isto é, período em que diversas nações, gr *ethnōn*, "nações gentias", dominarão a cidade santa (cf. Ap 11.2). *Tempos*, gr *kairoi*, 'oportunidades', poderia referir-se aos privilégios especiais concedidos aos gentios para que recebam o evangelho (cf. Rm 11.25).

21.25 Haverá sinais. Continuam, aqui, as Predições do v. 11 ("sinais no céu"), depois do parêntese aberto pelos vv.12-24. Como afirma 17.20ss, o significado dos sinais da vinda, ainda que "espantosos", e "grandes" (v. 11), passará despercebido aos incrédulos. O próprio discípulo que for, indolente e incauto será apanhado no laço (v. 34ss). Por isso, alguns acham que os sinais não são literais, mas que se trata apenas de figura da angústia humana (Plummer). Esta terminologia apocalíptica no AT e nos escritos judaicos é muito empregada, ou para descrever convulsão política, ou acerca do fim do mundo (Is 13.10; 34.4; Ez 32.7). Aqui devem estar incluídos acontecimentos cósmicos.

21.28 Redenção. Quando Cristo voltar, a salvação de todo crente será completada, recebendo ele, então, o seu corpo glorificado (Rm 13.11; 1 Jo 3.2).

21.31 O reino. A revelação pública, completa e final do reino de Deus.

21.32 Esta geração, Tal como "última hora" (1 Jo 2.18), "hoje" (Hb 3.7, 15) ou "agora" (2 Co 6.2), significa a fase final na história da Salvação. A geração dos "fins dos séculos" (1 Co 10.11) estende-se da ressurreição até a *parousia*. "A revelação pública do reino está prestes a aparecer, mas o tempo cronológico é indeterminado"(Ellis).

21.33 O cumprimento da palavra do Senhor é mais seguro que a permanência do mundo ou do céu (cf. Mt 5.18).

21.34 Aquele dia... Os crentes dedicados e vigilantes (em contraste com os mundanos e incrédulos) esperam confiadamente pela vinda de Cristo.

• **N. Hom. 21.36** O meio de escape é conseguido por aqueles com: 1) corações livres de vícios carnis e ambições mundanas (v. 34; Hb 2.3; 2 Pe 3.10, 11); 2) Mentes esclarecidas e despertas (v 34b; Mt 24.33; 1 Ts 5.4ss); 3) Espíritos alegres ('exultai', v. 28), na bendita esperança (Tt 2.13); 4) Cabeças erguidas (v. 28), percebendo a significação do que se passa; e 5) Mãos levantadas em oração contínua (v. 36a: cf. 1 Ts 5.17; 1 Tm 2.8).

21.37 Monte. Jesus pernoitava na casa de Lázaro, em Betânia (Mt 21.17).

22.3 Satanás entrou. Desde a derrota que sofrera quando da tentação (4.1ss) o diabo ficou na defensiva. Agora retoma a ofensiva, inculcando a sugestão da traição na mente de Judas, que, pelo livre arbítrio, escolheu trair Jesus. O que motivou sua atitude, foi a cobiça, a avareza e a decepção.

22.6 Sem tumulto. Era importantíssimo, para os inimigos de Jesus, não despertar uma reação popular favorável a Cristo. Durante a celebração da Páscoa não haveria gente nas ruas.

22.7 Pães Asmos, A festa iniciava-se com a Páscoa e durava sete dias. Os judeus chamavam a ambas as festas, juntas "Páscoa" (v. 1).

22.8 Preparar-nos... Incluía matar e assar o cordeiro e providenciar pão asmo, ervas amargas e vinho.

22.10 Um homem. Cristo estava desejoso de evitar a sua captura durante a celebração da Páscoa. Judas não tinha conhecimento prévio do lugar. *À casa.* Provavelmente era dos pais de Marcos (At 12.12).

22.13 Como Jesus lhes dissera, Cf. 19.32n.

22.16 Se cumpra. A ceia (a Páscoa cristã) é o antegozo da futura festa messiânica, quando a noiva (a Igreja verdadeira) se unirá eternamente com o Noivo (Cristo; cf. Ap 11 9.6ss).

22.17 Um cálice. Três cálices de vinho foram tomados durante a Páscoa - dois antes de se servir o cordeiro e o terceiro depois, quando Jesus provavelmente instituiu a ceia (v. 20).

12.18 Fruto da videira. Isto é, vinho. Era o termo técnico usado na Páscoa judaica. *Até que venha o reino.* A Páscoa cristã contempla o futuro, quando Cristo voltará (v. 30; 13.29n).

22.19 Isto é o meu corpo. Faltaria a palavra "é" no aramaico que Cristo falou. No contexto da Páscoa, Cristo oferece Seu corpo como o Cordeiro pascal (cf. 1 Co 5.7) no sacrifício que sela a nova Aliança (v. 20). Através da Sua morte, Cristo torna-se o alimento espiritual dos seus discípulos (cf. Jo 6.51-58), e os que se servem dEle com fé e amor em comunhão com Ele e entre si mesmos (1 Co 1.9; 16.22). A ceia, como a Páscoa, é um memorial do êxodo cristão, da libertação do mundo de trevas e pecado "para o reino do filho do Seu amor" (Cl 1.13).

22.22 Está determinado. Isto, pelas profecias infalíveis (v. 37; cf. 24.25s). O plano de redenção traçado por Deus não enfrentou surpresas.

22.24 Discussão. Lit. "contenda". Pedro e os discípulos precisam "passar pela peneira" (v. 31) de Satanás, a fim de afastar, de modo decisivo, para sempre, seu orgulho.

22.25-27 A grandeza do discípulo está na sua humilde dedicação no serviço aos outros (9.46n). *Serve, gr diakonōn* "servir mesas", cf. At 6.2. É apascentar os famintos espirituais (cf. Jo 21.15-17).

22.28 Tentações. Gr *peirasmois*, ou melhor, "provações" (cf. Tg 1.2, 12s), compartilha pelos discípulos durante o ministério de Cristo e até a Sua vinda (cf. Cl 1.24).

22.29 Vo-lo confiou (O reino). A responsabilidade de divulgar as boas novas do Rei Salvador é seguida pelo privilégio de reinar.

• **N. Hom. 22.31-34** A peneira do diabo: 1) A ocasião é prevista e permitida por Cristo; 2) O alvo: o do diabo é destruir a fé; o de Cristo é restaurar o "peneirado", para que ele fortaleça os mais fracos (cf. Gl 6.1). 3) A segurança do crente: a intercessão do Senhor (cf. Hb 4.14; 1 Jo 2.1, 2).

22.34 Galo cante. Isto é, antes de passar a noite toda.

22.36,38 Agora, porém... Inicia-se uma nova época, com novas condições de separação do Mestre e com hostilidades do mundo. *Duas espadas.* Cristo não recomenda comprar espadas (v. 36) para lutarem com elas, mas para assinalar a nova situação, iniciada com a crucificação. O uso de força e poder material na extensão do reino de Deus é contrário ao ensino de Cristo (cf. Mt 5.9s, 22;38ss, etc.). Não exige luta armada, e sim, oração (v. 40ss) e poder espiritual contra a feroz oposição (cf. 6.10ss). O papa Bonifácio VIII (1302 d.C.) assinou sua bula *Unam Sanctum*, que afirma que a Igreja tem pleno direito divino de exercer os dois poderes (material e espiritual) fundamentado sobre esta passagem. Quando os discípulos revelam que têm duas espadas, Jesus diz *bastá*, para indicar que o sentido das suas palavras era figurado.

22.37 A necessidade e a maneira de sofrer baseiam-se nas profecias acerca do Servo sofredor (Is 53), um: tema dominante no NT (cf. At 8.32s; Fp 2.6ss).

22.30 Costume. Jesus não quer evitar a captura; Judas irá para o jardim; Ele vai para onde Judas há de ir.

22.40 *Entreis*. Isto é, "cair" ou ceder à tentação de abandonar a fé e a lealdade ao Senhor na hora de provação (28n; cf. 11.4n).

22.41 *De joelhos*. Saliência a submissão e a insistência. Em pé era a posição mais comum para a oração (cf. 18.11).

• **N. Hom. 22.42** A perfeita vontade de Deus (cf. Rm 12.2) vista em Cristo, tem: 1) Sua fonte: a) no amor ardente pelos pecadores (Jo 3.16); b) na justiça que exige a cruz (2.Co 5.21); 2) Sua decisão: origina-se no desejo divino, e não no humano (Hb 10.7ss). 3) Sua consequência: obediência (Rm 5.19; Hb 5.7ss); b) Condução de outros para a salvação (Hb 5.9); c) Alegria e glória (Hb 12.2). Conclusão: Sigamos Seus passos (cf. 1 Pe 2.21ss)!

22.45 *Dormindo*. O sono substitui a oração e resulta em negação da fé em Cristo (57ss).

22.50 *Um deles*. Pedro, que tentou matar a Malco (cf. Jo 18.10). Jesus o curou, por amor e para evitar a denúncia que surgiria no inquérito, de que Ele liderava um bando de homens violentos.

22.52 Os títulos indicam os membros do Sinédrio (66), o mais alto tribunal religioso político do judaísmo.

22.53 *Poder dos trevas*. Cf. Cl 1.1 n. O gr *exousia* pode significar autoridades humanas (Rm 13.1ss) ou espirituais.

• **N. Hom. 22.54-62** A derrota de Pedro: 1) Começou com o orgulho (v. 33) e a incredulidade (v. 34); 2) Prosseguiu na falta de oração (45s); 3) Avançou mais ainda, com a tentativa de lutar contra as "trevas" com armas carnis (v. 50); 4) Confirmou-se seguindo de longe a Jesus (54); e 5) Culminou com a comunhão com as "trevas" (v. 55).

22.57 *Negava*. Tem dois sentidos implícitos: 1) Recusar-se a reconhecer; 2) Abandonar, apostatar. Neste sentido, se observa o contrário da confissão (12.8, 9n; 2 Tm 2.12). Vemos, aqui, que o pecado não é imperdoável e isto mostra à Igreja como tratar com o apóstata arrependido.

22.63 *Zombavam... pancadas*. A serenidade e perfeição do Santo Filho de Deus, desperta fúria nos corações depravados dos Seus algozes. Como foram contidas as legiões de anjos nessa hora de vergonha?

22.66 *Reuniu-se a assembléia*. Jesus enfrentou dois inquéritos preliminares nas casas de Anãs (cf. Jo 18.19-23) e de Caifás, o sumo sacerdote (v. 54; Jo 11.49), e finalmente, depois do amanhecer (para ser legal), diante do Sinédrio. Este tribunal não podia aplicar a pena capital sem autorização do procurador romano (cf. Jo 18.31).

22.67 *Dize-nos*. Procuram a única acusação formal que pesaria perante Pilatos. Admitir que era rei implicaria que Cristo estava em rebelião contra o estado (23.2). O Sinédrio não debate agora o ponto para descobrir a verdade, mas para arrancar uma confissão condenatória. Para os interessados Jesus podia mostrar, pelas profecias messiânicas, quem Ele era (24.44ss).

22.69 *Desde agora...* Sua glorificação, inclusive o direito de julgar, já começara (cf. Jo 13.31s; 17.1, 5).

22.70 *Filho de Deus*. Esta acusação (blasfêmia) teria peso perante os judeus do Sinédrio e o populacho, que se inclinariam em favor da condenação.

23.2 Se Pilatos se tivesse convencido da validade das acusações, não teria hesitado em condená-lo. Ele sabia que Jesus era inocente porque os judeus se opunham sempre, incondicionalmente, aos romanos, não aos "revolucionários" que surgiam em seu meio.

23.6 *Pilatos*. Encontra-se numa situação difícil. Se ele O condenasse, perderia sua dignidade e feriria sua consciência (20s). Se não, os judeus levariam o caso para o desconfiado imperador Tibério, em virtude do que era de se esperar que ele perderia sua posição, senão a vida.

23.9 *Nada lhe respondia*. Tendo Herodes (Antipas) recusado arrepender-se diante da repreensão de João Batista (3.19), é havendo-se tornado insensível a qualquer apelo moral e espiritual, não convém a Jesus insinuar-se com conversas ou milagres. Surge de

novo a superstição que aterrorizara Herodes, quando então acreditava que era João Batista ressuscitado.

23.13 *O povo.* Pilatos não esperava que o povo apoiasse a hierarquia contra Jesus, em vista dos benefícios que Jesus lhe fizera.

23.14,15,22 É importante, para Lucas, frisar que Pilatos, a maior autoridade romana, por três vezes tentou libertar a Jesus, especialmente se Lucas - Atos (os dois livros que fazem parte de uma única obra em dois volumes) é uma apresentação da história do cristianismo para Teófilo (cf. 1.3n), de quem, possivelmente, se esperava alguma influência favorável no caso de Paulo diante do tribunal do imperador (cf. At 25-28).

• **N. Hom. 23.18-21** Crucifica-o... solta-nos Barrabás, A prova da depravação do coração humano está no julgar: 1) Melhor um assassino (v. 19) que o Autor da vida, (cf. Jo 1.3; At 3.15); 2) Melhor um ateu vagabundo que o Filho de Deus; 3) Melhor um impenitente revolucionário que o Perdoador dos mais horrendos crimes (v. 34). Conclusão: só o coração transformado amará a Cristo (cf. Paulo, 1 Tm 1.15ss).

23.18 *Barrabás.* Alguns manuscritos de Mateus 27.16s têm "Jesus Barrabás". Vê-se aqui, claramente, a morte vicária de Cristo. O réu condenado à morte é perdoado (gr *apoluō*; cf. 6:37) e o inocente morre no seu lugar.

23.25 *À vontade deles.* Também, foi a vontade de Deus (cf. At 2.23; Rm 8.32), para que, através da morte, o poder de Cristo, Seu testemunho da verdade e contra o pecado, e Sua obra redentora, se tornassem poderosamente acessíveis ao mundo inteiro. • **N. Hom.** A vontade deles: 1) Que o firme censor de suas práticas morais e religiosas desaparecesse; 2) Que a verdade fosse abafada (cf. Jo 14.6); 3) Que o mestre e amigo dos pobres, dos humildes e dos pecadores morresse; e 4) Que o único Salvador e esperança do mundo fosse afastado.

23.26 *Simão.* Pai de Alexandre e Rufo (cf. Mc 15.21 com Rm 16.13n)., Em contraste com as mulheres que choram Simão segue a Cristo e carrega Sua cruz. Cirene era a cidade na costa norte da África. Houve uma sinagoga de cirineus em Jerusalém (cf. At 6.9; 11.20). Cruz - apenas o transversal, ou antena (vd NDB, p 379).

23.28. *Não choreis por mim.* Não é solidariedade, mas conversão, que Jesus quer. No judaísmo, o chorar pelos mortos era ato de mérito religioso (cf. 7.12; 23.48).

23.29 *Dias virão.* Esta sexta profecia contra Jerusalém (11.49-51; 13.1-9; 13.34s; 19.41ss, 21.21-24) sugere a destruição em 70 d.C. e o julgamento do mundo na segunda vinda de Cristo (Ap 6.16).

23.31 *Lenho verde...* "Se o Cristo inocente assim arrosta a vingança humana, quanto mais Jerusalém sofrerá sob a vingança divina" (Creed).

23.33 *Calvário.* Um outeiro que parecia uma caveira. Não pode ser localizado com certeza. A Igreja primitiva não se interessava por "lugares Santos".

23.34 *Perdoa-Ihes.* (Is 53.12 "... pelos transgressores intercedeu".) Revela o coração misericordioso de Deus diante do pecador, que Ele ama Infinitamente (Jo 3.16) enquanto o mesmo pecador agir em ignorância (At 3.17; 17.30).

23.35-39 *A si mesmo se salve.* Autoridades, soldados e um bandido, julgam que a única prova válida de Jesus ser o *Escolhido de Deus* é Ele descer da cruz. Essa prova foi dada na ressurreição, quando Ele saiu do sepulcro. O outro malfeitor, pela fé, reconhece que Jesus é o Rei do céu e recebe sua cidadania celestial pelo simples pedir. Cristo, Escolhido, Rei dos judeus, são todos títulos messiânicos.

23.38 As três línguas da Palestina eram grego, latim e hebraico (aramaico).

23.43 *Comigo no paraíso.* Isto é, compartilhando, o lugar e a condição de bem-aventurança celestial daqueles que morrem no Senhor (cf. Ap 14.13) até à ressurreição,

23.44 *Hora Sexta.* Isto é, meio-dia. Cristo morreu, provavelmente, nessa hora.

23.45 *Rasgou-se... o véu.* Aquele que vedava a Santo dos Santos. Foi um ato simbólico de Deus, indicando o livre acesso a Si e ao céu pelo sangue de Cristo (Hb 10.19ss), e que o templo não é mais necessário para a adoração de Deus (Jo 4.21ss).

23.48 *Lamentar, batendo...* As consciências começaram a acusá-los pelo papel que fizeram. Isto preparou milhares para o arrependimento no dia de Pentecostes (At 2.37-41). A oração de Jesus (v. 34) foi respondida.

23.51 *Não tinha concordado.* José de Arimatéia era um verdadeiro discípulo, ainda que em secreto ("esperava o Reino de Deus", cf. 2.25n, e arriscou juntamente com Nicodemos (cf. Jo 19.29ss) sua posição e pessoa. Assim se cumpriu a profecia de Is 53.9.

23.54 *Dia do preparação.* Termo técnico para sexta-feira antes da Páscoa.

23.55 *Mulheres* (Cf. 8.1-3). O galardão de sua lealdade foi testemunharem a ressurreição. *Viram.* Este ponto é destacado contra os gnósticos docetas (que negavam a morte de Cristo) e todo incrédulo que alegasse que elas foram para o túmulo errado, ou que os discípulos esconderam o corpo, etc.,

23.56 *Aromas e bálsamos.* Vê-se o amor pelo Senhor no trato do Seu corpo. Normalmente um criminoso crucificado seria enterrado sem cerimônia num campo qualquer.

24.4 *Dois varões.* Anjos, identificados pelas vestes resplandecentes (cf. a transfiguração que antecipa a visão da ressurreição, 9.29, 32n).

24.5 *Temor.* (cf. 1.50n). *Por que buscais?* É uma repreensão não somente por terem vindo ao sepulcro, mas porque, depois de verem os lençóis arrumados não creem (cf. Jo 20.5-8). Nenhum agente humano teria removido o corpo dos lençóis daquele modo.

24.9 "Nada disseram a ninguém" (Mc 16.8) até se encontrarem com os discípulos, quando *anunciaram*, sendo, assim, as primeiras a testemunhar da ressurreição.

24.11 *Pareciam um como delírio.* Gr *leros*, "tolice". Estavam longe de acreditar na ressurreição na base do testemunho emocional de mulheres (cf. Jo 20.25).

24.13 *Mesmo dia.* O domingo da ressurreição simboliza a era da nova criação. Emaús é desconhecida. Sessenta estádios, cerca de 12 km.

• **N. Hom. 24.16** Impedidos de reconhecer o Cristo Ressurreto: 1) Pelas lágrimas do desespero (cf. Jo 20.15); 2) Pela ignorância das Escrituras (cf. Lc 24.25ss); 3) Pelo temor à escuridão (cf. Jo 20.19); 4) Pela dúvida (cf. Jo 20.25); 5) Pela distância (cf. Jo 21.7); e 6) Pelo ódio e a cegueira (cf. At 9.5). Conclusão: Todos O reconheceram pela revelação de Sua pessoa.

24.18 *Cleopas*, O tio de Jesus, irmão de José, segundo Eusébio (HE 3.11,1), que também afirma que este relato veio da família de Jesus (At 1.14).

24.19 *Profeta.* Souberam que era profeta; isso foi provado pelos Seus milagres e Seu ensino (em At 7.22, descreve Moisés). Esperavam que Ele fosse mais: o Messias (Dt 18.15, 18). A decepção era profunda.

24.21 *Redimir a Israel.* Como Moisés, que redimiu a Israel da escravidão, a esperança, dos discípulos era que Jesus, também os resgataria do poder romano e estabeleceria uma teocracia santa, poderosa e eterna.

24.24 *Verificaram.* Contra toda explicação psicológica da ressurreição é frisada a obstinada negação do fato pelos discípulos. Nem túmulo vazio, nem anjos declarando, nem mulheres afirmando, nada os convence, a não ser Cristo em pessoa (v. 30ss). Sem a revelação do Espírito, agora também, ninguém se convencerá destes fatos que salvam.

24.25 *Os profetas disseram.* Supõe-se que nos tempos da Igreja Apostólica existiam, as "testimonia", coleções das passagens proféticas que confirmavam a pessoa e obra de Jesus. Exemplos nos escritos de Lucas seriam 20.17 (Sl 118); 22.37 (Is 53); 23.34ss (Sl 22, 69); At 2.27 (Sl 16); cf. Is 8.14; Os 6.2; Zc 12.10; 13.7. As *testimonia* teriam tido seu início na exposição das Escrituras por Cristo (vv. 32, 44ss).

24.26 *Convinha.* Gr *edei*, "era necessário". Tudo o que se passou com Cristo era conseqüência do propósito, divino e da inviolabilidade da Palavra de Deus. *Padecesse.* A esperança messiânica concentrara sua atenção sobre as glórias sem reparar no caminho da paixão (cf. 9.43n; Fp 2.5-11).

24.29 *Constrangeram.* O Senhor não entra pela força, mas mediante convite.

24.30 Este versículo lembra a ceia (v. 35, "partir do pão" é termo comum para a teia cf. At 2.42) e simboliza o fato de que sem Cristo à cabeça da mesa não há comunhão (1 Co 10.6; Ap 3.20).

24.31 Os olhos "impedidos", (v. 16) antes, agora são abertos. Corações néscios e "tardos" (v. 25) começam a arder (32) com amor e dedicação. *Desapareceu*, sem se locomover fisicamente. O corpo ressurreto podia atravessar as portas ou paredes (Jo 20.19); aparecer ou desaparecer.

• **N. Hom. 24 32** A sarça ardente: 1) Olhos ardentes - com as lágrimas de desespero (v. 16); 2) Corações ardentes - ao ouvir as Escrituras expostas por Cristo (v. 32); 3) Pés ardentes - ao correrem para avisar os que desconhecem o maravilhoso acontecimento (v. 33).

24.34 *Simão*. O primeiro na lista de aparecimentos, apresentada em 1 Co 15.5.

24.36 A linha final deste v. e o v. 40 são provavelmente interpolados de Jo 20.19s.

Não constam nos melhores manuscritos do original.

24.37,39 *Um espírito*. Há indicações de que o corpo ressurreto tem a aparência do corpo anterior, mas é de substância mais rara e tênue. As marcas dos cravos e da lança continuaram no corpo ressurreto de Cristo (cf. Jo 20.27). Era composto de ossos e carne (cf. 39). Sem dúvida, reconheceremos nossos amados na ressurreição (cf. 1 Co 15.44).

24.39 *Apalpai-me*. 1 Jo 1.1 cita este fato contra o gnosticismo.

24.43 *Comeu*. Podia comer, mas não precisava. Certificou Sua substância.

24.44 *Lei... Profetas... Salmos*. São as três divisões características do cânon hebraico, que incluíam todo o AT.

24.45 *Abriu o entendimento*. A morte e ressurreição apagaram das suas mentes os preconceitos errados. Agora podem receber as chaves interpretativas para compreenderem as Escrituras.

24.49 *Revestidos de poder*. O poder para cumprir a missão de pregar a todas as nações (v. 47) não depende da presença visível de Cristo, mas a invisível, do Espírito Santo (cf. Mt 28.18-20; At 1.8).

24.51 *la-se retirando deles* (cf. 31), Não assinala Sua exaltação (cf. Jo 20.17), mas o fim dos aparecimentos no mundo até Sua Segunda Vinda (cf. At 1.11).

24.52 *Grande júbilo*. Contrasta-se com a tristeza. nos mesmos corações quando Cristo se afastou na morte. Sua presença continua com eles no Espírito e produz alegria transbordante (cf. 2.46; 5.41, etc.).

O Evangelho Segundo João

Análise

O quarto evangelho declara francamente o propósito do livro: "...fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais... Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (20.30, 31).

Desde o prólogo 1.1-18 com seu grande clímax: "...e vimos a sua glória..." (v. 14), até à confissão final de Tomé: "Senhor meu e Deus meu!" (20.28), o leitor é constantemente impelido a prostrar-se de joelhos em adoração. Jesus Cristo aparece como mais que um mero homem; de fato, mais do que um simples enviado sobrenatural ou representante da Divindade,. Ele é o verdadeiro Deus que veio em carne.

Os hebreus, esperando pelo seu Messias vindouro, entretanto (1.19-26), necessitavam de prova sobre a reivindicação de Jesus de ser o prometido Messias do Antigo Testamento. João apresenta essas provas. Milagres e discursos selecionados dentre apenas vinte dias dos três anos de ministério público de Jesus validam dramaticamente Sua posição de Cristo, o Filho de Deus. Oito *sinais* ou ações revelam não apenas o Seu poder, mas igualmente atestam a Sua glória como o divino possuidor da graça redentora, Jesus é o

grande "Eu Sou", a única esperança de uma raça em tudo mais destituída de Liderança. Água transformada em vinho, comerciantes e animais para sacrifícios expulsos do templo; o filho do nobre curado à distância; o paralítico curado no sábado; as multiplicações de pães; Jesus a andar sobre a superfície da água; a vista restaurada ao cego de nascença; Lázaro chamado de volta de entre os mortos: todos esses milagres revelam Quem Jesus é e o que Ele faz. Progressivamente, João o retrata como a fonte da nova vida, a água da vida, e o pão da vida. Até os Seus próprios inimigos recuam e caem perante o "Eu Sou", que se entregava voluntariamente ao sofrimento da cruz (18.5, 6).

Procurando salvar o homem do pecado e da condenação, e restaurá-lo à comunhão divina e à santidade, o Logos eterno fez deste mundo Sua habitação temporária (1.14). Através de Sua graça, homens caídos se tornam qualificados para habitar em Deus (14.20) e, finalmente, para entrarem nas mansões eternas (14.2,3). Em Sua própria pessoa, Jesus cumpre o significado das profecias e das festividades do Antigo Testamento. Triunfa, finalmente, até mesmo sobre a morte e a sepultura, e deixa aos Seus seguidores um notável legado para dar prosseguimento à missão misericordiosa, sem igual na história.

Estendendo-se de eternidade a eternidade, o quarto evangelho liga o destino tanto dos judeus como dos gentios, como parte da criação inteira, à ressurreição do encarnado e crucificado Logos.

Autor

Embora o quarto evangelho em parte alguma dê claramente o nome de seu escritor, pouca dúvida existe de que João, "o discípulo amado", foi o seu autor. Somente uma testemunha ocular dentre o círculo mais íntimo dos seguidores do Senhor (cf. 12.16; 13.29) poderia fornecer os detalhes íntimos que aparecem no livro. Outrossim, o relato especial e algumas vezes indireto da participação de João parece confirmar igualmente sua autoria (1.37-40; 19.26; 20.2, 4, 8; 21.20, 23, 24). O fragmento de uma antiga cópia, que data do início do segundo século, indica que o original, naturalmente, é mais antigo ainda e pertencente ao período da vida de João. Os eruditos conservadores situam-no depois da escrita dos outros evangelhos, ou seja, algum tempo entre 69 d.C. (antes da queda de Jerusalém) e 90.d.C.

Esboço

REVELAÇÃO DA PALAVRA NA ETERNIDADE, 1.1,2

REVELAÇÃO DA PALAVRA NA CRIAÇÃO, 1.3,4,9

REVELAÇÃO DA PALAVRA NA REDENÇÃO, 1.5-21.25

O Lato Testemunho do Prólogo, 1.9-14,16-18

O Testemunho que Coroa a Antiga Dispensação, 1.5-8,15,19-28

O Testemunho Inicial da Nova Dispensação, 1.29-51

Os Grandes Sinais e os Discursos Públicos, 2.1-12.11

Primeiro Sinal: Água e Vinho, 2.1-12

Segundo Sinal: Purificação do Templo, 2.13-22

FESTA: o Messias no Templo: Páscoa, 2.23-25

Discurso (Nicodemos): Cristo, a Fonte da Nova Vida, 3.1-21

Disputa sobre João Batista e Jesus, 3.22-4.3

Discurso (a Samaritana): Cristo, a Água da Vida, 4.4-42

Terceiro Sinal: Curando à Distância, 4.43-54

FESTA: O Messias no Templo; Páscoa, 5.1

Quarto Sinal: A Cura do Paralítico no Sábado, 5.2-16

Discurso (Escribas e Fariseus): Cristo, o Filho Divino, 5.17-47

Quinto Sinal: Alimentando os Cinco Mil, 6.1-15

Sexto Sinal: Andando sobre a Água, 6.16-21

Discurso (Multidões): Cristo, o Pão da Vida, 6.22-59
 Discurso (Discípulos): Cristo, o Espírito Doador da Vida, 6.60-71
 FESTA: o Messias no Templo: Tabernáculos, 7.1-52
 A Mulher Apanhada em Adultério, 7.53-8.11
 Discurso (Fariseus): Cristo, a Luz do Mundo, 8.12-30
 Discurso (Seguidores Professos): Cristo, a Fonte da liberdade, 8.31-59
Sétimo Sinal: Cura do Cego de Nascimento, 9.1-41
 Discurso (Fariseus): Cristo, o Bom Pastor, 10.1-21
 FESTA: o Messias no Templo: A Dedicção, 10.22-42
Oitavo Sinal: A Ressurreição de Lázaro, 11.1-47
 Retira-se para Efraim, enquanto Judeus o esperam, 11.47-54
 Jesus Ungido por Maria, em Betânia, 11.55-12.11
 A Grande Semana da Paixão, 12.12-19.42
 Entrada Triunfal em Jerusalém (Domingo), 12.12-19
 Os Gentios Buscam Jesus (terça-feira), 12.20-36
 Os Judeus Rejeitam a Jesus, 12.37-50
 FESTA: o Messias no Templo: a Páscoa e a Ceia do Senhor (quinta-feira), 13.1-30
 Discursos de Despedida (Discípulos): O Legado de Cristo a Seus Seguidores, 14.1-16.33
 Oração de Intercessão, 17.1-26
 Traição e Aprisionamento no Getsêmani (sexta-feira), 18.1-22
 O Julgamento de Jesus, 18.13-19.16
 A Crucificação e o Sepultamento, 19.16-42
 O Senhor Ressurreto e Sua Família Redimida, 20.1-21.25
 O Túmulo Vazio, 20.1-18
 Outras Aparições de Ressuscitado, 20.19-21.1
 Instruções a seus Discípulos, 21.3-23
Post-Scriptum Devocional, 21.24,25

1.1 *No princípio*. Antes da criação (cf. Gn 1.1), *Verbo* (gr *logos*). Não denota o *logos* de Platão, que significava a Idéia universal e absoluta, nem de Filo, que identificava o *logos* com a sabedoria de Deus. *Logos* para João é uma pessoa, que comunica a realidade de Deus aos homens pela Sua encarnação e sacrifício na cruz. *Logos*. Servia o termo de ponte entre o mundo grego e judaico. Sendo Deus, o *Logos* é a perfeita expressão de Deus. A revelação no AT era perfeita mas incompleta; no NT é perfeita e completa (cf. 14.9; Hb 1.1, 2). *O Verbo era Deus*. A falta do artigo no original não quer dizer "um Deus" mas que o Verbo tinha a natureza divina. "O Filho está destacado na Trindade, mas a Trindade toda não é o Verbo".

1.3 A atuação de Cristo na criação também se encontra em Cl 1.16, 17.

1.4 *Vida estava nele*. Pode referir-se à provisão do Espírito que pela morte de Cristo passaria a habitar nos crentes (7.37ss).

1.5 *A luz*. É identificada com a vida que Deus compartilha: é o contrário de trevas, existência sem Deus que equivale à morte eterna. A luz não pode ser vencida pelo mal, absolutamente (1 Jo 2.8).

1.6;7 *Um homem*. Foi João, o Batizador, quem primeiro apontou Jesus aos homens como luz, e foi através da fé desses homens que outros vieram a crer (cf. 5.35).

1.9 *Verdadeira luz*. Cristo e só Ele, vindo ao mundo ilumina a todo homem. Não há salvação das trevas, à parte, dEle (At 4.12).

1.10 Mesmo antes de Sua encarnação Cristo estava ativo na criação e na revelação de Deus por intermédio dos profetas e patriarcas.

1.11 *Seu, e os seus*. "Seu", no grego, significa "sua casa"; "Seus" significa Seu povo. Mesmo rejeitado pela maioria de Israel, Cristo se oferece a todos entre os quais alguns O recebem.

1.12 Filhos de Deus. Ninguém nasce de Deus pelo primeiro nascimento (o carnal). A filiação se limita aos que crêem e recebem a Cristo.

1.13 Do sangue (gr ex *haimatōn* "dos sangues"). O plural indica que o nascimento concedido por Deus não vem por descendência humana nem através de descendência privilegiada (cf. 3.4, 6; 6.44).

1.14 O Verbo se fez carne. O eterno Filho, o Verbo de Deus, se encarnou como homem, (cf. Rm 8.3). Esta verdade essencial nega terminantemente a heresia gnóstica que afirmava que a encarnação não foi real (cf. 1 Jo 4.2, 3). *Habitou*, gr *skenoō* "tabernaculou". Em Cristo vemos a realidade da glória divina, o zelo de Deus em se aproximar dos homens mesmo sendo pecadores. *Graça*. Favor de Deus não merecido. *Verdade*. A fidelidade de Deus.

1.16 Plenitude (gr *plerōma*, cf. Cl 1.19; 2.9, 10). É o Espírito Santo que habitou em Cristo e nos crentes, tornando-os "co-participantes da natureza divina" (2 Pe 1.4).

1.18 Deus unigênito. Esta é uma declaração clara da deidade de Jesus Cristo. *No seio*. Modo hebraico de indicar proximidade de amigos, (3.23, 25).

1.21 Elias. Mt 4.5 deu origem à esperança do reaparecimento de Elias (cf. Mt 11.14, 18; 17.9-13).

1.22 A comissão enviada do Sinédrio não procurou; o nome, mas a pretensão de João, que se enquadra na profecia de Is 40.3.

1.25 O profeta. A comissão indaga se, João seria o cumprimento de Dt 18.18.

1.29 Cordeiro de Deus. I.e., providenciado por Deus (cf. Gn 22.8; Rm 8.32). Esta frase ganhou significado para o judeu, do cordeiro pascal (Êx 12. Nm 9), do Servo Sofredor que, como cordeiro, é levado ao matadouro (Is 53.7, 8, 12) e do sacrifício diário no templo.

1.30 Antes de mim. João declara a preexistência de Jesus Cristo.

1.31 A finalidade do batismo de João era de preparar um povo submisso ao vindouro Rei messiânico (1.49; At 19.4).

1.33 João batizou publicamente para confirmar o arrependimento. Jesus, o filho de Deus (v. 34), batizará *em* ou *com* o Espírito (3.3, 5).

1.35,37 Dois.. discípulos. Um era André (v. 40). O outro, segundo opinião corrente, teria sido o autor deste evangelho. *Seguiram*. Significa seguir literalmente. Os vv. 40ss referem-se ao discipulado.

1.38 Rabi. Ao designar Jesus como "meu mestre" os discípulos se oferecem como discípulos. *Onde assistes* (gr *menō* "morar"). É palavra-chave do evangelho, (cf. 1.18; 14.2; 15.3, 4, etc.).

• **N. Hom. 1.39** Passos para o discipulado: 1) Vir a Cristo (Mt 11.28-30); 2) Ver o Pai por Seu intermédio (Jo 14.9); 3) Estar com e nEle (Jo 15.2, 4-10).

1.41 Messias. Vocábulo aramaico que, como "Cristo", significa "Rei ungido" (cf. 4.25; Dn 9.25, 26; Sl 2.7).

1.42 Cefas. Aramaico, "pedra". Pedro recebeu um nome novo para acompanhar o caráter novo que Cristo lhe deu (Ap 2.17; 3.5).

1.45 Natanael. Significa "dom de Deus". O outro nome dele era Bartolomeu "filho de Tolmai". *Moisés escreveu*. Cf. Gn 3.15; 12.1-3; Dt 18.18. *Filho de José*. Não prova que o autor não sabia que Jesus era apenas filho na carne de Maria. Era uma designação pública e oficial.

1.47,48 Não há dolo. Em contraste com Jacó. *Debaixo da figueira*. Cf. Mq 4.4. As promessas dadas a Jacó em Betel (Gn 28.10-22) se cumprem em Cristo que é maior que esse patriarca (cf. 4.12).

• **N. Hom. 1.43-51** Como Testemunhar: 1) Dar a maior importância à pessoa de Cristo (36); 2) apelar aos amigos (41; 45); 3) convidar outros após sentir a emoção da descoberta pessoal (45); 4) não debater apenas com argumentos mas com desafio à investigação (46); 5) não perder tempo.

2.1 O cap. 1 apresenta Jesus, o Verbo, antes da história, entrando no mundo dos homens para revelar o Deus único. Cap. 2 apresenta o Jesus social, humano, mas sempre olhando para a cruz.

2-4 Mulher.. contigo. I.e., "que é que nós temos em comum?". Maria sente o problema social mas Jesus pensa no nível espiritual. Aí está a cruz (*minha hora*, 7.30; 8.20; 12.23; 17.1) e o sangue que suas próprias veias proverão (o vinho) para quem quiser responder ao convite de se assentar à mesa das bodas do Cordeiro (cf. Lc 22.18).

2.6 Seis talhos. Vasos em que se guardava água para as lavagens cerimoniais, obrigatórias para judeus religiosos, antes de comer (Mc 7.3-4). *Metretas.* Cerca de 40-60 litros cada uma. Nas seis talhas houve cerca de uns 500 litros.

2.10 Bom vinho. Se o sinal (milagre) da transformação tiver um significado metafórico, como parece ter, o bom vinho representa a evangelho que dá a salvação pelo sangue de Cristo (cf. Mt 9.17).

2.11 Sinais. João usa o termo "sinais" para os milagres porque apontam para a morte e ressurreição de Jesus e a salvação vinda por Ele. *Sua glória.* A missão gloriosa de Cristo se reflete no Seu poder e no significado do milagre (cf. 2.4, 10n; 1.14; 17.4s,22).

2.13-22 Cf. Mt 3.1; Zc 14.21. Possivelmente houve duas purificações do templo (cf. Mc 1 1.15-18). Pode ser que o relato aqui esteja fora de ordem cronológica.

2.14 Templo (gr *hieron* "o templo com áreas em volta"). O mercado de animais e moedas estrangeiras se realizou no pá-tio dos gentios.

2.17 Me consumirá. Jesus muda o verbo do passado (SI 69.9) para futuro.

2.19,21 Santuário. (gr *naos* "o centro do templo" i.e., o Lugar Santo e o Santo dos Santos). Em chamar seu corpo de santuário, Jesus substitui o templo com seu culto pela Igreja. No lugar do templo material Jesus levantará pela Sua ressurreição uma nova comunidade de santos que terá pleno acesso a Deus por intermédio dele (14.6; At 17.24). O NT apresenta a Igreja (sendo também o Corpo de Cristo) como templo (1 Co 3.16; 6.19; 2 Co 6.16; Ef 2.21; 1 Pe 2.5).

2.22 Lembraram-se. É pelo Espírito que os crentes ganham entendimento espiritual (14.26).

2.23,24 Creram... confiava (gr *pisteusan... episteuen*). Fé que não inclui entrega e submissão a Cristo não ganha a confiança dele (Tg 2.19-26).

3.1 Fariseus. Cf. Mc 3.6n. Nicodemos era um "principal", i.e., membro do Sinédrio, supremo tribunal dos judeus.

3.2 Sabemos. Nicodemos raciocinava que só Deus faria os milagres por intermédio de Jesus (2.23). Queria saber do Seu ensino.

3.3 De novo (gr *anōthen*) tem três significados: 1) "de cima" (31); 2) "desde o início" (Lc 1.3; At 26.5); 3) "de novo" (Cl 4.9). "De cima" é melhor aqui.

3.4,5 Nicodemos, sendo filho de Abraão, observador meticoloso da lei e na opinião sua, súdito do Reino, não entendeu. Cristo declara que sem a implantação da vida do Espírito não há salvação. *Água e do Espírito.* Cf. Ez 36.25-27 onde Deus promete transformar o coração por água pura e pelo Seu Espírito. Água pode significar a confissão de Cristo e arrependimento realizados normalmente no batismo baseado na fé (At 2.38).

3.6 Jesus ensina que o homem natural não herdará a vida sobrenatural sem a conversão vinda pelo arrependimento e o Espírito (1.12, 13).

3.7 Importa-vos. O plural, (vos) declara a necessidade de todos.

3.8 Vento (gr *pneuma* "espírito", "vento"). Tal como o vento atua imprevisível e invisivelmente, mas é percebido em seus efeitos, do mesmo modo o Espírito opera na vida dos filhos de Deus e a controla (Rm 8.14).

3.9-11 Nicodemos não passa de ser um materialista religioso. Nunca experimentara a união interior com Deus (11). Cf. 1.12, 13.

3.13 A revelação da verdade salvadora não depende do homem subir até às alturas, mas da descida (encarnação) do Filho de Deus 8.23, 28; Fp 2.5-8).

3.14 Levantou (gr *hupsōsen* "elevar", "exaltar"). O Cristo crucificado tem de ser visto pela fé (tipificado na elevação da serpente no deserto). Ao reconhecer a Jesus como substituto sacrificial, o crente recebe a vida celestial dele (cf. 8.28; 12.32).

3.16 O mundo dos homens, alienado e condenado recebe no dom do amor (*agape*) de Deus a opção da vida eterna. • **N. Hom.** Salvação, 1) Sua força motriz - o amor; 2) Seu iniciador - Deus; 3) Seu mediador - o Filho unigênito; 4) Seu destinatário - o mundo; 5) Seu beneficiário - todo aquele que crê; 6) Seu galardão - a vida eterna.

3.17 Ainda que o propósito principal da vinda de Cristo ao mundo era trazer a salvação (cf. Ez 33,11), não é possível escapar ao fato que a vinda da luz (Cristo) julga e condena os homens que mais amam o pecado do que a justiça (19).

3.19 As trevas. Metáfora comum no NT para apontar a vida pecaminosa humana, separada de Deus (1 Jo 1.6).

3.20,21 Quem escolhe a vida sem Deus abafa a convicção de culpa que o pecado traz. Quem se entrega a Cristo aceita de bom grado a revelação de sua própria pecaminosidade. Pela confissão (isto é praticar a verdade) o pecador se aproxima da luz onde alcança a purificação de "todo pecado" (1 Jo 1.9).

3.27 João confirma a verdade que Jesus revelou a Nicodemos. O novo nascimento vem de cima (3n); João foi comissionado por Deus.

3.29 Noivo. Denota os crentes em Cristo (cf. 2 Co 11.2; Ef 5.22-32). *Noivo.* É Cristo. *Amigo do noivo.* João Batista. No casamento oriental o "amigo" cuidou dos arranjos da festa e presidiu-a. Chegando o noivo ao quarto nupcial, ele se retirava alegremente.

3.31 Quem... alturas. Refere-se a Cristo (13). *Da terra.* João.

3.34 O enviado corresponde ao "Filho unigênito" que Deus "deu" para salvar o mundo (16). *Espírito por medida.* Veja vv. 5 e 8.

3.35 Confiado.. coisas. Cf. 1 7.2; Mt 28 1 8.

3.36 Se mantém rebelde (gr *apeithōn*). Esta palavra está colocada em oposição a "crê" indicando que fé em Cristo inclui obediência (2.23n).

4.2 Jesus mesmo não batizava. Os evangelhos frisam que Cristo batizaria com o Espírito Santo não com água (Mt 3.11; Lc 3.16).

4.4 Necessário... A rota normal dos judeus circundava a província de Samaria seguindo o vale do Jordão para o norte. Jesus põe em prática At 1.8. Começa Seu ministério em Jerusalém (cap. 3) passa para Judéia (3.22-36); em seguida leva as boas novas a Samaria e depois entra em contato com o mundo gentio (4.46-54).

4.5 Sicar. "Os arqueólogos" a identificam com Siquém Gn 33.19).

4.6 Cansado. A humanidade de Jesus é notável nesta passagem. Ele se cansa, tem sede (7) e fome (8.31). *Hora sexta* - meio dia

4.7 Jesus se desassocia dos costumes da época: 1) Fala com uma mulher - os fariseus evitavam qualquer contato com mulheres não parentes. 2) Teve contato com uma samaritana - na opinião dos rabinos todos os samaritanos eram ritualmente imundos. 3) Ensinou uma mulher - os fariseus opinaram que seria melhor queimar a Torá (a Lei de Deus) do que entregara a uma mulher. • **N. Hom.** Jesus Ganhador de Almas 1) Abre o diálogo fazendo um pedido; 2) Suscita curiosidade (9); 3) Provoca interesse profundo (10); 4) Transforma o interesse em convicção de pecado (16-18; cf. Lc 5,8); 5) Revela quem Ele é (19, 26); 6) Cria o desejo de testemunhar (28, 29)

4.10 Água viva. No sentido natural significava água potável que flui de fonte ou dentro de um poço. Espiritualmente significa a salvação ("dom de Deus") em Cristo, fonte de vida eterna a jorrar (14; cf. 19.34) naqueles que vêm para Ele e crêem nele (7; 37, 38). A água simboliza o Espírito Santo em 7; 39.

4.12 Jacó. Cf. 1.47, 48n. O poço dado por Jacó, com cerca de 30 m de profundidade, tinha suma importância para o sustento da vida física. Cristo, o verdadeiro Israel (cf. Gn 32.28) e príncipe com Deus, é o único sustentador da vida eterna (Cl 1.13, 17).

4.14 Jesus cumpre as promessas messiânicas (cf. Is 12.3; 35.7; 49.10).

4.15 Como Nicodemos (3.4, 9) a mulher pensa em termos materiais. Uma vez convicta do seu pecado (16-18). O modo de pensar mudou.

4.19 *És profeta*. Cf. Dt 18.15, 18.

4.20 *Neste monte*. Seria Gerizim, o monte, de bênção (Dt 11.29; 27.12) onde os samaritanos instalaram um templo rival e culto alheio ao de Jerusalém.

4.21,23 *A hora vem... e já chegou*. Denota a nova era messiânica inaugurada por meio da nova aliança tornada válida no sacrifício de Jesus Cristo (Hb 9.11-28). • **N. Hom.** A Verdadeira Adoração, 1) A questão do local é insignificante (21; At 7.48s). 2) O objeto é o Deus que se revela na história, na Bíblia e sumamente em Cristo. 3) O modo:, a) em espírito (Jo 3.5, 6; 16.13); b) em verdade (8.32; 14.6; 17.17).

4.25,26 *Messias*. Cf. 1.41n. *Eu o sou...* Cf. 52.6.

4.34 *A comida* ou sustento de Cristo é sua vida entregue totalmente à vontade do Pai (6.55; Mt 4.4; Dt 8.3; Sl 40.6-81- Hb 10.5-7). *Realizar* (gr *teleiōsō*, "consumar"). Cf. 19.30 com 9.4 e 17.4.

4.35 *Campos... branqueiam*. Jesus fala dos samaritanos vindos para ouvir a mensagem da salvação (cf. 8.5, 6).

4.36,37 *Um é o semeador*. Indica o próprio Cristo que semeia Sua vida na morte (para produzir "muito fruto" 12.24).

4.38 *Outros trabalharam*. Historicamente os patriarcas e profetas do AT prepararam o solo. Presentemente era o Senhor que semeou as boas novas entre os samaritanos. Os discípulos são convocados a ceifar o fruto na hora (cf. At 8.4-25; Am 9.13).

4.39,42 Contato pessoal com Cristo é essencial para a fé madura. *Salvador do mundo*. Esta frase rara aparece também em 1 Jo 4.14. Ainda que "a salvação vem dos judeus" (22), os samaritanos reconheceram que a salvação de Cristo se estende para toda raça (cf. Is 45.2, 3). • **N. Hom.** Três Passos da Fé. 1) Crer pelo testemunho de outros (39); 2) Crer por experiência própria (42s); Crer permanecendo com Cristo (15.4-10).

4.44 *Sua própria terra*. Provavelmente Galiléia (Mt 13.54, 57; Mc 6.1, 4, etc.). *Não tem honras*. Jesus foi para a Galiléia para evitar choques precipitados com Seus inimigos na Judéia.

4.46 *Oficial* (gr *basilikos*. Josefo usa este termo para qualquer servo do rei). Talvez fosse gentil (cf. 44n). Teria sido Cuza, procurador de Herodes (Lc 3.3), ou Manaém, seu colação (At 13.1)?

4.48 *Jesus* era ciente da fé superficial do oficial e da multidão em volta, fé essa que dependia de vista (20.29).

4.50 *Jesus* não entra em contato direto. com gentios necessitados (cf. 12.20s; Mc 7.24-30;- Mt 8.5-13; Lc 7.1-10); cura- os a distância.

4.52 *Ontem à hora sétima*. Se foi a hora romana seria às 19 horas, que explicaria a demora do pai em voltar para casa.

5.1 *Uma festa*. Possivelmente a Páscoa de 28 d.C.

5.2 *Betesda*. "Casa de misericórdia". Bons manuscritos têm Betezata, "casa da oliveira". Esse tanque se encontra em Jerusalém ainda hoje.

5.3 A situação desesperadora dos enfermos é comparável ao mundo de pecadores esperando supersticiosamente alguma salvação.

5.4 Falta este versículo nos melhores manuscritos do original mas Tertuliano (145-220 d.C.) faz referência a essa tradição.

5.6 *Queres ser curado?* Também Deus não dá Sua salvação a quem não a quer (Jo 3.16; Mt 11.28). • **N. Hom.** Cura Divina:, 1) Jesus viu o paraplégico - iniciativa divina (cf. 1 Jo 4.19); 2) Jesus sabia - compaixão divina (Rm 8.29); 3) Jesus indagou e mandou (6, 7) - cooperação e motivação divinas,

5.9 *Imediatamente*. A cura foi total e sem demora. No sentido mais amplo do milagre, a época de espera passou com a vinda do Salvador ao mundo. Ele inaugura a nova era da ressurreição (25). Sua salvação está ao alcance de todos em todo lugar.

5.10 *Não te é lícito...* Êx 20.10; Jr 17.19-27; Ne 13.15. Jesus descansou na glória a Deus. Os judeus acharam que Deus queria que desistissem de todo trabalho, não sabendo que o sábado foi feito para o homem.

5.14 *Não peques mais...* Jesus revela. que o paralítico sofria em consequência do pecado, mas não que toda doença seria tal. *Coisa pior.* Trata do julgamento final ou a segunda morte (Ap 21.8).

5.16 *Fazia... no sábado.* Nos outros evangelhos os atos de misericórdia justificam a quebra da lei do sábado. No Evangelho de João Jesus trabalha no sábado porque Ele é igual a Deus (17s).

5.17 Os judeus entenderam que o Criador não podia abandonar Sua criação todos os sétimos dias! O Filho compartilha com o Pai a obrigação de atuar no sábado do mesmo modo; dessarte Jesus reivindicava sua deidade

5.19 *Nada pode fazer.* Não por falta de poder, mas apenas vontade. A união entre Cristo e o Pai não permitia que Ele agisse independentemente.

5.20 *Maiores obras.* O v. 21 explica que são as obras de ressuscitar e dar vida aos mortos espirituais e físicos (cf. Mt 8.22; Lc 15.32).

5.23 *Todos honrem o Filho.* Cf. Fp 2.9ss. • **N. Hom.** Igualdade, de Cristo a Deus. 1) Nas obras (17-19); 2) No amor e sabedoria (20); 3) Na autoridade de julgar (22); 4) Na honra (23); 5) Na vida (26).

5.24 *Ouve* significa obedecer. *Crer* significa confiar e se entregar. *Morte.* Cf. Ef 2.1, 5.

5.26 *Vida em si,* isto é, vida divina que pode ser compartilhada com os mortos tanto espiritual como fisicamente.

5.2 *É o Filho do Homem.* Cf. Sl 8,4; 80.17; Dn-7.13ss. Este título frisa tanto a soberania de Cristo (Mc 14.62) como Seu sofrimento (Mc 8.31; 10.45; cf. Fp 2.6-11n).

5.28,29 *Sairão.* Fala da ressurreição que se dará na Segunda Vinda. *Ressurreição do vida,* veja Ap 20.4, 5. ...*do juízo,* Ap 20.11,15.

5.30 *Nada posso fazer.* Cf. v. 19n. O crente depende igualmente de Cristo (15.5).

5.31 *De mim mesmo.* Palavras sem a necessária confirmação de santidade e poder não convencem. Os judeus baseados nos seus preconceitos atribuíram maldade a Jesus. Ele, defendendo suas reivindicações messiânicas, apela para a regra bíblica que exigia duas testemunhas (Nm 35.30; Dt 17.6).

5.32-35 Estes vv. tratam do testemunho de João Batista e da própria vida de Cristo que revela a Deus juntamente com Seus sinais (10.25; 14.11).

5.36-38 O testemunho de Deus Pai foi maior, sendo concedido por palavras (Mt 3.17; Cf. Jo 8.18) e por sinais ou obras. *Visto sua forma.* Cf. 1.18; *Permanente* (gr *menonta* "habitar"). A mesma palavra se repete em Jo 15. Onde o Espírito habita há obediência às palavras de Cristo.

5.39 *Examinais as Escrituras.* Ainda que para os judeus e estudo da Bíblia (AT) era o coração da religião, o preconceito contra o humilde Mestre de Galiléia não lhes permitiu que reconhecessem nele o Messias prometido. A descrença não surge principalmente por falta de evidência mas por carência de amor (42) e humildade(44).

5.44 Aquele que sendo motivado pela soberba busca a honra dos homens perde a glória eterna (Lc 9.26; Rm 3.23; Cl 1.27; 2.2).

5.45-47 Sendo que Moisés escreveu acerca da missão e pessoa de Cristo (Lc 16.29; 24.44; 2 Co 3.13-16), há uma unidade essencial entre a obra do legislador (Moisés) e, o Vivificador (47). Submissão às Escrituras precede a fé em Cristo (2 Tm 3.16).

6.1 *Tiberíades.* Outro nome para o mar da Galiléia. Uma cidade com esse nome foi edificada à beira do lago por Herodes Antipas entre 22-26 d.C., em honra ao imperador romano Tibério (14-37 d.C.).

6.2 *Multidão.* Agora a popularidade de Jesus atinge seu auge.

6.3 *Subiu Jesus ao monte.* Seria uma indicação da relação entre este ato messiânico e Moisés subindo o monte Sinai (cf. Mt 5.1; Mc 3.13). Jesus, "o Profeta". (Dt 18.15, 18)

supre as necessidades da multidão com pão e peixinhos assim como Moisés com maná e codornizes (Nm 11.31).

6.4 Páscoa. O pão que Jesus dá é a nova Páscoa (1 Co 5.7).

6.5,7 Filipe. Prático nos cálculos, pessimista nas conclusões; ele acha que pão no valor de 200 denários (cf. Mt 20.2) seria insuficiente.

6.9 Pães de cevada, comum entre os pobres, era pão inferior (2 Rs 4.42ss). *Peixinhos.* Cozidos ou salgados (gr *opsaria*, 21.9, 10).

6.10 Relva. Confirma, que era a primavera, época da Páscoa (Mc 6.39).

6.11 Aqui encontramos uma alusão às quatro ações da Ceia. "Tomou". (Mc 6.41, "abençoou"), deu graças (Lit. "tendo feito eucaristia"), "partiu" (só em Mc 6.41) e "distribuiu". Essa refeição previu a Ceia na Igreja e finalmente apontava para o banquete dos remidos no futuro Reino de Deus (cf. Ap 19.9).

6.13 Doze cestos. Não juntaram os pedaços no chão mas guardaram o pão que sobrou depois que todos se fartaram. Jesus é contrário ao desperdício desnecessário.

6.15 Rei. Jesus aceitaria apenas uma coroa de espinhos (19.5). A possibilidade da existência do Seu reino, "não deste mundo" (18.36), se baseia na Sua morte e ressurreição.

6.19 Trinta estádios equivalem a cerca de 5 a 6 km.

6.20 Em face do temor dos discípulos, Jesus pronuncia "sou eu" (gr *egō eimi*; cf. Êx 3.14, LXX). Isso não deixaria de chamar atenção ao fato que Ele se chamaria pelo nome divino (cf. 8.24, 28).

6.21 Logo. • **N. Hom.** O Poder de Nosso Senhor. O milagre demonstrou três características. 1) Andou sobre a água - conquistou a gravidade; 2) parou a tempestade - controlou o cosmos; 3) *logo* (lit. imediatamente) *o barco chegou* - conquistou o espaço.

6.24 À sua procura. A busca de Jesus é nobre unicamente quando a motivação é certa. Aqui deparamos puro materialismo (26).

6.26 Não porque vistes... fartasses. Salienta-se o contraste entre o milagre e seu significado profundo espiritual.

6.27 Comida que perece. Como o maná do deserto que alimentou temporariamente o corpo A "comida que subsiste para a vida eterna", refere-se a Cristo que pelo Espírito alimenta continuamente a crente (cf. 4.14). *Seu selo.* O atestado divino do Espírito que todo verdadeiro crente recebe (cf. 3.33; 1.32s; Ef 1.13; 4.30).

6.28 Realizar as obras de Deus. Os judeus pensaram na possibilidade de aprender a fazer os milagres como Jesus e Moisés fizeram. Jesus esclarece que a "obra" que antecipa todas as obras (14.12) é a fé submissa em Cristo, o Enviado de Deus.

6.30 Que sinal. Os judeus reclamaram que fé necessita de fundamento num sinal autenticador vindo de Deus. Jesus respondeu que: 1) não foi Moisés quem doou o maná, mas Deus; 2) e que Seu Pai agora oferece a eles o pão que traz a vida eterna (6.33).

6.32 Não foi Moisés. Jesus nega que o famoso legislador de Israel, em vez de Deus, podia produzir o "pão verdadeiro" que dá a vida celestial. Jesus tem em mente a Torá (Lei de Moisés) que os rabinos chamaram de "pão" e que achavam capaz de dar vida a quem à seguisse

6.34 Dá-nos sempre. Cl 4.15. Não se restringe à época da multiplicação dos pães, mas até a Sua vinda, a mensagem de Cristo alimenta os que crêem

6.35 Eu sou. Primeira das sete reivindicações introduzidas por "*ego eimi*" (6.35; 8.12, 28; 10.7; 11.11, 25; 15.1; cf. Êx 3.14n). • **N. Hom.** Como se alimentar de Cristo: 1) Vindo a Ele em contrição e fé (40, 44); 2) Vendo e reconhecendo quem Ele é (40). Os benefícios: 1) Satisfação contínua (35); 2) Aceitação e proteção permanentes (37, 39); 3) Vida eterna agora (40); 4) Ressurreição (40).

6.41-59 Objeções dos judeus e respostas de Jesus.

6.42 Os judeus negam a origem celestial de Jesus. Jesus responde que apenas os que forem ensinados por Deus reconhecerão Sua encarnação e nascimento virginal (44, 45).

6.49 O maná foi incapaz de afastar a morte para os israelitas. Põe em contraste a mensagem salvadora de Cristo, o "Pão do céu".

6.51 A segunda objeção se levanta contra a declaração de Cristo que Ele era a carne, o pão do céu. Resposta: Sendo vítima sacrificial que pelo corpo crucificado e sangue vertido oferecerá vida ao mundo. A confirmação desta verdade se verificará na ressurreição.

6.52 A terceira objeção: "Como pode este dar-nos a comer sua própria carne"? A resposta é espiritual, não material. Sem comer sua carne crucificada (cf. 1.14) pela fé e beber Seu sangue que lava todos os pecados não terão a vida eterna (53). "Carne" e "sangue" significam a plena humanidade de Cristo (1 Jo 4.2, 3). No sacrifício o sangue obrigatoriamente pertencia a Deus (Gn 9.4; Dt 12.16, 23) porque nele estava a vida. Jesus declara que se não assimilarmos Sua vida não participamos nele.

6.55 *Verdadeira*. Quer dizer, "a única". Pode haver neste trecho uma sugestão da Ceia em que se dramatiza a permanência em Cristo pela participação nos símbolos de Sua vida e morte (cf. Ap 3.20).

6.57 *Eu vivo pelo Pai*. A relação entre Cristo e o Pai prefigura a mesma entre o crente e Cristo. A parte dEle não se pode viver.

6.60 *Duro* (gr *skleros*) não difícil de entender mas duro de aceitar.

6.61 *Escandaliza*. (gr *skandalizei* "provocar tropeço"). Cf. Mt 15.7-9. A doutrina da expiação substitutiva tem sido um escândalo para o mundo através dos séculos.

6.62 *Subir...* Jesus não procura com provar suas afirmações. Declara que sua ascensão demonstraria a veracidade de sua reivindicação (3.13).

6.63 *Espírito... carne*. Veja o contraste em 3.6. O espírito do homem fornece ponto de contato com Deus. O Espírito Santo dá o entendimento necessário da verdade que salva (14.26). As palavras de Cristo comunicam Sua pessoa e, assim, a vida para quem crê e almeja obedecer-lhe. Cf. 15.4s com 15.7 onde a pessoa e as palavras se identificam.

6.65,66 • N. Hom. Quem é Discípulo de Verdade? 1) Quem for trazido a Jesus pelo Pai (44, 65); 2) Quem não abandona a Cristo (Mt 14.13) e anda com Ele (66; Gn 5.24; Cl 2.6); 3) Quem não é atraído por outrem (68; Gl 3.1); 4) Quem fundamenta sua fé nas palavras de Cristo (68; 5.24); 5) Quem reconhece Jesus como o Santo de Deus (69).

6.66 *Discípulos*. Além dos doze (Mc 3.14) houve muitos seguidores ocasionais de Jesus impressionados com Ele e Sua mensagem (3.1s).

6.70 Se entre os escolhidos de Jesus houve alguém que em vez de entregar seu coração a Jesus o abriu para o diabo (Jo 13.27), não nos deve surpreender que na Igreja haja casas iguais. No caso de Pedro, que se arrependeu, a ocupação satânica foi temporária (Mc 8.33).

7.2 *Tabernáculos*. A mais popular das festas que celebrava a passagem de Israel pelo deserto juntamente com a colheita anual. Começava no dia 15 de Tishri (set/out), 5 dias após o Dia de Expição e durava 8 dias.

7.3 Os *irmãos* de Jesus aconselhavam-no como ganhar aderentes. Eles não entenderam a missão de Jesus (12.32). *Discípulos*. Os de Jerusalém e Judéia.

7.4 *Manifesta-te ao mundo*. Jesus mesmo escolhe, o tempo para subir ocultamente (10). Assim: cumpre a profecia de Ml 3.1.

7.6,8 *Meu tempo* (gr *kairos*, "oportunidade"). A paixão de Cristo faz parte de um plano predeterminado e imutável (At 2.23). *Sempre*. A possibilidade de aproveitar o benefício da redenção de Cristo perdurará durante este século da graça. Mais tarde Tiago e Judas (irmãos de Jesus) foram convertidos Espera-se o mesmo dos judeus (Rm 11.25, 26). *Não subo*. Cf. 3.13; 6.62; 20.17 sugere a crucificação.

7.15-24 Alguns estudiosos acham que este trecho está fora de ordem. Originalmente teria seguido 5.47, mas a evidência não comprova isto.

7.15 *Letras* (gr *grammala*) a mesma palavra traduzida em 5.47, "escrituras". *Sem ter estudado*. Quer dizer, Jesus não estudara em escola rabínica.

7.17 Para verificar a autenticidade, da doutrina de Cristo, o discípulo precisa desejar (gr

thelei) fazer (verbo no presente contínuo) a vontade de Deus. Conhecimento não se alcança pela "teoria", i.e., o raciocinar, mas pelo obedecer. *Falo por mim mesmo*. Jesus, contrário dos rabinos, fundamentava Seu ensino em Deus não em outros rabinos.

7.22 A circuncisão originou com Abraão (Gn 17.10).

7.23 *Circuncidado*. Para os rabinos este rito curava uma parte do corpo. Se era permitido uma cura parcial, quanto mais restauração completa?

7.25-31 Notável neste trecho é a falta de investigação séria

a respeito das reivindicações messiânicas de Jesus pelos judeus. Os comentários eram dos mais diversos: homem bom (12); enganador (12); profeta (40); endemoninhado (20); homem corajoso (26); o Cristo (26); incomparável no ensino (46)

7.27 Entre os judeus houve a opinião bem divulgada que Messias apareceria súbita e inesperadamente.

7.28 *O quisesse*. João frisa no seu evangelho a submissão de Jesus.

7.31 *Creram*. Fé apenas superficial: necessitava de confirmação.

7.32 Os fariseus e saduceus, normalmente inimigos entre si, uniram-se para prender a Jesus utilizando guardas policiais do templo (cf. 18.3, 12, 18, 22, 36).

7.33 *Pouco*... Faltavam apenas 6 meses até a Páscoa e crucificação.

7.34 Nem no túmulo vazio nem nos céus, após a ascensão, poderão os inimigos judeus encontrar a Jesus. Eles achavam que falava de um afastamento da Palestina, não de Sua morte e ascensão.

7.37-39 *Último dia*. Era o oitavo dia da festa dos Tabernáculos, dia sagrado como o sábado. Em todos os dias da festa um jarro de ouro com água do tanque de Siloé era derramado como libação sobre o altar do sacrifício matinal. Jesus já declarara que Ele cumpriria o significado do milagre do maná (6.31-35). Agora afirma que na Sua pessoa o segundo grande milagre de Moisés será cumprido (cf. Nm 20.2-13; Ne 9.15; Sl 78.20). Cristo se apresenta como a Rocha da qual a água salvadora flui (cf. 1 Co 10.4). Muitos eruditos acham que a pontuação dos vv. 37s está errada; sugerem a seguinte tradução: "Se alguém tem sede, venha a mim; Quem crer em mim, beba." Neste caso a frase "do seu interior" seria uma referência a Cristo que na Sua morte derramou sangue e água (19.34). Sua morte expiatória provê para todo crente o Espírito (39). Cristo é a fonte, o cristão o receptáculo do Espírito (1 Co 6.20).

7.38 *Diz a Escritura*. Aqui não há uma citação direta mas uma alusão a uma coletânea de escrituras (cf. Is 58.11; 44.3; 55.1; Zc 14.8, Ez 47.1). *Rios de água viva* são recebidos e derramados pela fé (cf. At 2.16ss; Jl 2.28).

7.39 *Glorificado*. Aponta Jesus, Sua morte e exaltação (1.14; 13.31 s).

740-44 Relata-se a reação da multidão. *Profeta*. Cf. Dt 18.15, 18.

7.45-52 A reação dos líderes do povo.

7.48 *Autoridades* seriam os membros do Sinédrio. Até nesta altura Nicodemos não confessara sua fé em Cristo abertamente.

7.49 *Plebe*. O povo sem preparo na lei não teria condições, afirmam os judeus, de julgar quem Jesus era de fato.

7.51 Os líderes judaicos, invejosos da popularidade de Jesus, ao julgá-lo, violavam a própria lei que pretendiam exaltar (Dt 1.16s).

7.53-8.11 Este trecho, segundo os eruditos, não fez parte original do evangelho de João, ainda que registre um incidente genuíno na vida de Jesus. Não se encontra nos melhores e mais antigos manuscritos e versões. Onze manuscritos colocam-no no fim do evangelho; outros o inserem depois de Lc 21.38.

8.6 *Tentando-o*. Era um dilema. Se Jesus discordasse estaria contra Moisés; concordando, seria um subversivo (a pena capital cabia a Roma) e também séria contra os pecadores que Ele veio salvar. *Escrevia*. Cf. v. 8. Manuscritos de pouca importância dizem que Jesus revelou "os pecados de cada um" dos acusadores.

8.7 *primeira que lhe atire*. Cf. Dt 17.7.

8.10,11 O caso contra a mulher deu em nada por falta de acusadores impecáveis. Cristo que nunca pecara (8.46) a perdoou porque tomava os pecados dela em Si mesmo (Rm 8.1, 3). *Não peques mais*. O perdão livre nunca dá licença para pecar (Rm 6.1ss).

8.12-20 A natureza e validade das pretensões de Jesus estão em discussão.

8.12 *Eu sou a luz*. Também na festa dos tabernáculos, além de derramar a água no altar, acendia-se à noite enormes lâmpadas de ouro no Pátio das Mulheres, no Templo. Lembrava a coluna de fogo no deserto. • **N. Hom.** Jesus, a luz do Mundo. 1) Só Ele pode iluminar a alma conduzindo-a ao seu destino celeste. 2) Só Ele afasta as trevas do pecado (1 Jo 1.5-9). 3) Só Ele proporciona a vida pela iluminação do Espírito (1.5n, 9).

8.14 Jesus sabia donde veio, i.e., do Pai (1.14, 18). Os antagonistas não tinham uma noção da encarnação de Cristo. Além do testemunho próprio, Deus Pai testemunhou em favor dele.

8.15 *Julgais segundo a carne*, quer dizer, ser insensível diante das realidades espirituais (cf. 19; Cl 3.1-3).

8.17 *Vossa Lei*. Pela maneira que os judeus interpretavam a lei, Jesus foi forçado a se desassociar de Moisés (cf. 10.34; 15.25). Cf. Mt 5.17-20 para conhecer a atitude de Cristo a respeito da, lei.

8.18 *Testifica de mim*, i.e., pela ressurreição (cf. 7.34).

8.19 O conhecimento de Deus vem só por Cristo (14.6-9),

8.21 *Vou retirar-me*. Pela crucificação e ressurreição Jesus se afastará. Pela fé podemos ser unidos a Ele nessa morte redentora. O pecado supremo é descrer, pecando, assim, contra a verdade e o Espírito Santo (Cf. Mt 12.32).

8.24 *Eu Sou*. Cristo faz alusão a Êx 3.14; Dt 32.39 onde a LXX tem esta idêntica frase (*ego eimi*). Veladamente, Ele reivindica Sua divindade (cf. 6.20; 8.28, 13.19; 18.6) essencialmente um com Deus.

8.25 *Desde o princípio*. O original grego que dizer: "desde o início de meu ministério público", ou, "desde o começo de meu contato com o povo" (há outras interpretações).

8.28 *Levantades*. Pela crucificação. Cf. 3.14n; 12,32. *Nada faço por mim mesmo*. Cf. 5.19n. *Falo... ensinou*. Cf. Hb 1.1.

8.29 *Agrada*. Define-se a genuína santidade como agradar sempre a Deus. Somente Cristo agrada ao Pai sempre (cf. Cl 1.10).

8.30 *Creram*. Eram crentes nominais (no parágrafo seguinte mostram que deixaram de crer - "havia crido", 31) Cf. 2.23ss; 6.60ss.

8.31-59 Novo debate com os "muitos" que abandonaram sua "fé". • **N. Hom.** Um Discipulado Genuíno. 1) O que é - submissão obediente (31) à palavra de Cristo; 2) o resultado - conhecimento progressivo da verdade (32); 3) seu benefício - libertação do jugo do pecado (36), e direitos de filhos no lar de Deus (35).

8.32 *Conhecereis a verdade*, i.e. Cristo, a Verdade pessoal (14.6). O escravo de Cristo experimenta a liberdade real do espírito nos propósitos de Deus (36; Rm 8.2-4).

8.34 *Escravo do pecado*. • **N. Hom.** "Reflexões de Jesus sobre a Queda do Homem. 1) Quem comete pecado mostra que é escravo do pecado; 2) mas não reconhece essa escravidão (9.41). 3) Torna-se incapaz de compreender a palavra de Deus (43); 4) sua fonte de satisfação de valores é o diabo que incute os próprios desejos, a mentira (44), o homicídio (40) e a própria glória (50.5, 44). A consequência da queda - a morte (51s; Rm 5.12; 6.23). Tanto Abraão como os profetas morreram (52). Mas Cristo, o Segundo Adão, anula os efeitos da Queda sendo glorificado pelo Pai (54, na ressurreição). Quem guarda a palavra de Cristo compartilhará de Sua vitória sobre a Queda (51s) e experimentará a verdade, liberdade e pureza.

8.35 *Escravo... filho*. O não convertido e o genuíno crente.

8.39,40 Jesus nega que os judeus são verdadeiros filhos de Abraão porque o filho reflete qualidades do seu pai. *As obras de Abraão* eram de ouvir e obedecer a palavra de Deus (Hb 11.8s).

8.41 Bastardos. Os judeus rejeitando o nascimento virginal acusam Jesus de Ter nascido ilegítimamente.

8.42 Vossa pai. Jesus nega que os judeus eram de filiação divina, portanto rejeita seu direito de ser o Israel verdadeiro (Êx 4.22; Fp 3.3).

8.48 Samaritano. Raça mista e hostil aos judeus e sua religião (4.9). *Tens demônio.* Os fariseus acharam que o poder de expulsar demônios veio do próprio diabo (Mt 12.24ss). Igualmente explicaria para eles a operação de qualquer milagre.

8.53 Maior do que... Abraão. Cf. 4.12. Abraão morreu - Cristo ressuscitou e dá vida. Abraão foi pai dos judeus. Cristo é Autor e Consumador da fé dos fiéis, inclusive, de Abraão (Hb 12.2)

8.55 Conhecido (gr *egnōkate* "conhecer progressivamente", 3.10). *Conheço* (gr oida "conhecer essencialmente, por natureza").

8.56 Ver o meu dia, i.e., quando Abraão vivia no mundo, ou pela fé ou por uma visão, segundo uma tradição rabínica.

8.58 Eu Sou (gr *ego eimi*, cf. 24n). Novamente Jesus se identifica com o eterno "Eu Sou" de que se deriva o nome Jeová (heb *Yahweh*, Êx 3.4; 6.3). Os judeus bem entenderam Sua reivindicação de deidade e por isso concluíram que deviam apedrejá-lo (59).

9.1 A cura do cego de nascença é o sexto sinal escolhido por João. Expõe o problema básico do pecado e sofrimento (cf. Jó) o pano de fundo do debate sobre a identidade de Jesus. O sinal soluciona um problema de nascença, o que o pecado também é (Sl 51.5). Jesus sendo a luz do mundo (5, cf. 8.12) cumpre a esperança messiânica (Is 35.5). A época continua sendo a Festa dos Tabernáculos.

9.2,3 Quem pecou. Baseados em passagens como Êx 20.5; Jr 31.29s; Ez 18.2 os judeus acharam possível o pecado dos pais passar para os filhos. Jesus nega que a cegueira fosse punição direta dos pais ou da vítima; mas bem era para glorificar a Deus (cf. 11.4). *Obras de Deus,* além de milagres inclui mudar vidas (6.28s).

9.4,5 Façamos (bons manuscritos têm "eu faça"). *Dia..* A vida de Cristo junto com todo "enviado" de Deus se compara a um dia que termina com sua morte (5). Enquanto se espera a Segunda Vinda, só se vê a Luz real pela fé. *Luz do mundo.* O milagre deste capítulo é como uma parábola que exprime a natureza da iluminação espiritual.

9.7 Siloé... Enviado. Era o tanque na extremidade de um túnel, escavado por Ezequias, que trazia água da Fonte da Virgem; daí, "águas enviadas". Deste tanque as águas cerimoniais foram colhidas (7.37n). Simboliza o fato que Cristo é o enviado de Deus (4). Quem se lava no Seu sangue purificador ganha a iluminação salvadora (13.8ss).

• **N. Hom. 9.11** Da Cegueira para a Percepção. O cego confessa: 1) é um homem chamado Jesus; 2) um profeta (17); 3) um adorador de Deus (35). O ponto culminante se vê na adoração (38).

9.14 Sábado. Cf. 5.16n.

9.17 Que dizes tu... No fim, todo homem terá de responder esta pergunta. *Profeta.* Falta o artigo que 6.14n e 7.40n têm. Moisés, Elias e Eliseu operaram maravilhas, mas os judeus negaram o aparecimento de qualquer profeta até chegar "o Profeta" (Dt 18.18).

9.20,21 Sabemos (gr *oidamen*. Usado 11 vezes neste cap.). Põe em relevo a falta da parte dos judeus de percepção espiritual neste evangelho (4.22, 32).

9.24 Dá glória a Deus. Há duplo sentido nesta expressão: 1) "agradecer" (Lc 17.15-18); 2) "dizer a verdade" (Js 7.19), como aqui.

9.25 Eu era cego e agora vejo. Espiritualmente mostra distinção absoluta entre as trevas e a luz. Quem vê não precisa de mais provas. Toda discussão e debate não convencem como a experiência.

• **N. Hom. 9.28** Endurecimento de Coração. 1) Começa no pré-julgamento de Jesus (16); 2) seque a incredulidade ante os fatos (18); 3) e atribui-lhe pecado (24), 4) então fecham os ouvidos (27) seguido por 5) injúria (28) e 6) expulsão daqueles que discordam (34).

9.33 Consistentemente a Bíblia declara que o culto a Deus e a prática de Sua vontade;

isto falta na falsa religião.

9 34 *Nos ensinas.* A complacência e autojustificação orgulhosa dos judeus obstam o recebimento da verdade (5.44; Lc 18.14).

9.35 *Filho do Homem.* Título messiânico de Dn 7.13.

9.39-41 Jesus fala em termos espirituais. *Os que não vêem*, são os que não têm visão espiritual (salvação) mas têm consciência de sua necessidade. Os que vêem, são os judeus de v. 41.

9.41 Quem sabe que não vê, reconhecendo sua necessidade espiritual, poderá ser curado (cf. 1 Jo 1.9). Quem nega seu pecado dizendo que "vê" permanece no pecado (Mc 2.17; Sl 32.3-5).

Cap. 10 A conexão com o cap. 9 se encontra na expulsão do crente (9.34); Cristo, porém, o aceita, abrigando-o no novo rebanho de Sua Igreja (16) e tornando-o uma das Suas ovelhas (10.3, 4,14).

10.1 *Verdade...* (gr *amen*, de origem heb, "*mûnâ*", "fidelidade", "digno de confiança"). Esta frase demonstra a autoridade messiânica de Jesus (3.3; 5.24, etc.). *Não entra pela porta.* São os falsos mestres que, rejeitam a Cristo, a Porta (7). Cf. 9.39-41.

10.3 *Porteiro.* Talvez seja João Batista que prefigura os líderes genuínos do povo de Deus (1 Pe 5.2-4). *Chamo pelo nome.* Cf. 1.47s. *Conduz...* Os crentes em Cristo são convidados a deixar o judaísmo (veja o livro de Hebreus) para seguir a Cristo.

10.4 *Fazer sair.* Jesus cumpre a figura de Josué (Nm 27.17). • **N. Hom.** "Quem é o Bom Pastor?" 1) O porteiro abre para Ele (3; cf. 1.29ss); 2) as ovelhas reconhecem a Sua voz; 3) Jesus as conhece por nome (3); 4) Ele as conduz para o aprisco real (16); 5) vai adiante para a cruz (cf. Mc 8.34).

10.6 *Parábola* (gr *paroimia*, "figura", "adágio"; 16.25, 29; 2 Pe 2.22). Os vv. 1-5 contém a parábola; 7-18 têm a explicação feita por Jesus.

10.7,9 *Eu sou a porta.* Como o único meio de acesso a Deus (Mt 7.13, 14; Jo 14.6). No Seu cuidado por nós, Ele é o Bom Pastor.

10.8 *Todos quantos vieram antes de mim*, seriam os falsos cristos e líderes maus dos judeus (cf. Ez 34.1ss; Zc10.3; 11.3, 15-17).

10.9 *Entrará, e sairá.* As ovelhas de Cristo têm a Sua proteção (Sl 91).

10.10,11 *O bom pastor* (gr *kalos*, "atrativo", "simpático") cumpre as promessas divinas de Ez 34.23; Zc 11.4-14; cf. Sl 23; 78.70-72. *Vida... abundância.* A nova vida eterna do Espírito proporcionada pela morte expiatória do Bom Pastor.

10.12 Pastores mercenários nem a Deus nem as ovelhas (Ez 34; cf. Jo 21.15-17; 1 Pe 5.2-4). *Lobo* representas os falsos mestres.

10.14 *Conheço... conhecem.* Cf. Gl 4.9; 1 Jo 4.6-8.

10.16 *Outras ovelhas* (gr *alla*, "outras do mesmo tipo"). Refere-se aos crentes gentios que se unirão ao verdadeiro Israel. Cristo não será Salvador nacional apenas, mas mundial. *Aprisco.* Israel. *Rebanho.* A Igreja universal com sua cabeça, Cristo, o supremo Pastor.

10.18 A obediência de, Cristo (Rm 5.19) necessariamente inclui a espontânea entrega de Sua vida. *Reavê-la.* Pela ressurreição.

10.22-30 O diálogo na festa da dedicação ou luzes. Comemorava a purificação do templo (164 a.C.) após a contaminação por Antíoco Epifânio (1 Mac 4.36, 39). Lembra-nos que o altar cristão é a cruz.

10.23 *Pórtico de Salomão.* Os cristãos em breve estariam lá (At 3.11; 5.12).

10.24-30 Reconhecer que Jesus é um com Deus exige fé para compreender.

10.27 *Me seguem.* As ovelhas dependem do Pastor e obedecem-Lhe a voz.

10.28,29 A segurança do crente depende da decisão de Cristo e do Pai. Elas estão completamente seguras na mão do Filho e do Pai (14.23; Cl 3.1ss) pois são um (30) em propósito e essência (1.1).

10.30 *Somos um.* Lit. "uma coisa", i.e., em vontade e essência (5.23n).

10.32,33, *Obras boas* garantiram que Deus estava com Jesus, portanto a acusação da

blasfêmia não cabia.

10.34 *Vossa Lei*, i.e., a Torá ou o AT como um todo, inclusive os Salmos.

10.33-36 Se Deus, o Autor da Bíblia, chama homens de "deuses" (heb *'elohim* "Deus", "deuses", "juizes", cf. Sl 82.6; Êx 21.6; 22.9, 28) quanto mais teria o Filho direito a este título. *A Escritura não pode falhar*. A Palavra inspirada de Deus é infalível (2 Tm 3.16). *Santificou*. Melhor, "consagrou", separou para esta missão (Hb 10.10)

10.37 *Obras do meu Pai*. Os milagres de Cristo não puderam ser atribuídos a poder satânico

10.38 Fé, no evangelho de João, antecede o "saber e compreender".

Cap. 11 O tema deste capítulo - sétimo sinal e o clímax - revela a Jesus como o doador da vida e vencedor da morte (1 Co 15; Hb 2.14).

11.1 Betânia fica a 15 estádios (18), ou cerca de 3 km de Jerusalém.

11.2 *Ungiu*. Cf. 12.3. *Maria*. Cf. Lc 10.38ss, Mc 14.3.

11.4 *A fim... glorificado*. A ressurreição de Lázaro: 1) mostrou o poder divino de Jesus; 2) provocou os judeus a tentar eliminá-lo pela crucificação (11.47-57) que resultou na sua glorificação.

1.6 *Demorou*. Cf. as demoras de Jesus em 2.4; 7.6ss.

• **N. Hom.** Duas Provas na Escola de Jesus A. Prova de fé na Sua palavra. Realmente Maria e Marta confiavam que Jesus 1) era amigo chegado; 2) amava a Lázaro (3); 3) ficou informado (4) e prometera que a doença não "era para morte" (4), embora o irmão querido tivesse morrido. B. Prova de lealdade dos discípulos: 1) desafiados a enfrentar novamente a ameaça da morte com Jesus (7, 8); 2) a solução não está na fuga (andar de noite), mas em ficar ao lado de Cristo (andar de dia), e obedecer às Suas ordens (ver a luz). Conclusão: contra o desespero das irmãs, Jesus dá vida a Lázaro; os discípulos não sofrem nenhum dano; pelo contrário, testemunham a ressurreição de Jesus em Jerusalém no primeiro domingo da Páscoa.

11.9 *Doze as horas*. O plano de Deus não permite o "por acaso".

11.12 *Estará salvo* (gr *sōlhesetai*). Tem dois sentidos: 1) recuperação física (43s); 2) ressurreição no último dia-(5.25, 29n; Rm 5.10).

11.16 *Tomé* era leal ainda que duvidoso (20.24ss). *Dídimo*. Gêmeo.

11.19 *Muitos*. A família de Lázaro era proeminente. O milagre foi presenciado por um grande público que se dividiu na opinião (45).

11.21 *Se estiveras aqui* (32). Revela um sentido profundo a respeito da escatologia da Igreja, i.e., ainda que o Senhor demore para voltar. Sua presença espiritual é necessária para alimentar a esperança da ressurreição em face da morte.

11.24 *Na ressurreição no último dia* não é toda a esperança do crente.

• **N. Hom.** **11.25,26** A pessoa e obra de Cristo transformam a realidade da morte. 1) Os crentes mortos de todos os tempos (como Lázaro) serão ressuscitados (25b). 2) Os crentes que crêem em Cristo e compartilham de Sua vida são transformados pela morte e pela ressurreição de Cristo para gozar da vida eterna agora (26). Conclusão: a morte física não passa de um intervalo temporário até a ressurreição (11-13; 1 Ts 4.13s; 1 Co 15.55), Cristo proporciona a vida aos mortos física e espiritualmente (cf. 5.24ss).

11.27 *Que devia vir*. Uma frase que indica o Messias (4.25; Mt 11.3; Lc 7.20). Marta confessa sua fé real (cf. 4.29; 5.15; 6.69; 9.33, 38).

11.33-36 *Agitou-se*. A emoção do Senhor foi Sua reação de simpatia junto aos amigos (33, 36) e indignação com a maldição da morte. *No espírito*, não o Espírito Santo, mas em Si mesmo.

11.37 De muito mais valor seria a ressurreição para a vida eterna (26) do que um simples milagre de restabelecimento físico.

11.39 *Quatro dias*. Parece que havia uma opinião geral no judaísmo que a alma deixa o corpo três dias após a morte (contraste Mc 5.35).

11.40 A ressurreição será a culminante manifestação da glória de Deus para todos

crerem; os líderes, porém, não vêem mais do que seu poder ameaçado (46-57; cf. 9.41).

11.41 *Graças te dou.* Jesus orara antes. Ele queria mostrar que o poder vem do Pai.

11.43 *Clamou...* Cf. 5.25; 1 Ts 4.16 "...sua, palavra de ordem".

11.44 *Desatai-o.* No seu próprio caso Jesus não precisou ser liberado dos lençóis (19.40), sendo que o corpo espiritual (1 Co 15.44) não encontrou impedimento na matéria: Ele atravessou o invólucro de panos que o envolveu (20.8n).

11.45,46 A reação dos simpatizantes era a fé: a dos líderes era maquinar Sua morte. Temeram: 1) um número crescente de seguidores de Jesus; 2) a destruição do templo e Jerusalém pelos romanos (João nota isto ironicamente porque de fato isto ocorreu em 66-70 d.C.).

11.48 *Nosso lugar,* o templo, que era o "lugar santo" dos judeus.

11.49 *Naquele ano.* Quer dizer o ano em que Cristo foi crucificado.

11.51 *Profetizou.* O sumo sacerdote deveria ser o portador da voz de Deus (*bath kol*) *Pela* (gr *huper*, "no lugar de"). A morte substitutiva de Jesus foi anunciada pelo sumo sacerdote que uma vez por ano fazia expiação pela nação no Santo dos Santos (Hb 9.7ss). Mais ele mesmo não sentia nenhuma necessidade do sangue de Cristo para purificar os seus pecados.

11.52 *Reunir em um só* (*corpo*, não está no gr). Caifás pensava na volta à Palestina dos israelitas espalhados pelo mundo. Noutro sentido, os verdadeiros filhos de Deus (judeus e gentios) serão reunidos pela morte de Cristo na Igreja Universal (10.16; 12.32).

11.54 *Efraim*, pode ser uma vila perto de Betel, a 25 km de Jerusalém.

11.55 ...a Páscoa... Esta frase está em 2.13 que inicia o trecho sobre a purificação do templo. Os judeus subiam para se purificarem (por imersão e roupas limpas) enquanto Jesus purificará por Si próprio os Seus discípulos antes da festa da Páscoa (13.1-11; 15.3).

Cap. 12 nos traz três episódios significantes: 1) a unção do Rei para o sepultamento; 2) a entrada e a aclamação do Rei; 3) a petição dos gregos - o império mundial do Rei (20-36).

12.2 *Marta servia* (gr *diekonei*). Nela temos uma ilustração das diaconisas da Igreja que serviam com fidelidade (At 9.36; Rm 16.1, 6, 12s; 1 Tm 3.11). Compare Lc 10.38.

12.3 *Maria.* Sem fundamento histórico é a tradição de que "a mulher pecadora" (Lc 7.39) era Maria Madalena, que também seria esta Maria. *Encheu-se... perfume.* Igualmente, se não se quebrar o coração egoísta aos pés de Cristo, não haverá perfume de vida para alegrar a Casa de Deus (2 Co 2.14-16)

12.5 *Trezentos denários.* Um denário, o salário diário de um operário. Judas exemplifica aquele que pela carne quer fazer boas obras, ao contrário de Maria que cultua a Jesus, sem substituto, com gratidão.

12.7 *Maria, uma amiga,* endossa o auge da missão de Jesus no sepultamento (cf. 11.50). Ela exemplifica os cristãos que, pagando preço altíssimo, ungem a Jesus como seu Rei único.

12.12-19 A multidão, cheia de esperanças proclama Jesus como a Messias, vindo com poder e bênção do Senhor (13). Ele é o verdadeiro Rei de Israel (cf. 1.51) Mas Seu reino não é deste mundo (18.36s).

12.13 *Hosana.* Cf. Sl 118.25s. Significa "Salva-nos, te rogamos".

12.14,15 *Está escrito.* Zacarias (9.9) anunciara, cinco séculos antes; que o Messias inauguraria um domínio pacífico para seus súditos.

12.16 Os *discípulos* não compreenderam a natureza do reinado de Jesus. Ele foi ungido simbolicamente para a morte por uma mulher; seria vestido de púrpura por escárnio e coroado de espinhos (19.2); seria exaltado e entronizado numa cruz. A Entrada Triunfal de Jesus foi o prelúdio e sinal de Sua glorificação por morte e levantamento (Lc 24.26).

12.17 Jesus vai revelar à multidão que tipo de reinado Ele encabeçaria, Vencerá os principais inimigos do homem: o pecado, a morte e o diabo.

12.23,24 *Fica ele só.* Jesus não compartilha os benefícios da salvação (Sua glória) antes

de Ele mesmo ser glorificado pela morte, sepultamento e ressurreição. O *grão* representa a Jesus. *Muito fruto*. A semente que se reproduz, até milhares de vezes, tem de ser plantada, germinar e crescer. Assim; Cristo pela Sua glorificação se estenderá pelo Espírito para toda língua, raça e nação (Ap 7.9).

12.25 *Vida... vida* (gr *psuche* "alma" cf. Mc 8.35) é vida terrena que se contrasta com a vida eterna (gr *zoe aiōnion*) dada pelo Espírito (3.3-6n)

12.26 *Siga-me*. Cada discípulo de Jesus deve ser outro "grão de trigo", pronto para dar sua vida pela expansão do evangelho. *Onde eu estou* (cf. 17.24). O complemento da vida nova já possuída pelo cristão no mundo será compartilhado junto a Cristo no céu.

12.28 Por uma voz audível, no batismo, na transfiguração e aqui. Deus Pai assegura aos que acompanham a Jesus que Seu nome será glorificado no Filho.

12.31 *Ser julgado* (gr *krisis* "crise", "tomada de posição"). A morte de Jesus condenou o mundo (Satanás se tornou príncipe do mundo; cf. 1 Jo 5.19) e salva o crente. Essa crise envolve: 1) "a hora" (23); 2) "a glorificação" (23, 28); 3) o plantar da semente messiânica (24; Gl 3.16); 4) o levantamento de Jesus na cruz e Sua exaltação (32; At 2.33; 5.31; Fp 2.9-11), 5) a atração de todos os homens (32), 6) a limitação do tempo para a luz brilhar (35) seguida pelas trevas (31, 35).

12.34 *Lei*. São as Escrituras canônicas do AT (cf. Dn 7.14).

12.36 *Ocultou-se deles*. Isto marcou o fim do ministério de Jesus dirigido ao mundo. Daqui para frente fala aos discípulos.

12.37-43 Apresenta um sumário geral do sucesso de Jesus na Sua vinda para Sua "própria casa" (1.11n) e a reação dos judeus cumprindo a visão profética de Is 53.1 e 6.9, 10.

12.40 A cegueira dos olhos é o endurecimento do coração dos judeus veio em consequência do amor às trevas (3.19, 20), o temor dos fariseus (42) e o desejo de alcançar a glória dos homens (43; 5.44)

12.41 *Isaiás*, como Abraão *viu a glória* do Cristo pré-encarnado (cf. Is 6.1ss com Jo 17.5) e a glória de Jesus, o Servo Sofredor, Is 52.13-53.12) morto e ressurreto para justificar pecadores.

12.42 *Creram nele*. O tempo passado (gr aoristo) salienta de novo, que em João, a fé se revela no presente contínuo pela confissão. Temor (cf. 1 Jo 4.18) impediu que crentes nominais confessassem sua fé, o que é essencial à salvação (Mt 10.32s; Rm 10.9).

12.44-50 Um apelo evangelístico sem restrições da parte de Cristo.

12.50 *Seu mandamento* é aquele que Cristo anunciou, i.e., que os homens devem crer no Enviado de Deus (6.28s; 8.31). Pode, também, se referir ao mandamento do Pai a Cristo para entregar Sua vida pelos pecadores (10.18) e dar-lhes a vida eterna.

13.1 Nos caps. 1-12, o plano de Jesus foi de agir, operando o, "sinal" (milagre) dando em seguida a interpretação do sinal. Em caps. 13-17 a interpretação vem primeiro sobre o sinal culminante que é a paixão e ressurreição de Jesus (caps. 18-20).

13.3,4 *O Pai tudo confiara*. Cf. 17.2 com Ef 1.9-11, 20ss; Cl 1.16; 1 Co 15.25-27. A soberania de Cristo se revelou supremamente no serviço de um escravo (4). Seus discípulos devem seguir Seu exemplo servindo uns aos outros (15.1; Sm 25.41; Lc 22.24ss). *Tirou* (gr *tithemi*) a mesma palavra de 10.15 em que se afirma que Jesus dá Sua vida espontaneamente.

13.10 *Banhou*. A lavagem completa do discípulo simboliza-se no batismo; nesse ato o crente se identifica pela fé com o batismo de Cristo na cruz (cf. 3.3, 5; At 2.38; Rm 6.1-11; Tt 3 5; Hb 10.22; 1 Pe 3.18ss). *Lavar senão os pés*. Representa a necessidade da confissão diária dos pecados para manter a comunhão com Cristo (cf. v 8, "Se eu não te lavar, não tens parte comigo"). Ainda que o crente peque após o batismo, não deve ser rebatizado, mas pela confissão e arrependimento ser restaurado à comunhão com Deus e a Igreja (1 Jo 1.3-9; Tg 5.16).

13.12-20 O significado da ação humilde de Jesus: 1) a igreja deve seguir o exemplo do

Senhor, perdoadando e restaurando os membros que tropeçam no pecado (Gl 6.1; Mt 18.15ss). 2) Os membros mais importantes da igreja devem servir os humildes irmãos com o mesmo espírito de abnegação de Jesus.

13.16 *Servo* (gr *doulos*, "escravo"). Jesus exemplifica a "escravatura" em serviço do Pai. Seus servos não devem ser mais altivos do que Ele. *Enviado* (gr *apostolos*). A comissão apostólica ("enviado") se revela na relação com Cristo, o escravo-mestre. Note como Paulo chama a si próprio de escravo e apóstolo (Rm 1.1; Tt 1.1, etc.).

13.18,19 *Desde já*. Os planos do diabo não pegaram Jesus de surpresa. Não devemos estranhar que supostos "crentes" venham a comer da "mesa do Senhor" sem serem percebidos (cf. 2 Pe 2.13; Jd 12). Jesus previra a ação de Judas quando o escolheu (2.24s; 6.64, 70).

13.20 Aqui encontramos a autoridade do apóstolo (*shaliah* em aramaico) que é "Iguar àquele que o enviou" (cf. 20.21). Corresponde ao "procurador" na sociedade moderna. Jesus que se identificara com o Pai ("eu sou", 19) aqui declara Sua união com os discípulos,

13.23 *Aquele a quem ele amava*. Tradicionalmente se identifica com João, filho de Zebedeu e autor deste evangelho. Podia também ter sido seu irmão Tiago (21.2), que foi martirizado em 44 d.C. (At 12.2).

13.26 *Eu der o pedaço*. No médio oriente, ainda hoje, receber primeiro um bocado da mão do hospedeiro significa uma grande honra. Judas continuou como o alvo da graça de Cristo até que "saiu" (30).

13.27 *Entrou nele Satanás*. • **N. Hom.** O Caráter determina o caminho e o fim. 1) Judas sendo ladrão avarento (12.4-6) deu abertura às sugestões de Satanás (2); 2) Deliciou-se nesses planos que deram abertura ao domínio completo do diabo (27); 3) O resultado foi a vergonhosa traição a Jesus e autodestruição (18.2ss; At 1.18).

13.32 *Foi glorificado*. O primeiro passo na glorificação pelo meio da morte se depara na traição; o curso dos acontecimentos não pararia mais até Jesus ser exaltado à mão direita do Pai (At 2.33),

13.34 *Novo mandamento*. A essência de todos os "velhos" mandamentos da lei (cf. Rm 13.9s), Tg 2.8 ensina que a "lei régia" expressa concretamente o amor no modelo de Cristo, amando como Ele nos amou.

13.35 O amor sobrenatural dos cristãos seria um dos principais atrativos entre os mundanos para levá-los a Cristo. Amar é evangelizar.

13.36,37 *Me seguirás*. O martírio dos discípulos (cf. 21.19, 22) glorificará o Filho como Ele glorifica agora ao Pai na cruz (12.24ss).

13.38 Ninguém está preparado a dar sua vida até aprender a viver na humilde dependência de Cristo. Pedro estava em falta neste campo.

14.1 *Não se turbe*. • **N. Hom.** A base da paz cristã. 1) Cristo por nós foi angustiado (gr *tarassō*, o mesmo vocábulo em 11.33; 12.27; 13.21) tomando sobre si nosso pecado e morte. 2) Não nos deixará órfãos (18). Ele voltará para nos, "receber" (3). 3) Nossa confiança foi vindicada na ressurreição: daí temos pleno acesso às moradas do Templo de Deus (2; cf. 1 Co 3.16). 4) A separação será de pouca duração (19). 5) É necessário que Cristo vá nos preparar o "lugar" celestial (3). 6) Os crentes conhecem o caminho até ao Pai por intermédio de Cristo (6).

• **N. Hom.** **14.6** A Viagem Celeste é segura em Cristo: 1) O caminho - a cruz que dá acesso ao pecador arrependido pela expiação do sacrifício (Hb 9.14); 2) A verdade - a nova aliança que inclui a "lei da liberdade" que perfeitamente agrada a Deus (8.32, 1 Co 1.30); 3) A vida - a vida da ressurreição (cf. 11.25, 26n; 10.10; Cl 3.1ss).

14.7 Deus se revela a todos que crêem em Cristo (cf. Mt 16.16s) o que significa a salvação (1.7.3). *Desde agora*. Cristo passa a ser reconhecida como o Messias, Servo Sofredor (Is 53);

14.8,9 Sem fé em Cristo o homem não pode conhecer o verdadeiro Deus.

14.10 O Pai que permanece (gr *menō*) no Filho, o Espírito (gr *menō*) habita com e nos discípulos (17) O Pai e o Filho, ambos farão morada (*monen*, cf. 14.2, deriva-se de *meno*) nos crentes reais que os amam e obedecem (23). Maiores. Jesus prevê a multiplicação de Sua ação sobrenatural por intermédio da Igreja que se estenderá sem limites.

14.13,14 *Meu nome*. O crente unido com Cristo tem autorização de orar com a mesma autoridade de Cristo; ao mesmo tempo elimina toda petição egoísta que não seja segundo a vontade de Cristo (Mt 6.10; Mc 14.36).

14.15 O Amor se manifesta na obediência (15.10).

14.16 *Outro* (gr *allos* "outro do mesmo tipo") *Consolador* (gr *para* "ao lado de" e *kletos* "Chamado") Significa "encorajador", "quem dá força". Ele tomará o lugar de Cristo limitado no espaço pela encarnação.

14.21 Aqui temos uma bela descrição joanina do crente salvo.

14.23 Não só o Espírito habita no crente (17), mas o Deus triúno mora nele. *Morada* (gr *mone* só aqui e 14.2). Deus morando no crente, ou na igreja, torna ambos templos santificados (1 Co 3.16; 6.19)

14.26 *Enviará*. Cristo voltará aos discípulos por meio do Espírito (14.3, 18, 28). *Ensinará*... O Consolador, Mestre divino, inspirou os apóstolos e profetas que escreveram o NT, dando à Igreja tudo o que é necessário para conhecer a Deus e os santos caminhos do Senhor.

14.27 *Paz* Há paz onde Cristo está (20.19). A partida do Senhor para o Pai não marca a derrota mas a vitória. O Espírito Santo continuará comunicando a paz e a segurança, visto que Ele é o Pacificador de Deus (Is 26.3s), não eliminando o perigo mas assegurando ao discípulo que Jesus controla tudo.

14.30 *Príncipe*. Satanás. *Nada tem*. Os direitos do diabo se baseiam na rebelião de suas vítimas, contra Deus. Cristo era puro de todo pecado.

14.31 *Vamo-nos*. "Discursos pelo Caminho" (caps. 15, 16) foram pronunciados a caminho de Getsêmani.

15.1-16 Este discurso sobre a videira é uma alegoria.

15.1 *Videira verdadeira*. Israel era a videira de Deus no AT (Sl 80.8-16; Is 5.1-7; Jr 2.21, etc.), mas sempre visto em termos de degeneração e destruição. Falhou na missão de produzir o fruto desejado por Deus. Cristo é o verdadeiro Israel (Gl 3.16) substituindo essa nação na missão de trazer salvação ao mundo. A "Videira" de Jo 15 equivale ao "Corpo" de Cristo nas Epístolas de Paulo.

15.2 *Fruto* Não se limita à justiça e santidade (Gl 5.22s) mas inclui também a evangelização (16). *Corta* (gr *airei* "tira", "separa"; cf. julgamento do israelita rebelde do AT em Lv 20.3, 5, 6, etc.). *Limpa* (gr *kathairei* "podar", "limpar"). O Pai (agricultor) disciplina a Igreja removendo os indivíduos e congregações inúteis (Lc 13.7ss); melhora o crente real pela disciplina para que, produza mais fruto (Hb 12.10s).

15.3 Produção maior de fruto vem do coração purificado pela Palavra.

• **N. Hom. 15.4** Condições de Alta Produtividade: 1) Permanecer (gr *meno*, 14.10n) em relação vital continuamente com Cristo. 2) Receber a disciplina das palavras de Cristo (3) aplicadas pelo Espírito (14.26). 3) Dependência total para com Cristo na comunhão e oração (5, 7).

15.5,6 O contraste entre as conseqüências de permanecer ou não na videira. • **N. Hom.** Três classes de ramos: 1) os que nada produzem (cf. Judas) 2) os que produzem algo mais sem disciplina (2; cf. Pedro); 3) os que produzem muito fruto (5).

15.7 As palavras vivas de Cristo comunicam Sua pessoa (5; cf. 17.14).

15.11 Permanecer em Cristo produz fruto (4); receber a mensagem de Cristo produz oração efetiva (7); obedecer as ordens de Cristo produz a maturidade (10) e alegria espiritual. O gozo de Cristo transparece no cumprimento da Sua missão redentora.

15.15 *Servos* (gr *douloi* "escravos"). A obediência do amigo emana de um amor voluntário. O escravo serve por exigência (Gl 4).

15.18-27 Apresenta-se a reação do mundo ante a missão de Cristo e Sua Igreja: 1) ódio; 2) alienação; 3) perseguição.

15.22 *Pecado não teriam.* A Igreja dos fiéis unida a Cristo, eleita e comissionada para evangelizar o mundo (16), remove toda desculpa dos mundanos que se rebelam contra a verdade. O pecado se apresenta onde brilha a revelação de Deus (Rm 1.18ss); o pecado imperdoável é rejeitar a Cristo, a revelação final de Deus (3.19; Hb 1.1s).

15.24 *Obras.* As obras culminantes *quais nenhum outro fez*, foram a sua entrega à morte e a ressurreição. Por serem acontecimentos históricos de alcance universal, demonstram o amor redentor de Deus pelo mundo (3.16). O amor rejeitado se torna em ódio.

15.26,27 O cristão que dá testemunho se torna sócio do Espírito Santo que o capacita a dar uma visão convincente de Cristo

16.1 *Escandalizeis.* Lit. "tropeceis". Os discípulos não devem perder a coragem ao enfrentar as perseguições Judaicas (executadas "em nome de Deus", At 22.3, 4)

16.3 Os salvos se distinguem do mundo pelo verdadeiro conhecimento de Deus (17.3) e de Sua vontade.

16.4 *Hora* (cf. Lc 22.53; Jo 17.1). A hora do Mundo perseguir os santos.

16.7 A conveniência da partida de Jesus para o Pai se percebe na formação do Corpo universal de Cristo por intermédio do Espírito Santo. O Consolador colocará à disposição dos crentes o amor e poder de Cristo como se Ele estivesse em toda parte junto com eles (Mt 18.20; 28.20).

• **N. Hom. 16.8-11** A Obra do Espírito é: 1) convencer o mundo que o pecado fundamental é rejeitar a Cristo; 2) aplicar a justiça imputada pela morte e ressurreição de Cristo ao crente (Rm 4.25); 3) mostrar que o juízo que Cristo sofreu venceu a Satanás, o príncipe do mundo (33; 1 Jo 5.4s).

16.12 *Muito que vos dizer.* Jesus deu de antemão o seu endosso ao NT. Muitas coisas ainda não foram reveladas (12). Tudo que faltava da revelação, seria suprido pelo Espírito (13) que "vos guiará a toda a verdade". Cristo menciona os elementos básicos do NT. a) história - "vos fará lembrar de tudo..." (14.26); b) doutrina - "vos ensinará todas as coisas" (14.26; 16.14; cf. Lc 24.27); c) profecia - "vos anunciará as coisas que hão de vir" (16.13).

16.13 *Toda a verdade.* Autenticidade de doutrina e prática se garantem pela revelação do Espírito por meio das Escrituras.

16.16 Jesus fala aqui de intervalo que passaria no túmulo e também do tempo entre a ascensão e a segunda vinda (17; Ap 3.11; 22.7, 12, 20).

16.20 O mundo se alegraria com a morte de Cristo, mas a ressurreição e a segunda vinda transformarão essa alegria em tristeza (Ap 6.15-17). O contrário se dará com os filhos de Deus.

16.22 *Vossa alegria.* O gozo inabalável que domina o coração do crente é aquele que o Espírito suscita nesse coração (Gl 5.22).

16.23 *Naquele dia* se refere ao derramamento do Espírito no dia de Pentecostes. Então os discípulos passariam a depender completamente do Espírito.

16.25 *Figuras.* Cf. 10.6n. *Vem a hora.* Refere-se ao ensino de Jesus após a ressurreição (cf. Lc 24.27, 45). Talvez haja também uma indicação para o ensino apostólico e profético do NT.

16.27 *Vos amo* (gr *philei* "tem afeição", "ser amigo"). Cf. 15.13-15; 21.17n. O Pai ama a todos que amam ao Filho. Igualmente o Filho ama aqueles que amam a seus discípulos (Mt 25.31ss)

16.28 A missão de Jesus foi revelar o Pai e compartilhar a vida eterna. Voltará para reinar sobre Sua Igreja (Ef 47-16).

16.30 *Não precisas... pergunte.* Cf. 2.25.

16.32 *Dispersos.* Cf. 6.66ss; Mt 26.31. A dispersão é conseqüência da incredulidade (cf. 14.1) e a falta de vigilância e oração (Mt 26.41; Mc 14.38). Paz vem pela fé (Fp 4.6, 7, 9).

17.1 A oração é sacerdotal porque Cristo intercede por Si e pelos discípulos. Três partes:

1-5, Jesus ora por Si mesmo; 6-19, pede pelos discípulos; 20-26, suplica pelos futuros crentes. *Glorifica*. Por este imperativo de súplica Jesus roga baseado na Sua autoridade de conceder a vida eterna a todos os eleitos (2). Visa diretamente a Paixão. *Hora*. Ponto central no plano redentor de Deus.

17.2 *Autoridade*. Cf. 1 Co 8.6; Ef 1.10s, 20-22; Fp 2.9-11; Cl 1.17s; Hb 2.8; 1Pe 3.22, etc.

17.3 *Que te conheçam a Ti*. O verbo está no presente do subjuntivo para indicar conhecimento crescente. *Deus*. O único Deus é Aquele que é Pai e envia Jesus Cristo.

17.4 *Glorifiquei na terra*. Nota-se que Jesus roga do ponto de vista de quem já subiu ao céu (11) porque vencera no Espírito (16.33). Neste sentido a obra estava consumada antes do brado de 19.30.

17.6 *Teu nome*. Seria "Pai", nome esse que os discípulos foram privilegiados de usar (Mt 6.9)? Os crentes pertenciam ao Pai pela eleição (6.44).

17.8 *As palavras*. São os ensinamentos de Jesus proferidos aqui na terra e preservados nos evangelhos.

17.9 Dispensa-se a petição pelo mundo porque já foi vencido por Cristo (16.33). Futuros crentes (20) não são do mundo.

17.10 O Filho glorifica a Pai na obediência até à morte. Os discípulos glorificam o seu Senhor da mesma forma.

17.11 Jesus se separou fisicamente dos discípulos na morte e na ascensão. O crente se santifica pelo batismo-morte (Rm 6.2-11) que o separa do mundo e o une a Cristo. Em consequência os crentes por meio de Cristo participam na unidade do Povo de Deus que é imprescindível, concedida por Deus e que reflete a unidade da Trindade (21). É indestrutível mas facilmente obscurecida.

17.12 *Filho da perdição*. Era Judas, e também será assim chamado o anticristo (2 Ts 2.3).

17.13 *Gozo completo*. A herança do crente junto com todos os privilégios que Cristo compartilha.

• **N. Hom. 17.15** Duas Petições de Cristo pelos Seus: 1) libertação do Maligno (cf. Mt 6.13); 2) consagração (17). Estes foram os propósitos da expiação segundo Tt 2.14: redimir de toda iniquidade e purificar um povo zeloso de boas obras.

17.17 *Verdade... palavra*. São títulos de Cristo em 14.6 e 1.1, 14.

17.19 *Me santifico*. Jesus é ao mesmo tempo Sacerdote e Sacrifício.

17.20 Jesus ora em favor dos futuros crentes. Cf. 10.16; 15.16.

17.22 *Glória*. A glória (gr *doxa*) de Cristo tem sua origem na união com o Pai (5). Jesus manifestou essa glória divina (notavelmente o amor) no mundo; operando milagres, transmitindo as palavras do Pai e finalmente, dando sua vida para expiar pecados (1.14, 17; 13.21s). Essa gloriosa união é compartilhada com a Igreja pelo Espírito e ela a demonstra na sua unidade (13.35).

17.23 O amor entre os crentes reflete a união perfeita entre o Filho e o Pai e assinala a obra salvadora sobrenatural de Deus.

17.24 Cristo roga ao Pai que os crentes possam compartilhar a alegria do céu. Ali perceberão o grande privilégio de terem sido amigos de Cristo.

17.25,26 *Pai justo*. Os atributos divinos de justiça e santidade separam o mundo de Deus (Hb 7.26). Conhecer a Deus pela experiência da fé real em Cristo (25b) traz junto a privilégio de clamar o nome divino, "Pai" (6n; Rm 8.15s; Gl 4.6) e sentir o amor divino.

18.1 *Saiu*. Talvez da cidade ou do cenáculo (14.31). *Jardim*. Mateus e Marcos nos informam que era o Getsêmani; Lucas o denomina de "Monte das Oliveiras".

18.2,3 Vários grupos se unem no propósito de destruir a Jesus. 1) Judas, o discípulo traidor, 2) escolta de soldados romanos (talvez pagos); 3) principais, sacerdotes (i.e., saduceus); 4) fariseus; 5) policia do templo ("guardas"); 5) Pilatos e os soldados (19.1, 2).

18.5,6 Todas as forças sob o príncipe deste mundo (12.31; 14.30) recuam e se prostram diante daquele que recebeu toda autoridade do Pai (17.2). Ele tem direito ao nome "Eu Sou" (5, 6, 8; cf. Êx 3.14; Jo 8.28n). Outra vez João observa que Jesus se entrega

voluntariamente. Quando se certificou de que os discípulos ficariam em liberdade, Cristo se entregou (8b).

18.10 Malco. João conhecia o nome deste escravo (gr *doulos*) porque ele conhecia pessoalmente o sumo sacerdote (15).

18.12 Comandante (gr *chiliarchos*) com a escolta ali presente mostra a participação dos romanos. *Manietaram-no* (24). Só João menciona este pormenor. Isto nos lembra Isaque amarrado sobre o altar (Gn 22.9; cf. Rm 8.32).

18.14 Caifás foi apontado sumo sacerdote (24) pelo governador romano em 15 d.C. Provavelmente, não foi, aceito pelos judeus, permitindo Anás a continuar no poder (note-se que Anás é sumo sacerdote em v. 19).

18.15 Outro discípulo. Seria o discípulo amado (13.23n)?

18.17 Não sou. Notável entre os evangelhos é a maneira branda em que João descreve a negação tríplice de Pedro (17, 25, 26). Pedro aqui não jura nem amaldiçoa.

18.20 Falado francamente. Cf. 7.4 onde os irmãos de Jesus o desafiam para se manifestar ao mundo. O ministério culminante de Jesus foi sobre a cruz (12.32). *Em oculto.* Jesus não era subversivo.

18.21 Por que me interrogas? Era ilícito forçar o réu a se condenar a si mesmo.

18.22 Uma bofetada. Jesus sofre esta violência porque fez Anás parecer estúpido, não porque o insultou.

18.23 Dá testemunho do mal. Como se vê em 8.46, Jesus zela pela irrepreensibilidade de Sua pessoa. Nas epístolas pastorais nota-se que esta qualificação é essencial ao ministro (1 Tm 3.2, 7, 10; Tt 1.7).

18.24 Caifás. Cf. 11.49n; 18.14n.

18.26 Parente. João conheceu bem os elementos da casa do sumo sacerdote (10, 16). Alguém sugeriu que Zebedeu e seus filhos, Tiago e João, forneceram peixe salgado do mar da Galiléia à casa de Anás e Caifás (16n).

18.27 Pedro o negou. A queda de Pedro, ocorrendo três vezes, mostra a inerente fraqueza da carne quando privada da assistência sobrenatural do Espírito (Gl 5.16).

18.28 Pretório. Residência de Pilatos, o governador romano. Em Fp 1.13 pode se referir à residência do imperador no Monte Palatino em Roma, ou do quartel geral em Éfeso. *Não entraram.* Para um judeu entrar numa casa pagã significava contaminação ritual, o que devia ser evitado a todo custo (cf. Mc 7.2-4).

18.30 Se... malfeitor. As autoridades judias não queriam qualquer investigação da parte dos romanos.

18.31,32 Segundo a vossa lei. Pilatos manda que os judeus julguem a Jesus, uma vez que o mal de que o acusavam era uma infração religiosa de que os romanos não podiam tomar conhecimento. Mas isso não satisfaz os interesses dos judeus, que não descansariam até Cristo ser morto, As Escrituras predisseram que o modo de morte do Messias seria por cruz (3.14; 12.32). Se os judeus tivessem aplicado a pena capital, Jesus teria sido apedrejado como blasfemo (Lv 20.27; At 7.54-60).

18.33 És tu o rei dos judeus? Alguém informara a Pilatos nesta altura que Jesus era um pretendente ao trono de Israel (Lc 23.2, 3).

• **N. Hom. 18.36** O Reino de Cristo: 1) Ainda que não seja reino político, tem *ministros* leais. 2) Não sendo do mundo, sua realidade celestial se demonstra na persuasão do amor, não nas armas. 3) O Rei é Cristo que reina pela força da *verdade* (cf. Sl 91.4; 93.1, 2, 5).

18.38 Que é a verdade? Pilatos levantou cinicamente a maior dúvida da filosofia. Pilatos indaga, "Que"; Jesus já declarara que Ele é a verdade ("quem").

18.40 Barrabás. Cf. Mc 15.7n.

19.1 Açoitá-lo. A flagelação normalmente fazia parte do processo de extrair uma confissão. Devia, segundo a lei romana, preceder a crucificação Aqui (cf. Lc 23.22) parece ter sido mais um expediente de Pilatos para soltar a Jesus.

19.5 *Eis a homem*. Quem, a essa altura, poderia ter percebido que, nesse Homem, Deus ;restaurava o propósito original da Criação?

19.7 *A lei* a que os judeus se referiam, era a lei contra blasfêmia. Pilatos ficou aterrorizado porque *Filho de Deus (Divi Filius)* era um título do imperador romano. Também era supersticioso (cf. Mt 27.19).

19.11 *Nenhuma autoridade* existe que não tenha sua base na soberania de Deus (cf. Rm 13.1ss). *Maior pecado*. A culpa dos judeus excedia a de Pilatos porque eram melhor instruídos nas Escrituras (cf. Lc 12.47s). *Entregou*. A mesma afirmação relata a traição de Judas como a dos judeus (cf. 13.2, 11, 21; 18.2, 5).

19.12 *Pilatos*, o procurador romano na Palestina, estava envolvido com problemas. Seus erros políticos e administrativos juntos com a impossibilidade de se defender perante o imperador motivaram sua capitulação diante da pressão dos judeus.

19.13 *Pavimento* (gr *lithostrōton*) já foi identificado pelos arqueólogos confirmando assim a exatidão deste evangelho.

19.14 *Parasceve*. Era dia de preparar os cordeiros antes de celebrar a Páscoa, após o pôr-do-sol, quando se iniciava o novo dia. *Hora sexta*. Os evangelhos sinóticos nos informam que Jesus foi crucificado cerca das nove horas da sexta-feira. João talvez usa a marcação romana que começava a meia-noite. Seriam seis horas da manhã.

19.17 *Ele próprio, carregando a sua cruz*, como Isaque que carregou a lenha do holocausto em Gn 22.6 *Gólgota*. O local é desconhecido, mas há dois lugares com grande probabilidade.

19.20 *Este título* anunciava o motivo da condenação da vítima à morte. Pilatos que ficou convencido da inocência de Jesus colocou a acusação de sedição, i.e., que Ele era um inimigo do estado. As três línguas do título mostram que Jesus é de fato o rei do mundo, uma vez que os judeus rejeitaram seu próprio Messias (cf. 1.11; 11.52; 12.32).

19.22 Pilatos, pela consciência culpada, não permitia que a ironia do título fosse removida.

19.23,24 O cumprimento de Sl 22.18 nos mínimos pormenores mostra a grandeza do nosso Deus onisciente que revela eventos futuros.

19.25 Juntando Mc 15.40 com, Mt 27.56 deduzimos que a *irmã* de Maria, mãe de Jesus, era Salomé; mãe de Tiago e João (esposa de Zebedeu). Neste caso Jesus seria primo desses filhos de Zebedeu.

19.26,27 *Discípulo amado*. Pela tradição se supõe que ele foi João, a autor deste evangelhos *Tua mãe*. É provável que José, marido de Maria, já tivesse morrido. • **N. Hom.** Exclamações reveladoras: 1) "Eis o homem" (5). 2) "Eis o vosso rei" (14). 3) "Eis aí o teu filho" (26). 4) "Eis aí tua mãe" (27).

19.28 *Tenho sede*. Jesus era verdadeiro homem. Contraria a teoria gnóstica que afirmava que o Cristo divino veio sobre Jesus quando foi batizado e o deixou quando morreu. Mas Jesus era realmente humano (cf. 4.7) e divino inseparavelmente. Aquele que sofreu a sede na cruz ofereceu Sua vida para saciar a sede espiritual do mundo (7.37-39).

19.30 *Está consumado*. Cf. 4.34; 17.4. Rendeu o espírito. Jesus morreu voluntariamente (10.18), não como mártir, mas como sacrifício de infinito valor (Is 53.10).

19.34 *Sangue e água*. Este acontecimento é um sinal que confirmou a humanidade real de Jesus e sua morte. Aponta simbolicamente também para a água batismal e o vinho-sangue da Ceia (cf. 4.14; 6.53-56; 7.37-39; 13.8; 15.3; 1 Jo 1.7; 5.6-8).

19.35 *Aquele... testificou* (gr *martureō*). Fala do autor do evangelho. Se o discípulo amado foi Tiago, que foi martirizado em 44 d.C por Herodes Agripa I (At 12.2), então entendemos que ele presenciou e relatou os acontecimentos depois escritos pelo seu irmão João. A veracidade desses fatos se confirmou no martírio; ninguém morreria para sustentar uma mentira

19.36 Cf. v. 33. Aqui notamos que Cristo cumpriu, além de profecia, também tipos, como este do cordeiro pascal (cf. 1.29; 1 Co 5.7 com Êx 12.47, Nm 9.12; Sl 34.20).

19.37 *Traspassaram.* Zc 12.10 e Ap 1.7 indicam que uma parte desta profecia ainda aguarda cumprimento quando Cristo voltar ao mundo. Israel se arrependerá e os gentios incrédulos tentarão fugir da ira de Deus e do Cordeiro (cf. Rm 11.25-27 Ap 6.15-17).

19.38 José era líder entre os judeus e membro do Sinédrio junto com Nicodemos (39). Compare Mc 15.43 com Gn 50.4-6. Era um discípulo secreto temendo a ira dos judeus. Depois, sem dúvida se converteu.

19.39 *Cem libras* (i.e., mais de 32 kg de especiarias aromáticas). Nicodemos evidentemente era rico (cf. 3.1-21; 7.50s).

19.41 *Um jardim.* Só João nos informa do local do sepulcro e sua proximidade do Calvário. O pecado original e a morte originaram-se no jardim do Éden. A redenção e a vida eterna também tiveram início num jardim.

20.1 *Primeiro dia.* O domingo ("dia do Senhor" Ap 1.10) substituiu o sábado judeu como dia de adoração ao Senhor porque Cristo ressuscitou nesse dia. Cf. At 20.7; 1 Co 16.1, 2.

20.7,8 *Viu, e creu.* Cf. 20.29; 9.36-41. Não existe e real sem fatos e acontecimentos reais. O que convenceu os dois discípulos da realidade da ressurreição foram os lençóis (Lc 24.12). Mostram que o corpo transformado de Jesus traspassara o invólucro de linho e aromas (19.40) sem perturbá-lo. O discípulo amado reconheceu o cumprimento das predições específicas de Jesus (Mc 8.31; 9.9, 31; 10.34; Jo 2.19; 10.18) • **N Hom.** Fundamentos da Fé: 1) A morte (19.34) e a ressurreição (20.8) de Cristo. O filho de Deus (20.31). 2) Depende de fatos reais e visíveis (19.35; 20.8, 14, 25, 29). 3) Para crentes que não puderam presenciar os eventos, a fé depende do testemunho verídico (19.35) preservado no NT e na história (20.29ss).

20.9 *Compreendido a Escritura.* Cf. Sl 16.8-11; 2.7; At 2.24-31; 13.32-37, 1 Co 15.4. O Espírito logo mostraria aos discípulos o significado das passagens da Bíblia que predisseram a ressurreição.

20.16 *Maria* foi incapaz de reconhecer a Jesus pela mudança de Sua aparência e as lágrimas. Chamada pelo nome (10.3) percebeu que era Jesus.

20.19 *Pôs-se no meio.* O corpo glorificado do Cristo ressurreto não foi impedido por portas fechadas (cf. vv. 7, 8n). • **N. Hom.** Cristo abre as portas trancadas por causa do medo e incredulidade, quando Ele se apresenta: 1) vivo, 2) visível, 3) compartilhando Sua paz, (19, 21). 4) Sua missão (21b), 5) junto com o poder e autoridade do Espírito (22b, 23). Cf. 1 Co 16.9; Ap 3.7.

20.21 *Enviou* (gr *apostellō*)... Envio (gr *pempo*). Cristo, o Apóstolo do Pai. (Hb 3.1) foi comissionado para trazer o dom da salvação pelo sacrifício de Si mesmo (3.17). Seus discípulos são enviados para continuar e levar a termo essa missão no mundo ajuntando os convertidos na Igreja de Cristo. Paz surge da convicção que Cristo está vivo e que Ele pagou toda a dívida do pecado (14.27; 16.33).

20.22 *Soprou.* Lembra-nos do começo da vida humana em Éden (Gn 2.7). Vida natural e espiritual dependem do sopro (o Espírito) de Deus.

20.23 *Perdoados... retidos.* No grego ambas estão no tempo perfeito. O discípulo não pode perdoar ou reter pecados (1 Tm 2.5), mas pela revelação profética e pelas Escrituras pode assegurar ao pecador que já foi perdoado ou condenado Por Deus (cf. At 5.4, 9; 8.23).

20.24 *Dídimo*, i.e., gêmeo (11.16). Tomé era homem moderno, cientista e bem consciente da possibilidade de ser enganado por uma visão ou alucinação. Para ele a ressurreição precisava ser confirmada pelos sentidos.

20.26 *Pôs-se no meio.* Mesmo depois da ascensão, a presença espiritual de Cristo se espera na reunião dos crentes (1 Co 16.22; Ap 1.13; 2.1; 3.20).

20.27 As marcas da cruz revelam quem Jesus realmente era (8.28).

20.28,29 *Deus meu!* Estas palavras vão muito além da mera identificação de Cristo com o Mestre que Tomé seguira anteriormente. A fé de outras gerações partirá não da vista mas do testemunho dos discípulos.

20.31 A finalidade do evangelho é dupla: 1) intelectual, i.e., convencer o leitor que Jesus, Homem perfeito, é o Messias que cumpriu as promessas, e esperanças de Israel, e o Filho de Deus que cumpriu o destino da humanidade; 2) espiritual, compartilhar por essa fé a vida eterna pelo Seu nome.

Cap. 21, é evidentemente um pós-escrito. Pelo es tilo podemos estar seguros que o autor foi João, o autor do evangelho.

21.1 *Tiberíades*, i.e., o Mar de Galiléia.

21.3 *Vou pescar*. Esta narrativa ilustra a ineficácia de pescar homens (Mt 4.19) sem o Cristo ressuscitado estar presente (15.5). Logo que Ele veio e os discípulos obedeceram às Suas ordens, o sucesso foi imediato, e tremendo (6).

21.5 *Filhos* (gr *paidia*). Termo só usado por João aqui e em 1 Jo 2.12, 18.

21.7 *É o Senhor*. O discípulo amado foi o primeiro a reconhecer que era Cristo (cf. 20.8, 16n). *Despido*, i.e., apenas as vestes de baixo.

21.8 *Duzentos côvados* eram cerca de 96m.

21.11 *Cento e cinqüenta e três*. Jerônimo achou que este era o número de variedades de peixes, simbolizava: a universalidade da evangelização pelos apóstolos.

21.13 *Jesus, tomou... deu*. O Filho de Deus que preparou este saboroso almoço matinal naturalmente o serve (Mc 10.45; Jo 13.1-10).

21.14 *Terceira vez*. Isto é, que Jesus apareceu a grupos (20.19ss; 20.26ss). Durante os quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão os quatro evangelhos relatam dez encontros de Jesus com: 1) Maria, Mc 16.9-11; Jo 20.11-18); 2) as mulheres (Mt 28.8-10); 3) Pedro (Lc 24.34; 1 Co 15.5); 4) dois discípulos (Lc 24.13-32); 5) dez discípulos (Lc 24.36-43; Jo 20.19-25); 6) os onze apóstolos (Jo 20.26-31; 1 Co 15.5); 7) a sete no Mar de Galiléia (Jo 21); 8) os apóstolos e mais de 500 irmãos (Mt 28.16-20; 1 Co 15.6); 9) Tiago (1 Co 15.7); 10) quando Jesus subiu ao céu (Lc 24.44-53; At 1.3-12).

21.15 *Estes outros* tem sentido duplo: 1) coisas da profissão e 2) pessoas. Pedro amaria a Cristo mais que os outros discípulos?

21.17 *Me amas* (gr *phileō* "ser amigo"). Após usar *agapaō* "amar desinteressadamente", duas vezes, Jesus passa a usar a palavra que Pedro usou três vezes.

21.18,19 *Eras mais moço*. I.e., quando o discípulo pensava apenas em sua própria vontade. *Velho*, seria quando Deus dirigiria a vida até a morte. *Estenderás as mãos*. Jesus profetizou a morte de Pedro pela crucificação; o que aconteceu entre 64-67 d.C. por ordem de Nero.

21.21 *Este*. Trata-se, aqui, do discípulo amado que deu testemunho neste evangelho (24).

21.22,23. Uma das razões principais pelo acréscimo deste pós-escrito era para desmentir este mal entendido. Cristo não quer que Sua vinda seja motivo de especulações (At 1.7; 2 Pe 3.10).

Atos dos Apóstolos

Análise

Em Atos 1.8 o Cristo ressurreto declara o propósito do batismo com o Espírito Santo: "...mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra". Por localização e ênfase, este versículo parece designar claramente o propósito deste livro de Atos dos Apóstolos. Trata-se de uma história especial sobre o estabelecimento e a extensão da Igreja entre judeus e gentios pela localização gradual de centros de influência em pontos salientes do império romano, desde Jerusalém até Roma. Além disso, Lucas arranja seu material histórico de tal maneira que o progresso do evangelho se torna prontamente evidente. Trata-se distintamente de um relato esquemático - com o propósito de edificar não menos do que o de narrar. Por conseguinte, podemos encarar o livro de Atos como um sermão histórico sobre o poder

cristão: sua origem e seus efeitos. A fonte é o batismo dado no dia de Pentecostes pelo Espírito Santo e o efeito é o poder de testificar sobre Cristo ao mundo. Esse testemunho é apresentado em epítome, no sermão pentecostal de Pedro, aos membros da dispersão reunidos em Jerusalém, e com detalhes progressivos por todo o restante do livro.

Autor

A opinião quase universalmente aceita é que o evangelho de Lucas e o livro de Atos têm uma autoria comum. O autor do livro de Atos começa referindo-se a um "primeiro livro", o que é considerado como indicação da primeira porção do mesmo volume histórico, dirigido à mesma pessoa, "Teófilo". A expressão "Lucas-Atos" é usada pelos eruditos modernos para indicar que se trata de uma única obra. Outrossim, a preponderância de opinião tem favorecido o ponto de vista que Lucas deve ter sido o autor de Atos, visto que era o autor do evangelho que tem seu nome. Existem pelo menos três argumentos corroboradores da autoria lucana. Primeiro, há a evidência das chamadas seções "nós", 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1-28.16, que sugerem que o autor foi testemunha ocular de certos eventos, tal como no caso de Lucas. Segundo, há evidências que seu autor era médico. E terceiro, uma extensa e convincente tradição apóia a autoria lucana.

O livro de Atos parece haver sido escrito mais ou menos no tempo do primeiro aprisionamento de Paulo, com cujo relato encerra-se a narrativa. Não é entrevistado nem um segundo aprisionamento nem o martírio de Paulo. A possibilidade de que foi escrito por Lucas quando estava junto com Paulo, em Roma, conforme é indicado pelas seções "nós", parece mais do que provável. A atual opinião prevalecente de que o livro foi escrito por volta de 90 d.C., parece ser contrariada pelo silêncio do autor a respeito da morte de Paulo, sem se falar da ausência de referências a outros escritos paulinos que nesse tempo certamente estavam largamente difundidos.

Esboço

AGUARDANDO O PODER DO ESPÍRITO SANTO, 1.126

A VINDA DO PODER DO ESPÍRITO SANTO, 2.1-47

Fonte do Poder Cristão: o Espírito Santo, 2.1-13

Testemunho Pentecostal aos da Dispersão, 2.14-47

PRIMEIROS DIAS DA IGREJA, 3.1-12.25

Em Jerusalém, 3.1-7.60

A Cura do Aleijado e suas Conseqüências, 3.1-26

Pedro e João perante o Sinédrio, 4.1-22

Os Discípulos em Seu próprio Meio, 4.34-37

Tribulação Interna: Ananias e Safira, 5.1-16

Tribulação Interna: A Murmuração sobre as Caridades, 6.1-7

Tribulação Externa: O Martírio de Estêvão, 6.8-7.60

Samaria: O Pentecostes Samaritano, 8.1-25

Os Confins da Terra: Filipe e o Etíope, 8.26-40

A Conversão de Paulo e sua Preparação, 9.1-31

Judéia: Pedro em Lida, Jope e Cesaréia, 9.32-11.18

Lida e Jope, 9.32-43

Cesaréia, 10.1-48

Conseqüência, 11.1-18

Os Confins da Terra (continuação), 11.19-12.25

Antioquia, 11.19-30

Perseguição por Herodes e Dispersão da Igreja de Jerusalém, 12.1-25

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO, 13.1-14.28

Chipre, 13.1-12

Antioquia da Pisídia, 13.13-52

Icônio, 14.1-7

Listra. Derbe e Volta à Antioquia da Síria, 14.8-28

O CONCÍLIO DE JERUSALÉM, 15.1-29

A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO, 15.30-18.22

De Antioquia a Trôade, 15.36-16.10

De Trôade a Atenas, 16.11-17.15

Em Atenas, 17.16-34

Em Corinto e Retorno, 18.1-22

A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO, 18.23-21.16

O Pentecostes em Éfeso, 18.23-19.41

Macedônia, Acaia e Retorno, 20.1-21.16

PAULO EM VIAGEM PARA ROMA, 21.17-28.15

Em Jerusalém, 21.17-23.35

Em Cesaréia, 24.1-26.32

Petrante Félix, 24.1-27

Perante Festo, 25.1-22

Perante Agripa, 25.23-26.32

Viagem a Roma, 27.1-28.15

O Ministério em Roma, 28.16-31

1.1 O primeiro livro- O evangelho de Lucas. É opinião geral que Lucas e Atos formam dois volumes (cujo tamanho foi limitado pelo comprimento de um rolo de papiro) de uma só obra. A palavra "primeiro" e a conclusão súbita de Atos sugerem a intenção de Lucas de escrever um terceiro volume. *Teófilo*. "Aquele que ama a Deus". Cf. Lc 1.3n. *Todos as coisas*. Os quatro evangelhos são compostos de narrativa e ensino. *Começou a fazer*. Isso indica que, pelo Espírito, Cristo continua Sua obra por meio dos apóstolos e da Igreja,

1.2 Intermédio do Espírito Santo. Como vemos em Lc 4.1, 18 e Atos 10.38, Jesus viveu Sua vida sob a direção do Espírito e do Pai (Jo 14.10).

1.3 Padecido, se apresentou vivo. As *provas incontestáveis* (históricas, não especulativas ou teóricas) garantem a validade da mensagem do evangelho. Sem a realidade da morte e da ressurreição de Cristo não há cristianismo. *Reino Deus*. Não se refere a território mas a soberania ou atividade de Cristo em reinar. Cristo acrescentou a Seu ensino sobre o reino relatado nos evangelhos, as implicações de Sua morte, ressurreição e exaltação (Cf. 8.12; 28.23, 31).

1.4 Comendo com eles. O sentido da palavra *sunalizomenos* é incerto. No gr clássico significa "reunir-se". Pode ser derivada de *als*, "sal", i.e., comer sal (comida) em conjunto. Outra variante, nos Mss. tem "morando juntos". *Promessa...* A vinda do Espírito Santo (cf. Jl 2.28-32; Jo 7.39; 14.36, 26, etc.).

1.5 Batizados com o Espírito. Enquanto que o batismo de João selava o arrependimento, o do Espírito encheu a Igreja no Dia de Pentecostes e sela todo crente no Corpo de Cristo (1 Co 12.13; Gl 3.27, 28).

1.6,7 Restaura o reino. Os discípulos ainda cogitam da independência política de Israel sob um descendente de Davi (Jesus?). Cristo responde: 1) Não lhes compete saber o tempo (Mt 24.36; Mc 13.32; 1 Ts 5.1ss); 2) Antes da inauguração do reino milenar (cf. Ap 20.4) todo o mundo deverá ter ouvido o testemunho apostólico acerca do evangelho (8); 3) O reino não será limitado a Israel; abrangerá os confins da terra.

• **N. Hom. 1.8** Evangelização e o Espírito Santo: 1) Sem o Espírito não há poder milagroso (*dunamis*); 2) Sem poder não há testemunho eficaz; 3) Sem testemunho não há avanço até aos confins da terra; 4) Sem tal avanço Cristo não voltará para estabelecer Seu reino. A expansão da Igreja em Atos acompanha a predição de Cristo. Jerusalém é

evangelizada, 1.12-7.60. Judéia e Samaria são atingidas, 8.1-40. O evangelho avança sem parar por terras gentias até Roma, 9.1-28.31.

1.9 *Jesus elevado.* Cristo ascendeu corporalmente, apontando para a futura exaltação da humanidade por Ele encarnada. Retomou Sua glória eterna (Jo 17.5) antecipada na transfiguração (Mc 9.2-8). A nuvem corresponde à glória *shekinah* (da Presença) na qual Cristo voltará (cf. Êx 13.22; Dn 7.13; Mc 14.62; Mt 24.30)

1.10 *Varões... de branco.* Trata-se de anjos como no sepulcro (Lc 24.4).

1.12 *Olival.* O local da agonia no jardim (Lc 22.39) é o mesmo da Sua exaltação da Segunda Vinda (Zc 14.4).

1.13 *O cenáculo.* Uma sala grande de jantar, no segundo andar, que provavelmente, pertencia à mãe de Marcos (cf. 12.12) e local da última Ceia.

1.14 *Irmãos.* A conversão de Tiago, meio-irmão de Jesus e autor da epístola, que traz o seu nome, se relata em 1 Co 15.7 (cf. nota). *Maria.* Não se menciona mais na Bíblia.

1.15 *Pessoas.* Lit., "nomes", se como em Ap 3.4; 11.13.

1.18 *Este... campo.* Mt 27.7 diz que os sacerdotes compraram o campo. Sendo que, legalmente, o dinheiro pertencia a Judas, é provável que o tenham comprado em seu nome.

1.19 *Sua... língua.* Aramaico, que nessa altura já substituíra O hebraico como língua franca dos judeus na Palestina.

1.22 *Testemunha... ressurreição.* A qualificação humana para o apostolado era ter conhecimento íntimo da vida terrestre de Jesus e ser testemunha ocular de Sua ressurreição. A qualificação divina era ser escolhido por Cristo (aqui, por meio do lançamento de sortes, Pv 16.33).

1.24 *Tu, Senhor, que conheces o coração.* É provável que refere a Cristo. No AT o "Conhecedor de corações" é Deus Jeová.

2.1 *Dia de Pentecostes.* A festa das Semanas, ou das Primícias, celebrada sete semanas depois da Páscoa. *Todos.* Os cento e vinte (1.15). Atos não nos informa onde eles estavam quando o Espírito desceu; talvez na área do templo, oferecendo-lhes oportunidade de evangelizar uma grande multidão.

2.3 *Línguas, como de fogo.* Experiência extática e milagrosa e, portanto, difícil de explicar. Para a relação entre o Espírito e o fogo veja Mt 3.11; Lc 4.16 e 1 Ts 5.19.

2.4 *Todos... cheios...* A Igreja unida, esperançosa e que presta culto passou pelo batismo do Espírito segundo a promessa de Cristo (1.5). Significou: 1) A presença e atuação do Espírito dentro do crente (Jo 14.17), não apenas exteriormente (cf. Jz 6.34; 15.14; Ez 36.26); 2) Presença contínua em vez de esporádica; 3), Habitou em toda a igreja (1 Co 3.16; 12.12, 13), antes somente em indivíduos excepcionais; 4) Sua presença enche a Igreja de vida, provendo poder para propagar o evangelho; (4); confrontar o mundo sem temor (14), ganhar almas (41) e operar milagres (43). Conclui-se que há apenas um batismo da Igreja e dos indivíduos, mas repetidas plenitudes para serviço (Ef 5.18) e exercício dos dons do Espírito (1 Co 12.7-11). Línguas (gr *heterais glōssais* "línguas diversas"). Ou ajudou aos apóstolos a comunicarem a mensagem ou aos ouvintes entenderem, ouvindo seus próprios dialetos (cf. 1 Co 14.23) Estas línguas "estrangeiras" antecipam a penetração do evangelho em toda tribo, nação, povo e língua; contraste o julgamento em Babel (Gn 11.7-9).

2.5 *Homens piedosos.* Provavelmente eram gentios interessados no judaísmo sem serem verdadeiros prosélitos batizados e circuncidados.

2.9-11 Houve quatro classes de judeus da dispersão: 1) Orientais ou babilônios; 2) Sírios; 3) Egípcios e 4) Romanos, que, como Paulo, eram cidadãos do império, embora não da cidade de Roma.

2.13 *Embriagados.* O gr original acrescenta "com vinho doce" i.e., ainda em processo de fermentar. A vindima era no mês de agosto.

2.15 Terceira hora. Cerca das, nove horas da manhã. O costume dos judeus era de tomar o jejum às dez horas e no sábado ao meio dia.

2.17 Últimos dias. O cumprimento da profecia de Joel inaugura a "era messiânica". Pedro cita também os, acontecimentos apocalípticos que serão prenúncio da segunda vinda de Cristo e julgamento final.

2.18 Profetizando. Deus falará por meio de Seus servos escolhidos. Profecia era um reconhecido dom do Espírito na Igreja primitiva (1 Co 14.1).

2.23 Pedro não tem receio em confrontar a multidão com sua iniquidade, em grande parte o mesmo povo que um pouco antes clamara "Hosana"... Barrabás... crucifica-o". Sua iniquidade foi frustrada pela ressurreição. A cruz não era a derrota, mas a chave do plano divino.

• **N Hom. 2.24** "Impossibilidade Divina" que os grilhões da morte prendam a Cristo. 1) A ressurreição foi a vindicação divina de Seu caráter e Sua palavra; 2) Garante a aceitação de Sua expiação; 3) Abre caminho para Sua exaltação "à minha direita" (cf. Fp 2.9-11; Mt 22.41ss).

2.27 Morte. Gr *hades*, que traduz a palavra hebraica *sheol*, túmulo.

2.29 Seu túmulo permanece. Todos podiam apontar para o túmulo de Davi, mas quanto a Cristo é diferente; ninguém poderá apontar para um sepulcro por Ele ainda ocupado, porque se esvaziou pela ressurreição.

2.32 Deus ressuscitou. Cf. 2.24; 3.15; 10.40; 13.33-37; 17.31; Rm 6.4, 9, etc. Deus Pai também exaltou o Senhor Jesus (36).

2.33 À destra de Deus. Refere-se à autoridade e majestade. Sl 118.16 introduz a citação de Sl 110.1 no v. 34 (cf. 7.55, 56). *Recebido... Espírito Santo.* Ele é recebido pela meditação de Cristo (cf. Jo 7.39; 14.16, 26; 16.7 com Sl 68.18).

2.34 Davi não subiu aos céus. Davi não foi ressurreto nem exaltado por Deus. Só Cristo cumpriu a profecia de Sl 110.1. Esta frase milita contra a opinião de alguns que as almas dos santos do AT foram transferidas do *hades* para o céu, quando Cristo ressurgiu ou subiu ao Céu. *Senhor... Senhor.* O primeiro representa *Yahweh*; o segundo *'ādōn*, "senhor".

2.36 Senhor e Cristo. Apresenta o mais primitivo Credo (cf. Rm 10.9; 1 Co 12.3; Fp, 2.11, etc.).

2.38 Arrependei-vos. Marca-se o fim de cada mensagem principal apostólica com o apelo ao arrependimento para receber o perdão dos pecados (3.19, 26; 5.31; 10.43; cf. 17.30; 26.20). Implica numa mudança de pensamento radical, (*metanoia*) que surge de convicção de pecado. *Em nome de Jesus Cristo.* A profissão pública de fé no batismo e invocação do nome de Cristo, foram a base de recepção na igreja (cf. 2.21; Rm 10.13). *O dom do Espírito.* A regeneração se realiza somente com entrada do Espírito, não por uma espécie de magia no rito do batismo.

2.39 Estão longe. Esta frase refere aos gentios (cf. Ef 2.13). *Vós... vossos filhos* refere aos judeus presentes e futuras gerações.

2.40 Salvai-vos. Os salvos formam o remanescente profetizado no AT. Eles escaparão da condenação do Senhor.

• **N Hom. 2.41-47** Uma Igreja Exemplar. 1) Formada de crentes batizados, unidos com padrões definidos de doutrina, comunhão, amor e oração. 2) Rege-se segundo a autoridade dos apóstolos; seu ensino deriva-se de Cristo sendo preservado no NT. 3) O centro da comunhão se manifesta no *Agape* (festa ou refeição de amor incluindo a Santa Ceia, 42, 46), comunidade de bens (44, 45) e socorro dos necessitados. 4) Louvor e alegria no Senhor (47). 5) Freqüência no culto (46). 6) Crescimento e excelente reputação (41, 47).

2.43 Temor. Trata-se do pavor gerado pela presença majestosa do Deus que opera milagres (cf. 1.50n),

2.46 Casa em casa. Os cultos em que se reuniam os crentes de Jerusalém se realizavam no templo (cf. Lc 24.53). O *Agape* e a *Ceia* se celebravam forçosamente em casas particulares

3.1 Hora nona. Três horas da tarde quando se oferecia no templo o sacrifício vespertino.

3.2 Formosa. Provavelmente a porta Nicanor, de bronze coríntio, que dava passagem entre o pátio dos gentios e o das mulheres.

3.6 Em nome... i.e., pela autoridade e poder de Jesus Cristo.

3.7 Seus pés e tornozelos se firmaram. O autor usa a linguagem médica no original,

3.12 Poder ou piedade. Na Sua soberana decisão de glorificar o Senhor Jesus, Deus não se limita, no exercício de Seu poder, às virtudes humanas.

3.13 Servo. Gr *pais*, "servo", "criança", "filho" (cf. v. 26). Na Septuaginta se encontra em Is 52.13. Cristo cumpriu a profecia messiânica sobre o Servo sofredor de Jeová (Is 40-53).

• **N. Hom. 3.13-15** Contrastes na Avaliação de Jesus: 1) Deus O glorificou: os homens, traíram-no e negaram-no; 2) Declarado Santo e justo; os homens pediram um homicida; 3) Os homens mataram-no; Deus O ressuscitou. Os títulos aqui atribuídos a Cristo contém as doutrinas centrais de Paulo e João em embrião.

3.18 Seu Cristo, i.e., "seu Ungido" referindo-se ao Sl 2.2 (cf. At 4.26). *Havia de padecer.* A preparação mais necessária para a conversão dos judeus era a demonstração que as Escrituras predisseram os sofrimentos expiatórios do Messias. A cruz, até hoje, continua sendo escândalo para os judeus (1 Co 1.23).

3.20,21 Refrigério... restauração (cf. Rm 8.18-25). Coincide com a segunda vinda de Cristo quando as grandes bênçãos prometidas, ainda não cumpridas, serão derramadas sobre o povo de Deus. A conversão dos judeus e a evangelização do mundo apressam esse grande dia (cf. 2 Pe 3.12n; Rm 11.25).

3.22 Moisés. Os primeiros dois sermões de Pedro em Atos, mostram que Jesus é o sucessor maior de Davi e Moisés, cumprindo as profecias por eles pronunciadas.

3.26 Ressuscitado. No grego aparece a mesma palavra que vem traduzida "suscitará" em v. 22. Na ressurreição de Cristo. Deus cumpre as profecias dadas aos pais (13.32-34). *Abençoar.* Em Cristo ressurreto, aquela bênção prometida a Abraão para todas as nações (Gn 12.3) chega ao seu cumprimento.

4.1 Capitão. O *sãgã*n, o segundo oficial no poder político e religioso judaico depois do sumo sacerdote.

4.2 Ressurreição. Negando esta doutrina (cf. 23.6-8), os saduceus, com muita razão, temeram o surgimento de uma seita dinâmica que diminuísse seu poder. Foram eles que tornaram a liderança no plano de crucificar a Jesus (Jo 11.49, 50).

4.5,6 Autoridades. Seria uma reunião do Sinédrio, supremo tribunal dos judeus. *João.* É Jônatas que seguiu a Caifás (cf. Mt 26.57).

4.7 Nome, Na Bíblia, como no pensamento judaico da época, houve uma ligação estreita entre o nome e a pessoa por ele indicada. Invocar o nome, efetivamente, implica na ação da pessoa (cf. Rm 10.13).

4.11 Pedro rejeitado. Símbolo profético do AT (Sl 118.22; Is 28.16) aplicado ao Senhor Jesus (cf. 1 Pe 2.7n). Cristo, rejeitado pelos homens (judeus e romanos), na Sua ressurreição forma o novo Templo "feito sem mãos" (Jo 2.19; Mc 14.58) que é a habitação de Deus entre os homens na Igreja universal, o Corpo de Cristo (Ef 2.20).

4.13 Iletrados (gr *agrammatos*, "analfabeto" em comparação com os escribas) e *incultos* (gr *idiotai* "leigos") Carecem de autoridade e cultura religiosas cf. Jo 7.15) As palavras eloqüentes faladas pela inspiração do Espírito Santo causaram grande surpresa. *Com Jesus.* A única explicação era sua convivência com Cristo (cf. Mc 1.22, 3.14).

4.17 Ameacemo-los. Tomar medidas. Mais violentas não seria aconselhável. A popularidade dos apóstolos (como a de Jesus e João) poderia trazer conseqüências imprevisíveis (21; Mc 11.32).

4.19 A atitude revolucionária dos apóstolos se manifesta em negar às autoridades judaicas direito divino. • **N. Hom.** "Não Podemos deixar de Falar": 1) Obedecem ao seu Senhor (cf. Mt 28.18-20; At 4.20); 2) São impulsionados pelo Espírito Santo (1.8); 3) Têm certeza que se trata de fatos, não de opiniões (1.3); 4) Por causa da alegria que sentem em sofrer pelo Senhor (5.41).

4.21 *Glorificavam*. O povo comum, sem preconceitos teológicos ou posição vantajosa, a preservar, não receia atribuir o milagre a Deus.

4.22 Nenhum homem podia curar uma pessoa que nasceu coxa (cf. 3.2).

4.23 *Irmãos*. O original diz, "seus próprios" referindo aos apóstolos ou a toda a congregação (cf. 32).

4.24 *Soberano Senhor*. Gr *despota*, "mestre", "Senhor" em oposição com "servo" ou "escravo" (cf. 29), Cf. Lc 2.29; 2 Tm 2.21; Jd 4.

4.26 *Ungido*. Gr *Christos*, tradução do heb *messias*.

4.27 *Ungiste*. Pode referir ao batismo de Jesus quando Deus O designou "meu filho amado" (Mt 3.17). *Herodes e Pôncio Pilatos* representam os *reis* e *autoridades* (príncipes) mencionados no Sl 2.1, 2 (Cf. Lc 23.6-11). *Santo Servo* novamente refere ao Servo de Jeová de Isaías.

4.28 *Predeterminaram*. A palavra gr é somente usada por Paulo e Pedro (cf. 1 Pe 1.2, 20; 2.4-6). O plano de Deus, traçado antes da fundação do mundo (cf. Ef 1.4; Ap 13.8); inclui no seu grande contexto também as ações pecaminosas dos homens sem lhes diminuir a responsabilidade (2.23; 3.18).

4.31 *Tremeu*. Sinal de aprovação divina (cf. Êx 19.18; Is 6.4). A experiência do Pentecostes é renovada implicando em coragem ante ao mundo e generosidade dentro da igreja. *Intrepidez*. Ousadia e poder no falar vieram diretamente do Espírito Santo (8, 13, 33).

4.32 *Multidão*, i.e., a congregação. *Comum*. A igreja de Jerusalém era uma família, de modo que as necessidades de qualquer irmão (especialmente das viúvas sem sustento) foram supridas pelo fundo central.

4.33 *Poder*. Gr *dunamis*, i.e., milagre (cf. 2.22). *Graça*. Em 2.47 a igreja recebeu favor (gr *charin* "graça") do povo; aqui vem de Deus. "Graça é a fonte da generosidade cristã (2 Co 8.1, 9).

4.36 O trecho 4.36-5.11 oferece dois exemplos da prática da comunidade de bens: o primeiro, exemplar, mas o segundo, desastroso.

5.2 *Reteve*. A mesma palavra no grego descreve a ação de Acã na Septuaginta (Js 7.1). O pecado de avareza resultou em hipocrisia e mentira. Ananias queria ser bem visto por ter sacrificado tudo.

5.3,4 *Satanás*. Originalmente (no hebraico *sātān*) queria dizer, "adversário" (em gr *diabolos*). Em Jó 1.6ss e Zc 3.1ss é nome pessoal de um anjo que denuncia os homens perante Deus. Ele tem reino, anjos, e filhos em oposição ao reino, anjos e filhos de Deus (cf. Mt 12.26; 25.41; 1 Jo 3.10). Ainda que a sugestão tenha vindo de Satanás, Ananias acolheu e levou a efeito o desígnio. *Mentisses ao Espírito Santo...* O Espírito Santo é claramente pessoal e identificado com Deus em v. 4 (*mentiste... a Deus*). A ofensa contra a igreja, habitada pelo Espírito, é pecado contra Deus (cf. 9.5) Fica claro que não houve coação para a venda dos imóveis nem na entrega do seu valor aos apóstolos.

5.5 *Caiu e expirou*. A disciplina da igreja, em grande parte, depende da ação corretiva de Deus (cf. 1 Co 11.30-32; Hb 12.5-11; 1 Jo 5.16, 17). O poder disciplinador de Deus está em harmonia com seu poder de curar, ressuscitar e conceder a vida eterna.

5.6 *Os moços*. Seriam um grupo organizado dentro da igreja que correspondia aos presbíteros (anciãos)? Não sabemos (cf. 1 Jo 2.14).

• **N. Hom.** **5.11** "Grande Temor" (vv. 5.11), É conveniente quando: 1) Afasta da igreja o pecado e hipocrisia (cf. 13); 2) Aumenta a santidade e sinceridade (2 Co 7.1); 3) Cria espírito submisso e obediente (2.42, 43) e evita a tentação a Deus (5.9). 4) Confirma a

presença real de Deus. *Igreja*. Aparece o termo pela primeira vez em Atos. No grego *ekklesia*, significava os cidadãos de uma cidade reunidos com poder legislativo. Na Septuaginta refere-se à comunidade religiosa de Israel (Dt 9.10; 18.16; 31.30; At 7.38). No NT passa a denominar a congregação dos crentes locais ou o povo de Deus universal sem distinção de raça ou língua.

5.12 *Pórtico de Salomão*. Uma galeria coberta com duas fileiras de colunas aliás ao lado leste do átrio dos gentios no templo. Era o local mais indicado para todos se reunirem para cultuar e receberem o ensino dos apóstolos.

5.13,14 O temor da multidão evitou a infiltração de pessoas hipócritas, não regeneradas; houve muitas conversões sinceras (14).

5.16 *Cidades vizinhas*. Cumpre-se a segunda etapa da divulgação do evangelho "em toda a Judéia" segundo a predição de Cristo (1.8).

5.17,18 *Os saduceus*, o partido dos sacerdotes que controlavam o templo e seu serviço; foram os mais contestados pela pregação aberta de Cristo no recinto do templo (12; cf. Mt 22.23n).

5.19 *Anjo do Senhor*. No AT o Anjo que representa Jeová é freqüentemente identificado com Ele.

5.20 *Desta vida*. Na língua aramaica dos judeus, seria *hayye* que significa sem distinção "vida" ou "salvação" (13.26).

5.21 *Sinédrio... senado*. São termos equivalentes (cf. Mt 26.59-68n),

5.30 *Ressuscitou* (gr *egeiren*, "levantou"). É mais provável que Pedro se refira ao começo do ministério de Jesus (cf. 3.22, 26) e não à ressurreição.

5.31 *Príncipe* (gr *archegon*, traduzido "Autor" em 3.15) e *Salvador*. Cf. Jz 3.9 onde aparecem as palavras "levantou" e "salvador". *Arrependimento* seria a condição imposta pelo príncipe e *remissão* (salvação) o galardão por Ele oferecido.

5.32 *O Espírito Santo*, dado à igreja no dia de Pentecostes, testificou junto aos apóstolos, por prodígios e conversões, certificando os fatos testemunhados na pregação. Cumpriu-se, assim, a promessa de Cristo (Jo 16.7-14).

5.34 *Fariseu*. Partido popular dos judeus que dava ênfase à Lei como o caminho da salvação. *Gamaliel*, renomado mestre de Paulo (22.3), representante da escola de Hilel, que favorecia uma interpretação mais liberal e humanizante da lei.

5.36 *Teudas*. Flávio Josefo (*Antigüidades*, 20.5.1) menciona um Teudas que, por volta de 44-46 d.C., conduziu uma companhia de judeus ao Jordão, prometendo dividir suas águas. Lucas não pode se referir a uma data posterior ao ano 36; portanto este Teudas é desconhecido, ou Josefo errou na data.

5.37 *Judas* se opôs ao censo romano de 6 d.C., alegando que Deus era o único Rei legítimo de Israel, sendo ilícito pagar tributo a outrem.

5.41 A bem-aventurança pronunciada por Jesus se tornou uma realidade (Mt 5.10-12; Lc 6.22, 23). *Afrontas*. Mais grave que o sofrimento físico seria a vergonha e humilhação sofridas pelo nome de Cristo.

6.1 *Naqueles dias*. Marca nova divisão no Livro (cf. 1.15). *Discípulos*. Somente em Atos se emprega este termo para crentes. *Helenistas*. Pela primeira vez aparece este vocábulo na literatura grega. Refere-se aos judeus de fala grega. *Hebreus*. Judeus da Palestina que falavam aramaico e usavam a Bíblia hebraica. O zelo missionário partiu dos crentes helenistas menos tradicionais, e desembaraçadas do problema da língua, visto que o grego era língua franca do Império Romano.

6.2 *Servir* (gr *diakonein*) às mesas. Muitos vêem aqui a origem do diaconato (cf. Fp 1.1; 1 Tm 3.6ss), mas o vocábulo não é técnico. Trata-se apenas de "servidores" incumbidos de distribuir os fundos às viúvas necessitadas.

6.3 *Escolhei*. Governo democrático ajuda manter a harmonia.

6.5 Pelos nomes gregos se supõe que todos eram helenistas, inclusive um prosélito (gentio convertido ao judaísmo) cristão.

6.6 Impuseram as mãos. Ação que simboliza uma doação, quer de bênção (Mc 10.16), cura (Mc 6.5), o Espírito Santo (At 8.17; 19.6) ou responsabilidade e autoridade para serviço (At 13.3; 1 Tm 4.4).

6.7 Sacerdotes. Entre os que mais se opuseram a Cristo havia homens como Zacarias (Lc 1.6n) que sinceramente aceitaram a Jesus Cristo.

6.8 Graça. Pode ter aqui seu sentido antigo de "encanto", "atração".

6.9 Libertos. Descendentes dos judeus levados a Roma por Pompeu (63 a.C.) e logo libertos, junto com outros das regiões mencionadas

6.13 Lugar santo. O templo, para os judeus, era o lugar mais sagrado do mundo, o centro do universo, por ser a habitação de Deus. A lei oferecia aos homens o único caminho da salvação. "Blasfêmias" (11), "testemunhas falsas" (13), "destruir o templo" são os mesmos ataques levantados contra Jesus (Mc 14.56-64) e contra Paulo (At 21.28).

6.14 Mudará os costumes. Estêvão percebendo que a fé cristã não se manteria dentro do judaísmo (cf. Mc 7.18, 19; Mt 23.25, 26; Lc 11.39-41), antecipa a teologia universal de Paulo. Sua visão é de um cristianismo mundial, sem as restrições do judaísmo e da lei.

6.15 Rosto de anjo. Indica uma transfiguração na presença de um acompanhante sobrenatural (cf. 2 Co 3.18 com Êx 34.29ss; Mt 17.2).

7.2 Estêvão. Não responde diretamente às acusações de 6.11-14. Sua defesa apresenta o universalismo do evangelho que marca o meio termo entre Pedro e Paulo. Dois argumentos irritam profundamente: 1) Deus não limita seus encontros com os homens (ex. Abraão, José, Moisés) ao templo em Jerusalém. As primeiras grandes revelações de Deus ocorreram em terras estrangeiras, Ur, Harã, Egito, Sinai. Estêvão limita sua narração da história gloriosa de Israel entre Abraão e Salomão que construiu o templo. 2) Israel sempre foi rebelde, rejeitando os profetas e finalmente crucificando o Justo (52).

7.4 Harã. Cidade importante de comércio nos tempos de Abraão (séc. XIX a.C.). Nas descobertas arqueológicas, na região de Harã, já se acharam nomes como Naor, Serugue, Terá, etc.

7.6 Quatrocentos anos. Cf. Gn 15.13. É número arredondado. Mais precisamente 430 anos, segundo Êx 12.40 e Gl 3.17. *Peregrina.* O povo de Deus não deve se apegar a terra ou país neste Mundo (cf. Hb 11.8; 16).

7.7 Servirão neste lugar. Se for citação de Êx 3.12, refere ao Sinai, não a Jerusalém. Deus pode ser cultuado em qualquer lugar.

7.9-16 Tal qual os irmãos trataram a José, os judeus trataram a Jesus (seu irmão na carne, Rm 9.5). Sem usar o nome de Cristo uma vez sequer, Estêvão O anuncia por meio de tipos e figuras, destacando as de José e Moisés (20-43). *Graça* (10). Cf. Gn 39.21. *Sabedoria*, refere-se à capacidade sobrenatural de interpretar sonhos.

7.13 Segunda vez. Tanto José como Moisés visitaram a "seus irmãos" duas vezes (23, 30). Cristo na Sua segunda vinda será reconhecido pelos judeus (Zc 12.10).

7.14 Setenta e cinco pessoas. Gn 46.26 e Êx 1.5 têm 70. Estêvão provavelmente inclui a família de José nascida no Egito.

7.16 Siquém... José foi sepultado em Siquém (Js 24.32). Jacó foi sepultado em Hebrom (Gn 49.29ss). Estêvão encaixa os dois acontecimentos numa só referência, como as duas chamadas de Abraão em v. 2.

7.22 Jesus, como Moisés, era "poderoso em palavras e obras," (Lc 24.19). Ambos vieram como pacificadores (24; Ef 2.17). Como os judeus escravizados não compreenderam que Moisés era seu libertador, os judeus não perceberam que Jesus veio para os salvar.

7.27 Autoridade e juiz. A vida de Jesus paralela à de Moisés. Os judeus ressentiram-se profundamente do exercício de autoridade por Jesus (Mc 11.28-33; Jo 2.18; cf. At 10.42; 17.31).

7.29 Midiã. Região nas redondezas do Golfo de Acaba. *Dois filhos.* Gérson e Eliezer (Êx 2.22; 18.4; cf. Jz 18.29n).

7.30 *Um anjo*. Isto é, o Anjo do Senhor (cf. 5.19). Em Êx 3, a Personagem que fala com Moisés é "o Anjo do SENHOR" "o SENHOR" e "Deus". Vv. 31, 32 aqui, tornam claro que Deus falou com Moisés.

7.33 *Sandália*. Até hoje, no Oriente Médio, um lugar sagrado não deve ser pisado senão descalço.

7.34 *Eu te enviarei*. O libertador, rejeitado pelo seu povo, é escolhido por Deus (cf. 4.11) para cumprir sua missão.

7.35 *Negaram*. O A.T. não usa este verbo com respeito a Moisés, mas At 3.13, 14 o aplica a Jesus. *Chefe e libertador*. Esta frase descreve a Jesus Cristo em 5.31 (cf. a nota). Gr *Lutrotes*, "libertador", palavra muito rara, refere-se a Cristo em Lc 24.21.

7.37 *Um profeta semelhante a mim*. Um texto messiânico, já citado em 3.22, muito útil num apelo aos judeus, sendo Moisés quem fala.

7.38 *Congregação* (gr *ekklesia*) "igreja". No contexto de Dt 18.16, aplica-se a Israel congregado para receber a Lei. A igreja do AT dependia de Moisés (1 Co 10.2); a do NT de Cristo (Hb 2.10-12) que a conduz ao verdadeiro descanso. *Palavras vivas*. Obedecer à Lei é viver (Dt 4.1; Lv 18.5 citado em Gl 3.12; Rm, 10.5). A fraqueza humana (Rm 8.3) transformou a Lei de Deus em instrumento de morte (Rm 7.10; 3.10-12). No NT a "palavra da via" é o evangelho (Fp 2.16; 1 Pe 1.23; cf. At 5.20). O centro dessa mensagem é Cristo "a palavra" (*logos*) da vida (Jo 1.1; 1 Jo 1.1, 2).

7.42 *Os entregou* (gr *paredōken*). A mesma palavra; usada três vezes em Rm 1.18ss, indica o abandono dos geridos à idolatria (Rm 1.24n). *Milícia celestial*. São as estrelas. Frequentemente adoradas e seguidas na astrologia supersticiosa. *Livro dos Profetas*. Na Bíblia hebraica os doze profetas menores formam um só livro.

7.44-48 *Tabernáculo*. De Moisés (18-43), Estêvão passa a falar sobre o tabernáculo e o templo (cf. as denúncias em 6.11-14). Foi o tabernáculo que Deus ordenou (o templo surgiu de uma súplica da parte de Davi, 46; edificado por Salomão e tolerado por Deus). (Note-se a importância do tabernáculo em Hb 8.1-5. Isaías declarou que nem o céu pode conter a Deus; como o poderia uma simples criação humana? Deuses falsos podem ter suas casas, mas o Altíssimo é onipresente (cf. Mc 14.58; At 17.24).

7.51 *Dura cerviz...* linguagem muito familiar do A.T. (cf. Êx 33.5; Lv 26.41; Dt 10.16; Jr 4.4; 6.10). *Resistis ao Espírito Santo*. • **N. Hom.** Resistiram-no, 1) Seguindo o exemplo dos pais (52); 2) Desobedecendo à palavra de Deus; 3) Rejeitando e crucificando a Cristo (52, 55, 56).

7.52 *justo*. Título primitivo de Jesus (cf. 3.14; 22.14); mais tarde atribuído a Tiago, meio-irmão de Jesus. *Traidores*. Os judeus, obrigando os romanos a crucificar seu Messias, traíram-no. Estêvão, não admite a ignorância como desculpa (contraste-se com Pedro em 3.17).

• **N. Hom.** **7.55** A Trindade Sustenta o Crente Fiel: 1) O Espírito Santo o enche com paz e amor (60; Gl 5.22); 2) A glória de Deus se manifesta trazendo firmeza e esperança (Jo 17.5, 24; 1 Pe 1.5-8); 3) Jesus Cristo exaltado, de pé, abre os céus para o receber (cf. Mc 14.62).

7.56 *Filho do Homem*. Fora daqui só Cristo usa este título (cf. Dn 7.13) :

7.57 A declaração de Estêvão acerca de Jesus parecia blasfêmia aos membros do Sinédrio que crucificaram a Jesus por esse suposto pecado. *Arremeteram*. Sugere linchamento mais do que execução de justiça.

7.58 *Testemunhas*. As mesmas, falsas, de 6.13, 14, que a lei exigia fossem os primeiros a lançar as pedras. Saulo. Paulo, antes da conversão, evidentemente membro do Sinédrio, aprovava tudo (cf. 22.20).

7.59,60 Estêvão morreu como Cristo, seu exemplo (1 Pe 2.21-24).

8.1 *Exceto os apóstolos*. Esta perseguição foi dirigida contra os crentes helênicos que como Estêvão tiveram uma visão mais ampla do universalismo do evangelho que substituiria o judaísmo.

8.5 Samaria. O nome da capital já havia sido mudado para Sebaste. Há textos primitivos que têm "uma cidade de Samaria". Justino Mártir afirma que Simão Mago era natural de Gita na Samaria.

8.6 Atendiam. A ótima preparação dos samaritanos fora feita por Cristo (Jo 4). Eles e os saduceus não aceitavam mais do que os livros de Moisés.

8.9 Simão. Uma tradição primitiva atribuída a Simão a criação de uma heresia gnóstica "simoniana" que perdurou até o séc. III.

8.11 Abraçou a fé. Convencido do poder sobrenatural exercido por Filipe, Simão creu intelectualmente sem se converter de fato.

8.14 Recebera a palavra, Samaria forma o terceiro passo na prometida expansão geográfica do evangelho, (1.8; 5.16n). *João.* Filho de Zebedeu, autor do evangelho e de três epístolas, aparece aqui pela última vez em Atos.,(cf. Gl 2.9). Aquele que quis trazer fogo do céu sobre os samaritanos agora lhes traz o Espírito Santo (cf. Lc 9.54)

8.16 Em Atos o recebimento do Espírito Santo se relaciona com a manifestação de algum dom do Espírito. Deparamos aqui o Pentecostes de Samaria (cf. 10.44). *Em nome* (gr *eis to onoma*). Expressão comum no mundo comercial denotando transferência de propriedade para "o nome" i.e., para a conta de alguém. Cf. Cl 1.13.

8.17 Impunham os mãos. Cf. 6.6n. Não é confirmação tal qual se pratica em muitas igrejas hoje; seria um ato de comunhão do Espírito Santo unindo os samaritanos aos crentes judeus.

8.20 Dinheiro. Nenhum dom divino pode ser adquirido com dinheiro.

8.21 Não tens parte nem sorte. Uma frase muito comum AT (Dt 12.12).

8.22 O pecado de Simão é aquele que Cristo declarou ser imperdoável (Mt 12.32) O perdão depende do pecador se arrepender, confessar seu pecado e pedir perdão.

8.23 Fel de amargura. Esta expressão tem origem em Dt 29.18 (citado em Hb 12.15). Nesse contexto trata da influência má que, de um indivíduo; passa a contaminar o povo todo.

8.25 Jerusalém. Evidentemente a Igreja de Jerusalém não criou embaraços para a inclusão dos samaritanos na Igreja (contraste-se 11.3).

8.26 Um anjo do Senhor falou. "Dificilmente se distingue o anjo ("mensageiro" no hebraico) do Espírito que falou a Filipe (29). *Gaza.* Antigamente, uma das cinco capitais dos filisteus. *Se acha deserto,* frase que distingue a velha cidade destruída por Alexandre Janeu em 93 a.C. da nova, a 4 km, edificada à beira-mar em 57 a.C.

8.27 Eunuco. Era comum utilizar eunucos como oficiais nos governos orientais. Este talvez fosse prosélito. Ireneu (180 d.C.) diz que ele se tornou em missionário entre os etíopes.

8.28 Lendo. Em voz alta, que era prática comum na antigüidade.

8.29 Disse o Espírito. Lucas deixa bem claro que o avanço da Igreja foi dirigido passo a passo pelo Espírito Santo.

8.31 A Passagem profética de Is 52.13-53.12 é quase incompreensível para os que desconhecem a história de Cristo. Os judeus gradativamente abandonaram a interpretação messiânica, atribuindo essa profecia ao povo de Israel no sofrimento e sua futura exaltação.

8.37 Este versículo não consta nos melhores manuscritos. Preserva, no entanto, uma liturgia muito antiga e uma fórmula de credo dos primeiros tempos.

8.38 Água. No livro de Atos o batismo não demora. É prova pública da aceitação do evangelho.

8.39 Arrebatou. Não é necessário interpretar literalmente; pode indicar um impulso do Espírito que provocou sua retirada rápida. *Cheio de júbilo.* Indica a presença do Espírito Santo. Cf. o jovem rico (Mc 10.22).

8.40 Azoto. É a velha cidade filistéia de Asdode no AT. Cesaréia. Construída por Herodes o Grande, capital romana da Palestina. Encontramos Filipe aqui e quando aparece novamente na história de Atos (21.8).

9.1 Saulo. A conversão de Paulo, narrada três vezes (aqui, 22.1-11 e 26.12-18), é o mais importante acontecimento da história, desde o Pentecostes até ao dia de hoje. *Sumo sacerdote.* Caifás (Jo 11.49ss). Cartas de autorização do Sinédrio eram válidas entre os judeus por toda a extensão do império romano.

9.2 Caminho. Termo originalmente de uso popular mas agora tornado técnico, usado para denominar o movimento cristão.

9.3 Brilhoso. Cf. as referências de Paulo à "luz" e "glória" (2 Co 3.18; 4.4, 6; Ef 5.13; Cl 1.12; etc.).

9.5 Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Cristo de tal modo se identifica com Seus discípulos que maltratar a qualquer um deles é feri-IO.

9.7 Voz. Cf. 22.9; 26.14.

9.10 Ananias. 22.12 fornece mais detalhes sobre sua pessoa.

9.11 Direita. Esta é ainda uma rua principal de Damasco. *Tarso.* Cidade natal de Paulo onde conseguiu sua cultura grega. Era centro universitário, capital da Cilícia. *Está orando.* Acontecimentos importantes em Lucas e Atos são acompanhados de oração.

9.12 Viu. Muitos manuscritos acrescentam "numa visão".

9.13 Teus santos. Os crentes ligados ao justo (7.52), separados para Deus, e batizados pelo Espírito Santo, são santos (1 Pe 2.9).

• **N. Hom. 9.15** "instrumento (ou vaso) escolhido". 1) Uma vida submissa separada e consagrada ao serviço de Deus (2 Tm 2.20, 21); 2) Um portador do nome (pessoa), de Cristo (1 Co 11.1); 3) Um vaso vazio de si mesmo, mas cheio do Espírito (17; Gl 2.20).

9.16 Sofrer. O sofrimento de Paulo (e da Igreja) é essencial para seu avanço (Cl 1.24; 2 Co 11.23ss). Ele passa a sofrer pelo Nome que outrora quis apagar da terra.

9.17 Irmão. Paulo é aceito na comunhão dos crentes (cf. 22.13). *Me enviou* (gr *apostellō*). O apóstolo é alguém comissionado por Cristo, Cabeça da Igreja, que dirige os passos dos Seus servos.

9.20 Sinagogas. A grande comunidade judaica de Damasco tinha várias sinagogas. *Filho de Deus.* Pedro proclamou a Jesus como Cristo e Senhor, Paulo declara abertamente que Ele é o Filho de Deus.

9.22,23 Se fortalecia... Decorridos muitos dias. Gl 11.17 nos informa que Paulo se retirou para o deserto da Arábia (na vizinhança de Damasco) por mais de dois anos, onde se desenvolveu espiritualmente.

9.26 Chegado a Jerusalém. Cf. Gl 1.18s. *O temiam.* Consideravam que a estratégia de Paulo era fingir-se de crente para se infiltrar na Igreja.

9.27 Aos apóstolos. Paulo apenas teve encontro com Pedro e Tiago, irmão de Jesus (Gl 1.18, 19), nesta visita.

9.29 Crentes helenistas foram os mais zelosos na evangelização. Helenistas judeus os mais incansáveis na perseguição (6.5, 10; 7.58; 9.1; 21.27).

9.30 Tarso onde Barnabé foi buscar Paulo uns dez anos mais tarde (11.25; Gl 2.1). Teria viajado de barco; Cesaréia era porto importante.

9.31 Igreja. Só aqui encontramos o singular para significar mais do que uma igreja local, o não ser que refira à Igreja, como o Corpo de Cristo (cf. Gl 1.22; 1 Ts 2.14). *Galiléia.* Primeira vez que Atos menciona a região onde Cristo labutou mais. • **N. Hom.** A Igreja Ideal: 1) Edifica-se por ensino e amor (Rm 15.1-14); 2) Vive na consciência da presença imediata de Deus (1 Pe 1.15-17); 3) Vive impulsionada (gr *paraklesis*, "exortação", "encorajamento"; é o título do Espírito Santo em Jo 14.16, 26, etc.) pelo Espírito; 4) Cresce pela evangelização dos perdidos (8.4),

9.32 Passando Pedro por toda parte. Em Atos refere-se à evangelização (cf. 8.4). *Lida.* Evangelizada por Filipe quando de sua viagem de Azoto até Cesaréia (8.40).

9.35 Sorona. A planície fértil entre Lida e o Carmelo (Is 33.9).

9.36 Jope. Moderna Jaffa, porto marítimo mais próximo a Jerusalém. *Tabita* (aramaico) e *Dorcas* (grego) significam "gazela".

9.38 Lida. Ficava apenas 15 km a sudeste de Jope.

9.39 As viúvas. Como em 6.1, não formam uma organização eclesiástica, mas são simples receptoras de caridade. *Mostrando-lhe*. Do grego dá para entender que elas se vestiam de trajes feitos por Dorcas.

9.40 Orou. Pedro cumpre a comissão de Mt 10.38 e segue o exemplo de Cristo em Jo 11.41, 42. A ressurreição de Dorcas lembra a da filha de Jairo (Lc 8.49-56; cf. a cura de Enéias com Lc 5.18-26).

9.41 Os santos. Refere-se aos crentes ou à Igreja local.

9.43 Curtidor. Pedro dá um passo adiante no sentido de prática liberal, alojando-se com Simão, executor de trabalho ritualmente imundo.

10.1 Centurião. Oficial no exército romano que comandava 100 homens (cf. Mt 8.11; Lc 7.2-10). *Coorte.* A décima parte de uma legião composta de 6000 homens. Nota-se a importância da conversão deste primeiro gentio pelo espaço que a narrativa ocupa (cap. 10, 11 e 15.7-11,14). As lições-chaves são: 1) Pagãos convertidos devem se tornar membros íntegros da Igreja sem serem obrigados a guardar a lei; 2) Deve haver plena comunhão entre crentes judeus e gentios.

10.2 Piedoso e temente a Deus. Estes termos em Atos indicam gentios monoteístas que participavam do culto na sinagoga, observavam as leis do sábado e sobre alimentação. Cornélio tinha todas as qualificações de um prosélito menos a circuncisão e o batismo, ritos indispensáveis à plena conversão ao judaísmo. *Orava.* Já conhecia algo do evangelho (37); talvez pedia que Deus lhe revelasse a verdade.

10.3 Hora nona. Três horas da tarde quando se sacrificava o holocausto vespertino no templo, hora marcada para oração.

10.4 Subiram. A palavra normalmente se usa em relação ao sacrifício, (cf. Lv 2.2, 9, 16) As orações de Cornélio equivalem aos sacrifícios do judeu piedoso esperando o Messias.

10.9 Hora Sexto. Meio dia. Cesaréia distava 50 km de Jope.

10.11 O céu aberto. Indica uma revelação divina (cf. Lc 3.21). *Pontas.* É palavra médica no original, usada, também, por Hipócrates para indicar terminais de bandagens (cf. 11.5).

10.12 A tríplice divisão do mundo animal aparece em Gn 6.20 indicando a criação toda.

10.13 Mata (gr *thuseis*, "oferecer sacrifício"). É evidente que Deus manda que Pedro ponha de lado seus escrúpulos relativos à comunhão de mesa com os gentios (cf. Gl 2.12-21).

10.19,20 O Espírito confirma o significado evidente da visão. Deus abolira em Cristo a distinção entre judeu e gentio (Gl 3.28).

10.23 Alguns irmãos. Eram seis (11.12) que acompanharam Pedro na expectativa de um acontecimento significativo sobre o qual deveriam dar testemunho.

10.25 O. O pronome está subentendido; não consta do original.

10.26 Também sou homem. Diante de Deus todos os homens são iguais.

10.27 Entrou. Contrário à lei e prática judaicas. Pedro entrou na casa de um gentio obedecendo à revelação da visão no eirado.

10.28 Bem sabeis. Cornélio, sendo "temente a Deus" em seus muitos contatos com judeus soube distinguir entre "gentios pecadores" e judeus. *Nenhum homem... imundo.* O fundamento do evangelho universal foi a base donde partiu a democracia e a abolição da escravidão.

10.30 Oração. Alguns bons manuscritos acrescentam "jejuando" (cf. Mt 9.15).

10.34 Note-se a ênfase da primeira mensagem dirigida a gentios em Atos. *Acepção de pessoas.* Deus não é como rei que dispensa favores a seus favoritos. A frase no grego é uma tradução do hebraico que se refere a um juiz parcial e interesseiro.

10.35 *Justo... aceitável.* Pedro não proclama salvação pelas obras, mas sim, a aceitabilidade dos homens de qualquer nacionalidade. Nem herança nem rito religioso (e.g., circuncisão) facilitam a aproximação de Deus que se revela aos que o procuram (17.27).

10.36 *Evangelho do paz. Senhor de todos.* Destaca-se "todos". Cristo não é apenas o Messias nacional de Israel, mas o Rei do mundo. Paz entre Deus e os homens (Is 52.17) e entre judeus e gentios (Ef 2.17).

10.37 *Conheceis.* Cesaréia distava cerca de 35 km de Nazaré. Era muito natural que as notícias de Cristo e Seu ministério na Galiléia tivessem chegado até Cesaréia.

10.38 *Ungiu...* Refere-se ao batismo de Jesus e aos milagres que Ele operou.

10.39 *Madeiro* (gr *xulon*, "árvore", "estaca"). Este nome para a cruz é característico de Pedro (cf. 5.30 e 1 Pe 2.24).

10.41 *Testemunhas... escolhidas.* Testemunho do fato central do evangelho se baseia nos encontros com o Cristo vivo da parte de homens credenciados. A confirmação da realidade física da ressurreição se deu no beber e comer com Ele (cf. Lc 24.30, 43; Ap 3.20).

10.42 *Nos mandou.* Refere-se à comissão dada aos apóstolos (cf. Lc 24.47, 48; At 1.8) e a todo crente. *Juiz de vivos e de mortos* (1 Pe 4.5, 6).

10.44,45 *Caiu o Espírito.* Corresponde ao Pentecostes dos gentios (mesmo antes do batismo) confirmando sua inclusão na Igreja sem conversão ao judaísmo.

10.47 *Recusar a água.* O batismo marca em símbolo a união com Cristo e Seu Corpo, a Igreja (Rm 6.3-5; 1 Co 12.13).

10.48 *Ordenou.* Pedro mesmo não batizou para não suscitar grupinhos em torno dele (cf. 1 Co 1.15ss).

11.1-18 A repetição em substância da narrativa da conversão de Cornélio, revela a importância que a admissão dos gentios à plena comunhão da Igreja tinha para Lucas e a Igreja primitiva.

11.2 *Os... da circuncisão.* Os crentes judaicos que se opuseram à admissão de gentios incircuncisos na Igreja, logo se constituíram num partido da circuncisão ou judaizantes. Mantinham a validade permanente da Lei e exclusividade dos judeus na comunhão da mesa (cf. 15.1-5; 21.20; Gl 2.4, 12).

11.6 *Feras.* São distinguidos os animais silvestres daqueles domesticados (quadrúpedes) como em Gn 1.24, 25.

11.12 *Sem hesitar.* Ou, possivelmente, "sem fazer distinção (entre judeu e gentio)". *Seis irmãos.* Juntos com Pedro, seriam um total de sete testemunhas que, no conceito da época, garantiria a veracidade de um relatório (cf. Ap 5.1).

11.16 *Batizados com o Espírito Santo.* Os judeus interpretavam exclusivamente como promessa a Israel. No derramar o Espírito Santo sobre os gentios Deus mesmo tinha incluído a todos os homens

11.17 *O mesmo* (gr "igual") *dom.* Aos gentios Deus concedera igualmente o dom do Espírito Santo. *Resistir a Deus.* Os judaizantes estão em vista. No impedir a livre entrada dos crentes gentios na Igreja resistiam à vontade divina (Gl 5.1-4).

11.18 *Apaziguaram-se.* Ainda que não fosse possível derrubar a defesa de Pedro, emocionalmente o problema muito sério continuou (At 15; Gl:2; etc.)

11.19 A dispersão dos crentes perseguidos resultou na missão muito bem sucedida entre os gentios. • **N. Hom.** Perseguição resulta em avanço: 1) Preparação (19) - dispersão dos crentes; 2) Progresso (20) - disseminação da mensagem a todos; 3) Poder (21) demonstrado em muitos convertidos. *Antioquia.* No rio Orontes ao norte da Síria; era a terceira cidade do Império com cerca de 500.000 habitantes. Este velho baluarte do judaísmo se tornou centro do avanço da Igreja gentia. *Fenícia.* O moderno Líbano. *Chipre.* Paulo e Barnabé evidentemente não foram os primeiros missionários em Chipre (13.4-12).

11.20 *Alguns... de Chipre*, como Barnabé (4.36), de Cirene, como Lúcio, (13.1) e os filhos de Simão, bem conhecidos na Igreja primitiva (cf. Mc 15.21; Rm 16.15n). *Até Antioquia*. É de notar que os fundadores das Igrejas de Roma e Antioquia eram leigos. *Senhor*. Cristo é apresentado aos gentios como Senhor (*kurios*) não Cristo (o Messias) da esperança judaica (cf. 2.36; 5.42; 8.5; 9.22, etc.).

• **N. Hom. 11.24** O Homem útil na obra. Barnabé (como Estêvão) era: 1) *Bom* - não egoísta (foi buscar Paulo, 25); 2) *Cheio do Espírito Santo* - alegrou-se, exortou e evangelizou, eficazmente (23s); 3) Cheio de fé - deu exemplo de firmeza (23). Se uniu. Lit. "foi acrescentada" como em 2.41, 47.

11.26 *Cristãos*. Significa "pessoas de Cristo".

11.28 *Ágabo*. Sendo profeta, comunicou a palavra do Senhor pela inspiração do Espírito Santo. Os profetas do Novo, como os do Antigo Testamento, eram carismáticos (cf. 1 Pe 1.10-12). Nas listas dos líderes na Igreja, geralmente ocupam o segundo lugar após os apóstolos (1 Co 12.28-29; Ef 4.11) com quem formam o fundamento (Ef 2.20, 21). *Todo o mundo*. Refere-se ao Império romano. *Dias de Cláudio*. Reinou de 41-48 d.C. A fome veio entre 44-48, sendo 46 a data indicada.

11.29 *Conforme os suas posses*. Dos membros mais ricos esperava-se uma oferta maior, ainda que voluntária (cf. 1 Co 16.1ss). *Socorro*. A decisão voluntária de auxiliar os crentes pobres de Judéia revela o verdadeiro significado da unidade da Igreja.

11.30 *Presbíteros*. Lit. "anciãos". Termo geral para os líderes principais da Igreja local. Podia incluir profetas, mestres, pastores (cf. 14.23; 20.28ss; Tt 1.5; 1 Pe 5.2). *Saulo*. Esta visita deve ser a mesma relatado em Gl 2.1ss. "em obediência a uma revelação".

12.1 *Herodes*. Agripa I neto de Herodes o Grande (cf. Mt 2). Foi educado em Roma; era amigo do imperador Calígula e apoiou a elevação de Cláudio ao trono, que lhe galardoou com o acréscimo de Judéia e Samaria ao reino a ele concedido por Calígula. Tornou-se muito amigo dos judeus e zeloso em granjear sua simpatia (cf. 25.13).

12.2 *Tiago... João*. Os discípulos de Jesus, filhos de Zebedeu. Tiago bebeu o cálice predito pelo Senhor (Mc 10.38, 39).

12.3 *Pedro*. Era o líder mais destacado da Igreja. *Pães asmos*. Esta festa dos judeus começava com a Páscoa e durava oito dias.

12.4 *Quatro escoltas*. Uma para cada vigília durante a noite.

• **N. Hom. 12.5** Os Poderes do Universo: 1) Do diabo - usando Herodes como seu instrumento real mais limitado; 2) De Deus - infalível quando todo recurso humano falha; 3) Da oração - quando unida (5, 12) ardente e definida. *Incessante* (gr *ektenōs*) "ardentemente". Usada em 1 Pe 1.22 e 4.8 para descrever amor intenso.

12.7 *Luz*. A glória celestial iluminou a prisão (cf. Lc 2.9).

12.10 A narrativa sugere que Pedro foi Encarcerado na Torre de Antônia onde Paulo também foi detido (21.34-23.30)

12.12 *A casa de Maria*. Provavelmente a local do cenáculo onde se realizou a última Ceia. *João... Marcos*. Autor do segundo evangelho, primo de Barnabé (Cl 4.10) o qual era parente de Maria, mãe de Marcos. *Congregadas e oravam*. Reuniões espontâneas de oração que duravam a noite inteira não eram raras (cf. 20.7-12). É notável que os líderes da Igreja estavam ausentes (17).

12.15 *Seu anjo*. No conceito popular judaico havia um anjo guardião de cada indivíduo (cf. Mt 18.10; Hb 1.14).

12.17 *Tiago*. Meio irmão de Jesus, líder principal da Igreja. *Outro lugar*. Quer dizer outra cidade (talvez, Antioquia, cf. Gl 2.11). Pedro não foi para Roma até o ano 55 d.C. (cf. Gl 2.1ss; At 15.2ss).

12.22 *Um deus*. Era comum nesses tempos atribuir divindade a um rei e especialmente a um Imperador romano.

12.23 *Anjo... feriu.* Josefo (Antigüidades 19.9.2) acrescenta mais detalhes. Herodes morreu no ano 44. *Glória a Deus.* Deus, zeloso pela glória que a Ele pertence, pune o homem vaidoso.

12.24 O terceiro relatório sobre o progresso da Igreja (6.7; 11.31).

13.1 *Profetas.* Além daqueles vindos de Jerusalém (11.27n) houve alguns de Antioquia. *Mestres.* Dotados do dom de instruir na doutrina e nos princípios de vida cristã baseados no AT (cf. 11.26; 15.35; 18.11).

13.2 *Servindo.* No gr clássico (*leitourgeō*) significava serviço público sem remuneração. Tem no N.T. um sentido mais lato do que liturgia, indicando qualquer serviço feito no nome e para o Senhor. *Disse o Espírito Santo.* Talvez por meio de um profeta. *Barnabé e Saulo.* É de notar que os homens chamados por Deus para a obra missionária eram os mais capazes da Igreja. *A obra.* Evangelizar os grandes caminhos para Roma e o oeste. • **N. Hom.** Verdadeiro Missionário é: 1) Separado (2); 2) Enviado (4) e 3) Saturado do Espírito Santo (9).

13.13 *Impondo... mãos.* Indicando o compromisso da Igreja na comissão dos missionários.

13.4 *Chipre.* Grande ilha ao sul da Turquia, fonte fornecedora de cobre (no AT Quitim) e terra natal de Barnabé.

13.5 *Nas sinagogas.* Paulo não deixava de oferecer o evangelho primeiramente aos judeus (Rm 1.16). *João.* Marcos (cf. 12.12, 25) *Auxiliar,* (gr *hupereten*) traduzido "ministros" (da palavra) em Lc 1.2. Sugere-se que eram catequistas autorizados, que, como Marcos, eram testemunhas oculares dos acontecimentos históricos da vida de Cristo.

13.7 *Procônsul.* Lucas demonstra precisão nos títulos dados a oficiais. Chipre foi governado por um procônsul sob o controle do senado depois de 22 a.C.

13.10 *Filho do diabo.* Em oposição ao Seu nome, Bar (filho) - Jesus (6).

13.11 *Cego.* Paulo lembra sua cegueira que trouxe luz interna (9.8ss).

13.12 *Creu.* O único caso de um governador que creu.

13.13 Paulo. Tomado a liderança do grupo missionário, o apóstolo é chamado pelo seu nome romano que significa "pequeno". *Perge,* na costa sul na moderna Turquia, tinha alta incidência de malária, que alguns acham ter sido o "espinho na carne" de Paulo (2 Co 12.7). Região mais saudável encontrava-se em Antioquia de Psídia a mil metros de altura. Marcos abandonou a equipe; por quê não se sabe.

13.15 O serviço da sinagoga consistia em: 1) O *Shema* (Dt 6.4); 2) Oração pelo líder; 3) Leitura do Pentateuco (no sábado, também dos profetas); 4) Sermão por um membro idôneo da congregação (Lc 4.1 6).

13.16 As duas classes de assistentes eram judeus e gentios que se denominavam "tementes a Deus" (cf. 10.2n).

13.21 *Saul.* O pregador também era Saul, da tribo de Benjamim (Fp 3.5).

13.22 *Segundo o meu coração.* Mas Davi não fez toda a vontade de Deus, indicando que a referência finalmente é a Jesus (cf. Jo 17.4). Nesta mensagem, Davi, não Moisés, é o vulto do AT que antecipa a Jesus Cristo, o rei que dá a Seu povo a herança (19) do reino de Deus (Gl 5.21; Cl 1.13).

13.23 *Trouxe.* Alguns manuscritos têm "levantou" (dos mortos) dando a entender que Cristo se tornou Salvador pela Sua morte e ressurreição (3.26n). *Salvador... Jesus* (cf. Jz 3.19). Jesus significava "Jeová salva" (Mt 1.21). *Promessa.* Paulo omite referência à Lei (maior tesouro dos judeus) e dá ênfase à *promessa* (23, 32, 34; cf. Gl 3.15-29).

13.24 O esboço da história do evangelho em vv. 24-31 é semelhante à mensagem de Pedro em 10.36-43. *Batismo* é o sinal externo do arrependimento interno.

13.25 *Digno.* Palavra omitida em Mt, Mc e Lc mas usada em Jo 1.27.

13.26 *Irmãos.* Nota-se a intimidade do pregador persuasivo. *A nós.* Alguns dos melhores manuscritos têm "a vós". *Desta salvação.* Cf. s 20n. • **N. Hom.** A Palavra da Salvação é:

1) Pessoal - "a nós"; 2) Poderosa - para remir pecados, (38); 3) pacífica - cumpre as promessas graciosas de Deus (34); 4) Perfeita - justifica completamente (39), 5) presente - amanhã pode ser tarde (40).

13.27 Os judeus deixando de crer em Jesus não podiam entender os profetas bíblicos cf. 3.17) o que os levou a condená-lo.

13.28 *Nenhuma causa de morte*. A inocência de Cristo e dos seus apóstolos é importante no propósito de Lucas que é de mostrar que o cristianismo não traz nenhuma ameaça contra o Estado ou suas autoridades

13.33 A citação de Sl 2.7 (a mesma feita pela voz divina em Lc 3.22) confirma o fato de Jesus ser Filho de Deus (cf. Rm 1.4).

13.35-37 Paulo como Pedro em 2.25-31, afirma que a profecia da preservação de corrupção não pode referir a Davi mas unicamente a Cristo que ressurgiu. Nem a crucificação nem a ressurreição faziam parte da esperança messiânica dos judeus.

13.38 A ressurreição de Cristo confirmou a aceitação por parte de Deus do sacrifício feito por Jesus na cruz (2.38; 5.31; Rm 4.25).

13.39 *Todo o que crê*. Elemento chave na mensagem de Paulo; a salvação se recebe unicamente pela fé (cf. Rm e Gl). *As coisas*. Os pecados que a lei não tem meios de remir.

13.41 A oferta da, salvação é seguida por uma advertência séria.

13.43 *Prosélitos piedosos*. São os gentios que se submeteram à circuncisão, ao batismo judaico e à Lei. *Graça* equivale a evangelho, vv. 38, 39.

13.44 *Palavra de Deus*. A referência à mensagem do evangelho como a Palavra de Deus é um estágio primitivo da formação dos evangelhos e das epístolas do NT, também assim designados.

13.47 *Luz*. Os missionários, como Jesus, o Servo de Jeová, devem iluminar os gentios.

13.48 *Destinados*. A predestinação à salvação não opera independentemente da fé voluntariamente exercida (39, 46; Ef 2.8, 9).

13.49 *Região*. Antioquia, Icônio, Listra e Derbe encontravam-se no sul da província da Galácia. A Carta aos Gálatas dirigida a esta região.

13.50 Não raro a alta sociedade e homens religiosos se opõem à verdade.

13.51 *Pó dos pés*. É sinal de repúdio e fim de responsabilidade. *Icônio*, na encruzilhada de estradas, a 135 km ao sul de Antioquia.

13.52 Aquele que está cheio de alegria; em meio de dificuldade e perseguição, demonstra a plena ação do Espírito (Gl 5.22).

14.1 Juntos. Seria melhor traduzir "da mesma maneira" (cf. 13.14).

14.2 A estratégia de envenenar a reputação dos evangelistas às vezes dá mais resultado que refutar sua mensagem. *Incrédulos* (gr *apeithesantes* "de obedientes"). Ambas, incredulidade e desobediência, cooperam na rejeição do evangelho.

14.3 *Ousadamente*. O segredo do avanço é confrontar oposição com ousadia. A história, no livro apócrifo "Atos de Paulo e Tecla" originado em Icônio (c. 150 d.C.), descreve Paulo como homem baixo, com pouco cabelo, de pernas tortas, fisicamente bem conservado, sobrelhas espessas, nariz alongado, cheio da graça, às vezes parecendo homem, outras, apresentando face de anjo.

14.4 *Apóstolos*. Em Atos normalmente a termo é reservado para os Doze.

14.8 *Listra*. Colônia romana, a 30 km ao sudeste de Icônio, cidade de Timóteo (16.1, 2). *Aleijado*. Dentro do plano de Lucas é mostrar que Paulo não é em nada inferior a Pedro: 1) Encontros com mágicos (cf. 8.18ss com 13.6ss); 2) Cura de aleijados (cf. 3.2 com 14.8); 3) Curas por meio de lenços e sombra (5.15 com 19.12) 4) Demônios expulsos (5.16 com 16.18); 5) Ressuscitam mortos (9.36, 37 com 20.9ss); 6) Ambos escapam de prisões (12.1ss e 16.27ss).

14.9 *Curado* (gr *sōthenai* "ser salvo") cf. Mc 2.9-12. Fé como condição de ser curado não é comum no NT.

14.12 *Júpiter* (Zeus), deus principal do panteão grego. *Mercúrio* (Hermes) o deus mensageiro e porta-voz dos deuses, filho de Júpiter.

14.14 *Rasgando*. Sinal do horror em face da blasfêmia (cf. Mc 14.63).

14.15 Esta é a primeira vez que se representa a pregação aos pagãos. O apelo à revelação natural se baseia no fato de Deus ser o Criador e, portanto, o Deus vivo que beneficia toda a humanidade (para o conteúdo da pregação aos pagãos cf. 1 Ts 1.9, 10; Gl 4.9; At 15.19; 26.18ss).

14.16 Deus deixou de aplicar a justa punição dos pecados dos gentios por causa de sua ignorância (cf. 17.30). Em Rm 1.18ss Deus abandona os pagãos às suas práticas porque desprezaram a luz oferecida.

14.19 *Antioquia* da Pisídia, a 150 km de Listra. A arqueologia confirma o convívio entre as duas cidades. *Apedrejando* apenas a Paulo (o mais perigoso?): veja 2 Co 11.25 A inconstância dos Gálatas é notada em Gl 1.6 (talvez, recebeu a stigmata, "marcas de Cristo", aqui. Gl 6.17). Em 2 Tm 3.11 Paulo relembra esta dura experiência.

14.22 O missionário deve cuidar da Igreja nova até que amadureça.

14.23 A organização das Igrejas seguiu o modelo das sinagogas. *De presbíteros* (chamados bispos ou lit. "supervisares" em 20.28 (cf. 17), ou "guias" em Hb 13.17) lideraram as congregações que se reuniam em casas. Presidiam sobre o culto, administração e disciplina. *Eleição*. A palavra original passou de "eleger pela mão" a significar "apontar".

14.24,25 Na volta a Panfília (talvez em época mais saudável) os missionários evangelizaram o litoral (cf. 13.13n).

14.27 *Relataram*. Um princípio do trabalho era dar relatório à Igreja.

15.1 *Alguns*. Entre os fariseus convertidos (5) na igreja de Jerusalém, houve os que insistiram na submissão dos gentios à Lei para se salvarem. Eram os "zelosos da lei" (21.20) ou judaizantes. A comissão vinda de Tiago excedeu sua autorização (Gl 2.12).

15.6 O concílio foi composto de apóstolos, presbíteros (14.23n) e membros da Igreja (12).

15.7 *Pedro* que dissimulou em Antioquia (Gl 2.11-14), em Jerusalém promulgou o argumento inabalável: Deus concedeu aos gentios Seu Espírito, confirmando assim sua aceitação.

15.8 *Deus que conhece os corações* percebeu a realidade da fé íntima dos gentios tão válida como a fé demonstrada pelos judeus.

15.9 *Purificando-Ihes*. Em Atos só se encontra em 10.15; 11.9 onde se refere aos animais imundos (que representam os gentios purificados por Deus. • **N. Hom.** Tesouros da Fé. 1) Purificação dos pecados; 2) Justificação (13.39; Rm 5.1); 3) Pela fé vivemos em Cristo (Gl 2.20); Pela fé somos firmados (2 Co 1.24); 5) Por fé andamos (2 Co 5.7; Cl 2.6s); 6) Pela fé Cristo vive no coração (Ef 3.17); 7) Pela fé vencemos o mundo (1 Jo 5.14).

15.10 *Tentais*. Exigir circuncisão e submissão à Lei seria impor o que Deus não pede e desconfiar de Sua direção. *Jugo*. Gl 5.1 contrastado com Mt 11.28-30. *Nossos pais*. Os judeus nunca se julgaram capazes de guardar a Lei perfeitamente (cf. Rm 7).

15.11 Deparamos com o ensino característicos de Paulo (cf. Rm 3.24; Ef 2.8).

15.12 Os avanços registrados da missão confirmam o argumento de Pedro.

15.13 *Tiago*. Irmão de Jesus (12.17) reconhecido campeão do partido dos hebreus (cf. 21.18ss). Concordando com Pedro uniria a Igreja.

15.14 *Um povo*. Termo reconhecido para designar Israel vinculado a Deus pela aliança. A integração dos gentios na Igreja significa incluí-los nos benefícios da Nova Aliança (Hb 8.8-13; cf. Jo 10.16).

15.16,17 *Tabernáculo caído de Davi*. Como a Igreja universal no NT é denominada Templo, Israel no AT é o tabernáculo de Deus. *Meu nome*. Invocar o nome de Deus sobre alguém é consagrá-lo a Ele. O crente tem o nome de Cristo invocado sobre ele no batismo (Tg 2.7).

15.20 As quatro condições para manter comunhão (de mesa) entre cristãos judeus e gentios são: 1) Abster-se de comida consagrada aos ídolos; 2) Evitar incontinência (pode referir aos casamentos ilícitos de Lv 18.6-18); 3) Evitar de comer sangue ou 4) Animais estrangulados (baseados em Lv 17.10-12, 13).

15.21 *Moisés... nas sinagogas*. Os escrúpulos dos judeus são divulgados em todo o império pelas sinagogas onde se ensina a lei de Moisés. Os crentes gentios devem seguir os decretos do concílio, não apenas para criar harmonia na Igreja, mas para evitar escândalos na evangelização dos judeus (cf. 1 Co 9.20).

15.22 *Judas chamado Barsabás* ("filho do sábado"). Seria parente de José Barsabás (1.23)? *Silas* (nome semítico), *Silvano* (latim). Cf. 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1; 2 Co 1.19; 1 Pe 5.12. Era profeta (32) e provavelmente amanuense de Paulo e Pedro na redação das epístolas onde seu nome aparece.

15.23 *Sem... autorização*. Com efeito, são falsos apóstolos. O apóstolo é agente plenamente autorizado (Jo 13.16; 2 Co 11.13) *Transtornando*. A palavra grega (só aqui, no NT) significa, "pilhar", "saquear".

15.26 Exposto (gr *paradedōkosi*, "entregar"). O mesmo vocábulo descreve a morte de Cristo em Gl 2.20, "...a si mesmo se entregou".

15.28 *Pareceu*. A independência da Igreja de Antioquia é respeitada. As conclusões do concílio não são enviadas como mandamentos de uma hierarquia mas como conselhos importantes. O selo do Espírito Santo adiciona peso e harmonizaria possíveis divergências.

15.32 *Consolaram* (gr *paraklesis*, "consolo" ou "exortação"). O alívio da Igreja de Antioquia foi grande. A carta inclui consolação e exortação. Profetas. Cf. 1 Co 14.3 para a relação com *paraklesis*.

15.34 Este versículo não consta dos melhores manuscritos. Todavia, explica o v. 40.

15.36 Deparamos com o coração pastoral de Paulo (cf. 20.31; 2 Co 11.28). Não se sabe se Paulo contemplava novos avanços.

15.38 Novamente Lucas não informa qual o motivo por que Marcos foi embora.

15.39 *Desavença* (gr *porpxusmos* "febre alta", "profunda discordância"). *Separar-se*. A mesma palavra no gr descreve o cataclisma celestial (Ap 6.14). Em 1 Co 13.5 Paulo escreve: "Amor não se exaspera" que vem da mesma raiz de *paroxusmos*. Tanto Barnabé como Marcos aparecem como homens valiosos nas epístolas de Paulo (1 Co 9.6; Cl 4.10; 2 Tm 4.11). A divergência criou duas equipes missionárias.

15.41 *Síria e Cilícia*. Estas Igrejas foram plantadas pelo esforço da Igreja de Antioquia e de Paulo quando passou 10 anos em Tarso (15.23; Gl 1.12); Estas Igrejas gentias precisavam ser informadas sobre os resultados do concílio.

16.1 A Segunda viagem missionária de Paulo no ano 50 (ou 49) prosseguiu por terra, rumo norte, atravessando os "portões da Síria" e Cilícia até o sul da Galácia. *Timóteo* tornou-se fiel e constante companheiro de Paulo (Fp 2.19-22; 1 e 2 Tm). Se seu pai não foi prosélito, o casamento foi contrário à Lei. Segundo os judeus, Timóteo era judeu, mas não circuncidado vivia como gentio - um escândalo. Sua circuncisão (3) segue os princípios das conclusões do concílio de evitar choques desnecessários.

16.6 *Impedidos pelo Espírito*. A direção do avanço missionário foi executado pelo Espírito através de mensagens transmitidas por profetas. Bitínia foi evangelizada logo (talvez por Pedro, 1 Pe 1.1; a carta de Plínio, 112 d.C., revela o sucesso lá). Paulo voltou para Éfeso onde irradiou o evangelho para toda Ásia (18.24-19.40).

16.7 *Espírito de Jesus*. Frase rara no NT. Frisa a relação do Espírito Santo como agente de Cristo (cf. Jo 16.13, 14; 1 Pe 1.11; 2 Co 3.17).

16.8 *Trôade*. Colônia romana e principal porto da Mísia (cf. 20.5-12).

16.10 *Visão*. Comparável com a visão de Pedro em cap. 10. Sugere-se que o "homem de Macedônia" era Lucas. Note-se a mudança da terceira pessoa para a primeira indicando que ele juntou-se com a equipe em Trôade.

16.11 Samotrácia. Ilha de altas montanhas a meio caminho para *Neápolis*, moderna Cavala, a 15 km distantes de Filipos.

16.12 Colônia. Uma colônia romana recebia privilégios. Augusto dera tal posição a Filipos. Ele abrigava seus veteranos na cidade.

16.13 Lugar de oração. Faltando dez cabeças de família, não era lícito fundar uma sinagoga, forçando o culto a se realizar ao ar livre.

16.14 Lídia, lit. "uma mulher de Lídia", terra onde Tiatira se localizava. *Púrpura.* Anilina famosa de Tiatira *Abriu o coração.* No N.T. a decisão de fé não é independente da operação inicial do Espírito Santo (Lc 24.45).

16.15 Sua casa. Poderia ser viúva ou solteira, tendo também servos que trabalhavam para ela. O batismo imediato marca a identificação com Cristo. *Constrangeu.* Contrário aos costumes. Paulo recebeu ajuda dos filipenses (Fp 4.10-20).

16.16,17 Adivinhador (lit. "pela fala inspirada" - por demônio). Tinha espírito de pitonisa. *Deus Altíssimo.* Título corrente entre judeus e gregos.

16.18 Nome de Jesus. A autoridade universal de Cristo manda nos espíritos malignos (cf. Lc 8.28; Mt 28.18).

16.19 Praça. A arqueologia já descobriu o pátio da prisão aí.

16.20 Pretores. Título de cortesia dos dois magistrados chefes.

16.21 Não podemos. O judaísmo era permitido pela lei, mas era ilícito fazer prosélitos entre os romanos (cidadãos de uma colônia).

16.22 Rasgando-Ihes. i.e., as vestes de Paulo e Silas.

16.24 Tronco. Instrumento de tortura que prendia as pernas.

16.27 Suicidar-se. O carcereiro respondia pela segurança dos presos.

16.31 Crê... serás salvo. O ensino nítido de Atos - a chave que abre a porta da salvação é a fé (cf. 4.12; 10.43; 13.39). *Tua casa.* Não há nenhuma indicação que houve criancinhas que se salvariam pela fé dos pais. • **N. Hom.** Três notáveis conversões - influências e resultados: 1) Timóteo - apoiado na fé da avó e mãe (2 Tm 1.5), conheceu as Escrituras (2 Tm 3.15) e deu bom testemunho (2). 2) Lídia - influenciada pela oração e companhia piedosa tornou-se "fiel ao Senhor" e generosa (14, 15). 3) O Carcereiro - tocado pela conduta de Paulo e Silas (25) manifestou "grande alegria" e amor compassivo (33, 34).

16.34 Pôs a mesa. É provável que depois dos batismos, tomaram uma refeição em que se celebrou a Ceia do Senhor.

16.37,39 Paulo insiste numa apologia para a maior segurança dos crentes de Filipos. Haveria mais receio em montar nova perseguição.

16.38 Temor. Seria muito sério uma acusação contra os pretores levada ao governador. A *Lex Porcia* proibia, sob pena de perda de mandato, açoitar um cidadão romano (cf. 22.29).

16.40 Evidentemente a casa de Lídia foi o local de reunião da Igreja.

17.1 Anfípolis, na via Egnatia a 55 km de Filipos. *Apolônia,* 50 km de Anfípolis. Tessalônica (60 km de Apolônia), capital e principal metrópole da província de Macedônia. Os estágios da viagem indicam a possibilidade de Paulo prosseguir sua viagem a cavalo.

17.2 Três semanas. Melhor traduzindo; "três sábados". As indicações de 1 Ts 2.1, 2, 9 são fortes, de que Paulo passou até meses em Tessalônica.

17.4 Alguns deles. Aristarco, companheiro fiel de Paulo seria um (20.4; Cl 4.10). *Gregos piedosos.* Outros manuscritos têm "homens piedosos (prosélitos) e muitos gregos (pagãos)". 1 Ts 1.9, 10 indica que a maioria das conversões surgiu dentre os pagãos. Tessalônica foi a primeira cidade em que a alta classe foi atingida com o evangelho.

17.5 Malandragem (gr *agoriõn*). Agitadores, ociosos. *Jasom.* Talvez o mesmo de Rm 16.21, "parente" (judeu?) de Paulo.

17.6,8 Autoridades (gr *polítarchas*). Termo desconhecido até a descoberta arqueológica de inscrições que confirmou a fidelidade histórica de Lucas.

17.7 *Outro rei*. Título do imperador no Oriente. Não foi a prática de Paulo chamar Jesus de "rei" para não provocar uma reação política desnecessárias "Cristo" e "Senhor" eram menos revolucionários.

17.9 *Fiança*. Jasom deu garantia, em bens (cf. Mc 15.15), às autoridades de que Paulo deixaria a cidade sem mais retornar (1 Ts 2.18). Mesmo assim a pregação continuou (1 Ts 2.13, 14; 3.3).

17.10 *Beréia*. 80 km para o oeste de Tessalônica. • **N. Hom.** Igreja nobre - 1) Recebe a Palavra com avidez; 2) Examina as Escrituras sem demora; 3) Verifica a verdade de toda doutrina na Bíblia.

17.14 *Timóteo*. De 1 Ts 3.1 deduzimos que Silas e Timóteo permaneceram muito pouco tempo; Paulo pediu que viessem para Atenas donde novamente foram mandados para Macedônia (Tessalônica e Filipos?). Encontram-se com Paulo em Corinto donde mandou as cartas aos tessalonicenses (51 d.C.).

17.16 *Atenas*. Cidade líder nas artes e filosofia na antigüidade.

17.18 *Epicureus*. Seguidores de Epicuro (341-270 a.C.) que criou a filosofia ética, que faz do prazer o ideal da vida. O maior prazer seria paz, ausência de dores, paixões e temores. *Estóicos*. Seguidores de Zeno (340-265 a.C.) que criou a filosofia em que a vida ideal se conformava com a natureza, da qual a maior expressão era a razão (*logos*). Estoicismo era panteísta. *Tagarela*. Lit. "ave que bica sementes". "Papagaio". Significa quem propaga idéias de somenos importância e mal digeridas. *Deuses*. Pensaram que "Jesus" e "Ressurreição" (*anaistasis* é feminina) seriam um casal de deuses.

17.19 *Areópago*. Supremo tribunal que reunia no "Pórtico Real" da praça e controlava a moralidade e religião da cidade.

17.22,23 *Religiosos*. Pausânio afirmou que Atenas tinha mais imagens que o resto da Grécia. Estima-se que tinha mais de 30.000. Petrônio diz que em Atenas era mais fácil achar um deus que um homem. *Esse... aquele*. Deve ser, "isso" e "aquilo" (no grego são neutros). Os atenienses criam numa essência divina impessoal. Paulo não identifica o Deus real com essa divindade. *Sem conhecer*. Lit. "em ignorância". Paulo lhes oferece o conhecimento do Deus verdadeiro.

• **N. Hom.** **17.24** O Deus verdadeiro - a mensagem de Paulo: A) declara negativamente: 1) Deus é onipresente, ilimitado no espaço (24). 2) É transcendente, não carece de coisa criada (25). 3) É imanente, não está longe do homem (27). 4) É infinito, não se assemelha à coisa criada (29). B) Declara positivamente: 1) Deus é criador, fonte de tudo que existe (24). 2) Toda vida tem origem nEle (25, 26a). 3) Toda vida depende dEle (28). 4) Deus é pai da humanidade (afinidade entre o Criador e o homem criado à Sua imagem; 29).

17.26 *Um só*. Adão. Os atenienses mantinham que surgiram do solo.

17.27 *Para...* O propósito da bondade de Deus é criar o desejo no homem de O buscar (Rm 2.4). *Tateando*. Platão usou esta palavra para indicar as melhores conjeturas sobre a verdade (Phaedo, 99).

17.28 *Poetas*. Paulo cita Epimênedes ou Cleantes (primeira cláusula) e Arato (na última).

17.30 *Não... conta*. Deus não mandara seus mensageiros nem executou Seu justo julgamento até à presente situação (Rm 3.25). *Arrependam*. Não apela para acrescentar um Deus novo ao panteão, mas que abandonem toda falsa religião para encontrar em Cristo a plena revelação.

17.31 *Julgar*. Isto chocaria epicureus e também estóicos.

18.1 *Corinto*. Capital da província de Acaia, centro de comércio e transporte marítimo, famosa pela baixa moralidade.

18.2 *Cláudio*. Seu decreto expulsando os judeus de Roma foi baixado em 49 d.C. Suetônio (*Claud.* xxv 4) nos informa que o motivo foram os tumultos relacionados com um *Chresto* (conflitos entre judeus e cristãos).

18.3 *Fazer tendas*. Melhor, "trabalhar em couro". Paulo, como os rabinos, fez questão de não lucrar materialmente do seu ensino.

18.4 Uma inscrição marcando esta sinagoga já foi descoberta.

18.5 É provável que dádivas oferecidas pelos crentes; macedônios aliviaram a necessidade de trabalhar manualmente para o sustento (2 Co 11.7, 8).

18.7 *Tício Justo*. Era romano; possivelmente o Gaio de Rm 16.23.

18.8 *Crispo*. Cf. 1 Co 1.14. Foi um dos poucos batizados por Paulo.

• **N. Hom. 18.9** Ânimo celestial. 1) Encorajamento - "Não temas... fala... não te cales" Deus está no comando. 2) Segurança - "eu estou contigo" - ninguém poderá fazer-te mal. 3) Promessa - "Tenho muita gente" - sucesso divino. A visão convenceu a Paulo que devia ficar em Corinto, não sair logo, como fizera nas cidades anteriores.

18.12 *Gálio*. Irmão mais velho de Sêneca (tutor de Nero, filósofo e estadista romano). Uma inscrição de Delfos confirma o mandato de Gálio em 51 d.C. como procônsul, indicando a data da chegada de Paulo em Corinto no inverno de 49-50 d.C. ou possivelmente um ano mais tarde.

18.13 Os judeus queriam provar que Paulo renunciara ao judaísmo, "religião lícita" no império, portanto não merecia a proteção de Roma. Gálio percebeu a sutileza da acusação, julgando questões de divergência religiosa entre os judeus sem importância. *Contrário à lei*. Termo ambíguo capaz de se referir à lei romana (cf.. 16.21; 17.7) ou à lei judaica. Em Corinto como em Filipos (16.39) a vitória de Paulo e do evangelho foi completa, testemunho valioso num caso julgado por César.

18.17 *Sóstenes*. Foi espancado numa primitiva demonstração de antipatia contra judeus. Ele não deve ser o mesmo de 1 Co 1.1. *Não se incomodava*. Gálio não achou necessária interferir numa briga religiosa.

18.18 *Raspado* (melhor, "cortado o cabelo"; 21.24 tem outra palavra no grego). Paulo (não Áqüila) fez um voto de nazireu que durava no mínimo 30 dias. O fim do voto foi marcado cortando o cabelo. *Cencreia*. Porto oriental de Corinto onde houve uma Igreja local (Rm 16.1).

18.19 *Éfeso*. Maior centro comercial, religioso e político na Ásia menor. *Deixou-os ali*. O casal extraordinário adiantaria o trabalho de evangelização enquanto Paulo viajava durante vários meses à distância de uns 2.500 km até Jerusalém, ida e volta. Priscila (mencionada primeiro por pertencer a uma família nobre) e Áqüila permaneceram em Éfeso até 55 d.C. Estavam em Roma no início de 57 d.C., quando Paulo escreveu sua Carta aos Romanos (16.3).

18.22 *Jerusalém*. Subentende-se, pois não consta no original. A festa de Pentecostes (ou possivelmente a Páscoa) é a mais indicada em vista do transporte marítimo ficar parado até o dia 10 de março. A descrição sumária desta visita sugere que Paulo não foi bem recebido.

18.24,25 *Apolo*. Fervoroso pregador de Alexandria, caracterizada pela grande colônia judaica que adotara pensamento helenístico alegorizando o AT. *Fervoroso de espírito*. Pode ser, "Fervia com o Espírito (Santo)". Apolo não estava integrado na Igreja e sua doutrina de redenção era simbolizada no batismo cristão.

19.2 *Nem mesmo ouvimos*. Teriam tido conhecimento da existência do Espírito Santo do AT, mas desconheciam o cumprimento das profecias messiânicas de Sua vinda em poder sobre a Igreja (2.17, 18, 33),

19.4,5 O batismo de João (Batista) era um rito preparatório, confirmando arrependimento (Lc 3.8) e prontidão para a vinda do Messias. O batismo cristão afirmava a história redentora de Cristo.

19.8 *A sinagoga*. Paulo mostra que a esperança judaica relativa ao reino de Deus se cumpre na Igreja (cf. o ensino de Apolo em 18.26). Cf. 1.3 e Cl 1.13. *Ousadamente*. Pelo poder do Espírito Santo.

19.9 *Caminho*. Denomina a vida cristã unindo sua doutrina e prática, dependendo inteiramente de Jesus o Caminho (Jo 14.6; cf. At 10.24). *Separou as discípulos*. Criou-se assim uma Igreja local, independente da sinagoga, que durante um ano abrigara os

crentes (18.19). *Escola de Tirano*. Uma sala de aulas, provavelmente alugada. O Códice D acrescenta o fato do horário ser das 11 até às 16 horas diariamente. Não é de admirar a profundidade da Epístola aos Efésios ao se lembrar do alicerce teológico que esta Igreja ganhou durante dois anos.

19.10 O objetivo da escola foi de preparar homens para a obra de evangelização e o pastorado. As igrejas de Colossos, Hierápolis e Laodicéia, fundadas por Epafras, discípulo e conservo do apóstolo, foram uma parte do fruto deste trabalho. E quanto mais?

19.11 *Milagres extraordinários* foram concedidos por Deus, para combater a influência da magia e do espiritismo em Éfeso.

19.14 *Sumo sacerdote*. Parente do sumo sacerdote em Jerusalém. À semelhança de Simão Mago (8.19), os filhos de Ceva quiseram aproveitar, sem direito, o poder de Deus. O nome de Jesus não é fórmula de magia.

19.17-20 O julgamento que caiu sobre os falsos exorcistas criou temor reverente entre simpatizantes e crentes (cf. 5.11). • **N. Hom.** Avivamento consiste em A. Preparação: 1) Confissão (18); 2) Arrependimento "denunciando publicamente suas obras" (18); 3) Ação decisiva - destruíram instrumentos de pecado (19). B. Conseqüências: 1) disseminação mais ampla do evangelho; 2) Sucesso - almas se renderam; 3) poder de Deus (20).

19.21 *Cumpridas estas coisas*. Começa aqui a última seção de Atos.

19.22 *Timóteo*. Sobre esta visita compare 1 Co 4.17; 16.10.

19.23 Lucas omite as dificuldades mencionadas em 1 Co 15.32; 2Co 1.8 e os problemas enfrentados em relação com a igreja de Corinto.

19.24 *Nichos* de terra cota com a estátua de Diana dentro já foram descobertos. *Diana* (*Artemis* no gr). Deusa-mãe da fertilidade da Ásia Menor. Os efésios criam na ficção da sua queda do céu. Seu templo foi uma das sete maravilhas do mundo.

19.31 *Asiarcas*. Escolhidos dentre os homens mais ricos da província anualmente, sendo apontados como sacerdotes do culto "de Roma e do Imperador". Note-se outra vez as boas relações entre os representantes de Roma e o embaixador de Cristo.

19.32 *Assembléia* (gr *ekklesia*). O significado secular de "igreja" era do povo reunido em assembléia legislativa.

19.33 *Alexandre*. Porta-voz dos judeus, desejosos de informar a multidão que eles nada tinham com a má sorte de Diana.

19.34 A reação da multidão pagã contra os judeus é compreensível. O monoteísmo e a oposição à idolatria pelos judeus eram notórios.

19.35 *Escrivão*. Sabiamente aponta para o perigo do caminho ilegal, lembrando à multidão o procedimento certo. Éfeso podia perder sua autonomia parcial. *Guardiã do templo*. Título de honra concedido à cidade que mantivesse um templo de culto imperial.

19.37 *Sacrílegos*, lit. "roubadores de templos". O templo era o lugar de maior segurança na antigüidade para guardar objetos de valor. *Blasfemam*. O caminho mais certo para derrubar a religião falsa é apresentar a verdade.

20.1,2 Sugere-se que Tito perdeu o último barco (antes do inverno) sendo forçado a viajar por terra (2 Co 2.12;13). Paulo foi ao seu encontro. Nesta altura (55 d.C.) Paulo redigiu a Segunda carta aos coríntios e evangelizou a área até ao Ilírico (cf. Rm 15.19). *Grécia*. Corinto está em vista. Esta última viagem tem o alvo principal de levantar a oferta de auxílio aos crentes de Jerusalém (cf. 24.17; 1 Co 16.1-4).

20.3 *Três meses*. Neste período Paulo escreveu a carta aos Romanos.

20.4 Os vários representantes das Igrejas acompanharam Paulo para levar a coleta em segurança até Jerusalém. *Sópato*. "Sosípatro" em Rm-16:21. Gaio de Derbe Alguns manuscritos têm Doberus, em Macedônia; este é o mesmo Gaio de 19.29. *Trófimo* era de Éfeso (21.29; 2 Tm 4.20). *Tíquico* (cf. Ef 6.21; Cl 4.7).

20.5 Esperando-nos. Lucas deixa Filpos (?) para acompanhar Paulo até Jerusalém e Roma. A incalculável importância deste acontecimento se deve à escrita de Lucas e Atos. *Trôade*. Sobre o ministério anterior nessa cidade por parte de Paulo, veja 2 Co 2.12.

20.6 Pães asmos, Cf. 12.3n. Entende-se que Paulo continuou guardando as festas judaicas; dominicalmente celebrava o culto cristão. *De Filpos*. Realmente de Neápolis (16.11n). *Cinco dias*. Houve ventos contrários (cf. 16.11).

20.7 Primeiro dia do semana. O domingo veio substituir o sábado como dia de culto em celebração da ressurreição (1 Co 16.2 Ap, 1.10). *Partir o pão*. A Ceia do Senhor. V. 11 sugere que participaram do ágape (refeição de comunhão e amor) também.

20.8,9 Muitas lâmpadas. Lit. "tochas" que explicam o sono de, Êutico, provocado pela fumaça do óleo.

20.10 A ressurreição de Êutico é comparável à de Dorcas (9.40; 14.8n; 1 Rs 17.21). *A vida nele está*. Não quer dizer que não morreu.

20.11 Romper a alva. A prolongada reunião revela o profundo pesar na despedida final de Paulo (cf. 20.37).

20.13 Assôs. Ir por terra era mais rápido. Paulo talvez quis ficar mais um dia ou dois para se certificar da saúde de Êutico.

20.18 Disse-lhes. O terceiro grande discurso de Paulo preservado em Atos. O primeiro para judeus (cap. 13); o segundo para pagãos (cap. 17); o terceiro, esta mensagem Pastora], para a Igreja de Éfeso.

20.19 Toda esta mensagem encontra eco nas epístolas.

20.20 Publicamente - nas sinagogas e na escola de Tirano. *Casa em casa* - nas reuniões das congregações espalhadas pela cidade. • **N. Hom.** Retrato do Ministro exemplar. Paulo se caracterizou por: 1) Fidelidade desinteressada (24); 2) Simpatia profunda (31); 3) Evangelização incansável (21s); 4) Independência equilibrada (33-35); 5) Percepção profética (29); 6) Sabedoria prática - deixou a Igreja de Éfeso bem organizada, advertida e preparada.

21.21 Arrependimento... fé sumarizam a reação necessária ante a proclamação do "evangelho da graça de Deus" (24).

20.22 Constrangido... Lit. "agrilhado no Espírito" (cf. 16.6); "meu" não consta no original. Mensagens proféticas nas Igrejas revelaram a perseguição que o aguardava.

20.24 Carreira... ministério. A viagem para Jerusalém faz parte da conclusão da sua carreira (cf. 2 Tm 4.7). *Testemunhar o evangelho do graça* equivale a pregar o "reino de Deus" (25).

20.25 Não vereis mais. Contrário à sua profunda convicção, Paulo voltou a visitar a Igreja de Éfeso após sua primeira prisão.

20.26 Vos protesto. Fica claro que, na Igreja de Éfeso houve detratores do apóstolo que minavam sua integridade. *Estou limpo*. Responsabilidade para a fiel proclamação da mensagem não inclui culpa na falta de ser aceita pelos ouvintes.

20.27 O cristianismo não tem segredos ou doutrinas ocultas como o gnosticismo.

20.28 Bispos (gr *episcopoi*, "supervisares", "guardiães"). Os bispos-presbíteros (17) pastoreiam; equivalem aos pastores-mestres de Ef 4.11. São constituídos pelo Espírito Santo e aceitos pela Igreja (cf. 1.24; 13.1, 2; 1 Co 12.18, 28, etc.). *Comprou*. Verbo análogo ao substantivo em 1 Pe 2.9, "povo de propriedade exclusiva de Deus". *Seu próprio sangue*. Melhor, "comprou com o sangue do seu próprio (único Filho)" frase idiomática; representa o hebraico, "único amado".

20.29,30 Lobos. (Mt 7.15). Falsos mestres logo ameaçaram as Igrejas da Ásia com o gnosticismo; veja Colossenses; 1, 2, 3 João; Ap 2, 3.

20.31 O trabalho do pastor é: 1) vigiar (1 Pe 5.8); 2) admoestar (1 Ts 5.12); 3) expor a palavra para edificar (32; 1 Tm 4.6).

20.32 *Encomendo-vos*. O ministério que Paulo recebera (24) agora é passado para os pastores (cf. 28) submissos ao Senhor e à Palavra. *Edificar*. Não como o templo de Diana, mas crescimento espiritual.

20.34 Paulo não somente trabalha para si, sustenta seus companheiros.

20.35 *Socorrer*. O trabalho se santifica no alvo de compartilhar, não amontoar. *Bem-aventurado...* O único ditado direto de Jesus preservado fora dos evangelhos no NT. Paulo (24) e Jesus (28) viveram a realidade deste ditado.

21.3 *Tiro*. De Pátara até Tiro viajaram cerca de 600 km nuns quatro dias. O amor de crentes (que não conheceram Paulo) é notável (4-6).

21.11 Como vários profetas do AT, Ágabo apresenta sua mensagem dramática em mímica. O caminho de Paulo seguirá as pisadas de Jesus. Ágabo prediz tribulações, mas não afirma que Paulo não deve ir a Jerusalém.

21.12-14 *Nós... rogamos*. Os crentes expressam o ponto de vista humano. Paulo fica convicto que seja a vontade de Deus (14; cf. Lc 22.42). *Quebrantando-me o coração*. Lit. "batendo como uma lavadeira", "amolecer". Paulo, como Cristo, não sente temor algum (Fp 1.19ss),

21.15 *Preparativos*. O gr indica que levaram cavalos.

21.16 *Mnasom*. O grupo de crentes (judeus?) acompanhou Paulo até à casa de Mnasom (um dos crentes primitivos, cf. 1.15).

21.17 *Receberam com alegria*. Não se sabe porque não há referência à contribuição para os santos. Seria o espírito farisaico da Igreja que nem a oferta foi capaz de suavizar e unir a Igreja toda?

21.18 *Os presbíteros*. A omissão dos "apóstolos" (veja 15.4, 6, 22, 23) indica que tinham-se espalhado no trabalho missionário.

21.20 *Dezenas...* O gr "quantos milhares". O número grande talvez incluiria os judeus da dispersão, que, como Paulo, vinham para celebrar a festa de Pentecostes em Jerusalém. *Judeus que creram*. Se não alterar os costumes, crer em Jesus como Messias foi tolerado. Paulo era suspeito pelo sucesso da missão entre os gentios e os rumores falsos que ele aconselhava os judeus a esquecer da lei. *Zelosos do lei*. Cf. 11.2; 15.15; Gl 2.12. Crentes do partido farisaico.

21.21 *Apostatarem*. Sem mandar os judeus crentes deixarem a lei, a doutrina de Paulo oferecendo a salvação unicamente pela fé implicaria mais cedo ou mais tarde no seu enfraquecimento. Se a lei não oferece vantagem alguma a quem a observe, porque guardá-la? *Circuncidar*. Paulo circuncidou a Timóteo (16.3); sua atitude encontra-se em Rm 2.25-29 e Gl 5.1-12.

21.24,25 *A despesa*. O voto de nazireu requeria sacrifícios dispendiosos. O fato de Paulo observar ritos da lei publicamente, seria uma prova que ele não aconselhava que os judeus a deixassem.

21.26 Paulo, pondo seu próprio princípio (1 Co 9.20) em prática, aceitou a proposta de se ajuntar a outros no voto de nazireu.

21.27 Paulo ficou muito bém conhecido em Éfeso. Judeus de lá provocaram o tumulto com a séria acusação que o templo fora profanado.

21.29 *Introduzira no templo*. Entre o pátio externo (dos gentios) e a pátio interno havia uma barreira (cf. Ef 2.14) e colunas com advertência em grego e latim da pena de morte para qualquer gentio, que a transpusesse.

21.31 *Matá-lo*. Profanar o templo merecia, legalmente, apedrejamento.

21.35 *Às escadas*. Havia dois lances de escadas que davam acesso do pátio dos gentios para a fortaleza de Antônia.

21.37 *Comandante*. O tribuno Cláudio Lísias (23.26) comandava uma forte guarnição de mil soldados do seu Quartel General sediado na torre de Antônia, no canto noroeste da área do templo.

21.38 Sicários. "Assassinos terroristas", de *sica*, "punhal". Eram nacionalistas extremos; No ano, 54 d.C., segundo Flávio Josefo, apareceu um egípcio que congregou 4.000 sicários (Flávio Josefo diz 30.000) no Monte das Oliveiras, prometendo que os muros de Jerusalém desabariam. Félix matou 400 deles, mas o chefe escapou.

21.40 Hebraica, i.e., aramaica, língua franca da região toda.

22.1 Como há três discursos que sintetizam a: pregação de Paulo (caps. 13, 17, 20), há três resumos de sua defesa (caps. 22, 24, 26).

22.3 Aos pés. O aluno sentava no chão enquanto o mestre lecionava sentado num lugar mais alto. *Gamaliel*, cf. 5.34n. *Zeloso.* Os crimes de Paulo antes da sua conversão foram cometidos em ignorância. Sua audiência partilha dessa mesma ignorância.

22.5 Os anciãos. Membros do Sinédrio. *Os irmãos.* São os judeus que facilitariam a entrega dos cristãos de Damasco a Paulo.

22.6 Grande luz. Brilho muita acima daquele do Sol ao meio dia, não se explicaria senão pela glória celestial irradiada.

22.8 Nazareno. Nome de desprezo que os judeus deram a Jesus.

22.9 Os tradutores apreenderam bem a sutil distinção no gr entre 9.7 e aqui. Escutaram- o som mas não distinguiram as palavras (Jo 12.28, 29).

22.10 Senhor. Empregar este termo para Jesus mostra mudança radical.

22.12 Ananias. Era um judeu cristão que cuidadosamente guardava a lei e era respeitado pela comunidade judaica. Paulo apela para a mesma tolerância exibida em Damasco.

• **N. Hom. 22.14** Três alvos do cristão: 1) Conhecer a vontade de Deus - na Bíblia. 2) Ver o Justo - andar diariamente olhando para Cristo ressurreto (Hb 12.2). 3) Ouvir Sua voz (cf. Jo 10.3-5) e segui-la.

22.16 Lava os teus pecados. Batismo é uni símbolo externo da lavagem interna (Tt 3.5). *Invocando o nome* como todos fizeram no batismo.

22.17 Voltado. Cf. 9.26. *No templo.* No mesmo templo onde apenas passadas uma hora ou duas procuraram matá-lo. Paulo recebeu novamente a comissão divina para deixar Jerusalém para evangelizar os gentios.

22.19,20 Paulo argumenta que ele seria a pessoa mais indicada para convencer os judeus. *Tua testemunha* (gr *martyros*). A palavra começa sua transformação de "testemunha" para "mártir".

22.21 Te enviarei. Paulo assim se tornou apóstolo sendo que a palavra *apostellō* significa "enviar". *Gentios.* A reação imediata (22) levantada por esta palavra mostra o rigor com que os judeus mantinham a separação das raças. Não condenavam a pregação aos gentios mas sim a facilidade de acesso, sem circuncisão e a lei.

22.24 Açoite (gr *mastixin*; latim *flagellum*). Terrível instrumento de tortura, muitas vezes fatal usado para arrancar a verdade. A *Lex Porcia* proibiu o *flagellum* para os romanos. *Interrogado.* O tribuno, não entendendo aramaico, nem confiando nas informações dos judeus, procura a verdade através da tortura.

22.25 Paulo não costumava ostentar o fato de ser cidadão romano, sendo para os judeus um sinal de deslealdade à nação israelita. Mas a situação agora é peculiar.

22.28 Grande soma. No reinado de Cláudio, a cidadania romana podia ser adquirida por muito dinheiro. O comandante Lísias não entende como Paulo (tão mal ajeitado) poderia ter comprado esse privilégio.

22.29 Mandara amarrar. Refere-se às cadeias pesadas que feriam. Paulo continua preso (algemas leves?) durante n)ais quatro ou cinco anos.

22.30 Sinédrio. Pela quinta vez o supremo tribunal precisa tratar de um caso "cristão": 1) julgo o Senhor, 2) Pedro e João; 3) Os Doze; 4) Estêvão e 5) agora Paulo. Paulo mesmo fizera parte do tribunal quando se deu o caso de Estêvão. Se o Sinédrio tivesse passado um veredicto favorável, Paulo estaria livre.

23.1 Paulo mostra no seu discurso que o cristianismo procede diretamente do judaísmo verdadeiro. Pois a fé cristã é cumprimento da esperança messiânica esposada pelo farisaísmo. *Consciência* (24.1 6).

23.2,3 *Ananias*. Sumo sacerdote desde 47 d.C. tornou-se notório pela capacidade e crueldade. Cumpriu-se a denúncia profética de Paulo ao ser assassinado em 66 d.C. pelos sicários por dar seu apoio a Roma. *Parede branqueada*. Os túmulos foram caiados para evitar contaminação ritual com os mortos (cf. Mt 23.27).

23.5 *Não sabia*. Alguns comentaristas acham quase impossível Paulo não ter reconhecido o sumo sacerdote. É bem possível que Paulo esteja falando com ironia: "Não sabia que um homem desse pudesse ser sumo sacerdote". Ou então, Paulo, por sua deficiência visual (At 9.8, 17, 18; 14.9; Gl 6.11), não tenha distinguido o sumo sacerdote. *Não falarás*. Paulo, arrependido, talvez lembre-se do ensino e exemplo de Jesus (Mt 5.10-12, 39, 44; 26,67).

23.6 *Saduceus*. O partido dos sacerdotes, desejosos de manter o *status quo* para evitar a intervenção dos romanos, quer aniquilar Paulo. Paulo aliou-se com os fariseus, cujas doutrinas ofereciam porta aberta para a evangelização em contraste com a dos saduceus.

23.8 *Anjo*. Não negavam o Anjo do Senhor nem Seu Espírito.

23.9 Os fariseus demonstram a tolerância de Gamaliel (cf. 5.33ss).

23.11 *Ao lado*. Lit. "em pé acima dele". Note as visões de Paulo que marcaram crises principais (9.4ss; 16.9; 18.9; 23.11). Esta, como a de 18.9, veio para encorajar o apóstolo. O Senhor garante que alcançará seu alvo de pregar em Roma ainda que os judeus o rejeitem.

23.12 *Sob anátema*. O juramento dos 40 é simbólico do anátema assumido pela nação israelita na morte de Jesus (Mt 27.25).

23.14 *Sacerdotes e anciãos*. Uma parte do Sinédrio apenas (25.15).

23.16 Gostaríamos de saber mais acerca da família de Paulo. Certamente era influente; o sobrinho talvez fosse membro do Sinédrio, o que lhe deu acesso a esta informação tão importante. Provavelmente a família era contrária a Paulo, de modo que o sobrinho (reconciliado com ele) não seria suspeito.

23.20 *Inquirir*. O plano projetado foi de abrir de novo o caso no Sinédrio e pedir a Lísias que trouxesse Paulo da torre para o Sinédrio.

23.23 *Hora terceira*. Vinte e uma horas. Soldados... *cavalaria... lanceiros*. As três distintas classes de forças que compunham o exército romano. As extraordinárias precauções tomadas pelo tribuno revelam a seriedade com que se encarava a segurança de um preso.

23.24 *Animais*. Para Paulo e seus companheiros, Lucas e Aristarco (27.1, 2). *Governador Félix*. Primeiro escravo liberto a chegar a ser governador de uma província romana. Seu irmão Pallas foi emancipado por Cláudio sendo favorito de Agripina, mãe de Nero. Foi nomeado procurador de 52 a 59 d.C. (antes fora prefeito de Samaria), (cf. 24.27). Um homem sem escrúpulo, não foi feliz no seu mandato, muito violento na repressão.

23.25 *Carta*. Mandar um acusado para um tribunal superior exigia um "elogium" que esclarecia o caso.

23.27 *Cláudio Lísias* coloca a culpa da situação de Paulo sobre os judeus (cf. Gálio em 18.14, 15). Ele não se importa de modificar levemente os fatos para se pôr em favor com o governador. Ele não soube que Paulo era romano até depois do tumulto (21.38; 22.26).

23.29 *Nada, porém, que justificasse morte*. Como na apresentação do julgamento de Jesus diante de Pilatos (Lc 23.4, 14s, 22), Paulo é reconhecido como inocente por romanos de alta posição (cf. o propósito de Atos).

23.31 *Antipátride*. Cerca de 60 km de Jerusalém. O perigo imediato de uma emboscada foi superado e Paulo é conduzido apenas pela cavalaria os 40 km até Cesaréia.

23.35 *Pretório*. Residência oficial do procurador; neste caso, um palácio construído por Herodes, o Grande.

24.1 Ananias. O sumo sacerdote, após o insulto lançado contra ele por Paulo no Sinédrio (23.2), transformou-se num inimigo feroz. Vai pessoalmente para pressionar uma decisão desfavorável a Paulo. *Tértulo.* Era um advogado, orador profissional. Na introdução a seu discurso emprega um *captatio benevolentiae*, lisonja para criar uma atitude favorável ao seu lado no caso. Paulo por sua parte utiliza apenas a advocacia do Espírito Santo (cf. o texto Siríaco).

24.2 Paz perene. Contradiz frontalmente os fatos históricos.

24.5 A acusação contra Paulo: 1) Perturba a paz (também lançada em Filipos e Tessalônica); 2) É chefe dos nazarenos; 3) tentou profanar o templo (já era sabido que de fato não o profanou). *Seita.* Tértulo procura distinguir os cristãos dos judeus. Desta forma o cristianismo perderia a proteção da lei que o judaísmo gozava.

24.7,8 O trecho 6b-8a, posto entre colchetes, não consta nos melhores manuscritos.

24.10 Paulo... respondeu. Não emprega o título convencional "excelentíssimo" como Tértulo (2) porque não concorda. Mas sinceramente congratula o governador na sua longa experiência arbitrando questões complicadas entre os judeus. Contra as acusações, Paulo afirma que, longe de ser fomentador de rebelião, ele apenas há 12 dias subiu a Jerusalém em romaria para adorar (11).

4.14 Caminho... seita. Seguir o caminho da justiça e verdade era o alvo do melhor judeu. Foi isto que Paulo fazia seguindo o verdadeiro ensino da lei e dos profetas, agora cumprido em Cristo. Não abandonara o judaísmo: pelo contrário, negar o cristianismo seria rejeitar sua própria tradição.

24.15 Estes a têm. Percebe-se que entre os ouvintes (ou acusadores) havia fariseus. *Injustos.* A ressurreição destes acorrerá depois do milênio (Ao 20.5) seguida pelo julgamento final (Ap 20.12).

24.16 Consciência. Fazer um julgamento moral a respeito de si mesmo ou de um ato praticado (cf. NDB., I, pp. 317, 318). É uma testemunha independente (vinda de Deus) medindo a qualidade de um ato (Rm 2.15; 9.1).

24.17 Esmolas. Refere-se às contribuições das igrejas, da Ásia e Europa (1 Co 16.1ss; 2 Co 8.1ss; Rm 15.25ss; At 20.4n). *Oferendas.* Sacrifícios oferecidos a Deus no templo.

24.19 Os quais. Os judeus da Ásia, que amotinaram o povo, deviam prestar depoimento, pois que eles eram testemunhas oculares.

24.21 Paulo, talvez, não se arrependa das palavras que dividiram o Sinédrio. Quer apenas frisar que a questão é unicamente teológica.

24.22 Acuradamente. Pensa-se que quem informou Félix a respeito do cristianismo foi Drusila, sua esposa judia e filha mais nova de Herodes I (12.1ss). Foi irmã de Agripa II (25.13) e de Berenice, e terceira esposa de Félix depois de abandonar o rei Emessa.

24.25 Justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro eram precisamente os assuntos que Félix e Drusila necessitavam de ouvir. Paulo não falou de maneira a granjear simpatia mas para incutir convicção. *Amedrontado.* Compare com a atitude de Herodes Antipas (Mc 6.20).

24.26 Lhe desse dinheiro. As contribuições que Paulo trouxe para os cristãos de Jerusalém (24.17) teriam dado a Félix a idéia que na mesma fonte haveria fundos suficientes para um bom suborno.

24.27 Dois anos mais tarde. Deve referir ao tempo que Paulo está na prisão, período máximo que um acusado podia ser detido em julgamento. *Pórcio Festo.* Bem diferente de Félix, Festo era homem justo e honesto. Governou apenas dois anos antes de morrer. *Apoio dos judeus.* Félix muito carecia desse apoio depois dos tumultos em Cesaréia em que ele permitiu que suas tropas saqueassem as melhores casas judias. Foi deposto logo depois.

25.5 Habilitados. Melhor, "...que estão em posições de poder".

25.7 Graves acusações. Os judeus novamente acusam Paulo de: 1) heresia - pecado "contra a lei dos judeus"; 2) sacrilégio - profanação do templo (8); 3) sedição - rebelião

contra Roma. A primeira acusação teria base, admitindo-se a interpretação judaica, da vida de Cristo, mas as outras duas eram mentiras forjadas. A falta de coerência entre as posições dos acusadores logo tornou isto evidente (10). Lucas deseja frisar a inocência do movimento cristão.

25.9 *Queres tu subir a Jerusalém.* Festo faz esta sugestão para agradar os judeus; ao mesmo tempo absolve Paulo de qualquer crime que ele poderia julgar. Quer remeter o caso novamente para o Sinédrio que tinha direito de julgar casos religiosos. O apóstolo sabe muito bem que seria impossível esperar justiça do Sinédrio.

25.10 *Tribunal de César.* Festo, representante do Imperador, podia julgar o caso em nome de César, já que Festo demonstra estar com evasivas, Paulo não tem outra saída senão apelar para César (11).

25.11 Paulo não teme a morte, mas não admite injustiça nem o desprezo das leis de Roma apenas para agradar os líderes dos judeus. Percebendo que Festo queria dar concessões aos judeus, pronunciou as palavras solenes *Apelo para César (prouocatio ad Coesarem)*. Era um dos direitos mais antigos do cidadão romano (iniciado em 509 a.C.). O imperador era Nero que sucedeu a Cláudio em 54 d.C e governou até 68. Seus primeiros anos, sob a influencia de Sêneca; ficaram conhecidos como uma pequena Era Dourada.

25.13 *Rei Agripa II*, filho de Agripa I (cf. At 12.1ss), rei da Galiléia e Peréia. De todos os Herodes este foi o melhor. *Berenice*. Irmã de Drusila e Agripa II. Depois, amante de Tito conquistador de Jerusalém em 70 d.C. Era natural que Festo pedisse ajuda de Agripa, cabeça secular do judaísmo; cabia a ele nomear o sumo sacerdote.

25.16 Neste versículo temos uma vindicação da justiça da lei romana.

25.21 *César* (gr *sebastos*, latim *Augustus*). O título Augusto, como César, passou sucessivamente para os imperadores reinantes.

25.22 *Gostaria de ouvir.* Cf. o desejo de Herodes, de ver a Jesus (Lc 9.9; 23.8).

25.23 *Oficiais.* Eram os comandantes das cinco cortes sediadas em Cesaréia (cf. 10.1).

25.25 Três vezes Festo declara a inocência do réu (cf. 18 e 10).

25.26 *Nada tenho...* Festo está com uma dificuldade séria. Não tem uma acusação substancial que Nero aceitaria. Espera que Agripa o possa ajudar. *Soberano*. Lit. "Senhor". Mais um título do Imperador. Significa um rei com poder absoluto e universal, quase divino.

26.1 Jesus afirmara: "Por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis" (Mt 10.18). Paulo cumpre esta predição perante Félix, Festo, Agripa e finalmente Nero (cf. 9.15).

26.2,3 *A Apologia Pro Vita Sua* é o clímax dos discursos de Paulo em Atos. Começa com a costumeira introdução retórica (*captatio benevolentiae*) perante um juiz. Há fortes indicações que Lucas estava presente.

26.4 *Meu povo.* Provavelmente judeus, não conterrâneos da Cilícia.

26.6 Os fariseus, partido popular dos judeus, aceitavam a plena inspiração dos livros proféticos (do AT). O cerne da mensagem profética é a esperança do Messias e a ressurreição dos mortos.

26.7 *Doze tribos.* Paulo nada sabe das "dez tribos perdidas". Todo judeu faz parte integrante da nação escolhida (cf. Tg 1.1).

26.8 O maior benefício vindo pelo Messias seria a ressurreição. *Entre vós.* Paulo está falando a judeus, não aos romanos.

26.9 *Me parecia.* Após a conversão Paulo se interessou mais na vontade do seu Senhor do que na sua própria vontade (cf. 2 Co 3.5).

26.10,11 *Santos.* Nome preferido de Paulo para os crentes (9.13). Dn 7 usa este nome para os verdadeiros israelitas. Aqui percebemos que a perseguição inicial (At 8.1-4) foi muito séria com outros mártires além de Estêvão. *Blasfemar.* Dizer "Anátema Jesus" seria equivalente a negá-lo publicamente (cf. 1 Co 12.3). *Estranhas.* Cidades fora da Palestina.

26.14 Todos... Mais um pormenor se acrescenta à narrativa de 9.4; 22.7. *Dura... agulhões*. Provérbio grego, "Não vale a pena resistir; senão sofrerá". • **N. Hom.** Duros agulhões de Paulo: 1) Uma crescente percepção que o judaísmo falhava sem conceder-lhe paz; 2) Os fatos da vida de Jesus; era impossível negar os fatos extraordinários de Sua vida; 3) A vida dos crentes perseguidos, transbordando de amor, paz e alegria; 4) A morte de Estevão, com a bênção de Deus.

26.16 Levanta-te... Frase usada por Deus na comissão do profeta Ezequiel (Ez 2.1). Paulo passa a ser *ministro e testemunha* (1.8; Gl 1.16, 17).

26.17,18 Paulo é mandado estender a missão do Servo de Jeová (cf. Is 42.7, 16) que se identifica com Cristo no NT. Perseguir os crentes é lutar contra Jesus (15). Cristo se identifica com Seu corpo (1 Co 12.12; Cl 1.24). • **N. Hom.** O poder do evangelho: 1) Troca a cegueira pela vista (cf. 9.17s); 2) Muda totalmente a direção da vida; 3) Substitui as trevas pela luz (Jo 8.12); 4) Tira os laços do diabo para vincular a Cristo (Cl 1.12, 13); 5) Remove os pecados; 6) Garante uma herança eterna aos santificados (1 Pe 1.4).

26.20 Obras. Não salvam; expressam o caráter mudado pelo Espírito Santo.

26.23 Primeiro. Outros ressuscitados morreram de novo. Cristo foi o primeiro a ressurgir com corpo imortal (2 Tm 1.10; 1 Co 15.20s). Na Sua ressurreição está a garantia de todos ressurgirem.

26.24 Louco. Não pretende ofender. Pensava-se na antigüidade, que era inspirado de espíritos misteriosos (16.16; Mc 3.21; Jo 10.20).

26.27 Agripa aceitava a inspiração dos profetas; por que não se convence pelos fatos históricos da vida de Cristo para se salvar?

26.28 Por pouco. O contexto indica que Agripa falou com ironia talvez em forma de pergunta. Paulo não estaria pensando que logo converteria um rei, que na realidade tem outros interesses na vida.

26.29 Deus permitisse... No original refere-se a uma oração que Paulo fez em favor da conversão de Agripa. *Por pouco...* Fazendo um jogo de palavra "Com poucas palavras ou muitas" ou "Com facilidade ou com dificuldade..." Transparece o zelo cristão de Paulo.

26.30,31 Como as autoridades que creram em Cristo, mas não tiveram a coragem de Confessá-IO (Jo 12.42). Agripa, Berenice e os altos funcionários se retiraram sem desejarem se comprometer com Cristo, Agripa acrescentou sua valiosa opinião à de Festa e Félix afirmando categoricamente a inocência de Paulo (cf. Lc 25.14, 15).

27.1 A viagem e naufrágio de Paulo neste capítulo nos fornecem um dos melhores exemplos de narrativa descritiva no NT. *Imperial* (gr *Sebastes*, "de Augusto". Uma unidade militar com este nome se localizava na Síria no primeiro século.

27.2 Adramitino... Da cidade de Adramítio, porto ao sul de Trôade na costa asiática. *Conosco Aristarco.* Pelo menos dois amigos de Paulo o acompanharam na viagem: Lucas e Aristarco, um dos delegados que levou a contribuição aos crentes pobres de Jerusalém (20.4; Cl 4.10 indica que foi preso com Paulo ou viajou como seu companheiro).

27.6 Alexandria. Porto principal de exportação de trigo (v. 38) para Roma. Um barco destes facilmente carregava 276 pessoas (v. 37) com c 300 toneladas de carga (NDB., p 1099). Nos fins do verão o vento costumeiro sopra do oeste tornando necessário prosseguir até a Ásia (Mira) antes de voltar para o oeste.

27.7 Cnido. Porto no extremo sudoeste da Ásia Menor, uns 120 km ao sul de Mileto; daí velejavam para o sul até Creta.

27.8 Bons Portos. Uma baía aberta para o mar, mal protegida.

27.9 Tempo do Dia de Jejum. Refere-se à festa judaica da Expição, celebrada no dia 10 do mês de Tisri (nesse ano 5 de outubro). A navegação parou definitivamente no dia 11 de novembro.

27.10 Vejo. Ou por visão profética ou por sua longa experiência.

27.11 O centurião ficou com a decisão sendo que o comércio de trigo egípcio era monopólio do governo romano.

27.12 Fenice. Porto melhor protegido na costa sul de Creta.

27.14 Euroaquilão. Euro - vento do leste; aquilo - vento do norte.

27.17 Cingir. Amarrava-se o barco com os cabos para evitar desintegração. *Sirte*. Atéia movediça na costa norte da Líbia; ainda longe mas continuando o vento do nordeste o perigo era real.

27.18 Aliviavam. A frase é citada em Jn 1.5.

27.19 Armação. O mastro principal com a vela quadrada maior.

27.20 Sem Sol ou estrelas era impossível determinar a direção.

27.22 Nenhuma vida. Não devemos entender a frase "prejuízo... das nossas vidas" (v. 10) como perda de vida.

27.23 Anjo de Deus. Cf. 12.7. *De quem eu sou*. Paulo deriva confiança de um fato dominante: ele pertence a Deus por compra (1 Co 6.20) e por criação (Rm 11.36). *Sirvo* (gr *latreuō*, "servir", "cultuar"). O "culto racional" (Rm 12.1) é *latreia*. Cf. Fp 3.3; Ap 7.15; 22.3.

27.24 Não temas. Cf. 23.11. Novamente um recado encorajador vem do Senhor ao apóstolo em crise. *César*. Talvez não em pessoa, mas diante de seu tribunal. *Por sua graça*. Lit. "dei a ti como presente".

N. Hom. 27.25 "Tende bom ânimo". Quem realmente pode animar o homem desesperado é: 1) Aquele que pertence a Deus totalmente (23); 2) Aquele que serve a Deus (23); 3) Aquele que tem uma palavra certa do Senhor. Ele pode agir como mediador entre Deus e os homens.

27.27 Adriático (gr *Adria*). Para o mundo antigo estendia entre Itália, Malta, Creta, e a Grécia até ao norte da África. *Um lado para outro*. Não para cima e para baixo, mas cruzaram o mar flutuando segundo os ventos. *Pressentiram*. Ouviram a rebentação das ondas na costa de Malta. Navegaram entre Clauda (16) e Malta, cerca de 800 km.

27.28 Vinte braças. Uma braça equivale a 1.84 m

27.34 Rogo que comais. Percebemos o lado prático de Paulo. Depois de orar e receber de Deus a certeza que ninguém se perderia. Paulo pensa do lado humano. *Segurança* (gr *soteria* "salvação"). Sem alimento ninguém teria força física para lutar com as ondas. *Perderá nem mesmo um fio de cabelo*. Frase proverbial significando salvação da morte.

27.35 Todo judeu oferecia uma oração de gratidão antes de comer, mas é notável aqui como a ação de Paulo é paralela à Ceia do Senhor.

27.37 Alguns bons manuscritos rezam "setenta e seis". Mas o número maior não apresenta nenhuma dificuldade. Josefo viajou para Roma num navio que transportava 600 homens.

27.38 Aliviaram. Completaram o processo começado no v. 18 para que o navio pudesse subir com mais facilidade na praia.

27.40 Leme. Consistia de dois remos grandes.

27.41 Lugar. Provavelmente na baía agora conhecida como a de S. Paulo. *Duas correntes*, que contornavam um banco de areia que, inesperadamente, impediu o navio de chegar até a praia.

27.42 Matassem os presos. Os soldados teriam de responder pelos presos com suas próprias vidas.

28.1 Malta. Uma ilha a cerca de 100 km ao sul da Sicília.

28.2 Bárbaros. Era a designação de quem não falasse grego. Eram descendentes dos fenícios.

28.3 Paulo mostra o mesmo zelo nas coisas insignificantes como nas grandes.

28.4 Justiça. Aqui, a justiça divina é personificada. Na mitologia grega *Dike* (justiça) aparece como uma deusa.

28.6 Nenhum mal. Assim foi cumprida a promessa de Cristo em Lc 1 OI 9, *Um deus* Os pagãos na antiguidade atribuíam divindade aos hoénens com a maior facilidade, muito contrá-rio aos judeus.

28.7 Homem principal... A arqueologia confirma que este era a título oficial do governador de Malta.

28.8 Impôs-lhe as mãos. Este mesmo sinal era empregado na ordenação (1 Tm 4.14) e na concessão do Espírito Santa pelos apóstolos (cf. 8.18; 19.6).

28.9 Enfermos... Cf. Lc 4.38-41. Harnack baseando-se na palavra *etherapeuonto* "tratar com médico" considera que Lucas, o médico, tratou enfermos também.

28.10 Honrarias, lit. "contas de médico". É natural que os curados demonstrassem sua gratidão com ofertas e gratificações, a título de honorários.

28.11 Dióscuros. Lit. "os filhos de Zeus (deus)". Algumas traduções tem Castor e Polux, adorados como protetores dos marinheiros.

28.12 Siracusa. Porto importante na costa oriental da Sicília.

28.13 Régio. Porto na costa italiana no estreito de Messina. *Putéoli.* Puzzuoli, perto de Nápoles, porto regular de desembarque dos navios vindos do oriente. Já existia Igreja ali.

28.15 Irmãos. Paulo escrevera sua carta à Igreja de Roma uns três anos antes. Conhecidos e convertidos de Paulo também chegaram antes dele (Rm 16). *Praça de Ápio,* cerca de 70 km ao sul de Roma. *Três vendas* (Tabernae) ficava a 55 km de Roma.

28.16 Em Roma. Um dos motivos principais de Lucas é historiar o avanço do evangelho desde Jerusalém até os "confins da terra" (1.8) que seria Roma, uma vez que lá havia representantes de todo o mundo.

28.17 Irmãos. Não cristãos mas judeus (cf. Rm 9.3). O princípio de Paulo não mudou de evangelizar primeiramente os judeus.

28.19 Paulo quer que fique bem claro que não apelara para César com a intenção de acusar os dirigentes da nação judaica.

28.20 Cadeia. Possivelmente é uma metáfora, sendo que Paulo é romano.

28.22 Seita (gr *hairesis*). Cf. 24.5. O cristianismo já chegara em Roma (talvez levado pelos romanos presentes no Dia de Pentecostes, 2.10). A expulsão dos judeus por Cláudio (cf. 18.1n) tornou os judeus ignorantes do evangelho de Cristo. É igualmente possível que os líderes não quiseram admitir quanto sabiam de Cristo esperando uma exposição de doutrina pelo grande Paulo.

28.23 Reino de Deus... *Jesus.* A esperança sobre o Reino se baseou na vida do Messias conquistador. Através das profecias do AT Paulo tenta corrigir o conceito errado e persuadi-los que Jesus é o verdadeiro alvo da esperança dos judeus.

28.25 Falou o Espírito Santo. Paulo reconhece plenamente a inspiração dos autores humanos das Escrituras, neste caso Isaías.

28.26,27 Esta citação de Is 6.9, 10, utilizada contra os judeus por Jesus (Mt 13.13ss e paralelos; Rm 11.8; Jo 12.39, 40), é freqüente. Confirma que a rejeição de Cristo por Israel cumpre as Escrituras.

28.28 Gentios. É notável o fato que a partir desta data os cristãos se preocuparam muito pouco com a evangelização dos judeus até aos nossos dias.

28.30 Dois anos. O mesmo termo técnico usado em 24.27. Paulo foi detido pelo período máximo legal; o que sugere que seu caso não foi ouvido pelo tribunal de César (talvez por falta de acusadores). Fm 22 revela a esperança que Paulo alimentava de logo ser liberto. *Casa, que alugara.* Melhor traduzir: "ganhou seu próprio sustento" (cf. 20.34).

Epístola de Paulo aos Romanos

Análise

Após uma saudação e ação de graças apropriadas, o apóstolo Paulo, apelando para um texto do Antigo Testamento (Hc 2.4), introduz o tema de sua epístola que é a *justificação pela fé*.

Os três capítulos iniciais estabelecem o primeiro ponto principal: que todos os homens são pecadores. Paulo começa com uma descrição sobre a grosseira idolatria e

imoralidade dos gentios; não obstante, em razão da exibição do poder de Deus na natureza e do testemunho de sua própria consciência, que diz que "são passíveis de morte os que tais coisas praticam", os gentios são reputados responsáveis.

Semelhantemente os judeus, embora recebedores favorecidos, dos oráculos de Deus, são também pecadores. Os gentios pecavam sem a lei - perecerão sem lei; os judeus pecam sob a lei - serão julgados pela lei. "Porque os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados" (2.13).

Todavia, ninguém é praticante da lei, nem judeus nem gentios; pois "...Não há justo, nem sequer um..." (3.10). Por isso também é que "...ninguém será justificado diante dele por obras da lei..." (3.20).

Portanto se alguém tiver de ser justificado, o próprio Deus é que deve suprir graciosamente a justiça necessária para o perdão. Isso é realizado em virtude do sacrifício propiciatório de Cristo. Seu sangue derramado satisfaz a justiça de Seu Pai, pelo que Deus pode ser tanto o *justo* como o *justificador* daquele que tem fé em Jesus.

O quarto capítulo, que aborda o caso de Abraão como o principal exemplo do tema, explica ainda como Deus imputa justiça à parte das obras. Em seguida, o capítulo quinto compara Adão com Cristo. Todos aqueles que são representados por Adão foram feitos pecadores por sua única ofensa; mas todos quantos estão em Cristo são feitos justos através de Sua obediência.

Em resposta à acusação de que a justificação pela fé encoraja o pecado "Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?" (6.1) - o apóstolo explica que o crente sincero voltou-se para Cristo a fim de escapar do pecado. Justificação produz santificação; e a própria luta da santificação (7.14-25) é uma evidência que já escapamos da condenação. Por conseguinte, dependendo da predestinação (8.29) e do imutável amor de Deus (8.39), podemos ter a certeza da salvação.

A justificação pela fé, a rejeição dos judeus, e a inclusão dos gentios não são coisas incoerentes com as promessas de Deus a Israel. As promessas foram feitas, não aos descendentes físicos, mas sim, aos descendentes espirituais de Abraão. Deus escolheu Isaque e rejeitou a Ismael; Deus escolheu Jacó e rejeitou a Esaú. Essas escolhas e rejeições são inerentes às próprias promessas. A escolha de Deus é soberana. Ele se assemelha a um oleiro que prepara vasos apropriados aos seus propósitos.

Entretanto, chegará o dia quando os judeus como um todo, que atualmente foram excluídos da Igreja a fim de darem lugar aos gentios, serão novamente enxertados. E se a exclusão dos judeus teve o efeito de reconciliar o mundo, sua futura recepção será como a vida tirada da morte (11.15).

Por causa dessas misericórdias divinas, cada crente deveria preencher a sua função particular na Igreja com diligência e simplicidade. Semelhantemente, no estado, cada crente deve ser um bom cidadão. E nas questões sociais os crentes mais maduros deveriam acomodar-se aos irmãos mais fracos, que ainda estão presos a escrúpulos supersticiosos.

Finalmente, Paulo expressa à sua esperança de visitar os romanos a caminho da Espanha, e conclui a epístola com uma vintena de saudações pessoais.

Autor

A epístola aos Romanos; a mais longa, a mais sistemática e a mais profunda de todas as epístolas, e talvez o livro mais importante da Bíblia, foi escrita pelo apóstolo Paulo (1.15). Nessa ocasião ele se achava em Corinto (15.26, 16.1, 2). A cuidadosa composição da epístola sugere que após algumas tempestuosas experiências ali, o apóstolo teve um período de tranquilidade, antes de ter levado o dinheiro para aliviar as necessidades dos santos de Jerusalém. Isso situa a data da obra no início de 58 d.C.

Diferentemente das outras epístolas, a de Romanos foi escrita a uma igreja que Paulo nunca ainda havia visitado (1.10, 11, 15). Toda a engenhosidade da crítica destrutiva ainda não foi capaz de impugnar a autenticidade desta epístola.

Esboço

INTRODUÇÃO E TEMA, 1.1-17

Saudação, 1.1-7

Ação de Graças, 1.8-15

Tema: Justificação pela Fé, 1.16,17

A NECESSIDADE DO EVANGELHOS, 1.18-3.20

A Condenação dos Gentios, 1.18-32

A Condenação dos Judeus, 2.1-3.8

A Condenação de Todos os Homens, 3.9-20

BREVE DECLARAÇÃO DO PLANO DE SALVAÇÃO: Justificação pela Fé, 3.21-31

ABRAÃO, UMA CONFIRMAÇÃO DA JUSTIFICAÇÃO, 4.1-25

OS RESULTADOS DA JUSTIFICAÇÃO, 5.1-21

RÉPLICA À PRIMEIRA OBJEÇÃO À JUSTIFICAÇÃO: Promove o Pecado, 6.1-8.39

A Justificação Produz a Santificação, 6.1-23

Lei e Graça, 7.1-25

Certeza da Salvação, 8.1-39

RÉPLICA À SEGUNDA OBJEÇÃO: Anula as Promessas de Deus, 9.1-11.36

A Soberana Escolha de Deus, 9.1-33

Zelo e Desobediência dos Judeus, 10.1-21

O Futuro de Israel, 11.1-36

EXORTAÇÕES PRÁTICAS, 12.1-16-27

O Serviço na Igreja e Outros Deveres, 12.1-21

Deveres Políticos, 13.1-14

A responsabilidade Pessoal, 14.1-23

Ambições Missionárias de Paulo, 15.1-33

Saudações Pessoais, 16.1-27

1.1 *Servo*. No original, *doulos* do verbo *deo* (ligar, algemar, aprisionar). Paulo considerava-se algemado no serviço de Cristo. Bem pode ter aqui a idéia de escravo redimido (comprado) do poder de Satanás por Cristo, seu nova mestre e único com plenos direitos de posse sobre ele (cf. 1 Co 6.19 e Gl 1.15).

1.2 *Outrora, prometido*. Indica a necessária relação entre o Velho e o Novo Testamentos. As Escrituras também são testemunhas da verdade do evangelho. *Sagradas Escrituras* - é a primeira vez que esta frase aparece na Bíblia.

1.3,4 *Com respeito a seu Filho... Jesus Cristo, nosso Senhor*. Engloba um credo ou confissão que define o conteúdo do "evangelho de Deus". 1) Nascimento da linhagem de Davi (há uma possível referência ao nascimento virginal nas palavras "*segundo a carne*", 2) Declarado como Filho de Deus na ressurreição (assim como Ele era o filho de Deus em fraqueza e humildade durante Sua vida na terra foi exposto na ressurreição como o Filho de Deus em poder).

1.4 Há um contraste evidente entre "*segundo a carne*" (a completa identificação com os homens) e "*segundo o espírito*" como há entre corpo e espírito. É diferente da distinção feita por Paulo ao descrever a vida natural do homem sem Deus e a vida daquele que morreu em Cristo e ressuscitou para a nova vida no Espírito Santo (Rm 8.1-14).

1.5 *Obediência por fé*. Pela desobediência Adão foi separado da glória de Deus (Rm 3.23). Pela obediência baseada na fé em Cristo temos reconciliação. A palavra "fé" aqui não significa o evangelho ou doutrinas mas a própria crença em Cristo.

1.8 *Meu Deus*. É uma expressão raramente usada. O v. 9 revela a fonte deste sentimento

na íntima ligação do escravo amado com o seu Mestre.

1.9 Paulo orou não somente em favor dos seus próprios filhos na fé mas também por crentes desconhecidos (cf. Cl 1.9).

1.12 *Confortemos*. A finalidade da carta, como também da visita que Paulo pensa em fazer, é dar-lhes um fundamento seguro. Porém, Paulo espera ser beneficiado juntamente com os irmãos de Roma. Deve haver sempre uma reciprocidade dentro da comunhão espiritual do Corpo de Cristo.

1.14 Para os gregos todos os não-gregos eram bárbaros (At 28.4).

1.16 Em 1 Co 1.24, Cristo é chamado o "poder de Deus", indicando novamente que o evangelho é Cristo oferecido e recebido.

1.17 *De fé em fé*. Pode ser traduzido, "Baseia-se na fé e apela para a fé". Cf. 3.22 onde é salientado o fato que a salvação não somente vem através da fé como também é oferecida a todos os que crêem. No grego, "fé" e "crer" têm a mesma raiz. *Justo*. Significa a qualidade de ser justo no sentido de estar bem perante a lei. É um termo forense, que vem dos tribunais e não propriamente relacionado com a moralidade em si.

1.18 Esta passagem demonstra a culpabilidade do homem fundada na sua pertinaz rejeição da luz fornecida e não em desobediência vinda da ignorância.

• **N. Hom. 1.18-32** A Culpabilidade do Homem: 1) A provisão de Deus na manifestação de Si mesmo: a) na Sua criação e b) no Seu poder na verdade. 2) A reação humana: a) impediram a verdade; b) não glorificaram a Deus; c) não deram graças a Deus; d) preferiram a idolatria. 3) A condenação de Deus: três vezes "Deus os entregou" (v. 24, 26, 28).

1.18 *Impiedade*. Significa falta de reverência ou temor de Deus. É uma palavra religiosa enquanto a palavra perversão parece referir-se à corrupção moral.

1.20 *Claramente se reconhecem... sendo percebidos*. Ambos os verbos descrevem como, ao contemplar as obras de Deus, o homem pode captar bastante de Sua natureza para preveni-lo do erro de identificar qualquer das coisas da criação com o Criador, assim podendo evitar a contaminação da idolatria no Seu culto.

1.24 *Deus entregou*. É a manifestação da retribuição divina neste mundo. Os perdidos gozam eternamente da liberdade horrível que demandaram e assim ficam escravizados por si mesmos. Cf. vv. 26, 28 e At 7.42. São removidas as restrições divinas que preservam o homem das piores coisas.

1.28 *Inconvenientes*. Vem da palavra *kathekon* que era um termo técnico dos estóicos significando aquilo que era conduta digna e conveniente. Cf. Ef 5.4.

1.32 Este, é um quadro negro, mas real, do que era o paganismo naquela época.

2.1-16 Adereçado aos judeus e aos romanos de vida relativamente moral, mas que tem aplicação a todos nós. O estilo de Paulo é semelhante ao *diatribe*, em que perguntas e objeções são colocadas na boca de um crítico imaginário, para assim serem respondidas e eliminadas.

2.3 *Tu... fazes as mesmas*. Pode ser uma referência à maneira que Cristo falou da lei. O homem não é aceito perante Deus por guardar a lei exteriormente mais pela completa renovação do interior (cf. Mt 5.22, 28, 48 etc.), através da habitação do Espírito Santo. Cf. Rm 2.29.

2.7 Refere-se às obras exigidas como confirmação da fé, não como um meio de salvação. A ênfase está sobre a imparcialidade de Deus nas Suas relações com o judeu e o gentio (cf. At 10.34, 35 com Rm 9.14).

2.12 *Sem lei*. Refere-se à lei de Moisés. O princípio evidente aqui é que o homem é julgado pela luz existente e não pela luz que ele não pode aproveitar, nem conhecer.

2.13 Praticam a lei: cf. Lv 18.5. O argumento parece ser que um homem seria justificado se pudesse praticar a lei, mas porque ninguém pode guardá-la perfeitamente, não há justificação por esse meio (cf. Tg 1.22-25).

• **N. Hom. 2.1-16** A justiça do julgamento Divino. Porque: 1) é verdadeiro; 2) é fundado

num padrão absoluto e imparcial sem possibilidade de escape (v. 3); 3) é aplicado só depois de grande bondade e paciente longanimidade (v. 4); 4) é sem acepção de pessoas (At 10.34; Ef 6.9; Cl 3.25; Tg 2.9; 1 Pe 1.17); 5) vê os segredos dos homens (v. 16).

2.17-29 Tratam das responsabilidades que uma posição privilegiada requer.

2.18 *Excelentes*. Vem do gr. *diapheronta* que significa distinguir. Pode ter o sentido de reconhecer distinções morais ou as coisas que sobressaem no seu valor eterno (cf. Fp 1.10).

2.20 *Forma do sabedoria...* quer dizer dar expressão prática à sabedoria. Estes vv. trazem uma descrição daquilo que o verdadeiro mestre espiritual deve ser: 1) um guia; 2) uma luz; 3) um que corrige; 4) um instrutor; 5) a incorporação da verdade e sabedoria.

2.22 *Roubas os templos?* Possivelmente Paulo tem em mente um incidente como aquele que ocorreu em 19 d.C. Quatro judeus, chefiados por um que se designou como mestre na fé judaica para os gentios, persuadiram uma nobre senhora a fazer uma grande contribuição para o templo de Jerusalém. Eles porém ficaram com tal oferta para uso próprio. Quando isso se tornou conhecido, Tibério mandou embora todos os judeus de Roma.

2.25 Havia judeus que pensavam que um judeu circuncidado não podia ser condenado ao inferno. A posição do NT se baseia em passagens como Jr 9.25 e Dt 10.16.

2.29 *Judeu* vem de Judá, que significa louvado ou objeto de louvor, que só tem valor quando vem de Deus. Esta passagem é uma advertência solene contra os perigos da presunção, confiança na justiça própria, e contra a formalismo que confia no batismo ou na ceia, como garantia em si mesmos, da salvação daqueles que os recebem.

3.1-8 Revela algumas grandes realidades divinas. 1) *Os oráculos* (v. 2) de Deus são privilégios de maior valor entre aqueles concedidos aos homens. 2) *A fidelidade* de Deus (v. 3). 3) *A justiça* de Deus (v. 5). 4) O julgamento de Deus (v. 6). 5) *A verdade* de Deus (v. 7). 6) *A glória* de Deus (v. 7).

3.9 *Não, de forma nenhuma*. Refere-se à posição do judeu carecendo da graça salvadora de Deus tanto como ao gentio. Em contraste, o v. 2 responde à pergunta acerca da vantagem do judeu com as palavras: "Muita sob todos os aspectos", no que se refere aos seus privilégios como povo escolhido.

3.10-18 Estes vv. formam uma cadeia de seis citações do AT. É uma prova da universalidade do pecado. 1) O pecado no caráter humano (vv. 10-12). 2) O pecado na conduta humana (vv. 13-17); a) em palavra (vv. 13, 14);- b) em ação (vv. 15-17). 3) A Fonte do Pecado (v. 18).

3.19 *A lei* aqui refere-se aos Salmos, Profetas e Provérbios. É portanto, uma referência à autoridade igual de todo o AT.

3.20 Termina a seção que começou com 1.18 sobre a necessidade universal do homem. O objetivo desta passagem não é só demonstrar a culpabilidade dos judeus e gentios como também julgar os seus sistemas religiosos, todos incapazes de salvar o homem.

3.21 *Justiça de Deus*. Esta expressão tem dois sentidos em Romanos: 1) É a justiça que Deus tem e manifesta, sendo perfeitamente consistente com tudo o que Ele mesmo é (3.5). 2) Noutros casos, é um dom que Ele dá (1.17). Nos vv. 21, 22, significa a justiça que Ele nos dá, enquanto o primeiro sentido se encontra no 25. Ambas as idéias estão unidas no v. 26. Salvação pela fé não é coisa nova mas encontra-se em todas as relações entre Deus e os homens.

3.23 *Carecem do glória* (cf. Is 43.7). Em pecar, o homem se encontra em falta perante o ideal para o qual Deus o criou. Glória significa o esplendor visível irradiando da presença de Deus que veio a simbolizar a perfeição divina. Esta é em parte, comunicada ao homem por Cristo (cf. 2 Co 4.6; 3.18).

3.24 *Redenção* (gr *apolutrōsis*). É a compra de um escravo para dar-lhe a liberdade. Há um paralelo na redenção de Israel do Egito (Êx 15.13) e do exílio na Babilônia (Is 41.14; 43.1).

3.25 Propiciação (gr *hilasterion*). Este termo, na LXX traduz *kopporeth* (propiciatório), o lugar onde os pecados são expiados ou removidos. Através da morte de Cristo, Deus remove os pecados do Seu povo, não simbolicamente como no ritual em Lv 16, mas realmente, limpando a consciência do homem e eliminando sua culpabilidade perante Deus.

3.26 Jesus Cristo ocupa uma posição única como o representante de Deus com o homem e do homem com Deus.

4.5 O valor infinito da fé é derivado do seu objeto: Deus e Sua manifestação. Crer é, portanto, agarrar de uma vez a perfeição de Deus.

4.11 Ainda incircunciso. Pelo menos 14 anos passaram depois da declaração de Gn 15.6 até a circuncisão; portanto, não pode ter importância na justificação daquele que a recebe, como qualquer outro rito externo sem fé. É simplesmente o selo não a substância.

4.13 Herdeiro do Mundo. Era Abraão como o pai dos fiéis (cf. Gn 12.3). O domínio do mundo inteiro pertencerá à descendência espiritual de Abraão (cf. 1 Co 3.21; 6.2).

4.25 Entregue por... transgressões. Parece basear-se em

Is 53.6 e 12. Na LXX encontra-se duas vezes a palavra *paradidōmi* "entregar" (cf. Rm 8.32 e 1 Co 11.23). A palavra *por* traduz *dia*, "por causa de". Cristo foi entregue para morrer a fim de expiar os pecados do Seu povo o ressuscitou para garantir a justificação dele. • **N. Hom.** Seis aspectos da justiça em Romanos 4: 1) A justiça é associada com imputação 11 vezes (vv. 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 22, 23, 24). 2) É associada 9 vezes com fé (3, 5, 9, 13, 14, 16, 20, 22, 24). 3) Existe à parte das obras (vv. 2, 5, 6). 4) Existe fora da lei (vv. 13, 14, 16). 5) É segundo a graça (v. 16). 6) Vem através da morte e ressurreição.

5.1-11 Estes vv. descrevem as bênçãos que acompanham a justificação: paz, alegria e esperança. Tendo exposto a maneira pela qual Deus justifica o pecador, Paulo prossegue apontando a importância da reconciliação com Deus. Não é simplesmente perdão mas elevação à posição de grande favor, "a esta graça na qual estamos firmes" (v. 2). • **N. Hom.** São três os motivos da nossa alegria: 1) a esperança da glória de Deus que carecíamos (Rm 3.23); 2) as nossas aflições, garantia de nossa filiação com Deus (cf. Hb 12.6-8 com Mt 5.10-12); 3) finalmente, em Deus mesmo (Sl 43.4) que nós amou quando ainda éramos rebeldes e odiosos.

5.5 *A esperança não confunde* (citação da LXX - Is 28.16 - repetida em Rm 9.33; 10.11). Tem o sentido de não envergonhar porque Deus não pode faltar com Sua promessa (cf. Rm 4.20, 21).

5.9 *Salvos da ira* (cf. 1 Ts 1.10 e 5.9). Aponta para o julgamento de Deus no fim. Neste, como no v. 10, nota-se os dois tempos relacionados com nossa redenção. Quando Cristo morreu, a dívida foi paga. Quando aceitamos a Cristo, pela fé, nós nos apropriamos da salvação. No futuro, receberemos o complemento do dom inefável de Deus.

5.10 *Reconciliados.* Vem da palavra gr *katallassein* que quer dizer mudar ou trocar. Veio a ter a idéia no NT de mudar de inimidade para amizade. Nossa relação com Deus mudou através da morte de Cristo. Passamos de inimigos para filhos amados (cf. 2 Co 5.18-20).

5.12-21 Este texto apresenta as duas solidariedades ou raças que existem em virtude da queda de Adão de um lado e a morte e ressurreição de Cristo de outro. Até este ponto Paulo trata do problema dos pecados como expressão da livre escolha do homem. Agora passa a falar da raiz do problema: o pecado original, o princípio que impulsiona o homem a pecar. A nova raça unida com Cristo tem um novo princípio operando nele: o Espírito Santo. Há, portanto, uma relação inseparável entre justificação e santificação.

5.12 *O pecado*, como princípio governante da natureza do homem entrou na humanidade através de Adão. Em Adão todo o mundo pecou, o que fica demonstrado na morte universal. A alma que pecar, essa morrerá (Ez 18.4). Aqui não deparamos com uma distinção entre morte física e eterna.

5.13 Mesmo antes da promulgação da lei de Moisés, havia :morte; evidentemente havia pecado na raça (v. 14) desde a queda de Adão.

5.14,15 Como o efeito do pecado de Adão estendeu-se muito além do primeiro homem, assim Cristo tem um efeito muito além de si mesmo como cabeça da nova raça.

5.21 Começando com o v. 12, esta passagem tem vários pontos de comparação e contraste entre Adão e Cristo. 1) Adão e Cristo como cabeças de suas respectivas famílias. 2) Transgressão e dom gratuito (v. 15). 3) Condenação e justificação (v. 16). 4) Morte e vida (v. 17). 5) Ofensa e justiça (v. 18). 6) Desobediência e obediência (v. 19). 7) A vultosa ofensa e superabundante graça (v. 20). 8) Reino do pecado e reino da graça (v. 21). • **N. Hom.** Tema de Rm 5: Muito mais. Tudo que recebemos de mal de Adão é vencido muito mais pelo bem que recebemos de Cristo. 1) Salvação (v. 9). 2) Reconciliação (v. 10). 3) Graça (v. 15). 4) Vida (v. 17).

6.1-23 Esta passagem apresenta uma resposta à idéia, comum demais, que podemos pecar a valer, sendo que a graça é maior que o pecado. Mas isto é esquecer completamente que há dois resultados decorrentes da nossa união com Cristo: 1) a remoção de nossa culpa pela morte sacrificial de Cristo; 2) a eficácia da ressurreição numa vida nova de santidade.

6.23 Quando Cristo morreu, nós morremos também (2 Co 5.14). O batismo é o selo de nossa participação nessa morte e ressurreição, um selo que só vale quando é ratificado pela fé (cf. Cl 2.12).

6.4 O batismo simboliza os atos redentores de Cristo; imersão - morte; submersão - sepultamento; emersão - ressurreição. Porém, todos estes atos precisam ser atualizados na vida moral e espiritual do cristão.

6.6 *Velho homem.* O homem que éramos antes foi crucificado na cruz de Cristo (Gl 2.20). *O corpo do pecado* significa a "carne", a natureza não regenerada da velha solidariedade com Adão.

6.11 *Considerai.* Vivei como se já tivésseis entrado na vida da ressurreição.

6.15-23 Este trecho faz uma comparação entre a redenção e o mercado de escravos tão vulgar nos tempos do NT. O escravo está sob a obrigação de servir o seu mestre até à morte. Uma vez morto, o dono não consegue mandar mais nele. É igual com o cristão. O seu velho dono, o pecado, não tem mais direito sobre ele uma vez que já morreu com Cristo (vv. 3, 4).

6.16,17 *A quem obedecéis.* A vida do cristão demonstra de quem ele é escravo: de Deus ou do diabo. *Forma de doutrina.* Refere-se, provavelmente, a um sumário de ética cristã, baseado no ensino de Cristo que normalmente em dado aos novos convertidos na Igreja primitiva para indicar o caminho que agora deveriam seguir.

6.18 *Libertados* da tirania do pecado, não justificado do pecado como no v. 7.

6.22 *Fruto para a santificação.* É o tema dos caps. 6-8. Se um homem não está sendo santificado, não há razão para se pensar que tenha sido justificado.

• **N. Hom. 6.23** Este cap. Ensina: 1) O meio de remoção do velho homem (vv. 3-6). 2) O meio de remoção do domínio do pecado (vv. 11-14). 3) O meio de remoção do salário do pecado (vv. 22,23).

7.1 No cap. 6 encontramos a ilustração da liberdade do pecado na figura do escravo e seu mestre. Em 7.1-6, a liberdade da lei é ilustrada em termos da relação entre a esposa e seu marido. A comparação é simples: assim como a morte dissolve o vínculo entre o marido e esposa, a morte do crente com Cristo rompe o jugo da lei. Ele está livre para unir-se com Cristo.

7.4 *Aquele que ressuscitou.* Cristo, o novo marido, não morre mais (6.9), e, portanto, a nova união nunca mais será dissolvida.

7.6 A antítese entre o espírito e a letra aponta para a nova era, aquele em que a nova aliança de Jeremias é realizada (Jr 31.31ss). A letra significa a concepção de guardar a lei exteriormente com toda a força moral que o homem pode levantar. "Espírito" refere-se às novas relações e forças produzidas em Cristo pelo Espírito Santo.

7.7-25 É melhor tomar esta passagem como autobiografia, ainda que seja a biografia de

todo homem. Ainda que Paulo pudesse afirmar que era "irrepreensível quanto à justiça que há na lei" (Fp 3.6) na sua vida antes de conhecer o Senhor, sem dúvida ele refere-se aos atos externos e não à cobiça. Foi este pecado interior que causou em parte, a queda de Adão. Não falta no coração de todo homem de uma forma ou de outra. Pior ainda, a própria proibição do mandamento aumentou o desejo (vv. 8-11).

7.20 O cristão vive em dois mundos ao mesmo tempo. Esta é a razão por que a carne "milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si" (Gl 5.17). A vitória contra este inimigo (o pecado que reside em nós) não vem sem luta ou num minuto. Graças a Deus a vitória virá por Cristo! Isso é descrito no capítulo seguinte.

8.1 *Em Cristo*. Refere-se à incorporação do crente no Corpo de Cristo pelo Espírito (1 Co 12.13). O Corpo, iniciado na morte e Ressurreição, inclui todos os remidos e o Senhor Jesus Cristo, como a cabeça (Ef 1.22, 23). A autoridade que domina e governa o Corpo não é mais a lei, nem a carne, nem o pecado, mas a lei do Espírito (v. 2) que significa liberdade. A palavra "condenação" não parece ser simplesmente o contrário de "justificação", mas refere-se à sentença de servidão penal. Pelo Espírito somos libertados da prisão do pecado.

8.3 *Semelhança de carne pecaminosa*. Denota a completa identificação de Cristo na nossa humanidade sem "conhecer pecado" (2 Co 5.21); o verdadeiro Homem sem o pecado original, *Tocante ao pecado (peri hamartias)*. É a frase comum na LXX para a palavra heb *hatta'th*: "oferta para o pecado". Deve, portanto, ser assim traduzida aqui.

8.8 *Na carne*. Não se refere à substância física mas a "aquilo a que estávamos sujeitos" (7.6). É a esfera onde o poder do pecado e o diabo controlam, onde as obras da carne são praticadas (Gl 5.19-21). Depois da morte e ressurreição de Cristo existem somente duas esferas: "a carne" e "o Espírito". É impossível morar nos dois lugares ao mesmo tempo (v. 9).

8.11 A garantia da nossa ressurreição é a habitação do Espírito dentro de nós (Ef 1.13, 14; 2 Co 5.5).

8.13 "Mortificar" é equivalente a "considerar" (6.11). Entretanto, aqui somos admoestados a considerar as práticas anteriores mortas em relação a nós mesmos (cf. Cl 3.5ss).

8.15 *Adoção*. No primeiro século era o meio pelo qual a pai adotivo escolhia um filho para perpetuar o seu nome e herdar a sua herança. *Aba*. Termo familiar em aramaico usado pelos judeus. Cristo usou este termo na sua oração (Mc 14.36). É bem possível que ensinou os discípulos a dirigirem-se a Deus da mesma forma (Lc 11.2); ainda que não fosse usado pelos judeus no seu culto.

8.16 *Filhos* (gr *tekna*), É diferente da palavra no v. 14 onde traduz *huioi* (filhos). Aqui são usados como sinônimos em contraste com Gl 3.23-4.7 onde ainda outra palavra (*nepioi*) "crianças" é usada para descrever aqueles que estão debaixo da lei esperando a libertação de Cristo.

• **N. Hom. 8.17,18** Privilégio daquele que é possuído pelo Espírito: 1) É filho; 2) é herdeiro; 3) é co-herdeiro com Cristo. Por outro lado, 1) a glória que espera é antecipada pelo sofrimento aqui; 2) tem a desproporção entre esse sofrimento e a glória (cf. 2 Co 4.17, 18); 3) tem a certeza da glória que seguirá o sofrimento.

8.20 *A criação está sujeita à vaidade*. A queda cósmica que aqui deparamos encontra-se implícita na Bíblia de Gn 3 até Ap 22.3 ("nunca mais haverá maldição"). A criação que Deus declarou boa ficou sujeita à vaidade e frustração quando o pecado entrou no mundo por Adão. Deus a sujeitou em "esperança" (v. 21) da redenção na revelação dos filhos de Deus na segunda vinda de Cristo. O novo corpo da ressurreição que receberemos (1 Co 15.51-54) suplantará o corpo mortal que nos liga à natureza, que nessa altura também será renovada, "redimida do cativo da corrupção". A palavra *vaidade* (gr *mataiotes*), além de ter a idéia de futilidade e frustração, pode ter o sentido de adorar deuses falsos, indicando que a criação foi sujeita às forças do maligno (cf. 1 Co 12.2).

8.23 *Adoção*. É a manifestação inegável de nossa posição como filhos de Deus na

concretização da esperança ao receber o corpo glorificado.

8.24 Somos salvos *na* esperança, não *por* esperança. A salvação é pela fé.

8.26 *O Espírito... nos assiste*. Esta última palavra aparece no original apenas outra vez (Lc 10.40) e significa: "assistência contra toda oposição". É o Espírito que nos sustenta contra todo inimigo e particularmente na nossa fraqueza. *Gemidos inexprimíveis*. O ato de dirigir súplicas a Deus em "outras línguas", (1 Co 14.2) pode ser incluído nesta expressão. Pode significar também qualquer anelo ou aspiração que não cabe dentro dos limites das palavras. Estes gemidos não devem ser desassociados daqueles no v. 23, uma vez que na glória da ressurreição se realizará a consumação das respostas a toda oração assim como o cumprimento de toda esperança.

8.28 *Todas as coisas*. Pode ser objeto ou o sujeito do verbo "cooperam" (gr *sunergei*). É melhor tomá-la como a objeto. Nesse caso, o sujeito é Deus, o que é apoiado por alguns dos melhores manuscritos.

8.29 *Conheceu*. Aponta para a graça da eleição freqüentemente encontrada no verbo "conhecer" no AT. Cf. Am 3.2 e Os 13.5. No NT aparece em passagens como 1 Co 8.3 e Gl 4.9.

8.30 O fato de alguém amar a Deus (v. 28) é o resultado da ação divina. 1) É conhecido por causa da graça divina. 2) É predestinado para ser conforme a Seu Filho. 3) É chamado, não no sentido de um simples convite, mas por "uma chamada efetiva". 4) É justificado a seqüência natural da chamada. 5) É glorificado. O clímax é ser como Ele é (cf. 3.4; 1 Jo 3.2).

8.32 *Não poupou* (gr *pheidomai*). É um eco de Gn 22.16 onde a LXX utiliza a mesma palavra. No pensamento judaico a "amarração de Isaque" é considerada o exemplo clássico do valor redentor do martírio.

8.37 *Mais que vencedores* (gr *huperníkōmen*). Somos super-vencedores.

Caps. 9-11 Ainda que pareçam a nós um parêntese, não eram para o apóstolo Paulo. Era um paradoxo, para não dizer um escândalo, que a descendência de Abraão, aquele que foi justificado pela fé, não tenha aceitado o cumprimento da promessa feita a Abraão o Messias, Jesus o Senhor. É a solução deste problema que agora Paulo nos dirige. Poderíamos chamar esta seção de "A justiça de Deus na História".

9.3 *Desejaria ser anátema*. É um paralelo da súplica de Moisés depois do pecado do bezerro de ouro (Êx 32.32) É tal tipo de amor que levaria a Igreja a evangelizar o mundo inteiro.

9.4 *A glória*. Refere-se a glória da presença de Deus no templo e no tabernáculo, chamada *shekiná*. *As alianças*. Bons manuscritos apóiam o singular, o que seria uma referência à aliança do monte Sinai (Êx 34.8).

9.7 *Seus filhos*. Aqui é feita a distinção entre o Israel segundo a carne e o remanescente de israelitas que através da fé são os filhos espirituais de Abraão. No pensamento de Paulo Isaque é um tipo de Cristo, que é, portanto, o verdadeiro filho de Abraão. Através de Cristo somos os filhos da promessa feita a Abraão.

9.12 Esta profecia não se refere aos indivíduos mas às nações que surgiriam deles. Os edomitas estiveram, por longos períodos, sujeitos a Israel (cf. 2 Sm 8.14; 1 Rs 22.47; etc.).

9.15 Estas palavras citadas de Êx 33.19 têm à força de declarar que a compaixão e a misericórdia de Deus não estão sujeitas a qualquer causa fora de sua livre graça e vontade.

9.17 Cita Êx 9.16, ao passo que 8.15 afirma como Faraó endurecera o seu coração. Êx 7.3 atribui esse endurecimento a Deus. Deus manteve Faraó em circunstâncias que ele próprio criara, as quais mantiveram sua resistência. Todo esforço de fazer o mal é permitido por Deus. Isto não quer dizer que Faraó foi criado para ser endurecido, mas nas circunstâncias que o deveriam ter levado ao arrependimento, ele, por livre vontade se endureceu.

9.22 Muito longanimidade. Ainda que não seja tolerado queixar-se contra o direito que Deus tem de fazer o que Ele bem entender com os Seus, a ênfase desta passagem es na misericórdia de Deus que agüenta a maldade dos homens diferindo Sua ira por muito tempo (cf. 2 Pe 3.7-9).

9.25,26 Esta aplicação da profecia de Oséias aos gentios não parece limitar-se a Paulo. É possível que tivesse sido um *testimonium* de uso geral na Igreja primitiva (cf. 1 Pe 2.10).

9.30 Tendo discutido o problema da rejeição de Israel do ponto de vista da eleição divina, Paulo agora o considera no aspecto da responsabilidade humana. Estas duas verdades, a soberania de Deus e a responsabilidade do homem, devem ser firmemente cridas, proclamadas claramente e a nossa vida vivida à luz delas.

9.33 Uma pedra de tropeço. Este verso é uma citação de Is 28.16 combinado corri Is 8.14. Originalmente o profeta falava do remanescente justo, a esperança do futuro, incorporado pessoalmente no Messias da casa de Davi É mais um *testimonium* (passagens do AT usadas apologeticamente na Igreja primitiva para apoiar a fé no Senhor Jesus Cristo) semelhantemente usado em 1 Pe 2.6-8.

10.1 Paulo volta ao principal tema da epístola - os dois caminhos da justiça: um pelas obras da lei, procurando a justiça no esforço próprio, e o outro pela te no Cristo ressurreto.

10.4 O fim do lei. A palavra "fim" (gr *telos*) tem duplo sentido: por um lado é "alvo" ou "finalidade": e por outro, "término" ou "fim". Cristo corresponde a ambos, pois Ele é o alvo da lei (Gl 4.1-7) e também o fim da lei como meio de ganhar o favor de Deus.

10.9 *Se, com a tua boca, confessares a Jesus como Senhor.* As três últimas palavras traduzem *kurios Iesous*, "Jesus é Senhor", a mais primitiva confissão. Em 1 Co 12.13 é declarado que ninguém pode fazer tal confissão senão pelo Espírito Santo (cf. Fp 2.11). A ocasião de fazer tal confissão seria inicialmente no batismo: "a indagação de uma boa consciência para com Deus" (1 Pe 3.21).

10.10 Coração. Aqui; como na maior parte das passagens da Bíblia, denota o centro da personalidade incluindo a razão, a volição (cf. Mc 7.21) e as emoções. Tem o significado geral de "homem interior" (cf. 1 Pe 3.4).

10.14-21 Desenvolve a resposta ao problema da oferta do evangelho universal e da recusa dos judeus em aceitá-lo. É verdade que não podem invocar aquele em quem não creram, nem crer naquele de quem nada ouviram. Mas isto não é o caso de Israel. Em toda parte onde havia uma comunidade judaica o evangelho foi levado (v. 18). A rejeição é uma confirmação do coração rebelde e contradizente. Portanto, Deus está oferecendo Sua salvação a um "não-povo" isto é, aos gentios "que não me procuravam", para assim provocar ciúmes no povo escolhido. • **N. Hom.** A oferta do evangelho. 1) É para todos (v. 12) É gloriosamente simples para que se aproprie dele (v. 13). 2) Todos que o conhecem têm a obrigação de divulgá-lo (vv. 14, 15; note os quatro "cosmos"). 3) Alguns sem falta o aceitarão (v. 20).

11.1 Como nos tempos do AT, a obstinada desobediência de Israel não resulta na sua rejeição definitiva. O remanescente fiel, representado por Paulo e outros como ele, é prova disto. Paulo, da tribo de Benjamim (cf. Fp 3.5), tinha o nome de Saulo (primeiro rei de Israel também benjamita, cf. At 8.1, 3; 9.1, 17 com 13.21) o que é uma coincidência não ponderada entre as epístolas e Atos.

11.5 Eleição da graça. O amar ativo de Deus que preparou e ofereceu a salvação aos homens é a graça revelada na eleição de Israel. O princípio da graça livre da parte de Deus corresponde à fé pela qual é apropriada. As obras, por sua vez, não têm nada na natureza de Deus que corresponda a elas (v. 6) e a não ser sua ira justa por serem inadequadas.

11.7 A eleição não é anulada mesmo com a grande maioria dos judeus rejeitando a Cristo. O remanescente continua representando o povo da aliança (cf. v. 25).

11.8 Entorpecimento. Vem da palavra *katanuxis* que lit. significa "picada" ou "mordedura"

de um inseto que resulta em entorpecimento. Deus nunca deixa os homens seguirem o seu caminho de rebelião sem limites ou restrição. Há uma lei no universo que se eu puser minha mão no fogo, ela se queimará. Posso, então, dizer que Deus a queimou, uma vez que Ele criou as mãos e o fogo. Portanto, Ele permitirá, se eu colocar a minha mão no fogo, que ela se queime.

11.12 Riqueza. Refere-se à oferta da salvação aos gentios ainda que no plano divino "salvação vem dos judeus" e é para ele primeiramente (cf. Jo 4.22 com Rm 1.16). *Plenitude* (gr *plerōma*). Tem o mesmo sentido do v. 25 referindo-se aos gentios. A conversão em grande escala dos gentios será seguida pela conversão em massa dos judeus (v. 26). Isto é uma modificação da ordem natural dos acontecimentos. Já que um número insignificante de apóstolos e evangelistas judeus podia trazer tanta bênção ao mundo (v. 13), o que devemos esperar quando Israel for salvo?

11.15 Vida dentre os mortos. Significa a ressurreição que coincide com a segunda vinda de Cristo.

11.16 Santa a raiz. Refere-se à continuidade da solidariedade do povo israelita com os patriarcas, homens de fé (cf. Hb 11), ou com os judeus como Paulo que tinham aceitado Jesus como o Messias e Senhor.

11.17 Oliveira brava. São os gentios que foram enxertados no povo de Deus de todos os séculos. *Oliveira.* É o verdadeiro povo de Deus. Os *ramos quebrados* (vv. 19-22) são os judeus que recusam aceitar o evangelho. De modo nenhum devemos desprezar os judeus, os *ramos naturais* porque é mais fácil Deus enxertá-los novamente do que seria incluir os gentios na primeira oportunidade (v. 24).

11.22 Permaneceres. No N.T. a perseverança é a prova da realidade (cf. Mt 24.13).

11.26 Todo o Israel. É uma expressão freqüente na literatura judaica, onde não significa cada judeu sem exceção mas a maioria ou o povo como um todo. *Virá de Sião o Libertador.* Indica uma manifestação a Israel do seu Redentor. Pode ser na *parousia* ou em outra ocasião e de uma forma diferente.

11.32 Neste trecho Deus revela o seu último propósito que é mostrar misericórdia sobre judeu e gentio de igual forma. Deus encerrou ambos numa posição onde não podem negar sua culpa perante a lei (cf. Gl 3.22, "encerrou tudo sob o pecado") com o único propósito de alcançá-los com a Sua imerecida misericórdia. O universalismo que encontramos aqui é escatológico, não presente, representativo e não absoluto. *Com todos* sem distinção e não sem exceção.

11.33 Profundidade. Termo usado no sentido de inexaurível plenitude e não no sentido de mistério que não podemos alcançar. • **N. Hom.** Estes vv. (33-36) descrevem os atributos e propósitos de Deus numa doxologia apostólica. 1) Na riqueza da sua sabedoria e conhecimento Ele criou e ofereceu o plano da justificação pela fé, incluindo assim os gentios. 2) O judeu sem nada de justiça própria para oferecer também pode confiar que Deus não faltará com Sua promessa (v. 35). 3) Deus é a Fonte ("dEle"), o veículo ("por meio dEle") e o Fim ("para Ele") de todas as coisas.

12.1 Com o sacrifício de si mesmo, Cristo tornou todo sacrifício de animais obsoleto. Mas sempre há lugar para o culto prestado por corações obedientes. Toda doutrina tem o seu lado prático (Jo 13.17). Portanto, a sua exposição vem seguida de exortações éticas muito semelhantes ao ensino de Cristo nos evangelhos, principalmente no Sermão da Montanha. *Apresenteis* (gr *parastesai*). É a mesma palavra usada por Paulo em .6.13, 19 e traduzida por "oferecer". Temos aqui uma descrição mais completa daquilo que está envolvido em nós oferecermos os nossos membros a Deus. *Culto racional.* O sentido pode ser "culto espiritual" (*logikos* no gr, cf. 1 Pe 2.2) em contraste com o formalismo do culto no templo de Jerusalém.

12.2 Este século (gr *aiōn*). Como em 1 Co 1.20; 2.6; 3.18; 2 Co 4.4, Gl 1.4, significa esta era em contraste com a era ou século que será consumado na vinda de Cristo. Mesmo morando neste mundo devemos viver como herdeiros do Reino, o mundo vindouro.

Transformai-vos. Esta palavra só aparece nas narrativas da transfiguração de Cristo (Mt 17.2;- Mc 9.2) e em 2 Co 3.18 que é um bom comentário desta passagem.

12.4 O corpo que é oferecido em sacrifício vivo (v. 1) não deixa de ser um membro vivo e útil no Corpo de Cristo. A diversidade dos muitos membros é unida num propósito: demonstrar Cristo ao mundo.

12.6 *Proporção da fé.* Significa o poder dado a todo crente para exercer o seu dom espiritual.

12.20 *Amontoarás brasas vivas.* Isto quer dizer fazê-lo reconhecer o seu pecado e ficar envergonhado e, por fim, arrepender-se. Em qualquer caso, a melhor maneira de mostrar o nosso amor para com o nosso inimigo (Mt 5.44) é torná-lo num amigo.

13.1 Durante a primeira geração depois da morte de Cristo, a autoridade romana reconheceu o cristianismo como parte do judaísmo que tinha privilégios excepcionais como *religio licita*, decretados pelo próprio Império. Cf. At 18.12ss. Falando nesse contexto, Paulo expressa o princípio básico das relações do crente com o Estado, que é submissão às autoridades porque são instituídas por Deus. O governo humano, portanto, é estabelecido por ordenança divina e os cristãos, acima de todos, devem obedecer às leis, pagar impostos (cf. v. 7 com Mc 12.17) e respeitar as autoridades. E se essa autoridade for injusta e contrária à consciência cristã? Este problema não é tratado aqui; mas a resposta é clara: "antes importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5.29; cf. Mc 12.17). O Estado só pode exigir obediência dentro dos limites pelos quais foi instituído.

13.2 *Condenação.* Significa punição do estado (cf. 1 Pe 2.13, 14 e 4.14-15).

13.4 *Vingador, para castigar.* O Estado tem a função e dever proibidos ao cristão (Rm 1.2.17-19).

13.8 *Devendo coisa alguma.* Não quer dizer que não devemos tomar emprestado mas que faltar com a obrigação ou contrato de devolução é contrário à vontade de Deus. Positivamente temos o dever de amar a todos, dentro da comunidade cristã (cf. 12.10) e fora.

• **N. Hom. 13.11-14** Estes vv. apontam para a segunda vinda como o incentivo que nos deve levar a cumprir com os deveres dos caps. 12 e 13. 1) Um apelo solene (v. 11) - "Acordai". 2) Um motivo claro (v. 11) - a completação da nossa salvação está próxima. 3) Uma esperança gloriosa (v. 12) - o dia se aproxima. 4) Um conselho prático (vv. 12, 13). 5) Uma provisão completa (v. 14) - revesti-vos da vida santa de Cristo (Mt 22.11-14). Vestir-se de Cristo significa viver pelo Espírito de Cristo uma vida igual àquela que Ele viveria no mundo.

14.1 Paulo era um cristão emancipado tanto do legalismo como da lei. Ele tanto se adaptou com a prática dos crentes judeus, quando em companhia deles; como se adaptou às maneiras gentias quando vivendo entre eles. Mas nem todos compreendiam esta maneira de pensar por falta de instrução ou debilidade de fé. Mesmo assim, todos devem ser acolhidos com amor e carinho, não para debates sobre comida ou observância de dias especiais.

14.4 *O servo alheio* (cf. Mt 7.1; Lc 6.37; 1 Co 4.3ss). A palavra servo é *oiketes*, "doméstico", e não *doulos* "escravo".

14.5 *Iguais todos os dias.* Talvez não no sentido secular mas que reconhece todos os dias igualmente válidos para o culto e o serviço de Deus.

• **N. Hom. 14.8-15** Nos vv. 8-15 temos as bases de uma vida santa e agradável a Deus e aprovada pelos homens (v. 18). 1) A base em vista do senhorio de Cristo (v. 8). 2) A base em vista do julgamento vindouro (vv. 10, 11). 3) A base em vista do amor fraternal (v. 15). 4) A base em vista do Calvário (v. 15). Aquele que está fundamentado nestas bases para sua orientação, dificilmente trará ofensa ou tropeço para os seus irmãos. Como Lutero bem disse: "O homem cristão é sumamente senhor de tudo, sujeito a ninguém... O homem cristão é um servo sumamente constrangido, sujeito a todos".

14.10 *Tribunal de Deus.* A palavra *bema* (tribunal) foi usada para designar o palco dos

juízes nos jogos olímpicos. Os competidores, ao receber suas coroas, não julgavam-se a si mesmos nem aos outros; o cristão também não tem o direito de julgar o seu irmão.

14.14 *De si mesmo impura.* É um eco da declaração de Cristo sobre este assunto (Mc 7.14-19).

14.16 *O vosso bem.* Isto quer dizer; a liberdade cristã que faltando na compreensão de outros, crentes ou pagão, seria usada para criticar e desprezar o evangelho.

14.17 Fornece um paralelo com o Sermão da Montanha sobre comida e bebida (cf. Mt 6.31). "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça... os pacificadores... Regozijai-vos e exultai... (Mt 5.6, 9-10, 12).

14.21 *Ou se ofender.* Esta expressão é omitida nos melhores manuscritos. Parece ter sido incluída no texto depois de aparecer na margem como uma explicação da palavra "tropeçar".

14.22 *A fé que tens.* Tem o sentido de uma firme e inteligente convicção sobre a inocência de sua prática ou ação. Por outro lado, tudo que for feito na dúvida e sem convicção é pecado (v. 23).

• **N. Hom. 15.1-7** A glória de Deus manifestada no cristão (vv. 6, 7): 1) Na obrigação de levar os fracos nos ombros (v.1); 2) Na edificação de nossos irmãos (v. 2); 3) Na imitação de Cristo, o Senhor e exemplo da Igreja (v. 3); 4) Na confirmação da nossa esperança nas Escrituras (v. 4); 5) No acolhimento de todos os crentes da irmandade (v. 7).

15.5 *O mesmo sentir* (cf. 12.16). Devemos tratar os outros e pensar a respeito deles como Cristo fez conosco (Fp 2.5-8).

15.8 *Ministro do circuncisão.* Refere-se ao ministério de Cristo na terra. "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15.24), que é o cumprimento das promessas feitas aos patriarcas. Na morte e ressurreição de Cristo foi aberta a porta da bênção aos gentios. Deu-se, também, a confirmação das profecias nas Escrituras (vv. 9-12).

15.13 *O Deus da esperança.* É um título que, talvez, vem sugerido pelas palavras citadas de Is 11.10 na linha anterior. Quando temos plena confiança nEle, gozo e paz nos enchem. Novamente Paulo afirma a necessidade do Espírito Santo em poder para que nós possamos viver uma vida vibrante de gozo, paz e esperança (cf. 14.17 e 15.16).

15.14 Este v. dá início ao epílogo da epístola. A razão que levou Paulo a escrever para os cristãos de Roma não se baseia na falta de conhecimento ou desenvolvimento espiritual daquela igreja, mas no seu desejo, como apóstolo dos gentios, de lembrar-lhes as doutrinas básicas, anunciar-lhes o grande desenvolvimento da Igreja na parte leste do império (v. 19) e preparar o seu caminho para uma visita por ocasião de sua viagem até a Espanha (v. 24).

15.16 Este v. está escrito na linguagem do culto sacrificial. *Ministro (leitourgos).* No NT, sempre denota serviço religioso (liturgia) e às vezes sacerdotal (cf. Hb 8.2 onde, Cristo é o *leitourgos* do santuário). Em 15.27 fala dos deveres dos gentios de servirem aos judeus. O anúncio do evangelho é serviço sacerdotal (gr *hierourgeo*). Os crentes gentios são a oferta aceitável a Deus, santificada (isto é, "limpa" e não imunda como alguns dos judaizantes acusadores de Paulo chamavam os gentios incircuncisos) pela próprio Espírito de Deus (At 15.9, 8).

15.19 *Até ao Ilírico.* É uma província romana que corresponde à região oeste da moderna Iugoslávia. Não temos menção deste ministério em At 20.1-6. É provável que Paulo tenha cruzado a Macedônia em 55 d.C., chegando até a fronteira do Ilírico (cf. 2 Co 2.12, 13).

15.23 *Não tendo já campo.* Não quer dizer que Paulo já tivesse pregado a todos os indivíduos ou cidades entre Jerusalém e Ilírico, mas que na sua posição de missionário e apóstolo ele tinha cumprido com sua responsabilidade. Estava lançado o fundamento (cf. v. 20). Cabia agora aos crentes dessas igrejas novas levar o evangelho a "toda criatura", (Mc 16.15). • **N. Hom.** Nesta passagem aparecem vários testes para o verdadeiro ministério: 1) O encargo é sagrado (v. 16). 2) Tem resultados reconhecíveis (v. 18). 3) O

ministro é um instrumento (v. 18). 4) O propósito é "conduzir à obediência" (v. 18), cirando assim um fundamento (v. 20). 5) Tem um plano definido - atinge toda a região (v. 19) e não impede ou anula os esforços dos outros (v 20).

15.28 *Consignado este fruto*. Paulo usa uma expressão formal de comércio que era o "selo" (gr *sphragisamenos*). A oferta de amor dos gentios para os "santos de Jerusalém" era o auge como também a conclusão do ministério no leste.

16.1 *Febe*. Diaconisa (gr *diakonon*; cf. 1 Tm 3.11) da igreja de Cencreia, um dos dois portos de Corinto, ficou encarregada de levar esta epístola à igreja de Roma.

16.2 *Recebais*. Todo irmão em viagem podia contar com a hospitalidade de cristãos em outros lugares.

16.5 A igreja local do primeiro século reuniu-se em casas particulares. Priscila (possivelmente da classe nobre romana) e Áquila, um judeu do Ponto, tinham uma igreja reunindo-se na sua casa em Roma, como antes tinham em Éfeso (1 Co 16.19) e talvez em Corinto (At 18.26).

16.7 *Andrônico e Júnias*. Não é possível determinar através do original se o segundo nome é feminino ou masculino. Eram judeus (*parentes* indica isto) e companheiros de Paulo na prisão (cf. 2 Co 11.23), talvez em Éfeso. Crentes antes de Paulo, eles eram contados entre os apóstolos no sentido mais lato e provavelmente entre os "quinhentos irmãos" que viram o Senhor ressuscitado (1 Co 15.6).

16.13 *Rufo*. Deve ser o mesmo que é designado como filho de Simão o Cireneu (Mc 15.21). Marcos escrevendo para Roma c. 60 d.C. usaria Alexandre e Rufo (membros da igreja de Roma) para identificar Simão que carregou a cruz. *Eleito* tem o idéia de "distinguido" e "apreciado". Quando foi a esposa de Simão mãe para Paulo? Alguns identificam o Simão Níger de At 13.1 como o mesmo de Mc 15.21 e, portanto, pai de Rufo. Nesse caso, é muito natural que Paulo estivesse hospedado na sua casa quando Barnabé o procurou, para ajudar no ministério em Antioquia (cf. At 11.25, 26).

16.16 *Ósculo santo* (cf. 1 Co 16.20; 2 Co 13.12; 1 Ts 5.26; 1 Pe 5.14). Corresponde ao "ósculo de paz" que ainda faz parte da liturgia da Igreja Ortodoxa. Era parte integrante do culto no tempo de Justino, o Mártir.

16.17 Paulo aqui deixa por um pouco sua hesitação em dirigir-se à igreja que ele não fundou e começa a falar com sua plena autoridade apostólica. Nesta sua exortação final, Paulo adverte contra os homens que provocam divisões e enganam os corações dos simples. Deviam ter sido antinomistas semelhantes aos mencionados em Fp 3.18, 19.

16.19 *Sábios... simplices*. Em Mt 10.16b, lemos "prudentes como as serpentes e simples como as pombas". Em ambas as passagens ocorrem os mesmos adjetivos: *sophos* e *akeraios*. Cf. 1 Co 14.20.

16.20 *Deus do paz*. É um titulo repetido da bênção de Rm 15.33. É usado em contraste com Satanás, o autor da dissensão. *Esmagará*. Parece ser um eco de Gn 3.15 onde a semente da mulher ferirá a cabeça do diabo. Os que pertencem a Cristo compartilham da Sua vitória.

16.21 *Lúcio*. Possivelmente refere-se a Lucas. Neste caso. meus parentes", isto é, judeus, só se aplicaria a Jasom e a Sosípatro (cf. At 17.6, 7, 9; 20.4). Sabemos que Lucas estava com Paulo nesta altura (At 20.5ss) e que Lúcio provavelmente era equivalente a Lucas.

16.22 *Tércio*. Parece que Paulo fazia uso regular de amanuenses para escrever suas epístolas.

16.23 *Erasto*. Provavelmente, o mesmo cujo nome foi encontrado inscrito numa pedra da pavimentação posta por ele em Corinto, no primeiro século. Não deve ser o mesmo mencionado em 2 Tm 4.20.

• **N. Nom. 16.25-27** Todo louvor seja a Deus. 1) Pelo poder que fornece para confirmar os cristãos (v. 25). 2) Pela provisão do evangelho através da pregação e revelação (v. 25). 3) Pelo resultado na obediência que vem pela fé entre todos os povos (v. 26). 4) Pela finalidade suprema de dar glória a Deus eternamente por meio de Jesus Cristo (v. 27).

Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios

Análise

1 Coríntios não é apenas uma carta onde o apóstolo Paulo apresenta conselho e instrução sobre questões importantes da fé e da conduta cristãs, mas igualmente projeta luz reveladora sobre problemas sérios enfrentados por uma igreja jovem, não muito depois de sua fundação, em meados do primeiro século de nossa era. Paulo havia levado a mensagem de Cristo a Corinto no decurso de sua segunda viagem missionária. Essa cidade apresentava um desafio tremendo aos evangelhos tanto por ser um dos principais centros comerciais cosmopolitas do mundo antigo, como por ser um lugar famoso por sua devassidão e licenciosidade. Se a mensagem da Cruz tivesse o poder de atingir e transformar as vidas de homens e mulheres de tal ambiente, então é que era realmente poderosa! E foi exatamente isso o que aconteceu. Além disso, os membros daquela congregação haviam sido enriquecidos com grande variedade de dons espirituais - confirmação tanto para eles como para o mundo, de que Deus estava presente e agia poderosamente no meio deles.

Não se passou muito tempo, entretanto, até que se levantassem erros sérios quanto à doutrina e a prática, que ameaçavam o bem estar e até mesmo a sobrevivência da comunidade cristã ali existente, e que infestavam até as próprias fileiras dos crentes. É principalmente à correção desses erros que 1 Coríntios se devota. Em primeiro lugar, deploráveis divisões haviam cindido a igreja em facções hostis, despedaçando a unidade em torno da qual todos os que professaram ser irmãos em Cristo deviam estar reunidos. Em segundo lugar, dentre seus próprios membros, um deles se tornara culpado de imoralidade grosseira e de gravidade tal que nem mesmo a devassa sociedade daquela cidade pagã teria tolerado, mas, não obstante, a congregação não impusera disciplina ao ofensor, expelindo-o de sua comunhão: Em terceiro lugar, membros da igreja viviam arrastando uns aos outros perante os tribunais seculares dos pagãos para solução de disputas que haviam surgido entre eles, em lugar de resolverem suas querelas no espírito do amor cristão, dentro da própria comunidade, ou em lugar de estarem dispostos, seguindo o exemplo de Cristo, a tolerar os danos sofridos sem retaliação. Em quarto lugar, alguns deles vinham cometendo fornicação com prostitutas, procurando justificar tal conduta com o argumento de que apenas o corpo era envolvido e que os feitos do corpo são inseqüentes para a alma. Em quinto lugar, a Ceia do Senhor, que deveria ser uma expressão de amorosa harmonia, havia degenerado em irreverência, glotonaria e comportamento desatencioso. Em sexto lugar, havia cenas de desordem que nada edificavam quando os membros se reuniam para a adoração pública, especialmente no exercício dos dons espirituais com os quais haviam sido dotados. O apóstolo Paulo sentiu ser necessário lembrá-los de que o mais excelente de todos os dons, e que é o que mais deve ser cobijado, é o dom do amor, à parte do qual, os demais dons são inúteis. Em sétimo lugar, um ensino herético que, por negar o fato da ressurreição de Cristo e por realmente negar a possibilidade de qualquer ressurreição dentre os mortos, feria a própria Pedra de Esquina da fé cristã, e que lamentavelmente conseguira muitos adeptos na igreja de Corinto. Essas questões, cada uma delas escandalosa, receberam cuidadosa e urgente atenção nessa epístola.

O apóstolo Paulo igualmente apresentou instrução sobre certas outras questões que haviam sido levantadas pelos coríntios, numa carta que lhe haviam endereçado. Essas perguntas podem ser sumariadas como segue: Era aconselhável aos crentes se cassarem? Marido ou mulher, uma vez convertidos, deveriam continuar vivendo com o cônjuge impenitente? Qual deve ser a atitude do crente para com a ingestão de alimentos anteriormente oferecidos em sacrifício aos ídolos? As mulheres devem cobrir a cabeça ao freqüentarem a adoração pública? Qual é o significado real da variedade de dons

espirituais? Que arranjos deveriam ser feitos no tocante à coleta para o alívio dos crentes empobrecidos de Jerusalém?

Seria um engano imaginar que o conteúdo dessa epístola é relevante apenas para a situação particular da Igreja de Corinto no primeiro século, pois, embora as circunstâncias e à forma externa, os problemas da Igreja variem de época para época, quanto à sua essência, todavia, permanecem os mesmos, e os princípios que o apóstolo apresentou são aplicáveis aos nossos próprios dias e situações, não menos que aos seus dias e suas circunstâncias.

Autor

Tanto a evidência interna como a evidência externa de que o apóstolo Paulo foi o autor desta epístola são tão fortes que são conclusivas. Não é possível fixar a data da escrita com certeza, mas provavelmente foi na primavera de 55, 56 ou 57 d.C. Nessa ocasião Paulo se encontrava em Éfeso, durante o decurso de sua terceira viagem missionária.

Esboço

SAUDAÇÕES E AÇÕES DE GRAÇAS, 1.1-9

Saudação, 1.1-3

Ação de Graças pelas Riquezas Espirituais da Igreja de Corinto, 1.4-9

FALHAS SÉRIAS SÃO REPROVADAS, 1.10-6.20

Divisões e Facções, 1.10-4.21

Cristo não Está Dividido, 1.10-17

A Pregação da Cruz, 1.18-31

Pregação de Paulo em Corinto, 2.1-5

A verdadeira Sabedoria, 2.6-16

Divisões, Sinal de Falta de Espiritualidade, 3.1-4

Concepção Certa dos Ministros Cristãos, 3.5-9

Edificação sobre o Único Fundamento, 3.10-15

O Templo de Deus, 3.16,17

Concepção Certa dos Ministros Cristãos (continuação), 3.18-4.17

Aviso aos "Inchados", 4.18-21

Tolerância a Grosseira Imoralidade, 5.1-13

Litígio perante Tribunais Pagãos, 6.1-11

Fornicação com Prostitutas, 6.12-20

PAULO RESPONDE A UMA CARTA DOS CORÍNTIOS A ELE, 7.1-14.40

Perguntas sobre o Casamento, 7.1-40

Limites da Liberdade Cristã, 8.1-11.1

O Problema da Carne oferecida aos Ídolos, 8.1-13

A Necessidade da Tolerância e Auto-disciplina, 9.1-27

O Exemplo Admoestatório dos Filhos de Israel, 10.1-15

A Mesa do Senhor e os Saltares Pagãos São Incompatíveis, 10.16-20

Aviso Prático sobre esse Problema Particular, 10.23-11.1

O Véu da Mulheres na Adoração Pública, 11.2-16

Desordem e Desconsideração à Mesa do Senhor, 11.17-34

A Respeito dos Dons Espirituais, 12.1-14.40

Diversidade de Dons Originados num Único Espírito, 12.1-30

Exaltação ao Amor, o Dom mais Excelente, 12.31-13.13

O Uso Correto dos Dons Espirituais, 14.1-40

A RESSURREIÇÃO CORPORAL, 15.1-58

A Ressurreição de Cristo, um Fato Central da Fé, 15.1-20

Seqüência dos Acontecimentos, 15.21-28

A Ressurreição e o Sofrimento do Crente, 15.29-34
Distinção entre o Corpo Atual e o Corpo Ressuscitado, 15.35-49
Vitória Completa sobre a Morte, 15.50-58
CONCLUSÃO, 16.1-24
Coleta para os Santos Pobres de Jerusalém, 16.1-4
Os Planos de Paulo de Visitar a Corinto, 16.5-9
Exortações, Orientações e Saudações, 16.10-24

1.1 *Apóstolo*. Em sentido restrito, Os que viram Cristo ressuscitado e receberam dele a sua comissão apostólica (cf. 15.8ss).

1.2 *Igreja*. Assembléia de cidadãos regularmente convocada (cf. At 19.39). No N.T., o povo convocado e dirigido por Deus. *Santificados*. Separados por Deus para um propósito especial. *Em Cristo*. Membros do Seu corpo que compartilham da Sua vida (cf. Jo 15). *Invocam*. Cf. 12.3; Jl 2.32; Rm 10.13.

1.5 *Palavra.. conhecimento*. Capacidade de receber a verdade.

1.6 *Testemunho*. O evangelho, confirmado na experiência pelo Espírito.

1.7,8 *Dom* (gr *charisma*). Cf. 12.4; 7.7; 2 Co 1.11. *Revelação*. Segunda vinda de Cristo. Ele promete cuidar daqueles a quem Ele dá o Espírito. *Irrepreensíveis*. Sem culpa perante a lei. *No Dia*, isto é, o dia da volta de Cristo.

1.9 *Comunhão* (gr *koinōnia*), "participação". Os cristãos participam na vida, sofrimento e glória de Cristo. • **N. Hom.** Privilégios do Cristão. 1) Eleição (vv. 2, 9); 2) Recursos (vv. 5-7); 3) Esperança (vv. 7, 8).

1.10 *Divisões* (gr *schismata*), "rasgões em pano". Não cismas, mas partidos, baseados não em doutrinas, mas em personalidades (cf. 3.4ss; 11.18, 19). *Unidos*. Consertado a pano rasgado. *Disposição.. parecer*. Os cristãos, pelo amor, devem manter a mesma conclusão baseados nos mesmos princípios (cf. Fp 2.2, 5).

1.11 *Casa de Cloe*. Representantes de um cristão de Corinto que foram até Éfeso onde Paulo estava trabalhando nos anos 52-55 d.C.

1.12-16 *Cefas*. Nome aramaico de Pedro. *De Cristo*. Esse partido, ao querer ser o melhor, criou mais uma facção. *Apolo*, cf. At 18.24. *Crispo, Gaio, Estéfanos*. 16.15; At 18.8; Rm 16.23. *Batizados*. Em nome de alguém implicava que pertencia e seria fiel a essa pessoa. Paulo não permitia "paulinistas".

1.17 *Batizar*. Não requeria dons especiais; os subordinados cuidaram desse rito (At 10.48; Jo 4.2).

1.18 *Poder* (gr *dunamis*). Cf. Rm 1.16. O evangelho não somente informa, mas transforma pela ação do Espírito (At 1.8).

1.19 *Sabedoria*. Não todo o conhecimento secular, como tal, mas somente as idéias filosóficas e religiosas que negam a verdade de Deus serão anuladas.

1.20 *Sábio*. Havia dois tipos: 1) O escriba (intérprete da lei judaica, Mt 5.29) e 2) O inquiridor (filósofo grego).

1.21 *Pregação* (gr *kerugma*). A mensagem e sua proclamação pública aos não convertidos. A salvação depende da revelação, não da razão somente. *Crêem*. No gr é presente contínuo, i.e., fé habitual.

1.22,23 *Os judeus* esperavam um Messias com poderes sobrenaturais (Jo 7.31), não alguém que seria amaldiçoado por Deus (Gl 3.13). *Os gregos* escarneciam de uma divindade que não tinha nem a sabedoria, nem o poder para se salvar de tal morte.

1.24,25 Sem a loucura e a fraqueza da crucificação, não poderia ter havido a sabedoria e o poder da ressurreição e os inumeráveis benefícios oriundos dessa.

1.26,27 *Vocação* (gr *klesis*). Cf. 1.2, 9. *Não muitos*. Portanto alguns.

1.28 *Coisas*. Enfatiza a insignificância das pessoas. Os pobres não são necessariamente mais receptivos ao evangelho. Há mais pobres e Deus os chama para frustrar o orgulho humano. *Aquelas que não são*. A atividade de Deus é criadora; opera milagres (cf. Rm

4.17; Hb 11.1).

1.29-31 *Vanglorie*. Confiar ou orgulhar-se em algo para honra e bem-aventurança própria (3.21; Gl 6.14). • **N. Hom.** Cristo, Maravilhoso Senhor. 1) Ele é nossa *sabedoria* (Jo 1.18; 14.6); 2) Ele é nossa *justiça* (2 Co 5.21; Fp 3.9); 3) Ele é nossa *santificação* (Rm 6.22; 2 Co 3.18); 4) Ele é nossa *redenção* (Hb 9.12; Rm 8.23; Ef 4.30), nossa salvação passada, presente e futura.

2.1,2 *Testemunho* (gr *marturion*). Pregadores não devem ser oradores, mas testemunhas. *Cristo.. crucificado*. Um paradoxo, um resumo da mensagem cristã (15.3, 4) cuja exposição é o NT todo.

2.4,5 *Palavra* (gr *logos*). A mensagem (1.18). *Linguagem persuasiva*. Argumentos racionais, oratória, pressão psicológica, emocionalismo, etc. Convicção baseada apenas em argumentos racionais fica à mercê de melhores argumentos. Mas são necessários para captar o ouvido do não crente (cf. At 17.2, 17; 18.28; 1 Pe 3.15s).

2.6 *Experimentados* (gr *teleiois*), "perfeitos". São os espiritualmente maduros 13: 1). *Poderosos*. Não são demônios mas autoridades romanas e judaicas (cf. 2.8; At 3.17; Mc 1.24, 34).

2.7,8 *Mistério*. Uma verdade antes oculta, agora revelada por Deus, e aceita somente pela fé. *Glória*. A divina excelência e suprema autoridade de Cristo (Sl 29.1ss). Ele morreu para *nossa glória*, transformação física, perfeição moral e participação do Seu futuro como co-herdeiros (Rm 8.17-30).

2.9-11 *Como está escrito..* Refere-se a certas frases de Is 64.4; 65.17; 52;15. *Coração*. A vida interior, especialmente a mente. Amor é mais do que uma emoção (Jo 14.21). *O que Deus tem preparado..* A revelação se refere às realidades do evangelho todo. O Espírito conhece a Deus por dentro como o espírito do homem conhece a si mesmo.

2.12 *Espírito do mundo*. A razão humana que rege no mundo.

2.13 *Espírito*. Ele ajudou os escritores a acharem as palavras certas para transmitir os conceitos espirituais.

2.14-16 *Natural* (gr *psuchikos*), "da alma", não regenerado. Entende as palavras, mas rejeita os conceitos. O Espírito em nós fornece uma nova capacidade de discernimento (gr *anakrinetai*). *Espiritual* (gr *pneumatikos*). É aquele que vive guiado pelo Espírito (Rm 8.9, 14). *Julga*. Avalia, peneira, examina com intenção de julgar os aspectos espirituais de *tudo*. O cristão terá a mente de Cristo, se ele deixar o Espírito revelar os pensamentos de Deus por meio das Escrituras.

3.1 *Carnais* (gr *sarkinois*). "Humanos". Porque eram nenês na fé.

3.2 *Leite*. É todo o desígnio de Deus (At 20.27; Hb 6.1) em forma simples. *Alimento sólido*. O mesmo desenvolvido e aprofundado. *Carnais* (gr *sarkikoi*). Cristãos controlados pela natureza humana decaída.

3.3 *Ciúmes* (gr *zelos*). Rivalidades e contendas são sempre um indício de carnalidade.

3.4,5 *Andais segundo..* Agindo meramente como homens, *Quem.. ? Quem.. ?* O gr tem *Que.. ? Que.. ?* salientando as funções, não as pessoas. *Servos* (gr *diakonoi*) de nível humilde, que em si mesmos não têm nem mensagem nem poder.

3.8 As funções são de importância igual e complementares. *Galardão*. É o "salário" que não depende do êxito mas do trabalho;

3.9 *Lavoura*. É o campo que Deus está lavrando (Jo 15.1). *De Deus*. Três vezes em posição enfática no grego.

3.10,11 Paulo era o "mestre construtor" (gr *architektōn*), capacitado pela graça (Rm 12.3) do Arquiteto que lhe deu o projeto.

3.12 *Ouro, prata, pedras preciosas* (ou mármore) foram usados na construção de templos; outros materiais, em casas humildes.

3.13 *O Dia..* (do juízo). *Está sendo revelado pelo fogo*. O verbo indica absoluta certeza. Na perseguição e julgamento avalia-se o trabalho.

3.14,15 *Galardão*. "Salário" (cf. Ap 22.12; Lc 19.16-19).

3.16 Santuário (gr *naos*). Um somente, no qual existia o lugar santíssimo. Os templos pagãos tinham seus deuses; o templo de Jerusalém tinha um símbolo da presença divina, mas o Espírito de Deus habita no Templo que é a Igreja Universal que se manifesta na igreja local.

3.17 A penalidade para a profanação do templo era a exclusão (Nm 19.20) ou a morte (Lv 15.31). Aqui não se trata de mão de obra inferior mas da destruição da comunhão, a realidade mais preciosa da igreja.

3.18-20 No grego, "dentre em vós, neste século". Contraste forte do cristão na igreja e no mundo. Todos são responsáveis por suas idéias.

3.22 Todos os ministros pertencem à Igreja toda para servi-la. *O mundo* (gr *kosmos*). O universo físico, incluindo todo o verdadeiro conhecimento secular. *A vida*, presente. *A morte*. Cf. 15.54-57.

3.23 *Cristo* é igual a Deus, mas, como homem, sujeita-se ao Pai.

4.1 Ministros (gr *huperetas*). Um subordinado. *Despenseiros* (gr *oikonomos*). Em relação aos escravos, um supervisor; em relação ao Senhor, um servo; em relação aos bens, um mordomo ou administrador. Os bens são os mistérios (a Palavra) de Deus.

4.3,4 Julgado (gr *anakrinō*). Exame crítico preliminar ao julgamento. Veja 2.14ss. *Tribunal humano* (no gr "dia humano"). Usado em contraste com a divino, 3.13; 2 Pe 3.10ss. *Justificado*, não em relação à salvação (Rm 5.1) mas ao trabalho.

4.5 Designios. Cf. Rm 2.16; Hb 4.12, 13. *Louvor*. Cf. 15.58; Hb 6.10.

4.6 Estas coisas. Especialmente de 3.5 até aqui. Paulo usou figuras para não mencionar os nomes dos líderes culpados. Apolo e Paulo não eram rivais (3.6; 8.10; 16.12) mas seus seguidores eram. *Está escrito*. Especialmente citações de Jr 9.24; Is 5.21; Sl 94.11. *Ensoberbeça*. No gr "ser inchado como foles" (cf. 4.18, 19; 5.2; 8.1; 13.4).

4.7 Tudo o que tinham foi concedido por Deus. Nada era inerente.

4.8 Fartos.. ricos.. reinar (Ap 3.17). Embora novos na fé, se orgulharam, achando que já haviam alcançado um grau de espiritualidade maior do que seus mestres *Sem nós*, i.e., deixados para trás. *Tomara*. É ironia.

4.9 Pôs. Exibiu, *em último lugar*, i.e., na procissão, o lugar dos condenados. A figura trata de gladiadores lutando com feras na arena romana, sendo observados por multidões de testemunhas humanas e celestiais (15.32; Ef 3.10; Hb 10.33; 12.1).

4.11 Até à presente. Paulo escreve, de Éfeso (cf. 15.32, 16.8, 9).

4.12,13 Os gregos desprezavam o trabalho manual (1 Ts 2.9; 2 Ts 3.8ss). *Injuriados*, com palavras; *perseguidos*, com atos.

4.14-16 Admoestar. Criticar em amor. É o dever do pai (Ef 6.4). *Preceptores* (gr *paidagogos*) eram escravos que supervisionavam e acompanhavam os rapazes à escola (Gl 3.24). Paulo, pai espiritual único, usa seu direito de pedir aos filhos para imitá-lo s (11.1; 1 Ts 1.6).

4.17 Timóteo. Talvez já estivesse a caminho de Corinto (At 19.22; Rm 16.21). *Meus caminhos*. Conteúdo da fé cristã e seu método de vivê-lo (11.2; 2 Ts 2.15).

4.20 Reino de Deus. O reino ou área de controle imediato de Cristo (Cl 1.13). Cf. Lc 17.21; Rm 14.17-18, Sua consumação é futura.

4.21 Vara. Em sentido figurativo. Seria a autoridade apostólica na disciplina (cf. 2 Co 10.8; 13.10).

5.1 Imoralidade (gr *porneia*) de qualquer tipo. *Possuir*, como esposa. A madrasta possivelmente era viúva ou divorciada. O incesto era contra a lei judaica (Lv 18.7, 8; Am 2.7) e romana.

5.3-5 Paulo pede aos membros executarem a sentença que ele pronunciara, não em segredo, mas em público, numa sagrada solenidade jurídica. *Entregue a Satanás..* (cf. 1 Tm 1.20). Era a exclusão da igreja com suas bênçãos, privilégios e proteção e devolução ao reino das trevas onde Satanás cruelmente reina (cf. Ef 2.12; Cl 1.13; 1 Jo 5.19). A sentença incluiria provavelmente sofrimento e doença física. A excomunhão tem a

esperança de produzir arrependimento. Não é punitiva, mas corretiva.

5.6,7 Fermento. Mal de qualquer tipo. Tem a tendência de se difundir em tudo. A metáfora provém da Páscoa Cf. Êx 12.14-20, 13.7; Lc 12.1). *Lançaí fora.* Tolerar o mal na igreja seria compartilhar na culpa do pecado (cf. Ap 2.14, 20). *Cordeiro pascal.* Cf. Êx 12.5; Jo 1.29, 36; Ap 5.12. Paulo escreve pouco antes da Páscoa (16.8). Temas pascais se encontram em 10.1ss e 15.20.

5.9,10 Carta. Uma anterior a 1 Coríntios que não temos.

5.10 Idólatras. Primeiro uso da palavra grega. Possivelmente é de origem paulina.

5.11 Não vos associeis (gr *sunanamignusthai*, v. 9 e 2 Ts 3.14). Os cristãos não devem envolver-se com crentes professos que vivem em pecado escandaloso para não diluir o Testemunho coletivo (cf. Ef 5.3-11; 2 Jo 10s; 2 Co 6.17s). Devem associar-se com incrédulos (Jo 17.15; 1 Co 10.27; Mt 5.14s). *Não comais*, em casa ou outro lugar para que todos possam saber que o pecador está afastado da comunhão (2 Ts 3.14s). *Avarento.* Quem sacrifica o dever (de família, saúde, Deus) para obter lucro. *Maldizente.* Usa linguagem abusiva, mexericada.

6.1 Outro. Trata-se de outro cristão. *Aventura-se.* Insulta a dignidade cristã. Os rabinos judeus não permitiam que os problemas fossem resolvidos por tribunais gentios. *Injustos.. santos.* Não se refere ao caráter moral, mas à posição perante Deus.

6.2,3 Julgar. Tem o sentido de governar com Cristo (Ap:5.10; 2 Tm 2.12). *Anjos.* Cf. Sl 8.6- Hb 2.5-9.

6.4 Os descrentes julgariam com normas mundanas (2.14-16n).

6.5-8 Achavam-se sábios, Cf. 4.10. O procedimento certo. Mt 18.15-20.

6.9,10 Herdarão. Idéia de fundo judaico (cf. Mt 5.1ss; Rm 4.13). *Impuros.* Quem comete pecados sexuais. *Idólatras.* No templo de Afrodite em Corinto, a prostituição fazia parte do culto. *Adúlteros.* Os que violam a santidade do casamento. *Efeminados e sodomitas.* Homossexuais (Gl 5.19-21).

• **N. Hom. 6.11** Uma nova posição requer uma nova conduta Os crentes são 1) lavados (Tt 3.5; Ap 1.5); 2) santificados (1.2; 1 Pe 1.2); 3) justificados (Rm 5.1). São três aspectos de uma só experiência.

6.12 Talvez uma citação de Paulo usada em Corinto para desculpar a conduta errada. Um direito torna-se pecado se prejudica o próximo ou a nós mesmos.

6.14,15 O corpo é destinado a ser transformado (15.42; Rm 8.11).

6.16,17 *Se une* (gr *kollōmenos* "união física"; cf. Mt 19.5; Mc 10.8, Ef 5.31). Significa ligação leal e permanente.

6.18 *Fugi* (imperativo). "Tenham o costume de fugir sempre" (Gn 39.12; 2 Tm 2.22; 1 Ts 4.3). A imoralidade destrói o templo de Deus (cf. 3.17).

6.19 *O Espírito*, sendo santo, não pode morar em santuário (*naos*) poluído *Vosso... vós.* Deus comprou o crente individualmente e a Igreja toda (Corpo de Cristo) para Sua habitação pelo Espírito. Não temos o direito de agir como queremos; mas o dever de agir para Sua glória.

6.20 *Glorificai* (enfático), como Jesus o fez. Jesus viveu Sua vida toda em submissão total ao Espírito (cf. Jo 15.8; 17.4).

7.1 *Me escrevesseis.* Palavras semelhantes em 7.25; 8.1; 12.1; 16.1, 12 se referem a perguntas feitas pelos coríntios. *Não toque.* É o ato sexual (cf. Gn 20.6; Pv 6.29). Em 1 Co 7.1b Paulo cita os coríntios. Concorda parcialmente com eles.

7.2 Os capítulos 5 e 6 advertem contra a libertinagem pagã; o cap. 7 contra o ascetismo.

7.3 *Lhe é devido.* Amor sexual é uma dívida mútua, não um favor. A idéia que a abstenção é mais santa veio do paganismo (1 Pe 3.7; Hb 13.4).

7.4 *Poder*, i.e., autoridade. Cada cônjuge pertence um ao outro.

7.5 *Priveis.* Defraudeis. Abstenção temporária, com consentimento mútuo e para uma finalidade boa, está certo. Assemelha-se ao jejum (cf. Ec 3.5; Jl 2.16).

7.6,7 *Isto.* 7.2-5. Geralmente o homem deve casar-se. Paulo prefere o celibato por boas

razões (29, 32, 35) e porque tem um *dom* (gr *charisma*) de Deus. O casamento exige dons também (Mt 19.10-12).

7.8,9 *Solteiros e viúvos* (gr *viúvas*). São destacados por sua situação social difícil. O Sinédrio judaico só admitia casados. Se Paulo era membro (At 26.10), é possível que fosse viúvo. O ideal: ficar livre para melhor servir a Deus (32).

7.10,11 *Casados*, sendo ambos convertidos. Ordeno. Termo militar. *O Senhor* (Mt 5.31; Mc 10.11s; Lc 16.18). *Não se separe*. Não se divorcie. Paulo distingue entre os mandamentos expressos de Cristo e suas próprias instruções de igual valor, inspirados pelo Espírito (40).

7.14 *Santificado*. Não no sentido ético ou espiritual, mas o que resulta da conversão. O membro incrédulo recebe influência direta do Espírito Santo pela relação com o crente (cf. 1 Pe 3.1ss). Os filhos pertencem à comunidade cristã. É como em Israel, onde todos gozavam de certas bênçãos de Deus, apesar de muitos não estarem salvos (10.1-5).

7.15,16 O principio é conservar o casamento se for possível. Se o cônjuge não crente deixar o outro em reação contra o evangelho, o crente não tem culpa (cf. Lc 12.51ss; 14.26; 21.16).

7.17 O recém convertido geralmente não deve mudar de local ou profissão. O *tem chamado*, quer dizer, à conversão (18, 20, 21, 24; 1.2).

7.18,19 O que importa na vida é a obediência porque comprova a existência de amor e fé. A fé não anula a obediência: ela a confirma.

7.20,21 O evangelho pode ser vivido em quaisquer circunstâncias.

7.24 A chamada interior inclui as circunstâncias exteriores nas quais foi ouvida. *Diante de Deus*, i.e., em comunhão com Deus.

7.26 *Angustiosa situação presente*. Paulo estava escrevendo de Éfeso onde a perseguição já era forte. Ele previa que logo atingiria a igreja toda como se nota no livro do Apocalipse, em 95 d.C.

7.27,28 Crianças na família aumentariam os sofrimentos e impediriam atender perfeitamente a urgência da evangelização antes que as portas se fechassem (cf. Mt 24.19, 20).

7.29 *O tempo se abrevia*. Vinda de Cristo. Nada tem importância em comparação com a necessidade de espalhar as boas novas (30).

7.31 Devemos ligar pouco para as coisas do Mundo temporário.

7.32-35 *Coisas do mundo*. Preocupações legítimas. *Santo*. Não no sentido ético, mas por ser mais disponível para Deus (Lc 10.39ss).

7.36-38 *Filha* (gr "*virgem*"). Algumas sugestões: "Filha" - não é provável, porque se o guardião não resolvesse seu caso antes de ser maior de idade, ela podia resolvê-lo. "Solteira" - não deve ser porque seu caso se resolvera em v. 8ss. "Casamento espiritual", sem relações sexuais. A idéia foi condenada no v. 5. Interpretação mais provável um ano após o noivado oficial, o noivo teria a obrigação de sustentar a noiva. Romper a noivado exigia divórcio, o que era repugnante. O noivo recém convertido podia casar-se se a situação exigisse, ou sustentar a noiva sem se casar.

7.39 *Falecer* (gr dormir, At 7.60). *No Senhor*. Com um cristão. Os costumes de um lar pagão tornariam difícil a vida cristã.

7.40 *Permanecer viúva*. Cf. 7.26, 28, 34; 1 Tm 5.3-1]6. Paulo, neste v., não duvida da sua autoridade mas ironicamente combate os líderes que negaram sua autoridade em Corinto (cf. 1.1, 7; 9.1s; 12.25).

8.1-3 Veja 7 .1. A idolatria permeava cada parte da vida greco-romana (At 17.16). *Amor* (gr *agape*). Sem o amor o conhecimento é anti-social, (cf. 1 Co 13). *Conhecido*. Sentir Seu amor e bênção.

8.4,5 Normalmente a carne era oferecida aos ídolos (como sacrifício) antes de ser vendida (cf. At 15.29; 21.25). Alguns crentes recusaram toda carne; outros não se importavam em comer carne apresentada aos ídolos sendo que não eram nada (cf.

10.20). *Deuses... senhores*. A mesma coisa (cf. Ef 6.12).

8.7 *Consciência... fraca*. Era demasiadamente escrupulosa. *Contaminar-se*. Sentir culpa. Alguns se acham fortes, quando têm apenas consciência insensível. Uma consciência não bem instruída pode condenar o que não está errado e deixar de condenar o que devia. Apesar disso, deve ser respeitada (Rm 14.22).

8.9 *Liberdade* (gr *exousia* "autoridade", "direito"). Cf. Rm 14.17s. O que pode prejudicar um irmão não é direito (Rm 14.13-21).

8.10 *Dotado de saber*. Na opinião própria e do irmão fraco. *Induzido* (lit. edificada). Usada ironicamente (cf. 8.1).

8.13 *Se... escândalo*. O princípio é condicional face a outros crentes que seriam levados a tropeçar na sua fé cristã e pecar. *Nunca*. Negativo duplo, enfático (cf. Mt 18.6-9).

9.1,2 *Livre*. Não teria Paulo liberdade de servir como apóstolo? Dois fatos confirmaram o apostolado de Paulo: 1) viu pessoalmente o Senhor e foi comissionado por Ele (15.5ss; At 1.21s; 2.32; 9.17, 27). 2) Os muitos convertidos (2 Co 3.1ss; 12.11s; Rm 15.18s). *Selo*. Impressão em cera ou argila que autenticava o artigo.

9.3,4 *Defesa* (gr *apologia*). Resposta legal contra uma acusação. *Comer e beber*. Seria o seu sustento.

9.5 Por que não teria direito a sustento esposa? *Demais*. A maioria era casada. *Irmãos*. Tiago e Judas eram filhos de Maria e José. *Cefas*. Pedro, que era casado (Mt 8.18).

9.6 *Barnabé*. At 4.36. *Trabalhar*. At 18.3. Enquanto os pagãos desprezavam o trabalho manual, os judeus ensinavam a cada filho pelo menos uma profissão manual. Paulo a todo custo queria evitar a sugestão que ele pregava o evangelho por interesses financeiros,

• **N. Hom.** **9.7** Figuras do Obreiro. 1) Soldado (cf. 2 Tm 2.3, 4; 4.7). Lavrador (3.6, 9). 3) Construtor (3.10-15). Pastor (Jo 21.15ss).

9.8,9 *Lei*. O pentateuco (Dt 25.4; 1 Tm 5.17s). Se Deus se preocupa com os animais, quanto mais com Seus obreiros na Sua seara.

9.11 Os benefícios espirituais não se podem comparar com os materiais. Cf. Rm 15.27.

9.13,14 *Se alimentam*. Os sacerdotes: Dt 18.1ss; Lv 7.6, 8ss; 14.28ss. Os doze: Mt 10.4-11. Os setenta: Lc 10.49. Geralmente os ministros da igreja primitiva recebiam sustento integral. Mas Paulo sustentava-se através de trabalho manual para demonstrar sua integridade e evitar qualquer conceito negativo de novos convertidos.

9.16 *Ai de mim*. Atrás de toda pregação autêntica, há uma compulsão divina (cf. Rm 1.14; At 20.26; Ez 33.7ss).

9.17,18 Evangelizar é obrigação de todos, querendo ou não.

9.19 *Livre de todos*. Da lei (9.20; Rm 6.14; 10.4); da responsabilidade de um lar (7.6, 32); da sociedade (7.23; At 22.25ss); da tirania dos desejos carnis (9.25ss). Aqui se trata de quaisquer relações comprometedoras com contribuintes (cf. Rm 13.8).

9.20 Paulo nunca cedeu princípios ou doutrinas (Gl 2.5) mas pontos ou práticas indiferentes (At 16.3; 21.26).

9.21 Adaptar-se é imprescindível para a comunicação do evangelho. Ser "diferente" interiormente atrai o descrente (Rm 12.2), mas ser esquisito exteriormente o repele. *Lei de Cristo*. O amor (2 Co 5.14).

9.22 *Fracos*. São os cristãos exageradamente escrupulosos (8.9).

9.24,25 Não basta começar a vida cristã: o que importa é prosseguir até ao fim (10.1-12; 2 Tm 2.5; 4.7s). *Se domina*. Melhor, esforça-se até ao máximo. *Coroa corruptível*. Feita de folhas com que coroavam os heróis nos jogos de Corinto realizados cada três anos.

9.27 *Corpo*. Quer dizer a pessoa toda. *Desqualificado*, da salvação.

10.1 *Nossos pais*. São os ancestrais israelitas. Experimentaram a direção (*nuvem*, Êx 14.19s) e a redenção (*mar*, Êx 14.21ss) sobrenaturais.

10.2 *Todos*. Quatro vezes para contrastar com "a maioria deles" (5). Nem o batismo nem a ceia garantem a salvação daqueles que participam dessas ordenanças. A atuação

sobrenatural de Deus não assegurou que os israelitas chegassem à Terra Prometida.

10.4 Pedra. Uma lenda judaica fala de uma pedra que seguia os israelitas. Paulo afirma que era Cristo preexistente que os acompanhava (Dt 32.4, 15).

10.5 Da maioria. Todos, menos Josué e Calebe (Nm 14.29s). *Prostrados.* Cf. Hb 3.17. Pode ser desaconselhável conformar-se com a maioria.

10.6 Cobiceiros. Desejar com insistência. Israel queria carne (Nm 11.4, 34; Sl 78.27ss) o que era desejado pelos coríntios (cf. cap. 8).

10.7 Cf. Êx 32.4-6, 19. Os coríntios raciocinavam (como os israelitas) que a participação em banquetes pagãos não era idolatria.

10.8 Nm 25.1-9, diz 24.000. Ambos os números são arredondados. O templo da deusa Vênus em Corinto comportava 1.000 prostitutas.

10.9 Ponhamos... à prova. Desafiar (cf. Nm 1 4.22s; 21.5ss; Mt 4.7). O Senhor. Cristo é denominado Javé (Jeová) no AT.

10.10 Murmureis. Nm 14.2, 25, 36; 16.11, 41. Incredulidade e rebelião contra Deus. *Exterminador.* Cf. Êx 12.23; 2 Sm 24.16.

10.11 Exemplos. Rm 15.4. *Fins.* A época do evangelho (cf. Hb 1.1).

10.12 Não caia. Significa "desqualificado" (9.27). Viver fora da comunhão com Deus e contar com a segurança eterna é tolice.

10.13 Tentação. Põe nossa fé e lealdade à prova. Deus é nosso protetor (cf. 1.9; 1 Ts 5.24; Lm 3.23). *Livramento.* É concedido para cada tentação nas circunstâncias exatas (Mt 6.13; Tg 1.13ss; Hb 11.17). Deus não nos tenta para levar-nos a pecar, mas fortifica-nos pelas provas.

10.16 O cálice de bênção (cf. 11.17ss). Era o terceiro cálice na antiga festa judaica da Páscoa. É provável que Jesus instituiu a Ceia com esse cálice. Agradecendo a Deus por coisas comuns, elas se consagram (Mt 26.26; Mc 14.22). *Comunhão do...* (gr *koinonia*). Significa participação. A Ceia deve ser um encontro muito especial com o Senhor.

10.17 A Ceia surge da unidade e produz unidade. Elimina quaisquer distinções sociais, nacionais ou denominacionais. A comunhão vertical não existe sem a comunhão horizontal (1 Jo 1.5, 7).

10.18 Israel segundo a carne. Judeus não convertidos (cf. Gl 6.16).

10.19,20 O ídolo não é nada e o sacrifício não altera a carne. Mas a idolatria significa entrar em comunhão com os *demônios* (Dt 32.17).

10.21 Veja 2 Co 6.14-18; Mt 6.24. *Mesa do Senhor.* Só Ele é o Anfitrião e nós os convidados (cf. Mt 1.7, 12; Lc 22.30).

10.22 Zelos. Amor ferido é a mais forte entre as paixões humanas.

10.23 As práticas moralmente indiferentes têm de ser testadas por seus efeitos em nós (10.12; 6.12), nos outros (10.28-33) e na glória de Deus (10.31). *Edificam.* Cf. Rm 14.19; 15.2; 1 Co 3.9-17.

10.25,26. No mercado, a carne perderia seu caráter sagrado. Tudo pertence ao Criador (Jo 1.1ss; Sl 24.1; Rm 14.14ss).

10.27-29 Associar-se com incrédulos é necessário para evangelizar. *Advertiu*, como segredo. Comer seria interpretado como idolatria.

10.30,31 O agradecimento consagra (1 Tm 4.4s; Rm 14.6; Ef 5.20). Tudo o que se faz glorifica ou profana o nome de Deus (6.20; Cl 3.17, 23).

11.1 Pertence a 10.23-33. Quem imita a Cristo deve ser imitado.

11.2 As tradições (gr *paradoses*). A instrução cristã fundamental transmitida oralmente ou por escrito (2 Ts 2.15; 3.6; 1 Co 15.3).

11.3 O cabeça, i.e., autoridade. *Todo.* Homens cristãos em particular (Cl 1.18). *Mulher.* Refere-se às casadas. *Cristo.* Cf. 15.24-28.

11.4-6 Rapada. Como mulheres adúlteras.

11.7-9 O homem é o auge da criação de Deus (Gn 1.26s). Ele manifesta a glória de Deus.

11.10 Do anjos. Eles observam e auxiliamos cristãos (Hb 1.14). *Véu* (gr *exousia*,

"autoridade"). Com o véu a esposa protegia sua própria dignidade e mostrava submissão ao marido. Os bons anjos aceitam sua subordinação (Is 6.2; 2 Pe 2.4; Jd 6).

11.11 No reino de Deus, homem e mulher são iguais; na natureza, são interdependentes, na sociedade, igreja e família, a mulher se submete.

11.13-15 No primeiro século os homens usavam cabelo mais curto do que o das mulheres.

11.16 *Tal costume*. Refere-se ao fato da mulher estar profetizando ou orando no culto sem véu. Pauto apela para princípios. Usar ou não o véu depende do que significa para a época ou sociedade atual.

11.18 *Na igreja*, ou "como igreja". *Ekklesia* nunca se refere no NT a um edifício. *Divisões*. Cf 1.10.

11.19 *Partidos* (gr *haireseis*). Grupos (cf. Gl 5.20s). *Aprovados* (gr *dokimos*). *Eram* os convertidos. É o contrário do *adokimos* em 9.27; 10.12; 2 Co 13.5.

11.20 *Vos reunis...* para adoração. Não havia templos (At 1.15; 2.1, 44; 3.1; Gl 2.12). *A ceia*. Era a refeição principal da noite, seguida pela *eucharistia*. Deixava de ser *do Senhor*, se deturpada.

11.22 *Menosprezais a igreja*, i.e., sua unidade, seus valores, normas, propósitos, e sua relação com Cristo como Cabeça.

11.23,24 Esta carta foi escrita antes dos evangelhos. É, portanto, o primeiro relato da Ceia do Senhor e a mais antiga citação de Jesus. *Recebi do Senhor*. É uma citação de Jesus (Mt 26.26ss). Contraste a solene tristeza da primeira Ceia com a dos coríntios. *Dado graças* (gr *eucharistesas*). *Meu corpo*. Se for literal, também o devem ser Jo 8.12; 10.7; 15.1; 1 Co 10.4 *Dado por vós*. Morte vicária. *Fazei isto*, i.e., continuamente. *Em memória*. Feito em comemoração não como sacrifício (Hb 9.27s). *De mim*. O culto é cristocêntrico.

11.25 Não afirma: "é meu sangue" ("que ainda não se derramara"; mas sim que é "a nova aliança" (gr *diatheke*) (Jr 31.31-34) ratificada no sangue.

11.26 *Anunciais* (gr *katangelo*). Proclamais um sermão dramatizado em palavra e símbolo como era a Páscoa (cf. Êx 13.3-10).

11.27 *Por isso*. Quer dizer que é uma ordenança sagrada, instituída pelo Senhor mesmo. *Cálice do Senhor*. Oferecido por Ele.

11.28 *Examine-se* (gr *dokimazeto*). Testar como a metais. Um rigoroso auto-exame (19; 2 Co 13.5; Tg 5.16; 1 Jo 1.6s).

11.29,30 Quem não distingue (reverência) o corpo de Cristo (o pão ou a Igreja como Corpo) traz *juízo para si* (cf. 5.5; 1 Tm 1.20; At 5.1-11; Tg 5.13-20).

11.31 *Nos julgássemos* (gr *diakrino*). Julgamento habitual para descobrir como realmente vamos e somos.

11.32 Deus se encarrega de nos disciplinar para nossa santificação, sem a qual não há salvação eterna (Rm 6.22; Hb 12.14). *Mundo*. No sentido moral, alienado de Deus.

12.1 Os capítulos 12-14 constituem um só argumento. Veja nota em 7.1. *Dons* (gr *pneumatikon*) pessoas ou poderes espirituais dados pelo Espírito.

12.2 *Gentios*. Pagãos. Ídolos mudos que inspiração poderiam dar?

12.3 *Anátema*. Quer dizer "maldito" (16.22; Gl 1.8, 9). Que Jesus é o Senhor é convicção só daqueles que têm o Espírito.

12.4-6 *Dons* (gr *charismatōn*). São as capacidades miraculosas que o Espírito dá aos Filhos de Deus (cf. Rm 12.3-8; 1 Pe 4.10ss). Há diversos dons para diversos serviços. Toda a Trindade está envolvida no exercício dos dons concedidos para o benefício da Igreja.

12.7 *Cada um*. Todo cristão tem pelo menos um dom (1 Pe 4.10) concedido contínua e gratuitamente. Sua manifestação, entretanto, é ocasional.

12.8 *Palavra* (gr *logos*). É a capacidade de comunicar. *Sabedoria*. Análise penetrante daquilo já revelado. *Conhecimento*. Pode ser nova revelação (cf. apóstolos e profetas em

Ef 2.20; 4.11).

12.9 Fé. Em grau superior (cf. 13.2; Mt 17.19ss), vinda do Espírito. *Dons de curar* (plural). São para diversos tipos de doenças. Apontam para a futura redenção do corpo (Fp 3.20s).

12.10 Profecia. Transmissão imediata de instrução ou conforto inspirados por Deus (14.3-6). *Discernimento* (cf. 2.15). As manifestações sobrenaturais podem vir de Deus, de demônios ou da própria pessoa (1 Jo 4.1-3). *Línguas* (gr *glōssōn*). Estáticas, às vezes misturadas com línguas conhecidas. Geralmente precisam do dom de interpretação para interpretá-las (cf. cap. 14).

12.11 A fonte dos dons é o Espírito concedido para a edificação do Corpo de Cristo. Portanto, não deve haver rivalidades.

12.12,13 A Igreja e Cristo funcionam como um só organismo, Todos os cristãos são batizados no Espírito que os forma num corpo. *Beber* (cf. a Ceia 10.16s). O Espírito está em nós (Jo 4.10).

12.14-20 A diversidade no Corpo não surge por acaso; é planejada por Deus e essencial. Por isso, não deve existir inveja, vangloria, timidez, preguiça ou ambição.

12.21 Os membros bem dotados não podem funcionar no Corpo sem o apoio e serviço dos menos dotados.

12.22 Fracos. Doentes são melhores que mortos. Devem ser cobertos (como roupa no corpo) com amor, apoio e oração (Gl 6.1, 2 Tg 5.13-16).

12.24,25 Coordenou. Harmonizou, como a música ou as cores de um quadro, sem discordâncias ou divisões. *Igual cuidado.* Porque são membros do Corpo, não porque são simpáticos.

12.27 Vós. Enfático, apesar dos defeitos, A igreja local é um microcosmo da Igreja universal.

12.28 Estabeleceu. Os ministérios e os dons são dois fados da mesma moeda. Quem tem uma chamada para um serviço recebe os dons necessários. *Apóstolos.* Os Doze e talvez uns poucos outros pessoalmente comissionados por Cristo. Receberam autoridade especial para colocar o fundamento da Igreja (Ef 2.20; Jd 3). Em sentido mais amplo, apóstolo pode significar "missionário". *Profetas.* Trouxeram mensagens de significação mais temporária. *Mestres.* Ensinavam aos cristãos as verdades já reveladas (Ef 4.11s) e sua aplicação prática. *Milagres* (10; At 5.12, etc.). *Socorros* aos necessitados (cf. Rm 12.8). *Governos.* Um dom de administrar, normalmente exercido pelos presbíteros (cf. At 15.6, 22; 1 Tm-3.5; 5.17). *Línguas.* Três vezes aparece por último nas listas por ser de menos valor para a igreja. A lista não está completa. Veja Rm 12.6ss; Ef 4.11ss.

12.31 Procurai com zelo (gr *zeloute*, mesma Palavra em 14.1). Indica dedicação ardente e cuidadosa, não para conseguir mas para usar e receber os benefícios. Os dons são dados em potencial; devem ser desenvolvidos,

13.1 Cap. 13 foi escrito porque Cristo Viveu a realidade do amor *agape*. Significa amor sacrificial. • **N. Hom.** O Amor Divino e Cristão. 1) Sua necessidade, vv. 1-3. 2) Suas características vv. 4-7. 3) Sua durabilidade, vv. 8-13. *Agape* era uma palavra nova (quase não aparece no mundo secular) para um conceito novo; aparece 116 vezes no NT.

13.3 Deus não aceita nem a generosidade nem o sofrimento que não são motivados pelo amor. Martírio egoísta não vale nada.

13.4,5 Paciente (passivo) e *benigno* (ativo). São dois aspectos da mesma qualidade. Sem insistir nos seus direitos, preocupa-se em ajudar os outros. A reação perante as ofensas mostra a presença do *agape* que resolve criativamente os conflitos.

13.6 O amor não se mostra indiferente para com as considerações morais.

13.7 O amor não é crédulo mas sempre confia na pessoa.

13.8,9 Os dons desaparecerão quando o conhecimento se tornar completo.

13.10 *O que é perfeito.* É a consumação do plano de Deus.

13.11 *Menino.* Veja a nota sobre 3.1.

13.12 Espelho. Feito de metal polido, refletia com pouca nitidez. *Face a face.* Estaremos

com Aquele que queremos ver na segunda vinda (1 Jo 3.2). *Conhecido*. Somos conhecidos por Deus completa e carinhosamente (cf. Mt 7.23).

13.13 O amor é a raiz que produz, a fé e a esperança.

14.1,2 Sem amor os dons não produzem benefícios reais.

14.3 *Edificando*. Cf. 8.1; At 20.32. Exortando (gr *paraklesin*). Animando e aconselhando como um advogado de defesa num processo (1 Jo 2.2).

14.4-7 *Revelação* (gr *apocalupsis*). Era uma mensagem direta de Deus.

14.10,11 Em Corinto, um porto importante, se escutavam muitas línguas estrangeiras. Seria tolice criar tais barreiras na igreja meramente para ostentação.

14.12 Edificar a igreja é a única motivação legítima para exercer os dons (gr *pneumatōn*, "sois zelosos por espíritos", cf. v. 32)

14.13 Maior valor está na compreensão do que no falar.

14.14,15 *Orar* (gr *proseuchomai*, inclui louvor e agradecimento) em línguas exclui a razão. A adoração cristã deve ser mais do que um mero exercício intelectual ou emocional. *Cantarei*. A espontânea improvisação de um cântico sob êxtase espiritual só teria valor se outros pudessem aproveitar a mensagem (Ef 5.19; Cl 3.16).

14.16,17 Os ouvintes podiam indicar com o "amém" (assim seja) que queriam que a oração fosse considerada como deles também. Era costume proceder assim nas sinagogas (Dt 27.15; e 8.6).

14.18,19 Notemos que Paulo recusava empregar o dom de línguas na igreja por ser incompreensível. *Amadurecidos*. Cf. 2.6n.

14.22 *Um sinal*. Sinal de condenação de judeus incrédulos que soberbamente achavam que eram o único povo de Deus. *A profecia* era imprescindível para os cristãos que ainda não tinham o NT.

14.25-25 As línguas não serviam para evangelização (a pregação de Pedro em At 2 era em aramaico). Nem os *indoutos* (os gentios simpatizantes) nem os incrédulos (judeus céticos) receberiam a mensagem da salvação por esse meio (1.23). *No caso de*. Os cultos eram para adoração. Os crentes evangelizavam individualmente nas circunstâncias da vida diária.

14.26 Temos aqui uma visão parcial de uma reunião da igreja primitiva (cf. v. 23; 11.17-20). *Salmo*. Era de composição própria (como os de Davi), 14.15. *Doutrina*. Explicação de uma verdade já revelada. *Revelação*. É uma profecia, 14.6. *Língua e interpretação*. Tudo feito para edificação.

14.27,28 Apresentam as regras para o emprego do dom de línguas.

14.29-33 As regras para o controle da profecia (12.28n). Os profetas não eram infalíveis; portanto, devem ser julgados (37; At 20.30; 1 Ts 5.20s) pelo dom de discernimento (12.10). Funcionando como um só corpo, havia instrução, correção e consolação mútuas e tudo realizado ordeiramente.

14.34,35 Muitos dos abusos na igreja se devem as mulheres, geralmente mais dominadas por experiências psíquicas. Parece que podiam orar e profetizar (11.5; At 2.17; 21.9) mas não ensinar ou discutir.

14.36 Estas são palavras de ironia. A igreja de Corinto seguia suas próprias práticas. Nenhuma igreja pode viver independentemente das outras porque faz parte do Corpo de Cristo universal.

14.37,38 Usavam suas experiências estáticas como pretexto para fugir da autoridade do apóstolo Paulo (2 Co 1 3.3). Em todos os tempos a autenticidade de qualquer mensagem se comprova pela sua submissão à autoridade dos escritos apostólicos do NT.

14.40 As reuniões de adoração devem ser reverentes, ordeiras, cheias de harmonia e poucas inovações.

15.1,2 *Anunciei* (lit. "evangelizei"). *Perseverais*. Aceitar a Cristo é apenas o primeiro passo de uma vida inteira de comunhão.

15.3,4 Paulo apresenta uma antiga formulação que resume os fatos do evangelho.

Recebi, dos outros apóstolos. A crucificação e ressurreição são os fatos centrais. As *Escrituras* comprovam que Jesus é o Messias predito no AT (Lc 24.25-27). *Sepultado*. O túmulo vazio confirma a ressurreição corporal.

15.5-7 As aparições comprovam a ressurreição. Não pretende ser uma lista completa. *Cefas*. Pedro, em aramaico (Jo 1.42). Cf. Lc 24.34. *Aos doze*. São os apóstolos (Lc 24.36ss). *Quinhentos*. Possivelmente se manifestou a eles na Galiléia (cf. Mt 28.16ss) ou em Jerusalém. *Dormem*. A morte, assim denominada na literatura grega e hebraica, ganhou novo significado na ressurreição de Cristo. *Tiago*. Provavelmente o irmão de Jesus, antes descrente (Jo 7.5; Gl 1.18). *Todos os apóstolos*. Cf. At 1.4ss.

15.8,9 A manifestação a Paulo foi a última a ser registrada por ser um ou dois anos após a ascensão. Paulo era um apóstolo autêntico porque viu o Senhor pessoalmente e foi comissionado por Ele (At 22.14s).

15.10 A *graça* de Deus transforma o indigno (2 Co 11.5).

15.12,13 Em geral, os gregos consideravam toda a matéria inerentemente má, por isso rejeitavam a ressurreição. Os judeus acreditavam que cada átomo do corpo sepultado ressuscitaria literalmente. Paulo corrige os dois erros neste capítulo. **15.14-18** Negar a ressurreição de Cristo seria tornar o cristianismo em ilusão. Não haveria perdão dos pecados Rm 4.25).

15.19 A ressurreição é o cerne da esperança do cristão (1 Pe 1.3s).

15.20 *Mas de fato*. São invertidas todas as suposições anteriores. *As primícias*. Cf. Lv 23.10ss. A ressurreição de Cristo garante a vida eterna para todos os Seus. As primícias asseguram a ceifa.

15.21,22 Não se apresenta a doutrina da salvação universal. *Em Adão*. São os que compartilham da sua natureza caída. Todos os que estão *em Cristo* compartilham da Sua natureza e serão *vivificados* (2 Pe 1.4).

15.23 *Vindo* (gr *parousia*). Usada para uma visita real. Chegou a ter no NT sentido técnico que denota a volta de Cristo.

15.24 O reino de Cristo começou quando Ele foi glorificado (At 2.32; Ef 1.19-23). Através da Igreja, consolida a vitória já ganha (Cl 2.15) vencendo as forças restantes que se opõem a Ele. *O fim*. Consumação da história. Cumprida a missão, Cristo entregará o Reino ao Pai.

15.26 *Morte* (gr *thanatos*). Será destruída com efeito retroativo, devolvendo a vida a todas as suas vítimas (Ap 20.12, 15).

15.29 Há umas 40 interpretações. Seria uma prática sem fundamento bíblico que Paulo aproveita para mostrar a incoerência dos seus oponentes em Corinto.

15.30,31 *Também nós*. Paulo não aceita nem pratica o batismo para os mortos (29). *Dia morro*. Cf. 2 Co 4.8ss; 11.23ss; Rm 8.36. *Glória*. Paulo ainda tem confiança nos coríntios.

15.32 *Feras*. Provavelmente, Paulo se refere metaforicamente a uma luta com homens enfurecidos (2 Co 1.8ss; cf. Sl 22.12-21). Os cidadãos romanos não eram forçados a lutar com animais. *Comamos...* Provérbio comum (Is 22.13). A vida sem a ressurreição perde o sentido.

15.33 *Conversações*. Melhor: associações, amizades. *Bons costumes*. Comportamento moral. O relaxamento moral resulta das deficiências doutrinárias.

15.34 *Vergonha*. Alguns na igreja de Corinto não tinham discernimento espiritual mas estavam em plena comunhão. Todos são culpados.

15.35-38 A botânica mostra que a dissolução e a continuidade não são incompatíveis (Jo 12.24). As partes visíveis da semente se decompõem, mas as submicroscópicas resultam em novo corpo.

15.39,40 *Carne* (gr *sarx*). A zoologia demonstra diversos tipos de corpos terrestres. *Corpos celestiais*. Há diversidade nos corpos destinados ao ambiente celestial (cf. diferentes tipos de anjos).

15.42 Paulo continua insistindo na ressurreição corporal. *Corrupção*. Sujeito a

decomposição como o cadáver que sem beleza ou forças se destina ao pó (43).

15.44 *Natural* (gr *psuchikon*). O corpo humano adaptado somente para a vida neste mundo. *Espiritual* (gr *pneumatikon*). Não quer dizer um corpo invisível (puro espírito), mas um corpo que corresponderá às necessidades da vida espiritual (2 Pe 3.10, 13).

15.45;46 *Alma vivente* (gr *psuchen-zōsan*). O corpo psicossomático que Adão recebeu herdado por toda a raça humana. *O último Adão*. Cristo tornou-se a fonte da vida espiritual através da Sua obra redentora (Hb 2.14s; 5.9). 1

15.50 *Carne e sangue*. É a natureza psicossomática do homem, que não é necessariamente pecaminosa (Hb 2.14). *Herdar*. É uma impossibilidade assim como o peixe não pode viver fora da água.

15.51,52 *Mistério*. Vd n em 2.7,8. *Num momento* (gr *atomos*). Unidade indivisível de tempo. *A trombeta*. Os judeus associavam a trombeta com festividades, triunfos e eventos escatológicos. *Última*. Marcará o fim da história e a vinda de Cristo (Mt 24.31).

15.53,54 *Se revista*. A natureza terrena é comparada com a roupa que precisa ser trocada (2 Co 5.2-4). *A palavra*. Is 25.8. À profecia, parcialmente entendida pelo profeta, significa o fim da morte (26).

15.55,56 É uma canção triunfante (Os 13.14). *O aguilhão* (gr *kentron*). É como o da abelha ou da serpente. Causa dor e dano. Para o cristão, a morte é como uma picada de um escorpião sem veneno (Ap 9.10). O aguilhão não é a morte mas o pecado não perdoado. *A lei*. Define o pecado e condena o transgressor.

16.1 *Quanto à...* Veja n em 7.1. *À coleta*. Cf. Rm 15.26; 2 Co 8.1ss e At 24.17. Era para suprir as necessidades dos *santos* (cristãos) em Jerusalém (Cf. Hb 10.32; At 11.27ss; 1 Ts 2.14ss e At 4.33ss) e para mostrar a solidariedade por parte das igrejas gentílicas para com a igreja judia que ainda receava aceitá-las na comunhão. *Galácia*. Deve ser o sul da província desse nome que Paulo evangelizou na primeira viagem missionária. *Ordenei*. Paulo fala com autoridade.

16.2 *No primeiro dia do semana*. Esta é a primeira menção do "dia do Senhor" (Ap 1.10), que era o domingo (At 20.7). *Cada um*. Mesmo os pobres deviam contribuir, em proporção ao que tinham ganhado durante a semana. As contribuições devem ter motivação espiritual e não obedecer a impulsos emocionais de vez em quando.

16.3,4 Paulo determinou não mexer no dinheiro arrecadado (2 Co 8.20s). Os mensageiros iriam com cartas de Paulo ou ele mesmo iria junto. Temos os nomes de alguns deles em At 20.3-6.

16.5 *Devo percorrer*. Paulo estava planejando uma visita missionária às igrejas de Macedônia que ficavam ao norte de Corinto.

16.6 *Encaminheis*. Significa prover as necessidades para a viagem. No inverno mediterrâneo (novembro a março), era impossível navegar (At 27.9-12). Em At 20.2, 16 se vê como os planos se realizaram.

16.7 *Ver-vos*. Paulo desejava passar mais tempo com os coríntios do que com qualquer outra igreja. *Se o Senhor*. Geralmente não revela o futuro mas nos dirige passo a passo.

16.8,9 *Éfeso*. Local de onde Paulo escreve, na província da Ásia, um pouco antes da Páscoa (5.7; 15.20; 10.1ss). Planejava passar o verão na Macedônia e o inverno em Corinto. *Pentecostes*. Sete semanas após a Páscoa. *Uma porta*. Era uma oportunidade concedida por Deus para servir. *Adversários*. Cf. At 19.11-41; 20.1. A superstição se concentrava em Éfeso.

16.11 *O despreze*. Alguns anos depois, Timóteo ainda era jovem. Nesta ocasião, era muito novo e talvez tímido (cf. 2 Tm 4.12). *Irmãos*. Erasto (Rm 16.23) e possivelmente os de Corinto (15-18). Lendo 2 Coríntios, aprendemos que a situação na igreja piorou. Tito conseguiu resolver o problema em parte e preparar o caminho para a chegada de Paulo (cf. 2 Co 1.15-18, 23s; 2.1-4, 12s; 8.16ss).

16.12 *Acerca do*. Veja n em 7.1. *Apolo*. Cf. At 18.24s; 1 Co 1.12; 3.4; 4.6; Tt 3.13. Os coríntios pediram uma visita de Apolo e Paulo concorda (cf. 4.6n). 2 Co 8.18 talvez refira-

se a Apolo.

16.13 Todos os verbos no gr são imperativos presentes, indicando que os coríntios deviam esforçar-se para sempre ter estas atitudes. *Sede*. 15.34n; 1 Pe 5.8ss; Mt 24.42. *Firmes no fé*. A qualidade que os coríntios careciam. *Varonilmente*, Maduros e corajosos (3.1ss; 14.20; Ef 4.13s; Cl 1.28). *Fortalecei-vos*. Lit. "sejais fortalecidos". As forças são concedidas por Deus.

16.14 *Todos*. Não há exceções para o amor (*agape* cf. 1 Co 13).

16.17,18 Provavelmente Estéfanos e Fortunato trouxeram a carta dos coríntios.

16.19 *Ásia*. Província romana da Ásia Menor onde se localizavam as igrejas de Éfeso, Colossos, Laodicéia, etc. *Áqüila* (do Ponto) e *Priscila* (diminutivo de Prisca, At 18.2ss) ofereceram sua casa para reuniões. Houve cultos em várias casas em Éfeso.

16.20 *Ósculo santo*. Costume do mundo antigo: homens com homens e mulheres com mulheres. *Santo*. Sem fingimento.

16.21 As cartas foram escritas por um secretário, mas a marca de autenticidade no fim foi a letra de Paulo (2 Ts 3.17; Cl 4.18)

16.22 *Ama*. Não é apenas um sentimento, mas obediência (Jo 14.21). Os que deixavam de amar uns aos outros não podiam amar ao Senhor. *Anátema*. Cf. n em 12.3. *Maranata*. É uma transliteração do aramaico vinda da antiga igreja de Jerusalém. Deve significar: "Vem Senhor" (cf. Ap 22.20).

Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios

Análise

Nenhum esboço breve perde dar idéia: da riqueza e do calor dessa notável epístola. O principal objetivo de Paulo ao escrever foi vindicar a sua autoridade apostólica, especialmente em vista do fato que a igreja em Corinto fora invadida por apóstolos falsos que procuravam solapar a autoridade de Paulo e desviar o povo do evangelho que dele haviam recebido. Ele escreve, entretanto, não como um mero indivíduo autoritário, mas antes, como o pai espiritual dos crentes de Corinto, aos quais amava e ansiava para que demonstrassem amor recíproco e permanecessem fiéis à verdade que ele lhes havia transmitido. A situação em Corinto era tal, que Paulo sentiu necessidade de falar sobre si mesmo. Embora tivesse apelado para o próprio conhecimento pessoal e íntimo que os coríntios tinham dele e de seu caráter, e embora tivesse lembrado os grandes sofrimentos e privações por que havia passado, a fim de apresentar-lhes a mensagem de salvação, ele o fez com transparente humildade e sinceridade e, de fato, até mesmo sentindo-se embaraçado. Por toda a epístola, a dignidade, a devoção, a fé serena e a apaixonada dedicação do apóstolo Paulo brilham com um intenso resplendor que aquece os corações de todos fora dos mais obstinados. Ele se apresenta aos seus leitores como alguém que é de todo fraco e inútil, mas que, através desta fraqueza, a graça e o poder de Deus são engrandecidos. Em contraste com a estima aos próprios olhos e o interesse próprio dos falsos apóstolos, encontramos o auto-aviltamento de Paulo: tudo vem de Deus e visa à glória de Deus. A nota chave, que soa docemente por toda a epístola é a divina certeza que lhe foi dada: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza" (12.9). A redescoberta dessa epístola em nossos dias, com sua doutrina da reconciliação em Cristo e seu tema de glória através do sofrimento, significaria uma renovação da visão e da vitalidade do povo de Deus, e, por meio deles, a bênção para multidões que ainda se encontram nas trevas espirituais

Autor

Não pode haver dúvida razoável sobre o fato que Paulo foi o autor dessa epístola. A segunda epístola aos Coríntios foi escrita no mesmo ano, e provavelmente cerca de seis depois de 1 Coríntios.

Esboço

SAUDAÇÕES ESPECIAIS, 1.1-11

Saudação, 1.1,2

Expressão de Agradecimento e Confiança, 1.3-11

UMA RESPOSTA DE PAULO A SEUS CRÍTICOS, 1.12-7.6

A Mudança em seu Plano de Visita a Corinto, 1.12-2.4

Punição e Perdão ao Sério Ofensor, 2.5-11

O Desapontamento de Paulo por não Encontrar Tito em Trôade, 2.12-16

A Carta de Recomendação de Paulo, 2.17-3.5

Comparação entre o Velho e o Novo Concerto, 3.6-18

O Caráter do Ministério de Paulo, 4.1-6

A Confiança de Paulo em face da Aflição, 4.7-5.10

O Ministério da Reconciliação, 5.11-6.10

O Apelo de Paulo aos Coríntios, 6.11-7.4

O Reencontro com Tito, na Macedônia, 7.5-16

A COLETA PARA OS SANTOS POBRES DE JERUSALÉM, 8.1-9.15

PAULO AFIRMA SUA AUTORIDADE APOSTÓLICA, 10.1-13-14

Acusação de Covardia e Fraqueza Respondidas, 10.1-11

A Invasão de Seu Território por Pessoas não Autorizadas, 10.12-18

Vindicação da Autenticidade de seu Apostolado, 11.1-12.18

Avisos a qualquer que Continuar a Opor-se à sua Autoridade, 12.19-13.10

Exortação e Saudação, 13.11-14

1.1 Apóstolo. Cf. notas em Mc 3.13-19 e 1 Co 1.1. Paulo reivindica sua plena autoridade diante do desafio dos "falsos apóstolos" em Corinto (11.13). *Igreja de Deus. Ekklesia*, sendo uma palavra secular ("clube", "assembléia"), é qualificada pela frase "de Deus" (cf. "Israel de Deus" em Gl 6.16). *Santos... fiéis.* Cf. nota em Ef 1.1.

1.3 Bendito. Deus não é mais desconhecido, mas revelado como Pai e Deus de Jesus Cristo nosso Senhor. *Pai de misericórdias.* Expressão idiomática que significa: "Deus é fonte de toda misericórdia". *Consolação* (gr *paraclesis*). "Encorajamento", "conforto". A tradução, neste trecho, desta única palavra no original é variada (Rm 12.1 n).

1.4 Tribulação. Uma das razões por que Deus manda tribulação para os crentes, é que Ele quer que experimentem Seu conforto (cf. 12.9).

1.5 Sofrimentos de Cristo. Cf. Cl 1.24. Todo verdadeiro crente, identificado com Cristo, deve esperar compartilhar do Seu sofrimento. Assim unido com Ele contará com Seu conforto (cf. Fp 3.1; 2 Ts 1.7).

1.6 Este versículo pressupõe a solidariedade da Igreja. Um membro sofre e o grupo todo (o Corpo) compartilha (cf. Cl 1.24). É assim que os coríntios são participantes, (gr *koinōno*) dos sofrimentos e consolação de Paulo (v. 7).

1.8 Acima das nossas forças. A idéia no original é de um animal cansado e sobrecarregado. Não se sabe que experiência abalou tão profundamente o Apóstolo. Seria o tumulto de At 19.23-41, ou uma cilada armada pelos seus, inimigos, ou, ainda, uma doença mortal (R. A. Knox)?

1.9 Sentença. Lit. "resposta". Ao indagar sobre o fim dessa tribulação sua mente respondeu: "só a morte".

1.10 Grande morte. Seu presságio era de uma morte com grandes torturas.

• **N. Hom. 1.11** Benefícios da intercessão. 1) É um verdadeiro auxílio para quem é objeto de intercessão. 2) Produz ações de graça nos que vêem suas orações respondidas. 3) Concede benefício para todos os que oram. *Por muitos.* Lit. "muitas faces". A tradução de Rutherford, diz: "... Para que haja um oceano de faces erguidas enquanto amplas ações de graça se elevam para Deus a nosso favor pela ação graciosa que Ele nos tem

concedido".

1.12 Sinceridade (gr *eilikrineia*). Refere-se ao processo de sacudir cereais numa peneira para separá-los de toda sujeira ou ao processo de declarar imaculado um artigo após ser examinado à luz do sol. Paulo não receia o exame perscrutador de Deus (Sl 139.23s).

1.13,14 Paulo foi alvo de acusações de ser irresponsável.

1.15,16 Segundo benefício. Outros bons manuscritos têm: "segundo prazer". Trata-se de duas visitas à igreja de Corinto.

1.17 Duas falhas eram atribuídas a Paulo: 1) leviandade ou inconstância; 2) inconsistência. Os artigos definidos que precedem "leviandade", "sim" e "não" indicam que Paulo está citando o que se falava dele.

1.19 Silvano. O companheiro de Paulo, denominado Silas em Atos. *Sempre... sim.* Da integridade de Cristo e do evangelho, Paulo argumenta sua própria sinceridade.

1.20 Todas as promessas do AT feitas a respeito de Cristo foram cumpridas. *Amém* significa "sim", "de fato" (cf. Ap 1.7).

1.21,22 Muito mais séria que a inconstância nos planos (15-19) é a leviandade na fé. Deus, por intermédio do Espírito, segura os crentes por Ele ungidos. *Penhor.* É o sinal que garante o pagamento total no futuro (Ef 1.14n).

1.23 Paulo mudou de plano apenas para evitar experiências amargas e aplicação da vara (cf. 1 Co 4:21), enquanto os coríntios ainda eram dominados por atitudes altivas e orgulhosas.

1.24 Não quer a ditadura sobre a fé dos coríntios. Paulo quer ser um ministro conselheiro promovendo a santificação e a alegria.

2.1 Não voltar. Paulo já fizera uma visita desagradável aos coríntios (cf. 1.23). A todo custo, não quer repeti-la.

2.3,4 Escrevi. Paulo escreveu uma carta severa que não foi preservada entre 1 Co e 2 Co (cf. vv. 4, 9: 7.8, 12). Atrás dessa carta, aparentemente tão dura, houve lágrimas e amor (*agape*) transbordante.

2.5 Alguém. Este ofensor principal provavelmente insultou ao grande Apóstolo. É pouco provável que seja o homem incestuoso de 1 Co 5.1ss que Paulo não tolerou na igreja.

2.6 Uma minoria na igreja discordou da disciplina. Esta passagem mostra que decisões eram tomadas democraticamente.

2.7,8 Paulo aconselha perdoar e acolher em amor o ofensor arrependido.

2.9 Também. A carta severa (cf. vv. 3, 4) mandara a igreja punir o pecador. Perdoando o culpado, seria confirmada, a atitude obediente da igreja.

2.10 Presença. Lit. "na face". Paulo, sendo apóstolo, age com a plena autoridade de um representante designado por Cristo.

2.11 Desígnios. Lit. "pensamentos". Para não ser vencido pelo inimigo, é necessário saber como ele pensa. Neste caso, i.e., se um verdadeiro irmão arrependido for recusado o diabo ganharia uma vantagem.

2.14 Triunfo. O vocábulo no original sugere os cortejos triunfais dos generais e imperadores trazendo seus cativos em grandes fileiras. Alguns seriam sacrificados aos deuses; outros galardoados com a vida. *Fragrância e perfume* (15) tem seu pano de fundo nos sacrifícios aceitáveis a Deus no AT (cf. Gn 8.21; Êx 29.18). • **N. Hom.** O Cortejo triunfal de Cristo. A vitória: 1) pertence a Deus; 2) foi ganha por Cristo; 3) os crentes participam dela; 4) sua notícia é divulgada.

2.17 Mercadejando. O vocábulo gr inclui a idéia de adulterar. Frequentemente os caixeiros viajantes enganavam seus fregueses.

3.2 Em contraste com os mestres de fora que se apresentam à igreja com cartas de recomendação. Paulo tem um laço de amor tão profundo, que todo o mundo pode perceber.

3.3 Como carta de Cristo escrita nos corações dos coríntios seria a transformação marcante nas vidas, em contraste com a incapacidade da lei escrita em tábuas de pedra.

Deus, há muito tempo, prometera que a nova aliança assim se distinguiria (Ez 36.26). O coração era concebido como a fonte de toda ação, pensamento ou palavra.

3.6 *A letra mata.* Meramente o guardar a lei não salvará ninguém. A decepção no juízo final será horrenda.

3.9 *Condenação.* A lei, cerne da velha aliança, não foi destinada a salvar mas a convencer os homens da necessidade de Cristo (Gl 5.22). • **N. Hom.** Contrastes das alianças. 1) A velha foi promulgada pela letra - a nova pelo Espírito. 2) A velha foi escrita em pedra - a nova nos corações. 3) A velha foi concedida com Glória desvanecente (7) - a nova com a maior e permanente glória do Espírito (8, 10, 18). 4) A velha ministrou condenação - a nova justificação (9). 5) Na velha, a face de um homem brilhou - na nova, todas brilham (18).

3.12 Em 3.12-4.11, Paulo encara os dois principais problemas do ministério: 1) a cegueira dos ouvintes e 2) a fraqueza do ministro.

3.14 Israel não deparou nesta ação de Moisés uma indicação do caráter provisório da velha aliança. *Antiga aliança.* É o AT. Enquanto o leitor rejeitar a Cristo como o cumprimento das promessas, é impossível entender o AT.

3.15 *Moisés.* São os primeiros cinco livros da Bíblia.

3.16 Este versículo cita precisamente a tradução grega (LXX) de Êx 34.34.

3.17 *O Senhor é o Espírito.* O Senhor (Jeová) no v. citado (Êx 34.34) corresponde ao Espírito na nova aliança. *Liberdade.* Não é legalismo. A presença pessoal do Espírito Santo influencia a própria vontade do crente (Rm 8.14).

• **N. Hom.** **3.18** *Santificação.* 1) O que é? É a transformação na imagem de Cristo (Cl 3.10). 2) Quando ocorre? Agora - "somos transformados" (Rm 12.2). 3) Como se dá? Pela contemplação da glória (vida, morte, ressurreição e pessoa de Cristo, Jo 17.24). 4) a agente? O Espírito Santo.

4.1 *Não desfalecemos.* A despeito da espessura do véu e da dureza dos corações, Paulo não desanima. O poder de Deus transforma o mais duro e cego coração (At 1.8; Rm 1.16).

4.2 Paulo rejeita toda modificação da mensagem para convencer melhor.

4.4 *O deus deste século.* É o diabo. • **N. Hom.** O drama dos séculos. 1) O diabo cega; 2) Deus ilumina; 3) Nós pregamos a Cristo como Senhor.

4.7 *Este tesouro.* Refere-se à luz do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo (6). Na antigüidade, os tesouros eram guardados em vasos de barro. A fraqueza física do ministro inclui: "temor e tremor" (1 Co 2.3), doença (2 Co 12.7) e perseguição (vv. 8, 9).

4.10,11 Paulo afirma o princípio do poder através da fraqueza nos vv. anteriores. Agora, declara que a vida de Cristo se manifesta por meio de uma entrega diária à morte.

4.13 *Espírito do fé.* Mais provável que a interpretação que vê uma referência ao espírito humano é aquela que vê uma referência ao Espírito Santo. Além de ser o Espírito da fé, também é o "da adoção" (Rm 8.15), "da sabedoria" (Ef 1.17), "da graça" (Hb 10.29), "da glória" (1 Pe 4.14).

4.16 *Por isso.* Baseando-se na esperança segura da ressurreição (14) e no fim dos seus sofrimentos (15), Paulo fica bem animado (4.1; 5.6) Estas aflições são temporárias e leves em comparação com a glória eterna vindoura (17). • **N Hom.** Contrastes na vida cristã. 1) Entre o corpo fraco e o espírito renovado (16). 2) Entre o presente doloroso e o futuro glorioso (17). 3) Entre as coisas visíveis, temporárias, e as coisas invisíveis, eternas.

5.1 *Casa terrestre.* Nosso corpo físico. *Se desfizer.* Trata-se da morte. *Um edifício.* Nosso abrigo seguro na presença de Cristo (Jo 14.2; Fp 1.23; Lc 16.9; 23.43; 2 Co 12.24), mas não o corpo da ressurreição que teremos só na vinda de Cristo.

5.3 *Se, todavia, formos.* O texto e a tradução mais seguros são: "para que sejamos... Paulo não duvida que será revestido.

5.4 *Mortal seja absorvido.* Estar, com Cristo é o primeiro estágio da imortalidade que culmina na ressurreição (1 Co 15.51-54).

5.5 A garantia da plena vitória é a presença do Espírito no coração (Rm 8.11, 17, 20-25). Ele é o sinal do pagamento (Ef 1.13, 14).

5.7 *Andamos por fé.* A certeza que este futuro glorioso nos espera, controla todas as nossas ações e atitudes (Rm 8.24).

5.9 *Esforçamos* (gr *philotimoumetha*, "fazemos nossa ambição"). Em corpo ou fora do corpo, o alvo de Paulo seria de agradar unicamente a Deus.

5.10 Ainda que o crente se salve da condenação eterna pela justificação plena que a fé em Cristo alcança (Rm 5.1), ele será julgado por suas ações (1 Co 3.13-15). Possivelmente veremos e lembraremos momentaneamente os nossos pecados e faltas, para logo em seguida reconhecê-los apagados e perdoados para sempre pelo sangue de Cristo. A Bíblia não dá fundamento para a doutrina de um purgatório onde as almas dos cristãos devem ser purificadas.

5.11 *O temor.* • **N. Hom.** As duas fontes, neste versículo, de motivação para o ministério são: 1) a temor (reverência) para com Deus; 2) o amor de Deus em Cristo por nós (14). *Persuadimos.* Todo e qualquer argumento lógico e válido deve ser empregado para persuadir o homem intelectualmente.

5.14,15 *Todos morreram.* A solidariedade dos remidos com Cristo assegura a participação na experiência do seu Chefe (cf. Adão e seus descendentes em Rm 5.12). Essa morte *com* (ou *em*) é o passo essencial para a nova vida *para* Cristo (15; Gl 2.20; Rm 6.4-7). • **N. Hom.** O amor constrangedor produz: 1) Uma nova ambição (15); 2) uma nova visão dos outros (16); 3) uma nova criação (17).

5.16 *Segundo a carne.* I.e., segundo o ponto de vista humano, em contraste com o divino.

5.18,19 *Tudo provém de Deus.* É notável que Paulo emprega oito verbos neste parágrafo tendo Deus como sujeito. Deus é o Reconciliador. Aquele que une o pecador rebelde com seu santo Criador. Cristo é o Agente dessa reconciliação (18, 19). Nós somos os embaixadores (19). Deus confiou nas mãos de todos os reconciliados o privilégio de anunciar essa boa nova. A *palavra.* É o evangelho. Inclui um apelo (20; 6.1, 2), sendo essencial que o inimigo rebelde se submeta e se entregue ao Senhor.

5.20 *Embaixadores,* juntamente com "apóstolo", "embaixador" sugere a idéia de alguém enviado no lugar do seu senhor ou rei e autorizado com a sua autoridade. *Em nome.* Quer dizer: "com autoridade de..." • **N. Hom.** Embaixador de Cristo: 1) É um cidadão do céu (Fp 3.21) enviado a homens rebeldes. 2) No lugar do seu Rei, Cristo, oferece as condições de paz no evangelho. 3) A honra e a glória do seu Mestre dependem de suas palavras e comportamento. *Reconcilieis.* O pecador precisa mudar da inimizade contra Deus para o amor (1 Jo 4.10).

5.21 Cristo, o único embaixador perfeito do Seu Pai que O enviou (Jo 20.21), se identificou com o nosso pecado, sem pecar, de modo que pôde carregar na cruz nossa culpa e castigo (Is 53.6). Em troca, os que nele crêem participam da sua perfeita justiça.

6.2 *Dia da salvação... agora.* Refere-se ao período entre a morte de Cristo e Sua vinda em julgamento.

6.4 *Paciência* (gr *hupomone*, "perseverança"). É o que Crisóstomo chamou "a raiz de todos os bens". É o fundamento da vida cristã. • **N. Hom.** Os sofrimentos que recomendaram a Paulo. 1) Sofrimentos gerais: aflições, privações, angústias. 2) Provas particulares: açoites, prisões, tumultos. 3) Disciplinas auto-impostas: trabalhos, vigílias jejuns. 4) As qualidades do coração: pureza, conhecimento, paciência com as pessoas difíceis, bondade, e amor (6). 5) Características do seu ministério (7). 6) Sua reputação contrastada com a realidade (8-10).

6.5 *Prisões.* Clemente de Roma (96 d.C. disse que foram sete. *Trabalhos.* Lit. esforço tão árduo que deixa o corpo, alma e espírito exaustos. *Vigílias.* Tanto noites de oração como noites de sofrimento sem dormir.

6.7 *Ofensivas... defensivas.* Devemos conquistar para Cristo enquanto nos defendemos do inimigo (cf. Ef 6.16s).

6.8 *Desonra* (gr *atimia*). Perder os direitos de cidadão.

6.10 *Enriquecendo*. São bênçãos espirituais; não materiais,

6.12 *Afetos* (gr *splagchna*). São os órgãos superiores do tronco, inclusive o coração, fígado e pulmões. É o centro das emoções.

6.14-7.2 Muitos eruditos modernos acham que este parágrafo está fora de lugar. Seria uma folha da carta perdida mencionada em 1 Co 5.9? Todas as perguntas dos vv. 14-16 exigem uma resposta negativa. Não deve haver nenhuma ligação permanente entre o crente e o mundo controlado pelo diabo que o comprometa na luta contra Deus. Na dinâmica da vida cristã; qualquer ligação com incrédulos que tende a diminuir o amor ou mudar a direção da peregrinação para Deus é um jugo desigual (1 Jo 2.15; Dt 22.10).

6.15 *Maligno*. (gr *Belial*). "Sem nenhum valor". Nome antigo de Satanás.

6.16 *Santuário*. O templo cristão equivale ao corpo de Cristo.

• **N. Hom. 7.1** Harmonia com Deus. 1) Seu incentivo: as promessas (6.16b-18). 2) Sua condição: separação de toda imundícia contaminadora. 3) Seu aumento: maior santidade no crescente reconhecimento da Sua grandeza.

7.6 *Tito*, voltando de Corinto, encontrou-se com Paulo na Macedônia (norte da Grécia). Tito informou-lhe que a igreja melhorara.

7.8 *Contristado com a carta*. Refere-se à chamada "carta severa" (2.3, 4). Essa carta está perdida. *Arrependido* (gr *metamelomai*). Significa: "ter pesar" (10) ou arrepender-se de uma ação na qual saiu-se mal.

7.9,10 *Arrependimento* (gr *metanoia*)., "Mudar de atitude ou caminho". É necessário para a conversão (Lc 13.3, 5).

7.10 *Tristeza segundo Deus*. Trata-se da convicção de ter cometido pecado contra Deus. Quando for seguida de arrependimento e confissão, possibilita a salvação com pleno perdão (Mt 11.28s). *Tristeza do mundo*. É o desânimo que provoca desarranjo mental. Decepção profunda que pode resultar no suicídio ou morte em contraste com a salvação (cf. 2.16).

7.12 Talvez Paulo mesmo tenha sido insultado em Corinto por um membro (2.5).

8.1 Os capítulos 8, 9, apresentam os conceitos inspirados de Paulo quanto à mordomia. *Graça de Deus*. A contribuição para o sustento e avanço da obra do Senhor ou para o socorro dos irmãos tem a sua motivação na graça de Deus. É a mesma graça que levou o Senhor a se encarnar e a morrer (9).

8.2 As circunstâncias envolvidas na pobreza ou na abundância não têm nada a ver com a liberalidade. Os macedônios deram voluntariamente com alegria (3) ainda que eles mesmos estivessem passando pela prova da pobreza. *Generosidade* (gr *haplotetos*), "singeleza". Em Rm 12.8, descreve a maneira que se deve dar: "sem calcular", livre de motivos egoístas.

8.3 *Acima*. Deram mais do que podiam. Pediam dinheiro emprestado de fora para aumentar a oferta de socorro aos crentes da Judéia.

8.4 *Pedindo-nos*. Quando a graça de Deus atua profundamente no coração, não é necessária que crente seja pressionado a dar liberalmente.

8.5 *Primeiro*. Antes da obrigação de amor que provoca ofertas materiais, temos a responsabilidade de dedicar-nos pessoalmente ao Senhor. *Depois a nós*. Os crentes também se ofereceram ao Apóstolo para viajar com ele e participar da sua obra missionária desde que fosse da vontade do Senhor. As pessoas são mais importantes do que o dinheiro.

8.7 Em 1 Co 12.8, 9, "fé", "palavra" e "conhecimento" aparecem na lista dos dons do Espírito. Dar com alegria é dom também (Rm 12.8).

8.8 *Mandamento*. A contribuição não deve ser imposta ou exigida. Deve surgir voluntariamente de um coração cheio de amor a Deus e ao próximo, cumprindo assim o primeiro e o segundo mandamentos (Mc 12.33).

• **N. Hom. 8.9** *A oferta à Cristo*. 1) Sua origem: graça de Deus (Hb 2.9; Jo 3.16); 2) Sua

qualidade: um esvaziamento da riqueza infinita (Jo 17.5) para a pobreza completa (Fp 2.8); 3) Sua motivação: "*por amor de vós*" (9) e do mundo inteiro; 4) Seu fim: a troca da nossa miséria total por sua riqueza celestial (Rm 8.17).

8.11 *Completa*. Evidentemente os coríntios marcaram um alvo para a coleta somando as quantias que os membros sentiram que Deus queria que ofertassem. Mas ainda não tinham levado a cabo as boas intenções.

8.12 *Boa vontade*. É tão importante para Deus como a própria oferta.

8.14 Os coríntios tinham mais abundância que os macedônios. Paulo lembra que no futuro os crentes judeus (os destinatários da coleta) poderão suprir alguma necessidade dos coríntios (cf. Rm 15.27). *Igualdade*. Não necessariamente em quantidade de posses, mas que todos os crentes devem ficar igualmente livres da miséria e fome.

8.16,17 O amor profundo de Tito para com os coríntios juntou-se com o apelo de Paulo. Desse modo, ele partiu *voluntariamente*.

8.18 *O irmão*. Não é possível determinar quem acompanhou Tito.

8.20 A conveniência de ter irmãos eleitos pelas igrejas (19) para serem responsáveis pela segurança da coleta é óbvia; especialmente em face das acusações irresponsáveis contra a honestidade de Paulo. *Evitando* (gr *stellomenoi*). É uma metáfora naval. Muda-se a direção das velas para escapar-se do inimigo. É a maneira de proceder honestamente diante dos homens (21). *Generosa dádiva* (gr *hadrotes*). Só é usada aqui no NT. Indica que Paulo espera uma oferta significativa.

8.22 *Nosso irmão*. Desconhecido como aquele do v. 18. Alguns peritos sugerem que foi Tíquico (At 20.4; Ef 6.21; Cl 4.7).

8.23 *Mensageiros* (gr *apostolos*). Não no sentido técnico do NT (cf. Fp 2.25). Poucos irmãos são escolhidos como apóstolos de suas igrejas, mas todo crente pode refletir a glória de Cristo (3.18).

9.1 Desde que Paulo acaba de abordar o assunto da contribuição no cap. 8, alguns acham que o cap. 9 seria uma exortação separada dirigida a todas as igrejas da Acaia (2). Corinto era a principal.

9.3 *Enviei*. Aoristo epistolar. Melhor tradução: "estou enviando".

9.5 *Não de avareza*. O ensino neotestamentário sobre a contribuição salienta os seguintes princípios: a) Voluntariedade (At 5.4; 2 Co 8.11) e alegria (7); b) Destina-se principalmente aos irmãos na fé (Gl 6.10). É uma obrigação moral e sua falta mostra ausência do amor de Deus (1 Jo 3.17; Tg 2.15, 16). c) A sua finalidade é o afastamento dos crentes da miséria (8.14) e a criação neles do espírito de gratidão (9.12); d) A responsabilidade de contribuir pertence aos membros do Corpo de Cristo (Mt 25.34-46); e) Os pobres não têm direito sobre os bens dos ricos, evitando, assim, a necessidade de trabalhar (2 Ts 3.10). Tanto o egoísmo como a ociosidade são condenados sem exceção.

9.6 A lei da devolução opera tão certamente no mundo espiritual e moral como no mundo físico (Lc 6.38).

• **N. Hom. 9.8** A suficiência da Graça divina. 1) Troca em todas as áreas da vida (*em tudo*). 2) Opera em toda hora da vida (*sempre*). 3) Destina-se a *todo boa obra* na vida (Ef 2.10). (gr *autarkeia*). Esta palavra favorita dos estóicos designava o homem completamente satisfeito com o mínimo das coisas materiais (cf. Fp 4.11). Tal homem contente seria também generoso.

9.10 Como todo capitalista espera seu lucro, aquele que dá aos filhos de Deus necessitados terá o lucro duplo do v. 11.

• **N. Hom. 9.13,14** Três benefícios através das ofertas: 1) Beneficia a nós os ofertantes - confirma nossa confissão do evangelho. 2) Beneficia aqueles que recebem a oferta - produz oração e amor naqueles que recebem em favor dos que dão (14). 3) Suscita glória e graças a Deus (13).

9.15 A salvação em Cristo é o dom inefável e motivação perfeita para incentivar todo e qualquer sacrifício.

10.1 Muitos eruditos crêem que os caps. 10-13 faziam parte originalmente da "carta severa" (cf. 2.4; 7.8). Não há todavia, qualquer indicação nos manuscritos antigos para sustentar esta sugestão. *Mansidão*. Característica do Messias (Zc 9.9 e Mt 21.5) que de bom grado sofreu as afrontas dos homens maus. *Benignidade* (gr *epieikeia*). Qualidade louvada por Aristóteles. Indica o credor que não exige o último tostão.

10.2 *Alguns*. Assim Paulo designa seus detratores sem mencioná-los por nome (3.1; 1 Co 4.18; 15.12). *Mundano proceder*. Lit. "andando segundo a carne". Usada em contraste com "na carne" que apenas indica a vida humana.

10.4 *Armas... poderosas*, não em Deus, mas "para Deus" (o "em" não consta no gr). Armas contaminadas com o mal são incapazes de combater o pecado ou conquistar almas para Deus. Cf. Zc 4.6.

10.5 Contra a especulação intelectual (cf. 1 Co 2.4). Paulo apresenta a revelação divina. Aquele que conhece a Deus por meio de Sua revelação deve se tornar submisso a Cristo em tudo.

10.6 Paulo não quer chegar em Corinto antes que a igreja manifeste sua submissão a ele como apóstolo. Os "desobedientes", restantes logo sentirão a força de sua disciplina apostólica (cf. Mt 16.19b).

10.7 *Observai*. Pode ser traduzido: "Vós olhais para as coisas externas (aparência)". Cf. v. 12. Há indicações que os oponentes de Paulo faziam parte do grupo de Cristo em Corinto (1 Co 1.12) alegando relações especiais com Ele.

10.10 *Palavra, desprezível*. Cf. 11.6n, Mesmo seus críticos não podiam deixar de ficar impressionados com suas cartas.

10.15 *Trabalhos alheios*. Como regra geral, Paulo desenvolvia seu trabalho em regiões por ele mesmo desbravadas.

10.16 *Além*. Cf. At 19.21; Rm 1.11-15; 15.23-28. Paulo chegou até à Espanha nos labores do evangelização, disse Clemente de Roma.

10.18 O que vale não é a auto-apreciação, mas a recomendação de Deus.

11.1 *Minha loucura*. Paulo detestou a necessidade de apresentar suas credenciais. Foi forçado a isso para manter a dignidade de Cristo.

11.2 *Zelo*. O ciúme de Deus para com Sua noiva, Israel, se destaca no AT (cf. Is 54.5; 62.5; Os 2.19-20). Paulo, o "amigo do noivo", (cf. Jo 3.29) tinha a responsabilidade de garantir a castidade e pureza da noiva (3) até ao casamento. O crente fica desposado única e exclusivamente com Cristo.

11.4 *Outro Jesus*. Não outro Cristo. Os hereges concordavam que Jesus era o Messias. Sua interpretação, entretanto, da vida, morte e ensino de Jesus contrariava fatalmente a doutrina de Paulo (Gl 1.8).

11.5 *Tais apóstolos*. Lit. "super-apóstolos". Quaisquer que forem suas credenciais, aqueles que carecem de uma comissão direta de Cristo não passam de falsos apóstolos. Estes eram autocomissionados (13).

11.6 *Falto*. Traduz a palavra *idiotes*, sem instrução formal (não quer dizer "estúpido" ou "insensato"). Paulo era suspeito porque não foi discípulo de Jesus na Sua vida humana na Palestina (At 1.21 s).

11.7 *Humildemente*. Cf. Fp 4.12, onde Paulo descreve com a mesma palavra grega sua atitude frente às ofertas das igrejas.

11.8 *Despojei* (lit. "roubei"). Está seguindo o princípio proclamado por Jesus (Lc 10.7) e que ele mesmo mandou (Gl 6.6). Paulo só aceitava ofertas das igrejas depois de ir embora delas.

11.9 *Fiz pesado*. Representa uma palavra metafórica e rara no grego. Trata-se de um peixe que paralisa sua vítima antes de devorá-la. Assim procediam os mestres falsos.

11.10 *Acaia*. A província no sul da Grécia onde Corinto se situava.

11.12 *Iguais a nós*. Os mestres que perturbavam os coríntios queriam muito que Paulo aceitasse sustento dessa igreja, colocando-se assim em pé de igualdade com eles.

11.14 Anjo de luz. Luz é a metáfora bíblica que muitas vezes se refere à natureza divina na Bíblia. Não se deve estranhar que Satanás apela para as consciências de suas vítimas, iludindo-as a respeito da justiça.

11.15 Seus próprios ministros. Provavelmente Paulo negaria que os judaizantes fossem crentes reais. Há casos de crentes que, sendo iludidos, servem o diabo.

11.16 Os vv. 16-33 apresentam as credenciais de Paulo como apóstolo. Ele mesmo achava tal comparação com os falsos apóstolos uma loucura, mesmo sendo necessária em vista da atitude tomada pelos coríntios.

11.20 Aqui se vê com que autoridade e insolência os mestres falsos dominavam seus seguidores. Esbofetear o rosto era um insulto degradante (Mt 26.67; At 23.2).

11.22 Esses "mestres" faziam três reivindicações que Paulo também podia fazer. Eram *hebreus* - judeus que moravam na Palestina e falavam a língua aramaica ("hebraico" em At 21.40). *Israelitas* - com a conotação de "eleitos de Deus na aliança". *Descendência de Abraão* - com direito às bênçãos a ele prometidas (cf. Gn 12.1-3).

11.23 *Fora de mim.* Isto é, "louco", palavra mais forte que "insensato". *Prisões.* Atos relata apenas uma prisão: a de Filipos (At 16).

11.24 *Quarentena.* Trata-se de um castigo judeu que às vezes matava. Cf. Mt 10.17.

11.25 *Varas.* Era um castigo romano. Ainda que fosse ilícito para um cidadão romano, Paulo sofreu tal castigo (At 16.22ss).

11.26 *Na cidade.* Os tumultos sempre ameaçavam o apóstolo como Atos relata: Icônio (14.5), Listra (14.19), Filipos (16.22), Tessalônica, (17.5), Éfeso (19.26ss).

11.28 *Preocupação.* O amor às igrejas muitas vezes levou Paulo à beira do desespero e à oração agonizante (Cl 2.1). Paulo que exorta aos crentes para não se preocuparem, preocupou-se demais com seus filhos na fé (At 20.19ss).

12.1 *Visões e revelações.* Sem dúvida, os oponentes de Paulo alegaram revelações divinas para apoiar suas pretensões más. Paulo (*um homem em Cristo*) sem querer, conta uma experiência de êxtase em que ouviu palavras inefáveis. Esta maneira de falar indica que Paulo não acha que tenha recebido a visão por seu mérito.

12.2 *Há catorze anos.* Provavelmente quando Paulo estava em Tarso, logo antes da primeira viagem missionária (At 9.30; 11.25). *Terceiro céu.* Ainda que alguns judeus cressem em sete céus. Paulo aqui se refere ao Paraíso (4), o céu mais alto, onde Deus está (Dt 10.14). Paulo não descreve a visão, nem aquilo que lhe foi revelado. Fica certo que, ele foi profundamente encorajado a aceitar tranqüilamente os sofrimentos que daí em diante teria de enfrentar (cf. Fp 1.20-23).

12.4 *Paraíso.* Palavra persa que significa "jardim cercado de muros", que muitas vezes pertencia a um rei ou a um fidalgo.

12.7 *Revelações.* Paulo também foi convertido por meio de uma revelação de Cristo (At 9; Gl 1.12, 16). *Espinho no carne.* As muitas especulações indicam a impossibilidade de se chegar a uma conclusão definida. Entre as idéias de sofrimento físico ou doença, salienta-se: malária (Gl 4.13s), problema com os olhos (Gl 4.15), epilepsia, freqüente e forte dor de cabeça, etc. Outros pensam que era tentação, tomando *mensageiro de Satanás* como "anjo" ou "demônio". Lutero pensava que eram as constantes perseguições, especialmente dos judeus que Paulo tanto amava (Rm 9.3). No AT "espinhos" se referiam a inimigos (Nm 33.55; Is 23.13).

12.8 *Pedi.* Como Jesus no jardim de Getsêmani, Paulo insistentemente pediu três vezes que Deus o livrasse do espinho. Em vez de livrá-lo, Deus cobriu o sofrimento com Sua graça. É assim que Deus transforma dores e sofrimento em bênçãos.

12.9 É a *graça* suficiente que pode agir no meio das fraquezas. Traz consigo alegria e poder. *Repouse* (gr *episkenose*). "Fazer seu tabernáculo", assim como a glória *shekinah* pousou no templo (cf. Jo 1.14; Ap 7.15). • **N.** Hom. Benefícios do espinho na carne: 1) Graça suficiente. 2) Poder aperfeiçoado. 3) Fraqueza substituída pelo poder de Cristo. 4) Orgulho substituído por humildade (7).

12.10 O prazer que Paulo sentia nas experiências angustiantes veio diretamente da certeza que todas elas contribuiriam para o bem (Rm 8.28). *Sou fraco...* Jo 15.5b. *Sou forte...* Fp 4.13.

12.12 *Credenciais*. Neste v. como em Rm 15.19, um dos sinais do verdadeiro apóstolo é a operação de milagres.

12.13 Nem em sua pessoa nem em seu trabalho de fundar a igreja em Corinto foi Paulo inferior aos seus detratores (cf. v. 11).

12.17 *Vos explorei*. Paulo se refere à acusação de que ele não pediu dinheiro mas recebeu uma parte daquilo que seus agentes coletaram.

12.21 *Deus me humilhe*. A maior humilhação do pai é o erro do filho. Assim também os pecados e soberba dos coríntios refletiram-se sobre Paulo, humilhando-o. *Impureza*. Parece que os falsos mestres apoiavam a imoralidade (cf. Ap 2.14, 20).

13.4 *Fraqueza*. Não se explica a crucificação do Filho de Deus senão pela fraqueza por Ele assumida voluntariamente (Fp 2.8; 1 Pe 3.18). O poder em que Cristo agora vive e a onipotência de Deus que se manifestou na ressurreição (Rm 1.4; 6.4). Seus discípulos também são fracos à vista do mundo, mas poderosos em Cristo (Fp 4.13),

13.5 *Examinai-vos* (gr peirazō). Testar, tentar; cf. Ts 1.12. *Estais na fé*. Fala do essencial do evangelho, o credo objetivo sem o qual não há salvação. Aquele que realmente está na fé tem o Espírito e produz Seu fruto (Gl 5.22; Mt 7.16) *Provai-vos* (gr dokimazō). Trata-se de testar a autenticidade de uma moeda. Quando ela cai no mármore, indica se é composta de prata ou de chumbo. No julgamento final, Deus testará a fé e se for genuína, salvará aquele que a tem.

13.8 *Nado podemos contra a verdade*. O princípio geral, aqui reconhecido, é que a luta contra a verdade, seja científica, histórica ou em qualquer campo não deixa de ser uma luta contra Aquele que é a Verdade.

13.9 *Vós fortes*. Isto é, em graça e dons concedidos por Deus. Aperfeiçoamento (cf. Ef 4.12). Aponta para a preparação total para enfrentar toda necessidade e emergência. Este preparo se adquire apenas por treinamento e experiência (cf. 2 Tm 2.15).

13.13 A bênção apostólica aponta para a trindade. A graça de Cristo nos revela o amor de Deus (cf. v. 11) que, por sua vez, nos dá a filiação por meio do Espírito Santo que produz comunhão fraternal entre os filhos de Deus.

Epístola de Paulo aos Gálatas

Análise

Paulo escreveu essa epístola aos seus convertidos gálatas, algum tempo entre 48 e 58 d.C. Os mestres cristãos - judaizantes tinham procurado fazer os gálatas se voltarem contra Paulo e convencerem-nos de que, como gentios, precisavam ser circuncidados (5.2-6; 6.12-15) e observar o ritual da lei (4.10) a fim de serem salvos. Nessa carta, Paulo vindica a sua autoridade como expositor do evangelho, e condena a posição dos judaizantes como um legalismo anticristão.

Os crentes, quer judeus quer gentios, conforme Paulo argumenta, desfrutaram em Cristo de uma completa salvação. Foram justificados (3.6-9), adotados (4.4-7), renovados (4.6; 6.15) e feitos herdeiros de Deus segundo as promessas do pacto abraâmico (3.15-18). A fé no Cristo do Calvário, dessa maneira, os liberta para sempre da necessidade de buscar salvação pelas obras da lei. Essa busca, afinal de contas, é vã, pois a lei não traz salvação, nem foi dada com essa intenção (3.19-24); pode tão somente condenar (3.10-12), e quando nela alguém confia visando a sua salvação, é apenas conduzido à escravidão (4.21-24). Por conseguinte, os crentes não devem retornar ao princípio da observância da lei como base de sua salvação, pois, do contrário, estarão retomando à escravidão (5.1) e perdem a graça de Deus (5.2-4). Em vez disso, devem apegar-se à liberdade que Cristo lhes proporcionou, servindo a Deus e aos seus semelhantes no

poder do Espírito, como homens livres (5.13-18), cumprindo alegremente a vontade de seu Salvador (6.2).

O argumento de Paulo mostra que todas as versões legalistas do evangelho são perversões, e que o desfrutar da liberdade cristã depende da compreensão de que a salvação vem somente pela graça, por meio, exclusivamente, de Jesus Cristo, recebida apenas pela fé.

Esboço

INTRODUÇÃO, 1.1-9

Saudação de Paulo aos Gálatas, 1.1-5

O Motivo da Escrita; eles se Afastaram do Evangelho, 1.6-9

AUTORIDADE DE PAULO E AUTENTICIDADE DE SUA MENSAGEM, 1.10-2.21

Pregava o Evangelho que Cristo lhe Revelara, 1.10-24

O Evangelho de Paulo Reconhecido por outros Apóstolos, 2.1-10

O Evangelho de Paulo Vindicado contra a Transigência de Pedro, 2.11-21

O CAMINHO DA SALVAÇÃO, 3.1-4.31

A Salvação em Cristo É pela Fé, não pelas Obras, 3.1-14

A Salvação em Cristo É pela Promessa, não pela Lei, 3.15-22

Os que Confiam em Cristo São Filhos, não Escravos, 3.23-4.7

Súplica, 4.8-20

Por que Reverter para uma Superstição que Escraviza? 4.8-11

Por que vos Voltais Contra mim e meu Ensino? 4.12-20

Os que Confiam na Lei são Escravos, e não Filhos, 4.21-31

A VEREDA DA LIBERDADE, 5.1-6.10

Não se Perca a Liberdade pelo Legalismo, 5.1-12

Não se Abuse da Liberdade com a Licenciosidade, 5.13-26

A Liberdade se Expressa pelo serviço, 6.1-10

POST-SCRIPTUM: Vida de sacrifício em Contraste com o Legalismo, 6.11-18

1.1 Paulo não demora em lançar imediatamente o fundamento que indica a propósito da epístola. O evangelho que ele prega não é de origem humana, mas divina. Seu apostolado, posto em dúvida pelos judaizantes (v. 7), é importante para sustentar a veracidade de sua mensagem.

1.2 *Galácia*. Provavelmente a região ao sul da Ásia Menor incluindo as igrejas de Antioquia, Listra e Derbe (cf. At 13.14-14.24).

1.4 *Pelos nossos pecados*. A verdade central do evangelho - a morte expiatória de Cristo no nosso lugar - também nos extrai deste mundo corrupto e nos coloca no reino de Deus (Cl 1.13).

1.6 *Tão depressa*. Paulo admirava a Susceptibilidade dos gálatas aos argumentos dos seus oponentes. *Passando*. A força do original é inverter, revirar, subverter. Fazendo isto com a graça, o resultado é virar as costas ao Deus "que vos chamou".

1.7 *Outro* (gr *allos*). Do mesmo tipo e valor. "*Outro*", no v. 6, é *heteros*: de tipo diferente.

1.8 *Vá além*. A exigência de guardar a lei ia além do evangelho e, assim, não deixava de destruí-lo.

1.9 *Já dissemos*. Não se refere ao v. anterior, mas à segunda visita aos gálatas (At 14.21ss), quando os missionários os advertiram contra essa propaganda insidiosa.

1.10 Agradar a homens e a Cristo ao mesmo tempo é impossível. "Ninguém pode servir a dois senhores". Portanto, se Paulo é um escravo (gr *doulos*) de Cristo não pode ambicionar o favor dos homens (cf. 1 Ts 2.4).

1.12 *Mediante revelação*. É uma referência à visão de Cristo no caminho para Damasco, seguida de muitas outras revelações através do Espírito como veremos nas epístolas (cf. 2 Co 12.7).

• **N. Hom. 1.15,16** O verdadeiro servo de Deus. 1) Reconhece sua separação e preservação por Deus. 2) Reconhece a chamada de Deus pela graça (At 26.16-18). 3) Reconhece o prazer divino em manifestar o Senhor Jesus Cristo por seu intermédio como também Sua pregação.

1.17 Arábia. Os árabes, sob Aretas, controlavam um território vasto, incluindo a própria Damasco (cf. 2 Co 11.32, 33). Sem ser declarado, podemos concluir que o seu propósito era consultar a Deus, uma vez determinado que o Senhor, e não os apóstolos, seria a fonte da sua mensagem.

1.18 Três anos. É provável que se refere aos anos depois da sua conversão. *Subi á Jerusalém.* Esta visita corresponde àquela mencionada em At 9.26-30. *Cefas.* É o aramaico equivalente a Pedro.

1.19 Tiago, filho de Maria e José, e, portanto, meio irmão de Jesus (cf. Tg 1.1).

1.21 Cilícia. Nesta ocasião estava ligada com a Síria e sob a administração romana. A cidade principal da Cilícia era Tarso, onde Paulo foi criado e agora anunciava o evangelho (23).

2.1 Catorze anos. Não se sabe se são contados a partir da sua conversão ou da sua primeira visita (1.18). Parece corresponder com a visita de socorro de At 11.29, 30 (cf. v. 10). *Tito* não é mencionado em Atos. Não sabemos, portanto, quando foi convertido, ainda que possamos pensar ser ele fruto do ministério de Barnabé e Paulo em Antioquia da Síria.

2.4 Falsos irmãos. São os judaizantes (cf. At 15.1), judeus que tinham aceitado o batismo cristão, mas no fundo permaneciam "legalistas militantes" e que só foram abafados no concílio de Jerusalém (At 15).

2.6 Nada me acrescentaram. O trabalho de Paulo ao apresentar o seu trabalho às "colunas" da igreja em Jerusalém não era porque tinha dúvidas quanto à aprovação divina, mas porque queria unir os dois ramos da Igreja (8) com a bênção dos líderes de Jerusalém. Notemos que Paulo aceitaria rompimento com a Igreja antes de submeter-se a doutrinas falsas (4, 5). Repare esta mesma atitude na reformadores do século XVI.

2.10 Dos pobres (cf. At 11.29-50, 24.17; 1 Co 16.1-3; 2 Co 8.1-15). O cristianismo tem sua dimensão social. O amor prático dentro da família de Cristo é uma demonstração de uma relação vital com Ele (Jo 13.35; 1 Jo 3.17).

2.11-14 Cefas (Pedro), que tinha experimentado a liberdade que há em Cristo depois da visão em At 10.10-35, começou a comer com os gentios em Antioquia. Quando vieram os judaizantes de Jerusalém, Pedro, hipocritamente deixou de seguir o princípio dado pelo próprio Deus. Será que devemos aceitar este apóstolo mais do que qualquer outro como infalível?! sendo, como afirmam alguns, o primeiro papa?

2.15-21 É uma declaração da diferença fundamental entre a lei e o evangelho, concluindo com uma afirmação da fé viva e pessoal do apóstolo.

2.15 Pecadores dentre os gentios. Do ponto de vista de um judeu consciente, todos que não guardavam a lei eram "pecadores" (cf. Mt 11.19; Mc 2.15-17; 14.41; Lc 15.1, 2). Este é também o sentido de "pecadores" no v. 17.

2.16 Justificado... mediante a fé em Cristo. O tema desta epístola aparece aqui pela primeira vez. O resto da epístola é um comentário sobre o mesmo.

2.18 Edificar. Significa deixar Cristo e voltar para a lei. Isso seria muito pior do que comer com um gentio e, conseqüentemente, ser visto com um "pecador".

2.19 Mediante... lei. Paulo conheceu a impotência total desse meio de ganhar a justificação. A nova vida da ressurreição, a autêntica vida de Cristo, outorgada pelo Espírito Santo, cancela de uma vez a relação com a lei. • **N. Hom.** O caminho da liberdade é ser capacitado para fazer aquilo que devo fazer. Isto é viver *para Deus*. 1) É possível morrendo para a lei como meio de salvação. 2) É possível se realmente consideramos que fomos crucificados quando Cristo morreu por nós. 3) É possível se Cristo (pelo Espírito), viver em mim; o que também é possível para mim, pela fé, viver

nEle (cf. Jo 15.1-5).

3.1 *Fascinou*. Tem a idéia, no original, de encantar pelo olhar e por meio de palavras como um feiticeiro. *Exposto*. Como num quadro ou cartaz. Deixando de contemplar a Cristo crucificado, foram seduzidos pelo erro.

3.2-6 Estes vv. descrevem o poder do evangelho em contraste com a lei. 1) Receberam o Espírito. 2) O aperfeiçoamento é autêntico. 3) O sofrimento tem um valor real (cf. Rm 8.18- 2 Tm 2.12).j 4) Milagres foram operados. 5) Escrituras garantem a justiça imputada pela fé.

3.6 *Imputado*. Tem o sentido de calculado. Abraão correspondeu com a exigência da fé e Deus o aceitou nessa base. O argumento, dos judaizantes, baseado em Gn 17, afirmava que as bênçãos divinas foram prometidas a Abraão e aos seus filhos. Para se tornar "semente" de Abraão e ser incluído na sua linhagem, era necessário ser circuncidado. Não!, diz apóstolo. O que importa não é ser filho na carne mas no espírito, pela fé Rm 4.9-12).

3.10 *São das obras*. Significa que confiam nas obras da lei. A condenação aplica-se a todos os que estão debaixo da lei que era impossível de ser guardada (cf. At 15.10; Rm 7).

3.13 *Resgatou* (gr *exegorasen*, "comprou para fora de"). A perfeição de nosso Senhor não era simplesmente em guardar a lei sem falha, mas em se unir com os transgressores dessa lei, tomando sobre si a maldição por eles merecida (Hb 2.10-15), e pagando sua penalidade.

3.16 *Descendente*. Isaque era em si incapaz de trazer as bênçãos a todos os povos (cf. 8). Portanto, Cristo é a verdadeira "semente" (singular em Gn 12.7; 22.17, 18), em que as promessas têm o seu cumprimento.

3.17 O princípio da fé é anterior e mais fundamental do que a lei mosaica. A cronologia aqui usada aparece na LXX. Os manuscritos hebraicos limitam os 430 anos ao período em que os israelitas ficaram no Egito (Êx 12.40).

3.19 *Viesse o descendente*. Refere-se novamente a Cristo (cf. 16n). A lei foi interpolada para que os judeus reconhecessem as transgressões (Rm 3.20). Em contraste com a promessa, a lei foi promulgada por anjos (cf. At 7.38, 53) e Deus ficou à parte. Em Cristo, Deus vem diretamente até ao crente, dando-lhe o Seu Espírito (14).

3.22 *Escritura*. Aqui abrange os textos citados em prol do argumento de que a lei é secundária, dada para encerrar todos sob o pecado e de que a fé é primária porque concede a vida (21).

3.24 *Aio* (gr *paidagōgos*). Era o escravo que conduzia as crianças à escola seguramente e vigiava todas as suas atividades com disciplina severa. A lei conduz o homem a Cristo, porém Ele tira o pecado.

• **N. Hom. 3.24-29** Os maravilhosos benefícios da primeira vinda de Cristo (4.4, 5). 1) Somos justificados pela fé; 2) Ficamos livres da lei (25); 3) Tornamo-nos filhos de Deus (26); 4) Somos um em Cristo - as divisões desaparecem, (28); 5) Somos constituídos descendentes espirituais de Abraão; 6) Somos feitos herdeiros da promessa (29; 4.7).

3.27 *Batizados*. Aponta o sinal exterior de abandono do mundo e da servidão da lei como menor (4.1) e da entrada na família ou Corpo de Cristo. Revestir-se de Cristo significa manifestar-se as suas qualidades (Cl 3.10-17).

4.3 *Rudimentos do mundo*. Possivelmente terá a idéia de "espíritos elementares" que, na cosmogonia pagã, controlavam os tempos e estações (cf. 8-10 e Cl 2.8, 20).

4.4 *Plenitude do tempo*. Cristo apareceu num tempo determinado por Deus que é o ponto central de toda a história. *Enviou*. Afirma a Sua preexistência. *Mulher*. É um eco do nascimento virginal de Cristo. *Sob a lei*. Cristo se submeteu à lei judaica para resgatar-nos do seu poder (5).

4.6 *Enviou*. É a mesma palavra que descreve o ato de mandar o Filho no v. 4. Do mesmo Pai, vêm o Filho e o Espírito. Unidos com Cristo pela fé, recebemos o "Espírito do Filho"

que garante nossa filiação.

4.8 Deuses... não o são. Não quer dizer que não tinham existência, mas que eram demônios (cf. 1 Co 10.20).

4.9 Conhecidos por Deus (cf. 1 Co 8.3; 2 Tm 2.19). Indica mais do que uma referência à iniciativa divina; é o reconhecimento da parte de Deus que somos Seus filhos (cf. Mc 1.11; Mt 7.23; Jo 10.15).

4.14 Enfermidade... tentação. O v. 13 dá a entender que Paulo foi pregar aos gálatas, em parte, por causa de uma enfermidade que possivelmente seria a malária que abundava em Perge no litoral da Ásia Menor (At 13.14), mas não no interior mais alto. Porém, alguns vêem nas palavras "tentação", "desprezo", uma possível alusão à epilepsia (cf. 2 Co 12.7).

4.19 De novo... dores de parto. Estes novos mestres almejavam as afeições dos gálatas sem direito a elas; enquanto o próprio apóstolo tinha a relação de mãe com seus próprios filhos. *Filhos* (gr *teknia*). É uma palavra tanto de brandura e doçura como também de censura. Está ligada ao contexto do embrião tornando-se em criança descrevendo a maneira que o crescimento espiritual produz a forma de Cristo no crente.

4.21-31 Uma alegoria (24) significa mais do que uma ilustração. Como um tipo, refere-se às verdades espirituais escondidas nos acontecimentos e personagens históricos. A velha aliança da lei e a circuncisão não passam de escravidão (tipificada por Agar e Ismael); enquanto a nova aliança da promessa (tipificada por Sara e Isaque) liberta e garante a herança da nova Jerusalém, isto é, o Céu, onde Cristo já reina em poder.

5.1 Para a liberdade. "Para" é a melhor das possibilidades do sentido no original entre "em", "por", "pela razão de". Esta é a conclusão do argumento iniciado em 3.1. A liberdade se baseia na redenção: 1) Da culpa e penalidade dos nossos pecados (1.4); 2) Das forças do maligno (1.4); 3) Da lei com sua maldição (3.13) e seu jugo (5.1). Conclusão: Cristo é o único Mestre e Salvador. Se colocarmos outro a Seu lado, Ele deixa de ser mestre (5.2, 4). Cf. Mt 6,24.

5.5 Aguardamos... justiça. O problema dos gálatas era a busca da certeza da salvação através da circuncisão e da lei. Paulo afirma que a nossa garantia é o Espírito que nos apresentará perante Deus perfeitos na justiça de Cristo (cf. 3.3; Ef 1.13).

5.6 Valor algum. É claro em At 21.20ss que Paulo apoiava a continuação pelos judeus da cerimônia da circuncisão e do cumprimento da lei. Porém, para os gentios que tinham aceitado o evangelho, a obrigação de passar pela circuncisão, para garantir a salvação, era anular a graça de Deus e tornar vã a morte de Cristo (2.21). O rito em si, tanto da circuncisão como do batismo, não tem valor (cf. 1 Co 10.1-12). *Fé que atua pelo amor.* Outra possibilidade: "Fé que é atuada pelo amor" à luz de 2.20. Paulo declara que aquilo que o levou a pôr toda sua confiança na fé para a salvação foi a revelação do Salvador que tão profundamente a amou (cf. Rm 5.8; 8.32). Observe a relação inquebrável entre fé, amor e esperança.

5.9 Fermento. Refere-se a um grupo, pequeno no início, de judaizantes, que pelo exemplo e influência contagiosas levaria a igreja ao erro (cf. 1 Co 5.7).

5.13 Liberdade mas não licença para pecar. O pecado, tal como a lei, escraviza (Rm 6.16). O caminho certo é tornarem-se escravos uns dos outros em amor.

5.16 Andai no Espírito. É seguir a vida do Espírito Santo (Rm 8.13, 14). Antes da conversão, o homem é carne que naturalmente, satisfaz os desejos do coração dominado pelo pecado. Mas quando o Espírito entra e habita no coração, Ele luta contra esses apetites, produzindo em seu lugar o novo fruto que é, nada mais, nada menos, que as qualidades e atributos de Cristo (22, 23). Cf. as Bem-aventuranças em Mt 5.3-10.

5.19 Obras da carne. São produzidas pela força própria do homem em contraste com o fruto do Espírito (22) que só existe pelo poder criador de Deus (cf. 1 Co 3.6; Jo 15.4, 5).

5.21 Não herdarão o reino. Continuar a praticar as obras da carne sem remorso ou arrependimento é uma prova evidente que o Espírito ainda não renovou a criatura (cf.

6.15; 1 Jo 3.6).

• **N. Hom. 5.22** "Nascer do Espírito" (Jo 3.5, 6) significa: 1) Vida real agora (25) e eterna (6.8); 2) Vitória sobre a carne (17); 3) Ser guiado por Deus (18); 4) Produção do fruto do Espírito (22, 23). O cristão está livre da lei, mas guiado e controlado pelo Espírito, faz aquilo que a lei exige (23).

6.2 Lei de Cristo. É uma referência ao "novo mandamento" (Jo 13.34; 1 Jo 4.21) de amar uns aos outros. Esta lei abrange todo o fruto do Espírito (5.22, 23) e cumpre todo o dever do homem para com Deus e os homens (cf. 5.14 com Mt 22.37-40).

6.3-5 Não é bom comparar-se com outrem com o fim de gloriar-se nas suas faltas. No julgamento *cada um levará o seu próprio fardo*, isto é, será julgado com respeito àquilo que ele mesmo fez (cf. 2 Co 5.10). O v. 2 fala de *cargas* que podemos ajudar o nosso irmão a levar (i.e., tristezas, calamidade, etc.); enquanto o v. 5, usando outra palavra no grego, refere-se ao fardo que não podemos compartilhar.

6.6 Os crentes têm uma obrigação material perante aqueles que os instruem em coisas espirituais.

6.8 Semeia para a... carne. São atos de satisfazer e agradar a si mesmo (Rm 15.1-3) que resultam na morte (Rm 6.23). *Semeia para o Espírito*, é obedecer ao Espírito Santo (Rm 8.14).

6.10 Nossa primeira responsabilidade em obras de caridade é para com a família da fé. Nossa primeira responsabilidade perante os incrédulos é a evangelização (Mt 28.19, 20; 1 Co 9.16).

6.11 Aparentemente, Paulo fazia uso de um amanuense (cf. 1 Co 16.21; 2 Ts 3.17) e escrevia a última saudação das suas cartas com sua própria mão. Possivelmente, a epístola aos crentes da Galácia foi toda ela escrita pelo apóstolo.

6.17 Marcas de Jesus (cf. 2-Co 11.23-27). São marcas provenientes da perseguição, em contraste com a marca da circuncisão imposta pelos judaizantes.

Epístola de Paulo aos Efésios

Análise

A epístola aos Efésios, de modo geral, apresenta doutrina na primeira metade e exortação na segunda metade; mas a linha divisória não pode ser traçada de um modo absoluto. O discurso doutrinário é motivado pela situação prática, e as exortações são cravejadas com gemas da verdade.

O louvor inicial se transforma em exultação pelo plano de Deus relativo aos Seus santos, tocante à redenção por Jesus Cristo e a obra do Espírito Santo. Fazendo pausa apenas para duas orações (1.15-23 e 3.14-19), Paulo elabora o que fica envolvido na redenção no que tange ao livramento do pecado, à nova vida vitoriosa, ao mistério da unidade de todos os santos e à sua união com Cristo.

Na última metade, as questões éticas envolvidas são apresentadas em termos da unidade cristã, da nova maneira de andar, do amor, da humildade, das relações humanas construtivas, e da guerra vitoriosa contra o mal mediante plena dependência das realidades espirituais.

Autor

Paulo é, expressamente, o autor desta epístola. Nenhum erudito antigo parece ter discordado dessa opinião, é os oponentes modernos têm tido de labutar contra avassaladora evidência interna e histórica. Embora a epístola talvez também tenha tido a intenção de servir como carta circular para outras igrejas da Ásia, pouco espaço existe para dúvidas de que o escritor tinha em mente a igreja que ele fundara na grande metrópole de Éfeso. Tanto a evidência dos manuscritos como a evidência doutrinária, indicam que essa epístola já era associada com a igreja de Éfeso desde os tempos mais

antigos. Paulo parece ter escrito essa epístola na prisão em Roma, mais ou menos no mesmo tempo em que escreveu Filemom e Colossenses, e parece tê-la enviado por mão do mesmo amigo, Tíquico, que tinha vindo visitá-lo (62 ou 63 d.C.).

Esboço

SAUDAÇÃO, 1.1,2

AÇÃO DE GRAÇAS PELO GLORIOSO PLANO DA SALVAÇÃO, 1.3-14

Propósito de Deus para a Igreja, em Santidade, Graça e Glória, 1.4-6

A Redenção em Cristo Une Todos Consigo, 1.7-12

O Selo do Espírito Santo, Amostra e Garantia da Herança, 1.13,14

ORAÇÃO PARA QUE A VIDA CRISTÃ CORRESPONDA À PEOVISÃO DIVINA, 1.15-23

A UNIDADE DE TODOS OS CRENTES EM CRISTO, 2.1-3.21

O Livramento da Morte e do Pecado, e a União com Cristo, 2.1-10

Privilégios do Evangelho, Compartilhados pelos Gentios, 2.11-22

O Mistério da União de todos os Santos em Cristo, Revelado a Paulo, 3.1-13

Oração para que essa Realidade Seja Verdadeira e Plenamente Experimentada, 3.14,19

DOXOLOGIA A Deus pela Graça Abundante, 3.20,21

EXORTAÇÃO PARA ANDAR COMO CRISTÃO, 4.1-6.9

Andando na Unidade do Espírito, 4.1-16

Andando em Novidade de Vida, 4.17-32

Andando em Amor, 5.1-21

EXORTAÇÃO A TORNAR-SE FORTE NO SENHOR, 6.10-17

Firmeza contra o Inimigo, 6.10-13

Pleno Equipamento para Defesa e Ataque, 6.14-17

EXORTAÇÃO À ORAÇÃO; Observações e Bênçãos, 6.18-24

1.1 Santos. Não quer dizer pessoas sem pecado, mas pecadores salvos pela graça de Deus, que também manifestam fé (*fiéis*) em Cristo. *Em Éfeso.* Esta expressão é omitida nalguns dos mais antigos manuscritos, o que leva alguns a pensar que esta carta foi destinada a ser circulada em várias igrejas (cf. 1.15 - Paulo ouvira a respeito da fé que havia entre eles).

1.3 Regiões celestiais. É a mundo espiritual que, após a morte ressurreição do crente com Cristo, fornece abrigo e ambiente separados do mundo (cf. Cl 3.1-2). Esta expressão só se encontra em Efésios (1.20; 2.6; 3.10 e 6.12). Nos dois últimos vv. é a esfera da operação demoníaca, e está diretamente ligada à frase "em Cristo", expressão chave de toda a epístola.

• **N. Hom. 1.3-14** *Todo sorte de bênção espiritual* nos é concedida para *louvor da Sua glória* (vv. 6, 12, 14). 1) Eleição nEle (v. 4). 2) Predestinação para Ele como filhos (v. 5) 3) Redenção pelo Seu sangue (v. 7). 4) Feitos herança (v. 11). 5) Selados com o Espírito (v. 13).

1.4 Nos escolheu, nEle. É a determinação soberana de Deus na qual Ele nos deu Sua graça salvadora semelhar para qualquer mérito nos recipientes (Jo 6.37; 17.6).

1.6 Concedeu gratuitamente (gr *echaritōsen*). literalmente é "manifestar Sua graça". No :N.T. só aparece aqui e em Lc 1.28. Ligados ao *Amado* (Cristo, o Filho) temos as riquezas infáveis do amor de Deus.

1.7 Redenção. Denota libertar da escravidão através de pagamento. Neste caso, o valor infinito do sangue vertido de Cristo é eficaz para remir os nossos pecados.

1.9 Mistério. Significa nesta epístola (com exceção de 5.32) e também em Colossenses, o propósito de Deus agora revelado em unir tanto os gentios como, os judeus na obra redentora de Cristo (3.4-6).

1.10 Convergir. Iniciada na sua ressurreição, a reconstituição do universo com Cristo como sua cabeça reinante terá seu auge quando toda oposição será posta debaixo dos

Seus pés na Sua segunda vinda (cf. v. 22; Hb 2.8; Rm 8.18-21).

1.14 *O penhor.* O Espírito Santo não é somente a "entrada" paga adiantada, que confirma a posse dAquele que nos comprou e selou (13; 4.30), mas a própria garantia da qualidade de vida que teremos no céu (2 Co 1.22; 5.5; Fp 1.6).

1.15 *Fé... no Senhor.. amor para... os outros.* É a prova dupla da verdadeira regeneração.

1.17-19 São três as petições centrais desta oração apostólica: 1) que os efésios possam conhecer plenamente a *esperança do chamamento* (Cl 1.5); 2) que possam apreciar a *riqueza da glória da Sua (de Cristo) herança nos santos*; 3) que possam meditar na *supremo grandeza do Seu poder para conosco*. Tudo isso é possível para nós *no pleno conhecimento dEle* (v. 17).

1.23 *Plenitude.* O Seu corpo, a Igreja, Salva e remida, é complemento, dEle que é a cabeça.

2.1 *Mortos* (v. 5). A morte espiritual tem vários sentidos: 1) em Adão (Rm 5.12; vd n); 2) em delitos e pecados (cf. Cl 2.13) que acabam na segunda morte (Ap 20.6, 14); 3) com Cristo, quando Ele morreu (Gl 2.20 Rm 6.8, Cl 2.20); 4) no batismo (Rm 6.4; 2.12); 5) numa experiência contínua

(Rm 6.11; Cl 3.5). De qualquer forma, não é a doença mas a morte que nos diz respeito. Esta é a razão por que dependemos completamente dAquele que nos pode dar nova vida (v. 5).

2.2 *Príncipe.* Satanás, que desde a queda de Adão domina o mundo de homens e espíritos em rebelião contra Deus (Jo 12.31) *Ar.* Usado como metáfora: a atmosfera ou a ambiente do século.

• **N. Hom. 2.1-10** A Magnitude do Dom de Deus (v. 8). 1) Dá nova vida aos mortos - condição irreparável (vv. 1, 5, 6). 2) Concede rica misericórdia aos rebeldes (vv. 2-4) 3) Oferece livre graça (salvação ou favor imerecido) aos perdidos (Filhos da ira). Não é nada mais, nada menos do que o Seu grande amor e a suprema riqueza da Sua graça que mostraria uma bondade tão infinita.

2.7 *Séculos vindouros.* É na eternidade depois da segunda vinda.

2.8 *Mediante a fé.* Fé é meio, caminho ou canal. Não é uma "obra" mas, um Dom. "Se respiramos é porque a vida foi respirada dentro de nós" (Simpson).

2.10 *Boas obras.* Só são possíveis depois de sermos criados de novo pelo Espírito, de Cristo (2 Co 5.17; Gl 5.22-25). *Antemão.* Confere toda a glória a Deus.

2.11 A distinção entre gentio e judeu, removida em Cristo (Cl 3.11), fez obsoletos os termos "circuncisão" e "incircuncisão".

2.14 *Parede da separação.* Parece ser uma alusão à barreira na corte dos gentios no templo em Jerusalém. Já foram encontradas duas inscrições proibindo, sob pena de morte, a entrada no recinto cercado pela barreira. Corresponde à barreira da *lei* (v. 15) judaica.

2.15 *Novo homem.* É a Igreja, que é o Corpo de Cristo (cf. 4.13), a "nova criação" de Gl 6.15. Esta unidade se baseia na participação do Espírito (vv. 18, 22).

2.20 *O fundamento* foi lançado pelos apóstolos e profetas cristãos (3.5; 4.11). Toda a estrutura depende de Cristo, a pedra angular (uma designação messiânica, cf. Is 28.16 e Mt 21.42).

2.21 *Bem ajustado* pelo Arquiteto Mestre que incluiu os gentios integralmente e não os fez como um anexo ou uma simples dependência.

3.2-13 Forma um parêntese sobre a missão de Paulo aos gentios. A oração iniciada em 3.1 continua no v. 14.

3.3 *O mistério* vem descrito e analisado no v. 6. É simplesmente Cristo em vós (gentios) a *esperança da glória*" (Cl 1.27).

3.8 *O menor de todos.* É uma confirmação da autoria paulina de Efésios em oposição aos eruditos modernos que a negam (cf. 1 Tm 1.15; 1 Co 15.9).

3.10 *Principados e potestades.* Refere-se tanto aos anjos como também às hostes

nefandas do diabo ou demônios (cf. 1.21; 6.12). Seus conhecimentos são limitados pela vontade de Deus (cf. Jó 1.11; a opinião errada do diabo).

3.11 Eterno propósito. Todos os desígnios de Deus se centralizam no Filho do Seu amor (Mt 28.18),

3.14,15 Pai, . . . família (gr *pater, patria*) Deus é o arquétipo de toda a paternidade, a fonte de todo o povo e a divisão familiar na criação.

3.16 Fortalecidos. Como o corpo humano tem força pela alimentação física, o homem interior é somente revigorado pelo Espírito de Cristo (17) que habita nele (cf. Jo 15.5; 1 Co 12.8-28).

• **N Hom. 3.18,19** As quatro dimensões insondáveis do amor de Cristo ou As quatro extremidades da Cruz. 1) *Largura* - abrange a todos indistintamente (Mc 16.15). 2) *Comprimento* - abrange todos os tempos (1.4; 2 Pe 3.9). 3) *Altura* - estendeu-se até ao céu para trazer o filho Amado esvaziado de Sua majestade (Fp 2.6-8) para onde também nos levará (Jo 14.1-3). 4) *Profundidade* - suportou sofrimento infinito para expiar os nossos pecados (Sl 18.5; 1 Pe 2.24).

3.21 Na Igreja, na sua perfeita união com Cristo, seu Cabeça (1.22, 23) é o local da manifestação da glória que elevamos a Deus (Jo 17.4, 22).

4.1 Vocaçãõ. Somos chamados a viver uma vida de tal modo exemplar que o mundo não possa negar que somos filhos de Deus. As qualidades do v. 2 são imprescindíveis (Fp 2.1-4).

4.4-6 A unidade dos sete elementos que formam os alicerces do cristianismo apela insistentemente para uma unidade correspondente entre aqueles que confiam nesse fundamento. Todos pertencem ao Corpo de Cristo, têm o mesmo *Senhor* e são filhos do mesmo *Pai*. O único *batismo* pode referir-se ao batismo de Cristo por nós (cf. Mc 10.33; Lc 12.50) que compartilhamos simbolicamente no nosso batismo (Rm 6.3-5). Compare 1 Jo 5.6-8 onde João afirma a unanimidade dos três elementos, água, sangue e Espírito no batismo de Jesus Cristo.

4.6 Temos aqui uma afirmação da soberania, providência e graça provenientes de Deus.

4.7-16 Cada um. Todo membro da Igreja tem uma função a desempenhar para o bem do Corpo. Toda responsabilidade e poder são recebidos de Cristo que concede os dons à Igreja para o seu *aperfeiçoamento* que resulta não só em crescimento em número como também em *varonilidade*, i.e., firmeza na doutrina verdadeira (cf. v. 14, 15).

4.11 Pastores e mestres. São dois aspectos de um só ministério.

4.16 Unidade de estrutura no Corpo inteiro e variedade do função nas suas partes são os requisitos para o crescimento. Isso pode ser dito em duas palavras: amor e responsabilidade

• **N. H m. 4.18-24** A. O homem afastado da vida de Deus. O Espírito Santo se afasta do coração que é: 1) ignorante voluntariamente (18), depois 2) é endurecido (18) e finalmente 3) se torna insensível (19; cf. Rm 1.18-32). B. O homem integrado na vida de Deus. O nascimento do Espírito significa: 1) tornar-se discípulo de Cristo (20; gr *motheteō*); 2) ser instruído por Ele nos valores reais (21); 3) revestir-se de Cristo na sua perfeição (24; cf. Rm 13.14).

4.21 A verdade em Jesus. Jesus incorpora a verdade (Jo 14.6) e deu testemunho da verdade (Jo 18.37). Ele é a fonte de toda certeza e fonte dos benefícios do evangelho.

4.22,24 Despojeis... revistais. São palavras que lembrem o batismo primitivo. Os velhos trajes imundos são abandonados para se vestir os novos vestidos brancos de santidade (Cl 3.8-12). Os tempos dos verbos indicam que se referem a atos definidos enquanto a "renovação" (23) é um processo. Só pela renovação contínua do Espírito é possível viver a vida cristã.

4.25 A verdade. Como membros uns dos outros (cf. Rm 12.5) temos que evitar a falsidade em palavra (Cl 3.9) e em ação (cf. 4.15 onde o gr *aletheontes* denota "manter" ou "viver a verdade" em face do erro induzido por astúcia). Tudo é possível àquele que é instruído na

verdade em Jesus.

4.30 *Entristeçais o Espírito.* Ao pecar, quebramos a comunhão com Ele, que é tão santo e não pode contemplar o pecado (Hc 1.13), até que sejamos restaurados depois da confissão e perdão (1 Jo 1.9).

5.1 *Imitadores de Deus.* Aqui está referindo-se ao Seu amor (2) demonstrado na Sua benignidade, compaixão e prontidão em perdoar (cf. 4.32 com SI 103.8-13).

5.2 *Entregou em sacrifício por nós, quer dizer no nosso lugar.* A mesma palavra aparece em Rm 8.32 para descrever o sacrifício do Pai. *Aroma suave.* A mesma frase aparece 40 vezes no Pentateuco (LXX). Enfatiza a aceitabilidade do sacrifício.

5.6 *Filhos do desobediência.* É um hebraísmo significando pessoas rebeldes diante do apelo do evangelho (cf. 22; Cl 3.6).

5.9 *Fruto do luz* (cf. Gl 5.22, 23). É oposto às *obras infrutíferas das trevas* (11). Cristo é a luz (Jo 1.9; 3.19; 8.12). Cumprir a Sua vontade é, portanto, andar na luz. (1 Jo 1.7; 2.10) e produzir o fruto da luz.

5.14 *Desperto.* Possivelmente, este versículo é citado de um hino cristão primitivo, baseado em Is 60.1, que apela aos incrédulos para aceitarem a Cristo.

5.16 *Remindo o tempo.* São as mesmas palavras no gr que vêm muito bem traduzidas em Cl 4.5: "Aproveitai as oportunidades" (cf. n).

• **N. Hom. 5.15-19** O contraste entre o vinho e o Espírito. O cristão cheio do Espírito não tem: 1) andar cambaleante (15); 2) dias perdidos (16); 3) mente entorpecida (17); 4) cântico discordante (19). Em contraste, tem um coração repleto de: 1) comunicabilidade; 2) louvor e música (19); 3) gratidão contínua e universal (20), e 4) desejo de servir (21).

5.20 *Sempre graças por tudo* é a vontade de Deus (1 Ts 5.18) que devemos procurar compreender (v. 17). Aquele que crê mesmo em Rm 8.28 não tem razão de queixar-se mas de agradecer a todos os propósitos divinas aplicados com amor (Hb 12.3-11).

5.21-6.6 *Sujeitando-vos... no temor de Cristo.* O bom andamento da vida: 1) dentro da igreja, requer consciência dos direitos dos outros; 2) no lar, a submissão das esposas aos seus maridos (21) e dos filhos aos pais (6,1, 2); 3) no emprego, dos empregados aos chefes; 4) e, finalmente, da Igreja para o seu Mestre, Cristo (23). Submissão à Sua vontade é o resultado da harmonia e paz que Cristo procurou na cruz (2.13-16).

5.23 *Salvador do corpo.* Assim como Eva estava sujeita a Adão, porque fora formado do seu corpo, a Igreja, Noiva de Cristo, está sujeita a Ele, porque Jesus deu o Seu corpo na cruz por ela. Assim, a Igreja só pode existir em união íntima com Cristo e em submissão total a Ele. Sua vontade fica claramente exposta na Bíblia especialmente no NT.

5.25-27 *Entregou por ela.* O propósito, da morte de Cristo (cf. 5.2) com respeito a sua Noiva é: 1) Santificação - separação completa para Ele. 2) Purificação - lavagem do pecado no Seu sangue (simbolizada no batismo de arrependimento Ap 1.5; At 22.16; 1 Co 6.11; Tt 3.5; Hb 10.22 e na palavra Jo 15.3; 17.17). 3) Apresentação a Si mesmo na Sua vinda (cf. Mt 21.1-14): a) gloriosa (Jo 17.22, 24; 1 Jo 3.2, 3); b) sem mácula nem ruga (cf. 1.4); c) santa e sem defeito (Cl 1.22).

5.28 *Assim também.* O amor sacrificial de Cristo é o exemplo do amor que o marido cristão deve para a Sua esposa.

5.31 *Numa só carne.* O mistério da união do homem com a sua mulher é um tipo de união mais alta de Cristo com a Seus num só Corpo ou numa só existência.

6.4 *Disciplina e admoestação,* isto é, guiar através do ensino e correção. Os pais estão no lugar de Deus perante os filhos menores. Tem a responsabilidade de controlá-los e conduzi-los nos caminhos do Senhor. Os filhos têm a obrigação de obedecer aos seus pais no Senhor (6.1).

6.6 *À vista quer dizer só trabalhar quando o patrão estiver olhando* (cf. Cl 3.22 nota).

6.8 *Receberá... do Senhor.* O galardão mais importante do que nosso salário é aquele que Deus nos dará na Sua vinda (Mt 25.21, 23, 34).

6.10 *Sede fortalecidos* (gr *endunamousthe*). Aparece na LXX usada por Gideão (Jz 6.34).

É favorito de Paulo. Só teremos vitória sobre nosso inimigo se nos fortalecermos no Senhor diariamente.

6.12 *Dominadores deste mundo.* Não lutamos com sangue e carne mas contra as forças demoníacas organizadas numa hierarquia que domina a humanidade e o mundo (Cf. Rm 8.19-23, 38). O príncipe destes poderes é Satanás (2.2) que controla todas as camadas na rebelião contra a suprema autoridade de Deus (cf. 2 Co 4.4; 1 Jo 12.3). Só a maior força de Cristo, que venceu estas forças na cruz (Cl 2.15), pode dar-nos a vitória (vv. 10.13).

6.13 *Armadura de Deus.* É aquela que Ele veste (Is 11.5; 59.17) e a providência para nós. *No dia mau* (cf. 5.16). Refere-se ao dia em que maior tentação de negar o Senhor nos afligirá. Ela se tornará ainda pior na apostasia sob a homem da iniquidade (2 Ts 2.3-5, Mt 24.9-13; Ap 13.7, 15-17)

6.14 *Firmes.* • **N. Hom.** "A Guerra dos Séculos" demanda: A. Posição defensiva armado de: 1) veracidade (4.15), 2) justiça ou santidade (Rm 6.13; Hb 12.14). 3) fé nas promessas, 4) salvação apropriada (1 Ts 5.8; Hb 6.11). B. Posição ofensiva: 1) com a *espada do Senhor* (a Palavra de Deus, Hb 4.12) e com oração que abre a boca da testemunha do evangelho (19).

6.15 *Preparação* (gr *hetoimasia*). Palavra usada para denotar a aparelhagem de um barco. Aqui pode significar "equipamento".

6.23 *Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.* Neles está a fonte da fé e amor cristãos.

6.24 *Amam sinceramente.* No grego, "amam em incorrupção". O amor espiritual e eterno não diminui nem murcha.

Epístola de Paulo aos Filipenses

Análise

Esta é uma das mais pessoais cartas de Paulo. Para ver isso basta notar a frequência da primeira pessoa do singular por toda a epístola. O apóstolo estava escrevendo para um grupo de amigos a quem ele amava profundamente. Esta epístola não se presta facilmente para um esboço sistemático. Na carta, a preocupação de Paulo por aqueles crentes transparece claramente. Ele lhes escreve não tanto na posição de apóstolo que estabeleceu a igreja cristã de Filipos, mas antes, como seu pai em Cristo. Essa diferença é evidente desde a saudação: não "Paulo, apóstolo...", a introdução costumeira, mas antes, "Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus..."

A nota dominante dessa breve carta é a alegria. Isso ainda é mais notável em vista do fato de que Paulo escrevia quando estava aprisionado. As circunstâncias imediatas que circundam um crente não são os fatores que deveriam determinar sua atitude para com a vida.

As notas gêmeas da humildade e da preocupação pelos outros também são bem evidentes. Em vista daquilo que Cristo fez, não há espaço para o orgulho na vida do filho de Deus. Em face do grande exemplo de Cristo, Seus seguidores não ousam ser egoístas.

Essa carta tem pouco de teologia no seu sentido usual. Uma exceção notável, entretanto, é a grande passagem sobre a humilhação e exaltação de Cristo (2.5-11). Similarmente, a carta pouco contém no tocante a instruções éticas específicas. Advertências breves e agudas lampejam a respeito de certos indivíduos que tinham provocado tantas dificuldades a Paulo em outros lugares (3.2), mas não há qualquer refutação de erro teológico, nenhuma repreensão vigorosa de faltas dentro da igreja.

Autor

Atualmente esta epístola é quase universalmente aceita como carta que saiu das mãos de Paulo. Foi escrita da prisão, ainda que a localização dessa prisão não tenha sido

fornecida. As possibilidades que têm sido sugeridas são Roma, Cesaréia ou Éfeso. A posição tradicional diz que Paulo escreveu essa epístola em Roma. Os argumentos em prol desse ponto de vista continuam sendo mais convincentes que aqueles que defendem Cesaréia ou Éfeso como lugar de escrita. Se situarmos a escrita dessa epístola perto do término desse aprisionamento, a data será cerca de 62 d.C.

Esboço

SAUDAÇÃO, 1.1,2

AÇÃO DE GRAÇAS E ORAÇÃO PELOS FILIPENSES, 1.3-111

PARA PAULO O VIVER É CRISTO, 1.12-4.1

Portanto, Paulo Levava o Evangelho por Onde Ia, 1.12,13

Os Crentes em Roma são Encorajados, 1.14

A Atitude de Paulo Reflete a Cristo, 1.15-18

Decisão Difícil: Viver Aqui para Cristo ou Estar com Cristo, 1.19-26

Sentido de "Viver é Cristo", 1.27-2.30

O Modo de Vida Deve Ser Digno do Evangelho, 1.27-30

Devemos Ter a Mesma Atitude de Cristo, 2.1-18

Exemplo de Timóteo (2.19-24) e Epafrodito (2.25-30)

Inigualável Valor do Conhecimento de Cristo, 3.1-11

Necessidade de Crescimento, 3.12-16

Contraste entre os Inimigos da Cruz e os Amigos da Cruz, 3.17-4.1

ALGUMAS EXORTAÇÕES FINAIS, 4.2-23

Apelo pela Unidade e pela Paz, 4.2-9

Testemunho Final e Agradecimento Repetido, 4.10-20

Saudação e Bênção, 4.21-23

1.1 Bispos (gr *episkopoi*, "supervisores"). Havia Vários na igreja de Filipos (cf. At 20.17). Seus atributos vêm alistados em At 20.28. São 9 mesmos chamados "presbíteros" em At 20.17. *Filipos*. É a cidade onde foi fundada a primeira igreja na Europa (At 16.12-40). Era uma colônia romana. Todos os direitos de cidadania de Roma pertenciam a ela. A Igreja teve início na conversão de Lídia que em seguida abriu sua casa para uso da igreja. Provavelmente Lucas ficou em Filipos (note-se o uso da primeira pessoa em At 16.13-17 que continua em At 20.6).

1.5,7 Cooperação (gr *koinonia*). Aqui pode significar "generosidade". É uma das palavras chaves da epístola. A idéia é "participação nalguma coisa com alguém". Note 1.7 onde Paulo e os filipenses compartilham uma união tanto em sofrimento como também na graça (cf. 2.1, "do Espírito").

N. Hom. 1.6 A segurança do crente. A *boa obra* de Cristo: A. Começou no passado. 1) Ele nos elegeu pela graça (Ef 1.4); 2) nos remiu e nos salvou pelo Seu sangue (Ef 1.7; Hb 2.3); 3) nos chamou efetivamente (cf. Gl 1.15, 16); 4) nos criou de novo (2 Co 5.17). B. Será completada no futuro: 1) Temos Sua promessa (Jo 14.3). 2) Conhecemos o Seu poder (Mt 28.18; Jo 17.2). 3) Sabemos o Seu propósito (Jo 17.24).

1.11 Fruto de justiça. Vem pela fé em Cristo. É uma posição justa perante Deus (3.9) ou as qualidades oriundas da presença do Espírito na vida (Gl 5.22). Ambas interpretações são complementares.

1.13 Guarda pretoriana. Em Roma, somava 9.000 homens. Este alto número tem dada mais peso à teoria que esta epístola foi escrita de Éfeso onde a guarda seria muito menor. Ao saber o motivo da detenção de Paulo, ouviram de Cristo.

1.15-17 Dois grupos pregavam o evangelho (cf. 14): um motivado por amor e o outro por rivalidade querendo assim *suscitar tribulação* (lit. "fricção", uma figura sugerida pelo atrito das algemas nas mãos e pernas) ao apóstolo.

1.18 A despeito da má intenção, a verdadeira mensagem era divulgada (contraste com os

judaizantes, Gl 1.6-9). Isso deu alegria a Paulo. *Regozijo* é a nota chave da epístola, aparecendo 16 vezes contando-se sinônimos, verbos e substantivos.

1.19 Libertação (lit. "salvação"). O v. 20 dá a entender que não é da morte ou da prisão que Paulo quer escapar. As palavras são citadas de Jó 13.16 (LXX). Como Jó (13.18), Paulo será vindicado ou sustentado no dia de julgamento pelo Espírito e pelas orações dos filipenses.

1.20 Ardente expectativa (lit. "estender o pescoço"). Paulo não está preocupado com sua sorte pessoal mas regozija-se na glória que Cristo granjeará.

1.21 Viver é Cristo. Toda sua vida (pensamentos, atitudes, etc.) está relacionada com Cristo que o conquistara (3.12). *Morrer é lucro.* Não só para o apóstolo mas também para o avanço do evangelho.

1.27 Evangelho. É outra palavra chave da epístola (cf. 1.5, 7, 12, 2; 2.22; 4.3, 15). Exceção feita a esta passagem, todas as outras referem-se ao ministério de evangelização confiado às mãos de Paulo. • **N. Hom.** O bom estado do coração vence o mundo exterior A. Vivendo de modo (lit. como cidadão) digno do evangelho. Como? 1) Firmes (cf. 4.1). 2) Unidos no Espírito (cf. 1 Co 12.11). 3) Lutando pelo evangelho (cf. 1 Tm 6.20; 2 Tm 1.14; Jd 3). B. Quanto ao mundo: 1) Não intimidados (lit. "debandados como cavalos assustados"). 2) Fortalecidos com a graça para sofrer (29). 3) Constantes no combate (30).

2.1 Se há. Melhor tradução. "visto que há". *Comunhão.* lit. participação (1 Co 6.19; 12.13). *Entranhados* (Cl 3.12). As entranhas eram consideradas a sede das emoções.

2.5 Cristo é o maior incentivo para a humildade, autonegação e amor.

2.6-11 Paulo, nesta passagem, cita um hino primitivo provavelmente traduzido do aramaico. *Subsistindo em forma.* Cristo era a imagem e glória de Deus. É uma clara afirmação da deidade de Cristo.

2.6 Como usurpação. Destaca o contraste entre o primeiro Adão e o Segundo (Cristo). Adão, desejando ser "como Deus" (Gn 3.5), quis usurpar esse lugar através da sua desobediência. Cristo, já existindo em forma de Deus, em vez de explorar a sua posição, escolheu o caminho da humilhação que O levou até à horrível morte de cruz, sendo, por isso, proclamado Senhor.

2.7 Si... se esvaziou. Ele não renunciou os atributos divinos de onisciência, onipresença, mas assumiu a forma de um servo e ocultou sua glória natural (cf. Jo 17.5, 24 com Lc 9.32): *Figura humana.* Cristo não somente se assemelhou aos homens, era verdadeiro homem.

2.8 Se humilhou. Estas palavras têm: um paralelo na LXX em Is 53.8. Sua humilhação, evidente na vida toda, atingiu seu ponto culminante na morte.

2.9 Exaltou sobremaneira. A ressurreição e exaltação do Senhor é a resposta do Pai à sua obediência filial; é o "amém" do Pai ao "está consumado" do Filho. O nome supremo é Senhor (gr *kurios*), usado na LXX para traduzir Javé no AT. Indica que a Cristo é concedido o lugar supremo de autoridade e majestade à mão direita de Deus (Mt 28.18; Jo 17.2).

2.12,13 Desenvolvi a vossa salvação. O contexto indica que Paulo fala do problema de divisão e contenda na igreja. "Salvação" teria aqui o sentido de "saúde espiritual da igreja". O espírito de harmonia é o resultado da obra de Deus.

2.15 Luzeiros. A figura parece ser de estrelas brilhando no céu escuro (cf. Dn 12.3 e Mt 5.14-16). O contraste no comportamento dos cristãos em distinção do mundo é semelhante a Cristo enquanto viveu na terra (Jo 1.9; 8.12; Ef 5.8).

2.16 Palavra da vida. É frase sinônima para "o evangelho" que nós, como aquele que leva uma tocha, devemos segurar firmemente.

2.17 Libação. A possibilidade de Seu sangue ser vertido em morte violenta é comparada à libação de vinho ou perfume despejado nos ritos pagãos de sacrifício. Os donativos dos filipenses para Paulo são aqui o *sacrifício... da vossa fé.*

• **N. Hom. 2.19-23** *Timóteo*, homem único. 1) Em sentimento superior a todos (cf. 4.8). 2) Em cuidado para com os outros - genuíno, (cf. 1 Tm 1.2, onde o gr *genesios* é traduzido "verdadeiro"; 2 Co 11.28). 3) Em ambição - somente Cristo (cf. Mt 6.33). 4) Em caráter - provado (cf. 1.10; 2 Tm 2.15). 5) Em serviço - imitador de Paulo (3.17, 1 Co 4.17).

2.26 *Angustiado* (gr *ademonōn*). Palavra usada, para descrever a agonia do Senhor no Getsêmani (Mt 27.37; Mc 14.33).

2.30 *Se dispôs a dar a própria vida*. Lit. "jogou com a sua vida". Paulo usa a figura do soldado que num jogo ou combate oferece voluntariamente a sua vida.

3.3 *Somos a circuncisão*. Este título, à luz de Rm 2.25-29 e Cl 2.11, agora passou a pertencer à Igreja como o Povo da Aliança (Gl 6.16), herdando assim as promessas de Deus (cf. Rm 9.24-26; 1 Pe 2.9, 10). Não é uma circuncisão literal mas interior e espiritual (Rm 2.28, 29; Gl 5.2-6).

3.4 *Carne*. Aqui refere-se à qualquer valor humana, ganho por herança ou esforço, em que o homem não convertido põe sua confiança.

3.5 *Hebreu de hebreus*, i.e., "um filho hebreu de pais hebreus". Fariseu era o partido judaico conservador que mais estritamente guardou a lei. Perante as exigências exteriores, Paulo era irrepreensível (6). Interiormente ele se reconheceu pecador (cf. Rm 3.20; 7.7-25).

• **N. Hom. 3.7-11** Uma mudança de Valores. Renúncia do passado (4-7). 2) Um alvo para o presente 18-10. 3) Uma esperança para o futuro (11).

3.8 *Ganhar*. No original, tem a mesma raiz que a palavra "lucro" (7). Cristo é agora o único Valor para o apóstolo (cf. 2.21).

3.10 *O poder* (gr *dunamis*). É o poder que Cristo libertou na sua conquista da morte e que nos dará um corpo glorificado igual ao Seu na Sua vinda (20, 21). *Comunhão dos seus sofrimentos*. Refere-se à relação íntima entre os sofrimentos de Paulo e os de Cristo (cf. 2 Co 4.10, 11). *Conformando-me... morte*. A morte com Cristo aqui (Gl 2.20) garante a semelhança com Sua ressurreição (Rm 8.29; Fp 3.21).

3.12 *Fui conquistado*. Na estrada de Damasco Paulo começou a carreira de conquistar a aprovação de Deus (cf. 2 Tm 2.15).

3.13-15 É muito possível que houvesse um grupo de "perfeccionistas" na igreja de Filipos. Paulo desmente sua própria perfeição absoluta (12). Usando a mesma palavra (*teleioi*, "desenvolvido segundo um padrão"), aponta para a maturidade daqueles que, com os olhos fixos no alvo, esperam o "muito bem" do seu Mestre (14).

3.18 *Muitos*. São os cristãos nominais. Eram os judaizantes (cf. 3.2) ou os antinomista que defenderam o abuso da liberdade na graça livre de Deus (cf. Rm 6.1 e ss).

4.1 *Coroa*. A palavra original significa uma grinalda de folhas com a qual o vencedor de uma prova atlética foi galardoado (cf. 1 Co 9.25). Os filipenses serão tal coroação para Paulo no dia final.

4.3 *Companheiro de jugo*. Pode ser um nome pessoal (gr *syzygos*). *Clemente*. Também não é possível identificá-lo. Parece que tinham cargos pastorais.

4.6 *Não... ansiosos*. Neste ponto Paulo era um verdadeiro exemplo. Mesmo enfrentando a morte de um mártir (cf. 1.20), ele não estava preocupado.

• **N. Hom. 4.6-13** A paz divina no coração (7) implica em: 1) Desaparecimento da ansiedade (6). 2) Florescimento de ações de graça (6). 3) Santificação do pensamento (8). 4) Contentamento real em todas as circunstâncias (11, 12). 5) Plena confiança no poder de Deus (13).

4.8 *Amável* (gr *prospile*. Ocorre só aqui no NT. Aplicada às coisas significa "agradável" ou "belo". *Virtude* (gr *arete*). Termo muito raro no NT. Leva idéia de "excelência". Conseguir "virtude" era um dos alvos dos gregos estóicos. Mas o cristão contempla a virtude de Cristo (cf. 1 Pe 2.9).

4.10 *Renovastes*. Um termo da horticultura, "florescer de novo" (Êx 17.24, LXX). *Vosso cuidado*. Lit. "vosso pensamento".

4.11 *Contente* (gr *autarkes*). Ocorre só aqui no NT. Significa, no pensamento estóico, a serenidade de auto-suficiência. Para Paulo, entretanto, Cristo é o segredo do perfeito contentamento (1.21; 4.13).

4.12 *Fartura* (lit. "transbordar"). Pode lembrar os dias antes de convertido. Paulo teria sido deserdado ao se tornar cristão.

4.13 Em razão da união vital com Cristo, o poder (*dunamis*, a mesma palavra pode ser traduzida, "milagre") é provido para enfrentar todo problema e suprir qualquer necessidade.

4.17 A linguagem aqui é comercial. A oferta é um investimento que trará ricos lucros no serviço de Deus e um crédito cumulativo para os filipenses.

4.18 *Aroma suave* (cf. Gn 8.21; Lv 1.9, 13; Ef 5.2n). Serviço e participação sacrificial não só sustentam o trabalho do Senhor, mas, são atos de culto que agradam a Deus (2 Co 8-3-5).

4.19 *E* (lit. "mas") *o meu Deus*. Possivelmente, os filipenses deram até se empobrecerem (cf. 2 Co 8.2 e ss). *Riqueza em glória* ou "riqueza gloriosa". *Suprir* é a mesma palavra no original traduzida no v. 18 por: "tenho em abundância".

4.22 *Casa de César*. Refere-se àqueles a serviço do Imperador (em Roma ou em Éfeso) que, através do testemunho de Paulo, teriam sido convertidos.

Epístola de Paulo aos Colossenses

Análise

Os colossenses tinham uma preocupação exagerada pela observância de ritos e cerimônias, e também davam-se licença para usar, de alguma forma, da adoração aos anjos. Por conseguinte, estavam infectados com uma heresia que parece ter incluído tanto elementos judaicos como elementos gnósticos, Paulo tratou o problema deles, apresentando-lhes o incomparável caráter de Cristo. Em um trecho notável ele se refere ao que o Senhor realizou na redenção e na reconciliação, além de falar sobre a Sua preeminência. Cristo é a "imagem do Deus invisível". Através dele todas as coisas foram criadas. Ele é o cabeça da Igreja. Assim é que Paulo lhes apresenta o Cristo que ele pregava. Em vista de Cristo ser tão extraordinariamente excelente, e visto ter conquistado completamente a salvação dele Paulo pôde rogar-lhes que se abstivessem das fantasias que vinham seguindo. Ele contrasta a nova vida em Cristo com sua antiga maneira pecaminosa de viver e exorta-os a que pratiquem as virtudes cristãs. Visto que eram crentes, cumpria-lhes regularem todas as suas relações em termos de sua fé cristã. Assim é que ele fala do modo como esposas e esposos, filhos e pais, escravos e senhores, devem comportar-se uns para com os outros. O apóstolo lembra-lhes ainda que é necessário que o crente se comporte sabiamente na presença dos incrédulos. A epístola termina com uma série de saudações.

Autor

A epístola afirma haver sido escrita por Paulo (1.1). Está vazada no estilo paulino e expressa idéias paulinas. Não existe dúvida razoável de que o livro foi escrito pelo grande apóstolo. Foi escrito na prisão (4.18), que a maioria acredita ter sido a do aprisionamento em Roma, quase no fim de sua vida.

Esboço

SAUDAÇÃO, 1.1,2

AÇÃO DE GRAÇAS, 1.3-8

ORAÇÃO, 1.9-12

A OBRA DE DEUS EM CRISTO, 1.13-23

Redenção, 1.13,14

A Excelência de Cristo, 1.15-19
A Reconciliação, 1.20-23
O MINISTÉRIO DE PAULO, 1.24-2.3
O ENSINO FALSO É DENUNCIADO, 2.4-23
Andando em Cristo, 2.4-7
O Término da Obra de Cristo, 2.8-15
Exortação contra o Ritual Elaborado, 2.16-23
A VIDA CRISTÃ, 3.1-4.6
A Nova e a Antiga, 3.1-11
O Exercício das Virtudes Cristãs, 3.12-17
Relações Familiares e Sociais, 3.18-4.1
Exortação à Oração e ao Andar em Sabedoria, 4.2-6
CONCLUSÃO, 4.7-18
A Missão de Tíquico, 4.7-9
Saudações, 4.10-17
Assinatura, 4.18

1.2,3 *Pai*. Temos a graça e paz de Deus nosso Pai somente porque Ele é Pai de nosso Senhor (3).

• **N. Hom. 1.4,5** Quem são os Santos? 1) São os incorporados, em Cristo - passado (4). 2) São os que têm amor fraternal - presente. 3) São os que têm uma esperança segura nos céus - futuro (5). Notam-se os mesmos princípios em 1 Co 13.13 e 1 Ts 1.3.

1.6 *Produzindo fruto e crescendo*. O verdadeiro evangelho tem sua própria energia interna, suficiente para se divulgar por todo o mundo (Rm 1.16; 10.18).

1.7 *Conservo* é um título favorito de Paulo para indicar aqueles que compartilhavam com ele o ministério (cf. 4.7 - Tíquico). *Epafras* estabeleceu as igrejas de Colossos, Laodicéia (cf. Ap 3.14) e Hierápolis (4.13) durante a jornada de Paulo em Éfeso (At 19.10).

• **N. Hom. 1.9-11** Viverdes de modo digno do Senhor, significa conservar: 1) A cabeça sábia (v. 9); 2) Os pés firmes: (v. 10a); 3) As mãos ocupadas (10b); 4) As costas fortes (v. 11); 5) O rosto alegre (v. 11b).

1.10 Conhecer a Deus significa possuir vida eterna (Jo 17.3). *Pleno conhecimento* é perfeita comunhão que resulta em *pleno conhecimento de sua vontade* (v. 9).

1.11 *Todo o poder* só pode ser do Espírito Santo (cf. At 1.8). *Força do sua glória* refere à ressurreição e ascensão (Rm 6.4).

1.13 *Império dos trevas* (no original, estas mesmas palavras aparecem em Lc 22.53), sob o poder do diabo e seus anjos (cf. Ef 2.2; 6.12; Gl 1.4).

1.15 *Imagem* (cf. Mt 22.20 com Rm 8.29 e Cl 3.10; Gn 1.27). Cristo é a representação visível do Deus invisível, *Primogênito*, longe de declarar que Cristo foi criado, salienta que Ele é o alvo de toda a criação com direito de primogenitura, i.e., "herdeiro de todas as coisas".

1.16 Aqui, temos uma referência aos direitos do Criador como dono e mestre em contraste com os anjos ministradores que os gnósticos aconselhavam adorar.

1.17 *Subsiste* descreve o poder de Cristo na manutenção da criação dando coesão aos elementos (Hb 1.3).

1.18 Conquanto nos vv. 15-17 a primazia de Cristo sobre toda existência seja declarada, é evidente que ainda não é reconhecida por homens e demônios. Aqui no mundo, a Igreja, o Seu Corpo, testemunha da verdadeira primazia de Cristo.

1.19 *Plenitude* (gr *plerōma*) é um termo técnico para indicar plena deidade (cf. 2.9).

1.22 *Reconciliou*, refere-se ao sacrifício de propiciação que apazigua o Deus santo afastado pelo pecado.

1.24 *O que resta das aflições*, não quer dizer que: havia falta no sacrifício perfeito de Cristo, mas refere-se ao custo de aplicar o seu valor no mundo.

1.27 Mistério (cf. Ef 3.6) é Cristo morando nos gentios através do Espírito Santo que é a garantia da glória do céu;

• **N. Hom. 1.28** A Responsabilidade do Ministério: 1) Anunciar Cristo; 2) Advertir contra o erro doutrinário e moral; 3) Ensinar toda a vontade de Deus (cf. Mt 28.20); 4) Preparar todo homem para ser apresentado perante Deus.;

2.1 Grande luta (gr *agōna*), descreve a vida de oração do apóstolo.

2.3 Tesouros... ocultos. Os gnósticos se orgulhavam nas doutrinas secretas reservadas aos iniciados. Não, diz Paulo, "Toda verdadeira sabedoria está oculta em Cristo e por isso acessível a todos (cf. 1.28).

• **N. Hom. 2-6,7** Figuras de progresso e firmeza: 1) A vereda - trilhada por fé (vv. 5, 7; cf. Gl 3.2, 3); 2) A árvore - arraigada em Cristo (v. 7; cf. Jo 15.1-11); 3) O edifício - fundado nele (1 Co 3.10-12) e construído em volta dEle, a Pedra angular (v. 7; 1 Pe 2.4-8).

2.8 Filosofia, não legítima, mas o tipo de raciocínio humano que não faz caso da revelação de Deus e seduz por sutileza. Sua fonte - tradição humana (v. 22; cf. Mc 7.3, 5, 8), seu conteúdo - noções rudes ou elementos (gr *stoicheia*, cf. 20; Cl 4.3, 9; Hb 5.12) do mundo.

2.10 O cabeça. Aquilo que Cristo é para a Igreja em amor (1.18), Ele é em primazia e autoridade sobre toda criatura no universo.

2.11,12 Circuncidados. A perfeição (v. 10) concedida pela circuncisão espiritual (cf. Dt 10.16; 30.6; Jr 4.4) que Cristo experimentou e fornece, vem através da Sua morte, sepultamento e ressurreição. Tudo isto é simbolizado pelo batismo (cf. Rm 6.1-11) e apropriado pela fé (v. 12). O batismo toma o lugar da circuncisão na nova aliança.

2.13 Variados sentidos de "morte" em Colossenses: 1) Morte literal (de Cristo) (v. 11; cf. Fp 2.8); 2) Morte em pecado (v. 13; cf. Ef 2.1); 3) Morte e sepultamento junto com Cristo no ano 30 d.C. (v. 12, 2 Co 5.14); 4) Morte da vida velha marcada exteriormente pelo batismo (v. 20; 3.9; 1 Pe 2.24); 5) Morte por esforço e fé no presente (3.5; Rm 6.11).

2.14 O escrito é o contrato de obrigação de guardar a lei junto com a penalidade pronunciada contra aqueles em falta (cf. Gl 3.13).

2.15 "O paradoxo da cruz está posto na mais forte luz - triunfo em desamparo e glória em vergonha" (Lightfoot). Em despojar o corpo (v. 11), Cristo triunfou sobre todo inimigo.

2.16-19 A liberdade do cristão é condicionada pela sua relação a Cristo como Cabeça controlador e ao Corpo (i.e., a Igreja) como membro (v. 19; cf. Rm 12.3-8; 1 Co 12.12-30). Não se submeter a Cristo garante a introdução de erro e pecado na fraternidade.

2.20 Como a morte com Cristo corta o vínculo do pecado (Rm 6), igualmente, tira o laço de serviço com as potestades que Cristo conquistou.

3.1,2 Buscai... pensai... Toda nossa ambição além da morte seria descobrir e explorar as riquezas nas regiões celestiais (Ef 1.3). Deve ser nossa aspiração agora.

3.3,4 Já que morremos com Cristo, a nossa vida nova está oculta nele e Ele em Deus. Quando Cristo voltar, o nosso estado glorioso será manifesto (cf. 1 Jo 3.2).

3.5 Mortos com Cristo na cruz e, pessoalmente, juntados simbolicamente com Ele no batismo (cf. 2.13) são as verdades fundamentais que dão força para matar (gr *nekrōsate*) o velho homem na vida diária. A morte da velha natureza que se manifesta nos desejos ilícitos e pecados da língua (vv. 8, 9; cf. Tg 3.1-12) se realiza por abnegação ("tome a sua cruz") e obediência a Cristo ('siga-me', Mc 8.34).

3.8-10 A imagem de Deus (cf. Gn 1.27) é recriada no crente pela aplicação da obra de Cristo na vida. Nós podemos despojar o "velho homem" somente porque Cristo despojou o "corpo da carne" (2.11) e os "principados e potestades" (2.15).

3.1 O *novo homem* é personalidade de Cristo criada no crente pelo Seu Espírito (Gl 2.20). Desta forma é recriada a imagem de Deus na qual Adão foi originalmente criado (Gn 1.27). O pecado desfez a imagem; a nova vida compartilhada por Cristo (o Segundo Adão e perfeita imagem de Deus) a refaz.

• **N. Hom. 3.11-17** Quando Cristo é tudo em todos: 1) As divisões desaparecem (v. 11); 2)

As mais apreciadas qualidades aparecem (v. 12); 3) A compreensão e o perdão têm êxito (13); 4) O amor une a todos (v. 14); 5) A paz e a gratidão dominam o coração (v. 15); 6) A vida se torna exemplar aos outros (v 16); 7) Deus é plenamente glorificado (v 17).

3.12 Eleitos... santos e amados. "Estes três termos são transferidos da Velha Aliança para a Nova, do Israel segundo a carne ao Israel segundo o Espírito" (Lightfoot).

3.17 Em nome do Senhor Jesus. Este versículo deve ser comparado com a exortação aos escravos (vv. 23, 24). A frase significa falar e agir como os que levam a nome digno de Cristo, assim como o filho é reconhecido pelo nome do pai.

3.18 No Senhor. As exortações práticas dos versos 18-4.1 visam a nova relação mútua com Cristo dentro do Seu Corpo, a Igreja (cf. Ef 5.21n).

3.22 Sob vigilância (gr *ophthalmoudouliais*, lit. "serviço de olhos"). É a primeira vez que aparece e bem pode ser uma palavra criada por Paulo (cf. Ef 6.6). Significa servir sem vontade ou ânimo.

4.2 Perseverai (gr *proskartereō*), com a idéia de continuar e esperar (cf. Mc 3.9 e At 10.7). Acerca de oração, At 6.4 e Rm 12.12.

4.3 Suplicai. A oração é a preparação necessária para qualquer trabalho espiritual.

4.6 Temperado com sal. Como a comida é temperada com sal, a vida e conversa do cristão deve ser agradável e atraente, não insípida ou morosa, especialmente perante os descrentes.

4.7 Tíquico. Cf. a recomendação de Epafras por Paulo (1.7):

4.9 Onésimo. Paulo escreveu a epistola a Filemom que morava em Colossos para que ele aceitasse como irmão o seu antigo escravo Onésimo.

4.10 Prisioneiro, lit., "prisioneiro de guerra". Em Fm 23 Epafras é assim chamado como também Andrônico e Júnias em Rm 16,7.

4.11 Jesus... tradução gr do nome heb Josué. Este falta entre os cinco companheiros mencionados em Fm; não podemos identificá-lo.

4.14 Lucas. Só por esta passagem sabemos que Lucas era médico e crente gentio.

4.15 Igreja. Como em outras cidades (cf. At 12.12; 1 Co 16.19; Rm 16.5; Fm 2; etc.), congregou na casa de um membro ou, e não cabia, em várias casas. Formaram grupos ou congregações da comunhão maior da igreja daquela cidade que só podia ter uma igreja. Só no terceiro século encontramos edifícios separados para o culto cristão.

4.16 A epístola aos laodicenses é identificada por alguns como a epístola aos Efésios (cf. Ef 1.1n). É melhor reconhecer que desapareceu. O intercâmbio de cartas serviu para guardar e juntar as cartas do NT.

Primeira Epístola aos Tessalonicenses

Análise

A igreja em Tessalônica, fundada por Paulo durante sua Segunda viagem missionária (At 17), compunha-se de convertidos dentre os judeus, gregos devotos, mulheres nobres (At 17.4), e muitos vindos do paganismo gentio. Depois de haver partido de Tessalônica (At 17.10), Paulo enviou Timóteo a eles (1 Ts 3.1-3), e ele posteriormente levou um relatório a Paulo, que estava em Corinto. Muitos crentes tessalonicenses estavam desconsolados por causa de entes queridos que já haviam falecido (4.13-17), alguns andavam ociosos (4.11), e até mesmo desordenadamente (5.14). Alguns, sentiam-se tentados a voltar aos vícios dos pagãos, (4.1-8). A perseguição era intensa (3.3, 4). Outros atacavam os motivos e o caráter de Paulo (2.1-12), enquanto outros ainda ansiavam pela sua presença (3.6). Em resposta ao relatório de Timóteo, Paulo escreveu de Corinto a fim de louvar aos crentes pela sua fé (1.2-10); defender o seu apostolado (2.1-12) e unir-se à igreja com laços mais fortes (2.17-3.10); exortar à pureza moral, ao amor fraternal e à diligência no trabalho diário (4.1-12); consolá-los em sua preocupação pelos parentes falecidos (4.13-17) e assegurar-lhes que os crentes estão isentos do juízo

vindouro do Dia do Senhor (5.1-5); exortá-los à vigilância (5.6-11) e à conduta ordeira na assembléia e na vida diária (5.12-23).

Autor

As epístolas aos Tessalonicenses são importantes, não porque figurem entre as primeiras cartas de Paulo e revelam muito acerca do ministério desse apóstolo e das condições da igreja, mas porque contêm grandes ensinamentos concernentes à segunda vinda de Cristo. 1 Tessalonicenses foi escrita em Corinto, em 51 d.C.

Esboço

A RELAÇÃO ENTRE PAULO E A IGREJA TESSALONICENSE, 1.1-3.13

A Reação dos Tessalonicenses ao Evangelho, 1.2-10

Oração de Ação de Graça, 1.2-4

Provas da Eleição, 1.5-10

Relembrando o Caráter do Ministério de Paulo, 2.1-12

A Pureza de seus Motivos, 2.1-6

A Pureza de suas Emoções, 2.7,8

A Pureza de sua Vida, 2.9-12

A Recepção pelos Tessalonicenses, 2.13-16

Recepção da Palavra de Deus, 2.13

Perseguição pela Palavra de Deus, 2.14-16

Relação de Paulo para com os Tessalonicenses, 2.17-3.13

As Intenções de Paulo, 2.17,18

A Missão de Timóteo, 3.1-10

Oração pela Reunião, 3.11-13

EXORTAÇÃO DE PAULO À IGREJA TESSALONICENSE, 4.1-5.28

Sobre a Conduta do Crente, 4.1-12

Afrouxamento Moral, 4.1-8

O Amor aos Irmãos, 4.9-12

Sobre a Consolação do Crente, 4.13-5.11

O Arrebatamento dos Santos, 4.13-18

O Dia do Senhor, 5.1-11

Sobre a Conduta na Igreja, 5.12-22

Oração Final, 5.23,24

Pedidos Finais, 5.25-28

1.1 *Silvano* é o companheiro de Paulo chamado Silas em At 15.22, 40; 16.19-25, 17.4, que junto com Timóteo estavam com Paulo em Corinto, nesta altura. *Senhor* é a tradução de: Jeová na LXX, a Bíblia grega de Paulo. O título do Deus da Aliança do AT é dado no NT ao Cristo ressurreto e glorificado (Fp 2.9-11).

• **N. Hom. 1.3** Os sinais de um cristianismo real: 1) Fé que opera (Gl 5.6) em deixar os ídolos e converter-se a Deus (9); 2) Amor que labuta (gr *kopou*) no serviço do Senhor (9); 3) Esperança que se firma na paciência (gr *hupomone*) aguardando a vinda de Cristo (v. 10).

1.4 *Vossa eleição*. Deve ser "vossa eleição". Tanto no AT, onde Deus elege a nação de Israel para ser o Seu povo, como no NT, onde Ele escolhe indivíduos, devemos lembrar-nos que a salvação é toda dEle (cf. 1 Pe 1.2; Ef 1.4). Eleição é a amor de Deus em ação.

1.5 "O evangelho não é a apresentação de uma idéia, mas a operação de um poder. Quando o evangelho é pregado... o poder de Deus está em operação para a salvação dos homens, tirando-os dos poderes de destruição... e transferindo-os para a nova era de vida" (Nygren).

1.6 Só o Espírito Santo é capaz de dar alegria no meio de grande aflição e sofrimento (cf.

Hb 12.2; Cristo suportou a cruz em alegria; cf. 1 Pe 1.6, 8; 4.13).

1.8 *Repercutiu*, como o som estridente de um clarim ou o estrondo da trovoadas. Bastava somente contar a história dos crentes de Tessalônica para se realizarem novas conversões.

1.10 *Ira vindoura* refere ao julgamento final de Deus em justiça. Então as profecias do AT (cf. Is 2.10-22; Sf 3.8) e do NT (Cf. Rm 3.5, 6; Hb 6.2; Jd 14.15; Ap 6.17) terão cumprimento. O único escape é o livramento de Cristo.

2.1 *Infrutífera*, lit. "em vão", demonstrado nos resultados contínuos.

2.2,3 Quando para anunciar o evangelho custa caro em meio de sofrimento e luta, a fonte de ousada confiança só pode ser o nosso Deus. O v. 3 talvez aponte para as acusações dos judeus de Tessalônica contra Paulo, mas não importa uma vez provado que Deus tenha dado sua aprovação.

2.7 *Enviados* (gr *apostoloi*). Os filósofos epicureus e cínicos, também buscavam adeptos, viajando e pregando com esse intuito, mas eram motivados por ganância e glória humana. Os apóstolos de Cristo são muito diferentes como se pode verificar nos vv.1-13. *Carinhosos*. Alguns dos melhores manuscritos têm *nepioi*, "bebês", que indicaria a maneira como os pregadores se adaptavam aos seus ouvintes.

• **N. Hom. 2.10-19** Características do verdadeiro Ministro: 1) Seu procedimento - a) piedoso perante Deus; b) justo perante o mundo; c) irrepreensível perante os irmãos. 2) Seu relacionamento: de pai com seus filhos (vv.11, 17).

• **N. Hom. 2.12** A. A responsabilidade do Ministério (v. 12): 1) *Exortamos* - (*parakaleō*), "implorando" os restantes (cf. 3.2 com Rm 12.1 onde se encontra a mesma palavra no gr); 2) *Consolamos* (*paramutheomai*) "encorajando" os fracos e tristes; 3) *Admoestamos* (*marturomai*), "insistindo" com os vacilantes. B. O galardão do Ministério (vv. 19, 20): 1) Esperança (v. 19; cf. Rm 15.16); 2) Alegria (39; Fp 41); 3) Coroa (v. 19; Fp 4.1; 1 Pe 5.4); 4) Glória (v. 20; cf. Jo 15.8; 1 Pe 5.8).

2.12 *Modo digno* (gr *axios*), originalmente, "equilibrar os pratos da balança"; portanto, comportar-se como Deus, o mais alto ideal (cf. Lc 11.44, 45; Mt 5.48, 1 Pe 1.15, 16)

2.13 Temos aqui uma advertência contra a tendência da Igreja de pôr a tradição humana no mesmo nível com a palavra de Deus.

2.14 *Igrejas de Deus*. No AT grego (LXX), a igreja de Deus (*ekklesia*) refere-se à congregação do Povo Escolhido e, praticamente, equivale ao termo "sinagoga". A diferença entre as igrejas cristãs e aquelas era a aceitação de Jesus como Messias, o que as torna em "igrejas... em Cristo Jesus". *Imitadores* na maneira que suportaram a perseguição.

2.18 Atrás dos obstáculos no caminho da divulgação do evangelho encontra-se Satanás (Rm 16.20). É necessário avançar no poder de Cristo, que pode vencer "o valente", tirar a sua "armadura e dividir os seus despojos" (Lc 11.21, 22; cf. 1 Ts 3.11).

3.1 A divisão entre os capítulos aqui é infeliz. *Pelo que* liga aquilo que segue aos vv. 17-20 que precedem. *Sozinhos*. A palavra no gr é forte: "abandonados". Foi com sacrifício que Paulo ficou para enfrentar o intelectualismo incrédulo de Atenas (cf. At 17.15ss).

3.2 *Ministro* (gr *diakonos*). Outros manuscritos têm, "companheiro de trabalho" (*sunergon*).

3.3 *Inquiete*, lit. "sacudir a cauda" (como um cão), i.e., pela lisonja levar os crentes ao abandono do evangelho no meio da perseguição. Aflições são normais não excepcionais (Jo 16.33; At 14.22).

3.5 *Tentador... provasse*. Ambas as palavras têm a mesma raiz no original. Vemos o diabo na sua atividade natural (cf. 2.18).

3.6 *Boas notícias* (gr *euangelisamen*) é o único caso no NT em que não significa a obra salvadora de Deus em Cristo.

3.8 Para Paulo o sucesso da propagação do evangelho era mais importante que a própria vida (cf. Fp 1.21 e Mc 8.35 com 2 Co 11.24ss).

3.10 Esta oração foi respondida alguns anos mais tarde (At 20.1, 2). *Reparar as deficiências*. Calvino diz bem. "Daqui é evidente a importância de dedicar-nos ao ensino. Pois mestres não foram ordenados para num dia ou num mês conduzir os homens à fé em Cristo, mas que conduzam à perfeição a fé apenas iniciada".

3.11 *Dirijam-nos*. O verbo no original é singular indicando a unidade de Deus Pai com o Senhor Jesus Cristo.

3.12 Amor é a única coisa que não pode ser levada ao excesso (Bacon). A obrigação vai além de amar uns aos outros até o ponto de amar a todos, inclusive os perseguidores (cf. Mt 5.44-47).

3.13 *Coração*. Na Bíblia, o coração não é a sede das emoções mas o centro controlador da personalidade. • **N. Hom.** Nossa santificação: a vontade de Deus (vv. 3-13): 1) Na vida sexual - pureza (vv. 3-7); 2) Na vida da Comunidade - amor (vv. 9.10); 3) na vida no mundo - dignidade (gr *euschemonōs*), "boa aparência", "conveniente"; cf. Ef 4.28.

4.3 *Santificado*, o processo de se tornar santo, enquanto em 3.13 *santidade* é o estado de ser santo.

4.4 *Possuir o própria corpo*, i.e., na pureza sexual, sendo o templo do Espírito Santo (cf. 1 Co 6.19). É notável que pecar neste respeito é rejeitar a santificação que o Espírito Santo nos dá (vv. 7, 8).

4.9 *Por Deus instruídos* (cf. Is 54.13). Não deve ser uma alusão ao novo mandamento de Cristo (Jo 13.34) nem à obrigação de amar o próximo declarada no AT, mas parece ser a atividade de Deus (gr *theodidaktōi*) no coração (Jo 7.17).

4.13 *Dormem* representa a palavra grega que descreve 14 vezes no NT a morte exclusivamente do crente (cf. Jo 11.11). Não nos dá informação sobre o estado entre a morte e a ressurreição além de afirmar que dormir em Cristo garante voltar juntamente com Ele no dia da ressurreição (v. 14). Tanto em morte como em vida estamos com Ele (5.10; Fp 1.23), portanto a nossa tristeza é devida somente à separação temporária enquanto a morte do incrédulo é separação eterna (cf. 2 Ts 1.9).

4.15 Em vv.14-18 Paulo apresenta ensino sobre o arrebatamento da Igreja. Claramente encontramos: 1) A vinda do Senhor (*parousia*, ver 2 Ts 2.1n) se realizará na descida do Senhor do céu; 2) A ressurreição dos crentes depende da ressurreição de Cristo (v. 14); 3) Os salvos ressuscitarão antes dos outros acontecimentos ligados com sua vinda (v. 16; cf. Ap 20.4-6); 4) O encontro com o Senhor, dos mortos e vivos, nos ares significa permanência no novo corpo glorioso (1 Jo 3.2, 1 Co 15.51-53) na presença de Cristo que então deve proceder para a terra na companhia dos santos (1 Co 6.2; Ap 20.4).

4.18 *Consolai-vos*. • **N. Hom.** A bendita esperança da Vinda do Senhor: 1) Encoraja a evangelização do mundo (Mc 13.10); 2) Tira o temor (Jo 14.1-3); 3) Dá firmeza na obra do Senhor (1 Co 15.50-58); 4) Dá consolação na perda de uma pessoa amada (1 Ts 4.18); 5) Purifica a vida em santidade (Tt 2.12-14; 2 Pe 3.11, 12; 1 Jo 3.3).

5.2 O *Dia do Senhor*, é uma frase do AT significando a intervenção divina na história com salvação e julgamento (Is 2.12, 13.6, Sf 1.14; 3.11, 16). No NT refere-se à Segunda Vinda do Senhor (Lc 17.24; 1 Co 1.8).

5.8 A maneira de vigiar para que o dia do Senhor não nos sobrevenha com "repentina destruição" (v. 4) é sermos do dia (5; cf. Jo 8.12), sermos sóbrios (desembaraçar-se de todo pecado e peso, Hb 12.1) e vestir-nos de fé no Senhor (Ef 2.8), amor aos irmãos (1 Ts 4.9) e esperança nas promessas (1 Pe 1.3, 13, 21).

5.9 *Destinou* (gr *etheto*) é uma palavra muito mais suave do que predestinou (Rm 8.29, 30). A iniciativa da nossa salvação da ira de Deus tem origem no seu amor manifestado na morte de Cristo por nós (v. 10; Rm 5.8).

5.12,14 A construção no grego dá a entender que é um só grupo (os anciãos, também chamados bispos, At 20.17, 28; note a referência a pastorear donde vem o termo pastor) que preside, trabalha e admoesta os crentes. Mas não somos encorajados a elevar o pastor a uma classe clerical conquanto os

crentes saltem com a responsabilidade (v. 14).

5.23 *Espírito, alma e corpo*, Não prova coisa alguma acerca da psicologia do homem (cf. Mc 12.30). O alvo desta oração é a santificação total do homem.

Segunda Epístola de Paulo aos Tessalonicenses

Análise

O portador da primeira epístola aos Tessalonicenses levou a Paulo notícias sobre o crescimento espiritual daqueles crentes. Paulo sentiu-se grandemente consolado pelo relatório. Em adição, o relatório dado ao apóstolo indicava que um ensinamento errôneo, que, supostamente, teria vindo da parte de Paulo, havia chegado a Tessalônica ou através de uma epístola forjada ou por meio de relatórios orais e escritos sobre seu ensinamento. Alguns afirmavam que as tribulações e perseguições que estavam sofrendo eram as tribulações do Dia do Senhor e, conseqüentemente, que, ou não tinham sido arrebatados, ou então Paulo estava equivocado em seu ensino (1 Ts 4.13). Paulo escreveu a segunda epístola a fim de louvá-los por seu desenvolvimento espiritual (1.3, 4); de consolá-los em suas perseguições (1.5-10); de corrigir as informações errôneas e as idéias falsas que tinham acerca do Dia do Senhor (2.12); e de corrigir as desordens na igreja (3.6-15).

Autor

Pela semelhança das condições refletidas pelas duas epístolas aos Tessalonicenses, pode-se concluir que Paulo escreveu a segunda epístola pouco depois da primeira, provavelmente dentro de alguns poucos meses. Foi escrita em Corinto, em 51 d.C.

Esboço

INTRODUÇÃO, 1.1-12

Saudação, 1.1,2

Agradecimento, 1.3-10

Intercessão, 1.11,12

INSTRUÇÃO AOS CRENTES TESSALONICENSES, 2.1-17

Correção de uma Idéia Errônea, 2.1,2

A Revelação do Homem do Pecado, 2.3-10

Seu Caráter, 2.3-5

Aquilo que o Restringe, 2.6,7

Seu Ministério, 2.8-10

O Julgamento dos Incredulos, 2.11,12

Ação de Graças e Oração, 2.13-17

INJUNÇÕES AOS CRENTES TESSALONICENSES, 3.1-16

Chamada à Oração, 3.1-5

Ordens sobre a Disciplina na Assembléia, 3.6-15

Oração Final, 3.16

SAUDAÇÃO, 3.17,18

1.1 *Silvano* é o mesmo Silas (ver 1 Ts 1.1n.' Silas e Timóteo ainda estavam com Paulo em Corinto. A primeira pessoa plural é usada nesta epístola, exceto em 2.5).

1 3 *Como é justo*. É possível que os Tessalonicenses protestaram o louvor a seu respeito na primeira carta. Paulo, porém, declara que longe de ser lisonja, a fé e o amor deles o obrigam a dar graças a Deus. *Cresce sobremaneira* (gr *huperauxanei*) é a palavra que descreve crescimento orgânico como de uma planta com vida própria abundante. "As deficiências" da fé sem dúvida já foram superadas, cf. 1 Ts 3.10. *Vai aumentando* (gr

pleonazei) acentua crescimento em área por larga distribuição.

1.5 Sinal evidente. A constância dos crentes em face de perseguição é prova de que Deus os achará dignos de entrar no Seu Reino (1 Pe 1.3, 7) e, ao mesmo tempo confirma o julgamento justo dos perseguidores (v. 9).

1.9 Eterna destruição, não é aniquilação, mas banimento da presença do Senhor. É a contrário da vida eterna, essa vida na presença e comunhão de Deus através de Cristo; que pode ser gozada agora e durará para sempre.

1.10 Quando. No original, dá a entender que o tempo é desconhecido. *Glorificado nos seus santos.* A nossa esperança não é somente sermos "semelhantes a ele" (1 Jo 3.2) mas também refletirmos como num espelho a glória inefável do nosso Senhor. Toda a operação do amor de Deus agora como na Vinda do Senhor tem a finalidade de glorificar Jesus Cristo.

• **N. Hom. 1.11** Deus é o único que pode nos tornar dignos de Sua vocação. 1) Ele é a fonte de todo propósito nosso de fazer o bem; 2) Ele fornece o poder para o cumprir (cf. Cl 1.11, 29; Ef 1.19); 3) Ele faz a obra que nossa fé almeja (cf. 1 Ts 1.3); 4) Sua glória é o objetivo da vida (v. 12).

2.1,8,9 Vindo (gr *parousia*), lit. "Presença". É mencionada 18 vezes em o NT referindo-se à Segunda Vinda de Cristo. Aqui é identificado com à arrebatamento da igreja ("nossa reunião") (cf. 1Ts 4.13-19). Outras palavras usadas para a Vinda do Senhor são: *epiphaneia*, "manifestação" (v. 8; 1 Tm 6.14; 2 Tm 1.10; 4.1, 8; Tt 2.13) e *apokalupsis* "revelação" (1 Co 1.7; 2 Ts 1.7; 1 Pe 1.7, 13; 4.13). Esta última palavra aparece três vezes neste capítulo para indicar o aparecimento do anticristo (vv. 3, 8, 9).

2.2 O Dia do Senhor, inclui muitos acontecimentos. O problema surgiu com a posição tomada por alguns (baseada numa falsa interpretação de Paulo) de que a série de eventos começara a se desenvolver, e que, portanto, o Senhor deveria aparecer logo.

2.3 Apostasia, lit. "rebelião", usada na Bíblia especialmente para denotar rebelião contra Deus. Podemos imaginar Satanás lançando todas as suas forças contra Deus para a última luta (cf. Mt 24.10ss; 1 Tm 4.1-3; 2 Tm 3.1-9; 4.3, 4).

2.6 O que o detém. No grego está no gênero neutro. No verso seguinte encontramos "aquele... detém" no masculino. Esta combinação de neutro e masculino leva a maioria dos comentaristas a ver uma referência ao império romano e seu imperador. Outros vêem a necessidade de cumprir a missão de pregar o evangelho a todo o mundo como o que o detém (cf. Mt 24.14; 28.19, 20; Mc 13.10; Ap 5.9-11; 7.9; 15.4; etc.). Nesse caso "aquele" seria talvez uma referência a Paulo (cf. Rm 15.16-24) e os que seguem nos seus passos.

2.7 Mistério salienta uma origem sobrenatural (cf. Cl 1.26, 27; 1 Tm 3.16) enquanto "iniquidade" caracteriza o anticristo (vv. 3, 9), dando ênfase à força da oposição a Deus que já opera no mundo, (cf. 1 Jo 2.18) até atingir o seu clímax na remoção do detentor.

2.8 Manifestação (gr *epiphaneia*; cf. 2.1n). Basta Cristo se manifestar para destruir (gr *katergesei*, "paralisar", não "aniquilar") o inimigo!

2.9 O iníquo é a contrafação de Cristo. Ambos têm as suas vindas: aquele operará milagres e prodígios pela energia satânica; Cristo faz suas obras no poder de Deus (cf. Jo 14.10).

2.10-13 Faltando amor à verdade por ter prazer na injustiça (v. 12; cf. Jo 3.19, 20), os que estão perecendo não podem escapar ao engano do anticristo (v. 10); porém, tudo isto não indica que Deus perderá o controle. Tudo está nas mãos de Deus, tanto as forças do erro (v. 11) como o amor acolhedor pelos salvos (v.13). *Santificação.* Vd. 1 Ts 4.3; cf. 1 Pe 1.2.

2.14 Alcançardes a glória, i.e., tomar parte na Segunda Vinda ou "manifestação de Cristo em glória" (Rm 8.29, 30).

2.17 Consolem (gr *parakaleō*) significa mais do que consolar. Inclui a idéia de estabelecer por exortação e encorajamento (Rm 12.1). O sentido etimológico é "chamar ao lado" ou "advogado" (1 Jo 2.1) que também é um título do Espírito Santo (Jo 14.16, 26, etc.).

3.2 A fé, i.e., em Cristo não é aceita por todos.

• **N. Hom. 3.3-5** A fidelidade do Senhor: 1) Confirma em toda boa obra e palavra (2.17); 2) Guarda do inimigo (cf. 1 Pe 1.5 com Lc 22.32). 3) Garante a confiança posta nele (v. 4; 2 Tm 1.12), 4) Dirige (no gr só aparece, fora daqui, em Lc 1.79 e 1 Ts 3.11) o coração a um amor desenvolvido para Deus e uma reprodução da paciência de Cristo em sofrimento (1 Pe 2.21).

3.6 *Ande desordenadamente* (gr *ataktōs*, traduzida "insubmissos" em 1 Ts 5.14) é uma palavra militar significando "sair da linha". Aqui, refere-se à ociosidade. O exemplo de Paulo era o de trabalhar para ganhar a vida (At 20.33-35), ainda que tinha direito de receber sustento pelo seu ministério (v. 9; cf. 1 Co 9.3-14).

3.10 Como amor do dinheiro (1 Tm 6.10), ociosidade é raiz de todos os males (cf. Gn 3.19).

Primeira Epístola de Paulo a Timóteo

Análise

Desde o início do século XVIII, 1 e 2 Timóteo e Tito têm sido designadas Epístolas Pastorais. Embora não seja completamente adequada, essa designação indica a natureza prática do assunto explorado nessas epístolas. Timóteo, um pastor ainda sem experiência, foi deixado incumbido da importante igreja de Éfeso. Paulo, seu pai espiritual, escreveu para encorajá-lo e instruí-lo em relação a assuntos práticos como a adoração pública, as qualificações dos oficiais da igreja, e a confrontação do ensino falso na igreja. Também instrui Timóteo acerca de relações com diversos grupos da igreja, incluindo as viúvas, os anciãos, os escravos e os mestres falsos. I Timóteo, por conseguinte, contém muita informação acerca dos problemas da igreja em desenvolvimento no terceiro quartel do primeiro século cristão. A epístola revela do princípio ao fim, o calor pessoal do grande apóstolo em favor de seu filho na fé e a ênfase que ele punha sobre a grande qualificação do ministro cristão, a piedade.

Autor

A autoria paulina das epístolas pastorais tem sido largamente negada pela erudição moderna, baseada principalmente sobre, os fenômenos lingüísticos, e sobre a "teologia avançada" dessas epístolas. Entretanto, os argumentos contrários à posição tradicional da autoria de Paulo não são conclusivos. 1 Timóteo foi escrita na Macedônia (provavelmente em Filipos), em cerca de 63 d.C., durante o intervalo entre o primeiro e o segundo aprisionamento de Paulo em Roma.

Esboço

SAUDAÇÃO, 1.2

A SITUAÇÃO EM ÉFESO, 1.3-17

AINCUMBÊNCIA DADA A TIMÓTEO, 1.18-20

INSTRUÇÕES SOBRE A ADORAÇÃO PÚBLICA, 2.1-15

Orações, 2.1-8

Conduta das Mulheres, 2.9-15

QUALIFICAÇÕES DOS OFICIAIS DA IGREJA, 3.1-13

Presbíteros, 3.1-7

Diáconos, 3.8-13

PROPÓSITOS DA INCUMBÊNCIA, 3.14-16

INSTRUÇÕES SOBRE A APOSTASIA, 4.1-16

A Apostasia Descrita, 4.1-5

Métodos de Tratar a Apostasia, 6.6-16

INSTRUÇÕES SOBRE GRUPOS E INDIVÍDUOS NA IGREJA, 5.1-6.21

Homens e Mulheres Jovens e Idosos, 5.1-2

Viúvas, 5.3-16
Anciãos e Anciãos em Perspectiva, 5.17-25
Escravos, 6.1,2
Falsos Mestres, 6.3-10
Timóteo, 6.11-21
Incumbência do Próprio Timóteo, 6.11-16
Através dele aos Ricos, 6.17-19
Um Apelo Final, 6.20,21

1.1 Apóstolo. Indica o caráter oficial da carta, assim como, "filho" no v. 2 ressalta o aspecto pessoal. *Deus, nosso Salvador.* O termo "Salvador" não raramente se aplica a Deus Pai. No AT, o sentido é "Libertador"; cf. também Fp 3.20-21.

1.2 Timóteo. Significa "quem adora a Deus". *Verdadeiro filho.* Pensa-se que Timóteo tenha presenciado o apedrejamento de Paulo em Listra (At 14.19-20), tornando-se crente e filho espiritual de Paulo naquela ocasião. Mais tarde, tornou-se seu companheiro (At 16.1-4).

1.3 Certos pessoas. Expressão indefinida. Paulo não quis apontar ninguém. *Outra doutrina.* Lit. "heterodoxia", do gr *heteros*, "radicalmente diferente", e não de *allos*, "outro", "diferente, mas da mesma classe". *Admoestares.* Um termo forte para mandar desistir.

1.4 Fábulas e genealogias. Há duas interpretações: 1) mitos gnósticos (a doutrina das emoções); 2) mitos judaicos (lendas talmúdicas), cf. Tt 1.14 "fábulas judaicas".

1.6 Loquacidade frívola. Dá a idéia de mera especulação vã. As pessoas descritas não chegam a verdade por este meio, e até se desviam das verdades essenciais da fé cristã.

• **N. Hom. 1.1-7** Dois tipos de ministros. 1) O ministro fiel (Timóteo): Salvo (v. 2); Diligente (v. 3); Contrário ao erro (vv. 3 e 4); Defensor da verdade (v. 3). 2) O ministro falso: Heterodoxo (v. 3); Supersticioso (v. 4); Pretensioso (v. 7).

1.11-14 O apóstolo Paulo recebe a graça necessária para pregar.

1.13 Blasfemo e perseguidor. Cf. At 9.4; 1 Co 15.9; Gl 1.13; Fp 3.6.

1.16 Modelo. A idéia é a de um esboço ou esquema: 1) do sofrimento de Cristo; 2) da salvação do crente mediante a obra de Cristo.

1.20 Himeneu. Cf. 2 Tm 2.17-18, onde se assevera que a ressurreição já se realizou. *Alexandre.* Cf. 2 Tm 4.14. *Entreguei a Satanás.* É a ação de excomungar, cf. 1Co 5.5, 13. Satanás está associado com a doença e a depravação (Lc13.16; 2 Co 12.7), e quem fica fora da proteção do corpo de Cristo é presa fácil para ele.

2.1 Súplicas. Petições por alguma necessidade. *Intercessões.* Orações em prol de outrem. *Ações de graças* (gr *eucharistias*). Cf. Fp 4.16, devem acompanhar todas as orações.

2.2 Todos. Nenhuma autoridade civil deve ficar sem receber a oração dos crentes (Rm 13.1). *Vida tranquilo.* Mesmo no contexto das perseguições que o Império Romano desencadeava contra os cristãos.

2.4 Deseja... todos... salvos. Indica a universalidade da graça e não o universalismo da Salvação. *Desejo* (gr *thelō* - com a conotação de sentimento - e não *boulomai*, com a idéia de deliberação ou planejamento).

2.6 Resgate (gr *antilutron*). Aparece só aqui no NT, embora em Mt 20.28 e Mc 10.45 se ache a palavra *lutron*, "preço para libertar".

2.8 Quero... que os varões orem (gr *boulomai*, "determino", cf. v. 4n). A força é quase a de um decreto real.

2.9 Mulheres, em traje decente. Cf. 1 Pe 3.3-4 *Traje* (gr *katastole*). Provavelmente se refere ao comportamento em geral, e não somente às vestes. *Decente* (gr *kosmios*). Tem o efeito de "em ordem". A idéia dominante da frase inteira é de bom gosto, sensibilidade e simplicidade, em contraste com os excessos e a falsidade.

2.1 Silêncio. No culto público (1 Co 14.4-35).

2. 12 Não... ensine. Não se deve pensar que Paulo desprezava as mulheres, cf. Rm 16.3-5; Fp 4.2-3. • **N. Hom.** Os motivos da oração, vv. 2-4. 1) A tranquilidade da igreja, v. 2. 2) A vontade de Deus, v. 3. 3) A salvação de pecadores, v.5.

3.1 Aqui começa a lista das qualificações dos oficiais da igreja. *Episcopado*. Lit. "superintendência". Em Tg 1.27, o bispo visita o rebanho; em 1 Pe 5.2, apascenta o rebanho; Em At 20.29-31, protege o rebanho. É o pastor da igreja, sem conceito de hierarquia.

3.2 Uma só mulher. Os intérpretes sugerem: 1) O pastor não pode ser polígamo; 2) não pode se casar de novo se a esposa falecer; 3) deve ser fiel a uma só mulher; 4) não pode ser solteiro; 5) não pode casar-se, pois a Igreja seria à Esposa, e isto exige o celibato pastoral. As interpretações "1" e "3" são as que se fundamentam na Bíblia.

• **N. Hom. 3.2-7** As qualificações do pastor. 1) Morais. irrepreensível, com autocontrole. 2) Mentais: sábio, apto para ensinar. 3) Pessoais hospitaleiro, experimentado.

3.6 Neófito. Uma esposa recentemente batizada. Lit. "recém-plantado". *Condenação do Diabo*. O orgulho, a causa da queda de Lúcifer (cf. Is 14.12ss).

3.8 Diácono. Este ofício foi instalado por motivos práticos, segundo a primeira referência em At 6.1-7. As virtudes morais e espirituais exigidas elevam-se ao nível exigido do pastor, em virtude das responsabilidades envolvidas no atendimento das necessidades da igreja.

3.11 Mulheres. O contexto dos ofícios da igreja mostra que são diaconisas, pois o v. 12 ainda resume o ensinamento sobre o diácono.

3.13 Preeminência (gr *bathmos*). Normalmente significa "degrau". É aplicada aos graus da promoção no exército. Aqui significa a influência moral e eclesiástica do ofício.

3.16 Pensa-se que aqui Paulo está citando um hino da Igreja (cf. Ef 5.19), que contrasta o Senhor encarnado com o Senhor Exaltado: 1) A vida do Senhor encarnado; a) vista na terra ("manifestado"); b) a vista dos céus ("contemplado por anjos"). 2) A vida do Senhor exaltado: a) pregada entre os gentios, crida no mundo; b) recebida na glória.

4.1 O Espírito afirma. Até a apostasia dos últimos tempos é assunto inteligível aos crentes por causa do ensino do Espírito Santo. Cf. 1 Jo 4.1: "provai os espíritos". *Afirma*. Está no tempo presente indicando repetição. *Nos últimos tempos*. Um termo técnico para indicar a era entre os dois adventos de Cristo, a era da Igreja. A fonte da apostasia: *espíritos enganadores*, como em 1 Jo 4.1. *Apostatarão*. Profetizado por Daniel, Dn 7.25; por Cristo, Mt 24.4; por Paulo, 2 Ts 2.3; por Pedro, 2 Pe 3.3; e por Judas, Jd 18.

• **N. Hom. 4.1** Os três elementos da apostasia: 1) A fonte: "espíritos enganadores". 2) O ensino: "ensino de demônios". 3) Os agentes "alguns" dentro da comunidade cristã.

4.2 Falam mentiras... cauterizada a própria consciência. É o resultado da constância no pecado, cf. os gentios em Ef 4.19; Rm 1.24-25, 28.

4.3 Deus criou. Refere-se tanto aos alimentos como ao casamento, bênçãos de Deus que são intrinsecamente boas, cf. Mc 7.15.

• **N. Hom. Cap. 4** A responsabilidade do ministro em face da apostasia: 1) *Expor* a doutrina dos apóstatas, vv. 1-6; 2) *Rejeitar*, pela força de uma piedade profunda, aquilo que é errado; v. 7, inclusive os exercícios do asceticismo físico, v. 8. 3) *Ordenar* as coisas certas com toda a autoridade pastoral, v. 11. 4) *Tornar-se padrão*, pois os preceitos sem exemplo são vazios, assim como Paulo era padrão (gr *typos* "tipo", Fp 3.17; 2 Ts 3.9), v. 12. 5) *Aplicar-se* a todas as partes do culto: à leitura, à exortação, ao ensino, v. 13.

5.1 Idoso (gr *presbuteros*). Aqui não se refere ao presbítero.

5.2 Pureza. Para salvaguardar a reputação de Timóteo no que diz respeito às suas visitas pastorais a senhoras e moças.

5.3 Honra (gr *timaō*). Significa mais do que respeito; inclui uma ajuda oficial da igreja. "Honorário", cf. v. 17. *Verdadeiramente viúvas*. Vê-se uma classificação entre viúvas desamparadas, viúvas que têm amparo da família (v. 5); e viúvas levianas (v. 11).

5.4-10 A viúva verdadeira que merece ajuda 1) Desamparada, v. 5. 2) Espiritual, v. 5. 3)

Tendo pelo menos 60 anos de idade, v. 9. 4) Casada só uma vez, v. 9. 5) Exemplar nas relações domésticas, v. 10.

5.10 *Lavado os pés*. É a única referência a este costume em todas as epístolas. A menção é feita no contexto da hospitalidade e não como ordenança eclesiástica.

5.11-16 *Viúvas mais novas*. Não podem ser registradas para ser sustentadas pela igreja. *Levianas*. Lit. "cheias de orgulho e luxúria". Procuram mais atrair um marido do que se dedicar ao serviço cristão. Devem resolver logo sua situação e não serem onerosas para a igreja. Não estão dentro da situação descrita em 1 Co 7.25-29.

5.14 *Ocasão favorável* (gr *aphorme*, "pretexto"). Palavra empregada na linguagem militar para descrever a "base, de operações". É uma metáfora tipicamente paulina: Rm 7.8, 11; 2 Co 5.12; Gl 5.13.

5.17 *Dobrados honorários*. Um honorário duplo. Possivelmente o dobro daquilo que se dava à viúva desamparada. Pode ser "tempo integral" para o pastorado vinculado ao ensino religioso.

• **N. Hom. 5.19-22** A maneira correta de resolver problemas na igreja: 1) A pluralidade de testemunhas, v. 19; cf. Mt 18.16 e 2 Co 13.1. 2) A ação disciplinar é executada democraticamente, v. 20 (a presença de todos significa uma assembléia de todos os membros). 3) Sem parcialidade, v. 21. Na igreja não há grandes e pequenos, mas uma comunhão fraternal (gr *koinōnia*), conforme ensino em Tg 2.1-4. 4) Cautela na restauração dos disciplinados, v. 22. A imposição das mãos pelo contexto, deve ser um ato de restauração. Também pode significar que não deve haver pressa em ordenar pastores que depois serão passíveis de disciplina.

5.23 *Vinho*. É de uso medicinal. Não há portanto conflito com o v. anterior e com 3.3.

6.1-2 *Servos* (gr *douloi*, "escravos"). Trata-se aqui de crentes que pertencem a mestres pagãos. A submissão é atitude preconizada. Não se fala em imoralidade de estruturas sociais e muito menos sugere-se uma luta sangrenta numa causa revolucionária. O homem precisa de atitudes cristãs seja qual for a estrutura vigente. No v. 21 os escravos crentes dos mestres crentes não deviam confundir sua igualdade espiritual com sua desigualdade social.

6.3 *Palavras de nosso Senhor*. O ensino de Jesus como padrão de fé.

• **N. Hom. 6.4,5** O caráter dos falsos mestres. 1) Entendimento falso, v. 4. Apesar de nada entenderem, estão enfatuados com a idéia de serem sábios. 2) Comunhão falsa, v. 4. Começa com invejas e suspeitas e logo parte para as altercações e brigas, v. 5. 3) Piedade falsa, v. 5. A santidade original foi corrompida pelo desejo de ficar rico.

6.6 *Contentamento* (gr *autarkeia*, "suficiência"). É aquilo que é suficiente em si mesmo. Cf. expressões semelhantes em 2 Co 9.8; Fp 4.11. A piedade aliada a uma atitude de contentamento é preciosíssima (At 3.6).

6.9 *Caem*. São precipitados para dentro da armadilha. *Ruína e perdição*. Salienta-se aqui mais a condição da alma do que o lugar da punição.

6.10 *Desviaram do fé*. Indica que originalmente os falsos mestres se identificaram com a igreja e provavelmente estavam na liderança dela. Muitas vezes, os falsos mestres fazem todo o empenho para se infiltrar nas posições eclesiásticas-chaves. *Se atormentaram*. Isto demonstra que o deus do materialismo é um deus cruel.

• **N. Hom. 6.11,12** A vida do ministro de Deus. 1) Negativamente - foge continuamente da avareza (*Foge*, está no imperativo presente que implica em ação contínua). 2) Positivamente - segue continuamente os valores espirituais. (*Segue*, está no imperativo presente). 3) Em todas as circunstâncias - defende a fé, "combate o bom combate", cf. a figura das competições atléticas em Fp 3.14.

6.13 *Diante de Pôncio Pilatos*. Jesus proclamou perante Pilatos que Seu reino não é deste mundo (Jo 18.36), e que qualquer poder ou autoridade vem somente de Deus (Jo 19.11).

6.14 *Guardes o mandato*. Provavelmente se refere à exortação dos vv. 11 e 12, i.e., os

imperativos *foge, segue e combate. Até à manifestação*. A segunda vinda de Cristo aqui se coloca num tempo futuro indeterminado. Algumas pessoas acham que este trecho não tem o mesmo espírito de urgência de 1 Ts 5.1-11, e que por essa ocasião, a possibilidade da demora de Cristo tinha surgido na comunidade cristã. Nenhum dos trechos, porém, define exatamente tempos e épocas.

• **N. Hom. 6.17-19** Riqueza: uma força para o bem ou para o mal. 1) Desvantagens: a) orgulho, v.17; b) autoconfiança, v. 17. 2) Vantagens: a) emprego em boas obras, v. 18; b) ferramenta para a generosidade, v. 18; c) um tesouro no céu, v. 19.

6.19 *Se apoderarem da verdadeira vida*. Aqui fala-se mais de uma vida genuína e abençoada na terra, do que de uma vida após a morte.

6.20 *Guarda*. A fé (aqui como um corpo de doutrina em que se crê) é considerada alvo de oposição. Precisa, portanto, de defesa. Os inimigos são diversos: falsos mestres, 6.3-4; materialismo e carnalidade, 6.8-10; ciência falsa, 6.20. Este conceito de um depósito sagrado; que deve ser conservado aparece também em 2 Tm 1.12 e 14.

Segunda Epístola de Paulo a Timóteo

Análise

Cronologicamente, 2 Timóteo é a última das três epístolas pastorais. Respira uma atmosfera diferente das duas primeiras.

Em 1 Timóteo e em Tito, Paulo estava livre para fazer planos sobre viagens e para locomover-se à vontade. Nesta epístola, entretanto; encontrava-se aprisionado e o seu fim aproximava-se rapidamente (4.6). Onde Paulo teria sido aprisionado pela segunda vez e com que razão, não se sabe. Ele escreveu 2 Timóteo, aparentemente estando em Roma, onde aguardava sua execução. Todos os colegas haviam-no esquecido, com exceção de Lucas. Ansiava por Timóteo, que provavelmente se achava em Éfeso para vir a Roma antes do inverno. Entretanto, estava ainda mais preocupado, em vista de suas, próprias circunstâncias, que Timóteo cumprisse o ministério para o qual fora chamado. O conteúdo da epístola é rico e variado e inclui certo número de tocantes apelos, especialmente em vista da situação de Paulo. Quatro incumbências específicas são endereçadas a Timóteo e que se referem primariamente à sua vida pessoal como ministro. A ameaça do ensinamento falso aparece com proeminência nesta epístola como também em 1 Timóteo.

Autor

O problema da autoria é discutido na introdução a 1 Timóteo. As circunstâncias do escritor, a teologia o vocabulário e o estilo revelam que todas as três epístolas pastorais foram escritas pelo mesmo indivíduo. Se Paulo escreveu 1 Timóteo, então também é o autor de 2 Timóteo. Visto que esta epístola foi escrita pouco antes de sua morte, então 64 d.C. é a data provável.

Esboço

INTRODUÇÃO, 1.1-5

Saudação, 1.1,2

Ação de Graças, 1.3-5

PRIMEIRA INCUMBÊNCIA, 1.6-18

Reviva teu Dom, 1.6,7

Dispõe-te a Sofrer, 1.8-10

O Exemplo de Paulo, 1.11,12

Guarda a Verdade, 1.13,14

A Presente Situação de Paulo, 1.15-18

SEGUNDA INCUMBÊNCIA, 2.1-13

Sê Forte, 2.1

Transmite a Mensagem a Homens Fiéis, 2.2

Exemplos de Soldado, Atleta e Agricultor, 2.3-7

Jesus Cristo, Inspiração de Constância, 2.8-13

TERCEIRA INCUMBÊNCIA, 2.14-3.17

Evita Vãs Disputas e Controvérsias Insensatas, 2.14-26

Avisos sobre a Apostasia Vindoura, 3.1-9

Continua na Fé, 3.10-17

QUARTA INCUMBÊNCIA, 4.1-8

Pregava a Palavra, 4.1-5

Uma Triunfante Confissão de Paulo, 4.6-8

INSTRUÇÕES E INFORMAÇÕES PESSOAIS, 4.9-19

SAUDAÇÕES E BÊNÇÃO FINAIS, 4.20-22

1.1 *Promessa da vida.* Esta é a qualificação do apóstolo e o fundamento do seu apostolado. *Vida... em Cristo.* Termos inseparáveis nas cartas do apóstolo Paulo, como em Gl 2.20. A vida começa com Cristo já no presente, cf. v. 10 e 1 Tm 4.8.

1.2 *Amado.* Uma emoção intensificada pela firmeza e pela fidelidade de Timóteo. Cf. Fp 2.20-22; 1 Tm 1.15; 4.11, 16.

1.3 *Desde os meus antepassados.* Isto fornece evidência de que a fé cristã emergiu do judaísmo, e que há uma relação natural entre as duas religiões. Em Rm 7.12, por exemplo, exalta-se a santidade da lei. A fé cristã complementa e não contradiz a religião judaica.

1.6 *Reavives o dom* (gr *charisma*, "dom gracioso, sinal de graça"). O verbo *reavivar* (gr *anazōpurō*) significa fazer o fogo subir com vida", "reatiçar". Timóteo tinha que permitir que o dom, dado pelo Espírito Santo na hora da Sua ordenação ardesse no seu íntimo.

• **N. Hom. 1.7** A tríplice graça que o pastor recebe: 1) *Poder* - caráter para saber exercer autoridade sem arrogância. 2) *Amor* - traz equilíbrio ao poder. 3) *Moderação* - gr *sōphronismos* - "saúde mental", "sobriedade". Assim, o pastor é mestre de si e do rebanho.

1.10 *Destruiu* (gr *katargeō*). "Tornar impotente, ineficaz". A morte perdeu sua capacidade de ser o ponto final na vida humana.

1.12 *Depósito.* Uma metáfora bancária. Aos crentes são confiados o ensino de Jesus (1 Co 3.12-15) e a herança eterna (At 20.32). *Aquele Dia.* É o Dia do Senhor, 1.18; 4.8; 2 Ts 1.10.

- **N. Hom. Cap. 2** A analogia do pastor. 1) O pastor como filho, 1-2. 2) O pastor como soldado, 3-4. 3) O pastor como atleta, 5. 4) O pastor como lavrador, 6. 5) O pastor como trabalhador, 14-19. 6) O pastor como utensílio, 20-22. 7) O pastor como escravo, 24-26.

2.2 *O que de minha parte ouviste... transmite.* Foi a fórmula para a expansão extraordinária da Igreja primitiva. *Testemunhas.* Podem ser: 1) as testemunhas da ordenação; 2) os presbíteros em 1 Tm 4.14; 3) a mãe e a avó de Timóteo; 4) os ensinamentos que Paulo testificava.

2.3 *Soldado.* Mais uma figura da vida militar. Veja também Rm 6.1 3; 7.2;- 1 Co 9.7; Ef 6.11-18.

2.4 *Se envolve.* O soldado deve sempre estar em estado de prontidão.

2.6 *Trabalho* (gr *kopiaō*). "Trabalhar intensamente", "labutar". O indolente não participa das vantagens (Fp 1.22; Rm 1.13; Tg 1.25).

2.8 *Meu evangelho.* Esta expressão de Paulo ocorre também em Rm 2.16 e 16.25. É "o evangelho de cuja pregação estou incumbido".

2.9 *Malfeitor* (gr *kakourgos*). É o praticante do mal. Vocábulo usado para o criminoso. No NT só aparece aqui e em Lc 23.32, 39, descrevendo os criminosos crucificados ao lado de Jesus. Os crentes foram tratados assim nas perseguições do Imperador Nero de

Roma. *Palavra... não está algemada*. Os pregadores sofrem sanções e perseguições; mas a mensagem progride e vence.

2.11 *Morremos*. É o morrer para si mesmo e para o mundo. Isso ocorre quando o crente aceita pela fé o sacrifício de Cristo morrendo em seu lugar para dar-lhe a salvação.

2.12,13 Aqui estão em vista a perseverança do crente em crer e a perseverança de Cristo em amar e Salvar. Entretanto é a imutabilidade de Cristo que dá base para a firmeza e fidelidade do crente. Não há aqui uma carta branca permitindo o pecado, mas um conforto para a consciência perturbada. A fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas de misericórdia está descrita em Rm 3.8; 11.29-32 e 1 Jo 3.20.

2.14 *Subversão* (gr *katastrophe*. Lit. virar tudo para baixo).

2.15 *Maneja bem*. Exegese certa, sem desvios nem distorções.

2.17 *Himeneu e Fileto*, Paulo deu exemplos contemporâneas (cf. 1 Tm 1.20). *Câncer* (gr *gangraina*). "Gangrena", simbolizando a doentia penetração da praga do erro doutrinário no corpo da Igreja. O caso exige cirurgia profunda e não pode ser encoberto com panos quentes.

2.18 *Desviaram* (gr *astochēō*). "Errar o alvo", "extraviar-se".

2.19 *Selo*. Representa a autenticação (cf. Rm 4.11; 1 Co 9.2).

2.21 *Se purificar* (gr *ekkathairō*). "Limpar completamente", "expurgar", "eliminar". A coletividade cristã faz o expurgo dos falsos mestres, e o indivíduo rejeita e elimina do seu íntimo o erro e o pecado.

2.23-26 Os crentes não devem destruir seu testemunho com frivolidade e especulações (cf. Tt 3). Por outro lado, bem instruídos na Palavra de Deus, devem saber recuperar com ternura os errados.

• **N. Hom. 2.14-26** Métodos de agir com os falsos mestres: 1) Positivamente: promover a verdade, 14-15. 2) Negativamente: afastar-se deles, 16-18. 3) - Aceitar grandes valores, 19-21. 4) Rejeitar o comportamento deles, 22-26. Nada justifica a traição da verdadeira doutrina bíblica dentro de uma comunidade cristã.

3.2 *Egoístas* (gr *philautoi*). "Amadores de si mesmos". Esta é a situação que dá origem aos demais pecados alistados. A corrupção moral procede do amor impropriamente dirigido. *Blasfemadores* (gr *blasphēmoi*). Lit. "pessoas que falam aquilo que danifica".

3.3 *Caluniadores* (gr *diaboloī*). "Lançadores de contendas", "diabos". Cruéis (gr *anēmeroi*). "Selvagem", "rude".

3.5 *Forma de piedade* (gr *morphe*). "Esboço", "forma". Trata-se da parte superficial da piedade, enquanto a realidade! do poder efetivo de Deus é rejeitada. O evangelho não se tornou uma força regeneradora na experiência deles, pois não se converteram sinceramente.

3.6 *Cativar mulheres*. Mulheres ignorantes e facilmente iludidas em virtude de apetites inclinados ao sensualismo. Sem caráter.

3.7 Estas mulheres só querem receber mais aulas, mas nada aprendem.

3.8 *Janes e Jambres*. O Trágico de Jônatas que interpreta Êx 7.11, dá estes nomes aos mágicos da corte de Faraó no tempo do Êxodo.

• **N Hom. 3.1-9** Os sinais do período imediatamente antes da consumação do mundo são: 1) Perturbações fora do comum, v. 1; 2) Egocentrismo e crueldade da parte dos homens, vv. 2-5; 3) Oposição levantada por falsos mestres, vv. 6-9.

3.11 O progresso caminha na direção do pior, simplesmente porque o pior já tinha sido escolhido como alvo da vida.

• **N. Hom. 3.10-16** Bases para a firmeza do jovem crente. 1) O crente maduro na fé (Paulo): a) no seu ensino, v. 10; b) nas suas virtudes cristãs; v. 10. 2) O crente na perseguição: a) na vida dos outros, v. 11; b) na sua própria vida, v. 11. 3) A Palavra de Deus na vida do crente vv. 15-16.

4.1 *Conjuro-te*, Uma palavra solene, o desafio final. Paulo, ao encarar o fim da sua vida, contempla o julgamento Final, cf. Rm 2.16; At 17.31; 1 Co 4.5. Aqui, a segunda vinda e o

reino são futuros.

4.2 Instá. O ministro cristão sempre se conserva em estado de prontidão para pregar em cada ocasião que se oferece. *Exorta* (gr *parakaleō*). "Consolar, encorajar, exortar", cf. o Paracleto. • **N. Hom.** Os três verbos, 1) *Corrige* - apela para a razão; 2) *Repreende* - apela para a consciência; 3) *Exorta* - apela para a vontade.

4.4 Se recusarão. Uma ação deliberada, que se torna inevitável na medida em que as pessoas se deixam atrair pelas doutrinas falsas.

4.5 Sóbrio. Significa "lucidez moral", "vigilância", contrastando com "adormecido", "embriagado" e "insensível". Vem do verbo gr *nephō*. Cf. 1 Ts 5.6, 8 onde trata da segunda vinda de Cristo. *Ministério* (gr *diakonia*). São as várias funções do ministro cristão: a serviço cristão.

4.6 Libação. Figura tirada da terminologia do sacrifício cerimonial. Aqui sugere o martírio. *Partida* (gr *analysis*). Lit. "o soltar das cordas" para a saída do navio; "dissolução"; refere-se à morte de Paulo.

• **N. Hom. 4.7** A disciplina do servo de Deus inclui: 1) a coragem do bom soldado; 2) a perseverança do atleta forte numa corrida; 3) a hospitalidade do fiel mordomo, do dono generoso da casa.

4.10 Demas. Mencionado como cooperador de Paulo, em Cl 4.14. *Crescente*. Só mencionado aqui no NT. *Tito para a Dalmácia*. Marca a conclusão do trabalho de Tito em Creta (Tt 1.5) e o início da evangelização na costa leste do mar Adriático.

4.12 Tíquico. Companheiro de Paulo no seu primeiro encarceramento e portador das epístolas aos Efésios (Ef 6.21) e Colossenses (Cl 4.7). Procedente da província da Ásia (At 20.4).

4.13 Capa. Pode ser um protetor para livros. *Tyndale*, na prisão, pediu sua camisa de lã, sua Bíblia e uma gramática hebraica com o dicionário dessa língua.

• **N. Hom. 4.14-18** Derrota e vitória. 1) A derrota é apenas inicial: a) a oposição de Alexandre, v. 14; b) o afastamento dos amigos, v. 16; 2) A vitória é final: a) a experiência do passado: "O Senhor me assistiu", v. 17; b) a certeza do futuro: "O Senhor me livrará", v. 18.

4.15 Palavras. Os argumentos usados na pregação do evangelho, contra o qual Alexandre blasfemou (cf. 1 Tm 1.20).

4.17 Todos os gentios a ouvirem. São os pagãos em Roma que escutaram as palavras de Paulo faladas no seu julgamento ou os que ouviram a pregação de Paulo na Espanha depois de ter sido libertado (Rm 15.20). *Boca do leão*. Simboliza extremo perigo (Sl 7.2; 35.17). Cf. a perseguição feita por Nero e a atuação de Satanás descrita em 1 Pe 5.8.

4.19 Prisca e Áquila. Sempre foram hospitaleiros, para, onde quer que levassem suas tendas (At 18.2, 18; 19.22, Rm 16.3).

4.21 Lino. Ireneu afirma ter sido Lino o primeiro bispo de Roma.

Epístola de Paulo a Tito

Análise

Paulo saúda a Tito, seu delegado apostólico, às igrejas de Creta, afetuosamente, como "verdadeiro filho, segundo a fé comum deles". Ele associa seu próprio apostolado com a promoção da "fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade" (1.1-4).

Paulo havia partido de Creta a fim de reformar a uma igreja fraca e corrupta. Ele escreve essa carta a fim de reafirmar os objetivos que ele teria de promover (1.5). Isso requer a inclusão de orientações gerais para a instalação de um liderança de anciãos qualificados, nas congregações (1.6-9), e para tratar de influências perniciosas do legalismo e da tendência de transformar tudo em mito, conforme se encontra no Talmude e nos Midrashins (1.10-16).

Em vista desses problemas, Paulo esboça áreas específicas da responsabilidade moral cristã para o ministério de Tito junto a cada grupo e classe, livres e escravos, a fim de que possam cumprir as obrigações da verdadeira fé (2.1-10; 3.1, 2). Em duas belas passagens, Paulo relembra a Tito sobre importantes aspectos do evangelho. Na primeira (2.11-15) ele explica a necessária relevância da graça salvadora de Deus em Cristo para o comportamento cristão. Na segunda (3.3-7) ele apresenta um testemunho humilde sobre o que Deus fizera em sua própria vida por intermédio de Cristo, e que também pode fazer na vida do mais vil cretense que vier a confiar nele. Ele exorta acerca da pregação do evangelho e de como se deve evitar discussões com os legalistas judaicos (3.8-11). Paulo encerra com duas solicitações (3.12-15).

Autor

Não se pode ter certeza de onde foi que Paulo escreveu sua epístola a Tito. Provavelmente, Paulo estava em algum lugar da Ásia (Éfeso?), em cerca de 63 d.C., para onde fora, tendo vindo de Roma, depois que foi solto de seu primeiro aprisionamento. Partindo para o oriente, ele deixou Tito em Creta. Enviou esta epístola. E provavelmente por meio de Zenas e Apolo, que talvez estivessem a caminho de Alexandria. Não existe lingüística interna que dê apoio conclusivo às afirmativas que dizem que essa carta não é genuína; pelo seu conteúdo encontramos toda razão para crer que ela é autêntica.

Deve Ter sido escrita mais ou menos no verão do ano de 65 d.C., pouco antes de 1 Timóteo.

Tito é um proeminente jovem cristão associado com Paulo. Alguns suspeitam que ele era irmão de Lucas. Ele é usualmente considerado como o Tito de Gálatas 2, em crente gentio da igreja de Antioquia (da Síria) que se tornou o que serviu para testar a questão da controvérsia sobre a circuncisão na conferência de Jerusalém, em cerca de 48 d.C. Posteriormente, Tito prestou um precioso serviço a Paulo, reconciliando a igreja de Corinto, dividida pela dissensão. Assim é que ele veio a ajudar aos crentes cretenses como um líder e experimentado.

Esboço

A SAUDAÇÃO A TITO, DELEGADO APOSTÓLICO DAS IGREJAS DE CRETA, 1.1-4

INSTRUÇÕES GERAIS PARA REFORMAR A VIDA DA IGREJA EM CRETA, 1.5-16

Qualificações para a Liderança dos Anciãos, 1.5-9

Avisos Especiais contra as Perniciosas Influências dos Judaizantes, 1.10-16

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS PARA A PREGAÇÃO AO POVO, 2.1-15

Responsabilidades Morais dos Crentes, 2.1-10

Quanto aos Homens e Mulheres Idosos da Congregação, 2.2-5

Quanto aos Jovens, 2.6-8

Quanto aos Escravos, 2.9,10

Relação Necessária entre a Salvação e a Ética Pessoal, 2.11-15

INSTRUÇÃO FINAL PARA OS CRENTES NO MUNDO, 3.1-15

Responsabilidades Cívicas e Sociais dos Crentes, 3.1,2

Testemunho Pessoal sobre o Poder de Deus para Salvar Qualquer Pecador por meio de Cristo, 3.3-7

Conselho Final para Pregador o Evangelho e não Discutir com os Legalistas, 3.8-11

Pedidos Pessoais Finais, 3.12-15

1.1 Eleitos. No AT, o termo designa a escolha de Israel e sua missão no mundo; no NT, designa os crentes em Cristo (Rm 8.33; Cl 3.12; 2 Tm 2.10; 1 Pe 1.1).

1.3 Tempos devidos. Paulo nos ensina, em Gl 4.4; Rm 5.6; Ef 1.10 e no seu argumento nos caps. 1-3 de Romanos, que a encarnação de Cristo, veio no momento exato e mais oportuno. A história não é produto do acaso. Cf. Mc 1.15, "O tempo está cumprido",

designando um plano preciso.

1.4 De Deus Pai e de Cristo Jesus. Como é comum nas saudações das epístolas de Paulo, Cristo e Deus são colocados no mesmo plano, na mesma cláusula gramatical, indicando a divindade de Jesus Cristo.

1.5-9 As qualidades do bispo são semelhantes às de 1 Tm 3.1-13.

1.7 Qualidades negativas: *arrogante*, egocêntrico, inflexível; *irascível*, mergulhado em paixões baixas; *dado ao vinho*, intemperante; *violento*, disposto a golpear; *cobiçoso*, especialmente o mal de mercadejar com a própria fé, 1 Tm 6.5; 1 Pe 5.2; 2 Co 12.16-18; Jo 12.6.

• **N. Hom. 1.9** Apegado à Palavra. 1) A maneira errada: a) com a mentalidade judaizante (circuncisão), v. 10; b) com reverência aos mandamentos dos homens, v. 14. 2) A maneira certa: a) reconhecendo a origem divina da Palavra, v. 3; 1 Tm 6.3; b) com atenção às exortações dos crentes; v. 9; c) convencendo os opositores, v. 9; 4) com domínio próprio, vv. 7 e 8.

• **N. Hom. 1.10** Três características dos hereges: 1) Sua atitude: *insubordinados* contra a autoridade; 2) Sua atividade: *palradores frívolos*, cabeças vazias, com discursos vãos; 3) Sua ambição: *enganadores*. Vigaristas em matéria de religião.

1.11 Calar. Expressão forte. Usada no sentido de "amordaçar cães".

1.12 Cretenses, sempre mentirosos. Originalmente dito por Epimênides de Creta (c. 600-500 a.C.), conforme Clemente de Alexandria.

1.14 Fábulas judaicas. Cf. 1 Tm 1.4. *Mandamentos de homens.* Cf. 2.21-22, que sugere uma mistura de judaísmo legalista e gnosticismo.

1.15 Puras. Em harmonia com o ensinamento de Cristo, coisas materiais em si mesmas não contaminam nem purificam o homem. A pureza é assunto do espírito e da consciência e não do cerimonialismo (Lc 11.41; Mc 7.15; Rm 14.20).

2.2 Sadios na fé. Esta expressão deve ser colocada juntamente com "sã doutrina" do v. 1. Uma fé pessoal sadia surge do ensino bíblico são. • **N. Hom.** O ensino verdadeiro: 1) Apresenta um modelo para outros vocacionados, cf. 2.1, 15 com 1.9. 2) É sempre sincero, cf. 2.7 com 1.10. 3) Visa a edificação, cf. 2.14 com 1.16.

2.3 Sérias (gr *hieroprepeis*). Lit. "próprias para o templo". Idôneas para uma vida religiosa, com a dedicação e consagração de sacerdotisas. *Escravizadas.* Expressão mais forte do que a de 1 Tm 3.6, por causa da severidade da corrupção moral na ilha de Creta.

2.5 Difamada. O evangelho, que dá grande valor à mulher, não tolera a inversão da ordem no sentido de ela dominar o marido.

2.8 Adversário. O pagão que está procurando algo para criticar.

2.9 Obedientes. Colocando-se em sujeição. Cf. 1 Tm 6.1-2n.

2.10 Ornarem (gr *kosmeo*). Em textos não-bíblicos descreve a disposição agradável de jóias. Mostra como o bom comportamento do cristão faz aparecer no mundo a beleza do evangelho. • **N. Hom.** Três facetas da conduta cristã: 1) Para consigo mesmo - *sensata*, 2.12, cf. 1.8; 2.2, 5. 2) Para com o próximo - *justa*, 2.12, cf. 1 Ts 2.10. 3) Para com Deus - *piadosa*, 2.12.

• **N. Hom. 2.11-13** Os três tempos da salvação: 1) Passado - "a graça de Deus, se manifestou". -2) Presente - "ensinando-nos". 3) Futura - "aguardando a bendita esperança".

2.13 Manifestação (gr *epiphaneia*, "aparição", "epifania"). Na Bíblia, é a intervenção divina para socorrer, Gn 35.7. É a luz brilhando nas trevas, Nm 6.25. É a vinda da graça de Deus.

2.14 Remir-nos (gr *lutroō*). "Resgatar", libertar algo ou alguém mediante um preço. Juntamente com a expressão *se deu por nós* é a expiação substitutiva. Cf. 1 Tm 2.6 e Mc 10.45; a vida de Cristo dada em resgate.

3.3 Néscios (gr *anoetos*). "Insensato", sem compreensão espiritual. *Malícia* (gr *kakia*). "Maldade", "disposição para o mal", com perversidade ativa (Ef 4.31; 1 Pe 2.1).

3.4 Amor para com todos. A frase traduz o gr *philanthrōpia*.

3.6 Derramou. Uma alusão ao dia de Pentecostes (At 2.33).

3.7 justificados por graça. O coração da doutrina do apóstolo Paulo.

3.10 Admoestá-lo. Pode ser uma admoestação particular (At 20.31) ou uma censura pública (2 Ts 3.15; 1 Tm 1.20). Um rabino receberia uma advertência de 30 dias, depois outra, e só então poderia haver a excomunhão. Cf. as palavras de Cristo em Mt 18.15-17.

• **N. Hom. 3.8-10** Abraçar e rejeitar. 1) Abraçar: a) a Palavra fiel, v. 8; b) obras à altura da vocação, v. 9. 2) Rejeitar: a) discussões insensatas (cf. 1 Tm 6.4), v. 9; b) genealogias que procedem do orgulho judaico; c) contendas (cf. 1 Tm 6.4); d) debates (cf. 2 Tm 2.23); e) o homem faccioso, lit. "herege".

3.11 Condenado. As próprias ações más condenam por meio da consciência (Lc 19.22; Jo 8.9-11).

3.13 Intérprete do Lei (gr *nomikos*, "jurista"). Pode ser um advogado chamado para tratar das leis romanas. Não se deve pensar aqui num escriba judeu convertido, pois o nome Zenas não é hebraico.

• **N. Hom. 3.1-14** Seja útil: 1) Útil como cidadão, v. 1; 2) Útil no ensino, v. 9; 3) Útil em ajudar os outros: a) os cooperadores, v. 13 e b) os necessitados, v. 14.

Epístola de Paulo a Filemom

Análise

Depois da saudação e das ações de graças a Deus pela fé e pelo amor de Filemom, e da oração por maior desenvolvimento na graça, Paulo chega ao tema central da epístola. Onésimo, um escravo pertencente a Filemom, fugiu de seu senhor que morava em Colossos, depois de aparentemente haver cometido furto. Ele conseguiu fugir para a metrópole de Roma, onde entrou em contato com Paulo e converteu-se a Cristo sob sua influência e ministério. Em seguida Paulo enviou-o de volta para seu legítimo proprietário com essa carta pessoal de recomendação em seu favor, para ser entregue a Filemom. Ele pleiteia com Filemom para que recebesse de volta o penitente (e nesse entretempo convertido) escravo com boa vontade, e o perdoasse e reabilitasse, porque ele não seria mais um escravo para ele, porém "mais do que um escravo.. irmão, caríssimo". O próprio Paulo devolveria qualquer prejuízo que Onésimo porventura lhe tivesse causado, e esperava que Filemom cedesse à exortação ao amor cristão e ao dever cristão. A totalidade da obra fornece uma notável analogia do relato evangélico da redenção.

Autor

O autor da epístola por três vezes se identifica como Paulo (v. 1, 9, 19), e além disso a epístola está intimamente ligada com a epístola de Paulo aos Colossenses (cf. Cl 4.10-17, com Fm 2, 23, 24). Sua autenticidade é geralmente aceita. A epístola foi provavelmente escrita perto do fim do primeiro aprisionamento de Paulo em Roma, mais provavelmente no ano de 61 ou 62 d.C.

Esboço

TÍTULO E SAUDAÇÃO, v. 1-3

AÇÃO DE GRAÇAS PELO AMOR E FÉ DE FILEMON, v. 4-7

APELO EM FAVOR DE ONÉSIMO, v. 8-12

CONSIDERAÇÃO DE PAULO DEVEOLVENDO ONÉSIMO, v. 13-16

APELO A FILEMOM PARA RECEBER ONÉSIMO, v. 17-21

QUESTÕES PESSOAIS: Saudações, v.22-25

1 Paulo não se designa apóstolo mas *prisioneiro* no serviço de Cristo, assim fazendo que

sua abnegação seja um apelo a Filemom. De igual modo, o líder espiritual somente pode apelar para sacrifício ou consagração na medida que ele os manifesta.

2 *Arquipo*. Possivelmente ministro da igreja em Laodicéia (Cl 4.17) e filho de Filemom e Áfia, residentes em Colossos (cf. Cl 4.9).

5 Fé aqui pode Ter três sentidos: 1) Fidelidade a Cristo e aos santos; 2) Confiança no Senhor e amor aos santos; 3) União de amor e fé, ambos se nutrindo mutuamente.

6,7 Fé... para com Cristo produz bênçãos, não para gozar pessoalmente mas para compartilhar com os santos. • **N. Hom.** Fé e conhecimento: 1) Fé é a fonte de conhecimento (cf. Jo 8.31; 7.17; 10.38); 2) Fé madura-se em comunhão (cf. Hb 13.15, 16); 3) Nessa comunhão, conhecimento é possuir e cumprir (cf. Cl 1.10).

8, 9 No espírito que caracterizou Jesus, Paulo, tendo a autoridade de mandar, prefere persuadir em amor (cf. 1 Co 9.1-18). O *velho* (gr *presbutes*) provavelmente, deve ser "embaixador", também, às vezes traduzido assim (cf. Ef 6.20). Filemom teria a mesma idade que Paulo.

10 *Onésimo*, pior que inútil no seu serviço anterior, pela graça de Deus se tornara útil (*Onésimo*), desejo de servir "em singeleza de coração" (Cl 3.22, 23). Para Paulo, era um filho amado e para Filemom, um irmão amado (v. 16).

14 Paulo teria o direito de ficar com Onésimo no lugar do serviço devido por Filemom em pagamento do benefício do evangelho (19; cf. Rm 15.27), mas o apóstolo não o abriga, praticando, assim, o seu ensino sobre mordomia em que o cristão tem a obrigação de dar; mas Deus só quer aquilo que for dado de livre e boa vontade (2 Co 9.7).

15 *Veio a ser afastado* fala claramente sobre a providência soberana de Deus, até em casos como este de pecado e rebeldia (cf. Rm 8.28).

16 Onésimo não deixa de ser escravo, mas não será mais tratado como escravo, mas como irmão (cf. Cl 3.11).

17,18 Uma perfeita ilustração de imputação: "Recebe-o, como se fosse a mim mesmo" - dá-lhe o meu mérito; "...E se deve alguma coisa, lança tudo em minha conta" - dá para mim o seu demérito (cf. Tg 2.23). Parece que Onésimo, ao fugir da casa de Filemom, o tinha roubado também.

21 *Mais do que estou pedindo*, talvez uma insinuação, na esperança de que Filemom dê a Onésimo sua liberdade.

23 *Epafras*. Veja Cl 1.7n.

24 *Lucas*. Veja Cl 4.14n.

Epístola aos Hebreus

Análise

Embora Deus tenha falado aos pais pelos profetas, agora Ele falara pelo Seu Filho. O prólogo afirma o caráter distintivo do Filho. Ele está antes da história, na história, acima da história, é o alvo da história, e o agente que produz a purificação dos pecados dos homens cometidos na história. Ele compartilha da essência da divindade e irradia a glória da divindade. Ele é, a suprema revelação de Deus (1.1-3).

A passagem seguinte (1.4-14) toma clara a preeminência de Cristo. Ele é superior aos anjos. Eles ajudam àqueles que serão herdeiros da salvação. Cristo em virtude de Quem Ele é, nomeado por Deus, e em virtude do que fizera, está numa posição muito superior à deles. Quão trágico é ser indiferente para com a grande salvação que Ele proclamou. Ele realizará a promessa de que todas as coisas estarão em harmoniosa sujeição, aos homens. Ele pode fazer isso porque é completamente homem e providenciou expiação pelos pecados dos homens. Ele é superior a Moisés. Moisés era um servo entre o povo de Deus. Cristo é Filho sobre o povo de Deus. Quão trágico é deixar de confiar nele! A incredulidade impediu a uma geração inteira de entrar na terra de Canaã. O autor adverte os crentes para que não caiam na incredulidade. A fé é

salientada, tanto quanto o zelo, para entrar no eterno descanso de Deus. O evangelho de Deus e o próprio Deus sondam os homens.

O sacerdócio de Cristo também é desenvolvido por meio de comparação (4.14-10.18). Qualificações, condições e experiências do sacerdócio arcaico são alistadas em comparação com Cristo como um sacerdote. Antes de continuar desenvolvendo esse tema, o escritor adverte os seus leitores sobre sua falta de preparação para um ensinamento avançado. Somente uma diligência zelosa pelas coisas de Deus é que os tirará da imaturidade. Cristo como um sacerdote, semelhante a Melquisedeque, é superior ao sacerdócio levítico porque Sua vida é indestrutível. Ele é ao mesmo tempo o sacerdote e a oferta sacrificial; Seu sacerdócio é eterno. Seu santuário está no céu e Seu sangue estabelece a validade do Novo Testamento, que é igualmente um pacto eterno.

A perseverança dos crentes se origina da comunhão com Deus, atividade em favor de Deus, fé em Deus, e consciência do que nos aguarda no futuro (10.19-12.29).

A cruz como o altar cristão, e a ressurreição do grande pastor, são a base da ação de Deus. Esses acontecimentos redentores e históricos impelem o crente à ação (13.1-25).

Autor

Não é dado o nome do autor. Excetuando-se Hebreus e 1 João, cada epístola do Novo Testamento designa sua autoridade por nome e por título.

Desde o primeiro século, a questão de quem escreveu o livro de Hebreus tem provocado muita discussão. As respostas dos primeiros cristãos variavam. Nas praias orientais do Mediterrâneo e ao redor de Alexandria, associava-se o livro com o apóstolo Paulo. Orígenes (185-254 d.C.) sentiu que os pensamentos do livro são de Paulo, mas que a linguagem e a dissertação são de outrem. No Norte da África, Tertuliano (155-255 d.C.) afirmava que Barnabé escreveu o livro aos Hebreus. Embora a epístola tivesse sido conhecida primeiramente em Roma e no Ocidente (1 Clemente, datada em cerca de 95 d.C., cita Hebreus freqüentemente), a opinião unânime naquela área, por 200 anos, foi que Paulo não escrevera a epístola aos Hebreus. Aqueles primeiros cristãos não afirmaram coisa alguma sobre quem pensavam que a havia escrito. Simplesmente não sabiam dizê-lo.

Os crentes da atualidade não deveriam ser dogmáticos sobre uma questão que durante tantos séculos tem sido incerta. Entretanto, os estudantes das Escrituras devem examinar pessoalmente a epístola aos Hebreus. Pois um estudo cuidadoso do texto grego, muito revela sobre o autor. O livro tem um estilo grego polido, como o de um retórico mestre. Isso não se assemelha ao estilo de Paulo. Paulo freqüentemente dá início a uma nova corrente de pensamento antes de terminar aquele sobre o qual falava. O escritor da epístola aos Hebreus jamais faz isso. O vocabulário, as figuras de linguagem, e o modo de argumentar mostram uma influência alexandrina e filônica (Filo, 20 a.C. até 50 ou 60 d.C.). Paulo não tinha tal espécie de cultura. O escritor da epístola aos Hebreus cita o Antigo Testamento de modo diferente do de Paulo. As frases de Paulo - "como está escrito" (dezenove vezes), "está escrito" (dez vezes), "a Escritura diz" (seis vezes), "a escritura proclama o evangelho de antemão" (uma vez) - jamais aparecem na epístola aos Hebreus, embora o escritor cite profundamente o Antigo Testamento.

Mas, se Paulo não é o escritor, quem foi? Apolo cabe dentro da evidência encontrada no próprio livro. Ele veio de Alexandria. Era homem eloqüente e erudito. Era homem poderoso nas Escrituras. As seguintes passagens do Novo Testamento nos falam sobre Apolo: Atos 18.24-28; 19.1; 1 Coríntios 1.12; 3.4-6, 22; 4.6; 16.12; Tito 3.13. Talvez nunca venhamos a ter certeza sobre o nome do autor, mas se lermos cuidadosamente essa epístola, realmente poderemos conhecê-lo.

A melhor data para a epístola fica entre 68 e 70 d.C.

Esboço

PRÓLOGO: Curso e Clímax da Revelação Divina, 1.1-3
A PREEMINÊNCIA DO PRÓPRIO CRISTO, 1.4-4.13
A Superioridade de Cristo aos Anjos, 1.4-14
Aviso: Perigo da Indiferença a essas Verdades, 2.1-4
O Motivo que Levou Cristo a Torna-se Humano, 2.5-18
A Posição de Cristo É Superior à de Moisés, 3.1-6
Aviso: A Incredulidade Traz Efeitos Temporais Eternos, 3.7-4.13
O SACERDÓCIO DE JESUS CRISTO, 4.14-10.18
A Importância de Seu Sacerdócio para a Conduta Pessoal, 4.14-16
Qualificações de um Sumo Sacerdote, 5.1-10
Aviso: Imaturidade e Apostasia São Conquistadas apenas pela Fé, Longanimidade e Esperança, 5.11-6,20a
Condições dos Leitores, 5.11-14
Chamada para Avanço por parte dos Leitores, 6.1-3
Condição de outros que se Desviaram, 6.4-8
Terminar a Carreira Cristã Exige Constância, 6.9-20a
O Eterno Sucessor de Melquisedeque, 6.20b-7.28
O Próprio Melquisedeque no Antigo Testamento, 6.20b-7.3
A Superioridade de Melquisedeque ao Sacerdócio Levítico, 7.4-10
A Superioridade de Cristo ao Sacerdócio de Levítico, 7.11-28
O Santuário Celeste e o Novo Pacto, 8.1-13
Serviço Sacerdotal sob o Antigo e o Novo Testamento, 9.1-28
Estabelecendo o Ministro Sacerdotal sob o Antigo Pacto, 9.1-10
A Importância do Sangue em Ambos os Pactos, 9.11-22
A Insuficiência dos Sacrifícios sob a Lei, Contrastada com a Eficácia e Caráter do Sacrifício de Cristo, 10.1-18
A PERSEVERANÇA DOS CRENTES, 10.19-12.29
Atitudes a Serem Buscadas e Atitudes a Serem Evitadas, 10.19-38
Fé em Ação - Exemplos Ilustres do Passado, 11.1-40
Incentivos para a Ação na Cena Presente e no Alvo Futuro, 12.1-29
POST-SCRIPTUM: Exortações, Questões Pessoais, Bênção, 13.1-25

1.1 Hebreus começa como tese, prossegue como sermão e conclui como carta. A revelação de Deus é concedida em dois estágios: pelos profetas do AT e por meio de Cristo no NT. João 1.1 afirma que Cristo é a Palavra (*logos*) de Deus; Hb 1.1,2 declara que Ele é a palavra final. Sua pessoa determina a interpretação da Palavra de Deus falada. *Pelos profetas*. Lit. "nos profetas" indicando a inspiração clara do AT.

1.2 *Últimos dias*. A vinda do Messias dá início ao período escatológico. *Falou*. O uso do aoristo no grego indica finalidade. *Pelo Filho*. Falta o artigo no grego. Deus se revelou "filialmente".

1.2b-3 Sete declarações acerca de Cristo revelam Sua majestade e poder: 1) Cristo é herdeiro de todas as coisas (Ef 1.20-23). 2) Ele é o agente da Criação (cf. Jo 1.3). 3) Ele é o brilho que irradia de Deus que é luz (1 Jo 1.5). 4) Ele manifesta a verdadeira natureza de Deus (2 Co 4.4; Cl 1.5). 5) Sua palavra poderosa sustenta o universo (Cl 1.17). 6) Ele é o sacerdote que oferece a si mesmo como Sacrifício para purificar os pecados (Jo 1 29). 7) Ele ocupa o trono soberano à direita de Deus (Sl110.1; Ef 4.10). *Assentou-se*. Cristo, o Sumo Sacerdote, assentou-se porque Sua obra foi consumada. Os sacerdotes judaicos continuam em pé (10.11).

1.5-13 Sete passagens citadas do AT sustentam o argumento que Cristo é superior aos anjos. • **N. Hom.** A Superioridade de Cristo. 1) Sendo Deus, o Filho primogênito, os anjos O adoram (5, 6), 2) Sendo Deus, onipotente Rei, os anjos Lhe obedecem (7-9). 3) Sendo

Deus, eterno Criador, os anjos O servem (10-14).

1.6 *Introduzir*. Pode referir-se à Segunda Vinda, ainda no futuro.

1.7 Este v. destaca o contraste entre as posições de Cristo e dos anjos ou a distinção entre a eternidade daquele e o evanescer destes.

1.9 *Companheiros*. São os "muitos filhos" (2.10) conduzidos à glória.

1.10 Há distinção de natureza entre a Criação e o Criador. Deus não necessita do universo, mas a Criação não pode existir sem Deus. Na LXX (Septuaginta), que Hebreus cita, Deus Se dirige ao Filho, chamando-O Senhor" (cf. também SI 110.1).

1.14 O serviço dos anjos ministradores tem como objetivo o benefício dos herdeiros da salvação, i.e., os cristãos.

2.1 *Desviemos*. Lit. "sermos levados pela correnteza".

2.2 A supremacia de Cristo sobre os anjos destaca a superioridade da segunda aliança sobre a primeira ministrada por anjos no Sinai.

2.3 *Negligenciarmos*. Os hebreus, destinatários desta epístola, estavam deixando a comunhão da igreja e dos cultos (10.25). *Foi-nos depois confirmada*. Em contraste com Paulo, o autor de Hebreus não reivindica alguma revelação: direta de Cristo (cf. Gl 1.15-17 e Lc 1.2).

2.4 *Distribuições*. Cf. aos dons do Espírito (1 Co 12.11; Gl 3.5).

2.5 *Mundo* (gr *oikoumenen*, "a sociedade organizada dos homens"). Baseando-se em Dt 32.8 (LXX), o autor nota que ainda que a administração deste mundo foi conferida a anjos, não foi assim corria a Nova Sociedade. O mundo novo será governado por Cristo, junto com Seus seguidores (2 Tm 2.12).

2.6-8 *O homem*. A passagem citada (SI 8.4-6) tem Adão em vista. A ele Deus deu soberania sobre tudo (Gn 1.26ss). *Filho de homem*. No primeiro século, sob a influência de Dn 7.13ss e do livro apocalíptico de Enoque este título provavelmente denotava o Messias. No NT este termo é usado, exclusivamente por Jesus, referindo-Se a Si mesmo (81 vezes). Exceções: At 7.56; Ap 1.13 onde falta o artigo, "um filho de homem".

2.8 *Ainda não*. A soberania que Adão devia ter exercido, progressivamente, (com e por meio dos seus descendentes) não se realizou. Ele mesmo foi conquistado pelo diabo e a morte em castigo do pecado(14).

2.9 *Aquela*. Jesus, pela Sua encarnação, Se tornou homem, o último Adão (1 Co 15.45), para poder padecer a morte substitutiva por todos.

2.10 Cristo é o Autor (lit. "iniciador") e condutor dos filhos de Adão à glória que Deus tencionou para a humanidade. *Autor* (gr *archegōn*) também em At 3.15, 5.31; Hb 12.2. *Aperfeiçoasse*. Só por meio da Sua paixão é que Cristo pode Se tornar nosso perfeito Salvador (18).

2.11 *Santifica*. A salvação (3) consiste na separação de homens da natureza adâmica para Deus. *De um só*. Cristo e os filhos de Deus surgem do mesmo estoque, que é Deus.

2.12 *Congregação* (gr *ekklesia*). Só "irmãos" de Cristo, participantes (14) de Sua natureza pelo Espírito, são membros da Igreja.

2.13,14 Junto com o termo "irmãos" (11, 12) "filhos" destaca a solidariedade de Jesus com os salvos. No Seu nascimento, Ele compartilhou nossa "carne e sangue". Na Sua morte, Ele levou nosso castigo. *Destruísse*. A cruz de Cristo marcou a derrota do diabo e suas pretensões (1 Jo 3.8). • **N. Hom.** O Redentor vinculou-Se aos Seus irmãos por: 1) parentesco; 2) substância ("carne e sangue"); 3) experiência (18).

2.15 *Pavor*. O temor da morte escraviza os homens.

2.16 *Socorre*. Aos anjos caídos (demônios) não é concedida, a graça salvadora de Deus. Não foram enganados como Adão. *Descendência de Abraão*. São todos os que se entregam a Deus pela fé (Gl 3.7).

2.17 Propiciação. Significa "cobrir", "apagar"; Trata-se de pecados absolvidos e-comunhão restaurada com Deus.

3.1,2 Cristo é o Apóstolo (representante) perfeito de Deus entre os homens. *Sumo*

Sacerdote. Ele é nosso perfeito representante diante de Deus. Sua fidelidade se mostrou na consumação da obra que Deus lhe deu (Jo 17.4). *Casa*. Isto é, "família".

3.4 *Aquele*. O filho de Deus, agente e herdeiro da Criação, obviamente tem o direito de mandar; Moisés tinha o direito de servir.

3.5 *Testemunho*. Moisés como profeta falou da vinda de Cristo.

3.6 *Até ao fim*. A prova da realidade da regeneração é a fidelidade.

3.7 *Diz o Espírito Santo*. Novamente encontramos a inspiração do AT. *Se ouvirdes...* Melhor a tradução do original heb em Sl 95.7.

3.8,9 No original, *provocação* e *tentação* são nomes - Meribá e Massá.

3.13 *Endurecido*. O engano do pecado produz endurecimento (cf. 2.8; Jr 17.9). Tanto Satanás como nosso próprio coração querem nos convencer que atitudes e práticas erradas não são pecaminosas.

3.14 *Participantes* (gr *entochoi*; cf. 2.14). Cristo participou em nossa subjugação à morte. Pela ressurreição conquistou o poder sobre a morte por todos nós. *Confiança* (gr *hupostasis*). "Certeza" em 11.1.

3.15 *Hoje*. I.e., nesta época da graça, a palavra de Deus precisa ser ouvida diariamente com coração disposto a obedecer.

3.16 É muito perigoso concluir que a maioria está sempre certa. A democracia na igreja pode ser instrumento de Deus ou do diabo.

3.17 *Pecaram*. A Bíblia encara a rebelião da incredulidade como pecado dos mais graves. O Êxodo não garantiu entrada na Terra.

3.18 *Descanso*. Cf. 4.5n. Aponta para o recebimento completo dos benefícios prometidos por Deus.

4.2 *A palavra...* Cf. Rm 10.16s e Is 53.1. A mensagem do evangelho exige a aceitação da fé. *Acompanhada*. Lit. "unida". A fé compromete o ouvinte com a mensagem; não se pode livrar da sua obrigação. *Anunciadas as boas novas*. Lit. "evangelizadas".

4.4 *Ao sétimo dia*. O sábado cristão é guardado pela fé por aquele que descansa nas promessas de Deus em Cristo.

4.5 *Meu descanso*. Deus compartilha conosco Seu próprio descanso (cf. Gn 2.3). Este descanso espiritual ficou à disposição dos homens desde o Éden, e o término da Criação, mas foi exposto claramente na Nova Criação.

4.7,8 Sendo que Deus oferecia Seu descanso no tempo de Davi, fica patente que Ele não fala a conquista da terra da Palestina no salmo 95.

4.9,10 *Repouso* (gr *sabbatismos*). 1 Refere-se ao descanso de sábado providenciado na morte e ressurreição de Cristo (cf. Jo 5.19). Este repouso é celestial, mas é usufruído nesta vida pela fé (cf. Jo 14.2, 24). *Descansou de suas obras*. Quem confia na obra perfeita de Cristo que iniciou a Nova Criação não tentará ganhar a salvação por boas obras.

• **N. Hom. 4.12** O Potencial da Palavra de Deus. 1) Sendo viva, concede a vida. 2) Sendo eficaz, transforma o ouvinte fiel. 3) Tendo dois gumes, corta primeiramente quem à usa e depois aqueles que recebem seu ministério. 4) Sendo cortante, traz à luz os motivos obscuros do subconsciente (1 Co 4.5). 5) Apta para discernir (gr *kritikos*), julga os valores.

4.13 *Patentes*. O gr tem o significado de um lutador que, tendo derrotado seu adversário, dobra o seu pescoço até a submissão total.

4.14 *Penetrou os céus*. Cristo passou pelos céus para ocupar Sua suprema transcendência e autoridade (7,26; Ef 4.10; Fp 2.9-11).

4.15 A divina majestade de Cristo, não nega em nada Sua humanidade. Ele simpatiza conosco porque sentiu o pleno poder da tentação.

• **N. Hom. 4.16** (vv. 1-16). A Poderosa Palavra de Deus. 1) Ela nos adverte acerca dos perigos que enfrentamos (1-11). 2) Revela o julgamento de Deus sobre a nossa natureza (12, 13). 3) É a provisão divina para nossas necessidades (14-16).

5.1 As exigências do sacerdócio judaico incluíam: 1) humanidade; 2) ser escolhido por

Deus; 3) ser representante dos homens; 4) oferecer dons e sacrifícios. Cristo cumpriu plenamente todas elas.

5.2 Condoer-se (gr *metriopathein*). Era um termo usado na filosofia para indicar o meio termo entre apatia excessiva e a explosão de ira impaciente. *Ignorantes*. Deus tem compaixão com os que carecem de instrução (cf. Lc 12.46).

5.4 Tomar esta honra. As tristes conseqüências de apoderar-se da honra do sacerdócio ficaram patentes no caso de Corá (cf. Nm 16) e dos macabeus e seus descendentes (veja as informações prestadas por Josefo).

5.7 Livrar da morte. A preposição *ek* no gr dá a entender que Cristo pediu que o Pai O tirasse dentre os mortos por intermédio da ressurreição. *Piedade* (gr *eulabeia*) - "reverência", "temor de Deus". Descreve a perfeita submissão do Filho ao Pai (Jo 5.19), submissão esta que garante a resposta à oração (1 Jo 5.14).

5.8 Aprendeu a obediência. Não implica em que Cristo fosse pecador (cf. 4.15), mas que Sua submissão na fornalha da cruz foi íntegra e evidente. Sofrimento é o preço da obediência do Filho.

5.9 Aperfeiçoado. Pela ressurreição da morte é que Cristo aperfeiçoa a muitos (2.10; 12.2; cf. Rm 4.25). *Salvação eterna*. É concedida pela obediência que a fé em Cristo produz (Rm 10.9, Tg 2.14-26).

5.11 Aqui se inicia a terceira admoção (cf. 2.1ss e 3.7ss)

5.12 Leite significa as verdades básicas do evangelho; veja 6.1, 2. O alimento sólido que o autor quer apresentar é o sacerdócio de Cristo.

5.13 Inexperiente. Quem pratica a Palavra de Deus cresce.

6.1 Doutrina de Cristo. Cf. 1 Co 15.3, 4. *Obras mortas* (cf. 9.14) são os pecados cometidos que condenam o pecador à morte eterna.

6.4 Iluminados. Deus abre os olhos dos cegos incrédulos dando-lhes percepção da verdade divina (2 Co 4.4, 6). *Provaram o dom*. Em 1 Pe 2.2s o dom celestial que o crente novo deve provar e Cristo (cf. Sl 34.8). *Participantes*, (gr *metochoi*), cf. 3.14.

6.5 Provaram traduz a mesma palavra gr do v. 4. Isto quer dizer que gostaram de ouvir a Palavra de Deus. *Mundo* (gr *aiōn*), "era". Fala do poder sobrenatural exercido nos milagres tão notáveis.

6.6 Caíram. É claro que esta queda se trata de apostasia, a renúncia total da fé em Cristo (cf. o ato iniciante de fé em Rm 10.9). Renová-los para arrependimento provavelmente se refere a um segundo batismo que simboliza a morte do crente com Cristo na cruz (Gl 2.19s). Sendo que Cristo apenas morre uma vez (9.26), haveria confusão se o apóstata arrependido fosse rebatizado (cf. 1 Jo 5.16s). Não se deve pensar que Deus não pode renovar a fé; mas que a igreja não deve dar apoio a tais pecadores (cf. 1 Co 15.5; At 8.21-24).

6.9 O autor não julga que seus leitores sejam apóstatas, mas apenas "tardios em ouvir" (5.11) e cansados, da corrida (12.1, 12).

6.10 Todo serviço cristão humilde e abnegado cria um tesouro eterno.

6.14 Abençoarei. Lit. "abençoando te abençoarei". A frase idiomática do hebraico indica um juramento ou promessa incondicional.

6.15 Paciência (gr *makrothumia*). Trata-se de longanimidade em contraste com ira. *Promessa*. Refere-se à ocasião quando Isaque foi entregue e restaurado a Abraão (Gn 22.16s).

6.17 Juramento. Deus nunca precisa jurar. Sua palavra é fato sólido, mas em concessão aos homens instáveis Deus acrescentou o juramento à Sua promessa. *Herdeiros*. Mais do que os patriarcas, estão em vista os crentes vivendo na plena luz do evangelho (11.39s).

6.18 Duas coisas imutáveis: 1) A impossibilidade de Deus mentir; 2) O juramento de Deus. Fica patente neste parágrafo que a bênção da salvação prometida por Deus não é condicional. (Compare a situação oposta de lonas profetizando em Nínive). *Corremos para o refúgio*. Associa-se esta figura com os ofensores em Israel que se abrigaram nas

idades de refúgio (Nm 35). *Lançar mão...* pinta o quadro dos marinheiros fugindo do temporal.

• **N. Hom. 6.19** A Ancora da Nossa Esperança. 1) É segura - como a promessa de Deus. 2) É forte - como a Palavra de Deus (Jo 10.35). 3) É penetrante - passa junto com Cristo para o Santo dos Santos celestial, garantindo assim nossa entrada lá.

7.2 Sobre dízimos veja Lv 18.21; Nm 18.26ss e Ne 10.38s.

7.3 *Sem pai...* Hebreus não afirma que Melquisedeque foi uma cristofania, mas apenas que nem pais nem descendentes são mencionados na Bíblia. Esse silêncio bíblico sugere a figura do Cristo preexistente e eterno. Aqui fica claro que o sacerdócio de Cristo independe de Levi ou dos filhos de Arão.

7.8 O sacerdócio de Melquisedeque foi superior ao de Levi nos seguintes pontos: 1) Recebeu dízimos de Abraão, e tomando em conta a solidariedade entre filhos e pais, também de Levi. 2) Melquisedeque abençoou a Abraão (6, 7). 3) O texto bíblico não fala da morte de Melquisedeque. Neste ponto, ele tem a dignidade de ser comparado a Cristo, sacerdote eterno "sem princípio de dias nem fim de existência".

7.11 *Perfeição*. O autor de Hebreus tem interesse especial na finalidade dos planos de Deus para com os homens (cf. a palavra *teleiōs* e suas cognatas em 5.14; 9.11; 2.10; 5.9; 7.19, 28; 9.9; 10.1, 14; 11.40; 12.23; 7.11; 12.2).

7.12 A implicação na mudança do sacerdócio é que a lei que controlava as cerimônias judaicas forçosamente mudará também.

7.16 *Mandamento carnal*. Quer dizer, um mandamento que é temporário e visa o controle do homem exteriormente (como foi no caso do sacerdócio limitado aos descendentes de Levi). *Indissolúvel*. A dinâmica do sacerdócio de Cristo não procede da descendência física nem de cerimônias passageiras, mas do imutável juramento de Deus.

7.18 *Revoga* (gr *athetesis*). Em 9.26, a mesma palavra equivale a "aniquilar". *Fraqueza*. A lei e as cerimônias do AT, não foram capazes de salvar ninguém (cf. At 15.10; Rm 7.7; 8.3).

7.22 *Fiador* (gr *egguos*). É a única vez que aparece este vocábulo gr no NT. Nos documentos legais da época significa quem garante um contrato. Tem maior responsabilidade que o mediador (cf. 8.6).

7.23,24 *Maior número*. A morte provoca a substituição dos sacerdotes do culto judaico (cf. Nm 20.28; Êx 29.29s); enquanto a morte e ressurreição de Cristo estabeleceram um sacerdócio imutável.

7.25 *Totalmente* (gr *panteles*, fora daqui só em Lc 13.11). A salvação completa nos é oferecida unicamente em Cristo, em contraste com a lei que nunca aperfeiçoou coisa alguma (19).

• **N. Hom. 7.26** Nosso Substituto. 1) Cristo responde por nós no julgamento. 2) Suas qualificações: a) santidade (4.15); b) sem culpa (Lc 23.14, 22; Jo 8.46); c) sem mácula (9.14). 3) Sua posição: "separado dos pecadores". 4) Sua autoridade: é igual à do trono de Deus (1.3).

7.27 *Uma vez por todos*. A cruz de Cristo marca o sacrifício ímpar, ponto central do plano salvador dentro da história humana. Fecha o período longo de preparação (1.1, 2; Gl 4.4; Rm 3.26) e inaugura a nova era escatológica. Toda a esperança de salvação flui do sacrifício de Cristo oferecido uma vez para sempre (Is 53.6, 10).

7.28 *Perfeito para sempre*. Hebreus cita novamente o juramento do Sl 110.4 para afirmar a perfeição de Cristo em qualidade e tempo.

8.1 *O essencial*. A palavra no original indica que aqui temos um resumo do argumento até este ponto. A superioridade do sacerdócio de Cristo já foi demonstrada. Prossegue agora mostrando a superioridade do Seu serviço (6, 7) e da Aliança que inaugura (8-13). *Majestade*. Cristo é incomparável em glória e serviço (2).

8.2 *Santuário* (gr *tōn hagiōn*). Alguns traduzem por "os santos". *Verdadeiro* (gr *alethines*). Genuíno em contraste com os templos de sombra construídos pelos homens, Toda a

realidade humana é limitada e maculada pelo pecado; é passageira como a sombra.

8.6 Mediador (*mesites*, i.e., alguém que fica no meio, unindo duas pessoas). Cristo é o único mediador, sendo que Ele é verdadeiro homem e verdadeiro Deus (cf. Jo 9.33), capaz de realizar a Nova Aliança.

8.6-12 Superior aliança. O primeiro contrato que Deus fez com Seu povo Israel pela mediação de Moisés (Êx 24.1-8) deixou de permanecer em vigor pela fraqueza dos homens. Mas a Nova Aliança oferece as seguintes vantagens: 1) Foi anunciada pelos profetas (Jr 31.31-34). 2) É nova (*kainos*) não apenas em tempo mas em qualidade. 3) Abrange maior amplitude - não somente Judá mas Israel - as dez tribos que se misturaram com os gentis (cf. Rm 9.24-27). 4) Realiza transformação interior (10), não apenas conformidade exterior com as leis. 5) Oferece perdão total (12), não cobertura passageira.

9.2 Parte anterior. É uma referência ao Santo Lugar do tabernáculo que foi separado do Santo dos Santos por um segundo véu (3). O primeiro guardava a entrada apenas. *Pães*. Cf. Lv. 24.5-9.

9.4 Pertencia um altar de ouro. Segundo Êx 30.6, 7, concluímos que o altar de incenso foi guardado no Santo Lugar. É possível que no Dia da Expição esse altar fosse acrescentado à mobília do Santo dos Santos pela simples retirada do véu.

9.5 Querubins de glória. Os querubins de ouro representavam os anjos da presença divina que exaltam e zelam pela santidade de Deus.

9.7 Dia da Expição. Hoje é chamado *yom kippur*. Foi celebrado no dia 10 de Tishri (set/out.). O sumo sacerdote entrava duas vezes no Santo dos Santos; a primeira vez para expiar seus próprios pecados e a segunda para os do povo. *Pecados de ignorância*. O AT não sugere que houvesse perdão pelos pecados deliberados (cf. Nm 15.30).

9.9 Ineficazes. Nenhum sacrifício da Velha Aliança foi capaz de expiar pecados, sendo apenas uma sombra da verdadeira expiação de Cristo feita na cruz (14).

9.10 O trecho 9.10-10.18 apresenta as características do sacrifício de Cristo. Infinitamente superior aos sacrifícios do AT, o sangue de Cristo: 1) É pessoal, não animal (cf. 13); 2) É purificador da consciência do crente (compare 9 com 14; 1 Pe 3.21); 3) É definitivo uma vez para sempre (25, 26); 4) Foi oferecido no tabernáculo celestial (24); 5) Foi sacrifício voluntária (14; cf. Jo 10.17s); 6) Foi realizado pelo Seu Espírito eterno (14; 1 Pe 3.18); 7) É eficaz para sempre (10.11).

9.10 Ordenanças (gr *dikaiōmata*) São práticas litúrgicas impostas aos israelitas sob a velha aliança mas abolidas na Nova. *Reforma* (gr *diorthōseōs*). Somente aqui no NT significa "acertar".

9.11 Maior e mais perfeito tabernáculo. Possivelmente, como pensaram os antigos intérpretes, refere-se ao corpo de Cristo que nos permite aproximar de Deus (cf. Jo 14.6, 9, Ap 21.22).

9.14 É impossível servir de modo aceitável ao Deus santo quem tem consciência maculada. Este é o versículo chave de Hebreus.

9.15 Transgressões... sob a primeira aliança. Fica claro que a morte de Cristo remiu todos os santos fiéis do AT (11.39s).

9.16 Testamento. Hebreus usa no seu argumento os dois sentidos da palavra grega *diatheke* ("aliança", "testamento"). A herança das promessas de Deus nos é oferecida na morte do Herdeiro, Cristo. Na Ceia do Senhor celebramos a inauguração da Nova Aliança no sangue, i.e., a morte de Cristo (Mc 14.24).

9.19,20 A cerimônia de inauguração da velha aliança (cf. Êx 24.6-8), além de unir Israel com Deus através da morte da vítima sacrificial, consagrou todos os utensílios, o livro da lei e o tabernáculo. Vedou qualquer uso profano a estes objetos. Aspergido sobre o povo, esse sangue o obrigou a cumprir as exigências da aliança e garantiu seus benefícios. Cristo faz isto para nós na Nova Aliança (cf. Lc 22.20).

9.22 Quase todas. Aos pobres foi permitido oferecer farinha em lugar de um cordeiro (Lv. 5.11). Em Nm 16.46, a expiação do pecado foi realizada pelo incenso (cf. Nm 31.22s).

Mesmo em casos de derramamento de sangue, a consciência do ofertante não foi purificada.

9.23 *Próprias coisas*. São as realidades essenciais e permanentes, especialmente o povo salvo de Deus que em consequência de sua purificação está sendo formado numa casa espiritual (cf. 3.6; 2 Co 6.16; 1 Pe 2.5).

9.24 Em contraste com o sumo sacerdote que somente podia entrar no lugar Santíssimo uma vez, Cristo permanece na presença de Deus.

9.26 *Muitas vezes*. Uma vez que a expiação dos pecados dos homens se efetuou na história por intermédio da encarnação de Cristo, fica evidente que o único sacrifício de Jesus é suficiente para pagar todos os pecados cometidos na história. É eterno na sua eficácia. *Cumpriram os tempos*. A morte e ressurreição, de Cristo inauguram o período final da história (cf. 1Co 7.29, 31).

9.27,28 Paralelo à morte única que cada homem experimenta com seu juízo subsequente. Cristo também morreu numa cruz uma única vez para tomar sobre si nosso juízo merecido. *Sem pecado*. A primeira vinda de Cristo visou à redenção dos homens (Mc 10.45; Rm 8.3). A segunda implantará o reino de Cristo em glória (cf. Ap 20.6).

10.1 *Bens vindouros*. Entre estes encontram-se o sacrifício de Cristo e Sua intercessão sacerdotal por nós (4.14ss). *Sombra*. Cf. Cl 2.17, onde Paulo refere-se à lei e suas restrições. *Imagem real*. Uma cópia perfeita que torna visível a realidade invisível (2 Co 4.4; a 1.15). O alvo da fé é tornar-nos cópias de Jesus Cristo (Rm 8.29).

10.2 *A consciência* maculada impede a comunhão com Deus (Sl 66.18).

10.4 Manchas morais não podem ser removidas por meios físicas apenas (cf. Sl 51.10, 16s).

10.5-8 Estes vv. apontam para o sacrifício preparado pela encarnação do eterno Filho de Deus. *Não quiseste*. Mesmo no AT, nota-se que Deus não se interessava nos sacrifícios em si, mas na devoção e obediência do coração (cf. 1 Sm 15.22s). Diversos vocábulos (quatro no hebraico) são usados para pôr em mira todos os tipos de oferta prescritos no ritual levítico. *Corpo me formaste*. Refere-se ao nascimento virginal de Cristo quando Se encarnou.

10.10 *Nessa vontade*. É a vontade de Deus realizada em Cristo (Rm 5.19).

10.11,12 Cf. 1.4.

10.14 A santificação mencionada aqui aplica-se igualmente aos crentes de cada geração desde Abel até a volta de Cristo ao mundo.

10.18 *Não há oferta*. É insulto imperdoável contra Deus oferecer sacrifícios por pecados já remidos por Cristo na cruz.

10.19 *Intrepidez*. O acesso livre à presença divina é o grande privilégio do crente, acesso esse que foi aberto na cruz e usufruímos dele cada vez que oramos e entramos na Sua presença.

10.20 *Novo* (gr *prospatos* - só aqui no NT), "recentemente morto". *Vivo*. O caminho para Deus não é mais por sacrifícios (como a missa) mas pela vida do Cristo ressurreto (Rm 4.25). *Véu* aqui refere-se à morte e vida de Cristo, que representam a única possibilidade de acesso ao Pai (cf. 9.12).

• **N. Hom. 10.21-25** Privilégios e Responsabilidades do Crente. A. Aproximar-se de Deus: 1) com coração genuíno (*alethinos*) cf. Tg 4.8; 2) em plena confiança da fé (cf. 35); 3) em corações purificados pelo sangue de Cristo - comunhão interior (Ez 36.25s); 4) com corpos lavados (no batismo de arrependimento - comunhão exterior). B. Guardar firme a esperança - 1) confessando-a em voz alta no mundo; 2) não vacilando (Mt 6.24); 3) reconhecendo que está fundada em Deus (6.13-20). C. Estimular o amor e as boas obras (13.1-3). D. Congregar-se com as finalidades de admoestar e ser admoestado (3.13; 1 Ts 5.11, 14) e preparar-se para o dia da vinda de Cristo (25). Notemos que Deus não espera que o cristão ande sozinho (1 Jo 1.3). *O Dia se aproxima*. A demora da Segunda Vinda produziu um efeito de apatia nos leitores hebreus. O autor de Hebreus possivelmente viu

o ataque contra Jerusalém (c. 70 d.C.), levado a efeito pelas forças romanas, dentro do contexto da vinda de Cristo (cf. Lc 21.20-22).

10.26-29 *Deliberadamente*. Cf. Nm15.30. Para o pecado atrevido no AT não havia meio de conseguir o perdão. Uma situação muito mais séria que Gl 6.1 está aqui em vista. É evidente a apostasia (cf. 3.12; 6.4-8; 12.25). *Calcou aos pés o Filho de Deus* significa desprezo total (cf. Zc 12.3). *Conhecimento do Verdade*. Cf. 1 Tm 2.4; 2 Tm 2; 25; 3.7; Tt 1.1 e Jo 8.32.

10.31 Este versículo não aponta para descrentes, mas para crentes.

10.32 *Iluminados*, i.e., pelo evangelho (cf. 6.4; Jo 1.9).

10.33 *Espetáculo* (gr *theatrizomenoi*, 1 Co 4.9). Os crentes hebreus sofreram uma variedade de perseguições, mas até esse momento não tinham passado pelo martírio (12.4). Indica que esta carta não foi mandada à igreja de Jerusalém, que perdeu vários líderes pela morte violenta (Estêvão, Tiago filho de Zebedeu e Tiago irmão de Jesus no ano 62 d.C.).

10.39 *Retrocedem*. Bem podia o autor ter continuado diretamente com 12.1 "...corramos...", mas deseja encorajar os leitores com uma exposição ilustrada de Hc 2.4 apontando para os heróis da fé.

11.1 *Fé é a certeza* (gr *hupostasis*, 1.3 "substância", 3.14 "confiança". É a garantia ou, "escritura" das promessas de Deus.

11.2 *Os antigos*. Os santos do AT exerceram uma fé nas promessas de Deus. Essa fé os sustentou numa perseverança exemplar.

11.3 *Pela fé*. O crente reconhece que as coisas temporais e materiais (acessíveis aos nossos sentidos) não são mais reais do que Deus e Sua palavra que as criou. A fé substancia a realidade de Deus.

11.4 *Pela fé, Abel*. Caim não satisfez a Deus porque ofereceu seu sacrifício sem fé (cf. Gn 4.7). *Morto, ainda fala* (Gn 4.10). O homem de fé fala mesmo após a morte testemunhando a natureza divina.

11.5,6 O AT não diz que Enoque foi justo; sabemos que foi porque "agradou a Deus" (6). Sem a fé toda obra humana fica contaminada pelo pecado e pela rebelião (Is 64.6). O duplo objetivo da fé: 1) confiança absoluta na existência de Deus, Rei eterno, imortal, invisível (1 Tm 1.17; Jo 1.18); 2) certeza que Deus galardoa os que O buscam de coração.

11.7 *Noé* manifestou a fé que a justiça exige (Gn 6.9), i.e., o cumprimento futuro da Palavra de Deus (Gn 6.22). A fé de Noé *condenou o mundo*, porque os contemporâneos dele se fizeram surdos diante da proclamação da mensagem divina (2 Pe 2.5; cf. At 28.26s; Ap 2.7).

11.8 *Abraão* ouviu e atendeu a chamada (gr *kaloumenos*) pessoal de Deus (cf. Ne 9.7s; At 7.2-5; Mt 11.28s). Como Noé, Abraão ganhou a justiça imputada de Deus pela fé (Gn 15.6). Obedeceu porque creu. *Sem saber*, Deus só prometeu a terra de Canaã após a volta de Abraão do Egito (Gn 13.14s).

11.9 *Peregrinou*. Cf. Gn 23.4; 1 Pe 1.1, 17. Os cristãos também peregrinam no mundo pela fé. Só renunciando tudo é que o discípulo pode seguir a Cristo (Lc 14.33). Ele torna-se assim cidadão do céu (Fp 3.20).

11.10 *Cidade*. Pode referir-se à nova Jerusalém, a comunidade dos santos no céu (12.22; Gl 4.26; Ap 21.2).

11.11 O gr original deste v. seria melhor traduzido assim: "Pela fé Abraão, junto com Sara, recebeu poder para procriar.

11.16 Os patriarcas, ainda que mortos, vivem para Deus (cf. Mc 12.26s).

11.17 *Posto à prova* (gr *peirazomenos*, "provar", "tentar"). Ainda que é impossível Deus incentivar para o mal (Tg 1.13), toda prova confronta o homem com a escolha de aceitar ou rejeitar a vontade dele. *Ofereceu* (gr no tempo perfeito). Deus conta com a disposição como se fosse o próprio ato. *Unigênito*. Além de enfatizar sua exclusividade, denota

"amado" (cf. referências a Cristo, Mc 12.6).

• **N. Hom. 11.19** Três Épocas Na Fé de Abraão: 1) Na fé da juventude - desafio (8), 2) na fé da maturidade - constância (10); 3) na fé da velhice - triunfo (19). *Recobrou*. Cf. Gn 22.5 Abraão sabia que Deus tinha que restaurar a Isaque; senão Ele não cumpriria Suas promessas.

11.21 *Bordão*. Gn 47.31 tem *cama*. É a mesma palavra na escrita não vocalizada do hebraico antigo, mas com pronúncia diferente.

11.25 *Do Pecado* tem seu próprio prazer, mas é apenas transitório, incomparavelmente menor do que a glória futura que surge da tribulação.

11.26 *Opróbrio de Cristo*. Em Êx 4.22, Israel é chamado filho de Deus (Os 11.1). Cristo como Messias de Israel estava sempre unido com o povo de Deus (1 Co 10.4). Como Abraão que viu a Cristo (Jo 8.56), Moisés atuou de forma a preparar o caminho para o Messias (cf. Sl 69.9).

11.29 Distingue-se aqui a fé no mandamento do Senhor que os israelitas seguiram, cruzando o mar, da presunção dos egípcios que se atreveram a fazer a mesma coisa. A presunção só traz condenação.

11.30 Ruíram as muralhas. Cf. 2 Co 10.4, 5.

11.31 *Roube*. Cf. Tg 2.25; Mt 1.5.

11.33,34 *Leões*. O autor tem Daniel em mente (Dn 6.22). *Extinguiram*. Refere-se a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. *Escaparam... espada*. Cf. Elias (1 Rs 19.2ss); Eliseu (2 Rs 6.31), Jeremias (Jr 36.19, 26)., *Fraqueza*. Veja Gideão (Jz 6.15). *Puseram em fuga*. Cf. 1 Sm 14.6.

11.35 *Torturados*. A palavra grega significa "esticados e açoitados até à morte". *Superior ressurreição*. Fica contrastada com a ressuscitação para depois morrer de novo. Nota-se também o contraste entre os que a fé libertou (20-35) e os que a fé matou heroicamente (36-38).

11.36 *Escárnios e açoites*. Cf. Jr 20.2.

11.37 *Mortos* Cf. Jr 26.20-22; Mt 23; 29 31. *Serrados pelo meio*. Foi a sorte de Isaías durante o reinado de Manassés no apócrifo Ascensão de Isaías. *Vestidos... cabras* (2 Rs 1.8).

11.40 "Deus, na Sua providência, reservou a perfeição messiânica de Jesus Cristo, até que nós pudéssemos compartilhá-la" (J. Moffatt).

12.1 *Nuvem de testemunhas* (cf. 12.23). O "bom testemunho" (11.39) que os heróis do AT ganharam nos deve incentivar a perseverar na corrida da fé, mesmo até ao martírio (gr *marturos* "testemunho"). *Peso*. Práticas, idéias, relações, etc. que, sem ser pecaminosas em si, nos prejudicam no avanço espiritual. *Pecado*. Não um pecado individual, mas nossa pecaminosidade. • **N. Hom.** A Corrida da Fé. 1) Sua inspiração - os heróis da fé.(cap. 11; 13.7). 2) Seu incentivo - Cristo, o iniciador e Destino (2.2, 10). 3) Suas instruções - largar os pesos (cf. Mc 4.17-19; Fp 3.8, 12) e pecados (1 Jo 1.6-9). 4) Sua exigência - perseverança (1, 3).

12.2 *Olhando... Jesus*. É a Ele que devemos imitar na corrida (cf. Ap 1.5). A vitória tanto sobre o peso, como sobre o pecado fascinante é focalizar a atenção no Senhor, tendo só uma ambição: agradá-lo (Fp 4.13). *Em troca*. O gr pode significar "por causa da alegria" ou "em lugar (substituição) de alegria" (cf. Jo 15.11).

12.4 *Sangue*. Cf. Ap 2.10. Os leitores não contaram com mártires.

12.5-7 *Corrige* (gr *paideia*, "treino", "educação para a vida", "castigo"). A correção e responsabilidade recebidas de Deus produzem vantagens futuras na maturidade alcançada (cf. 5.13s).

12.8 *Todos... participantes*. A filiação inclui provação (At 14.22). *Bastardos*. Quem não é filho de Deus não recebe disciplina dele.

12.9 *Respeitávamos... submissão*. Nestas duas palavras encontramos a essência da idéia bíblica do "temor do Senhor" (2 Co 7.1; Pv. 9.10). *Pai espiritual* (de homens, não anjos).

Cf. Nm 16.22; Ec 12.7; Zc 12.1. Deus é o criador do espírito humano enquanto o pai humano é da carne. *Viveremos*. A salvação completa está em vista (Tg 1.21).

12.10 *Melhor lhes parecia*. Em contraste com a disciplina em ignorância humana, o Pai celestial corrige com perfeito amor e sabedoria. *Santidade*. Ganhamos esta posição pelo sacrifício de Cristo (9.13; 10.10, 14, 29), mas a santidade na prática vem pela tribulação (cf. 1 Pe 4.1; Rm 5.3, 4) e zelo espiritual (14).

12.11 *Fruto pacífico... justiça*. Seria uma reação de submissão e alegria do cristão frente toda provação da fé (1 Pe 1.6, 7; Tg 1.2).

12.12,13 É uma exortação à parte mais sadia da igreja para não causar tropeça aos mais fracos na fé. *Mãos descaídas*. São as mãos dos desanimados na luta. *Extravie*. O gr *ektrape* pode ter o significado médico de "deslocado".

• **N. Hom. 12.14-16** Imperativos da Vida Cristã. 1) Sempre viver em paz com o próximo (Mt 5.8, 24; 18.15ss; Rm 12.18). 2) Avançar na santificação (10n). 3) Ter cuidado para com os desviados (Gl 6.1). 4) Não tornar as coisas de Deus comuns (16).

12.15 *Atentando* (gr *episkopountes*, "vigiar"; em forma substantivada: "bispo"). É como quem cuida de um ente amado gravemente doente. *Faltoso*. Carecendo da graça salvadora de Cristo. *Raiz*. Tanto aqui como em Dt 29.18 trata de alguém da comunidade que envenena a outros.

12.16 *Impuro* (cf. 13.4). Este caso de Esaú pode incluir a idolatria. *Profano*. Significa não dar valor as coisas espirituais.

12.17 *Não... arrependimento*. Cf. Gn 27.30-40; Hb 6.6; 10.26-30.

12.18-29 Este parágrafo é o clímax da epístola fazendo novamente o contraste entre as duas alianças e entre o evangelho e a lei.

12.18 *Fogo palpável*. O contraste se faz entre o monte Sinai intocável (Êx 19.12) e o monte Sião (22). O primeiro causou terror no povo todo (Dt 5.25; 18.16) e no próprio Moisés (Dt 9.9; At 7.32).

12.22 *Tendes chegado* (gr *proeluthate* "proselitizados", "convertidos". Monte Sião representa a presença divina onde Deus mora entre Seu povo (cf. 1 Rs 14.21; Sl 78.68s). Trata-se da "Jerusalém lá de cima" (Gl 4.26; Cf. Ap 21.2), em cuja cidade os cristãos são cidadãos (11.10). No Espírito os cristãos têm acesso a esta cidade celestial.

12.23 *Primogênitos arrolados*. Refere-se, provavelmente, a todos os santos ou filhos de Deus (cf. 2.10, 11; Lc 10.20; Ap 21.27). *Espíritos*. São os santos do AT agora aperfeiçoados pela morte de Cristo (11.40).

12.24 *Sangue*. O sangue de Abel clamou para a condenação de Caim. O sangue de Cristo clama em graça para o perdão do pecador crente.

12.26-29 *Abalou... terra* (Êx 19.18; Sl 68.7ss). A nova ordem, esperada por Ageu (2.6, 21s), teve seu cumprimento inicial na ressurreição e ascensão de Cristo que estabeleceu Seu reino eterno (28). O ensino claro da Bíblia é que o mundo material não é eterno (1.10-12).

13.2 A hospitalidade entre os cristãos do primeiro século os marcou como membros da família de Deus. Esfriando a fé, seria natural que houvesse uma diminuição de amor na prática.

13.3 *Em pessoa* (gr *en sōmati*) "em corpo", i.e., pertencendo ao Corpo de Cristo. Quando um membro sofre todos sofrem (1 Co 12.26).

13.5 Tal como encontramos em Ef 5.5 a impureza e avareza são condenadas juntamente. Todo homem é tentado a buscar conforto e segurança nas coisas materiais, mas o cristão fiel depende do Senhor, dispensando o acúmulo de tesouros na terra.

13.7,8 Os cristãos hebreus são exortados a tomar como exemplos os originais pregadores e pastores que primeiramente lhes pregaram o evangelho. Eles desapareceram (cf. "o fim"), mas Cristo, Deus e homem, não fica sujeito às mudanças causadas pela passagem do tempo (1.12; 7.12).

13.9 *Doutrinas várias*. O contexto sugere idéias pré-gnósticas com alguma conexão com o

judaísmo (9.10; 1 Co 8.8; Cl 2.16).

13.10 *Altar*. Uma referência ao sacrifício eterno e infinito de Cristo, simbolizado na Santa Ceia. *Os que ministram*. São judeus que ainda participam nas festas e sacrifícios do templo.

13.12,13 *Sofreu fora do porta*. Cristo foi crucificado fora dos muros de Jerusalém (cf. também Êx 33.7; Lv 24.14, 23; Nm 12.14s).

13.15,16 Em conseqüência da oferta final de Jesus pelos nossos pecados, temos apenas a obrigação de oferecer sacrifícios de gratidão e louvor a Deus (1 Pe 2.9) e cuidar dos nossos irmãos na fé (cf. "religião pura" em Tg 1.27).

13.17 *Vossos guias*. Líderes (pastores) atuais (cf. 7, 8). *Velam*. O trabalho do bispo (no NT equivale a "pastor", "ancião") é justamente vigiar (*episkopos*, 12.15n). *Prestar contas*. A solene incumbência do pastorado não se limita a este mundo. O galardão ou julgamento fica marcado no tribunal futuro de Deus (Rm 14.10; Lc 12.42ss).

13.19 *Eu... restituído*. Percebe-se que o autor é homem de relação íntima com seus leitores. Desconhecemos o que estaria lhe prendendo; provavelmente não era a prisão (cf. 23).

• **N. Hom. 13.20,21** A grandeza de Deus e Importância de Jesus. A. Deus é: 1) Fonte da paz; 2) Força da ressurreição; 3) Fecho da aliança; 4) Aperfeiçoador dos santos. B. Jesus é: 1) Nosso senhor, 2) O grande Pastor, 3) O meio de agradar a Deus; 4) Alvo da glória eterna.

13.22 *Palavra de exortação*. Nós a chamaríamos "sermão", ou "mensagem".

Epístola de Tiago

Análise

Escrevendo de modo extremamente parecido, em estilo, com a literatura de sabedoria do Antigo Testamento, ainda que com evidentes premissas cristãs, Tiago apresenta por tema à "religião pura" (1.27), a religião do divino amor experimentado no coração. Ele mostra que a religião pura é testada pelas provas e tentações nos fiéis, que assim testam o que é carnal e egoísta. Esses testes positivos e negativos da religião pura revelam contrastantes qualidades espirituais e carnis. Por exemplo, há repetições sobre a tentação útil e a tentação maléfica (teste), sobre a sabedoria verdadeira e a sabedoria falsa, sobre a fé verdadeira e a fé falsa, sobre o eu carnal e o eu espiritual, e sobre a confiança verdadeira e a confiança falsa. Esses contrastes são sugeridos parenteticamente, onde ocorrem.

A epístola é claramente cristã pelo fato que reconhece as reivindicações de Cristo (1.1; 2.1, 7), que faz referência à Segunda Vinda (1.12; 5.7, 8), que fala sobre a regeneração pessoal mediante a fé (1.18, 21), fazendo lembrar o ensino da chamada "literatura de sabedoria" do Antigo Testamento, conforme o encontramos nos livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes e em alguns dos Salmos. Isso põe o bem e o mal em confronto, e se refere basicamente ao tema da "religião pura" e da religião falsa.

O autor tinha em mente os crentes fiéis que são um exemplo da "religião pura", que passam sob teste e provação. A esses ele encoraja. Mas Tiago também tem em vista os indivíduos mais carnis e egoístas, cuja conduta mostra que têm falhado perante o teste da "religião pura". A esses ele repreende. Porém, por toda a epístola, a verdadeira religião do coração, quer conforme é *testada* nas vidas dos fiéis, quer conforme um *desmascaramento* e juízo contra as vidas dos indivíduos carnis, é o tema deste livro.

Tiago faz repetido uso do paradoxo ao asseverar a superioridade dos valores espirituais, tão comumente despercebidos. Assim é que Tiago fala sobre duas espécies de fé, duas espécies de sabedoria, duas espécies de tentação, duas espécies de confiança, duas espécies de "eu". Isso será notado conforme ocorrer o desenvolvimento do tema. Tiago se mostra prático e livre de embaraços teológicos, em sua ênfase. Seu

primeiro capítulo, que fala sobre o programa de Deus de santificação real na vida do crente, introduz e apresenta em miniatura os tópicos que são tratados de modo mais completo nos capítulos restantes.

Autor

Na epístola, encontramos a declaração que se trata de um escrito de Tiago. Três indivíduos com esse nome são mencionados no Novo Testamento. Entretanto, Tiago, filho de José e Maria, e portanto, irmão do Senhor Jesus, tem sido creditado pela Igreja Cristã como autor dessa epístola. Tiago, em seu ensino, exhibe notável semelhança com nosso Senhor. Uma comparação entre essa epístola e o Sermão do Monte revela pelo menos doze claros paralelismos. Escolhido como moderador da igreja de Jerusalém, após o Pentecostes. Tiago deu à sua epístola um ar de autoridade sem presunção. Sem apresentar qualquer apologia, seus 108 versículos contêm cinquenta e quatro mandamentos.

Esboço

O PROPÓSITO DE DEUS SOBRE O PROGRESSO DO CRENTE NA RELIGIÃO PURA, 1.1-27

A Tentação que Edifica: o Teste Auxiliador e o Maléfico, 1.1-12

Saudação Apostólica, 1.1

O Teste que deve ser Recebido com Alegria, 1.2

Deus Usa-o, visando a Santidade de Caráter, 1.3

Exige Obediência ao Espírito, 1.4

Sua Constância Subentende uma Sabedoria Dada pelo Espírito de Deus: a Verdadeira e a Falsa Sabedoria, 1.5

O Divino Dom da Sabedoria Depende da Fé Verdadeira: a Fé Verdadeira e a Falsa, 1.6-8

A Falta dessa Fé Revela Duplicidade de Vida: O Eu Carnal e o Eu Espiritual, 1.8

Os de Humilde Condição Devem Congratular-se com esse Teste: a Confiança Verdadeira e a Falsa, 1.9-11

A Importância-Chave da Atitude Pessoal, no Teste, 1.12

A tentação que Destrói: Teste Útil e Maléfico, 1.13-16

Deus não Impele o Mal, 1.13

Desejo Egoísta - Força Sedutora da Tentação, 1.14-16

Deus - o Principal Bem do Crente: Confiança Verdadeira e Falsa, 1.17,18

A Origem de Toda Bênção, 1.17

Sua Obra Redentora - Evidência de Seu Amor, 1.18

Exortação Conseqüente sobre a Santidade Pessoal, 1.19-27

Exigida a Probidade de Coração: a Sabedoria Verdadeira e a Falsa, 1.19-21

A Probidade de Coração Resulta da Justiça Prática: Fé Verdadeira e Falsa, 1.22-27

TESTES DA RELIGIÃO PURA, 2.1-5-20

Teste da Parcialidade Egoísta: A Verdadeira e a Falsa Confiança; o Eu Carnal e o Eu Espiritual, 2.1-13

Teste da Fé Operante pelo Amor: a Fé Verdadeira e a Falsa, 2.14-26

Teste do Amor como Modo de Vida: a Sabedoria Verdadeira e a Falsa, 3.1-18

Teste da Facção Egoísta: o Eu Carnal e o Eu Espiritual, 4.1-12

Teste da Vida Dirigida pelo Eu: a Confiança Verdadeira e a Falsa, 4.13-17

Teste da Caridade na Aquisição e na Mordomia das Riquezas: a Confiança Verdadeira e a Falsa, 5.1-6

Teste da Paciência sob a Opressão: o Teste Útil e o Maléfico, 5.7-11

Teste da Restrição nos Compromissos: a Confiança Verdadeira e a Falsa, 5.12

Teste da Oração que Prevalece: a Confiança Verdadeira e a Falsa, 5.13-20

1.1 Às *doze tribos*. Provavelmente não se refere a judeus como raça, mas a judeus crentes em Cristo que assim se tornaram o verdadeiro Israel de Deus (Gl 6.16; Fp 3.3). Em 1 Pe 1.1, "Dispersão" também se refere a gentios cristãos.

1.2,3 Para o crente, toda provação toca na sua fé que assim é confirmada e produz um homem perfeito (plenamente desenvolvido) em Cristo (1 Pe 1.6-9; Rm 5.3-5). Por isso devemos nos alegrar quando vêm provações pelo lucro espiritual que nos propordonam.

1.3,4 *Perseverança* (gr *hupomone*). É a paciência quando não há remédio, constância sob uma prova prolongada (cf. 2 Ts 3.5, "constância").

1.5 *Sabedoria*. Nesta epístola é a compreensão cristã que se manifesta numa vida que segue a lei de Deus como sua regra de fé e moralidade.

• **N. Hom. 1.5-7** Tema: Oração de petição. 1) A fonte: nasce da necessidade. 2) O alvo: dirige-se a Deus. 3) O requisito: fé sem dúvidas. 4) O resultado: concessão liberal sem repreensão.

1.7 Que o homem vacilante não receberá resposta à sua oração é tão certo quanto o fato de que aquele que pede com fé receberá (5, 6).

1.12,13 *Provação...* *ser tentado* representam a mesma palavra no grego. O sentido duplo vem da pressão externa (prova) e do desejo interno (tentação). No v. 12 está em vista a provação externa (senão exigiria opor-se em lugar de suportar), enquanto no v. 13 refere-se à tentação para o pecado. *Coroa da vida*, lit. "grinalda" (cf. n em Fp 4.1), Não é símbolo real ou régio, mas sinal de aprovação (cf. 1 Ts 2.19 e Mt 25.21).

1.17 *Pai das luzes*. Em contraste com a idéia corrente na astrologia que as estrelas controlavam fatalmente o destino do homem, Tiago afirma que nosso Pai, perfeito em benevolência, rodeia nosso caminho com dádivas. Também se realça, em contraste com o Sol ou a lua, que variam, a constância de Deus (cf. Hb A 3.8 e MI 3.6).

1.18 O maior e mais importante de todos os seus dons é a regeneração pela palavra da verdade (o evangelho, cf. Cl 1.5; 1 Pe 1.22, 23).

1.19 *Tardio para falar*, i.e., não precipitar-se na proclamação do evangelho antes de aceitá-lo e colocá-lo em prática (cf. 3.1).

1.21 *A palavra em vós implantado*. Em Tiago, o termo "palavra" é mais ou menos equivalente à "graça" nas epístolas de Paulo. Recebida e atendida, esta palavra germina e cresce transformando a vida e dando assim a garantia da salvação final (cf. Jo 15.1-8).

1.22 *Ouvintes* (gr *akroatai*). Termo usado especialmente para aqueles que assistiam aulas mas não se tornavam verdadeiros discípulos.

1.25 *Lei do liberdade*. Todo aquele que cumprir esta lei conhecerá a liberdade (cf. Rm 8.2). "A revelação da Palavra nos vincula a um serviço de amor prático que é ao mesmo tempo voluntário e obrigatório" (Moffatt). É chamada a "lei régia" ou "real" em 2.3. Devemos sempre lembrar que por esta lei seremos julgados (2.12).

• **N. Hom. 1.26,27** *Religião Verdadeira*. A Tríplice responsabilidade: 1) Diante de si mesmo - a língua dominada pelo amor (cf. 3.2-12); 2) Diante do próximo - a miséria compartilhada em amor (2.15, 16; Mt 25.36, 43, onde Jesus usa a mesma palavra, "visitar"); 3) Diante de Deus o mundo desprezado por amor maior a Deus (4.4; 1 Jo 2.15-17).

2.1 *Senhor do glória*. O original carece da palavra "Senhor". O sentido pode ser: "Não tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo que é a glória". "Glória" no sentido da *shekina*, a presença imediata de Deus no meio do Seu povo, ou pode referir-se à glória em que Cristo reina.

2.1-9 A todo homem são dadas dignidade e igualdade pela cruz de Cristo, uma vez que Ele morreu por todos. Em conseqüência, a eternidade humilhará aquele que se gloriar na sua própria riqueza, e dará aos pobres, mas fiéis, a herança das riquezas eternas (5). Por já sermos parte do reino eterno, cometemos pecados se fizermos acepção de pessoas (9).

2.7 O bom nome... invocado. Provavelmente é uma referência ao batismo no qual o nome de Cristo foi pronunciado sobre o neófito (cf. Mt 28.19; At 2.38). Pode ser comparada com a prática antiga de "invocar o nome" sobre os "descendentes" como Jacó fez (Gn 48.16).

2.8 Lei régia. É régia porque é válida no Reino de Deus; porque o seu Autor é o Rei supremo e porque inclui todas as outras leis que governam as relações humanas.

2.10 A completa impossibilidade de guardar a lei de Deus em todos os pontos (muito especialmente na forma interna que Jesus a interpretou no Sermão da Montanha) nos força a confiar para a Salvação naquele que perfeitamente cumpriu a vontade de Deus e oferece Sua justiça para nos cobrir (Hb 7.26, 27). Nele a misericórdia de Deus triunfa sobre o juízo que merecemos (13).

2.13 Este versículo é um dos muitos ecos do ensino de Jesus nesta epístola (Mt 5.7; 18.33-35).

2.14 Tem fé, mas não tiver obras. Note-se que a questão não é uma oposição entre fé e obras; mas sim, entre a fé viva e a morta. Tiago nunca afirma que as boas obras nos podem salvar. Ele assinala claramente que a fé viva e real (17) se manifestará sem falta em obras, tal como a vida no corpo se manifesta na respiração, no bater do coração e em outras condições (cf. Ef 2.10).

2.15-17 Um exemplo de fé morta é atitude de alguns crentes em face da necessidade dos irmãos na miséria. Como o simples falar não ajuda, tampouco terá valor reivindicar nossa fé sem demonstrar os frutos do amor (cf. Mt 7.16-23, Gl 5.6).

2.23 Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. Essa justiça só se manifestou quando ele obedeceu, como no caso do oferecimento de Isaque. Assim também a realidade da justificação é somente demonstrada na obediência.

3.1 Mestres, assim como pastores, são dons de Deus para a edificação de Sua Igreja (Ef 4.11 cf. 1 Co 12.28). Tiago aponta o perigo de tomar esse encargo sobre si mesmo (cf. 2.12). O mestre molda as mentes imaturas para o bem ou mal. Aqui o aviso é particularmente, a respeito da censura (Mt 12.37) e da malícia. Maior juízo espera todos os que se exaltam como guias, mas não seguem o Caminho e obrigam outros a trilhá-lo (cf. Mt 23.8-31). Em humildade, Tiago inclui a si mesmo entre os mestres que falham.

3.2 Tropeçamos, i.e., "pecamos". Ora, a maneira de refrear a língua não é simplesmente guardar silêncio, mas sim, levar "cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10.5; cf. Fp 4.8; Mt 12.34).

3.6 Chamas pelo inferno. Há dois tipos de fogo. Um é posto pelo Espírito Santo (Lc 3.16; At 2.2, 3; cf. 1 Ts 5.19). O outro é posto pelo diabo para destruir tudo que for bom.

3.9,10 A inconsistência do procedimento que bendiz ao Senhor (o uso mais alto da língua) e amaldiçoa aos homens, confirma o irrealismo da bênção. "A última ilustração (12) indica que não é a bênção verbal de Deus, mas a maldição dos homens que é o índice verdadeiro do coração" (Hort; 1 Jo 4.20 tem a mesma idéia). *Semelhança de Deus.* A imagem de Deus no homem, ainda que desfigurada pela queda, tem reflexos da criação original (Gn 1.26).

• **N. Hom. 3.13-18** Os requisitos de um mestre. A) *Sabedoria Celestial*, que é: 1) pura (cf. 1 Pe 2.1, 2; 1 Jo 3.3); 2) pacífica (Hb 12.14); 3) indulgente (a mesma palavra é traduzida por "cordato" em 1 Tm 3.3); 4) tratável (só aqui no NT com a idéia de "fácil de persuadir"); 5) cheia de misericórdia e bons frutos (Mt 5.7; Gl 22.23); 6) imparcial (só aqui no NT), "sem ambigüidade"; 7) sem hipocrisia, i.e., sem reservas mentais, aberto e claro (1 Pe 1.22). B) *Condigno proceder* que: 1) evita inveja (14); 2) evita o espírito faccioso (14); 3) em paz promove a justiça (18).

3.14 Mentais contra a verdade. O verbo no grego pode significar "afirmar falsas reivindicações de ter a verdade". A verdade do cristianismo não pode ser promulgada ou defendida senão por um espírito cristão.

4.3,4 Oração que só visa incrementar os prazeres da carne, i.e., pedir de Deus para gastar no Seu inimigo, o mundo, não pode ser respondida. O alvo da nossa petição deve

ser a graça (6; cf. "sabedoria" 1.5) que Deus nos dará liberalmente.

4.5 Deus, longe de se tranqüilizar com a lealdade dividida do Seu povo tem ciúme de nós no Seu anseio de uma completa fidelidade de nossa parte.

4.7,8 Resistimos ao diabo somente na sujeição à Deus (cf. 1 Pe 5.8, 9; Mt 4.10). Aproximando-nos dele com mãos limpas e coração puro: (Sl 24.3-6) Ele se aproximam de nós (cf. Dt 4.7). O contrário é sustentável. Exaltar-se diante de Deus é submeter-se ao diabo e afastar-se dele.

4.8 *Ânimo dobre* (cf. 1.6-8). Refere-se à acomodação ao mundo e à perda do senso de gravidade do pecado que é idolatria. É somente pela purificação do coração na obediência à verdade (1 Pe 1.22; cf. Jo 15.3) que a singeleza de ânimo é restaurada (Mt 6.21-24).

4.12 *Um só*. Entre todos os legisladores e juizes no mundo, só Deus tem tanto o poder como a competência de julgar corretamente todos os que desprezam as Suas leis (Lc 12.4, 5).

4.15,16 *Se o Senhor quiser*. Deixar de reconhecer que a vida, com todas as suas bênçãos, é uma concessão de Deus, para que através dela possamos glorificá-IO, é simplesmente pecado.

4.17 A única definição específica de pecado no NT está em 1 Jo 3.4: "O pecado é a transgressão da lei". Aqui, uma parte da transgressão está em vista: a falta de cumprir as exigências da lei. O ensino de Jesus, particularmente nas parábolas, focaliza este aspecto (cf. Mt 25.14-30; Lc 10.25-37; 16.19-26; Mt 25.31-46).

5.16 Em parte alguma da Bíblia são os ricos denunciados por serem ricos. Ao contrário, e por causa da sua queda nas tentações que acompanham a riqueza, e.g., segurança falsa, corrupção, amor ao poder e desprezo aos menos favorecidos (cf. Lc 6.24), que são condenados.

5.3 *Testemunho contra vós*. A crueldade do avarento (4, 5), como a acumulação de tesouros, propriedades e haveres além das necessidades é pecado. Deus, o Juiz justo, julgará (1) permutando o lugar do rico com o do miserável (cf. Lc 16.25).

5.4 *Senhor dos exércitos* (gr *sabaoth*). Só aqui e em Rm 9.29 aparece este nome transliterado. Normalmente é traduzido na LXX por "Todo-poderoso". A doutrina de Deus em Tiago é notável: Ele é: Imutável (1.17); o Criador (1.18); Pai (1.17, 27; 3.9); Soberano (4.12, 15); Cioso (4.5); Justo (1.20); Juiz, Legislador, Destruidor (4.12); Misericordioso e compassivo (5.11). Ele não pode ser tentado pelo pecado (1.13). Ele é, ainda, o doador da sabedoria (1.5), de graça (4.6); da coroa da vida (1.12); de toda boa dádiva (1.17) e de saúde (5.15).

5.7 *Sede... pacientes* (gr *macrothumesate*). Quando a Bíblia fala da paciência de Deus com os pecadores usa esta palavra (Rm 2.4; 1 Pe 3.20; 2 Pe 3.9), que não denota paciência sob aflição (*hupomone*, v. 11 "de Jó") mas constrangimento e restrição aguardando o arrependimento. Os cristãos são chamados a manifestar uma paciência igual na expectativa da Vinda do Senhor (Cl 1.11) *Vindo* (gr *parousia*). Palavra usada para indicar uma visita oficial do rei a uma cidade dentro do seu domínio. Cf. notas sobre 1 Ts 4.15 e 2 Ts 2.1.

5.13 *Sofrendo*. Faça oração seguindo exemplo de Cristo (Lc 22.44). *Alegre* (gr *euthumei*). Só é usada aqui e em de Paulo em At 24.10; 27.25, onde fala do bom ânimo de Paulo em face da adversidade.

5.14-18 *Oração*. São os requisitos de Tiago: 1) Sentimento de necessidade (1.5; 5.13, 14); 2) Fé desapaixonada de dúvida (1.6; 5.15); 3) Singeleza de coração (1.8); 4) Petição (4.2); 5) Finalidade em acordo com a vontade de Deus (4.3); 6) Confissão de pecado (5.16 cf. Sl 66.18; Mt 5.23, 24); 7) Feita em santidade (5.16); 8) Com instância (5.17; cf. 1 Rs 18.42).

5.14 *Doente*. Longe de sustentar a extrema unção, esta passagem trata de presbíteros (não sacerdotes) orando para a cura do enfermo; de óleo medicinal (cf. Mc 6.13; Lc

10.34), não um preparativo mágico para a morte; de cura e restabelecimento físico e espiritual, não salvação além do túmulo (cf. uso de *sōzō*, "salvar", "curar", em Mt 9.21, 22; 14.30; 24.13, 22; Lc 7.50; 8.12, 36, 48, 50).

5.16 *Confessai... uns aos outros*, não ao sacerdote. O propósito é despertar as orações dos irmãos. Notamos a prática na Igreja no início do segundo século no Didaquê (iv): "Precisais fazer confissão dos vossos pecados na Igreja, e não entrar em oração com consciência culpada". A confissão também era requerida antes de tomar a Ceia do Senhor (xiv).

5.19 A conclusão tem em vista todos os erros e pecados mencionados na epístola, nos quais um irmão pode desviar-se. Usando os 54 mandamentos de Tiago com oração e carinho para conversão do errado (cf. Lc 22.32), você não somente o salvará do perigo da morte eterna, como evitará a repreensão do mundo contra o cristianismo.

Primeira Epístola de Pedro

Análise

Esta bela carta foi escrita aos crentes da Ásia, Menor a fim de estimulá-los a uma exultante alegria em face da perseguição. Sua intenção era que circulasse entre os crentes de herança predominantemente gentia, em congregações localizadas em províncias do império romano onde o jugo imperial tinha a possibilidade de ser mais severo. A perseguição não era algo desconhecido para a Igreja. Desde a primeira perseguição contra Estêvão e a dispersão que se seguiu, até às tribulações constantes experimentadas por Paulo por onde quer que ele fosse, os primitivos cristãos conheciam o desgaste e a tensão do antagonismo. Agora a ira do louco imperador, Nero, estava prestes a explodir em Roma, às expensas da Igreja. Por conseguinte, o apóstolo Pedro procurou preparar a Igreja da Ásia Menor para o desastre iminente nessas províncias orientais, onde a opressão indubitavelmente chegaria, partindo de seu centro de irradiação, de Roma. No espírito de um pastor fiel e de um superintendente de almas, Pedro enviou essa epístola pastoral a fim de confirmar o seu rebanho na consoladora esperança da vinda do Espírito. Enraizando-se nas paixões de Cristo, cumpria-lhes absterem-se das paixões da carne ainda que se encontrassem no seio de uma sociedade hostil, seus sofrimentos por amor à justiça na realidade se transformariam numa bênção.

Autor

Essa epístola da parte de Pedro, provavelmente, foi enviada de Roma aos crentes da Ásia Menor algum tempo entre 62 e 69 d.C. Há uma notável afinidade de pensamento entre essa epístola e a epístola de Paulo aos Romanos (56-57 d.C.), e a epístola anônima aos Hebreus (60 d.C..?). Provavelmente ambas as epístolas eram conhecidas por Pedro em Roma.

Esboço

SAUDAÇÃO DE PEDRO A SEUS LEITORES, 1.1,2

A DOXOLOGIA TRINITÁRIA, 1.3-12

NOSSA RELAÇÃO COM DEUS, 1.13-2.10

Sede Santos em Toda vossa Conduta, pois Ele É Santo, 1.13-16

Conduzi-vos em Temor, pois Fostes Resgatados com Sangue, 1.17-21

Amai-vos Fervorosamente, Pois Provastes a Bondade do Senhor, 1.22-2.3

Chegai-vos à Pedra Viva e Edificai-vos numa Casa Espiritual, pois Sois Raça Eleita, 2.4-10

NOSSA RELAÇÃO COM OS HOMENS, 2.11-3.12

Crentes, Sujeitai-vos a Toda Instituição Humana, 2.11-17

Servos, Sede Submissos aos vossos Senhores, 2.18-25

Esposas, Sede Submissas a vossos Esposos, 3.1-6
Maridos, Amai vossas Mulheres com Consideração, 3.7
Todos vós, Tende Unidade no Espírito, 3.8-12
BÊNÇÃO POR CAUSA DA JUSTIÇA, 3.13-5.11
Mantende Limpa a Consciência quando Sofrederes pelo Erro, 3.13-17
Assim como Cristo morreu pelo Pecado, assim o Batismo É Sinal de nossa Morte para o Pecado, 3.18-4.6
Já que o Fim Está Próximo, Mantende um Amor Infalível, 4.7-19
Anciãos, Sede Exemplares; Membros, Sede Humildes sob Deus, 5.1.11
SAUDAÇÃO, 5.12-14

1.2 Para obediência. Esse é o propósito de nossa eleição, i.e., conformidade com a vontade divina (Rm 8.29; Ef 2.10). • **N. hom.** O significado da aspersão, na Bíblia. 1) Purificação (cf. Nm 19.9 e Hb 9.13); 2) Selo da aliança (cf. Êx 24.3-8 com Hb 12.24); 3) Consagração ao serviço de sacerdote (cf. Êx 29.21 com Hb 10.19-22; 1 Pe 2.5, 9),

1.4 Incorruptível. O termo também descreve: 1) Deus (Rm 1.23); 2) a nossa coroa (1 Co 9.25); 3) o novo corpo (1 Co 15.52). *Sem mácula.* Refere-se a Cristo (Hb 7.26) e à religião genuína (Tg 1.27). *Imarcescível.* Só aparece aqui e em 5.4, falando da coroa de glória que não murcha.

1.5 Guardados (gr *phroureō*). Usado no passivo é uma clara afirmação do poder de Deus aplicado na preservação dos santos A: mesma palavra grega ocorre só mais três vezes: 2 Co 11.32; Gl 3.23 e Fp 4.7.

1.6,8 Exultais. Significa alegria e agitação no louvor a Deus (cf. Sl 51.12; Is 12.3, 6) e na vinda escatológica do Messias (1 Pe 4.13; Jd 24; Ap 19.7).

1.8 "Teu, coração pode possuí-LO ainda que teu olho não possa".

1.13 Cingindo. Estar atento para agir pela graça concedida e contra as tentações da ignorância da vida antiga (cf. Rm 12.2). *Esperai inteiramente.* (gr *teleiōs*: "até ao fim", "perfeitamente". Não esmorecer até Cristo voltar (cf. 1.3).

• **N. Hom. 1.14-22** Procedimento característico do cristão:

1) Obediência a Deus (22), em lugar da antiga vida de rebelião (14); 2) Santidade, separado para o Seu serviço (15, 16), em vez de fútil procedimento (18; Rm 8.20); 3) Temor de Deus (cf. 2 Co 7.1), em lugar de indiferença ante Seu julgamento (17); 4) Amor fraternal genuíno, em: lugar de afeição hipócrita (22).

1.18,19 Estes vv. mostram como o sacrifício infinitamente precioso do sangue de Cristo não pode perder seu valor ou eficácia. A fé, valorizada pelo sofrimento, excede ao ouro e prata (7). *Cordeiro.* É uma menção ao cordeiro pascal que redimiu os primogênitos (Êx 12.13; cf. 1 Co 5.7). O sangue imaculado do Cordeiro é capaz de purificar as nossas almas quando nelas aspergido (22; cf. 2); cumprindo-se assim a intenção divina em sermos "sem mácula e irrepreensíveis" (2 Pe 3.14).

1.22 Amor Fraternal. 1) Sua fonte - a alma purificada; 2) Sua maneira - seguindo a verdade; 3) Sua natureza - genuíno, de coração e ardente (cf. 4.8; gr *ektenōs*, da raiz *ekteinō*, "alargar", "estender", cf. Mt 8.3; 12.13; donde significa "intensivamente", especialmente em oração, cf. Lc 22.44 e At 12.5).

1.23 Regeneração é a operação de: Deus "mediante a ressurreição de Cristo" (1.3) aplicada pelo Espírito (Jo 3.5; 1.13). Aqui faz-se menção à semente viva da palavra criadora de Deus, idêntica à do evangelho (25. Tg:1.18. cf. Tt 3.5).

2.1,2 Despojando-vos. É a ação voluntária que procede da regeneração (cf. Ef 4.22, 25; Cl 3.8; Hb 12.1; Tg 1.21). É também o intenso desejo para o "leite espiritual" que é Cristo (cf. 3 e Sl 34.8 - "experimental"; i.e., "saborear"), ou a palavra do Senhor (1.25).

2.4 Chegando-vos. Chegar-se para permanecer e gozar de comunhão íntima com Ele, já que a vossa atitude a respeito da "Pedra" é idêntica à de Deus.

2.5 Nós partilhamos da vida da "Pedra Viva" (Cristo v. 4) pelo Espírito que Cristo nos dá

através da ressurreição (cf. Jo 7.37-39). Sais edificadas por Cristo: (Mt 16.18) no Templo que é também o Seu Corpo (Jo 2.19-21). *Sacrifícios Espirituais*. Cf. Rm 12.1, "as nossas vidas", Hb 13.15, "louvor"; Hb 13.16, "a prática do bem e mútua cooperação".

2.9 Aqui está em vista a nova aliança (cf. Jr 30.21, 22; 31.31-37). Quando somos remidos da escravidão e exílio (cf. os termos "forasteiros" em 1.1 e "peregrinação" em 1.17), gozamos das seguintes bênçãos: 1) somos privilegiados como povo escolhido (Is 43.20, 21), 2) somos feitos em sacerdócio real partilhando do reinado de Cristo (Ap .10) bem como do seu sacerdócio (cf. Rm 15.16 e Ef 5.2), 3) e, também, nos constituímos em propriedade santa e exclusiva de Deus. A finalidade desta nova aliança com Deus é anunciar Suas excelências, bem como seguir Seus passos e Seu exemplo (2.21).

2.11 *Paixões carnis* (gr *sarkikoi*). É a palavra que Paulo emprega para descrever os cristãos ainda crianças (1 Co 3.1-4), i.e., centralizados em si mesmos em vez de darem a centralidade a Cristo. É o desejo do "eu" contra Cristo e a luta contra a alma.

2.12 *Falam contra vós*. Nos primeiros séculos, imoralidade e crimes foram lançados contra os cristãos. A realidade deve ser ao contrário, para assim emudecer a ignorância pagã (15) e glorificar a Deus.

2.13 O princípio de uma vida exemplar perante o mundo e a sujeição voluntária por amor a Deus às instituições de ordem social e civil (cf. Rm 13.1-7). o cristão é um revolucionário, não no sentido subversivo mas construtivamente.

2.16 *Livres*. "A única liberdade verdadeira, da qual uma criatura como o homem é capaz, é o uso livre de suas faculdades no serviço de Deus" (J. Brown).

2.19,10 Consciência aqui seria "sentimento" ou "reconhecimento" de Deus e Sua vontade. *Grato* (também em v. 20 gr *charis*, "graça"). Sofrer injustamente não só glorifica a Deus, mas também manifesta a Sua graça atuante na vida é cumpre o exemplo de Cristo (21-24; cf. Lc 6.32-36).

2.21 *Exemplo*. Uma única Vez é encontrada a palavra no NT (gr *hupogrammon*). Significa o "caderno de alfabeto" de autoria do mestre do qual os alunos copiavam traçando as linhas do original.

• **N. Hom. 2.21-25**^a O exemplo de Cristo. "Devemos seguir os Seus passos": 1) Numa vida irrepreensível (22); 2) Evitando autodefesa e vingança-(23); 3) Confiando na providência soberana de Deus (Jr 11.20; Jo 8.50). B. Os méritos de Cristo. Devemos louvar: 1) Seu sofrimento substitutivo (21); 2) Seu pagamento da penalidade da nossa culpa (24); 3) Sua posição de Pastor e Bispo das nossas almas (25).

2.25 Conversão significa o fim do fútil vaguear (cf. 1.18; Is 53.6) e submissão ao bom Pastor que reúne as ovelhas desgarradas ao rebanho de Deus.

3.1 *Não obedece*. É rigoroso no original, descrevendo a atitude dos que se opõem ao evangelho. Como crentes maltratados pelos pagãos (2.12, 18-21), a esposa crente cumpre o exemplo de Cristo em submissão, mansidão (atitude de cooperação) e tranqüilidade (1, 4). A palavra, i.e., o evangelho (cf. 1.25). *Sem palavra*. Significa sem outro argumento além da vida.

3.3 *O adorno... exterior*. A ênfase não está tanto na condenação dos adorno exteriores, como frisado de cabelos, aparato de vestuário, etc., mas na aparência exterior apreciada pelos homens, em contraste com a santidade interior apreciada por Deus (1 Sm 16.7).

3.4 *O homem interior*. Como em Rm 7.22, refere-se à personalidade ou espírito já tocado por Deus e orientado "pelas veredas da justiça".

3.7 *Vivei com discernimento*. À luz de 1 Ts 4.3-5 e 1 Co 7.3-5, refere-se a direitos sexuais. *Interrompam*. É um termo militar, "bloquear". Discordância no lar, como a falta de "discernir o corpo" (1 Co 11.29), impede a comunhão com Deus. É pressuposto que o marido e a mulher orem juntos.

3.9 *Fostes chamados*. É a recompensa ativa do mal com o bem (Rm 12.21). Em 2.21; a mesma frase apela aos crentes a suportarem pacientemente a perseguição injusta. Em bendizer "os que vos maldizem (Lc 6.28; Mt 5.44) gozamos a segurança da bênção divina

no fim (cf. Mt 5.10, 12).

3.14 Bem aventurados. Não significa "sentir alegria", mas "gozar de altos privilégios" (Lc 1.48; Mt 5.1-12). A reação comum no sofrimento é sentir-se não somente triste, mas desprezado e abandonado por Deus.

3.15 Santificai a Cristo. Sede fiéis a Cristo como o soberano Senhor. Pedro mesmo O tinha negado por falta de compreensão com respeito ao propósito de Jesus:(Lc 22). Preparados para responder numa interrogação oficial (veja a carta de Plínio a Trajano, escrita em 112 d.C.).

3.17 Duas características do sofrimento cristão: 1) imerecido (cf. 2.19, 20) e 2) divinamente ordenado, ambas supremamente ilustradas no sofrimento de Cristo. **3.18 Uma única vez.** Não há, nem pode haver, mais sacrifícios pelos pecados (Hb 9.25, 26). É possível que o realce ao sofrimento de Cristo nesta epístola se explique, em parte, pelo choque que o próprio Pedro recebeu quando foi repreendido por Jesus, porque não tinha compreendido a intenção de Deus de expiar o pecado através do sofrimento e morte do Seu Filho (Mt 16.21-23).

3.19 Pregou. Cristo anunciou (gr *kerussein*, "proclamar"; não *evangelizein*, "evangelizar") aos anjos caídos (cf. 2 Pe 2.4, 5). Sua Vitória sobre o inimigo e a maldade (cf. Cl 2.15).

3.21 Figurando (lit. "antítipo") *o batismo*. O tipo são os acontecimentos no tempo de Noé. Compare-se a água do dilúvio (que tanto destruiu os pecadores como sustentou a arca da salvação) com a água do batismo que testifica o julgamento de Deus tomado por Cristo e a salvação providenciada nele, nossa arca.

4.1 Deixou. A vitória de Cristo sobre o poder e castigo do pecado é compartilhada por todos que pela fé se identificam com Cristo e Seu sofrimento (Rm 6.1-11).

4.5,6 Prestar contas. Nenhum vivo ou morto escapará ao dever de responder pelas próprias ações, pensamentos e palavras diante do justo juiz (Tg 4.12; Hb 4.13; 9.17). Porém, a misericórdia de Deus, manifestada no evangelho, dá vida eterna no Espírito, mesmo aos que morreram antes do segundo advento (6).

• **N. Hom. 4.7,8** A melhor preparação para as provas do fim: 1) Alertas (lit. "não intoxicados") porque conhecemos o futuro (Mt 24.25, 42-46); 2) Vigilantes em oração para não cair na tentação de negar a fé sob compulsão (cf. Mt 26.41); 3) Tendo amor intenso para dar e receber encorajamento mútuo.

4.10,11 Dons. São concedidos por Deus, não para vantagem pessoal, mas para cumprir Sua vontade, no benefício de todos. Os *oráculos*. Em Rm 3.2 e At 7.38 referem-se às Escrituras. O sentido aqui seria: "Fale como se as palavras fossem de Deus". *Seja Deus glorificado*. Esta é a finalidade de todo serviço cristão.

4.14 Bem-aventurados sois. Sofrer por Cristo não é desdita mas privilégio (cf. At 5.41). O *Espírito* que repousou sobre o Filho Amado, repousará sobre os filhos de Deus. *Glória*. Pode referir-se a Cristo (cf. 2 Co 4.6; Tg 2.1n).

4.16 Cristão. Só aqui e em At 11.26; 26.28. Originou-se como alcunha.

4.17 O julgamento que marcará o fim (a grande tribulação, cf. Mc 13.20) terá seu início na perseguição purificadora da Igreja e o seu fim na fúria divina contra os rebeldes (Ap 6.15-17; cf. Is 10.12; Jr 25.29; Ez 9.6; Ml 3.1-6).

5.1 Eu, presbítero. Inspirado pelo Espírito, Pedro desmente toda e qualquer honra de ser o primeiro papa. Em humildade nascida de falhas (cf. Mt 16.22; 26.69-75; Gl 2.14) não recusa em se ver como um simples pastor entre muitos.

• **N. Hom. 5.1-4** O pastor predileto de Deus faz sua obra com: 1) Espírito justo, não obrigado, mas de boa vontade; 2) Motivação certa, não lucro material, mas o gozo de fazer a obra; 3) Maneira correta, não mandando, mas guiando; não como déspota, mas dando bom exemplo; 4) Reconhecimento devido ao Supremo Pastor que dará o galardão justo.

5.3 Dos... confiados (gr *kleron*, lit. "porção", "lote"). Desse termo vem a palavra "clero".

5.4 Manifestar. Dá a entender que Cristo será visto por todos. No intervalo, os pastores

devem agir como se já O vissem e como que vistos por Ele.

5.5 *Cingi-vos todos de humildade.* Seria uma lembrança do cenáculo, quando Jesus humildemente cingiu-se com uma toalha para lavar os pés dos discípulos.

5.6,7 *Poderosa mão de Deus.* Refere-se à Sua providência soberana. Podemos lançar toda nossa ansiedade sobre Ele numa entrega decisiva (cf. 2.23; 4.19).

5.8 *Adversário* (gr *antidikos*). Era o oponente numa ação judicial. *Diabo*. Lit. "caluniador" "difamador", frisando a prática de acusar Deus perante os homens (Cf. Gn 3), homem perante Deus (Jó 1.9, 10) e uns contra os outros.

5.9 A vitória sobre o diabo é ganha por resistência (no poder de Deus, cf. v. 10) até à morte (Ap 12.9-11). Está em vista a negação da fé. (Cartas do segundo século descrevem os crentes que inicialmente negaram a fé mas depois arrependidos se firmaram como "devorados" e "vomitados pela besta").

5.12 *Meio de Silvano.* Judeu, profeta, cidadão romano e companheiro de Paulo (At 15.32, 40; 16.19-25, 37). Foi também amanuense de Pedro. Isto explicaria o grego excelente desta epístola.

Segunda Epístola de Pedro

Análise

Se por um lado I Pedro é uma epístola de exultante esperança em face do sofrimento, II Pedro é uma epístola de verdade fiel em face da falsidade. A epístola tem início com uma declaração franca da verdade de Deus, alicerçada tanto na Palavra profética como na Palavra testemunhada. Adverte contra os falsos mestres que tentarão substituir a divina Palavra pelas palavras dos homens. E termina com a certeza que a vinda de Cristo é uma realidade futura que tanto destruirá o mundo como trará novos céus e nova terra.

Autor

A autoria, a data e o destino da segunda epístola de Pedro são questões extremamente incertas. Nenhum escrito do Novo Testamento teve mais dificuldade em ser aceito no cânon. Os eruditos, tanto antigos como modernos, têm duvidado seriamente de sua autoria petrina. Embora ocorram indicações a respeito da carta, no segundo século, na epístola das igrejas de Lion e Viena, e em um tratado preparado por Teófilo de Antioquia, a primeira vez em que ela é claramente mencionada é por Orígenes, e isso para pô-la mesmo em dúvida. No terceiro século, Euzébio diz: "Quanto à corrente Segunda epístola, ela não tem chegado até nós como canônica, embora tenha sido estudada longamente com o restante das escrituras, visto que tem parecido útil para muitos". Seguindo-se à observação feita por Jerônimo, muitos eruditos modernos sentem que o estilo grego da epístola é significativamente diferente do de I Pedro. Tem sido apresentada a teoria, de que algum autor do segundo século escreveu em nome de Pedro a fim de obter prestígio para sua própria mensagem. Existem outros escritos sob o nome de Pedro e de outros apóstolos que são reconhecidamente espúrios.

A despeito desses juízos dos eruditos, a Igreja tem reputado tradicionalmente essa epístola como de autoria petrina genuína. A diferença de estilo pode ser explicada: Pedro contou com um amanuense diferente; ele escreveu para uma única congregação, e não para um grupo; escreveu com menos pressa visto que o seu propósito e as circunstâncias eram diferentes. Quando ele se refere a uma epístola anterior nesta segunda carta, não devemos supor que isso indique nossa epístola canônica de I Pedro, mas antes, uma epístola perdida. Existe até mesmo a possibilidade de que Pedro escreveu II Pedro antes da epístola canônica de I Pedro. As circunstâncias refletem, na escrita, uma situação em que heresias gnósticas estavam infetando a Igreja. Esse ensino falso levava a uma atitude licenciosa. Somente uma compreensão própria da sabedoria de Deus, à luz do

retorno do Senhor, no último dia, é que poderia refutar esses erros.

Por qual motivo essa epístola demorou tanto para ser reconhecida pela Igreja antiga é difícil de responder. Talvez uma explicação seja a obscuridade da congregação para a qual foi escrita. Se o endereço tivesse sido declarado, como no caso de I Pedro, a autoria poderia ser averiguada.

Esboço

SAUDAÇÃO DE PEDRO AOS SEUS LEITORES, 1.1,2

O CONHECIMENTO DA PALAVRA, 1.3-21

Principal Natureza Divina, e assim Confirmai vossa Eleição, 1.3-11

Lembra-vos da Palavra de Deus, pois Fomos Testemunhas Oculares, 1.12-18

OS FALSOS MESTRES, 2.1-22

Assim como Houve Profetas Falsos, assim Haverá Falsos Mestres, 2.1-3

Deus, que não Poupou os Ímpios do Passado, Agora Conservará os Injustos sob Castigo mas Livrará os Piedosos da Tentação, 2.4-10a

As Trevas Exteriores foram Reservadas para os Ímpios, 2.10b-22

A VINDA DO SENHOR, 3.1-18

Os Zombadores dos Últimos Dias Duvidarão da Vinda do Senhor, 3.1-4

A Palavra, que Criou pela Água, Destruirá pelo Fogo, 3.5-10

Visto que Tudo Será Dissolvido, Apressai a Vinda do Senhor com Vidas Santas, 3.11-18

1.1 *Obtiveram fé igualmente.* Inclui portanto, todos os crentes através dos séculos juntamente com Pedro e os apóstolos (cf. Jo 20.29). *Deus e Salvador.* Pedro foi o primeiro entre os discípulos a articular a grande confissão de fé acerca da deidade de Cristo (cf. Mt 16.1). Aqui, como em Tt 2.13, não é possível saber se Cristo é chamado diretamente Deus ou se refere a Deus como Pai e a Jesus como Filho (cf. Jo 20.28).

1.4 *Promessas (gr epaggelmata).* Só aqui e em 3.13 onde refere-se à segunda vinda. São *preciosas* porque são uma realidade presente e futura. São *muito grandes* porque vão além de qualquer imaginação humana possível. Este versículo, em grande parte, ajudou João Wesley a atravessar sua crise espiritual e encontrar paz com Deus em 24 de maio de 1.730.

• **N. Hom. 1.3-9** O equilíbrio entre, a graça divina e o esforço humano. A. Deus doa todas as coisas e circunstâncias para nos conduzir à vida de santidade. 1) Deus oferece as preciosas e grandes promessas para nos animar. 2) Deus nos convida a co-participar de Sua natureza e nos liberta da corrupção. B. A necessária diligência do crente subir a "escada da virtude". Eis os passos: 1) Fé pessoal em Cristo (Ef 2.8, 9). 2) Virtude, i.e., bondade moral (Gl 5.22). 3) Conhecimento - palavra chave desta epístola (1.3, 5, 6, 8; 2.20; 3.18) que corresponde à "fé" em Paulo. Não é intelectual, mas experimental. Transforma aquele que a exerce. 4) Domínio próprio (cf. Gl 5.23). 5) Perseverança - seguir a Cristo mesmo que custe a vida (Mt 24.13 cf. 2 Pe 2.21). 6) Piedade - semelhança com Deus (1 Tm 6.3, 5, 11). 7) Fraternidade - comunhão e amizade com todos os crentes (1 Pe 1.22). 8) Amor - o fim e auge do crescimento espiritual (1 Co 13.1-3).

1.8 *Aumentando.* A santidade é um processo em contraste com a justificação que garante nossa posição perfeita em Cristo (Rm 5.1).

1.10 *Confirmar.* Fé inativa ("morta" é, em Tg 2.17), conhecimento infrutífero, cegueira espiritual e esquecimento da purificação, desmentem a nossa *vocação e eleição*.

1.11 *Entrada.* O grego traz a idéia de "ingressar em triunfo".

1.13,14 Pedro recebera outra profecia dos lábios do Senhor a respeito da sua morte (cf. Jo 21.18-19). Tabernáculo - cf. 2 Co 5.1).

1.15 *De tudo.* O Dr. Moffatt sugere que talvez o Evangelho de Marcos esteja em vista. Segundo Ireneu, Marcos preserva as reminiscências de Pedro depois da sua morte.

1.16 *Fábulas.* Os fatos históricos em que se enraíza o evangelho não são mitos, mas

baseados em testemunhos oculares de homens como Pedro e outros, merecedores de plena confiança.

1.19 A voz ouvida na transfiguração confirma tanto as profecias do AT como as do NT. A *palavra profética*. Refere-se à "promessa da Sua vinda" (3.4; cf. 1.16).

1.20,21 Outra possível tradução seguida por muitas versões, é: "nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação". Uma vez que a profecia vem de Deus, a interpretação depende do Autor e da Sua intenção revelada na Bíblia toda. Os falsos mestres não reconheceram isto (cf. cap. 2; 3.16).

• **N. Hom. 1.20-2.22** Os sinais dos falsos mestres. 1) Um temporário e aparente conhecimento do Senhor (2.1, 20, 21). 2) Uma interpretação particular e deturpada da Bíblia (1.20; 3.16). 3) Uma atitude e uma conduta antinomistas sem escrúpulos (2.2, 10, 13, 14). 4) Orgulho e avareza (2.3-10). 5) Um abandono do caminho (2.15, 21, 22).

1.21 *Falaram... movidos pelo Espírito Santo*. Uma clara afirmação da inspiração das Escrituras, que pode ser explicada como a "influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre os autores bíblicos que garantiu que aquilo que escreveram era precisamente aquilo que Deus tencionou que escrevessem para a comunicação da Sua verdade" (Packer; cf. 2 Tm 3.16).

2.1 Segundo 2 Tm 4.1 e Mt 24.24; o aumento dos falsos mestres e a gravidade de suas heresias marcarão os últimos dias antes da vinda de Cristo. O tempo presente nos vv. 14-19 indica que já no primeiro século se manifestaram.

2.4 *Inferno* (gr *tartaroō*). É o termo clássico para indicar o lugar de castigo eterno, mas aqui indica a esfera intermediária onde os anjos caídos aguardam o julgamento final (cf. Lc 16.23-26; Ap 20.11-15)

• **N. Hom. 2.4-10** O governo moral do universo. Podemos confiar em nosso imutável Deus. Seus julgamentos no passado, na justa punição dos pecadores e na salvação dos justos, são afirmados na Bíblia toda. Exemplos oferecidos para aviso e consolação: 1) A queda dos anjos que, juntamente com Satanás; rebelaram-se contra Deus. 2) O dilúvio do qual Noé, arauto da justiça, foi preservado. 3) Sodoma e Gomorra foram destruída (lit. "cobertas com cinzas", indicação de catástrofe vulcânica), enquanto Ló foi salvo.

2.10-11 *Autoridades superiores* (lit. "as glórias"). São os poderes invisíveis. *Elas*. Cf. Jd 8, 9, onde o diabo e anjos são especificados.

2.13 *Recebendo injustiça*. Um jogo de palavras no original com o sentido de, "Sendo defraudados do salário da fraude...". Pedro emprega uma metáfora comercial para afirmar que a imoralidade não vale a pena. *Banqueteiam...* Cf. Jd 12n.

2.15 *Balaão*. Cf. Jd 11n; Ap 2.14n.

2.19 *Liberdade*. É confundida com libertinagem. É, na realidade, escravidão (cf. Jo 8.34; Rm 6.6, 16).

2.20 *Estado pior*. Cf. o ensino de Cristo em Mt 12.43-45; Lc 11.24-26. Somente a vida efetivamente ocupada pelo Espírito Santo produzindo Seu fruto, garante um fim melhor (cf. Gl 5.16-25).

2.21 Conhecer a verdade sem prosseguir nela é pior do que não conhecê-la, isso também está de acordo com o ensino de Cristo (f)

2.22 *Porca Lavada*. Se for uma alusão ao batismo, é notável que tal ordenança não consiga mudar a natureza; ela, continua porca, se não houver uma regeneração (2Co 5.17; cf. Jo 3.15).

3.2 *Recordeis*. A maioria dos homens carece mais de ser lembrado do que informado.

3.3 *últimos dias*. Cf. 2.1, nota. *Escarnecedores*. No intuito de negar o juízo após a segunda vinda, os falsos mestres argumentaram que a demora significa uma falsa esperança. Duvidando da futura realidade do Reino da Justiça, "andam segundo as próprias paixões".

3.5 *Esquecem*. Significa: "voluntariamente não consideram" que Deus já interveio na história quando mandou o dilúvio (Gn 6-9).

3.7 Pela mesma palavra. A palavra que criou o universo não é distinta da Palavra de Deus através dos profetas que garantem a sua destruição (10; cf. Jl 2.31; Is 65.17; etc.). É o mesmo Deus que a declara.

3.8,9 Se os hipócritas incrédulos esquecem o julgamento do passado, os crentes não devem desanimar-se acerca da promessa do futuro. Deus não marca o tempo segundo a medida dos homens (Sl 90.4). A demora do cumprimento da promessa tem o objetivo de afastar o julgamento e estender a graça (15; cf. Rm 2.4).

3.10 Atingidas (lit. "encontradas"). Uma antiga versão tem: "não serão encontradas" (cf. Ap 16.20). Esta é a única passagem que declara que a última destruição do nosso sistema solar será pelo fogo.

N. Hom. 1.12,13 Apressando a Vinda. O crente tem o maravilhoso privilégio de apressar a vinda do Senhor. Como? 1) Considerando e seguindo a vontade do Senhor (2). 2) Lembrando que a graça preocupa o Senhor mais do que o juízo (deve buscar os perdidos 8, 9); 3) Vivendo em santo procedimento e piedade (11); 4) Esperando vigilante, em paz e santidade (12, 14; cf. Tt 2.13, 14, Lc 12.35-48).

3.14 Sem mácula (cf. 1 Pe 1.19). É contrário aos falsos mestres, 2.13. *Achados... em paz.* Santidade de vida produz serenidade.

3.16 Demais Escrituras. As cartas de Paulo já tinham sido consideradas inspiradas e dotadas de autoridade divina (cf. 2 Tm 3.16).

3.18 Crescei. O prosseguimento tanto na recepção das bênçãos (Ef 1.3) oferecidas por Deus (graça), como no esforço de conhecer mais profunda e intimamente o Senhor, afasta a ameaça de cair do fundamento seguro. *Dia eterno.* Sem fim e maravilhoso. Frase única no NT, que contrasta com o "dia do Senhor" (10; cf. 3.3), limitado em duração e de juízo final.

Primeira Epístola de João

Análise

A primeira epístola de João foi escrita para uma comunidade cristã que se defrontava com a heresia gnóstica do primeiro século. João procurou encorajar os seus membros a viverem uma espécie de vida coerente com a comunhão com Deus e Seu Cristo. A epístola aborda ternas vitais como a justiça, o amor e o conhecimento certo. O autor não considera esses temas meramente como exigências éticas, mas como realidades espirituais baseadas na revelação cristã de Deus e Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Por conseguinte, a doutrina cristã está nas raízes do livro, e os estudiosos são tentados a pensar, às vezes, que se trata de uma exposição doutrinária da realidade da encarnação de Deus em Cristo. Se tivermos de seguir a mente do escritor, entretanto, precisamos evitar essa tentação, visto que ele está preocupado primariamente, com a qualidade da vida cristã de seus leitores.

A segunda epístola de João foi escrita a fim; de advertir certa mulher crente contra a comunhão indiscriminada com os incrédulos. As idéias principais da epístola são: amor, verdade e obediência, que parcialmente incluem e parcialmente suplementam umas às outras. A obediência sem o amor é servil, o amor sem a obediência é irreal; e nenhuma dessas qualidades pode florescer fora do terreno da verdade.

A epístola foi dirigida a certa "senhora eleita", e esta expressão provavelmente, tem sentido literal, embora muitos intérpretes considerem-na uma forma figurada de se indicar uma igreja. Mas a evidência em favor de tal emprego é fraca, e a razão para seu aparecimento aqui é obscura. A epístola parece ser uma missiva particular dirigida a alguma mulher crente desconhecida de João, provavelmente uma viúva, e foi ocasionada pelo fato de ter ele encontrado alguns dos filhos dela a quem João encontrou andando verdadeira fé de Cristo (cf. v. 4).

O propósito da terceira carta foi louvar a Gaio, um crente leal e ativo que era

proprietário de fortuna considerável, devido à sua hospitalidade cristã ao entreter pregadores cristãos itinerantes e por ajudá-los em sua passagem pela localidade de Gaio, assim participando de sua obra missionária. A epístola também fala de certas perturbações internas daquela igreja que envolviam Gaio e Diótfrefes.

Autor

A evidência existente indica que João, o apóstolo, foi o autor não apenas do evangelho que traz o seu nome, mas também dessas três epístolas. Estas foram, provavelmente, escritas entre 85 e 100 d.C.

Esboço

A BASE DA VIDA CRISTÃ, 1.1-5

O SIGNIFICADO DO ANDAR NA LUZ, 1.6-2.2

RESULTADOS DA COMUNHÃO COM O PAI, 2.3-28

Obediência, 2.3-5

Semelhança com Cristo, 2.6

Amor, 2.7-11

Separação, 2.12-17

Ortodoxia, 2.18-28

JUSTIÇA, SINAL DE FILIAÇÃO, 2.29-3.24

A Realidade da Filiação, 2.29-3.3

A Possibilidade da Pureza, 3.4-10

A Essência da Justiça, 3.11-18

Os Resultados da Justiça, 3.19-24

A NECESSIDADE DA PRÁTICA DA DISCRIMINAÇÃO E DO DISCERNIMENTO ESPIRITUAL, 4.1-6

O AMOR, PROVA DA FILIAÇÃO, 4.7-21

Origem, 4.7,8

Significado, 4.9,10

Inspiração, 4.11-16a

Atividade, 4.16b-21

GRANDES CERTEZAS DO CRENTE, 5.1-20

A Vitória sobre o Mundo, 5.1-4

O Caráter Final de Jesus Cristo, 5.5-12

A Realidade da Salvação, 5.13

Da Oração respondida, 5.14-17

A Veracidade do Evangelho, 5.18-20

ADMOESTAÇÃO CONTRA A IDOLATRIA, 5.21

1.1 *Ouvindo, visto.* Referem-se aos sentidos dos apóstolos que confirmaram a vinda de Cristo em carne. As heresias gnósticas negaram a humanidade real do Senhor. Enquanto que o tema do Evangelho é: "Jesus é o Cristo" (Jo 20.31), o tema desta Epístola é: "O Cristo é Jesus" (Westcott). *Verbo.* Provavelmente não se refere a Cristo mas à mensagem (gr *logos*, "palavra") da vida. V. 2 indica que "vida" refere-se a Cristo (cf. Jo 1.1, 14).

1.3 A participação na graça de Deus por Cristo e a presença do Espírito que os apóstolos gozaram são patrimônios dos crentes de qualquer geração (cf. Jo 17.21). A evangelização que não visa comunhão verdadeira numa comunidade (igreja) espiritual deixa de ser bíblica.

• **N. Hom. 1.4** O alvo da mensagem de edificação : 1) Alegria em comunhão (Jo 15.11; 16.24; 17.13; 2 Jo 12); 2) Santidade - "para que não pequeis" (2.1); 3) Segurança - "a fim de saberdes que tendes a vida eterna" (5.13).

1.5 *Deus é luz*, santidade e integridade absoluta. Essa luz se revela por natureza. Jesus é

a luz do mundo (Jo 8.12; cf. Is 42.6; 49.6) porque Ele é a perfeita revelação de Deus (Hb 1.3).

1.6,7 É impossível manter comunhão real com Cristo e os irmãos e praticar o pecado também. Note os três erros por negação em 1-6-2.2 introduzidos por "se dissermos": 1) A negação que o pecado quebra, a comunhão com Deus; 2) que o pecado existe em nós; 3) que o pecado se manifesta na conduta. *Andarmos no luz* é manifestar o caráter de Deus (5; cf. Jo 8.12; Mt 5.16, 48).

1.9 *Justo para nos perdoar*. Se não fosse pelo sangue de Jesus Cristo vertido para a propiciação dos nossos pecados (2.2), Deus seria justo em nos condenar. Confissão de pecados particulares é preciso para sua renúncia (cf. Sl 32. -5).

2.1 *Advogado* (gr *parakletos*, "chamado para o lado"). Somente nos escritos de João. Aqui refere-se a Cristo (cf. Jo 14.16, 26; 15.26; 16.7), nosso intercessor junto a Deus. A intercessão de Cristo é a aplicação contínua de Sua morte para nossa salvação.

2.4 Deus, sendo luz (1.5) e amor (4.8), torna o pecado e o ódio (9) incompatíveis com um conhecimento genuíno de Deus. *Verdade*. Aparece 20 vezes nas cartas de João. Consiste principalmente no evangelho que liga o crente com Deus (cf. Jo 14.6).

2.5 O amor para com Deus é aperfeiçoado na plena obediência à Sua palavra.

2.6 *Como Ele andou*. O padrão de obediência é o exemplo de Cristo (1 Pe 2.21; cf. Cl 2.6).

• **N. Hom. 2.8-14** As bênçãos da permanência na verdadeira luz: 1) Perdão dos pecados (12); 2) Conhecimento de Deus (13, 14); 3) Vitória sobre os poderes do maligno (13,14).

2.13,14 *Conheceis* (gr *ginōskō*, 25 vezes em 1 Jo). Além do sentido vulgar de "perceber por experiência", denota uma relação pessoal com Cristo (13) e com Deus (14) que determina a nova vida. Juntamente com o "saber" (cf. gr *eidenai*, 17 vezes) salienta a inabalável segurança do cristão que é objetiva (os fatos são reais, 1.1-4) e subjetiva (nascemos de Deus, cf. 3.9, 4.13; 5.13).

2.12,13 *Filhos*. Aqui, são os novos na fé ou toda a igreja (cf. 2.1, 28; 5.21). *Pais*. São os idôneos na fé. *Jovens*. São os fortes na luta contra o diabo e o mal (cf. Ef 6.10-18).

2.15-17 *O Mundo*. A sociedade incrédula e rebelde, sob a orientação do diabo, despreza os crentes e o seu Senhor (Jo 15.18-24). Os cristãos amam os homens do mundo (como Deus, Jo 3.16) mas não seu espírito revelado: 1) nos apetites malignos da carne, 2) no materialismo avarento e transitório e, 3) no orgulho da vida sem Deus (cf. Tg 1.27; 4.4) •

N. Hom. Os três inimigos da cristão: 1) o diabo (14); 2) o mundo (15-17); 3) a carne (16 cf. Lc 4.3-13n).

2.18 *Anticristo*. (Só nas cartas de João, 2.18, 22; 4.3; 2 Jo 7). Denota aqueles que simulam e se opõem a Cristo (cf. 2 Ts 2).

2.19 Note-se a clara distinção entre a igreja visível (crentes e não-crentes juntos, Mt 13.30) e a invisível (salvos eternamente).

2.20 *Unção*. Refere-se não ao ato (batismo) mas ao Espírito que vem do *Santo* (Deus, Hb 3.3 ou Cristo, Jo 6.69).

• **N. Hom. 2 22** Três marcas de um cristianismo autêntico: 1) Teológica - fé em Jesus como o Cristo, o Filho de Deus encarnado (3.23; 5.5, 10, 13); 2) Moral - obediência aos mandamentos de Deus (3.4; 3.5, 9); 3) Social - amor fraternal (10; 4.7, 8).

2.26 A Profecia de Paulo se cumpre em 40 anos (cf. At 20.29, 30).

2.27 *Ensina* (cf. Jo 14.26; 1 Co 2.9-16). O Espírito e a Palavra (24-26) cooperam suprimindo toda a necessidade dos fiéis.

2.29 A prática da *justiça* é resultado do novo nascimento (Ef 2.10).

3.3 A esperança vívida de ser no futuro como Cristo é (cf. Fp 3.21) desperta o desejo ardente de ser semelhante a Ele agora (cf. Tt 2.12-14).

3.6 O estado habitual do crente que não peca (indicado pelo presente, *hamartanei* em 6, 8, 9) é contrastado por atos particulares (cf. o aoristo, *hamarte* 2.2) dos crentes. O crente verdadeiramente regenerado por Deus (v. 9), não se conforma com o pecado. Procura

através da confissão (1.9) e purificação (3) dar todo o controle de sua vida a Deus (3.9).

3.7 Justo. É um título (hoje diríamos: "salvo", "crente"). Para ser digno do título, é necessário viver justamente (cf. 3, 9).

• **N. Hom. 3.8** As duas vindas de Cristo implicam nas manifestações dos filhos de Deus (2.28-3.10). A. Cristo: 1) se manifestou "para tirar os pecados" (3.5) e "para destruir as obras do diabo" (8); 2) se "manifestará para que tenhamos confiança" (2.28) e para tornarmos "semelhantes a Ele" (3.2). 8. Os crentes se manifestam. 1) agora, "na prática da justiça e no amor aos irmãos" (10) e 2) depois, sendo como Ele é (32).

3.9 Divina semente. Pode significar a palavra regeneradora do evangelho (2.24; cf. 1 Pe 1.23, 25; Tg 1.18-23) ou o Espírito de Deus (2.20, 27; cf. Jo 3.6, 8) ou a nova natureza implantada por Ele (cf. 2 Pe 1.4). Qualquer que seja o sentido, o fato é que, com esta semente, o poder dominante do pecado é cancelado.

3.12 Maligno. Três características do diabo que se manifestam no mundo: 1) pecado (8, 10); 2) ódio (12); 3) mentira (Jo 8.44); nos falsos profetas (1 Jo 2.21, 22; 4.2).

3.13,14 O mundo com o espírito de Caim (desobediência, inveja, ódio, homicídio) odeia os crentes, enquanto estes mostram amor que comprova o seu novo nascimento.

3.16 A essência do amor e sacrifício tanto em oferecer a vida como em compartilhar nossos bens com um irmão necessitado (cf. Tg 2.15, 16).

3.19 Nisto. É a prática do amor (1.6, 17).

3.20 Deus é maior. As emoções inconstantes não produzem segurança. A Palavra de Deus garante nossa esperança (cf. Rm 8.31-39).

3.21 Temos confiança (gr *parresia*). Declara a ousadia com que podemos falar aos homens (testemunho, At 2.29; 4.13, 29, 31) e a Deus (oração, 3.21; 5.14).

3.22 Obediência é a condição indispensável, não a causa meritória, da oração respondida (cf. 5.14).

3.23 Fé e amor unidos demonstram a nossa permanência em Cristo e a dele em nós.

4.1 Espírito. Uma mensagem sobrenatural pode vir de Deus; através do Seu Espírito (3.24), ou do diabo, através de um demônio (cf. 2.18-22).

4.2 Confessa. Não é o simples reconhecimento de quem é Jesus. Isto os demônios fazem (Mc 1.24; 3.11; cf. Tg 2.19). É uma confissão em sujeição a Ele com o propósito de glorificá-LO (Jo 17.4-6).

4.4 Vencido. A proteção contra o erro está: 1) na doutrina bíblica e 2) na permanência do Espírito no coração para limpar e guardar.

• **N. Hom. 4.8** Como devemos conceber Deus. O apóstolo João revela os três atributos ilimitados de Deus. 1) *Espírito* (Jo 4.24); 2) *Luz* (1 Jo 1.5); 3) *Amor* (4.8, 16).

4.9,10 O amor supremo *de Deus* vai além da encarnação para focalizar o sacrifício de Cristo pelo qual temos vida eterna (Jo 3.16). Este amor, sendo infinito, não pode ser comparado com nosso amor humano (10).

4.11 Todo crente tem a obrigação de amar como Deus amou (3.16).

4.12,13 O Deus invisível Se revela no amor recíproco dos crentes, uma vez que esse amor é fruto do Espírito neles (13).

• **N. Hom. 4.17** Perfeição Acessível. 1) Amor aperfeiçoado produz plena confiança: no futuro e obediência no presente (2.5). 2) Alegria aperfeiçoada surge da comunhão na luz (1.4-7). 3) Fé aperfeiçoada se revela em boas obras (Tg 2.22).

4.18 O amor é o antídoto para o temor. Onde há amor aperfeiçoado, o próprio terror da morte desvanece, o que é amplamente demonstrado pelos mártires.

4.19 A capacidade de amar nos é concedida pela amor de Deus derramado em nossos corações (cf. Co 5.14; Gl 5.22; Rm 5.8).

4.20 Desprezar a quem Deus ama e criou na Sua imagem não corresponde com qualquer declaração de amor para com Deus (5.2).

4.21 Foi Cristo que uniu Dt 6.4 e Lv 19.18 declarando que toda a obrigação do homem

está resumida no duplo mandamento de amar a Deus e ao próximo (Mt 22.37-40).

5.3 Em contraste com as minuciosas obrigações do legalismo judaico (Mt 23.4), o jugo de Cristo é suave (Mt 11.30; cf. Rm 12.2).

5.6 *Veio por meio de água e sangue.* Ensino contrário ao dos heréticos gnósticos que diziam que Cristo se encarnou no homem Jesus por ocasião de Seu batismo, mas que o deixou antes da Sua morte.

5.78 As palavras entre parênteses não constam no original. *O Espírito, a água e o sangue.* São aspectos do único batismo de Jesus por nós (Ef 4.4n). O batismo do Espírito (1 Co 12.13) e na água (At 2.38) são para todos os que crêem.

5.10 *O testemunho* (cf. Rm 8.16). Refere-se à segurança e paz internas providas pelo Espírito (Fp 4.7).

5.13 O Evangelho de João foi escrita para despertar a fé (20.31). A primeira epístola foi escrita para dar certeza da fé.

5.14 *Ele nos ouve,* As condições bíblicas de oração. A. A petição deve ser feita: segundo a Sua vontade (cf. Sl 37.4); 2) no nome de Cristo (Jo 16.23, 24) e 3) para a glória de Deus (Tg 4.2, 3). B. Aquele que pede precisa: 1) ser lavado dos pecados (Sl 68.18); 2) ser perdoado e estar pronto a perdoar outros (Mc 11.25); 3) crer nas promessas (Tg 1.5-7); 4) guardar os Seus mandamentos (3.22; Jo 15.7).

5.15 *Obtemos.* "As petições feitas conforme as condições acima são concedidas no mesmo instante, os resultados dessa concessão são percebidos no futuro" (Plummer).

5.16 *Pecado não para a morte.* Qualquer pecado na comunidade deve produzir intercessão e restauração (cf. Gl 6.1). *Pecado para a morte* não seria aquele que merece morte física (como em At 5.1-11; 1 Co 5.5; 11.30) porque a vida com ela contrastada é eterna. *Irmão.* Deve ser o crente nominal. Ao negar que Jesus é o Cristo, se revela como um anticristo (2.18-23; 4.4, 5; 2 Jo 9). Este pecado corresponde ao "pecado eterno" contra a Espírito Santo (Mc 3.29; Mt 12.22-32).

5.17 *Injustiça* (gr *adikia*) e "*transgressão*" (3.4 gr *anomia*) têm seu fundamento na realidade do padrão moral objetivo revelado na vontade e natureza de Deus.

5.18 *Aquele... o guarda.* Outros bons manuscritos apóiam a versão revista e corrigida: "...conserva a si mesmo" (cf. 1 Tm 5.22; Tg 1.27. 1 Jo 3.3; 5.21).

5.19 *O mundo inteiro jaz no maligno.* Isto no sentido que a humanidade é passivamente controlada pelo diabo e seus anjos (Ef 2.2; 6.12).

• **N. Hom. 5.1,8-20** Três certezas. Sabemos que quando nascemos de Deus: 1) Temos vitória sobre o pecado pelo poder de Cristo (18); 2) Pertencemos a Deus para estarmos sob Seu controle e não do diabo (19); 3) A nossa fé é histórica e experimental (20).

5.20 *Verdadeiro* (gr *alethinos*). Tem a idéia de "real" ou "genuíno". *Este é o verdadeiro Deus,* foi referido pelos oponentes dos arianos (que negavam a deidade de Cristo) a *Jesus Cristo* sendo os vocábulos mais próximos. Neste caso, seria mais uma passagem do NT que claramente afirma que Cristo é Deus (cf. Rm 9.5).

5.21 *Dos ídolos.* Todo substituto de Deus é um ídolo. João provavelmente refere-se aos erros doutrinários, morais e éticos que, na prática, são idolatria (cf. 1 Co 10.14).

Segunda Epístola de João

Esboço

O ANDAR NA VERDADE E NO AMOR, v. 1-6

Endereço e Saudação, v. 1-3

Recomendação da Lealdade Passada, v. 4

Exortação ao Amor e à Obediência, v. 5,6

CAMINHOS NÃO-BÍBLICOS CONTRASTADOS, v. 7-11

Enganadores no Mundo, v. 7-9

A Sabedoria na Comunhão Discriminatória, v. 10,11

CONCLUSÃO, v. 12,13

1 O *presbítero*. João, o apóstolo e discípulo de Cristo. O título equivale a "pastor". *Senhora eleita*. Uma igreja local que conhecia bem a João (5, 13). *Seus filhos* são os membros da igreja (4).

1,2 Comprometer a verdade não é o caminho do amor.

4 *Dentre*. A igreja se dividia entre os fiéis e os que caíram na heresia.

• **N. Hom. 4-6** O mandamento Duplo: 1) Andar na verdade doutrinária (4) e 2) andar no amor mútuo (cf. 1 Jo 3.23).

7 O maior perigo dos anticristos está no engano (Mt 24.11).

9 Permanece na doutrina. O cristão é conservador. Ele não ultrapassa os fundamentos da verdade no ensino de Jesus e Seus apóstolos (Ef 2.20).

7-11 2: e 3 João tratam da hospitalidade oferecida aos missionários viajantes. As pousadas da época eram, para muitos, casas de má fama e seus proprietários considerados como vigaristas. Os evangelistas, por causa disso, pousavam com os crentes (cf. At 16.15; 17.7; Rm 16.23). João adverte contra o perigo de apoiar os falsos mestres bem como a seus erros. Para nossa orientação, estes versículos devem ser interpretados lembrando-se do seguinte: 1) Não se trata aqui de simples indivíduos, mas de missionários com aparente autoridade; 2) *em casa* (v. 10) pode referir-se à igreja, uma vez que as igrejas se reuniam nas casas; 3) não visa qualquer erro, mas especificamente aquele do anticristo (9; Cf. 1 Jo 2.22).

13 *Irmã eleita*. É a igreja irmã de onde João escreve.

Terceira Epístola de João

Esboço

SAUDAÇÕES A GAIO E RECOMENDAÇÃO, v. 1-8

Saudação, v. 1,2

Seu Ministério aos Irmãos, v. 3-8

LÍDERES CNTRASTADOS, v. 9-12

O Apóstata Diótrefes, v. 9-11

O Bom Demétrio, v. 12

CONCLUSÃO, v. 13-15

1 Ao contrário de 2 João, o destinatário desta carta é um indivíduo chamado Gaio. Sendo que era um dos nomes mais comuns (cf. 1 Co 1.14; Rm 16.23; At 19.29; 20.4), não podemos identificá-lo. Talvez fosse um convertido de João (4).

3 *Tua verdade* (cf. 1 Jo 2.4n). Gaio era um crente equilibrado "segundo a verdade em amor". (6; cf. Ef 4.15).

4 Tendo coração de pastor, a maior alegria de João surgia do conhecimento que seus filhos na fé aplicavam a sã doutrina à vida diária.

5 *Procedes fielmente*. João louva o esforço hospitaleiro de Gaio no encorajamento dos verdadeiros missionários (cf. 2 Jo 7-11n). Rm 12.13, Hb 13.2 e 1 Pe 4.9 destacam a importância de mostrar hospitalidade. É particularmente a incumbência das viúvas e pastores (1 Tm 5.10; 3.2; Tt 1.8).

6 *Digno de Deus*. Os fiéis missionários, saindo por causa do nome de Cristo (7), precisavam, além da hospitalidade, de ajuda em alimento e dinheiro para o próximo estágio da sua viagem. Como representantes de Deus, deviam receber o mesmo trato que os crentes dariam a Deus.

7 *Gentios*. São os pagãos incrédulos. O princípio é evidente: os crentes devem sustentar a obra cristã que o mundo não quer, nem pode financiar. • **N. Hom.** Por que sustentar Obreiros? 1) Porque saem por causa do Nome; 2) porque não têm outro meio de sustento

(cf. 1 Tm 5.17-18); 3) porque assim nos tornamos colaboradores na obra do Senhor (8; cf. Rm 15.24; Fp 4.15-19).

9 *Diótrefes*. Difamou o apóstolo João, não fez caso dos missionários e excomungou os leais membros da igreja que não obedeceram à sua orientação. Tudo isso ele fez por amor a si mesmo e não por amor a Cristo (cf. Cl 1.18).

11 Aparece novamente a prova moral (cf. 1 Jo 2.3-6, 28, 29; 3.4-10; 5.18). As provas da verdade doutrinária (3, 4) e *amor* (6) também têm destaque.

12 *Demétrio* recebeu aprovação de três fontes: 1) reputação imaculada entre os incrédulos (cf. 1 Tm 3.7); 2) plena aprovação do coração (1 Jo 3.21); 3) elogio apostólico (cf. Fp 2.19-30).

15 *Nome por nome*. A igreja local não deve ser tão grande que o pastor não passa conhecer os nomes dos membros (cf. Jo 10.3).

Epístola de Judas

Análise

A epístola geral de Judas foi escrita como advertência contra certos cristãos só de nome, que, ameaçavam solapar e destruir a comunhão dos crentes por seu caráter e conduta imorais. Aqueles que seguissem tal caminho podiam estar certos do julgamento de Deus. De fato, o Antigo Testamento dá testemunho de seis juízos de Deus contra justamente esses pecados que aquelas pessoas agora praticavam (v. 5-11). Como que para frisar o quanto estavam maduras para a ira de Deus, Judas adiciona uma descrição, em doze aspectos, sobre a culpa das mesmas (v. 12-16).

Em contraste com a atitude destruidora e mundana dos falsos mestres, os crentes devem demonstrar um amor construtivo e espiritual. Relembrando-se da misericórdia de Cristo para consigo, cumpria-lhes demonstrar misericórdia para com aqueles que estavam engolfados nesses males. Talvez assim alguns fossem salvos (v. 19-23).

A bela doxologia (v. 24 e 25) é, em especial, apropriada para os que sofrem sob pesada tentação.

Em adição ao uso que lei do Antigo Testamento, Judas exhibe conhecimento sobre a tradição judaica corrente. (As referências em Judas 9 e 14, embora não se encontrem no Antigo Testamento, se encontram em escritos judaicos daquela época). A epístola exhibe uma particular e íntima relação com 2 Pedro, sendo possível que ambas tenham sido destinadas para o mesmo grupo de crentes. Embora certo número de eruditos acredite que 2 Pedro tenha lançado mão da epístola de Judas, é mais provável que 2 Pedro seja mais antiga do que esta. Os males preditos em 2 Pedro (2.1; 13.3) são descritos em Judas (v. 4, 18, 19), como coisas que sucederam de conformidade com a profecia apostólica já deixada a respeito da questão.

Autor

De acordo com a tradição, Judas é o irmão de Jesus (Mt 13.55), que só se tomou crente após a ressurreição de Cristo (Jo 7.5; At 1.14), e cujo irmão, Tiago, se tornou personagem líder da Igreja primitiva (At 15.13; Gl 1.19). Isso está de conformidade com a menção que Judas faz em Tiago (5.1), como se ele mesmo estivesse excluído do seio dos apóstolos. Dentro desse arcabouço, uma data entre 70-80 d.C. pode ser sugerida para essa epístola.

Esboço

SAUDAÇÃO E PROPÓSITO, v. 1-4

JUÍZOS PASSADOS DE DEUS CONTRA PESSOAS MÁIS, v. 5-11

ACUSAÇÃO CONTRA FALSOS CRISTÃOS, v. 12-16

CONTRASTE ENTRE CRISTÃOS FALSOS E GENUÍNOS, v. 17-23

1 O autor da epístola de Tiago, e irmão do próprio Jesus Cristo. Judas e Tiago eram filhos de Maria e José (Mt 13.55), que se converteram em virtude da ressurreição, At 1.14; 1 Co 15.7. Não reivindica o título de Apóstolo, cf. também v. 17. e • **N. Hom.** vv. 1 e 2. 1) Os Crentes são: a) chamados (1 Pe 1.15); b) amados (1 Jo 4.16); c) guardados (Jo 17.11; 1 Pe 1.4-5). 2) Os crentes recebem: a) misericórdia, perdão; b) paz (Fp 4.7; Jo.14.27); c) amor, que produz alegria (Gl 5.22; 1 Pe 1.8).

3 *Batalhardes, diligentemente* (gr *epagōnizesthai*, "lutar intensivamente"). Implica que o Inimigo, na pessoa dos ímpios (v. 4), está atacando a fé, as verdades centrais que são a âncora da salvação (cf. 2 Tm 3.14). *Uma vez*. O evangelho não pode sofrer alteração (Gl 1.9).

4 *Soberano e Senhor*. Judas reconheceu a deidade de Cristo, uma vez que o nome "Senhor" se refere no AT a Javé, o único Deus (Rm 10.9).

5-7 *Lembrar-vos*. Os três exemplos tirados da história do AT mostram o perigo da delinqüência: 1) Falta de fé; 2) Abandono da santidade; 3) Imoralidade.

6 *Estado original*. Igual à situação do homem que foi feito à imagem de Deus e depois caiu (Rm 5.12). *Juízo do grande Dia*. Is 2.10-22; 1 Pe 3.19; 2 Pe 2.4; Ap 20.12-14.

7 *Outra carne*. Cf. Gn 6.4; no caso Sodoma, Gn 19.1-24; cf. Rm 1.27.

8 *Sonhadores alucinados*. Alegam ser profetas mas carecem do Espírito (v. 19), Estes apóstatas seguiam um ramo do gnosticismo que negava a influência das ações físicas sobre o espírito. Eram antinomistas ou libertinos. O outro ramo, fortemente ascético, é visto em Cl 2.16-23 e 1 Tm 4.1-5. *Autoridades superiores*. 2 Pe 2.10-11, contraste 1 Tm 2.1-4.

9 *Miguel*. Aqui há uma alusão a uma antiga tradição judaica.

10 *Difamam*. O pecado de difamar e de negar verdades espirituais, é também comum na nossa época materialista. E conseqüência do orgulho daquele que confia em sabedoria humana.

11 Os heréticos que perturbaram a Igreja seguiam os seguintes modelos do AT (veja os números nas margens acima): 1) Caim - ódio contra o próprio irmão; 2) Balaão e seu erro (Ap 2.14n) - avareza e imoralidade (Cl 3.5); 3) A Revolta de Cora - negação da autoridade de Moisés como pastor segundo a vontade de Deus.

12 *Pastores*. O motivo da urgência da epístola (v. 3) é que os apóstatas surgiam como mestres que reivindicavam a liderança, sem porém haver fruto da justiça nas suas vidas (cf. Cl:2.19-23).

12,13 Terra, céus e mar não oferecem refrigério para a alma sedenta. *Estrelas errantes*. Meteoritos ou cometas, que aqui simbolizam a situação de estar perdido nas trevas eternas.

14 *Enoque*. Não se deve duvidar que Enoque profetizou a Segunda Vinda de Cristo, apesar de a profecia ser registrada fora da Bíblia, no livro apócrifo Enoque 1.9.

16 *Descontentes*. Não aceitam a exortação aos fiéis registrada em Ef 5.20; Cl 3.16-17; 1 Ts 5.18. *Aduladores*. Os pastores são especificamente advertidos contra a ganância (v. 11. 1 Tm 3.3; 1 Pe 5.3).

17 *Pelos apóstolos*. Judas cita Pedro no v. 18, e também pode se referir a mensagens proféticas faladas, cf. 1 Tm 4.1-5; 2 Tm 3.1-9.

19 Os gnósticos dividiam os homens em três classes: - os mundanos mergulhados na matéria, os sensuais possuindo alma, e os espirituais. Judas vence os heréticos com a própria linguagem deles (Cf. "brutos sem razão", v. 10). *Não têm o Espírito*. Cf. Hb 6.4, 6; 2 Pe 2.20.

• **N. Hom. 20-23** Em contraste com os apóstatas descritos, aqui se descreve os crentes fiéis: 1) Edificam-se na fé (cf. Ef 4.12-16); 2) Oram no Espírito (cf. Rm 8.26; 1 Ts 5.17-19); 3) Guardam-se no amor de Deus (v. 21); 4): Esperam a vida eterna, na vinda de Jesus

Cristo (v. 21); 5) Ajudam os crentes novos e vacilantes (vv. 22 e 23).

23 *Detestando... carne.* Cf. Zc 3.2-4.

24,25 Esta é a terceira doxologia introduzida com a frase "aquele que é poderoso". Veja também Rm 16.25; Ef 3.20. *Tropeços.* Contraste com *apresentar* (gr *stesai*, "colocar de pé"). *Imaculados.* Descrição dos crentes em 2 Pe 3.14, e do próprio Cristo em 1 Pe 1.19.

Apocalipse de João

Análise

A chave deste livro se encontra no versículo inicial: "Revelação de Jesus Cristo". O propósito principal é revelar a pessoa do Senhor Jesus Cristo como Redentor do mundo e conquistador do mal, e apresentar, de forma simbólica, o programa mediante o qual Ele dará prosseguimento a Sua obra.

A estrutura do livro de Apocalipse se funda sobre quatro grandes visões, cada uma delas principiando com a frase "no espírito", e contendo algum aspecto da pessoa de Cristo e Sua suprema capacidade, como juiz do mundo. Cada visão aparece numa cena diferente e cada qual avança mais um passo no desenvolvimento da idéia central do livro.

O livro de Apocalipse começa com cartas enviadas pelo Senhor a sete igrejas existentes no período apostólico, e que servem de tipos das igrejas de todos os tempos. Nessas cartas, Ele expressa Seus louvores e Suas críticas, concluindo com uma advertência e uma promessa.

Começando pelo quarto capítulo, o vidente é transferido para o céu, e contempla coisas que devem "acontecer depois destas coisas" (4.1). Através de uma série de julgamentos, os selos, as trombetas e as taças, a terra é castigada por causa do seu pecado, e o grande dia da ira de Deus é inaugurado. Nenhuma indicação é dada sobre a duração desse processo, embora pareça que será acelerado quando estiver se aproximando do fim.

Nos capítulos dezessete a vinte, nos são fornecidas visões detalhadas sobre a consumação desta dispensação. O retorno de Cristo, gloriosamente, em companhia dos exércitos do céu (19.11-21), o estabelecimento do Reino e sua conclusão por ocasião do julgamento final do trono branco (20.1-15), e a criação de um novo mundo (21.1-8), tudo é descrito. A última visão dá prosseguimento à terceira, ao descrever de modo mais completo a natureza da cidade de Deus (21.9-22.5).

A conclusão do livro consiste em uma chamada à devoção. Se Cristo retomar a santidade e a indústria são coisas obrigatórias para o Seu povo. A oração no final do livro deveria expressar o desejo íntimo de todos os crentes: "Amém. Vem Senhor Jesus" (22.20).

Autor

O autor do livro de Apocalipse é claramente chamado de João. Encontrava-se aprisionado na ilha de Patmos, para onde havia sido exilado por causa de sua fé cristã (1.4, 9; 2.8) Ele era pessoa bem conhecida entre as igrejas da Ásia, e estava classificado como "profeta" (22.9). Justino Mártir (cerca de 135 d.C.), e Irineu (cerca de 180 d.C.) citam, ambos, passagens do livro, palavra por palavra, e atribuem-no a João, o apóstolo de Cristo. Em vista de sua linguagem ser tão diferente do evangelho de João, alguns estudiosos pensam que, Apocalipse não foi escrito pela mesma pessoa que o evangelho de João. A posição conservadora, entretanto, atribui o livro a João, filho de Zebedeu, que provavelmente o escreveu em cerca de 95 d.C, durante o reinado de Domiciano. A igreja Ocidental aceitou-o prontamente como livro canônico: mas a Igreja Oriental não o recebeu senão por volta do ano 500 d.C.

Esboço

INTRODUÇÃO, 1.1-8
 PRIMEIRA VISÃO: Cristo e a Igreja, 1.9-3.22
 A Representação da Presença sacerdotal, 1.9-20
 Cartas às Sete Igrejas, 2.1-3.22
 SEGUNDA VISÃO: Cristo e o Mundo, 4.1-16.21
 Comissão do Cordeiro, 4.1-5.14
 Quebrando os sete Selos, 6.1-17; 8.1-5
 Parêntese, 7.1-17
 A Selagem dos 144.000, 7.1-8
 A Multidão Incontável, 7.9-17
 As Sete Trombetas, 9.6-11.19
 O Toque das Trombetas, 8.7-9.21; 11.15-19
 Um Parêntese: o Livrinho, 10.1-11
 A Medição do Templo, 11.1,2
 As Duas Testemunhas, 11.3-14
 Os Sinais, 12.1-14.20
 A Mulher, 12.1-3,6,14-16
 O Dragão, 12.3,4,7-13,15-17
 O Menino, 12.5
 Miguel, o Arcanjo, 12.7
 A Besta Saída do Mar, 13.1-10
 A Besta Saída da Terra, 13.11-18
 O Cordeiro no Monte Sião e Seus Seguidores, 14.1-5
 Parêntese: Os Anúncios Angélicos, 14.6-20
 As Sete Taças, 15.1-16.21
 Os Sete que Cantam, 15.1-4
 Julgamentos, 15.5-16.21
 TERCEIRA VISÃO: Cristo e a Vitória, 17.1-21.8
 A Queda da Babilônia, 17.1-18.24
 A resposta do Céu, 19.1-10
 A Vitória sobre as Bestas, 19.11-21
 O Reino Milenar, 20.1-6
 Conflito e Juízo Finais, 20.7-15
 Novos Céus e Nova Terra, 21.1-8
 QUARTA VISÃO: Cristo e a Eternidade, 21.9-22.5
 A Nova Jerusalém, 21.9-21
 Uma Nova Vida com Deus e o Cordeiro, 21.22-22.5
 EPÍLOGO: A Chamada de Cristo, 22.6-21
 Chamada à Obediência, 22.6-11
 Chamada ao Trabalho, 22.12-15
 Chamada ao Amor, 22.16-20
 Bênção, 22.21

1.1 Revelação (gr *apokalupsis*, lit. "tirar o véu"). Indica a revelação de uma mensagem. *De Jesus Cristo*. A gramática (gr genitivo subjetivo) indica que a mensagem vem de Cristo. *Notificou* (gr *semainō*), "indicar", "ensinar por símbolos". A chave da interpretação deste livro já está no primeiro versículo: é ensinamento simbólico. *João*. O Apóstolo, filho de Zebedeu.

1.3 Lêem. A leitura das Escrituras no culto. Nota-se a ênfase sobre a necessidade de ouvir (2.7, 11, 17; etc.); cf. Lc 4.16; 2 Co 3.15; At 15.21). *Guardam*. Vivem leais aos ensinamentos do livro. A bênção é para quem o lê para outros escutarem, para os que escutam a leitura com uma mente compreensiva, e para quem observa seus princípios.

1.4 Sete igrejas. Os nomes são dados no v. 11. *Igreja* (gr *ekklesia* "assembléia", "convocação"). No NT são as assembléias do povo de Deus. *Ásia*. Nome de uma província romana na área ocidental da Turquia moderna. *Aquele que é, que era e que há de vir*. Um título de Jesus Cristo, que ressalta a eternidade da Sua divina Pessoa, cf. Êx 3.15n. *Sete Espíritos*. O número "sete" aplica-se ao Santo Espírito para indicar que Seu poder e Sua autoridade são totais, cf. Is 1 1.2.

1.5 Primogênito dos mortos. Jesus, pela ressurreição, recebeu o primeiro corpo celestial, sendo "as primícias dos que dormem" (1 Co 15.20, 48; Cl 1.18). *Libertou*. libertar a preço de sangue é a redenção como resgate (cf. Hb 9.12).

1.6 Reino. Cristo concede aos que aceitam Sua salvação o privilégio de reinar com Ele (cf. 1 Pe 2.9-10). *Sacerdotes*. O conceito de uma nação ou povo sacerdotal se vê em Êx 19.6; At 1.6, 1 Pe 2.5, 9. Revela-se o privilégio do crente de ter acesso à presença de Deus.

1.7 Eis que vem. Refere-se à promessa da segunda vinda de Cristo, feita na hora da ascensão, At 1.11 (cf. Mt 24.30),

1.8 Alfa... Ômega. A primeira e a última letra do alfabeto grego, apontando para Cristo como Autor e Fim de todas as coisas.

1.10 Achei-me em espírito. Cristo concedeu a João uma visão da realidade normalmente inacessível aos homens. O Agente desta visão foi o Espírito Santo. *Dia do Senhor*. Na época de ser escrito este Livro (95 d.C.), o domingo já tinha sido consagrado pela Igreja como o dia especial de cultuar o Senhor Jesus Cristo.

1.14 Brancos. Simboliza santidade, reverência e a eterna deidade de Cristo. A Ele se aplica a descrição de Daniel do Ancião de Dias (cf. Dn 7.9).

1.15 Voz de muitas águas. A voz de Deus (Ez 43.2) soava para Ezequiel assim também, talvez sugerida pelo mar ao quebrar nas rochas da ilha de Patmos. Simboliza a autoridade e a soberania de Deus (cf. Jo 12.29)

1.16 Mão direita. Indica uma posição de grande honra, privilégio e autoridade. *Espada*. Seria o poder e direito que Cristo tem para julgar e para executar a sentença (cf. Is 11.4, Hb 4.12 e 13).

1.18 Tenho as chaves. Estão em vista autoridade e controle; João está vendo Quem tem domínio sobre mortos e vivos.

2.1 Anjo (gr *angelos*), lit. "mensageiro". Normalmente na Bíblia é um mensageiro celestial ("anjo"). Aqui talvez seja o pastor da igreja.

2.2 Labor. Serviço pesado em circunstâncias difíceis. *Perseverança*. Apesar da oposição e da perseguição, os efésios permaneceram fiéis a Cristo e à sua vocação. *Apóstolos*. Pessoas fraudulentas se deram o título (cf. 2 Co 11.13-15).

• **N. Hom. 2.2-6** A Igreja de Éfeso. A. Sua Natureza: 1) Enérgica em: a) obras; b) esforço; c) paciência; 2) Ortodoxa: a) provou os líderes; v. 2; b) odiou sua doutrina, v. 6; 3) Fria: a) faltou entusiasmo para com seu Senhor; b) faltou amor para com os irmãos. B. Sua Restauração: 1) Lembrar-se; 2) Arrepende-se; 3) Voltar (que correspondem aos três passos da conversão).

2.4 Teu primeiro amor. Aquele amor por Cristo e pela família dos cristãos que tinham no início da vida cristã; o amor original, puro; fervoroso, alegre (1 Co 13).

2.5 Arrepende-te. "Transforma tua maneira de pensar e de agir". *Venho a ti*. Significa, aqui, uma visitação especial de julgamento.

2.6 Nicolaítas. O nome significa "dominador do povo", mas os Nicolaítas são desconhecidos fora do Apocalipse. O erro deles foi de encorajar os crentes a participar em festas idólatras dos pagãos e praticarem a prostituição (v. 15).

2.7 Vencedor. No Apocalipse, "vencer" significa permanecer fiel ao Senhor a despeito das tentações e perseguição Os mártires, por serem fiéis até à morte, venceram a besta (15.2). *Árvore da vida*. Alimentar-se dela simboliza o participar da plenitude da vida eterna. *Paraíso*. Lit. "jardim"; lembra a promessa de Jesus (Lc 23.43; cf. 2 Co 12.2) e a

Jerusalém celestial que será revelada (Ap 21.10; 22.2).

2.10 Coroa da vida. A grinalda que se dava aos vencedores nos esportes e nas batalhas aqui simboliza a vida eterna (4.4; 14.14; Tg 1.12; 1 Pe 5.4).

2.11 Segunda morte. A expressão simboliza a condenação eterna (21.8).

2.12 Dois gumes. Faz parte da descrição de Cristo em 1.16. Indica o julgamento de Deus, que é invencível, e feito com grande discernimento.

2.13 Trono de Satanás. No ano 29 a.C., a cidade de Pérgamo erigiu um santuário para a implantação do culto ao Imperador romano. Pérgamo também se tornou centro da religião pagã.

2.14 Doutrina de Balaão. O ensinamento básico de Balaão era confundir assuntos espirituais e morais com interesses materiais (cf. Nm 22-24; 25.1-3; 31.16). Refere-se aqui ao gnosticismo libertino (cf. Jd 8n).

2.17 Maná. Simboliza, aqui, o privilégio ímpar que os fiéis têm, o de serem admitidos à festa messiânica que se denomina "a ceia das bodas do Cordeiro" (19.9). *Pedrinha branca.* Usava-se como um voto em benefício de um réu, e como "documento" de um escravo libertado, na antigüidade. *Ninguém conhece.* Quem pertence verdadeiramente a Cristo é, em última análise, um segredo entre Cristo e o crente fiel (19.12n).

2.20 Jezabel. Uma referência simbólica a Jezabel, esposa de Acabe, rei de Israel (1 Rs 16.31). Pressionou o marido a abandonar a Deus e a apoiar o culto a Baal. Usou meios injustos de extorquir bens materiais para satisfazer os desejos dela. A idolatria e o materialismo eram grandes tentações em Tiatira, um centro comercial.

2.22 Prostro de cama. Seria um julgamento de Deus por meio da enfermidade.

2.24 Coisas profundas de Satanás. Uma alusão às seitas secretas com corpos de doutrina esotérica, fingindo que são só eles que recebem uma revelação particular de Deus. Na realidade, são de Satanás.

2.28 Estrela da manhã. Pode simbolizar o próprio Jesus Cristo e a Sua presença entre os fiéis durante as tribulações no mundo. Prenuncia o raiar da segunda vinda de Cristo e as glórias que esperam os justos (Dn 12.3).

3.1 Sardes. A cidade orgulhava-se pelas indústrias de lã e de tinturaria. O centro de culto a Cibele, deusa de religião de mistério, cuja imoralidade e degeneração eram notáveis. *Morto.* A igreja tinha o conceito de ser próspera espiritualmente por causa do início notável que a obra tivera, Mas Deus a analisa agora como espiritualmente fria e insensível.

3.3 Lembra-te. A igreja de Sardes precisava conservar uma viva lembrança de bênçãos anteriores (Cf. 2.5). *Virei como ladrão.* O simbolismo é de uma vinda súbita para julgar a igreja, quando menos se esperava. A figura aplica-se à segunda vinda de Cristo (16.15; Mt 24.43; Lc 12.34; 1 Ts 5.2; 2 Pe 3.10). Sardes já tinha sido capturada duas vezes porque os guardas confiaram demais na segurança dos penhascos ao redor da cidade, dormindo sem preocupação.

3.4 Não contaminaram suas vestiduras. Poucos na igreja não mancharam sua fé, cristã pela contaminação do ambiente pagão.

3.5 Vestiduras brancas. Há contraste entre as roupas coloridas produzidas pelas indústrias locais, e a revestimento espiritual que Deus dará aos que, fiel e puramente, se mantêm livres da contaminação pagã. *Livro da vida.* O simbolismo foi (Êx 32.32) e o registro dos cidadãos do Império Romano (do qual um nome podia ser apagado). Quem possui a vida eterna, tem a graça da perseverança na terra (Mt 24.13; Hb 2.3).

3.7 Filadélfia. O nome significa "amor fraternal". Tanto a igreja como a cidade eram pequenas. Igreja pequena, não significa que é esquecida por Deus. *Chave de Davi.* Cristo tem o direito de admitir ou excluir as pessoas do Reino de Deus. Os judeus reivindicavam que só Israel tinha o privilégio de entrar no Reino. O poder das chaves é a autoridade exclusiva de Jesus Cristo, o Messias davídico (5.5; 22.16; cf. Mt 16.18-19n).

3.8 Uma porta. O contexto indica que Cristo colocou diante do Seu povo uma porta de entrada para todos os privilégios do Seu reino e do serviço cristão, uma entrada que ninguém pode impedir (1 Co 16.9).

3.10 Hora do provação. Deve ser uma alusão às "dores messiânicas", sofrimento e perseguição que cairão sobre o povo de Deus antes da vinda de Cristo (Cf. Dn 12.1, 2, 10-13; Mc 13.14; 2 Ts 2.1-12). A provação atingirá os crentes na perseguição do anticristo enquanto os pagãos, "os que habitam sobre a terra" sofrerão os julgamentos divinos (13.7-8; 8.1-9.19; 16.1-20).

3.12 Coluna. Este simbolismo talvez se entenda pelo costume de honrar um sacerdote pagão com o acréscimo de uma coluna ao templo local. O crente fiel tem a segurança de ser estabelecido eternamente no reino e na comunhão com Deus (cf. Sl 27.4).

3.14 Laodicéia. Uma das cidades mais ricas da Ásia Menor, que orgulhosamente recusou a ajuda de Roma quando foi destruída por um terremoto em 60 d.C. Distava 160 km de Éfeso, e 80 km de Filadélfia, no encontro de três estradas importantes. *O princípio do criação de Deus.* Princípio significa, aqui, "fonte", "origem", descrevendo assim a Cristo, tanto na Sua atuação na Criação original (Jo 1.14; Cl 1.15-18), como na Sua obra ao suscitar a Nova Criação (2 Co 5.17).

3.16 Vomitar-te. Perto de Laodicéia havia fontes de água mineral morna e emética, que o viajante sedento rejeitaria com nojo. Este é o desgosto que Cristo sente para com uma igreja espiritualmente morna. Qualquer outra condição espiritual seria mais promissora.

3.17 Estou rico. A igreja local da cidade rica já abraçara a acomodada atitude prevalecente da soberba das riquezas. Imaginava que possuía grandes riquezas espirituais e virtudes cristãs. As riquezas materiais produzem uma conformidade fatal com os padrões morais mundanos (cf. Os 12.8; Lc 1.53).

3.18 Ouro refinado pelo fogo. Simboliza a verdadeira riqueza celestial, sem máculas nem tristezas (Mt 6.19-20; Lc 12.21). O versículo é uma mensagem para mostrar a atitude de Cristo ao encarar os jactanciosos de Laodicéia: "Seu centro bancário, seu colírio, sua lã preta não servirão para dar a riqueza, visão e decência espirituais". Estes eram os produtos locais.

3.20 Estou à porta. O contexto não sugere uma referência à segunda vinda e ao banquete messiânico; são boas-vindas à vivência de Cristo no seu meio. Seu culto, portanto, era uma fraude vazia. Se qualquer indivíduo, porém, quer abrir a porta do seu íntimo e ouvir a chamada de Cristo, então Cristo entrará para dirigir sua vida e lhe oferecer Sua convivência. Assim fica claro que é Cristo quem salva, não a Sua igreja; mostra que uma igreja pode existir como casca, mantendo seu culto formal, todavia faltando o coração que é a comunhão do Senhor.

4.4 Vinte e quatro tronos. O número é uma cifra completa, que sugere os doze patriarcas das tribos de Israel e os doze apóstolos, simbolizando dessa maneira a unidade dos salvos de todos tempos (cf. Ef 2.11-22). Podem ser anjos que participam no governo do universo (cf. Sl 89.7; Is 24.23; Êx 24.11).

4.5 Sete tochas. Lâmpadas portáteis da antigüidade, que simbolizam aqui a participação na criação e revelação do Espírito de Deus (cf. Sl 104.29, 30), *Sete espíritos.* Cf. 1.4n.

4.6 :Mar. O simbolismo de um mar perante o trono de Deus se vê em Gn 1.7; 1 Rs 7.23; 2 Rs 16.17; Êx 24.10; Ez 1.22; Jó 37.18. Simboliza a separação entre Deus e o homem. *Cristal.* Possivelmente simboliza a glória divina, que só os fiéis, purificados pelo sangue de Cristo, poderão pisar. *Quatro seres viventes.* Deve ser uma figura da grandeza da Criação que incessantemente (v. 8) glorifica ao Criador (cf. Is 6.1-3; Ez 10.14).

5.1 Livro. Lit. *rolo*, a única forma de livro conhecida naquela época. Este seria um pergaminho enrolado, fechado com selos. Simboliza os mistérios de Deus: um volume descrevendo os Seus planos, propósitos e obras. *Selado com sete selos.* O número de selos sugere que o livrinho era um testamento, conforme os costumes da época. O testamento cerrado era executado depois da morte do testador, perante as sete

testemunhas que o selaram. Abria-se, lia-se, e cumpria-se aquilo que o testamento dispunha. Há aparente ligação com Ez 2.1-10; o conteúdo do rolo trata do futuro julgamento e da herança dos crentes em decorrência da morte de Jesus Cristo (1 Pe 1.4). O plano divino já tinha sido feito de maneira irrevogável. Quebrando-se os selos, prontifica-se para o desenrolar dos acontecimentos. Só Cristo controla e dá significado à história.

5.5,6 Os títulos usados aqui são messiânicos. Vinculam a obra de Cristo às profecias do AT (cf. Gn 49.9; Is 11.7). O *Leão* simboliza a majestade e a realeza soberana do Messias conquistador (Is 11.2-9). O *Cordeiro* simboliza o Messias sofredor, o Servo de Jeová que pela Seu sangue remove o pecado do mundo (Is 53; 1 Jo 1.29). Ninguém conhece todo o conteúdo dos propósitos de Deus que ainda são para desenrolar, a não ser o próprio Cristo, pois é Ele que vai levar a efeito entre os homens aquilo que Deus destinou após Sua exaltação (Mt 24.36; Hb 1.3). • **N. Hom.** Cristo, o Vencedor: 1) Venceu a morte (4.9; 5.6; 6.2); 2) Venceu a hostilidade do mundo (Cf. Is 53 3 com Ap 5.9, 12); 3) Venceu os corações dos Seus seguidores (6.2); 4) Conquistará o mundo inteiro (6.16; 19.16; 20.4. Cf. 1 Co 15.24, 25).

5.9 *Novo cântico*. Um cântico de louvor do Cordeiro que pela morte e ressurreição foi apontado Cabeça da nova humanidade (Hb 2.9-11). Nos salmos o povo de Deus é conclamado a cantar um cântico novo (33.3, 98.1, 144.9, 149.1). O quarto capítulo termina com a canção da Criação, e o quinto termina com a do Nova Criação, que abrange redimidos de todas as nações e povos, mesmo aqueles que na época de João não tinham sido evangelizados. *Com o teu sangue*. A morte de Cristo na cruz é a base da Redenção, da restauração, da criação e da exaltação do Filho vitorioso (Mt 20.28; 1 Co 6.20; 7.23; 1 Pe 1.18-19; Ap 14.3-4). *Para Deus*. Cristo redime os homens para a glória de Deus (Ef 1.1-14).

5.10 *Reino e Sacerdotes*. Cf. 1.6n.

5.14 *Adoraram*. Deus entronizado na glória, e o Cordeiro que é Cristo, são de igual modo adorados (Fp 2 9-11), que revela a unidade do Pai e do Filho.

6.2 *Cavalo branco*. Cf. Zc 6.1ss. Alguns encontram aqui uma representação do anticristo (cf. Mt 24.15, 2 Ts 21-11). Mas a cor branca indica que Cristo é o *cavaleiro* (no Apocalipse "branco" sempre se refere ou é associado com Cristo). A pregação do evangelho pelo mundo afora não deixará de marcar notáveis sucessos. *Vencendo e para vencer*. A vitória de Cristo será total no fim dos acontecimentos (19.11-16).

6.4 *Vermelho*. Esta visão simboliza a guerra. *Espada*. O instrumento da morte; metaforicamente, significa a própria guerra (Mt 10.34).

6.5 *Preto*. Símbolo de fome como conseqüência trágica da guerra, em harmonia com a interpretação da *balança* como símbolo das condições difíceis da falta de provisões. A comida básica se vende a preço de ouro, sendo que a provisão de um dia se comprará pelo salário de um dia de trabalho. Normalmente, um denário (v. 6) compraria entre doze e quinze vezes a comida necessária para um homem.

6.6 *Medida* (gr *choenix*, c. de um litro de cereais). *Denário*, moeda de prata. *Azeite e o vinho*. Indica este versículo falta mas não fome.

6.8 *Amarelo* (gr *chlōros*, "verde claro", "amarelento", "pálido"). Uma cor doentia e repulsiva, simbolizando a pestilência e a morte. *Morte*. É personificada (cf. 1 Co 15.26; Rm 5.14, 17; 6.9). *Inferno* (gr *hades*), o sepulcro ou habitação dos mortos (cf. *sheol* no AT). No NT, é companheiro da morte (cf. 1 Co 15.55; Ap 6.8; 20.13-14). *Autoridade*. Poder ou capacidade para matar: 1) Com a espada de guerra (gr *hromfaia*), veja também 2.16 e 19.21; 2) Pela fome, provocada pela guerra; 3) Com a mortandade, talvez a pestilência que acompanha a guerra, e pela fome; 4) Por meio das feras (cf. 2 Rs 17.25). Os romanos lançavam os cristãos e pessoas consideradas como criminosas às feras na arena, em espetáculo público. Estes sinais são definidos por Cristo como indicações da Sua segunda vinda (Cf. Mt 24.6-28 e paralelos).

6.11 Vestidura Branca. Este símbolo da justiça e da pureza ele Cristo é dado aos santos martirizados, debaixo do altar (v. 9), simbolizando a morte sacrificial (mas não redentora) dos mártires (cf. Fp 2.17; 2 Tm 4.6 com Lv. 4.7). É o sangue dos mártires que reivindica o julgamento de Deus sobre os injustos perseguidores. Há um número dos eleitos, que se completará por conversão antes da Vinda de Cristo (Rm 11.12n). Assim, também, o profeta prevê que haverá mais mártires antes da vinda de Cristo.

6.12 Terremoto. Faz parte da alteração física da terra antes da transformação da criação (16.18; Rm 8.18-23). Ou pode ser uma parte das calamidades que marcarão o fim do mundo. Ou ainda pode ser um dos portentos que prenunciam julgamento divino final, ao lado dos demais sinais nos vv. 12 e 13. Toda a descrição deste sexto selo lembra a profecia de Jesus sobre os acontecimentos cósmicos que, anteciparão Sua volta (Mt 24.29)

7.1 Quatro cantos da terra. Simbolizam os quatro pontos cardeais da bússola: Norte, Sul, Oeste e Leste, de onde surgem ventos que representam a ira de Deus irresistivelmente derramada na terra inteira.

7.2 Selo do Deus vivo. Imagina-se aqui um ferrete, para marcar e, assim, proteger (9.4) aqueles que pertencem a Deus (Ez 9.4-6).

7.4 Cento e quarenta e quatro mil. Um número perfeito e completo, mil dúzias de dúzias. Simboliza os crentes fiéis na terra, que permanecem firmes no meio da perseguição, ou os judeus que ainda serão salvos, ou os judeus que não se curvaram ao anticristo durante a grande tribulação. Mas nesta interpretação não se explica porque a lista das tribos de Ez 48 não é a mesma do Ap 7.4-8.

7.9 Depois. A ordem é mais lógica do que cronológica. Os que são do povo particular de Deus na terra, reinarão nos céus. *Grande Multidão.* Este grupo incontável compõe-se de todos os salvos de todas as nações. Esta multidão pode se referir aos mesmos 144.000 que após a tribulação (v. 34) louvam a Deus que os salvou e deu a vitória sobre a perseguição e a morte (v. 16.17). O NT representa a Igreja como o Israel verdadeiro ("de Deus" Gl 6.16). Assim as duas multidões de cap. 7 seriam as mesmas, vistas de diferentes pontos de vista, antes e depois da Grande Tribulação (cf. Lc 21.16, 18).

7.9 Vestiduras... palmas. Representam a vitória.

7.15 Tabernáculo. Deus proveu para Seu povo um domicílio de eterna adoração e bem-aventurança (cf. Jo 14.1-6). Principalmente, estão em vista os que passaram pelas tribulações sem se comprometerem com a maldade do anticristo, e que se purificaram no sangue do Cordeiro (v. 14), comparecem agora no Reino perante o trono de Deus para adorá-LO eternamente. *Servem* (gr *latreuō*). Principalmente; aponta para serviço que particularmente agrada a Deus (Hb 12.28; Rm 1.9; At 26.7).

7.17 Apascentará. O Cordeiro que pagou o preço da redenção pela Sua morte, agora, ressuscitado, é o Pastor que cuida do rebanho inteiro.

8.1 Silêncio no céu. Este silêncio ressalta a força dramática da visão. O sétimo selo, composta dos julgamentos prefigurados nas sete trombetas há de ser o mais importante. João fica meditando ao aguardar o resultado. Alguns dizem que a pausa é para dar oportunidade às orações e intercessões dos santos. *Cerca de meia hora.* Tão terríveis são os julgamentos a serem anunciados, que os próprios habitantes do céu ficam pasmados e comovidos por aquilo que vai acontecer aos ímpios. O tempo no céu não se mediria como na terra, mas João transmite em termos humanos a impressão que esta pausa lhe dá.

8.2 Sete trombetas. Anunciam com maiores detalhes os acontecimentos que precedem a segunda vinda de Cristo. Talvez devamos entender que as trombetas (as subdivisões do sétimo selo), são realmente uma retomada mais pormenorizada da narrativa dos acontecimentos do sexto selo (6.12-17). As trombetas são iguais aos ventos do cap. 7, anunciando a ira do Deus santo contra o anticristo e os seus súditos. Nesse dia todos terão que escolher entre Cristo e o anticristo.

8.3 Incenso. O incenso celestial misturado com as orações dos crentes, adiciona fragrância perante Deus. Assim é a oração oferecida no Espírito Santo (Rm 8.26-27). As orações dos santos (talvez pedindo a vinda do Reino Mt 6.10) trazem a intervenção da ira divina em antecipação da vinda de Cristo.

8.7 Saraiva e fogo: Este castigo é semelhante à sétima praga derramada sobre o Egito na época de Moisés que estragou a agricultura. As quatro primeiras trombetas trazem castigos sobre a natureza inanimada, nos quatro aspectos que se distinguiam na antigüidade: a terra, o mar, as águas doces e os corpos celestiais. *Atirados.* Quaisquer que sejam as causas secundárias destas calamidades naturais, ressalta-se que é a soberania de Deus que enviou estas forças. *Toda erva verde.* I.e., dentro da área arruinada pela saraiva de fogo.

8.8 Montanha ardendo. João vê algo semelhante a um vulcão em plena erupção, explodindo, ardendo, e lançando sua lava no mar, simbolizando o julgamento divino sobre o mar. Representa as mais terríveis calamidades marítimas, cf. Sl 46.2; Is 34.3; Ez 38.20. *Tomou em sangue.* Na primeira praga do Êxodo do Egito, o Nilo foi transformado em sangue (Êx 7.20-21). Aqui, é a terça parte do mar.

8.10 Grande estrela. Símbolo da ira divina derramada sobre as águas potáveis, parte vitalmente necessária da terra habitável.

8.11 Absinto. Cf. Jr. 9.15; 23.15. Sugere a possibilidade de água contaminada por radioatividade mortífera.

8.13 Águia. Nesta cena cheia de pressentimentos e terror, o tríplice "Ai" da águia exprime a severidade da ira divina a ser derramada. Até este ponto na narrativa, os julgamentos tocam a natureza inanimada; agora apontam ao homem.

9.1 Estrela caída. Simboliza um anjo decaído que passa a abrir o abismo (cf. 20.1, 3), para soltar as forças demoníacas contra todos os que não têm o selo de Deus (v. 4). Obra diabólica permitida por Deus para ser um castigo a homens que escutaram mais a Satanás do que a Deus.

9.2 Abismo Simboliza a prisão e lugar das trevas no qual os espíritos rebeldes estão reservados para o Dia do julgamento (1 Pe 3.19; Jd 6). Menciona-se sete vezes no Apocalipse.

9.3 Gafanhotos. A oitava praga no Egito foi de gafanhotos (Êx 10.1-20; cf. Jl 2.4-10).

9.4 Estes gafanhotos, muito distintos, terão uma missão diferente; desprezam as coisas verdes, a comida dos gafanhotos naturais.

9.7-11 A operação destes gafanhotos, sua descrição e sua obediência ao mando do Maligno, revela que são seres diabólicos e não insetos.

9.11 Abadom. "Destruidor" em hebraico; é traduzido "abismo" em Jó 28. *Apoliom* tem o mesmo sentido em grego. Destrução é a missão e a especialidade deste grupo e do seu rei, que seria Satanás, ou o anjo (estrela) que abre o abismo no v. 1.

9.14 Eufrates. Na época de Salomão, a nação de Israel se estendia até este rio, sempre considerado como um dos termos legítimos do país. Na época do Apocalipse, era o termo oriental do Império Romano.

9.15 Quatro anjos. Cf. 7.1-3. A guerra em grande escala é um castigo e uma advertência para os descrentes. Nota-se no fato de serem *atados* que estes anjos nenhum dano fariam sem a permissão de Deus (v. 14).

9.16 Número. Representa um número incontável. Os 200 milhões lembram Sl 68.18. Não são cavalos ou cavaleiros normais. São engenhos de guerra e de destruição, exércitos equipados que podem destruir a terça parte da raça humana. Com armas atômicas, estas coisas são possíveis até no nível meramente humana. Outros comentaristas vêem, nesta trombeta uma nova onda demoníaca com poder de matar. Na quinta trombeta as forças malignas apenas podiam torturar as suas vítimas. Novamente se frisa o fato que esta calamidade cairá sobre a civilização em rebelião contra Deus (vv. 4, 20)

9.20 Não se arrependeram. A ira divina se desdobrará com o propósito específico de

chamar os homens ao arrependimento.

• **N. Hom. 9.21** A rebelião contra a autoridade de Deus: 1) Assassínios, cf. Êx 20.13; 2) Feitiçarias, Dt 18.9-14; 3) Prostituição, Êx 20.14; 4) Furto, Êx 20.15. Em geral, deparamo-nos com os mesmos pecados de Rm 1.18ss.

10.1 *Anjo forte*. o esplendor deste anjo (cf. 5.2) se vê nas suas vestiduras nas suas atitudes e na sua atuação. Alguns intérpretes vêem nele uma representação de Cristo ressuscitado, sendo ou Ele próprio, ou mais provavelmente um Seu embaixador. Sua descrição inclui: a *nuvem* que simboliza o julgamento divino; o *rosto*, indicando a santidade divina; o *arco-íris*, representando a misericórdia e fidelidade divinas, especialmente no assunto da Aliança de Deus com Seu povo.

10.2 *Um livrinho* (não a mesma palavra no gr de 5.1). Baseado em Ez 12.9; 3.33, conclui-se que a missão profética de João é reforçada (cf. v: 9). A consumação da ira divina se aproxima.

10.4 *Guarda em segredo*. Lit. "fecha com selos". Os homens não devem ouvir mais as previsões do que irá acontecer (Dn 12.4; Ap 5.1). Talvez o motivo seria que já passou a oportunidade de prestar atenção às advertências (9.21; 10.6).

10.6 *Já não haverá demora*. Contraste-se esta frase com 6.11. Não se ofereceria mais tempo para os homens considerarem as conseqüências da desobediência. Já escolheram o mal.

10.7 *O mistério de Deus*. A revelação divina que desvenda o propósito de Deus (cf. Dn 2.29 e 30; Rm 16.25 e 26). O mistério chegará ao fim, segundo que os homens verão abertamente tudo aquilo que Deus preparou para a raça humana.

10.8-11 Estes versículos relembram a visão de Ezequiel (Ez 2.8-3.3).

10.8 *Livro*. Símbolo da vocação profética de João e da mensagem de castigo que João anunciava. É necessário que *ainda* profetize (v. 11).

10.9 *Devora-o*. Significa assimilar completamente o conteúdo do livrinho. *Amargo... doce*. A mensagem do julgamento divino é doce para o profeta privilegiado em receber a palavra de Deus, mas amarga para levar àqueles que sofrerão as conseqüências preditas (cf. Jr 15.16; Ez 3.3, 7-9).

11.1 *Santuário de Deus* (gr *naos*), a parte central do templo que incluía o Lugar Santo e o Santo dos Santos. Alguns crêem que o antigo Templo de Jerusalém será reedificado e usado durante o reino milenar de Cristo na terra. Outra interpretação identifica o santuário com o povo judeu que será salvo antes do fim (Rm 11.26; Lc 21.24; Mt 23.39). Outros dizem que o santuário simboliza a presença de Deus, protegendo e inspirando Sua Igreja (cf. 1 Co 3.16; 2 Co 6.16; Ef 2.21), enquanto o mundo e suas organizações permanecem nas mãos de forças malignas. Cf. Ez cap. 40-48 e o Templo escatológico que se relaciona com a vinda do Príncipe, Jesus Cristo.

11.2 *Quarenta e dois meses*. Este total é equivalente a 1.260 dias (v. 3), a 3 1/2 anos, metade de uma semana de anos (Dn 12.7). Note a frase "por três dias e meio" (v. 9). É a época na qual o anticristo procurará destruir, o povo de Deus (cf. Mt 24.15, 22). Não deve ser uma designação literal, mas simbolizando um período curto de aflição. O verdadeiro Israel de Deus será preservado por Deus através dos dias críticos. A visão é de consolação para o povo de Deus, contrastada com a condenação prevista para seus opressores.

11.3 *Duas testemunhas*. Alguns pensam em dois profetas escatológicos que lembrarão Elias e Moisés, com o poder que exerceram. Até completar a sua missão ninguém lhes poderá tocar. *Pano de saco*. Cf. o profeta Elias (2 Rs 1.8). Era vestuário normal de profeta.

11.5,6 Estas testemunhas se encontram num mundo semelhante ao de Elias, hostil à adoração do Deus único. Mas também têm o poder de Elias (2 Rs 1.10-12) e de Moisés diante do faraó (Êx 6-11). Lançarão manifestações da vingança de Deus sobre este, mundo que incorrigivelmente luta contra Deus (cf. 2 Ts 2.3-11).

11.7 *A besta que surge do abismo.* Esta é a primeira menção da besta no Apocalipse (cf. Dn 7.20, 25). Deve ser o mesmo que surge do mar (13.1) e o mesmo de 17.8

11.11 *Espírito de vida.* As testemunhas foram ressuscitadas e arrebatadas. Se simbolizam os verdadeiros crentes, então aqui se prevê o arrebatamento na ocasião da Vinda de Cristo (16.15; 1 Ts 4.17; 5.2). Mas, de qualquer forma, a ressurreição das; testemunhas lançará "grande medo" sobre os moradores da terra.

11.13 *Terremoto.* Acontecimento que aponta para breve chegada do fim (cf. 6.12; Ez 38.19 e 20).

11.15 A sétima trombeta marca a vinda do fim (10.6) e encerra o parêntese que tem início em 10.1. O conteúdo dessa trombeta consiste nos sete flagelos do cap. 16.

11.16 *Vinte e quatro anciãos.* Veja 4.4, n.

11.19 *Abriu-se... o santuário.* Nesta visão simbólica, o próprio santuário celestial está aberto, e nada se esconde dos olhos de João. A arca da aliança, anteriormente escondida dos homens, representa a presença de Deus e a imutabilidade de Suas promessas. Antes de chegar ao fim (que João acaba de descrever, resumidamente em vv. 15-19).

12.1 *Grande sinal.* Depois dos sete selos e das sete trombetas e antes das sete taças (15.7 e cap. 16) intervém uma visão portentosa. *Uma mulher.* primeira das sete personagens mencionadas nos caps. 12 e 13. Cada uma destas toma sua parte nesta visão de lutas e conflitos: 1) A Mulher, simbolizando Israel, ou a povo ideal de Deus (cf. Gl 4.26), personificada em Maria (não está claro se devemos ver aqui uma referência ao nascimento de Jesus, 12.1-2); 2) O Dragão, símbolo do diabo (12.3-4); 3) O Filho, símbolo de Cristo (12.5-6); 4) Miguel, anjo guarda de Israel (Dn 10.13, 21; 12.1), símbolo do socorro divino (12.7-12); 5) Os Restantes, símbolos dos crentes (12.17); 6) A besta que emerge do mar, que poderia se referir historicamente ao Imperador Domiciano (81-96 d.C.), mas que finalmente simboliza o anticristo (13.1-10); 7) A besta que emerge da terra, lembrando os primeiras leitores do Apocalipse dos sacerdotes, que impunha o culto pagão ao Imperador; seria apenas uma sombra da encarnação do poder satânico que o falso profeta exercerá (13.11-18). As bestas designam o anticristo e seu profeta que hão de surgir num período da tribulação antes do Milênio.

12.3 *Dragão.* Interpretado como Satanás no v. 9. *Vermelho* (gr *purros*), "cor de fogo". Seu intento é devorar o Filho que estava para nascer, e lutar contra os irmãos (v. 10) que seriam os crentes.

12.5 *Um filho.* O Messias que, reinará sobre as nações com cetro de ferro (cf. Is 11.4). *Arrebatado.* Alusão à Ressurreição de Cristo.

12.6 *Deserto.* O simbolismo lembra a proteção divina oferecida a Cristo no Egito. Jesus foi guardado por Deus durante toda a Sua vida, até à cruz. Na Sua ressurreição venceu a morte. Essa vitória foi repartida com Seus seguidores que vencem o diabo pelo sangue justificador de Cristo (v. 11). Na destruição de Jerusalém, em, 69-70 d.C., os crentes escaparam em tempo para a cidade de Pela, no deserto; além do Jordão.

12.7 *Peleja no céu.* O diabo não consegue destruir na terra. Agora, procura invadir a própria Glória celestial, para continuar sua luta contra o Filho de Deus, mas acaba sendo derrotado. Isto ainda aumenta seu ódio contra Cristo, o qual se lança contra os Seus seguidores. • **N. Hom.** Os motivos do triunfo dos santos de Deus, 12.11. 1) O Sangue do Cordeiro - os santos venceram a batalha por meio da Vitória de Cristo, e não por seus própria méritos; 2) Seu testemunho - o fato de sempre testificarem de Cristo e da Palavra, alimentava-os com poder para enfrentar o desafio do mal dia após dia; 3) Não amaram a própria vida - as vitórias espirituais pertencem àqueles que se dedicam a Deus (Rm 12.1).

12.13 O diabo, lançado de volta à terra, redobrou sua fúria contra os seguidores de Cristo, e contra a mulher. Deste modo explicam-se as terríveis perseguições que caracterizarão o período da grande tribulação (13.7, 17; Mt 24.21).

12.14 *Um tempo, tempos e metade de um tempo.* Veja 11.2n.

12.17 *Restantes da sua descendência.* Aponta para o futuro, a geração dos crentes que

enfrentará a ira satânica exercida pelo anticristo (cf. cap. 13).

13.1 *Uma besta* (gr *therion*, "animal selvagem", cf. 11.7). Os chifres simbolizam poder, e os diademas representam autoridade. "Este anticristo é dominado pelo dragão, Satanás (v. 4), que tinha em 12.3 sete cabeças e dez chifres. Sua natureza se descreve na conjuntura das três feras de Dn 7. 1) Leopardo, perigosamente malévolos; 2) Pés de urso, grande força; 3) Boca de leão, devora tudo; 4) Poder, trono e autoridade vindos da parte do dragão. Mostram a maneira satânica de dominar. Esta descrição é tipificada no rei Antíoco Epifânio (Cf. Dn 7.25) cuja perseguição aos fiéis judeus foi profetizada por Daniel (Dn 8.9-14) e prefigurava os imperadores romanos que deliberadamente desafiaram a Deus, quebrando Suas leis e martirizando os santos. Finalmente, denuncia o anticristo, na época da grande tribulação que precede a segunda vinda de Cristo (Mt 24.15-31; 2 Ts 2.1-12)

13.3 *Cabeças*. As cabeças, possivelmente, se referem a sete reinados anticristãos.

13.4 *Adorar a besta* é o auge da idolatria; na realidade, é culto a Satanás.

13.7 *Os vencesse*. Pode ser que vence pelo martírio dos cristãos (6.9-11) e domínio externo sobre as suas vidas. É possível que essa será uma época na qual haja cristãos que neguem a Cristo publicamente para escapar à perseguição (cf. Mt 24.12: "o amor se esfriará"). *Cada tribo*. Esta é mais uma tentativa do diabo de colocar seu anticristo como substituto do Cristo de Deus, cujo domínio se descreve em 5.9 e 7.9. O anticristo, almeja este poder, que no Julgamento Final será só de Cristo. Tem ciúmes dos cristãos, pois estes só aceitam a autoridade de Jesus Cristo, e não a dele.

13.8 *Desde a fundação do mundo*. Em harmonia; com 1 Pe 1.18-21, ensina-se que o Sacrifício de Cristo fez parte do propósito divino antes da criação do mundo. Os decretos e propósitos de Deus são tão concretos e reais como o próprio acontecimento (At 2.23; Ef 1.4).

13.11 *Besta... da terra*. Este animal, uma paródia de Cristo, tem forma exterior de um cordeiro. Representa aquele que perverte a religião, unindo-se a ela para fins perversivos. Seria o falso profeta de 19.20. Chefia a religião falsa que unirá o mundo ao redor do culto ao anticristo. Foi assim na época de João quando exigia-se o culto ao Imperador, sob ameaça de morte. Assim será no fim antes da vinda de Cristo. • **N. Hom.** As blasfêmias de quem apóia o anticristo (13.11-18): 1) Exige homenagens à representação do anticristo (vv. 12 e 14); 2) Pratica milagres e portentos para impressionar o povo (v. 13 com Mt 24.24); 3) Faz crer que a imagem do anticristo fala (v. 15); 4) Força todos a pertencer à religião falsa (v. 16); 5) Retira o direito de pessoa jurídica de quem não ingressar na religião do anticristo (v. 17).

13.16 *Marca*. Símbolo de pertencer à besta, ou aceitar sua autoridade.

13.18 *Número*. Uma das muitas explicações vê no número sete o símbolo da perfeição; seis é imperfeição: daí 666 seria a cúmulo da maldade. O nome da besta se representa por este número. É impossível, para nós hoje, interpretar com segurança que nome o anticristo terá.

14.1 *Cento e quarenta e quatro mil*. Número completo (cf. 7.4n). É a multidão daqueles que foram selados com o nome de Cristo e do Pai (cf. Mt 28.19). Recusaram a marca do anticristo. Assim os que pertencem a Deus e os que não são do diabo se distinguem abertamente. *Nome*. O nome indica o poder e a autoridade. Comunica a natureza de uma pessoa.

14.4 *Castos*. A castidade aqui seria espiritual. São libertos do pecado da idolatria (que é fornicação, 14.8; 17.2, 4; 18.3, 9; 19.2) com tudo que isto implica (cf. 2 Pe 2.20-22). *Primícias*. Aquela parte da ceifa que era consagrada a Deus (Êx 23.19; Nm 18.12). O restante da humanidade que rejeita os direitos de Deus sobre si mesmo está amadurecendo para a vindima do julgamento e punição (vv. 17-20).

14.5 *Mentira*. Principalmente, refere-se à negação do Cordeiro de Deus como Senhor. Os redimidos, como o seu Senhor, não mentem, mesmo que falar a verdade custe a vida (Jo

18.37; Sf 3.13). Em Cristo são sem mácula.

14.6 *Um evangelho eterno*. A falta do artigo no gr sugere que aqui, as boas novas serão não somente as da salvação em Cristo, mas as novas da vitória que logo virá para os que já crêem, junto com o galardão que os espera.

14.8 *Babilônia*. O nome Babilônia significava para o povo de Israel o império pagão, materialista e destruidor por excelência dos fiéis. No NT o nome apontava para Roma, e finalmente para a capital da civilização opressora final. *Todos as nações*. O poder e a influência de Roma se estendiam a muitas nações. As legiões romanas espalhadas pelo mundo afora, introduziam em Roma a *prostituição* religiosa, i.e., a idolatria cada vez mais depravante.

14.9 *Terceiro*. O terceiro anjo proclama a condenação dos seguidores do anticristo. Os termos da condenação eterna no inferno vêem-se em 20.13-15.

14.12 Este versículo desafia os santos a não negar sua fé em Cristo, em vista do terrível fim que aguarda os que se ajuntam ao anticristo (cf. Mt 24.13).

14.13 *Bem-aventurados*. A segunda das sete bem-aventuranças (cf. Mt 5.1-12) no Apocalipse. A expressão contrabalança a severidade dos julgamentos sobre os ímpios nos vv. 9-12. Uma bênção especial aguarda os que morrem por Cristo. *Descansem*. Lit. "recebem refrigério", "habitam seguros" (gr *anapauō*). As *fadigas* resultam da grande adversidade que os crentes enfrentam, especialmente na força concentrada do anticristo (Cf. Mt 11.28). Surge mais uma vez a doutrina da separação final entre os justos e o ímpios (como em 6.12-14 e 7.9-11); cf. Mt 25.31ss. • **N. Hom.** As bem-aventuranças do Apocalipse (14.13). Bem-aventurados são: 1) Os que conhecem e guardam a Palavra (1.3); 2) Os que morrem no Senhor (14.13); 3) Os que aguardam a Vinda de Cristo, com vidas santas (16.15); 4) Os convidados à ceia das bodas do Cordeiro (19.9); 5) Os que participam da primeira ressurreição (20.6); 6) Os que atendem às exortações deste livro (22.7); 7) Os que lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro (22.14).

14.14 *Semelhante a filho de homem*. É Jesus Cristo (cf. 1.13 e Dn 7.13), o Rei dos reis que é o juiz final do mundo (Mt 3.12; Tg 4.12). *Foice* (gr *drepanon* "foice", "faca de poda"). Poda a videira, e colhe os frutos. Em Jl 3.13 e Mt 13.39; como aqui, simboliza julgamento.

14.19 *Lagar do cólera de Deus*. Simboliza a destruição das obras malignas, provocada pela justiça divina (cf. 19.15). Os ímpios não produzem suco de uva, mas sim, sangue em quantidade enorme (v. 20). Este juízo poderia ser um resultado das próprias forças pagãs (não mais impedidas por Deus), até que se destruam por meio daquilo que chamamos "guerra total".

14.20 *Fora do cidade*. Talvez uma referência à Nova Jerusalém, indicando, assim, o julgamento que cairá sobre todos os excluídos da presença salvadora de Deus.

15.2 *Em pé no mar de vidro*. Na sua primeira visão do trono de Deus, João viu este mar representando a separação do homem de Deus (4.6n). Agora, os crentes (mártires, 4.12, 13) têm o direito de acesso a Deus. *Harpas*. Instrumentos de louvor celebram a vitória dos vencedores (5.8).

15.3 *O cântico de Moisés*. O cântico de Moisés louva a Deus por causa do Seu poder, da libertação que concede e da Sua retidão revelada ao liberar, Israel (Êx 15.1-18). Assim também, os crentes perante o trono foram resgatados de um poder ainda mais terrível do que o do Egito, pelo próprio Cristo, maior do que Moisés (Jo 1.17; 6.32; Hb 3.2-6).

15.3,4 Há no Apocalipse vários hinos de louvor que exaltam a Senhor Jesus Cristo como Rei, Senhor e Juiz das nações. Ele é Soberano da história: 5.9-13; 7.10, 12; 12.10-12; 16.5-7; 19.1-8 (veja Fp 2.6-11n).

15.4 *Todos os nações virão*. Pode referir-se aos crentes de todas as nacionalidades e raças que se converteram (cf. 5.9; 7.9) ou ao Milênio previsto em Is 2.3; 11.10; Mq 4.2-4; Zc 14.16-19; Cf. Ap 19.15; 20.3-4. Então Cristo reinará, e os crentes com Ele (20.4).

15.7 *Sete taças de ouro*. São os flagelos mencionados no v. 1. *Taça* é a mesma palavra no original para descrever as tigelas de ouro cheias de incenso que simboliza as orações

dos santos em 5.8. Entende-se que as iniquidades dos ímpios que receberam a marca da besta (13.6), que adoraram o dragão e que se submeteram às duas bestas, já chegaram ao ponto culminante. A ira de Deus transborda. A visão das sete taças é semelhante à das sete trombetas. Os flagelos soa mais intensos, lançados em decorrência da ira de Deus contra a besta é seus súditos.

15.8 *Ninguém podia penetrar.* Assim aconteceu na ocasião da consagração do tabernáculo no deserto (Lv 9.23-24). Assim, também, foi quando o Templo de Salomão foi consagrado (2 Cr 7.1-2; cf. Is 6.4).

16.2 *Malignas.* Emanam um odor repugnante. Recai sobre os adoradores da besta a sexta praga que abalou o Egito na época de Êxodo (Êx 9.10).

16.3 *Sangue.* Igual à primeira praga do Egito. *Ser vivente.* A primeira vida animal que Deus criou na terra, foi no mar (Gn 1.20). Agora, as águas do mar deixam de sustentar a vida e provocam morte e putrefação (cf. Êx 7.17-21).

16.4 *O terceiro.* O derramamento desta taça atinge um alcance mundial, estendendo a praga descrita no versículo anterior.

16.8 *O sol.* O Sol, sob mandato do Criador, passa a emitir raios que chamuscam os ímpios. Mas estes são tão empedernidos que, no meio do sofrimento e sabendo que é Deus quem os perturba, continuam a blasfemar de Deus. O coração se endurece, dos que sistematicamente rejeitam a Deus. Embora a finalidade dos flagelos seja levar os iníquos ao arrependimento, não se arrependem (cf. Am 4.6-13).

16.10 *O trono do besta.* Finalmente, a ira divina atinge o próprio tronco do reino da besta. Trevas enegrecem seus domínios, causando e aumentando terríveis dores nos seus súditos. *Trevas.* A nona praga do Egito (Êx 10.21-23).

16.11 *Blasfemaram.* Falaram ainda mais contra Deus, pois sua revolta não permitira o arrependimento que exigia a humilhação. Tanto os castigos largados sobre Faraó, como os derramados sobre o império do anticristo, servem para aumentar o endurecimento dos ímpios que deliberadamente escolhem o mal.

16.12 *Secaram.* Heródoto conta assim a história da queda da antiga cidade de Babilônia: o Rio Eufrates corria pelo meio da cidade, entrando e saindo por baixo das muralhas. Em 539 a.C. os persas fizeram um desvio do rio. O leito antigo se transformou em estrada aberta para o exército de Ciro penetrar na cidade. Assim também virá de maneira inesperada a invasão da herdeira da civilização pagã, seja a Roma, seja o centro do império do anticristo (v. 15).

16.13 *Rãs.* Representam a inspiração demoníaca da besta e seu profeta (Cf. 13.11ss).

16.15 *Ande nu.* Não estar preparado espiritualmente para se encontrar com Cristo (3.18; Mt 22.11-13). • **N. Hom.** Pronto para a Vinda de Cristo: 1) Sabe que Cristo vem repentina, mas não inesperadamente. (1 Ts 5.4; 1 Co 15.52; Mt 24.36-44). 2) Vigia (gr *gregoreō* "ficar acordado") contra o esfriamento do seu amor a Cristo, ainda que o Dia demore (Lc 12.35-39; 1 Pe 1.13; 5.8; 2 Pe 3.8-12); 3) Reveste-se da justiça de Cristo (Mt 22.11; Rm 13.14; Gl 3.27), lavando suas vestes no sangue do Cordeiro (Ap 7.13-14).

16.16 *Armagedom.* Transliteração do heb *har megiddo*, "a colina de Megido", que domina a planície de Jesreel (ou Esdralom). Esta foi palco das maiores batalhas na antiga história de Israel. Aqui foram derrotados os cananeus liderados por Jabim (Jz 4.2). Aqui venceu Gideão com seus 300 escolhidos (Jz 7). Aqui o rei Saul morreu derrotado (1 Sm 31). Aqui sobreveio a morte vergonhosa à rainha Jezabel (2 Rs 9.33ss). Aqui o Faraó Neco matou o piedoso rei Josias (2 Rs 23.30). Simboliza a última luta escatológica entre o povo de Deus e as forças do Maligno (cf. Sl 2.2 e 3; Is 5.26-30; Jr 6.1-5; Ez 38).

16.19 *Babilônio.* Sede do poder da besta e do paganismo organizado, simbolizado em Roma do primeiro século. Esse centro do poder do anticristo será obliterado por terrível terremoto. Compare a Jerusalém em 11.13.

16.21 *Saraivada.* Chuva de pedras que pesam c. 30 kg cada (*um talento*).

17.1 *Grande meretriz.* Trata-se da cidade de Roma olhando para o futuro império do

anticristo que procura forçar os crentes a negar seu Senhor. *Muitas águas*. Este símbolo vem da antiga Babilônia, uma cidade que, cruzada por muitos canais habitava sobre muitas águas (Jr 51.13). Estas águas são interpretadas no v. 15. Babilônia representa Roma e a manifestação mundial e final de oposição contra Deus.

17.2 *Os reis do terra*. Inúmeros reis, príncipes e chefes locais se submeteram a Roma em troca de segurança, não agressão e apoio material. Novamente o mundo, buscando desesperadamente a paz, se entregará à besta.

17.3 *Besta escarlate*. Evidentemente é a primeira besta de 13.1-8. Nomes de blasfêmia significa a autodeificação do anticristo (2 Ts 2.4).

17.4 *Púrpura e de escarlata*. São os tecidos coloridos, os mais luxuosos da época. Representam pompa, realeza e luxo

17.5 *MÃE DAS MERETRIZES*. Da capital pagã e da besta emanam todas as formas de maldade idólatra: *ABOMINAÇÕES*. Esta palavra foi especialmente associada no AT com idolatria. Cristo usa esta palavra para falar da profanação efetuada pelo anticristo (Mt 24.15).

17.6 *Testemunhas* (gr *marturõn*). Fala dos mártires que morrem por causa da sua fidelidade a Cristo (14.13).

17.9 *Sete montes*. A cidade de Roma foi construída em sete montes; a alusão histórica não deve restringir a compreensão do grande alcance do reino do anticristo. *Sete reis* (cf. Dn 7.17). É possível que sejam sete impérios: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma, que seguindo esta interpretação é o sexto. O vindouro seria do anticristo.

17.11 *Oitavo rei, e procede dos sete*. O anticristo que já se manifestou na pessoa de Antíoco Epifânio (Dn 8.9, 21), reaparecerá em forma ainda mais forte e global (cf. Mt 24.15).

17.12 *Dez reis*. A referência vem de Dn 7.7, 24 Não é possível identificá-los. Seu poder será de pouquíssima duração, "uma hora" apenas.

17.13 Estes futuros dez reis (ou reinos) só têm uma preocupação, isto é, apoiar e obedecer às diretrizes da burocracia central dominada pela besta.

17.14 Na guerra que estes incitam contra Cristo e Sua Igreja, serão derrotados. Com o Senhor está todo o poder e autoridade nos céus e na terra (cf. 1 Co 15.24 e 25).

17.15 A besta e seus aliados inesperadamente converterão seu apoio à meretriz (Babilônia, que no primeiro século representava Roma, mas no fim simboliza a capital do poder dominador do mundo) em ódio. Destruirão a cidade, despojando todos os seus valores para si. Em todo o realizar desta radical mudança se percebe a direção e controle de Deus, (v. 17).

18.2 *Potente voz*. Um oráculo assombroso profetiza a queda dessa cidade onde o poder satânico se concentrava. *Caiu! caiu*. A declaração repetida, com verbo no passado, indica com absoluta certeza do cumprimento desta visão. A antiga capital de Babilônia se tornara assombrada, habitada por animais nocivos que provocaram temor e superstição (cf. Is 13.19-22; 34.11-15; Jr 50.39; 51.37). Assim também acontecerá: com essa futura fonte de corrupto diabólica.

18.4 *Retirai-vos dela*. Esta admoestação é dirigida ao povo de Deus que ainda, após as terríveis perseguições, não foi aniquilado (cf. Is 48.20; 52.11; Jr 50.8; 51.54; Zc 2.7; 2 Co 6.16-18). Retirar-se da Babilônia simboliza evitar toda a comunhão com os pecados do mundo pagão. Mas, literalmente, avisa-os cristãos que moram em Babilônia para fugir dela antes de sua destruição. Assim, fugiram os crentes de Jerusalém para Pela antes do cerco efetuido pelas forças romanas no ano 70 d.C.

18.6 *Em dobro*. Terrível é o dano produzido pelo mundo pagão simbolizado por Babilônia. Incalculavelmente, mais terrível, ainda, é o castigo eterno, com tormenta e pranto, reservados para os que servem o mundo e não a Deus. Frenética energia é gasta na busca dos prazeres. Maior ainda será a angústia que esta busca desenfreada produzirá no fim (v. 7).

18.9 Reis da terra. Os poderosos que se comprometeram com as obras do Maligno, a idolatria pagã, o materialismo, a luxúria; serão arruinados juntamente com Babilônia. Lamentam ao contemplar suas enormes perdas.

18.10 Em uma só hora. Cf. v. 19, e "em um só dia" no v. 8. Salienta a súbita e rápida destruição do centro da oposição mundial contra o povo de Deus. É comparável a uma grande pedra de moinho arrojada para dentro do mar (v. 21).

18.11 Mercadores do terra. Há sempre incontáveis pessoas se enriquecendo com os produtos que apelam para a vaidade humana, como artigos de diversões vãs, e até com objetos de destruição. A doença, o vício e a ignorância produzem um mercado enorme. Quando Babilônia cai, arruina-se à estabilidade econômica baseada no pecado.

18.12 Mercadoria. O profeta Ezequiel faz uma lista semelhante, quando Tiro era a grande cidade que se enriquecia como materialismo (Ez 26).

18.13 Almas humanos. Não pode ser interpretado "vidas humanas", pois os "escravos" já foram mencionados na lista. É que o maior golpe de Satanás é escravizar a própria alma humana à concupiscência, à cobiça e à gula por bens materiais.

18.18-20 Exultai. Santos, apóstolos e profetas, no céu e na terra, são conclamados a se rejubilar, pois a queda do império maligno é a justa retribuição de Deus sobre as forças mundanas que perseguiram os crentes. E mais ainda, é o prelúdio do domínio universal de Cristo.

18.21-23 Que a queda de Babilônia é irrevogável, se vê na constante repetição da palavra "jamais" (seis vezes nestes versículos).

18.22 Músicos. Cessará todo som de alegria, regozijo, festa e triunfo.

18.23 Feitiçaria. O império das bestas é o império das trevas espirituais (cf. Ef 2.2; 6.11-12). O poder sobrenatural dos demônios se fará evidente (cf. 13.14).

19.1 Aleluia. Frase hebraica que significa, "Louvai a Jeová". *Salvação.* Pertence exclusivamente a Deus. Aponta para o triunfo completo de Deus e Seu reino. As características desse reino são glória e poder manifestados.

19.4 Vinte e quatro anciãos. Talvez simbolizem todos os salvos, antes como depois de Cristo. Juntos representariam a "Esposa" (v. 7). Outra idéia vê neles anjos dos mais majestosos (cf. 4.4n).

19.6 Reina o Senhor. O gr tem o aoristo "reinou". A melhor tradução seria "O Senhor iniciou seu reino". Os poderes satânicos são derrotados, preparando o caminho para a Vinda de Cristo.

19.7 Esposa. Representa a Igreja inteira, e não apenas alguma seção dela (cf. Is 54.5 e 6; 62.5; Jr 31.32; Ef 5.25-32). *Já se ataviou.* Cf. 1 Jo 3.2, 3; 2 Co 7.1; Mt 25.6, 7.

19.9 Chamados à ceia. Os convidados e a esposa têm o mesmo significado, como também são idênticas a noiva e a cidade santa (21.2, 9, 10). Não por mérito próprio mas só por convite é que os santos participaram das bodas do Cordeiro. *Verdadeiras palavras.* A declaração do anjo assegura aos fiéis que a promessa desta maravilhosa festa se cumprirá.

19.10 O testemunho de Jesus. Refere-se ao testemunho sobre Jesus que os santos mantiveram através das horríveis tentações e perseguições na luta com a besta e todas as suas forças. Esse testemunha tem sua fonte no espírito da profecia.

19.11 Cavalo branco. Símbolo da Vinda de Cristo em vitória (cf. 6.2). O *cavaleiro* e o Messias vindo para reinar. *Fiel e Verdadeiro.* Títulos de Cristo (Cf. 3.14 e 1.5) que descrevem a segurança com que se deve confiar nas promessas de Cristo (Mt 24.35). Com *Justiça.* Cf. a descrição do Messias em Is 9.3-5; 11.4.

19.12 Muitos diademas. Multiplica-se o número de coroas, por causa de Cristo exercer Sua soberania justa sobre todos os reis e príncipes da terra. Ele já é Rei dos reis e Senhor dos senhores (v. 16; Fp 2.9). Quando Cristo voltar despojará o poder que se opõe a Deus. *Nome.* Este faz lembrar o nome secreto que Ele dará aos Seus fiéis depois de findar a luta (cf. 2.17n).

19.13 Verbo de Deus. Gr *logos*, "palavra", "razão". Este nome, agora exposto a todos, é aquele que por excelência o apóstolo João usou para descrever Jesus Cristo no seu evangelho (Jo 1.1-4, 14). E só João que emprega este nome, que mostra Cristo como a Revelação da Vontade Divina, ao salvar, ao julgar, ao aniquilar toda a iniquidade, e ao criar de novo todas as coisas.

19.14 Exércitos... no céu. Os anjos do Senhor dos Exércitos acompanham a Jesus Cristo na Sua volta (cf. Mt 25.31), para executar a justa sentença de Deus contra o império da besta e dos reis da terra (v. 19).

19.15 Espada afiado. Cf. também 1.16; 2.12, 16. A única arma que Cristo utiliza é a Sua palavra que executará a condenação dos pecadores e regerá o mundo com equidade (Is 11.4). O terrível poder da "Palavra" se nota também em Hb 4.12, 13.

19.17 Grande ceia de Deus. Contraste completo com a ceia das bodas do Cordeiro (v. 9). A vinda dos urubus dramatiza o quadro da derrota da besta e dos seus (cf. Mt 24.28). Aqui são convidados para vir ao campo da batalha para se alimentarem daqueles que eram os poderosos do mundo, pois não sobrarão ninguém para enterrar seus cadáveres. *Ceia de Deus.* I.e., porque Deus a prepara. Esta cena surge depois da grande batalha em Armagedom na qual o Messias é vencedor, batalha esta descrita em 16.16.

19.19 Para pelejarem. A besta, cujo exército se descreve em 16.13-14 comanda uma liga de dez reis contra Babilônia (17.16-18), com o propósito de também lutar contra o Cordeiro (17.14). As forças do Maligno querem arruinar bons e maus igualmente. A narrativa do Apocalipse freqüentemente se volta para um assunto já tratado, para então acrescentar uns retoques ao quadro geral.

19.20 Lago de fogo. É um símbolo diferente do abismo mencionado em 9.1-3 e 20.1-3. Aqui se trata do jazigo final de Satanás, da besta, do falso profeta e de todos os malignos e ímpios (cf. 21.8). A doutrina do inferno é, enfaticamente ensinada aqui, ainda que seja descrita simbolicamente. Nem a descrição do céu nos cap. 4, 5, 21 e 22 deixa de empregar linguagem metafórica também.

20.2 Mil anos. O milênio, o reinado de Cristo na terra, substitui na totalidade o império do anticristo e seus seguidores. Cristo é o Leão da tribo de Judá (5.5), e é Ele, Rei dos reis e Senhor dos senhores, que tem o direito de reger. Deve-se admitir que este reinado existirá aqui na terra, cumprindo muitas profecias do AT, antes do julgamento final e o fim do mundo, cf. Sl 72.1-20; Is cap. 2; 8; 9; 11; 24; 30; 32; 35; 44; 49; 65; 59.16-18; 63.1-6; Jr 23.5-7; 33.14-16; Ez 36.16-18; cap. 40-48; Zc 6.12-14; Dn 7.1-28; Mq 4.1-4; Mt 25.31-32; 1 Co 15.24-28.

20.4 Todos os santos compartilham no reinado de Cristo, não somente os mártires ressurretos (cf. Dn 9.7).

20.5 Primeira ressurreição. A dos justos (Lc 14.14) que precede o arrebatamento dos vivos na Vinda de Cristo (1 Ts 4.16-17; 1 Co 15.52). A ressurreição dos justos e a dos ímpios (Dn 12 2; Jo 5.29), não ocorrem na mesma altura, mas separadamente, como confirma v. 12.

20.6 Segundo morte. A primeira é física, a morte do corpo; a segunda é espiritual, a separação da alma da vida que é Deus.

20.8 Sairá a seduzir. Satanás não muda de ambição durante o milênio. Suas armas mais eficientes desde Gn 3 até Ap 20.1 têm sido a sedução e a mentira (Jo 8.44; 1 Jo 2.22) que cega a humanidade (2 Co 4.4). Novamente as exerce sobre as nações de Gogue e Magogue. O próprio diabo dirigirá as forças. Mas será, derrotado como a besta, o falso profeta, e a meretriz, e seu fim é o mesmo (v. 10). Satanás será, solto, (v. 7) para vindicar a justiça de Deus em julgar os ímpios, pois não é por causa do ambiente ou circunstância difíceis que o homem não ama e obedece a Deus. O fato de que após o reinado perfeito de Cristo as nações, ainda serão susceptíveis aos convites a se rebelarem, contra Deus, mostra a profundidade da pecaminosidade do homem.

20.12 Os mortos. Depois do Milênio (vv. 2-6) vem a ressurreição dos injustos e o

juízo final. O critério deste juízo será "segundo as suas obras" (v. 13), o que significa que as penalidades corresponderão à culpa de cada pecador (cf. Lc 12.47-48; Rm 2.6ss). *O Livro do Vida*. Tem os nomes dos que creram em Cristo e foram salvos pela graça de Deus (Êx 32.32 e 33).

20.14 A linguagem simbólica deste versículo significa que a morte deixará de existir ou ameaçar durante toda a eternidade.

21.1 *Novo* (gr *kainos* "novo em qualidade além de novo temporalmente" cf. 20.11). Contemplamos um universo de tipo diferente no qual não há necessidade do Sol, da lua e das estrelas (v. 23). *O mar já não existe*. Talvez o mar simbolize a desordem, o conflito, a maldade. O sentido seria que o mal é excluído da nova ordem. Bem pode ser literal esta visão da nova criação (cf. Rm 8.19-22). Em oposição ao pensamento filosófico grego que separa o mundo material da ordem espiritual, a Bíblia consistentemente ensina que o homem viverá eternamente sobre a terra redimida, perfeitamente adaptada à felicidade dos remidos.

21.2 *Cidade Santa*. A Nova Jerusalém é a Igreja, preparada como noiva, prefigurando a união entre Deus e Seu povo salvo e purificado (cf. Ef 5.26-27). A separação em decorrência do pecado no jardim (Gn 3) está superada.

21.3 *O tabernáculo de Deus*. Significa que Deus passa a conviver com Seu povo (cf. a mesma palavra Jo 1.14). Deus constituiu Seus filhos em Reino e Sacerdócio, e estes passam a ter o direito de viver na Sua presença.

21.4 Todos os males decorrentes do pecado no mundo atual serão esquecidos no mundo novo (cf. 1 Jo 3.2).

21.8 *Mentirosos*. Especialmente os que negam que Jesus é o Cristo (1 Jo 2.22).

21.9 *A noiva*. A cidade santa (v. 10) é a noiva (v. 2); foi esta cidade que Abraão aguardava pela fé obediente, Hb 11.10-16; cf. Ap 21.22-24. Alguns intérpretes situam esta *santa cidade* durante o milênio por causa das referências às nações (v. 24; 22.2).

21.11 *Jaspe cristalina*. O povo santificado compartilha da glória do próprio Criador, que já se descreveu como semelhante ao jaspe (4.3). Provavelmente a pedra em vista seja o diamante (cf. Ez 43.5).

21.12 *Doze portas*. Simbolizam o ingresso dos salvos, os 144.000 mencionados em 7.4--8.

21.14 *Doze fundamentos*. Cada seção da cidade, entre cada porta, teria um fundamento diferente, simbolizando os *doze apóstolos*, os quais, juntamente com as doze tribos mencionadas no v. 12, representariam a coletividade cristã, e não membros individuais, por importantes que estes sejam (veja os vinte e quatro anciãos em 19.4n).

21.16 *Quadrangular*. Alguns acham que este símbolo reflete o conceito grego que o cubo, igual em comprimento, largura e altura, representa a perfeição. Outros lembram que o Santo dos Santos no Tabernáculo também era um cubo perfeito. É inegável a ênfase na idéia do completo do belo, da simetria e do tamanho impressionante, que aponta para a obra de Deus como Edificador do Seu povo e Construtor da Igreja glorificada (cf. Ef 2.19-22).

21.18 *Ouro... vidro límpido*. Aponta para a preciosidade, beleza perpétua e pureza cristalina da Igreja na presença de Cristo. Nunca mais estará sujeita à sedução do diabo (Gn 3.1-7), nem à contaminação do pecado (v. 27)

21.22 *Não vi santuário*. A presença do templo em Jerusalém era uma lembrança perpétua de que todo o pecador carece da glória de Deus, e que precisada salvação (cf. Rm 3.23-24). Entrar no Santo dos Santos significava a morte imediata do transgressor. Na nova terra, todo lugar é lugar de plena comunhão entre Deus e os remidos (22.3).

21.23 *Glória*. Cristo é a glória manifesta de Deus Pai (Jo 1.14). Na nova existência celestial, não haverá necessidade de luz ou calor irradiados de uma fonte física, pois Deus é todo em tudo (Is 60.19).

21.24 *As nações.* As nações e os povos serão representados, gozando dos benefícios que a salvação ofereceu universalmente ao mundo inteiro (Is 60.3; Ap 5.9; 7.9). *Os reis.* Podem ser aqueles que se convertem antes do julgamento, ou talvez seja a ocasião na qual todo joelho se dobrará perante Jesus Cristo, inclusive os dos Seus inimigos e algozes (Fp 2.4-11).

21.25 *Jamais se fecharão.* A cidade santa não conhecerá escuridão e nunca poderá ser ameaçada por qualquer perigo (cf. Is 11.9-10).

22.1 *Rio da água da vida.* Simboliza que a nossa salvação foi iniciada e consumada por Deus e pelo Cordeiro. O rio da graça procede do trono de Deus e do Cordeiro (cf. Ez 47.1) e fluirá por toda a eternidade.

22.2 *Árvore da vida.* Esta seria a árvore proibida a Adão e Eva depois da queda (Gn 3.24). Agora está à disposição de todos os justificados. Os frutos e as folhas desta árvore simbolizam a transbordante abundância e a consumação da nossa salvação que Cristo trouxe na Sua vida e morte por nós (Jo 1 0.10).

22.3 *Servos o servirão.* Lit. "escravos prestarão culto a Ele". No reino eterno (1 Co 15.28) a plena soberania de Deus e Cristo será aceita com júbilo. Assim se cumprirá a petição de Mt 6.10.

22.4 *Contemplarão.* Em toda a Bíblia se nega a possibilidade do homem pecador contemplar a face de Deus (Êx 33.20; Jo 1.18). Em Cristo, porém, já não existe mais condenação (Rm 8.1).

22.7 *Profecia deste livro.* Uma reivindicação de veracidade e de autoridade divina (Cf. vv. 18-19).

22.9 O Apocalipse é a revelação de Jesus Cristo, mas as visões foram transmitidas para João através de um anjo (v. 16). *Teus irmãos, os profetas.* João aqui está sendo reconhecido como porta-voz de Deus, assim como os demais profetas do AT e do NT.

22.10 *Não selas.* Ao contrário do profeta Daniel, João recebe a ordem de não selar sem livro "até o tempo do fim" (cf. Dn 8.26; 12.4, 9). O Apocalipse é revelado para a Igreja em todas as gerações, inclusive a de João. *O tempo está próximo.* Assim também durante a passagem dos anos a Igreja deve viver na expectativa purificadora da proximidade da segunda vinda (cf. 1 Co 7.29, 31).

22.11 *Continue.* Na medida em que o dia do cumprimento final das profecias do Apocalipse se aproxima, tanto mais difícil se torna uma transferência de lealdade. O livro demonstra a dureza dos impenitentes.

22.12 *Galardão.* Cf. as promessas de Cristo de galardoar os vencedores (2.7, 11, 17, 26-28; 3.5, 12, 21) e de retribuir aos rebeldes (21.8).

22.17 *O Espírito e a noiva.* Este é o último apelo evangelístico do Espírito pregado pela Igreja. • **N. Hom.** Os que anseiam pela Vinda de Cristo: 1) O Espírito, que inspira o profeta e ilumina a Igreja; 2) A Noiva, a Igreja ataviada (21.2; Ef 5.27); 3) Os que têm sede de justiça (cf. Mt 5.6; Is 55.1; Ap 21.6); 4) Os humildes que reconhecem que não têm nenhum mérito próprio para receber a salvação (Ef 28-9).

22.18,10 Este livro inspirado é para nosso eterno benefício e aviso. É a Palavra de Deus; não pode ser desprezado como palavra de homens, sem se lançar no arraial do inimigo e receber sua maldição.

22.20 *Vem, Senhor Jesus.* Esta oração traduz "Maranata" (1 Co 16.22). Esta palavra aramaica se repetia na ceia regularmente na Igreja Primitiva.